DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro***

;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"*Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.*"

eLivros.love

Converted by convertEPub

Títulos originais: *The Lays of Beleriand, The Shaping of Middle-earth e The Lost Road and Other Writings*
Copyright© The Tolkien Estate Limited e C.R. Tolkien, 1985
Comentário de C.S. Lewis sobre *The Lay of Leithian* © C.S. Lewis Pte. Ltda.
Edição original por HarperCollins *Publishers*. Todos os direitos reservados.
Copyright de tradução© Casa dos Livros Editora LTDA., 2023

Esta edição é baseada na edição revisada publicada pela primeira vez em 2015.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

e TOLKIEN® são marcas registradas da The Tolkien Estate Limited.

Publisher	*Samuel Coto*
Editora	*Brunna Prado*
Assistente editorial	*Camila Reis*
Estagiárias editoriais	*Bruna Cavalieri, Giovanna Staggmeier* e *Renata Litz*
Produção gráfica	*Lúcio Nöthlich Pimentel*
Preparação de texto	*Jaqueline Lopes*
Revisão	*Gabriel Oliva Brum* e *Letícia Oliveira*
Diagramação	*Sonia Peticov*
Capa	*Alexandre Azevedo*
Produção do e-book	*Ranna Studio*

Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

T589f
1.ed.
Tolkien, J.R.R.(John Ronald Reuel), 1892-1973
As Baladas de Beleriand / J.R.R. Tolkien; tradução Eduardo Boheme, Reinaldo Lopes de Azevedo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2023. – (A História da Terra-média 3)
624 p.; 13,5 x 20,8 cm.

Títulos originais: *The Lays of Beleriand, The Shaping of Middle-earth e The Lost Road and Other Writings*
ISBN: 978-65-5511-454-6

1. Ficção inglesa. 2. Tolkien, J.R.R. I. Boheme, Eduardo. II. Azevedo, Reinaldo Lopes de. III. Título. IV. Série.

04-2023/70 CDD: 823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura inglesa 823

Bibliotecária: Aline Graziele Benitez CRB-1/3129

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.
Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.
Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro
Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.harpercollins.com.br

SUMÁRIO

AS BALADAS DE BELERIAND - LIVRO 3

Prefácio

1. *A Balada dos Filhos de Húrin*
   Túrin, Filho de Húrin & Glórund, o Dragão
   I. Túrin Adotado
   II. Beleg
   III. Failivrin
   A Segunda Versão de *Os Filhos De Húrin*
   I. Os Filhos De Húrin
   II. Túrin Adotado

2. Poemas Abandonados no Início
   (i) *A Fuga dos Noldoli*
   (ii) Fragmento de uma *Balada de Eärendel* aliterante
   (iii) *A Balada da Queda de Gondolin*

3. *A Balada de Leithian*
   Canto
   I. (De Thingol)
   II. A traição de Gorlim e a vingança de Beren
   III. Encontro de Beren com Lúthien
   IV. Beren antes de Thingol

V. Cativeiro de Lúthien em Doriath
VI. Beren em Nargothrond
VII. Beren e Felagund antes de Thû
VIII. Lúthien em Nargothrond
IX. A derrota de Thû
X. O ataque de Celegorm e Curufin
XI. O disfarce de Beren e Lúthien e a viagem para Angband
XII. Fingolfin e Morgoth; o encontro com Carcharoth
XIII. Beren e Lúthien em Angband
XIV. Fuga de Angband
Os Cantos Não Escritos
Apêndice: Comentário de C.S. Lewis

4. *A Balada de Leithian* Recomeçada
   A Balada de Leithian
   Nota sobre o envio original de *A Balada de Leithian* e de *O Silmarillion* em 1937

Glossário de Palavras e Significados Obsoletos, Arcaicos e Raros
Índice Remissivo
Poemas Originais

A FORMAÇÃO DA TERRA-MÉDIA - LIVRO 4

Prefácio

1. Fragmentos em prosa após os *Contos Perdidos*

2. A primeira versão do “Silmarillion”

   Comentário sobre o *Esboço da Mitologia*

3. *O Quenta*

   Comentário sobre *O Quenta*

   Apêndice 1: a tradução de Ælfwine do *quenta* em inglês antigo; equivalentes em inglês antigo de nomes élficos

   Apêndice 2: as Trompas de Ylmir

4. O primeiro mapa do “Silmarillion”

5. *O Ambarkanta*

   Comentário sobre *O Ambarkanta*

6. A primeira versão dos *Anais de Valinor*

   Comentário sobre os *Anais de Valinor*

   Apêndice: traduções de Ælfwine dos *Anais de Valinor* em inglês antigo

7. A primeira versão dos *Anais de Beleriand*

   Comentário sobre os *Anais de Beleriand*

   Segunda versão dos primeiros Anais

   Comentário sobre a segunda versão dos *Anais de Beleriand*

   Apêndice: tradução de Ælfwine dos *Anais de Beleriand* em inglês antigo

Índice Remissivo

Poemas Originais

A ESTRADA PERDIDA E OUTROS CONTOS - LIVRO 5

Prefácio

PARTE UM: A Queda de Númenor e a Estrada Perdida

1. A História Inicial da Lenda
2. *A Queda de Númenor*
   i. O resumo original
   ii. A primeira versão de *A Queda de Númenor*
   iii. A segunda versão de *A Queda de Númenor*
   iv. O desenvolvimento adicional de *A Queda de Númenor*
3. *A Estrada Perdida*
   i. Os capítulos iniciais
   ii. Os capítulos númenóreanos
   iii. Os capítulos não escritos

PARTE DOIS: Valinor e a Terra-média antes de O Senhor dos Anéis

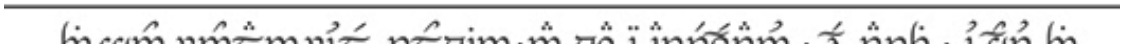
1. Os Textos e Suas Relações
2. *Os Anais Tardios de Valinor*
3. *Os Anais Tardios de Beleriand*
4. *O Ainulindalë*
5. *O Lhammas*
6. *O Quenta Silmarillion*

PARTE TRÊS

As Etimologias
Apêndice
I. As genealogias
II. A lista de nomes
III. O segundo mapa do “Silmarillion”
Índice Remissivo
Poemas Originais

J.R.R. TOLKIEN
A HISTÓRIA
DA TERRA-MÉDIA
AS BALADAS
DE BELERIAND
Editado por
CHRISTOPHER TOLKIEN

ᚹᛖᛚᚲᛟᛗᛖ ᛏᛟ ᚦᛖ ᚹᛟᚱᛚᛞ ᛟᚠ ᚦᛖ ᚹᛁᛋᛖ ᚨᚾᛞ ᚦᛖ ᛒᚱᚨᚹᛖ ᚨᚾᛞ ᚦᛖ ᚠᚱᛖᛖ ᚨᚾᛞ ᚦᛖ ᛒᚨᚾᛞᛖᛞ ᚹᛖᛚᚲᛟᛗᛖ ᛏᛟ ᚦᛖ ᚹᛟᚱᛚᛞ ᛟᚠ ᚦᛖ ᚹᛁᛋᛖ ᚨᚾᛞ ᚦᛖ ᚠᚱᛖᛖ ᚨᚾᛞ ᚦᛖ ᛒᚨᚾᛞᛖᛞ



J.R.R. TOLKIEN

A HISTÓRIA DA TERRA-MÉDIA

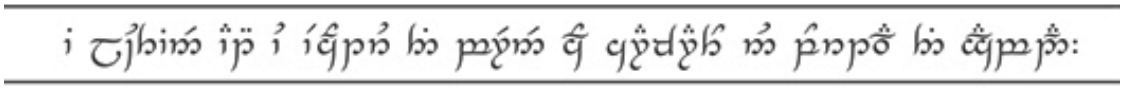
III

AS BALADAS DE BELERIAND

Editado por CHRISTOPHER TOLKIEN

Tradução de
EDUARDO BOHEME
REINALDO JOSÉ LOPES
RONALD KYRMSE

Harper Collins
Rio de Janeiro, 2023



PREFÁCIO

Esta terceira parte de *A História da Terra-média* contém os dois principais poemas de J.R.R. Tolkien que versam sobre as lendas dos Dias Antigos: a *Balada dos Filhos de Húrin*, em versos aliterantes, e a *Balada de Leithian*, em dísticos octossilábicos.[a] O poema aliterante foi escrito quando meu pai era professor da Universidade de Leeds (1920–25); ele o abandonou para começar a escrever a *Balada de Leithian* no fim desse período e nunca mais voltou a trabalhar nele. Não encontrei nenhuma referência à obra em nenhuma carta ou outro texto dele que tenha sobrevivido (com exceção das poucas palavras citadas na p. 11), e não me recordo de ouvi-lo falar do poema alguma vez. Mas esse projeto, o qual, embora se estenda por mais de 2.000 versos, é apenas um fragmento do que ele chegou a planejar, é o exemplo mais acabado do amor permanente que ele sentia pela ressonância e riqueza sonora que podem ser alcançadas pela antiga métrica inglesa. O poema marca também um estágio importante na evolução da Matéria dos Dias Antigos e contém passagens que iluminam com grande clareza a maneira como ele imaginou Beleriand; foi nessa obra, por exemplo, que o grande baluarte de Nargothrond surgiu a partir das cavernas primitivas dos Rodothlim nos *Contos Perdidos*, e também é só nela que se encontra uma descrição de Nargothrond. Existem duas versões do texto, a segunda delas correspondendo a uma revisão e ampliação que avança muito menos na narrativa, e ambas são apresentadas neste livro.

Meu pai trabalhou na *Balada de Leithian* durante seis anos, abandonando-a, por sua vez, em setembro de 1931. Em 1929, C.S. Lewis leu o poema até o ponto que a narrativa tinha alcançado então e enviou a meu pai um comentário extremamente engenhoso sobre parte dele; agradeço a permissão do C.S. Lewis PTE Limited para que eu o incluísse aqui.

Em 1937, ele disse em uma carta que, “apesar das virtudes de algumas passagens”, a *Balada de Leithian* tinha “defeitos graves” (ver a p. 426). Uma década ou mais depois, meu pai recebeu uma crítica detalhada e surpreendentemente franca do poema, escrita por alguém que conhecia e admirava seu estilo poético. Não tenho certeza de quem era essa pessoa. Ao escolher “os dísticos octossilábicos, característicos dos romances medievais”, escreveu o missivista, meu pai tinha optado por uma das formas poéticas mais difíceis “quando se pretende evitar a monotonia e o ritmo ‘cantado’ em um poema muito extenso. Em vários casos, fiquei impressionado com o seu êxito, mas ele não se mantém de forma consistente”. O rigor adotado no estilo da Balada incluía arcaísmos tão arcaicos que precisavam de notas, ordem sintática distorcida, uso dos verbos auxiliares enfáticos *doth* e *did* onde não há ênfase real[b] e uma linguagem que é, por vezes, tediosa e convencional (e que contrasta com passagens de “belíssimas descrições”). Não há registro sobre o que meu pai achou dessas críticas (escritas quando *O Senhor dos Anéis* já tinha sido concluído), mas deve haver alguma associação entre ela e o fato de que, em 1949 ou 1950, ele voltou à *Balada de Leithian* e começou a fazer uma revisão que logo se transformou virtualmente num novo poema; e, embora tenha escrito relativamente pouco dele, os avanços em relação à versão antiga, em todos os aspectos em que ela fora criticada, é tão grande que o texto adquire uma triste proeminência na longa lista das obras dele que poderiam ter sido terminadas. A nova Balada está incluída neste livro, e uma página de um belo manuscrito do poema foi reproduzida no frontispício.

As seções de ambos os poemas são entremeadas por comentários cuja principal preocupação é acompanhar como evoluem as lendas e as terras nas quais as histórias se passam.

As duas páginas da *Balada dos Filhos de Húrin* reproduzidas nas folhas de guarda são do manuscrito original da primeira versão, versos 297–317 e 318–33. Quanto às diferenças entre as variantes desse manuscrito e as do texto publicado, ver pp. 12–4. A página da *Balada de Leithian* em caracteres élficos (p. 351) vem da versão “A” da Balada original (ver pp. 183–84), e há certas diferenças entre esse

texto e a versão "B", a publicada aqui. Essas páginas dos manuscritos originais foram reproduzidas com permissão da Biblioteca Bodleiana, em Oxford, e agradeço à equipe do Departamento de Manuscritos Ocidentais da biblioteca por sua ajuda.

Os dois volumes anteriores da série (a primeira e segunda partes de *O Livro dos Contos Perdidos*) serão citados como "I" e "II". O quarto volume conterá o "Esboço da Mitologia" (1926), o qual deriva a "tradição" do *Silmarillion*; o *Quenta Noldorinwa* ou História dos Noldoli (1930); o primeiro mapa do Noroeste da Terra-média; a *Ambarkanta* ("Forma do Mundo"), escrita por Rúmil, junto com os únicos mapas existentes do Mundo inteiro; a mais antiga versão dos *Anais de Valinor* e dos *Anais de Beleriand*, escritos por Pengolod, o Sábio de Gondolin; e os fragmentos de traduções do *Quenta* e dos *Anais* do élfico para o anglo-saxão, de autoria de Ælfwine da Inglaterra.

NOTAS

[a] Ou seja, versos de oito sílabas formando pares rimados. [N.T.]

[b] Em inglês, em vez de conjugar o verbo no passado — *Lúthien ran* (“Lúthien correu”), por exemplo — é possível usar a forma *Lúthien did run*, com o verbo mantendo as características do infinitivo e, em geral, com sentido de ênfase. O uso do *doth* é semelhante, mas na terceira pessoa do presente. [N.T.]

1

A Balada dos Filhos de Húrin

Existe um manuscrito de tamanho substancial (com 28 páginas) com o título "Esboço da Mitologia, com especial referência aos 'Filhos de Húrin'"; e esse "Esboço" é a narrativa completa que sucede, na tradição em prosa, aos *Contos Perdidos* (embora alguns poucos fragmentos textuais da época intermediária ainda sobrevivam). No envelope que continha esse manuscrito, meu pai escreveu em algum momento posterior:

> O "Silmarillion" original. Forma orig[inalmente] composta c. 1926–1930 para R.W. Reynolds para explicar pano de fundo da "versão aliterante" de Túrin e o Dragão: na época em andamento (inacabada) (começada c. 1918).

Ele parece ter escrito primeiro "1921" antes de corrigir a data para "1918".

R.W. Reynolds foi professor do meu pai na King Edward's School, em Birmingham (ver Humphrey Carpenter, *Biografia*, p. 69). Numa passagem de seu diário escrita em agosto de 1926, ele escreveu que "no fim do ano passado" tinha tido notícias de Reynolds mais uma vez, que passaram a se corresponder depois disso e que enviara ao antigo professor muitos de seus poemas, incluindo *Tinúviel* e *Túrin* ("*Tinúviel* recebeu aprovação com reservas, é prolixo demais, mas não faço ideia de como cortá-lo, e o trecho de *Túrin* que mandei teve pouca ou nenhuma aceitação"). Isso permitiria estabelecer que a data da composição original do "Esboço" (mais tarde, ele passou por muitas revisões) é a de 1926, provavelmente mais para o começo do ano. O texto em prosa, que foi escrito para explicar o pano de fundo do poema aliterante, deve ter

seguido junto com o trecho de *Túrin* para Anacapri,[a] onde Reynolds, na época, estava passando sua aposentadoria.

Meu pai assumiu o cargo de Professor de Anglo-Saxão em Oxford no trimestre de inverno (outubro-dezembro) de 1925, ainda que, nesse período, tivesse de continuar a dar aulas em Leeds também, porque havia uma sobreposição entre os contratos de trabalho. Não há dúvida alguma, de qualquer modo, de que a maior parte do poema aliterante Filhos de *Húrin* (ou *Túrin*) foi escrita em Leeds, e creio que é virtualmente certo que ele deixou de trabalhar na obra antes de se mudar para o sul da Inglaterra: de fato, não parece haver nada que contradiga a hipótese natural de que ele deixou "Túrin" de lado para escrever "Tinúviel" (*A Balada de Leithian*), que ele começou a compor, de acordo com seu diário, no verão de 1925 (ver p. 194 e a primeira nota de rodapé).

Quanto à data desse início, temos apenas a afirmação tardia (e talvez hesitante) de meu pai de que a versão poética foi "começada c. 1918". O *terminus* a quo[b] pode ser estabelecido com base numa página do mais antigo manuscrito do poema, a qual corresponde a um pedaço de papel do Oxford English Dictionary com um carimbo da editora, que diz Maio de 1918. Por outro lado, o nome Melian, que ocorre perto do início desse manuscrito mais antigo, mostra que ele é posterior à versão datilografada do Conto de Tinúviel, onde o nome da Rainha era *Gwenethlin* e só passou a ser *Melian* ao longo da escrita do texto (II. 67–8); e a versão manuscrita desse Conto, que serviu de base para a forma escrita a máquina, parece ter sido, ela própria, um dos últimos elementos dos Contos Perdidos a ser completado (ver I. 246).

Existem duas versões de *Os Filhos de Húrin*, às quais vou me referir como I e II, ambas preservadas em manuscrito e textos datilografados posteriores (IA, IB; IIA, IIB). Não creio que a segunda versão seja significativamente posterior à primeira; de fato, é possível, e não seria fora do comum de forma alguma, que meu pai tenha começado a trabalhar no texto II enquanto ainda estava escrevendo os versos de um ponto posterior da narrativa no texto I. A versão II é essencialmente uma expansão da I, com muitos versos e

estrofes que ficaram virtualmente inalterados. Até que se chegue à segunda versão, bastará nos referirmos simplesmente a “A” e “B”, o manuscrito e o texto datilografado da primeira versão.

O manuscrito A consiste em duas partes: primeiro (a) um maço de pedaços de papel pequenos, com numeração de 1 a 32. Neles, o poema se encontra num estado muito rudimentar, com muitas variantes e, em certos lugares, pelo menos, os versos podem representar os inícios propriamente ditos, as primeiras palavras postas no papel. Depois disso temos (b) um conjunto de folhas grandes de papel de prova da Universidade de Leeds, com números de 33 em diante, onde o poema, na maior parte dos casos, está escrito de forma mais finalizada — o segundo estágio da composição; mas meu pai inseriu uma numeração de versos de forma contínua desde (a) até (b). Os versos de 1 a 528 estão em (a), os de número 528 em diante, em (b). Assim, temos um único texto, não dois, sem qualquer sobreposição; e se (a), os pedaços de papel, chegaram a existir na forma de (b), as folhas de prova, esse trecho acabou desaparecendo. Na parte (b) há muitas emendas posteriores a lápis.

O texto datilografado B se baseia nesse manuscrito. Ele introduz mudanças que não aparecem em A ou nas emendas a ele e também recebeu suas próprias emendas, tanto a caneta quanto a lápis, que ocorreram, sem dúvida, em vários momentos de revisão. Tomemos um único verso como exemplo. O verso 8 foi escrito originalmente em A com esta forma:

Sus! Thalion nas trampas da batalha mais dura[c]

O verso recebeu emendas em dois estágios, passando a ser

Sus! Thalion Húrin nas trampas do combate[d]

e essa ficou sendo a forma no texto B quando foi datilografado; mas essa versão recebeu mais emendas em dois estágios, ficando então

Sus! Húrin Thalion nas hostes de guerra[e]

É óbvio que acompanhar esse e muitos outros casos similares em um aparato textual seria um esforço enorme, com um resultado impossivelmente complicado. O texto que se segue aqui, portanto, no que diz respeito às mudanças puramente métrico-estilísticas, é o de B na forma *com emendas*, e, com exceção de alguns poucos casos especiais, as notas não mencionam as variantes mais antigas.

Quanto aos nomes, entretanto, o poema apresenta grandes dificuldades, pois as mudanças foram feitas em momentos bem diferentes e não foram introduzidas de forma consistente em todos os versos. Se a forma mais recente em determinada passagem for tomada como princípio das escolhas editoriais, sem levar em conta nenhuma outra consideração, então o texto trará o nome *Morwin* nos versos 105, 129, *Mavwin* no verso 137 etc., *Morwen* nos versos 438 e 472; Ulmo no verso 1469, mas *Ylmir* no 1529 e seguintes; *Nirnaith Ornoth* no verso 1448, mas *Nirnaith Únoth* no 1543. Se a forma *Nirnaith Ornoth*, mais tardia, for adotada em 1543, parece pouco justificável inseri-la nos versos 13 e 218 (onde a forma final é *Nínin Unothradin*). No fim das contas, decidi abandonar a consistência geral e empregar os nomes individuais da maneira que parecer melhor em cada circunstância. Por exemplo, uso *Ylmir* em vez de Ulmo no verso 1469, para manter a consistência com todas as outras ocorrências, e, embora altere *Únoth* para *Ornoth* no verso 1543, mantenho Ornoth em vez da forma muito mais tardia *Arnediad* no verso 26 da segunda versão. Da mesma forma, prefiro o mais antigo *Finweg* em vez de *Fingon* (verso 1975, na segunda versão os de número 19, 520) e *Bansil*, *Glingol* em vez de *Belthil*, *Glingal* (versos 2027–028). Todos esses detalhes estão documentados nas notas.

O texto A não tem título. Em B, o título foi escrito a máquina inicialmente como O Dragão Dourado, mas emendado para *Túrin*, Filho de *Húrin & Glórund*, o Dragão. A segunda versão do poema recebeu, de início, o título de *Túrin*, que foi alterado para Os Filhos de *Húrin*, e é esse título, que meu pai usou para se referir ao poema no "Esboço" de 1926, que adoto como o nome geral da obra.

O poema, em sua primeira versão, está dividido em um prólogo curto (Húrin e Morgoth) sem subtítulos e três seções longas, das

quais as duas primeiras (“Túrin Adotado” e “Beleg”) só foram introduzidas mais tarde no texto datilografado; a terceira (“Failivrin”) está marcada tanto em A quanto no texto B quando ele foi transcrito a máquina.

Os detalhes do texto datilografado estão preservados, em larga medida, nas páginas a seguir, mas as letras maiúsculas são usadas de forma bem mais padronizada, acentos foram acrescentados ocasionalmente e também aumentei o número de intervalos no texto. O espaço entre os hemistíquios[f] está marcado na segunda parte do texto A e começa no verso 543 no B.

Evitei o uso de notas numeradas no texto, e todas as anotações são feitas com base no número do verso do poema. Essas notas (que, em medida muito grande, têm a ver com a variação de nomes e a comparação deles com as designações nos *Contos Perdidos*) encontram-se no fim de cada uma das três partes principais, seguidas por um comentário sobre a matéria abordada em cada parte.

Nesses comentários, a expressão “o Conto” se refere ao *Conto de Turambar e o Foalókë* (II. 90 e seguintes); *Narn* se refere ao *Narn i Hîn Húrin* em *Contos Inacabados*, p. 87 e seguintes.

TÚRIN, FILHO DE HÚRIN

&

GLÓRUND, O DRAGÃO

Sus! o draco d’ouro do Deus do Inferno,
a treva das matas no mundo de outrora,
desgraças dos Homens e agruras dos Elfos
fenecendo sós nas sendas dos bosques
é o que se narra agora, e o nome tão sofrido
de Níniel pesarosa, e os nomes tão tristes
de Thalion e Túrin, que o destino tragou.

Sus! Húrin Thalion nas hostes de guerra
soçobrara então, quando a branca armada
da Élfica Terra toda se abateu
pela crueldade de Delu-Morgoth.
A essa batalha todos inda chamam
Nínin Unothradin, Sem-Número de Lágrimas.
Lá os filhos dos Homens, alferes e guerreiros,
fugiram sem lutar, mas à gente dos Elfos
traíram, infiéis, salvo um homem só,
Thalion Erithámrod e seus thains qual deuses.
Lá hostes e mais hostes dos Orques infernais
venceram-no enfim na acerba peleja,
a mando de Melko suas mãos ataram,
prendendo o príncipe do povo dos Homens.
Aos salões de Bauglir nas colinas cavados,
aos Infernos de Ferro e às fortes cavernas
de rastos levaram de Hithlum o herói,
Thalion Erithámrod, ao trono do monstro,
cujo peito ardia em repulsa amarga,
pois irado estava que o arado da guerra
não abatera Turgon, altivo rei,
de Finweg herdeiro; nem de Fëanor a gente,
autores de mágicas e imortais gemas.
Pois Turgon, qual torre, em atroz fúria,
a fio de espada fez seu caminho,
da matança saindo — sim, atalho claro
nas hostes ínferas, feito alta relva
que afunda ao chão aonde a foice vai.
Incontáveis soldados Turgon levou
por valões escuros e colinas agrestes
pra longe do imigo, e não mais se ouve
dele neste canto; a dúvida plantou

em Morgoth, o mau, inflamado de ira.
Espias não valiam nem espíritos maus,
nem astúcia matreira notícia lhe dava
de onde se escondiam os duros Gnomos.
Ocorreu-lhe então, com Thalion à frente,
preso, mas intrépido, na preta masmorra,
na mente maligna a memória de como
julgam os Elfos ser a gente dos Homens
frágil e sem força; como a perfídia apenas
venceria o feitiço que a todos cobria
dos filhos de Corthûn, e o troféu lhe negava.
"Denodado Húrin", disse Delu-Morgoth,
"de mãos de aço, então achas-te aqui,
um cativo vivente, covarde como tantos?
Sabes meu nome, ou quiçá perguntas
que esperança tem quem está em Angband —
mais amarga das mortes, tormento de Balrogs?"

"Sei teu nome e o odeio. Fundei nisso a luta,
sem peias por medo, nem temor tenho agora",
disse Thalion então, e um thain de Morgoth
na boca lhe feriu; mas sorriu Morgoth:
"Que te chegue o temor quando a chama acender
e os açoites dos Balrogs sussurrem em tua carne.
Mas ainda vejo para ti uma via de escape,
de modo que tenhas algo menos de opróbrio.
Indaga aos cativos da maldita gente
se notícias têm de onde Turgon se esconde;
como posso achá-lo com chamas e morte,
em que terra estranha encontrá-lo eu vou.
Fingirás amizade, que no pesar é fiel,
e o âmago deles hás de devassar.

Se assim procederes, tuas cadeias triplas
mandarei desatar, e por toda parte
serás meu escravo nos locais secretos,
a mão oculta do inimigo dos Deuses."

"Basta de sonhos, ó Bauglir mofino —
não sou brinquedo nas chicanas tuas;
o tormento é mais doce que uma mancha assim."

"Se é doce o tormento, mais amado é o ouro.
A fortuna de tantas e tantas eras,
as gemas e joias que ajuntam os Deuses,
são minhas, e muito de mim hás de ter,
glórias que saciam até a Serpe Avara."

"Teu siso não te avisa quando vês imigo,
Ó Bauglir maldito? Da boca arranca
a bravata tola de tuas vis rapinas.
Ódio tenho a ti, tuas ordens desprezo."
"Com arrojo me enfrentas. Faço tua vontade",
disse Morgoth, rindo, "a mim cabe agir,
não quero tua ajuda; mas não clames irado
se o que vês não agrada. Sim, agora olha
sem poder intervir ou mover um só dedo."

Assim Thalion ataram às Thangorodrim,
a montanha que toca o topo dos céus
no alto dos cerros que os de Hithlum veem
assomando negros nas marchas do norte.
Ao assento de pedra no excelso pico
prenderam-no com correntes, cadeias inquebráveis,
e o Senhor dos Horrores rindo ali ficou,

e enfim o maldisse, a seus filhos e gente,
a um futuro de horror, de tortura e morte.
O valente ali ficou, ao léu e imóvel;
mas o olhar lhe foi dado, e longe via,
pelo encanto em seus olhos, as coisas que então
seu povo sofreu — opróbrio e tormento.[A]

I
TÚRIN ADOTADO

Sus! Morwin, então, na Terra das Sombras,
na mata esperava seu amado e senhor;
mas Húrin não voltou da batalha jamais.
Notícias não tinha se o mataram ou prenderam,
ou se perdido em fuga andava ao léu.
Nas terras devastadas, matavam seus vassalos,
e homens sem memória de seu magno governo
vinham a Dorlómin, com desleixo mesquinho
tratavam sua viúva; e ainda estava grávida,
com o filho a seu lado, falto de pai,
Túrin Thaliodrin de tenros anos.
Em tais dias de trevas teve a menina,
deu-lhe o nome de Nienor, um nome de pranto
que na língua de antanho Lástima se diz.
Morwin, então, o rei Thingol recordou,
e a que dança em Doriath, a brandura de Lúthien,
que o mais bravo dos bravos, Beren Ermabwed,
fizera sua esposa. Sem par entre os guerreiros,
fora amigo firme do irmão de armas,
Thalion Erithámrod — veio-lhe então a ideia
e disse ela ao filho, "Mais doce criança,
poucos são os amigos, e teu pai não volta.

Aparta-te daqui, busca o povo dos bosques,
onde Thingol tem mando nas Mil Cavernas.
Se ele recorda Morwin e teu magno pai,
a ti vai adotar, e o estrondo das armas,
a espada e o escudo, pode te ensinar,
e de Thalion o filho cativo não será —
mas recorda tua mãe, e cresce em paz."

Grande era o peso no peito do menino,
mas mediu as palavras, as dores ocultou,
submisso a Morwin, o caminho aceito.
Sus! Empregados ela tinha, Gumlin e Halog,
jovens antes do tempo em que Thalion fora jovem,
únicos fâmulos daquele homem valente
que em indelével serviço a seu lado ficaram:
mandou-os enfrentar as montanhas negras,
as matas e meandros, caminhos malignos;
Terno era Túrin, trampas nunca vira,
mas tinham de partir; contentes não estavam,
e Morwin gemeu quando mais ninguém via.

Veio um dia quente, quando o cálido Sol
de rastos passava pelas ramas das árvores.
Então Morwin, ereta, seu medo oculto,
foi até o portão, postou-se na clareira.
A pequena (ainda mamava) no colo trazia;
encostou-se no poste, apoio contra a angústia.
Gumlin era o guia do guapo menino,
Halog carregava uma grande bagagem;
mas no peito de Túrin uma pedra pesava,
pouco entendia da desdita vindoura.
Buscou conforto, com força dizendo:

“Para aqui volto logo da corte de Thingol;
não tardo a ser homem e trago a Morwin
montes de tesouros e amigos leais” —
sem saber do destino nas tramas de Bauglir,
nem a triste divisa que havia entre os dois.
Está dito o adeus: adentram seus passos
a floresta escura; oculta-se a morada
nas tranças das árvores. A Túrin, porém,
aperta-lhe o peito, vem o pranto cego,
o apelo, “Não posso, não posso deixar-te.
Ó Morwin, minha mãe, que caminho sigo?
Não tenho esperança nas tristes colinas.
Ó Morwin, minha mãe, mata-me o pranto.
Não tenho mais lar na treva das colinas.”
E seus gritos desciam, agrestes e distantes,
pelas sendas sombrias dos bosques vazios,
e a mãe, esgotada, na entrada da casa,
ouvia lamentosa o “Não tenho mais lar”.

Duros foram os passos, repletos de enganos,
dos montes de Hithlum ao domínio oculto,
afundado na treva de Doriath, a verde;
e nunca até então, por denodo ou demanda,
a raça dos Homens tal rastro seguira,
e poucos dessa gente depois o fizeram.
O assédio da sede sempre os rondava,
a fome e o medo, as mais feras noites,
Orques vagantes, agouros de lobos
e as Cousas de Morgoth que a mata enchem,
feitiços atrozes que travam caminhos,
o curso desviam e cobrem estrelas.
Passadas as montanhas, nas sendas de Doriath,

bravias e vagas, vã era a esperança.
Sem pão nem água, com poucas forças,
julgavam morrer de rastos por ali,
quando a trompa ouviram, o estrondo ao longe,
o som dos cães. Quem caçava era Beleg,
o mais viajado das gentes da mata,
a presa seguindo de perto nos vales,
avesso ao fragor e à grita dos homens.
Era grande de corpo, mas grácil no aspecto,
de membros bem-feitos que mal se ouviam
enquanto veloz ao encontro lhes vinha,
grises as vestes, verdes e castanhas —
nato nas brenhas, de ignoto pai.

"Quem sois?", perguntou. "Estais proscritos,
ou sois homens caçados por ódio constante?"

"Não, por sede e fome caçados", disse Halog,
"cansados, perdidos, em senda ignorada.
Notícias não tens das montanhas de mortos,
do campo de lágrimas onde coube ao fogo
de Morgoth a Homens e Elfos devorar?
Lá Thalion Erithámrod e seus thains feito deuses
desapareceram da Terra, e a consorte valente
lamenta a viuvez nos caminhos de Hithlum.
Sobramos só nós dos servos de Morwin:
Eis Túrin, filho de Thalion, que a Thingol fará
apelo em sua corte, diz a esposa de Húrin."

Falou-lhes então Beleg, com bons augúrios:
"Os Deuses bondosos vos deixam seguros.
Conheço de Húrin o ânimo e a estirpe —

e notícias temos das montanhas de mortos,
de Nínin Unothradin, Sem-Número de Lágrimas!
A essa guerra não fui, mas não se esgota meu ódio
aos sórdidos Orques; minhas setas agudas
ferem sem ser vistas, levando-os à morte.
Sou Beleg, o caçador, da Escondida Gente."
Pediu-lhes que bebessem e, abrindo o cinto,
pegou frasco de couro com farto vinho
fermentado dos frutos nos fogos do Sul —
bebem-no os Gnomos e os belos Elfos,
e de longe o trazem às terras do Norte.
Bom pão e carne pôs ele em suas mãos,
assim se fartaram; mas à testa subiu-lhes
o vinho de Dor-Winion, nas veias correndo,
e o sono os colheu entre as macias folhas
dos largos pinheiros que ali se erguiam.
Mais tarde, despertos, seus passos seguiram
por voltas e mais voltas nas vias do reino,
por valões e colinas, lagos e charcos,
em dias vazios e duras noites,
e se não fosse Beleg acabavam perdidos
no mágico dédalo de Melian, a Rainha.
Mostrou ele o caminho nas margens sombrias
onde a calma corrente escorre às portas
da cava do monarca, na corte de Doriath.
Na ponte os guardas o passo lhes franqueiam,
e os trânsfugas ao Elfo dão triplas graças:
"Os Deuses são bons", dizem consigo,
sem saber do destino que atroz espreita.

Ao trono de Thingol os três eram chegados,
falaram de sua fuga; falou-lhes bem o rei,

com honra exaltando a Húrin resoluto,
de Beren Ermabwed irmão de armas.

Recordando Morwin, dos que morrem mais bela,
por Túrin mostrou atento respeito:
"Ó rebento de Húrin, abrigo recebe
na cava desta corte por causa de tua gente.
Nem servo nem escravo, assumo-te como filho,
cá habitando em amor, até que o tempo chegue
de buscar tua mãe, Morwin solitária.
Dar-te-ão saber mais belo que o dos Homens
e as armas que usam os altos Elfos,
e de Thalion o filho cativo não será."

Mais um pouco esperaram os pajens do menino,
volveu-lhes a força e em renovada viagem
iriam buscar sua querida senhora.
Mas para Gumlin as agruras da idade
eram grande entrave ao retorno ao lar.
A doença o deteve e com Túrin ficou,
mas Halog, com esforço, por fim partiu.
Elfos seletos a seu lado seguiram,
com a mágica de Melian e muito ouro.
Mensagens a Morwin consigo levava,
palavras do rei, arrimo para a dama;
para as Cavas Mil convocou-a Thingol,
a viver sem medo, amada pelos filhos,
com novo consolo, até que eles crescessem;
em honra de Húrin tudo isso seria:
mando não tinha Morgoth onde Melian regia.

Da missão dos Elfos e do servo Halog

a história não conta; só que a tempo chegaram
aos portões de Morwin, e de Thingol as novas
deram em Dor-lómin à dama solitária.
Disse ela, porém, que não iria agora,
pois Nienor mamava, tão nova ainda era.
Sem o orgulho dos grandes entre os Homens,
pelo filho aceitara a oferta de Thingol,
por puro desespero; mas à espera ficar,
pedinte de outrem, mesmo se Elfo-rei,
pouco lhe aprazia; e, apesar de tudo,
esperava ainda de Húrin o retorno,
amava a morada que o marido lhe dera.
Queria escutar sua batida na porta,
o som das passadas tão suas chegando;
trançando sua sina, assim, não partiu.
Mas aos thains de Thingol entreteve com gosto,
ocultou a desgraça e a glória sumida,
a falta de bens e os enfeites escassos;
d'ouro o que tinha deu-lhes o resto
e fez que levassem fero tesouro,
um elmo de Húrin, rijo na guerra
em que lutou Ermabwed, seu irmão de armas,
juntos contra ogros e Orques malignos;
runas o cobriam com arranjos antigos.
Ofereceu-o a Thingol, recordação sua.

Assim voltou Halog, e os céleres Elfos,
thains de Thingol, mateiros expertos,
a mensagem de Morwin em um mês de jornada
trouxeram ao rei, disseram-lhe tudo.
Tomada de tristeza Melian então foi,
e Thingol recebeu cortês o presente,

apesar das riquezas, preclaros tesouros
que ao teto do reino antigo chegavam,
como se nada de tão nobre tivesse:
“Alta era a fronte que fera erguia
o signo coroado com a serpe rompente,
que Thalion Erithámrod, de triplo renome,
portava na batalha, e os contrários temiam.”
No peito então Thingol dispôs um desejo,
chamou a Túrin e tudo lhe contou,
que Morwin, sua mãe, uma magna coisa
mandara ao filho, herdada do pai,
elmo que martelos muito antes moldaram,
que mestres em seu meio mágica mesclaram,
que um assombro valia, e a salvo punha o dono,
guardava-o de gládio ou de grande machado —
“Sus! Quando fores homem, o elmo de Húrin
usarás em batalha; para tal sê digno”;
e Túrin o tocou, mas não o teve em mãos,
pequeno ainda para carga tamanha;
sofria em seu íntimo pela fala de Morwin,
primeiro de seus desgostos na mente a lhe pesar.

Assim aconteceu que, no séquito do rei,
por doze longos anos ele se demorou,
com Gumlin, seu servo e guia até ali
quando sete verões pesarosos jaziam
sobre o filho de Húrin. Nos anos primeiros,
sua sorte foi mais leve, pois soube às vezes
por viandantes como andava Hithlum,
e notícias traziam tropas de Elfos,
de que Morwin, sua mãe, estava mais calma;
e a menina, sua irmã, Nienor, crescendo,

era bela e doce, esbelta donzela.
Veio-lhe a esperança, a vida era mais leve.
Logo foi crescendo, e loas ganhava
em todas as terras que Thingol regia
pela força de seu corpo e fero coração.

297 & a helm of Turin that was hewn in war
when he battled with Beren his brother-in-arms
against ogres and orcs and evil foemen
that wrought had corruption and care among.
She had Thingol received and wrath of Thorondor.

Thus Haleth, henchman
came home but he alone
& Thingol Forest-king to woods
and his message of Marwin & in a month's ring
so quick he sang. The King was said

Dor Marwin was Melian moved to ruth
but the King courteously
received

and courteously received he King him gift
that deeply delved had dungeons filled
with elven armouries & ancient gear
but he handled the helm & his head bowed
Then Turin he called and told
Húrin Morwen his mother a mighty king

318 had sent to then son his sire's heirloom
& helm that hammers had hardened of old
and magic here wrought had made dwarf-work
in vain

320 a guard
maker had mingled a magic therein
in his work
that glaive Thalion's work in a wonder
and its wearer safe

323 guarded from glaive or gash of axe.
Thung axe
gleaming axe
Hood then handsel Of Turin his day
& Húrin helm till manhood

325 gods had battle his brawn doubled
and Turin touched ill but hardly not
yet too weak to wield that weighty gear.
And his mind mourned for Marwin's murder.

Thus came at Lorn that to the court Thingol
330 that Turin tarried for twelve long years.
and Tumlin his guardian quoth him the
seven summers that Sorron had laid
on Turin Thalion's sons
and seven after.

Duas páginas do manuscrito original de *A Balada dos Filhos de Húrin.*

Saberes aprendeu, sabedoria amava,
mas fortuna não tinha em todos os desejos;
errava os rasgos dos arranjos seus;
perdia o que amava, não se dava seu anseio;
e com amigos plenos não topava facilmente,
nem muitos o amavam pelo amuo de sua face.
Tinha trevas no peito e pouca alegria
pela dor da cisão que se dera em sua vida.

Quase já moço, muitos honravam
sua destreza d'armas; e na trança dos versos
era qual menestrel, mas triste era seu canto,
dos Homens de Hithlum pranteando a miséria.
Mas mais forte seu pesar fez-se mais tarde,
quando não mais ouviu as novas de Hithlum
e ninguém mais tinha notícias de Morwin.
Pois o tempo já vinha do Destino dos Gnomos,
do poder do Príncipe do Povo do Inferno,
e os agravos dos Glamhoth grandes se tornavam,
até que as terras nortenhas de todo encheram,
com caos e chamas cercando o povo
que não cedia a Bauglir nem subia à fronteira
da escura Dorlómin de esquivos pinheiros,
pelos Homens chamada Hithlum infeliz.
Trancou-os ali Morgoth, e os Montes das Sombras
os separavam de Feéria e dos Elfos do bosque.
Mesmo Beleg não seguia tão aberta trilha
quanto outrora amava, e as matas iam cheias
dos fâmulos de Angband e feitos malignos,
e a morte caminhava nas marcas de Doriath;
só a mágica magna de Melian, a Rainha
inda dava anteparo ao Povo Oculto.

Para afogar a tristeza e deter a ira
e ódio em seu peito por seu pobre povo,
o filho de Húrin seu elmo envergou
e o peso das armas que empunham os homens,
e foi para a floresta com guerreiros-élficos;
e à frente da luta sua face mostrava,
na mais negra batalha, por menino que fosse.
Sem ser homem ainda, assediou e matou
os Orques de Angband e outros monstros
que rondavam e assaltavam as fronteiras do reino.
Dura era a sua vida e dores conheceu,
feridas de seta e guerreira espada,
provando-se hábil e de válido nome,
e maior que seus anos era a honra que tinha;
pois por ele se deteve da ruína a mão
sobre o povo de Thingol, e Thû o temia —
Thû, entronizado como thain mais forte
de Morgoth Bauglir; a quem o monstro pedira:
“Vai, destrói o reino de Thingol, o ladrão,
e amarra a mágica de Melian, a Rainha.”

Só um havia lá maior que ele na guerra,
de mais alta honra entre a élfica gente
que Túrin, filho de Húrin, de constante valor —
era o caçador Beleg, da Escondida Gente,
nato nas brenhas, de ignoto pai
(cujo arco atroz, feito com teixo negro,
ninguém vergava), de agudo saber
sobre os segredos da mata e dos montes agrestes.
Era o amado líder dos que leve se armavam,
batedores que invadiam, com desdém ao risco,
os outeiros distantes das tropas inimigas;

e notícias e rumores a tempo ouviam
de avanços e conselhos, de vindas e idas —
redemunhos das forças de Morgoth, o Terrível.
Assim, Túrin, que se atinha a tarja e espada,
que amava enfrentar inimigos às claras,
com as tropas em bando de seus bravos camaradas,
raro eram pegos e de surpresa atacavam.

A fama das lutas nas longes terras
ia chegando à corte, à Casa do Rei,
com histórias sobre Túrin contadas no paço,
de como Beleg sem-idade era irmão de armas
do menino moreno da raça conquistada.
Então o rei pediu que diante dele viessem
uma vez ou outra, quando os Orques minguavam,
para descanso e folguedo, para canto também
das belas canções dos rebentos de Ing.
Ora, estava Túrin com Thingol à mesa —
havia farto riso e o forte clamor
de convivas sem conta levando hidromel,
e o vinho de Dor-Winion que se via rubro
em cálices dourados; e carnes suculentas
enchiam as mesas, sob imensas tochas
no alto dos salões de luz e pedra.
O júbilo reinava; juntos menestréis
cantavam canções sobre Tûn, a bela,
sob Tain-Gwethil, montanha altaneira,
onde os grandes deuses ponderam o mundo
desde a guarda nas costas do golfo das Fadas.
Sobre Porto-cisne a canção se ouviu,
a matança maldita que atava as gentes:
todos, silentes, aos lais davam ouvido,

escutavam os versos, todos, menos um —
o Homem entre Elfos, filho único de Morwin.
Ouvia sem ouvir o vasto festejo,
os lais e os risos, e, rijo, parecia
enxergar distante a treva de fora,
intuindo no silêncio ruídos estranhos,
vozes levadas pelos véus da noite.
Era esbelto e esguio, de cabelos selvagens,
de trajes castanhos, dos tons da mata,
grises e verdes, e gaias joias
ou enfeites d'ouro não lhe davam gosto.

Havia um Elfo, Orgof de nome,
perdera-se nos atalhos da antiga marcha
vinda das calmas águas de Cuiviénen,
em meio às trevas da Terra-média
antes que a luz fosse alta no mundo;
mas nele se mesclava dos Gnomos o sangue.
Parentesco tinha com o trono de Doriath
um caçador sano de coração forte,
mas de livre riso e língua solta,
de orgulho maior que na guerra seus feitos.
Amava sobretudo as vestimentas finas,
as gemas e joias, invejoso daqueles
de mais renome do que ele mesmo tinha.
Com caros trajes de cores luzentes,
sentava-se em assento postado no alto,
próximo aos monarcas e perto de Túrin.
À mesa com os dois, muito o provocara,
com riso leviano, por seu rosto sério,
pelas vestes rotas e revoltos cabelos;
mas Túrin, impassível, não voltava a cabeça

nem gastava palavras com as troças de Orgof.
Mas, nesse dia de festa, mais densa era sua treva
do que a costumeira, e menos falava;
pois já de doze anos era a dura conta
desde que Morwin, sua mãe, em meio ao pranto
nunca mais vira, e as vastas sombras
da mata ocultaram seu distante lar;
pouco dizia a outros, e a Orgof nada.
Então a sanha de gracejos cresceu no tolo,
dando agudos gritos e gaias cabriolas
pelas velhas roupas e revoltos cabelos
de Túrin, que chegara dos agastos da mata.
Com melindres pegou lindo tesouro,
um pente dourado posto em seu bolso,
e o estendeu a Túrin; mas não lhe deu ouvido,
nem a Orgof dignou os olhos voltar;
então disse o Elfo, de desdém ébrio:
“Oh, não sabes o quanto necessitas de pente,
nem como usá-lo, tão pequeno eras
quando tua mãe deixaste, e mais te valia
que as tuas madeixas ela ajudasse a domar —
isso se em Hithlum não forem rijas e agrestes
também as mulheres, como as bestas de seus filhos.”

Então fera raiva, qual fogo sem controle,
brotou do amargor, das agruras de seu peito;
despertou sua ira, pela troça escarninha,
pelas mulheres de Hithlum, de lágrimas lavadas;
e um magno corno, que à mão estava
contendo bebida, enfeitado de ouro,
com a força impensada que a fúria lhe dava

agarrou e, girando-o, rápido lançou
à face de Orgof. "Estafermo", exclamou,
"com isso enche a boca, e não ouses mais
sem juízo falar-me, ébrio de vinho!" —
mas o rosto lhe rachara, e de rastos caíra,
o peso da cabeça na pedra batera,
no assoalho coberto de odres e taças
da mesa revirada, que aos montes tombaram
sobre o tronco do Elfo, chistoso nunca mais;
mas silente na morte. Mudos estavam todos
nos assentos e cadeiras; em assombro aturdido
levantaram-se em volta, e com triste coração
Túrin contemplou seu atroz malfeito,
a mão suja de vinho, e sua vista incrédula
pouco entendia. Então deu meia-volta,
seguiu noite adentro e ninguém o deteve;
se alguns suas espadas por pouco não usaram
— eram da gente de Orgof —, foi a aura de Thingol
que deteve suas mãos, enquanto o atônito rei
com rosto pétreo mirava o seu thain
sem dar sinal de si. O assassino, porém,
lavou as mãos no vau do riacho
perto do portão, e não reteve o pranto:
"Lançaram", gritou, "maldição sobre mim,
pois só causo o mal, e proscrito agora,
banido em amargura, com mancha de sangue,
deixarei o paço de meu pai adotivo,
nem verei novamente a amada dama" —
sim, seu coração a Hithlum o lançava agora,
mas não seguiu tal estrada, por agouro da fúria
dos Elfos atrás dele, pois com ira acesa
levariam azagaias, malgrado Morgoth,

aos coles de Hithlum no seu encalço;
para evitar que um destino mais atroz ainda
coubesse à sua mãe e à Moça das Lágrimas.
Nas dobras mais fundas de Doriath, na mata,
nos vales mais escuros de suas vagas fronteiras,
escondeu-se apressado, à caçada fugindo;
e não viram seus passos os que depois vieram,
os thains de Thingol, que por trinta dias
tristes o buscaram, em procura vã,
sem cuidar de seu mal, mas perdão trazendo
de Thingol, o mestre das Mil Cavernas.
Com juras, em conselho, fez a gente de Orgof
esquecer sua dor e o perdão ofertar,
pelo intento que havia nas atrozes palavras
de Orgof, o Elfo: "Sua hora chegara,
com a alma a seguir a agreste senda
até o vale profundo dos Defuntos que Esperam,
meditando ali, por três mil anos
na treva de Gurthrond, suas troças cruéis,
até partir para Feéria e festejos novos."
Mas os portões do tesouro Thingol abriu,
e prendas generosas de prata e ouro
deu aos filhos do morto, e por fim sua gente
julgou tudo acertado. Mas da sentença do Rei
Túrin não soube, acreditando, mísero,
que muitos do povo por imigo o tinham,
e vagava pelos bosques com amargor no peito;
pois era seu destino que os Elfos das cavernas
não mais dessem abrigo ao rebento de Húrin.[B]

NOTAS

(Ao longo das Notas, afirmações como "*Delimorgoth* em A, e em B quando foi datilografado" (verso 11) indicam que a forma no texto publicado — nesse caso, *Delu-Morgoth*) é uma emenda feita ao texto B mais tarde).

8 O nome de *Húrin* nos *Contos Perdidos* é Úrin (e ainda era quando o presente poema começou a ser escrito, ver a nota ao verso 213), e seu epíteto *Thalion*, "Resoluto", presente em *O Silmarillion* e no *Narn*, não ocorre neles (embora ele seja chamado de "o Resoluto").

11 *Delimorgoth* em A, e em B quando foi datilografado. *Morgoth* ocorre apenas uma vez nos *Contos Perdidos*, na versão datilografada do *Conto de Tinúviel* (II. 59); ver a nota ao verso 20.

13 *Nínin Udathriol* em A, em B quando foi datilografado; esse termo ocorre no *Conto* (II. 107; para uma explicação do nome, ver II. 415). Quando alterou *Udathriol* para *Unothradin*, meu pai escreveu na margem do texto B: "ou *Nirnaithos Unothradin*".

17 Acima de *Erithámrod* está escrito a lápis, em A, *Urinthalion*.

20 A versão original de B traz o nome *Belcha*, que depois foi alterado, passando pelas formas *Belegor* e *Melegor*, para *Bauglir*. (Aqui, o texto A traz outros versos: *qual miríades de ratos, com rastros sem medida/prenderam o príncipe …*) *Belcha* ocorre na versão escrita a máquina do *Conto de Tinúviel* (II. 59), onde se afirma que *Belcha Morgoth* são os nomes de Melko entre os Gnomos. *Bauglir* aparece como nome de Morgoth em *O Silmarillion* e no *Narn*.

22 *de Melko* no texto A, *de Belcha* em B quando foi datilografado; depois o verso foi alterado para *Aos salões de Belegor* (> *Melegor*) e, por fim, recebeu a forma publicada aqui. Ver a nota ao verso 20.

25 Acima de *Erithámrod* em A está escrito *UrinThalion* (ver nota ao verso 17); Úrin > Húrin, e uma indicação de que se deve ler *Thalion Húrin*.

29 *de Finweg filho* em A e também em B quando foi datilografado; a emenda foi feita mais tarde, e, ao mesmo tempo, meu pai escreveu na margem de B "ele era filho de Fingolfin", claramente um comentário sobre a troca de *filho* por *herdeiro*. *Finweg* é o mesmo que *Finwë Nólemë*, Senhor dos Noldoli, o qual, nos *Contos Perdidos*, é o pai de Turgon (I. 145), e não, como passou a ser mais tarde, avô dele.

50 *Kor* > *Cor* em A, *Cor* em B quando datilografado. Ao fazer a emenda de *Cor* para *Corthûn*, meu pai escreveu na margem de B: "*Corthun* ou *Tûn*".

51 *Thalion* em A e na versão original de B. O mesmo vale para *Delimorgoth* (tal como no verso 11).

73 Em B há uma marca de inserção entre os versos 72 e 73. Isso provavelmente se refere a um verso do texto A que não foi incorporado em B: *preso pelo (> por meu) feitiço de posse indelével (> inquebrantável)*.

75 *Belcha* em A e na forma original de B; a mesma cadeia de emendas dos versos 20 e 22 ocorreu em B.

84 *Bauglir*: situação idêntica ao do verso 75.

105 *Mavwin* em A, em B quando foi datilografado; em B, o nome foi então emendado para *Mailwin* e depois voltou a ser *Mavwin*; o nome *Morwin* foi escrito mais tarde na margem de B. Ocorreu exatamente a mesma coisa nos versos 129 e 137, embora nesse segundo verso *Morwin* não consta na margem; no verso 145, *Mavwin* não recebeu emenda, mas *Morwin* foi escrito na margem. Dali em diante, *Mavwin* não tem mais emendas nem recebe anotações marginais, isso

até o verso 438 (ver nota). Para manter a coerência, usei *Morwin* em toda a primeira versão do poema. — *Mavwin* é a forma do nome no *Conto*; *Mailwin* não ocorre em outros lugares.
117 Sobre a variação *Nienóri/Nienor* no *Conto*, ver II. 145.
120 *Tinúviel* em A, *Tinwiel* na versão de B sem emendas, mas com a forma *Tinūviel* na margem. *Tinwiel* não ocorre em outros textos.
121 *Ermabwed* "Uma-Mão", título ou epíteto de Beren nos *Contos Perdidos*.
137 *Gumlin* é citado no *Conto* (II. 96 etc.); o mais jovem dos dois guardiões de Túrin na jornada até Doriath (aqui chamado de *Halog*) não é.
160 *Belcha* em A e na versão original de B, emendado para *Bauglir*. Cf. as notas aos versos 20, 22 e 75.
213 *Urin* > *Húrin* em A; mas *Húrin* é a forma em A no verso 216.
218 *Nínin Udathriol* no texto A e em B quando foi datilografado; cf. verso 13.
226 A distinção entre "Gnomos" e "Elfos" ainda é feita aqui; ver I. 59–61.
230 *Dorwinion* em A.
306 *Por Mavwin foi Melian tomada de tristeza* em A e na forma original de B, com o verso *Tomada de tristeza Melian foi então* escrito na margem. No verso original em inglês (*For Mavwin was Melian moved to ruth*), o segundo hemistíquio tem apenas três sílabas, a não ser que *moved* seja lido como *movéd*, com duas sílabas, resultado pouco satisfatório. A segunda versão do poema traz aqui o verso *Por Morwen Melian foi tomada de tristeza*. Cf. versos 494, 519.
333 Túrin Thaliodrin em A (cf. o verso 115), emendado para *o filho de Thalion* [na tradução, *filho de Húrin* por causa da aliteração].
361 O termo *Glamhoth* aparece em *A Queda de Gondolin* (II. 195), com a tradução "povo do ódio horrendo".
364 *Belcha* em A e na forma original de B; alterado para > *Melegor* > *Bauglir* em B.
392 *Bauglir*: mesmo processo do verso 364.
408 *Morgoth Belcha* em A, e também B quando foi datilografado.
430 *Kor* > *Cor* em A, *Cor* na versão original de B. Cf. o verso 50.
431 *Tengwethil* em A e na forma original do texto B. No antigo dicionário gnômico e na Lista de Nomes de *A Queda de Gondolin*, o nome gnômico de Taniquetil é *Danigwethil* (I. 321, II. 405–06).
438 *Mavwin* em A e no texto B quando datilografado, mas *Mavwin* > *Morwen* como emenda tardia em B. Adotei a forma *Morwin* ao longo da primeira versão do poema (ver nota ao verso 105).
450 *Cuinlimfin* em A e na versão original de B; *Cuiviénen* como emenda posterior em B. A forma nos *Contos Perdidos* é *Koivië-Néni*; *Cuinlimfin* não ocorre em nenhum outro texto.
461–63 Esses versos foram colocados entre colchetes e marcados com um X no texto B.
471 Esse verso foi marcado com um X no texto B.
472 *Mavwin* > *Morwen* em B; ver o verso 438.
494 *todas lavadas de lágrimas* em A, *de lágrimas lavadas* em B [em inglês, *washed in tears*, hemistíquio de três sílabas], com um X na margem e uma palavra ilegível escrita a lápis antes de *washed*. Cf. os versos 306, 519. A segunda versão do poema não alcança esse ponto.
514–16 Ao lado desses versos, meu pai escreveu na margem do texto B: "Fazer com que parentes de Orgof o ataquem e T. escape lutando".
517 *com rosto pétreo mirava*: em inglês, *stonefacéd stared*, onde o acento em *stonefacéd* foi colocado mais tarde e o verso foi marcado com um X. — Em seu ensaio *On Translating Beowulf* (1940; *The Monsters and the Critics and Other Essays*, 1983), meu pai usou *stared stonyfaced* como exemplo de um dos subtipos de hemistíquio da métrica em inglês antigo.

519 *lavou as mãos*: o verso está marcado com um X em B. Cf. os versos 306 e 494.
528 A partir do hemistíquio *pois com ira acesa* começa a segunda parte do manuscrito A, que está mais finalizada; ver a p. 13.
529 *Belcha* em A, *Morgoth* na versão original de B.
548 *Guthrond* em A, e também quando B foi datilografado originalmente.

Comentário ao *Prólogo* e a *Parte I, "Túrin Adotado"*

A seção de abertura ou "Prólogo" do poema deriva da abertura do *Conto* (II. 92–3) e, em termos estritamente narrativos, houve pouco desenvolvimento em relação a ele. Nos versos 18–21 (e especialmente no verso rejeitado do texto A, *miríades de ratos, com rastros sem medida/prenderam o príncipe*), há um prenúncio claro da história de *O Silmarillion* (pp. 264–65):

> … mas o pegaram, por fim, vivo, por ordem de Morgoth, pois os Orques o agarravam com suas mãos, que continuavam presas a ele embora ele decepasse os seus braços; e sempre seus números se renovavam até que, afinal, ele tombou, enterrado debaixo deles.

Por outro lado, o motivo para que Húrin fosse capturado vivo na história posterior (Morgoth sabia que ele tinha estado em Gondolin) necessariamente não aparece, já que Gondolin, nas fases mais antigas das lendas, só foi descoberta depois que Turgon recuou Sirion abaixo depois da Batalha das Lágrimas Inumeráveis (II. 147, 250). O fato de que ele foi capturado com vida por ordem de Morgoth, entretanto, já aparece no poema (verso 20), embora não se explique o porquê. No *Conto*, o interesse de Morgoth por Húrin como ferramenta para revelar a presença de Turgon surgiu de seu conhecimento de que

> Os Elfos de Kôr faziam pouco caso dos Homens, pouco os temendo ou suspeitando deles em virtude de sua cegueira e carência de engenho

— uma ideia que se repete no poema (46–8); mas ela só parece ter surgido na mente de Morgoth quando veio ter com Húrin em sua

masmorra (44 e seguintes).

O local do tormento de Húrin (no Conto, "num local elevado das montanhas") agora é definido como um *assento de pedra* no pico mais íngreme das Thangorodrim; e essa é a primeira ocorrência desse nome.

Na troca de *filho* por *herdeiro* no verso 29, vemos o primeiro indício de um desenvolvimento na casa real dos Noldoli, com o aparecimento de uma segunda geração entre Finwë (Finweg) e Turgon; mas, no momento em que meu pai inseriu essa mudança a lápis no texto (e observou "Ele era filho de Fingolfin"), a estrutura genealógica posterior já existia, e essa é, por assim dizer, uma indicação casual dela.

Em "Túrin Adotado", há uma relação próxima entre o *Conto* e o poema, que se estende a várias similaridades estreitas de fraseado — especialmente abundantes na cena do salão de Thingol que culmina na morte de Orgof; e algumas frases tiveram vida longa, começando com o *Conto*, passando pelo poema e chegando ao *Narn i Hîn Húrin*, tais como:

> preferia viver pobre em meio aos Homens do que ricamente como hóspede pedinte mesmo entre os Elfos da floresta (II. 95)

> mas à espera ficar
> pedinte de outrem, mesmo se Elfo-rei,
> pouco lhe aprazia (284–86)

> ainda não rebaixava seu orgulho a ponto de pedir esmola, nem mesmo a um rei. (*Narn*, p. 86)

— embora no *Narn* a passagem sobre "pedir esmola" apareça num trecho diferente, antes que Túrin deixasse Hithlum (a esperança de Morwen de que Húrin retornaria é, no *Narn*, a razão para que ela não viaje até Doriath com o filho, não para recusar o convite posterior para que ela o seguisse).

Quanto à situação de Morwen em Dor-lómin depois da Batalha das Lágrimas Inumeráveis, há algumas coisas a dizer. No poema (111–13)

> e homens sem memória de seu magno governo
> vinham a Dorlómin, com desleixo mesquinho
> tratavam sua viúva;

— ecoando o *Conto*: "os homens estranhos que habitavam nas cercanias não sabiam da dignidade da Senhora Mavwin", mas ainda não há indicação nenhuma de quem eram esses homens ou de onde tinham vindo (ver II. 155). Como de costume, a situação narrativa estava preparada, mas a explicação dela ainda não tinha emergido. A falta de clareza do *Conto* sobre onde vivia Úrin antes da grande Batalha (II. 147) não está mais presente: *amava a morada que o marido lhe dera* (288). Nienor nasceu antes que Túrin partisse (sobre a contradição no *Conto* quanto a esse pormenor, ver II. 161); e a cronologia da infância de Túrin ainda é aquela do *Conto* (ver II. 174–75): tinha sete anos quando deixou Hithlum (332), sete anos em Doriath enquanto as notícias de Morwen ainda chegavam (333), doze anos passados de sua chegada a Doriath quando matou Orgof (471). Nas fases posteriores da história, esse último número permaneceu inalterado, o que sugere que o X (uma marca de insatisfação) colocado ao lado do verso 471 tinha alguma outra razão de ser.

No poema, há várias referências ao fato de Húrin e Beren terem sido amigos e companheiros de armas (122–24, 248–49, 298). No Conto, afirma-se originalmente (quando Beren era um Homem) que Egnor, pai de Beren, era aparentado a Mavwin; essa ideia foi substituída por uma passagem diferente (quando Beren tinha se tornado um Gnomo), de acordo com a qual Egnor era um amigo de Úrin ("e ele conhecia Beren Ermabwed, filho de Egnor"); ver II. 93, 171. Na versão posterior do *Conto de Tinúviel* (II. 59), Úrin é citado como o "irmão d'armas" de Egnor; isso foi alterado para destacar a relação entre Úrin e o próprio Beren — tal como no poema. Em *O Silmarillion* (p. 269), Morwen pensa em enviar Túrin a Thingol "pois Beren, filho de Barahir, era parente do pai dela e, além do

mais, ele tinha sido amigo de Húrin antes que viesse o mal". Não há menção a esse fato no *Narn* (p. 79), no qual Morwen diz simplesmente: "Ora, eu não sou parenta do rei [Thingol]? Pois Beren, filho de Barahir, era neto de Bregor, assim como meu pai."

O fato de que nessa versão Beren ainda era um Elfo, e não um Homem (algo que se pode deduzir com base em outros elementos) fica claro a partir dos versos 178–79:

> e nunca até então, por denodo ou demanda,
> a raça dos Homens tal rastro seguira

— cf. o *Conto* (II. 94): "e Túrin, filho de Úrin, foi o primeiro dos Homens a trilhar aquele caminho", alteração do texto anterior "e Beren Ermabwed foi o primeiro dos Homens …"

Na despedida de Túrin e sua mãe, a comparação com o *Conto* revela algumas diferenças sutis que não precisam ser detalhadas aqui. O mais moço dos guardiões do menino agora recebe o nome de Halog (e afirma-se que Gumlin e ele eram os únicos "empregados" que tinha restado para Morwen).

O poema diz algumas coisas muito curiosas a respeito de Beleg. Em dois momentos (versos 200 e 399) ele é chamado de "nato nas brenhas, de ignoto pai", e no verso 416 seu epíteto é "Beleg sem-idade". Parece haver certo mistério em torno dele, uma estranheza que o separa (tal como ele próprio age separado, verso 195) dos Elfos dos quais Thingol é o senhor (ver ainda a pp. 153–54). Pode ser que ainda haja traços disso no "Silmarillion" de 1930, onde se afirma que ninguém de Doriath participou da Batalha das Lágrimas Inumeráveis, exceto Mablung — e Beleg, "que não obedecia a homem algum" (na versão posterior do texto, o trecho diz "nem foi nenhum outro de Doriath, salvo Mablung e Beleg, que eram avessos a não tomar parte nesses grandes feitos. A eles Thingol deu licença para ir…"; *O Silmarillion*, p. 257). No poema (verso 219), Beleg diz expressamente que não participou da grande Batalha. — Seu grande arco de madeira negra de teixo (citado em *O Silmarillion*, p. 281,

onde recebe o nome de *Belthronding*) aparece nesse momento (verso 400): no *Conto*, ele não é destacado de modo específico como arqueiro (II. 150).

A frase de Beleg, *Os Deuses bondosos vos deixam seguros* (215), e a reação dos guardiões de Túrin, *Os Deuses são bons* (244) estão de acordo com as referências nos *Contos Perdidos* à influência dos Valar sobre Homens e Elfos nas Grandes Terras: ver II. 174.

O vinho potente que Beleg carregava em seu frasco e que ele ofereceu aos viajantes (223 e seguintes) é uma bebida notável — trazida dos *fogos do Sul* e *de longe* carregada até *as terras do Norte* —, e o mesmo vale para o nome da região de onde veio: *Dor-Winion* (230, 425). Os únicos outros trechos dos escritos de meu pai nos quais esse nome ocorre (até onde sei) aparecem em *O Hobbit,* Capítulo 9, *Barris Desabalados*: "a forte safra dos grandes jardins de Dorwinion" e "o vinho de Dorwinion traz sonhos profundos e agradáveis".[g] Ver ainda a p. 154.

Um elemento curioso na mensagem de Thingol para Morwen no *Conto*, explicando porque ele e seu povo não participaram da Batalha das Lágrimas Inumeráveis (II. 95), agora foi rejeitado; mas, junto com a resposta de Morwen aos mensageiros de Doriath, foi introduzida a lenda do Elmo-de-dragão de Dor-lómin (verso 297 e seguintes). Nessa versão, não se conta muita coisa sobre ele (embora haja mais informações na segunda versão do poema, ver p. 153): Húrin o usava com frequência em batalha (no *Narn* nega-se que ele o usasse, p. 111); tinha *o signo coroado com a serpe rompente* e *runas o cobriam com arranjos antigos*. (cf. o *Narn*: "nele estava gravadas runas de vitória"). Mas nada se diz sobre como Húrin adquiriu o elmo, exceto o fato de que era parte de sua *herança*. É muito notável a passagem (versos 307 e seguintes) na qual se descreve a maneira como Thingol manuseia o objeto, *como se nada de mais nobre tivesse*, apesar de possuir *preclaros tesouros/que ao teto do reino antigo chegavam*. Já comentei anteriormente (ver II. 157–58, 294) a ênfase inicial dos textos quanto à pobreza de Tinwelint (Thingol): aqui temos a primeira aparição de sua riqueza (presente também no

início da *Balada de Leithian*). Também é notável o eco próximo dos versos do poema nas palavras do *Narn*, p. 92:

> Porém Thingol tomou nas mãos o Elmo de Hador como se não fosse detentor de um grande tesouro e disse palavras corteses: "Altiva será a cabeça que usar este elmo, que foi usado pelos progenitores de Húrin."

Também há um claro eco dos versos 315–18:

> No peito então Thingol dispôs um desejo,
> chamou a Túrin e tudo lhe contou,
> que Morwin, sua mãe, uma magna coisa
> mandara ao filho, herdada do pai

Na prosa do *Narn*:

> Então veio-lhe um pensamento, mandou chamar Túrin e contou-lhe que Morwen enviara ao filho um objeto poderoso, herança de seus pais.

Podemos comparar também as passagens que se seguem em ambas as obras, contando como Túrin era jovem demais para erguer o Elmo e, em todo caso, que estava infeliz demais para dar atenção ao objeto por causa da recusa de ir embora de Hithlum por parte de sua mãe. Esse foi o *primeiro de seus desgostos* (328); no *Narn* (p. 110), o segundo.

O relato sobre o caráter de Túrin em sua meninice (341 e seguintes) é muito próximo daquele no *Conto* (II. 96), o qual, como notei antes (II. 148) sobreviveu no *Narn* (pp. 112–13): de fato, o relato mais tardio ecoa o poema ("aprendeu muito saber", "não fazia amigos facilmente"). O poema, nessa fase, acrescenta que *na trança dos versos / era qual menestrel, mas triste era seu canto*.

Um novo e importante elemento da narrativa é o do companheirismo entre Beleg e Túrin (usando o Elmo-de-dragão, verso 377) nos

combates nas fronteiras de Doriath:

> de como Beleg sem-idade era irmão de armas
> do menino moreno da raça conquistada. (416–17)

Não há menção alguma disso no *Conto* (II. 96). Cf. meu Comentário, II. 149:

> A valentia de Túrin contra os Orques durante sua permanência em Artanor recebe uma importância mais central, até mesmo única, no conto (“ele manteve a ira de Melko afastada deles por muitos anos”) especialmente porque Beleg, seu companheiro de armas nas versões posteriores, não é mencionado aqui.

No poema, entretanto, a importância da atividade guerreira de Túrin para Doriath não é menor:

> pois por ele se deteve da ruína a mão
> sobre o povo de Thingol, e Thû o temia (389–90)

É aqui que encontramos Thû pela primeira vez, *entronizado como thain mais forte/ de Morgoth Bauglir*. É interessante perceber que Thû sabia quem era Túrin e o temia, e também que Morgoth ordenara que Thû assediasse Doriath: essa história vai reaparecer na *Balada de Leithian*.

Na história de Túrin e Orgof, os versos claramente estão seguindo a prosa do *Conto*, e há muitas semelhanças próximas de fraseado, como já notamos. A relação dessa cena com a história posterior já foi discutida anteriormente (II. 148–49). Orgof ainda tem sangue de Gnomo, o que pode indicar a permanência da história de que havia Gnomos entre o povo de Thingol (ver II. 57). A ocasião do retorno de Túrin da Floresta para as Mil Cavernas (um nome que ocorre pela primeira vez no poema) se torna, ao que parece, um grande banquete, com canções de Valinor — algo bem diferente da história posterior, na qual a ocasião não é especial de maneira alguma, e Thingol e Melian nem mesmo estavam em Menegroth (*Narn*, p.

116); e Túrin e Orgof estavam *em assento postado no alto, próximo aos monarcas* (isto é, presumivelmente em cima de uma plataforma, na "mesa elevada"). Não sei dizer se foi por rejeitar essa ideia que meu pai colocou os versos 461–63 entre colchetes e os marcou com um X. As *belas canções dos rebentos de Ing* citadas nessa passagem na verdade não são as canções dos filhos de Ing na história de Ælfwine (II. 363 e seguintes); Ing, no caso, é a forma gnômica do nome Ingwë, Senhor da Primeira Gente dos Elfos (anteriormente, Inwë, Senhor dos Teleri).[h]

Os versos que falam de Orgof já morto são dignos de nota:

> sua hora chegara,
> com a alma a seguir a agreste senda
> até o vale profundo dos Defuntos que Esperam,
> meditando ali, por três mil anos
> na treva de Gurthrond, suas troças cruéis,
> até partir para Feéria e festejos novos. (544–49)

Podemos comparar esse trecho com o conto *A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor* (I. 98):

> Ali [no salão de Vê] Mandos pronunciava sua sina, e ali esperavam na treva, sonhando de seus feitos passados, até o momento por ele determinado quando podiam renascer em seus filhos, e partir para rirem e cantarem outra vez.

O nome *Gurthrond* (< *Guthrond*) não ocorre em nenhum outro lugar; o primeiro elemento sem dúvida é *gurth*, "morte", tal como no nome da espada de Túrin, *Gurtholfin* (II. 411).

Restam ainda alguns detalhes acerca da nomenclatura. No verso 366, o termo *Hithlum* é explicado como o nome de Dorlómin entre os Homens:

> da escura Dor-lómin de esquivos pinheiros,
> pelos Homens chamada Hithlum infeliz.

A afirmação é curiosa. Nos *Contos Perdidos*, o nome dessa terra entre os Homens era *Aryador*; assim, diz o *Conto de Turambar* (II. 91):

> Naqueles dias, meu povo habitava um vale de Hisilómë, e aquela terra foi chamada pelos Homens de Aryador nas línguas que usavam então.

No "Silmarillion" de 1930, afirma-se de modo específico que *Hithlum* e *Dorlómin* eram nomes gnômicos de *Hisilómë*, e parece haver todas as razões para supor que esse sempre tinha sido o caso. A resposta desse enigma, entretanto, pode estar naquela mesma passagem do *Conto de Turambar*, onde se diz que

> a estória de Turambar e do Foalókë esteve amiúde em seus lábios [isto é, dos Homens] — mas à maneira dos Gnomos eles diziam 'Turumart e o Fuithlug'.

Talvez, então, o significado do verso 366 seja que os Homens chamavam Hisilómë de *Hithlum* porque usavam o nome gnômico, e não que era esse o nome na língua deles.

Os versos seguintes (367–68) dizem:

> e os Montes das Sombras
> os separavam de Feéria e dos Elfos do bosque.

Essa é a primeira ocorrência do nome *Montes/Montanhas de Sombra*, e ele é usado com o sentido que passou a ter mais tarde (*Ered Wethrin*); nos *Contos Perdidos*, as montanhas que formavam a barreira sul de Hithlum são chamadas de Montanhas de Ferro ou Morros Amargos (ver II. 80)

O nome *Cuinlimfin*, dado às Águas do Despertar (nota ao verso 450), parece ter sido uma ideia passageira, que logo foi abandonada.

Por fim, no verso 50 ocorre (por emenda da forma em B, *Côr*) o nome composto único *Corthûn*, enquanto em 430 *Côr* foi trocada por *Tûn*; ver II. 352.

II
BELEG

Muito tempo viveu solitário nos montes,
matando feras e detestando Homens,
ou Orques, ou Elfos, até que outros proscritos
feros e insensatos foram se achegando
e a ele se agregaram; e, vagando longe,
eram temidos por imigos e amigos de outrora.
Pois repleto de ódio estava o peito de Túrin,
nem os da gente de Thingol tratava como amigos
se desgarrados os achava nos rumos da mata.

Foi lá que Beleg, o bravo, nas bordas de Doriath
encontraram e atacaram — poucos tinha consigo —,
e, por serem muitos, enfim suas mãos ataram,
até que o capitão deles voltou ao anoitecer.
Distante daquela luta o destino levara
a Túrin naquele dia, na trilha dos Orques
que trotavam para casa nas Montanhas de Ferro
carregando o butim das terras dos Homens.
Disseram-lhe então que de Thingol era servo
o que estava preso ao tronco — e Túrin, olhando,
reconheceu em assombro o sério semblante
de Beleg, o magno, seu irmão de armas,
seu tutor na arte do bater de espadas,
do arco forte e da flecha com penacho,
do saber secreto das brenhas acerbas,
quando uniam em batalha ferimentos e sangue.

Saiu então o ódio dos olhos de Túrin,
e liberto mandou que Beleg ficasse.
“Seja livre teu caminho! Mas se amigo ainda és,
com toda boa fé, do filho de Húrin,
não contes a história de que Túrin viste
qual proscrito odiado por Elfos e Homens,
a quem os thains de Thingol matar desejam.
Não traias a confiança que outrora tiveste!”
Então Beleg do arco um abraço lhe deu —
não fora à festa, não vira o fim de Orgof —
beijou-o gentil, deste jeito falando:
“Sus! nada conheço das novas que contas;
mas, proscrito ou com honra, sempre hás de ser
o irmão de Beleg, em bênção ou desgraça!
Porém pouco me agrada que tua espada inquieta
devore as forças dos filhos dos Elfos.
São os malignos Glamhoth agora tão poucos,
ou os imigos de Feéria de medo tão fracos,
que Homens belicosos não se ocupam deles?
Serão os imigos de Feéria amigos dos Homens?
Tu trais a confiança que outrora tiveste?”

“Nem de Orque armado, nem de Elfo da mata,
de ninguém na Terra honra tenho ou amor,
ó Beleg arqueiro. Neste bando apenas
conto camaradas, meus parentes no opróbrio
e na sina sem amigos — e o mundo contra nós.”

“Que o arco de Beleg a teu bando se junte;
e, jurando de morte os monstros das trevas,
abrandemos nossa dor e o urdir do destino!
Nosso valor ainda vige, e não é vã a glória

magna que ganhamos nas matas outrora.”

Assim, bela esperança no rebento de Húrin
essas palavras despertaram, e todos aceitaram
Beleg no bando, salvo Blodrin apenas —
Blodrin, filho de Bor, a quem só a busca de ouro
e o sangue excitavam, para quem tanto fazia
se tirava riquezas ou arrancava a vida
de Elfo ou de Orque; mas ele ocultava
o que vinha em seu peito. Ouvia-se a harpa,
crepitava o fogo, e as flamas das toras
de pinheiros se juntavam onde então acampavam;
onde homens contentes, em estreita amizade,
reuniam-se à tarde no distante bosque.
Ergueu-se então a canção, acima do silêncio —
e as vastas árvores a ouviram no alto —
narrando a Ruína do Reino dos Deuses;
o apuro dos Gnomos no Aperto dos Estreitos;
o combate em Fangros e dos filhos de Fëanor
a jura inquebrantável. Levantou-se então Beleg:
“Para que nossos votos não sejam vãos jamais,
imitemos a promessa daqueles magnos sete;
cabe a nós uma jura que nunca se altere,
feito a montanha altaneira de Tain-Gwethil!”
Desnudaram as espadas, feito poças de sangue
que junto ao fogo chamejavam rubras.
Ouviram-se as palavras em voz uníssona,
o juramento pronunciado que jamais poderia
deixar de valer, um laço de confiança,
de amizade em armas e zelo no perigo.
A guerra assim ressurgiu nas agrestes matas
contra os imigos de Feéria; famosa se tornou

e temida também aquela boa companhia,
quando soava a trompa dos Elfos caçadores
reboando em capoeiras e altos montes.
Despertavam as espadas e cantavam os arcos,
e das sombras as setas passavam, aladas,
os filhos das trevas matando aos magotes;
até em Angband os Orques tremiam.
Correu então a notícia nas trilhas da floresta
de que Túrin Thalion voltara à guerra;
e Thingol a ouviu, seus thains enviando
a trazer o que sumira em amor a seu paço —
mas não era seu fado que ele fosse achado.
Ganhavam pouco ouro nos renhidos combates,
mas vigílias e feridas, ingentes trabalhos;
com roubo e pilhagem ali não lucravam,
escudos de Feéria contra as hostes do Inferno.
Mas Blodrin, filho de Bor, queria bastos butins,
recordava com gosto os seus dias sem lei,
as carnes sem medida, com cópia de hidromel
enchendo as taças, e todo o vinho
que corria feito água em seus ébrios festejos.
Ora, contam as histórias que, quando criança,
arrastaram-no os Anãos à treva de suas casas,
e em Nogrod foi criado; em nada se parecia,
malgrado o seu sangue, aos graves Elfos.
Em seu íntimo odiava o ínclito Túrin
e Beleg arqueiro; no acaso propício,
deixou camaradas e a floresta amiga
e foi ter com os Orques, cujas cimitarras,
pálidas como a Lua, não poupam ninguém;
cuja sanha por ouro está acima de todos,
salvo a dos corações das serpes do Inferno.

Traiu seu juramento; e o infiel, assim,
o abrigo da floresta e seus bons companheiros
franqueou aos Orques, a honra olvidando.
Ali lutaram e tombaram, desbaratados por muitos,
em tocaia traiçoeira, numa hora da noite
em que os fogos eram poucos, e os despertos, raros —
e muitos não despertaram, nem com estrondos fortes,
nem com gritos e impropérios ou espadas se chocando,
varridos em seu sono rumo às sombras da morte.
Mas a Túrin levaram, por mais atroz que fosse
à destra do Caçador o dano que causava,
qual urso encurralado por ávidos sabujos,
sem sentir ferimento; pois de Morgoth a ordem
era levá-lo vivo, seus válidos membros
presos por mãos pilosas e lívidos braços.
Em meio aos mortos sumira Beleg,
com duras feridas perdeu a consciência;
estava tudo acabado, com vitória dos Orques.
Alvorava fraca a aurora sobre Doriath
quando Blodrin, filho de Bor, à beira de uma faia,
teve a garganta presa por esguia flecha,
de haste estreita, tratada com veneno
e de penacho escuro, ao corpo da árvore.
Por ouro pôs à venda a vida dos irmãos:
teve o que mereceu — na treva, ao acaso,
uma flecha de Orque fê-lo pagar.

Do mágico dédalo de Melian, a Rainha,
arrancaram o flébil filho de Húrin,
para selar seu destino; mas aos trancos andavam
e longas eram as léguas na molesta via,
por colina e valão rumo a longes alturas,

onde picos e píncaros de impias rochas
assomando altivos se mesclam às nuvens,
com véus de vapores, vastos negrumes;
onde estão Eiglir Engrin, os Altos de Ferro,
sobre os infames salões do Inferno erigidos,
presos às raízes das hórridas ravinas
das Thangorodrim, montanhas trovejantes.
Para lá seguiam, carregando o saque;
mas, lavado em sangue, ainda vivia Beleg,
no sono, até que o Sol para o sul se moveu,
e os olhos do dia amplos se abriram.
Acordou então confuso, e a dor o tomou,
e para Túrin Thalion voltou seus pensamentos,
pois detido em batalha e atado ele o vira.
Rastejou de onde estava, junto aos cadáveres,
esgotado e exangue; levantar não podia.
Os thains de Thingol assim todo ferido
na floresta o acharam; não queria sua sina
que da mão de imigos a morte sorvesse.
Levaram-no de volta em vero tormento,
a contar as notícias sob as tochas fortes
das Mil Cavernas; ouviu-o Thingol,
e curaram-no as mãos de magno encanto
de Melian Mablui, formosa rainha.

Em menos de semana os ferimentos sanaram,
mas o peso em seu peito não pôde a senhora
aliviar ou deter, e de tristeza repleto
partiu para a floresta. Camaradas não tinha
na empresa sem esperança, mas com pressa e só
seguiu o caminho dos imigos dos Elfos,
enfrentando o terror e a atroz angústia

que os corações dos homens da Hithlum fria
e os magnos de Doriath em medo mantinham.
Sem igual entre Homens ou Elfos mágicos,
entre os rastreadores dos Orques malditos
ou entre os predadores que adoram sangue
era seu experto engenho, que a pista mais fria
sabia decifrar na beira das pedras,
encontrava pegadas nas trilhas da mata
deixadas de leve em luas de outrora,
lavadas das folhas por vento e por chuva.
Os ávidos Glamhoth, as hostes de gobelins,
têm passo matreiro, mas o experto Beleg
achou sua trilha, até que as terras no escuro
sumiram com a noite em ignotos caminhos.
Ali a treva sem fim estava pendurada
nos galhos de ébano das árvores frondosas;
sob o peso pungente dos pinhos odoríferos,
assaltado por sonhos nas sombras espessas,
Beleg se perdeu. Esconderam-se as estrelas,
ganhou manto a Lua. A mágica ali falhava
naquele breu máximo, onde mesmo os gobelins
(cujos olhos fundos furam qualquer sombra)
confusos vagavam, fora do caminho,
tateando em clareiras onde altos se erguiam,
de porte imenso no compasso das eras,
os troncos sem topo de encantadas árvores.
A essa terra estranha chamam todos os Elfos
Taur-na-Fuin, Sem-Trilhas na Sombra,
Floresta Mortal, de terrível renome.
Abandonado, acabado, Beleg se deitou
ouvindo o vento a uivar e gemer
nos galhos torcidos, o sussurro dos ramos

muito acima dele, onde as magnas asas
dos pinhos emplumados lamentam sombrias
em vãos agouros. Curvado em desespero,
com a mente perturbada e a morte cortejando,
775 viu ele de repente um pouco de brilho
lançando um lume nas longes sombras,
como a luz de um pirilampo, lesta e fraca.
Assombrado o seguiu, sem saber o que era;
pois não conhecia os Gnomos que o solo cavam
780 nas masmorras fundas de Morgoth sombrio.
De magia sem igual na arte dos metais,
cujas joias e gemas davam júbilo aos Deuses
nos tempos de antanho, quando tinham liberdade,
escravos agora na escura labuta
785 das forjas de Angband, sofriam sem cessar,
sem poder sair, guardados todo o tempo.
Mas pequenas lâmpadas de luz cristalina
e gélida prata com engenho sutil
fabricaram então, e uma estranha chama
790 nelas luzia sem piscar, azul e pálida,
ardendo segura. O segredo dessa luz
os artífices guardavam a setenta chaves.
Nem o magno Morgoth, nem tormento ou dor
fariam revelar do lume o mistério;
795 mas luzes e lâmpadas de linda radiância,
muitas e mágicas, para o mestre faziam.
Não temiam escuro quando nas cavas iam;
os veios que achavam em vão não se perdiam
em grutas sem chão ou golfos subterrâneos.

800 Foi um Gnomo que ele viu em meio às vagas folhas
de tantos pinheiros, quando com todo cuidado

foi chegando mais perto. O pano que se usava
para cobrir a lâmpada do lado estava posto,
e ela brilhava. Velado pelo sono,
o rosto cheio de temor era amorfo na sombra.
Nas teias trançadas por sonhos perpétuos,
tecidas por feitiços nas trevas da mata,
talvez fosse ficar oculto para sempre,
mas Beleg lhe falou na brenha silente —
no abismo inacessível de seu sono profundo
o temor sempre o seguia, em sua mente gritando;
qual relâmpago em lança logo saltou
julgando que o medo e a morte a ele vinham,
Flinding go-Fuilin, o que foge em angústia
das minas de Morgoth. Ouviu com magno espanto
a língua anciã dos Elfos de Tûn;
e Beleg, o Arqueiro, um abraço lhe deu,
soube de sua linhagem e de sua sina infeliz,
como foi posto em servidão com penca de cativos,
arrancado de sua gente e das cavas e paços
que os Gnomos chamam de Nargothrond,
os anos de labuta debaixo dos açoites
dos horrendos Balrogs, sperando sua hora.
Contou a história de sua atroz fuga
por outeiros em chamas e grotões fumegantes,
pelas tristes dunas das Estepes Ressequidas,
até lhe voltar a esperança, tendo menos medo.
“Então Taur-na-Fuin deteve meus pés,
prendeu-os em seus dédalos; a insanidade veio,
e vaguei sem siso, tropeçando descuidado
e esmurrando os troncos de tantos pinheiros
com raiva vã — e me ouviram os Orques.
Acamparam numa clareira, muito perto de mim,

onde por sorte não entrei. A passagem deles
segue estrada larga pelas longas sombras,
que a magia guarda dos vagantes Elfos;
mas ainda temem a Mortal Floresta,
e seguem apressados pelas sendas ali.
Então gritos cruéis e agrestes vozes
enchem a mata, e muitas flechas
de arcos de chifre chispam em volta;
e em seguida, leves, os lestos passos,
que afofam e amassam as folhas dos pinhos;
e mãos peludas e famintos dedos
no breu apalpando; mais um pouco e desmaio,
e enfim me acham. Com força me agarram;
abatido e sangrando, triste de espírito,
carregam-me rindo, arrastam meus passos
com a ponta das lanças. O espólio juntavam,
incontáveis cativos tinham em cadeias,
e moças élficas que gemiam de pesar.
Mas um deles vigiavam com ávida guarda,
um de ânimo severo, alto e robusto,
como são os Homens da Hithlum brumosa.
Esticado estava, por piquetes preso
a duras correntes, mas não lhes dava o gosto
de pedir piedade ao indigno Morgoth,
desafiando os imigos. Duramente o feriam.
Soltou grito então, altivo e claro,
feito o caçador que adestra seus cães,
o nome chamando do mais nobre dos reis —
mas os Homens, sem memória, em mente não o têm —
Húrin Thalion, que Erithámrod se diz,
O Que Não se Abala, pois Balrog e Orque
e o magno Morgoth nos montes ainda

desafia sem medo, num fero pico
das montanhas trovejantes, as Thangorodrim."

Com raiva incontida então saltou Beleg,
gritando sem siso, esquecido de Flinding;
"Ó Túrin, Túrin, a quem trato como irmão,
como posso deixar-te preso a correntes,
ao Fundo do Inferno e suas feras portas?"

"Será igual tua jornada à goela da agonia,
desregrado arqueiro, se teu grito insano
os Orques escutarem; pois ouvem melhor
que gatos na treva; se a distância daqui
até o acampamento é de mais de um dia,
quem sabe se um Gnomo agora buscam,
o que escapou de suas garras qual pobre verme
que o ventre arrasta, em vão sangrando
às portas da morte nos montes de esterco
de lívida toca. Ó Luz de Valinor!
Ó Deuses de glória! Como odeio os olhos deles
e suas rubras línguas!" "Mas arranco Túrin
de suas mãos famintas, ou morro tentando,
ou que eu caia no Inferno com o fero Morgoth.
Guiar-nos-á tua lâmpada, e lesto hei de ser
nos caminhos da mata!" "Tua mente, caçador,
não te leva bem — lobos que não dormem
e magia aprisionam com zelo os cativos;
não erram suas flechas; o aço gélido
de suas cimitarras talha facilmente
tranças de ferro; as trevas vazam
aqueles olhos deles; seu hórrido riso
faz gelar o sangue! Para lá não vou,

pois o medo me acorrenta à Floresta da Noite:
antes morrer no escuro, oculto e perdido,
que de caso pensado tal sina cortejar!
Não sei o caminho." "Tão mínima é a força
de Flinding go-Fuilin? Tão fero Gnomo
há de se mostrar cativo cobarde,
se, duas vezes preso, duas vezes escapou?
Recorda a pujança e o júbilo de outrora,
o renome dos Gnomos de Nargothrond!"

Assim Beleg, o arqueiro, quis convencê-lo,
e Flinding ao medo fez frente em seu peito,
libertando a luz de sua lâmpada azul,
que agora ardia. No negrume dos bosques
deram vastas voltas, em vão procurando;
junto aos altos troncos, qual torres silentes,
tropeçando feito cegos, sem senso de nada;
topando em raízes qual pedras retorcidas;
confundidos em sonho por odores sombrios
em que a esperança se esvai. "Ouviste, Flinding?
Vozes sem corpo, vagas e distantes,
pés em marcha num murmúrio abafado,
calçados de esquivança, açodam-se no silêncio."

"Não, nada escuto", o Gnomo respondeu,
"tua esperança te engana." "Pois agora ouço
batendo e rangendo as tristes correntes,
e lobos passando por sendas batidas.
Sinto o cheiro do sangue manchando espadas
cruéis e curvadas; as vãs risadas —
agora, ouça! o som vem alto e mais alto",
disse o mestre da caça. "Não escuto nada",

disse Flinding, assustado. “Então segue-me!”,
Beleg respondeu, dobrando o arco,
“minha sagácia retorna, agora não preciso
da ajuda de teu lume.” Veloz saltando,
sumiu-se nas sombras; com a mão na lanterna,
Flinding o seguiu, e o negrume da floresta,
sua confusa treva, tardava flutuando,
desviando-se deles em fugidias sombras,
seu feitiço mais fraco, e então perceberam
que estavam na fronteira. Um portão se abria,
uma goela negra. Nele, os troncos
formavam moldura, em dias distantes
derrubados por raios, de rastos agora,
com lepra dos líquens ao lado da trilha.
As formas imprecisas de morcegos voando
iam de lá para cá, lisas no ar,
dando voltas, silentes. Uma luz de vertigem
tênue se infiltrava, pois, voltados para o Norte,
o olhar deles cruzava léguas de molestas terras,
cruzava os duros pedrais e as dunas inóspitas
de Dor-na-Fauglith, fera e calcinada;
cruzava a Estepe Ressequida e via tétricos picos,
num relance gris, pelo agreste portão,
do magno poder dos Montes de Ferro,
e, longes e lúgubres no lusco-fusco,
as torres trovejantes das Thangorodrim.
Mas, muito atrás, a treva atravessando,
passada a porta escura, a senda seguia,
a estrada dos Orques; e então, de repente,
rasgaram o silêncio agrestes ruídos
que vinham detrás deles, e atrozes ecos,
um tropel de pés não muito perto dali;

petrechos que tremem; e o estranho murmúrio
de vozes sem rosto na vaga treva
960 chegando mais perto. “Ah! agora escuto”,
disse Flinding temeroso; “Rápido, fujamos
do ódio e do horror, das hediondas faces,
dos olhos de fogo e de suas feras pisadas!
Ah! Desditosa hora em que entrei aqui!”

965 Então saltou em seu peito, atento ao mal,
com terror inaudito o reto coração
de Beleg, o bravo. Com brancas feições,
nas avencas secas e nas varas folhosas
dos fetos mortos fundo se enterraram,
970 onde, úmido e escuro, escoava um rego
as águas do bosque, da sua borda descendo
para pingar e morrer nas agruras da seca.
Mal tinham se escondido quando a tropa surgiu
dando a volta num canto da escura mata,
975 com andar gingado e grande pisoteio
de pés e mais pés sobre as pilhas de folhas.
Fileiras e fileiras de lanças impiedosas
vinham naquela hoste; sem ânimo e trôpegos,
incontáveis cativos, em trapos e com carga

980 de butim ensanguentado, acorrentados sem pena,
arrastavam os Orques, sob os olhos vigilantes
dos ginetes de lobos e dos lobos do Inferno.
Sua estrada molesta a lágrimas recendia:
muitos paços e casas, mil ocultos refúgios
985 de senhores dos Gnomos à noite cercados
suas vastas forças privaram de alegria,
conspurcando o que é belo e os bastos campos

com o sangue corajoso da gente derrotada.

Os grupos de Orques viraram hoste de guerra
depois que Blodrin, filho de Bor, os bandos guiara
para as marcas da mata, amalgamados que estavam
ao voltar para as suas tocas, para os tristes salões,
inchados em número feito enxame de pragas.
Feito o trovão que ribomba nos vãos profundos
de nuvens cavernosas que se inundam de treva,
elevou-se de súbito canção terribilíssima,
e esse canto infernal a casa deles saudou;
passando da vanguarda de lanceiros ferozes
que já viam os vapores, vastos e escuros,
dos tríplices picos das Thangorodrim,
para trás emanava, um rosnado sombrio,
qual tambores distantes em tristes masmorras.
Então uivou um homem-lobo; uma palavra urrada
feito aço na pedra; e qual postes rijos
suas lanças e espadas de pé puseram,
como do deus da guerra o agreste trigo,
com pontas pálidas que o crepúsculo vazam.
Como se o vento os tocasse, arqueiam-se todos
e se curvam, e as tropas com batida e cadência
prosseguem sem júbilo pelas sendas das matas,
passam os troncos sem topo de Taur-na-Fuin,
sob os galhos leprosos, a garganta do portão.

Então Beleg, o arqueiro, ao abrigo das folhas,
as legiões imundas espiando escondido,
viu Túrin, o alto, trôpego a avançar,
e os açoites dos Orques, de som que enche o ar;
e a ira borbulhou em seu ígneo peito,

e a compaixão transbordou em dignas lágrimas.
O canto acabara; os bandos de Orques
desciam as encostas do cerro mais além;
e o silêncio chegou, lento e sombrio,
aos troncos das árvores de Taur-na-Fuin,
e a noite mais profunda de fora ia vindo.

“Segue-me, Flinding, sai da floresta!
Vamos dar-lhe força, até o Inferno se preciso,
até a morte pelas setas dos sujos Glamhoth!”:
e Beleg saltou do abrigo como um louco,
como o cervo que os cães acuam latindo
de sua toca nas montanhas e nas terras ermas;
e Flinding o seguiu, com agouros de medo,
sob o portão, por touças de teixos emaranhados,
por charcos e curvas e pequenos arbustos,
até chegarem às rochas e os rasgos das charnecas,
aos outeiros inóspitos que na treva descem
às dunas ressequidas de Dor-na-Fauglith.
Na copa escavada da encosta de um morro,
de cuja borda rachada desabava uma franja
de arbustos retorcidos, dobrados de angústia
pelo vento Norte, viram muito abaixo
o acampamento em festa dos imigos disposto;
o fogo chamejante e o fumo das tochas,
e vultos negros também viram no clarão,
passando incontáveis, e o estrondo de gritos
e o uivo dos lobos ao longe ouviram.

Então o astro lunar sobre as névoas se ergueu,
e a radiância penetrante, a tudo varando,
criou sombras mais distintas nas alturas e cavas,

e as encostas pintou com escuros desenhos;
subindo feito ramos, os rastros das fogueiras
ganharam um toque de trêmula prata.
Com o fogo mais fraco, ao fundo do sono
os Orques desabaram. Não houve sentinelas,
vigias não os guardavam — vigília para quê,
por que ficar insone nas secas regiões
sob Eiglir Engrin, donde os olhos de Bauglir
sem cessar fitavam dos portões do Inferno?
Pois brilhante, sem piscar, o olhar dos lobisomens
não via à luz lunar? Os lobos que não dormem,
sentados em círculos com sôfregas línguas,
não aguardam nos castros dos Glamhoth cruéis?
Então Beleg se abalou, e os olhares parados
quase o congelaram, suas carnes atando
com medo infindo, com a face por terra
ao lado de um penedo. Sus! nuvens de ébano
dos breus do Norte subiram qual fumaça,
velando o brilho da Lua que tremia;
veio então o vento, uivando nas montanhas,
e a infeliz charneca bisbilhava e murmurava;
e vinham fracos gemidos do tormento da gente
no castro maldito. Seu carcás chacoalhava
quando se pôs de pé e apalpou seu arco
com pontas de chifre, por expertas mãos
feito de madeira negra; de tendões de urso
era sua firme corda; a força para curvá-lo
não tinham Homem nem Elfo; tão alta magia
achava-se apenas no flecheiro Beleg.
Não havia flecha de Orque sem falha no voo
como as ínclitas setas que o alvo acertavam
se avistado de relance em trevosa hora.

Então Dailir sacou, seu dardo bem-amado;
por mais que viajasse ou na lonjura caísse,
encontrava-o inteiro, com todas as penas
e a ponta ainda forte (até que enfim quebrou);
e veloz mandou voar aquela alada seta
de língua de serpe, com acerto a corda
unindo à flecha, e com desnudo braço
puxando-a para si. Então cicia o ar,
e a corda, oscilando, canta atrás da seta,
que um sentinela, em silêncio, leva ao chão —
eis aí um lobo que não late mais.
As setas seguintes com gosto mirou,
no meio do alvo a morte trazendo
discreta no escuro, feito cobra ferindo,
pondo em três dos lobos estrepes nas goelas,
e por fim o quarto, com flechas aladas
tremendo fincadas nas covas de seus olhos.
Grande foi a brecha que na guarda se abriu,
e Beleg seu arco desdobrou, dizendo:
“Virás ao acampamento, amigo Flinding,
Ou me aguardas vigilante? Se agora eu perecer,
podes levar a notícia à terra dos bosques,
relatando a missão a Thingol, o rei,
de como Túrin, o alto, o destino prendeu,
e como Beleg, o forte, seu fim teve aqui.”
Flinding, com medo, respondeu mesmo assim:
“Vim contigo muito longe, mateiro Beleg,
não me permito deixar-te, o amigo negando!”
Então arco e espada deixou o Elfo ali
com seu cinto aberto, aos arbustos preso
na touceira escura de uma cova perto deles,
e Flinding ali sua lâmpada dispôs,

e seus borzeguins, carregando só a faca,
para que, sem embaraço, barulho não fizesse.

Os valentes, então, indo colina abaixo
rumo ao acampamento com máximo cuidado,
realizaram a façanha, naquele passado distante,
cuja glória imortal agora enche a Terra,
e canções a celebram sem cessar pelo mundo,
onde quer que os Elfos, em ancianos reinos,
tenham luz ou riso em suas longas vidas.
Com respiração presa, às portas do vale,
parados observaram as vagas sombras,
até virem onde o círculo de insones olhos
tinha se rompido; com o peito inquieto
passaram por onde as setas aladas
tinham varado os lobos, perfurados e exangues,
mortos no escuro; qual fumaça silente
pela massa dormente lentamente deslizaram,
feito espectros de sombra que passam, vagos,
de treva em treva, até que os trouxe a sorte,
e a arte e astúcia do mateiro Beleg,
até Túrin, o alto, que deitado se via
com o rosto caído em restos sujos,
e os pés acorrentados, e presos em cadeias
os braços atrás, em triste agonia.
Dormia ou desmaiara, de ânimo esquecido,
pois drogas malignas lhe davam para isso;
não podia ouvi-los; nem vã esperança
nem fundo desespero desperto o deixavam;
palavras não valiam para dar luz a seu juízo.
Nada podia cortar as trelas que o prendiam,
embora Flinding procurasse a faca forjada

com aço dos Anãos, pois renome tinha,
e a usava na cintura despertando ou dormindo;
seu gume devorava sem agrura o ferro,
feito o arado que racha um torrão de argila.
Fora feita por artífices nas terras do Leste,
no breu de Belegost, pelos barbados Anãos
que juras não respeitam; assim, pois, traiu-o,
da bainha escorregando nas agrestes encostas
e rochas acidentadas por onde a trilha seguia.

"Nosso dever, como pudermos, é levá-lo daqui",
disse Beleg, curvando seus bastos ombros.
Então ergueu a cabeça do rebento de Húrin,
e Flinding go-Fuilin foi até os pés;
eis um feito denodado, pois nos dias de outrora,
embora o porte dos Homens menos peso tivesse
antes que a abundância da Terra herdassem dos Elfos,
e embora as gentes élficas, quando jovem era o Sol,
tivessem força infinda, e mofinos ao luar
ainda não fenecessem, como se de sombras feitos,
em postos despovoados, pares eles não eram
em carne e osso, no corpo e na forma,
e Túrin era o mais alto dos Homens de dez raças
que nos coles de Hithlum suas casas tinham.
Como um tronco levantaram seus altivos membros
e com magno esforço em temor partiram,
de corpo vergado e agruras nos ossos,
deixando o castro horrendo nas covas do sonho,
onde os lanceiros babavam, bêbados de sono,
ao lado de cimitarras cortantes e assassinas
e flechas agudas em feixes empilhadas.

Agora Beleg valente era o líder na trilha,
mas seus pés, de exaustão, com estrondo o derrubaram
com Túrin por cima, e trêmulo tropeçou
Findling para a frente; aflitos, deitados,
muito tempo escutaram, atentos a algum alarme,
a ruídos e gritos, e em seu íntimo estremeciam;
mas imutáveis no sono ainda estavam os Orques,
na treva ainda mais funda da triste meia-noite
e das horas sem vida em que a alma se solta
e retira os grilhões de sua trêmula carne.
Encararam então o medo, respiraram outra vez
e ficaram de pé na conspurcada terra,
enfrentando de novo com toda a força
a atroz tarefa, pois Túrin não acordava.
Ali Beleg gemeu pela mão que se feriu
quando tateava, com algo pontudo —
era Dailir, seu dardo, destro e prezado,
que estava a seus pés, um par de fragmentos
com bárbulas torcidas; quebrara-se enfim
sob o peso do arqueiro. Era auspício maligno.

Como num sonho impreciso que sabe a horrores,
seguiram seu caminho em angústia lenta,
passada a passada, até que a sorte deixou
que o levassem enfim do covil dos monstros,
e, sem fôlego, arfando, o fardo depuseram
no amplo seio da terra, um instante parando;
depois, por caminhos tortuosos retomaram a trilha
subindo encostas íngremes com custo imenso,
forçando-se até o fim, até lançarem-se exaustos
na depressão escura sob a touceira espessa.
Pegou então Beleg sua boa espada,

com élfica voz dando ânimo à lâmina,
lançando a ela sussurros, canções de magia,
sob a luz azulada da lâmpada de Flinding.
Trançou dolentes palavras de agudez,
e os nomes de facas e gnômicas lâminas
fez soar sobre ela: de Ogbar a lança
e o gládio de Gaurin, cujo golpe luzente
no salão de Rodrim as rochas fendeu;
a espada de Saithnar, e a prata das lâminas
das crianças encantadas, do feitio de grilhões
em sua funda masmorra; a faca de Nargil,
a adaga do Norte em Nogrod forjada;
a magna foice da tormenta cortante,
o alfanje cintilante do relâmpago a saltar,
Celeg Aithorn, a que corta o mundo.
Com um silvo girou a aguçada lâmina
e em três vezes três voltas a treva varou,
até que o fogo ateou, bruxuleando estranho,
à luz da lâmpada brilhando feito incêndio,
azulado e lúgubre no gume da lâmina.
Sus! um riso zombeteiro, tétrico e isolado,
pelo vento adejou, chegou junto a eles;
escutando esse horror, trêmulos ficaram;
sentiam os pés dos contrários que vinham,
ouviam as trompas da tropa a caçar
no murmúrio farfalhante de uma mínima brisa.
Então cobriram logo com o leve pano
a luz da lanterna, e, num instante, Beleg
com sua espada cortou os atrozes grilhões
no pulso e no braço, como se pobres cordas
fossem, de tão afiada; sem ânimo ainda,
Túrin estava imóvel, deitado em estupor.

Tateando as cadeias que prendiam-lhe os pés,
tentou Beleg cortá-las com a pontuda lâmina,
mas por descuido feriu a carne cansada,
fez rasgo num dos pés, e, jorrando, o sangue
manchou sua mão, por mágica sombria:
o sono profundo por fim se encerrou;
despertou Túrin, encontrando uma forma
com uma espada nua inclinada sobre si.
Morte e tormento à mente lhe vieram,
pois amiúde os Orques, por cruel pilhéria,
em mesquinho ultraje marcavam-no com facas
de longe jogadas, e com lanças cruentas.
Sus! não havia mais cadeias a prender suas mãos:
seu grito de guerra, com agreste eco
lançou Túrin feroz ao contrário imaginado,
e Beleg, tombando de borco e sem fôlego,
foi por ele esmagado. Com angústia de insano
o herdeiro de Húrin se apodera da espada,
que estava à mão dele por destino maligno;
golpeia a garganta; perpassa-a toda,
enterrando o sangue no solo sangrento;
sem que Flinding atinasse o que a noite escondia,
tudo se consumara. Com juramento terrível
incitou Túrin os pelotões de gobelins
ao encontro das armas: "Sus! de Húrin o filho
está livre dos grilhões." Longe julgava estar,
nos acampamentos dos monstros Glamhoth.
Fuga não buscava, contra Flinding saltando
com seu riso derradeiro, para vender caro
a vida aos contrários; mas o triste Elfo,
atônito de assombro, gritou, recuando:
"Mágica de Morgoth! Ah! máxima loucura!

Teus amigos combates!” — e, desabando de repente,
a lâmpada, revirada, revelou-se nas folhas,
e o lume, descoberto, sua luz lançou,
uma flama pálida, sobre a face de Beleg.
Junto aos troncos das árvores, Túrin, arfando,
com pétreas faces contemplou, congelado,
aquela morte terrível; sua mente entendeu;
abriu olhos insanos, hórridos e despertos,
imagem esculpida de perpétua angústia.
Tão tremenda era sua face que Flinding se encolheu
e o fitou, imaginando que teias de perdição,
sombrias e sem remorso, em seu meio o tinham
pela força de Morgoth; e sofreu por ele
e por Beleg, cujo arco não se dobrava mais,
sem madeira de teixo na batalha a cantar —
sua vida chegara àquela vasta espera
nos salões da Lua, muito além do mar.

Ouviu Flinding as trompas, um estrondo forte;
não era riso espectral de fantasma cruel
nem pés sem corpo que passam invisíveis —
os Orques despertavam; escutaram de longe
os gritos de Túrin; agora estavam em tumulto,
sua sede em chamas quando as sombras derradeiras
da noite partiam. Quase inerte de medo,
num sussurro rouco para surdos ouvidos
falou de seu terror; pois, de rastos, Túrin,
com membros estirados e imóveis olhos,
estava ao lado do corpo em louca tristeza;
nem visão nem som conheciam seus sentidos,
e murmurava palavras de luto sem juízo,

“Ah! Beleg”, sussurrava, “meu bravo irmão.”
Flinding o sacudia sem que desse por si:
mesmo se o entendesse, a morte preferiria.
Então ventos se levantaram em vastas masmorras
onde trovões, reboando, ecoavam e rugiam;
a tormenta caminhava com magnas bandeiras
nos quatro cantos do alquebrado mundo;
então cortou as nuvens um estrondo de corisco,
e, lançado feito seixos por centos de fundas,
o célere granizo desceu assobiando
num dilúvio escuro, com cópia de chuva.
Às vezes num crescendo, às vezes ao longe,
os gritos dos Glamhoth agora se ouviam,
e o uivo dos lobos aos urros do céu
triste se mesclava: a trilha perdiam,
pois torrentes copiosas rasgos traçavam
nas encostas negras, e nada se via,
de modo que aos tropeços, seu passo seguindo
para os portões de treva, tantos gobelins
afogaram-se ou entraram na Mortal Floresta,
perecendo nas sombras; enquanto o Sol não vinha,
enquanto a tempestade coriscava sem cessar
naquele dia escuro, e, encharcado e empapado,
Flinding go-Fuilin, sem fala pelo medo,
tremia encolhido; lívido e sem vida
jazia Beleg, o arqueiro; cabisbaixo e mudo,
Túrin Thalion, sob a touça de espinhos,
sentava-se sem ver, sem voz ou movimento.

As dunas ásperas de Dor-na-Fauglith
ciciavam e ardiam. Subiram altas espirais
de vapor e fumaça, mantos fétidos,

nuvens espessas que nada molhavam,
e veio a aurora, um vago lume,
depois que um dia inteiro tinha passado.
Os Orques se foram, sua ira inútil,
pelas vias em tumulto seu caminho seguindo
até os horrendos salões do reino do Inferno;
a Túrin Thalion não tinham como escravo —
o fardo que portava era mais fero que os grilhões,
ao desespero acorrentado, de espírito vazio,
em tristeza e luto para trás ficou.[C]

NOTAS

617 *Blodrin*: *Bauglir* em A e também na forma original de B. Ver o verso 618.
618 *Bauglir, filho de Ban* em A e em B quando datilografado (*Bauglir* > *Blodrin* foi uma mudança cuidadosa, feita logo, enquanto *Ban* > *Bor* foi mais apressada e posterior).
631 *Fangair* em A, *Fangros* na versão original de B.
636 *Tengwethiel* [*sic*] em A, *Tain Gwethil* em B quando datilografado. Cf. o verso 431.
653 *Túrin Thaliodrin* em A e na versão original de B. Cf. os versos 115, 333, 720.
661, 696 Vale o mesmo que para o verso 618.
711 *Aiglir-angrin* em A, *Aiglir Angrin* na versão original de B, emendado para *Eiglir Engrin* rapidamente a lápis; cf. o verso 1055. No *Conto de Turambar* ocorre a forma *Angorodin* (as Montanhas de Ferro), II. 99.
711–14 Em A (e também na versão original de B, com *os Infernos erigidos* no lugar de *os Infernos de Ferro*):

> onde estão Aiglir-angrin, os Altos de Ferro,
> e as Thangorodrim, montanhas trovejantes,
> sobre os Infernos de ferro e os infames salões,
> presos às raízes das cruentas ravinas.

718 Cf. a segunda adivinha que Bilbo propôs a Gollum.[i]
720 Tal como no verso 653.
780 *Delimorgoth* em A, *Delu-Morgoth* na versão original de B, *dark Morgoth* [*Morgoth sombrio*] sendo uma emenda tardia a lápis. Nos versos 11 e 51, *Delu-Morgoth* é uma emenda de *Delimorgoth* no texto B.
816 *Tûn* também no texto A; ver os versos 50, 430.
818–20 Ao lado desses versos, meu pai escreveu na margem do texto B: “Capturado em batalha nos portões de Angband”.
826 *pelos penedos negros da Planície Calcinada* em A (verso marcado com uma interrogação)

834 *sorte*: *senso* em A e na versão original de B; *sorte* foi escrito a lápis e não é uma interpretação totalmente segura.
946 *Daideloth* em A, forma emendada, no momento em que o texto foi escrito, para *Dor-na-Maiglos*, *Dor-na-Fauglith* na versão original de B. Na margem de A está escrito: "um platô, palavra derivada de *Dai*, 'alta', e *Deloth*, 'planície'"; comparar com II. 406, verbete *Dor-na-Dhaideloth*.
990 *Blodrin, filho de Ban* em A e na forma original de B; *filho de Ban* > *filho de Bor* em partes posteriores de B. Nos versos 617–18, 661, 696 em A e na versão inicial de B, o termo era *Bauglir*, alterado para *Blodrin* em B.
1055 *Aiglir Angrin* em A e no texto B quando datilografado; ver o verso 711. *Bauglir* em A e B.
1098 Esse verso recebeu emendas em B, mas o significado delas é incerto: aparentemente *Então desdobrando o arco, Beleg perguntou:*
1137 Na margem de B está escrito *r?*, isto é, o adjetivo em inglês seria *dreadly* [terrivelmente], e não *deadly* [mortalmente].
1147 *Leste*: *Sul* no texto A e na forma original do texto B.
1198 A forma em inglês *bosméd* [*bosomed*, "no seio"] foi grafada dessa maneira tanto em A quanto em B
1214 *Nargil*: *Loruin* em A, com *Nargil* acrescentada como alternativa.
1324 *Túrin Thaliodrin* em A e na versão original de B; conferir os versos 653, 720.
1335 *Thalion-Túrin* em A e no texto datilografado originalmente em B.

Comentário a *Parte II, "Beleg"*

Nessa parte do poema há alguns desenvolvimentos narrativos de grande interesse. O texto acompanha o *Conto* (II. 98) ao fazer com que Beleg se torne um dos membros do bando de Túrin nas marcas de Doriath não muito depois da partida do jovem das Mil Cavernas, e sem nenhum evento intermediário — em *O Silmarillion* (p. 272), Beleg foi até Menegroth e, depois de falar com Thingol, partiu em busca de Túrin, enquanto no *Narn* (pp. 120–23), há o "julgamento de Túrin" e a intervenção de Beleg, que traz Nellas como testemunha antes de seguir a trilha do amigo. No poema, fica explícito que Beleg não o estava procurando e, de fato, não sabia absolutamente nada sobre o que tinha acontecido nas Mil Cavernas (verso 595). Mas o bando de Túrin não é mais formado pelos "espíritos bravios" do *Conto*; eles são hostis em relação a todos os forasteiros, sejam eles Orques, Homens ou Elfos, incluindo os Elfos de Doriath (versos 560–61, 566), tal como em *O Silmarillion* e, com muito mais detalhes, no *Narn*, onde o bando é conhecido como *Gaurwaith*, os Homens-Lobos, que "eram temidos como lobos".

Aparece aqui o detalhe da captura e maus-tratos de Beleg por parte do bando, e também o da ausência de Túrin do acampamento naquele dia. Vários traços da história do *Narn*, de fato, já estão presentes no poema, embora ausentes do relato mais condensado em *O Silmarillion*. São coisas como o fato de que Beleg é amarrado a uma árvore pelos proscritos (577, *Narn*, pp. 133–34) e o que ocasionou a ausência de Túrin — ele estava

> na trilha dos Orques
> que trotavam para casa nas Montanhas de Ferro
> carregando o butim das terras dos Homens.

tal como no *Narn* (pp. 132–33), onde, entretanto, a história faz parte de um complexo conjunto de movimentos envolvendo o povo de Brethil, Beleg, os Gaurwaith e os Orques.

Enquanto no *Conto* é só nesse momento que Beleg e Túrin se tornam companheiros de armas, já vimos que o poema traz a história posterior, segundo a qual eles tinham lutado juntos nas marcas de Doriath antes da fuga de Túrin das Mil Cavernas (p. 39); e agora observamos também a evolução da trama, na qual o ânimo mudado de Túrin ao ver Beleg amarrado à árvore (*Saiu então o ódio dos olhos de Túrin*, 584) e as recriminações do próprio Beleg (*Serão os imigos de Feéria amigos dos Homens?* 603), levam o bando a usar suas armas, dali por diante, apenas contra *os imigos de Feéria* (644). Do grande juramento feito pelos membros do bando, ecoando de forma explícita o dos Filhos de Fëanor (634) — e, coincidentemente, mostrando que nessa jura a montanha sagrada de Taniquetil (Tain-Gwethil) foi citada como testemunha (636) — não há traço algum em *O Silmarillion* ou no *Narn*: nesse texto mais tardio, de fato, a maneira como os proscritos são concebidos faz com que esse tipo de juramento seja muito improvável.

Os versos 643 e seguintes, descrevendo a valentia dos camaradas na floresta, corresponde à forma mais antiga da história da Terra de Dor-Cúarthol, que nunca chegou a ser finalizada (*O Silmarillion*, pp. 277–78, *Narn*, pp. 211–13); os versos 651–54

até em Angband os Orques tremiam.
Correu então a notícia nas trilhas da floresta
de que Túrin Thalion voltara à guerra;
e Thingol a ouviu…

acabam levando a

Em Menegroth, e nos salões profundos de Nargothrond, e mesmo no reino oculto de Gondolin, a fama dos feitos dos Dois Capitães se fazia ouvir; e em Angband também eles eram conhecidos.

Mas, na versão posterior da história, Túrin se disfarçava usando o nome de Gorthol, o Elmo Temível, e foi o fato de usar o Elmo-de-dragão que o revelou a Morgoth. Não há indicações disso na fase mais antiga da lenda; o Elmo-de-dragão não aparece mais no poema.

Uma tabela pode ajudar a esclarecer esses desenvolvimentos:

Conto	*Balada*	*Silmarillion* e *Narn*
A valentia de Túrin nas marcas de Doriath (Beleg não é mencionado).	Túrin e Beleg são companheiros de armas nas marcas de Doriath; Túrin usa o Elmo-de-dragão.	Idêntico ao poema.
Morte de Orgof.	Morte de Orgof.	Morte de Saeros.
Túrin deixa Doriath; um bando se forma ao seu redor, incluindo Beleg.	Túrin deixa Doriath; um bando de proscritos se forma ao seu redor, e eles atacam todos os passantes.	Túrin deixa Doriath e se junta a um bando de proscritos desesperados.
	O bando captura Beleg (que nada sabe da fuga de Túrin de Doriath) e o amarra a uma árvore.	O bando captura Beleg (que está em busca de Túrin, trazendo o perdão de Thingol) (e o amarra a uma árvore, *Narn*).
	Túrin o liberta; arrepende-se de seus maus atos; Beleg se junta ao bando; todos fazem um juramento.	Túrin o liberta; arrepende-se de seus maus atos; mas Beleg não quer se unir ao bando e parte. (Não há menção a um juramento.)
Grande valentia do bando.	Grande valentia do bando contra os Orques.	(Beleg retorna posteriormente e se junta ao bando:) Terra de Dor-Cúarthol.

Antes de deixar para trás essa parte da narrativa, é possível sugerir que os versos 605 e seguintes, nos quais Túrin declara a

Beleg "*neste bando apenas conto camaradas*", contém o embrião das palavras de Túrin ao Elfo na *Narn*, p. 136:

> O perdão de Thingol não se estenderá a estes meus companheiros de decadência, creio; mas não me separarei deles agora, se não quiserem se separar de mim etc.

O traidor responsável por entregar o bando aos Orques aparece agora pela primeira vez. De início, ele é chamado de *Bauglir* tanto no texto A quanto na versão original de B, e pode-se imaginar que o nome tinha um significado maligno demasiado óbvio. Está bastante claro, porém, que a explicação é que o nome *Bauglir* passou a ser *Blodrin* ao mesmo tempo em que *Bauglir* substituiu *Belcha* como epíteto de Morgoth. (No momento em que meu pai chegou ao verso 990, *Blodrin* passa a ser o nome escrito originalmente tanto em A quanto em B; da mesma forma, a partir do verso 1055, *Bauglir* passa ser o epíteto de Morgoth, substituindo *Belcha* em ambas as versões.) A mudança do nome de *Ban* (pai de Blodrin) para *Bor* foi passageira; ele é chamado de *Ban* no "Esboço da Mitologia" de 1926 e continuou assim até que, muito mais tarde, desapareceu.

A origem de Blodrin é interessante:

> quando criança,
> arrastaram-no os Anãos à treva de suas casas,
> e em Nogrod foi criado; em nada se parecia,
> malgrado o seu sangue, aos graves Elfos. (666–69)

Assim, a natureza maligna de Blodrin é atribuída explicitamente à influência dos *barbados Anãos / que juras não respeitam* (1148–149); e Blodrin se aproxima de Ufedhin, do *Conto do Nauglafring*, como exemplo do efeito sinistro da associação de Elfos com Anãos – algo que não está de todo ausente do conto de Eöl e Maeglin conforme retratado em *O Silmarillion*. Embora a natureza e o nome do traidor no bando de Túrin tenha passado por mutações camaleônicas mais tarde, não é inconcebível que a lembrança desse elemento anânico na história de Blodrin tenha desempenhado algum

papel no surgimento do personagem Mîm. Quanto à percepção hostil inicial dos Anãos, ver II. 295–96. Os trechos do poema citados há pouco estão ligados à "traição" de Flinding por sua faca anânica, que deslizou de sua bainha; do mesmo modo, mais tarde, na *Balada de Leithian*, quando Beren tentou cortar uma segunda Silmaril da Coroa de Ferro (versos 4160–162)

> A faca de artesãos matreiros
> feita em Nogrod por ferreiros
> se parte em dois …

A ideia expressa no *Conto* (II. 99) segundo a qual Túrin foi capturado vivo por ordem de Morgoth, que "temia que ele pudesse burlar a condenação que lhe fora preparada", reaparece no poema: *para selar seu destino* (705).

O resto da história, conforme está narrada no poema, difere do *Conto* apenas nos detalhes. O fato de que Beleg sobrevive ao ataque dos Orques e se recupera rápido de seus graves ferimentos (II. 100), presente em circunstâncias muito alteradas em *O Silmarillion* (p. 278–79), aqui talvez fique mais compreensível, já que Elfos de Doriath, que estavam procurando Túrin (654–55) encontram Beleg e o levam para ser curado por Melian nas Mil Cavernas (727–31). No relato sobre o encontro de Beleg com Flinding em Taur-na-Fuin, sendo conduzido até ele pela lâmpada azul, o poema está seguindo o *Conto* muito de perto.[j] A pintura dessa cena, feita por meu pai (*Pictures by J.R.R. Tolkien*, n. 37), quase certamente data de alguns anos depois disso, quando o Elfo deitado debaixo da árvore ainda era chamado de Flinding, filho de Fuilin (no *Conto* ele é chamado de *bo-Dhuilin*, anteriormente *go-Dhuilin*, filho de Duilin; o prefixo patronímico, no poema (814, 900) voltou a ter a forma anterior *go-*, ver II. 145).

No *Conto*, afirma-se apenas (II. 104) que Flinding era membro do povo dos Rodothlim"antes de os Orques o capturarem"; com base no poema (819–21), a impressão é que ele foi capturado, junto com muitos outros, em Nargothrond, mas é improvável que esse seja o

significado da narrativa, já que *eles* [os Orques] *nada ainda sabiam de Nargothrond* (verso 1578). A nota marginal no texto B ao lado desses versos, dizendo "Capturado em batalha nos portões de Angband", refere-se à versão posterior da história, que apareceu pela primeira vez no "Silmarillion" de 1930.

O poema acompanha o *Conto* quanto aos detalhes da história de Flinding que ele reconta a Beleg, com exceção do fato de que, no poema, ele é recapturado pelos Orques em Taur-na-Fuin (846 e seguintes) e foge de novo (*escapou de suas garras qual pobre verme*), enquanto no *Conto* ele não foi recapturado, mas "[fugiu] desabalado". O detalhe notável do conto, que diz que Flinding "ficou sobremaneira contente de falar com um Noldo livre" reaparece no poema: *Ouviu com magno espanto / a língua anciã dos Elfos de Tûn*. Os detalhes do encontro deles com a hoste de Orques são ligeiramente diferentes: no *Conto*, os Orques tinham mudado o caminho que seguiam, enquanto no poema parece que Beleg e Flinding simplesmente chegaram mais rápido do que os Orques ao ponto onde a estrada deles emergia da borda da floresta. No *Conto*, parece que, de fato, os Orques não tinham deixado a floresta quando acamparam à noite: os olhos dos lobos "brilhavam como pontos de luz vermelha entre as árvores", e Beleg e Flinding colocaram Túrin no chão depois de resgatá-lo "nas matas, não muito longe do acampamento". No poema, a *copa escavada da encosta de um morro*, onde os Orques montaram seu bivaque, é o "vale desnudo" de *O Silmarillion*.

Diferentemente do *Conto* (ver p. 37), Beleg agora é chamado com frequência de *Beleg, o arqueiro*, seu grande arco (que ainda não tem nome) é descrito em detalhes, bem como sua habilidade ímpar de arqueiro (verso 1071 e seguintes). O poema também descreve a flecha Dailir, que sempre é encontrada e nunca sofre danos (1080 e seguintes), até se quebrar quando Beleg cai em cima dela quando está carregando Túrin (1189–192): não há menções a ela em versões posteriores. Os detalhes sobre a habilidade do arqueiro podem ter surgido a partir da mudança na história da entrada de Beleg e Flinding no acampamento dos Orques, ou podem ter causado essa mudança. No *Conto*, os dois simplesmente "arrastaram-se entre os

lobos num ponto onde havia um grande vão entre eles", enquanto no poema Beleg realizou a façanha de flechar sete lobos na escuridão, e assim "grande foi a brecha que na guarda se abriu" (1097). Mas as palavras do *Conto*, "pela sorte dos Valar Túrin jazia ali perto", são ecoadas em

> até que os trouxe a sorte,
> e a arte e astúcia do mateiro Beleg,
> até Túrin, o alto, que deitado se via (1130–132)

O fato de os dois Elfos levantarem e carregarem Túrin, classificado no *Conto* como "um grande feito", "visto que era um Homem de maior estatura que eles" (II. 102), é narrado de forma expandida no poema (1156 e seguintes), com um comentário sobre a estatura de Homens e Elfos nos tempos antigos, que está de acordo com afirmações anteriores sobre o tema (I. 283, II. 175, 265). Os marcantes versos

> embora o porte dos Homens menos peso tivesse
> antes que a abundância da Terra herdassem dos Elfos
> (1157–158)

estão relacionados às afirmações citadas em II. 393: "Conforme a estatura dos Homens cresce, a [dos Elfos] diminui", e "conforme os Homens se tornam mais poderosos e numerosos, as fadas se desvanecem e diminuem e atenuam-se, tornando-se translúcidas e transparentes, mas os Homens se tornam maiores, mais robustos e mais grosseiros". No mesmo trecho, a menção às *dez raças* de Hithlum (1164) não ocorre em nenhum outro lugar, e não fica claro se ela diz respeito a todos os povos de Homens e Elfos que, em um outro lugar dos *Contos Perdidos*, são colocadas em Hithlum, região que, como observei, "parecia correr o risco de ficar superpopulosa" (ver II. 298, 301).

O *Conto* afirma que foi a faca de Beleg que escorregou de seu cinto quando ele se infiltrou no acampamento; no poema, isso ocorre com a faca de Flinding (1142 e seguintes).; No *Conto*, Beleg volta

para pegar sua espada no lugar onde a deixou, já que não conseguiam mais carregar Túrin; no poema carregam Túrin ao longo de todo o caminho até a *depressão escura sob a touceira espessa* de onde tinham partido (1110, 1202). O "feitiço de amolar" de Beleg, lançado sobre sua espada (ainda sem nome) é um elemento inteiramente novo (e que não aparece mais tarde); ele surgiu a partir da associação com o verso 1141, *Nada podia cortar as trelas que o prendiam*. O estilo do trecho lembra o do "feitiço de esticar" de Lúthien no Canto V da *Balada de Leithian*; mas não existe nenhuma outra menção aos nomes do feitiço, como *Ogbar*, *Gaurin*, *Rodrim*, *Saithnar*, *Nargil* e *Celeg Aithorn*.

É nesse ponto que aparece no poema o misterioso *riso zombeteiro* (1224), ao qual parece que a expressão *riso espectral de fantasma cruel* no verso 1286 se refere, e que é mencionado de novo na parte seguinte do poema (1488–490). O propósito narrativo disso é, evidentemente, fazer com que a lâmpada seja coberta e que Beleg trabalhe rápido demais, no escuro, ao cortar os grilhões. Também é possível que o ferimento da mão de Beleg, quando ele toca a ponta de Dailir, sua flecha (1187), explique sua falta de jeito, pois cada um dos aspectos dessa cena forte tinha sido sopesado e refinado.

No poema temos também a primeira aparição da grande tempestade, pressagiada, de início, nos versos 1064 e seguintes, quando Beleg e Flinding estavam na beira da depressão (tal como ocorre em *O Silmarillion*):

> Sus! nuvens de ébano
> dos breus do Norte subiram qual fumaça,
> velando o brilho da Lua que tremia;
> veio então o vento, uivando nas montanhas,
> e a infeliz charneca bisbilhava e murmurava

A tempestade finalmente desaba depois da morte de Beleg (1301 e seguintes), durando todo o dia seguinte, no qual Túrin e Flinding ficaram agachados na encosta (1320, 1330–331). Por causa da tempestade, os Orques não conseguiram encontrar Túrin e partiram, tal como em *O Silmarillion*; no *Conto*, Flinding fez com que Túrin

caísse em si e fugisse assim que os gritos no acampamento dos Orques se fizeram ouvir, e não se diz mais nada sobre o assunto. Mas, no poema, tal como no *Conto*, a lâmpada de Flinding, quando fica descoberta, ainda é o que ilumina o rosto de Beleg; no último relato sobre esse episódio que meu pai escreveu, ele estava indeciso entre a lâmpada descoberta ou um grande clarão de relâmpago como fonte dessa luz, e, na obra publicada, escolhi a segunda opção.

Ainda resta abordar alguns pontos isolados, que têm a ver principalmente com nomes. Nessa parte do poema, encontramos pela primeira vez:

Nargothrond 821, 904;

Taur-na-Fuin (no lugar de *Taur Fuin* dos *Contos Perdidos*) 766, 828; também chamada de *Floresta Mortal* 767 e *Floresta da Noite* 896;

Dor-na-Fauglith 946, 1035, 1326, também chamada de *Estepes Ressequidas* 826 ou *Estepe Ressequida* 947 (e, em A, na nota ao verso 826, *a Planície Calcinada*). O nome *Dor-na-Fauglith* foi cunhado durante a composição do poema (ver nota ao verso 946). Nessa época, a história da incineração da grande planície nortenha, transformando-a num deserto cheio de poeira durante a batalha que encerrou o Cerco de Angband, já devia ter sido concebida, embora só apareça em forma escrita vários anos depois.

Aqui também ocorre a primeira referência aos picos triplos das Thangorodrim (1000), chamados de *as torres trovejantes* (951), embora no "Prólogo" o poema afirme que Húrin estava preso *no excelso pico* (96); e, nos versos 713–14 (conforme foram reescritos no texto B), ficamos sabendo que Angband está *presa às raízes* da grande montanha.

O nome *Fangros* (631; *Fangair* em A) ocorre uma vez em outro manuscrito, numa nota muito obscura, na qual aparentemente está ligado à queima dos navios dos Noldoli.

O epíteto *Mablui* dado a Melian — *as mãos de magno encanto de Melian Mablui*, 731–32 — claramente contém o elemento *mab*, "mão", tal como em *Mablung*, *Ermabwed* (ver II. 408).

A afirmação de que os Anãos, no texto A e originalmente no texto B, habitam o Sul (1147, emendado em B para *Leste*) talvez tenha relação com a frase do *Conto do Nauglafring* segundo a qual Nogrod ficava "a grandíssima distância para o sul, além da vasta floresta nas fímbrias daquelas grandes charnecas perto de Umboth-muilin, as Lagoas do Crepúsculo" (II. 271).

Não sou capaz de explicar a referência no verso 1006: *como do deus da guerra o agreste trigo*; nem a que aparece nos versos sobre o destino de Beleg após a morte, falando da longa espera dos mortos *nos salões da Lua* (1284).

III

FAILIVRIN

Flinding go-Fuilin, de fiel coração,
o gládio de Beleg com sangrenta lâmina
tirou desgostoso da terra molhada
e escondeu no oco de um denso espinheiro;
voltou-se então para Túrin, em transe ainda,
e disse-lhe suave: "De Húrin filho,
de infeliz coração, que senso haveria
em sentarmo-nos aqui, em tristeza e tormento,
sem esperança ou conselho?" Mas foi assim que Túrin,
que tais palavras despertaram, feito louco respondeu:
"Com Beleg fico; não me faças deixá-lo,
ó voz infiel. São vãs todas as coisas.
Ó Morte de negras mãos, aproximai-vos de mim;
se o remorso vos comove, por tão magno luto
esmagai-me vencido em vosso seio frio!"
Flinding respondeu, medroso não mais,
com ira e piedade: "Ergue teu orgulho!
Não foi assim sem refletir que em Thangorodrim,
acorrentado no alto, Húrin falou."
"Maldito é o teu conforto! Menos frio é o aço.
Se a Morte não vem para os que a morte anseiam,
vou buscá-la pela espada. A espada onde jaz?
Coisa fria e cruel, onde te escondes agora,
assassina de teu mestre? A emenda te cabe,
matando-me logo, dando-me lesto sono."
"Não tentes, desditoso, pôr termo à tua vida,
não poluas de novo a infeliz espada
nas carnes do amigo que ele buscou libertar;

o destino o matou, não as tramas de imigos.
Sim, cabe a ti buscar algum acerto,
aplacar a ira da conspurcada espada,
saciar dela a sede no sangue abominado
das legiões malditas do hórrido Bauglir.
Acaso a guerra é finda, as agruras de teu pai
menos terríveis, com a morte de Beleg?
Não penses que Morgoth tua perda choraria,
ou que ao teu enterro iriam os tétricos Glamhoth
—
menos lhes aprazem teu máximo ódio
e votos de vingança; e não é vã a coragem,
mesmo quando não traz a vitória consigo."

Então Túrin, feroz, saltando de pé,
gritou com loucura: "Poltrões dos Orques,
por que o rabo entre as pernas? Parados por quê,
quando o rebento de Húrin e de Beleg a espada
com fúria vos aguardam? Por agruras e males
eis aqui a vingança. Se arriscar não quereis,
hei de buscar-vos a todos nos quatro cantos
da irada Terra. Que um raio vos parta!"
Flinding, aflito, fez força para acalmá-lo,
e palavras sábias célere proferiu
para o rapaz sem juízo: "Espera, ó Túrin,
pois agora é preciso que sarem tuas feridas,
que tua força recobres, com fortes conselhos.
O que foge para lutar não se faz temeroso,
e a vingança com atraso atinge sua meta."
A loucura passou; mais calmo, ponderando,
sentou-se Túrin sob a trama das árvores,
meditando consigo as trevas da vingança,

enquanto o sol se punha e o crepúsculo vinha
e as primeiras estrelas se mostravam pálidas.

O enterro de Beleg naquelas tristes regiões
Flinding fez então; onde tinha tombado
deixou-o a jazer, rasando por cima
uma camada de folhagem, com longa labuta.
Mas Túrin, sem lágrimas, voltou-se de repente,
caiu sobre o cadáver, deu-lhe um beijo
nos lábios frios e pôs fecho a seus olhos.

O arco de teixo deitou ao lado dele,
palavras de despedida urdindo à sua volta:
"Boa jornada, Beleg, para inúmeros banquetes
nos Salões Sem-Tempo sob Tengwethil
onde bebem os Deuses, sob domos dourados
no além-mar luzente." Tremulava a canção,
mas secou-se o pranto em seus pobres olhos
com as chamas de angústia que enchiam sua alma.
Sua mente outra vez era um mundo de trevas
enquanto cobriam de todo a cabeça amada
com um teso, misturando terra e folhas.
Leve era o túmulo do solitário Beleg;
pesado era o opróbrio no peito dos vivos.
Tamanha desdita fundiu-se como um sinal
à sua face e forma, até o fim o marcou:
das tristezas de Túrin a terceira foi essa.

Desajuizado foi vagando, sem desejo ou propósito;
e sem Flinding, o fiel, seu fim viria logo,
ou se tinha perdido nas terras malignas.
No Gnomo de Nargothrond o denodo ressurgia,

a coragem e a ira pelo ódio despertadas,
e assim foi guarda e guia do agreste companheiro;
a lâmpada azulada lhes dava luz nos caminhos,
e se escondiam de dia, indo com rapidez à noite,
sob um manto de trevas ou de muitos vapores.

A história não fala da atroz jornada,
de como a estrada subia pela borda da floresta,
cujos galhos encurvados, vastos e negros
tentavam agarrá-los com tétrica malícia
para prender suas almas em escuridão silente.
Para o Ocidente seguiam, por sedentos caminhos
nas agruras da fome, perseguidos amiúde,
escondendo-se em covis e cavernas ocas,
sob a égide dos fados. Na última ponta
das dunas ressequidas de Dor-na-Fauglith,
a um teso imenso que assomava ao luar
chegaram à meia-noite; tinha brumosa coroa,
com linhas feito gotas de lágrimas que escorrem.
"Ah! verde é o cerro de imperecível relva
onde assentam-se as espadas de sete povos,
onde os rebentos de Feéria tombaram sem conta.
Ali lutaram na batalha a que todos chamam
Nirnaith Ornoth, Sem-Número de Lágrimas.
Ergueram o cerro com o sangue dos vencidos;
nem ao Sol nem à Lua sobem-no jamais
nem Homens nem Elfos; e a hoste de Morgoth
por medo não ousa jamais escavá-lo."
Assim Flinding falou, dando fraco alento
à tristeza de Túrin, que voltou sua mão
para as Thangorodrim, com tripla maldição
contra o magno monstro, Morgoth Bauglir.

Com passos cansados atravessaram depois
a sanga esbelta do Sirion ainda jovem;
qual um fio de prata, havia pouco que brotara
da límpida nascente nas colinas encobertas,
os Montes de Sombra, cujas cimeiras íngremes
ali se dobravam na beira das alturas
em que há mantos de névoa, os montes do Norte.
Ali os Orques o cruzavam; em outros lugares
temiam o Sirion, cujas magnas águas
por pântano e charneca, prado e bosque,
por grutas e cavas no oculto seio
da Terra profunda, por territórios vazios
e léguas incultas tão caras a Ylmir
fluía ligeiro, com ínclita fama
nas canções dos Gnomos, e lançava-se ao mar.
Chegaram pois às raízes e à ruína dos sopés
daqueles grises montes que guardam Hithlum,
os intonsos pinheiros das Montanhas de Sombra.
Ali os dois foram postos num crepúsculo-fantasma,
em dédalos vagos e escuridade impura,
em Nan Dungorthin, onde deuses sem nome
têm altares velados em trevas secretas,
mais antigos que Morgoth ou os magnos senhores,
Deuses de ouro do Oeste protegido.
Mas os fantasmas que habitam o estranho vale
mal não lhes fizeram, e o caminho seguiram
com medo na pele e os membros a tremer.
Mas às vezes risadas com vagos ecos,
feito zombaria de bestas e demônios
insolente e oca no lusco-fusco,
Flinding captava, atroz e obscena

como o riso zombeteiro, tétrico e perdido
que ecoou nas rochas na hora terrível
em que Beleg morreu. "É de Bauglir a voz
que se escuta sombria com escárnio mortal",
pensava estremecendo; mas o senso de medo
e os agouros sombrios acabaram de todo
quando passaram os barrancos e as rochas rebentadas
que cercavam o valão de malícia vigilante
e mais ao sul viram os cerros de Hithlum,
mais cálidos e acolhedores. Para lá seguiram
sob a luz do dia, por valões e ravinas,
charnecas e penedos, inúmeras pastagens,
por altos e quedas de águas luzentes
que desciam rumo ao Sirion na soma de suas vagas,
varrendo do leste o leito que avançava
para o Sul, para o mar, para o sal e a areia.

Depois de sete dias, o sono os apanhou
numa noite estrelada, quando ao lado estavam
aquelas terras amadas que outrora Flinding
tão bem conhecera. Nos albores do dia,
as setas alvas do Sol que girava
fitavam contentes os grotões verdejantes
e as ladeiras sorridentes que adiante viam.
Ali os troncos fornidos de antigas faias
magnos se erguiam com suas mil folhas
douradas e pardas, com plúmbeas raízes
trajadas de leve com translúcidas folhas;
as pontas dos galhos sopradas para cima
pelas asas dos ventos, que vagos desciam
pelas flores curvadas, num bafejo de odores
até a margem travessa e com vagas d'água.

Ali papiros e caniços com plumas eriçadas
e folhas feito lanças chacoalhavam trêmulas,
verdes à luz solar. Então alegre fez-se a alma
de Flinding fugitivo; em sua face a manhã
cintilava dourada, e os raios seus cabelos
lavavam de sol. "Vamos, desperta,
ó Túrin Thalion, da tristeza e tormento!
Em Ivrin o riso das águas é eterno.
Sus! frescas e claras, as fontes da lagoa
são cristais infalíveis, limpos para sempre
graças a Ylmir anciano, das águas artífice,
que em dias antigos moldou sua beleza.
Do Oceano mais longínquo amiúde ainda vêm
as mensagens dele sua magia trazendo,
curando os corações, com esperança e coragem
para os imigos de Bauglir. Bom amigo é Ylmir,
que mantém na memória, nas Terras de Júbilo,
os apuros dos Gnomos. Aqui do Narog as águas
(que na língua dos Gnomos têm o nome de 'torrente')
nascem e, faceiras, os penedos saltando,
os meandros pulam com espuma farta
e giram para o sul, para as salas secretas
de Nargothrond, que os Gnomos fizeram
quando morte e cativeiro na contenda terrível
de Nirnaith Ornoth um número parco
deles evitou. Dali contorna o rio
as Colinas dos Caçadores, o lar de Beren
e da Dançarina de Doriath, gerada por Thingol,
volteia e vagueia antes da terra dos salgueiros,
a bela Nan-Tathrin, e por dezenove léguas
prossegue jubiloso, até seu leito se juntar
ao do Sirion no Sul. Rumo ao sal das restingas,

onde narceja e gaivota e os ventos do mar
pipilam e brincam, apertam-se juntos,
lançando-se silentes nos assentos de Ylmir,
onde as águas do Sirion e as ondas do mar
num murmúrio se mesclam. Uma margem de areia
ali jaz, alumiada pela alva luz do Sol;
ali o dia todo há o estrondo do Oceano,
e chamam as aves marinhas em altos conclaves,
hostes de asas alvas assobiando tristonhas,
vozes incontáveis gritando sem parar.
Há ali uma ilhota, que ao largo brilha,
de pedrinhas feito pérolas ou pálido mármore,
que os borrifos das ondas arrancam à tarde
e à lua reluzem, ou raladas gemem
quando o Habitante das Profundezas, a scendendo
com fúria, arranca pelas águas até as muralhas da terra;
quando os ginetes comados de espumantes cavalos
com freio e rédea rasgam as ondas,
com coroas de algas e restos de naufrágios,
qual trovão galopando nas vagas inquietas."

Assim Flinding falou, o feitiço sentindo
de Ylmir, o antigo, que tudo recorda,
e que são e santo passava por Ivrin
e pelo Narog espumoso, de modo que nunca
havia ali Orque, e que na ávida corrente
não se punham saqueadores. Se o propósito seguissem
de alcançar as terras que existiam adiante
(ainda nada sabiam de Nargothrond),
passariam por Hithlum, seus altos escalando
um pouco além do lago encovado,
as Montanhas de Sombra que tinham seu reflexo

nos alagados de Ivrin. Ávido e pálido,
Túrin escutava a história de Flinding:
o estrondo das águas soava em suas palavras,
um eco de Ylmir e suas prodigiosas conchas
sopradas no abismo. Em seu peito renasceu
então a esperança, e rápidos seguiram
para o lago dos risos. Longo e estreito
é o braço que ele estende, que antigas rochas
com capa de relva circundam fortes,
em cuja ponta de repente se abre
uma brecha, uma porta na pétrea cerca;
de onde jorra fino, em jatos feito fios,
o Narog recém-nascido, por dezenove braças
com força cintilante fero despenca,
e uma taça luzente com fontanas vítreas
preenche o rio, rasgo de chafarizes
no fresco seio das fragas cristalinas.

Beberam ali à farta, antes que se fosse o dia,
Túrin, exausto, e seu constante companheiro;
consolou suas dores, com alívio ao coração,
das malhas da desgraça sua mente se soltou
nos assentos de relva ao som das águas,
assistindo em assombro ao Sol poente
passar pelos muros dos montes selvagens,
cujos picos de púrpura o crepúsculo vazavam.
Então veio o escuro, e vastas sombras,
subindo as encostas, cobriam de ocaso
as últimas luzes, de escarlate lavadas.
Alcançando as estrelas, com mantilhas de pedra,
as montanhas vigilavam, até que a Lua nasceu
no Leste sem-fim, e os lagos de Ivrin,

em sonhos profundos, eram reflexo tênue
de seus pálidos rostos. Ponderando imóveis,
absortos, calados, nenhum som faziam,
até que brisas frias, em bafejo agudo,
claro e fragrante, cercaram a ambos;
para dormir buscaram uma cava cavernosa,
com fundo de areia; ali o fogo acenderam,
com flores de chama no enxame luzente
dos galhos de faias; os fumos subiam
em fios estreitos, quando Túrin, súbito,
de Flinding a face iluminada fitou
e, pesando as palavras, falou-lhe hesitante:
"Ó Gnomo, nada sei de teu nome ou propósito
do sangue de teu pai — que sina te prende
aos passos sem juízo de um pobre viandante
que foi a morte de Beleg, seu irmão de armas?"

Flinding, temeroso, para que um resto de loucura
a alma de Túrin de tristeza não tomasse,
recontou seus feitos, suas fainas e andanças;
de como os meandros sem trilhas de Taur-na-Fuin,
Floresta Mortal, em suas tramas o prenderam;
falou de Beleg, o arqueiro, bravo, inabalável,
e da façanha que fizeram no cerro escuro,
que as canções desde então incessantes louvam;
da sina que sobreveio em balbucio falou,
da touceira densa sob enredados espinhos
onde o poder de Morgoth magno se mostrou.
Então sumiu sua voz sob um véu de luto,
e eis que as lágrimas escorriam no rosto de Túrin,
até soltar-se de todo a correnteza represada
de seu imenso pesar. Longamente chorou,

em silêncio, tremendo, as mãos na areia,
os dedos crispados em dor imensurável.
Mas domínio sobre Flinding o medo não mais tinha;
nenhum frio conforto foi seu alento;
pois um sono profundo apossou-se dele.
Então uma voz cantando veio perturbá-lo,
e ele acordou intrigado: a fogueira morrera;
a noite ia avançada, nada se movia,
mas uma canção, subindo no breu silente,
seguia magna e forte ao firmamento estrelado,
Era Túrin, o alto, na orla da alagoa,
de pé, perto da ponta da cachoeira
agora caindo fraca, entoando em ecos
canção de tristeza e trágico esplendor,
um grito por Beleg e sua glória imortal.
De sua lavra vinham palavras encantadas
a que as plantas e as poças resposta davam,
e as pedreiras gemiam d e dor por Beleg.
Seu canto de então recordam sempre;
pelos Gnomos lembrado em Nargothrond,
“A Amizade do Arqueiro” já convocou hostes
a enfrentar na guerra o agreste Bauglir.

Contam que Túrin voltou-se então,
caminhou até Flinding e foi se deitar,
dormindo em sossego até o Sol subir
ao alto firmamento e para oeste seguir.
Uma visão ele viu nos vastos espaços
que no sono visitava: parecia vagar
pelos penedos tristes de desnuda encosta
até uma copa escavada num vale cruel,
em cuja borda rachada arbustos torturados

pelo vento Norte, num novelo de agonia,
numa franja se postavam. Hostil e eriçada
era a escura touceira, uma sarça de espinheiros
em mistura com teixos que o tempo enrijecera.
Os galhos sem folhas que erguiam em desalento
eram manchados, tisnados, desnudos e sem casca,
restolhos sem vida de trovões que inflamam,
dedos chamuscados que não deixam de apontar
para o crepúsculo maligno. Então falou com anseio:
"Ó Beleg, bom irmão, ó Beleg, dize-me
onde está teu túmulo nestas terras amargas?" —
e os ecos, em sussurro, diziam sempre "Beleg";
mas uma voz velada, vaga e distante,
captou a chamar, gritando como à noite
na calma do mar: "Não procures mais.
Meu arco apodrece no duro teso;
minha mata queima com magno relâmpago;
aqui a treva habita, ninguém se atreve a profanar
a ira desta terra, nem Orque, nem gobelim;
ninguém cruza os portões da triste floresta
por esta senda perigosa; passar não podem,
mas minha vida voou para a vasta espera
nos salões da Lua, muito além do mar.
Que a coragem te conforte, camarada solitário!"

Despertou em assombro; estava são seu juízo,
a coragem o confortava; gritando chamou
Flinding go-Fuilin, e então foi até ele.
Ali o Sol lançava suas setas de prata
pelas tranças áureas das águas caindo,
em coroa radiante de arco-íris.
"Qual trilha, ó Flinding, é mister seguir,

ou ficamos para sempre com o sussurro das águas,
no lago do riso, ao léu, tranquilos?”
“Para Nargothrond dos Gnomos, creio”,
respondeu ele, “devo eu ir,
que Celegorm e Curufin, preclaros filhos
de Fëanor fundaram a pós a fuga para o sul;
ali têm um baluarte contra o ódio de Bauglir
e se escondem agora, em secreta liga
com os outros cinco nas sendas do Leste,
de Morgoth imigos magnos e implacáveis.
Maidros, a quem Morgoth em tormento mutilou
é lorde e líder, que lesto, com a esquerda,
empunha a espada; há o pulcro Maglor,
e há Damrod e Díriel e a escuridão de Cranthir,
os sete que seguem as sendas de seu pai.
Ora, Orodreth rege os reinos e cavernas,
as hostes sem número de Nargothrond.
Lá já terá posto porte de mulher
a frágil Finduilas, a dama veloz,
sua filha querida, que nos fortes salões
é a luz e o riso, a quem logo amei
e nesse amor persisto; é o amor que me chama.”

Onde a correnteza do Narog com estrondo rangia
pelo leito repleto de pedras e penedos,
céleres para o sul as sendas buscaram,
e o verão sorridente ajudava a jornada
dia após dia, enveredando por matas
onde pássaros alegres, pondo-se a cantar,
com música brincavam em meio às árvores.
Ninguém os espiou seguindo avante
até chegarem à garganta onde o Ginglith vira,

com reflexos d’ouro, a saudar o Narog.
Sua torrente mais gentil juntava-se ao tumulto,
deslizando unidos pela planície vigiada
até as Colinas dos Caçadores, que para o sul, no alto,
levantam suas rochas com vestes de verdura.
Ali agora vigiavam os Guardas do Narog,
caso o perigo dos Gnomos do Norte viesse
pois o mar, no Sul, a salvo os mantinha,
e o ávido Narog o Este defendia.
Suas torres fortes no topo dos morros
não deixavam ver luz na ramalheira das árvores,
trompas não soavam no alto das colinas
com grande alarme; silente barreira,
invisível, furtiva, os estranhos cercava,
como de coisas selvagens que veem imóveis
e então seguem céleres, com seda nas patas,
a presa distraída com ódio constante.
Desse modo lutavam, fantasmas caçadores
que a Orques vagantes e hórridos inimigos
davam acosso em silêncio, emboscando nas trevas.
Silentes eram os mortos, e silentes as setas
dos ágeis Gnomos de Nargothrond,
que palavra ou sussurro insones vigiavam
em suas fundas casas, de forma que rumores
não chegavam a Bauglir. Era bela a sua esperança,
e a leste do Narog para lutas abertas
nem razão nem conselho os trazia ainda,
embora em lança e escudo e lâminas na bainha,
em hábeis guerreiros sua hoste ganhara
poder e valentia, e em distantes sendas
seus batedores e mateiros andavam caçando.

Assim, seguiram os dois onde eram densas as árvores
e o rio ia correndo sob um barranco elevado,
espumando com pressa aos pés das colinas.
Na escuridão verde às apalpadelas avançavam;
e ali sua sina defendeu das setas da morte
a Túrin Thalion — uma trança espessa
de raízes agrestes fez gancho em seus pés;
quando caiu, feito raio, rápida e alada,
veio veloz flecha a resvalar por seu cabelo,
tremendo repentina mais atrás, numa árvore.
Então Flinding, cobrindo-o, f ero gritou:
"Quem dispara incerto suas setas contra amigos?
Flinding go-Fuilin, dos filhos do Narog,
e o rebento de Húrin, seu bom companheiro,
aqui buscam abrigo de Bauglir do Norte."

Ecos de suas palavras não vieram na mata;
nem galho frouxo nem folha seca
estalavam, nenhum rumor de rastejamento ali
rompia o silêncio. Caladas e imóveis
nas clareiras em volta estavam as verdes sombras.
Assim iam adiante, e olhos invisíveis
sentiam a vê-los, e pisoteios inaudíveis
o tempo todo por trás iam vindo,
até que cada arbusto e basta touceira
era motivo de medo, e furtivos fugiam,
mas não houve mais setas com cicio alado,
e chegaram a campos com cura lavrados;
por calmas sebes e alqueires bem-cuidados
zanzavam, vendo vazios de gente
os pastos, as lavras e as leivas do Narog,
o lavradio fértil guardado pelas árvores

entre os montes e o rio. Havia muitas enxadas
nos campos largadas, e escadas caídas
nos gramados verdes dos pomares fartos;
as árvores lhes voltavam as tranças de sua copa,
enxergando-os em segredo, e da grama as pontas
tudo escutavam; a tarde começava
e forte era o Sol, mas frio sentiam.
Nem palácio nem casa de largos frontões
tesos e iluminados naquela terra viram,
mas um caminho simples que muitos pés
haviam palmilhado. Para lá os conduziu
Flinding go-Fuilin, que foi recordando
a estrada branca. Em pouco tempo chegaram
ao extremo das fazendas, que estreitas ficavam
entre os muros e a água, sumindo afinal
em barrancos floridos na beirada do caminho.
Uma torrente espumante, derramando-se farta
do ponto mais alto do Descampado dos Caçadores,
atalhava-lhes o passo; ali, de pedra lavrada
com arco fino e formas elegantes,
havia uma ponte, posta luzente
nos espirros cintilantes da espuma do Ingwil,
que debaixo dela com sibilos escorria.
Onde se unia à torrente do Narog viajante
viam-se íngremes os ombros fortes
das colinas, sobranceiras, sobre a apressada água;
encoberto por árvores, um alto terraço,
largo e serpenteante, liso de tão aplainado,
foi feito na face da forte encosta.
Portões escuros, gigantescos nas sombras,
foram cortados no barranco; inham troncos imensos,
e batentes e vergas de vastas pedras.

Estavam bem trancados. Tocou-se então trombeta,
qual fanfarra fantasma que tênue vinha
do fundo da colina, de salões sob a terra;
um portal rangente para trás se escancarou,
e avante veio um vasto contingente,
leves saltando, com lanças em riste,
e céleres deram cerco aos viandantes
confusos e cansados, sem fala os empurraram
pelo portão aberto rumo ao breu mais além.
Raspava e gemia em seus magnos gonzos
o portão gigante; com estrondo ponderoso
bateu e se fechou feito estalo de trovão,
e ecos medonhos em corredores vazios
penetravam rugindo os tetos escondidos;
a luz não mais se via. Levavam-nos adiante,
por longos caminhos ao léu nas trevas,
os guardas, guiando seus tateantes pés,
até que o fraco bruxuleio do fogo em tochas
assomou diante deles; murmúrios indistintos,
como os de muitas vozes em massa que se encontra,
ouviram ao avançar. Mais para cima foi o teto.
De repente uma virada com espanto fizeram
e viram um solene e silente conclave,
no qual centenas, calados, no lusco-fusco,
sob domos distantes e tetos escuros,
sem palavras aguardavam. Ouviam o fluxo das águas,
com ecos de correntezas e volteios velozes,
em meio à multidão, e em montes pálidos,
por cinquenta braças, abria-se uma fonte,
e ondeando pálida, com salpicos vermelhos
corada cintilando à luz das tochas,

caía então, nas ígneas sombras,
aos pés de um rei posto em seu trono.

Uma voz ouviram na caverna ecoando,
a voz do soberano: "Por que vindes cá,
do Norte em desgraça para Nargothrond,
ó Gnomo cativo e Homem sem-nome?
Não se acolhe aqui proscrito vagante;
só a morte ganha quem agora nos visita,
pois aos que infringem nosso refúgio final
não cabe pedir outra dádiva de mim."
Então Flinding go-Fuilin fero respondeu:
"Pois dormiu a vigilância nas matas do Narog
desde que Orodreth regia esta gente e este reino?
Ou como foi que os caçados pelas sendas vagaram
se os vigias não o quiseram, por tua justa palavra?
Ou como não soubeste que teu bravo arqueiro,
que lançou sua flecha nas sombras da floresta,
ouviu nossa linhagem, ó Senhor do Narog,
e conhecendo nossos nomes as setas armadas
não mais disparou?" Meio mudo, abafado,
um murmúrio se espalhou em meio à multidão,
e alguns havia dizendo: "É verdade, ele mesmo:
aquele tão buscado encontra-se enfim
sabia o caminho para a magna Nargothrond,
pois aqui nasceu, cresceu e morou";
Mas a fala de outros era: "O filho de Fuilin
sumiu, e o procuraram por muitos anos.
Qual sinal de que é o mesmo mostra este aqui,
para termos certeza? Este fugitivo esquálido,
de lombo curvado, é mesmo o líder audaz,
o bravo batedor que, zombando do perigo,

era o mais viajado da gente do Narog?”
“Foi o que nos contaram”, veio a fala em resposta
1895 do Rei Orodreth, “mas seria errado acreditar.
De que, de todos os cativos distantes de casa
que os Orques de Angband em hórridas correntes
levaram às profundezas, só voltaste tu,
por graça ou coragem, da agreste servidão,
1900 quais provas me mostras? Que argumento tens
para que um Homem, um mortal, esteja entre nós
neste reino oculto, nosso risco aumentando?”
Assim a maldição pelo assassínio cruel
no Porto dos Cisnes seu coração tocava,
1905 mas Flinding go-Fuilin fero respondeu:
“Será que o filho de Húrin, do que enfrenta no alto
uma sina sem morte e magnas cadeias,
desconhecido, sem nome, precisa de argumento
para não ter o destino de contrário e espião?
1910 Flinding, o leal, que ao longe vagou,
por mais que forma e face os fogos da angústia
e a servidão amarga, o tormento dos Balrogs,
tenham-no distorcido, uma canção de boas-vindas
esperava ouvir na volta para o lar
1915 com que tanto sonhara nas trevas da labuta.
Estes magnos paços masmorras se tornaram,
uma pequena Angband na casa dos Gnomos?”

No peito de Orodreth a ira se inflamou,
e os resmungos foram crescendo em muitas vozes,
1920 e tudo e nada gritava a multidão;
mas com doçura, de repente, uma canção despertou,
uma voz de música sobre o murmúrio intenso
subindo em melodia até os domos de névoa;

com ecos claros os arcos cavernosos
preencheu, e frágil, fina e trêmula,
foi tecendo palavras das que recebem ao lar
os cansados do caminho com muito desvelo
desde que os Gnomos suas andanças começaram.
Então calou-se o grupo; ninguém se voltou,
pois conhecido e amado era o som que se ouvia,
e Flinding o reconheceu, junto ao assento do rei,
de pé, em silêncio, qual pedra entalhada,
de sofrido coração; mas no filho de Húrin
despertaram assombro e tristes pensamentos,
e, perscrutando as sombras que o assento encobriam,
no trono real, captou três vezes
um brilho, um chamejo de vestimentas brancas.
Era a frágil Finduilas, fugidia e delgada,
que estatura de mulher e lânguida beleza
tinha atingido, e que contente recebia
os dois fugitivos, assim detendo a ira.
Firme permanecera em seu seio o amor
que brotara com risos havia tantos anos,
quando nos prados risonhos a donzela brincava
com o filho veloz de Fuilin, o Gnomo.
As cicatrizes cortantes dos atrozes anos
cegar não podiam a gana em seus olhos,
molhados de lágrimas, lindos e trêmulos
pelas dores gravadas em vales sombrios
no rosto de Flinding. "Ó Rei", disse ela,
"que delírio de dúvida prendeu teu juízo?
Este é Flinding go-Fuilin, cuja fé outrora
ninguém punha em dúvida. À destra dele,
se este Homem solitário, de enlutada sina,

de boa fé afirma ser o filho varão
de Húrin Thalion, que tipo de povo
poderia descrê-lo, ou recusa lhe dar?
Não há ninguém entre nós que agora recorde
aquele magno dos Homens, marcas de parentesco
buscando e encontrando nesses tristes olhos,
em suas formas e feições? Os fâmulos de Morgoth
não surgem, creio, com sede e com fome
e sem bandos de Orques; não têm semblante assim,
grave e lhano, de olhar tão firme."

O coração de Túrin em assombro tremeu
com a doce piedade, a brandura gentil
daquela voz terna, um toque de sabedoria
que os anos de saudade tinham dado a ela;
E Orodreth, cujo peito conhecera pouca dor,
mas que amava tanto aquela triste dama,
deu ouvido e resposta às impávidas palavras,
e dúvidas e temores, o medo da traição
e sua fúria impensada fez cessar dentro de si.
Não poucos havia que em velhos tempos
viram Finweg tombar na flama das espadas
e Húrin Thalion a cortar as hostes
dos monstros dos Glamhoth, demônios em legiões,
e que chegando, ao vê-lo, com muitas vozes gritaram:
"São os traços do pai que retornam ao mundo,
sua forte estatura, os mesmos feros braços;
mas tristezas e cuidados seu genitor não feriam,
pois tinha olhos risonhos, luzentes e claros,
à mesa ou na batalha, na ventura ou na dor."
Nem podiam descrer da escuta das palavras
e do amor de Flinding quando amigos e parentes

e seu pai correram para pôr nele os olhos.
Eis que filho e genitor com força se abraçaram
sob os galhos trançados de grandes árvores
nas fímbrias escuras daquelas fundas mansões
que a gente de Fuilin longínquas construíra,
vivendo no fundo da vasta floresta
a Oeste, nas encostas do Campo dos Caçadores.
Das quatro gentes sob o jugo do rei,
os senhores das torres, os mateiros do descampado
e os que guardavam a ponte, o luzidio arco
lançado por cima do cicio do Ingwil,
entre os filhos de Fuilin era forçoso escolher,
os de mais nobre fama, renome e valor.

Nos salões das colinas foi alegre o retorno,
mas o júbilo e as lágrimas juntos vieram
pelos anos sofridos, cujas ásperas dores
no filho de Fuilin, em sua forma e seu rosto,
foram mudança e fardo, fizeram fraco seu riso
que antes leve saltara em seus lábios e olhos.
Agora o amor gentil fazia amenos os cuidados,
a canção dava sossego aos corações tristes;
foram espalhadas as lâmpadas e as luzes acesas
sobre a mesa enfeitada; aos festejos chamaram
Túrin Thalion e seu constante camarada,
com tudo disposto em fartura imensa,
pratos e taças na lustrosa madeira
de veios encerados, com o vinho em odres
decorados que bruxuleavam em ouro e prata.
Então Fuilin encheu com fluido hidromel,
bebida entesourada, basta e potente,
uma taça entalhada com estranha borda

pela arte avoenga de ancianos artífices,
belamente formada, com muitas maravilhas;
nela luzia e vivia, em cinzenta prata,
o povo de Feéria no ínclito zênite
dos Reinos Abençoados; nas altas frontes
guirlandas douradas, com os lindos cabelos
soltos ao vento e os céleres pés
correndo imprecisos, em imperecíveis relvados
os antigos Elfos, sempiternos na imagem,
dançavam imortais nas pastagens altas
dos hortos dos Deuses; havia a áurea Glingol,
e Bansil argêntea seu brilho lançando,
um luar tão alvo na aura de suas flores;
os cerros de Tûn, de cimos verdejantes,
com Côr por coroa, nos coles serpeando,
de tesas muralhas onde a torre de Ing
com pálido pináculo o crepúsculo varava,
e sua lâmpada de cristal luz lançando
com mínimo facho sobre os Mares Sombrios.
Desastre e ruína, a ira dos Deuses,
exaustas jornadas, o exílio e os ermos,
a taça entalhada isso tudo atravessara,
júbilo e opróbrio, a perda da esperança
quando pouco sobrava do saber de outrora.
Agora Fuilin a enchia nas festas raramente,
salvo para jurar amor a amigos comprovados;
com bom ânimo a bebida ofereceu,
alegre por seu filho, que a seu lado estava,
a Túrin Thalion, mostrando-lhe o sinal
de um laço de amor que muito duraria.
“Ó filho de Húrin, de Hithlum chefe,
a quem o luto marca, que o hidromel dos Elfos

deixe leve teu peito com a luz da esperança;
e, no fim dos festejos, não te afastes de nós,
seja aqui teu assento; se esta mansão profunda,
escavada nas trevas e de vastas abóbadas,
não te desagrada, um lugar tens aqui.”
Sôfrego sorveu a doçura da bebida
Túrin Thalion, e, voltando-se, agradeceu,
probo e sincero, enquanto o povo todo,
com riso barulhento e longos festejos,
com balada tristonha ou louca música
de mágicos menestréis, que magnas canções
teciam de assombro, seu coração afastava
do peso dos presságios; o repouso, então,
ao estranho foi dado, quando na treva silente
a luz e o riso e as límpidas vozes
apagaram-se no sono. Esguio e frígido,
o crescente da Lua de lado luzia
sobre as águas imprecisas que insones corriam,
o rio dos Gnomos, o Narog noturno.
Dos dosséis altivos nas sendas da mata
das corujas caçando vinha o som oco.

Agora a casa de Fuilin os fados ditavam
que fosse a morada do fero destino
de Túrin, o alto. Labutava e pelejava
com o povo de Fuilin, a Flinding honrando;
saberes esquecidos oube graças a eles,
pois a luz resistia na treva daqueles lugares,
e a sabedoria vivia em tal selvática gente,
cujas mente recordava os Montes do Oeste
e os rostos dos Deuses, com rasgos de glória
mais claros e fortes que as escuras gentes

ou os Homens sem ciência do anciano júbilo.

Assim, Fuilin e Flinding foram seus amigos,
e os salões deles sua casa, enquanto o lindo verão
se tornava outonal, e as ventanias do oeste
em sua faina soltavam as folhas dos galhos;
o chão da floresta de dourado esmaecido
e brônzeo-castanho cobriu-se por completo;
um farfalhar constante se escutava nas veredas,
sussurros nos recantos. Eis que a Barcaça de Prata,
a Lua vagante de esguio mastro,
cobria-se de chamas como de basta fornalha
cujo âmago guardara a calidez do verão,
cujos véus foram cerzidos com luzente flama,
erguendo-se rubra sobre a beira da Noite,
junto aos cais brumosos na margem do mundo.
Assim os meses passavam, e muito ele vagava
pela floresta com Flinding, com seu fado à espreita,
por enquanto dormente, e ele buscando alegria,
estudando o saber e celebrando a aliança
com os Gnomos renomados de Nargothrond.

Nas matas explorava os caminhos ao longe,
e nos segredos da terra se adestrava célere,
sem deter-se no inverno, a todo tempo acostumado,
fosse neve ou geada ou áspera chuva
dos céus iracundos, sem sol e grisalhos,
fria e cruel, ávida contra a terra,
até que as cheias se iniciaram e as águas barrentas
do Narog devastador, transbordando raivosas,
carregaram-se de entulho e, com túrbida espuma,
passavam em tumulto; ou, num chamejo pálido,

o entardecer congelado largo se abria,
um domo de cristal sobre as profundezas de silêncio
dos ermos sem vento e das vagas matas
feito fantasmas de gelo sob estrelas piscantes.
De dia ou à noite, sem necessidade o perigo
ele enfrentava e procurava, terrível vingança
insaciada buscando contra Angband e seus filhos;
mas com o avanço do inverno selvagem e sem sendas,
e com as neves cortantes, que os desnudos rostos
dos outeiros solitários e dos topos dos morros
açoitavam e torturavam, e menos raro era vê-lo
em camaradagem com a gente do Narog,
acrescentando engenho e jeito com as mãos,
o domínio sutil da música e do cantar
e a poesia sem-par ao seu prévio saber
e arte de mateiro; histórias miríficas
contavam a Túrin os cantores áureos
naquelas fundas mansões; sempre iam
aos paços e salões do impávido rei
os dois amigos, em desenfadamentos e festejos,
pois a frágil Finduilas pedia a seu pai
favores e honras a ambos os guerreiros,
e sem vontade ele cedia, de triste coração
e fundos conselhos — era fria sua raiva,
sua dor irascível, incessante sua ira;
mas fero e cruel com os fogos do ódio
seu peito ardia contra a prole do Inferno
(pelo assassínio de seu filho, o de céleres pés,
Halmir, que caçava o cervo e o javali),
e não demorou para que o rei descobrisse
parentesco em seu íntimo com Túrin, o jovem,
em suas sombras e silêncios, em sonhos andando

com angústia e remorso e aumento crescente
de sua revolta insaciável. Favor então ganhou
da parte do rei, posto na companhia
dos que à sua mesa estavam, e por muitos feitos
e ávidas aventuras no Oeste e no Norte
conquistou renome entre testados guerreiros
e arqueiros destemidos; e m muitas batalhas,
emboscadas secretas em que atacava célere,
em que voava a peçonha das serpes emplumadas,
suas setas venenosas, na sombra dos vales
cumpria suas missões, mas pouco lhe agradava,
por seu apreço pelo escudo e pela espada afiada,
por sua mão faminta por armar-se como outrora,
mas, desde a morte de Beleg, temia sacar
ou usar uma lâmina. Grandes loas ganhava,
por menos que as buscasse, e era caro a muitos.
Quando histórias contavam dos tempos passados,
de valentia afamada e sumidos triunfos,
glória quase olvidada, desdita inesquecível,
pediam, imploravam que ele lhes desse canção
sobre façanhas em Doriath, nas sombras da floresta,
nas margens escuras, ocultas da luz,
onde Esgalduin, o élfico rio,
cercado por raízes e com capa de silêncio,
de redemunhos fundos com murmúrios sinistros,
passando veloz à sombra dos portais
das Mil Cavernas. À memória lhe vinham
os caminhos da mata onde, muito antes,
Beleg, o mateiro, consigo tinha um menino
andando em vales e cerros e touceiras pantanosas
sob árvores encantadas; então detinha-se sua língua
e sua história cessava.

Por Túrin pesaroso
comovia-se maravilhada uma linda donzela,
a frágil Finduilas, a quem “Failivrin”,
o brilho cintilante nas bordas vítreas
do lago de Ivrin, em loas os Elfos
agora chamavam. Em angústia ponderava,
dia e noite, que desdita profunda
ia no coração dele, a destroçar sua vida;
pois a sina de horror e terrível morte
de Beleg mateiro em constante silêncio
Túrin mantinha, nem contava nada
Flinding, o fiel, dos seus feitos e jornadas
juntos nos ermos. Da jovem o amor
pela forma e face de infindas angústias,
pelas costas curvadas e pequena força,
pelos olhos tristonhos e o tímido riso
de Flinding, o fiel, ia se esvaindo,
por mais que, com a pena, seu peito ardesse.
Com modos de ancião e ares idosos,
era sábio e gentil em conselho e juízo,
tudo vendo e prevendo, mas raivoso nunca
nem fero e valente, mas se a luta chamava
dela não fugia, embora andrajos de medo
inda pendessem de seu peito; não odiava ninguém,
mas era raro sorrir — rasgos de luz
só se viam em sua face, com fogo no olhar,
se Finduilas, quiçá, à frente corria
no parque relvoso, ou pálida surgia,
centelha de prata nos paços sombrios.[k]
Mas para Túrin voltou-se o seu triste coração,
contra juízo e vontade e consciência desperta:
nos sonhos o buscava, à sombra de seu pesar

dando lume com amor, e assim brilhava o riso
em olhos recém-acesos, e seu élfico nome
ávido ele pronunciava, e em invariável primavera
libertos vagavam por bosques encantados
de mãos dadas pelos gramados felizes
daquela terra cujo lume não é a luz deste mundo,
nem o sol nem a lua, m sendas intrincadas
até o abismo negro na beira do despertar.

De sua dor não curada o ferido coração
de Túrin, o alto, voltou-se para ela.
Em assombro e comoção, no seio de sua mente
o segredo guardava, nas duras horas
insones da noite, pelas sendas estreitas
e cansadas da reflexão passava ponderando
e destrancava seu sonho, mas o coração leal
voltava a cerrá-lo, ou com mortalha o cobria
de sono pesado, esquecido de tudo,
sem que entrassem ecos da eterna guerra
de mundos despertos, nem amigos nem dores,
nem flor nem fogo nem a força dos mares,
uma terra que a luz de todo abandonou.

“Ó mãos impuras, ó peito de pesar,
Ó proscrito cujo mal custas a redimir,
será que tu, perjuro, um ultraje novo
vais somar a teu fardo? Contra o irmão de armas,
Flinding go-Fuilin, tão feia traição,
ao que tratou de tua loucura em mortais perigos,
que às águas da cura teus inquietos pés
achou meio de levar, a caminhos de paz
onde estão suas raízes e habitava seu amor?

Ó mãos conspurcadas, não arranqueis sua esperança!”

Assim o amor se acorrentou em fortim de lealdade
e vestiu-se frio com corteses palavras;
mas ele ainda ansiava pela graciosa dama,
por suas palavras gentis alegre se achando,
o rosto dela observando quando via que ninguém
nele reparava. Mas reparou nisso alguém —
a face de Failivrin, com fios de luz
como o Sol entre as nuvens que célere viaja
por campos encobertos, que se abria e fechava
quando Túrin passava; os trêmulos sorrisos,
seus graves olhares sob a guarda das sombras,
seus suspiros em segredo — alguém via tudo,
Flinding go-Fuilin, que por fim em seu lar
o amor perdera com os duros anos,
vigiava absorto, sem uma única palavra,
e seu peito se fez negro entre a pena e o ódio,
em transtorno, exausto, nas teias de sua sina.
Então Finduilas, mais frágil e cansada
entre o antigo amor derrotado agora
e a recusa do novo, à noite chorava;
e o povo estranhava a pálida brancura
de suas mãos sobre a harpa, o ouro dos cabelos
sobre os ombros delicados caindo em tumulto,
a glória de seus olhos com fogueiras luzentes
de pensamentos secretos em magnas profundezas.

Muitos peitos com o fardo de nefastos augúrios
das trevas fugiam c om a ajuda do riso.
Em canções e quietude, tempestades e neve,

o inverno foi passando; veio então ao mundo
outra vez um ano novo, jovem e imaculado,
com verdor as folhas e d'ouro a luz,
as flores sempre belas, embora em certos corações
não houvesse primavera, e já estivessem próximos
apuros e terrores, e os passos do destino
àqueles salões viessem. Da hoste de ferro
chegavam mil rumores com angústia crescente;
Orques sem número a este do Narog
em destroços deixavam as fronteiras do reino,
o poder de Morgoth era imenso lá fora.
Emboscadas não os detinham; os arqueiros
cediam cerro a cerro, embora as setas venenosas[D]

Aqui tanto A quanto B terminam de forma abrupta, e me parece certo que mais nenhum verso do poema chegou a ser escrito.

NOTAS

1409 *Tengwethil* B, *Taingwethil* A. É o contrário das ocorrências anteriores; comparar com os versos 431, 636.
1417–418 Esses versos estão entre colchetes no texto B, e o de número 1418 foi riscado; na margem há uma indicação para excluí-lo, mas com uma interrogação ao lado dela.
1448 *Nirnaith Únoth* em A e na versão original de B, expressão corrigida a lápis para *Nirnaith Ornoth*. Em versos anteriores do poema (13, 218), as formas eram *Nínin Udathriol,* emendada em B para *Nínin Unothradin* (e também *Nirnaithos Unothradin* no verso 13). Cf. o verso 1543.
1469 *Ulmo* em A e no verso original de B; no texto datilografado, *Ulmo* foi riscado a lápis e substituído por *Ylmir*, mas essa versão do nome também foi riscada. Preferi a forma *Ylmir*; ver a nota ao verso 1529.
1525 *Túrin Thalion* em A e quando B foi datilografado (não *Túrin Thaliodrin*; ver a nota ao verso 1324).
1529 *Ylmir*: essa forma já consta em A e em B quando foi datilografado; o mesmo vale para os versos 1534, 1553, 1572 e 1585. Ver a nota ao verso 1469.
1537 Esse verso foi riscado a lápis no texto B.
1542–543 Esses versos foram colocados entre colchetes a lápis no texto B, com a expressão *Não foi assim* escrita na margem. Embora Únoth não tenha sido emendada aqui, preferi a forma *Ornoth* (ver nota ao verso 1448).

1558 *e chamam as aves marinhas em altos conclaves*: cf. o conto *A Vinda dos Elfos e a Criação de Kôr*, I. 154.
1673–676 Cf. os versos 1036–039.
1696–697 Cf. os versos 1283–284.
1710–711 O verso 1710 (totalmente) e o 1711 (parcialmente) foram riscados no texto B, com acréscimos marginais para que o verso 1711 tenha a seguinte forma:

> [por] Felagund fundada em sua fuga para o sul
>
> Também está escrita na margem a frase "*antes* de Nirnaith Únoth". No verso 1711, em A, no lugar de *fundaram* [*founded*, em inglês] está a palavra *encontraram* [*found*], mas, como o manuscrito foi escrito muito rapidamente, essa diferença pode não ser significativa.

1713–720 Esses versos foram colocados entre colchetes no texto B, como se precisassem de revisão, e dois versos foram escritos na margem para inserção depois do verso 1715:

> que para casa não voltaram, aos seus antigos salões,
> quando a batalha das lágrimas lutaram e perderam.

Não incluí esses versos (escritos, parece, ao mesmo tempo que os outros comentários marginais dessa passagem) no texto por conta da complexidade do "pano de fundo histórico" nesse ponto; ver o Comentário, pp. 102–03.

> Ao lado dessa passagem está escrito o seguinte na margem:
> mas Nargothrond foi fundada por *Felagund*, filho de Finrod (cujos irmãos eram Angrod, Egnor e Orodreth). Curufin e Celegorm habitavam em Nargothrond.

1719 *Cranthor* em A, *Cranthir* na versão original de B.
1724 *Finduilas*: *Failivrin* em A e também em B quando foi datilografado; *Finduilas* foi escrito a lápis na margem de B; o mesmo vale para o verso 1938. Ver ainda os versos 2130, 2175, 2199.
1938 *Finduilas*: o mesmo que no verso 1724.
1945 A palavra *filho* [*youngling*, "jovenzinho", no original] foi riscada no texto B e o nome *Flinding* foi escrito ao lado dela, mas é impossível que o resultado, *Flinding de Fuilin* (com aliteração no segundo hemistíquio), fosse a intenção do autor. Mais tarde, outra palavra foi escrita na margem, mas ela está ilegível.
1974–975 A expressão *Não foi assim* está escrita na margem do texto B.
1975 *Finweg* no texto A e também na versão original do texto B; bem mais tarde, o nome foi emendado para *Fingon* em B. Mantive *Finweg*, uma vez que esse ainda era o nome no "Silmarillion" de 1930.
1993–998 Em A e na forma original de B, a ordem desses versos era diferente:

> Das quatro gentes sob o jugo do rei,
> os de mais nobre fama, renome e valor,
> os senhores das torres, os mateiros do descampado
> entre os filhos de Fuilin era forçoso escolher,
> e os que guardavam a ponte, o luzidio arco
> lançado por cima do cicio do Ingwil.

2027 *Glingol* em A e no texto B quando foi datilografado; foi feita uma emenda tardia para *Glingal* em B. Mantive *Glingol*, a forma dos *Contos Perdidos* e ainda presente no "Silmarillion" de 1930; na obra publicada, *Glingal* é o nome da árvore dourada de Gondolin.
2028 *Bansil* no texto A e na versão original de B; o nome recebeu a emenda tardia de *Belthil* em B. Mantive a forma *Bansil* pela mesma razão que escolhi *Glingol* no verso 2027.

2030 *o cerro de Tûn, de cimo verdejante* em A e na versão original de B; emendado a lápis em B com a forma apresentada anteriormente; no verso 2031, *cole* no singular não foi corrigido, mas o fato de que a intenção era usar o plural *cimos* é demonstrado pelo texto C, ver pp. 100–01.
2130 Aqui usei *Finduilas*, embora o nome *Failivrin* não tenha sido emendado aqui no texto B como o foi nos versos 1724 e 1938. Ver notas aos versos 2175 e 2199.
2164 *Esgaduin* em A e no texto B quando foi datilografado; emendado a lápis com a forma *Esgalduin* em B.
2175 *a frágil Finduilas, a quem "Failivrin"* é a versão datilografada originalmente em B; *a frágil Failivrin* foi alterado no momento da composição para *Findóriel* no texto A (isto é, *a frágil Findóriel a quem "Failivrin"* etc.).
2199 *Finduilas* em A e B; *Failivrin* foi escrito na margem do texto A. Nas ocorrências seguintes (*Failivrin* 2242, *Finduilas* 2253), os nomes, tanto em A quanto em B, aparecem como os vemos no texto apresentado.

Nota aos textos da seção "Failivrin"

O texto B chega ao fim, em sua forma datilografada, no verso 2201, mas ele prossegue como um manuscrito escrito com cuidado por mais 75 versos. Essa última parte do poema foi escrita no papel de boa qualidade que meu pai usou por muitos anos em todos os seus textos (palestras na universidade, *O Silmarillion*, *O Senhor dos Anéis* etc.), feitos a tinta ou a lápis (isto é, quando não usava máquina de escrever). Ele obtinha esse papel em branco com as Examination Schools da Universidade de Oxford — eram as páginas não utilizadas dos blocos de papel que os candidatos recebiam antes de seus exames. A mudança de papel, entretanto, não demonstra que ele já tivesse se mudado de Leeds para Oxford (cf. p. 12), uma vez que ele atuou como examinador externo em Oxford nos anos de 1924 e 1926; mas sugere, por outro lado, que suas últimas alterações na Balada (antes que *Leithian* começasse a ser escrita) datam da parte final do primeiro ano ou do começo do segundo. A conclusão do texto A também está escrita nesse tipo de papel.

Ainda falta levar em consideração aqui mais um texto curto, um manuscrito produzido com cuidado que se estende do verso 2005 ao 2225, ao qual chamarei de "C". Os detalhes textuais mostram com clareza que C veio depois de B — creio que depois de um intervalo não muito longo. Algumas emendas ao texto B foram feitas em C também. Apresento aqui uma lista das diferenças mais importantes

entre C e B (pequenas mudanças de pontuação e de conexão entre as sentenças não entram nessa lista).

O texto C traz o título *Túrin na Casa de Fuilin e de seu filho Flinding*. Não está claro se esse deveria ser o título de uma quarta seção do poema, mas isso parece improvável caso a terceira seção continuasse a ter o nome de "Failivrin".

2005 *Agora fazia amenos os cuidados o amor gentil* C

2020 *zênite*] *verão* emenda a lápis

2027–028 *Glingol* > *Glingal* e *Bansil* > *Belthil* foram emendas feitas a lápis em C, tal como em B.

2029 A forma original do verso em B e C era *como luar tão mágico de suas ingentes flores;* em C, a emenda foi feita de maneira diferente, resultando em *qual mariposas de pérola postas ao luar*.

2030–032 C foi escrito exatamente como o texto de B depois da emenda (incluindo o plural no verso 2031); esses versos, depois, foram riscados e trocados pelos seguintes:

> o cerro à beira-mar, de cimo verdejante
> com Tûn por coroa, nas alturas serpeando,
> de tesos muros brancos, onde a torre de Ing

2036–053 são omitidos no texto C.

2069 Depois de *corujas caçando* o texto C tem linhas com pontos denotando omissão, e o texto é retomado de novo no verso 2081.

2083 *se tornava outonal*] *se tornava invernal*, uma emenda feita a lápis no texto C.

2114–116 são omitidos no texto C.

2123–128 O texto C omite os versos 2124, 2125b–127 e traz:

> e o domínio sutil da música e do cantar
> à sua arte de mateiro e maestria d'armas.
> Aos paços e salões do impávido rei

2135–138 O texto C omite esses versos (que se referem a Halmir, filho de Orodreth, morto pelos Orques) e diz:

> sua dor irascível, incessante sua ira;
> parentesco em seu íntimo encontrou o rei

2142b–143a O texto C omite esses versos e diz:

> com angústia e remorso. Assim, magnas honras
> deu o rei a Túrin; juntou-se à mesa dele

2158 *contavam*] *os homens contavam* é a emenda em C.

2164 *Esgalduin* foi grafado assim no texto C; ver a nota a esse verso acima.

Comentário a *Parte III, "Failivrin"*

Nesta seção extremamente marcante do poema, temos um grande desenvolvimento da narrativa em relação ao *Conto de Turambar* (se existiu alguma fase intermediária, não existem mais traços dela);

enquanto, ao mesmo tempo, a história dos Noldoli eLivross estava sendo aprofundada e ampliada em relação à maneira como é apresentada nos esquemas do *Conto de Gilfanon* — um fator que complica a apresentação dos poemas, já que afirmações a respeito da trajetória dos Noldoli muitas vezes foram deixados de lado durante o longo processo de composição.

O elemento mais notável de todos nesta parte do poema é a descrição de Nargohtrond, algo exclusivo da Balada. Em todas as reelaborações e reestruturações da saga de Túrin, essa parte permaneceu intocada, com exceção do desenvolvimento das relações entre Túrin, Gwindor e Finduilas que apresentei em *Contos Inacabados*, pp. 217–21. Nesse ponto, há um paralelo com Gondolin, descrita de modo muito detalhado no conto d'*A Queda de Gondolin*, o que nunca mais ocorreu. Como eu disse na introdução a *Contos Inacabados* (p. 18):

> Assim, persiste o fato notável de que o único relato que meu pai jamais chegou a escrever sobre a história da estada de Tuor em Gondolin, sua união com Idril Celebrindal, o nascimento de Eärendil, a traição de Maeglin, o saque da cidade e a escapada dos fugitivos — uma história que era um elemento central na sua imaginação da Primeira Era — foi a narrativa composta em sua juventude.

Gondolin e Nargothrond foram criadas uma vez, e não recriadas. Continuaram a ser fontes e imagens poderosas — ainda mais poderosas, talvez, porque nunca recriadas, e nunca recriadas, talvez, por serem tão poderosas. Tanto *Tuor* quanto *Túrin* acabariam, de fato, alcançando forma escrita fora do *Silmarillion* condensado, e o que meu pai realizou quanto a essa intenção eu já publiquei nas primeiras duas seções de *Contos Inacabados*; mas, embora ele tenha se posto a recriar Gondolin, nunca alcançou a cidade de novo: depois de escalar a encosta interminável da Orfalch Echor e atravessar a longa linha de portões heráldicos, ele fez uma pausa com Tuor à vista de Gondolin em meio à planície e nunca cruzou Tumladen de

novo. A recriação de *Túrin* foi muito mais além, mas aqui também ele deixou de lado o foco imaginativo de Nargothrond.

A fundação de Nargothrond

Discutirei primeiro o "pano de fundo" da história, que tem como centro a questão complexa da fundação de Nargothrond. No *Conto* (II. 104–05), Nargothrond não recebe nome e é representada pelas Cavernas dos Rodothlim; tal como no poema, Orodreth é o chefe desses Gnomos, mas aparece nessa fase como figura isolada, ainda não associada por parentesco a outros príncipes. Nada se afirma ali sobre a origem da fortaleza, mas penso que é certo imaginar que ela tivesse surgido (tal como Gondolin) depois da Batalha das Lágrimas Inumeráveis, já que, na fase mais antiga das lendas, como observei ao comentar o *Conto de Gilfanon* (I. 292),

> toda a história posterior dos longos anos do Cerco de Angband, culminando na Batalha da Chama Repentina (Dagor Bragollach), da travessia dos Homens pelas Montanhas, entrando em Beleriand, e de seus serviços junto aos Reis noldorin, ainda estava por surgir; de fato, esses esboços passam a impressão de que apenas um curto espaço de tempo se passou entre a vinda dos Noldoli desde Kôr e sua grande derrota [na Batalha das Lágrimas Inumeráveis].
>
> No poema, essa ideia ainda está claramente presente nos versos 1542–544:
>
> as salas secretas
> de Nargothrond, que os Gnomos fizeram
> quando morte e cativeiro na contenda terrível
> de Nirnaith Ornoth um número parco
> deles evitou.

Ao lado dessa passagem, meu pai escreveu "Não foi assim"; e esse comentário obviamente significa "Nargothrond *não* foi fundada

depois da Batalha das Lágrimas Inumeráveis", como se pode ver também em sua nota aos versos 1710–711:

> (para Nargothrond)
> que Celegorm e Curufin, preclaros filhos
> de Fëanor fundaram após a fuga para o sul

ao lado dos quais ele escreveu: "*antes* de Nirnaith Únoth". Quando, então, a cidade foi fundada? O "Esboço da Mitologia", certamente posterior ao poema (cujo pano de fundo ele foi escrito para explicar), já menciona, em sua forma mais antiga, o Sítio de Angband e a maneira como Morgoth o rompeu – embora isso seja descrito da forma mais genérica possível, sem qualquer referência à batalha que levou a esse fim do sítio; e o texto afirma também que naquele momento "Gnomos e Ilkorins e Homens se dispersam … Celegorm e Curufin fundam o reino de Nargothrond nas margens do Narog ao sul das terras do Norte". O "Esboço" (mais uma vez, em sua forma mais antiga e não revisada) também afirma que Celegorm e Curufin enviaram uma hoste de Nargothrond para a Batalha das Lágrimas Inumeráveis, que essa hoste se juntou à de Maidros e Maglor, mas "chegaram tarde demais par a batalha principal". "São rechaçados e impelidos para o Sudeste, onde por longo tempo habitaram, e não retornaram a Nargothrond. Lá Orodreth governava os remanescentes".

O problema é explicar, no caso da história anterior, como se vê no poema (Nargothrond sendo fundada por Celegorm e Curufin *depois* da Batalha das Lágrimas Inumeráveis), que os dois filhos de Fëanor não estão mais lá quando Túrin chega e Orodreth é o rei. Por que ambos *se escondem agora ... nas sendas do Leste* com seus cinco irmãos (1713–714)?

A única explicação que consigo propor é a seguinte. Quando meu pai escreveu os versos 1542–544, a visão dele era de que Nargothrond tinha sido fundada depois da Batalha das Lágrimas Inumeráveis (algo que fica bastante explícito). Mas, quando chegou aos versos 1710–715

(para Nargothrond)
que Celegorm e Curufin, preclaros filhos
de Fëanor fundaram após a fuga para o sul;
ali têm um baluarte contra o ódio de Bauglir
e se escondem agora, em secreta liga
com os outros cinco nas sendas do Leste,
de Morgoth imigos magnos e implacáveis

a história posterior já estava presente. (Não haveria nada de esquisito nisso: na *Balada de Leithian*, a história muda de um Canto para o outro.) Assim, *a fuga para o sul* se refere a quando Celegorm e Curufin fugiram da batalha que deu fim ao Sítio de Angband; *e se escondem agora ... nas sendas do Leste* refere-se ao período depois da Batalha das Lágrimas Inumeráveis, quando "não retornaram a Nargothrond" e "Orodreth governava os remanescentes", conforme foi dito no "Esboço".[1]* Quanto a essa visão, a nota de meu pai aos versos 1710–711 ("*antes* de Nirnaith Únoth") estava equivocada — ele pensou que os versos se referiam à forma antiga da história (assim como 1542–544 certamente o fazem), enquanto, na verdade, eles dizem respeito à versão mais recente. Essa explicação pode parecer forçada, mas é menos complicada que certas soluções claramente corretas para outros enigmas da história de "O Silmarillion", e não vejo outra maneira de sair dessa dificuldade. — Os dois versos adicionais que se seguem ao de número 1715:

que para casa não voltaram, aos seus antigos salões,
quando a batalha das lágrimas lutaram e perderam.

referem-se (creio) a Celegorm e Curufin, e reforçam a ligação com a versão posterior da história (isto é, que depois da Batalha das Lágrimas Inumeráveis eles não retornaram a Nargothrond).

A alteração nos versos 1710–711 faz com a passagem fique desta forma:

(para Nargothrond)
[por] Felagund fundada em sua fuga para o sul

E a nota marginal ao lado dos versos 1713, “mas Nargothrond foi fundada por *Felagund*, filho de Finrod” etc., reflete, é claro, um estágio ainda mais tardio, embora ele tenha se desenvolvido logo depois que o “Esboço” ganhou sua primeira versão. As mudanças essenciais na história de Nargothrond até esse ponto são, com certeza, estas:

1. Orodreth governava os Rodothlim em suas cavernas, que receberam habitantes pela primeira vez depois da Batalha das Lágrimas Inumeráveis.
2. Celegorm e Curufin fundaram Nargothrond após a Batalha das Lágrimas Inumeráveis.
3. Celegorm e Curufin fundaram Nargothrond depois do rompimento do Sítio de Angband; partiram à frente de uma hoste para a Batalha das Lágrimas Inumeráveis e não retornaram, mas permaneceram no Leste; Orodreth passou a governar o remanescente dos Gnomos de Nargothrond.
4. Felagund, filho de Finrod, e seus irmãos Angrod, Egnor e Orodreth, fundaram Nargothrond depois do rompimento do Sítio de Angband; Celegorm e Curufin passaram a viver lá.

Outro sinal de desenvolvimento da história e da genealogia dos príncipes dos Gnomos é a menção a *Finweg*, nome mais tarde emendado no texto B para *Fingon*, a quem *viram tombar na flama das espadas* na Batalha das Lágrimas Inumeráveis (1975). *Finweg* é um nome que apareceu logo no começo do poema (verso 29), mas ali ele corresponde a uma variante ou forma do nome de Finwë (Nólemë), o fundador da linhagem; esse *Finweg* aparece no “Esboço”, em sua versão original, como filho de Fingolfin.

Os Filhos de Fëanor anteriormente só tinham sido todos citados por nome no *Conto do Nauglafring* (II. 289); agora (versos 1716 e seguintes), com os nomes de *Cranthir* (emenda da forma *Cranthor* em B) e *Díriel* no lugar da forma anterior *Dinithel* (*?Durithel*), eles alcançam a forma que mantiveram durante muito tempo. Aparecem alguns epítetos característicos: em inglês, Maglor é chamado de “célere”, Cranthir de “moreno”, e o lado “matreiro” de Curufin, que

já aparece no *Conto do Nauglafring*, é aplicado aqui também a Celegorm. Menciona-se o fato de que Maidros empunha a espada com a mão esquerda, o que claramente implica que a história segundo a qual Morgoth o havia pendurado numa encosta pela mão direita, e que Finweg (> Fingon) o resgatou, já estava presente, tal como ocorre no "Esboço". A tortura do personagem e o fato de que o aleijaram já são mencionados nos esquemas narrativos do *Conto de Gilfanon* (I. 287, 289), mas não chegam a ser descritos.

Analisemos agora a narrativa principal dessa parte do poema. Os versos são um avanço em relação ao *Conto* pelo fato de mencionarem o que aconteceu com a espada de Beleg, o que não é citado antes; mas aqui Flinding a esconde no oco de um espinheiro (1342), e ela não tem outras funções na história. Se o poema tivesse avançado mais, Túrin teria recebido sua espada negra em Nargothrond, como presente de Orodreth, tal como acontece no *Conto* (II. 106–07). Também na narrativa em prosa, afirma-se que Túrin "não empunhara espada alguma desde o assassinato de Beleg, contentando-se em vez disso com uma clava imensa"; no poema, esse dado reaparece, e as implicações são explicitadas (2155–156):

> mas, desde a morte de Beleg, temia sacar
> ou usar uma lâmina.

O enterro de Beleg, com seu grande arco a seu lado, agora aparece (1399 e seguintes), e o beijo de Túrin, registrado no *Conto*, é mantido; o fato de que a marca de seu pesar pela morte do amigo (considerada a terceira de suas tristezas, 1421) nunca saiu de seu rosto continuou sendo uma característica importante da lenda.

Geografia

No *Conto* (II. 103–04), há pouquíssimos detalhes sobre a jornada de Flinding e Túrin entre o lugar da morte de Beleg e Nargothrond: com a ajuda da luz da lâmpada de Flinding, eles "viajavam à noite e escondiam-se durante o dia, e sumiram nas colinas, e os Orques não os encontraram". No poema, por outro lado, a jornada é descrita de

modo bastante completo e contém alguns detalhes notáveis. Ademais, não há nada na descrição que contradiga o mais antigo mapa do "Silmarillion" (que será publicado no próximo volume), o qual data desse período e pode ter sido feito originalmente em associação com este poema. Os viandantes passam, à meia-noite, pelo Teso dos Mortos, que se eleva ao luar *na última ponta / das dunas ressequidas de Dor-na-Fauglith* (1439–440); esse detalhe não chega a reaparecer na história de Túrin. A única referência anterior ao grande teso funerário está nos esquemas narrativos para o *Conto de Gilfanon*, onde ele é chamado de Monte da Morte e é erguido pelos Filhos de Fëanor (I. 291). Conta-se no poema que Túrin, apesar de seu grande desemparo, *voltou sua mão / para as Thangorodrim* ao ouvir as palavras de Flinding sobre o Teso, e amaldiçoou Morgoth por três vezes – tal como fez Fëanor na hora de sua morte depois da Batalha-sob-as-Estrelas (*O Silmarillion*, p. 156); o primeiro evento sem dúvida é o precursor do segundo. A inviolabilidade do Teso também aparece agora (1450–452).

Túrin e Flinding, depois disso, cruzam o Sirion não muito longe de seu nascedouro nas Montanhas de Sombra, onde o rio era vadeável (1457 e seguintes); trata-se de primeira referência à Nascente do Sirion. O poema descreve a grande jornada do rio até o Mar, com referências à sua passagem pelo subterrâneo (1467; cf. II. 236, 262) e por terras *tão caras a Ylmir* (Ulmo). Os viajantes então chegam a Nan Dungorthin, região que tinha sido mencionada no *Conto de Tinúviel* (ver II. 48, 81–2): Huan encontrou Beren e Tinúviel "naquela região setentrional de Artanor que depois se chamou Nan Dumgorthin, a terra dos ídolos sombrios", "mesmo então era uma terra escura e sombria e de mau agouro, e o temor caminhava sob suas árvores ameaçadoras". Meu pai hesitou durante muito tempo sobre a localização dessa terra: no dicionário gnômico, ela ficava a leste de Artanor (II. 81), no *Conto de Tinúviel* passa a ser uma "região setentrional de Artanor", enquanto aqui ela fica a oeste do Sirion, num vale das encostas meridionais das Montanhas de Sombra. No mais antigo mapa do "Silmarillion", Nan Dungorthin também foi, da mesma forma, colocada a oeste do Sirion (do lado

ocidental da Ilha dos Lobisomens), antes de voltar mais uma vez para a região ao norte de Doriath, onde permaneceu.

Conta-se que, quando Túrin e Flinding escalaram a saída do vale de Nan Dungorthin, eles *mais ao sul viram os cerros de Hithlum / mais cálidos e acolhedores* (1496–497). À primeira vista, isso parece difícil de entender, mas creio que o significado é o seguinte: de fato, eles estavam *nos cerros de Hithlum* nesse momento (isto é, abaixo da face sul das Montanhas Sombrias, que cercavam Hithlum), mas, ao olhar para o sul (na verdade, para o sudoeste), viram as regiões mais agradáveis ao longo desses sopés, na direção de Ivrin. Essa é também a primeira aparição de Ivrin, a nascente do Narog, e ela é retratada de forma muito clara. O verso (1537) que traz a etimologia de *Narog* ("torrente" em gnômico) foi riscado, mas isso aconteceu (creio) porque meu pai sentiu que a explicação era intrusiva, e não porque a etimologia tenha sido rejeitada. Sobre esse tema, pode-se mencionar que, numa lista de equivalentes dos nomes élficos em inglês antigo, composta alguns anos depois da escrita do presente poema e associada às traduções de textos élficos feitas por Ælfwine para sua língua materna, constam os pares *Narog*: *Hlýda* e *Nargothrond*: *Hlýdingaburg*. Hlýda era o nome em inglês antigo do mês de março ("o mês do vento barulhento"; cf. o nome quenya *Súlimë* e, em sindarin, *Gwaeron*); entre as palavras aparentadas estão *hlúd* (em inglês moderno, *loud*, adjetivo usado para sons altos, barulhentos), *hlýd*, "som", *hlýdan*, "produzir um som". O significado aqui é, sem dúvida alguma, "o barulhento"; o termo está por trás do nome *Lydbrook*, que designa um riacho inglês.

Seguindo o curso do Narog na direção sul, partindo de Ivrin, os viajantes

> [chegaram] à garganta onde o Ginglith vira,
> com reflexos d'ouro, a saudar o Narog.
> Sua torrente mais gentil juntava-se ao tumulto,
> deslizando unidos pela planície vigiada
> até as Colinas dos Caçadores, que para o sul, no alto,
> levantam suas rochas com vestes de verdura. (1736–741)

Um pouco antes, Flinding descreveu para Túrin como o Narog, passando por Nargothrond, "dali contorna as Colinas dos Caçadores, o lar de Beren e da Dançarina de Doriath" (1544–546). Nesses versos estão as primeiras aparições do rio Ginglith, da Planície Protegida e das Colinas dos Caçadores (todos locais mostrados no mapa mais antigo), embora as colinas propriamente ditas sejam descritas sem receber esse nome no *Conto*, II. 121. No mapa, Nargothrond aparece perto da extremidade norte das Colinas dos Caçadores, as quais se estendem bastante para o sul, diminuindo de altura até a costa do Mar a oeste das fozes do Sirion. Há várias afirmações sobre essas colinas. No *Conto*, são "alta[s] e arborizada[s]"; no poema, *levantam suas rochas com vestes de verdura*; em *O Silmarillion* (p. 174) onde são chamadas de *Taur-en-Faroth* ou *os Altos Faroth*, elas são "grandes terras altas florestadas"; no *Narn* (p. 206), são descritos como "pardos e desnudos". No poema, também são chamadas de *Descampado dos Caçadores* (1816, 1992), e o termo em inglês, *wold*, provavelmente está sendo usado com o sentido antigo de "floresta, planalto florestado". Se levarmos em conta a aquarela inacabada em que meu pai retratou as Portas de Nargothrond, muito provavelmente pintada em 1928 (ver *Pictures by J.R.R. Tolkien*, n. 33), ele imaginava as colinas como grandes elevações rochosas que ficavam por cima de uma floresta densa em suas encostas mais baixas. No verso 1746, os Guardas do Narog observam o cenário de *suas torres fortes no topo dos morros / que não deixavam ver luz na ramalheira das árvores*; essas torres de vigia ficavam no norte das Colinas dos Caçadores e estavam voltadas para o norte (1743–745), e pode não ser por acaso, portanto, que, no mapa mais antigo, (apenas) a extremidade norte das colinas apareça como um lugar com densa cobertura florestal.

Conforme Túrin e Flinding foram para o sul, pela margem oeste do Narog, o rio ia *espumando com pressa aos pés das colinas* (1770), e as lavouras pelas quais passavam

> [mais] estreitas ficavam
> entre os muros e a água, sumindo afinal
> em barrancos floridos na beirada do caminho. (1812–814)

Da mesma forma, o mapa mostra o Narog ficando cada vez mais próximo da orla nordeste das Colinas dos Caçadores. Aqui os viajantes cruzaram o espumejante Ingwil, que descia das colinas, ao passar por uma ponte estreita; essa é a primeira aparição desse regato (cf. *O Silmarillion*, p. 174: "o riacho curto e espumejante chamado Ringwil se lançava de cabeça no Narog, vindo dos Altos Faroth"), e a ponte que passa por cima dele não é mencionada em nenhum outro lugar.

A Terra dos Mortos que Vivem (ou seja, de Beren e Tinúviel depois de seu retorno) agora é colocada nas Colinas dos Caçadores (1545–546), onde também tinha sido colocada originalmente no mapa. Essa região mudou de lugar com frequência ainda maior que a de Nan Dungorthin. No *Conto do Nauglafring*, ela ficava em Hisilómë (mas com uma nota no manuscrito dizendo que ela deveria ser colocada em "Doriath além do Sirion", II. 299); no *Conto de Tinúviel*, Beren e Tinúviel "tornaram-se fadas poderosas nas terras junto ao norte de Sirion" (II. 55). Depois de passar pelas Colinas dos Caçadores, a região seria trocada de lugar outras várias vezes.

Antes de deixarmos o Narog, encontramos aqui pela primeira vez em forma narrativa o nome *Nan-Tathrin* (1548), área que nos *Contos Perdidos* é sempre chamada por seu nome em eldarissa, *Tasarinan* (mas *Nantathrin* ocorre no dicionário gnômico, I. 320, verbete *Sirion*, bem como acontece com *Dor-tathrin* na lista de nomes de *A Queda de Gondolin*, II. 415).

Muito mais completa do que em qualquer outro relato posterior é a história, no poema, da estadia de Túrin e seu companheiro em Ivrin, e muito do que subjaz à passagem a esse respeito em *O Silmarillion* (p. 282) é revelado aqui. Em *O Silmarillion*, Túrin bebe da água de Ivrin, finalmente consegue chorar e sua loucura passa; depois disso, ele compõe uma canção para Beleg (*Laer Cú Beleg*, a Canção do Grande Arco), "cantando-a em alta voz, sem cuidar do perigo", e então pergunta a Gwindor quem ele é. Na Balada, todas essas características da história estão presentes, em ordem ligeiramente diferente. Flinding descreve para Túrin os cursos do Narog e do Sirion e a proteção de Ulmo, e Túrin sente que a esperança retorna

um pouco (1586–587); eles descem até o lago e bebem (1599–600); e *das malhas da desgraça sua mente se soltou* (1602). No começo da noite, enquanto se sentavam ao lado do fogo à beira dos alagados de Ivrin, Túrin pergunta a Flinding sobre seu nome e seu destino, e foi a resposta de Flinding que faz Túrin finalmente chorar. Flinding cai no sono, mas desperta quase no fim da noite, ouvindo Túrin cantar um lamento por Beleg na beira do lago (e aqui a canção é chamada de "A Amizade do Arqueiro"). Então o próprio Túrin cai no sono e, dormindo, retorna ao lugar terrível nas bordas de Taur-na-Fuin onde matou Beleg, procurando o ponto onde ele foi enterrado e as árvores enegrecidas pelos raios, e ouve então a voz de Beleg ao longe, dizendo para não procurar mais, mas para buscar conforto na coragem.

> Despertou em assombro; estava são seu juízo,
> a coragem o confortava; gritando chamou
> Flinding go-Fuilin, e então foi até ele.

A estrutura do episódio na Balada é firme e clara, as imagens, fortes e persistentes. Observei, na introdução de *Contos Inacabados*, que era triste que meu pai não tivesse avançado, na versão posterior do Conto de Tuor, além da chegada de Tuor e Voronwë ao último portão e à vista de Gondolin do outro lado da planície. Não é menos triste o fato de que ele nunca tenha recontado, em sua prosa mais tardia, a história de Túrin e Gwindor no Lago de Ivrin. A passagem em *O Silmarillion* não é uma substituta adequada dessa possibilidade; e é apenas com base no poema que somos capazes de captar totalmente a extensão do desastre sofrido por Túrin ao matar seu amigo.

A descrição, no poema, da esquivança e segredo dos defensores de Nargothrond deriva, em termos conceituais, do *Conto* (II. 104–05). Nessa narrativa

> os espiões e vigias dos Rodothlim … deram aviso de sua aproximação. Eles então fecharam as portas, na esperança de que os estranhos não descobrissem suas cavernas …

Quando Flinding e Túrin chegam às entradas das cavernas,

> os Rodothlim os assaltaram e os fizeram prisioneiros, levando-os para dentro de seus salões rochosos, e foram levados diante do chefe, Orodreth.

Tudo isso é retomado pelo poema, com muitas elaborações; há também o incidente no qual Túrin tropeça numa raiz e, assim, escapa da flecha disparada contra ele, fato seguido do grito de reprovação de Flinding para os arqueiros ocultos, depois do qual eles não são mais atrapalhados. Talvez não esteja tão claro no poema quanto no *Conto* o fato de que as lavouras e pomares de Nargothrond estavam desertas para que os viajantes não achassem a entrada das cavernas, especialmente porque eles viram *um caminho simples que muitos pés / haviam palmilhado* (1808–809) — embora se diga que a multidão no grande paço de Nargothrond estava esperando por eles (1856). Além do mais, no *Conto* eles não são atacados. Do jeito que a história é contada no poema, pode-se perguntar por que os arqueiros escondidos na mata, se acreditaram suficientemente no grito de Flinding para guardas as flechas, não apareceram naquele ponto e conduziram os dois como prisioneiros até as cavernas. O novo elemento da flecha disparada na floresta, creio, não tinha sido totalmente assimilado ao relato mais antigo sobre o recuo temeroso dos Rodothlim, na esperança de que Túrin e Flinding não achassem a entrada. Mas a passagem descrevendo os "campos cultivados" de Nargothrond é de grande interesse em si mesma, pois raramente existem referências à agricultura dos povos da Terra-média nos Dias Antigos.

As grandes Portas de Nargothrond são descritas aqui pela primeira vez — os portões triplos de madeira, da maneira como meu pai os imaginou, podem ser vistos em seu desenho da entrada, feito em Dorset no verão de 1928, e (numa concepção diferente) as *batentes e vergas de vastas pedras* (1830) estão na aquarela do mesmo período citada acima (*Pictures*, n. 33, 34).

No *Conto*, o medo e a suspeita entre os Rodothlim com relação aos Noldoli que tinham sido escravos é atribuída aos "feitos

malignos dos Gnomos em Cópas Alqalunten", e esse elemento reaparece no poema (1903–904).Mesmo assim, no *Conto* não há sugestão nenhuma de que tenha havido um questionamento sério da identidade e boa-vontade de Flinding, apesar das grandes mudanças em seu aspecto, de modo que "poucos o reconheceram". No poema, por outro lado, Orodreth aparece como alguém hostil e imponente, e sua personalidade é delineada de forma cuidadosa: ele se enfurece rapidamente (1973), mas sua ira é fria e duradoura (2133–134), raramente sente piedade (1969, 2134), tem coração sombrio e não pede conselhos (2132–133), mas é capaz tanto de amor profundo (1970) quanto de ódio feroz (2135). Mais tarde, conforme as lendas foram se desenvolvendo, Orodreth passou por um declínio constante e se tornou cada vez mais fraco e insignificante, o que é bastante curioso. Muitos anos mais tarde, ao meditar sobre o desenvolvimento da saga de Túrin, meu pai observou que Orodreth "tinha uma personalidade bastante fraca"; cf. o *Narn*, p. 233: "e, como sempre, voltou-se para ouvir o conselho de Túrin". Em última instância, a ideia é que ele fosse "rebaixado" para a geração seguinte de sua família como segundo Rei de Nargothrond (*Contos Inacabados,* p. 346, nota 20). Mas tudo isso tem pouco a ver como o rei endurecido e sombrio em seu paço subterrâneo retratado no poema; Felagund ainda não tinha emergido, e o mesmo vale para a facção rebelde de Celegorm e Curufin em Nargothrond (ver também a p. 290).

A morte de Halmir, o caçador, filho de Orodreth, nas mãos dos Orques (2137–138; omitida no texto C, p. 101), é um elemento novo que vai reaparecer, embora não se encontre em *O Silmarillion*, onde o nome *Halmir* corresponde a um dos chefes do Povo de Haleth.

No *Conto*, como observei em meu comentário (II. 152),

> Failivrin já está presente, assim como seu amor não correspondido por Túrin, mas a complicação de sua relação anterior com Gwindor está ausente, e ela não é filha de Orodreth, o Rei, mas de um certo Galweg (que desapareceria por completo).

No poema, Galweg já desapareceu, e Failivrin se tornou a filha de Orodreth, amada por Flinding e que corresponde o amor dele antes de o Gnomo se tornar cativo; e é o pedido dela ao pai diante da multidão congregada que influencia o rei e faz com que Flinding e Túrin sejam admitidos em Nargothrond. Há provavelmente um traço dessa intervenção no relato muito condensado em *O Silmarillion* (p. 283):

> No começo, nem o seu próprio povo reconheceu Gwindor, que saíra jovem e forte e retornava agora, por causa de seus tormentos e de seus trabalhos, parecendo um dos idosos entre Homens mortais; mas Finduilas, filha de Orodreth, o Rei, reconheceu-o e o acolheu, pois o amara antes das Nirnaeth, e tão grandemente Gwindor amava a beleza dela que lhe deu o nome de Faelivrin, isto é, o brilho do sol nas lagoas de Ivrin.

No poema, ela é chamada de *Failivrin* nas versões originais de A e B, nome que podia ou não ser emendado para *Finduilas* em B (versos 1724, 1938, 2130), mas o nome *Finduilas* aparece pela primeira vez mais para o fim da composição original desses textos (2175, 2199), e *Failivrin* (*o brilho cintilante nas bordas vítreas / do lago de Ivrin*) é o nome que os Elfos passam a usar para designar *Finduilas*.

Na Balada, assim como no *Conto*, não se oculta a identidade de Túrin do mesmo modo que em *O Silmarillion*, texto no qual ele interrompe Gwindor quando o Elfo estava para revelar seu nome, dizendo ser Agarwaen, o Manchado-de-sangue, filho de Úmarth, Mau-fado (p. 283). Finduilas (Failivrin) pergunta:

> Não há ninguém entre nós que agora recorde
> aquele magno dos Homens [Húrin], marcas de parentesco
> buscando e encontrando nesses tristes olhos,
> em suas formas e feições? (1958–961)

e o poema também diz

Não poucos havia que em velhos tempos
viram Finweg tombar na flama das espadas
e Húrin Thalion a cortar as hostes
dos monstros dos Glamhoth, demônios em legiões
(1974–977)

e eles declararam que o rosto de Túrin tinham *os traços do pai que retornam ao mundo*. Ao lado da segunda dessas passagens, meu pai escreveu na margem: "Não foi assim". Esse comentário refere-se à ideia de que muitos dos Gnomos de Nargothrond tinham lutado na Batalha das Lágrimas Inumeráveis (ver pp. 103–04); de acordo com a versão posterior da história, quase ninguém de Nargothrond participou do combate e, da pequena companhia que partiu, nenhum voltou, com exceção do próprio Flinding/Gwindor. — Em *O Silmariliion* (p. 283), Túrin não é descrito como alguém que tem os traços do pai; pelo contrário,

> e era, em verdade, o filho de Morwen Eledhwen em seu aspecto: de cabelos escuros e pele clara, com olhos cinzentos.

Cf. também o *Narn*, p. 224, quando Túrin diz a Arminas:

> Mas, se minha cabeça é escura e não dourada, disso não me envergonho. Pois não sou o primeiro filho que se assemelha à mãe.

Já Húrin era de

> estatura menor que outros homens de sua família; puxou nisso à gente de sua mãe, mas em todas as demais coisas era como seu avô Hador, belo de rosto e de cabelos dourados, vigoroso de corpo e de temperamento impetuoso (*Narn*, p. 87).

Mas Túrin já era concebido como um jovem de cabelos escuros na Balada:

> o menino moreno da raça conquistada (417)

e, na segunda versão do poema, Húrin também tem *madeixas escuras* (p. 121, verso 88).

No banquete de boas-vindas na casa de Fuilin, pai de Flinding, em meio aos bosques das encostas no Descampado dos Caçadores (1989–892), Fuilin encheu com hidromel uma grande e antiga taça de prata, que viera de Valinor:

> a taça entalhada isso tudo atravessara,
> júbilo e opróbrio, a perda da esperança
> quando pouco sobrava do saber de outrora. (2038–040)

Era em coisas como essa taça, entalhada com imagens do *povo de Feéria no ínclito zênite / dos Reinos Abençoados*, das Duas Árvores e da Torre de Ing na colina de Côr, que meu pai estava pensando quando escreveu sobre os tesouros que Finrod Felagund trouxera de Tirion (*O Silmarillion*, p. 165): "um consolo e um fardo na estrada" (*ibid*. p. 127). Esse é a primeira referência à torre de Ing (Ingwë, ver p. 40) na cidade élfica, cujo

> pálido pináculo o crepúsculo varava,
> e sua lâmpada de cristal luz lançando
> com mínimo facho sobre os Mares Sombrios. (2033–035)

da mesma maneira que, mais tarde, a lâmpada prata da Mindon Eldaliéva "iluminava ao longe as brumas do mar" (*O Silmarillion*, p. 94).

De acordo com o que dizem os textos A e B nos versos 2030–032, a colina sobre a qual a cidade élfica foi construída, e que figura na taça de Fuilin, é *Tûn*, coroada pelos muros brancos da cidade de Côr; e esse dado é anômalo, uma vez que o nome *Tûn* certamente foi criado como designação da cidade (ver II. 352–53), e, no "Esboço da Mitologia" e no "Silmarillion" de 1930, Kôr é a colina e Tûn é a cidade. No texto C do poema, entretanto, isso é alterado, e a cidade recebe o nome de Tûn (pp. 100–01).

No final do texto, o detalhamento da relação entre Túrin e Finduilas é um indicativo da grande escala da obra planejada: considerando quanta coisa, em simples termos narrativos, ainda falta (a queda de Nargothrond, o Dragão, a perda de Finduilas, a jornada de Túrin para Dor-lómin, Morwen e Nienor em Doriath e a jornada delas para Nargothrond, Nienor sendo enfeitiçada, Túrin e Nienor entre os Homens da Floresta, a chegada e morte do Dragão e as mortes de Nienor e Túrin), o poema ainda precisaria de vários milhares de versos.

Restam ainda alguns detalhes isolados a discutir. O nome *Esgalduin* aparece aqui pela primeira vez, mas, na forma do texto A e do B quando foi datilografado (verso 2164), *Esgaduin* é o nome original. O texto C traz a forma *Esgalduin* (p. 101).

A Lua é apresentada, nos versos 2088–094, como um navio, a Barcaça de Prata, com mastro, compartimento e panos, saindo a navegar da margem do mundo; mas essas imagens não têm nenhuma relação próxima com o Navio da Lua no *Conto do Sol e da Lua* (I. 232).

UImo agora é chamado de *Ylmir* (nome que aparece inicialmente em emendas do texto B no verso 1469, mas depois disso está também em A e na versão original de B); no "Esboço", ele aparece inicialmente como *Ulmo (Ylmir)* e, dali em diante, como *Ylmir*, sugerindo que nessa época essa era a forma gnômica do nome (no dicionário gnômico a forma era *Gulma*, I. 326). Ele também é chamado de *Habitante das Profundezas* no verso 1565, tal como na versão posterior de *Tuor* (*Contos Inacabados*, pp. 42, 50). Flinding cita as mensagens de Ulmo que são ouvidas em Ivrin e diz que Ulmo *mantém na memória, nas Terras de Júbilo / os apuros dos Gnomos* (1531 e seguintes); cf. o *Conto*, II. 100.

Por fim, podemos destacar as palavras de Túrin ao seu despedir de Beleg em seu túmulo (1408–411), nas quais ele prevê para o Elfo uma vida após a morte em Valinor, nos salões dos Deuses, e não fala de um tempo de "espera"; cf. os versos 1283–284, 1696–697.

A SEGUNDA VERSÃO DE OS FILHOS DE HÚRIN

Esta versão do poema (II) está preservada num maço de notas manuscritas muito toscas (IIA), que não correspondem a um texto completo, e num texto datilografado (IIB) — irmão gêmeo da primeira versão escrita a máquina (IB) e feito usando a mesma fita roxa muito característica — baseado em IIA. O fato de que II é uma versão posterior a I fica óbvio depois de uma inspeção rápida — para dar um único exemplo, o nome *Morwen* aparece dessa maneira tanto em IIA quanto em IIB. Como já disse (p. 12), não creio que II seja significativamente posterior a I, e pode até ter sido escrito antes que meu pai parasse de trabalhar no texto I.[m] Conforme II vai chegando ao fim, a quantidade das expansões e mudanças em relação ao texto I se torna muito menor, mas me parece melhor apresentar o poema II de forma completa.

O texto de abertura da segunda versão é complicado pela existência de dois outros textos, ambos abrangendo os versos II. 1–94. O mais antigo deles é outro texto datilografado (IIC), que incorpora emendas feitas a IIB e também recebeu suas próprias emendas; o segundo é um manuscrito (IID) escrito no "papel de Oxford" (ver p. 100), o qual incorpora as mudanças feitas em IIC e introduz ainda mais alterações. No começo do poema, portanto, temos versos que exibem um desenvolvimento contínuo ao longo de seis textos diferentes, como acontece, por exemplo, com o verso 18 da primeira versão, que passou a ser o verso 34 na segunda:

IA Mas hostes sobre hostes dos Orques, os infernais
emendado no manuscrito para:
Mas hostes sobre hostes dos Orques infernais
IB Lá hostes e mais hostes dos Orques infernais

IIA mas em hoste sobre hoste qual ondas das trevas (*com* qual ondas das colinas *como alternativa*)

IIB mas em hoste sobre hoste qual ondas das colinas

IIC *igual a IIB mas emendado no texto datilografado para*:
e em hoste sobre hoste qual ondas das colinas

IID Em hoste sobre hoste, qual ondas das colinas

A maioria das mudanças ao longo dos textos sucessivos do poema foi feita por razões métricas — no caso das revisões posteriores, especialmente com o objetivo de remover "palavras pequenas", para alcançar um efeito mais próximo do de versos em inglês antigo, e para se livrar de muletas métricas como a pronúncia de *-éd* [n] como uma sílaba separada. Como eu disse, apresentar um aparato crítico completo seria um trabalho excessivamente longo e complexo (e, em certos pontos, quase impossível, pois os textos propriamente ditos muitas vezes são mais obscuros do que o que aparece nas publicações). No caso da segunda versão do poema, portanto, apresento aqui o texto IID (o último) até seu final no verso 94 (já que as mudanças em relação a IIB, embora muitas, correspondem a pequenos detalhes) e dali em diante continuo com o texto IIB (a versão datilografada principal do segundo poema); e, como ocorreu antes, alterações puramente verbais/métricas que não têm impacto na história ou nos nomes usados não são citadas nas notas.

O texto IIA não tem título; o de IIB inicialmente era TÚRIN e depois passou a ser OS FILHOS DE HÚRIN, que também é o título de IIC e IID.

O "Prólogo", que foi muito expandido na segunda versão, ainda não recebe um subtítulo, exceto pelo fato de que, em IIC, ele é marcado com o número romano "I"; em IIB, *Túrin Adotado* é um subtítulo de seção, ao qual meu pai depois acrescentou o número "II".

I
OS FILHOS DE HÚRIN

Ó Deuses que arranjam vossos reinos guardados
com imóveis pináculos, montes sem sendas
que sobre praias veladas se elevam íngremes
na Baía de Feéria, nos limiares do Mundo!
Ó Homens sem memória da magna alegria,
das batalhas e do pranto dos Antigos Dias,
nada recordando do poder de Morgoth!
Sus! ouvi o que os Elfos, com harpas de outrora,
resistindo ainda em terras não trilhadas,
fenecendo aos poucos nas passagens das florestas,
em sombrias ilhas nos Sombrios Mares,
ainda falam pesarosos do filho de Húrin,
das teias do destino que em trama sombria
a Níniel o uniram: são nomes de luto.

Ah! Húrin Thalion nas hostes da batalha
foi engolido pela guerra, quando os lábaros brancos
do arruinado rei, com rasgos de lanças,
em sangue mergulharam; quando a luz do elmo
de Finweg tombou na flama de espadas,
e os escudos dos Elfos, de ouro e de prata,
chacoalhavam na treva, brilhantes emblemas
na maré escura de incrível ódio,
nas legiões sem conta dos cruéis Glamhoth,
perdidos em naufrágio — era o fim de sua luz!
Toda gente da Terra àquela batalha inda chama
Nirnaith Ornoth, Sem-Número de Lágrimas:

as sete chefias dos filhos dos Homens
fugiram e não lutaram, à gente dos Elfos
traíram aleivosos. Só os votos recordaram,
na goela do Inferno com fé inabalável,
Thalion Erithámrod e seus thains renomados.
Os destroços pisados do triplo estandarte
dos rebentos de Hithlum cobriam-se de mortos.
Em hoste sobre hoste, qual ondas das colinas,
os Orques famintos, com hediondos braços,
enredaram sua força, e com duras feridas
foi posto no chão o Príncipe de Mithrim.
A mando de Morgoth amarram-no vivo;
aos salões do Inferno sob as colinas feitos,
às Montanhas de Ferro, enlutadas e sombrias,
arrastaram o senhor das Terras de Névoa,
Húrin Thalion, até o trono de ódio
em salões erigidos com pilares imensos
de negro basalto. Ali zanzavam morcegos,
vermes e serpentes estavam postos nas colunas;
de Morgoth o peito queimava por dentro
com fúria ardente, infenso em propósito:
pois de sua trampa escapara Turgon, o magno,
filho de Fingolfin, e de Fëanor os rebentos,
criadores da magia das gemas imortais.
Pois Húrin, de pé, o apuro ignorando,
ereto na batalha, com riso amargo
e machado golpeava — feito asas de águia
era o som que fazia em assomo mortal;
feito relâmpago lívido pulava e desabava,
feito troncos de árvores cortados ao meio
seus contrários tombavam. Lutava ele ainda
em meio às cegas lâminas e ao sangue jorrando

dos Homens de Mithrim; por um momento deteve
com triste restolho o estrondo da enchente
dos Orques impiedosos, guardando a retirada,
e Turgon, o terrível, qual torre em sua raiva,
uma senda abriu com sabre luzente
no meio da matança. Seu caminho era claro
pelas hostes do Inferno, como o feno posto
em linha nas lavras, aonde longa e afiada
vai passando a foice. Assim, sete gentes,
vasta companhia, levou aquele rei
por vales obscuros e esquivas montanhas
para longe dos contrários, e não toma mais parte no conto de Túrin. A vitória de Morgoth
assim virou dúvida e sonhos de vingança,
assim sua mente se encheu de imensa malícia,
pensamentos de trevas, quando o Thalion se viu,
atado e inabalável, naquela atroz masmorra.

Disse-lhe o Senhor do Inferno: “Denodado Húrin,
o de mãos de aço, está diante de mim,
mas feito cativo, como um poltrão qualquer!
Será que sabe meu nome, ou quiçá ignora
que esperança o aguarda nas agruras de ferro?
A mais amarga tortura, tormento dos Balrogs!”

Então Húrin respondeu, de Hithlum capitão —
seus olhos brilhando qual lume em chamas
com ira se avermelharam: “Ó ruína encarnada,
sem os grilhões do medo luto contra ti,
nem te temo agora, nem a teus cativos demônios,
monstros e fantasmas, ó inimigo dos Deuses!”
Suas madeixas escuras, em cachos ensopados

que caíam-lhe no rosto, ele arroja para trás
e os olhos fita do hórrido Senhor —
desde então jamais mortal algum
foi capaz de encarar o terror de sua face.
Ali a mente de Húrin em brumosa treva
sob aquele olhar infindo foi se afundando,
mas seu coração não cedia, nem seu indômito orgulho.
Mas Lungorthin, Lorde dos Balrogs,
na boca o golpeou, e zombou dele Morgoth:
"Não, temerás quando sentires, crepitando, as chamas,
e o assobio dos açoites sobre teu corpo,
tuas carnes se encolhendo em crua tortura!"
Penduram então o indômito Húrin
em correntes que encantos horrendos forjaram,
com ferina angústia a devorar suas carnes
e a prender seus lábios, em silêncio cerrados
sem pedir piedade. Em cadeias ele vê
nas paredes de ébano os olhos irados
de fogos distantes, feros ardendo
em longas passagens e à sombra de arcadas
nos abismos cegos daquelas salas sem fundo;
ali se mescla ao luto o enorme tumulto,
os tremores e trovões, o clamor brônzeo
de estrondos nas fornalhas, a batida incessante
dos martelos nas forjas; ali faces tristes
pelas trevas passam enquanto atrozes Orques
arrebanham seus cativos de chibata em punho.
Olhos sem esperança sobre Húrin se demoram,
por seu tormento sem lágrimas muitas lágrimas caem.

Eis que Morgoth recordou o magno fado,

a sina anciana de que os Elfos desditosos
em ruína e desgraça agora cairiam
por culpa dos mortais de inconstante coração;
de que só a traição de insinceros amigos
seria páreo para a magia posta como escudo
dos filhos de Côr, sua defesa contra o mal,
da derrota protegendo a gente de Turgon,
filho de Fingolfin, de Fëanor os rebentos,
irmãos devotados, e, distantes e secretos,
os lares ocultos na escura floresta
do magno Thingol, nas Mil Cavernas.

Então o Senhor do Inferno, com fraude em seu peito,
para perto de Húrin com pressa partiu.
Os Balrogs em volta, de brônzeas mãos,
com flagelos de chama e forjado ferro
riam-se ao fitar o solitário tormento;
mas Bauglir disse: "Ó mais bravo dos Homens,
é fado injusto que tão fero guerreiro,
de mãos tão potentes, a amigos inúteis
empreste sua espada, sem que possam jamais
livrá-lo das agruras ou vingar sua queda.
Encolhidos nas sombras, tremulando medrosos
nas colinas famintas, sua liga abandonam
e se tornam proscritos, ocultam-se pérfidos;
já a tua fortuna é o sempiterno tormento
pendendo em masmorras e cadeias malignas,
em angústia sem fim. Do meu agrado seria
ver tuas mãos soltas, com um sabre afiado
ou o gume de um machado de aguda chama
nelas a cintilar, quando lufa o vento

nas bandeiras de guerra — um gládio assim
fariam minhas forjas nas fortes bigornas
com aço que reluz, deixando alegre tua alma
ao ser levantado, sim, e petrechos belos
e couraça sem-par — preferiria isso
do que ver-te açoitado, com tristes gemidos,
pelos brônzeos Balrogs e seus rebenques de fogo:
pois és digno de granjear honra e recompensa
como capitão de armas quando se trincam couraças
e os escudos se partem, quando se sacodem as hostes
dos contrários feito fogo em ataque tremendo.
Quero-te a meu serviço; esquece o ódio,
a antiga inimizade vinda de estranhos conselhos —
sou um mestre gentil que tudo recorda
dos feitos de seus servos. Um sabre terrível
é o que merece tua mão, e um magno senhorio
como campeão de Bauglir, dos Balrogs chefe,
liderando nestas terras minhas tropas ruidosas,
cujos petrechos grandiosos já tenho fornecido;
contra Turgon, o trol (que voltou-se e fugiu
deixando-te só e na sombra se esconde,
em ermos ressequidos, na cava das montanhas)
hás de lançar minha ira, contra insulsos Gnomos,
ladrões e rebeldes, e vagabundos Elfos
que, à toa e sem juízo, ousam desafiar
o Senhor do Mundo — que morram por meu poder.
Mandarei que te soltem e sanem teu corpo!
Segue-lhes os passos com acerbo fogo,
com tua espada procura seus postos secretos;
quando após a vitória voltares para cá,
tenho ínclitos tesouros” — mas Húrin Thalion
não mais ouviu calado a maligna arenga;

rilhando os dentes, deu-lhe resposta:
“Ó rei maldito”, indômito gritou,
“basta de esperanças, Bauglir mofino;
não sou brinquedo de tuas chicanas vis,
sei que não respeitas pacto ou acerto —
busca outro traidor.”

Então deu-lhe resposta
Morgoth, surpreso, sua mente dissimulando:
“Não, é loucura o que tens; não cuidas de teu juízo;
meus tesouros imensos são como montes altaneiros,
em pilhas incontáveis postos em segredo,
trancados há eras; élfica prata
e ouro na treva ali cintilam pálidos;
as gemas e joias que a gente dos Deuses
outrora escondia e que pranteia ainda
são minhas, e disso muito hei de te dar,
riqueza que sacia até a Serpe Avara.”

Então Húrin, pendurado, com ódio respondeu:
“Teu siso não te avisa quando vês imigo,
Ó Bauglir maldito? Da boca arranca
a bravata tola de tuas vis rapinas!
Ódio tenho a ti. Triste é tua sorte
e fraco teu poder, dependendo, parece,
de atrozes conselhos a um cativo débil,
da força de um homem fraco e exausto.”
Voltou-se então para as tropas do Inferno:
“Avançai para a guerra com vossas sujas bandeiras,
ó Balrogs e Orques; com bastas legiões
buscai a espada oculta de Turgon.
Dos vales temíveis haveis de fugir

qual pardais assustados do trigo nos campos.
Lacaios imundos de um mestre infame,
temei vossa sina, o magno desastre!
A maré há de virar; temporário é o triunfo
e a vitória vossa. Já vejo ao longe
a ira dos Deuses, sua destra furiosa."

Despertou então tumulto, tempestade bravia
cuja raiva imensa fez tremer as paredes;
a Morgoth a loucura consumia por dentro,
mas foi com baixa voz e boca zombeteira
que a Thalion Erithámrod tentou intimidar:
"Tu o disseste! Meu célere propósito
há de alcançar seu alvo sem que cedas a ele,
sem contar com tua ajuda de mortal débil
e sem poder. Ordeno que observes
meus magnos feitos e teu temor comproves.
Ainda que os detestes, teu destino é vê-los,
incapaz de intervir ou elevar tua mão,
e teus olhos sem pálpebra, plenos de angústia
e para sempre abertos, do sono privados,
hão de fitar, como os Deuses, tristes e sem lágrimas,
o poder de Morgoth e a desdita que inflige
aos tolos que recusam trégua generosa."

Para as Thangorodrim foi o Thalion levado,
às montanhas que tocam o topo dos céus,
no alto dos cerros que os de Hithlum veem
assomando negros nas marchas do Norte.
Esticaram-no na pedra do pico mais íngreme
e o prenderam vivo com cadeias inquebráveis;

o Senhor dos Horrores rindo ali ficou,
por fim o maldisse, a seus filhos e gente,
destinou-os a vagar, nas agruras da sombra,
a uma sina de morte e tremendo desastre.
O valente abandonou, ao léu e imóvel,
mas o olhar lhe foi dado, e longe via,
pelo encanto em seus olhos, as coisas terrenas
e o destino de dor em trama sombria
que seu povo sofreu — opróbrio e tormento.[E]

NOTAS

14 Depois desse verso, o texto IIB trazia o seguinte:

como o draco d'ouro do Deus das trevas
obrou terror e ruína em reinos ora perdidos –
entre Homens e Elfos, só os de alma magna
podem vencer o destino, e isso só na morte.

Esses versos foram riscados em IIB e não aparecem em IIC e IID.
19 Cf. I. 1975:

viram Finweg tombar na flama de espadas

com *Finweg* > *Fingon* sendo uma alteração a lápis feita em IB. Todos os textos de II trazem *Finweg* (IIA *Fingweg*), mas *Fingon* aparece numa emenda tardia a lápis do texto IID.
26 *Nirnaith Únoth* em IIB, IIC; *Nirnaith Ornoth* em IID, emendada a lápis para *Nirnaith Arnediad*. Sobre Únoth, Ornoth na primeira versão, ver p. 98, notas aos versos 1448, 1542–543. Uso a forma *Ornoth* aqui, já que *Arnediad* é uma variante que surgiu muito depois.
27 Todos os textos de II trazem o verso *as chefias de escol dos filhos dos Homens*, mas IID foi emendado a lápis para *as sete chefias dos filhos dos Homens*.
49 *filho de Fingolfin*: ver p. 32, nota ao verso 29.
de Fëanor os rebentos IID; *e de Fëanor os rebentos* IIA, B, C.
76 *"Denodado Húrin", disse Delu-Morgoth* IIB, tal como em IB (verso 51).
157 *como capitão entre eles* IIB quando foi datilografado originalmente. Cf. o verso 165.

Comentário à Parte I da segunda versão

Essa parte foi expandida até ficar com duas vezes e meia seu tamanho anterior, em parte por meio da inserção de descrições de Angband (42–5, 105–15) — que acabariam sendo muito aumentadas

alguns anos mais tarde na *Balada de Leithian* — e da resistência final de Húrin (versos 51–61), mas principalmente por meio do relato muito ampliado das tentativas de negociação de Morgoth com Húrin, de como ele buscou perverter "o Thalion" e de sua grande fúria (que não aparece de modo algum na primeira versão) quando foi incapaz de dobrar a vontade dele. A cena reescrita é, no geral, muito mais feroz, e a sensação trazida pela mentira, brutalidade e dor (e pela força heroica da resistência de Húrin) é muito mais forte.

Há alguns detalhes interessantes nessa seção de abertura. Os cabelos escuros de Húrin (88) já tinham sido citados anteriormente (p. 114). O *thain de Morgoth* que o fere na boca (versão I, 59) agora passa a ser *Lungorthin, Lorde dos Balrogs* (96) — expressão que provavelmente deve ser interpretada como "um dos lordes dos Balrogs", já que Gothmog, Senhor ou Capitão dos Balrogs em *A Queda de Gondolin*, logo reaparece na tradição do "Silmarillion". Também é notável a passagem (88–94) em que Húrin, lançando para trás seus longos cabelos, olhou nos olhos de Morgoth, e sua mente *em brumosa treva ... foi se afundando*: trata-se da passagem que deu origem ao poder do olhar de Glórund, servo dele, passagem que o presente poema não alcançou.

Um verso que aparece muito depois na primeira versão (1975)

> viram Finweg [> Fingon] tombar na flama de espadas

é incluído aqui (com a forma [*de] Finweg tombou na flama de espadas*), no verso 19, e há menções também a seus *lábaros brancos* que *em sangue mergulharam*, e à *luz de seu elmo*: em última instância, essa é a origem da seguinte passagem em *O Silmarillion* (p. 263):

> e uma chama branca saltou do elmo de Fingon quando foi rachado ... e o abateram na poeira com suas maças, e sua bandeira, azul e prateada, pisotearam na poça de seu sangue.

No verso 26 consta a primeira ocorrência de *Nirnaith Arnediad*, mas trata-se de uma alteração apressada a lápis, feita no último texto

(IID), e que está ligada a uma fase posterior da nomenclatura das narrativas.

Afirma-se que Turgon escapou da batalha com *sete gentes* (67); no conto d'*A Queda de Gondolin*, havia doze gentes dos Gondothlim.

Húrin é chamado de Príncipe de Mithrim (37), e seus soldados, de Homens de Mithrim (59). Isso pode sugerir que o significado desse nome, até então aplicado apenas ao lago assim chamado, estava sendo estendido à região onde o lago ficava; no mais antigo mapa do "Silmarillion", entretanto, não há essa indicação. *A terra de Mithrim* é uma expressão que aparece no verso 248, mas a frase foi alterada.

A passagem da primeira versão (46–50) dizendo que veio à cabeça de Morgoth

> a memória de como
> julgam os Elfos ser a gente dos Homens
> frágil e sem força; como a perfídia apenas
> venceria o feitiço que a todos cobria
> dos filhos de Corthûn

é alterada, na segunda versão (118–24), para

> Eis que Morgoth recordou o magno fado,
> a sina anciana de que os Elfos desditosos
> em ruína e desgraça agora cairiam
> por culpa dos mortais de inconstante coração;
> de que só a traição de insinceros amigos
> seria páreo para a magia posta como escudo
> dos filhos de Côr

Nos *Contos Perdidos* não há referência alguma a um antigo "fado" ou "sina" desse tipo. É possível que a referência a uma "traição" esteja ligada à "Profecia do Norte", proclamada por Mandos ou seu mensageiro conforme a hoste dos Noldor seguia para o Norte pela costa de Valinor depois do Fratricídio (*O Silmarillion*, pp. 129–30);

na mais antiga versão desse texto, no conto d'*A Fuga dos Noldoli* (I. 204), não há traço algum da ideia, mas já fica explícito, no "Silmarillion" de 1930, que os Gnomos deveriam pagar pelos seus atos em Porto-cisne por meio da "traição e do medo de traição entre sua própria gente". Por outro lado, também se afirma que *o magno fado, a sina anciana* é a causa última da ruína dos Elfos, que deve acontecer por intermédio dos Homens; e isso não aparece em nenhuma das versões da Profecia do Norte. Essa passagem na versão revisada do poema tem um eco na mesma cena do "Silmarillion" de 1930:

> Mais tarde Morgoth, lembrando-se que apenas a traição ou o medo dela, e especialmente a traição dos Homens, causaria a ruína dos Gnomos, veio ter com Húrin…

II
TÚRIN ADOTADO

Sus! Morwen, então, na terra da sombra,
na mata esperava seu amado e senhor,
mas ele nunca voltou para estreitá-la ao peito
daquela dura batalha. Ela aguardava em vão;
notícias não tinha se o mataram ou prenderam,
ou se perdido em fuga andava ao léu.
Nas terras devastadas, matavam seus vassalos,
e homens sem memória daquele magno senhor,
chegando a Dorlómin, com desleixo mesquinho
tratavam sua viuvez; ela estava grávida
e com o filho a seu lado, falto de pai,
Túrin Thalion de tenros anos.
Em dias de trevas teve a menina,
chamou-a de Nienor, um nome de pranto,
que na língua de antanho Lástima se diz.
Morwen recordou então Thingol, o Elfo,

e Lúthien, a lépida, que a luz recobria,
filha querida dele, a quem Dairon amara,
cujo nome para as gentes Tinúviel era,
a de Manto-de-estrelas, muito recordada,
que, leve como a folhagem das lindas tílias,
em Doriath dançara nos dias passados,
na relva deslizara sob os raios da Lua
com a destra música de Dairon, o bardo,
de finos dedos sobre flautas de prata.
O mais bravo dos bravos, Beren Ermabwed,
a tinha por esposa e em antanho jurara
amor de irmão, de amigo fiel
a Húrin de Hithlum, mais reto dos heróis,
à margem do Mithrim de brumosas águas.
Disse, pois, ela ao filho, "Mais doce criança,
poucos são os amigos; teu pai se foi.
Aparta-te daqui, busca o povo dos bosques,
onde Thingol tem mando nas Mil Cavernas.
Se ele recorda Morwen e teu magno pai,
há de te adotar, e o estrondo das armas,
da espada e do escudo, pode te ensinar,
e de Húrin o filho de Hithlum escape.
Ah! retorna, Túrin, quando o tempo passar;
tua mãe recorda quando magno fores
ou te tocar a tristeza." Aquietou-se ela então,
pois ouvia-se o medo em sua voz a tremer.
Grande era o peso no peito do menino,
sem saber da dor dela, confundido e às cegas,
mas mediu as palavras, as dores ocultou,
submisso a Morwen; o caminho aceitou.
Sus! Mailrond e Halog, de Morwen serviçais,
outrora foram jovens antes do tempo de Húrin

e eram os únicos fâmulos daquele homem valente
que em indelével serviço ao lado dela ficaram:
mandou-os enfrentar as montanhas negras,
as matas e meandros, caminhos malignos;
terno era Túrin, trampas nunca vira,
mas tinham de partir. Contentes não estavam,
mas não cabia duvidar com boca insolente
de Morwen, que gemeu quando mais ninguém via.

Veio um dia de verão, e a escuridão silente
das árvores altivas, trêmula e imprecisa,
movia-se em murmúrios em meio aos ares,
distante e fraca; reflexos dançavam
com tons de prata; filtrados pelas sombras,
os raios de sol clareiras invadiam,
onde os ventos vagavam em vagas suaves,
cálidas passando pelas laçadas dos galhos.
Então Morwen, ereta, seu medo oculto,
foi até o portão, postou-se na clareira.
A pequena, que mamava, no colo trazia,
com voz baixa no ouvido entoava
canção de cadência doce e triste,
amparo contra a angústia. Então as portas se abriram,
saiu Halog carregando um grande fardo,
e Mailrond, o velho, à mestra levou
seu valente Túrin, sem lágrimas e sério,
com o peito em pesar, qual pedra sem vida,
sem compreender seu vindouro tormento.
Ali Túrin gritou, confortando-se com coragem:
“Para cá volto logo das cortes distantes;
não tardo a ser homem e trago a Morwen
montes de tesouros e amigos leais.”

Não sabia do destino nas tramas de Morgoth,
nem da triste divisa que havia entre os dois,
despedindo-se então com trêmulos lábios.
São os últimos beijos, basta de palavras,
não resta mais nada; e a clareira está vazia
na escura floresta, onde a casa vai sumindo
na trama das árvores. Então em Túrin despertou
a consciência das dores em seu perdido coração,
e ele chorou ávido, com ecos multíplices
ressoando triste em ocos sombrios
o apelo, "Não posso, não posso deixar-te.
Ó Morwen, minha mãe, que caminho sigo?
Não tenho esperança nas tristes colinas.
Ó Morwen, minha mãe, mata-me o pranto.
Não tenho mais lar na treva das colinas."
E seus gritos desciam, agrestes e distantes,
pelas sendas sombrias dos bosques vazios,
e a mãe, esgotada, na entrada da casa,
ouvia lamentosa o "Não tenho mais lar".

* * *

Duros foram os passos, repletos de enganos,
dos montes de Hithlum ao domínio oculto,
afundado na treva de Doriath, a verde;
e nunca até então, por denodo ou demanda,
a raça dos Homens tal rastro seguira,
salvo Beren, o bravo, que brenhas não temia,
a cujos pés inquietos não se punham limites,
varando morros e matas, montes congelados,
e poucos seguiram tais pés desde então.
Ali Halog contou a história de renome

que na Balada de Leithian, a dos Grilhões Soltos,
na trama das trovas outrora foi narrada,
sobre Beren Ermabwed e o brio em seu peito;
sobre Lúthien, a lépida, que, louco de amor,
ele seguira na mata com magno assombro —
Tinúviel, "rouxinol", foi o nome que lhe deu,
de voz dulcíssima, feito véu suave
e capa ondeante de ocaso trançado
com brocado de estrelas, de claros olhos,
dançava resplandecente, um sonho que adejava,
uma pérola pálida sobreposta à escuridão;
como, por amor a Lúthien, as matas ele deixou
na perigosa demanda que é angústia narrar,
por Thingol enviado ao terror e sede
das Terras de Pranto; sobre as tranças de Lúthien
e a mágica de Melian, sobre os magnos feitos
que depois se deram nos paços de Angband,
e a fuga por morros e matas sem trilhas
quando Carcharoth, o de crua goela,
guardião-lobo dos Odientos Portões,
de entranhas devoradas por atroz fogo,
caçou-os bramindo (a mão de Beren
ele cortara do pulso, onde estava antes
o assombro sem-nome, gnômico cristal
onde a luz de Valinor vivia ainda,
essência de toda cor. Seu coração se consumia,
e as matas se enchiam de magna loucura
por seu hórrido tormento, e as árvores de Doriath
tremiam nas sombras ao som daqueles urros);
como o cão de Hithlum, Huan, o lobeiro,
apressou-se à caça em auxílio a Thingol,
e quando o sol nascia nas sendas de Doriath

matou o matador, mas deitado e silente
Beren sangrava à beira da morte,
até que os lábios de Lúthien, em louco desespero,
fizeram-no falar antes que para longe fosse,
rumo à longa espera; Lúthien o resgatou,
a élfica-donzela, e as artes de Melian,
sua mãe, Mablui, a das mãos enluaradas;
agora vivem para sempre, imperecíveis seus dias,
e a relva é perene na floresta verdejante
a Leste ou a Oeste, quando ao léu vagueiam.
Cantou então canção para a tristeza aliviar,
gentil e repentina nas trevas do bosque,
"Tênue como a Folha da Tília" é seu nome,
cuja música, alegre e de luto ao mesmo tempo
ainda toca os corações. Cantou-a assim Halog:[p]
Muito longa e esguia era a relva,
Bastas folhas eram colchão,
Velha, a raiz serpenteava,
E a lua nova estava brilhando.
Pés alvos varriam o chão,
E a flauta de Dairon soava,
Sob as cicutas em colchão
Tinúviel estava dançando.

Mariposas pairavam quietas,
Morria o dia entre a folhagem,
E Beren, de terras incertas,
Ali chegou exausto e sofrendo.
Espiou em meio à ramagem
E viu as passadas inquietas
Da dança ao luar na folhagem
E as mariposas que iam descendo.

A magia tomou seus pés,
E ele esqueceu a solidão,
Foi dançar sem nenhum revés
Onde a Lua estava chamejando.
Mas pela élfica região
Fugiram com céleres pés,
Deixaram-no na solidão
Na floresta silente escutando,

A ouvir o som imaginado
Dos pés lépidos na folhagem,
Do canto no chão enterrado,
Nas cavas escuras de Doriath.
Mas ora está seca a ramagem
E cai com um som pranteado
Dessas bétulas a folhagem
Nos bosques que morrem em Doriath.

Por toda parte foi buscá-la
Onde o ano velho deixa a folhada,
Sob lua invernal, fria estrela
Que é tão trêmula reluzindo.
Achou-a na bruma enluarada,
Espectro de prata era ela,
Com névoa a seus pés espalhada
Naquele luar tremeluzindo.

Dançava ela em verde outeiro,
A relva ia beijar-lhe os pés,
E os dedos de Dairon matreiro
Pela flauta iam chamejando.
Dançavam, pois, soltos e céleres

Ao luar sobre o verde outeiro:
Sinal não viu ele de seus pés
Que então fugiram chamejando.

Com anseio a voz dele a chamou:
"Tinúviel, Tinúviel",
E o anseio seus pés empurrou
A seguir seu rastro brilhante.
Ela ouviu qual feitiço ao léu
O anseio na voz que a chamou,
"Tinúviel, Tinúviel":
Foi então que estacou, chamejante.

Tomou Beren a élfica menina,
Beijou-lhe os olhos estrelados,
Tinúviel, pra ele amor e sina
Nos bosques de ocaso sem sol.
Completos, mas não terminados,
Beren e a sua élfica menina
Vão dançar de olhos estrelados
Na floresta de alegre arrebol.

Lá onde longa e esguia é a relva
E as bastas folhas são colchão,
Onde velha raiz serpenteava
Assim como em antanho em Doriath,
Pés alvos varrerão o chão
Sem a flauta de Dairon na treva
Tocando as cicutas em colchão
Desde que Beren veio a Doriath.

De aquecer os corações foi a canção de Halog

enquanto a magna fortaleza da mata os cercava
e a mais funda noite com força os apanhou.
O assédio da sede sempre os rondava,
a fome e o medo, as fugas mais terríveis
de Orques vagantes, agouros de lobos
e as Cousas de Morgoth que a mata enchem.
Em torpor, encharcados, de pé cochilavam,
com frio e tropeçando, quando o sopro dos ventos
derrotava o verão, e em tristes vales
um gotejo soturno nas sombras distantes
derramava-se sempre pelas matas sem fim
das folhas molhadas, até que a luz vinha,
fraca e cinzenta, com finos raios
na aurora empapada. Ficavam presos feito moscas
nos dédalos mágicos; perdiam o caminho
e vagavam sem destino, sob estrelas ocultas
e um sol enfermiço. Sombras e exaustão
pelos montes os seguiram; nas marcas de Doriath,
bravias e vagas, seu avanço era inútil,
em desespero errante, e seu espírito naufragava.
Sem pão nem água, com pés que sangravam
e força que falhava, ao léu na floresta,
julgavam morrer de rastos por ali,
quando a trompa ouviram, o estrondo ao longe,
o som dos cães. As escuras trilhas
e cavas silentes com a caça despertavam,
e os ecos ressoavam com as ávidas línguas,
pois Beleg arqueiro a trombeta soprava,
o mais viajado das gentes da mata,
a presa seguindo de perto nos vales,
avesso a camaradas ou a vastos salões,
leve como folhagem, como os alegres ares

livre e destemido, ao léu na floresta.
Era grande de corpo, mas grácil no aspecto,
de membros bem-feitos que mal se ouviam
enquanto veloz ao encontro lhes vinha,
grises as vestes, verdes e castanhas.

"Quem sois?", perguntou. "Estais proscritos,
acoitados, caçados por constante ódio?"

"Não, por sede e fome caçados", disse Halog,
"cansados, perdidos, em senda ignorada.
Notícias não tens das montanhas de mortos,
do campo de lágrimas onde coube ao fogo
de Morgoth devorar o magno denodo
das hostes de Finweg e das forças de Hithlum?
O Thalion Erithámrod e seus thains indômitos
desapareceram da Terra, e a consorte valente
lamenta a viuvez nos caminhos de Hithlum.
Somos os últimos dos servos de Morwen,
e este é o filho de Thalion, que a Thingol fará
apelo em sua corte, diz a esposa de Húrin."

Falou-lhes então Beleg, com bons augúrios:
"Os Deuses bondosos vos deixam seguros.
Conheço de Húrin o ânimo indômito —
e notícias temos das montanhas de mortos,
de Nirnaith Ornoth, Sem-Número de Lágrimas!
A essa guerra não fui, mas não se esgota meu ódio
aos sórdidos Orques; minhas setas ligeiras
ferem sem ser vistas, levando-os à morte.
Sou Beleg, o caçador, da Escondida Gente;
o bosque é meu pai, e as brenhas, meu lar."

Pediu-lhes que bebessem e, abrindo o cinto,
pegou frasco de couro com farto vinho
fermentado dos frutos nos fogos do Sul —
bebem-no os Gnomos, de Nogrod os Anãos
por longos caminhos o levam ao Norte
para os Elfos em desterro, que por triste sina
não veem mais as vinhas nos vales distantes
da terra dos Deuses. Acendeu-se então forte
um fogo alegre, de flamas crepitantes,
com lenho caído, molhado de chuva,
que as artes de Beleg, hábil mateiro,
fez queimar rápido, por mágica ou engenho;
assaram então carne no centro do braseiro;
farto pão de trigo, a todos saciando,
ele tirou da bolsa, encerrando a fome
com boa esperança, mas à cabeça subiu-lhes
o vinho de Dor-Winion nas veias correndo,
e o sono os colheu entre as macias folhas
dos largos pinheiros que ali se erguiam.
Acordaram intrigados com a claridade na mata,
com a manhã alegre e a leve névoa
sobre os raios do Sol. Rápido se levantaram,
longas léguas à frente. Foram por caminhos
que tortuosos volteavam pela árdua floresta,
por valões e colinas, lagos e charcos,
em dias vazios e duras noites,
mas seguiam sem tropeço, gratos ao amigo,
e se não fosse Beleg acabavam perdidos
no mágico dédalo de Melian, a Rainha.
Mostrou ele o caminho nas margens sombrias
onde a calma corrente escorre às portas
da cava do monarca, na corte de Doriath.

Na ponte os guardas o passo lhes franqueia,
e os trânsfugas ao Elfo dão triplas graças:
“Os Deuses são bons”, dizem consigo,
sem saber do destino que atroz espreita.

Ao trono de Thingol os três eram chegados,
falaram de sua fuga; falou-lhes bem o rei,
pois a Húrin de Hithlum honra dava,
a quem Beren Ermabwed amara como irmão;
e recordando Morwen, dos que morrem mais bela,
por Túrin mostrou atento respeito.
O Rei de Doriath bondoso o abraçou,
por Melian convencido em murmúrio de conselho,
dizendo: “Ó filho do de fortes braços,
do de límpido riso e lhana lealdade,
Húrin, o magno, comigo hás de ficar,
Aqui terás morada e serás meu filho.
Na cava desta corte, por causa de tua gente,
hás de habitar em amor, até que o tempo chegue
de buscar tua mãe, Morwen solitária;
dar-te-ão saber mais belo que o dos mortais,
e as armas que usam os altos Elfos,
e de Húrin o filho em Hithlum não servirá.”

Mais um pouco esperaram os pajens do menino,
volveu-lhes a força e em renovada viagem
iriam buscar sua querida senhora,
tão firme era sua fé. Mas enfim chegou
a idade vetusta sobre a idosa cabeça
de Mailrond, o velho; o amor à senhora
páreo não foi para o peso de seus anos,
e, ao contrário de Halog, deteve-se ali.

Acometeu-o a doença, contristou-lhe as vistas:
"É a Túrin que devo toda vassalagem"
disse suspirando, "a meu doce rapazinho";
mas Halog, com esforço, por fim partiu.
Elfos seletos a seu lado seguiram,
com a mágica de Melian e muito ouro;
mensagens a Morwen consigo portava
palavras amáveis confirmando seu desejo,
pois Túrin estava aos ternos cuidados
do Rei de Doriath; em rogos gentis
para as Cavas Mil convocou-a Thingol,
para viver sem medo, amada pelos filhos,
com novo consolo, até que eles crescessem;
pois a Húrin de Hithlum essa era a honra devida,
e mando não tinha Morgoth onde Melian regia.

Da missão dos Elfos e do célere Halog
a história não conta; só que a tempo chegaram
aos portões de Morwen. De Thingol as novas
deram no salão à dama solitária;
disse ela, porém, que não iria agora:
Nienor recém desmamara, tão nova ainda era,
não podia partir em tão duras marchas,
arriscando a pequena na escura floresta;
tendo o orgulho dos grandes entre os Homens,
pelo filho aceitara a oferta de Thingol,
por puro desespero, mas à espera ficar,
pedinte de outrem, mesmo se Elfo-rei,
pouco lhe aprazia; e, apesar de tudo,
esperava ainda de Húrin o retorno,
amava a morada que o marido lhe dera.
Queria escutar sua batida na porta,

o som das passadas tão suas chegando.
Assim, não partiu; trançou-se seu destino.
Mas aos thains de Thingol entreteve com gosto,
ocultou a desgraça e a glória sumida,
a falta de bens e os enfeites escassos;
d'ouro o que tinha deu-lhes o resto
e fez que levassem fero tesouro,
um elmo de Húrin, rijo na guerra
em que lutou com Beren, seu bom camarada,
juntos contra ogros e Orques malignos.
De aço gris-luzente, com ouro adornado
artífices o moldaram, com entalhes de runas
de poder e vitória, e um feitiço tinha
guardando seu dono de dano ou morte,
se na batalha portasse o intenso brilho
da cabeça de dragão em seu belo penacho.
Mandou-o a Thingol, em gratidão pela ajuda.

Assim Halog, o servo, a Hithlum chegou,
Mas os thains de Thingol atentos a agradeceram
e prontamente partiram, sem se deter pelo inverno
que cercava os montes e as matas gementes,
pois os coles não paravam a oculta gente.
A mensagem de Morwen, em um mês apenas,
tão velozes viajaram, foi lida em Doriath.
Por Morwen Melian foi tomada de tristeza,
mas Thingol recebeu cortês o presente,
seu regalo dourado, com graça em suas palavras,
apesar das riquezas, preclaros tesouros
que ao teto do reino antigo chegavam,
como se nada de tão nobre tivesse:
"Alta era a fronte que fera erguia

o signo coroado, a serpe rompente
a Dorlómin tão cara, o draco do Norte,
que Thalion Erithámrod, de triplo renome,
portava na batalha, e os contrários temiam.
Quisera que o tivesse na alvura da cabeça
naquele dia terrível, dando-lhe guarida!"
No peito então Thingol dispôs um desejo,
chamou a Túrin e tudo lhe contou,
que Morwen, sua mãe, uma magna coisa
mandara ao filho, herdada do pai,
com marcas de runas dos mestres de antanho
da terra dos anãos, das entranhas do tempo,
antes que os Homens a Mithrim e à brumosa Hithlum
chegassem vagando; envergava-o outrora
o pai dos pais do povo de Húrin,
cujo genitor, Gumlin, por seu turno o deu ao filho
antes que a alma partisse de seu triste peito —
"É obra de Telchar, de ínclito valor,
guardava o seu dono de dano ou magia,
de gládio o protegia ou de grande machado.
Quando fores homem, o elmo de Húrin
usarás em batalha; para tal sê digno,
dá-lhe bom uso!" Com dor no coração
Túrin o tocou, mas não o teve em mãos,
pequeno ainda para carga tamanha;
sofria em seu íntimo pela fala de Morwen,
confuso e ensombrecido.

Assim foram-se os dias,
e no compasso do tempo nos paços de Thingol
doze anos levou vivendo ali Túrin.
Apenas sete anos de soçobro e tristeza

tinha o filho de Húrin quanto forte verão
veio alegre e áureo com áspera despedida;
nove anos se seguiram nas grutas de Menegroth,
e sua sorte foi mais leve, pois soube às vezes
por viandantes como andava Hithlum,
e notícias traziam tropas de Elfos,
de que Morwen, sua mãe, já menos sofria
e tinha alívio do mal, e com alegres vozes
a Nienor chamavam do Norte a flor,
a lépida donzela de beleza doce
que com graça crescia. Agora mais contente
Túrin então ficava, e ainda tinha esperança.
Logo foi crescendo, e loas ganhava
em todas as terras que Thingol regia
pela força de seu corpo e fero coração.
Saberes aprendeu, sabedoria amava,
mas fortuna não tinha em todos os desejos;
errava os rasgos dos arranjos seus;
perdia o que amava, não se dava seu anseio,
e com amigos plenos não topava facilmente,
nem muitos o amavam pelo amuo de sua face;
tinha trevas no peito e pouca alegria
pela dor da cisão que se dera em sua vida.

Quase já moço, muitos saudavam
sua destreza d'armas; e na trança dos versos
era qual menestrel, mas triste era seu canto,
dos Homens de Hithlum pranteando a desgraça.
Mas mais forte seu pesar fez-se mais tarde,
quando não mais ouviu as novas de Hithlum
e ninguém mais tinha notícias de Morwen.
Pois o tempo já vinha do Destino dos Gnomos

e do poder do Príncipe do paço impiedoso,
e os agravos dos Glamhoth grandes se tornavam,
até que as terras nortenhas de todo encheram,
com caos e chamas cercando o povo
que não cedia a Bauglir nem subia à fronteira
da escura Dorlómin de esquivos pinheiros,
pelos Homens chamada Hithlum infeliz.
Trancou-os ali Morgoth, e os Montes das Sombras
os separavam de Feéria e dos Elfos do bosque.
Mesmo Beleg não seguia tão aberta trilha
quanto outrora amava, e as matas iam cheias
dos fâmulos de Angband e feitos malignos,
e a morte caminhava nas marcas de Doriath;
só a mágica magna de Melian, a Rainha
inda dava anteparo ao Povo Oculto.
Para afogar a tristeza e deter a ira
que ardia-lhe no peito por seu pobre povo,
o filho de Húrin seu elmo envergou
e o peso das armas que empunham os homens,
e foi para a floresta com guerreiros-élficos;
e fundo na floresta foram-se seus pés
na mais negra batalha, por menino que fosse.
Sem ser homem ainda, assediou e matou
os Orques de Angband e outros monstros
que rondavam e assaltavam as fronteiras do reino.
Dura era a sua vida e dores conheceu,
feridas de seta e o guerreiro brilho
das cimitarras-foices, petrechos do Inferno,
as sedentas lâminas em duras bigornas
de Angband temperadas, mas com rápida mão
revidava sem trégua, e o destino o guardava.
Provou-se, pois, hábil e de válido nome,

e maior que seus anos era a honra que tinha;
pois por ele se deteve da ruína a mão
sobre o povo de Thingol, e Thû o temia —
e muito viajavam os rumores sobre Túrin:
“Sus! Dávamos por morto o draco do Norte,
mas acima das hostes alta é a sua cabeça,
suas asas se abrem! Que ânimo é esse,
donde a acesa chama na sede de sua goela?
Deixou Húrin de Hithlum o Ínfero Reino?”
E Thû, entronizado como thain mais forte
de Morgoth Bauglir, a quem o monstro pedira
“vai, destrói o reino de Thingol, o ladrão,
e amarra a mágica de Melian, a Rainha”,
mesmo Thû o temia, e seus thains tremiam.

Só um havia lá maior que ele na guerra,
de mais alta honra entre a élfica gente
que Túrin, filho de Húrin, a torre de Hithlum —
era o caçador Beleg, da Escondida Gente,
cujo pai era o bosque, e as brenhas, seu lar;
vergar seu arco, Balthronding, de ínclito renome,
que o teixo negro em antanho nutrira,
ninguém podia; e ninguém o vencia
em saber os segredos das agrestes matas.
Era o amado líder dos que leve se armavam,
de vestes grises, verdes e castanhas,
arqueiros de mil setas e coriscantes olhos,
batedores que invadiam, com desdém ao risco,
os outeiros distantes das tropas inimigas,
e notícias e rumores a tempo ouviam
de avanços e conselhos, de vindas e idas,
os movimentos do magno Morgoth Bauglir.

Assim, Túrin, que se atinha a tarja e espada,
que amava enfrentar imigos às claras
onde brilhantes lâminas eram luz e fogo,
e seus camaradas de armas, de aço trajados,
raro eram pegos e de surpresa atacavam.

Então a fama das lutas nas longes terras
foi chegando à corte, à casa do rei,
com histórias sobre Túrin contadas no paço,
de como Beleg sem-idade era dado como irmão
do menino moreno da raça conquistada.
Então o rei pediu que diante dele viessem
uma vez ou outra, quando os Orques minguavam,
ou mesmo à vontade, se tempo tivessem,
para descanso e folguedo, para canto também
das baladas e canções, da doçura da música,
lembrança do júbilo quando jovem era a lua,
quando os montes eram novos no mundo infante.

Naquele tempo estava Túrin sentado à mesa,
e Thingol o agradeceu por seus potentes feitos;
havia farto riso e o forte clamor
de convivas sem conta levando hidromel,
e o vinho de Dor-Winion que se via farto
em cálices dourados; e carnes suculentas
enchiam as mesas, sob imensas tochas
no alto dos salões de luz e pedra.
O júbilo reinava; juntos menestréis
cantavam canções sobre a altiva Côr
sob Taingwethil, montanha altaneira
de íngremes sombras, sobre os alvos salões
onde os grandes deuses ponderam o mundo

815 desde a guarda nas costas do golfo de Feéria.
Sobre Porto-cisne a canção se ouviu,
a matança maldita que atava as gentes[F]

Aqui o texto datilografado IIB termina de forma abrupta, no meio de uma página; o manuscrito IIA já tinha chegado ao fim no verso 767.

NOTAS

A primeira página do texto datilografado dessa seção do poema, que corresponde aos versos 248–95, está duplicada. Uma das versões (b) incorpora mudanças feitas na outra (a) e recebe, ela própria, novas alterações. Não há um texto correspondente da versão IIA até o verso 283.

248 *na terra de Mithrim* em (a) e na versão original de (b). A emenda em (b) faz o texto voltar à forma da primeira versão (105), *na Terra das Sombras*.
265 *de Dairon irmã* em (a) e na versão original de (b).
266–68 Esses três versos foram inseridos em (b), com a alteração de *que em Doriath dançara* 269 para *em Doriath dançara*. Ver abaixo a *Nota sobre o poema "Leve como Folha de Tília"*.
273 *Ermabweth* em (a) e no texto (b) quando datilografado. A emenda em (b) com a forma *Ermabwed* retorna ao nome presente nos *Contos Perdidos* e na primeira versão do poema (121).
274–78 Na forma original datilografada, (a) era virtualmente idêntico à primeira versão, versos 122–25. Essa variante, então, foi alterada da seguinte forma:

> a tinha por esposa e em antanho jurara
> amor de irmão, de amigo fiel,
> de Elfo com mortal, de Egnor o filho
> com Húrin de Hithlum, percorrendo juntos
> a margem do Mithrim de brumosas águas.
> Disse, pois, ela ao filho ...

Essa passagem foi então datilografada em (b), com a alteração de *percorrendo juntos* para *mais reto dos heróis*. Mais tarde, o verso *de Elfo com mortal, de Egnor o filho* foi riscado, e foram feitas outras mudanças menores para se chegar ao texto apresentado acima.
294 *Mailrond*: *Mailgond* em IIA, IIB; uso a forma *Mailrond* por conta das emendas nos versos 319, 596.
319 *Mailrond*: *Mailgond* em IIA e em IIB quando foi datilografado, emendado a lápis para *Mailrond*; o mesmo ocorre no verso 596.
356 *Soltura dos Grilhões* em IIB quando foi datilografado (a alteração para *Grilhões Soltos* foi feita por razões métricas). A referência à *Balada de Leithian* não consta do texto IIA, mas o manuscrito, nesse ponto, está tão fragmentado e desconjuntado que não é muito útil.

358–66 Esses nove versos foram datilografados num pedaço de papel e colados no texto IIB, substituindo os versos seguintes, que foram riscados:

> sobre Lúthien, a lépida, que, louco de amor,
> ele seguira na mata com magno assombro
> enquanto ela dançava qual sonho de brancura,
> nas sombras cintilando sob a luz do luar;

No primeiro verso (358) do pedaço de papel inserido, *o brio em seu peito* substituiu *o bravo e indômito*; além disso, acima de *Ermabwed* foi escrita (mais tarde, a lápis) a forma *Er(h)amion*.
374 *Carcharoth*: *Carcharolch* em IIA e na versão original de IIB.
398–402 Esses cinco versos foram datilografados num pedaço de papel que foi colado em IIB ao mesmo tempo que o dos versos 358–66, mas esse caso nada foi substituído no texto original. O verso 400, quando datilografado, originalmente dizia:

> pois é "Tênue como a Folha da Tília" o seu nome

forma depois emendada para a que apresentamos.
Debaixo desses cinco versos datilografados, meu pai escreveu: "Seguem-se aqui os versos de 'Leve como folha de tília'."[q]

Nota sobre o poema "Leve como Folha de Tília"

Os versos 266–68 (ver a nota acima) claramente foram acrescentados ao manuscrito ao mesmo tempo que os dois pedaços de papel colados (correspondentes aos versos 358–66 e 398–402), levando em conta o verso 268, *que, leve como a folhagem das lindas tílias*.

Esse poema, aqui inserido na *Balada dos Filhos de Húrin*, corresponde a três versões datilografadas, aqui designadas pelas letras (a), (b) e (c), junto com uma pequena página manuscrita que traz reelaborações da penúltima estrofe. Os textos datilografados foram feitos com a mesma fita roxa usada nos textos IB e IIB da Balada e, obviamente, vêm do mesmo período.

O texto (a), o primeiro dos três, não tinha título quando foi datilografado: *Leve como folha de tília* foi escrito nele a tinta e, antes que o poema comece, também há o seguinte trecho a tinta:

> "Leve era ela qual folha de tília,
> leve pluma que, rindo, o vento pilha."
> Tinúviel! Tinúviel!

Nesse texto datilografado, meu pai fez algumas anotações sobre a data do poema: "primeiros esboços Oxford 1919–920 Alfred St.", "Leeds 1923, retoques 1924". O texto (a) é a versão de 1923; ela

difere da variante posterior (1924) apenas na penúltima estrofe, a respeito da qual ver a nota aos versos 459–66 a seguir.

O texto (b), mais uma vez, não levava título quando foi datilografado, mas *Leve como Folha de Tília* foi escrito a tinta. Ele começa com 15 versos aliterantes:

Na Balada de Leithian, a dos Grilhões Soltos,
na trama das trovas há tempos se fala
de Beren Ermabwed, bravo, indômito;
de Lúthien, a lépida, que, louco de amor,
ele seguira na mata com magno assombro.
Tinúviel, "rouxinol", foi o nome que lhe deu,
de voz dulcíssima, feito véu suave
e capa ondeante de ocaso trançado
com brocado de estrelas, de claros olhos,
dançava resplandecente, um sonho que adejava,
pérola pálida sobreposta à escuridão.
E canções surgiram, cessando o pesar,
repentina doçura em tempo de silêncio,
as quais "Tênue como de Tília a Folha"
foram chamadas — aqui feitas em eco.

O texto (c) tem o título datilografado *Leve como Folha de Tília*, sendo que a última palavra foi emendada para *Árvore da Tília*. Ele traz apenas o poema propriamente dito, sem a introdução aliterante; e o texto é idêntico ao de (b).

O leitor verá que os versos aliterantes nas linhas 1–2 de (b) são muito próximos dos versos 356–57 da Balada (que eram versos originais do texto datilografado, e não trechos inseridos depois):

(Ali Halog contou a história de renome
que na Balada de Leithian, a dos Grilhões Soltos [< Soltura dos Grilhões],
na trama das trovas outrora foi narrada

enquanto os versos 3–11 são idênticos àqueles presentes no primeiro pedaço de papel colado, 358-66 (conforme datilografados originalmente: *o brio em seu peito* no verso 358 é uma emenda que substitui *bravo, indômito*). Além disso, os versos 12–15 são próximos daqueles no segundo pedaço de papel colado, 398–402:

> Cantou então canção para a tristeza aliviar,
> gentil e repentina nas trevas do bosque,
> "Tênue como a Folha da Tília" é seu nome,
> cuja música, alegre e de luto ao mesmo tempo
> ainda toca os corações. Cantou-a assim Halog:

É muito difícil determinar a ordem dos eventos, mas a chave provavelmente está no fato de que os versos 356–57 se encontram no texto IIB quando foi datilografado originalmente, e não na inserção colada. Creio (ou, talvez melhor dizendo, infiro) que meu pai compôs uma sequência aliterante de 13 versos (começando com *Beren Ermabwed, bravo, indômito*) como introdução do poema *Leve como Folha de Tília*; e depois, ao mesmo tempo em que datilografou o texto (b) desse poema, com o cabeçalho aliterante, acrescentou-o ao texto datilografado da Balada que já existia.

Leve como Folha de Tília foi publicado em *The Gryphon* (Universidade de Leeds), Nova Série, Vol. VI, no. 6, junho de 1925, p. 217. Nessa versão, ele é precedido por nove versos aliterantes, que começam com

> É de Beren Ermabwed e de suas bastas dores

e continuam exatamente como no texto (b) acima (e no texto da Balada) até *sobreposta à escuridão*; os últimos quatro versos não aparecem. Na sua cópia do texto que saiu em *The Gryphon*, meu pai alterou *bastas dores* (que é obviamente apenas um erro de impressão)[r] para *brio em seu peito* (tal como na Balada, 358); trocou o título para *Tão Leve Quanto Folha de Tília*; e escreveu *Erchamion* em cima de *Ermabwed* (ver a nota aos versos 358–66).

O texto do poema inserido no corpo da Balada é o daquela publicação, o qual é também idêntico ao dos textos datilografados (b) e (c). Meu pai fez pouquíssimas alterações ao texto (c) depois disso (isto é, depois que o poema tinha sido impresso), e elas são apresentadas nas notas a seguir, assim como as formas anteriores da penúltima estrofe.

Por fim, pode-se observar que, se minhas deduções estiverem corretas, a introdução, na Balada, da referência à *Balada de Leithian* e do resumo dessa história contado por Halog precederam a publicação de *Leve como Folha de Tília* em junho de 1925.

419 *magia* > *assombro*, emenda feita posteriormente ao texto datilografado (c) de *Leve como Folha de Tília* depois que o poema foi publicado.
424 OMITIDO POR CONTA DA TRADUÇÃO
459, 464 OMITIDO POR CONTA DA TRADUÇÃO
459–66 No texto datilografado (a), a penúltima estrofe está assim:

Tomou Beren a élfica menina,
  Beijou-lhe os olhos estrelados,
Elfa-menina, amor e sina
  Nos dias de longínqua memória.
Completos, mas não terminados,
  Beren e a sua élfica menina
Vão dançar de olhos estrelados
  E encher a floresta de glória.

A página manuscrita isolada (que traz o endereço “A Universidade, Leeds”) tem duas versões da estrofe, intermediárias entre (a) e a versão final. A primeira delas é:

Tomou Beren a élfica menina,
  Beijou-lhe os olhos estrelados,
Elfa-menina, amor e sina
  Na trama da mata em Nemória,
  Na trança do bosque em Tramória.
Completos, mas não terminados,
  Beren e a sua élfica menina
Vão dançar de olhos estrelados
  E encher a floresta de glória.

Outras variantes são sugeridas para os versos 4 e 8:

Na trama da mata em Glamória
...
Nas clareiras de prata em Amória

e

Antes que houvesse mortal memória
...
E encher as matas de glória.

Não consigo lançar luz alguma sobre o significado desses nomes.
A segunda versão se aproxima mais da forma final, com as seguintes variantes para os versos 4 e 8 da estrofe:

Na terra de alegre arrebol.
> Em feitiços de alegre arrebol
...
Num eterno ocaso sem sol

Os versos da forma final também estão escritos nessa página. Essa reescrita da penúltima estrofe é inquestionavelmente a dos "retoques" citados na nota ao texto datilografado (a) (ver p. 146).
475 *foi a canção de Halog*: *foi a lembrança de Halog* no texto IIB quando datilografado. A emenda foi feita ao mesmo tempo que a inserção de *Leve como Folha de Tília*; da forma como foi escrita originalmente, o verso vinha depois do de número 397, no fim da história de Halog.
520 *Finweg* no texto IIB sem emendas; ver a nota ao verso 19 da segunda versão.
531 *Nirnaith Únoth* em IIA e também em IIB quando datilografado. Ver a nota ao verso 26 da segunda versão.
551 *tirou* foi sublinhado no texto IIB e substituído por uma palavra ilegível, talvez *tinha*.
576 *Ermabweth* em IIA e na versão datilografada original de IIB. Cf. o verso 273.
596 *Mailrond*: ver nota ao verso 319.
767 O manuscrito IIA termina aqui.
811 *Côr* foi emendada a lápis para *Tûn*, mas *Tûn* foi riscada mais tarde. Na primeira versão (IB, verso 430) ocorre a mesma coisa, mas nela a emenda *Tûn* não foi riscada.
812 *Taingwethil*: *Tengwethil* quando datilografada originalmente. A primeira versão IB introduz *Tain-* no lugar de *Ten-* nos versos 431 e 636, mas no verso 1409 IB tem a forma *Ten-* no lugar de *Tain-*, presente em IA.

Uma nota posterior feita a lápis diz aqui: "Em inglês, *Tindbrenting*" (ver o Comentário, pp. 154–55).

Comentário à Parte II da segunda versão "*Túrin Adotado*"

(i) Referências à história de Beren e Lúthien

Nessa segunda parte da segunda versão, a principal inovação é, claro, a entrada da história de Beren e Lúthien, contada a Túrin por seu tutor, Halog, quando eles estavam perdidos na floresta, algo que lembra de imediato a narração dessa mesma história por parte de Aragorn a seus companheiros no Topo-do-Vento antes do ataque dos Espectros-do-Anel (*A Sociedade do Anel*, I. 11); e, com a introdução também do poema *Leve como Folha de Tília*, ou seja, a forma original da exata canção que Aragorn entoou no Topo-do-Vento,

percebemos que a primeira cena é, na verdade, a precursora da segunda.

No verso 264 (que é original, e não uma interpolação) temos a primeira aparição do nome *Lúthien* como designação da filha de Thingol, de modo que Tinúviel passa a ser uma alcunha dela (dada por Beren, verso 361). Os versos interpolados 266–67 sugerem que Tinúviel significava "a de Manto-de-estrelas", o que parece bastante provável (ver I. 323–24, verbete *Tinwë Linto*; o dicionário gnômico, contemporâneo dos *Contos Perdidos*, de forma bastante surpreendente, não traz indicações do significado de *Tinúviel*). Por outro lado, no verso interpolado 361, há uma sugestão igualmente clara de que o nome significava "Rouxinol". É algo difícil de explicar.[s]

A forma original do verso 265, *de Dairon irmã*, remonta ao *Conto de Tinúviel*, no qual Dairon era filho de Tinwelint (II. 21).

Observei anteriormente (pp. 36–7) que os versos 178–79 da primeira versão

> e nunca até então, por denodo ou demanda,
> a raça dos Homens tal rastro seguira

mostram que Beren ainda era um Elfo, e não um Homem; mas, embora esses versos tenham sido mantidos sem alteração na segunda versão (349–50), seu sentido é contrariado pelo novo verso que vem logo a seguir — *salvo Beren, o bravo*, o que mostra de forma igualmente clara que Beren era um Homem, e não um Elfo. Nessa época, meu pai aparentemente estava dividido a esse respeito. Nos versos 273 e seguintes da segunda versão (que remetem à amizade entre Beren e Húrin), ele originalmente repetiu os versos 122–25 da primeira versão, que nada dizem sobre esse assunto; porém, na primeira revisão dessa passagem (apresentada na nota aos versos 274–78), ele escreveu explicitamente que Beren era um Elfo:

> (Beren) em antanho jurara
> amor de irmão, de amigo fiel,
> de Elfo com mortal, de Egnor o filho

com Húrin de Hithlum ...

Já que essa é uma reescrita do texto original de IIB, presumivelmente se trata de um recuo em relação à ideia (de que Beren era um Homem) expressada nos versos 349–50; no entanto, a reescrita ulterior dessa passagem, que elimina o verso *de Elfo com mortal, de Egnor o filho*, presumivelmente representa um retorno a essa ideia.

Quando Halog reconta a história de Beren e Lúthien, temos algumas diferenças aparentes em relação à forma dela no *Conto do Nauglafring* e na *Balada de Leithian*. A referência à *mágica de Melian* no verso 371 provavelmente tem a ver com o conhecimento de Melian sobre o paradeiro de Beren; cf. o *Conto de Tinúviel* II. 29: "'Ó Gwendeling, minha mãe', disse ela, 'conta-me *por tua magia*, se puderes, como passa Beren ..." Uma provável explicação para a menção posterior, nessa passagem, às *artes de Melian* (393), em ligação com o momento em que Lúthien resgata Beren da morte, será dada mais tarde. Mas em nenhuma outra versão da história há alguma sugestão de que Carcharoth "caçou" Beren e Lúthien (377) depois de devorar a mão de Beren que segurava a Silmaril. De fato, é o contrário: desde o *Conto de Tinúviel* (II. 47), "Então Tinúviel e Beren fugiram pelos portões como o vento, *porém Karkaras estava muito adiante deles*", até *O Silmarillion* (p. 248), "Uivando, fugiu diante deles". (A forma *Carcharoth* aparece agora pela primeira vez, como emenda de *Carcharolch*, que não aparece em nenhum outro lugar; no *Conto de Tinúviel,* as formas são *Karkaras* e, na segunda versão, *Carcaras*.)

Mais importante ainda, os versos 395–97

agora vivem para sempre, imperecíveis seus dias,
e a relva é perene na floresta verdejante
a Leste ou a Oeste, quando ao léu vagueiam.

parecem representar uma concepção da segunda vida de Beren e Lúthien notavelmente diferente daquele no *Conto do Nauglafring* (II. 288), no qual a sina de mortalidade que Mandos decretara recaiu

rapidamente sobre eles (como ocorre também em *O Silmarillion*, p. 316):

> nem dessa vez os dois percorreram juntos a estrada, mas quando seu filho, Dior, o Belo, ainda era pequeno, Tinúviel minguou lentamente… e desapareceu na floresta, e ninguém mais a viu dançando ali. Mas Beren a buscou, percorrendo todas as terras de Hithlum e de Artanor; e jamais um dos Elfos teve maior solidão que a dele, antes que ele também se apagasse da vida…

Seja lá como se interprete esse assunto, os versos na Balada claramente devem ser associados ao fim de *Leve como Folha de Tília*:

> Completos, mas não terminados,
> Beren e a sua élfica menina
> Vão dançar de olhos estrelados
> Na floresta de alegre arrebol.

É possível comparar esse final com o da canção de Aragorn no Topo-do-Vento:

> Os Mares Divisores se estendiam, de fora a fora,
> Voltaram porém a juntar-se sozinhos
> E faz muito tempo que foram embora
> Na floresta cantando sem pesares.

(ii) O Elmo-de-dragão e os ancestrais de Húrin

O mais velho dos guardiões de Túrin, ainda chamado de Gumlin na primeira versão, agora recebe o nome de (Mailgond >) Mailrond: e Gumlin passa a ser o nome do pai de Húrin, que não tinha sido nem mencionado antes (exceto pela referência, na primeira versão, ao fato de que o Elmo-de-dragão teria sido herdado *dos pais* de Húrin, verso 318). Na segunda versão, diz-se do elmo:

> envergava-o outrora

o pai dos pais do povo de Húrin,
  cujo genitor, Gumlin, por seu turno o deu ao filho
antes que a alma partisse de seu triste peito. (674–77)

O último verso sugere que uma história sobre o pai de Húrin já tinha passado a existir; e o verso 675 sugere ainda uma longa linhagem de ancestrais antes de Húrin — assim como o faz o verso 622, *tendo o orgulho dos grandes entre os Homens*, no caso de Morwen. É difícil saber como meu pai, nessa época, concebia as gerações mais antigas dos Homens, e essa é uma questão que devemos deixar de lado por enquanto.

O Elmo-de-dragão em si agora começa a ganhar sua própria história: ele veio

da terra dos anãos, das entranhas do tempo,
antes que os Homens a Mithrim e à brumosa Hithlum
chegassem vagando (672–74)

e é obra de Telchar (678), citado aqui pela primeira vez. Mas ainda não há indicação do significado do penacho de dragão.

Os versos 758–62 (*Sus! Dávamos por morto o draco do Norte ... Deixou Húrin de Hithlum o Ínfero Reino?*), que não têm correspondência com nada na primeira versão, claramente anteveem o texto do *Narn*, p. 115:

> e corria o rumor pelas florestas, e se ouvia muito além de Doriath, que o Elmo-de-dragão de Dor-lómin fora visto novamente. Então muitos se admiraram, dizendo: "Pode o espírito de Hador ou de Galdor, o Alto, retornar da morte? Ou Húrin de Hithlum verdadeiramente escapou das profundezas de Angband?"

(iii) Questões Miscelâneas

As curiosas referências a Beleg na primeira versão ("nato nas brenhas, de ignoto pai", ver p. 37) reaparecem na segunda, mas de forma alterada, e em uma das ocorrências isso é colocado na boca do

próprio Beleg: *o bosque é meu pai*, verso 536, cf. 772. A expressão *Beleg sem-idade* é mantida na segunda versão (793), e nos versos 544 e seguintes ele mostra uma capacidade de fazer fogo com madeira molhada ao estilo de Gandalf, com *mágica ou engenho* (cf. *A Sociedade do Anel*, II. 3).

O grande arco de Beleg agora finalmente recebe seu nome: *Balthronding* (773; mais tarde, *Belthronding*).

Ficamos sabendo agora que o forte vinho de Dor-Winion que Beleg dá aos viajantes, e que é bebido durante o banquete fatídico nas Mil Cavernas, foi trazido para as terras do Norte a partir de Nogrod, pelos Anãos (540–41); e também que a prática da viticultura existia em Valinor (543–44) — embora, depois dos relatos sobre a vida nos salões de Tulkas e Oromë no conto d'*A Vinda dos Valar* (I. 97), isso não cause surpresa. De fato, afirma-se que Nessa, esposa de Tulkas, portava "cálices do melhor vinho", enquanto Méassë andava entre os guerreiros em sua casa e "revigorava os vacilantes com vinho forte" (I. 100).

Um detalhe interessante no segundo relato sobre a recepção de Túrin em Doriath, que não aparece de novo depois disso, é o de que Melian teve um papel na generosidade do rei:

> por Melian convencido em murmúrio de conselho. (580)

No banquete em que Túrin matou Orgof, *as belas canções dos rebentos de Ing* da primeira forma do poema (verso 421) agora desapareceram.

A cronologia da juventude de Túrin foi ligeiramente alterada na segunda versão. Na primeira, tal como no *Conto* (ver p. 36), Túrin passou sete anos em Doriath enquanto ainda vinham notícias de Morwen (verso 333); o período agora passa a ser de nove anos (verso 693), tal como em *O Silmarillion* (p. 269).

Por fim, no verso 812, uma nota a lápis ao lado do nome *Taingwethil* (Taniquetil) diz "em inglês, *Tindbrenting*". Esse nome aparece em notas sobre as formas em inglês antigo para os nomes élficos (ver a p. 108). *Tindbrenting þe þe Brega Taniquetil nemnað* ("Tindbrenting, que os Valar chamam de Taniquetil"; em inglês

antigo, *bregu* é “rei, senhor, governante” = “Vala”). O nome talvez seja derivado do inglês antigo *tind* “ponta que se projeta” (em inglês moderno, *tine*) e *brenting* (derivado de *brant*, “íngreme, altaneiro”), usado aqui num sentido não registrado (*brenting* ocorre apenas uma vez em inglês antigo, no poema *Beowulf*, no qual tem o significado de “navio”).

Versos associados a *Os Filhos de Húrin*

Existe um poema registrado em três manuscritos, todos eles em papel “Oxford” (ver p. 100), no qual meu pai desenvolveu elementos presentes nos versos 2082–113 de *Os Filhos de Húrin*, criando uma obra breve independente. O primeiro texto não tem título e diz o seguinte:

O forte verão
se tornava outonal, e as ventanias do oeste
em sua faina soltavam as folhas dos galhos.
O chão da floresta de dourado esmaecido
e brônzeo-castanho cobriu-se por completo;
um farfalhar constante se escutava nas veredas,
sussurros nos recantos. A Barcaça de Prata,
a Lua vagante de esguio mastro,
cobria-se de chamas como de basta fornalha;
seu âmago guardara a calidez do verão,
seus véus iam cerzidos com luzente flama
erguendo-se rubra sobre a beira da Noite,
junto aos cais brumosos na margem do mundo.
Então veio o inverno e os ventos mais duros,
e a geada e a neve e a áspera chuva
dos céus iracundos, sem sol e grisalhos,
açoite em assobio, cicio de tempestade
sobre terras desoladas, tortura e tormento:
desabaladas enchentes de amareladas águas

correreram para o mar, num ricto inchado
carregaram-se de entulho e, com túrbida espuma,
iam fazendo estrondo. A tempestade passou:
o gelo ia descendo do cimo das montanhas,
sem pena qual aço. Pétreo a cintilar,
o entardecer congelado largo se abria,
um domo de cristal sobre as profundezas de silêncio,
os ermos sem vento, as vagas matas
feito fantasmas de gelo sob estrelas piscantes.[G]

Ao lado de *por completo* no verso 5, *fartamente* é usado como variante, e, no caso de *Barcaça* no verso 7, há a opção *batel*.

Os primeiros 13 versos são quase idênticos aos de número 2082–094 na Balada, com apenas algumas mudanças ligeiras (a maioria delas segundo um propósito comum nas revisões de meu pai para sua poesia aliterante, o de deixar os versos mais escorreitos). Depois disso se seguem os versos 14–16, que são adaptações de 2102–114; o de número 17 é novo; o 18 contém parte do 2119; 19–22a são baseados em 2106–109a; 22b–24 são novos; e 25–8 são quase idênticos a 2110–113.

A segunda versão do poema traz o título *Tempestade sobre o Narog* e foi bastante desenvolvida. Ela foi escrita mantendo os versos 14–5 da primeira, mas eles foram alterados e expandidos até se tornarem três versos; e o terceiro texto, intitulado *O inverno chega a Nargothrond*, é uma cópia do segundo com essa alteração e uma ou duas outras muito ligeiras. Apresento o terceiro texto aqui.

O inverno chega a Nargothrond

Devagar, o verão, na floresta triste,
murcho fenecia. Assomaram no oeste
ventos que zanzavam pelas vagas em guerra.
Em sua faina soltavam as folhas dos galhos:
tombavam douradas, cobrindo os pés

das tesas árvores, altivas e desnudas,
em farfalhar constante escutado nas veredas,
desabando em rodopio.
A barca fúlgida
da Lua vagante de esguio mastro,
de véus que iam cerzidos com luzente flama,
ergueu-se rubra sobre a beirada da Noite
junto aos cais brumosos na margem do mundo.
Ao sopro de suas trompas caçava o inverno
nas matas enlutadas, atroz e selvagem;
a geada cortava, e o áspero granizo
vinha dos céus iracundos, sem sol e grisalhos,
açoite em assobio, cicio de tempestade.
Desabaladas enchentes de amareladas águas
correram para o mar, num ricto inchado
carregaram-se de entulho e, com túrbida espuma,
iam fazendo estrondo. A tempestade passou.
O gelo ia descendo do cimo das montanhas,
sem pena qual aço. Pétreo a cintilar,
o entardecer congelado largo se abria,
um domo de cristal sobre as profundezas de silêncio,
os ermos sem vento e as vagas matas
feito fantasmas de gelo sob estrelas piscantes.[H]

Na parte de trás de *O inverno chega a Nargothrond* estão escritos os seguintes versos, que derivam dos de número 1554–570 da Balada. O poema não tem título.

Com o mar espumejante os jorros do Sirion,
verdes torrentes em meio às vagas grises,
em murmúrio se mesclam. Há muitas gaivotas,
avejões ao léu em solene concílio,
hostes de asas brancas que berram tristonhas

com vozes incontáveis numa terra de areias:
planícies e montanhas de pálido amarelo
que a brisa salgada abana e peneira,
amargas e crispadas. Nas margens da praia
uma ilhota jaz, brilhante e comprida,
com pedrinhas feito pérolas ou pálido mármore:
quando a espuma das ondas perpassa o vento
elas cintilam nos borrifos; mais tarde, molhadas,
sob a Lua chamejam; gemendo, raladas,
despencam no escuro; são postas a rolar
quando a tormenta possante comanda torrentes
numa guerra de águas diante da terra.
Quando o Senhor do Oceano suas altas trombetas
sopra no abismo com som de batalha,
magnos corcéis de comadas legiões,
de lombos qual baleias, lépidos na espuma,
disparam aos relinchos, suas patas sobre as algas;
com abalo de trovão e de tambores às centenas
saltam as barreiras, arrancam as defesas,
os montes de areia varrendo ensandecidos,
irados rugindo pelo rio acima.[I]

Os últimos três versos foram colocados entre colchetes mais tarde.

Pode-se mencionar aqui que existe um poema em dísticos rimados intitulado *Os Filhos de Húrin*. Ele se estende por apenas 170 versos e termina de forma abrupta, depois de um curto prólogo baseado na abertura da versão posterior da Balada aliterante e de uma segunda seção incompleta com o título “A Batalha das Lágrimas Inumeráveis e a Maldição de Morgoth”. Esse poema, entretanto, vem de um período consideravelmente mais tardio — por volta da época em que foi abandonada a *Balada de Leithian*, escrita na mesma métrica no começo dos anos 1930. Não apresentarei esse poema aqui.

NOTAS

[a] No sul da Itália. [N.T.]

[b] Ou seja, a data mais antiga possível para um evento. [N.T.]

[c] *Lo! Thalion in the throng of thickest battle*

[d] *Lo! Thalion Húrin in the throng of battle*

[e] *Lo! Húrin Thalion in the hosts of war*

[f] O "respiro" ou espaço entre a primeira e a segunda metade do verso, obrigatório na métrica tradicional em inglês antigo. [N.T.]

[g] *Dorwinion* está marcado no mapa decorado de Pauline Baynes, como uma região das costas norte-ocidentais do Mar de Rhûn. Deve-se imaginar que esse nome, tal como os demais naquele mapa, foram comunicados a ela por meu pai (ver *Contos Inacabados*, p. 300, nota de rodapé), mas a localização parece surpreendente.

[h] A afirmação de que *Ing* é a forma gnômica de *Ingwë* aparece no "Esboço da Mitologia" de 1926 e no "Silmarillion" de 1930. O nome *Ing* foi substituído por *Inwë* em *O Chalé do Brincar Perdido*, mas nesse texto o nome gnômico de Inwë é *Inwithiel*, uma alteração de *Gim Githil* (I. 27, 33).

[i] "Olhos do dia" é um jeito poético de se referir às margaridas, chamadas em inglês de *daisies*, provável contração de *day's eyes*, expressão que tem esse significado no idioma. [N.T.]

[j] O detalhe da lâmpada azul não está presente no relato em *O Silmarillion*; ver *Contos Inacabados*, p. 80, nota 2.

[k] (Aqui o texto datilografado B termina e o resto do texto está em formato manuscrito. Ver a Nota aos Textos, p. 99)

[l] Cf. os versos 1873–874:

> "Pois dormiu a vigilância nas matas do Narog
> desde que Orodreth regia esta gente e este reino?

[m] A única evidência externa até agora (além da natureza física dos textos, que claramente foram escritos em Leeds, e não em Oxford) é o fato de que uma página de IIA foi escrita na parte de trás de uma carta formal enviada por *The Microcosm* (um periódico literário trimestral de Leeds, no qual meu pai publicou o poema *A Cidade dos Deuses* na edição da primavera de 1923, ver I. 168), confirmando o pagamento de uma assinatura em 1922; a carta, evidentemente, foi escrita em 1923.

[n] No passado do verbo inglês *to work* ("trabalhar"), por exemplo, *worked* normalmente conta como uma sílaba só. Grafado como *workéd*, o verbo passa a ter duas sílabas para efeitos de métrica. [N.T.]

[o] Aqui termina a última versão do texto, a IID, e a versão IIB passa a ser seguida a partir deste ponto; ver a p. 118.

[p] Para a história textual da inserção desse poema na Balada, ver a Nota nas pp. 145–48.

[q] O título original do poema, *Light as Leaf on Lindentree*, acaba aparecendo de duas formas em português em função das necessidades da aliteração em versos específicos, onde ora a palavra *light* é traduzida como "tênue", ora como "leve". [N.T.]

[r] Em inglês, a diferença é entre *broken-hearted*, “de coração partido”, e *the boldhearted*, “o de coração ousado”. A necessidade de aliteração na sílaba tônica das palavras com a letra B (de Beren) faz com que a diferença seja bem maior em português. [N.T.]

[s] Uma explicação possível, ainda que um tanto questionável, é que os versos 266–68 na verdade não foram inseridas no texto ao mesmo tempo que os dois pedaços de papel colados (correspondentes aos versos 358–66 e 398–402), conforme supus (p. 145), mas eram anteriores a isso. Segundo essa visão, quando 266–68 foram escritos, *Tinúviel* ainda não era o nome dado por Beren a Lúthien, mas sim sua alcunha comum, conhecida pelas *gentes* (266) e com o significado de “a de Manto-de-estrelas”. Mais tarde, quando os versos 358–66 foram acrescentados, esse passou a ser o nome dado a ela por Beren (361), com o significado de “Rouxinol”. Se for esse o caso, também poderíamos supor que o verso 268, *que, leve como a folhagem das lindas tílias*, deu origem ao título do poema.

2

Poemas Abandonados no Início

Durante o tempo que passou na Universidade de Leeds, meu pai embarcou na composição de cinco obras poéticas diferentes relacionadas à matéria de sua mitologia, mas três delas não foram adiante além dos versos de abertura. Este capítulo apresenta cada um desses poemas.

(i) A Fuga dos Noldoli

Não parecem existir indicações precisas da data desse breve poema em versos aliterantes em relação à de *Os Filhos de Húrin* (embora convenha notar que, já no primeiro dos três textos de *A Fuga dos Noldoli,* Cranthir, filho de Fëanor, recebe esse nome, enquanto essa forma só surgiu como emenda do nome "Cranthor" no texto datilografado da Balada, no verso 1719). Entretanto, seja em seu estilo geral, seja por meio de vários detalhes, é possível perceber que ele foi escrito na mesma época. E, já que parece improvável que, de um lado, meu pai teria embarcado a escrita de um novo poema em versos aliterantes a menos que tivesse abandonado o primeiro, ou que, por outro lado, ele tivesse retornado a trabalhar com esse estilo depois que estivesse totalmente mergulhado num poema longo em dísticos rimados, acho muito provável que *A Fuga dos Noldoli* tenha sido escrito no início de 1925 (ver pp. 12, 100).

Cada um dos três manuscritos do poema (A, B e C) recebe títulos diferentes. O de A é *A Fuga dos Gnomos conforme foi cantada nos Paços de Thingol*; o de B (escrito a lápis mais tarde) é *Fuga dos Gnomos*; e C traz como título *A Fuga dos Noldoli de Valinor*. A tem emendas que foram incorporadas no texto B, e as emendas a B foram incorporadas no texto C; quase todas são rearranjos métricos/verbais característicos, como, por exemplo, os do verso 17:

A *em angústia gemendo*, emendado com a versão de B;
B *e em angústia gemem*, emendado com a versão de C;
C *gemendo em angústia*.

Como acontece de forma geral neste livro, variantes anteriores que não têm impacto sobre os nomes e a história não são citadas. Todos os textos terminam no mesmo ponto, mas três versos posteriores foram escritos rapidamente na margem de A (ver a nota ao verso 146).

Apresento agora o texto da terceira versão, o C.

A FUGA DOS NOLDOLI DE VALINOR

Ah! As Árvores de Luz, altas e formosas,
de ouro e de prata, mais gloriosas que o Sol,
mais mágicas que a Lua, sobre as matas dos Deuses,
sobre seus prados fragrantes e pulcros jardins
bastos de flores seu brilho luzia.
Na morte se escurecem, derramam suas folhas
dos galhos negros sangrados por Morgoth
e Ungoliant atroz, Tecelã-de-Treva.
Em forma de aranha, desesperança e sombra,
medo que estremece e deformada noite
ela tece em teia e tramas de veneno
negras e sem ar. Fenecem os galhos,
a luz e o riso da folhagem se apagam.
O breu avança, brumas de negrume
pelos salões dos Magnos silentes e vazios,
os portões dos Deuses têm treva por manto.

Sus! os Elfos murmuram, gemendo em angústia,
mas não mais terá lume a alegre Côr,
as vias vagantes da vasta cidade,
Tûn de muitas torres, cujas lanternas brilhantes

se cobrem de ébano. Os escuros dedos
de névoa vêm flutuando do ermo informe
e dos mares sem sol. O som de trompas,
de cascos de cavalos, selvagens a correr
em caça sem esperança, escutam ao longe,
onde a ira dos Deuses os hórridos comparsas,
em meio à sombra enlutada que assoma qual maré
sobre o Reino Abençoado, com ódio cego
persegue sem cessar. À sé dos Elfos
acorrem multidões. Nas escadas, feito fios
esculpidos de cristal, tochas infindas
montam guarda e tremulam, mancham o crepúsculo
e os vastos balaústres de verde berilo.
Um vago rumor de vozes que se movem,
enquanto miríades sobem as sendas de mármore,
preenche e perturba aqueles altos lugares,
as vias largas de Tûn e as peroladas muralhas.

Das Três Gentes ao estrondo da multidão
só os Gnomos vão em números grandes.
Os Elfos de Ing aos ancianos salões
e jardins estrelados que luzem altivos
sobre Timbrenting, torre montanhosa,
naquele dia subiram, aos domos de nuvens,
as mansões de Manwë, para canção e regozijo.
Ali Bredhil, a Benta, com blau em seu manto,
a Senhora dos montes, tão amável quanto a neve
brilhando à luz de estelares legiões,
gélida e imortal, das alturas Rainha,
por demais bela e ingente, longínqua e excelsa
para os olhos mortais, diante de Manwë
se sentava silente enquanto cantavam para ela.

Os Ginetes-de-Espuma, povo das águas,
Elfos das infindas e ecoantes praias,
das baías e grutas e lagunas azuis,
das areias de prata com respingos de luar,
de estelar e solar, de lindos cristais,
gemas de fogo pálido, pérolas e opalas,
nos cascalhos cintilantes, onde inquietas sombras
agarravam seu sorriso, davam rasgos de pranto
ao regozijo e assombro, zanzavam dispersos
sob morros gelados chamando ao longe,
ou em navios com mortalhas trêmulos esperavam,
pois a luz, para sempre, acesa não seria.

Gnomos inúmeros, por nome e por casa,
apressam-se em ordem à praça ampla
no topo de Côr. Estronda a voz
do filho de Finn. Flamas, tochas
ergue e volteia alto em suas mãos,
mãos que abrigam imenso engenho
que Gnomo algum, nem agora mortal
comanda ou iguala em mágica ou arte.
“Sus! A espada de monstros meu pai matou,
sorveu ele a morte em seu vasto salão
e forte onde estava, no fundo oculto,
o cofre das Três, coisas sem-par
que nem Gnomo nem Elfo nem os Nove Valar
na Terra poderão remontar outra vez,
recriar ou reacender por arte ou magia,
nem Fëanor, o filho de Finn, que as moldou —
a luz se perdeu que as alumbra ainda,
fero é o fado que as Fadas vitimam.

Dão-nos essa paga os Deuses néscios,
a inveja dos Valar, que em vão nos guardam,
a pedir nosso canto em doces jaulas,
nossas joias e gemas ajustam em rol,
seu deleite no ócio a beleza dos Elfos,
enquanto a obra de eras se esvai
e Morgoth não domina, mansos, sentados
em concílio insosso. Ora sus, ó vós
de coragem e esperança! Meu rogo ouvi,
livres fujamos para longe daqui!
As matas do mundo, de magnas trevas,
que sonham ainda em sono profundo,
campos sem sendas, costas perigosas
que nem luz do luar nem beleza d'alva
de orvalho ou manhã lavaram jamais,
melhor tudo isso, para o valor nosso,
que jardins dos Deuses onde adeja o escuro,
em que se zanza no ócio de vazios dias.
Sim! Cá servos fomos da doçura ímpar
da luz e da beleza, do deleite nosso,
por longo tempo. Mas a luz se foi.
Nossas gemas levaram, joias roubadas;
e as Três, minhas Três, encantadas três vezes,
globos de cristal por glória imortal
acesos, ardentes, de esplendor vivo
multicolorido, de ferozes chamas —
Morgoth, o monstro, em suas mãos as tem,
as Silmarils. Eis minha sacra jura,
imortal laço a atar-me sempre,
por Timbrenting e os eternos salões
de Bredhil, a Benta, que habita lá —
que ela escute agora: dar caça sem fim

por mundo e mar sem esfalfamento
por terras distantes, montanhas ao léu,
em brejo e bosque e em brancas neves,
até encontrar do destino as joias
que regem o fado da raça dos Elfos,
onde a luz divina ora vive só."

Então surgem seus filhos, sete irmãos,
Curufin Esquivo, Celegorm Alvo,
Damrod e Díriel, a Escuridão de Cranthir,
Maglor, o Magno, Maidros, o Alto
(desse, o mais velho, o ardor vencia
o fogo de seu pai, de Fëanor, a ira;
cabia-lhe um fado de fero propósito),
com riso no rosto, arrimos do pai,
de mãos unidas, ameno julgam ser
o sacro voto; sangue dali
qual um mar veio, já mancha espadas
de infindas hostes, nem ao fim chegou:

"Seja amigo ou imigo ou má prole
de Morgoth Bauglir, seja rebento mortal
que mais tarde a Terra há de habitar mofino,
nem amor, nem lei, nem liga de Deuses,
nem poder nem piedade, nem a destra do destino
há de lhe ser defesa contra a fera vingança
dos filhos de Fëanor, caso afane ou esconda
ou, achando, tome posse das pedras encantadas,
dos globos de cristal cuja glória não morre,
as Silmarils. Para sempre juramos!"

Então magno murmúrio somou-se em volta,

e a hoste que ouvia com urros os saudou:
“Partamos! sim, partamos desta terra para sempre,
na trilha de Morgoth pelas montanhas do mundo,
por vingança e vitória! Tendes nossa jura!”[A]

O poema termina aqui (mas ver a nota ao verso 146).

NOTAS

41 *jardins estrelados* em C, *domos estrelados* em A, B.
42 *Tengwethil* em A (com *Timbrenting* escrito na margem), *Timbrenting* em B, *Timbrenting* em C (com *Taingwethil* escrito na margem). Ver a nota a *Os Filhos de Húrin* (segunda versão), verso 812.
45 *Bridhil* em A, B, C, emendado em C para *Bredhil*; ver também no verso 112.
107 *multicolorido*: esse hemistíquio ocorre também na segunda versão de *Os Filhos de Húrin*, verso 381, onde é aplicado à Silmaril de Beren.
111 *Tengwethil* em A, *Timbrenting* em B, C.
134 *que mais tarde a Terra há de habitar mofino*: esse verso, mais tarde, foi colocado entre colchetes a lápis no texto C.
146 Há três versos escritos rapidamente na margem da última página de A, que não foram incorporados em B e C, mas que, pode-se supor, vêm depois do verso 146:

Mas o filho de Fingolfin, Finweg, gritou
quando seu pai percebeu que puros conselhos,
que o juízo e o saber não eram mais ouvidos:
“Tolos

Comentário a *A Fuga dos Noldoli*

Por mais triste que seja o fato de esse poema ter sido abandonado tão cedo — quando, com pleno domínio da versificação aliterante, meu pai poderia ter chegado a recontar o Fratricídio de Alqualondë, a Profecia do Norte, a travessia do Helcaraxë e a queima dos barcos, mesmo assim temos, em seus poucos versos, muitos elementos de interesse para o estudo do desenvolvimento da lenda. De forma mais notável, é aqui que aparece a mais antiga versão das palavras propriamente ditas do Juramento Fëanoriano. O Juramento foi citado pela primeira vez nos esquemas do *Conto de Gilfanon* (I. 287, 289):

> Os Sete Filhos de Fëanor fazem seu terrível juramento de ódio perpetuamente contra todos — Deuses, Elfos ou Homens — que se apossassem das Silmarils

mas, naquele texto, ele acontece depois da vinda dos Elfos de Valinor, e depois da morte de Fëanor. O presente poema contém a primeira aparição da história segundo a qual o Juramento foi feito em Valinor, antes da partida dos Gnomos. Também há uma referência a ele em *Os Filhos de Húrin*, versos 631 e seguintes da primeira versão, onde a implicação é que a montanha de Tain-Gwethil foi invocada como testemunha — tal como em *O Silmarillion* (p. 124): aqui (no verso 111), o próprio Fëanor jura por Timbrenting que nunca deixará de procurar as Silmarils.

Não sou capaz de explicar por que o verso 134

> que mais tarde a Terra há de habitar mofino

foi colocado entre colchetes (algo que é sempre uma marca de exclusão ou, pelo menos, de dúvidas sobre manter o trecho) no texto C. O verso aparece de forma muito semelhante na *Balada de Leithian* (Canto VI, 1636); cf. *O Silmarillion*, "Vala, Demônio, Elfo ou Homem ainda não nascido".

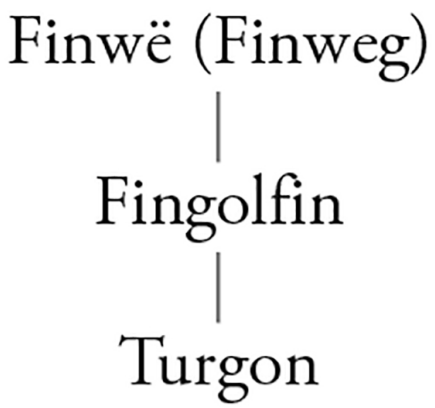
Os epítetos fixos dos Filhos de Fëanor foram alterados em relação aos que constam de *Os Filhos de Húrin* (ver p. 106): Celegorm agora é "Alvo" e Maidros "o Alto", e assim permaneceram; Maglor é "o Magno" (em *O Silmarillion* "o grande cantor"). O verso que fala de Maidros

> cabia-lhe um fado de fero propósito

talvez mostre que uma forma da história sobre seu fim já existia (no *Conto do Nauglafring,* ele sobrevive ao ataque a Dior, o Belo, mas nada mais se diz sobre ele), mas acho muito mais provável que a passagem se refira ao momento em que ele é capturado e aleijado por Morgoth.

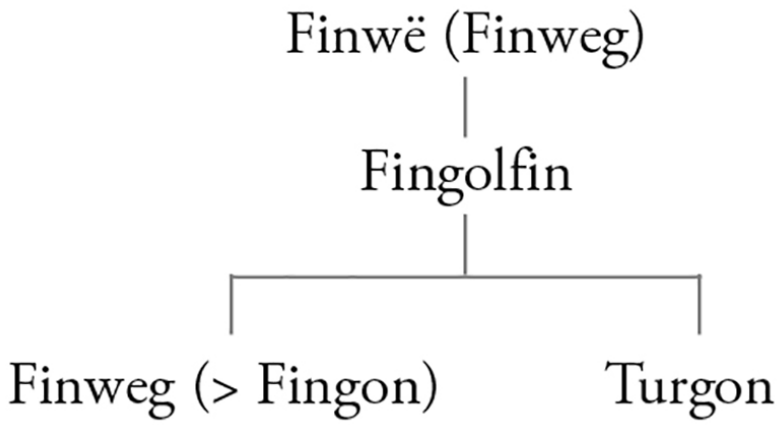
No discurso de Fëanor aparecem duas referências interessantes, aos *Nove Valar* e ao pai dele, *Finn*. O número dos Valar não é explicitado em nenhum ponto dos *Contos Perdidos* (onde, de qualquer modo, o termo inclui seres divinos menores: cf. por exemplo I. 86, " Com eles vieram muitos dos Vali menores… os Mánir e os Súruli, os silfos dos ares e dos ventos"); mas os "Nove Valar" são citados no "Esboço da Mitologia" (1926) e aparecem numa lista do "Silmarillion" de 1930: Manwë, Ulmo, Ossë, Aulë, Mandos, Lórien, Tulkas, Oromë e Melko.

O pai de Fëanor não tinha sido citado pelo nome desde o conto *O Roubo de Melko e o Obscurecer de Valinor* (I. 179 e seguintes), onde ele é chamado de Bruithwir, morto por Melko. Em *Os Filhos de Húrin* não há indicação de que Fëanor tenha parentesco com outros príncipes dos Gnomos — embora não possa haver dúvida de que, nessa época, era assim que ele era imaginado. Mas as características essenciais da casa real noldorin, da maneira como tinham emergido então e permaneceriam por muitos anos, agora podem ser deduzidas. Na primeira versão de *Os Filhos de Húrin* (verso 29 e nota correspondente), Turgon é o filho de Finwë (grafado como *Finweg*), tal como tinha sido nos *Contos Perdidos* (I. 145), mas passa a ser o herdeiro de Finwë, com a nota "ele era filho de Fingolfin"; e, na segunda versão, *Turgon, o magno*, / *filho de Fingolfin* é o que aparece na versão original do texto (48–9). Assim, temos:



Além disso, *Finweg* aparece em *Os Filhos de Húrin* (no primeiro texto, verso 1975, no segundo, versos 19 e 520) como o Rei dos

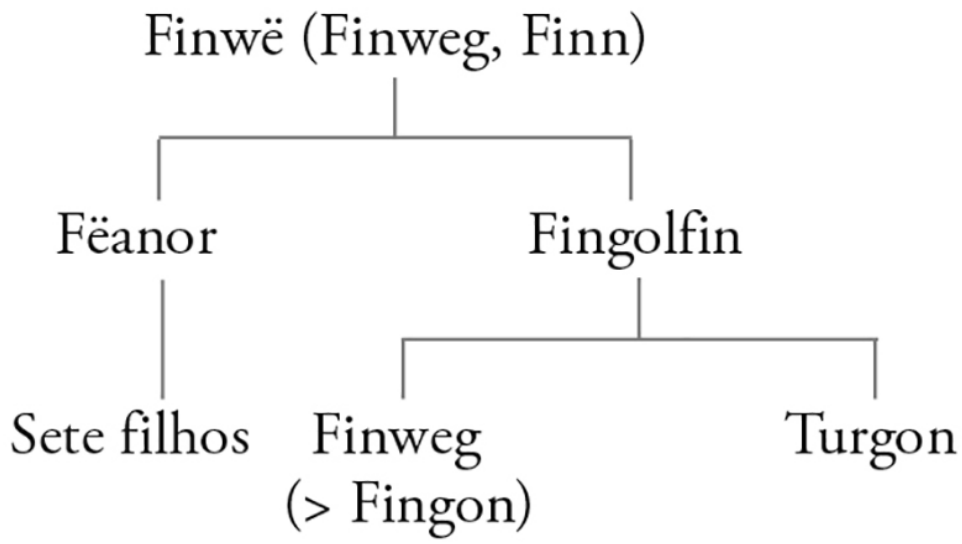
Gnomos que morreu na Batalha das Lágrimas Inumeráveis; em dois desses casos, o nome depois foi alterado para *Fingon*. Nos versos acrescentados no fim do texto A de *A Fuga dos Noldoli* (nota ao verso 146), Finweg é filho de Fingolfin. Portanto, podemos acrescentar:



Ora, em *A Fuga dos Noldoli* Fëanor é chamado de filho de Finn; e, no "Esboço da Mitologia", o nome é usado como forma alternativa de Finwë:

> Os Eldar se dividem em três hostes: uma, cujo líder é Ingwë (Ing) …, uma, cujo líder é Finwë (Finn), que depois é chamada de Noldoli…[a]

Assim, Fëanor passa a ser irmão de Fingolfin



(Foi só numa nota posterior aos versos 1713–720 de *Os Filhos de Húrin* que apareceu Finrod, terceiro filho de Finwë, pai de Felagund, Angrod, Egnor e Orodreth.)

O discurso de Fëanor também contém uma previsão curiosa da criação do Sol e da Lua (92–6):

> As matas do mundo, de magnas trevas,
> que sonham ainda em sono profundo,
> campos sem sendas, costas perigosas
> que nem luz do luar nem beleza d'alva
> de orvalho ou manhã lavaram jamais

São muito marcantes as palavras finais de Fëanor (117–18):

> até encontrar do destino as joias
> que regem o fado da raça dos Elfos

Cf. *O Silmarillion*, p. 104: "Mandos predisse que os destinos de Arda jaziam contidos dentro delas", e as palavras de Thingol a Beren (*ibid.*, p. 230): "embora o fado de Arda esteja contido nas Silmarils, ainda assim hás de me achar generoso". Fica claro que as Silmarils já tinham adquirido uma significância muito maior em relação ao período mais antigo da mitologia (ver I. 191, 206, nota 2; II. 311).

Em nenhuma outra versão se vê, nesse momento, Fëanor segurando tochas em suas mãos e girando-as no alto.

Os versos (38–9)

> Das Três Gentes ao estrondo da multidão
> só os Gnomos vão em números grandes

remontam ao conto d'*A Fuga dos Noldoli* (I. 198): "Ora, quando… Fëanor vê que a maior parte é da gente dos Noldor", e sobre isso observei (I. 206) Deve-se lembrar que, na antiga história, os Teleri (ou seja, os posteriores Vanyar) não haviam partido de Kôr". Evidências posteriores mostram que essa história antiga não tinha sido alterada; mas o fato de que, no presente poema, *os Elfos de Ing* (Ingwë) estavam em Timbrenting (Taniquetil), nas mansões de Manwë e Varda, indica a introdução da narrativa posterior (que se encontra no "Esboço") sobre a destruição das Árvores. No antigo conto *O Roubo de Melko e o Obscurecer de Valinor* (I. 176 e seguintes, comentário em I. 193), o grande festival foi a ocasião do ataque de Melko ao lugar para onde os Gnomos foram banidos no norte de Valinor, do assassinato do pai de Fëanor e do roubo das Silmarils; e a destruição das Árvores aconteceu algum tempo depois. Agora, entretanto, o festival é a ocasião em que ocorre o ataque às Árvores; a Primeira Gente está em Taniquetil, mas a maioria dos Gnomos não está.

O nome pelo qual Varda é aqui chamada, Bridhil, a Benta ou Abençoada (alterado em C para Bredhil), encontra-se no antigo dicionário gnômico, bem como a forma Timbridhil (I. 324, 328, verbetes *Tinwetári*, *Varda*). Sobre *Timbrenting*, ver pp. 154–55, onde a forma *Tindbrenting*, que ocorre em *Os Filhos de Húrin* (numa nota ao segundo texto, verso 812) é discutida. Ambas as variantes aparecem no "Esboço":

> (Timbrenting ou Tindbrenting em inglês, Tengwethil em gnômico, Taniquetil em élfico.

A forma com *-m-*, portanto, evidentemente se deve a uma alteração da pronúncia em inglês, *ndb* > *mb*.

No verso 41, a variante anterior *domos estrelados*, trocada por *jardins estrelados*, provavelmente tem relação com o relato no conto *A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor* a respeito da morada de Manwë em Taniquetil (I. 95):

> Essa casa foi construída de mármore branco e azul, e ficava em meio aos campos nevados, e seus telhados eram feitos de uma trama daquele ar azul chamado *ilwë*, que fica acima do branco e cinzento. Aulë e sua esposa fizeram essa trama, mas Varda a salpicou de estrelas, e Manwë morava sob ela.

Essa ideia de um teto iluminado com estrelas nunca se perdeu e aparece muito depois, de forma alterada, embora não seja mencionada em *O Silmarillion*.

Os versos (21–3)

> Os escuros dedos
> de névoa vêm flutuando do ermo informe
> e dos mares sem sol.

têm um certo eco em *O Silmarillion* (p. 115):

> Pois o vento soprava gelado do Leste naquela hora, e as vastas sombras do mar rolavam por sobre as muralhas da costa.

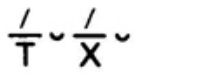
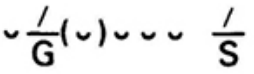
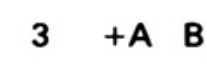
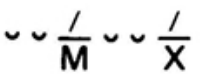
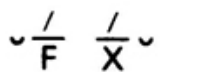
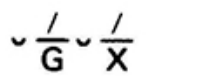
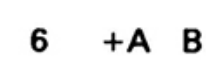
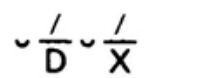
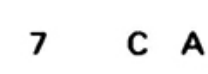
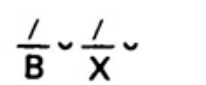
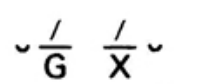
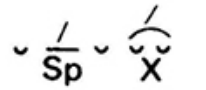
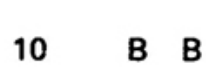
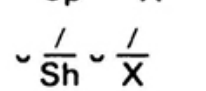
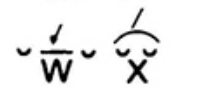
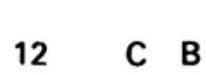
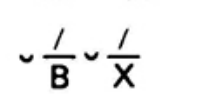
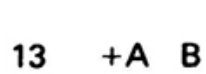
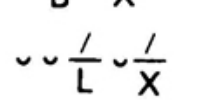
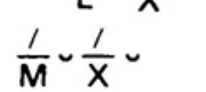
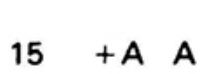
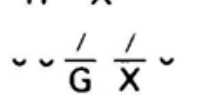
Os versos no fim do texto A (nota ao verso 146) mostram que Fingolfin tomou o lugar de Finwë Nólemë como a voz da razão e moderação em meio ao entusiasmo revolucionário dos Noldoli na grande praça de Kôr (ver I. 199, 208).

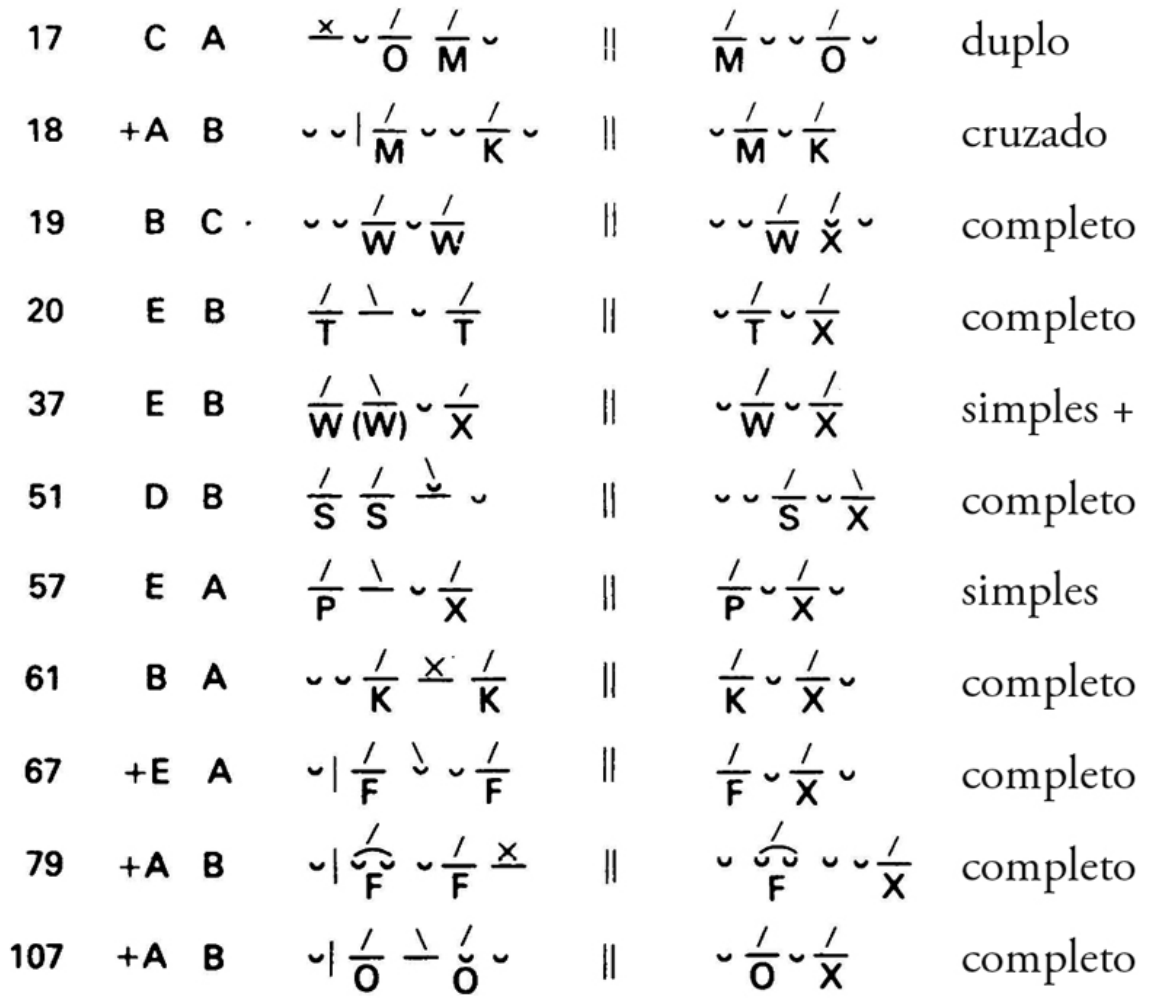
Por fim, podemos notar o termo "Ginetes-de-Espuma", usado (no verso 52) para se referir à Terceira Gente (os Solosimpi dos *Contos Perdidos*, mais tarde rebatizados de Teleri); a expressão já foi usada uma vez antes, em *Ælfwine da Inglaterra* (II. 379 [lá traduzido "Ginetes D'Ondas"]), onde, a respeito de Éadgifu, mãe de Ælfwine, afirma-se que, com o nascimento dele

os Ginetes D'Ondas, os Elfos da Margem-do-Mar, que ela conhecera outrora em Lionesse, mandaram enviados quando nasceu.

Análise da métrica do poema

No fim do segundo texto (B) de *A Fuga dos Noldoli*, meu pai empreendeu uma análise das formas métricas dos primeiros 20 versos e de alguns versos subsequentes. Para sua análise e explicação do funcionamento da métrica do inglês antigo, ver *On Translating Beowulf*, em *The Monsters and the Critics and Other Essays,* 1983, p. 61 e seguintes. As letras A, + A, B, C, D e E do lado esquerdo da tabela se referem aos "tipos" de hemistíquios do inglês antigo; as letras debaixo das análises de "subidas" e "descidas" correspondem às aliterações empregadas em cada verso, com a letra O assinalando o uso de qualquer vogal (já que todas as vogais "aliteram" entre si) e o X correspondendo a uma consoante que inicia uma subida mas não faz parte do esquema aliterante do verso; as palavras "completo", "simples" etc. referem-se à natureza do padrão aliterante em cada um dos casos.

1	B	A		||		simples
2	A	B		||		cruzado
3	+A	B		||		completo
4	B	C		||		completo
5	A	B		||		completo
6	+A	B		||		completo
7	C	A		||		completo
8	B	C		||		completo
9	B	B		||		simples
10	B	B		!!		simples
11	B	B		||		completo
12	C	B		||		completo
13	+A	B		!!		complete
14	A	A		||		completo
15	+A	A		||		simples
16	B	C		||		completo



Pode-se notar que a escansão da primeira metade do verso 8 (com *-goli-* como a primeira subida) mostra que a tonicidade primária recai sobre a segunda sílaba de *Ungóliant*; e que *sp* só pode aliterar com *sp* (versos 9, 130), tal como no inglês antigo (o mesmo, é claro, vale para *sh*, que é uma consoante separada).

(ii) Fragmento de uma Balada de Eärendel aliterante

Existe outra obra em versos aliterantes que aborda a matéria dos *Contos Perdidos*. Trata-se da abertura de um poema que não traz título e não avança suficientemente para que fique claro qual

acabaria sendo o seu tema. A queda de Gondolin, a trajetória dos fugitivos pelo túnel secreto, a luta em Cristhorn e as longas andanças nos ermos que vieram depois são abordados rapidamente, e o tema parece prestes a aparecer no fim do fragmento:

> Tudo isso outros, em ancianas histórias
> e canções desdobram, mas digo ainda ...

e os versos de conclusão se referem à estada dos fugitivos na Terra dos Salgueiros. Mas, no fim do texto, meu pai escreveu várias vezes, com diferentes caligrafias, "Earendel", "Earendel, filho de Fengel", "Earendel Fengelsson"; e acho que é extremamente provável, até mesmo quase certo, que o plano é que esse poema fosse uma Balada de Eärendel. (Sobre Fengel, ver a próxima seção).

O texto corresponde à fase inicial da escrita e seu estado é extremamente rudimentar, mas ele contém um verso de altíssimo interesse no que diz respeito à história de Eärendel. O poema foi escrito em folhas de prova da Universidade de Leeds e claramente é da mesma época que *A Balada dos Filhos de Húrin* e *A Fuga dos Noldoli*: parece impossível afirmar algo além disso.

Sus! a chama do fogo e do fero ódio
engolfou Gondolin, e sua glória tombou,
seus altivos tetos e torres afiladas
enfim caíram, e suas fontes fagueiras
não mais fizeram música no monte de Gwareth,
seus muros caiados um murmúrio de cinzas.
Mas Wade dos Helsings, de ânimo exausto
Tûr, nascido da terra e testado na batalha,
do horrendo desastre um resto resgatou,
mulheres e crianças, lívidas donzelas
e varões feridos do desesperado povo,
seguindo a trilha que cortava a encosta,
sob Tumladin os levou através dos montes

que se erguiam íngremes como altos pináculos
ao norte do vale. Ali a via estreita
de Cristhorn descia fundo, a Fenda das Águias,
de entremeio pelos montes. E mais se conta
em lais e lendas e baladas de outros
do agreste caminho do vagante povo;
como os viandantes de Gondolin iludiram a Melko,
desapareceram pelo vale e venceram os montes,
como o louro Glorfindel no valão das Águias
bateu-se com o Balrog, matando a ambos:
um qual fogo chispando na pedra dentada,
o outro qual corisco ferido desabou
no abismo tremendo aberto pelo Thornsir.
A sede e a fome em sucessivas luas
quando buscavam o Sirion e cercados se viam
por pragas e agruras; os Alagados do Crepúsculo
e a Terra dos Salgueiros; quando os lamentosos gritos
soaram nos salões dos altos Deuses
velados em Valinor … as Ilhotas Sumidas;
Tudo isso outros, em ancianas histórias
e canções desdobram, mas digo ainda
como melhorou sua sorte e descansaram enfim
na altiva relva da Terra dos Salgueiros.
Ali o sol era suave, … a doçura das brisas
e ventos que sussurram, de sono as nascentes
e o orvalho encantado[B]

NOTAS

25 Os versos seguintes são

> Onde a voz pedregosa do regato das Águias
> vai correndo pelas rochas

mas o segundo deles foi riscado e o primeiro ficou sem continuação.

31 O segundo hemistíquio foi escrito como *nas Ilhotas Sumidas*, mas o *nas* foi riscado e substituído por uma palavra que não consigo ler.

36 O segundo hemistíquio foi escrito como *e a doçura das brisas*, mas o *e* foi riscado e substituído por alguma outra palavra, possivelmente *então*.

Comentário

Sobre a forma *Tûr*, ver II. 182, 313.

No conto d'*A Queda de Gondolin*, Cristhorn, a Fenda das Águias, ficava nas Montanhas Circundantes, ao sul de Gondolin, e o túnel secreto partia da cidade na direção sul (II. 204 etc.); mas, a partir do verso 14 deste fragmento, percebe-se que a alteração do traçado desse caminho rumo ao norte já tinha sido feita na lenda.

Os versos 26–7 (as *sucessivas luas quando buscavam o Sirion*) remontam à *Queda de Gondolin*, texto no qual se afirma que os fugitivos vagaram "um ano e mais" nos ermos (ver II. 235, 258).

A forma do verso 7 quando foi escrito originalmente (ele não chegou a ser riscado, mas *Tûr, nascido da terra e testado na batalha* foi acrescentado na margem):

Mas Wade dos Helsings, de ânimo exausto

é digna de nota. Ela foi emprestada diretamente do antiquíssimo poema anglo-saxão *Widsith*, no qual consta o verso *Wada Hælsingum*, isto é, *Wada* [*weold*] *Hælsingum*, "Wada governava os Hælsingas". Faz sentido se perguntar por que a figura misteriosa de Wade foi aparecer aqui no lugar de Tuor, e, de fato, é algo que não consigo explicar: mas, qualquer que seja a razão para isso, a associação de Wade com Tuor não é casual.

Não se sabe quase nada sobre a história original de Wade, mas ele sobreviveu na memória popular durante toda a Idade Média e mesmo depois. Ele é mencionado por Malory[b] como um ser poderoso, e Chaucer se refere ao "barco de Wade" em *O Conto do Mercador*;[c] em *Troilo e Cressida,* Pândaro conta "um conto sobre Wade". R.W. Chambers[d] (em seu livro *Widsith*, Cambridge, 1912, p. 95) diz que Wade talvez fosse "originalmente um gigante-do-mar, temido e honrado pelas tribos costeiras do mar do Norte e do Báltico"; e a tribo dos Hælsingas, que ele teria governado, segundo o *Widsith*, teria deixado seu nome em localidades como Helsingör

(Elsinore), na Dinamarca, e Helsingfors, na Finlândia. Chambers resumiu as poucas informações gerais que ele achava possível extrair das referências esparsas em inglês e alemão da seguinte maneira:

> Encontramos estas características comuns no que podemos considerar ser o protótipo antigo de Wada dos Hælsingas:
>
> 1. Poder sobre o mar.
> 2. Força extraordinária — frequentemente ligada a uma estatura sobre-humana.
> 3. O uso desses poderes para ajudar àqueles que têm os favores de Wade.
>
> ... É provável que ele tenha surgido a partir de uma figura que era não um chefe histórico, mas um poder sobrenatural que não tinha história própria e interessava aos mortais apenas quando interferia nos assuntos deles. Portanto, ele é essencialmente alguém que traz ajuda na hora da necessidade, e podemos ter razoável confiança no fato de que, já nas baladas mais antigas, ele tinha essas características.

O mais interessante, porém, é que nas anotações de Speght[e] sobre a obra de Chaucer (1598), ele comenta:

> Acerca de Wade e seu barco *Guingelot*, bem como suas estranhas façanhas no mesmo, sendo a matéria longa e fabulosa, deixo-a de lado.

A semelhança de *Guingelot* com *Wingelot* já é bastante marcante; mas, quando juntamos os fatos de que Wingelot era o navio de Eärendel,[f] de que Eärendel era filho de Tuor, de que Tuor tinha uma associação especial com o mar e que, aqui, "Wade dos Helsings" está no lugar de Tuor, podemos descartar as coincidências. É tão certo que o nome *Wingelot* foi derivado do barco *Guingelot*, creio eu, quanto o fato de que Eärendel foi inspirado na figura com esse nome

citada em inglês antigo (essa segunda afirmação foi confirmada expressamente por meu pai, II. 320–21).

O porquê de meu pai ter introduzido "Wade dos Helsings" nos versos nesse ponto é outra história. É concebível que não tenha sido intencional — as palavras *Wada Hælsingum* estariam passando pela cabeça dele (embora, nesse caso, poderíamos esperar que ele tivesse riscado o verso e não simplesmente escrito outro ao lado dele como alternativa). Mas, de qualquer modo, a razão pela qual essas palavras estavam passando pela cabeça dele é clara, e essa possibilidade não diminui, de forma alguma, o valor do verso como indício de que *Wingelot* é uma palavra derivada de *Guingelot*, e que havia uma conexão com um significado maior do que a mera incorporação de um nome — exatamente como no caso de Eärendel.

(iii) A Balada da Queda de Gondolin

Foi esse título que, no fim da vida, meu pai escreveu no maço de papéis que constituem o início abandonado desse poema; mas parece que ele não foi concebido como algo de larga escala, já que a narrativa tinha alcançado o momento em que o fogo dos dragões se propaga nas elevações do norte nos primeiros 130 versos. É certo que ele o compôs enquanto estava na Universidade de Leeds, mas suspeito fortemente que essa tenha sido a primeira versificação da matéria dos *Contos Perdidos* que ele empreendeu, antes de adotar os versos aliterantes. A história, até onde prosseguiu, não passou por virtualmente nenhum desenvolvimento em relação ao conto em prosa d'*A Queda de Gondolin*, e a semelhança entre a Balada e o Conto pode ser observada nesta comparação (embora a passagem não seja representativa):

(Conto, II. 193)

> Regozijai-vos por tê-la encontrado, pois eis diante de vós a Cidade de Sete Nomes onde todos os que guerreiam contra Melko podem achar esperança.'

"Então perguntou Tuor: 'Quais são esses nomes?' E o chefe da guarda deu esta resposta: "Isto é o que se diz e o que se canta: Gondobar sou chamada e Gondothlimbar, Cidade de Pedra e Cidade dos Habitantes da Pedra" etc.

(Balada) Regozijai, pois já a achastes, descansai enfim da guerra
De sete nomes é a cidade a luzir naquele monte,
Onde a força dos que lutam contra Morgoth tem sua fonte."
"Que nomes são", disse Tuor, "pois foi duro viajar?"
"Eis o que dizem e cantam", respondeu: "'Meu nome é Gondobar
E Gondothlimbar também, a Cidade feita de Pedra,
A fortaleza dos Gnomos em seus Salões de Pedra etc.

Não apresentarei o poema *in extenso* aqui, já que, no que diz respeito à narrativa principal, ele não acrescenta nada ao Conto; e meu pai percebeu, conforme acredito, que a forma métrica dele não era adequada para seus propósitos. Existem, entretanto, várias passagens que são interessantes para o estudo do desenvolvimento mais amplo das lendas.

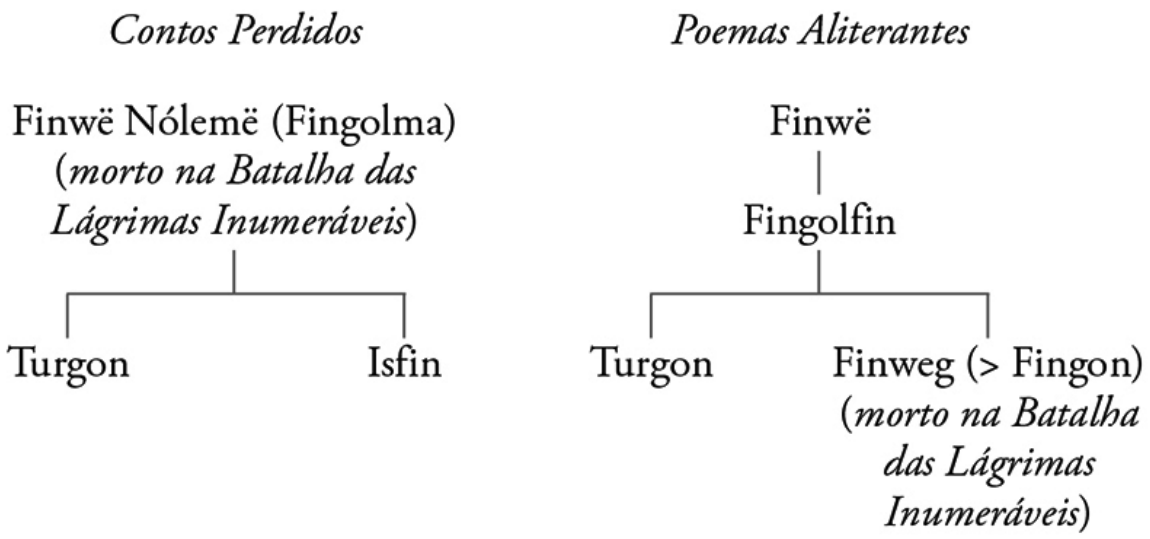
No *Conto*, Tuor era filho de Peleg (o qual, por sua vez, era filho de Indor, II. 195), mas aqui ele é filho de Fengel; ao mesmo tempo, num pedaço de papel que traz esboços iniciais da passagem citada acima,[g] o próprio Tuor é chamado de Fengel — cf. "Eärendel, filho de Fengel" no fim do fragmento da *Balada de Eärendel*, pp. 171–72. Muito mais tarde, Fengel foi o nome usado para designar o décimo-quinto Rei de Rohan na Terceira Era, avô de Théoden, a partir do substantivo em inglês antigo *fengel*, "rei, príncipe".

Há algumas afirmações esquisitas acerca de Fingolfin, cuja aparição aqui, tenho certeza, é mais antiga do que as dos poemas aliterantes; e a passagem na qual ele aparece introduz também a história de Isfin e Eöl.

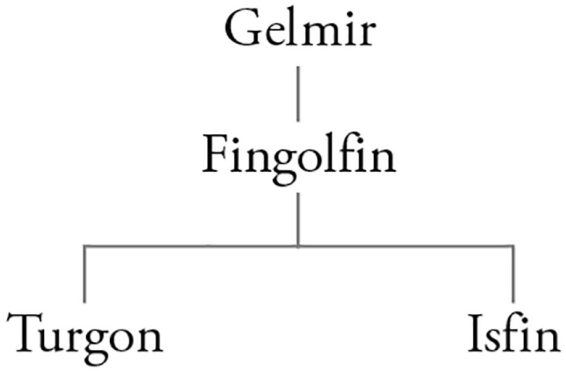
Foi tal príncipe de Gondobar [Meglin],
filho do escuro Eöl, que Isfin, braços alvos a brilhar,
nas trevas da mata em Doriath deu à luz como herdeiro,
ela, a filha de Fingolfin, neta de Gelmir altaneiro.
Os gládios dos Glamhoth o sangue do rei foram beber
quando só ele ajudou Fëanor; mas sua filha e mulher
perderam-se ao procurá-lo nas matas da escuridão,
nos densos bosques de Doriath, em que estranha visão
era a dos braços élficos refletindo a luz da lua,
desgarrados na treva que morcegos chamam de sua,
nas grutas que Thû cavara. Ali Eöl as viu luzir
e tomou então a alva Isfin, não a deixou partir
e fez dela sua esposa, por mais que chorasse no escuro;
pois é um dos Elfos Sombrios que vivem em vagar duro.
Meglin foi para Gondolin, onde teve honra subida
por ter sangue de Fingolfin, de glória maior que a vida;
fez-se um senhor dos Gnomos, das profundezas mineiro,
a buscar joias antigas; mas pouco era prazenteiro,
antes sombrio e secreto, com a noite em seus cabelos,
feito as tramas de Taur Fuin,[h] a floresta de negros dédalos.[C]

Nos *Contos Perdidos*, Finwë Nólemë, primeiro Senhor dos Noldoli, era o pai de Turgon (e, portanto, também de Isfin, que era irmã de Turgon), I. 145; Finwë Nólemë foi morto na Batalha das Lágrimas Inumeráveis e seu coração foi arrancado pelos Orques, mas Turgon resgatou o corpo e o coração de seu pai, e o Coração Escarlate passou a ser seu emblema sombrio (I. 290, II. 210). Finwë Nólemë também é chamado de Fingolma (I. 286–87, II. 265).

Nos poemas aliterantes, Fingolfin é o filho de Finwë (Finweg) e o pai de Turgon, e também de Finweg (> Fingon), como continuaria a ser (ver p. 166). Portanto:



Mas, enquanto na *Balada da Queda de Gondolin* Fingolfin surgido e tomado o lugar de Finwë como pai de Turgon e Isfin, aqui ele não é filho de Finwë, mas de um certo *Gelmir*:



Num texto inicial em prosa — um dos pouquíssimos fragmentos (a serem apresentados no próximo volume) que são uma ponte na história em prosa entre os *Contos Perdidos* e o "Esboço da Mitologia" — Gelmir aparece como o Rei dos Noldoli na época da fuga de Valinor, e um de seus filhos é chamado de *Golfin*.

Restaram poucas evidências (se é que mais material chegou a ser escrito) que nos permitam reconstruir com certeza a evolução inicial dos reis noldorin. A explicação mais simples é que esse Gelmir, pai de Golfin/Fingolfin, equivale a Fingolma/Finwë Nólemë, pai de Fingolfin. Mas também se diz nessa passagem que Fingolfin foi

morto pelos Glamhoth “quando só ele ajudou Fëanor”, e a história por trás dessa afirmação, qualquer que seja ela, agora está desaparecida (para as referências mais antigas, muito obscuras, à morte de Fëanor, ver I. 286, 289).

Essa passagem da *Balada da Queda de Gondolin* contém a primeira versão da história de Eöl, o Elfo Escuro, Isfin, irmã de Turgon, e o filho deles, Meglin (para uma forma muito primitiva da lenda, ver II. 265–66). Na narrativa em prosa d’*A Queda de Gondolin*, essa história é deixada de lado com as palavras “e essa história de Isfin e Eöl não pode ser contada aqui”, II. 201. Na Balada, a esposa de Fingolfin e sua filha (Isfin) *perderam-se ao procurá-lo*, e foi assim que Eöl capturou Isfin. Uma vez que, no “Esboço”, Isfin se perdeu em Taur-na-Fuin depois da Batalha das Lágrimas Inumeráveis e ali foi emboscada por Eöl, é possível que, nesse estágio, Fingolfin fosse o rei élfico que morreu (ao lado de Fëanor?) na grande batalha. Também é possível que estejamos vendo aqui a gênese da cena de Isfin vagando nos ermos, embora, é claro, com as alterações subsequentes, nas quais Fingolfin morreu no duelo com Morgoth depois da Batalha da Chama Repentina e Fingon (irmão de Isfin) passou a ser o rei noldorin morto na Batalha das Lágrimas Inumeráveis, a história de que ela estava procurando seu pai tenha sido abandonada. O que essa passagem certamente mostra é que a história de que Isfin mandou seu filho para Gondolin está presente desde o começo, mas também que, originalmente, Isfin permanecia com seu sequestrador, Eöl, e nunca escapava dele.

Aqui, Eöl habita “nas trevas da mata em Doriath”, “nas matas da escuridão”, “na treva que morcegos chamam de sua, nas grutas que Thû cavara”. Essa deve ser a mais antiga referência a Thû, e, de qualquer modo, também a mais antiga menção a Doriath em textos contínuos (a região era chamada de Artanor nos *Contos Perdidos*). Já sugeri (II. 82) que, no *Conto de Tinúviel*, “Artanor foi concebida como uma grande região de florestas no coração da qual estava a caverna de Tinwelint”, e que a zona protegida pela Rainha “tinha, originalmente, fronteiras menos distintas e menos extensas do que o ‘Cinturão de Melian’ tornou-se posteriormente”. Aqui, a descrição

da morada de Eöl numa floresta sem luz (onde Thû vive em cavernas) tem mais semelhanças com a mata de Taur-nu-Fuin, onde

> a treva sem fim estava pendurada
> nos galhos de ébano das árvores frondosas

e onde

> mesmo os gobelins
> (cujos olhos fundos furam qualquer sombra)
> confusos vagavam

(*Os Filhos de Húrin*, p. 47, versos 753 e seguintes)

A passagem também contém uma referência interessante ao propósito dos mineiros de Gondolin: "buscar joias antigas".

Numa parte anterior da Balada, há alguns versos sobre a chegada de Tuor à porta oculta sob as Montanhas Circundantes:

> Chegou Tuor, filho de Fengel, vindo da terra sinistra
> que os Gnomos chamam Dor-Lómin, Bronweg à sua destra,
> fugindo das montanhas, rompendo de Melko a corrente
> e lançando fora o jugo de tormento e dor pungente;
> pois, com coração fiel, levou Tuor por longas vias,
> montes e vales vazios, tantas noites, tantos dias,
> até seu lume azul mágico, onde corre o ribeirão
> sob amieiros encantados, achar o oculto Portão,
> a porta em Dungorthin que só os Gnomos conheciam.

Num rascunho dessa passagem, o nome usado é *Nan Orwen*, depois emendado para *Dungorthin*. Em *Os Filhos de Húrin* (versos 1457 e seguintes), Túrin e Flinding chegaram a esse "estranho vale" depois que tinham atravessado o Sirion para a margem oeste e alcançaram os sopés das Montanhas Sombrias "que Hithlum guardam". Para referências anteriores a Nan Dungorthin e diferentes localizações da região, ver as pp. 107–08; a presente passagem parece indicar ainda

outro local, de modo que a porta oculta de Gondolin se abria para ele.

Algumas outras passagens são dignas de nota. No começo, há uma referência a antigas canções que narram

> como os Deuses em concílio chegaram aos arrecifes
> da Ilha Solitária no Oeste, e criaram terra de ócio
> além das grandes sombras marinhas e do mar sombrio;
> como abriram de Feéria o golfo, a costa tão solitária...

A cena dos Deuses sendo carregados numa ilha-balsa por Ossë e os Oarni na época da queda das Lamparinas é narrada no conto d'*A Vinda dos Valar* (I. 91), e o fato de que essa ilha, mais tarde, também foi usada como balsa pelos Elfos (tornando-se Tol Eressëa) está contado em *A Vinda dos Elfos* (I. 148).

Quando Gondolin foi construída, o povo gritou "Côr foi construída de novo!", e o guarda que falou a Tuor sobre os sete nomes da cidade disse:

> De Loth, a Flor, eles me chamam, dizem "Côr renasceu",
> e de Loth-a-ladwen,[i] lírio que na planície floresceu.

Já destaquei anteriormente (II. 250–51) que, enquanto fica explícito em *O Silmarillion* que Turgon criou a cidade para ser "um memorial de Tirion sobre Túna", e que ela se tornou "tão bela quanto uma memória da élfica Tirion", não é isso o que se afirma em *A Queda de Gondolin*: Turgon nascera nas Grandes Terras depois do retorno dos Noldoli de Valinor e nunca conhecera Kôr: "ainda assim, é possível sentir que a torre do Rei, as fontes e escadarias, e os mármores brancos de Gondolin incorporam uma reminiscência de Kôr conforme descrita em *A Vinda dos Elfos e a Criação de Kôr* (I. 152–53)

Há também uma referência a Eärendel

> que cruzou o Portão Temível,
> meio mortal e meio-elfo, já morto e imperecível.

O Portão Temível provavelmente é o da Porta da Noite, pela qual Eärendel passou (II. 306).

NOTAS

[a] No “Silmarillion” de 1930, afirma-se expressamente que *Ing* e *Finn* são as formas gnômicas de *Ingwë* e *Finwë*.

[b] Autor da mais influente versão das lendas arthurianas em inglês, escrita no século XV. [N.T.]

[c] Parte da coletânea *Contos da Cantuária*, escrita em verso entre 1387 e 1400. [N.T.]

[d] Professor de literatura inglesa no University College de Londres, falecido em 1942. [N.T.]

[e] Thomas Speght, mestre-escola do norte da Inglaterra, editor das obras de Chaucer, falecido em 1621. [N.T.]

[f] No qual ele empreendeu suas “façanhas fabulosas”. É concebível que houvesse alguma conexão entre a grande jornada de Eärendel ao redor do mundo e as viagens de Wade descritas pelo escritor inglês Walter Map no século XII. Map conta que *Gado* (isto é, Wade) viajou em seu barco até as Índias mais distantes.

[g] É essa a página citada em *Contos Inacabados*, p. 17: “alguns versos onde constam os Sete Nomes de Gondolin foram rabiscados atrás de uma folha de papel que estipula ‘a cadeia de responsabilidades em um batalhão’”. Sem saber, naquela época, de onde vinha esse pedaço de papel isolado, inferi que essa era uma indicação de que ele era muito antigo, mas certamente isso foi um erro: o papel deve ter sobrevivido e foi utilizado anos mais tarde para rascunhos.

[h] *Taur Fuin* é a forma nos *Contos Perdidos*; aqui, ela foi emendada mais tarde para *Taur-na-Fuin*, que é a forma presente desde o começo em *Os Filhos de Húrin*.

[i] Esse é o único ponto no qual os Sete Nomes diferem de suas formas no *Conto* (II. 193). No *Conto*, o nome da cidade com significado próximo de “Lírio do Vale” é *Lothengriol*. Para *ladwen*, “planície”, ver II. 414. Num esboço dessa passagem na balada, o nome era *Loth Barodrin*.

3

A Balada de Leithian

Meu pai escreveu em seu diário que havia começado "o poema de Tinúviel" durante o período de exames de verão em 1925 (ver p. 11), e o abandonou em setembro de 1931 (ver adiante), quando tinha 39 anos de idade. Os trabalhos mal-acabados para o poema inteiro sobrevivem (e "mal-acabados" significa realmente bastante mal-acabados); a partir destes ele fez uma cópia limpa que chamarei de "A".[a]

Nesse manuscrito A, meu pai, de maneira pouquíssimo característica, inseriu datas, sendo a primeira no verso 557 (23 de agosto de 1925), e compôs os últimos cem versos ímpares do terceiro Canto (finalizando no verso 757) enquanto estava de férias em Filey, na costa de Yorkshire, em setembro de 1925. A data seguinte foi dois anos e meio e 400 versos depois, 27–8 de março de 1928, escrita ao lado do verso 1161; e, depois disso, outros nove dias estão assinalados individualmente até 6 de abril de 1928, durante os quais ele escreveu nada menos do que 1768 versos, até o 2929.

Visto que as datas se referem ao processo de passar as estrofes a limpo no manuscrito, e não à sua real composição, pode-se pensar que eles provam pouca coisa; mas o trabalho apressado nos versos 2497–504 foi feito em uma carta abandonada, datada de primeiro de abril de 1928, e esses versos foram passados a limpo na cópia A em 4 de abril, demonstrando que os versos 2505–929 foram de fato compostos entre 1 e 6 de abril. Penso, portanto, que é possível considerar as datas em A como uma indicação efetiva da época da composição.

A data de novembro de 1929 (no verso 3031) é seguida por uma quantidade substancial de versos compostos na última semana de setembro de 1930, e novamente em meados de setembro de 1931. A última data é 17 de setembro daquele ano, junto ao verso 4085,

muito perto do ponto em que a Balada foi abandonada. Detalhes acerca das datas estão nas Notas.

Há também um texto datilografado (“B”) feito por meu pai, no qual as últimas centenas de versos estão escritas à mão, e esse texto acaba no exato ponto em que A também termina. Esse texto datilografado foi iniciado bem cedo, já que meu pai mencionou em seu diário, no dia 16 de agosto de 1926, que tinha “datilografado uma parte de *Tinúviel*”; e, antes do fim de 1929, ele o entregou para C.S. Lewis ler. Em 7 de dezembro daquele ano, Lewis escreveu-lhe acerca do texto, dizendo

> Fiquei acordado até tarde na noite passada e li a *Gesta* até o ponto em que Beren e seus aliados gnômicos derrotam uma patrulha de orques acima das fontes do Narog e se disfarçam nos *rēaf* [inglês antigo: “indumentos, armamentos tomados dos mortos”]. Posso dizer com toda a honestidade que há séculos não tenho uma noite tão deliciosa: e o interesse pessoal em ler a obra de um amigo teve muito pouco a ver com isso — eu o teria apreciado da mesma maneira como fosse o trabalho de um autor desconhecido que eu tivesse encontrado numa livraria. As duas coisas que se sobressaem claramente são o senso de realidade no fundo e o valor mítico: sendo que a essência de um mito é que ele não deve ter mácula de alegoria para o criador e, ainda assim, deve sugerir alegorias incipientes para o leitor,

Lewis, portanto, havia lido até por volta do verso 2017. Ele evidentemente tinha recebido mais material; naquele momento, o texto datilografado talvez chegasse até o ataque a Lúthien e Beren por parte de Celegorm e Curufin fugindo de Nargothrond, junto ao qual (no verso 3031) está a data novembro de 1929 no manuscrito. Um tempo depois, provavelmente no início de 1930, Lewis enviou a meu pai catorze páginas de uma crítica detalhada, chegando até o verso 1161 (se havia mais, não sobreviveu). Ele concebeu esse trabalho crítico na forma de um comentário altamente acadêmico ao texto, fingindo tratar a Balada como uma obra antiga e anônima que perdurou em muitos manuscritos mais ou menos corrompidos,

repletos de deturpações de escribas antigos e de argumentos eruditos feitos por acadêmicos do século XIX; assim, de modo divertido, abrandou algumas opiniões expressas causticamente, ao mesmo tempo em que manifestava, com esse exato disfarce, um forte elogio a passagens específicas. Quase todas as estrofes que Lewis achou deficientes por uma ou outra razão estão marcadas para revisão no texto datilografado B, mesmo as que não foram de fato reescritas, e em muitos casos as correções ou modificações propostas foram incorporadas ao texto. A maior parte do comentário de Lewis está incluída a partir da p. 369, com as estrofes que ele criticou e as alterações que daí resultaram.

Meu pai abandonou a Balada no ponto em que a mandíbula de Carcharoth *se fecha como alçapão* na mão de Beren e a Silmaril é engolida, mas, embora nunca tenha avançado a partir desse ponto na narrativa, não a abandonou para sempre. Quando *O Senhor dos Anéis* foi finalizado, ele retornou à Balada e reformulou os dois primeiros Cantos e uma boa parte do terceiro, e pequenos trechos de alguns outros.

Os elementos desta história podem ser resumidos assim:

1. Trabalhos mal-acabados do poema completo, compostos entre 1925 e 1931.
2. Manuscrito A do poema completo, escrito progressivamente de 1925 a 1931.
3. Texto datilografado B do poema completo (terminando de modo manuscrito), já em curso em 1926.

   Esse texto datilografado foi entregue a C.S. Lewis em fins de 1929, quando provavelmente alcançava mais ou menos o verso 3031.
4. Reformulação dos Cantos de abertura e de partes de alguns outros (depois da finalização de *O Senhor dos Anéis*).

O manuscrito A foi corrigido — quer por alterações, quer por acréscimos — em diferentes momentos, e a maioria dessas alterações foi incorporada ao texto datilografado B; enquanto em B, da maneira como foi datilografado, há ainda outras mudanças que não se encontram em A.

A quantidade de emendas feitas a B varia muito. Meu pai o usou como base para as reescrituras posteriores e, nessas partes, o antigo texto datilografado está inteiramente coberto de novas estrofes; mas em grandes porções — de longe, a maior parte do poema — o texto permanece intocado, exceto por modificações bem pequenas e casuais, por assim dizer, a versos individuais aqui e ali.

Depois de muita experimentação, concluí que fazer um texto único, um amálgama derivado do escrito mais recente do poema todo, seria completamente errado. Além da dificuldade prática dos nomes alterados nas partes reescritas que não se encaixam à métrica dos versos anteriores, o poema mais recente é muito distinto na abrangência e na realização técnica; tempo demais se havia passado e, na pequena porção que meu pai reescreveu da *Balada de Leithian* após *O Senhor dos Anéis*, temos fragmentos de um novo poema, a partir do qual temos uma ideia do que poderia ter sido. Portanto, separei essas partes e as incluo separadamente depois, no Capítulo IV.

Outra razão para fazer isso é o propósito deste livro, que inclui a reflexão sobre as Baladas como estágios importantes na evolução das lendas. Algumas revisões à *Balada de Leithian* foram feitas pelo menos trinta anos depois de o poema ter sido começado. Portanto, do ponto de vista da "história", o abandono do poema em setembro de 1931 ou logo após isso constitui um ponto terminal, e excluí correções a nomes que são (acredito) certamente posteriores a isso, mas incluí as que são anteriores.[b] Em um caso como o de *Beleriand*, por exemplo, que era *Broseliand* em grande parte do poema em B e depois sempre emendado para *Beleriand*, mas que a partir do verso 3957 passou a ser originalmente *Beleriand*, empreguei *Beleriand* no poema todo. Por outro lado, mantive *Gnomos*, já que meu pai ainda utilizava o termo em *O Hobbit*.

As numerosas alteraçõezinhas feitas por razões métricas/estilísticas, contudo, constituem um problema ao se tentar produzir um "texto de 1931", já que é frequentemente impossível ter certeza sobre a "fase" a que pertencem. Algumas são evidentemente muito antigas — por exemplo *haste florida*, corrigido para *flóreo hastil* (verso 516), já que C.S. Lewis comentou sobre o último — ao mesmo tempo em que se pode demonstrar que outras alterações foram feitas muitos anos depois e, a rigor, fazem parte das reescrituras tardias; mas muitas não podem ser determinadas com certeza. De todo modo, tais alterações — muitas vezes feitas para se livrar de artifícios métricos, notavelmente a formação de tempos verbais enfáticos com *doth* e *did* simplesmente para se obter uma sílaba a mais — não têm repercussão além do aperfeiçoamento daquele verso específico; e, nesses casos, parece uma pena perder, por rígida aderência à base textual, essas pequenas melhorias, ou pelo menos ocultá-las em uma longa lista de enfadonhas notas textuais, e manter no texto as menos felizes leituras anteriores. Achei justificável, portanto, ser francamente inconsistente nesses detalhes e, por exemplo, se mantive *Gnomos* (no lugar de *Elfos* ou de outro substituto) ou *Thû* (no lugar de *Gorthû* ou *Sauron*), também introduzi pequenas alterações de palavreado que são certamente posteriores a esses.

Assim como na *Balada dos Filhos de Húrin*, não há notas numeradas ao texto. As notas, ligadas ao número do verso no poema, estão amplamente restritas a leituras anteriores, e essas, por sua vez, restringem-se a casos em que há alguma diferença significativa, como de um nome ou de um motivo. As citações feitas ao manuscrito A são sempre ao texto *conforme escrito inicialmente* (em muitíssimos casos ele foi corrigido para o texto encontrado em B).

Deve-se notar que, enquanto a *Balada de Leithian* estava sendo composta, o "Esboço da Mitologia" foi escrito (primeiro em 1926) e reescrito, conduzindo diretamente à versão de "O Silmarillion" que atribuo a 1930, na qual muitas características essenciais tanto de narrativa quanto de linguagem da obra publicada já estavam presentes. Nos meus comentários a cada um dos Cantos, tentei levar em consideração o desenvolvimento nas lendas *pari passu* com o

texto do poema, e refiro-me apenas excepcionalmente às obras em prosa da época.

O texto A não tem título, mas na capa do maço de trabalhos mal-acabados está escrito *Tinúviel*, e em suas referências iniciais ao poema meu pai o chamava assim, da mesma forma que chamava de *Túrin* o poema aliterante. O texto B tem este título:

A
GESTA
de
BEREN, filho de BARAHIR,
e
LÚTHIEN, a FATA,
chamada
TINÚVIEL, o ROUXINOL,
ou a
BALADA DE LEITHIAN
Libertação do Cativeiro

A "Gesta de Beren e Lúthien" refere-se a uma narrativa em verso contando as façanhas de Beren e Lúthien. A palavra *gest* [gesta] é pronunciada como *jest* em inglês moderno, sendo de fato a "mesma palavra" com grafia fonológica, embora agora com o sentido totalmente alterado.

Meu pai nunca explicou o nome *Leithian*, "Libertação do Cativeiro", e, se quisermos, podemos escolher entre as várias aplicações discerníveis no poema. Também não deixou nenhum comentário sobre a relevância — se é que há uma relevância — da similaridade entre *Leithian* e *Leithien*, "Inglaterra". No conto de *Ælfwine da Inglaterra*, o nome élfico da Inglaterra é *Lúthien* (que anteriormente era o nome do próprio Ælfwine, e a Inglaterra era *Luthany*), mas na primeira ocorrência (apenas) desse nome, a palavra *Leithian* está escrita em cima a lápis (II. 397, nota 20). No "Esboço da Mitologia", a Inglaterra ainda era *Lúthien* (e naquela época o nome da filha de Thingol também era *Lúthien*), mas foi corrigido para *Leithien*, e é essa a forma na versão de "O

Silmarillion” de 1930. Não sei dizer (i) qual a relação, se é que havia uma, entre os dois significados de *Lúthien*, e nem (ii) se *Leithien* (anteriormente *Leithian*), “Inglaterra”, é ou era relacionado a *Leithian*, “Libertação do Cativeiro”. A única evidência de natureza etimológica que encontrei é uma nota apressada, impossível de ser datada, que faz menção a um radical *leth-* “libertar”, com *leithia* “soltar, libertar”, e faz uma comparação com a *Balada de Leithian*.

A GESTA DE BEREN E LÚTHIEN

I

Houve um rei num antigo dia:
Homem nenhum inda existia;
detém poder numa caverna,
clareira e vale ele governa.
Broquéis luzentes qual luar,
lanças finas de aço a brilhar,
coroa argêntea feita co’arte,
e a luz d’estrelas no estandarte;
trompas de prata, o som se ouviu
sob os astros, em desafio;
o reino encoberto de encanto,
de glória, poder, tesouro tanto,
em seu marfíneo assento trata
em salões de pedra com colunata.
Berilo, pérola, opala em chama,
metal trabalhado como escama,
broquel e couraça, machado e espada,
e lança no arsenal guardada —
mas tão maior amor conhece
a sua filha de Elfinesse:

que aquelas dos Homens mais bela
era Lúthien, a donzela.

Tais ágeis pés não correm mais
ao sol, por terras verdeais;
beleza assim não tem mais par
da aurora à tarde, do sol ao mar.
Vestido azul qual céu de estio,
e os olhos de um cinza sombrio,
tem lírios d'ouro a entretecê-lo
mas muito escuro é seu cabelo.
Qual ave vão seus pés ligeiros,
vernal é o seu riso faceiro;
era mais bela e venturosa,
mais delicada e gloriosa
que os campos que florem com viço,
que esguio chorão, gentil caniço,
que a luz na floresta folhuda,
e a voz que nas águas se escuta;
e o rei lhe dava mais valor
que a luz dos olhos, mão e cor.

Viviam em meio a Beleriand,
lá o poder élfico era grande,
em Doriath, crespo arvoredo;
pra lá o caminho era segredo;
poucos na mata se atreviam
a afligir folhas que tudo ouviam
com cavalos ou cães no encalço,
com trompas ou com mortal passo.
Terra do Horror ao Norte estava
só mau caminho ali levava,

por monte triste e frio ruim,
por forte em Taur-na-Fuin,
e essa Mortal Sombra Noturna
nem lua nem dia importuna;
ao Sul ficava virgem terra;
o Oeste o velho Oceano encerra,
sem vela ou praia, amplo e fero;
picos no Leste, azuis e austeros,
e a névoa cobre o horizonte:
são do Mundo de Fora os montes,
pra lá da sombra da floresta,
espinho, mouta e clara aberta
de galhos mágicos, profundos,
velhos, quando novo era o mundo.

Lá Thingol em Cavernas Mil,
de portais banhados por rio —
Esgalduin a fada o chama —
salões de fama à luz de chama
lá fez morada o oculto rei
mata e monte sob sua lei;
aguda espada, elmo altaneiro,
rei de faia, carvalho e olmeiro.
Lá, Lúthien, a donzela presta
dança em vales e na floresta,
chega música, doce e clara,
descendo, mais bonita e rara
que em seus festins ouvem mortais,
e que das aves os corais.
Folha longa, verde gazão,
Dairon chega co'esguia mão,
e qual brilho em sombra mesclada,

passa a fazer doce toada,
num flautar mágico de escol,
pois ama a filha de Thingol.

Lá tangem arcos, lançam flechas,
e o cervo foge pelas brechas,
corcéis co'a crina encanastrada
flâmeos bocais, freios de prata,
correm por noite de luar
como andorinhas a voar;
um som de sinos ali toca,
caçada oculta em fenda oca.
Fazem canções e coisas d'ouro,
copas de prata e grão tesouro,
e de Feéria anos infindos
na longe Beleriand fluindo,
até que então mil maravilhas
se deram sob o sol que brilha.[A]

NOTAS

A abertura do poema em B se complica pelo fato de que meu pai reescreveu e redatilografou parcialmente o primeiro Canto — uma reescrita inteiramente distinta da fundamental reformulação pela qual passou o trecho inicial do poema posteriormente. Essa primeira reescrita do Canto de abertura foi feita enquanto a composição original do poema ainda prosseguia, mas estava bem avançada. A segunda versão foi datilografada na forma exata da que ela substituiu, ao passo que a última parte do texto B não foi datilografada; mas o nome *Beleriand* aparece aí datilografado originalmente, e não como uma correção, enquanto em outros

lugares de B a forma é *Broseliand*, sempre corrigida a tinta para *Beleriand*.[c] Ademais, foi a primeira versão do Canto I no texto B que C.S. Lewis leu na noite de 6 de dezembro de 1929, e acho muito provável que tenha sido a crítica de Lewis que levou meu pai a reescrever a abertura (ver pp. 369–70). Nas notas seguintes, a primeira versão de B é chamada de B(1), e o texto incluído anteriormente é chamado de B(2).

1–30 A: Houve um rei em dias de outrora:
tinha coroa como a aurora
rubi incrustado e cristal claro;
repastos bastos, pratos caros;
rubras vestes, marfíneo trono,
de salões pétreos era dono,
vinho e música aos borbotões
e mais trinta e três campeões,
tinha tudo, mas pouco nota.
Sua filha era Melilota:
da aurora à tarde, do mar ao sol,
mais bela nunca se encontrou.
Vestido azul costuma usar,
mas mais azul é o seu olhar;
têm lírios d'ouro a entretecê-lo,
mas mais dourado é seu cabelo.

Depois do verso 12, *nunca se encontrou*, em um rascunho anterior há o seguinte dístico:
desde a Inglaterra até Eglamar,
povos e campos a varar.

B(1): Houve um rei em dia de outrora:
&c. como em A, até o verso 6
e ouro guardava em clara grota,
tinha tudo, mas pouco nota.
Mas que as filhas de Homens mais bela
era Lúthien, filha e donzela:
&c. como em B(2)

14–18 Esses versos foram posteriormente usados na canção de Gimli em Moria (*A Sociedade do Anel*, livro II, capítulo 4); ver o Comentário de C.S. Lewis, p. 370.

41–4 A: Viviam em Broceliand
lá a solidão inda era grande.
B(1): Viviam além de Broseliand,
e a solidão ali era grande
em Doriath, atro arvoredo.
pra lá o caminho era segredo;

Em B(1), *Ossiriande* está escrito a lápis acima de *Broseliand*. Como se disse anteriormente, B(2) tem *Beleriand* datilografado.

48 Depois desse verso, A e B(1) têm:

Mas às vezes, de longe e escuso,
debaixo dos montes escuros,
um som de sinos ali toca,
caçada oculta em fenda oca.

O segundo dístico reaparece posteriormente em B(2), versos 91–2.

49–61 A e B(1):

Terra do Horror ao Norte estava
só mau caminho ali levava,
por monte triste e frio ruim;
a Oeste e Sul, mares sem fim,
sem vela ou cais, bravios, tremendos;
no Leste, os montes vão descendo
ao pé da sombra da floresta,

65–6 A: Lá Celegorm passa os seus dias
sem fim em meio a urdidas vias,
corredores e naves mil
seus pilares lavava o rio.

67 *Esgalduin* A, mas *Esgaduin* nos trabalhos mal-acabados, a mesma forma de *Os Filhos de Húrin* (p. 94, verso 2164), antes de ser corrigido.

73 A: Melilota, a donzela presta

79–84 Ausentes em A.

85–93 A e B(1) (com uma pequena diferença):

Lá tangem arcos, lançam flechas
e o corço foge pelas brechas,
corcéis com arreio a brilhar
repicavam sob o luar;
fazem canções e coisas d'ouro

Ver nota ao verso 48.

96 A: na escura Broceliand fluindo,
B(1): na longe Broseliand fluindo,

Em B(1), *Ossiriande* está escrito a lápis ao lado de *Broseliand*, assim como no verso 41.

Comentário ao Canto I

Uma característica extraordinária da versão A é o nome *Celegorm*, atribuído ao Rei dos Elfos da floresta (Thingol); ademais, no Canto seguinte, o papel de Beren em A é desempenhado por *Maglor*, filho de Egnor. A única conclusão possível, por mais estranha que seja, é que meu pai estava disposto a abandonar *Thingol* em favor de *Celegorm* e (ainda mais impressionante) *Beren* em favor de *Maglor*. Tanto *Celegorm* quanto *Maglor* como filhos de Fëanor apareceram no *Conto do Nauglafring* e na *Balada dos Filhos de Húrin*.

O nome da filha do rei em A, *Melilota*, também é enigmático (seria o nome da planta em inglês, *Melilot* [meliloto], como o da convidada na festa de despedida de Bilbo Bolseiro, Melilota Brandebuque?). Já na segunda versão de *Os Filhos de Húrin*, Lúthien aparece como o nome "verdadeiro" de Tinúviel (ver p. 145, nota a 358–66). É possível que meu pai de fato tenha começado a *Balada de Leithian* antes de interromper o trabalho em *Os Filhos de Húrin*, caso no qual *Melilota* talvez fosse o primeiro nome "verdadeiro" de Tinúviel, que deu lugar a *Lúthien*; mas acho isso extremamente improvável.[d] Considerando-se *Beren* > *Maglor*, penso que *Lúthien* > *Melilota* é muito mais provável. Em todo caso, *Beren* e *Lúthien* logo aparecem nos rascunhos originais da *Balada de Leithian*.

Também é estranho que, em A, a filha do rei tivesse olhos azuis e cabelos dourados, pois isso estaria em desacordo com as vestes de escuridão que ela teceu de seus cabelos: no *Conto de Tinúviel*, seus cabelos eram "escuros" (II. 32).

O nome *Broceliand* que aparece em A (*Broseliand* em B) é notável, mas não consigo jogar luz na razão para meu pai escolher esse nome (a famosa Floresta de Brocéliande na Bretanha das lendas arthurianas).[e] Seria interessante saber como *Broseliand* levou a *Beleriand*, e uma pista talvez se encontre em uma página da abertura da Balada apressadamente escrita, onde ele rabiscou vários nomes, os quais devem ser possibilidades que estava aventando para o nome da terra. O fato de que *Ossiriand* ocorre entre eles, e de que também está escrito ao lado de *Broseliand* nos versos 41 e 96 em B(1), pode sugerir que esses nomes emergiram durante a busca por um substituto para *Broseliand*. Os nomes são estes:

> *Golodhinand*, *Noldórinan*, *Geleriand*, *Bladorinand*, *Belaurien*, *Arsiriand*, *Lassiriand*, *Ossiriand*.

Golodhinand é incidentalmente interessante por conter *Golodh*, o posterior equivalente do quenya *Noldo* (no antigo dicionário gnômico, *Golda* era o equivalente gnômico do "élfico" *Noldo*, I. 316). Não consigo explicar *Geleriand*, mas *Belaurien* está

obviamente ligado a *Belaurin*, forma gnômica de *Palúrien* (I. 318), e *Bladorinand*, com o nome de Palúrien *Bladorwen*, "a vasta terra, Mãe Terra" (*ibid.*). Parece no mínimo possível que *Belaurien* esteja por trás de *Beleriand* (que foi posteriormente explicado de maneira bem diferente).

Outra característica curiosa é a palavra *além* em *Viviam além de Broseliand*, em B(1), verso 41, onde A tem *em* e B(2), *em meio*.

Esga(*l*)*duin*, *Taur-na-Fuin* (no lugar de *Taur Fuin* dos *Contos Perdidos*), e *as Mil Cavernas* já apareceram todos em *Os Filhos de Húrin*; mas nos versos

> picos no Leste, azuis e austeros,
> e a névoa cobre o horizonte

— ausentes em A e B(1) — temos a primeira aparição das Montanhas Azuis (*Ered Luin*) das lendas posteriores: cercando Beleriand, ao que parece, do *Mundo de Fora*.

Em todos os textos do primeiro Canto, o Rei dos Elfos da floresta é apresentado como dono de grande riqueza. Essa concepção já aparece em *Os Filhos de Húrin* (ver p. 38), contrastando fortemente com tudo o que é dito nos *Contos Perdidos*: ver o *Conto de Turambar* (II. 119), "o povo de Tinwelint era das florestas e tinha poucas riquezas", "suas riquezas eram pequenas", e o *Conto do Nauglafring* (II. 274), "[os Anãos] fizeram uma coroa dourada para Tinwelint, que até então não usava nada além de uma guirlanda de folhas escarlates".

II

Em pétreos morros muito ao Norte,
há um trono em furna escura e forte,
a luz lhe dão fogos que fremem
e os ventos gélidos que gemem

a fraca luz vêm fumaçar;
lá, as acres espirais no ar
sem sol sufocam o calabouço
e os nóxios seres em alvoroço.
Há ali um Rei: não é da raça
d'Elfos, nem mortal, nem a graça
de céu ou terra se lhe assenta;
que a pedra que o mundo sustenta,
mais velho e mais forte; maior
que o fogo que arde no interior;
no cor, pensar profundo e vário:
sombrio poder é solitário.

Tem mando sobre lanças de aço,
e sentiam remorso escasso
as tropas de ordenada ira
que o lobo e que o corvo servira;
negro corvo em pendão crocita
e ao longe a toada maldita
se ouve por cima do fedor
dos corpos a se decompor.
Deitava cruel gume e fogo
em todo aquele que ao seu rogo
não se curvasse. E nessa terra
do Norte, medonho ele impera.

Mas vivia no oculto frio
Barahir, sem seu poderio,
sem terras, mas inda valente,
de Homens foi príncipe e regente,
mas agora, como proscrito,
pisava a urze e a mata, aflito,

consigo havia alguns fiéis:
seu filho, Beren, e outros dez.
Por mais que assim tão minuídos,
eram ferozes e aguerridos,
de feitos nenhum carecia,
e a mata amavam, cujas vias
preferiam à escravatura
do trono negro em sala escura.
O Rei Morgoth os encalçava:
co'encantos de furor mandava
javali, lobo, homem, mastim,
pra nas florestas lhes dar fim.
Mas escaparam longamente,
e, para contar brevemente
as tantas lágrimas vertidas
por sobrevenças tão doridas,
foi isto aqui que se seguiu:
Morgoth os apanhou co'ardil.

É Gorlim que vem fatigado
de luta e fuga, maltratado,
percorre à noite, acaso e medo,
campos escuros em segredo
em vale que sua gente abriga,
e dá com uma casa antiga —
diante do céu escura é ela,
mas um clarão vem da janela,
de solitária vela escapa.
Espia dentro, à socapa,
e vê, qual sonho inclemente,
quando a saudade ilude a mente,
a esposa junto da lareira

a lamentá-lo, em luto inteira,
cabelos brancos, branca tez
que a solidão e o choro fez.
“Ó Eilinel, tão linda e terna,
que eu cria estar na treva eterna,
jazendo! Ao fugir pela porta
pensei te ver inerte e morta
na noite de pavor amaro
quando perdi o que me era caro”:
diz admirado o coração
a vigiar na escuridão.
Não chega o nome a lhe chamar,
como escapou lhe perguntar,
ao vale, longe sob os morros,
ele ouve um grito sob os morros!
Lá perto um mocho solta um pio;
um uivo causa-lhe arrepio,
lobos selvagens em caçada
seus pés seguiram pela estrada.
Pois sabe bem que sem cessar
Morgoth o está sempre a caçar.
Teme ser morto co’Eilinel,
retoma o caminho seu,
e vai selvagem, tortuoso,
na trilha, em leito pedregoso
do rio, sobre o incerto charco,
e num deserto ermo e parco
encontra os seus, a pouca gente,
em ponto oculto; já cadente
a luz; sem sono vê agora
chegar aos poucos feia aurora
sobre os ramos, triste céu.

Enfermo está o juízo seu,
sem paz; aceitaria grilhão
se a esposa reencontrasse então.
Mas entre apreço do senhor
e ódio pelo rei do horror
e angústia por sua Eilinel,
quem contará do transe seu?

Dias depois, turvado o siso,
a ruminar, já sem juízo,
servos do rei atroz avista,
pede que o levem à sua vista,
rebelde a implorar perdão,
se este puder ser dado então
por novas do bom Barahir,
onde vivia, aonde ir
de noite ou dia ao seu covil.
O triste Gorlim pois partiu
à profundeza, atra caverna;
aos pés de Morgoth se prosterna,
ao coração cruel indica,
ao que a verdade não pratica.
Diz Morgoth: “Eilinel, a bela
certo acharás, e lá com ela,
onde habite e te aguarda,
juntos vós estareis, não tarda,
não vos separo nunca mais.
Este é o prêmio a quem traz
tal boa nova, delator meu!
Cá já não mora Eilinel,
em mortal treva tem corrido,
sem lar, viúva do marido —

espectro do que havia de ser,
assim parece, tens de ver!
Agora pelo umbral da dor
irás à terra, meu favor;
baixas à treva atroz sem lua
pra lá buscar Eilinel tua.”

Já Gorlim sofre morte atroz
e se maldiz c’o fim da voz,
é morto Barahir, então
tornam seus feitos bons em vão.
Porém de Morgoth o terror
nem sempre engana o contendor;
ainda alguns usam perícia
pra desfazer a sua malícia.
Pois Morgoth fez, assim se cria,
o espectro atroz que Gorlim via
c’os olhos seus, tornou em nada
a esperança preservada
lá na floresta solitária;
mas Beren, com fortuna vária,
naquele dia longe caça,
a noite em lugares passa
longe dos seus. Durante o sono
sente grã treva e abandono,
pensa que os ramos que divisa
são nus e os move triste brisa;
sem folhas, mas com negros corvos
em casca e ramo, são estorvos;
grasnando, os bicos deitam sangue;
rede o envolve, fica langue,
envolto, mão e perna inteira,

até que exausto junto à beira
de lago morto deita oculto.
Mas vê que se agita um vulto
bem longe n'água tão trevosa,
assume forma nebulosa,
desliza no silente lago,
de perto faz discurso aziago
e triste diz: "Gorlim tu vês,
traidor traído! Desta vez
corre! Pois Morgoth já aperta
teu pai pela garganta; é certa
a reunião tua, teu covil",
revela então o mal que viu,
que fez e Morgoth deu por certo.
Acorda Beren, busca esperto
espada e arco, sai alado
qual vento em ramo desnudado
no outono. Chega co'aflição,
fogo e ardor no coração,
vê Barahir jazer, seu pai;
tarde demais. A noite vai,
encontra as casas dos caçados,
ilha de mata em alagados,
aves em nuvem esvoaçam —
não são do charco aves que passam.
Gralhas e corvos no amieiro,
aves de agouro num poleiro;
um grasna: "Beren chegou tarde",
todos em coro: "Tarde! Tarde!".
Sepulta do seu pai os ossos,
empilha ali rochedos grossos;
três vezes Morgoth é imprecado,

sem pranto, coração gelado.

Percorre charco, campo, monte,
persegue, chega a uma fonte
que das profundas traz calor.
Vê assassinos, matador,
cruéis soldados do monarca.
Um deles ri, na mão abarca
anel de Barahir finado.
“Lá em Beleriand forjado,
atenta”, diz, “este tesouro.
Já não se compra nem com ouro,
matei por ele Barahir,
tolo e ladrão, que foi servir,
prestar favores de outrora
pra Felagund. Assim é agora;
pois Morgoth mo mandou levar,
não que me conste lhe faltar
maior tesouro em seu cofre.
Quem tem cobiça nada sofre
e eu pretendo insistir:
vazia a mão de Barahir!”
Seta mortal remata o feito;
fende-lhe o coração no peito.
Vê Morgoth que seu contendor
prestou serviço, executor
do traidor, servo sem siso.
Mas Morgoth já não vê com riso
que Beren, lobo a sós na caça,
de trás da rocha salta, e passa
junto ao poço no bivaque,
apanha o anel antes do ataque

de raiva e ira do inimigo,
e deles foge. Tem o abrigo
d'anéis de aço dos ananos
a que a seta não faz danos;
esconde-se em rocha e mato
Beren em boa hora nato;
ignora o inimigo vil
aonde foi buscar covil.

Foi Beren sempre destemido,
por resistente sempre havido,
quando vivia Barahir;
mas ora vem pesar partir
a alma, a vida lhe amargar,
que seu punhal já pensa usar,
espada ou lança, fim estreme
da vida, e só correntes teme.
Busca perigos, busca a morte,
escapa assim à fatal sorte
ousando feitos de nomeada,
de glória ao vento sussurrada;
canções entoam-se, acesas,
acerca de suas proezas
a sós, cercado no negrume
de névoa, e lua, sob o lume
do dia claro. Enche as matas
do norte com batalhas gratas
ceifando de Morgoth a laia;
com ele só carvalho e faia,
sempre fiéis, bestas pequenas
de pelo, couro, asas, penas;
espíritos dos quais a voz

em velhos montes, ermos sós
habita e vaga, seus amigos.
Mas o proscrito tem perigos
e Morgoth é um rei mais vil
que o mundo em canto já previu,
e seu saber de amplidão
amarra e cerca em precisão
quem o enfrenta. Pois assim
Beren da mata foge, enfim,
da terra amada onde em paz
seu pai, que os juncos choram, jaz.
Sob rocha em monte, musgos grossos
desmancham-se do herói os ossos.
Já Beren foge ao norte imigo,
noite de outono o traz consigo;
o cerco de seus contendores
já passa — anda sem rumores.
Do arco a corda já não canta,
seta talhada não levanta,
e já não deita o crânio seu
sobre a charneca sob o céu.
Luar no pinho em movimento
por entre a névoa, chia o vento
em feto e charneca à tarde,
ninguém o encontra. Um vulto arde
no ar gelado, prata quente,
no norte está a Urze Ardente,
que a gente humana assim dizia,
deixa pra trás, o que alumia
planície, lago, morro e terra,
charco maldito, monte e serra.

Terra do Horror ao sul estava
aonde só má senda levava,
homens audazes só as frias
Montanhas cruzam, as Sombrias.
A encosta norte é dor, perigo,
cruel, mortal é o inimigo;
a face sul a pino, então,
é pico, rocha e paredão;
são enganosas suas raízes
e amargas águas infelizes.
Em cova e vale há magia,
pois muito longe todavia,
além de onde a vista aponta,
talvez de torre alta e tonta,
ninho de águia a erguer-se,
um brilho cinza possa ver-se,
Beleriand, Beleriand,
terra das fadas bela e grande.[B]

NOTAS

128 A: senhor de Homens cheio de brio
134 A: seu filho, Maglor, e outros dez.
141 A: O Rei Bauglir os encalçava
177–79: Texto anterior:
ao vale, longe em meio à serra,
faminto povo arava a terra,
próximo, um mocho solta um pio
205 Texto anterior: dos servos do rei segue a pista
209–11 A: por novas de Egnor e seu bando
e de onde estavam se ocultando
de dia ou noite o seu covil.
235 A: Egnor é morto por traição
246 A: mas Maglor, por fortuna vária,

272 A: Desperta Maglor, busca esperto
277 A: até onde jaz Egnor, seu pai
297 A: o anel de Egnor, já finado:
298 *Broceliand* A, *Broseliand* B, emendado para *Beleriand*
301 A: por ele, Egnor fiz cair
304 *Celegorm* A, emendado para *Felagoth* e, depois, para *Felagund*
310 A: Na mão de Egnor nada vi!"
313–16 Esses quatro versos foram postos entre parênteses, e a palavra *que* no verso 317 foi alterada para *E*, antes de o texto B ser enviado para C.S. Lewis (a numeração dos versos feita por meu pai exclui esses quatro, e as referências de Lewis estão de acordo). Lewis não concordava com a exclusão dos versos 313–14, e eu mantive os quatro versos. Ver pp. 373–74.
317, 329 *Maglor* A, *Beren* B
326 A: a fenda em montes vai no ato.
331–33 A: quando Egnor ainda vivia,
mas solidão ora o afligia,
tão cheia a vida de pesar

360 A: Maglor da mata foge, enfim
(*fast* [no verso em inglês] é usado com o sentido de "seguro contra ataques". Compare com *fastness*.)
365 *Maglor* A, *Beren* B
377–81 A: no Norte a prata chamejava
no ar frio, essa que se chamava
Timbridhil num passado dia;
deu-lhe as costas, e ali alumia
do prado celestial a foice
que por Bridhil, Rainha, pôs-se
a reluzir por lago e terra,

O quinto e o sexto versos foram colocados entre colchetes e, no quarto verso, *e ali alumia* foi alterado para *Ali alumia*.
383–84 Compare com os versos 49–50.
399 *Broceliand* A, *Broseliand* B, emendado para *Beleriand*.

Comentário ao Canto II

Neste segundo Canto, a história da traição do bando de proscritos já está, na versão A, próxima à forma final nos elementos essenciais, mas não há vestígio da história em nenhuma forma antes dos primeiros rascunhos da *Balada de Leithian*, composta no verão de 1925 (ver p. 183). Ao comentar o *Conto de Tinúviel*, afirmei (II. 69):

> Parece claro que, nesse momento, a história de Beren e seu pai (Egnor) ainda estava numa forma muito rudimentar; de todo modo, não há indício da história do bando de proscritos liderados

por seu pai e da traição de Gorlim, o Infeliz, antes da primeira versão da *Balada de Leithian*.

De fato, há diferenças entre o enredo da Balada e da história contada em *O Silmarillion* (p. 223 e seguintes): na Balada, a casa onde Gorlim viu o fantasma de Eilinel não era dele; sua traição foi muito mais profunda e deliberada, pois ele procurou pelos serviçais de Morgoth com a intenção de revelar o esconderijo dos proscritos; e ele se apresentou diante do próprio Morgoth (e não de Thû-Sauron). Mas essas diferenças são muito menos numerosas do que as semelhanças, tais como a ausência de Maglor-Beren no dia fatal, a aparição de Gorlim em sonho cruzando a água, as aves carniceiras nos amieiros, o teso de pedras, a tomada do anel, sua amizade com os pássaros e feras.

Quanto aos nomes no texto A: *Gorlim* e *Eilinel* haveriam de permanecer. Maglor-Beren já foi discutido (pp. 193–94). *Egnor* ainda era seu pai, assim como nos *Contos Perdidos* (a correção para *Barahir* na segunda versão do *Conto de Tinúviel*, II. 58, foi uma alteração feita fortuitamente anos depois). *Bauglir* (que apareceu durante a composição de *Os Filhos de Húrin*, ver p. 67) foi alterado em todos os lugares para *Morgoth*, mas isso não parece indicar que o nome foi rejeitado, visto que ele aparece mais tarde no texto B da Balada e sobrevive em *O Silmarillion*.

Em A, Varda é chamada de *Bridhil* (nota aos versos 377–81), assim como no poema aliterante *A Fuga dos Noldoli* (pp. 164, 168); mas é surpreendente que a constelação da Ursa Maior seja, na mesma passagem, chamada de *Timbridhil*, visto que, de acordo com o antigo dicionário gnômico, esse é o título da própria Varda (como seria de se esperar: ver *Tinwetári*, I. 324). A "Foice dos Deuses" (*Valacirca*) é aqui a "foice do prado celestial", empunhada por Bridhil, Rainha das Estrelas. Não consigo explicar de modo algum o nome *Urze Ardente* que aparece em B (378); ele reaparece na versão de 1930 de "O Silmarillion":

> Por muitos nomes elas [as Sete Estrelas] foram chamadas; mas, nos dias de antanho do Norte, tanto Elfos como Homens as

chamavam de Urze Ardente, e alguns de Foice dos Deuses.

Para o mito mais antigo acerca da Ursa Maior, ver I. 143, 165.

Indicações geográficas são esparsas, e não ficam mais numerosas no texto B. Taur-na-Fuin já foi nomeada anteriormente em B (verso 52), mas não se diz de fato, no presente Canto, que essa era a região onde espreitavam os proscritos, embora não haja razão para duvidar de que foi aí que meu pai os colocou. Voltando-se para sul, Maglor-Beren cruzou as Montanhas Sombrias (386). As Montanhas Sombrias são mencionadas diversas vezes em *Os Filhos de Húrin*, onde são as montanhas que cercam Hithlum, espelhadas nas lagoas de Ivrin, assim como em *O Silmarillion*. Mas, nessa acepção do nome, seria obviamente impossível para Beren cruzar as Montanhas Sombrias caso ele estivesse saindo de Taur-na-Fuin e movendo-se para o sul em direção a Doriath. No "Esboço da Mitologia", Beren igualmente "cruza as Montanhas Sombrias e, após atrozes provações, chega a Doriath", e algo semelhante acontece na versão de 1930; nessa última, contudo, "Montanhas de Sombra" foi corrigido para "Montanhas de Terror". Fica claro, portanto, que na *Balada de Leithian* meu pai empregou "Montanhas Sombrias" em um sentido diferente de *Os Filhos de Húrin*, e que as Montanhas Sombrias do presente Canto são a primeira alusão às Ered Gorgoroth, as Montanhas de Terror, os "precipícios a partir dos quais Dorthonion [Taur-nu-Fuin] descia para o sul" (*O Silmarillion*, p. 140); mas o outro sentido reaparece (p. 277).

O lago onde Egnor-Barahir e seu bando moravam às escondidas, *Tarn Aeluin* em *O Silmarillion* (p. 223), não é nomeado na Balada, onde o esconderijo era uma "ilha de mata em alagados" (280). O fato de que o acampamento-órquico ficava junto a uma fonte ou poço (também sem nome) aparece na Balada, e é aqui uma fonte quente (292–93); em *O Silmarillion* (p. 225), era o *Poço do Rivil*, acima do Pântano de Serech.

A mais notável característica deste Canto até agora, no que diz respeito ao desenvolvimento das lendas, é que o resgate de Felagund

por Barahir na Batalha da Chama Repentina (*O Silmarillion*, p. 211) aparece pela primeira vez nos "favores" que Egnor prestou a Celegorm em A (versos 301–04, no lugar em que B tem Felagund e Barahir). A breve vida do nome "Celegorm" como substituto de "Thingol" já acabou (ver pp. 193–94), e agora voltou a ser um dos filhos de Fëanor, como em *Os Filhos de Húrin*. Quando esses versos em A foram escritos, a história era que Celegorm (e Curufin) fundaram Nargothrond depois do rompimento do Sítio de Angband — uma história que parece ter surgido durante a composição de *Os Filhos de Húrin*, ver pp. 102–05; e foi Celegorm que Egnor-Barahir resgatou naquela batalha e que entregou o anel a Egnor-Barahir. No texto B, a história já avançou novamente, com o surgimento de (Felagoth >) Felagund como aquele a quem Barahir salvou e fundador de Nargothrond, colocando Celegorm e Curufin em um papel muito diferente.

Em A, Egnor e seu filho Maglor (Beren) são Homens (por exemplo, Egnor era um "senhor de Homens", nota ao verso 128). Na primeira versão de *Os Filhos de Húrin*, Beren ainda era um Elfo, ao passo que, na segunda versão, meu pai parece ter avançado e retrocedido nessa questão (ver pp. 149–51). Mesmo agora, como se verá depois, ele ainda não tinha se decidido sobre o assunto.

III

Isto há muito tempo se deu,
antes de singrarem o céu,
iluminados, sol e lua;
floresta agreste se insinua,
formas sombrias deixam rastro
sob o domo estrelado e vasto
acima da aurora da Terra;
gáudio argênteo o silêncio encerra:
imensas pedreiras tilintam,

as aves de Melian pipilam,
as primeiras em mortal chão,
e os rouxinóis, co'a própria mão,
nutre a fata em cinzenta bata;
desce pelo cinto de prata
a sua longa e escura trança
e junto a argênteos pés descansa.

Um dia saiu do jardim
dos Deuses, e chegou, por fim,
aos montes altos, sempiternos
que olham pros mares mais externos,
jamais voltou, e nas clareiras
cantava com a voz fagueira.
Foi ela que Thingol ouviu,
e de aves repentino pio,
num tempo em que Elfos, recém-vindos,
andavam sós no mundo infindo.
Mas sua gente foi-se embora
para a baía — conta a estória —
na praia mortal mais distante:
fizeram naus com mão possante
e então partiram pelo mar.
Jardins e terras de folgar
em plaga onde ninguém perece
foram dos Deuses a benesse.
Mas Thingol ficou, enlevado,
por um tempo ouvindo o trinado,
no bosque o dulcíssimo canto.
Tais momentos de grande encanto
dos jardins do Senhor do Sono —
cheios de sombra, fonte e tono —

chegam, parecem durar tanto
em mortal chão. Com grande pranto
procuram-no antes de zarpar,
mas Thingol fica lá, a escutar.
Parece uma hora, não mais,
e encontra, onde sonhando jaz,
Melian, com seu negro penteado,
em leito de folhas. Cuidado!
Há sono e modorra latentes!
Tocou-lhe as tranças, sua mente
afunda em torpor e em olvido;
por anos jaz, desfalecido.

Assim, Thingol jamais zarpou
e em meio às matas habitou,
e a Melian, celsa, amou sozinho,
a de voz forte como o vinho
que os Valar servem nos salões
de fontes, florentes botões;
seu canto mágico, porém,
as fontes e as flores detém.
De Doriath eram soberanos,
em doces sons passaram anos.
E muitos Elfos, afinal,
sem achar praia ocidental,
nem do seu lar fulgente muro
à alva espuma e ao mar escuro,
os que áureo chão jamais trilharam
na terra que os Valar criaram,
estes trouxeram pro seu reino
sob faia, carvalho e olmeiro.

Quando Morgoth o cativeiro
dos Deuses rompeu, foi ligeiro
às terras mortais, e no Norte
fundou seu trono e praça-forte;
e os novatos Homens mortais
tomou todos por serviçais;
Gnomo e Elfo escravizava,
e uma parte sem lar vagava,
e baluartes, com temor,
erguiam nas fímbrias de horror;
caíram todos, menos um:
em Doriath, por força incomum,
Thingol e Melian reinam inda,
pois da fata a magia os blinda
do mal que avança pela borda.
O riso a grama verde acorda
a folhagem ao sol rebrilha,
e têm início maravilhas.

Sob o sol e a lua celestes
calçado prata e finas vestes,
a filha da imortal rainha
dança em relva que não definha,
meio élfica, meio divina;
quando o céu de astros se ilumina
ali se escuta um som de flauta
lá no carvalho de rama alta,
nas folhas da faia marrom,
música o moreno Dairon
começa com fascinante arte
e todo coração se parte.
Menestréis tais somente três

teve Elfinesse alguma vez:
Tinfang Gelion que em junho encanta
a lua que no estio levanta,
e faz com que a prima estrela saia;
aquele que em remota praia
harpeja, lá onde à costa escura
marulha a ocidental espuma,
co'a voz do mar, esse é Maglor;
e Dairon, dos três, o maior.

Em uma noite de verão
a luz inda tocava o chão
cinzenta, de um lânguido tom
Lúthien dançava com o seu som.
Das castanheiras cai o amento
seu flóreo hastil, rubro, alvacento;
havia ali um olmo silente
e embaixo da sombra, palentes
umbelas grossas de cicuta;
e volitando ali se escuta
um bando de alvas mariposas
de olhinhos de cores fogosas,
os ratinhos saem da toca
pra ouvir a música que toca;
o mocho se asserena, teso;
e a lua passa atrás do teso.
Os braços como marfim luzem
as melenas voam qual nuvem,
seus pés caminham ao acaso
como em labirintos de ocaso;
larvas luzentes dando volta,
as mariposas vão em frota

sobre a cabeça como um véu —
a lua tudo vê do céu,
erguendo-se branca e redonda,
e acima da ramagem ronda.
Com clara voz ela trinou,
em súbito êxtase cantou
de rouxinóis bela canção,
e co'élfica magia então
deu-lhe enleio tão deslumbrante
que a lua parou nesse instante.
Foi isso que Beren ouviu,
e que, emudecido, ele viu,
mas seu fogo ardia sem freio
por tal prodígio e tal anseio,
turvou-se do mortal a mente;
a magia o atou firmemente,
sem força, apoiou-se num tronco.
Cansado estava, lasso e bronco,
grisalho e com o coração frio:
perdera o viço juvenil;
quinhão de pena e dor é a paga
pra quem naquela estrada vaga.
Seu coração, curado e morto,
em nova vida e dor absorto.

Os seus cabelos ele fita,
nublada rede, a selenita
luz captura, e então derrama
brilhante e branca em meio à rama,
e o lume de celeste estrela
nos seus olhos se pode vê-la.
E sua cansativa viagem,

a fome, seu vulto selvagem,
as rochas que, com pé sangrento,
manchou, só pra se ver detento
em ravinas de obscuro mal
no seio de terra espectral —
viviam lá grandes aranhas,
seres antigos que artimanhas
com seus bicos fiavam no ar,
enchendo-o de negro pesar,
e ali sugavam brancos ossos
jogando-os em leitos rochosos —
todo esse horror ora se esvai,
não ouve mais a água que cai
dos pinheirais, cinzenta e fria,
amarga à boca que a bebia,
enchendo de loucura a mente —
tudo isso estava ora dormente.
Não mais o ardor da estrada o agita,
a douda vereda, infinita…
sem cessar, um novo horizonte
passava-lhe à vista defronte,
conforme seus sangrentos pés
escalavam azuis sopés;
e com fera pujante, antiga,
com monstro escuro Beren briga;
em longa vigília noturna
via atroz forma à luz soturna
que com olhos vis se arrastava
debaixo d'árvore em que estava —
um preço baixo a se pagar
por esta noite de luar
e estrelas claras de Elfinesse,

beleza que o cor enternece.
Ai! sem se dar conta, e esquecido
pra relva clara é atraído,
por amor, espanto que faz
com que os pés não se escondam mais;
o peito de música cheio,
novos temas, canções de enleio,
n'alma dulçor; dá um passo adiante,
sombra escura ao luar brilhante —
Dairon a flauta silencia
e abaixa-se, qual cotovia,
como um grilo que, no relvado,
ouve passarem pés pesados.
"Lúthien, foge!", Dairon exclama,
"Lúthien!", grita outra vez da grama;
"Há aí um estranho! Vai-te embora!"
Perplexa, Lúthien se demora,
pois não sabia o que é temer,
mas ora teme ao perceber
a desguedelhada visão
lançando sombras pelo chão.
Mas logo ela tinha sumido,
qual sonho num escuro olvido,
clarão nas nuvens, ela salta
no meio da cicuta alta,
e vai pra baixo de uma delas,
de folha longa e escura, e umbelas
pulcras, e dessas tinha um cento;
seu ombro nu, o braço alvacento,
a veste pálida, e o cabelo
co'alvas rosas a entretecê-lo
qual salpicos de gris luar

em poças no chão a brilhar.
Fitou selvagem, boquiaberto
quietas árvores, chão deserto;
às cegas, travessa a clareira,
té do anel d'árvores a beira;
ela o encara com olhos baços,
perplexo, ele lhe toca o braço.
E, qual surpresa mariposa
que se acorda enquanto repousa,
foge presta à presença estranha,
dançarina de élfica manha,
fantástico caminho faz
pelas árvores. Vem lá atrás,
sozinho, encantado e atroado,
Beren, canhestro e machucado:
o Esgalduin, élfica torrente
na mata, de estrelas luzente,
ante os seus pés, forte fluía.
Ela encontrou secreta via,
e sumiu ao fugir veloz,
deixando-o na margem a sós.
"Separa-nos o atro Esgalduin!
Da minha jornada este é o fim:
grande desejo e solidão,
mágico rio sem compaixão."

O estio se vai, o outono vem,
Beren na mata abrigo tem,
vive qual fauno arisco e alerta
que, súbito, à manhã desperta,
vai de sombra em sombra, e se esquiva
do sol, mas todas as furtivas

agitações na mata sente.
Os murmúrios do tempo quente;
o bater de asas e a toada
dos pássaros; a inesperada
chuva que nas frondes martela,
num mar de folhas a procela,
o ramo que estala ele escuta;
mas dos doces sons não desfruta,
não tem conforto ou alegria
na isolada vida vadia;
queria em vão e sem cessar
inda outra vez ouvir e olhar
do rouxinol canção mais bela
portento que o luar revela.

Foi-se o outono, o inverno envolveu
de folhas secas o vergel;
sob as faias grises, sombrias,
está vermelha a folharia.
Da alva cava, a lua descerra
a bruma que se ergue da terra,
encobre o sol no amanhecer
depois vem do galho escorrer.
Da alba ao ocaso ele a procura,
nos vales, dia e noite escura,
nada escuta além da batida
dos seus pés nas folhas caídas.

O vento invernal soa a trompa
té que o véu de bruma se rompa.
O vento cessa; os corais
d'astros qual fogos celestiais

têm luz cujo fulgor amaro
vara domos de cristal claro.

Um lampejo atravessa a mata,
logo, uma luz ele constata:
sozinha, num desnudo outeiro
dançava com passo ligeiro!
Manto azul co'alva pedraria
apanha os raios de luz fria.
Luzia com invernal facho
vindo dançar colina abaixo;
ele observa, ela passa rente
como brilho d'estrela ardente.
Sob os seus pés, brotam galantos,
súbito vem de uma ave um canto
doce, quando ela passa perto.
E um rio congelado, desperto,
canta e ri; mas inda o feitiço
faz Beren na mata submisso.
A luz se apaga, a noite desce
sobre o galanto que floresce.

Depois, num morro de verdor,
viu de longe élfico fulgor
em membro e gemas refratado
amiúde em céu enluarado;
Dairon flauta mais uma vez,
e Lúthien canta com levez.
Furtivo ele chega por trás,
mesclava em si dor e solaz.

Numa noite o inverno termina;

e sozinha ela canta e trina
dançando até a aurora vernal,
canta algo de magia tal
que o agita, rompendo a corda
que o prendia, e então ele acorda
em doce insânia e desalento.
Os braços ele ergue no vento,
dança sem tino, enfeitiçado,
e célere é o passo encantado.
Corre pro morro verdejante
co'os pés ágeis, brilho dançante;
pro morro relvado ele passa:
quer abraçar tamanha graça.
Mas nada abraça, ela fugiu;
com brancos pés veloz partiu.
Ele a encalça enquanto ela some,
chamava-a pelo doce nome
em élfico do rouxinol,
súbito a mata ressoou:
"Tinúviel! Tinúviel!"
Clara qual sino a voz ergueu
e encanto de amarras teceu:
"Tinúviel! Tinúviel!"
Tanto amor tinha a voz querente
que ela um instante, de repente,
só um instante, parou sem medo;
ele salta pra perto dela
e beija a élfica donzela.

O amor nascia ali, surpreso,
nos olhos dela, um astro aceso.
Ah! Lúthien! Ah! Lúthien!

Tal beleza os Homens não têm;
Oh! mais graciosa de Elfinesse
de que loucura tu padeces?
Ah! os ágeis pés, mecha sombria
galanto em grinalda a atavia;
Oh! diadema branco e estelar
alvas mãos sob alvo luar!
Ela se esquivou, foi-se embora
logo quando raiava a aurora.[C]

NOTAS

439 Texto original de B:
lá dos jardins do Deus do Sono,

457 Texto original de B:
que os Deuses servem nos salões

467–68 Texto original de B:
que áureos portões jamais cruzaram
lá onde os Deuses aguardavam.

Essas três alterações são tardias e têm o propósito de remover a palavra *Deus*(*es*). A alteração no verso 468 também remove o auxiliar *do*, puramente métrico, em *do wait*. De modo semelhante, as alterações *did build and fortify* > *founded and fortified* (475) e *did raise* > *upraised* (480), parecem ter sido feitas na mesma época. Por outro lado, *did flutter* > *were fluttering* (523) e *did waver* > *went wavering* (533) parecem ser emendas antigas (ver o comentário de C.S. Lewis, p. 376). Faço menção a essas mudanças para ilustrar minhas observações acerca do assunto, pp. 185–87.[f]

493 [No verso em inglês], *elfin-* em B corrigido para *elven-*. Aqui e subsequentemente, essa alteração faz parte do grupo mais antigo, assim como *elfin* para *elvish* no verso 540 e outros.

503 *Tinfang Trinado* em A, e B conforme datilografado; *Gelion* é uma alteração antiga em B.

508 Depois desse verso, A tem um dístico omitido em B:
desde a Inglaterra até Eglamar
em rocha, duna e barra alvar,

O primeiro desses versos também ocorre em um rascunho antigo da abertura do poema, ver p. 192, nota aos versos 1–30.

509 *Maglor*, A, B; no rascunho mal-acabado dessa passagem, *Ivárë* (com *Maglor* escrito ao lado).

527–30 Em B, foram marcados com um X (ou seja, precisavam de revisão), mas não há versos substituindo.

557 Este verso começa em uma nova página no manuscrito A; no alto da página está a data "23/8/25".
558 *dourada* A, e em B, conforme datilografado (sem dúvida, por descuido), logo corrigido para *nublada*. Ver nota aos versos 1–30 e pp. 193–95.
648 Depois desse verso, o maço de folhas de prova que contém o manuscrito A (p. 183) está entremeado com outras páginas que conduzem o poema até o final do Canto III. No pé da primeira dessas páginas está escrito *Filey 1925*, onde meu pai estava passando férias em setembro daquele ano.
743 Falta o segundo verso deste dístico. A passagem do verso 741 ao 745 é uma revisão apressada, feita com base na crítica de Lewis, para a qual veja o comentário, p. 381.

Comentário ao Canto III

Neste Canto há muitas coisas que derivam do *Conto de Tinúviel* (II. 21 e seguintes): as castanheiras, as mariposas brancas, a lua se erguendo, a súbita interrupção no flautar de Dairon, a relutância de Tinúviel em fugir, ela se escondendo sob a cicuta *qual salpicos de gris luar* (compare com II. 22, "um salpico de luar luzindo"), o toque de Beren em seu braço, ela fugindo em meio às árvores e, depois, o "montículo despido de árvores" onde ela dançou no inverno. Mas o Canto também guarda relação com o poema *Leve como Folha de Tília* (ver pp. 133–35, 146–48), que fora publicado em junho de 1925, ao passo que esta porção da *Balada de Leithian* foi escrita um pouco depois, naquele mesmo ano. É possível ouvir ecos de um poema no outro, e mais do que um eco no verso em inglês *and out he danced unheeding, fleet*, que se encontra em ambos os poemas (p. 134, verso 447; p. 216, verso 725).

Os nomes anômalos nos dois primeiros Cantos de A agora desapareceram do texto. No segundo Canto, meu pai já havia devolvido o nome *Celegorm* para o filho de Fëanor (nota ao verso 304), e agora *Thingol* aparece em A; *Lúthien* substitui *Melilota*, e *Beren* substitui *Maglor*. *Morgoth* fica no lugar de *Bauglir* em A (ver p. 205).

Em ambos os textos, *Tinúviel* é agora explicitamente a palavra élfica para "rouxinol" (verso 735; ver p. 150); e *Maglor*, novamente em ambos os textos, é o nome de um dos três maiores músicos de Elfinesse:

aquele que em remota praia

harpeja, lá onde à costa escura
marulha a ocidental espuma,
co'a voz do mar, esse é Maglor; (506–09)

No rascunho dessa passagem, o nome do menestrel é, contudo, *Ivárë* (embora *Maglor* esteja escrito ao lado), e Ivárë foi nomeado no *Conto de Tinúviel* (II. 21), junto com Tinfang e Dairon, como um dos "três músicos mais mágicos dos Elfos", que "toca junto ao mar". Esse é o primeiro indício da história posterior de Maglor, filho de Fëanor, que no *Conto do Nauglafring* (II. 290) foi morto no ataque a Dior, assim como Celegorm. Os versos em A, omitidos em B (nota ao verso 508) são interessantes:

desde a Inglaterra até Eglamar
em rocha, duna e barra alvar,

A forma *Eglamar* (gnômico, = *Eldamar*) ocorre no poema *As Costas de Feéria* e no prefácio em prosa a ele (II. 315, 327); e o mesmo verso, *desde a Inglaterra até Eglamar*, se encontra nos trabalhos mal-acabados do início da Balada (nota aos versos 1–30). A menção à *Inglaterra* é um lembrete de que, naquela época, a associação das lendas com Eriol/Ælfwine ainda estava muitíssimo viva, embora não haja qualquer outra indicação disso na *Balada de Leithian*.

Tinfang Trinado reaparece, vindo dos *Contos Perdidos*, no verso 503, alterado para *Tinfang Gelion*; o significado de *Gelion* não é explicado.

Em apenas um aspecto o conteúdo narrativo do Canto desvia significativamente da "tradição" comum dos textos, e isso é notável o bastante: os Elfos partiram sobre o mar até Valinor, no final da Grande Jornada, em uma frota de barcos!

Mas sua gente foi-se embora
para a baía — conta a estória —
na praia mortal mais distante:
fizeram naus com mão possante

e então partiram pelo mar. (427–31)

Isso é estranhíssimo (e não consigo dar nenhum esclarecimento além da óbvia explicação de que foi uma alteração passageira) pois a história da "ilha-carruagem" (Tol Eressëa), que remonta aos *Contos Perdidos* (I. 148–51), está presente em todas as versões de "O Silmarillion". Por outro lado, os Elfos são aqui apresentados como grandes construtores de navios no princípio dos seus dias. Nesses versos recém-citados, compare a referência à *baía* de onde os Elfos zarparam com *O Silmarillion*, pp. 91–2, onde se diz que Ulmo ancorou a "ilha-carruagem" na Baía de Balar (e que o cabo leste da ilha, ao se partir, tornou-se a Ilha de Balar).

Na descrição da jornada de Beren até Doriath, verso 563 e seguintes, está o primeiro relato acerca das Ered Gorgoroth, as Montanhas de Terror (chamadas de "Montanhas Sombrias" no Canto II, ver p. 206), com suas aranhas e as águas que levavam quem as bebesse à loucura (ver *O Silmarillion*, p. 173; e compare os versos 590–1, *via atroz forma à luz soturna / que com olhos vis se arrastava* com *ibid.* p. 226: "monstros […] caçando em silêncio com seus muitos olhos").

IV

Em leito folhoso deposto
na terra gelada o seu rosto,
tomado de êxtase sobejo
do encanto de um élfico beijo,
nos olhos turvados se via
luz que no escuro persistia,
beleza que jamais vacila
mesmo sobre fria favila.
Entorpecente névoa o embrulha

em fundo abismo ele mergulha,
grande é o pesar e o desaponto
por causa de tão breve encontro;
uma sombra, um olor sutil
tardou e depois se extinguiu.
O dia o encontra esmorecido,
sozinho, gélido e esquecido.

"Onde estás? O dia está só,
algente o ar e escuro o sol!
Que é dos teus pés, Tinúviel?
Astro errante! Donzela bel!
Flor de élfico chão, por demais
bela pros corações mortais!
A mata murchou!" assevera,
"Já nasceu morta a primavera!"
E vaga na trilha e na mente,
vai tateando cegamente,
como quem busca lume escuso
com vacilantes mãos no escuro.

E Beren pagou co'agonia
pela sina que em si jazia,
o amor de Lúthien, imortal,
bela demais pra Homem mortal;
e ela na sina se enredou,
da morte a imortal partilhou;
e o Fado lhes forjou corrente
de dor mortal e amor vivente.

Sem esperança de revê-la,
ela voltou sob as estrelas;

nos olhos dela, fogaréu
fremia co'os astros do céu,
das mechas vinha aroma qual
élfica flor de élfico val.

E Lúthien, que dardos, ardil
e caçada sempre evadiu,
sem jamais ser pega, achegou-se
ao ouvir seu nome, tão doce;
a mão enlaçou-se num instante
à dele, em Beleriand, distante;
há tempos isso se passou,
o seu pescoço ela abraçou
e a fronte, cheia de cansaço,
fez repousar no seu regaço.
Ah! Lúthien, Tinúviel,
por que a este escuro vale o teu
passo dançou, o olhar brilhante,
e o pôr do sol no teu semblante?
Todo dia, antes de anoutar
buscava-o. Soía ficar
té que toda estrela sumisse,
e a manhã no leste surgisse.
Vinha envolta em fremente manto
e dançava com certo espanto;
aos pés dele, volita presta,
com gentileza o admoesta:
"Vem cá dançar, Beren! Vem cá!
Quero ver-te dançando já.
Teus pés deviam ter mais manha
do que pra andar pela montanha
sob o céu além deste reino

de bel luar, faial e olmeiro.”

Veio ele em Doriath a aprender
arte nova e novo saber;
os pés livres; nova magia
nos fúlgidos olhos se via;
toaram-se dos dois os pés
e dançavam de lés a lés;
seu riso era tal qual nascente
de sons, e como aquela gente
de Doriath, entoa canção,
em flórea trilha e flóreo chão.
O ano anuncia o estio vindouro,
e a primavera acaba em ouro.

Assim se passa a hora fugaz
e Dairon, com olhar mordaz,
à sombra no bosque vigia,
e à noite, quando acaba o dia,
ao luar vê seus pés dançantes,
os doces pés dos dois amantes;
da relva um par de sombras vinha,
onde antes dançara sozinha.
“Terra das Árvores, odiosa!
Torna-te agora silenciosa!
Da minha mão cairá a flauta,
em Beleriand haverá falta
de música e vozes contentes,
e as matas ficarão silentes!”

Uma quieteza então se sente
no ar da floresta, de repente.

Murmura de Thingol a grei,
e indaga assombrada seu rei:
“Donde a quietude, este feitiço
que ao som de Dairon deu sumiço?
Quase não se ouve canto de ave,
sem som, o Esgalduin flui suave;
na mata, a folhagem não fala,
da abelha não se ouve mais ala!”

Lúthien ouviu, e seu olhar
a rainha pôde notar.
Mas Thingol chamou, abismado,
Dairon, antes que ao elevado
assento se fosse o flautista —
trono verde que aos pés se avista
de Hirilorn, Faia Rainha.
Sobre os seus três caules sustinha
um arco de ramos, folhoso
do mundo inteiro o mais vultoso;
às margens do Esgalduin se posta,
próxima de onde longa encosta
chega aos fortes portões diante
das Mil Cavernas ressoantes.
Nada escuta Thingol no paço
salvo no chão distante passo;
nem flauta, nem voz, nem gorjeio
nenhum coral de folhas veio;
Dairon chega e não diz palavra
à gente que ali se encontrava.
Diz então Thingol: “Ó Dairon,
mestre de todo raro som,
de mago cor, mente silvana,

cujo olho e ouvido nada engana,
que este silêncio está a agourar?
Uma trompa longínqua no ar,
nas matas uma intimação?
Ou o Senhor Tavros, do salão
de escora arbórea, deus das matas,
vem com corcel de críseas patas,
ao som de cornes rugidores,
e seus valentes caçadores,
longe do prado divinal,
de fera e mata? Este é um sinal,
talvez, de uma grande investida
no vento Oeste e, emudecida,
a mata está atenta a caçada,
que nova rugiente arrancada
em mortais bosques vai se dar.
É bom! Das Terras de Folgar
de raro Tavros se retira;
dês que Morgoth guerreou com ira
desde que arruinaram o Norte,
que os Gnomos vagaram à sua sorte.
Se não ele, o que vem, ou quem?
E Dairon diz: “Ele não vem!
Não virão pés além dos baixios
onde rugem Mares Sombrios
té que muita cousa aconteça
muitos males, muita tristeza.
Já está aqui o conviva! Calaram-se
as matas porque arrebataram-se
quando viram estranhos feitos.
Os reis não veem, mas suspeito
que o veem donzelas e rainhas.

Há dois onde era uma sozinha!”

“O enigma está claro,” zangado
o rei falou, “mas de bom-grado,
deixa-o mais claro! Com quem é
que devo irar-me, cujo pé
vaga nos meus bosques, alheio
à gente, a faia e a carvalheiro?”
Mas quando Lúthien olhou fito,
quis que nada tivesse dito,
nada fez com que mais falasse
por mais que o rei inda se irasse.
Lúthien então dá um passo adiante:
“Meu pai, lá no Norte distante,
fica a terra de montes cheia
que sob o Rei Morgoth pranteia.
De lá um exausto alguém chegou,
a guerra sofrida o curvou,
e de ódio ao rei fez juramento;
de Bëor o último rebento,
e mesmo a esta remota e vasta
floresta tua, o eco se arrasta,
por montes frios, do derradeiro
da casa de Bëor, altaneiro,
a empunhar uma invicta espada,
de audácia por mal intocada.
Não temas que o mal possa vir
de Beren, filho de Barahir!
Se algo quiseres lhe dizer,
promete mal não lhe fazer,
até o teu paço eu o trarei
não um servo, mas filho de rei.”

O Rei Thingol fica a encará-la,
não se move e também não fala,
e Melian toda aquela cena
olhava calada e serena.
“Não verá ferro e nem grilhagem”
jurou ele. “Faz longas viagens,
talvez novas tenha pra mim,
e novas receba, outrossim!”
Mandou-os embora Thingol,
salvo Dairon, a quem chamou:
“Que feitiço Setentrional
trouxe este importuno mortal?
Doriath conheces por inteiro,
pois vai por secreto sendeiro,
e Lúthien — minha filha e graça,
que doudice no cor se enlaça;
de Morgoth horrenda maranha
escraviza-te co’artimanha! —
vê, não deixes Lúthien mandá-lo
fugir, pois eu quero encontrá-lo!
Leva uns arqueiros como ajuda.
Que nada o vosso tino iluda!”

Isso fez Dairon, abatido,
postou vigias escondidos
em vão, porque Lúthien conduz
Beren à noite, sob a luz
dourada da lua até a ponte
aos portões do seu pai defronte;
a luz branca as portas adentra
bocejando turva e lenta.

Desceram, e ela conduziu
por corredor, com mão gentil,
que era iluminado por tochas
ou chamas que vinham das rochas
lavradas qual dragões ardentes
co'olhos de joias e ósseos dentes.
E de súbito, sob a terra
gáudio argênteo o silêncio encerra:
imensas pedreiras tilintam,
as aves de Melian pipilam;
revela-se trilha sombria
e ampla, enquanto ela o conduzia
atônito a arcados salões.
Há lume de diurnos clarões
e de noite limpa e estrelada.
Uma câmara abobadada
troncos apoiam, pedernais,
qual fossem torres florestais
mágicas a escorar o teto
de ramos e galhos repleto,
meandros de verde atavio
com brilho que às folhas caiu
de lua e sol, e gemas tem;
a rama áureos caules sustêm.
Nas pérgolas de eternas flores
gorjeiam rouxinóis cantores
perto de Melian; entrementes,
a água corre incessantemente
desde as fontes no chão rochoso.
Thingol usa coroa, airoso,
de verde e prata; e à toda volta
do trono havia armada escolta.

Então Beren olhou, pasmado,
pro rei, mas logo foi cercado
por armas élficas, e então
baixou os seus olhos ao chão,
pois o olhar de Melian o achou
e, estupefato, fraquejou.
O rei falou com profundez:
“Diz quem tu és de uma só vez!
Destes salões não se permite
que parta quem vem sem convite!”
Por medo, não logrou falar,
mas Lúthien disse em seu lugar:
“Eis, meu pai, alguém perseguido
por um ódio grande e incendido!
Beren, filho de Barahir!
Deve ele tua ira sentir,
se é co’amizade que se mostra?
Pois a Morgoth não se prostra!”

E Thingol: “Ele que responda!
O que queres? Por que aqui ronda
teu passo mortal e selvagem?
Quais engodos a Lúthien coagem?
E por que ousaste andar esquivo
nestas matas? Um bom motivo
é mister que me dês agora,
ou não verás chegar a aurora!”
Beren, fitando os olhos dela,
viu luz qual fosse um céu de estrela;
e o rosto de Melian mirou.
De um labirinto despertou
de mudo espanto; o coração

quebrou os grilhos de aflição,
enchendo-se do antigo brio;
no olhar ardia um ódio frio.
Falou: “Ó rei, meus pés o fado
por montes trouxe, ensanguentados,
e algo imprevisto eu encontrei,
por grande amor aqui fiquei.
Teu maior tesouro é o meu rogo.
Nem aço, rocha e nem fogo
de Morgoth, élfico poder
a minha gema há de reter.
Pois mais bela que os Homens têm,
tens tu uma filha, Lúthien.”

O paço inteiro emudeceu;
qual pedra, ninguém se moveu,
salvo uma, que olhou pro chão
e outro que riu, a flauta em mãos.
Junto ao pilar está Dairon,
mas ora não fazia som
a flauta nos seus dedos finos;
o cor fervente; o olhar ferino.
“O teu galardão será a morte,
mortal vil que aprendeu, no Norte,
com Morgoth a espionar, qual
Orque trabalhando pro Mal!”
“Morte!” a voz de Dairon ecoa,
e a aflição Lúthien aferroa.
“Morte terias,” Thingol diz,
“não fosse essa jura que fiz,
que ferro e grilhão não verias.
Mas passarás cativo os dias

sem grilhão, corrente ou recinto,
num atro e infindo labirinto
que as minhas câmaras profundas
com grande magia circunda;
sem esperança, tu hás de ver
de Elfinesse o grande poder!”
Mas Beren diz: “Não será assim!”
E às palavras do rei, pôs fim.
“Teus labirintos, o que são
senão também mortal prisão?
Falseias, qual Morgoth, infiel,
tua jura. Por este anel —
sinal da aliança duradoura
que Felagund jurou outrora
a Barahir, com grande apreço,
porque certa vez, indefeso,
acudiu-o com lança e broquel
no Norte, em batalha cruel —
morte injusta podes me dar
mas pecha não vou aceitar
de espião, vil, servo do Mal!
Tal modo em teu paço é usual?”
À fala altiva, a gente encara
o anel com joias verdes, raras,
pelos Gnomos incrustadas
no olho de serpes enlaçadas,
sob coroa de áurea flora
que uma sustenta, outra devora:
brasão que outrora Finrod cria
o filho Felagund exibia.
O ódio fica um pouco mais frio,
mas Thingol pensa inda sombrio,

sussurra Melian nessa hora:
“Ó rei, o orgulho, deita-o fora!
Isto digo. Pois cá Beren
não há de morrer, pois além
destes paços leva-o o fado,
mas com o teu próprio entrelaçado!”
Para Lúthien olhou Thingol,
e assim com o coração pensou:
“Ó, d’Elfos mais bela! Mofinos
Homens, filhos de reis franzinos,
povo fraco e perecedor,
hão de te olhar com tal amor?”
Disse: “Homem, vejo o anel que brilha!
Mas pra ter de Melian a filha,
feitos do pai não bastarão,
nem orgulhosa alocução.
Também um tesouro é meu rogo,
mas aço, rocha, além de fogo
de Morgoth, do élfico poder
estão essa gema a reter.
Mas vejo que empecilhos tais
não te amedrontam. Então vai!
Uma Silmaril hás de buscar
da fronte de Morgoth tirar.
Depois, se Lúthien aquiescer,
tal gema minha podes ter.”

E a guarda de Thingol, ruidosa,
riu-se; pois eram mui famosas
as gemas que Fëanor fez,
ímpares Silmarils, só três;
ele as inflamou com vagar

há tempos na terra dos Valar,
co'a própria luz em Tûn ardiam
como astros que à noite luziam
em Tûn de gnômicos tesouros
e de Glingal e Belthil flores
luziam além dos baixios
onde rugem Mares Sombrios,
antes de o Mal roubá-las; de os Gnomos,
buscando-as, deixarem seus domos;
de o pesar não poupar ninguém;
antes de Beren, de Lúthien;
de os filhos de Fëanor o voto
fazerem. Mas ora em remoto
lugar fulgem esses cristais:
nos salões de Morgoth, ferais.
Da férrea coroa ornamentos
brilham sobre Orques e detentos;
naquele Inferno, mais as preza
que os próprios olhos ou riqueza;
por nada se as pode tocar
e nem sua magia observar.
Orques com rubras cimitarras
à sua volta; fortes barras
protegem, muralhas, portões,
este que entre servos se põe.
    Mas Beren riu-se ainda mais
e assim ele atalhou, mordaz:
"Por preço baixo élficos reis
as filhas vendem. Por anéis,
ouro e gemas! Pois se é só isso,
parto agora pra este serviço.
Mas receio que inda hás de ouvir

de mim, filho de Barahir.
Adeus, Tinúviel estrelada,
volto antes do fim da invernada.
Não volto, porém, pra comprar-te
com joia alguma em Elfinesse,
mas, sim, pra ver o amor que cresce
como flor sob o céu, dessarte."
Curvou-se a Thingol e a Melian,
virando-se, passou co'afã
pela guarda e foi-se do paço,
logo se perde o som dos passos.
"Meu pai! Que juramento tredo!
Mandou-o a ferro, grilho e medo
naquela profunda masmorra
de Morgoth para que lá morra."
Assim diz Lúthien, a donzela,
há lágrimas nos olhos dela,
no coração, tremendo horror.
Todos lembraram-se da dor
quando, após esse triste dia,
Lúthien cessou a cantoria.
E Melian diz com voz algente:
"O alvitre é astuto, realmente,
mas se inda meu olhar tem dom,
pra ti, se ele falhar, é bom.
Mas aguarda pra tua filha
um fado triste de andarilha."

"Quem amo não vendo e não dou
aos Homens," Thingol declarou.
"Se houvesse uma chance sequer
de Beren com vida volver

às Mil Cavernas, digo-te isto:
nunca ele teria revisto
o céu em que as estrelas vão.”
Mas Melian sorriu co’a aflição
de um longínquo saber no olhar;
tal é dos sábios o pesar.[D]

NOTAS

A abertura deste canto sobrevive em dois textos datilografados (até o verso 863), sendo que a segunda versão foi expandida substancialmente; foi a primeira delas que C.S. Lewis recebeu — de fato, fica claro que a reescrita se deu em parte por causa da crítica dele.

758–863 Os rascunhos dessa porção da Balada (muito mais curta do que o texto posterior aqui publicado) foram escritos no verso de faturas de livreiros datadas de 31 de dezembro de 1925 e 2 de fevereiro de 1926.

761 Neste Canto, a forma *elvish*, e não *elfin*, já é encontrada no texto A, mas ainda é *elfin* em ambos os textos no verso 1164 (alterada para *elven-* no texto B). No verso 799, *elven-* ocorre apenas na reescrita posterior, B(2).

762–73 Esses versos não constam em A; a versão de B(1), severamente criticada por C.S. Lewis, está incluída juntamente com seu comentário, p. 382.

781–841 A: e a mata murcha e quieta espera.

Mas quando vinha lua, estrela,
ou névoa, ele tornava a vê-la
um pouco antes do anoitecer,
e soía permanecer
té que a noite inteira sumia
e no leste apontava o dia.
E em Broseliand, distante,
sente o toque dela, constante;
seus pés se tornaram ligeiros,
o riso manso e sem receios,
e a voz como a dos que vagavam
em Doriath, onde as sendas faltam.
É um tempo vernal e dourado,
e Dairon tudo observa, irado.

A grafia *Broseliand*, com *s*, surge agora no texto A. B(1) é idêntico ao texto A, exceto pelo fato de que, entre os versos 7 e 8 acima, foram inseridos dez versos que meu pai manteve no texto B(2), muito mais longo, 818–27 (*Vinha envolta em fremente* etc.)
805 *Broseliand* em B(2) emendado para *Beleriand*.
849–51 Esses versos são uma correção em B(2), com *Beleriand* assim escrito originalmente. Para a versão de B(1) criticada por C.S. Lewis e a versão de B(2) antes da correção, ver o comentário de Lewis, p. 383.
891, 904 *Tavros* foi emendado, em B, para *Tauros*, mas esta parece ser uma alteração muito posterior. Os rascunhos neste ponto traziam primeiro o nome (*Ormain* >) *Ormaid* e, depois, *Tavros*.
937 Texto original de B: dos Homens último rebento (com *qual eco* 939).
941 Texto original de B: da casa de Homens, altaneiro
983–85 Esses versos estão marcados com um X no texto B, e a palavra *dragões* sublinhada e assinalada com X — presumivelmente porque as criaturas de Morgoth não estariam esculpidas nas paredes das Mil Cavernas.
987–89 Esses versos se repetem do Canto III, versos 408–10.
1010 *prata*: o texto original de B dizia *ouro*.
1059–063 Esses versos foram assinalados com um X no texto B, assim como os versos 1068–069. Talvez meu pai desejasse representar Dairon como menos inequivocamente hostil a Beren, e também envergonhado por suas palavras a Thingol (909–19).
1087 A: que Celegorm fez outrora
Sendo que *Celegorm* foi inicialmente emendado para *Felagoth* e, depois, para *Felagund* (assim como no verso 304).
1098 *Gnomos*: na margem de B está escrito *Elfos/artífices*. Essa é claramente uma alteração tardia com o simples propósito de eliminar a palavra *Gnomos* (ver I. 59–61).
1102–103 A: brasão que outrora Fëanor cria
o filho Celegorm exibia.

Celegorm não está emendado aqui como no verso 1087, mas o dístico está colocado entre parênteses no manuscrito.

1141 *Glingal*, *Belthil*: no texto original de B, *Glingol*, *Bansil*. As mesmas alterações foram feitas em *Os Filhos de Húrin* (p. 99, notas aos versos 2027–028), onde eu mantive as formas antigas.
1144–145 Esses versos estão marcados com um X no texto B, talvez simplesmente por causa da palavra *Gnomos*, que ocorre em posição de rima e não é facilmente substituída (ver nota ao verso 1098); mas C.S. Lewis criticou o uso da palavra *seus* no verso 1145, julgando ter uma referência obscura (ver o comentário dele, p. 385).
1150–151 A: cárcere estão a fulgir:
nos salões de Morgoth Bauglir. Ver p. 218.

1161 Aqui está escrito na margem do manuscrito A: “27–28 mar., 1928”.
1175 Esse verso não constava originalmente em A, mas foi escrito a lápis com indicações incertas para ser colocado ou depois de 1172, ou (com esquema de rima irregular) depois de 1174, assim como em B.

Comentário ao Canto IV

A comparação deste canto com o *Conto de Tinúviel* demonstra que a narrativa passou por um aprofundamento na importância, e isso se

dá mormente pela alteração primordial de que Beren não é mais um Elfo, mas um Homem mortal (ver p. 207). A história contada no poema é a de *O Silmarillion* (pp. 226–31); pois a versão em prosa, semelhante à Balada em todas as características, grandes e pequenas, e, de fato, até mesmo em muitas frases, foi baseada diretamente nos versos, e neste Canto os versos não passaram por nenhuma revisão significativa depois. Há alguns elementos no poema que não foram assimilados na versão em prosa, tais como a descrição das Mil Cavernas (verso 980 e seguintes), cujo esplendor e beleza aparecem agora pela primeira vez (ver minhas observações sobre a riqueza de Thingol, p. 195) — mas uma descrição da habitação de Thingol foi incluída em um ponto anterior de *O Silmarillion*, p. 136–37. No texto original da versão de *O Silmarillion*, a parte de Daeron foi, na verdade, inteiramente excluída, embora obviamente apenas por motivos de compressão (ela foi reinserida na obra publicada).[g] A gargalhada ruidosa dos guerreiros de Thingol diante do pedido do rei, exigindo que Beren buscasse uma Silmaril, não consta no relato em prosa, e talvez tenha sido excluída deliberadamente. Essa característica remonta, antes, à cena do *Conto de Tinúviel* (II. 24) em que Thingol "irrompeu em riso" diante do aspecto de Beren como pretendente da filha, e em que os cortesãos sorriram quando Thingol exigiu uma Silmaril como preço pela noiva, vendo que ele "tratara o assunto como pilhéria grosseira". Veja meu comentário ao Conto, II. 69–70:

> Mas o tom é absolutamente mais leve e menos sério do que se tornou depois; no riso zombeteiro de Tinwelint, que trata o assunto como pilhéria e Beren como um tolo ignaro, não há indício do que está explícito na estória posterior: "Assim ele causou a condenação de Doriath e foi enredado pela maldição de Mandos".

O Canto III já existia no outono de 1925; ao passo que, no Canto IV, verso 1161 de A, consta a data 27–8 de março de 1928. Os rascunhos para a abertura do Canto IV (758–863) estão escritos no verso de faturas datadas de dezembro de 1925 e fevereiro de 1926,

mas isso não demonstra muita coisa. De todo modo, parece-me muitíssimo improvável que meu pai tenha trabalhado nos versos 758–1161 por um período de dois anos e meio (setembro de 1925 a março de 1928): é muito mais provável que tenha havido um longo intervalo e que o quarto Canto tenha basicamente sido escrito de uma vez só. Outras evidências sugerem, de fato, que ele fez uma pausa. Há três páginas de notas no verso de faturas de livreiros datadas de fevereiro, março e maio de 1926, e elas são de grande interesse para o desenvolvimento da lenda, pois contêm um rascunho do enredo feito muito apressadamente, no qual se vê meu pai trabalhando a narrativa dos Cantos seguintes da Balada.

Farei referência a este rascunho como "Sinopse I". Incluo aqui o conteúdo até o final do Canto IV. Contrações de nomes são desdobradas e trechos riscados (no momento da escrita) estão incluídos.

Beren e Tinúviel dançam nas matas.
Dairon informa ao rei.
Beren é levado cativo ao rei.
Dairon quer que seja morto.
O rei quer que seja preso nas masmorras.
Tinúviel suplica.
Melian [*riscado*: diz que ele não deve ser morto e que] se recusa a aconselhar, mas alerta Thingol sombriamente que Beren não deve ser morto por ele, e que sua chegada não é alheia ao fado.
Thingol manda-o atrás da Silmaril.
Discurso de Beren.
Melian diz [*riscado*: que isso é melhor que a morte, mas] que seria melhor para Thingol se Beren não fosse bem-sucedido.
Thingol diz que não o enviaria se ele pudesse ter sucesso. Melian sorri.
Fuga de Beren.

No *Conto de Tinúviel*, Beren foi levado até as cavernas de Thingol por Tinúviel (II. 24) e, como eu observei (II. 69):

> A traição de Daeron, que denunciou Beren a Thingol […] não existia, portanto, na história antiga — não havia o que trair; e, de fato, não se demonstra no conto que Dairon soubesse qualquer coisa em absoluto de Beren até que Tinúviel o levou para a caverna, excetuando-se o fato de que vira uma vez seu rosto ao luar.

Ademais, no *Conto*, Dairon era irmão de Tinúviel (II. 21; ver p. 150). Na Balada (verso 909 e seguintes), Dairon dá pistas contundentes acerca da estranha quietude na floresta, o que leva diretamente à declaração de Lúthien sobre a presença de Beren, e à exigência de que seu pai não o machuque. Thingol jura que não o fará, mas envia Dairon com arqueiros para impedir Beren de escapar — inutilmente, pois Lúthien o traz consigo naquela mesma noite ao paço de Thingol. A primeira parte da Sinopse I sugere ideias que nunca tomaram forma. Assim, Dairon fala a Thingol de Beren, como acontece na Balada, mas Beren é, na verdade, capturado e levado ao rei como prisioneiro; além disso (embora seja, é claro, impossível ter certeza quanto à articulação precisa do enredo a partir de um esboço extremamente condensado como este), Dairon parece empenhar-se mais ativamente para que Beren seja morto do que no poema (apesar do verso 1068), e Tinúviel roga contra as diretrizes do pai.

Para uma explicação das referências a Celegorm em A (notas aos versos 1087, 1102–103), ver p. 207. De acordo com a história anterior vista em A, o anel dado a Barahir foi feito por Fëanor, pai de Celegorm. Em B, a história posterior está presente, e o brasão de serpentes entrelaçadas é o do pai de Felagund, Finrod (Finarfin em *O Silmarillion*) que faz agora sua primeira aparição (exceto por uma nota tardia a *Os Filhos de Húrin*, ver pp. 98–9, 167). Barahir agora pela primeira vez substitui Egnor como pai de Beren em A; e, por meio de emendas posteriores a B (versos 937, 941), Bëor aparece, ele que era pai de Barahir nessa época, como se vê pelos textos em prosa. Com uma reestruturação genealógica e cronológica muitíssimo complexa das casas dos Amigos-dos-Elfos nos anos posteriores, Bëor e Barahir ficaram separados por muitas gerações.

O nome *Tavros* dado a Oromë (891, 904) já ocorreu muito tempo antes no dicionário gnômico, definido como “fata-do-bosque chefe, o Espírito Azul dos Bosques” (I. 322, verbete *Tavari*). Compare o *salão de escora arbórea* (891–892) com a descrição da morada de Oromë em Valmar, no conto *A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor*, I. 97. No verso 893 está a primeira menção aos cascos dourados do cavalo de Oromë.

V

Os dias arrastam-se ainda;
a praga de silêncio é finda
em Doriath, mas Dairon não mais
toca, e Lúthien canção não faz.
Há suave rumor novamente
nas matas, e ruge a torrente
que passa nos portões do paço.
Mas já não há dançante passo
de Lúthien em turfa ou folhagem.
Onde antes — cansado da viagem,
ferido e co’anseio sonhoso —
Beren sentou-se ao rio ruidoso,
escuro e forte, Esgalduin,
ela ora lamentava assim:
“As águas passam sem cessar!
Nisto meu amor veio dar,
mágico rio sem compaixão
grande sofrer e solidão.”

O estio se vai. Na galharia
ela ouve a chuva que caía,

num mar de folhas a procela
estala a mata à volta dela;
em vão um desejo a consome:
inda outra vez ouvir o nome
dos rouxinóis, o qual se fala
desde outrora. O eco se cala.
“Tinúviel! Tinúviel!”
a lembrança é assaz bel,
remoto repique do céu:
“Tinúviel! Tinúviel!”

“Ó Melian, mãe, diz-me, por bem,
algo do que os teus olhos veem!
Por tua magia, onde ele anda?
Encontrou-o coisa nefanda?
Diz-me se inda vive, decerto,
por sobre colina e deserto.
Sob sol e lua caminha
e sob a chuva, ó mãe minha?”

“Não Lúthien, minha filha, creio
que vive em cruel cativeiro.
Senhor dos Lobos tem masmorra
onde o prendem té que morra;
prendem-no com tortura atroz,
mas Beren sonha com tua voz.”

“Pois sozinha até ele eu parto
a enfrentar calabouço atro;
ajuda ninguém lhe dará,
só de Elfa donzela o terá,
a quem dons de canto e alegria

tiveram pouca serventia.”

Melian nada disse, no entanto,
e ela correu à mata aos prantos,
qual presa fugindo, no olhar
temor, as mechas a esvoaçar.
Então ela encontrou Dairon
nas folhas da faia marrom,
e atirou-se ao lado, no chão.
“Dairon, minhas lágrimas são
por pena aos nossos dias idos!
Faz música pra um cor dorido,
desalentado, sem conforto,
pra luz que apaga, e riso morto!”

“Pra canção morta não há nota,”
diz ele co’os dedos em volta
da garganta. Mas pega a flauta,
triste música freme e salta;
tudo parou ao som plangente,
todos atentos e silentes;
esquecem-se dos quefazeres
da luz da terra e dos prazeres;
a passarada o som sufoca
enquanto a flébil flauta toca.
Grande pesar Lúthien aguenta,
a flauta cessa, ela lamenta:
“Meu amigo, amigos procuro,
como quem toma um rumo escuro,
tem medo, e não ousa tornar
pra olhar as velas a queimar
na janela atrás, e receia

não ver, à noite, a luz que anseia
além das colinas remotas.”
Ao que a mãe disse se reporta,
fala da sina e o que deseja;
enfrentar o fogo que ardeja
na ruína da terra boreal —
donzela sem força braçal,
sem elmo e também sem espada —
onde a magia acaba em nada.
Pediu ajuda pra ir adiante,
e chegar ao Norte distante,
se não quisesse, por amor,
ir ao seu lado qual viajor.
“Por que haveria de perigo
enfrentar em reino inimigo,
por um mortal que rouba o riso?
Com Beren eu não simpatizo,
nem tampouco ao pranto me presto
só porque está em lugar funesto.
Grilhos também tenho eu aqui,
fortes, sombrios. Mas juro a ti:
hei de te proteger do mal,
e da horrenda trilha infernal.”

Nada mais falaram e nem
tudo ela compreendeu bem.
Com pesar, ela o agradeceu,
subiu numa árvore e, do céu
o ar soprou no escuro cabelo,
olhando ao longe, pôde vê-lo:
o vulto embaçado e cinzento
dos altos torreões nebulentos,

a face sul a pino, então,
é pico, rocha e paredão:
palentes Montanhas Sombrias,
à frente, vastidão havia.
Dairon busca o rei prontamente,
conta o que a filha tinha em mente
diz que a morte dessa sandice
viria se o rei permitisse.
Pasmado e com grande furor,
olha Dairon co'algum temor:
"Porque há verdade na tua voz,
existirá amor entre nós
pra sempre dentro deste reino
ó príncipe de faia e olmeiro!"
Chamou Lúthien e disse a ela:
"O que te faz pensar, donzela,
nessa sandice e desespero,
partir pra morte em destempero
de Doriath, e sem minha graça,
furtiva como besta à caça,
rumo ao mundo ermo e vazio?"
"O juízo, pai," retorquiu.
Voto nenhum ela professa
nem co'ameaça faz promessa
de esquecer a tolice e, mansa,
atender do pai a cobrança.
Só jura que, tendo que ir,
não tentaria persuadir
ninguém mais, contra a decisão
de Thingol, a estender-lhe a mão;
sozinha iria, sem amigos,
aos muros de pedra e ao perigo.

Com medo e amor embravecido,
decide seu bem mais querido
guardar. Porém não na intrincada
caverna seria encerrada:
a bela Lúthien, sem ter ar,
certo iria se dissipar,
sem poder ver o céu que brilha,
o sol e a lua em sua trilha.
Mas perto do assento elevado,
do trono verde está do lado
Hirilorn, a Faia Rainha.
Em nenhum dos três caules tinha
fenda ou galho, té que, na altura,
verde e remoto se afigura
um arco de ramos, folhoso
do mundo inteiro o mais vultoso,
acima do Esgalduin se posta,
e dos portões junto da encosta.
Gris era a casca dos pilares,
e lisa e sedosa, e aos olhares
dos esquilos, eram mirrados
os que andavam sobre o relvado.
Na faia, seus homens Thingol,
sobre a grã árvore, mandou,
na altura da mais longa escada,
erguer uma casa arejada;
e uma casinha de madeira
foi feita, oculta em ramalheira
nos primeiros galhos. E tinha
três cantos, também janelinhas.
Os três caules daquela faia
Impedem que cada canto caia.

Lá mandaram que ela habitasse
até que o tino se curasse
do encanto. Então pôs-se a escalar
a escada do seu novo lar
em meio aos pássaros e à rama;
não fala, não canta e não chama.
Alça-se branca e cintilando,
a portinha ouvem-na fechando.
Tiraram a escada e, no fim,
não mais andou ao Esgalduin.

E eles traziam o necessário
e atendiam desejo vário;
mas pagariam com a vida
se escada lhe fosse cedida,
se uma deixassem, indo embora.
Tinha guardas do ocaso a aurora
Hirilorn, a de pés cinzentos,
e Lúthien, presa e sem alento.
Dairon amiúde sente dó
da cativa na mata, só,
e faz na flauta melodia
encostado à raiz sombria.
Lúthien das janelas olhava
Dairon enquanto ele trinava,
e desculpou-lhe as traições
por seu pesar, suas canções,
e da casinha o limiar
só Dairon deixava cruzar.
    Mas, longamente, a luz do sol
fitava deitando o arrebol
nas folhas da faia, ou estrelas

passando em noites claras pelas
ramas da faia. E de uma feita,
quando a luz do ocaso se ajeita,
sonha — pelos Deuses, talvez,
ou quem sabe Melian o fez —
co'a voz de Beren nas colinas
"Tinúviel", chama sibilina.
Seu cor responde: "Deixa-me ir,
e a quem ninguém mais quer me unir!"
Acorda ao pálido luar
nas folhas, a bruxulear
nos braços, conforme os abria,
curva a cabeça em agonia,
por fuga e liberdade anela.

Novo alvitre forma a donzela;
Saber e magia Lúthien
possui, mais do que agora os têm
élficas moças que nas claras
das florestas cintilam, raras.
Longo ponderar a consome;
a luz de lua e estrela some,
chega o dia e, enfim, um sorriso
emerge e tremula no viso.
Enquanto o sol ergue seu facho,
chama alguém que andava lá embaixo.
Quando subiu, pediu-lhe, assim,
que dos remansos do Esgalduin,
onde a água é gélida e escura,
desejava água clara e pura.
"À meia-noite eu a queria,
numa argêntea e alva bacia,

traz-ma em silêncio, sem dizer
nenhuma palavra sequer.”
Pediu, porém, vinho de um outro,
trazida em flórea jarra d’ouro —
“Traz-ma cantando, ao meio-dia,
mas canta com grande alegria.”
Diz: “Peço agora que vás ter
co’a rainha pra lhe dizer:
‘tua filha passa horas a fio
na alcova com grande fastio,
e implora uma roda de fiar.’”
E a Dairon: “Vem cá conversar,
meu amigo, com Lúthien!”
À janela ele se detém.
“Dairon, sei que coisas inventas
além da flauta, e em ferramentas
de madeira és destro. Portanto,
farias, pra ficar no canto
do quarto, um pequeno tear?
E eu haveria de tramar,
co’esses meus dedos indolentes,
cores da aurora e do poente,
de sol, de lua e luz cambiante
no meio da faia brilhante.”
Dairon pergunta-lhe, porém:
“Ó Lúthien, ó Lúthien,
o que vais fiar e tecer?”
“Fio prodigioso e entretecer
nele magia, e, nessa trama,
feitiço tamanho que a chama
do inferno e o Mal não quebrarão.”
Dairon se espantou, porém, não

falou a Thingol. Mas temia
essa arte de intenção sombria.

E, sozinha, uma canção faz,
de magia, ignota aos mortais.
Três vezes nove, enquanto entoa,
o vinho na água Lúthien escoa;
quando em jarro d'ouro jazia,
canta sobre o crescer e o dia,
e estando em bacia de prata,
ainda outra canção desata:
canta da noite longa e escura,
de fuga, de estelar altura,
liberdade. Também não falta
nome de coisa longa e alta:
Barbas-longas de grenha extensa;
na cauda de Draugluin pensa,
em Glómund, a serpe gigante;
n'imensos picos chacoalhantes
de Angband com fogo e escuridão.
Angainor, que à Condenação
de Morgoth os Deuses com ira
farão. Outros nomes reunira:
Glend, que era a espada de Nan,
Gilim, gigante de Eruman;
co'a coisa mais longa conclui:
o cabelo de Uinen que flui
sem fim, da Senhora do Mar,
por sob os céus a se espalhar.
Enquanto a cabeça lavava,
tema de sono ela cantava
e de torpor profundo e escuro

tal qual seu cabelo era escuro —
fios mais finos que fios trançados
de ocaso nos murchos gramados,
que os fios que nas flores se enlaçam
conforme os instantes se passam.
Cresceu o cabelo até seus pés
vagueando ali do chão ao rés
como se fosse escura poça.
Lúthien com sono então repousa
na sua cama, até que amanhece;
fraca, a luz na janela desce,
e, ao acordar, seu aposento
está como se fumacento,
cheio de uma névoa noturna,
e, sonada, ela ali se enfurna.
Eis que, escuro, o cabelo dela
a manhã sopra da janela,
fica dos caules a pender
de Hirilorn no alvorecer.

As tesouras procura e as nota,
rente à orelha o cabelo corta,
curtos como nunca se os viu,
mágicas tranças, fio a fio.
Cresce-os de novo com demora
mais escuros que eram outrora.
Faz que o labor então comece:
fiou com vagar a negra messe
apesar da élfica destreza,
e se os homens pela princesa
gritassem desde os pés da faia,
dizia: “Nada quero, saia!

Eu, que só pranteio acordada,
desejo dormir e mais nada.”

Dairon, espantado, temia;
e a chama, porém, por três dias
nada diz. Do cabelo seu,
trama como névoas teceu
de noite sem lua e sem lume;
fez uma capa de negrume
sob as copas; mágica veste
que grã sonolência reveste,
e a essa veste, feitiço dá-lhe
maior que o de Melian no vale
onde Thingol deixara rastro
sob o domo estrelado e vasto
acima da aurora da terra.
Naquela capa então se encerra,
cobre as alvas vestes, portanto,
e as joias todas do azul manto,
qual estrelas, e os lírios dourados,
oculta; e por todos os lados
há túrbido sono e sonhar
manando serenos pelo ar.
Toma então, com gesto fugaz,
os fios sem uso, e deles faz
uma corda delgada, extensa
e forte, deixando-a suspensa
e presa na haste agigantada
de Hirilorn, e é consumada
a labuta. Então a donzela
olha ao Norte pela janela.
Já as árvores a luz do sol

desce, tingindo-as co'arrebol,
quando vê chegando o poente,
murmura baixo e lentamente.
Com canto mais distinto, lança
o cabelo té que ele alcança
o chão lá embaixo, escurecido.
Os homens ouvem o ruído;
mas o fio de sono brandia
e agitava sobre os vigias.
Cessa a fala, e à voz de Lúthien
feitiço de amarra os detém.

Envolta no nubloso véu,
como esquilo desceu o cordel,
e pra muito longe dançou.
Quem dirá que vias tomou
se, dançando, os élficos passos
não deixaram no chão seus traços?[E]

NOTAS

1222–223 Na altura de 651–52, esses versos foram transpostos, seguindo a sugestão de C.S. Lewis (ver p. 379); e *sofrer* foi alterado para *desejo*.
1226 Cf. verso 664.
1231 Texto original de B: *em casadelfos. O eco se cala*. A alteração provavelmente se deu simplesmente para eliminar "casadelfos".
1249 *mas*: interpretação incerta (texto original *e Beren sonha*, corrigido para *?mas Beren sonha*).
1253 Ao longo deste Canto, [nos versos em inglês], *elven-* e *elvish* são emendas feitas a partir de *elfin* no texto B.
1260–261 Cf. versos 497–98.
1308–310 Marcado com *revisar* no texto B.
1312 *escuro cabelo*: assim também em A. Ver nota ao verso 558.
1316–317 Cf. versos 389–90. As *Montanhas Sombrias* (1318) são as Montanhas de Terror (Ered Gorgoroth): ver p. 206.

1323 Este verso está marcado com um X no texto B.
1329 Idem 1323.
1358 Ao lado de *Hirilorn*, em A, está escrito *Hiradorn*, assim como nos versos 1396, 1523. Em 1563, *Hiradorn* é a forma no texto A.
1362–363 Cf. versos 872–73.
1370 *homens* > *eles* A. Em 1390, onde B tem *eles*, A tinha *homens* > *eles*; em 1533, 1573, *homens* não foi alterado em nenhum texto.
1414–417 Marcados com uma linha no texto B; na margem, alguns versos novos foram escritos, mas tão fraca e rapidamente que são praticamente ilegíveis.
1488 *grenha* B] *barba* A
1489 A: em Carcharas, o lobo, pensa;
No rascunho original, a grafia é *Carcaras*, assim como na versão datilografada do *Conto de Tinúviel* (versão manuscrita, *Karkaras*). Na segunda versão de *Os Filhos de Húrin* (p. 132, verso 374), a forma é *Carcharoth* (alterado a partir de *Carcharolch*).
1490 *Glómund* B] *Glórund* A (assim como nos *Contos Perdidos*, mas, ali, sempre sem acento).
1493 *Angainor* A, B] *Engainor* no rascunho original.
1496 *Nan* B] *Nann* A (mas *Nan* no rascunho original).
1549–550 Cf. versos 406–07.
1563 *Hirilorn* B] *Hiradorn* A. Ver nota ao verso 1358.

Comentário ao Canto V

O esboço do enredo na "Sinopse I" que cobre a narrativa deste Canto é muito breve:

> Lamento de Tinúviel.
> Traição de Dairon.
> Construção da Casa na Árvore em Hirilorn.
> Fuga de Tinúviel.
> [*Acréscimo*: Arrependimento, errância e perda de Dairon.]

A errância e a perda de Dairon remonta ao *Conto de Tinúviel* (II. 33) e sobreviveu em *O Silmarillion* (p. 250), mas não há nenhuma outra menção ao seu "arrependimento" (embora isso talvez esteja implícito na Balada, verso 1398 e seguintes).

Em meu comentário à passagem no *Conto de Tinúviel* que corresponde a este Canto, observei que (II. 71):

> a história do seu aprisionamento na casa sobre Hirilorn e sua fuga de lá nunca passou por qualquer alteração significativa. O trecho em *O Silmarillion* (p. 236) é de fato muito breve, mas a

> falta de detalhes ali se deve à compressão, e não a uma omissão advinda de insatisfação; a *Balada de Leithian*, da qual deriva diretamente o relato em prosa em *O Silmarillion*, é tão parecida com o *Conto de Tinúviel* nesse trecho, em termos de detalhe narrativo, a ponto de ser quase idêntica a ele.

Há pouco aqui para acrescentar. Em um aspecto a narrativa da Balada está em desacordo com a história contada em *O Silmarillion*. O que era a "praga de silêncio" (1207)? Foi causada por Dairon (848–53). Em um rascunho preliminar, logo abandonado, para a versão do "Silmarillion", onde a história seria contada de modo muito mais extenso (porque seguia a Balada mais de perto), a questão fica mais explícita:

> Mas Dairon espreitava nas árvores e os observava de longe; e clamou alto, no rancor de seu coração: "Odiosa tornou-se agora a terra que eu amava, e as árvores, disformes. Não mais há de se ouvir música aqui. Que todas as vozes fraquejem em Doriath, e que as árvores silenciem em todo vale e sobre todas as colinas!" E houve uma quietude e uma grande calmaria; e o povo de Thingol encheu-se de espanto. E falaram ao rei, perguntando-lhe a razão do silêncio.

A "praga" de Dairon cessou depois da partida de Beren, embora Lúthien não mais cantasse e Dairon não mais tocasse a flauta. Isso contrasta com *O Silmarillion* (p. 231), em que, depois de Beren partir,

> Lúthien ficou em silêncio e, desde aquela hora, não cantou mais em Doriath. *Uma quietude cheia de presságios caiu sobre as matas*.

Para os nomes no "encanto de alongamento", ver II. 88–9. Um novo elemento é introduzido entre as "coisas mais longas" na Balada: os picos acima de Angband (1491–492); e, em B, o nome do grande Dragão se torna *Glómund*. A corrente com que Morgoth foi

preso, *Angaino/Angainu* nos *Contos Perdidos*, torna-se *Angainor*; mas é curioso que, na Balada, só se fale dela como uma punição que aguarda Morgoth no futuro (*à Condenação* […]/*os Deuses* […]/*farão*, 1493–495), enquanto na antiga história do *Acorrentamento de Melko* (I. 131), foi a corrente com a qual fizeram-no prisioneiro na guerra original que levou ao seu cativeiro em Valinor, e isso permaneceu em *O Silmarillion* (p. 84): ao final dos Dias Antigos, ele "foi atado com a corrente Angainor, que tinha usado outrora" (*ibid*. p. 335).

Novos elementos na história que ainda apareceriam na narrativa em si da Balada são *Draugluin*, que, em B, substituiu o *Carcharas* de A no "encanto de alongamento" (assim, Carcharas não é mais o "pai dos lobos", ver II. 89), e a referência de Melian a Beren jazendo nas masmorras do Senhor dos Lobos (1246).

O sonho de Lúthien, no qual ela ouve a voz de Beren ao longe, ainda é atribuído, como o é no *Conto*, aos Deuses, mesmo que com menos certeza (*pelos Deuses, talvez, / ou quem sabe Melian o fez*, 1414–415); ver II. 31, 89. Mas o trecho está assinalado em B, talvez indicando insatisfação com a ideia.

Há um detalhe curioso em uma nota marginal ao texto B. Em dado momento, muito tempo depois (creio), algum desconhecido escreveu, frente aos versos 1331–336: "Thingol está sendo bastante obtuso aqui" e, ao lado dessa observação, meu pai rabiscou: "Mas ele não podia acreditar que ela *amava* Beren — a menos que algum feitiço maligno tivesse sido lançado sobre ela."

VI

Quando Morgoth, em dia de sina,
às Árvores trouxe ruína
e de Valinor matou o brilho,
Fëanor fez, junto aos seus filhos,

sobre a colina, magna jura,
em Tûn, e inda muita tristura
e guerras no mundo causava.
De atros mares, névoa se alçava
com sombras cinzentas e frias,
lá onde Glingal co'ouro floria
e Belthil tinha argênteas flores.
A névoa poisava nas torres
dos Elfos, em alva cidade.
E lá, um sem-fim de tochas arde,
cintilando conforme os Gnomos
reuniam-se em pálidos domos,
ou na sinuosa escadaria
que até a praça ecoante subia.

Fëanor as joias lamenta,
as Silmarils que fez, e alenta
com vínea e selvagem palavra
a hoste que, muda, o escutava.
Tudo o que diz, sábio e loquaz,
meio veraz, meio falaz
de intrigas que Morgoth plantou
em Valinor se registrou
noutros cantos. Mandou-os zarpar
das terras divinas, por mar,
prados sem trilha, pelas costas
ao gelo rugidor expostas;
seguir Morgoth à terra escura
deixar pra trás lar e ventura;
retornar às Terras de Fora
pra guerra e tormento. Na hora,
juraram os sete parentes

às estrelas no Céu, fulgentes,
por Varda, a Sagrada, que as fez,
deu-lhes flamejante fluidez,
nas profundas as colocou.
A alta Timbrenting se invocou
onde erguem-se os salões de honor
de Manwë, dos Deuses Senhor.
Quem por tais nomes voto faz
não pode quebrá-lo jamais.

Curufin, Celegorm, o Bel
Damrod, e também Díriel,
Cranthir, moreno, Maidros, alto
(que de tormentos não foi falto),
e o forte Maglor, com pesar,
inda canta co'a voz do mar.
"Seja amigo ou rival, semente
de Morgoth Bauglir, mortal gente
que há de a terra habitar; por lei,
por amor, por infernal grei,
por divino poder ou fado
do ódio jamais será escudado
da prole de Fëanor quem
roubar as Silmarils e nem
quem as guardar, globos de lume
fulgindo ao último negrume."

Dos Gnomos a luta e o vagar
neste conto não têm lugar.
Lidaram, lutaram no Norte,
e a sós, Fingon tentou a sorte
buscando Maidros, em suplício,

pendurado num precipício;
lá balançava pelo braço,
o pulso atado em tira de aço,
do alto há visão vertiginosa
das Thangorodrim pedregosas.
De Fingon, Elfos têm canção,
gnômico rei e capitão,
que em flama de espadas morreu
co'alvos pendões e os lordes seus.
Cantam que Maidros libertou,
e a hostilidade apaziguou
entre os filhos de Finn, altivos.
Com vínculo assim redivivo,
cercaram Morgoth e Angband
sem deixar que nada debande;
contêm co'o cerco um ser pior que
cruel demônio e feroz Orque.
Chegam então solazes dias
sob o Sol novo, e alegria
há nas Grandes Terras e os Homens
andam entre eles, raça jovem.
E tal época era chamada
de "Cerco de Angband"; a espada
dos Gnomos à terra traz paz
contra Morgoth. Tempo feraz,
de florescer, de crescimento;
mas inda havia o juramento,
e as Silmarils inda estão presas
em Angband de atras fortalezas.

Chega o fim, vira a sorte,
chamas de Morgoth trazem morte,

todo o poder lá preparado
em seu bastião é inflamado;
a negra tropa na Sedenta
Planície parte e rebenta.
De Angband Morgoth rompe o assédio;
com fogo e fumo, cruel remédio,
dispersa imigos; Orques com talho
atacam; sangue qual orvalho
dos cruéis gumes curvos pinga.
Lá Barahir ajuda e vinga
com feroz lança, escudo e arco
a Felagund ferido. Ao charco
escapam, juram mútua fé,
e Felagund promete até
estima, amor à humana gente,
socorro em risco inclemente.
Filhos de Finrod quatro são;
Angrod e Egnor caem então.
Felagund, Orodreth prudentes
juntam o resto de suas gentes,
belas crianças e donzelas;
deixam a guerra, vão com elas
ao sul, caverna mui segura.
Junto ao Narog se perfura
o seu portal secreto, oculto,
forte portão que ante o vulto
de Túrin inda estava ileso,
sob árvores, de grande peso.
Ali viveram, no castelo,
Curufin, Celegorm o belo;
cresceu o povo oculto e forte
na área de Narog, dessa sorte.

Lá Felagund corte segura
tem: Nargothrond, o que a jura
a Barahir fez, o audaz.
O filho deste trilha faz
em mata escura, só, confuso.
Percorre Esgalduin, rio escuso,
té que seu fluxo esbranquiçado
une-se a Sirion gelado,
água de prata a rolar,
ampla e esplêndida, ao mar.
Beren alcança as lagoas
de Sirion, rasas e boas;
sob as estrelas cresce o rio,
por fim divide-se em baixio,
margens de juncos num banhado
que alaga e enche, e apressado
mergulha em cova sob a terra:
por muitas milhas ela o encerra.
Umboth-Muilin, Lago-Ocaso
nome que os elfos, cinza e raso,
lhe deram. Sob tormenta inchada,
lá da Planície Vigiada
Morros da Caça Beren vê
de picos nus e à mercê
do vento oeste, mas na bruma
da chuva, raio, silvo, espuma
nos lagos, sabe que lá perto,
sob esses morros encoberto,
é o Narog, forte de vigia
de Felagund na queda fria
de Ingwil, rio que vem do alto.
Sempre alertas contra o assalto,

de Nargothrond Gnomos de estima;
tem cada morro torre em cima
e jamais dormem sentinelas,
planície e estrada guardam elas
do Sirion e o Narog pardo;
arqueiros com certeiro dardo
correm a mata, aniquilando
quem for à revelia entrando.
Vem ele agora à terra, ao léu,
na mão o luzidio anel
de Felagund, e exclama então:
"Nem Orque sou, nem espião,
Beren, filho de Barahir,
que a Felagund se quis unir."
Antes que chegue à margem leste
de Narog, rio que fero investe
nas negras rochas, vem plantel
de verdes arcos. Visto o anel,
saúdam-no, pareça embora
pobre vagante. À noite, fora
ao norte o levam, pois nem ponte
nem vau o Narog tem defronte
de Nargothrond do grão portal,
não passa amigo nem rival.
Ao norte, estreito ainda, o rio
corre bem junto do baixio
do Ginglith, rio de espuma linda,
onde seu fluxo d'ouro finda,
conflui c'o Narog, lá o passam.
Dali caminho breve traçam
a Nargothrond, aos seus terraços,
seus grandes e obscuros paços.

Sob lua-foice vêm sem falha
às portas atras, bela talha,
de forte pedra traves certas,
vigas de lenho. Já abertas
as portas, entram com abono
onde está Felagund no trono.

O rei de Narog bom discurso
a Beren faz; todo o seu curso,
combates, guerras, todo o enredo
relata logo. Em segredo
conversam, Beren tudo fala
de Doriath; mas logo cala
lembrando Lúthien na dança,
as rosas alvas em sua trança,
a voz de elfa a ressoar
e luz de estrelas pelo ar.
De Thingol relembrou as salas
de luz-magia, e fontes ralas,
o rouxinol lá canta, é lei,
a Melian e ao seu rei.
De Thingol conta o penhor
feito em desdém, que por amor
da que é mais linda e fiel,
de Lúthien Tinúviel,
deve aturar deserto ardente,
terror, suplício inclemente.

De ouvi-lo Felagund se admira,
e diz por fim com certa ira:
“Deseja Thingol tua morte.
Das joias de encanto forte,

sabido é, a chama pura
tem maldição de feroz jura,
aos filhos só de Fëanor
pertence todo o seu fulgor.
Não pode ter em sua arca
a gema, pois não é monarca
dos Elfos todos, eu confesso.
Mas dizes tu que é esse o preço
para voltar, se for possível,
a Doriath? Muita trilha horrível
diante do teu pé veloz —
depois de Morgoth, ira atroz,
eu bem o sei, ódio eterno,
te caçará em céu e inferno.
De Fëanor a prole ingrata
ceifar-te-á antes que à mata
de Thingol chegues, dês o fogo,
conquistes o teu doce rogo.
Eis! Celegorm e Curufin
habitam neste reino, enfim,
e eu, filho de Finrod, rei,
que grande glória conquistei,
cá reino sobre suas gentes.
Têm sido mui benevolentes
no que lhes resolvi pedir;
a Beren, novo Barahir,
não hão de dar mercê após
saberem tua demanda atroz.”
E quando o rei, ímpeto novo,
conta essa história a todo o povo,
fala de jura a Barahir,
humano armado pra impedir

ação de Morgoth, e o pesar
no norte outrora fez cessar,
muitos já tomam decisão
de combater. Na multidão
se ergue, em voz alta clama
que ouçam todos, olho em chama,
altivo Celegorm da espada
luzente. A turba abalada
fita o severo, duro rosto
e grão silêncio invade o posto.

"Amigo, ser cruel, rival,
nem Morgoth, Elfo nem mortal,
quem seja que na terra habita,
nem lei, amor, liga maldita,
poder dum Deus, magia aflita,
vai defendê-lo da desdita
de Fëanor da prole hostil
quem tome ou guarde Silmaril.
Pois só a nós pertencem elas,
as encantadas joias belas."

São falas ríspidas, possantes,
são como a voz do pai que antes
em Tûn nas mentes infundiu
atro temor e ira vil;
agora lhes prevê perigo
violento: amigo contra amigo,
veem do sangue o rubro tom,
cadáveres em Nargothrond,
se a hoste ali com Beren for;
ruína em Doriath, horror,

se Thingol ganha afinal
de Fëanor joia fatal.
Mesmo os de Felagund fiéis
temem tais juras tão cruéis
e pensam com terror hostil
Morgoth buscar em seu covil
por força ou arte. Curufin
após o irmão começa assim
a se infiltrar em cada mente;
os enfeitiça totalmente
e antes de Túrin nunca mais
Gnomos a Nargothrond leais
à guerra marcham. Depois disso
ciladas, espiões, feitiço,
magia, silenciosa aliança
com ser selvagem que avança,
caça sutil, peçonha em seta,
tropa que engatinha quieta,
ódio que corre em frente mudo,
caminha com pés de veludo,
seguindo a presa tão deciso
e mata à noite de improviso —
assim defendem Nargothrond,
esquecem jura, laço bom,
temendo Morgoth, pois a fala
de Curufin sua mente abala.

No dia não fazem favor
a Felagund, seu rei senhor;
não é divino Finrod, falam,
nem o seu filho, assim propalam.
De Felagund a voz ressoa,

arranca, arroja a coroa,
de Nargothrond o elmo-prata:
“Não romperei a jura que ata,
o trono abandono cedo.
Se existe alguém que não tem medo,
de Finrod que obedeça ao filho,
e me acompanhe quando trilho
a via minha, não qual pobre
pedinte viva, o que foi nobre,
expulso deixo a urbe boa,
a gente, o reino e a coroa!”
Isto ouvindo, eis parados
dez bons guerreiros a seus lados,
da casa sua, sempre à parte
onde estivesse o estandarte.
Um pega a coroa e diz:
“Ó rei, é sina infeliz
daqui partir, mas não perder
o teu domínio. Hás de escolher
regente pela tua pessoa.”
Põe Felagund sua coroa
em Orodreth e diz: “Irmão,
o reino é teu, que eu volte ou não.”
Lá Celegorm não fica, e sai,
ri Curufin, se volta e vai.[F]

NOTAS

1593–594 Lições originais de B, *Glingol*, *Bansil*, como no verso 1141.
1598–599 Dístico marcado para revisão, em parte por causa de *did start* [no verso em inglês], em parte por causa de *Gnomos*. Não registrarei mais exemplos desse tipo, que ocorrem

ocasionalmente ao longo da Balada.
1619 No texto B, está escrito aqui: "⋀ ver o Qenta". Trata-se da versão de 1930 do "Silmarillion", e presumivelmente se refere à versão do Juramento conforme aparece ali.
1620 *Varda, a Sagrada* está escrito na margem do texto B, que, assim como A, tem *Bridhil, a Sacra*. *Bridhil* ocorre anteriormente em A (nota aos versos 377–81), onde B tem um texto diferente.
1632–633 Cf. versos 506–09.
1647 *Finweg* A, e B conforme datilografado, logo alterado em B para *Fingon*.
1654 Idem verso 1647.
1656 Cf. *Os Filhos de Húrin*, primeira versão, verso 1975, segunda versão, verso 19, dos quais derivam as palavras *em flama de espadas morreu*; na segunda versão os *alvos pendões* do rei também aparecem.
1710–711 A: medra um grande povo dos Gnomos
nesses novos, secretos domos.
1736 Ao lado das palavras *do vento oeste* está escrita a data "29 mar. de 1928" (de maneira a indicar que este era o ponto a que tinha chegado, e não de onde estava começando), sendo que a data anterior tinha sido 27–8 de março de 1928, no verso 1161.
1860 *Tûn* B] *Côr* A
1866 A: se Felagund com Beren for;
1891 A: esquecem sangue, laço bom,
1900 *elmo* é uma emenda de *coroa* em B.
1920 Um X foi colocado ao lado desse verso, provavelmente muito tempo depois, quando a posição de Orodreth como irmão de Felagund foi alterada (ver pp. 112–13).
1921 *reino* B] *coroa* A

Comentário ao Canto VI

O esboço do enredo na "Sinopse I" continua assim:

> Beren vai até Celegorm, que o disfarça [*excluído*: e lhe dá uma faca mágica. Beren e seus guias gnômicos[h] são capturados por Orques: e uns poucos sobreviventes são levados diante de (Melko >) Morgoth. Beren diz a M. que é um "caçador das matas".]
>
> Eles partem e tentam invadir Angband disfarçados de Orques, mas são capturados [*excluído*: e agrilhoados, e mortos um a um. Beren fica deitado pensando quando será sua vez.] pelo Senhor dos Lobos, e atados, e devorados um a um.

É interessante aqui ver como as características relevantes da história são tratadas no "Esboço da Mitologia" de 1926, conforme escrito originalmente. Neste relato, o pai de Beren é Barahir, e ele

“fora amigo de Celegorm de Nargothrond”. Depois da exigência de Thingol para que Beren lhe consiga uma Silmaril:

> Beren parte para realizar isto, é capturado e posto num calabouço em Angband, mas oculta sua verdadeira identidade e é dado como escravo a Thû, o caçador.

Essa passagem é evidentemente anterior à “Sinopse I” (é, no mínimo, do final de maio de 1926, a data da mais recente das três faturas em que está escrita), visto que o “Esboço” não contém referências ao auxílio de Celegorm, aos companheiros de Beren, ao disfarce como Orques e à captura pelo Senhor dos Lobos. Pelo contrário, Beren vai até Angband sozinho, exatamente como fez no *Conto de Tinúviel* e — o mais notável — é dado a “Thû, o caçador” como escravo, assim como foi entregue no *Conto* como escravo a Tevildo, Príncipe dos Gatos. Na Sinopse I, vemos, penso eu, o exato momento em que surge a história dos companheiros gnômicos de Beren, de seu disfarce como Orques e da morte deles, um a um, nas masmorras do Senhor dos Lobos. (Thû aparece pela primeira vez no fragmento da *Balada da Queda de Gondolin* (p. 177), e em *Os Filhos de Húrin* como o mais poderoso capitão de Morgoth: primeira versão, verso 391, segunda versão, verso 763).

Mas já a partir do verso 296 no texto A da *Balada de Leithian* (verão de 1925), há uma referência ao favor prestado por Egnor, pai de Beren, a Celegorm, e ao anel dado de presente, ao passo que, no “Esboço”, Barahir “fora amigo de Celegorm de Nargothrond”. Portanto:

Balada de Leithian Canto II (verão de 1925)	Egnor, pai de Beren, prestou um serviço a Celegorm, de quem recebeu um anel.
Esboço da Mitologia (início de 1926, ver p. 11)	Barahir, pai de Beren, era amigo de Celegorm de Nargothrond. Beren parte sozinho e é capturado e preso em Angband, mas é entregue como escravo a Thû, o caçador.
Sinopse I (depois de maio	Beren vai até Celegorm, que o auxilia (surge a história dos companheiros gnômicos).

de 1926)

A conclusão, bastante surpreendente, deve ser que a associação entre Egnor/Barahir e Celegorm, e o anel presenteado *precederam* o surgimento da história de Beren saindo em busca de Celegorm atrás de ajuda.

Na porção rejeitada da Sinopse I aqui, vemos um último vestígio que sobreviveu do *Conto de Tinúviel*: Beren diz a Morgoth que é um caçador das matas; compare com o *Conto* (II. 27): "Beren disse então que era excelente caçador de pequenos animais e que laçava pássaros" — e, de fato, foi essa explicação de Beren para Melko que lhe conquistou o posto nas cozinhas de Tevildo. A menção, no trecho rejeitado, a uma faca mágica que Celegorm deu a Beren foi claramente uma ideia passageira para explicar a faca com a qual Beren haveria de cortar a Silmaril da Coroa de Ferro, já que a faca de cozinha que usou no *Conto* (II. 46) foi abandonada juntamente com as próprias cozinhas.

Outros papéis soltos além da Sinopse I mostram os desdobramentos posteriores da narrativa. Chamarei o primeiro deles de "Sinopse II". Ele começa no início do Canto VI e cito-o aqui até o final do Canto.

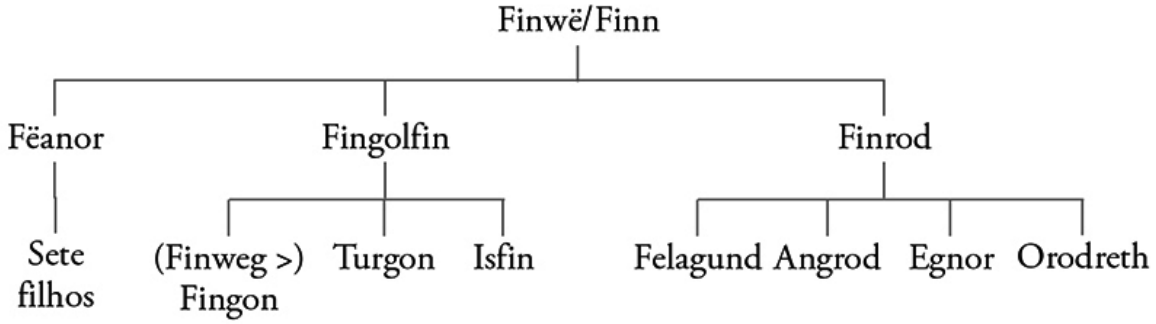
> Beren vai até Felagund em Nargothrond; ele o recepciona bem, mas alerta-o acerca do juramento dos filhos de Fëanor e diz que Curufin e Celegorm, morando consigo, têm grande poder em seu reino.
>
> Curufin e Celegorm descobrem o propósito de Beren e, relembrando seu juramento, proíbem os Gnomos de ajudar Beren a conseguir a Silmaril para Thingol. Os Gnomos, temendo uma guerra em Nargothrond, ou uma guerra contra Thingol e, de [toda] forma, extremamente apavorados diante da ideia de chegar às profundezas de Angband por força ou ardil, não apoiam Felagund. Ciente de seu próprio juramento, Felagund entrega o reino a Orodreth e, apenas com os seguidores fiéis de sua casa (dez ao todo), parte com Beren.

Na *Balada de Leithian*, o "Elemento Nargothrond" na história tinha, nessa época (primavera de 1928) evoluído (ver p. 207). A importante figura de (Felagoth >) Felagund, filho de Finrod, o terceiro filho de Finwë, surgira (ver p. 113) e, no Canto VI, já estava presente no texto A; foi ele, e não Celegorm, quem foi resgatado na batalha que encerrou o Cerco de Angband e que, depois, foi para o sul com o irmão Orodreth para fundar Nargothrond. Com o movimento na lenda, Celegorm e seu irmão Curufin foram deslocados, desempenhando o papel de "hóspedes" demasiadamente poderosos de Felagund (não fica explícito na Balada por que eles estavam lá, embora se possa inferir que também haviam fugido do "Norte, [de] batalha cruel"). No trecho da Sinopse II recém-incluído, é possível ver meu pai trabalhando a partir desse ponto e a partir dessa base narrativa, e muitos dos motivos importantes na versão final aparecem agora: devido ao seu juramento, Celegorm e Curufin são o motivo pelo qual os Elfos de Nargothrond se recusam a apoiar Felagund no auxílio a Beren; Felagund entrega a coroa a Orodreth; e somente dez dentre a gente de Felagund partem com ele.[i] É certo, penso, que a Sinopse II foi escrita para ser o esboço narrativo deste e os Cantos seguintes e, de fato, forneceu a eles tal esboço.

No Canto VI, vemos pela primeira vez muitas características centrais da história antiga dos Gnomos em Beleriand e no Norte, embora não seja necessariamente a primeira vez que ocorrem nos escritos de meu pai. Assim, a história do resgate de Maidros por (Finweg >) Fingon do seu suplício em Thangorodrim, onde estava suspenso pela mão direita, está quase que certamente implícita em *Os Filhos de Húrin*, onde se diz que Maidros empunhava a espada com a canhota (ver p. 106), e é relatada por inteiro no "Esboço", conforme escrito no início de 1926, uns dois anos antes da data do presente Canto (ver nota ao verso 1736). Aqui também há referências aos longos anos do Cerco de Angband depois de a rixa entre os príncipes gnômicos ser apaziguada (mas cuja causa ainda não sabemos); e à irrupção da *negra tropa* de Morgoth (compare com *O Silmarillion*, p. 210: "os exércitos sombrios dos Orques") pela *Planície Sedenta* (para a qual, ver p. 72). Aqui encontramos pela primeira vez (exceto por uma nota tardia em *Os Filhos de Húrin*, pp.

98–9) Angrod e Egnor, filhos de Finrod e irmãos de Felagund e Orodreth, que tombam na batalha; e aqui se diz que Felagund foi ferido (verso 1691), e que aqueles que o resgataram escaparam para "o charco", muito provavelmente o mesmo "banhado" do Sirion mencionado no verso 1726.

Acerca de Finweg > Fingon, e Finn (verso 1660) = Finwë, ver pp. 166–67. A genealogia dos príncipes dos Gnomos, conforme aparece nos anos 1920, está agora completa:



A versão mais antiga do Juramento Fëanoriano encontra-se em verso aliterante, em *A Fuga dos Noldoli* (ver p. 164), e este que se encontra na *Balada de Leithian* (versos 1634–643) o acompanha bem de perto, apesar de estar em dísticos rimados, com muitas frases idênticas [nos versos em inglês]. Outras variações são introduzidas na versão de Celegorm (versos 1848–857). Sobre o nome *Timbrenting* de Taniquetil (invocada como testemunha do Juramento) ver pp. 154, 168–69.

A maior parte das referências geográficas e nomes neste Canto está amplamente explicada na Parte III, "Failivrin", de *Os Filhos de Húrin*. Acerca dos Morros da Caça/dos Caçadores, dos rios Ginglith e Ingwil, e da Planície Vigiada/Protegida, ver pp. 109–10. Fica claro agora que os Alagados do Crepúsculo, Umboth-Muilin, ficavam ao norte da queda e da passagem subterrânea do Sirion (à qual há uma referência em *Os Filhos de Húrin*, verso 1467), ao passo que, nos *Contos Perdidos*, acontecia o oposto (ver II. 262); e também que o Esgalduin era afluente do Sirion (versos 1717–720). Nos versos que

descrevem Nargothrond, a *Balada de Leithian* se reporta a *Os Filhos de Húrin* e lhe faz eco. Compare

> Portões escuros, gigantescos nas sombras,
> foram cortados no barranco; tinham troncos imensos,
> e batentes e vergas de vastas pedras. (pp. 85–6, 1828–830)

com

> a Nargothrond, aos seus terraços,
> seus grandes e obscuros paços. (1774–775)

e

> às portas atras, bela talha,
> de forte pedra traves certas,
> vigas de lenho. (1777–779)

Mencionei anteriormente (pp. 109, 112) a ilustração e a aquarela da entrada de Nargothrond. A ilustração traz a legenda "Lyme 1928" (férias de verão em Lyme Regis, em Dorset) e a aquarela foi muito provavelmente feita na mesma época: portanto, alguns meses depois da elaboração do Canto VI da *Balada de Leithian*. Em ambas é possível ver os desnudos Morros dos Caçadores mais adiante (*de picos nus e à mercê / do vento oeste*, 1735–736) e, na aquarela, *Nargothrond,* [e] *seus terraços* (1774); mas nenhuma delas sugere que o portal era *secreto, oculto* (1704) *sob árvores, de grande peso* (1707) — uma característica da descrição que remonta ao *Conto de Turambar* ("as portas das cavernas […] eram habilmente ocultas por árvores", II. 104).

Em meu comentário ao *Conto de Turambar* (II. 151 e nota de rodapé), observei que "a política dos Elfos de Nargothrond de se manterem em sigilo e de se recusarem a entrar em guerra aberta foi sempre um elemento essencial", mas que, a julgar por *O Silmarillion*, pp. 231–32, "parece que quando Beren chegou a Nargothrond a política de 'sigilo' já estava em vigor sob Felagund",

ao passo que, a julgar pela p. 233, “parece que ela passou a vigorar devido à potente retórica de Curufin após a chegada de Beren”. Considerando-se este Canto, é possível ver que a contradição — se é que há uma contradição — tem origem nas duas passagens, versos 1743–751 e 1877–893.

Nessa última passagem, novamente há ecos fortes de *Os Filhos de Húrin*. Compare

> silente barreira,
> invisível, furtiva, os estranhos cercava,
> como de coisas selvagens que veem imóveis
> e então seguem céleres, com seda nas patas,
> a presa distraída com ódio constante. (pp. 83–4, 1749–753)

Com

> silenciosa aliança
> com ser selvagem que avança,
> caça sutil, peçonha em seta,
> tropa que engatinha quieta,
> ódio que corre em frente mudo,
> caminha com pés de veludo,
> seguindo a presa tão deciso (1882–888)

Restam dois pontos acerca dos nomes. As Grandes Terras ainda são assim chamadas (1668); mas, no verso 1616, ocorre a expressão “Terras de Fora”. Esse nome foi usado em *O Chalé do Brincar Perdido*, conforme inicialmente escrito, com o sentido de Grandes Terras, mas foi subsequentemente atribuído às terras além do Mar do Oeste (ver I. 32, 103). “Terras de Fora” com o sentido de “Terra-média” é frequente em *O Silmarillion*.

O nome do rio, Narog, é usado para se referir ao reino de Nargothrond, como acontece frequentemente depois: o Rei de Nargothrond é o Rei de Narog (verso 1782).

VII

Só uma dúzia parte então
de Nargothrond, ao norte vão,
deixando o lar, secreta via,
já longe estão ao fim do dia.
Não canta voz nem soa clarim,
em malha de anéis, assim
de negro marcham, elmo escuro,
manto sombrio, passo inseguro.
O Narog seguem, rio corrente,
até chegarem à nascente,
que cai em íngreme cachoeira
e enche a taça clara inteira
com um borrifo cristalino
do lago Ivrin muito fino,
Ivrin a refletir tamanhas
encostas nuas das Montanhas
Sombrias sob a luz da lua.

Já longe vão da terra sua,
livre de Orque, demônio e medo
de Morgoth, vão pelo arvoredo.
No bosque em sombra do outeiro
lá passam noites, tempo inteiro,
até que a nuvem que lá passa
constelação e lua embaça,
ventos d'outono, do começo,
sopram num remoinho espesso
folhas girando pouco a pouco,
escutam um murmúrio rouco
de longe, risos guturais;

mais forte; já são pés fatais
tamborilando nas colinas
exaustas. Muitas lamparinas
vermelhas já o olhar alcança,
luz que oscila em cada lança
e cimitarra. Escondidos,
veem passar Orques bandidos,
cara de trasgo, escura e suja.
Trazem morcego e coruja,
ave da noite, aparição
no ramo está. Silêncio então;
o riso, som de rocha e aço,
se vai. Já seguem cada passo
Elfos e Beren, mais silentes
que a fera atroz em ermos quentes
caçando. Chegam às barracas
no lume ardente, chamas fracas,
contam: à luz que a treva pinta
de rubro brilho Orques são trinta.
Sem fala e sem som maior
postam-se quietos ao redor,
nas árvores vultos sombrios,
lentos, ocultos, gestos frios,
curvam o arco, olho na meta.

Eis! canta a repentina seta
de Felagund ao grito forte;
são doze Orques tombando à morte.
Largam os arcos, salto leve,
brilhante espada em golpe breve!
Orques golpeados gritam, berram,
como que em atro inferno erram.

Travam batalha na floresta
e breve nenhum Orque resta;
o bando lá deixou a vida
sem mais manchar a terra ardida
com roubo e morte. Nem canção
de triunfo ou satisfação
soa dos Elfos. Grão perigo
lá correm, pois o inimigo
não sai à guerra em bando miúdo.
Despojam corpos, tiram tudo
e lançam-nos em uma cova,
pois esta é tática nova
de Felagund e sua fileira:
veste de Orques a tropa inteira.

Arcos de chifre, mortal dardo,
espada, o nojento fardo,
tomam e vestem, cada um,
traje que em Angband é comum.
Rosto e mão pintam com zelo
de negra tinta; o rude pelo
dos Orques a soldadesca corta
e tece em cabeleira torta,
arte de Gnomo. Esgar co'a boca
faz cada um, então coloca
na testa sua peruca fria.
E Felagund entoa magia
de alteração, forma cambiante;
feias orelhas têm; hiante
a boca, o dente afiado
durante o canto compassado.
De Gnomo o traje põem à beira,

e cada um na sua fileira
vai a seguir o vil horror
que outrora foi Elfo senhor.

Ao norte rumam; Orques que cruzam
nem os detêm e nem acusam,
saúdam-nos e, pelas trilhas,
audazes andam longas milhas.
Com pés exaustos, muitas mágoas,
passam Beleriand. As águas
encontram límpidas, de argento,
lá onde o Sirion corre atento
e Taur-na-Fuin, Noite-Morte,
de escuros pinhos contraforte,
cai pouco a pouco pro oriente;
do lado oeste está à frente
a curva dos Montes, cinzenta,
barrando a luz da tarde lenta.

Qual ilha nasce a sós do chão,
morro no vale, um matacão
dos vastos montes deslocado
pelos gigantes do passado.
O rio dá volta no sopé,
um fluxo que escavou até
grutas nas rochas dessas plagas.
Agita Sirion as vagas
correndo junto à margem fria.
Dos Elfos foi torre-vigia,
ainda forte, ainda bela;
com ameaça fita ela
Beleriand de um seu lado,

do outro o vasto descampado
além do vale, da sua boca.
Ali se enxerga erva pouca,
dunas de pó, amplo deserto;
além observa o olho esperto
nuvens nas torres, construção
de Thangorodrim qual trovão.

Pois nesse morro é a morada
d'alguém mui vil, que a estrada
que de Beleriand lá vem
observa e olho em chama tem.
(Do Norte não chega outra via,
só a leste, onde a Fenda do Aglon ia,
mas naquela senda de horror
nem Orques iam sem temor
pela Sombra Mortal Noturna
que é Taur-na-Fuin, soturna;
e Aglon a Doriath levava
lá a prole de Fëanor guardava.)
É Thû o nome que os humanos
lhe dão; depois por muitos anos
o adoraram como deus,
erguendo em treva os templos seus.
Homens domina ainda não,
mas é sob Morgoth capitão,
Mestre dos Lobos, uivos loucos
soam no monte, e não poucos
encantos e feitiçaria
tece e detém. Em tirania
domina os seus o necromante,
fantasma e espectro errante,

o enfeitiçado, deformado
grupo de monstros a seu lado,
de lobisomens, povo aziago,
repleta a Ilha que é do Mago.

Vêm pela mata, porém Thû
a vinda deles põe a nu;
mesmo ocultos sob a rama,
ele os vê, e lobos chama:
“Trazei os Orques que se esgueiram
de modo estranho; talvez queiram
passar ao largo, evitando
fazer relato, como mando,
a Thû, de tudo desta feita.”

Da torre espia; grã suspeita
abriga, e pensamento incerto;
aguarda que os tragam perto.
À volta deles, lobos vis;
temem sua sina. Ó país,
terra de Narog tão distante!
O mau presságio é constante,
desanimados, tropeçando,
ponte de pedra vão cruzando
à Ilha que é do Mago, ao trono
de rocha, sangue e abandono.

“Qual foi a via? O que se espia?”

“Élfica terra, choro e guerra,
de fogo chama, sangue derrama,
foi essa a via, o que se espia.

Trinta matamos e os lançamos
em poço torvo. Pousa o corvo
e o mocho pia em nossa via.”

“Servos de Morgoth, Elfinesse,
dizei verdade, que acontece?
E Nargothrond? Quem reina lá?
A esse reino fostes já?”

“Até a fronteira foi rapina.
Lá Felagund é rei, domina.”

“Sabeis que foi-se em abandono,
que Celegorm está no trono?”

“Não pode ser! Se há abandono,
é Orodreth que está no trono.”

“Ouvido esperto, que escutou
do reino em que não entrou!
Quais vossos nomes, ó lanceiros?
E o capitão desses guerreiros?

“Nereb e Dungalef, mais dez;
nosso covil é a muitos pés
sob a montanha. No deserto
marchamos nós com rumo certo.
Boldog, o capitão, espera
onde o fogo fumo gera.”

“Boldog, eu sei, morreu recém
perto do reino onde também
Thingol Ladrão, esse escorralho,

se arrasta sob olmo e carvalho
em Doriath. Não sabeis nem
da bela fata Lúthien?
Seu lindo corpo juvenil
Morgoth deseja no covil.
Boldog partiu, Boldog morreu:
não fostes vós do bando seu?
Nereb agora franze a testa.
É Lúthien? Que angústia é esta?
Por que não ri se quero a ela
em minha posse, a donzela,
imunda a que já foi pura,
onde houve luz só sombra escura?
A quem servis, a Treva ou Luz?
E quem obra maior produz?
Quem é no mundo o rei dos reis,
que doa ouro e anéis?
E quem domina a terra vasta,
quem da alegria vos afasta,
avaros Deuses? Voto novo,
de Bauglir Orques! Bravura, ó povo!
É morte à luz, à lei, à fé!
Maldita a lua, astros até!
A antiga, interminável treva
que a fria tormenta longe leva
afogue Manwë, o sol e Varda!
No berço tudo em ódio arda
pra tudo em dano terminar
no choro do infindo Mar!”

Mas nunca Elfo nem mortal
jamais falou blasfêmia tal,

“Mas quem é Thû,” Beren murmura,
“pra nos fazer tanta estritura?
Não o servimos, e agora
sem vênia vamo-nos embora.”

Thû ri: “Paciência! Muito não
vós ficareis. Minha canção
ouvi, que atenção reclama.”
Fitando-os c’olhos de chama
na treva os faz perder o rumo.
Enxergam através dum fumo,
de névoa, os olhos sem aprumo,
se atordoam seus sentidos.
A canção dele é de magia,
perfura, abre, é aleivosia,
revela, e descobre, e trai.
Por sua vez Felagund sai,
entoa um canto que o distrai,
de resistência que não morre,
secreto e forte como torre,
de livre fuga confiante,
transformação, forma cambiante,
rompe a armadilha e o cordão,
quebra a cadeia, abre a prisão.
Num vai-e-vem oscila o canto.
A balançar, mais forte entanto
é Thû, mas Felagund porfia,
traz o poder, traz a magia
de Elfinesse aos versos graves.
Na treva ouvem logo as aves
em Nargothrond longe a cantar,
suspiros que vêm lá do mar,

da areia além do ocidente,
em Casadelfos, orla ardente.

Então cai sombra; a luz já morre
em Valinor, e o sangue escorre,
na costa onde irmãos tombaram
nas mãos dos Gnomos, que roubaram
as brancas naus de branca vela
do alvo cais. Geme procela.
Uiva o lobo. Foge o corvo.
No mar o gelo estala, estorvo.
Em Angband todo escravo clama.
Trovão ribomba, arde a chama,
fumaça jorra com rugidos —
e Felagund cai sem sentidos.

Ao usual sua forma troca,
claros de olho e tez. A boca
não mais de Orque; o vulto inteiro
está patente ao feiticeiro.
Ali os infelizes lança:
cela sem luz nem esperança,
cadeia que a carne talha,
presos a estrangulante malha
jazem exaustos em seus cantos.

Mas não em vão são os encantos
de Felagund; pois Thû ignora
seus nomes, a que vêm agora.
Muito pondera, muito pensa,
aos prisioneiros dá sentença
de morte horrível, grande dor

se não falar um traidor.
Diz que lobos trará, vassalos
pra um a um lá devorá-los
ante eles todos; no final
restando um, pena brutal,
vai suspendê-lo em horror,
torcer-lhe os membros com grã dor,
ali da terra nas entranhas
lhe infligir penas tamanhas
que atormentado ele confesse.

O que ameaça acontece.
Na treva vil de tanto em tanto
dois olhos veem, e com espanto
escutam berros, um rumor
dilacerante, e o odor
de sangue seu olfato abala.
Mas nenhum cede e nenhum fala.[G]

NOTAS

1943 Ao lado do final deste verso está escrita a data “30 de março de 1928”. A data anterior era 29 de março de 1928 no verso 1736.
2023 (e subsequentemente) *Broseliand* A, e em B conforme datilografado.
2026 *Noite-Morte*] *Noite-Enleio / Floresta de escuro pinheiro* A, e em B conforme datilografado. Ver *Floresta Mortal* como nome de Taur-na-Fuin em *Os Filhos de Húrin* (p. 72) e no verso 2060 do presente Canto.
2047 [no verso em inglês] *fields of drouth* [campos de secura]: a expressão *Plains of Drouth* ocorre em *Os Filhos de Húrin*, p. 49, verso 826 [traduzido como *Estepes Ressequidas*].
2056–063 Estes versos estão assinalados com um X e um sinal de exclusão no texto B, provavelmente não por algo no conteúdo, mas porque meu pai talvez os achasse inoportunos.
2064–066 Alterados em B para:

> Gorthû os Gnomos o chamavam
> quando sob o seu jugo estavam,
> e eles o adoraram qual deus,

(*Thû* foi inicialmente substituído por *Sauron*. *Homens* está escrito ao lado de *eles* no verso 2066.) *Thû* se torna *Gorthû* em todas as ocorrências subsequentes neste Canto ou então se evita o nome substituindo-o por um pronome ou artigo; assim, 2088 *a Gorthû, de tudo desta feita*; 2161–162 *Ora Gorthû / é quem nos faz tanta estritura*; 2165 *Ele ri*; 2186 *canta*; etc.

Essa alteração é difícil de datar, mas foi feita quando a palavra *Gnomos* ainda estava em uso (2064). No Canto VIII, *Thû* foi mantido sem alteração, e isso até o verso 3290, emendado para *de Gorthû, volta à doce água*; no final do poema (3947, 3951), *Thû* foi alterado para *Sauron*.

2100–106 Acerca da alteração do metro desses versos, ver o Comentário.
2114 Após esse verso está escrita a data "31 de março" (isto é, 1928). A data anterior era 30 de março de 1928, no verso 1943.
2121 *Nereb e Dungalef*: emendado em B para *Ira e Ódio somos* ao mesmo tempo em que *Thû* > *Gorthû*.
2137 *Nereb agora franze a testa*: emendado em B para *Seu chefe irado franze a testa*.
2155 *Bridhil* A, e em B conforme datilografado; a alteração para *Varda* foi feita ao mesmo tempo em que *Thû* > *Gorthû*. Ver nota ao verso 1620.
2175–177 Esses três versos em rima remontam a A e ao rascunho original.
2193 *Casadelfos* é uma alteração feita a partir de *Terrafada* em B.

Comentário ao Canto VII

O esboço do enredo na "Sinopse I" que traz a narrativa deste Canto já foi fornecido (p. 260). A "Sinopse II" continua a partir do que consta na p. 262.

> Eles armam uma emboscada para um bando de Orques e, disfarçando-se com as roupas e os modos dos mortos, marcham para o Norte. Entre as Montanhas Sombrias e a Floresta da Noite, onde o jovem Sirion flui no vale que se estreita, eles se deparam com os *lobisomens* e a hoste de Thû, Senhor dos Lobos. São levados diante de Thû e, depois de uma disputa de perguntas enigmáticas e respostas, revelam-se espiões, mas Beren é levado como Gnomo, e o fato de que Felagund é Rei de Nargothrond permanece oculto.
>
> São colocados numa masmorra funda. Thû pretende descobrir seu propósito e seus nomes verdadeiros, e jura matar um a um, e torturar o último, caso não os revelem. De tempo em tempo, um grande lobisomem [*excluído*: Thû disfarçado] chega e devora um dos companheiros.

Essa é obviamente a base narrativa do Canto VII, e a história aqui atinge sua forma final. Pode parecer que há uma discrepância entre o esboço e a Balada, pois aquele diz que, "depois de uma disputa de perguntas enigmáticas e respostas, revelam-se espiões", ao passo que, nesta, Felagund é sobrepujado por uma canção de maior poder. Na verdade, a disputa de perguntas enigmáticas está presente, mas parece não ter sido completamente desenvolvida. No rascunho original, meu pai rabiscou a seguinte nota antes de escrever a passagem no verso 2100 e seguintes:

> Perguntas enigmáticas. Onde estiveram, quem mataram? Trinta homens. Quem reina em Nargothrond? Quem é capitão de Orques? Quem fez o mundo? Quem é rei &c. Eles demonstram uma [?parcialidade] élfica, pouquíssimo conhecimento acerca de Angband e demasiado conhecimento de Casadelfos. Thû e Felagund . . . . . encantamentos um contra o outro, e Thû lentamente vence, até que eles são revelados como Elfos.

Os versos 2100–6 estão em um metro alterado, especialmente apropriado para uma disputa de adivinhas, e o conteúdo deles (a resposta à pergunta de Thû "Qual foi a via? O que se espia?") é enigmático ("precisão enganosa"). Contudo, depois disso o poema retorna ao metro comum, e o elemento enigmático desaparece (exceto em *nosso covil é a muitos pés / sob a montanha*). O nome *Dungalef* (2121), embora soe órquico o bastante, é um artifício estranhamente transparente, visto que *Felagund* acabou de ser mencionado, mas o artifício teve êxito (2216–217). Sem dúvida, as reflexões de Thû sobre o assunto eram demasiadamente sutis.

Aqui está o primeiro retrato completo de Thû, que surge como um ser de grande poder, avançadíssimo em feitiçaria, e é de fato chamado de "necromante" (2074). Aqui há também a primeira sugestão de que sua história se estenderia muito além do conto de Beren e Lúthien, quando "depois por muitos anos" os Homens haveriam de adorá-lo, e erguer "em treva os templos seus".

É neste Canto também que a ilha no rio Sirion (não mencionada de fato na Sinopse II) aparece pela primeira vez, junto de uma

menção à origem da fortaleza:

> Dos Elfos foi torre-vigia,
> ainda forte, ainda bela. (2041–042)

A ilustração de meu pai (*Pictures by J.R.R. Tolkien*, n. 36) foi feita em Lyme Regis, em Dorset, em julho de 1928, menos de quatro meses depois de esses versos serem compostos; e, na ilustração, as grutas escavadas pelas águas nas beiradas da ilha (versos 2037–038) podem ser vistas.

As Montanhas Sombrias mencionadas na Sinopse II e no poema não são mais as Montanhas de Terror (Ered Gorgoroth), como eram nos versos 386, 1318 (ver p. 318). Na Sinopse II, conta-se que o jovem Sirion flui no vale que se estreita entre as Montanhas Sombrias e a Floresta da Noite (Taur-na-Fuin) e, no poema, o lago de Ivrin reflete as

> encostas nuas das Montanhas
> Sombrias sob a luz da lua (1939–940)

assim como em *Os Filhos de Húrin* (p. 79, versos 1581–582). Portanto, o termo agora é revertido ao significado do poema aliterante, significado que seria mantido daí em diante. Também há que se notar que essa cordilheira se volta para o norte, conforme o verso 2030 [no poema em inglês].

Os versos que dizem respeito a Ivrin em *Os Filhos de Húrin* (1594–597):

> o Narog recém-nascido, por dezenove braças
> com força cintilante fero despenca,
> e uma taça luzente com fontanas vítreas
> preenche o rio, rasgo de chafarizes

são ecoados na *Balada de Leithian* (1934–936):

> que cai em íngreme cachoeira
> e enche a taça clara inteira

com um borrifo cristalino […]

Uma nova característica das terras do norte aparece neste Canto: a Fenda do Aglon (2057), já localizada (como demonstram outras evidências) na extremidade leste de Taur-na-Fuin; e o verso 2063 dá o primeiro indício de que essa região era território dos Fëanorianos.

O assalto do capitão-órquico Boldog a Doriath, com o objetivo de capturar Lúthien para Morgoth, era um elemento importante da história nessa época, mas depois desapareceu e não há vestígios dele em *O Silmarillion*. A discussão sobre isso será adiada até um ponto adiante na *Balada de Leithian*, mas pode-se notar aqui que há uma referência antiga em *Os Filhos de Húrin* (p. 27, versos 392–94, p. 142, versos 764–66). Lá, Morgoth mandou o próprio Thû [*destruir*] *o reino de Thingol, o ladrão*.

A expressão *Foamriders* [Ginetes D'Ondas], usado em referência ao Terceiro Clã dos Elfos no verso 2197 [em inglês], aparece anteriormente na aliterante *Fuga dos Noldoli* (ver p. 169) [lá traduzido *Ginetes-de-Espuma*].

VIII

De aros de prata enfeitados
são cães de Valinor. Veados,
raposa, lebre, javali
no verde bosque vive ali.
É Oromë o senhor divo
de toda a mata. Odre festivo
em seu salão, cantos declamam.
Seu nome novo os Gnomos chamam
Tavros, o divo que suas trompas
nos montes fez soar com pompas;

só entre os Deuses a amar o mundo
ao desfraldarem-se no fundo
a Lua, o Sol; cascos de ouro
têm seus cavalos. Cães em coro
ladrando em mata além d'Oeste
possui o divo inconteste:
um ágil cinza, um negro e forte,
branco sedoso, belo porte,
marrom malhado, fiel, atleta,
do arco de teixo é como a seta;
voz grave qual campanas belas
de Valmar lá nas cidadelas,
presa é marfim, o olho é gema.
Qual lâmina de aço extrema,
qual raio vão da guia ao faro,
a Tavros todo o bando é caro.

Nos prados onde Tavros mora
foi Huan um filhote outrora.
É o mais ágil, mais ardente,
e Oromë o deu, presente,
a Celegorm, o que seguia
sua trompa em vale e serrania.
Só ele, cão de Valinor,
os pósteros de Fëanor
segue, c'o dono vai ao norte,
presente em cada ataque à morte,
em todo assalto ele se bate,
audaz até em mortal combate.
O senhor seu protege, arranca
de lobo, Orque e arma branca.
Lobeiro gris, feroz criatura,

seu reluzente olho fura
névoa e sombra; embora parco
o odor, fareja-o no charco,
em folhas, pó, areia fina;
toda Beleriand domina.
Os lobos busca, traz, espanca
e das goelas lhes arranca
o alento, a vida, o calor.
O az de Thû lhe tem pavor.
Nem seta, encanto nem feitiço,
peçonha, presa, nada disso
lhe causa mal, pois sua sina
tecida está. Não se alucina
c'o fardo que é bem sabido:
só do mais forte ser vencido,
mais forte lobo, criatura
que já nasceu em cova dura.

Em Nargothrond, escutai bem,
além do Sirion, além,
soa trombeta, gritos roucos,
os cães no bosque correm loucos.
A mata agita-se. É caçada.
Mas quem vem lá? A tropa armada
de Celegorm e Curufin
que com seus cães partiu assim
que a madrugada o céu alcança;
cada um tomou seu arco e lança.
Lobos de Thû andam sondando
por toda parte, olhos brilhando
na noite além do rio corrente
do Narog. Terá Thû em mente

conselhos, planos e enredos
d'Elfos senhores, seus segredos
dos Gnomos em seu reino inteiro,
sob olmo e faia mensageiro?

Diz Curufin: "Irmão, amigo,
mal me parece. Que perigo
nos acomete? O quanto antes
cumpre deter estes errantes!
E mais, terei grande prazer
em muitos lobos abater."
Depois em baixa voz murmura
que é Orodreth tolo sem cura;
o rei partiu muito já faz,
boato ou nova ninguém traz.
"Pra ti seria bom conforto
saber se livre está, ou morto;
junta assim tua gente armada,
dize 'Já parto em caçada';
crerão que em prol do reino vais.
Na mata buscarás sinais;
se ele voltar por sorte cega
e a cruzar tua trilha chega,
e se, insano, traz o rei
a Silmaril — não mais direi;
mas dentre as claras joias belas
é tua (e nossa) uma delas;
também o trono é ganhadia.
O sangue nosso é primazia."

Calado, Celegorm escuta,
imensa hoste leva à luta;

Huan se agita c'o fragor,
cão capitão do seu senhor.
Três dias corre hoste, matilha,
lobos de Thû matam na trilha,
cortam cabeças, pelo ostentam
dos lobos gris, os afugentam;
quase a Doriath seu avanço
os leva; lá têm seu descanso.

Soa trombeta, gritos roucos,
os cães na mata correm loucos.
A mata agita-se, é caçada,
escapa alguém, ave assustada,
pé que dançava foge já,
não sabe ela quem vem lá.
Longe do lar, branca, perdida,
a aparição corre transida;
o coração lhe impele o passo,
olho abatido, membro lasso.
Huan espia, vê um vulto
numa clareira meio oculto,
névoa noturna à luz da aurora
que temerosa vai-se embora.
Com salto forte, grão latido,
persegue o espectro retraído.
Qual mariposa assustada
que a ave caça em disparada,
ela adeja, esvoaça,
detém-se, pelo ar já passa —
em vão. Por fim, já sem alento,
busca um tronco. Ele atento.
Não há palavra de feitiço,

mistério élfico, nem isso,
que ela conheça, afinal,
pra cativar esse rival
de imortal raça e casta
que encanto não detém e afasta.
Nunca houve outro, Huan só,
que ela não fascinou sem dó
e com magia. Sua graça
e voz gentil sob ameaça,
olhos d'estrela, rara sorte,
domam a quem não teme a morte.

Ergue-a fácil, forte cão,
trêmulo fardo. Antes não
viu Celegorm tal presa atada.
"Huan, quem trazes apresada?
Donzela élfica ou fada?
Disso não é nossa caçada."

"De Doriath sou Lúthien",
diz a donzela. "A trilha vem
longe dos Elfos, via escura
percorro eu, já sem bravura
e pouca fé." Dizendo tanto
deixa cair sombroso manto,
posta-se lá de branco e prata.
Cada sua joia luz refrata,
orvalho ao sol que ruma só sul;
lírios de ouro em manto azul
brilham, rebrilham. Mas quem fita
sem pasmo a face tão bonita?
Queda-se Curufin e encara.

O odor da trança com flor rara,
esbelto membro, élfica face
tomam-lhe a mente. Até que passe
é longo o tempo. “Mas que luta,
bela senhora, que labuta
te move ao rumo solitário?
Que novas tens, qual o cenário
em Doriath de guerra e morte?
Pois te guiou tão bem a sorte”,
Celegorm diz, “sou teu amigo”
e à linda Elfa dá abrigo.

Parece a ele: a sina dela
conhece em parte, e não revela
no rosto nenhuma artimanha.
“Mas quem sois vós, caça tamanha,
correndo a mata perigosa?”
Resposta dão, parece honrosa.
“Teus serviçais, doce senhora,
amos de Nargothrond agora,
que rogam venhas, isto posto,
lá pras colinas, sem desgosto,
repouso e esperança achar.
Teu conto vamos escutar.”

De Beren Lúthien relata,
do norte, a sina que o ata
a Doriath, Thingol irado,
de como deu atroz mandado
a Beren. Nada dizem, fato,
os dois irmãos que seu relato
afete-os. De como fugiu,

do manto incrível que urdiu,
logo relata, mas hesita,
do sol no vale fala aflita,
em Doriath astro e luar
antes de Beren a deixar.
“Senhores, pressa peço agora!
De repousar já não é hora.
Já tempos faz que a rainha,
Melian que visão clara tinha,
me revelou tão temerosa
de Beren servidão gravosa.
Senhor dos Lobos tem masmorra
onde o prendem té que morra,
Beren encantos e cadeia
ora suporta — sorte feia,
se não a morte ou sofrimento”:
a dor lhe tolhe todo o alento.

A Celegorm diz Curufin
em baixa voz: “Notícia assim
temos de Felagund, e de onde
de Thû o feio bando ronde”,
também lhe dá opinião posta
do que o irmão dê em resposta.
“Senhora” — Celegorm — “avante
vamos caçar besta errante;
hoste de intrépida grandeza
não ousa opor-se à fortaleza
nem retomar do mago a ilha.
Ousar seria maravilha.
Aqui cessar vamos a caça,
tomar a estrada, a que passa

ao lar, pra decidir ajuda
a Beren em angústia ruda.”

A Nargothrond levam então
Lúthien, pesado coração,
que teme atraso, cada instante,
mas crê que toda a tropa andante
não vai co’a pressa que devia.
Huan à frente, noite e dia,
olha pra trás desconfiando
do que seu mestre anda biscando,
por que sem pressa o cortejo,
qual é de Curufin desejo
por Lúthien, nisso medita,
sente chegar sombra maldita,
pros Elfos uma antiga praga,
pois sofre com a sorte aziaga
do ousado Beren, Lúthien,
valido Felagund também.

Em Nargothrond o fogo arde,
canto e banquete até tarde.
Lúthien a sós não come nada.
Está barrada e vigiada,
fugir não pode. O mago manto
oculto está, nem rogo entanto
atendem, nem resposta dão
às suas perguntas. Ora então,
já se esqueceram dos coitados
n’angústia e cárcere encerrados,
sofrendo na prisão imiga.
Tarde demais viu a intriga.

Em Nargothrond não é surpresa
que dos irmãos ela está presa
que Beren querem ignorar,
de Thû rejeitam libertar
o rei — desprezam-no. A missão
ódio antigo ao coração
trouxe. Orodreth vê depois
a intenção hostil dos dois:
deixar rei Felagund à morte,
com Thingol ter aliança forte
de Fëanor o sangue em paz
ou força. Mas não é capaz
de os deter, pois sua gente
é aos irmãos subserviente,
às suas falas obedecem
e as de Orodreth esquecem;
nem se envergonham, rebatendo
de Felagund o transe horrendo.

Aos pés de Lúthien de dia,
de noite o leito lhe vigia
Huan, de Nargothrond o cão;
ela lhe fala ao coração:
“Ó Huan, Huan, mais ligeiro
que anda em mortal solo inteiro,
que mal domina teus senhores
que não me atendem os clamores?
Foi Barahir dos homens todos
que amor aos cães deu, e denodos;
e Beren, no norte maldito
vagando bravo e proscrito,
tomou amigo que lhe apraza

de pelo, pele, pena e asa,
do espírito que inda medra
em monte antigo e nua pedra.
Nem Elfo ou Homem, tal família,
só Lúthien, de Melian filha
recorda aquele que lutou
com Morgoth, nunca se curvou.”

Lá Huan cala; e Curufin
não mais se aproxima, enfim,
de Lúthien desprevenida;
teme de Huan a mordida.
É no outono, noite escura,
à luz da lua, débil, pura,
veem-se astros hesitantes
por entre nuvens perpassantes
quando a trompa hibernal
já soa em mata boreal,
Huan se foi! Lúthien jaz
até a matina, quando faz
silêncio morto, temor certo
aflige quem inda é desperto,
vem rente ao muro estranho vulto
que deposita, meio oculto,
o mago manto ao pé do leito.
Trêmula vê, e vê direito,
o cão, e ouve fala grave
qual sino de uma torre ou nave.

Declara Huan, que jamais
falou, e duas vezes mais
falou depois em termos planos:

“Senhora amada, que os Humanos,
os Elfos, toda a fauna rasa
de pelo, pele, pena e asa
devem servir e amar — em frente!
Veste teu manto! Ao sol nascente
de Nargothrond fujamos, sorte,
só tu e eu, rumo ao norte.”
Ainda deu opinião reta
pra alcançarem sua meta.
Lúthien ouve com assombro,
apoia em Huan o seu ombro.
Depois abraça-o desta sorte —
em amizade até a morte.[H]

NOTAS

2246 *Tavros* não foi emendado aqui, e nem nos versos 2263–264 (ver p. 233, nota aos versos 891, 904).
2248 *entre os Deuses* B] *entre os Valar* A
2283 *Beleriand*] *Broseliand* A, e em B conforme datilografado.
2385 Após esse verso está escrita a data “2 de abril”. A data anterior era 31 de março de 1928 no verso 2114.
2423 Após esse verso está escrita a data “3 de abril”. A data anterior era 2 de abril de 1928 no verso 2385.
2442–443 Cf. versos 1246–247
2484–485 A referência à ocultação do manto de Lúthien não consta em A.
2522–526 Compare com os versos 349–53. O verso 2523 se repete em 2555.
2551 *duas vezes mais*, emenda em B; *e nenhuma vez mais* A, *e só uma vez mais* B conforme datilografado.
2552 *elven* [no verso em inglês]: *elfin* B, mas como *elfin* foi alterado em quase todas as ocorrências, assim o fiz aqui também.

Comentário ao Canto VIII

O desenvolvimento da narrativa deste Canto a partir do *Conto de Tinúviel* até *O Silmarillion* pode ser acompanhado passo a passo. É

possível ver o primeiro estágio nas brevíssimas palavras do "Esboço" que seguem a passagem incluída nas pp. 260–61.

> Lúthien é aprisionada por Thingol, mas escapa e vai em busca de Beren. Com a ajuda de Huan, senhor dos cães, ela resgata Beren [de "Thû, o caçador"] e obtém acesso a Angband […]

Isso é resumido demais para revelar quais ideias estão subjacentes, mas, no mínimo, fica claro que Huan ainda era independente de qualquer senhor. No mapa mais antigo, atribui-se um território a Huan (ao sul e ao leste de Ivrin) e isso claramente faz parte da antiga concepção.

A Sinopse I, escrita um pouco depois do "Esboço" (ver pp. 260–61), continua a partir do ponto alcançado na p. 260:

> Tinúviel foge em suas vestes mágicas, encontra Celegorm, que saiu para caçar, e é perseguida por ele e capturada por seu cão Huan, e é ferida. [*Excluído*: Como reparação, ele oferece ajuda] Ele oferece reparação — mas não pode ajudar; cedeu seus Gnomos a Beren e todos pereceram, e o mesmo deve acontecer a Beren. Huan vai com ela.

Um pouco adiante no esboço, conta-se:

> Estava escrito no fado de Huan que ele só poderia ser morto por um lobo.

Neste estágio, em que Celegorm era o governante de Nargothrond a quem Beren procurou em sua aflição, Celegorm "cedeu seus Gnomos" a Beren;[j] Lúthien, fugindo de Doriath, foi perseguida por Celegorm que estava caçando, e ferida por Huan, que aparece agora pela primeira vez como cão de Celegorm. Não há aqui sugestão de um comportamento maligno contra ela (e Curufin não é mencionado); Celegorm é incapaz de lhe dar auxílio além do que já deu a Beren, mas Huan parte com ela em sua demanda: teria sido essa a "reparação" oferecida pelo ferimento causado? Não se diz. Fica claro que a posição do governante de Nargothrond como filho

de Fëanor, atado ao Juramento, teria se desdobrado de modo bem diferente caso essa versão da história tivesse se mantido, visto que ele também estava obrigado por juramento a auxiliar a parentela de Barahir (ver adiante, p. 292).

Na Sinopse II, incluída nas pp. 275–76 até o ponto que corresponde ao fim do Canto VII, o enredo chega quase ao desenvolvimento que recebeu no presente Canto da Balada; mas isso se deu em estágios, e o texto original do esboço foi tão alterado e expandido por mudanças posteriores que seria extremamente difícil de acompanhar se fosse exposto da maneira que tem sido até agora. Portanto, forneço-o em duas versões. Da maneira que foi inicialmente escrito, o esboço dizia:

> Curufin e Celegorm saem para caçar com todos os seus cães. Huan, o insone, é o chefe. Ele é imune a sono mágico ou morte — é seu fado ser morto apenas pelo "maior dos lobos". Eles espionam Lúthien, que foge, mas é apresada por Huan, a quem ela não consegue encantar. O cão a leva até Celegorm, que descobre sua intenção. Ao saber quem ela é, e apaixonando-se por ela, tira dela seu manto mágico e a faz cativa.
>
> Por fim, ele cede às lágrimas dela e a liberta, e lhe devolve o manto, mas não a ajuda por causa do seu juramento. E também não deseja resgatar Felagund, visto que agora é todo-poderoso em Nargothrond. Ela foge de Celegorm. Mas Huan se lhe tornou leal, e foge com ela.

Nesse estágio, a caçada em si evidentemente não tinha importância: era o artifício pelo qual Huan (que já na Sinopse I era o cão de Celegorm com um destino peculiar) passaria a acompanhar Lúthien, um elemento essencial que remonta ao *Conto de Tinúviel*. Não há menção a qualquer ferimento que Huan tenha causado, como há na Sinopse I (e, portanto, não existe a questão da "reparação"); e aqui Celegorm se apaixona por ela e, por isso, a mantém cativa. Mas só por um tempo: ele cede às súplicas dela e lhe devolve o manto, embora seu juramento o impeça de ajudá-la; e surge o maléfico

motivo de que ele desejava deixar Felagund morrer para que pudesse manter o poder em Nargothrond. Lúthien deixa Celegorm; Huan vai com ela, assim como na Sinopse I, mas o motivo agora é explicitamente o amor que o cão lhe tem.

Após as alterações, o esboço ficou assim:

> O disfarce de Felagund desperta a suspeita de Thû, que manda seus lobos espreitarem longe. Celegorm encontra um pretexto para uma caça aos lobos.
>
> Curufin e Celegorm saem para caçar lobos ardilosamente (na verdade, é para interceptar Felagund)[k] com todos os cães. Huan, o insone, é o chefe. (Huan veio com ele [isto é, Celegorm] dos salões de Tavros). Ele é imune a sono mágico ou morte — é seu fado ser morto apenas pelo "maior dos lobos". Eles espionam Lúthien, que foge, mas é apresada por Huan, a quem ela não consegue encantar. O cão a leva até Celegorm, que descobre sua intenção. Ao saber quem ela é, e apaixonando-se por ela, Curufin tira dela seu manto mágico e a faz cativa. Ainda que ela lhe diga as palavras de Melian, e que Felagund e Beren estão sob o poder de Thû, ele não arrisca resgatar nem mesmo Felagund. (*Nota marginal*: Foi Curufin que instilou o mal no coração de Celegorm).
>
> Apesar das lágrimas dela para que fosse libertada e seu manto, devolvido, ele não a ajuda devido ao seu juramento e amor. E também não deseja resgatar Felagund, visto que agora é todo-poderoso em Nargothrond. Ela foge de Celegorm. Mas Huan se lhe tornou leal, e a ajuda a escapar *sem seu manto*.

A caçada de Celegorm e Curufin agora recebe uma carga sinistra, relacionando-se aos lobos de Thû que estão espreitando longe. A linhagem valinóreana de Huan aparece e Curufin se torna o gênio maligno dos irmãos, e também aquele que ama Lúthien. Lúthien é agora feita prisioneira em Nargothrond até escapar com auxílio de Huan, mas não consegue seu manto de volta.

Não fica claro a qual dos irmãos se faz referência na porção final do esboço corrigido: conforme originalmente escrito, a referência era

sempre Celegorm, mas com a alteração da frase “Ao saber quem ela é, e apaixonando-se por ela, tira dela seu manto mágico” para “Ao saber quem ela é, e apaixonando-se por ela, Curufin tira dela seu manto mágico”, o sujeito de tudo o que se segue passa a ser Curufin. É difícil dizer se essa era realmente a intenção de meu pai.

Quando ele passou a escrever o Canto VIII, baseado nesse esboço corrigido, outras mudanças foram inseridas — notavelmente Huan devolvendo o manto a Lúthien antes de deixarem Nargothrond; e o elemento acrescentado ao esboço, “Foi Curufin que instilou o mal no coração de Celegorm”, se expande. Agora, é Curufin quem sugere a caça aos lobos, com seu propósito escuso, e os versos 2452–453 mostram que, dos dois, ele é o maquinador mais sutil e sagaz que incita o irmão às escondidas. Fica claro pelo verso 2324 e seguintes que Celegorm tem alguma autoridade — ou Curufin sente que tem alguma autoridade — que falta ao irmão.

Curufin expressa seu desprezo por Orodreth (“tolo sem cura”, 2321), e esse é o primeiro indício do enfraquecimento do caráter de Orodreth a que fiz alusão anteriormente (p. 112). É claro que, de todo modo, o surgimento de Felagund o empurrou para o papel subordinado de irmão mais novo do fundador de Nargothrond, e o concomitante desenrolar da história, segundo o qual Celegorm e Curufin permaneceram em Nargothrond como intrusos poderosos, enfraqueceu ainda mais sua posição. Talvez a posição imposta a ele pelo vaivém da lenda tenha levado à conclusão de que ele não poderia ser feito de matéria muito inflexível.

Essas sutilezas na relação entre Celegorm e Curufin são omitidas na versão em prosa (*O Silmarillion*, pp. 237–38) e não há sugestão de que Curufin fosse o mais sinistro dos dois e o cabeça das armações. Celegorm recupera seu papel anterior como aquele que se enamorou de Lúthien. Na Balada aparece o motivo, não mencionado na Sinopse II, da intenção de Celegorm e Curufin de “com Thingol ter aliança forte” pelo casamento forçado com Lúthien (versos 2498–503); e isso reaparece em *O Silmarillion*, em que Thingol seria obrigado a ceder a mão de Lúthien a Celegorm.

O processo pelo qual as lendas de Beren e Lúthien e de Nargothrond se entrelaçaram (até este ponto na história) está quase completo agora, e este é um momento conveniente para recapitular as principais mudanças na evolução.

Nos *Contos Perdidos*, Orodreth era senhor dos Rodothlim, um povo dos Gnomos, nas cavernas que se tornariam Nargothrond, mas Beren não tinha ligação alguma com os Rodothlim (e Huan não tinha senhor). Então, Celegorm surgiu como o príncipe gnômico resgatado pelo pai de Beren (Egnor > Barahir) na batalha que, depois, se tornou a Batalha da Chama Repentina, a quem fez um juramento de inquebrantável amizade e auxílio; e Celegorm e Curufin tornaram-se os fundadores de Nargothrond após a batalha (p. 103). Foi a Celegorm que Beren, portanto, partiu em busca de ajuda; e Celegorm desempenha o posterior papel de Felagund na Sinopse I, pois lhe cede guias gnômicos. Lúthien, fugindo de Doriath, é pega por Huan, agora o cão de Celegorm, e ferida, mas isso não tem nenhuma consequência além da partida de Lúthien na companhia de Huan (Sinopse I).

A principal mudança se deu com o surgimento de Felagund e com o fato de ele tomar de Celegorm o papel tanto de fundador de Nargothrond como daquele que foi salvo por Barahir. Orodreth se torna seu irmão mais novo, o único outro filho de Finrod a sobreviver à batalha na qual o Cerco de Angband acabou. Mas a associação de Celegorm com Nargothrond não foi abandonada, e sua poderosa presença ali, juntamente com o irmão Curufin — novamente como resultado daquela batalha — introduz o motivo do conflito entre os Fëanorianos e o Rei, cada parte atada por seus próprios juramentos. Esse conflito estava presente no enredo antigo, mas lá era um apenas um conflito mental interno de Celegorm, visto que fizera dois juramentos; não há, contudo, real evidência sobre o tratamento que meu pai teria dado a isso, a menos que suponhamos, pelo fato de ele ceder guias gnômicos a Beren na Sinopse I, que ele deu prioridade ao juramento feito a Barahir.

Quando Lúthien é capturada por Huan e levada a Nargothrond, é enredada nas ambições de Celegorm e Curufin e, de fato, a captura

dela acontece por causa das intenções malignas deles quanto a Felagund e a determinação de impedir seu retorno.

Sobre Huan, está dito na Balada que ele foi o único cão de Valinor a passar para o leste sobre o mar (2270). A sina de que morreria somente quando "encontrasse o lobo mais poderoso a jamais caminhar pelo mundo" (*O Silmarillion*, p. 237) aparece (já aludida na Sinopse II, pp. 289–90), mas não se diz, como acontece em *O Silmarillion*, que isso era porque, sendo o cão de Celegorm, estava sob a Condenação dos Noldor. No texto A da Balada (nota ao verso 2551), ele só falou uma vez na vida e, no texto B, duas vezes; mas isso foi alterado para três vezes, como permaneceu em *O Silmarillion*.

A afirmação nos versos 2248–250 de que Oromë era

> só entre os Deuses a amar o mundo
> ao desfraldarem-se no fundo
> a Lua, o Sol

parece se esquecer de Yavanna: ver o conto *O Acorrentamento de Melko* (I. 125–26) e *O Silmarillion*, p. 70.

A *trombeta* [*que soa*]*, gritos roucos, / os cães no bosque* [*correndo*] *loucos* (versos 2298–299, repetidos com alguma variação nos versos 2348–349) derivam do Lai de Sir Orfeu em inglês médio:

> With dim cri & bloweing
> & houndes also wiþ him berking.[1]

IX

N'Ilha do Mago esquecidos,
em grã tortura envolvidos,

em gruta fria, desalumiada,
olhos vazios, fitando o nada,
dois companheiros sós nos fossos.
Mortos os outros, os seus ossos
revelam, a jazer rompidos,
que dez ao rei seu foram fidos.

A Felagund já Beren diz:
"Se eu morrer, que pouco fiz,
é pouca perda; conto tudo,
assim do cárcere agudo
talvez te livre. Sê liberto
da velha jura, pois é certo
que mais sofreste que mereces."

"Ah! Beren, Beren, tu esqueces
que débil sopro é a promessa
de Morgoth e dos seus. Cá dessa
prisão de dor ninguém mais some,
aprenda ou não o nosso nome
por Thû. Eu creio, ao contrário,
maior tormento é necessário
se ele souber que Beren já
e Felagund tem presos cá,
pior ainda é se sabe
que colossal missão nos cabe."

Funesto riso então lhes vem
no poço. "É certo, dizeis bem"
diz uma voz, atroz e rouca.
"Se ele morre a perda é pouca,
mortal proscrito. Mas ao rei,

imortal Elfo, infligirei
mais do que homem sofrer possa.
Se a dor, que na muralha nossa
está, tua gente conhecer,
real resgate hão de ceder
de ouro e gemas ao cativo;
quem sabe Celegorm altivo
despreze o teu mau agouro,
guarde pra si coroa e ouro.
Quanto à missão que a vós cabe,
em pouco tempo já se sabe.
O lobo, Beren, já tem fome;
em breve a morte te consome."

O tempo passa. Discrimina
brilho de olhos. Vê sua sina,
embora pronto pro duelo,
Beren ligado a cada elo.
Eis! súbito um som frangente,
partem-se os elos da corrente.
Lá salta, pronto pra peleja,
sobre o lobo que rasteja,
fiel nas sombras, Felagund,
da fera sem temor nenhum.
Na treva batem-se no chão,
uivos, rosnados, vêm e vão,
dente a morder, mão na goela,
dedos no pelo que escabela;
Beren, inerte, não socorre,
e o lobisomem arfa e morre.
Então vem uma voz: "Adeus!
Não me verás c'os olhos teus,

amigo, companheiro, irmão.
O frio me parte o coração.
O meu poder gastei rompendo
amarras, tenho o peito ardendo
da vil peçonha dessa fera.
Agora vou à longa espera
sob Timbrenting, eterna sala,
lá bebem Deuses, luz resvala
no mar brilhante.” O rei expira,
inda o diz élfica lira.

Lá Beren jaz. Lágrimas faltam,
medo e pavor não o assaltam,
aguarda passos, voz, o fado.
Silêncios como do passado
em tumba de findos monarcas,
areias grossas nas suas arcas
fundo sepultas, mui intensos
envolvem-no, lentos e densos.
Logo o silêncio se espedaça
em prata. Muito débil passa
nos muros voz, canção que arranca
do morro vil tramela e tranca,
e traz à treva luz infinda.
À sua volta a noite é linda,
de astros mil, e no ar claro
sussurros e perfume raro;
os rouxinóis pousam na rama,
a flauta, a viola clama
sob o luar, lá dança ela,
dos que viveram a mais bela,
em solitário topo, rocha,

com veste trêmula qual tocha.

Ele em sonho canto entoa
forte, feroz nos ares soa,
canto de lutas lá no norte,
marcha longínqua, feito forte,
audaz rompendo em batalhas
poderes, torres e muralhas;
e sobre tudo o fogo prata
que Urze Ardente se relata,
os Sete Astros que pôs Varda
no norte, pra que sempre arda
luz no escuro, fé na dor,
de Morgoth vasto contendor.

"Huan, Huan! Ouço um canto
de baixo, longe, forte entanto,
canção que Beren canta aqui.
Ouço sua voz. Muito a ouvi
em sonho e trilha." Lúthien
sussurra. Na ponte também,
em manto envolta, noite escura,
senta e canta; até a altura
e fundo da Ilha do Mago,
parede, rocha, grande estrago,
tremor. O lobisomem chora,
Huan oculto rosna agora,
escuta atento lá na treva
o som que à batalha leva.

Thû ouve a voz, detém-se entanto,
envolto em touca e negro manto

na alta torre. Com sorriso
sabe que é élfico aviso.
“Ah! Lúthien! Assim passeia
a tola mosca em minha teia!
Morgoth! um prêmio grande e rico
me deves se ao tesouro aplico
tal joia.” Desce à profunda
e manda sua cria imunda.

Lúthien canta. Algo se arrasta
com língua rubra e nefasta
na ponte; o canto é retornado,
trêmulo membro, olho embotado.
O vulto salta pro seu lado
e logo tomba sufocado.
E chegam mais, vêm um a um,
perecem, não resta nenhum
que conte ao mestre dessa feita
da sombra que feroz espreita
no fim da ponte, e que embaixo
correm as águas do riacho
nos corpos gris que matou Huan.
Maiores sombras já flutuam
na ponte estreita e a consomem;
grande e odioso é o lobisomem:
pálido Draugluin, gris senhor
de lobos, bestas de pavor;
Homens e Elfos a contento
de Thû devora sob o assento.

Já não é silente sua luta.
Ressoa a noite em grita bruta

até que ao trono onde comia
o lobisomem foge e chia.
“Huan chegou” ofega e morre.
Irado, altivo, Thû acorre.
“Ante o maior sucumbirá,
ante o maior lobo que há”,
pensa assim, crendo saber
a sina antiga preencher.
Já surge devagar no escuro
vulto peludo, ódio puro,
olho fatal, peçonha em riste,
lupino e ávido; lá existe
luz mais cruel, mais desatino
que já animou olho lupino.
Enorme pé, boca faminta,
presa mais afiada e tinta
de dor, peçonha, ódio e morte.
Do seu alento o vapor forte
lhe vem diante. Desfalece
a voz de Lúthien, escurece
seu olho pleno de pavor,
de frio, veneno e temor.

É Thû quem chega, campeão
dos lobos de Angband do portão
ao sul ardente, que assolou
terra mortal e assassinou.
Súbito ataca, Huan salta
pra sombra. Logo Thû assalta
Lúthien que jaz desfalecida.
Ela percebe, torna à vida,
o alento vil nela resvala;

tonta, sussurra uma fala,
o véu no seu focinho roça.
O monstro hesita, não a acossa.
Huan ataca. Thû revida.
Sob as estrelas é ouvida
grita de lobo encurralado,
latir do cão mais arrojado.
Saltam e correm, cá e lá,
fingem fugir, dão volta já,
e se engalfinham, presa à mostra.
Huan por fim agarra e prostra
o contendor; rompe a goela,
afoga Thû. Mas não, cautela!
Forma a forma, lobo a dragão,
do monstro à própria sua feição,
transmuta Thû, mas o aperto
não pode desfazer decerto.
Nem seta, encanto nem feitiço
peçonha, presa, nada disso
faz mal ao que cervo e varrão
em Valinor caçou, ao cão.

O espírito feito de mal
por Morgoth solta-se afinal
a deixa enfim a mortal casca,
e Lúthien contempla a vasca.

"Atro demônio, imundícia,
feito de nojo e malícia,
morres aqui, tua alma erra,
trêmula torna ao mestre, à terra
onde há de arcar com seu desdém;

no imo infamará também
da terra uivante, e numa grota
pra sempre tua alma rota
há de gemer, será assim
se as chaves não deres a mim
do teu castelo, e o encanto
que as pedras une, e no entanto
também palavras de abertura.”

Arfando então, e com tremura,
revela-lhe, forçoso é;
vencido, trai do mestre a fé.

Eis! um lampejo junto à ponte
como astro que no céu desponte
pra arder, estremecer aquém.
Abre os braços Lúthien,
exclama em tão clara voz
como ouvem os mortais após
élficas trompas no outeiro
quando está quieto o mundo inteiro.
Nasce o sol no monte ardente;
seu topo gris vigia silente.
Oscila o morro; a cidadela
desfaz-se, e as torres dela;
a rocha fende, a ponte rompe,
e Sirion em fumaça irrompe.
Espectros voam, são corujas,
morcegos batem asas sujas,
guincham no ar escuro e frio
em busca de novo covil
na Noturna Sombra Mortal.

O az foge, choroso e feral,
sombras obscuras. Já rastejam
pálidos vultos, mal os vejam,
fecham o olho, a luz o ofusca:
medo, surpresa e sua busca
após a dor, não mais atados,
do desespero libertados.

Atroz vampiro, vasto e aflito,
salta do chão ao céu num grito,
de sangue escuro deixa rasto.
Huan de lobo vê nefasto
inerte corpo — em abandono
em Taur-na-Fuin novo trono
Thû vai fazer, novo castelo.
Vêm os cativos já sem elo,
dando louvor e gratidão.
Mas Lúthien os fita então.
Beren não vem. Lúthien: “Eu sinto,
ó Huan, estará extinto
e entre os mortos o buscamos,
por cujo amor nós cá lutamos?”
De pedra em pedra ambos vão
atravessando o Sirion.
Imóvel acham-no, em pranto
junto a Felagund, no entanto
não ergue os olhos nem a fita.
“Ah! Beren, Beren!” ela grita,
“eu te encontrei já sem consolo.
Ai! eis que jaz aqui no solo
da nobre raça o mais nobre,
em vão o teu amplexo o cobre!

Ai! novo encontro é lamento,
nós cujo encontro era bento!”

Tanto amor tinha a voz querente
que ele ergue os olhos, depois sente
calar o pranto, ali aos pés
da que o acha no revés.

“Ó Lúthien, fiel donzela,
que és dos viventes a mais bela,
dos Elfos a filha mais linda,
que amor tu tens, que prenda infinda,
de vires ao covil do horror!
Ó fronte alva, laço em flor,
trança de sombra que seduz,
delgadas mãos à nova luz!”

Ela lhe cai nos braços quando
no leste o dia vem raiando.[I]

NOTAS

2637 *elfin* B [no texto em inglês], não foi emendado aqui, mas é claro que a intenção era mudar *elfin* para *elvish* (*elven*) em todos os casos.
2666–667 Compare com os versos 377–79 e nota. Na presente passagem, o texto em A é igual ao de B.
2699 Verso marcado com um X no texto B.
2712–713 Estes versos (referindo-se a Draugluin) não constam em A.
2722–723 Compare com os versos 2293–294.
2755 Verso marcado com um X no texto B.
2766–767 Cf. versos 2288–289.
2769 Após este verso está escrita a data “4 de abril”. A data anterior era 3 de abril de 1928, no verso 2423.
2842 Cf. verso 741.
2854–855 Compare com o remate do Canto III, versos 756–57.

Comentário ao Canto IX

A Sinopse I prossegue do ponto alcançado na p. 288:

> Huan vai com ela. Ela vai ao castelo do Senhor dos Lobos e canta para ele. Os cativos nas masmorras a escutam.
>
> Está escrito no fado de Huan que ele só poderia ser morto por um lobo.
>
> Ela fala (como combinado) da doença de Huan e, assim, induz o Senhor dos Lobos a tornar-se lobisomem e buscá-lo. A batalha-lupina da clareira. As "palavras de abertura" extraídas do Senhor dos Lobos e o castelo desfeito. Resgate a Beren.

A Sinopse II, neste ponto, foi menos afetada pelas alterações posteriores e pode ser incluída em um texto único (retomando a partir do trecho na p. 290).

> Mas Huan se lhe tornou leal, e a ajuda a escapar *sem seu manto*. [*Entre parênteses*: Ele fareja Beren e Felagund até a Casa de Thû].
>
> Por fim, só restam Felagund e Beren. Chega a vez de Beren ser devorado. Mas Felagund rompe seus grilhões e contende com o lobisomem, matando-o, mas é morto. Beren é retido para ser torturado.
>
> Lúthien canta do lado de fora da casa [*acréscimo*: na ponte de aflição] de Thû, e Beren escuta sua voz, e sua canção-resposta vem do subterrâneo até os ouvidos de Huan.
>
> Thû a recepciona. Ela lhe conta uma história deturpada — conforme o desejo de Huan e porque, sem seu manto, não pode encantá-lo. Ela fala do cativeiro imposto por Celegorm e sua captura por Huan, de quem finge ter ódio. De todas as coisas no mundo, Huan é quem Thû mais odeia. Seu destino, ser morto somente pelo "maior dos lobos", é conhecido. Lúthien diz que Huan jaz doente nas matas. Thû se disfarça como um magno lobisomem e é conduzido por ela até onde Huan está de tocaia. [*Acréscimo*: Mas ele tenciona fazer dela uma serviçal.]

> Segue-se a batalha do lobisomem. Huan mata os companheiros de Thû e, com os dentes na garganta de Thû, extrai dele, em troca de deixá-lo viver, as "palavras de abertura". A casa de Thû é desfeita, e os cativos, libertados. Beren é encontrado [*excluído*: e levado de volta a Nargothrond.]

Há também que se considerar agora um novo esboço, "Sinopse III", escrito muito rapidamente e não inteiramente legível. Esse esboço começa aqui e eu o incluo até o final da narrativa deste Canto.

> Thû está sufocando sob Huan. Lúthien se ergue. Diz "espectro feito de imundície por Morgoth, hás de morrer e teu espírito há de voltar amedrontado a Angband e deparar-se com o desprezo do teu mestre e definhar no regaço sombrio do mundo, se não entregares as 'chaves faladas' da tua fortaleza."
>
> Ofegando, ele as diz. Lúthien, postada na ponte com os braços abertos, as recita em voz alta. A aurora chega pálida sobre as montanhas. A colina estremece e se fende, as torres caem, a ponte colapsa e bloqueia uma margem do Sirion, as masmorras se rompem. As corujas fogem como espectros à primeira luz, grandes morcegos são vistos voando apressados para Taur-na-Fuin, com guinchos agudos. [*Acréscimo*: liderados por um que é grande como uma águia. O espírito de Thû. Seu corpo tem um . . . . . um lobo.] Os lobos fogem choramingando. Prisioneiros lívidos piscando à claridade rastejam para a luz. [*Excluído*: Beren aparece.] Nem sinal de Beren. Procuram por ele e o encontram sentado ao lado de Felagund.

Esses esboços são de grande interesse, visto que mostram claramente um estágio intermediário na evolução da lenda, entre a história original de Tevildo, Príncipe dos Gatos no *Conto de Tinúviel*, e a história de Thû na *Balada de Leithian*. Ainda está presente a falsa história de Lúthien de que Huan jaz doente nas matas (ver II. 39) e, na Sinopse II, Thû conserva o traço (originalmente felino) de Tevildo de odiar Huan mais do que a

qualquer outra criatura no mundo (II. 33–4). O antigo elemento da entrada de Tinúviel no castelo sozinha para atrair Tevildo para fora, de modo que Huan pudesse atacá-lo, ainda não fora abandonado — mas, na Sinopse II, ela não tem seu manto e, assim, não consegue encantar Thû, ao passo que, no *Conto*, o sono que acometeu o gato-porteiro Umuiyan e, depois, o próprio Tevildo é atribuído à sua "veste de névoa negra" (II. 36–7). Na Balada, assim como no relato de *O Silmarillion* baseado na Balada, o manto de sono de Lúthien voltou à história nessa junção, visto que Huan o recuperou antes de deixarem Nargothrond, e ela o usou contra Thû na batalha na ponte.

Um elemento novo aparece na Sinopse I com o canto de Lúthien diante de Thû, ouvido pelos cativos nas masmorras; no antigo *Conto*, Tinúviel simplesmente falou em altas vozes para que Beren pudesse escutá-la da cozinha onde labutava. Na Sinopse II, esse elemento se desenrola para sua forma final, com Lúthien cantando na ponte que conduz à Ilha do Mago; mas ela ainda entra no castelo sozinha antes da "batalha do lobisomem".

A frase acrescentada à Sinopse II, dizendo que Thû "tenciona fazer dela uma serviçal", remonta ao *Conto* (II. 38) e sobreviveu na Balada e em *O Silmarillion* (p. 239, "e ele pensou em fazê-la cativa e entregá-la ao poder de Morgoth, pois sua recompensa seria grande").

A afirmação em II, "Huan mata os companheiros de Thû", sem dúvida deriva da história no *Conto*, onde Tevildo está acompanhado por dois de seus "capitães" quando sai para encontrar Huan, embora no *Conto* apenas Oikeroi tenha sido morto por Huan; o outro gato (sem nome) fugiu escalando uma árvore, assim como o próprio Tevildo (II. 40–1). Em II, e com mais detalhes em III, Thû está à mercê de Huan no chão. Não há, em I ou II (e III só retoma depois desse ponto), qualquer sugestão de que os lobos saem do castelo e são mortos por Huan um a um, em silêncio, até que, por fim, Draugluin avança; mas, como observei no comentário ao *Conto* (II. 72), "a morte do gato Oikeroi é o gérmen da luta de Huan com Draugluin — a pele do oponente morto de Huan é usada da mesma maneira em ambos os casos". Esse elemento, a sequência de lobos antes da chegada de Thû, surge apenas com o poema. Os versos que falam de Draugluin, o último e maior dos lobos (2712–713), não

constam em A, mas no “encanto de alongamento” de Lúthien, *Draugluin*, o pálido lobisomem, é nomeado em B (1489), onde A tem *Carcharas*.

A mais interessante de todas as características dessa parte da história é as “palavras de abertura” ou “chaves faladas”, que remontam ao *Conto* (II. 41–2). Lá (II. 72), discuti as implicações desse elemento no contexto mais amplo (a fortaleza de Thû tinha sido uma torre élfica de vigia): o consequente “deslocamento” do feitiço que unia as pedras.

Na Sinopse III aparecem outras características da história final: a fuga de Thû como um grande morcego; o encontro com Beren ao lado do corpo de Felagund. Os lívidos cativos que se arrastam piscando na claridade estão, em última análise, relacionados à hoste de gatos — reduzidos a um tamanho diminuto quando o feitiço de Tevildo é rompido — que sai do castelo no *Conto* (II. 41–2, 72).

No Canto IX, a história alcança sua forma final, e a passagem em *O Silmarillion* deriva dele apenas com diferenças menores — a principal é a omissão de qualquer referência à voz de Thû na masmorra, encontrada apenas no poema (versos 2592–609). O antigo elemento da Sinopse II, Lúthien entrando no castelo sozinha, desapareceu, por fim.

Restam alguns tópicos de interesse além do desenvolvimento da história. As palavras de Felagund ao morrer (2633–636):

> Agora vou à longa espera
> sob Timbrenting, eterna sala,
> lá bebem Deuses, luz resvala
> no mar brilhante.

são muito parecidas com as palavras de despedida de Túrin a Beleg, morto (pp. 74–5, 1408–411):

> Boa jornada, Beleg, para inúmeros banquetes
> nos Salões Sem-Tempo sob Tengwethil
> onde bebem os Deuses, sob domos dourados

no além-mar luzente.

Como observei (p. 116), Túrin prevê para Beleg uma vida após a morte em Valinor, nos salões dos Deuses, e não fala, como o faz o próprio Beleg no sonho de Túrin, sobre um tempo de “espera”:

> mas minha vida voou para a vasta espera
> nos salões da Lua, muito além do mar. (p. 82, 1696–697)

São muito notáveis as palavras sobre Thû: “O espírito *feito* de mal / *por* Morgoth” (versos 2770–771).

No trecho (2666–671) que faz referência à constelação da Ursa Maior, há a primeira sugestão de que Varda colocou as Sete Estrelas no céu como sinal de esperança contra Morgoth. Ver *O Silmarillion* (p. 239):

> [Beren] cantou uma canção de desafio que fizera em louvor às Sete Estrelas, a Foice dos Valar que Varda alçara acima do Norte como um sinal da queda de Morgoth.

X

Os Elfos cantam o ocorrido
no seu idioma esquecido:
que vagam Beren, Lúthien
do Sirion nas margens. Vêm
alegres às clareiras, leves
os pés, e doces dias breves.
Mesmo no inverno, na procela,
as flores duram aos pés dela.
Tinúviel! Tinúviel!
cantam nos montes em tropel
as aves. Sem temor também,

junto a Beren, Lúthien.

Ilha e Sirion deixam já;
mas lá no topo inda está
túmulo verde, laje alçada,
inda jaz lá branca ossada
de Felagund, de Finrod raça,
até que o mar a terra abraça
e engole em profundo abisso.
Felagund ri enquanto isso
em Valinor e não mais erra
no mundo gris de choro e guerra.

A Nargothrond não tornou mais;
mas correm lá relatos tais
do rei que é morto, Thû vencido,
do grande castro demolido.
Pois muitos tornam para o lar
que em sombra iam se tornar;
e como sombra volta reto
Huan, o cão, com pouco afeto
nem gratidão do amo bravo;
mas foi fiel em seu agravo.
Em Narog um clamor se abala
que Celegorm a custo cala.
O rei tombou, dizem em pranto;
uma donzela ousou tanto,
mais que de Fëanor os filhos.
“Cumpre abater os empecilhos!”
já grita assim a gente inglória
que Felagund tem na memória.
Orodreth diz: “Agora o rei

sou eu, e não permitirei
essa matança. Não terão
nem seu repouso, nem seu pão
os dois que tal afronta fazem
à casta Finrod.” Já os trazem.
Desdenha, ereto e não covarde,
Celegorm. Em seu olho arde
a ameaça. Curufin
sorri matreiro, astuto enfim.

“Ide pra sempre — enquanto é dia
e brilha o sol. A vossa via
não vos trará ao meu redor,
nem filho algum de Fëanor;
nem há de haver acordo bom
entre vós sete e Nargothrond.”

“Recordaremos” dizem logo
e dão as costas; com afogo
sobem à sela com a gente
que inda os segue, bem silente.
Soam a trompa com ardor
e partem em grande furor.
De Doriath os caminhantes
se aproximam. São cortantes
os ventos, ramos nus, cinzenta
a erva que o inverno enfrenta,
mas cantam sob o céu gelado
que sobre eles é alçado.
A Mindeb, rio estreito, chegam,
às águas que os morros regam,
à borda oeste onde inicia

de Melian a grã magia,
terra de Thingol soberano
que ao forasteiro causa engano.

Diz Beren, coração sombrio:
“Tinúviel, cá neste rio
termina o canto que entoamos,
por diferentes vias vamos!”

“Que dizes? O que te desvia
se ora raia um novo dia?”

“Chegaste livre à fronteira
da terra protegida inteira
por Melian; poderás andar
por entre os bosques de teu lar.”

Meu coração está feliz
ao ver surgir a mata gris
de Doriath inviolada.
Mas foi por mim tão detestada
que o meu pé a abandonou,
meu lar, meu povo. Olhar não vou
sua erva, folha, campo ou vargem
sem ter-te ao lado. Obscura a margem
de Esgalduin, profundo e forte!
Por que sem canto, entregue à sorte,
águas infindas vou fitar
sentada a sós, desesperar,
água a passar sem compaixão,
com dor no peito e solidão?”
“A trilha a Doriath não mais

percorrerei, até teus pais,
mesmo que Thingol deixe ou queira;
pois a teu pai fiz jura inteira
de só voltar, demanda pronta,
com Silmaril, valor sem conta,
o alto preço do meu rogo.
‘Nem aço, rocha e nem fogo
de Morgoth, élfico poder
a minha gema há de reter’:
jurei a Lúthien, donzela
que é dos viventes a mais bela.
A jura há de ser cumprida,
dói o pesar, pesa a partida.”

“Lúthien não torna à velha plaga,
em prantos cá nos bosques vaga,
não teme risco nem sorri.
E se não for ao pé de ti,
hei de seguir passos que dês
té que se encontrem outra vez
Beren e Lúthien, amantes,
na terra ou sombras margeantes.”

“Não, Lúthien, brava querida,
assim mais pesa a partida.
Sou livre pelo teu amor,
mas nunca ao extremo pavor,
mansão de medo horrorosa,
irá tua luz que é tão ditosa.”

“Jamais, jamais! diz ele e treme.
Ela o abraça, rogo estreme,

vem um fragor, tormenta enorme.
São Curufin e Celegorm,
qual vento brusco seus tropéis,
ressoam cascos dos corcéis,
a terra treme. Rumo ao norte
correm insanos, gana forte,
de Doriath achar a estrada
em torvas sombras enredada
de Taur-na-Fuin. Essa trilha
é a mais direta à sua família
em Himling, monte que vigia
no leste Aglon, brecha fria.

Vendo os errantes, com um grito
os acomete o bando aflito
como quem tenta bem assim
aos dois e seu amor pôr fim.
A tropa então desvia atenta,
curvo o cachaço, larga a venta;
dobra-se Curufin, e a bela
recolhe à força e traz à sela,
e ri. Mas salta nele então,
bravo qual fulvo rei-leão
por setas mil enfurecido,
veloz qual cervo perseguido
que salta ágil o barranco,
Beren, bradando num arranco;
abraça-o firme pela nuca,
ágil derruba e machuca,
corcel, ginete ao solo abate;
ali silente é o combate.
Lúthien pasma jaz ao léu

sob ramas secas e o céu;
de Beren sente o Gnomo a mão
que o estrangula, e então
saltam-lhe os olhos e a língua,
arfando sua força míngua.
Vem Celegorm de lança em riste,
Beren já teme morte triste.
Quase se vai no élfico aço
quem Lúthien tirou do baraço,
mas Huan ladra, salta ingente
ante seu amo, branco o dente,
em grande raiva eriça o pelo
qual lobo fero a acometê-lo.
Trépido o corcel desvia;
diz Celegorm em fúria fria:
"Maldito cão abominando,
o amo seu ameaçando!"
Nem cão, ginete nem cavalo
arrojo têm para enfrentá-lo,
enorme Huan irritado,
de rubra fauce. Saem de lado,
fitam de longe a fera irada:
punhal nem cimitarra, espada,
seta de arco, dardo ou peia,
amo nem homem Huan receia.

Pereceria Curufin
se Lúthien não pusesse fim
à luta, pois desperta, abala,
com Beren a seu lado fala:
"Afasta a ira, meu senhor!
Não faças do Orque o horror;

os Elfos têm bastante imigos,
cada vez mais, ódios antigos,
e aqui lutais por velha praga
e o mundo, desventura aziaga,
já desmorona. Faze paz!”

Beren na luta volta atrás;
toma a cota, o animal
de Curufin, e seu punhal
de aço nu, uma arma pura
cuja ferida não tem cura;
pois muito tempo faz que anões
fizeram-no com suas canções
e encantos, com martelos finos
soando em Nogrod como sinos.
Como madeira o ferro talha,
como tecido férrea malha.
Mas outro lá tem o punhal
de amo abatido por mortal.
Beren o ergue, lança avante,
“Vai-te!” exclama, voz soante;
“Vai-te! és renegado e tolo,
o exílio sirva de consolo!
Ergue-te, vai, sem mais intriga
como Orque de Morgoth, laia imiga;
de Fëanor altivo herdeiro,
honra melhor teu ramo inteiro!”
Leva embora Lúthien,
Huan em guarda se mantém.

“Adeus,” diz Celegorm, o nobre.
“Pra longe! Melhor morras pobre,

faminto em meio ao deserto
que teres ódio nosso certo
que alcance aquele que fugiu.
Donzela, joia ou Silmaril
não vai durar no alcance teu!
Maldito em terra, sob o céu,
seja dormindo ou acordado!
Adeus!” Apeia apressado,
ergue o irmão do seu desdouro;
arco de teixo, corda d’ouro
arma, dispara sua seta,
os de mãos dadas são a meta;
flecha de anão, farpa atroz.
Mas não se voltam, vão a sós.
Latindo, Huan salta, apanha
a seta em voo. Com tamanha
presteza voa outra, canta;
mas Beren volta-se, levanta,
defende Lúthien c’o peito.
Funda é a ferida com efeito.
Tomba, e os irmãos partem já
e, rindo, o abandonam lá;
temendo, voam como o vento,
pois Huan os persegue atento.
Ferido ri-se Curufin,
porém mais tarde a seta ruim
no Norte foi lembrança atroz
dos Homens dita em alta voz,
ódio que a Morgoth não foi vão.

Após o dia nenhum cão
de Celegorm seguiu clarim

nem combateu por Curufin,
mesmo co'a casa em ruína
Huan não mais a testa inclina
nem desse amo deita ao pé,
seguindo Lúthien vai com fé.
Junto a Beren ela chora,
tenta estancar de fora a fora
o sangue que lhe flui em jorro.
A veste arranca-lhe em socorro;
tira do ombro a seta ardida;
com lágrimas lava a ferida.
Vem Huan com folha de cura
mui poderosa, erva pura,
que nas clareiras, na barranca
cresce com folha larga e branca.
Huan poder de toda erva
nas trilhas da floresta observa.
Com elas cura o ferimento,
Lúthien murmura num momento
canto das Elfas que estanca,
delas cantado em vida franca
de guerra e armas, tece a teia.

A sombra cai da serra feia.
Ergue-se então no véu do Norte
Foice dos Deuses, e a corte
d'estrelas pela seca tarde
em frio, branco brilho arde.
Porém no chão clarão se abate,
surge centelha escarlate:
sob ramos fogo se embrenha,
crepita a urze, estala a lenha;

lá Beren jaz em abandono,
caminha, vaga em seu sono.
Sobre ele inclina-se em cantiga
donzela; a sede lhe mitiga,
afaga a fronte em cantoria
do que mais forte em runa fria
e uso de cura foi escrito.
A noite cede ao sol constrito.
Matinal névoa se arrasta
na aurora que a noite afasta.

Beren já abre o olho seu,
ergue-se, diz: “Sob outro céu,
terra ignota, admiranda,
trilhei a sós, como quem anda
na funda treva do finado;
mas uma voz tive a meu lado,
sino, viola, harpa, ave,
canção sem fala tão suave
que chama, chama no negrume
e após me trouxe cá pro lume!
Cura da chaga, alívio à dor!
Nasceu o dia com alvor,
novas jornadas nos esperam,
perigos que mais vida geram,
mas não pra mim; e para ti
tardança lá no bosque vi
na Doriath da verde copa,
e minha trilha sempre topa
com ecos d’élfica cantiga
nos morros ruços, via antiga.”

“Não mais só Morgoth por imigo
já temos nós, mas vão contigo
as guerras, feudos d’elfa gente,
e a morte espera certamente
por ti, por mim, Huan audaz,
o fim do que a sina traz,
tudo isso vem veloz, eu digo,
se prosseguires. Ter contigo,
A Thingol entregar por rogo
gema de luz, de Fëanor fogo,
jamais, jamais! Por que seguir?
Vamos do medo e mal fugir,
vagar, andar sob a ramada,
ter todo o mundo por morada,
sobre o morro, junto ao mar,
na brisa e à luz solar?”

Deles o coração se parte;
mas dessa Elfa toda a arte,
braço esguio, olho luzente —
em céu de chuva astro ardente —
lábio macio, voz encantada,
dele não muda a ação optada.
A Doriath jamais iria
senão levá-la sob vigia;
a Nargothrond não quer viajar,
pois teme guerra e pesar;
não quer deixá-la andar na terra
descalça, insone, Elfa que erra
exausta, que ele removeu
co’amor do reino oculto seu.
“De Morgoth o poder desperta;

já morro e vale fica alerta
à caça; a presa se revela:
jovem perdida, Elfa bela.
Orque e fantasma caça, espia
de tronco em tronco; já vigia
em sombra e grota. És tu, criança!
Pensar me tolhe a esperança,
a mente gela. Triste jura,
sina que nos uniu, ventura
que atou teus pés em meu destino,
fugir, vagar em desatino!
É pressa, antes que o dia
acabe, nos impeça a via,
pra sermos vistos do atalaia
da terra sob carvalho e faia,
é Doriath, Doriath tua
onde o mal jamais atua
já que não passa gente ingrata
das folhas da beira da mata."

Ela concorda com seu rogo.
A Doriath eles partem logo,
chegam, repousam lá na beira
em musgo e sombra da clareira;
do vento abriga-os alameda
de faias — casca como seda —
cantam do amor que vai durar
mesmo que a terra imerja em mar,
mesmo que após desvio fatal
cheguem à Praia Ocidental.

Certa manhã dorme ela ainda

no musgo, como se pra linda
flor fosse amargo o dia agora,
sem sol nascendo em má hora.
Beren lhe beija a madeixa,
em pranto parte, lá a deixa.
"Bom Huan," diz, "muito cuidado!
Nem lírio em campo desfolhado,
nem rosa em espinheiro agudo
tão frágil é, mais do que tudo.
Do vento e gelo a guarda, esconde
das mãos que vêm não sei de onde;
não sofra mal na andança vasta,
orgulho e sina já me arrasta."

Parte montado, toma a via
e não se volta; nesse dia
torna-se pedra o coração,
ao Norte parte com paixão.[J]

NOTAS

2877 Ao lado deste verso está escrita a data "5 de abril". A data anterior era 4 de abril de 1928 no verso 2769.
2929 Ao final deste verso está escrita a data "6 de abril".
2950–953 Compare com os versos 649–52, 1220–223.
2998 Ao lado deste verso está a data "27 de abril de 1928".
3031 Antes desse verso está escrita a data "nov. 1929". Essa data pode se referir tanto ao que vem antes quanto ao que vem depois; mas tanto ela quanto o texto que a segue estão escritos com uma pena ligeiramente mais fina do que a usada na porção anterior do poema. A data anterior era 27 de abril de 1928 no verso 2998.
3076–084 Ao lado desses sete versos, conforme escritos inicialmente na margem do manuscrito A, está a data "set. 1930".
3119 Ao lado desse verso, meu pai escreveu na margem do texto B a palavra *athelas*. Em *A Sociedade do Anel* (livro I, capítulo 12), Aragorn disse que ela foi trazida à Terra-média pelos Númenóreanos.

3220 Depois da palavra *beira* está escrita a data “25 de setembro de 1930”.
3242–245 Esses últimos quatro versos do Canto só se encontram em A, mas suspeito que foram omitidos inadvertidamente.

Comentário ao Canto X

O desenvolvimento da história neste Canto pode, outra vez, ser acompanhado passo a passo nos esboços. No *Conto de Tinúviel* (II. 43–4), Beren e Tinúviel apartam-se de Huan após a derrota de Tevildo, e foi o desejo dela de regressar a Artanor, mas sua relutância em se separar de Beren, que os fez tomar a decisão de tentar conquistar uma Silmaril. O pelame de gato de Oikeroi, capitão de Tevildo, foi levado por Huan como troféu, e eles imploraram que lhes cedesse; disfarçado de gato, Beren partiu para Angband. A Sinopse I não diz, nesta parte da narrativa, nada além de “Tinúviel e Beren disfarçado de lobisomem partem para Angband” e, exceto pelo fato de que o pelame era de um lobisomem, e não de um gato, provavelmente não houve desenvolvimento em relação ao *Conto*.

A Sinopse II prossegue assim a partir do trecho na p. 303:

> Lúthien cura Beren na mata. Huan leva notícias a Nargothrond. Os Gnomos expulsam Curufin e Celegorm, lamentando-se por Felagund, e enviam o manto de volta a Lúthien. Lúthien recupera seu manto e, conduzidos por Huan, partem para Angband. Com a liderança dele e a magia dela, evitam a captura. Huan não ousa ir adiante. Beren se disfarça de lobisomem. Eles entram em Angband.

As frases “e enviam o manto de volta para Lúthien. Lúthien recupera seu manto” foram alteradas, no momento da composição, para: “e enviam socorro para Beren e Lúthien. Huan leva o manto de volta para Lúthien.” (Esse esboço foi escrito, é claro, antes de meu pai chegar ao Canto VIII, ao fim do qual Huan devolveu o manto a Lúthien antes de ela escapar de Nargothrond.)

Aqui a Sinopse II termina. Ao pé da página, está escrito de maneira muito descuidada:

Embaixada de Celegorm a Thingol, de modo que Thingol sabe, ou acha que sabe, que Beren está morto e que Lúthien está em Nargothrond.

Por que Celegorm e Curufin são odiados por Thingol . . . . .
A perda de Dairon.

Enquanto a expulsão de Celegorm e Curufin de Nargothrond é aqui mencionada pela primeira vez, fica claro que a história do ataque deles a Beren e Lúthien não existia. Huan traz as notícias da destruição da Torre do Mago, mas parece que ele não parte de Nargothrond com Celegorm, e devolve o manto a Lúthien de modo independente.

A Sinopse III foi incluída na p. 303 até o ponto em que Lúthien e Huan encontram Beren "sentado ao lado de Felagund". Incluo a porção seguinte deste esboço conforme foi inicialmente escrito:

Eles consagram a ilha e enterram Felagund no alto dela, e nenhum lobo ou criatura maligna jamais se aproximará de lá novamente. Beren é conduzido às matas. [*A frase seguinte foi posta entre parênteses com uma indicação marginal de que deveria vir depois*: Morgoth, sabendo do desmantelamento da Torre do Mago, envia um exército de Orques; ao descobrir que os lobos estão mortos com . . . . . gargantas, supõe que seja Huan e dá feitio um lobo enorme — Carcharas — o mais magno de todos os lobos a guardar seu portão.]

Escondem-se em Taur-na-Fuin, tendo o cuidado de não perder de vista a luz nas fímbrias. Lúthien pede que Beren desista. Ele diz que não pode retornar a Doriath. Então, ela diz que viverá nas matas com Beren e Huan. Mas ele deu sua palavra; jurou não temer Morgoth . . . inferno. Então ela diz [que] teme que suas vidas serão perdidas. Mas talvez haja vida depois da morte. Aonde Beren for, ela irá. Isso faz com que ele pare para pensar. Inquirem Huan. Ele fala pela segunda e última vez. "Huan não pode mais seguir convosco — o que vós virdes no portão, ele verá depois — seu fado não leva para Angband. Quiçá, embora seus olhos estejam turvos [?vossos] caminhos saiam de lá

novamente.” Ele vai a Nargothrond. Eles não se dispõem a voltar para Nargothrond com ele.

Lúthien e Beren deixam Taur-na-Fuin e vagam juntos ao léu por um tempo. O anseio de rever Doriath a domina, e Beren pensa na demanda incompleta. Beren se oferece para levá-la até as fronteiras de Doriath, mas não suportam a ideia de se separarem.

Vão até a Ilha do Mago e pegam um “pelo-de-lobo” e uma veste-de-morcego. Assim, tremendo por dentro, eles partem. A jornada até Angband por Dor-na-Fauglith e adentrando as sombrias ravinas das colinas.

Aqui aparece pela primeira vez o enterro de Felagund no topo da ilha, e sua consagração. Esse esboço não faz menção aos eventos em Nargothrond e concentra-se exclusivamente em Beren e Lúthien. Eles estão em Taur-na-Fuin, e Huan está com eles; e temos a primeira versão do aconselhamento que Huan lhes dá, e sua previsão de que aquilo que encontrarão no Portão de Angband, ele mesmo verá depois. Como o ataque de Celegorm e Curufin ainda não fora criado, a história é mais curta do que haveria de se tornar; assim, Huan lhes fala em Taur-na-Fuin logo depois da destruição da Torre do Mago, e então parte para Nargothrond, ao passo que eles, depois de um tempo, vão até a Ilha e tomam o “pelo-de-lobo” (“pelame de lobo” em *O Silmarillion*, p. 244) e a “veste-de-morcego”, que agora aparecem pela primeira vez (embora o “pelo-de-lobo” derive do pelame de gato de Oikeroi no *Conto*). A julgar pelas palavras “Eles não se dispõem a voltar para Nargothrond com ele” e pelo fato de que, da forma que o esboço foi escrito, ele não é mencionado novamente, fica claro que Huan estava agora fora da história (até sua reaparição em um episódio posterior). Conta-se aqui que é a “segunda e última vez” que falou com palavras. Posteriormente, a história foi alterada neste ponto, pois ele falou a Beren uma terceira vez ao morrer (ver nota ao verso 2551).

Alterações foram feitas a lápis nesse trecho da Sinopse III, as quais conduzem a narrativa por um longo caminho até a versão final:

> Eles consagram a ilha e enterram Felagund no alto dela, e nenhum lobo ou criatura maligna jamais se aproximará de lá novamente.
>
> Lúthien e Beren deixam Taur-na-Fuin e vagam juntos ao léu por um tempo. O anseio de rever Doriath a domina, e Beren pensa na demanda incompleta. Beren se oferece para levá-la até as fronteiras de Doriath, mas não suportam a ideia de se separarem.
>
> Notícias são levadas a Nargothrond por prisioneiros e Huan. Celegorm e Curufin com sentimento de revolta, os nargothrondenses querem assassiná-los. Orodreth não permite. Eles e todos os Fëanorianos são eLivross de Nargothrond para sempre. Partem cavalgando. Assalto de Celegorm e Curufin a Beren e Lúthien na mata. Resgate por Huan. Beren luta com Curufin e obtém sua faca mágica — [*oito palavras ilegíveis*]
>
> Huan traz a eles uma pele-de-lobo. Assim, tremendo por dentro, eles partem. Huan fala pela última vez e diz adeus. Ele não se dispõe a ir junto. A jornada até Angband etc.

Aqui se fala mais da expulsão de Celegorm e Curufin de Nargothrond e da recusa de Orodreth em permitir que fossem mortos, e aqui, por fim, há menção — provavelmente escrita no exato momento em que foi concebido — ao ataque a Beren e Lúthien quando os Fëanorianos vinham cavalgando de Nargothrond. Fica implícito que Huan deserta Celegorm; Beren toma a faca de Curufin, a qual substitui a faca das cozinhas de Tevildo como o instrumento com o qual Beren cortou a Silmaril da Coroa de Ferro; e é Huan que traz o pelame de lobo e depois diz adeus.

Uma página extremamente difícil, a lápis, (“Sinopse IV”) mostra o desenvolvimento desses novos elementos:

> O coração de Beren se entristece. Ele diz ter levado Tinúviel de volta às fronteiras de sua terra, onde ela está a salvo. Lamenta por sua segunda separação. Ela diz, contudo, que daquela terra ela mesma escapou e fugiu só para estar com ele — mas admite que seu coração tem saudades de Doriath e de Melian também,

mas não de Doriath sem ele. Ele cita suas próprias palavras a Thingol: “Nem fogo de Morgoth etc.” — e diz que não pode (mesmo que Thingol permitisse) voltar de mãos vazias . . . . . ela não quer voltar. Quer vagar nas matas — e, se ele não se dispuser a levá-la consigo, seguirá seus passos contra a vontade dele. Ele protesta — nesse momento, Celegorm e Curufin passam cavalgando no rumo norte [*excluído no momento da composição*: dando a volta em Doriath pelas Gorgoroth] entre Doriath e Taur-na-Fuin, até a Fenda do Aglon e sua própria parentela.

Cavalgam diretamente até eles e tentam atropelar Beren. Curufin abaixa-se e ergue Lúthien para sua sela. Beren pula para o lado e salta no pescoço de Curufin [?atirando-o] para baixo. Celegorm, com sua lança, parte para matar Beren. Huan intervém, dispersando a gente e os cães [?dos irmãos] e acua Celegorm enquanto Beren luta com Curufin, asfixiando-o até perder os sentidos. Beren toma seu armamento — em especial sua faca mágica, e ordena que suba no cavalo e vá embora. Eles partem cavalgando. Huan permanece com Beren e Lúthien e abandona seu senhor [?para sempre]. Celegorm subitamente dá a volta e dispara uma flecha contra Huan, a qual, é claro, cai inocuamente ao seu lado, mas Curufin dispara contra Beren (e Lúthien) [*alterado para*: dispara contra Lúthien] e fere Beren.

Lúthien cura Beren. Eles falam a Huan sobre suas dúvidas e discussões e ele parte e traz o pelo-de-lobo e o couro de morcego da Ilha do Mago. Então, fala pela última vez.

Preparam-se para partir a Angband.

Isso foi certamente escrito como um esboço para o Canto 10 da Balada, pois a seção da sinopse que se segue está intitulada “11”.

Há aqui o desenvolvimento adicional de que Beren e Lúthien chegaram às fronteiras de Doriath; mas a partida solitária de Beren após sua cura, deixando Lúthien com Huan, ainda não surgiu. Há algumas diferenças na narrativa da contenda com Celegorm e Curufin em relação à forma final, mas a maior parte dos detalhes do acontecimento jamais foi alterada desde a primeira vez em que ele foi escrito nesta página (como acredito ser o caso). Aqui não há

menção a Beren tomando o cavalo de Curufin, no qual posteriormente cavalgaria ao norte sozinho, rumo a Anfauglith; e os detalhes da flechada são diferentes — na sinopse, Celegorm mirou em Huan, e Curufin (que aparentemente ficou com o arco, apesar de Beren ter tomado seu armamento) mira em (Beren e) Lúthien. Também há menção a alguma "gente" acompanhando os irmãos na jornada a partir de Nargothrond.

Neste esboço ocorre pela primeira vez o nome *Gorgoroth*.

Há um outro esboço ("Sinopse V") que consiste em quatro páginas, sendo elas a conclusão de um texto cujo início desapareceu: começa com um título "continuação de 10", certamente o número do Canto, embora o conteúdo extrapole em muito o final do Canto X na Balada.[m] O texto retoma com a cura do ferimento de Beren.

> Huan traz uma erva de cura, e Lúthien e o cão curam Beren na floresta, construindo uma cabana com ramos. Beren, ao se curar, ainda está disposto a partir em sua demanda. Mas Lúthien prediz que todas as suas vidas serão perdidas caso eles prossigam. Beren não quer voltar a Doriath de outra forma. E nem ele, nem Huan, estão dispostos a ir a Nargothrond, ou a ficar com Lúthien contra a vontade de Thingol, pois certamente haveria guerra entre Elfo e Elfo, [?mesmo] se Orodreth lhes desse guarida. "Então por que não moramos aqui nas matas?" diz Lúthien. Por causa do perigo fora de Doriath, e dos Orques, e do conhecimento que Morgoth agora deve ter acerca das errâncias de Lúthien.
>
> Cedo, numa manhã, Beren parte furtivamente no cavalo de Curufin e chega às fímbrias de Taur-na-Fuin.

Aqui, afinal, está o elemento da partida solitária de Beren.

A expulsão de Celegorm e Curufin de Nargothrond, conforme ocorre na Balada, é acompanhada de perto em *O Silmarillion* (até mesmo no nível das frases, como "nem pão nem pouso" [*O Silmarillion* p. 241] e *nem seu repouso, nem seu pão* [verso 2899]); na Balada, contudo, alguns ainda os seguem (versos 2914–915), um

detalhe que se encontra na Sinopse IV, ao passo que, em *O Silmarillion*, fica explícito que eles partiram sozinhos.[n]

O debate entre Beren e Lúthien, interrompido pela chegada de Celegorm e Curufin (versos 2930–982) é claramente baseado no esquema da Sinopse IV (pp. 320–21); em *O Silmarillion*, ele reaparece, ainda que muito reduzido e alterado. A contenda com Celegorm e Curufin deriva igualmente da Sinopse IV, e é seguida na prosa de *O Silmarillion* — inclusive em detalhes como Beren sendo amaldiçoado "sob nuvem e céu", e a faca de Curufin, que cortava ferro como se fosse madeira verde, pendendo sem bainha ao seu lado. Na Balada, a faca passa a ser uma arma anânica de Nogrod, embora nem ela e nem quem a fez tenham sido ainda nomeados. Na Balada, é Celegorm quem dispara as flechas traiçoeiras; em *O Silmarillion*, é Curufin, usando o arco de Celegorm, e a vilania é atribuída ao mais malvado (que certamente era também o mais esperto) dos irmãos — neste Canto, ele recebe o semblante apropriado de um ardiloso vilão: "sorri matreiro, astuto" (2905). A referência no verso 3103 [em inglês], "and Men remembered at the Marching Forth" [e os Homens se lembraram na Marcha Afora], é à União de Maidros antes da Batalha das Lágrimas Inumeráveis.

O segundo debate entre Beren e Lúthien após ele se recuperar do ferimento deriva da Sinopse V e não está presente em *O Silmarillion*, embora não seja irrelevante para o retrato da determinação extrema de Beren diante da insistência de Lúthien para que abandonasse a demanda.

Dois novos elementos na geografia aparecem neste canto: o Monte de Himling (posteriormente Himring) erguendo-se a leste da Fenda do Aglon (2994), e o rio Mindeb: os versos 2924–925 (e os versos reescritos, fornecidos na p. 419) aparentemente são a única descrição dele em qualquer lugar.

O curioso interesse particular de Morgoth por Lúthien (que o fez mandar o capitão-órquico Boldog até Doriath para capturá-la, versos 2127–136) reaparece nesse Canto (3198–201).

No início do Canto, o enterro de Felagund leva a outra referência ao seu destino após a morte, sem menção a Mandos (ver p. 306):

> Felagund ri enquanto isso
> em Valinor e não mais erra
> no mundo gris de choro e guerra.

XI

Foi certa vez lisa planura;
o Rei Fingolfin se aventura
com haste argêntea em campo vivo,
branco corcel, dardo incisivo;
de aço o elmo, alto, fiel,
há luz da lua no broquel.
A trompa entoa toque frio,
às nuvens sobe o desafio
ao torreão que está no norte;
aguarda Morgoth sua sorte.

Um rio de chama irrompe à noite
no branco invernal, açoite
sobre a planície, e o céu
espelha rubro o fogaréu.
De Hithlum, da muralha, fitam:
fumo e vapor torres imitam
até que em confusão ruim
sufocam astros. É o fim;
o campo é vasto e poeirento,
ferrugem só, areia ao vento,
dunas sedentas onde os ossos

recobrem os rochedos grossos.
Dor-na-Fauglith, torrão sedento,
chamam-no assim, deserto odiento,
lugar de corvo, tumba aberta
de gente bela, brava, esperta.
Rochosa encosta tem ao norte
pra Taur-na-Fuin, Noite-Morte,
pinhal escuro, vasta rama
que como mastros se derrama
de negras naus, sombrio tormento
soprado de espectral alento.

Beren severo fita a imagem
das dunas, dura estiagem,
divisa as torres carrancudas
de Thangorodrim, nuvens mudas.
Faminto, curvo está o cavalo,
à mata atroz não quer levá-lo;
na várzea assombrada, fria
não pisa mais nem montaria.
“Cavalo bom de amo eivado,
adeus! Mantém-te animado,
de Sirion o vale trilha
como viemos, passa a ilha
de Thû, retorna à doce água
e erva longa lá, sem mágoa.
Se não encontras Curufin,
alegre com o cervo, enfim,
passeia, esquece faina e guerra,
sonha com Valinor, a terra
onde nasceu tua grande raça
que Tavros guia lá à caça.”

Lá senta Beren, só e à toa,
canção de solidão entoa.
Escute-o Orque, lobo a esmo,
ou outro ser imundo mesmo
que nessa sombra vai furtivo
em Taur-na-Fuin, não é motivo
de se cuidar, o que se aparta
com mente amarga, atroz e farta.

"Adeus, ó folhas da ramagem,
ó canto em matinal aragem!
Adeus, ó erva, flor, capim
mudando na estação assim;
ó água que na pedra canta,
ó charco com caniço e planta!
Adeus, planície, vale, outeiro,
ó vento, gelo, aguaceiro,
ó nuvem, névoa, firmamento;
estrela e lua que a contento
ainda espiarão do céu
mesmo que Beren morra ao léu —
ou que não morra, e na fundura
donde o grito não perdura
dos que lá choram, na caverna
tenha seu fim a treva eterna.
Adeus, ó firmamento e terra,
benditos desde que cá erra
e corre cá com membro ágil
ao sol, à lua, donzela frágil,
Lúthien Tinúviel
que é a mais bela sob o céu.
Que o mundo todo se arruíne,

dissolva-se, ou que termine,
desfaça-se no velho abisso,
não terá sido em vão, por isso —
a terra, o mar, noite, alvorada —
que Lúthien foi ao mundo dada!”

Ergue a espada em porfia,
a sós de pé, lá desafia
de Morgoth o poder tão crasso;
e o maldiz, a torre, o paço,
a mão que eclipsa, pé que oprime,
início, fim, coroa e crime;
desce obstinado pela encosta,
sem esperança, audácia posta.

“Ah, Beren, Beren!” um alarde,
“já te encontro, quase é tarde!
Ó destemida, altiva mente,
não é adeus, vamos em frente!
Não é assim que a elfa raça
rejeita amor de quem abraça.
Eu amo com igual poder
que tu, pra torre abater
da morte, repto que é bem frágil,
mas dura inda, terco e ágil,
mesmo que o lancem lá no fundo
do alicerce deste mundo.
Amado tolo! Escapar
de busca tal; não confiar
na pouca força, proteger
do amor a amada, que acolher
prefere a dura pena e morte

que suspirar num vão suporte
sem asa, sem nenhum vigor
para ajudar o seu amor!”

Volta a ele Lúthien:
da via humana vão além;
estão à beira, terror certo,
entre a mata e o deserto.
Ele a fita, lábio erguido
ao dele, amplexo tão sentido:
“Três vezes praga em minha jura
que nesta sombra te segura!
Que é de Huan, esse cão
a quem eu confiei missão
de te guardar em prol do amor,
te proteger de todo horror?”

“Não sei! Mas Huan, esse cão,
melhor que tu tem coração,
senhor severo, ai de ti!
Por longo tempo lhe pedi
té que me trouxe muito bem
no encalço teu — bom palafrém
seria ele, boa corrida:
irias rir dessa investida,
qual Orque que licantropo açoite
em lama e lodo, noite a noite,
em ermo e mata! Quando ouvi
teu canto — (cada fala ali
que desafia ouvido imigo
foi sobre Lúthien, eu digo) —,
parou, partiu e cá fiquei;

o que pretende, isso não sei.”

Mas sabem já: eis Huan chegando,
olhos em chama e arfando,
temendo que a tutelada
em risco esteja, abandonada.
Diante deles põe — assombra —
dois vultos de obscura sombra
que trouxe, feios em destom,
da grande ilha em Sirion:
pele de lobo — enfeitiçado
é o pelo longo e eriçado,
pelagem pavorosa enfim,
do lobisomem Draugluin;
o outro é traje de morcego,
grãs asas, farpa como prego
de ferro cada junta leva —
asas que ocultam com sua treva
a própria lua, quando erram
da Noite-Morte, em voo berram
de Thû arautos.

“Que nos trazes,
bom Huan? Que conselhos fazes?
É um troféu do raro feito,
que Thû venceste? Qual proveito
aqui no ermo?” Beren fala
e Huan desta vez não cala:
tem voz como campanas belas
de Valmar lá nas cidadelas:

“Só uma joia hás de roubar,

de Morgoth ou do rei, sem par;
Escolhe entre amor e jura!
Se vais manter palavra dura
a sós vai Lúthien expirar
ou vai contigo enfrentar
a morte, acompanhando a sina
que ante vós se descortina.
Dura a demanda, não demente,
exceto se tu vais em frente
em mortal veste ostentada
chamar a morte na empreitada.
De Felagund foi bom o plano,
porém melhor e sem engano
é o de Huan com arrojo,
pois sofrereis mudança e nojo
a formas vis, aspecto aziago:
um lobo da Ilha que é do Mago
e um morcego fantasmal
com asa, garra que é fatal.
Ai! que chegastes a tal lei,
os que amo e por quem lutei.
Convosco já não sigo mais —
quem conheceu um cão jamais
que junto com um lobisomem
vai aos portões que tudo comem?
Mas sinto que nesse portal
o que achardes, é fatal,
também verei, porém pra lá
meu pé jamais me levará.
Há pouca luz, pouca esperança,
não vejo como a trilha avança;
talvez na volta a senda acabe

fortuita em Doriath, quem sabe,
talvez tornemos nós assim
à reunião antes do fim.”

Pasmados ficam de ouvi-lo
falar tão claro e com estilo;
já cala nessa mesma hora,
ao pôr do sol, e vai embora.

Ouvido o odioso parecer,
suas belas formas vão perder;
de pele, pelo, asa, cor
se vestem eles com tremor.
Lúthien faz élfica magia
pra que a roupagem feia e fria
não enlouqueça o coração;
com arte élfica então
monta defesa, cria enleio,
até que vai a noite a meio.

Já Beren põe pele de lobo,
ao solo cai e baba, improbo,
de língua rubra, esfomeado;
com pena, anseio a seu lado
vê vulto de horror, morcego
que vai se erguendo, dessossego,
e arrasta, estala a asa sua.
Salta ele, uivando sob a lua,
de quatro, pula pedra e pó,
do morro ao plano — mas não só:
vulto escuro desce a encosta,
esvoaçando quase o acosta.

Cinza e pó, duna sedenta
sob lua, seca e modorrenta,
no frio ar, ao vento aberto
que geme nu, a descoberto;
de rocha brava, areia arfante,
lascas de osso é a terra adiante
onde furtivo vai correr
um babujante e fero ser.
Há muitas léguas inda à frente
quando retorna o dia doente;
há muitas milhas nessa via
quando desaba a noite fria
com sombra dúbia, som matreiro
que chia, passa sobre o outeiro.
Outra manhã: nuvem, neblina;
vem cega, fraca, é a sina,
forma de lobo ao contraforte
dos morros frios lá do Norte,
no lombo criatura arisca,
rugada, que no dia pisca.

As rochas erguem-se, bocarra
de dente que a presa agarra,
ladeando a fúnebre estrada
que segue avante à morada
no alto da Montanha morta
de túnel triste e atra porta.
Abrigam-se na sombra austera,
se encolhem lá, morcego e fera.
Por longo tempo jazem, temem,
com Doriath sonhando tremem,
com riso, música e ar,

aves nas folhas a cantar.
Despertam com ruído e sismo,
eco pulsando no abismo;
sob eles forjas com fragor
de Morgoth; ouvem com pavor
bater de passos, burburinho
de pés ferrados no caminho:
partem os Orques, guerra e saque,
capitães Balrogs no ataque.

Saem no ocaso, névoa, fumo,
em frente vão, põem-se a prumo;
são atros seres, atra lida,
sobem encostas em corrida.
Penhasco íngreme se iça,
lá sentam aves de carniça;
abismo negro, fumo ardente
gerando vultos de serpente;
por fim, na nevoeira escura,
pesada como má ventura,
de Thangorodrim faldas vis,
trovão no monte, em sua raiz,
chegam em átrio mui sombrio
com altas torres, forte frio,
penhasco abrupto; a planura
se alastra abissal e escura
diante da muralha informe
de Bauglir do palácio enorme,
onde se ocultam tão letais
em sombra imensa seus portais.[K]

NOTAS

3249–253 Compare com a abertura da Balada, versos 5–10.
3267 Ao lado deste verso está escrita a data “26 de set. de 1930”. A data anterior era 25 de setembro de 1930, no verso 3220.
3297 *Tavros* > *Tauros* B: ver notas aos versos 891, 904; 2246.
3303 *Taur-na-Fuin* > *Taur-nu-Fuin* B (uma alteração tardia).
3401 *Draugluin* aparece aqui no texto A (ver p. 304).
3414–415 Cf. versos 2258–259.
3419–423 A mudança de *tu* para *vós* é intencional, e indica que Huan agora está se referindo tanto a Beren quanto a Lúthien.
3478 Ao lado deste verso está escrita a data “27 de set. de 1930”.

Comentário ao Canto XI

A versão mais antiga da narrativa deste Canto descreve Tinúviel costurando o pelame de gato de Oikeroi sobre Beren e ensinando-lhe alguns aspectos do comportamento felino; ela mesma não estava disfarçada. Pouquíssimo caso se faz da jornada até Angamandi, mas a aproximação aos portões é descrita:

> Após algum tempo, porém, acercaram-se de Angamandi, como de fato os estrondos e ruídos graves e o som de grandes marteladas de dez mil ferreiros labutando sem cessar lhes declaravam. Estavam próximos os tristes recintos onde os Noldoli escravizados labutavam amargamente sob os Orques e Gobelins das colinas, e ali a obscuridade e treva era grande, de modo que desanimaram […] (II. 44).

As Sinopses I e II não descrevem praticamente nada além do evento em si (p. 317). Conforme corrigida, a Sinopse III aproxima-se da história final da “pele-de-lobo” e da separação de Huan (p. 320). Esse rascunho continua:

> Thangorodrim assoma sobre eles. Há estrondos, névoa e vapores sendo ejetados de fissuras na rocha. Dez mil ferreiros estão martelando — eles passam pelas câmaras onde os Noldoli

> escravizados labutavam sem descanso. A treva afunda em seus corações.

Há uma notável proximidade com a passagem supracitada do *Conto de Tinúviel*.

A Sinopse IV (p. 321) nada acrescenta, visto que, depois de "Preparam-se para partir a Angband", ela continua com os eventos em Doriath e a embaixada de Celegorm a Thingol, a qual meu pai, nesse estágio, introduziria antes da aventura a Angband, e neste esboço não se diz praticamente nada sobre isso.

Resta a Sinopse V, cujo esboço para o Canto "10" foi incluído na p. 322 até "Cedo, numa manhã, Beren parte furtivamente no cavalo de Curufin e chega às fímbrias de Taur-na-Fuin", e é aí que a partida solitária de Beren aparece pela primeira vez. Esse esboço prossegue, ainda sob o título "Canto 10":

> Ali, ele olha sobre Thangorodrim e entoa uma canção de despedida a terra e luz, e a Lúthien. No meio, chegam Lúthien e Huan! Com o auxílio do cão, ela o seguiu; e, ademais, da Ilha do Mago Huan trouxe um pelo-de-lobo e uma capa-de-morcego. [*Excluído no momento da composição*: Beren coloca Lúthien no cavalo e eles cavalgam por Taur-na-Fuin.º] Beren solta o cavalo de Curufin para que galope livremente, e ele vai rapidamente embora. Agora, Beren toma a forma de lobisomem e Tinúviel, de morcego. Então, Huan diz adeus. E fala. Nenhum cão pode andar com lobisomem — eu seria mais perigo do que auxílio na terra de Morgoth. No entanto, o que vós haveis de ver no portão de Angband, quiçá também eu hei de ver, ainda que meu fado não leve àquelas portas. Toda esperança está escurecida, e meus olhos, turvados, mas quiçá eu veja teus caminhos saindo daquele lugar inda outra vez. Ele então desaparece. Fazem uma jornada atroz. Thangorodrim assoma sobre eles, ... em seus sopés esfumaçados.

Isso encerra o esboço do "Canto 10" na Sinopse V.

Há uma diferença notável entre a estrutura da história na Balada e em *O Silmarillion* (pp. 244–45): na Balada, Huan está ausente (ele foi até a Ilha do Mago em busca da veste de lobo e do couro de morcego) quando Lúthien encontra Beren — ela não sabe aonde ele tinha ido — mas aparece um pouco depois; ao passo que, no relato em prosa, Huan e Lúthien chegam juntos, vestindo o "horrendo pelame de lobo de Draugluin e o couro de morcego de Thuringwethil" — uma aparição que encheu Beren de temor. A história em *O Silmarillion* é um retorno à Sinopse V, pelo menos quanto ao fato de que Huan e Lúthien chegam juntos ("No meio, chegam Lúthien e Huan", p. 333).

Na Balada, conta-se apenas que as asas de morcego carregam os mensageiros de Thû, e não são associadas a um mensageiro particular ou mais importante (Thuringwethil, "mensageira de Sauron").

Mas, em outros aspectos, a versão em prosa acompanha a Balada de perto, mantendo até mesmo frases, como anteriormente ("entre o deserto e a mata", "Três vezes agora maldigo a jura", "asas com dedos […] armadas, na ponta de cada junta", "o morcego girava e voejava acima dele"); e o molde da fala de Huan é bem próximo ao da Balada.

Pelas palavras de Beren ao cavalo (3288–290)

> de Sirion o vale trilha
> como viemos, passa a ilha
> de Thû, retorna à doce água

fica claro que, assim como em *O Silmarillion*, "ele cavalgou de novo para o norte com toda a velocidade, até o Passo do Sirion; e, chegando às fímbrias de Taur-nu-Fuin, olhou através do deserto de Anfauglith". Não se diz na Balada como Lúthien e Huan chegaram lá, mas, em *O Silmarillion*, "vestidos nesses horríveis trajes", eles "correram por Taur-nu-Fuin, e todas as coisas fugiram diante deles".

A Batalha da Chama Repentina (verso 3256 e seguintes) foi descrita anteriormente na Balada (verso 1687 e seguintes), mas não se

afirmou, de fato, que a planície setentrional certa vez fora verde e gramada (3246–248), um “campo vivo”, e que se tornou um deserto depois que “um rio de chama irrompe […] sobre a planície”.

Compare as palavras de Beren para o cavalo de Curufin (3295–296):

> sonha com Valinor, a terra
> onde nasceu tua grande raça

com *O Silmarillion*, p. 170, onde se diz que “muitos dos antepassados” dos cavalos dos Noldor de Hithlum que cavalgavam em Ard-galen tinham vindo de Valinor.

XII

Na treva esteve outrora rudo
Fingolfin: tinha azul escudo
com astros lá do firmamento,
cristais luzindo a contento.
Com gana forte, indignação,
bateu aflito no portão
o rei dos Gnomos, isolado,
fortes de rocha em todo lado;
o toque agudo trompa é
de prata em verde boldrié.
A incitação ressoa alerta,
Fingolfin: “Abre bem aberta
a brônzea porta, rei cruel!
Assoma, horror de terra e céu!
Assoma, monstro, rei poltrão,
de própria espada, própria mão
luta, senhor de hostes imundas,

tirano oculto nas profundas,
d'Elfos e Deuses és rival!
Espero aqui. Vem afinal!"

Morgoth vem. Vez derradeira
nas guerras sai da cova inteira,
do trono oculto e imundo;
seus pés ressoam pelo mundo
qual terremoto, sismo fundo.
Férrea coroa, furibundo
o vulto seu; enorme escudo
vem sem brasão, de negro tudo,
sombra que é nuvem de trovão;
se curva sobre o rei então
qual maça lança, subitâneo,
martelo que é do subterrâneo,
é Grond; ruidoso vem descendo
como relâmpago, moendo
as rochas; fumo ali derrama,
abre-se cova, salta chama.

Desvia Fingolfin num arranco,
lampejo em nuvem, raio branco,
saca o montante, Ringil belo
luzindo frio, azul qual gelo,
espada de élfica finura
que com frieza a carne fura.
Com sete chagas o trespassa,
e sete gritos de desgraça
soam nos montes, treme a terra,
de Angband treme o az de guerra.
Foi dentre os Orques escárnio eterno

combate no portal do inferno;
canção dos Elfos houve uma
só antes desta — quando se inuma
o grande rei no morro seu.
Thorndor, Águia que é do céu,
leva notícia, aos Elfos conta
a sina triste de grã monta.
Três vezes é o rei batido,
cai de joelhos, põe-se erguido,
traz o escudo tempestivo
com brilho estelar, altivo,
o elmo rompido sob açoite
que nada fere, força ou noite,
té que o solo esteja feito
em covas ao redor. Desfeito,
tropeça e tomba. Em sua nuca
imenso pé pisa e machuca,
como um monte desmedido;
está esmagado — não vencido,
desfere ali golpe final:
Ringil atinge o pé fatal
no talão, sangue negro em jorro
vem qual nascente do alto morro.
Morgoth é coxo desse corte,
e rei Fingolfin leva à morte;
deixá-lo-ia no abandono
aos lobos seus. Mas eis! do trono
que Manwë o fez pôr, alçado
em pico nunca escalado,
vigiando Morgoth que o mal tece,
Thorndor, Rei das Águias, desce
e ataca com dourado bico

a Bauglir vil, e sobe a pico —
têm trinta braças suas asas —
levanta o rei das covas rasas,
carrega o corpo, o acomoda
lá onde os montes fazem roda
em torno da planície, enfim,
onde depois foi Gondolin,
em grande cume, imensa altura
que cobre a neve em sua alvura,
pilha de pedras faz montar
pro rei no pico sepultar.
Orque nem demônio mais pisou
no alto passo onde ficou
do rei a tumba nobre e fina
té Gondolin sofrer sua sina.

Bauglir ganhou a cicatriz
que leva ainda, assim se diz,
e assim ganhou seu passo coxo;
depois do dia reinou co'arrocho
em trono oculto no escuro;
percorre seu palácio duro,
constrói o vasto seu projeto:
tornar o mundo servo abjeto.
Maneja a hoste, amo antigo,
não dá descanso a servo, imigo;
triplica olheiro e vigia,
a Leste e Oeste manda espia
que traz notícias lá do Norte:
quem luta ou tomba; qual coorte
se apresta oculta; onde tesouro,
bela donzela; quem tem ouro;

tudo sabendo cada mente
enreda em arte inclemente.
Só Doriath, atrás do véu
de Melian, não sofre tropel,
ataque ou dano; só rumor
dali vem ao atroz senhor.
Notícia viva porém há
dos movimentos cá e lá
dos inimigos, empecilhos,
de Fëanor dos sete filhos,
de Nargothrond, Fingon então,
que já reúne legião
junto a Hithlum na floresta;
narração diária que é molesta
também lhe chega ao ouvido:
sabe de Beren, e o latido
de Huan soa lá na mata
correndo solto.

Já constata,
ouve falar de Lúthien,
nos bosques, clareiras também,
de Thingol pesa a querela,
medita na linda donzela
tão frágil. Manda capitão,
Boldog, com arma e fogo então,
a Doriath; mas um assalto
o acomete; ao trono alto
jamais voltou um da quadrilha,
e assim Thingol o humilha.
Com ira sua mente arde:
ouve outra nova então, mais tarde:

Thû derrotado, a forte ilha
que o opositor destrói e pilha;
teme ardis, traições feitas,
de cada Orque tem suspeitas,
e sempre vêm notícias lestas
do cão latindo nas florestas,
de Huan a causar pavor,
criado lá em Valinor.

Morgoth pondera então a sina
de Huan, no negror rumina.
Matilhas tem, esfomeadas,
a lobo em forma assemelhadas,
espíritos de diabos têm;
selvagens, suas vozes vêm
de monte e cova onde habitam
e infindos ecos lá suscitam.
Escolhe um filhote forte
e alimenta-o co'a morte,
corpos de Elfos e Humanos,
té que imenso, em poucos anos
não no covil, mas junto ao trono
de Morgoth vai deitar, seu dono;
nem Balrog, Orque, nem animais
o tocam. Refeições fatais
faz ele sob o atroz assento,
com carne e osso a contento.
Sofre feitiço lá total,
angústia, poder infernal;
torna-se um horror enorme,
olhos de chama, fauce informe,
alento que é vapor, é praga,

pior que besta em cova ou fraga,
besta qualquer de inferno imundo
que veio já pro nosso mundo,
maior que sua raça, enfim,
tribo feroz de Draugluin.

É Carcharoth, Rubra Goela,
dizem os Elfos. Com cautela
sai do portão, ávida fera,
de Angband, onde insone espera;
onde o portal é ameaça,
tem olhos rubros na fumaça,
tem presa à vista, fauce asta;
lá ninguém anda nem se arrasta
nem enfrentando a ameaça
para o covil de Morgoth passa.

Eis que seu olho vigilante
detecta vulto lá adiante
que vem pela planície, fita
à volta sua, e hesita,
vem passo a passo, é lupino,
boquiaberto, sem destino;
acima dele a volitar
sombra que oscila devagar.
Ali tais vultos se dirigem,
pois essa terra é sua origem;
ainda assim acha incorreto
o par, e aguarda lá inquieto.

“Que grão terror, que guarda fria
pôs Morgoth lá, o que vigia,

impede entrada nos portais?
Longe viemos, vias fatais,
à mortal fauce que alcança
nosso caminho! Esperança
jamais tivemos. Avançar!”
Assim diz Beren ao parar,
vendo com olhos de homem-lobo
ao longe o horror improbo.
Desesperado vai avante,
desvia de cada poço hiante
onde Fingolfin rei tombou
a sós, o que enfrentar ousou.

Sozinhos vão ante o portal,
e Carcharoth, ânimo mau,
encara-os e diz rosnando,
ecos nos arcos despertando:
“Draugluin, salve! Meu senhor,
há muito tempo no arredor
não estiveste. É admiração
ver-te agora, Alteração
sofreste tu nesse repente,
que eras como fogo ardente,
veloz no ermo, mas que a sina
agora cansa, curva, inclina!
O fôlego por certo falta
quando grão Huan te assalta,
morde a goela? O que a ti
te traz, ventura, vivo aqui —
se Draugluin tu és? Avança!
Vem onde minha vista alcança!”

“E quem és tu, ó cria ousada,
que não ajuda, impede a entrada?
Pra Morgoth tenho nova exata
de Thû, o que assola a mata.
Arreda! deixa-me entrar
ou vai no fundo me anunciar!”

Ergue-se lento o grão vigia,
olho a brilhar, com ira fria,
grunhindo inquieto. “Draugluin,
se és tu que vens, pois entra sim!
Mas o que se arrasta, vulto
que atrás de ti se põe oculto?
Conheço todo ser de asa
que entra e sai da atra casa.
Mas este não. Fica aqui!
Odeio a raça, odeio a ti.
Dize qual é o vil recado
que ao rei te traz, ó verme alado!
Pouco me importa. Vamos, passa
ou fica, pois te faço caça,
mosca, te esmago pra que vejas,
arranco as asas, e rastejas.”

Vem vindo, fétido, imenso.
No olho de Beren, fogo intenso;
na nuca se eriça a crina.
Pois a fragrância predomina,
odor de flores tão sutil
sob chuva que é primaveril,
luzindo, prata sobre a grama,
em Valinor. O odor proclama

Tinúviel, aonde for.
Do faro do infernal terror
nenhum disfarce oculta o doce
perfume que o vulto trouxe,
se venta vil lá chega perto,
fareja. Beren, mui esperto,
na beira do inferno aguarda
combate e morte. Mas não tarda
que Carcharoth, vulto ruim,
também o falso Draugluin,
de pasmo veem lá transidos
poder que vem de tempos idos,
de diva gente além d'Oeste:
assim Tinúviel investe,
com fogo interno se avia,
despe o morcego e — cotovia —
da noite à luz sai num arranco
e a voz com som argênteo, branco,
ressoa como trompa aguda
que a matutina luz saúda
nos paços da manhã. O manto,
por alvas mãos feito, entretanto,
é como a tarde que encanta
e tudo envolve, acalanta,
suspenso em seus erguidos braços;
diante dele dá uns passos,
sombra de sonho qual neblina
que a luz dos astros ilumina.

"Dorme, escravo torturado!
Ó infeliz, tomba de lado,
foge da angústia, ódio, dor,

luxúria, fome, elo, pavor,
para o olvido atro, grosso,
do fundo sono obscuro poço!
Só uma hora, após termina,
da vida má esquece a sina!”

Apaga o olho, afrouxa o passo;
é como touro que no laço
tropeça, ao solo abatido.
Qual morto, imóvel, sem ruído,
como se o raio um carvalho
lá derrubasse, tronco e galho.[L]

NOTAS

3554 [no verso em inglês] *banded* A, B; > *branded* em B, mas suspeito que o *r* tenha sido acrescentado por outra pessoa.
3589 *Thorndor* alterado para *Thorondor* em B, mas suspeito que essa tenha sido uma correção tardia.
3606 *e o finca* A, B; *no talão* é aparentemente uma emenda tardia em B.
3615 *Thorndor* emendado depois para *Thorondor* em B, ver 3589.
3623 *onde depois* > *lá na secreta* B, uma emenda tardia, feita quando se estabeleceu que a fundação de Gondolin seria muito antes.
3638–639 A: não mais tentou em guerra a sorte,
té a última batalha ao Norte;
mas modelou seu magno intento
co’orgulho e desejo cruento.
3650 Ao lado desse verso está a data “28 de set.”. A data anterior era 27 de setembro de 1930, no verso 3478.
3658 *Finweg* A, B, emendado para *Fingon* em B, assim como nos versos 1647, 1654.
3712–713 Esse dístico não consta no texto A originalmente escrito.
3714–715 A (conforme escrito originalmente):
Carcharos, Presa-de-Punhal,
dizem os Elfos. Inda mal
Carcharos e então > *Carcharas* e depois > *Carcharoth* (ver notas aos versos 3751, 3807). Na margem de A, está escrito *Rubra Goela*, e *Caras* com outra palavra ilegível, começando com *Car-*; também *Gargaroth*; e *É Draugluin Espectro-de-Medo*. Isso talvez signifique que meu pai

estava pensando em usar o nome *Draugluin* para o Lobo de Angband, ainda que a essa altura *Draugluin* tivesse aparecido no texto A (3401) como nome do grande lobo da Ilha do Mago.
3751 *Carcharas* em A, não emendado para *Carcharoth* (ver nota a 3714).
3790 Ao lado desse verso está a data "30 de set. de 1930". A data anterior era 28 de setembro de 1930, no verso 3650.
3806 *Carcharoth* em A; ver notas a 3714, 3751.

Comentário ao Canto XII

A maior parte deste Canto é retrospectiva: começando com a morte de Fingolfin em combate com Morgoth, passa às dúvidas e temores de Morgoth e à criação de Carcharoth. De todo modo, nessa época (setembro de 1930), grande parte do "Silmarillion" em prosa que se desenvolveu a partir do "Esboço da Mitologia" havia sido escrita, como espero demonstrar mais adiante, e parece certo que a história do duelo de Fingolfin com Morgoth, conforme aparece neste Canto, acompanhou a versão em prosa, embora aqui nós a encontremos pela primeira vez (junto com os nomes *Grond*, o Martelo do Mundo Ínfero, e *Ringil*, a espada de Fingolfin). O texto em *O Silmarillion* (pp. 213–15) foi bastante baseado na Balada, acompanhando-a na estrutura do relato e retirando dela muitas frases;[p] mas traços independentes da "tradição em prosa" também são encontrados. O relato no poema não dá indícios de quando a batalha se deu, ou do que levou Fingolfin a desafiar Morgoth. Sobre a menção muito anterior à morte de Fingolfin (agora bastante obscura, mas certamente concebida de maneira bem diferente) ver pp. 178–79.

A outra menção que se faz, neste Canto, ao ataque de Boldog (versos 3665–675) será discutida no final do poema (pp. 363–67).

Voltando-nos para a narrativa "em primeiro plano", o trecho na Sinopse III já incluído (pp. 318–19) diz respeito ao conteúdo do Canto XII: ele foi colocado entre parênteses e marcado com "Depois".

> Morgoth, sabendo do desmantelamento da Torre do Mago, envia um exército de Orques; ao descobrir que os lobos estão mortos com . . . . . gargantas, supõe que seja Huan e dá feitio um lobo

enorme — Carcharas — o mais magno de todos os lobos a guardar seu portão.

A Sinopse III continua a partir do trecho na p. 332:

> Os horrendos portões de Angband. Lá jaz *Carcharoth presa-de-punhal*. Ele se ergue lentamente e bloqueia o portão. "Não rosnes, ó Lobo, pois vou em busca de Morgoth com novas de Thû." Ele se aproximou para farejar o seu ar, pois uma leve suspeita se agitava em seu coração maligno, e ele adormeceu.

A interpretação do nome do lobo como "Presa-de-Punhal" remonta ao *Conto de Tinúviel* e sobreviveu no texto A da Balada (ver nota ao verso 3714), mas foi substituído em B pela tradução "Rubra Goela". As palavras "goela vermelha" são usadas para descrever Karkaras no *Conto*, mas não como seu nome (II. 47).

A ideia de que Carcharoth se aproxima de Lúthien para "farejar o seu ar" também deriva do *Conto* (II. 44), e com as mesmas palavras.

A Sinopse IV não é relevante neste ponto (ver p. 333); a Sinopse V, depois do trecho nas pp. 333–34, agora traz o título "11", e é claramente a base para a história no Canto XII da Balada:

> [*Acréscimo a lápis*: Batalha de Morgoth e Fingolfin.]
>
> Morgoth ouve falar da ruína do castelo de Thû. Sua mente se enche de inquietação e ódio. Os portões de Angband são fortificados; devido ao rumor de Huan, ele [*excluído no momento da composição*: cria o maior] escolhe o mais feroz dos lobos dentre todos os filhotes de suas alcateias, e o alimenta com carne de Homens e Elfos, e o encanta para que se torne a mais pujante e terrível de todas as feras que jamais existiram — Carcharos.
>
> Beren e Lúthien se aproximam. [*Acréscimo a lápis*: a planície esburacada da luta de Fingolfin.] O encantamento de Carcharos.

XIII

À vasta treva dos recintos,
pavor de tumbas, labirintos,
túneis, pirâmides, lá onde
a morte eterna se esconde,
por corredor, descendo escada
para ameaça enclausurada;
descendo à base da montanha
atormentada, oca entranha
que escavada foi por vermes;
ao fundo vão a sós, inermes.
Passando o arco, lhes parece
que ele míngua, a treva cresce;
das forjas ergue-se o rumor,
em vento ruge, traz calor,
vapores dos poços ocultos.
Lá há enormes, pétreos vultos
de rocha dura que se arromba
em forma que do mortal zomba;
ameaçadoras, sepultadas,
em cada curva estão paradas,
olhar feroz como flagelos.
Lá retinindo estão martelos,
vozes como rochas batidas
vêm bem de baixo, estão perdidas
das vis correntes no fragor,
são de cativos lá na dor.

Ergue-se alto um riso rouco,
sarcástico, remorso é pouco;
ergue-se canto cru, feroz,

que a alma fere com sua voz.
É rubro o brilho em portão,
de fogo em piso de latão,
fileira d'arcos lá segura
no alto, cúpula obscura
envolta em fumo, em vapor
varado em raios de fulgor.
Paço de Morgoth onde bebe
da besta o sangue, onde recebe
os Homens que são desgraçados:
lá chegam, olhos abrasados.
Colunas, colossais escoras,
da terra acima portadoras,
são entalhadas com medonhos
fantasmas de atrozes sonhos:
sobem com troncos infelizes,
no desespero têm raízes,
sombra mortal, fruto é peçonha,
o ramo é cobra, carantonha.
Ali com lança, espada age
horda de Morgoth, negro traje:
o fogo brilha em gume, escudo
qual sangue que se verte em tudo.
Sob grão pilar assoma o trono
de Morgoth, e em abandono
arfam danados pelo chão:
seu escabelo eles são.
Em torno, capitães de frente,
são Balrogs de melena ardente,
mão rubra, dentição de aço;
lobos famintos junto ao braço.
Fulguram sobre a hoste ingente

com brilho frio, resplandecente,
as Silmarils, gemas da sina
que a férrea coroa confina.

Eis! pelas portas do pavor
volita sombra com vigor;
Beren ofega — só e audaz,
de bruços sobre a pedra jaz:
vulto-morcego voa silente
onde ergue-se pilar ingente
entre a fumaça e o vapor.
Bem como em sonho de terror
cresce fantasma ali, contorto,
a nuvem de grão desconforto,
rolam pesares que consomem
a alma, bem assim já somem
as vozes, morre a risada,
toda em silêncio transformada.
Temor sem forma, duvidoso,
penetra no covil sombroso
e cresce sobre a turba inquieta
que de olvidado deus trombeta
lá ouve. Morgoth fala então,
rompe o silêncio qual trovão:
“Ó sombra, desce! E não queiras
lograr-me assim. Em vão te esgueiras
do Senhor teu, e te homizias.
O meu querer não desafias.
Nem fuga há nem esperança
pra quem o meu portão alcança.
Desce! que vou te abater,
o que morcego finge ser,

mas que não é! Desce, não passa!”

Sobre a coroa ela esvoaça,
reluta, oscila e se esvai;
já Beren vê que o vulto cai,
despenca ante o nefando trono,
trêmulo, fraco, em abandono.
De Morgoth a figura vasta
se curva ali; Beren se afasta,
de rastos, com o suor frio
no pelo, e com arrepio
vai sob o trono, afinal,
dos pés à sombra colossal.

Tinúviel fala, estridente,
rompe o silêncio de repente:
“Mensagem séria cá me traz;
vim da mansão de Thû lá atrás,
de Taur-na-Fuin, longa trilha,
até defronte tua silha!”

“Teu nome, dévio ser, teu nome!
Muito ouvi de Thû renome
faz pouco. Que quer ele mais?
Pra que vêm mensageiros tais?”

“Thuringwethil sou eu, que alcanço
a lua pálida, lhe lanço
a sombra sobre a face grande
na trêmula Beleriand!”

“Tu mentes; fraude, e nem queixa,

aos olhos meus permito. Deixa
tua forma e veste. Sê então
entregue aqui em minha mão!”

Mudança lenta vem, tamanha:
veste-morcego, obscura, estranha,
cai e revela sua coragem,
a põe à vista na voragem.
No ombro esguio qual sombra pendem
os seus cabelos, lá se estendem
sombrias vestes, e no véu
mágico há estrelas lá do céu.
Opaco sonho, sono, olvido,
lançam no cárcere perdido,
odor de flores nos outeiros,
vales, de prata aguaceiros,
gotejam lentos pelo ar;
vultos em volta a rastejar,
bando por fome invadido.
De fronte baixa, braço erguido
começa um canto embalador,
tema de sono e torpor,
vagando, encanto mais profundo
que os cantos lá do verde mundo
que Melian cantou na aurora,
fundos, extensos, toda hora.

O fogo de Angband já oscila,
nas trevas cessa, e desfila
em salas, ocos corredores,
sombra de infernais horrores.
Nada se move, só empesta

o hálito de Orque e besta.
Sem pálpebra, o olhar desnudo
de Morgoth é a flama de tudo;
a voz de Morgoth se levanta
e o silêncio arfante espanta.

"Ó Lúthien, ó Lúthien,
trapaça Elfos e Homens têm!
Benvinda sê aqui no paço!
Pra servos sempre tenho espaço.
Como vai Thingol, grão mendaz,
à espreita, tímido arganaz?
A qual tolice ele se entrega
que não mantém sua prole cega
longe daqui? e não tem, não,
melhor conselho pro espião?"

Ela hesita, cessa o canto.
"Selvagem foi a via, entanto
não sabe Thingol em qual trilha
caminha sua rebelde filha.
Mas toda estrada, toda via
conduz ao Norte, desafia;
sigo humilde meu destino,
ante teu trono me inclino;
pois Lúthien tem muitas artes,
do rei alívio nestas partes."

"Aqui tu ficas, Lúthien,
prazer ou dor, por mal ou bem —
ou dor, a sina mais constante
pra servo falso e arrogante.

Partilha aqui nosso destino,
pesar e lida! É desatino
poupar donzela fraca, esguia
deste penar! Que serventia
terão teu canto, teus rumores,
teu riso tolo? Trovadores
me sobram. Mas vou conceder
descanso breve pra viver
um pouco mais, caro porém,
à bela, clara Lúthien,
brinquedo para hora ociosa.
Em seus jardins tal flor cheirosa
os deuses têm para beijar,

Gō ſalbiem, gō ſalbiem —
ſalūm ſeāt oꝛ ecſm̄o ſꝰ naem!
Jeſ ſeāyna, ſeāyna ym naīr .lōꝛ!
ī lūba ſyld hoy chayi hyōꝛ.
Jop wōꝛ the hiaqoꝛ inn lic lōꝛ
cſūr ſmaqiar ſūaꝛ ſpiritꝰ haꝛ?
Jop boꝛi hyēel imaīg inn lic naāꝛs
lm qamayꝰ ciſp-lꝛ, ohchayiar naāꝛs
hyoua ghaciar beabaꝛ — on qūm ymbaīg
wōꝛ paaꝛs qamayꝛ hoy lꝛ ghaem?

ymbaīg hoem chighēs lm ghiar:
Jm ze ō qiar ꝛc zāchs ſꝰ ſalla
ymꝰ hiaqoꝛ ghēs ai maīg naem maīg
Jop ydꝰ lꝛ yipaeꝛg ymoym aqbo.
Jop chayi ydꝰ ſꝰ paeꝛs ymb ciꝰ
manhym oꝛ ghāyꝛs, ſꝰ lūny dea maīꝰ
ā pyceāciar qima zihꝰ lupāꝛ poyā
ſꝰ lm paibaem mār hyōm ā ymā.
Jm ſalbiem lich maoi amꝰ
hom Goꝛaꝛ-ghiꝰ Jm ghiaqoꝛ. lamꝰ.

ſꝰ lūny dea maīꝰ ymā chāꝰ yimaēm
mā ſalbiem, ims cuſō om ꝑēm —
om ꝑēm, ſꝰ waīꝰ ymāna hoy ōꝛ
ꝑaſſaꝛ ſꝰ upꝛyſcaꝛꝰ zaīꝛ ſꝰ hyōꝛ.
Lār chaym ſi maēꝰ om hīꝰ chuny
cha zō ſꝰ pyābaīꝛ? Jār chaym ā ghaem
ꝑa ghaēm ziaa ſꝰ paaꝛꝰi hyēꝛ
paycāciar paaꝛmaꝛꝰ? cha ꝛaꝛs chaēꝛ
lm ymaꝛs mā ꝑīaa mār ꝑaiaꝑa ciar Goaꝛ
ſꝰ haāꝛiel ꝛchaꝑo? aimꝛchꝑyꝛꝰ ghaꝛaar
oꝛ aꝛs maīr qāꝛ. ꝑaꝛ āꝛiꝛ aqba
cyachꝑāꝑ haꝛayka, ꝛ lāꝛ ꝑa lika,
ꝛchāꝰ lāꝛ, hā ꝑaꝛuchꝰ ꝑaaꝛ-ꝑaiꝛ,
mā ziꝑ ſalbiem ꝛ.ghꝰ lius.

A Balada de Leithian, versos 3994–4027.

doce qual mel, e descartar,
já sem fragrância, sob seus pés.
Aqui porém tal como és
não vemos no labor nocivo,
privados cá do ócio divo.
Quem não prefere o doce mel
nos lábios, pisar em tropel
das flores pétalas suaves
pra aliviar as horas graves?
Malditos Deuses! Cruel fome,
sede que cega e consome!
Cessai, saciai vosso ferrão
co'este petisco em minha mão!"

O olho em chama se acende,
a impudente mão estende.
Lúthien, a sombra, se esquiva.
"Mas não assim, ó rei!" altiva,
"toma um senhor a prenda dada!
Cada jogral tem sua toada;
suave um, o outro forte,
deixai a cada um a sorte,
que ora canta, ora cala,
por rude a nota, leve a fala.
Arte sutil tem Lúthien
pro régio coração também.
Escuta!" Asas ela apanha,
sobe com rapidez tamanha
que o giro seu ele não alcança;
volita à sua frente, dança
balé confuso, envolve alada
cabeça em ferro coroada.

O canto outra vez ressoa;
cai leve como uma garoa
dos altos do imenso paço
mágica voz, que passo a passo
se estende em ribeirão de prata
que em negros poços sonhos ata.

Desliza o traje em abandono
envolto em trama urdida em sono,
girando vaga lá na treva.
De muro a muro a dança eleva,
bailado tal que nunca fata
bailou, nem desde essa data;
nem andorinha nem morcego
errou assim sem assossego,
nem mais sedosos a rodar
silfas donzelas pelo Ar
que giram no salão de Varda
em ritmo certo que não tarda.
Desaba Orque, Balrog altivo;
morre o olhar, o juízo vivo;
sossegam apetite e mente,
e ela canta, ave insistente,
em mundo obscuro, desolado,
levada em êxtase encantado.
Morre o olhar, mas não no cenho
de Morgoth que fita ferrenho,
os olhos que buscam pasmados
mas são por fim enfeitiçados.
Foge a vontade, apaga a vista,
mais pálida, com sono mista,
e cada Silmaril qual astro

se acende nesse escuro castro,
ascende e no alto brilha,
cintila ali qual maravilha.

Súbito descem com clarão,
despencam no medonho chão.
A fronte escura está pensa;
qual píncaro em bruma imensa
submerge o ombro, se estatela
o vulto, como na procela
penha desaba em destruição;
Morgoth despenca em seu salão.
No chão então rola a coroa,
ribomba, e não mais ecoa
um som — silêncio tão profundo
que dorme o coração do Mundo.

Sob a cadeira vasta e vaga
serpentes há qual rocha aziaga,
lobos também no chão, horror,
lá Beren jaz em grão torpor:
nem pensamento ou sonho leva
em sua mente imersa em treva.
“Avante! A hora já chegou,
de Angband o senhor tombou!
Desperta! Estamos sós, lamento,
ante o pavoroso assento.”
A voz ele ouve no abandono
dos fundos poços do seu sono;
mão suave e fresca como flor
lhe roça a face pra compor
a mente obtusa. Já peleja

pra despertar, e já rasteja.
Rechaça a lupina pele,
põe-se de pé, ali repele
treva e silêncio que retumba,
arfa qual vivo envolto em tumba.
Mas a seu lado ela já desce,
a Lúthien que estremece,
força e magia desgastada,
e em seus braços cai cansada.

Ante seus pés vê ele então
gemas de Fëanor no chão,
com fogo branco na coroa
de Morgoth, que tombar deixou-a.
Pra remover a peça vasta
de ferro a força não lhe basta;
tenta arrancar com mãos e gana
a meta da demanda insana,
té recordar a manhã fria
em que lutou, grande porfia,
com Curufin; saca e alinha
o seu punhal que é sem bainha,
e testa o gume, frio qual gelo,
que em Nogrod escutou com zelo
cantar armeiros dos ananos
a martelar, faz muitos anos,
que fende ferro qual madeira,
malha d'anéis qual mole esteira.
Recorta as garras do engaste,
separa e dobra cada haste;
a Silmaril retém na mão,
o brilho rubro passa então,

radioso, a carne através.
Inclina-se, outra das três
sagradas joias sacar fora
que Fëanor lavrou outrora.
Mas esses fogos têm sua sina;
ali sua história não termina.
A faca de artesãos matreiros
feita em Nogrod por ferreiros
se parte em dois, e retinindo
voa qual dardo, e ferindo
a fronte que está dormente
de Morgoth; susto de repente
sentem os dois. Morgoth murmura
com voz de vento em sepultura,
em oca cova encerrado.
Respira então; alento arfado
sai pela sala; Orque e besta
tremem no sonho de vil festa;
Balrogs agitam-se dormindo,
no alto, longe, lá vem vindo
eco no túnel que é vazio,
uivo de lobo, longo e frio.[M]

NOTAS

3840 No início do Canto está escrita a data “1 de out. de 1930”. A data anterior era 30 de setembro de 1930 no verso 3790.
3860 Depois desse verso, o texto datilografado B termina, e o texto continua até o fim em um manuscrito bem-acabado.
3881 Este verso está datado de “14 de set. de 1931”. A data anterior era 1 de outubro de 1930 no verso 3840.
3887 Este verso está datado de “15 de set.” (1931).

3947 Alteração tardia em B: *da mansão de Sauron lá atrás*. Ver p. 275, nota aos versos 2064–066.
3951 Alteração tardia em B: *De Sauron muito ouvi renome*.
3954 Na margem de B, ao lado de *Thuringwethil*, foi acrescentado, no momento em que o texto era escrito, "isto é, a de sombra oculta".
3957 *Beleriand* A e B (ou seja, não foi uma emenda de *Broseliand*).
3962 Este verso está datado de "16 de set. de 1931".
3969 *mágico* > *élfico* em B, mas isso foi sem dúvida uma mudança tardia, quando meu pai não mais usava essa palavra antigamente dileta.
4029 Ao lado deste verso está escrita a data "14. de set.", duplicando a data do verso 3881.
4045 Ao lado deste verso está escrita a data "16. de set.", duplicando a data do verso 3962.
4085 Depois desse verso está escrita a última data no manuscrito A, "17 de set. de 1931".
4092–093 Esses versos foram escritos na margem de B, mas os versos originais,

e cada Silmaril, qual estrela
com o fumo da Terra a envolvê-la

não foram excluídos.
4163–166 A: voa qual dardo; medo infindo
sentem os dois. Morgoth murmura

Comentário ao Canto XIII

Não há muito para se descobrir nas Sinopses a respeito desta parte da narrativa, mas a cena de Angband nunca foi demasiadamente alterada a partir de sua forma original no *Conto de Tinúviel* (II. 44 e seguintes). O final da Sinopse I se restringe a meros títulos, II já se encerrou, e IV não fala da entrada em Angband. A Sinopse III, que em pp. 344–45 chega até o ponto em que Carcharoth é encantado, continua:

> Após infinita andança em corredores, eles chegam à presença de Morgoth. Morgoth fala: "Quem és tu que adejas em meus paços como um morcego, mas que morcego não é? Tu não pertences a este lugar, e nem foste convocada. Quem jamais chegou aqui sem convocações? Ninguém!" "Mas eu fui convocada. Sou Lúthien, filha de Thingol." Morgoth então gargalhou, mas estava perturbado com desconfianças, e falou que sua raça maldita não encontraria palavras suaves ou favores em Angband. O que ela poderia fazer para lhe dar prazer e salvar-se das masmorras mais profundas? Ele estendeu sua grande mão impudente, mas ela se esquivou. Ele fica irado, mas ela se oferece para dançar.

> [*O restante do esboço está a lápis, indecifrável em alguns pontos*:] Ela deixa cair seu traje de morcego. Seus cabelos caem à volta. As luzes de Angband morrem. Escuridão impenetrável sobrevém: só os olhos de Morgoth e o débil tremeluzir de Tinúviel . . . . . Sua fragrância faz com que todos se aproximem, sôfregos. Tinúviel adeja [?para dentro] de uma porta, deixando Beren pasmado de horror . . . . . .

Aqui esse esboço termina. As palavras de Morgoth, "Quem és tu que adejas em meus paços como um morcego", também ocorrem no *Conto de Tinúviel* (II. 45) — esse rascunho frequentemente retira palavras diretamente do *Conto*, ver pp. 333, 345. Esse é um ponto curioso, pois, no *Conto*, Tinúviel não estava vestida em um couro de morcego, ao passo que, na Sinopse III, ela estava. É possível que as palavras de Melko tenham, de fato, dado origem a esse elemento na história.

No *Conto*, Tinúviel mentiu a Melko, dizendo que seu pai Tinwelint a expulsara e, em resposta, ele lhe diz que não deve esperar por "palavras suaves" — outra frase que se repete na Sinopse III. Mas o restante desse esboço não tem proximidade com o *Conto*.

Nesse ponto, a Sinopse V é muito curta. Após o "encantamento de Carcharos" (p. 345), ainda sob o título "11" ela traz:

> O logro a Morgoth e o roubo da Silmaril. A faca anânica de Curufin se parte.

Fica claro que a passagem que encerra a Sinopse III acima foi precursora direta do Canto XIII; mas alguns elementos — e mesmo o fraseado — da cena remontam ao *Conto* sem que sejam mencionados na Sinopse. As palavras de Lúthien "sua rebelde filha" (4007) parecem ecoar "é um Elfo imperioso e não concedo meu amor a mando dele" (II. 45). Há uma clara relação entre as palavras do *Conto* (II. 46):

> Então Tinúviel iniciou uma dança tal que nem ela, nem qualquer outro espírito, ou fata, ou Elfa jamais dançara antes, nem dançou

desde então
e os versos 4072–073

bailado tal que nunca fata
bailou, nem desde essa data;

e compare “serpentes há qual rocha aziaga” (4109) com “Sob seu assento as víboras jaziam como pedras”. É interessante ver a ideia do estilhaço de faca atingindo a fronte de Morgoth (o rosto, em *O Silmarillion*) surgir a partir da composição deste Canto; da maneira que foi escrito da primeira vez (ver nota aos versos 4163–166), parece que foi o som da faca se partindo que incomodou os que dormiam, como acontece explicitamente no *Conto* (II. 46–7). Compare os “artesãos matreiros”, os ferreiros de Nogrod (4160–161) que fizeram a faca de Curufin, com a passagem em *Os Filhos de Húrin*, acerca dos *barbados Anãos / que juras não respeitam* que fizeram a faca de Flinding, a qual escorregou da bainha (p. 57, verso 1142 e seguintes): ela foi feita pelos Anãos de Belegost e, como a faca de Curufin,

seu gume devorava sem agrura o ferro,
feito o arado que racha um torrão de argila.

O relato em *O Silmarillion* (pp. 246–47) é claramente baseado no Canto XIII, do qual retira muitos elementos, mesmo que seja reduzido, notavelmente pela compressão de dois episódios em que Lúthien canta (iniciando nos versos 3977 e 4062) em apenas um; e a prosa aqui deve menos à poesia do que em outros lugares.

O nome que Lúthien atribui a si mesma diante de Morgoth, *Thuringwethil* (verso 3954), é notável. Em *O Silmarillion* (p. 244), o couro de morcego que Huan trouxe de Tol-in-Gaurhoth era o de Thuringwethil: “era a mensageira de Sauron e costumava voar em forma de vampira até Angband”, ao passo que, na Balada (verso 3402 e seguintes), como observei, (p. 334), “as asas de morcego carregam os mensageiros de Thû, e não são associadas a um

mensageiro particular ou mais importante". Parece possível que, na Balada, Lúthien cunhou o nome ("a de sombra oculta") como uma descrição enigmática de si mesma, e isso levou à concepção da mensageira-morcego que ia da Ilha do Mago até Angband, chamada Thuringwethil; mas não há como provar isso.

Compare os versos 4077–079,

> silfas donzelas pelo Ar
> que giram no salão de Varda
> em ritmo certo que não tarda.

com o conto *A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor* (I. 86), onde se diz que, com Manwë e Varda entraram no mundo "muitos dos Vali menores que os amavam e tocaram perto deles e afinaram sua música à deles, e esses são os Mánir e os Súruli, *os silfos dos ares e dos ventos*".

XIV

Subindo por escada e rampa,
fantasmas a fugir da campa,
da raiz funda da montanha,
da ameaça que é tamanha,
receio trêmulo, incontido,
no olho terror, medo no ouvido,
vão impelidos na batida
dos pés que voam em corrida.

Perto do fim da longa via
vem um lampejo que é do dia,
o amplo arco do portão —
novo terror aguarda então.

Desperto, alerta no limiar,
olhos com fogo a brilhar,
é Carcharoth, sina constante:
a boca é túmulo hiante,
presas à mostra, língua em brasa;
que ninguém fuja de sua casa,
sombra ágil nem vulto caçado
saia de Angband acossado.
Que fraude ou força há de passar
da morte à luz e escapar?

Escuta os passos à distância,
sente sutil, doce fragrância;
fareja a vinda do casal
antes que o vejam no portal.
Espanta o sono, põe-se ativo,
alerta espreita. Ataque vivo
faz aos que passam em carreira,
com uivos pela arcada inteira.
Mais rápido é o assalto, tanto
que é mais veloz do que um encanto;
Beren põe Lúthien de lado
e vai em frente desarmado
pra sem defesa defender
Tinúviel do que vier.
Esquerda agarra o gasganete,
direita no olho já se mete —
a sua direita com luz pura
em que a Silmaril segura.
Reluz ali, espada em fogo,
de Carcharoth a fauce, e logo
se fecha como alçapão,

do pulso ali arranca a mão,
4220 rasga tendão e rompe osso,
devora a mão esse colosso,
e a boca impura do terror
engole a joia e seu fulgor.[N]

Os Cantos Não Escritos

Praticamente não houve alterações na narrativa do *Conto* para a Balada nessa passagem de abertura do Canto XIV, mas o relato em *O Silmarillion* é diferente, pois ali Beren não golpeou os olhos do lobo com a mão direita que segurava a Silmaril, mas segurou a joia diante de Carcharoth para intimidá-lo. Meu pai pretendia alterar a Balada aqui, como se vê por uma indicação marginal para introduzir o elemento de "intimidação".

A Balada de Leithian termina aqui, tanto no texto A quanto no B, e também nas páginas do rascunho mal-acabado, mas uma folha isolada, em outro lugar, fornece alguns versos adicionais, junto com variantes, no primeiro estágio da composição.

Ao muro então Beren vai ter,
co'a esquerda tenta proteger
a bela Lúthien, que chora
vendo sua dor, e que agora
ao chão se abate com angústia.

Há também um trecho curto, encontrado em uma folha separada, no final do texto B, com o título "um fragmento do final do poema":

Onde o riacho passa a mata
e cada tronco de remata

em alta copa, carregada
casca de sombra pintalgada
junto ao verde, claro rio,
vem pelas folhas arrepio,
sussurro em vento no ligeiro
silêncio calmo; vem do outeiro
alento como de quem dorme,
eco de morte, frio enorme:
“De longa sombra é a trilha
que nenhum pé jamais palmilha,
sobre a colina, além do mar!
Longes as Terras de Folgar,
mais longes são as dos Perdidos,
lá estão os Mortos, esquecidos.
Sem lua, voz, e sem ruído
de coração; fundo gemido
em cada era, quando a era
acaba. A Terra da Espera
dos Mortos é longe a buscar,
sentam em sombra, sem luar.”[O]

Compare esses últimos versos com a passagem ao final do conto de Beren e Lúthien em *O Silmarillion* (p. 254):

> Mas Lúthien chegou aos salões de Mandos, onde estão os lugares designados para os Eldalië, além das mansões do Oeste, nos confins do mundo. Ali aqueles que esperam se assentam na sombra de seu pensamento.

Não há nada além disso, e não acho que jamais houve algo além disso. Todo o trabalho posterior que meu pai empreendeu no poema foi dedicado à revisão do que já existia, e a *Balada de Leithian* se encerra aqui.

Das cinco sinopses que foram incluídas nas páginas anteriores, somente a quinta diz respeito à fuga de Beren e Lúthien de Angband. Esse esboço foi citado pela última vez na p. 357 (“a faca anânica de Curufin se parte”), e continua:

> Beren e Lúthien fogem atemorizados. Despertar de Carcharos. A mão de Beren que segura a Silmaril é decepada. Loucura de Carcharos. Angband desperta. Fuga de Beren e Lúthien rumo às águas do Sirion. O Canto termina [isto é, Canto 11, ver p. 357] com eles ouvindo a perseguição dos lobos. Envolto na capa de Lúthien, eles esvoaçam sob as estrelas.

O resgate de Beren e Lúthien por Thorondor e seus vassalos ainda não estava presente e a história ainda estava, nesse aspecto, igual ao *Conto de Tinúviel* (II. 47–8). Veja especialmente:

> Tinúviel enrolou parte de sua capa escura em torno de Beren e assim, por algum tempo, esvoaçando no crepúsculo e na escuridão entre as colinas, não foram vistos por ninguém.

O primeiro registro da história modificada da fuga de Angband se encontra em um retalho de papel isolado, escrito rapidamente a lápis e muito difícil de decifrar:

> Carcharoth enlouquece e impele todos os [?orques] à sua frente como um vento. O som de seu terrível uivo faz as rochas se fenderem e caírem. Há um tremor subterrâneo. A ira de Morgoth ao despertar. O portal [?colapsa] e o inferno é bloqueado, e grandes fogos e fumaças irrompem de Thangorodrim. Trovão e relâmpago. Beren jaz moribundo diante do portão. A canção de Tinúviel conforme beija sua mão e se prepara para morrer. Thorondor desce e os leva em meio aos raios que os [? golpeavam] como lanças e a uma saraivada de flechas das ameias. Passam sobre Gondolin e Lúthien vê a cidade branca à

distância lá embaixo, [?cintilando] como um lírio no vale. Thorondor a depõe em Brethil.

Isso é bem próximo, em termos de estrutura narrativa, à história de *O Silmarillion* (pp. 248–49), com o tremor, fogo e fumaça de Thangorodrim, Beren jazendo próximo ao Portão, Lúthien beijando-lhe a mão (estancando a ferida), a descida de Thorondor e o sobrevoo da(s) águia(s) por Gondolin. Esse último detalhe mostra que o breve esboço é relativamente tardio, visto que Gondolin já existia antes da Batalha das Lágrimas Inumeráveis (II. 250). Contudo, nesse texto eles são levados até Brethil (um nome que não aparece nos trabalhos até muitos anos depois); em *O Silmarillion*, eles são depostos "nas fronteiras de Doriath", no "mesmo vale de onde Beren fugira em desespero, deixando Lúthien adormecida". — Sobre a referência a Gondolin como "lírio no vale", ver I. 210.

A Sinopse V tem mais a dizer depois acerca das errâncias de Beren e Lúthien antes de retornarem a Doriath, mas vou agora expor integralmente o material restante antes de comentá-lo. Primeiro, é conveniente citar o final da Sinopse II já fornecido anteriormente (p. 318):

Embaixada de Celegorm a Thingol, de modo que Thingol sabe, ou acha que sabe, que Beren está morto e que Lúthien está em Nargothrond.

Por que Celegorm e Curufin são odiados por Thingol . . . . .
A perda de Dairon.

A Sinopse IV foi incluída (p. 321) apenas até "Preparam-se para partir a Angband", visto que, após isso, o esboço se desvia da história dos próprios Beren e Lúthien, de acordo com a projeção de meu pai naquela época para o desenrolar da Balada, e continua assim:

Doriath. A caçada a Lúthien e a perda de Dairon. Guerra nas fronteiras. Boldog morto. Assim, Thingol fica sabendo que Lúthien não está morta ainda e foi capturada, mas teme que o assalto de Boldog signifique que Morgoth está ciente que ela anda vagando. Na verdade, não quer dizer nada mais do que a lenda de sua beleza.

Uma embaixada de Celegorm chega. Thingol descobre que Beren está morto e Lúthien, em Nargothrond. Ele se enfurece com as indicações na carta de que Celegorm deixará Felagund morrer e usurpará o trono de Nargothrond. Assim, é melhor Thingol deixar Lúthien onde ela está.

Thingol prepara um exército para investir contra Nargothrond, mas descobre que Lúthien partiu, e Celegorm e Curufin fugiram para o Aglon. Ele manda uma embaixada até o Aglon. É debandada e posta para correr pelo súbito ataque de Carcharas. Mablung consegue fugir para contar a história. A devastação de Doriath por Carcharas.

12

O roubo da Silmaril e a volta para casa de Beren e Lúthien.

13

A caçada do lobo e a morte de Huan e Beren.

14

A reconvocação de Beren e Huan.

A Sinopse V continua como preparação mais substancial para o final do poema, que nunca chegaria a ser escrito e que meu pai, nesse estágio planejava ter mais três Cantos.

12

Pesar em Doriath à fuga de Lúthien. O coração de Thingol torna-se empedernido contra Beren, apesar das palavras de Melian. Uma magna caçada se dá por todo o reino, mas muitos se desgarraram no norte, oeste e sul de Doriath, para além da magia

de Melian, e se perderam. Dairon se separou dos seus companheiros e vagou para o Leste do mundo, onde, segundo alguns, ainda flauteia buscando em vão por Lúthien.

A embaixada de Celegorm diz a Thingol que Beren e Felagund estão mortos, que Celegorm coroará a si mesmo rei de Narog e, enquanto lhe diz que Lúthien está segura em Nargothrond e faz as tratativas por sua mão, dá a entender que ela não voltará: também o alerta a não se imiscuir na questão das Silmarils. Thingol fica irado — e é levado a pensar mais positivamente sobre Beren, ao mesmo tempo em que [o] culpa pelas atribulações que se seguiram à sua chegada em Doriath, e principalmente pela perda de Dairon.

Thingol se arma para guerra contra Celegorm. Melian diz que, de sua parte, proibiria essa guerra maligna de Elfo contra Elfo, mas que jamais Thingol haveria de chocar lâminas com Celegorm. O exército de Thingol se depara com a hoste de Boldog nas fronteiras de Doriath. Morgoth ouviu falar da beleza de Lúthien e rumores de suas perambulações. Ordenou a Thû e aos Orques que a capturassem. Uma batalha se dá e Thingol sai vitorioso. Os Orques são empurrados para Taur-na-Fuin ou mortos. O próprio Thingol mata Boldog. Mablung Mão-Pesada era o principal guerreiro de Thingol, e lutou ao seu lado; Beleg era chefe dos batedores. Embora vitorioso, Thingol está ainda mais cheio de inquietações com a caçada que Morgoth empreende para capturar Lúthien. Beleg parte do acampamento nas fronteiras de Doriath e viaja sem ser notado pelos arqueiros até o Narog. Leva notícias da fuga de Lúthien, do resgate de Beren e do exílio de Celegorm e Curufin. Ele [*isto é*, Thingol] volta para casa e manda uma embaixada ao Aglon exigindo recompensa e auxílio no resgate de Lúthien. Renova seu juramento de aprisionar Beren para sempre caso ele não volte com uma Silmaril, embora Melian o alerte de que ele não sabe o que diz.

A embaixada se depara com a investida de Carcharos que, pelo fado ou pelo poder da Silmaril, irrompe em Doriath. Todos

perecem, exceto Mablung, que traz as notícias. Devastação das matas. Os Elfos da floresta fogem para as cavernas.

13

Beren e Lúthien fogem para as Montanhas Sombrias, mas se perdem e ficam desnorteados nos horrores de Nan Dungorthin, e são perseguidos por espectros e, por fim, pegos pelas grandes aranhas. Huan os resgata e os guia pelo Sirion abaixo, e assim chegam a Doriath pelo sul e encontram as matas silenciosas e vazias até chegarem à ponte protegida.

Huan, Beren e Lúthien apresentam-se diante de Thingol. Contam toda a sua história; no entanto, Thingol não cede. As palavras valentes de Beren, revelando o mistério de Carcharos. Thingol cede. A caçada do lobo é aprontada. Huan, Thingol, Beren e Mablung partem. Lúthien permanece com Melian, tendo pressentimentos. Carcharos é morto, mas matou Huan, que defendeu Beren. Ainda assim, Beren recebeu ferida de morte, mas viveu para depor na mão de Thingol a Silmaril, a qual Mablung retirou da barriga do lobo.

O encontro e despedida de Beren e Tinúviel sob Hirilorn. Enterro de Huan e Beren.

14

Desvanecer de Lúthien. Sua jornada até Mandos. A canção de Lúthien nos salões de Mandos e a libertação de Beren. Vivem longamente em Broseliand, mas nunca mais falaram com Homens mortais, e Lúthien se tornou mortal.

Isso conclui todo o material nos esboços. Para as referências na própria Balada ao ataque de Boldog e ao interesse de Morgoth em Lúthien, veja os versos 2127–136, 2686–694, 3198–201 e 3665–675.

Na Sinopse IV (pp. 363–64), o ataque de Boldog se dá em um momento anterior da história, antes da chegada da embaixada de Celegorm a Thingol, mas o seu valor narrativo é obscuro. Não fica claro como o ataque serviria para informar a Thingol que “Lúthien não está morta ainda e foi capturada”, e nem por que ele haveria de

concluir que “Morgoth está ciente que ela anda vagando”. Além disso, a afirmação de que “na verdade, não quer dizer nada mais do que a lenda de sua beleza” só pode significar (caso Morgoth *não* tivesse ouvido falar da partida dela de Doriath) que ele mandou o bando de Boldog com a intenção explícita de capturá-la da fortaleza das Mil Cavernas.

Na Sinopse V, o ataque foi deslocado para um ponto posterior, e a hoste que saía de Doriath e que destruiu Boldog estava, na verdade, investindo contra Nargothrond. Em *O Silmarillion*, as mensagens de Celegorm sobreviveram, mas não há indício do ataque de Boldog e Thingol não faz nada além de pensar “em fazer guerra” a Nargothrond:

> Mas Thingol descobriu que Lúthien tinha viajado para longe de Doriath, pois certas mensagens chegaram de Celegorm em segredo […] dizendo que Felagund estava morto, e que Beren estava morto, mas que Lúthien estava em Nargothrond, e que Celegorm queria desposá-la. Então Thingol se enfureceu e enviou espiões, pensando em fazer guerra a Nargothrond; e assim descobriu que Lúthien fugira de novo, e que Celegorm e Curufin tinham sido expulsos de Nargothrond. Então não soube ao certo o que fazer, pois não tinha forças suficientes para atacar os sete filhos de Fëanor; mas enviou mensageiros a Himring, convocando o auxílio deles na busca a Lúthien, já que Celegorm não a enviara à casa de seu pai nem a mantivera em segurança. (pp. 250–51).

Os “espiões” dessa passagem derivam da missão secreta de Beleg a Nargothrond na Sinopse V (p. 365). Parece provável que meu pai de fato descartou o ataque de Boldog e, junto com ele, acabaram-se as sugestões de que as perambulações de Lúthien foram relatadas a Morgoth (verso 3665 e seguintes) e que Thû recebeu ordens de capturá-la (Sinopse V). A passagem no Canto IX da Balada (2686–694) em que Thû reconheceu a voz de Lúthien — ou, no mínimo, sabia que era ela cantando — na verdade não sugere em absoluto que ele a estava buscando ativamente. Esses versos são a origem do

trecho em *O Silmarillion* (p. 239) em que Sauron estava na torre de Tol-in-Gaurhoth e

> sorriu ao ouvir a voz dela, pois sabia que era a filha de Melian. A fama da beleza de Lúthien e do assombro de sua canção há muito se divulgara de Doriath; e ele pensou em fazê-la cativa e entregá-la ao poder de Morgoth, pois sua recompensa seria grande.

Mas a ideia de que a fama da beleza e da canção de Lúthien chegara aos ouvidos de Sauron perdurou de um estágio da narrativa em que o interesse de Morgoth nela era um elemento importante.

Como observado anteriormente (p. 248), a perambulação e perda de Dairon remonta ao *Conto de Tinúviel* (II. 33) e sobreviveu em *O Silmarillion* (p. 250), onde se diz que Daeron atravessou as Montanhas Azuis e "chegou ao Leste da Terra-média, onde, por muitas eras, fez lamento à beira de águas escuras por Lúthien". Na história posterior, menos caso se faz da grande caçada a Lúthien, e nada se diz das mudanças de humor e intenções de Thingol em relação a Beren, mencionadas na Sinopse V. O elemento "político" das ambições de Celegorm e Curufin e a tentativa de intimidação e chantagem a Thingol é, evidentemente, um elemento novo que surge nas Sinopses (excetuando-se a referência anterior na Balada, 2501–503, às intenções dos irmãos quanto a isso), visto que o "Elemento Nargothrond" está completamente ausente do *Conto de Tinúviel*. Coisa parecida acontece com a interceptação da embaixada de Thingol ao Aglon por Carcharoth, da qual somente Mablung sobreviveu. Isso também permaneceu em *O Silmarillion*.

Na Sinopse V, onde ainda não está presente o episódio em que Thorondor leva Beren e Lúthien de Angband, eles fogem de Angband "rumo às águas do Sirion" (p. 362), e (p. 365) "fogem para as Montanhas Sombrias, mas se perdem e ficam desnorteados nos horrores de Nan Dungorthin, e são perseguidos por espectros e, por fim, pegos pelas grandes aranhas. Huan os resgata e os guia pelo Sirion abaixo […]". Também no *Conto* (II. 48), Huan os resgata de "Nan Dumgorthin". Esse ponto da geografia e da alteração na nomenclatura causa grande perplexidade. Demonstrei (pp. 206, 277)

que o significado de "Montanhas Sombrias" se altera no curso da *Balada de Leithian*: no início (versos 386, 1318), a referência é às Montanhas de Terror (Ered Gorgoroth). Depois, (versos 1939–940) é às Ered Wethrin, a cordilheira que cerca Hithlum. As Montanhas de Terror, com suas grandes aranhas, são descritas no verso 563 e seguintes.

Na presente passagem da Sinopse V, as afirmações de que Beren e Lúthien foram em direção ao Sirion ao escaparem de Angband e que Huan, ao resgatá-los de Nan Dungorthin, guiou-os Sirion abaixo, sugerem fortemente que as Montanhas Sombrias aqui são novamente, como esperado, as Ered Wethrin. Nan Dungorthin deve, portanto, ficar no mesmo lugar de *Os Filhos de Húrin*, a oeste do Sirion, em um vale nas encostas meridionais das Montanhas Sombrias. Mas isso significa que as grandes aranhas poderiam ser encontradas em ambos os lugares.

É difícil sugerir uma explicação satisfatória para isso. Uma possibilidade é que, quando Beren cruzou as Montanhas de Terror e encontrou as aranhas (versos 597–74), "Nan Dungorthin" foi colocado naquela região, embora não tenha sido nomeado; na Sinopse V, contudo, ele novamente é alocado, com as aranhas, a oeste do Sirion.

Na história posterior, as águias depuseram Beren e Lúthien nas fronteiras de Doriath, e foi lá que Huan os encontrou.

Na conclusão da Sinopse V, até onde se pode depreender desse esboço muito condensado, há pouquíssima variação em relação à história da caçada do lobo e da morte de Beren conforme contadas em *O Silmarillion*; mas, na Sinopse, Beleg não estava presente na caçada, assim como também não estava no *Conto* (II. 52).

A frase que conclui a Sinopse V é curiosa: "A reconvocação de Beren e Huan" (p. 364). "Reconvocação" obviamente se refere ao retorno de Mandos (o último título na Sinopse I é "Tinúviel vai até Mandos e reconvoca Beren"); e, nesse caso, a intenção de meu pai deve ser que Huan retornaria dos mortos junto com Beren e Lúthien. No *Conto de Tinúviel*, Huan não foi morto (II. 53), e não havia profecia de que seu destino era cair diante do lobo mais poderoso a

jamais caminhar pelo mundo. Ali, tornou-se companheiro de Mablung (II. 55) e, no *Conto do Nauglafring*, retornou a Beren e Lúthien na terra de i·Guilwarthon após a morte de Thingol e o saque das Mil Cavernas.

APÊNDICE

O Comentário de C.S. Lewis à Balada de Leithian

Incluo aqui a maior parte do comentário, sobre o qual consulte pp. 183–84.[q] As referências numéricas de Lewis aos versos foram evidentemente alteradas ao longo do comentário para se adequarem a este livro. As letras H, J, K, L, P e R se referem aos manuscritos imaginários do antigo poema.

Para o texto examinado na primeira entrada do comentário, ver pp. 191–92, ou seja, o texto B(1).

4. *Repastos bastos*. Essa é a lição[r] nos manuscritos PRK. Quem quiser que acredite que o autor criou tal cacofonia. J tem *Doces bebidas, pratos caros*. L *O sorvo doce e o prato caro*. (Muitos acadêmicos rejeitaram completamente os versos 1–8, considerando-os indignos do poeta. "São acréscimos de um escriba tardio para fechar uma lacuna no arquétipo",[s] diz Peabody, que acrescenta: "O movimento mais melodioso e o andar narrativo mais firme no trecho que começa no verso 9 [*Mas que as filhas de Homens mais bela*] bastam para convencer até os mais estúpidos de que aqui, e somente aqui, começa a obra autêntica do poeta." Não estou convencido de que a verdadeira abertura da *Gesta* não seja a do manuscrito H, e ela merece ser citada aqui na íntegra.

Em tempo antigo e eras distantes,
No céu, novos astros brilhantes,
Pra lá de Broseliand havia,

Em uma terra ainda vazia,
Um rei formoso e coroado,
Nas vestes, ouro entrelaçado,
Ouro nos pés também fulgura,
E ouro cingia-lhe a cintura.
Na casa de grãs colunatas
Abelhas áureas, marfíneas ratas,
De quietos licornes tirados
Cornos para beber à beça,
E de xadrez as cúpreas peças
Pilhavam-se em dourada grota
Tinha tudo etc.)

[É praticamente certo que foi a crítica de Lewis que levou meu pai a reescrever a abertura (o texto B(2), p. 189). Ainda que as cúpreas peças de xadrez e os ratinhos de marfim não tivessem lugar na nova versão, é notável que nos versos de Lewis se encontrem as palavras "Na casa de grãs colunatas". Elas não derivam do texto B(1) que Lewis havia lido, mas em B(2) surge o verso *em salões de pedra com colunata*. Parece, portanto, que os salões *com colunata* na canção de Gimli em Moria foram assim descritos originalmente por C.S. Lewis, imaginando os salões de Thingol em Doriath.]

40 A descrição de Lúthien já foi enaltecida com frequência e justiça demasiadas para que este simples comentarista se intrometa.

68 *fama*. Conforme PRKJH. A lição em L é *de altura*. A descrição elogiosa de Schick, chamando tais cacofonias de "rima interna", não é de grande ajuda. "O poeta da *Gesta* não sabia nada de rimas internas, e sua ocorrência (assim chamadas) é uma marca inequívoca de corrupção" (Pumpernickel). Mas ver 210, 413.

71–2 Seria bom para o leitor que deseja ter um parâmetro do verdadeiro estilo da *Gesta* aprender de cor esse dístico impecável e característico.

77 HL *Que nos festins ouvem mortais*

[O verso em B(1) era *que ouviram festivos mortais*. O verso de Lewis foi adotado, trocando-se *nos* por *em seus*.]

99–150 Esta é considerada por todos os críticos uma das mais nobres passagens da *Gesta*.

112 Note o duplo sentido de "interior" (macrocósmico e microcósmico). O fato de que o poeta original talvez não tivesse consciência disso não diminui necessariamente o nosso deleite.

[Lewis estava claramente correto ao suspeitar que o poeta original não tinha em mente tal duplo sentido.]

117 H *As tropas de ambulante ira*

[Lewis estava criticando o verso original em B, *más tropas de ordenada ira*. O verso proposto por Lewis foi adotado, mas mantendo-se *ordenada* em vez de *ambulante*.]

[No comentário a seguir, a lição criticada era:

Deitava em todos gume e fogo
negassem seu mando e seu rogo,
e as terras para lá dos montes
sofriam pesares aos montes.]

124 O pronome relativo ficou implícito. Suspeito tanto da sintaxe quanto da palavra *negassem*, nenhuma das quais soa autêntica. A lição de H é:

Deitava em todos que senhor

Não o aclamassem fogo e horror;
E ao Norte, por todos os cantos,
Espalhava males e prantos.
Mas vivendo num bosque frio etc.

130 "Um verso fraco" (Peabody).
[O verso original em B que Lewis criticou era *que outrora a este Rei fez frente*, alterado para *de Homens foi príncipe e regente*.]

137 Há alguma emenda. O ritmo, contudo, é satisfatório, e provavelmente ocorreria com mais frequência se a afetação silábica dos escribas não o tivesse "emendado" em outros lugares.

172 LH *Em que perdi*
[Nenhuma alteração foi feita ao texto.]

173–74 L *Pensou, fitando a escuridão,*
Com admirado coração
[Nenhuma alteração foi feita ao texto.]

[No comentário seguinte, a lição criticada era:
E sem seu nome lhe chamar,
Nem como escapou perguntar.]

175–76 *como escapou*. Uma frase latinizante,[t] denunciando imediatamente uma corrupção muito tardia. A feia aliteração *sem seu* confirma minhas suspeitas acerca do dístico. Nenhuma emenda satisfatória foi proposta.
[*nem como escapou perguntar* foi alterado para *como escapou lhe perguntar*.]

196–97 H *Lamentando, o espírito seu / quer paz* etc.
Peabody observa, acerca da passagem completa: “A combinação entre a extrema simplicidade, com uma verdade psicológica convincente, e a compaixão que, sem um único comentário, nos dá ciência de que Gorlim é a um só tempo perdoável e imperdoável, torna essa parte da história extremamente comovente.”
[Nenhuma alteração foi feita aos versos 196–97.]

208 *se este puder*. LH *caso possa*
[Nenhuma alteração foi feita ao texto.]

210–11 Uma das poucas passagens em que a teoria proposta por Schick de que há rimas internas deliberadas encontra alguma sustentação.
[Ver o comentário ao verso 68.]

215 *ao*. H *e ao*.
[Nenhuma alteração foi feita ao texto.]

[Os versos 313–16 aludidos no comentário a seguir foram colocados entre parênteses, indicando exclusão, e a palavra *que* no verso 317 foi alterada para *E*, antes de o texto ser entregue a Lewis.]

313 O manuscrito H diz

Vê Morgoth que seu contendor
prestou serviço, executor.
E Beren…

“Nosso escriba está certo ao excluir o segundo dístico, mas errado ao excluir o primeiro” (Peabody). O primeiro par de versos excluído certamente merece permanecer no texto; de fato, sua eliminação prejudica

seriamente a realidade de Morgoth. Eu publicaria como está em H, colocando *Vê… executor* entre parênteses ou travessões.

[Meu pai ticou os dois primeiros versos (313–14), o que talvez demonstre que ele aceitou a sugestão. Eu mantive os quatro versos no texto.]

400 Sobre o Canto 2 como um todo, Peabody afirma: "Se isto não for uma boa narrativa romântica, confesso que não sei o que é."

401 et seq. Um relato mais filosófico do período se encontra no chamado *Poema Historiale*, provavelmente contemporâneo do mais antigo manuscrito da *Gesta*. A passagem em questão diz o seguinte:

Há muito tempo, antes de o sol se alçar
De as rodas do céu saberem galgar
Firmes qual sonhos; pois sonhos, decerto,
Fizeram um mundo d'Elfos repleto.
E os grãos desejos que hoje andam somente
Pela escuridão das cavas da mente,
E o tremor, o desalento e o pecado
Andavam à solta, sem cadeado.
O pensar faz sombra: falam os brutos:
E numa estrela os homens dão seus frutos.
O espírito molda um mundo inconstante.
Nada é falso ou verdade nesse instante.

[Humphrey Carpenter, que cita esses versos em *The Inklings* [Os Inklings], afirma (p. 30): "Às vezes, Lewis de fato sugeria passagens inteiramente novas para substituir versos que ele achava pobres, e

também nesses momentos atribuía a suas próprias versões fontes supostamente históricas. Por exemplo, ele sugeriu que os versos sobre os 'dias antigos' [401 e seguintes] poderiam ser substituídos por esta estrofe de sua própria lavra, que ele descreveu como sendo do "chamado *Poema Historiale* […]'." Mas Lewis não poderia ter concebido esses versos como substitutos: eles não apenas, como diz Humphrey Carpenter, mostram "quão grande era a diferença entre a imaginação poética de Lewis e a de Tolkien", como também estão em um metro distinto; ver os comentários de Lewis aos versos 438–42.]

413 Outro exemplo em que a teoria da "rima interna" se justifica.

438–42 Quase certamente espúrios. Essa afirmação filosófica abstrata — que não seria surpreendente na poesia escolástica do período, como o *Poema Historiale* — é muito alheia à maneira da *Gesta*. A lição em L é a seguinte:

> *… doces melodias*
> *Ficou imóvel, e por dias*
> *Os seus por ele procuraram*
> *Com cães, e seu nome gritaram,*
> *Até que em naus foram-se embora.*
> *Pra ele foi como uma hora*
> *Mas longa era já passava*
> *Quando a encontrou onde sonhava.*

[Meu pai assinalou os versos 438 e os seguintes no texto datilografado, mas não fez alterações ao texto.]

516 *Flóreo hastil*. O leitor deve notar como o estilo geralmente simples da *Gesta* ainda assim tem o poder de se elevar a expressões como essa sem perder sua unidade.

[No comentário a seguir, a lição criticada era:

the silent elms stood dark and tall,
*and round their boles did shadows fall*518
where glimmered faint…][u]

518 *did* nos manuscritos PRK, *let* nos manuscritos JL. Embora nem *did* e nem *let* sejam bons, a lição de PRK parece melhor, e um leitor atento à história pode fazer vista grossa ao seu modo levemente canhestro. O "ajeitado" e evasivo uso de *let*, com sua atribuição puramente formal de dar papel ativo às árvores, é muito pior, assim como um cenário barato é pior do que um pano de fundo simples. A lição em H é:

The silent elms stood tall and grey
And at the roots long shadows lay[v]

519–42 "Esta passagem", observa Peabody, "repara grandemente o lapso do poeta (*dormitat Homerus*) no verso 518. *Ipsa mollities*."

[Não entendo por que Lewis cismou particularmente com *did* no verso 518: seu emprego como artifício métrico era muito comum no texto B conforme chegou às mãos dele — ocorre duas vezes, por exemplo, na passagem aqui enaltecida: *did flutter* (523) e *did waver* (533), ambos subsequentemente alterados.]

555–56 "*O si sic omnia!* Ora se nosso poeta não revela vislumbres do verdadeiro empíreo da poesia e, no entanto, em sua primorosa humildade, escolhe com maior frequência habitar o céu intermediário, mais ameno e aéreo (não etéreo)." (Pumpernickel). Alguns julgam que tal concepção da morte que se torna vida é um acréscimo tardio. Mas cf. este antiquíssimo poema lírico preservado

no manuscrito N3057, hoje guardado na biblioteca pública de Narrowthrode (a antiga *Nargothrond*), que é provavelmente tão antigo quanto a *Gesta*, ainda que, como toda a poesia escolástica, tenha uma nota mais moderna:

Por orgulho exagerado
Renasço de erros repleto,
E olho, a cada hora, de lado,
O meu espelho secreto,
Faço ali cada postura
Pra ajeitar minha figura.

Uvas me deste, mas eu
As olho, mesmo faminto,
Escuros globos qual breu
Na minha'alva mão os sinto,
E fico ali, observando,
Os cachos vivos murchando.

Mas se rápido eu morrer
Qual Narciso, de desejo
Logo vem a acontecer
Que formas de assombro vejo
Tornando humilde o orgulho
pelo bem do próprio orgulho.

Só nesse momento giro
O pescoço, e então ardente
Homem derretido eu viro
E olho para trás, consciente
De onde o mal vem, da luz que faz o escuro,
Beleza que faz meu reflexo impuro,

O amor-próprio que dá à luz, morituro.

[O que o criador de Nargothrond pensava da biblioteca pública de Narrowthrode é assunto para especulação. — Este poema, com algumas alterações, foi incluído em *O Regresso do Peregrino* (1933).]

563–92 *Sic* em todos os manuscritos. Decerto, a passagem é genuína e verdadeiramente digna da *Gesta*. Mas ela certamente deveria estar, originalmente, posicionada no verso 391 ou 393, não? A inserção artificial da jornada de Beren no presente ponto — onde aparece como retrospectiva, e não como narrativa direta — ainda que defensável, pertence a um tipo de arte mais sofisticada que a *Gesta*: é justamente o tipo de transposição que um redator literário broseliândico faria sob a influência da épica clássica.

[Depois de um quarto de século ou mais, meu pai reescreveu essa parte do poema e acatou o conselho de Lewis. Ver p. 410.]

[A lição original em B criticada no comentário seguinte (começando no verso 629) era:

Fitou selvagem, boquiaberto
quietas árvores, chão deserto;
a lua zonza e gris fremia
com choro, porque ela partia.]

629–30 Conforme PRKJ. O latinizante uso adverbial do adjetivo *selvagem* e os artigos omitidos no verso seguinte são suspeitos.

L *Selvagemente, Beren viu*
(As) árvores, o chão vazio.*
A lua zonza etc.

* Peabody acrescenta *As*. Mas o pé monossilábico é bastante possível. Cf. o verso 687.

> H *Beren vê com selvageria,*
> *Mata nua e terra vazia.*
> *E a lua, sozinha e cinzenta,*
> *cobrindo da floresta a senda.*

Prefiro H porque remove a afetação (é pouco mais do que isso) sobre a lua. (Deve-se, é claro, fazer uma distinção entre esse tipo de personificação tépida e mitologia genuína.)

[Ao lado disso, meu pai escrevinhou no texto de Lewis: "Não é o caso!! A lua estava zonza e tremeluzindo por causa das lágrimas nos olhos dele." Contudo, ele riscou os dois versos com força no texto datilografado, e eu os excluí do texto.]

635–36 Um excelente símile.

641 Peabody, embora grande amigo de soluções métricas no geral, é da opinião que essa solução em particular (*atordoado e encantado*) soa "singularmente áspera". Talvez a lição no texto original fosse *atroado*.

[A lição em B era *sozinho, atordoado e encantado*. Meu pai, então, alterou *atordoado* para *atroado* e o colocou depois de *encantado*.]

651–52 JHL transpõem.

[Isso foi feito. Ver 1222–223, nos quais esses versos se repetem, mas são deixados na sequência original.]

[Depois do verso 652, o texto B tinha:

> Assim pensou seu cor. Contudo,
> palavra alguma disse, mudo,

por feitiço qual sonho atado,
em anseio, do rio ao lado.

Após ver o comentário de Lewis, meu pai assinalou “revisar” neste trecho e colocou uma marca de exclusão, e por isso eu eliminei os quatro versos do texto.]

Apenas em PR. Quase indubitavelmente espúrios. “Os redatores tardios,” afirma Pumpernickel, “sempre ampliavam desnecessariamente, como se a imaginação dos seus leitores não conseguisse fazer nada por conta própria, embotando assim a verdadeira força e energia da *Gesta* […]”. Leia-se:

Grande sofrer e solidão,
— Mágico rio sem compaixão.”
O estio se vai etc.

[*sofrer* era a lição original de B no verso 651, depois alterado para *desejo*, mas mantido no verso 1223.]

653–72 Sobre essa passagem admirável, Peabody observa: “É como se a própria mata estivesse falando.”

677–79 LH *Da atra cava a lua descobre*
A bruma da terra que encobre
O lento sol no amanhecer
[Nenhuma alteração foi feita ao texto.]

683 *Batida*, uma palavra completamente inadequada para o som descrito, deve ser uma corrupção. Nenhuma emenda plausível foi sugerida.
[Meu pai escrevinhou um substituto hesitante para *batida*, e uma versão diferente do verso 684 (*dos seus pés em folhosa*….), mas eu não consigo ler as palavras da rima.]

685–708 Para enaltecer esta passagem, não preciso acrescentar nada aos inúmeros elogios de meus antecessores.

710 Bentley propõe *viu de longe*, evitando a fealdade que sempre resulta do [w] final seguido de uma vogal no início da palavra seguinte.
[A lição criticada era *viu ao longe*, e o verso foi alterado conforme a sugestão.]

715 *chega ele* PRK. *Ele chega* JHL. PRK parece ser um "aperfeiçoamento" métrico de algum escriba, obtido à custa de uma inversão sem sentido.
[A lição criticada era *Furtivo chega ele*, alterada para *Furtivo ele chega*.]

727–45 Esta passagem, da maneira que se apresenta, está seriamente corrompida, embora ainda seja possível discernir a beleza do original.
[Ver as notas a seguir.]

[A lição original dos versos 729–30 de B era:

no morro verde ele saltou —
a graça élfica escapou;]

729 Pieguice e prosa intoleráveis em uma passagem de tamanha tensão.

[A lição original do verso 739 em B era:

e encanto impediente teceu:]

739 Por que *impediente*? “Que o amanuense recolha sua sujeira” (Bentley).

[Ao lado disso, meu pai escreveu “Um encanto que faz todos pararem”, mas, na margem de B, escreveu *hesitante/de amarras*, e adotei *de amarras* no texto.]

[A lição original de B nos versos 741–5 era:

Tanto amor tem a voz querente 741
que, tocada, ela de repente
parou um instante, e ele chegou
e flamas o cor abrasou. 744

741–42 Há que se suspeitar sempre do presente histórico. O segundo verso está incuravelmente corrompido. *Tocada*, com esse sentido, é impossível na linguagem da *Gesta* e, caso a palavra fosse possível, o conceito é mais adequado a uma sala de visitas do século dezenove em Narrowthrode do que aos amores heroicos. A lição em HL é:

Clara qual sino a voz ergueu
Cambiante feitiço teceu
Tinúviel. Tinúviel.
Na voz tinha ele anseio, amor
E só um instante, sem temor,
Sem escolha e também sem pejo
Parou Tinúviel; qual lampejo
Ele salta pra perto dela
E beija a élfica donzela.

[Meu pai assinalou essa passagem com “revisar”, e muito descuidadamente a corrigiu (adotando os versos finais da versão de Lewis) para a forma que incluí no texto, apesar do dístico defeituoso.]

[A lição original de B era:

cheio de pesar e desejo,
encantado de élfico beijo.]

760–61 L *De pesar cheio e de desejo,*
Do encanto de um élfico beijo.

[*do encanto* no lugar de *encantado* foi adotado.]
[A versão original — o texto B(1) lido por C.S. Lewis, ver p. 232 — dos versos 762–73 era:

nos olhos cegos luz se via
como um inseto que fremia,
um rosto estelar que enternece
repleto de astros de Elfinesse.
Cobria-lhe uma névoa o viso,
havia no ar sussurro e riso —
"Beren, vem comigo dançar!" —
gargalhada e travesso olhar:
"Neste labirinto, Beren,
onde dançam muitos também;
ele às terras mortais avança!
Diz a Lúthien como se dança!"
A sombra a oculta. A luz do dia
o encontra só, qual rocha fria.

Sobre o verso 8 dessa passagem, Lewis comentou:]

L *gargalhada e jocoso olhar*
"Não consigo decidir qual dos dois, se *travesso* ou *jocoso*, é o mais intoleravelmente amelaçado" (Peabody).

[O verso foi abandonado na versão B(2). Sobre os versos 9–12, Lewis comentou:]

JHL omitem. A passagem inteira [do começo do Canto até o fim da versão em B(1) acima] é indigna do poeta, não?

[Fica claro que essa crítica severa levou à reformulação da abertura do Canto.]

774–75 O quiasmo tem suspeitos ares clássicos. A lição em H é *Onde estás? O dia acabado, / O sol escuro e o ar gelado*.

[Ao lado disso, meu pai rabiscou: "Mas os clássicos não inventaram o quiasmo! — Está perfeitamente natural." (*Quiasmo*: uma figura gramatical em que há duas frases paralelas e a ordem das palavras na primeira é invertida na segunda.)]

[A passagem criticada por Lewis no comentário seguinte era:

Terra das Árvores, nefasta!
Da flauta minha mão se afasta;
pereça música e voz etc.]

849 Claramente corrompido. HJL *Terra de bosque, emudecei! Oh, dedos, a flauta esquecei!*

[Ao lado disso, meu pai escreveu: "Terrivelmente setecentista!!!" Mas ele reordenou o segundo verso para *Minha mão da flauta se afasta*, e depois reescreveu a passagem, deixando-a conforme o texto publicado, versos 849–52.]

849–83 "Esses versos são muito nobres" (Pumpernickel).

909 *diz*. HJL *disse*. HJL certamente tem o ritmo mais enfático.

[Nenhuma alteração foi feita ao texto.]

[A lição original de B no verso 911 era:
… those shores,
those white rocks where the last tide roars]^{w}

911 “Em que *oito* palavras insossas amiúde rastejam num verso chão.” Frequentemente se encontra versos inteiros de monossílabos na *Gesta*, mas raramente tão atulhados de consoantes como esse. Nenhuma emenda satisfatória foi sugerida. Suspeito que seja uma versão deturpada de 1142–3: os escribas nem sempre aceitam ou compreendem a repetição épica.

[A correção feita a B e incluída no texto publicado deriva dos versos 1142–143, como Lewis sugeriu. A referência que ele faz é a *An Essay on Criticism* {Um Ensaio sobre Crítica}, de Alexander Pope, verso 347: *And ten low words oft creep in one dull line* {E dez palavras chãs amiúde rastejam num verso insosso}.]

978–79 Em *Gestestudien* Vol. XIII, pp. 9–930, o leitor encontrará um apanhado da guerra crítica que se alevantou em torno da possibilidade da assonância (ou rima) em *adentra-lenta*. Talvez uma quantidade substancial de tinta teria sido economizada se os acadêmicos do século passado estivessem familiarizados com a lição em L, *Onde dos arcos se derrama / Luz branca qual plácida chama*. “Minha conclusão é que, *caso* a assonância no *textus receptus* esteja correta, o mesmo fenômeno deve ter acontecido originalmente com frequência, mas foi suprimido em outros lugares pelos escribas. Talvez se possa dedicar algum esforço editorial para restaurá-lo” (Schuffer). Mas cf. 1136–137; 1140–141.

[A lição original de B nos versos 980–81 era:

Por corredor lá o conduziu pra baixo etc.]

980 J *Desceram, e ela o conduziu*, o que explica a corrupção. O verso originalmente era *Desceram, e ela conduziu*. O escriba de J, acreditando erroneamente que um objeto era necessário, inseriu *o*. *Vulg.* então "emenda" o metro retirando *Desceram* e colocando *lá*, resultando assim em um verso canhestro.

[Nesta nota, *Vulg.* = *Vulgata*, ou seja, a forma comum ou usual de um texto literário. Meu pai inseriu o verso de Lewis no texto B com suas iniciais, e fez a consequente alteração de *pra baixo* para *por* no verso 981.]

[A lição original de B era: *e ampla, conforme o conduzia*]

991 HJL *e ampla, enquanto ela o conduzia*

996 L *sustêm pilares pedernais*
[Nenhuma alteração foi feita ao texto.]
[A lição original de B era: *a água corre insistentemente*]

1007 H *a água corre incessantemente*
[A lição original de B era: *em atros, infindos labirintos*]

1075 *Labirintos*. HJL *Labirinto*.
[Lewis alterou a grafia para *Laborinto(s)*, ao lado do quê meu pai inquiriu: "Por que essa grafia?"]

980–1131 Toda essa passagem sempre foi merecidamente vista como uma das preciosidades da *Gesta*.

1132–161 Suspeito que essa passagem tenha sido muito expandida pelos redatores tardios que, às vezes, achavam seu público muitíssimo ignorante acerca dos mitos. Da maneira que se apresenta, está muito longe de ser

satisfatória. Por um lado, interrompe demasiadamente a ação; por outro, é sucinta demais para o leitor que nada sabe da mitologia. E é também obscura: assim, no verso 1145, poucos leitores conseguem discernir que *seus* significa “das Silmarils”. A versão mais curta nos manuscritos H e L, embora não seja boa, em alguns aspectos talvez seja mais próxima do original:

> *E a guarda de Thingol, ruidosa,*
> *Riu-se: pois eram mui famosas*
> *As gemas que Fëanor fez,*
> *As Silmarils, brilhosas três,*
> *E nelas brilhava o fulgor*
> *De luz que era ao sol anterior*
> *E à lua. Mas então os vestígios*
> *Das luzes de antigos prodígios*
> *Não mais brilhavam sobre a terra:*
> *O Abisso de Morgoth as encerra*
> *Em férrea coroa ornamentos* etc.

[Meu pai colocou um ponto de exclamação ao lado de *brilhosas três*; e escreveu um X ao lado dos versos 1144–145 (ver nota a esses versos).]

Aqui o comentário de C.S. Lewis à *Gesta de Beren e Lúthien* termina e não há mais registro das opiniões de Peabody, Pumpernickel, Schuffer e Schik nos volumes do *Gestestudien* e, de fato, nem das de seu generoso inventor acerca deste assunto.

NOTAS

[a] Ela foi escrita no verso de folhas de prova, unidas e preparadas como se fossem um manuscrito em branco: era grande o bastante para durar pelos seis anos, e algumas folhas no final do maço ficaram sem uso.

[b] Isso acaba levando a um tratamento inconsistente de certos nomes entre as duas longas Baladas, p. ex. *Finweg*, filho de Fingolfin em *Os Filhos de Húrin*, mas *Fingon* na *Balada de Leithian*. *Finweg* sobreviveu na versão de 1930 de "O Silmarillion", mas foi logo corrigido para *Fingon*.

[c] Em uma ocorrência, bem perto do fim (verso 3957), na conclusão manuscrita do texto B, a forma escrita originalmente é *Beleriand*, e não *Broseliand*.

[d] Meu pai afirmou explicitamente em seu diário que deu início a *Tinúviel* no verão de 1925; e há que se notar que uma referência à *Balada de Leithian* aparece no título aliterante de um dos textos datilografos de *Leve como Folha de Tília*, publicado em junho de 1925 (ver pp. 146–47). Portanto, a referência na segunda versão de *Os Filhos de Húrin* à *Balada de Leithian* (p. 131, verso 356) não é evidência de que ele a havia realmente iniciado.

[e] No mais antigo mapa do "Silmarillion", afirma-se que "todas as terras banhadas pelo Sirion ao sul de Gondolin são chamadas *em inglês* 'Broseliand'".

[f] As alterações mencionadas por Christopher dizem respeito ao poema em inglês. [N.T.]

[g] Nas pp. 228, 236; mas a passagem acerca de Daeron na p. 250 é original. Meu pai aparentemente pretendia inserir referências às traições de Daeron a Lúthien, mas não o fez.

[h] Essa frase foi alterada para: "Beren se perde e aparta-se dos seus guias gnômicos"; e depois foi excluída junto com o restante da passagem.

[i] É possível ver um estágio intermediário em um trecho reescrito do "Esboço da Mitologia" de 1926, que aparecerá no Volume IV, onde Celegorm já foi substituído por Felagoth (ainda não era Felagund), mas Celegorm só descobre a missão de Felagoth e Beren *depois* que eles já partiram de Nargothrond, e saem de lá com uma grande força.

[j] Caso a passagem anterior da Sinopse I (p. 260) seja interpretada com rigor, Celegorm partiu com Beren de Nargothrond, mas obviamente não era esse o sentido: meu pai deve ter riscado mais do que pretendia. Fica claro agora que, nessa versão da história, Celegorm disfarçou Beren e lhe cedeu guias.

[k] Isto é, caso ele retornasse a Nargothrond; vide verso 2330 e seguintes.

[l] Manuscrito Auchinleck, versos 285–86 (edição de A.J. Bliss, Oxford, 1954, p. 26); cf. a tradução feita por meu pai (*Sir Gawain and the Green Knight, Pearl, and Sir Orfeo*, 1975):

> with blowing far and crying dim
> and barking hounds that were with him

[*com trompas e vozes distantes / e sabujos beligerantes*. Para uma breve explicação e a tradução desses e alguns outros versos do lai medieval de *Sir Orfeo*, cf. *O Hobbit Anotado*, pp. 185–87, HarperCollins Brasil, 2021. {N.T.}].

[m] Também é possível que "continuação de 10" signifique apenas que meu pai começou a Sinopse V neste ponto, ou seja, ele já chegara até por volta do verso 3117 na composição em si da Balada quando começou o esboço.

[n] A referência, em *O Silmarillion*, a Celebrimbor, filho de Curufin, que permaneceu em Nargothrond naquele tempo e repudiou os feitos do pai, foi um desenvolvimento muito posterior.

[o] Na verdade, Beren deve ter estado na fronteira norte de Taur-na-Fuin quando Lúthien e Huan chegaram, visto que ele "olha sobre Thangorodrim".

[p] Por exemplo: "o rumor de seus pés" (compare com 3561); Morgoth "como uma torre, coroado de ferro" (compare com 3562); ele baixou Grond "como se fosse raio e trovão" (compare com 3571); "fumaça e fogo brotaram" (compare com 3572–573); "o sangue brotou, negro e cheio de fumaça" (compare com 3606–607) etc.

[q] Uma descrição deste comentário, com algumas citações, foi incluída por Humphrey Carpenter em *The Inklings* [Os Inklings], pp. 29–31, onde ele corrigiu a afirmação de sua *Biografia*, p. 200, de que "Tolkien não aceitou nenhuma das emendas sugeridas por Lewis".

[r] O termo *lição* é usado por críticos textuais com referência às palavras variantes empregadas em cada testemunho manuscrito. Pode ser entendido como sinônimo técnico de *leitura* ou *versão*. [N.T.]

[s] No âmbito da crítica textual, o "arquétipo" é o texto a partir do qual foram copiados os manuscritos que sobreviveram. O texto arquetípico, contudo, não é o texto chamado de "original": ele se situa entre o original e as cópias restantes. [N.T.].

[t] C.S. Lewis evidentemente está criticando o caráter latinizante da expressão em inglês, *she escaping*. Em português, a frase é latinizante por natureza. [N.T.]

[u] *altos e atros olmos silentes*

sombras aos troncos passam rentes
e umbelas grossas de cicuta…

A discussão se dá em torno do auxiliar *did* em inglês e, por isso, o ideal é que seja acompanhada a partir dos versos no idioma original. [N.T.]

[v] *Os olmos cinzentos torreiam*

E, às raízes, sombras passeiam [N.T.]

[w] *… baixia,*

da rocha em que a maré rugia.

Em português, os monossílabos são muito menos numerosos e, por isso, o argumento de Lewis pode ser entendido melhor se acompanhado dos versos no idioma original. [N.T.]

4

A Balada de Leithian Recomeçada

Quando meu pai recomeçou a *Balada de Leithian* do início, talvez não pretendesse, a princípio, muito mais do que uma revisão, um aperfeiçoamento de versos individuais e de passagens curtas, tudo baseado na estrutura e no plano original. Pelo menos foi isso que aconteceu no Canto I, e ele fez essas revisões no antigo texto datilografado B. Mas já no Canto II ele rapidamente passou a fazer uma reconstrução muito mais radical e estava praticamente escrevendo um novo poema com o mesmo assunto e no mesmo metro do poema antigo. Verdade que isso se deu, em parte, porque a história de Gorlim havia mudado, mas também fica claro que um novo impulso havia surgido e ele buscava uma expressão que fosse nova, mais do que simplesmente alterada. O antigo texto datilografado continuou a ser usado para a reescrita, pelo menos como suporte físico, mas em uma longa porção, os versos datilografados eram simplesmente riscados e os novos versos, escritos em páginas inseridas e retalhos de papel.

O antigo Canto II, com pouco mais de 300 versos, foi expandido para 500, e dividido nos novos Cantos 2 e 3 (pode-se fazer a conveniente distinção entre os antigos e os novos pelo uso de algarismos romanos e arábicos).

A reescrita no antigo texto datilografado continua até o começo do Canto III (novo Canto 4) e então é interrompida. Com base nesse texto, agora extremamente caótico, meu pai preparou um belo manuscrito decorado, “C”, no qual inevitavelmente introduziu mais alterações; e ele é interrompido poucos versos antes do ponto em que a reescrita no texto B termina. Após isso, um texto datilografado (“D”) foi feito por um amanuense, em duas cópias, aparentemente sob supervisão do meu pai, mas, por ora, nada sobre isso precisa ser

dito, exceto notar que ele fez certas alterações a esses textos em um momento posterior.

A reescrita do texto B foi, sem dúvida, um estágio secundário do qual os trabalhos preliminares não mais existem; no caso do novo Canto 4, tais rascunhos preliminares sobreviveram. Em uma dessas páginas, evidentemente feita ao mesmo tempo em que os rascunhos do poema, meu pai desenhou a planta baixa de parte da casa n. 99 na Holywell Street, em Oxford, para onde se mudou em 1950. Ele sem dúvida desenhou essa planta logo antes de se mudar para a casa, refletindo sobre a melhor maneira de arrumá-la. Fica claro, portanto, que um novo começo à *Balada de Leithian* foi uma das primeiras coisas a que se dedicou quando *O Senhor dos Anéis* estava completo.

Incluo abaixo o texto do manuscrito C na forma final (isto é, depois de algumas alterações terem sido feitas a ele), até o ponto que alcança (verso 624), incorporando uma ou duas alterações muito pequenas feitas mais tarde ao(s) texto(s) datilografado(s) D, seguido por uma pequena seção adicional (versos 625–60) que se encontra apenas rascunhada antes de ser acrescentada a D. Notas e Comentários breves encontram-se da p. 405 em diante.

A BALADA DE LEITHIAN

1. De Thingol em Doriath

Houve um rei num antigo dia:
Homem nenhum inda existia;
detém poder numa caverna,
clareira e vale ele governa.
Virentes são manto e coroa
e a lança de prata aguilhoa;
há luz d'estrelas no broquel,
nem sol nem lua tinha o céu.
Depois, quando de Valinor
à Terra-média, com furor,

as hostes élficas voltaram
com pendões, faróis inflamaram;
quando os monarcas de Eldamar
marcharam, ainda a soar
estava ele a trompa sua,
e eram jovens o sol e a lua.
Em Beleriand longe se encerra
de Doriath a cercada terra,
lá o Rei Thingol do trono trata,
em salões de pedra com colunata,
berilo, pérola, opala em chama,
metal trabalhado como escama,
broquel e couraça, machado e espada
e lança no arsenal guardada:
disso tudo faz pouco caso,
mais cara que os bens no seu paço,
que as filhas dos Homens mais bela,
era Lúthien, a donzela.

De Lúthien, a amada

Tais ágeis pés não correm mais
ao sol, por terras verdeais;
beleza assim não tem mais par
da aurora à tarde, do sol ao mar.
Vestido azul qual céu de estio,
e os olhos de um cinza sombrio;
no manto, lírio a entretecê-lo,
mas muito escuro é seu cabelo.
Como aves vão seus pés ligeiros,
vernal é o seu riso fagueiro;
era mais bela e venturosa,

mais delicada e gloriosa
que os campos que florem com viço,
que esguio chorão, gentil caniço,
que a luz na floresta folhuda,
e a voz que nas águas se escuta.

Na terra encantada morava
quando o élfico poder grassava
em Doriath, crespo arvoredo:
pra lá a vereda era segredo;
ninguém se atrevia a passar
das marcas e as folhas zangar.
Terra de horror ao Norte havia,
Dungorthin, a de mortas vias,
em monte triste e frio ruim;
e adiante, Taur-nu-Fuin
a Sombra Noturna Mortal
lá sol e lua se veem mal.
Ao Sul ficava virgem terra;
o Oeste o velho Oceano encerra,
sem vela ou praia, amplo e fero;
picos no Leste, azuis, austeros,
e a névoa cobre o horizonte:
são do mundo de fora os montes.

Thingol, assim, lá fez moradas,
nas Mil Cavernas, elevadas,
em Menegroth foi soberano,
distante de caminho humano.
Rainha imortal lá se via:
Melian, a bela, que tecia
junto ao trono encanto enrediço,

punha em tronco e rocha feitiço:
aguda a espada, o elmo altaneiro,
rei de faia, carvalho e olmeiro.
Folha longa, verde gazão,
cantam o tordo e o tentilhão,
lá, sob o sol e sob a rama,
à sombra e à luz que se derrama,
corre a Elfa Lúthien, presta,
dançando em vale e na floresta.

De Dairon, menestrel de Thingol

Quando o céu está limpo e estrelado,
Dairon com seus dedos delgados,
tão logo chega o anoitecer
bela canção põe-se a fazer
em sua flauta argêntea e clara
pra Lúthien, donzela cara.
Brilhante voz júbilo traz;
manhãs de luz, noites de paz;
joia nas mãos brilho refrata,
cintilando em rubro ouro e prata,
e de elanor e niphredil
a imortal relva se cobriu,
e em terra de Elfos tempo infindo
em Beleriand ia fluindo,
té que a sina veio no fim,
inda cantam à lira assim.

2. De Morgoth e da armadilha a Gorlim

Em pétreos morros bem ao Norte
há um trono em furna escura e forte
envolto em flama; e lá, a fumaça
subindo em colunas embaça
sopro de vida, e na masmorra
funda, rasteja até que morra
qualquer perdido carregado
té aquela sombra pelo fado.
Lá mora um rei sombrio, cruel,
mais do que todos sob o céu.
Que terra ou mar, estrela ou lua
era mais velho, e a mente sua
era horror maior que o pensar
tanto de Homens quanto de Eldar,
de força primeva foi feita;
antes de erguido o mundo, espreita
a sós na horrenda e fera escura
e queima-o o fogo que segura.
Foi ele a deixar arruinado
e escuro o Reino Abençoado;
volta à Terra-média e, com sanha,
refaz mansões sob a montanha,
servos de ódio enchem seu forte
e em seu portão medita a morte.
As legiões têm lanças de aço,
ferrete em chama, e em seu encalço
arrastam-se o lobo e a serpente
sem pálpebras, vêm de repente
fazendo guerra as hostes vis
em campo, e água, e mata gris.
Onde a elanor áurea crescia,
hastearam bandeira sombria,

e lá onde o tentilhão cantava,
onde a harpa de prata soava,
agora escuro voa o corvo
grasnando em meio ao fedor, torvo;
de Morgoth gotejam espadas
sangue em carcaças mutiladas.
Qual nuvem a sombra se estende
pelo Norte, e quem não se rende,
altivo, recebe vindita;
à escravidão ou morte aflita
tudo condena: e nessa terra
do Norte, medonho ele impera.

Mas no frio está a residir
filho de Bëor, Barahir,
sem terras, mas inda valente,
de Homens foi príncipe e regente,
mas agora, como proscrito,
pisava a urze e a mata, aflito.

Do salvamento do Rei Inglor Felagund pelos xii Bëorings

Doze homens além dele havia,
fiéis quando a esperança morria.
Seus nomes inda são cantados,
mesmo longos anos passados
desde que Dagnir e Ragnor,
Radhruin, Dairuin, Gildor,
Hathaldir, Urthel e Gorlim,
e Arthad encontraram seu fim;
dês que a vil flecha Belegund
levou, junto com Baragund,

filhos de Bregolas, primores;
desde que o de feitos maiores
dentre os Homens se viu partir,
Beren, filho de Barahir.
Esses parentes de Bëor
certa vez, junto ao Rei Inglor,
em Serech, juncoso banhado,
achavam-se todos cercados,
mas co'espadas o resgataram,
e do rei élfico ganharam
grão favor naquele paul.
E ele voltou, indo pro Sul,
a Nargothrond, reino pujante,
onde elmo detinha, reinante;
mas eles voltaram pro Norte,
seu lar, bando pequeno e forte,
invictos peitam fado e injúria
e de Morgoth a insone fúria.

Do Lago Aeluin, o Bem-Fadado

São tantos feitos de valores
que os próprios seus perseguidores
fogem sabendo que lá vêm.
Sobre as cabeças prêmios têm
como de um rei caro resgate;
não há a Morgoth quem relate
notícias sobre seu covil;
lá no planalto pardo, frio,
sobre os atros pinheirais
de alto Dorthonion, glaciais
ventos que vêm da serra fria,

está um lago, azul de dia,
à noite espelho de cristal
pros astros de Elbereth que tal
trajeto fazem no Oeste.
É bem-fadado, inconteste:
de Morgoth a caterva toda
evita-o; murmurante roda
de bétulas de cinza-prata
envolve a margem, que arremata
um vago brejo e secos ossos
da antiga Terra sobem, grossos,
atravessando a urze assim;
é o ermo lago Aeluin —
o senhor e gente fiel
moram em covas sob o céu.

De Gorlim, o infeliz

Infeliz Gorlim, de Angrim filho,
com eles lá seguia o trilho,
desesperado. Desposou
enquanto a vida o abençoou
a Eilinel, alva donzela:
antes do mal, feliz com ela.
Um dia volta da contenda:
queimados campos e fazenda,
a casa nua, sem telhado,
em meio ao bosque desfolhado;
e Eilinel, alva Eilinel,
levada longe foi, ao léu,
à morte ou servidão vazia.
É negra a sombra desse dia

no coração; a duvidar
sempre está, a caminhar
no ermo, ou na noite fria
insone crê que ela haveria
ante ameaça ter fugido
à mata: não ter perecido,
e viva tornará ao horto
para o buscar, crerá que é morto.
Às vezes deixa o escaninho,
enfrenta a provação sozinho,
e chega à noite à velha casa
que é rota, fria, sem luz nem brasa,
desgosto se renova então
vigiando, esperando em vão.

Em vão — pior — pois espiões
Morgoth os tem em legiões
que enxergam na profunda treva;
notícia dele alguém leva,
relata. Chega enfim um dia
e Gorlim para lá se avia,
vai pela trilha de capim
no outono, chuva triste assim,
vento que uiva. Eis janela
que à noite um clarão revela;
pasmado, a casa ele alcança
entre temor e esperança,
olha lá dentro. Eilinel!
Sua mudança foi cruel.
Por dor e fome atormentada,
em trapos vai, trança enleada,
olhos em lágrimas; assim

lamenta-se: “Gorlim, Gorlim!
Não podes ter-me abandonado.
Ai! certo foste trucidado!
Devo viver aqui tão só,
largada como o seco pó!”

Ele exclama — e num momento
a luz se vai, noturno vento —
ululam lobos; sente no ombro
a infernal mão do assombro.
Servos de Morgoth o apanham
e atam, depois arrebanham
pra Sauron, capitão improbo,
senhor de espectro e homem-lobo,
o mais imundo que adora
Morgoth no trono. Ele mora
na Ilha Gaurhoth, mas já anda
com hoste, pois Morgoth comanda
que encontre Beren revoltoso.
Ao seu bivaque pavoroso
a turba a vítima arrasta.
Gorlim lá jaz, pena nefasta:
atados nuca, pé e mão,
sofre tortura atroz então;
prometem acabar co’a dor
se ele se torna traidor.
De Barahir nada revela,
a lealdade os lábios sela
e nada fala em confissão;
vem da tortura interrupção,
alguém se chega ao pelourinho,
se curva, então põe-se baixinho

de Eilinel a lhe falar.
“Queres a vida abandonar,
se uma palavra soltos faz
a ela, a ti, e ireis em paz,
longe da guerra, aonde quiseres,
do Rei amigos? Que mais queres?”
E Gorlim, exausto de dor,
que quer rever o seu amor
(que cria estar em grão tormento,
de Sauron presa) o pensamento
acolhe, o afinco tem tropeço.
Meio querendo, meio avesso
o levam ao assento até
de Sauron. Fica ali em pé
diante da atra face fera.
Diz Sauron: “Ó mortal, espera!
Que ouço? Audácia tens tamanha
pra me envolver numa barganha?
Qual é teu preço?” Então Gorlim,
cabeça baixa, agror ruim,
faz lentamente seu clamor
ao implacável grão senhor
para partir, ver sob o céu
de novo a branca Eilinel,
com ela estar, cessar a guerra
contra o Rei, em qualquer terra.

Ri Sauron, diz: “Servo, de fato!
Esse teu rogo é barato
pra tal deboche e traição!
Concedo-o já! Espero então:
Fala depressa a verdade!”

Gorlim hesita e metade
recua; adversar não ousa
o olho de Sauron e a cousa
que começou deve acabar
do passo em falso até fechar:
ante as perguntas não ser mudo,
trair senhor, irmão e tudo,
cair por fim de rosto ao chão.

Sauron gargalha. “És poltrão,
verme servil! De pé, desgraça,
escuta! Bebe agora a taça
que para ti eu fiz mesclar!
És tolo: foi visão no ar
que fiz eu, Sauron, para ti,
cego de amor. Foi nada ali.
O espectro meu com quem casou?
Há tempos Eilinel finou,
dos vermes pasto, ao pó foi logo.
Porém concedo o teu rogo:
tu já vais ter com Eilinel,
ao leito dela, ao seu dossel,
sem sofrer guerra. Eis tua paga!

Arrastam Gorlim dessa plaga
à cruel morte, para pô-lo
por fim lançado em frio solo
onde Eilinel faz muito jaz
ceifada por algoz mordaz.
Já Gorlim vai-se em morte atroz
e se maldiz c’o fim da voz,
e Barahir é apanhado

por Morgoth em um laço armado;
desfeita foi por esse ardil
a sorte do ermo covil,
Lago Aeluin: a horda pilha
o abrigo e a secreta trilha.

3. De Beren, filho de Barahir, e sua fuga

A nuvem negra vem do Norte;
vento de outono frio e forte
silva na urze; é triste assim
funérea água de Aeluin.
"Beren," diz Barahir, "meu filho,
ouviste a voz que o empecilho
de Gaurhoth vem nos combater,
quase não temos de comer.
A ti indica o sorteio:
ires sozinho, achares meio
que nos ajudem os que inda
nos alimentam; boa-vinda
dês às notícias. Por bondade,
retorna logo; da irmandade
poucos podemos nós poupar;
e Gorlim morto há de estar
ou se perdeu. Adeus, menino!"
Beren se vai, mas como um sino
na mente soa fala infeliz,
a última que o pai lhe diz.

Por lodo e brejo, rio, ladeira

vaga: da gente vê fogueira
que Sauron segue; ouve grito
de Orque em caça, lobo aflito,
volta temendo seu açoite,
passa na mata toda a noite.
Pensa, do sono sob o jugo,
entrar em toca de texugo,
mas ouve (ou tem essa impressão):
passa por perto legião,
tinir de malha, escudo aos trancos,
subindo morros e barrancos.
Na treva afunda, mergulhado,
até que, tal qual afogado
que sobe arfando, vê maneira
de alar no limo junto à beira
de lago em desbotada mata.
Os ramos seus o vento cata,
as folhas negras se agitam:
são aves negras que crocitam,
dos bicos deitam sangue a rodo.
Arrasta-se a sair do lodo
e verde trama; longe então
enxerga tênue avejão
a deslizar no triste lago.
De perto faz discurso aziago:
“Gorlim eu fui, sou só visão,
vontade rota, sem razão,
traidor traído. Anda a fugir!
Desperta, que és de Barahir,
corre! Pois Morgoth já aperta
teu pai pela garganta; é certa
reunião, trilha e covil.”

Revela a armadilha vil
em que caiu e se consome,
pede perdão chorando, some
na treva. Beren já desperta
e salta então com ira certa,
toma espada e arco, aflito,
sai em carreira qual cabrito
pela charneca e rocha fria
antes que venha a luz do dia.
Chega no ocaso em Aeluin
ao sol poente, chama ruim;
o lago rubro está, sangrento,
a pedra e o lodo agourento.
Lá pelas bétulas se espalha
em fila corvo junto à gralha;
negro o bico e a carniça
sangrando a seus pés mortiça.
Um grasna: “Ah, chegaste tarde!”
“Ah, ah!”, respondem, “muito tarde!”
Sepulta ali do pai os ossos,
na pressa, sob rochedos grossos;
não grava runa no remate
pra Barahir; três vezes bate
no topo, e três vezes clama
seu nome. “Tua morte”, exclama,
“hei de vingar nem que a ventura
me leve a Angband, porta obscura.”
Sem lágrimas se volta então,
ferido fundo o coração.
Sai para a noite, frio rochedo,
desamparado, só, sem medo.

Arte sutil do caçador
não usa, encontra o contendor:
o inimigo, em seu orgulho,
ao Norte marcha com barulho
de trompas ao senhor da guerra;
é o pé que espezinha a terra.
No seu encalço com preparo
vai Beren feito cão no faro,
e junto a poço bem sombrio
de onde Rivil sai, o rio,
a Serech, os atoladores,
lá ele encontra os matadores.
Oculto ali numa colina,
sabe que não os extermina
só com seu arco, flecha, espada,
e vai por trilha rastejada
feito serpente na charneca.
Muitos lá jazem em soneca;
na relva cada capitão
bebe a passar de mão em mão
o que saqueou, ato infiel.
Um deles mostra um anel
e ri, exclama: “Aqui, meninos,
o meu está entre os mais finos
que conquistamos pelo medo.
Fui eu que o arranquei do dedo
de Barahir, a quem matei,
esse velhaco. Ao que sei
ganhou dum élfico senhor,
pois fez serviço em seu favor.
Pouco serviu — ‘tá morto e duro.
Anel de Elfo traz apuro,

mas guardo pelo ouro a praga
pra compensar a minha paga.
O velho Sauron quer o aro,
mas tem igual ou bem mais caro
guardado lá no seu tesouro:
quanto maior, mais pede ouro!
Vamos, rapazes, garantir:
vazia a mão de Barahir!”
Seta fatal remata o feito;
abate-o, golpe direito,
a flecha fura-lhe a garganta,
por terra cai, não se levanta.
Qual cão lobeiro então salta
sobre eles Beren. Dois assalta
com a espada; o anel lá pega;
mata mais um; sai da refrega
com salto à sombra e se retira
ante o clamor de medo e ira
por traição e emboscada.
Partem qual lobos em manada,
uivam, praguejam, rangem dentes,
vão pela mata inclementes,
atiram setas, maços, molhos
em sombra ou folha ante seus olhos.
Beren nasceu em hora azada:
da trompa ri, seta atirada;
é o mais veloz correndo a pé,
no morro e no charco até,
qual Elfo, a mata passa
trajando sua gris couraça
feita em Nogrod que é remota
pelos Anãos em sua grota.

Foi Beren sempre destemido:
por resistente foi havido
e fala a gente do seu nome
prevendo que depois renome
mais do que áureo Hador faz,
ou Barahir e Bregolas;
mas sofre agora o pesar
e desespero de lutar
por vida, graça, elogio,
usando cada dia frio
pra dar a Morgoth, passo a passo,
vingança com ferrão de aço
até a morte e fim da dor:
só das correntes tem pavor.
Procura risco, segue a morte,
assim escapa à própria sorte
fazendo feitos de bravura
dos quais a fama já traz cura
e nova fé a muita gente.
Sussurram “Beren”, vão em frente,
afiam lâminas e logo
em seus encontros junto ao fogo
cantam de Dagmor, sua espada,
do arco, da sua emboscada
no acampamento, morte ao chefe,
como cercado usa blefe
e escapa, que na noite fria,
luar e névoa, ou de dia
à luz do sol vem renovado.
Cantam do matador matado —
é o Açougueiro Gorgol um —
em Ladros luta, fogo em Drûn,

de trinta mortos num combate,
lobo que qual filhote late,
do próprio Sauron mão ferida.
Cantam de um que assim revida
a Morgoth e à sua laia;
com ele só carvalho e faia,
sempre fiéis, bestas pequenas
de pelo, couro, asas, penas,
que sós habitam lá no ermo,
no monte, no deserto enfermo,
amigos do humano aflito.

Não tem bom fim quem é proscrito;
e Morgoth é um rei mais forte
do que em canção alguém reporte:
no mundo em toda nação
alcança a sombra de sua mão;
compensa seu revés depois:
pra cada morto envia dois.
Ceifa esperança e rebelião,
apaga o fogo e a canção,
destrói a mata, queima o lar
hoste de Orques longe a marchar.
Quase se fecha o anel de aço
em Beren; seguem cada passo
os espiões; assim sitiado
e sem auxílio tem ao lado
a morte; está espavorido,
sabe que o fim é decidido
se lá do lar de Barahir,
terra querida, não fugir.
Sob pilha de rochedos grossos

desfazem-se os nobres ossos
abandonados de sua gente,
de Aeluin no juncal plangente.

Noite de inverno: deixa o Norte
e parte, desafia a morte
no cerco atroz; com passo leve
avança — sombra sobre a neve,
sopro de vento, foi-se então;
os restos de Dorthonion,
Aeluin, água a faiscar,
nunca mais há de contemplar.
Do arco a corda já não canta,
seta talhada não levanta,
e já não deita o crânio seu
sobre a charneca sob o céu.
Astros do Norte, o fogo prata
que Urze Ardente se relata
deixa pra trás, o que alumia
terra ignorada; faz sua via.

Volta-se ao Sul e faz jornada
que é solitária e dilatada;
tem sempre à frente a se opor
Gorgorath, montes do terror.
Jamais pisou humana gente
a cordilheira inclemente,
nem escalou a sua borda
onde a visão se desacorda;
a face sul a pino, então,
é pico, rocha e paredão
e sombra ali na pedra nua

antes que houvesse sol e lua.
Na grota engano há nas raízes
e amargas águas infelizes,
em cova e vale atra magia;
mas muito longe todavia
a águia possa da altura
do píncaro que o céu fura
em brilho cinza embaixo vê-la
qual lustre d'água sob estrela,
Beleriand, Beleriand,
terra dos Elfos bela e grande.

4. Da chegada de Beren a Doriath; mas primeiro se fala do encontro de Melian e Thingol

Há tempos, em Antigos Dias
voz não havia em virgens vias,
silente era o bosque ensombrado,
Nan Elmoth, de ocaso estrelado.
N'Antigos Dias, tempo findo,
nas sombras se viu luz fulgindo,
no silêncio uma voz surgiu:
de um pássaro um súbito pio.
Melian chegou, Dama cinzenta,
sob o cinto argênteo se assenta
a sua longa e escura trança
que junto a argênteos pés descansa.
Os rouxinóis trouxe consigo,
ensinou-lhes seu canto antigo,
trinavam nas mãos fulgurais,

antes, em terras imortais.
Lá, um dia se pôs a vagar
de Lórien, e ousou escalar
dos montes altos os sopés
em Valinor, a cujos pés
caem as vagas do Mar Sombrio.
Em liberdade, então, saiu,
e aos jardins dos Deuses não mais
voltou, mas em praias mortais
vagou, qual brilho antes d'aurora,
cantando encantos mata afora.
Na atra Nan Elmoth pipilou
uma ave e, atônito, Thingol
ouviu; e ao longe, voz mais bela
que qualquer ave se revela,
voz de cristal e clara nota
linha vítrea, argêntea, remota.

Aqui termina o manuscrito C. Há nada menos do que cinco rascunhos mal-acabados da breve seção seguinte, com um sem-fim de pequenas variações no palavreado (e os primeiros dez versos foram escritos no texto B). Depois, a versão final foi escrita à máquina e acrescida ao texto datilografado D:

Deixa de em sua gente pensar,
na marcha que trouxe os Eldar
de Cuiviénen, tão distante;
as terras dos Mares adiante
esquece, nada mais importa,
só a distante voz o transporta
té que em Nan Elmoth, turva mata,
perde-se e ninguém o resgata.

E a vê parada, fata etérea:
Ar-Melian, a Dama cinérea,
qual bosque sem brisa nenhuma
silenciosa, envolvida em bruma,
e a luz de Lórien em seu rosto
cintila remota ao sol-posto.
Nada ela diz; ele, hesitante
sombra, vai rumo ao seu semblante,
o alto rei com sua capa argêntea,
Elu Thingol, andando rente à
roda de árvores, dá-lhe a mão.
Face a face um instante, então,
sozinhos sob o céu, parados,
na terra, os anos estrelados
vão-se, e Nan Elmoth, a floresta,
cresce escura, e não o molesta
mais, na costa, o múrmuro mar
nem a trompa de Ulmo a soar.

Por tempos procura-o seu povo,
té que Ulmo os convoca de novo,
e vão-se embora, em desalento,
das matas ao porto cinzento
naquela praia ocidental —
a última em terra mortal —
pelo Mar o povo é levado
até Aman, Reino Abençoado,
junto ao virente Ezellohar
em Valinor, em Eldamar.[A]

52 Em uma das cópias de D, *Dungorthin* foi alterado para *Dungortheb*, mas essa alteração pertence a uma camada posterior da nomenclatura e eu não a introduzi no texto.
54 *Taur-nu-Fuin* C: o verso, conforme escrito no texto B, ainda tinha *Taur-na-Fuin*.
140 *ilho de Bëor*: alterado em uma das cópias de D para *o Bëoring*, isto é, um homem da casa de Bëor. Essa alteração se deu quando a genealogia tinha sido muito expandida e Barahir deixou de ser filho de Bëor, passando a ser um descendente remoto (ver pp. 236–37).
249–330 Nesta seção do Canto, a reescrita feita no texto B (ou inserida nele) existe em duas versões, uma imediatamente predecessora da outra. A diferença entre elas é que, na primeira, assim como na versão antiga da Balada, Gorlim é levado para Angband diante do próprio Morgoth. Assim, o trecho que, na primeira reescrita, corresponde aos versos 255–66, diz:

> pra Angband, paços ferais
> onde Morgoth tem serviçais;
> em mãos e pés põem atadura,
> castigam-no com grã tortura

Depois disso, as duas versões são iguais, exceto que, na primeira, é Morgoth, e não Sauron: exatamente os mesmos versos são empregados para ambos. Mas, em 306–11, a primeira versão diz:

> Gorlim hesita e metade
> recua; de Morgoth o olhar
> o retém. É inútil tentar
> lograr o Senhor do Mentir:
> se começou, deve cumprir,
> ante as perguntas não ser mudo

e, nos versos 318–21, Morgoth diz:

> És tolo: foi visão no ar,
> meu servo Sauron fez pra ti,
> cego de amor. Foi nada ali.
> O espectro seu com quem casou?

547 A palavra *espavorido* está marcada com um X em C (porque Beren não estava espavorido).
567–68 No início, o trecho em B (p. 203, versos 369–82), começando com *Do arco a corda já não canta*, mal foi alterado na revisão, mas C, da maneira que foi inicialmente escrito (antigos versos 376–79), dizia:

> ninguém o encontra. Um vulto arde
> no ar gelado, prata quente
> feita por Varda, a Urze Ardente,
> que a gente humana assim dizia

Os antigos versos 373–75 foram então removidos e 376–79, reescritos:

> As estrelas de prata quente
> vão pelo Norte, a Urze Ardente
> que a mão de Varda inflama e cria

Isso foi então alterado para os versos 567–68.
581 Em uma das cópias de D, um X foi colocado ao lado desse verso. Acredito que isso aconteceu muito depois, e assinala a mudança de ideia de meu pai a respeito da formação do Sol e da Lua.
596 *Nan Elmoth*: no rascunho preliminar, o nome da mata era, inicialmente, *Glad-uial*, emendado para *Glath-uial*; depois, *Gilammoth*, emendado para *Nan Elmoth*. Foi aqui que surgiu

o nome *Nan Elmoth*.
627 Em um dos rascunhos dessa passagem, o verso diz *d'Água do Despertar distante*.
634 Em um dos rascunhos dessa passagem, o nome *Tar-Melian* está na margem como alternativa.

Comentário aos versos 1–660

Um relato rigorosamente cronológico da evolução das lendas dos Dias Antigos teria de considerar vários outros trabalhos feitos antes que se chegasse às revisões à *Balada de Leithian*. Ao tratar a Balada, revisada e não revisada, como uma entidade única e não como fragmentos, eu pulo esses estágios, e os nomes que na verdade haviam surgido bem antes aparecem pela primeira vez aqui nesta "História". Faço pouca coisa além de listá-los:

65 *Menegroth*
89 *elanor* e *niphredil*. No verso 125, há uma referência à *elanor áurea*.
115 *Terra-média*
149 e seguintes. Os nomes dos homens do bando de Barahir, além de Beren e Gorlim: *Dagnir*, *Ragnor*, *Radhruin*, *Dairuin*, *Gildor*, *Urthel*, *Arthad*, *Hathaldir*; *Belegund* e *Baragund*.

Belegund e Baragund são os filhos de *Bregolas* (irmão de Barahir); e *Gorlim* é filho de Angrim (verso 199).

Todos esses nomes aparecem em *O Silmarillion* (pp. 216, 223).

160 Felagund é chamado de *Inglor* (*Inglor Felagund* no subtítulo, p. 391)
161 "em *Serech*, juncoso banhado". Beren encontrou os Orques no poço de *Rivil*, ver 434–5, "de onde Rivil sai, o rio, / a Serech, os atoladores".
182, 560 *Dorthonion*
186 *Elbereth*
196 etc. (*Lago*) *Aeluin*
255 etc. *Sauron*
259, 347 *Gaurhoth*. Ver *Tol-in-Gaurhoth*, "Ilha dos Lobisomens", em *O Silmarillion*.
434 *Rivil*
493 *Hador*
511 *Dagmor*. A espada de Beren não é nomeada em nenhum outro lugar.
519 *o Açougueiro Gorgol*. Ele não é nomeado em nenhum outro lugar.
520 *Ladros* (as terras a nordeste de Dorthonion que foram outorgadas pelos reis noldorin aos Homens da Casa de Bëor).
520 *Drûn*. No mais recente dos mapas do "Silmarillion" (o que serviu de base para o mapa publicado), esse nome está assinalado ao norte de Aeluin e oeste de Ladros, mas não é nomeado em nenhum outro lugar.
574 *Gorgorath*. Esse nome ocorreu no esboço em prosa para o Canto X da Balada, mas na forma *Gorgoroth* (p. 321).
596 etc. *Nan Elmoth*. Ver nota ao verso 596.

634 *Ar-Melian* (*Tar-Melian*). O nome não é encontrado em nenhum outro lugar com nenhum desses prefixos.
659 *Ezellohar* (o Teso Verdejante das Duas Árvores em Valinor).

Além disso, pode-se notar aqui *Dungorthin* (52), no lugar em que a nova versão altera os antigos versos 49–50

> Terra do Horror ao Norte estava
> só mau caminho ali levava,

para

> Terra de horror ao Norte havia,
> Dungorthin, a de mortas vias,

Na antiga versão, está claro que a "Terra do Horror" significava simplesmente "a terra de Morgoth". Aqui, Dungorthin está localizada no mesmo lugar de *O Silmarillion* (p. 173), entre as Montanhas de Terror e a marca norte do Cinturão de Melian; ver p. 368.

Na versão revisada da Balada, a história de Gorlim foi bastante desenvolvida. Na antiga (ver pp. 197–200, 205–06), Gorlim deixa seus companheiros e "percorre à noite, acaso e medo / campos escuros em segredo";[a] ele se depara com "uma casa antiga" e, lá dentro, vê o fantasma de Eilinel. Sai da casa, com medo dos caçadores e dos lobos de Morgoth, e volta para seus companheiros, mas, depois de alguns dias, procura os serviçais de Morgoth deliberadamente, oferecendo-se para trair seus companheiros. Ele então foi levado para os salões de Morgoth, o qual não diz que o espectro foi colocado ali como chamariz para Gorlim:

> espectro do que havia de ser,
> assim parece, tens de ver!

(Mas nos versos 241–42, conta-se que "Morgoth fez, assim se cria / o espectro atroz que Gorlim via").

Há também um notável desenvolvimento na Balada revisada, pois os "XII Bëorings" (esperar-se-ia XIII, incluindo o próprio Barahir) de Dorthonion foram exatamente os homens que salvaram o Rei Felagund na Batalha da Chama Repentina:

> Esses parentes de Bëor
> certa vez, junto ao Rei Inglor,
> em Serech, juncoso banhado,
> achavam-se todos cercados,
> mas co'espadas o resgataram, (159–63)

Em *O Silmarillion* (p. 223), a história diz que "Morgoth o perseguiu [isto é, Barahir] sem trégua, até que, por fim, lhe restaram apenas doze companheiros": não há indício de que esses sobreviventes eram um bando seleto e que já tinham se juntado como companheiros em uma façanha heroica anterior.

Diz-se agora que Felagund (Inglor) *voltou* a Nargothrond (versos 166–67) depois de ser resgatado por Barahir e seus homens (ver pp. 105–06).

Desse ponto em diante, apenas algumas seções foram substancialmente reescritas.

Continuação do Canto III

A partir do final da abertura reescrita do poema (verso 660 acima), o texto datilografado D prossegue como cópia de B até o final do poema. Contudo, embora ele certamente tenha sido datilografado sob a supervisão de meu pai, tem pouco valor textual por si só.

A passagem no texto original (p. 209) que vai do verso 453 (*Assim, Thingol jamais zarpou*) até o 470 foi mantida sem alterações; mas os versos entre 471 (*Quando Morgoth o cativeiro*) até por volta de 613 foram substituídos por 142 novos versos (omitindo a longa passagem retrospectiva que começa em 563,

acerca da jornada de Beren pelas Montanhas de Terror). Esses versos contêm muito pouco da antiga Balada, e a quantidade diminui conforme eles se desenrolam. Não há dúvidas de que são (relativamente) bem tardios: uma porção reescrita no Canto X, aparentemente contemporânea, é certamente pós-1955 (ver p. 419), e esses versos podem muito bem ter sido escritos bastante tempo depois. Há uma certa quantidade de material rascunhado escrito à mão, mas também um texto datilografado dos primeiros 103 versos feito por meu pai e inserido no texto D.

Quando Morgoth, depois, fugiu
da ira, a cabeça cingiu
com Férrea Coroa e o assento
pôs sob monte fumacento,
novamente o fortificando,
lento cresceu o escuro infando:
do Norte a Sombra então aferra
e escraviza o Povo da Terra.

Senhores de Homens são prostrados,
e os reinos dos Reis eLivross
aflige com guerras fatais:
moram nos derradeiros cais,
ou guardam, com paúra extrema,
seus fortes nas cruéis estremas.
Mas caem todos, menos um:
em Doriath há força incomum,
Rei Gris e Rainha imortal.
Seu reino não conhece o mal;
poder nenhum avança a borda:
e o riso a grama verde acorda,
lá a folhagem ao sol rebrilha
e têm início maravilhas.

No Reino Guardado e sem medo,
debaixo de faial e olmedo,
no relvado corre sozinha
a filha do rei e da rainha:
nascida dos primeiros de Arda
em élfica-aurora, galharda;
só essa filha, por nascimento,
fizeram da Terra o indumento
usar Aqueles que desceram
e o mundo a Elfo e Humano ergueram.

De Arda pra lá do linde vasto
fulgem Legiões, astro sobre astro,
memoriais da labutação,
frutos de Música e Visão;
quando sob essa luz fulgia
a Terra, e noite limpa havia,
música em Doriath despertava,
sob o carvalho se assentava,
ou nas folhas marrons da faia,
Daeron, coroado em samambaia,
flauteia com élfico dom,
pra cor mortal acerbo som.
Bardo assim não houve jamais,
co' hábeis dedos e lábios tais,
dizem os Elfos; só Maelor,[b]
de Fëanor filho, o cantor
e harpista, era jovem assim —
inda floria Laurelin —
quando a lamentações passou,
e o mar, sem tumba, o sepultou.[c]
Mas Daeron inda, com prazer,

tocava à luz do anoitecer,
até uma noite de verão,
como conta élfica canção.
O seu flautar soava contento;
macia a relva e calmo o vento,
lançava o ocaso, fresco e vago,
formas sombrias sobre o lago[d]
sob os ramos de árvores mudas,
dormindo. E névoa de cicutas
rodeiam-nos, alvas; também
há mariposas num vaivém.
Claramente, junto à lagoa,
o flautar rápido ressoa.
E ela aparece ao som que chama,
de súbito, como uma flama
fende as sombras, alvor sem par,
deixa a alcova com branco andar;
e como do estio os fogaréus —
estrelas que se erguem nos céus —
sua viva luz em todos jaz
quando avança, prata fugaz.
Com élficos pés ela passa,
num fremir repleto de graça,
meio hesitante, e então começa
a dançar: em meandros se apressa,
estonteante, e branco nevoeiro
envolve seu passo ligeiro.
Faísca a água ao vento, ondulante,
salpica o rocio de diamante
as folhas e flores após
ela passar com pé veloz.

Esvoaça sua longa melena
nos braços erguidos; amena
alça-se a Lua e sobre a rama
glória plenilunar derrama;
com luz clara, serena e branda
por aquela clareira anda.
Seus pés então param, do nada,
surge um som na mata trançada:
vocalises e élfico idioma,
sua voz em bel canção assoma
que dos rouxinóis aprendeu:
tornou-se, por júbilo seu,
graça que o coração apresa:
imortal, sem mancha ou tristeza.

Ir Ithil ammen Eruchín
menel-vîr síla díriel
si loth a galadh lasto dîn!
A Hîr Annûn gilthoniel,
le linnon im Tinúviel!

O texto datilografado termina aqui, mas o rascunho final escrito à mão continua:

Elfa mais bela, Lúthien,
que assombros a tua dança tem?
Qual é o encanto de Elvenesse,
qual fado na voz transparece?
Àquela noite, igual prodígio
em Terra ou Mar não há vestígio,
em noite ou dia, alba ou poente,
nem sob a lua perfulgente!

Em Neldoreth caiu um feitiço;
ao som da flauta deu sumiço
Daeron, pois a atirou no chão,
e lá ela ficou, no gazão,
e ele, parado, o assombro o ata,
arrasado na atenta mata.
Mas o canto inda ela conduz,
qual luz que retorna pra luz,
ascendendo do ínfero mundo,
quando se ouve um passo profundo
de pés pesados na folhagem,
e, súbito, na escura margem
da clareira alguém vem avante,
tateia, como se hesitante
ou cego e, enquanto cambaleia,
lança uma sombra à lua cheia,
curva. Qual cotovia, então,
que mergulha de supetão,
de Lúthien freme e cessa o som;
do encanto liberto, Daeron
desperta e grita com temor:
“Foge, Lúthien! Um horror
anda na mata! Vai-te embora!”
Com medo, avança sem demora
pedindo que ela o siga, aflito,
té que indistinto chega o grito:
“Precisas fugir, Lúthien!”
Mas calada ela se detém
no val — medo nunca sentiu —,
sozinha, flor de caule esguio,
alva ao luar, com rosto erguido,

esperando[B]

Aqui o manuscrito termina.

Canto IV

Uma breve seção desse Canto foi reescrita tardiamente. O verso 884 e seguintes foram alterados para:

> E Thingol disse: “Dairon, sábio,
> teu olho é atento, o ouvido é hábil,
> tudo o que passa nessas matas
> com discernimento constatas,
> que este silêncio está a agourar?[C]

Isso foi escrito rapidamente no texto B, e acredito que o motivo principal foi o desejo de se livrar da palavra “mago” [isto é, *mágico*] no verso 886, o qual está sublinhado e assinalado com um X no texto datilografado D. Ao mesmo tempo, “wild stallion” [corcel selvagem] foi alterado para “great stallion” [grande corcel] no verso 893 [em inglês], e *Tavros* foi alterado para *Tauros* no verso 891. Também nesse momento, um pouco adiante, os versos 902–19 foram alterados para:

> dar-se-á em Ennorath,[e] na brenha.
> Parece-me bom que ele venha!
> Nahar não trota aqui faz anos —
> dias antigos de paz, lhanos —,
> dês que os rebeldes de Eldamar
> vieram a Morgoth encalçar,
> trazendo mal e guerra ao Norte.
> Vem Tauros a ajudá-los, forte?
> Se não ele, o que vem, ou quem?”
> Mas Dairon disse: “Ele não vem!

Cá não virão mais pés eternos
de onde rugem Mares Externos,
té que muita cousa aconteça,
muitos males, muita tristeza.
Já está aqui o conviva. Calaram-se
as matas porque arrebataram-se
quando viram estranho feito,
o rei não sabe, mas suspeito,
que sabe a rainha e a donzela
quem ora anda ao lado dela."[D]

Os versos 926–29 foram reescritos:

Mas Daeron olhou pro seu rosto,
e vacilou, vendo desgosto,
no claro olhar. Não mais falou,
silente ira tinha Thingol.[E]

Mas essas revisões foram muito apressadas, apenas no nível de um rascunho mal-acabado, e não são comparáveis ao que veio antes, em absoluto.

Cantos V–IX

Não houve reformulações posteriores nesses Cantos exceto por quatro versos no Canto IX: as palavras de Felagund a Beren ao morrer (2633 e seguintes):

Agora vou à longa espera
em Aman, pra lá de Eldamar
e sua costa, e sempre morar
na memória". O rei expira,
inda o diz élfica lira.[F]

Nesse ponto, meu pai escreveu em uma das cópias do texto D: “Ele deveria devolver o anel a Beren” (para a história posterior do anel, ver *Contos Inacabados*, p. 237, nota 2 e *O Senhor dos Anéis*, *O Retorno do Rei*, Apêndice A, p. 1480 nota 22 e p. 1503). Contudo, não se afirma em lugar nenhum, de fato, que Beren devolvera o anel a Felagund.

Canto X

O começo desse Canto coincide com o início de uma substancial passagem reescrita, a princípio executada no texto B e, depois, com alterações adicionais, em um texto datilografado feito por meu pai, ao que tudo em indica ao mesmo tempo em que a passagem nas pp. 410–14 (mas, neste caso, os novos versos foram redatilografados como parte do texto D).

Harpistas cantam o ocorrido,
em élfico, de um tempo ido,
que vagam Beren, Lúthien
do Sirion no vale. Então vêm
alegres às clareiras, leves
os pés, e doces dias breves.
Mesmo no inverno, na procela,
as flores duram no pé dela.
Tinúviel! Tinúviel!
cantam as aves no dossel,
nos ramos nevados também,
e junto a Beren, Lúthien.

Ilha do Sirion deixam já,
mas só, na colina, lá está
túmulo verde, laje alçada,
ainda jaz lá branca ossada
de Finrod, de Finarfin raça,

até que o mar a terra abraça
e engole em profundo abisso.
Mas Finrod ri, enquanto isso,
em Eldamar[f] e não mais erra
no mundo gris de choro e guerra.
A Nargothrond não tornou mais
mas correm lá relatos tais
dos feitos do rei que partiu,
de Lúthien que a Ilha remiu:
Senhor Lobisomem vencido,
e o grande castro demolido.
Pois muitos tornam para o lar
que em sombra iam se tornar;
e como sombra volta reto
Huan, o cão; tem pouco afeto
de Celegorm, ou gratidão.

Ergueu-se grande agitação,
um clamor de vozes sem fim,
e os que Curufin intimidou,
e que negaram auxílio ao próprio rei,
vexados, irados, gritaram:
“Pérfidos vamos abater!
Que querem? Queda hão de trazer
para Finarfin e seu clã!
Cucos malquistos, prole malsã!
Fora!” Mas sábio e demorado
fala Orodreth: “Tende cuidado,
mais males não permitirei!
Finrod caiu, ora sou rei.
E o que ele diria, eu vos digo:
não tolerarei que o antigo

esconjuro em Nargothrond grasse,
e que o mal a um mal pior passe.
Por Finrod, sede vós contritos!
Guardai pra Morgoth os conflitos!
Não derramareis sangue irmão.
Mas não terão pouso e nem pão
os dois que ao clã de Finarfin
tal afronta fazem. A mim
trazei-os a salvo! Ide, pois!
Demonstrai cortesia aos dois.

Celegorm lança olhar acerbo,
não se curva, irado e soberbo,
ameaçador; mas ao seu lado,
de olhar cauto, sorri calado
Curufin, que repousa a mão
no cabo do punhal. "E então?"
ri-se. "Por que, Senhor Regente,
nos chamaste? Em meio a tua gente
não queremos nos demorar.
Se algo queres, deves falar!"

Fria é a resposta que lhes vem:
"Ante o rei ora estais. Porém,
nada quer de vós. Mas ordena
que ouçais e cumprais a sua pena.
Ide pra sempre — enquanto é dia
e brilha o sol. A vossa via
não vos trará ao meu redor,
nem filho algum de Fëanor;
nem há de haver acordo bom
do vosso clã com Nargothrond.

“Recordaremos”, dizem logo,
e dão as costas, com afogo,
selam corcéis, juntam petrecho,
com cão, lança e arco, esse é o desfecho,
partem sós, visto que ninguém
quis seguir. De falar se abstêm,
soam trompas; sobem na sela,
e vão qual vento na procela.

O texto datilografado feito por meu pai termina aqui, mas a revisão escrita no texto B continua (e foi incorporada ao texto datilografado D).

De Doriath os caminhantes
se aproximam. São cortantes
os ventos que a grama cinzenta
passa, e o dia logo se ausenta;
mas cantam sob o céu gelado
que por cima deles é alçado.
Chegam ao Mindeb, rio veloz,
que a Neldoreth desce, após
saltar nas montesas alturas,
ruidoso nas rochas escuras,
mas que súbito silencia
cruzando o feitiço-vigia
que Melian colocou na marca
da terra de Thingol, monarca.
Lá apeiam. Beren, triste e mudo,
ora, por fim, entende tudo
o que o seu coração dizia:
bifurca-se aqui nossa via.
“Ai, Tinúviel”, pôs-se a falar,

“juntos não podemos trilhar
essa via, e nem de mãos dadas
seguir por élficas estradas.”
“Que dizes? O que te desvia,
se agora raia um novo dia?”[G]

Nenhuma alteração foi feita dos versos 2936 a 2965 (exceto a troca de *Elfinesse* por *Elvenesse* no verso 2962 [em inglês]). Na passagem anterior, Inglor Felagund, filho de Finrod, tornou-se Finrod Felagund, filho de Finarfin, e dessa forma é possível datar a revisão, no mínimo, a 1955, pois tal alteração não tinha sido feita quando a primeira edição de *O Senhor dos Anéis* foi publicada.

Um outro breve trecho revisado começa em 2966, e retorna ao texto original dois versos depois:

Ai! Hei de cumprir a promessa,
não estou só a chorar por essa
jura feita em cólera vã.
Breve o encontro, breve a manhã,
e em breve a noite nos separa!
Toda jura o coração vara:
cumprida, dói; negada, vexa.
Ah! Sob a pedra que ora fecha
Barahir eu queria estar;
que estivesses só, a dançar;
sem tristeza a que não perece,
cantando alegre em Elvenesse.”

“Não. Porque há mais robusto laço
que rochas e que barras de aço,
que juras menos movediço.
Não te afirmei meu compromisso?
Honra ou orgulho o amor não tem?

Ou talvez julgas Lúthien
insensata e frágil de intento.
Por Elbereth e o firmamento!
Se soltares a minha mão
para que eu siga em solidão,
Lúthien não torna à velha plaga…[H]

Ao mesmo tempo, o verso 2974 foi alterado para:

Contra toda a esperança, amantes,

e os versos a partir de 2988 foram alterados para:

a terra treme. Assim irados,
para o leste vão desvairados,
pra achar os caminhos antigos
entre Gorgorath e seus perigos,
e a terra de Thingol. Tal trilha
é a mais direta à sua família
em Himring, monte que vigia
ao longe o Aglon, brecha fria.

Veem os errantes; co'os cavalos
dão a volta pra interceptá-los…[I]

Cantos XI–XIII

Os Cantos XI e XII não foram reescritos e, no Canto XIII, apenas uma porção mais para o final. Os versos 4092–095 foram substituídos por:

as Silmarils, com luz vivente
acenderam-se e, assim, fulgentes,
brilham como astros sobre o Norte,

sobre a terra e seu fedor forte.[J]

Os versos 4150–159 foram substituídos por:

A pedra em garras está presa,
e a faca as corta com destreza
qual fosse unha num dedo morto.
Eis de Casadelfos conforto,
de Fëanor fogo, Luz do Dia,
quando nem sol nem lua havia,
cativeiro acaba, afinal,
passa do ferro à mão mortal.
Lá está Beren, joia na mão
o brilho puro passa, então,
por carne e osso e vira fogo,
sanguínea cor. Desejo logo
sente de pôr a sina à prova:
tirar de Morgoth e sua cova
as três gemas de lume eterno,
salvando-as do profundo Inferno.
Inclina-se e o punhal estende,
tiras e garras férreas fende.
Mas as Silmarils tinham Fado
sombrio com ódio entrelaçado:
inda havia tempo a correr
té que do caído poder
de Morgoth fossem conquistadas
e outra vez perdidas; lançadas
num golfo fogoso e no mar,
até o fim dos Tempos chegar.[K]

Os versos 4184–190 foram reescritos assim:

No fim, um brilho veem adiante,
cinzento, indistinto e distante,
caindo — uma luz fantasmal —
no Inferno e seu largo portal.
Chega a esperança e os deserta:
a porta estava inteira aberta
mas o horror andava no umbral.
{ Desperto está o lobo do mal,
Pois vigia o lobo bestial, }
nos olhos rubra chama ardia;
e Carcharoth, minaz, se erguia,
morte à espreita, sina constante:

Os versos 4208–211 foram reescritos assim:

e Beren com larga passada
transpõe Lúthien e barra a estrada
pra sem defesa defender
a elfa-donzela do que vier.[L]

Da Balada original, pouco mais de um sexto foi reescrito, e a proporção entre versos novos e antigos não chega a um para quatro. Por isso, a afirmação de Humphrey Carpenter em *The Inklings* [Os Inklings], p. 31, de que "Por fim, ele de fato acabou reescrevendo o poema inteiro", deve, infelizmente, ser corrigida.

NOTAS

[a] Nos versos em inglês, “o’er the dark fields by stealth to meet / with hidden friend within a dale”, literalmente “por campos escuros para se encontrar furtivamente / com oculto amigo em um vale”. [N.T.].

[b] Tanto *Maglor* quanto *Maelor* aparecem nos rascunhos manuscritos dessa passagem. O texto datilografado final traz *Maelor*, alterado para *Maglor*, mas acho que não foi meu pai quem alterou.

[c] Em *O Silmarillion* (p. 337), não está dito que a vida de Maglor acabou no mar: ele lançou a Silmaril no mar “e depois disso vagou sempre pelas costas, cantando em dor e arrependimento à beira das ondas”.

[d] Não há nenhuma outra referência a um “lago” ou “lagoa” no ponto das matas onde Beren se deparou com Lúthien.

[e] *Ennorath*: “Terra-média”. Ver *O Senhor dos Anéis*, *O Retorno do Rei*, Apêndice E (p. 1588, nota 3).

[f] *Eldamar*: anteriormente escrito “*no Reino Abençoado*”. Compare esses versos com a versão revisada das palavras de Felagund ao morrer, no Canto IX (p. 415).

Nota sobre o envio original da *Balada de Leithian* e de *O Silmarillion* em 1937

Na esteira do sucesso imediato de *O Hobbit*, publicado em 21 de setembro de 1937, Stanley Unwin, presidente da George Allen & Unwin, estava naturalmente ansioso para que meu pai escrevesse uma continuação, ou um sucessor — sobre Hobbits. O resultado da primeira reunião deles, não muito depois da publicação do livro, foi que meu pai lhe enviou vários manuscritos, entre eles a *Balada de Leithian* (na correspondência da época, era chamada de *Gesta de Beren e Lúthien*) e *O Silmarillion*.

Humphrey Carpenter diz na *Biografia* (pp. 251–52), que "o manuscrito [de *O Silmarillion*] — ou melhor, o monte de manuscritos — chegara à editora em um estado um tanto quanto desordenado e a única seção obviamente contínua parecia ser o longo poema 'A Gesta de Beren e Lúthien'." Rayner Unwin me disse que, nos registros guardados pela Allen & Unwin acerca dos manuscritos que chegaram, os trabalhos entregues em 15 de novembro de 1937 foram listados como:

1. Mestre Giles d'Aldeia
2. Longo Poema
3. Sr. Boaventura
4. O Material dos Gnomos
5. A Estrada Perdida

Notas escritas por meu pai mostram que, junto com *O Silmarillion* "propriamente dito", ele enviou naquela época o *Ainulindalë* (A Música dos Ainur), *Ambarkanta* (A Forma do Mundo), e *A Queda dos Númenóreanos*. Acredito ser por isso que o quarto item no livro de registros foi listado como "O Material dos

Gnomos". Pode ser que os diferentes manuscritos não estivessem diferenciados de maneira muito clara, ao mesmo tempo em que os títulos dos vários trabalhos certamente pareceriam obscuros; e "O Material dos Gnomos" foi uma oportuna expressão abrangente.[a] Mas talvez se possa detectar nessa frase uma nota de confusão, aparente também na descrição do item 2 como um "Longo Poema". Por outro lado, há que se notar que o texto de *O Silmarillion* era, naquela época, um manuscrito bem-acabado, simples e muito legível.

Não há evidências para se afirmar que *O Silmarillion* e outros trabalhos em prosa da Terra-média tenham sido enviados ao leitor da editora. No relatório sobre o poema, ele fez menção apenas a "umas páginas" e "algumas páginas" em prosa, e Stanley Unwin, quando devolveu os manuscritos em 15 de dezembro de 1937, mencionou "as páginas de uma versão em prosa" que acompanhavam o poema. Humphrey Carpenter parece estar certo ao sugerir (*Biografia* p. 252) que essas páginas foram anexadas "com o propósito de completar a história, pois o poema propriamente dito estava inacabado"; eram as páginas da história de Beren e Lúthien conforme contada em *O Silmarillion*. Mas fica também óbvio pelo relatório do leitor que ele não viu nada mais de *O Silmarillion*. Ele encabeçou o relatório com: "*A Gesta de Beren e Lúthien* (Recontada em Verso por ?)", e começou:

> Estou bastante perdido, sem saber o que devo fazer com isso — não parece nem sequer ter um autor! — ou qualquer indicação de fontes etc. Supõe-se, com razão, que os leitores das editoras sejam moderadamente inteligentes e lidos, mas confesso que minhas leituras não chegaram às antigas Gestas Celtas, e não sei se esta é uma Gesta famosa ou não, e, para falar a verdade, nem mesmo sei se é autêntica. Presumo que seja, pois o poeta não especificado incluiu algumas páginas de uma versão em prosa (que é muito superior).

Com essa última frase, ele quis dizer, imagino, que a *história*, conforme representada naquilo que ele pensava ser uma tradução

literal em prosa, era uma autêntica "Gesta Celta", e que o "poeta não especificado" fizera dela um poema.

Contudo, ele era um crítico de gosto positivo, e contrastou o poema — para desvantagem do próprio poema — com "as poucas páginas de (presume-se) transcrição em prosa do original". No poema, afirmou, "a força primitiva se esvai, as cores claras se esvaem" — uma conclusão notável, mesmo que a evolução real da Matéria de Beren e Lúthien estivesse invertida dessa maneira.

Pode parecer estranho que o leitor que recebeu o poema tivesse tão pouco para examinar; e mais estranho ainda que ele tenha escrito com algum entusiasmo sobre o fragmento de prosa narrativa que o acompanhava, mas que nunca tenha visto o trabalho do qual esse fragmento saiu, muito embora fosse o manuscrito mais importante enviado pelo autor: de fato, ele nem sequer tinha razão para suspeitar da existência desse manuscrito. Mas suspeito que meu pai não tenha deixado suficientemente claro desde o início o que eram os trabalhos em prosa sobre a Terra-média e como eles se interrelacionavam e, como consequência, acredito que "o Material dos Gnomos" tenha sido deixado completamente de lado por ser peculiar e difícil demais.

No pé do relatório do leitor, Charles Furth, da Allen & Unwin, escreveu: "O que faremos?"; e ficou para o tino de Stanley Unwin encontrar uma solução. Quando devolveu os manuscritos a meu pai, afirmou:

> Como você mesmo presumiu, será uma tarefa difícil fazer qualquer coisa com a *Gesta de Beren e Lúthien* em verso, mas nosso leitor ficou muito impressionado com as páginas de uma versão em prosa que a acompanhava

— e citou do relatório *apenas* as observações aprobatórias (ainda que mal dirigidas) que o leitor fizera sobre o fragmento do *Silmarillion*, as quais Humphrey Carpenter cita: "possui algo daquela beleza louca de olhos brilhantes que deixa perplexos todos

os anglo-saxões diante da arte celta" etc. Mas Stanley Unwin então prosseguiu:

O Silmarillion contém muito material maravilhoso; de fato, é uma mina a ser explorada na escrita de outros livros como *O Hobbit*, mais do que um livro por si só.

Essas palavras em si efetivamente demonstram que *O Silmarillion* não tinha sido entregue para um leitor resenhar. Naquela época, era um trabalho extremamente coerente, ainda que inacabado naquela versão.[b] Não há dúvidas de que o objetivo de Stanley Unwin era não ferir os sentimentos de meu pai, ao mesmo tempo em que (confiando no relatório do leitor, que dizia respeito ao poema) recusava o material enviado e persuadia-o a escrever um livro que desse continuidade ao sucesso de *O Hobbit*. Mas o resultado foi que meu pai se iludiu completamente, pois em sua resposta (incluída na íntegra nas *Cartas*, n. 19), datada de 16 de dezembro de 1937, — três dias antes de escrever dizendo que completara o primeiro capítulo, "Uma Festa Muito Esperada", de "uma nova história sobre Hobbits" — ele disse:

> Minha principal alegria é por saber que o Silmarillion não foi rejeitado com desdém […] Não me importo com a forma em versos [isto é, a versão poética do conto de Beren e Lúthien, a *Balada de Leithian*] que, apesar de certas passagens virtuosas, possui defeitos graves, pois ela é para mim apenas o material bruto.[c] Mas agora certamente terei esperanças de um dia ser capaz, ou de ter os meios, de publicar o Silmarillion!

Ele obviamente tinha a impressão de que *O Silmarillion* tinha sido entregue a um leitor e que fora resenhado (certamente não deu importância para a expressão usada por Stanley Unwin, "*as páginas de* uma versão em prosa"); ao passo que, até onde as evidências remanescentes apontam (e parecem ser completas o bastante), esse não era o caso, em absoluto. Meu pai achou que tinha sido lido e recusado, quando na verdade tinha simplesmente sido recusado. O

leitor certamente recusou a *Balada de Leithian*; mas não recusou *O Silmarillion*, do qual tinha visto apenas algumas páginas (sem saber do que se tratava) e, de toda forma, havia gostado delas — apesar das dificuldades de um anglo-saxão ao apreciar a arte celta.

É estranho refletir sobre o que poderia ter concebivelmente acontecido se *O Silmarillion* tivesse de fato sido lido na época, e se o leitor tivesse mantido a boa opinião que formou examinando aquelas poucas páginas. Pois embora não haja razão necessária para supor que, mesmo assim, ele teria sido aceito para publicação, não parece ser algo absolutamente fora de questão. E se tivesse sido aceito? Meu pai escreveu, muito tempo depois (em 1964, *Cartas*, n. 257):

> Depois [da publicação de *O Hobbit*] lhes ofereci as lendas dos Dias Antigos, mas os leitores deles as recusaram. Queriam uma continuação. Mas eu queria lendas heroicas e alto romance. O resultado foi *O Senhor dos Anéis*.

NOTAS

[a] Não há dúvidas de que *O Silmarillion* em si foi remetido à editora Allen & Unwin nesse momento. Meu pai fez uma nota enquanto não estava de posse do manuscrito sobre as alterações que deveriam ser feitas quando ele lhe fosse devolvido, e registrou especificamente sua devolução (*Cartas*, n. 20): "Recebi a salvo […]a *Gesta* (em verso), o *Silmarillion* e fragmentos relacionados."

[b] Não havia, de fato, muito mais para se retrabalhar no texto de 1930: a nova versão (com umas 40 mil palavras) estendia-se até parte do Capítulo XXI, *De Túrin Turambar*.

[c] Isso pode parecer algo muito surpreendente de se dizer; mas deve-se lembrar que ele abandonara o poema seis anos antes e, naquela época, estava absorto no aperfeiçoamento do *Silmarillion* em prosa.

Glossário de Palavras e Significados Obsoletos, Arcaicos e Raros

Nesta lista, as palavras que ocorrem na *Balada dos Filhos de Húrin* (H e H ii (segunda versão)) e na *Balada de Leithian* (L e L ii (a parte contínua da revisão posterior)) aparecem com a referência do verso em que constam. Palavras de outros poemas ou trechos aparecem com a referência às páginas em que ocorrem.

Ambas as Baladas, mas especialmente *Os Filhos de Húrin*, se valem de algumas palavras totalmente perdidas (e significados perdidos), mas a lista inclui também muitas que seguem sendo arcaísmos literários conhecidos e algumas palavras que não são nem perdidas e nem arcaicas, mas cujo uso é muito limitado.

an se, H 63, 485

as como se, H 310, ii. 659

astonied espantado, atônito, H 578

bade H ii. 646. Se a frase *This Thingol she bade* significar "Isto ela *ofereceu* a Thingol", a palavra está sendo usada com dois sentidos no verso: ela *ofereceu* a ele o elmo, e *pediu* a ele que recebesse seus agradecimentos; mas mais provavelmente o verso quer dizer que "ela pediu a ele para receber o elmo e seus agradecimentos" (ver H 301).

bale mal, desgraça, tormento, H 56, ii. 81

balusters os pilares de uma balaustrada, p. 161

bated restrito, paralisado, H 1121

bent lugar aberto coberto de grama, H 1032, 1517, 1539, ii. 500; L 1369, 2281

betid vir a acontecer, L 2408

blent mesclado, misturado, H 453, 583; L ii. 317
boots na expressão **it boots not**, não tem serventia, H 1871
bosmed (em **bare-bosmed**) depositado no seio, H 1198
brand lâmina, espada, H 1340, ii. 149
carping conversa, bate-papo, H 477; **carped** H 506
casque capacete, elmo, H ii. 655
chaplet grinalda, L 753
chase lugar de caça, L 3297
clomb antigo pretérito de *climb* [subir, escalar], H 1494; L 1382, 3872
corse cadáver, H 1295, 1404; L 3620
cozening engano, engodo, trapaça, p. 357
croft porção cercada de terra arável, L 1968
dear precioso, valioso, H 480
dolour sofrimento, L 2814
dolven (também em **dark(ly)-**, **deep-dolven**) escavado, cavado, H 2052; L 213, 1677, ii. 63
dreed aguentou, suportou, H 531
drouth (com a mesma origem da palavra *drought*) seca, secura, H 946, 972; (**plains of**, **fields of**) **drouth**, (planícies de, campos de) sede, H 826; L 2047
eld velhice, H ii. 595; **of eld** outrora, de outrora, H 118, ii. 262
enfurled (em **mist-enfurled**) envolto, envelopado, embrulhado (em algo torcido ou dobrado), L 59, ii. 61. A palavra não é atestada com o prefixo *en-*. Ver **furled**, embrulhado, L 1551, **unfurled**, desfraldado, aberto, L 404, 1591, 3986
enow suficiente, L 1304
error (provavelmente) andança, perambulação, H ii. 495
fain com prazer, H 130; L 823; contente, L ii. 368; **fain of** ávido por, ou contente com, H 410, 458, ii. 786; **warfain** ávido por guerra, belicoso, H 386, 1664, ii. 137, **bloodfain**, ávido por sangue ii. 750; **I had fainer** eu preferiria, H ii. 146
falchion espada (larga), H 1217, ii. 63, 146
fallow castanho dourado, fulvo, H 2106; p. 155; **fallow-gold** p. 155; **fallow deer** cervo, L 86. (Uma palavra diferente de *fallow* quando usada para a terra).
fare jornada, viagem, H 2184

fast fixamente, sem se mover, H 1614 (ou talvez como adjetivo, “profundo, ininterrupto”, qualificando a palavra *pondering*. Compare com *fast asleep*); seguro contra ataques, L 360
fell pele, couro, L 2344, 3398, 3458, 3484, 3941, 4124, ii. 528
fey destinado a morrer, L 3305; ver **unfey**.
flittermouse morcego, L 4074
fold terra, H 765; **folds** H 533, 1632, provavelmente o mesmo, mas talvez “meandros, curvas”.
force queda d’água, H 1595
forhungered faminto, L 3076
forwandered exausto de tanto vagar, H 190, 897, ii. 498; L 550, 2354
freshets regatos de água doce, H 1597; L 1934
frith mata H 1795; p. 160; L 896, 2264, ii. 124
frore coberto de geada ou de cabelos brancos H ii. 594; gelado, L 578, 1718
garth terreno cercado ao lado de uma casa, jardim, quintal, H 149, ii. 313
ghyll profunda ravina rochosa, H 1498
glaive lança ou espada, H 322, 1210, ii. 680
glamoury magia, encantamento, pp. 148–49, L 2073
gloam crepúsculo, p. 177
grasses plantas, ervas, L 3122
guerdon galardão, recompensa, H 658; L 222, 1064, 4139
haggard (de roupas) rotas, desalinhadas, H 466; (de colinas) selvagens, H 2120, L 3167; sentido moderno [“com aspecto cansado”] H 1890, L 3729 (com sentido estendido, **haggard hunger**, **haggard care** H 1437, L 564)
haled puxou, H ii. 551
hap acaso, fortuna, sorte, condição, H 340
hest comando, H 86, 689
hie apressar-se, H 838
hight chamado, nomeado, H 366, 863
hold fortaleza, praça-forte, L 52, 1702, 2457; p. 161 (aqui, talvez “aperto, ato de agarrar”); refúgio, L 210
holt mata, souto, L 2342
inane vazio L 3533

keep parte central da fortaleza, L 1677
lambent (de fogo) que toca levemente uma superfície sem queimar, H 1217
lapped cercado, H 690; envolto, H 709
lea gramado, pasto, H 35, 1797, ii. 66
leasows prados, H 1797
leeches médicos, L 3055, 3144
let impedir, deter, L 2019
levin relâmpago, H 1681
lief disposto a, L 3417; **liever** melhor, mais prazenteiro, H 78
like agradar H 90, 286, 598, 1376, ii. 226, 626
lind tília, p. 145
loath desprezível, L 3419; indisposto, L 3417
lode caminho, H 798
louted curvado, H 1520
march marca, região fronteiriça, H ii. 493; L 3672
marge margem, H 1555
mavis tordo, L ii. 74
meed recompensa, H 81, 268, 701, 793, ii. 195, 231, 604
meet adequado, H 487
mete distribuir (usado na construção *I shall mete thee a meed*, *his meed was meted*) H 81, 532, 701, 1092, ii. 195
mews gaivotas, p. 157; **seamew** H 1551
neb bico, L 255, 570, ii. 381, 409
nesh macio, tenro, L 4220
opes abre, L 3740; **oped** H 550
or ever antes de, L 1821
or… or ou… ou/quer… quer, H 439–40; L 54, 2886; p. 417
outer extremo (?), L 2979
palfrey palafrém, um cavalo pequeno para montaria, L 3379
parlous perigoso, L ii. 456
pled antigo pretérito de *plead* [rogar, suplicar], L 2983
plenilune lua cheia, plenilúnio, pp. 412–13
prate falar, tagarelar sem propósito, H 501
quick vivo, H ii. 78
quod disse, H 88

quook antigo pretérito de *quake* [tremer, estremecer], L 3582

recked cuidar, importar-se com, H 619; L ii. 629; **unrecked** desconsiderado, H 1799

redeless sem recurso, sem conselho, L 3427

rive rasgar, fender, H 1211; pretérito **rove** L 4149

roamed vagou, prosseguiu (em um caminho ou jornada), H 1432; (de regiões) estendia-se (?), H 1577. (Esses usos não parecem ser atestados).

rout companhia, tropa, bando, L 2997

rove ver **rive**.

ruel-bone algum tipo de marfim, L 2261 (ver J.R.R. Tolkien, *Sir Gawain, Pearl, and Sir Orfeo*, tradução de *Pearl*, estrofe 18: *And her hue as rewel ivory wan* [e seu tom, pálido como marfim]).

ruth pena, compaixão H 306, 1941, 1969, 2134, ii. 654; L 116; remorso, H 509; pesar H 1661

shaws matas, matagais, H 647 (ver *Trollshaws* [Matas dos Trols], a oeste de Valfenda).

sheer (de luz) brilhante, L 689; (de água) clara e pura, L 1439

shoon antigo plural de *shoe* [sapato], L 490

shores escoras, L 3880

sigaldry feitiçaria, L 2072 (ver a terceira estrofe do poema *Errantry*, em J.R.R. Tolkien, *The Adventures of Tom Bombadil* [As Aventuras de Tom Bombadil], 1962).

slade vale, H 235, 1150, 2171, ii. 561; **slades of death** H 685, 886 [traduzido como "sombras da morte" na primeira ocorrência].

slot rastro (de uma criatura caçada), H 745, 1314

slough lama, atoleiro, H 881

sped serviu (atingiu o propósito), H 41; prosperou (transitivo), H 247, (intransitivo) ii. 574; urgiu, H 284; enviou com pressa, H 654

stared (provavelmente) brilhou, L 3132, significado encontrado nos poemas aliterantes medievais: ver J.R.R. Tolkien, *Sir Gawain, Pearl, and Sir Orfeo*, tradução de *Pearl*, estrofe 10: *stars stare in the welkin in winter night* [estrelas brilhavam no céu na noite invernal]. O original em inglês médio, *staren*, tem esse sentido.

strikes corre, flui, H 240, 520, ii. 567

suage aliviar, H 612

sued implorou, suplicou, H 857

swath “o espaço abarcado por um golpe de foice do segador” (Oxford English Dictionary), H 33, ii. 64; L 2106

swinking labuta, H 784

sylphine da natureza de uma sílfide (um espírito do ar, ver pp. 357–58), L 4077. Esse adjetivo, derivado do substantivo *sylph*, não é atestado.

tale conta, total, soma, H 159, 471, ii. 326. Ver **untold** incontável, H ii. 678, L 12, 2251

targe escudo, H 131, 409, 2153, ii. 284, 785

thewed em **mighty-thewed**, de grande força, com nervos fortes, H ii. 714

thirled perfurado, H 697

tilth terra cultivada, H 1798

tors tesos rochosos, H 2119

travail labuta, sofrimento (em uma jornada, ou seja, tanto *travail* quanto *travel* [viagem, jornada]), H 143, ii. 300

unfey que não está predestinado a morrer, H ii. 752 (ou talvez o significado seja “que não é débil, que não é tímido”, invertendo outro significado de *fey*). Essa palavra aparentemente não é atestada em inglês, mas *ú-feigr*, “unfey” é encontrada em nórdico antigo.

unkempt desgrenhado, H 490

unrecked ver **recked**,

wading indo, passando, H 1605

waiving recusando, rejeitando, H ii. 154

wallet saco para mantimentos, H 228, ii. 551

wan escuro, L 261, ii. 561

wanhope desespero, H 188

web tecido, L 1471; usado para cota de malha, L 324, e para as “urdiduras” do destino, H ii. 13

weeds roupas, H 445

weft tecido, L 3061

weird sina, fado, destino, H 160, ii. 119, 246, 327; L 2290, 3173

weregild veregildo, o preço a ser pago em compensação por matar um homem, preço esse que varia de acordo com sua posição social, L ii. 177

whin urze, tojo, L ii. 195

wieldy (capaz de manejar facilmente corpo ou arma), vigoroso, ágil, H 1765

wildered perdido H 188, 204, 1316, ii. 516; p. 177; desnorteado, confuso H 774; L 641 (ver p. 378)

winding (1) acerca do movimento de vento ou água (sem sugerir, necessariamente, um movimento giratório), H 769, 1857. (2) (de trombeta) sopro, H 1832

wist ver **wot**.

wold planaltos ou colinas florestadas (ver p. 109), H 1816, 1992, 1994; L 1742

wolfham(e) pele de lobo, L 3398; pp. 321–22, 333 (ver p. 321).

woof tecido, L 4149

wot (tempo presente do verbo *wit*), saber, H 204, ii. 516; pretérito **wist**, H 160, 200, 399, ii. 327; passado particípio **unwist** desconhecido, H 257

wrack (1) ruína, desastre, destruição, H 27, 629, 2036, ii. 120; p. 172. (2) alga marinha, H 1569.

wrights artífices, H 300, 1147, ii. 641, 671

Índice

Este índice foi feito com as mesmas bases do índice do *Livro dos Contos Perdidos 1* e *2*. Assim como aqueles, a intenção é fornecer (com apenas algumas exceções) referências completas a todos os verbetes, e são incluídas referências eventuais a passagens em que a pessoa ou lugar não é explicitamente nomeado. A nota sobre o envio da *Balada de Leithian* e de *O Silmarillion* em 1937 não foi indexada.

Ælfwine

Aeluin Ver *Lago Aeluin*.

Agarwaen "Manchado-de-sangue", nome assumido por Túrin em Nargothrond.

Aglon, Fenda do Entre Taur-na-Fuin e Himling (Himring).

Água(s) do Despertar Ver *Cuiviénen*.

Aiglir Angrin As Montanhas de Ferro. (Substituiu *Angorodin*, substituído por *Eiglir Engrin*).

Alagados do Crepúsculo (chamado *Lago-Ocaso*). Ver *Lagoas do Crepúsculo*, *Umboth-Muilin*.

Alqualondë. Ver *Cópas Alqalunten, Fratricídio, Porto-cisne*.

Altos Faroth Ver *Morros dos Caçadores*.

Aman. Ver *Reino Abençoado*.

Amigos-dos-Elfos

Amória Desconhecido.

Anãos (ver especialmente); *terra dos anãos*. Ver *Anãos Barbas-longas*.

Anãos Barbas-longas

Anfauglith Outro nome para Dor-na-Fauglith.

Angainor A grande corrente com a qual Morgoth foi preso. Anteriormente *Angaino, Angainu*, *Engainor*

Angamandi Nome de Angband nos *Contos Perdidos*.

Angband descrita. *Sítio de, Cerco de Angband*. Ver *Infernos de Ferro*.
Angorodin Nome anterior das Montanhas de Ferro.
Angrim Pai de Gorlim, o Infeliz.
Angrod Filho de Finrod/Finarfin, morto na Batalha da Chama Repentina.
Aperto dos Estreitos Das Terras do Oeste às Grandes Terras.
Ar-Melian Melian. Ver *Tar-Melian*.
Aragorn
Arda Ard-galen A grande planície relvada setentrional que, após ser devastada, foi chamada de *Anfauglith* e *Dor-na-Fauglith*.
Arminas Elfo noldorin que, junto de Gelmir, levou o alerta de Ulmo até Nargothrond.
Arsiriand Nome rejeitado para Beleriand.
Artanor Nome antigo de Doriath.
Arthad Um dos doze companheiros de Barahir em Dorthonion.
Aryador Nome de Hithlum entre os Homens.
athelas Erva de cura.
Aulë

Balar, Ilha e Baía de
Balrog(s)
Balthronding O arco de Beleg. forma posterior *Belthronding*
Ban Pai de Blodrin, o traidor. Ver *Bor*.
Bansil A Árvore Branca de Valinor (Silpion, Telperion). (Substituído por *Belthil*).
Baragund Sobrinho e companheiro de Barahir e pai de Morwen.
Barahir Pai de Beren (filho de Bëor
Barcaça de Prata A Lua.
Batalha da Chama Repentina; outras referências
Batalha das Lágrimas Inumeráveis; *batalha das lágrimas*. Ver *Nínin Udathriol/Unothradin, Nirnaith Arnoediad/Ornoth/Únoth*.
Batalha-sob-as-Estrelas
Bauglir (1) Nome antigo de Blodrin, o traidor. (2) Nome de Morgoth (substituiu *Belcha, Belegor, Melegor*).
Baynes, Pauline (Mapa da Terra-média)
Belaurien Nome rejeitado para Beleriand.

Belaurin Forma gnômica de Palúrien.

Belcha Nome de Morgoth (substituído por *Belegor, Melegor, Bauglir*).

Beleg. Em *Os Filhos de Húrin* chamado de *o Caçador*, *o Arqueiro*. A elegia de Túrin, *A Amizade do Arqueiro*, *Laer Cú Beleg*, a Canção do Grande Arco

Belegor Nome de Morgoth (substituiu *Belcha*, substituído por *Melegor, Bauglir*).

Belegost Uma cidade dos Anãos. (*breu de Belegost*)

Belegund Sobrinho e companheiro de Barahir.

Beleriand. (Substituiu *Broseliand*; para outros nomes rejeitados)

Belthil A Árvore Branca de Valinor (Silpion. Telperion). (Substituiu *Bansil*).

Belthronding Ver *Balthronding*.

Bëor Pai de Barahir; *casa de Bëor, parentes de Bëor, último rebento de Bëor*.

Bëoring(s) Homens da casa de Bëor.

Beowulf

Beren; várias referências na *Balada de Leithian* e comentários. Beren como Homem ou Elfo; sua segunda vida. Ver *Ermabwed, Erchamion, Maglor* (1).

Bilbo Bolseiro

Bladorinand Nome rejeitado para Beleriand.

Bladorwen "A vasta terra, Mãe Terra", nome de Palúrien.

Blodrin O Elfo que traiu o bando de Túrin (nome anterior Bauglir).

Boldog Capitão-órquico, líder do assalto a Doriath.

Bor Pai de Boldrin, o traidor (substituiu brevemente *Ban*).

Bredhil, a Benta Ver *Bridhil*.

Bregolas Irmão de Barahir e pai de Baragund e Belegund.

Bregor (nas lendas posteriores) pai de Barahir e Bregolas.

Bregu (inglês antigo) = "Vala".

Bretanha

Brethil, Floresta de

Bridhil Nome gnômico de Varda; chamada *Bridhil, a Sacra*, *Bridhil, Rainha das Estrelas*; alterado para *Bredhil*. Ver *Timbridhil*; *Elbereth*.

Brocéliande, Floresta de. Ver *Broseliand*.

Bronweg Forma gnômica de Voronwë, companheiro de Tuor.

Broseliand Nome antigo de Beleriand; inicialmente grafado *Broceliand*
Bruithwir Pai de Fëanor nos *Contos Perdidos*.

Carcharoth O Lobo de Angband. Formas anteriores *Karkaras*; *Carcaras*; *Carcharas*; *Carcharos*; *Carcharolch*; *Gargaroth*. *Presa-de-Punhal*; *a Rubra Goela* [*Goela Vermelha*]
Carpenter, Humphrey
Casadelfos; *terra de (dos) Elfos*
Celebrimbor Filho de Curufin.
Celeg Aithorn Espada mitológica (relâmpago?) mencionada no "feitiço de amolar" de Beleg.
Celegorm (1) Usado transitoriamente = Thingol. (2) Filho de Fëanor, cognominado "o belo", "o alvo". (ver especialmente).
Chambers, R.W.
Chaucer, Geoffrey
Cidade de Pedra (Gondobar), Gondolin. *Cidade dos Habitantes da Pedra* (Gondothlimbar), Gondolin.
Cidade dos Deuses, A (poema)
Cópas Alqalunten "Porto das Naus-Cisne". Ver *Alqualondë, Porto-cisne*.
Côr
Coração Escarlate, O Emblema de Turgon.
Coroa de Ferro A coroa de Morgoth (também *férrea coroa*); *coroado de ferro*
Corthûn. Ver *Tûn*.
Cranthir Filho de Fëanor, cognominado "o moreno". forma anterior *Cranthor*
Cristhorn "Fenda das Águias" nas Montanhas Circundantes de Gondolin; *valão das Águias*
Cuinlimfin Forma transitória substituída por Cuiviénen.
Cuiviénen; *Águas do Despertar*, *Água do Despertar*. Forma original *Koivië-Néni*
Curufin Filho de Fëanor, cognominado "o matreiro"; seu cavalo; seu punhal/faca (sem nome, posteriormente *Angrist*)

Daeron Ver *Dairon*.

Dagmor Espada de Beren.
Dagnir Um dos doze companheiros de Barahir em Dorthonion.
Dagor Bragollach. Ver *Batalha da Chama Repentina*.
Daideloth Nome anterior de Dor-na-Fauglith.
Dailir Seta de Beleg que sempre podia ser encontrada ilesa.
Dairon Menestrel de Thingol; forma posterior *Daeron*
Dairuin Um dos doze companheiros de Barahir em Dorthonion.
Damrod Filho de Fëanor.
Danigwethil Nome gnômico de Taniquetil. Ver *Tain-Gwethil*, *Tengwethil*.
Delu-Morgoth Forma do nome de Morgoth de significado desconhecido; anteriormente *Delimorgoth*
Deus(es) Referências selecionadas. Passagens a respeito da relação dos Deuses com Elfos e Homens; um sonho dos Deuses; os Deuses "ponderam o mundo"; "ira dos Deuses"; *Ruína do Reino dos Deuses*; *Deus do Inferno*, *das Trevas*, *do Sono*. Ver *Valar*.
Dias Antigos
Dinithel (?Durithel) Nome antigo de Díriel.
Dior, o Belo Filho de Beren e Lúthien.
Díriel Filho de Fëanor.
Dois Capitães Beleg e Túrin na Terra de Dor-Cúarthol.
Dor-Cúarthol "Terra do Arco e do Elmo", a região defendida por Beleg e Túrin na lenda posterior.
Dor-na-Dhaideloth
Dor-na-Fauglith Nome dado à grande planície setentrional (*Ard-galen*) depois de sua devastação na Batalha da Chama Repentina e ver *Anfauglith*, *Planície Calcinada*, *Daideloth*, *Dor-na-Maiglos*, *Torrão Sedento*, *Estepes Ressequidas*, *Planície Sedenta*.
Dor-na-Maiglos Nome antigo de Dor-na-Fauglith.
Dor-tathrin Outro nome de Nan-Tathrin, a Terra dos Salgueiros.
Dor-Winion, *Dorwinion* Uma terra no Sul cujo vinho era importado pelo Norte.
Doriath; *Doriath além do Sirion*; *a Dançarina de Doriath*; *Rei de Doriath*, ver *Thingol*. Ver *Artanor*, *Reino Guardado*, *Reino Oculto*, *Povo Oculto*.
Dorlómin

Dorthonion As grandes terras altas florestadas, posteriormente chamadas *Taur-na(nu)-Fuin*.

Draugluin O grande lobisomem da Ilha do Mago, morto por Huan. *Draugluin Espectro-de-Medo*

Drûn Região ao norte do Lago Aeluin.

Duas Árvores; *Árvores de Luz*; *as Árvores*

Duilin Pai de Flinding no *Conto de Turambar*; com o prefixo patronímico *go-* > *bo-Dhuilin* "filho de Duilin". (Substituído por *Fuilin*).

Dungalef O inverso de *Felagund* empregado como enigma (substituído por *Ódio*).

Dungorthin, *Dungortheb*. Ver *Nan Dungorthin*.

Éadgifu Mãe de Ælfwine.

Eärendel; filho de Fengel. Forma posterior *Eärendil*

Eglamar = *Eldamar*.

Egnor (1) Pai de Beren (substituído por *Barahir*). (2) Filho de Finrod (posteriormente Aegnor, filho de Finarfin), morto na Batalha da Chama Repentina.

Eiglir Engrin As montanhas de Ferro. (Substituiu *Aiglir Angrin*).

Eilinel Esposa de Gorlim, o Infeliz; cognominada "a branca" / "a alva".

elanor Planta de flores douradas que crescia em Beleriand.

Elbereth Nome em sindarin de Varda.

Eldalië

Eldamar "Lardelfos". Ver *Eglamar*.

Eldar

Eldarissa A língua dos Eldar (no período dos *Contos Perdidos*).

Eledhwen Nome de Morwen.

Élfico Como nome da língua dos Eldar (em oposição a gnômico).

Elfinesse; forma posterior *Elvenesse*

Elfos da floresta Os Elfos de Doriath; *povo dos bosques*, *Elfos das cavernas*. Ver *Povo Oculto*.

Elfos Referências selecionadas. Distinção em relação aos Gnomos, visão acerca dos Homens; estatura e diminuição em relação aos Homens; ruína dos Elfos há de ser ocasionada pelos Homens; destino após a

morte; travessia do Oceano até Valinor em navios. Ver *Elfos Escuros*, *Elfos da Floresta*.

Elfos Sombrios; *Elfo Escuro* (Eöl); *escuras gentes*

Elmo de Húrin. Ver *Elmo-de-dragão*.

Elmo-de-dragão; *Elmo de Hador*, *de Húrin*

Elu (Thingol) Forma sindarin do nome *Elwë (Singollo)*.

Elvenesse Ver *Elfinesse*.

Engainor Ver *Angainor*.

Ennorath Terra-média

Eöl Pai de Meglin (Maeglin).

Erchamion "Uma-Mão", nome de Beren. *Er(h)amion*. (Substituiu *Ermabwed*).

Ered Gorgoroth As Montanhas de Terror. *Gorgoroth*; *Gorgorath* (descritas). Ver *Montanhas Sombrias*.

Ered Luin As Montanhas Azuis.

Ered Wethrin As Montanhas Sombrias. *Montes das Sombra*

Eriol

Erithámrod Nome de Húrin (traduzido como "O Que Não se Abala", verso), quase sempre na combinação *Thalion Erithámrod*.

Ermabwed "Uma-Mão", nome de Beren. *Ermabweth*. (Substituído por *Er(h)amion*, *Erchamion*).

Eruchín Filhos de Eru.

Eruman

Esboço da Mitologia O "Silmarillion" original (1926).

Esgalduin O rio encantado de Doriath; *o élfico rio*; forma anterior *Esgaduin*.

Espectros-do-Anel

Estepes Ressequidas Dor-na-Fauglith.

Ezellohar O Teso Verdejante das Duas Árvores em Valinor.

Fadas. Ver *Feéria*.

Failivrin Nome dado a Finduilas, filha de Orodreth de Nargothrond; forma posterior *Faelivrin*

Fangros Local não identificado; forma anterior *Fangair*.

Fëanor; filho de Finn; *fogo de Fëanor* (a Silmaril). Ver *Filhos de Fëanor*, *Juramento dos Fëanorianos*.

Fëanorianos

Feéria; *Golfo de Feéria, das Fadas*; *Baía de Feéria*; *Terra das Fadas*; *Terrafada*. *As Costas de Feéria* (poema).

Felagoth Forma anterior de *Felagund*.

Felagund; *lnglor Felagund*; (nome posterior) *Finrod Felagund*. Ver *Finrod* (2), *Inglor*.

Fenda das Águias Ver *Cristhorn*.

Fenda das Águias. Ver *Cristhorn*.

Fengel (1) Pai de Tuor (substituindo Peleg dos *Contos Perdidos*). (3) Décimo quinto Rei de Rohan.

Filey, *Yorkshire*

Filho(s) de Fëanor

Filhos de Húrin (poema em dísticos rimados)

Finarfin. (Substituiu *Finrod* (1)).

Findóriel Nome anterior de Finduilas.

Finduilas Filha de Orodreth de Nargothrond. Ver *Failivrin*.

Fingolfin; o teso de pedras onde Fingolfin foi sepultado. Ver *Golfin*.

Fingolma Nome de Finwë Nólemë.

Fingon Filho de Fingolfin, irmão de Turgon; morto na Batalha das Lágrimas Inumeráveis. (Substituiu *Finweg* (2)).

Finn Forma gnômica de Finwë.

Finrod (1) Nome anterior de Finarfin. (2) Nome posterior de Inglor (Felagund).

Finwë Primeiro senhor dos Noldoli (Noldor), pai de Fëanor, Fingolfin e Finrod (1) Finarfin; *Finwë Nólemë*. Ver *Fingolma*, *Finn*, *Finweg* (1), *Gelmir*.

Finweg (1) = Finwë (Nólemë). (2) Nome anterior de Fingon.

Flinding Gnomo de Nargothrond, companheiro de Túrin; frequentemente chamado de *Flinding go-Fuilin*, isto é, Flinding, filho de Fuilin. (Substituído por *Gwindor*).

Floresta da Noite Taur-na-Fuin.

Foalókë O Dragão no *Conto de Turambar*.

Foice dos Deuses A constelação da Ursa Maior; *Foice dos Valar*; *foice do prado celestial*

Fratricídio de Alqualondë

Fuilin Pai de Flinding; *gente de, filhos de, povo de, Flinding*. Todas as outras referências são a Fuilin como pai de Flinding. (Substituiu *Duilin*).

Fuithlug Forma gnômica de *Foalókë*.

Galdor, o Alto pai de Húrin na lenda posterior (substituindo *Gumlin* (2)).

Galweg Pai de Failivrin no *Conto de Turambar*.

Gandalf

Gargaroth Ver *Carcharoth*.

Gaurhoth Os Lobisomens de Thû. *Ilha Gaurhoth*, ver *Tol-in-Gaurhoth.*

Gaurin Desconhecido; mencionado no "feitiço de amolar" de Beleg.

Gaurwaith Os Homens-lobos, o bando de proscritos ao qual Túrin se juntou na lenda posterior.

Geleriand Nome rejeitado para Beleriand.

Gelmir Pai de Fingolfin na *Balada da Queda de Gondolin*.

Gilammoth Nome rejeitado para Nan Elmoth.

Gildor Um dos doze companheiros de Barahir em Dorthonion.

Gilim "o gigante de Eruman", mencionado no "encanto de alongamento" de Lúthien.

Gim Githil Nome gnômico original de Inwë (substituído por *Inwithiel*).

Gimli Anão da casa de Durin, membro da Sociedade do Anel.

Ginetes de lobos

Ginetes-de-Espuma O Terceiro Clã dos Elfos (Solosimpi dos *Contos Perdidos*, posteriormente os Teleri). *Ginetes D'Ondas*

Ginglith Rio que desaguava no Narog acima de Nargothrond.

Glad-uial, Glath-uial Nome rejeitado para Nan Elmoth (substituído por *Gilammoth*).

Glamhoth Nome gnômico dos Orques.

Glend A espada do gigante Nan.

Glingal A Árvore Dourada de Valinor (Laurelin); forma anterior *Glingol*

Glómund Nome posterior de Glórund, substituído por *Glaurung*.

Glorfindel Senhor da casa da Flor Dourada em Gondolin. *O louro Glorfindel*

Glórund O Dragão. (no título da primeira versão de *Os Filhos de Húrin*), *a Serpe Avara*. (Substituído por *Glómund*).

Gnômico (língua); antigo dicionário gnômico

Gnomos, gnômico (*o rio dos Gnomos*), *Destino dos Gnomos*; *lâmpadas dos* 48. Ver *Noldoli*, *Noldor*.

Gobelin(s)

Goela Vermelha, *Rubra Goela* Ver *Carcharoth*.

Golda Originalmente, era o equivalente gnômico de *Noldo*. Ver *Golodh*.

Golfin Filho de Gelmir (= Fingolfin).

Gollum

Golodh Equivalente sindarin do quenya *Noldo*. *Golodhinand*, nome rejeitado para Beleriand.

Gondobar "Cidade de Pedra", um dos Sete Nomes de Gondolin.

Gondolin

Gondothlim O povo de Gondolin.

Gondothlimbar "Cidade dos Habitantes da Pedra", um dos Sete Nomes de Gondolin.

Gorgol Um Orque, chamado de *o Açougueiro*, morto por Beren.

Gorgorath, *Gorgoroth* Ver *Ered Gorgoroth*.

Gorlim O companheiro de Barahir que traiu seu esconderijo em Dorthonion; chamado de "o Infeliz".

Gorthol "Elmo Temível", o nome que Túrin assumiu em Dor-Cúarthol.

Gorthû Nome posterior de Thû.

Gothmog Senhor de Balrogs.

Grande Jornada

Grandes Terras. Ver *Terras de Fora*.

Grond A grande clava de Morgoth, "Martelo do Mundo Ínfero".

Guingelot Barco de Wade.

Gulma Nome gnômico original de Ulmo. Ver *Ylmir*.

Gumlin (1) O mais velho dos guardiões de Túrin na jornada até Doriath. (Substituído por *Mailgond*, *Mailrond*.) (2) Pai de Húrin. (Substituído por *Galdor, o Alto*).

Gurtholfin A espada de Túrin.

Gurthrond "O vale dos Defuntos que Esperam" (?); forma anterior *Guthrond*

Gwaeron (sindarin) o mês de março.

Gwareth, monte de O monte de Gondolin (*Amon Gwareth*).

Gwendeling Nome da Rainha de Artanor no *Conto de Tinúviel*.

Gwenethlin Nome da Rainha de Artanor na segunda versão do *Conto de Tinúviel*.

Gwindor Elfo de Nargothrond, companheiro de Túrin (anteriormente Flinding).

Habitante das Profundezas Ver *Ulmo*.

Hador; *Elmo de Hador* (ver *Elmo-de-dragão*).

Haleth, Povo de

Halmir (1) Filho de Orodreth, morto por Orques; cognominado "o caçador". (2) Um governante do Povo de Haleth.

Halog O mais jovem dos guardiões de Túrin na jornada até Doriath.

Hathaldir Um dos doze companheiros de Barahir em Dorthonion.

Helcaraxë

Helsings Tribo germânica liderada por Wada (Wade); inglês antigo *Hælsingas*

Himling Grande elevação a leste da Fenda do Aglon; forma posterior *Himring*

Hiradorn = *Hirilorn*.

Hirilorn "Rainha das Faias" em Doriath.

Hisilómë. Ver *Hithlum*.

Hithlum. Ver *Aryador*, *Dorlómin*, *Hisilómë*, *Terra das Sombras*, *Terras de Névoa*.

Hlýda, Hlýdingaburg (inglês antigo) Narog, Nargothrond.

Homens-da-floresta de Brethil, *Homens de Brethil*

Huan; *o cão de Hithlum*, *Huan, o lobeiro*

Húrin (referências a Túrin como *filho de Húrin* etc. estão incluídas em *Túrin*). Cognominado *o Resoluto*; *Príncipe de Mithrim*; *Senhor das Terras de Névoa*; e ver *Erithámrod*, *Thalion*. Forma anterior *Urin* (*Urinthalion*).

I·Guilwarthon Os mortos que vivem de novo.

Idril Celebrindal Filha de Turgon, mulher de Tuor.

Ilha do Mago A Ilha dos Lobisomens (Tol-in-Gaurhoth). Outras referências à Ilha; a ilha descrita

Ilha dos Lobisomens Tol-in-Gaurhoth.. Ver *Ilha do Mago*.

Ilha Solitária

Ilhotas Sumidas

Ilkorins Elfos “que não são de Kôr”.
Ilwë O ar intermediário que flui em meio às estrelas.
Indor Pai de Peleg, pai de Tuor (no conto da *Queda de Gondolin*).
Infernos de Ferro Angband.
Ing (1) forma gnômica de *Ingwë*; *filhos de Ing*; *torre de Ing*. (2) Rei de Luthany.
Inglaterra. Ver *Leithien*, *Luthany*.
Inglês (língua). Ver *Inglês Antigo*.
Inglês antigo (metro).
Inglor Filho mais velho de Finrod (1) (Posteriormente Finarfin), chamado *Felagund*. (Substituído por *Finrod* (2)).
Ingwë Senhor da Primeira Gente dos Elfos (gnômico *Ing*).
Ingwil Torrente que descia dos Morros dos Caçadores até o Narog, em Nargothrond. (Substituído por *Ringwil*).
Inwë Forma anterior de *Ingwë*.
Inwithiel Antigo nome gnômico de Inwë. (Substituiu *Gim Githil*).
Isfin Irmã de Turgon, mãe de Meglin. (Posteriormente chamada *Aredhel*).
Ithil (sindarin) a Lua..
Ivárë Menestrel dos Elfos “que toca junto ao mar”.
Ivrin O lago e as quedas sob as Montanhas Sombrias, onde o rio Narog emergia.

Juramento dos Fëanorianos (em verso aliterante), (em dísticos rimados), (conforme dito por Celegorm)

Karkaras Ver *Carcharoth*.
Koivië-Néni Ver *Cuiviénen*.
Kôr Ver *Côr*.

Ladros Terras a nordeste de Dorthonion.
Laer Cú Beleg A Canção do Grande Arco. Ver *Beleg*.
Lago Aeluin, *Aeluin* Lago em Dorthonion onde Barahir e seus companheiros fizeram seu esconderijo.
Lagoas do Crepúsculo. Ver *Alagados do Crepúsculo*, *Umboth-Muilin*.
Lágrimas Inumeráveis Ver *Batalha das Lágrimas Inumeráveis*.

Lamparinas, As
Lassiriand Nome rejeitado para Beleriand.
Laurelin
Leeds, Universidade de
Leithian, *Balada de* Datação; mencionada em *Os Filhos de Húrin*, e nos versos introdutórios de *Leve como Folha de Tília*; significado do nome
Leithien, Leithian Inglaterra. Ver *Lúthien* (2).
Lendas arthurianas
Leve como Folha de Tília (poema)
Lewis, C.S.
Lionesse Terra lendária, agora submersa, entre a Cornualha e as Ilhas Scilly.
Lórien; *Deus do Sono*, *Senhor do Sono*
Loruin Nome alternativo de *Nargil*.
Loth "A Flor", um dos Sete Nomes de Gondolin.
Loth Barodrin Nome rejeitado em favor de *Loth-a-ladwen*.
Loth-a-ladwen "Lírio da Planície", um dos Sete Nomes de Gondolin. [lá traduzido "lírio que na planície floresceu"]. (Substituiu *Lothengriol*).
Lothengriol Nome de Gondolin como "Lírio do Vale", substituído por *Loth-a-ladwen*.
Lua, A Referências Selecionadas. *Salões da Lua*; a Lua como navio (ver *Barcaça de Prata*); a presciência de Fëanor quanto ao Sol e à Lua
Lungorthin "Lorde dos Balrogs".
Luthany Inglaterra.
Lúthien (1) Ælfwine. (2) Inglaterra. Ver *Leithien*.
Lúthien (3) Filha de Thingol e Melian; várias referências na *Balada de Leithian* e nos comentários. Ver *Melilota*, *Tinúviel*.
Lydbrook Nome de riacho na Inglaterra.
Lyme Regis, Dorset

Mablui Nome de Melian.
Mablung "Mão-Pesada", principal guerreiro de Thingol
Maeglin Ver *Meglin*.
Maelor Variante de *Maglor*.

Maglor (1) Usado transitoriamente = Beren. (2) Filho de Fëanor; cognominado “o pulcro” [no original, *swift* = “célere”] , “o magno”, “o forte”.

Maidros Filho mais velho de Fëanor. *União de Maidros* (ver *Marcha Afora*).

Mailrond O mais velho dos guardiões de Túrin na jornada até Doriath. forma anterior *Mailgond*. (Substituiu *Gumlin* (1)).

Mailwin Ver *Morwen*.

Malory, Sir Thomas

Mandos

Mánir Espíritos do ar, subordinados a Manwë e Varda.

Manwë

Map, Walter

Mar do Oeste; *Praia Ocidental*

Marcha Afora A União de Maidros. (no verso em inglês), (no comentário)

Mares de Fora (*Mares Externos*); *mares mais externos*

Mares Divisores

Mares Sombrios; *Mar Sombrio*

Mavwin Ver *Morwen*.

Meássë Deusa guerreira.

Meglin Filho de Eöl e Isfin, traidor de Gondolin. forma posterior *Maeglin*

Melegor Nome de Morgoth, substituindo *Belegor*, substituído por *Bauglir*.

Melian Rainha de Doriath; *a Rainha imortal*. Ver *Ar-, Tar-Melian*; *Gwendeling, Gwenethlin*; *Mablui*.

Melilota Brandebuque

Melilota Usado transitoriamente = Lúthien.

Melko

Menegroth As Mil Cavernas em Doriath.

Mil Cavernas. Ver *Menegroth*.

Mîm, o Anão

Mindeb Afluente do Sirion.

Mindon Eldaliéva A torre de Ingwë em Tirion. Ver *Ing*.

Mithrim (Lago e talvez também a região). *Príncipe de Mithrim* (Húrin); *Homens de Mithrim*.

Moça das Lágrimas Ver *Nienor*.

Montanhas Azuis Ered Luin. não nomeadas

Montanhas Circundantes As montanhas em volta da planície de Gondolin.

Montanhas de Ferro; Ver *Angorodin*, *Aiglir Angrin*, *Eiglir Engrin*, *Morros Amargos*, *Colinas de Ferro*, *Montanhas do Norte*.

Montanhas de Terror Ered Gorgoroth.

Montanhas Sombrias (1) = Ered Wethrin. (2) = Ered Gorgoroth. descritas

Monte da Morte O teso erguido pelos Filhos de Fëanor depois da Batalha das Lágrimas Inumeráveis.. Ver *Teso dos Mortos*.

Montes de Ferro As Montanhas de Ferro.

Montes do Norte As Montanhas de Ferro.

Montes do Oeste As Montanhas de Valinor.

Morgoth Várias referências. Outros nomes: ver *Bauglir*, *Belcha*, *Belegor*, *Melegor, Melko, Delu-Morgoth, Senhor do Inferno* e no verbete *Deuses*.

Moria

Morros Amargos Nome das Montanhas de Ferro nos *Contos Perdidos*.

Morros/Colinas dos Caçadores As terras altas a oeste do rio Narog; *Descampado dos Caçadores*; nomes posteriores *Altos Faroth*, *Taur-en-Faroth*. A Terra dos Mortos que Vivem nos Morros dos Caçadores

Morwen Esposa de Húrin; *Morwen Eledhwen*. Formas anteriores *Mavwin*, *Mailwin*, *Morwin*

Mundo de Fora As terras a leste das Montanhas Azuis.

Nahar O cavalo de Oromë.

Nan Dungorthin; *Dungorthin*; forma anterior *Nan Dumgorthin*; forma posterior *Dungortheb*. Ver *Nan Orwen*.

Nan Elmoth. Ver *Glad-uial*, *Gilammoth*.

Nan Orwen Substituição transitória de *Dungorthin*.

Nan Um Gigante. *Nann*

Nan-Tathrin A Terra dos Salgueiros. *Nantathrin*. Ver *Dor-tathrin*, *Tasarinan*.

Nargil Desconhecido; mencionado no "feitiço de amolar" de Beleg. Ver *Loruin*.

Nargothrond. *O inverno chega a Nargothrond* (poema). Ver *Hlýdingaburg*.

Narn i Hîn Húrin

Narog; *o rio dos Gnomos*; = "torrente". Usado como referência ao reino dos Gnomos de Nargothrond (*Senhor de Narog, povo de Narog* etc.); *Guardas do Narog*. *Tempestade sobre o Narog* (poema). Ver *Hlýda*.

Neldoreth A floresta que correspondia à parte norte de Doriath

Nellas Elfa de Doriath que testemunhou contra Saeros no julgamento de Túrin diante de Thingol.

Nemória Desconhecido.

Nereb O inverso de *Beren* empregado como enigma (substituído por *Ira*).

Nessa

Nienor Irmã de Túrin. *Moça das Lágrimas*; *Nienóri*

Nínin Udathriol "Lágrimas Inumeráveis". (Substituído por *Nínin Unothradin*.)

Nínin Unothradin "Lágrimas Inumeráveis" [traduzido nos versos como "Sem-Número de Lágrimas"]. *Nirnaithos Unothradin*. (Substituído por *Nirnaith Únoth*).

niphredil Uma flor branca que florescia em Doriath.

Nirnaith Arnediad "Lágrimas Inumeráveis"; forma posterior *as Nirnaeth*. (Substituiu *Nirnaith Ornoth*)

Nirnaith Ornoth "Lágrimas Inumeráveis" [traduzido nos versos como "Sem-Número de Lágrimas"]. (Substituído por *Nirnaith Arnediad*).

Nirnaith Únoth "Lágrimas Inumeráveis". (Substituído por *Nirnaith Ornoth*).

Nogrod Cidade dos Anãos.

Noldoli; singular *Noldo*. Ver *Noldor*, *Gnomos*.

Noldor; *Condenação dos Noldor*; adjetivo *noldorin*. Ver *Noldoli*, *Gnomos*.

Noldórinan Nome rejeitado para Beleriand.

Númenóreanos

O inverno chega a Nargothrond (poema, também chamado de *Tempestade sobre o Narog*)
Oarni Espíritos do mar.
Ogbar Desconhecido; mencionado no "feitiço de amolar" de Beleg.
Oikeroi Um gato, capitão de Tevildo, morto por Huan.
Orfalch Echor A ravina que atravessava as Montanhas Circundantes ao redor de Gondolin.
Orgof Elfo de Doriath, morto por Túrin.
Ormaid Nome rejeitado para Tavros (Oromë), alterado a partir de *Ormain*.
Orodreth Rei de Nargothrond; ver especialmente
Oromë. Ver *Ormaid*, *Tauros*, *Tavros*.
Orques Várias referências. Ver *Glamhoth*, *Gobelins, Ginetes-de-lobos*. *Estrada dos Orques*, ver *Taur-na-Fuin*.
Ossë
Ossiriand(e) Nome rejeitado para Beleriand.
Oxford

Palúrien Yavanna; esposa de Aulë
Peleg Pai de Tuor nos *Contos Perdidos*. Ver *Fengel* (1).
Planície Calcinada Dor-na-Fauglith.
Planície Protegida de Nargothrond
Planície Sedenta Dor-na-Fauglith. [lá traduzido como "Estepe Ressequida"]
Porta da Noite. Ver *Portão Temível*.
Portão Temível (provavelmente) a Porta da Noite.
Porto-cisne 104; *Porto dos Cisnes*; *Porto das Naus-Cisne*. Ver *Alqualondë*, *Cópas Alqalunten*.
Povo Oculto Os Elfos de Doriath. Ver *Elfos da Floresta*.
Presa-de-Punhal Ver *Carcharoth*.
Primeira Era
Primeira Gente
Profecia do Norte

Qenta Quenta Noldorinwa, a versão de 1930 do "Silmarillion".
Quenya

Radhruin Um dos doze companheiros de Barahir em Dorthonion.
Ragnor Um dos doze companheiros de Barahir em Dorthonion.
Reino Abençoado Aman. *Reinos Abençoados*
Reino Guardado Doriath.
Reino Oculto Doriath.
Reynolds, *R.W.*
Rhûn, Mar de
Ringil A espada de Fingolfin.
Ringwil Nome posterior do curso d'água Ingwil.
Rivil, *Poço do Rivil* Riacho que emergia em Dorthonion e desaguava no Sirion no Pântano de Serech.
Rodothlim Precursores dos Gnomos de Nargothrond.
Rodrim Desconhecido; mencionado no "feitiço de amolar" de Beleg.

Saeros Elfo de Doriath, inimigo de Túrin.
Saithnar Desconhecido; mencionado no "feitiço de amolar" de Beleg.
Sauron
Senhor do Inferno Morgoth. Também chamado de *Senhor do Mentir*; *Senhor do Mundo*; *Senhor dos Horrores*; *Príncipe do Povo do Inferno*
Senhor do Oceano Ver *Ulmo*.
Senhor do Sono Ver *Lórien*.
Senhor dos Lobos Thû (Sauron). *Mestre dos Lobos*; *Senhor Lobisomem*
Serech, Pântano de A norte do Passo do Sirion, onde o Rivil desaguava vindo de Dorthonion.
Serpe Avara Ver *Glórund*.
Sete Estrelas, *Astros* A constelação da Ursa Maior.
Silmaril(s); *o gnômico cristal*; *Fogo de Fëanor*, *Luz do Dia*; *as Três*
Silmarillion, *O*. A versão de 1930 (*Quenta Noldorinwa*); referências à obra em sentido genérico; o mapa mais antigo do "Silmarillion"; mapa mais tardio
Sindarin
Sir Orfeu Lai em inglês médio.
Sirion; vale do Sirion; *Passo do Sirion*; a ilha no Sirion; *Nascente do Sirion*
Solosimpi O Terceiro Clã dos Elfos, posteriormente chamados de Teleri.

Sombra Mortal da Noite Taur-na-Fuin. Incluindo variantes *Floresta Mortal, Mortal Floresta, Mortal Sombra Noturna*, *Noturna Sombra Mortal*, *Noite-Morte*, *Noite-Enleio*, *Floresta da Noite*

Speght, Thomas Editor de Chaucer.

Súlimë Nome em quenya do terceiro mês.

Súruli Espíritos dos Ventos.

Tain-Gwethil, *Taingwethil* Nome gnômico de Taniquetil. Ver *Tengwethil*, *Danigwethil*.

Taniquetil

Tar-Melian Melian. Ver *Ar-Melian*.

Tasarinan A Terra dos Salgueiros. Ver *Nan-Tathrin*.

Taur-en-Faroth Ver *Morros dos Caçadores*.

Taur-na-Fuin; forma anterior *Taur Fuin*; forma posterior *Taur-nu-Fuin*. Antiga estrada-órquica que cruzava a floresta. Ver *Sombra Mortal da Noite*, *Dorthonion*.

Tauros Nome de Oromë. (Substituiu *Tavros*).

Tavros Nome de Oromë. (Substituído por *Tauros*). Ver *Ormaid*.

Tecelã-de-Treva A grande Aranha. Ver *Ungoliant*.

Telchar Artífice anão de Belegost ou Nogrod.

Teleri (1) A Primeira Gente dos Elfos (posteriormente chamados de Vanyar). (2) No sentido posterior, = Solosimpi dos *Contos Perdidos*.

Tengwethil Nome gnômico de Taniquetil. *Tengwethiel*. Ver *Tain-Gwethil*.

Terceira Era

Terceira Gente

Terra da Espera. Ver *Vale dos Defuntos que Esperam*.

Terra das Sombras Hithlum.

Terra do Horror, *de Horror* A terra de Morgoth.

Terra dos Mortos que Vivem. Ver *I·Guilwarthon*.

Terra dos Perdidos. Ver *Vale dos Defuntos que Esperam*.

Terra dos Salgueiros Nan-Tathrin.

Terra-média. Ver *Ennorath*, *Grandes Terras*.

Terras de Folgar O Reino Abençoado; *terra de ócio*

Terras de Fora As Grandes Terras (Terra-média).

Terras de Névoa Hithlum.

Teso dos Mortos. *Ver Monte da Morte*

Tevildo, Príncipe dos Gatos.

Thaliodrin Nome de Túrin, "filho de Thalion".

Thalion "Resoluto". (1) Nome de Húrin; também *o Thalion*. (2) Nome de Túrin.

Thangorodrim; os picos triplos

Théoden Rei de Rohan.

Thingol; várias referências na *Balada de Leithian* e nos comentários. *Elu Thingol*; *Thingol Ladrão*, o *Rei Gris*; *Rei de Doriath*; sua riqueza. Ver *Tinwelint*.

Thorndor Nome gnômico de Sorontur, Rei das Águias; forma posterior *Thorondor*

Thornsir Riacho que caía abaixo de Cristhorn nas Montanhas Circundantes ao redor de Gondolin; *regato das Águias*

Thû; chamado *necromante*. (Substituído por *Gorthû*).

Thuringwethil (1) Nome dado por Lúthien a si mesma diante de Morgoth. (2) A mensageira-morcego de Sauron.

Timbrenting Nome de Taniquetil em inglês antigo; forma alternativa *Tindbrenting*. Acerca do nome.

Timbridhil (1) Nome de Varda. (2) Nome da Ursa Maior.

Tindbrenting Ver *Timbrenting*.

Tinfang Nome gnômico de Timpinen, o flautista. *Tinfang Trinado*; posteriormente *Tinfang Gelion*

Tinúviel; *Tinwiel*. Sobre o significado do nome, ver.

Tinwelint Rei de Artanor (posteriormente Thingol de Doriath). *Tinwë Linto*

Tinwetári "Rainha das Estrelas", Varda.

Tinwiel Forma transitória de *Tinúviel*.

Tirion

Tol Eressëa

Tol-in-Gaurhoth A Ilha dos Lobisomens no Sirion. *Ilha Gaurhoth*. Ver *Ilha do Mago*.

Tolkien, J.R.R. Obras: *O Hobbit*; *O Senhor dos Anéis*; *A Sociedade do Anel* ; *Contos Inacabados* (ver também *Narn i Hîn Húrin*); *Pictures by J.R.R. Tolkien*; Traduções em *Sir Gawain and the Green Knight,*

Pearl, and Sir Orfeo; *The Monsters and the Critics and Other Essays*. *O Silmarillion* está indexado separadamente.

Topo-do-Vento

Torrão Sedento Dor-na-Fauglith.

Torre do Mago A torre de Thû na Ilha dos Lobisomens.

Tramória Desconhecido.

Três Gentes

Tulkas

Tumladin A planície de Gondolin; forma posterior *Tumladen*

Tûn. Ver *Côr*, *Corthûn*.

Túna

Tuor; forma variante *Tûr*

Turambar

Turgon

Túrin (incluindo referências a ele como *filho de Húrin* etc.); seu caráter, sua estatura. Ver *Thaliodrin*, *Thalion*.

Turumart Forma gnômica de *Turambar*.

Ufedhin Gnomo aliado dos Anãos que enganou Tinwelint.

Uinen Senhora do Mar.

Ulmo; *Habitante das Profundezas Senhor do Oceano*

Úmarth "Mau-fado", nome fictício que Túrin criou para Húrin em Nargothrond.

Umboth-Muilin. Ver *Lagoas do Crepúsculo*, *Alagados do Crepúsculo*.

Umuiyan O porteiro de Tevildo.

Ungoliant. Ver *Tecelã-de-Treva*.

União de Maidros. Ver *Marcha Afora*.

Úrin Ver *Húrin*.

Ursa Maior. Ver *Urze Ardente*, *Sete Estrelas*, *Foice dos Deuses*, *Timbridhil*.

Urthel Um dos doze companheiros de Barahir em Dorthonion.

Urze Ardente Nome da constelação da Ursa Maior.

Valacirca A Foice dos Valar. Ver *Ursa Maior*, *Foice dos Deuses*.

Valar; *os Nove Valar*

Vale dos Defuntos que Esperam. *Terra da Espera* 361; *Terra dos Perdidos*. Ver *Gurthrond*.
Valinor; *Montanhas de Valinor*; *Montes do Oeste*; vinho de Valinor. Ver *Aman, Reino Abençoado*, *Terras de Folgar*.
Valmar
Vanyar. Ver *Teleri* (1).
Varda; cognominada *a Sagrada*. Ver *Bridhil, Timbridhil, Tinwetári*.
Vê O salão de Véfantur Mandos.
Voronwë. Ver *Bronweg*.

Wade dos Helsings; *Wada*; *Gado*
Widsith Poema anglo-saxão.
Wingelot O navio de Eärendel.

Yavanna. Ver *Palúrien*.
Ylmir Forma gnômica de *Ulmo*. Ver *Gulma*.

Poemas Originais

1. A Balada dos Filhos de Húrin

[A]:

TÚRIN SON OF HÚRIN
&
GLÓRUND THE DRAGON

Lo! the golden dragon of the God of Hell,
the gloom of the woods of the world now gone,
the woes of Men, and weeping of Elves
fading faintly down forest pathways,
is now to tell, and the name most tearful
of Níniel the sorrowful, and the name most sad
of Thalion's son Túrin o'erthrown by fate.

Lo! Húrin Thalion in the hosts of war
was whelmed, what time the white-clad armies
of Elfinesse were all to ruin
by the dread hate driven of Delu-Morgoth.
That field is yet by the folk naméd
Nínin Unothradin, Unnumbered Tears.
There the children of Men, chieftain and warrior,
fled and fought not, but the folk of the Elves
they betrayed with treason, save that true man only,
Thalion Erithámrod and his thanes like gods.
There in host on host the hill-fiend Orcs
overbore him at last in that battle terrible,
by the bidding of Bauglir bound him living,
and pulled down the proudest of the princes of Men.

To Bauglir's halls in the hills builded,
to the Hells of Iron and the hidden caverns
they haled the hero of Hithlum's land,
Thalion Erithámrod, to their thronéd lord,
whose breast was burnt with a bitter hatred,
and wroth he was that the wrack of war
had not taken Turgon ten times a king,
even Finweg's heir; nor Fëanor's children,
makers of the magic and immortal gems.
ForTurgon towering in terrible anger
a pathway clove him with his pale sword-blade
out of that slaughter— yea, his swath was plain
through the hosts of Hell like hay that lieth
all low on the lea where the long scythe goes.
A countless company that king did lead
through the darkened dales and drear mountains

out of ken of his foes, and he comes not more
in the tale; but the triumph he turned to doubt
of Morgoth the evil, whom mad wrath took.
Nor spies sped him, nor spirits of evil,
nor his wealth of wisdom to win him tidings,
whither the nation of the Gnomes was gone.
Now a thought of malice, when Thalion stood,
bound, unbending, in his black dungeon,
then moved in his mind that remembered well
how Men were accounted all mightless and frail
by the Elves and their kindred; how only treason
could master the magic whose mazes wrapped
the children of Corthûn, and cheated his purpose.

'Is it dauntless Húrin,' quoth Delu-Morgoth,
'stout steel-handed, who stands before me,
a captive living as a coward might be?
Knowest thou my name, or need'st be told
what hope he has who is haled to Angband—

the bale most bitter, the Balrogs' torment?'

'I know and I hate. For that knowledge I fought thee
by fear unfettered, nor fear I now,'
said Thalion there, and a thane of Morgoth
on the mouth smote him; but Morgoth smiled:
'Fear when thou feelest, and the flames lick thee,
and the whips of the Balrogs thy white flesh brand.
Yet a way canst win, an thou wishest, still
to lessen thy lot of lingering woe.
Go question the captives of the accursed people
I have taken, and tell me where Turgon is hid;
how with fire and death I may find him soon,
where he lurketh lost in lands forgot.
Thou must feign thee a friend faithful in anguish,
and their inmost hearts thus open and search.
Then, if truth thou tellest, thy triple bonds
I will bid men unbind, that abroad thou fare
in my service to search the secret places
following the footsteps of these foes of the Gods.'

'Build not thy hopes so high, O Bauglir—
I am no tool for thy evil treasons;
torment were sweeter than a traitor's stain.'

'If torment be sweet, treasure is liever.
The hoards of a hundred hundred ages,
the gems and jewels of the jealous Gods,
are mine, and a meed shall I mete thee thence,
yea, wealth to glut the Worm of Greed.'

'Canst not learn of thy lore when thou look'st on a foe,
O Bauglir unblest? Bray no longer
of the things thou hast thieved from the Three Kindreds.
In hate I hold thee, and thy hests in scorn.'

‘Boldly thou bravest me. Be thy boast rewarded,’
in mirth quod Morgoth, ‘to me now the deeds,
and thy aid I ask not; but anger thee nought
if little they like thee. Yea, look thereon
helpless to hinder, or thy hand to raise.’

Then Thalion was thrust to Thangorodrim,
that mountain that meets the misty skies
on high o’er the hills that Hithlum sees
blackly brooding on the borders of the north.
To a stool of stone on its steepest peak
they bound him in bonds, an unbreakable chain,
and the Lord of Woe there laughing stood,
then cursed him for ever and his kin and seed
with a doom of dread, of death and horror.
There the mighty man unmovéd sat;
but unveiled was his vision, that he viewed afar
all earthly things with eyes enchanted
that fell on his folk— a fiend’s torment.

[B]:

I
TURIN’S FOSTERING

Lo! the lady Morwin in the Land of Shadows
waited in the woodland for her well-beloved;
but he came never from the combat home.
No tidings told her whether taken or dead,
or lost in flight he lingered yet.
Laid waste his lands, and his lieges slain,
and men unmindful of his mighty lordship
dwelt in Dorlómin and dealt unkindly
with his widowed wife; and she went with child,
who a son must succour now sadly orphaned,
Túrin Thaliodrin of tender years.

Then in days of blackness was her daughter born,
and was naméd Nienor, a name of tears
that in language of eld is Lamentation.
Then her thoughts turned to Thingol the Elf-king,
and the dancer of Doriath, his daughter Tinúviel,
whom the boldest of the brave, Beren Ermabwed,
had won to wife. He once had known
firmest friendship to his fellow in arms,
Thalion Erithámrod— so thought she now,
and said to her son, 'My sweetest child,
our friends are few, and thy father comes not.
Thou must fare afar to the folk of the wood,
where Thingol is throned in the Thousand Caves.
If he remember Morwin and thy mighty sire
he will fain foster thee, and feats of arms
he will teach thee, the trade of targe and sword,
and Thalion's son no thrall shall be-
but remember thy mother when thy manhood nears.'

Heavy boded the heart of Húrin's son,
yet he weened her words were wild with grief,
and he denied her not, for no need him seemed.
Lo! henchmen had Morwin, Halog and Gumlin,
who were young of yore ere the youth of Thalion,
who alone of the lieges of that lord of Men
steadfast in service staid beside her:
now she bade them brave the black mountains,
and the woods whose ways wander to evil;
though Túrin be tender and to travail unused,
they must gird them and go; but glad they were not,
and Morwin mourned when men saw not.

Came a summer day when sun filtered
warm through the woodland's waving branches.
Then Morwin stood her mourning hiding
by the gate of her garth in a glade of the woods.

At the breast she mothered her babe unweaned,
and the doorpost held lest she droop for anguish.
There Gumlin guided her gallant boy,
and a heavy burden was borne by Halog;
but the heart of Túrin was heavy as stone
uncomprehending its coming anguish.
He sought for comfort, with courage saying:
'Quickly will I come from the courts of Thingol;
long ere manhood I will lead to Morwin
great tale of treasure, and true comrades'—
for he wist not the weird woven by Bauglir,
nor the sundering sorrow that swept between.
The farewells are taken: their footsteps are turned
to the dark forest: the dwelling fadeth
in the tangled trees. Then in Túrin leapt
his awakened heart, and he wept blindly,
calling 'I cannot, I cannot leave thee.
O Morwin, my mother, why makest me go?
Hateful are the hills where hope is lost.
O Morwin, my mother, I am meshed in tears.
Grim are the hills, and my home is gone.'
And there came his cries calling faintly
down the dark alleys of the dreary trees,
and one who wept weary on the threshold
heard how the hills said 'my home is gone.'

The ways were weary and woven with deceit
o'er the hills of Hithlum to the hidden kingdom
deep in the darkness of Doriath's forest;
and never ere now for need or wonder
had children of Men chosen that pathway,
and few of the folk have followed it since.
There Túrin and the twain knew torment of thirst,
and hunger and fear and hideous nights,
for wolfriders and wandering Orcs
and the Things of Morgoth thronged the woodland.

Magics were about them, that they missed their ways
and strayed steerless, and the stars were hid.
Thus they passed the mountains, but the mazes of Doriath
wildered and wayworn in wanhope bound them.
They had nor bread nor water, and bled of strength
their death they deemed it to die forewandered,
when they heard a horn that hooted afar,
and baying dogs. It was Beleg the hunter,
who farthest fared of his folk abroad
ahunting by hill and hollow valley,
who cared not for concourse and commerce of men.
He was great of growth and goodly-limbed,
but lithe of girth, and lightly on the ground
his footsteps fell as he fared towards them,
all garbed in grey and green and brown—
son of the wilderness who wist no sire.

'Who are ye?' he asked. 'Outlaws, or maybe
hard hunted men whom hate pursueth?'

'Nay, for famine and thirst we faint,' saith Halog,
'wayworn and wildered, and wot not the road.
Or hast not heard of the hills of slain,
or the tear-drenchéd field where the terror and fire
of Morgoth devoured both Men and Elves?
There Thalion Erithámrod and his thanes like gods
vanished from the earth, and his valiant lady
weeps yet widowed as she waits in Hithlum.
Thou lookest on the last of the lieges of Morwin
and Thalion's son Túrin, who to Thingol's court
are wending by the word of the wife of Húrin.'

Then Beleg bade them be blithe, and said:
'The Gods have guided you to good keeping.
I have heard of the house of Húrin the Steadfastand
who hath not heard of the hills of slain,

of Nínin Unothradin, the Unnumbered Tears?
To that war I went not, but wage a feud
with the Orcs unending, whom mine arrows bitter
oft stab unseen and strike to death.
I am the huntsman Beleg of the Hidden People.'
Then he bade them drink, and drew from his belt
a flask of leather full filled with wine
that is bruised from the berries of the burning South—
and the Gnome-folk know it, and the nation of the Elves,
and by long ways lead it to the lands of the North.
There bakéd flesh and bread from his wallet
they had to their hearts' joy; but their heads were mazed
by the wine of Dor-Winion that went in their veins,
and they soundly slept on the soft needles
of the tall pine-trees that towered above.
Later they wakened and were led by ways
devious winding through the dark wood-realm
by slade and slope and swampy thicket
through lonely days and long night-times,
and but for Beleg had been baffled utterly
by the magic mazes of Melian the Queen.
To the shadowy shores he showed the way
where stilly that stream strikes 'fore the gates
of the cavernous court of the King of Doriath.
O'er the guarded bridge he gained a passage,
and thrice they thanked him, and thought in their hearts
'the Gods are good'— had they guessed maybe
what the future enfolded they had feared to live.

To the throne of Thingol the three were come,
and their speech sped them; for he spake them fair,
and held in honour Húrin the steadfast,
Beren Ermabwed's brother-in-arms.
Remembering Morwin, of mortals fairest,
he turned not Túrin in contempt away;
said: 'O son of Húrin, here shalt sojourn

in my cavernous court for thy kindred's sake.
Nor as slave or servant, but a second king's son
thou shalt dwell in dear love, till thou deem'st it time
to remember thy mother Morwin's loneliness.
Thou wisdom shalt win unwist of Men
and weapons shalt wield as the warrior Elves,
and Thalion's son no thrall shall be.'

There tarried the twain that had tended the child,
till their limbs were lightened and they longed to fare
through dread and danger to their dear lady.
But Gumlin was gone in greater years
than Halog, and hoped not to home again.
Then sickness took him, and he stayed by Túrin,
while Halog hardened his heart to go.
An Elfin escort to his aid was given
and magics of Melian, and a meed of gold.
In his mouth a message to Morwin was set,
words of the king's will, how her wish was granted;
how Thingol called her to the Thousand Caves
to fare unfearing with his folk again,
there to sojourn in solace, till her son be grown;
for Húrin the hero was held in mind,
and no might had Morgoth where Melian dwelt.

Of the errand of the Elves and that other Halog
the tale tells not, save in time they came
to the threshold of Morwin, and Thingol's message
was said where she sate in her solitary hall.
But she dared not do as was dearly bidden,
for Nienor her nestling was not yet weaned.
More, the pride of her people, princes of Men,
had suffered her send her son to Thingol
when despair sped her, but to spend her days
as alms-guest of others, even Elfin kings,
it liked her little; and there lived e'en now

a hope in her heart that Húrin would come,
and the dwelling was dear where he dwelt of old.
At night she would listen for a knock at the doors,
or a footstep falling that she fondly knew;
so she fared not forth, and her fate was woven.
Yet the thanes of Thingol she thanked nobly,
and her shame she showed not, how shorn of glory
to reward their wending she had wealth too scant;
but gave them in gift her golden things
that last lingered, and they led away
a helm of Húrin that was hewn in war
when he battled with Beren his brother-in-arms
against ogres and Orcs and evil foemen;
'twas o'erwritten with runes by wrights of old.
She bade Thingol receive it and think of her.

Thus Halog her henchman came home, but the Elves,
the thanes of Thingol, thrust through the woods,
and the message of Morwin in a month's journey,
so quick their coming, to the king was said.
Then was Melian moved to ruth,
and courteously received the king her gift,
who deeply delved had dungeons filled
with Elfin armouries of ancient gear,
but he handled the helm as his hoard were scant;
said: 'High were the head that upheld this thing
with that token crowned of the towering dragon
that Thalion Erithámrod thrice-renownéd
oft bore into battle with baleful foes.'
Then a thought was thrust into Thingol's heart,
and Túrin he called and told when come
that Morwin his mother a mighty thing
had sent to her son, his sire's heirloom,
a helm that hammers had hardened of old,
whose makers had mingled a magic therein
that its worth was a wonder and its wearer safe,

guarded from glaive or gleaming axe—
'Lo! Húrin's helm hoard thou till manhood
bids thee battle; then bravely don it';
and Túrin touched it, but took it not,
too weak to wield that weight as yet,
and his mind mournéd for Morwin's answer,
and the first of his sorrows o'erfilled his soul.

Thus came it to pass in the court of Thingol
that Túrin tarried for twelve long years
with Gumlin his guardian, who guided him thither
when but seven summers their sorrows had laid
on the son of Thalion. For the seven first
his lot was lightened, since he learnt at whiles
from faring folk what befell in Hithlum,
and tidings were told by trusty Elves,
how Morwin his mother was more at ease;
and they named Nienor that now was growing
to the sweet beauty of a slender maiden.
Thus his heart knew hope, and his hap was fairer.
There he waxed wonderly and won him praise
in all lands where Thingol as lord was held
for the strength of his body and stoutness of heart.
Much lore he learned, and loved wisdom,
but fortune followed him in few desires;
oft wrong and awry what he wrought turned;
what he loved he lost, what he longed for he won not;
and full friendship he found not easily,
nor was lightly loved for his looks were sad.
He was gloomy-hearted, and glad seldom,
for the sundering sorrow that seared his youth.

On manhood's threshold he was mighty holden
in the wielding of weapons; and in weaving song
he had a minstrel's mastery, but mirth was not in it,
for he mourned the misery of the Men of Hithlum.

Yet greater his grief grew thereafter,
when from Hithlum's hills he heard no more,
and no traveller told him tidings of Morwin.
For those days were drawing to the Doom of the Gnomes,
and the power of the Prince of the People of Hell,
of the grim Glamhoth, was grown apace,
till the lands of the North were loud with their noise,
and they fell on the folk with flame and ruin
who bent not to Bauglir, or the borders passed
of dark Dorlómin with its dreary pines
that Hithlum unhappy is hight by Men.
There Morgoth shut them, and the Shadowy Mountains
fenced them from Faërie and the folk of the wood.
Even Beleg fared not so far abroad
as once was his wont, and the woods were filled
with the armies of Angband and evil deeds,
while murder walked on the marches of Doriath;
only mighty magic of Melian the Queen
yet held their havoc from the Hidden People.

To assuage his sorrow and to sate the rage
and hate of his heart for the hurts of his folk
then Húrin's son took the helm of his sire
and weapons weighty for the wielding of men,
and went to the woods with warlike Elves;
and far in the fight his feet led him,
into black battle yet a boy in years.
Ere manhood's measure he met and slew
the Orcs of Angband and evil things
that roamed and ravened on the realm's borders.
There hard his life, and hurts he got him,
the wounds of shaft and warfain sword,
and his prowess was proven and his praise renowned,
and beyond his years he was yielded honour;
for by him was holden the hand of ruin
from Thingol's folk, and Thû feared him—

Thû who was thronéd as thane most mighty
neath Morgoth Bauglir; whom that mighty one bade
'Go ravage the realm of the robber Thingol,
and mar the magic of Melian the Queen.'

Only one was there in war greater,
higher in honour in the hearts of the Elves,
than Túrin son of Húrin untamed in war—
even the huntsman Beleg of the Hidden People,
the son of the wilderness who wist no sire
(to bend whose bow of the black yew-tree
had none the might), unmatched in knowledge
of the wood's secrets and the weary hills.
He was leader beloved of the light-armed bands,
the scouts that scoured, scorning danger,
afar o'er the fells their foemen's lairs;
and tales and tidings timely won them
of camps and councils, of comings and goings—
the movements of the might of Morgoth the Terrible.
Thus Túrin, who trusted to targe and sword,
who was fain of fighting with foes well seen,
and the banded troops of his brave comrades
were snared seldom and smote unlooked-for.

Then the fame of the fights on the far marches
were carried to the court of the King of Doriath,
and tales of Túrin were told in his halls,
and how Beleg the ageless was brother-in-arms
to the black-haired boy from the beaten people.
Then the king called them to come before him
ever and anon when the Orc-raids waned;
to rest them and revel, and to raise awhile
the secret songs of the sons of Ing.
On a time was Túrin at the table of Thingol—
there was laughter long and the loud clamour
of a countless company that quaffed the mead,

amid the wine of Dor-Winion that went ungrudged
in their golden goblets; and goodly meats
there burdened the boards, neath the blazing torches
set high in those halls that were hewn of stone.
There mirth fell on many; there minstrels clear
did sing to them songs of the city of Tûn
neath Tain-Gwethil, towering mountain,
where the great gods sit and gaze on the world
from the guarded shores of the gulf of Faërie.
Then one sang of the slaying at the Swanships' Haven
and the curse that had come on the kindreds since:
all silent sat and soundless harkened,
and waited the words save one alone—
the Man among Elves that Morwin bore.
Unheeding he heard or high feasting
or lay or laughter, and looked, it seemed,
to a deep distance in the dark without,
and strained for sounds in the still spaces,
for voices that vanished in the veils of night.
He was lithe and lean, and his locks were wild,
and woodland weeds he wore of brown
and grey and green, and gay jewel
or golden trinket his garb knew not.

An Elf there was—Orgof— of the ancient race
that was lost in the lands where the long marches
from the quiet waters of Cuiviénen
were made in the mirk of the midworld's gloom,
ere light was lifted aloft o'er earth;
but blood of the Gnomes was blent in his veins.
He was close akin to the King of Doriath—
a hardy hunter and his heart was brave,
but loose his laughter and light his tongue,
and his pride outran his prowess in arms.
He was fain before all of fine raiment
and of gems and jewels, and jealous of such

as found favour before himself.
Now costly clad in colours gleaming
he sat on a seat that was set on high
near the king and queen and close to Túrin.
When those twain were at table he had taunted him oft,
lightly with laughter, for his loveless ways,
his haggard raiment and hair unshorn;
but Túrin untroubled neither turned his head
nor wasted words on the wit of Orgof.
But this day of the feast more deep his gloom
than of wont, and his words men won harder;
for of twelve long years the tale was full
since on Morwin his mother through a maze of tears
he looked the last, and the long shadows
of the forest had fallen on his fading home;
and he answered few, and Orgof nought.
Then the fool's mirth was filled the more,
to a keener edge was his carping whetted
at the clothes uncouth and the uncombéd hair
of Túrin newcome from the tangled forest.
He drew forth daintily a dear treasure,
a comb of gold that he kept about him,
and tendered it to Túrin; but he turned not his eyes,
nor deigned to heed or harken to Orgof,
who too deep drunken that disdain should quell him:
'Nay, an thou knowest not thy need of comb,
nor its use,' quoth he, 'too young thou leftest
thy mother's ministry, and 'twere meet to go
that she teach thee tame thy tangled locks—
if the women of Hithlum he not wild and loveless,
*uncouth and unkempt as their cast-off sons.'

Then a fierce fury, like a fire blazing,
was born of bitterness in his bruised heart;
his white wrath woke at the words of scorn
for the women of Hithlum washed in tears;

and a heavy horn to his hand lying,
with gold adorned for good drinking,
of his might unmindful thus moved in ire
he seized and, swinging, swiftly flung it
in the face of Orgof. 'Thou fool', he said,
'fill thy mouth therewith, and to me no further sao
thus witless prate by wine bemused'—
but his face was broken, and he fell backward,
and heavy his head there hit upon the stone
of the floor rock-paved mid flagons and vessels
of the o'erturned table that tumbled on him
as clutching he fell; and carped no more,
in death silent. There dumb were all
at bench and board; in blank amaze
they rose around him, as with ruth of heart
he gazed aghast on his grievous deed,
on his wine-stained hand, with wondering eyes
half-comprehending. On his heel then he turned
into the night striding, and none stayed him;
but some their swords half slipped from sheaths
— they were Orgof's kin— yet for awe of Thingol
they dared not draw while the dazéd king
stonefacéd stared on his stricken thane
and no sign showed them. But the slayer weary
his hands laved in the hidden stream
that strikes 'fore the gates, nor stayed his tears:
'Who has cast,' he cried, 'a curse upon me;
for all I do is ill, and an outlaw now,
in bitter banishment and blood-guilty,
of my fosterfather I must flee the halls,
nor look on the lady beloved again'—
yea, his heart to Hithlum had hastened him now,
but that road he dared not, lest the wrath he draw
of the Elves after him, and their anger alight
should speed the spears in despite of Morgoth
o'er the hills of Hithlum to hunt him down;

lest a doom more dire than they dreed of old
be meted his mother and the Maid of Tears.

In the furthest folds of the Forest of Doriath,
in the darkest dales on its drear borders,
in haste he hid him, lest the hunt take him;
and they found not his footsteps who fared after,
the thanes of Thingol; who thirty days
sought him sorrowing, and searched in vain
with no purpose of ill, but the pardon bearing
of Thingol throned in the Thousand Caves.
He in council constrained the kin of Orgof
to forget their grief and forgiveness show,
in that wilful bitterness had barbed the words
of Orgof the Elf; said 'his hour had come
that his soul should seek the sad pathway
to the deep valley of the Dead Awaiting,
there a thousand years thrice to ponder
in the gloom of Gurthrond his grim jesting,
ere he fare to Faërie to feast again.'
Yet of his own treasure he oped the gates,
and gifts ungrudging of gold and gems
to the sons he gave of the slain; and his folk
well deemed the deed. But that doom of the King
Túrin knew not, and turned against him
the hands of the Elves he unhappy believed,
wandering the woodland woeful-hearted;
for his fate would not that the folk of the caves
should harbour longer Húrin's offspring.

[C]:

II
BELEG

Long time alone he lived in the hills

a hunter of beast and hater of Men,
or Orcs, or Elves, till outcast folk
there one by one, wild and reckless
around him rallied; and roaming far
they were feared by both foe and friend of old.
For hot with hate was the heart of Túrin,
nor a friend found him such folk of Thingol
as he wandering met in the wood's fastness.

There Beleg the brave on the borders of Doriath
they found and fought —and few were with him—
and o'erborne by numbers they bound him at last,
till their captain came to their camp at eve.
Afar from that fight his fate that day
had taken Túrin on the trail of the Orcs,
as they hastened home to the Hills of Iron
with the loot laden of the lands of Men.
Then soon was him said that a servant of Thingol
they had tied to a tree— and Túrin coming
stared astonied on the stern visage
of Beleg the brave his brother in arms,
of whom he learned the lore of leaping biades,
and of bended bow and barbéd shaft,
and the wild woodland's wisdom secret,
when they blent in battle the blood of their wounds.

Then Túrin's heart was turned from hate,
and he bade unbind Beleg the huntsman.
'Now fare thou free! But, of friendship aught
if thy heart yet holds for Húrin's son,
never tell thou tale that Túrin thou sawst
an outlaw unloved from Elves and Men,
whom Thingol's thanes yet thirst to slay.
Betray not my trust or thy troth of yore!'
Then Beleg of the bow embraced him there—
he had not fared to the feast or the fali of Orgof—

there kissed him kindly comfort speaking:
'Lo! nought know I of the news thou tellest;
but outlawed or honoured thou ever shalt be
the brother of Beleg, come bliss come woe!
Yet little me likes that thy leaping sword
the life should drink of the leaguered Elves.
Are the grim Glamhoth then grown so few,
or the foes of Faërie feeble-hearted,
that warlike Men have no work to do?
Shall the foes of Faërie be friends of Men?
Betrayest thou thy troth whom we trusted of yore?'

'Nor of arméd Orc, nor [of] Elf of the wood,
nor of any on earth have I honour or love,
O Beleg the bowman. This band alone
I count as comrades, my kindred in woe
and friendless fate— our foes the world.'

'Let the bow of Beleg to your band be joined;
and swearing death to the sons of darkness
let us suage our sorrow and the smart of fate
Our valour is not vanquished, nor vain the glory
that once we did win in the woods of old.'

Thus hope in the heart of Húrin's Offspring
awoke at those words; and them well likéd
of that band the boldest, save Blodrin only—
Blodrin Bor's son, who for blood and for gold
atone lusted, and Iittle he recked
whom he robbed of riches or reft of life,
were it Elf or Orc; but he opened not
the thoughts of his heart. There throbbed the harp,
where the fires flickered, and the flaming brands
of pine were piled in the place of their camp;
where glad men gathered in good friendship
as dusk fell down on the drear woodland.

Then a song on a sudden soaring loudly—
and the trees up-looming towering harkened—
was raised of the Wrack of the Realm of the Gods;
of the need of the Gnomes on the Narrow Crossing;
of the fight at Fangros, and Feanor's sons'
oath unbreakable. Then up sprang Beleg:
'That our vaunt and our vows be not vain for ever,
even such as they swore, those seven chieftains,
an oath let us swear that is unchanging
as Tain-Gwethil's towering mountain!'
Their blades were bared, as blood shining
in the flame of the fires while they flashed and touched.
As with one man's voice the words were spoken,
and the oath uttered that must unrecalled
abide for ever, a bond of truth
and friendship in arms, and faith in peril.
Thus war was waked in the woods once more
for the foes of Faërie, and its fame widely,
and the fear of that fellowship, now fared abroad;
when the horn was heard of the hunting Elves
that shook the shaws and the sheer valleys.
Blades were naked and bows twanging,
and shafts from the shadows shooting wingéd,
and the sons of darkness slain and conquered;
even in Angband the Orcs trembled.
Then the word wandered down the ways of the forest
that Túrin Thalion was returned to war;
and Thingol heard it, and his thanes were sped
to lead the lost one in love to his halls—
but his fate was fashioned that they found him not.
Little gold they got in that grim warfare,
but weary watches and wounds for guerdon;
nor on robber-raids now rode they ever,
who fended from Faërie the fiends of Hell.
But Blodrin Bor's son for booty lusted,
for the loud laughter of the lawless days,

and meats unmeasured, and mead-goblets
refilled and filled, and the flagons of wine
that went as water in their wild revels.
Now tales have told that trapped as a child
he was dragged by the Dwarves to their deep mansions,
and in Nogrod nurtured, and in nought was like,
spite blood and birth, to the blissful Elves.
His heart hated Húrin's offspring
and the bowman Beleg; so biding his while
he fled their fellowship and forest hidings
to the merciless Orcs, whose moon-pallid
cruel-curvéd blades to kill spare not;
than whose greed for gold none greater burns
save in hungry hearts of the hell-dragons.
He betrayed his troth; traitor made him
and the forest fastness of his fellows in arms
he opened to the Orcs, nor his oath heeded.
There they fought and fel! by foes outnumbered,
by treachery trapped at a time of night
when their fires faded and few were waking—
some wakened never, not for wild noises,
nor cries nor curses, nor clashing steel,
swept as they slumbered to the slades of death.
But Túrin they took, though towering mighty
at the Huntsman's hand he hewed his foemen,
as a bear at bay mid bellowing hounds,
unheeding his hurts; at the hest of Morgoth
yet living they lapped him, his limbs entwining,
with hairy hands and hideous arms.
Then Beleg was buried in the bodies of the fallen,
as sorely wounded he swooned away;
and all was over, and the Orcs triumphed.
The dawn over Doriath dimly kindled
saw Blodrin Bor's son by a beech standing
with throat thirléd by a thrusting arrow,
whose shaven shaft, shod with poison,

and feather-wingéd, was fast in the tree.
He bargained the blood of his brothers for gold:
thus his meed was meted— in the mirk at Random
by an orc-arrow his oath came home.

From the magic mazes of Melian the Queen
they haled unhappy Húrin's offspring,
lest he flee his fate; but they fared slowly
and the leagues were long of their laboured way
over hill and hollow to the high places,
where the peaks and pinnacles of pitiless stone
looming up lofty are lapped in cloud,
and veiled in vapours vast and sable;
where Eiglir Engrin, the Iron Hills, lie
o'er the hopeless halls of Hell upreared
wrought at the roots of the roaring cliffs
of Thangorodrim's thunderous mountain.
Thither led they laden with loot and evil;
but Beleg yet breathed in blood drenchéd
aswoon, till the sun to the South hastened,
and the eye of day was opened wide.
Then he woke and wondered, and weeping took him,
and to Túrin Thalion his thoughts were turned,
that o'erborne in battle and bound he had seen.
Then he crawled from the corpses that had covered him over,
weary, wounded, too weak to stand.
So Thingol's thanes athirst and bleeding
in the forest found him: his fate willed not
that he should drink the draught of death from foes.
Thus they bore him back in bitter torment
his tidings to tell in the torchlit halls
of Thingol the king; in the Thousand Caves
to be healéd whole by the hands enchanted
of Melian Mablui, the moonlit queen.

Ere a week was outworn his wounds were cured,

but his heart's heaviness those hands of snow
nor soothed nor softened, and sorrow-laden
he fared to the forest. No fellows sought he
in his hopeless hazard, but in haste alone
he followed the feet of the foes of Elfland,
the dread daring, and the dire anguish,
that held the hearts of Hithlum's men
and Doriath's doughtiest in a dream of fear.
Unmatched among Men, or magic-wielding
Elves, or hunters of the Orc-kindred,
or beasts of prey for blood pining,
was his craft and cunning, that cold and dead
an unseen slot could scent o'er stone,
foot-prints could find on forest pathways
that lightly on the leaves were laid in moans
long waned, and washed by windy rains.
The grim Glamhoth's goblin armies
go cunning-footed, but his craft failed not
to tread their trail, till the lands were darkened,
and the light was lost in lands unknown.
Never-dawning night was netted clinging
in the black branches of the beetling trees;
oppressed by pungent pinewood's odours,
and drowsed with dreams as the darkness thickened,
he strayed steerless. The stars were hid,
and the moon mantled. There magic foundered
in the gathering glooms, there goblins even
(whose deep eyes drill the darkest shadows)
bewildered wandered, who the way forsook
to grope in the glades, there greyly loomed
of girth unguessed in growth of ages
the topless trunks of trees enchanted.
That fathomless fold by folk of Elfland
is Taur-na-Fuin, the Trackless Forest
of Deadly Nightshade. dreadly naméd.
Abandoned, beaten, there Beleg lying

to the wind harkened winding, moaning
in bending boughs; to branches creaking
up high over head, where huge pinions
of the pluméd pine-trees complained darkly
in black foreboding. There bowed hopeless,
in wit wildered, and wooing death,
he saw on a sudden a slender sheen
shine a-shimmering in the shades afar,
like a glow-worm's lamp a-gleaming dim.
He marvelled what it might be as he moved softly;
for he knew not the Gnomes of need delving
in the deep dungeons of dark Morgoth.
Unmatched their magic in metal-working
who jewels and gems that rejoiced the Gods
aforetime fashioned, when they freedom held,
now swinking slaves of ceaseless labour
in Angband's smithies, nor ever were suffered
to wander away, warded always.
But little lanterns of lucent Crystal
and silver cold with subtlest cunning
they strangely fashioned, and steadfast a flame
burnt unblinking there blue and pale,
unquenched for ever. The craft that lit them
was the jewel-makers' most jealous secret.
Not Morgoth's might, nor meed nor torment
them vowed, availed to reveal that lore;
yet lights and lamps of living radiance,
many and magical, they made for him.
No dark could dim them the deeps wandering;
whose Iode they lit was lost seldom
in groundless grot, or gulfs far under.

'Twas a Gnome he beheld on the heaped needles
of a pine-tree pillowed, when peering wary
he crept closer. The covering pelt
was loosed from the lamp of living radiance

by his side shining. Slumber-shrouded
his fear-worn face was fallen in shade.
Lest in webs woven of unwaking sleep,
spun round by spells in those spaces dark,
he lie forlorn and lost for ever,
the Hunter hailed him in the hushed forest—
to the drowsy deeps of his dream profound
fear ever-following came falling loud;
as the lancing lightning he leapt to his feet
full deeming that dread and death were upon him,
Flinding go-Fuilin fleeing in anguish
from the mines of Morgoth. Marvelling he heard
the ancient tongue of the Elves of Tûn;
and Beleg the Bowman embraced him there,
and learnt his lineage and luckless fate,
how thrust to thraldom in a throng of captives,
from the kindred carried and the cavernous halls
of the Gnomes renowned of Nargothrond,
long years he laboured under lashes and flails
of the baleful Balrogs, abiding his time.
A tale he unfolded of terrible flight
o'er flaming fell and fuming hollow,
o'er the parchéd dunes of the Plains of Drouth,
till his heart took hope and his heed was less.
'Then Taur-na-Fuin entangled my feet
in its mazes enmeshed; and madness took me
that I wandered witless, unwary stumbling
and beating the boles of the brooding pines
in idle anger— and the Orcs heard me.
They were camped in a clearing, that dose at hand
by mercy I missed. Their marching road
is beaten broad through the black shadows
by wizardry warded from wandering Elves;
but dread they know of the Deadly Nightshade,
and in haste only do they hie that way.
Now cruel cries and clamorous voices

awoke in the wood, and winged arrows
from horny bows hummed about me;
and following feet, fleet and stealthy,
were padding and pattering on the pine-needles;
and hairy hands and hungry fingers
in the glooms groping, as I grovelled fainting
till they cowering found me. Fast they clutched me
beaten and bleeding, and broken in spirit
they laughing led me, my lagging footsteps
with their spears speeding. Their spoils were piled,
and countless captives in that camp were chained,
and Elfin maids their anguish mourning.
But one they watched, warded sleepless,
was stern-visaged, strong, and in stature tall
as are Hithlum's men of the misty hills.
Full length he lay and lashed to pickets
in baleful bonds, yet bold-hearted
his mouth no mercy of Morgoth sued,
but defied his foes. Foully they smote him.
Then he called, as clear as cry of hunter
that hails his hounds in hollow places,
on the name renowned of that noblest king—
but men unmindful remember him little—
Húrin Thalion, who Erithámrod hight,
the Unbending, for Orc and Balrog
and Morgoth's might on the mountain yet
he defies fearless, on a fangéd peak
of thunder-riven Thangorodrim.'

ln eager anger then up sprang Beleg,
crying and calling, careless of Flinding:
'O Túrin, Túrin, my troth-brother,
to the brazcn bonds shall I abandon thee,
and the darkling doors of the Deeps of Hell?'

'Thou wilt join his journey to the jaws of sorrow,

O bowman crazéd, if thy bellowing cry
to the Orcs should come; their ears than cats'
are keener whetted, and though thc camp from here
be a day distant where those deeds I saw,
who knows if the Gnome they now pursue
that crept from their clutches, as a crawling worm
on belly cowering, whom they bleeding cast
in deathly swoon on the dung and Slough
of their loathsome lair. O Light of Valinor!
and ye glorious Gods! How gleam their eyes,
and their tongues are red!' 'Yet I Túrin will wrest
from their hungry hands, or to Hell be dragged,
or sleep with the slain in the slades of Death.
Thy lamp shall lead us, and my lore rekindle
and wise wood-craft!' 'O witless hunter,
thy words are wild— wolves unsleeping
and wizardry ward their woeful captives;
unerring their arrows; the icy steel
of their curvéd blades cleaves unblunted
the meshes of mail; the mirk to pierce
those eyes are able; their awful laughter
the flesh freezes! I fare not thither,
for fear fetters me in the Forest of Night:
better die in the dark dazed, forwandered,
than wilfully woo that woe and anguish!
I know not the way.' 'Are the knees then weak
of Flinding go-Fuilin? Shall free-born Gnome
thus show himself a shrinking slave,
who twice entrapped has twice escaped?
Remember the might and the mirth of yore,
the renown of the Gnomes of Nargothrond!'

Thus Beleg the bowman quoth bold-hearted,
but Flinding fought the fear of his heart,
and loosed the light of his lamp of blue,
now brighter burning. ln the black mazes

enwound they wandered, weary searching;
by the tall tree-boles towering silente
oft barred and baffled; blindly stumbling
over rock-fast roots writhing coiléd;
and drowsed with dreams by the dark odours,
till hope was hidden. 'Hark thee, Flinding;
viewless voices vague and distant,
a muffled murmur of marching feet
that are shod with stealth shakes the stillness.'

'No noise I hear', the Gnome answered,
'thy hope cheats thee.' 'I hear the chains
clinking, creaking, the cords straining,
and wolves padding on worn pathways.
I smell the blood that is smeared on blades
that are cruel and crooked; the croaking laughter—
now, listen! louder and louder comes,'
the hunter said. 'I hear no sound',
quoth Flinding fearful. 'Then follow after!'
with bended bow then Beleg answered,
'my cunning rekindles, my craft needs not
thy lamp's leading.' Leaping swiftly
he shrank in the shadows; with shrouded lantern
Flinding followed him, and the forest-darkness
and drowsy dimness drifted slowly
unfolding from them in fleeing shadows,
and its magic was minished, till they rnarvelling saw
they were brought to its borders. There black-gaping
an archway opened. By ancient trunks
it was frarned darkly, that in far-off days
the lightning felled, now leaning gaunt
their lichen-leprous limbs uprooted.
There shadowy bats that shrilled thinly
flew in and flew out the air brushing
as they swerved soundless . A swooning light
faint filtered in, for facing North

they looked o'er the leagues of the lands of mourning,
o'er the bleak boulders, o'er the blistered dunes
and dusty drouth of Dor-na-Fauglith;
o'er that Thirsty Plain, to the threatening peaks,
now glimpséd grey through the grirn archway,
of the marching might of the Mountains of Iron,
and faint and far in the flickering dusk
the thunderous towers of Thangorodrim.
But backward broad through the black shadows
from that darkling door dimly wandered
the ancient Orc-road; and even as they gazed
the silence suddenly with sounds of dread
was shaken behind them, and shivering echoes
from afar came fleeting. Feet were trarnping;
trappings tinkling; and the troublous rnurrnur
of viewless voices in the vaulted gloorn
came near and nearer. 'Ah! now I hear',
said Flinding fearful; 'flee we swiftly
from hate and horror and hideous faces,
from fiery eyes and feet relentless!
Ah! woe that I wandered thus witless hither!'

Then beat in his breast, foreboding evil,
with dread unwonted the dauntless heart
of Beleg the brave. With blanchéd cheeks
in faded fern and the feathery leaves
of brown bracken they buried thern deep,
where dank and dark a ditch was cloven
on the wood's borders by waters oozing,
dripping down to die in the drouth below.
Yet hardly were they hid when a host to view
round a dark turning in the dusky shadows
came swinging sudden with a swift thudding
of feet after feet on fallen leaves.
ln rank on rank of ruthless spears
that war-host went; weary stumbling

countless captives, cruelly laden
with bloodstained booty, in bonds of iron
they haled behind them, and held in ward
by the wolf-riders and the wolves of Hell.
Their road of ruin was a-reek with tears:
many a hall and homestead, many a hidden refuge
of Gnomish lords by night beleaguered
their o'ermastering might of mirth bereft,
and fair things fouled, and fields curdled
with the bravest blood of the beaten people.

To an army of war was the Orc-band waxen
that Blodrin Bor's son to his bane guided
to the wood-marches, by the welded hosts
homeward hurrying to the halls of mourning
swiftly swollen to a sweeping plague.
Like a throbbing thunder in the threatening deeps
of cavernous clouds o'ercast with gloom
now swelled on a sudden a song most dire,
and their hellward hymn their home greeted;
flung from the foremost of the fierce spearmen,
who viewed mid vapours vast and sable
the threefold peaks of Thangorodrim,
it rolled rearward, rumbling darkly,
like drums in distant dungeons empty.
Then a werewolf howled; a word was shouted
like steel on stone; and stiffly raised
their spears and swords sprang up thickly
as the wild wheatfields of the wargod's realm
with points that palely pricked the twilight.
As by wind wafted then waved theyall,
and bowed, as the bands with beating measured
moved on mirthless from the mirky woods,
from the topless trunks of Taur-na-Fuin,
neath the leprous limbs of the leaning gate.

Then Beleg the bowman in bracken cowering,
on the loathly legions through the leaves peering,
saw Túrin the tall as he tottered forward
neath the whips of the Orcs as they whistled o'er him;
and rage arose in his wrathful heart,
and piercing pity outpoured his tears.
The hymn was hushed; the host vanished
down the hellward slopes of the hill beyond;
and silence sank slow and gloomy
round the trunks of the trees of Taur-na-Fuin,
and nethermost night drew near outside.

'Follow me, Flinding, from the forest curséd!
Let us haste to his help, to Hell if need be
or to death by the darts of the dread Glamhoth!':
and Beleg bounded from the bracken madly,
like a deer driven by dogs baying
from his hiding in the hills and hollow places;
and Flinding followed fearful after him
neath the yawning gate, . through yew-thickets,
through bogs and bents and bushes shrunken,
till they reached the rocks and the riven moorlands
and friendless fells falling darkly
to the dusty dunes of Dor-na-Fauglith.
ln a cup outcarven on the cold hillside,
whose broken brink was bleakly fringed
with bended bushes bowed in anguish
from the North-wind's knife, beneath them far
the feasting camp of their foes was laid;
the fiery flare of fuming torches,
and black bodies in the blaze they saw
crossing countlessly, and cries they heard
and the hollow howling of hungry wolves.

Then a moon mounted o'er the mists riding,
and the keen radiance of the cold moonshine

the shadows sharpened in the sheer hollows,
and slashed the slopes with slanting blackness;
in wreaths uprising the reek of fires
was touched to tremulous traiIs of silver.
Then the fires faded, and their foemen slumbered
in a sleep of surfeit. No sentinel watched,
nor guards them girdled— what good were it
to watch wakeful in those withered regions
neath Eiglir Engrin, whence the eyes of Bauglir
gazed unclosing from the gates of Hell?
Did not werewolves' eyes unwinking gleam
in the wan moonlight— the wolves that sleep not,
that sit in circles with slavering tongues
round camp or clearing of the cruel Glamhoth?
Then was Beleg a-shudder, and the unblinking eyes
nigh chilled his marrow and chained his flesh
in fear unfathomed, as flat to earth
by a boulder he lay. Lo! black cloud-drifts
surged up like smoke from the sable North,
and the sheen was shrouded of the shivering moon;
the wind came wailing from the woeful mountains,
and the heath unhappy hissed and whispered;
and the moans came faint of men in torment
in the camp accursed. His quiver rattled
as he found his feet and felt his bow,
hard horn-pointed, by hands of cunning
of black yew wrought; with bears' sinews
it was stoutly strung; strength to bend it
had nor Man nor Elf save the magic helped him
that Beleg the bowman now bore alone.
No arrows of the Orcs so unerring wingéd
as his shaven shafts that could shoot to a mark
that was seen but in glance ere gloom seized it.
Then Dailir he drew, his dart beloved;
howso far fared it, or fell unnoted,
unsought he found it with sound feathers

and barbs unbroken (till it broke at last);
and fleet bade he fly that feather-pinioned
snaketonguéd shaft, as he snicked the string
in the notch nimbly, and with naked arm
to his ear drew it. The air whistled,
and the tingling string twanged behind it,
soundless a sentinel sank before it—
there was one of the wolves that awaked no more.
Now arrows after he aimed swiftly
that missed not their mark and meted silent
death in the darkness dreadly stinging,
till three of the wolves with throats piercéd,
and four had fallen with fleet-wingéd
arrows a-quivering in their quenchéd eyes.
Then great was the gap in the guard opened,
and Beleg his bow unbent, and said:
'Wilt come to the camp, comrade Flinding,
or await me watchful? If woe betide
thou might win with word through the woods homeward
to Thingol the king how throve my quest,
how Túrin the tall was trapped by fate,
how Beleg the bowman to his bane hasted.'
Then Flinding fiercely, though fear shook him:
'I have followed thee far, O forest-walker,
nor will leave thee now our league denying!'
Then both bow and sword Beleg left there
with his belt unbound in the bushes tangled
of a dark thicket in a deli nigh them,
and Flinding there laid his flickering lamp
and his nailéd shoes, and his knife only
he kept, that uncumbered he might creep silent.

Thus those brave in dread down the bare hillside
towards the camp clambered creeping wary,
and dared that deed in days long past
whose glory has gone through the gates of earth,

and songs have sung unceasing ringing
wherever the Elves in ancient places
had light or laughter in the later world.
With breath bated on the brink of the dale
they stood and stared through stealthy shadows,
till they saw where the circle of sleepless eyes
was broken; with hearts beating dully
they passed the places where pierced and bleeding
the wolves weltered by wingéd death
unseen smitten; as smoke noiseless
they slipped silent through the slumbering throngs
as shadowy wraiths shifting vaguely
from gloom to gloom, till the Gods brought them
and the craft and cunning of the keen huntsman
to Túrin the tall where he tumbled lay
with face downward in the filthy mire,
and his feet were fettered, and fast in bonds
anguish enchained his arms behind him.
There he slept or swooned, as sunk in oblivion
by drugs of darkness deadly blended;
he heard not their whispers; no hope stirred him
nor the deep despair of his dreams fathomed;
to awake his wit no words availed.
No blade would bite on the bonds he wore,
though Flinding felt for the forgéd knife
of dwarfen steel, his dagger prizéd,
that at waist he wore awake or sleeping,
whose edge would eat through iron noiseless
as a clod of clay is cleft by the share.
It was wrought by wrights in the realms of the East,
in black Belegost, by the bearded Dwarves
of troth unmindful; it betrayed him now
from its sheath slipping as o'er shaggy slades
and roughhewn rocks their road they wended.

'We must bear him back as best we may,'

said Beleg, bending his broad shoulders.
Then the head he lifted of Húrin's offspring,
and Flinding go-Fuilin the feet claspéd;
and doughty that deed, for in days long gone
though Men were of mould less mighty builded
ere the earth's goodness from the Elves they drew,
though the Elfin kindreds ere old was the sun
were of might unminished, nor the moon haunted
faintly fading as formed of shadows
in places unpeopled, yet peers they were not
in bone and flesh and body's fashioning,
and Túrin was tallest of the ten races
that in Hithlum's hills their homes builded.
Like a log they lifted his limbs mighty,
and straining staggered with stealth and fear,
with bodies bending and banes aching,
from the cruel dreaming of the camp of dread,
where spearmen drowsed sprawling drunken
by their moon-blades keen with murder whetted
mid their shaven shafts in sheaves piléd.

Now Beleg the brave backward led them,
but his foot fumbled and he fell thudding
with Túrin atop of him, and trembling stumbled
Flinding forward; there frozen lying
long while they listened for alarm stirring,
for hue and cry, and their hearts cowered;
but unbroken the breathing of the bands sleeping,
as darkness deepened to dead midnight,
and the lifeless hour when the loosened soul
oft sheds the shackles of the shivering flesh.
Then dared their dread to draw its breath,
and they found their feet in the fouléd earth,
and bent they both their backs once more
to their task of toil, for Túrin woke not.
There the huntsman's hand was hurt deeply,

as he groped on the ground, by a gleaming point—
‘twas Dailir his dart dearly prizéd
he had found by his foot in fragments twain,
and with barbs bended: it broke at last
neath his body falling. It boded ill.

As in dim dreaming, and dazed with horror,
they won their way with weary slowness,
foot by footstep, till fate them granted
the leaguer at last of those lairs to pass,
and their burden laid they, breathless gasping,
on bare-bosméd earth, and abode a while,
ere by winding ways they won their path
up the slanting slopes with silent labour,
with spended strength sprawling to cast them
in the darkling deli neath the deep thicket.
Then sought his sword, and songs of magic
o’er its eager edge with Elfin voice
there Beleg murmured, while bluely glimmered
the lamp of Flinding neath the lacéd thorns.
There wondrous wove he words of sharpness,
and the names of knives and Gnomish biades
he uttered o’er it: even Ogbar’s spear
and the glaive of Gaurin whose gleamingstroke
did rive the rocks of Rodrim’s hall;
the sword of Saithnar, and the silver biades
of the enchanted children of chains forged
in their deep dungeon; the dirk of Nargil,
the knife of the North in Nogrod smithied;
the sweeping sickle of the slashing tempest,
the lambent lightning’s leaping falchion
even Celeg Aithorn that shall cleave the world.

Then whistling whirled he the whetted sword-blade
and three times three it threshed the gloom,
till flame was kindled flickering strangely

like licking firelight in the lamp's glimmer
blue and baleful at the blade's edges.
Lo! a leering laugh lone and dreadful
by the wind wafted wavered nigh them;
their limbs were loosened in listening horror;
they fancied the feet of foes approaching,
for the horns hearkening of the hunt afoot
in the rustling murmur of roving breezes.
Then quickly curtained with its covering pelt
was the lantern's light, and leaping Beleg
with his sword severed the searing bonds
on wrist and arm like ropes of hemp
so strong that whetting; in stupor lying
entangled still lay Túrin moveless.
For the feet's fetters then feeling in the dark
Beleg blundering with his blade's keenness
unwary wounded the weary flesh
of wayworn foot, and welling blood
bedewed his hand— too dark his magic:
that sleep profound was sudden fathomed;
in fear woke Túrin, and a form he guessed
o'er his body bending with blade naked.
His death or torment he deemed was come,
for oft had the Orcs for evil pastime
him goaded gleeful and gashed with knives
that they cast with cunning, with cruel spears.
Lo! the bonds were burst that had bound his hands:
his cry of battle calling hoarsely
he flung him fiercely on the foe he dreamed,
and Beleg falling breathless earthward
was crushed beneath him. Crazed with anguish
then seized that sword the son of Húrin,
to his hand lying by the help of doom;
at the throat he thrust; through he pierced it,
that the blood was buried in the blood-wet mould;
ere Flinding knew what fared that night,

ali was over. With oath and curse
he bade the goblins now guard them well,
or sup on his sword: 'Lo! The son of Húrin
is freed from his fetters.' His fancy wandered
in the camps and clearings of the cruel Glamhoth.
Flight he sought not at Flinding leaping
with his last laughter, his life to sell
amid foes imagined; but Fuilin's son
there stricken with amaze, starting backward,
cried: 'Magic of Morgoth! A! madness damned!
with friends thou fightest!'— then falling suddenly
the lamp o'erturned in the leaves shrouded
that its light released illumined pale
with its flickering flame the face of Beleg.
Then the boles of the trees more breathless rooted
stone-faced he stood staring frozen
on that dreadful death, and his deed knowing
wildeyed he gazed with waking horror,
as in endless anguish an image carven.
So fearful his face that Flinding crouched
and watched him, wondering what webs of doom
dark, remorseless, dreadly meshed him
by the might of Morgoth; and he mourned for him,
and for Beleg, who bow should bend no more,
his black yew-wood in battle twanging—
his life had winged to its long waiting
in the halls of the Moon o'er the hills of the sea.

Hark! he heard the horns hooting loudly,
no ghostly laughter of grim phantom,
no wraithlike feet rustling dimly—
the Orcs were up; their ears had hearkened
the cries of Túrin; their camp was tumult,
their lust was alight ere the last shadows
of night were lifted. Then numb with fear
in hoarse whisper to unhearing ears

he told his terror; for Túrin now
with limbs loosened leaden-eyed was bent
crouching crumpled by the corse moveless;
nor sight nor sound his senses knew,
and wavering words he witless murmured,
'A! Beleg,' he whispered, 'my brother-in-arms.'
Though Flinding shook him, he felt it not:
had he comprehended he had cared little.
Then winds were wakened in wild dungeons
where thrumming thunders throbbed and rumbled;
storm came striding with streaming banners
from the four corners of the fainting world;
then the clouds were cloven with a crash of lightning,
and slung like stones from slings uncounted
the hurtling hail came hissing earthward,
with a deluge dark of driving rain.
Now wafted high, now wavering far,
the cries of the Glamhoth called and hooted,
and the howl of wolves in the heavens' roaring
was mingled mournful: they missed their paths,
for swollen swept there swirling torrents
down the blackening slopes, and the slot was blind,
so that blundering back up the beaten road
to the gates of gloom many goblins wildered
were drowned or drawn in Deadly Nightshade
to die in the dark; while dawn came not,
while the storm-riders strove and thundered
all the sunless day, and soaked and drenched
Flinding go-Fuilin with fear speechless
there crouched aquake; cold and lifeless
lay Beleg the bowrnan; brooding durnbly
Túrin Thalion neath the tangled thorns
sat unseeing without sound or movement.

The dusty dunes of Dor-na-Fauglith
hissed and spouted. Huge rose the spires

of smoking vapour swathed and reeking,
thick-billowing clouds from thirst unquenched,
and dawn was kindled dimly lurid
when a day and night had dragged away.
The Orcs had gone, their anger baffled,
o'er the weltering ways weary faring
to their hopeless halls in Hell's kingdorn;
no thrall took they Túrin Thalion—
a burden bore he than their bonds heavier,
in despair fettered with spirit empty
in mourning hopeless he remained behind.

[D]:

III
FAILIVRIN

Flinding go-Fuilin faithful-hearted
the brand of Beleg with blood stainéd
lifted with loathing from the leafy mould,
and hid it in the hollow of a huge thorn-tree;
then he turned to Túrin yet tranced brooding,
and softly said he: 'O son of Húrin,
unhappy-hearted, what helpeth it
to sit thus in sorrow's silent torment
without hope or counsel?' But Húrin's son,
by those words wakened, wildly answered:
'I abide by Beleg; nor bid me leave him,
thou voice unfaithful. Vain are all things.
O Death dark-handed, draw thou near me;
if remorse may move thee, from mourning loosed
crush me conquered to his cold bosom!'
Flinding answered, and fear left him
for wrath and pity: 'Arouse thy pride!
Not thus unthinking on Thangorodrim's
*heights enchainéd did Húrin speak.'

‘Curse thy comfort! Less cold were steel.
If Death comes not to the death-craving,
I will seek him by the sword. The sword-where lies it?
O cold and cruel, where cowerest now,
murderer of thy master? Amends shalt work,
and slay me swift, O sleep-giver.’
‘Look not, luckless, thy life to steal,
nor sully anew his sword unhappy
in the flesh of the friend whose freedom seeking
he fell by fate, by foes unwounded.
Yea, think that amends are thine to make,
his wrongéd biade with wrath appeasing,
its thirst cooling in the thrice-abhorred
blood of Bauglir’s baleful legions.
Is the feud achieved thy father’s chains on
thee laid, or lessened by this last evil?
Dream not that Morgoth will mourn thy death,
or thy dirges chant the dread Glamhoth—
less would like them thy living hatred
and vows of vengeance; nor vaim is courage,
though victory seldom be valour’s ending.’

Then fiercely Túrin to his feet leaping
cried new-crazéd: ‘Ye coward Orcs,
why tum ye tail? Why tarry ye now,
when the son of Húrin and the sword of Beleg
in wrath await you? For wrong and woe
here is vengeance ready. If ye venture it not,
I will follow your f eet to the four corners
of the angry earth. Have after you!’
Fainting Flinding there fought with him,
and words of wisdom to his witless ears
he breathless spake: ‘Abide, O Túrin,
for need hast thou now to nurse thy hurt,
and strength to gather and strong counsel.
Who flees to fight wears not fear’s token,

and vengeance delayed its vow achieves.'
The madness passed; amazed pondering
neath the tangled trees sat Túrin wordless
brooding blackly on bitter vengeance,
till the dusk deepened on his day of waking,
and the early stars were opened pale.

Then Beleg's burial in those bleak regions
did Flinding fashion; where he fell sadly
he left him lying, and lightly o'er him
with long labour the leaves he poured.
But Túrin tearless turning suddenly
on the corse cast him, and kissed the mouth
cold and open, and closed the eyes.
His bow laid he black beside him,
and words of parting wove about him:
'Now fare well, Beleg, to feasting long
neath Tengwethil in the timeless halls
where drink the Gods, neath domes golden
o'er the sea shining.' His song was shaken,
but the tears were dried in his tortured eyes
by the flames of anguish that filled his sou!
His mind once more was meshed in darkness
as heaped they high o'er the head beloved
a mound of mould and mingled leaves.
Light lay the earth on the lonely dead;
heavy lay the woe on the heart that lived.
That grief was graven with grim token
on his face and form, nor faded ever:
and this was the third of the throes of Túrin.

Thence he wandered witless without wish or purpose;
but for Flinding the faithful he had fared to death,
or been lost in the lands of lurking evil.
Renewed in that Gnome of Nargothrond
was heart and valour by hatred wakened,

that he guarded and guided his grim comrade;
with the light of his lamp he lit their ways,
and they hid by day to hasten by night,
by darkness shrouded or dim vapours.

The tale tells not of their travel weary,
how roamed their road by the rim of the forest,
whose beetling branches, black o'erhanging,
did greedy grope with gloomy malice
to ensnare their souls in silent darkness.
Yet west they wandered by ways of thirst
and haggard hunger, hunted often,
and hiding in holes and hollow caverns,
by their fate defended. At the furthest end
of Dor-na-Fauglith's dusty spaces
to a mighty mound in the moon looming
they came at midnight: it was crowned with mist,
bedewed as by drops of drooping tears.
'A! green that hill with grass fadeless,
where sleep the swords of seven kindreds,
where the folk of Faerie once fell uncounted.
There was fought the field by folk naméd
Nirnaith Ornoth, Unnumbered Tears.
'Twas built with the blood of the beaten people;
neath moon nor sun is it mounted ever
by Man nor Elf; not Morgoth's host
ever dare for dread to delve therein.'
Thus Flinding faltered, faintly stirring
Túrin's heaviness, that he turned his hand
toward Thangorodrim, and thrice he cursed
the maker of mourning, Morgoth Bauglir.

Thence later led them their lagging footsteps
o'er the slender stream of Sirion's youth;
not long had he leapt a lace of silver
from his shining well in those shrouded hills

the Shadowy Mountains whose sheer summits
there bend humbled towards the brooding heights
in mist mantled, the mountains of the North.
Here the Orcs might pass him; they else dared not
o'er Sirion swim, whose swelling water
through moor and marsh, mead and woodland,
through caverns carven in the cold bosom
of Earth far under, through empty lands
and leagues untrodden, beloved of Ylmir,
fleeting floweth, with fame undying
in the songs of the Gnomes, to the sea at last.
Thus reached they the roots and the ruinous feet
Of those hoary hills that Hithlum girdle,
the shaggy pinewoods of the Shadowy Mountains.
There the twain enfolded phantom twilight
and dim mazes dark, unholy,
in Nan Dungorthin where nameless gods
have shrouded shrines in shadows secret,
more old than Morgoth or the ancient lords
the golden Gods of the guarded West.
But the ghostly dwellers of that grey valley
hindered nor hurt them, and they held their course
with creeping flesh and quaking limb.
Yet laughter at whiles with lingering echo,
as distant mockery of demon voices
there harsh and hollow in the hushed twilight
Flinding fancied, fell, unwholesome
as that leering laughter lost and dreadful
that rang in the rocks in the ruthless hour
of Beleg's slaughter. "Tis Bauglir's voice
that dogs us darkly with deadly scorn'
he shuddering thought; but the shreds of fear
and black foreboding were banished utterly
when they clomb the cliffs and crumbling rocks
that walled that vale of watchful evil,
and southward saw the slopes of Hithlum

more warm and friendly. That way they fared
during the daylight o'er dale and ghyll,
o'er mountain pasture, moor and boulder,
over fell and fall of flashing waters
that slipped down to Sirion, to swell his tide
in his eastward basin onward sweeping
to the South, to the sea, to his sandy delta.

After seven journeys lo! sleep took them
on a night of stars when they nigh had stridden
to those lands beloved that long had known
Flinding aforetime. At first morning
the white arrows of the wheeling sun
gazed down gladly on green hollows
and smiling slopes that swept before them.
There builded boles of beeches ancient
marched in majesty in myriad leaves
of golden russet greyly rooted,
in leaves translucent lightly robéd;
their boughs up-bending blown at morning
by the wings of winds that wandered down
o'er blossomy bent breathing odours
to the wavering water's winking margin.
There rush and reed their rustling plumes
and leaves like lances louted trembling
green with sunlight. Then glad the soul
of Flinding the fugitive; in his face the morning
there glimmered golden, his gleaming hair
was washed with sunlight. 'Awake from sadness,
Túrion Thalion, and troublous thoughts!
On Ivrin's lake is endless laughter.
Lo! cool and clear by crystal fountains
she is fed unfailing, from defilement warded
by Ylmir the old, who in ancient days,
wielder of waters, here worked her beauty.
From outmost Ocean yet often comes

his message hither his magic bearing,
the healing of hearts and hope and valour
for foes of Bauglir. Friend is Ylmir
who alone remembers in the Lands of Mirth
the need of the Gnomes. Here Narog's waters
(that in tongue of the Gnomes is 'torrent' naméd)
are born, and blithely boulders leaping
o'er the bents bounding with broken foam
swirl down southward to the secret halls
of Nargothrond by the Gnomes builded
that death and thraldom in the dreadful throes
of Nirnaith Ornoth, a number scanty,
escaped unscathed. Thence skirting wild
the Hills of the Hunters, the home of Beren
and the Dancer of Doriath daughter of Thingol,
it winds and wanders ere the willowy meads,
Nan-Tathrin's land, for nineteen leagues
it journeys joyful to join its flood
with Sirion in the South. To the salt marshes
where snipe and seamew and the sea-breezes
first pipe and play they press together
sweeping soundless to the seats of Ylmir,
where the waters of Sirion and the waves of the sea
murmurous mingle. A marge of sand
there lies, all Iit by the long sunshine;
there all day rustles wrinkled Ocean,
and the sea-birds call in solemn conclave,
whitewingéd hosts whistling sadly,
uncounted voices crying endlessly.
There a shining shingle on that shore lieth,
whose pebbles as pearl or pale marble
by spray and spindrift splashed at evening
in the moon do gleam, or moan and grind
when the Dweller in the Deep drives in fury
the waters white to the walls of the land;
when the long-haired riders on their lathered horses

with bit and bridle of blowing foam,
in wrack wreathéd and ropes of seaweed,
to the thunder gallop of the thudding of the surf.'
Thus Flinding spake the spell feeling
of Ylmir the old and unforgetful,
which hale and holy haunted Ivrin
and foaming Narog, so that fared there never
Orc of Morgoth, and that eager stream
no plunderer passed. If their purpose held
to reach the realms that roamed beyond
(nought yet knew they of Nargothrond)
they harried o'er Hithlum the heights scaling
that lay behind the lake's hollow,
the Shadowy Mountains in the sheen mirrored
of the pools of lvrin. Pale and eager
Túrin hearkened to the tale of Flinding:
the washing of waters in his words sounded,
an echo as of Ylmir's awful conches
in the abyss blowing. There born anew
was hope in his heart as they hastened down
to the lake of laughter. A long and narrow
arm it reaches that ancient rocks
o'ergrown with green girdle strongly,
at whose outer end there open sudden
a gap, a gateway in the grey boulders;
whence thrusteth thin in threadlike jets
newborn Narog, nineteen fathoms
o'er a flickering force falis in wonder,
and a glimmering goblet with glass-lucent
fountains fills he by his freshets carven
in the coo! bosom of the crystal stones.

There deeply drank ere day was fallen
Túrin the toilworn and his true comrade;
hurt's ease found he, heart's refreshment,
from the meshes of misery his mind was loosed,

as they sat on the sward by the sound of water,
and watched in wonder the westering sun
o'er the wall wading of the wild mountains,
whose peaks empurpled pricked the evening.
Then it dropped to the dark and deep shadows
up the cliffs creeping quenched in twilight
the last beacons leashed with crimson.
To the stars upstanding stony-mantled
the mountains waited till the moon arose
o'er the endless East, and Ivrin's pools
dreaming deeply dim reflected
their pallid faces. ln pondering fast
woven, wordless, they waked no sound,
till cold breezes keenly breathing
clear and fragrant curled about them;
then sought they for sleep a sand-pavéd
cove outcarven; there kindled fire,
that brightly blossomed the beechen faggots
in flowers of flame; floated upward
a slender smoke, when sudden Túrin
on the firelit face of Flinding gazed,
and wondering words he wavering spake:
'O Gnome, I know not thy name or purpose
or father's blood— what fate binds thee
to a witless wayworn wanderer's footsteps,
the bane of Beleg, his brother-in-arms?'

Then Flinding fearful lest fresh madness
should seize for sorrow on the sou! of Túrin,
retold the tale of his toil and wandering;
how the trackless folds of Taur-na-Fuin,
Deadly Nightshade, dreadly meshed him;
of Beleg the bowman bold, undaunted,
and that deed they dared on the dim hillside,
that song has since unceasing wakened;
of the fate that fell, he faltering spake,

in the tangled thicket neath the twining thorns
when Morgoth's might was moved abroad.
Then his voice vanished veiled in mourning,
and lo! tears trickled on Túrin's face
till loosed at last were the leashed torrents
of his whelming woe. Long while he wept
soundless, shaken, the sand clutching
with griping fingers in grief unfathomed.
But Flinding the faithful feared no longer;
no comfort cold he kindly found,
for sleep swept him into slumber dead.
There a singing voice sweetly vexed him
and he woke and wondered: the watchfire faded;
the night was aging, nought was moving
but a song upsoaring in the soundless dark
went strong and stern to the starlit heaven.
'Twas Túrin that towering on the tarn's margin,
up high o'er the head of the hushed water
now falling faintly, let flare and echo
a song of sorrow and sad splendour,
the dirge of Beleg's deathless glory.
There wondrous wove he words enchanted,
that woods and water waked and answered,
the rocks were wrung with ruth for Beleg.
That song he sang is since remembered,
by Gnomes renewed in Nargothrond
it widely has wakened warfain armies
to battle with Bauglir— 'The Bowman's Friendship'.

'Tis told that Túrin then turned him back
and fared to Flinding, and flung him down
to sleep soundless till the sun mounted
to the high heavens and hasted westward.
A vision he viewed in the vast spaces
of slumber roving: it seemed he roamed
up the bleak boulders of a bare hillside

to a cup outcarven in a cruel hollow,
whose broken brink bushes limb-wracked
by the North-wind's knife in knotted anguish
did fringe forbidding. There black unfriendly
was a dark thicket, a deli of thorn-trees
with yews mingled that the years had fretted.
The leafless limbs they lifted hopeless
were blotched and blackened, barkless, naked,
a lifeless remnant of the levin's flame,
charred chill fingers changeless pointing
to the cold twilight. There called he longing:
'O Beleg, my brother, O Beleg, tell me
where is buried thy body in these bitter regions?'—
and the echoes always him answered 'Beleg';
yet a veiléd voice vague and distant
he caught that called like a cry at night
o'er the sea's silence: 'Seek no longer.
My bow is rotten in the barrow ruinous;
my grove is burned by grim lightning;
here dread dwelleth, none dare profane
this angry earth, Orc nor goblin;
none gain the gate of the gloomy forest
by this perilous path; pass they may not,
yet my life has winged to the long waiting
in the halls of the Moon o'er the hills of the sea.
Courage be thy comfort, comrade lonely!'

Then he woke in wonder; his wit was healed,
courage him comforted, and he called aloud
Flinding go-Fuilin, to his feet striding.
There the sun slanted its silver arrows
through the wild tresses of the waters tumbling
roofed with a radiant rainbow trembling.
'Whither, O Flinding, our feet now tum we,
or dwell we for ever by the dancing water,
by the lake of laughter, alone, untroubled?'

‘To Nargothrond of the Gnomes, methinks,’
said Flinding, ‘my feet would fain wander,
that Celegorm and Curufin, the crafty sons
of Fëanor founded when they fled southward;
there built a bulwark against Bauglir’s hate,
who live now lurking in league secret
with those five others in the forests of the East,
fell unflinching foes of Morgoth.
Maidros whom Morgoth maimed and tortured
is lord and leader, his left wieldeth
his sweeping sword; there is swift Maglor,
there Damrod and Díriel and dark Cranthir,
the seven seekers of their sire’s treasure.
Now Orodreth rules the realms and caverns,
the numbered hosts of Nargothrond.
There to woman’s stature will be waxen full
frail Finduilas the fleet maiden
his daughter dear, in his darkling halls
a light, a laughter, that I loved of yore,
and yet love in longing, and love calls me.’

Where Narog’s torrent gnashed and spouted
down his stream bestrewn with stone and boulder,
swiftly southward they sought their paths,
and summer smiling smoothed their journey
through day on day, down daie and wood
where birds blithely with brimming music
thrilled and trembled in thronging trees.

No eyes them watched onward wending
till they gained the gorge where Ginglith turns
all glad and golden to greet the Narog.
There her gentler torrent joins his tumult,
and they glide together on the guarded plain
to the Hunters’ Hills that high to southward
uprear their rocks robed in verdure.

There watchful waited the Wards of Narog,
lest the need of the Gnomes from the North should come,
for the sea in the South them safe guarded,
and eager Narog the East defended.
Their treegirt towers on the tall hilltops
no light betrayed in the trees lurking,
no horns hooted in the hills ringing
in loud alarm; a leaguer silent
unseen, stealthy, beset the stranger,
as of wild things wary that watch moveless,
then follow fleetly with feet of velvet
their heedless prey with padding hatred.
ln this fashion fought they, phantom hunters
that wandering Orc and wild foeman
unheard harried, hemmed in ambush.
The slain are silent, and silent were the shafts
of the nimble Gnomes of Nargothrond,
who word or whisper warded sleepless
from their homes deep-hidden, that hearsay never
was to Bauglir brought. Bright hope knew they,
and east over Narog to open battle
no cause or counsel had called them yet,
though of shield and shaft and sheathéd swords,
of warriors wieldy now waxed their host
to power and prowess, and paths afar
their scouts and woodmen scoured in hunting.

Thus the twain were tracked till the trees thickened
and the river went rushing neath a rising bank,
in foam hastened o'er the feet of the hills.
ln a gloom of green there they groped forward;
there his fate defended from flying death
Túrin Thalion— a twisted thong
of writhing roots enwrapped his foot;
as he fell there flashed, fleet, whitewingéd,
a shrill-shafted arrow that shore his hair,

and trembled sudden in a tree behind.
Then Flinding o'er the fallen fiercely shouted:
'Who shoots unsure his shafts at friends?
Flinding go-Fuilin of the folk of Narog
and the son of Húrin his sworn comrade
here flee to freedom from the foes of the North.'

His words in the woods awoke no echo;
no leaf there lisped, nor loosened twig
there cracked, no creak of crawling movement
stirred the silence. Still and soundless
in the glades about were the green shadows.
Thus fared they on, and felt that eyes
unseen saw them, and swift footsteps
unheard hastened behind them ever,
till each shaken bush or shadowy thicket
they fled furtive in fear needless,
for thereafter was aimed no arrow wingéd,
and they came to a country kindly tended;
through flowery frith and fair acres
they fared, and found of folk empty
the leas and leasows and the lawns of Narog,
the teeming tilth by trees enfolded
twixt hills and river. The hoes unrecked
in the fields were flung, and fallen ladders
in the long grass lay of the lush orchards;
every tree there turned its tangled head
and eyed them secretly, and the ears listened
of the nodding grasses; though noontide glowed
on land and leaf, their limbs were chilled.
Never hall or homestead its high gables
in the light upÍifting in that land saw they,
but a pathway plain by passing feet
was broadly beaten. Thither bent their steps
Flinding go-Fuilin, whose feet remembered
that white roadway. ln a while they reached

to the acres' end, that ever narrowing
twixt wall and water did wane at last
to blossomy banks by the borders of the way.
A spuming torrent, in spate tumbling
from the highest hill of the Hunters' Wold
clove and crossed it; there of carven stone
with slim and shapely slender archway
a bridge was builded, a bow gleaming
in the froth and flashing foam of Ingwil,
that headlong hurried and hissed beneath.
Where it found the flood, far-journeyed Narog,
there steeply stood the strong shoulders
of the hills, o'erhanging the hurrying water;
there shrouded in trees a sheer terrace,
wide and winding, worn to smoothness,
was fashioned in the face of the falling slope.
Doors there darkly dim gigantic
were hewn in the hillside; huge their timbers,
and their posts and lintels of ponderous stone.

They were shut unshakeable. Then shrilled a trumpet
as a phantom fanfare faintly winding
in the hill from hollow halls far under;
a creaking portal with clangour backward
was flung, and forth there flashed a throng,
leaping lightly, lances wielding,
and swift encircling seized bewildered
the wanderers wayworn, wordless haled them
through the gaping gateway to the glooms beyond.
Ground and grumbled on its great hinges
the door gigantic; with din ponderous
it clanged and closed like clap of thunder,
and echoes awful in empty corridors
there ran and rumbled under roofs unseen;
the light was lost. Then led them on
down long and winding lanes of darkness

their guards guiding their groping feet,
till the faint flicker of fiery torches
flared before them; fitful murmur
as of many voices in meeting thronged
they heard as they hastened. High sprang the roof.
Round a sudden turning they swung amazed,
and saw a solemn silent conclave,
where hundreds hushed in huge twilight
neath distant domes darkly vaulted
them wordless waited. There waters flowed
with washing echoes winding swiftly
amid the multitude, and mounting pale
for fifty fathoms a fountain sprang,
and wavering wan, with winking redness
flushed and flickering in the fiery lights,
it fell at the feet in the far shadows
of a king with crown and carven throne.

A voice they heard neath the vault rolling,
and the king them called: 'Who come ye here
from the North unloved to Nargothrond,
a Gnome of bondage and a nameless Man?
No welcome finds here wandering outlaw;
save his wish be death he wins it not,
for those that have looked on oúr last refuge
it boots not to beg other boon of me.'
Then Flinding go-Fuilin freely answered:
'Has the watch then waned in the woods of Narog,
since Orodreth ruled this realm and folk?
Or how have the hunted thus hither wandered,
if the warders willed it not thy word obeying;
or how hast not heard that thy hidden archer,
who shot his shaft in the shades of the forest,
there learned our lineage, O Lord of Narog,
and knowing our names his notched arrows
loosed no longer?' Then low and hushed

a murmur moved in the multitude,
and some were who said: "Tis thesarne in truth:
the long looked-for, the lost is found,
the narrow path he knew to Nargothrond
who was born and bred here from babe to youth';
and some were who said: 'The son of Fuilin
was lost and looked for long years agone.
What sign or token that the sarne returns
have we heard or seen? Is this haggard fugitive
with back bended the bold leader,
the scout who scoured, scorning danger,
most far afield of the folk of Narog?'
'That tale was told us,' returned answer
the Lord Orodreth, 'but belief were rash.
That alone of the lost, whom leagues afar
the Orcs of Angband in evil bonds
have dragged to the deeps, thou darest home,
by grace or valour, from grim thraldom,
what proof dost thou proffer? What plea dost show
that a Man, a mortal, on our mansions hidden
should look and live, our league sharing?'

Thus the curse on the kindred for the cruel slaughter at
the Swans' Haven there swayed his heart,
but Flinding go-Fuilin fiercely answered:
'Is the son of Húrin, who sits on high
in a deathless doom dreadly chainéd,
unknown, nameless, in need of plea
to fend from him the fate of foe and spy?
Flinding the faithful, the far wanderer,
though form and face fires of anguish
and bitter bondage, Balrogs' torment,
have seared and twisted, for a song of welcome
had hoped in his heart at that home-coming
that he dreamed of long in dark labour.
Are these deep places to dungeons turned,

a lesser Angband in the land of the Gnomes?'

Thereat was wrath aroused in Orodreth's heart,
and the muttering waxed to many voices,
and this and that the throng shouted;
when sweet and sudden a song awoke,
a voice of music o'er that vast murmur
mounted in melody to the misty domes;
with clear echoes the caverned arches
it filled, and trembled frail and slender,
those words weaving of welcome home
that the wayweary had wooed from care
since the Gnomes first knew need and wandering.
Then hushed was the host; no head was turned,
for long known and loved was that lifted voice,
and Flinding knew it at the feet of the king
like stone graven standing silent
with heart laden; but Húrin's son
was waked to wonder and to wistful thought,
and searching the shadows that the seat shrouded,
the kingly throne, there caught he thrice
a gleam, a glimmer, as of garments white.
'Twas frail Finduilas, fleet and slender,
to woman's stature, wondrous beauty,
now grown in glory, that glad welcome
there raised in ruth, and wrath was stilled.
Locked fast the love had lain in her heart
that in laughter grew long years agone
when in the meads merrily a maiden played
with fleet-footed Fuilin's youngling.
No searing scars of sundering years
could blind those eyes bright with welcome,
and wet with tears wistful trembling
at the grief there graven in grim furrows
on the face of Flinding. 'Father,' said she,
'what dream of doubt dreadly binds thee?

'Tis Flinding go-Fuilin, whose faith of yore
none dared to doubt. This dark, lonely,
mournful-fated Man beside him
if his oath avows the very offspring
of Húrin Thalion, what heart in this throng
shall lack belief or love refuse?
But are none yet nigh us that knew of yore
that mighty of Men, mark of kinship
to seek and see in these sorrow-laden
form and features? The friends of Morgoth
not thus, methinks, through thirst and hunger
come without comrades, nor have countenance
thus grave and guileless, glance unflinching.'

Then did Túrin's heart tremble wondering
at the sweet pity soft and gentle
of that tender voice touched with wisdom
that years of yearning had yielded slow;
and Orodreth, whose heart knew ruth seldom,
yet loved deeply that lady dear,
gave ear and answer to her eager words,
and his doubt and dread of dire treachery,
and his quick anger, he quelled within him.
No few were there found who had fought of old
where Finweg fell inflame of swords,
and Húrin Thalion had hewn the throngs,
the dark Glamhoth's demon legions,
and who called there looked and cried aloud:
"Tis the face of the father new found on earth,
and his strong stature and stalwart arms;
though such care and sorrow never claimed his sire,
whose laughing eyes were lighted clear
at board or battle, in bliss or in woe.'
Nor could lack belief for long the words
and faith of Flinding when friend and kin
and his father hastening that face beheld.

Lo! sire and son did sweet embrace
neath trees entwining tangled branches
at the dark doorways of those deep mansions
that Fuilin's folk afar builded,
and dwelt in the deep of the dark woodland
to the West on the slopes of the Wold of Hunters.
Of the four kindreds that followed the king,
the watchtowers' lords, the wold's keepers
and the guards of the bridge, the gleaming bow
that was flung o'er the foaming froth of Ingwil,
from Fuilin's children were first chosen,
most noble of name, renowned in valour.

ln those halls in the hills at that homecoming
mirth was mingled with melting tears
for the unyielding years whose yoke of pain
the form and face of Fuilin's son
had changed and burdened, chilled the laughter
that leapt once lightly to his lips and eyes.
Now in kindly love was care lessened,
with song assuaged sadness of hearts;
the lights were lit and lamps kindled
o'er the burdened board; there bade they feast
Túrin Thalion with his true comrade
at the long tables' laden plenty,
where dish and goblet on the dark-gleaming
wood well-waxéd, where the wine-flagons
engraven glistened gold and silver.
Then Fuilin filled with flowing mead,
dear-hoarded drink dark and potent
a carven cup with curious brim,
by ancient art of olden smiths
fairly fashioned, filled with marvels;
there gleamed and lived in grey silver
the folk of Faërie in the first noontide
of the Blissful Realms; with their brows wreathed

in garlands golden with their gleaming hair
in the wind flying and their wayward feet
fitful flickering, on unfading lawns
the ancient Elves there everlasting
danced undying in the deep pasture
of the gardens of the Gods; there Glingol shone
and Bansil bloomed with beams shimmering,
mothwhite moonlight from its misty flowers;
the hilltops of Tûn there high and green
were crowned by Côr, climbing, winding,
town white-walléd where the tower of Ing
with pale pinnacle pierced the twilight,
and its crystal lamp illumined clear
with slender shaft the Shadowy Seas.
Through wrack and ruin, the wrath of the Gods,
through weary wandering, waste and exile,
had come that cup, carved in gladness,
in woe hoarded, in waning hope
when little was left of the lore of old.
Now Fuilin at feast filled it seldom
save in pledge of love to proven friend;
blithely bade he of that beaker drink
for the sake of his son that sate nigh him
Túrin Thalion in token sure
of a league of love long enduring.
'O Húrin's child chief of Hithlum,
with mourning marred, may the mead of the Elves
thy heart uplift with hope lightened;
nor fare thou from us the feast ended,
here deign to dwell; if this deep mansion
thus dark-dolven dimly vaulted
displease thee not, a place awaits thee.'
There deeply drank a draught of sweetness
Túrin Thalion and returned his thanks
in eager earnest, while all the folk
with loud laughter and long feasting,

with mournful lay or music wild
of magic minstrels that mighty songs
did weave with wonder, there wooed their hearts
from black foreboding; there bed's repose
their guest was granted, when in gloom silent
the light and laughter and the living voices
were quenched in slumber. Now cold and slim
the sickle of the Moon was silver tilted
o'er the wan waters that washed unsleeping,
nightshadowed Narog, the Gnome-river.
ln tall treetops of the tangled wood
there hooted hollow the hunting owls.

Thus fate it fashioned that in Fuilin's house
the dark destiny now dwelt awhile
of Túrin the tall. There he toiled and fought
with the folk of Fuilin for Flinding's love;
lore long forgotten learned among them,
for light yet lingered in those leaguered places,
and wisdom yet lived in that wild people,
whose minds yet remembered the Mountains of the West
and the faces of the Gods, yet filled with glory
more clear and keen than kindreds of the dark
or Men unwitting of the mirth of old.

Thus Fuilin and Flinding friendship showed him,
and their halls were his home, while high summer
waned to autumn and the western gales
the leaves loosened from the labouring boughs;
the feet of the forest in fading gold
and burnished brown were buried deeply;
a restless rustle down the roofless aisles
sighed and whispered. Lo! the Silver Wherry,
the sailing Moon with slender mast,
was filled with fires as of furnace golden
whose hold had hoarded the heats of summer,

whose shrouds were shaped of shining flame
uprising ruddy o'er the rim of Evening
by the misty wharves on the margin of the world.
Thus the months fleeted and mightily he fared
in the forest with Flinding, and his fate waited
slumbering a season, while he sought for joy
the lore learning and the league sharing
of the Gnomes renowned of Nargothrond.

The ways of the woods he wandered far,
and the land's secrets he learned swiftly
by winter unhindered to weathers hardened,
whether snow or sleet or slanting rain
from glowering heavens grey and sunless
cold and cruel was cast to earth,
till the floods were loosed and the fallow waters
of sweeping Narog, swollen, angry,
were filled with flotsam and foaming turbid
passed in tumult; or twinkling pale
ice-hung evening was opened wide,
a dome of crystal o'er the deep silence
of the windless wastes and the woods standing
like frozen phantoms under flickering stars.
By day or night danger needless
he dared and sought for, his dread vengeance
ever seeking unsated on the sons of Angband;
yet as winter waxed wild and pathless,
and biting blizzards the bare faces
lashed and tortured of the lonely tors
and haggard hilltops, in the halls more often
was he found in fellowship with the folk of Narog,
and cunning there added in the crafts of hand,
and in subtle mastery of song and music
and peerless poesy, to his proven !ore
and wise woodcraft; there wondrous tales
were told to Túrin in tongues of gold
in those mansions deep, there many a day to
the hearth and halls of the haughty king
did those friends now fare to feast and game,
for frail Finduilas her father urged
to his board and favour to bid those twain,
and it grudging her granted that grimhearted
king deep-counselled- cold his anger,
his ruth unready, his wrath enduring;

yet fierce and fell by the fires of hate
his breast was burned for the broods of Hell
(his son had they slain, the swift-footed
Halmir the hunter of hart and boar),
and kinship therein the king ere long
in his heart discovered for Húrin's son,
dark and silent, as in dreams walking
of anguish and regret and evergrowing
feud unsated. Thus favour soon
by the king accorded of the company of his board
he was member made, and in many a deed
and wild venture to West and North
he achieved renown among the chosen warriors
and fearless bowmen; in far battles
in secret ambush and sudden onslaught,
where fell-tonguéd flew the flying serpents,
their shafts envenomed, in valleys shrouded
he played his part, but it pleased him little,
who trusted to targe and tempered sword,
whose hand was hungry for the hilts it missed
but dared never a blade since the doom of Beleg
to draw or handle. Dear-holden was he,
though he wished nor willed it, and his works were praised.
When tales were told of times gone by,
of valour they had known, of vanished triumph,
glory half-forgot, grief remembered,
then they bade and begged him be blithe and sing
of deeds in Doriath in the dark forest
by the shadowy shores that shunned the light
where Esgalduin the Elf-river
by root-fencéd pools roofed with silence,
by deep eddies darkly gurgling,
flowed fleetly on past the frowning portais
of the Thousand Caves. Thus his thought recalled
the woodland ways where once of yore
Beleg the bowman had a boy guided

by slade and slope and swampy thicket
neath trees enchanted; then his tongue faltered
and his tale was stilled.

At Túrin's sorrow
one marvelled and was moved, a maiden fair
the frail Finduilas that Failivrin,
the glimmering sheen on the glassy pools
of Ivrin's lake the Elves in love
had named anew. By night she pondered
and by day wondered. what depth of woe
lay locked in his heart his life marring;
for the doom of dread and death that had fallen
on Beleg the bowman in unbroken silence
Túrin warded, nor might tale be won
of Flinding the faithful of their fare and deeds
in the waste together. Now waned her love
for the form and face furrowed with anguish,
for the bended back and broken strength,
the wistful eyes and the withered laughter
of Flinding the faithful, though filled was her heart
with deepwelling pity and dear friendship.
Grown old betimes and grey-frosted,
he was wise and kindly with wit and counsel,
with sight and foresight, but slow to wrath
nor fiercely valiant, yet if fight he must
his share he shirked not, though the shreds of fear
in his heart yet hung; he hated no man,
but he seldom smiled, save suddenly a light
in his grave face glimmered and his glance was fired:
Finduilas maybe faring lightly
on the sward he saw or swinging pale,
a sheen of silver down some shadowy hall.
Yet to Túrin was turned her troublous heart
against will and wisdom and waking thought:
in dreams she sought him, his dark sorrow

with love lightening, so that laughter shone
in eyes new-kindled, and her Elfin name
he eager spake, as in endless spring
they fared free-hearted through flowers enchanted
with hand in hand o'er the happy pastures
of that land that is lit by no light of Earth,
by no moon nor sun, down mazy ways to
the black abysmal brink of waking.

From woe unhealed the wounded heart
of Túrin the tall was turned to her.
Amazed and moved, his mind's secret
half-guessed, half-guarded, in gloomy hour
of night's watches, when down narrow winding
paths of pondering he paced wearily,
he would lonely unlock, then loyal-hearted
shut fast and shun, or shroud hisgrief
in dreamless sleep, deep oblivion
where no echo entered of the endless war
of waking worlds, woe nor friendship,
flower nor firelight nor the foam of seas,
a land illumined by no light at all.

'O! hands unholy, O! heart of sorrow,
O! outlaw whose evil is yet unatonéd,
wilt thou, troth-breaker, a treason new
to thy burden bind; thy brother-in-arms,
Flinding go-Fuilin thus foully betray,
who thy madness tended in mortal perils,
to thy waters of healing thy wandering feet
did lead at the last to lands of peace,
where his lif e is rooted and his love dwelleth?
O! stainéd hands his hope steal not!'

Thus love was fettered in loyal fastness
and coldly clad in courteous word;

yet he would look and long for her loveliness,
in her gentle words his joy finding,
her face watching when he feared no eye
might mark his mood. One marked it all—
Failivrin's face, the fleeting gleams,
like sun through clouds sailing hurriedly
over faded fields, that flickered and went out
as Túrin passed; the tremulous smiles,
his grave glances out of guarded shade,
his sighs in secret- one saw them all,
Flinding go-Fuilin, who had found his home
and lost his love to the lying years,
he watched and wondered, no word speaking,
and his heart grew dark 'twixt hate and pity,
bewildered, weary, in the webs of fate.
Then Finduilas, more frail and wan
twixt olden love now overthrown
and new refused, did nightly weep;
and folk wondered at the fair pallor
of the hands upon her harp, her hair of gold
on slender shoulders slipped in tumult,
the glory of her eyes that gleamed with fires
of secret thought in silent deeps.

Many bosoms burdened with foreboding vague
their glooms disowned neath glad laughter.
ln song and silence, snow and tempest,
winter wore away; to the world there came
a year once more in youth unstained,
nor were leaves less green, light less golden,
the flowers less fair, though in faded hearts
no spring was born, though speeding nigh
danger and dread and doom's footsteps
to their halls hasted. Of the host of iron
came tale and tidings ever treading nearer;
Orcs unnumbered to the East of Narog

roamed and ravened on the realm's borders,
the might of Morgoth was moved abroad.
No ambush stayed them; the archers yielded
each vale by vale, though venomed arrows

[E]:

THE CHILDREN OF HÚRIN

I

Ye Gods who girt your guarded realms
with moveless pinnacles, mountains pathless,
o'er shrouded shores sheer uprising
of the Bay of Faëry on the borders of the World!
Ye Men unmindful of the mirth of yore,
wars and weeping in the worlds of old,
of Morgoth's might remembering nought!
Lo! hear what Elves with ancient harps,
lingering forlorn in lands untrodden,
fading faintly down forest pathways,
in shadowy isles on the Shadowy Seas
sing still in sorrow of the son of Húrin,
how his webs of doom were woven dark
with Níniel's sorrow: names most mournful.

A! Húrin Thalion in the hosts of battle
was whelmed in war, when the white banners
of the ruined king were rent with spears,
in blood beaten; when the blazing helm
of Finweg fell in flame of swords,
and his gleaming armies' gold and silver
shields were shaken, shining emblems
in darkling tide of dire hatred,
the cruel Glamhoth's countless legions,
were lost and foundered— their light was quenched!
That field yet now the folk name it

Nirnaith Ornoth, Unnumbered Tears:
the seven chieftains of the sons of Men
fled there and fought not, the folk of the Elves
betrayed with treason. Their troth alone
unmoved remembered in the mouths of Hell
Thalion Erithámrod and his thanes renowned.
Torn and trampled the triple standard
of the house of Hithlum was heaped with slain.
ln host upon host from the hills swarming
with hideous arms the hungry Orcs
enmeshed his might, and marred with wounds
pulled down the proud Prince of Mithrim.
At Bauglir's bidding they bound him living;
to the halls of Hell neath the hills builded,
to the Mountains of Iron, mournful, gloomy,
they led the lord of the Lands of Mist,
Húrin Thalion, to the throne of hate
in halls upheld with huge pillars
of black basalt. There bats wandered,
worms and serpents enwound the columns;
there Bauglir's breast was burned within
with blazing rage, baulked of purpose:
from his trap had broken Turgon the mighty,
Fingolfin's son; Feanor's children,
the makers of the magic and immortal gems.
For Húrin standing storm unheeding,
unbent in battle, with bitter laughter
his axe wielded— as eagle's wings
the sound of its sweep, swinging deadly;
as livid lightning it leaped and fell,
as toppling trunks of trees riven
his foes had fallen. Thus fought he on,
where blades were blunted and in blood foundered
the Men of Mithrim; thus a moment stemmed
with sad remnant the raging surge
of ruthless Orcs, and the rear guarded,

that Turgon the terrible towering in anger
a pathway clove with pale falchion
from swirling slaughter. Yea! his swath was plain
through the hosts of Hell, as hay that is laid
on the lea in lines, where long and keen
goes sweeping scythe. Thus seven kindreds,
a countless company, that king guided
through darkened dales and drear mountains
out of ken of his foes— he comes no more
in the tale of Túrin. Triumph of Morgoth
thus to doubt was turned, dreams of vengeance,
thus his mind was moved with malice fathomless,
thoughts of darkness, when the Thalion stood
bound, unbending, in his black dungeon.

Said the dread Lord of Hell: 'Dauntless Húrin,
stout steel-handed, stands beforé me
yet quick a captive, as a coward might be!
Then knows he my name, or needs be told
what hope he has in the halls of iron?
The bale most bitter, Balrogs' torment!'

Then Húrin answered, Hithlum's chieftain—
his shining eyes with sheen of fire
in wrath were reddened: 'O ruinous one,
by fear unfettered I have fought thee long,
nor dread thee now, nor thy demon slaves,
fiends and phantoms, thou foe of Gods!'
His dark tresses, drenched and tangled,
that fell o'er his face he flung backward,
in the eye he looked of the evil Lord—
since that day of dread to dare his glance
has no mortal Man had might of soul.
There the mind of Húrin in a mist of dark
neath gaze unfathomed groped and foundered,
yet his heart yielded not nor his haughty pride.

But Lungorthin Lord of Balrogs
on the mouth smote him, and Morgoth smiled:
'Nay, fear when thou feelest, when the flames lick thee
and the whistling whips thy white body
and wilting flesh weal and torture!'
Then hung they helpless Húrin dauntless
in chains by fell enchantments forged
that with fiery anguish his flesh devoured,
yet loosed not lips locked in silence
to pray for pity. Thus prisoned saw he
on the sable walls the sultry glare
of far-off fires fiercely burning
down deep corridors and dark archways
in the blind abysses of those bottomless halls;
there with mourning mingled mighty tumult
the throb and thunder of the thudding forges'
brazen clangour; belched and spouted
flaming furnaces; there faces sad
through the glooms glided as the gloating Orcs
their captives herded under cruel lashes.
Many a hopeless glance on Húrin fell,
for his tearless torment many tears were spilled.

Lo! Morgoth remembered the mighty doom,
the weird of old, that the Elves in woe,
in ruin and wrack by the reckless hearts
of mortal Men should be meshed at last;
that treason alone of trusted friend
should master the magic whose mazes wrapped
the children of Côr, cheating his purpose,
from defeat fending Fingolfin's son,
Turgon the terrible, and the troth-brethren
the sons of Fëanor, and secret, far,
homes hid darkly in the hoar forest
where Thingol was throned in the Thousand Caves.

Then the Lord of Hell lying-hearted
to where Húrin hung hastened swiftly,
and the Balrogs about him brazen-handed
with flails of flame and forgéd iron
there laughed as they looked on his lonely woe;
but Bauglir said: 'O bravest of Men,
'tis fate unfitting for thus fellhanded
warrior warfain that to worthless friends
his sword he should sell, who seek no more
to free him from fetters or his fali avenge.
While shrinking in the shadows they shake fearful
in the hungry hills hiding outcast
their league belying, lurking faithless,
he by evil lot in everlasting
dungeons droopeth doomed to torment
and anguish endless. That thy arms unchained
I had fainer far should a falchion keen
or axe with edge eager flaming
wield in warfare where the wind bloweth
the banners of battle— such a brand as might
in my sounding smithies on the smitten anvil
of glowing steel to glad thy soul
be forged and fashioned, yea, and fair harness
and mail unmatched— than that marred with flails
my mercy waiving thou shouldst moan enchained
neath the brazen Balrogs' burning scourges:
who art worthy to win reward and honour
as a captain of arms when cloven is mail
and shields are shorn, when they shake the hosts
of their foes like fire in fell onset.
Lo! Receive my service; forswear hatred,
ancient enmity thus ill-counselled—
I am a mild master who remembers well
his servants' deeds. A sword of terror
thy hand should hold, and a high lordship
as Bauglir's champion, chief of Balrogs,

to lead o'er the lands my loud armies,
whose royal array I already furnish;
on Turgon the troll (who turned to flight
and left thee alone, now leaguered fast
in waterless wastes and weary mountains)
my wrath to wreak, and on redhanded
robber-Gnomes, rebels, and roaming Elves,
that forlorn witless the Lord of the World
defy in their folly- they shall feel my might.
I will bid men unbind thee, and thy body comfort!
Go follow their footsteps with fire and steel,
with thy sword go search their secret dwellings;
when in triumph victorious thou returnest hither,
I have hoards unthought-of'— but Húrin Thalion
suffered no longer silent wordless;
through clenchéd teeth in clinging pain,
'O accursed king', cried unwavering,
'thy hopes build not so high, Bauglir;
no tool am I for thy treasons vile,
who tryst nor troth ever true holdest—
seek traitors elsewhere.'

Then returned answer
Morgoth amazed his mood hiding:
'Nay, madness holds thee; thy mind wanders;
my measureless hoards are mountains high
in places secret piled uncounted
agelong unopened; Elfin silver
and gold in the gloom there glister pale;
the gems and jewels once jealous-warded
in the mansions of the Gods, who mourn them yet,
are mine, anda meed I will mete thee thence
of wealth to glut the Worm of Greed.'

Then Húrin, hanging, in hate answered:
'Canst not learn of thy lore when thou look'st on a foe,

O Bauglir unblest? Bray no longer
of the things thou hast thieved from the Three Kindreds!
ln hate I hold thee. Thou art humbled indeed
and thy might is minished if thy murderous hope
and cruel counsels on a captive sad
must wait, on a weak and weary man.'
To the hosts of Hell his head then he turned:
'Let thy foul banners go forth to battle,
ye Balrogs and Orcs; let your black legions
go seek the sweeping. sword of Turgon.
Through the dismal dales you shall be driven wailing
like startled starlings from the stooks of wheat.
Minions miserable of master base,
your doom dread ye, dire disaster!
The tide shall turn; your triumph brief
and victory shall vanish. I view afar
the wrath of the Gods roused in anger.'

Then tumult awoke, a tempest wild
in rage roaring that rocked the walls;
consuming madness seized on Morgoth,
yet with lowered voice and leering mouth
thus Thalion Erithámrod he threatened darkly:
'Thou hast said it ! See how my swift purpose
shall march to its mark unmarred of thee,
nor thy aid be asked, overweening
mortal mightless. I command thee gaze
on my deeds of power dreadly proven.
Yet if little they like thee, thou must look thereon
helpless to hinder or thy hand to raise,
and thy lidless eyes lit with anguish
shall not shut for ever, shorn of slumber
like the Gods shall gaze there grim, tearless,
on the might of Morgoth and the meed he deals
to fools who refuse fealty gracious.'

To Thangorodrim was the Thalion borne,
that mountain that meets the misty skies
on high over the hills that Hithlum sees
blackly brooding on the borders of the North.
There stretched on the stone of steepest peak
in bonds unbreakable they bound him living;
there the lord of woe in laughter stood,
there cursed him for ever and his kindred ali
that should walk and wander in woe's shadow
to a doom of death and dreadful end.
There the mighty man unmovéd sat,
but unveiled was his vision that he viewed afar
with eyes enchanted all earthly things,
and the weird of woe woven darkly
that fell on his folk— a fiend's torment.

[F]:

II
TURIN'S FOSTERING

Lo! The lady Morwen I n the land of shadow
waited in the woodland for her well-beloved,
but he came never to clasp her nigh
from that black battle. She abode in vain;
no tidings told her whether taken or dead
or lost in flight he lingered yet.
Laid waste his lands and his lieges slain,
and men unmindful of that mighty lord
in Dorlómin dwelling dealt unkindly
with his wife in widowhood; she went with child,
and a son must succour sadly orphaned,
Túrin Thalion of tender years.
In days of blackness was her daughter bom,
and named Nienor, a name of tears
that in language of eld is Lamentation.

Then her thoughts were turned to Thingol the Elf,
and Lúthien the lissom with limbs shining,
his daughter dear, by Dairon loved,
who Tinúviel was named both near and far,
the Star-mantled, still remembered,
who light as leaf on linden tree
had danced in Doriath in days agone,
on the lawns had lilted in the long moonshine,
while deftly was drawn Dairon's music
with fingers fleet from flutes of silver.
The boldest of the brave, Beren Ermabwed,
to wife had won her, who once of old
had vowed fellowship and friendly love
with Húrin of Hithlum, hero dauntless
by the marge of Mithrim's misty waters.
Thus to her son she said: 'My sweetest child,
our friends are few; thy father is gone.
Thou must fare afar to the folk of the wood,
where Thingol is throned in the Thousand Caves.
If he remember Morwen and thy mighty sire
he will foster thee fairly, and feats of arms,
the trade he will teach thee of targe and sword,
that no slave in Hithlum shall be son of Húrin.
A! return my Túrin when time passeth;
remember thy mother when thy manhood cometh
or when sorrows snare thee.' Then silence took her,
for fears troubled her trembling voice.
Heavy boded the heart of Húrin's son,
who unwitting of her woe wondered vaguely,
yet weened her words were wild with grief
and denied her not; no need him seemed.

Lo! Mailrond and Halog, Morwen's henchmen,
were young of yore ere the youth of Húrin,
and alone of the lieges of that lord of Men
now steadfast in service stayed beside her:

now she bade them brave the black mountains
and the woods whose ways wander to evil;
though Túrin be tender, to travail unused,
they must gird them and go. Glad they were not,
but to doubt the wisdom dared not openly
of Morwen who mourned when men saw not.

Came a day of summer when the dark silence
of the towering trees trembled dimly
to murmurs moving in the milder airs
far and faintly; flecked with dancing
sheen of silver and shadow-filtered
sudden sunbeams were the secret glades
where winds came wayward wavering softly
warm through the woodland's woven branches.

Then Morwen stood, her mourning hidden,
by the gate of her garth in a glade of Hithlum;
at her breast bore she her babe unweaned,
crooning lowly to its careless ears
a song of sweet and sad cadence,
lest she droop for anguish. Then the doors opened,
and Halog hastened neath a heavy burden,
and Mailrond the old to his mistress led
her gallant Túrin, grave and tearless,
with heart heavy as stone hard and lifeless,
uncomprehending his coming torment.
There he cried with courage, comfort seeking:
'Lo! quickly will I come from the courts afar,
I will longere manhood lead to Morwen
great tale of treasure and true comrades.'
He wist not the weird woven of Morgoth,
nor the sundering sorrow that them swept between,
as farewells they took with faltering lips.
The last kisses and lingering words
are over and ended; and empty is the glen

in the dark forest, where the dwelling faded
in trees entangled. Then in Túrin woke
to woe's knowledge his bewildered heart,
that he wept blindly awakening echoes
sad resounding in sombre hollows,
as he called: 'I cannot, I cannot leave thee.
O! Morwen my mother, why makest me go?
The hills are hateful, where hope is lost;
O! Morwen my mother, I am meshed in tears,
for grim are the hills and my home is gone.'
And there came his cries calling faintly
down the dark alleys of the dreary trees,
that one there weeping weary on the threshold
heard how the hills said 'my home is gone.'

* * *

The ways were weary and woven with deceit
o'er the hills of Hithlum to the hiddcn kingdorn
deep in the darkness of Doriath's forest,
and never ere now for need or wondcr
had children of Men chosen that pathway,
save Beren the brave who bounds knew not
to his wandering feet nor feared the woods
or fells or forest or frozen mountain,
and few had followed his feet after.
There was told to Túrin that tale by Halog
that in the Lay of Leithian, Release from Bonds,
in linkéd words has long been woven,
of Beren Ermabwed, the boldhearted;
how Lúthien the lissom he loved of yore
in the enchanted forest chained with wonder—
Tinúviel he named her, than nightingale
more sweet her voice, as veiled in soft
and wavering wisps of woven dusk
shot with starlight, with shining eyes

she danced like dreams of drifting sheen,
pale-twinkling pearls in pools of darkness;
how for love of Lúthien he left the woods
on that quest perilous men quail to tell,
thrust by Thingol o'er the thirst and terror
of the Lands of Mourning; of Lúthien's tresses,
and Melian's magic, and the marvellous deeds
that after happened in Angband's halls,
and the flight o'er fell and forest pathless
when Carcharoth the cruel-fangéd,
the wolf-warden of the Woeful Gates,
whose vitais fire devoured in torment
them hunted howling (the hand of Beren
he had bitten from the wrist where that brave one held
the nameless wonder, the Gnome-crystal
where light living was locked enchanted,
all hue's essence. His heart was eaten,
and the woods were filled with wild madness
in his dreadful torment, and Doriath's trees
did shudder darkly in the shrieking glens);
how the hound of Hithlum, Huan wolf-banc,
to the hunt hasted to the help of Thingol,
and as dawn came dimly in Doriath's woods
was the slayer slain, but silent lay
there Beren bleeding nigh brought to death,
till the lips of Lúthien in love's despair
awoke him to words, ere he winged afar
to the long awaiting; thence Lúthien won him,
the Elf-maiden, and the arts of Melian,
her mother Mablui of the moonlit hand,
that they dwell for ever in days ageless
and the grass greys not in the green forest
where East or West they ever wander.
Then a song he made them for sorrow's lightening,
a sudden sweetness in the silent wood,
that is 'Light as Leaf on Linden' called,

whose music of mirth and mourning blended
yet in hearts does echo. This did Halog sing them:

The grass was very long and thin,
The leaves of many years lay thick,
The old tree-roots wound out and in,
And the early moon was glimmering.
There went her white feet lilting quick,
And Dairon's flute did bubble thin,
As neath the hemlock umbels thick
Tinúviel danced a-shimmering.

The pale moths lumbered noiselessly,
And daylight died among the leaves,
As Beren from the wild country
Came thither wayworn sorrowing.
He peered between the hemlock sheaves,
And watched in wonder noiselessly
Her dancing through the moonlit leaves
And the ghostly moths a-following.

There magic took his weary feet,
And he forgot his loneliness,
And out he danced, unheeding, fleet,
Where the moonbeams were a-glistening.
Through the tangled woods of Elfinesse
They fled on nimble fairy feet,
And left him to his loneliness
ln the silent forest listening,

Still hearkening for the imagined sound
Of lissom feet upon the leaves,
For music welling underground
ln the dim-lit caves of Doriath.
But withered are the hemlock sheaves,
And one by one with mournful sound

Whispering fall the beechen leaves
ln the dying woods of Doriath.

He sought her wandering near and far
Where the leaves of one more year were strewn,
By winter moon and frosty star
With shaken light a-shivering.
He found her neath a misty moon,
A silver wraith that danced afar,
And the mists beneath her feet were strewn
ln moonlight palely quivering.

She danced upon a hillock green
Whose grass unfading kissed her feet,
While Dairon's fingers played unseen
O'er his magic flute a-flickering;
And out he danced, unheeding, fleet,
In the moonlight to the hillock green:
No impress found he of her feet
That fled him swiftly flickering.

And longing filled his voice that called
'Tinúviel, Tinúviel,'
And longing sped his feet enthralled
Behind her wayward shimmering.
She heard as echo of a spell
His lonely voice that longing called
'Tinúviel, Tinúviel':
One moment paused she glimmering.

And Beren caught that elfin maid
And kissed her trembling starlit eyes,
Tinúviel whom love delayed
ln the woods of evening morrowless.
Till moonlight and till music dies
Shall Beren by the elfin maid

Dance in the starlight of her eyes
ln the forest singing sorrowless.

Wherever grass is long and thin,
And the leaves of countless years lie thick,
And ancient roots wind out and in,
As once they did in Doriath,
Shall go their white feet lilting quick,
But never Dairon's music thin
Be heard beneath the hemlocks thick
Since Beren came to Doriath.

This for hearts' uplifting did Halog sing them
as the frowning fortress of the forest clasped them
and nethermost night in its net caught them.
There Túrin and the twain knew torture of thirst
and hunger and fear, and hideous flight
from wolfriders and wandering Orcs
and the things of Morgoth that thronged the woods.
There numbed and wetted they had nights of waking
cold and clinging, when the creaking winds
summer had vanquished and in silent valleys
a dismal dripping in the distant shadows
ever splashed and spilt over spaces endless
from rainy leaves, till arose the light
greyly, grudgingly, gleaming thinly
at drenching dawn. They were drawn as flies
in the magic mazes; they missed their ways
and strayed steerless, and the stars were hid
and the sun sickened. Sombre and weary
had the mountains been; the marches of Doriath
bewildered and wayworn wound them helpless
in despair and error, and their spirits foundered.
Without bread or water with bleeding feet
and fainting strength in the forest straying
their death they deemed it to die forwandered,

when they heard a horn that hooted afar
and dogs baying. Lo! the dreary bents
and hushed hollows to the hunt wakened,
and echoes answered to eager tangues,
for Beleg the bowman was blowing gaily,
who furthest fared of his folk abroad
by hill and by hollow ahunting far,
careless of comrades or crowded halls,
as light as a leaf, as the lusty airs
as free and fearless in friendless places.
He was great of growth with goodly limbs
and lithe of girth, and lightly on the ground
his footsteps fell as he fared towards them
all garbed in grey and green and brown.

'Who are ye?' he asked. 'Outlaws, maybe,
hiding, hunted, by hatred dogged?'

'Nay, for famine and thirst we faint,' said Halog,
'wayworn and wildered, and wot not the road.
Or hast not heard of the hills of slain,
field tear-drenchéd where in flame and terror
Morgoth devoured the might and valour
of the hosts of Finweg and Hithlum's lord?
The Thalion Erithámrod and his thanes dauntless
there vanished from the earth, whose valiant lady
yet weeps in widowhood as she waits in Hithlum.
Thou lookest on the last of the lieges of Morwen,
and the Thalion's child who to Thingol's court
now wend at the word of the wife of Húrin.'

Then Beleg bade them be blithe, saying:
'The Gods have guided you to good keeping;
I have heard of the house of Húrin undaunted,
and who hath not heard of the hills of slain,
of Nirnaith Ornoth, Unnumbered Tears!

To that war I went not, yet wage a feud
with the Orcs unending, whom mine arrows fleeting
smite oft unseen swift and deadly.
I am the hunter Beleg of the hidden people;
the forest is my father and the fells my home.'
Then he bade them drink from his belt drawing
a flask of leather full-filled with wine
that is bruised from the berries of the burning South—
the Gnome-folk know it, from Nogrod the Dwarves
by long ways lead it to the lands of the North
for the Elves in exile who by evil fate
the vine-clad valleys now view no more
in the land of Gods. There was lit gladly
a fire, with flames that flared and spluttered,
of wind-fallen wood that his wizard's cunning
rotten, rain-sodden, to roaring life
there coaxed and kindled by craft or magic;
there baked they flesh in the brands'embers;
white wheaten bread to hearts' delight
he haled from his wallet till hunger waned
and hope mounted, but their heads were mazed
by that wine of Dor-Winion that went in their veins,
and they soundly slept on the soft needles
of the tall pinetrees that towered above.
Then they waked and wondered, for the woods were light,
and merry was the morn and the mists rolling
from the radiant sun. They soon were ready
long leagues to cover. Now led by ways
devious winding through the dark woodland,
by slade and slope and swampy thicket,
through lonely days, long-dragging nights,
they fared unfaltering, and their friend they blessed,
who but for Beleg had been baffled utterly
by the magic mazes of Melian the Queen.
To those shadowy shores he showed the way
where stilly the stream strikes before the gates

of the cavernous court of the King of Doriath.
Over the guarded bridge he gained them passage,
and thrice they thanked him, and thought in their hearts
'the Gods are good'— had they guessed, maybe,
what the future enfolded, they had feared to live.

To the throne of Thingol were the three now come;
there their speech well sped, and he spake them fair,
for Húrin of Hithlum he held in honour,
whom Beren Ermabwed as a brother had loved
and remembering Morwen, of mortais fairest,
he turned not Túrin in contempt away.
There clasped him kindly the King of Doriath,
for Melian moved him with murmured counsel,
and he said: 'Lo, O son of the swifthanded,
the light in laughter, the loyal in need,
Húrin of Hithlum, thy home is with me,
and here shalt sojourn and be held my son.
ln these cavernous courts for thy kindred's sake
thou shalt dwell in dear love, till thou deemest it time
to remember thy mother Morwen's loneliness;
thou shalt wisdom win beyond wit of mortais,
and weapons shalt wield as the warrior-Elves,
nor slave in Hithlum shall be son of Húrin.'

There the twain tarried that had tended the child,
till their limbs were lightened and they longed to fare
through dread and danger to their dear lady,
so firm their faith. Yet frore and grey
eld sat more heavy on the aged head
of Mailrond the old, and his mistress' love
his might matched not, more marred by years
than Halog he hoped not to home again.
Then sickness assailed him and his sight darkened:
'To Túrin I must turn my troth and fealty,'
he said and he sighed, 'to my sweet youngling';

but Halog hardened his heart to go.
An Elfin escort to his aid was given,
and magics of Melian, and a meed of gold,
and a message to Morwen for his mouth to bear,
words of gladness that her wish was granted,
and Túrin taken to the tender care
of the King of Doriath; of his kindly will
now Thingol called her to the Thousand Caves
to fare unfearing with his folk again,
there to sojourn in solace till her son be grown;
for Húrin of Hithlum was holden in mind
and no might had Morgoth where Melian dwelt.

Of the errand of the Elves and of eager Halog
the tale tells not, save intime they came
to Morwen's threshold. There Thingol's message
was said where she sat in her solitary hall,
but she dared not do as was dearly bidden,
who Nienor her nursling yet newly weaned
would not leave nor be led on the long marches
to adventure her frailty in the vast forest;
the pride of her people, princes ancient,
had suffered her send a son to Thingol
when despair urged her, but to spend her days
an almsguest of others, even Elfin kings,
it little liked her; and lived there yet
a hope in her heart that Húrin would come,
and the dwelling was dear where he dwelt of old;
at night she would listen for a knock at the doors
or a footstep falling that she fondly knew.
Thus she fared not forth; thus her fate was woven.
Yet the thanes of Thingol she thanked nobly,
nor her shame showed she, how shorn of glory
to reward their wending she had wealth too scant,
but gave them in gift those golden things
that last lingered, and led they thence

a helm of Húrin once hewn in wars
when he battled with Beren as brother and comrade
against ogres and Orcs and evil foes.
Grey-gleaming steel, with gold adorned
wrights had wrought it, with runes graven
of might and victory, that a magic sat there
and its wearer warded from wound or death,
whoso bore to battle brightly shining
dire dragon-headed its dreadful crest.
This Thingol she bade and her thanks receive.

Thus Halog her henchman to Hithlum came,
but Thingol's thanes thanked her lowly
and girt them to go, though grey winter
enmeshed the mountains and the moaning woods,
for the hills hindered not the hidden people.
Lo! Morwen's message in a month's journey,
so speedy fared they, was spoken in Doriath.
For Morwen Melian was moved to ruth,
but courteously the king that casque received,
her golden gift, with gracious words,
who deeply delved had dungeons filled
with elvish armouries of ancient gear,
yet he handled that helm as his hoard were scant:
'That head were high that upheld this thing
with the token crowned, the towering crest
to Dorlómin dear, the dragon of the North,
that Thalion Erithámrod the thrice renowned
oft bore into battle with baleful foes.
Would that he had worn it to ward his head
on that direst day from death's handstroke!'
Then a thought was thrust into Thingol's heart,
and Túrin was called and told kindly
that his mother Morwen a mighty thing
had sent to her son, his sire's heirloom,
o'er-written with runes by wrights of yore

in dark dwarfland in the deeps of time,
ere Men to Mithrim and misty Hithlum
o'er the world wandered; it was worn aforetime
by the father of the fathers of the folk of Húrin,
whose sire Gumlin to his son gave it
ere his soul severed from his sundered heart –
"Tis Telchar's work of worth untold,
its wearer warded from wound or magic,
from glaive guarded or gleaming axe.
Now Húrin's helm hoard till manhood
to battle bids thee, then bravely don it,
go wear it well!' Woeful-hearted
did Túrin touch it but take it not,
too weak to wield that mighty gear,
and his mind in mourning for Morwen's answer
was mazed and darkened.

Thus many a day
it came to pass in the courts of Thingol
for twelve years long that Túrin lived.
But seven winters their sorrows had laid
on the son of Húrin when that summer to the world
came glad and golden with grievous parting;
nine years followed of his forest-nurture,
and his lot was lightened, for he learned at whiles
from faring folk what befell in Hithlum,
and tidings were told by trusty Elves
how Morwen his mother knew milder days
and easement of evil, and with eager voice
all Nienor named the Northern flower,
the slender maiden in sweet beauty
now graceful growing. The gladder was he then
and hope yet haunted his heart at whiles.
He waxed and grew and won renown
in all lands where Thingol as lord was held
for his stoutness of heart and his strong body.

Much lore he learned and loved wisdom,
but fortune followed him in few desires;
oft wrong and awry what he wrought turnéd,
what he loved he lost, what he longed for failed,
and fuil friendship he found not with ease,
nor was lightly loved, for his looks were sad;
he was gloomy-hearted and glad seldom
for the sundering sorrow that seared his youth.

On manhood's threshold he was mighty-thewed
in the wielding of weapons; in weaving song
he had a minstrel's mastery, but mirth was not in it,
for he mourned the misery of the Men of Hithlum.
Yet greater his grief grew thereafter
when from Hithlum's hills he heard no more
and no traveller told him tidings of Morwen.
For those days were drawing to the doom of the Gnomes
and the power of the Prince of the pitiless kingdom,
of the grim Glamhoth, was grown apace,
till the lands of the North were loud with their noise,
and they fell on the folk with tire and slaughter
who bent not to Bauglir or the borders passed
of dark Dorlómin with its dreary pines
that Hithlum was called by the unhappy people.
There Morgoth shut them in the Shadowy Mountains,
fenced them from Faërie and the folk of the wood.
Even Beleg fared not so far abroad
as once was his wont, for the woods were filled
with the armies of Angband and with evil deeds,
and murder walked on the marches of Doriath;
only the mighty magic of Melian the Queen
yet held their havoc from the hidden people.

To assuage his sorrow and to sate his rage,
for his heart was hot with the hurts of his folk,
then Húrin's son took the helm of his sire

and weapons weighty for the wielding of men,
and he went to the woods with warrior-Elves,
and far in the forest his feet led him
into black battle yet a boy in years.
Ere manhood's measure he met and he slew
Orcs of Angband and evil things
that roamed and ravened on the realm's borders.
There hard his life, and hurts he lacked not,
the wounds of shaft and the wavering sheen
of the sickle scimitars, the swords of Hell,
the bloodfain blades on black anvils
in Angband smithied, yet ever he smote
unfey, fearless, and his fate kept him.
Thus his prowess was proven and his praise was noised
and beyond his years he was yielded honour,
for by him was holden the hand of ruin
from Thingol's folk, and Thû feared him,
and wide wandered the word of Túrin:
'Lo! we deemed as dead the dragon of the North,
but high o'er the host its head uprises,
its wings are spread! Who has waked this spirit
and the flame kindled of its fiery jaws?
Or is Húrin of Hithlum from Hell broken?'
And Thû who was throned as thane mightiest
neath Morgoth Bauglir, whom that master bade
'go ravage the realm of the robber Thingol
and mar the magic of Melian the Queen',
even Thû feared him, and his thanes trembled.

One only was there in war greater,
more high in honour in the hearts of the Elves
than Túrin son of Húrin, tower of Hithlum,
even the hunter Beleg of the hidden people,
whose father was the forest and the fells his home;
to bend whose bow, Balthronding named,
that the black yewtree once bore of yore,

had none the might; unmatched in knowledge
of the woods' secrets and the weary hills.
He was leader beloved of the light companies
all garbed in grey and green and brown,
the archers arrowfleet with eyes piercing,
the scouts that scoured scorning danger
afar o'er the fells their foemen's lair,
and tales and tidings timely won them
of camps and councils, of comings and goings,
all the movements of the might of Morgoth Bauglir.
Thus Túrin, who trusted to targe and sword,
who was fain of fighting with foes well seen,
where shining swords made sheen of fire,
and his corslet-clad comrades-in-arms
were snared seldom and smote unlooked-for.

Then the fame of the fights on the far marches
was carried to the courts of the king of Doriath,
and tales of Túrin were told in his halls,
of the bond and brotherhood of Beleg the ageless
with the blackhaired boy from the beaten people.
Then the king called them to come before him
did Orc-raids lessen in the outer lands
ever and often unasked to hasten,
to rest them and revel and to raise awhile
in songs and lays and sweet music
the memory of the mirth ere the moon was old,
when the mountains were young in the morning of the world.

On a time was Túrin at his table seated,
and Thingol thanked him for his thriving deeds;
there was laughter long and the loud clamour
of a countless company that quaffed the mead
and the wine of Dor-Winion that went ungrudged
in their golden goblets; and goodly meats
there burdened the boards neath blazing torcbes

in those high halls set that were hewn of stone.
There mirth fell on many; there minstrels clear
did sing them songs of the city of Côr
that Taingwethil towering mountain
o'ershadowed sheerly, of the shining halls
where the great gods sit and gaze on the world
from the guarded shores of the gulf of Faërie.
One sang of the slaying at the Swans' Haven
and the curse that had come on the kindreds since

[G]:

The high summer
waned to autumn, and western gales
the leaves loosened from labouring boughs.
The feet of the forest in fading gold
and burnished brown were buried deeply;
a restless rustle down the roofless aisles
sighed and whispered. The Silver Wherry,
the sailing moon with slender mast
was filled with fires as of furnace hot;
its hold hoarded the heats of summer,
its shrouds were shaped of shining flame
uprising ruddy o'er the rim of Evening
by the misty wharves on the margin of the world.
Then winter hastened and weathers hardened,
and sleet and snow and slanting rain
from glowering heaven, grey and sunless,
whistling whiplash whirled by tempest,
the lands forlorn lashed and tortured:
floods were loosened, the fallow waters
sweeping seaward, swollen, angry,
filled with flotsam, foaming, turbid
passed in tumult. The tempest failed:
frost descended from the far mountains,
steel-cold and still. Stony-glinting

icehung evening was opened wide,
a dome of crystal over deep silence,
the windless wastes, the woods standing
frozen phantoms under flickering stars

[H]:

Winter comes to Nargothrond

The summer slowly in the sad forest
waned and faded. In the west arose
winds that wandered over warnng seas.
Leaves were loosened from labouring boughs:
fallow-gold they fell, and the feet buried
of trees standing tall and naked,
rustling restlessly down roofless aisles,
shifting and drifting.
The shining vessel
of the sailing moon with slender mast,
with shrouds shapen of shimmering flame,
uprose ruddy on the rim of Evening
by the misty wharves on the margin of the world.
With winding horns winter hunted
in the weeping woods, wild and ruthless;
sleet came slashing, and slanting hail
from glowering heaven grey and sunless,
whistling whiplash whirled by tempest.
The floods were freed and fallow waters
sweeping seaward, swollen, angry,
filled with flotsam, foaming, turbid,
passed in tumult. The tempest died.
Frost descended from far mountains
steel-cold and still. Stony-glinting
icchung evening was opened wide,
a dome of crystal over deep silence,
over windless wastes and woods standing
as frozen phantoms under flickering stars.

[I]:

With the seething sea Sirion's waters,
green streams gliding into grey furrows,
murmurous mingle. There mews gather,
seabirds assemble in solemn council,
whitewinged hosts whining sadly
with countless voices in a country of sand:
plains and mountains of pale yellow
sifting softly in salt breezes,
sere and sunbleached. At the sea's margin
a shingle lies, long and shining
with pebbles like pearl or pale marble:
when the foam of waves down the wind flieth
in spray they sparkle; splashed at evening
in the moon they glitter; moaning, grinding,
in the dark they tumble; drawing and rolling,
when strongbreasted storm the streams driveth
in a war of waters to the walls of land.
When the Lord of Ocean his loud trumpets
in the abyss bloweth to battle sounding,
longhaired legions on lathered horses
with backs like whales, bridles spuming,
charge there snorting, champing seaweed;
hurled with thunder of a hundred drums
they leap the bulwarks, burst the leaguer,
through the sandmountains sweeping madly
up the river roaring roll in fury.

2. Poemas Abandonados no Início

[A]:

THE FLIGHT OF THE NOLDOLI FROM VALINOR

A! the Trees of Light, tall and shapely,

gold and silver, more glorious than the sun,
than the moon more magical, o'er the meads of the Gods
their fragrant frith and flowerladen
gardens gleaming, once gladly shone.
In death they are darkened, they drop their leaves
from blackened branches bled by Morgoth
and Ungoliant the grim the Gloomweaver.
In spider's form despair and shadow
a shuddering fear and shapeless night
she weaves in a web of winding venom
that is black and breathless. Their branches fail,
the light and laughter of their leaves are quenched.
Mirk goes marching, mists of blackness,
through the halls of the Mighty hushed and empty,
the gates of the Gods are in gloom mantled.

Lo! the Elves murmur mourning in anguish,
but no more shall be kindled the mirth of Cor
in the winding ways of their walled city,
towercrowned Tun, whose twinkling lamps
are drowned in darkness. The dim fingers
of fog come floating from the formless waste
and sunless seas. The sound of horns,
of horses' hooves hastening wildly
in hopeless hunt, they hear afar,
where the Gods in wrath those guilty ones
through mournful shadow, now mounting as a tide
o'er the Blissful Realm, in blind dismay
pursue unceasing. The city of the Elves
is thickly thronged. On threadlike stairs
carven of crystal countless torches
stare and twinkle, stain the twilight
and gleaming balusters of green beryl.
A vague rumour of rushing voices,
as myriads mount the marble paths,
there fills and troubles those fair places

wide ways of Tun and walls of pearl.

Of the Three Kindreds to that clamorous throng
are none but the Gnomes in numbers drawn.
The Elves of Ing to the ancient halls
and starry gardens that stand and gleam
upon Timbrenting towering mountain
that day had climbed to the cloudy-domed
mansions of Manwë for mirth and song.
There Bredhil the Blessed the bluemantled,
the Lady of the heights as lovely as the snow
in lights gleaming of the legions of the stars,
the cold immortal Queen of mountains,
too fair and terrible too far and high
for mortal eyes, in Manwë's court so
sat silently as they sang to her.

The Foam-riders, folk of waters,
Elves of the endless echoing beaches,
of the bays and grottoes and the blue lagoons,
of silver sands sown with moonlit,
starlit, sunlit, stones of crystal,
paleburning gems pearls and opals,
on their shining shingle, where now shadows groping
clutched their laughter, quenched in mourning
their mirth and wonder, in amaze wandered
under cliffs grown cold calling dimly,
or in shrouded ships shuddering waited
for the light no more should be lit for ever.

But the Gnomes were numbered by name and kin,
marshalled and ordered in the mighty square
upon the crown of Cor. There cried aloud
the fierce son of Finn. Flaming torches
he held and whirled in his hands aloft,
those hands whose craft the hidden secret

knew, that none Gnome or mortal
hath matched or mastered in magic or in skill.
'Lo! slain is my sire by the sword of fiends,
his death he has drunk at the doors of his hall
and deep fastness, where darkly hidden
the Three were guarded, the things unmatched
that Gnome and Elf and the Nine Valar
can never remake or renew on earth,
recarve or rekindle by craft or magic,
not Fëanor Finn's son who fashioned them of yore —
the light is lost whence he lit them first,
the fate of Faerie hath found its hour

Thus the witless wisdom its reward hath earned
of the Gods' jealousy, who guard us here
to serve them, sing to them in our sweet cages,
to contrive them gems and jewelled trinkets,
their leisure to please with our loveliness,
while they waste and squander work of ages,
nor can Morgoth master in their mansions sitting
at countless councils. Now come ye all,
who have courage and hope! My call harken
to flight, to freedom in far places!
The woods of the world whose wide mansions
yet in darkness dream drowned in slumber,
the pathless plains and perilous shores
no moon yet shines on nor mounting dawn
in dew and daylight hath drenched for ever,
far better were these for bold footsteps
than gardens of the Gods gloom-encircled
with idleness filled and empty days.
Yea! though the light lit them and the loveliness
beyond heart's desire that hath held us slaves
here long and long. But that light is dead.
Our gems are gone, our jewels ravished;
and the Three, my Three, thrice-enchanted

globes of crystal by gleam undying
illumined, lit by living splendour
and all hues' essence, their eager flame —
Morgoth has them in his monstrous hold,
my Silmarils. I swear here oaths,
unbreakable bonds to bind me ever,
by Timbrenting and the timeless halls
of Bredhil the Blessed that abides thereon —
may she hear and heed — to hunt endlessly
unwearying unwavering through world and sea,
through leaguered lands, lonely mountains,
over fens and forest and the fearful snows,
till I find those fair ones, where the fate is hid
of the folk of Elfland and their fortune locked,
where alone now lies the light divine.'

Then his sons beside him, the seven kinsmen,
crafty Curufin, Celegorm the fair,
Damrod and Díriel and dark Cranthir,
Maglor the mighty, and Maidros tall
(the eldest, whose ardour yet more eager burnt
than his father's flame, than Fëanor's wrath;
him fate awaited with fell purpose),
these leapt with laughter their lord beside,
with linked hands there lightly took
the oath unbreakable; blood thereafter
it spilled like a sea and spent the swords
of endless armies, nor hath ended yet:

'Be he friend or foe or foul offspring
of Morgoth Bauglir, be he mortal dark
that in after days on earth shall dwell,
shall no law nor love nor league of Gods,
no might nor mercy, not moveless fate,
defend him for ever from the fierce vengeance
of the sons of Fëanor, whoso seize or steal

or finding keep the fair enchanted
globes of crystal whose glory dies not,
the Silmarils. We have sworn for ever!'

Then a mighty murmuring was moved abroad
and the harkening host hailed them roaring :
'Let us go! yea go from the Gods for ever
on Morgoth's trail o'er the mountains of the world
to vengeance and victory! Your vows are ours!

[B]:

Fragment of an alliterative Lay of Eärendel

Lo! the flame of fire and fierce hatred
engulfed Gondolin and its glory fell,
its tapering towers and its tall rooftops
were laid all low, and its leaping fountains
made no music more on the mount of Gwareth,
and its whitehewn walls were whispering ash.
{ But Wade of the Helsings wearyhearted
{ Tûr the earthborn was tried in a batle
from the wrack and ruin a remnant led
women and children and wailing maidens
and wounded men of the withered folk
down the path unproven that pierced the hillside,
neath Tumladin he led them to the leaguer of hills
that rose up rugged as ranged pinnacles
to the north of the vale. There the narrow way
of Cristhorn was cloven, the Cleft of Eagles,
through the midmost mountains. And more is told
in lays and in legend and lore of others
of that weary way of the wandering folk;
how the waifs of Gondolin outwitted Melko,
vanished o'er the vale and vanquishcd the hills,

how Glorfindel the goldcn in the gap of the Eagles
battled with the Balrog and both were slain:
one like flash of fire from fangéd rock,
one like bolted thunder black was smitten
to the dreadful deep digged by Thornsir.
Of the thirst and hunger of the thirty moons
when they sought for Sirion and were sore bestead
by plague and peril; of the Pools of Twilight
and Land of Willows; when their lamentation
was heard in the halls where the high Gods sate
veiled in Valinor .. the Vanished lsles;
all this have others in ancient stories
and songs unfolded, but say I further
how their lot was lightened, how they laid them down
in long grasses of the Land of Willows.
There sun was softer, … the sweet breezes
and whispering winds, there wells of slumber
and the dew enchanted

[C]:

The Lay of the Fall of Gondolin

Lo, that prince of Gondobar [Meglin]
dark Eol's son whom Isfin, in a mountain dale afar
in the gloom of Doriath's forest, the white-limbed maiden bare,
the daughter of Fingolfin, Gelmir's mighty heir.
'Twas the bent blades of the Glamhoth that drank Fingolfin's life
as he stood alone by Feanor; but his maiden and his wife
were wildered as they sought him in the forests of the night,
in the pathless woods of Doriath, so dark that as a light
of palely mirrored moonsheen were their slender elfin limbs
straying among the black holes where only the dim bat skims
from Thu's dark-delved caverns. There Eol saw that sheen
and he caught the white-limbed Isfin, that she ever since hath been
his mate in Doriath's forest, where she weepeth in the gloam;

for the Dark Elves were his kindred that wander without home.
Meglin she sent to Gondolin, and his honour there was high
as the latest seed of Fingolfin, whose glory shall not die;
a lordship he won of the Gnome-folk who quarry deep in the earth,
seeking their ancient jewels; but little was his mirth,
and dark he was and secret and his hair as the strands of night
that are tangled in Taur Fuin the forest without light.

3. A Balada de Leithian

[A]:

A GESTA DE BEREN E LÚTHIEN
I

A king there was in days of old:
ere Men yet walked upon the mould
his power was reared in cavern's shade,
his hand was over glen and glade.
His shields were shining as the moon,
his lances keen of steel were hewn,
of silver grey his crown was wrought,
the starlight in his banners caught;
and silver thrilled his trumpets long
beneath the stars in challenge strong;
enchantment did his realm enfold,
where might and glory, wealth untold,
he wielded from his ivory throne
in many-pillared halls of stone.
There beryl, pearl, and opal pale,
and metal wrought like fishes' mail,
buckler and corslet, axe and sword,
and gleaming spears were laid in hoard —
all these he had and loved them less
than a maiden once in Elfinesse;

for fairer than are born to Men
a daughter had he, Lúthien.

Such lissom limbs no more shall run
on the green earth beneath the sun;
so fair a maid no more shall be
from dawn to dusk, from sun to sea.
Her robe was blue as summer skies,
but grey as evening were her eyes;
'twas sewn with golden lilies fair,
but dark as shadow was her hair.
Her feet were light as bird on wing,
her laughter lighter than the spring;
the slender willow, the bowing reed,
the fragrance of a flowering mead,
the light upon the leaves of trees,
the voice of water, more than these
her beauty was and blissfulness,
her glory and her loveliness;
and her the king more dear did prize
than hand or heart or light of eyes.

They dwelt amid Beleriand,
while Elfin power yet held the land,
in the woven woods of Doriath:
few ever thither found the path;
few ever dared the forest-eaves
to pass, or stir the listening leaves
with tongue of hounds a-hunting fleet,
with horse, or horn, or mortal feet.
To North there lay the Land of Dread,
whence only evil pathways led
o'er hills of shadow bleak and cold
or Taur-na-Fuin's haunted hold,
where Deadly Nightshade lurked and lay
and never came or moon or day;

to South the wide earth unexplored;
to West the ancient Ocean roared,
unsailed and shoreless, wide and wild;
to East in peaks of blue were piled
in silence folded, mist-enfurled,
the mountains of the Outer World,
beyond the tangled woodland shade,
thorn and thicket, grove and glade,
whose brooding boughs with magic hung
were ancient when the world was young.

There Thingol in the Thousand Caves,
whose portals pale that river laves
Esgalduin that fairies call,
in many a tall and torchlit hall
a dark and hidden king did dwell,
lord of the forest and the fell;
and sharp his sword and high his helm,
the king of beech and oak and elm.

There Lúthien the lissom maid
would dance in dell and grassy glade,
and music merrily, thin and clear,
went down the ways, more fair than ear
of mortal Men at feast hath heard,
and fairer than the song of bird.
When leaves were long and grass was green
then Dairon with his fingers lean,
as daylight melted into shade,
a wandering music sweetly made,
enchanted fluting, warbling wild,
for love of Thingol's elfin child.

There bow was bent and shaft was sped,
the fallow deer as phantoms fled,
and horses proud with braided mane,

with shining bit and silver rein,
went fleeting by on moonlit night,
as swallows arrow-swift in flight;
a blowing and a sound of bells,
a hidden hunt in hollow dells.
There songs were made and things of gold,
and silver cups and jewels untold,
and the endless years of Faëry land
rolled over far Beleriand,
until a day beneath the sun,
when many marvels were begun.

[B]:

II

Far in the North neath hills of stone
in caverns black there was a throne
by fires illumined underground,
that winds of ice with moaning sound
made flare and flicker in dark smoke;
the wavering bitter coils did choke
the sunless airs of dungeons deep
where evil things did crouch and creep.
There sat a king: no Elfin race
nor mortal blood, nor kindly grace
of earth or heaven might he own,
far older, stronger than the stone
the world is built of, than the fire
that burns within more fierce and dire;
and thoughts profound were in his heart:
a gloomy power that dwelt apart.

Unconquerable spears of steel
were at his nod. No ruth did feel
the legions of his marshalled hate,

on whom did wolf and raven wait;
and black the ravens sat and cried
upon their banners black, and wide
was heard their hideous chanting dread
above the reek and trampled dead.
With fire and sword his ruin red
on all that would not bow the head
like lightning fell. The Northern land
lay groaning neath his ghastly hand.

But still there lived in hiding cold
undaunted, Barahir the bold,
of land bereaved, of lordship shorn,
who once a prince of Men was born
and now an outlaw lurked and lay
in the hard heath and woodland grey,
and with him clung of faithful men
but Beren his son and other ten.
Yet small as was their hunted band
still fell and fearless was each hand,
and strong deeds they wrought yet oft,
and loved the woods, whose ways more soft
them seemed than thralls of that black throne
to live and languish in halls of stone.
King Morgoth still pursued them sore
with men and dogs, and wolf and boar
with spells of madness filled he sent
to slay them as in the woods they went;
yet nought hurt them for many years,
until, in brief to tell what tears
have oft bewailed in ages gone,
nor ever tears enough, was done
a deed unhappy; unaware
their feet were caught in Morgoth's snare.

Gorlim it was, who wearying

of toil and flight and harrying,
one night by chance did turn his feet
o'er the dark fields by stealth to meet
with hidden friend within a dale,
and found a homestead looming pale
against the misty stars, all dark
save one small window, whence a spark
of fitful candle strayed without.
*Therein he peeped, and filled with doub*t
he saw, as in a dreaming deep
when longing cheats the heart in sleep,
his wife beside a dying fire
lament him lost; her thin attire
*and greying hair and paling chee*k
of tears and loneliness did speak.
'A! fair and gentle Eilinel,
whom I had thought in darkling hell
long since emprisoned! Ere I fled
*I deemed I saw thee slain and dea*d
upon that night of sudden fear
when all I lost that I held dear':
thus thought his heavy heart amazed
outside in darkness as he gazed.
But ere he dared to call her name,
or ask how she escaped and came
to this far vale beneath the hills,
he heard a cry beneath the hills!
There hooted near a hunting owl
*with boding voice. He heard the how*l
of the wild wolves that followed him
and dogged his feet through shadows dim.
Him unrelenting, well he knew,
the hunt of Morgoth did pursue.
*Lest Eilinel with him they sla*y
without a word he turned away,
and like a wild thing winding led

his devious ways o'er stony bed
of stream, and over quaking fen,
until far from the homes of men
he lay beside his fellows few
in a secret place; and darkness grew,
and waned, and still he watched unsleeping,
and saw the dismal dawn come creeping
in dank heavens above gloomy trees.
A sickness held his soul for ease,
and hope, and even thraldom's chain
if he might find his wife again.
But all he thought twixt love of lord
and hatred of the king abhorred
and anguish for fair Eilinel
who drooped alone, what tale shall tell?

Yet at the last, when many days
of brooding did his mind amaze,
he found the servants of the king,
and bade them to their master bring
a rebel who forgiveness sought,
if haply forgiveness might be bought
with tidings of Barahir the bold,
and where his hidings and his hold
might best be found by night or day.
And thus sad Gorlim, led away
unto those dark deep-dolven halls,
before the knees of Morgoth falls,
and puts his trust in that cruel heart
wherein no truth had ever part.
Quoth Morgoth: 'Eilinel the fair
thou shalt most surely find, and there
where she doth dwell and wait for thee
together shall ye ever be,
and sundered shall ye sigh no more.
This guerdon shall he have that bore

these tidings sweet, O traitor dear!
For Eilinel she dwells not here,
*but in the shades of death doth roa*m
widowed of husband and of home —
a wraith of that which might have been,
methinks, it is that thou hast seen!
Now shalt thou through the gates of pain
the land thou askest grimly gain;
thou shalt to the moonless mists of hell
descend and seek thy Eilinel.'

Thus Gorlim died a bitter death
and cursed himself with dying breath,
and Barahir was caught and slain,
and all good deeds were made in vain.
But Morgoth's guile for ever failed,
nor wholly o'er his foes prevailed,
and some were ever that still fought
unmaking that which malice wrought.
Thus men believed that Morgoth made
the fiendish phantom that betrayed
the soul of Gorlim, and so brought
the lingering hope forlorn to nought
that lived amid the lonely wood;
yet Beren had by fortune good
long hunted far afield that day,
and benighted in strange places lay
far from his fellows. In his sleep
*he felt a dreadful darkness cree*p
upon his heart, and thought the trees
were bare and bent in mournful breeze;
no leaves they had, but ravens dark
sat thick as leaves on bough and bark,
*and croaked, and as they croaked each ne*b
let fall a gout of blood; a web
unseen entwined him hand and limb,

until worn out, upon the rim
of stagnant pool he lay and shivered.
There saw he that a shadow quivered
far out upon the water wan,
and grew to a faint form thereon
that glided o'er the silent lake,
and coming slowly, softly spake
and sadly said: 'Lo! Gorlim here,
traitor betrayed, now stands! Nor fear,
but haste! For Morgoth's fingers close
upon thy father's throat. He knows
your secret tryst, your hidden lair',
and all the evil he laid bare
that he had done and Morgoth wrought.
Then Beren waking swiftly sought
his sword and bow, and sped like wind
that cuts with knives the branches thinned
of autumn trees. At last he came,
his heart afire with burning flame,
where Barahir his father lay;
he came too late. At dawn of day
he found the homes of hunted men,
a wooded island in the fen,
and birds rose up in sudden cloud —
no fen-fowl were they crying loud.
The raven and the carrion-crow
sat in the alders all a-row;
one croaked: 'Ha! Beren comes too late',
and answered all: 'Too late! Too late!'
There Beren buried his father's bones,
and piled a heap of boulder-stones,
and cursed the name of Morgoth thrice,
but wept not, for his heart was ice.

Then over fen and field and mountain
he followed, till beside a fountain

upgushing hot from fires below
he found the slayers and his foe,
the murderous soldiers of the king.
And one there laughed, and showed a ring
he took from Barahir's dead hand.
'This ring in far Beleriand,
now mark ye, mates,' he said, 'was wrought.
Its like with gold could not be bought,
for this same Barahir I slew,
this robber fool, they say, did do
a deed of service long ago
for Felagund. It may be so;
for Morgoth bade me bring it back,
and yet, methinks, he has no lack
of weightier treasure in his hoard.
Such greed befits not such a lord,
and I am minded to declare
the hand of Barahir was bare!'
Yet as he spake an arrow sped;
with riven heart he crumpled dead.
Thus Morgoth loved that his own foe
should in his service deal the blow
that punished the breaking of his word.
But Morgoth laughed not when he heard
that Beren like a wolf alone
sprang madly from behind a stone
amid that camp beside the well,
and seized the ring, and ere the yell
of wrath and rage had left their throat
had fled his foes. His gleaming coat
was made of rings of steel no shaft
could pierce, a web of dwarvish craft;
and he was lost in rock and thorn,
for in charméd hour was Beren born;
their hungry hunting never learned
the way his fearless feet had turned.

As fearless Beren was renowned,
as man most hardy upon ground,
while Barahir yet lived and fought;
but sorrow now his soul had wrought
to dark despair, and robbed his life
of sweetness, that he longed for knife,
or shaft, or sword, to end his pain,
and dreaded only thraldom's chain.
Danger he sought and death pursued,
and thus escaped the fate he wooed,
and deeds of breathless wonder dared
whose whispered glory widely fared,
and softly songs were sung at eve
of marvels he did once achieve
alone, beleaguered, lost at night
by mist or moon, or neath the light
of the broad eye of day. The woods
that northward looked with bitter feuds
he filled and death for Morgoth's folk;
his comrades were the beech and oak,
who failed him not, and many things
with fur and fell and feathered wings;
and many spirits, that in stone
in mountains old and wastes alone,
do dwell and wander, were his friends.
Yet seldom well an outlaw ends,
and Morgoth was a king more strong
than all the world has since in song
recorded, and his wisdom wide
slow and surely who him defied
did hem and hedge. Thus at the last
must Beren flee the forest fast
and lands he loved where lay his sire
by reeds bewailed beneath the mire.
Beneath a heap of mossy stones
now crumble those once mighty bones,

but Beren flees the friendless North
one autumn night, and creeps him forth;
the leaguer of his watchful foes
he passes — silently he goes.
No more his hidden bowstring sings,
no more his shaven arrow wings,
no more his hunted head doth lie
upon the heath beneath the sky.
The moon that looked amid the mist
upon the pines, the wind that hissed
among the heather and the fern
found him no more. The stars that burn
about the North with silver fire
in frosty airs, the Burning Briar
that Men did name in days long gone,
were set behind his back, and shone
o'er land and lake and darkened hill,
forsaken fen and mountain rill.

His face was South from the Land of Dread,
whence only evil pathways led,
and only the feet of men most bold
might cross the Shadowy Mountains cold.
Their northern slopes were filled with woe,
with evil and with mortal foe;
their southern faces mounted sheer
in rocky pinnacle and pier,
whose roots were woven with deceit
and washed with waters bitter-sweet.
There magic lurked in gulf and glen,
for far away beyond the ken
of searching eyes, unless it were
from dizzy tower that pricked the air
where only eagles lived and cried,
might grey and gleaming be descried
Beleriand, Beleriand,

the borders of the faëry land.

[C]:

III

There once, and long and ·long ago,
before the sun and moon we know
were lit to sail above the world,
when first the shaggy woods unfurled,
and shadowy shapes did stare and roam
beneath the dark and starry dome
that hung above the dawn of Earth,
the silences with silver mirth
were shaken; the rocks were ringing,
the birds of Melian were singing,
the first to sing in mortal lands,
the nightingales with her own hands
she fed, that fay of garments grey;
and dark and long her tresses lay
beneath her silver girdle's seat
and down unto her silver feet.

She had wayward wandered on a time
from gardens of the Gods, to climb
the everlasting mountains free
that look upon the outmost sea,
and never wandered back, but stayed
and softly sang from glade to glade.
Her voice it was that Thingol heard,
and sudden singing of a bird,
in that old time when new-come Elves
had all the wide world to themselves.
Yet all his kin now marched away,
as old tales tell, to seek the bay
on the last shore of mortal lands,

where mighty ships with magic hands
they made, and sailed beyond the seas.
The Gods them bade to lands of ease
and gardens fair, where earth and sky
together flow, and none shall die.
But Thingol stayed, enchanted, still,
one moment to hearken to the thrill
of that sweet singing in the trees.
Enchanted moments such as these
from gardens of the Lord of Sleep,
where fountains play and shadows creep,
do come, and count as many years
in mortal lands. With many tears
his people seek him ere they sail,
while Thingol listens in the dale.
There after but an hour, him seems,
he finds her where she lies and dreams,
pale Melian with her dark hair
upon a bed of leaves. Beware!
There slumber and a sleep is twined!
He touched her tresses and his mind
was drowned in the forgetful deep,
and dark the years rolled o'er his sleep.

Thus Thingol sailed not on the seas
but dwelt amid the land of trees,
and Melian he loved, divine,
whose voice was potent as the wine
the Valar drink in golden halls
where flower blooms and fountain falls;
but when she sang it was a spell,
and no flower stirred nor fountain fell.
A king and queen thus lived they long,
and Doriath was filled with song,
and all the Elves that missed their way
and never found the western bay,

the gleaming walls of their long home
by the grey seas and the white foam,
who never trod the golden land
where the towers of the Valar stand,
all these were gathered in their realm
beneath the beech and oak and elm.

In later days when Morgoth first,
fleeing the Gods, their bondage burst,
and on the mortal lands set feet,
and in the North his mighty seat
founded and fortified, and all
the newborn race of Men were thrall
unto his power, and Elf and Gnome
his slaves, or wandered without home,
or scattered fastnesses walled with fear
upraised upon his borders drear,
and each one fell, yet reigned there still
in Doriath beyond his will
Thingol and deathless Melian,
whose magic yet no evil can
that cometh from without surpass.
Here still was laughter and green grass,
and leaves were lit with the white sun,
and many marvels were begun.

In sunshine and in sheen of moon,
with silken robe and silver shoon,
the daughter of the deathless queen
now danced on the undying green,
half elven-fair and half divine;
and when the stars began to shine
unseen but near a piping woke,
and in the branches of an oak,
or seated on the beech-leaves brown,
Dairon the dark with ferny crown

played with bewildering wizard's art
music for breaking of the heart.
Such players have there only been
thrice in all Elfinesse, I ween:
Tinfang Gelion who still the moon
enchants on summer nights of June
and kindles the pale firstling star;
and he who harps upon the far
forgotten beaches and dark shores
where western foam for ever roars,
Maglor whose voice is like the sea;
and Dairon, mightiest of the three.

Now it befell on summer night,
upon a lawn where lingering light
yet lay and faded faint and grey,
that Lúthien danced while he did play.
The chestnuts on the turf had shed
their flowering candles, white and red;
there darkling stood a silent elm
and pale beneath its shadow-helm
there glimmered faint the umbels thick
of hemlocks like a mist, and quick
the moths on pallid wings of white
with tiny eyes of fiery light
were fluttering softly, and the voles
crept out to listen from their holes;
the little owls were hushed and still;
the moon was yet behind the hill.
Her arms like ivory were gleaming,
her long hair like a cloud was streaming,
her feet atwinkle wandered roaming
in misty mazes in the gloaming;
and glowworms shimmered round her feet,
and moths in moving garland fleet
above her head went wavering wan —

and this the moon now looked upon,
uprisen slow, and round, and white,
above the branches of the night.
Then clearly thrilled her voice and rang;
with sudden ecstasy she sang
a song of nightingales she learned
and with her elvish magic turned
to such bewildering delight
the moon hung moveless in the night.
And this it was that Beren heard,
and this he saw, without a word,
enchanted dumb, yet filled with fire
of such a wonder and desire
that all his mortal mind was dim;
her magic bound and fettered him,
and faint he leaned against a tree.
Forwandered, wayworn, gaunt was he,
his body sick and heart gone cold,
grey in his hair, his youth turned old;
for those that tread that lonely way
a price of woe and anguish pay.
And now his heart was healed and slain
with a new life and with new pain.

He gazed, and as he gazed her hair
within its cloudy web did snare
the silver moonbeams sifting white
between the leaves, and glinting bright
the tremulous starlight of the skies
was caught and mirrored in her eyes.
Then all his journey's lonely fare,
the hunger and the haggard care,
the awful mountains' stones he stained
with blood of weary feet, and gained
only a land of ghosts, and fear
in dark ravines imprisoned sheer –

there mighty spiders wove their webs,
old creatures foul with birdlike nebs
that span their traps in dizzy air,
and filled it with clinging black despair,
and there they lived, and the sucked bones
lay white beneath on the dank stones -
now all these horrors like a cloud
faded from mind. The waters loud
falling from pineclad heights no more
he heard, those waters grey and frore
that bittersweet he drank and filled
his mind with madness — all was stilled.
He reeked not now the burning road,
the paths demented where he strode
endlessly ... and ever new
horizons stretched before his view,
as each blue ridge with bleeding feet
was climbed, and down he went to meet
battle with creatures old and strong
and monsters in the dark, and long,
long watches in the haunted night
while evil shapes with baleful light
in clustered eyes did crawl and snuff
beneath his tree - not half enough
the price he deemed to come at last
to that pale moon when day had passed,
to those clear stars of Elfinesse,
the hearts-ease and the loveliness.

Lo! all forgetting he was drawn
unheeding toward the glimmering lawn
by love and wonder that compelled
his feet from hiding; music welled
within his heart, and songs unmade
on themes unthought-of moved and swayed
his soul with sweetness; out he came,

a shadow in the moon's pale flame —
and Dairon's flute as sudden stops
as lark before it steeply drops,
as grasshopper within the grass
listening for heavy feet to pass.
'Flee, Lúthien!', and 'Lúthien!'
from hiding Dairon called again;
'A stranger walks the woods! Away!'
But Lúthien would wondering stay;
fear had she never felt or known,
till fear then seized her, all alone,
seeing that shape with shagged hair
and shadow long that halted there.
Then sudden she vanished like a dream
in dark oblivion, a gleam
in hurrying clouds, for she had leapt
among the hemlocks tall, and crept
under a mighty plant with leaves
all long and dark, whose stem in sheaves
upheld an hundred umbels fair;
and her white arms and shoulders bare
her raiment pale, and in her hair
the wild white roses glimmering there,
all lay like spattered moonlight hoar
in gleaming pools upon the floor.
Then stared he wild in dumbness bound
at silent trees, deserted ground;
he blindly groped across the glade
to the dark trees' encircling shade,
and, while she watched with veiléd eyes,
touched her soft arm in sweet surprise.
Like startled moth from deathlike sleep
in sunless nook or bushes deep
she darted swift, and to and fro
with cunning that elvish dancers know
about the trunks of trees she twined

a path fantastic. Far behind
enchanted, wildered and forlorn
Beren came blundering, bruised and torn:
Esgalduin the elven-stream,
in which amid tree-shadows gleam
the stars, flowed strong before his feet.
Some secret way she found, and fleet
passed over and was seen no more,
and left him forsaken on the shore.
'Darkly the sundering flood rolls past!
To this my long way comes at last —
a hunger and a loneliness,
enchanted waters pitiless.'

A summer waned, an autumn glowed,
and Beren in the woods abode,
as wild and wary as a faun
that sudden wakes at rustling dawn,
and flits from shade to shade, and flees
the brightness of the sun, yet sees
all stealthy movements in the wood.
The murmurous warmth in weathers good,
the hum of many wings, the call
of many a bird, the pattering fall
of sudden rain upon the trees,
the windy tide in leafy seas,
the creaking of the boughs, he heard;
but not the song of sweetest bird
brought joy or comfort to his heart,
a wanderer dumb who dwelt apart;
who sought unceasing and in vain
to hear and see those things again:
a song more fair than nightingale,
a wonder in the moonlight pale.

An autumn waned, a winter laid

the withered leaves in grove and glade;
the beeches bare were gaunt and grey,
and red their leaves beneath them lay.
From cavern pale the moist moon eyes
the white mists that from earth arise
to hide the morrow's sun and drip
all the grey day from each twig's tip.
By dawn and dusk he seeks her still;
by noon and night in valleys chill,
nor hears a sound but the slow beat
on sodden leaves of his own feet.

The wind of winter winds his horn;
the misty veil is rent and torn.
The wind dies; the starry choirs
leap in the silent sky to fires,
whose light comes bitter-cold and sheer
through domes of frozen crystal clear.

A sparkle through the darkling trees,
a piercing glint of light he sees,
and there she dances all alone
upon a treeless knoll of stone!
Her mantle blue with jewels white
caught all the rays of frosted light.
She shone with cold and wintry flame,
as dancing down the hill she came,
and passed his watchful silent gaze,
a glimmer as of stars ablaze.
And snowdrops sprang beneath her feet,
and one bird, sudden, late and sweet,
shrilled as she wayward passed along.
A frozen brook to bubbling song
awoke and laughed; but Beren stood
still bound enchanted in the wood.
Her starlight faded and the night

closed o'er the snowdrops glimmering white.

Thereafter on a hillock green
he saw far off the elven-sheen
of shining limb and jewel bright
often and oft on moonlit night;
and Dairon's pipe awoke once more,
and soft she sang as once before.
Then nigh he stole beneath the trees,
and heartache mingled with hearts-ease.

A night there was when winter died;
then all alone she sang and cried
and danced until the dawn of spring,
and chanted some wild magic thing
that stirred him, till it sudden broke
the bonds that held him, and he woke
to madness sweet and brave despair.
He flung his arms to the night air,
and out he danced unheeding, fleet,
enchanted, with enchanted feet.
He sped towards the hillock green,
the lissom limbs, the dancing sheen;
he leapt upon the grassy hill
his arms with loveliness to fill:
his arms were empty, and she fled;
away, away her white feet sped.
But as she went he swiftly came
and called her with the tender name
of nightingales in elvish tongue,
that all the woods now sudden rung:
'Tinúviel! Tinúviel!'
And clear his voice was as a bell;
its echoes wove a binding spell:
'Tinúviel! Tinúviel!'
His voice such love and longing filled

one moment stood she, fear was stilled;
one moment only; like a flame
he leaped towards her as she stayed
and caught and kissed that elfin maid.

As love there woke in sweet surprise
the starlight trembled in her eyes.
A! Lúthien! A! Lúthien!
more fair than any child of Men;
O! loveliest maid of Elfinesse,
what madness does thee now possess!
A! lissom limbs and shadowy hair
and chaplet of white snowdrops there;
O! starry diadem and white
pale hands beneath the pale moonlight!
She left his arms and slipped away
just at the breaking of the day.

[D]:

IV

He lay upon the leafy mould,
his face upon earth's bosom cold,
aswoon in overwhelming bliss,
enchanted of an elvish kiss,
seeing within his darkened eyes
the light that for no darkness dies,
the loveliness that doth not fade,
though all in ashes cold be laid.
Then folded in the mists of sleep
he sank into abysses deep,
drowned in an overwhelming grief
for parting after meeting brief;
a shadow and a fragrance fair
lingered, and waned, and was not there.

Forsaken, barren, bare as stone,
the daylight found him cold, alone.

'Where art thou gone? The day is bare,
the sunlight dark, and cold the air!
Tinúviel, where went thy feet?
O wayward star! O maiden sweet!
O flower of Elftand all too fair
for mortal heart! The woods are bare!
The woods are bare!' he rose and cried.
'Ere spring was born, the spring hath died!'
And wandering in path and mind
he groped as one gone sudden blind,
who seeks to grasp the hidden light
with faltering hands in more than night.

And thus in anguish Beren paid
for that great doom upon him laid,
the deathless love of Lúthien,
too fair for love of mortal Men;
and in his doom was Lúthien snared,
the deathless in his dying shared;
and Fate them forged a binding chain
of living love and mortal pain.

Beyond all hope her feet returned
at eve, when in the sky there burned
the flame of stars; and in her eyes
there trembled the starlight of the skies,
and from her hair the fragrance fell
of elvenflowers in elven-dell.

Thus Lúthien, whom no pursuit,
no snare, no dart that hunters shoot,
might hope to win or hold, she came
at the sweet calling of her name;

and thus in his her slender hand
was linked in far Beleriand;
in hour enchanted long ago
her arms about his neck did go,
and gently down she drew to rest
his weary head upon her breast.

A! Lúthien, Tinúviel,
why wentest thou to darkling dell
with shining eyes and dancing pace,
the twilight glimmering in thy face?
Each day before the end of eve
she sought her love, nor would him leave,
until the stars were dimmed, and day
came glimmering eastward silver-grey.
Then trembling-veiled she would appear
and dance before him, half in fear;
there flitting just before his feet
she gently chid with laughter sweet:
'Come! dance now, Beren, dance with me!
For fain thy dancing I would see.
Come! thou must woo with nimbler feet,
than those who walk where mountains meet
the bitter skies beyond this realm
of marvellous moonlit beech and elm.'

In Doriath Beren long ago
new art and lore he learned to know;
his limbs were freed; his eyes alight,
kindled with a new enchanted sight;
and to her dancing feet his feet
attuned went dancing free and fleet;
his laughter welled as from a spring
of music, and his voice would sing
as voices of those in Doriath
where paved with flowers are floor and path.

The year thus on to summer rolled,
from spring to a summertime of gold .

Thus fleeting fast their short hour flies,
while Dairon watches with fiery eyes,
haunting the gloom of tangled trees
all day, until at night he sees
in the fickle moon their moving feet,
two lovers linked in dancing sweet,
two shadows shimmering on the green
where lonely-dancing maid had been.

'Hateful art thou, O Land of Trees!
May fear and silence on thee seize!
My flute shall fall from idle hand
and mirth shall leave Beleriand;
music shall perish and voices fail
and trees stand dumb in dell and dale!'

It seemed a hush had fallen there
upon the waiting woodland air;
and often murmured Thingol's folk
in wonder, and to their king they spoke:
'This spell of silence who hath wrought?
What web hath Dairon's music caught?
It seems the very birds sing low;
murmurless Esgalduin doth flow;
the leaves scarce whisper on the trees,
and soundless beat the wings of bees!'

This Lúthien heard, and there the queen
her sudden glances saw unseen.
But Thingol marvelled, and he sent
for Dairon the piper, ere he went
and sat upon his mounded seat —
his grassy throne by the grey feet

of the Queen of Beeches, Hirilorn,
upon whose triple piers were borne
the mightiest vault of leaf and bough
from world's beginning until now.
She stood above Esgalduin's shore,
where long slopes fell beside the door,
the guarded gates, the portals stark
of the Thousand echoing Caverns dark.

There Thingol sat and heard no sound
save far off footsteps on the ground;
no flute, no voice, no song of bird,
no choirs of windy leaves there stirred;
and Dairon coming no word spoke,
silent amid the woodland folk.
Then Thingol said: 'O Dairon fair,
thou master of all musics rare,
O magic heart and wisdom wild,
whose ear nor eye may be beguiled,
what omen doth this silence bear?
What horn afar upon the air,
what summons do the woods await?
Mayhap the Lord Tavros from his gate
and tree-propped halls, the forest-god,
rides his wild stallion golden-shod
amid the trumpets' tempest loud,
amid his green-clad hunters proud,
leaving his deer and friths divine
and emerald forests? Some faint sign
of his great onset may have come
upon the Western winds, and dumb
the woods now listen for a chase
that here once more shall thundering race
beneath the shade of mortal trees.
Would it were so! The Lands of Ease
hath Tavros left not many an age,

since Morgoth evil wars did wage,
since ruin fell upon the North
and the Gnomes unhappy wandered forth.
But if not he, who comes or what?'
And Dairon answered: 'He cometh not!
No feet divine shall leave that shore,
where the Shadowy Seas' last surges roar,
till many things be come to pass,
and many evils wrought. Alas!
the guest is here. The woods are still,
but wait not; for a marvel chill
them holds at the strange deeds they see,
but kings see not — though queens, maybe,
may guess, and maidens, maybe, know.
Where one went lonely two now go!'

'Whither thy riddle points is plain'
the king in anger said, 'but deign
to make it plainer! Who is he
that earns my wrath? How walks he free
within my woods amid my folk,
a stranger to both beech and oak?'
But Dairon looked on Lúthien
and would he had not spoken then,
and no more would he speak that day,
though Thingol's face with wrath was grey.
Then Lúthien stepped lightly forth:
'Far in the mountain-leaguered North,
my father,' said she, 'lies the land
that groans beneath King Morgoth's hand.
Thence came one hither; bent and worn
in wars and travail, who had sworn
undying hatred of that king;
the last of Bëor's sons, they sing,
and even hither far and deep
within thy woods the echoes creep

through the wild mountain-passes cold,
the last of Bëor's house to hold
a sword unconquered, neck unbowed,
a heart by evil power uncowed.
No evil needst thou think or fear
of Beren son of Barahir!
If aught thou hast to say to him,
then swear to hurt not flesh nor limb,
and I will lead him to thy hall,
a son of kings, no mortal thrall.'

Then long King Thingol looked on her
while hand nor foot nor tongue did stir,
and Melian, silent, unamazed,
on Lúthien and Thingol gazed.
'No blade nor chain his limbs shall mar'
the king then swore. 'He wanders far,
and news, mayhap, he hath for me,
and words I have for him, maybe!'
Now Thingol bade them all depart
save Dairon, whom he called: 'What art,
what wizardry of Northern mist
hath this illcomer brought us? List!
Tonight go thou by secret path,
who knowest all wide Doriath,
and watch that Lúthien — daughter mine,
what madness doth thy heart entwine,
what web from Morgoth's dreadful halls
hath caught thy feet and thee enthralls! —
that she bid not this Beren flee
back whence he came. I would him see!
Take with thee woodland archers wise.
Let naught beguile your hearts or eyes!'

Thus Dairon heavyhearted did,
and the woods were filled with watchers hid;
yet needless, for Lúthien that night
led Beren by the golden light
of mounting moon unto the shore
and bridge before her father's door;
and the white light silent looked within
the waiting portals yawning dim.

Downward with gentle hand she led
through corridors of carven dread
whose turns were lit by lanterns hung

or flames from torches that were flung
on dragons hewn in the cold stone
with jewelled eyes and teeth of bone.
Then sudden, deep beneath the earth
the silences with silver mirth
were shaken and the rocks were ringing,
the birds of Melian were singing;
and wide the ways of shadow spread
as into archéd halls she led
Beren in wonder. There a light
like day immortal and like night
of stars unclouded, shone and gleamed.
A vault of topless trees it seemed,
whose trunks of carven stone there stood
like towers of an enchanted wood
in magic fast for ever bound,
bearing a roof whose branches wound
in endless tracery of green
lit by some leaf-emprisoned sheen
of moon and sun, and wrought of gems,
and each leaf hung on golden stems.

Lo! there amid immortal flowers
the nightingales in shining bowers
sang o'er the head of Melian,
while water for ever dripped and ran
from fountains in the rocky floor.
There Thingol sat. His crown he wore
of green and silver, and round his chair
a host in gleaming armour fair.
Then Beren looked upon the king
and stood amazed; and swift a ring
of elvish weapons hemmed him round.
Then Beren looked upon the ground,
for Melian's gaze had sought his face,
and dazed there drooped he in that place,

and when the king spake deep and slow:
'Who art thou stumblest hither? Know
that none unbidden seek this throne
and ever leave these halls of stone!'
no word he answered, filled with dread.
But Lúthien answered in his stead:
'Behold, my father, one who came
pursued by hatred like a flame!
Lo! Beren son of Barahir!
What need hath he thy wrath to fear,
foe of our foes, without a friend,
whose knees to Morgoth do not bend?'

'Let Beren answer!' Thingol said.
'What wouldst thou here? What hither led
thy wandering feet, O mortal wild?
How hast thou Lúthien beguiled
or darest thus to walk this wood
unasked, in secret? Reason good
'twere best declare now if thou may,
or never again see light of day!'
Then Beren looked in Lúthien's eyes
and saw a light of starry skies,
and thence was slowly drawn his gaze
to Melian's face. As from a maze
of wonder dumb he woke; his heart
the bonds of awe there burst apart
and filled with the fearless pride of old;
in his glance now gleamed an anger cold.
'My feet hath fate, O king,' he said,
'here over the mountains bleeding led,
and what I sought not I have found,
and love it is hath here me bound.
Thy dearest treasure I desire;
nor rocks nor steel nor Morgoth's fire
nor all the power of Elfinesse

shall keep that gem I would possess.
For fairer than are born to Men
A daughter hast thou, Lúthien.'

Silence then fell upon the hall;
like graven stone there stood they all,
save one who cast her eyes aground,
and one who laughed with bitter sound.
Dairon the piper leant there pale
against a pillar. His fingers frail
there touched a flute that whispered not;
his eyes were dark; his heart was hot.
'Death is the guerdon thou hast earned,
O baseborn mortal, who hast learned
in Morgoth's realm to spy and lurk
like Orcs that do his evil work!'
'Death!' echoed Dairon fierce and low,
but Lúthien trembling gasped in woe.
'And death,' said Thingol, 'thou shouldst taste,
had I not sworn an oath in haste
that blade nor chain thy flesh should mar.
Yet captive bound by never a bar,
unchained, unfettered, shalt thou be
in lightless labyrinth endlessly
that coils about my halls profound
by magic bewildered and enwound;
there wandering in hopelessness
thou shalt learn the power of Elfinesse!'
'That may not be!' Lo! Beren spake,
and through the king's words coldly brake.
'What are thy mazes but a chain
wherein the captive blind is slain?
Twist not thy oaths, O elvish king,
like faithless Morgoth! By this ring —
the token of a lasting bond
that Felagund of Nargothrond

once swore in love to Barahir,
who sheltered him with shield and spear
and saved him from pursuing foe
on Northern battlefields long ago
death thou canst give unearned to me,
but names I will not take from thee
of baseborn, spy, or Morgoth's thrall!
Are these the ways of Thingol's hall?'
Proud are the words, and all there turned
to see the jewels green that burned
in Beren's ring. These Gnomes had set
as eyes of serpents twined that met
beneath a golden crown of flowers,
that one upholds and one devours:
the badge that Finrod made of yore
and Felagund his son now bore.

His anger was chilled, but little less,
and dark thoughts Thingol did possess,
though Melian the pale leant to his side
and whispered: 'O king, forgo thy pride!
Such is my counsel. Not by thee
shall Beren be slain, for far and free
from these deep halls his fate doth lead,
yet wound with thine. O king, take heed!'
But Thingol looked on Lúthien.
'Fairest of Elves! Unhappy Men,
children of little lords and kings
mortal and frail, these fading things,
shall they then look with love on thee?'
his heart within him thought. 'I see
thy ring,' he said, 'O mighty man!
But to win the child of Melian
a father's deeds shall not avail,
nor thy proud words at which I quail.
A treasure dear I too desire,

but rocks and steel and Morgoth's fire
from all the powers of Elfinesse
do keep the jewel I would possess.
Yet bonds like these I hear thee say
affright thee not. Now go thy way!
Bring me one shining Silmaril
from Morgoth's crown, then if she will,
may Lúthien set her hand in thine;
then shalt thou have this jewel of mine.'

Then Thingol's warriors loud and long
they laughed; for wide renown in song
had Fëanor's gems o'er land and sea,
the peerless Silmarils; and three
alone he made and kindled slow
in the land of the Valar long ago,
and there in Tûn of their own light
they shone like marvellous stars at night,
in the great. Gnomish hoards of Tûn,
while Glingal flowered and Belthil's bloom
yet lit the land beyond the shore
where the Shadowy Seas' last surges roar,
ere Morgoth stole them and the Gnomes
seeking their glory left their homes,
ere sorrows fell on Elves and Men,
ere Beren was or Lúthien,
ere Fëanor's sons in madness swore
their dreadful oath. But now no more
their beauty was seen, save shining clear
in Morgoth's dungeons vast and drear.
His iron crown they must adorn,
and gleam above Orcs and slaves forlorn,
treasured in Hell above all wealth,
more than his eyes; and might nor stealth
could touch them, or even gaze too long
upon their magic. Throng on throng

of Orcs with reddened scimitars
encircled him, and mighty bars
and everlasting gates and walls,
who wore them now amidst his thralls.

Then Beren laughed more loud than they
in bitterness, and thus did say:
'For little price do elven-kings
their daughters sell — for gems and rings
and things of gold! If such thy will,
thy bidding I will now fulfill.
On Beren son of Barahir
thou hast not looked the last, I fear.
Farewell, Tinúviel, starlit maiden!
Ere the pale winter pass snowladen,
I will return, not thee to buy
with any jewel in Elfinesse,
but to find my love in loveliness,
a flower that grows beneath the sky.'
Bowing before Melian and the king
he turned, and thrust aside the ring
of guards about him, and was gone,
and his footsteps faded one by one
in the dark corridors. 'A guileful oath
thou sworest, father! Thou hast both
to blade and chain his flesh now doomed
in Morgoth's dungeons deep entombed,'
said Lúthien, and welling tears
sprang in her eyes, and hideous fears
clutched at her heart. All looked away,
and later remembered the sad day
whereafter Lúthien no more sang.
Then clear in the silence the cold words rang
of Melian: 'Counsel cunning-wise,
O king!' she said. 'Yet if mine eyes
lose not their power, 'twere well for thee

that Beren failed his errantry.
Well for thee, but for thy child
a dark doom and a wandering wild.'

'I sell not to Men those whom I love'
said Thingol, 'whom all things above
I cherish; and if hope there were
that Beren should ever living fare
to the Thousand Caves once more, I swear
he should not ever have seen the air
or light of heaven's stars again.'
But Melian smiled, and there was pain
as of far knowledge in her eyes;
for such is the sorrow of the wise.

[E]:

V

So days drew on from the mournful day;
the curse of silence no more lay
on Doriath, though Dairon's flute
and Luthien's singing both were mute.
The murmurs soft awake once more
about the woods, the waters roar
past the great gates of Thingol's halls;
but no dancing step of Lúthien falls
on turf or leaf. For she forlorn,
where stumbled once, where bruised and torn,
with longing on him like a dream,
had Beren sat by the shrouded stream
Esgalduin the dark and strong,
she sat and mourned in a low song:
'Endless roll the waters past!
To this my love hath come at last,
enchanted waters pitiless,

a heartache and a loneliness.'

The summer turns. In branches tall
she hears the pattering raindrops fall,
the windy tide in leafy seas,
the creaking of the countless trees;
and longs unceasing and in vain
to hear one calling once again
the tender name that nightingales
were called of old. Echo fails.
'Tinúviel! Tinúviel!'
the memory is like a knell,
a faint and far-off tolling bell:
'Tinúviel! Tinúviel!'

'O mother Melian, tell to me
some part of what thy dark eyes see!
Tell of thy magic where his feet
are wandering! What foes him meet?
O mother, tell me, lives he still
treading the desert and the hill?
Do sun and moon above him shine,
do the rains fall on him, mother mine?'

'Nay, Lúthien my child, I fear
he lives indeed in bondage drear.
The Lord of Wolves hath prisons dark,
chains and enchantments cruel and stark,
there trapped and bound and languishing
now Beren dreams that thou dost sing.'

'Then I alone must go to him
and dare the dread in dungeons dim;
for none there be that will him aid
in all the world, save elven-maid
whose only skill were joy and song,

and both have failed and left her long.'

Then nought said Melian thereto,
though wild the words. She wept anew,
and ran through the woods like hunted deer
with her hair streaming and eyes of fear.
Dairon she found with ferny crown
silently sitting on beech-leaves brown.
On the earth she cast her at his side.
'O Dairon, Dairon, my tears,' she cried,
'now pity for our old days' sake!
Make me a music for heart's ache,
for heart's despair, and for heart's dread,
for light gone dark and laughter dead!'

'But for music dead there is no note,'
Dairon answered, and at his throat
his fingers clutched. Yet his pipe he took,
and sadly trembling the music shook;
and all things stayed while that piping went
wailing in the hollows, and there intent
they listened, their business and mirth,
their hearts' gladness and the light of earth
forgotten; and bird-voices failed
while Dairon's flute in Doriath wailed.
Lúthien wept not for very pain,
and when he ceased she spoke again:
'My friend, I have a need of friends,
as he who a long dark journey wends,
and fears the road, yet dare not turn
and look back where the candles burn
in windows he has left. The night
in front, he doubts to find the light
that far beyond the hills he seeks.'
And thus of Melian's words she speaks,
and of her doom and her desire

to climb the mountains, and the fire
and ruin of the Northern realm
to dare, a maiden without helm
or sword, or strength of hardy limb,
where magic founders and grows dim.
His aid she sought to guide her forth
and find the pathways to the North,
if he would not for love of her
go by her side a wanderer.
'Wherefore,' said he, 'should Dairon go
into direst peril earth doth know
for the sake of mortal who did steal
his laughter and joy? No love I feel
for Beren son of Barahir,
nor weep for him in dungeons drear,
who in this wood have chains enow,
heavy and dark. But thee, I vow,
I will defend from perils fell
and deadly wandering into hell.'

No more they spake that day, and she
perceived not his meaning. Sorrowfully
she thanked him, and she left him there.
A tree she climbed, till the bright air
above the woods her dark hair blew,
and straining afar her eyes could view
the outline grey and faint and low
of dizzy towers where the clouds go,
the southern faces mounting sheer
in rocky pinnacle and pier
of Shadowy Mountains pale and cold;
and wide the lands before them rolled.
But straightway Dairon sought the king
and told him his daughter's pondering,
and how her madness might her lead
to ruin, unless the king gave heed.

Thingol was wroth, and yet amazed;
in wonder and half fear he gazed
on Dairon, and said: 'True hast thou been.
Now ever shall love be us between,
while Doriath lasts; within this realm
thou art a prince of beech and elm!'
He sent for Lúthien, and said:
'O maiden fair, what hath thee led
to ponder madness and despair
to wander to ruin, and to fare
from Doriath against my will,
stealing like a wild thing men would kill
into the emptiness outside?'
'The wisdom, father,' she replied;
nor would she promise to forget,
nor would she vow for love or threat
her folly to forsake and meek
in Doriath her father's will to seek.
This only vowed she, if go she must,
that none but herself would she now trust,
no folk of her father's would persuade
to break his will or lend her aid;
if go she must, she would go alone
and friendless dare the walls of stone.

In angry love and half in fear
Thingol took counsel his most dear
to guard and keep. He would not bind
in caverns deep and intertwined
sweet Lúthien, his lovely maid,
who robbed of air must wane and fade,
who ever must look upon the sky
and see the sun and moon go by.
But close unto his mounded seat
and grassy throne there ran the feet
of Hirilorn, the beechen queen.

Upon her triple boles were seen
no break or branch, until aloft
in a green glimmer, distant, soft,
the mightiest vault of leaf and bough
from world's beginning until now
was flung above Esgalduin's shores
and the long slopes to Thingol's doors.
Grey was the rind of pillars tall
and silken-smooth, and far and small
to squirrels' eyes were those who went
at her grey feet upon the bent.
Now Thingol made men in the beech,
in that great tree, as far as reach
their longest ladders, there to build
an airy house; and as he willed
a little dwelling of fair wood
was made, and veiled in leaves it stood
above the first branches. Corners three
it had and windows faint to see,
and by three shafts of Hirilorn
in the corners standing was upborne.
There Lúthien was bidden dwell,
until she was wiser and the spell
of madness left her. Up she clomb
the long ladders to her new home
among the leaves, among the birds;
she sang no song, she spoke no words.
White glimmering in the tree she rose,
and her little door they heard her close.
The ladders were taken and no more
her feet might tread Esgalduin's shore.

Thither at whiles they climbed and brought
all things she needed or besought;
but death was his, whoso should dare
a ladder leave, or creeping there

should set one by the tree at night;
a guard was held from dusk to light
about the grey feet of Hirilorn
and Lúthien in prison and forlorn.
There Dairon grieving often stood
in sorrow for the captive of the wood,
and melodies made upon his flute
leaning against a grey tree-root.
Lúthien would from her windows stare
and see him far under piping there,
and she forgave his betraying word
for the music and the grief she heard,
and only Dairon would she let
across her threshold foot to set.
Yet long the hours when she must sit
and see the sunbeams dance and flit
in beechen leaves, or watch the stars
peep on clear nights between the bars
of beechen branches. And one night
just ere the changing of the light
a dream there came, from the Gods, maybe,
or Melian's magic. She dreamed that she
heard Beren's voice o'er hill and fell
'Tinúviel' call, 'Tinúviel.'
And her heart answered: 'Let me be gone
to seek him no others think upon!'
She woke and saw the moonlight pale
through the slim leaves. It trembled frail
upon her arms, as these she spread
and there in longing bowed her head,
and yearned for freedom and escape.

Now Lúthien doth her counsel shape;
and Melian's daughter of deep lore
knew many things, yea, magics more
than then or now know elven-maids

that glint and shimmer in the glades.
She pondered long, while the moon sank
and faded, and the starlight shrank,
and the dawn opened. At last a smile
on her face flickered. She mused a while,
and watched the morning sunlight grow,
then called to those that walked below.
And when one climbed to her she prayed
that he would in the dark pools wade
of cold Esgalduin, water clear,
the clearest water cold and sheer
to draw for her. 'At middle night,'
she said, 'in bowl of silver white
it must be drawn and brought to me
with no word spoken, silently.'
Another she begged to bring her wine
in a jar of gold where flowers twine —
'and singing let him come to me
at high noon, singing merrily.'
Again she spake: 'Now go, I pray,
to Melian the queen, and say:
"thy daughter many a weary hour
slow passing watches in her bower;
a spinning-wheel she begs thee send."'
Then Dairon she called: 'I prithee, friend,
climb up and talk to Lúthien!'
And sitting at her window then,
she said: 'My Dairon, thou hast craft,
beside thy music, many a shaft
and many a tool of carven wood
to fashion with cunning. It were good,
if thou wouldst make a little loom
to stand in the corner of my room.
My idle fingers would spin and weave
a pattern of colours, of morn and eve,
of sun and moon and changing light

amid the beech-leaves waving bright.'
This Dairon did and asked her then:
'O Lúthien, O Lúthien,
What wilt thou weave? What wilt thou spin?'
'A marvellous thread, and wind therein
a potent magic, and a spell
I will weave within my web that hell
nor all the powers of Dread shall break.'
Then Dairon wondered, but he spake
no word to Thingol, though his heart
feared the dark purpose of her art.

And Lúthien now was left alone.
A magic song to Men unknown
she sang, and singing then the wine
with water mingled three times nine;
and as in golden jar they lay
she sang a song of growth and day;
and as they lay in silver white
another song she sang, of night
and darkness without end, of height
uplifted to the stars, and flight
and freedom. And all names of things
tallest and longest on earth she sings:
the locks of the Longbeard dwarves; the tail
of Draugluin the werewolf pale;
the body of Glómund the great snake;
the vast upsoaring peaks that quake
above the fires in Angband's gloom;
the chain Angainor that ere Doom
for Morgoth shall by Gods be wrought
of steel and torment. Names she sought,
and sang of Glend the sword of Nan;
of Gilim the giant of Eruman;
and last and longest named she then
the endless hair of Uinen,

the Lady of the Sea, that lies
through all the waters under skies.

Then did she lave her head and sing
a theme of sleep and slumbering,
profound and fathomless and dark
as Lúthien's shadowy hair was dark—
each thread was more slender and more fine
than threads of twilight that entwine
in filmy web the fading grass
and closing flowers as day doth pass.
Now long and longer grew her hair,
and fell to her feet, and wandered there
like pools of shadow on the ground.
Then Lúthien in a slumber drowned
was laid upon her bed and slept,
till morning through the windows crept
thinly and faint. And then she woke,
and the room was filled as with a smoke
and with an evening mist, and deep
she lay thereunder drowsed in sleep.
Behold! her hair from windows blew
in morning airs, and darkly grew
waving about the pillars grey
of Hirilorn at break of day.

Then groping she found her little shears,
and cut the hair about her ears,
and close she cropped it to her head,
enchanted tresses, thread by thread.
Thereafter grew they slow once more,
yet darker than their wont before.
And now was her labour but begun:
long was she spinning, long she spun;
and though with elvish skill she wrought,
long was her weaving. If men sought

to call her, crying from below,
'Nothing I need,' she answered, 'go!
I would keep my bed, and only sleep
I now desire, who waking weep.'

Then Dairon feared, and in amaze
he called from under; but three days
she answered not. Of cloudy hair
she wove a web like misty air
of moonless night, and thereof made
a robe as fluttering-dark as shade
beneath great trees, a magic dress
that all was drenched with drowsiness,
enchanted with a mightier spell
than Melian's raiment in that dell
wherein of yore did Thingol roam
beneath the dark and starry dome
that hung above the dawning world.
And now this robe she round her furled,
and veiled her garments shimmering white;
her mantle blue with jewels bright
like crystal stars, the lilies gold,
were wrapped and hid; and down there rolled
dim dreams and faint oblivious sleep
falling about her, to softly creep
through all the air. Then swift she takes
the threads unused; of these she makes
a slender rope of twisted strands
yet long and stout, and with her hands
she makes it fast unto the shaft
of Hirilorn. Now, all her craft
and labour ended, looks she forth
from her little window facing North.

Already the sunlight in the trees
is drooping red, and dusk she sees

come softly along the ground below,
and now she murmurs soft and slow.
Now chanting clearer down she cast
her long hair, till it reached at last
from her window to the darkling ground.
Men far beneath her heard the sound;
but the slumbrous strand now swung and swayed
above her guards. Their talking stayed,
they listened to her voice and fell
suddenly beneath a binding spell.

Now clad as in a cloud she hung;
now down her ropéd hair she swung
as light as squirrel, and away,
away, she danced, and who could say
what paths she took, whose elvish feet
no impress made a-dancing fleet?

[F]:

VI

When Morgoth in that day of doom
had slain the Trees and filled with gloom
the shining land of Valinor,
there Fëanor and his sons then swore
the mighty oath upon the hill
of tower-crownéd Tûn, that still
wrought wars and sorrow in the world.
From darkling seas the fogs unfurled
their blinding shadows grey and cold
where Glingal once had bloomed with gold
and Belthil bore its silver flowers.
The mists were mantled round the towers
of the Elves' white city by the sea.
There countless torches fitfully

did start and twinkle, as the Gnomes
were gathered to their fading homes,
and thronged the long and winding stair
that led to the wide echoing square.

There Fëanor mourned his jewels divine,
the Silmarils he made. Like wine
his wild and potent words them fill;
a great host harkens deathly still.
But all he said both wild and wise,
half truth and half the fruit of lies
that Morgoth sowed in Valinor,
in other songs and other lore
recorded is. He bade them flee
from lands divine, to cross the sea,
the pathless plains, the perilous shores
where ice-infested water roars;
to follow Morgoth to the unlit earth
leaving their dwellings and olden mirth;
to go back to the Outer Lands
to wars and weeping. There their hands
they joined in vows, those kinsmen seven,
swearing beneath the stars of Heaven,
by Varda the Holy that them wrought
and bore them each with radiance fraught
and set them in the deeps to flame.
Timbrenting's holy height they name,
whereon are built the timeless halls
of Manwë Lord of Gods. Who calls
these names in witness may not break
his oath, though earth and heaven shake.

Curufin, Celegorm the fair,
Damrod and Díriel were there,
and Cranthir dark, and Maidros tall
(whom after torment should befall),

and Maglor the mighty who like the sea
with deep voice sings yet mournfully.
'Be he friend or foe, or seed defiled
of Morgoth Bauglir, or mortal child
that in after days on earth shall dwell,
no law, nor love, nor league of hell,
not might of Gods, not moveless fate
shall him defend from wrath and hate
of Fëanor's sons, who takes or steals
or finding keeps the Silmarils,
the thrice-enchanted globes of light
that shine until the final night.'

The wars and wandering of the Gnomes
this tale tells not. Far from their homes
they fought and laboured in the North.
Fingon daring alone went forth
and sought for Maidros where he hung;
in torment terrible he swung,
his wrist in band of forged steel,
from a sheer precipice where reel
the dizzy senses staring down
from Thangorodrim's stony crown.
The song of Fingon Elves yet sing,
captain of armies, Gnomish king;
who fell at last in flame of swords
with his white banners and his lords.
They sing how Maidros free he set,
and stayed the feud that slumbered yet
between the children proud of Finn.
Now joined once more they hemmed him in,
even great Morgoth, and their host
beleaguered Angband, till they boast
no Orc nor demon ever dare
their leaguer break or past them fare.
Then days of solace woke on earth

beneath the new-lit Sun, and mirth
was heard in the Great Lands where Men,
a young race, spread and wandered then.
That was the time that songs do call
the Siege of Angband, when like a wall
the Gnomish swords did fence the earth
from Morgoth's ruin, a time of birth,
of blossoming, of flowers, of growth;
but still there held the deathless oath,
and still the Silmarils were deep
in Angband's darkly-dolven keep.

An end there came, when fortune turned,
and flames of Morgoth's vengeance burned,
and all the might which he prepared
in secret in his fastness flared
and poured across the Thirsty Plain;
and armies black were in his train.
The leaguer of Angband Morgoth broke;
his enemies in fire and smoke
were scattered, and the Orcs there slew
and slew, until the blood like dew
dripped from each cruel and crooked blade.
Then Barahir the bold did aid
with mighty spear, with shield and men,
Felagund wounded. To the fen
escaping, there they bound their troth,
and Felagund deeply swore an oath
of friendship to his kin and seed,
of love and succour in time of need.
But there of Finrod's children four
were Angrod slain and proud Egnor.
Felagund and Orodreth then
gathered the remnant of their men,
their maidens and their children fair;
forsaking war they made their lair

and cavernous hold far in the south.
On Narog's towering bank its mouth
was opened; which they hid and veiled,
and mighty doors, that unassailed
till Túrin's day stood vast and grim,
they built by trees o'ershadowed dim.
And with them dwelt a long time there
Curufin, and Celegorm the fair;
and a mighty folk grew neath their hands
in Narog's secret halls and lands.

Thus Felagund in Nargothrond
still reigned, a hidden king whose bond
was sworn to Barahir the bold.
And now his son through forests cold
wandered alone as in a dream.
Esgalduin's dark and shrouded stream
he followed, till its waters frore
were joined to Sirion, Sirion hoar,
pale silver water wide and free
rolling in splendour to the sea.
Now Beren came unto the pools,
wide shallow meres where Sirion cools
his gathered tide beneath the stars,
ere chafed and sundered by the bars
of reedy banks a mighty fen
he feeds and drenches, plunging then
into vast chasms underground,
where many miles his way is wound.
Umboth-Muilin, Twilight Meres,
those great wide waters grey as tears
the Elves then named. Through driving rain
from thence across the Guarded Plain
the Hills of the Hunters Beren saw
with bare tops bitten bleak and raw
by western winds; but in the mist

of streaming rains that flashed and hissed
into the meres he knew there lay
beneath those hills the cloven way
of Narog, and the watchful halls
of Felagund beside the falls
of Ingwil tumbling from the wold.
An everlasting watch they hold,
the Gnomes of Nargothrond renowned,
and every hill is tower-crowned,
where wardens sleepless peer and gaze
guarding the plain and all the ways
between Narog swift and Sirion pale;
and archers whose arrows never fail
there range the woods, and secret kill
all who creep thither against their will.
Yet now he thrusts into that land
bearing the gleaming ring on hand
of Felagund, and oft doth cry:
'Here comes no wandering Orc or spy,
but Beren son of Barahir
who once to Felagund was dear.'
So ere he reached the eastward shore
of Narog, that doth foam and roar
o'er boulders black, those archers green
came round him. When the ring was seen
they bowed before him, though his plight
was poor and beggarly. Then by night
they led him northward, for no ford
nor bridge was built where Narog poured
before the gates of Nargothrond,
and friend nor foe might pass beyond.
To northward, where that stream yet young
more slender flowed, below the tongue
of foam-splashed land that Ginglith pens
when her brief golden torrent ends
and joins the Narog, there they wade.

Now swiftest journey thence they made
to Nargothrond's sheer terraces
and dim gigantic palaces.
They came beneath a sickle moon
to doors there darkly hung and hewn
with posts and lintels of ponderous stone
and timbers huge. Now open thrown
were gaping gates, and in they strode
where Felagund on throne abode.

Fair were the words of Narog's king
to Beren, and his wandering
and all his feuds and bitter wars
recounted soon. Behind closed doors
they sat, while Beren told his tale
of Doriath; and words him fail
recalling Lúthien dancing fair
with wild white roses in her hair,
remembering her elven voice that rung
while stars in twilight round her hung.
He spake of Thingol's marvellous halls
by enchantment lit, where fountain falls
and ever the nightingale doth sing
to Melian and to her king.
The quest he told that Thingol laid
in scorn on him; how for love of maid
more fair than ever was born to Men,
of Tinúviel, of Lúthien,
he must essay the burning waste,
and doubtless death and torment taste.

This Felagund in wonder heard,
and heavily spake at last this word:
'It seems that Thingol doth desire
thy death. The everlasting fire
of those enchanted jewels all know

is cursed with an oath of endless woe,
and Fëanor's sons alone by right
are lords and masters of their light.
He cannot hope within his hoard
to keep this gem, nor is he lord
of all the folk of Elfinesse.
And yet thou saist for nothing less
can thy return to Doriath
be purchased? Many a dreadful path
in sooth there lies before thy feet —
and after Morgoth, still a fleet
untiring hate, as I know well,
would hunt thee from heaven unto hell.
Fëanor's sons would, if they could,
slay thee or ever thou reached his wood
or laid in Thingol's lap that fire,
or gained at least thy sweet desire.
Lo! Celegorm and Curufin
here dwell this very realm within,
and even though I, Finrod's son,
am king, a mighty power have won
and many of their own folk lead.
Friendship to me in every need
they yet have shown, but much I fear
that to Beren son of Barahir
mercy or love they will not show
if once thy dreadful quest they know.'

True words he spake. For when the king
to all his people told this thing,
and spake of the oath to Barahir,
and how that mortal shield and spear
had saved them from Morgoth and from woe
on Northern battlefields long ago,
then many were kindled in their hearts
once more to battle. But up there starts

amid the throng, and loudly cries
for hearing, one with flaming eyes,
proud Celegorm with gleaming hair
and shining sword. Then all men stare
upon his stern unyielding face,
and a great hush falls upon that place.

'Be he friend or foe, or demon wild
of Morgoth, Elf, or mortal child,
or any that here on earth may dwell,
no law, nor love, nor league of hell,
no might of Gods, no binding spell,
shall him defend from hatred fell
of Fëanor's sons, whoso take or steal
or finding keep a Silmaril.
These we alone do claim by right,
our thrice enchanted jewels bright.'

Many wild and potent words he spoke,
and as before in Tûn awoke
his father's voice their hearts to fire,
so now dark fear and brooding ire
he cast on them, foreboding war
of friend with friend; and pools of gore
their minds imagined lying red
in Nargothrond about the dead,
did Narog's host with Beren go;
or haply battle, ruin, and woe
in Doriath where great Thingol reigned,
if Fëanor's fatal jewel he gained.
And even such as were most true
to Felagund his oath did rue,
and thought with terror and despair
of seeking Morgoth in his lair
with force or guile. This Curufin
when his brother ceased did then begin

more to impress upon their minds;
and such a spell he on them binds
that never again till Túrin's day
would Gnome of Narog in array
of open battle go to war.
With secrecy, ambush, spies, and lore
of wizardry, with silent leaguer
of wild things wary, watchful, eager,
of phantom hunters, venomed darts,
and unseen stealthy creeping arts,
with padding hatred that its prey
with feet of velvet all the day
followed remorseless out of sight
and slew it unawares at night —
thus they defended Nargothrond,
and forgot their kin and solemn bond
for dread of Morgoth that the art
of Curufin set within their heart.

So would they not that angry day
King Felagund their lord obey,
but sullen murmured that Finrod
nor yet his son were as a god.
Then Felagund took off his crown
and at his feet he cast it down,
the silver helm of Nargothrond:
'Yours ye may break, but I my bond
must keep, and kingdom here forsake.
If hearts here were that did not quake,
or that to Finrod's son were true,
then I at least should find a few
to go with me, not like a poor
rejected beggar scorn endure,
turned from my gates to leave my town,
my people, and my realm and crown!'

Hearing these words there swiftly stood
beside him ten tried warriors good,
men of his house who had ever fought
wherever his banners had been brought.
One stooped and lifted up his crown,
and said: 'O king, to leave this town
is now our fate, but not to lose
thy rightful lordship. Thou shalt choose
one to be steward in thy stead.'
Then Felagund upon the head
of Orodreth set it: 'Brother mine,
till I return this crown is thine.'
Then Celegorm no more would stay,
and Curufin smiled and turned away.

[G]:

VII

Thus twelve alone there ventured forth
from Nargothrond, and to the North
they turned their silent secret way,
and vanished in the fading day.
No trumpet sounds, no voice there sings,
as robed in mail of cunning rings
now blackened dark with helmets grey
and sombre cloaks they steal away.
Far-journeying Narog's leaping course
they followed till they found his source,
the flickering falls, whose freshets sheer
a glimmering goblet glassy-clear
with crystal waters fill that shake
and quiver down from lvrin's lake,
from lvrin's mere that mirrors dim
the pallid faces bare and grim
of Shadowy Mountains neath the moon.

Now far beyond the realm immune
from Orc and demon and the dread
of Morgoth's might their ways had led.
In woods o'ershadowed by the heights
they watched and waited many nights,
till on a time when hurrying cloud
did moon and constellation shroud,
and winds of autumn's wild beginning
soughed in the boughs, and leaves went spinning
down the dark eddies rustling soft,
they heard a murmur hoarsely waft
from far, a croaking laughter coming;
now louder; now they heard the drumming
of hideous stamping feet that tramp
the weary earth. Then many a lamp
of sullen red they saw draw near,
swinging, and glistening on spear
and scimitar. There hidden nigh
they saw a band of Orcs go by
with goblin-faces swart and foul.
Bats were about them, and the owl,
the ghostly forsaken night-bird cried
from trees above. The voices died,
the laughter like clash of stone and steel
passed and faded. At their heel
the Elves and Beren crept more soft
than foxes stealing through a croft
in search of prey. Thus to the camp
lit by flickering fire and lamp
they stole, and counted sitting there
full thirty Orcs in the red flare
of burning wood. Without a sound
they one by one stood silent round,
each in the shadow of a tree;
each slowly, grimly, secretly
bent then his bow and drew the string.

Hark! how they sudden twang and sing,
when Felagund lets forth a cry;
and twelve Orcs sudden fall and die.
Then forth they leap casting their bows.
Out their bright swords, and swift their blows!
The stricken Orcs now shriek and yell
as lost things deep in lightless hell.
Battle there is beneath the trees
bitter and swift; but no Orc flees;
there left their lives that wandering band
and stained no more the sorrowing land
with rape and murder. Yet no song
of joy, or triumph over wrong,
the Elves there sang. In peril sore
they were, for never alone to war
so small an Orc-band went, they knew.
Swiftly the raiment off they drew
and cast the corpses in a pit.
This desperate counsel had the wit
of Felagund for them devised:
as Orcs his comrades he disguised.

The poisoned spears, the bows of horn,
the crooked swords their foes had borne
they took; and loathing each him clad
in Angband's raiment foul and sad.
They smeared their hands and faces fair
with pigment dark; the matted hair
all lank and black from goblin head
they shore, and joined it thread by thread
with Gnomish skill. As each one leers
at each dismayed, about his ears
he hangs it noisome, shuddering.
Then Felagund a spell did sing
of changing and of shifting shape;
their ears grew hideous, and agape

their mouths did start, and like a fang
each tooth became, as slow he sang.
Their Gnomish raiment then they hid,
and one by one behind him slid,
behind a foul and goblin thing
that once was elven-fair and king.

Northward they went; and Orcs they met
who passed, nor did their going let,
but hailed them in greeting; and more bold
they grew as past the long miles rolled.
At length they came with weary feet
beyond Beleriand. They found the fleet
young waters, rippling, silver-pale
of Sirion hurrying through that vale
where Taur-na-Fuin, Deadly Night,
the trackless forest's pine-clad height,
falls dark forbidding slowly down
upon the east, while westward frown
the northward-bending Mountains grey
and bar the westering light of day.

An isléd hill there stood alone
amid the valley, like a stone
rolled from the distant mountains vast
when giants in tumult hurtled past.
Around its feet the river looped
a stream divided, that had scooped
the hanging edges into caves.
There briefly shuddered Sirion's waves
and ran to other shores more clean.
An elven watchtower had it been,
and strong it was, and still was fair;
but now did grim with menace stare
one way to pale Beleriand,
the other to that mournful land

beyond the valley's northern mouth.
Thence could be glimpsed the fields of drouth,
the dusty dunes, the desert wide;
and further far could be descried
the brooding cloud that hangs and lowers
on Thangorodrim's thunderous towers.

Now in that hill was the abode
of one most evil ; and the road
that from Beleriand thither came
he watched with sleepless eyes of flame.
(From the North there led no other way,
save east where the Gorge of Aglon lay,
and that dark path of hurrying dread
which only in need the Orcs would tread
through Deadly Nightshade's awful gloom
where Taur-na-Fuin's branches loom;
and Aglon led to Doriath,
and Fëanor's sons watched o'er that path.)

Men called him Thû, and as a god
in after days beneath his rod
bewildered bowed to him, and made
his ghastly temples in the shade.
Not yet by Men enthralled adored,
now was he Morgoth's mightiest lord,
Master of Wolves, whose shivering howl
for ever echoed in the hills, and foul
enchantments and dark sigaldry
did weave and wield. In glamoury
that necromancer held his hosts
of phantoms and of wandering ghosts,
of misbegotten or spell-wronged
monsters that about him thronged,
working his bidding dark and vile:
the werewolves of the Wizard's Isle.

From Thû their coming was not hid;
and though beneath the eaves they slid
of the forest's gloomy-hanging boughs,
he saw them afar, and wolves did rouse:
'Go! fetch me those sneaking Orcs,' he said,
'that fare thus strangely, as if in dread,
and do not come, as all Orcs use
and are commanded, to bring me news
of all their deeds, to me, to Thû.'

From his tower he gazed, and in him grew
suspicion and a brooding thought,
waiting, leering, till they were brought.
Now ringed about with wolves they stand,
and fear their doom. Alas! the land,
the land of Narog left behind!
Foreboding evil weights their mind,
as downcast, halting, they must go
and cross the stony bridge of woc
to Wizard's Isle, and to the throne
there fashioned of blood-darkened stone.

'Where have ye been? What have ye seen?'

'In Elfinesse; and tears and distress,
the fire blowing and the blood flowing,
these have we seen, there have we been.
Thirty we slew and their bodies threw
in a dark pit. The ravens sit
and the owl cries where our swath lies.'

'Come, tell me true, O Morgoth's thralls,
what then in Elfinesse befalls?
What of Nargothrond? Who reigneth there?
Into that realm did your feet dare?'

‘Only its borders did we dare.
There reigns King Felagund the fair.’

‘Then heard ye not that he is gone,
that Celegorm sits his throne upon?’

‘That is not true! If he is gone,
then Orodreth sits his throne upon.’

‘Sharp are your ears, swift have they got
tidings of realms ye entered not!
What are your names, O spearmen bold?
Who your captain, ye have not told.’

‘Nereb and Dungalef and warriors ten,
so we are called, and dark our den
under the mountains. Over the waste
we march on an errand of need and haste.
Boldog the captain awaits us there
where fires from under smoke and flare.’

‘Boldog, I heard, was lately slain
warring on the borders of that domain
where Robber Thingol and outlaw folk
cringe and crawl beneath elm and oak
in drear Doriath. Heard ye not then
of that pretty fay, of Lúthien?
Her body is fair, very white and fair.
Morgoth would possess her in his lair.
Boldog he sent, but Boldog was slain:
strange ye were not in Boldog’s train.
Nereb looks fierce, his frown is grim.
Little Lúthien! What troubles him?
Why laughs he not to think of his lord
crushing a maiden in his hoard,
that foul should be what once was clean,

that dark should be where light has been?
Whom do ye serve, Light or Mirk?
Who is the maker of mightiest work?
Who is the king of earthly kings,
the greatest giver of gold and rings?
Who is the master of the wide earth?
Who despoiled them of their mirth,
the greedy Gods? Repeat your vows,
Orcs of Bauglir! Do not bend your brows!
Death to light, to law, to love!
Cursed be moon and stars above!
May darkness everlasting old
that waits outside in surges cold
drown Manwë, Varda, and the sun!
May all in hatred be begun,
and all in evil ended be,
in the moaning of the endless Sea!'

But no true Man nor Elf yet free
would ever speak that blasphemy,
and Beren muttered: 'Who is Thû
to hinder work that is to do?
Him we serve not, nor to him owe
obeisance, and we now would go.'

Thû laughed: 'Patience! Not very long
shall ye abide. But first a song
I will sing to you, to ears intent.'
Then his flaming eyes he on them bent,
and darkness black fell round them all.
Only they saw as through a pall
of eddying smoke those eyes profound
in which their senses choked and drowned.
He chanted a song of wizardry,
of piercing, opening, of treachery,
revealing, uncovering, betraying.

Then sudden Felagund there swaying
sang in answer a song of staying,
resisting, battling against power,
of secrets kept, strength like a tower,
and trust unbroken, freedom, escape;
of changing and of shifting shape,
of snares eluded, broken traps,
the prison opening, the chain that snaps.

Backwards and forwards swayed their song.
Reeling and foundering, as ever more strong
Thû's chanting swelled, Felagund fought,
and all the magic and might he brought
of Elfinesse into his words.
Softly in the gloom they heard the birds
singing afar in Nargothrond,
the sighing of the sea beyond,
beyond the western world, on sand,
on sand of pearls in Elvenland.

Then the gloom gathered: darkness growing
in Valinor, the red blood flowing
beside the sea, where the Gnomes slew
the Foamriders, and stealing drew
their white ships with their white sails
from lamplit havens. The wind wails.
The wolf howls. The ravens flee.
The ice mutters in the mouths of the sea.
The captives sad in Angband mourn.
Thunder rumbles, the fires burn,
a vast smoke gushes out, a roar —
and Felagund swoons upon the floor.

Behold! they are in their own fair shape,
fairskinned, brighteyed. No longer gape
Orclike their mouths; and now they stand

betrayed into the wizard's hand.
Thus came they unhappy into woe,
to dungeons no hope nor glimmer know,
where chained in chains that eat the flesh
and woven in webs of strangling mesh
they lay forgotten, in despair.

Yet not all unavailing were
the spells of Felagund; for Thû
neither their names nor purpose knew.
These much he pondered and bethought,
and in their woeful chains them sought,
and threatened all with dreadful death,
if one would not with traitor's breath
reveal this knowledge. Wolves should come
and slow devour them one by one
before the others' eyes, and last
should one alone be left aghast,
then in a place of horror hung
with anguish should his limbs be wrung,
in the bowels of the earth be slow
endlessly, cruelly, put to woe
and torment, till he all declared.

Even as he threatened, so it fared.
From time to time in the eyeless dark
two eyes would grow, and they would hark
to frightful cries, and then a sound
of rending, a slavering on the ground,
and blood flowing they would smell.
But none would yield, and none would tell.

[H]:

VIII

Hounds there were in Valinor
with silver collars. Hart and boar,
the fox and hare and nimble roe
there in the forests green did go.
Oromë was the lord divine
of all those woods. The potent wine
went in his halls and hunting song.
The Gnomes anew have named him long
Tavros, the God whose horns did blow
over the mountains long ago;
who alone of Gods had loved the world
before the banners were unfurled
of Moon and Sun; and shod with gold
were his great horses. Hounds untold
baying in woods beyond the West
of race immortal he possessed:
grey and limber, black and strong,
white with silken coats and long,
brown and brindled, swift and true
as arrow from a bow of yew;
their voices like the deeptoned bells
that ring in Valmar's citadels,
their eyes like living jewels, their teeth
like ruel-bone. As sword from sheath
they flashed and fled from leash to scent
for Tavros' joy and merriment.

In Tavros' friths and pastures green
had Huan once a young whelp been.
He grew the swiftest of the swift,
and Oromë gave him as a gift
to Celegorm, who loved to follow
the great God's horn o'er hill and hollow.
Alone of hounds of the Land of Light,
when sons of Fëanor took to flight
and came into the North, he stayed

beside his master. Every raid
and every foray wild he shared,
and into mortal battle dared.
Often he saved his Gnomish lord
from Orc and wolf and leaping sword.
A wolf-hound, tireless, grey and fierce
he grew; his gleaming eyes would pierce
all shadows and all mist, the scent
moons old he found through fen and bent,
through rustling leaves and dusty sand;
all paths of wide Beleriand
he knew. But wolves, he loved them best;
he loved to find their throats and wrest
their snarling lives and evil breath.
The packs of Thû him feared as Death.
No wizardry, nor spell, nor dart,
no fang, nor venom devil's art
could brew had harmed him; for his weird
was woven. Yet he little feared
that fate decreed and known to all:
before the mightiest he should fall,
before the mightiest wolf alone
that ever was whelped in cave of stone.

Hark! afar in Nargothrond,
far over Sirion and beyond,
there are dim cries and horns blowing,
and barking hounds through the trees going.
The hunt is up, the woods are stirred.
Who rides to-day? Ye have not heard
that Celegorm and Curufin
have loosed their dogs? With merry din
they mounted ere the sun arose,
and took their spears and took their bows.
The wolves of Thû of late have dared
both far and wide. Their eyes have glared

by night across the roaring stream
of Narog. Doth their master dream,
perchance, of plots and counsels deep,
of secrets that the Elf-lords keep,
of movements in the Gnomish realm
and errands under beech and elm?

Curufin spake: 'Good brother mine,
I like it not. What dark design
doth this portend? These evil things,
we swift must end their wanderings!
And more, 'twould please my heart full well
to hunt a while and wolves to fell.'
And then he leaned and whispered low
that Orodreth was a dullard slow;
long time it was since the king had gone,
and rumour or tidings came there none.
'At least thy profit it would be
to know whether dead he is or free;
to gather thy men and thy array.
"I go to hunt" then thou wilt say,
and men will think that Narog's good
ever thou heedest. But in the wood
things may be learned; and if by grace,
by some blind fortune he retrace
his footsteps mad, and if he bear
a Silmaril — I need declare
no more in words; but one by right
is thine (and ours), the jewel of light;
another may be won- a throne.
The eldest blood our house doth own.'

Celegorm listened. Nought he said,
but forth a mighty host he led;
and Huan leaped at the glad sounds,
the chief and captain of his hounds.

Three days they ride by holt and hill
the wolves of Thû to hunt and kill,
and many a head and fell of grey
they take, and many drive away,
till nigh to the borders in the West
of Doriath a while they rest.

There were dim cries and horns blowing,
and barking dogs through the woods going.
The hunt was up. The woods were stirred,
and one there fled like startled bird,
and fear was in her dancing feet.
She knew not who the woods did beat.
Far from her home, forwandered, pale,
she flitted ghostlike through the vale;
ever her heart bade her up and on,
but her limbs were worn, her eyes were wan.
The eyes of Huan saw a shade
wavering, darting down a glade
like a mist of evening snared by day
and hasting fearfully away.
He bayed, and sprang with sinewy limb
to chase the shy thing strange and dim.
On terror's wings, like a butterfly
pursued by a sweeping bird on high,
she fluttered hither, darted there,
now poised, now flying through the air —
in vain. At last against a tree
she leaned and panted. Up leaped he.
No word of magic gasped with woe,
no elvish mystery she did know
or had entwined in raiment dark
availed against that hunter stark,
whose old immortal race and kind
no spells could ever turn or bind.
Huan alone that she ever met

she never in enchantment set
nor bound with spells. But loveliness
and gentle voice and pale distress
and eyes like starlight dimmed with tears
tamed him that death nor monster fears.

Lightly he lifted her, light he bore
his trembling burden. Never before
had Celegorm beheld such prey:
'What hast thou brought, good Huan say!
Dark-elvish maid, or wraith, or fay?
Not such to hunt we came today.'

"Tis Lúthien of Doriath,'
the maiden spake. 'A wandering path
far from the Wood-Elves' sunny glades
she sadly winds, where courage fades
and hope grows faint.' And as she spoke
down she let slip her shadowy cloak,
and there she stood in silver and white.
Her starry jewels twinkled bright
in the risen sun like morning dew;
the lilies gold on mantle blue
gleamed and glistened. Who could gaze
on that fair face without amaze?
Long did Curufin look and stare.
The perfume of her flower-twined hair,
her lissom limbs, her elvish face,
smote to his heart, and in that place
enchained he stood. 'O maiden royal,
O lady fair, wherefore in toil
and lonely journey dost thou go?
What tidings dread of war and woe
In Doriath have betid? Come tell!
For fortune thee hath guided well;
friends thou hast found,' said Celegorm,

and gazed upon her elvish form.

In his heart him thought her tale unsaid
he knew in part, but nought she read
of guile upon his smiling face.
'Who are ye then, the lordly chase
that follow in this perilous wood?'
she asked; and answer seeming-good
they gave. 'Thy servants, lady sweet,
lords of Nargothrond thee greet,
and beg that thou wouldst with them go
back to their hills, forgetting woe
a season, seeking hope and rest.
And now to hear thy tale were best.'

So Lúthien tells of Beren's deeds
in northern lands, how fate him leads
to Doriath, of Thingol's ire,
the dreadful errand that her sire
decreed for Beren.. Sign nor word
the brothers gave that aught they heard
that touched them near. Of her escape
and the marvellous mantle she did shape
she lightly tells, but words her fail
recalling sunlight in the vale,
moonlight, starlight in Doriath,
ere Beren took the perilous path.
'Need, too, my lords, there is of haste!
No time in ease and rest to waste.
For days are gone now since the queen,
Melian whose heart hath vision keen,
looking afar me said in fear
that Beren lived in bondage drear.
The Lord of Wolves hath prisons dark,
chains and enchantments cruel and stark,
and there entrapped and languishing

doth Beren lie — if direr thing
hath not brought death or wish for death':
then gasping woe bereft her breath.

To Celegorm said Curufin
apart and low: 'Now news we win
of Felagund, and now we know
wherefore Thû's creatures prowling go',
and other whispered counsels spake,
and showed him what answer he should make.
'Lady,' said Celegorm, 'thou seest
we go a-hunting roaming beast,
and though our host is great and bold,
'tis ill prepared the wizard's hold
and island fortress to assault .
Deem not our hearts or wills at fault.
Lo! here our chase we now forsake
and home our swiftest road we take,
counsel and aid there to devise
for Beren that in anguish lies.'

To Nargothrond they with them bore
Lúthien, whose heart misgave her sore.
Delay she feared; each moment pressed
upon her spirit, yet she guessed
they rode not as swiftly as they might.
Ahead leaped Huan day and night,
and ever looking back his thought
was troubled. What his master sought,
and why he rode not like the fire,
why Curufin looked with hot desire
on Lúthien, he pondered deep,
and felt some evil shadow creep
of ancient curse o'er Elfinesse.
His heart was torn for the distress
of Beren bold, and Lúthien dear,

and Felagund who knew no fear.

In Nargothrond the torches flared
and feast and music were prepared.
Lúthien feasted not but wept.
Her ways were trammelled; closely kept
she might not fly. Her magic cloak
was hidden, and no prayer she spoke
was heeded, nor did answer find
her eager questions. Out of mind,
it seemed, were those afar that pined
in anguish and in dungeons blind
in prison and in misery.
Too late she knew their treachery.
It was not hid in Nargothrond
that Fëanor's sons her held in bond,
who Beren heeded not, and who
had little cause to wrest from Thû
the king they loved not and whose quest
old vows of hatred in their breast
had roused from sleep. Orodreth knew
the purpose dark they would pursue:
King Felagund to leave to die,
and with King Thingol's blood ally
the house of Fëanor by force
or treaty. But to stay their course
he had no power, for all his folk
the brothers had yet beneath their yoke,
and all yet listened to their word.
Orodreth's counsel no man heard;
their shame they crushed, and would not heed
the tale of Felagund's dire need.

At Lúthien's feet there day by day
and at night beside her couch would stay
Huan the hound of Nargothrond;

and words she spoke to him soft and fond:
'O Huan, Huan, swiftest hound
that ever ran on mortal ground,
what evil doth thy lords possess
to heed no tears nor my distress?
Once Barahir all men above
good hounds did cherish and did love;
once Beren in the friendless North,
when outlaw wild he wandered forth,
had friends unfailing among things
with fur and fell and feathered wings,
and among the spirits that in stone
in mountains old and wastes alone
still dwell. But now nor Elf nor Man,
none save the child of Melian,
remembers him who Morgoth fought
and never to thraldom base was brought.'

Nought said Huan; but Curufin
thereafter never near might win
to Lúthien, nor touch that maid,
but shrank from Huan's fangs afraid.
Then on a night when autumn damp
was swathed about the glimmering lamp
of the wan moon, and fitful stars
were flying seen between the bars
of racing cloud, when winter's horn
already wound in trees forlorn,
lo! Huan was gone. Then Lúthien lay
fearing new wrong, till just ere day,
when all is dead and breathless still
and shapeless fears the sleepless fill,
a shadow came along the wall.
Then something let there softly fall
her magic cloak beside her couch.
Trembling she saw the great hound crouch

beside her, heard a deep voice swell
as from a tower a far slow bell.

Thus Huan spake, who never before
had uttered words, and but twice more
did speak in elven tongue again:
‘Lady beloved, whom all Men,
whom Elfinesse, and whom all things
with fur and fell and feathered wings
should serve and love — arise! away!
Put on thy cloak! Before the day
comes over Nargothrond we fly
to Northern perils, thou and I.’
And ere he ceased he counsel wrought
for achievement of the thing they sought.
There Lúthien listened in amaze,
and softly on Huan did she gaze.
Her arms about his neck she cast —
in friendship that to death should last.

[I]:

IX

In Wizard’s Isle still lay forgot,
enmeshed and tortured in that grot
cold, evil, doorless, without light,
and blank-eyed stared at endless night
two comrades. Now alone they were.
The others lived no more, but bare
their broken bones would lie and tell
how ten had served their master well.

To Felagund then Beren said:
“Twere little loss if I were dead,
and I am minded all to tell,

and thus, perchance, from this dark hell
thy life to loose. I set thee free
from thine old oath, for more for me
hast thou endured than e'er was earned.'

'A! Beren, Beren hast not learned
that promises of Morgoth's folk
are frail as breath. From this dark yoke
of pain shall neither ever go,
whether he learn our names or no,
with Thû's consent. Nay more, I think
yet deeper of torment we should drink,
knew he that son of Barahir
and Felagund were captive here,
and even worse if he should know
the dreadful errand we did go.'

A devil's laugh they ringing heard
within their pit. 'True, true the word
I hear you speak,' a voice then said.
"Twere little loss if he were dead,
the outlaw mortal. But the king,
the Elf undying, many a thing
no man could suffer may endure.
Perchance, when what these walls immure
of dreadful anguish thy folk learn,
their king to ransom they will yearn
with gold and gem and high hearts cowed;
or maybe Celegorm the proud
will deem a rival's prison cheap,
and crown and gold himself will keep.
Perchance, the errand I shall know,
ere all is done, that ye did go.
The wolf is hungry, the hour is nigh;
no more need Beren wait to die.'

The slow time passed. Then in the gloom
two eyes there glowed. He saw his doom,
Beren, silent, as his bonds he strained
beyond his mortal might enchained.
Lo! sudden there was rending sound
of chains that parted and unwound,
of meshes broken. Forth there leaped
upon the wolvish thing that crept
in shadow faithful Felagund,
careless of fang or venomed wound.
There in the dark they wrestled slow,
remorseless, snarling, to and fro,
teeth in flesh, gripe on throat,
fingers locked in shaggy coat,
spurning Beren who there lying
heard the werewolf gasping, dying.
Then a voice he heard: 'Farewell!
On earth I need no longer dwell,
friend and comrade, Beren bold.
My heart is burst, my limbs are cold.
Here all my power I have spent
to break my bonds, and dreadful rent
of poisoned teeth is in my breast.
I now must go to my long rest
neath Timbrenting in timeless halls
where drink the Gods, where the light falls
upon the shining sea.' Thus died the king,
as elvish singers yet do sing.

There Beren lies. His grief no tear,
his despair no horror has nor fear,
waiting for footsteps, a voice, for doom.
Silences profounder than the tomb
of long-forgotten kings, neath years
and sands uncounted laid on biers
and buried everlasting-deep,

slow and unbroken round him creep.

The silences were sudden shivered
to silver fragments. Faint there quivered
a voice in song that walls of rock,
enchanted hill, and bar and lock,
and powers of darkness pierced with light.
He felt about him the soft night
of many stars, and in the air
were rustlings and a perfume rare;
the nightingales were in the trees,
slim fingers flute and viol seize
beneath the moon, and one more fair
than all there be or ever were
upon a lonely knoll of stone
in shimmering raiment danced alone.
Then in his dream it seemed he sang,
and loud and fierce his chanting rang,
old songs of battle in the North,
of breathless deeds, of marching forth
to dare uncounted odds and break
great powers, and towers, and strong walls shake;
and over all the silver fire
that once Men named the Burning Briar,
the Seven Stars that Varda set
about the North, were burning yet,
a light in darkness, hope in woe,
the emblem vast of Morgoth's foe.

'Huan, Huan! I hear a song
far under welling, far but strong;
a song that Beren bore aloft.
I hear his voice, I have heard if oft
in dream and wandering.' Whispering low
thus Lúthien spake. On the bridge of woe
in mantle wrapped at dead of night

she sat and sang, and to its height
and to its depth the Wizard's Isle,
rock upon rock and pile on pile,
trembling echoed. The werewolves howled,
and Huan hidden lay and growled
watchful listening in the dark,
waiting for battle cruel and stark.

Thû heard that voice, and sudden stood
wrapped in his cloak and sable hood
in his high tower. He listened long,
and smiled, and knew that elvish song.
'A! little Lúthien! What brought
the foolish fly to web unsought?
Morgoth! a great and rich reward
to me thou wilt owe when to thy hoard
this jewel is added.' Down he went,
and forth his messengers he sent.

Still Lúthien sang. A creeping shape
with bloodred tongue and jaws agape
stole on the bridge; but she sang on
with trembling limbs and wide eyes wan.
The creeping shape leaped to her side,
and gasped, and sudden fell and died.
And still they came, still one by one,
and each was seized, and there were none
returned with padding feet to tell
that a shadow lurketh fierce and fell
at the bridge's end, and that below
the shuddering waters loathing flow
o'er the grey corpses Huan killed.
A mightier shadow slowly filled
the narrow bridge, a slavering hate,
an awful werewolf fierce and great:
pale Draugluin, the old grey lord

of wolves and beasts of blood abhorred,
that fed on flesh of Man and Elf
beneath the chair of Thû himself.

No more in silence did they fight.
Howling and baying smote the night,
till back by the chair where he had fed
to die the werewolf yammering fled.
'Huan is there' he gasped and died,
and Thû was filled with wrath and pride.
'Before the mightiest he shall fall,
before the mightiest wolf of all',
so thought he now, and thought he knew
how fate long spoken should come true.
Now there came slowly forth and glared
into the night a shape long-haired,
dank with poison, with awful eyes
wolvish, ravenous; but there lies
a light therein more cruel and dread
than ever wolvish eyes had fed.
More huge were its limbs, its jaws more wide,
its fangs more gleaming-sharp, and dyed
with venom, torment, and with death.
The deadly vapour of its breath
swept on before it. Swooning dies
the song of Lúthien, and her eyes
are dimmed and darkened with a fear,
cold and poisonous and drear.

Thus came Thû, as wolf more great
than e'er was seen from Angband's gate
to the burning south, than ever lurked
in mortal lands or murder worked.
Sudden he sprang, and Huan leaped
aside in shadow. On he swept
to Lúthien lying swooning faint.

To her drowning senses came the taint
of his foul breathing, and she stirred;
dizzily she spake a whispered word,
her mantle brushed across his face.
He stumbled staggering in his pace.
Out leaped Huan. Back he sprang.
Beneath the stars there shuddering rang
the cry of hunting wolves at bay,
the tongue of hounds that fearless slay.
Backward and forth they leaped and ran
feinting to flee, and round they span,
and bit and grappled, and fell and rose.
Then suddenly Huan holds and throws
his ghastly foe; his throat he rends,
choking his life. Not so it ends.
From shape to shape, from wolf to worm,
from monster to his own demon form,
Thû changes, but that desperate grip
he cannot shake, nor from it slip.
No wizardry, nor spell, nor dart,
no fang, nor venom, nor devil's art
could harm that hound that hart and boar
had hunted once in Valinor.

Nigh the foul spirit Morgoth made
and bred of evil shuddering strayed
from its dark house, when Lúthien rose
and shivering looked upon his throes.
'O demon dark, O phantom vile
of foulness wrought, of lies and guile,
here shalt thou die, thy spirit roam
quaking back to thy master's home
his scorn and fury to endure;
thee he will in the bowels immure
of groaning earth, and in a hole
everlastingly thy naked soul

shall wail and gibber- this shall be,
unless the keys thou render me
of thy black fortress, and the spell
that bindeth stone to stone thou tell,
and speak the words of opening.'

With gasping breath and shuddering
he spake, and yielded as he must,
and vanquished betrayed his master's trust.

Lo! by the bridge a gleam of light,
like stars descended from the night
to burn and tremble here below.
There wide her arms did Lúthien throw,
and called aloud with voice as clear
as still at whiles may mortal hear
long elvish trumpets o'er the hill
echo, when all the world is still.
The dawn peered over mountains wan,
their grey heads silent looked thereon.
The hill trembled; the citadel
crumbled, and all its towers fell;
the rocks yawned and the bridge broke,
and Sirion spumed in sudden smoke.
Like ghosts the owls were flying seen
hooting in the dawn, and bats unclean
went skimming dark through the cold airs
shrieking thinly to find new lairs
in Deadly Nightshade's branches dread.
The wolves whimpering and yammering fled
like dusky shadows. Out there creep
pale forms and ragged as from sleep,
crawling, and shielding blinded eyes:
the captives in fear and in surprise
from dolour long in clinging night
beyond all hope set free to light.

A vampire shape with pinions vast
screeching leaped from the ground, and passed,
its dark blood dripping on the trees;
and Huan neath him lifeless sees
a wolvish corpse- for Thû had flown
to Taur-na-Fuin, a new throne
and darker stronghold there to build.
The captives came and wept and shrilled
their piteous cries of thanks and praise.
But Lúthien anxious-gazing stays.
Beren comes not. At length she said:
'Huan, Huan, among the dead
must we then find him whom we sought,
for love of whom we toiled and fought?'
Then side by side from stone to stone
o'er Sirion they climbed. Alone
unmoving they him found, who mourned
by Felagund, and never turned
to see what feet drew halting nigh.
'A! Beren, Beren!' came her cry,
'almost too late have I thee found?
Alas! that here upon the ground
the noblest of the noble race
in vain thy anguish doth embrace!
Alas! in tears that we should meet
who once found meeting passing sweet!'

Her voice such love and longing filled
he raised his eyes, his mourning stilled,
and felt his heart new-turned to flame
for her that through peril to him came.

'O Lúthien, O Lúthien,
more fair than any child of Men,
O loveliest maid of Elfinesse,
what might of love did thee possess

to bring thee here to terror's lair!
O lissom limbs and shadowy hair,
O flower-entwined brows so white,
O slender hands in this new light!'

She found his arms and swooned away
just at the rising of the day.

[J]:

X

Songs have recalled the Elves have sung
in old forgotten elven tongue
how Lúthien and Beren strayed
by the banks of Sirion. Many a glade
they filled with joy, and there their feet
passed by lightly, and days were sweet.
Though winter hunted through the wood,
still flowers lingered where she stood.
Tinúviel! Tinúviel!
the birds are unafraid to dwell
and sing beneath the peaks of snow
where Beren and where Lúthien go.

The isle in Sirion they left behind;
but there on hill-top might one find
a green grave, and a stone set,
and there there lie the white bones yet
of Felagund, of Finrod's son —
unless that land is changed and gone,
or foundered in unfathomed seas,
while Felagund laughs beneath the trees
in Valinor, and comes no more
to this grey world of tears and war.

To Nargothrond no more he came;

but thither swiftly ran the fame
of their king dead, of Thû o'erthrown,
of the breaking of the towers of stone.
For many now came home at last,
who long ago to shadow passed;
and like a shadow had returned
Huan the hound, and scant had earned
or praise or thanks of master wroth;
yet loyal he was, though he was loath.
The halls of Narog clamours fill
that vainly Celegorm would still.
There men bewailed their fallen king,
crying that a maiden dared that thing
which sons of Fëanor would not do.
'Let us slay these faithless lords untrue!'
the fickle folk now loudly cried
with Felagund who would not ride.
Orodreth spake: 'The kingdom now
is mine alone. I will allow
no spilling of kindred blood by kin.
But bread nor rest shall find herein
these brothers who have set at nought
the house of Finrod.' They were brought.
Scornful, unbowed, and unashamed
stood Celegorm. In his eye there flamed
a light of menace. Curufin
smiled with his crafty mouth and thin.

'Be gone for ever- ere the day
shall fall into the sea. Your way
shall never lead you hither more,
nor any son of Fëanor;
nor ever after shall be bond
of love twixt yours and Nargothrond.'

'We will remember it,' they said,

and turned upon their heels, and sped,
and took their horses and such folk
as still them followed. Nought they spoke
but sounded horns, and rode like fire,
and went away in anger dire.

Towards Doriath the wanderers now
were drawing nigh. Though bare the bough,
though cold the wind, and grey the grasses
through which the hiss of winter passes,
they sang beneath the frosty sky
uplifted o'er them pale and high.
They came to Mindeb's narrow stream
that from the hills doth leap and gleam
by western borders where begin
the spells of Melian to fence in
King Thingol's land, and stranger steps
to wind bewildered in their webs.

There sudden sad grew Beren's heart:
'Alas, Tinúviel, here we part
and our brief song together ends,
and sundered ways each lonely wends!'

'Why part we here? What dost thou say,
just at the dawn of brighter day?'

'For safe thou'rt come to borderlands
o'er which in the keeping of the hands
of Melian thou wilt walk at ease
and find thy home and well-loved trees.'

'My heart is glad when the fair trees
far off uprising grey it sees
of Doriath inviolate.
Yet Doriath my heart did hate,

and Doriath my feet forsook,
my home, my kin. I would not look
on grass nor leaf there evermore
without thee by me. Dark the shore
of Esgalduin the deep and strong!
Why there alone forsaking song
by endless waters rolling past
must I then hopeless sit at last,
and gaze at waters pitiless
in heartache and in loneliness?'

'For never more to Doriath
can Beren find the winding path,
though Thingol willed it or allowed;
for to thy father there I vowed
to come not back save to fulfill
the quest of the shining Silmaril,
and win by valour my desire.
"Not rock nor steel nor Morgoth's fire
nor all the power of Elfinesse,
shall keep the gem I would possess":
thus swore I once of Lúthien
more fair than any child of Men.
My word, alas! I must achieve,
though sorrow pierce and parting grieve.'

'Then Lúthien will not go home,
but weeping in the woods will roam,
nor peril heed, nor laughter know.
And if she may not by thee go
against thy will thy desperate feet
she will pursue, until they meet,
Beren and Lúthien, love once more
on earth or on the shadowy shore.'

'Nay, Lúthien, most brave of heart,

thou makest it more hard to part.
Thy love me drew from bondage drear,
but never to that outer fear,
that darkest mansion of all dread,
shall thy most blissful light be led.'

'Never, never!' he shuddering said.
But even as in his arms she pled,
a sound came like a hurrying storm.
There Curufin and Celegorm
in sudden tumult like the wind
rode up. The hooves of horses dinned
loud on the earth. In rage and haste
madly northward they now raced
the path twixt Doriath to find
and the shadows dreadly dark entwined
of Taur-na-Fuin. That was their road
most swift to where their kin abode
in the east, where Himling's watchful hill
o'er Aglon's gorge hung tall and still.

They saw the wanderers. With a shout
straight on them swung their hurrying rout,
as if neath maddened hooves to rend
the lovers and their love to end.
But as they came the horses swerved
with nostrils wide and proud necks curved;
Curufin, stooping, to saddlebow
with mighty arm did Lúthien throw,
and laughed. Too soon; for there a spring
fiercer than tawny lion-king
maddened with arrows barbéd smart,
greater than any hornéd hart
that hounded to a gulf leaps o'er,
there Beren gave, and with a roar
leaped on Curufin; round his neck

his arms entwined, and all to wreck
both horse and rider fell to ground;
and there they fought without a sound.
Dazed in the grass did Lúthien lie
beneath bare branches and the sky;
the Gnome felt Beren's fingers grim
close on his throat and strangle him,
and out his eyes did start, and tongue
gasping from his mouth there hung.
Up rode Celegorm with his spear,
and bitter death was Beren near.
With elvish steel he nigh was slain
whom Lúthien won from hopeless chain,
but baying Huan sudden sprang
before his master's face with fang
white-gleaming, and with bristling hair,
as if he on boar or wolf did stare.
The horse in terror leaped aside,
and Celegorm in anger cried:
'Curse thee, thou baseborn dog, to dare
against thy master teeth to bare!'
But dog nor horse nor rider bold
would venture near the anger cold
of mighty Huan fierce at bay.
Red were his jaws. They shrank away,
and fearful eyed him from afar:
nor sword nor knife, nor scimitar,
no dart of bow, nor cast of spear,
master nor man did Huan fear.

There Curufin had left his life,
had Lúthien not stayed that strife.
Waking she rose and softly cried
standing distressed at Beren's side:
'Forbear thy anger now, my lord!
nor do the work of Orcs abhorred;

for foes there be of Elfinesse
unnumbered, and they grow not less,
while here we war by ancient curse
distraught, and all the world to worse
decays and crumbles. Make thy peace!'

Then Beren did Curufin release;
but took his horse and coat of mail,
and took his knife there gleaming pale,
hanging sheathless, wrought of steel.
No flesh could leeches ever heal
that point had pierced; for long ago
the dwarves had made it, singing slow
enchantments, where their hammers fell
in Nogrod ringing like a bell.
Iron as tender wood it cleft,
and sundered mail like woollen weft.
But other hands its haft now held;
its master lay by mortal felled.
Beren uplifting him, far him flung,
and cried 'Begone!', with stinging tongue;
'Begone! thou renegade and fool,
and let thy lust in exile cool!
Arise and go, and no more work
like Morgoth's slaves or curséd Orc;
and deal, proud son of Fëanor,
in deeds more proud than heretofore!'
Then Beren led Lúthien away,
while Huan still there stood at bay.

'Farewell,' cried Celegorm the fair.
'Far get you gone! And better were
to die forhungered in the waste
than wrath of Fëanor's sons to taste,
that yet may reach o'er dale and hill.
No gem, nor maid, nor Silmaril

shall ever long in thy grasp lie!
We curse thee under cloud and sky,
we curse thee from rising unto sleep!
Farewell!' He swift from horse did leap,
his brother lifted from the ground;
then bow of yew with gold wire bound
he strung, and shaft he shooting sent,
as heedless hand in hand they went;
a dwarvish dart and cruelly hooked.
They never turned nor backward looked.
Loud bayed Huan, and leaping caught
the speeding arrow. Quick as thought
another followed deadly singing;
but Beren had turned, and sudden springing
defended Lúthien with his breast.
Deep sank the dart in flesh to rest.
He fell to earth. They rode away,
and laughing left him as he lay;
yet spurred like wind in fear and dread
of Huan's pursuing anger red.
Though Curufin with bruised mouth laughed,
yet later of that dastard shaft
was tale and rumour in the North,
and Men remembered at the Marching Forth,
and Morgoth's will its hatred helped.

Thereafter never hound was whelped
would follow horn of Celegorm
or Curufin. Though in strife and storm,
though all their house in ruin red
went down, thereafter laid his head
Huan no more at that lord's feet,
but followed Lúthien, brave and fleet.
Now sank she weeping at the side
of Beren, and sought to stem the tide
of welling blood that flowed there fast.

The raiment from his breast she cast;
from shoulder plucked the arrow keen;
his wound with tears she washed it clean.
Then Huan came and bore a leaf,
of all the herbs of healing chief,
that evergreen in woodland glade
there grew with broad and hoary blade.
The powers of all grasses Huan knew,
who wide did forest-paths pursue.
Therewith the smart he swift allayed,
while Lúthien murmuring in the shade
the staunching song, that Elvish wives
long years had sung in those sad lives
of war and weapons, wove o'er him.

The shadows fell from mountains grim.
Then sprang about the darkened North
the Sickle of the Gods, and forth
each star there stared in stony night
radiant, glistering cold and white.
But on the ground there is a glow,
a spark of red that leaps below:
under woven boughs beside a fire
of crackling wood and sputtering briar
there Beren lies in drowsing deep,
walking and wandering in sleep.
Watchful bending o'er him wakes
a maiden fair; his thirst she slakes,
his brow caresses, and softly croons
a song more potent than in runes
or leeches' lore hath since been writ.
Slowly the nightly watches flit.
The misty morning crawleth grey
from dusk to the reluctant day.

Then Beren woke and opened eyes,
and rose and cried: 'Neath other skies,
in lands more awful and unknown,
I wandered long, methought, alone
to the deep shadow where the dead dwell;
but ever a voice that I knew well,
like bells, like viols, like harps, like birds,
like music moving without words,
called me, called me through the night,
enchanted drew me back to light!
Healed the wound, assuaged the pain!
Now are we come to morn again,
new journeys once more lead us on —
to perils whence may life be won,
hardly for Beren; and for thee

a waiting in the wood I see,
beneath the trees of Doriath,
while ever follow down my path
the echoes of thine elvish song,
where hills are haggard and roads are long.'

'Nay, now no more we have for foe
dark Morgoth only, but in woe,
in wars and feuds of Elfinesse
thy quest is bound; and death, no less,
for thee and me, for Huan bold
the end of weird of yore foretold,
all this I bode shall follow swift,
if thou go on. Thy hand shall lift
and lay in Thingol's lap the dire
and flaming jewel, Fëanor's fire,
never, never! A why then go?
Why turn we not from fear and woe
beneath the trees to walk and roam
roofless, with all the world as home,
over mountains, beside the seas,
in the sunlight, in the breeze?'

Thus long they spoke with heavy hearts;
and yet not all her elvish arts,
nor lissom arms, nor shining eyes
as tremulous stars in rainy skies,
nor tender lips, enchanted voice,
his purpose bent or swayed his choice.
Never to Doriath would he fare
save guarded fast to leave her there;
never to Nargothrond would go
with her, lest there came war and woe;
and never would in the world untrod
to wander suffer her, worn, unshod,
roofless and restless, whom he drew

with love from the hidden realms she knew.
'For Morgoth's power is now awake;
already hill and dale doth shake,
the hunt is up, the prey is wild:
a maiden lost, an elven child.
Now Orcs and phantoms prowl and peer
from tree to tree, and fill with fear
each shade and hollow. Thee they seek!
At thought thereof my hope grows weak,
my heart is chilled. I curse mine oath,
I curse the fate that joined us both
and snared thy feet in my sad doom
of flight and wandering in the gloom!
Now let us haste, and ere the day
be fallen, take our swiftest way,
till o'er the marches of thy land
beneath the beech and oak we stand
in Doriath, fair Doriath
whither no evil finds the path,
powerless to pass the listening leaves
that droop upon those forest-eaves.'

Then to his will she seeming bent.
Swiftly to Doriath they went,
and crossed its borders. There they stayed
resting in deep and mossy glade;
there lay they sheltered from the wind
under mighty beeches silken-skinned,
and sang of love that still shall be,
though earth be foundered under sea,
and sundered here for evermore
shall meet upon the Western Shore.

One morning as asleep she lay
upon the moss, as though the day
too bitter were for gentle flower

to open in a sunless hour,
Beren arose and kissed her hair,
and wept, and softly left her there.

'Good Huan,' said he, 'guard her well!
In leafless field no asphodel,
in thorny thicket never a rose
forlorn, so frail and fragrant blows.
Guard her from wind and frost, and hide
from hands that seize and cast aside;
keep her from wandering and woe,
for pride and fate now make me go.'

The horse he took and rode away,
nor dared to turn; but all that day
with heart as stone he hastened forth
and took the paths toward the North.

[K]:

XI

Once wide and smooth a plain was spread,
where King Fingolfin proudly led
his silver armies on the green,
his horses white, his lances keen;
his helmets tall of steel were hewn,
his shields were shining as the moon.
There trumpets sang both long and loud,
and challenge rang unto the cloud
that lay on Morgoth's northern tower,
while Morgoth waited for his hour.

Rivers of fire at dead of night
in winter lying cold and white
upon the plain burst forth, and high
the red was mirrored in the sky.

From Hithlum's walls they saw the fire,
the steam and smoke in spire on spire
leap up, till in confusion vast
the stars were choked. And so it passed,
the mighty field, and turned to dust,
to drifting sand and yellow rust,
to thirsty dunes where many bones
lay broken among barren stones.
Dor-na-Fauglith, Land of Thirst,
they after named it, waste accurst,
the raven-haunted roofless grave
of many fair and many brave.
Thereon the stony slopes look forth
from Deadly Nightshade falling north,
from sombre pines with pinions vast,
black-plumed and drear, as many a mast
of sable-shrouded ships of death
slow wafted on a ghostly breath.

Thence Beren grim now gazes out
across the dunes and shifting drought,
and sees afar the frowning towers
where thunderous Thangorodrim lowers.
The hungry horse there drooping stood,
proud Gnomish steed; it feared the wood;
upon the haunted ghastly plain
no horse would ever stride again.
'Good steed of master ill, ' he said,
'farewell now here! Lift up thy head,
and get thee gone to Sirion's vale,
back as we came, past island pale
where Thû once reigned, to waters sweet
and grasses long about thy feet.
And if Curufin no more thou find,
grieve not! but free with hart and hind
go wander, leaving work and war,

and dream thee back in Valinor,
whence came of old thy mighty race
from Tavros' mountain-fenced chase.'

There still sat Beren, and he sang,
and loud his lonely singing rang.
Though Orc should hear, or wolf a-prowl,
or any of the creatures foul
within the shade that slunk and stared
of Taur-na-Fuin, nought he cared,
who now took leave of light and day,
grim-hearted, bitter, fierce and fey.
'Farewell now here, ye leaves of trees,
your music in the morning-breeze!
Farewell now blade and bloom and grass
that see the changing seasons pass;
ye waters murmuring over stone,
and meres that silent stand alone!
Farewell now mountain, vale, and plain!
Farewell now wind and frost and rain,
and mist and cloud, and heaven's air;
ye star and moon so blinding-fair
that still shall look down from the sky
on the wide earth, though Beren die —
though Beren die not, and yet deep,
deep, whence comes of those that weep
no dreadful echo, lie and choke
in everlasting dark and smoke.

'Farewell sweet earth and northern sky,
for ever blest, since here did lie,
and here with lissom limbs did run,
beneath the moon, beneath the sun,
Lúthien Tinúviel
more fair than mortal tongue can tell.
Though all to ruin fell the world,

and were dissolved and backward hurled
unmade into the old abyss,
yet were its making good, for this —
the dawn, the dusk, the earth, the sea —
that Lúthien on a time should be!'

His blade he lifted high in hand,
and challenging alone did stand
before the threat of Morgoth's power;
and dauntless cursed him, hall and tower,
o'ershadowing hand and grinding foot,
beginning, end, and crown and root;
then turned to stride forth down the slope
abandoning fear, forsaking hope.

'A, Beren, Beren!' came a sound,
'almost too late have I thee found!
O proud and fearless hand and heart,
not yet farewell, not yet we part!
Not thus do those of elven race
forsake the love that they embrace.
A love is mine, as great a power
as thine, to shake the gate and tower
of death with challenge weak and frail
that yet endures, and will not fail
nor yield, unvanquished were it hurled
beneath the foundations of the world.
Beloved fool! escape to seek
from such pursuit; in might so weak
to trust not, thinking it well to save
from love thy loved, who welcomes grave
and torment sooner than in guard
of kind intent to languish, barred,
wingless and helpless him to aid
for whose support her love was made!'

Thus back to him came LÚthien:
they met beyond the ways of Men;
upon the brink of terror stood
between the desert and the wood.

He looked on her, her lifted face
beneath his lips in sweet embrace:
'Thrice now mine oath I curse,' he said,
'that under shadow thee hath led!
But where is Huan, where the hound
to whom I trusted, whom I bound
by love of thee to keep thee well
from deadly wandering unto hell?'

'I know not! But good Huan's heart
is wiser, kinder than thou art,
grim lord, more open unto prayer!
Yet long and long I pleaded there,
until he brought me, as I would,
upon thy trail — a palfrey good
would Huan make, of flowing pace:
thou wouldst have laughed to see us race,
as Orc on werewolf ride like fire
night after night through fen and mire,
through waste and wood! But when I heard
thy singing clear- (yea, every word
of Lúthien one rashly cried,
and listening evil fierce defied) —,
he set me down, and sped away;
but what he would I cannot say.

Ere long they knew, for Huan came,
his great breath panting, eyes like flame,
in fear lest her whom he forsook
to aid some hunting evil took
ere he was nigh. Now there he laid

before their feet, as dark as shade,
two grisly shapes that he had won
from that tall isle in Sirion:
a wolfhame huge- its savage fell
was long and matted, dark the spell
that drenched the dreadful coat and skin,
the werewolf cloak of Draugluin;
the other was a batlike garb
with mighty fingered wings, a barb
like iron nail at each joint's end —
such wings as their dark cloud extend
against the moon, when in the sky
from Deadly Nightshade screeching fly
Thû's messengers.
'What hast thou brought,
good Huan? What thy hidden thought?
Of trophy of prowess and strong deed,
when Thû thou vanquishedst, what need
here in the waste?' Thus Beren spoke,
and once more words in Huan woke:
his voice was like the deeptoned bells
that ring in Valmar's citadels:

'Of one fair gem thou must be thief,
Morgoth's or Thingol's, loath or lief;
thou must here choose twixt love and oath!
If vow to break is still thee loath,
then Lúthien must either die
alone, or death with thee defie
beside thee, marching on your fate
that hidden before you lies in wait.
Hopeless the quest, but not yet mad,
unless thou, Beren, run thus clad
in mortal raiment, mortal hue,
witless and redeless, death to woo.
'Lo! good was Felagund's device,

but may be bettered, if advice
of Huan ye will dare to take,
and swift a hideous change will make
to forms most curséd, foul and vile,
of werewolf of the Wizard's Isle,
of monstrous bat's envermined fell
with ghostly claw like wings of hell.
'To such dark straits, alas! now brought
are ye I love, for whom I fought.
Nor further with you can I go —
whoever did a great hound know
in friendship at a werewolf's side
to Angband's grinning portals stride?
Yet my heart tells that at the gate
what there ye find, 'twill be my fate
myself to see, though to that door
my feet shall bear me nevermore.
Darkened is hope and dimmed my eyes,
I see not clear what further lies;
yet maybe backwards leads your path
beyond all hope to Doriath,
and thither, perchance, we three shall wend,
and meet again before the end.'

They stood and marvelled thus to hear
his mighty tongue so deep and clear;
then sudden he vanished from their sight
even at the onset of the night.

His dreadful counsel then they took,
and their own gracious forms forsook;
in werewolf fell and batlike wing
prepared to robe them, shuddering.
With elvish magic Lúthien wrought,
lest raiment foul with evil fraught
to dreadful madness drive their hearts;

and there she wrought with elvish arts
a strong defence, a binding power,
singing until the midnight hour.

Swift as the wolvish coat he wore,
Beren lay slavering on the floor,
redtongued and hungry; but there lies
a pain and longing in his eyes,
a look of horror as he sees
a batlike form crawl to its knees
and drag its creased and creaking wings.
Then howling under moon he springs
fourfooted, swift, from stone to stone,
from hill to plain- but not alone:
a dark shape down the slope doth skim,
and wheeling flitters over him.

Ashes and dust and thirsty dune
withered and dry beneath the moon,
under the cold and shifting air
sifting and sighing, bleak and bare;
of blistered stones and gasping sand,
of splintered bones was built that land,
o'er which now slinks with powdered fell
and hanging tongue a shape of hell.
Many parching leagues lay still before
when sickly day crept back once more;
many choking miles yet stretched ahead
when shivering night once more was spread
with doubtful shadow and ghostly sound
that hissed and passed o'er dune and mound.
A second morning in cloud and reek
struggled, when stumbling, blind and weak,
a wolvish shape came staggering forth
and reached the foothills of the North;
upon its back there folded lay

a crumpled thing that blinked at day.

The rocks were reared like bony teeth,
and claws that grasped from opened sheath,
on either side the mournful road
that onward led to that abode
far up within the Mountain dark
with tunnels drear and portals stark.
They crept within a scowling shade,
and cowering darkly down them laid.
Long lurked they there beside the path,
and shivered, dreaming of Doriath,
of laughter and music and clean air,
in fluttered leaves birds singing fair.
They woke, and felt the trembling sound,
the beating echo far underground
shake beneath them, the rumour vast
of Morgoth's forges; and aghast
they heard the tramp of stony feet
that shod with iron went down that street:
the Orcs went forth to rape and war,
and Balrog captains marched before.

They stirred, and under cloud and shade
at eve stepped forth, and no more stayed;
as dark things on dark errand bent
up the long slopes in haste they went.
Ever the sheer cliffs rose beside,
where birds of carrion sat and cried;
and chasms black and smoking yawned,
whence writhing serpent-shapes were spawned;
until at last in that huge gloom,
heavy as overhanging doom,
that weighs on Thangorodrim's foot
like thunder at the mountain's root,
they came, as to a sombre court

walled with great towers, fort on fort
of cliffs embattled, to that last plain
that opens, abysmal and inane,
before the final topless wall
of Bauglir's immeasurable hall,
whereunder looming awful waits
the gigantic shadow of his gates.

[L]:

XII

In that vast shadow once of yore
Fingolfin stood: his shield he bore
with field of heaven's blue and star
of crystal shining pale afar.
In overmastering wrath and hate
desperate he smote upon that gate,
the Gnomish king, there standing lone,
while endless fortresses of stone
engulfed the thin clear ringing keen
of silver horn on baldric green.
His hopeless challenge dauntless cried
Fingolfin there: 'Come, open wide,
dark king, your ghastly brazen doors!
Come forth, whom earth and heaven abhors!
Come forth, O monstrous craven lord,
and fight with thine own hand and sword,
thou wielder of hosts of banded thralls,
thou tyrant leaguered with strong walls,
thou foe of Gods and elvish race!
I wait thee here. Come! Show thy face!'

Then Morgoth came. For the last time
in those great wars he dared to climb
from subterranean throne profound,

the rumour of his feet a sound
of rumbling earthquake underground.
Black-armoured, towering, iron-crowned
he issued forth; his mighty shield
a vast unblazoned sable field
with shadow like a thundercloud;
and o'er the gleaming king it bowed,
as huge aloft like mace he hurled
that hammer of the underworld,
Grond. Clanging to ground it tumbled
down like a thunder-bolt, and crumbled
the rocks beneath it; smoke up-started,
a pit yawned, and a fire darted.

Fingolfin like a shooting light
beneath a cloud, a stab of white,
sprang then aside, and Ringil drew
like ice that gleameth cold and blue,
his sword devised of elvish skill
to pierce the flesh with deadly chill.
With seven wounds it rent his foe,
and seven mighty cries of woe
rang in the mountains, and the earth quook,
and Angband's trembling armies shook.
Yet Orcs would after laughing tell
of the duel at the gates of hell;
though elvish song thereof was made
ere this but one — when sad was laid
the mighty king in barrow high,
and Thorndor, Eagle of the sky,
the dreadful tidings brought and told
to mourning Elfinesse of old.
Thrice was Fingolfin with great blows
to his knees beaten, thrice he rose
still leaping up beneath the cloud
aloft to hold star-shining, proud,

his stricken shield, his sundered helm,
that dark nor might could overwhelm
till all the earth was burst and rent
in pits about him. He was spent.
His feet stumbled. He fell to wreck
upon the ground, and on his neck
a foot like rooted hills was set,
and he was crushed — not conquered yet;
one last despairing stroke he gave:
the mighty foot pale Ringil clave
about the heel, and black the blood
gushed as from smoking fount in flood.
Halt goes for ever from that stroke
great Morgoth; but the king he broke,
and would have hewn and mangled·thrown
to wolves devouring. Lo! from throne
that Manwë bade him build on high,
on peak unsealed beneath the sky,
Morgoth to watch, now down there swooped
Thorndor the King of Eagles, stooped,
and rending beak of gold he smote
in Bauglir's face, then up did float
on pinions thirty fathoms wide
bearing away, though loud they cried,
the mighty corse, the Elven-king;
and where the mountains make a ring
far to the south about that plain
where after Gondolin did reign,
embattled city, at great height
upon a dizzy snowcap white
in mounded cairn the mighty dead
he laid upon the mountain's head.
Never Orc nor demon after dared
that pass to climb, o'er which there stared
Fingolfin's high and holy tomb,
till Gondolin's appointed doom.

Thus Bauglir earned the furrowed scar
that his dark countenance doth mar,
and thus his limping gait he gained;
but afterward profound he reigned
darkling upon his hidden throne;
and thunderous paced his halls of stone,
slow building there his vast design
the world in thraldom to confine.
Wielder of armies, lord of woe,
no rest now gave he slave or foe;
his watch and ward he thrice increased,
his spies were sent from West to East
and tidings brought from all the North,
who fought, who fell; who ventured forth,
who wrought in secret; who had hoard;
if maid were fair or proud were lord;
well nigh all things he knew, all hearts
well nigh enmeshed in evil arts.
Doriath only, beyond the veil
woven by Melian, no assail
could hurt or enter; only rumour dim
of things there passing came to him.
A rumour loud and tidings clear
of other movements far and near
among his foes, and threat of war
from the seven sons of Fëanor,
from Nargothrond, from Fingon still
gathering his armies under hill
and under tree in Hithlum's shade,
these daily came. He grew afraid
amidst his power once more; renown
of Beren vexed his ears, and down
the aisléd forests there was heard
great Huan baying.

Then came word

most passing strange of Lúthien
wild-wandering by wood and glen,
and Thingol's purpose long he weighed,
and wondered, thinking of that maid
so fair, so frail. A captain dire,
Boldog, he sent with sword and fire
to Doriath's march; but battle fell
sudden upon him: news to tell
never one returned of Boldog's host,
and Thingol humbled Morgoth's boast.
Then his heart with doubt and wrath was burned:
new tidings of dismay he learned,
how Thû was o'erthrown and his strong isle
broken and plundered, how with guile
his foes now guile beset; and spies
he feared, till each Orc to his eyes
was half suspect. Still ever down
the aisléd forests came renown
of Huan baying, hound of war
that Gods unleashed in Valinor.

Then Morgoth of Huan's fate bethought
long-rumoured, and in dark he wrought.
Fierce hunger-haunted packs he had
that in wolvish form and flesh were clad,
but demon spirits dire did hold;
and ever wild their voices rolled
in cave and mountain where they housed
and endless snarling echoes roused.
From these a whelp he chose and fed
with his own hand on bodies dead,
on fairest flesh of Elves and Men,
till huge he grew and in his den
no more could creep, but by the chair
of Morgoth's self would lie and glare,
nor suffer Balrog, Orc, nor beast

to touch him. Many a ghastly feast
he held beneath that awful throne,
rending flesh and gnawing bone.
There deep enchantment on him fell,
the anguish and the power of hell;
more great and terrible he became
with fire-red eyes and jaws aflame,
with breath like vapours of the grave,
than any beast of wood or cave,
than any beast of earth or hell
that ever in any time befell,
surpassing all his race and kin,
the ghastly tribe of Draugluin.

Him Carcharoth, the Red Maw, name
the songs of Elves. Not yet he came
disastrous, ravening, from the gates
of Angband. There he sleepless waits;
where those great portals threatening loom
his red eyes smoulder in the gloom,
his teeth are bare, his jaws are wide;
and none may walk, nor creep, nor glide,
nor thrust with power his menace past
to enter Morgoth's dungeon vast.

Now, lo! before his watchful eyes
a slinking shape he far descries
that crawls into the frowning plain
and halts at gaze, then on again
comes stalking near, a wolvish shape
haggard, wayworn, with jaws agape;
and o'er it batlike in wide rings
a reeling shadow slowly wings.
Such shapes there oft were seen to roam,
this land their native haunt and home;
and yet his mood with strange unease

is filled, and boding thoughts him seize.

‘What grievous terror, what dread guard
hath Morgoth set to wait, and barred
his doors against all entering feet?
Long ways we have come at last to meet
the very maw of death that opes
between us and our quest! Yet hopes
we never had. No turning back!’
Thus Beren speaks, as in his track
he halts and sees with werewolf eyes
afar the horror that there lies.
Then onward desperate he passed,
skirting the black pits yawning vast,
where King Fingolfin ruinous fell
alone before the gates of hell.

Before those gates alone they stood,
while Carcharoth in doubtful mood
glowered upon them, and snarling spoke,
and echoes in the arches woke:
‘Hail! Draugluin, my kindred’s lord!
‘Tis very long since hitherward
thou camest. Yea, ‘tis passing strange
to see thee now: a grievous change
is on thee, lord, who once so dire,
so dauntless, and as fleet as fire,
ran over wild and waste, but now
with weariness must bend and bow!
‘Tis hard to find the struggling breath
when Huan’s teeth as sharp as death
have rent the throat? What fortune rare
brings thee back living here to fare —
if Draugluin thou art? Come near!
I would know more, and see thee clear.’

‘Who art thou, hungry upstart whelp,
to bar my ways whom thou shouldst help?
I fare with hasty tidings new
to Morgoth from forest-haunting Thû.
Aside! for I must in; or go
and swift my coming tell below!’

Then up that doorward slowly stood,
eyes shining grim with evil mood,
uneasy growling: ‘Draugluin,
if such thou be, now enter in!
But what is this that crawls beside,
slinking as if ‘twould neath thee hide?
Though winged creatures to and fro
unnumbered pass here, all I know.
I know not this. Stay, vampire, stay!
I like not thy kin nor thee. Come, say
what sneaking errand thee doth bring,
thou wingéd vermin, to the king!
Small matter, I doubt not, if thou stay
or enter, or if in my play
I crush thee like a fly on wall,
or bite thy wings and let thee crawl.’

Huge-stalking, noisome, close he came.
In Beren’s eyes there gleamed a flame;
the hair upon his neck uprose.
Nought may the fragrance fair enclose,
the odour of immortal flowers
in everlasting spring neath showers
that glitter silver in the grass
in Valinor. Where’er did pass
Tinúviel, such air there went.
From that foul devil-sharpened scent
its sudden sweetness no disguise
enchanted dark to cheat the eyes

could keep, if near those nostrils drew
snuffling in doubt. This Beren knew
upon the brink of hell prepared
for battle and death. There threatening stared
those dreadful shapes, in hatred both,
false Draugluin and Carcharoth
when, lo! a marvel to behold:
some power, descended from of old,
from race divine beyond the West,
sudden Tinúviel possessed
like inner fire. The vampire dark
she flung aside, and like a lark
cleaving through night to dawn she sprang,
while sheer, heart-piercing silver, rang
her voice, as those long trumpets keen
thrilling, unbearable, unseen
in the cold aisles of morn. Her cloak
by white hands woven, like a smoke,
like all-bewildering, all-enthralling,
all-enfolding evening, falling
from lifted arms, as forth she stepped,
across those awful eyes she swept,
a shadow and a mist of dreams
wherein entangled starlight gleams.

'Sleep, O unhappy, tortured thrall!
Thou woebegotten, fail and fall
down, down from anguish, hatred, pain,
from lust, from hunger, bond and chain,
to that oblivion, dark and deep,
the well, the lightless pit of sleep!
For one brief hour escape the net,
the dreadful doom of life forget!'

His eyes were quenched, his limbs were loosed;
he fell like running steer that noosed

and tripped goes crashing to the ground.
Deathlike, moveless, without a sound
outstretched he lay, as lightning stroke
had felled a huge o'ershadowing oak.

[M]:

XIII

Into the vast and echoing gloom,
more dread than many-tunnelled tomb
in labyrinthine pyramid
where everlasting death is hid,
down awful corridors that wind
down to a menace dark enshrined;
down to the mountain's roots profound,
devoured, tormented, bored and ground
by seething vermin spawned of stone;
down to the depths they went alone.
The arch behind of twilit shade
they saw recede and dwindling fade;
the thunderous forges' rumour grew,
a burning wind there roaring blew
foul vapours up from gaping holes.
Huge shapes there stood like carven trolls
enormous hewn of blasted rock
to forms that mortal likeness mock;
monstrous and menacing, entombed,
at every turn they silent loomed
in fitful glares that leaped and died.
There hammers clanged, and tongues there cried
with sound like smitten stone; there wailed
faint from far under, called and failed
amid the iron clink of chain
voices of captives put to pain.

Loud rose a din of laughter hoarse,
self-loathing yet without remorse;
loud came a singing harsh and fierce
like swords of terror souls to pierce.
Red was the glare through open doors
of firelight mirrored on brazen floors,
and up the arches towering clomb
to glooms unguessed, to vaulted dome
swathed in wavering smokes and steams
stabbed with flickering lightning-gleams.
To Morgoth's hall, where dreadful feast
he held, and drank the blood of beast
and lives of Men, they stumbling came:
their eyes were dazed with smoke and flame.
The pillars, reared like monstrous shores
to bear earth's overwhelming floors,
were devil-carven, shaped with skill
such as unholy dreams doth fill:
they towered like trees into the air,
whose trunks are rooted in despair,
whose shade is death, whose fruit is bane,
whose boughs like serpents writhe in pain.
Beneath them ranged with spear and sword
stood Morgoth's sable-armoured horde:
the fire on blade and boss of shield
was red as blood on stricken field.
Beneath a monstrous column loomed
the throne of Morgoth, and the doomed
and dying gasped upon the floor:
his hideous footstool, rape of war.
About him sat his awful thanes,
the Balrog-lords with fiery manes,
redhanded, mouthed with fangs of steel;
devouring wolves were crouched at heel.
And o'er the host of hell there shone
with a cold radiance, clear and wan,

the Silmarils, the gems of fate,
emprisoned in the crown of hate.

Lo! through the grinning portals dread
sudden a shadow swooped and fled;
and Beren gasped- he lay alone,
with crawling belly on the stone:
a form bat-wingéd, silent, flew
where the huge pillared branches grew,
amid the smokes and mounting steams.
And as on the margin of dark dreams
a dim-felt shadow unseen grows
to cloud of vast unease, and woes
foreboded, nameless, roll like doom
upon the soul, so in that gloom
the voices fell, and laughter died
slow to silence many-eyed.
A nameless doubt, a shapeless fear,
had entered in their caverns drear,
and grew, and towered above them cowed,
hearing in heart the trumpets loud
of gods forgotten. Morgoth spoke,
and thunderous the silence broke:
'Shadow, descend! And do not think
to cheat mine eyes! In vain to shrink
from thy Lord's gaze, or seek to hide.
My will by none may be defied.
Hope nor escape doth here await
those that unbidden pass my gate.
Descend! ere anger blast thy wing,
thou foolish, frail, bat-shapen thing,
and yet not bat within! Come down!'

Slow-wheeling o'er his iron crown,
reluctantly, shivering and small,
Beren there saw the shadow fall,

and droop before the hideous throne,
a weak and trembling thing, alone.
And as thereon great Morgoth bent
his darkling gaze, he shuddering went,
belly to earth, the cold sweat dank
upon his fell, and crawling shrank
beneath the darkness of that seat,
beneath the shadow of those feet.

Tinúviel spake, a shrill, thin, sound
piercing those silences profound:
'A lawful errand here me brought;
from Thû's dark mansions have I sought,
from Taur-na-Fuin's shade I fare
to stand before thy mighty chair! '

'Thy name, thou shrieking waif, thy name!
Tidings enough from Thû there came
but short while since. What would he now?
Why send such messenger as thou?'

'Thuringwethil I am, who cast
a shadow o'er the face aghast
of the sallow moon in the doomed land
of shivering Beleriand.'

'Liar art thou, who shalt not weave
deceit before mine eyes. Now leave
thy form and raiment false, and stand
revealed, and delivered to my hand!'

There came a slow and shuddering change:
the batlike raiment dark and strange
was loosed, and slowly shrank and fell
quivering. She stood revealed in hell.
About her slender shoulders hung

her shadowy hair, and round her clung
her garment dark, where glimmered pale
the starlight caught in magic veil.
Dim dreams and faint oblivious sleep
fell softly thence, in dungeons deep
an odour stole of elven-flowers
from elven-dells where silver showers
drip softly through the evening air;
and round there crawled with greedy stare
dark shapes of snuffling hunger dread.

With arms upraised and drooping head
then softly she began to sing
a theme of sleep and slumbering,
wandering, woven with deeper spell
than songs wherewith in ancient dell
Melian did once the twilight fill,
profound, and fathomless, and still.

The fires of Angband flared and died,
smouldered into darkness; through the wide
and hollow halls there rolled unfurled
the shadows of the underworld.
All movement stayed, and all sound ceased,
save vaporous breath of Orc and beast.
One fire in darkness still abode:
the lidless eyes of Morgoth glowed;
one sound the breathing silence broke:
the mirthless voice of Morgoth spoke.

'So Lúthien, so Lúthien,
a liar like all Elves and Men!
Yet welcome, welcome, to my hall!
I have a use for every thrall.
What news of Thingol in his hole
shy lurking like a timid vole?

What folly fresh is in his mind,
who cannot keep his offspring blind
from straying thus? or can devise
no better counsel for his spies?'

She wavered, and she stayed her song.
'The road,' she said, 'was wild and long,
but Thingol sent me not, nor knows
what way his rebellious daughter goes.
Yet every road and path will lead
Northward at last, and here of need
I trembling come with humble brow,
and here before thy throne I bow;
for Lúthien hath many arts
for solace sweet of kingly hearts.'

'And here of need thou shalt remain
now, Lúthien, in joy or pain —
or pain, the fitting doom for all,
for rebel, thief, and upstart thrall.
Why should ye not in our fate share
of woe and travail? Or should I spare
to slender limb and body frail
breaking torment? Of what avail
here dost thou deem thy babbling song
and foolish laughter? Minstrels strong
are at my call. Yet I will give
a respite brief, a while to live,
a little while, though purchased dear,
to Lúthien the fair and clear,
a pretty toy for idle hour.
In slothful gardens many a flower
like thee the amorous gods are used
honey-sweet to kiss, and cast then bruised,
their fragrance loosing, under feet.
But here we seldom find such sweet

amid our labours long and hard,
from godlike idleness debarred.
And who would not taste the honey-sweet
lying to lips, or crush with feet
the soft cool tissue of pale flowers,
easing like gods the dragging hours?
A! curse the Gods! O hunger dire,
O blinding thirst's unending fire!
One moment shall ye cease, and slake
your sting with morsel I here take!'

In his eyes the fire to flame was fanned,
and forth he stretched his brazen hand.
Lúthien as shadow shrank aside.
'Not thus, O king! Not thus!' she cried,
'do great lords hark to humble boon!
For every minstrel hath his tune;
and some are strong and some are soft,
and each would bear his song aloft,
and each a little while be heard,
though rude the note, and light the word.
But Lúthien hath cunning arts
for solace sweet of kingly hearts.
Now hearken!' And her wings she caught
then deftly up, and swift as thought
slipped from his grasp, and wheeling round ,
fluttering before his eyes, she wound
a mazy-wingéd dance, and sped
about his iron-crownéd head.
Suddenly her song began anew;
and soft came dropping like a dew
down from on high in that domed hall
her voice bewildering, magical,
and grew to silver-murmuring streams
pale falling in dark pools in dreams.

She let her flying raiment sweep,
enmeshed with woven spells of sleep,
as round the dark void she ranged and reeled.
From wall to wall she turned and wheeled
in dance such as never Elf nor fay
before devised, nor since that day;
than swallow swifter, than flittermouse
in dying light round darkened house
more silken-soft, more strange and fair: —
than sylphine maidens of the Air
whose wings in Varda's heavenly hall
in rhythmic movement beat and fall.
Down crumpled Orc, and Balrog proud;
all eyes were quenched, all heads were bowed;
the fires of heart and maw were stilled,
and ever like a bird she thrilled
above a lightless world forlorn
in ecstasy enchanted borne.
All eyes were quenched, save those that glared
in Morgoth's lowering brows, and stared
in slowly wandering wonder round,
and slow were in enchantment bound.
Their will wavered, and their fire failed,
and as beneath his brows they paled,
the Silmarils like stars were kindled
that in the reek of Earth had dwindled
escaping upwards clear to shine,
glistening marvellous in heaven's mine.

Then flaring suddenly they fell,
down, down upon the floors of hell .
The dark and mighty head was bowed;
like mountain-top beneath a cloud
the shoulders foundered, the vast form
crashed, as in overwhelming storm
huge cliffs in ruin slide and fall;

and prone lay Morgoth in his hall.
His crown there rolled upon the ground,
a wheel of thunder; then all sound
died, and a silence grew as deep
as were the heart of Earth asleep.

Beneath the vast and empty throne
the adders lay like twisted stone,
the wolves like corpses foul were strewn;
and there lay Beren deep in swoon:
no thought, no dream nor shadow blind
moved in the darkness of his mind.
'Come forth, come forth! The hour hath knelled,
and Angband's mighty lord is felled!
Awake, awake! For we two meet
alone before the aweful seat.'
This voice came down into the deep
where he lay drowned in wells of sleep;
a hand flower-soft and flower-cool
passed o'er his face, and the still pool
of slumber quivered. Up then leaped
his mind to waking; forth he crept.
The wolvish fell he flung aside
and sprang unto his feet, and wide
staring amid the soundless gloom
he gasped as one living shut in tomb.
There to his side he felt her shrink,
felt Lúthien now shivering sink,
her strength and magic dimmed and spent,
and swift his arms about her went.

Before his feet he saw amazed
the gems of Fëanor, that blazed
with white fire glistening in the crown
of Morgoth's might now fallen down.
To move that helm of iron vast

no strength he found, and thence aghast
he strove with fingers mad to wrest
the guerdon of their hopeless quest,
till in his heart there fell the thought
of that cold morn whereon he fought
with Curufin; then from his belt
the sheathless knife he drew, and knelt,
and tried its hard edge, bitter-cold,
o'er which in Nogrod songs had rolled
of dwarvish armourers singing slow
to hammer-music long ago.
Iron as tender wood it clove
and mail as woof of loom it rove.
The claws of iron that held the gem,
it bit them through and sundered them;
a Silmaril he clasped and held,
and the pure radiance slowly welled
red glowing through the clenching flesh.
Again he stooped and strove afresh
one more of the holy jewels three
that Fëanor wrought of yore to free.
But round those fires was woven fate:
not yet should they leave the halls of hate.
The dwarvish steel of cunning blade
by treacherous smiths of Nogrod made
snapped; then ringing sharp and clear
in twain it sprang, and like a spear
or errant shaft the brow it grazed
of Morgoth's sleeping head, and dazed
their hearts with fear. For Morgoth groaned
with voice entombed, like wind that moaned
in hollow caverns penned and bound.
There came a breath; a gasping sound
moved through the halls, as Orc and beast
turned in their dreams of hideous feast;
in sleep uneasy Balrogs stirred,

and far above was faintly heard
an echo that in tunnels rolled,
a wolvish howling long and cold.

[N]:

XIV

Up through the dark and echoing gloom
as ghosts from many-tunnelled tomb,
up from the mountains' roots profound
and the vast menace underground,
their limbs aquake with deadly fear,
terror in eyes, and dread in ear,
together fled they, by the beat
affrighted of their flying feet.

At last before them far away
they saw the glimmering wraith of day,
the mighty archway of the gate
and there a horror new did wait.
Upon the threshold, watchful, dire,
his eyes new-kindled with dull fire,
towered Carcharoth, a biding doom:
his jaws were gaping like a tomb,
his teeth were bare, his tongue aflame;
aroused he watched that no one came,
no flitting shade nor hunted shape,
seeking from Angband to escape.
Now past that guard what guile or might
could thrust from death into the light?

He heard afar their hurrying feet,
he snuffed an odour strange and sweet;
he smelled their coming long before
they marked the waiting threat at door.

His limbs he stretched and shook off sleep,
then stood at gaze. With sudden leap
upon them as they sped he sprang,
and his howling in the arches rang.
Too swift for thought his onset came,
too swift for any spell to tame;
and Beren desperate then aside
thrust Lúthien, and forth did stride
unarmed, defenceless to defend
Tinúviel until the end .
With left he caught at hairy throat,
with right hand at the eyes he smote —
his right, from which the radiance welled
of the holv Silmaril he held.
As gleam of swords in fire there flashed
the fangs of Carcharoth, and crashed
together like a trap, that tore
the hand about the wrist, and shore
through brittle bone and sinew nesh,
devouring the frail mortal flesh;
and in that cruel mouth unclean
engulfed the jewel's holy sheen.

[O]:

The Unwritten Cantos

Against the wall then Beren reeled
but still with his left he sought to shield
fair Lúthien, who cried aloud
to see his pain, and down she bowed
in anguish sinking to the ground.

Where the forest-stream went through the wood,
and silent all the stems there stood
of tall trees, moveless, hanging dark

with mottled shadows on their bark
above the green and gleaming river,
there came through leaves a sudden shiver,
a windy whisper through the still
cool silences; and down the hill,
as faint as a deep sleeper's breath,
an echo came as cold as death:
'Long arc thc paths, of shadow made
where no foot's print is ever laid,
over the hills, across the seas!
Far, far away are the Lands of Ease,
but the Land of the Lost is further yet,
where the Dead wait, while ye forget.
No moon is there, no voice, no sound
of beating heart; a sigh profound
once in each age as each age dies
alone is heard. Far, far it lies,
the Land of Waiting where the Dead sit,
in their thought's shadow, by no moon lit.

4. A Balada de Leithian Recomeçada

[A]:

1. OF THINGOL IN DORIATH

A king there was in days of old:
ere Men yet walked upon the mould
his power was reared in caverns' shade,
his hand was over glen and glade.
Of leaves his crown, his mantle green,
his silver lances long and keen;
the starlight in his shield was caught,
ere moon was made or sun was wrought.
In after-days, when to the shore

of Middle-earth from Valinor
the Elven-hosts in might returned,
and banners flew and beacons burned,
when kings of Eldamar went by
in strength of war, beneath the sky
then still his silver trumpets blew
when sun was young and moon was new.
Afar then in Beleriand,
in Doriath's beleaguered land,
King Thingol sat on guarded throne
in many-pillared halls of stone:
there beryl, pearl, and opal pale,
and metal wrought like fishes' mail,
buckler and corslet, axe and sword,
and gleaming spears were laid in hoard:
all these he had and counted small,
for dearer than all wealth in hall,
and fairer than are born to Men,
a daughter had he, Lúthien.

OF LÚTHIEN THE BELOVED

Such lissom limbs no more shall run
on the green earth beneath the sun;
so fair a maid no more shall be
from dawn to dusk, from sun to sea.
Her robe was blue as summer skies,
but grey as evening were her eyes;
her mantle sewn with lilies fair,
but dark as shadow was her hair.
Her feet were swift as bird on wing,
her laughter merry as the spring;
the slender willow, the bowing reed,
the fragrance of a flowering mead,
the light upon the leaves of trees,
the voice of water, more than these

her beauty was and blissfulness,
her glory and her loveliness.

She dwelt in the enchanted land
while elven-might yet held in hand
the woven woods of Doriath:
none ever thither found the path
unbidden, none the forest-eaves
dared pass, or stir the listening leaves.
To North there lay a land of dread,
Dungorthin where all ways were dead
in hills of shadow bleak and cold;
beyond was Deadly Nightshade's hold
in Taur-nu-Fuin's fastness grim,
where sun was sick and moon was dim.
To South the wide earth unexplored;
to West the ancient Ocean roared,
unsailed and shoreless, wide and wild;
to East in peaks of blue were piled,
in silence folded, mist-enfurled,
the mountains of the outer world.

Thus Thingol in his dolven hall
amid the Thousand Caverns tall
of Menegroth as king abode:
to him there led no mortal road.
Beside him sat his deathless queen,
fair Melian, and wove unseen
nets of enchantment round his throne,
and spells were laid on tree and stone:
sharp was his sword and high his helm,
the king of beech and oak and elm.
When grass was green and leaves were long,
when finch and mavis sang their song,
there under bough and under sun
in shadow and in light would run

fair Lúthien the elven-maid,
dancing in dell and grassy glade.

OF DAIRON MINSTREL OF THINGOL

When sky was clear and stars were keen,
then Dairon with his ringers lean,
as daylight melted into eve,
a trembling music sweet would weave
on flutes of silver, thin and clear
for Lúthien, the maiden dear.

There mirth there was and voices bright;
there eve was peace and morn was light;
there jewel gleamed and silver wan
and red gold on white fingers shone,
and elanor and niphredil
bloomed in the grass unfading still,
while the endless years of Elven-land
rolled over far Beleriand,
until a day of doom befell,
as still the elven-harpers tell.

2. OF MORGOTH & THE SNARING OF GORLIM

Far in the Northern hills of stone
in caverns black there was a throne
by flame encircled; there the smoke
in coiling columns rose to choke
the breath of life, and there in deep
and gasping dungeons lost would creep
to hopeless death all those who strayed
by doom beneath that ghastly shade.
A king there sat, most dark and fell
of all that under heaven dwell.
Than earth or sea, than moon or star

more ancient was he, mightier far
in mind abysmal than the thought
of Eldar or of Men, and wrought
of strength primeval; ere the stone
was hewn to build the world, alone
he walked in darkness, fierce and dire,
burned, as he wielded it, by fire.
He 'twas that laid in ruin black
the Blessed Realm and fled then back
to Middle-earth anew to build
beneath the mountains mansions filled
with misbegotten slaves of hate:
death's shadow brooded at his gate.
His hosts he armed with spears of steel
and brands of flame, and at their heel
the wolf walked and the serpent crept
with lidless eyes. Now forth they leapt,
his ruinous legions, kindling war
in field and frith and woodland hoar.
Where long the golden elanor
had gleamed amid the grass they bore
their banners black, where finch had sung
and harpers silver harps had wrung
now dark the ravens wheeled and cried
amid the reek, and far and wide
the swords of Morgoth dripped with red
above the hewn and trampled dead.
Slowly his shadow like a cloud
rolled from the North, and on the proud
that would not yield his vengeance fell;
to death or thraldom under hell
all things he doomed: the Northern land
lay cowed beneath his ghastly hand.

But still there lived in hiding cold
Bëor's son, Barahir the bold,

of land bereaved and lordship shorn
who once a prince of Men was born,
and now an outlaw lurked and lay
in the hard heath and woodland grey.

OF THE SAVING OF KING INGLOR FELAGUND BY THE XII BËORINGS

Twelve men beside him still there went,
still faithful when all hope was spent.
Their names are yet in elven-song
remembered, though the years are long
since doughty Dagnir and Ragnor,
Radhruin, Dairuin and Gildor,
Gorlim Unhappy, and Urthel,
and Arthad and Hathaldir fell;
since the black shaft with venomed wound
took Belegund and Baragund,
the mighty sons of Bregolas;
since he whose doom and deeds surpass
all tales of Men was laid on bier,
fair Beren son of Barahir.
For these it was, the chosen men
of Bëor's house, who in the fen
of reedy Serech stood at bay
about King Inglor in the day
of his defeat, and with their swords
thus saved of all the Elven-lords
the fairest; and his love they earned.
And he escaping south, returned
to Nargothrond his mighty realm,
where still he wore his crowned helm;
but they to their northern homeland rode,
dauntless and few, and there abode
unconquered still, defying fate,
pursued by Morgoth's sleepless hate.

OF TARN AELUIN THE BLESSED

Such deeds of daring there they wrought
that soon the hunters that them sought
at rumour of their coming fled.
Though price was set upon each head
to match the weregild of a king,
no soldier could to Morgoth bring
news even of their hidden lair;
for where the highland brown and bare
above the darkling pines arose
of steep Dorthonion to the snows
and barren mountain-winds, there lay
a tarn of water, blue by day,
by night a mirror of dark glass
for stars of Elbereth that pass
above the world into the West.
Once hallowed, still that place was blest:
no shadow of Morgoth, and no evil thing
yet thither came; a whispering ring
of slender birches silver-grey
stooped on its margin, round it lay
a lonely moor, and the bare bones
of ancient Earth like standing stones
thrust through the heather and the whin;
and there by houseless Aeluin
the hunted lord and faithful men
under the grey stones made their den.

OF GORLIM UNHAPPY

Gorlim Unhappy, Angrim's son,
as the tale tells, of these was one
most fierce and hopeless. He to wife,
while fair was the fortune of his life,
took the white maiden Eilinel:

dear love they had ere evil fell.
To war he rode; from war returned
to find his fields and homestead burned,
his house forsaken roofless stood,
empty amid the leafless wood;
and Eilinel, white Eilinel,
was taken whither none could tell,
to death or thraldom far away.
Black was the shadow of that day
for ever on his heart, and doubt
still gnawed him as he went about
in wilderness wandring, or at night
oft sleepless, thinking that she might
ere evil came have timely fled
into the woods: she was not dead,
she lived, she would return again
to seek him, and would deem him slain.
Therefore at whiles he left the lair,
and secretly, alone, would peril dare,
and come to his old house at night,
broken and cold, without fire or light,
and naught but grief renewed would gain,
watching and waiting there in vain.

In vain, or worse- for many spies
had Morgoth, many lurking eyes
well used to pierce the deepest dark;
and Gorlim's coming they would mark
and would report. There came a day
when once more Gorlim crept that way,
down the deserted weedy lane
at dusk of autumn sad with rain
and cold wind whining. Lo! a light
at window fluttering in the night
amazed he saw; and drawing near,
between faint hope and sudden fear,

he looked within. 'Twas Eilinel!
Though changed she was, he knew her well.
With grief and hunger she was worn,
her tresses tangled, raiment torn;
her gentle eyes with tears were dim,
as soft she wept: 'Gorlim, Gorlim!
Thou canst not have forsaken me.
Then slain, alas! thou slain must be!
And I must linger cold, alone,
and loveless as a barren stone!'

One cry he gave- and then the light
blew out, and in the wind of night
wolves howled; and on his shoulder fell
suddenly the griping hands of hell.
There Morgoth's servants fast him caught
and he was cruelly bound, and brought
to Sauron captain of the host,
the lord of werewolf and of ghost,
most foul and fell of all who knelt
at Morgoth's throne. In might he dwelt
on Gaurhoth Isle; but now had ridden
with strength abroad, by Morgoth bidden
to find the rebel Barahir.
He sat in dark encampment near,
and thither his butchers dragged their prey.
There now in anguish Gorlim lay:
with bond on neck, on hand and foot,
to bitter torment he was put,
to break his will and him constrain
to buy with treason end of pain.
But naught to them would he reveal
of Barahir, nor break the seal
of faith that on his tongue was laid;
until at last a pause was made,
and one came softly to his stake,

a darkling form that stooped, and spake
to him of Eilinel his wife.
'Wouldst thou,' he said, 'forsake thy life,
who with few words might win release
for her, and thee, and go in peace,
and dwell together far from war,
friends of the King? What wouldst thou more?'
And Gorlim, now long worn with pain,
yearning to see his wife again
(whom well he weened was also caught
in Sauron's net), allowed the thought
to grow, and faltered in his troth.
Then straight, half willing and half loath,
they brought him to the seat of stone
where Sauron sat. He stood alone
before that dark and dreadful face,
and Sauron said: 'Come, mortal base!
What do I hear? That thou wouldst dare
to barter with me? Well, speak fair!
What is thy price?' And Gorlim low
bowed down his head, and with great woe,
word on slow word, at last implored
that merciless and faithless lord
that he might free depart, and might
again find Eilinel the White,
and dwell with her, and cease from war
against the King. He craved no more.

Then Sauron smiled, and said: 'Thou thrall!
The price thou askest is but small
for treachery and shame so great!
I grant it surely! Well, I wait:
Come! Speak now swiftly and speak true!'
Then Gorlim wavered, and he drew
half back; but Sauron's daunting eye
there held him, and he dared not lie:

as he began, so must he wend
from first false step to faithless end:
he all must answer as he could,
betray his lord and brotherhood,
and cease, and fall upon his face.

Then Sauron laughed aloud. 'Thou base,
thou cringing worm! Stand up,
and hear me! And now drink the cup
that I have sweetly blent for thee!
Thou fool: a phantom thou didst see
that I, I Sauron, made to snare
thy lovesick wits. Naught else was there.
Cold 'tis with Sauron's wraiths to wed!
Thy Eilinel! She is long since dead,
dead, food of worms less low than thou.
And yet thy boon I grant thee now:
to Eilinel thou soon shalt go,
and lie in her bed, no more to know
of war- or manhood. Have thy pay!'

And Gorlim then they dragged away,
and cruelly slew him; and at last
in the dank mould his body cast,
where Eilinellong since had lain
in the burned woods by butchers slain.
Thus Gorlim died an evil death,
and cursed himself with dying breath,
and Barahir at last was caught
in Morgoth's snare; for set.at naught
by treason was the ancient grace
that guarded long that lonely place,
Tarn Aeluin: now all laid bare
were secret paths and hidden lair.

3. OF BEREN SON OF BARAHIR & HIS ESCAPE

Dark from the North now blew the cloud;
the winds of autumn cold and loud
hissed in the heather; sad and grey
Aeluin's mournful water lay.
'Son Beren', then said Barahir,
'Thou knowst the rumour that we hear
of strength from the Gaurhoth that is sent
against us; and our food nigh spent.
On thee the lot falls by our law
to go forth now alone to draw
what help thou canst from the hidden few
that feed us still, and what is new
to learn. Good fortune go with thee!
In speed return, for grudgingly
we spare thee from our brotherhood,
so small: and Gorlim in the wood
is long astray or dead. Farewell!'
As Beren went, still like a knell
resounded in his heart that word,
the last of his father that he heard.

Through moor and fen, by tree and briar
he wandered far: he saw the fire
of Sauron's camp, he heard the howl
of hunting Orc and wolf a-prowl,
and turning back, for long the way,
benighted in the forest lay.
In weariness he then must sleep,
fain in a badger-hole to creep,
and yet he heard (or dreamed it so)
nearby a marching legion go
with clink of mail and clash of shields
up towards the stony mountain-fields.
He slipped then into darkness down,
until, as man that waters drown
strives upwards gasping, it seemed to him

he rose through slime beside the brim
of sullen pool beneath dead trees.
Their livid boughs in a cold breeze
trembled, and all their black leaves stirred:
each leaf a black and croaking bird,
whose neb a gout of blood let fall.
He shuddered, struggling thence to crawl
through winding weeds, when far away
he saw a shadow faint and grey
gliding across the dreary lake.
Slowly it came, and softly spake:
'Gorlim I was, but now a wraith
of will defeated, broken faith,
traitor betrayed. Go! Stay not here!
Awaken, son of Barahir,
and haste! For Morgoth's fingers close
upon thy father's throat; he knows
your trysts, your paths, your secret lair.'
Then he revealed the devil's snare
in which he fell, and failed; and last
begging forgiveness, wept, and passed
out into darkness. Beren woke,
leapt up as one by sudden stroke
with fire of anger filled. His bow
and sword he seized, and like the roe
hotfoot o'er rock and heath he sped
before the dawn. Ere day was dead
to Aeluin at last he came,
as the red sun westward sank in flame;
but Aeluin was red with blood,
red were the stones and trampled mud.
Black in the birches sat a-row
the raven and the carrion crow;
wet were their nebs, and dark the meat
that dripped beneath their griping feet.
One croaked: 'Ha, ha, he comes too late!'

'Ha, ha!' they answered, 'ha! too late!'
There Beren laid his father's bones
in haste beneath a cairn of stones;
no graven rune nor word he wrote
o'er Barahir, but thrice he smote
the topmost stone, and thrice aloud
he cried his name. 'Thy death', he vowed,
'I will avenge. Yea, though my fate
should lead at last to Angband's gate.'
And then he turned, and did not weep:
too dark his heart, the wound too deep.
Out into night, as cold as stone,
loveless, friendless, he strode alone.

Of hunter's lore he had no need
the trail to find. With little heed
his ruthless foe, secure and proud,
marched north away with blowing loud
of brazen horns their lord to greet,
trampling the earth with grinding feet.
Behind them bold but wary went
now Beren, swift as hound on scent,
until beside a darkling well,
where Rivil rises from the fell
down into Serech's reeds to flow,
he found the slayers, found his foe.
From hiding on the hillside near
he marked them all: though less than fear,
too many for his sword and bow
to slay alone. Then, crawling low
as snake in heath, he nearer crept.
There many weary with marching slept,
but captains, sprawling on the grass,
drank and from hand to hand let pass
their booty, grudging each small thing
raped from dead bodies. One a ring

held up, and laughed: 'Now, mates,' he cried
'here's mine! And I'll not be denied,
though few be like it in the land.
For I 'twas wrenched it from the hand
of that same Barahir I slew,
the robber-knave. If tales be true,
he had it of some elvish lord,
for the rogue-service of his sword.
No help it gave to him- he's dead.
They're parlous, elvish rings, 'tis said;
still for the gold I'll keep it, yea
and so eke out my niggard pay.
Old Sauron bade me bring it back,
and yet, methinks, he has no lack
of weightier treasures in his hoard:
the greater the greedier the lord!
So mark ye, mates, ye all shall swear
the hand of Barahir was bare!'
And as he spoke an arrow sped
from tree behind, and forward dead
choking he fell with barb in throat;
with leering face the earth he smote.
Forth, then as wolfhound grim there leapt
Beren among them. Two he swept
aside with sword; caught up the ring;
slew one who grasped him; with a spring
back into shadow passed, and fled
before their yells of wrath and dread
of ambush in the valley rang.
Then after him like wolves they sprang,
howling and cursing, gnashing teeth,
hewing and bursting through the heath,
shooting wild arrows, sheaf on sheaf,
at trembling shade or shaken leaf.
In fateful hour was Beren born:
he laughed at dart and wailing horn;

fleetest of foot of living men,
tireless on fell and light on fen,
elf-wise in wood, he passed away,
defended by his hauberk grey
of dwarvish craft in Nogrod made,
where hammers rang in cavern's shade.

As fearless Beren was renowned:
when men most hardy upon ground
were reckoned folk would speak his name,
foretelling that his after-fame
would even golden Hador pass
or Barahir and Bregolas;
but sorrow now his heart had wrought
to fierce despair, no more he fought
in hope of life or joy or praise,
but seeking so to use his days
only that Morgoth deep should feel
the sting of his avenging steel,
ere death he found and end of pain :
his only fear was thraldom's chain.
Danger he sought and death pursued,
and thus escaped the doom he wooed,
and deeds of breathless daring wrought
alone, of which the rumour brought
new hope to many a broken man.
They whispered 'Beren', and began
in secret swords to whet, and soft
by shrouded hearths at evening oft
songs they would sing of Beren's bow,
of Dagmor his sword: how he would go
silent to camps and slay the chief,
or trapped in his hiding past belief
would slip away, and under night
by mist or moon, or by the light
of open day would come again.

Of hunters hunted, slayers slain
they sang, of Gorgol the Butcher hewn,
of ambush in Ladros, fire in Drûn,
of thirty in one battle dead,
of wolves that yelped like curs and fled,
yea, Sauron himself with wound in hand.
Thus one alone filled all that land
with fear and death for Morgoth's folk;
his comrades were the beech and oak
who failed him not, and wary things
with fur and fell and feathered wings
that silent wander, or dwell alone
in hill and wild and waste of stone
watched o'er his ways, his faithful friends.

Yet seldom well an outlaw ends;
and Morgoth was a king more strong
than all the world has since in song
recorded: dark athwart the land
reached out the shadow of his hand,
at each recoil returned again;
two more were sent for one foe slain.
New hope was cowed, all rebels killed;
quenched were the fires, the songs were stilled,
tree felled, heath burned, and through the waste
marched the black host of Orcs in haste.
Almost they closed their ring of steel
round Beren; hard upon his heel
now trod their spies; within their hedge
of all aid shorn, upon the edge
of death at bay he stood aghast
and knew that he must die at last,
or flee the land of Barahir,
his land beloved. Beside the mere
beneath a heap of nameless stones
must crumble those once mighty bones,

forsaken by both son and kin,
bewailed by reeds of Aeluin.

In winter's night the houseless North
he left behind, and stealing forth
the leaguer of his watchful foe
he passed - a shadow on the snow,
a swirl of wind, and he was gone,
the ruin of Dorthonion,
Tarn Aeluin and its water wan,
never again to look upon.
No more shall hidden bowstring sing,
no more his shaven arrows wing,
no more his hunted head shall lie
upon the heath beneath the sky.
The Northern stars, whose silver fire
of old Men named the Burning Briar,
were set behind his back, and shone
o'er land forsaken: he was gone.

Southward he turned, and south away
his long and lonely journey lay,
while ever loomed before his path
the dreadful peaks of Gorgorath.
Never had foot of man most bold
yet trod those mountains steep and cold,
nor climbed upon their sudden brink,
whence, sickened, eyes must turn and shrink
to see their southward cliffs fall sheer
in rocky pinnacle and pier
down into shadows that were laid
before the sun and moon were made.
In valleys woven with deceit
and washed with waters bitter-sweet
dark magic lurked in gulf and glen;
but out away beyond the ken

of mortal sight the eagle's eye
from dizzy towers that pierced the sky
might grey and gleaming see afar,
as sheen on water under star,
Beleriand, Beleriand,
the borders of the Elven-land.

4· OF THE COMING OF BEREN TO DORIATH; BUT FIRST IS TOLD OF THE MEETING OF MELIAN AND THINGOL

There long ago in Elder-days
ere voice was heard or trod were ways,
the haunt of silent shadows stood
in starlit dusk Nan Elmoth wood.
In Elder-days that long are gone
a light amid the shadows shone,
a voice was in the silence heard:
the sudden singing of a bird.
There Melian came, the Lady grey,
and dark and long her tresses lay
beneath her silver girdle-seat
and down unto her silver feet.
The nightingales with her she brought,
to whom their song herself she taught,
who sweet upon her gleaming hands
had sung in the immortal lands.
Thence wayward wandering on a time
from Lórien she dared to climb
the everlasting mountain-wall
of Valinor, at whose feet fall
the surges of the Shadowy Sea.
Out away she went then free,
to gardens of the Gods no more
returning, but on mortal shore,
a glimmer ere the dawn she strayed,
singing her spells from glade to glade.

A bird in dim Nan Elmoth wood
trilled, and to listen Thingol stood
amazed; then far away he heard
a voice more fair than fairest bird,
a voice as crystal clear of note
as thread of silver glass remote.

Of folk and kin no more he thought;
of errand that the Eldar brought
from Cuiviénen far away,
of lands beyond the Seas that lay
no more he reeked, forgetting all,
drawn only by that distant call
till deep in dim Nan Elmoth wood
lost and beyond recall he stood.
And there he saw her, fair and fay:
Ar-Melian, the Lady grey,
as silent as the windless trees,
standing with mist about her knees,
and in her face remote the light
of Lórien glimmered in the night.
No word she spoke; but pace by pace,
a halting shadow, towards her face
forth walked the silver-mantled king,
tall Elu Thingol. In the ring
of waiting trees he took her hand.
One moment face to face they stand
alone, beneath the wheeling sky,
while starlit years on earth go by
and in Nan Elmoth wood the trees
grow dark and tall. The murmuring seas
rising and falling on the shore
and Ulmo's horn he heeds no more.

But long his people sought in vain
their lord, till Ulmo called again,

and then in grief they marched away,
leaving the woods. To havens grey
upon the western shore, the last
long shore of mortal lands, they passed,
and thence were borne beyond the Sea
in Aman, the Blessed Realm, to be
by evergreen Ezellohar
in Valinor, in Eldamar.

[B]:

In later days, when Morgoth fled
from wrath and raised once more his head
and Iron Crown, his mighty seat
beneath the smoking mountain's feet
founded and fortified anew,
then slowly dread and darkness grew:
the Shadow of the North that all
the Folk of Earth would hold in thrall.
The lords of Men to knee he brings,
the kingdoms of the Exiled Kings
assails with ever-mounting war:
in their last havens by the shore
they dwell, or strongholds walled with fear
defend upon his borders drear,
till each one falls. Yet reign there still
in Doriath beyond his will ·
the Grey King and immortal Queen.
No evil in their realm is seen;
no power their might can yet surpass:
there still is laughter and green grass,
there leaves are lit by the white sun,
and many marvels are begun.

There went now in the Guarded Realm
beneath the beech, beneath the elm,

there lightfoot ran now on the green
the daughter of the king and queen:
of Arda's eldest children born
in beauty of their elven-morn
and only child ordained by birth
to walk in raiment of the Earth
from Those descended who began
before the world of Elf and Man.

Beyond the bounds of Arda far
still shone the Legions, star on star,
memorials of their labour long,
achievement of Vision and of Song;
and when beneath their ancient light
on Earth below was cloudless night,
music in Doriath awoke,
and there beneath the branching oak,
or seated on the beech-leaves brown,
Daeron the dark with ferny crown
played on his pipes with elvish art
unbearable by mortal heart.
No other player has there been,
no other lips or fingers seen
so skilled, 'tis said in elven-lore,
save Maelor son of Fëanor,*
forgotten harper, singer doomed,
who young when Laurelin yet bloomed
to endless lamentation passed
and in the tombless sea was cast. t
But Daeron in his heart's delight
yet lived and played by starlit night,
until one summer-eve befell,
as still the elven harpers tell.
Then merrily his piping trilled;
the grass was soft, the wind was stilled,
the twilight lingered faint and cool

in shadow-shapes upon the pool!
beneath the boughs of sleeping trees
standing silent. About their knees
a mist of hemlocks glimmered pale,
and ghostly moths on lace-wings frail
went to and fro. Beside the mere
quickening, rippling, rising clear
the piping called. Then forth she came,
as sheer and sudden as a flame
of peerless white the shadows cleaving,
her maiden-bower on white feet leaving;
and as when summer stars arise
radiant into darkened skies,
her living light on all was cast
in fleeting silver as she passed.
There now she stepped with elven pace,
bending and swaying in her grace,
as half-reluctant; then began
to dance, to dance: in mazes ran
bewildering, and a mist of white
was wreathed about her whirling flight.
Wind-ripples on the water flashed,
and trembling leaf and flower were plashed
with diamond-dews, as ever fleet
and fleeter went her wingéd feet.

Her long hair as a cloud was streaming
about her arms uplifted gleaming,
as slow above the trees the Moon
in glory of the plenilune
arose, and on the open glade
its light serene and clear was laid.
Then suddenly her feet were stilled,
and through the woven wood there thrilled,
half wordless, half in elven-tongue,
her voice upraised in blissful song

that once of nightingales she learned
and in her living joy had turned
to heart-enthralling loveliness,
unmarred, immortal, sorrowless.

lr lthil ammen Eruchín
menel-vîr síla díriel
si loth a galadh lasto dîn!
A Hîr Annûn gilthoniel,
le linnon im Tinúviel!

O elven-fairest Lúthien
what wonder moved thy dances then?
That night what doom of Elvenesse
enchanted did thy voice possess?
Such marvel shall there no more be
on Earth or west beyond the Sea,
at dusk or dawn, by night or noon
or neath the mirror of the moon!
On Neldoreth was laid a spell;
the piping into silence fell,
for Daeron cast his flute away,
unheeded on the grass it lay,
in wonder bound as stone he stood
heart-broken in the listening wood.
And still she sang above the night,
as light returning into light
upsoaring from the world below
when suddenly there came a slow
dull tread of heavy feet on leaves,
and from the darkness on the eaves
of the bright glade a shape came out
with hands agrope, as if in doubt
or blind, and as it stumbling passed
under the moon a shadow cast
bended and darkling. Then from on high

as lark falls headlong from the sky
the song of Lúthien fell and ceased;
but Daeron from the spell released
awoke to fear, and cried in woe:
'Flee Lúthien, ah Lúthien go!
An evil walks the wood! Away!'
Then forth he fled in his dismay
ever calling her to follow him,
until far off his cry was dim
'Ah flee, ah flee now, Lúthien!'
But silent stood she in the glen
unmoved, who never fear had known,
as slender moonlit flower alone,
white and windless with upturned face
waiting

[C]:

Then Thingol said: 'O Dairon wise,
with wary ears and watchful eyes,
who all that passes in this land
dost ever heed and understand,
what omen doth this silence bear?

[D]:

beneath the trees of Ennorath.
Would it were so! An age now hath
gone by since Nahar trod this earth
in days of our peace and ancient mirth,
ere rebel lords of Eldamar
pursuing Morgoth from afar
brought war and ruin to the North.
Doth Tauros to their aid come forth?
But if not he, who comes or what?'
And Dairon said: 'He cometh not!

No feet divine shall leave that shore
where the Outer Seas' last surges roar,
till many things be come to pass,
and many evils wrought. Alas!
the guest is here. The woods are still,
but wait not; for a marvel chill
them holds at the strange deeds they see,
though king sees not — yet queen, maybe,
can guess, and maiden doubtless knows
who ever now beside her goes.'

[E]:

But Dairon looked on Lúthien's face
and faltered, seeing his disgrace
in those clear eyes. He spoke no more,
and silent Thingol's anger bore.

[F]:

I now must go to my long rest
in Aman, there beyond the shore
of Eldamar for ever more
in memory to dwell.' Thus died the king,
as still the elven harpers sing.

[G]:

Songs have recalled, by harpers sung
long years ago in elven tongue,
how Lúthien and Beren strayed
in Sirion's vale; and many a glade
they filled with joy, and there their feet 5
passed by lightly, and days were sweet.
Though winter hunted through the wood,
still flowers lingered where they stood.
Tinúviel! Tinúviel!

Still unafraid the birds now dwell
and sing on boughs amid the snow
where Lúthien and Beren go.

From Sirion's Isle they passed away,
but on the hill alone there lay
a green grave, and a stone was set,
and there there lie the white bones yet
of Finrod fair, Finarfin's son,
unless that land be changed and gone,
or foundered in unfathomed seas,
while Finrod walks beneath the trees
in Eldamar and comes no more*
to the grey world of tears and war.

To Nargothrond no more he came
but thither swiftly ran the fame
of their dead king and his great deed,
how Lúthien the Isle had freed:
the Werewolf Lord was overthrown,
and broken were his towers of stone.
For many now came home at last
who long ago to shadow passed;
and like a shadow had returned
Huan the hound, though scant he earned
or praise or thanks of Celegorm.
There now arose a growing storm,
a clamour of many voices loud,
and folk whom Curufin had cowed
and their own king had help denied,
in shame and anger now they cried:
'Come! Slay these faithless lords untrue!
Why lurk they here? What will they do,
but bring Finarfin's kin to naught,
treacherous cuckoo-guests unsought?
Away with them!' But wise and slow

Orodreth spoke: 'Beware, lest woe
and wickedness to worse ye bring!
Finrod is fallen. I am king.
But even as he would speak, I now
command you. I will not allow
in Nargothrond the ancient curse
from evil unto evil worse
to work. With tears for Finrod weep
repentant! Swords for Morgoth keep!
No kindred blood shall here be shed.
Yet here shall neither rest nor bread
the brethren find who set at naught
Finarfin's house. Let them be sought,
unharmed to stand before me! Go!
The courtesy of Finrod show!'

In scorn stood Celegorm, unbowed,
with glance of fire in anger proud
and menacing; but at his side
smiling and silent, wary-eyed,
was Curufin, with hand on haft
of his long knife. And then he laughed,
and 'Well?' said he. 'Why didst thou call
for us, Sir Steward? In thy hall
we are not wont to stand. Come, speak,
if aught of us thou hast to seek!'

Cold words Orodreth answered slow:
'Before the king ye stand. But know,
of you he seeks for naught. His will
ye come to hear, and to fulfil.
Be gone for ever, ere the day
shall fall into the sea! Your way
shall never lead you hither more,
nor any son of Fëanor;
of love no more shall there be bond

between your house and Nargothrond!'

'We will remember it,' they said,
and turned upon their heels, and sped,
saddled their horses, trussed their gear,
and went with hound and bow and spear,
alone; for none of all the folk
would follow them. No word they spoke,
but sounded horns, and rode away
like wind at end of stormy day.

Towards Doriath the wanderers now
were drawing nigh. Though bare was bough,
and winter through the grasses grey
went hissing chill, and brief was day,
they sang beneath the frosty sky
above them lifted clear and high.
They came to Mindeb swift and bright
that from the northern mountains' height
to Neldoreth came leaping down
with noise among the boulders brown,
but into sudden silence fell,
passing beneath the guarding spell
that Melian on the borders laid
of Thingol's land. There now they stayed;
for silence sad on Beren fell.
Unheeded long, at last too well
he heard the warning of his heart:
alas, beloved, here we part.
'Alas, Tinúviel,' he said,
'this road no further can we tread
together, no more hand in hand
can journey in the Elven-land.'
'Why part we here? What dost thou say,
even at dawn of brighter day?'

[H]:

My word, alas! I now must keep,
and not the first of men must weep
for oath in pride and anger sworn.
Too brief the meeting, brief the morn,
too soon comes night when we must part!
All oaths are for breaking of the heart,
with shame denied, with anguish kept.
Ah! would that now unknown I slept
with Barahir beneath the stone,
and thou wert dancing still alone,
unmarred, immortal, sorrowless,
singing in joy of Elvenesse.'

'That may not be. For bonds there are
stronger than stone or iron bar,
more strong than proudIy spoken oath.
Have I not plighted thee my troth?
Hath love no pride nor honour then?
Or dost thou deem then Lúthien
so frail of purpose, light of love?
By stars of Elbereth above!
If thou wilt here my hand forsake
and leave me lonely paths to take,
then Lúthien will not go home...

[I]:

In rage and haste
thus madly eastward they now raced,
to find the old and perilous path
between the dreadful Gorgorath
and Thingol's realm. That was their road
most swift to where their kin abode
far off, where Himring's watchful hill

o'er Aglon's gorge hung tall and still.

They saw the wanderers. With a shout
straight on them turned their steeds about ...

[J]:

the Silmarils with living light
were kindled clear, and waxing bright
shone like the stars that in the North
above the reek of earth leap forth.

[K]:

In claws of iron the gem was caught;
the knife them rent, as they were naught
but brittle nails on a dead hand.
Behold! the hope of Elvenland,
the fire of Fëanor, Light of Morn
before the sun and moon were born,
thus out of bondage came at last,
from iron to mortal hand it passed.
There Beren stood. The jewel he held,
and its pure radiance slowly welled
through flesh and bone, and turned to fire
with hue of living blood. Desire
then smote his heart their doom to dare,
and from the deeps of Hell to bear
all three immortal gems, and save
the elven-light from Morgoth's grave.
Again he stooped; with knife he strove;
through band and claw of iron it clove.
But round the Silmarils dark Fate
was woven: they were meshed in hate,
and not yet come was their doomed hour
when wrested from the fallen power

of Morgoth in a ruined world,
regained and lost, they should be hurled
in fiery gulf and groundless sea,
beyond recall while Time shall be.

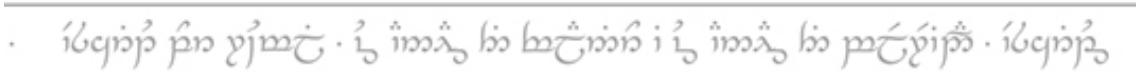
[L]:

At last before them far away
they saw a glimmer, faint and grey
of ghostly light that shivering fell
down from the yawning gates of Hell.
Then hope awoke, and straightway died —
the doors were open, gates were wide;
but on the threshold terror walked.
[os dois versos seguintes devem estar entre {}]
{ The dreadful wolf awake there stalked }
The wolf awake there watchful stalked
[fim dos versos que devem estar entre {}]
and in his eyes the red fire glowered;
there Carcharoth in menace towered,
a waiting death, a biding doom:

and Beren in despair then strode
past Lúthien to bar the road,
unarmed, defenceless, to defend
the elven-maid until the end.

J.R.R. TOLKIEN
A HISTÓRIA
DA TERRA-MÉDIA
A FORMAÇÃO
DA TERRA-MÉDIA
Editado por
CHRISTOPHER TOLKIEN

ᚹᛖᛚᚲᛟᛗᛖ ᛏᛟ ᚦᛖ ᚹᛟᚱᛚᛞ ᛟᚠ ᚦᛖ ᚹᛁᛋᛖ ᚨᚾᛞ ᚦᛖ ᛒᚱᚨᚹᛖ ᚨᚾᛞ ᚦᛖ ᚠᚱᛖᛖ ᚨᚾᛞ ᚦᛖ ᛒᚨᚾᛞᛖᛞ ᚹᛖᛚᚲᛟᛗᛖ ᛏᛟ ᚦᛖ ᚹᛟᚱᛚᛞ ᛟᚠ ᚦᛖ ᚹᛁᛋᛖ ᚨᚾᛞ ᚦᛖ ᚠᚱᛖᛖ ᚨᚾᛞ ᚦᛖ ᛒᚨᚾᛞᛖᛞ



J.R.R. TOLKIEN

A HISTÓRIA DA TERRA-MÉDIA

IV

A FORMAÇÃO DA TERRA-MÉDIA

Editado por CHRISTOPHER TOLKIEN

Tradução de
GABRIEL OLIVA BRUM

Harper Collins
Rio de Janeiro, 2023

Prefácio

Este livro traz "A História da Terra-média" a algum momento da década de 1930: a obra cosmogônica *Ambarkanta* e as primeiras versões dos *Anais de Valinor* e dos *Anais de Beleriand*, ainda que posteriores ao *Quenta Noldorinwa* — a versão do "Silmarillion" que creio que foi escrita em 1930 —, não podem ser datados de maneira mais precisa.

Este é o estágio ao qual meu pai chegou quando *O Hobbit* foi escrito. Ao se comparar o *Quenta* com o *Silmarillion* publicado, vê-se que o caráter essencial da obra atingira agora a sua plenitude; na forma e cadência de frases, até mesmo de passagens inteiras, há ecos constantes de um no outro; e, ainda assim, o *Silmarillion* publicado é cerca de três ou quatro vezes mais longo.

Após o apressado "Esboço da Mitologia" (capítulo II deste livro), o *Quenta Noldorinwa* foi na verdade a única versão completa de "O Silmarillion" que meu pai escreveu. Por volta do final de 1937, ele interrompeu o trabalho em uma nova versão, *Quenta Silmarillion*, que se estendia até a metade da história de Túrin Turambar, e começou *O Senhor dos Anéis* (ver *As Baladas de Beleriand*, pp. 364–67). Quando, depois de muitos anos, ele retornou à Primeira Era, a vasta extensão do mundo que agora tomara forma fez com que o *Quenta Silmarillion*, que fora interrompido a pleno vapor, não pudesse ser retomado de onde parara; e embora tenha feito revisões e ampliações por demais complexas das partes mais antigas nos anos seguintes, ele nunca mais obteve uma estrutura completa e coerente. Assim, especialmente em seus últimos capítulos, o *Quenta Noldorinwa* é um dos elementos primários no estudo da obra como um todo.

Em os *Anais de Valinor* e os *Anais de Beleriand* vê-se os primórdios da estrutura cronológica que viria a se tornar uma preocupação central. Os Anais acabariam por se desdobrar em uma

"tradição" à parte, paralelos a e sobrepondo-se a "O Silmarillion" propriamente dito, porém distintos dele, e (após versões intermediárias) apareceriam nos anos após a conclusão de *O Senhor dos Anéis* em duas obras essenciais da Matéria da Terra-média, os *Anais de Aman* e *os Anais Cinzentos de Beleriand* (ver pp. 209, 345). Com o *Quenta* e essas versões mais antigas dos *Anais*, apresento os textos breves em anglo-saxão que se pretende terem sido escritos por Ælfwine (Eriol) com base nas obras que estudou em Tol Eressëa, a Ilha Solitária.

Os comentários destinam-se em grande parte a relacionar a geografia, nomes, eventos, parentescos e motivos àquilo que veio antes e ao que veio depois; inevitavelmente isso acarreta uma boa dose de referências aos livros anteriores, e o texto dos comentários dificilmente é atraente (mas por estarem em uma fonte menor podem ser distinguidos com facilidade das obras originais). O meu objetivo é tentar mostrar, e não de um modo meramente impressionista, como a Terra-média e sua história foram construídas gradual e delicadamente, e como uma longa série de pequenas mudanças ou combinações não raro levava ao surgimento de novas e imprevistas estruturas — como, por exemplo, na história de Gwindor de Nargothrond (p. 206).

A organização dos textos do "Esboço da Mitologia" e do *Quenta*, divididos em seções numeradas comparáveis de um texto para o outro, é explicada na p. 18. Os volumes anteriores da série são referidos como I (*O Livro dos Contos Perdidos 1*), II (*O Livro dos Contos Perdidos 2*) e III (*As Baladas de Beleriand*).

Os mapas e diagramas no livro são reproduzidos com a permissão da Bodleian Library, Oxford, e sou grato à equipe do Departamento de Manuscritos Ocidentais da Bodleian por sua assistência.

O quinto volume conterá a história inacabada de meu pai de "viagem no tempo", *A Estrada Perdida*, ao lado das formas mais antigas da lenda de Númenor, que possuem estreita relação com a história; o *Lhammas*, ou Relato de Línguas; as *Etimologias*; e todos os escritos que dizem respeito à Primeira Era à época em que *O Senhor dos Anéis* foi começado.

1

Fragmentos em prosa após os Contos Perdidos

Antes de apresentar o "Esboço da Mitologia", a forma mais antiga do "Silmarillion" em prosa, há alguns breves textos em prosa que podem ser reunidos aqui de modo conveniente.

(i)

Entre os papéis soltos há um texto antigo, logo abandonado, intitulado *Turlin e os eLivross de Gondolin*. É possível ver que ele se relaciona de perto com o início do conto de *A Queda de Gondolin* (II. 183), mas ao mesmo tempo contém muitos trechos novos. De imediato fica claro que era o início de uma versão posterior do conto devido ao nome *Mithrim*, pois este somente substituiu *Asgon* por meio de uma emenda no texto final de *A Queda de Gondolin* (II. 242). Segue-se abaixo esse texto breve. Nas primeiras três ocorrências do nome *Turlin* na narrativa (mas não no título) ele foi emendado para *Turgon*; na quarta e na quinta, Turgon foi escrito dessa forma desde o início. Usei *Turgon* em todo o texto.

"Então", disse Ilfiniol, filho de Bronweg, "sabei que Ulmo, Senhor das Águas, não esquecia nunca as tristezas das gentes élficas sob o poder de Melko, mas pouco podia fazer por causa da raiva dos outros Deuses, que fecharam seus corações para a raça dos Gnomos e habitavam atrás dos montes velados de Valinor, ignorando o Mundo Exterior, tão grande era seu pesar e remorso pela morte das Duas Árvores. Nenhum deles, exceto Ulmo, temia o poder de Melko, que causava ruína e pesar por toda a Terra, mas Ulmo desejava que Valinor reunisse toda a sua

força para apagar esse mal antes que fosse tarde demais e parecia-lhe que ambos os propósitos poderiam, quiçá, se realizar se mensageiros dos Gnomos pudessem chegar a Valinor e suplicar perdão e piedade para a Terra; pois o amor de Palúrien e Oromë, seu filho, por aqueles amplos reinos apenas dormia. Contudo, dura e terrível era a jornada da Terra de Fora até Valinor, e os próprios Deuses tinham enredado os caminhos com magia e velado os montes que os cercavam. Assim, Ulmo buscava incessantemente incitar os Gnomos a mandar mensageiros para Valinor, mas Melko era sagaz e de sabedoria muito profunda e nunca dormia sua vigilância a respeito de todas as coisas que afetavam as gentes élficas, e os mensageiros não sobrepujavam os perigos e tentações daquele que era o mais longo e mais difícil de todos os caminhos, e muitos dos que ousavam partir se perdiam para sempre.

Conta, pois, o conto de como Ulmo perdeu as esperanças de que qualquer um da raça élfica conseguiria passar pelos perigos do caminho e do último e mais profundo desígnio que ele então planejou e das coisas que vieram dele.

Naqueles dias, a maior parte das gentes dos Homens habitava, depois da Batalha das Lágrimas Inumeráveis, naquela terra do Norte que tem muitos nomes, mas que os Elfos de Kôr chamam de Hisilómë, isto é, a Bruma do Crepúsculo, e que os Gnomos, os quais a conhecem melhor entre a gente dos Elfos, dão o nome de Dor-lómin, a Terra das Sombras. Um povo numeroso havia lá, habitando à volta das águas amplas e pálidas de Mithrim, o grande lago que existe naquelas regiões, e outros grupos o chamavam de Tunglin ou o povo da Harpa, pois seu deleite era a música selvagem e o trabalho de menestrel das colinas e dos bosques, mas eles não conheciam o mar nem o cantavam. Ora, esse povo viera àqueles lugares depois da terrível batalha, sendo convocado tarde demais para lá de muito longe, e

não traziam mancha alguma de traição contra a gente dos Elfos; mas, de fato, muitos entre eles mantinham qualquer amizade com os Gnomos escondidos das montanhas e com os Elfos Escuros que fosse possível, apesar da tristeza e da desconfiança nascida daqueles feitos ruinosos no Vale de Niniach. Turgon era um homem daquele povo, filho de Peleg, filho de Indor, filho de [Ear >] Fengel, que era o chefe deles e, ouvindo o chamado, tinha marchado das profundezas do Leste com todo o seu povo. Mas Turgon não habitava muito com sua gente e amava outrossim a solidão e a amizade dos Elfos, cujas línguas conhecia, e vagava só à volta das longas margens de Mithrim, ora caçando em seus bosques, ora fazendo música repentina nas rochas com sua harpa tosca de madeira, cujas cordas eram tendões de ursos. Mas não cantava para os ouvidos dos Homens, e muitos, ouvindo falar do poder de suas canções simples, vinham de longe ouvi-lo tocar; [?mas] Turgon deixou de lado seu canto e partiu para lugares solitários nas montanhas.

Muitas coisas estranhas aprendeu lá, notícias truncadas de coisas distantes, e veio-lhe o anseio por saberes mais profundos, mas por enquanto seu coração não deixava as longas margens e as águas pálidas do Mithrim em meio às brumas. Contudo, não era sua sina habitar para sempre naqueles lugares, pois dizem que a magia e o destino o levaram certo dia para uma abertura cavernosa nas rochas, pela qual descia um rio escondido, vindo de Mithrim. E Turgon entrou naquela caverna buscando descobrir seus segredos, mas as águas do Mithrim o levaram adiante para o coração das rochas, e ele não podia voltar à luz. Isso, dizem os homens, não se deu sem a vontade de Ulmo, a cujo pedido, talvez, os Gnomos tinham construído aquele caminho profundo e oculto. Então vieram os Gnomos a Turgon e o guiaram ao longo das passagens escuras em meio às montanhas até que ele saiu mais uma vez à luz.

O texto termina aqui (embora páginas manuscritas escritas na mesma época continuem com outro tema, ver (ii) abaixo.

Turlin deve ter sido uma mudança passageira de *Tuor* (cf. a forma *Tûr* que aparece em textos de *A Queda de Gondolin*, II. 182), assim como *Turgon*; no Conto, *Turgon* é obviamente o nome do Rei de Gondolin. Essa curiosa transferência passageira de um nome primário nas lendas pode ser comparada à breve substituição de *Thingol* por *Celegorm* e *Beren* por *Maglor* na *Balada de Leithian* (III. 193–94).

Particularmente interessante é o relato aqui das origens do povo de Tuor: eles vieram do Leste para a Batalha das Lágrimas Inumeráveis, mas chegaram tarde demais. Isso dificilmente não possui qualquer relação com a chegada dos Lestenses antes da batalha na história tardia. A genealogia de Tuor (Turlin, Turgon) é aqui "filho de Peleg, filho de Indor, filho de Fengel". Em *A Queda de Gondolin* ele é "filho de Peleg, filho de Indor" (II. 195); no fragmento da *Balada da Queda de Gondolin*, ele é o filho de Fengel, e em notas relacionadas o próprio Tuor é chamado de *Fengel* (III. 177). Sua gente aqui é os *Tunglin*, o povo da Harpa, enquanto em *A Queda de Gondolin* (*ibid.*) ele pertence à "casa do Cisne dos filhos dos Homens do Norte".

Também é notável a abertura do presente texto, na qual são descritos os anseios e planos de Ulmo: suas tentativas incessantes de persuadir os Gnomos a enviarem mensageiros a Valinor, seu isolamento dos outros Valar, seu desejo de que o poder de Valinor enfrentasse Melko enquanto ainda havia tempo. Não parece haver qualquer outra menção à tentativa de Ulmo de instigar os Gnomos a enviarem mensagens a Valinor; e apesar de seu isolamento em sua compaixão pelos Gnomos nas Grandes Terras aparecer de forma intensa no início do conto de *A Ocultação de Valinor* (I. 252), lá Manwë e Varda, além de Ulmo, opunham-se à retirada de Valinor do destino do "mundo".

Por fim, "o Vale de Niniach" deve ser o local da Batalha das Lágrimas Inumeráveis; cf. "o Vale das Águas do Pranto" nos resumos para o *Conto de Gilfanon* (I. 288–90). *Niniach* não torna a

ocorrer com esse uso, embora o caminho pelo qual Tuor desceu ao mar viesse a ser chamado *Cirith Ninniach*, a Fenda do Arco-íris.

(ii)

O manuscrito *Turlin e os eLivross de Gondolin* continua (o papel e a letra são idênticos, e todas as folhas estavam no mesmo lugar) com um texto adicional de grande interesse, visto que representa o primeiro passo na direção da história tardia da chegada dos Noldor à Terra-média desde os resumos para o *Conto de Gilfanon* (I. 285 ss.). O texto foi escrito às pressas a lápis e é difícil de entender em alguns trechos.

Então Gelmir, rei dos Gnomos, reuniu sua gente infeliz e disse: "Chegamos enfim às Grandes Terras e pusemos nossos pés sobre a Terra, e nem mesmo a sabedoria-élfica *inda* pode dizer o que há de vir disso; mas o tormento e a dor e as lágrimas que suportamos no caminho para cá hão de ser cantados e contados em contos por toda gente da raça élfica no porvir; sim, e mesmo entre outros filhos de Ior alguns hão de recordar o feito."

Por longo tempo a gente-gnômica habitou junto às costas ocidentais nas regiões do norte da Terra; e sua angústia foi diminuída. Alguns havia que vagavam para longe e ganhavam conhecimento acerca das terras ao redor, e buscavam sempre saber para onde Melko fugira, ou onde estavam escondidos as gemas e o tesouro de Valinor. [*Riscado*: Então Gelmir congregou suas hostes e três grandes exércitos tinha ele, e Golfin, seu filho, era capitão de um, e Delin, seu filho, de um segundo, [Oleg >] Lúthien, seu filho, do terceiro, mas Gelmir era senhor e rei.] Depois disso toda a gente seguiu para o Leste e um tanto para o Sul, e todos os exércitos de Golfin e de Delin avançavam desimpedidos. Ora, o gelo derreteu, e a neve [? diminuiu], e as árvores adensavam-se nos montes, e seus corações se confortavam, até que suas harpas e flautas

despertaram mais uma vez. Então as rochas ecoaram com a doce música dos Elfos, e a [?chegada] incontável de seus muitos pés; novas flores brotavam atrás daqueles exércitos em marcha, pois a terra se alegrou com a chegada dos Gnomos, tampouco o sol ou a alva lua já haviam contemplado coisas mais belas naquelas plagas do que o campo movente de lanças reluzentes e armaduras élficas feitas de ouro. Mas as mulheres e donzelas e crianças dos Gnomos cantavam ao seguirem viagem atrás, e mais límpida canção de esperança as terras jamais ouviram desde então, contudo era triste e pressaga como o canto que se ouvira sobre [Kôr >] o monte de Tûn enquanto as Duas Árvores ainda floresciam.

De todos os batedores e hostes espalhadas que muito se adiantaram ou se puseram de ambos os lados dos Gnomos em marcha, nenhum era mais ávido ou ardia com maior fogo do que Fëanor, o artífice de gemas, e seus sete filhos; porém nada ainda haviam descoberto, e chegaram enfim os Gnomos àquela mágica terra setentrional de que as histórias falam amiúde, e por conta de suas matas escuras e montanhas cinzentas e brumas profundas, os Gnomos a chamaram de Dor Lómin, terra de sombras. Naquela região há um lago, Mithrim, cujas águas poderosas refletem uma pálida imagem dos montes circundantes. Ali os Gnomos mais uma vez descansaram por um longo tempo, e Gelmir deixou que fossem erguidas moradas para a gente nas margens e matas costeiras, mas lá também contou e congregou todas suas hostes de lanceiros e arqueiros, e de espadachins, pois grande número de armas os Gnomos haviam trazido de Valinor e dos arsenais de Makar à sua guerra com Melko. E três grandes exércitos tinha Gelmir sob seu senhorio, e Golfin, seu filho, era capitão de um, e Delin, seu filho, de outro, e Lúthien (não aquela Lúthien das Rosas, que é de outro e tardio conto), de um terceiro; e o poderio de Golfin estava nos

espadachins, e Delin tinha mais daqueles que portavam as longas . . . . lanças élficas, mas a alegria de Lúthien residia no número e . . . . . de seus arqueiros — e o arco sempre foi a arma com a qual a gente-élfica teve mui espantosa habilidade. Ora, as cores dos Gnomos eram dourado e branco naqueles dias antigos em memória das Duas Árvores, mas o estandarte de Gelmir trazia sobre um campo de prata uma coroa d'ouro, e cada capitão tinha uma bela bandeira; e o símbolo de Golfin naqueles dias era sobre ouro uma espada prateada, e o de Delin uma folha verde de faia sobre prata coberta de flores douradas, e o de Lúthien uma andorinha dourada que voava por um campo azul-celeste como se fosse o céu repleto de estrelas prateadas, e os filhos de Fëanor fizeram aquele estandarte e aquelas bandeiras, e brilhavam à luz do sol e em meio às brumas, e ao luar e na escuridão sem estrelas pela luz das gemas de feitura-gnômica que as costuravam [*sic*].

Ora, deu-se depois de um tempo que Fëanor passou para além dos montes que cingiam Dor Lómin naquelas partes [ao norte de >] além de Artanor, onde havia terras abertas despovoadas e montes desprovidos de árvores, e tinha não pequena companhia e três de seus filhos consigo. Assim chegaram certo dia, perto do anoitecer, ao topo de um monte, e ao longe avistaram uma luz rubra que saltava em um vale aberto no lado voltado na direção [?deles]. Então Fëanor indagou o que tal fogo poderia ser, e ele e sua gente marcharam velozes na calada da noite para lá, de modo que antes da aurora olhavam do alto para aquele vale. Lá se depararam com uma companhia armada não menor que sua própria, e estava sentada em volta de uma imensa fogueira de lenha. A maioria dormia, mas alguns se moviam, e Fëanor levantou-se então e chamou com sua clara voz, de maneira que o vale sombrio ecoou: "Quem sois vós;

homens dos Gnomos ou que outros? Dizei depressa, pois é melhor que saibais que os filhos de Fëanor vos cercam."

Então um grande clamor irrompeu no vale e a gente de Fëanor logo ficou ciente que não eram gente élfica, por conta de suas vozes roucas e gritos desagradáveis, e muitas flechas voaram no escuro na direção daquela voz, mas Fëanor já não se encontrava lá. Depressa partira e levara a maioria de sua gente para a entrada do vale, onde um córrego brotava [...] cobertas de árvores

Aqui o texto termina de forma abrupta e próximo ao alto da página; está claro que nada mais foi escrito.

A casa noldorin ainda não havia surgido, mas temos um rei Gelmir dos Gnomos, com seus filhos Golfin, Delin, Lúthien (o último emendado a partir de *Oleg*), capitães de seus três exércitos. Não há indícios de que Fëanor e seus filhos estivessem associados com esses personagens em qualquer espécie de parentesco próximo. No fragmento da *Balada da Queda de Gondolin* (ver III. 178–79) aparece — pela primeira vez — *Fingolfin*, que assume o lugar de Finwë Nólemë como o pai de Turgon e Isfin, mas não é o filho de Finwë, e sim de *Gelmir*. Sugeri naquela ocasião que esse Gelmir, pai de Golfin/Fingolfin, deveria ser identificado com Finwë, pai de Fingolfin nos poemas aliterantes e posteriormente; e é possível que o nome *Gelmir* esteja precisamente ligado a *Fin-golma*, que nos resumos do *Conto de Gilfanon* é outro nome para Finwë Nólemë (I. 287–88, e ver I. 317, verbete *Nólemë*). É preciso lembrar que Finwë Nólemë na primeira versão da lenda não era o pai de Fëanor e não foi morto por Melko em Valinor, mas veio para as Grandes Terras. — Dos outros filhos de Gelmir mencionados no presente texto, Delin e Lúthien, não há qualquer traço em nenhum outro lugar.

Certamente está claro que *Golfin* aqui é a primeira aparição de Fingolfin, e que da mesma forma este texto veio antes do início abandonado da *Balada da Queda de Gondolin*. Por outro lado, a história obscura da morte de Fëanor nos resumos mais antigos (I. 287–88) desaparece, e embora o presente texto seja interrompido

cedo demais para se ter certeza, parece extremamente provável que, caso meu pai tivesse continuado um pouco mais, ficaríamos sabendo da morte de Fëanor em batalha com os Orques que ele e seus companheiros haviam provocado no vale onde estavam acampados. Também é possível que tivéssemos uma explicação para os versos intrigantes da Balada (III. 177):

> Os gládios dos Glamhoth o sangue do rei foram beber quando só ele ajudou Fëanor.

Seja como for, aqui ainda estamos longe da história das hostes divididas e da traição de Fëanor.

O acampamento de Mithrim (Asgon) já fora mencionado nos resumos antigos, mas no mais tardio há menção (I. 287) da primeira feitura de armas pelos Gnomos nessa época, enquanto no presente texto é dito que trouxeram uma grande quantidade de armas "de Valinor e dos arsenais de Makar". Aqui aparece também a forma mais antiga da ideia das flores brotando sob os pés em marcha da hoste gnômica.

Uma heráldica característica aparece nos exércitos liderados pelos filhos de Gelmir, todos em ouro e prata, em memória das Duas Árvores — as bandeiras feitas (curiosamente) pelos filhos de Fëanor. No "Esboço da Mitologia", as bandeiras de Fingolfin eram em azul e prata, como permaneceram (p. 30).

O nome *Ior*, que ocorre no início do texto na expressão "entre outros filhos de Ior" (por oposição a "raça élfica") e, portanto, parece referir-se a Ilúvatar, ocorre em outro lugar somente em uma referência bem diferente: o nome aparece no antigo dicionário gnômico como o equivalente do qenya *Ivárë*, "o famoso 'flautista do mar'".

(iii)

Em terceiro lugar e por fim, um pedaço isolado de papel contém um vestígio muito curioso de um estágio em desenvolvimento entre *A Fuga dos Noldoli* nos *Contos Perdidos* e o "Esboço da Mitologia".

As Árvores estão escuras. A Planície está repleta de perturbação. Os Gnomos reúnem-se à luz de tochas em Tûn ou Côr; Fëanor lamenta Bruithwir (Felegron) [*emendado para* (Feleor)], seu pai, diz para os Gnomos partirem e procurarem Melko e seus tesouros — ele anseia pelas Silmarils — Finweg e Fingolfin falam contra ele. Os Gnomos gritam e preparam-se para partir. Os Solosimpi recusam-se: as palavras sábias de Ethlon (Dimlint). Ginetes d'Ondas [?praias]. As ameaças de Fëanor de marchar até Cú nan Eilch. O arco, os ancoradouros iluminados por lamparinas; eles capturam os barcos. Um certo Gilfanon vê seu poderoso barco com asas e penas de cisne com remos vermelhos [?partindo] e ele e seus filhos correm para o arco e ameaçam os Gnomos. A luta no arco e a [?maldição] de Gilfanon antes que o joguem nas ondas. Os Gnomos chegam a Fangros e se arrependem — incendeiam os barcos.

Aqui Bruithwir (com o nome adicional de Felegron > Feleor) ainda é o pai de Fëanor como nos *Contos Perdidos*; mas Fingolfin e Finweg surgiram, e falam contra Fëanor (não está claro se Finweg aqui é o pai de Fingolfin (Finwë) ou o filho de Fingolfin (posteriormente Fingon): ver III. 166–67, 178). Características narrativas que nunca foram abordadas no desenvolvimento posterior de "O Silmarillion" aparecem aqui pela única vez. O que havia por trás das "palavras sábias de Ethlon (Dimlint)" e das "ameaças de Fëanor de marchar até Cú nan Eilch" desapareceu sem deixar vestígios. O nome *Fangros* aparece mais uma vez em outro lugar, no poema aliterante *Filhos de Húrin*, III. 44 verso 631 (anteriormente *Fangair*), onde há uma referência a uma canção, ou canções, sendo cantadas

> o combate em Fangros e dos filhos de Fëanor
> a jura inquebrantável.

(a fuga e o juramento não precisam estar relacionados de modo algum). Porém, o que quer que tenha acontecido em Fangros perdeu-

se em definitivo; e em lugar algum mais tarde há qualquer indicação de que a queima dos navios tenha ocorrido por arrependimento. Nos *Contos Perdidos* (I. 205), os Gnomos abandonaram “seus navios roubados” quando atravessaram o Gelo; Sorontur relatou a Manwë (I. 214) que vira “uma frota de brancas naus vazias à deriva nas procelas, e umas ardiam com fogo brilhante”; e Manwë “soube que os Noldoli se tinham ido para sempre, e seus navios estavam queimados ou abandonados”.

Por fim, *Gilfanon* aparece como um Elfo de Alqualondë, um dos jogados ao mar pelos Gnomos, embora não seja dito que ele se afogou. Gilfanon de Tavrobel era um Gnomo (I. 211–12); e parece praticamente certo que os dois Gilfanons não eram a mesma pessoa. Nesse caso, é mais provável que o Elfo de Tavrobel tivesse deixado de ser chamado assim; embora, como creio, não tenha deixado de existir (ver p. 322).

2

A primeira versão do "Silmarillion"

(O "ESBOÇO DA MITOLOGIA")

Apresentei anteriormente (III. 11) um relato deste texto, mas repito aqui as informações essenciais a respeito dele. Em um envelope que continha o manuscrito, meu pai escreveu algum tempo depois:

> O "Silmarillion" original. Forma orig[inalmente] composta c. 1926–30 para R.W. Reynolds para explicar o pano de fundo da "versão aliterante" de Túrin e o Dragão: na época em andamento (inacabada) (começada c. 1918).

O "Esboço" representa um novo ponto de partida na história de "O Silmarillion"; durante algum tempo é uma sinopse muito breve, e os posteriores desenvolvimentos escritos da forma em prosa derivam dele em uma linha direta. Está claro pelos detalhes que não precisam ser repetidos aqui que o texto foi escrito originalmente em 1926 (depois de a *Balada dos Filhos de Húrin* ter sido abandonada, III. 11); porém mais tarde foi revisado, em alguns trechos de forma extensiva, e isso o torna um texto difícil de ser apresentado de um modo ao mesmo tempo acurado e facilmente compreensível. O método que adotei foi fornecer o texto exatamente como foi escrito (exceto por pouquíssimas pequenas alterações de expressões que de modo algum afetam a narrativa, adotadas sem comentários no texto), mas dividido em seções curtas, cada qual seguida de notas que informam as mudanças posteriores feitas naquela seção. Devo enfatizar que não há base no manuscrito para as 19 divisões assim criadas: é simplesmente uma questão de conveniência de apresentação. Tal método possui certas vantagens: as mudanças posteriores podem ser facilmente comparadas com o texto original que as precede; e visto que a versão seguinte de "O Silmarillion", o

Quenta, foi tratada da mesma forma e dividida em seções numeradas correspondentes, passagens de uma podem ser relacionadas sem dificuldade àquelas da outra.

As mudanças posteriores são referidas por números que começam por 1 em cada seção. O comentário segue-se ao final do texto completo e está relacionado às seções numeradas.

Esboço da mitologia com especial referência aos "Filhos de Húrin"

1

Depois dos Nove Valar serem enviados para a governança do mundo, Morgoth (Demônio do Escuro) rebela-se contra a suserania de Manwë, derruba as lamparinas erigidas para iluminar o mundo e inunda a ilha de Almaren, onde os Valar (ou Deuses) habitam. Ele fortifica um palácio de masmorras no Norte. Os Valar mudam-se para o extremo Oeste, cujas fronteiras são os Mares de Fora e a Muralha final e, a leste, as altaneiras Montanhas de Valinor que os Deuses erigiram. Em Valinor, eles reúnem toda luz e todas as coisas belas e constroem suas mansões, jardins e cidade, mas Manwë e sua esposa, Bridhil, têm salões sobre a mais alta montanha (Timbrenting ou Tindbrenting em português, Tengwethil em gnômico, Taníquetil em élfico), de onde podem ver o mundo todo até o Leste escuro. Ifan Belaurin[1] planta as Duas Árvores em meio à planície de Valinor, fora dos portões da cidade de Valmar. Elas crescem sob suas canções, e uma tem folhas verde-escuras com prata brilhante na parte inferior, e flores brancas como as da cerejeira, das quais um orvalho de luz prateada cai; a outra tem folhas de um verde jovem, como o de uma jovem faia, com bordas douradas, e flores amarelas como as flores pendentes do laburno, que dão calor e luz ofuscante. Cada árvore cresce em luz por sete[2] horas até sua glória plena e então míngua por sete

horas; duas vezes por dia, portanto, chega um momento de luz mais suave no qual cada árvore brilha tênue e a luz delas se mescla.

[1] *Yavanna Palúrien* adicionado na margem.

[2] Nas duas ocorrências de *sete* nessa frase meu pai escreveu primeiro *seis*, mas mudou o número enquanto escrevia o manuscrito.

2

As Terras de Fora estão na escuridão. O crescimento das coisas foi detido quando Morgoth apagou as lamparinas. Há florestas de escuridão, de teixo e abeto e hera. Nelas Oromë às vezes caça, mas, no Norte, Morgoth e suas crias demoníacas (Balrogs) e os Orques (Gobelins, também chamados de Glamhoth ou povo do ódio) dominam. Bridhil olha para a escuridão e se comove e, tomando toda a luz entesourada de Silpion (a árvore branca), faz e espalha as estrelas.

Com a feitura das estrelas os filhos da Terra despertam — os Eldar (ou Elfos). São encontrados por Oromë habitando próximo à lagoa iluminada pelas estrelas (Cuiviénen, água do despertar), no Leste. Ele cavalga para Valinor tomado pela beleza deles e conta as novas aos Valar, que recordam seu dever quanto à Terra, já que eles foram para lá sabendo que sua função era governá-la para as duas raças da Terra que deveriam vir depois, cada uma em seu tempo designado. Segue-se, pois, uma expedição à fortaleza do Norte (Angband, Inferno-de-Ferro), mas essa agora é forte demais para ser destruída. Morgoth, mesmo assim, é feito cativo e confinado nos salões de Mandos, que habitava o Norte de Valinor.

Os Eldalië (povo dos Elfos) são convidados a ir para Valinor porque se temia os seres malévolos de Morgoth que ainda vagavam no escuro. Começa uma grande marcha dos Eldar vindos do Leste, liderada por Oromë em seu cavalo branco. Os Eldar se dividem em três hostes: uma, cujo líder é Ingwë (Ing), que depois é chamada de Quendi (ou Elfos propriamente ditos, ou Elfos-da-luz), uma, cujo líder é Finwë (Finn), que depois é chamada de Noldoli (Gnomos ou Elfos-profundos), uma, cujo líder é Elwë (Elu), que depois é chamada de Teleri (Elfos-do-mar, ou Solosimpi, os Flautistas das Terras Costeiras ou Ginetes-d'Ondas). Muitos deles se perdem durante a marcha e vagueiam pelos bosques do mundo, transformando-se nas várias hostes dos Ilkorindi (Elfos que nunca habitaram Côr, em Valinor). O principal entre esses é Thingol, que ouviu Melian e seus rouxinóis cantando e caiu sob encanto e adormeceu durante toda uma era. Melian era uma das donzelas divinas do Vala Lórien que por vezes vagava para o mundo de fora. Melian e Thingol se tornaram Rainha e Rei dos Elfos da floresta em Doriath, vivendo em um salão chamado As Mil Cavernas.

3

Os outros Elfos chegaram às últimas costas do Oeste. No Norte, estas, naquele tempo, inclinavam-se rumo ao oeste até que apenas um mar estreito as separava da terra dos Deuses, e esse mar estreito estava repleto de gelo pungente. Mas, no ponto a que as hostes-élficas haviam chegado, um mar vasto e escuro se estendia para o oeste.

Havia dois Valar do Mar. Ulmo (Ylmir), o mais poderoso de todos os Valar depois de Manwë, era senhor de todas as águas, mas habitava com frequência em Valinor, ou nos "Mares de Fora". Ossë e a senhora Óin,[1] cujas tranças se estendem por todo

o mar, amavam outrossim os mares do mundo que banham as costas no sopé das Montanhas de Valinor. Ylmir desenraizou a ilha semiafundada que fora a primeira morada dos Valar, embarcou nela os Noldoli e os Qendi, que tinham chegado primeiro, e carregou-os para Valinor. Os Teleri habitaram algum tempo as costas do mar esperando, e daí seu amor pelas águas. Enquanto estavam sendo também transportados por Ylmir, Ossë, por ciúme e por amor ao cantar deles, acorrentou a ilha ao leito do mar na parte mais distante da Baía de Feéria, de onde as Montanhas de Valinor podiam ser vistas vagamente. Nenhuma outra terra ficava próxima a esse lugar, que foi chamado de Ilha Solitária. Lá os Teleri habitaram por uma longa era, tornando-se diferentes em língua e aprendendo a estranha música de Ossë, que fez as aves do mar para o deleite deles.

Os Deuses deram um lar em Valinor aos outros Eldar. Porque eles ansiavam, mesmo entre os jardins iluminados pelas Árvores de Valinor, por um vislumbre das estrelas, uma brecha foi feita nas montanhas circundantes e lá, em um vale profundo, um monte verdejante, Côr, foi erigido. Esse era iluminado do Oeste pelas Árvores, a Leste dava para a Baía de Feéria e para a Ilha Solitária, e além, para os Mares Sombrios. Assim, algo da luz abençoada de Valinor era filtrada para as Terras de Fora e, caindo sobre a Ilha Solitária, fez com que suas costas a oeste se tornassem verdes e belas.

No topo de Côr a cidade dos Elfos foi construída, e a chamaram de Tûn. Os Qendi se tornaram os mais amados por Manwë e Bridhil, os Noldoli por Aulë (o Ferreiro) e por Mandos, o sábio. Os Noldoli inventaram gemas e as fizeram em números incontáveis, enchendo toda Tûn com elas e todos os salões dos Deuses.[2]

O maior em engenho e magia entre os Noldoli era Fëanor, o segundo filho de Finn. (Seu filho mais velho, Fingolfin,[3] cujo

filho era Finnweg, entra mais tarde na história.) Ele criou três joias (Silmarils) dentro das quais um fogo vivo, combinação da luz das Duas Árvores, foi posto, elas brilhavam por sua própria luz, mãos impuras eram queimadas por elas.

Os Teleri, vendo ao longe a luz de Valinor, ficaram divididos entre o desejo de se reunir à sua gente e o de viver perto do mar. Ylmir ensinou-lhes a arte de construir barcos. Ossë, cedendo aos desejos deles, deu-lhes cisnes e, atrelando muitos cisnes a seus barcos, eles velejaram para Valinor e lá habitaram as praias, onde podiam ver a luz das Árvores e ir para Valmar se desejassem, mas podiam velejar e dançar nas águas tocadas pela luz do esplendor que vinha de Côr. Os outros Eldar deram-lhes muitas gemas, especialmente opalas e diamantes e outros cristais pálidos que foram espalhados pelas praias da Baía de Feéria. Eles mesmos inventaram as pérolas. Sua cidade principal era Porto-cisne, nas costas ao norte do passo de Côr.

[1] *Uinen* escrito a lápis junto a Óin.

[2] A seguinte passagem foi posteriormente acrescentada aqui:

> Uma vez que os Gnomos ou Noldoli mais tarde retornaram às Grandes Terras, e estas histórias tratam mormente deles, pode aqui ser dito que o Senhor ou Rei dos Noldoli era Finn. Seus filhos eram Fëanor, Fingolfin e Finrod. Dos quais Fëanor era o de maior engenho, o de saber mais profundo, Fingolfin o mais poderoso e mais valente, Finrod o mais belo, e o de coração mais sábio e gentil. Os sete filhos de Fëanor eram Maidros, o alto; Maglor, um músico e grande cantor, cuja voz era ouvida ao longe na terra e no mar; Curufin, o matreiro, o que mais herdou a habilidade de seu pai; Celegorm, o alvo; Cranthir, o moreno; e Damrod e Díriel, que mais tarde foram grandes caçadores. Os filhos de Fingolfin eram Finweg, que mais tarde foi o rei dos Noldoli no Norte do mundo, e Turgon de Gondolin; e sua filha era Isfin, a branca. Os filhos de Finrod eram Orodreth, Felagoth, Anrod e Egnor.

Na última frase, *Felagoth* > *Felagund*, e *Orodreth* movido para ficar depois de *Felagund*.

[3] *Fëanor, o segundo filho de Finn* e *Seu filho mais velho, Fingolfin* > *Fëanor, o filho mais velho de Finn* e *Seu segundo filho, Fingolfin* (uma mudança antiga, possivelmente feita na época da composição do manuscrito).

4

Os Deuses então foram iludidos por Morgoth, o qual, tendo passado sete eras nas prisões de Mandos, sob penas que iam sendo gradualmente aliviadas, apresentou-se diante do conclave dos Deuses no tempo devido. Ele olha com cobiça e maldade os Eldar, que também se sentam em torno dos joelhos dos Deuses, e arde de desejo, especialmente pelas joias. Dissimula seu ódio e sede de vingança. Então lhe é permitido ter uma morada humilde em Valinor e, depois de um tempo, pode andar livremente pela terra, e só Ylmir tem presságios maus, enquanto Tulcas, o forte, que primeiro o capturou, vigia-o. Morgoth ajuda os Eldar em muitos feitos, mas lentamente envenena a paz deles com mentiras.

Ele sugere que os Deuses os trouxeram para Valinor por inveja, por temor de que seu engenho e magia e beleza maravilhosos tornassem-se fortes demais para eles no mundo de fora. Os Qendi e os Teleri pouco se comovem, mas os Noldoli, os mais sábios dos Elfos, são afetados. Começam, por vezes, a murmurar contra os Deuses e sua gente; estão cheios de vaidade por seu engenho.[1]

Mais do que todos, Morgoth atiça as chamas do coração de Fëanor, mas todo o tempo ele deseja as Silmarils imortais, embora Fëanor tenha amaldiçoado para sempre qualquer um, Deus ou Elfo ou mortal que há de vir depois, que as toque. Morgoth, mentindo, diz a Fëanor que Fingolfin e seu filho Finnweg estão tramando para usurpar a liderança dos Gnomos de Fëanor e de seus filhos e obter as Silmarils. Começa a querela entre os filhos de Finn. Fëanor é convocado diante dos Deuses, e as mentiras de Morgoth são desnudadas. Fëanor é banido de Tûn, e com ele vai Finn, que ama Fëanor mais do que a seus demais filhos, bem como muitos dos Gnomos. Eles

constroem uma casa do tesouro ao Norte de Valinor, nos montes perto dos salões de Mandos. Fingolfin governa os Gnomos que restaram em Tûn. Assim, as palavras de Morgoth parecem justificadas, e a amargura que ele semeou continua depois que suas palavras foram refutadas.

Tulcas é enviado para agrilhoar Morgoth mais uma vez, mas ele escapa pelo passo de Côr rumo à região escura abaixo dos pés de Timbrenting chamada Arvalin, onde a sombra é a mais espessa em todo o mundo. Ali ele encontra Ungoliant, Tecelã-de-Treva, que habita uma fenda nas montanhas e suga luz ou coisas luzentes para tecê-las em teias de escuridão negra e sufocante, bruma e treva. Com Ungoliant ele trama vingança. Só uma recompensa terrível fará com que ela se atreva aos perigos de Valinor ou à vista dos Deuses. Ela tece uma treva densa à sua volta para se proteger e se balança em cordas de pináculo a pináculo, até escalar o mais alto pico das montanhas ao sul de Valinor (pouco guardadas por causa de sua altura e da distância a que estão da antiga fortaleza de Morgoth). Ela faz uma escada que Morgoth consegue escalar. Eles se esgueiram até Valinor. Morgoth apunhala as Árvores e Ungoliant suga a seiva delas, arrotando nuvens de negrume. As Árvores sucumbem devagar à espada envenenada e aos lábios peçonhentos de Ungoliant.

Os Deuses assustam-se com esse crepúsculo no meio do dia, e vapores negros flutuam pelos caminhos da cidade. Eles chegam tarde demais. As Árvores morrem enquanto eles pranteiam à volta delas. Mas Tulcas e Oromë e muitos outros saem à caça de Morgoth a cavalo em meio à treva cerrada. Onde quer que Morgoth vá, a escuridão desorientadora é maior, devido às teias de Ungoliant. Gnomos da casa do tesouro de Finn chegam e relatam que Morgoth tem o auxílio de uma aranha de escuridão. Eles são vistos rumando para o Norte. Em sua fuga, Morgoth deteve-se na Casa do Tesouro, matando Finn

e muitos de seus homens, e carregou as Silmarils e um vasto cabedal das mais esplêndidas joias dos Elfos.

Enquanto isso, Morgoth escapa para o norte com a ajuda de Ungoliant e cruza o Gelo Pungente. Quando ele chega às regiões do norte do mundo, Ungoliant o chama para pagar a outra metade da recompensa dela. A primeira fora a seiva das Árvores de Luz. Agora ela reclama para si metade das joias. Morgoth as entrega e ela as devora. Ela se tornou agora coisa monstruosa, mas ele não quer lhe dar porção alguma das Silmarils. Ela o envolve em uma teia negra, mas ele é resgatado pelos Balrogs com açoites de chama e pelas hostes dos Orques; e Ungoliant parte para o extremo Sul.

Morgoth retorna a Angband, e seu poder e o número de seus demônios e Orques se tornam incontáveis. Ele forja uma coroa de ferro e engasta nela as Silmarils, embora suas mãos sejam queimadas por elas até enegrecer, e ele nunca mais fique livre da dor da queimadura. A coroa ele nunca retira nem por um momento e nunca deixa as masmorras profundas de sua fortaleza, governando seus vastos exércitos de seu trono profundo.

[1] Acrescentado aqui:

> que Morgoth lisonjeia. Os Deus também sabiam da vinda dos mortais ou Homens que estava por ocorrer. Ainda não haviam contado aos Elfos, pois a hora não estava próxima, nem explicado qual seria o reino de cada raça, e suas relações. Morgoth conta sobre os Homens e sugere que os Deuses estão mantendo os Elfos cativos, de modo que os Homens mais fracos hão de ser controlados com maior facilidade pelos Deuses, e os Elfos despojados de seus reinos.

Esse foi um acréscimo inicial, e é provável que não tenha sido materialmente posterior à composição do manuscrito.

Quando ficou claro que Morgoth tinha escapado, os Deuses se reúnem em volta das Árvores mortas e se sentam na escuridão, atônitos e mudos, por muito tempo, sem se interessar em nada. O dia que Morgoth escolheu para seu ataque era um dia de festival por toda Valinor. Nesse dia era o costume dos principais Valar e de muitos dos Elfos, especialmente o povo de Ing (os Quendi), subir os longos e tortuosos caminhos em procissão infinda até os salões de Manwë sobre Timbrenting. Todos os Quendi e alguns dos Noldoli (os quais, liderados por Fingolfin, habitavam ainda em Tûn) tinham ido para Timbrenting e estavam cantando em seu mais alto pico quando os vigias de longe divisaram o fenecer das Árvores. Muitos dos Noldoli estavam na planície, e os Teleri, na costa. As brumas e a escuridão flutuam agora para os mares através do passo de Côr enquanto as Árvores morrem. Fëanor convoca os Gnomos a Tûn (rebelando-se contra seu banimento).[1]

Há vasta congregação na praça nos altos de Côr, em torno da torre de Ing, iluminada por tochas. Fëanor faz um discurso violento e, embora sua ira se destine a Morgoth, suas palavras são, em parte, fruto das mentiras do próprio Morgoth.[2] Ele incita os Gnomos a fugir na escuridão enquanto os Deuses estão envoltos em luto, a buscar liberdade no mundo e a procurar Morgoth, agora que Valinor não é mais ditosa do que o mundo lá fora.[3] Fingolfin e Finweg falam contra ele.[4] Os Gnomos em assembleia votam em favor da fuga, e Fingolfin e Finweg cedem; não serão desertores de seu povo, mas retêm o comando sobre metade do povo dos Noldoli.[5]

Começa a fuga.[6] Os Teleri não querem se juntar aos Noldoli. Os Gnomos não conseguem escapar sem barcos e não ousam cruzar o Gelo Pungente. Tentam tomar os navios-cisnes em Porto-cisne, ao que se segue uma luta (a primeira entre as raças da Terra) na qual muitos Teleri são mortos e seus navios são

levados embora. Pronuncia-se uma maldição contra os Gnomos, a de que eles hão de sofrer amiúde de traição e o medo de traição entre sua própria gente como punição pelo sangue derramado em Porto-cisne.[7] Navegam para o Norte ao longo da costa de Valinor. Mandos envia um emissário, o qual, falando de um rochedo alto, os chama enquanto navegam por ali e os adverte para que voltem e, quando não o fazem, proclama a "Profecia de Mandos" acerca do fado dos dias que virão.[8]

Os Gnomos chegam ao ponto mais estreito dos mares e se preparam para continuar velejando. Enquanto estão acampados na costa, Fëanor, seus filhos e seu povo zarpam, levando consigo todos os barcos, e deixam Fingolfin traiçoeiramente na margem oposta, principiando, desse modo, a Maldição de Porto-cisne. Queimam os barcos assim que desembarcam no Leste do mundo e o povo de Fingolfin vê a luz no céu. A mesma luz também alerta os Orques sobre o desembarque.

O povo de Fingolfin vaga em grande sofrimento. Alguns dos liderados por Fingolfin retornam a Valinor[9] para buscar o perdão dos Deuses. Finweg lidera a principal parte da hoste para o Norte, atravessando o Gelo Pungente. Muitos se perdem.

[1] Tal como escrita originalmente, essa frase começava *Finn e Fëanor convocam* etc. Isso foi um mero deslize, visto que a morte de Finn já havia sido mencionada no texto como escrito inicialmente (§4), e meu pai depois riscou *Finn e*. Ele deixou o verbo no plural *convocam* e *banimento deles*; esta última expressão alterei para *seu*[a] *banimento*, já que não é dito sobre os Gnomos que acompanharam Fëanor que partiram de Tûn sob banimento (embora isso também não seja dito sobre Finn). O *Quenta* possui *seu banimento* nesta passagem (p. 112).

[2] Acrescentado aqui às pressas a lápis:

> Ele reivindica o senhorio como filho mais velho agora que Finn está morto, apesar do decreto dos Deuses.

[Com exceção a alteração posterior a lápis apresentada na nota 5, todas as mudanças mencionadas abaixo, a maioria visando introduzir o papel de Finrod nos eventos, foram feitas na mesma época, à tinta vermelha. Finrod, o terceiro filho de Finn/Finwë, aparece na passagem interpolada apresentada em §3, nota 2.]

[3] Acrescentado aqui:

> Fëanor e seus filhos fazem o juramento inquebrável por Timbrenting e pelos nomes de Manwë e Briðil de perseguir qualquer um, Elfo, Mortal ou Orque, que detivesse as Silmarils.

[4] Acrescentado aqui:

> Finrod tenta aplacar a fúria discordante, mas seus filhos Orodreth, Anrod e Egnor tomam o lado dos filhos de Fëanor.

[5] *metade do povo dos Noldoli* > *metade dos Noldoli de Tûn* (mudança posterior a lápis).

[6] Acrescentado aqui, mas depois riscado (ver nota 7):

> Finrod não parte, mas diz a Felagoth (e seus outros filhos) que partam e prezem os Gnomos de sua [?casa].

[7] Acrescentado aqui:

> Finrod é morto em Porto-cisne tentando conter a violência.

Essa frase também foi riscada (ver nota 6) e uma terceira versão do papel de Finrod inserida:

> Finrod e seus filhos não estavam em Porto-cisne. Partem de Tûn com relutância, e mais que os outros levam consigo lembranças da cidade, e mesmo muitas coisas belas lá feitas à mão.

[8] Acrescentado aqui:

> e a maldição de guerrearem uns contra os outros por causa de Porto-cisne.

[9] Essa passagem, a partir de *o povo de Fingolfin vaga*, foi mudada para:

> Finrod e seu povo chegam. O povo de Finrod e Fingolfin vaga em grande sofrimento. Alguns liderados por Finrod retornam a Valinor etc.

6

Enquanto isso, Manwë convoca Ifan Belaurin para o conselho. A magia dela não será capaz de curar as Árvores. Porém Silpion, sob os seus feitiços, dá uma última grande flor prateada, e Laurelin um grande fruto dourado. Os Deuses moldam a Lua e o Sol a partir da flor e do fruto e os põem a singrar cursos designados de Oeste a Leste, mas posteriormente têm como mais seguro enviá-los aos cuidados de Ylmir pelas cavernas e grutas sob a Terra, para se alevantarem no Leste e retornarem nas alturas do ar sobre as montanhas do Oeste, para baixarem após cada jornada às águas dos Mares de Fora.

A luz de Valinor dali por diante não é muito maior que a agora espalhada sobre a Terra, salvo que ali as naus do Sol e da Lua mais se aproximam da Terra, e repousam durante algum

tempo próximas a Valinor. Os Deuses e Elfos aguardam um tempo vindouro no qual "o sol e a lua mágicos" das Árvores possam ser reacendidos e as antigas beleza e ventura renovadas. Ylmir prevê[1] que tal só se realizará com o auxílio da segunda raça da terra. Mas os Deuses, mesmo Manwë, pouco lhe dão atenção. Estão irados e amargurados por causa da matança em Porto-cisne[2] e fortificam toda Valinor, tornando as montanhas impenetráveis, salvo em Côr, que os Elfos remanescentes são ordenados a vigiar, sem cessar e para sempre, e não deixar que ave ou fera ou Elfo ou Homem algum pise nas costas de Feéria. As ilhas mágicas, repletas de encantamento, são dispostas pelos confins dos Mares Sombrios, antes que a Ilha Solitária seja alcançada por quem navegue para o Oeste, para apanhar quaisquer marinheiros e enredá-los em sono e encantamento eternos.[3] Os Deuses assentam-se agora por trás da montanhas e festejam, e afastam os rebeldes e fugitivos Noldoli de seus corações. Somente Ylmir lembra-se deles, e reúne novas do mundo de fora por meio de todos os lagos e rios.

Ao nascer do primeiro Sol, os filhos mais novos da terra despertam no Leste distante. Deus algum veio para guiá-los, mas as mensagens de Ylmir que pouco compreendiam por vezes lhes chegavam. Encontram Ilkorindi e aprendem a fala e outras coisas com eles, e tornam-se grandes amigos dos Eldalië. Espalham-se pela terra, vagando para o Oeste e para o Norte.

1 *Ylmir prevê* foi uma modificação da expressão *Bridhil prevê* na época da composição.

2 Acrescentado aqui (às pressas a lápis):

> e da fuga e ingratidão dos Gnomos

3 Acrescentado aqui:

> Assim, os muitos emissários dos Gnomos em dias que vieram depois jamais alcançam Valinor.

7

Agora tem início o tempo das grandes guerras dos poderes do Norte (Morgoth e suas hostes contra Homens, Ilkorins e os Gnomos de Valinor). A astúcia e as mentiras de Morgoth e a maldição de Porto-cisne (assim como as juras dos filhos de Fëanor, que pronunciaram o juramento inquebrável por Timbrenting de tratar a todos como inimigos os que tivessem as Silmarils em sua posse) nessas guerras causam os maiores dos agravos a Homens e Elfos.

Essas histórias só contam uma parte dos feitos daqueles dias, em especial os que dizem respeito aos Gnomos e às Silmarils, e aos mortais que se enredaram nos destinos deles. Nos primeiros dias Eldar e Homens eram de estatura e poder de corpo quase semelhantes, mas os Eldar eram abençoados com maior sagacidade, engenho e beleza; e aqueles (os Gnomos) que tinham habitado em Côr (Koreldar) superavam tanto os Ilkorins quanto estes superavam os mortais. Só no reino de Doriath, cuja rainha era de raça divina, os Ilkorins se igualavam aos Koreldar. Os Elfos eram imortais, e livres de toda doença.[1] Mas podiam ser mortos com armas naqueles dias,[2] e então seus espíritos voltavam aos salões de Mandos e aguardavam por mil anos, ou o aprazimento dos Deuses, antes de serem chamados de volta à vida livre.[3] Os Homens desde o início, ainda que levemente maiores, eram mais frágeis, mortos mais facilmente, sujeitos a males, e envelheciam e morriam, se não fossem mortos. O que acontecia a seus espíritos não era conhecido pelos Eldalië. Eles não iam para os salões de Mandos, e muitos achavam que seu fado não estava nas mãos dos Valar após a morte. Ainda que muitos, em associação com os Eldar, cressem que os espíritos dos Homens iam à terra ocidental, isso não era verdade. Os Homens não nascem de novo.[4]

Nos dias que vieram depois, quando, devido ao triunfo de Morgoth, Homens e Elfos alhearam-se uns dos outros, os Eldalië que viviam no mundo desvaneceram, e os Homens usurparam a luz do Sol. Os Eldar vagavam, os que ainda restavam nas Terras de Fora, preferindo a luz da Lua e das estrelas, as matas e as cavernas.

[1] *livres de toda doença* > *livres da morte por doença* (mudança antiga, feita na mesma época da mencionada na nota 4).

[2] Acrescentado (inserção rabiscada a lápis): *ou feneçam de pesar,*

[3] Acrescentado na mesma época que a inserção mencionada na nota 2: *e renasciam em seus filhos, de maneira que seu número não aumentava*.

[4] Essa passagem, a partir de *Eles não iam para os salões de Mandos*, foi riscada e substituída pela seguinte:

> Iam para os salões de Mandos, mas não aos mesmos salões da espera para onde os Elfos eram enviados. Lá eles também esperavam, mas se dizia que somente Mandos sabia para onde iam após o período em seus salões — jamais renasciam na Terra, e nenhum já retornou de Mandos, salvo apenas Beren, filho de Barahir, que depois disso não falou mais a Homens mortais. Seu fado após a morte, quiçá, não estava nas mãos dos Valar.

8

Mas nesses dias eles eram aparentados e aliados. Antes do nascer do Sol e da Lua, Fëanor e seus filhos marcharam para o Norte e buscaram Morgoth. Uma hoste de Orques, provocada pela queima dos navios, resistiu-lhes e foi derrotada na Primeira Batalha com tamanha perda que Morgoth fingiu tratar com eles. Fëanor recusou, mas foi ferido na luta por um chefe Balrog (Gothmog) e morreu. Maidros, o alto, o filho mais velho, induziu os Gnomos a se encontrarem com Morgoth (com tão pouca intenção de boa-fé de seu lado quanto do de Morgoth). Morgoth fez Maidros prisioneiro e o torturou, e o pendurou numa rocha pela mão direita. Os seis filhos remanescentes de Fëanor (Maglor, Celegorm, Curufin, Damrod, Díriel e Cranthir)

estão acampados em volta do lago Mithrim em Hisilómë (Hithlum, ou Dorlómin, a terra de sombras no Noroeste) quando ficam sabendo da marcha de Finweg e seus homens,[1] que atravessaram o Gelo Pungente. O Sol nasce enquanto marcham, suas bandeiras azuis e prateadas são desfraldadas, flores brotam sob os pés de seus exércitos. Os Orques, atemorizados pela lua, fogem para Angband. Mas há pouco amor entre as duas hostes de Gnomos acampadas agora em margens opostas de Mithrim. Vastas fumaças e vapores são produzidos e expelidos de Angband, e o cimo fumoso das Thangorodrim (as maiores das Montanhas de Ferro ao redor da fortaleza de Morgoth) pode ser visto de muito longe. O Norte estremece com o trovão sob a terra. Morgoth está forjando arsenais. Finweg resolve sanar a rixa. Sozinho ele parte em busca de Maidros. Ajudado pelos vapores, que agora descem e tomam Hithlum, e pela retirada dos Orques e Balrogs para Angband, ele o encontra, mas não pode libertá-lo.

Manwë, a quem as aves trazem notícias, sobre Timbrenting, de todas as coisas que seus olhos que enxergam ao longe não veem sobre a terra, dá feitio à raça das águias, e as envia sob a liderança de seus rei Thorndor para habitar nas encostas do Norte e vigiar Morgoth. As águas habitam fora do alcance de Orques e Balrogs, e são grandes inimigas de Morgoth e seu povo. Finweg encontra-se com Thorndor, que o carrega até Maidros. Não há como soltar o grilhão encantado sobre o seu pulso. Em sua agonia, ele implora para ser morto, mas Finweg lhe decepa a mão, e ambos são levados embora por Thorndor, e chegam a Mithrim. A rixa é sanada pelo feito de Finweg (exceto pelo juramento das Silmarils).

[1] *da marcha de Finweg e seus homens* > *da marcha de Fingolfin e seus filhos e seus homens e Felagoth e os filhos de Finrod* (Esta mudança está de acordo com as feitas à tinta vermelha em §5 e diz respeito à alteração de Fingolfin para Finrod como o senhor gnômico que retornou a Valinor, ver §5, nota 9.)

9

Os Gnomos marcham adiante e sitiam Angband. Encontram Ilkorins e Homens. Naquele tempo, os Homens já habitavam nas matas do Norte, e os Ilkorins também. Por muito tempo guerrearam com Morgoth.[1] Da raça ilkorin eram Barahir e seu filho Beren. Da raça mortal era Húrin, filho de Gumlin, cuja esposa era Morwen;[2] eles viviam nos bosques nas fronteiras de Hithlum. Eles entram mais tarde nestas histórias.

Morgoth envia seus exércitos e rompe o sítio de Angband, e daquele tempo em diante as sortes de seus inimigos declinam.[3] Gnomos e Ilkorins e Homens se dispersam, e os emissários de Morgoth vão entre eles com promessas mentirosas e falsas sugestões de cobiça e traição de uns para com os outros. Por causa da maldição de Porto-cisne, os Gnomos amiúde acreditavam em tais coisas.

Celegorm e Curufin fundam o reino de Nargothrond nas margens do Narog ao sul das terras do Norte.[4] Muitos Gnomos se põem a serviço de Thingol e Melian das Mil Cavernas em Doriath. Devido à magia divina de Melian, Doriath é o local mais a salvo das incursões dos Orques, e se profetizou que somente uma traição vinda de dentro causará a queda do reino.

[Esta seção foi substancialmente interpolada e alterada (toda à tinta vermelha, ver §5, com exceção da mencionada na nota 2).]

[1] Acrescentado aqui:

Este é o tempo da retirada de Morgoth, e do crescimento e da prosperidade dos Homens, um tempo de crescimento e florescimento conhecido como o "Cerco de Angband".

[2] Essa passagem, a partir de *Da raça ilkorin*, foi emendada para:

Em épocas posteriores, da raça mortal eram Barahir e seu filho Beren. Da raça mortal também eram Húrin e Huor, filhos de Gumlin. A esposa de Húrin era Morwen etc.

[3] Aqui foi acrescentado *Os homens de Barahir resgatam Celegorm*, mas isso foi riscado e a seguinte inserção foi feita:

No Sítio de Angband, a hoste de Fingolfin vigia o Noroeste nas fronteiras de Hithlum; Felagoth [> Felagund] e os filhos de Finrod o Sul e as [?planícies] do Sirion (ou Broseliand); os filhos de Fëanor o Leste. Fingolfin é morto quando Morgoth rompe o sítio. Felagoth [> Felagund] é salvo por Barahir, o Ousado, um mortal, e escapa para o sul e encontra Nargothrond, fazendo um voto de amizade à raça de Barahir. Os filhos de Fëanor vivem uma vida selvática e nômade no Leste, guerreando com Anãos e Orques e Homens. Finweg e Turgon, filhos de Fingolfin, ainda resistem no Norte.

[4] Essa frase foi mudada para:

Felagoth [> Felagund] e seus irmãos fundam o reino de Nargothrond nas margens do Narog ao sul das terras do Norte. São ajudados por Celegorm e Curufin, que por muito tempo habitaram em Nargothrond.

10

O poder de Morgoth começa a se expandir outra vez. Um a um ele derrota os Homens e os Elfos no Norte. Dentre esses um famoso capitão de Ilkorindi[1] era Barahir, que fora amigo de Celegorm de Nargothrond. Barahir é impelido a se esconder, seu esconderijo é traído e Barahir é morto; seu filho Beren, após uma vida de proscrito, foge para o sul, cruza as Montanhas Sombrias e após atrozes provações chega a Doriath. Sobre essas e suas outras aventuras conta A Balada de Leithian. Ele conquista o amor de Tinúviel, "o rouxinol" — seu próprio nome para Lúthien — a filha de Thingol. Para que a tenha, Thingol, por zombaria, exige uma Silmaril da coroa de Morgoth. Beren parte para realizar isto, é capturado e posto num calabouço em Angband, mas oculta sua verdadeira identidade e é dado como escravo a Thû, o caçador.[2] Lúthien é aprisionada por Thingol,

mas escapa e vai em busca de Beren. Com a ajuda de Huan, senhor dos cães, ela resgata Beren e obtém acesso a Angband, onde Morgoth é encantado e finalmente envolto em sonolência por sua dança. Eles conseguem uma Silmaril e escapam, mas são detidos nos portões de Angband por Carcaras, o Lobo-guardião. Ele arranca com uma mordida a mão de Beren que segura a Silmaril e enlouquece com a aflição dela ardendo dentro dele.

Eles escapam e depois de muito perambular retornam a Doriath. Carcaras, saqueando pelas matas, irrompe em Doriath. Segue-se a Caçada ao Lobo de Doriath, em que Carcaras é destruído e Huan é morto na defesa de Beren. No entanto, Beren é ferido mortalmente e morre nos braços de Lúthien. Algumas canções dizem que Lúthien chegou a atravessar o Gelo Pungente, auxiliada pelo poder de sua mãe divina Melian, até os salões de Mandos, e o resgatou; outras, que Mandos, ouvindo seu relato, libertou-o. O que é certo é que somente ele dentre os mortais voltou de Mandos e morou com Lúthien e nunca mais falou com os Homens de novo, vivendo nas florestas de Doriath e no Descampado dos Caçadores, a oeste de Nargothrond.[3]

Em seus dias como proscrito, Beren fizera amizade com Húrin de Hithlum, filho de Gumlin. Nas matas de Hithlum Húrin ainda permanece livre do jugo de Morgoth.

1 *um famoso chefe de Ilkorindi* > *um famoso chefe de Homens* (cf. §9, nota 2).

2 Essa frase, após *Beren parte para realizar isto*, foi riscada e substituída pelo seguinte texto (à tinta vermelha):

> (Beren parte para realizar isto,) e busca a ajuda de Felagoth em Nargothrond. Felagoth o adverte sobre o juramento dos filhos de Fëanor, e que mesmo que ele obtenha a Silmaril não permitirão, caso isso possam prevenir, que a leve a Thingol. Porém, fiel ao seu próprio juramento, ele o auxilia. O reino é entregue a Orodreth, e Felagoth e Beren marcham para o Norte. São sobrepujados em batalha. Felagoth e Beren e um pequeno

bando escapam, e ao se esgueirarem de volta despojam os mortos. Passando-se por Orques, conseguem chegar à casa do Senhor dos Lobos. Lá são descobertos e aprisionados — e devorados um a um.

Celegorm descobriu qual era a missão secreta de Felagoth e Beren. Ele reúne seus cães e caçadores e sai à caça. Encontra os indícios de batalha. Então encontra Lúthien nas matas. Ela foge, mas é alcançada por Huan, o principal dos cães de Celegorm, que não dorme, e ela não consegue encantá-lo. Ele a carrega para longe. Celegorm oferece uma reparação.

A partir da segunda frase, *Felagoth o adverte sobre o juramento...*, essa passagem inteira foi então riscada e *Ver conto de Lúthien* foi escrito por cima; na frase que foi preservada no início do trecho, *Felagoth* foi mudado para *Felagund*; e *Eles caem em poder do Senhor dos Lobos (Thû)* foi acrescentado.

[3] Aqui foi acrescentado, talvez na época da composição do manuscrito:

(Mas Mandos, como paga, exigiu que Lúthien se tornasse mortal como Beren.)

11

Maidros forma agora uma liga contra Morgoth, percebendo que ele haveria de destruir a todos, um por um, caso não se unissem. Os Ilkorins e Homens dispersos são congregados. Curufin e Celegorm despacham uma hoste (mas não todos que podiam reunir, quebrando assim sua palavra) de Nargothrond. Os Gnomos de Nargothrond se recusam a serem liderados por Finweg, e partem em busca das hostes de Maidros e Maglor. Homens marcham do Sul e Leste e Oeste e Norte. Thingol não enviará ninguém de Doriath.[1] Alguns dizem por uma política egoísta, outros por causa da sabedoria de Melian e do fado que decretava que Doriath haveria de se tornar o único refúgio dos Eldar contra Morgoth no porvir. Em parte, era por certo devido à Silmaril, que Thingol agora detinha, e que Maidros exigira com palavras soberbas. Os *Gnomos* de Doriath têm permissão[2] mesmo assim de se juntar à liga.

Finweg avança pela Planície da Sede (Dor-na-Fauglith) diante das Montanhas de Ferro e derrota um exército de Orques, que recua. Enquanto os persegue, é sobrepujado por incontáveis hordas despejadas de súbito das profundezas de Angband, e lá é

travada a batalha das Lágrimas Inumeráveis, da qual canção élfica alguma conta, exceto em lamentação.

Os exércitos mortais, cujos líderes na maioria foram corrompidos ou subornados por Morgoth, desertam ou fogem: todos, exceto a gente de Húrin. Desde aquele dia Homens e Elfos alhearam-se uns dos outros, salvo os descendentes de Húrin. Finweg tomba, sua bandeira azul e prateada é destruída. Os Gnomos tentam recuar em direção aos montes e Taur-na-Fuin (floresta da noite). Húrin fica na retaguarda, e todos seus homens são mortos, de modo que nem um único homem escapa para levar novas a Hithlum. Por ordens de Morgoth, Húrin, cujo machado matara mil Orques, é capturado vivo. Somente por Húrin foi Turgon (irmão de Finweg), filho de Fingolfin, capaz abrir caminho e voltar aos montes com parte de seu povo. O restante dos Gnomos e Ilkorins teria sido todo morto ou capturado não fosse pela chegada de Maidros, Curufin e Celegorm — tarde demais para a batalha principal.

São rechaçados e impelidos para o Sudeste, onde por longo tempo habitaram, e não retornaram a Nargothrond. Lá Orodreth governava os remanescentes.[3] O triunfo de Morgoth é completo. Seus exércitos percorrem todo o Norte, e levam pressão às divisas de Doriath e Nargothrond. Os mortos de seus inimigos são empilhados num grande monte sobre Dor-na-Fauglith, mas lá a relva surge e cresce verdejante onde alhures tudo é deserto, e Orque algum ousa pisar naquele monte onde as espadas gnômicas enferrujam.

Húrin é levado a Angband e desafia Morgoth. Ele é agrilhoado em tormento. Mais tarde Morgoth lhe oferece a alta capitania de suas forças, uma riqueza de joias e a liberdade, caso lidere um exército contra Turgon. Ninguém sabia para onde Turgon partira, salvo Húrin. Húrin recusou e Morgoth engendrou uma tortura. Depôs Húrin sobre o pico mais elevado das

Thangorodrim e o amaldiçoou com a visão de vigília perene como a dos Deuses, e amaldiçoou sua semente com um fado de má fortuna, e ordenou que Húrin contemplasse o curso da maldição.

[1] Essa passagem, a partir de *Curufin e Celegorm despacham uma hoste*, foi alterada por mudanças e acréscimos feitos às pressas:

> Curufin e Celegorm chegam de suas andanças; mas Orodreth, por causa de Felagund, seu irmão, não irá: Thingol também envia apenas uns poucos de seu povo. Os Gnomos dos filhos de Fëanor se recusam a serem liderados por Finweg, e a batalha é dividida em duas hostes, uma sob comando de Maidros e Maglor, e outra sob comando de Finweg e Turgon. Homens marcham do Sul e Leste e Oeste e Norte. Thingol envia apenas uns poucos de Doriath.

[2] Acrescentado aqui: *por Thingol*

[3] Essa passagem foi mudada para:

> São rechaçados e impelidos para o Sudeste, onde por longo tempo habitaram. Em Nargothrond Orodreth governava ainda.

12

Morwen, esposa de Húrin, foi deixada sozinha nas matas. Seu filho Túrin era um menino de sete anos, e ela carregava uma criança. Somente dois idosos, Halog e Mailgond, permaneceram-lhe fiéis. Os homens de Hithlum foram mortos, e Morgoth, quebrando suas promessas, empurrara todos os homens, que não haviam escapado (como poucos o fizeram) para o Sul, a Hithlum. Ora, desses a maioria era de homens infiéis que desertaram os Eldar na batalha das Lágrimas Inumeráveis. Contudo, ele os confinou atrás das Montanhas Sombrias mesmo assim, e matava os que saíam a vagar, desejando impedir que se unissem em irmandade com os Elfos. Mas pouco amor ainda assim demonstravam pela esposa de Húrin. Donde entrou no coração dela a ideia de enviar Túrin a Thingol, por causa de Beren, amigo de Húrin, que desposara

Lúthien. O “Filhos de Húrin” conta de seu fado, e como a maldição de Morgoth o perseguiu, de modo que tudo o que fazia acabava por infelicidade contra sua vontade.

Túrin cresceu na corte de Thingol, mas, passado algum tempo, conforme o poder de Morgoth crescia, as novas de Hithlum cessaram e não soube mais de Morwen ou de sua irmã Nienor, a quem não vira. Provocado por Orgof, da gente do Rei Thingol, ele, sem ter consciência de sua força crescente, matou-o na mesa do rei com um chifre de beber. Túrin fugiu da corte pensando ser um proscrito, e passou a guerrear contra todos, Elfos, Homens e Orques, nas divisas de Doriath, reunindo à sua volta um bando selvagem de Homens e Elfos perseguidos.

Certo dia, quando estava ausente, seus homens capturaram Beleg, o arqueiro, que era amigo de Túrin de outrora. Túrin o libertou e fica sabendo como Thingol perdoara há muito seu ato. Beleg o convence a abandonar sua guerra contra os Elfos e saciar sua ira contra os Orques. A fama dos feitos nas marcas e a proeza de Beleg, o Gnomo, e de Túrin, filho de Húrin, contra os Orques chega a Thingol e a Morgoth. Somente um do bando de Túrin, Blodrin, filho de Ban, odeia a nova vida com pouca pilhagem e luta mais árdua. Ele trai o segredo do local de Túrin aos Orques. O acampamento deles é surpreendido, Túrin é capturado e arrastado a Angband (pois Morgoth começara a temer que ele escapasse da maldição por meio de seu valor e da proteção de Melian); Beleg é deixado como morto debaixo de uma pilha de cadáveres. Ele é encontrado por homens de Thingol que chegam para chamá-los a um banquete nas Mil Cavernas. Melian o cura, e ele parte para encontrar o rastro dos Orques. Beleg é o de maior engenho na arte de rastrear de todos que já viveram, mas os labirintos de Taur-na-Fuin o desconcertam. Lá, em desespero, avista a lamparina de Flinding, filho de Fuilin, um Gnomo de Nargothrond que foi capturado

por Orques e que por longo tempo fora um servo nas minas de Morgoth, mas escapara.

De Flinding recebe novas do bando de Orques que capturara Túrin. Escondem-se e observam a hoste passar carregada de espólios ao longo da estrada-órquica pelo coração da floresta, que os Orques usam quando necessitam de presteza. Eles temem a floresta além da estrada tanto quanto qualquer Elfo ou Homem. Túrin é visto sendo arrastado e açoitado. Os Orques deixam a floresta e descem as encostas rumo a Dor-na-Fauglith, e acampam em um vale à vista das Thangorodrim. Beleg flecha os lobos-sentinelas e se esgueira com Flinding para dentro do acampamento. Com a maior das dificuldades e correndo o maior dos perigos, carregam o desacordado Túrin para longe e o põem no chão num vale de espinheiros densos. Ao cortar fora os grilhões, Beleg pica o pé de Túrin; ele desperta e, desvairado, crê que os Orques o estão atormentando, salta sobre Beleg e o mata com sua própria espada. A cobertura da lamparina de Flinding cai e, ao ver o rosto de Beleg, Túrin fica petrificado. Os Orques, despertados pelos gritos que dera ao saltar sobre Beleg, descobrem sua fuga, mas são impelidos para longe por uma terrível tempestade de trovões e aguaceiro. Pela manhã Flinding os vê marchando por sobre o ermo fervente de Dor-na-Fauglith. Beleg é enterrado com seu arco no vale.

Flinding conduz o atordoado e sem juízo Túrin à segurança. Seu juízo retorna às margens do lago de Ivrin, onde ficam as nascentes do Narog, e chora por longo tempo, e faz uma canção para Beleg, a “Amizade do Arqueiro”, que mais tarde se torna uma canção-de-batalha dos inimigos de Morgoth.

Flinding conduz Túrin a Nargothrond. Ali Túrin recebe o amor e ama contra sua vontade Finduilas, filha de Orodreth, que fora noiva de Flinding antes que este fosse capturado. Ele luta contra o seu amor por lealdade a Flinding, mas Flinding, percebendo que Finduilas ama Túrin, fica amargurado.

Túrin leva os Gnomos de Nargothrond a abandonarem seu segredo e guerra oculta, e enfrenta os Orques mais abertamente.[1] Faz com que a espada de Beleg seja reforjada numa lâmina negra de gumes brilhantes, donde recebeu o nome de "Mormakil", ou espada-negra. A fama de Mormakil chega até mesmo a Thingol. Túrin adota o nome no lugar de "Túrin". Por muito tempo Túrin e os Gnomos de Narog são vitoriosos e seu reino se estende às nascentes do Narog, e do mar do oeste aos confins de Doriath. Há uma contenção do poderio de Morgoth.

Morwen e Nienor conseguem fazer a jornada até Thingol, deixando seus bens aos cuidados de Brodda, que desposara uma parenta de Morwen. Ficam sabendo na corte e Thingol da perda de Túrin. Novas lhes chegam da queda de Nargothrond. Morgoth soltara de súbito um grande exército sobre eles, e com eles um dos primeiros e mais poderosos[2] daqueles Dragões que procriavam em seus lugares profundos e por muito tempo atormentaram as terras do Norte de Homens e Elfos.[3]

A hoste de Narog é sobrepujada. Flinding, ferido, recusa o socorro de Túrin e morre repreendendo-o. Túrin retorna depressa a Nargothrond, mas o Dragão e os Orques chegam lá antes que ele possa preparar as defesas, e todos os belos salões sob a terra são pilhados, e todas as mulheres e donzelas de Narog arrebanhadas como escravas em cativeiro. Túrin tenta matar o Dragão, mas é mantido imóvel pelo feitiço de seus olhos, enquanto o Dragão Glórung[4] o provoca. Glórung então lhe oferece a liberdade para tentar resgatar seu "amor roubado", Finduilas, ou cumprir seu dever e ir ao resgate de sua mãe e sua

irmã, que estão vivendo (como diz, mentindo) em grande desdita em Hithlum. Túrin abandona Finduilas contra seu coração (que, se tivesse obedecido, seu fado último não teria lhe sobrevindo) e, crendo na serpente, parte rumo a Hithlum. Glórung jaz nas cavernas de Narog e ajunta sob si todo o ouro e prata e gemas lá entesouradas.

Túrin, após muito vagar, vai a Hithlum. Mas Morwen e Nienor estão na corte de Thingol, quando sobreviventes contam da queda de Nargothrond, e de Túrin, e alguns dizem que Túrin escapou vivo, e outros que foi transformado em pedra pelos olhos da serpente e vivia ainda em cativeiro em Nargothrond. Morwen e Nienor por fim conseguem que Thingol lhes conceda homens para irem contra Glórung, ou ao menos espreitá-lo em seu covil.

Túrin mata Brodda no salão deste em fúria ao se deparar com o salão e as terras de Morwen vazios e despojados. Arrependido do ato, ele foge de Hithlum mais uma vez e não mais sai em busca de sua família. Desejando esquecer o passado, toma para si o nome de Turambar (Turmarth), "Conquistador do Destino", e reúne um novo povo, "Homens da Floresta", a leste de Narog, que ele governa, e vive em paz.

A expedição de Thingol, com a qual cavalgam Morwen e Nienor, divisa Narog do topo de um monte. Os Elfos descem a cavalo na direção do covil,[5] mas Glórung sai e deita no rio e um vapor imenso e sibilante sobe, de maneira que os cavalos dão meia-volta e fogem. Os cavalos de Morwen e Nienor também ficam apavorados e galopam desvairados em meio à bruma. Quando a bruma é dissipada, Nienor se vê face a face com o Dragão, cujo olhar a prende, e um feitiço de escuridão e total esquecimento é posto nela. Ela vaga em desatino pelas matas. Recobra por fim o juízo, mas de pouco se recorda.[6] Orques a avistam e a perseguem, mas são rechaçados por um bando de

“Homens-da-floresta” liderado por Turambar, que a conduz às suas agradáveis moradas.

Ao passarem pelas quedas da Bacia de Prata, um estremecimento a acomete. Ela vive entre o povo-da-floresta e é amada por Tamar, o Coxo, mas desposa por fim Turambar, que a chama de Níniel, “a Lacrimosa”, já que a encontrara chorando.

Glórung começa a incursionar por Narog, e Orques se reúnem ao seu redor. Os homens-da-floresta matam muitos deles, e Glórung, tomando conhecimento de suas moradas, avança rastejando e repleto de fogo sobre o Narog, e vai de encontro a eles. O Dragão deixa um rastro de destruição por onde passa. Turambar pondera como o horror pode ser desviado de sua terra. Marcha com seus homens, e Níniel, prevendo o mal, cavalga com ele,[7] até poderem divisar o rastro queimado de Glórung e o local fumoso onde jaz. Entre eles corre um rio numa funda ravina escavada após descer pelas quedas altas da Bacia de Prata. Turambar pede voluntários e consegue apenas seis para se colocarem na ravina sobre a qual o Dragão deve passar. Os sete partem. Escalam o lado oposto da ravina ao anoitecer e se mantêm junto à borda nas árvores. Na manhã seguinte, todos haviam partido com furtividade e Turambar está sozinho.

Glórung se arrasta por sobre a ravina. Turambar o trespassa com Gurtholfin,[8] “Vara da Morte”, sua espada negra. Glórung recua em agonia e jaz à beira da morte. Turambar se aproxima para recuperar a espada, e coloca o pé sobre Glórung e regozija-se. Mas o veneno de Glórung esguicha para fora ao puxar a espada, e ele cai em um desmaio. Os vigias veem que Glórung está morto, mas Túrin não retorna. Níniel sai em busca dele e o encontra jazendo ao lado de Glórung. Enquanto cuida dele, Glórung abre os olhos e fala, e lhe conta quem Turambar é, e retira dela seu feitiço. Ela então toma conhecimento de quem é,

e sabe que a história do Dragão é verdadeira pelas novas que Turambar lhe contara. Tomada de horror e agonia, ela foge e se joga sobre a Bacia de Prata, e ninguém jamais encontra seu corpo. Tamar a seguiu e ouviu o seu lamento.

Túrin retorna em triunfo. Pergunta sobre Níniel, mas ninguém ousa lhe contar. Então Tamar vem e lhe conta. Túrin o mata e, tomando Gurtholfin, pede que ela o mate. A espada responde que o sangue dele é doce como o de qualquer outro, e lhe trespassa o coração. Túrin é enterrado à beira da Bacia de Prata, e seu nome é entalhado em caracteres de Nargothrond numa rocha. Abaixo está escrito Níniel.

Alguns dizem que Morwen, libertada do feitiço pela morte de Glórung, lá chegou e leu o que estava escrito na pedra.

1 Acrescentado aqui: *Por conselho seu, uma ponte é erguida sobre o Narog* (cf. nota 5).

2 *um dos primeiros e mais poderosos* > *aquele primeiro e mais poderoso*

3 Acrescentado aqui: *mesmo Glómund, que esteve na Batalha das Lágrimas* (ver nota 4).

4 *Glórung* > *Glómund* aqui e subsequentemente, exceto na última ocorrência.

5 *na direção do covil* > *na direção da ponte que levava ao covil* (cf. nota 1).

6 *de pouco se recorda* > *não recorda nem o próprio nome.*

7 Acrescentado aqui: *embora carregasse uma criança,*

8 *Gurtholfin* > *Gurtholfir* em ambas as ocorrências.

14

Húrin foi libertado por Morgoth após a morte de Túrin e Nienor, pois Morgoth pensava ainda em usá-lo. Acusou o coração fraco e a descortesia de Thingol pela infelicidade de Túrin, e Húrin, vagando curvado pelo pesar, ponderou suas palavras e ficou amargurado por elas.

Húrin e proscritos chegam a Nargothrond, que ninguém ousa pilhar por pavor do espírito de Glórung,[1] ou mesmo de sua

lembrança. Matam Mîm, o Anão, que tomara para si e encantara todo o ouro. Húrin joga o ouro aos pés de Thingol com admoestações. Thingol não aceita o ouro e tolera Húrin, até que, instigado por demais, ordena que ele parta. Húrin sai a vagar e busca Morwen, e muitos, durante eras, relataram que os haviam encontrado juntos, nas matas, lamentando os seus filhos.

O ouro encantado exerce seu poder sobre Thingol. Ele convoca os Anãos de Nogrod e Belegost a irem e moldá-lo em belos objetos, e fazerem um colar mui maravilhoso, donde há de pender a Silmaril. Os Anãos tramam traição, e Thingol, amargurado pela maldição do ouro, nega-lhes sua recompensa. Terminado o serviço, são mandados embora sem paga. Os Anãos retornam; auxiliados pela traição de alguns Gnomos que também foram tomados pela cobiça do ouro, surpreendem Thingol numa caçada, matam-no e surpreendem as Mil Cavernas e as saqueiam. Em Melian não conseguem tocar. Ela parte em busca de Beren e Lúthien.

Os Anãos são emboscados em um vau por Beren e os Elfos pardos e verdes da floresta, e o rei deles é morto, de cujo pescoço Beren tira o "Nauglafring"[2] ou colar dos Anãos, com sua Silmaril. Dizem que Lúthien, envergando essa joia, é o ser mais belo que olhos já viram fora de Valinor. Mas Melian advertiu Beren da maldição do ouro e da Silmaril. O resto do ouro é afundado no rio.

Mas o "Nauglafring"[3] permanece entesourado em segredo sob a guarda de Beren. Quando Mandos permitiu que Beren retornasse com Lúthien, foi somente com o preço de que Lúthien deveria se tornar de vida tão curta quanto Beren, o mortal. Lúthien agora mingua, bem como os Elfos de dias posteriores minguaram à medida que os Homens se tornavam fortes e tomavam o que era de bom da terra (pois os Elfos tinham necessidade da luz das Árvores). Por fim ela

desapareceu, e Beren se perdeu, procurando em vão por ela, e seu filho Dior governou depois dele. Dior restabeleceu Doriath e se tornou orgulhoso, e usava o "Nauglafring", e a fama da Silmaril espalhou-se por outras terras. Após barganhar em vão, os filhos de Fëanor travaram guerra contra ele (a segunda matança de Elfo por Elfo) e o destruíram, e tomaram o "Nauglafring". Disputam o colar, devido à maldição do ouro, até restar somente Maglor. Mas Elwing, filha de Dior, foi salva e levada para a foz do rio Sirion.[4]

[1] O nome *Glórung* não foi emendado aqui, como em §13, para *Glómund*, mas um *d* foi escrito sobre o *g*, ou seja, *Glórund* (a forma mais antiga do nome do Dragão).

[2] Apenas na primeira ocorrência de *Nauglafring*, acima da palavra está escrito *th* a lápis, isto é, *Nauglathring* ou *Nauglathfring*.

[3] Acima de Nauglafring aqui meu pai escreveu *Dweorgmene* [inglês antigo, "colar-anânico"]; isso foi riscado e substituído por *Glingna Nauglir*.

[4] A conclusão dessa seção foi mudada logo após ter sido escrita, uma vez que já em §17, como escrita inicialmente, o Nauglafring está com Elwing na foz do Sirion:

> Após barganhar em vão, os filhos de Fëanor travaram guerra contra ele (a segunda matança de Elfo por Elfo) e o destruíram. Mas Elwing, filha de Dior, filho de Beren, escapou, e foi levada por serviçais leais para a foz do rio Sirion. Com ela foi o Nauglafring.

15

O grande rio Sirion fluía pelas terras a sudoeste; na sua foz havia um grande delta, e seu curso inferior corria por terras amplas, verdes e férteis, pouco povoadas, exceto por aves e feras, por causa das incursões dos Orques; mas não eram habitadas por Orques, que preferiam os bosques do norte, e temiam o poder de Ylmir — pois a foz do Sirion era nos Mares do Oeste.

Turgon, filho de Fingolfin, tinha uma irmã, Isfin. Ela se perdeu em Taur-na-Fuin depois da Batalha das Lágrimas

Inumeráveis. Lá foi presa por Eöl, o Elfo Escuro. O filho deles era Meglin. O povo de Turgon, escapando com a ajuda da valentia de Húrin, ocultou-se do conhecimento de Morgoth e, de fato, de todos no mundo, salvo Ylmir. Em um lugar secreto nos montes, seus batedores, escalando até os cumes, descobriram um largo vale inteiramente circundado pelos montes em anéis cada vez mais baixos conforme se aproximavam do centro. Em meio a esse anel estava uma terra ampla sem colinas, exceto por um único monte pedregoso que se erguia da planície, não bem no centro, mas mais perto daquela parte da muralha externa que se aproximava da beira do Sirion.[1]

As mensagens de Ylmir vêm Sirion acima, ordenando que eles busquem refúgio nesse vale e ensinando feitiços de encantamento a serem postos sobre todos os montes em volta, para deter inimigos e espiões. Ele prediz que a fortaleza deles há de se manter por mais tempo entre todos os refúgios dos Elfos contra Morgoth e, como Doriath, jamais será sobrepujada — salvo por traição de dentro dela. Os feitiços são mais fortes perto do Sirion, ainda que ali as montanhas circundantes sejam as mais baixas. Lá os Gnomos escavam um grande túnel cheio de meandros sob as raízes das montanhas, que sai enfim na Planície Protegida. Sua entrada mais distante é guardada pelos feitiços de Ylmir; a mais próxima, vigiada incessantemente pelos Gnomos. É colocada ali para o caso de os de dentro da cidade algum dia precisem escapar, como uma via de saída mais rápida do vale para batedores, viajantes e mensageiros e também como entrada para fugitivos que escapam de Morgoth.

Thorndor, Rei das Águias, remove seus ninhos para as alturas ao norte das montanhas circundantes e os guarda de espiões Orques.[2] No monte pedregoso do Amon Gwareth, o monte de vigia, cujas encostas são polidas feito a lisura do vidro e cujo topo é plano, constroem a grande cidade de Gondolin,

com portões de aço. A planície à volta dela é nivelada de forma a ficar tão plana e lisa quanto um gramado de relva cortada, até os sopés dos montes, e assim nada consegue rastejar por ela sem ser percebido. O povo de Gondolin torna-se poderoso e seus arsenais enchem-se de armas. Mas Turgon não marcha ao auxílio de Nargothrond, ou de Doriath, e depois da morte de Dior ele não trata mais com o filho de Fëanor (Maglor).[3] Por fim, fecha o vale a todos os fugitivos, e proíbe o povo de Gondolin de deixar o lugar. Gondolin é a única fortaleza dos Elfos que restou. Morgoth não se esqueceu de Turgon, mas o procura em vão. Nargothrond está destruída; Doriath, desolada; os filhos de Húrin, mortos; e só Elfos, dispersos e fugitivos Gnomos e Ilkorins restaram, exceto os que trabalham nas forjas e minas em grandes números. Seu triunfo é quase completo.

1 Acrescentado aqui rabiscado a lápis: *O monte mais próximo de Angband era guardado pelo marco de Fingolfin* (cf. nota 2).

2 Acrescentado na mesma época que o acréscimo mencionado na nota 1: *sentado sobre o marco de Fingolfin*.

3 *o filho de Fëanor (Maglor)* > *os filhos de Fëanor* (isso está de acordo com a mudança no final de §14, nota 4).

16

Meglin, filho de Eöl e Isfin, irmã de Turgon, foi enviado por sua mãe para Gondolin e lá recebido,[1] embora tivesse metade de sangue ilkorin, e tratado como um príncipe.

Húrin de Hithlum tinha um irmão, Huor. O filho de Huor era Tuor, mais jovem que Túrin,[2] filho de Húrin. Rían, esposa de Huor, buscou o corpo de seu marido entre os mortos no campo das Lágrimas Inumeráveis e lá morreu. Seu filho, permanecendo em Hithlum, caiu nas mãos dos homens infiéis que Morgoth

empurrou para Hithlum depois daquela batalha, e fizeram-no servo. Revelando-se rebelde e rude, fugiu para os bosques e tornou-se um fora da lei e um solitário, vivendo sozinho e sem se comunicar com ninguém, salvo raramente com Elfos andarilhos e escondidos. Certo dia, Ylmir fez com que ele fosse levado para o curso subterrâneo de um rio que saía de Mithrim até os barrancos de um rio que fluía e, enfim, para o Mar do Oeste. Dessa maneira, sua passagem não foi vista por Homem, Orque ou espião e ficou desconhecida de Morgoth. Depois de longas andanças pelas costas do oeste, chegou às fozes do Sirion e lá encontrou o Gnomo Bronweg, que antes tinha estado em Gondolin. Eles viajam secretamente Sirion acima juntos. Tuor se demora muito na doce terra de Nan Tathrin, "Vale dos Salgueiros"; mas lá o próprio Ylmir sobe o rio para visitá-lo e contar-lhe qual é a sua missão. Ele deve avisar Turgon para se preparar para a batalha contra Morgoth; pois Ylmir mudará os corações do Valar para que perdoem os Gnomos e lhes mandem socorro. Se Turgon fizer isso, a batalha será terrível, mas a raça dos Orques perecerá e não mais, nas eras que vierem depois, atormentará Elfos e Homens. Se não, o povo de Gondolin deve se preparar para fugir até a foz do Sirion, onde Ylmir os ajudará a construir uma frota e os guiará de volta a Valinor. Se Turgon fizer a vontade de Ylmir, Tuor deverá permanecer em Gondolin por um tempo e então voltará a Hithlum com uma força de Gnomos e trará os Homens uma vez mais para uma aliança com os Elfos, pois "sem os Homens, os Elfos não hão de prevalecer contra os Orques e os Balrogs". Isso Ylmir faz porque sabe que, antes que sete[3] anos completos tenham passado, a ruína de Gondolin virá por meio de Meglin.[4]

Tuor e Bronweg alcançam a via secreta[5] e chegam à planície guardada. Feitos cativos pelos vigias, são levados diante de Turgon. Turgon está velho[6] e muito poderoso e orgulhoso, e

Gondolin tão formosa e bela, e seu povo tão orgulhoso dela e confiante em seu segredo e força inexpugnável que o rei e a maioria do povo não desejam ser importunados pelos Gnomos e Elfos de fora, ou se preocupar com os Homens, nem anseiam mais por Valinor. Com a aprovação de Meglin, o rei rejeita a mensagem de Tuor, apesar das palavras de Idril, a que enxerga longe (também chamada de Idril Pé-de-Prata, porque ela amava caminhar descalça), sua filha, e dos mais sábios de seus conselheiros. Tuor continua a viver em Gondolin e torna-se um grande líder. Depois de três anos, desposa Idril — Tuor e Beren apenas, entre todos os mortais, desposaram Elfas e, uma vez que Elwing, filha de Dior, filho de Beren, desposou Eärendel, filho de Tuor e Idril, deles apenas a linhagem de Elfinesse adquiriu sangue mortal.

Não muito depois disso, Meglin, viajando para longe através das montanhas, é capturado por Orques e compra sua vida, quando levado a Angband, revelando Gondolin e seus segredos. Morgoth promete-lhe o senhorio de Gondolin e a posse de Idril. O desejo por Idril leva-o com mais facilidade a essa traição, fortalecida por seu ódio a Tuor.

Morgoth o envia de volta a Gondolin. Eärendel nasce, tendo a beleza e a luz e a sabedoria de Elfinesse, o vigor e a força dos Homens e o anseio pelo mar que capturara Tuor e o prendera para sempre quando Ylmir lhe falou na Terra dos Salgueiros.

Enfim Morgoth está pronto, e faz-se o ataque a Gondolin com dragões, Balrogs e Orques. Depois de uma luta terrível em volta das muralhas, a cidade é invadida e Turgon perece com muitos dos maiores nobres na luta derradeira na grande praça. Tuor resgata Idril e Eärendel de Meglin e lança-o das ameias. Então lidera o remanescente do povo de Gondolin por um túnel secreto aberto previamente por conselho de Idril, que chega a um ponto distante no Norte da planície. Aqueles que se recusam

a vir com ele, mas fogem para a antiga via de escape, são pegos pelo dragão enviado por Morgoth para vigiar aquela saída.

Em meio aos fumos do incêndio, Tuor lidera sua companhia nas montanhas, adentrando o passo gélido de Cristhorn (Fenda das Águias). Lá são emboscados, mas se salvam pelo valor de Glorfindel (chefe da casa da Flor Dourada de Gondolin, que morre em duelo com um Balrog sobre um pináculo) e a intervenção de Thorndor. O remanescente alcança o Sirion e viaja para a terra em sua foz — as Águas do Sirion. O triunfo de Morgoth agora está completo.

[Todas as mudanças nessa seção, com exceção da mencionada na nota 3, foram alterações tardias rabiscadas com pressa a lápis.]

1 Acrescentado junto a essa frase: último dos fugitivos de fora

2 *mais jovem que Túrin* > *primo de Túrin*

3 *sete* mudado logo cedo para *doze*

4 Acrescentado aqui: *se ficarem sentados em seus salões*.

5 Acrescentado aqui: *que eles encontram por graça de Ylmir*

6 A palavra *velho* foi circulada para ser removida.

17

À foz do Sirion chega Elwing, filha de Dior, e é recebida pelos sobreviventes de Gondolin.[1] Esses se tornam um povo de navegantes, construindo muitos barcos e vivendo na parte mais distante do delta, aonde os Orques não ousam vir.

Ylmir admoesta os Valar e pede que eles resgatem os remanescentes dos Noldoli e as Silmarils, apenas nas quais agora vive a luz dos velhos dias de bem-aventurança quando as Árvores estavam brilhando.

Os filhos dos Valar, comandados por Fionwë, filho de Tulcas, lideram uma hoste para a batalha, na qual todos os Qendi marcham, mas, lembrando-se de Porto-cisne, poucos dos Teleri vão com eles. Côr fica deserta.

Tuor, envelhecendo,[2] não consegue ignorar o chamado do mar e constrói Eärámë e veleja para o Oeste com Idril, e dele não se ouve mais nada. Eärendel desposa Elwing. O chamado do mar nasce também nele. Constrói Wingelot e deseja velejar em busca de seu pai. Ylmir pede que ele veleje para Valinor.[3] Aqui se seguem as maravilhosas aventuras de Wingelot nos mares e nas ilhas e de como Eärendel matou Ungoliant no Sul. Ele retornou para casa e achou as Águas do Sirion despovoadas. Os filhos de Fëanor, ao ficar sabendo da habitação de Elwing e do Nauglafring, tinham caído sobre o povo de Gondolin. Em uma batalha, todos os filhos de Fëanor, salvo Maidros[4] e Maglor, foram mortos, mas a última gente de Gondolin foi destruída ou forçada a ir embora e se juntar ao povo de Maidros.[5] Elwing lançou o Nauglafring no mar e saltou atrás dele,[6] mas foi transformada em uma ave marinha branca por Ylmir e voou a buscar Eärendel, buscando-o por todas as costas do mundo.

O filho deles (Elrond), que é meio-mortal e meio-élfico,[7] uma criança, foi salvo, entretanto, por Maidros. Quando, mais tarde, os Elfos retornam para o Oeste, preso à sua metade mortal, ele escolhe ficar na terra. Por meio dele, o sangue de Húrin[8] (seu tio-avô) e o dos Elfos ainda se encontra entre os Homens, e ainda é visto em valor e em beleza e em poesia.

Eärendel, ao saber dessas coisas por Bronweg, que habitava em uma cabana, como ermitão, na foz do Sirion, é sobrepujado pelo pesar. Com Bronweg ele alça velas em Wingelot mais uma vez, em busca de Elwing e de Valinor.

Chega às ilhas mágicas, e à Ilha Solitária, e enfim à Baía de Feéria. Escala o monte de Côr e caminha nas vias desertas de

Tûn, e sua vestimenta fica incrustada do pó de diamantes e joias. Não ousa ir mais adiante em Valinor. Constrói uma torre em uma ilha dos mares do norte, à qual todas as aves marinhas do mundo se dirigem. Navega, com o auxílio das asas delas, até mesmo sobre os ares em busca de Elwing, mas é chamuscado pelo Sol e caçado do céu pela Lua e por muito tempo vaga pelo céu como estrela fugitiva.[9]

[Nessa seção, mais uma vez a maioria das mudanças (não as das notas 2 e 4) foram feitas às pressas a lápis.]

[1] Essa frase foi mudada para:

> Na foz do Sirion habitava Elwing, filha de Dior, que recebeu os sobreviventes de Gondolin.

[2] *envelhecendo* foi riscado.

[3] *Ylmir pede que ele veleje para Valinor* foi riscado.

[4] *Maidros* > *Maidros e Maglor*

[5] Escrito na margem: *Maglor sentou-se e cantou à beira-mar em arrependimento.*

[6] Meu pai primeiro escreveu *Elwing lançou-se ao mar com o Nauglafring*, mas mudou essa frase para *Elwing lançou o Nauglafring no mar e saltou atrás dele* enquanto escrevia.

[7] Essa frase foi mudada para:

> O filho deles (Elrond), que é parte mortal e parte élfico, e parte da raça dos Valar,

[8] *Húrin* foi riscado e *Huor e de Beren* escrito acima, junto com algumas palavras ilegíveis. Seria possível esperar *Por meio dele, o sangue de Huor e de Beren, seus bisavôs*, mas as palavras ilegíveis não parecem ser essas. (Húrin, na verdade, era tio-bisavô de Elrond.)

[9] A última frase (*Navega, com o auxílio das asas dela…*) é um acréscimo, mas creio que um acréscimo feito na época da composição.

18

A marcha de Fionwë para o Norte é então narrada, assim como a Terrível ou Última Batalha. Os Balrogs são todos destruídos e os Orques destruídos ou dispersados. O próprio Morgoth faz uma última investida com todos os seus dragões; mas eles são destruídos, todos menos dois que escapam, pelos filhos dos

Valar, e Morgoth é sobrepujado e preso,[1] e sua coroa de ferro é transformada em coleira para seu pescoço. As duas Silmarils são resgatadas. As partes norte e oeste do mundo são dilaceradas e despedaçadas no confronto.[2]

Os Deuses e Elfos liberam os Homens de Hithlum e marcham pelas terras convocando os remanescentes dos Gnomos e Ilkorins para se juntar a eles. Todos o fazem, exceto o povo de Maidros. Maidros, auxiliado por muitos homens,[3] prepara-se para pôr em prática seu juramento, ainda que agora esmagado pela tristeza por causa dele. Manda uma mensagem a Fionwë, lembrando-o do juramento e implorando que lhe desse as Silmarils. Fionwë responde que ele perdeu o direito a elas por causa dos feitos malignos de Fëanor e do assassinato de Dior e do saque do Sirion. Ele tem de se submeter e voltar para Valinor; em Valinor apenas, e sob o julgamento dos Deuses, elas hão de lhe ser entregues.

Maidros e Maglor[4] se submetem. Os Elfos zarpam de Lúthien (Bretanha ou Inglaterra) para Valinor.[5] De lá eles ainda, de tempos [em tempos], içam vela e deixam o mundo antes que desvaneçam.

Na última marcha, Maglor diz a Maidros que restam dois filhos de Fëanor e duas Silmarils; uma é dele. Rouba-a e foge, mas ela o queima e assim sabe que não tem mais direito a ela. Vaga em dor pela terra e se lança em uma cova.[6] Uma Silmaril agora está no mar, e outra, na terra.[7]

Os Gnomos e muitos dos Ilkorins e Teleri e Qendi repovoam a Ilha Solitária. Alguns voltam a viver nas costas de Feéria e em Valinor, mas Côr e Tûn permanecem desertas.

1 Acrescentado aqui: *com a corrente Angainor*

[2] Acrescentado aqui: *e o feitio de suas terras, alterado* (acréscimo posterior a lápis).

[3] *auxiliado por muitos homens* foi riscado.

[4] *e Maglor* circulado a lápis.

[5] Essa frase foi mudada para:

> Os Elfos marcham para a costa ocidental e começaram a zarpar de Leithien (Bretanha ou Inglaterra) para Valinor.

[6] *se lança em uma cova* > *a lança em uma cova em chamas.*

[7] Acrescentado aqui: *Maglor agora canta para sempre em pesar perto do oceano.*

19

É realizado o julgamento dos Deuses. A terra caberá aos Homens e os Elfos que não velejarem para a Ilha Solitária ou para Valinor hão de desvanecer e fenecer lentamente. Por um tempo os últimos dragões e Orques trarão pesar à Terra, mas no fim todos hão de perecer graças ao valor dos Homens.

Morgoth é lançado através da Porta da Noite na escuridão de fora para além das Muralhas do Mundo, e uma guarda fica postada para sempre naquela Porta. As mentiras que ele semeou nos corações de Homens e Elfos não morrem e não podem ser todas mortas pelos Deuses, mas vivem ainda e trazem muito mal até mesmo nos dias de hoje. Alguns dizem também que, secretamente, Morgoth ou sua sombra e seu espírito negros, apesar dos Valar, rastejam por sobre as Muralhas do Mundo no Norte e no Leste e visitam de novo o mundo, outros que esse é Thû, grande capitão de Morgoth, que escapou da Última Batalha e habita ainda em lugares escuros e perverte os Homens, trazendo-os para seu horrendo culto. Quando o mundo estiver muito mais velho e quando os Deuses se cansarem, Morgoth voltará pela Porta e a última batalha de todas acontecerá. Fionwë lutará contra Morgoth na planície de Valinor, e o espírito de Túrin estará ao lado dele, há de ser Túrin aquele que, com sua espada negra, matará Morgoth e assim os filhos de Húrin hão de ser vingados.

Naqueles dias, as Silmarils hão de ser reavidas do mar e da terra e do ar, e Maidros há de quebrá-las e Belaurin,[1] com o fogo delas, há de reacender as Duas Árvores e a grande luz há de vir de novo e as Montanhas de Valinor hão de ser aplainadas, de modo que essa luz chegará a todo o mundo, e Deuses e Elfos e Homens[2] hão de se tornar jovens de novo e todos os seu mortos vão despertar.[3]

E assim foi que a última Silmaril chegou ao ar. Os Deuses decretaram que última Silmaril seria de Eärendel — "até que muitas coisas hajam de se passar" — por causa dos feitos dos filhos de Fëanor. Maidros é enviado a Eärendel e, com a ajuda da Silmaril, Elwing é encontrada e se recupera. O barco de Eärendel é trazido por sobre Valinor até os Mares de Fora e Eärendel o lança na escuridão de fora, muito acima do Sol e da Lua. Lá veleja com a Silmaril sobre sua fronte e Elwing a seu lado, a mais brilhante de todas as estrelas, montando guarda contra Morgoth.[4] Assim ele há de velejar até que veja a última batalha deflagrada nas planícies de Valinor. Então descerá.

E este é o fim último dos contos dos dias antes dos dias, nas regiões do Norte do Mundo Ocidental. Esses contos são alguns daqueles lembrados e cantados pelos Elfos minguantes, e mormente pelos Elfos desaparecidos da Ilha Solitária. Foram contados por Elfos a Homens da raça de Eärendel, e mormente a Eriol que, único dos mortais de dias posteriores, navegou até a Ilha Solitária, e ainda assim retornou a Lúthien,[5] e lembrava-se de coisas que ouvira em Cortirion, a cidade dos Elfos em Tol Eressëa.

[1] Junto a *Belaurin* foi escrito *Palúrien* (cf. §1, nota 1).

[2] *e Homens* foi riscado.

[3] Acrescentado aqui:

> Mas dos Homens, naquele último Dia, a profecia não fala, exceto apenas de Túrin.

[4] Acrescentado aqui: *e a Porta da Noite* (acréscimo posterior a lápis).

[5] *Lúthien* > *Leithien* (cf. §18, nota 5).

Comentário sobre o *Esboço da Mitologia*

Embora o "Esboço" seja um manuscrito bom e claro, como tinha de ser (já que seria lido por R.W. Reynolds), ficará evidente que meu pai o redigiu com extrema rapidez: creio que seja muito possível e mesmo provável que ele o tenha escrito sem consultar os contos em prosa mais antigos.

Foram feitos avanços consideráveis em direção à forma da história tal como aparece na obra publicada; mas não há traço de uma narrativa em prosa mesmo em forma de fragmentos ou anotações que preencha a lacuna entre os *Contos Perdidos* e esta sinopse na parte "valinóreana" da mitologia (isto é, até a fuga dos Noldoli e a feitura do Sol e da Lua). É claro, isso não quer dizer que tal narrativa jamais tenha existido, embora o fato de que meu pai sem dúvida preservou uma proporção muito alta de tudo o que já escreveu me leva a duvidar de tal coisa. Acredito ser muito mais provável que, enquanto trabalhava em outras coisas (durante o seu tempo em Leeds), ele tenha desenvolvido suas ideias, especialmente sobre a "parte valinóreana", sem colocá-las no papel; e visto que os *Contos* em prosa foram deixados de lado muitos anos antes, é possível que certas mudanças narrativas encontradas no "Esboço" fossem menos planejadas por completo, menos conscientes, do que tais mudanças no desenvolvimento tardio de "O Silmarillion", no qual ele sempre trabalhou com base em escritos existentes.

Seja como for, com frequência é extremamente difícil, ou impossível, julgar se características dos *Contos* que não estão presentes no "Esboço" foram omitidas simplesmente por questão de concisão, ou se foram abandonadas em definitivo. Assim, embora Eriol — não Ælfwine, ver II. 362 — seja mencionado no final, e sua chegada a Kortirion em Tol Eressëa, não há sinal do Chalé do Brincar Perdido: a estrutura narrativa inteira dos *Contos Perdidos* desapareceu. Mas isso de modo algum demonstra que meu pai a havia rejeitado de fato nessa época.

O Comentário que se segue está dividido de acordo com as 19 seções nas quais dividi a narrativa.

O “Esboço da Mitologia” é referido pelo resto desde livro por meio da abreviatura “Esb”.

1

Esb (o “Esboço”), que não faz referências à Criação e à Música dos Ainur, começa com a vinda dos Nove Valar “para a governança do mundo”: os Nove Valar foram mencionados no poema aliterante *A Fuga dos Noldoli* (ver III. 162, 165). Aparece agora a ilha (mais tarde chamada Almaren) na qual os Deuses habitaram após a feitura das Lamparinas, cuja origem provavelmente pode ser vista no conto *A Vinda dos Valar*, I. 90–1, onde é dito que, quando as Lamparinas tombaram, os Valar estavam reunidos nas Ilhas do Crepúsculo, e que “that island whereon stood the Valar” foi arrastada para o oeste por Ossë. Pode parecer que a história da feitura dos pilares das Lamparinas por Melko a partir de gelo que derretera foi abandonada, mas ela reaparece de novo mais tarde, no *Ambarkanta* (pp. 282–83).

O uso da palavra “planta” para as Duas Árvores é curioso, e ela poderia ser descontada simplesmente como uma expressão feita às pressas se não aparecesse na versão seguinte de “O Silmarillion", o *Quenta* (p. 98). No conto antigo, assim como na obra publicada, as Árvores brotaram do solo por meio dos feitiços entoados por Yavanna. A parte inferior prateada das folhas da Árvore Branca aparece agora, e suas flores são comparadas às de uma cerejeira: *Silpion* é traduzida como “Lua-de-cerejeira” na Lista de Nomes de *A Queda de Gondolin* (II. 259). A menção primeiro da Árvore Branca pode significar que ela agora se tornara a Árvore Mais Velha, como o é explicitamente no *Quenta*.

Tal como o Esb foi escrito inicialmente, as Árvores tinham períodos de doze horas, como nos *Contos Perdidos* (ver I. 112 e nota de rodapé), mas com a emenda de “seis” para “sete” (permitindo assim a hora de “luz mesclada”), o período se torna de catorze horas. Esse foi um movimento na direção da formulação em *O Silmarillion* (p. 67), onde cada Árvore “crescia ao máximo e decrescia de novo a nada” em sete horas; mas em *O Silmarillion* “cada dia dos Valar em

Aman continha doze horas", enquanto que no Esboço cada dia tinha o dobro dessa duração.

O nome gnômico de Varda, *Bridhil*, ocorre no poema aliterante *Fuga dos Noldoli* (mudado para *Bredhil*), na *Balada de Leithian* e no antigo dicionário gnômico (I. 328, verbete *Varda*). Quanto a *Timbrenting*, *Tindbrenting*, ver III. 154, 168; *Tengwethil* (alternando com *Taingwethil*) é encontrado na *Balada dos Filhos de Húrin*. Quanto a *Ifan Belaurin*, ver I. 329, verbete *Yavanna*; no dicionário gnômico, a forma gnômica é *Ifon*, *Ivon*.

2

A descrição no Esb das "Terras de Fora" (nome agora usado para as Grandes Terras, ver III. 265–66), onde o crescimento havia sido detido com a queda das Lamparinas, mas onde há florestas de árvores escuras nas quais Oromë às vezes caça, move a narrativa nesse ponto um passo na direção de sua estrutura em *O Silmarillion*; mencionei o relato bastante diferente nos *Contos Perdidos* em meu comentário sobre *O Acorrentamento de Melko* (I. 139): "Na narrativa mais antiga, por outro lado, não há menção ao início do crescimento durante o tempo em que as Lamparinas brilharam, e as primeiras árvores e plantas baixas apareceram sob os feitiços de Yavanna no crepúsculo após sua derrubada."

Enquanto nos Contos Perdidos a feitura das estrelas por Varda ocorreu após o despertar dos Elfos (I. 142), aqui eles despertam "com a feitura das estrelas".

Ao comentar os *Contos Perdidos*, observei (I. 140, 162) que os Deuses buscaram Melko por causa da retomada de sua violência cósmica, antes do despertar dos Elfos e sem qualquer relação com eles; e que a libertação de Melko de Mandos ocorreu antes da chegada dos Eldar em Valinor, de maneira que ele desempenhou um papel no debate acerca da convocação deles. No Esb, a história tardia (de que a descoberta dos Elfos levou diretamente ao assalto dos Valar à fortaleza de Morgoth) já está presente e, além disso, é atribuído um motivo à intervenção dos Valar que não se encontra em *O Silmarillion*: eles "recordam seu dever quanto à Terra, já que eles

foram para lá sabendo que sua função era governá-la para as duas raças da Terra que deveriam vir depois, cada uma em seu tempo designado". Também parece claro que a história mais antiga da chegada dos Elfos ser de conhecimento de Manwë independentemente da descoberta deles por Oromë (ver I. 162) havia sido abandonada.

Nos *Contos Perdidos*, a primeira fortaleza de Melko foi Utumna, e apesar de não ter sido completamente destruída até suas fundações (I. 132), após sua fuga e retorno às Grandes Terras ele "já se [ocupava] de fazer para si novas habitações", conforme Sorontur contou a Manwë, pois "Utumna jamais se abrirá novamente para ele" (I. 214). Essa nova fortaleza era Angband (Angamandi). No Esb, por outro lado, a primeira fortaleza é Angband, e após sua fuga Morgoth consegue retornar a ela (§4), pois era forte demais para ser destruída pelos Deuses (§2). Assim, o nome Utumna (Utumno) desapareceu.

Na passagem que descreve as três hostes dos Elfos na grande marcha desde Cuiviénen (que ocorre, por emenda, na *Balada dos Filhos de Húrin*, III. 28, 33) aparece o uso tardio de *Teleri* para a terceira gente (que, entretanto, ainda mantém o antigo nome *Solosimpi*, os Flautistas das Terras Costeiras), enquanto a primeira gente (os *Teleri* dos *Contos Perdidos*) adquirem agora o nome *Quendi* (subsequentemente escrito no Esb tanto *Quendi* como *Qendi*). Assim:

Contos Perdidos	*"Esboço"*	*O Silmarillion*
Teleri	Q(u)endi	Vanyar
Noldoli	Noldoli	Noldor
Solosimpi	Teleri, Solosimpi	Teleri

A formulação na época dos *Contos Perdidos* (ver I. 282) era de que *Qendi* era o nome original de todos os Elfos e *Eldar* o nome dado pelos Deuses e adotado pelos Elfos de Valinor; aqueles que permaneceram nas Grandes Terras (Ilkorins) preservaram o antigo nome, *Qendi*. Também aparecem agora os termos "Elfos-da-luz", "Elfos-profundos" e "Elfos-do-mar" (como em *O Hobbit*, capítulo

8); o significado de “os Elfos propriamente ditos”, aplicado à primeira gente, está claro pelo *Quenta* (p. 102): “os Quendi... que por vezes são os únicos chamados de Elfos”.

Inwë dos *Contos Perdidos* agora se torna *Ingwë*, com o equivalente gnômico *Ing*, que aparece nos poemas aliterantes, tal como o gnômico *Finn* (em *A Fuga dos Noldoli*). *Elwë* (*Elu*) está no papel do posterior Olwë, líder da terceira gente após a perda de Thingol. Em o *Conto de Tinúviel*, Tinwelint (Thingol) era de fato originalmente chamado *Tinto Ellu* ou *Ellu*, mas nos contos *A Vinda dos Elfos* e *O Roubo de Melko*, por meio de mudanças tardias, *Ellu* torna-se o nome do segundo senhor dos Solosimpi, escolhido no lugar de Tinwelint; ver II. 66).

Duas ausências notáveis do relato no Esb são a chegada inicial dos três embaixadores élficos a Valinor e os Elfos que não deixaram as Águas do Despertar, mencionados no *Conto de Gilfanon* (I. 278): os Ilkorins são aqui definidos como aqueles que se perderam na grande marcha para o Oeste. Quanto a essas omissões, ver o comentário sobre §2 no *Quenta*, pp. 190–91.

Outras omissões no Esb são as duas feituras das estrelas por Varda (ver pp. 190–91) e a corrente Angainor, com a qual Morgoth foi preso (ver Esb §18, nota 1).

3

No conto *A Vinda dos Elfos*, a ilha na qual os Deuses foram puxados às terras ocidentais à época da queda das Lamparinas era a ilha na qual os Elfos foram posteriormente carregados, tornando-se Tol Eressëa (ver I. 148, 165); agora, a ilha na qual os Deuses habitaram (ver o comentário sobre §1) é mais uma vez a ilha de transporte dos Elfos. Porém, em *O Silmarillion* não lá relação entre a Ilha de Almaren e Tol Eressëa.

Na história do transporte dos Elfos, surgem no Esb características da narrativa final: as duas primeiras gentes a chegar às costas do mar são transportadas juntas nessa ilha, não separadamente como no conto; e o amor pelo mar entre os Teleri (Solosimpi) teve início durante sua espera pelo retorno de Ulmo. Por outro lado, a história

mais antiga da ancoragem de Tol Eressëa por rebeldia de Ossë ainda existe (ver I. 166); mas a posição da ilha após sua ancoragem foi mudada agora para o oeste, para a Baía de Feéria, "onde as Montanhas de Valinor podiam ser vistas vagamente": compare com o relato no conto, onde Ulmo havia percorrido "menos da metade da distância" pelo Grande Mar quando Ossë a emboscou, e onde "terra alguma pode ser vista navegando-se por muitas léguas desde suas falésias" (ver I. 150–51 e minha discussão sobre essa mudança, I. 166). No conto, Ossë apanhou e ancorou Tol Eressëa antes que a jornada da ilha fosse concluída porque ele sentiu-se "insultado porque seu auxílio não foi requisitado na travessia dos Elfos e sua própria ilha, tomada sem permissão" (I. 149); no Esb, o seu ciúme de fato é mencionado, mas também seu amor pelo cantar dos Teleri, que mais tarde tornou-se um motivo proeminente. A feitura de aves marinhas por Ossë para os Teleri (Solosimpi) foi mantida, embora posteriormente seja perdida.

No conto, a brecha nas Montanhas de Valinor não foi feita pelos Valar para o bem dos Elfos, nem o monte de Kôr erguido para eles: haviam existido desde dias distantes, quando "no tumulto dos mares anciões, um sombrio braço d'água espalhara-se na direção de Valinor" (I. 152). Na passagem no Esb é possível ver a origem daquela em *O Silmarillion* (p. 94). Aqui no Esb, Côr é o monte e Tûn é a cidade construída sobre ele (embora em §2 haja uma referência a Elfos habitando "em Côr"); ver III. 115.

Quanto à "invenção" das gemas pelos Noldoli, ver I. 170. O amor especial de Mandos, "o sábio", pelos Noldoli não se encontra nem nos *Contos Perdidos*, nem em *O Silmarillion*, e pode parecer um atributo improvável desse Vala: cf. *A Vinda dos Elfos*, I. 146: "Mandos e Fui estavam frígidos aos Eldar como a tudo o mais."

A passagem a respeito dos príncipes noldorin, acrescentada ao texto do Esb (embora provavelmente após um intervalo não muito grande), é a origem da passagem em *O Silmarillion* (p. 95) que começa da mesma maneira: "Os Noldor, mais tarde, voltaram à Terra-média, e esta história conta principalmente os seus feitos…" Quanto aos detalhes dos nomes e relações nessa passagem, ver a Nota no final desta seção do comentário.

A história da chegada dos Teleri (Solosimpi) a Valinor a partir de Tol Eressëa chega no Esb, essencialmente, quase à forma em *O Silmarillion* (p. 96); quanto ao relato muito diferente no conto, ver I. 154–57. Entretanto, no Esb foi Ylmir (Ulmo), não Ossë, que os ensinou a arte da construção de navios, e isso, é claro, reflete a diferença ainda subjacente: pois aqui Ylmir, como no conto, ainda estava ansioso pela chegada da Terceira Gente a Valinor, enquanto em *O Silmarillion* ele mesmo ordenou que Ossë firmasse a ilha ao fundo do mar, e mais tarde apenas "se submeteu à vontade dos Valar". — O nome Ylmir — quase certamente uma forma gnômica — aparece na *Balada dos Filhos de Húrin*, ver III. 116; mas a forma Óin para Uinen não é encontrada em nenhum outro lugar.

Nota sobre os príncipes noldorin

Fingolfin como o filho de Finwë (Finn) e pai de Turgon surge pela primeira vez na *Balada da Queda de Gondolin* (III. 178), e está presente na segunda versão da *Balada dos Filhos de Húrin* (somente por emenda na primeira) (III. 166). Que Fëanor era irmão de Fingolfin é deduzível pelo poema aliterante *Fuga dos Noldoli* (*ibid.*), mas pelo Esb, conforme escrito originalmente nesta seção, vê-se que Fëanor era a princípio o segundo filho, não o mais velho. Aqui no Esb o terceiro filho de Finwë, Finrod, surge pela primeira vez: a menção a ele, e a seus filhos, em uma nota da *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 99) é certamente tardia, tal como sua primeira aparição na *Balada de Leithian* (III. 229, 233).

Os sete filhos de Fëanor, com as mesmas formas de seus nomes como aqui no Esb, apareceram na *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 83, 106); a menção de Damrod e Díriel juntos no Esb sugere que eles já eram irmãos gêmeos.

Dos filhos de Fingolfin, Turgon, é claro, remonta aos *Contos Perdidos*, onde era o filho, e não o neto, de Finwë; o outro filho, Finweg, aparece na *Balada dos Filhos de Húrin*, onde a emenda para Fingon (ver III. 14, 99) é posterior ao Esb — e ao *Quenta*, onde ele ainda era Finweg no texto como escrito inicialmente.

Os filhos de Finrod surgem pela primeira vez aqui, e da maneira que a passagem inserida no Esb foi escrita inicialmente, Orodreth era aparentemente o filho mais velho; Angrod era Anrod; e Felagund era Felagoth. Felagoth ocorre como um estágio intermediário entre Celegorm e Felagund no texto A da *Balada de Leithian* (III. 204, 233).

4

Nesta seção, o Esb mais uma vez aproxima-se um passo da estrutura essencial da narrativa em *O Silmarillion*, embora haja características importantes que ainda não estão presentes. Discuti previamente (I. 191–93) as diferenças radicais entre o conto *O Roubo de Melko* e a história em *O Silmarillion*, e pode-se ver que foi com o Esb que quase todas essas diferenças surgiram: logo, não é necessário repetir a comparação mais uma vez aqui. Contudo, várias questões menores podem ser observadas.

A querela dos príncipes noldorin ainda não possui nada da complexidade e da sutileza inseridas mais tarde com a história de Míriel, a primeira esposa de Finwë e mãe de Fëanor; seja como for, a querela é tratada com grande brevidade.

É dito aqui que "Fëanor tenha amaldiçoado para sempre qualquer um, Deus ou Elfo ou mortal que há de vir depois, que as toque [isto é, as Silmarils]". Em §5, por meio de uma interpolação posterior, o juramento é feito por Fëanor e seus filhos no momento da congregação à luz de tochas em Tûn, mas meu pai permitiu que a declaração em §4 fosse mantida, claramente porque lhe passou despercebida. Porém, no fragmento aliterante *A Fuga dos Noldoli*, que em termos gerais suponho pertencer ao início de 1925 (III. 159), o juramento é feito por Fëanor e seus filhos como na interpolação no Esb §5, "à praça ampla no topo de Côr." (ver III. 162). Tendo a crer que a declaração aqui em §4 foi um lapso de memória.

Os eventos que ocorrem imediatamente após o conselho dos Deuses, no qual as mentiras de Morgoth foram reveladas e Fëanor foi banido de Tûn (no Esb, não é dito que o banimento se limita a um período de anos), ainda não são apresentados na forma que possuem

em *O Silmarillion*. A história inteira da ida de Morgoth a Formenos (que ainda não é chamada assim) e sua fala com Fëanor diante das portas (*O Silmarillion*, p. 109) ainda não havia aparecido. O deslocamento de Morgoth para o norte ao longo da costa de forma dissimulada também está ausente; em vez disso, ele vai de imediato a Arvalin, "onde a sombra é a mais espessa em todo o mundo", como é dito em *O Silmarillion* (p. 111) a respeito de Avathar.

Na história do encontro de Morgoth com Ungoliant e da destruição das Árvores aparecem detalhes da versão final, como a subida de Ungoliant na grande montanha (posteriormente chamada de Hyarmentir) "de pináculo a pináculo" e a escada feita para Morgoth escalar. Não há menção do grande festival, mas ele aparece em §5: a impressão é de que meu pai o omitiu para incluí-lo anteriormente na narrativa e o inseriu um pouco mais adiante quando se lembrou dele.

No conto *O Roubo de Melko*, Ungoliant fugiu para o sul de imediato após a destruição das Árvores (I. 189), e dos movimentos subsequentes de Melko após atravessar o Gelo, é dito apenas (por Sorontur a Manwë, I. 214) que ele estava ocupado construindo para si um novo lugar de habitação na região das Montanhas de Ferro. Porém, no Esb, a história da "Querela dos Ladrões" e do resgate de Morgoth pelos Balrogs surge de súbito de forma plena.

5

Estão ausentes do relato do grande festival (ver comentário em §4) tanto a ocasião original para realizá-lo (comemoração da chegada dos Eldar a Valinor, I. 176) como aquela apresentada em *O Silmarillion* (a festa de outono; p. 113). A característica tardia de que os Teleri não estavam presentes aparece (ver I. 193); mas não há indícios dos elementos importantes da ida solitária de Fëanor de Formenos ao festival, a reconciliação formal com Fingolfin e a recusa de Fëanor para entregar as Silmarils antes que tivesse notícias da morte de seu pai e do roubo das joias (*O Silmarillion*, pp. 114, 118).

Nas emendas posteriores do texto do Esb vemos o crescimento da história das opiniões divididas dos Gnomos, com a introdução da tentativa de Finrod (posteriormente Finarfin) de acalmar as facções conflitantes — embora esse elemento estivesse presente no conto *A Fuga dos Noldoli*, onde Finwë Nólemë desempenha o papel de apaziguador (I. 198). Após uma quantidade considerável de mudanças adicionais nessa passagem em textos posteriores, e a introdução de Galadriel, o alinhamento, e os motivos, dos príncipes tal como aparecem em *O Silmarillion* são mais complexos (p. 124); mas já está presente o elemento de que apenas um dos filhos de Finrod ficou ao seu lado (aqui Felagund, em *O Silmarillion*, Orodreth).

A emenda que coloca Fingolfin e Finweg (Fingon) no comando sobre "metade dos Noldoli de Tûn" deve ser incorreta; a intenção de meu pai provavelmente era de que o texto revisado fosse "sobre os Noldoli de Tûn".

A rápida mudança no papel de Finrod (Finarfin) nesses eventos pode ser observada nas sucessivas interpolações feitas no Esb. Parece que no texto original ele sequer aparecia (a primeira menção a ele é feita na passagem interpolada em §3, p. 22). É dito que ele não partiu de Tûn; depois é dito que ele foi morto em Porto-cisne; e, por fim, é dito que ele e seus filhos não estavam em Porto-cisne, mas que partiram de Tûn com relutância, levando consigo muitas coisas que haviam feito. Finrod foi então introduzido somente chegando com o seu povo ao extremo Norte após a queima dos navios pelos Fëanorianos do outro lado do estreito. Conforme o Esb foi originalmente escrito, Fingolfin, desertado e sem navios, retornou para Valinor, e foi seu filho Finweg (Fingon) que liderou a hoste principal por sobre o Gelo Pungente; mas com a introdução de Finrod ele se torna aquele que retornou. (Finweg como líder da hoste não foi então mudado para Fingolfin, mas isso obviamente foi um descuido).

No relato da jornada dos Noldoli para o norte, após a batalha de Porto-cisne, parece que toda a hoste embarcou nos navios dos Teleri, visto que o emissário de Mandos os chama de um rochedo alto "enquanto navegam por ali"; mas é possível que isso se deva

meramente à concisão, uma vez que no *Conto* (I. 202) alguns marcharam ao longo da costa enquanto "a frota costeava ao lado deles, não muito longe no mar", e o mesmo é contado em *O Silmarillion* ("alguns de navios e outros por terra", p. 149). A tormenta desencadeada por Uinen não é mencionada.

É curioso que a maldição sobre os Gnomos, de que deveriam sofrer por traição e pelo medo da traição entre a sua própria gente, esteja separada da Profecia de Mandos; mas não é dito por quem essa maldição foi proferida. Nada é dito no Esb tal como escrito originalmente sobre o conteúdo da Profecia de Mandos, exceto que ela dizia respeito ao "fado dos dias que virão", mas meu pai acrescentou subsequentemente que ela falava da "maldição de guerrearem uns contra os outros por causa de Porto-cisne", como em *O Silmarillion*. Não há traço das antigas profecias acerca de Turgon e Gondolin (I. 204, 210), mas tampouco há quaisquer indícios sobre a natureza da condenação dos Noldor tal como é relatada em *O Silmarillion*.

Quanto à história original da travessia do Gelo Pungente pelos Gnomos, onde não há elemento de traição (embora a culpa de Fëanor já estivesse presente), ver I. 203–06.

6

A feitura do Sol e da Lua é aqui condensada em duas frases. Praticamente todo o relato extremamente elaborado do antigo *Conto do Sol e da Lua* despareceu: as lágrimas de Vána que levam ao último fruto de Laurelin; a ruptura do "Fruto do Meio-Dia"; o Banho do Sol Poente, para onde a Donzela-do-Sol e sua nau eram puxadas ao chegarem do Leste; a canção de Lórien que leva à última flor de Silpion; a queda da "Rosa de Silpion", que causou as marcas na Lua; a recusa em permitir que Silmo ficasse ao leme da nau da Lua, tarefa dada então a Ilinsor, um espírito dos Súruli; o Lago Irtinsa, onde a nau da Lua era refrescada; e muito mais. Mas ainda que seja impossível dizer o quanto disso tudo meu pai tinha rejeitado "privadamente" nessa época (ver as minhas observações, I. 241), pelo menos alguns elementos foram suprimidos para a finalidade

deste “Esboço” que, afinal de contas, é apenas um resumo, pois reaparecerão.

A mudança no plano celestial agora ocorre porque os Deuses “têm como mais seguro enviá-los [isto é, o Sol e a Lua] aos cuidados de Ylmir pelas cavernas e grutas sob a Terra”. Isso é completamente diferente da história mais antiga (I. 259), na qual o plano *original* dos Deuses era de que o Sol e a Lua fossem puxados por baixo da terra; esse plano foi mudado quando descobriram que a nau do Sol “não poderia, ainda assim, chegar em segurança por debaixo do mundo” — exatamente o oposto do que é dito no Esb. Embora a Lua tenha continuado a passar por baixo da terra, os Deuses agora fizeram a Porta da Noite no Oeste e os Portões da Manhã no Leste, através dos quais o Sol veio a passar dali por diante, adentrando e retornando da Escuridão de Fora (I. 260). O aspecto astronômico da mitologia passou dessa forma por uma mudança profunda, uma recriação total.

A referência ao reacender do “Sol Mágico” (aqui com a extensão à Lua, não encontrada nos escritos mais antigos) é uma passagem preservada digna de nota; e o significado é explicitamente o renascimento das Árvores (ver II. 344). Muito notável é a predição de Ulmo aos Valar de que o reacendimento das Duas Árvores e o retorno da “ventura e glória de outrora” só viria a suceder com o auxílio dos Homens. É possível que isso seja uma referência aos seus próprios desígnios profundos elaborados através de Turgon, Tuor e Eärendel; mas não há indícios em parte alguma de que esses desígnios foram manifestados ou de que a intenção era de que fossem manifestados de tal modo. Talvez devêssemos mais propriamente ver aqui a existência continuada de alguma forma da antiga profecia apresentada em II. 343–44:

> A profecia dos Elfos é a de que um dia eles partirão afora de Tol Eressëa e, quando chegarem ao mundo, reunirão todos da sua gente desvanecente que ainda vivem no mundo e marcharão rumo a Valinor pelas terras do sul. Isso farão apenas com a ajuda dos Homens. Se os Homens os ajudarem, as fadas levarão os Homens a Valinor — os que desejarem ir —, travarão uma grande batalha

com Melko em Erumáni e abrirão Valinor. Laurelin e Silpion serão reacesas e, uma vez destruída a grande muralha de montanhas, suave radiância se espalhará por todo o mundo, e o Sol e a Lua serão convocados de volta.

No relato da Ocultação de Valinor, passamos no Esb dos *Contos Perdidos* para *O Silmarillion*: Comentei (I. 268) a ausência total no segundo das divisões amargas entre os Valar, da retirada desgostosa de Manwë, do apelo vão de Ulmo por piedade pelos Noldor — e da opinião explícita de meu pai no conto *A Ocultação de Valinor* de que as ações dos Valar nessa época, e o fracasso deles em guerrear contra Morgoth, eram um erro profundo advindo da indolência e do medo. O medo de Morgoth de fato permanece, e é o único motivo apresentado em *O Silmarillion* para a Ocultação de Valinor; mas o autor não comenta a respeito dele. Porém, no Esb o elemento da fúria divina contra os Noldoli ainda está presente (ainda que não haja aqui, nem depois, qualquer referência à raiva peculiar de Aulë para com eles (ver I. 213), salvo que no *Anais de Valinor* (p. 315), quando Finrod e outros retornaram para Valinor depois de ouvirem a Sentença de Mandos, "Aulë, seu antigo amigo, não mais lhes sorriu").

Há diferenças e omissões nas versões posteriores da história da Ocultação de Valinor em relação àquela no conto que já foram discutidas o suficiente (I. 267–69); mas é possível notar que no Esb não é dada razão alguma para que o passo de Kôr seja mantido aberto, nem aquele no conto, nem aquele em *O Silmarillion*.

É bastante evidente que com o "Esboço" a estrutura da parte valinóreana da mitologia — embora obviamente não os detalhes — em grande medida alcançara o estágio de desenvolvimento da versão publicada; e é possível compreender por que meu pai escreveu no envelope que continua o Esb as palavras *O "Silmarillion" original*. É aqui que começa "O Silmarillion".

Pode-se ver que nessa passagem o Esb já possui a estrutura e mesmo algumas das frases dos últimos três parágrafos do capítulo 12 (“Dos Homens”) em *O Silmarillion*.

O juramento fëanoriano (atribuído aqui somente aos filhos) é incorporado ao texto conforme escrito, o que provavelmente demonstra que a passagem interpolada, que introduz o juramento, em §5 (p. 27), foi inserida enquanto o Esb ainda se encontrava em processo de composição.

As palavras do Esb, “nos primeiros dias Eldar e Homens eram de estatura e poder de corpo quase semelhantes”, são ecoadas em *O Silmarillion*: “Elfos e Homens eram de estatura e força de corpo semelhantes”; para declarações a respeito dessa questão em escritos mais antigos, ver II. 292–93.

A “cultura mais elevada” que meu pai veio a atribuir aos Elfos de Doriath (ou, de forma mais ampla, aos Elfos-cinzentos de Beleriand) está agora estabelecida (“Só no reino de Doriath… os Ilkorins se igualavam aos Koreldar”); compare com a descrição dos Ilkorins do séquito de Tinwelint no antigo *Conto de Tinúviel* (“seres misteriosos e estranhos, que pouco conheciam de luz, ou de beleza, ou de músicas [...]”), a respeito do qual ressaltei que o povo de Tinwelint é descrito lá em termos aplicáveis antes aos Avari selváticos de *O Silmarillion* (ver II. 20, 84). Entretanto, é dito nessa passagem do conto que “Different indeed did they become when the Sun arose”.

As ideias expressadas aqui acerca da natureza da imortalidade dos Elfos remontam em grande parte aos *Contos Perdidos*; cf. a descrição do salão de Mandos em *A Vinda dos Valar* (I. 98):

> Para ali em dias posteriores iam os Elfos de todos os clãs que por má sina eram mortos com armas ou morriam de pesar pelos que foram mortos — e somente assim podiam os Eldar morrer, e mesmo assim era apenas por pouco tempo. Ali Mandos pronunciava sua sina, e ali esperavam na treva, sonhando de seus feitos passados, até o momento por ele determinado quando podiam renascer em seus filhos, e partir para rirem e cantarem outra vez.

Do mesmo modo, em *A Música dos Ainur* (I. 79) é dito que "os Eldar habitam até o Grande Fim, a menos que sejam assassinados ou feneçam de pesar (pois a essas duas mortes eles estão sujeitos)", e "morrendo, eles renascem em seus filhos, de modo que seu número não diminui, nem cresce". Mas nos textos mais antigos a morte por doença não é mencionada, e isso aparece pela primeira vez no Esb: onde, por meio de uma emenda, há uma modificação da ideia, de liberdade de toda doença para liberdade da morte por doença. Ademais, nos textos mais antigos o renascimento em seus próprios filhos parece ser representado como o destino universal dos Eldar que morrem; enquanto no Esb é dito que eles retornam de Mandos "à vida livre". O renascimento é mencionado no Esb de modo muito breve e somente em uma interpolação posterior.

No Esb, a concepção de meu pai do fado dos Homens após a morte é vista em evolução (quanto ao relato extremamente intrigante nos *Contos Perdidos*, ver I. 99, 115–16). Conforme ele escreveu inicialmente no Esb, havia uma afirmação explícita de que os Homens não iam para Mandos, não passavam para a terra no Oeste: essa era uma ideia derivada do contato com os Eldar. Mas ele mudou isso, e escreveu que os Homens de fato vão para os seus próprios salões em Mandos, por um tempo; ninguém sabe para onde vão depois, exceto o próprio Mandos.

Quanto ao "desvanecer" dos Elfos que permaneciam "no mundo", ver II. 393.

8

Nem os breves resumos do que teria sido o conto de Gilfanon da *Labuta dos Noldoli* (I. 286–91), nem a narrativa abandonada subsequente apresentada nas pp. 12–14 têm muita relação com o que veio depois. Características duradouras foram o acampamento junto a Asgon-Mithrim, a morte de Fëanor, o primeiro combate com os Orques, a captura e a mutilação de Maidros; mas esses elementos tinham motivações e acompanhamentos diferentes nos escritos mais antigos, já discutidos (I. 292–93). Com o "Esboço", entretanto, a maioria das informações da história tardia já aparece plenamente

formada, e a distância percorrida desde os *Contos Perdidos* é ainda mais impressionante aqui do que era até então.

A primeira batalha dos Gnomos com as forças de Morgoth não está claramente situada no Esb (cf. o *Conto de Gilfanon*, I. 286, 289, onde a batalha foi travada "nos sopés das Montanhas de Ferro" ou no "passo dos Morros Amargos"), mas já está presente a ideia de que os Orques foram provocados pela queima dos navios (cf. §5: "A mesma luz também alerta os Orques sobre o desembarque").

Surgem agora a morte de Fëanor pela mão de Gothmog, o Balrog; a parlamentação com o inimigo e as intenções traiçoeiras de ambos os lados; a chegada da segunda hoste, desfraldando suas bandeiras azuis e prateadas (ver p. 16) sob o primeiro Nascer do Sol, e o temor dos Orques diante da nova luz; os exércitos hostis dos Gnomos acampados em lados opostos do Lago Mithrim; as "vastas fumaças e vapores" que sobem de Angband. O único elemento estrutural importante na narrativa ainda por aparecer é o da marcha de Fingolfin até Angband imediatamente após chegar na Terra-média e de suas batidas nas portas.

A existência prévia da história do resgate de Maidros por Finweg (Fingon) é inferida por uma referência na *Balada dos Filhos de Húrin* (ver III. 83, 106) — que na *Balada de Leithian* ocorre cerca de dois anos mais tarde do que no Esb (III. 263). Uma questão curiosa surge no relato no Esb: parece que foi somente nessa altura que Manwë trouxe à existência a raça das Águias. No conto *O Roubo de Melko*, Sorontur (a forma "élfica" do nome gnômico Thorndor) já havia desempenhado um papel na história antes da partida dos Noldoli de Valinor: ele foi o emissário dos Valar a Melko antes da destruição das Árvores, e por Melko ter tentado matar a Águia

> entre aquele malévolo e Sorontur sempre houve, desde então, ódio e guerra, e ela se agravou quando Sorontur e seu povo foram para as Montanhas de Ferro e lá habitaram, observando tudo o que Melko fazia (I. 183).

Pode-se notar que o Lago Mithrim está situado em Hisilómë/Hithlum/Dorlómin; ver III. 127.

9

Os materiais mais antigos para essa seção da narrativa são tão escassos que quase podemos dizer que o "Esboço" é o ponto de partida. Em um resumo para o *Conto de Gilfanon* (I. 287) há menção de um encontro entre Gnomos e Ilkorins, e foi com a guia desses Ilkorins que Maidros conduziu um exército até Angamandi, de onde foram repelidos com mortandade, deixando Maidros como cativo; e a isso seguiu-se o avanço de Melko para o sul e a Batalha das Lágrimas Inumeráveis. Como observei (I. 292):

> toda a história posterior dos longos anos do Cerco de Angband, culminando na Batalha da Chama Repentina (Dagor Bragollach), da travessia dos Homens pelas Montanhas, entrando em Beleriand, e de seus serviços junto aos Reis noldorin, ainda estava por surgir; de fato, esses esboços passam a impressão de que apenas um curto espaço de tempo se passou entre a vinda dos Noldoli desde Kôr e sua grande derrota.

Em outro resumo (I. 289) há uma leve indicação de um período mais longo, na referência aos Noldoli "praticarem muitas artes". Nesse resumo, o encontro de Gnomos e Ilkorins ocorre na "Festa da Reunião" (na qual Homens também estavam presentes). Mas, fora isso, de fato não há nada da história tardia nessas projeções. Tampouco o Esb (tal como escrito originalmente) teve avanços muito notáveis. Os Homens "já habitavam nas matas do Norte", o que é suficientemente estranho, visto que de acordo com o Esb os Homens despertaram ao primeiro nascer do Sol (§6), quando Fingolfin também marchou para a Terra-média (§8), e seria de se pensar que pouquíssimo tempo havia passado para que os Homens empreendessem uma jornada desde o "Leste distante" (§6) e se estabelecessem "nas matas do Norte". Além disso, não há indicação (mesmo levando em consideração a natureza breve e condensada do

"Esboço") de que o Sítio de Angband tenha durado muito tempo, tampouco o rompimento do Sítio é caracterizado de forma específica: Morgoth "envia seus exércitos" e "Gnomos e Ilkorins e Homens se dispersam"; isso é tudo. Contudo, o rompimento do Sítio já era visto como um divisor de águas na história dos Elfos de Beleriand. É perfeitamente possível que meu pai já tivesse em mente muito do material novo que aparece nesse ponto no *Quenta* (ver pp. 123 ss.) quando escreveu o Esb (isto é, Esb era um sumário, mas um sumário de uma história não escrita); por exemplo, a desolação da grande planície relvada do norte na batalha que pôs fim ao cerco (sequer mencionada no Esb) já estava presente quando a *Balada dos Filhos de Húrin* foi escrita (III. 72).

Com as interpolações posteriores, é introduzida no Esb a ideia do Cerco de Angband como uma época, "um tempo de crescimento e florescimento"; e também a disposição dos príncipes gnômicos, com as características fundamentais da história tardia já presentes — Fingolfin em Hithlum, os Fëanorianos no Leste (onde mais tarde viriam a guerrear com Anãos, Orques e Homens) e Felagund vigiando a entrada para as terras de Sirion. (A referência a *Broseliand* nessa passagem é digna de nota: a forma do nome escrita com *-s-* aparece primeiro no texto A do Canto IV da *Balada de Leithian* — provavelmente do início de 1928; III. 233, 235). "Fingolfin é morto quando Morgoth rompe o sítio" pode ou não sugerir a história de seu duelo com Morgoth diante de Angband.

Gumlin, pai de Húrin, apareceu na segunda versão da *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 140, 152); mas Huor, chamado de irmão de Húrin na reescrita do Esb, faz aqui sua primeira aparição nas lendas.

As complexidades da história de Barahir e Beren e da fundação de Nargothrond são mais bem discutidas com o que é dito em §10; ver o comentário sobre a próxima seção.

10

Em §9 como escrita inicialmente, Barahir já aparece como o pai de Beren, substituindo Egnor; e aqui eles são Elfos ilkorin, não Homens, embora isso tenha sido mudado quando a passagem foi

revisada. Na primeira versão da *Balada dos Filhos de Húrin* Beren ainda era um Elfo, enquanto na segunda versão meu pai ficou alternando entre Homem e Elfo (III. 150–51); nos cantos de abertura do texto A da *Balada de Leithian* (existentes no outono de 1925) Egnor e seu filho eram Homens (III. 207); agora aqui, no Esb (início de 1926), eles são mais uma vez Elfos, embora Egnor tenha se tornado Barahir. Em §10 como escrita inicialmente, é de espantar que, embora Barahir seja "um famoso capitão de Ilkorindi", na mesma página do manuscrito e quase que certamente escrito na mesma época "somente ele [Beren] dentre os mortais voltou de Mandos". É bem possível que as afirmações no Esb de que Barahir e Beren eram Ilkorins fossem um retorno inadvertido à ideia anterior, depois que a decisão de que eles eram Homens (vista no texto A da *Balada de Leithian*) tivesse sido tomada. (Mais adiante no texto original do Esb, §14, Beren é um mortal.)

A referência em §9 à fundação de Nargothrond por Celegorm e Curufin e em §10 a Barahir ter sido "amigo de Celegorm de Nargothrond" pertence à fase da lenda em rápida evolução representada pelas alterações no texto da *Balada dos Filhos de Húrin* (ver III. 102–05), onde foram Celegorm e Curufin que fundaram Nargothrond após o rompimento do Sítio de Angband e Felagund ainda não tinha surgido; de modo similar no texto A da *Balada de Leithian* (III. 207).

As alterações no Esb nessas seções muda a história para a forma encontrada no texto B da *Balada de Leithian*, com Felagund como aquele que é salvo por Barahir e fundador de Nargothrond — embora aqui seja dito especificamente que Felagund *e seus irmãos* fundaram o reino, com o auxílio de Celegorm e Curufin; portanto, parece que as mortes de Angrod e Egnor na batalha que pôs fim ao Sítio ainda não haviam surgido (ver III. 262, 292).

A forma mais antiga da história de Beren (o primeiro estágio de desenvolvimento a partir do *Conto de Tinúviel*) na Esb §10 como escrita inicialmente foi discutida em III. 260–61, 287–88). Resta uma questão importante a ser mencionada no final dessa versão: a frase "Algumas canções dizem que Lúthien chegou a atravessar o Gelo Pungente, auxiliada pelo poder de sua mãe divina Melian, até

os salões de Mandos, e o resgatou". Não há indicações aqui de que a própria Lúthien morreu na ocasião da morte de Beren; e a mesma ideia parece subjazer os versos da segunda versão da *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 132):

> antes que para longe fosse,
> rumo à longa espera; Lúthien o resgatou,
> a élfica-donzela, e as artes de Melian [...]

Por outro lado, no *Conto de Tinúviel* é dito (II. 54) que

> Tinúviel, esmagada pelo pesar, não encontrando consolo nem luz no mundo todo, o seguiu depressa ao longo daqueles caminhos escuros que todos precisam trilhar a sós

— e isso parece bem claro em seu significado.

É dito aqui que Beren e Lúthien viveram, após o retorno de Beren, "nas florestas de Doriath e no Descampado dos Caçadores, a oeste de Nargothrond". A Terra dos Mortos que Vivem ficava situada no Descampado dos Caçadores (Morros dos Caçadores) na *Balada dos Filhos de Húrin*; ver III. 110, onde é apresentada a história prévia de sua posição.

É afirmado na *Balada dos Filhos de Húrin* e ainda antes (ver III. 36) que Beren e Húrin eram amigos e companheiros de armas, mas não havia sido dito que essa relação surgiu durante o período de Beren como proscrito.

Quanto ao uso de "Montanhas Sombrias" com a intenção de significar Montanhas de Terror, ver III. 206.

Na passagem reescrita (pp. 32–3) a história é vista em um estágio mais antigo do que aquele na "Sinopse II" dos Cantos VI e VII da *Balada de Leithian* (1928), cujo texto é apresentado em III. 262, 275–76. Celegorm foi substituído por Felagoth (ainda não Felagund); mas Celegorm "descobriu qual era a missão secreta de Felagoth e Beren" *depois* da partida deles de Nargothrond, e assim o elemento da intervenção de Celegorm e Curufin, que voltam os Elfos de Nargothrond contra o seu rei, ainda não estava presente. Além disso,

na jornada de Beren e seus companheiros para o norte desde Nargothrond há uma batalha com Orques, da qual apenas um pequeno bando dos Elfos escapa e retorna mais tarde ao campo de batalha para despojar os mortos e disfarçarem-se de Orques. Esses dois elementos estão claramente interligados: Celegorm (e Curufin) não sabe por que Beren e Felagoth estão partindo e, assim, não há razão para que o rei não parta com uma grande força. Quando meu pai escreveu a "Sinopse II", ele inserira o elemento da intervenção dos irmãos fëanorianos contra Felagund e Beren, e com isso o pequeno bando que era tudo o que tinham como companheiros desde sua partida de Nargothrond.

Assim, a sequência é claramente a seguinte: Esb — Sinopse I — interpolação no Esb — Sinopse II; e na revisão do Esb aqui temos um estágio interessante no qual Felagund (Felagoth) surgiu como o senhor de Nargothrond, mas não a "intervenção fëanoriana", e Celegorm ainda "oferece uma reparação" a Lúthien, como fez na Sinopse I (III. 288) — pois seu cão Huan a havia ferido.

11

A forma mais antiga dessa parte da história (com exceção daquela que se relacionada a Húrin) foi preservada apenas nos resumos condensados do *Conto de Gilfanon*. Na minha comparação daqueles resumos antigos com a narrativa de *O Silmarillion*, ressaltei (I. 291–92) como características essenciais da história que viriam a permanecer:

- Uma grande batalha chamada a Batalha das Lágrimas Inumeráveis é travada entre Elfos e Homens e as hostes de Melko;
- Traição de Homens, corrompidos por Melko, nessa batalha;
- Mas o povo de Úrin (Húrin) permanece fiel e não sobrevive;
- O líder dos Gnomos fica isolado e é morto;
- Turgon e sua hoste abrem caminho à força e escapam para Gondolin;
- Melko fica irado por não conseguir descobrir para onde foi Turgon;
- Os Fëanorianos chegam tarde à batalha;

- Um grande monte é erguido.

Não há indícios de qualquer narrativa da Batalha das Lágrimas Inumeráveis por si só entre os resumos do *Conto de Gilfanon* e o "Esboço"; dessa forma, §11 em Esb apresenta um grande avanço. No entanto, tal passo não deve ser considerado como uma evolução direta dos resumos, pois muitos elementos — tais como as histórias de Beren e Tinúviel, e de Nargothrond — vinham sendo desenvolvidos "paralelamente" nesse ínterim. Tal como o Esb foi escrito originalmente em §11, a antiga história "pré-Felagund" estava presente ("Curufin e Celegorm despacham uma hoste de Nargothrond", ver comentário sobre §10), e apesar de o fracasso da União de Maidros em reunir todos os Elfos de Beleriand numa força conjunta já aparecer, os alinhamentos por essa razão eram bastante diferentes: os Gnomos de Nargothrond (governados por Celegorm e Curufin) recusam-se a servir sob o comando de Finweg (Fingon). Mas com a reescrita do Esb, feita após o surgimento da história de Felagund, um elemento essencial da narrativa tardia passa a existir: Orodreth se recusa a juntar-se à liga por causa de seu irmão Felagund (cf. *O Silmarillion*, p. 257: "Orodreth não marcharia seguindo as palavras de qualquer filho de Fëanor por causa dos atos de Celegorm e Curufin.") O envio de uns poucos (emendado de "ninguém") de Doriath por Thingol é um elemento muito antigo, que já aparecera no *Conto de Turambar* (II. 95), onde Tinwelint disse a Mavwin, em palavras ecoadas na presente passagem do Esb:

> não por amor nem por temor de Melko, mas pela sabedoria de meu coração e o fado dos Valar, não fui com meu povo à Batalha das Lágrimas Inumeráveis, eu que agora me tornei proteção e refúgio [...]

Porém, aparece agora um novo fator na política de Thingol com o seu ressentimento pelas "palavras soberbas" que lhe foram dirigiras por Maidros, exigindo a devolução da Silmaril — essas "palavras soberbas" e seu efeito na União de Maidros sobreviveram em *O Silmarillion* (p. 257). O fato de Thingol aqui permitir que "os

Gnomos de Doriath" se juntem à liga deve ser relacionado à declaração em Esb §9: "Muitos Gnomos se põem a serviço de Thingol e Melian" (após o rompimento do Cerco de Angband). (No *Conto de Tinúviel* havia Noldoli a serviço de Tinwelint: foram eles de fato que construíram a ponte diante de suas portas. II. 20, 58).

Tal como o Esb foi reescrito, a divisão dos oponentes de Morgoth em duas hostes deveu-se à recusa dos Fëanorianos de serem liderados por Finweg (Fingon), enquanto no relato em *O Silmarillion* houve um bom acordo entre Himring e Eithel Sirion, e o ataque do Leste e do Oeste pelos Fëanorianos e pelos Noldor de Hithlum foi uma questão de estratégia ("pensavam pôr o poder de Morgoth como que entre bigorna e martelo e quebrá-lo em pedaços").

A Batalha das Lágrimas Inumeráveis ainda se encontra em uma forma simples no Esb, mas o avanço dos Elfos de Hithlum para Dor-na-Fauglith em perseguição a um exército derrotado de Orques, de maneira que acabam vítimas de hostes muito maiores soltadas de Angband, encaminha-se para o plano da narrativa posterior; a chegada tardia dos Fëanorianos remonta a um resumo do *Conto de Gilfanon* (ver acima). Nenhum detalhe é fornecido no Esb acerca da traição de Homens na batalha, nem qualquer razão é aventada para a chegada tardia dos Noldor do Leste.

Finweg (Fingon) já tomara o lugar de Finwë (Nólemë) como o rei gnômico morto na batalha na *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 106), e assim a história do Coração Escarlate, emblema de Turgon (I. 290, II. 210), desaparecera; na segunda versão da Balada há menção de que seus "lábaros brancos [...] em sangue mergulharam" (III. 119). No Esb Turgon é um líder, com seu irmão Finweg (Fingon), dos Noldor do Oeste desde o início, e a intenção era claramente de que estivesse habitando nessa época em Hithlum (cf. a interpolação em §9: "Finweg e Turgon, filhos de Fingolfin, ainda resistem no Norte", isto é, após o fim do Cerco de Angband); e a descoberta do vale secreto e a fundação de Gondolin resultam da retirada do desastre da Batalha das Lágrimas Inumeráveis. O "sacrifício de Mablon, o Ilkorin" (I. 288, 290) desapareceu.

O grande teso dos mortos em Dor-na-Fauglith, cujo primeiro traço aparece em um resumo para o *Conto de Gilfanon* (I. 291, 294),

fora descrito na *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 75–6), onde Flinding disse a Túrin ao passarem por ele à luz da lua:

> Ah! verde é o cerro de imperecível relva
> onde assentam-se as espadas de sete povos [...]
>
> nem ao Sol nem à Lua sobem-no jamais
> nem Homens nem Elfos; e a hoste de Morgoth
> por medo não ousa jamais escavá-lo.

A história de Húrin na Batalha das Lágrimas Inumeráveis — ficando na retaguarda com seus homens enquanto Turgon escapava para o sul, sua captura, desafio frente a Morgoth e tortura — já havia sido contada no Conto de Turambar (II. 91–2) e na *Balada dos Filhos de Húrin* (ver III. 34–5, 126). Em todas essas fontes, a preocupação de Morgoth com Húrin, suas tentativas de seduzi-lo e sua grande fúria quando desafiado surgem de seu desejo de encontrar Turgon; mas, é claro, ainda falta no Esb o elemento de que Húrin visitara Gondolin previamente, que nesse estágio do desenvolvimento da lenda não existia um refúgio noldorin antes do final da Batalha. Tal como a história evoluiu, esse fato, conhecido por Morgoth, dava ainda mais urgência ao seu desejo de capturar Húrin vivo e de usá-lo contra Turgon.

12

É óbvio de imediato que o Esb foi baseado na segunda versão da *Balada dos Filhos de Húrin*, até onde ela se estende — o qual, em relação à narrativa como um todo, não é muito longe: não vai além do banquete no qual Túrin matou Orgof. Isso já é evidente a partir da parte precedente do Esb, com a descrição do tratamento que Morgoth dá a Húrin em Angband; enquanto na presente seção os guardiões de Túrin na jornada até Doriath chamam-se Halog e Mailgond (emendado na Balada para Mailrond, III. 144–45), e não Halog e Gumlin.

Não seria de se esperar que a sinopse da história no Esb exibisse qualquer alteração substancial daquela na primeira versão da Balada;

ainda assim, há alguns desenvolvimentos. Está claro agora que os Homens que na Balada "vinham a Dorlómin, com desleixo mesquinho" com a esposa de Húrin, e sobre os quais observei (III. 35) que "there is still no indication of who these men were or where they came from", são explicitamente "homens infiéis que desertaram os Eldar na Batalha das Lágrimas Inumeráveis", confinados em Hithlum porque Morgoth "desejada impedir que se unissem em irmandade com os Elfos". A questão de se Nienor nasceu antes de Túrin partir de Hithlum está agora resolvida: ele nunca a vira. Quanto à incerteza sobre essa questão no *Conto de Turambar*, ver II. 161; na Balada ela nasceu antes de Túrin partir (III. 18–9).

Enquanto na Balada Beleg, que não estava procurando por Túrin quando foi capturado pelo bando de proscritos, nada sabia do que acontecera nas Mil Cavernas (ver III. 64), no Esb "Túrin libertou Beleg e fica sabendo como Thingol perdoara há muito seu ato". Blodrin é agora mais uma vez o filho de Ban, não de Bor (ver III. 67).

Há uma anotação interessante no Esb que diz que Túrin foi levado vivo para Angband "pois Morgoth começara a temer que ele escapasse da maldição por meio de seu valor e da proteção de Melian". Essa ideia é vista nas palavras da Balada (III. 46) "arrancaram o flébil filho de Húrin, para selar seu destino", e remonta ao *Conto de Turambar* (II. 98–9):

> Túrin foi dominado e amarrado, pois a vontade de Melko era que o trouxessem vivo; pois eis que, habitando nos paços de Linwë [isto é, Tinwelint] em redor dos quais a fata Gwedheling, a rainha, tecera muita magia e mistério […] Túrin passara para fora de sua visão, e Melko temia que ele pudesse burlar a condenação que lhe fora preparada.

Há pouco mais a ser ressaltado nessa seção além do novo detalhe de que os Orques temiam Taur-na-fuin tanto quanto Elfos ou Homens, e só iam naquela direção quando tinham pressa, e da antecessora da frase "Gwindor os viu marchando ao longe pelas areias fumegantes de Anfauglith" (*O Silmarillion*, p. 281) em

“Flinding os vê marchando por sobre o ermo fervente de Dor-na-Fauglith” (cf. a Balada, III. 62: As dunas ásperas de Dor-na-Fauglith / ciciavam e ardiam). Muita coisa, é claro, foi omitida na sinopse.

13

Com o segundo parágrafo dessa seção, “Túrin leva os Gnomos de Nargothrond a abandonarem seu segredo e guerra oculta”, o Esb alcança o ponto em que a *Balada dos Filhos de Húrin* para, e certos avanços feitos no *Conto de Turambar* (II. 106 ss.) podem ser observados. O reforjamento da espada de Beleg para Túrin em Nargothrond aparece agora. Na Balada, Flinding colocou a espada no buraco de uma árvore depois da morte de Beleg (III. 73); como ressaltei (III. 106): “se o poema tivesse avançado mais, Túrin teria recebido sua espada negra em Nargothrond, como presente de Orodreth, tal como acontece no *Conto*”. O Esb mostra assim um desenvolvimento da trama implícita na Balada. A construção da ponte sobre o Narog por conselho de Túrin entra na história somente como uma anotação marginal a lápis. A extensão das vitórias e reconquista de território pelos Gnomos de Nargothrond nessa época é explicitada, e o reino é em grande parte tal como descrito em *O Silmarillion* (p. 285):

> Os serviçais de Angband foram varridos de toda a terra entre o Narog e o Sirion, a leste, e a oeste, até o Nenning e a Falas desolada

(onde, no entanto, sua fronteira setentrional ao longo dos sopés meridionais das Montanhas Sombrias não é mencionada; no Esb, “seu reino se estende às nascentes do Narog”).

O acréscimo posterior ao texto do Esb, “mesmo Glómund, que esteve na Batalha das Lágrimas”, deve ser relacionado à ausência de qualquer menção ao Dragão no relato da batalha no Esb (§11). Tal como o Esb foi escrito inicialmente, o Dragão era chamado *Glórung*, uma mudança de *Glórund* dos *Contos Perdidos*; a série, assim, era

Glórund > *Glórung* > *Glómund* > *Glaurung*. Na *Balada de Leithian*, *Glómund* substitui *Glórund* (III. 248, 249).

A frase "Flinding, ferido, recusa o socorro de Túrin e morre repreendendo-o" apresenta a forma posterior da história, como em *O Silmarillion*, pp. 286–87; para uma discussão da mudança substancial do *Conto*, ver II. 151–52. É dito no Esb que Túrin abandonou Finduilas "contra seu coração (que se tivesse obedecido seu fado último não teria lhe sobrevindo)", e isso sem dúvida deve ser relacionado à passagem no *Conto* (II. 111):

> E em verdade se diz: "Não abandones por nada os teus amigos, e nem acredita naqueles que te aconselham a fazê-lo", pois do abandono de Failivrin em um perigo que ele mesmo conseguia ver adveio o pior dos males a ele e todos os que amava.

Para a discussão desse trecho, ver II. 153.

Do retorno de Túrin a Hithlum há pouco a ser ressaltado, pois a sinopse aqui é muito comprimida; e já discuti anteriormente em detalhe a relação entre o *Conto* e a história tardia (II. 154–55). Os Homens-da-floresta com os quais Túrin vive após fugir de Hithlum recebem agora um local mais definido "a leste de Narog" (ver II. 173). No Esb fica claro que Túrin não se juntou a um povo existente, mas que "reuniu um novo povo". Por estranho que pareça, isso contradiz tanto o *Conto* (II. 115, 127), onde têm um líder (Bethos) quando Túrin se junta a eles, como a história tardia. Túrin assume agora o nome *Turambar* nesse ponto da narrativa, e não como no *Conto* diante do Dragão do lado de fora das cavernas dos Rodothlim (II. 110, 153).

Seguindo agora para a expedição de Doriath a Nargothrond, a única diferença estrutural importante do *Conto* que surge no breve relato no Esb é que Morwen (Mavwin) evidentemente não estava mais presente na conversa entre Nienor e o Dragão (II. 123, 158); por outro lado, é dito no final dessa seção que "Alguns dizem que Morwen, *libertada do feitiço pela morte de Glórung*, lá chegou e leu o que estava escrito na pedra".

Quando Nienor-Níniel chegou às quedas da Bacia de Prata, ela foi tomada por um estremecimento, como na narrativa posterior, enquanto no *Conto* só é dito que ela ficou cheia de temor (II. 126, 159). De forma notável, a declaração de que Níniel estava grávida de Turambar foi acrescentada posteriormente ao Esb, tal como fora no *Conto* (ver II. 144, nota 25, 166).

Acima somente salientei pontos que parecem exibir com bastante clareza uma concepção diferente dos eventos no Esb daquela no *Conto*. Não mencionei as muitas diferenças sutis (incluindo as muitas omissões) que provavelmente ou com certeza se devem à concisão.

14

Dessa seção da narrativa, em escritos mais antigos existe somente a conclusão do *Conto de Turambar* (II. 138–42) e o *Conto do Nauglafring* (II. 267 ss.), no qual a história é continuada. A passagem de abertura do Esb segue o final do *Conto de Turambar* na acusação de coração fraco que Melko faz contra Thingol; na amargura de Húrin ao ponderar as palavras de Melko; na reunião de um bando de proscritos em torno de Húrin; no medo do espírito do Dragão morto que impedia qualquer um de saquear Nargothrond; na presença lá de Mîm; na repreensão de Húrin e no ouro atirado aos pés de Thingol; e na partida de Húrin. As palavras do Esb acerca do destino de Húrin são derivadas do *Conto*, onde, no entanto, ele morreu em Hithlum e foi sua "sombra" que "voltou às matas procurando Mavwin, e por muito tempo os dois assombraram as florestas em torno da catarata da Bacia de Prata, lamuriando-se pelos filhos".

A partir desse ponto, a fonte para o Esb (ou talvez, de modo mais preciso, a forma escrita prévia da narrativa) é o *Conto do Nauglafring*. Aqui é impossível dizer com certeza quanto da história complexa do Conto havia sido abandonado a essa altura.

Não está claro se a presença de Mîm em Nargothrond remonta à época do Dragão (ver II. 169), nem se os proscritos do bando de Húrin eram Homens ou Elfos (no *Conto* o texto foi emendado para

convertê-los de Homens para Elfos); e não há indicação de como o ouro foi levado a Doriath. Os proscritos desaparecem no Esb após a morte de Mîm e não há indicação da luta nas Mil Cavernas que no *Conto* levou ao morro erguido sobre os mortos, Cûm an-Idrisaith, o Morro da Avareza.

A parte seguinte do *Conto* (Ufedhin, o Gnomo renegado, e o trato complexo de Thingol para com ele e com os Anãos de Nogrod, II. 270–76) é reduzida a algumas linhas no Esb, que possivelmente poderia ser considerado um relato extremamente abreviado da história mais antiga, mesmo que Ufedhin sequer seja mencionado aqui. A feitura do Colar não era no *Conto*, como o é no Esb, parte do pedido do rei: a ideia do artefato foi na verdade elaborada por Ufedhin durante o seu cativeiro como uma isca "apenas para iludir ainda mais o rei" (II. 272); mas isso também poderia ser atribuído à concisão. No entanto, creio que seja mais provável que meu pai tivesse de fato decidido reduzir e simplificar a narrativa, e que Ufedhin tivesse sido abandonado.

O problema da entrada do exército anânico em Doriath, defendido pelo Cinturão de Melian, ainda é solucionado por meio do artifício — o artifício por demais simples, ver II. 299 — de "alguns Gnomos traiçoeiros" (no *Conto* havia apenas um traidor); a morte de Thingol durante uma caçada permanece e, como no *Conto*, Melian, inviolável, parte das Mil Cavernas em busca de Beren e Lúthien. Embora não seja afirmado, parece provável que nessa versão foi Melian que levou as notícias e o aviso a Beren (essa é a história no *Quenta*, p. 154). No *Conto*, foi Huan que informou Beren e Lúthien do ataque a Artanor e da morte de Tinwelint, e foi Ufedhin, enquanto fugia da hoste-anânica (após sua tentativa fracassada de matar Naugladur e roubar o Nauglafring, e de ter matado Bodruith, senhor de Belegost), que revelou o caminho que os Anãos estavam tomando e tornou possível a emboscada no Vau Pedregoso; mas, no Esb, Huan foi morto na Caçada ao Lobo (§10), e Ufedhin foi eliminado (creio).

A emboscada no vau é realizada por "Beren e os Elfos pardos e verdes da floresta", que remete aos "Elfos pardos e os verdes", a "elfin folk all clad in green and brown" governada por Beren e posteriormente por Dior em Hithlum, no *Conto do Nauglafring*.

Porém, do relato vigoroso da batalha no vau no *Conto* — o riso dos Elfos diante dos Anãos disformes que corriam com suas longas barbas brancas arrebatadas pelo vento, o duelo de Beren e Naugladur, cujos golpes de seu martelo de forja teriam sobrepujado Beren não tivesse Naugladur tropeçado e Beren o derrubado ao agarrar o Nauglafring — nada há no Esb: ainda que, da mesma forma, não há nada que contradiga a história mais antiga. Entretanto, não há qualquer menção aos dois senhores-anânicos, Naugladur de Nogrod e Bodruith de Belegost, e apesar de ambas cidades-anânicas serem nomeadas, os Anãos são tratados como uma força não dividida, com, ao que parece, um rei (morto no vau): Thingol chamou os Anãos de Belegost assim como os de Nogrod a Doriath para que trabalhassem o ouro, enquanto no *Conto* (II. 277) os primeiros só entram na história após a expulsão humilhante dos Anãos de Nogrod, para auxiliá-los em sua vingança. Da história mais antiga da morte de Bodruith e da rixa e matança entre as duas gentes (ocasionadas por Ufedhin) não há vestígio.

A submersão do tesouro no rio remonta ao *Conto*; mas lá, porém, a sugestão não é de que o tesouro foi deliberadamente afundado — antes caíra no rio com os corpos dos Anãos que o carregavam:

> os que vadeavam no vau lançaram as cargas douradas às águas e buscaram, temerosos, alcançar alguma das margens, mas muitos foram atingidos por aqueles dardos implacáveis e caíram, junto com seu ouro, nas correntezas (II. 285).

Não é dito no *Conto* que qualquer parte do ouro tenha sido jogada no rio pelos Elfos. Lá, Gwendelin foi até Beren e Tinúviel *após* a batalha do Vau Pedregoso, e encontrou Tinúviel já usando o Nauglafring; há menção da grandeza da beleza dela quando o usava. A advertência de Gwendelin é somente contra a Silmaril (uma vez que o resto do tesouro estava submerso) e, de fato, o seu horror ao ver o Colar dos Anãos em Tinúviel foi tamanho que Tinúviel o tirou. Isso desagradou Beren, e ele ficou com o colar (II. 287–88). No Esb, a submersão parece ser levada a cabo em resposta à advertência de Melian acerca da maldição que jazia sobre o ouro, e a história parece

ser a seguinte: Melian vai até Beren e Lúthien e os avisa da aproximação da hoste-anânica que retornava de Doriath; após a batalha, Lúthien usa o Nauglafring e se torna incomensuravelmente bela; mas Melian os adverte acerca da maldição sobre o ouro e a Silmaril, e ele afundam o tesouro, embora Beren mantenha o Colar em segredo.

O desvanecer de Lúthien segue-se imediatamente após a afirmação de que o Colar é mantido, mas não é feita qualquer ligação entre as duas ocorrências. No *Conto*, tal ligação é explícita: a sina da mortalidade que Mandos proferira "abateu-se depressa" —

> e nisso talvez a maldição de Mîm tivesse [? potência], em fazê-la alcançá-los mais rapidamente (II. 288).

Além disso, em uma sinopse para uma revisão planejada dos *Contos Perdidos*, é dito que o Nauglafring "trouxe doença a Tinúviel" (II. 295).

A referência ao desvanecer de Lúthien no Esb mantém as palavras do *Conto*: Tinúviel desvaneceu lentamente "bem como os Elfos de dias posteriores"; e, mais uma vez como no *Conto*, Lúthien "desapareceu". No *Conto*, Beren era um Elfo, e é dito acerca dele que, após procurar por toda Hithlum e Artanor por Tinúviel em terrível solidão, "ele também se apagou da vida". Na minha discussão sobre isso, eu disse (II. 300):

> Visto que esse apagamento é aqui muito explicitamente o modo pelo qual a "sina da mortalidade que Mandos proferira" abateu-se sobre eles, é bastante notável que esse modo seja comparado — e até mesmo, ao que parece, identificado — com o desvanecer dos "Elfos de dias posteriores por todo o mundo", como se na ideia original o minguar dos Elfos fosse uma forma de mortalidade.

A passagem no Esb, que mantém essa ideia a respeito de Lúthien, mas agora com o conceito posterior de que Beren era um Homem mortal, e não um Elfo, foi mudada no sentido de que não se diz mais que Beren desvaneceu: ele "se perdeu", procurando em vão por

Lúthien. Também é dito aqui que o preço do retorno de Beren de Mandos foi de "que Lúthien deveria se tornar de vida tão curta quanto Beren, o mortal"; e em §10, onde a história de Beren e Lúthien é contada brevemente, não é dito de fato que Lúthien morreu quando Beren morreu em Doriath (ver o comentário sobre aquela seção, p. 67). Há também uma frase acrescentada ao ms. em §10: "Mas Mandos, como paga, exigiu que Lúthien se tornasse mortal como Beren."

A partir disso, é possível concluir que, na concepção tal como era quando o Esb foi escrito, Beren morreu, como um mortal morre; Lúthien foi para Valinor como um ser vivo; e Mandos permitiu que Beren retornasse a uma segunda vida mortal, mas Lúthien agora ficou sujeita à mesma vida curta que ele. Nesse sentido, ela se tornou "mortal"; mas, sendo uma Elfa, ela "desvaneceu" — essa foi a maneira de sua morte: como também veio a ser a maneira da morte dos Elfos minguantes de eras posteriores. Parte da dificuldade de toda essa questão sem dúvida está na natureza ambígua das palavras "mortal" e "imortal" aplicadas aos Elfos: eles são "imortais", tanto no sentido de que não precisam morrer, não está na natureza essencial deles morrer, "no mundo", como também no sentido de que, caso morressem, eles não "deixavam o mundo", não iam a "um destino além do mundo"; e eles são "mortais" no sentido de que, não obstante, podem morrer "no mundo" (por ferimento ou por pesar, mas não por doenças ou de velhice). Lúthien tornou-se "mortal" no sentido de que, embora uma Elfa, ela *deve* morrer — ela *deve* desvanecer.

Pode-se notar que as palavras "à medida que os Homens se tornavam fortes e tomavam o que era de bom da terra" derivam da *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 58, 70):

> pois nos dias de outrora,
> [...] o porte dos Homens menos peso tivesse
> antes que a abundância da Terra herdassem dos Elfos

Cf. *O Silmarillion*, p. 152: "Nos dias que vieram depois, quando, por causa do triunfo de Morgoth, Elfos e Homens alhearam-se uns dos

outros, como ele tanto desejara, aqueles da raça-élfica que viviam ainda na Terra-média desvaneceram e feneceram, e os Homens usurparam a luz do Sol."

Por fim, na história de Dior e da ruína de Doriath como contada no Esb, há vários desenvolvimentos. O filho de Dior, Auredhir (II. 289), desapareceu. O "barganhar em vão" entre Dior e os Filhos de Fëanor talvez se refira à passagem no *Conto* (II. 289) na qual Dior afirma que, para devolver a Silmaril, o Nauglafring precisa ser quebrado, e Curufin (o mensageiro dos Fëanorianos) replica que, nesse caso, o Nauglafring deve lhes ser entregue intacto. No *Conto*, Maglor, Díriel, Celegorm e Cranthir (ou os equivalentes anteriores de seus nomes) foram mortos na batalha (que lá ocorreu em Hithlum, onde Dior governou depois de seu pai); mas no Esb, como escrito inicialmente, a história sofreu uma reviravolta estranha, na qual os Fëanorianos colocaram as mãos no Nauglafring, mas então o disputaram de tal forma até no fim "restar somente Maglor". É impossível discernir como a história teria se desenrolado nesse caso.

15 e 16

As duas seções que descrevem Gondolin e sua queda são discutidas juntas no comentário abaixo.

No início de §15, a breve referência à história de Isfin e Eöl demonstra que houve um desenvolvimento a partir do que havia sido dito na *Balada da Queda de Gondolin* (III. 178): pois no poema Isfin buscava, junto com sua mãe, seu pai Fingolfin quando foi aprisionada por Eöl na floresta sombria. A história maior evoluíra desde então, e agora Isfin "se perdeu em Taur-na-Fuin depois da Batalha das Lágrimas Inumeráveis". Só podemos supor como ela veio a acabar lá. Ou ela partiu de Gondolin logo após o povoamento da cidade, movida por algum propósito não registrado, ou então se perdeu na retirada da batalha. (A propósito, é um aspecto curioso da concepção mais antiga da fundação de Gondolin que havia mulheres e crianças para povoá-la assim como guerreiros; pois seria de se supor que Turgon deixara os idosos, as mulheres e as crianças de seu

povo em Hithlum — por que ele haveria de agir de maneira diferente? Contudo, nos resumos do *Conto de Gilfanon* há referências a Turgon ter "resgatando uma parte das mulheres e crianças" e "reunindo mulheres e crianças dos acampamentos" ao fugir para o sul descendo o Sirion (I. 288, 290).) Meglin, assim como no poema, ainda é "enviado por sua mãe para Gondolin", enquanto ela permanece com seu captor.

No relato de Gondolin e de sua história, o Esb segue de perto o conto de *A Queda de Gondolin*, mas há alguns desenvolvimentos, ainda que pequenos. Em primeiro lugar, há uma declaração notável de que "As mensagens de Ylmir vêm Sirion acima, ordenando que eles [isto é, a hoste de Turgon batendo em retirada da batalha] busquem refúgio nesse vale"; isso é diferente do *Conto*, onde Tuor, proferindo as palavras de Ulmo em Gondolin, diz: "Chegaram aos ouvidos de Ulmo sussurros sobre vossa morada e vosso monte de vigilância contra o mal de Melko e isso o agrada" (II. 196, 251). Aqui no Esb temos a primeira aparição da ideia de que a fundação de Gondolin fazia parte dos desígnios de Ulmo. Mas a jornada de Tuor é como na história mais antiga, e a visita de Ulmo ocorre em Nan Tathrin, não em Vinyamar. A ordem de Ulmo oferece Turgon escolhas semelhantes: preparar-se para guerra, ou, caso não queira, enviar então o povo de Gondolin pelo Sirion até o mar, para buscar Valinor. Aqui, no entanto, há diferenças. No *Conto*, Ulmo oferece pouco mais do que uma tênue esperança de que marinheiros de Gondolin pudessem chegar a Valinor e, caso chegassem, que conseguiriam persuadir os Valar a agir:

> E [os Deuses] ocultem sua terra e teçam à sua volta magia inacessível para que nenhum mal chegue a suas costas. Contudo, ainda podem vossos mensageiros chegar até lá e mudar os corações deles, para que se levantem irados e firam Melko... (II. 197).

No Esb, por outro lado, o povo de Gondolin, se não for para guerra contra Morgoth, deve abandonar sua cidade ("o povo de Gondolin deve se preparar para fugir") — cf. *O Silmarillion*, p. 320: "[Ulmo]

pediu que partisse, e abandonasse a bela e poderosa cidade que construíra, e descesse o Sirion até o mar" —, e nas fozes do Sirion Ylmir não só os auxiliará na construção de uma frota como ele próprio os guiará por sobre o oceano. Mas se Turgon aceitar o conselho de Ylmir e se preparar para a guerra, então Tuor deverá ir para Hithlum com Gnomos de Gondolin e "trará os Homens uma vez mais para uma aliança com os Elfos, pois 'sem os Homens, os Elfos não hão de prevalecer contra os Orques e os Balrogs'". Não há traço dessas ordens no *Conto*; tampouco é dito lá que Ulmo tinha conhecimento de Meglin e sabia que essa traição ocasionaria o fim de Gondolin num futuro não muito distante. Essas características também estão ausentes de *O Silmarillion*; Ulmo de fato prevê a ruína da cidade, mas sua previsão não é representada como sendo tão precisa: "Assim, pode vir a ocorrer que a maldição dos Noldor haja de te encontrar também antes do fim, e que a traição desperte dentro de tuas muralhas. Então elas hão de estar em perigo de fogo" (p. 179).

A descrição do Vale de Gondolin no Esb é essencialmente como no *Conto*, com alguns detalhes adicionais. Como no *Conto*, o monte pedregoso de Amon Gwareth não ficava no centro da planície, e sim mais próximo do Sirion — isto é, mais próximo da Via de Escape (II. 193, 215). No Esb, é dito que o topo plano do monte foi preparado pelo próprio povo de Gondolin, que também "poliu as encostas feito a lisura do vidro". Assim como no *Conto* (II. 198–99), a Via de Escape ainda é um túnel feito pelos Gnomos — o Rio Seco e a Orfalch Echor ainda não haviam sido concebidos; e o significado do nome "Via de Escape" fica claro: é tanto uma via de escape de Gondolin, caso surgisse a necessidade, como uma via de escape do mundo exterior e de Morgoth. No *Conto* (*ibid.*) só é dito que houve conselhos divididos acerca de sua escavação, "embora a piedade pelos Noldoli em servidão tivesse prevalecido no fim e levado à obra". A "Planície Protegida" na qual dava a Via de Escape era o Vale de Gondolin. Um detalhe adicional no Esb é de que as colinas eram mais baixas na região da Via de Escape e os feitiços de Ylmir mais fortes lá (devido à proximidade do Sirion).

O monte de Fingolfin, acrescentado a lápis no Esb, é um elemento que entrou nas lendas no *Quenta* (p. 126) e na *Balada de Leithian* (III. 337); o duelo de Fingolfin com Morgoth não aparece no Esb (p. 65). — Aqui no Esb é dito que Thorndor "remove seus ninhos para as alturas ao norte das montanhas circundantes". No *Conto*, os ninhos na Cristhorn, a Fenda das Águias, ficavam nas montanhas ao sul de Gondolin, mas no Esb Cristhorn fica nas alturas ao norte: esse já é o caso no Fragmento de uma *Balada de Eärendel* aliterante (III. 173). Thorndor fora para lá vindo das Thangorodrim (afirmado no *Quenta*, pp. 157–58); cf. o "*Tuor* tardio" em *Contos Inacabados* (p. 69 e nota 25): "o povo de Thorondor, que outrora habitava nas próprias Thangorodrim antes que Morgoth se tornasse tão poderoso, e que agora mora nas Montanhas de Turgon desde a queda de Fingolfin". Isso remonta ao conto *O Roubo de Melko*, onde há uma referência (I. 183) à época "quando Sorontur e seu povo foram para as Montanhas de Ferro e lá habitaram, observando tudo o que Melko fazia".

Alguns outros pontos acerca da história de Gondolin podem ser observados. A escolta de Noldoli, prometida a Tuor por Ulmo na Terra dos Salgueiros, da qual Voronwë (no Esb com a forma gnômica do nome, Bronweg) foi o único que não o desertou (II. 190–91), desapareceu; e "Bronweg antes tinha estado em Gondolin", que não é o caso no *Conto* (II. 191–92). — No *Conto*, Tuor desposou Idril quando ele "tinha habitado entre os Gondothlim por muitos anos" (II. 200); no Esb isso ocorreu três anos após sua chegada à cidade oculta, em *O Silmarillion* sete anos depois (p. 322). — No *Conto* não há menção do apoio de Meglin à rejeição das ordens de Ulmo por Turgon (cf. *O Silmarillion*, p. 321: "Maeglin falava sempre contra Tuor nos concílios do Rei"), nem à oposição de Idril ao seu pai (isso não consta em *O Silmarillion*). — O fechamento de Gondolin a todos os fugitivos e a proibição de o povo deixar o vale são mencionados no Esb, mas não explicados.

Creio que a frase "Meglin… compra sua vida, quando levado a Angband, *revelando Gondolin* e seus segredos" demonstra quase com certeza que uma importante mudança estrutural na história da queda da cidade havia agora sido inserida. No *Conto*, Melko

descobrira Gondolin *antes* de Meglin ser capturado, e a traição deste residia no fornecimento de um relato preciso da estrutura da cidade e dos preparativos feitos para sua defesa (ver II. 252–54); mas as palavras "revelando Gondolin" sugerem fortemente a história tardia, na qual Morgoth não sabia onde ficava a cidade.

Por fim, há um desenvolvimento na história inicial de Tuor: o de que ele se tornou um escravo dos "homens infiéis" em Hithlum depois da Batalha das Lágrimas Inumeráveis. Além disso, ascendência de Tuor é agora enfim estabelecida. Huor fora mencionado em uma passagem reescrita do Esb (§9) mas não chamado de pai de Tuor; e essa é a primeira ocorrência de sua mãe Rían e, assim, da história de que ela morreu procurando pelo corpo de Huor no campo de batalha. Não é possível dizer se a história do nascimento de Tuor no ermo e sua criação pelos Elfos já havia surgido.

17

Ao comentar a conclusão da mitologia no Esb, que consiste aqui das três seções 17–19, saliento características que derivam de ou contradizem aqueles resumos e anotações de um período mais antigo que foram reunidos no Vol. II, capítulo V e na parte inicial do Capítulo VI. O Esb é aqui um resumo extremamente abreviado, composto muito rapidamente — meu pai, na verdade, estava mudando seus conceitos conforme escrevia.

Para a narrativa de §17, as fontes primárias mais antigas que foram preservadas são os "esquemas" ou resumos de enredo que chamei de "B" e "C", nas passagens apresentadas em II. 303 e 304–05, respectivamente.

No início dessa seção, antes de ser emendada, os sobreviventes de Gondolin já estavam nas Fozes do Sirion quando Elwing chegou lá; e isso remonta a B e C ("Elwing [...] foge para eles [isto é, Tuor e Idril] com o Nauglafring", II. 304). Porém, anteriormente no Esb (§15), a destruição de Dior ocorreu antes da queda de Gondolin; daí a revisão aqui, para fazer Elwing "receber os sobreviventes de

Gondolin". (No *Conto do Nauglafring*, II. 290, a queda de Gondolin e o ataque a Dior ocorrem no mesmo dia.)

Em seguida, há um desenvolvimento significativo no Esb. Nos resumos mais antigos há a história, apenas vislumbrada, da Marcha dos Elfos de Valinor para as Grandes Terras; e em B (somente) há uma referência ao "pesar e ira dos Deuses", sobre os quais falei na minha discussão desses resumos (II. 309): "a explicação para isso certamente só pode ser que a Marcha dos Elfos saindo de Valinor foi empreendida em oposição direta à vontade dos Valar e que os Valar se opunham asperamente à intervenção dos Elfos de Valinor nos acontecimentos das Grandes Terras". Por outro lado, os indícios claros do que aconteceu quando o assalto a Melko ocorreu demonstram que poderes maiores do que os próprios Eldar estavam presentes: Noldorin (o Vala Salmar, que entrou no mundo com Ulmo e amava os Noldoli) e o próprio Tulkas, que sobrepujou Melko na Batalha das Lagoas Silentes (resumo C, II. 334). O único indício da intervenção de Ulmo nos resumos é o salvamento de Eärendel do naufrágio, ordenando-lhe que velejasse para Kôr com as palavras "pois para isto foste retirado da Ruína de Gondolin" (B, de maneira similar em C). A Marcha dos Eldar de Valinor foi ocasionada pela chegada das aves de Gondolin.

No Esb, por outro lado, é Ulmo (Ylmir) que ocasiona diretamente a intervenção do Oeste ao repreender os Valar, pedindo para que resgatem os remanescentes dos Noldoli e as Silmarils; e a hoste é liderada pelos "filhos dos Valar", comandados por Fionwë — que aqui é o filho de Tulkas! Fionwë é mencionado com frequência nos *Contos Perdidos* como o filho de Manwë, enquanto o filho de Tulkas era Telimektar (que se tornou a constelação Órion). A menção de Fionwë como filho de Tulkas pode ter sido um simples deslize, embora o mesmo seja dito no *Quenta* como escrito inicialmente (p. 170); subsequentemente, Fionwë se torna mais uma vez o filho de Manwë (p. 176).

"Lembrando-se de Porto-cisne, poucos dos Teleri vão com eles": no resumo B, a presença dos Solosimpi na Marcha é mencionada sem comentários, enquanto em C eles só concordaram em acompanhar a expedição com a condição de que permanecessem

junto ao mar (ver II. 310), e isso de algum modo estava relacionado com o que lembravam do Fratricídio.

O despovoamento de Kôr nessa época é mencionado nos resumos, mas somente em relação à chegada de Eärendel na cidade, encontrando-a vazia; ressaltei (II. 308) que "parece estar fortemente subentendido que Kôr estava vazia porque os Elfos de Valinor haviam partido para as Grandes Terras", e isso agora é visto como certo.

A narrativa no Esb agora se volta para Tuor. A afirmação de que ele envelheceu nas fozes do Sirion — uma afirmação que foi riscada — remonta aos antigos esquemas. Seu navio é agora *Eärámë*, sem tradução; anteriormente era *Alqarámë*, "Ala-de-cisne", enquanto *Eärámë* era o navio prévio de Eärendel, traduzido "Ala-de-águia", que afundou. Em *O Silmarillion*, o navio de Tuor é *Eärrámë*, como no Esb, com o significado de "Ala-do-Mar".

No Esb, Idril parte em companhia de Tuor. Isso difere dos esquemas originais, nos quais Tuor parte sozinho e Idril "o vê tarde demais", "lamenta" e posteriormente "desaparece". Mas no resumo C parece que ela o encontrou, pois "Tuor e Idril, dizem alguns, agora navegam no Ala-de-cisne e podem ser vistos céleres pelo vento na aurora e no ocaso.".

No Esb, a história mais antiga da construção de navios e naufrágios de Eärendel no Fiorde da Sereia e em Falasquil aparentemente foi abandonada por completo, e Wingelot é o seu primeiro e único navio; mas permanece o motivo de que Eärendel deseja buscar por seu pai, enquanto Ylmir lhe ordena que veleje para Valinor (esta última declaração sendo riscada posteriormente). Suas aventuras a bordo de Wingelot são mencionadas no Esb, mas não indicadas de outra forma, exceto pela morte de Ungoliant "no Sul"; não há menção do Adormecido na Torre de Pérola. Em C, a longa viagem de Eärendel, acompanhado por Voronwë, que enfim os levou a Kôr, incluía um encontro com Ungweliantë, embora isso tenha ocorrido após a sua viagem meridional: "Levados para oeste. Ungweliantë. Ilhas Mágicas. Ilha do Crepúsculo. O gongo de Coração-Pequeno desperta o Adormecido na Torre de Pérola." Em outro resumo, Eärendel encontra Wirilómë (Tecelã-de-Treva) no Sul

(II. 312). No relato no Esb, durante essa grande viagem ele não chega a Kôr, embora de lá, como em B e C, ele retorne às "Águas do Sirion" (o delta) e encontre as moradas desertas. Agora, entretanto, é introduzido o motivo da última tentativa desesperada dos Fëanorianos de recuperar a Silmaril de Beren e Lúthien, sua descida sobre os Portos do Sirion e a destruição destes. Assim, a investida contra os Portos permaneceu, mas não é mais obra de Melko (ver II. 310) e é inserida na história do Juramento de Fëanor. Tal como o Esb foi escrito inicialmente, apenas Maidros sobreviveu; mas Maglor foi acrescentado. (Em §14, como escrito, todos os Filhos de Fëanor, exceto Maglor, foram mortos na época do ataque a Dior, embora essa passagem posteriormente tenha sido riscada. Em *O Silmarillion*, Celegorm, Curufin e Caranthir foram mortos nessa época, e Amrod e Amras (nomes tardios de Damrod e Díriel) foram mortos no ataque aos Portos do Sirion, de maneira que somente Maidros e Maglor restaram.)

Nos antigos resumos, Elwing foi feita prisioneira (por Melko, como é de se deduzir); não há menção de sua libertação do cativeiro, e ela a seguir aparece em referências ao naufrágio de seu navio (a caminho de Tol Eressëa) e à perda do Nauglafring; depois disso, ela se torna uma ave marinha para ir em busca de Eärendel. Eärendel, ao retornar de sua longa viagem e encontrar as moradas na foz do Sirion saqueadas, vai com Voronwë até as ruínas de Gondolin, e em uma anotação isolada (II. 318, xv) ele "vai até mesmo aos Salões de Ferro vazios buscando Elwing".

Tudo isso despareceu no Esb, com a nova história de Elwing lançando a si mesma e o Nauglafring no mar, exceto que ela ainda se torna uma ave marinha (transformada de tal modo por Ulmo) e voa em busca de Eärendel por todas as costas do mundo. Os resumos mais antigos se contradizem: em C é dito que Eärendel habitou na Ilha das Aves Marinhas e esperava que Elwing fosse até ele, "mas ela o está buscando, gritando por todas as praias" — porém, ele "encontrará Elwing na Partida Afora", enquanto no resumo curto E (II. 313) Elwing chega até ele como uma gaivota na Ilha das Aves Marinhas. Mas no Esb menciona-se ainda que Elwing apenas é

procurada por Eärendel quando ele zarpa novamente, até que ela reaparece no final (§19) e é devolvida a Eärendel.

A introdução de Elrond no Esb é muito interessante. Ele ainda não tem um irmão; e ele é salvo por Maidros (em *O Silmarillion*, p. 329, Elrond e Elros foram salvos por Maglor). Quando os Elfos retornam para o Oeste, ele escolhe ficar "na terra", estando "preso à sua metade mortal". É muito notável que, embora ideia de uma escolha de destino para os Meio-Elfos já esteja presente, ela assuma uma forma curiosamente diferente daquela que viria a assumir mais tarde, e que se tornou de grande importância em *O Senhor dos Anéis*; pois posteriormente Elrond, ao contrário de seu irmão Elros Tar-Minyatur, escolheu permanecer um Elfo — ainda assim, sua escolha tardia deriva em parte do conceito mais antigo, pois ele também optou por não partir para o Oeste. No Esb, escolher sua "parte élfica" parece que significava escolher o Oeste; posteriormente, veio a significar escolher a imortalidade élfica.

Eärendel ficou sabendo o que aconteceu nas Fozes do Sirion por meio de Bronweg (anteriormente havia sido Coração-Pequeno, filho de Bronweg, que sobrevivera ao saque dos portos, II. 333, nota 5), e com Bronweg ele navega mais uma vez em Wingelot e chega a Kôr, que encontra deserta, e sua vestimenta fica incrustada do pó de diamantes; não ousando ir adiante em Valinor, ele constrói uma torre em uma ilha dos mares do norte, "à qual todas as aves marinhas do mundo se dirigem". Bronweg não é mais mencionado. Quase tudo isso, exceto pela declaração de que Eärendel não ousou seguir adiante em Valinor, remonta ao resumo C. A torre na Ilha das Aves Marinhas, que permanece em *O Silmarillion* (p. 332), é mencionada em uma anotação isolada sobre a história de Eärendel (II. 318, xvii).

Nos resumos mais antigos, Eärendel partia agora em sua última viagem. Em B, que aqui é muito breve, sua ida de navio até a Ilha das Aves Marinhas é seguida por "sua viagem ao firmamento". Em C ele navega com Voronwë até os salões de Mandos em busca de notícias de Tuor, Idril e Elwing; ele "Chega à barra na margem do mundo e iça velas em oceanos do firmamento para olhar sobre a Terra. O marinheiro da Lua o persegue por seu brilho e ele se mete pela Porta da Noite". No resumo E (II. 313), "Elwing chega até ele

como gaivota. Ele iça velas por sobre a margem do mundo". Na antiga anotação associada ao poema "O Pedido ao Menestrel" (II. 314), ele "navega para oeste novamente, para a beira do mundo, bem quando o Sol está mergulhando no mar", e "iça velas para o céu"; e no prefácio de "As Costas de Feéria" (II. 315) ele

> sentou-se por longo tempo em sua velhice na Ilha das Aves Marinhas nas Águas do Norte antes de partir em sua última viagem. Passou Taniquetil e até mesmo Valinor, e levou sua barca por sobre a barra na margem do mundo, e a lançou nos Oceanos do Firmamento. De suas aventuras homem nenhum contou, salvo que, caçado pela Lua esférica, fugiu de volta para Valinor e, escalando as torres de Kôr sobre os rochedos de Eglamar, fitou os Oceanos do Mundo.

A passagem no Esb é diferente de todas essas no fato de que aqui a viagem de Eärendel para o céu é realizada com o auxílio das asas de aves marinhas, e introduz a ideia de ele ser chamuscado pelo Sol assim como de ser caçado pela Lua. Sugeri (II. 311) que Eärendel originalmente velejou para o céu em sua busca contínua por Elwing, e isso agora é corroborado.

18 e 19

A história no Esb agora deixa Eärendel, vagando pelo céu "como estrela fugitiva", e chega à marcha de Fionwë e à Última Batalha (um termo que é usado no Esb tanto para a Última Batalha no registro mitológico, na qual as hostes de Valinor sobrepujaram Morgoth, como para a Última Batalha do mundo, declarada em profecia, quando Morgoth retornará pela Porta e Fionwë o enfrentará nas planícies de Valinor). Quase tudo isso entra agora na mitologia pela primeira vez; e quase tudo do pouco que foi preservado do período mais antigo acerca do tema da Marcha dos Elfos de Valinor (II. 334–36) desapareceu. Não há menção de Tulkas, de sua batalha com Melko, de Noldorin, da hostilidade dos Homens; praticamente o único ponto em comum é que, após a derrubada de Morgoth, os

Elfos partem para o Oeste. Na história mais antiga as Silmarils não desempenham um papel no fim (cf. a anotação "O que aconteceu com as Silmarils depois da captura de Melko?", II. 311); mas agora no Esb aparecem os contornos de uma história acerca do destino das joias. Agora temos também a primeira menção em qualquer lugar da destruição do Noroeste do mundo no confronto para subjugar Morgoth; e (em um acréscimo ao texto) a corrente Angainor aparece, vinda dos *Contos Perdidos*. (Angainor não é nomeada na passagem anterior no Esb (§2) acerca do agrilhoamento de Morgoth. Ela aparece posteriormente na *Balada de Leithian*, em uma referência intrigante à "Angainor, que à *Condenação* / de Morgoth *os Deuses com ira* [*farão*]"; ver III. 245, 249.)

Na história do destino das Silmarils, Maglor diz a Maidros que restam dois filhos de Fëanor e duas Silmarils. Isso significa que a Silmaril de Beren foi perdida quando Elwing lançou-se ao mar com o Nauglafring (diferente da história tardia)? A resposta é certamente sim; de outra forma, a história no Esb não é compreensível. Assim, quando Maglor se lança (mudado para lança a joia) numa cova em chamas, após ter roubado de Fionwë uma das Silmarils da Coroa de Ferro, "uma Silmaril agora está no mar, e outra, na terra". A terceira era a Silmaril que permaneceu sob a guarda de Fionwë; e foi esta a que foi atada à fronte de Eärendel. Temos assim um notável estágio de transição, no qual as Silmarils enfim adquiriram importância capital, mas no qual o destino de cada joia ainda não atingira sua forma final; e a conclusão, vista como inevitável uma vez que se chega a ela, de que foi a Silmaril recuperada por Beren e Lúthien que se tornou a Estrela da Tarde, ainda não havia sido elaborada. No Esb, Eärendel torna-se uma estrela antes de receber a Silmaril; mas originalmente, como eu disse (II. 319–20), "não há sugestão de que os Valar abençoaram seu navio e o ergueram ao céu, e nem de que a sua luz era a da Silmaril". Também nesse aspecto o Esb é transicional, pois no final a história tardia aparece.

Os Elfos das Terras de Fora (Grandes Terras), após a conquista de Morgoth, zarpam de Lúthien (posteriormente emendado para Leithien), que é explicado como sendo "Bretanha ou Inglaterra". Quanto às formas *Luthany*, *Lúthien*, *Leithian*, *Leithien* e os textos

em que ocorrem, ver III. 188. É notável que, tal como o Esb foi originalmente escrito, *Lúthien* seja tanto o nome da filha de Thingol como o nome da Inglaterra.

No Esb é dito ainda que os Elfos "ainda, de tempos em tempos, içam vela [de Lúthien] e deixam o mundo antes que desvaneçam". "Os Gnomos e muitos dos Ilkorins e Teleri e Qendi repovoam a Ilha Solitária. Alguns voltam a viver nas costas de Feéria e em Valinor, mas Côr e Tûn permanecem desertas." É possível relacionar algumas dessas declarações aos antigos resumos (ver II. 372), mas não há como determinar quanto mais foi mantido em mente, além de "Os Elfos se retiraram para Luthany" e "Muitos dos Elfos de Luthany voltaram ao oeste por sobre o mar e se estabeleceram em Tol Eressëa". No entanto, o simples fato de que esse tanto foi mantido é bastante instrutivo. A relação peculiar dos Elfos com a Inglaterra continua tendo um pé, por assim dizer, na articulação propriamente dita da narrativa; assim como a ideia de que se permanecessem "no mundo" eles desvaneceriam (ver II. 393).

Não está claro por que "Côr e Tûn" permaneceram desertas, visto que alguns dos Elfos "voltam a viver nas costas de Feéria e em Valinor". Na concepção original (conforme argumentei acerca de sua natureza, II. 338), os Eldar de Valinor, quando retornaram das Grandes Terras para onde tinham ido contra a vontade dos Valar, foram proibidos de entrar novamente em Valinor e, portanto, estabeleceram-se em Tol Eressëa, como "os eLivross de Kôr" (embora alguns tenham de fato no fim retornado a Valinor, uma vez que Ingil, filho de Inwë, de acordo com Meril-i-Turinqi (I. 160), "há muito voltou para Valinor e está com Manwë"). Mas na história como contada no Esb, a ideia de que a Marcha dos Eldar foi contra a vontade dos Valar, e os deixou irados, foi abandonada, e "os filhos dos Valar" agora conduzem as hostes em partida do Oeste; por que, então, os Elfos de Tûn não retornariam para lá? E temos a afirmação no Esb de que Tol Eressëa foi repovoada não só por Gnomos (e absolutamente nada é dito sobre o seu perdão) e Ilkorins, mas também por Qendi (= os Vanyar posteriores) e Teleri, Elfos que saíram de Valinor para o assalto a Morgoth. Não sei como explicar isso; e devo concluir que meu pai estava apenas anotando os pontos

principais de suas concepções em desenvolvimento, deixando muito por escrever.

Aparece agora a ideia de que os Deuses lançam Morgoth através da Porta da Noite "na escuridão de fora para além das Muralhas do Mundo";[b] e há a primeira referência à fuga de Thû (Sauron) na Última Batalha. Há também uma profecia acerca da batalha derradeira, quando o mundo for velho e os Deuses estiverem cansados, e Morgoth voltará pela Porta da Noite; então Fionwë, com Túrin ao seu lado, combaterá Morgoth na planície de Valinor, e Túrin o matará com sua espada negra. As Silmarils serão reavidas e sua luz libertada, as Árvores reacendidas, as Montanhas de Valinor aplainadas, de modo que a luz chegará a todo o mundo, e Deuses e Elfos hão de se tornar jovens de novo. Creio que não seria proveitoso indagar muito a fundo acerca dessa resolução final do mal no mundo. Referências a isso apareceram de forma impressa em *Contos Inacabados*, p. 523, nos comentários sobre Gandalf: "Manwë não descerá da Montanha antes da Dagor Dagorath, e a chegada do Fim, quando Melkor retornará", e no poema aliterante que acompanha esse trecho, "até Dagor Dagorath e o Destino chegar". As referências mais antigas estão provavelmente no resumo C (II. 339), onde (quando o Pinheiro de Belaurin for derrubado) "Melko, portanto, está agora fora do mundo — mas um dia ele encontrará um caminho de volta, e os últimos grandes tumultos começarão antes do Grande Fim". Nos *Contos Perdidos* há muitas referências ao Grande Fim, a maioria das quais não nos diz respeito aqui; mas no final do conto *A Ocultação de Valinor* conta-se (I. 264) "o grandioso presságio que foi dito entre os Deuses quando primeiro se abriu a Porta da Noite":

> Pois conta-se que, antes de chegado o Grande Fim, Melko há de maquinar dalguma maneira uma querela entre Lua e Sol, e Ilinsor há de querer perseguir Urwendi pelos Portões e, quando se tiverem ido, os Portões tanto do Leste quanto do Oeste serão destruídos, e Urwendi e Ilinsor perder-se-ão. Assim há de passar que Fionwë Úrion, filho de Manwë, por amor a Urwendi há de ser, no fim, a ruína de Melko, e há de destruir o mundo para destruir seu inimigo, e assim todas as coisas hão de chegar ao fim.

(Cf. o resumo C (II. 338: “Ira e pesar de Fionwë [pela morte de Urwendi]. No fim, ele matará Melko.”) Não sei dizer se alguma parte dessa profecia subjaz à ideia do retorno derradeiro de Morgoth pela Porta da Noite. No final do *Conto de Turambar*, após o relato da “deificação” de Túrin e Nienor, há uma profecia (II. 142) de que

> Turambar há de estar, de fato, ao lado de Fionwë na Grande Vindita, e Melko e seus dracos hão de maldizer a espada do Mormakil.

Mas não há qualquer indicação no Esb de como “o espírito de Túrin” sobreviverá para matar Morgoth na batalha derradeira na planície de Valinor.

A informação de que as Montanhas de Valinor serão aplainadas, de modo que a luz das Árvores reacendidas chegue a todo o mundo, também é encontrada nos textos mais antigos; cf. a passagem isolada em C (II. 344) onde é contada a profecia dos Elfos acerca da (segunda) Partida Afora:

> Laurelin e Silpion serão reacesas e, uma vez destruída a grande muralha de montanhas, suave radiância se espalhará por todo o mundo, e o Sol e a Lua serão convocados de volta.

Mas essa profecia está associada a outros conceitos que claramente haviam sido abandonados.

No fim, com a ajuda da Silmaril, Elwing é encontrada e se recupera, mas não há indicação de como a Silmaril foi usada para esse propósito. Elwing nesse relato navega com Eärendel, que porta a terceira Silmaril, e assim ele há de velejar até que veja “a última batalha deflagrada nas planícies de Valinor”.

Quanto ao reaparecimento do nome *Eriol* na última frase do Esb, ver II. 362.

Não pretendo aqui relacionar essa versão àquela na obra publicada, mas concluirei essa longa discussão das seções finais 17–19 com um breve sumário. Como eu disse, o Esb é aqui extremamente

condensado, e ainda é mais difícil aqui do que em outros lugares saber ou supor que parte do material antigo meu pai suprimiu e que parte ainda estava "potencialmente" presente. Mas, em todo caso, nenhuma parte da camada antiga que não está presente no Esb voltaria a aparecer.

Na presente versão, Eärendel ainda não alcançara sua função suprema como o Mensageiro que falou diante dos Poderes em nome das Duas Gentes, embora as aves de Gondolin tenham sido abandonadas como as portadoras de novas a Valinor, e Ulmo torna-se o único agente do assalto final a Morgoth que parte do Oeste. As viagens de Eärendel foram simplificadas: ele agora faz a grande viagem — sem Voronwë — em Wingelot, a bordo do qual matou Ungoliant, e a segunda viagem, com Voronwë, que o leva até Kôr — e o despovoamento de Kôr (Tûn) ainda depende da Marcha dos Eldar, que já havia ocorrido quando ele chega à cidade. Sua viagem para o céu é agora realizada pelas asas de aves; e a Silmaril ainda não desempenha um papel na transformação de Eärendel em uma estrela, pois a Silmaril de Beren e Lúthien afundou com o Nauglafring nas Fozes do Sirion. Mas as Silmarils enfim se tornam centrais aos atos finais do drama mitológico e — ao contrário da história posterior — somente uma das duas Silmarils que permaneceram na Coroa de Ferro é roubada por um filho de Fëanor (Maglor); a segunda é dada a Eärendel pelos Deuses, e a história tardia é visível no final do Esb, onde seu barco "é trazido por sobre Valinor até os Mares de Fora" e lançado na Escuridão de Fora, onde navega com a Silmaril sobre sua fronte, montando guarda contra Morgoth.

A destruição do povo das Fozes do Sirion agora se torna o último mal do Juramento de Fëanor. Elrond aparece, com uma referência notável à escolha que lhe é dada como Meio-Elfo. A chegada das hostes do Oeste para a derrubada de Morgoth é agora um ato dos Valar, e as hostes são lideradas pelos Filhos dos Valar. A Inglaterra, como Lúthien (Leithien), permanece como a terra de onde os Elfos das Grandes Terras zarpam no fim para Tol Eressëa; mas suspeito que praticamente toda a narrativa altamente complexa que tentei

reconstruir (II. 372–73) havia sumido — Eärendel e Ing(wë) e a hostilidade de Ossë, os Ingwaiwar, as sete invasões de Luthany.

As ideias originais da conclusão dos Dias Antigos (a subida de Melko no Pinheiro de Belaurin, a derrubada do Pinheiro, a guarda do céu a cargo de Telimektar e Ingil (Órion e Sírio), II. 338–39) desapareceram; no Esb, Morgoth é lançado através da Porta da Noite e Eärendel torna-se seu guardião e a garantia contra o retorno de Morgoth, até o Fim. E, por último, e mais significativo para o futuro, Thû escapa da Última Batalha quando Morgoth foi sobrepujado, "e habita ainda em lugares escuros".

NOTAS

[a] Nesta e na ocorrência seguinte de “seu”, a palavra no original é *his*, pronome possessivo masculino da 3ª pessoa do singular. O contexto por vezes não dá conta da ambiguidade em português, visto que “seu” pode se referir tanto à 3ª pessoa do singular como à 3ª pessoa do plural. [N. T.]

[b] Ver o comentário sobre o *Ambarkanta*, p. 296.

3

O Quenta

Essa obra foi preservada em um texto datilografado (pelo meu pai) para o qual não há vestígios de quaisquer anotações ou rascunhos preliminares. Que o *Quenta*, ou que ao menos a maior parte dele, foi escrito em 1930 me parece ser certamente deduzível (ver o comentário sobre §10, pp. 201–03). Após uma seção inicial bem diferente (que é a origem do *Valaquenta*), esse texto torna-se uma reelaboração e expansão do "Esboço da Mitologia"; e logo fica evidente que meu pai tinha o Esb (o "Esboço") na frente dele quando escreveu o *Quenta* (ao qual irei me referir como "Q"). Este último encaminha-se para *O Silmarillion* em sua forma publicada, tanto em estrutura como em linguagem (de fato, já no Esb podem ser percebidas as primeiras formas de muitas frases).

Eriol (como no Esb; não Ælfwine) é mencionado tanto no título do Q como no final da obra, e sua chegada a Kortirion, mas (novamente como no Esb) não há traço do Chalé do Brincar Perdido. Como eu disse a respeito de sua ausência no Esb (p. 51), isso não demonstra que meu pai rejeitara por inteiro o conceito: no Esb, ele pode tê-lo omitido porque seu propósito era unicamente o de recontar a história dos Dias Antigos de forma condensada, enquanto no título do Q é dito que a obra foi "extraída do Livro dos Contos Perdidos, que Eriol de Leithien escreveu". Podemos supor que, pelo menos na época, ainda existia algum local no qual os *Contos Perdidos* foram contados a Eriol em Kortirion.[a]

O título deixa bem claro que, embora o Q tenha sido escrito de uma maneira acabada, meu pai o via como um compêndio, uma "breve história" que foi "extraída" de uma obra muito mais longa; e esse aspecto permaneceu um elemento importante na sua concepção de "O Silmarillion" assim propriamente chamado. Não sei se essa ideia realmente surgiu do fato de que o ponto de partida da segunda

fase da narrativa mitológica era uma sinopse condensada (Esb); mas parece bastante provável, a julgar pela continuidade gradativa que vai do Esb, passando pelo Q, até a versão que foi interrompida perto do fim em 1937.

Parece muito provável que o número maior de extensões e elaborações encontrado no Q surgiu no decorrer de sua composição, e que, embora o Q contenha características, omitidas no Esb, que remontam à primeira versão, essas características indicam apenas uma lembrança dos *Contos Perdidos* (que seria de se supor, de qualquer maneira! — e sem dúvida uma lembrança muita clara), não uma derivação precisa do texto em si. Tivesse sido esse o caso, seria possível esperar que se encontrasse o reaparecimento do mesmo fraseado em um ponto ou outro; mas a ausência desse elemento parece ser marcante.

A história do texto datilografado torna-se um tanto complexa perto do final (a partir de §15), onde meu pai expandiu e datilografou novamente partes do texto (embora as páginas descartadas não tenham sido destruídas). Mas não vejo razão para supor que muito tempo se passou entre as duas versões; pois próximo ao final de fato (§19) o texto datilografado original termina e só a segunda versão continua até a conclusão do *Quenta*, o que fortemente sugere que as revisões pertencem à mesma época do texto original.

Subsequentemente, o texto inteiro foi revisado do início ao fim e as correções foram feitas à tinta com cuidado; essas mudanças, ainda que frequentes, são na maioria pequenas, e com frequência não mais do que ligeiras alterações de expressão. Essa "camada" de emendas foi claramente a primeira;[b] posteriormente, mudanças adicionais foram feitas em momentos diferentes, muitas vezes às pressas e nem sempre legível a lápis. Apresentar o texto tal como datilografado inicialmente, com anotações de cada aprimoramento estilístico menor, é obviamente bastante desnecessário e, em todo caso, exigiria a introdução no texto de uma miríade de números de referência às anotações. O texto apresentando aqui *inclui*, por conseguinte, sem anotações, todas as mudanças menores que não afetam de modo algum o curso da narrativa nem alteram suas implicações. As

emendas que não são empregadas no texto, mas são registradas nas notas, estão marcadas como “mudanças tardias” caso sejam claramente distinguíveis, como não é sempre o caso, da primeira “camada” descrita acima.

Dividi o texto nas mesmas 19 divisões feitas no Esb (ver p. 18); porém, visto que a abertura do Q não possui nenhum correspondente no Esb, essa seção não está numerada.

O QUENTA
aqui contido é o
QENTA NOLDORINWA
ou
Pennas-na-Ngoelaidh

Esta é a breve História dos Noldoli
ou Gnomos, extraída do Livro dos Contos Perdidos
que Eriol de Leithien escreveu, tendo lido
o *Livro Dourado*, que os Eldar chamam *Parma*
Kuluina,[c] em Kortirion em Tol Eressëa, a
Ilha Solitária.

Após a feitura do Mundo pelo Pai-de-Tudo, que na língua élfica é chamado Ilúvatar, muitos dos espíritos mais poderosos que habitavam com ele entraram no mundo para governá-lo, pois ao vê-lo de longo após ter sido feito, foram tomados de deleite por sua beleza. A esses espíritos os Elfos deram o nome de Valar, que significa Poderes, embora os Homens amiúde os chamaram de Deuses. Muitos espíritos[1] trouxeram eles em seu séquito, tanto grande como pequenos, e alguns desses os Homens confundiram com os Eldar ou Elfos: mas em erro, pois existiam antes do mundo, mas os Elfos e os Homens despertaram

primeiro no mundo após a vinda dos Valar. Contudo, na feitura dos Elfos e dos Homens, e na entrega a cada de suas dádivas especiais, apenas Ilúvatar tomou parte; donde eles são chamados os Filhos do Mundo, ou de Ilúvatar.

Os principais dentre os Valar eram nove. Estes eram os nomes dos Nove Deuses na língua élfica como era falada em Valinor, embora outros ou alterados nomes tenham eles na fala dos Gnomos, e seus nomes entre os Homens sejam multíplices. Manwë era o Senhor dos Deuses e Príncipe dos ares e ventos e o governante do céu. Com ele habitava como esposa a imortal senhora das alturas, Varda, a feitora das estrelas. Sucedendo-o em poder e o mais próximo em amizade de Manwë era Ulmo, Senhor das Águas, que habita sozinho nos Mares de Fora, mas tem o governo de todas as ondas e águas, rios, fontes e nascentes, por toda a terra. Seu vassalo, embora seja amiúde de temperamento rebelde, é Ossë, o mestre dos mares das terras dos Homens, cuja esposa é Uinen, a Senhora do Mar. Seu cabelo jaz espalhado por todas as águas sob os céus. De poder quase igual a Ulmo era Aulë. Ele era um ferreiro e um mestre de ofícios, mas sua esposa era Yavanna, a amante dos frutos e de tudo o que cresce do solo. Em poder ela sucedia a Varda entre as senhoras dos Valar. Muito bela era ela, e amiúde os Elfos a chamavam Palúrien, o Seio da Terra.

Os Fanturi eram chamados aqueles irmãos Mandos e Lórien. Nefantur o primeiro também era chamado, o mestre das casas dos mortos e o coletor dos espíritos dos que foram assassinados. Olofantur era o outro, o fazedor de visões e sonhos; e seus jardins na terra dos Deuses eram os mais belos de todos os lugares do mundo, e repletos de muitos espíritos de beleza e poder.

Mais forte de todos os Deuses em membros e maior em todos os feitos de bravura e valor era Tulkas, razão pela qual era

cognominado Poldórëa, o Forte,[2] e era o inimigo e adversário de Melko. Oromë era um senhor poderoso e pouco abaixo de Tulkas em força. Era um caçador, e as árvores amava (donde era chamado de Aldaron e, pelos Gnomos, de Tavros,[3] Senhor das Florestas), e cavalos e mastins eram seu deleite. Caçava mesmo na terra escura antes de o Sol ser aceso, e altas eram suas trompas, como ainda são nos estuários e pastos que Oromë possui em Valinor. Vana era sua esposa, a Rainha das Flores, a irmã mais nova de Varda e Palúrien, e a beleza do céu e da terra está em seu rosto e em suas obras. Contudo, mais poderosa do que ela é Nienna, que habita com Nefantur Mandos. A piedade está em seu coração, e a lamentação e o pranto lhe chegam, mas a sombra é seu reino e a noite, seu trono.

Por último todos nomeiam Melko. Mas os Gnomos, que mais sofreram pelo mal dele, não falam o seu nome (Moeleg) na forma de sua própria língua, mas o chamam de Morgoth Bauglir, o Terrível Deus Sombrio. Mui poderoso fora feito por Ilúvatar, e alguns dos poderes de todos os Valar ele possuía, mas para usos malignos os voltava. Ele cobiçava o mundo e o senhorio de Manwë, e os reinos de todos os Deuses; e orgulho e inveja e avidez cresciam sempre em seu coração, até que se tornou diferente de seus sábios e poderosos irmãos. A violência ele amava, e a ira e a destruição, e todos os excessos de frio e chama. Mas a escuridão mais usou para suas obras e a tornou maligna e um nome de horror entre Elfos e Homens.

1 *Muitos espíritos* > *Muitos espíritos menores* (mudança tardia).

2 *o Forte* > *o Valente* (mudança tardia).

3 *Tavros* > *Tauros* (mudança tardia).

Acentos foram colocados no decorrer da obra à tinta (a máquina de escrever não os tinha) e, além disso, marcas breves foram colocadas em certos nomes nessa seção:

Fantŭri, *Ôlŏfantur*, *Ôrŏmë*, *Aldăron*, *Vănă*.

1

No princípio da soberania dos Valar, eles viram que o mundo era escuro, e a luz foi espalhada pelos ares e terras e mares. Duas poderosas lamparinas eles fizeram para iluminar o mundo e as puseram sobre imensos pilares no Norte e no Sul. Eles habitaram numa ilha nos mares enquanto labutavam em suas primeiras tarefas no ordenamento da terra. Mas Morgoth os desafiou e fez guerra. As lamparinas ele derrubou, e na confusão de escuridão ele agitou o mar contra a ilha deles. Então os Deuses se retiraram para o Oeste, onde desde então seus assentos têm estado, mas Morgoth escapou, e no Norte ele construiu para si próprio uma fortaleza e grandes cavernas sob a terra. E naquele tempo os Valar não podiam sobrepujá-lo ou capturá-lo. Portanto, erigiram então no extremo Oeste a terra de Valinor. Suas fronteiras eram o Mar de Fora e a Muralha do Mundo além que a separa do Vazio e da Escuridão Antiga; mas a leste eles ergueram as Montanhas de Valinor, que são as mais altas sobre a terra. Em Valinor eles reuniram toda luz e todas as coisas de beleza, e construíram suas muitas mansões, seus jardins e suas torres. Em meio à planície ficava a cidade dos Deuses, Valmar, a bela, de muitos sinos. Mas Manwë e Varda têm salões sobre a mais alta das Montanhas de Valinor, de onde podem ver o mundo, mesmo até o Leste. Taniquetil os Elfos chamavam aquela sacra elevação, e os Gnomos, Taingwethil, que na língua desta ilha outrora era Tindbrenting.

Em Valinor Yavanna plantou duas árvores na ampla planície não muito longe dos portões de Valmar, a abençoada. Sob suas canções elas cresceram, e de todas as coisas que os Deuses fizeram maior renome tinham elas, e à volta da sina delas todas as histórias do mundo estão tecidas. Folhas verde-escuras tinha

uma, que debaixo eram de prata brilhante, e flores brancas como a cerejeira ela portava, de onde um orvalho de luz prateada estava sempre caindo. Folhas de um verde jovem, como a da faia cuja folhagem acabara de se abrir, a outra portava. Suas bordas eram de um dourado brilhante. Flores amarelas pendiam de seus galhos como o botão suspenso das ginjeiras que os Homens agora chamam de Chuva D'Ouro. Mas daquelas flores provinham calor e uma luz resplandecente. Por sete horas cada árvore crescia à glória máxima, e por sete horas decrescia.[1] Uma se seguia à outra e, assim, duas vezes a cada dia em Valinor vinha uma hora de luz mais suave, quando cada árvore tinha luz tênue e suas radiâncias dourada e prateada se mesclavam; pois quando a branca Silpion por seis horas estivera a florescer, então a dourada Laurelin despertava. Mas Silpion era a mais velha das Árvores, e a primeira hora em que ela brilhou os Deuses não contaram no conto das horas e a chamaram de Hora de Início, e a partir dessa hora datavam o início de seu reino em Valinor; e assim, na sexta hora no primeiro dos dias, Silpion concluiu seu primeiro tempo de florescer, e, na décima segunda hora, o primeiro desabrochar de Laurelin estava no fim. Essas Árvores os Gnomos chamaram em tempos posteriores de Bansil e Glingol; mas os Homens não têm nomes para elas, pois sua luz foi morta antes da chegada dos filhos mais novos de Ilúvatar sobre a terra.[2]

[1] Essa frase foi emendada para: *Durante sete horas cada árvore crescia à glória máxima e decrescia*. O texto era confuso antes dessa emenda, já que períodos tanto de catorze horas como de sete horas são atribuídos às Árvores; mas a frase seguinte, que começa com *Uma se seguia à outra*…, foi datilografada de novo sobre trechos apagados que não podem ser lidos, e isso sem dúvida explica a confusão, que foi retificada posteriormente pela emenda.

[2] A página do texto datilografado que começa com as palavras *Mar de Fora e a Muralha do Mundo além* e que continua até o final da seção foi substituída por outra. Até o final do primeiro

parágrafo, a substituta é quase idêntica à primeira, mas com estas diferenças: Manwë e Varda *tinham* salões, de onde *podiam* olhar para fora; e novos nomes aparecem para Taniquetil:

> Taniquetil os Elfos chamavam aquela sacra elevação, e Ialassë, a Brancura Sempiterna, e Tinwenairin, coroada de estrelas, e muitos nomes outros; e os Gnomos falavam dela em sua língua mais recente como Amon-Uilas; e no idioma desta ilha de outrora Tindbrenting era o seu nome.

A página substituta então continua:

> Em Valinor, Yavanna consagrou o teso com magna canção, e Nienna o aguou com lágrimas. Os Deuses estavam reunidos em silêncio em seus tronos de concílio no Círculo do Julgamento perto dos portões dourados de Valmar, a Abençoada; e Yavanna Palúrien cantou diante deles, e eles observaram. Da terra ergueram-se duas mudas esguias; e havia silêncio sobre todo o mundo, salvo pelo lento cântico de Palúrien. Sob suas canções, as duas belas árvores ergueram-se e cresceram. De todas as coisas que os Deuses fizeram maior renome tinham elas, e à volta da sina delas todas as histórias do mundo estão tecidas. Folhas verde-escuras tinha uma, que debaixo eram de prata brilhante, e ela portava flores brancas como a cerejeira, de onde um orvalho de luz prateada estava sempre caindo, e a terra estava salpicada com o escuro e as sombras dançantes de suas folhas em meio a lagoas de radiância brilhante. Folhas de um verde jovem, como a da faia cuja folhagem acabara de se abrir, a outra portava; suas bordas eram de um dourado cintilante. Flores amarelas pendiam de seus galhos como os botões suspensos das ginjeiras que os Homens agora chamam de Chuva-d'ouro; e daquelas flores provinham calor e uma grande luz.
>
> Durante sete horas a glória de cada árvore crescia ao máximo e decrescia de novo a nada; e cada uma despertava para a vida uma hora antes que a outra cessasse de brilhar. Assim, em Valinor, duas vezes a cada dia vinha uma hora gentil de luz mais suave, quando ambas as Árvores tinham luz tênue, e suas radiâncias dourada e prateada se mesclavam. Silpion era a mais velha das Árvores e chegou primeiro à estatura máxima e a florescer; e aquela primeira hora em que ela brilhou, o branco faiscar de uma aurora prateada, os Deuses não incluíram no conto das horas, mas a chamaram de Hora Inicial, e contaram, a partir dela, as eras de seu reinado em Valinor. Donde na hora sexta do Primeiro dos Dias, e de todos os dias jubilosos desde então, até o Obscurecer, Silpion concluiu seu tempo de florescer; e, na décima segunda, Laurelin, o seu desabrochar. Essas Árvores os Gnomos chamaram em dias posteriores de Bansil e Glingol; mas os Homens não têm nomes para elas, pois sua luz foi morta antes da chegada dos filhos mais novos do mundo.

Na página seguinte, e obviamente associada a esse texto substituto, há uma tabela datilografada aqui representada. Ao pé da página substituída, e claramente associada à emenda apresentada na nota 1 acima, há uma tabela mais simples de significado precisamente similar, com a anotação:

> "Dia" termina a cada segundo decréscimo a nada de Laurelin, ou ao final da segunda hora da mescla de luz.

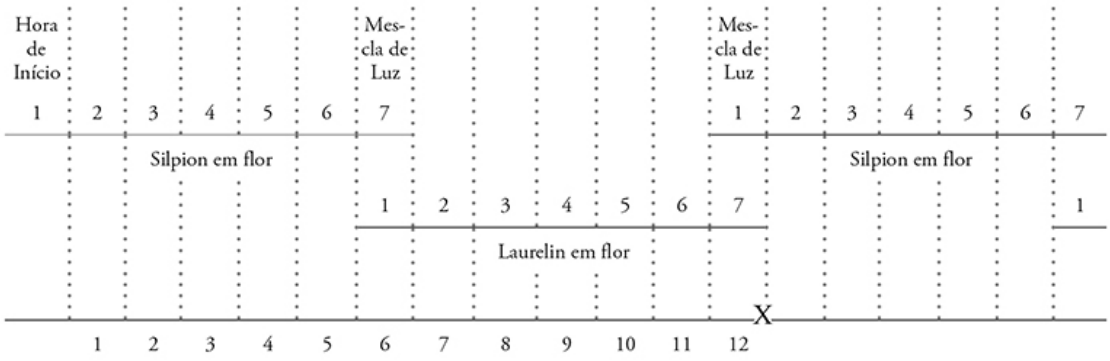
2

Durante todo esse tempo, desde que Morgoth derrubara as lamparinas, as Terras de Fora[1] a leste das Montanhas de Valinor

permaneciam sem luz. Enquanto as lamparinas tinham brilhado, começara lá um crescimento que então tinha se detido por causa da escuridão. Mas as mais antigas de todas as coisas já cresciam no mundo: as grandes algas do mar, e na terra a sombra escura do teixo e do abeto e da hera, e pequenas coisas frágeis e silentes aos seus pés.[2] Em tais florestas Oromë por vezes caçava, mas, salvo por Oromë e Yavanna, os Valar não saíam de Valinor, enquanto no Norte Morgoth se fortalecia, e reuniu suas crias demoníacas à sua volta, que os Gnomos vieram a conhecer mais tarde como os Balrogs com açoites de chama. As hordas dos Orques ele fez de pedra, mas seus corações, de ódio. Glamhoth, povo do ódio, os Gnomos os chamaram. De gobelins podem ser chamados, mas em dias antigos eles eram fortes e cruéis e temíveis. Assim Morgoth manteve o domínio. Então Varda olhou para a escuridão e se comoveu. A luz prateada que pingava dos ramos de Silpion ela guardava, e a partir dela fez as estrelas. Donde ela é chamada de Tinwetári, Rainha das Estrelas, e pelos Gnomos de Tim-Bridhil. Os céus às escuras ela salpicou com esses globos brilhantes de chama prateada, e, alto no Norte, como um desafio a Morgoth, ela dispôs a coroa de Sete Estrelas magnas a girar, o emblema dos Deuses e sinal da sina de Morgoth. Por muitos nomes elas foram chamadas; mas, nos dias de antanho do Norte, tanto Elfos como Homens as chamavam de Urze Ardente, e alguns de Foice dos Deuses.

Diz-se que, com a feitura das estrelas, os filhos da terra despertaram: os filhos mais velhos de Ilúvatar. A si próprios chamavam de Eldar, a quem chamamos de Elfos, mas no princípio mais poderosos e mais fortes eram, porém não mais belos. Oromë foi quem os encontrou, habitando à beira de um lago iluminado pelas estrelas, Cuiviénen,[3] Água do Despertar, no Leste distante. Veloz cavalgou de volta à Valinor, tomado pelo pensamento da beleza deles. Quando os Valar ouviram as novas,

eles ponderaram longamente e recordaram seu dever. Pois eles entraram no mundo sabendo que sua função era governá-lo para os filhos de Ilúvatar que deveriam vir depois, cada qual no tempo designado.



O Primeiro dos Dias

Assim foi que, por causa dos Elfos, os Deuses assaltaram a fortaleza de Morgoth no Norte; e isso ele nunca esqueceu. Pouco os Elfos ou os Homens sabem daquela grande cavalgada do poder do Oeste contra o Norte e da guerra e do tumulto da batalha[4] dos Deuses. Tulkas foi quem sobrepujou Morgoth e o atou como cativo, e o mundo teve paz por uma longa era. Mas a fortaleza que Morgoth construíra fora escondida com ardis em masmorras e cavernas muto abaixo da terra, e os Deuses não a destruíram por completo, e muitas coisas malévolas de Morgoth ainda ficaram lá, ou ousaram vagar pelos caminhos secretos do mundo.

Morgoth os Deuses arrastaram de volta a Valinor a ferros, e ele foi aprisionado nos grandes salões de Mandos, de onde ninguém, Deus, Elfo, nem Homem já escapou, exceto pela vontade dos Valar. Vastos eles são e fortes, e construídos no Norte da terra de Valinor. Os Eldalië,[5] o povo dos Elfos, os Deuses convidaram a Valinor, pois estavam enamorados da beleza daquela raça, e porque temiam por eles na penumbra estrelada, e não sabiam que ardis e males engendrados por Morgoth ainda vagavam por lá.

De livre vontade, porém em assombro pelo poder e majestade dos Deuses, os Elfos obedeceram. Uma grande marcha então eles prepararam a partir de seus primeiros lares no Leste. Quando tudo estava pronto, Oromë cavalgou à frente deles em seu cavalo branco com ferraduras de ouro. Em três hostes os Eldalië se arranjaram. A primeira a sair em marcha era liderada por aquele mais alto de toda a raça élfica, cujo nome era Ingwë, Senhor dos Elfos. Como Ing os Gnomos agora empregam o seu nome, mas jamais ele voltou para as Terras de Fora até estes contos chegarem perto do fim.[6] Os Quendi[7] era o seu próprio povo chamado, que por vezes são os únicos chamados de Elfos; são os Elfos-da-luz e os bem-amados de

Manwë e sua esposa. Depois vieram os Noldoli. Os Gnomos podemos chamá-los, um nome de sabedoria: eles são os Elfos-profundos, e naquela marcha seu senhor era o magno Finwë, a quem seu próprio povo, na língua mais tarde mudada, chama de Finn.[8] Sua gente é renomada nas canções élficas, e dela estes contos têm muito a contar, pois guerreou e labutou muito e penosamente nas terras do Norte de antanho. Em terceiro vieram os Teleri. Os Ginetes-d'Ondas podem eles ser chamados; são os Elfos-do-mar, e os Solosimpi[9] eles eram chamados em Valinor, os flautistas das costas.[10] Elwë (ou Elu) era seu senhor.[11]

Muitos da raça élfica se perderam nas longas estradas escuras, e eles vagaram nas florestas e nas montanhas do mundo e jamais chegaram a Valinor, nem viram a luz das Duas Árvores. Portanto são chamados de Ilkorindi, os Elfos que nunca habitaram em Côr,[12] a cidade dos Eldar na terra dos Deuses. Os Elfos-escuros são eles, e muitas são suas tribos dispersas, e muitas são suas línguas.

Dentre os Elfos-escuros, o mais renomado era Thingol. Por esta razão ele jamais chegou a Valinor. Melian era uma fata. Nos jardins de Lórien ela habitava, e entre toda a sua bela gente não havia ninguém que a superasse em beleza, nem ninguém mais sábio, nem ninguém mais habilidoso em canções mágicas e de encantamento. Diz-se que os Deuses abandonavam seus afazeres, e as aves de Valinor, seu júbilo, que os sinos de Valmar silenciavam e as fontes paravam de fluir quando, ao mesclar da luz, Melian cantava nos jardins do Deus dos Sonhos. Rouxinóis a acompanhavam sempre, e ela lhes ensinou o seu cantar. Mas amava a sombra profunda e vagou em longas jornadas às Terras de Fora, e ali encheu o silêncio do mundo que raiava com sua voz e as vozes de suas aves.

Os rouxinóis de Melian Thingol ouviu e ficou encantado, e abandonou sua gente. Melian ele encontrou sob as árvores e foi

lançado em um sonho e grande torpor, de modo que seu povo o buscou em vão. Nos dias que vieram depois, Melian e Thingol se tornaram Rainha e Rei dos Elfos da floresta de Doriath; e os salões de Thingol eram chamados as Mil Cavernas.

1 Em todas as ocorrências de *Terras de Fora* nessa seção, *de Cá* está escrito acima de *de Fora* (que não está riscado).

2 Após *aos seus pés* foi acrescentado: *e em suas moitas criaturas escuras, antigas e fortes*.

3 *Cuiviénen* > *Kuiviénen*

4 *da batalha* > *da primeira batalha*

5 Escrito junto a *Eldalië*: *Quendi* (mudança tardia).

6 Essa frase, que começa com *Como Ing os Gnomos agora empregam o seu nome*, foi mudada para:

> Ele adentrou Valinor e se sentou aos pés dos Poderes, e todos os Elfos reverenciam seu nome, mas nunca mais voltou para as Terras de Fora.

7 *Quendi* > *Lindar* (mudança tardia).

8 *a quem seu próprio povo, na língua mais tarde mudada, chama de Finn* > *mais sábio de todos os filhos do mundo.*

9 *Solosimpi* > *Soloneldi*

10 *os flautistas das costas* > *pois faziam música à beira das ondas que se quebravam.*

11 *Elwë (ou Elu) era seu senhor* > *Elwë era seu senhor, e seu cabelo era longo e branco*.

12 *Côr* > *Kôr*

Marcas breves foram escritas nos nomes *Eldălië*, *Tĕlĕri*.

3

Afinal as hostes dos Eldar chegaram às últimas costas do Oeste.[1] No Norte, essas costas nos dias antigos curvavam-se sempre no rumo oeste, até que, nas partes do extremo norte da Terra, só um mar estreito dividia a terra dos Deuses das Terras de Fora;[2] mas esse mar estreito estava repleto de gelo pungente, por causa da violência das geadas de Morgoth. Naquele lugar, de onde as hostes élficas pela primeira vez olharam para o mar em assombro, um largo e escuro oceano estendia-se entre eles e as

Montanhas de Valinor. Contemplaram as ondas, à espera; e Ulmo, enviado pelos Valar, desenraizou a ilha parcialmente submersa sobre a qual os Deuses primeiro haviam tido sua morada, e a arrastou até as costas do oeste. Nela ele embarcou os Quendi[3] e os Noldoli, pois haviam chegado primeiro, mas os Teleri ficaram para trás e não chegaram lá antes que ele partisse. Os Quendi e os Noldoli ele transportou assim até as longas costas sob as Montanhas de Valinor, e eles adentraram a terra dos Deuses, e foram admitidos à sua glória e à sua ventura. Os Teleri assim habitaram por muito tempo junto às costas do mar à espera do retorno de Ulmo, e passaram a amar o mar, e faziam canções repletas do som dele. E Ossë os amava e a música de suas vozes, e, sentado nas rochas, falou com eles. Grande, portanto, foi a tristeza dele quando Ulmo retornou enfim para levá-los a Valinor. Alguns ele persuadiu a ficar nas praias do mundo, mas a maioria embarcou na ilha e foi levada para longe. Então Ossë os seguiu e, em rebeldia, diz-se, tomou a ilha e a acorrentou ao fundo do mar na parte mais distante da Baía de Feéria, de onde as Montanhas de Valinor podiam ser vistas apenas vagamente, e a luz dos reinos além era filtrada pelos passos dos montes. Lá ela permaneceu por longas eras. Nenhuma outra terra ficava próxima a ela, e foi chamada de Tol-Eressëa, ou a Ilha Solitária. Lá por muito tempo os Teleri habitaram, e aprenderam a estranha música de Ossë, que fez as aves do mar para o deleite deles. Dessa longa estada apartados sobreveio a separação da língua dos Ginetes d'Ondas e da dos Elfos de Valinor.

Aos outros Elfos os Valar deram um lar e morada. Porque mesmo entre os jardins dos Deuses iluminados pelas Árvores eles ansiavam por vezes por ver as estrelas, uma brecha foi feita nas montanhas circundantes e lá, em um vale profundo que descia para o mar, um monte verdejante, Côr,[4] foi erigido. Do

Oeste as Árvores brilhavam sobre ele; a Leste dava para a Baía de Feéria e para a Ilha Solitária, e para os Mares Sombrios. Assim, algo da luz abençoada de Valinor passava para as terras exteriores e caía sobre a Ilha Solitária, e sua costa a oeste se tornou verde e bela. Lá desabrocharam as primeiras flores que jamais existiram a leste das montanhas dos Deuses.

No topo de Côr a cidade dos Elfos foi construída, as muralhas, torres e terraços alvos de Tûn. A mais alta dessas torres era a torre de Ing,[5] cuja luz prateada iluminava ao longe as brumas do mar, mas poucos são os navios de mortais que viram seu lume maravilhoso. Lá habitaram os Elfos e os Gnomos. Mormente Manwë e Varda amavam os Quendi, os Elfos-da-luz,[6] e sacros e imortais eram todos seus feitos e canções. Os Noldoli, os Elfos-profundos, que os Homens chamam de Gnomos, eram os bem-amados de Aulë e de Mandos, o sábio; e grandes eram seu ofício, sua magia e seu engenho, mas ainda maior era a sede deles por conhecimento, e o desejo de fazer coisas maravilhosas e novas. Em Valinor, com seu engenho fizeram primeiro gemas, e as fizeram em miríades incontáveis, e encheram toda Tûn com elas, e todos os salões dos Deuses foram enriquecidos.[7]

Visto que os Noldoli mais tarde voltaram às Grandes[8] Terras, e estas histórias contam principalmente acerca deles, aqui pode ser dito, usando-se os nomes na forma da língua gnômica conforme por muito tempo foi falada sobre a terra, que Rei dos Gnomos era Finn.[9] Seus filhos eram Fëanor, Fingolfin e Finrod. Desses, Fëanor era o de maior engenho, o de saber mais profundo de toda sua raça; Fingolfin, o mais poderoso e mais valente; Finrod, o mais belo e o mais sábio de coração. Os sete filhos de Fëanor eram Maidros, o alto; Maglor, um músico e grande cantor, cuja voz era ouvida ao longe na terra e no mar; Celegorm, o alvo, Curufin, o matreiro, o herdeiro de quase toda a habilidade de seu pai, e Cranthir, o moreno; e, por último,

Damrod e Díriel, que mais tarde foram grandes caçadores no mundo, embora não mais que Celegorm, o alvo, o amigo de Oromë. Os filhos de Fingolfin eram Finweg,[10] que mais tarde foi o rei dos Gnomos no Norte do mundo, e Turgon de Gondolin; e sua filha era Isfin, a Branca. Os filhos de Finrod eram Felagund, Orodreth, Angrod e Egnor.

Naqueles dias Fëanor começou, certa vez, uma labuta longa e maravilhosa e convocou todo o seu poder e sua sutil magia, pois pretendia fazer algo mais belo do que qualquer um dos Eldar jamais fizera, que haveria de durar além do fim de tudo. Três joias fez ele e as chamou Silmarils. Um fogo vivente ardia dentro delas que era mesclado da luz das Duas Árvores; por sua própria radiância elas luziam até mesmo no escuro, nenhuma impura carne mortal podia tocá-las sem ser mirrar e ser queimada. Essas joias eram apreciadas pelos Elfos além de todas as obras de suas mãos, e Manwë as consagrou, e Varda disse: "O destino dos Elfos está encerrado nelas, e o destino de muitas outras coisas". O coração de Fëanor estava enredado com os objetos que ele mesmo fizera.

Ora, há de se contar que os Teleri, vendo ao longo a luz de Valinor, estavam divididos entre o desejo de ver de novo sua gente e contemplar o esplendor dos Deuses e amor pela música do mar. Portanto, Ulmo ensinou-lhes a arte da construção de navios, e Ossë, submetendo-se a Ulmo por fim, trouxe-lhes, como último presente, os cisnes de asas fortes. A frota de navios brancos eles amarraram aos cisnes de Ossë, e assim foram puxados sem o auxílio dos ventos até Valinor. Lá habitaram nas longas costas da Terra-das-fadas, e podiam ver a luz das Árvores e visitar as ruas doiradas de Valmar e as escadarias de cristal de Tûn, se desejassem — mas mormente velejavam pelas águas da Baía de Feéria e dançavam naquelas ondas brilhantes cujas

cristas chamejavam na luz que vinha d'além da colina. Muitas joias os outros Eldar lhes deram, opalas e diamantes e cristais pálidos, que eles lançavam pelas poças e areias. Muitas pérolas eles fizeram, e salões de pérola, e de pérola eram as mansões de Elwë no Porto dos Cisnes. Aquela era a sua principal cidade e o seu porto. Um arco de rocha viva escavado pelo mar era o seu portão, e ficava nos confins da Terra-das-fadas, ao norte do passo de Côr.

[1] às últimas costas do Oeste > às últimas costas das Terras de Cá

[2] *de Cá* escrito sobre *de Fora* (ver §2, nota 1).

[3] *Quendi* > *Lindar* em todas as três ocorrências (mudança tardia; cf. §2, nota 7).

[4] *Côr* > *Kôr* em ambas as ocorrências (como em §2).

[5] *Ing* > *Ingwë* (ver §2, nota 6).

[6] *Elfos-da-luz* > *Altos-elfos*, e posteriormente para *Belos-elfos*.

[7] A seguinte passagem manuscrita se encontra em um pedaço de papel distinto sem indicações precisas para sua inserção, mas que parece ser mais bem colocada aqui:

> Mas o amor pela terra exterior e as estrelas permanecia nos corações dos Noldoli, e eles lá sempre moraram e nos montes e vales à volta da cidade. Mas os Lindar passaram a amar antes as vastas planícies e a luz plena de Valinor, e abandonaram Tûn, e raramente voltavam; e os Noldoli se tornaram um povo separado e seu rei era Finwë. Contudo, ninguém habitava na torre de Ingwë, nem . . . . . exceto os que cuidavam daquela lamparina infalível, e Ingwë foi considerado sempre alto-rei de todos os Eldalië.

[8] *de Cá* escrito sobre *Grandes*.

[9] *Finn* > *Finwë* (ver §2, nota 8).

[10] *Finweg* > *Fingon*

4

Ora, há de se contar como os Deuses foram iludidos por Morgoth. Esse foi o apogeu da glória e ventura dos Deuses e Elfos, o zênite do Reino Abençoado. Sete[1] eras, como os Deuses decretaram, passara Morgoth nos salões de Mandos, a cada era em dor abrandada. Quando sete eras haviam se passado, como haviam prometido, ele foi trazido diante do conclave deles.

Contemplou a glória dos Valar, e a cobiça e a malícia estavam em seu coração; contemplou os belos filhos dos Eldalië que se sentavam nos joelhos dos Deuses, e o ódio o preencheu; contemplou a riqueza de joias deles e as cobiçou; mas seus pensamentos ocultou e sua vingança postergou.

Lá Morgoth se humilhou diante dos pés de Manwë e rogou perdão; mas eles ainda não permitiriam que saísse de sua vista e sua vigilância. Uma morada humilde lhe foi concedida em Valinor do lado de dentro dos portões da cidade, e tão belos pareciam todos os seus atos e palavras que depois de algum tempo lhe foi permitido andar livremente por toda a terra. Somente o coração de Ulmo lhe dava aviso, e Tulkas cerrava os punhos sempre que via Morgoth, seu inimigo, passar. Jamais Tulkas, o forte, esqueceu ou perdoou um agravo que lhe fora feito ou aos seus. Mais belos de todos era Morgoth aos Elfos, e ele os auxiliava em muitas obras, caso deixassem. O povo de Ing,[2] os Quendi,[3] tinha-o por suspeito, pois Ulmo os advertira e eles deram ouvidos às suas palavras. Mas os Gnomos tinham deleite nas muitas coisas de sabedoria oculta e secreta que era capaz de lhes contar, e alguns deram ouvido a coisas que teria sido melhor eles jamais terem escutado. E, quando via uma oportunidade, ele semeava uma semente de mentiras e sugestões de mal entre esses. Amargamente o povo dos Noldoli pagou por isso nos dias que vieram depois. Amiúde ele sussurrava que os Deuses haviam trazido os Eldar para Valinor somente por inveja, por temor de que seu engenho e beleza maravilhosos e sua magia tornassem-se fortes demais para eles conforme os Eldar crescessem e se espalhassem pelas amplas terras do mundo. Visões colocava diante deles dos reinos magnos que poderiam ter governado em poder e liberdade no Leste. Naqueles dias, ademais, os Valar sabiam da vinda dos Homens que havia de acontecer; mas os Elfos nada sabiam disso, pois os

Deuses não o haviam revelado, e a hora ainda não estava próxima. Mas Morgoth falou em segredo aos Elfos sobre os mortais, embora pouco da verdade soubesse ou se importasse. Somente Manwë sabia algo com clareza da mente de Ilúvatar acerca dos Homens, e sempre fora amigo deles. Contudo, Morgoth sussurrava que os Deuses mantinham os Eldar cativos de modo que, com a chegada dos Homens, estes pudessem os despojar de seus reinos, pois a raça mais fraca dos mortais haveria de ser mais facilmente dominada por eles. Pouca verdade havia nisso, e pouco os Valar jamais prevaleceram ao tentar dobrar as vontades ou os fados dos Homens, e menos ainda para o bem. Porém, muitos dos Elfos acreditavam, de todo ou em parte, nessas palavras malignas. Os Gnomos eram a maioria desses. Dos Teleri não havia nenhum.

Assim, antes que os Deuses percebessem, a paz de Valinor foi envenenada. Os Gnomos começaram a murmurar contra os Valar e sua gente, e muitos se tornaram cheios de vaidade, e esqueceram tudo o que os Deuses haviam lhes dado e ensinado. Acima de tudo Morgoth atiçava as chamas do feroz e ávido coração de Fëanor, embora o tempo todo cobiçasse as Silmarils. Estas Fëanor em grandes festas usava sobre a fronte e o peito, mas em outras horas, trancadas nos tesouros de Tûn, eram guardadas de perto, embora não houvesse ladrões em Valinor, por ora. Soberbos eram os filhos de Finn,[4] e o mais soberbo Fëanor. Mentindo Morgoth lhe disse que Fingolfin e seus filhos estavam tramando usurpar a liderança de Fëanor e seus filhos, e suplantá-los nas graças de seu pai e dos Deuses. Dessas palavras querelas nasceram entre os filhos de Finn, e daquelas querelas deles veio o fim dos grandes dias de Valinor e o anoitecer de sua antiga glória.[5]

Fëanor foi convocado diante do concílio dos Deuses, e lá foram as mentiras de Morgoth desnudadas para que vissem

todos os que tivessem vontade. Pelo julgamento dos Deuses, Fëanor foi banido de Tûn. Mas com ele foram Finn, seu pai, que o amava mais do que seus outros filhos, e muitos outros Gnomos. Ao norte de Valinor, nos montes perto dos salões de Mandos, eles construíram uma casa do tesouro e uma praça-forte; mas Fingolfin governou os Noldoli em Tûn. Assim podem as palavras de Morgoth parecer justificadas, e a amargura que ele semeou continuou, embora suas mentiras tivessem sido refutadas, e por longo tempo viveu depois disso entre os filhos de Fingolfin e Fëanor.[6]

Do meio do concílio os Deuses de pronto enviaram Tulkas para deitar mãos sobre Morgoth e trazê-lo diante deles a ferros de novo. Mas ele escapou pelo passo de Côr,[7] e da torre de Ing os Elfos o viram passar em trovão e ira.

De lá ele entrou naquela região que é chamada Arvalin, que fica ao sul da Baía de Feéria, e debaixo dos próprios sopés orientais das montanhas dos deuses, e lá as sombras são as mais espessas de todo o mundo. Lá, em segredo e desconhecida, habitava Ungoliant, Tecelã-de-Treva, em forma de aranha. Não se conta de onde ela é, da escuridão de fora, talvez, que jaz além das Muralhas do Mundo. Em uma ravina ela vivia, e tecia suas teias em uma fenda nas montanhas, e sugava luz e coisas luzentes para tecê-las em redes de treva negra e sufocante e bruma pegajosa. Sempre ela tinha fome de alimento. Lá Morgoth a encontrou, e com ela tramou sua vingança. Mas terrível foi a recompensa que ele teve de lhe prometer, antes que ela se atrevesse aos perigos de Valinor ou ao poder dos Deuses.

Uma grande escuridão ela teceu em torno dela para protegê-la, e então, de pináculo a pináculo, balançou-se em suas cordas negras, até escalar os lugares mais elevados das montanhas. Ao sul de Valinor ficava esse lugar, pois lá jaziam as matas selvagens de Oromë, e havia pouca vigia, visto que, longes das

antigas fortalezas de Morgoth no Norte, as grandes muralhas lá davam para terras ignotas e um mar vazio. Numa escada que ela teceu Morgoth subiu, e olhou lá embaixo para a planície luzente, vendo ao longe os domos de Valinor ao mesclar da luz; e ele riu enquanto descia depressa as longas encostas ocidentais com ruína em seu coração.

Assim chegou o mal a Valinor. Silpion estava minguando depressa e Laurelin recém começara a reluzir quando, protegidos pelo fado, Morgoth e Ungoliant esgueiraram-se despercebidos até a planície. Com sua espada negra Morgoth trespassou cada árvore até o âmago, e, quando seus sumos jorraram para fora, Ungoliant os sugou, e o veneno de seus lábios imundos entrou nos tecidos das Árvores e as fez murchar, folha e galho e raiz. Lentamente elas sucumbiram, e sua luz enfraqueceu, enquanto Ungoliant arrotava nuvens e vapores negros conforme bebia a radiância das Árvores. A uma forma monstruosa ela inchou.

Então caíram assombro e temor sobre todos em Valmar, quando crepúsculo e treva crescente vieram por sobre a terra. Vapores negros pairavam pelos caminhos da cidade. Varda olhou do alto de Taniquetil e viu as árvores e torres todas ocultas como numa bruma. Tarde demais correram de monte e portão. As Árvores morreram e não mais brilharam, enquanto multidões que gemiam as cercavam e clamavam a Manwë para que descesse. Na planície os cavalos de Oromë ribombaram com uma centena de cascos, e faíscas saíam na treva em torno de suas patas. Mais veloz que eles correu Tulkas à frente antes, e a luz da fúria de seus olhos era como um farol. Mas não encontraram o que buscavam. Onde quer que Morgoth fosse uma escuridão e confusão o circundava, feita por Ungoliant, de modo que pés eram desnorteados e a busca às cegas.

Esse foi o tempo do Obscurecer de Valinor. Naquele dia se puseram diante dos portões de Valmar Gnomos que gritavam em alta voz. Amargas eram suas novas. Contaram como Morgoth fugira para o Norte e com ele havia uma grande forma negra, uma aranha de aspecto monstruoso ela parecera na noite que se ajuntava. Súbito Morgoth caíra sobre a casa do tesouro de Finn. Lá ele matara o rei dos Gnomos diante de suas portas, e derramou o primeiro sangue élfico e maculou a terra de Valinor. Muitos outros também ele matou, mas Fëanor e seus filhos não estavam lá. Amargamente maldisseram o acaso, pois Morgoth levara as Silmarils e toda a riqueza das joias dos Noldoli que estavam entesouradas lá.

Pouco se sabe dos caminhos ou jornadas de Morgoth após aquele ato terrível; mas isto é sabido por todos, que, ao escapar da caçada, ele passou por fim com Ungoliant por sobre o Gelo Pungente e, assim, para as terras do norte deste mundo. Lá Ungoliant o chamou para que lhe entregasse a recompensa prometida. A primeira metade de sua paga fora a seiva das Árvores de Luz. A outra metade era uma porção igual das joias saqueadas. Morgoth as cedeu e ela as devorou, e a luz delas pereceu da terra, e ainda mais imensa ficou a forma escura e hedionda de Ungoliant. Mas nenhuma porção das Silmarils Morgoth cederia. Tal foi a primeira querela de ladrões.

Tão poderosa se tornara Ungoliant que ela enredou Morgoth em suas teias sufocantes, e um grito medonho ecoou pelo mundo a estremecer. Em seu auxílio vieram os Orques e Balrogs que viviam ainda nos lugares mais profundos de Angband. Com seus açoutes de chama os Balrogs rasgaram as teias, mas Ungoliant foi rechaçada para o extremo Sul, onde por longo tempo habitou.

Assim retornou Morgoth a Angband, e ali incontável se tornou o número das hostes de seus Orques e demônios.[8] Ele

forjou para si uma grande coroa de ferro, e chamou a si próprio de rei do mundo. Em sinal disso, colocou as três Silmarils em sua coroa. Diz-se que suas mãos malignas foram queimadas e ficaram enegrecidas pelo toque daqueles objetos sacros e encantados, e negras elas ficaram desde então, nem jamais posteriormente ficou ele livre da dor das queimaduras, nem da raiva dessa dor. Aquela coroa jamais tirou da cabeça, e jamais foi seu hábito deixar as masmorras profundas de sua fortaleza, mas governava seus vastos exércitos de seu trono no Norte.

[1] *Nove* escrito acima de *Sete*, mas depois riscado.

[2] *Ing* > *Ingwë* em ambas as ocorrências, como anteriormente.

[3] *Quendi* > *Lindar*, como anteriormente (mudança tardia).

[4] *Finn* > *Finwë* em todas as ocorrências (exceto uma vez, onde passou despercebido), como anteriormente.

[5] O seguinte trecho foi acrescentado mais tarde aqui levemente a lápis:

> E Fëanor pronunciou palavras de rebelião contra os Deuses e tramou partir de Valinor de volta ao mundo exterior e libertar os Gnomos, como disse, da servidão.

[6] O seguinte trecho foi acrescentado da mesma maneira e na mesma época que a passagem mencionada na nota 5:

> Mas Morgoth se escondeu e ninguém sabia aonde ele tinha ido. E, enquanto os Deuses estavam em concílio, pois temiam que as sombras se alongassem em Valinor, um mensageiro chegou e trouxe novas de que Morgoth estava no Norte da terra, rumando para a casa de Finwë.

[7] *Côr* > *Kôr*, como anteriormente.

[8] A seguinte indicação foi escrita aqui posteriormente: *Aqui mencionar a feitura dos Orques (p. 4).* A página 4 do texto datilografado contém a frase (p. 100) *As hordas dos Orques ele fez de pedra, mas seus corações, de ódio*. Ver p. 346.

5

Quando por fim ficou muito claro que Morgoth tinha escapado, os Deuses se reuniram em volta das Árvores mortas e se sentaram na escuridão por muito tempo em silêncio atônito, e lamentaram em seus corações. Ora, aquele dia que Morgoth

escolheu para esse ataque era um dia de festival por toda Valinor. Nesse dia era o costume dos principais Valar, todos salvo Ossë, que raramente lá ia, e de muitos dos Elfos, especialmente o povo de Ing,[1] subir os longos e tortuosos caminhos em procissão de mantos brancos até os salões de Manwë sobre o cume de Tindbrenting. Todos os Quendi[2] e muitos dos Gnomos, os quais, liderados por Fingolfin, ainda viviam em Tûn, estavam, portanto, no pico de Tindbrenting e estavam cantando aos pés de Varda quando os vigias de longe contemplaram o fenecer das Árvores. Mas a maioria dos Gnomos estava na planície, e os Teleri, como era seu costume, estavam na costa. As brumas e a escuridão agora flutuaram do mar através do passo de Côr,[3] enquanto as Árvores morriam. Um murmúrio de temor percorreu toda Terradelfos, e os Ginetes d'Ondas gemiam à beira do mar.

Então Fëanor, rebelando-se contra seu banimento, convocou todos os Gnomos a Tûn. Uma vasta congregação ocorreu na grande praça no topo do monte de Côr, e estava iluminada pela luz de muitas tochas que cada um que viera carregava nas mãos.

Fëanor era um grande orador com um poder de palavras que calavam fundo. Um discurso exaltado e terrível ele fez diante dos Gnomos aquele dia, e embora sua fúria se voltasse mormente contra Morgoth, suas palavras ainda assim eram, em grande parte, fruto das mentiras de Morgoth. Mas ele estava assoberbado de pesar por seu pai e irado com o roubo das Silmarils. Reivindicou agora o reinado sobre todos os Gnomos, já que Finn[4] estava morto, a despeito do decreto dos Deuses. "Por que deveríamos ainda obedecer aos invejosos Deuses", perguntou ele, "que não conseguem nem mesmo manter a seu próprio reino a salvo de seu inimigo?" Incitou os Gnomos a se prepararem para fugir na escuridão, enquanto os Valar ainda estavam envoltos em luto; a buscar liberdade no mundo e, por

sua própria bravura, conquistar lá um novo reino, já que Valinor não era mais brilhante e ditosa do que as terras lá fora; a procurar Morgoth e guerrear com ele para sempre até serem vingados. Então ele fez um juramento terrível. Seus sete filhos saltaram para o seu lado e fizeram o mesmo voto junto com ele, cada qual com espada desembainhada. Fizeram o juramento inquebrável, pelo nome de Manwë e Varda e da sacra montanha,[5] de perseguir com ódio e vingança até os confins do mundo Vala, Demônio, Elfo, ou Homem, ou Orque que tiver ou tomar ou mantiver uma Silmaril contra a vontade deles.

Fingolfin e seu filho Finweg[6] falaram contra Fëanor, e a ira e palavras furiosas chegaram perto das vias de fato; mas Finrod falou e buscou acalmá-los, apesar de que, de seus filhos, somente Felagund ficou ao seu lado. Orodreth, Angrod e Egnor tomaram o partido de Fëanor. No fim, a questão foi levada à votação pela assembleia e, tocados pelas palavras potentes de Fëanor, os Gnomos decidiram partir. Mas os Gnomos de Tûn não renunciariam ao reinado de Fingolfin, e como duas hostes divididas, portanto, eles se puseram em marcha: uma liderada por Fingolfin, que com seus filhos cedera à voz geral contra sua sabedoria, pois não abandonariam o seu povo; e outra, liderada por Fëanor. Alguns ficaram para trás. Aqueles eram os Gnomos, que estavam com os Quendi sobre Tindbrenting. Longo tempo se passou antes que voltassem a essa história das guerras e andanças de seu povo.

Os Teleri não se juntariam àquela fuga. Jamais haviam dado ouvido a Morgoth. Não desejavam nenhuma outra encosta ou praia além das costas da Terra-das-fadas. Mas os Gnomos sabiam que não podiam escapar sem barcos e navios, e não havia tempo para construção. Precisavam cruzar os mares longe, ao Norte, onde eram mais estreitos, mas ainda mais adiante temiam se aventurar; pois tinham ouvido falar do Helkaraksë, o

Estreito do Gelo Pungente, onde os grandes montes congelados sempre se moviam e quebravam, se partiam e se chocavam. Mas seus navios brancos de velas brancas os Teleri não dariam, já que lhes eram muito caros, e temiam, além disso, a ira dos Deuses.

Ora, conta-se que as hostes de Fëanor marcharam primeiro ao longo da costa de Valinor; então veio o povo de Fingolfin, menos ávido, e na retaguarda dessa hoste estavam Finrod e Felagund e muitos dos mais nobres e mais belos dos Noldoli. Com relutância abandonaram as muralhas de Tûn, e mais que os outros levaram de lá lembranças da ventura e beleza da cidade, e mesmo muitas coisas belas lá feitas à mão. Assim, o povo de Finrod não tomou parte no ato horrendo que então foi cometido, e nem todos da gente de Fingolfin tiveram participação; contudo, todos os Gnomos que partiram de Valinor caíram sob a maldição que se seguiu. Quando os Gnomos chegaram ao Porto dos Cisnes, eles tentaram tomar à força as frotas brancas que estavam ancoradas lá. Uma refrega amarga foi travada no grande arco do portão e nos ancoradouros e pilares iluminados por lamparinas, como é tristemente contado na canção da Fuga dos Gnomos. Muitos foram mortos de ambos os lados, mas ferozes e desesperados estavam os corações do povo de Fëanor, e eles venceram a batalha; e também com o auxílio de muitos mesmo dos Gnomos de Tûn eles tomaram os navios dos Teleri, e manejaram os remos da melhor maneira que puderam, e os levaram para o norte ao longo da costa.

Depois de muito terem viajado e de chegarem aos confins setentrionais do Reino Abençoado, eles contemplaram uma figura sombria postada no alto das encostas. Alguns dizem que era um mensageiro, outros que era o próprio Mandos. Lá anunciou em uma voz alta e terrível a maldição e profecia que é chamada de Profecia de Mandos,[7] advertindo-os para que

retornassem e buscassem perdão, ou no fim retornar então somente depois do pesar e infindo sofrimento. Muito ele previu em palavras obscuras, que apenas os mais sábios dentre eles compreenderam, de coisas que depois lhes sobrevieram; mas todos ouviram a maldição que ele pronunciou sobre aqueles que não ficassem, pois em Porto-cisne haviam derramado o sangue de sua gente e travado a primeira batalha entre os filhos da terra iniquamente. Por isso haveriam de sofrer em todas suas guerras e conselhos pela traição e pelo medo da traição entre sua própria gente. Mas Fëanor disse: "Não disse ele que havemos de sofrer de covardia, por poltrões ou por medo de poltrões", e isso se provou verdadeiro.[8]

Não tardou para que o mal começasse a agir. Chegaram afinal ao Norte e viram os primeiros dentes do gelo que flutuavam no mar. Tormentos sofreram pelo frio. Muitos dos Gnomos murmuravam, especialmente aqueles que seguiam menos ávidos sob as bandeiras de Fingolfin. Então entrou no coração de Fëanor e de seus filhos a ideia de zarpar de repente com todos os navios, dos quais tinham o comando, e "deixar os que resmungam a resmungar, ou a lastimar no caminho de volta às gaiolas dos Deuses". Assim teve início a maldição da matança em Porto-cisne. Quando Fëanor e sua gente desembarcou nas costas do Oeste do mundo setentrional, puseram fogo nos navios e fizeram um grande incêndio, terrível e luzente; e Fingolfin e seu povo viram a luz do fogo no céu. Depois disso os deixados para trás vagaram em sofrimento, e a eles se juntaram as companhias de Finrod, que marchavam atrás.

No fim, em dor e cansaço Finrod conduziu alguns de volta a Valinor e ao perdão dos Deuses — pois não estiveram em Porto-cisne —, mas os filhos de Finrod e Fingolfin[9] não cederiam, tendo chegado tão longe. Eles conduziram sua hoste para o Norte mais terrível e se atreveram enfim ao Gelo Pungente.

Muitos foram perdidos lá desditosamente, e havia pouco amor pelos filhos de Fëanor nos corações daqueles que chegaram finalmente por essa passagem perigosa às terras do Norte.

[1] *Ing* > *Ingwë*, como anteriormente.

[2] Em nenhuma das ocorrências de *Quendi* o nome foi mudado, como anteriormente, para *Lindar*, claramente devido a um descuido.

[3] *Côr* > *Kôr* em ambas as ocorrências, como anteriormente.

[4] *Finn* não foi emendado para *Finwë* como anteriormente, devido a um descuido.

[5] Essa frase foi reescrita:

> Fizeram um juramento que ninguém há de quebrar, e ninguém devia fazer, pelo nome do Pai-de-Tudo, invocando a Escuridão Sempiterna sobre si próprios, se não o cumprissem, e a Manwë chamaram como testemunha, e a Varda, e ao Sacro Monte, jurando

[6] *Finweg* > *Fingon*, como em §3, nota 10.

[7] *Profecia de Mandos* > *Profecia do Norte*

[8] Aqui foi escrito a lápis levemente: *Finrod retornou*.

[9] *os filhos de Finrod e Fingolfin* > *Fingolfin e os filhos de Finrod*. (Creio que essa emenda foi feita simplesmente por questões de clareza, a intenção do texto original sendo de que significasse "os filhos de Finrod, junto com Fingolfin": pois Fingolfin, não seu filho Finweg/Fingon, havia se tornado o líder das hostes que atravessaram o Gelo Pungente, visto que Finrod é agora quem retornou a Valinor — ver o comentário sobre Esb §5, p. 58.)

6

Quando os Deuses ficaram sabendo da fuga dos Gnomos, eles despertaram de seu pesar. Manwë chamou então ao seu concílio Yavanna; e ela usou todo o seu poder, mas de nada serviu para curar as Árvores. Contudo, sob seus feitiços Silpion produziu enfim uma grande e única flor prateada, e Laurelin um grande fruto dourado. Desses, como é dito na canção do Sol e da Lua, os Deuses fizeram as grandes luzes do céu, e as puseram a navegar em cursos determinados acima do mundo. De Rána chamaram a Lua, e de Ûr o Sol; e a donzela que guiava o galeão do sol era Úrien,[1] e o jovem que estava no leme da ilha flutuante da Lua era Tilion. Úrien era uma donzela que cuidara das flores

douradas nos jardins de Vana, enquanto júbilo ainda havia no Reino Ditoso, e Nessa, filha de Vana,[2] dançava nos gramados de um verde que nunca se esvai. Tilion era um caçador da companhia de Oromë e tinha um arco prateado. Amiúde ele se desviava de seu curso indo ao encalço das estrelas nos campos celestiais.

A princípio os Deuses pretendiam que o Sol e a Lua partissem de Valinor até o extremo Leste, e retornassem, seguindo-se um ao outro através do céu. Mas por causa da inconstância de Tilion e de sua rivalidade com Úrien, e principalmente por causa das palavras de Lórien e Nienna, que disseram que as luzes haviam banido todo o sono e a noite e a paz da terra, eles mudaram o seu intento. O Sol e a Lua eram puxados por Ulmo ou seus espíritos escolhidos pelas cavernas e grutas nas raízes do mundo, e subiam então no Leste, e rumavam de volta a Valinor, onde o Sol descia a cada dia na hora do Anoitecer. E, assim, o Anoitecer é o momento de maior luz e regozijo na terra dos Deuses, quando o Sol desce para repousar na borda da terra sobre o seio fresco do Mar de Fora. Tilion foi ordenado a não subir até que Úrien tivesse descido do céu, ou que muito já tivesse avançado rumo ao Oeste, e assim é que agora raramente são vistos no céu juntos.

Ainda, portanto, é a luz de Valinor maior e mais bela do que a de outras terras, porque lá o Sol e a Lua juntos descansam por um tempo antes de seguirem em sua jornada sombria sob o mundo, mas a luz deles não é a luz que vinha das Árvores antes que os lábios venenosos de Ungoliant as tocassem. Aquela luz vive agora apenas nas Silmarils. Deuses e Elfos, portanto, aguardam ainda um tempo no qual o Sol e a Lua Mágicos, que são as Árvores, possam ser reacendidos e a ventura e glória de outrora retornar. Ulmo lhes predisse que isso só viria a acontecer com o auxílio, por mais débil que parecesse, da

segunda raça da terra, os filhos mais novos de Ilúvatar. Pouca atenção lhe deram naquele tempo. Ainda assim, estavam irados e amargurados em razão da ingratidão dos Gnomos e da cruel matança no Porto dos Cisnes. Além disso, por um tempo todos, exceto Tulkas, temiam o poderio e a astúcia de Morgoth. Ora, portanto, fortificaram toda Valinor, e puseram uma guarda que nunca dormia sobre a muralha dos montes, que agora ergueram a uma altura de vertigem e terror — salvo apenas no passo de Côr.[3] Lá foram os Elfos remanescentes postos a habitar, e iam então raramente a Valmar ou ao pico de Tindbrenting, mas foram ordenados a vigiar o passo sem cessar para que nem ave, nem fera, nem Elfo, nem Homem, nem ser algum que viesse das terras exteriores, se aproximasse das costas de Feéria, ou pisasse em Valinor. Naquele dia, que canções chamam de Ocultação de Valinor, as Ilhas Mágicas foram colocadas, repletas de encantamento, e dispostas pelos confins dos Mares Sombrios, antes que a Ilha Solitária seja alcançada por quem navegue para o Oeste, para lá apanhar marinheiros e enredá-los em sono eterno. Assim foi que os muitos emissários dos Gnomos em dias que vieram depois jamais alcançaram Valinor — salvo um, e ele chegou tarde demais.[4]

Os Valar sentam-se então detrás das montanhas e festejam, e tiram os Noldoli eLivross de seus corações, todos exceto Manwë e Ulmo. Quem mais os tinha em mente era Ulmo, que reúne novas do mundo de fora por meio de todos os lagos e rios que correm para o mar.

Ao primeiro nascer do Sol sobre o mundo, os filhos mais novos da terra despertaram na terra de Eruman[5] no Leste do Leste.[6] Mas dos Homens pouco se conta nestas histórias, que são concernentes aos dias antigos, antes do ocaso dos Elfos e do zênite dos mortais, salvo no que diz respeito àqueles que, nos

primeiros dias de Luz do Sol e Luar, vagaram pelo Norte do mundo. A Eruman não veio Deus algum para guiar os Homens ou para convocá-los a habitar em Valinor. Ulmo, mesmo assim, não deixava de pensar neles, e suas mensagens lhes chegavam amiúde por correnteza e torrente, e eles amavam as águas, mas pouco compreendiam as mensagens. Os Elfos-escuros eles encontraram e foram ajudados por eles, e lhes ensinaram a fala e muitas outras coisas, e tornaram-se os amigos dos filhos dos Eldalië que nunca encontraram os caminhos para Valinor, e conheciam os Valar apenas como um rumor e um nome distante. Não havia muito, então, que Morgoth voltara à terra, e seu poder não avançara tanto, de maneira que havia pouco perigo nas terras e colinas onde coisas novas, belas e viçosas, muitas eras antes planejadas no pensamento de Yavanna, vieram por fim a brotar e desabrochar.

Para o Oeste, o Norte e o Sul eles se espalharam e vagaram, e seu júbilo era como o júbilo da manhã antes que o orvalho secasse, quando toda folha é verde.

[1] Úrien > Árien em todas as ocorrências.

[2] *filha de Vana* riscado. Ver p. 323.

[3] *Côr* > *Kôr*, como anteriormente.

[4] *e ele chegou tarde demais* > *o mais poderoso marinheiro das canções*.

[5] Na primeira ocorrência, o nome *Eruman* foi mais tarde sublinhado a lápis, como que para ser corrigido, mas não na segunda.

[6] Acrescentado aqui:

> pois o tempo medido chegara ao mundo, e o primeiro dos dias; e depois disso as vidas dos Eldar que permaneceram nas Terras de Cá foram diminuídas, e seu ocaso começou.

7

Então veio os tempos das grandes guerras dos poderes do Norte, quando os Gnomos de Valinor e Ilkorins e Homens combateram

contra as hostes de Morgoth Bauglir e caíram em ruína. Para esse fim, as mentiras astutas de Morgoth, que ele semeara entre seus inimigos, e a maldição que veio da matança no Porto dos Cisnes e o juramento dos filhos de Fëanor estavam sempre trabalhando; os maiores males que elas causaram a Homens e Elfos.

Só uma parte estas histórias contam dos feitos daqueles dias e contam mormente acerca dos Gnomos e das Silmarils e dos mortais que se enredaram no destino deles. Nos primeiros dias Eldar e Homens eram de estatura e poder corporal pouco diferentes; mas os Eldar eram abençoados com maior engenho, beleza e sagacidade, e aqueles que tinham vindo de Valinor superavam tanto os Ilkorins nessas coisas quanto estes, por sua vez, superavam o povo da raça mortal. Só no reino de Doriath, cuja rainha Melian era da gente dos Valar, os Ilkorins chegavam perto de se igualar aos Elfos de Côr.[1] Imortais eram os Elfos, e sua sabedoria aumentava e crescia de era a era, e nenhuma doença nem pestilência traziam-lhes a morte. Mas eles podiam ser mortos com armas naqueles dias, mesmo por Homens mortais, e alguns desvaneciam e eram consumidos pelo pesar até desaparecerem da terra. Mortos os desvanecidos, seus espíritos voltavam aos salões de Mandos para aguardar por mil anos, ou o aprazimento de Mandos[2] de acordo com seus merecimentos, antes de serem chamados de volta à vida livre em Valinor, ou renascerem,[3] diz-se, em seus próprios filhos.[4] Mais frágeis eram os Homens, mais facilmente mortos por arma ou infortúnio, sujeitos a doenças, ou envelheciam e morriam. O que acontecia a seus espíritos, os Eldalië não sabiam. Os Eldar diziam que eles iam para os salões de Mandos, mas que seu lugar de espera não era aquele dos Elfos, e somente Mandos, sob Ilúvatar, sabia para onde iam depois do tempo em seus vastos salões além do mar do oeste. Jamais renasciam na terra, e nenhum já retornou das

mansões dos mortos, salvo apenas Beren, filho de Barahir, que depois jamais falou mais a Homens mortais. Talvez seu fado após a morte não estivesse nas mãos dos Valar.

Nos dias que vieram depois, quando, por causa dos triunfos de Morgoth, Elfos e Homens alhearam-se uns dos outros, como ele tanto desejara, aqueles dos Eldalië que viviam ainda no mundo feneceram, e os Homens usurparam a luz do Sol. Então os Eldar vagaram nos lugares mais solitários das Terras de Fora,[5] e preferiam a luz da Lua e das estrelas, e as matas e as cavernas.[6]

1 *Côr* > *Kôr*, como anteriormente.

2 *Mandos* > *Nefantur*

3 *ou renascerem* > *ou por vezes renascerem*

4 Acrescentado aqui:

> E de similar fado eram aqueles rebentos de Elfo e mortal, Eärendel e Elwing e Dior, pai dela, e Elrond, filho dela.

5 *de Cá* escrito sobre *de Fora*, mas *de Fora* não foi riscado.

6 Acrescentado no final:

> e se tornavam como sombras, espectros e lembranças, de modo que não zarpavam para o Oeste e desapareciam do mundo, como é contado antes do final da história.

8

Mas nesses dias Elfos e Homens eram aparentados e aliados. Antes do nascer do Sol e da Lua, Fëanor e seus filhos marcharam para o Norte em busca de Morgoth. Uma hoste de Orques, provocada pela queima dos navios, caiu sobre eles, e houve uma batalha na planície renomada em canção. Ainda jovem e verde ela se estendia[1] até os sopés das altas montanhas erguidas sobre os salões de Morgoth; mas mais tarde ficou queimada e desolada, e é chamada de Terra da Sede, Dor-na-Fauglith na língua gnômica. Lá ocorreu a Primeira Batalha.[2] Grande foi a matança dos Orques e Balrogs, e história alguma

pode contar sobre a bravura de Fëanor ou de seus filhos. Contudo, o sofrimento fez-se presente naquela grande primeira vitória. Pois Fëanor foi ferido de morte por Gothmog, Senhor de Balrogs, a quem Ecthelion depois matou em Gondolin. Fëanor morreu na hora da vitória, contemplando os picos gigantescos das Thangorodrim, os maiores montes do mundo;[3] e ele amaldiçoou o nome de Morgoth, e ordenou que seus filhos jamais tratassem ou debatessem com o seu inimigo. Porém, na hora exata de sua morte, chegou-lhes uma embaixada de Morgoth reconhecendo a derrota, e oferecendo tratar com eles, e os tentando com uma Silmaril. Maidros, o alto, persuadiu os Gnomos a se encontrarem com Morgoth na hora e no lugar designados, mas com tão pouco intento de boa-fé de seu lado quanto havia da parte de Morgoth. Donde cada embaixada veio em muito maior número do que haviam jurado, mas Morgoth trouxe a maior, e eram Balrogs. Maidros foi pego em uma emboscada e a maioria de seus companheiros foi morta; mas Maidros foi capturado vivo por ordem de Morgoth e levado a Angband e torturado, e foi pendurado do alto de um precipício íngreme sobre as Thangorodrim apenas pelo pulso direito.

Então os seis filhos de Fëanor, aturdidos, retiraram-se e acamparam nas margens do Lago Mithrim, naquela terra setentrional que depois foi chamada de Hisilómë, Hithlum ou Dorlómin pelos Gnomos, que é a Terra da Bruma. Lá ficaram sabendo da marcha de Fingolfin e Finweg[4] e Felagund, que tinham cruzado o Gelo Pungente.

Na hora em que chegaram, o primeiro Sol nasceu; suas bandeiras azuis e prateadas foram desfraldadas, e flores brotaram sob seus pés em marcha. Os Orques, atemorizados pelo alevantar da grande luz, recuaram para Angband, e Morgoth, frustrado, ponderou por muito tempo em pensamentos irados.

Pouco amor havia entre as duas hostes acampadas nas margens opostas de Mithrim, e a demora engendrada por sua rixa causou grande mal à causa de ambas.

Ora, vastos vapores e fumaças eram produzidos em Angband e expelidos dos cimos fumosos das Montanhas de Ferro, que mesmo de muito longe em Hithlum podiam ser vistos manchando a radiância daquelas primeiras manhãs. Os vapores desciam e se enrolavam à volta de campos e vales, e pairavam sobre o seio de Mithrim, escuros e imundos.

Então Finweg, o valente, resolveu sanar a rixa. Sozinho ele partiu em busca de Maidros. Ajudado pelas próprias brumas de Morgoth, e pela retirada das forças de Angband, aventurou-se no domínio de seus inimigos, e por fim encontrou Maidros pendurado em tormento. Mas não podia alcançá-lo para libertá-lo; e Maidros lhe implorou[5] que o ferisse com seu arco.

Manwë, a quem todas as aves são caras e a quem elas trazem notícias, sobre Tindbrenting, de todas as coisas que seus olhos que enxergam ao longe não conseguem ver, enviou[6] a raça das Águias. Thorndor era seu rei. Por ordem de Morgoth habitavam nas encostas do Norte e vigiavam Morgoth e atrapalhavam seus feitos, e traziam novas dele aos ouvidos tristes de Manwë.

Na hora em que Finweg com pesar curvou seu arco, desceu voando dos altos ares Thorndor, rei das águias. Ele era a mais poderosa de todas as aves que já existiram. Trinta pés[7] mediam suas asas esticadas. Seu bico era de ouro. Assim a mão de Finweg foi detida, e Thorndor o carregou até a face da rocha de onde Maidros pendia. Mas nenhum dos dois conseguia soltar o grilhão encantado do pulso, nem o cortar, nem o arrancar da pedra. De novo, em agonia, Maidros implorou para que o matassem, mas Finweg cortou a mão dele acima do pulso, e Thorndor os carregou até Mithrim, e o ferimento de Maidros foi

curado, e ele viveu para empunhar a espada com a mão esquerda de modo mais mortal a seus inimigos que com a direita.

Assim foi a rixa sanada por um tempo entre os soberbos filhos de Finn[8] e sua inveja esquecida, mas ainda lá se mantinha o juramento das Silmarils.

[1] *Ainda jovem e verde* > *Ainda sombria sob as estrelas* (e, posteriormente, *ela se estendia* > *a planície se estendia*). (Essa mudança sem dúvida foi feita porque o Sol ainda não havia nascido; mas ela destrói a força da antítese com *mas mais tarde ficou queimada e desolada*.)

[2] Acrescentado aqui: *a Batalha sob as Estrelas*.

[3] *o mundo* > *o mundo de cá*

[4] *Finweg* > *Fingon*, como anteriormente, em todas as ocorrências.

[5] No texto datilografado, os verbos no presente, *encontra*, não pode, *implora*, foram emendados logo de início para *encontrou*, não podia, *implorou*; uma indicação de que meu pai estava seguindo de perto o manuscrito do Esb. Verbos no presente são ocasionalmente encontrados mais tarde no Q tal como datilografado originalmente.

[6] *enviou* > *enviara*

[7] *pés* > *braças*

[8] *Finn* > *Finwë*, como anteriormente.

9

Então os Gnomos marcharam adiante e sitiaram Angband pelo Oeste, Sul e Leste. Em Hithlum e em suas fronteiras no Oeste ficavam as hostes de Fingolfin. O Sul era defendido por Felagund, filho de Finrod, e seus irmãos. Uma torre tinham numa ilha no rio Sirion, que guardava o vale entre as montanhas que faziam curva para o Norte nas fronteiras de Hithlum e as encostas onde crescia a grande floresta de pinheiros, que Morgoth depois encheu com tamanho terror e mal que nem mesmo os Orques não a atravessavam, exceto por uma única estrada e em grande necessidade e presteza, e os Gnomos vieram a chamá-la de Taur-na-Fuin, que é Sombra Mortal da Noite. Mas naqueles dias ela era salubre, ainda que densa e

escura,[1] e o povo de Orodreth, de Angrod e Egnor, andava por lá e vigiava das orlas da floresta a planície abaixo, que se estendia até as Montanhas de Ferro. Assim protegiam a planície do Sirion, mais belo dos rios nas canções élficas, mais amado por Ulmo, e toda aquela vasta terra de faias e olmos e carvalhos e prados floridos que era chamada de Broseliand.[2]

No leste estavam os filhos de Fëanor. Sua torre de vigia era a colina alta de Himling, e seu esconderijo a Garganta de Aglon, escavada fundo entre Himling e Taur-na-Fuin, e banhada pelo rio de Esgalduin, o escuro e forte, que vinha de nascentes secretas em Taur-na-Fuin e desaguava em Doriath e passava diante das portas dos salões de Thingol. Mas pouco precisavam de esconderijo naqueles dias, e vagavam por toda a parte, mesmo até as muralhas de Angband no Norte, e a leste até as Montanhas Azuis,[3] que são as fronteiras das terras sobre as quais estas histórias contam. Lá faziam guerra aos[4] Anãos de Nogrod e Belegost; mas não descobriram de onde aquela estranha raça vinha, nem ninguém desde então. Eles não são amigos dos Valar[5] ou dos Eldar ou dos Homens, tampouco servem a Morgoth; embora sejam em muitas coisas mais como o povo dele, e pouco amavam os Gnomos.[6] Engenho tinham quase para competir com o dos Gnomos, mas menos beleza havia em suas obras, e ferro trabalhavam em vez de ouro e prata, e cotas de malha e armas eram seu principal ofício. Comércio e escambo eram o deleite deles, e o acúmulo de riquezas, das quais faziam pouco uso. Longas eram suas barbas e baixa e atarracada sua estatura. De Nauglir os Gnomos os chamavam, e aqueles que habitavam em Nogrod eles chamavam de Indrafangs, os Barbas-longas, pois suas barbas roçavam o chão diante de seus pés. Mas por ora pouco eles preocupavam o povo da terra, enquanto o poder dos Gnomos era grande.

Esse foi o tempo que as canções chamam de Cerco de Angband. As espadas dos Gnomos muravam então a terra da ruína de Morgoth, e seu poder estava encerrado por trás das muralhas de Angband. Os Gnomos gabavam-se de que ele nunca poderia romper seu sítio e de que ninguém dentre sua gente jamais poderia passar para fazer o mal nos caminhos do mundo.

Um tempo de consolo foi aquele sob os novos Sol e Lua, um tempo de nascimento e desabrochar. Naqueles dias se deu o primeiro encontro dos Gnomos com os Elfos-escuros, e a Festa do Encontro que foi realizada na Terra dos Salgueiros foi por muito tempo lembrada em dias posteriores de pouca alegria. Naqueles dias os Homens vieram por sobre as Montanhas Azuis até Broseliand[7] e Hithlum,[8] os mais bravos e belos de sua raça. Felagund foi quem os encontrou e sempre foi amigo deles. Certa feita ele era hóspede de Celegorm no Leste, e cavalgou a caçar com ele. Mas apartou-se dos demais[9] e, certa altura da noite, topou com um vale nos contrafortes ocidentais das Montanhas Azuis. Havia luzes no vale e o som de rude canção. Então Felagund admirou-se, pois a língua daquelas canções não era a língua dos Eldar, nem dos Anãos.[10] Nem era a língua dos Orques, apesar de ele inicialmente temer que fosse. Ali estava acampado o povo de Bëor, um poderoso guerreiro dos Homens, cujo filho era Barahir, o audaz. Eram eles os primeiros Homens a chegarem a Broseliand. Depois deles vieram Hador, o alto, cujos filhos eram Haleth e Gumlin, e os filhos de Gumlin, Huor e Húrin,[11] e o filho de Huor, Tuor, e o filho de Húrin, Túrin. Todos esses foram enredados nos fados dos Gnomos e realizaram feitos magnos que os Elfos ainda lembram entre as canções dos feitos de seus próprios senhores e reis.

Mas Hador ainda não era visto nos acampamentos dos Gnomos. Naquela noite Felagund foi ter entre os homens adormecidos da hoste de Bëor e sentou-se junto a suas fogueiras

morredouras, onde ninguém montava guarda, e tomou uma harpa que Bëor pusera de lado e nela tocou uma música tal que nenhum ouvido mortal jamais escutara, pois aprendera as melodias da música somente dos Elfos-escuros. Então os homens despertaram e escutaram e se maravilharam, pois havia grande sabedoria naquela canção e também beleza, e tornava-se mais sábio o coração que a escutava. Assim foi que os Homens chamaram Felagund, o primeiro dos Noldoli que encontraram, de Sabedoria;[12] e por causa dele chamaram sua raça de Sábios, a quem chamamos Gnomos.[13]

Bëor morou com Felagund até morrer, e seu filho Barahir foi o maior amigo dos filhos de Finrod.[14] Mas os filhos de Hador eram aliados à casa de Fingolfin, e desses Húrin e Túrin eram os mais renomados. O reino de Gumlin ficava em Hithlum, e ali mais tarde Húrin habitou e sua esposa Morwen Brilho-élfico, que era bela como uma filha dos Eldalië.[15]

Então começou o tempo da ruína dos Gnomos. Levou muito tempo para que ela se completasse, pois crescera muito seu poderio, e eram muito valorosos, e seus aliados eram muitos e audaciosos, Elfos-escuros e Homens.

Mas a maré de sua sorte virou de súbito. Por longo tempo Morgoth preparara suas forças em segredo. Em certa noite de inverno ele desencadeou grandes rios de chama que se derramaram sobre toda a planície diante das Montanhas de Ferro e a queimaram, tornando-a um deserto desolado. Muitos Gnomos dos filhos de Finrod pereceram naquele incêndio, e sua fumaça produziu treva e confusão entre os inimigos de Morgoth. Em seguida ao fogo[16] vieram os negros exércitos dos Orques, em quantidade que os Gnomos jamais viram nem imaginaram antes. Desse modo Morgoth rompeu o cerco de Angband e realizou pelas mãos dos Orques uma grande matança dos mais bravos

das hostes sitiantes. Seus inimigos foram dispersos por toda a parte, Gnomos, Ilkorins e Homens. A maioria dos Homens ele perseguiu por sobre as Montanhas Azuis, exceto pelos filhos de Bëor e por Hador, que se refugiou em Hithlum além das Montanhas Sombrias, onde os Orques ainda não chegavam em grandes números. Os Elfos-escuros fugiram para o sul rumo a Broseliand[17] e além, mas muitos foram a Doriath, e o reino e poderio de Thingol cresceram naquele tempo, até ele se tornar um baluarte e refúgio dos Elfos. As magias de Melian que estavam entretecidas nos limites de Doriath resguardavam do mal seus salões e seu reino.

A floresta de pinheiros foi tomada por Morgoth e transformada em lugar de pavor, e ele tomou a torre de vigia de Sirion e a transformou em reduto de mal e de ameaça. Ali habitava Thû, o principal servo de Morgoth, feiticeiro de medonho poder, o senhor dos lobos.[18] O maior peso daquela batalha pavorosa, a segunda batalha e a primeira derrota[19] dos Gnomos, recaíra sobre os filhos de Finrod. Ali foram mortos Angrod e Egnor. Ali também Felagund teria sido aprisionado ou morto, mas Barahir veio com todos os seus homens e salvou o rei gnômico e construiu uma muralha de lanças em seu redor; e, apesar de sua perda ser dolorosa, combateram até se livrarem dos Orques e fugiram para os pântanos do Sirion, ao Sul. Ali Felagund fez um juramento de amizade imorredoura e auxílio em tempo de necessidade a Barahir e toda a sua família e descendência e, em testemunho de seu voto, deu a Barahir seu anel.

Então Felagund rumou para o Sul[20] e, às margens do Narog, estabeleceu, à maneira de Thingol, uma cidade oculta e cavernosa, e um reino. Aqueles lugares profundos foram chamados de Nargothrond. Ali foi ter Orodreth após uma época de fuga esbaforida e perambulações arriscadas, e com ele

Celegorm e Curufin, os filhos de Fëanor, seus amigos. O povo de Celegorm ampliou a força de Felagund, mas teria sido melhor se tivessem juntado com sua própria gente, que fortificou a colina de Himling[21] a leste de Doriath e encheu a Garganta de Aglon com armas ocultas.

A mais sofrida das perdas daquela batalha foi a morte de Fingolfin, o mais poderoso dos Noldoli. Mas sua própria morte ele buscou em fúria e agonia ao ver a derrota de seu povo. Pois foi aos portões de Angband sozinho e os golpeou com sua espada, e desafiou Morgoth a vir para fora e lutar sozinho. E Morgoth veio. Foi a última vez naquelas guerras em que ele saiu pelos portões de seus lugares fortificados, mas não podia se negar ao desafio diante dos rostos de seus senhores e chefes. Contudo, diz-se que, embora seu poder e força sejam os maiores dos Valar e de todas as coisas aqui embaixo, no fundo ele é um poltrão quando está sozinho, e que não aceitou o desafio de bom grado. Os Orques cantam sobre aquele duelo nos portões, mas os Elfos não, embora Thorndor o tenha visto de cima e contado a história.

Alto Morgoth se erguia acima da cabeça de Fingolfin, mas grande era o coração do Gnomo, amargo o seu desespero e terrível a sua ira. Por longo tempo combateram. Três vezes foi Fingolfin golpeado até se ajoelhar e três vezes se levantou. Ringil era a sua espada, tão fria a lâmina e tão luzente quanto o gelo azul, e em seu escudo havia a estrela sobre um campo azul que era sua divisa. Mas o escudo de Morgoth era negro sem brasão, e sua sombra era como nuvem de tempestade. Lutava com uma maça como um grande martelo de suas forjas. Grond os Orques a chamavam, e ao atingir a terra, quando Fingolfin se esquivava, uma cova se abria e fumaça brotava. Assim foi Fingolfin sobrepujado, pois a terra estava partida aos seus pés, e ele tropeçou e caiu, e Morgoth pôs seu pé, que é pesado como as

raízes dos montes, sobre o pescoço dele. Mas isso não foi feito antes que Ringil tivesse lhe dado sete feridas, e a cada uma ele gritara em alta voz. Morgoth fica manco do pé esquerdo para sempre, onde em seu derradeiro desespero Fingolfin o perfurou e o prendeu à terra.[22] Mas a cicatriz em seu rosto Fingolfin não lhe deu. Isso foi obra de Thorndor. Pois Morgoth pegou o corpo de Fingolfin para destroçá-lo e dar a seus lobos. Mas Thorndor desceu das alturas em meio às mesmas multidões de Angband que assistiam à luta, e golpeou com sua garra[23] o rosto de Morgoth e resgatou o corpo de Fingolfin, e o carregou a uma grande altura. Lá ergueu o teso dele sobre uma montanha, e aquela montanha dá para a planície de Gondolin, e sobre o Monte de Fingolfin nenhum Orque ou demônio jamais ousou passar durante muito tempo, até a traição nascer entre a gente dele.

Mas Finweg[24] assumiu o reinado dos Gnomos, e ainda resistia, o mais próximo dentre os Gnomos dispersos do reino de seu inimigo, em Hithlum e nas Montanhas Sombrias do Norte que ficam ao Sul e a Leste da Terra da Bruma, entre ela e Broseliand e a Planície Sedenta. Porém, suas fortalezas Morgoth tomava uma a uma, e os Orques, cada vez mais ousados, vagavam à vontade por toda parte, e muitos dos Gnomos e Elfos-escuros eles tomavam como prisioneiros e levavam a Angband e faziam deles servos, e os forçavam a usar seu engenho e magia a serviço de Morgoth, e a labutar sem cessar em lágrimas em suas minas e forjas.[25] E emissários de Morgoth iam sempre entre os Elfos-escuros e os Gnomos-servos e os Homens (a quem naqueles dias ele fingia a maior das amizades enquanto se encontravam fora do alcance de seu poder), e promessas mentirosas faziam e falsas insinuações de cobiça e traição uns para com os outros; e, por causa da maldição da matança em Porto-cisne, amiúde as mentiras pareciam críveis; e

os Gnomos temiam grandemente a traição daqueles de sua própria gente que tinham sido servos de Angband, de modo que, mesmo se escapassem e voltassem ao seu povo, pouca acolhida tinham, e vagavam amiúde em exílio miserável e desespero.[26]

1 Acrescentado aqui: *e foi chamada de Taur Danin* (mudança tardia).

2 *Broseliand* > *Beleriand* (ver nota 7), e o seguinte trecho foi acrescentado:

> na língua gnômica; e de Noldórien foi chamada, [Geleithian >] Geleidhian, o reino dos Gnomos, e Ingolondë, a bela e pesarosa.

3 *leste até as Montanhas Azuis* > *leste até Erydluin, as Montanhas Azuis*. *Eredlindon* foi posteriormente escrito a lápis junto a *Erydluin*.

4 *faziam guerra aos* > *mantinham colóquio com os* (mudança tardia).

5 Essa frase foi emendada para: *Pouca amizade havia entre Elfo e Anão, pois estes não são amigos dos Valar* etc. (mudança tardia).

6 *e pouco amavam os Gnomos* colocado entre parênteses para ser excluído (mudança tardia).

7 *Broseliand* > *Beleriand* em todas as ocorrências (ver nota 2).

8 *e Hithlum* foi riscado.

9 Acrescentado aqui: *e entrou em Ossiriand* (mudança tardia).

10 Palavras quase ilegíveis foram escritas a lápis acima de *Eldar, nem dos Anãos*: *dos* [*?Valar*], *nem de* [*?Doriath*], *tampouco dos Elfos Verdes*.

11 Essa frase foi emendada para: *Depois deles vieram Hador, o de Cabelos Dourados, cujos filhos eram Gundor e Gumlin, e os filhos de Gumlin, Húrin e Huor* etc. (mudança tardia).

Ao pé da página, sem indicações para sua inserção, foi escrito: *Haleth, o caçador, e pouco depois*

12 *Sabedoria* > *Gnomo, que é Sabedoria* > *Gnomo, ou Sabedoria*

13 Acrescentado aqui: *Tomaram F*[*elagund*] *por um deus* (mudança tardia).

14 Acrescentado aqui: *mas ele residia em Dorthonion* (mudança tardia).

15 Escrito aqui, com uma marca de inserção: *Dagor Aglareb e o Presságio dos Reis* (acréscimo tardio).

16 *Em seguida ao fogo* > À frente daquele fogo vinha Glómund, o dourado, o pai de dragões, e depois dele

17 *Geleidhian* (ver nota 2) está escrito a lápis acima de *Beleriand* (emendado de *Broseliand*, ver nota 7).

18 Rabiscado junto à frase: *Sauron, seu serviçal em Valinor, a quem ele seduzira.*

19 *a segunda batalha e a primeira derrota* > *a Segunda Batalha, a Batalha da Chama Repentina, e a primeira derrota* (e, posteriormente, *Segunda* > *Terceira*).

20 Acrescentado aqui: *e Oeste*

[21] *Himling* > *Himring* (mudança tardia; nas duas primeiras ocorrências do nome, próximo ao início dessa seção, ele não foi emendado).

[22] *e o prendeu à terra* foi riscado (mudança tardia).

[23] *garra* > *bico*

[24] *Finweg* > *Fingon*, como anteriormente.

[25] Nessa frase, *magia* > *ofício* e *em lágrimas em suas minas e forjas* para uma leitura incerta, provavelmente *e lágrimas e tormento eram suas pagas* (mudanças tardias).

[26] Uma página do texto datilografado termina aqui, e ao pé da página está escrito *Turgon* (acréscimo tardio).

10

Naqueles dias de dúvida e temor, após a Segunda[1] Batalha, ocorreram muitos fatos pavorosos, só poucos dos quais são contados aqui. Está dito que Bëor foi morto e Barahir não cedeu a Morgoth, mas toda a sua terra foi conquistada e seu povo foi disperso, escravizado ou morto, e ele próprio se tornou proscrito com seu filho, Beren, e dez homens fiéis. Por muito tempo eles se esconderam e realizaram secretos e valorosos feitos de guerra contra os Orques. Mas no fim, como se conta no início da balada de Lúthien e Beren, o esconderijo de Barahir foi traído, e foram mortos ele e seus companheiros, todos menos Beren, que por sorte naquele dia estava caçando ao longe. Depois disso Beren viveu como proscrito solitário, exceto pela ajuda que teve das aves e dos animais que amava; e, buscando a morte em feitos desesperados, não a encontrou, e sim glória e renome nas canções secretas dos fugitivos e inimigos ocultos de Morgoth, de forma que a história de seus feitos chegou até Broseliand[2] e era propalada em Doriath. Finalmente Beren fugiu para o sul, escapando do círculo cada vez mais fechado dos que o caçavam, e atravessou as pavorosas Montanhas de Sombra[3] e, por fim, exausto e abatido, entrou em Doriath. Ali conquistou secretamente o amor de Lúthien, filha de Thingol, e chamou-a Tinúviel, o rouxinol, por causa da beleza de seu canto ao crepúsculo sob as árvores; pois ela era filha de Melian.

Mas Thingol enfureceu-se e o dispensou com desprezo, mas não o matou porque fizera um juramento à filha. Não obstante, desejava enviá-lo à morte. E pensou em seu coração numa demanda que não pudesse ser realizada, e disse: Se me trouxeres uma Silmaril da coroa de Morgoth, permitirei que Lúthien te despose se quiser. E Beren jurou realizar isso, e foi de Doriath para Nargothrond levando o anel de Barahir. Ali a demanda da Silmaril despertou do sono o juramento que haviam feito os filhos de Fëanor, e o mal começou a crescer daí. Felagund, apesar de saber que a demanda ultrapassava seu poder, dispôs-se a conceder todo o seu auxílio a Beren por causa de seu próprio juramento a Barahir. Mas Celegorm e Curufin dissuadiram sua gente e incitaram uma rebelião contra ele. E despertaram pensamentos malignos em seus corações e pensaram em usurpar o trono de Nargothrond, pois eram filhos da linhagem mais velha. Antes que uma Silmaril fosse ganha e dada a Thingol, eles haveriam de arruinar o poder de Doriath e Nargothrond.

Então Felagund entregou a coroa a Orodreth e apartou-se de seu povo com Beren e dez homens fiéis de sua própria casa. Emboscaram um bando de Orques e os mataram e, com auxílio da magia de Felagund, disfarçaram-se de Orques. Mas foram vistos por Thû de sua torre de vigia, que outrora fora do próprio Felagund, e foram interrogados por ele, e sua magia foi derrotada numa disputa entre Thû e Felagund. Assim foram revelados como Elfos, mas os encantamentos de Felagund ocultaram seus nomes e sua demanda. Por longo tempo foram torturados nos calabouços de Thû, mas nenhum deles traiu o outro.

Nesse meio-tempo Lúthien, sabendo pela longínqua visão de Melian que Beren sucumbira ao poder de Thû, procurou em seu desespero fugir de Doriath. Isso chegou ao conhecimento de Thingol, que a aprisionou numa casa na mais alta de suas

enormes faias, muito acima do solo. O modo como ela escapou e alcançou a floresta e ali foi encontrada por Celegorm quando este caçava nas bordas de Doriath está contado na balada de Lúthien. Levaram-na traiçoeiramente para Nargothrond, e Curufin, o matreiro, enamorou-se de sua beleza. Pelo que ela contou, ficaram sabendo que Felagund estava nas mãos de Thû; e tencionaram deixarem-no perecer ali e manterem Lúthien consigo e obrigarem Thingol a casar Lúthien com Curufin[4] e, dessa forma, aumentarem seu poder e usurparem Nargothrond e se tornarem os mais poderosos príncipes dos Gnomos. Não pensavam em sair em busca das Silmarils, nem em permitir que nenhum outro o fizesse, até terem todo o poder dos Elfos debaixo de si e obediente a eles. Mas seus desígnios em nada resultaram, exceto na desavença e na amargura entre os reinos dos Elfos.

Huan era o nome do principal cão de Celegorm. Era de raça imortal dos campos de caça de Oromë. Oromë o dera a Celegorm muito tempo antes, em Valinor, quando Celegorm costumava cavalgar no séquito do Deus e seguia sua trompa. Ele chegou às Grandes[5] Terras com seu senhor, e nem dardo, nem arma, nem feitiço, nem veneno podia lhe fazer mal, de forma que foi à batalha com seu senhor e muitas vezes o salvou da morte. Seu destino decretara que não haveria de encontrar a morte exceto pelas mãos do lobo mais poderoso que jamais caminhasse no mundo.

Huan era fiel de coração e amava Lúthien desde a hora em que primeiro a encontrou na floresta e a trouxe a Celegorm. Seu coração se afligia pela traição do senhor, e libertou Lúthien e foi com ela rumo ao Norte.

Ali Thû matou seus cativos um a um, até que restassem apenas Felagund e Beren. Quando chegou a hora da morte de Beren, Felagund aplicou todo o seu poder e rompeu as amarras e

se atracou com o lobisomem que veio matar Beren; e matou o lobo, mas ele próprio foi morto no escuro. Ali Beren pranteou em desespero, e esperou pela morte. Mas Lúthien veio e cantou fora dos calabouços. Assim ela seduziu Thû para que se mostrasse, pois a fama do encanto de Lúthien atravessara todas as terras, e também a maravilha de seu canto. O próprio Morgoth a desejava e prometera a maior recompensa a quem a capturasse. Cada lobo enviado por Thû foi silenciosamente morto por Huan, até que veio Draugluin, o maior de seus lobos. Houve então uma batalha feroz, e Thû soube que Lúthien não estava só. Mas lembrou-se do destino de Huan e transformou-se no maior lobo que já caminhara no mundo, e mostrou-se. Mas Huan o derrotou e obteve dele as chaves e os feitiços que mantinham unidas suas muralhas e torres encantadas. Assim o baluarte foi rompido, e as torres, derrubadas, e os calabouços, abertos. Muitos cativos foram libertados, mas Thû, em forma de morcego, voou rumo a Taur-na-Fuin. Ali Lúthien encontrou Beren lamentando-se ao lado de Felagund. Ela curou seu pesar e a debilidade causada pela prisão, mas Felagund eles sepultaram no alto de sua própria ilha-colina, e Thû não foi mais para lá.

Então Huan retornou ao seu senhor, e depois disso minguou o amor entre eles. Beren e Lúthien vagaram despreocupados e felizes até se aproximarem outra vez das divisas de Doriath. Ali Beren recordou seu juramento e se despediu de Lúthien, mas ela não aceitou separar-se dele. Em Nargothrond havia tumulto. Pois Huan e muitos cativos de Thû trouxeram notícias dos feitos de Lúthien e da morte de Felagund, e a traição de Celegorm e Curufin foi evidenciada. Diz-se que eles haviam enviado uma embaixada secreta a Thingol antes de Lúthien escapar, mas Thingol, irado, mandara suas cartas de volta a Orodreth por seus próprios servos.[6] Por isso então os corações da gente de Narog voltaram-se outra vez para a casa de Finrod, e prantearam seu

rei Felagund, que haviam abandonado, e fizeram o que mandou Orodreth. Mas ele não permitiu que matassem os filhos de Fëanor como queriam. Em vez disso baniu-os de Nargothrond e jurou que pouco amor haveria depois entre Narog e qualquer filho de Fëanor. E assim foi.

Celegorm e Curufin cavalgavam apressados e furiosos pelos bosques para encontrar o caminho de Himling,[7] quando toparam com Beren e Lúthien no momento em que Beren buscava apartar-se de seu amor. Arremeteram contra eles com os cavalos e, reconhecendo-os, tentaram atropelar Beren sob os cascos. Mas Curufin ergueu Lúthien sobre sua sela. Então aconteceu o salto de Beren, o maior salto de Homem mortal. Pois pulou como um leão bem em cima do cavalo galopante de Curufin e agarrou-o pela garganta, e cavalo e ginete caíram ao solo em confusão, mas Lúthien foi lançada para longe e estendeu-se atordoada no chão. Ali Beren sufocou Curufin, mas sua própria morte esteve próxima, pois Celegorm voltou a cavalo empunhando sua lança. Nessa hora Huan desistiu do serviço de Celegorm e saltou sobre ele de modo que seu cavalo guinou para o lado, e, temendo o terror do grande cão, ninguém ousou aproximar-se. Lúthien proibiu a morte de Curufin, mas Beren o despojou do cavalo e das armas, a principal das quais era seu famoso punhal, feito pelos Anãos. Cortava ferro como se fosse madeira. Então os irmãos cavalgaram para longe, mas traiçoeiramente atiraram para trás, contra Huan e contra Lúthien. Não feriram Huan, mas Beren saltou diante de Lúthien e foi ferido, e os Homens recordaram essa chaga contra os filhos de Fëanor quando isso se tornou conhecido.

Huan ficou com Lúthien e, ouvindo de sua perplexidade e do propósito de Beren de ainda rumar para Angband, foi buscar para eles, nos salões arruinados de Thû, um manto de lobisomem e um de morcego. Somente três vezes Huan falou na

língua dos Elfos ou dos Homens. A primeira foi quando veio ter com Lúthien em Nargothrond. Esta foi a segunda, quando imaginou o conselho desesperado para sua demanda. Assim cavalgaram rumo ao Norte até não poderem mais fazê-lo com segurança. Então envergaram as vestes como se fossem lobo e morcego, e Lúthien, disfarçada de fata maligna, montou o lobisomem.

Na balada de Lúthien conta-se tudo sobre como chegaram ao portão de Angband e o encontraram recém-guardado, pois um rumor que ele não sabia por qual desígnio circulava entre os Elfos chegara a Morgoth. Por isso deu feitio ao mais poderoso dos lobos, Carcharas[8] Presa-de-Punhal, para sentar-se diante dos portões.[9] Mas Lúthien o enfeitiçou, e avançaram até a presença de Morgoth, e Beren esgueirou-se para baixo do seu assento. Então Lúthien ousou o feito mais terrível e mais valoroso que quaisquer das mulheres dos Elfos jamais ousou; ele é tido não menor que o desafio de Fingolfin e pode ser maior, exceto pelo fato de que ela era semidivina. Ela lançou fora o disfarce e declarou o próprio nome e fingiu ter sido trazida cativa pelos lobos de Thû. E seduziu Morgoth, mesmo enquanto o coração dele tramava um mal abominável dentro de si; e dançou diante dele e lançou no sono toda a sua corte; e cantou para ele e arremessou-lhe à face o manto mágico que tecera em Doriath, e lhe impôs um sonho de compulsão — que canção pode cantar a maravilha desse feito, ou a ira e humilhação de Morgoth, pois os próprios Orques se riem em segredo quando a recordam, contando como Morgoth caiu de seu assento e sua coroa de ferro rolou no solo?

Então Beren surgiu com um salto, lançando fora a veste de lobo, e sacou o punhal de Curufin. Com ele arrancou uma Silmaril. Porém, atrevendo-se a mais, tentou ganhá-las todas. Então partiu-se o punhal dos Anãos traiçoeiros, e seu som

ressoante agitou as hostes adormecidas, e Morgoth gemeu. O terror apossou-se dos corações de Beren e Lúthien, e fugiram descendo pelas escuras vias de Angband. Os portões estavam barrados por Carcharas, já desperto do encantamento de Lúthien. Beren pôs-se diante de Lúthien, o que demonstrou ser má ideia; pois antes que ela conseguisse tocar o lobo com sua veste, ou dizer palavra de magia, ele saltou sobre Beren, que agora já não tinha arma. Com a direita Beren golpeou os olhos de Carcharas, mas o lobo tomou sua mão entre as mandíbulas e a arrancou com uma mordida. Ora, aquela mão segurava a Silmaril. Então a goela de Carcharas se queimou com um fogo de angústia e tormento quando a Silmaril tocou sua carne maligna; e fugiu deles uivando, de forma que todas as montanhas estremeceram, e a loucura do lobo de Angband foi, dentre todos os horrores que já vieram ao Norte,[10] o mais medonho e terrível. Por pouco Lúthien e Beren escaparam antes que toda Angband se erguesse.

Das suas perambulações e seu desespero, e da cura de Beren, que desde então tem sido chamado Beren Ermabwed, o Uma-Mão, de seu resgate por Huan, que súbito sumira de junto deles antes de chegarem a Angband, e de seu retorno a Doriath, pouco há para contar.[11] Mas em Doriath muitas coisas haviam ocorrido. Ali tudo passara mal desde que Lúthien fugira. O pesar se abatera sobre todo o povo, e o silêncio sobre suas canções, quando sua caçada não a encontrou. Longa foi a busca, e na procura Dairon, o flautista de Doriath, se perdeu, o que amava Lúthien antes de Beren chegar a Doriath. Foi o maior músico dos Elfos, exceto por Maglor, filho de Fëanor, e Tinfang Trinado.[12] Mas ele jamais retornou a Doriath e vagou rumo ao Leste do mundo.[13]

Houve também ataques às divisas de Doriath, pois rumores de que Lúthien se extraviara haviam chegado a Angband. Ali

Boldog, capitão dos Orques, foi abatido em batalha por Thingol, e seus grandes guerreiros Beleg, o Arqueiro, e Mablung Mão-Pesada estiveram com Thingol nessa batalha. Assim Thingol ficou sabendo que Lúthien ainda estava livre de Morgoth, mas ouviu de suas andanças e encheu-se de temor. Em meio a seu medo, veio em segredo a embaixada de Celegorm, e disse que Beren estava morto, e também Felagund, e Lúthien estava em Nargothrond. Então Thingol encontrou em seu coração arrependimento pela morte de Beren, e sua ira inflamou-se diante da insinuada traição de Celegorm contra a casa de Finrod, e por ele manter Lúthien consigo e não a mandar para casa. Destarte enviou espiões à terra de Nargothrond e se preparou para a guerra. Mas soube que Lúthien fugira e que Celegorm e seu irmão haviam rumado para Aglon. Portanto mandou uma embaixada a Aglon, visto que seu poderio não era suficiente para acometer todos os sete irmãos, nem sua contenda era com outros que não Celegorm e Curufin. Mas essa embaixada, viajando na mata, deu com a investida de Carcharas. O grande lobo correra desvairado por todas as matas do Norte, e a morte e a devastação iam com ele. Somente Mablung escapou para trazer a Thingol notícias de sua vinda. Graças ao destino, ou à magia da Silmaril que trazia para seu tormento, ele não foi detido pelos encantamentos de Melian, mas irrompeu nos bosques inviolados de Doriath, e por toda a parte o terror e a destruição se espalharam.

Mesmo quando os pesares de Doriath estavam no auge, Lúthien e Beren e Huan voltaram a Doriath. Então o coração de Thingol se aliviou, mas não se tomou de amor por Beren, em quem via a causa de todos os seus pesares. Quando soube como Beren escapara de Thû ficou admirado, mas disse: “Mortal, e tua demanda e teu juramento?” Então respondeu Beren: “Mesmo agora tenho uma Silmaril em minha mão.” “Mostra-

ma", disse Thingol. "Não posso fazê-lo," disse Beren, "pois minha mão não está aqui." E contou toda a história e esclareceu a causa da loucura de Carcharas, e o coração de Thingol atenuou-se por suas bravas palavras e sua indulgência, e o grande amor que via entre sua filha e aquele Homem valorosíssimo.

Assim, portanto, planejaram a caçada ao lobo Carcharas. Nessa caçada estiveram Huan e Thingol e Mablung e Beleg e Beren e ninguém mais. E aqui precisa ser breve o seu triste relato, pois em outra parte é contado mais completamente. Lúthien ficou para trás, com presságios, quando partiram; e bem fez, pois Carcharas foi abatido, mas Huan morreu na mesma hora, e morreu para salvar Beren.[14] Porém Beren foi ferido de morte, mas viveu para pôr a Silmaril nas mãos de Thingol quando Mablung a havia extraído com a faca do ventre do lobo. Então não falou mais até que o tivessem carregado, com Huan ao seu lado, de volta às portas dos paços de Thingol. Ali, sob a faia onde antes estivera aprisionada, Lúthien os encontrou, e beijou Beren antes que seu espírito partisse para os salões da espera. Assim terminou o longo conto de Lúthien e Beren. Mas a balada de Leithian, libertação do cativeiro, ainda não estava contada por completo. Pois há muito se diz que Lúthien minguou e desvaneceu depressa e desapareceu da terra, apesar de algumas canções dizerem que Melian convocou Thorndor, e ele a carregou viva até Valinor. E ela chegou aos salões de Mandos e cantou-lhe um conto de amor tocante tão belo que ele se comoveu à piedade, como nunca acontecera até então. Beren ele convocou, e assim, como Lúthien jurara ao beijá-lo na hora da morte, eles se encontraram além do mar ocidental. E Mandos permitiu que partissem, mas disse que Lúthien deveria tornar-se mortal assim como seu amado, e deveria deixar a terra mais uma vez à maneira das mulheres mortais, e sua beleza se

tornaria somente uma lembrança nas canções. Assim foi, mas dizem que depois, como recompensa, Mandos concedeu a Beren e a Lúthien uma longa duração de vida e felicidade, e vagaram sem conhecer sede nem frio na bela terra de Broseliand, e depois disso nenhum Homem mortal falou com Beren ou sua esposa.[15] Contudo, ele voltou a estas histórias quando uma mais triste que a sua se encerrou.

1 *Segunda* > *Terceira* (mudança tardia); ver §9, nota 19.

2 *Broseliand* > *Beleriand*, como anteriormente.

3 *Montanhas de Sombra* > *Montanhas de Terror* (ver III. 206).

4 *Curufin* foi riscado e *Cele*[*gorm*] foi escrito acima (mudança tardia).

5 *Grande* > *de Cá* (cf. §3, nota 8).

6 Essa frase, a partir de *Thingol, irado*, foi emendada para: *Thingol ficou irado, e teria ido à guerra com eles, como é contado mais tarde.*

7 *Himling* > *Himring*, como em §9, nota 21 (mudança tardia).

8 *Carcharas* > *Carcharoth* em todas as ocorrências.

9 Acrescentado aqui: *Atroz e terrível era aquela besta; e canções também o chamavam de Borosaith, Sempre-faminto, e Anfauglin, Bocarra Sedenta.*

10 Acrescentado aqui: *antes da queda de Angband*

11 Acréscimo tardio na margem: *Thorndor os carregou por sobre Gondolin até Brethil.*

12 *exceto por Maglor, filho de Fëanor, e Tinfang Trinado* > *e apenas Maglor, filho de Fëanor, e Tinfang Gelion são nomeados ao seu lado.*

13 Acrescentado aqui: *onde por muito tempo fez música secreta em memória de Lúthien.*

14 Acrescentado aqui: *e lhe disse adeus, e essa foi a terceira e última vez que Huan falou.*

15 Essa frase foi emendada para: *e vagaram sem conhecer sede nem frio nos confins de Geleidhian na bela Ossiriand, Terra dos Sete Rios, Gwerth-i-cuina, os Mortos que Vivem; e depois disso nenhum Homem mortal* etc.

11

Ora,[1] é preciso contar que Maidros, filho de Fëanor, percebeu que Morgoth não era invulnerável depois dos feitos de Huan e Lúthien e da destruição das torres de Thû,[2] mas que haveria de destruí-los a todos, um a um, se não formassem de novo uma

liga e conselho. Essa foi a União de Maidros, sabiamente planejada. Os Ilkorins e os Homens dispersos foram reunidos, enquanto as forças de Maidros faziam ataques cada vez mais ferozes a partir de Himling,[3] e rechaçavam os Orques e capturavam seus espiões. As forjas de Nogrod e Belegost muito se ocupavam naqueles dias fazendo cotas de malha e espadas e lanças para muitos exércitos, e muito da riqueza e das joias de Elfos e Homens eles granjearam naquela época, apesar de eles próprios não irem para a guerra. “Pois não sabemos os direitos dessa querela”, diziam, “e não somos amigos de lado algum — até que este prevaleça.” Assim, grande e esplêndido era o exército de Maidros, mas o juramento e a maldição feriram os seus desígnios.

Todas as hostes de Hithlum, Gnomos e Homens, estavam prontas ao seu chamado, e Finweg[4] e Turgon e Huor e Húrin eram seus chefes.[5] Orodreth não marcharia de Narog seguindo as palavras de Maidros, por causa da morte de Felagund, e dos atos de Curufin e Celegorm.[6] Contudo, permitiu que uma pequena companhia dos mais bravos, que não suportariam ficar ociosos enquanto a guerra estivesse em andamento, fosse para o Norte. Seu líder era o jovem Flinding, filho de Fuilin, mais ousado dos batedores de Nargothrond; mas tomaram para si as divisas da casa de Finweg e seguiram sob as suas bandeiras, e nunca mais voltaram, exceto um.[7]

De Doriath não veio ninguém.[8] Pois Maidros e seus irmãos tinham antes enviado mensagens a Doriath e lembraram Thingol, com palavras por demais soberbas, de seu juramento, e o convocaram a ceder a Silmaril. Isso Melian o aconselhou que fizesse, e talvez o teria feito, mas as palavras deles foram demasiado orgulhosas, e ele pensava em como a joia havia sido adquirida pelas tristezas do povo de Thingol,[9] e apesar dos atos torpes dos filhos de Fëanor; e a cobiça[10] também, é possível,

tinha alguma parte no coração de Thingol, como se mostrou mais tarde. Donde ele despediu os mensageiros de Maidros com escárnio. Maidros nada disse, pois naquele tempo estava começando a ponderar[11] a reunião das forças dos Elfos. Mas Celegorm e Curufin juraram em alta voz matar Thingol ou qualquer um de seu povo que viessem a ver, de dia ou de noite, na guerra ou na paz.[12]

Por essa razão Thingol não partiu,[13] nem nenhum outro de Doriath, salvo Mablung e Beleg, que não obedeciam a homem algum.

Ora, chegou o dia em que Maidros enviou sua convocação e os Elfos-escuros, exceto os de Doriath, marcharam à sua bandeira, e Homens do Leste e do Sul. Mas Finweg e Turgon e os Homens de Hithlum foram reunidos no Oeste nas fronteiras da Planície Sedenta, aguardando o sinal dos estandartes que avançavam do Leste. Pode ser que Maidros tenha tardado por demais reunir suas forças; é certo que emissários secretos de Morgoth foram ter entre os acampamentos, Gnomos-servos ou seres em forma élfica, e espalharam presságios e pensamentos de desunião. Com os Homens iam ter amiúde, e o fruto de suas palavras foi visto mais tarde.

Longamente o exército aguardou no Oeste, e o medo da traição abateu-se sobre eles, quando Maidros não veio, e os corações ardentes de Finweg e Turgon ficaram impacientes.[14] Enviaram seus arautos através da planície e suas trombetas de prata ressoaram; e convocaram as hostes de Morgoth a virem para fora. Então Morgoth enviou uma força, grande e, ainda assim, não grande demais. E Finweg estava determinado a atacar das matas aos pés das Montanhas Sombrias, onde jazia escondido. Mas Húrin falou contra isso.

Então Morgoth trouxe um dos arautos de Finweg que ele iniquamente fizera prisioneiro e o matou na planície, de forma

que aqueles que observavam de longe pudessem ver — pois longe e nítidas os olhos dos Gnomos divisam coisas no ar claro. Então a ira de Finweg rompeu os grilhões e seu exército saltou avante em investida repentina. Isso estava de acordo com os desígnios de Morgoth, mas diz-se que ele não contou com o verdadeiro número das forças dos Gnomos, nem conhecia ainda a medida da bravura deles, e quase seu plano foi frustrado. Antes que o seu exército pudesse ser socorrido, ele foi sobrepujado, e naquele dia houve uma matança maior dos serviçais de Morgoth do que tinha havido até então, e as bandeiras de Finweg foram erguidas diante das muralhas de Angband.

Flinding, diz-se, e os homens de Nargothrond, atravessaram mesmo os portões; e o medo chegou a Morgoth em seu trono. Mas eles foram mortos ou capturados, pois não chegou nenhum auxílio.[15] Por outros portões secretos Morgoth fez sair a hoste principal, que deixara a esperar, e Finweg e os Homens de Hithlum foram rechaçados das muralhas.

Então, na planície, começou a Batalha das Lágrimas Inumeráveis,[16] da qual nenhuma canção ou conto conta por completo, pois a voz do contador é embargada pela lamentação. A hoste dos Elfos foi cercada. Porém, naquela hora, em marcha enfim as bandeiras de Maidros e seu aliados vieram do Leste. Mesmo então os Elfos poderiam ter sido vitoriosos, pois os Orques hesitaram. Mas, na hora em que a vanguarda de Maidros enfrentava os Orques, Morgoth despejou suas últimas forças, e toda Angband foi esvaziada. Vieram lobos e serpentes, e vieram Balrogs como fogo, e veio o primeiro de todos os dragões, a mais antiga de todas as Serpes de Cobiça. Glómund era seu nome e longamente seu terror fora apregoado, embora não tivesse chegado ao seu crescimento e mal plenos, e raras vezes fora visto.[17] De tal modo Morgoth se esforçou para impedir a

união das hostes dos Elfos, mas isso os Eldar dizem ele nem assim teria conseguido não tivessem os capitães dos Homens nas hostes de Maidros se virado e fugido, e seu número era muito grande. Traição ou covardia, ou ambas, foi a causa daquele duro agravo. Mas há coisa pior a se contar, pois os Homens tisnados, a quem Uldor, o Maldito, liderava, passaram para o lado do inimigo e caíram sobre o flanco de Maidros. Desde esse dia os Elfos alhearam-se dos Homens, com exceção dos filhos dos filhos de Hador.[18]

Ali Finweg tombou em meio a chamas de espadas, e um fogo, diz-se, brotou de seu elmo quando foi rachado; mas ele foi abatido na terra e suas bandeiras foram pisoteadas. Então o exército do Oeste, apartado de Maidros, recuou da melhor maneira que pôde abrir caminho, passo a passo, em direção às Montanhas Sombrias, ou mesmo às terríveis orlas de Taur-na-Fuin. Mas Húrin não recuou,[19] e ele ficou na retaguarda, e todos os Homens de Hithlum e seu irmão Huor foram mortos ali à sua volta, de forma que nenhum retornou com novas ao seu lar. A valente defesa de Húrin é ainda lembrada pelos Elfos, pois por ela Turgon foi capaz de abrir caminho para longe do campo e salvar parte de sua batalha, e resgatar seu povo dos montes, e escapar para o sul até o Sirion. Renomado em canção é o machado de Húrin que matou uma centena de Orques, mas o elmo mágico que Gumlin, seu pai, lhe deixara ele não usou naquele dia. Nele foi colocada em zombaria a imagem da cabeça de Glómund, e amiúde saíra para a vitória, de forma que os Homens de Hithlum diziam: “Temos um dragão de mais valor que o deles.” Era obra de Telchar, o grande ferreiro de Belegost, mas de nada teria valido a Húrin naquele campo, pois por ordem de Morgoth ele foi capturado vivo, agarrado pelos braços hediondos de incontáveis Orques, até que foi enterrado debaixo deles.

Maidros e os filhos de Fëanor realizaram uma grande matança de Orques, Balrogs e Homens traidores naquele dia, mas o dragão não mataram, e o fogo de seu hálito foi a morte de muitos. E foram empurrados no fim para longe, e a Garganta de Aglon ficou repleta de Orques e a colina de Himling com o povo de Morgoth. Mas os sete filhos de Fëanor, apesar de cada um ter sido ferido, não foram mortos.[20]

Grande foi o triunfo de Morgoth. Os corpos de seus inimigos que foram mortos foram empilhados em um teso como um grande morro em Dor-na-Fauglith, mas ali a relva surgiu e cresceu verdejante naquele lugar, o único em todo o deserto, e nenhum Orque dali por diante pisou sobre a terra debaixo da qual as espadas gnômicas se desfaziam em ferrugem. O reino de Finweg não mais existia, os filhos de Fëanor vagavam no Leste, fugitivos nas Montanhas Azuis.[21] Os exércitos de Angband andavam por todo o Norte. A Hithlum Morgoth enviou Homens que eram seus serviçais ou que tinham medo dele. Ao Sul e Leste seus Orques iam em saque e destruição; quase toda Broseliand[22] eles devastaram. Doriath ainda resistia onde Thingol vivia, e Nargothrond. Mas ele ainda não lhes dava muita atenção, talvez porque pouco sabia deles. Mas uma coisa maculava seu triunfo, e grande era sua ira quando pensava nela. Esta era a fuga de Turgon, e de nenhuma maneira conseguiu descobrir para onde o rei tinha ido.[23]

Húrin foi agora trazido diante de Morgoth e o desafiou. Ele foi agrilhoado em tormento. Mais tarde Morgoth, lembrando-se que apenas a traição ou o medo dela, e especialmente a traição dos Homens, causaria a ruína[24] dos Gnomos, veio ter com Húrin e lhe ofereceu honra e liberdade e riqueza de joias, caso liderasse um exército contra Turgon, ou mesmo lhe dissesse para onde o rei tinha ido; pois sabia que Húrin era íntimo dos conselhos dos filhos de Fingolfin. Mas Húrin zombou dele.

Portanto, Morgoth planejou um castigo cruel. Sobre o pico mais elevado das Thangorodrim acorrentou Húrin a uma cadeira de pedra, e o amaldiçoou com uma maldição de visão de vigília perene como a dos Deuses, mas sua família e semente ele amaldiçoou com um fado de pesar e má fortuna, e ordenou que Húrin sentasse lá e contemplasse o desenrolar da maldição.

A primeira parte dessa seção foi bastante emendada, às pressas e com rabiscos por cima das alterações cuidadosas que pertencem a uma "camada" mais antiga. Em três das notas a seguir (7, 14 e 15) apresento o texto final das passagens que mais foram mudadas.

[1] *Homens Tisnados* está rabiscado na margem, aparentemente com uma marca de inserção nesse ponto na narrativa.

[2] *das torres de Thû* > *da torre de Sauron* (mudança tardia).

[3] Essa frase foi emendada para: *Os Elfos-escuros foram convocados novamente de longe, e Homens do Leste foram congregados; e as forças de Maidros saíram de Himling* (mudança tardia). *Himling* > *Himring* subsequentemente.

[4] *Finweg* > *Fingon* do início ao fim, como anteriormente.

[5] Acrescentado aqui: *Contudo, menor foi o auxílio que Maidros teve dos Homens do que deveria ter sido, por causa do ferimento de Beren na mata; e* (*Orodreth não marcharia* etc.)

[6] *Celegorm* > *Celegorn* em ambas as ocorrências (essa mudança não havia sido feita anteriormente).

[7] Esse parágrafo, após as mudanças apresentadas nas notas 4–6, foi reescrito posteriormente (introduzindo a história tardia da fundação de Gondolin), assim:

> Todas as hostes de Hithlum, Gnomos e Homens, estavam prontas ao seu chamado; e Fingon e Huor e Húrin eram seus chefes. E Turgon, ele próprio julgando que por acaso a hora da libertação estava próxima, veio sem ser esperado, e trouxe um grande exército, e acamparam diante do Passo Oeste à vista das muralhas de Hithlum, e houve júbilo entre o povo de Fingon, seu irmão. [*Um acréscimo aqui foi riscado, sem dúvida na época da composição, e substituído por uma afirmação diferente abaixo sobre o povo de Haleth:* O povo de Haleth preparou-se na floresta de Brethil.] Contudo, menor foi o auxílio que Maidros teve dos Homens do que deveria ter sido, por causa do ferimento de Beren na mata; pois o povo de Haleth morava na floresta, e poucos foram à guerra. Orodreth, além disso, não marcharia de Narog seguindo as palavras de Maidros, por causa da morte de Felagund, e dos atos de Curufin e Celegorn. Contudo, permitiu que uma pequena companhia dos mais bravos, que não suportariam ficar ociosos enquanto a grande guerra estivesse em andamento, fosse para o Norte. Seu líder era Gwindor, filho de Guilin, um

príncipe muito valente; mas tomaram para si as divisas da casa de Fingon e seguiram sob as suas bandeiras, e nunca mais voltaram, exceto um.

[8] *De Doriath não veio ninguém* > *De Doriath veio pouco auxílio.*

[9] Acrescentado aqui: *e na angústia de Lúthien*

[10] *cobiça* > *concupiscência*

[11] *começando a ponderar* > já começando a planejar (mudança tardia).

[12] Essa frase foi mudada para: *juraram em alta voz matar Thingol e destruir o seu povo, se voltassem vitoriosos da guerra, e se a joia não fosse entregue de livre vontade.*

[13] *Thingol não partiu* > *Thingol fortificou seu reino e não partiu*

[14] A partir do início do parágrafo anterior (*Ora, chegou o dia*…), o texto foi reescrito extensamente na "camada" tardia de mudanças:

> Por fim, tendo então reunido toda a força que podia, Maidros designou um dia, e mandou mensagens a Fingon e Turgon. Ora, por um tempo os Gnomos tiveram a vitória, e os Orques foram varridos de Beleriand, e a esperança foi renovada; mas Morgoth estava ciente de tudo que fora feito, e precaveu-se contra o levante deles, e enviou seus espiões e emissários em meio a Elfos e Homens, mas esses foram especialmente aos Homens Tisnados e aos filhos de Ulfang. No Leste, sob a bandeira de Maidros, estava todo o povo dos filhos de Fëanor, e eram muitos; e os Elfos-escuros, vindos do Sul, estavam com ele, e os batalhões dos Lestenses, com os filhos de Bor e Ulfang. Mas Fingon e Turgon e os Homens de Hithlum e os que vieram da Falas e de Nargothrond foram reunidos de pronto no Oeste nas fronteiras da Planície Sedenta, aguardando sob a bandeira de Fingon o sinal dos estandartes que avançavam do Leste. Mas Maidros foi atrasado na estrada pelos ardis de Uldor, o Maldito, filho de Ulfang, e constantemente os emissários secretos de Morgoth iam ter entre os acampamentos, Gnomos-servos ou seres em forma élfica, e espalharam presságios e pensamentos de traição.
>
> Longamente o exército esperou no Oeste, e o medo da traição cresceu em seus pensamentos quando Maidros não chegou. Então os corações ardentes de Fingon e Turgon ficaram impacientes.

[15] Essa passagem, a partir de *Flinding, diz-se*, foi emendada por uma alteração posterior para:

> Gwindor, filho de Guilin, diz-se, e os homens de Nargothrond, estavam na vanguarda da batalha e atravessaram os portões; e mataram os Orques nos próprios salões de Morgoth, e o medo chegou a Morgoth em seu trono. Mas por fim Gwindor e seus homens foram todos mortos ou capturados, pois nenhum auxílio veio até eles.

[16] Acrescentado aqui: *Nirnaith Arnediad* (mudança tardia).

[17] Acrescentado aqui: *desde a segunda batalha do Norte*.

[18] Acrescentado aqui: *e de Bëor* (mudança tardia)

[19] *Mas Húrin não recuou* > *Mas ali Húrin foi cercado*

[20] A seguinte passagem foi acrescentada aqui:

> Mas suas forças estavam dispersas, e seu povo minguado e dispersado, e sua liga, despedaçada; e passaram a levar uma vida selvática nas matas, sob os pés das Eryd-luin [*posteriormente* > Ered-luin], misturando-se aos Elfos-escuros, e esquecendo-se do poder e da glória de outrora.

[21] *vagavam no Leste, fugitivos nas Montanhas Azuis* > *vagavam como folhas ao vento*.

[22] *Broseliand* > *Beleriand*, como anteriormente.

[23] A seguinte passagem foi acrescentada aqui:

> e sua fúria foi imensa, pois diz-se que, de todos o Gnomos, ele temia e odiava mais a casa e o povo de Fingolfin, que jamais deram ouvido às suas mentiras e lisonjas, e que chegaram ao Norte, como se contou, somente por lealdade à sua própria gente.

[24] *a ruína* > *a ruína final*

12

Morwen,[1] a esposa de Húrin, foi deixada em Hithlum, e com ela ficaram apenas dois idosos velhos demais para a guerra, e donzelas e meninos. Um desses meninos era o de Húrin, Túrin, filho de Húrin, renomado em canção. Mas Morwen carregava uma criança de novo, e assim ela permaneceu e lamentou-se em Hithlum, e não foi como Rían, esposa de Huor, em busca de novas de seu senhor. Os Homens[2] da raça fiel foram mortos, e Morgoth empurrou para lá no lugar deles aqueles que haviam traído os Elfos, e os confinou por atrás das Montanhas Sombrias, e os matava se tentassem ir para Broseliand[3] ou além; e isso foi tudo o que receberam do amor e recompensas que ele lhes prometera. Contudo, seus corações eram voltados para o mal, e pouco amor demonstraram às mulheres e crianças dos fiéis que tinham sido mortos, e a maioria eles escravizaram. Grande era a coragem e majestade de Morwen, e muitos a temiam, e sussurravam que ela aprendera magias negras dos Gnomos.[4] Mas ela era pobre e praticamente sozinha, e era socorrida em segredo por sua parenta Airin, a quem Brodda, um dos homens de fora, e poderoso entre eles, tomara como esposa. Donde entrou no coração dela a ideia de enviar Túrin, que tinha então sete anos, a Thingol, para que não crescesse grosseiro ou como um serviçal; pois Húrin e Beren haviam sido amigos outrora. A sina de Túrin é contada no “Filhos de Húrin”, e não precisa ser contada por completo aqui, embora esteja entrelaçada com as sinas das Silmarils e dos Elfos. É chamado

de Conto do Pesar, pois é cheio de tristeza, e nele são vistas as piores das obras de Morgoth Bauglir.

Túrin cresceu na corte de Thingol, mas, passado algum tempo, conforme o poder de Morgoth crescia, cessaram as novas de Hithlum e não soube mais de Nienor, sua irmã, que nasceu depois que ele partiu do lar, nem de Morwen, sua mãe; e seu coração ficou sombrio e pesaroso. Ele ia à luta amiúde nas divisas do reino, onde Beleg, o Arqueiro, era seu amigo, e pouco ia à corte, e desgrenhado era o seu cabelo e desalinhados seus trajes, apesar de doce sua voz e tristes suas canções. Certa feita, à mesa do rei, ele foi provocado por um Elfo tolo, Orgof de nome, em virtude de sua vestimenta grosseira e aparência estranha. E Orgof, em zombaria, desdenhou das donzelas e esposas dos Homens de Hithlum. Mas Túrin, não tomando conhecimento de sua força crescente, matou Orgof com uma taça à mesa do rei.

Ele fugiu da corte e, pensando ser um proscrito, passou a guerrear contra todos, Elfos, Homens ou Orques, que cruzassem o caminho do bando desesperado que reuniu à sua volta nas divisas do reino, Homens e Ilkorins e Gnomos perseguidos. Certo dia, quando não estava entre eles, seus homens capturaram Beleg, o Arqueiro, e o amarraram a uma árvore, e o teriam matado; mas Túrin, ao retornar, foi premido pelo remorso, e libertou Beleg e se negou a fazer guerra ou pilhagem contra todos, exceto os Orques. Por Beleg soube que Thingol perdoara seu ato no dia em que fora cometido. Ainda assim ele não voltou às Mil Cavernas, mas os feitos que eram realizados nas marcas de Doriath por Beleg e Túrin eram apregoados nos salões de Thingol, e em Angband eles eram conhecidos.

Ora, um do bando de Túrin era Blodrin, filho de Ban, um Gnomo,[5] mas ele tinha vivido entre os Anãos e era de coração maligno e juntou-se a Túrin pelo amor à pilhagem. Amava

pouco a nova vida em que feridas eram mais abundantes do que os espólios. No fim, ele delatou os esconderijos de Túrin[6] aos Orques, e o acampamento de Túrin foi surpreendido. Blodrin foi morto por uma flecha fortuita de seus aliados malignos na penumbra, mas Túrin foi capturado vivo, como Húrin havia sido, por ordem de Morgoth. Pois Morgoth começou a temer que em Doriath, por trás dos labirintos de Melian, onde seus atos estariam ocultos dele, salvo por relatos,[7] Túrin burlaria a sina que ele concebera. Beleg foi deixado como morto sob uma pilha de cadáveres. Ali foi encontrado por mensageiros de Thingol que chegaram para chamá-los a um banquete nas Mil Cavernas. Levado para lá, ele foi curado por Melian, e partiu sozinho para ir ao encalço de Túrin. Beleg era o maior de todos os mateiros que já existiram, e seu engenho era pouco menor que o de Huan no seguimento de um rastro, apesar de seguir por olho e astúcia, não pelo cheiro. Não obstante, ele ficou desorientado nos labirintos da Sombra Mortal da Noite e vagou por lá em desespero, até que avistou a lanterna de Flinding, filho de Fuilin,[8] que escapara das minas de Morgoth, uma sombra curvada e tímida de sua antiga forma e temperamento. Por Flinding teve notícias do bando de Orques que capturara Túrin; e o bando tardara por muito tempo nas terras saqueando a Leste entre os Homens, mas agora chegara com grande pressa, em virtude da mensagem furiosa de Morgoth, e estava passando pela estrada-órquica através da própria Taur-na-Fuin.

Próximo à saída dessa estrada, onde ela alcança a borda da floresta na face das encostas íngremes[9] que jazem ao sul da Planície Sedenta, Flinding e Beleg deitaram-se e observaram os Orques passarem. Quando os Orques deixaram a floresta e desceram as encostas para acampar em um vale desnudo à vista das Thangorodrim, Beleg e seu companheiro os seguiram. À noite Beleg flechou os lobos-sentinelas do acampamento-

órquico, e se esgueirou com Flinding para o meio deles. Com a maior das dificuldades e correndo o maior dos perigos, eles ergueram Túrin, desacordado em um sono de cansaço total, e o levaram para fora do acampamento e o puseram no chão num vale de espinheiros densos no alto da encosta. Ao cortar[10] as amarras, Beleg picou o pé de Túrin; e ele, despertado num medo e fúria súbitos, pois os Orques amiúde o atormentavam, viu-se livre. Então, em sua loucura, agarrou a espada de Beleg e matou seu amigo, pensando que fosse um inimigo. A cobertura da lamparina de Flinding caiu naquele momento, e Túrin viu o rosto de Beleg; e sua loucura o deixou e ele ficou como que petrificado.

Os Orques, despertados pelos gritos que dera ao saltar sobre Beleg, descobriram a fuga de Túrin, mas foram dispersados por uma terrível tempestade de trovões e um aguaceiro de chuva. Pela manhã Flinding os viu marchando para longe por sobre as areias ferventes de Dor-na-Fauglith. Porém, durante a tempestade Túrin permaneceu sentado sem se mover; e mal pôde ser instigado a ajudar no enterro de Beleg e seu arco no vale de espinhos. Flinding depois o conduziu, atordoado e sem juízo, à segurança; e sua mente foi curada ao beber da nascente do Narog às margens do lago de Ivrin. Pois suas lágrimas puderam escorrer, e ele chorou, e após chorar fez uma canção para Beleg, a Amizade do Arqueiro, que se tornou uma canção de batalha dos inimigos de Morgoth.

1 *Inserir o Elmo de Gumlin da página 34* está escrito na margem junto a abertura dessa seção. A página 34 do texto datilografado contém a passagem a respeito do Elmo em §11, p. 138.

2 *Os Homens* > *A maioria dos Homens*

3 *Broseliand* > *Beleriand*, como anteriormente.

[4] *sussurravam que ela aprendera magias negras dos Gnomos* > *sussurravam que ela era uma bruxa* (mudança tardia).

[5] *um Gnomo* > *um Gnomo da casa de Fëanor*

[6] *os esconderijos de Túrin* > *os esconderijos de Túrin além das orlas de Doriath*

[7] *salvo por relatos* > *ou em suas divisas, de onde viam somente relatos incertos*

[8] *Flinding, filho de Fuilin* > *Gwindor, filho de Guilin*, e subsequentemente *Flinding* > *Gwindor* (mudanças tardias; ver §11, nota 15).

[9] íngremes > *longas*

[10] Acrescentado após *no alto da encosta*:

> Então Beleg sacou sua espada renomada, feita de ferro que caíra do céu como estrela cadente, podia fender todo ferro tirado da terra. Mas a sina foi naquele dia mais forte, pois ao cortar etc.

13

Flinding[1] conduziu no fim Túrin a Nargothrond. Ali, em dias há muito idos,[2] Flinding amara Finduilas, filha de Orodreth, e a chamava de Failivrin, que é o resplendor nas águas do belo lago de onde o Narog vem. Mas o coração dela voltou-se contra sua vontade para Túrin, e o dele para ela. Por lealdade[3] ele lutou contra seu amor e Finduilas ficou abatida e pálida, mas Flinding, compreendendo seus corações, ficou amargurado.

Túrin se tornou grande e poderoso em Nargothrond, mas não gostava da maneira secreta deles de confrontos e emboscadas, e começou a ansiar por golpes valentes e batalhas abertas. Então ele mandou que fosse reforjada a espada de Beleg, e os artífices de Narog fizeram dela uma lâmina negra com gumes luzentes de fogo pálido; por essa espada tornou-se conhecido entre eles como Mormaglir.[4]

Com essa espada pensou em vingar a morte de Beleg, o Arqueiro, e com ela realizou muito feitos magnos; de forma que a fama de Mormaglir, o Espada-Negra de Nargothrond, chegou mesmo a Doriath e aos ouvidos de Thingol, mas o nome de Túrin não foi ouvido. Por muito tempo a vitória esteve com Mormaglir e a hoste dos Gnomos de Nargothrond que o

seguiam; e seu reino se estendia mesmo às nascentes do Narog, e do mar do oeste aos confins de Doriath; e houve uma interrupção nos ataques de Morgoth.

Nesse tempo de alívio e esperança, Morwen soergueu-se e, deixando seus bens aos cuidados de Brodda, que tinha por esposa[5] sua parenta Airin, levou consigo Nienor, sua filha, e se aventurou na longa jornada para os salões de Thingol. Lá uma nova tristeza a aguardava, pois soube da perda e desaparecimento de Túrin; e mesmo enquanto ela habitava por enquanto como hóspede de Thingol, em pesar e dúvida, chegaram a Doriath as novas da queda de Nargothrond; ao que toda a gente chorou.

Esperando sua hora, Morgoth soltou sobre o povo de Narog de modo imprevisto um grande exército que longamente preparara, e com a hoste veio aquele pai dos dragões, Glómund, que causou ruína na Batalha das Lágrimas Inumeráveis. O poderio de Narog foi sobrepujado na Planície Protegida, ao norte de Nargothrond; e ali tombou Flinding, filho de Fuilin,[6] mortalmente ferido, e, moribundo, recusou o socorro de Túrin, repreendendo-o e lhe pedindo, caso quisesse corrigir o mal que causara ao seu amigo, que voltasse depressa a Nargothrond para resgatar mesmo com sua própria vida, se pudesse, Finduilas, a quem amavam, ou então matá-la.

Mas a hoste-órquica e o poderoso dragão chegaram a Nargothrond antes que Túrin pudesse lhe preparar as defesas, e sobrepujaram Orodreth e todo o povo remanescente, e os grandes salões sob a terra foram saqueados e pilhados, e todas as mulheres e donzelas do povo de Narog foram arrebanhadas como escravas e levadas à servidão de Morgoth. Somente a Túrin não puderam dominar, e os Orques recuaram diante dele em terror e assombro, e ele ficou sozinho. Assim sempre

Morgoth conseguia a queda de homens por seus próprios atos; pois em pouca conta teriam os homens tido as dores de Túrin tivesse ele tombado em defesa valorosa diante das magnas portas de Nargothrond.

Fogo havia nos olhos de Túrin, e os gumes de sua espada brilhavam como em chamas, e caminhou à batalha mesmo com Glómund, sozinho e sem medo. Mas não era seu fado naquele dia livrar o mundo daquele mal rastejante; pois ele caiu sob o feitiço de contenção dos olhos sem pálpebra de Glómund, e ficou imóvel; mas Glómund[7] o provocou, chamando-o de desertor de sua gente, assassino de amigo, e ladrão de amor. E o dragão lhe ofereceu a liberdade para tentar resgatar seu "amor roubado", Finduilas, ou cumprir seu dever e ir ao resgate de sua mãe e sua irmã, que estavam vivendo em grande desdita em Hithlum (como disse e mentiu) e à beira da morte. Mas ele deve jurar abandonar uma ou outra.

Então Túrin, em angústia e dúvida, abandonou Finduilas contra seu coração, e contra sua última palavra a Flinding[8] (que se tivesse obedecido seu fado último não teria lhe sobrevindo) e, crendo nas palavras da serpente, cujo feitiço estava sobre ele, deixou o reino de Narog e rumou para Hithlum. E canta-se que ele cobriu em vão os ouvidos para não ouvir o eco dos gritos de Finduilas chamando pelo seu nome ao ser levada embora; e esse som o perseguiu pelas matas. Mas Glómund, quando Túrin havia partido, rastejou de volta a Nargothrond e reuniu à sua volta a maior parte da riqueza de ouro e gemas, e jazeu sobre elas no salão mais profundo, e havia desolação ao seu redor.

Diz-se que Túrin chegou afinal a Hithlum, e não encontrou sua mãe ou sua gente; pois o salão deles estava vazio e a terra espoliada, e Brodda juntara os bens deles aos seus. No salão de madeira dele e à sua própria mesa, Túrin matou Brodda; e abriu

caminho lutando para fora da casa, mas teve depois de fugir de Hithlum.[9]

Havia uma habitação de Homens livres na floresta, o remanescente do povo de Haleth, filho de Hador e irmão e Gumlin, avô de Túrin. Eram os últimos dos Homens que eram Amigos-dos-Elfos a permanecer em Beleriand,[10] nem subjugados por Morgoth, nem confinados em Hithlum além das Montanhas Sombrias. Eram pequenos em número, mas destemidos, e suas casas ficavam nas matas verdes ao redor do Rio Taiglin, que adentra a terra de Doriath antes de se juntar às grandes águas do Sirion, e quiçá alguma magia de Melian ainda os protegesse. Descendo as nascentes do Taiglin, que brota das Montanhas Sombrias, Túrin veio em busca do rastro dos Orques que haviam saqueado Nargothrond e tinham de atravessar aquele rio no caminho de volta ao reino de Morgoth.

Assim, ele topou com os homens-da-floresta e teve notícias de Finduilas; e então pensou já ter provado infortúnios o suficiente, mas não foi assim. Pois os Orques tinham marchado próximo às fronteiras dos homens-da-floresta, e os homens-da-floresta os haviam emboscado, e chegaram perto de resgatar os prisioneiros deles. Mas poucos retomaram, pois os guardas-órquicos mataram a maioria com crueldade; e dentre eles Finduilas foi trespassada por lanças,[11] como os poucos que foram salvos lhe contaram em meio às lágrimas. Assim pereceu a última da raça de Finrod, mais belo dos reis-élficos, e desapareceu do mundo dos Homens.

Sombrio estava o coração de Túrin e todos os feitos e dias de sua vida pareciam vis; porém, a coragem da raça de Hador era como um âmago de aço que não se dobrava. Ali Túrin jurou renunciar ao seu passado, sua gente, seu nome e tudo o que fora seu, salvo o ódio por Morgoth; e tomou para si um novo nome,

Turambar (Turumarth[12] nas formas da fala gnômica), que é Conquistador do Destino; e os homens-da-floresta se reuniram à sua volta, e ele se tornou senhor deles, e governou por um tempo em paz.

Notícias chegaram agora mais claras a Doriath sobre a queda de Orodreth e a destruição de todo o povo de Narog, embora fugitivos que podiam ser contados nas mãos continuavam a chegar à segurança do reino protegido, e incertos eram seus relatos. Contudo, dessa forma Thingol e Morwen vieram a saber que Mormaglir era Túrin; e ainda assim tarde demais; pois alguns diziam que ele escapara e fugira,[13] e alguns contavam que fora transformado em pedra pelos terríveis olhos de Glómund e ainda vivia em servidão em Nargothrond.

Por fim Thingol cedeu de tal modo às lágrimas e súplicas de Morwen que enviou uma companhia de Elfos na direção de Nargothrond para explorar a verdade. Com eles cavalgou Morwen, pois não podia ser impedida; mas a Nienor foi ordenado que permanecesse para trás. Contudo, tinha ela também o destemor de sua casa, e, numa hora desafortunada, disfarçou-se como alguém do povo de Thingol e foi também naquela expedição malfadada.

Avistaram o Narog ao longe do topo do Monte dos Espiões coberto de árvores a leste da Planície Protegida, e de lá desceram a cavalo em grande ousadia em direção às margens do Narog. Morwen permaneceu no monte com pouca guarda e os observou de longe. Ora, nos dias de vitória, quando o povo de Narog saíra mais uma vez para guerrear abertamente, uma ponte fora construída sobre o rio diante das portas da cidade oculta (e isso mostrara-se a sua perdição). Rumo a essa ponte os Elfos de Doriath agora iam, mas Glómund estava ciente da vinda deles, e ele saiu de súbito e se deitou dentro do rio, e vastos vapores sibilantes subiram e os engolfaram. Isso Morwen viu do alto do

monte, e seus guardas não iriam permanecer por mais tempo e fugiram de volta para Doriath levando-a consigo.

Naquela névoa os Elfos foram sobrepujados, e seus cavalos entraram em pânico, e correram de um lado para o outro e não conseguiram encontrar seus companheiros; e a maioria jamais retornou a Doriath. Mas quando a névoa se dissipou, Nienor descobriu que sua andança somente a levara de volta às margens do Narog, e diante dela jazia Glómund, e o olho dele estava sobre ela. Horrendo era o seu olho, como o olho de Morgoth, seu mestre, que o fizera; e quando Nienor o fitou forçosamente, um feitiço de escuridão e total esquecimento foi posto em sua mente. De lá ela vagou em desatino pelas matas, como uma criatura selvagem sem fala ou pensamento.

Quando a loucura a deixou, ela estava longe das fronteiras de Nargothrond, não sabia onde; e não se lembrava de seu nome ou lar. Assim ela foi encontrada por um bando de Orques e perseguida como uma fera pelas matas; mas foi salva pelo destino. Pois um grupo de homens-da-floresta de Turambar, em cuja terra estavam, caiu sobre os Orques e os matou; e o próprio Turambar a colocou em seu cavalo e a levou até as moradas aprazíveis dos homens-da-floresta. Ele a chamou de Níniel, Donzela-das-lágrimas, pois a vira primeiro chorando. Havia uma garganta estreita e uma cascata alta e espumante no rio Taiglin, que os homens-da-floresta chamavam de as Quedas da Bacia-de-prata;[14] e por esse lugar passaram ao cavalgarem de volta para casa, e acampariam lá, como lhes era de costume; mas Níniel não queria ficar, pois um frio e um tiritar mortal tomaram conta dela naquele local.

Contudo, mais tarde ela encontrou alguma paz nas habitações dos homens-da-floresta, que a trataram com bondade e honra. Lá ela ganhou o amor de Brandir, filho de Handir, filho de Haleth; mas ele era manco, tendo sido ferido por uma flecha-

órquica quando menino, e de menos beleza e força que muitos, donde cedera a governança a Túrin por escolha do povo-da-floresta. Ele era gentil de coração e sábio de pensamento, e grande era o seu amor, e era sempre fiel a Turambar; porém, amargurada ficou sua alma quando não conseguiu conquistar o amor de Níniel. Pois Níniel jamais se apartava de Turambar, e um grande amor sempre houve entre aqueles dois desde a hora de seu primeiro encontro. Assim Túrin Turambar, pensando em livrar-se de seus antigos pesares, desposou Nienor Níniel, e bela foi a festa nos bosques do Taiglin.

Ora, o poder e a malícia de Glómund cresciam depressa e quase todo o reino de Nargothrond de outrora ele devastara, tanto a oeste do Narog como para além dele no leste; e ele reuniu Orques à sua volta e governou como um rei-dragão; e houve batalhas nas marcas da terra dos homens-da-floresta, e os Orques fugiram. Donde, tomando conhecimento da habitação deles, Glómund saiu de Nargothrond e veio rastejando, repleto de fogo, por sobre as terras e até as orlas das matas do Taiglin, deixando atrás de si um rastro de queimadas. Mas Turambar ponderou como o horror podia ser desviado de seu povo; e marchou com seus homens, e Níniel cavalgou com eles, seu coração pressagiando o mal, até poderem divisar ao longe o rastro de destruição do dragão e o local que fumegava onde agora jazia, a oeste do fundo leito escavado do Taiglin. Entre eles estava a ravina íngreme do rio, cujas águas haviam naquele ponto caído, pouco antes, sobre a cascata espumante da Bacia-de-prata.

Ali Turambar pensou num plano desesperado, pois conhecia muito bem o poder e a malícia de Glómund. Resolveu ficar à espera na ravina sobre a qual o dragão deveria passar caso desejasse alcançar a terra deles. Seis de seus homens mais destemidos imploraram para acompanhá-lo; e ao entardecer

escalaram o outro lado da ravina e permaneceram escondidos entre os arbustos que agarravam da beirada. À noite o grande dragão aproximou-se do rio, e o rumor de sua vinda os encheu de medo e repugnância. De fato, pela manhã, todos tinham escapulido, deixando Turambar sozinho.

No entardecer seguinte, quando Turambar se encontrava agora quase exausto, Glómund deu início à passagem por sobre a ravina, e sua imensa forma passou sobre a cabeça de Turambar. Ali Turambar trespassou Glómund com Gurtholfin, Vara-da-Morte, sua espada negra; e Glómund se contorceu para trás em agonia e jazeu, moribundo, próximo à beira do rio e não adentrou a terra dos homens-da-floresta. Mas o dragão arrancou a espada da mão de Turambar em seus espasmos, e Turambar saiu então do esconderijo, e colocou o pé sobre Glómund e, em júbilo, desentranhou sua espada. Sequiosa era aquela lâmina e encravada na ferida, e quando Turambar a puxou com toda sua força, o veneno do dragão lhe jorrou na mão e, na aflição da queimadura, caiu em um desmaio.

Assim foi que os que observavam de longe perceberam que Glómund fora morto, porém Turambar ainda não retornara. À luz do luar Níniel partiu sem dizer palavra para buscá-lo, e antes que tivesse ido longe Brandir deu por sua falta e a seguiu. Mas Níniel encontrou Turambar jazendo como morto ao lado do corpo de Glómund. Ali, enquanto ela chorava junto a Turambar e tentava tratá-lo, Glómund abriu os olhos pela última vez, e falou, contando-lhe o verdadeiro nome de Turambar; e depois disso morreu, e com sua morte o feitiço de esquecimento foi retirado de Níniel, e ela se lembrou da família. Tomada de horror e agonia, pois carregava uma criança, ela fugiu e se jogou sobre as alturas da Bacia-de-prata, e ninguém jamais encontrou seu corpo. Seu último lamento antes de se jogar às águas foi

ouvido somente por Brandir; e suas costas se curvaram e sua cabeça ficou grisalha naquela noite.

Pela manhã Túrin despertou e viu que alguém tratara de sua mão. Embora a mão lhe doesse terrivelmente, ele retornou em triunfo cheio de júbilo após a morte de Glómund, seu antigo inimigo; e perguntou por Níniel, mas ninguém ousou lhe contar, exceto Brandir. E Brandir, assoberbado de pesar, repreendeu-o; donde Túrin o matou, e, tomando Gurtholfin, vermelha de sangue, pediu à espada que matasse seu mestre; e a espada respondeu que seu sangue era tão doce como qualquer outro, e lhe trespassou o coração ao cair sobre ela.

Túrin enterraram próximo à beira da Bacia-de-prata, e seu nome Túrin Turambar foi entalhado ali numa rocha. Abaixo estava escrito Nienor Níniel. Os Homens mudaram o nome daquele lugar depois disso para Nen-Girith, a Água do Estremecer.

Assim terminou o conto de Túrin, o infeliz; e para sempre foi considerado como a pior das obras de Morgoth no mundo antigo. Alguns dizem que Morwen, saindo a vagar pesarosa dos salões de Thingol, quando não encontrou Nienor lá ao retornar, chegou certa feita àquela pedra e a leu, e ali morreu.

[1] *Flinding* > *Gwindor* em todas as ocorrências, como anteriormente (mudanças tardias).

[2] *em dias há muito idos* > *em dias de outrora* (mudança tardia).

[3] *Por lealdade* > *Por lealdade a Gwindor* (mudança tardia).

[4] Acrescentado aqui: *mas a espada ele chamou de Gurtholfin, Vara-da-Morte*.

[5] As palavras *Brodda, que tinha por esposa* foram riscadas (mudança tardia), de modo que a frase fica *deixando seus bens aos cuidados de sua parenta Airin*

[6] *Flinding, filho de Fuilin* > *Gwindor, filho de Guilin* (mudança tardia).

[7] Essa passagem, a partir de *e ficou imóvel*, foi estendida:

> e por muito tempo permaneceu ali de pé como imagem gravada em pedra em silêncio diante do dragão, até só restarem os dois diante das portas de Nargothrond. Então

Glómund o provocou etc.

[8] *e contra sua última palavra a Flinding* foi riscado.

[9] Essa frase foi reescrita para:

> Então Túrin soube da mentira de Glómund, e em sua angústia e ira pelo mal que havia sido feito à sua mãe ele matou Brodda em sua própria mesa e abriu caminho lutando para fora da casa; e à noite, um homem caçado, fugiu de Hithlum.

[10] *Beleriand* aqui como datilografada originalmente, e não emendada de *Broseliand*; e subsequentemente.

[11] *e dentre eles Finduilas foi trespassada* > *e Finduilas prenderam a uma árvore e trespassaram*

[12] *Turumarth* > *Turamarth*

[13] Essa passagem, a partir de *continuavam a chegar à segurança do reino protegido*, foi alterada da seguinte maneira:

> … continuavam a chegar à segurança de Doriath. Dessa forma Thingol e Morwen vieram a saber que Mormaglir era o próprio Túrin; e ainda assim tarde demais souberam disso; pois alguns diziam que ele estava morto, e alguns contavam etc.

[14] *Quedas da Bacia-de-prata* > *Quedas do Celebros, Prata-de-espuma*; e subsequentemente *Bacia-de-prata* > *Celebros*.

14

Mas após a morte de Túrin e Nienor, Húrin foi libertado por Morgoth, pois Morgoth pensava ainda em usá-lo; e acusou Thingol de ter coração fraco e de descortesia, dizendo que somente desse modo seus propósitos se cumpriram; e Húrin perturbado, vagando curvado pelo pesar, ponderou essas palavras, e ficou amargurado por elas, pois tal é a maneira das mentiras de Morgoth.

Húrin, portanto, reuniu alguns proscritos das matas à sua volta, e chegaram a Nargothrond, que ainda ninguém, Orque, Elfo ou Homem, ousara saquear, por pavor do espírito de Glómund e de sua própria lembrança. Mas um certo Mîm, o Anão, encontraram lá. Essa é a primeira aparição dos Anãos nestas histórias[1] do mundo antigo; e diz-se que os Anãos primeiro se espalharam para o oeste desde as Erydluin,[2] as Montanhas Azuis, e entraram em Beleriand após a Batalha das Lágrimas Inumeráveis. Ora, Mîm encontrara desprotegidos os salões e o tesouro de Nargothrond; e tomou posse deles, e

sentou-se ali, contente, manuseando o ouro e as gemas, e deixando-os sempre correr por entre as mãos; e ligou-os a si com muitos feitiços. Mas a gente de Mîm era pouco numerosa, e os proscritos, repletos de desejo pelo tesouro, os mataram, apesar de Húrin ter preferido detê-los; e ao morrer Mîm amaldiçoou o ouro.

E a maldição abateu-se sobre os possuidores desta maneira. Cada um dos membros da companhia de Húrin morreu ou foi morto em querelas na estrada; mas Húrin foi ter com Thingol e buscou seu auxílio, e a gente de Thingol levou o tesouro às Mil Cavernas. Então Húrin mandou que o tesouro fosse lançado aos pés de Thingol, e repreendeu o rei-élfico com palavras agrestes e amargas. "Recebe", disse, "tua paga pelo belo cuidado que tiveste com minha esposa e minha família."

Contudo, Thingol não quis tomar o tesouro, e foi indulgente para com Húrin; mas Húrin escarneceu dele, e partiu em busca de Morwen, sua esposa, mas não é dito que algum dia a encontrou sobre a terra; e alguns dizem que ele se lançou, enfim, no mar do oeste; e esse foi o fim do mais poderoso dos guerreiros dos Homens mortais.

Então o encantamento do maldito ouro do dragão começou a se abater sobre o próprio rei de Doriath, e por longo tempo ele esteve sentado contemplando-o, e a semente do amor pelo ouro que estava em seu coração foi despertada e cresceu. Portanto, convocou os maiores dentre todos os artífices que havia então no mundo ocidental, visto que Nargothrond não mais existia (e Gondolin não era conhecida), os Anãos de Nogrod e Belegost, para que moldassem o ouro e a prata e as gemas (pois muita coisa ainda estava por elaborar) em incontáveis recipientes e belos objetos; e haveriam de fazer um maravilhoso colar de grande beleza, no qual seria suspensa a Silmaril.

Mas os Anãos, ao chegarem, foram imediatamente acometidos pela cobiça e pelo desejo do tesouro, e conspiraram traição. Disseram um ao outro: “Acaso esta fortuna não é direito dos Anãos tanto quanto do rei élfico e não foi ela arrebatada maldosamente de Mîm?” Porém cobiçavam também a Silmaril.

E Thingol, caindo mais fundo na servidão do feitiço, de sua parte restringiu a recompensa prometida pelo trabalho; e ergueram-se entre eles palavras amargas e houve batalha nos salões de Thingol. Ali foram mortos muitos Elfos e Anãos, e a colina tumular onde foram postos em Doriath foi chamada Cûm-nan-Arasaith, o Morro da Avareza. Mas o restante dos Anãos foi expulso sem recompensa nem paga.

Portanto, reunindo novas forças em Nogrod e em Belegost, eles acabaram voltando e, auxiliados pela traição de certos Elfos nos quais recaíra a cobiça do tesouro maldito, entraram secretamente em Doriath. Ali surpreenderam Thingol numa caçada, apenas com pequena companhia armada; e Thingol foi morto, e a fortaleza das Mil Cavernas foi tomada de surpresa e saqueada; e assim foi levada muito próxima da ruína a glória de Doriath, e somente um baluarte dos Elfos contra Morgoth restava ainda, e se avizinhava o crepúsculo deles.

A rainha Melian os Anãos não conseguiram prender nem ferir, e ela partiu em busca de Beren e Lúthien. Ora, a Estrada-anânica para Nogrod e Belegost nas Montanhas Azuis passava por Beleriand Leste e pelas matas em redor do Rio Ascar,[3] onde foram outrora os campos de caça de Damrod e Díriel, filhos de Fëanor. Ao sul dessas terras, entre o rio e as montanhas, ficava a terra de Assariad, e ali[4] viviam e vagavam, ainda em paz e contentamento, Beren e Lúthien, naquele tempo de prorrogação que Lúthien ganhara antes que ambos morressem, e sua gente era os Elfos Verdes do Sul, que não eram dos Elfos de Côr,[5] nem de Doriath, embora muitos tivessem lutado na Batalha das

Lágrimas Inumeráveis. Mas Beren não ia mais à guerra, e sua terra estava repleta de graça e abundância de flores; e enquanto Beren viveu e Lúthien permaneceu, os Homens costumavam chamá-la Cuilwarthien,[6] a Terra dos Mortos que Vivem.

Ao norte dessa região está um vau que atravessa o rio Ascar, próximo à sua confluência com o Duilwen,[7] que cai em torrentes das montanhas; e esse vau chama-se Sarn-athra,[8] o Vau das Pedras. Esse vau os Anãos precisavam atravessar antes de alcançarem seus lares;[9] e ali Beren combateu seu último combate, alertado por Melian da chegada deles. Nessa batalha os Elfos Verdes atacaram os Anãos de surpresa quando estes estavam no meio da travessia, carregados de butim; e os chefes anânicos foram mortos, assim como quase toda a sua hoste. Mas Beren tomou o Nauglafring,[10] o Colar dos Anãos, do qual pendia a Silmaril; e dizem e cantam que Lúthien, envergando no peito branco esse colar e essa joia imortal, era a visão de maior beleza e glória que jamais foi vista fora dos reinos de Valinor, e que por um momento a Terra dos Mortos que Vivem se tornou como uma visão da terra dos Deuses, e desde então nenhum lugar foi tão belo, tão fecundo ou tão cheio de luz.

Porém Melian os alertava sempre da maldição que residia no tesouro e na Silmaril. O tesouro, de fato, haviam afundado no rio Ascar e deram a este o novo nome de Rathlorion,[11] Leito-D'Ouro, porém guardaram a Silmaril. E logo partiu a breve hora de graça da terra de Rathlorion. Pois Lúthien minguou como Mandos dissera, bem como minguaram os Elfos de dias posteriores, quando os Homens se tornaram fortes e usurparam o que era de bom da terra; e ela desapareceu do mundo; e Beren morreu, e ninguém sabe onde será o seu reencontro.[12]

Depois disso Dior, herdeiro de Thingol, filho de Beren e Lúthien, foi rei na floresta: o mais belo de todos os filhos do mundo, pois sua raça era tríplice: dos mais belos e excelentes

entre os Homens, e dos Elfos, e dos espíritos divinos de Valinor; porém isso não o preservou do destino da jura dos filhos de Fëanor. Pois Dior retornou a Doriath e por algum tempo parte da sua antiga glória ergueu-se de novo, apesar de Melian não mais habitar ali, e ela partiu para a terra dos Deuses além do mar ocidental, para refletir sobre seus pesares nos jardins de onde provinha.

Mas Dior usava a Silmaril no peito, e a fama dessa joia ia a todas as partes; e a jura imortal foi mais uma vez desperta do sono. Os filhos de Fëanor, quando ele não quis lhes ceder a joia, o[13] atacaram com toda a sua hoste; e assim ocorreu a segunda matança de Elfos por Elfos, e a mais dolorosa. Tombaram ali Celegorm e Curufin e o moreno Cranthir, mas Dior foi morto,[14] e Doriath foi destruída e jamais se reergueu.

No entanto, os filhos de Fëanor não conquistaram a Silmaril; pois servos fiéis fugiram deles e levaram consigo Elwing, filha de Dior, e ela escapou, e carregaram consigo o Nauglafring e chegaram por fim à foz do rio Sirion junto ao mar.

1 *Essa é a primeira aparição dos Anãos nestas histórias* > *Agora pela primeira vez os Anãos tomaram parte nestas histórias*

2 *Eryd-luin* > *Ered-luin* (mudança tardia).

3 *Ascar* > *Flend* > *Gelion* nas duas primeiras ocorrências, mas deixado inalterado na terceira.

4 Essa frase foi emendada para: *Ao sul dessas terras, entre o rio Flend* [> *Gelion*] *e as montanhas ficava a terra de Ossiriand, banhada por sete rios*, *Flend* [> *Gelion*], *Ascar, Thalos, Loeglin* [> *Legolin], Brilthor, Duilwen, Adurant*. *Ali viviam* etc.

(Os rios foram primeiro escritos *Flend, Ascar, Thalos, Loeglin, Brilthor, Adurant*. *Duilwen* foi então acrescentado entre *Thalos* e *Loeglin*; então *Legolin* substituiu *Loeglin* e *Duilwen* foi movido para ficar entre *Brilthor* e *Adurant*.)

5 *Côr* > *Kôr*, como anteriormente.

6 *os Homens costumavam chamá-la Cuilwarthien* > *os Elfos costumavam chamá-la Gwerth-i-cuina* (ver §10, nota 15).

7 *Duilwen* > *Ascar* (ver p. 276, verbete *Estrada-anânica*).

[8] *Sarn-athra* > *Sarn-athrad.*

[9] *antes de alcançarem seus lares* > *antes de alcançarem as passagens das montanhas que conduziam aos seus lares*

[10] *Nauglafring* > *Nauglamír* em ambas as ocorrências (mudanças tardias).

[11] *Rathlorion* > *Rathloriel* em ambas as ocorrências (mudanças tardias).

[12] Acrescentado aqui:

> Porém tem sido cantado que apenas Lúthien, dentre os Elfos, foi contada entre os de nossa raça e vai aonde vamos nós, a um destino além do mundo.

Um X grande a lápis foi feito na margem junto à frase no texto datilografado que começa por *Pois Lúthien mingou…*; nos manuscritos de meu pai isso sempre implica que há alguma afirmação errônea no texto que necessita de revisão.

[13] As palavras *Os filhos de Fëanor, quando* foram riscadas, e a frase foi expandida da seguinte forma:

> Pois, enquanto Lúthien usava essa gema sem par, nenhum Elfo ousava acometê-la, e nem mesmo Maidros ousava ponderar tal pensamento. Mas agora, ouvindo acerca da renovação de Doriath e da altivez de Dior, os sete voltaram a se reunir de suas andanças e mandaram dizer a Dior que reivindicavam o que era deles. Mas ele não quis lhes ceder a joia, e eles o etc.

[14] Acrescentado aqui: *e seus jovens filhos Eldûn e Elrûn* (mudança tardia).

15

[Existem dois textos datilografados para a maior parte dessa seção, e o mais tardio dos dois é mais longo. Subsequentemente há muito mais substituições, e irei chamar o primeiro texto “Q I” e o segundo “Q II”. Q II é apresentado após as notas acerca do Q I.]

Aqui há que se contar de Gondolin. O grande rio Sirion, o maior nas canções dos Elfos, corria por toda a terra de Beleriand e seu curso ia para o sudoeste; e em sua foz havia um grande delta e seu curso inferior passava por terras verdes e férteis, pouco povoadas salvo por aves e feras. Mas os Orques pouco iam até lá, pois ficava longe dos bosques e montes do norte, e o poder de Ulmo crescia sempre naquela água, conforme se aproximava do mar; pois as embocaduras daquele rio eram no mar do oeste, cujas fronteiras últimas são as costas de Valinor.

Turgon, filho de Fingolfin, tinha uma irmã, Isfin, a de mãos brancas. Ela se perdeu em Taur-na-Fuin depois da Batalha das

Lágrimas Inumeráveis. Lá foi capturada pelo Elfo-escuro Eöl, e dizem que ele era de ânimo sombrio e havia desertado das hostes antes da batalha; contudo, não lutara do lado de Morgoth. Mas Isfin ele tomou por esposa, e o filho deles era Meglin.

Ora, o povo de Turgon, escapando da batalha, ajudado pela valentia de Húrin, como já foi contado, ocultou-se do conhecimento de Morgoth e desapareceu da vista de todos os homens; e apenas Ulmo sabia para onde tinham ido. Seus batedores, escalando as alturas, tinham chegado a um lugar secreto nas montanhas: um largo vale[1] inteiramente cercado pelos montes, protegido por uma cerca contínua em anel, mas que ficava cada vez mais baixa conforme se aproximava do meio. No centro desse anel maravilhoso havia uma terra ampla e uma planície verde, na qual não se via monte, exceto por uma única elevação pedregosa. Essa se erguia escura sobre a planície, não bem no centro, mas mais próxima daquela parte da muralha externa que ficava perto das margens do Sirion. Mais altas eram as Montanhas Circundantes na direção do Norte e da ameaça de Angband, e em suas encostas exteriores, no Leste e no Norte, começava a sombra da horrenda Taur-na-Fuin, mas elas eram coroadas com o marco de Fingolfin e nenhum mal chegava ali, por enquanto.

Nesse vale os Gnomos acharam refúgio,[2] e feitiços de esconderijo e encantamento tinham sido postos em todos os montes em volta, para que inimigos e espiões nunca achassem o lugar. Nisso Turgon tinha a ajuda das mensagens de Ulmo, que então subiam o rio Sirion; pois a voz dele ouve-se em muitas águas e alguns dos Gnomos tinham ainda o saber para escutá-la. Naqueles dias, Ulmo estava cheio de misericórdia pelos Elfos eLivross em sua necessidade, e pela ruína que agora havia quase avassalado a todos eles. Previu que a fortaleza de Gondolin resistiria mais do que todos os refúgios dos Elfos contra o

poderio de Morgoth,[3] e que, como Doriath, nunca seria sobrepujada, salvo por traição de dentro dela. Por causa de seu poderio protetor, os feitiços de encobrimento eram mais fortes naquelas partes mais próximas do Sirion, embora ali as Montanhas Circundantes fossem as mais baixas. Naquela região os Gnomos escavaram um grande túnel cheio de meandros debaixo das raízes dos montes, e sua saída ficava em uma encosta íngreme, coberta de árvores e escura, de uma garganta pela qual o Sirion corria, naquele ponto ainda um riacho jovem, mas forte, descendo o vale estreito que há entre os ombros das Montanhas Circundantes e as Montanhas Sombrias, em cujas elevações do norte ele tinha sua nascente.

A entrada externa daquela passagem, que construíram de início para ser uma via de saída secreta para si mesmos e para seus batedores e espiões, e uma via de retorno à segurança para fugitivos, era guardada pela magia e pelo poder de Ulmo,[4] e nenhuma coisa maligna a encontrou; porém, seu portão mais interno, que dava para o vale de Gondolin, era vigiado incessantemente pelos Gnomos.[5]

Thorndor, Rei das Águias, removeu seus ninhos das Thangorodrim para as elevações ao norte das Montanhas Circundantes, e lá vigiava, sentando-se sobre o marco do Rei Fingolfin. Mas no monte pedregoso em meio ao vale, Amon Gwareth, o Monte de Vigia, cujas encostas foram polidas feito a lisura do vidro, e cujo topo aplanaram, os Gnomos construíram a grande cidade de Gondolin com portões de aço, cuja fama e glória é a maior entre todas as moradas dos Elfos nas Terras de Fora. A planície circunvizinha eles aplanaram, de modo que era tão lisa e plana como um gramado até quase aos pés dos montes; e nada podia caminhar ou rastejar através dela sem ser visto.

Naquela cidade o povo se fez poderoso e seus arsenais estavam repletos de armas e de escudos, pois pretendiam ainda sair para a guerra, quando a hora fosse propícia. Mas, conforme os anos se arrastavam, passaram a amar aquele lugar, e nada desejavam de melhor, e poucos alguma vez o deixaram;[6] trancaram-se detrás de seus montes impenetráveis e encantados e não permitiam que ninguém entrasse, fugitivo ou inimigo, e notícias do mundo exterior chegavam-lhes vagas e distantes, e davam-lhes pouco ouvido, e esqueceram as mensagens de Ulmo. Não socorreram nem Nargothrond nem Doriath, e os Elfos andarilhos não sabiam como encontrá-los; e quando Turgon soube da morte de Dior, jurou não marchar nunca ao lado de qualquer filho de Fëanor, e fechou seu reino, proibindo qualquer um de seu povo de jamais sair de lá.[7]

Gondolin então era a única que restava de todas as fortalezas dos Elfos. Morgoth não se esqueceu de Turgon, e sabia que sem conhecimento daquele rei seu triunfo não poderia ser atingido; sua busca incessante, porém, era em vão. Nargothrond estava vazia, Doriath desolada, os filhos de Fëanor forçados a levar uma vida selvagem nos bosques do Sul e do Leste, Hithlum enchera-se de homens malignos, e Taur-na-Fuin era um lugar de horror sem nome; a raça de Hador estava no fim, e a casa de Finrod; Beren não saía mais à guerra e Huan estava morto; e todos os Elfos e Homens se curvavam à vontade dele ou trabalhavam como escravos nas minas e forjas de Angband, salvo apenas os selvagens e andarilhos, e poucos havia desses, salvo longe no Leste da Beleriand que um dia fora bela. O triunfo dele era quase completo e, contudo, ainda não era de todo pleno.[8]

[1] Essa frase foi reescrita da seguinte maneira:

> e apenas Ulmo sabia para onde tinham ido; pois retornaram para a cidade oculta de Gondolin, que Turgon construíra. Em um lugar secreto das montanhas havia um largo vale etc.

[2] *os Gnomos acharam refúgio* > *Turgon tinha achado refúgio*

[3] Nesse ponto o texto substituto Q II tem início.

[4] *pelo poder de Ulmo* > *pelo poder do Sirion, amado por Ulmo*

[5] A seguinte passagem foi acrescentada a lápis na margem sem indicações para inserção. Quanto ao seu lugar no Q II, onde está incorporada ao texto, ver abaixo.

> Pois Turgon julgava, após a Batalha das Lágrimas Inumeráveis, que Morgoth tornara-se poderoso demais para Elfos e Homens, e que era melhor buscar o perdão e a ajuda dos Valar antes que tudo se perdesse. Donde alguns de seu povo desciam por vezes o Sirion, e um porto pequeno e secreto lá fizeram, de onde por vezes navios partiam para o Oeste. Alguns houve que voltaram, empurrados por ventos contrários, mas muitos nunca mais retornaram; e nenhum alcançou Valinor.

[6] Acrescentado aqui: *e não mandaram mais mensageiros para o Oeste*;

[7] Aqui o texto substituto Q II termina.

[8] Acrescentado no final: *Assim se deu a queda de Gondolin.*

§15 na versão Q II

(ver nota 3 acima)

e, como Doriath, jamais será sobrepujada salvo por traição de dentro dela. Por causa de seu poderio protetor, os feitiços de encobrimento eram mais fortes naquelas partes mais próximas do Sirion, embora ali as Montanhas Circundantes fossem as mais baixas. Naquela região os Gnomos escavaram um grande túnel cheio de meandros debaixo das raízes dos montes, e sua saída ficava em uma encosta íngreme, coberta de árvores e escura, de uma garganta pela qual o rio ditoso corria. Ali ele era ainda um riacho jovem, mas forte, descendo o vale estreito que há entre os ombros das Montanhas Circundantes e as Montanhas de Sombra, Eryd-Lómin,[1] as muralhas de Hithlum, em cujas elevações do norte ele tinha sua nascente.[2]

Aquela passagem eles construíram de início para ser uma via de retorno para fugitivos e para aqueles que escapavam do cativeiro de Morgoth; e mormente como saída para seus

batedores e mensageiros. Pois Turgon julgava, quando pela primeira vez chegaram àquele vale depois da batalha terrível,[3] que Morgoth Bauglir tornara-se poderoso demais para Elfos e Homens e que era melhor buscar o perdão e a ajuda dos Valar, se algum deles pudesse ser obtido, antes que tudo se perdesse. Donde alguns de seu povo desciam o rio Sirion por vezes, antes que a sombra de Morgoth inda se estendesse pelas partes mais distantes de Beleriand, e um porto pequeno e secreto fizeram na foz; de lá, de quando em quando, navios partiam para o Oeste levando a embaixada do rei dos Gnomos. Alguns houve que voltaram, empurrados por ventos contrários; mas a maioria nunca mais retornou e nenhum alcançou Valinor.

A saída daquela Via de Escape era guardada e ocultada pelos feitiços mais poderosos que conseguiram fazer e pelo poder que habitava no Sirion, amado por Ulmo, e nenhuma coisa maligna a encontrou; porém, seu portão mais interno, que dava para o vale de Gondolin, era vigiado incessantemente pelos Gnomos.

Naqueles dias, Thorndor,[4] Rei das Águias, removeu seus ninhos das Thangorodrim, por causa do poder de Morgoth, e do fedor e dos fumos e do mal nas nuvens escuras que jaziam então sempre sobre as torres das montanhas acima dos salões cavernosos. Mas Thorndor habitava sobre as elevações ao norte das Montanhas Circundantes, e ele vigiava e via muitas coisas, sentando-se sobre o marco do Rei Fingolfin. E no vale abaixo habitava Turgon, filho de Fingolfin. Sobre o Amon Gwareth, o Monte da Defesa, uma elevação rochosa em meio à planície, foi construída Gondolin, a grande, cuja fama e glória é a maior nas canções entre todas as moradas dos Elfos nestas Terras de Fora. De aço eram seus portões e de mármore, suas muralhas. As encostas do monte os Gnomos poliram até alcançar a lisura do vidro negro e o topo eles nivelaram para a construção de sua cidade, salvo no centro, onde ficava a torre e o palácio do rei.

Muitas fontes havia naquela cidade e águas brancas caíam fulgurantes pelas encostas lustrosas do Amon Gwareth. A planície circunvizinha eles alisaram até que se tornasse como um gramado de relva cortada, das escadarias diante dos portões até os pés da muralha das montanhas, e nada podia caminhar ou rastejar através dela sem ser visto.

Naquela cidade o povo se fez poderoso e seus arsenais estavam repletos de armas e de escudos; pois pretendiam de início sair para a guerra, quando a hora fosse propícia. Mas, conforme os anos se arrastavam, passaram a amar aquele lugar, a obra de suas mãos, como fazem os Gnomos, com um grande amor, e nada desejavam de melhor. Então raro era que alguém deixasse Gondolin em missão de guerra ou de paz de novo. Não mandaram mais mensageiros para o Oeste e o porto do Sirion estava abandonado. Trancaram-se detrás de seus montes impenetráveis e encantados, e não permitiam que ninguém entrasse, ainda que fugisse de Morgoth, perseguido pelo ódio; notícias das terras de fora chegavam-lhes vagas e distantes e davam-lhes pouco ouvido; e sua habitação tornou-se como que um rumor e um segredo que nenhum homem podia descobrir. Não socorreram nem Nargothrond nem Doriath e os Elfos andarilhos os buscavam em vão; e apenas Ulmo sabia onde o reino de Turgon poderia ser achado. Notícias Turgon ouviu de Thorndor acerca da morte de Dior, herdeiro de Thingol, e dali em diante cerrou seus ouvidos a palavras sobre as dores fora de Gondolin; e jurou não marchar nunca ao lado de qualquer filho de Fëanor; e seu povo ele proibiu de jamais passar a barreira dos montes.

Mudanças feitas nessa passagem

[1] *Eryd-Lómin* > *Eredwethion*

[2] *em cujas elevações do norte ele tinha sua nascente* foi riscado.

[3] Essa frase foi marcada com um X na margem.

[4] *Thorndor* > *Thorondor* do início ao fim.

16

[Uma parte substancial desta seção mais uma vez encontra-se preservada no texto datilografado original (Q I) e em um texto substituto (Q II).]

Certa vez, Eöl perdeu-se em Taur-na-Fuin e Isfin veio, atravessando grande perigo e terror, a Gondolin, e depois de sua chegada ninguém entrou até o último mensageiro de Ulmo, de quem os contos falam mais antes de seu fim. Com ela veio seu filho, Meglin, e ele foi lá recebido por Turgon, o irmão de sua mãe,[1] e, embora tivesse metade de sangue élfico-escuro,[2] foi tratado como um príncipe da linhagem de Fingolfin. Era moreno, mas formoso, sábio e eloquente e sagaz na conquista dos corações e mentes dos homens.

Ora, Húrin de Hithlum tinha um irmão, Huor. O filho de Huor era Tuor. Rían, esposa de Huor, procurou seu marido entre os mortos no campo das Lágrimas Inumeráveis, e lá o pranteou, antes de morrer. Seu filho não era mais que uma criança e, permanecendo em Hithlum, caiu nas mãos dos Homens infiéis que Morgoth levara àquela terra depois da batalha e se tornou um servo. Já crescido, belo de rosto e de grande estatura e, apesar de sua triste vida, valente e sábio, ele escapou para as matas, e lá tornou-se um proscrito e um solitário, vivendo sozinho e sem se comunicar com ninguém, salvo, raramente, Elfos andarilhos e escondidos.[3]

Então Ulmo, como está contado no *Conto da Queda de Gondolin,* fez com que ele fosse levado a um curso de rio que fluía debaixo da terra, a partir do Lago Mithrim, no centro de Hithlum, para dentro de um grande abismo, Cris-Ilfing,[4] a Fenda

do Arco-íris, através do qual uma água turbulenta corria enfim para o mar do oeste. E o nome desse abismo foi assim cunhado pela razão do arco-íris que brilhava sempre ao sol naquele lugar, por causa da abundância dos respingos das cachoeiras e quedas d'água.

Desse modo, a fuga de Tuor não foi vista por nenhum Homem ou Elfo; nem era conhecida dos Orques ou de qualquer espião de Morgoth, dos quais a terra de Hithlum estava cheia.

Tuor vagou longamente pelas costas do oeste, viajando sempre para o Sul; e chegou enfim às fozes do Sirion, e aos deltas arenosos povoados por muitas aves do mar. Lá topou com um Gnomo, Bronweg,[5] que tinha escapado de Angband e, sendo outrora do povo de Turgon, buscava sempre achar o caminho para os lugares ocultos de seu senhor, sobre os quais corriam rumores entre todos os cativos e fugitivos. Ora, Bronweg chegara até ali por caminhos distantes e cheios de meandros do Leste e, embora pouco lhe agradasse dar qualquer passo para mais perto da servidão da qual viera, dispôs-se então a subir o Sirion e procurar Turgon em Beleriand. Temeroso e muito prevenido era ele, e auxiliou Tuor na marcha secreta deles, de noite e no crepúsculo, de maneira que não foram descobertos pelos Orques.

Chegaram primeiro à bela Terra dos Salgueiros, Nan-Tathrin, que é regada pelo Narog e pelo Sirion; e lá todas as coisas ainda eram verdes e as campinas eram ricas e cheias de flores e havia canto de muitas aves; de modo que Tuor se demorou lá como alguém sob encanto e parecia-lhe doce habitar ali depois das terras duras do Norte e suas andanças exaustivas.

Para lá foi Ulmo e apareceu diante dele, quando estava em meio à grama alta no entardecer; e o poderio e a majestade daquela visão estão contados na canção de Tuor, que ele fez para seu filho, Eärendel. Dali por diante o som do mar e o anseio pelo

mar estiveram sempre no coração e nos ouvidos de Tuor; e uma inquietação vinha-lhe por vezes, a qual o levou enfim às profundezas do reino de Ulmo.[6] Mas naquela hora Ulmo ordenou que ele partisse com toda presteza a Gondolin, e ensinou-lhe como achar a porta oculta; e palavras foram postas em sua boca para que as levasse até Turgon, mandando que o rei se preparasse para a guerra e para a batalha contra Morgoth antes que tudo se perdesse, e prometendo que Ulmo conquistaria os corações dos Valar para lhe enviarem socorro. Esse seria um conflito mortal e terrível, mas, se Turgon assim ousasse, o poder de Morgoth seria quebrado e seus serviçais pereceriam e nunca mais atormentariam o mundo. Mas, se Turgon não partisse para essa guerra, então deveria abandonar Gondolin e liderar seu povo Sirion abaixo, antes que Morgoth pudesse se opor a ele, e na foz do Sirion Ulmo lhe faria amizade, e auxiliaria na construção de uma magna frota com a qual os Gnomos deveriam voltar enfim a Valinor, mas então triste seria o fado das Terras de Fora. O papel de Tuor, caso Turgon aceitasse os conselhos de Ulmo, seria de ir quando Turgon marchasse para a guerra e liderar uma força até Hithlum e trazer os Homens uma vez mais para uma aliança com os Elfos, pois "sem os Homens, os Elfos não hão de prevalecer contra os Orques e os Balrogs".

Essa demanda o próprio realizou Ulmo por seu amor aos Elfos e aos Gnomos, e porque sabia que, antes que doze anos passassem, a sina de Gondolin viria, por mais forte que parecesse a cidade, se seu povo se sentasse detrás de suas muralhas.

Obedientes a Ulmo, Tuor e Bronweg viajaram para o Norte, e chegaram enfim à porta escondida; e, descendo o túnel sob os montes, alcançaram o portão interno e viram o vale de Gondolin, a cidade de sete nomes, brilhando branca ao longe, com o rubor rosado da aurora sobre a planície. Mas foram feitos

prisioneiros pela guarda do portão e levados diante do rei. Tuor deu a conhecer a embaixada a Turgon na grande praça de Gondolin diante dos degraus de seu palácio; mas o rei tornara-se orgulhoso e Gondolin, tão formosa e bela, e tanto confiava em seu segredo e força inexpugnável que ele e a maior parte de seu povo não queriam se incomodar com os Gnomos e Homens de fora, nem mais desejavam retornar às terras dos Deuses.

Meglin falava contra Tuor nos conselhos do rei, e Turgon rejeitou a ordem de Ulmo, e não saiu para a guerra, nem procurou fugir para as fozes do Sirion; mas alguns de seus mais sábios conselheiros ficaram cheios de inquietação, e a filha do rei falava sempre em favor de Tuor. Ela se chamava Idril, uma das mais belas das donzelas dos Elfos de outrora, e o povo a chamava de Celebrindal, Pé-de-Prata, pela brancura de seus pés esguios, e ela andava e dançava sempre descalça.

Dali em diante Tuor permaneceu em Gondolin, e tornou-se homem poderoso em forma e sabedoria, aprendendo profundamente o saber dos Gnomos; e o coração de Idril voltou-se para ele e o dele, para ela. Com o que Meglin rangia seus dentes, pois amava Idril e, apesar do parentesco próximo, pretendia desposá-la; de fato, em seu coração, já estava planejando derrubar Turgon e tomar o trono, mas Turgon o amava e confiava nele. Tuor desposou Idril mesmo assim, pois ele passou a ser amado por todos os Gnomos de Gondolin, mesmo por Turgon, o orgulhoso, salvo por Meglin e seu séquito secreto. Tuor e Beren apenas, entre os Homens mortais, já desposaram Elfas de outrora, e, uma vez que Elwing, filha de Dior, filho de Beren depois desposou Eärendel, filho de Tuor e de Idril, apenas deles veio o sangue élfico aos Homens mortais. Mas por enquanto Eärendel era uma criancinha; e era muitíssimo belo: uma luz estava em seu rosto como a luz do céu e tinha a beleza e a sabedoria de Elfinesse[7] e a força e o vigor

dos Homens antigos, e o mar sempre falava em seus ouvidos e coração, assim como a Tuor, seu pai.

Certa vez, quando Eärendel ainda era novo, e os dias de Gondolin estavam cheios de júbilo e paz (e, contudo, o coração de Idril alertava-a, e agouros vinham sobre seu espírito como uma nuvem), Meglin perdeu-se. Ora, Meglin amava minerar e procurar metais acima de outras artes; e era mestre e líder dos Gnomos que trabalhavam nas montanhas distantes da cidade, buscando metais para suas forjas, para coisas de paz e de guerra. Mas Meglin amiúde ia com alguns de seu povo para além da barreira dos montes, embora o rei não soubesse que suas ordens eram desafiadas; e assim veio a acontecer, como quis o destino, que Meglin foi feito prisioneiro pelos Orques e levado diante de Morgoth. Meglin não era nenhum fracote ou poltrão, mas o tormento com o qual foi ameaçado acovardou sua alma, e ele comprou sua vida e liberdade revelando a Morgoth o local de Gondolin e as vias pelas quais poderia ser achada e atacada. Grande, de fato, foi o regozijo de Morgoth; e a Meglin ele prometeu o senhorio de Gondolin, como seu vassalo, e a posse de Idril, quando aquela cidade fosse tomada. O desejo por Idril e ódio a Tuor levaram Meglin com mais facilidade à sua imunda traição. Mas Morgoth mandou-o de volta a Gondolin, para que não suspeitassem da perfídia, e para que Meglin ajudasse no assalto de dentro quando a hora chegasse; e Meglin viveu nos salões do rei com um sorriso no rosto e o mal em seu coração, enquanto a treva se juntava cada vez mais profunda sobre Idril.

Enfim, e Eärendel tinha então sete anos de idade, Morgoth estava pronto, e soltou sobre Gondolin seus Orques e Balrogs e suas serpentes; e, dessas, dragões de muitas e tremendas formas foram feitos para a tomada da cidade. A hoste de Morgoth veio dos montes do Norte, onde a altura era maior e a guarda, menos vigilante, e veio à noite em um tempo de festival, quando todo o

povo de Gondolin estava sobre as muralhas para esperar o sol nascente e cantar suas canções à sua subida; pois de manhã era a festa que eles chamavam de Portões do Verão. Mas a luz vermelha elevou-se nos montes do Norte, e não no Leste, e não houve parada no avanço do inimigo até que eles estivessem sob as próprias muralhas de Gondolin e a cidade foi sitiada sem esperança.

Dos feitos de valor desesperado que se deram lá, pelos chefes das casas nobres e seus guerreiros, e não menos por Tuor, muito está contado n'*A Queda de Gondolin*; da morte de Rog fora dos muros; e da batalha de Ecthelion da Fonte com Gothmog, senhor de Balrogs, na própria praça do rei, onde um matou o outro; e da defesa da torre de Turgon pelos homens de sua casa, até que a torre foi derrubada; e grande foi sua queda e a queda de Turgon em sua ruína.

Tuor buscou resgatar Idril do saque da cidade, mas Meglin deitara mãos sobre ela e Eärendel, e Tuor lutou sobre as muralhas com ele, e lançou-o para sua morte. Então Tuor e Idril conduziram tais remanescentes do povo de Gondolin como os que conseguiram reunir na confusão do incêndio para uma via secreta que Idril mandara preparar nos dias de seus agouros. Essa ainda não estava completa, mas sua saída já estava muito além das muralhas e no norte da planície, onde as montanhas já estavam bem distantes do Amon Gwareth. Aqueles que não quiseram vir com eles, mas fugiram para a antiga Via de Escape que levava para a garganta do Sirion, foram emboscados e destruídos por um dragão que Morgoth mandara para vigiar aquele portão, sabendo dele por Meglin. Mas da nova passagem Meglin não ouvira falar, e não se pensava que fugitivos fossem seguir um caminho na direção do Norte e das partes mais altas das montanhas, mais próximas de Angband.

Os fumos do incêndio e o vapor das belas fontes de Gondolin secando sob as chamas dos dragões do Norte caíram sobre o vale em brumas enlutadas; e assim teve auxílio a fuga de Tuor e sua companhia, pois havia ainda uma estrada longa e aberta a seguir da boca do túnel para os sopés das montanhas. Chegaram, apesar disso, às montanhas, em dores e desgraça, pois os lugares altos eram frios e terríveis, e tinham entre eles muitas mulheres e crianças e muitos homens feridos.

Há um passo terrível, Cristhorn[8] era chamado, a Fenda da Águia, onde, sob a sombra dos picos mais altos, um caminho estreito serpenteia, espremido entre um precipício à direita e à esquerda uma queda terrível que desce ao vazio. Ao longo daquela via estreita a marcha deles foi detida quando foram emboscados por forças de um posto avançado do poder de Morgoth; e um Balrog liderava-as. Então terrível foi o apuro deles e dificilmente teriam sido salvos pelo valor imortal de Glorfindel dos cabelos louros, chefe da Casa da Flor Dourada de Gondolin, se Thorndor[9] não tivesse vindo ao auxílio dos eLivross.

Já se cantaram muitas canções sobre o duelo de Glorfindel com o Balrog sobre um pináculo de rocha naquele lugar alto; e ambos caíram para sua ruína no abismo. Mas Thorndor carregou o corpo de Glorfindel e ele foi enterrado em um teso de pedras ao lado do passo, e lá mais tarde cresceu uma relva verde e pequenas flores semelhantes a estrelas amarelas floresceram ali em meio à esterilidade da pedra. E as aves de Thorndor desceram sobre os Orques e eles fugiram aos gritos; e todos foram mortos ou lançados nas profundezas, e rumores da fuga de Gondolin não chegaram aos ouvidos de Morgoth até muito tempo depois.

Assim, por marchas cansativas e perigosas, o remanescente de Gondolin chegou a Nan-Tathrin e ali repousaram um pouco e

curaram-se de suas feridas e cansaço, mas seu pesar não podia ser curado. Lá fizeram uma celebração em memória de Gondolin e daqueles que tinham perecido, belas donzelas, esposas e guerreiros e seu rei; mas para Glorfindel, o bem-amado, muitas e doces foram as canções que cantaram. E lá Tuor falou em canção a Eärendel, seu filho, da vinda de Ulmo muito antes, da visão do mar no meio da terra firme, e o anseio pelo mar despertou em seu coração e no de seu filho. Donde se mudaram, com a maior parte do povo, para as embocaduras do Sirion à beira-mar, e ali habitaram e uniram seu povo à minguada companhia de Elwing, filha de Dior, que fugira para lá pouco antes.

Então Morgoth pensou em seu coração que seu triunfo estava completo, pouco cuidando dos filhos de Fëanor e de seu juramento, que nunca o ferira e se tornava sempre seu maior auxílio. E em seu pensamento negro ele riu, sem remoer a única Silmaril que perdera, pois por ela julgava que os últimos restos da raça élfica ainda haviam de sumir da terra e não mais incomodá-lo. Se sabia da morada à beira das águas do Sirion, não deu sinal disso, aguardando o tempo propício e esperando a ação da jura e da mentira.

[1] *irmão de sua mãe* > *filho de sua irmã*; sem dúvida a intenção era que fosse *filho de sua irmã*.

[2] *Dark-elfin* > *Dark-elven*[d]

[3] Esse parágrafo foi quase totalmente riscado, assim como algumas emendas apressadas que foram feitas nele (introduzindo a ideia de Tuor nascer "nos ermos" e ser adotado por Elfos-escuros, e a morte de Rían no Monte dos Mortos — que aqui é chamado *Amon Dengin*). A passagem foi então reescrita:

> Ora, Húrin de Hithlum tinha um irmão, Huor, e, como se contou, Rían, sua esposa, partiu para os ermos e lá seu filho Tuor nasceu, e ele foi adotado pelos Elfos-escuros; mas Rían deitou-se no Monte dos Mortos e morreu. Mas Tuor cresceu nas matas de Hithlum, e era belo de rosto e de grande estatura, e valente e sábio; ele andou e caçou

sozinho nas matas, e tornou-se um solitário, vivendo sozinho e sem se comunicar com ninguém, salvo, raramente, Elfos andarilhos e escondidos.

[4] *Cris-Ilfing* > *Kirith Helvin*

[5] *Bronweg* > *Bronwë* nas duas primeiras ocorrências, mas não na terceira, que ocorre na parte substituída pelo texto Q II.

[6] Nesse ponto o texto substituto Q II tem início.

[7] Aqui o texto substituto Q II termina.

[8] *Cristhorn* > *Kirith-thoronath*

[9] *Thorndor* > *Thorondor*, como anteriormente.

§16 na versão Q II

(ver nota 6 acima)

Mas naquela hora Ulmo ordenou que ele partisse com toda presteza a Gondolin, e ensinou-lhe como achar a porta oculta; e uma mensagem deu-lhe para que a levasse de Ulmo, amigo dos Elfos, para Turgon, mandando que o rei se preparasse para a guerra e para a batalha contra Morgoth antes que tudo se perdesse; e que enviasse de novo seus mensageiros para o Oeste. Chamados também ele deveria lançar para o Leste e reunir, se pudesse, Homens (que estavam agora se multiplicando e se espalhando pela terra) sob suas bandeiras; e para essa tarefa Tuor era o mais apto. “Esquece”, aconselhou Ulmo, “a traição de Uldor, o maldito, e lembra-te de Húrin; pois sem os Homens mortais os Elfos não hão de prevalecer contra os Balrogs e os Orques.” Nem deveria a contenda com os filhos de Fëanor permanecer sem cura; pois esse seria o último ajuntamento da esperança dos Gnomos, quando cada espada contaria. Um conflito terrível e mortal Ulmo previa, mas também a vitória se Turgon assim ousasse, a quebra do poder de Morgoth, e a cura de contendas, e amizade entre Elfos e Homens, donde o maior dos bens viria ao mundo, e os serviçais de Morgoth não mais iriam atormentá-lo. Mas, se Turgon não partisse para essa guerra, então deveria abandonar Gondolin e liderar seu povo

Sirion abaixo e construir lá suas frotas e buscar a Valinor e a misericórdia dos Deuses. Mas nesse segundo conselho havia perigo mais tremendo do que no outro, embora assim não parecesse; e triste dali por diante seria o fado das Terras de Fora.[1]

Essa demanda realizou Ulmo por seu amor aos Elfos, e porque sabia que, antes que muitos anos passassem, a sina de Gondolin viria se seu povo se sentasse detrás de suas muralhas; e assim nada de júbilo ou beleza no mundo ficaria intocado pela maldade de Morgoth.

Obedientes a Ulmo, Tuor e Bronweg[2] viajaram para o Norte e chegaram enfim à porta escondida; e, descendo o túnel, alcançaram o portão interno e foram feitos prisioneiros pela guarda. Lá viram o belo vale de Tumladin[3] posto feito uma joia verdejante em meio aos montes; e, em meio a Tumladin, Gondolin, a grande, a cidade de sete nomes, branca, brilhando ao longe, com o rubor rosado da aurora sobre a planície. Para lá foram conduzidos e passaram os portões de aço, e foram levados diante dos degraus do palácio do rei. Lá Tuor deu a conhecer a embaixada de Ulmo e algo do poder e da majestade do Senhor das Águas sua voz tomara, de forma que toda a gente olhou para ele em assombro, e duvidou que esse era um Homem de raça mortal, como declarara. Mas soberbo Turgon tornara-se e Gondolin, tão bela quanto uma memória de Tûn, e ele confiava em seu segredo e força inexpugnável; de modo que ele e a maior parte de seu povo não queriam colocá-la em perigo ou deixá-la, e não desejavam misturar-se às dores de Elfos e Homens de fora; nem mais desejavam retornar sofrendo com o terror e o perigo ao Oeste.

Meglin falava sempre contra Tuor nos conselhos do rei, e suas palavras pareciam mais pesadas por seguir o que ia no coração de Turgon. Donde Turgon rejeitou a ordem de Ulmo;

embora houvesse entre seus mais sábios conselheiros os que ficassem cheios de inquietação. De coração sábio até mesmo além da medida das filhas de Elfinesse era a filha do rei, e falava sempre em favor de Tuor, embora isso não fosse de valia alguma, e o coração da princesa estava pesaroso. Muito bela e alta era ela, quase da estatura de um guerreiro, e seu cabelo era uma fonte d'ouro. Idril era seu nome, e chamavam-lhe Celebrindal, Pé-de-Prata, pela brancura de seu pé, e caminhava e dançava sempre descalça nas vias brancas e gramados verdejantes de Gondolin.

Dali em diante Tuor permaneceu em Gondolin, e não saiu a convocar os Homens do Leste, pois a bem-aventurança de Gondolin, a beleza e a sabedoria de seu povo tinham se assenhorado dele. E cresceu muito nos favores de Turgon; pois tornou-se homem poderoso em estatura e mente, aprendendo profundamente o saber dos Gnomos. O coração de Idril voltou-se para ele e o dele, para ela; com o que Meglin rangia seus dentes, pois desejava Idril e, apesar do parentesco próximo, pretendia possuí-la; e ela era a única herdeira do rei de Gondolin. De fato, em seu coração, já estava planejando como poderia derrubar Turgon e tomar o trono; mas Turgon o amava e confiava nele. Mesmo assim, Tuor tomou Idril por esposa; e o povo de Gondolin fez uma festa alegre, pois Tuor conquistara os corações deles, de todos, menos o de Meglin e de seu séquito secreto. Tuor e Beren apenas, entre os Homens mortais, tomaram Elfas por esposas e, uma vez que Elwing, filha de Dior, filho de Beren depois desposou Eärendel, filho de Tuor e de Idril de Gondolin, apenas deles veio o sangue élfico[4] para uma raça mortal. Mas por enquanto Eärendel era uma criancinha: muitíssimo belo era ele, uma luz estava em seu rosto como a luz do céu, e tinha a beleza e a sabedoria de Elfinesse

Mudanças feitas nessa passagem

[1] *de Fora* > *de Cá*

[2] *Bronweg* > *Bronwë* (ver nota 5 acima).

[3] *Tumladin* > *Tumladen*

[4] *elfin* > *elven*[e]

17

[Esta seção inteira encontra-se preservada nas duas versões datilografadas, Q I e Q II.]

Contudo, junto ao Sirion cresceu um povo élfico, rebusca de Doriath e Gondolin, e se fez ao mar e construiu belos navios e habitou perto de suas margens e sob a sombra da mão de Ulmo.

Mas em Valinor, Ulmo falou graves palavras aos Valar e aos Elfos, os parentes dos Gnomos eLivross e arruinados, e chamou-os a perdoá-los e a resgatar o mundo do poder avassalador de Morgoth, e recuperar as Silmarils, somente nas quais então floria a luz dos dias de antiga bem-aventurança, quando as Duas Árvores ainda brilhavam. E os filhos dos Valar prepararam-se para a batalha, Fionwë, filho de Tulcas, era o capitão da hoste. Com ele marchou a hoste dos Quendi, os Elfos-da-luz, o povo de Ingwë, e entre eles aqueles da raça dos Gnomos [que] não tinham partido de Valinor; mas, recordando Porto Cisne, os Teleri não partiram. Tûn ficou deserta e o monte de Côr não mais teve conhecimento dos pés dos filhos mais velhos do mundo.

Nesses dias Tuor sentiu a velhice insinuar-se nele, e não pôde resistir ao anseio pelo mar que o possuía; portanto construiu um grande navio, Eärámë, Ala de Águia, e com Idril zarpou para o ocaso e o Oeste, e não fez mais parte de nenhum conto. Mas o luzente Eärendel tornou-se senhor do povo do Sirion e desposou a bela Elwing; e ainda assim não conseguia repousar. Em seu

coração havia dois pensamentos fundidos em um só: o anseio pelo amplo mar; e pensava navegar nele seguindo Tuor e Idril Celebrindal, que não retornavam, e pensava talvez encontrar a praia derradeira e levar, antes que morresse, uma mensagem aos Deuses e Elfos do Oeste que lhes comovesse os corações em compaixão com o mundo e os pesares da Humanidade.

Construiu Wingelot, mais belo dos navios das canções, a Flor-de-Espuma; brancos eram seus lenhos como a lua argêntea, dourados eram seus remos, de prata eram seus panos, seus mastros eram coroados de joias como estrelas. Na Balada de Eärendel canta-se muita coisa de suas aventuras nas profundezas e em terras ignotas, e em muitos mares e muitas ilhas; e mormente como enfrentou e matou Ungoliant, no Sul, e sua escuridão pereceu, e a luz chegou a muitos lugares que por muito tempo tinham ficado ocultos. Mas Elwing sentava-se em pesar em sua casa.

Eärendel não encontrou Tuor, nem jamais chegou, nessa jornada, às praias de Valinor; e, por fim, foi impelido pelos ventos de volta para o Leste e, certa noite, chegou aos portos do Sirion, inesperado, sem boas-vindas, pois eles estavam desolados. Somente Bronweg estava lá sentado em pesar, o companheiro de outrora de seu pai, e suas novas estavam repletas de uma nova dor.

A habitação de Elwing na foz do Sirion, onde ela ainda possuía o Nauglafring e a gloriosa Silmaril, chegaram ao conhecimento dos filhos de Fëanor; e eles se ajuntaram de suas trilhas de caça errantes. Mas o povo do Sirion não entregou a joia que Beren conquistara e Lúthien usara, e pela qual o belo Dior fora morto. E assim ocorreu a última e mais cruel matança de Elfos por Elfos, o terceiro pesar produzido pela jura amaldiçoada; pois os filhos de Fëanor se abateram sobre os eLivross de Gondolin e o

remanescente de Doriath e, apesar de parte da sua gente se abster e alguns poucos se rebelarem e serem mortos do outro lado, auxiliando Elwing contra seus próprios senhores, ainda assim foram vitoriosos. Damrod foi morto e Díriel, e agora apenas Maidros e Maglor restavam dentre os Sete; mas o restante do povo de Gondolin foi destruído ou obrigado a partir e se juntar à gente de Maidros. E mesmo assim os filhos de Fëanor não obtiveram a Silmaril; pois Elwing lançou o Nauglafring ao mar, de onde não há de voltar antes do Fim; e ela própria saltou nas ondas e tomou a forma de uma branca ave marinha, e partiu em voo, lamentando e buscando Eärendel por todas as costas do mundo.

Mas Maidros apiedou-se de seu filho Elrond, e levou-o consigo e abrigou-o e sustentou-o, pois seu coração estava enfermo e cansado com a carga do medonho juramento.

Sabendo desses fatos, Eärendel foi dominado pelo pesar; e com Bronweg mais uma vez zarpou em busca de Elwing e de Valinor. E conta-se na Balada de Eärendel que ele chegou por fim às Ilhas Mágicas, e por pouco escapou ao seu encantamento, e reencontrou a Ilha Solitária e os Mares Sombrios e a Baía de Feéria nas margens do mundo. Ali aportou na praia imortal, o único dos Homens viventes, e seus pés subiram pela maravilhosa colina de Côr; e andou nos caminhos desertos de Tûn, onde o pó em suas vestes e seus sapatos era pó de diamantes e gemas. Mas não se aventurou a entrar em Valinor. Ele chegou tarde demais para levar mensagens aos Elfos, pois os Elfos haviam partido.[1]

Construiu uma torre nos Mares do Norte à qual todas as aves marinhas do mundo podiam às vezes se dirigir, e lamentava sempre pela bela Elwing, esperando que voltasse para ele. E Wingelot foi erguido em suas asas e agora navegava mesmo nos ares em busca de Elwing; maravilhoso e mágico era esse navio,

uma flor iluminada pelas estrelas no firmamento. Mas o Sol o chamuscou e a Lua o caçou no céu, e por longo tempo Eärendel vagou sobre a Terra, reluzindo como estrela fugitiva.

[1] A seguinte anotação foi feita às pressas e levemente a lápis ao pé da página:

> Fazer *Eärendel* comover os Deuses. E diz-se que havia Homens de Hithlum arrependidos de seu próprio mal naquele dia, e que assim se cumpriram as palavras de Ulmo, pois pela embaixada de Eärendel e o auxílio valoroso dos Homens os Orques e os Balrogs foram destruídos, porém não tão completamente como poderiam ter sido.
>
> No alto da página seguinte está escrito: *Os Homens vivaram a [maré]* (a última palavra é ilegível).

§17 na versão Q II

Contudo, à beira do Sirion e do mar, crescia ali uma gente élfica,[1] rebusca de Gondolin e Doriath, e eles foram às ondas e se puseram a fazer belas naus, habitando sempre perto das costas e sob a sombra da mão de Ulmo.

Em Valinor, Ulmo falou aos Valar da necessidade dos Elfos, e chamou-os a perdoá-los e mandar socorro a eles e resgatá-los do poder avassalador de Morgoth, e recuperar as Silmarils, somente nas quais então floria a luz dos dias de bem-aventurança, quando as Duas Árvores ainda estavam brilhando. Ou assim se diz, entre os Gnomos, que mais tarde tiveram notícias de muitas coisas de seus parentes, os Quendi, os Elfos-da-luz, bem-amados de Manwë, que sempre sabiam algo da mente do Senhor dos Deuses. Mas naquele tempo Manwë não agiu, e dos conselhos de seu coração que história se há de contar? Os Quendi dizem que a hora ainda não era chegada, e que apenas alguém falando em pessoa pela causa de Elfos e Homens, suplicando perdão por seus malfeitos e piedade por suas dores, poderia mudar os conselhos dos Poderes; e o juramento de Fëanor, quiçá, nem mesmo Manwë podia afrouxar,

até que chegasse a seu fim, e os filhos de Fëanor deixassem de lado as Silmarils, as quais, de modo desapiedado, exigiam para si. Pois a luz que acendia as Silmarils os Deuses tinham feito.

Naqueles dias, Tuor sentiu a idade avançada vir sobre si, e sempre um anseio pelas profundezas do mar ficava mais forte em seu coração. Donde construiu um grande navio, Eärámë, Ala de Águia,[2] e com Idril içou vela na direção do pôr do sol e do Oeste, e não constou mais de qualquer história ou canção.[3] O luzente Eärendel era então senhor do povo do Sirion e de seus muitos navios; e tomou por esposa Elwing, a bela, e ela deu à luz Elrond Meio-Elfo.[4] Contudo, Eärendel não conseguia descansar, e suas viagens em torno das costas das Terras de Fora[5] não acalmavam sua inquietação. Dois propósitos cresciam em seu coração, misturados em um só em anseio pelo vasto mar: buscava navegar adiante, procurando Tuor e Idril Celebrindal, que não retornavam; e pensava achar talvez a última costa e levar, antes que morresse, a mensagem de Elfos e Homens aos Valar do Oeste, para que se comovessem os corações de Valinor e dos Elfos de Tûn e tivessem piedade do mundo e dos pesares da Raça dos Homens.

Construiu Wingelot,[6] mais belo dos navios das canções, a Flor-de-Espuma; brancos eram seus lenhos como a lua argêntea, dourados eram seus remos, de prata eram seus panos, seus mastros eram coroados de joias como estrelas. Na Balada de Eärendel canta-se muita coisa de suas aventuras nas profundezas e em terras ignotas, e em muitos mares e muitas ilhas. Ungoliant,[7] no Sul, ele matou, e sua escuridão foi destruída, e a luz chegou a muitas regiões que por muito tempo tinham ficado ocultas. Mas Elwing sentava-se em pesar em sua casa.

Eärendel não achou Tuor nem Idril, nem chegou ele jamais naquelas jornadas às costas de Valinor, derrotado por sombras e encantamento, varrido por ventos que o repeliam, até que, com

saudade de Elwing, voltou-se para casa, na direção do Leste. E seu coração mandava-lhe ter pressa, pois um medo repentino caíra sobre ele em sonho, e os ventos com os que antes lutara não conseguiam levá-lo de volta tão rápido quanto era seu desejo.

Sobre os portos do Sirion uma nova desdita caíra. A habitação de Elwing ali e o fato de que ela ainda possuía o Nauglafring[8] e a gloriosa Silmaril chegaram ao conhecimento dos filhos de Fëanor que restavam, Maidros e Maglor e Damrod e Díriel; e eles se ajuntaram de suas trilhas de caça errantes, e mensagens de amizade e, contudo, de severa demanda enviaram à terra do Sirion. Mas Elwing e o povo do Sirion não queriam ceder aquela joia que Beren ganhara e Lúthien usara, e pela qual Dior, o Belo, morrera; e menos ainda enquanto Eärendel, senhor deles, estivesse no mar, pois lhes parecia que naquela joia estava a dádiva de bem-aventurança e cura que sobreviera a suas casas e a seus navios.

E assim veio a se dar, no fim, a última e mais cruel das matanças de Elfos por Elfos; e essa foi a terceira das grandes injustiças que vieram do juramento maldito. Pois os filhos de Fëanor caíram sobre os eLivross de Gondolin e os remanescentes de Doriath e destruíram-nos. Embora alguns do povo deles tenham ficado de lado, e uns poucos tenham se rebelado e morrido do outro lado, ajudando Elwing contra seus próprios senhores (pois tais eram o pesar e a confusão nos corações de Elfinesse naqueles dias), ainda assim Maidros e Maglor venceram. Apenas eles então restavam dos filhos de Fëanor, pois naquela batalha Damrod e Díriel foram mortos; mas a gente do Sirion pereceu ou fugiu ou foi forçada a partir para se juntar ao povo de Maidros, que reivindicava então o senhorio de todos os Elfos das Terras de Fora. E, contudo, Maidros não ganhou a Silmaril, pois Elwing, vendo que tudo

estava perdido e que seu filho Elrond[9] fora feito cativo, evadiu-se da hoste de Maidros e, com a Nauglafring em seu peito, lançou-se no mar e pereceu, ou assim pensaram as gentes.

Mas Ulmo não a deixou afundar e lhe deu a semelhança de uma grande ave branca, e sobre seu peito brilhava como estrela a luzente Silmaril, conforme ela voava por sobre a água a buscar Eärendel, seu bem-amado. E, em certa hora da noite, Eärendel, no leme, viu que ela vinha na direção dele, como uma nuvem branca sob a lua, sobremaneira veloz, como uma estrela sobre o mar que se move em curso estranho, uma chama pálida nas asas da tempestade. E canta-se que ela caiu do ar sobre o lenho de Wingelot, em um desmaio, perto da morte pela urgência de sua velocidade, e Eärendel a tomou no colo. E, n'alvorada, com olhos maravilhados, ele contemplou sua mulher, com a forma que ela sempre tivera, a seu lado, com o cabelo sobre o rosto; e ela dormia.

Mas grande foi o pesar de Eärendel e Elwing pela ruína dos portos do Sirion, e pelo cativeiro de seu filho, cuja morte temiam, e, entretanto, não foi assim. Pois Maidros teve piedade de Elrond e acalentou-o, e cresceu o amor entre eles, por mais impensável que isso fosse; mas o coração de Maidros estava enfermo e cansado[10] com o fardo do terrível juramento. Contudo, Eärendel não via mais chance de auxílio nas terras do Sirion, e voltou-se de novo em desespero e não foi para casa, mas buscou outra vez a Valinor com Elwing a seu lado. Postava-se agora amiúde na proa e a Silmaril ele atou à sua testa; e a luz dela ficava cada vez mais intensa conforme iam para o Oeste. Talvez tenha sido em parte por causa do poderio daquela sacra joia que eles chegaram após certo tempo a águas que, até então, nenhuma nave além daquelas dos Teleri conhecera; e chegaram até as Ilhas Mágicas e escaparam de sua magia;[11] e chegaram aos Mares Sombrios e passaram por suas sombras; e viram a Ilha

Solitária e lá não se demoraram; e lançaram âncora na Baía de Feéria[12] sobre as fronteiras do mundo. E os Teleri viram a chegada daquele navio e ficaram cheios de assombro, fitando de longe a luz da Silmaril, e ela era muito grande.

Mas Eärendel desembarcou nas costas imortais, único a fazê-lo entre os Homens viventes; e nem Elwing nem ninguém de sua pequena companhia quis ele que o seguissem para que não caíssem sob a ira dos Deuses, e ele chegou em um tempo de festival, tal como Morgoth e Ungoliant haviam chegado em eras passadas, e os vigias sobre o monte de Tûn eram poucos, pois os Quendi, em sua maioria, estavam nos salões de Manwë nas alturas de Tinbrenting.[13, 14]

Os vigias partiram, portanto, apressados para Valmar, ou se esconderam nos passos dos montes; e todos os sinos de Valmar soaram; mas Eärendel subiu o maravilhoso monte de Côr[15] e encontrou-o desnudo, e entrou nas ruas de Tûn, e elas estavam vazias; e seu coração pesava. Caminhava então pelas vias desertas de Tûn, e o pó em sua vestimenta e seus sapatos era um pó de diamantes, mas ninguém ouvia seu chamado. Donde voltou para as costas e ia subir uma vez mais a Wingelot, seu navio; mas veio alguém à praia e gritou-lhe: “Salve, Eärendel, estrela radiantíssima, mensageiro mais belo![16] Salve, ó tu, portador da luz antes do Sol e da Lua, esperado que vens repentino, ansiado que vens para além da esperança! Salve, ó tu, esplendor dos filhos do mundo, tu, destruidor da escuridão! Estrela do pôr do sol, salve! Salve, arauto d’alvor!”

E aquele era Fionwë, o filho de Manwë, e ele convocou Eärendel a vir diante dos Deuses; e Eärendel foi até Valinor e aos salões de Valmar, e nunca mais voltou às terras dos Homens.[17] Mas Eärendel apresentou a embaixada das duas raças[18] diante dos rostos dos Deuses, e pediu perdão para os

Gnomos e piedade para os Elfos eLivross e para os infelizes Homens, e socorro para sua necessidade.

Então os filhos dos Valar prepararam-se para a batalha, e o capitão de sua hoste era Fionwë, filho de Manwë. Sob sua bandeira branca marchou também a hoste dos Quendi, os Elfos-da-luz, o povo de Ingwë, e entre eles aqueles dos Gnomos de outrora que nunca tinham partido de Valinor;[19] mas, recordando Porto Cisne, os Teleri não partiram, salvo uns poucos, e esses tripulavam os navios com os quais a maioria daquele exército chegou às terras do Norte; mas eles próprios não pisaram jamais naquelas costas.

Eärendel era o guia deles; mas os Deuses não permitiriam que ele retornasse, e ele construiu para si uma torre branca nos confins do mundo exterior, nas regiões do Norte dos Mares Divisores; e para lá todas as aves marinhas da terra por vezes se dirigiam. E amiúde tinha Elwing a forma e semelhança de uma ave; e ela construiu asas para o navio de Eärendel, e ele foi elevado até mesmo aos oceanos do ar. Maravilhoso e mágico era aquele navio, uma flor estrelada no céu, trazendo uma chama sacra e ondeante; e o povo da terra a contemplava de longe e ficava absorto, e deixava de lado o desespero, dizendo, decerto uma Silmaril está no céu, uma nova estrela ergueu-se no Oeste. Maidros disse a Maglor:[20] "Se for aquela a Silmaril que se alevanta por algum divino poder do mar onde a vimos cair, então alegremo-nos, pois que sua glória é vista agora por muitos." Assim surgiu esperança e uma promessa de melhora; mas Morgoth ficou cheio de dúvida.

Contudo, diz-se que ele não esperava o ataque que lhe sobreveio do Oeste. Tão grande seu orgulho se tornara que julgava que ninguém jamais viria de novo contra ele em guerra aberta; além do mais, pensava que tinha apartado para sempre os Gnomos dos Deuses e de seus parentes e que, contentes em

seu Reino Ditoso, os Valar não mais dariam ouvido a seus domínios no mundo de fora. Pois coração desapiedado não conta com o poder que tem a piedade, da qual fúria severa pode ser forjada, e um aceso relâmpago diante do qual tombam montanhas.

[1] *elfin* > *elven*[f]

[2] *Eärámë, Ala de Águia* > *Eärrámë, Ala-do-mar*

[3] Acrescentado aqui:

> Mas Tuor apenas, entre os homens Mortais, foi contado entre a raça mais antiga e unido aos Noldoli, a quem amava, e depois disso habitava ainda, ou assim se diz, [*riscado*: em Tol Eressëa] em seu navio, viajando pelos mares da Terra-das-fadas [> das Terras-élficas], ou descansando por um tempo nos portos dos Gnomos de Tol Eressëa; e seu destino foi separado do destino dos Homens.

[4] *e ela deu à luz Elrond Meio-Elfo* > *e ela deu à luz Elros e Elrond, que são chamados os Meio-Elfos.*

[5] *de Fora* > *de Cá* em ambas as ocorrências.

[6] *Wingelot* > *Vingelot* em todas as três ocorrências; somente na primeira, *Vingelot* posteriormente > *Wingilot*

[7] *Ungoliant* > *Ungoliant* em ambas as ocorrências.

[8] *Nauglafring* > *Nauglamír* em ambas as ocorrências (cf. §14, nota 10).

[9] *seu filho Elrond* > *seus filhos Elros e Elrond*

[10] Essa passagem foi reescrita assim:

> Mas grande foi o pesar de Eärendel e Elwing pela ruína dos portos do Sirion e pelo cativeiro de seus filhos; e temiam que fossem mortos. Mas não foi assim. Pois Maglor teve piedade de Elros e Elrond, e acalentou-os, e o amor cresceu depois entre eles, por mais impensável que isso fosse; mas o coração de Maglor estava enfermo e cansado etc.

[11] *e chegaram até as Ilhas Mágicas e escaparam de sua magia* > *e chegaram às Ilhas Encantadas e escaparam de seu encantamento*

[12] *Baía de Feéria* > *Baía de Casadelfos*

[13] *de Tinbrenting* > *de Tindbrenting*

[14] Esse parágrafo foi emendado em momentos diferentes, e não está perfeitamente claro o que se pretendia. A primeira mudança foi o acréscimo, após *para que não caíssem sob a ira dos Deuses*, de: *E ele disse adeus a todos que amava na última costa, e foi apartado deles para sempre.* Subsequentemente, *nem ninguém de sua pequena companhia* parece ter sido removido, com este resultado: *e Elwing ele não quis que o seguisse para que não caísse sob a ira dos Deuses* — mas o acréscimo anterior não foi riscado.

[15] *Côr* > *Kôr*, como anteriormente.

[16] Essa passagem foi alterada para:

> Donde voltou em direção às costas pensando em zarpar uma vez mais em Vingelot, seu navio; mas veio alguém até ele e gritou-lhe: “Salve, Eärendel, estrela radiante, mensageiro mais belo!

[17] *nunca mais voltou às terras dos Homens* > *nunca mais pôs o pé sobre as terras dos Homens*

[18] *raças* > *gentes*

[19] Acrescentado aqui: *e Ingwiel, filho de Ingwë, era seu chefe;*

[20] Essa passagem, a partir do início do parágrafo, foi reescrita extensamente:

> Naqueles dias, o navio de Eärendel foi levado pelos Deuses para além da borda do mundo, e foi elevado até mesmo aos oceanos do ar. Maravilhoso e mágico era aquele navio, uma flor estrelada no céu, trazendo uma chama sacra e ondeante; e o povo da Terra o contemplou de longe e ficou absorto, e deixou de lado o desespero, dizendo, decerto uma Silmaril está no céu, uma nova estrela ergueu-se no Oeste. Mas Elwing pranteou Eärendel; contudo, nunca mais o achou, e eles estão separados até que o mundo finde. Portanto, ela construiu uma torre branca nos confins do mundo exterior, nas regiões do Norte dos Mares Divisores; e para lá todas as aves marinhas da terra por vezes se dirigiam. E Elwing fez asas para si, e desejava voar até o navio de Eärendel. Mas [?ela caiu para trás]. . . . . Mas quando a chama apareceu nas alturas, Maglor disse a Maidros:

18

[Esta seção inteira mais uma vez encontra-se preservada nas duas versões datilografas, Q I e Q II.]

Da marcha de Fionwë para o Norte pouco se diz, pois naquela hoste não havia nenhum dos Elfos que tinham habitado e sofrido nas Terras de Fora, e que fizeram estas histórias; e notícias só muito depois esses tiveram de tais coisas de seus parentes distantes, os Elfos de Valinor. O encontro das hostes de Fionwë e de Morgoth no Norte recebe o nome de Última Batalha, a Terrível Batalha, a Batalha da Ira e do Trovão. Grande foi o assombro de Morgoth quando essa hoste lhe sobreveio do Oeste, e toda Hithlum estava em chamas com suas glória, e as montanhas ressoavam; pois pensava que tinha apartado para sempre os Gnomos dos Deuses e de seus parentes e que, contentes em seu reino ditoso, os Deuses não mais dariam ouvido a seus domínios no mundo de fora. Pois coração

desapiedado não conta com o poder que tem a piedade; nem prevê que da compaixão gentil pela angústia e pelo valor sobrepujados fúria severa pode ser forjada, e um aceso relâmpago diante do qual tombam montanhas.[1]

Lá se reuniu o poderio inteiro do Trono de Ódio, e quase imensurável tinha se tornado, de modo que Dor-na-Fauglith não o podia por nenhuma maneira conter, e todo o Norte estava em chamas com a guerra. Mas de nada valeu. Todos os Balrogs foram destruídos, e as hostes incontáveis dos Orques pereceram feito palha no fogo, ou foram varridas feito folhas despedaçadas diante de um vento ardente. Poucos restaram para atormentar o mundo desde então. E o próprio Morgoth veio, e todos os seus dragões estavam à sua volta; e Fionwë por um momento foi rechaçado. Mas os filhos dos Valar no fim sobrepujaram a todos, e apenas dois escaparam. Morgoth não escapou. Ao chão o jogaram, e o ataram com a corrente Angainor, com a qual Tulkas o prendera outrora, e da qual em hora infeliz os Deuses o libertaram; mas sua coroa de ferro deram forma de coleira para seu pescoço, e curvaram-lhe a cabeça até os joelhos. As Silmarils Fionwë tomou e as guardou.

Assim pereceu o poder e o opróbio de Angband no Norte, e sua multidão de prisioneiros saiu à luz do dia para além de toda a esperança, e contemplaram um mundo que estava mudado. As Thangorodrim foram partidas e derrubadas, e as covas de Morgoth destroçadas e destelhadas, para jamais serem reerguidas; mas tão grande foi a fúria daqueles adversários que todas as partes do norte e do oeste do mundo foram rasgadas e fendidas, e o mar entrou rugindo por muitos lugares; os rios pereceram ou acharam novos leitos, os vales foram soerguidos e os montes desabaram; e Sirion não mais existia. Então os Homens fugiram, aqueles que não pereceram na ruína daqueles dias, e muito tardou antes que voltassem pelas montanhas onde

Beleriand existira antes, e não antes que a história daqueles dias se esvanecesse em um eco que pouco se ouvia.

Mas Fionwë marchou pelas terras convocando os remanescentes dos Gnomos e os Elfos-escuros que jamais tinham visto Valinor a se unir aos cativos libertados de Angband, e partir; e com os Elfos apenas àqueles da raça de Hador e Bëor seria permitido partir, se quisessem. Mas desses apenas Elrond agora restava, o Meio-Elfo; e [ele] escolheu permanecer, estando unido por seu sangue mortal em amor àqueles da raça mais jovem; e apenas por Elrond o sangue da raça mais antiga e da semente divina de Valinor chegou aos Homens mortais.

Mas Maidros não quis obedecer ao chamado, preparando-se para cumprir mesmo assim as obrigações de seu juramento, ainda que com desgosto cansado e desespero. Pois ele teria batalhado pelas Silmarils, se lhe fossem negadas, ainda que estivesse sozinho em todo o mundo, apenas com a exceção de Maglor, seu irmão. E mandou dizer a Fionwë que lhe cedesse aquelas joias que outrora Morgoth roubara de Fëanor. Mas Fionwë disse que o direito que Fëanor e seus filhos tinham sobre aquilo que tinham obrado havia perecido, por causa dos muitos e malignos feitos que realizaram cegados por seu juramento e, mais do que tudo, pela morte de Dior e o ataque deles a Elwing. Para Valinor deviam Maidros e Maglor retornar e aguardar o julgamento dos Deuses, por cujo decreto apenas Fionwë cederia as joias a qualquer cuidado que não o seu próprio.

Maidros tinha em mente se submeter, pois estava triste em seu coração, e disse: “O juramento não decreta que não aguardemos nossa hora, e pode ser que em Valinor tudo seja perdoado e esquecido, e que tenhamos nossa herança.” Mas Maglor respondeu que, se chegassem a retornar e o favor dos Deuses não lhes fosse concedido, então seu juramento mesmo

assim permaneceria, e seria cumprido em desespero ainda maior; “e quem pode dizer a que fim horrendo chegaremos, se desobedecermos os Poderes em sua própria terra, ou pretendermos trazer a guerra a seu Reino Guardado de novo?” E assim se deu que Maidros e Maglor se insinuaram nos acampamentos de Fionwë, e deitaram mãos sobre as Silmarils; e sacaram suas armas quando foram descobertos. Mas os filhos dos Valar se alevantaram em ira e os detiveram, e fizeram Maidros prisioneiro; porém Maglor evadiu-se deles e escapou.

Ora, a Silmaril que Maidros detinha — pois os irmãos tinham concordado em cada um tomar uma, dizendo que apenas dois irmãos restavam agora, e apenas duas joias — queimou a mão de Maidros, e ele tinha apenas uma mão, como [se] contou antes, e ele soube então que seu direito se tornara nulo, e que o juramento era vão. Mas ele jogou a Silmaril no chão, e Fionwë a pegou; e por causa da agonia de sua dor e do remorso de seu coração, ele tirou a própria vida, antes que pudesse ser impedido.

Conta-se também de Maglor que ele fugiu para longe, mas outrossim não podia suportar a dor com a qual a Silmaril o atormentava; e em agonia lançou-a em uma grande fenda cheia de fogo, no destroçamento das terras ocidentais, e a joia desapareceu no seio da Terra. Mas Maglor nunca mais voltou ao meio do povo de Elfinesse, e vagou a cantar em dor e arrependimento à beira do mar.

Naqueles dias houve uma grande armação de navios nas costas do Mar do Oeste, e mormente nas grandes ilhas, as quais, na ruptura do mundo do Norte, foram formadas a partir da antiga Beleriand. De lá, em muitas frotas, os sobreviventes dos Gnomos e das companhias ocidentais dos Elfos-escuros içaram vela para o Oeste e não mais voltaram às regiões de pranto e de

guerra; e os Elfos-da-luz marcharam para casa sob as bandeiras de seu rei, no séquito vitorioso de Fionwë. Porém, nem todos retornaram, e alguns se demoraram por muitas eras no Oeste e no Norte, e especialmente nas Ilhas Ocidentais. Contudo sempre, conforme as eras passavam e o povo dos Elfos se esvanecia na Terra, ainda içavam vela ao anoitecer de nossas costas do Oeste; como ainda fazem, quando agora se demoram poucas em qualquer lugar das companhias solitárias.

Mas no Oeste os Gnomos que retornaram habitaram em sua maior parte na Ilha Solitária, que olha tanto para o Leste quanto para o Oeste; e a eles se misturaram os Elfos-escuros, especialmente aqueles que outrora pertenceram a Doriath. E alguns retornaram até mesmo a Valinor, e foram bem recebidos em meio às luzentes companhias dos Quendi, e admitidos ao amor de Manwë e ao perdão dos Deuses; e os Teleri perdoaram sua antiga mágoa, e a maldição foi posta de lado. Mas Tûn nunca mais foi habitada; e Côr permanece um monte de verde silencioso sem ser pisado.

[1] O conteúdo dessa passagem, a partir *Grande foi o assombro de Morgoth*…, foi apresentado ao final de §17 na versão Q II, visto que aparece lá antes das palavras *Da marcha da hoste de Fionwë* com as quais inicio §18.

§18 na versão Q II

Da marcha da hoste de Fionwë para o Norte pouco se diz, pois em seus exércitos não vinha nenhum daqueles Elfos que tinham habitado e sofrido nas Terras de Fora,[1] e que fizeram estas histórias, e notícias só muito depois esses tiveram de tais coisas de seus parentes, os Elfos-da-luz de Valinor. Mas Fionwë veio, e o desafio de suas trombetas encheu o céu, e ele convocou todos os Homens e Elfos, de Hithlum até o Leste; e Beleriand

inflamou-se com a glória de suas armas, e as montanhas ecoaram.

O encontro das hostes do Oeste e do Norte recebe o nome de Grande Batalha, a Terrível Batalha, a Batalha da Ira e do Trovão. Lá se reuniu o poderio inteiro do Trono de Ódio, e quase imensurável tinha se tornado, de modo que Dor-na-Fauglith não o podia conter, e todo o Norte estava em chamas com a guerra. Mas de nada valeu. Todos os Balrogs foram destruídos, e as hostes incontáveis dos Orques pereceram feito palha no fogo, ou foram varridas feito folhas despedaçadas diante de um vento ardente. Poucos restaram para atormentar o mundo desde então. E se diz que lá muitos Homens de Hithlum, arrependidos de sua servidão maligna, operaram feitos de valor, além de muitos Homens recém-saídos do Leste;[2] e assim foram cumpridas, em parte, as palavras de Ulmo; pois por Eärendel, filho de Tuor, foi o auxílio dado aos Elfos, e pelas espadas dos Homens foram eles fortalecidos nos campos de guerra.[3] Mas Morgoth tremeu e não veio à luta; e lançou seu último ataque, e era o dos dragões alados.[4] Tão repentino e rápido e ruinoso foi o avanço daquela frota, como uma tempestade de cem trovões com asas de aço, que Fionwë foi rechaçado; mas Eärendel veio, e uma miríade de aves estava à volta dele, e a batalha durou toda uma noite de dúvida. E Eärendel matou Ancalagon, o negro, mais poderoso de toda a horda dos dragões, e o lançou do céu, e em sua queda as torres das Thangorodrim foram derrubadas. Então nasceu o sol do segundo dia e os filhos[5] dos Valar prevaleceram, e todos os dragões foram destruídos, salvo dois apenas; e fugiram para o Leste. Então foram todas as covas de Morgoth destroçadas e destelhadas, e o poderio de Fionwë desceu até as profundezas da Terra, e lá Morgoth foi derrubado. Foi atado[6] com a corrente Angainor, que há muito estava preparada, e à sua coroa de ferro deram forma de coleira para seu pescoço, e curvaram-lhe a

cabeça até os joelhos. Mas Fionwë tomou as duas Silmarils que restavam e guardou-as.

Assim pereceu o poder e o opróbrio de Angband no Norte, e sua multidão de servos saiu, para além de toda a esperança, à luz do dia e viram um mundo de todo mudado; pois tão grande foi a fúria daqueles adversários que as regiões do Norte do Mundo Ocidental foram rasgadas e quebradas, e o mar rugiu para dentro de muitos abismos, e houve confusão e grande barulho; e os rios pereceram ou acharam novos leitos, e os vales foram elevados, e os montes, derrubados; e Sirion não existia mais. Então os Homens fugiram, aqueles que não pereceram na ruína daqueles dias, e muito tardou antes que voltassem pelas montanhas onde Beleriand existira antes, e não antes que a história daquelas guerras se esvanecesse em um eco que pouco se ouvia.

Mas Fionwë marchou pelas terras do Oeste convocando os remanescentes dos Gnomos, e os Elfos-escuros que ainda não tinham visto Valinor, a se unir aos servos libertados e partir. Mas Maidros não quis ouvir e preparou-se, ainda que com desgosto cansado e desespero, para realizar mesmo assim as obrigações de seu juramento. Pois Maidros e Maglor teriam batalhado pelas Silmarils, se lhes fossem negadas, mesmo contra a hoste vitoriosa de Valinor, e ainda que estivessem sozinhos contra o mundo todo. E mandaram dizer a Fionwë que lhes cedesse então aquelas joias que outrora Morgoth roubara de Fëanor. Mas Fionwë disse que o direito à obra de suas mãos o qual Fëanor e seus filhos antes tinham possuído havia perecido, por causa de seus muitos e malignos feitos, cegados por seu juramento e, mais do que tudo, pela morte de Dior e o ataque deles a Elwing; a luz das Silmarils deveria agora ir para os Deuses, de onde viera, e para Valinor deviam Maidros e Maglor

retornar e lá aguardar o julgamento dos Deuses, por cujo decreto apenas Fionwë cederia as joias a seus cuidados.

Maglor tinha em mente se submeter, pois estava triste em seu coração, e disse: “O juramento não diz que não podemos aguardar nossa hora, e pode ser que em Valinor tudo seja perdoado e esquecido, e que tenhamos nossa herança.” Mas Maidros respondeu que, se chegassem a retornar e o favor dos Deuses lhes fosse recusado, então seu juramento mesmo assim permaneceria a ser cumprido em desespero ainda maior; “e quem pode dizer a que sina horrenda chegaremos, se desobedecermos os Poderes em sua própria terra, ou pretendermos de novo trazer a guerra a seu Reino Guardado?” E assim se deu que Maidros e Maglor se insinuaram nos acampamentos de Fionwë e deitaram mãos sobre as Silmarils, e mataram os guardas; e ali se preparam para se defender até a morte. Mas Fionwë deteve sua gente; e os irmãos partiram e fugiram para longe.

Cada um tomou uma única Silmaril, dizendo que uma se perdera para eles, e duas restavam, havendo só dois irmãos. Mas a joia queimou a mão de Maidros com dor insuportável (e ele tinha apenas uma mão, como se contou antes); e ele percebeu que era como Fionwë dissera, e que seu direito se tornara nulo, e que o juramento era vão. E, estando cheio de angústia e desespero, lançou-se em um abismo que se abria cheio de fogo, e esse foi seu fim; e sua Silmaril foi levada ao seio da Terra.

E conta-se também de Maglor que ele não podia suportar a dor com a qual a Silmaril o atormentava; e lançou-a enfim ao mar e depois disso vagou sempre pela costa cantando em dor e arrependimento à beira das ondas; pois Maglor era o mais poderoso dos cantores de outrora, mas nunca mais voltou ao meio do povo de Elfinesse.

Naqueles dias houve uma grande armação de navios nas costas do Mar do Oeste, e especialmente nas grandes ilhas, as quais, na ruptura do mundo do Norte, foram formadas a partir da antiga Beleriand. De lá, em muitas frotas, os sobreviventes dos Gnomos e das companhias ocidentais dos Elfos-escuros içaram vela para o Oeste e não mais voltaram às regiões de pranto e de guerra; mas os Elfos-da-luz marcharam para casa sob as bandeiras de seu rei, no séquito vitorioso de Fionwë, e foram levados em triunfo a Valinor.[7] Mas no Oeste os Gnomos e Elfos-escuros habitaram de novo, em sua maior parte, na Ilha Solitária, que olha tanto para o Leste quanto para o Oeste; e mui bela tornou-se aquela terra, e assim permanece. Mas alguns retornaram até mesmo a Valinor, como todos eram livres para fazer se desejassem; e os Gnomos foram de novo admitidos ao amor de Manwë e ao perdão dos Valar, e os Teleri perdoaram sua antiga mágoa e a maldição foi posta de lado.

Porém, nem todos queriam abandonar as Terras de Fora, onde longamente sofreram e habitaram; e alguns se demoraram por muitas eras no Oeste e no Norte, e especialmente nas ilhas ocidentais e nas terras de Leithien. E entre esses estava Maglor, como foi contado; e com ele Elrond, o Meio-Elfo,[8] que depois veio entre os Homens mortais de novo, e por quem apenas o sangue da raça mais antiga[9] e a divina semente de Valinor chegou à Gente dos Homens (pois ele era filho de Elwing, filha de Dior, filho de Lúthien, filha de Thingol e Melian; e Eärendel, que o gerou, era filho de Idril Celebrindal, a bela donzela de Gondolin). Mas sempre, conforme as eras passavam e o povo dos Elfos se esvanecia na Terra, ainda içavam vela ao anoitecer de nossas costas do Oeste; como ainda fazem, quando agora se demoram poucas em qualquer lugar de suas companhias solitárias.

[1] *de Cá* escrito sobre ou em substituição a *de fora* em ambas as ocorrências.

[2] Nessa frase, na primeira "camada" de emendas, *muitos Homens* > *alguns poucos Homens* e *além de muitos Homens* > *além de alguns Homens*. Posteriormente, a frase foi reescrita rapidamente a lápis:

> E se diz que todos os que restavam das três Casas dos Pais de Homens lutaram por Fionwë, e a eles se uniram alguns dos Homens de Hithlum que, arrependidos de sua servidão maligna, operaram feitos de valor contra os Orques; e assim foram cumpridas, etc.

Ver nota 3.

[3] Acrescentado na mesma época que a reescrita mencionada na nota 2:

> Mas a maioria dos Homens, e especialmente aqueles que tinham acabado de sair do Leste, ficou do lado do Inimigo.

[4] Acrescentado aqui:

> pois até então não tinha nenhuma dessas criaturas de seu pensamento cruel assolado o ar.

[5] *sons* > *children*[g] (mudança tardia).

[6] *e lá Morgoth foi derrubado* foi alterado e expandido da seguinte forma:

> e lá Morgoth estava enfim encurralado; e, contudo, não tinha valentia. Fugiu para a mais profunda de suas minas e suplicou paz e perdão. Mas seus pés foram-lhe cortados debaixo de si, e lançaram-no sobre sua face. Então foi atado etc.

[7] Acrescentado aqui:

> Contudo, pouco júbilo tiveram em seu retorno, pois vieram sem as Silmarils, e essas não podiam ser achadas outra vez, a menos que o mundo fosse despedaçado e refeito de todo.

[8] *Half-elfin* > *Half-elven*[h] (cf. §17 na versão Q II, nota 4).

[9] *da raça mais antiga* > *dos Primogênitos*

19

[Q I chega ao fim logo após o início desta seção.]

Assim os Deuses julgaram quando Fionwë e os filhos dos Valar retornaram a Valmar: as Terras de Fora dali por diante seriam dos Homens, os filhos mais novos do mundo; mas apenas para os Elfos os portões do Oeste ficariam sempre abertos; mas se não fossem para lá e tardassem no mundo dos Homens, então deveriam desvanecer e fraquejar lentamente. E assim tem sido; e esse é o mais doloroso dos frutos das obras e das mentiras de

Morgoth. Por um tempo seus Orques e seus Dragões, procriando de novo em lugares escuros, atormentaram o mundo, como em lugares distantes ainda o fazem; mas, antes do Fim, todos hão de perecer pelo valor dos Homens mortais.

Mas Morgoth os Deuses lançaram através da Porta da Noite Atemporal que dá para o Vazio para além das Muralhas do Mundo; e uma guarda está a postos sempre naquela porta. Contudo, as mentiras que

> [Aqui o texto Q I acaba, ao pé de uma página datilografada, mas Q II continua até o fim.]

Este foi o julgamento dos Deuses, quando Fionwë e os filhos dos Valar tinham retornado a Valmar: dali por diante as Terras de Fora seriam da Gente dos Homens, os filhos mais novos do mundo; mas apenas para os Elfos os portões do Oeste ficariam sempre abertos, e, se não fossem para lá e tardassem no mundo dos Homens, então deveriam desvanecer e fraquejar lentamente. Este é o mais doloroso dos frutos das mentiras e das obras de Morgoth, que os Eldalië fossem apartados e alheados dos Homens. Por um tempo seus Orques e seus Dragões, procriando de novo em lugares escuros, aterraram o mundo e, em regiões várias, ainda o fazem; mas, antes do Fim, todos hão de perecer pelo valor dos Homens mortais.

Mas Morgoth os Deuses lançaram através da Porta da Noite Atemporal que dá para o Vazio, para além das Muralhas do Mundo; e uma guarda está a postos sempre naquela porta, e Eärendel mantém vigia sobre os baluartes do céu. Contudo, as mentiras que Melko,[1] Moeleg, o poderoso e amaldiçoado, Morgoth Bauglir, o Terrível e Sombrio Poder semeou nos corações de Elfos e Homens não morreram todas, e não podem pelos Deuses ser mortas, e vivem a operar muito mal até mesmo

nestes dias posteriores. Alguns dizem também que Morgoth, por vezes, secretamente como uma nuvem que não pode ser vista nem sentida, mas ainda assim o é, e o veneno é,[2] insinua-se, escalando as Muralhas e visita o mundo; mas outros dizem que essa é a sombra negra de Thû, que foi feito por Morgoth e que, escapando da Terrível Batalha, habita em lugares escuros e perverte os Homens[3] para seu domínio horrendo e seu culto imundo.

Depois do triunfo dos Deuses, Eärendel navegava ainda os mares do firmamento, mas o Sol o queimava e a Lua o caçava no céu, [e partia por muito tempo por trás do mundo, viajando pela Escuridão de Fora, uma estrela faiscante e fugidia.][4] Então os Valar trouxeram seu navio branco, Wingelot,[5] por sobre a terra de Valinor, e o encheram de radiância e o abençoaram, e lançaram-no através da Porta da Noite. E por longo tempo Eärendel içou velas na vastidão sem estrelas, Elwing a seu lado,[6] a Silmaril sobre sua fronte, viajando pelas Trevas detrás do mundo, uma estrela faiscante e fugidia. E de quando em vez ele retorna e brilha atrás dos cursos do Sol e da Lua acima dos baluartes dos Deuses, mais brilhante que todas as outras estrelas, o marinheiro do céu, montando guarda contra Morgoth sobre os confins do mundo. Assim ele há de velejar até que veja a Última Batalha ser lutada sobre as planícies de Valinor.

Assim falou a profecia de Mandos, que ele declarou em Valmar no julgamento dos Deuses, e o rumor dela virou um sussurro entre todos os Elfos do Oeste: quando o mundo for velho e os Poderes estiverem cansados, então Morgoth há de voltar pela Porta da Noite Atemporal; e ele há de destruir o Sol e a Lua, mas Eärendel há de vir sobre ele como uma chama branca e tirá-lo dos ares. Então há de se ajuntar a última batalha nos campos de Valinor. Naquele dia, Tulkas há de combater com Melko, e à sua direita há de estar Fionwë e à sua esquerda, Túrin

Turambar, filho de Húrin, Conquistador do Destino;[7] e há de ser a espada negra de Túrin a dar a Melko sua morte e fim definitivo; e assim hão de ser vingados os filhos de Húrin e todos os Homens.

Depois disso, haverão as Silmarils[8] de ser recuperadas do mar e da terra e do ar; pois Eärendel há de descer e abrir mão daquela chama que está sob sua guarda. Então Fëanor levará as Três para dá-las a Yavanna Palúrien; e ela vai quebrá-las e, com seu fogo, reacenderá as Duas Árvores, e uma grande luz virá; e as Montanhas de Valinor serão aplainadas, de modo que a luz chegue a todo o mundo. Naquela luz os Deuses ficarão jovens de novo, e os Elfos despertarão, e todos os seus mortos levantar-se-ão, e o propósito de Ilúvatar acerca deles será cumprido. Mas dos Homens naquele dia a profecia não fala, exceto apenas de Túrin, e a ele nomeia entre os Deuses.[9]

Tal é o fim das histórias dos dias antes dos dias nas regiões do Norte do Mundo Ocidental. Algumas dessas coisas são cantadas e ditas ainda pelos Elfos minguantes; e mais ainda é cantado pelos Elfos desaparecidos que habitam agora na Ilha Solitária. A Homens da raça de Eärendel foram por vezes contadas, e mormente a Eriol[10] *que, único dos mortais de dias posteriores, e, contudo, agora há muito tempo, navegou até a Ilha Solitária, e retornou à terra de Leithien*[11] *onde vivia, e lembrava-se de coisas que ouvira na bela Cortirion, a cidade dos Elfos em Tol Eressëa.*

1 *Melko* > *Melkor* (mas somente na primeira ocorrência).

2 *mas ainda assim o é, e o veneno é* > *mas ainda assim é venenosa*

3 Essa frase foi reescrita:

> mas outros dizem que essa é a sombra negra de Sauron, que servia a Morgoth e se tornou o maior e mais maligno de seus lacaios; e Sauron escapou da Grande Batalha, e habitou

em lugares escuros e perverteu os Homens etc.

[4] Essa frase foi preservada de um ponto anterior na narrativa no Q I (final da §17, p. 171); no Q II, a última parte dela, *e partia por muito tempo por trás do mundo, viajando pela Escuridão de Fora, uma estrela faiscante e fugidia*, foi riscada, visto que ocorre mais uma vez imediatamente abaixo.

[5] *Wingelot* não foi emendado aqui (como em §17 na versão Q II, nota 6) para *Vingelot*.

[6] *Elwing a seu lado* foi riscado.

[7] Acrescentado aqui a lápis: *vindo dos salões de Mandos*

[8] *Depois disso, haverão as Silmarils* > *Depois disso, a Terra há de ser partida e refeita, e as Silmarils*

[9] *entre os Deuses* emendado a lápis para *entre os filhos dos Deuses*

[10] Aparentemente mudado, a lápis, para *Ereol*.

[11] *Leithien* emendada a lápis para *Bretanha*.

Comentário sobre o *Quenta*

Seção de Abertura

Essa passagem, à qual não há nada que corresponda no Esb, pode ser comparada aos *Contos Perdidos* I. 78, 86–7 por um lado e ao *Valaquenta* (*O Silmarillion* pp. 51 ss.) por outro. Essa seção de abertura do Q é a origem e a precursora do *Valaquenta*, como pode-se ver pela cadência de suas frases e por muitos detalhes de redação; ainda que breve, não apresenta contradições reais ao texto dos *Contos Perdidos*, salvo em alguns detalhes de nomes. Os Nove Valar, mencionados em Esb §1 e no poema aliterante *Fuga dos Noldoli* (III. 160), são agora pela primeira vez identificados. Esse número continuaria nos Oito *Aratar* (oito, porque "um foi retirado de seu número", *O Silmarillion*, pp. 56–7), embora tenha havido muitas mudanças na composição do número em escritos tardios; nos *Contos Perdidos* havia "quatro grandes" entre os Valar: Manwë, Melko, Ulmo e Aulë (I. 78).

O nome de Mandos nos *Contos Perdidos*, Vefántur "Fantur da Morte", que "chamava o salão com seu próprio nome, Vê" (I. 87, 98), agora se torna *Nefantur*. Em lugar algum há qualquer indicação sobre o significado do primeiro elemento; mas o novo nome possui uma curiosa semelhança com o nome em inglês antigo de Mandos encontrado em uma lista de tais nomes dos Valar (pp. 241–42): *Néfréa* (inglês antigo *né(o)* "cadáver", *fréa* "senhor"). A mudança

tardia de *Tavros* para *Tauros* também é feita no texto B da *Balada de Leithian* (III. 233, 332).

Vána (aqui especificamente escrito como *Văna*) é agora a irmã mais nova de Varda e Palúrien (nos *Contos Perdidos* não é dito que essas deusas são "aparentadas"); em *O Silmarillion* Vána permanece a irmã mais nova de Yavanna. Encontramos aqui o nome gnômico de Melko, *Moeleg*, que os Gnomos não usam; cf. o *Valaquenta* (p. 58): "os Noldor, que entre os Elfos sofreram mais por sua malícia, não o pronunciam [Melkor] e dão-lhe o nome de Morgoth, o Sombrio Inimigo do Mundo". A forma gnômica original era *Belcha* (II. 59, 87).

1

Nessa seção do Q, antes que a página substituta (ver nota 2) fosse escrita, os únicos desenvolvimentos importantes a partir do Esb são a redução dos períodos das Árvores, de catorze horas para sete (e isso só ocorreu com uma alteração no texto datilografado, ver nota 1), e a afirmação explícita de que Silpion era a mais velha das Árvores e que brilhou sozinha por um tempo (a Hora Inicial). Também é dito que os Gnomos posteriormente chamaram as Árvores de Bansil e *Glingol*. No conto de *A Queda de Gondolin*, esses nomes eram expressamente os das Árvores de Gondolin (ver II. 258–60), mas (especialmente uma vez que *Glingol* ocorre em uma glosa rejeitada em *O Chalé do Brincar Perdido* (I. 33) como um nome da Árvore Dourada de Valinor) parece claro que eles eram os nomes gnômicos das Árvores originais, que foram transferidos para suas mudas em Gondolin; na *Balada dos Filhos de Húrin* e na *Balada de Leithian*, como aqui no Q, Glingol e Bansil (posteriormente emendados para *Glingal* e *Belthil*) são as Árvores de Valinor. Mas em *O Silmarillion*, Glingal e Belthil são os nomes específicos das imagens de Turgon das Árvores de Gondolin.

Com a página substituta nessa seção (nota 2) há diversos desenvolvimentos adicionais, e a passagem que descreve os períodos das Árvores e a mescla das luzes é efetivamente a forma final, diferindo apenas daquela em *O Silmarillion* (pp. 67–8) em algumas

mudanças levemente rítmicas nas frases. Yavanna não mais "planta" as Árvores, e Nienna está presente no nascimento delas (substituindo Vána dos *Contos Perdidos*, I. 93); os Valar sentam-se em seus "tronos de concílio" no Círculo do Julgamento perto dos portões dourados de Valmar; e as sombras em movimento das folhas de Silpion, não mencionadas no Esb ou no Q como escritos inicialmente, reaparecem dos *Contos Perdidos* (ver I. 112). Aqui também aparecem os nomes de Taniquetil, *Ialassë* "Brancura Sempiterna", gnômico *Amon-Uilas*, e *Tinwenairin* "coroada de estrelas"; cf. *O Silmarillion* p. 66:

> Taniquetil é o nome dado pelos Elfos àquela montanha sacra; e Oiolossë, Brancura Sempiterna, Elerrína, Coroada de Estrelas e muitos nomes outros; mas os Sindar falam dela em sua língua mais recente com o nome de Amon Uilos.

"Elfos" ainda é usado aqui em contraste com "Gnomos"; quanto a esse uso, ver p. 54.

2

O Q permanece próximo ao Esb nessa seção. Ao comentar o Esb, notei a ausência de certas características que são encontradas tanto nos *Contos Perdidos* como em *O Silmarillion*: (1) a chegada dos três embaixadores élficos a Valinor, (2) os Elfos que não deixaram as Águas do Despertar, (3) as duas feituras das estrelas por Varda, e (4) a corrente Angainor, com a qual Morgoth foi preso; e ainda não há menção deles. Como eu disse (I. 98), o *Quenta*, embora escrito de uma maneira acabada, ainda é em essência um resumo, e é possível se pensar que a ausência desses elementos se deve meramente à sua natureza comprimida. Contudo, em contrapartida, no que diz respeito a (1), há a afirmação no Q de que Thingol "jamais chegou a Valinor", enquanto na história mais antiga (I. 145), assim como em *O Silmarillion* (p. 85), Tinwelint/Thingol era um dos três embaixadores originais; e, a respeito de (3), é dito no Q que Varda salpicou "os céus às escuras" com estrelas. No tocante a (4), é dito

posteriormente no Q (§18) que Morgoth foi atado após a Última Batalha "com a corrente Angainor, com a qual Tulkas o prendera outrora".

A constelação da Grande Ursa é chamada de Urze Ardente, e a Foice dos Deuses, na *Balada de Leithian*.

É dito aqui que os Elfos chamavam a si mesmos de *Eldar*, tanto em contraste com a ideia mais antiga (I. 282) de que *Eldar* foi o nome lhes dado pelos Deuses, como com *O Silmarillion* (p. 81), onde Oromë "lhes deu o nome, na própria língua deles, de Eldar, o povo das estrelas".

A afirmação original no Q de que Ingwë "jamais voltou para as Terras de Fora até estes contos chegarem perto do fim" é uma referência à sua liderança na Marcha dos Elfos de Valinor no segundo ataque a Morgoth, no qual ele pereceu (I. 160). A afirmação revisada apresentada na nota 6, dizendo que Ingwë jamais voltou do Oeste, é praticamente a mesma que a em *O Silmarillion* (p. 85); ver o Comentário sobre §17. As formas gnômicas dos nomes dos três líderes, *Ing*, *Finn* e *Elu*, foram removidas pelas reescritas apresentadas nas notas 6, 8 e 11; e o uso de *Quendi* para a Primeira Gente ("que por vezes são os únicos chamados de Elfos", ver p. 53) é substituído por *Lindar* em uma emenda tardia (nota 7), enquanto *Quendi* reaparece (nota 5) como o nome para todos os Elfos. Essas mudanças tardias pertencem a uma nova nomenclatura que surgiu após o Quenta ser completado.

3

Embora o Q mais uma vez siga aqui o Esb muito de perto, há um importante desenvolvimento narrativo: a primeira aparição da história de Ossë sentado nas rochas à beira-mar instruindo os Teleri, e de como persuadiu alguns a permanecerem "nas praias do mundo" (os Elfos posteriores dos Portos de Brithombar e Eglarest, governados por Círdan, o Armador). E com o acréscimo tardio apresentado na nota 7 aparece a remoção da Primeira Gente (aqui chamada Lindar) de Tûn e sua separação dos Gnomos; há aqui um detalhe não retomado em textos subsequentes (provavelmente porque

passou despercebido) de que os Noldoli de Tûn deixaram a torre de Ingwë desabitada, embora cuidassem da lamparina.

Como em §2, *Finn* foi emendado para *Finwë* (e *Ing* para *Ingwë*), embora se diga que os nomes dos príncipes noldorin são dados na forma gnômica, e *Ylmir*, encontrado no Esb, não é retomado no Q (de modo similar, tem-se Óin em Esb §3, mas *Uinen* na seção de abertura do Q).

Na passagem sobre os príncipes noldorin (um acréscimo tardio ao Esb), Celegorm torna-se "o amigo de Oromë" (um desenvolvimento que surge da história posterior de Huan, ver §10); o terceiro filho de Finrod, *Anrod* no Esb, torna-se *Angrod*. Quanto à mudança *Finweg* > *Fingon*, ver p. 56.

4

Muitos detalhes encontrados na história em *O Silmarillion* aparecem agora no Q (como o fato de Fëanor usar as Silmarils em grandes festas, Morgoth avistar os domos de Valmar ao longe ao mesclar das luzes, sua risada "enquanto descia depressa as longas encostas ocidentais", seu grande grito que ecoou pelo mundo quando as teias de Ungoliant o enredaram). No meu comentário sobre o Esb, observei que "a história inteira da ida de Morgoth a Formenos (que ainda não é chamada assim) e sua fala com Fëanor diante das portas ainda não havia aparecido", e também não aparece no Q; mas a interpolação tardia apresentada na nota 6, onde se afirma que um mensageiro chegou ao concílio dos Deuses com novas de que Morgoth estava no Norte de Valinor e rumo à casa de Finwë, é a primeira indicação desse elemento. Em *O Silmarillion* (p. 109), mensageiros chegaram aos Valar enviados por Finwë em Formenos contando sobre a primeira ida de Morgoth até lá, e a isso se segue as notícias de Tirion de que ele passara pelo Calacirya — uma movimentação que aparece à essa altura no Esb e no Q ("ele escapou pelo passo de Kôr, e da torre de Ingwë os Elfos o viram passar em trovão e ira").

Não há menção em Esb §4 do grande festival nesse ponto da narrativa, e sua aparição em §5 parece ter sido uma lembrança

posterior (ver p. 57); o fato de o mesmo valer para o Q mostra o quanto a versão tardia depende da primeira nesse estágio da obra.

5

Nessa seção o Q, como de costume, possui muitos detalhes e expressões duradouras que não são encontrados no Esb, tais como os gemidos dos Ginetes d'Ondas à beira do mar, o desprezo de Fëanor pelos Valar "que não conseguem nem mesmo manter a seu próprio reino a salvo de seu inimigo", as espadas desembainhadas dos que fazem o juramento, o combate no "grande arco do portão e nos ancoradouros e pilares iluminados por lamparinas" de Porto-cisne, e a insinuação de que o proclamador da Profecia pode ter sido o próprio Mandos. Não havia menção no Esb dos Gnomos que não se juntaram à Fuga (sendo aqueles que estavam em Taniquetil celebrando o festival): esse elemento agora reaparece dos *Contos Perdidos* (I. 213); tampouco foi dito que nem todos do povo de Fingolfin tomaram parte no Fratricídio de Porto-cisne.

A referência à "canção da Fuga dos Gnomos" pode ser ao poema aliterante *A Fuga dos Noldoli* (III. 159 ss.), apesar deste ter sido abandonado no Juramento Fëanoriano: talvez meu pai ainda pensasse em continuá-lo um dia, ou em escrever um novo poema sobre o tema.[i]

O acréscimo a lápis "Finrod retornou" (nota 8) indica a história posterior, de acordo com a qual Finarfin (Finrod) deixou a marcha dos Noldor após ouvir a Profecia do Norte (*O Silmarillion*, p. 130); no Esb como emendado (nota 9) e no Q, Finrod somente alcançou Fingolfin após a queima dos navios pelos Fëanorianos, e somente depois disso Finrod retornou a Valinor.

Helkaraksë reaparece no Q dos *Contos Perdidos*, mas é agora traduzido "o Estreito do Gelo Pungente", enquanto seu significado original era "Presa-de-Gelo", e se referia ao estreito braço de terra que "corria desde a terra ocidental quase até as praias orientais" e era separado das Grandes Terras pelo Qerkaringa ou Golfo do Frio (I. 203 e nota 5).

6

Se já houve uma "canção do Sol e da Lua" (chamada em *O Silmarillion*, p. 144, por um nome élfico, *Narsilion*), ela desapareceu. O relato no Q pouco expande a passagem extremamente breve no Esb; mas a razão dada agora para a mudança no plano divino não é a de que os Deuses "têm como mais seguro" enviar o Sol e a Lua sob a Terra: é mudado, isso sim, devido à "inconstância de Tilion e de sua rivalidade com Úrien", e ainda mais devido às reclamações de Lórien e Nienna contra a luz incessante. Esse elemento ressurge do *Conto do Sol e da Lua* (I. 228–29), onde os Valar que protestaram foram Mandos e Fui Nienna, Lórien, e Vána. Da mesma forma, os nomes *Rána* e Ûr dados pelos Deuses à Lua e ao Sol remontam à história mais antiga, onde, no entanto, é dito que Ûr é o nome élfico: os Deuses chamaram o Sol de *Sári* (I. 225).

A donzela do Sol agora se chama Úrien, emendado para Árien (seu nome em *O Silmarillion*), em substituição a *Urwendi* (< *Urwen*); é dito que ela "cuidara das flores douradas nos jardins de Vana", que claramente é derivado dos cuidados de Laurelin por Urwen(di) nos *Contos Perdidos* (I. 94). Tilion, o caçador com o arco prateado da companhia de Oromë, não Ilinsor, é agora o timoneiro da Lua; mas, como observei em I. 113, Tilion, que em *O Silmarillion* "jazia sonhando à beira das lagoas de Estë [esposa de Lórien], sob as luzes bruxuleantes de Telperion", talvez deva algo à figura de Silmo nos *Contos Perdidos*, o jovem que Lórien amava e que recebeu a tarefa de "regar" Silpion. As palavras no Q acerca de Tilion, "amiúde ele se desviava de seu curso indo ao encalço das estrelas nos campos celestiais", e a referência à sua rivalidade com Úrien (Árien), claramente derivam da passagem no conto mais antigo (I. 235), onde é contado que Ilinsor tinha "ciúmes da supremacia do Sol" e que "amiúde ele navega perseguindo [as estrelas]".

Um vestígio da antiga concepção da Lua está preservado na referência à "ilha flutuante da Lua", uma expressão ainda encontrada em *O Silmarillion* (ver I. 243).

A ocorrência do nome *Eruman* para a terra onde os Homens despertaram (Murmenalda no *Conto de Gilfanon*, "muito longe ao leste de Palisor", I. 279–80, *Hildórien* em *O Silmarillion*, "nas regiões a leste da Terra-média") é estranha, e só pode ser considerada como uma aplicação passageira do termo com um significado completamente diferente, pois ele na verdade foi mantido em um refinamento de seu sentido original — a terra entre as montanhas e o mar ao sul de Taniquetil e Kôr, também chamada nos *Contos Perdidos* de *Arvalin* (que é o nome dado a ela no Esb e no Q): *Eruman* (> *Araman*) posteriormente se tornou a terra desolada entre as montanhas e o mar ao norte de Taniquetil (ver I. 104–05).

Embora a frase no Q "aos dias antigos, antes do ocaso dos Elfos e do zênite dos mortais" tenha sido mantida em *O Silmarillion* (pp. 150–51), um acréscimo tardio ao Q (nota 6), que não foi mantido, é mais explícito: "pois o tempo medido chegara ao mundo, e o primeiro dos dias; e depois disso as vidas dos Eldar que permaneceram nas Terras de Cá foram diminuídas, e seu ocaso começou". O significado disso é sem dúvida de que o tempo medido chegara às Grandes Terras ou Terras de Cá, pois a frase "assim o tempo medido chegou às Terras de Cá" é encontrada na primeira versão dos *Anais de Beleriand* (p. 347). Isso parece relacionar o ocaso dos Elfos à chegada do "tempo medido" e, por sua vez, pode estar associado à seguinte passagem de *O Silmarillion* (p. 150):

> Desse tempo em diante, foram contados os Anos do Sol. Mais velozes e breves eram eles do que os longos Anos das Árvores em Valinor. Naquele tempo, o ar da Terra-média fez-se pesado com o fôlego do crescimento e da mortalidade, e o mudar e o envelhecer de todas as coisas apressou-se sobremaneira.

Nos escritos mais antigos, o ocaso ou desvanecer dos Elfos é sempre claramente, ainda que misteriosamente, uma concomitância necessária do zênite dos Homens.[j] Visto que os Homens vieram ao mundo com o nascer do Sol, é possível que as concepções não estejam fundamente em desacordo: os Homens, e o tempo medido, surgiram no mundo juntos, e foram o sinal para o declínio dos Elfos.

Mas é preciso lembrar que a sina do "desvanecer" era, ou tornou-se, uma parte da Profecia do Norte (*O Silmarillion*, p. 130):

> E aqueles que resistirem na Terra-média e não vierem a Mandos hão de ficar cansados do mundo, como de um grande fardo, e hão de esvanecer e se tornar como sombras de arrependimento diante da raça mais jovem que virá depois.

Quanto à frase usada a respeito de Eärendel, "ele chegou tarde demais", ver II. 309; e cf. Q §17: "Ele chegou tarde demais para levar mensagens aos Elfos, pois os Elfos haviam partido."

7

Nessa seção o Q faz pouco mais que refinar o texto do Esb e incorporar as alterações tardias feitas nele, e o conteúdo foi discutido no comentário sobre o Esb. Na frase acrescentada ao final do Q (nota 6) há um eco claro da ideia antiga do desvanecer dos Elfos de Luthany, e dos Elfos de Tol Eressëa que se retiraram do mundo "e lá não mais desvanecem agora" (ver II. 363, 393).

8

O Q fornece aqui novos detalhes, mas, fora isso, segue o Esb de perto. O local da Primeira Batalha (por meio de uma interpolação tardia chamada "A Batalha sob as Estrelas") fica agora na grande planície setentrional, ainda sem nome antes de sua desolação, quando se tornou Dor-na-Fauglith; em *O Silmarillion* (pp. 154–55) os Orques atacaram através dos passos das Montanhas de Sombra e a batalha foi travada "nos campos cinzentos de Mithrim". O vislumbre das Thangorodrim por Fëanor ao morrer aparece agora, e sua maldição do nome de Morgoth enquanto contemplava as montanhas — transferida de Túrin, que fez o mesmo após a morte de Beleg na *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 107).

Há uma mudança estrutural muito pequena na história da oferta dissimulada de um tratado de paz por Morgoth. No Esb ela foi feita antes da morte de Fëanor, e Fëanor de fato recusou-se a tratar da

questão; após sua morte, Maidros "induziu os Gnomos a se encontrarem com Morgoth". No Q, "na hora exata de sua morte, chegou [aos seus filhos] uma embaixada de Morgoth reconhecendo a derrota, e oferecendo tratar com eles, e os tentando com uma Silmaril". É mencionada agora uma força maior enviada por Morgoth; e vê-se que o número dos Balrogs ainda era concebido como sendo muito grande: "mas Morgoth trouxe a maior, *e eram Balrogs*" (compare com *O Silmarillion*: "mas a de Morgoth era mais numerosa, *e havia Balrogs*").

Na história do resgate de Maidros por Finweg (Fingon), a afirmação explícita e intrigante do Esb de que foi só então que Manwë "deu feitio à raça das águias" é mudada para uma afirmação de que foi então que ele as enviou; com a mudança posterior de "enviou" para "enviara", chega-se ao texto final. No Q encontram-se os detalhes de que Finweg (Fingon) escalou sem auxílio até chegar a Maidros, mas não conseguiu alcançá-lo, e das trinta braças das asas estendidas de Thorndor, da mão de Finweg que foi detida do arco, do apelo repetido duas vezes por Maidros de que Finweg o matasse, e da cura de Maidros, de maneira que viveu para empunhar melhor sua espada com a mão esquerda do que o havia feito com a direita — cf. a *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 83): "que lesto, com a esquerda, / empunha a espada". Mas obviamente ainda há muitos elementos da história final que não aparecem: como a antiga amizade estreita de Maidros e Fingon, a canção de Fingon e a resposta de Maidros, a prece de Fingon a Manwë, e o pedido de perdão de Maidros pelo abandono em Araman e a abdicação de sua reivindicação à realeza sobre todos os Noldor.

9

Nessa seção da narrativa, o Q apresenta uma ampliação extraordinária e inesperada do Esb, muito maior do que havia sido o caso até então, e muitos elementos da história no *Silmarillion* publicado aparecem aqui (notavelmente ainda ausentes estão toda a história da recepção fria que Thingol deu aos Noldor recém-chegados e, é claro, a origem nessa época de Nargothrond e

Gondolin); mas o Esb, conforme emendado e interpolado, ainda era a base. Alguns dos novos elementos na verdade já haviam surgido nos poemas: assim, a torre de vigia élfica em Tol Sirion aparece pela primeira vez no Canto VII da *Balada de Leithian* (início de 1928); as mortes de Angrod e Egnor na batalha que pôs um fim ao Cerco de Angband, chamada Batalha da Chama Repentina em um dos acréscimos mais antigos nessa seção (nota 19), no Canto VI da Balada (ver p. 66); a Garganta de Aglon no Canto VII e Himling no Canto X (ambas as passagens escritas em 1928); Esgalduin já na *Balada dos Filhos de Húrin* (mas sua fonte em "nascentes secretas em Taur-na-Fuin" não havia sido mencionada antes). No entanto, boa parte do conteúdo do Q nessa seção introduz elementos completamente novos às lendas.

As alterações e os acréscimos tardios a lápis apresentados nas notas foram feitos consideravelmente mais tarde, e os nomes assim introduzidos (*Taur Danin*, *Eredlindon*, *Ossiriand* — que era *Assariad* em Q §14, *Dorthonion*, *Sauron*) pertencem a fases posteriores. Mas é possível observar aqui que a mudança de *Segunda Batalha* para *Terceira Batalha* (nota 19) é explicada pela evolução da Batalha Gloriosa (*Dagor Aglareb*, um acréscimo tardio apresentado na nota 15), de modo que a Batalha da Chama Repentina se tornou a terceira das Batalhas de Beleriand. Com "o Presságio dos Reis" na nota 15, cf. *O Silmarillion*, p. 166: "Uma vitória foi e, ademais, um aviso"; ou a referência pode ser aos sonhos de presságio de Turgon e Felagund (*ibid.*, p. 164).

Os nomes de Beleriand apresentados em um dos primeiros acréscimos (nota 2), *Noldórien*, *Geleidhian* e *Ingolondë*, "a bela e pesarosa", são interessantes. É possível compará-los com a lista de nomes fornecida em III. 195, que inclui *Noldórinan* e *Golodhinand*, sendo que esta última possui *Golodh,* o equivalente noldorin do quenya *Noldo*; *Geleidhian* obviamente contém o mesmo elemento (cf. *Annon-in-Gelydh*, o Portão dos Noldor). *Ingolondë* ocorre mais uma vez na versão seguinte de "O Silmarillion" (a versão em vias de ser completada em 1937, ver I. 17):

> E aquela região foi chamada outrora no idioma de Doriath *Beleriand*, mas após a chegada dos Noldor foi chamada também na língua de Valinor *Ingolondë*, a bela e pesarosa, o Reino dos Gnomos.

Se *Ingolondë* significa "o Reino dos Gnomos", esse nome provavelmente também deveria ser associado ao radical visto em *Noldo*, *Golodh*. Em um escrito muito mais tardio, meu pai deu a forma original da palavra como *ngolodō*, daí o quenya ñoldo, sindarin *golodh*, observando que ñ = "a letra fëanoriana para a nasal posterior, o *ng* de *king*". Ele também disse que o nome materno de Finrod (= Felagund) era *Ingoldo*: essa era "uma forma de ñoldo com um *n* silábico, e, por estar na forma completa e mais nobre, equivalente mais ou menos a "o Noldo", alguém de eminência na gente"; e ele ressaltou que "o nome nunca foi sindarizado (a forma teria sido *Angoloð*)".

Quão significativa é a semelhança de *Ingolondë* com *England* [Inglaterra]? Não posso responder com certeza; mas parece claro a partir da conclusão do Q que a Inglaterra era uma das grandes ilhas que restaram após a destruição de Beleriand (ver o comentário sobre §18).

O território dos outros filhos de Finrod (Finarfin), Orodreth, Angrod e Egnor, é agora situado nos planaltos cobertos de pinheiros que posteriormente se tornaram Taur-na-Fuin.

Bem nova no Q é a passagem acerca dos Anãos, com a afirmação notável de que os Fëanorianos "faziam guerra aos" Anãos de Nogrod e Belegost, posteriormente mudada para "mantinham colóquio com" eles; isso acabou levando ao cenário em *O Silmarillion* (p. 163) do comércio desdenhoso, porém altamente lucrativo de Caranthir com os Anãos em Thargelion. A concepção mais antiga dos Anãos (ver II. 295–96) ainda estava presente quando meu pai escreveu o *Quenta*: apesar de "não servirem a Morgoth", são "em muitas coisas mais como o povo dele" (uma declaração dura de fato); eram naturalmente hostis aos Gnomos, que de maneira igualmente natural faziam guerra a eles. As cidades-anânicas de Nogrod e Belegost remontam ao *Conto do Nauglafring*, onde os Anãos são chamados

de *Nauglath* (*Nauglir* no Q, *Naugrim* em *O Silmarillion*); mas no *Conto* os Indrafangs são os Anãos de Belegost.

A Festa da Reunião, que remonta ao *Conto de Gilfanon* (I. 289), mas não é mencionada no Esb (onde há apenas uma referência ao "encontro" dos Gnomos com Ilkorins e Homens), reaparece no Q ("A Festa do Encontro"); ela é realizada na Terra dos Salgueiros, não próximo às lagoas de Ivrin como em *O Silmarillion*. A presença de Homens na festa foi cortada, e agora surge a história da passagem dos Homens por sobre as Montanhas Azuis (chamadas em um acréscimo de *Erydluin*, nota 3) e do encontro de Felagund, que caçava no Leste com Celegorm, e Bëor. Essa passagem no Q é a precursora daquela em *O Silmarillion* (p. 140), com a estranheza da língua dos Homens aos ouvidos de Felagund, o momento em que pega a harpa de Bëor, a sabedoria que havia na canção de Felagund, de modo que os Homens o chamaram de "Gnomo, ou Sabedoria" (nota 12). É interessante nota que, após meu pai ter abandonado o uso da palavra "Gnomo" (ver I. 59–60), ele manteve Nóm como a palavra para "sabedoria" no idioma do povo de Bëor (*O Silmarillion* p. 198). A permanência de Bëor com Felagund até a sua morte é mencionada (e em um acréscimo tardio os Bëorianos habitando em Dorthonion, nota 14).

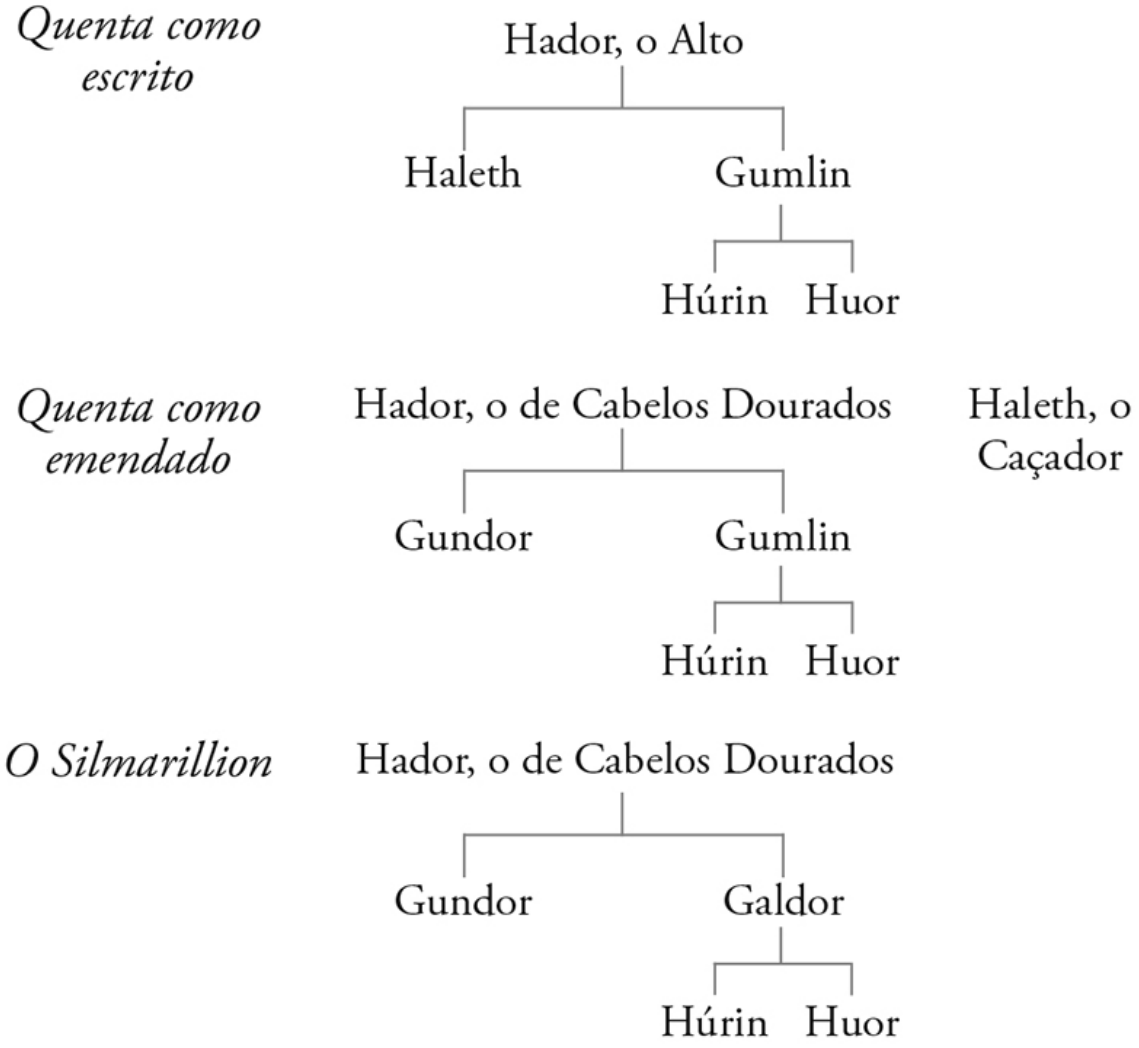
Hador, chamado de o Alto e, através de uma mudança tardia (nota 11), o de Cabelos Dourados, surge agora pela primeira vez, e ele é um dos dois líderes dos Homens que atravessam as Montanhas e entram em Beleriand. Posteriormente, enquanto na Casa de Bëor o líder original continuou o mesmo, e novas gerações foram introduzidas abaixo dele, no caso da Casa de Hador o líder original foi deslocado para baixo e substituído por Marach; mas as duas Casas continuaram conhecidas como a Casa de Bëor e a Casa de Hador.

Além de Gumlin (que apareceu na segunda versão da *Balada dos Filhos de Húrin* como pai de Húrin, III. 140, 152), Hador tem outro filho, Haleth; e essa ocorrência de Haleth não é meramente uma aplicação inicial do nome sem um significado em particular, mas indica que originalmente as casas "hadoriana" e "halethiana" de Amigos-dos-Elfos eram uma única casa: a afinidade dos nomes

Hador e *Haleth* (apesar de Haleth ter se tornado no fim a Senhora Haleth) remonta à origem deles como pai e filho. As palavras escritas a lápis “Haleth, o caçador, e pouco depois” (nota 11) muito provavelmente deveriam vir após as palavras “Depois deles vieram”, isto é,

> Eram eles os primeiros Homens a chegarem a Beleriand. Depois deles vieram Haleth, o caçador, e pouco depois Hador etc.

Isso obviamente mostra o desenvolvimento da terceira casa dos Amigos-dos-Elfos, posteriormente chamado de Haladin; e com a transferência de Haleth a uma posição independente como o líder de um terceiro povo, o outro filho de Hador tornou-se Gundor (nota 11). Assim:



Morwen agora recebe o nome “Brilho-élfico”, e a associação da Casa de Hador com Fingolfin em Hithlum aparece.

A batalha que pôs um fim ao Cerco de Angband já havia sido descrita no Canto VI (III. 252–53) da *Balada de Leithian* (março de 1928); uma segunda descrição dela encontra-se no Canto XI da Balada (III. 324; setembro de 1930). Por meio de acréscimos tardios, o nome “A Batalha da Chama Repentina” (nota 19) e a presença de Glómund nela (nota 16) são introduzidos (quanto ao nome *Glómund*, ver p. 73). Há também aqui a fuga de muitos Elfos-escuros (não Gnomos como no Esb) para Doriath, que causa o aumento no poder de Thingol.

É sugerido agora que Celegorm e Curufin chegaram a Nargothrond após a Batalha da Chama Repentina como a um refúgio já existente, e com eles foi Orodreth, seu amigo; isso está relacionado à passagem anterior no Q (§5): "Orodreth, Angrod e Egnor tomaram o partido de Fëanor" (no debate antes da Fuga dos Noldoli). Também é sugerido que os salões de Thingol em Doriath foram a inspiração para Nargothrond.

Com o relato aqui do desafio de Fingolfin e sua morte, compare-se com a *Balada de Leithian*, Canto XII. Data do final de setembro de 1930 e é posterior a essa seção do Q (ver o comentário sobre §10), como se vê pela referência ao "bico de ouro" de Thorndor (verso 3616, já encontrado no texto A da Balada), em contraste com a sua "garra" no Q, emendada para "bico" (nota 23).[k]

10

Essa versão da lenda de Beren e Lúthien é diferente das seções anteriores do *Quenta*: pois enquanto o texto até então havia sido uma ampliação independente do Esb, aqui (por boa parte de sua extensão) é uma condensação da *Balada de Leithian*. Diferenças muito sutis entre o Q e a Balada na minha opinião não são significativas, mas são meramente o resultado de uma sumarização.

Contudo, no final da luta com Celegorm e Curufin, o Q e a Balada divergem. Na Balada a cura de Beren (não mencionada no Q) é seguida por uma discussão entre ele e Lúthien (3148 ss.), pelo retorno deles às fronteiras de Doriath e pela partida de Beren, sozinho, no cavalo de Curufin, deixando Huan para proteger Lúthien (3219 ss.). A narrativa no Canto XI começa com Beren chegando a Dor-na-Fauglith e sua Canção de Despedida; segue-se então (3342 ss.) Lúthien alcançando Beren, tendo cavalgado atrás dele montada em Huan, a ida de Huan até eles com o pelame de lobo e o couro de morcego da Ilha do Mago, e seu conselho aos dois. No Q, por outro lado, a história é essencialmente diferente, e a diferença não pode ser explicada pela condensação (severa a essa altura, é bem verdade): pois Huan partiu rumo à Ilha do Mago para obter o pelame de lobo e o couro de morcego e *depois* Beren e Lúthien partiram juntos para o

Norte *a cavalo*, até chegarem a um ponto em que precisaram vestir os disfarces. Essa é claramente a forma da história apresentada na Sinopse IV para essa parte da Balada (III. 321):

> Lúthien cura Beren. Eles falam a Huan sobre suas dúvidas e discussões e ele parte e traz o pelo-de-lobo e o couro de morcego da Ilha do Mago. Então, fala pela última vez.
> Preparam-se para partir a Angband.

Mas o Q é posterior à Sinopse IV, pois já havia surgido a ideia de que Huan falou três vezes, a terceira ao morrer.

Parece então ao menos extremamente provável que Q §10 foi escrita quando a *Balada de Leithian* chegava até mais ou menos o ponto em que a narrativa se volta para os eventos após Celegorm e Curufin serem afugentados e Huan abandonar seu mestre. Ora, ao lado do verso 3031 está escrita a data de novembro de 1929, provavelmente uma referência adiante no tempo (ver a nota desse verso), e a data seguinte, ao lado do verso 3220 (o retorno de Beren e Lúthien a Doriath), é 25 de setembro de 1930. Na última semana de setembro daquele ano meu pai compôs o pouco que restava do Canto X, e os Cantos XI e XII, que levam a história da partida solitária de Beren no cavalo de Curufin até o enfeitiçamento de Carcharoth nos portões de Angband; e, de acordo com a análise acima, essa parte não foi composta quando Q §10 foi escrita.[1] Essas considerações tornam 1930 uma data praticamente certa para a composição do Q, ou pelo menos a maior parte dele; e isso se encaixa bem com a afirmação de meu pai (ver p. 18) de que o "Esboço" foi escrito "c. 1926–30", pois vimos que a composição original do Esb data de 1926 (III. 11), e as interpolações e emendas feitas nele, que foram levadas para o Q, pertenceriam aos anos seguintes. A declaração no Q de que "na balada de Lúthien conta-se tudo sobre como chegaram ao portão de Angband" deve ser uma antecipação de redações adicionais da Balada que meu pai nessa época estava premeditando.

Desse ponto em diante há divergências narrativas menores entre o Q e a Balada. Assim, na prosa Morgoth "deu feitio" (em vez de criou) Carcharoth (cf. a Sinopse III "deu feitio", Sinopse V "deu

feitio" > "escolheu", III. 344–45). Os nomes do lobo, *Borosaith*, Sempre-faminto, e *Anfauglin*, Bocarra Sedenta (um acréscimo apresentado na nota 9), não são encontrados nas Sinopses ou na Balada, mas o segundo, na forma *Anfauglir*, reaparece em *O Silmarillion* (p. 246) com o mesmo significado.

Na prosa, Lúthien é louvada por lançar fora seu disfarce e declarar o próprio nome, fingindo "ter sido trazida cativa pelos lobos de Thû", enquanto na Balada ela afirma primeiro ser Thuringwethil, enviada a Morgoth por Thû como mensageira, e parece que sua vestimenta de morcego cai de seu corpo ao comando de Morgoth (versos 3959–965), e que ele adivinha quem ela é sem que Lúthien declare o próprio nome. Nesses elementos o Q está mais de acordo com a Sinopse III, onde Lúthien diz quem é e "deixa cair seu traje de morcego" (III. 357). Não é dito na Balada que ela "arremessou-lhe à face o manto mágico" (mas em *O Silmarillion*, p. 247, "lançou seu manto diante dos olhos de Morgoth"), e há na prosa o detalhe notável do riso secreto dos Orques diante da queda de Morgoth do trono. No Q Beren surge com um salto, lançando fora o pelame de lobo, quando Morgoth tomba, enquanto na Balada Lúthien precisa despertá-lo de seu desmaio. No entanto, a atribuição da quebra do punhal de Curufin à "traição" anânica está de acordo com o poema ("feita em Nogrod por ferreiros", verso 4161) — esse elemento não se encontra em *O Silmarillion*, é claro; enquanto o despertar dos adormecidos com o som do punhal se partindo está de acordo com o texto A da Balada (versos 4163–166), e não com a versão revisada de B, onde o pedaço atingiu a fronte de Morgoth.

O relato no Q pode ser comparado com as Sinopses a partir do ponto em que a Balada acaba, com a mão de Beren sendo arrancada com uma mordida pelo Lobo. As "perambulações e desespero" de Beren e Lúthien e "seu resgate por Huan" claramente associam o Q com a Sinopse V (III. 365), e o acréscimo marginal (nota 11) acerca de seu resgate por Thorndor, seu voo por sobre Gondolin e seu pouso em Brethil tem seu lugar no breve resumo tardio apresentado em III. 362. A estrutura dos eventos em Doriath, com a incursão de Boldog precedendo a embaixada de Celegorm a Thingol, está de acordo com a Sinopse IV (III. 363) em vez da Sinopse V (III. 364),

onde a hoste de Thingol, marchando de encontro a Nargothrond, depara-se com Boldog; mas o Q está de acordo com a Sinopse V em muitos detalhes, como a presença de Beleg e Mablung na batalha com Boldog, e a mudança de opinião de Thingol a respeito de Beren.

Ao final dessa seção, a Terra dos Mortos que Vivem alcança, na emenda apresentada na nota 15, sua posição final em Ossiriand, e o nome *Gwerth-i-cuina* aparece para os Mortos que Vivem (mais adiante no Q, tal como escrito originalmente, §14, os nomes são *Assariad* e *Cuilwarthien*, cf. *i•Cuilwarthon* dos *Contos Perdidos*). Quanto ao nome *Geleidhian* para Broseliand/Beleriand, que ocorre nessa emenda, ver o comentário sobre §9.

Quanto às afirmações no final dessa seção acerca do destino de Lúthien, e da "longa duração de vida e felicidade" concedida a Beren e Lúthien por Mandos, ver o comentário sobre §14.

Uma questão não relacionada à história de Beren e Lúthien surge no início dessa seção, onde é dito que Bëor foi morto na Batalha da Chama Repentina; por outro lado, em §9, "morou com Felagund até morrer". A interpretação que pode ser feita é de que ele morreu a serviço de Felagund na época em que seu filho Barahir resgatou Felagund, mas essa explicação é forçada (especialmente porque, na forma tardia de sua lenda, sua morte foi nitidamente devido à velhice, e foi motivo de grande espanto para os Elfos que a testemunharam, *O Silmarillion*, p. 208). Parece mais provável que haja aqui uma inconsistência dentro do Q, sem dúvida surpreendente uma vez que as duas passagens não estão muito distantes uma da outra.

Quanto à emenda de "Segunda Batalha" para "Terceira Batalha" (nota 1), ver o comentário sobre §9; e com a mudança de *Tinfang Trinado* para *Tinfang Gelion* (nota 12) cf. o verso 503 na *Balada de Leithian*, onde a mesma mudança foi feita.

11

Nessa seção o Quenta torna-se, tanto em estrutura como em boa parte de seu fraseado propriamente dito, o primeiro rascunho do Capítulo 20 ("Da Quinta Batalha") de *O Silmarillion*.

Aparece agora a demonstração insensata e prematura de Maidros do ajuntamento de suas forças, alertando Morgoth para o que estava em andamento entre os seus inimigos e lhe dando tempo de enviar seus mensageiros para terem com os Homens do Leste — embora isso esteja menos claro e explícito no Q tal como escrito originalmente do que se tornou com a reescrita apresentada na nota 14, e mesmo assim as duas fases da guerra não estão claramente distinguidas. Ainda tinham de surgir alguns desenvolvimentos adicionais acerca desse elemento: em *O Silmarillion*, a chegada dos Lestenses a Beleriand é contada em um ponto anterior (p. 218; cf. a nota 1 desta seção no Q), e é dito que alguns deles, ainda que não todos, "já estavam secretamente sob o domínio de Morgoth e vieram ao seu chamado"; a entrada de seus "espiões e obreiros de traição" foi facilitada "pois os Homens infiéis que o seguiam em segredo ainda sabiam muito dos segredos dos filhos de Fëanor" (p. 258). Embora se diga no Q (conforme reescrito, nota 14) que esses agentes de Morgoth foram ter especialmente com os filhos de Ulfang, e apesar de Bor e seus filhos serem mencionados, não há indícios aqui da boa-fé dos filhos de Bor, que mataram Ulfast e Ulwarth no meio da batalha (*O Silmarillion*, p. 262).

Os Anãos agora desempenham um papel nesses eventos, ainda que apenas como fornecedores de armas; mas são mostrados no Q como calculistas e de fato cínicos ("não somos amigos de lado algum — até que este prevaleça"), movidos unicamente pelo desejo de acumular riquezas. Em *O Silmarillion*, os Anãos na verdade entraram na guerra pelo lado de Maedhros, e "ganharam renome": Azaghâl, Senhor de Belegost, feriu Glaurung quando o dragão rastejou por sobre ele (pp. 262–63). Porém, não creio que nessa época meu pai tivesse concebido que os Anãos das montanhas desempenhassem qualquer papel ativo nas guerras dos Elfos.

Ainda que no Esb (conforme emendado, §11, nota 1) se diga apenas que "Orodreth, por causa de Felagund, seu irmão, não irá", aparece agora no Q a pequena companhia vinda de Nargothrond que foi à guerra sob as bandeiras de Finweg (Fingon) "e nunca mais voltaram, exceto um"; o líder é Flinding, filho de Fuilin, que sai do *Conto de Turambar* mais antigo e da *Balada dos Filhos de Húrin*, e

que assim recebe uma história mais detalhada antes de fugir das Minas de Melko e encontrar Beleg na Floresta da Noite. No conto, assim como no poema (ver III. 68), é dito somente que ele havia sido do povo dos Rodothlim (de Nargothrond) e que foi capturado por Orques. Por meio de uma mudança tardia no Q (nota 7), ele se torna Gwindor, filho de Guilin. Mas é notável que, embora a investida desvairada dos Gnomos de Nargothrond, que os levou para dentro da própria Angband e fez Morgoth estremecer em seu trono, tenha sido liderada por Flinding/Gwindor, sua fúria heroica ainda não tinha uma causa especial: pois o arauto de Finweg/Fingon que foi assassinado em Dor-na-Fauglith para instigar os Elfos de Hithlum a atacarem a força de Morgoth que serviu de isca não é nomeado.[m] O estágio seguinte e final era o arauto tornar-se Gelmir de Nargothrond, irmão de Gwindor, que fora capturado na Batalha da Chama Repentina: foi de fato a dor pela perda de Gelmir que fez Gwindor sair de Nargothrond contra a vontade de Orodreth (*O Silmarillion*, p. 257). Assim, Flinding/Gwindor, criado muito tempo antes para uma história diferente, acaba sendo, em sua vida anterior, a causa involuntária da perda da grande batalha e da ruína dos reinos dos Noldor na Terra-média.

O relato do comportamento do povo de Haleth na passagem reescrita apresentada na nota 7 mostra meu pai em dúvida: eles se prepararam para a guerra, e então habitaram na floresta e poucos saíram para lutar "por causa do ferimento de Beren na mata" (cf. "os Homens recordaram essa chaga contra os filhos de Fëanor", Q §10; "dos Homens dita em alta voz", a *Balada de Leithian*, verso 3103). No fim, a ideia anterior prevaleceu: "Na floresta de Brethil, Halmir, senhor do Povo de Haleth, reuniu seus homens, e eles afiaram seus machados", e na batalha "tombou a maioria dos Homens de Brethil, e eles nunca voltaram para seus bosques" (*O Silmarillion*, pp. 258, 261).

Nessa mesma passagem reescrita, a história posterior da fundação de Gondolin *antes* da Batalha das Lágrimas Inumeráveis está presente, com Turgon vindo "sem ser esperado" com uma grande hoste. Talvez seja estranho que na passagem subsequente da reescrita (nota 14) Maidros "designou um dia, e mandou mensagens

a Fingon *e Turgon*" e "Fingon *e Turgon* e os Homens de Hithlum… foram reunidos de pronto no Oeste nas fronteiras da Planície Sedenta", o que de modo algum sugere que Turgon havia acabado de chegar, parecendo antes reverter à história mais antiga (no Esb, nota 1, e no Q tal como escrito originalmente), segundo a qual ele era um dos líderes dos Elfos do Oeste desde o início dos preparativos para a guerra ("todas as hostes de Hithlum… estavam prontas ao seu chamado, e Finweg e Turgon e Huor e Húrin eram seus chefes"). Parece que a narrativa emendada no Q representa um estágio intermediário: Turgon surge agora vindo de Gondolin, que há muito já existia, mas não marcha no último momento, no próprio dia, como na história posterior; ele chega, sem dúvida de forma inesperada, mas a tempo de tomar parte nos preparativos estratégicos finais.

O desafio a Morgoth, convocando com trombetas prateadas sua hoste a se apresentar, foi posteriormente abandonado, mas a força que serviu de isca, "grande e, ainda assim, não grande demais", foi preservada, assim como o aviso de Húrin contra um ataque prematuro. A investida incontrolável dos Elfos de Hithlum e seus aliados ocorre da mesma maneira que na história posterior, embora ainda esteja ausente no Q o detalhe de que aquele morto diante dos olhos deles era o irmão de Gwindor de Nargothrond; e na narrativa do Q estão presentes o sucesso inicial das hostes de Hithlum, o quase fracasso dos planos de Morgoth e as bandeiras de Finweg (Fingon) que passam em disparada por sobre a planície até as muralhas de Angband. Os estágios finais da batalha são tratados com menos detalhes no Q, mas toda a estrutura essencial se encontra lá; vários elementos de fato ainda estão ausentes, como a morte de Fingon pelas mãos de Gothmog (mas a chama de seu elmo ao ser rachado é mencionada, um elemento que remonta à *Balada dos Filhos de Húrin*, e de onde derivam as palavras Finweg (Fingon) "tombou na flama de espadas", ver III. 127), a queda dos Homens de Brethil na retaguarda (ver acima), a presença dos Anãos de Belegost (com a morte de Azaghâl e o ferimento do dragão), as palavras fatídicas entre Huor e Turgon que foram ouvidas por Maeglin (*O Silmarillion*, p. 263).

A presença de Glómund na Batalha das Lágrimas Inumeráveis foi introduzida em um acréscimo tardio ao texto do Esb (§13, nota 3) e é agora incorporada à narrativa do Q; sua aparição anterior na Batalha da Chama Repentina é inserida com um acréscimo a Q §9 (nota 16), e é mencionada de novo aqui (nota 17) — "a segunda batalha do Norte", pois a Batalha Gloriosa, Dagor Aglareb, que se tornou a segunda batalha, ainda não havia sido elaborada. Porém, de acordo com o Q, o dragão "ainda não havia chegado ao seu crescimento pleno" na Batalha das Lágrimas Inumeráveis; posteriormente, ele já atingira seu poderio pleno na Batalha da Chama Repentina (*O Silmarillion*, p. 210), e sua primeira e imatura saída de Angband foi colocada no texto ainda antes (*ibid.*, p. 167).

O Elmo-de-dragão de Dor-lómin reaparece aqui da *Balada dos Filhos de Húrin* (ver III. 38, 152–53), onde na segunda versão é dito que fora obra de Telchar e

> Quisera que [Húrin] o tivesse na alvura da cabeça
> naquele dia terrível, dando-lhe guarida! (665–66)

Mas só agora a cimeira de dragão se torna a imagem de Glómund. Posteriormente, a história do elmo foi muito ampliada: no *Narn i Hîn Húrin* (*Contos Inacabados*, p. 110) é contado que Telchar (de Nogrod, não, como no Q, de Belegost) fez o elmo para Azaghâl de Belegost, e que foi dado por ele a Maedhros, por Maedhros a Fingon e por Fingon a Hador, passando então para Húrin, neto de Hador. No *Narn* é dito que Húrin na verdade jamais o usou; e também que o povo de Hithlum dizia "Mais vale o Dragão de Dor-lómin que a serpe dourada de Angband!" — que teve origem nesta passagem do Q: "Temos um dragão de mais valor que o deles". Uma indicação a lápis junto ao início da §12 no Q (nota 1) adia a introdução do Elmo até o ponto em que Morwen o envia a Thingol, tal como o trecho está localizado em *O Silmarillion* (p. 269).

Alguns outros elementos menores entram em cena agora, como o conselho de Melian para devolver a Silmaril aos filhos de Fëanor (*O Silmarillion*, p. 257), e em acréscimos ao texto a presença dos Elfos da Falas entre as hostes ocidentais na grande batalha (nota 14) e o

ódio e o medo particulares que Morgoth sentia da Casa de Fingolfin (nota 23; *O Silmarillion*, p. 267, onde, no entanto, as razões para tal são a amizade com Ulmo e as feridas que Fingolfin lhe fizera — e Turgon, filho de Fingolfin). Em emendas ao Q (nota 6), o nome *Celegorm* começa uma longa incerteza entre essa forma e *Celegorn*.

A menção de "Elfos-escuros, *exceto os de Doriath*" marchando às bandeiras de Maidros mostra que meu pai naturalmente ainda usava esse termo para o povo de Thingol; cf. o Índice de Nomes de *O Silmarillion*, verbete *Elfos Escuros*.

12

Pelas muitas repetições de fraseado, fica imediatamente evidente que quando meu pai compôs a versão do Q do conto de Túrin Turambar ele tinha o "Esboço" na frente dele, enquanto muitas das frases que ocorrem na versão de *O Silmarillion* são aqui encontradas pela primeira vez. Há também elementos na narrativa do Q que derivam da *Balada dos Filhos de Húrin*, mas que foram omitidos no Esb. A declaração no Q, repetida do Esb, de que "a sina de Túrin é contada no 'Filhos de Húrin'" sem dúvida demonstra que meu pai ainda não havia abandonado a intenção de terminar aquele poema algum dia.

Nessa primeira de duas seções em que o conto de Túrin é dividido, há alguns pontos menores a serem considerados. O Q, muito mais detalhado do que o Esb, ainda é claramente uma sinopse, e todo o elemento do Elmo-de-dragão foi omitido (ver nota 1 e o comentário sobre §11), assim como os dois velhos que guiam Túrin e retorno de um deles a Morwen: os nomes dos guias (Halog e Mailgond no Esb) não são mencionados aqui. Rían, esposa de Huor, já havia aparecido posteriormente no Esb (§16).

Airin, esposa de Brodda e parenta de Morwen, ressurge do *Conto* antigo (ela é mencionada em Esb §13, mas não o seu nome),[n] e a ajuda que ela dá a Morwen é secreta, o que talvez sugira um movimento na direção do pioramento do caráter de Brodda como tirano e opressor (ver II. 155), embora posteriormente no Q ainda se conte que Morwen lhe confiou os seus bens quando ela foi embora de sua casa (o texto foi subsequentemente alterado aqui, §13, nota

5). Encontramos aqui a expressão “homens de fora”, que foi preservada no termo “Forasteiros” usada no *Narn*, e também o elemento de que os Lestenses tinham medo de Morwen, sussurrando que ela era uma bruxa versada em magia élfica.

Praticamente não houve mais desenvolvimentos na história de Túrin em Doriath, no assassinato de Orgof e no bando de proscritos. Blodrin, o traidor, agora é descrito como um Gnomo, e por meio de um acréscimo tardio (nota 5) um membro da Casa de Fëanor; na Balada (assim como no Esb) não está claro quem ele era, além do fato de que era um Elfo que se voltara para o mal durante sua criação entre os Anãos (III. 67).

Na passagem que trata de Taur-na-Fuin há o novo detalhe de que o bando de Orques que capturou Túrin “tardara por muito tempo nas terras saqueando a Leste entre os Homens”, que se encontra em *O Silmarillion* (p. 279): os Orques “se demoravam na estrada, caçando pelas terras e sem temer perseguição alguma conforme iam no rumo norte”. Esse elemento nitidamente surgiu da percepção de que Beleg jamais teria alcançado os Orques se eles tivessem retornado depressa para Angband, mas tanto no Esb como no Q eles estavam se movendo apressados através de Taur-na-Fuin, e no Q isso é explicado pela “mensagem furiosa de Morgoth”.

O acréscimo acerca da espada de Beleg (nota 10) é a primeira indicação de que ela era de uma natureza estranha; a frase “feita de ferro que caíra do céu como estrela cadente” é encontrada em *O Silmarillion* num ponto diferente (p. 272), onde a origem da espada é contada em maiores detalhes.

13

Há vários desenvolvimentos substanciais na segunda parte da história de Túrin no Q.

O nome de Finduilas, *Failivrin*, é agora atribuído a Flinding (Gwindor); na Balada, os seguintes versos ocorrem:

a frágil Finduilas, a quem “Failivrin”,
o brilho cintilante nas bordas vítreas

do lago de Ivrin, em loas os Elfos
agora chamavam. (III. 95, versos 2175–178)

Em Nargothrond, Túrin, como o Espada Negra, é *Mormaglir*, não *Mormakil* como no Esb (cf. o *Conto de Turambar*, II. 107: "Donde o nome de Túrin entre os Gnomos, que o chamavam de Mormagli ou Mormakil, conforme sua fala"). A forma final foi *Mormegil*. É agora expressamente afirmado que, embora rumores do Espada Negra de Nargothrond tivessem chegado até Thingol, "o nome de Túrin não foi ouvido"; mas ainda não há qualquer indicação de que Túrin ocultou sua identidade deliberadamente.

Não é dito que o local onde os Gnomos de Nargothrond foram derrotados ficava entre os rios Ginglith e Narog (*O Silmarillion*, p. 286), mas sim "na Planície Protegida, ao norte de Nargothrond", e, como se verá mais tarde, o campo de batalha nessa época ficava a leste do Narog, não no triângulo de terra entre ele e o Ginglith. A impressão que se passa é de que as repreensões de Flinding (Gwindor) ao morrer eram por causa de Finduilas. De fato, não há nenhuma indicação aqui de que a política de guerra aberta de Túrin tenha tido oposição em Nargothrond, nem de que foi essa política que revelou Nargothrond a Morgoth; mas uma vez que esses elementos estavam presentes na íntegra no *Conto de Turambar* (II. 106–07), sua ausência no Q precisa ser atribuída à condensação. Também não há menção nesse ponto do Q da ponte sobre o Narog (ver Esb §13, notas 1 e 5), mas ela é mencionada mais adiante nessa seção como tendo se provado a perdição dos Elfos de Nargothrond. Orodreth foi morto em Nargothrond, e não no campo de batalha como em *O Silmarillion*.

Em uma alteração do Q (nota 9) está implícita uma mudança no motivo para Túrin matar Brodda. No *Conto*, Túrin decapitou Brodda por vingança explícita contra "o homem rico que soma o pouco da viúva ao seu muito" (II. 114); na passagem revisada no Q (assim como posteriormente em *O Silmarillion*, p. 290, e mais claramente no *Narn*, pp. 153–54), a ação de Túrin teve origem em parte na fúria e na agonia que sentiu ao compreender que o dragão o havia enganado.º

Enquanto no Esb os Homens-da-floresta estão localizados a "leste de Narog", no Q é dito que eles habitam "nas matas verdes ao redor do Rio Taiglin, que adentra a terra de Doriath antes de se juntar às grandes águas do Sirion" — essas são as primeiras ocorrências de Taiglin e de "Doriath além do Sirion" nos textos (embora ambos estejam marcados na primeira versão do mapa do "Silmarillion", ver pp. 256, 263). Ressaltei com relação à passagem no Esb que é estranho que, enquanto no *Conto* os Homens-da-floresta tinham um líder (Bethos) quando Túrin se juntou a eles, assim como na história posterior, no Esb Túrin "reuniu um novo povo". Agora no Q os Homens-da-floresta têm uma identidade, "o remanescente do povo de Haleth", sendo Haleth nessa época o filho de Hador e tio de Húrin, e as casas "hadoriana" e "halethiana" uma única casa, tal como já o eram em §9; mas, ainda como no Esb, Túrin torna-se de imediato o líder deles. Brandir, o Coxo, filho de Handir, filho de Haleth, de fato surge aqui, substituindo Tamar (filho de Bethos, o governante) do *Conto de Turambar*, que ainda está presente no Esb, e é dito que Brandir "cedera a governança a Túrin por escolha do povo-da-floresta"; mas é um elemento importante na história posterior Brandir ter permanecido o governante titular até morrer, ainda que desconsiderado por Túrin.

Há aqui a primeira menção da busca em vão de Túrin por Finduilas quando desceu de Hithlum, e o primeiro relato do destino de Finduilas; no *Conto* e no Esb não há qualquer indicação do que lhe sucedeu. Finduilas é "a última da raça de Finrod" (posteriormente Finarfin) porque Galadriel ainda não havia surgido.

A narrativa do Q também avança à forma tardia ao fazer com que Nienor acompanhe disfarçada a expedição que parte de Doriath (ver II. 159); e o "local elevado [...] coberto de árvores" do *Conto* e o "topo de um monte" do Esb agora se tornam o "Monte dos Espiões coberto de árvores". Mas no Q foi apenas Morwen que foi colocada em segurança no Monte dos Espiões: não há menção do que Nienor fez até ser confrontada por Glómund nas margens do Narog (e não, como posteriormente, no Monte). Tal desdobramento se afasta tanto do *Conto* como da história posterior, onde Morwen e Nienor permaneceram juntas até o aparecimento da névoa do dragão; mas

também se aproxima da história posterior com o encontro de Nienor, sozinha, com o dragão (quanto ao tratamento desse elemento no Esb, ver o comentário). Devemos supor que nesse estágio do desenvolvimento da lenda a presença de Nienor jamais foi revelada, seja à sua mãe, seja a qualquer outro, salvo o dragão; na história posterior, ela foi descoberta na passagem dos Alagados do Crepúsculo (*O Silmarillion*, p. 293, *Narn* pp. 162–63). O "elemento-Mablung" ainda se encontra completamente ausente; e note-se que Morwen foi levada de volta em segurança às Mil Cavernas, de onde ela mais tarde partiu quando soube que Nienor desparecera. — Parece que a ponte sobre o Narog ainda estava de pé após o saque (em *O Silmarillion*, Glaurung a despedaçou, p. 289).

Por meio de uma emenda no Q (nota 14) aparece pela primeira vez o nome *Celebros*, traduzido "Prata-de-espuma", para a Bacia-de-prata; mas no Q (como no Esb), as quedas ainda ficam no próprio Taiglin (ver II. 162–63). Posteriormente, *Celebros* se tornou o nome do afluente no qual ficavam as quedas; e as quedas foram chamadas de *Dimrost*, a Escada Chuvosa.

Na história da morte do dragão, os seis (e não, como posteriormente, dois) companheiros de Turambar ainda são preservados do Esb, com origem no *Conto* (II. 131); ainda que no Q não fossem tanto os únicos companheiros que Turambar pôde encontrar, e sim os que "imploraram para acompanhá-lo". No *Conto*, o bando de sete escalou com dificuldade o lado oposto da ravina ao anoitecer e permaneceu lá a noite toda; ao amanhecer do segundo dia, quando o dragão se deslocou para atravessar, Turambar viu que agora tinha apenas três companheiros, e quando tiveram de descer de novo até o leito do rio para subirem e se posicionarem debaixo do ventre de Glórund, esses três não tiveram coragem de subir de novo. Turambar matou o dragão antes do nascer do sol; Níniel foi até a ravina no *segundo* anoitecer e jogou-se nas quedas ao nascer do sol do *terceiro* dia; e Turambar se matou na tarde daquele dia. No Esb, a única indicação de tempo é a de que todos os seis companheiros de Turambar o abandonaram durante a noite passada agarrados à orla oposta da ravina. No Q, todos os seis abandonaram Turambar durante a primeira noite, como no Esb, mas ele passou todo o dia

seguinte agarrado ao penhasco; Glómund deslocou-se para passar por sobre a ravina na *segunda* noite (meu pai claramente queria fazer com que o assassinato do dragão ocorresse na escuridão, mas conseguiu isso inicialmente estendendo o tempo que Turambar passou na garganta). Porém, Níniel desceu até a ravina e o encontrou, e lançou-se às quedas, naquela mesma noite. Assim, no Q a história aproximou-se da presente em *O Silmarillion* e no *Narn*, e necessitava apenas do encurtamento do tempo antes de o dragão atravessar a ravina, de maneira que tudo transcorresse numa única noite e na manhã seguinte. — Parece ser sugerido no Q que Glómund, nos espasmos da morte, jogou-se para trás na borda de onde vinha: ele "*se contorceu para trás em agonia*… e não adentrou a terra dos homens-da-floresta". Nesse caso, então Níniel deve ter atravessado a ravina para chegar até Turambar. No *Conto* (II. 133) está explícito que "[o dragão] havia quase atravessado o precipício quando Gurtholfin o perfurou, e então se atirou na margem oposta e devastou tudo à volta", tal como nas versões posteriores.

Que Níniel estava grávida de Turambar é agora afirmado no texto tal como escrito (no *Conto* e no Esb isso só aparece em acréscimos tardios).

No *Conto* (II. 137–38) Turambar se matou na clareira da Bacia de Prata; não é dito no Esb ou no Q onde ele morreu, embora em ambos os textos ele tenha sido enterrado junto à Bacia de Prata. — No final aparece no Q o nome *Nen-Girith*, sua primeira ocorrência: "Os Homens mudaram o nome daquele lugar depois disso para Nen-Girith, a Água do Estremecer." Em *O Silmarillion* (p. 296) é dito, na passagem que descreve o grande estremecimento que sobreveio Nienor em Dimrost, as quedas do Celebros, que — por esse motivo — "depois disso, aquele lugar passou a ser chamado de Nen Girith"; e no *Narn* (p. 173) que "depois daquele dia" passou a ser chamado Nen Girith. Essas passagens podem significar que as quedas do Celebros foram renomeadas Nen Girith simplesmente devido ao estremecimento de Nienor quando lá chegou pela primeira vez. Mas isso sem dúvida é absurdo; o evento, por si só e sem consequências, foi pequeno demais para uma renomeação — pequeno demais, de fato, para uma menção na narrativa ou lembrança lendária, se não

teve consequências; lugares não são renomeados em lendas porque uma pessoa, por mais importante que seja, pegou um resfriado lá. Obviamente o elemento profético é a ideia principal, e ele remonta ao *Conto*, onde, antes mesmo de o nome Nen Girith ser criado, Nienor "sem saber por quê, encheu-se de pavor e não conseguiu olhar para a beleza daquela água espumante" (II. 126), e na história original tanto Nienor como Turambar morreram naquele exato local (ver II. 164–66). Creio que a expressão "depois daquele dia" no *Narn* deva ser interpretada como "depois daquele tempo", "depois que os eventos que agora serão descritos ocorreram". Ressaltei em *Contos Inacabados* (p. 206, nota 25):

> Poder-se-ia supor que, somente quando tudo estivesse acabado, e Túrin e Nienor estivessem mortos, o ataque de tremores dela seria lembrado, seu significado reconhecido, e Dimrost receberia o nome de Nen Girith; mas na lenda Nen Girith é usado como o nome em toda parte.

É quase certo que o uso do nome "Nen Girith" nas narrativas posteriores *antes* do relato dos eventos que devem ter dado origem ao nome pode ser explicado da mesma forma que a proposta por meu pai para *Mablung* — a respeito do qual ele ressaltou, em um ensaio bastante tardio, que quando Mablung tomou a Silmaril do ventre de Carcharoth

> a mão [de Beren] e joia pareciam ser tão pesadas que a própria mão de Mablung foi puxada para baixo e aberta à força, deixando a outra cair no chão. Dizia-se que o nome de Mablung ("com mão pesada") era profético; mas pode ter sido um título derivado de um episódio que *posteriormente se tornou aquele pelo qual o herói era mormente lembrado em lendas*.

Não tenho dúvida de que a história no Q apresenta a ideia original: Nienor estremeceu com medo profético, mas inconsciente, quando chegou às quedas do Celebros; lá ela e o irmão morreram de forma horrenda; e após suas mortes as quedas foram renomeadas Nen

Girith, a Água do Estremecer, pois o significado era compreendido. “Depois disso”, “Depois daquele dia”, esse se tornou o nome das quedas; mas na história lendária, quando tudo já era bem conhecido pelo historiador e seu público, o nome posterior tornou-se generalizado, como o de Mablung.

14

No início dessa seção fica claro que a presença de Mîm em Nargothrond não remontava à época do dragão, uma vez que ele “encontrara desprotegidos os salões e o tesouro de Nargothrond”. Nos *Contos Perdidos*, meu pai sem dúvida não viu nenhuma necessidade em particular para “explicar” Mîm; ele simplesmente estava lá, um elemento da situação da narrativa, como Andvari, o Anão, na lenda volsunga nórdica. Mas no Q é dado o primeiro passo para relacioná-lo à concepção em evolução dos Anãos da Terra-média: eles se dispersaram por Beleriand vindos das Montanhas Azuis após a Batalha das Lágrimas Inumeráveis. (Em última análise, a necessidade de “explicar” Mîm levou à concepção dos Anãos-Miúdos.) Mas a afirmação do Q de que os Anãos só agora entram nas histórias do mundo antigo parece contradizer passagens anteriores: a §9, onde é dito que os Fëanorianos faziam guerra aos Anãos de Nogrod e Belegost, e a §11, no tocante ao fornecimento de armas pelos Anãos aos exércitos da União de Maidros.

Aqui Mîm tem alguns companheiros, mortos com ele pelos proscritos do bando de Húrin, apesar deste “ter preferido detê-los”; no *Conto de Turambar* (II. 139) Mîm estava sozinho, e foi o próprio Úrin que desferiu o golpe que o matou. Enquanto no *Conto* o bando de Úrin — grande o bastante para ser chamado de hoste — levou o tesouro de Nargothrond às cavernas de Tinwelint num grande número de sacos e caixas toscas (ao passo que no Esb não há qualquer indicação de como o tesouro chegou a Doriath, e os proscritos não são mais mencionados após a morte de Mîm), no Q o texto se livra dos proscritos de Húrin tão uma maneira tão conveniente quanto o seu surgimento: “cada um morreu ou foi morto em querelas na estrada”, mortes atribuídas à maldição de Mîm; e

visto que Húrin agora vai sozinho até Doriath e consegue a ajuda de Thingol no transporte do tesouro, o bando de proscritos parece servir a um propósito narrativo muito ínfimo. A luta nos salões de Tinwelint entre os Elfos da floresta e os proscritos, não mencionada no Esb, foi agora por conseguinte omitida (o surgimento no Q de uma nova luta nos salões, entre os Elfos e os Anãos, exigiria sua remoção, de qualquer forma, para que Menegroth não parecesse um campo de batalha permanente).

Porém, permanecia o problema: como o ouro chegou a Doriath? Era uma ideia essencial que Húrin, destruído pelo que vira (ou pelo que Morgoth permitiu que visse) e atormentado pela amargura e pesar, lançasse o tesouro de Nargothrond aos pés de Thingol em um gesto de desprezo supremo pelo rei covarde e ganancioso, tal como ele o concebia; mas a nova história no Q é obviamente insatisfatória: o gesto é arruinado se for preciso que Húrin consiga fazer com que o rei mande buscar o ouro com o qual ele *então* será humilhado, e é difícil imaginar a conversa entre Húrin e Thingol quando Húrin apareceu pela primeira vez em Doriath, anunciando que o tesouro ficara disponível.

Seja como for, o ouro chega a Doriath, e em todas as versões Húrin parte: mas agora no Q com o intuito de afogar-se no mar do oeste, sem jamais reencontrar Morwen.

Ao comentar a seção correspondente no Esb, eu disse que acho ser provável que meu pai já havia decidido simplificar a história intricada no *Conto do Nauglafring* acerca do ouro de Nargothrond. No Q, que é uma narrativa plenamente articulada, ainda que breve, a ausência de Ufedhin pode ser considerada uma indicação clara de que o personagem fora abandonado, e com ele, necessariamente, muitas das complexidades do trato do rei com os Anãos. A história então se tornou bastante simples. Thingol deseja que o ouro bruto trazido por Húrin seja trabalhado; ele manda buscar os maiores artífices da terra, os Anãos de Nogrod e Belegost; e ao chegarem desejam o tesouro para si mesmos, a Silmaril também e tramam para obtê-la. O argumento que usam — de que o tesouro pertencia por direito aos Anãos, já que fora tomado de Mîm — reaparece do *Conto do Nauglafring*, onde ocorre num contexto diferente (II. 277: um

argumento usado por Naugladur, senhor de Nogrod, para justificar sua intenção de atacar Tinwelint).

A riqueza de Thingol, relativa ou não, não foi mencionada no Q, mas suas riquezas são relatadas na *Balada dos Filhos de Húrin* (ver III. 38) e na *Balada de Leithian* (III. 195); e essa sem dúvida é a força das palavras "o próprio" em "Então o encantamento do maldito ouro do dragão começou a se abater sobre *o próprio* rei de Doriath".

Em Esb o rei expulsa os Anãos sem qualquer pagamento; não há menção de qualquer disputa nesse ponto, e seria de se supor que mesmo a condensação mais extrema dificilmente deixaria de mencioná-la. Mas no Q a narrativa agora toma um rumo bem diferente. Thingol "restringiu a recompensa prometida", e isso levou à luta nas Mil Cavernas, com muitos mortos de ambos os lados; e "o Morro da Avareza", que no *Conto do Nauglafring* cobriu os corpos dos Elfos mortos de Artanor após a batalha com os proscritos do bando de Húrin, agora cobre os corpos dos Anãos e dos Elfos; a forma do nome élfico é mudada de *Cûm an-Idrisaith* (II. 269) para *Cûm-nan-Arasaith.*

Como no Esb, o saque de Menegroth pelos Anãos ainda é tratado no Q com a máxima brevidade, e os elementos centrais da história no *Conto do Nauglafring não reaparecem, nem jamais tornariam a reaparecer. Porém (além da perda de Ufedhin), parece provável que a "grande hoste" de Orques, paga e armada por Naugladur de Nogrod* (II. 277–78), a essa altura teria sido abandonada. É claro, a história inteira surgiu em termos, e continua a depender, da visão hostil dos Anãos que é tão proeminente nos escritos mais antigos.

A passagem geográfica muito emendada que se segue agora no Q é mais bem compreendida em relação ao primeiro mapa do "Silmarillion", e adio a discussão dos rios de Ossiriand e da Estrada-anânica para o Capítulo IV, pp. 273 ss. É suficiente salientar aqui que os cursos dos seis rios tributários do Gelion (aqui chamado *Ascar*,[p] antes da emenda para *Flend* e então para *Gelion*, nota 3) estão traçados naquele mapa precisamente da mesma forma que o foram no mapa publicado em *O Silmarillion*, e o primeiro mapa os nomeia na ordem da emenda original no Q (nota 4), antes que esta

mesma fosse mudada: isto é, Ascar, Thalos, Duilwen, Loeglin, Brilthor, Adurant.

Agora fica explícito que foi Melian que avisou Beren da aproximação dos Anãos (ver p. 75); e a transferência da Terra dos Mortos que Vivem das "florestas de Doriath e [do] Descampado dos Caçadores, a oeste de Nargothrond", onde ainda fica situada no Esb (§10), para Assariad (Ossiriand) no Leste torna a interceptação dos Anãos muito mais simples e natural: o Vau Pedregoso (que remonta ao *Conto do Nauglafring* e é chamado lá de *Sarnathrod*) agora fica no rio que faz o limite daquela própria terra. A mudança e a evolução geográficas tornaram toda a organização da história aqui muito mais fácil.

O povo de Beren agora torna-se enfim "os Elfos Verdes" (ver p. 75); mas a história da emboscada no vau é abordada no Q de forma tão esboçada quanto o foi no Esb: agora não há sequer menção do Nauglafring (> Nauglamír) ser tomado do rei morto. A história da submersão do tesouro permanece basicamente a mesma do Esb, mas há indícios de implicações mais amplas pelo uso do Nauglafring: de que a Terra dos Mortos que Vivem se tornou tão fecunda e tão bela por causa da presença de Lúthien usando a Silmaril. Essa passagem foi mantida quase palavra por palavra em *O Silmarillion* (p. 315). Ela claramente está associada com uma passagem posterior, encontrada tanto no Q (pp. 173–74) como em *O Silmarillion* (p. 328), onde o povo que habitava nos Portos do Sirion após a queda de Gondolin não queria ceder a Silmaril aos Fëanorianos "pois lhes parecia que na Silmaril estavam a cura e a bênção que tinham vindo sobre suas casas e seus navios". Mas a Silmaril era amaldiçoada (e esse pode parecer um conceito suficientemente estranho), e Melian advertiu Beren e Lúthien sobre ela. No Q não é dito, como o é no Esb, que a Silmaril foi mantida em segredo por Beren, apenas que ele e Lúthien a "guardaram". Em ambos os textos, o desvanecer de Lúthien ocorre imediatamente depois; mas ainda que o Q mais uma vez não faça nenhuma ligação de fato (ver p. 78), a própria disposição das frases sugere que tal ligação estava presente: "a Terra dos Mortos que Vivem se tornou como uma visão da terra dos Deuses… Porém Melian os alertava sempre da maldição… porém

guardaram a Silmaril. E logo partiu a breve hora de graça da terra de Rathlorion. Pois Lúthien minguou como Mandos dissera…"

As declarações feitas em Esb §§10 e 14 acerca dos destinos de Beren e Lúthien foram discutidas mais minuciosamente (pp. 77–8). Ao analisarmos o Q, vemos que na passagem anterior (§10, onde a primeira morte de Beren e a súplica de Lúthien a Mandos são mencionadas), apesar de haver menção a canções que diziam que Lúthien foi levava viva a Valinor por Thorndor, elas não são levadas em conta, e "há muito se diz que Lúthien minguou e desvaneceu depressa e desapareceu da terra", e assim chegou a Mandos: ela morrera, como os Elfos podiam morrer, de pesar (cf. o antigo *Conto de Tinúviel*, II. 54). E a licença de Mandos exigia que "Lúthien deveria tornar-se mortal assim como seu amado, *e deveria deixar a terra mais uma vez à maneira das mulheres mortais*". Isso parece preciso: certamente só pode significar que Lúthien se tornara não uma Elfa com um destino peculiar, mas uma mulher mortal. Sua natureza mudara.[q]

Ainda assim, o Q mantém a concepção na presente passagem do desvanecer de Lúthien — seu segundo desvanecer. Creio que agora é possível compreender por que meu pai escreveu um X ao lado dessa frase (nota 12); e note-se também o acréscimo marginal neste ponto: "Porém tem sido cantado que *apenas Lúthien, dentre os Elfos, foi contada entre os de nossa raça*[r] *e vai aonde vamos nós, a um destino além do mundo*" (cf. *O Silmarillion*, p. 316: "Beren Erchamion e Lúthien Tinúviel tinham morrido de fato e partido para onde vai a raça dos Homens, para um fado além do mundo").

Chegando enfim à história de Dior e ao fim de Doriath, agora são Celegorm, Curufin e Cranthir que foram mortos, como em *O Silmarillion* (p. 317); e por meio de um acréscimo tardio ao texto (nota 14) Dior tem filhos, Eldûn e Elrûn, que foram mortos com o pai. Em *O Silmarillion* eles eram Eluréd e Elurín, que foram deixados pelos serviçais de Celegorm para morrer de fome na floresta.

Nessa versão da história de Eöl e Isfin é contado que Eöl "era de ânimo sombrio e havia desertado das hostes antes da batalha [das Lágrimas Inumeráveis]". Nada foi dito antes sobre como Eöl veio a habitar na terrível floresta (e mais tarde sua história anterior seria completamente mudada de novo: *O Silmarillion*, p. 188).

A descrição geral da planície e da cidade de Gondolin no Q obviamente se baseia de perto no Esb, e apresenta pouco mais do que evolução estilística. Mas é dito aqui que Thorndor habitara nas Thangorodrim antes de mudar seus ninhos para as Montanhas Circundantes (ver p. 81); e há uma referência interessante à intenção original do povo de Gondolin de ir à guerra novamente quando a hora fosse propícia. A alteração mais importante aqui é o acréscimo a lápis (nota 5), retomado no texto Q II, que conta que Turgon, após a Batalha das Lágrimas Inumeráveis, enviava por vezes Elfos pelo Sirion até o mar, onde construíram um pequeno porto e zarpavam, em vão, em busca de Valinor. Essa é a precursora da passagem em *O Silmarillion* (p. 221), onde, no entanto, a construção de navios pelos Gondolindrim e a partida para Valinor "para pedir o perdão e o auxílio dos Valar" é situada após a Dagor Bragollach e o rompimento do Sítio de Angband (pois a fundação de Gondolin ocorreu séculos antes da Batalha das Lágrimas Inumeráveis). Mas em *O Silmarillion* (p. 266) houve também mais uma tentativa de Turgon de chegar a Valinor na época após a grande batalha, quando Círdan da Falas construiu para ele sete navios, dos quais o único sobrevivente foi Voronwë. A origem dessa ideia das viagens infrutíferas dos Gondolindrim é encontrada no conto *A Queda de Gondolin* (II. 198), onde Ulmo, pela boca de Tuor, aconselhou Turgon a fazer tais viagens, e Turgon respondeu que ele assim fizera "por anos incontáveis" e agora não faria mais isso.

No texto substituto Q II (pp. 159–61), onde a história mais antiga da fundação de Gondolin ainda está presente, há pouco a se registrar no que diz respeito ao desenvolvimento narrativo, exceto que o envio de Elfos à foz do Sirion e a partida de navios de um porto secreto agora estão incorporados ao texto; e é dito que, conforme os anos se arrastavam, essas partidas cessaram e o porto foi abandonado. Agora

é explicado por que Thorndor (> Thorondor) mudou seus ninhos das Thangorodrim.

A passagem de tempo é deixada inteiramente vaga nessas narrativas. Não há indicação de quantos anos se passaram entre a Batalha das Lágrimas Inumeráveis ou o período logo após — quando nos primeiros anos de Gondolin Turgon tentava enviar suas mensagens a Valinor — e a chegada de Tuor, altura na qual o porto na foz do Sirion estava desolado, ninguém podia entrar em Gondolin vindo do mundo de fora e nem o rei, nem a maioria de seu povo desejavam mais retornar a Valinor (p. 163). Mas a mudança de opinião em Gondolin — e todas as grandes obras de nivelamento e construção de túneis — deixa implícito um longo espaço de tempo ("conforme os anos se arrastavam", pp. 158, 160). Esse conceito remonta à *Queda de Gondolin* original (ver meus comentários, II. 250); mas naquela época Tuor não possuía associações que o ligariam a uma estrutura cronológica. Contudo, já no Esb (§16) Huor, irmão de Húrin, se tornara o pai de Tuor, e Huor foi morto na Batalha das Lágrimas Inumeráveis. Claramente havia uma dificuldade cronológico-narrativa considerável à espreita aqui, e não demorou muito para que meu pai passasse a fundação de Gondolin (e com ela a de Nargothrond) para um ponto muito anterior na história. Infelizmente, como mencionei antes (II. 250, nota de rodapé), o relato do *Quenta* foi o último que meu pai escreveu acerca da história de Gondolin, da chegada de Tuor à sua destruição; e, portanto, embora a estrutura cronológica seja perfeitamente clara, a narrativa elaborada mais recente mantém a história mais antiga da fundação de Gondolin após a Batalha das Lágrimas Inumeráveis. Ao lado das palavras "Pois Turgon julgava, *quando pela primeira vez chegaram àquele vale depois da batalha terrível*" no substituto Q II, meu pai escreveu um X (nota 3); mas nos anos seguintes ele jamais retomou o trecho.[s]

O nome Eryd-Lómin ocorre pela primeira vez[t] no texto substituto Q II, mas sua referência é às Montanhas de Sombra que cercam Hithlum, e esse nome foi emendado posteriormente (nota 1) para *Eredwethion* (*Ered Wethrin* em *O Silmarillion*). O nome *Eryd-Lómin* nessa época significava "Montanhas Sombrias", assim como *Dor-*

lómin significava “Terra das Sombras” (ver I. 141, e I. 308, verbete *Hisilómë*). Subsequentemente, *Eryd-Lómin*, *Ered Lómin* foi modificado tanto em significado (de “Montanhas Sombrias” para “Montanhas Ressoantes”, com *lóm* “ressoar, eco”, como também em *Dor-lómin* “Terra de Ecos”) como em aplicação, tornando-se o nome da cadeia costeira de montanhas a oeste de Hithlum.

16

No início dessa seção encontramos os primórdios da história posterior da chegada de Isfin e Meglin (Aredhel e Maeglin) a Gondolin, em vez (como ainda ocorre no Esb) do envio de Meglin por sua mãe; Eöl se perdeu em Taur-na-Fuin, e sua esposa e filho chegaram em Gondolin durante a sua ausência. Ainda havia muitos desenvolvimentos adicionais por vir (a história de Maeglin em *O Silmarillion* é um dos elementos mais tardios do livro).

Na passagem reescrita apresentada na nota 3 aparece o nascimento de Tuor “nos ermos” (ver p. 82); a implicação sem dúvida é de que, como em *O Silmarillion* (p. 268) e com mais detalhes no “*Tuor* tardio” (*Contos Inacabados*, p. 35), ele nasceu nos ermos de Hithlum e que foi após o seu nascimento que Rían foi para o leste até o Monte dos Mortos (que na reescrita rudimentar da passagem no Q I recebeu pela primeira vez um nome élfico, *Amon Dengin*). Mas é estranho que na reescrita a servidão de Tuor entre “os Homens infiéis”, encontrada no Esb e no Q como escrito inicialmente, tenha sido excluída.

No relato da fuga de Tuor de Hithlum, o nome da Fenda do Arco-íris como escrito originalmente era *Cris-Ilfing* (no conto *A Queda de Gondolin* era *Cris Ilbranteloth* ou *Glorfalc*), emendado para *Kirith Helvin* (*Cirith Ninniach* em *O Silmarillion*).

A jornada de Tuor permanece inalterada. Já foi dito no Esb que Bronweg “antes tinha estado em Gondolin”; agora é acrescentado que ele escapara de Angband e que chegara ao Sirion após muito vagar no Leste. O fato de ele ter estado em Angband na verdade já aparece na *Balada da Queda de Gondolin* (III. 180), e é implícito no *Conto* (II. 191–92). A história de que foi o único sobrevivente do

último dos navios que partiram por ordens de Turgon ainda não havia surgido; e sua fuga de Angband o torna um paralelo bastante óbvio de Flinding (Gwindor), ou pelo menos salienta uma semelhança geral entre as histórias de Túrin e Tuor nesse ponto. Em cada caso um Homem é guiado por um Elfo que escapou de Angband até a cidade oculta da qual o Elfo foi um cidadão no passado. — A visita de Ulmo a Tuor "quando estava em meio à grama alta no entardecer" na Terra dos Salgueiros remonta ao *Conto*, onde ele ficou "com a grama até os joelhos" (II. 190). Esse era um elemento essencial que nunca foi abandonado; ver II. 247. A canção de Tuor que ele fez para o seu filho Eärendel foi preservada e é apresentada no Apêndice 2 deste capítulo (p. 249).

As instruções de Ulmo para Tuor no Q permanecem as mesmas do Esb; mas no substituto Q II há diferenças importantes. Aqui, a grande guerra entre Gondolin e Angband prevista por Ulmo recebe um escopo maior, e seu resultado favorável é tornado mais plausível: a missão de Tuor a Hithlum, onde deveria convencer os ("malignos" e "infiéis") Homens de Hithlum (uma terra repleta de espiões de Morgoth) a se aliarem aos Elfos, aparentemente uma tarefa impossível, é agora abandonada, e Tuor deve viajar para o Leste e instigar as novas nações dos Homens; a rixa com os Fëanorianos deve ser sanada. Mas, por outro lado, Ulmo não faz mais qualquer promessa de auxílio ao povo de Gondolin na construção de uma frota. Sua presciência da sina de Gondolin que se avizinhava é tornada progressivamente menos precisa: no Esb ele sabe que ela ocorrerá através de Meglin em sete (> doze) anos, no Q I que ocorrerá em doze anos, mas sem mencionar Meglin, no Q II somente que ocorrerá após muitos anos se passarem se nada for feito.

Na história da traição de Meglin no Q, é afirmado expressamente (como não o é no Esb, embora seja quase certo que esteja implícito) que ele revelou a situação real de Gondolin, a qual Morgoth até então ignorava.

Há fortes indícios nesse relato condensado de que a rica heráldica de casas e emblemas de Gondolin estava apenas ausente, não abandonada. Os sete nomes de Gondolin são mencionados, apesar de não serem dados, e Ecthelion da Fonte e Glorfindel da Casa da Flor

Dourada são nomeados. De fato, tantos elementos antigos reaparecem — os Portões do Verão, a "morte de Rog fora dos muros"[u] — não é preciso a referência no texto à *Queda de Gondolin* para demonstrar que meu pai tinha o *Conto* de forma muito completa em mente. Na referência à "feitura" (em vez de "procriação") de novos dragões por Morgoth para o ataque à cidade há até mesmo um indício das construções (aparentemente) inanimadas do *Conto* (ver II. 257).

A relação entre a presente versão curta da escapada dos fugitivos e a emboscada na Cristhorn (> Kirith-thoronath), que é efetivamente aquela em *O Silmarillion* (pp. 324–25), e a do *Conto* foi discutida em II. 257–58. A ausência em *O Silmarillion* dos fugitivos que seguiram para a Via de Escape e lá foram destruídos pelo dragão que jazia à espera, um elemento presente no Esb e no Q, deve-se a uma remoção editorial, baseada em evidências em um texto muito posterior de que a antiga entrada de Gondolin havia sido bloqueada. Aquele texto foi a base para a passagem em *O Silmarillion* (p. 306) onde Húrin, após ser libertado das Thangorodrim, chegou ao sopé das Montanhas Circundantes:

> ele olhou à sua volta com pouca esperança, postado aos pés de um grande desmoronamento de pedras sob uma muralha de rocha íngreme; e não soube que isso era tudo o que restava de visível da antiga Via de Escape: o Rio Seco estava bloqueado, e o portão com arcos, enterrado.

A frase em *O Silmarillion*, p. 321, "Portanto, naquele tempo, a própria entrada da porta oculta nas Montanhas Circundantes foi bloqueada", foi um acréscimo editorial.

No Q reaparece do *Conto* a estada dos sobreviventes de Gondolin na Terra dos Salgueiros, e o retorno do "anseio pelo mar" de Tuor, levando à sua partida de Nan-Tathrin, descendo o Sirion até o Mar.

Por fim, pode-se notar descrição de Idril Celebrindal no Q II (p. 169) — alta, "quase da estatura de um guerreiro", de cabelos dourados: o protótipo de Galadriel (ver especialmente a descrição dela em *Contos Inacabados*, p. 311).

17

No texto Q original nessa seção a estrutura do Esb é seguida de perto, e em muitos aspectos a história ainda se encontra inalterada em pontos onde muito em breve haveria mudanças.

Todos os vestígios da insistência de Ulmo para que Eärendel fizesse a viagem para Valinor desapareceram (ver o Esb, §17, nota 3); mas ainda são as "graves palavras" de Ulmo aos Valar que levam à investida dos Filhos dos Valar contra Morgoth, e Eärendel ainda "chegou tarde demais para levar mensagens aos Elfos, pois os Elfos haviam partido" (cf. Q §6: "ele chegou tarde demais"). Por outro lado, agora aparece o *desejo* de Eärendel de levar "uma mensagem aos Deuses e Elfos do Oeste que lhes comovesse os corações em compaixão com o mundo", ainda que, ao chegar, não houve ninguém em Kôr para recebê-la. Mas a história final foi anotada a lápis no texto (nota 1).

No relato da hoste que veio de Valinor, Fionwë ainda é o filho de Tulkas (ver p. 83); mas agora nenhum dos Teleri deixa Valinor, enquanto que, por outro lado, faz-se menção aos Gnomos que não partiram de Valinor na época da Rebelião — cf. a passagem anterior no Q (§5): "Alguns ficaram para trás… Longo tempo se passou antes que voltassem a essa história das guerras e andanças de seu povo."

Bronweg ainda está presente, como no Esb, vivendo sozinho na foz do Sirion após o ataque dos Fëanorianos, e ele ainda navega com Eärendel na segunda viagem de Wingelot que os levou a Kôr. Eärendel nesse ponto da história ainda constrói a Torre das Aves Marinhas; seu navio é elevado, como no Esb, nas asas de aves, enquanto procura por Elwing do céu, de onde é perseguido pela Lua e vaga por sobre a terra como uma estrela fugidia. Elwing ainda lança a Silmaril no mar e salta atrás dela, assumindo a forma de uma ave marinha para buscar Eärendel, buscando-o "por todas as costas do mundo". Desenvolvimentos menores são a desavença entre os Fëanorianos, de modo que alguns ficaram de lado e outros ajudaram Elwing; as mortes de Damrod e Díriel (ver p. 85); a explicação da piedade de Maidros pelo menino Elrond ("pois seu coração estava enfermo e cansado com o fardo do terrível juramento"); e a descrição

de Wingelot. O nome do navio de Tuor, *Eärámë*, é traduzido como "Ala de Águia" (a antiga explicação do nome, quando era o navio de Eärendel), e não como "Ala-do-mar" (ver p. 84). A passagem no Esb acerca da escolha de Elrond Meio-Elfo é omitida aqui, mas a questão reaparece em §18.

Com essa seção, a reescrita do Q (como "Q II") se torna contínua com o final da obra, e o texto original ("Q I") na verdade acaba antes do fim. Visto que trechos substanciais do Q I permanecem inalterados no Q II, não creio que muito tempo tenha se passado entre eles; mas certos detalhes novos e consideráveis foram introduzidos na lenda na reescrita.

Esses desenvolvimentos consideráveis na presente seção são, primeiro, que as palavras de Ulmo aos Valar *não* causaram a guerra contra Morgoth ("Manwë não agiu"); segundo, que Elwing, transformada numa ave marinha, *levou a Silmaril sobre o peito*, e foi até Eärendel, que retornava de sua primeira viagem em Wingelot: de modo que a Silmaril de Beren não se perdeu, mas se tornou a Estrela Vespertina; e, terceiro, que Eärendel, viajando para Valinor *com Elwing*, chegou diante dos Valar, e foi sua "embaixada das duas gentes" que levou ao ataque a Morgoth.[v]

Mas há também muitas mudanças de um caráter menos estrutural no Q II, como: as primeiras viagens de Eärendel pelas costas das Terras de Fora antes de construir Wingelot; seus sonhos de aviso para retornar depressa às Fozes do Sirion, para as quais acabou nunca voltando, sendo interceptado pela chegada de Elwing como uma ave marinha e por suas notícias do que acontecera lá durante sua ausência — daí o desaparecimento de Bronweg da história; o poder curativo da Silmaril sobre o povo de Sirion (ver p. 218); a grande luz da Silmaril à medida que Wingelot se aproximava de Valinor, e a indicação de que foi o poder da joia que conduziu o navio através dos encantamentos e das sombras; a recusa de Eärendel em permitir que qualquer um dos que viajaram com ele entrassem com ele em Valinor; a nova explicação do despovoamento de Tûn sobre Kôr (pois ainda persistia a história de que a cidade dos Elfos estava desabitada quando Eärendel chegou lá); a saudação de Fionwë

(agora mais uma vez o filho de Manwë) a Eärendel como a Estrela Matutina e Vespertina; a condução pelos Teleri dos navios que levaram as hostes do Oeste; e a Silmaril avistada no céu por Maidros e Maglor e pelo povo das Terras de Fora.

Alguns elementos adicionais foram inseridos por emendas subsequentes no Q II. A Tuor é atribuído um destino (nota 3) não menos espantoso do que o de se primo Túrin Turambar. O irmão de Elrond, Elros, aparece (notas 4 e 9); e Maglor assume o papel de Maidros como salvador deles, e como o menos cruel e obcecado dos dois irmãos (nota 10; ver o comentário sobre §18). O acréscimo na nota 19 que afirma que o líder dos Gnomos que jamais partiram de Valinor era Ingwiel, filho de Ingwë, à primeira vista é surpreendente: seria de se esperar Finrod (> Finarfin), como em *O Silmarillion* (p. 333). No entanto, creio que esse acréscimo foi acomodado de forma imperfeita ao texto: o significado pretendido era o de que Ingwiel fosse o chefe dos Quendi (os Elfos-da-luz, os Vanyar), entre os quais os Gnomos de Valinor marcharam.[w] Em uma revisão de Q §2 (nota 6), o texto original, que dizia que Ingwë jamais voltou às Terras de Fora "até este contos chegarem perto do fim", foi mudado para uma afirmação de que ele nunca retornou. Ingwiel substitui Ingil, filho de Inwë, dos *Contos Perdidos*, que construiu a Torre de Ingil em Tol Eressëa (I. 27) após o seu retorno das Grandes Terras.

Tal como o Q II foi escrito inicialmente

> Eärendel era o guia deles [isto é, da frota das hostes de Valinor]; mas os Deuses não permitiriam que ele retornasse[x] e ele construiu para si uma torre branca nos confins do mundo exterior, nas regiões do Norte dos Mares Divisores; e para lá todas as aves marinhas da terra por vezes se dirigiam.

A Torre das Aves Marinhas é assim preservada no mesmo lugar da narrativa que no Esb e no Q, onde Eärendel constrói a torre após sua visita infrutífera a Kôr. No final dessa seção no Esb, Eärendel

> navega, com o auxílio das asas [das aves marinhas], até mesmo sobre os ares em busca de Elwing, mas é chamuscado pelo Sol e

caçado do céu pela Lua e por muito tempo vaga pelo céu como estrela fugitiva.

Praticamente a mesma coisa é dita no final da seção no Q I. Contudo, no Q II, como escrito inicialmente, Elwing estava com Eärendel nessa época,[y] na forma de uma ave, e foi ela quem construiu asas para o navio dele, de modo que "foi elevado até mesmo aos oceanos do ar".

No Esb e no Q I, Eärendel ainda não porta a Silmaril quando vaga pelo céu "como uma estrela fugitiva" (pois a Silmaril de Beren afundou com o Nauglafring, e as outras ainda estão na Coroa de Ferro de Morgoth); enquanto no Q II é nessa época que a Silmaril aparece no céu e dá esperança às pessoas das Terras de Fora.

Com a revisão do Q II apresentada na nota 20 é inserida a ideia de que foram os próprios Deuses que colocaram Eärendel e seu navio no céu. Agora é Elwing que constrói a Torre das Aves Marinhas, fazendo asas para si mesma para tentar alcançá-lo, em vão; *e eles estão separados até o fim do mundo*. Isso sem dúvida está de acordo com a revisão do Q II apresentada na nota 14: "E ele disse adeus a todos que amava na última costa, e foi apartado deles para sempre."

Em *O Silmarillion*, o elemento da companhia de um pequeno navio permanece: os três marinheiros Falathar, Erellont e Aerandir (p. 329). Eärendil recusou-se a permitir que esses, e Elwing, pusessem os pés na costa de Aman; mas Elwing pulou no mar e correu até ele, dizendo: "Então seriam nossos caminhos separados para sempre". Ali Eärendil e Elwing "disseram adeus aos companheiros de sua viagem e foram apartados deles para sempre"; mas mesmo então Elwing não acompanhou Eärendil até Tirion. Ela permaneceu entre os Teleri de Alqualondë, e Eärendil foi até ela lá após ter "apresentado a mensagem das Duas Gentes" diante dos Valar; e então foram juntos a Valmar e ouviram o decreto de Manwë, e a escolha de destino que lhes foi dada e aos seus filhos.

Uma questão curiosa aparece no relato do Q II da viagem de Eärendel e Elwing que os levou à costa de Valinor. Enquanto no Q I é dito que Eärendel "reencontrou a Ilha Solitária e os Mares

Sombrios", no Q II "eles chegaram aos Mares Sombrios *e passaram por suas sombras*; e viram a Ilha Solitária…" Isso sugere que os Mares Sombrios haviam se tornado uma região do Grande Mar a leste de Tol Eressëa; e a mesma ideia parece estar presente na §6, tanto no Esb como no Q, pois é dito lá que, na Ocultação de Valinor, "as Ilhas Mágicas foram [...] dispostas pelos confins dos Mares Sombrios, *antes que a Ilha Solitária seja alcançada* por quem navegue para o Oeste". Bem diferente é o relato nos *Contos Perdidos*, onde "*além de Tol Eressëa* [a oeste das Ilhas Mágicas] está a muralha brumosa e as grandes trevas marítimas sob as quais jazem os Mares Sombrios" (I. 156); e os Mares Sombrios se estendem até as costas da terra ocidental (I. 88–9). Esse desenvolvimento está concebivelmente relacionado à mudança de posição de Tol Eressëa — ancorada na Baía de Feéria, à vista distante das Montanhas de Valinor, e não, como nos *Contos Perdidos*, no meio do Oceano: uma mudança que foi inserida na geografia em Esb §3.

Em emendas do Q II, as Ilhas Mágicas se tornam as Ilhas Encantadas (nota 11; ver II. 390–91) e a Baía de Feéria se torna a Baía de Casadelfos (nota 12); também o nome *Eärámë* para o navio de Tuor se torna *Eärrámë*, com a interpretação posterior de "Ala-do-mar" (nota 2).

18

Há vários desenvolvimentos interessantes na história da Última Batalha e suas consequências tal como contada no texto Q I original dessa seção. O relato muito breve do Esb é bastante expandido aqui, e boa parte da versão final aparece, ainda que com muitas diferenças (notavelmente a ausência de Eärendel). O fato de Morgoth ter sido atado muito antes por Tulkas com a corrente Angainor reaparece agora dos *Contos Perdidos* (esse elemento está ausente em Q §2; ver pp. 87, 190–91).

A passagem que descreve o destroçamento de Beleriand é preservada quase que inalterada em *O Silmarillion* (p. 335), que na verdade nada mais acrescenta. Há uma afirmação notável (mantida no Q II) de que

> os Homens fugiram, aqueles que não pereceram na ruína daqueles dias, e muito tardou antes que voltassem pelas montanhas onde Beleriand existira antes, e não antes que a história daqueles dias se esvanecesse em um eco que pouco se ouvia.

Não sei exatamente ao que isso se refere (ver abaixo, pp. 231–32). Infelizmente, as evidências para a evolução do conceito da submersão de Beleriand são extremamente escassas. Posteriormente, foi apenas uma pequena região (Lindon) que permaneceu acima do mar a oeste das Montanhas Azuis; mas esse de modo algum precisa ter sido o caso até então. Também é dito no Q (novamente mantido no Q II) que

> houve uma grande armação de navios nas costas do Mar do Oeste, e mormente nas grandes ilhas, as quais, na ruptura do mundo do Norte, foram formadas a partir da antiga Beleriand.

Não nos é contado acerca do tamanho e do número dessas "grandes ilhas". Em um dos mapas esboçados que meu pai fez para *O Senhor dos Anéis*, há a ilha de Himling, isto é, o topo do Monte de Himring, e também Tol Fuin, isto é, a parte mais elevada de Taur-na-Fuin (ver *Contos Inacabados*, p. 30); e em *O Silmarillion* (pp. 308–09) é dito que a pedra dos Filhos de Húrin e o túmulo de Morwen acima do Cabed Naeramarth ficam em Tol Morwen, que "está sozinha na água, além das novas costas que foram feitas nos dias da ira dos Valar". Mas parece óbvio que meu pai nessa época estava imaginando ilhas muitos maiores do que essas, visto que foram nelas que as grandes frotas foram construídas no final da Guerra da Ira. Lúthien (> Leithien) como a terra de onde os Elfos zarparam, mencionada pelo nome em Esb §18 e explicada como "Bretanha ou Inglaterra", não é mencionada pelo nome no Q; mas as palavras que se seguem no Esb, "De lá eles ainda, de tempos em tempos, içam vela e deixam o mundo antes que desvaneçam", estão claramente refletidas no Q:

> Porém, nem todos retornaram, e alguns se demoraram por muitas eras no Oeste e no Norte, e especialmente nas Ilhas Ocidentais. Contudo sempre, conforme as eras passavam e o povo dos Elfos se esvanecia na Terra, ainda içavam vela ao anoitecer de nossas costas do Oeste; como ainda fazem, quando agora se demoram poucas em qualquer lugar das companhias solitárias.

A relação entre essas passagens sugere fortemente que as "Ilhas Ocidentais" eram as Ilhas Britânicas,[z] e de que a Inglaterra ainda tinha um lugar na geografia mitológica em si, tal como tem explicitamente no Esb. Em relação a isso, a abertura de Ælfwine da Inglaterra, no texto final Ælfwine II (II. 377–78), é interessante:

> Havia uma terra chamada Inglaterra, e era uma ilha do Oeste, e antes de ela ser arrebentada na guerra dos Deuses, era a mais occidental de todas as terras do Norte, e olhava para o Grande Mar que Homens outrora chamavam de Garsecg; mas aquela parte rompida foi chamada de Irlanda, e de muitos outros nomes além desse, e seus habitantes não entram nestes contos.
>
> Toda aquela terra os Elfos chamaram de Lúthien e ainda o fazem. Somente em Lúthien habitava ainda a maior parte das Companhias Desvanecentes, as Fadas Sagradas que ainda não tinham zarpado do mundo, para além do horizonte do conhecimento dos Homens, rumo à Ilha Solitária, ou mesmo para a Colina de Tûn sobre a Baía de Feéria que banha as costas ocidentais do reino dos Deuses.

É possível, como sugeri (II. 390), que essa passagem se refira ao cataclismo, e suas consequências, que de outra forma é mencionado pela primeira vez em Esb §18. Não é possível datar Ælfwine II, mas Ælfwine I, no qual foi baseado, provavelmente foi escrito em 1920 ou não muito depois. Também é concebível, ainda que não mais que isso, que o significado das palavras no Q, de que ocorreu muito antes de os Homens voltarem por sobre as montanhas para onde Beleriand outrora estivera, refira-se às sangrentas invasões da Inglaterra em dias posteriores descritas em Ælfwine II; pois há muito pouco

naquele texto que não possa ser prontamente acomodado à presente passagem no Esb e no Q, com a imagem dos Elfos minguantes de Lúthien "partindo de nossas costas do Oeste".[aa] Mas uma dificuldade séria com essa ideia se encontra na vinda dos Homens "por sobre as montanhas" para onde Beleriand outrora estivera.

Certamente o elemento mais notável, até mesmo surpreendente, do período logo após a Última Batalha no Q (I) é a declaração de que, quando Fionwë marchou pelas terras convocando os Gnomos e os Elfos-escuros a deixarem as Terras de Fora, aos Homens das Casas de Hador e Bëor seria "permitido partir, se quisessem". Mas só restava Elrond; e de sua escolha, como Meio-Elfo, é contado o mesmo que fora contado em Esb §17. As implicações dessa passagem são intrigantes. É óbvio que "a raça de Hador e Bëor" significa aqueles que descendiam diretamente de Hador e Bëor; posteriormente o conceito dessas Casas foi muito expandido: elas se tornaram clãs. Mas visto que dos descendentes diretos só restava Elrond, o que essa permissão significa? É uma maneira (muito curiosa) de oferecer a escolha da partida ao(s) Meio-Elfo(s), caso ele(s) desejasse(m)? Pois os Meio-Elfos só passaram a existir nas Casas de Hador e Bëor. Porém, isso parece legalístico e convoluto demais para ser provável. Então isso significa que, caso tivesse havido outros descendentes — se, por exemplo, Gundor, filho de Hador, tivesse tido filhos —, eles teriam tido permissão para partir? E o que aconteceria depois? Teriam terminado seus dias como Homens mortais em Tol Eressëa? A permissão parece muito obscura em qualquer interpretação; e ela foi removida do Q II. Não obstante, ela representa, como acredito, o primeiro germe da história da partida dos sobreviventes dos Amigos-dos-Elfos para Númenor.

A história do destino das Silmarils no Q I é expandida a partir daquela no Esb, e aqui alcança um estágio transicional interessante entre o Esb e o Q II, onde se chega na resolução final. Maidros permanece, como no Esb, o menos encarniçadamente resoluto dos dois filhos sobreviventes de Fëanor no cumprimento do juramento: no Esb é apenas Maglor que rouba a Silmaril da guarda de Fionwë, e no Q I é Maidros que "tinha em mente se submeter", mas é persuadido por Maglor. No Q II os argumentos permanecessem, mas

os papéis de Maidros e Maglor são invertidos, assim como na §17 (por meio de uma emenda tardia no Q II, nota 10) Maglor se torna aquele que salvou Elrond e Elros. No Q I os dois irmãos partem para roubar as Silmarils de Fionwë, como na versão final da lenda; mas, como no Esb, somente Maglor leva embora a sua joia — pois na nova história Maidros é capturado. Ainda assim, enquanto, como no Esb, somente uma das duas Silmarils remanescentes é consignada às profundezas pelo ato de um dos irmãos (Maglor), e a outra é mantida por Fionwë e no fim se torna a estrela de Eärendel — com Maidros, até onde se pode ver, não desempenhando nenhum outro papel no destino da joia —, no Q I a queimadura da mão iníqua, e a compreensão de que o direito dos filhos de Fëanor sobre as Silmarils agora é nulo, passa a ser de Maidros; e, prisioneiro de Fionwë, ele se mata, jogando a Silmaril no chão (e embora o texto do Q I não chegue até esse ponto, a lógica da narrativa deve conduzir à entrega dessa Silmaril a Eärendel, como no Esb). A versão emendada no Esb (notas 6 e 7), de que Maglor lança sua Silmaril numa cova em chamas e depois sai a vagar cantando em pesar perto do mar (em vez de também se lançar na cova), é retomada no Q I.

No Q II a história mudou de novo, para a estrutura harmoniosa e simétrica final: a Silmaril de Beren não é perdida e se torna a estrela de Eärendel: tanto Maglor como Maidros levam uma Silmaril do acampamento de Fionwë, e ambos as lançam em locais inacessíveis. Maidros ainda tira a própria vida, mas o faz jogando-se na cova em chamas — e esse é um retorno à história original de Maglor contada no Esb. Maglor agora lança a sua Silmaril no mar — e assim as Silmarils da terra, do mar e do céu são mantidas, mas são Silmarils diferentes; pois nas versões anteriores era uma das joias da Coroa de Ferro de Morgoth que se tornava a Estrela Vespertina.

Essa evolução narrativa extraordinariamente complexa, mas altamente característica, talvez possa ser mostrada com mais clareza em uma tabela:

Esb	Q I	Q II
A Silmaril de Beren é lançada no mar por Elwing e é perdida	Como no Esb	A Silmaril de Beren é levada por Elwing a Eärendel no Wingelot; com a joia ele vai para Valinor
—	*Maidros* tem em mente se submeter, mas *Maglor* o persuade do contrário	*Maglor* tem em mente se submeter, mas *Maidros* o persuade do contrário
Maglor rouba sozinho uma Silmaril de Fionwë e foge	*Maidros* e *Maglor* roubam juntos as duas Silmarils de Fionwë, mas *Maidros* é capturado	Como no Q I, mas tanto *Maidros* como *Maglor* têm permissão de partir levando as Silmarils
Maglor sabe pela dor da Silmaril que não tem mais direito a ela	*Maidros* sabe pela dor da Silmaril que não tem mais direito a ela	Como no Q I
Maglor joga a si mesmo e a Silmaril em uma cova em chamas > Ele lança a Silmaril em uma cova em chamas e vaga pelas costas	*Maidros* joga a sua Silmaril no chão e tira a própria vida *Maglor* lança a sua Silmaril em uma cova em chamas e vaga pelas costas	*Maidros* joga a si mesmo e a Silmaril em uma cova em chamas *Maglor* lança a sua Silmaril no mar e vaga pelas costas
A Silmaril de *Maidros* é decretada pelos Deuses a ser de Eärendel	[Como no Esb, embora o Q I não chegue até esse ponto]	A Silmaril de Beren, jamais perdida, é mantida por Eärendel

Ainda encontramos nas duas versões do Q, assim como no Esb, a afirmação de que alguns dos Elfos que retornavam passaram para além de Tol Eressëa e habitaram em Valinor ("como todos eram livres para fazer se desejassem", Q II) — e fica claro no textos do Q que se incluíam entre esses alguns dos Noldoli eLivross, "admitidos ao amor de Manwë e ao perdão dos Deuses". Também mantida no Q I (mas não no Q II) é a afirmação de que Tûn permaneceu desolada, mais uma vez sem que seja dada uma explicação (ver p. 89). Mas enquanto no Esb Tol Eressëa foi repovoada pelos "Gnomos e muitos dos Ilkorins e Teleri e Qendi", nos textos do Q os Teleri e os Quendi não são mencionados aqui, somente os Gnomos e os Elfos-escuros ("especialmente aqueles que outrora pertenceram a Doriath", Q I).

Em uma anotação apressada a lápis no Q I (§17, nota 1), há uma referência a alguns Homens de Hithlum estarem arrependidos e à realização da predição de Ulmo (isto é, "sem os Homens, os Elfos não hão de prevalecer contra os Orques e os Balrogs", §16): tanto pelo valor os Homens de Hithlum como pela embaixada de Eärendel aos Valar. Isso é retomado no Q II na presente seção, com o acréscimo de que muitos Homens recém-chegados do Leste lutaram contra Morgoth; mas revisões adicionais (notas 2 e 3) alteraram esse fato, dizendo que a maioria dos Homens, e especialmente esses recém-chegados do Leste, lutaram pelo lado do Inimigo, e também que, além dos Homens arrependidos de Hithlum, "todos os que restavam das três Casas dos Pais de Homens lutaram por Fionwë". Essa última frase indica que tanto a casa de Hador tinha agora sido dividida (ver o comentário sobre §9) como também que as casas dos Amigos-dos-Elfos agora foram aumentadas, de maneira que não estão restritas àqueles descendentes dos Pais que foram mencionados na narrativa. A estranha permissão de Fionwë para que os Homens das casas de Hador e Bëor partissem para o Oeste despareceu no Q II.

Outros desenvolvimentos no Q II são a incapacidade de Morgoth de sair à luta no final; a vinda dos dragões alados, dos quais o maior era Ancalagon, o negro; a morte de Ancalagon por Eärendel, descendo dos céus com incontáveis aves ao seu redor; e a destruição das Thangorodrim pela queda de Ancalagon.

19

Nessa seção final, a narrativa, agora quase inteiramente apenas no texto Q II, retorna mais uma vez a Eärendel; e, de forma muito curiosa, o fato de ser chamuscado pelo Sol e caçado pela Lua, e sua viagem como "uma estrela fugitiva", reaparecem *após* a Última Batalha e a derrubada de Morgoth; no Esb e no Q, é dito que isso ocorre quando ele foi erguido pela primeira vez aos céus, no final da §17. É somente agora que

> os Valar trouxeram seu navio branco, Wingelot, por sobre a terra de Valinor, e o encheram de radiância e o abençoaram, e lançaram-no através da Porta da Noite.

Parece evidente que, nesse relato, esse ato dos Valar foi para proteger Eärendel, colocando-o para navegar no Vazio, acima dos trajetos do Sol e da Lua e das estrelas (ver o diagrama no *Ambarkanta*, p. 287), onde ele também poderia guardar a Porta contra o retorno de Morgoth. E no Q II Elwing estava ao seu lado em suas viagens "na vastidão sem estrelas" (sendo esse trecho riscado posteriormente, nota 6).

Na verdade, já encontramos, na passagem reescrita apresentada na nota 20 da §17 no Q II, a história final de que Wingelot foi abençoado pelos Deuses e colocado nos céus *antes* da partida das hostes do Oeste; mas esse trecho data de um período posterior à composição da conclusão do Q II. Nessa passagem a própria Elwing constrói a Torre das Aves Marinhas, fazendo asas para tentar alcançar Eärendel, mas eles jamais se reencontram; e assim o elemento das aves marinhas é removido de qualquer associação direta com Eärendel. No relato da Última Batalha em Q II §18, Eärendel desce do céu acompanhado por "uma miríade de aves", mas isso, é claro, pertence à história em Q II §17, na qual foi Eärendel que construiu a Torre e Elwing que fez as asas para o seu navio. Seria de se esperar que as aves que desceram com Eärendel sobre Ancalagon, o negro, desapareceriam na história posterior, onde são os Valar que erguem Wingelot, e as asas de aves pelas quais o

navio antes fora içado são rejeitadas; mas na versão final da história das "coisas últimas" elas ainda estão presentes, assim como em *O Silmarillion* (p. 334).

Apresento a seguir (p. 237) uma tabela que pode servir para ilustrar com mais clareza a evolução da história de Eärendel e Elwing nesses textos.

A versão final da história é ainda mais mudada ao dizer que Elwing permaneceu com Eärendel em Valinor; a Torre das Aves Marinhas foi construída para ela, e de lá ela voava para se encontrar com Eärendel quando seu navio retornava a Valinor (*O Silmarillion*, p. 332).

Esb e Q	Q II	Revisões no Q II
Eärendel (com Bronweg) visita Kôr em vão, pois os Elfos já haviam partido (§17)	Eärendel (com Elwing, e portando a Silmaril) vai para Valinor, e, proibindo Elwing de acompanhá-lo dali em diante, declara "a embaixada das Duas Gentes" (§17)	Eärendel despede-se de Elwing para sempre na costa de Valinor (§17, nota 14)
Ele constrói a Torre à qual todas as aves marinhas se dirigem (Q: e sofre pela perda de Elwing) (§17)	Ele guia a frota do Oeste; constrói a Torre das Aves Marinhas, e Elwing está com ele (§17)	O navio de Eärendel é abençoado pelos Valar e colocado no céu (§17, nota 20)
Wingelot é erguido ao céu por meio de asas de aves (§17)	Elwing faz asas para Wingelot (§17)	Elwing constrói a Torre e faz asas de ave para si mesma, mas não consegue alcançar Eärendel, e os dois são separados para sempre (§17, nota 20)
Ele é chamuscado pelo Sol e caçado pela Lua, e vaga como uma estrela fugitiva. Ele não porta uma Silmaril. (§17)	Ele navega pelo céu portando a Silmaril (?com Elwing), e a estrela é vista pelas pessoas das Terras de Fora (§17) Ele desce do céu para a Última Batalha com incontáveis aves ao seu redor, e mata Ancalagon (§18)	(Elwing não está com ele)

Após a Ultima Batalha, a Silmaril de Maidros é dada a Eärendel e Elwing lhe é devolvida; ele navega para a Escuridão de Fora com Elwing, portando a Silmaril (§19) [O texto Q I termina antes de chegar nesse ponto]	Ele é chamuscado pelo Sol e caçado pela Lua, e navega como uma estrela fugitiva (§19) Seu navio é abençoado pelos Valar e lançado através da Porta da Noite. Elwing está com ele (§19)	(Elwing não está com ele; §19, nota 6)

Fora a passagem acerca de Eärendel, o Q II segue o Esb (presumivelmente agora o precursor imediato) muito de perto, no seu relato da crença de que Morgoth volta em segredo de tempos em tempos, enquanto outros declaram que é Thû (> Sauron), que sobreviveu à Última Batalha; e no teor da profecia das Coisas Últimas — que agora recebe uma existência formal como "a Profecia de Mandos", que Mandos declarou em Valmar no julgamento dos Deuses. Contudo, há certas mudanças e desenvolvimentos na Profecia: Morgoth, quando retornar, destruirá o Sol e a Lua (o que certamente contém pelo menos uma reminiscência da passagem do conto da *Ocultação de Valinor* citado na p. 90); Tulkas é agora chamado de o principal antagonista de Melko na batalha final nas planícies de Valinor, junto com Fionwë e Túrin Turambar; Eärendel entregará a sua Silmaril, e Fëanor levará as Três até Yavanna para quebrá-las (no Esb elas são quebradas por Maidros); e com o despertar dos Elfos e o renascimento de seus mortos, o propósito de Ilúvatar estará cumprido no que diz respeito a eles. O aparecimento de Túrin no fim permanece profundamente misterioso; e aqui é dito que a Profecia o nomeia entre os Deuses, o que claramente está relacionado à passagem no antigo *Conto de Turambar* (II. 142), onde é dito que Túrin e Nienor "habitaram como Valar luzentes entre os sagrados", após terem passado por Fôs'Almir, o banho de chamas. Em mudanças no texto do Q II é dito que Túrin é nomeado entre "os filhos dos Deuses" e não entre os próprios Deuses, e também que ele "vem dos salões de Mandos" para a batalha final; sobre isso não posso dizer mais do que Túrin Turambar, apesar de ser um Homem mortal, não foi, como vai a raça dos Homens, para um destino além do mundo.

APÊNDICE 1
Fragmento de uma tradução do Quenta Noldorinwa em inglês antigo, feita por Ælfwine ou Eriol; junto com equivalentes em inglês antigo de nomes élficos

Há dois fragmentos preservados de versões em inglês antigo (anglo-saxão) dos *Anais de Valinor* (três), dos *Anais de Beleriand* e do *Quenta Noldorinwa*. Todos começam no início das respectivas obras, e apenas um, uma versão dos *Anais de Valinor*, constitui um texto substancial. A versão em inglês antigo do *Quenta* apresentada aqui não tinha título, mas meu pai posteriormente inseriu a lápis o título *Pennas*; cf. *Qenta Noldorinwa* ou *Pennas-na-Ngoelaidh*, p. 95. Em uma breve lista à parte de nomes e palavras élficos que pertencem a esse período ocorre este verbete:

> *Quenta* história, conto (*quete-* "dizer") n[oldorin] *pent*.
> *pennas* história (*quentassë*).

Nessa época, *Eriol* e Ælfwine reaparecem juntos como os nomes élfico e inglês do marinheiro que chegou a Tol Eressëa e lá traduziu várias obras élficas para a sua própria língua: no preâmbulo dos *Anais de Valinor* (p. 310) ele é "Eriol de Leithien, que é Ælfwine dos Angelcynn", e em uma das versões em inglês antigo desses *Anais* é dito que a obra (p. 330) foi traduzida por "Ælfwine, que os Elfos chamavam de Eriol". (Quanto às relações antigas dos dois nomes, ver II. 362–63.)

A versão em inglês antigo do *Quenta* é um equivalente muito próximo do texto em inglês moderno, desde sua abertura "Após a feitura do Mundo pelo Pai-de-Tudo" até "a sombra é seu reino e a noite, seu trono" (pp. 96–7), onde termina o texto em inglês antigo. É um manuscrito à tinta, obviamente um primeiro rascunho, com emendas a lápis (principalmente pequenas alterações da ordem das

palavras e semelhantes) que incorporei ao texto; o último parágrafo foi escrito a lápis muito rapidamente. Acentos agudos em vogais longas foram inseridos de forma um tanto esporádica e tornei o uso consistente, assim como nos outros textos em inglês antigo, do início ao fim.

Pennas

Æfter þám þe Ealfæder, se þe on elfisc Ilúuatar hátte, þás worolde geworhte, þá cómon manige þá mihtegostan gǽstas þe mid him wunodon hire to stíeranne; for þon þe hí híe feorran ofsáwon fægre geworhte and hí lustfollodon on hire wlitignesse. Þás gǽstas nemdon þá Elfe *Valar*, þæt is þá Mægen, þe men oft siððan swáþéah nemdon Godu. Óþre gǽstas manige hæfdon hí on hira folgoðe, ge máran ge lǽssan, ⁊ þára sume tealdon men siþþan gedwollice mid þǽm Elfum; ac híe lugon, for þám þe ǽr séo worold geworht wǽre hí wǽron, ⁊ Elfe and Fíras (þæt sindon men) onwócon ǽrest
on worolde æfter þára Valena cyme. Ealfæder ána geworhte Elfe and Fíras ond ǽgþerum gedǽlde hira ágene gifa; þý hátað hí woroldbearn oþþe Ealfæderes bearn.

Þara Valena ealdoras nigon wǽron. Þus hátað þá nigon godu on elfiscum gereorde swá swá þa elfe hit on Valinóre
spræcon, þéah þe hira naman sind óþre ⁊ onhwerfede on nold-elfisc, and missenlice sind hira naman mid mannum.

Manwe wæs goda hláford, and winda and wedera wealdend and heofones stýrend. Mid him wunede to his geféran séo undéadlice héanessa hlǽfdige, úprodera cwén, *Varda* tunglawyrhte. Him se nyxta on mægene, and on fréondscipe se cúðesta, wæs *Ulmo* ágendfréa ealra wætera, se þe ána wunað on Útgársecge, ⁊ stýreð swáþéah eallum wǽgum ⁊

wæterum, éam ⁊ stréamum, wyllum ond æwelmum geond eorðan ymbhwyrfte. Him underþýded, þéah he him oft unhold bið, is *Osse*, se þe manna landa sæm stýreð, ⁊ his geféra is *Uinen* merehlæfdige. Hire feax líþ gespræddgeond ealle sæ under heofenum.

On mægene wæs *Aule* Ulmo swíðost gelíc. He wæs smiþ and cræftiga, ⁊ *Yavanna* wæs his geféra, séo þe ofet and hærfest and ealle eorðan wæstmas lufode. Nyxt wæs héo on mægene þára Valacwéna Vardan. Swíþe wlítig wæs héo, and híe þá Elfe nemdon oft Palúrien þæt is ‘eorþan scéat’.

Þá gebróþru *Mandos* ⁊ *Lórien* hátton *Fanturi*. *Nefantur* háteð se æresta, neoærna hláford, and wælcyriga, se þe samnode ofslægenra manna gæstas. *Olofantur* háteð se óðer, swefna wyrhta ⁊ gedwimora; ⁊ his túnas on goda landum wæron ealra stówa fægroste on worolde ⁊ wæron gefylde mid manigum gæstum wlitigum and mihtigum.

Ealra goda strengest ⁊ leoþucræftigost and foremærost ellendædum wæs *Tulkas*; þý háteð he éac þon *Poldórea* se ellenrófa (se dyhtiga); and he wæs Melkoes unwine and his wiþerbroca.

Orome wæs mihtig hláford and lýtle læssa maegenes þonne Tulkas sylf. Orome wæs hunta ⁊ tréowcynn lufode – þý hátte
he *Aldaron*, ⁊ þá noldielfe hine *Tauros* nemdon, þæt is Wealdafréa – ⁊ him wæron léofe hors and hundas. Húru he éode on huntoð þurh þá deorce land ær þám þe séo sunne wurde gýt atend /onæled; swíþe hlúde wæron his hornas, ⁊ swá béoð gíet on friðum and feldum þe Orome áh on Valinóre. *Vana* hátte his geféra, séo wæs gingra sweostor hira Vardan ⁊ Palúrienne, ⁊ séo fægernes ge heofenes ge eorðan bið on hire wlite and hire weorcum. Hire mihtigre swáþéah bið *Nienna*, séo þe mid Nefantur Mandos eardað.

55 Mildheort bið héo, hire bið geómor sefa, murnende mód;
sceadwa bið hire scír ⁊ hire þrymsetl þéostru.

NOTAS

6 *Mægen* (“Poderes”) foi emendado para *Reg.* . (?*Regen* ?*Regin*). Inglês antigo *regn-* em palavras compostas “grande, poderoso”, relacionado ao nórdico antigo *regin* “Deuses” (que ocorre em *Ragnarök*).

10 *Fíras* é uma emenda de *Elde* (ambas são antigas palavras poéticas para “homens”). Na linha 12, *Fíras* foi escrito ao lado de *Elde*, que foi emendado para Ælde (e *Elfe* aparentemente para *Ælfe*).

11 O plural genitivo *Valena* é uma emenda de *Vala*; também na linha 14.

23 *on Útgársecge*: *Ut-gársecg* “os Mares de Fora”. *Gársecg*, um dos muitos nomes em inglês antigo do mar, é usado frequentemente em *Ælfwine da Inglaterra* para o Grande Mar do Oeste (em um dos textos escrito G*arsedge* para representar a pronúncia).

35 *wælcyriga*: “escolhedor dos mortos (*wæl*)”, o equivalente em inglês antigo do nórdico antigo *valkyrja* (valquíria).

49 *atend, onáled*: essas palavras são alternativas, mas nenhuma está marcada como rejeitada.

55 Cf. *Beowulf*, versos 49–50: *him wæs geómor sefa, murnende mód* (“soturno era seu coração e lamento n’alma”).

Associadas aos textos em inglês antigo há várias listas de nomes élficos com equivalente em inglês antigo, alguns dos quais são muito interessantes pela luz que lançam no significado de nomes élficos, embora muitos não sejam de fato traduções, como veremos.

Há em primeiro lugar uma lista dos Valar:

Os principais deuses são Fréan. ós (ése)

[Ing.ant. *fréa* “governante, senhor”; ós “deus” (em nomes próprios como *Oswald*), com vogal mutada no plural.]

Manwë é Wolcenfréa [Ing.ant. *wolcen* “céu”; cf. inglês moderno *welkin*.]

Ulmo é Gársecges fréa e ealwæter-fréa [Quanto a *Gársecg*, ver a nota à linha 23 do *Quenta* em inglês antigo. Naquele texto Ulmo

é chamado de ágendfréa ealra wætera “Senhor das Águas” (literalmente “senhor possuidor de todas as águas”).]

Aulë é Cræftfréa

Tulkas é Afoðfréa [Ing.ant. *afoð*, *eafoð* “poderio, força”.]

Oromë é Wáðfréa e Huntena fréa [Ing.ant. *wáð* “caçada’; “Senhor das Caçadas e Senhor dos Caçadores”. No *Quenta* em inglês antigo ele é *Wealdafréa* “Senhor das Florestas”, tradução de *Tauros*.]

Mandos é Néfréa [Ing.ant. *né(o)* “cadáver”; cf. *néærna hláford* “mestre das casas dos mortos” no *Quenta* em inglês antigo. Quanto ao nome élfico *Nefantur*, ver p. 189.]

Lórien é Swefnfréa [Ing.ant. *swefn* “sonho”.]

Melko é Mánfréa, Bolgen, Malscor [Ing.ant. *mán* “mal, perversidade”; *bolgen* “iracundo”. Há registro de um substantivo verbal *malscrung*, com o significado de “desnorteamento, encantamento”; ver o Oxford English Dictionary, verbete *masker* (verbo), “desnortear”.]

Ossë é Sæfréa Também há várias listas de equivalentes em inglês antigo de nomes élficos de pessoas e lugares, e visto que todos eles obviamente pertencem ao mesmo período, combinei-os e os apresento em ordem alfabética:

Aldaron: Béaming [Ing.ant. *béam* “árvore”.]

Amon Uilas: Sinsnáw, Sinsnæwen [Ing.ant. *sin-* “perpétuo”; *snáw* “neve”, *snæwen* (não registrado) “nevado”. *Amon Uilas* aparece no *Quenta*, p. 99, nota 2.]

Ancalagon: Anddraca [Ing.ant. *and-* como o primeiro elemento em palavras compostas denota oposição, negação (*anda* “inimizade, ódio, inveja”); *draca* “dragão” (ver II. 421).]

Angband: Engbend, Irenhell [*Engbend* contém o ing.ant. *enge* “estreito, opressivo, cruel” e *bend* “elo, grilhão”; assim, não é uma tradução, mas um trocadilho entre os dois idiomas.]

Asgar: Bæning [Esse rio, *Ascar* no Q como em *O Silmarillion*, também é *Asgar* nos *Anais de Beleriand* (p. 359). Não posso interpretar *Bæning*. Se for um derivado do ing.ant. *bán* “osso” (cf. *bænen* “de osso”), pode significar algo como “o lugar (isto é, o rio) repleto de ossos”, com referência aos Anãos que se afogaram no rio na batalha do Vau Pedregoso; mas isso não parece nem um pouco provável.]

Balrog: Bealuwearg, Bealubróga [Ing.ant. *bealu* “maligno”, cf. inglês moderno *bale(ful)* “maligno, pernicioso”; *wearg* “criminoso, proscrito, ser amaldiçoado” (nórdico antigo *vargr* “lobo, proscrito”, daí os *Wargs*); *bróga* “terror”. Esses nomes em ing.ant. são dessa forma, como *Engbend*, correspondências sonoras engenhosas elaboradas a partir de palavras do ing.ant.]

Bansil: Béansíl, Béansigel [O segundo elemento é o ing.ant. *sigel* “sol, joia” (cf. J.R.R. Tolkien, *Sigelwara land*, em *Medium Ævum III*, junho de 1934, p. 106); o primeiro é presumivelmente *béam* “árvore”. Esse é outro caso em que Ælfwine usou palavras em inglês antigo para dar uma semelhança de som (com um significado adequado, é claro) em vez de uma tradução. — Na Lista de Nomes de *A Queda de Gondolin*, *Bansil* é traduzida “Belo-cintilar”, II. 258–59.]

Baragund, Barahir: Beadohun, Beadomær [Ing.ant. *beadu* “batalha”.]

Bauglir: Bróga [Ing.ant. *bróga* “terror”.]

Beleg: Finboga [Ing.ant. *boga* “arco”.]

Belegar: Ingársecg, Westsé, Wídsé [O nome gnômico do Grande Mar, ainda não apareceu nos textos. *Ingársecg* = Gársecg;

Útgársecg é o Mar de Fora (ver nota à linha 23 do *Quenta* em inglês antigo).]

Belegost: Micelburg [“Grande fortaleza”, o significado original (ver II. 405).]

Blodrin, filho de Ban: Blodwine Banan sunu [*Blodwine* presumivelmente contém o ing.ant. *blód* “sangue”, enquanto *bana* é “matador”.]

Doriath: Éaland, Folgen(fold), Infolde, Wudumæraland [Ing.ant. éaland, terra junto a água ou à margem de um rio — sem dúvida com referência aos rios Sirion e Esgalduin. *Folgen(fold)*: ing.ant. *folgen* é o particípio passado de *féolan* “penetrar, abrir caminho, chegar a”, mas os verbos cognatos em gótico e em nórdico antigo possuem o significado de “ocultar”, e pode ser que *folgen* receba aqui o sentido do nórdico antigo *fólginn* “oculto”, isto é, “a (terra) oculta”. Gondolin é chamada *Folgenburg*. *Infolde*, uma palavra não registrada, talvez tenha algum significado como “a terra interior”, “a terra de dentro”. *Wudumæraland* sem dúvida contém *mære* “divisa, fronteira”.]

Dor-lómen: Wómanland [Ver *Ered-lómen*.]

Drengist: Nearufléot [*Drengist* ainda não apareceu nos textos. Ing.ant. *nearu* “estreito”, *fléot* “braço de mar, estuário”.]

Ered-lómen: Wómanbeorgas [Ing.ant. *wóma* ‘som, barulho”, *beorg* “montanha”; isto é, as Montanhas Ressoantes, e de modo similar *Wómanland* para Dor-lómen, Terra de Ecos. Essa é a etimologia tardia desses nomes; ver p. 222.]

Gelion: Glæden [*Gelion* aparece por meio de uma emenda de *Flend* no *Quenta* §14. Ing.ant. *glædene* “íris, lis”, como nos Campos de Lis e no Rio de Lis em *O Senhor dos Anéis*.]

Gondolin: Stángaldor(burg), Folgenburg, Galdorfæsten [Ing.ant. *stán* “pedra”; *galdor* “feitiço, encantamento”; *fæsten* “praça-

forte, fortaleza". Quanto a *Folgenburg* (? "a cidade oculta"), ver *Doriath*.]

Hithlum: Hasuglóm, Hasuland (Hasulendingas) [Ing.ant. *hasu* "cinzento'; *glóm* "crepúsculo". *Hasulendingas* "o povo de Hasuland".]

Laurelin: Gleng(g)old [Ing.ant. *gleng* "ornamento, esplendor"; *Glengold* não é uma tradução, mas uma imitação sonora de *Glingol* ("Ouro-cantante", II. 260]

Mithrim: Mistrand, Mistóra [Ing.ant. óra "margem, costa", e *rand* do mesmo significado.]

Nargothrond: Hlýdingaburg, Stángaldor(burg) [*Hlýdingaburg* é a cidade dos *Hlýdingas*, o povo de Narog (*Hlýda*). *Stángaldor (burg)* também é dado como um nome em ing.ant. para Gondolin.]

Narog: Hlýda [*Hlýda* "o estrondoso" (Ing.ant. *hlúd* "alto, estrondo"; ver III. 108).]

Silmaril: Sigel, Sigelmærels [Quanto a *sigel*, ver *Bansil* acima. Ing.ant. *mærels* "corda"; *Sigelmærels* é outro caso de imitação — mas se refere ao Colar dos Anãos.]

Sirion: Fléot (Fléwet), Scírwendel [*Fléot* deve ter aqui o significado de "rio", que possui pouquíssimas evidências em inglês antigo, embora seja o significado geral da palavra em idiomas cognatos (cf. *Drengist* acima). *Scírwendel*: ing.ant. *scír* "brilhante"; *wendel* não ocorre, mas certamente se refere ao formato sinuoso do curso de um rio — cf. *Withywindle* [Voltavime], o rio na Floresta Velha, acerca do qual meu pai observou: "-*windle* na verdade não ocorre (*Withywindle* foi baseado em *withywind*, um nome do convólulo ou trepadeira)" (*Guide to the Names in The Lord of the Rings*, em *A Tolkien Compass*, p. 196).]

Taur-na-Danion: Furhweald [Em um acréscimo ao *Quenta* §9 (nota 1) *Taur Danin* é dado como o antigo nome de Taur-na-Fuin, quando a floresta até então era "salubre, ainda que densa e escura"; *Taur-na-Danion* aqui foi mudado para *Taur-na-Donion*, precursor de *Dorthonion* "Terra dos Pinheiros". Ing.ant. *furh* "abeto, pinheiro", *weald* "floresta".]

Taur-na-Fuin: Nihtsceadu, Nihtsceadwesweald, Atol Nihtegesa, Nihthelm unfæle [Ing.ant. *sceadu* "sombra"; *weald* "floresta"; *atol* "atroz, terrível"; *egesa* "terror"; *niht-helm* "coberta da noite", uma palavra composta poética encontrada em *Beowulf* e outros poemas; *unfæle* "maligno, mau". Cf. a tradução em inglês moderno, encontrada nas Baladas longas e no *Quenta*, "Forest of Deadly Nightshade" (Floresta da Sombra Mortal da Noite).]

Tindbrenting þe þa Brega Taniquetil nemnað ["Tindbrenting, que os Valar chamam de Taniquetil": ver III. 154, e quanto a *Brega*, ver Vala.]

Vala: Bregu [Ing.ant. *bregu* "governante, senhor", plural (não registrado) *brega*. Duas outras palavras foram acrescentadas à lista: *Mægen* "Poderes", que é usada no Quenta em inglês antigo, linha 6, e Ése (ver p. 241).]

Valinor: Breguland, Godéðel [Ing.ant. éðel "país, terra natal".]

Valmar: Godaburg, Bregubold [Ing.ant. *bold* "morada".]

Outra página fornece equivalentes em inglês antigo dos nomes das Gentes dos Elfos e dos príncipes dos Noldoli dispostos em uma tabela genealógica. Essa página tem o seguinte cabeçalho:

Fíras. Inclui tanto Homens como Elfos.

Isso contradiz o uso de *Fíras* no *Quenta* em ing.ant., onde a palavra aparece como uma emenda de *Elde* (linhas 10 e 12), usada como distinta de *Elfe*.

Depois, temos:

Fíra bearn

§I. Þæt eldre cyn: *Elfe* oþþe *Wine*

1. *Ingwine*: *lyftelfe, héahelfe, hwítelfe, Líxend.* *Godwine*
2. *Éadwine: goldelfe, eorðelfe, déopelfe, Rædend.* *Finningas*
3. *Sæwine: sæelfe, mereþyssan, flotwine, Nówend.* *Elwingas*

Wine só pode ser o ing.ant. *wine* (antigo plural *wine*) "amigo" (uma palavra usada por iguais, superiores e inferiores); mas o seu uso aqui como um termo geral equivalente a *Elfe* é curioso.

Dos nomes fornecidos para a Primeira Gente, *lyftelfe* contém o ing.ant. *lyft* "céu, ar"; *Líxend* "Brilhantes". A Segunda Gente: Éad- no contexto dos Noldoli sem dúvida pode ser interpretado como "riquezas". Não tenho certeza do significado de *Rædend*, embora claramente se refira ao conhecimento e ao desejo por conhecimento dos Noldoli sob algum aspecto. *Finningas* "o povo de Finn" (*Ing* e *Finn* como as formas gnômicas de Ingwë e Finwë ainda eram encontradas em Q §2, apesar de terem sido removidas por mudanças tardias no texto). A Terceira Gente: ing.ant. *mereþyssa* "corredor-do-mar" (usado em poesias registradas em ing.ant. para navios); *flotwine* contém o ing.ant. *flot* "mar"; *Nówend* "marinheiros, capitães de navio".

Na tabela genealógica que se segue, Fëanor recebe em inglês antigo o nome de *Finbrós Gimwyrhta* ("Artífice-de-joias, Joalheiro"); visto que seus filhos são chamados aqui de *Brósingas* (de *Brósinga mene* "o colar dos Brósings" em *Beowulf*, verso 1199), *-brós* é presumivelmente uma derivação regressiva de *Brósingas*. Eles também são chamados de *Yrfeloran*: uma palavra composta não registrada, "aqueles privados de sua herança", os Despossuídos. Os *Brósingas*, ou filhos de Fëanor, são apresentados da seguinte forma:

1. *Dægred Winsterhand* [Ing.ant. *dægred* "alvorada, aurora"; *winsterhand* "canhoto" (pois a mão direita de Maidros foi decepada

ao ser resgato das Thangorodrim, Q §8). Não posso esclarecer o equivalente em ing.ant. *Dægred* para Maidros, a não ser que uma anotação extremamente tardia sobre Maidros (Maedhros) seja relevante (pois ideias há muito enterradas, até onde se estendem os registros escritos, podiam emergir de novo muitos anos mais tarde): de acordo com essa anotação, ele herdou "o raro cabelo ruivo-acastanhado da família de Nerdanel" (Nerdanel era a esposa de Fëanor, *O Silmarillion*, p. 100), e era chamado "por seus irmãos e outros familiares" de *Russandol* "cocuruto-de-cobre".]

2. *Dægmund Swinsere* [Não posso explicar *Dægmund* para Maglor. O ing.ant. *mund* é "mão", e também "proteção"; *swinsere* (não registrado) "músico, cantor" (cf. *swinsian* "fazer música").]
3. *Cynegrim Fægerfeax* [Celegorm "Mechalva", isto é, louro. *Cynegrim* é provavelmente uma substituição por um nome em ing.ant. com alguma similaridade sonora.]
4. *Cyrefinn Fácensearo* [Curufin, o Matreiro. Ing.ant. *cyre* "escolha"; *fácen* "engodo, logro, manha, perversidade" (uma palavra de significado inteiramente ruim); *searu* "engenho, astúcia" (também com o significado ruim de "intriga, ardil, traição"); *fácensearu* "traição".]
5. *Colþegn Nihthelm* [Cranthir, o Moreno. Ing.ant. *col* "carvão"; quanto a *nihthelm*, ver *Taur-na-Fuin* acima.]
6. *Déormód* } *huntan* [Damrod e Díriel, os caçadores. Ing.ant. *déormód* "de coração valente"; *tír* "glória"; *-geld* (*-gild*) em nomes, "de valor".]
7. *Tirgeld* }

Fingolfin aparece como *Fingold Fengel* (ing.ant. *fengel* "rei, príncipe"; cf. III. 172), e seus filhos são *Finbrand* (isto é, Finweg/Fingon) e *Finstán* (isto é, Turgon); o elemento *stán* "pedra" presumivelmente mostrando que *-gon* em *Turgon* é *gond* (*gonn*) "pedra", ver I. 307. A filha de Fingolfin é *Finhwít* (isto é, Isfin), e Eöl é *Éor*; Meglin é *Mánfrið* (uma palavra não registrada composta por *mán* "ato maligno, perversidade" e *frið* "paz").

Finbrand (isto é, Finweg/Fingon) aqui tem um filho, *Fingár*; e a filha de *Finstán* (isto é, Turgon) é *Ideshild Silfrenfót* (isto é, Idril Celebrindal).

Finrod (isto é, o Finarfin tardio) é chamado *Finred Felanóþ* (*felanóþ* "muito destemido"), e seus filhos são *Ingláf Felahrór* (isto é, Felagund*; felahrór* possui o mesmo significado de *felanóþ*), *Ordred* (isto é, Orodreth), *Angel* (isto é, Angrod), e *Eangrim* (isto é, Egnor).

Ordred (isto é, Orodreth) tem dois filhos, *Ordhelm* e *Ordláf*; sua filha é *Friþuswíþ Fealuléome* (isto é, Finduilas *Failivrin*; *fealuléome* talvez seja "luz dourada").

Por fim, há um quarto filho de Finwë mencionado nessa tabela: *Finrún Felageómor* (*felageómor* "muito pesaroso").

O nome dado a Felagund, *Ingláf Felahrór*, é notável; pois *Felagund* se tornaria o seu "apelido", e seu nome verdadeiro, *Inglor* (como permaneceu até ser substituído muito mais tarde por Finrod, quando o Finrod original se tornou Finarfin); ver p. 400.

APÊNDICE 2
As Trompas de Ylmir

Este poema é inquestionavelmente o mencionado no *Quenta*, p. 162: "o poderio e a majestade daquela visão estão contados na canção de Tuor, que ele fez para seu filho, Eärendel". Ele existe em três versões e cinco textos. A primeira versão, encontrada somente em um manuscrito, consiste em 40 versos, que começam:

Lá do mar de voz profunda sento à ruinosa beira

e terminam:

e desperto na caverna, areia rasa, paz enfim.

(versos 15 e 66 no texto apresentado abaixo). Ao manuscrito à tinta meu pai acrescentou a lápis o título *As Marés*, junto com a anotação

4 de dez. de 1914 e *Na Costa da Cornualha*. Para a sua visita à Península Lizard na Cornualha no versão de 1914, ver Humphrey Carpenter, *Biografia*, pp. 101–02. Mas apesar de eu não ter encontrado nada mais antigo do que este texto, está claro pelas anotações de meu pai das versões subsequentes que ele se lembrava da origem do poema como sendo anterior àquela época.

A segunda versão tem o título *Cântico do Mar de Dias Antigos* (e, em inglês antigo, *Fyrndaga Sæléoþ*), e existe em dois manuscritos que diferem somente em pequenos detalhes. O segundo possui algumas emendas menores e a data: *mar. de 1915* < *dez. de 1914* < *1912*, e também *Clube de Ensaios* [do Exeter College, Oxford], *março de 1915*. Essa versão começa:

> Num lugar obscuro e ermo, pelas sendas de procela,
> Voz humana já não ouço, é dos dias o mais velho,
> Lá do mar de voz profunda sento à ruinosa beira...

(isto é, ela começa no verso 13 no texto, p. 252) e possui dois versos adicionais após "areia rasa, paz enfim" (onde *As Marés* termina):

> Encantado à luz do sol, em velhas vias de desordem
> Voz humana não faz eco, é dos dias o mais velho.

É dessa versão, e não a de 1914, que Humphrey Carpenter cita os primeiros seis versos (*ibid.*, p. 105). O *Cântico do Mar* difere de *As Marés* tanto em extensão (possui 50 versos, enquanto o outro possui 40) como na reconstrução de muitos versos.

Junto ao segundo texto do *Cântico do Mar*, meu pai escreveu a lápis:

> Essa é a canção que Tuor cantou a Eärendel, seu filho, na época em que os eLivross de Gondolin habitaram por um tempo em Dor Tathrin, a Terra dos Salgueiros, após o incêndio de sua cidade. Ora, Tuor foi o primeiro dos Homens a ver o Grande Mar, mas, guiado por Ulmo em direção a Gondolin, ele deixou as costas do Oceano e, passando pela Terra dos Salgueiros, ficou encantando

> com a beleza do lugar, e esqueceu-se tanto de sua demanda como de seu antigo amor pelo mar. Ora, Ulmo, senhor de Vai, vindo em seu carro do mar profundo, sentou-se ao crepúsculo nos caniços do Sirion e tocou para ele em sua flauta mágica de conchas ocas. Depois disso, Tuor sempre ansiou pelo mar e não tinha paz no coração se habitasse em lugares agradáveis afastados da costa.[ab]

Esse trecho evidentemente tem seu lugar no conto *A Queda de Gondolin* (ver especialmente II. 188–91), e sem dúvida foi acrescentado na época da composição daquele conto (e da terceira versão do poema), uma vez que o *Cântico do Mar* não possui qualquer ponto de contato com a lenda de Tuor, nem mesmo com qualquer elemento da mitologia.

A terceira versão, intitulada *As Trompas de Ulmo*, existe em um manuscrito e em um texto datilografado feito diretamente com base nele, e é só agora que as referências a Ulmo e Ossë (e ao despedaçamento da Terra pelos Deuses na escuridão primeva) aparecem no poema. Uma anotação no manuscrito, escrita na mesma época que o poema, diz o seguinte:

> 1910–11–12 reesc[rito] & remodelado com frequência. Forma atual se deve à reescrita e ao acréscimo da introd[ução] & fim numa casa solitária perto de Roos, Holderness (Acampamento Thistle Bridge), primavera de 1917

(Quanto a Roos, ver Humphrey Carpenter, *Biografia*, p. 137.) Uma anotação adicional a lápis acrescenta: “poema para ‘A Queda de Gondolin’”.

Assim, a absorção do poema na lenda de Tuor e Eärendel ocorreu praticamente ao mesmo tempo em que o conto de *A Queda de Gondolin* era escrito (ver I. 245, II. 179–80); ele deveria ter sido apresentado em *O Livro dos Contos Perdidos, Parte II*.

Algumas pequenas emendas foram feitas no manuscrito de *As Trompas de Ulmo*, notavelmente *Ulmo* > *Ylmir* (sendo este último a forma gnômica, encontrada na *Balada dos Filhos de Húrin* e no

"Esboço"), e a segunda referência a Ossë (versos 41–2, em substituição a dois versos anteriores). O texto datilografado é essencialmente o mesmo do manuscrito (com as palavras "de 'A Queda de Gondolin'" acrescentadas abaixo do título), mas possui algumas pequenas alterações feitas com uma caneta esferográfica vermelha que, portanto, pertencem a uma época muito posterior. Essas mudanças tardias não foram incorporadas ao texto apresentado aqui, mas são dadas nas notas após o poema.

As Trompas de Ylmir
de
"A Queda de Gondolin"

"Tuor recorda num canto, cantado a seu filho Eärendel,
as visões que as conchas de Ylmir outrora lhe despertaram
ao crepúsculo, na Terra dos Salgueiros."

É na Terra dos Salgueiros, longa e verde a relva ali —
Eu dedilho minha harpa; sem ser visto vem um vento
A falar nas verdes copas, e as vozes pelas canas
Como canas lá sussurram, já se põe o sol no prado,
Mágicas canções da terra que só tecem os caniços —
É na Terra dos Salgueiros, Ylmir chega no ocaso.

Junto ao rio, ao pôr do sol, tem de concha a sua trompa,
Toca música imortal pro coração sob seu encanto
No crepúsculo romper-se, se desfazem turvos prados
Na enorme água cinza, junto às rochas onde há aves.

Em meu derredor lá choram, junto ao penhasco negro,
A primeva luz dos astros reluz pálida no céu.
Num lugar obscuro e ermo, pelas sendas de procela,
Voz humana já não ouço, é dos dias o mais velho,
Lá do mar de voz profunda sento à ruinosa beira,

Seu rugido, sua espuma esvai-se ali em ritmo infindo
Sobre a terra sitiada em ataque que é eterno,
Rota em torres, rota em covas de caverna abobadada;
No trovão fremem os arcos, a seus pés se juntam vultos
Rotos em marinho prélio com os negros promontórios.

Eis! procela aguerrida vem rugir após as vagas
E dos ventos soa a trompa, e o mar gris já canta e brada,
Ira branca ali desperta, sua hoste ergue em guerra,
Qual tropel de fortes ondas vai bater na margem-muro.
Mas o forte em vento armado dessa alta, virgem costa
Já rechaça o apalpar das velhas hostes da maré;
Já rechaça o assalto inquieto que, tentáculo de polvo,
O enrola, o arrasta, sem cessar suga e agarra.
Um suspiro, um murmúrio já se ergue na vanguarda,
E reúnem-se as torrentes, saltam, correm lá as vagas,
Té corcéis de branca espuma irromperem, vaga verde —
Maré doida que atropela — belicoso canto ardente.

Vêm com ira grandes ondas, cristas, torres de escuma,
E o que cantam esses mares é de ira insondada,
No tumulto enorme sopram lá de Ossë as trombetas,
Da maré a voz é intensa, mais intenso o Alto Vento;
Com zumbidos, com apitos do oceano o ar profundo,
Branca espuma, branco sopro sobre o estrondo em voz aguda;
A rajada sopra a trança do alto mar por sobre a terra
E o ar de espuma pleno rodopia em seu percurso
De batalha em batalha té o poder do oceano
Em montanha se unir junto aos medonhos pés de Ossë,
Domo d'água retumbante se chocar à negra penha
E a calamitosa fonte se abater em grã cascata.

* * *

Ouço o hino do Oceano que se ergue e decai,
Como pio das gaivotas e a vaga a trovejar;
E das águas o volume, e das ondas ouço o canto
Cujas vozes voltam sempre, nas cavernas se embrenham,
E de ecos uma fuga em rocha úmida se abate
Ergue-se, depois se mescla em uníssono zumbido —
Melodia das mais graves que no fundo se agitam,
E dos mares cada voz àquele som se vem unir;
Ylmir, o Senhor das Águas, cuja mão a todos cala,
Faz o mar obedecer à sua possante harmonia,
Já se escoa aquela água, alça os ombros nus a Terra,
Entre os ares, nuvens vagas e a chuva rumo ao mar,
Té que verdes remoinhos e a batida das marolas
Minha pedra ilhada alcançam, e só resta o chamado
Dumas olvidadas aves, do arrastar de velhas asas.
Com murmúrios vem o sono, sonho antigo, mais longínquo
(Solitário à meia-luz, em velhas vias de desordem
Voz humana já não ouço, é dos dias o mais velho,
Mundo em caos, os Grandes Deuses nossa Terra dilaceram
Na procela e na treva antes de nascermos nós),
Té partirem as marés, morrer o Vento e o canto,
E desperto na caverna, areia rasa, paz enfim.

De mim foge a magia, a canção solta as amarras —
Clamam conchas muito longe — eis! de volta estou na terra
E no prado dos salgueiros que lá crescem em meu torno,
Lá se agita a longa relva, os meus pés andam no orvalho
Só farfalham os caniços, mas a névoa sobre os rios

Fumo é do mar longínquo, resto de salgado sonho.
É na Terra dos Salgueiros que ouço sopro desmedido
Que de Ylmir são as Trompas — eu as ouço até morrer.[A]

NOTAS

Abaixo estão as mudanças tardias feitas no texto datilografado, mencionadas na p. 251:

1 e 6 *'Twas* para *It was*

16 O verso foi mudado para: *Whose endless roaring music crashed in foaming harmony,* e marcado com um X

21 *roaring* para *rolling*

28 O verso foi marcado com um X, sendo mais provável principalmente em virtude do uso de *did* (*cf.* III. 187)

65 O verso foi mudado para: *Till the tides went out, and the Wind ceased, and all sea musics died* (mas isso destrói a rima).

72 "sea-roke": *roke* é uma palavra em inglês medieval preservada até recentemente em dialeto com o significado de "bruma, neblina, garoa".

NOTAS

[a] É dito no final do *Quenta* que Eriol "lembrava-se de coisas que ouvira na bela Cortirion". Mas esse Livro dos Contos Perdidos foi composto por Eriol (de acordo com o título) com base em um "Livro Dourado" que ele *lera* em Kortirion. (Anteriormente, o Livro Dourado de Tavrobel havia sido escrito ou pelo próprio Eriol (Ælfwine), ou por seu filho Heorrenda, ou por alguma outra pessoa não nomeada muito depois; ver II. 351.)

[b] A ocorrência de *Beleriand* no texto datilografado original, primeiro em §13, nota 10, e não, como previamente, por uma emenda à tinta da palavra datilografada *Broseliand*, demonstra que parte dessa "camada" foi aplicada enquanto o texto datilografado ainda se encontrava em processo de composição.

[c] O nome élfico do Livro Dourado no antigo dicionário de qenya é *Parma Kuluinen* (II. 375).

[d] Ambas as formas se traduzem em português como "élfico-escuro". [N. T.]

[e] Ambas as formas se traduzem em português como "élfico". [N. T.]

[f] Ver §16, na versão Q II, nota 4, nota de rodapé. [N. T.]

[g] Ambas as palavras se traduzem em português como "filhos". [N. T.]

[h] Quanto a *elfin*/*elven*, ver §16, na versão Q II, nota 4, nota de rodapé. Tanto *Half-elfin* como *Half-elven* tiveram suas traduções patronizadas como "Meio-Elfo(s)". [N. T.]

[i] Posteriormente essa se torna uma referência àquele "lamento que leva o nome de *Noldolantë*, a Queda dos Noldor, que Maglor compôs antes que se perdesse" (*O Silmarillion*, p. 129); mas não encontrei qualquer traço dele.

[j] Ver II. 393. Em certo ponto é dito que os Elfos "não conseguem viver no ar que é respirado por um número de Homens igual ou maior que o deles" (II. 341). Na *Balada dos Filhos de Húrin* (ver III. 70) aparece a ideia daquilo que era de "bom da terra" sendo usurpado pelos Homens, e isso reaparece em §14 tanto no Esb como no Q (no Esb com a afirmação adicional de que "os Elfos tinham necessidade da luz das Árvores").

[k] Cf. também "trinta pés" como a envergadura das asas de Thorndor emendado para "trinta braças" em Q §8 (nota 7), "trinta braças" na Balada (verso 3618).

[l] Cf. também as evidências internas apresentadas no comentário sobre §9 de que a Queda de Fingolfin no Canto XII é posterior ao relato do Q.

[m] Creio que a declaração de que "Morgoth trouxe um dos arautos… e o matou na planície" certamente não significa que o próprio Morgoth apareceu e cometeu o ato; mais propriamente, "Morgoth" aqui significa "os serviçais de Morgoth, obedecendo suas ordens".

[n] No *Conto*, Airin era amiga de Morwen (II. 117); no Esb e no Q, ela era parenta de Morwen; em *O Silmarillion* (p. 268) e no *Narn* (p. 102), ela era parenta de Húrin.

[o] No *Narn* não está claro que Túrin realmente pretendia matar Brodda quando o jogou por sobre a mesa.

[p] Parece provável que as duas primeiras ocorrências de *Ascar* nessa seção tenham sido meros deslizes, para *Flend* (> *Gelion*). Na terceira ocorrência o nome é usado, assim como no mapa, para o mais setentrional dos rios que descem das Montanhas Azuis, posteriormente renomeado *Rathlorion* (> *Rathloriel*).

[q] A sentença adicional de Mandos em §10, de que "como recompensa" ele "concedeu a Beren e Lúthien uma longa duração de vida e felicidade", parece contradizer o que é sugerido aqui no Q. Ver III. 152.

[r] "nossa raça": o *Quenta*, de acordo com o seu título (p. 95), foi "extraído do Livro dos Contos Perdidos que Eriol de Leithien escreveu".

[s] A passagem em *O Silmarillion* (p. 321) é uma tentativa editorial de usar a antiga narrativa dentro da estrutura posterior.

[t] Pela primeira vez nos textos narrativos. A primeira ocorrência de fato provavelmente é na legenda da ilustração de meu pai de Tol Sirion (*Pictures by J.R.R. Tolkien*, nº 36) de julho de 1928, a qual, embora não esteja legível na reprodução, diz o seguinte: "O Vale do Sirion, dando para Dor-na-Fauglith, com as Eryd Lómin (as Montanhas Sombrias) à esquerda e as orlas de Taur-na-Fuin à direita".

[u] Para a ausência de Rog da passagem em *O Silmarillion* (p. 324), ver II. 255, primeira nota de rodapé.

[v] A primeira aparição dessa ideia central ocorre em uma anotação apressada a lápis no Q I (nota 1): "Fazer *Eärendel* comover os Deuses."

[w] Na versão final dessa passagem meu pai notou o (aparente) erro e mudou *Ingwiel, filho de Ingwë* para *Finarfin, filho de Finwë* (daí o trecho tal como aparece em *O Silmarillion*). O resultado é que, enquanto no Q II somente o líder da Primeira Gente é mencionado pelo nome, Ingwiel, na versão final somente o líder dos Noldor de Valinor é mencionado pelo nome, Finarfin; mas acredito que um não deveria ter substituído o outro: ambos deveriam ter sido mencionados pelos nomes.

[x†] Cf. a carta de 1967 citada em II. 319: "*Eärendil*, sendo em parte descendente de Homens, não teve permissão para colocar novamente os pés na Terra".

[y] Não é dito de fato no Q II que Elwing retornou a Eärendel após ele ter lhe pedido que ficasse para trás quando desembarcou nas "costas imortais" e foi até Kôr; mas é evidente que ela fez isso, pelo fato de ela ter construído asas para o navio dele.

[z] Pode parecer que isso se torna menos provável pela forma da passagem no Q II, onde a primeira frase é expandida: "e especialmente nas ilhas ocidentais *e nas terras de Leithien*". Mas não acho que essa frase precise ser considerada de modo tão preciso, e acredito que a equivalência se sustente.

[aa] Duas pequenas semelhanças podem ser observadas: em Ælfwine II, os navios dos Elfos levantam âncora do porto ocidental "ao anoitecer" (II. 380), como no Q; e com "as companhias solitárias" do Q cf. "the Fading Companies" de Ælfwine II na passagem citada acima.

Uma outra dedução atraente, de que essa foi a origem do porto de *Belerion* em Ælfwine da Inglaterra, a enseada ocidental "whence the Elves at times set sail" (um remanescente do antigo nome *Beleriand* entre os Homens de dias posteriores, quando sua referência original havia sido esquecida, e "the tale of those days had faded to an echo seldom heard"), não pode ser sustentada: pois Ælfwine II certamente foi escrito muito tempo antes das primeiras ocorrências de *Beleriand* (em vez de *Broseliand*).

[ab] *Dor Tathrin* ocorre na Lista de Nomes de *A Queda de Gondolin*, II. 415, e o "carro do mar profundo" de Ulmo no conto *O Acorrentamento de Melko*, I. 128–29.

4

O primeiro Mapa do "Silmarillion"

Este mapa foi feito em uma folha de prova da Universidade de Leeds (assim como a maioria do texto A da *Balada dos Filhos de Húrin*, III. 12), que sugere que o mapa teve origem relacionado com a Balada, ou talvez com o "Esboço da Mitologia", que foi escrito para acompanhá-lo (p. 18). Por outro lado, alguns nomes que parecem pertencer à primeira elaboração do mapa não aparecem nos textos antes do *Quenta*. Apesar de inicialmente não ter sido desenhado de um modo que sugerisse que meu pai pretendia que ele durasse, esse foi o seu mapa de trabalho por muitos anos, e foi muito manuseado e alterado. Nomes foram emendados e locais reposicionados; a escrita foi feita à tinta vermelha, preta, verde, lápis e giz de cera azul, frequentemente se sobrepondo uns aos outros. Linhas que representam contornos e outras que representam rios misturam-se com linhas de redirecionamento e linhas que anulam outras linhas. No entanto, é surpreendente que os cursos de rios como traçados nesse primeiro mapa praticamente não foram modificados posteriormente.

Há duas folhas suplementares associadas ao mapa que fornecem uma extensão oriental e uma ocidental ao mapa principal ou central; essas folhas são reproduzidas abaixo e anotadas subsequentemente (pp. 269 ss.). O mapa principal encontra-se numa única folha, mas é reproduzido aqui em duas metades, norte e sul. Os nomes à tinta vermelha parecem todos pertencer à "camada" original de nomes, como também alguns (por exemplo, *Huan*, *Mavwin*, *Turgon*) daqueles à tinta preta; mas *Taiglin* e *Geleidhian*, em vermelho, não ocorrem de outra forma antes do *Quenta*. Há poucos escritos em verde: *Broseliand*; *Gnomes* [Gnomos] na metade norte ao lado de Gondolin, e na metade sul ao lado de Nargothrond; e *Wandering Gnomes* [Gnomos Errantes] no Sudeste.

Na lista em ordem alfabética abaixo, analiso uma metade de cada vez[a] e comento quase todos os itens, salientando especialmente onde o nome em questão aparece pela primeira vez nos textos narrativos.

A Metade Norte do Mapa

Aglon, Gorge of [Aglon, Garganta de] O nome em si é um acréscimo apressado tardio. A Garganta de Aglon ocorre pela primeira vez na *Balada de Leithian* (versos 2062, 2995, passagens compostas em 1928). Na Balada e no Q (§§9, 10), a Garganta é a morada dos Filhos de Fëanor, que são colocados no mapa ao Norte dela (e circulados com uma seta apontando para o Leste).

Angband O posicionamento de Angband em relação às Thangorodrim mostra como meu pai as visualizava na época das longas Baladas e do "Esboço". Na *Balada dos Filhos de Húrin* (versos 712–14), os "infames salões do Inferno" são

> presos às raízes das hórridas ravinas
> das Thangorodrim, montanhas trovejantes.

Na *Balada de Leithian* (versos 3526 ss.) o portão de Angband parece claramente ficar situado abaixo das Thangorodrim; e no Esb (§8) as Thangorodrim são "as maiores das Montanhas de Ferro ao redor da fortaleza de Morgoth". Ver mais no comentário sobre o *Ambarkanta*, pp. 306–07.

Angeryd As Montanhas de Ferro. Cf. *Angorodin* no *Conto de Turambar* (II. 99).

Angrin Aiglir *Aiglir Angrin* ocorre duas vezes na *Balada dos Filhos de Húrin* (versos 711, 1055), emendado posteriormente para *Eiglir Engrin* (em *O Silmarillion*, *Ered Engrin*).

Aryador Esse nome reaparece, de forma um tanto surpreendente, dos *Contos Perdidos*, como um terceiro nome de Hithlum. No

conto *A Vinda dos Elfos* (I. 148), é dito que Aryador é o nome de Hisilómë entre os Homens; ver também I. 302.

Battle of Unnumbered Tears [Batalha das Lágrimas Inumeráveis] O Monte dos Mortos fica situado na *Balada dos Filhos de Húrin* (versos 1439 ss.) "na última ponta das dunas ressequidas de Dor-na-Fauglith" (Flinding e Túrin estavam vagando para o oeste, verso 1436); cf. também Q §11: "Finweg e Turgon e os Homens de Hithlum foram reunidos no Oeste nas fronteiras da Planície Sedenta".

Beleg e Túrin Esses nomes marcam a fronteira norte de Doriath, onde Beleg e Túrin lutaram juntos contra os Orques, um elemento que entrou na história pela primeira vez na *Balada dos Filhos de Húrin* (ver III. 39).

Cristhorn Situada nas montanhas ao norte (e não, como o era originalmente, ao sul) de Gondolin, tal como já era no fragmento da *Balada de Eärendel* aliterante (III. 173).

Deadly Nightshade, Forest of [Sombra Mortal da Noite, Floresta da] Ver *Taur-na-Fuin*.

Dorlómin Ver *Hithlum*.

Dor-na-Fauglith Esse nome surgiu durante a composição da *Balada dos Filhos de Húrin* (ver III. 72), onde também se encontra *the Thirsty Plain* [a Planície Sedenta]. No mapa essa é uma emenda de *The Black Plain* [A Planície Negra].

Dwarf-road to Belegost and Nogrod in the South [Estrada-anânica para Belegost e Nogrod no Sul] É interessante que a Estrada-anânica seja mostrada indo desde Nogrod e Belegost no Sul distante até as próprias portas das Mil Cavernas. É possível, ainda que não muito provável, que a "Estrada-anânica" no mapa simplesmente indique o caminho que os Anãos de fato tomaram

quando foram convocados a Doriath, e não uma estrada usada com frequência.

Eredwethion Uma substituição tardia de *Eryd Lómin*, como também em Q II §15 (nota 1).

Eryd Lómin Esse nome ocorre na legenda da pintura de Tol Sirion de julho de 1928, onde, como no mapa e em Q II §15, refere-se às Montanhas Sombrias; ver p. 222.

Esgalduin Encontrado pela primeira vez na *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 116). É dito no Q (§9) que ele "vinha de nascentes secretas em Taur-na-Fuin"; ver *Shadowy Spring* [Nascente Sombria]. O curso do Esgalduin não foi mudado posteriormente.

Ginglith Ocorre pela primeira vez na *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 108–09). Seu curso nunca foi mudado.

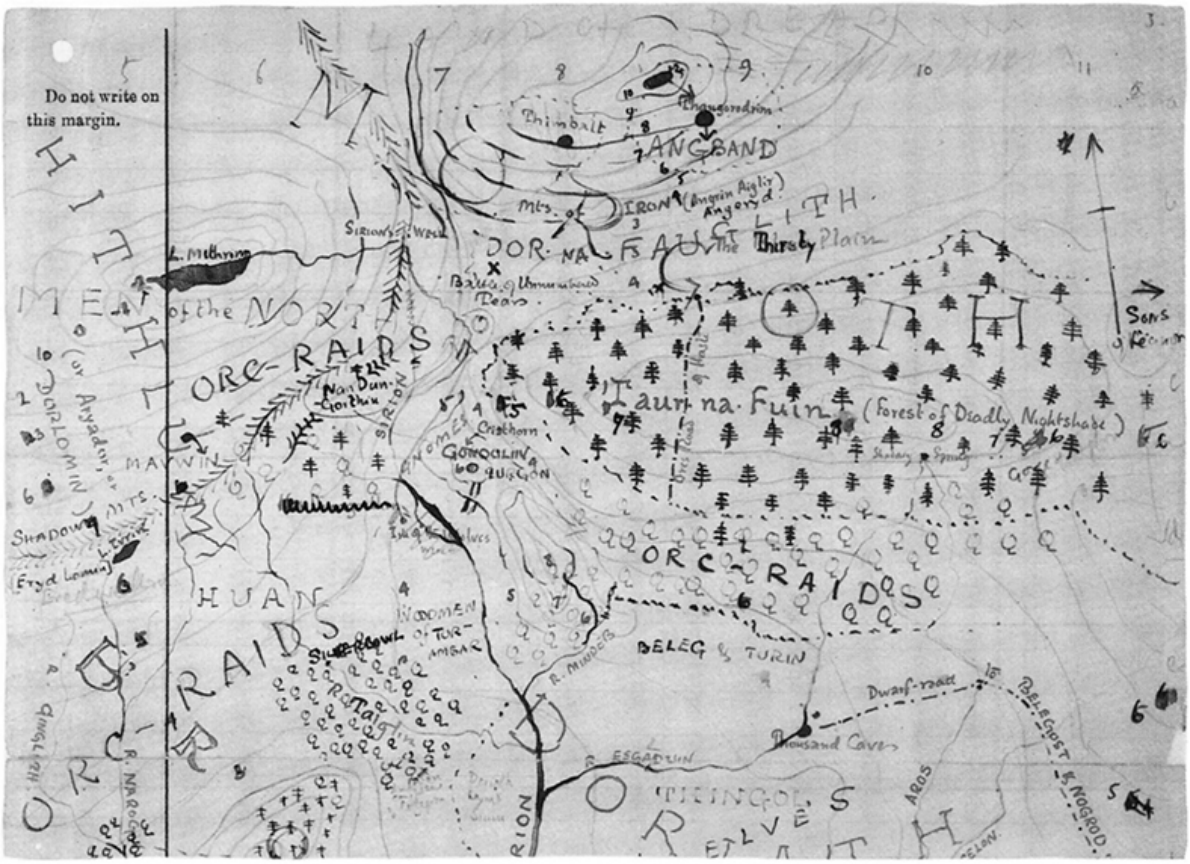
Gondolin Situada onde viria a permanecer. As linhas que passam ao sul e a oeste das Montanhas Circundantes talvez representem a "Via de Escape" oculta.

Hithlum Obviamente a intenção não era de que Hithlum se estendesse ao sul das *Shadowy Mountains* [Montanhas Sombrias], apesar do posicionamento do M. As linhas de contorno mostram que as Montanhas de Mithrim ainda não existiam. *Dorlómin* é dado como um nome alternativo, como o é no Esb e no Q (§8), onde o Lago Mithrim fica situado em Hisilómë/Hithlum/Dorlómin; no mapa, *Mithrim* é simples e unicamente o nome do lago (cf. III. 127).

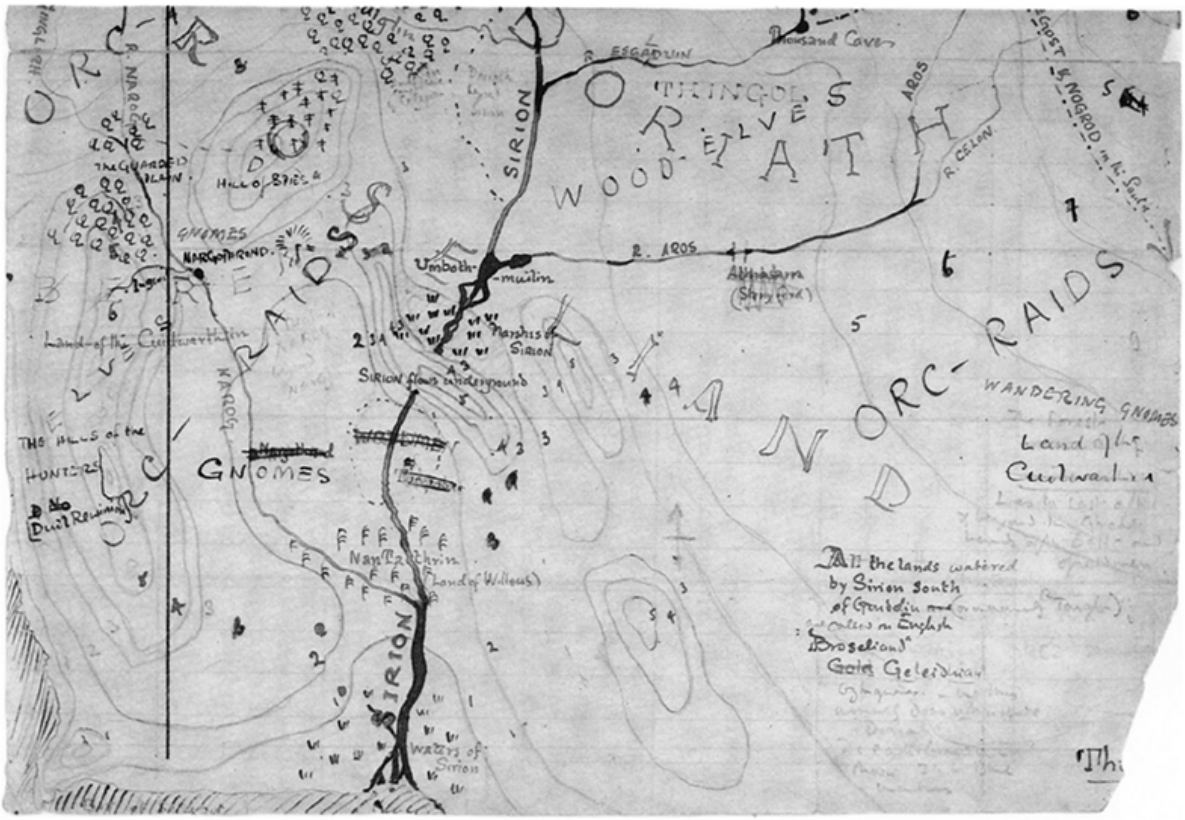
Huan O fato de um território, ao sul e a leste de Ivrin, ser designado a Huan mostra um estágio muito antigo da lenda de Beren e Lúthien, quando Huan era independente de qualquer senhor (ver III. 288).

Isle of the Werewolves [Ilha dos Lobisomens] A Ilha aparece pela primeira vez na *Balada de Leithian* na passagem escrita em março de 1928 (ver III. 277). Originalmente marcado no mapa a S.O. de Gondolin, e com o rio Sirion dividindo de maneira ampla e circundando uma grande ilha, esse local foi riscado, e uma seta aponta daqui para uma posição mais ao norte, não muito ao sul do campo de batalha das Lágrimas Inumeráveis. O mapa posterior a trouxe de volta um tanto para o sul.

O Mapa



A Metade Norte do Primeiro Mapa do “Silmarillion”



A Metade do Sul do Primeiro Mapa do “Silmarillion”

Ivrin, Lago Ocorre pela primeira vez na *Balada dos Filhos de Húrin* (verso 1526); está situado no mapa na posição que creio ser indicada na Balada (ver III. 108), e onde permaneceu.

Land of Dread [Terra do Terror] Ocorre duas vezes na *Balada de Leithian* (versos 49, 383) referindo-se ao reino de Morgoth.

Mavwin É curioso que o mapa preserve o nome antigo, que remonta ao *Conto de Turambar*, pois já se encontra *Morwen* na segunda versão da *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 117) e no Esb. No Esb (§9) Húrin e Morwen "viviam nos bosques nas fronteiras de Hithlum".

Mindeb Ocorre pela primeira vez na *Balada de Leithian*, verso 2924 (abril de 1928).

Mithrim, Lago Ver *Hithlum*.

Mountains of Iron [Montanhas de Ferro] Ver *Angeryd*, *Angrin Aiglir*.

Nan Dun-Gorthin Conforme o mapa foi originalmente desenhado, o vale ficava situado a oeste do Sirion, a S.O. de Gondolin e muito próximo da Ilha dos Lobisomens (tal como esta ficava situada originalmente). Esse não pode ser o mesmo posicionamento do presente na *Balada da Queda de Gondolin* (III. 180), onde a porta oculta de Gondolin na verdade ficava "em Dungorthin".

Subsequentemente *Nan-Dungorthin* foi riscado e o nome foi escrito de novo mais ao norte, ainda a oeste do Sirion, mas logo abaixo das *Shadowy Mountains* [Montanhas Sombrias]. Essa posição é claramente a da *Balada dos Filhos de Húrin*, onde Túrin e Flinding passaram pelo local da Batalha das Lágrimas Inumeráveis, atravessaram o Sirion não muito longe de sua nascente e chegaram ao "sopé [...] das Montanhas de Sombra onde entraram no vale de Nan Dungorthin (ver III. 76, 107–08).

Posteriormente de novo, uma seta foi traçada movendo Nan Dungorthin para uma posição a leste do Sirion e ao norte de Doriath, e assim mais ou menos para a posição de Nan Dungorthin (Nan Dungortheb) no mapa posterior.

Orcs' Road of Haste [Estrada-órquica de Presteza] Cf. Esb §12: "[a] estrada-órquica… que os Orques usam quando necessitam de presteza".

Shadowy Mountains [Montanhas Sombrias] Ocorre pela primeira vez na *Balada dos Filhos de Húrin* (ver III. 42). Ver *Eryd Lómin*.

Shadowy Spring [Nascente Sombria] É notável que os rios Aros e Esgalduin nasçam no mesmo lugar, na Nascente Sombria (não mencionada previamente por nome nos textos; ver *Esgalduin*). No mapa posterior, no qual foi baseado o meu mapa no *Silmarillion* publicado, esse ainda é o caso, e o meu mapa, que mostra as duas nascentes separadas, infelizmente está errado.

Silver Bowl [Bacia de Prata] Mostrada no próprio Taiglin (e não, como posteriormente, no afluente Celebros), como no *Conto de Turambar* e ainda no Esb e no Q (§13).

Sirion O curso do rio nunca foi mudado; no mapa posterior meu pai seguiu precisamente o mais antigo.

Sirion's Well [Nascente do Sirion] É mencionada na *Balada dos Filhos de Húrin* (verso 1460). O local permaneceu inalterado.

Sons of Fëanor [Filhos de Fëanor] Ver *Aglon*.

Taiglin Esse parece ser um elemento original no mapa, embora o nome não ocorra de outra maneira até o *Quenta*, §13 (ver pp. 211–12).

Taur-na-Fuin Esse nome (para *Taur Fuin* dos *Contos Perdidos*) e sua tradução *Deadly Nightshade* [Sombra Mortal da Noite]

ocorrem pela primeira vez na *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 72).

Thangorodrim Ver *Angband*.

Thimbalt Esse nome não ocorre em nenhum outro lugar. Não é está claro pelo mapa o que ele representa, mas visto que uma área marcada por pontilhado cerca Angband e uma área similar cerca Thimbalt, parece provável que essa fosse outra fortaleza. Thimbalt foi riscado a lápis.

Thirsty Plain [Planície Sedenta] Ver *Dor-na-Fauglith*. *Thirsty* [Sedenta] é uma emenda à tinta preta de *Black* [Negra] à tinta vermelha.

Thousand Caves [Mil Cavernas] Ocorre pela primeira vez na *Balada dos Filhos de Húrin*. O local está situado aqui onde viria a permanecer, onde o Esgalduin volta-se para oeste na direção do Sirion.

Woodmen of Turambar [Homens-da-floresta de Turambar] Esse é o segundo e posterior posicionamento dos Homens-da-floresta no mapa; ver as notas acerca da metade sul.

A Metade Sul do Primeiro Mapa

Aros, Rio Aros só havia sido mencionado por nome até então no *Conto do Nauglafring*, onde, após o saque de Artanor (Doriath), os Anãos, na jornada de lá até os seus lares no Sul (II. 271–72), tiveram de passar pelo "torrente feroz" Aros em Sarnathrod, o Vau Pedregoso (II. 284). Também é dito no mesmo lugar que o Aros, próximo à sua nascente, passava pelas portas da Cavernas dos Rodothlim, embora ao lado disso meu pai tenha escrito posteriormente (II. 292 nota 15) "Não [?este] é o Narog"; enquanto no *Conto de Turambar* é dito (II. 104) que as Cavernas ficavam acima de uma torrente que "descia, alimentando o rio Sirion". Não tenho certeza sobre como interpretar isso. Caso se

suponha que o Vau Pedregoso no *Conto do Nauglafring* ficava no Aros (posterior), então as Cavernas dos Rodothlim também ficavam naquele rio, o que é mais improvável. Por outro lado, se Aros fosse simplesmente o nome anterior do Narog, surge a questão de por que os Anãos, ao fugirem de Artanor, estariam indo nessa direção.

De modo geral, estou inclinado a pensar que a frase no *Conto do Nauglafring* que diz que o Aros passava pelas Cavernas dos Rodothlim foi uma confusão momentânea num texto escrito numa rapidez muito grande (II. 267), e que o Vau Pedregoso (mas *não* as Cavernas) sempre ficou no Aros, tendo esse rio sempre possuído esse nome. Sendo assim, essa ainda é a geografia do mapa (tal como originalmente indicada nesse particular), onde *Athrasarn* (*Stony Ford* [Vau Pedregoso]) foi colocado no Aros entre Umboth-muilin e a confluência do Celon. Nessa época, a *Land of the Cuilwarthin* [Terra dos Cuilwarthin] ficava ao Norte dos *Hills of the Hunters* [Morros dos Caçadores]; e, portanto, na história sugerida pelo mapa, Beren e os seus Elfos atravessaram o Sirion a partir dessa terra e emboscaram os Anãos nos confins meridionais de Doriath. Não está claro por que os Anãos não tomaram a Estrada-anânica a partir das Mil Cavernas, que cruzava o Aros muito mais acima; quanto a essa questão, ver a nota sobre a *Dwarf-road* [Estrada-anânica] na metade norte do mapa.

Antes de o primeiro mapa ser deixado de lado a ideia havia mudado, e quando a *Land of the Cuilwarthin* [Terra dos Cuilwarthin] foi movida para leste (ver a nota sobre *Beren*), o *Stony Ford* [Vau Pedregoso] também foi movido para leste; quanto à história tardia, ver a Expansão a Leste deste mapa.

Athrasarn (*Stony Ford* [Vau Pedregoso]) Ver *Aros*.

Beren O primeiro posicionamento de *Beren* e *Land of the Cuilwarthin* [Terra dos Cuilwarthin] (Terra dos Mortos que Vivem), ao Norte dos *Hills of the Hunters* [Morros dos Caçadores] e nas proximidades de Nargothrond, está de acordo

com a *Balada dos Filhos de Húrin*, versos 1545–546 (ver III. 110), e também ainda se encontra assim no Esb (§10). Nos *Contos Perdidos*, os Mortos que Vivem de Novo eram (*i•)Guilwarthon*, mudado no *Conto de Tinúviel* (II. 55) para *i•Cuilwarthon*; no Q (§14) a terra é chamada *Cuilwarthien*, mudada para *Gwerth-i-cuina*.

Subsequentemente, *Beren* e *Land of the Cuilwarthin* foram riscados nessa posição, e *Land of the Cuilwarthin* foi reinserido muito mais a Leste, nas terras vazias entre o Sirion e o Gelion. Esse nome foi mais uma vez riscado, a lápis, com a anotação "*Lies to the east of this and beyond the Great Lands of the East and of wild men*" ["Situa-se a leste daqui e além das Grandes Terras do Leste e dos homens selvagens"] (sobre a qual ver *Beren e Lúthien* e *Great Lands* [Grandes Terras] na Expansão a Leste do mapa). No Q (§14) a Terra dos Mortos que Vivem fica em Assariad (> Ossiriand), "entre o rio [Gelion] e as montanhas [Azuis]".

Broseliand Esse nome ocorre pela primeira vez na *Balada de Leithian*, com a grafia *Broceliand* (III. 192–93, 204); *Beleriand* aparece pela primeira vez (isto é, como datilografada originalmente, e não como uma emenda de *Broseliand*) em Q §13, e na *Balada de Leithian* no verso 3957. *Broseliand* também ocorre na anotação à tinta vermelha no canto sudeste do mapa; o nome é apresentado com suas alterações posteriores ao final destas notas acerca da metade sul.

Celon, Rio Esse nome não ocorreu em nenhum texto até então. O curso do Celon é o mesmo que o do mapa posterior, com o rio subindo (na Expansão a Leste do presente mapa) em Himling.

Cuilwarthin, *Land of the* [Terra dos Cuilwarthin] Ver *Beren*.

Doriath Creio que os limites de Doriath estão representados pelo Mindeb, pela linha pontilhada (acima de "Beleg e Túrin") entre o Mindeb e o Aros, então pelo Aros e o Sirion até a linha

pontilhada que circunda "*Doriath beyond Sirion*" [Doriath além do Sirion], voltando ao Mindeb.

Doriath beyond Sirion [Doriath além do Sirion] É dito no Q (§13) que o Taiglin "adentra a terra de Doriath *antes de se juntar* às grandes águas do Sirion". Como um nome, "Doriath além do Sirion" só ocorreu em uma anotação sobre o manuscrito do *Conto do Nauglafring* (II. 298–99).

Duil Rewinion Esse nome dos Morros dos Caçadores (também na Expansão a Oeste do mapa) não é encontrado em nenhum outro lugar.

Dwarf-road [Estrada-anânica] Ver *Aros*.

Geleidhian Ocorre na anotação no canto do mapa, como o nome gnômico de Broseliand. É encontrado em acréscimos ao Q, §9 (nota 2) e §10 (nota 15); ver p. 198.

Guarded Plain, The [Planície Protegida, A] Ocorre pela primeira vez na *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 109). No mapa posterior o nome está escrito sobre uma área muito maior mais para o Nordeste, e fora dos limites do reino de Nargothrond como mostrado naquele mapa (ver *Realm of Narog beyond Narog* [Reino de Narog além do Narog]).

Hill of Spies [Monte dos Espiões] Esse nome aparece pela primeira vez em Q §13 (ver p. 212). Se, como pareceria natural, o Monte dos Espiões for a elevação marcada por linhas radiais um pouco a leste de Nargothrond, o nome em si está colocado estranhamente distante do monte, e parece antes se referir ao planalto que se eleva a N.E. de Nargothrond, entre o Narog e o Taiglin.

Hills of the Hunters, The [Morros dos Caçadores, Os] Mencionados por nome pela primeira vez na *Balada dos Filhos de Húrin*, embora tenham sido descritos sem serem nomeados no

Conto de Turambar; ver minha discussão, III. 108–09. No mapa, os Morros dos Caçadores são mostrados estendendo-se bastante para o sul na direção do litoral, com o Narog virando-se para o sudeste ao longo da linha dos Morros; e há uma elevação afastada acima do cabo sem nome no canto S.O. do mapa (posteriormente o Cabo de Balar).

Ingwil Ocorre pela primeira vez na *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 109–10).

Lúthien caught by Celegorm [Lúthien capturada por Celegorm] Na *Balada de Leithian* (versos 2342–347), Celegorm e Curufin, em caçada vindos de Nargothrond com Huan, na ocasião da captura de Lúthien cavalgaram por "três dias", até que

> quase a Doriath seu avanço
> os leva; lá têm seu descanso.

Marshes of Sirion [Brejos do Sirion] No mapa posterior chamados de "Pântanos do Sirion".

Nan Tathrin (Land of Willows) [Terra dos Salgueiros] Quanto ao nome *Nan Tathrin*, ver III. 110. A região já se situava essencialmente dessa forma no conto *A Queda de Gondolin* (ver II. 188, 262), e em Q §16 Nan-Tathrin "é regada pelo Narog e pelo Sirion".

Nargothrond Nargothrond primeiro se situava mais ao Sul e mais próximo da confluência com o Sirion; o segundo local foi onde ele permaneceu — mas é curioso que em ambos os locais o reino esteja marcado como situado do lado leste do rio: na *Balada dos Filhos de Húrin* ele ficava no lado oeste (cf. verso 1762), e, acredito, sempre ficou. (No mapa da Expansão a Oeste isso foi corrigido.)

Em Q §9, após a Batalha da Chama Repentina Barahir e Felagund "fugiram para os pântanos do Sirion, ao Sul"; e, após fazer o seu juramento a Barahir, Felagund "rumou para o Sul"

(emendado para “Sul e Oeste”) e fundou Nargothrond. Isso na verdade apontaria para o primeiro local de Nargothrond no mapa, visto que o segundo local fica a Oeste dos pântanos.

Narog Ocorre pela primeira vez na *Balada dos Filhos de Húrin*. O curso do rio praticamente não foi mudado subsequentemente.

Realm of Narog beyond Narog [Reino de Narog além do Narog] Essa anotação foi acrescentada ao mapa às presas em giz de cera azul, junto com a linha interrompida que indica suas fronteiras. No mapa posterior, o “Reino de Nargothrond além do rio” abrange um território muito maior ao Nordeste (ver *Guarded Plain* [Planície Protegida]).

Sirion Ver notas acerca da metade norte.

Sirion flows underground [Sirion corre por baixo da terra] Ver *Umboth-muilin*. A queda do Sirion também é mencionada na *Balada dos Filhos de Húrin*, versos 1467–468.

Umboth-muilin O nome remonta ao *Conto do Nauglafring* (II. 271). Sabe-se pela *Balada de Leithian* (versos 1722 ss.) que os Alagados do Crepúsculo ficavam ao norte da queda e da passagem subterrânea do Sirion, enquanto no conto *A Queda de Gondolin* a localização era reversa (ver II. 262, III. 264).

Waters of Sirion [Águas do Sirion] Cf. Esb §16 “O remanescente alcança o Sirion e viaja para a terra em sua foz — as Águas do Sirion”, e §17 “Ele retornou para casa e achou as Águas do Sirion despovoadas”.

Woodmen of Turambar [Homens-da-floresta de Turambar] Os Homens-da-floresta inicialmente ficavam situados a uma distância muito grande de sua localização posterior — ao sul da passagem subterrânea do Sirion e ao norte de Nan Tathrin, com sua terra (mostrada por uma linha pontilhada) estendendo-se em ambos os lados do rio. Essa posição é bastante contraditória ao

> que foi dito no *Conto de Turambar* (II. 115): “aquele povo tinha casas […] em terras que não estavam completamente distantes do Sirion ou das colinas relvadas no curso médio daquele rio”, que, como eu disse (II. 173) “pode-se dizer que isso está em consonância aceitável com a situação da Floresta de Brethil”. O primeiro posicionamento do nome foi riscado, e o segundo está de acordo com o Q (§13): “suas casas ficavam nas matas verdes ao redor do Rio Taiglin, que adentra a terra de Doriath antes de se juntar *às grandes águas do Sirion”*.

Anotação no canto sudeste do mapa, à tinta vermelha com acréscimos posteriores a lápis:

> Todas as terras banhadas pelo Sirion ao sul de Gondolin [*acrescentado*: ou mais comumente o R. Taiglin] são chamadas em inglês “Broseliand”, *Geleidhian* pelos gnomos. [*Acrescentado*: — mas essas geralmente não incluem Doriath. Sua divisa oriental não aparece. É as Montanhas Azuis.]

É interessante ser dito que *Broseliand* é o nome inglês; e que Doriath geralmente não é incluída em Broseliand.

Por fim, pode-se mencionar que não há vestígio no mapa posterior dos planaltos que se erguem no lado oriental do curso inferior do Sirion.

AS EXPANSÕES A OESTE E A LESTE DO MAPA

Esses mapas suplementares foram desenhados em relação ao mapa principal ou central e com sobreposições substanciais a ele: estão consideravelmente de acordo com ele em todos os elementos onde se sobrepõem. Essas folhas foram traçadas com cuidado, mas as marcações em si foram feitas levemente a lápis e com extrema rapidez, e agora estão muito tênues; o papel é fino e os mapas estão desgastados. Algumas alterações e acréscimos foram feitos à tinta (alguns dos rios de Ossiriand estão escritos à tinta e alguns a lápis).

As anotações nesses mapas suplementares incluem quase todos os nomes que não ocorrem no mapa principal e alguns que ocorrem

em ambos possuem características interessantes nas expansões.

A Expansão a Oeste

Bridge of Ice [Ponte de Gelo] As palavras no canto N.O. "*Far north lies the bridge of Ice*" ["Longe ao norte fica a ponte de Gelo"] referem-se ao Helkaraksë, mas o significado da palavra "ponte" só é explicado no *Ambarkanta* (ver p. 282).

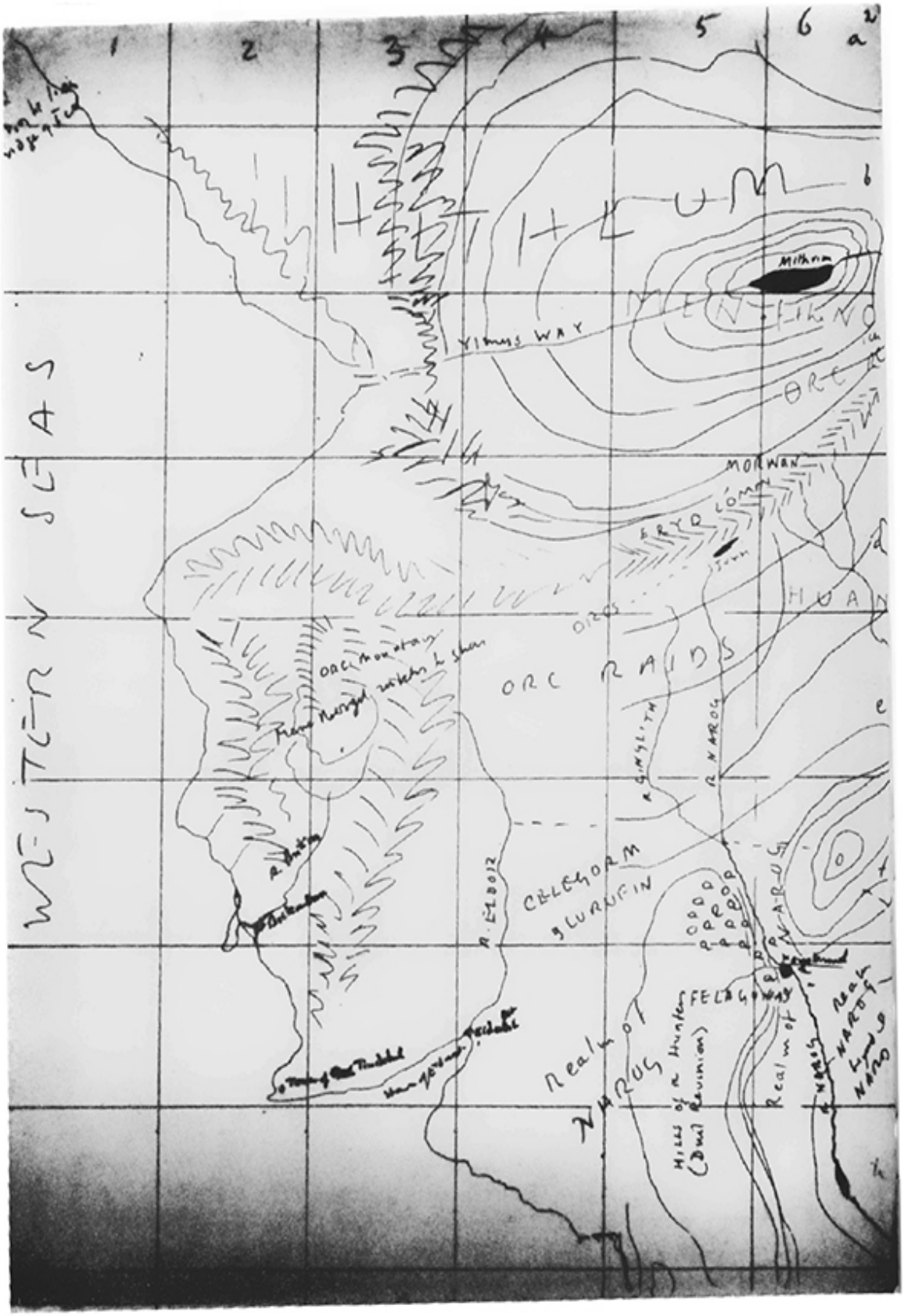
Brithombar (e Eldorest) Esta é a primeira ocorrência dos Portos da Falas. O fato de Ossë ter persuadido alguns dos Teleri a permanecerem "nas praias do mundo" é mencionado em Q §3; e em uma reescrita tardia de uma passagem em Q §11 (nota 14) é feita uma referência à presença de Elfos "da Falas" antes da Batalha das Lágrimas Inumeráveis.

Brithon, Rio A primeira ocorrência do nome, assim como de *Brithombar*, o porto em sua foz. Pode ser vista a imposição tardia sobre o litoral como desenhado originalmente da foz do rio e do longo cabo que dava proteção ao porto.

Celegorm e Curufin São mostrados como senhores de um "feudo" a N.O. dos *Hills of the Hunters* [Morros dos Caçadores], com *Felagund* governando em Nargothrond.

Eldor, Rio A primeira ocorrência do nome. O rio foi posteriormente chamado de *Eglor*, *Eglahir* e, por fim, *Nenning*, sendo que o seu curso permaneceu inalterado.

Eldorest, Haven of Eldorest [Porto de Eldorest] A primeira ocorrência do nome (ver *Brithombar*). O porto na foz do Eldor tornou-se *Eglorest* quando o rio se tornou o *Eglor*, e assim permaneceu (*Eglarest* em *O Silmarillion*) quando o rio foi novamente renomeado para *Nenning*.


1
2
3
4
5
6
a
b
e
WESTERN SEAS
MITHRIM
MORWAN
ORC RAIDS
CELEGORM
GLURUFIN
R. ELDOIR
R. NARGOTH
NARGOTH
FELAGOND
Realm of NARUG
Realm of
Hills of a Hundred (Dwarf Mountains)
NEAR NARGOTH

A Expansão a Oeste

Felagund Ver *Celegorm* e *Curufin*.

Hithlum É mostrada a cadeia de montanhas que cerca Hithlum a Oeste (posteriormente *Ered Lómin* quando o nome foi transferido das Montanhas Sombrias, ver p. 222).

Morwen O nome está escrito sobre *Mavwin* (ver esse verbete no mapa principal).

Nargothrond agora está situada na margem oeste do Narog.

Orc-Mountains [Montanhas Órquicas] Vastos planaltos cobrem toda a região entre Brithombar e a cordilheira que forma a barreira meridional da região que mais tarde foi chamada de Nevrast. No mapa posterior esses planaltos foram mantidos na região entre as nascentes do Brithon e do Eldor (Nenning), e são representados em menor quantidade no meu mapa no *Silmarillion* publicado.

Here Morgoth reaches the shores [Aqui Morgoth alcança as costas] provavelmente é uma referência à história que ainda não apareceu nos textos, a de que, no ano após a Batalha das Lágrimas Inumeráveis, "Morgoth mandou uma força através de Hithlum e Nevrast, e desceram os rios Brithon e Nenning, e devastaram toda a Falas" (*O Silmarillion*, p. 266).

Realm of Narog [Reino de Narog] Das três ocorrências, a no centro entre os *Hills of the Hunters* [Morros dos Caçadores] e o rio foi feita na época da criação do mapa; as outras duas (*Realm of Narog* no Oeste e *Realm of Narog beyond Narog* [Reino de Narog além do Narog] a Leste do rio) foram feitas em giz de cera azul na mesma época que *Realm of Narog beyond Narog* no mapa principal, assim como também foi feita a continuação da linha interrompida, delineando o limite setentrional até o rio Eldor.

Tower of Tindobel [Torre de Tindobel] A torre está localizada onde no mapa posterior se encontra Barad Nimras (a torre erguida por Felagund "para vigiar o mar ocidental", *O Silmarillion* pp. 172, 266). *Tindobel* é mencionada pela primeira nos *Anais de Beleriand* (posteriormente ao *Quenta*), p. 388.

Ylmir's Way [Caminho de Ylmir] *Ylmir*, quase que com certeza a forma gnômica de *Ulmo*, é encontrado na *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 116) e regularmente no Esb. Com "Caminho de Ylmir", cf. o conto *A Queda de Gondolin* (II. 184):

> Depois disso, conta-se que a magia e o destino o levaram [isto é, Tuor] certo dia para uma abertura cavernosa, no fundo da qual um rio escondido corria a partir do Mithrim. E Tuor entrou naquela caverna buscando descobrir seus segredos, mas as águas do Mithrim o levaram adiante para o coração das rochas, e ele não podia voltar à luz. E isso, diz-se, era a vontade de Ulmo, Senhor das Águas, que levara os Noldoli a abrir aquele caminho escondido.

Não está claro por essa passagem em que ponto o rio que saía do Lago Mithrim passava por baixo da terra. Na história de Tuor escrita muito tempo depois e apresentada em *Contos Inacabados*, Tuor seguiu "uma súbita nascente d'água nas colinas" (p. 40), e

> desceu das altas colinas de Mithrim e saiu para a planície de Dorlómin ao norte; e a torrente crescia conforme ele a seguia para o oeste, até que ao final de três dias ele pôde descortinar no Oeste as longas cristas cinzentas das Ered Lómin… (p. 39).

O Portão dos Noldor, onde o rio seguia para baixo da terra, ficava nos sopés das Ered Lómin.

O Caminho de Ylmir sai num estreito sem nome no mapa (*Drengist* até então só ocorrera na lista de nomes em inglês antigo, p. 244).

Ver-se-á que o litoral ocidental é bastante similar àquele do mapa posterior.

A Expansão a Leste

Adurant, Rio O mais meridional dos tributários do Gelion, mencionado por nome em um acréscimo a Q §14 (nota 4). Seu curso e relação às montanhas e aos outros rios não foram mudados.

Ascar, Rio O nome do mais setentrional dos tributários do Gelion ocorre em Q §14 (ver o verbete *Flend* abaixo). Seu curso e relação às montanhas e aos outros rios não foram mudados.

Beren e Lúthien *Here dwelt Beren and Lúthien before destruction of Doriath in Land of Cuilwarthin* [Aqui habitaram Beren e Lúthien antes da destruição de Doriath, na Terra dos Cuilwarthin]. No mapa principal, o segundo posicionamento dessa terra, entre o Sirion e o Gelion, foi rejeitado com a anotação: "*Lies to the east of this and beyond the Great Lands of the East and of wild men*" ["Situa-se a leste daqui e além das Grandes Terras do Leste e dos homens selvagens"]. Isso deve significar que meu pai estava movendo a Terra dos Mortos que Vivem para longe nas regiões desconhecidas (ver o verbete *Great Lands* [Grandes Terras]); mas o mapa da Expansão a Leste a coloca na posição final, na região dos Sete Rios: ver *Gweirth-i-cuina*.

Blue Mountains [Montanhas Azuis] Foram mencionadas por nome pela primeira vez em Q §9.

Brilthor, Rio Este, o quinto tributário do Gelion, é mencionado por nome em um acréscimo a Q §14 (nota 4); emendas posteriores no Q moveram o Duilwen mais para o sul e colocaram o Brilthor na quarta posição.

Broseliand Here is end of Broseliand [Aqui termina Broseliand], escrito entre os rios Ascar e Thalos, e junto aos sopés ocidentais

das *Blue Mountains* [Montanhas Azuis]. Cf. o acréscimo à anotação no canto do mapa principal (p. 269): “Sua divisa oriental não aparece. É as Montanhas Azuis.”

Cuilwarthin Ver *Beren e Lúthien*, *Gweirth-i-cuina*.

Damrod e Díriel A anotação acima do nome *Díriel* diz o seguinte: “*Here is a wide forest where many fugitive gnomes wander. Orcs come seldom.*” [“Aqui há uma vasta floresta onde vagam muitos gnomos fugitivos. Orques raramente aparecem.”] Cf. Q §14: “pelas matas em redor do Rio [Flend/Gelion], onde foram outrora os campos de caça de Damrod e Díriel”.

A anotação abaixo do nome *Díriel* diz o seguinte: “*Here also are many Ilkorins who do not live in Doriath but fought at Nirnaith Únoth*.” [“Aqui há também muitos Ilkorins que não vivem em Doriath, mas que lutaram nas Nirnaith Únoth.”] *Nirnaith Únoth* ocorre na *Balada dos Filhos de Húrin*, substituída por *Nirnaith Ornoth* (III. 98, 126, 149). Quanto aos Elfos-escuros na Batalha das Lágrimas Inumeráveis, ver o Esb e Q §11.

MELROSE
DAMERDOWN
EAST
DEREZ
GWINETH
MOUNTAINS
GREAT
LAND

A Expansão a Leste

Dolm, Mt. [Monte Dolm] Essa é a primeira aparição da montanha posteriormente chamada *Dolmed*, situada como no mapa posterior.

Duilwen Este, o terceiro dos tributários do Gelion, é mencionado por nome em um acréscimo a Q §14 (nota 4), onde é situado, como no mapa, entre o Thalos e o Loeglin. Emendas posteriores no Q definiram a ordem final, com o Duilwen deslocado para o sul e tornando-se o quinto tributário.

Dwarf-road [Estrada-anânica] e *Sarn Athra* Da maneira que a Estrada-anânica foi marcada neste mapa, após cruzar o Aros ela virava para o sudeste e seguia naquela direção em linha reta através de Broseliand Leste, cruzando o (Flend) Gelion em Sarn Athra, que (tendo sido movido de sua posição no mapa principal, onde ficava no Aros) agora se situava na confluência do terceiro tributário (aqui, Duilwen). A linha da estrada sai do mapa no canto sudeste, com a indicação: "*Southward in East feet of Blue Mountains are Belegost and Nogrod*." [Ao sul, nos sopés orientais das Montanhas Azuis, ficam Belegost e Nogrod".] Esse local para Sarn Athra está de acordo com Q §14, onde o vau fica próximo à confluência do (Flend) Gelion e do Duilwen.

Uma rota posterior para a Estrada-anânica também está marcada nesse mapa. Aqui a estrada ruma mais para leste na terra de Damrod e Díriel e assim cruz o (Flend) Gelion mais ao norte: Sarn Athra situa-se agora logo abaixo da confluência do Ascar com o Gelion (essa é a razão para a emenda de Duilwen para Ascar em Q §14, nota 7). A estrada então segue o curso do Ascar do lado sul, cruza as montanhas através de uma passagem abaixo do Monte Dolm e então vira de forma abrupta para o sul e continua no lado oriental das montanhas.

No mapa posterior, Sarn Athra situa-se logo *acima* da confluência do Ascar e do Gelion, e, portanto, a estrada segue ao longo da margem norte do Ascar, mas ainda cruza as montanhas ao sul do Monte Dolmed; as cidades-anânicas agora estão

situadas na face oriental das montanhas não muito longe do Monte Dolmed.

East Broseliand [Broseliand Leste] O termo *Beleriand Leste* ocorre em Q §14.

Flend Em Q §14 o grande rio de Beleriand Leste foi chamado primeiramente de *Ascar*, mas uma vez que *Ascar* já era no Q o nome do mais setentrional dos tributários das Montanhas Azuis, creio que esse tenha sido um mero deslize (ver p. 218 e a nota de rodapé) no lugar de *Flend*, para o qual foi emendado. *Flend* então > *Gelion*, como no mapa. O curso do Gelion não foi mudado posteriormente, mas o mapa não mostra o braço tributário oriental tardio ("Grande Gelion").

Gelion Ver *Flend*.

Great Lands [Grandes Terras] A anotação na parte de baixo do lado direito do mapa diz o seguinte: "*Here lie the Great Lands of the East where Ilkorins (dark-elves) and Wild Men live, acknowledging Morgoth as God and King*." ["Aqui ficam as Grandes Terras onde os Ilkorins (elfos-escuros) e Homens Selvagens vivem, reconhecendo Morgoth como Deus e Rei."] Esse uso de *Grandes Terras* para as terras da Terra-média *a leste* das *Montanhas Azuis* é notável; o nome também é usado no mapa principal, onde é dito que o terceiro local da Terra dos Mortos que Vivem fica "além das Grandes Terras do Leste e dos homens selvagens" (ver *Beren e Lúthien*). Nos *Contos Perdidos*, o termo *Grandes Terras* sempre significa as terras entre os Mares (isto é, toda a *Terra-média* posterior); no Esb e no Q, o termo *Terras de Fora* (que nos *Contos Perdidos* significava as Terras do Oeste) é usado para Terra-média, com uma emenda tardia para *Terras de Cá* no Q.

A afirmação aqui de que nas Grandes Terras do Leste tanto os Homens Selvagens como os Elfos-escuros reconheciam Morgoth como Deus e Rei é significativa para o futuro. Cf. a emenda de Q

II §18, nota 3: “Mas a maioria dos Homens, e especialmente aqueles que tinham acabado de sair do Leste, ficou do lado do Inimigo.” A corrupção de certos Homens no início de seus dias aparece em sinopses muito antigas (do *Conto de Gilfanon*); ver I. 283–85.

Gweirth-i-cuina Esse nome, no qual *Gweirth-* foi aparentemente emendado de *Gwairth-*, está escrito sobre *Cuilwarthin*. *Gwerth-i-cuina* (e não *Gweirth-* como no mapa) apareceu em duas passagens emendadas do Q: §10 (nota 15) “vagaram… nos confins de Geleidhian na bela Ossiriand, Terra dos Sete Rios, Gwerth-i-cuina, os Mortos que Vivem” (onde o nome parece ser usado para os próprios Beren e Lúthien); e §14 (nota 6) “os Elfos costumavam chamá-la Gwerth-i-cuina”, onde o nome é usado para a terra, como no mapa.

Himling A primeira ocorrência é na *Balada de Leithian*, versos 2994–995 (abril de 1928):

em Himling, monte que vigia
no leste Aglon, brecha fria.

Loeglin Como o quarto dos tributários do Gelion, ele é mencionado por nome em um acréscimo a Q §14 (nota 4). Emendas posteriores moveram o Duilwen mais para o sul e colocaram o Loeglin (> Legolin) na terceira posição.

Nirnaith Únoth Ver *Damrod e Díriel*.

Ossiriath (of the Seven rivers) [Ossiriath (dos Sete rios)] Essa forma não é encontrada em nenhum outro lugar. Está escrita sobre *Assariad*, que ocorre em Q §14, posteriormente emendada para *Ossiriand* (nota 4). *Ossiriand(e)* é encontrada como uma alternativa rejeitada de *Broseliand* no Canto I da *Balada de Leithian* (III. 193–95). O posicionamento do nome, entre o sexto e o sétimo rios, é estranho, mas tendo em vista “dos Sete rios”, provavelmente não é significativo.

Rathlorion Essa é a forma do novo nome do Ascar encontrado no Q (§14), posteriormente emendado para *Rathloriel*.

Sarn Athra Ver *Dwarf-road* [Estrada-anânica]. Em Q §14 *Sarn-athra*, emendado para *Sarn-athrad* (nota 8).

Sons of Fëanor [Filhos de Fëanor] Ver o verbete *Aglon* na metade norte do mapa principal.

Thalos Esse, o segundo dos tributários do Gelion, é mencionado por nome em um acréscimo a Q §14 (nota 4). Seu curso e relação às montanhas e aos outros rios não foram mudados.

NOTA

[a] A lista de nomes da metade norte inclui nomes que seguem para o sul até a dobra no mapa original, que pode ser vista nas reproduções; assim, *Ginglith*, *Esgalduin*, *Thousand Caves* [Mil Cavernas] aparecem na primeira lista, mas *Doriath beyond Sirion* [Doriath além do Sirion], *Aros* na segunda.

5

O Ambarkanta

Esta obra muito curta, de fundamental interesse (e não menos pelos mapas associados a ela), está intitulada no início do texto "Do Feitio do Mundo"; em uma folha de rosto solta, mas obviamente pertencente à obra, está escrito:

Ambarkanta

A Forma do Mundo

Rúmil

junto com a palavra *Ambarkanta* em tengwar. Essa é a primeira aparição de Rúmil desde os *Contos Perdidos*; mas ele não é mencionado no texto em si.

Não pode haver dúvidas de que o *Ambarkanta* é posterior ao *Quenta* (talvez em vários anos). O reaparecimento de *Utumna* é um avanço em relação ao Q, onde o termo "Terra-média" também não aparece; *Eruman* é (anomalamente) o nome em Q da terra onde os Homens despertaram (pp. 117, 194), enquanto no *Ambarkanta* seu nome é pela primeira vez *Hildórien*; e há vários casos em que o *Ambarkanta* possui nomes e detalhes que só são encontrados no Q por meio de emendas (por exemplo, *Casadelfos*, p. 280, mas *Baía de Feéria* > *Baía de Casadelfos* no Q (II), p. 177, nota 12).

O texto possui seis páginas manuscritas à tinta, com pouquíssimas emendas; forneço as formas finais do início ao fim, com todas as variantes rejeitadas nas notas após o texto. Há três diagramas do Mundo, aqui numerados I, II e III, e dois mapas, numerados IV e V, de estreita associação com a obra e aqui reproduzidos a partir dos originais. Menciono nas páginas opostas a

essas reproduções as mudanças feitas nos nomes. O texto começa com uma lista de palavras cosmográficas, com explicações; apresento essa lista na p. 285.

DO FEITIO DO MUNDO

À volta de todo o Mundo estão as Ilurambar, ou Muralhas do Mundo. São como gelo e vidro e aço, sendo além de toda a imaginação dos Filhos da Terra frias, transparentes e rígidas. Elas não podem ser vistas, nem podem ser atravessadas, salvo pela Porta da Noite.

Dentro dessas Muralhas, a Terra está englobada: acima, abaixo e por todos os lados está Vaiya, o Oceano Envolvedor. Mas esse é mais como mar debaixo da Terra e mais como ar acima da Terra. Em Vaiya abaixo da Terra habita Ulmo. Acima da Terra está o Ar, que é chamado de Vista,[1] e sustenta aves e nuvens. Portanto, é chamado acima de Fanyamar, ou Morada-das-nuvens; e abaixo de Aiwenórë,[2] ou Terra-das-aves. Mas esse ar jaz somente sobre a Terra-média e os Mares de Dentro, e seus limites propriamente ditos são as Montanhas de Valinor no Oeste e as Muralhas do Sol no Leste. Portanto, raramente chegam nuvens a Valinor, e as aves mortais não passam para além dos picos de suas montanhas. Mas no Norte e no Sul, onde há mais frio e escuridão e a Terra-média estende-se quase até as Muralhas do Mundo, Vaiya e Vista e Ilmen[3] sopram juntos e se misturam.

Ilmen é aquele ar que é límpido e puro, sendo permeado por luz, embora não produza luz. Ilmen jaz acima de Vista, e não tem grande profundidade, mas é mais profundo no Oeste e no Leste, e menos no Norte e no Sul. Em Valinor o ar é Ilmen, mas Vista sopra por vezes, especialmente em Casadelfos, parte da qual fica nos sopés orientais das Montanhas; e se Valinor estiver obscurecida e esse ar não for purificado pela luz do Reino

Abençoado, ele toma a forma de sombra e névoas cinzentas. Mas Ilmen e Vista misturar-se-ão por serem de natureza semelhante, porém Ilmen é soprado pelos Deuses, e purificado pela passagem dos luminares; pois em Ilmen Varda decretou os cursos das estrelas, e mais tarde da Lua e do Sol.

De Vista não há saída ou escape, salvo para os serviçais de Manwë, ou para aqueles aos quais ele concede poderes como os de seu povo, que podem sustentar-se em Ilmen ou mesmo no Vaiya superior, que é muito tênue e frio. De Vista pode-se baixar à Terra. De Ilmen pode-se baixar à Valinor. Ora, a terra de Valinor estende-se quase até Vaiya, que é mais estreito no Oeste e no Leste do Mundo, mas mais profundo no Norte e no Sul. As costas ocidentais de Valinor, portanto, não estão longe das Muralhas do Mundo. No entanto, há um abismo que separa Valinor de Vaiya, e ele é preenchido por Ilmen, e por esse caminho pode-se ir de Ilmen acima da terra às regiões inferiores, e às Raízes-da-Terra, e às cavernas e grutas que ficam nas fundações das terras e mares. Lá fica o lugar de morada de Ulmo. De lá provêm as águas da Terra-média. Pois essas águas são compostas de Ilmen e Vaiya e Ambar[4] (que é a Terra), uma vez que Ulmo mistura Ilmen e Vaiya e os envia para cima pelas veias do Mundo para limpar e renovar os mares e rios, os lagos e as nascentes da Terra. E as águas correntes possuem assim a memória das profundezas e das alturas, e detêm algo da sabedoria e música de Ulmo, e da luz dos luminares do céu.

Nas regiões de Ulmo as estrelas por vezes estão ocultas, e lá a Lua vaga amiúde e não é vista da Terra-média. Mas o Sol não se demora lá. Ela[a] passa sob a terra às pressas a fim de que a noite não se prolongue e o mal se fortaleça; e ela é puxada através do Vaiya inferior pelos serviçais de Ulmo, e aquele ar é aquecido e preenchido com vida. Assim os dias são medidos pelas rotas do Sol, que navega de Leste a Oeste através do Ilmen

inferior, ocultando as estrelas; e ela passa sobre o centro da Terra-média e não se detém, e muda seu curso para o norte ou para o sul, não caprichosamente, mas na procissão e estação devidas. E quando ela se ergue acima das Muralhas do Sol é a Aurora, e quando baixa por trás das Montanhas de Valinor é o anoitecer.

Mas os dias são diferentes em Valinor dos da Terra-média. Pois lá o tempo de maior luz é o Anoitecer. Então o Sol desce e descansa por um tempo na Terra Abençoada, jazendo no seio de Vaiya. E quando ela baixa ao Vaiya, esse ar é aquecido e resplandece com um fogo rosado, e este muito tempo ilumina aquela terra. Mas conforme ela passa em direção ao Leste o resplendor esvanece, e Valinor é privada de luz, e é iluminada apenas por estrelas; e os Deuses então muito se lamentam pela morte de Laurelin. Ao amanhecer a escuridão é profunda em Valinor, e as sombras de suas montanhas estendem-se pesadas sobre as mansões dos Deuses. Mas a Lua não se demora em Valinor, e passa célere sobre ela e mergulha no abismo de Ilmen,[5] pois ele sempre persegue o Sol, e raramente a alcança, e então é consumido e obscurecido em sua chama. Mas ocorre por vezes que ele chega acima de Valinor antes de o Sol ter partido, e então desce e encontra sua amada, e Valinor fica repleta de luz mesclada como de prata e ouro; e os Deuses sorriem lembrando-se do mesclar de Laurelin e Silpion há muito tempo.

A Terra de Valinor inclina-se para baixo a partir dos sopés das Montanhas, e sua costa ocidental fica no mesmo nível do fundo dos mares de dentro. E não longe dali, como foi dito, estão as Muralhas do Mundo; e junto à costa mais ocidental, no meio de Valinor, está Ando Lómen,[6] a Porta da Noite Atemporal que vaza as Muralhas e se abre para o Vazio. Pois o Mundo está disposto em meio a Kúma, o Vazio, a Noite sem forma ou

tempo. Mas ninguém pode atravessar o abismo e o cinturão de Vaiya e chegar àquela Porta, salvo os grandes Valar apenas. E eles fizeram aquela Porta quando Melko foi sobrepujado e lançado na Escuridão de Fora; e a porta é guardada por Eärendel.

A Terra-média situa-se no meio do Mundo, e é feita de terra e água; e sua superfície é o centro do mundo, dos confins do Vaiya superior aos confins do inferior. Outrora seu feitio era este. Era mais elevada no centro, e decaía de cada lado em vastos vales, mas se erguia de novo no Leste e no Oeste e tornava a decair no abismo em suas bordas. E os dois vales eram repletos da água primeva, e as costas desses mares antigos eram no Oeste os planaltos ocidentais e a borda da grande terra, e no Leste os planaltos orientais e a borda da grande terra do outro lado. Mas no Norte e no Sul ela não decaía, e podia-se ir por terra do extremo Sul e do abismo de Ilmen ao extremo Norte e ao abismo de Ilmen. Os mares antigos, portanto, jaziam em fossas, e suas águas não vertiam a Leste ou a Oeste; mas tampouco tinham costas no Norte ou no Sul, e vertiam no abismo, e suas cataratas tornavam-se gelo e pontes de gelo devido ao frio; de modo que o abismo de Ilmen era fechado e atravessado por pontes, e o gelo chegava a Vaiya, e até mesmo às Muralhas do Mundo.

Ora, é dito que os Valar, ao entrarem no Mundo, baixaram primeiro à Terra-média no seu centro, salvo Melko, que baixou ao Norte mais distante. Mas os Valar tomaram uma porção de terra e fizeram uma ilha e a consagraram, e a puseram no Mar do Oeste e habitaram nela, enquanto se ocupavam da exploração e do primeiro ordenamento do Mundo. Como é contado, eles desejavam fazer lamparinas, e Melko ofereceu-se para engendrar

uma nova substância de grande força e beleza para os pilares deles. E ele pôs esses grandes pilares ao norte e ao sul do meio da Terra, porém mais próximo dela do que do abismo; e os Deuses puseram lamparinas sobre eles e a Terra teve luz por um tempo.

Mas os pilares foram erguidos com engodo, sendo feitos de gelo; e eles derreteram, e as lamparinas tombaram em ruínas, e sua luz foi derramada. Mas o derretimento do gelo criou dois pequenos mares interiores, ao norte e ao sul do meio da Terra, e havia uma terra setentrional, uma terra do meio e uma terra meridional. Então os Valar se retiraram para o Oeste e abandonaram a ilha; e sobre o planalto no lado ocidental do Mar do Oeste eles ergueram grandes montanhas, e detrás delas fizeram a terra de Valinor. Mas as montanhas de Valinor curvam-se para trás, e Valinor é mais ampla no meio da Terra, onde as montanhas andam ao lado do mar; e no norte e no sul as montanhas chegam até mesmo ao abismo. Há aquelas duas regiões da Terra do Oeste que não são da Terra-média e, ainda assim, estão do lado de fora das montanhas: são escuras e desoladas. Aquela ao Norte é Eruman, e aquela ao Sul é Arvalin; e só há um estreito entre elas e os cantos da Terra-média, mas esses estreitos são repletos de gelo.

Para sua maior proteção, os Valar empurraram a Terra-média para longe em seu centro e a comprimiram para o leste, de maneira que foi curvada, e o grande mar do Oeste é muito amplo no meio, a mais vasta de todas as águas da Terra. A forma da Terra no Leste era muito semelhante àquela no Oeste, salvo pelo estreitamento do Mar do Leste, e pelo deslocamento da terra naquela direção. E além do Mar do Leste fica a Terra do Leste, da qual pouco sabemos, e a chamamos de Terra do Sol; e ela possui montanhas, menores que as de Valinor, porém muito grandes, que são as Muralhas do Sol. Em razão da queda da

terra essas montanhas não podem ser divisadas, exceto pelas aves que voam alto, através dos mares que as separam das costas da Terra-média.

E o deslocamento da terra fez também que montanhas aparecessem em quatro cadeias, duas na Terra-do-Norte e duas na Terra-do-Sul; e as no Norte eram as Montanhas Azuis no lado Oeste, e as Montanhas Vermelhas no lado Leste; e no Sul eram as Montanhas Cinzentas e as Amarelas. Mas Melko fortificou o Norte e construiu lá as Torres do Norte, que também são chamadas de as Montanhas de Ferro, e elas se voltam para o Sul. E na terra do meio ficavam as Montanhas do Vento, pois um vento soprava forte lá vindo do Leste antes do Sol; e Hildórien, a terra onde os Homens despertaram pela primeira vez, ficava situada entre essas montanhas e o Mar do Leste. Mas Kuiviénen, onde Oromë encontrou os Elfos, fica ao Norte, à beira das águas de Helkar.[7]

Mas a simetria da antiga Terra foi mudada e despedaçada na primeira Batalha dos Deuses, quando Valinor marchou contra Utumno,[8] que era a praça-forte de Melko, e Melko foi acorrentado. Então o mar de Helkar (que era a lamparina do Norte) tornou-se um mar interior ou grande lago, mas o Mar de Ringil (que era a lamparina do Sul) tornou-se um grande mar que corria a nordeste e unia-se por estreitos os Mares do Oeste e do Leste.

E a Terra foi partida mais uma vez na segunda batalha, quando Melko tornou a ser subjugado, e tem sempre mudado no desgastar e na passagem de muitas eras.[9] Mas a maior mudança ocorreu quando o Primeiro Feitio foi destruído, e a Terra foi arredondada, e separada de Valinor. Isso se deu nos dias do ataque dos Númenóreanos contra a terra dos Deuses, como está contado nas Histórias. E desde aquele tempo o mundo esqueceu-

se das coisas que haviam antes, e os nomes e a memória das terras e águas de outrora pereceram.

NOTAS

[1] *Vista*: em todas as sete ocorrências o nome original *Wilwa* foi mudado, primeiro a lápis e depois à tinta, para *Vista*; o mesmo também ocorreu nos diagramas do mundo I e II, e no diagrama III (o Mundo Tornado Redondo).

[2] Forma original *Aiwenor*; também assim no diagrama I.

[3] *Ilmen*: em todas as muitas ocorrências, o nome original *Silma* foi cuidadosamente apagado e mudado para *Ilma* (a mesma mudança no mapa IV); *Ilma* foi então ele mesmo alterado para *Ilmen* (a mesma sucessão de mudanças nos diagramas I e II).

[4] *Ambar* é uma emenda, mas a palavra por baixo está completamente apagada (assim também no diagrama II; inserida posteriormente no I).

[5] Na margem está escrito *Ilmen-assa*, mudado a partir de *Ilman-assa.*

[6] *Ando Lómen* foi interpolado ao texto, mas é muito provável que não tenha sido muito depois da composição original do manuscrito.

[7] As duas últimas frases desse parágrafo (desde "E na terra do meio…") foram acrescentadas, mas tudo indica que são da mesma época que a composição original do manuscrito.

[8] *Utumno* é uma emenda de *Utumna*.

[9] O manuscrito original termina aqui; o que se segue, acerca da Terra Tornada Redonda na época do ataque dos Númenóreanos, foi acrescentado posteriormente (ver p. 308).

Apresento agora a lista de palavras cosmológicas que acompanha o *Ambarkanta*. Meu pai fez várias mudanças nessa lista, mas visto que as alterações foram feitas principalmente sobre o que foi apagado e os acréscimos pertencem ao mesmo período, é impossível saber qual era a forma original da lista em todos os pontos. No entanto, as mudanças na lista são basicamente as mesmas daquelas feitas no texto do *Ambarkanta* e nos diagramas do mundo; assim, *Silma* > *Ilma* > *Ilmen*, *Wilwa* > *Vista*, *Aiwenor* > *Aiwenórë*; *ava*, *ambar*, *Endor* sobre palavras apagadas; *Avakúma*, *e Elenarda, Reino Estelar* são acréscimos. A tradução de *Ilmen* como "Lugar de luz" é uma emenda de "brilho".

Ilu O Mundo	Mundo
Ilurambar As Muralhas do Mundo; *ramba* muralha	
Kúma escuridão, vazio	Escuridão
ava de fora, exterior; *Avakúma*	
Vaiya embrulho, envoltório. Em natureza como a água, mas menos leve que o ar, e envolvendo O Mar de Fora.[b]	Mar de Fora, ou Oceano Circundante, ou Oceano Envolvedor
Ilmen Lugar de luz. A região acima do ar, sendo mais tênue e límpida que este. Aqui somente as estrelas e a Lua e o Sol podem voar. É chamada também de *Tinwë-mallë*, a Rua-de-estrelas, e *Elenarda,* Reino Estelar.	Céu. Firmamento
Vista ar. Onde aves podem voar e nuvens navegar. Sua região superior é	Ar

Fanyamar, ou Morada-das-nuvens, e sua inferior, *Aiwenórë*, ou Terra-das-Aves.

ambar Terra, *ambar-endya* ou Terra Média, da qual *Endor* é o ponto central. Terra

ëar água; mar. Mar

As raízes da Terra são *Mar-talmar*, ou *Talmar Ambaren*.

ando porta, portão.

lómë Noite. *Ando Lómen*, a Porta da Noite, através da qual Melko foi lançado após a Segunda Guerra dos Deuses.

Toda aquela terra que fica acima d'água, entre os Mares do Oeste e do Leste e as Montanhas do Norte e do Sul é *Pelmar*, a Morada Cercada.

Comentário sobre o *Ambarkanta*

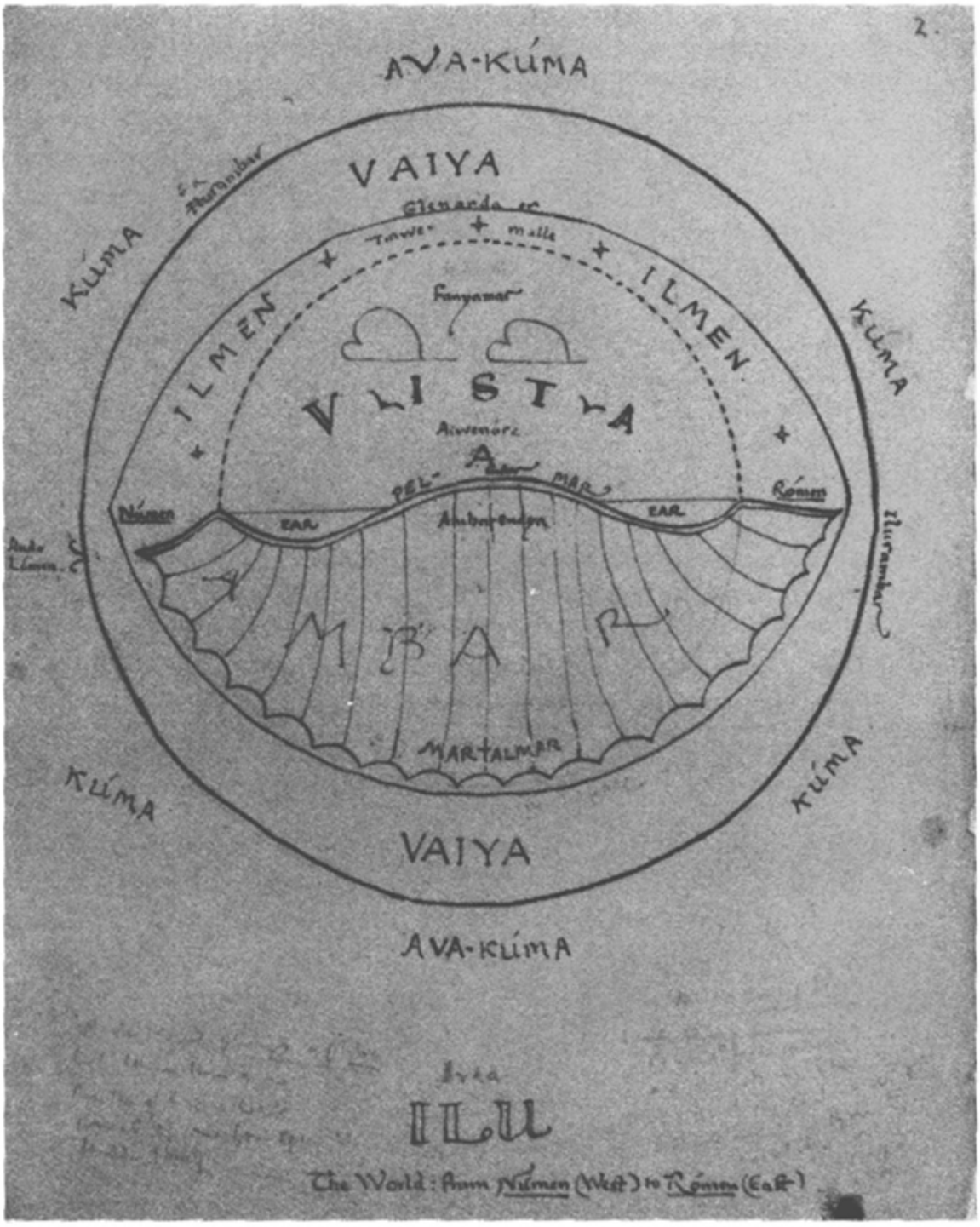
Esse universo elegante, embora certamente em muitos aspectos uma evolução da antiga cosmologia dos *Contos Perdidos*, também apresenta mudanças e avanços radicais na estrutura essencial.

Diagrama I

Alguns dos nomes neste diagrama foram escritos sobre palavras apagadas, e na maioria dos casos somente o fato de correção pode ser visto:

- *Ilmen* (substituindo *Ilma* e *Silma*, ver nota 3 do texto do *Ambarkanta); Vista* (substituindo *Wilwa*, ver nota 1); *Ava-* (em *Ava-kúma*); *Ambarendya*; *Endor*; *Martalmar*. Uma letra A no centro, de significado obscuro, também sobre escrita sobre uma palavra apagada.
- São acréscimos: *Elenarda or* [ou]; *-e* acrescentado a *Aiwenor* (ver nota 2); *Ambar* (ver nota 4).
- São mudanças e acréscimos muito tardios feitos a lápis: *Ilurambar* para *Earambar* em apenas uma das ocorrências; *Hidden Half* [Metade Oculta] acrescentado acima da ocorrência inferior de *Vaiya*; *Ilu* para *Arda* no título. A anotação no canto inferior direito está fraca demais para ser lida após as palavras "Alter story of Sun" ["Alterar a história do Sol"]; a anotação na esquerda diz o seguinte:

“Make world *always a globe* but larger than now. Mountains of East and West prevent anyone from going to Hidden Half”. [“Tornar o mundo *desde sempre um globo*, mas maior do que agora. Montanhas do Leste e do Oeste impedem que qualquer um vá à Metade Oculta.”]

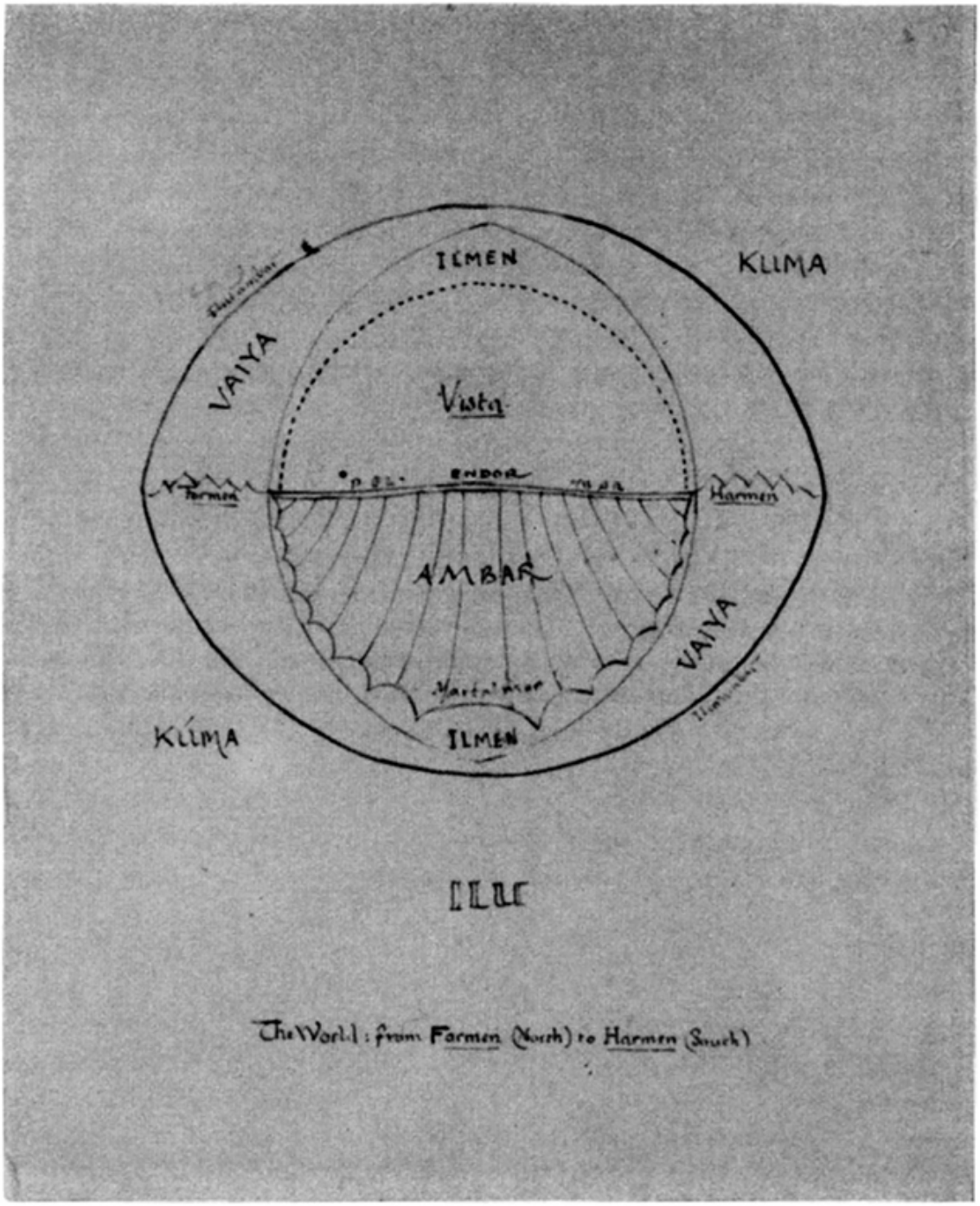


O Mundo: de Númen (Oeste) a Rómen (Leste)

Diagrama II

Como no diagrama I, alguns nomes foram escritos sobre outros apagados:

- *Ilmen* (de *Ilma* e *Silma*); *Vista* (de *Wilwa*); *Ambar*; *Endor*; *Martalmar*; *Formen* (de *Tormen*) no título.
- São mudanças tardias a lápis: *Ilurambar* para *Earambar* em uma das ocorrências, como no diagrama I; *Harmen* para *Hyarmen* tanto no diagrama como no título; *Tormen* > *Formen* no diagrama.

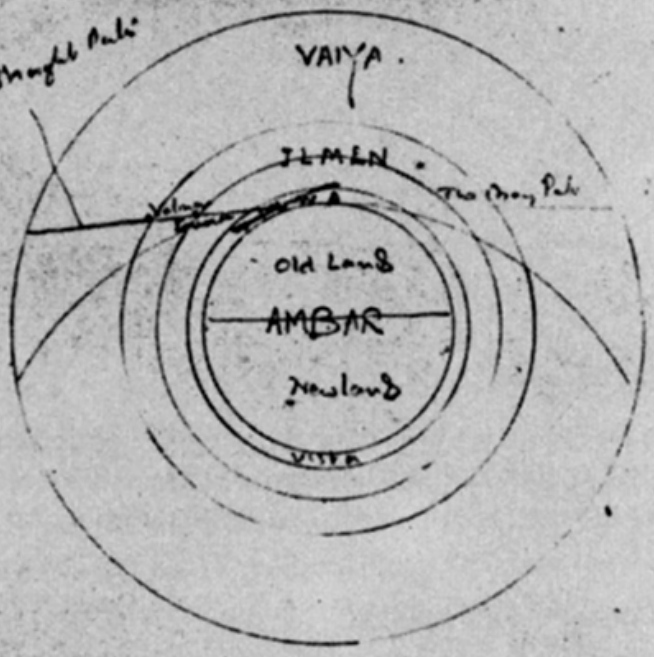


The World: from Formen (North) to Harmen (South)

O Mundo: de Formen (Norte) a Harmen (Sul)

Diagrama III

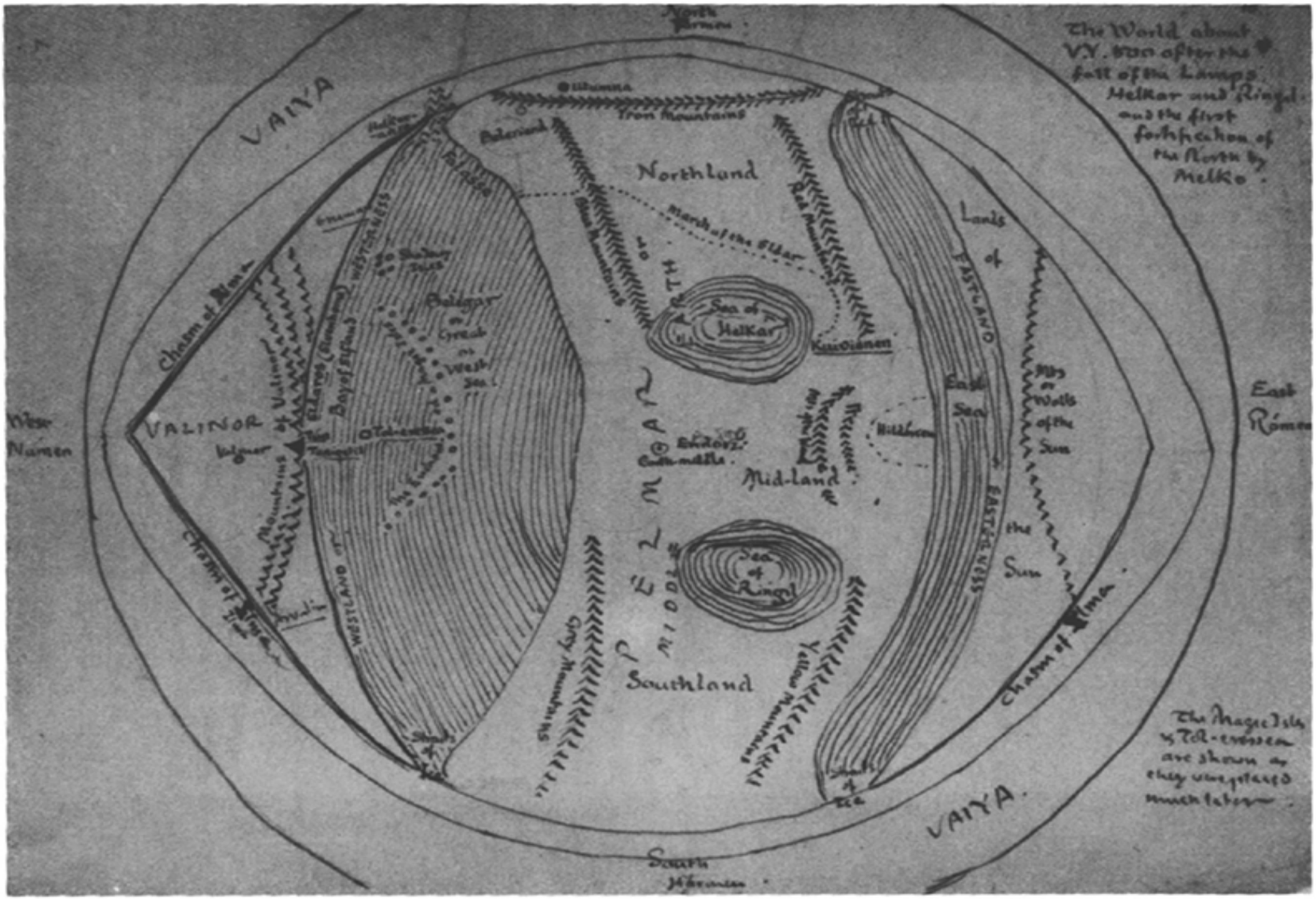
Nesse diagrama o nome *Wilwa* foi riscado e substituído por *Vista* (ver a nota 1 do texto do *Ambarkanta*). Outros nomes além dos que estão apenas em maiúsculas: *The Straight Path* [O Caminho Reto] (duas vezes), *Valinor*, *Eressëa*, *Old Lands* [Terras Antigas], *New Lands* [Terras Novas]. O título é o seguinte: "The World after the Cataclysm and the ruin of the Númenoreans" ["O Mundo após o Cataclismo e a ruína dos Númenoreanos"].


VAIYA
ILMLN
Old Lands
AMBAR
Newlands
VIYA

Mapa IV

As mudanças feitas neste mapa foram as seguintes:

- *Silma* para *Ilma* em todas as três ocorrências, e em apenas uma *Ilma* posteriormente a lápis para *Ilmen* (ver nota 3 do texto do *Ambarkanta*); *Endor* para *Endon* (mas *Endor* escrito de novo acima a lápis); e *Tormen* > *Formen*, *Harmen* > *Hyarmen*, como no diagrama II.
- V.Y. 500 = *Valian Year* [Ano Valiano] 500; ver p. 311.


The World about Y.Y. 1500 after the fall of the Lamps. Helkar and Ringil and the first fortification of the North by Melko.
VAIYA
North Formen
Illumna
Iron Mountains
Northland
March of the Elder
Sea of Helkar
Sea of Ringil
Mid-land
Southland
Lands of Exile
EASTLANDS
Walls of the Sun
East Sea
East Rómen
the Sun
Chasm of Ilma
VALINOR
Valmar
Tirion
Chasm of Mandos
Mountains of Shadow
Misty Mountains
Dead Marshes
Black Mountains
Dark Mountains
Ered Lithui
Ash Mountains
Ephel Dúath
Mountains of Mirkwood
Mirkwood
Rivers Anduin
Nindalf
Dagorlad
Barad-dûr
Mount Doom
Gorgoroth
Plateau of Gorgoroth
Udûn
Orodruin
Cirith Gorgor
Pass of Cirith Ungol
Minas Morgul
Minas Ithil
Osgiliath
Minas Tirith
Pelennor Fields
Rammas Echor
Anduin
Isle of Balar
Isle of Himling
Isle of Tol Eressëa
Isle of Tol Fuin
Isle of Tol Morwen
Isle of Tol Galen
Isle of Tol Inglor
Isle of Tol Sirion
Isle of Tol Uinen
Isle of Tol Vingilot
Isle of Tol Falmar
Isle of Tol Ingil
Isle of Tol Ingwil
Isle of Tol Ingwir
Isle of Tol Ingwil
Isle of Tol Ingwir
Isle of Tol Ingwil
Isle of Tol Ingwir

Mapa V

Alguns dos nomes neste mapa não são fáceis de ler, e listo aqui todos os que aparecem nele:

- O Oeste: *Outer Seas* [Mares de Fora], *Utgarsecg*
  Eruman (escrito acima deste posteriormente: *Araman*); *Outer Lands* [Terras de Fora] (*Valinor*); *Alflon*; *Two Trees* [Duas Árvores]; *Tún*; *Valmar*; *Taniquetil*; *Bay of Faery* [Baía de Feéria]; *Arvalin* (mudado a partir de *Eruman*).
  Escrito levemente a lápis posteriormente através da Terra do Oeste: *Aman*

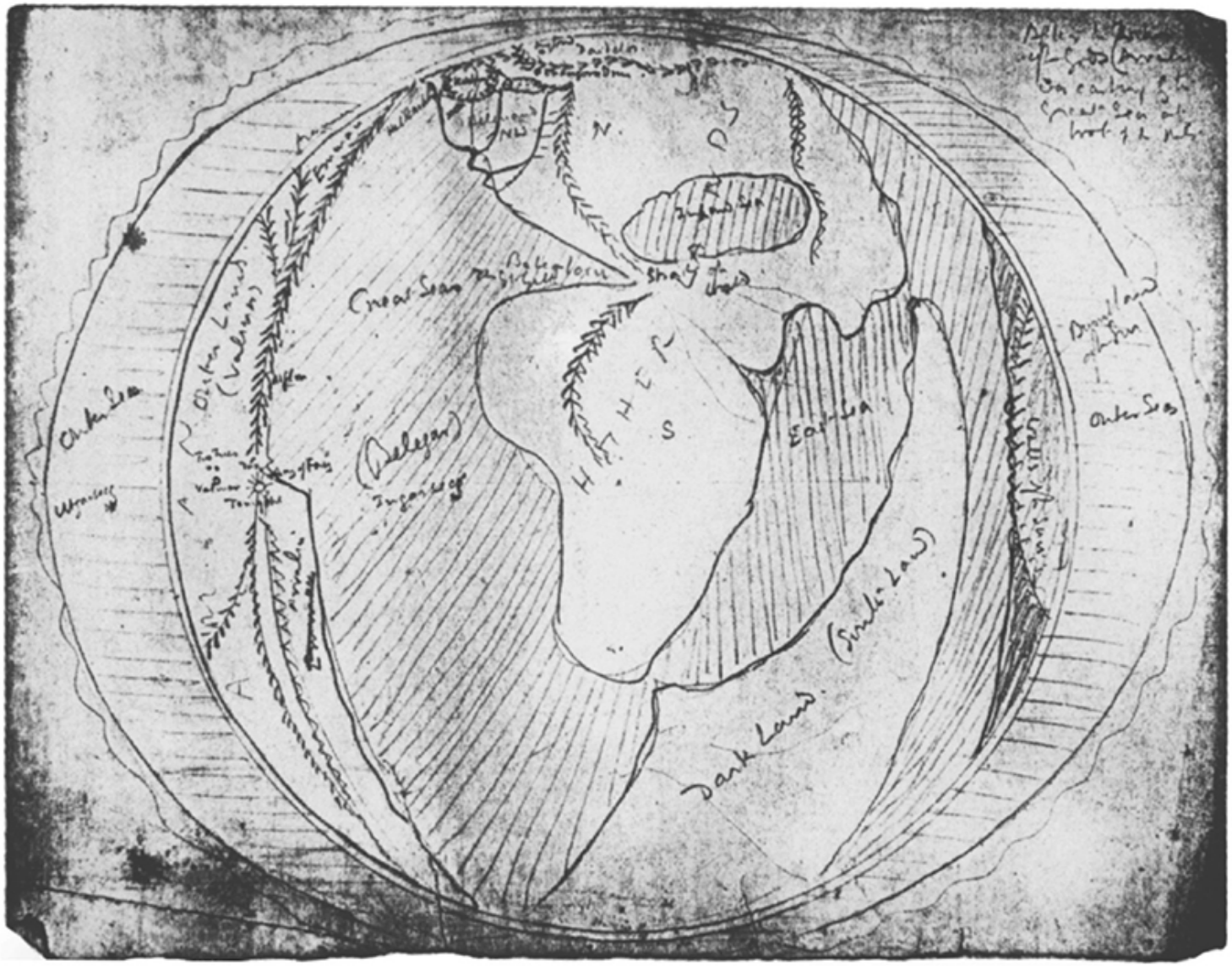
- O Mar do Oeste: no extremo Norte: *Helkaraksë*.
  Great Seas [Grandes Mares]; *The G[rea]t Gulf* [O Grande Golfo]; *Beleglo[rn?]*; *(Belegar)*; *Ingarsecg*

- O Noroeste da Terra-média: *Hithlum*; *Angband*; *Thangorodrim*; *Daidelos*; *Beleriand*

- Regiões centrais: *Hither Lands* [Terras de Cá]; *Inland Sea* [Mar Interior]; *Straits of the World* [Estreitos do Mundo; *East Sea* [Mar do Leste]; *Dark Land* [Terra Sombria] (*South Land*) [Terra do Sul]

- O Leste: *Walls of the Sun* [Muralhas do Sol]; *Burnt Land of the Sun* [Terra Queimada do Sol]; *Outer Seas* [Mares de Fora]

- Anotação no canto superior direito: *After the War of the Gods*
  (*Arvalin was cast up by the Great Sea at the foot of the Mts.* [Após a Guerra dos Deuses (Arvalin foi lançada pelo Grande Mar ao sopé das Montanhas.] Ver pp. 307–08.


Great Sea
Dark Land
Outer Sea

Começando por Fora: além das Muralhas do Mundo fica "o Vazio, a Noite sem forma ou tempo", *Kúma* (*Ava-kúma*); e esse é obviamente um conceito primitivo, "a escuridão de fora", "a escuridão ilimitada", "a vastidão sem estrelas" do conto *A Ocultação de Valinor* (I. 262). As Muralhas do Mundo, Ilurambar,[c] são a cobertura inteiriça e incólume de um vasto globo; são frias, invisíveis e intransponíveis, exceto através de *Ando Lómen*, a Porta da Noite. A Porta foi feita pelos Valar "quando Melko foi sobrepujado e lançado na Escuridão de Fora"; e Eärendel a guarda. No Esb (§19) já era dito que "Morgoth é lançado através da Porta da Noite na escuridão de fora para além das Muralhas do Mundo, e uma guarda fica postada para sempre naquela Porta"; isso é repetido na passagem correspondente no Q, onde as mesmas expressões são usadas como no *Ambarkanta*, "a Porta da Noite Atemporal", "o Vazio", e onde Eärendel, navegando no Vazio, é mencionado como o guardião (ver pp. 186–87, 236). Contudo, não é dito nesses textos que a Porta da Noite foi feita *quando Melko foi sobrepujado*, ao final da Grande Batalha.

Comentei anteriormente (p. 60) acerca da grande mudança no mito astronômico introduzido no Esb pela passagem do Sol por baixo da Terra, em vez da partida pela Porta da Noite seguida pela jornada através Escuridão de Fora e pelo retorno através dos Portões da Manhã, como descrito em *A Ocultação de Valinor*; naquele relato os Deuses fizeram a Porta da Noite para que a Nau-do-Sol não tivesse de passar por baixo da Terra. Dessa forma a Porta da Noite permaneceu, mas o seu propósito e a época de sua criação foram totalmente mudados.

O conceito de uma grande Muralha circundando o "Mundo" e o separando de um Vazio e de uma Escuridão exteriores remonta ao princípio; em *A Ocultação de Valinor* ela é chamada de "a Muralha das Coisas", e Ulmo informa os Valar que "Vai corre desde a Muralha das Coisas até a própria Muralha das Coisas, em qualquer direção que se vá" (I. 258). Discuti previamente (I. 110) a possibilidade de que já na cosmologia antiga Vaitya (o mais exterior dos três "ares") e Vai (o Oceano de Fora) constituíam "uma substância envolvente contínua", e que o *Ambarkanta* "apenas torna

explícito o que já estava presente de maneira não expressa nos *Contos Perdidos*"; e salientei as dificuldades dessa ideia. No primeiro rascunho de *A Ocultação de Valinor* (ver I. 266, nota 16), a Muralha das Coisas evidentemente era imaginada, como eu disse (I. 272–73), "como se fossem muralhas de cidades terrenas, ou jardins — muros com um cimo, um 'cinturão amuralhado'"; as Muralhas eram mais baixas no Leste, de maneira que não havia lá alguma Porta que correspondesse à Porta da Noite no Oeste, e o Sol *passava por cima* da Muralha do Leste. No segundo rascunho (I. 260) foi introduzida a ideia dos Portões da Manhã; mas a natureza e extensão das Muralhas ainda foram deixadas obscuras, e de fato mais nada é dito sobre elas nos *Contos Perdidos* além da declaração de que eram "azul-profundo" (I. 260). Uma frase notável no conto original *A Música dos Ainur* (I. 75) declara que "os Ainur se maravilharam ao ver como o mundo *estava englobado em meio ao vazio* e, ainda assim, apartado dele". Não sei como isso deve ser interpretado no contexto dos *Contos Perdidos*; mas a frase foi mantida em todas as reescritas do *Ainulindalë* (cf. *O Silmarillion*, p. 42), e tornou-se assim uma descrição precisa do mundo do *Ambarkanta*, qualquer que possa ter sido o significado original de meu pai.

Em vista da similaridade próxima de fraseado entre o Q e o *Ambarkanta* no tocante ao tema da expulsão de Melko através da Porta da Noite, mencionada acima, é muito intrigante que na mesma passagem do Q (p. 186) é dito que alguns creem que ele "insinua-se, *escalando as Muralhas* e visita o mundo". O fato de que isso é apenas uma suposição ("Alguns dizem…") e que a Profecia de Mandos, que vem logo a seguir, declara que quando Morgoth será pela Porta da Noite, pouco explica como a ideia de ele "escalando as Muralhas" (em inescapável contradição ao *Ambarkanta*, e anulando o propósito da guarda de Eärendel) poderia surgir.[d]

Não é explicado de fato no *Ambarkanta* como os Valar entraram no mundo no início deste, passando pelas Muralhas intransponíveis, e talvez não devêssemos esperar que fosse explicado. Mas a ideia central nessa época é clara: do Princípio à Grande Batalha na qual Melko foi sobrepujado, o mundo com todos os seus habitantes estava

inescapavelmente cercado; mas no fim, para lançar Melko no Vazio, os Valar foram capazes de atravessar as Muralhas por uma Porta.

Completamente novo é conceito de Ilmen como o ar puro que é soprado em Valinor, e cujos limites são as Montanhas de Valinor e as montanhas chamadas de Muralhas do Sol, além do Mar do Leste, embora "Vista [sopre] por vezes, especialmente em Casadelfos". Em Ilmen viajam o Sol, a Lua e as Estrelas, de maneira que essa região também é chamada *Tinwë-mall* [e] e *Elenarda* (traduzido "Rua-de-estrelas" e "Reino Estelar" na lista de palavras, p. 285). Isso corresponde em parte à cosmologia dos *Contos Perdidos*, onde a Nau-da-Lua navega "nas dobras de Ilwë, caminhando por uma faixa branca em meio às estrelas", e as estrelas "não podiam flutuar até o escuro e tênue reino de Vaitya, que está fora de tudo", mas onde o Sol "viaja sempre acima de Ilwë e além das estrelas" (I. 219, 233).

O mais inferior dos ares, Vista, onde ficam *Fanyamar* "Morada-das-nuvens" e Aiwenórë "Terra-das-aves", conserva a natureza característica do Vilna mais antigo; cf. I. 86: "Vilna, que é cinzento e as aves podem voar por ele em segurança". Mas há um importante corolário à fronteira entre Ilmen e Vista no Oeste: "raramente chegam nuvens a Valinor, e as aves mortais não passam para além dos picos de suas montanhas".

Um aspecto da cosmologia que parece intrigante à primeira vista surge das afirmações no Ambarkanta de que (1) "no Norte e no Sul… a Terra-média estende-se quase até as Muralhas do Mundo" (p. 280) e (2) que Vaiya é "mais estreito no Oeste e no Leste do Mundo, mas mais profundo no Norte e no Sul" (*ibid.*). Essa aparente contradição é explicada pela passagem (p. 282) que descreve como os Mares de Dentro não possuem costas no Norte e no Sul, mas que, caindo no Abismo de Ilmen, formam pontes de gelo[f] que encerram o abismo, e o gelo se estende para Vaiya e até mesmo às Muralhas do Mundo. Esse gelo é representado pelos picos montanhosos acima das palavras *Tormen* e *Harmen* no diagrama II. Não há qualquer traço disso nos *Contos Perdidos*; mas ver-se-á que o *Ambarkanta* aqui em

muito ilumina a passagem em *O Silmarillion* (p. 131) que descreve o Helcaraxë:

> Pois entre a terra de Aman, a qual, no norte, se curva a oriente, e as costas do leste de Endor (que é a Terra-média) que se voltavam para o oeste, havia um estreito curto, através do qual as águas geladas do Mar Circundante e as ondas de Belegaer fluíam juntas, e havia vastas névoas e brumas de frio mortal, e as correntes do mar estavam cheias de montes de gelo que se chocavam e de geleiras cortantes nas profundezas.

A passagem do Sol por baixo da Terra parece ser concebida no *Ambarkanta* de modo diferente daquela da Lua; pois embora ambos passem do Leste para o Oeste através de Ilmen, o Sol "baixa ao Vaiya" e é "puxada através do Vaiya inferior pelos serviçais de Ulmo", enquanto a Lua mergulha no Abismo de Ilme.[g]

Seguindo agora para a superfície da Terra, encontramos pela primeira vez o nome *Endor*, que não ocorre no texto do *Ambarkanta* em si, mas que é definido na lista de palavras como "o ponto central" de *Ambar-endya*, ou Terra-média. *Endor* também está marcada nos "diagramas do Mundo" I e II, e também no mapa IV, onde é mostrada como um ponto, o "*Earth-middle*" [Meio-da-Terra], e foi subsequentemente mudada para *Endon*. O nome *Endor* ocorre uma vez em *O Silmarillion* (na passagem recém-citada), mas lá é um nome da Terra-média, não o ponto central da Terra-média; da mesma forma em *O Senhor dos Anéis* (Apêndice E): quenya *Endórë*, sindarin *Ennor*, "Terra-média". *Ambar-endya* parece ser sinônimo de *Pelmar*, visto que na lista de palavras o primeiro é definido como "Terra-média", enquanto no mapa IV a região entre os dois mares do Leste e do Oeste é chamada "Pelmar ou Terra-média"; mas no diagrama I os nomes estão marcados como se fizessem referência a coisas diferentes. É possível que *Pelmar* (traduzido na lista de palavras como "a Morada Cercada") signifique estritamente a superfície habitável, *Ambar-endya* a parte central elevada de *Ambar*, a Terra.[h]

As linhas traçadas para baixo da superfície da Terra às *Martalmar*, "as raízes" da Terra", nos diagramas I e II são "as veias do Mundo" (p. 281); e essa passagem é importante para a compreensão do poder e da influência benigna de Ulmo exercidos através das águas do mundo (cf. *O Silmarillion*, pp. 53, 70, onde em ambas as passagens a expressão "as veias do mundo" é usada).

No Leste do mundo ficam as Muralhas do Sol, que é uma grande cadeia de montanhas simetricamente oposta às Montanhas de Valinor no Oeste, como mostrado no mapa IV. Não há menção dessa cadeia nos *Contos Perdidos*, onde quase tudo o que é dito sobre o Leste encontra-se nas palavras de Oromë aos Valar: "No Leste, para além das terras soçobradas, há uma praia silente e um mar sombrio e vazio" (I. 257); no Leste também ficava a grande montanha Kalormë (I. 256), e lá Aulë e Ulmo "construíram grandes portos [do Sol e da Lua] junto ao mar silente" (I. 259). No *Ambarkanta*, os Portões da Manhã, através dos quais o Sol retorna da Escuridão de Fora nos *Contos Perdidos*, desapareceram.

Na descrição do anoitecer e da aurora em Valinor no *Ambarkanta* há um eco dos *Contos Perdidos*: "Valinor fica repleta de luz mesclada como de prata e ouro; e os Deuses sorriem lembrando-se do mesclar de Laurelin e Silpion há muito tempo atrás"; cf. I. 261, "Então os Deuses sorriem saudosos e dizem: 'É o mesclar das luzes novamente.'"

A simetria extremamente estreita das terras do Leste e do Oeste tal como representadas no mapa IV é impressionante; a principal descontinuidade na simetria se encontra na diferença em forma dos grandes Mares, e isso era devido ao deslocamento ou "compressão" da Terra-média — "de maneira que foi curvada" — na época da criação de Valinor e do levantamento da sua cadeia de montanhas protetora. Essa compressão mais que titânica do mundo recém-feito foi a origem das grandes cadeias de montanhas da Terra-média, as Azuis, as Vermelhas, as Amarelas e as Cinzentas. Cf. *O Silmarillion*, p. 65:

> E a forma de Arda e a simetria de suas águas e suas terras foram desfiguradas naquele tempo, de forma que os desígnios primeiros

dos Valar nunca foram restaurados depois.

Mas em *O Silmarillion* essa perda de simetria não é atribuída ao ato deliberado dos próprios Valar, que no *Ambarkanta* estão dispostos a contorcer a estrutura de *Ambar* para a sua própria segurança.

Há alguns pontos interessantes no relato do *Ambarkanta* sobre os primeiros dias dos Valar no mundo. Aqui é dito pela primeira vez que Melko "baixou ao Norte mais distante", enquanto os Valar, chegando ao centro da Terra-média, fizeram sua ilha de "uma porção de terra" e a puseram no Mar do Oeste. A história mais antiga do auxílio traiçoeiro de Melko aos Valar em suas obras, pelo engendramento dos pilares das Lamparinas feitos de gelo, ainda está presente, apesar do que é dito no Esb e ainda mais no Q (§1): "Morgoth os desafiou e fez guerra. As lamparinas ele derrubou…", que parece sugerir que tal conceito fora abandonado. No conto *A Vinda dos Valar*, o nome *Ringil* é dado (por Melko!) ao pilar setentrional, e *Helkar* ao meridional (I. 90); no *Ambarkanta* os nomes são aplicados às Lamparinas em vez dos pilares, e *Ringil* se torna a meridional, e *Helkar* a setentrional. No conto não há menção da formação dos Mares Interiores na época da queda das Lamparinas; mas sim que "grandes inundações escorreram [das Lamparinas] para dentro dos Mares Sombrios", e "Tamanho foi seu derretimento que, se de início aqueles mares não tinham grandes dimensões, e eram cristalinos e quentes, agora estavam negros e vastos, e vapores havia sobre eles, e sombras profundas, devido aos imensos rios gelados que se derramaram neles" (I. 91) . Posteriormente os nomes das Lamparinas foram mudados mais de uma vez, mas *Helcar* permaneceu o nome do Mar Interior "onde outrora as raízes da montanha de Illuin [a Lamparina setentrional] estiveram" (*O Silmarillion*, p. 80), e é visto pelo *Ambarkanta* que a ideia do mar ser formado onde a Lamparina estivera devia sua origem ao derretimento do pilar de gelo, embora a história de fato do engendramento dos pilares por Melko tenha sido abandonada quando se tornou impossível representar Melko cooperando, ainda que em aparência, com os Valar. Não há menção em *O Silmarillion* de um mar meridional onde ficava a outra Lamparina.

É dito no *Ambarkanta* que Kuiviénen ficava "ao Norte, à beira das águas de Helkar", como mostrado no mapa IV. Nos *Contos Perdidos* (I. 144, 147) Koivië-néni era um lago (com "margem nua", situado em um vale "cercado de encostas cobertas de pinheirais") em Palisor, a região central; em *O Silmarillion* é "uma baía no Mar Interior de Helcar" (p. 80). Na mesma passagem Oromë, naquela cavalgada que o levou a encontrar os Elfos, "virou para o norte nas costas do Helcar e passou sob as sombras das Orocarni, as Montanhas do Leste", e isso está perfeitamente de acordo com o mapa IV (*Orocarni* "Montanhas Vermelhas", ver o Apêndice de *O Silmarillion*, verbete *caran*). As Montanhas Azuis são simetricamente opostas a elas no Oeste; e no Sul ficam as Montanhas Cinzentas e as Amarelas, mais uma vez ambas simetricamente opostas umas às outras e às cadeias setentrionais. A rota da Marcha dos Elfos como marcada no mapa IV mais uma vez está em completo acordo com *O Silmarillion* (p. 86): "seguindo para o norte em torno do Mar de Helcar, viraram no rumo oeste"; mas das Montanhas Nevoentas (*Hithaeglir*) e do Grande Rio (*Anduin*), onde muitos Elfos da Terceira Hoste abandonaram a Marcha e foram para o Sul (*ibid.*, p. 87), não há sinal. Em *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, as Montanhas Cinzentas (*Ered Mithrin*) são uma cordilheira além de Trevamata no Norte da Terra-média.

Parece que Beleriand, a julgar pelo posicionamento e tamanho das letras do nome no mapa IV, era relativamente uma região muito pequena; e os Elfos chegaram ao Mar ao sul dela, na *Falassë* (posteriormente a *Falas* de Beleriand). Mas meu pai circulou "Beleriand" a lápis e a partir do círculo desenhou uma seta até o ponto onde a rota da Marcha alcançou o Mar, o que provavelmente indica que ele queria mostrar que esse caminho ficava de fato dentro dos confins de Beleriand.

O nome *Hildórien* para a terra onde os Homens despertaram (estando implícito *Hildor*, Os Que Vêm Depois) aparece agora pela primeira vez; quanto ao uso curioso do nome *Eruman* para essa terra no Q, ver pp. 117, 194. Hildórien é uma terra situada entre as Montanhas do Vento e o Mar do Leste; em *O Silmarillion* (p. 150)

ela fica situada, mais vagamente, “nas regiões a leste da Terra-média”.

O posicionamento de *Utumna* (no *Ambarkanta* emendado para *Utumno*, nota 8) no mapa IV é notável, como também é a ocorrência do nome em si. Enquanto nos *Contos Perdidos* a primeira fortaleza de Melko foi *Utumna* e sua segunda, *Angband* (ver I. 238–39), no Esb e no Q a fortaleza original é *Angband*, para onde Melko retornou após a destruição das Árvores (ver p. 53), e *Utumna* não é mencionada naqueles textos. Meu pai agora voltara a *Utumna* (*Utumno*) como o nome da antiga morada original de Melko na Terra-média (ver mais abaixo, p. 306).

Os arquipélagos no Mar do Oeste passaram pela grande mudança e simplificação que distingue o relato em *O Silmarillion* daquele nos *Contos Perdidos* (ver II. 391); não há sinal no mapa das Ilhas sem Angras ou das Ilhas do Crepúsculo, e temos no lugar “As Ilhas Encantadas ou Mágicas” — em Q II §17 *Ilhas Mágicas* foi emendado para *Ilhas Encantadas* (nota 11). As “Ilhas Sombrias” situadas ao norte das Ilhas Encantadas no mapa parecem ser um conceito novo.

O nome *Eldaros* (e não *Eldamar*, ver I. 304) aparece no mapa IV com o significado “Casadelfos”. *Eldaros* ocorreu uma vez anteriormente, em um dos resumos “Ælfwine” (II. 363): “Eldaros ou Ælfhâm”, onde a referência é incerta, mas parece ser a Tol Eressëa. As palavras “Bay of Elfland” [Baía de Terradelfos] estão escritas no mapa, mas nenhuma baía está indicada.

No Oeste aparecem agora as terras simetricamente formadas de Eruman e Arvalin entre as Montanhas e o Mar; quanto à história mais antiga, ver I. 106. *Túm* se situa um pouco ao norte de Taniquetil; e a posição de *Valmar* é a mesma do pequeno mapa antigo apresentado em I. 105.

No *Ambarkanta* é dito algo sobre as imensas mudanças adicionais na forma das terras e dos mares que ocorreram na “primeira Batalha dos Deuses”, quando Melko foi capturado, acerca das quais não há

nada no Q (§2) além de uma referência ao "tumulto". Em *O Silmarillion* (p. 83) ela é chamada de "Batalha dos Poderes"; e

> Naquele tempo, a forma da Terra-média foi alterada, e o Grande Mar que a separava de Aman se fez largo e profundo; e avançou sobre as costas, abrindo um grande golfo no rumo sul. Muitas baías menores se fizeram entre o Grande Golfo e Helcaraxë, no norte distante, onde a Terra-média e Aman ficavam mais próximas. Dessas, a Baía de Balar era a principal; e nela o grande rio Sirion desaguava, vindo dos planaltos recém-elevados ao norte: Dorthonion, e as montanhas à volta de Hithlum.

O texto do *Ambarkanta* não menciona o Grande Golfo ou a Baía de Balar, mas fala da vasta extensão do mar de Ringil e do fato se juntar aos Mares do Leste e do Oeste (não está claro por que é dito que o mar de Helkar "tornou-se um mar interior ou grande lago", visto que já era assim). Mas no verso do mapa IV há outro mapa (V) que ilustra todos os elementos de ambos os relatos. No entanto, esse mapa é um esboço feito muito rapidamente a lápis, e em alguns pontos é difícil de ser interpretado, pela incerteza quanto ao significado das linhas, especialmente nas *Western Lands* [Terras do Oeste] (Terras de Fora). É muito difícil dizer o quão precisamente esse mapa deveria ser interpretado em relação ao mapa IV. Por exemplo, no mapa IV as *Grey Mountains* [Montanhas Cinzentas] estão bastante separadas das *Blue* [Azuis], enquanto no mapa V há apenas um espaço estreito no fundo do *Great Gulf* [Grande Golfo] entre elas; e o *Inland Sea* [Mar Interior] (Helkar) fica mais ao Norte; e assim por diante. Além disso, muitos elementos estão ausentes (como os Estreitos de Gelo), e em tais casos não há como se ter certeza de que sua ausência é casual ou intencional; embora o fato de Tol Eressëa ou as Ilhas Encantadas não terem sido marcadas sugira a primeira possibilidade. Estou inclinado a pensar que o mapa V é um esboço muito rudimentar que não deve ser interpretado com muito rigor.

O anel estreito entre a Terra e os Mares de Fora claramente representa o Abismo de Ilmen.

Em relação a Beleriand no Noroeste, e tendo em mente toda a história subjacente de Eriol-Ælfwine e Leithien (Inglaterra), a parte meridional das *Hither Lands* [Terras de Cá], abaixo do *Great Gulf* [Grande Golfo], possui uma semelhança óbvia com o continente africano; e, de maneira mais vaga, o *Inland Sea* [Mar Interior] poderia ser interpretado como o Mediterrâneo e o Mar Negro. Mas não há nada que eu possa oferecer acerca dessa questão que não seja a mais pura especulação.

O mar marcado "*East Sea*" [Mar do Leste] no mapa V é o antigo mar de Ringil; cf. o *Ambarkanta*: "o Mar de Ringil… tornou-se um grande mar que corria a nordeste e unia-se por estreitos os Mares do Oeste e do Leste".

No Noroeste, vê-se as cordilheiras de Eredlómin e Eredwethrin (não nomeadas; ver p. 222) circundando Hithlum (que é nomeado), e a extensão ocidental de Eredwethrin que era barreira meridional da Nevrast posterior.[i] Na versão de "O Silmarillion" que se seguiu ao Q é dito que na Guerra dos Deuses as Montanhas de Ferro "foram partidas e distorcidas em sua extremidade ocidental, e de seus fragmentos foram feitas Eredwethrin e Eredlómin", e que as Montanhas de Ferro "se curvavam para trás no rumo norte"; e o mapa V, em relação ao mapa IV, está de acordo com isso. O primeiro mapa do "Silmarillion" (após a p. 256), por outro lado, mostra as Montanhas de Ferro se curvando para trás distintamente para o Nordeste (é concebível que as linhas apressadas em ziguezague a leste das Thangorodrim seriam para retificar isso).

Na versão de "O Silmarillion" recém-mencionada também é dito que "além do Rio Gelion a terra se estreitava de súbito, pois o Grande Mar entrava por um magno golfo que chegava quase aos sopés de Eredlindon, e havia um estreito de terra montanhosa entre o golfo e o mar interior de Helcar, através do qual se podia chegar às vastas regiões do sul da Terra-média". Ademais, esses elementos são claramente vistos no mapa V, onde o "estreito de terra montanhosa" é chamado "*Straits of the World*" [Estreitos do Mundo]. As áreas cercadas a leste de Eredwethrin e a sudeste das Thangorodrim claramente representam as Montanhas Circundantes ao redor de Gondolin e os planaltos de Taur-na-Fuin; vemos o que

posteriormente foi chamado de Brecha de Maglor entre aqueles planaltos e as Montanhas Azuis, e os rios Gelion (com os seus tributários, os rios de Ossiriand), Sirion e Narog.[j] Compare essa parte do mapa V com o primeiro mapa do "Silmarillion" e sua Expansão a Leste.

É particularmente notável a proximidade de Hithlum no mapa V da borda do mundo (o Abismo de Ilmen).

Angband está situada no mapa V basicamente na mesma posição em que Utumna está no mapa IV: muito próximo do Abismo de Ilmen e bem atrás das montanhas, na terra que no mapa V é chamada *Daidelos* (posteriormente *Dor Daedeloth*.[k] Como observado acima, Utumna agora havia sido ressuscitada dos *Contos Perdidos* como a fortaleza original de Melko; e por textos tardios a história claramente agora era de que, quando Melko retornou à Terra-média após a destruição das Árvores, *ele voltou para as ruínas de Utumna e construiu lá sua nova fortaleza, Angband*. Creio que é por isso que a fortaleza é chamada de Angband, e não Utumna, no mapa V.

A história, portanto, era a seguinte:

Contos Perdidos	*Utumna*	A fortaleza original de Melko
	Angband	Sua morada quando retornou
Esb, Q	*Angband*	A fortaleza original de Melko para onde ele retornou
Mapas do *Ambarkanta*	*Utumna*	A fortaleza original de Melko
	Angband	Sua segunda fortaleza, construída no local de Utumna quando ele retornou

Muito mais tarde, Utumno e Angband seriam ambas antigas fortalezas de Morgoth, e Angband aquela para onde retornou (*O Silmarillion*, pp. 79, 121).

As Thangorodrim são mostradas no mapa V como um ponto, colocado não muito longe das Montanhas de Ferro. Isso representa

uma mudança no conceito das Thangorodrim daquela no primeiro mapa do "Silmarillion", que ilustra as palavras do Esb (§8) de que as Thangorodrim são "as maiores das Montanhas de Ferro ao redor da fortaleza de Morgoth". A marcação das Thangorodrim no mapa V do *Ambarkanta* mostra o conceito tardio, visto em *O Silmarillion*, p. 169, onde é dito expressamente que Melkor fez um grande túnel sob as montanhas que saía ao sul delas, que as Thangorodrim foram amontoadas acima do portão de escoamento, e que Angband ficava atrás das montanhas: assim, as Thangorodrim ficavam situadas um tanto à parte da cordilheira principal.

Há elementos extremamente intrigantes na *Western Land* [Terra do Oeste] no mapa V. Agora há uma cadeira de montanhas (pois assim devem ser interpretados as marcações em ziguezague, já que esse é o seu significado em outras partes do mapa) que se estende da costa ocidental para o norte de Taniquetil até o Helkaraksë e (como parece) se ergue do mar, assim como a antiga curvatura para oeste das Montanhas de Valinor (curvando-se para trás na direção do Abismo de Ilmen) vista no mapa IV; assim, Eruman (com a primeira ocorrência do nome *Araman* escrito a lápis acima dele posteriormente) não está representada como uma terra costeira desolada entre as montanhas e o mar, mas está cercada por montanhas tanto no Leste como no Oeste. Não compreendo isso; seja como for, *O Silmarillion* possui a geografia mostrada no mapa IV.

Igualmente intrigante é a representação das terras ao sul de Tûn e Taniquetil. Aqui há linhas em ziguezague que dão continuidade à linha principal de montanhas ao sul de Taniquetil, mais uma vez com a antiga curvatura para oeste na direção do Abismo; mas a área que corresponde simetricamente a Eruman no Norte não é nomeada aqui, e *Arvalin* (emendada de *Eruman*) é mostrada como uma terra substancial que se estende a leste até mesmo das "novas" montanhas, da costa meridional da *Bay of Faëry* [Baía de Feéria] ao extremo Sul do mundo. A *Bay of Faëry*, que é claramente mostrada nesse mapa (em contraste com o mapa IV), é na verdade formada em parte por essa "nova" Arvalin. Em um canto do mapa está escrito:

After the War of the Gods (Arvalin was cast up by the Great Sea at the foot of the Mts. [Após a Guerra dos Deuses (Arvalin foi lançada pelo Grande Mar ao sopé das Montanhas.]
Embora o parêntese não seja fechado após "Mts." [Montanhas], creio que intenção pode ter sido de que as primeiras palavras fossem um título, indicando o período representado pelo mapa. Mas as palavras seguintes, junto com a ausência de Arvalin de seu lugar esperado no mapa, parecem sugerir que foi somente agora que Arvalin passou a existir.

Os nomes em inglês antigo, *Ingarsecg* e *Utgarsecg*, são encontrados nos textos em inglês antigo (pp. 240, 243). *Alflon* na costa ao norte de Tûn é Alqualondë (sindarin tardio *alph*, *lond* (*lonn*): ver o Apêndice de *O Silmarillion*, verbetes *alqua* e *londë*). Os nomes *Aman* e *Araman* foram acrescentados ao mapa V muitos anos depois (como também *Arda* e *Earambar* nos diagramas).

Se esse mapa mostra a imensidão do cataclismo que meu pai concebeu ter ocorrido na época da destruição de Utumno e do acorrentamento de Melko, no final do *Ambarkanta* ele acrescentou (ver nota 9) uma passagem acerca do cataclismo muito maior que ocorreu "nos dias do ataque dos Númenóreanos contra a terra dos Deuses". Esse trecho pode ser sido acrescentado muito mais tarde; mas a passagem foi escrita à tinta com cuidado, não rabiscada a lápis, e é muito mais provável que seja contemporânea, visto que a história de Númenor surgiu por volta dessa época. Em defesa dessa possibilidade há o digrama III, "*the World after the Cataclysm and the ruin of the Númenóreans*" ["o Mundo após o Cataclismo e a ruína dos Númenóreanos"]; pois nesse diagrama o ar interior foi originalmente marcado *Wilwa* e somente mais tarde mudado para *Vista*. No *Ambarkanta* e na lista de palavras que o acompanha, como nos diagramas I e II, *Vista* também é uma emenda de *Wilwa*; portanto, parece que o diagrama III pertence ao mesmo período.

NOTA

[a] O uso de “ela” para o Sol está de acordo com o mencionado por Tolkien em *A Sociedade do Anel* (p. 244), isto é, o fato de Elfos (e Hobbits) sempre se referirem ao Sol como “ela”. O mesmo se aplica à Lua, que é chamada de “ele”. Isso se deve ao fato de Arien ser *a* Maia condutora do Sol, enquanto Tilion é *o* Maia condutor da Lua. O *Ambarkanta*, tendo sido escrito pelo Elfo Rúmil, reflete essa prática. [N. T.]

[b] Essa frase é muito confusa, uma vez que aparentemente é dito que Vaiya *envolve* o Mar de Fora (apesar de na coluna da direita ele próprio ser definido como “Mar de Fora”). Mas a palavra “O” em “O Mar de Fora” tem um O maiúsculo; e acredito que meu pai deixou a frase precedente inacabada, terminando com “envolvendo”, e que acrescentou “O Mar de Fora” mais tarde como uma definição de Vaiya, sem notar que a frase precedente estava incompleta.

[c] *Ilu* é “o Mundo” nos diagramas I e II, e é assim definido na lista de palavras (p. 285); quanto ao seu significado mais antigo, ver I. 309, verbete *Ilwë*. — As mudanças para *Earambar* nos diagramas I e II, como a anotação a lápis no pé do I, foram feitas muito tempo depois e não nos diz respeito aqui.

[d] Esse conceito das Muralhas reaparece muito mais tarde, e é encontrado em *O Silmarillion* (p. 65): Melkor, ao retornar a Arda após ser expulso por Tulkas para a escuridão de fora, “*passou por sobre as Muralhas da Noite* com sua hoste e veio à Terra-média no norte distante”. Mas esse é um aspecto de problemas intratáveis que surgem na cosmologia tardia que não podem ser abordados aqui.

[e] Ver I. 323–24 (verbete *Tinwë Linto*) e 317 (verbete *Olórë Mallë*).

[f] Cf. “Longe ao norte fica a ponte de Gelo” no canto N.O. da Expansão a Oeste do primeiro mapa do “Silmarillion”, pp. 270–71.

[g] A afirmação em *O Silmarillion* (p. 147) de que Tilion (o timoneiro da Lua) “passava rápido pela terra do oeste… e mergulhava *no abismo além do Mar de Fora*” de nenhum modo pode ser harmonizada com o *Ambarkanta*, onde se chega ao Abismo de Ilmen antes de Vaiya, e assim deve ser em virtude das ideias fundamentais da cosmologia.

A passagem na versão do “Silmarillion” que se seguiu ao Q e foi interrompida no final de 1937 possui o seguinte trecho: “Mas Tilion… passa rápido pela terra do oeste… e mergulha no abismo entre as costas da Terra e do Mar de Fora”. A passagem no *Silmarillion* publicado deriva de uma versão tardia escrita muito provavelmente em 1951–2; mas embora eu a tenha mantido, não sei como explicá-la.

[h] Quanto ao primeiro elemento em *Pelmar*, ver o Apêndice de *O Silmarillion*, verbete *pel-*. Nem esse nome, nem *Ambar*, *Ambar-endya*, ocorrem em *O Silmarillion*, mas *Ambar-metta* “fim do mundo” é encontrado em *O Retorno do Rei* (VI. 5). — *Terra-média* é encontrado pela primeira vez no *Ambarkanta* e nos *Anais de Valinor*, que pertencem ao mesmo período, mas não podem ser datados em relação um com o outro. — *Rómen* “Leste” aparece pela primeira vez no diagrama I, e *Hyarmen* “Sul” e *Formen* “Norte” (< *Harmen*, *Tormen*) no diagrama II.

[i] Essa cordilheira também é vista na Expansão a Oeste do primeiro mapa do “Silmarillion”, p. 271.

[j] Todos esses elementos do noroeste estão desenhados à tinta, enquanto o resto do mapa V está a lápis; mas as cadeias de montanhas (embora não os rios) foram traçadas à tinta sobre o lápis.

[k] Formas similares, mas com aplicações diferentes, ocorreram antes: no *Epílogo* dos *Contos Perdidos*, a Charneca Alta em Tol Eressëa onde a batalha foi travada é *Ladwen-na-Dhaideloth*, *Dor-na-Dhaideloth* (“Telhado-do-céu”), II. 346; e no verso 946 da *Balada dos Filhos de Húrin*, Dor-na-Fauglith foi chamado primeiro de *Daideloth* (“Planície alta”), III. 64.

6

A primeira versão dos Anais de Valinor

Refiro-me a esta obra como a "primeira versão" dos *Anais de Valinor* porque ela foi seguida mais tarde na década de 1930 por uma segunda versão, e depois, após a conclusão de *O Senhor dos Anéis* e muito provavelmente em 1951–2, por uma terceira, intitulada *Os Anais de Aman*, que, embora ainda seja uma parte da evolução contínua desses *Anais*, é uma nova obra maior e que contém alguns dos melhores trechos em prosa de toda a Matéria dos Dias Antigos.

Essa primeira versão dos *Anais de Valinor* está presente em um manuscrito curto de nove páginas escritas à tinta. Há uma grande quantidade de emendas e interpolações, algumas mudanças feitas à tinta e provavelmente não muito depois da composição do texto, se é que não foram feitas na mesma época, enquanto uma segunda camada de mudanças é composta por alterações escritas leve e rapidamente a lápis que nem sempre são legíveis. Estas últimas incluem duas passagens bem substanciais (apresentadas nas notas 14 e 18) que introduzem material completamente novo acerca dos eventos na Terra-média.

O texto que se segue é o dos *Anais* como escrito originalmente, salvo por uma ou duas alterações significativas de fraseado que foram feitas sem comentários, e todas as mudanças posteriores são apresentadas nas notas numeradas, com exceção das feitas nas datas. Essas são muitas e complexas e são todas tratadas ao mesmo tempo, separadamente, ao final das notas.

É certo que esses *Anais* pertencem ao mesmo período do *Quenta*, mas também que são posteriores ao *Quenta*. Isso se vê pelo fato de que enquanto no Q Finrod (= o Finarfin posterior) retornou a Valinor do Norte distante após a queima dos navios, e a história posterior de

seu retorno mais cedo, após a Profecia do Norte, só foi introduzida em uma nota marginal (§5, nota 8 e comentário, p. 170), nos *Anais* a história posterior já está incorporada ao texto (Ano Valiano 2993). Nos Anais há *Beleriand*, enquanto no Q, até §12, havia *Broseliand*, emendado para *Beleriand*; há vários nomes que não ocorrem no Q, p. ex. *Bladorion*, *Dagor-os-Giliath*, *Drengist*, *Eredwethion* (este último somente por uma emenda tardia no Q); e *Eredlómin* possui o seu sentido tardio de Montanhas Ressoantes, não como no Q e no primeiro mapa o de Montanhas Sombrias (ver p. 222). Não vejo modo de demonstrar que os *Anais são posteriores, ou anteriores, ao Ambarkanta*, mas a questão parece não ter importância; os dois textos por certo pertencem basicamente à mesma época.

Após o meu comentário sobre os *Anais*, aos quais irei me referir como "AV", apresento as versões em inglês antigo em um apêndice.

ANAIS DE VALINOR

(Estes e os *Anais de Beleriand* foram escritos por Pengolod, o Sábio de Gondolin, antes da queda desta, e posteriormente no Porto do Sirion, e em Tavrobel em Toleressëa após o seu retorno para o Oeste, e lá vistos e traduzidos por Eriol de Leithien, que é Ælfwine dos Angelcynn.)

Aqui começam os Anais de Valinor

0 No princípio Ilúvatar, que é "Pai-de-Tudo", fez todas as coisas, e os Valar, que é os "Poderes", entraram no Mundo. Esses são nove, Manwë, Ulmo, Aulë, Oromë, Tulkas, Ossë, Mandos, Lórien e Melko. Desses, Manwë e Melko eram os mais pujantes e eram irmãos, e Manwë era senhor dos Valar e sacro; mas Morgoth voltou-se para cobiça e orgulho e violência e mal, e seu nome é amaldiçoado, e não é pronunciado, mas ele é chamado Morgoth. As esposas dos Valar eram Varda, e Yavanna, que eram irmãs; e Vana; e a irmã de Oromë, Nessa, a

esposa de Tulkas;[1] e Uinen, senhora dos Mares; e Nienna, irmã de Manwë e Melko; e Estë. Não tinham esposas Ulmo e Melko.[2] Com eles vieram muitos espíritos menores, seus filhos, ou seres de sua própria gente, mas de menor poder; esses eram os Valarindi.

O tempo era contado no mundo antes do Sol e da Lua pelos Valar de acordo com eras, e uma era valiana tem 100 dos anos dos Valar, que são cada como dez anos o são agora.

No Ano Valiano **500**: Morgoth destruiu por ardis as Lamparinas[3] que Aulë fez para iluminar o Mundo, e os Valar, salvo Morgoth, partiram para o Oeste e erigiram lá Valinor entre os Mares de Fora que circundam a Terra e os Grandes Mares do Oeste, e nas costas desses ergueram grandes montanhas. Mas a simetria de terra e mar foi quebrada pela primeira vez naqueles dias.[4]

No Ano Valiano **1000**, após Valinor ser erigida, e Valmar, a cidade dos Deuses, construída, os Valar trouxeram à existência as Duas Árvores de Prata e de Ouro, cujo florescer dava luz a Valinor.

Mas durante todo esse tempo Morgoth habitara na Terra-média e fizera para si uma grande fortaleza nos Norte do Mundo; e ele muito partiu e desfigurou a Terra naquela época.[5]

Mil Anos Valianos de ventura e glória se seguiram em Valinor, mas o crescimento que tivera início na Terra-média com o acendimento das Lamparinas foi interrompido. À Terra-média ia somente Oromë a caçar nas matas sombrias da antiga Terra, e por vezes Yavanna caminhava lá.

O Ano Valiano **2000** é considerado o Zênite do Reino Abençoado, e o tempo da plenitude do júbilo dos Deuses. Então Varda fez as estrelas[6] e as colocou no alto, e depois disso alguns dos Valarindi vagavam pela Terra-média, e entre eles estava Melian, cuja voz era renomada em Valmar. Mas não retornou para lá por muitas eras, e os rouxinóis cantavam sobre ela nas matas sombrias das Terras do Oeste.

Ao primeiro reluzir da Foice dos Deuses, que Varda dispôs[7] acima do Norte como uma ameaça a Morgoth e um presságio de sua queda, os filhos mais velhos de Ilúvatar despertaram no centro do Mundo: são os Elfos.[8] Oromë os encontrou e fez amizade com eles; e a maior parte com a guia dele marcharam para o Oeste e o Norte até as costas de Beleriand, sendo chamados pelos Deuses a Valinor.

Mas primeiro Morgoth numa grande guerra foi acorrentado e feito cativo e aprisionado em Mandos. Lá ficou confinado como punição por nove eras (900 Anos Valianos),[9] até pedir perdão. Naquela guerra as terras foram rasgadas e partidas de novo.[10]

Os Quendi[11] e os Noldoli foram os primeiros a chegar a Valinor, e sobre o monte de Kôr próximo à praia construíram a cidade de Tûn. Mas os Teleri que vieram depois habitaram por uma era (100 Anos Valianos) nas costas de Beleriand, e alguns jamais partiram de lá. Desses o mais renomado era Thingol (Sindingul),[12] irmão de Elwë, senhor dos Teleri, a quem Melian encantou. Ele a desposou mais tarde e habitou como um rei em Beleriand, mas isso se deu após a partida da maior parte dos Teleri, puxados por Ulmo sobre Toleressëa.[13] Esses são os Anos Valianos **2000** a **2100**.

De **2100** a **2200** os Teleri habitaram em Toleressëa no Grande Mar à vista de Valinor; em **2200** chegaram em seus navios a Valinor; e habitaram nas praias orientais, e lá fizeram a cidade e porto de Alqalondë, ou "Porto-cisne", assim chamado por lá estarem atracados os seus barcos em forma de cisne.

Por volta de **2500** os Noldoli inventaram e começaram o feitio de gemas; e passado algum Fëanor, o artífice, filho mais velho de Finwë, chefe dos Noldoli, criou as três vezes renomadas Silmarils, acerca de cujos fados estas histórias contam. Brilhavam por sua própria luz, estando cheias da radiância das Duas Árvores, a luz sacra de Valinor, misturadas com um fogo maravilhoso.[14]

Em **2900** Morgoth suplicou perdão, e pelos rogos de Nienna, sua irmã, e pela clemência de Manwë, seu irmão, mas contrário ao desejo de Tulkas e Aulë, ele foi libertado, e fingiu humildade e arrependimento, reverência aos Valar, e amor e amizade para com os Elfos, e habitou em Valinor em sempre crescente liberdade. Mas ele mentia e dissimulava, e mormente enganava os Noldoli, pois tinha muito a ensinar, e eles tinham um desejo profundo de aprender; mas cobiçava as gemas deles e ansiava pelas Silmarils.

2900 Durante mais duas eras[15] Valinor ainda permaneceu em ventura, porém uma sombra de presságio começou a se formar em muitos corações; pois Morgoth trabalhava com sussurros secretos e mentiras astutas; e mormente agia, por infortúnio, sobre os Noldoli, e semeava as sementes da discórdia entre os filhos de Finwë, Fëanor, Fingolfin e

Finrod, e da desconfiança entre Noldoli e Valar. **2950** Pela sentença dos Deuses Fëanor, o filho de mais velho de Finwë, e sua casa e seus seguidores foram depostos da liderança dos Noldoli — donde a casa de Fëanor foi depois chamada de os Despossuídos, por isso e porque Morgoth veio a lhes roubar o seu tesouro —, e os Deus mandaram também deter Morgoth. Mas ele fugiu e escondeu-se em Arvalin, e tramou o mal.[16]

2990–1 Morgoth agora concluíra seus desígnios e, com o auxílio de Ungoliantë, de Arvalin voltou às ocultas a Valinor, e destruiu as Árvores, escapando na escuridão que se ajuntava rumo ao norte, onde saqueou as moradas de Fëanor, e levou embora uma miríade de joias, entre elas as Silmarils; e matou Finwë e muitos Elfos e, assim, e profanou Valinor e deu início à matança no Mundo.[17] Apesar de perseguido pelos Valar, ele escapou para o Norte das Terras de Cá e restabeleceu lá sua praça-forte, e procriou e reuniu mais uma vez seus serviçais malignos, Orques e Balrogs.[18]

2991 Valinor jazia agora em grande treva, e uma escuridão, salvo apenas pelas estrelas, caiu por sobre todo o Mundo. Mas Fëanor contra a vontade dos Valar retornou a Tûn e reivindicou o reinado dos Noldoli após Finwë, e convocou a Tûn todos os membros daquela gente. E Fëanor lhes falou, e suas palavras estavam repletas das mentiras de Morgoth, e desconfiança nos Valar, embora seu coração ardesse com o ódio por Morgoth, matador de seu pai e ladrão de suas gemas.

A maioria dos Noldoli[19] ele persuadiu a segui-lo para fora de Valinor e recuperar os seus reinos na terra, antes

que fossem furtados pelos filhos mais novos de Ilúvatar, os Homens (nisso repetia Morgoth sem ter consciência); e guerrear para sempre contra Morgoth buscando recuperar o seu tesouro. Naquele encontro Fëanor e seus filhos fizeram o seu juramento terrível de matar ou perseguir qualquer um que mantivesse uma Silmaril contra a vontade deles.

2992 A marcha começou, apesar de os Deuses a proibirem (e, no entanto, não a impediram), mas sob uma liderança dividida, pois a casa de Fingolfin o considerava rei. Longamente o povo se preparou. Então entrou no coração de Fëanor que jamais aquela grande hoste, tanto de guerreiros e outros, e grande quantidade de bens, atravessaria as vastas léguas até o Norte (por Tûn sob Taniquetil fica no Cinturão da Terra, onde os Grandes Mares são desmesuraveldmente largos), salvo com o auxílio de navios. Mas apenas os Teleri possuíam navios, e não os cederiam nem emprestariam contra a vontade dos Valar.

Assim, por volta de **2992** dos Anos Valianos ocorreu a terrível batalha em Alqalondë, e o Fratricídio miseravelmente renomado em canção, onde os Noldoli, assoberbados, fomentaram a obra de Morgoth. Mas os Noldoli sobrepujaram os Teleri e lhes tomaram os navios, e seguiram lentamente para o norte ao longe das costas rochosas em grande perigo e privação e em meio a desavenças.

Em **2993** diz-se que eles chegaram a um lugar onde uma rocha elevada fica acima das costas, e lá estava Mandos ou seu mensageiro, e ele pronunciou a Sentença de

Mandos. Pelo fratricídio ele amaldiçoou a casa de Fëanor e, em menor grau, todos os que a seguissem ou tivessem parte em sua empresa, a menos que retornassem para receber a Sentença e o perdão dos Valar. Mas, se não o fizessem, então má fortuna e desastre cairiam sobre eles, e sempre por traição de parente contra parente; e seu juramento voltar-se-ia contra eles; e uma medida da mortalidade iria visitá-los, pois seriam facilmente mortos com armas, ou tormentos, ou tristezas, e no fim desvaneceriam e feneceriam diante da raça mais jovem. E muito mais ele previu obscuramente e depois se cumpriu, advertindo-os de que os Valar cercariam Valinor para evitar seu retorno.[20]

Mas Fëanor endureceu seu coração e seguiu em frente, e assim também, embora com relutância, fez o povo de Fingolfin, sentindo-se forçado por seu parentesco e temendo a condenação dos Deuses (pois nem todos os da casa de Fingolfin eram livres de culpa pelo fratricídio). Felagund e os outros filhos de Finrod também seguiram adiante, pois outrora tiveram grande irmandade, Felagund com os filhos de Fingolfin, e Orodreth, Angrod e Egnor com Celegorm e Curufin, filhos de Fëanor. Contudo, os senhores dessa terceira casa eram menos altivos e mais belos que os outros, e não tomaram parte no fratricídio, e muitos com o próprio Finrod retornaram a Valinor e ao perdão dos Deuses. Mas Aulë, seu antigo amigo, não mais lhes sorriu, e os Teleri apartaram-se deles.

2994 Os Noldoli chegaram ao Norte amargo, e ir em frente não ousavam, pois há um estreito entre a Terra do Oeste (na qual foi erguida Valinor) que se curva a leste e as Terras de Cá que se volta a oeste, e através daqueles

lugares as águas frígidas dos Mares de Fora e as ondas do Grande Mar correm juntas, e há vastas brumas de frio mortal, e as correntes estão cheias de colinas de gelo que se chocam e do roçar do gelo submerso. Esse estreito era chamado de Helkaraksë.

Mas os navios que restaram, muitos tendo sido perdidos, eram muito poucos para transportar a todos, e desavenças romperam entre Fëanor e Fingolfin. Mas Fëanor tomou os navios e navegou para o leste;[21] e ele disse: "Que os murmuradores se lastimem no caminho de volta às sombras de Valinor." E ele pôs fogo nos navios na costa oriental, e tão grande foi o incêndio que os Noldoli deixados para trás avistaram a vermelhidão ao longe.

Assim, por volta de **2995** Fëanor chegou a Beleriand e às costas sob as Eredlómin, as Montanhas Ressoantes, e desembarcaram na estreita enseada de Drengist, que corta Dorlómen. E de lá passaram a Dorlómen e ao norte das montanhas de Mithrim, e acamparam na terra de Hithlum, naquela parte que é chamada Mithrim e ao norte do grande lago que leva o mesmo nome.

2996 E na terra de Mithrim enfrentaram um exército de Morgoth provocado pelo incêndio e pelos rumores de seu avanço; e foram vitoriosos e repeliram os Orques com mortandade, e os perseguiram para além de Eredwethion (as Montanhas Sombrias) até Bladorion. E aquela batalha é a Primeira Batalha de Beleriand, e é chamada Dagor-os-Giliath, a Batalha sob as Estrelas; pois tudo ainda se encontrava na treva. Mas a vitória foi maculada pela morte de Fëanor, que foi ferido mortalmente por Gothmog, senhor de Balrogs, quando ele com

imprudência adentrou por demais em Bladorion;[22] e Fëanor foi carregado de volta a Mithrim e morreu lá, lembrando os filhos de seu juramento. A este acrescentaram agora um juramento de vingança pelo pai.

2997 Mas Maidros, filho mais velho de Fëanor, caiu nos ardis de Morgoth. Pois Morgoth fingiu tratar com ele, e Maidros fingiu estar disposto, e um pretendia o mal ao outro, e foram em força ao debate; mas a de Morgoth era maior, e Maidros foi feito prisioneiro.

Então Morgoth o manteve como refém, e jurou somente libertá-lo se os Noldoli marchassem de volta para Valinor, se pudessem, ou de Beleriand para o Sul distante; e, caso não o fizessem, ele submeteria Maidros a tormentos.

Mas os Noldoli não criam que ele liberaria Maidros se partissem, tampouco estavam dispostos a tal, não importando o que Morgoth fizesse. Donde em **2998** Morgoth pendurou Maidros pelo pulso direito em uma tira de aço forjado infernal acima de um precipício nas Thangorodrim, onde ninguém podia alcançá-lo.

Ora, conta-se que Fingolfin e os filhos de Finrod[23] avançaram por fim com dolorosas perdas e poderio diminuído ao Norte do Mundo. Então forçados atravessaram o Helkaraksë, não estando dispostos a tomar o caminho de volta a Valinor, e por não terem navios; mas sua agonia naquela travessia foi muito grande e seu corações estavam cheios de amargura contra Fëanor.

E no momento em que chegaram as Primeiras Eras do Mundo terminaram;[24] e essas são contadas como 30.000 anos ou **3.000** anos dos Valar; dos quais os primeiros Mil

foram antes das Árvores, e Dois Mil salvo nove foram Anos das Árvores ou da Luz Sacra, que viveram depois e vivem ainda apenas nas Silmarils. E os Nove são os Anos de Escuridão ou o Obscurecer de Valinor.

Mas perto do fim dessa época, como se conta em outro lugar, os Deuses fizeram o Sol e a Lua e os enviaram por sobre o Mundo, e a luz chegou às Terras de Cá.[25] E os Homens despertaram no Leste do Mundo ao raiar da primeira Aurora.[26]

Mas com o primeiro Nascer da Lua Fingolfin pôs os pés no Norte; pois o Nascer da Lua veio antes da Aurora, tal como Silpion outrora florescia antes de Laurelin e era a mais velha das Árvores. Mas a primeira Aurora reluziu sobre a marcha de Fingolfin, e suas bandeiras azuis e prateadas foram desfraldadas, e flores brotaram sob seus pés em marcha, pois um tempo de abertura e crescimento chegara à Terra, e de bem que surge devido ao mal, como sempre acontece.

Mas Fingolfin marchou pelos próprios recônditos da terra de Morgoth, Dor-Daideloth,[27] a Terra do Terror, e os Orques fugiram diante da nova luz assombrados, e esconderam-se sob a terra; e os Elfos golpearam os portões de Angband e suas trombetas ecoaram nas torres das Thangorodrim.

Foram então para o sul e entraram em Mithrim, e pouco amor[28] havia entre eles e a casa de Fëanor; e o povo de Fëanor se retirou e acampou nas margens ao sul, e o lago ficou entre as gentes. E desse tempo em diante foram contados os Anos do Sol, e essas coisas ocorreram no primeiro ano. E depois chegou o tempo medido no Mundo, e o crescimento e a mudança e o envelhecimento

de todas as coisas foi desde então mais rápido até mesmo em Valinor, mas mormente nas Terras de Cá,[29] as regiões mortais entre os Mares do Leste e do Oeste. E o que mais veio a se passar está registrado nos *Anais de Beleriand*, e no *Pennas* ou *Qenta*, e em muitas canções e contos.

NOTAS

1 Acrescentado aqui a lápis: *filha de Yavanna*.

2 Essa passagem, a partir de *e Nienna*…, foi emendada a lápis para: *e Vairë; e Estë*. *Não tinham esposas Ulmo ou Melko, nem esposo Nienna*, *irmã de Manwë e Melko*.

3 Cf. o título do mapa IV do *Ambarkanta* (p. 293): *O Mundo por volta de A.V. 500 após a queda das Lamparinas.*

4 *Mas a simetria de terra e mar foi quebrada pela primeira vez naqueles dias* é um acréscimo, mas provavelmente foi feito na época da composição do texto. Cf. p. 301 e a citação de *O Silmarillion* apresentada lá.

5 *e ele muito partiu e desfigurou a Terra naquela época* é outro acréscimo provavelmente feito na época da composição.

6 O parágrafo até esse ponto foi emendado para: *Mas em certa época (1900) Varda começou a feitura das estrelas…* A frase *O Ano Valiano 2000 é considerado o Zênite do Reino Abençoado, e o tempo da plenitude do júbilo dos Deuses* foi transferida para um ponto mais adiante: ver nota 10.

7 Acrescentado aqui à tinta: *por último e* (isto é, *da Foice dos Deuses que Varda dispôs por último e acima do Norte*)

8 Acrescentado aqui à tinta: *Donde são chamados de os filhos das estrelas.*

9 *nove eras (900 Anos Valianos)* emendado à tinta para *sete eras (700 Anos Valianos)*.

10 Nesse ponto, a frase *O Ano Valiano 2000*… foi reintroduzida (ver nota 6).

11 *Quendi* > *Lindar* a lápis.

12 *Sindingul* > *Tindingol* a lápis.

13 Acrescentado aqui a lápis: *Seu povo o procurou em vão, e seu sono durou até terem partido.*

14 Acrescentado aqui a lápis:

> 2700 Aqui os Elfos-verdes, ou Laiqi ou Laiqeldar chegaram por fim a Ossiriand após muito vagar e muitas estadas em lugares diversos. Conta-se que uma companhia dos Noldoli sob a liderança de Dan abandonou a hoste de Finwë no início da marcha e voltou-se para o sul, mas, por acharem mais uma vez as terras estéreis e sombrias, voltaram para o norte, e passaram por volta de 2700 por sobre as Eredlindon sob a liderança de Denithor, filho de Dan, e habitaram em Ossiriand, e eram aliados de Thingol.

O nome *Denithor* é uma emenda, provavelmente de *Denilos* (ver nota 18).

15 Esse segundo registro de 2900 foi escrito após o primeiro ser mudado para 2700 (ver nota 9 e nota sobre datas abaixo).

[16] Essa passagem foi emendada e ampliada a lápis assim:

> [...] lhes roubar o seu tesouro. Mas Morgoth escondeu-se no Norte da terra, como era sabido apenas por Finwë e Fëanor, que agora habitavam separados.
>
> 2950 Os Deuses mandaram deter Morgoth, mas ele fugiu por sobre as montanhas e entrou em Arvalin, e tramou o mal por muito tempo, reunindo em si mesmo a força da escuridão.

A data 2950 anteriormente no parágrafo foi riscada na mesma época.

[17] Acrescentado aqui a lápis: *Essa recompensa recebeu Finwë por sua amizade.*

[18] Acrescentado aqui a lápis:

> Então o medo entrou em Beleriand, e Thingol fez suas mansões em Menegroth, e Melian teceu magias dos Valar em torno da terra de Doriath, e a maioria dos Elfos de Beleriand recuaram para os confins de sua proteção, salvo alguns que permaneceram nos portos ocidentais, Brithombar e Eglorest, às margens dos Grandes Mares.

A esse trecho foi acrescentado, leve e apressadamente a lápis:

> e o remanescente dos Elfos-verdes de Ossiriand atrás dos rios e do poderio de Ulmo. Mas Thingol, com o seu aliado Denilos dos Elfos-verdes, manteve os Orques durante algum tempo afastados do Sul. Porém, por fim Denilos, filho de Dan, foi morto, e Thingol

Aqui a anotação a lápis termina de forma abrupta. Acima de *-los* em *Denilos* na primeira ocorrência há uma terminação alternativa, ilegível, mas em vista de *Denithor* provavelmente < *Denilos* na nota 14, sem dúvida é *-thor*.

[19] *Noldoli* emendado de *Gnomos* na época da composição.

[20] Acrescentado aqui a lápis: *Aqui termina o que Rúmil escreveu.* Ver pp. 342–43.

[21] Acrescentado aqui à tinta: *com todo o seu povo e mais ninguém além de Orodreth, Angrod e Egnor, a quem Celegorm e Curufin amavam;*

[22] Acrescentado aqui a lápis: *mas ele . . . . . duelo e Fëanor tombou envolto em fogo.*

[23] *Fingolfin e os filhos de Finrod* emendado à tinta para *Fingolfin e Felagund* (cf. nota 21).

[24] Acrescentado aqui a lápis: *pois eles muito se demoraram desesperados nas costas do Oeste.* A próxima frase começa com: *E esses…*

[25] Acrescentado aqui a lápis: *Mas a Lua foi a primeira a ser posta a navegar.*

[26] *Nascer do Sol* escrito a lápis acima de *Aurora*.

[27] *Dor-Daideloth* é uma emenda à tinta de (quase certamente) *Dor-Daidelos*; cf. o mapa V do *Ambarkanta* e p. 306.

[28] Essa frase foi emendada a lápis para: *Então, preocupados com os ardis de Morgoth, entraram em Mithrim, para que as Montanhas Sombrias fossem sua proteção. Mas pouco amor…*

[29] Acrescentado a lápis: *da Terra-média*.

Nota sobre mudanças feitas nas datas
(i) *Datas do período até o Ano Valiano 2200*

A menção do Zênite do Reino Abençoado foi deslocada (notas 6 e 10) para que fosse possível datar a feitura das estrelas e outros eventos antes de 2000. O início da feitura das estrelas foi então datado como ocorrendo em 1900 (nota 6), e junto a *Ao primeiro reluzir da Foice dos Deuses* foi escrita a data 1950. Junto à marcha dos Elfos conduzidos por Oromë foram escritas as datas 1980–1990; e junto à chegada dos Quendi (Lindar) e dos Noldoli a Valinor, 2000.

Na frase *Mas os Teleri que vieram depois habitaram por uma era (100 Anos Valianos) nas costas de Beleriand*, as palavras *uma era* foram riscadas, *100* mudado para *10* e foram escritas as datas 2000–2010. Na frase *Esses são os Anos Valianos 2000 a 2100*, a segunda data também foi mudada para 2010.

Na parte que conclui o período, por meio de mudanças a lápis que talvez sejam posteriores às mencionadas acima, as datas da habitação dos Teleri em Tol Eressëa, originalmente 2100 a 2200, foram mudadas para 2010 a 2110; e a chegada dos Teleri a Valinor em 2200 foi mudada para 2111. O resultado dessas mudanças pode ser exibido em uma tabela:

Anais originais	*Após mudanças*	
2000	1900	Tem início a feitura das estrelas por Varda
	1950	Feitura da Foice dos Deuses (fim da feitura das estrelas)
	1980–1990	Marcha dos Elfos
2000	2000	Zênite do Reino Abençoado
	2000	Chegada das duas primeiras gentes dos Elfos a Valinor
2000–2100	2000–2010	Teleri nas costas de Beleriand
2100–2200	2010–2110	Teleri habitando em Tol Eressëa
2200	2111	Chegada dos Teleri a Valinor

(ii) *Datas do período desde o Ano Valiano 2900*

O ano 2900, no qual Morgoth suplicou perdão, foi mudado para 2700, acompanhando a mudança da duração de seu aprisionamento de nove para sete eras (900 para 700 Anos Valianos) feita anteriormente (nota 9). Essas mudanças devem ter sido feitas

enquanto os *Anais* estavam em andamento, em vista do segundo registro de 2900 que se segue no texto conforme escrito, *Durante mais duas eras Valinor ainda permaneceu em ventura*, isto é, mais duas eras desde a data *emendada*, 2700, quando Morgoth suplicou perdão e foi libertado.

Quanto à mudança da data 2950, ver nota 16.

Quase todas as datas desde 2990–1 até o final foram emendadas a lápis, e os resultados são mais bem demonstrados em uma tabela. (As datas dadas no texto como 2992 a 2995 são elas próprias emendas à tinta, em cada caso aparentemente avançando a data em um ano daquela originalmente escrita.)

A frase *Assim, por volta de 2992 dos Anos Valianos* (p. 314) foi mudada para *Assim, no terrível Ano dos Valar 2999 (29991 A.S.),* onde A.S. = Ano do Sol; cf. a abertura dos *Anais,* onde é explicado que um Ano Valiano era igual a dez anos "agora", isto é, do Sol.

É possível ver que o efeito das mudanças tardias a lápis apresentadas na tabela abaixo foi acelerar eventos da Batalha de Alqualondë até a chegada de Fingolfin à Terra-média, de maneira que se estendem por um único Ano Valiano. Na passagem que fornece a contagem das Primeiras Eras do Mundo (pp. 316–17), sobre *nove* em *Dois Mil salvo nove foram Anos das Árvores* meu pai escreveu *um*; esse ano é o *terrível Ano dos Valar 2999*.

Nesta tabela, estão registradas somente mudanças a lápis feitas nas datas. A mudança de 2991 para 2998–3000 visa abranger todo o exposto abaixo, ou refere-se apenas ao início do registro: *Valinor jazia agora em grande treva, e uma escuridão… caiu por sobre todo o Mundo*.

	Anais originais	*Após mudanças*	
(Anos Valianos)		*(Anos Valianos)*	*(Anos do Sol)*
2990–1	Destruição das Árvores e fuga de Morgoth	2998	
2991	Rebelião de Fëanor	2998–3000	
2992	Preparativos para a Fuga dos Noldoli	2999	
2992	A Batalha de Alqualondë	2999	29991

2993	A Sentença de Mandos	29992
2994	Os Noldoli no Norte distante; a queima dos navios	29994
2995	O desembarque dos Fëanorianos e o acampamento em Mithrim	29995
2996	A Batalha sob as Estrelas e a morte de Fëanor	*Data riscada*
2997	Captura de Maidros	29996
2998	Maidros pendurado nas Thangorodrim	
3000	Chegada de Fingolfin	

Comentário sobre os *Anais de Valinor*

No preâmbulo dos *Anais de Valinor* (AV) encontramos um certo Pengolod, o Sábio de Gondolin, que morou em Tavrobel em Tol Eressëa "após o seu retorno para o Oeste". Pengolod (ou Pengoloð) aparece com frequência posteriormente, mas nada mais é contado sobre sua história (a referência ao Porto do Sirion indica que ele era um dos que escaparam de Gondolin com Tuor e Idril). Estou muito inclinado a pensar que a sua origem literária encontra-se em Gilfanon dos *Contos Perdidos*, que também vivia em Tavrobel (que agora ressurge pela primeira vez); lá Eriol ficou em sua casa ("a casa das cem chaminés"), e Gilfanon lhe pediu que anotasse tudo o que ouvira (II. 340), enquanto no preâmbulo dos AV Eriol viu o livro de Pengolod em Tavrobel e o traduziu lá. Além disso, Gilfanon era dos Noldoli, e apesar de nos *Contos Perdidos* ele não ser associado a Gondolin, ele era um Elfo de Kôr, "sendo mesmo um dos mais velhos das fadas e o mais idoso que agora habitava na ilha", e vivera por muito tempo nas Grandes Terras (I. 210); enquanto Pengolod também era um Elfo cuja vida começara em Valinor, visto que ele "retornou" para o Oeste.

Não está claro se a atribuição dos dois conjuntos de *Anais* a Pengolod de Tavrobel, onde Ælfwine/Eriol os traduziu, é divergente ou congruente com o título do *Quenta* (p. 95), onde se diz que Eriol leu o Livro Dourado (*Parma Kuluina*) em Kortirion. Nas anotações e resumos mais antigos há conceitos diferentes do Livro Dourado: ver II. 345, 350–51, 364–75. Quanto à igualação de Ælfwine e *Eriol* no preâmbulo dos AV, ver p. 239.

Quanto ao acréscimo tardio “Aqui termina o que Rúmil escreveu” aos AV (nota 20), ver pp. 342–43. Rúmil ressurge dos *Contos Perdidos* também como o autor do *Ambarkanta* (p. 279).

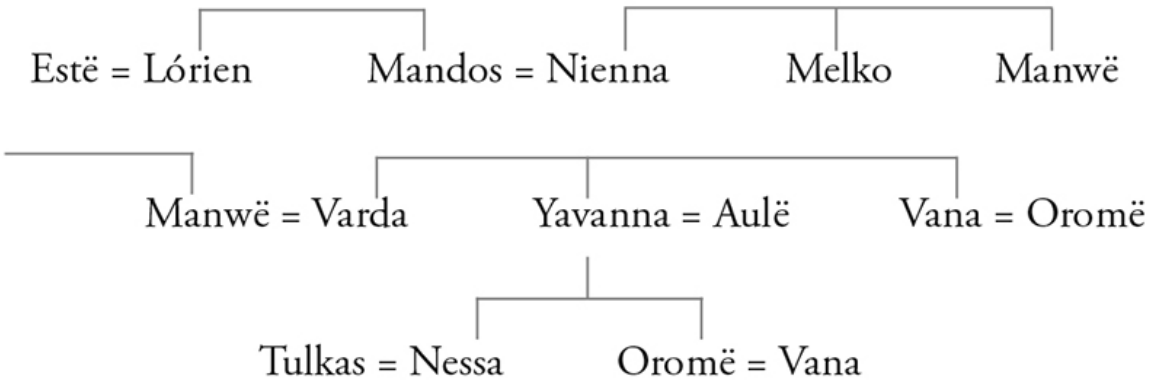
Na passagem de abertura dos AV, e nas alterações posteriores feitas neles, há alguns desenvolvimentos na composição e nas relações dos Valar. Os Nove Valar são os mesmos que os nove “principais dentre os Valar” ou os “Nove Deuses” da seção de abertura do Q; e a associação dos Valar com seus cônjuges pouco mudou desde os *Contos Perdidos*: Manwë e Varda; Aulë e Yavanna; Oromë e Vana; Tulkas e Nessa; Ossë e Uinen; Mandos e Nienna. Mas agora Estë aparece pela primeira vez, a esposa de Lórien (como fica subentendido aqui pela disposição da passagem, e como é afirmado explicitamente na versão em inglês antigo dos AV, p. 335).

A “consanguinidade” dos Valar. Nos *Contos Perdidos* Aulë e Yavanna Palúrien eram os pais de Oromë (I. 87), e Nessa era irmã de Oromë (I. 97). No acréscimo aos AV apresentado na nota 1, Nessa ainda é a filha de Yavanna;[a] como aparecerá subsequentemente (p. 344), Oromë era o filho de Yavanna, mas não de Aulë. Em *O Silmarillion* (p. 56) Oromë e Nessa permanecem irmão e irmã, embora o seu parentesco não seja afirmado.

É dito que Varda e Yavanna são irmãs no Q, como nos AV; no Q Vana é uma terceira irmã, embora aparentemente não o seja nos AV, e ela permanece a irmã mais nova de Yavanna em *O Silmarillion* (*ibid.*).

É dito nos AV que Manwë e Melko são “irmãos” (cf. O Silmarillion, p. 52: “Manwë e Melkor eram irmãos no pensamento de Ilúvatar”), e Nienna é irmã deles; em *O Silmarillion* (p. 55) ela é a irmã dos Fëanturi, Mandos e Lórien.

Se essas fontes forem completamente combinadas, a genealogia torna-se então a seguinte:



Somente os deuses-marinhos, Ulmo, e Ossë com Uinen, não são incluídos.

Vairë aparece por meio da emenda apresentada na nota 2, e fica claro pela disposição da passagem que ela é esposa de Mandos, como permaneceu; e Nienna agora se torna solitária, como também permaneceu. É claro que, no geral, não está claro o que realmente significam os termos "irmão", "irmã", "mãe", "filho", "filhos" no contexto dos grandes Valar.

O termo *Valarindi* não havia ocorrido anteriormente; ver a seguir, p. 344.

A seguir relato minhas observações acerca das datas dos *Anais*. Sob muitos aspectos esse texto (como originalmente escrito) está em harmonia com o *Quenta*, e saliento apenas os relativamente poucos e em sua maior parte menores pontos que não estão, ou nos quais os *Anais* fornecem algum detalhe que não está presente no *Quenta* (obviamente uma grande quantidade de detalhes encontrada no *Quenta* muito mais longo foi omitida nos breves *Anais*).

Ano Valiano 500 As palavras "Morgoth destruiu *por ardis* as Lamparinas" indica a história do engendramento por parte dele dos pilares de gelo, como no *Ambarkanta* (ver pp. 282–83, 301–02).

Ano Valiano 2000 (posteriormente 1900, 1950) A feitura das estrelas ainda parece ser concebida como realizada por Varda num mesmo período, como em Q §2 (ver pp. 190–91). Um

acréscimo tardio aos AV (nota 7) torna a Foice dos Deuses a última das obras de Varda nos céus, e assim os Elfos despertaram quando a feitura das estrelas foi concluída, como em *O Silmarillion* (p. 80), no Esb e no Q eles despertaram "com a feitura das estrelas". O acréscimo apresentado na nota 8 que diz que os Elfos por essa razão eram chamados de "os filhos das estrelas" é interessante; mas evidências tardias demonstram que esse ainda não era o significado do nome *Eldar*.

É dito que os Elfos despertaram "no centro do Mundo"; no Esb e no Q, Cuiviénen fica "no Leste", "no Leste distante", como em *O Silmarillion*. Mas duvido que isso seja significativo, em vista do posicionamento de Kuiviénen no mapa IV do *Ambarkanta* (p. 293), ao qual seria possível se referir como "no Leste" ou como "no centro do Mundo".

No Esb e no Q não há menção dos Elfos que não quiseram deixar as Águas do Despertar (ver p. 54); nos AV há pelo menos uma indicação deles na referência à "maior parte" dos Elfos ter seguido Oromë. Mas a história dos três embaixadores originais dos Elfos ainda não está presente (ver pp. 190–91).

No Esb e no Q (§4) a duração do aprisionamento de Morgoth nos salões de Mandos foi de sete eras; no Q "sete" foi emendado para "nove", mas essa alteração foi então rejeitada (nota 1); nos AV "nove" foi emendado para "sete" (nota 9). Em *O Silmarillion* (p. 101) o número de eras é três.

O destroçamento e a separação das terras na guerra que terminou com o cativeiro de Morgoth são descritos no *Ambarkanta* (ver pp. 284, 303–05).

O termo *Quendi* para a Primeira Gente ainda é usado nos AV como no Q, e tal como no Q foi posteriormente mudado para *Lindar*. O acréscimo na nota 13 deixa explícito que Thingol não despertou de seu sono encantado até seu povo ter passado por sobre o Mar; o mesmo se dá no *Conto de Tinúviel*, II. 19: "Ora, quando despertou, não pensou mais em seu povo (e de fato teria sido em vão, pois eles agora há muito haviam chegado a Valinor)". Ele é agora o irmão de Elwë, Senhor dos Teleri (cf. I. 150).

Ano Valiano 2200 (posteriormente 2111) O nome *Alqalondë* (ausente no Esb e no Q, onde somente o nome em inglês, *Swanhaven* [Porto-cisne] ou *Haven of the Swans* [Porto dos Cisnes], é usado) reaparece de *(Kópas) Alqaluntë* dos *Contos Perdidos*; cf. *Alflon* no mapa V do *Ambarkanta* (pp. 295, 308).

Pode-se notar que, embora a mudança das datas (pp. 319–20) tenha reduzido em muito o tempo em que os Teleri habitaram na costa de Beleriand (de 100 Anos Valianos para 10), isso não afeta a duração da estada deles em Tol Eressëa, 100 Anos Valianos, equivalentes a 1.000 Anos do Sol (cf. Q §3: "Dessa longa estada apartados sobreveio a separação da língua dos Ginetes d'Ondas e da dos Elfos de Valinor").

Ano Valiano 2500 O assunto do acréscimo a lápis apresentado na nota 14 é completamente novo. Meu pai estava elaborando aqui a cronologia de forma liberal, pois não há razão para essa história aparecer nos Anais de Valinor.[b] Ela está de acordo com o que é contado em *O Silmarillion* (p. 84), exceto que o pai de Denethor lá é Lenwë, não Dan, e que esses Elfos vieram da terceira hoste, os Teleri, não dos Noldor.

Essa é a primeira indicação da origem dos Elfos-verdes, que até então só haviam aparecido associados a Beren (ver p. 75, e Q §14), e a primeira aparição de seus nomes élficos *Laiqi* ou *Laiqeldar* (posteriormente *Laiquendi*). Quanto a formas mais antigas de Ossiriand, ver p. 278; a forma final também ocorre em emendas do Q (§§9, 10, 14). *Eredlindon* aparece em um acréscimo posterior a Q §9, nota 3.

Ano Valiano 2900 (posteriormente 2700) No Esb e no Q são Tulkas e Ulmo que se opõem à libertação de Morgoth, tal como em *O Silmarillion* (p. 101); nos AV são Tulkas e Aulë. Nos AV aparece a intercessão de Nienna por Morgoth, e isso foi mantido em *O Silmarillion* (p. 101), embora Nienna não seja mais sua irmã.

Ano Valiano 2950 “Despossuídos”, o nome dado à Casa de Fëanor, apareceu no nome em inglês antigo *Yrfeloran*, p. 247.

No meu comentário sobre Q §4, observei que a interpolação tardia (nota 6), onde se diz que um mensageiro chegou aos Deuses em concílio com novas de que Morgoth estava no Norte de Valinor e rumo à casa de Finwë, é a primeira sugestão da ida de Morgoth a Formenos e de sua fala com Fëanor diante das portas. Nos AV, como originalmente escritos, a movimentação de Morgoth rumo ao norte também não está presente (ele fugiu de imediato para Arvalin após o concílio dos Deuses no qual depuseram Fëanor e mandaram deter Morgoth); mas na interpolação a lápis apresentada na nota 16 Morgoth “escondeu-se no Norte da terra, como era sabido apenas por Finwë e Fëanor, que agora habitavam separados”. Foi então que os Deuses mandaram detê-lo, embora nenhuma explicação seja dada sobre como sabiam onde ele estava; mas a história agora se torna estruturalmente a mesma que a presente em *O Silmarillion* (p. 109), onde foi só quando Finwë enviou mensageiros a Valmar dizendo que Morgoth chegara a Formenos que Oromë e Tulkas foram atrás dele.

Anos Valianos 2990–1 Creio que o acréscimo apresentado na nota 17, “Essa recompensa recebeu Finwë por sua amizade”, refere-se às relações entre Morgoth e os Noldoli antes de ser exposto. Isso parece muito mais provável do que Morgoth de fato ter tido sucesso em persuadir os Noldoli ao exílio no Norte de Valinor, de que formaram uma aliança com ele.

É notável que, de acordo com a datação revisada, não menos que 48 Anos Valianos (2950–2998), isto é, 480 Anos do Sol, passaram-se entre a fuga de Morgoth para Arvalin e a destruição das Árvores.

A inserção (em duas partes) apresentada na nota 18 introduz novas histórias das “Eras das Trevas” da Terra-média. Os Portos no litoral de Beleriand foram marcados posteriormente na Expansão a Oeste do primeiro mapa (p. 271), onde são chamados *Brithombar* e *Eldorest* (ver p. 270). Agora aparece também o

recuo dos Elfos de Beleriand para trás do Cinturão de Melian; cf. *O Silmarillion*, p. 141: "[Thingol] recuou com todos os membros de seu povo, que suas convocações podiam alcançar, para dentro da região fortificada de Neldoreth e Region". O nome *Menegroth* para as Mil Cavernas não havia ocorrido antes.

O acréscimo incompleto a lápis é a primeira indicação da batalha dos Elfos de Beleriand com os Orques após o retorno de Morgoth ("a primeira batalha das Guerras de Beleriand", *O Silmarillion*, p. 140), na qual Denethor foi morto.

Ano Valiano 2992 (posteriormente 2999) No relato da fuga dos Noldoli há um indício, nas palavras "A marcha começou, apesar de os Deuses a proibirem (e, no entanto, não a impediram)", da fala do mensageiro de Manwë quando a marcha teve início em *O Silmarillion* (p. 126): "Não partais!… Nenhum auxílio os Valar dar-vos-ão nesta demanda; mas, nem por isso, vão impedir-vos".

Ano Valiano 2993 (posteriormente Ano do Sol 29992) Mais é contado agora acerca do teor da Profecia de Mandos, especialmente por dizer respeito ao destino alterado dos Noldoli que não abandonassem a rebelião. No Q (§5) nada é dito sobre tal assunto, e a maldição, tal como relatada, é restrita à sina de traição e ao medo da traição entre eles próprios; mas em uma passagem posterior (§7), que remonta ao Esb e de fato aos *Contos Perdidos* (ver p. 51), é contado que

> Imortais eram os Elfos, e… nenhuma doença nem pestilência traziam-lhes a morte. Mas eles podiam ser mortos com armas naqueles dias… e alguns desvaneciam e eram consumidos pelo pesar até desaparecerem da terra.

Nos AV, a Sentença de Mandos prediz que

> uma medida da mortalidade iria visitá-los [a Casa de Fëanor e aqueles que os seguissem], pois seriam facilmente mortos com

> armas, ou tormentos, ou tristezas, e no fim desvaneceriam e feneceriam diante da raça mais jovem.

À primeira vista isso parece divergir da história conforme apresentada, na qual Finwë e muitos outros Elfos já haviam sido mortos por Morgoth, que assim "deu início à matança no mundo"; "uma medida de mortalidade" era o destino deles, de qualquer forma. Mas é possível que a palavra "facilmente" seja considerada com a devida gravidade, e que o significado é de que os Noldoli serão menos resistentes à morte ocasionada por esse meio. Em *O Silmarillion* (p. 130), Mandos ou o seu emissário diz:

> Pois embora Eru tenha estipulado que não morrêsseis em Eä e que nenhuma doença vos assaltasse, podeis, porém, ser mortos e mortos haveis de ser: por arma, e por tormento, e por tristeza.

Creio que isso de fato signifique: "Não se esqueçam que, embora sejam imortais por não poderem morrer por doença, ainda assim podem ser mortos de outras maneiras; e de fato morrerão abundantemente de tais maneiras".

O desvanecer dos Elfos torna-se agora um elemento da Sentença de Mandos; ver a respeito na p. 195.

A afirmação nos AV de que quando Finrod e muitos outros retornaram para Valinor e foram perdoados pelos Deuses "Aulë, seu antigo amigo, não mais lhes sorriu", é interessante. Ela não aparece em *O Silmarillion*, onde nada se diz acerca da recepção de Finarfin (Finrod) e daqueles que foram com ele em seu retorno além do fato de que "receberam o perdão dos Valar, e Finarfin foi posto a governar o remanescente dos Noldor no Reino Abençoado" (p. 130); mas está relacionada a uma passagem no antigo *Conto do Sol e da Lua* (I. 213), no qual a peculiar fúria de Aulë para com os Noldoli por sua ingratidão e pelo Fratricídio é descrita.

As alianças e amizades entre os príncipes dos Noldoli na terceira geração foram mencionadas no Esb e Q §5, onde Orodreth, Angrod e Egnor, filhos de Finrod, ficaram do lado dos Fëanorianos no debate em Tûn antes da Fuga dos Noldoli; nos AV isso se torna uma

amizade especialmente com Celegorm e Curufin, e sem dúvida está relacionada à evolução da lenda de Nargothrond.

Ano Valiano 2994 (posteriormente Ano do Sol 29994) A amizade de Celegorm e Curufin com Orodreth, Angrod e Egnor mencionada acima conduz ao desenvolvimento notável (no acréscimo apresentado na nota 21) de que foi permitido a esses três filhos de Finrod serem transportados nos navios pelos Fëanorianos, e de que apenas Felagund atravessou o Helkaraksë com Fingolfin (nota 23). Essa história, caso fosse seguida, presumivelmente teria afetado a evolução posterior da história dos Noldor em Beleriand. Em *O Silmarillion*, a única relação especial de amizade entre qualquer um dos filhos de Fëanor e seus primos (à exceção daquela com Aredhel, filha de Fingolfin) é a entre Maedhros e Fingon; e Maedhros, sem perceber que seu pai pretendia queimar os navios, propôs que Fingon estivesse entre os primeiros dos outros Noldor a serem trazidos em uma segunda viagem (p. 132).

Ano Valiano 2995 (posteriormente Ano do Sol 29995) Aqui o estreito de *Drengist* é mencionado por nome pela primeira vez nos textos narrativos (ele ocorre na lista de nomes em inglês antigo, p. 244, mas não é nomeado na Expansão a Oeste do primeiro mapa); *Eredlómin* possui o sentido tardio de Montanhas Ressoantes (ver pp. 222, 258); e *Mithrim* é usado não só para o Lago, mas também para a região em torno do Lago, e as *Montanhas de Mithrim* são mencionadas pela primeira vez (ver p. 258, verbete *Hithlum*). O acampamento dos Fëanorianos nas margens do Lago Mithrim agora antecede a Batalha sob as Estrelas.

Ano Valiano 2996 (data posteriormente riscada) A primeira batalha o retorno dos Noldor contra os Orques é agora travada em Mithrim, não na planície setentrional (Q §8), e a planície enfim recebe um nome élfico, *Bladorion*, referindo-se à época em que ainda era coberta de relva (compare-se talvez *Bladorion* com

Bladorwen, “a vasta terra”, um nome de Yavanna dado no antigo dicionário gnômico, I. 318, verbete *Palúrien*). Os Orques são perseguidos Bladorion adentro e Fëanor é ferido lá, mas morre em Mithrim. O nome *Batalha sob as Estrelas* foi acrescentado em Q §8, nota 2, mas aqui há a primeira ocorrência de um nome élfico, *Dagor-os-Giliath* (posteriormente *Dagor-nuin-Giliath*). *Eredwethion*, no texto conforme escrito, substitui *Eredlómin* como o nome élfico das Montanhas Sombrias (anteriormente encontrado apenas alterações tardias, Q II §15, nota 1, e no primeiro mapa, p. 259).

Ano Valiano 2997 (posteriormente Ano do Sol 29996) Um novo elemento nos AV é a condição que Morgoth apresentou para a libertação de Maidros.

Ano Valiano 3000 Aqui é introduzida a história de que Fingolfin, após chegar na Terra-média, marchou até Angband e bateu nos portões, mas (na emenda apresentada na nota 28), sendo prudente, retirou-se para Mithrim; e embora no Esb e em Q §8 já tivesse sido dito que as duas hostes dos Noldor acamparam em margens opostas do Lago Mithrim, é acrescentado agora que os Fëanorianos se retiraram para a margem meridional quando Fingolfin chegou.

Quanto à frase “depois chegou o tempo medido no Mundo”, ver Q §6, nota 6, e pp. 195–96.

Quanto a “*Pennas* ou *Qenta*”, cf. o título do Q (p. 77): *Qenta Noldorinwa ou Pennas-na-Ngoelaidh*.

APÊNDICE

Versões em inglês antigo dos Anais de Valinor, feitas por Ælfwine ou Eriol

A primeira versão apresentada aqui é certamente a mais antiga, e talvez seja anterior aos *Anais* em inglês moderno. Algumas alterações ou sugestões tardias a lápis são fornecidas nas notas.

I

Þéos gesegen wearþ ærest on bócum gesett of Pengolode þám Úþwitan of Gondoline ær þám þe héo abrocen wurde, ⁊ siþþan æt Sirigeones Hýþe, ⁊ æt Tafrobele on Toleressean (þæt is Ánetíge), æfter þám þe he eft west cóm; ⁊ héo wearþ þær geræddand geþíedd of Ælfwine, þám þe ielfe Eriol genemdon.

Frumsceaft Hér ærest worhte Ilúfatar, þæt is Ealfæder oþþe Heofonfæder oþþe Beorhtfæder, eal þing.

D géara þára Falar (þæt is þára Mihta oþþe Goda): án géar þára Goda bið swá lang swá tíen géar béoð nú on þære worolde arímed æfter þære sunnan gange. Melco (þæt is Orgel) oþþe Morgoþ (þæt is Sweart-ós) oferwearp þára Goda Blácern, ⁊ þá Godu west gecirdon híe, and híe þær Valinor þæt is Godéþel geworhton.

M Hér þá Godu awehton þá Twégen Béamas, Laurelin (þæt is Goldléoþ) ⁊ Silpion (þæt is Glisglóm).

MM Godéðles Middæg oþþe Héahþrymm. Hér bléowon þá Béamas þúsend géara; ond Varda (héo wæs gydena æþelust) steorran geworhte; for þám hátte héo Tinwetári Steorrena Hlæfdige. Hér onwócon Ielfe on Éastlandum; ⁊ se Melco wearð gefangen ⁊ on clústre gebunden; ⁊ siðdan cómon ielfa sume on Godéðel.

MM oþ **MMC** Hér wearð Tún, séo hwíte burg, atimbred on munte Córe. Þá Telere gewunodon gíet on þam weststrandum þára Hiderlanda; ac se Teler Þingol wearð on wuda begalen.

MMC oþ **MMCC** Wunodon þá Telere on Ánetíge.

MMCC Hér cómon þá Telere oþ Godéðel.

MMD Hér þurh searucræftas aþóhton and beworhton þá Nold-ielfe gimmas missenlice, ⁊ Féanor Noldena hláford worhte þá Silmarillas, þæt wæron Eorclanstánas.

MM oþ **MMDCCCC** Hæftnýd Morgoðes.

MMDCCCC Hér wearð Morgoþ alýsed, ⁊ he wunode on Godéðle, ⁊ lícette þæt he hold wære Godum ⁊ Ielfum.

MMDCCCCXCIX Hér ofslóh Morgoð þá Béamas ond oþfléah, ⁊ ætferede mid him þára Elfa gimmas ⁊ þá Eorclanstánas. Siþþan forléton þá Noldelfe hiera hyldo, and éodon on elþéodignes, ⁊ gefuhton wið þá Telere æt Elfethýðe ⁊ sige námon ⁊ ætferedon þa Teleriscan scipu.

Hér wearð micel gesweorc ⁊ genipu on Godéðle ⁊ ofer ealne middangeard. Þá hwíle edníwede Morgoð his ealde fæsten on þám Norþdælum, and getrymede micle, and orcas gegaderode, and þa Eorclanstánas on his irenhelme befæste.

Þá fór Féanor mid his seofon sunum and micelre fierde norþ ⁊ þá siglde on Teleriscum scipum to þám Weststrandum, and þær forbærndon híe þa scipu ond aswicon hiera geféran þe on lást síðodon.

Hér gefeaht Féanores fierd wiþ þam orcum ⁊ sige námon ⁊ þá orcas gefliemdon oþ Angband (þæt is Irenhelle); ac Goðmog, Morgoðes þegn, ofslóh Féanor,

and Mægdros gewéold siþþan Féanores folc. Þis gefeoht
55 hátte Tungolgúð.

NOTAS

Notas textuais à Versão I

Todas as mudanças abaixo, com exceção da presente na linha 9, foram feitas muito depressa a lápis e sem que as formas originais fossem riscadas; elas pertencem a um período muito posterior, como se vê pelo fato de *Melkor* para *Melko* não ter sido introduzido antes de 1951.

1 *Pengolode* > *Pengoloðe*

2 *Gondoline* > *Gondolinde*

3 *Tafrobele* > (provavelmente) *Taþrobele* (ver p. 339, nota à linha 7, e p. 342, nota à linha 7).

6 *Eriol* > *Ereol*

9 *Falar* é uma emenda à tinta de *Valar*.

11 *Melco* > *Melcor* (mas não na linha 21)

13 *Blácern* > Léohtfatu

14 *Godéþel* > *Ésa-eard (ésa*, plural genitivo de ós, ver p. 241)

Nomes em inglês Antigo na Versão I

O uso de equivalentes em inglês antigo é bem menor aqui do que a quantidade de termos fornecidos nas listas apresentadas nas pp. 241–49; de maneira que temos *Gondoline* com uma desinência flexional inglesa antiga (e não *Stángaldorburg* etc.), *Nold(i)elfe*, também o plural genitivo *Noldena* (e não *Déopelfe* etc.), *Féanor*, Mœgdros, *Goðmog*, *on munte Córe*. Os equivalentes em inglês antigo, usados ou apenas mencionados, são de fato na maior parte traduções. Assim, *Melco* é *Orgel* (“Orgulho”); *Morgoð* é *Sweart-ós* (“Deus Negro”, “Deus Sombrio”, ver II. 87–88); *Laurelin* é *Goldléoþ* (“Canção de Ouro” – cf. a tradução “ouro-cantante” na lista de nomes de *A Queda de Gondolin*, II. 260, e compare com *Glengold* em imitação de *Glingol*, p. 245); *Silpion* é *Glisglóm* (cujos elementos são evidentemente o radical *glis-* visto nos verbos *glisian*, *glisnian* “brilhar, cintilar”, e *glóm* “crepúsculo”); *Alqalondë* é *Elfethýð*

(“Porto-cisne”)[c]; *Tol Eressëa* é Ánetíg (“Ilha Solitária”); a Batalha-sob-as-Estrelas é *Tungolgúð* (“Batalha-das-Estrelas”). *Irenhell* para *Angband* e *Godéðel* (“Terra dos Deuses”) para *Valinor* são encontrados na lista de nomes em inglês antigo.

As Silmarils são *Eorclanstánas* (também tratadas como um substantivo inglês antigo com o plural *Silmarillas*). Há várias formas diferentes dessa palavra em inglês antigo: *eorclan-*, *eorcnan-*, *earcnan-* e *eorcan-*, de onde deriva a “Pedra Arken” da Montanha Solitária. O primeiro elemento pode estar relacionado ao gótico *airkns* “sagrado”. Quanto a *middangeard*, linha 37, cf. a nota de meu pai em *Guide to the Names in The Lord of the Rings* [Guia para os Nomes em O Senhor dos Anéis], em *A Tolkien Compass*, p. 189: “O sentido é ‘as terras habitadas dos (Elfos e) Homens’, imaginada como situada entre o Mar do Oeste e o do Extremo Leste (conhecido no Oeste somente por rumores). *Middle-earth* [Terra-média] é uma alteração moderna da *middel-erde* medieval, vinda do inglês antigo *middan-geard*.”

O nome de Varda, *Tinwetári*, Rainha das Estrelas, remonta ao conto *O Acorrentamento de Melko* (I. 127), e também é encontrado em Q §2.

Datas na Versão I

A data MMDCCCCXCIX (escrita com M no lugar de MM, como também as duas ocorrências de MMDCCCC, mas esses são obviamente meros deslizes sem importância), 2999, não está de acordo com aquela na versão em inglês moderno para a destruição das Duas Árvores e o roubo das Silmarils, que lá são apresentados em 2990–1.

II

Este texto está de fato intimamente relacionado à versão em inglês moderno. Há pequenas diferenças de substância entre eles em um ponto ou outro, e algumas das emendas feitas na versão moderna estão incorporadas no texto em inglês antigo; esses pontos são

mencionados nas notas, assim como alguns detalhes acerca das datas e algumas características dos nomes.

O texto foi levemente emendado a lápis, mas essas mudanças são quase sem exceção modificações de ordem das palavras ou outras pequenas mudanças sintáticas, e todas essas incorporei ao texto sem comentários. Ele termina de forma abrupta no início do anal equivalente a 2991 com as palavras "Valinor jazia agora"; essas palavras não estão no pé de uma página e nenhuma parte do texto se perdeu.

À primeira vista é intrigante que no preâmbulo os *Anais de Valinor* sejam chamados de *Pennas*, uma vez que a intenção é claramente de que o *Pennas* ou *Quenta* (ver pp. 238–39) represente uma tradição literária diferente dos *Anais*, ou pelo menos um modo diferente de apresentação do material. Contudo, o preâmbulo diz a seguir que esse livro *Pennas* é dividido em três partes: a primeira parte é *Valinórelúmien*, que é *Godéðles géargetæl* (isto é, Anais de Valinor); a segunda é *Beleriandes géargetæl* (isto é, Anais de Beleriand); e a terceira é *Quenta Noldorinwa* ou *Pennas nan Goelið*, que é *Noldelfaracu* (a História dos Elfos Noldorin). De qualquer forma, *Pennas* (*Quenta*) é assim usado aqui tanto num sentido mais estrito como num mais amplo: a obra inteira que Ælfwine traduziu em Tol Eressëa é o *Pennas* (*Quenta*), "a História", mas o termo também é usado mais especificamente para o *Pennas nan Goelið* ou *Quenta Noldorinwa*, que pode ser visto como "o Silmarillion propriamente dito", por oposição aos "Anais". Na verdade, em um acréscimo à muita curta versão III em inglês antigo dos *Anais de Valinor* (p. 342, nota à linha 5) é expressamente dito: "Esta terceira parte também é chamada *Silmarillion*, que é a história das *Eorclanstánas* [*Silmarils*]."

> Her onginneð séo bóc þe man *Pennas* nemneð, ⁊ héo is
> on þréo gedæled; se forma dæl is *Valinórelúmien* þæt is
> Godéðles géargetæl, ⁊ se óþer is Beleriandes géargetæl,
> ⁊ se þridda *Quenta Noldorinwa* oþþe *Pennas nan*
> *Goelið* þæt is Noldelfaracu. Þás ærest awrát Pengolod se
> Úþwita of Gondoline, ær þám þe héo abrocen wurde, ⁊

siþþan æt Siriones hýþe ⁊ æt Tavrobele in Toleressean (þæt is Ánetége), þá he eft west cóm. And þás béc Ælfwine of Angelcynne geseah on Ánetége, þá þá he æt sumum cerre funde híe; ⁊ he geleornode híe swa he betst mihte ⁊ eft geþéodde ⁊ on Englisc ásette.

I

Hér onginneð Godéðles géargetæl.

On frumsceafte Ilúuvatar, þæt is Ealfæder, gescóp eal þing, ⁊ þá Valar, þæt is þá Mihtigan (þe sume menn siþþan for godu héoldon) cómon on þás worolde. Híe sindon nigon: Manwe, Ulmo, Aule, Orome, Tulkas, Mandos, Lórien, Melko. Þára wǽron Manwe ⁊ Melko his bróþor ealra mihtigoste, ac Manwe wæs se yldra, ⁊ wæs Vala-hláford ⁊ hálig, ⁊ Melko béah to firenlustum and úpahæfennesse and oferméttum and wearþ yfel and unmǽðlic, and his nama is awergod and unasprecenlic, ac man nemneð hine Morgoð in Noldelfisc-gereorde. Þa Valacwéne hátton swá: Varda ⁊ Geauanna, þe gesweostor wǽron, Manwes cwén ⁊ Aules cwén; ⁊ Vana Oromes cwén; ⁊ Nessa Tulkases cwén (séo wæs Oromes sweostor); ⁊ Uinen, merecwén, Osses wíf; ⁊ Vaire Mandosses cwén, ⁊ Este Lóriendes cwén. Ac Ulmo ⁊ Melko næfdon cwéne, ⁊ Nienna séo geómore næfde wer.

Mid þissum geférum cómon micel héap lǽsra gesceafta, Valabearn, oþþe gǽstas Valacynnes þe lǽsse mægen hæfdon. Þás wæron Valarindi.

And þá Valar ǽr þám þe Móna ⁊ Sunne wurden gerímdon tíde be langfirstum oþþe ymbrynum, þe wǽron hund Valagéara on geteald; ⁊ án Valagéar wæs efne swá lang swá tén géar sindon nú on worolde.

D On þám Valagéare **D** mid searucræfte fordyde Morgoþ þá blácern, þe Aule smiþode, þætte séo weorold

mid sceolde onleohted weorðan; ⁊ þá Valar, búton Morgoþe ánum, gecerdon híe West, and þær getimbredon Valinor (þæt is Godéðel) be sæm twéonum (þæt is betwuh Útgársecge þe ealle eorðan bebúgeð, and séo micle Westsæ, þæt is Gársecg, oþþe Ingársecg, oþþe Belegar on Noldelfisce; ⁊ on Westsæs strandum gehéapodon hie micle beorgas. And middangear[d]es rihtgesceap wearþ on þám dagum ærest of Morgoðe onhwerfed.

M Hér, æfter þám þe Valinor wearð getimbrod, ⁊ Valmar þæt is Godaburg, gescópon ⁊ onwehton þá Valar þá Twégen Béamas, óþerne of seolfre óþerne of golde geworhtne, þe hira léoma onléohte Valinor. Ac Morgoþ búde on middangearde and geworhte him þær micel fæsten on norþdælum; and on þære tíde forbræc he and forsceóp he micle eorðan ⁊ land. Siþþan wearþ þúsend géara blæd ⁊ bliss on Godéþle, ac on middangearde þá wæstmas, þe be þára blácerna ontendnesse ær ongunnon úpaspringan, amerde wurdon. To middangearde cóm þára Vala nán bútan Orome, þe oft wolde huntian on þære firnan eorðan be deorcum wealdum, ⁊ Iauannan þe hwílum fór þider.

MM Þis géar biþ Valaríces Middæg oþþe Heahþrymm geteald, ⁊ þá wæs Goda myrgþu gefullod. Þá geworhte Varda steorran ⁊ sette híe on lyfte (⁊ þý hátte héo Tinwetári, þæt is Tungolcwén), and sóna æfter þám of Godéþle wandrodon Valarindi sume ⁊ cómon on middangeard, and þára gefrægost wearð Melian, þe wæs ær Lóriendes híredes, ⁊ hire stefn wæs mære mid Godum: ac héo ne cóm eft to Godabyrig ær þon þe fela géara oferéodon and fela wundra gelumpon, ac nihtegalan wæron hire geféran ⁊ sungon ymb híe be þám deorcum wudum on westdælum.

Þá þá þæt tungol, þe gefyrn Godasicol oþþe

Brynebrér hátte, líxte ǽrest forþ on heofonum, for þám þe Varda hit asette Morgoþe on andan him his hryre to bodianne, þá onwócon þá yldran Ealfæderes bearn on middan worolde: þæt sindon Elfe. Híe funde Orome and wearþ him fréondhald, and þára se mǽsta dǽl siþþan West fóron him on láste and mid his latteowdóme sóhton Beleriandes weststrand, for þám þe Godu híe laþodon on Valinor.

Þá wearþ Morgoþ ǽr mid micle heregange forhergod and gebunden and siþþan æt Mandosse on cwearterne gedón. Þǽr wearð he wítefæst seofon firstmearce (þæt is seofon hund Valagéara) oþ þæt he dǽdbétte and him forgifennesse bǽde. On þám gefeohtum éac wurdon eorðan land eft forbrocen swiðe ⁊ forscapen.

Þá Cwendi (þæt wǽron Léohtelfe) and þá Noldelfe sóhton ǽrest to lande on Valinor, ⁊ on þám grénan hylle Córe þám sǽriman néah getimbrodon híe Tún þá hwítan Elfaburg; ac þá Teleri, þe siþ cómon on Beleriand, gebidon áne firstmearce þǽr be strande, and sume híe ne fóron þanon siþþan nǽfre. Þára wæs Þingol gefrǽgost, Elwes bróðor, Teleria hláfordes: hine Melian begól. Híe hæfde he siþþan to wífe, and cyning wearð on Beleriande; ac þæt gelamp æfter þám þe Ulmo oflǽdde Teleria þone mǽstan dǽl on Ánetíge, and bróhte híe swá to Valinore. Þás þing wurdon on þám Valagéarum **MM** oþ **MMC**.

Of **MMC** oþ **MMCC** wunodon þá Teleri on Toleressean onmiddum Ingársecge, þanon híe mihton Valinor feorran ofséon; on **MMCC** cómon híe mid micelre scipferde to Valinore, and pǽr gewunodon on éastsǽriman Valinores, and geworhton þǽr burg and hýþe, and nemdon híe Alqualonde, þæt is Elfethýþ, for þǽm þe híe þǽr hira scipu befæston, ⁊ þá wǽron ielfetum gelíc.

Þæs ymb þréo hund sumera, oþþe má oþþe læs, aþóhton pá Noldelfe gimmas and ongunnon híe asmiþian, and siþþan Féanor se smiþ, Finwes yldesta sunu Nol[d]elfa hláfordes, aþóhte and geworhte þá felamæran Silmarillas, þe þéos gesægen fela áh to secganne be hira wyrdum. Híe lixton mid hira ágenum léohte, for þám þe híe wæron gefylde þára twégra Béama léomum, þe wurdon þæroninnan geblanden and to hálgum and wundorfyllum fýre gescapen.

MMDCC Hér Morgoþ dædbétte and him forgefennesse bæd; ond be Niennan þingunga his sweostor him Manwe his bróðor áre getéah, Tulkases unþance and Aules, and hine gelésde; ⁊ he lícette þæt he hréowsode ⁊ éaðmód wære, and þám Valum gehérsum and þám elfum swiþe hold; ac he léah, and swíþost he bepæhte þá Noldelfe, for þám þe he cúþe fela uncúþra þinga læran; he gítsode swáþéah hira gimma and hine langode þá Silmarillas.

MMCM Þurh twá firstmearce wunode þá gíet Valinor on blisse, ac twéo ⁊ inca awéox swáþéah manigum on heortan swulce nihtsceadu náthwylc, for þám þe Morgoþ fór mid dernum rúnungum and searolicum lygum, and yfelsóþ is to secganne, swíþost he onbryrde þá Noldelfe and unsibbe awehte betwux Finwes sunum, Féanor and Fingolfin and Finrod, and ungeþwærnes betwux Godum ⁊ elfum.

MMCMD Be Goda dóme wearþ Féanor, Finwes yldesta sunu, mid his hírede ⁊ folgoþe adón of Noldelfa ealdordóme – þý hátte siþþan Féanores cynn þá Erfeloran, for þám dóme ⁊ for þý þe Morgoþ beréafode híe hira máþma – ⁊ þá Godu ofsendon Morgoþ to démanne hine; ac he ætfléah ⁊ darode on Arualine and beþóhte hine yfel.

MMCMD – Hér Morgoþ fullfremede his searowrencas
MMCMDI sóhte Ungoliante on Arualine and bæd híe fultumes. Þa bestælon híe eft on Valinor ⁊ pá Béamas forspildon, and siþþan ætburston under þám weaxendum sceadum and fóron norþ and þǽr hergodon Féanores eardunge and ætbǽron gimma unrím and þá Silmarillas mid ealle, ⁊ Morgoþ ofslóh þǽr Finwe ⁊ manige his elfe mid him and awídlode swá Valinor ǽrest mid blódgyte and morþor astealde on worolde. He þá fléame generede his feorh, þéah þe þá Godu his éhton wíde landes, siþþan becóm he on middangeardes norþdǽlas and geedstaðelode þǽr his fæsten, and fédde and samnode on níwe his yfele þéowas, ge Balrogas ge orcas. Þá cóm micel ege on Beleriand, ⁊ Þingol his burgfæsten getrymede on Menegroþ þæt is þúsend þéostru, and Melian séo cwén mid Vala-gealdrum begól þæt land Doriaþ and bewand hit ymbútan, and siþþan sóhton se mǽsta dǽl þára deorc-elfa of Beleriande Þingoles munde.

MMCMI Hér læg Valinor on

NOTAS À VERSÃO II

5 *Noldelfaracu* emendado à tinta a partir de *Noldelfagesægen*.

7 *Tavrobele* > (provavelmente) *Tafrobele*, a lápis. Na versão I, *Tafrobele* provavelmente > *Taþrobele*, e na versão III *Taþrobele* conforme escrito, mas nesse caso a emenda parece claramente ser para *f*; essa seria uma simples correção de ortografia (*f* sendo a grafia em inglês antigo para a consoante sonora [v] nessa posição).

13–14 Essa frase (þe sume menn siþþan for godu héoldon) não está presente na versão em inglês moderno, mas cf. a seção de abertura do Q (p. 96): “A esses espíritos os Elfos deram o nome de Valar, que significa Poderes, embora os Homens amiúde os chamaram de Deuses.”

15 Ossë foi inadvertidamente omitido.

17 Não é dito na versão em inglês moderno que Manwë era o mais velho.

22 *Geauanna*: essa grafia seria a representação de “Yavanna” em inglês antigo. Na linha 59 o nome é grafado como *Iauanna(n)*, e na versão em inglês antigo do *Quenta* (p. 240), *Yavanna*; na versão III, *Geafanna* (p. 341).

26–8 O texto aqui incorpora o sentido da emenda a lápis à versão em inglês moderno (p. 318, nota 2), na qual Vairë aparece como a esposa de Mandos e Nienna se torna solitária. Na linha 28,

após *næfde wer*, foi acrescentado a lápis: *Séo wæs Manwes sweostor* ⁊ *Morgoðes*; isso é afirmado na versão em inglês moderno tal como escrita.

41–3 Útgársecg, Gársecg, *Ingársecg*: ver pp. 241, 243. — *Belegar*: ver pp. 243, 293–95.

45 *middangeardes*: ver p. 332.

48 Valmar é *Godaburg* na lista de nomes em inglês antigo, p. 246.

60–2 As mudanças feitas no texto da versão em inglês moderno, de modo a datar a Feitura das Estrelas e o Despertar dos Elfos antes de 2000 (ver p. 318, notas 6 e 10), não estão incorporadas ao texto em inglês antigo.

65–6 A afirmação de que Melian era do povo de Lórien não está presente na versão em inglês moderno, mas se encontra no Esb e no Q (§2) e remonta ao *Conto de Tinúviel* (II. 19): "[Wendelin] era um espirito que escapou dos jardins de Lórien antes mesmo de Kôr ser construida".

72 *Brynebrér* ("Urze Ardente"): esse nome para a Ursa Maior, que não se encontra na versão em inglês moderno, ocorre no Q (§2) e na *Balada de Leithian*.

82 *seofon firstmearce*, e não "nove eras" como escrito inicialmente na versão em inglês moderno (p. 318, nota 9). *firstmearce* ("espaços de tempo") é uma emenda feita na época da composição a partir de *langfirstas* (uma das palavras usadas para "eras" valianas anteriormente, linha 33).

86 *Cwendi* emendado a lápis primeiro para *Eldar* e depois para *Lindar*; *Quendi* > *Lindar* também no Q (§2 e subsequentemente) e na versão moderna. — Léohtelfe não é um dos nomes em inglês antigo da Primeira Gente fornecidos na lista nas pp. 246–47, mas eles são chamados de *Elfos-da-luz* no Esb e no Q (§2; ver p. 53)

95 Ánetíge escrito dessa forma, como na versão I, linha 4; Ánetége, linhas 8 e 9.

99 *Ingársecge* < Gársecge (ver linhas 42–3).

115 Quanto à data 2700, ver a nota à linha 82 acima, e a nota às datas, pp. 320–21.

135 *Erfeloran* ("os Despossuídos"), com uma vogal inicial variante, *Yrfeloran*, encontra-se na lista de nomes em inglês antigo dos Fëanorianos, p. 247.

139 Essas datas presumivelmente devem ser interpretadas como 2950–1: no anal anterior (linha 132), **MMCMD** corresponde a 2950 na versão em inglês moderno. Meu pai aqui estava usando D = 50, não 500. Mas 2950–1 não corresponde à versão em inglês moderno, que possui 2990–1. A discrepância talvez nada mais seja do que um mero erro de composição (embora a versão I também seja discrepante nessa data, possuindo 2999); a data do anal seguinte, **MMCMI** (2901), é obviamente um erro pelo seu lugar na série cronológica.

152–7 Essa frase representa parte da passagem acrescentada à versão em inglês moderno (pp. 318–19, nota 18), mas omite a referência aos Elfos que permaneceram em Brithombar e Eglorest.

III

Essa versão, presente em uma única página manuscrita, apresenta uma forma levemente diferente das primeiras vinte e poucas linhas da versão II. Ela é muito posterior a II, como se vê por *Melkor*, e não *Melko* (ver p. 332), mas ainda assim foi baseada diretamente nela,

como se vê pela mesma ausência de Ossë da lista dos Valar (ver a nota à linha 15 na versão II). Mudanças posteriores feitas a lápis na versão I estão aqui incorporadas ao texto (*Pengoloð* no lugar de *Pengolod*, *Taþrobele* no lugar de *Tafrobele, Melkor* no lugar de *Melko*).

A versão III é apresentada em uma forma diferente de inglês antigo, a da Mércia do século IX (algumas das formas são peculiarmente características do dialeto mércio representado pelas glosas interlineares no Saltério Vespasiano). Algumas emendas a lápis não foram incluídas no texto, mas estão registradas nas notas depois dele.

Hér onginneð séo bóc þe man *Pennas* nemneð on ælfisc, ⁊ hío is on þréo gedæled: se forma dæl is *Ualinórelúmien* þæt is Godoeðles gérgetæl; ⁊ se óðer dæl is Beleriandes gérgetæl; ⁊ se þridda *Quenta Noldorinwa* oððe *Pennas na Ngoeloeð*, þæt is Noldælfaracu. Þás bóc ærest awrát Pengoloð se úðwita on
Gondoline ær þám þe héo abrocen wurde ⁊ seoððan æt Siriones hýðe ⁊ æt Taþrobele on Tol-eressean (þæt is Ánetége), þá he eft west cóm. And þás béc Ælfwine of Ongulcynne gesæh on Ánetége ða ða he æt sumum cerre þæt land funde; ⁊ he ðær liornode híe swá he betst mæhte ⁊ eft geþéodde ⁊ on englisc gereord ásette.

Hér onginneð Godoeðles gérgetæl, ⁊ spriceð ærest of weorulde gescefte. On frumscefte gescóp Ilúuatar þæt is Allfeder all þing, ⁊ þá þá séo weoruld ærest weorðan ongon þ cómun hider on eorðan þá Ualar (þæt is þá Mehtigan þe sume
men seoððan for godu héoldun). Hí earun nigun on ríme: Manwe, Ulmo, Aule, Orome, Tulcas, Mandos, Lórien, Melkor. Þeara wérun Manwe ⁊ Melcor his bróður alra mehtigoste, ac Manwe wes se ældra 7 is Uala-hláfard ⁊ hálig, ⁊ Melcor béh to firenlustum ⁊ to úpahefennisse ⁊ ofermoettum ⁊ wearð yfel ⁊ unméðlic, ⁊ his noma is awergod ⁊

unasproecenlic, for þám man nemneð hine Morgoþ on Nold-ælfiscgereorde. Orome ⁊ Tulcas wérun gingran on Alfeadur geþóhte acende ær þere weorulde gescepennisse þonne óðre fífe, þá Uala-cwéne háttun swé: Uarda Manwes cwén, ⁊ Geafanna Aules cwén (þá þá he and híe wurdon to sinhíwan æfter þám þe Ualar hider cómon on weorulde).

NOTAS À VERSÃO III

2–4 *Ualinórelúmien þæt is* e *Quenta Noldorinwa oððe* estão circulados a lápis como que para serem excluídos.

5 Acrescentado a lápis aqui: “and þes þridda dæl man éac nemneð *Silmarillion* þæt is Eorclanstána gewyrd”. Ver p. 335.

5–6 *on Gondoline* é uma emenda à tinta de *of Gìondoline*, isto é, Pengoloð começou a obra em Gondolin; mas isso está implícito nos preâmbulos das versões I e II, que possuem *of Gondoline* aqui. — *Gondoline* > *Gondolinde* a lápis, como na versão I (nota à linha 2).

7 *Taþrobele* está escrita muito claramente com þ; ver p. 339, nota à linha 7.

17 Ossë é omitido, seguindo a versão II.

18 *Melkor* > *Melcor* à tinta na segunda ocorrência, sem dúvida na época da composição, visto que *Melcor* está escrito na linha 20.

23–5 A afirmação de que Oromë e Tulkas “eram mais jovens no pensamento de Ilúvatar” está ausente das outras versões (cf. *O Silmarillion*, p. 52: “Manwë e Melkor eram irmãos no pensamento de Ilúvatar”). — óðre fífe: isto é, os outros Valar, excluindo Manwë e Melkor. Ver p. 344, texto em inglês antigo, linhas 1–4.

26 *Geafanna*: ver p. 339, nota à linha 22.

26–7 É muito notável que aqui (somente) é dito que Aulë e Yavanna se tornaram marido e mulher (*wurdon to sinhíwan*) após os Valar entrarem no mundo. Em *O Silmarillion*, a única união entre os Valar mencionada como tendo ocorrido após a entrada em Arda é a de Tulkas e Nessa; e Tulkas chegou tarde a Arda (p. 55). Ver mais na p. 344.

IV

Esta não é uma versão, mas uma única página manuscrita com, primeiramente, um início diferente dos *Anais de Valinor* em inglês moderno, e depois dez linhas, escritas muito rapidamente, em inglês antigo. Ambos os trechos possuem características interessantes. Segue-se abaixo o primeiro:

Anais de Valinor

Esses foram escritos primeiramente por Rúmil, o Sábio-élfico de Valinor, e posteriormente por Pengolod, o Sábio de Gondolin, que também escreveu os Anais de Beleriand e o *Pennas*, que são apresentados abaixo. Estes também Ælfwine dos Angelcynn verteu para a fala de sua terra.

Aqui têm início os Anais de Valinor e os alicerces deste mundo.

Dos Valar e sua gente

No princípio Ilúvatar, que é Pai-de-Tudo, fez todas as coisas, e os Valar, ou Poderes, entraram no mundo. Esses são nove: Manwë, Ulmo, Aulë, Oromë, Tulkas, Ossë, Lórien, Mandos e Melko.

Pennas é usado aqui no sentido restrito de "A História dos Gnomos" (*Quenta Noldorinwa*, *Silmarillion*): ver p. 334. Aqui Rúmil aparece com autor, e em vista da interpolação nos AV (nota 20), "Aqui termina o que Rúmil escreveu", está claro que as palavras desse preâmbulo, "Esses foram escritos primeiramente por Rúmil… e posteriormente por Pengolod", significam que Pengolod terminou o que Rúmil começou. A versão seguinte dos *Anais de Valinor* de fato torna isso explícito, pois após "Aqui termina o que Rúmil escreveu", o texto posterior possui "Aqui se segue a continuação de Pengolod"; e as duas interpolações nos AV (notas 14 e 18) acerca dos eventos na Terra-média antes do Retorno dos Noldoli estão incorporadas na segunda versão como acréscimos de Pengolod: "Isto eu, Pengolod, acrescentei aqui, *pois não era conhecido por Rúmil*".

No conto original *A Música dos Ainur* (I. 65) Rúmil era um Noldo de Kôr,[d] mas ele também contou a Eriol de sua "escravidão a Melko". Contudo, pela referência aqui a Rúmil como "o Sábio-élfico de Valinor", e por sua ignorância dos eventos na Terra-média, parece claro que na concepção tardia ele jamais partiu de Valinor. Pode-se sugerir que a sua parte nos *Anais* termina onde termina (p. 314 e

nota 20) porque ele foi um daqueles que retornou a Valinor com Finrod após ouvir a Sentença de Mandos. Isso sem dúvida é pura especulação, mas talvez seja significativo que na parte seguinte dos *Anais* o término da parte de Rúmil na obra tenha sido transferido para o final do anal do Ano Valiano 2993, após as palavras "Mas Aulë, seu antigo amigo, não mais lhes sorriu, e os Teleri apartaram-se deles"; assim, sua parte termina com o registro propriamente dito do retorno de Finrod e da recepção que ele e aqueles que o acompanharam tiveram.

A passagem a seguir em inglês antigo começa praticamente com a mesma frase, acerca de Oromë e Tulkas, que aquela na versão III, linhas 23–5; mas esse manuscrito possui um sinal curioso impossível de ser interpretado entre *Orome* e o verbo no plural *wǽron*, que em vista do outro texto expandi com o intuito de significar ⁊ *Tulkas*.

Orome [⁊ Tulkas] wǽron gingran on Ealfæderes geþóhtum acende ǽr þǽre worolde gescepennisse þonne óþre fífe, ⁊ Orome wearð Iafannan geboren, séo þe wyrð æfter nemned, ac he nis Aules sunu.

Mid þissum mihtigum cómon manige Léssan gǽstas þæs ilcan cynnes ⁊ cnéorisse, þéah léssan mægnes. Þás sindon þá Vanimor, þá Fægran. Mid him éac þon wurdon getealde hira bearn, on worolde acende, þá wǽron manige and swípe fægre. Swylc wæs Fionwe Manwes sunu

Seguem-se mais algumas palavras que são por demais incertas para serem reproduzidas. Aqui é declarado que Oromë, mais jovem no pensamento de Ilúvatar do que os outros grandes Valar "nascidos antes da feitura do mundo", é o filho de Yavanna, mas não de Aulë, e isso deve estar relacionado com a afirmação na versão III em inglês antigo de que Yavanna e Aulë tornaram-se *sinhíwan* após a entrada dos Valar no mundo (ver p. 342, nota às linhas 26–7).

Há diferenças sobre o que é dito aqui acerca dos espíritos menores da raça valarin para o que é dito nos AV (p. 310) e na versão II em inglês antigo (p. 336). Neste presente fragmento esses espíritos não são chamados *Valarindi*, mas sim *Vanimor*, "os

Belos”.[e] Os Filhos dos Valar, “que eram muitos e belos”, são contados entre os *Vanimor*, mas, em contradição aos AV, eram *on worolde acende*, “nascidos no mundo”. Tudo indica que nessa época meu pai estava tendendo a enfatizar os poderes generativos dos grandes Valar, embora posteriormente todos os vestígios do conceito tenham desaparecido.

NOTA

[a] Em Q §6 (p. 118) Nessa é a filha de Vana, embora essa declaração tenha sido riscada (nota 2).

[b] No entanto, ela permaneceu na "tradição" desses Anais, e ainda está presente nos *Anais de Aman* muito posteriores (apesar de lá haver uma indicação de transferi-la para os *Anais de Beleriand*).

[c] Esse nome em inglês antigo (com uma vogal inicial variante, *Ielfethýþ*) é encontrado muito antes em uma nota marginal a *Kópas Alqaluntë* no conto *A Fuga dos Noldoli*, I. 200, nota de rodapé.

[d] Tal como permaneceu; cf. *O Silmarillion*, p. 98: "Foi então que os Noldor cogitaram pela primeira vez a feitura de letras, e Rúmil de Tirion era o nome do mestre-do-saber que primeiro conseguiu fazer sinais adequados para registrar fala e canção".

[e] A palavra *Vanimor* não havia ocorrido anteriormente, mas sua forma negativa Úvanimor é definida no conto *A Vinda dos Valar* (I. 96) como "monstros, gigantes e ogros", e em outra parte dos *Contos Perdidos* Úvanimor são criaturas procriadas por Morgoth (I. 284), e até mesmo Anãos (II. 168).

7

A primeira versão dos Anais de Beleriand

Assim como com os *Anais de Valinor*, estes são a "primeira versão" dos *Anais de Beleriand* porque outros vieram depois, os últimos sendo chamados *Anais Cinzentos*, associados aos *Anais de Aman* e que pertencem à mesma época (p. 309). Porém, ao contrário dos *Anais de Aman*, os *Anais Cinzentos* foram deixados inacabados ao final da história de Túrin Turambar; e como narrativa em prosa e ainda mais como história definitiva do final dos Dias Antigos desde a época de *O Senhor dos Anéis*, o seu abandono é lamentável.

A própria primeira versão dos *Anais de Beleriand* ("AB") é encontrada em duas versões, que chamarei de AB I e AB II. AB I é um texto completo até o final da Primeira Era; AB II é muito breve, e embora comece como uma cópia passada a limpo da abertura muito emendada de I, o texto logo diverge de modo significativo. Neste capítulo apresento os dois textos separadamente e na íntegra, e no que segue me refiro apenas ao primeiro, AB I.

Esse é um manuscrito claro e inteligível, mas o estilo sugere uma composição muito rápida. Na maior parte do texto os anais estão no tempo presente e em *staccato*, até mesmo com expressões como "os Orques se puseram entre eles" (anal 172), ainda que através de pequenas expansões e alterações subsequentes em um ponto ou outro meu pai tenha modificado levemente esse aspecto. Creio que a sua principal intenção nessa época era a consolidação da estrutura histórica em suas relações e cronologia internas — os Anais começaram, talvez, em paralelo com o *Quenta* como uma forma conveniente de fazer avançar em conjunto e de rastrear os diferentes elementos de uma teia narrativa cada vez mais complexa. Ainda assim, desenvolvimentos novos consideráveis são inseridos aqui.

O manuscrito foi bastante emendado, embora muito menos perto do fim, e pela natureza das passagens, que tratam em grande parte da datação, tornou-se um documento complicado. Apresentar o texto em sua forma original, com todas as mudanças tardias registradas em notas, o tornaria desnecessariamente difícil de ser acompanhado, e de fato seria quase impossível, visto que muitas alterações foram feitas na época da composição ou em seu contexto imediato. Uma "camada" tardia de emendas a lápis, que dizem respeito primeiramente a nomes, foi separada com facilidade. Assim, o texto apresentado aqui é o do manuscrito *após todas as mudanças e acréscimos iniciais (à tinta) terem sido feitos*, e estes só são registrados nas notas em certos casos. As alterações tardias a lápis estão registradas por completo.

Que o AB I é anterior à parte comparável dos AV é algo fácil de se demonstrar. Assim, no AB I, como no Q (§8), não há menção da marcha de Fingolfin até Angband imediatamente após a sua chegada, enquanto que ela aparece nos AV (p. 317); mais uma vez como no Q e em contraste com os AV (p. 316), a Batalha sob as Estrelas foi travada, e Fëanor morreu, antes do acampamento em Mithrim. Além disso, os nomes *Dagor-os-Giliath* e *Eredwethion* foram acrescentados a lápis ao AB I, enquanto nos AV eles aparecem no texto como escrito inicialmente, e *Erydlómin* ainda significa as Montanhas Sombrias (ver p. 330). Uma multiplicidade de características demonstra que o AB I é posterior ao Q, como se verá no Comentário.

Segue abaixo o texto do AB I.

ANAIS DE BELERIAND

Morgoth foge de Valinor com as Silmarils, as gemas mágicas de Fëanor, e retorna para o Mundo do Norte e reconstrói sua fortaleza de Angband sob a Montanha Negra, Thangorodrim. Ele planeja os Balrogs e os Orques. As Silmarils são colocadas na coroa de ferro de Morgoth.

Os Gnomos da casa mais antiga, os Despossuídos, chegam ao Norte liderados por Fëanor e seus sete filhos, com seus amigos Orodreth, Angrod e Egnor, filhos de Finrod.[1] Eles queimam os navios telerianos.

Primeira das Batalhas com Morgoth,[2] a Batalha sob as Estrelas. Fëanor derrota os Orques, mas é ferido mortalmente por Gothmog, capitão de Balrogs, e morre. Maidros, seu filho mais velho, é emboscado e capturado e pendurado em Thangorodrim. Os filhos de Fëanor acampam em volta do Lago Mithrim no Noroeste, atrás das Montanhas Sombrias.[3]

Ano 1 Aqui o Sol e a Lua, feitos pelos Deuses após a morte das Duas Árvores de Valinor, aparecem. Assim o tempo medido chegou às Terras de Cá. Fingolfin conduz a segunda casa dos Gnomos por sobre os estreitos do Gelo Pungente até as Terras de Cá. Com ele veio o filho de Finrod, Felagund,[4] e parte da terceira ou mais nova casa. Marcham do Norte ao nascer do Sol, e desfraldam suas bandeiras; e chegam a Mithrim, mas há a uma rixa[5] entre eles e os filhos de Fëanor. Morgoth com a chegada da Luz recua para as suas masmorras mais profundas, mas trabalha em segredo, e expele nuvens negras.

2 Fingon, filho de Fingolfin, sana a rixa ao resgatar Maidros.

1–100 Os Gnomos exploram e se assentam em Beleriand, e em todo o vale do Sirion desde[6] o Grande Mar às Montanhas Azuis,[7] à exceção de Doriath no centro, onde Thingol e Melian reinam.

20 Festa e Jogos de Reunião são realizados em Nan Tathrin, a Terra dos Salgueiros, próximo ao delta do Sirion, entre os Elfos de Valinor que retornaram e os Elfos-escuros, tanto os dos Portos do Oeste (Brithombar e Eldorest)[8] como os dispersos Elfos-da-floresta do Oeste, e embaixadores de Thingol. Seguiu-se um tempo de paz.[9]

50 O poderio de Morgoth torna a entrar em ação. Terremotos no Norte. Incursões de Orques têm início. Turgon, filho de Fingolfin, tem grande amizade com Felagund, filho de Finrod; mas Orodreth, Angrod e Egnor, filhos de Finrod, são amigos dos filhos de Fëanor, especialmente de Celegorm e Curufin.

50 Turgon e Felagund são inquietados por sonhos e presságios. Felagund encontra as cavernas de Narog e estabeleceu seus arsenais lá.[10] Somente Turgon descobre o vale oculto de Gondolin. Ainda com o coração inquietado, ele reúne gente à sua volta e parte de Hithlum, a Terra da Bruma em torno de Mithrim, onde seu irmão Fingon permanece.

51 Os Gnomos rechaçam os Orques mais uma vez, e o Cerco de Angband é estabelecido. O Norte desfruta de grande paz e tranquilidade mais uma vez. Fingolfin detém o domínio sobre o Noroeste e toda Hithlum, e é soberano dos Elfos-escuros a oeste de Narog. Seu poderio é congregado nas encostas das Erydlómin,[11] as Montanhas Sombrias, e de lá vigia e atravessa as grandes planícies de Bladorion até as muralhas das montanhas de Morgoth no Norte. Felagund detém o domínio do vale do Sirion, à exceção de Doriath, e tem seu lugar de governança[12] junto

ao Narog no Sul, mas o seu poderio está congregado no Norte guardando o acesso ao vale do Sirion entre as Erydlómin e a região montanhosa de Taur-na-Danion, a floresta de pinheiros. Ele tem uma fortaleza em uma ilha rochosa no meio do Sirion, Tolsirion. Seus irmãos habitam no centro em torno de Taur-na-Danion e percorrem Bladorion de lá, e juntam-se no Leste aos filhos de Fëanor. A fortaleza dos filhos de Fëanor fica sobre Himling, mas vagam e caçam por todas as matas de Beleriand Leste, chegando até as Montanhas Azuis. Para lá muitos dos Senhores-élficos vão para caçar. Mas ninguém tem notícias de Turgon e sua gente.

70 Bëor nasce no Leste.

88. 90 Haleth, e Hádor, o de Cabelos Dourados, nascem no Leste.

100 Felagund, caçando no Leste, topa com Bëor, o mortal, e seus Homens, que entraram em Beleriand. Bëor se torna vassalo de Felagund e vai para o oeste com ele. Nasce Bregolas, filho de Bëor.

102 Nasce Barahir, filho de Bëor.

120 Haleth entra em Beleriand; também Hádor, o de Cabelos Dourados, e suas grandes companhias de Homens. Haleth permanece no vale do Sirion, mas Hádor se torna vassalo de Fingolfin e fortalece os exércitos dele e recebe terras em Hithlum.

113 Nasce Hundor, filho de Haleth. **117** Nasce Gundor, filho de Hádor. **119** Nasce Gumlin, filho de

Hádor.[13]

122 Com a força dos Homens acrescentada a dos Gnomos, Morgoth é enclausurado de perto. Os Gnomos julgam que o cerco de Angband não pode ser rompido, mas Morgoth pondera novos artifícios, e pensa em Dragões. Os Homens das três casas crescem e se multiplicam, e se submetem de bom-grado aos Senhores-élficos, e aprendem muitos ofícios com os Gnomos. Os Homens de Bëor tinham cabelos morenos ou castanhos, mas eram claros de rosto, com olhos cinzentos; formosos, de grande coragem e resistência, mas pouco maiores do que os Elfos daquele tempo. O povo de Hádor era louro e de olhos azuis e de grande estatura e força. Parecidos com eles, mas um tanto menores e de ombros mais largos era o povo de Haleth.

124. 128 Nascem Baragund e Belegund, filhos de Bregolas, filho de Bëor.

132 Nasce Beren, mais tarde chamado Ermabwed[14] ou Uma-Mão,[15] filho de Barahir.

141 Nasce Húrin, o Resoluto, filho de Gumlin. Nasce Handir, filho de Haleth.

144 Nasce Huor, irmão de Húrin.

145 Nasce Morwen Brilho-élfico, filha de Baragund.

150 Nasce Rían, filha de Belegund, mãe de Tuor.[16] Bëor, o Velho, Pai de Homens, morre de velhice em Beleriand. Os Elfos veem pela primeira vez a morte de cansaço, e

lamentam pelo tempo curto designado aos Homens. Bregolas governa a casa de Bëor.

★ **155** Morgoth solta o seu poderio, e busca adentrar Beleriand. A Batalha tem início de súbito numa noite do meio do inverno e a princípio pesa sobremaneira nos filhos de Finrod e na gente deles. Essa é a Batalha do Fogo Repentino.[17] Rios de fogo correm de Thangorodrim. Glómund, o dourado, Pai de Dragões, aparece.[18] As planícies de Bladorion são transformadas num grande deserto sem vegetação, e chamadas posteriormente de Dor-na-Fauglith, Terra da Sede Sufocante.

Aqui foram mortos Bregolas e a maior parte dos guerreiros da casa de Bëor. Angrod e Egnor, filhos de Finrod, tombaram. Barahir e seus campeões escolhidos salvaram Felagund e Orodreth, e Felagund fez um grande juramento de amizade à sua família e descendência. Barahir governa o remanescente da casa de Bëor.

155 Fingolfin e Fingon marcharam em auxílio de sua família, mas foram rechaçados com grandes perdas. Hádor, agora idoso, tombou defendendo seu senhor Fingolfin, e com ele Gundor, seu filho. Gumlin assumiu o senhorio da casa de Hádor.

Os filhos de Fëanor não foram mortos, mas Celegorm e Curufin foram derrotados e fugiram com Orodreth, filho de Finrod. Maidros, o canhoto, realizou feitos de grande proeza, e Morgoth ainda não capturou Himling, mas irrompeu pelos passos a leste de Himling e assolou Beleriand Leste e dispersou os Gnomos da casa de Fëanor.

Turgon não estava naquela batalha, nem Haleth nem ninguém de seu povo, salvo uns poucos. Diz-se que Húrin estava no lar de criação com Haleth, e que Haleth e Húrin, caçando no vale do Sirion, toparam com alguns do povo de Turgon, e foram levados ao vale secreto de Gondolin, acerca do qual ninguém do mundo exterior ainda tinha conhecimento, salvo Thorndor, Rei das Águias; pois Turgon recebeu mensagens e sonhos enviados pelo Deus Ulmo, Senhor das Águas, Sirion acima, avisando-o que o auxílio dos Homens lhe era necessário. Mas Haleth e Húrin fizeram juramentos de segredo e jamais revelaram Gondolin, mas Haleth compreendeu algo dos conselhos de Turgon, e os contou mais tarde a Húrin. Grande apreço tinha Turgon pelo menino Húrin, e o teria mantido em Gondolin, mas as graves novas da grande batalha foram recebidas e eles partiram. Turgon envia mensageiros secretos às fozes do Sirion e começa uma armação de navios. Muitos partem em direção a Valinor, mas nenhum retorna.[19]

Fingolfin, vendo a ruína dos Gnomos e a derrota de todas as suas casas, ficou cheio de ira e desespero, e cavalgou sozinho aos portões de Angband e desafiou Morgoth para combate singular. Fingolfin foi morto, mas Thorndor resgatou o seu corpo, e o depôs em um teso de pedras nas montanhas ao norte de Gondolin para guardar aquele vale, e assim as novas lá chegaram. Fingon governava a casa real dos Gnomos.

157 Morgoth capturou Tolsirion e atravessou os passos e adentrou Beleriand Oeste. Lá ele pôs Thû, o mago, e Tolsirion tornou-se um lugar maligno.[20] Felagund e Orodreth, junto com Celegorm e Curufin, retiraram-se

para Nargothrond, e fizeram lá um grande palácio oculto à moda de Thingol[21] nas Mil Cavernas em Doriath.

Barahir recusa-se a recuar e ainda resiste em Taur-na-Danion. Morgoth os persegue e transforma Taur-na-Danion em uma região de grande pavor, de modo que foi mais tarde chamada de Taur-na-Fuin, a Floresta da Noite, ou Math-Fuin-delos,[22] Sombra Mortal da Noite. Somente Barahir e seu filho Beren e seus sobrinhos Baragund e Belegund, filhos de Bregolas, e alguns homens sobrevivem.[23] As esposas de Baragund e Belegund e suas jovens filhas Morwen e Rían são enviadas[24] a Hithlum à guarda de Gumlin.

158 Haleth e seu povo levam uma vida selvática nos bosques em torno do Sirion nas marcas ocidentais de Doriath e atacam os bandos-órquicos.[25]

160 Barahir foi traído por Gorlim, e toda a sua companhia é morta pelos Orques, salvo Beren, que estava caçando sozinho. Beren persegue os Orques e mata o assassino de seu pai e retoma o anel que Felagund dera a Barahir. Beren torna-se um proscrito solitário.

162 Ataques renovados de Morgoth. As incursões de Orques circundam Doriath, protegida pela magia de Melian, a divina, a oeste Sirion abaixo e a leste além de Himling. Beren é rechaçado para o sul e adentra Doriath com labor. Gumlin é morto em um ataque à fortaleza de Fingon na Nascente do Sirion[26] a oeste das Erydlómin.[27] Húrin, seu filho, é poderoso em força. Ele é convocado a Hithlum e lá chega a duras penas. Ele governa a casa de Hádor e serve Fingon.

163 Os Homens Tisnados chegam pela primeira vez a Beleriand Leste. Eram baixos, de ombros largos, de braços compridos e fortes, tinham muitos pelos no rosto e no peito, e estes eram escuros como seus olhos; suas peles eram acobreadas ou escuras, mas a maioria não era de menos beleza. Suas casas eram muitas, e muitos tinham mais gosto pelos[28] Anãos das montanhas, de Nogrod e Belegost, do que pelos Elfos. Sobre os Anãos os Elfos tomaram conhecimento pela primeira vez nesses dias, e sua amizade era pequena. Não se sabe de onde são, exceto que não são da Gente-élfica, nem da mortal, nem de Morgoth.[29] Mas Maidros, vendo a fraqueza dos Gnomos e o poderio crescente dos exércitos de Morgoth, fez aliança com os Homens recém-chegados, e com as casas de Bor e de Ulfand.[30] Os filhos de Ulfand eram Uldor, mais tarde chamado de o Maldito, e Ulfast, e Ulwar; e por Cranthir, filho de Fëanor, eram mais amados, e eles lhe juraram lealdade.

163–4 A grande gesta de Beren e Lúthien.[31] O Rei Felagund de Nargothrond morre em Tolsirion[32] nas masmorras de Thû. Orodreth governa Nargothrond e rompe a amizade com Celegorm e Curufin, que são expulsos.[33] Lúthien e Huan derrotam Thû. Beren e Lúthien vão a Angband e recuperam uma Silmaril. Carcharoth, o grande lobo de Angband, com a Silmaril no ventre adentra Doriath. Beren e o mastim Huan são mortos por Carcharoth, mas Huan mata Carcharoth e a Silmaril é recuperada.

Beren foi chamado dos mortos por Lúthien e habitou com ela[34] na Terra dos Sete Rios, Ossiriand, sem conhecimento dos Homens e Elfos.[35]

164 Húrin desposa Morwen.

165 Túrin, filho de Húrin, nasce no inverno com presságios de pesar.[36]

165–70 *A União de Maidros.* Maidros, encorajado pelos feitos de Beren e Lúthien, planeja uma reunião de forças para repelir Morgoth. Mas por causa dos feitos de Celegorm e Curufin ele não recebe auxílio de Thingol, e somente pouco apoio de Nargothrond, onde os Gnomos tentam se proteger por meios furtivos e sigilo. Ele congrega e arma todos os Gnomos da casa de Fëanor, e multidões dos Elfos-escuros, e dos Homens, em Beleriand Leste. Recebe auxílio das forjas dos Anãos, e convoca ainda mais Homens por sobre as montanhas do Leste.

Novas chegam a Turgon, o rei oculto, e ele se prepara em segredo para a guerra, pois o seu povo, que não esteve na Segunda Batalha, não podia ser detido.

167 Nasce Dior, o Belo, filho de Beren e Lúthien, em Ossiriand.

168 Morre Haleth, último dos Pais de Homens. Hundor governa o seu povo. Os Orques são lentamente rechaçados de Beleriand.

171 Isfin, filha de Turgon, perde-se ao sair de Gondolin e é tomada como esposa por Eöl, um Elfo-escuro.

★172 *O ano da lamentação.* Maidros planeja um ataque a Angband, pelo Oeste e pelo Leste. Fingon fica incumbido de avançar em marcha assim que a hoste principal de

Maidros der o sinal no Leste de Dor-na-Fauglith. Huor, filho de Hádor,[37] desposa Rían, filha de Belegund, na véspera da batalha e marcha com Húrin, seu irmão, no exército de Fingon.

A Batalha das Lágrimas Inumeráveis,[38] a terceira batalha dos Gnomos e Morgoth, foi travada nas planícies de Dor-na-Fauglith diante do passo pelo qual as águas novas do Sirion adentram Beleriand entre as Erydlómin[39] e Taur-na-Fuin. O lugar por muito tempo ficou marcado por um grande monte sobre no qual os mortos, Elfos e Homens, foram empilhados. Somente ali cresceu a relva em Dor-na-Fauglith. Os Elfos e Homens foram completamente derrotados e sua ruína levada a cabo.

Maidros foi atrasado na estrada pelos logros de Uldor, o Maldito, a quem os espiões de Morgoth haviam comprado. Fingon atacou sem esperar e atravessou o ataque simulado de Morgoth, chegando a Angband. As companhias de Nargothrond adentraram os portões, mas elas e seu líder Flinding, filho de Fuilin,[40] foram todos capturados; e Morgoth agora soltou um exército inumerável e rechaçou os Gnomos com terrível matança. Hundor, filho de Haleth, e os Homens dos bosques foram mortos na retirada através das areias. Os Orques se puseram entre eles e os passos de Hithlum, e eles recuaram em direção a Tolsirion.

Turgon e o exército de Gondolin soam suas trompas e emergem de Taur-na-Fuin. A sorte pende para o outro lado e os Gnomos começam a ganhar terreno. Alegre encontro de Húrin e Turgon.

As trombetas de Maidros são ouvidas no Leste, e os Gnomos ganham coragem. Os Elfos dizem que a vitória poderia ter sido deles se não fosse por Uldor. Mas

Morgoth agora enviara toda a gente de Angband e o Inferno se esvaziara. Chegam mais uma vez cem mil Orques e mil Balrogs, e na vanguarda veio Glómund, o Dragão, e Elfos e Homens definharam diante dele. Assim a união das hostes de Fingon e Maidros foi rompida. Mas Uldor passou para o lado de Morgoth e caiu sobre o flanco direito dos filhos de Fëanor.

Cranthir matou Uldor, mas Ulfast e Ulwar mataram Bor e seus filhos e muitos Homens que eram fiéis, e a hoste de Maidros foi dispersada aos ventos e fugiu para esconder-se em Beleriand Leste e nas montanhas lá.

Fingon tombou no Oeste, e diz-se que uma chama saltou de seu elmo ao ser abatido pelos Balrogs. Húrin e os Homens de Hithlum da casa de Hádor, e Huor, seu irmão, ficaram firmes, e os Orques não puderam entrar em Beleriand. A defesa de Húrin é o feito mais renomado dos Homens entre os Elfos. Ele ficou na retaguarda enquanto Turgon, com parte de seu exército, e alguns dos remanescentes da hoste de Fingon, escapavam para os vales e as montanhas. Eles despareceram e não foram mais encontrados por Elfo ou por espião de Morgoth até os dias de Tuor. Assim foi a vitória de Morgoth maculada e sua ira foi muito grande.

Húrin continuou a lutar após Huor tombar atingido por uma flecha envenenada, e até restar apenas ele. Jogou fora o escudo e lutou com um machado e matou cem Orques.

Húrin foi capturado vivo por ordem de Morgoth e arrastado até Angband, onde Morgoth o amaldiçoou e a sua família, e por ele não revelar para onde Turgon tinha ido, prendeu-o com uma visão encantada sobre Thangorodrim, para que pudesse ver o mal que sobreveio a sua esposa e seus filhos. Seu filho Túrin tinha quase três

anos,[41] e sua esposa Morwen carregava outra vez uma criança.

Os Orques empilharam os mortos e entraram em Beleriand para assolá-la. Rían procurou Huor, pois nenhuma nova chegou a Hithlum da batalha, e seu filho Tuor, filho de Huor, nasceu no ermo. Ele foi entregue para ser criado pelos Elfos-escuros, mas Rían foi ao Monte dos Mortos[42] e deitou-se para morrer ali.[43]

173 Morgoth tomou toda Beleriand ou encheu de bandos vagantes de Orques e lobos, mas lá resistia ainda Doriath. De Nargothrond ele ouvia pouco, de Gondolin nada conseguia descobrir. Em Beleriand, fora desses três lugares, somente Elfos e Homens dispersos viviam como proscritos, e entre eles o remanescente do povo de Haleth sob a liderança de Handir, filho de Hundor, filho de Haleth.[44]

Morgoth quebrou suas promessas para com os filhos de Ulfand,[45] e empurrou os Homens malignos para Hithlum, sem recompensa, exceto que lá eles maltrataram e escravizaram os remanescentes da casa de Hádor, os velhos e as mulheres e crianças. Os remanescentes dos Elfos de Hithlum ele também em sua maioria escravizou e levou para as minas de Angband, e outros ele proibiu de deixar Hithlum, e eram mortos se Orques os encontravam a leste ou ao sul das Montanhas Sombrias.[46] Nasce Nienor, a pesarosa, filha de Húrin e Morwen, no início do ano.

Tuor cresceu selvagem nas matas entre Elfos fugitivos próximo às margens de Mithrim;[47] mas Morwen enviou Túrin a Doriath, implorando para que Thingol o adotasse e auxiliasse, pois ela era da gente de Beren. Realizam

uma jornada desesperada, o menino de sete anos e seus dois guias.[48]

181 O poder de Morgoth cresce e Doriath fica isolada e nenhuma nova do mundo exterior lá chega. Túrin, que ainda não era homem feito, passa a guerrear nas marcas em companhia de Beleg.

184 Túrin mata Orgof, parente da casa real, e foge da corte de Thingol.

184–7 Túrin um proscrito nas matas. Ele congrega um grupo desesperado, e saqueia nas marcas de Doriath e além.

187 Os companheiros de Túrin capturam Beleg. Mas Túrin o liberta e eles renovam sua irmandade, e fazem guerra aos Orques, aventurando-se muito além de Doriath.[49]

189 Blodrin, filho de Ban, revela o esconderijo deles, e Túrin é capturado vivo. Beleg, curado de seus ferimentos, segue em perseguição. Ele topa com Flinding, filho de Fuilin,[50] que escapara das minas de Morgoth; juntos resgatam Túrin dos Orques. Túrin mata Beleg por infortúnio.

190 Túrin, curado de sua loucura junto à nascente do Ivrin,[51] e é levado enfim por Flinding a Nargothrond. São acolhidos pela súplica de Finduilas, filha de Orodreth, que outrora amara Flinding.

190–5 A estada de Túrin em Nargothrond. A espada de Beleg é reforjada e Túrin rejeita o seu antigo nome e é

renomeado como Mormegil (Mormakil),[52] "Espada-Negra". Ela chama sua espada de Gurtholfîn, "Vara da Morte". Finduilas esquece o seu amor por Flinding, e é amada por Túrin, que não revela o seu amor por lealdade a Flinding; não obstante, Flinding fica amargurado. Túrin torna-se um grande capitão. Ele lidera os Gnomos de Nargothrond à vitória e o seu antigo sigilo é rompido. Morgoth toma conhecimento da força crescente da praça-forte,[53] mas os Orques são varridos de todas as terras entre o Narog e o Sirion e Doriath a Leste, e a Oeste até o Mar, e ao Norte até as Erydlómin.[54] Uma ponte é construída sobre o Narog. Os Gnomos aliam-se ao povo de Haleth liderado por Handir.

192 Meglin chega a Gondolin e é recebido por Turgon como filho de sua irmã.

194 Nesse tempo de melhora Morwen e Nienor partem de Hithlum e buscam novas de Túrin em Doriath. Lá muitos falam da proeza de Mormakil,[55] mas de Túrin ninguém tem novas.

195 Glómund, com uma hoste de Orques, atravessa as Erydlómin e derrota os Gnomos entre o Narog e o Taiglin. Handir é morto. Flinding morre recusando o socorro de Túrin. Túrin retorna depressa a Nargothrond, mas a praça-forte é saqueada antes de sua chegada. Ele é enganado e enfeitiçado por Glómund. Finduilas e as mulheres de Nargothrond são levadas como servas, mas Túrin, enganado por Glómund, vai para Hithlum à procura de Morwen.

Novas chegam a Doriath dizendo que Nargothrond foi capturada e que Mormakil é Túrin.

Tuor foi levado para fora de Hithlum por um caminho secreto com a guia de Ulmo, e viajou ao longo da costa para além dos portos arruinados de Brithombar e Eldorest[56] e chegou à foz do Sirion.[57]

195–6 Túrin vai a Hithlum e descobre que sua mãe partiu. Ele mata Brodda e escapa. Ele se junta aos Homens-da-floresta e torna-se seu senhor, visto que Brandir, filho de Handir, é coxo desde a infância. Assume o nome de Turambar (Turumarth),[58] "Conquistador do Destino".

196 Aqui Tuor encontra Bronweg na foz do Sirion. Ulmo aparece em pessoa para ele em Nan-tathrin; e Tuor e Bronweg, guiados por Ulmo, encontram Gondolin. São recebidos após serem interrogados, e Tuor dá a conhecer a embaixada de Ulmo. Turgon não dá ouvidos a ela agora, em parte devido à insistência de Meglin. Mas Tuor, por causa de sua família, é estimado com grande honra.

Morwen vai a Nargothrond, para onde Glómund retornara e jaz sobre o tesouro de Felagund. Ela busca novas de Túrin. Nienor, contrariando a ordem da mãe, cavalga disfarçada com a sua escolta de Elfos do povo de Thingol.

Glómund lança um feitiço sobre a companhia e a dispersa. Morwen desaparece na mata; e uma grande treva da mente se abate sobre Nienor.

Túrin encontrou Nienor perseguida pelos Orques. Ele a chama de Níniel, a lacrimosa, uma vez que ela não sabia o próprio nome, e a si mesmo de Turambar.

197–8 Nienor Níniel habita com o Povo-da-floresta e é amada por Túrin Turambar e Brandir, o Coxo.

198 Túrin desposa Nienor.

199 Glómund sai em busca das moradas de Túrin. Túrin o mata com Gurtholfin, sua espada; mas cai desacordado ao lado dele. Nienor o encontra, mas Glómund antes de morrer a liberta do feitiço e lhe revela o seu parentesco. Nienor se lança na catarata daquele lugar.[59] Brandir revela a verdade a Túrin e é morto por ele. Túrin pede a Gurtholfin que o mate, e ele morre. Assim terminou o pior dos males de Morgoth; mas Húrin foi libertado de Angband, curvado pela idade, e saiu em busca de Morwen.

Tuor desposa Idril Celebrindal, filha de [Turgon de] Gondolin, e recebe o ódio secreto de Meglin.

200 Aqui nasceu Eärendel, o Luzente, a estrela das Duas Gentes, filho de Tuor e Idril, em Gondolin. Aqui também nasceu Elwing, a Branca, mais bela das mulheres depois de Lúthien, filha de Dior, em Ossiriand.

Húrin congrega homens ao seu redor. Eles encontram o tesouro de Nargothrond e matam Mîm, o Anão, que o tomara para si. O tesouro é amaldiçoado. O tesouro é levado a Thingol. Mas Húrin parte de Doriath com palavras amargas, porém seu destino e o de Morwen mais tarde não são sabidos por ninguém com certeza.

201 Thingol emprega os Anãos para trabalhar o seu ouro e prata e o tesouro de Narog, e eles fazem o renomado Nauglafring,[60] o Colar-dos-Anãos, do qual pende a

Silmaril. A inimizade desperta[61] entre os Elfos e os Anãos, e os Anãos são rechaçados.

202 Aqui os Anãos invadiram Doriath auxiliados pela traição, pois muitos Elfos foram tomados pelo desejo maldito do tesouro. Thingol foi morto e as Mil Cavernas saqueadas. Mas Melian, a divina, não podia ser capturada e partiu para Ossiriand.

Beren[62] convocado por Melian derrotou os Anãos em Sarn-Athra[63] e lançou o ouro no Rio Asgar, que depois foi chamado de Rathlorion,[64] o Leito-d'ouro; mas o Nauglafring e a Silmaril ele tomou. Lúthien envergou o colar e a Silmaril no peito. Aqui Beren e Lúthien deixam o conhecimento dos homens e não o dia de suas mortes não é conhecido; salvo que numa noite um mensageiro trouxe o colar para Dior em Doriath, e os Elfos disseram: "Lúthien e Beren estão mortos, como Mandos sentenciara".

Dior, filho de Lúthien e Beren, herdeiro de Thingol, retornou a Doriath e por um tempo a restabeleceu, mas Melian voltou para Valinor e ele não mais tinha a proteção dela.

203 O colar chegou a Dior; ele o envergou sobre o peito.

205 Os filhos de Fëanor recebem novas da Silmaril no Leste, e voltam de suas andanças e se reúnem em conselho. Eles convocam Dior a entregar a joia.

206 Aqui Dior enfrentou os filhos de Fëanor nas marcas orientais de Doriath, mas foi morto. Celegorm e Curufin e Cranthir tombaram em batalha. Os jovens filhos de Dior, Elboron e Elbereth, foram mortos pelos homens malignos

da hoste de Maidros, e Maidros lamentou o ato abominável. A donzela Elwing foi salva por Elfos fiéis e levada à foz do Sirion, e consigo levaram a joia e o colar.

Meglin foi capturado nas colinas e traiu Gondolin a Morgoth.

207 Aqui Morgoth soltou uma hoste de dragões sobre as montanhas pelo Norte e o vale de Gondolin foi tomado e a cidade sitiada. Os Orques saquearam Gondolin e destruíram o rei e a maioria de seu povo; mas Ecthelion da Fonte matou lá Gothmog, senhor de Balrogs, antes de tombar.

Tuor matou Meglin. Tuor, Idril e Eärendel escaparam por uma via secreta planejada por Idril e chegaram à Cristhorn, Fenda das Águias, um passo alto sob o marco de Fingolfin no Norte. Glorfindel foi lá morto em uma emboscada, mas Thorndor salvou o remanescente de Gondolin, e eles escaparam por fim para o vale do Sirion.

A ruína dos Elfos estava agora quase completa, e nenhum refúgio ou lugar fortificado ou reino lhes restava.

208 Aqui os errantes de Gondolin chegaram às fozes do Sirion e juntaram-se à minguada companhia de Elwing. A Silmaril lhes traz uma bênção e eles se multiplicam, e constroem navios e um porto, e habitam no delta entre as águas. Fugitivos se reúnem à sua volta.

210 Maidros toma conhecimento do crescimento do Porto do Sirion e de que uma Silmaril lá se encontra, mas ele abjura o seu juramento.

224 A inquietação de Ulmo se abate sobre Tuor e ele constrói o navio Earámë, Ala de Águia, e parte com Idril para o Oeste e dele não se ouve mais nada. Eärendel desposa Elwing e é senhor do povo do Sirion.

225 Tormento de Maidros e seus irmãos por causa do juramento. Damrod e Díriel resolvem tomar a Silmaril caso Eärendel não a entregue.

Aqui a inquietação se abateu sobre Eärendel e ele viajou para longe pelos mares à procura de Tuor, e à procura de Valinor, mas não encontrou nenhum dos dois. As maravilhas que realizou e viu foram muitas e renomadas. Nasce Elrond Meio-Elfo, filho de Eärendel.

O povo do Sirion recusou-se a entregar a Silmaril na ausência de Eärendel, e pensavam que o seu regozijo e prosperidade vinham da joia.

229 Aqui Damrod e Díriel assolaram o Sirion, e foram mortos. Maidros e Maglor deram auxílio com relutância. O povo do Sirion foi morto ou recebido na companhia de Maidros. Elrond foi levado para ser criado por Maglor. Elwing lançou-se com a Silmaril ao mar, mas por auxílio de Ulmo na forma de uma ave voou até Eärendel e o encontrou enquanto ele retornava.

230 Eärendel ata a Silmaril à sua fronte e com Elwing navega em busca de Valinor.

233 Eärendel entra em Valinor e fala em nome das duas raças.

240 Maglor, Maidros e Elrond, com alguns Elfos livres, os últimos dos Gnomos, vivem[65] ocultos de Morgoth, que

governa toda Beleriand e o Norte, e segue avançando para o Leste e o Sul.

233–43 Os filhos dos Deuses[66] liderados por Fionwë, filho de Manwë, preparam-se para a guerra. Os Elfos-da-luz se armam, mas os Teleri não partem de Valinor, apesar de construírem uma hoste incontável de navios.

247 A hoste de Fionwë aproxima-se das Terras de Cá e suas trombetas desde o mar ecoam nos bosques do oeste. Aqui foi travada a batalha de Eldorest,[67] onde Ingwil,[68] filho de Ingwë, desembarcou. Uma grande guerra chega a Beleriand, e Fionwë convoca todos os Elfos, e Anãos, e Homens, e feras, e aves aos seus estandartes que não escolheram lutar por Morgoth. Mas o poder e terror de Morgoth era muito grande, e muitos não obedeceram.

★ **250** Aqui Fionwë travou a última batalha do antigo Norte, a Grande Batalha ou Batalha Terrível. Morgoth foi à luta, e as hostes entraram em formação dos dois lados do Sirion. Mas a hoste de Morgoth foi repelida como folhas e os Balrogs destruídos por completo, e Morgoth fugiu para Angband perseguido pelas hostes de Fionwë.

Ele soltou de lá todos os Dragões alados, e Fionwë foi rechaçado em Dor-na-Fauglith, mas Eärendel chegou pelo céu e derrubou Ancalagon, o Dragão Negro, e em sua queda Thangorodrim foi destroçada.[69]

Os filhos dos Deuses lutaram com Morgoth em suas masmorras e a terra tremeu e toda Beleriand foi despedaçada e mudada e muitos pereceram, mas Morgoth foi aprisionado.

Fionwë partiu para Valinor com os Elfos-da-luz e muitos dos Gnomos e dos outros Elfos das Terras de Cá, mas Elrond Meio-Elfo permaneceu e governou no Oeste do mundo. Maidros e Maglor pereceram em[70] um último esforço de tomar as Silmarils que Fionwë tirou da coroa de Morgoth.[71] Assim terminou a Primeira Era do Mundo e Beleriand não mais existia.

NOTAS

1 Essa frase, *com seus amigos Orodreth, Angrod Egnor, filhos de Finrod*, foi um acréscimo inicial; cf. o acréscimo feito aos AV, nota 21.

2 Acréscimo tardio: *Dagor-os-Giliath*, que é encontrado nos AV como escrito inicialmente, anal do Ano Valiano 2996.

3 Acréscimo tardio: (*Eredwethion*), que é encontrado nos AV como escrito inicialmente, anal Ano Valiano 2996. — Escrito a lápis na margem junto a essa passagem, mas depois riscado: *A passagem dos Gnomos para Mithrim ocupou o equivalente a 10 anos de tempo tardio, ou 1 ano valinoriano.* Cf. AV, p. 316.

4 Essa é uma alteração inicial, que acompanha a apresentada na nota 1, de *Com ele vêm os filhos de Finrod*; cf. a alteração feita nos AV, nota 23.

5 Uma alteração inicial de: *Marcham para Mithrim ao nascer do Sol, e desfraldam suas bandeiras; mas há a uma rixa…*

6 Acréscimo tardio: *Belegar*. Esse nome ocorre na versão II dos AV em inglês antigo, p. 336, linha 43.

7 Acréscimo tardio: *Eredlindon*. Esse nome ocorre em acréscimos posteriores ao Q (§9, nota 3) e aos AV (nota 14).

8 *Eldorest* > *Eglarest* > *Eglorest* (cf. notas 56 e 67). Na Expansão a Oeste do primeiro mapa (ver pp. 270–71), o nome é *Eldorest*; em uma interpolação aos AV (nota 18) é *Eglorest*; em *O Silmarillion* é *Eglarest*.

9 A conclusão desse anal (muito provavelmente mudado na época da composição) originalmente era a seguinte: *Um tempo de paz e crescimento. Antes do Sol havia apenas os pinheiros e abetos e sombrios*. . . . .

10 Acréscimo tardio: *em Nargothrond*.

11 *Erydlómin* > *Eredwethion* (duas vezes; mudanças tardias). Ver nota 3, e pp. 222, 258.

12 Acréscimo tardio: *em Nargothrond*.

13 Esses três anais foram colocados aqui e escritos dessa forma no manuscrito, e colocados entre colchetes. Os colchetes talvez apenas indiquem que os anais são um acréscimo (o nascimento de Gumlin havia sido colocado primeiramente no anal 122, mas foi riscado provavelmente na época da composição, e a menção ao nascimento de Handir, filho de Hundor, foi um acréscimo inicial ao anal 141).

[14] Mudança tardia: *Ermabwed* > *Ermabuin*. *Ermabwed* é a forma na *Balada dos Filhos de Húrin* e no Q (§10).

[15] Acréscimo tardio: *ou Mablosgen, o de Mão-vazia*.

[16] A maioria das datas de nascimento de 124 a 150 foi mudada em um ou dois anos, mas visto que meu pai escreveu por cima dos números, não é possível ler todas as datas por baixo com certeza. O anal para o nascimento de Rían foi primeiramente dado em um anal do ano 152: *Nasce Rían, a pesarosa, filha de Belegund*.

[17] Acréscimo tardio: *Dagor Hurbreged*.

[18] Acréscimo tardio: *em poderio pleno*.

[19] Essas duas frases foram um acréscimo, ainda que muito inicial: daí a mudança de tempo verbal.

[20] Acréscimo tardio: *Tol-na-Gaurhoth, Ilha dos Lobisomens.*

[21] Acréscimo tardio: *em Menegroth*. Esse nome ocorre em uma interpolação aos AV (nota 18) e na versão II em inglês antigo, p. 339, linha 153.

[22] *Math-Fuin-delos* > *Gwath-Fuin-daidelos* (mudança tardia). Quando a *delos*, *daidelos*, ver p. 306, segunda nota de rodapé, e p. 319, nota 27.

[23] Acréscimo tardio: *Gorlim, Radros, Dengar, e 7 outros*. Acima de *Dengar* foi escrito (posteriormente) *Dagnir*.

[24] Essa frase foi riscada a lápis e a seguinte substituição escrita em seu lugar: *Suas esposas e filhos foram capturados ou mortos por Morgoth, salvo Morwen Eledwen Brilho-élfico (filha de Baragund) e Rían (filha de Belegund), que foram enviadas* etc.

[25] Após esse trecho, havia o seguinte no texto original: *Haleth, último dos Pais de Homens, morre nas matas. Hundor, seu filho, governa o seu povo.* Isso foi riscado enquanto os *Anais* estavam em processo de composição, pois o trecho reaparece depois, e não como uma inserção (ano 168).

[26] *Nascente do Sirion* > *Eithyl Sirion* (mudança tardia). *Eithyl* (do qual o *y* é incerto) substitui uma forma mais antiga, provavelmente *Eothlin*.

[27] *Erydlómin* > *Eredwethion* (mudança tardia; cf. nota 11).

[28] Acréscimo tardio: *nauglar ou* (isto é, *pois os nauglar ou Anãos*)*, nauglar* parece ter sido mudado a partir de *nauglir*, a forma no Q.

[29] Essas duas frases, desde *Sobre os Anãos* […], entre colchetes a lápis; ver p. 394.

[30] *Ulfand* é uma emenda inicial a partir de *Ulband*, e assim também na frase seguinte.

[31] Acréscimo tardio: *Tinúviel, filha de Thingol de Doriath.* — Quanto à palavra *gesta*, ver III. 188.

[32] *Tolsirion* > *Tol-na-Gaurhoth* (mudança tardia; cf. nota 20).

[33] Acréscimo tardio: *Nargothrond está oculto.*

[34] Acréscimo tardio: *entre os Elfos-verdes*.

[35] *Elfos* > *Gnomos* (mudança tardia, dependente da apresentada na nota 34).

[36] Esses dois anais, para os anos 164 e 165, são substituições iniciais de essencialmente os mesmos anais situados originalmente em 169 e 170: *Húrin, filho de Hádor desposa Morwen Brilho-élfico, filha de Baragund, filho de Bëor*, e *Nasce Túrin, filho de Húrin*. O primeiro contém dois erros, que só podem ser meros deslizes devido à rápida composição, para *filho de Gumlin,*

filho de Hádor e *filho de Bregolas, filho de Bëor*. Do mesmo modo, no anal para 172 Huor é chamado de *filho de Hádor*.

[37] *Huor, filho de Hádor*: um erro; ver nota 36.

[38] Acréscimo tardio: *Nirnaith Irnoth*, mudado para *Nirnaith Dirnoth*. Na *Balada dos Filhos de Húrin* há muitas formas diferentes do nome élfico da Batalha das Lágrimas Inumeráveis, uma substituindo a outra: as últimas são *Nirnaith Únoth* substituídas por *Nirnaith Ornoth* (a forma final *Nirnaith Arnediad* também é encontrada no poema, inserida num período posterior, como em Q §11, nota 16).

[39] *Erydlómin* > *Erydwethion* (mudança tardia; cf. notas 11 e 27).

[40] *Flinding* primeiro > *Findor*; depois *Flinding, filho de Fuilin* > *Gwindor, filho de Guilin* (mudanças tardias).

[41] *Túrin tinha quase três anos* é dependente da data anterior de seu nascimento no ano 170: ver nota 36.

[42] Acréscimo tardio: *Cûm-na-Dengin*. O nome *Amon Dengin* é encontrado em uma reescrita tardia de uma passagem em Q §16, nota 3.

[43] Essa passagem, na época da composição, substituiu a original: *Rían procurou Huor e morreu ao lado do corpo dele.* Ver nota 46.

[44] A data 173 foi acrescentada subsequentemente, ainda que cedo, à essa passagem. Ela permanece em seu lugar original, sem estar riscada, embora não seja incluída aqui, no início da passagem seguinte, *Morgoth quebrou suas promessas* […]

[45] *Ulfand* inicialmente < *Ulband*, como anteriormente (nota 30).

[46] O texto original tinha o seguinte aqui: *Tuor, filho de Huor, nasceu em pesar*, que foi riscado na época da composição quando a passagem adicional acerca de Tuor no final do anal 172 foi inserida (nota 43). A frase acerca de Nienor que se segue foi um acréscimo inicial.

[47] Foi rabiscada nessa frase uma marca de transferência para o lugar entre os anais 184 e 184–87.

[48] Esse parágrafo, desde *Tuor cresceu*…, foi datado 177, mas a data foi riscada. Tal como os *Anais* foram escritos inicialmente, o nascimento de Túrin foi colocado no ano 170, mas esse anal foi rejeitado e recolocado no do ano 165 (nota 36). Portanto, quando a presente passagem foi datada 177, Túrin tinha 7 anos quando foi para Doriath; mas com a data riscada, a passagem pertence ao anal 173, e os anos da vida de Túrin em Hithlum se tornam 165–73, o que pode ou não significar uma mudança na sua idade quando foi para Doriath. Em *O Silmarillion* (p. 268) ele tinha oito anos; mas a afirmação aqui de que ele tinha sete foi deixada inalterada.

[49] Após esse anal, outro foi inserido na camada de emenda posterior a lápis: *188. Halmir, filho de Orodreth, foi capturado e enforcado numa árvore por Orques.*

[50] *Flinding, filho de Fuilin* > *Gwindor, filho de Guilin* (mudança tardia; cf. nota 40). *Flinding* > *Gwindor* em todas as ocorrências do nome nos anais 190, 190–5, 195.

[51] *nascente do Ivrin* > *a nascente de Ivrineithil* (mudança tardia).

[52] *Mormegil (Mormakil)* > *Mormael (q. Mormakil)* (mudança tardia). Essa é a primeira ocorrência da forma *Mormegil*; quanto a formas mais antigas, ver p. 210.

[53] *Morgoth toma conhecimento da força crescente da praça-forte* é uma mudança inicial de *Morgoth toma conhecimento da praça-forte*.

[54] *Erydlómin* > *Erydwethion*, como anteriormente (mudança tardia); mais uma vez no anal 195.

[55] *Mormakil* > *Mormael (Mormakil)* (mudança tardia; cf. nota 52).

[56] *Eldorest* > *Eglorest* (mudança tardia; cf. nota 8).

[57] Esse anal, desde *Tuor foi levado para fora de Hithlum*…, originalmente datado 196, foi mudado (de início) para 195, mas foi deixado onde estava, com essa data, após o anal 195–6. Uma indicação a lápis o coloca na posição em que foi impresso aqui.

[58] O *h* de *Turumarth* foi circulado a lápis para ser apagado. A frase é um acréscimo inicial.

[59] Acréscimo tardio: *Bacia de Prata (Celebrindon)*. Isso foi riscado e substituído pelo seguinte: *que era chamado de Celebros, Espuma de Prata, mas mais tarde de Nen Girith, Água do Estremecer*.

[60] *Nauglafring* > *Nauglamír* (mudança tardia); novamente no anal 202.

[61] *A inimizade desperta* é uma mudança inicial a partir de *Segue-se a guerra*.

[62] Acréscimo tardio: *e os Elfos-verdes* (cf. nota 34).

[63] *Sarn-Athra* > *Sarn-Athrad* (mudança tardia). A mesma mudança foi feita no Q (§14, nota 8).

[64] *Rathlorion* > *Rathloriel* (mudança tardia). A mesma mudança foi feita no Q (§14, nota 11).

[65] Acréscimo tardio: *sobre Amon Ereb, o Monte Solitário em Beleriand Leste*. Acima de *Beleriand Leste* está escrito *no Sul*.

[66] *os Deuses* > *os Valar, que é os Deuses* (mudança tardia).

[67] *Eldorest* > *Eglarest* > *Eglorest* (mudanças tardias; cf. notas 8 e 56).

[68] *Ingwil* > *Ingwiel* (mudança tardia). *Ingwiel* é a forma em um acréscimo ao Q (Q II, §17, nota 19).

[69] Escrito às pressas na margem junto a esse parágrafo: *Essa grande guerra durou 50 anos.*

[70] *pereceram em* > *fizeram* (mudança tardia).

[71] Acréscimo tardio: *mas Maidros pereceu e a sua Silmaril foi para o seio da terra, e Maglor lançou a sua no mar, e vagou para sempre pelas costas do mundo.*

Comentário sobre os *Anais de Beleriand* (texto AB I)

Este comentário segue as seções dos anais do texto (em alguns casos, grupos de anais).

Seção de abertura (antes do nascer do Sol) Morgoth "reconstrói sua fortaleza de Angband". Tal como no Esb e no Q, antes de *Utumna* reaparecer, assim como reaparece no *Ambarkanta* (ver pp. 303, 306); os AV não são explícitos, e dizem apenas (p. 313) que ele "restabeleceu sua praça-forte". Angband fica "sob a Montanha Negra, Thangorodrim"; quanto a isso, ver pp. 256, 306–07.

Há a notável afirmação de que Morgoth "planeja os Balrogs e os Orques", deixando implícito que foi só nesse momento que eles vieram a existir. No Q (§2), seguindo o Esb, eles tiveram

origem (caso os Balrogs já não existissem) na escuridão ancestral antes da derrubada das Lamparinas, e quando Morgoth retornou a Angband "incontável se tornou o número das hostes de seus Orques e demônios" (§4); do mesmo modo, nos AV (p. 313) ele "procriou e reuniu *mais uma vez* seus serviçais malignos, Orques e Balrogs". No entanto, uma anotação feita junto à passagem em Q §4 indica que a feitura dos Orques deveria ser inserida aqui e não antes (nota 8); e na versão de "O Silmarillion" que se seguiu ao Q (posterior a esses *Anais*), isso de fato foi feito: quando Morgoth retornou,

> incontável se tornou as hostes de suas feras e demônios; e *ele trouxe à existência a raça dos Orques*, e eles cresceram e se multiplicaram nas entranhas da terra.

(As subsequentes elaborações acerca da origem dos Orques são extremamente complexas e não podem ser abordadas aqui.) Está claro, portanto, que essas palavras no AB I, apesar do fato de ser evidentemente anterior aos AV, antecipam a ideia tardia (por si só impermanente) de que os Orques não foram feitos antes que Morgoth retornasse de Valinor.

De acordo com os AV, Morgoth escapou no decorrer dos Anos Valianos 2990–1; cerca de um século de meio de tempo tardio transcorreu, então, entre a primeira feitura dos Orques e o início de suas incursões, mencionadas no primeiro dos anais datados 50.

Quanto ao acréscimo (notas 1 e 4) de que Orodreth, Angrod e Egnor chegaram à Terra-média nos navios com os Fëanorianos, enquanto Felagund atravessou o Gelo Pungente com Fingolfin, ver o comentário sobre os AV, pp. 328–29.

Anal 1 A razão para a alteração na nota 5 não me está clara; a não ser que o propósito fosse enfatizar que a segunda hoste dos Noldoli chegou "do Norte", isto é, do Gelo Pungente, e não de Drengist.

Anais 20 a 51 A “Festa da Reunião” é o nome posterior, como em *O Silmarillion* (p. 163); no Q (§9) é a “Festa do Encontro”. Mas ela ainda é realizada na Terra dos Salgueiros (ver p. 199). Agora aparecem na Festa embaixadores vindos de Doriath, e Elfos dos Portos do Oeste, Brithombar e Eldorest (> Eglorest); quanto ao crescimento da ideia dos Portos, ver p. 270, verbete *Brithombar*. Enquanto no Q a Festa foi realizada dentro do período do Cerco de Angband, ela agora precede o estabelecimento do Cerco, que na história tardia começou após a Batalha Gloriosa (*Dagor Aglareb*) — da qual os terremotos e as incursões dos Orques dos anos 50–51 são a primeira indicação.

No segundo anal datado 50 surge um elemento novo considerável: a história dos sonhos e presságios de Turgon e Felagund, que levam à fundação de Nargothrond e Gondolin. (Uma nota tardia no Q refere-se ao “Presságio dos Reis”, §9, nota 15.) No Q, Nargothrond foi fundada após a fuga de Felagund da Batalha da Chama Repentina (p. 125), e o vale oculto de Gondolin não era conhecido até que os batedores de Turgon, na fuga da Batalha das Lágrimas Inumeráveis, escalaram as alturas acima do vale do Sirion e o avistaram abaixo deles (§15, p. 155; reescritas tardias do Q alteram a história: notas 1 e 2). Mas no AB I a partida de Turgon com o seu povo de Hithlum para Gondolin ocorreu imediatamente após a descoberta do vale oculto, enquanto na história tardia ele permaneceu em Vinyamar (da qual ainda não há sinal) durante longos anos após a descoberta (*O Silmarillion*, pp. 165, 178–79).

A definição de Hithlum como “a Terra da Bruma em torno de Mithrim” pode sugerir que *Mithrim* ainda era apenas o nome do Lago: ver AV, anal 2995, e comentário, p. 329.

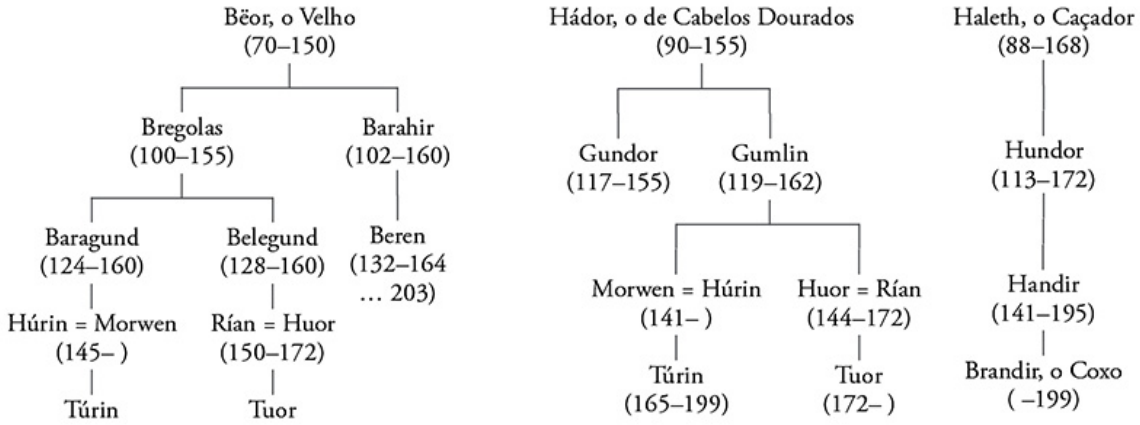
Fingon é agora assim mencionado no texto como escrito, e não como Finweg > Fingon como no Q.

Fingolfin é agora mencionado como o soberano de todos os “Elfos-escuros” a oeste de Narog, e o seu poder é congregado na cadeia setentrional das Montanhas Sombrias, de onde ele pode vigiar a planície de Bladorion (que é mencionada por nome nos AV, anal 2996). A ilha onde ficava a torre de Felagund é agora

chamada *Tolsirion*, e somente Felagund é associado com ela (cf. Q §9, “Uma torre tinham [os filhos de Finrod] numa ilha no rio Sirion”, mas também §10, “Felagund eles sepultaram no alto de sua própria ilha-colina”); a preeminência de Felagund entre seus irmãos é firmemente estabelecida, assim como o seu isolamento deles.

Em Q §9, nota 1, o nome do grande planalto coberto de pinheiros antes de se tornar um lugar maligno aparece pela primeira vez, na forma *Taur Danin*; *Taur-na-Danion* ocorre na lista de nomes em inglês antigo (p. 245). No Q (§9) é dito sobre os filhos de Fëanor que “sua torre de vigia era a colina alta de Himling, e seu esconderijo a Garganta de Aglon”.

Anais 70 a 150 Nos anais que fornecem as datas de nascimento dos Bëorianos vê-se o surgimento de uma linha de descendência mais velha desde Bëor, o Velho, além de Barahir e Beren: Barahir agora tem um irmão Bregolas, cujos filhos são Baragund e Belegund (nessa História todos os três foram mencionados por nome na reescrita da *Balada de Leithian*, III. 391–92, mas isso pertence a uma época muito posterior). Morwen e Rían estão genealogicamente posicionadas nessa linha, e, como as filhas de Baragund e Belegund, tornam-se primas. Mas embora nada tenha sido dito antes acerca do parentesco de Rían, a ideia de que Morwen era aparentada a Beren remonta imediatamente ao *Conto de Turambar*, onde (tal como aquele texto foi escrito inicialmente, no qual Beren era um Homem) Mavwin era parente de Egnor, pai de Beren (ver II. 93, 171).



Bregolas, Hádor e Gundor foram mortos na Batalha do Fogo Repentino (155); Barahir, Baragund e Belegund foram mortos como proscritos em Taur-na-Danion (160); Gumlin foi morto na fortaleza da Nascente do Sirion (162); Huor e Hundor foram mortos na Batalha das Lágrimas Inumeráveis (172); Handir foi morto na Queda de Nargothrond (195). (Ver p. 370)

A casa bëoriana encontra-se assim na sua forma final no que diz respeito às últimas e mais importantes gerações, embora Barahir e Bregolas tenham sido mais tarde afastados em muitos graus de Bëor com o alongamento dos anos de Beleriand desde o surgimento do Sol.

Além disso, por meio desse desenvolvimento genealógico Túrin e Tuor descendem tanto da casa de Bëor como da casa de Hador; e eles se tornam primos de ambos os lados.

Haleth, que no Q era o filho de Hador, agora se torna independente, um "Pai de Homens"; cf. as alterações a lápis em Q §9 (nota 11 e p. 200), onde Haleth "o Caçador" entra em Beleriand pouco antes de Hador — como também é sugerido no AB I. O relato das características físicas dos Homens das Três Casas dos Amigos-dos-Elfos é a origem daquele em *O Silmarillion* (pp. 207–08); mas nesse estágio o povo de Haleth é assemelhado ao de Hador em vez de aos Bëorianos, e isso sem dúvida é um reflexo do fato de que as casas "hadoriana" e "halethiana" haviam acabado de ser divididas (ver p. 200).

No Q (§13, p. 149), Brandir, o Coxo, era filho de Handir, filho de Haleth; mas agora no AB I é introduzida uma nova geração na pessoa de Hundor, através de um acréscimo inicial ao texto (ver nota 13).

Na casa de Hador, a remoção de Haleth como irmão mais velho de Hador leva ao aparecimento de Gundor, como já visto na alteração tardia em Q §9 (nota 11 e p. 200). No AB I, *Hador* é escrito tanto *Hádor* como *Hador*, e partindo do pressuposto que o acento deve ser intencional, enquanto sua ausência talvez não seja, empreguei a forma *Hádor* do início ao fim.

As genealogias das Três Casas dos Amigos-dos-Elfos, junto com suas datas conforme apresentadas no AB I (após a revisão), são agora, portanto, como mostradas na p. 369.

Hádor ter se tornado um vassalo de Fingolfin (anal 120) é uma extensão da afirmação em Q §9, "os filhos de Hador eram aliados à casa de Fingolfin", com o acréscimo de que ele recebeu terras em Hithlum. O fato de a casa de seu neto Húrin ser em Hithlum é obviamente um elemento antigo das lendas.

O nome de Beren, *Mablosgen*, o de Mão-vazia (nota 15), aparece pela primeira vez aqui (Camlost em *O Silmarillion*).

A tristeza dos Elfos que testemunharam a morte "de cansaço" de Bëor (anal 150) prenuncia a passagem em *O Silmarillion*, p. 208.

Anais 155 a 157 Nesses anais (que se comparam a Q §9) há muitos detalhes novos e um desenvolvimento significativo. Em um acréscimo tardio (nota 17), a Batalha do Fogo Repentino (que também aparece, como a Batalha da Chama Repentina, em um acréscimo tardio ao Q, nota 19) recebe o nome élfico *Dagor Hurbreged*; e Glómund está presente na batalha — por meio de outro acréscimo tardio (nota 18) agora em seu "poderio pleno". A cada estágio, em acréscimo ao Esb, no Q, em acréscimo ao Q, nos AB e em acréscimo aos AB, a história de Glómund é empurrada cada vez mais para trás; quanto aos detalhes, ver p. 208. Em *O Silmarillion*, p. 210, a mesma expressão "em seu poderio pleno" é usada para Glaurung na Batalha da Chama Repentina, onde a afirmação remete ao fato de que em sua primeira aparição (p. 136) ele ainda não havia crescido por completo; ver p. 395.

A morte de Bregolas e a da maior parte dos guerreiros da casa de Bëor é registrada (cf. *O Silmarillion*, p. 211), assim como a morte de Hádor, "agora idoso", e de seu filho Gundor, defendendo Fingolfin (em *O Silmarillion* eles tombam em Eithel Sirion). É dito que Orodreth assim como Felagund foram resgatados por Barahir: não há qualquer indicação disso no Q, onde ele chegou a Nargothrond com Celegorm e Curufin somente "após uma época de fuga esbaforida e perambulações arriscadas", e parece natural supor que ele escapara de Taur-na-Danion (Taur-na-Fuin) quando seus irmãos Angrod e Egnor foram mortos. Quanto a essa questão, ver mais abaixo, anal 157.

Enquanto no Q é dito que Himling fora "fortificada" pelos filhos de Fëanor nessa época (p. 125; antes havia sido sua "torre de vigia", p. 122), nos AB foi dito anteriormente (anal 51) que Himling era a "fortaleza" deles, e agora é contado que não a

perderam devido à proeza de Maidros. A passagem dos Orques pelos "passos a leste de Himling" e sua entrada em Beleriand Leste, e a dispersão dos "Gnomos da casa de Fëanor", são agora mencionadas pela primeira vez: em *O Silmarillion* (pp. 212–13) esses fatos são ampliados consideravelmente.

O desenvolvimento mais importante e interessante nesses anais é a estada de Húrin em Gondolin, da qual até então não houvera indicação; mas há muitas diferenças para a história em *O Silmarillion* (pp. 219–20). Nos AB foi Haleth e seu filho de criação Húrin (um garoto de catorze anos) que foram levados a Gondolin, tendo sido encontrados por alguns do povo de Turgon no vale do Sirion; e é sugerido que isso foi feito porque Turgon havia sido avisado por mensagens de Ulmo que "o auxílio dos Homens lhe era necessário" — este sendo um elemento na mensagem de Ulmo a Turgon pela boca de Tuor em uma época muito posterior no Q: "sem os Homens, os Elfos não hão de prevalecer contra os Orques e os Balrogs" (pp. 163, 167–68). Nessa primeira versão da história, Haleth e Húrin partiram de Gondolin por causa das notícias sobre a Batalha do Fogo Repentino. Por outro lado, na lenda tardia foi Húrin e seu irmão Huor que foram levados (pelas Águias) a Gondolin, e isso aconteceu durante a própria batalha; eles partiram da cidade porque desejavam retornar ao mundo exterior, e tiveram permissão para ir (apesar dos protestos de Maeglin) porque, por terem sido trazidos pelas Águias, eles não conheciam o caminho. Esse era um elemento importante na história tardia, visto que Húrin não podia revelar o segredo de Gondolin, mesmo que quisesse. As mensagens e sonhos enviados por Ulmo, que fizeram com que Turgon recebesse bem Húrin e Huor quando os viu em sua cidade, aconselhavam-no expressamente "a tratar com bondade os filhos da casa de Hador, de quem havia de lhe vir ajuda quando precisasse". É claro, o elemento essencial das armas deixadas por Turgon em Vinyamar por ordem de Ulmo ainda não estava presente. No entanto, há na história nos AB a afeição de Turgon por Húrin e seu desejo de mantê-lo em Gondolin, o juramento de segredo e a criação de Húrin entre o

povo de Haleth (com o qual, porém, os "hadorianos" ainda não estavam associados por casamento). Agora também aparece o envio de mensagens por Turgon às fozes do Sirion e a construção de navios para a embaixada em vão a Valinor (*O Silmarillion*, p. 221).

O anal 157 introduz o intervalo de dois anos entre a Batalha do Fogo Repentino e a tomada de Tolsirion, que dali em diante foi a Ilha dos Lobisomens (e pelo acréscimo tardio apresentado na nota 20 recebe o nome élfico *Tol-na-Gaurhoth*); cf. *O Silmarillion*, p. 216. Mas nesse anal é dito que não foram apenas Orodreth, Celegorm e Curufin retiraram-se para Nargothrond nessa época, mas também Felagund, e que lá fizeram um grande palácio oculto. É difícil saber como interpretar isso, visto que no anal 50 é dito que Felagund "estabeleceu seus arsenais" nas cavernas de Narog, e no 51 "tem seu lugar de governança junto ao Narog no Sul" (embora o seu poderio esteja centrado em Tolsirion). Possivelmente o significado é de que, embora Nargothrond existisse por mais de cem anos como uma praça-forte gnômica, foi só na ocasião da Batalha do Fogo Repentino que ela foi transformada em uma grande habitação ou "palácio" subterrâneo, e o centro do poderio de Felagund. Mesmo assim, a história ainda parece muito confusa. No anal 155 "Barahir e seus campeões escolhidos salvaram Felagund e Orodreth", mas também "Celegorm e Curufin foram derrotados e fugiram com Orodreth"; enquanto dois anos depois, em 157, "Felagund e Orodreth, junto com Celegorm e Curufin, retiraram-se para Nargothrond".

A implicação das duas últimas dessas afirmações é certamente de que Celegorm e Curufin fugiram para o oeste com Orodreth após Taur-na-Danion ter sido assolada e se refugiaram com Felagund em Tolsirion; e quando Tolsirion foi tomada dois anos depois, os quatro foram para o sul até Narog. Nesse caso, isso parece contradizer a primeira afirmação, de que Barahir salvou Felagund e Orodreth na Batalha do Fogo Repentino em 155. Talvez o fato de que o ano 155 esteja escrito duas vezes no início do anal sugira uma explicação. O segundo número está

escrito no alto de uma página manuscrita (que termina do final do anal 157); e é possível que essa página seja uma revisão que não foi propriamente integrada à narrativa.

No segundo parágrafo de 157 aparecem vários elementos novos: o envio de Morwen e Rían a Hithlum (cf. *O Silmarillion*, pp. 215–16); o nome de Morwen, *Eledwen* (nota 24; ele é chamada "Brilho-élfico" em Q §9 e no anal 145); a presença de Baragund e Belegund no bando de Barahir, e (por meio de um acréscimo tardio, nota 23) os nomes de dois outros (além de Gorlim): Radros e Dengar (> Dagnir). Dagnir permanece em *O Silmarillion*; Radros tornou-se Radhruin.

É possível notar aqui que, embora meu pai tenha subsequentemente expandido em muito a duração de Beleriand do surgimento do Sol ao fim dos Dias Antigos, essa expansão não foi realizada através de um aumento proporcional geral dos intervalos entre grandes eventos. Em vez disso, ele aumentou (em sucessivas versões dos *Anais*) o lapso de tempo na primeira parte do período, e o Cerco de Angband foi consideravelmente estendido; e a datação relativa dos eventos posteriores permaneceu pouco afetada. Assim, no AB I a Batalha do Fogo Repentino ocorreu no ano 155, o ataque à fortaleza da Nascente do Sirion em 162 e a Queda de Nargothrond em 195; em *O Silmarillion*, as datas são 455 (p. 209), 462 (p. 222) e 495 (p. 285).

Anal 162 O ataque renovado de Morgoth sete anos após a Batalha do Fogo Repentino, e a morte de Gumlin na Nascente do Sirion, são mencionados em *O Silmarillion*, p. 222 (com Galdor em vez de Gumlin). A Nascente do Sirion é mencionada na *Balada dos Filhos de Húrin* (verso 1460) e está marcada no mapa (p. 260): mas "a oeste (das Montanhas Sombrias)" nesse anal deve ser um deslize para "leste". O nome élfico *Eithyl Sirion* (nota 26) ocorre pela primeira vez aqui.

Húrin foi "convocado a Hithlum" claramente porque naquela época ele ainda estava com seu pai adotivo Haleth no vale do

Sirion.

Anal 163 Os Homens Tisnados foram mencionados um tanto indiretamente em Q §11, como escrito inicialmente: “Homens do Leste e do Sul” marcharam à bandeira de Maidros (p. 136), e “os Homens tisnados, a quem Uldor, o Maldito, liderava, passaram para o lado do inimigo” (p. 138). Em uma interpolação tardia (nota 14), os Homens do Leste são “os Homens Tisnados” e “os Lestenses”, e “os filhos de Bor e Ulfang” são mencionados, e Uldor, o Maldito, é o filho de Ulfang. Não está claro no Q quando esses Homens chegaram do Leste. Nos AB eles entraram em Beleriand no ano seguinte ao ataque a Eithel Sirion, enquanto em *O Silmarillion* a chegada dele é situada um tanto antes (p. 218); mas a descrição deles nos AB é preservada muito parecida em *O Silmarillion*, com a menção de sua preferência (claramente um mau presságio) pelos Anãos das montanhas. A interpolação no Q possui a forma final *Ulfang*, enquanto nos AB ele é *Ulfand* (< *Ulband*, notas 30 e 45);[a] seus filhos são *Uldor*, *Ulfast*, cujos nomes não foram mudados depois, e *Ulwar*, que se tornou *Ulwarth*. A associação de Cranthir (Caranthir) com esses Homens também aparece agora. Quanto às palavras dos AB acerca dos Anãos cf. Q §9, p. 123.

Anal 163–4 Quanto os Elfos-verdes de Ossiriand, que aparecem em uma interpolação tardia (nota 34, e mais uma vez subsequentemente, nota 62), ver os AV, nota 14, e p. 326.

Anal 165–70 Há algumas leves diferenças nos relatos em Q §11 e nos AB: assim, os atos de Celegorm e Curufin são tornados aqui a razão para a recusa de Thingol de se juntar à União de Maidros, e a relutância dos Elfos de Nargothrond se deve à sua estratégia de ações furtivas e segredo, enquanto no Q (como em *O Silmarillion*, pp. 188–89) o motivo de Thingol é a exigência que lhe é feita pelos Fëanorianos pela devolução da Silmaril, e são os atos de Celegorm e Curufin que determinam a política de Orodreth. Possivelmente há uma indicação nas palavras “pois o

seu povo não podia ser detido" de que o aparecimento da hoste de Gondolin foi contra o juízo de Turgon; em Q §11 como reescrito (na nota 7, onde a história da fundação muito anterior de Gondolin havia sido inserida), Turgon "julgou que a hora da libertação estava próxima".

Anal 168 "Os Orques são lentamente rechaçados de Beleriand": cf. a passagem reescrita em Q §11, nota 14, "Ora, por um tempo os Gnomos tiveram a vitória, e os Orques foram varridos de Beleriand". Mas isso vem *após* "Por fim, tendo então reunido toda a força que podia, Maidros designou um dia": como observei (p. 205), as duas fases da guerra não estão claramente distinguidas — ou então é somente com os *Anais* que os primeiros sucessos contra os Orques são movidos para um ponto anterior, com a ideia concomitante de que Maidros "pôs à prova sua força cedo demais, antes que seus planos estivessem completos" (*O Silmarillion*, p. 258).

Anal 171 Em Q §15 Isfin se perdeu *após* a Batalha das Lágrimas Inumeráveis, e Eöl "havia desertado das hostes antes da batalha".

Anal 172 Nesse relato da Batalha das Lágrimas Inumeráveis, que se compara àquele em Q §11, os *Anais* introduzem muitos novos detalhes que viriam a permanecer. Assim, agora é contado que Huor desposou Rían "na véspera da batalha"; e que deveria haver um sinal visível de Maidros às hostes que esperavam no Oeste. A dúvida acerca do papel de Haleth (ver p. 206) é agora resolvida, e "Hundor, filho de Haleth, e os Homens dos bosques foram mortos na retirada através das areias"; o "alegre encontro de Húrin e Turgon" agora resulta da história contada primeiramente no anal 155; Balrogs abateram Fingon, embora Gothmog ainda não seja mencionado como o seu assassino; Turgon levou consigo em sua retirada um remanescente da hoste de Fingon (também em *O Silmarillion*, p. 264); Huor morreu por uma flecha envenenada (*ibid.*); Húrin jogou fora o seu escudo (*ibid.*).

A mudança de *Flinding, filho de Fuilin* para *Gwindor, filho de Guilin* (nota 40), que também é feita no Q, claramente ocorre pela primeira vez nos AB, visto que *Flinding* aqui se tornou *Findor* antes de se tornar *Gwindor*.

Os AB diferem da história tardia em alguns pontos. Aqui, a hoste de Turgon desceu de Taur-na-Fuin, enquanto no Q (como reescrito, nota 7) "acamparam diante do Passo Oeste à vista das muralhas de Hithlum", assim como em *O Silmarillion* (p. 261) os Elfos da hoste de Gondolin "tinham ficado postados ao sul, guardando o Passo do Sirion". A lealdade de Bór e seus filhos, não mencionada no Q, aparece agora, mas enquanto na história tardia Maglor matou Uldor, e os filhos de Bór mataram Ulfast e Ulwarth "antes que eles mesmos fossem mortos", nos AB Cranthir matou Uldor, e Ulfast e Ulwar mataram Bór e seus três filhos. O número de mil Balrogs que saíram de Angband quando "o Inferno se esvaziara" demonstra mais uma vez (ver II. 255–57 e p. 197), e mais claramente do que nunca, que os demônios de fogo de Morgoth não eram concebidos como raros ou peculiarmente terríveis — ao contrário do Dragão.

A passagem no final do anal 172 acerca de Rían e Tuor, com a referência adicional a Tuor no anal 173, segue a reescrita de Q §16, nota 3; e aqui, como lá, não há menção da escravidão de Tuor entre os Lestenses, que, no entanto, foi mencionada no Q como escrito inicialmente.

Anal 173 As palavras "outros [Morgoth] proibiu de deixar Hithlum, e eram mortos se Orques os encontravam a leste ou ao sul das Montanhas Sombrias" devem se referir àqueles Elfos que não foram escravizados em Angband; mas isso é surpreendente. Cf. Q §12, onde é contado que Morgoth confinou os Lestenses atrás das Montanhas Sombrias em Hithlum "e os matava se tentassem ir para Broseliand ou além"; de modo similar, em *O Silmarillion* (p. 265) eram os Lestenses que Morgoth não permitia que partissem.

Em Q §12, assim como no Esb, e como em *O Silmarillion* (p. 269), Túrin deixou o lar antes que sua irmã Nienor nascesse (ver

p. 71). O trecho nos AB acerca do nascimento de Nienor é um acréscimo inicial e certamente tem seu lugar junto à datação revisada do nascimento de Túrin (isto é, no ano 165, não 170, ver nota 36) e de sua jornada a Doriath (isto é, em 173, e não 177, ver nota 48); assim, Túrin partiu *após* o nascimento da irmã.

Anais 181 a 199 Na lenda dos Filhos de Húrin praticamente não há desenvolvimento a partir de sua forma no *Quenta*, do qual sem dúvida deriva diretamente a versão dos *Anais*. A condensação é muito grande, e os AB obviamente não foram idealizados como uma composição independente — a morte de Brodda por Túrin é registrada no anal 195–6 sem qualquer indicação da causa, e Brodda nem mesmo havia sido mencionado. Mas é possível reconhecer a passagem no anal 196, "Glómund lança um feitiço sobre a companhia e a dispersa. Morwen desaparece na mata; e uma grande treva da mente se abate sobre Nienor", como um relato dos eventos conhecidos pelo *Conto*, Esb, Q e *O Silmarillion*; mas a concomitância de todas essas outras versões demonstra que o fraseado dos AB é o resultado de extrema condensação da narrativa, composta muito rapidamente (ver p. 345). No entanto, é aqui que o único desenvolvimento na história aparece: Morwen "desaparece na mata", e, ao contrário do que ocorre em Q §13, não é levada em segurança de volta a Doriath.

As datas nesses anais são muito interessantes como indicadores da concepção de meu pai da duração e dos intervalos de tempo na lenda, acerca dos quais os outros textos mais antigos não fornecem uma ideia clara. Assim, a vida de Túrin como proscrito após sua fuga de Doriath e até a captura de Beleg durou três anos, e outros dois até o bando ser traído por Blodrin; ele passou cinco anos em Nargothrond, e tinha trinta anos quando o reino caiu. Nienor viveu entre os Homens-da-floresta por cerca de três anos; ela tinha vinte e seis anos quando morreu, e Túrin Turambar tinha trinta e quatro.

Anal 181 A primeira frase desse anal refere-se à época em que cessaram as notícias sobre Morwen — sete anos após a chegada de Túrin em Doriath, de acordo com o *Conto de Turambar* (II. 114) e a primeira versão da *Balada dos Filhos de Húrin* (verso 333), nove de acordo com a segunda versão da Balada (verso 693) e em *O Silmarillion* (p. 269). Nos AB são oito anos desde sua chegada a Doriath

Anal 184 Túrin, nascido em 165, tinha então dezenove anos quando matou Orgof, como no *Conto de Turambar* e na *Balada dos Filhos de Húrin*; ver II. 175.

Anal 188 No texto desse ano acrescentado posteriormente a lápis (nota 49), a história da morte do filho de Orodreth, Halmir, pelas mãos dos Orques ressurge da *Balada dos Filhos de Húrin*, versos 2137–138, onde o ódio de Orodreth pela "prole do Inferno" é explicado:

> pelo assassínio de seu filho, o de céleres pés,
> Halmir, que caçava o cervo e o javali

Essa história tornou a desaparecer mais tarde, e o nome *Halmir* passou a ser usado para um dos Senhores de Brethil, quando aquela linhagem foi muito modificada e ampliada. (Na lista de nomes em inglês antigo dos príncipes noldorin (p. 248) Orodreth tinha dois filhos, *Ordhelm* e *Ordlaf*, sem serem dados equivalentes élficos.)

Anal 190 O nome élfico acrescentado, *Ivrineithil* (nota 51), ocorre pela primeira vez aqui (*Eithel Ivrin* em *O Silmarillion*).

"São acolhidos pela súplica de Finduilas" é uma reminiscência da Balada (versos 1950 ss.).

Anal 190–195 Nesse anal há a primeira ocorrência da forma *Mormegil* (*Mormaglir* no Q), apesar de aqui ter sido corrigida depois (notas 52 e 55) para *Mormael*.

A emenda inicial apresentada na nota 53 é curiosa: de "Morgoth toma conhecimento da praça-forte" para "Morgoth toma conhecimento da força crescente da praça-forte". A impressão é de que essa mudança foi feita para eliminar a ideia de que a perda do "antigo sigilo" dos Elfos de Nargothrond na época de Túrin levou à descoberta do local por Morgoth. No meu comentário sobre Q §13 (p. 211) eu disse que, embora não haja indicação de que a política de guerra aberta de Túrin tenha revelado Nargothrond a Morgoth, esse elemento remonta ao *Conto de Turambar* e sua ausência do Q deve ser em decorrência de condensação (anteriormente no Q, no final de §11, é dito que após a Batalha das Lágrimas Inumeráveis Morgoth não deu muita atenção a Doriath e Nargothrond, "talvez porque pouco sabia deles". Em *O Silmarillion*, é dito (p. 285) "Assim Nargothrond foi revelada à ira e ao ódio de Morgoth", e esse é um elemento importante na discussão sobre política entre Túrin e Gwindor em uma passagem tardia que não foi completamente assimilada ao *Narn i Hîn Húrin* (*Contos Inacabados*, p. 216):

> Falais de sigilo e dizeis que nele reside a única esperança; mas se pudésseis emboscar e atocaiar cada batedor e espião de Morgoth, até o último e o menor, de tal forma que nenhum deles jamais voltasse a Angband com notícias, ainda assim, e por causa disso, ele saberia que viveis e adivinharia onde.

A aliança dos Gnomos de Nargothrond com o povo de Handir (neto de Haleth) não se encontra em *O Silmarillion*. Nos AB (anal 195) Handir foi morto na batalha da queda de Nargothrond; em *O Silmarillion* (p. 286) ele foi morto no ano da queda, mas antes dela, quando Orques invadiram sua terra.

Anal 192 Cf. o início de Q §16 e nota 1.

Anal 195 "Glómund, com uma hoste de Orques, atravessa as Erydlómin (> Erydwethion, nota 54) e derrota os Gnomos entre o Narog e o Taiglin" demonstra que, como no Q, a batalha antes

do saque de Nargothrond não foi travada no local posterior, entre o Ginglith e o Narog; ver p. 211.

O fato de Glómund ter atravessado as Montanhas Sombrias indica que ele veio de Angband através de Hithlum, e parece estranho que ele não teria entrado em Beleriand pelo Passo do Sirion; mas na versão seguinte significativa dos *Anais de Beleriand* é dito expressamente que ele "passou para Hithlum e fez grandes males" antes de seguir para o sul através das montanhas. Não há indicação de por que Morgoth ordenou ou permitiu isso.

Na nova datação do anal (196 > 195, ver nota 57) acerca da jornada de Tuor de Hithlum até o mar e ao longo da costa até as fozes do Sirion há um prenúncio da situação em *O Silmarillion*, onde (p. 319) "[Tuor] habitou em Nevrast sozinho, e o verão daquele ano passou, e a sina de Nargothrond se aproximava"; assim foi que Tuor e Voronwë em sua jornada até Gondolin avistaram em Ivrin, profanada pela passagem de Glaurung a caminho de Nargothrond, um homem alto correndo para o norte e portanto uma espada negra, mas "não sabiam quem ele era, nem nada do que tinha acontecido no sul" (pp. 319–20).

Por que os portos de Brithombar e Eldorest (> Eglorest) estavam "arruinados"? Nada foi dito em lugar algum acerca da destruição dos Portos. O mesmo ocorre na versão seguinte dos *Anais de Beleriand*, e mais uma vez é dito, na passagem correspondente, que os Portos estão em ruínas. Posteriormente, os Portos foram sitiados e destruídos no ano seguinte à Batalha das Lágrimas Inumeráveis (*O Silmarillion*, p. 266), e sugeri (p. 272) que a afirmação na Expansão a Oeste do primeiro mapa, "Aqui Morgoth alcança as costas", pode ser uma referência a essa história: parece então que ela estava presente, embora meu pai só viesse a mencioná-la muito tempo depois.

Anal 195–6 Se o *h* de *Turumarth* fosse ser apagado (nota 58), essa seria uma reversão à forma no *Conto de Turambar* (II. 91, 110). Em Q §13 *Turumarth* foi mudado posteriormente para *Turamarth* (nota 12).

Anal 199 O acréscimo *Bacia de Prata (Celebrindon)* (nota 59) é outro caso, como o de *Flinding* > *Gwindor* no anal 172, onde a alteração nos AB precedeu a feita no Q. Isso é evidenciado pela primeira forma rejeitada *Celebrindon*, enquanto no acréscimo ao Q (§13, nota 14) há apenas *Celebros* (traduzido, como aqui, "Prata-de-espuma").

Tuor entrou em Gondolin em 196 e, assim, viveu lá por três anos antes de se casar com Idril. Isso está de acordo com o Esb (§16, ver p. 82); no Q nada é dito acerca desse assunto.

Anal 200 O bando de Húrin é agora composto de Homens, não de Elfos (ver II. 169; em Q §14 eles são descritos apenas como "proscritos das matas"); mas a história, conforme apresentada muito brevemente nos AB, não elabora essa questão difícil (ver a minha discussão, p. 216). O destino de Húrin, e o de Morwen, agora é desconhecido; no Q "alguns dizem que ele se lançou, enfim, ao mar do oeste", e (no final de §13) "alguns dizem que Morwen, saindo a vagar pesarosa dos salões de Thingol… chegou certa feita àquela pedra e a leu, e ali morreu".

Anais 201 e 202 Na história do Nauglafring (> Nauglamír, nota 60) há muito pouco desenvolvimento narrativo a partir do Q (§14); mas a mudança de "Segue-se a guerra entre os Elfos e os Anãos" para "A inimizade desperta" (nota 61) sugere que meu pai estava revisando a história nesse ponto. A "guerra" é o confronto nas Mil Cavernas que entrou pela primeira vez na narrativa no Q, e cujos mortos foram sepultados em Cûm-nan-Arasaith, o Morro da Avareza.

O nome do rio em que o ouro foi afundado, *Asgar*, também é encontrado na lista de nomes em inglês antigo (p. 243); no Q, e na Expansão a Leste do mapa, como em *O Silmarillion*, a forma é *Ascar*.

Fica claro que Lúthien morreu como uma mortal (ver pp. 219–20), e a insinuação é de que ela e Beren morreram na mesma época. Vê-se pelas datas que eles viveram somente por um período muito breve após a chegada da Silmaril a Ossiriand;

cf. o Q, “logo partiu a breve hora de graça da terra de Rathlorion”. Aqui pela primeira vez é mencionado que a Silmaril chegou a Dior em Doriath à noite.

Anal 206 Um acréscimo menor à história no Q (§14) é de que a batalha entre os Elfos da Doriath renovada e os Fëanorianos ocorreu nas marcas orientais do reino; e os jovens filhos de Dior foram mortos “pelos homens malignos da hoste de Maidros” — o que não necessariamente significa que os Fëanorianos atacaram Doriath com aliados mortais, uma vez que “homens” é usado no sentido de “Elfos do sexo masculino”. Os filhos de Dior, chamados Eldûn e Elrûn em um acréscimo ao Q (nota 14), aqui têm os nomes de Elboron e Elbereth; este último deve ser a primeira ocorrência de *Elbereth* nos escritos de meu pai. Vê-se pela versão seguinte dos *Anais de Beleriand* que os nomes *Eldûn* e *Elrûn* substituíram os apresentados aqui.

Anal 207 Assim como com a lenda do Colar dos Anãos, o relato extremamente abreviado da Queda de Gondolin nos AB não apresenta diferenças daquele em Q §16.

Anais 208 a 233 No anal 210 é dito que Maidros na verdade abjura o seu juramento (apesar de no anal final ele ainda tentar levá-lo a cabo); e isso está claramente relacionado à sua repugnância ao assassinato dos filhos de Dior no anal 206. Damrod e Díriel agora surgem como os mais violentos dos filhos sobreviventes de Fëanor, e é principalmente sobre eles que recai a culpa pelo ataque ao povo do Sirion: Maidros e Maglor somente “deram auxílio com relutância”. Isso desenvolve ainda mais uma ênfase crescente nesses textos ao cansaço e à repugnância sentidos por Maidros e Maglor pelo dever ao qual se sentiam presos.

No anal 229 Maglor, em vez de Maidros como em Q §17, torna-se o salvador de Elrond; essa mudança também foi feita em uma reescrita tardia do Q II (§17, nota 10), onde, no entanto, o irmão de Elrond, Elros, também surge, como não é o caso nos AB.

A história de Elwing e Eärendel segue aquela no Q II: Elwing, portando a Silmaril, é tirada do mar por Ulmo na forma de uma ave e vai até Eärendel enquanto ele retorna em seu navio, e eles viajam juntos em busca de Valinor; e é a "embaixada das duas gentes" de Eärendel que leva ao ataque a Morgoth (ver p. 226).

Anal 240 Essa é a primeira menção de qualquer tipo da vida dos poucos Gnomos sobreviventes que permaneceram livres após a destruição do povo de Sirion; e em um acréscimo tardio (nota 65) há a primeira aparição de Amon Ereb, o Monte Solitário em Beleriand Leste, onde eles espreitavam.

Anal 233–43 A recusa dos Teleri quanto a partir de Valinor (embora tenham construído uma grande quantidade de navios) parece ser uma reversão à história em Q I §17 (p. 170); no Q II (p. 176) "não partiram, salvo uns poucos", e os que partiram tripularam a frota que transportou as hostes de Valinor. Mas os AB aqui podem simplesmente estar muito condensados.

Anais 247 e 250 No relato do ataque a Morgoth do Oeste há alguns acréscimos à narrativa no Q (§17): a Batalha de Eldorest (> Eglorest), onde Ingwil (> Ingwiel) desembarcou na Terra-média (*Ingwiel* é a forma em um acréscimo ao Q II, nota 19; a forma *Ingwil* nos AB a precedeu), a convocação de Fionwë a todos os Elfos, Anãos, Homens, feras e aves aos seus estandartes, e a formação das hostes do Oeste e do Norte do dois lados do Sirion.

A afirmação (subsequentemente corrigida, notas 70–1) de que Maglor e Maidros "pereceram em um último esforço de tomar as Silmarils" parece indicar um movimento passageiro a ainda outra formulação da história (ver a tabela na p. 234); mas pode muito bem ter sido um deslize devido à composição e condensação apressadas.

Resta mencionar a cronologia dos últimos anos de Beleriand que surge agora. Tuor casou-se com Idril no ano (199) das mortes de Túrin e Nienor; e tanto Eärendel como Elwing

nasceram no ano seguinte, cinco anos após a Queda de Nargothrond (195). O reestabelecimento de Dior do reino de Thingol não durou mais do que quatro anos (202–6), e a Queda de Gondolin ocorreu apenas um ano após a ruína final de Doriath (no antigo *Conto do Nauglafring*, II. 290, os dois eventos ocorreram no mesmo dia), e um ano após a captura de Meglin nas colinas. Eärendel tinha sete anos na Queda de Gondolin (conforme afirmado em Q §16), e trinta e três anos quando chegou a Valinor. O assentamento no delta do Sirion durou vinte e três anos desde a chegada de Elwing ao local.

A brevidade do tempo, tal como meu pai a concebeu nesse período, é muito notável, ainda mais em comparação com os profusos milênios posteriores da Segunda e Terceira Eras, sem mencionar os éons conferidos às eras antes do surgimento do Sol e da Lua. A história dos Homens em Beleriand ocupa 150 anos antes do início da Grande Batalha; Nargothrond, Doriath e Gondolin foram todas destruídas no decorrer de treze anos; e a história inteira do surgimento do Sol e da Lua e da chegada dos Noldoli eLivross à destruição de Beleriand e o fim dos Dias Antigos abrange dois séculos e meio (ou três, de acordo com o acréscimo apresentado na nota 69: “Essa grande guerra durou cinquenta anos”).

A segunda versão dos primeiros Anais de Beleriand

Esse texto breve, “AB II”, é baseado de perto no AB I nos primeiros anais, com alguns desenvolvimentos menores, mas a partir do anal 51 ele se torna uma nova obra e um passo importante na evolução da história do legendário. O texto foi levemente emendado a lápis, e essas poucas mudanças são fornecidas nas notas, com exceção de uma ou duas pequenas alterações de fraseado ou de ordem das frases, que foram feitas sem comentários. Quanto à datação, o texto era posterior aos AV ao se julgar pelo fato de que a travessia de Orodreth, Angrod e Egnor à Terra-média nos navios com os Fëanorianos está incorporada ao texto, enquanto nos AV ela é uma inserção (nota 21).

Tradução de Ælfwine

Antes do Surgimento do Sol Morgoth fugiu de Valinor com as Silmarils, as gemas mágicas de Fëanor, e retornou para as regiões do Norte e reconstruiu sua fortaleza de Angband sob as Montanhas Negras, onde fica o seu pico mais elevado, Thangorodrim. Ele planejou os Balrogs e os Orques; e engastou as Silmarils em sua coroa de ferro.

Os Gnomos da casa mais antiga, os Despossuídos, chegaram ao Norte liderados por Fëanor e seus sete filhos, com seus amigos Orodreth, Angrod e Egnor, filhos de Finrod. Eles queimaram os navios telerianos. Travaram logo depois a Primeira Batalha com Morgoth, que é a Dagor-os-Giliath, ou a "Batalha-sob-as-Estrelas"; e Fëanor derrotou os Orques, mas foi ferido mortalmente por Gothmog, capitão de Balrogs, e morreu depois em Mithrim.

Maidros, seu filho mais velho, foi emboscado e capturado por Morgoth, e pendurado em Thangorodrim; mas os outros filhos de Fëanor acamparam em volta do Lago Mithrim atrás das Eredwethion, que é as "Montanhas Sombrias".

Anos do Sol

1 Aqui o Sol e a Lua, feitos pelos Deuses após a morte das Duas Árvores de Valinor, apareceram pela primeira vez. Assim o tempo medido chegou às Terras de Cá.[1] Fingolfin (e com ele foi Felagund, filho de Finrod) conduziu a segunda casa dos Gnomos por sobre os estreitos do Gelo Pungente até as Terras de Cá. Chegaram ao Norte com o

primeiro nascer da Lua, e a primeira aurora reluziu sobre a marcha deles e suas bandeiras desfraldadas. E Morgoth com a chegada da Luz recuou assombrado para as suas masmorras mais profundas, mas trabalhou em segredo, e expeliu fumaças negras. Mas Fingolfin soprou as suas trombetas em desafio diante dos portões e Angband, e foi para o sul até Mithrim; mas os filhos de Fëanor se retiraram para as margens meridionais, e houve uma rixa entre as casas, por causa da queima dos navios, e o lago ficou entre eles.

2 Aqui Fingon, filho de Fingolfin, sanou a rixa ao resgatar Maidros com o auxílio de Thorndor, rei das Águias.

1–50 Aqui os Gnomos vagaram por toda parte de Beleriand explorando-a, e se assentando nela em muitos lugares, do Grande Mar, Belegar, às Eredlindon, que é as "Montanhas Azuis", e em todo o vale do Sirion, salvo por Doriath no meio, que Thingol e Melian detinham.

20 Aqui a "Festa e Jogos de Reunião" (que em gnômico é Mereth Aderthad) são realizados em Nan Tathrin, a "Terra dos Salgueiros", próximo ao delta do Sirion, e lá estiveram os Elfos de Valinor, das três casas dos Gnomos, e os Elfos-escuros, tanto os dos Portos do Oeste, Brithombar e Eglorest,[2] como os dispersos Elfos-da-floresta do Oeste, e embaixadores de Thingol. Mas Thingol não queria abrir seu reino, ou retirar a magia que o cercava, e não confiava que o recuo de Morgoth durasse por muito tempo. Ainda assim, seguiu-se um tempo de paz, de crescimento e desabrochar, e de júbilo próspero.

50 Aqui sonhos inquietos e de perturbação afligiram Turgon, filho de Fingolfin, e Felagund, seu amigo, filho de Finrod, e eles buscaram lugares de refúgio, caso Morgoth avançasse de Angband como seus sonhos pressagiavam. E Felagund encontrou as cavernas de Narog e começou lá a estabelecer um lugar de fortaleza e arsenais, à moda da morada de Thingol em Menegroth; e ele o chamou de Nargothrond. Mas Turgon, ao viajar sozinho, descobriu pela graça de Ulmo o vale oculto de Gondolin, e por ora não contou a homem algum.

51 Ora, o poderio de Morgoth tornou de súbito a entrar em ação; houve terremotos no Norte, e fogo saiu das montanhas, e os Orques fizeram incursões em Beleriand. Mas Fingolfin e Maidros congregaram suas forças, e muitos dos Elfos-escuros, e destruíram todos os Orques que se encontravam fora de Angband, e caíram sobre um exército que se reunia em Bladorion, e antes que pudesse recuar até Morgoth eles o destruíram por completo; e essa foi a "Segunda Batalha", Dagor Aglareb, "a Batalha Gloriosa". E depois disso eles estabeleceram o Cerco de Angband, que durou mais de duzentos[3] anos; e Fingolfin gabava-se que Morgoth jamais poderia romper seu sítio, embora tampouco pudessem tomar Angband ou recuperar as Silmarils. Mas a guerra jamais cessou por completo nessa época, pois Morgoth se armava em segredo, e de quando em vez punha à prova a força e a vigilância de seus adversários.[4]

Mas Turgon, ainda com o coração inquietado, tomou uma terça parte dos Gnomos da casa de Fingolfin, e seus bens, e suas mulheres, e partiu para o sul e desapareceu, e ninguém soube aonde tinha ido; mas ele chegou a

Gondolin e construiu uma cidade e fortificou os montes em volta.

Mas o resto sitiou Angband desta maneira. No Oeste ficavam Fingolfin e Fingon, e eles habitavam em Hithlum, e o seu principal forte ficava na "Nascente do Sirion" (Eithel Sirion), no leste das Eredwethion, e guarneciam todas as Eredwethion, e vigiavam Bladorion de lá e cavalgavam amiúde naquela planície, mesmo até os pés das montanhas de Morgoth; e seus cavalos se multiplicavam, pois a relva era boa. Com aqueles cavalos, muitos dos antepassados tinham vindo de Valinor. Mas os filhos de Finrod mantinham a terra das Eredwethion ao limite oriental de Taur-na-Danion, a Floresta de Pinheiros, de cujas encostas setentrionais eles também guardavam Bladorion. Mas Fingolfin era soberano dos Elfos-escuros até Eglorest[5] no sul e a oeste do Eglor; e ele era Rei de Hithlum, e Senhor da Falas ou Costa do Oeste; e Felagund era Rei de Narog, e seus irmãos eram os Senhores de Taur-na-Danion, e seus vassalos; e Felagund era senhor das terras a leste e a oeste de Narog até as fozes do Sirion no sul, do Eglor ao Sirion, salvo por parte de Doriath que ficava a oeste do Sirion entre o Taiglin e Umboth-muilin. Mas entre o Sirion e o Mindeb nenhum homem habitava; e em Gondolin, a sudoeste de Taur-na-Danion, estava Turgon, mas isso não era conhecido.

E o Rei Felagund tinha seu lugar de governança em Nargothrond no distante Sul, mas seu forte e lugar de fortaleza era no Norte, no passo pelo qual se entrava em Beleriand entre as Eredwethion e Taur-na-Danion, e ficava numa ilha nas águas do Sirion, que era chamada Tolsirion. Ao Sul de Taur-na-Danion ficava um espaço amplo inabitado entre as cercas de Melian e as regiões

dos filhos de Finrod, que se mantinham mormente nas fronteiras setentrionais das montanhas florestadas. Mais a Leste de tudo habitava Orodreth, o mais próximo de seus amigos, os filhos de Fëanor. E desses, Celegorm e Curufin mantinham a terra entre o Aros e o Celon, mesmo das fronteiras de Doriath ao Passo do Aglon entre Taur-na-Danion e a Colina de Himling, e esse passo e as planícies além eles guardavam. Mas Maidros tinha um lugar de fortaleza sobre a Colina de Himling, e as colinas inferiores que vão da Floresta até mesmo as Eredlindon eram chamadas de as Marcas de Maidros, e ele muito ficava nas planícies ao Norte, mas mantinha também os bosques ao sul entre o Celon e o Gelion; e ao Leste Maglor mantinha a terra que ia até as Eredlindon; mas Cranthir percorria as vastas terras entre o Gelion e as Montanhas Azuis; e toda Beleriand Leste mais além era selvagem e pouco habitada, exceto por Elfos-escuros dispersos, mas se encontrava sob a soberania de Maidros das fozes do Sirion ao Gelion (onde ele se une ao Brilthor), e Damrod e Díriel lá ficavam, e não iam muito a fazer guerra no Norte. Mas Ossiriand não estava sob o domínio de Maidros ou de seus irmãos, e lá habitavam os Elfos-verdes entre o Gelion e o Ascar e o Adurant e as montanhas. A Beleriand Leste muitos dos Senhores-élficos vinham mesmo de muito longe por vezes para caçar nas matas selváticas.

51–255[6] Essa época é chamada de o Cerco de Angband e foi um tempo de ventura, e o mundo teve paz e luz, e Beleriand tornou-se por demais bela, e os Homens cresceram e se multiplicaram e se espalharam, e mantinham colóquio com os Elfos-escuros do Leste, e

aprenderam muito com eles, e ouviram rumores dos Reinos Abençoados do Oeste e dos Poderes que habitavam lá, e muitos em suas andanças seguiam lentamente naquela direção.

Nessa época Brithombar e Eglorest foram construídos como belas vilas e a Torre de Tindobel foi erguida sobre o cabo a oeste de Eglorest para vigiar os Mares do Oeste; e alguns partiram e habitaram a grande ilha de Balar que jaz na Baía de Balar, para onde o Sirion corre. E no Leste os Gnomos subiram as Eredlindon e olharam ao longe, mas não entraram nas terras além; porém, naquelas montanhas encontraram os Anãos, e ainda não havia inimizade entre eles e, no entanto, pouco amor havia. Pois não é sabido de onde os Anãos vieram, salvo que não são da Gente-élfica ou da raça mortal ou das crias de Morgoth. Mas naquelas regiões os Anãos habitavam em grande minas e cidades no Leste das Eredlindon e muito ao sul de Beleriand, e as principais dentre essas eram Nogrod e Belegost.

102 Por volta dessa época a construção de Nargothrond e de Gondolin estava quase terminada.

104 Por volta dessa época o povo de Cranthir encontrou pela primeira vez os Anãos, como está contado acima; pois os Anãos tinham outrora uma estrada para o Oeste que subia ao longo das Eredlindon a Leste e seguia a oeste nos passos ao sul do Monte Dolm e pelo curso abaixo do R[io] Ascar e por sobre o Gelion no vau Sarn Athrad e de lá até o Aros.[7]

105 Morgoth tentou pegar Fingolfin desprevenido e um exército, ainda que pequeno, marchou para o sul, a oeste das Eredlómin, mas foi destruído e não adentrou Hithlum, sendo que a maior parte dele foi lançada ao mar no estreito em Drengist; e essa não foi contada entre as grandes batalhas, embora a matança de Orques tenha sido grande.

Depois disso houve paz por muito tempo, salvo por Glómund, o primeiro dos Dragões, ter saído pelo portão de Angband à noite em 155, e ele ainda era jovem. E os Elfos fugiram para as Eredwethion e Taur-na-Danion, mas Fingon com seus arqueiros montados cavalgou até o dragão e Glómund ainda não pôde suportar seus dardos, e fugiu de volta a Angband e não saiu de novo por um longo tempo.

170 Aqui nasceu Bëor a leste das Eredlindon.

188 Aqui nasceu Haleth a leste das Eredlindon.

190 Aqui nasceu Hádor, o de Cabelos Dourados, a leste das Eredlindon.

200 Encontro de Felagund e Bëor. Nasce Bregolas.

202 Guerra nas marcas do leste. Bëor e Felagund lá estiveram. Nasce Barahir.

220 Inimizade dos filhos de Fëanor para os com Homens — devido às mentiras de Morgoth: daí a tragédia de seu tratado em busca de auxílio feito com os piores Homens, e de sua traição por eles.[8]

NOTAS

[1] Acrescentado a lápis: *Nessa época os Homens despertaram pela primeira vez no meio* [emendado para *leste*] *do mundo*. *Entrementes* (*Fingolfin* etc.) Na segunda frase, *conduziu* foi mudado para *conduzira*.

[2] *Eglorest* é uma mudança inicial à tinta a partir de *Eglarest*; cf. AB I, notas 8 e 67.

[3] *duzentos* foi mudado a partir de *cem* enquanto esses Anais estavam em processo de composição; ver nota 6.

[4] Essa frase foi um acréscimo inicial, provavelmente feito quando meu pai estava escrevendo o anal 105.

[5] *Eglorest* < *Eglarest*, como na nota 2. Nas ocorrências do nome no anal 51–255, ele foi escrito *Eglorest*.

[6] 255 é uma mudança a lápis a partir de 155, mas obviamente tem seu lugar junto à mudança apresentada na nota 3, feita enquanto os *Anais* estavam sendo escritos, como se pode ver pela referência no anal 105 ao surgimento de Glómund em 155, que ocorreu durante o Cerco. A necessidade de mudança da data deve ter passada despercebida por meu pai, e ele a inseriu mais tarde quando a notou.

[7] Acrescentado a lápis: *Mas eles não entraram em Beleriand após a chegada dos Gnomos, até que o poder de Maidros e Fingon esmoreceu na Terceira (Quarta) Batalha.*

[8] No final, o texto foi escrito a uma velocidade crescente e as últimas linhas foram rabiscadas de forma quase ilegível. O anal 220 que não foi preenchido seria o da entrada de Haleth e Hádor em Beleriand. Na frase final, "tragédia" substituiu "justiça" na época da composição.

Comentário sobre os *Anais de Beleriand* (texto AB II)

As datas revisadas. O período do Cerco de Angband foi estendido em cem anos, e agora dura de 51 (como no AB I) a 255 (notas 3 e 6). As datas de nascimento de Bëor, Haleth, Hádor, Bregolas e Barahir, e o encontro de Felagund com Bëor, são todas aumentadas *pari passu* com o prolongamento do Cerco em cem anos com relação ao AB I.

Este comentário mais uma vez segue as seções dos anais do texto. Os muitos casos em que os nomes escritos a lápis no manuscrito AB I foram incorporados ao texto do AB II podem ser mencionados juntos: *Dagor-os-Giliath*, *Eredwethion*, *Belegar*, *Eredlindon*, *Eglorest* (< *Eglarest*), *Eithel Sirion*, *Sarn Athrad* (para *Sarn Athra*). Menegroth no anal 50 ocorre em um acréscimo aos AV (nota 18) e na versão II em inglês antigo, p. 339).

Seção de abertura e Anais 1 a 51 Como eu disse, embora o AB II seja aqui baseado de perto no AB I, há alguns desenvolvimentos menores. Enquanto no AB I Thangorodrim é chamada de "a Montanha Negra", agora é o pico mais elevado das "Montanhas Negras". Não está claro se a história da Batalha-sob-as-Estrelas já havia mudado; a afirmação de que os filhos de Fëanor acamparam em volta do Lago Mithrim *após* a captura de Maidros pertence à história mais antiga (ver pp. 346–47), enquanto a morte de Fëanor "em Mithrim" (o que indica que Mithrim era uma região e não apenas o nome do lago) sugere a história posterior. O desafio de Fingolfin diante de Angband agora está presente, e a transferência dos Fëanorianos para as margens meridionais do lago quando o povo de Fingolfin chega, tal como estão nos AV (p. 317).

No anal 20 o nome élfico *Mereth Aderthad* para a Festa da Reunião agora aparece pela primeira vez; e um pouco mais é dito acerca das políticas de Thingol nessa época (uma passagem que reaparece em *O Silmarillion*, p. 161), embora nada a respeito de sua hostilidade para com os Gnomos.

No AB I a partida de Turgon para Gondolin é apresentada no ano 50, mas no AB II foi nesse ano que ele descobriu o vale ("pela graça de Ulmo"), e em 51 ele partiu de Hithlum (com um terço dos Gnomos da segunda casa: assim também em *O Silmarillion*, p. 179). Em 102 é afirmado que a construção de Gondolin estava "quase terminada"; e essa datação (relativa) foi preservada em *O Silmarillion*, p. 178), onde Gondolin estava "completada, depois de dois e cinquenta anos de trabalho secreto" — embora na história final tenha sido só então que o próprio Turgon abandonou os seus salões de Vinyamar.

Anal 51 A Batalha Gloriosa, sobre a qual há somente um indício no AB I (nos anos 50–51), agora se torna um evento definido com um nome (e o élfico *Dagor Aglareb* aparece), e o rechaço dos Orques se torna a destruição de uma hoste-órquica em Bladorion; cf. *O Silmarillion*, p. 166. A jactância de Fingolfin ao dizer que Morgoth jamais poderia romper o Cerco remonta a Q

§9: “Os Gnomos gabavam-se de que ele nunca poderia romper seu sítio”.

No AB II, a passagem a respeito da disposição dos príncipes gnômicos durante os anos do Cerco foi muito expandida, com muitos detalhes novos (que apareceriam mais tarde em *O Silmarillion* no capítulo 14, *De Beleriand e seus Reinos*). Ela claramente foi composta com muita rapidez.

Ficamos agora sabendo a respeito dos cavalos dos Senhores de Hithlum que pastavam em Bladorion, cujos antepassados de muitos vieram de Valinor (cf. *O Silmarillion*, p. 170). No AB I, Fingolfin era o soberano dos “Elfos-escuros a oeste de Narog” (o que sem dúvida indica a importância relativamente pequena de Nargothrond antes da Batalha da Chama Repentina), mas aqui sua autoridade é sobre os Elfos-escuros a oeste do rio Eglor (*Eldor* na Expansão a Oeste do primeiro mapa, pp. 270–71), e ele é “Senhor da Falas” (cf. *Falassë* no mapa IV do *Ambarkanta*, pp. 293, 302); enquanto Felagund é senhor de todo o território entre o Eglor e o Sirion, à exceção de Doriath-além-do-Sirion. Em *O Silmarillion* (p. 172) Felagund (lá chamado Finrod) da mesma forma “se tornou o suserano de todos os Elfos de Beleriand entre o Sirion e o mar, salvo apenas na Falas”; mas a Falas era governada por Círdan, o Armador, do qual ainda não há traço. Os irmãos de Felagund agora se tornaram seus vassalos, tal como são em *O Silmarillion* (p. 171).

Entre o Sirion e o Mindeb (ver p. 262) há uma terra onde “nenhum homem habitava”, mas ela não é mencionada por nome; em *O Silmarillion* (p. 173) ela é “a terra vazia de Dimbar”. “Um espaço amplo inabitado” ficava entre o Cinturão de Melian no Norte e Taur-na-Danion, mas Nan Dungorthin (ver p. 262) não é mencionado por nome. A terra de Orodreth fica agora especificamente no leste dos grandes planaltos cobertos de pinheiros, onde está próximo de seus amigos Celegorm e Curufin, cujo território entre o Aros e o Celon (posteriormente chamado Himlad) e que se estende através do Passo do Aglon é agora definido, e como viria a permanecer.

Os territórios dos outros filhos de Fëanor também recebem limites mais claros, com a menção pela primeira vez das Marcas de Maidros, da terra de Maglor no Leste "que ia até as Eredlindon" (posteriormente "Brecha de Maglor"), da terra de Cranthir (ainda não chamada de Thargelion) entre o Gelion e as montanhas, e do território de Damrod e Díriel no Sul de Beleriand Leste. Não sei por que é dito que a soberania de Maidros se estendia das fozes do Sirion ao Gelion "onde ele se une ao Brilthor". Nessa época o Brilthor era o quinto (e não, como posteriormente, o quarto) dos tributários do Gelion que desciam das montanhas, sendo que o sexto e mais meridional era o Adurant (pp. 273, 275).

Anal 51–255 Quanto ao parágrafo inicial desse anal, cf. Q §6:

> Os Elfos-escuros eles encontraram e foram ajudados por eles, e lhes ensinaram a fala e muitas outras coisas, e tornaram-se os amigos dos filhos dos Eldalië que nunca encontraram os caminhos para Valinor, e conheciam os Valar apenas como um rumor e um nome distante.

A referência à construção de Brithombar e Eglorest "como belas vilas" é encontrada em *O Silmarillion* (p. 172), mas lá com o acréscimo da palavra "reconstruídos"; isso se dá porque na narrativa tardia os Portos da Falas haviam existido por muito tempo sob o senhorio de Círdan, e foram reconstruídos com o auxílio e o engenho dos Noldor seguidores de Felagund. Na mesma passagem é dito que Felagund "ergueu a torre de Barad Nimras para vigiar o mar ocidental", e também que alguns dos Elfos de Nargothrond "partiram para explorar a grande Ilha de Balar", mas "não era a sina deles jamais habitar ali". O presente anal é a primeira ocorrência da Ilha e Baía de Balar. A Torre de Tindobel, precursora de Barad Nimras, está marcada na Expansão a Oeste do primeiro mapa, p. 271.

A escalada das Eredlindon pelos Gnomos e seu encontro com os Anãos são atribuídos em *O Silmarillion* (p. 162)

especificamente ao povo de Caranthir estabelecido em Thargelion. As cidades-anânicas ainda estão situadas no AB II "muito ao sul de Beleriand", como na Expansão a Leste do mapa (pp. 275—76). A visão das relações dos Gnomos com os Anãos, e as dos próprios Anãos, ainda que expressadas de forma muito breve, é basicamente como na passagem de Q §9 acerca do assunto — conforme emendado (nota 4) de "Lá faziam guerra aos Anãos de Nogrod e Belegost" para "Lá mantinham colóquio com" eles: não há indicação aqui de que havia confrontos entre os povos, embora também não haja menção de comércio entre eles, que é muito enfatizado na passagem à qual ela corresponde em *O Silmarillion* (p. 163).

Anal 104 No AB I, o primeiro encontro dos Elfos com os Anãos só é mencionado no anal 163; essa passagem foi colocada entre colchetes (nota 29), obviamente porque a questão seria introduzida num ponto anterior da narrativa.

A descrição da estrada-anânica está precisamente de acordo com o curso posterior da estrada na Extensão a Leste do mapa (ver pp. 275–76). O Monte Dolm, que está marcado no mapa, é aqui pela primeira vez mencionado por nome nos textos narrativos. É notável que aqui é dito que os Anãos tinham essa estrada "outrora"; e a interpolação a lápis apresentada na nota 7 certamente significa que eles *não mais* entraram em Beleriand após o retorno dos Noldoli. Em Q §14 está registrado que os "Anãos primeiro se espalharam para o oeste desde as Eryd-luin, as Montanhas Azuis, e entraram em Beleriand após a Batalha das Lágrimas Inumeráveis". Em *O Silmarillion* (p. 134), os Anãos entraram em Beleriand e na sua história muito antes: "Veio a acontecer, durante a segunda era do cativeiro de Melkor, que os Anãos atravessassem as Montanhas Azuis de Ered Luin, entrando em Beleriand", e foram os Anãos de Belegost que fizeram as mansões de Thingol, as Mil Cavernas. "E, quando a construção de Menegroth foi terminada… os Naugrim ainda vinham de quando em vez através das montanhas e faziam comércio pelas terras". O anal 104 no AB II deve ser o primeiro

sinal dessa importante mudança estrutural na história; e provavelmente é significativo que a referência seja ao primeiro encontro dos Gnomos (não de Elfos em geral) com os Anãos.

A versão seguinte dos *Anais de Beleriand* deixa claro que a referência na passagem interpolada (nota 7) à "Terceira (Quarta) Batalha" é à Batalha da Chama Repentina, apesar de Fingon ser mencionado em vez de Fingolfin. No AB II, a primeira batalha é Dagor-os-Giliath, a segunda, Dagor Aglareb, e a terceira (embora o AB II não chegue até ela), a Batalha da Chama Repentina. Essa interpolação mostra meu pai já pensando no que acontecera com a Primeira Batalha de Beleriand, na qual Denethor dos Elfos-verdes foi morto, e à qual a primeira indicação se encontra em um acréscimo a lápis aos AV (nota 18); após a inclusão dessa batalha nas grandes Batalhas de Beleriand, a da Chama Repentina tornou-se a quarta.

Anal 105 Nesse anal são descritos pela primeira vez os atos de Morgoth para testar a força e a vigilância dos sitiadores, mencionados no anal 51, e que permanecem em *O Silmarillion* (pp. 166–67). É dito que o primeiro desses testes ocorreu quase cem anos depois da Dagor Aglareb, e não cinquenta e quatro anos, como aqui; mas a rota tomada pela hoste de Morgoth é a mesma em ambos os relatos, para o sul ao longo da costa entre as Ered Lómin e o mar até o Estreito de Drengist. A história do surgimento de Glómund, que ainda não havia crescido por completo, pelos portões de Angband à noite, a fuga dos Elfos para as Eredwethion e Taur-na-Danion, e o rechaço de Glómund pelos arqueiros montados de Fingon, seguem de muito perto o relato em *O Silmarillion*, onde, no entanto, ele ocorreu cem anos após o ataque que terminou em Drengist: no AB II, mais uma vez, é apenas metade desse tempo. Essas diferenças estão associadas com prolongamentos maiores adicionais da duração do Cerco.

O acréscimo "em poderio pleno" (de Glómund na Batalha da Chama Repentina) feito ao AB I (nota 18) claramente é dependente desse estágio final no movimento para trás na

história dos trechos de Glómund: ver pp. 371–72. Alguns versos em inglês antigo que acompanham as listas de nomes em inglês antigo fazem referência à vitória de Fingon contra o Dragão:

> Þá com of Mistóran méare rídan
> Finbrand felahrór flánas scéotan;
> Glómundes gryre grimmum strǽlum
> forþ áflíemde.

Finbrand é apresentado como a tradução de Ælfwine para o nome Fingon (p. 248); *Mistóra* é Mithrim (p. 245).

A frase de encerramento do AB II rabiscada às pressas é interessante: Em *O Silmarillion*, os Haladin (o "Povo de Haleth") habitaram o sul de Thargelion após atravessarem as Montanhas Azuis, e lá "o povo de Caranthir lhes dava pouca atenção" (p. 200); após a defesa valorosa de seus lares, Caranthir "olhou com bondade para os Homens", e "vendo, tarde demais, que valor havia nos Edain" ofereceu-lhes terras livres para habitarem mais ao Norte sob a proteção dos Eldar: oferta essa que foi recusada. Essa é a única referência em *O Silmarillion* à "inimizade" da parte dos Fëanorianos para com os Homens (embora não fosse algo difícil de imaginar); mas, no que diz respeito às últimas palavras desses *Anais*, é digno de nota ter sido Cranthir (Caranthir) a quem os traiçoeiros filhos de Ulfang se aliaram (AB I, anal 163, *O Silmarillion*, p. 218).

APÊNDICE
Versão em inglês antigo dos *Anais de Beleriand*, feita por Ælfwine ou Eriol

Esse é o único fragmento adicional da obra de Ælfwine em Tol Eressëa em sua própria língua. Sua relação com a versão em inglês moderno é intrigante, pois embora em grande parte corresponda de perto ao AB II, ele também possui elementos do texto AB I. Por

exemplo, o desafio de Fingolfin diante de Angband e a retirada dos Fëanorianos para a margem meridional do lago não estão presentes no anal I; a data "I–C" segue o AB I; apesar de *Mereth Aderthad* no anal XX estar de acordo com o AB II, o resto do anal é como o AB I; e o anal L é uma mistura confusa. A explicação simples de que meu pai escreveu a versão em inglês antigo após o AB I, mas antes do AB II (e daí o subtítulo do AB II, "Tradução de Ælfwine") vai de encontro à dificuldade de que no texto em inglês antigo o Cerco de Angband durou *tú hund géara oððe má* [duzentos anos ou mais] (linha 81), enquanto o AB II possui "cem" emendado para "duzentos". Mas a questão não é importante.

Tal como a versão II dos *Anais de Valinor* em inglês antigo, o texto termina no meio de uma frase. Meu pai compôs estes anais, como os outros, de forma fluente e rápida (daí tais variações como *Mægdros*, *Mægedros*, *Maidros*); mas ele foi interrompido, sem dúvida, e nunca mais os retomou. Suspeito que a versão de Ælfwine dos *Anais de Beleriand* tenha sido a última.

Beleriandes Géargesægen

Fore sunnan úpgange: Morgoþ gefléah Godéðel
þæt is Falinor, ond genóm þá eorclanstánas Féanóres,
and þa cóm he eft on Norþdǽlas ond getimbrode þǽr on
níwan his fæsten Angband (þæt is Irenhell) under þám
Sweartbeorgum. He of searucræfte gescóp þá Balrogas
ond þá orcas; ond þá eorclanstánas sette he on his
isernan helme. Þá cómon þá Noldielfe þǽre yldestan
mægpe, þe Ierfeloran hátton, ond sóhton to lande,
and gelǽdde híe Féanor and his seofon suna. Þǽr
forbærndon híe þá Teleriscan scipu; and híe gefuhton
siþþan wiþ Morgoþes here and geflíemde hine: þæt wæs
þæt áreste gefeoht, and hátte on noldisce Dagor-os-
Giliað, þæt is on Englisc gefeoht under steorrum oþþe
Tungolgúþ. Þær Féanor gewéold wælstówe ond

adræfde þá orcas, ac wearð self forwundod þearle of Goþmoge Balroga heretoga, Morgoþes þegne, and swealt siþþan on Miþrime. Þá wearð Mægdros his yldesta sunu of Morgoþe beswicen, and wearð gefangen, and Morgoþ hét hine ahón be þære rihthande on Þangorodrim. Þá gedydon þá ópere suna Féanóres ymb Miþrim þone mere on Northwestweardum landum, behindan Scúgebeorge (Eredweþion).

Æfter sunnan úpgange

Sunnan géar I Hér ætíewdon on árest se móna ⁊ séo sunne, and þa Godu scópon híe æfter þám þe Morgoþ fordyde þá Béamas, for þon þe híe næfdon léoht. Swá cóm gemeten Tíd on middangeard. Fingolfin gelædde þá óþere mægþe þára Noldielfa on Norþdælas ofer Ísgegrind oþþe Helcarakse on þá Hiderland; ond þá fór Felagund mid sume þære þriddan mægpe. Þá fóron híe ealle norþan mid þám þe séo sunne arás, and þá onbrugdon híe hira gúþfanan, and cómon siþþan mid micle þrymme on Miþrim. Þær wæs þá gíet him fæhþ betwux þære mægþe Féanóres ond þám óþrum. Morgoþ mid þý þe léoht ætíewde béah on his déopestan gedelf, ac siþþan smiþode þær fela þinga dearnunga and sende forþ sweartne smíc.

II Hér Fingon Fingolfines sunu sibbe geníwode betwux þám maægþum for þám þe he áhredde Mægedros.
I-C Hér geondférdon and gescéawodon þá Noldelfe Beleriand and gesæton hit missenlice ond eal Sirigeones dene of Gársecge (þe Noldelfe Belegar hátað) oþ Hæwengebeorg (þæt sind Eredlindon), butan Doriaðe

on middan þám lande þe Þingol and Melian áhton.

XX Hér wearð se gebéorscipe and se fréolsdæg and se plega þe Noldelfe Mereþ Aderþad nemnað (þæt is Sibbegemótes fréols) on Wiligwangas gehealden, þe Noldielfe Nantaþrin hátað, néah Sirigeones múþum, and þǽr wurdon gesamnode ge elfe of Godéðle ge deorcelfe ge éac sume þá elfe of þám Westhýþum and of Doriaðe of Þingole gesende. Þá wearð long sibbtíd.

L Hér wearþ eft unfriðu aweht of Morgoþe, ond wurdon micle eorþdynas on Norðdǽlum, ond þá orcas hergodon floccmǽlum on Beleriand ond þé elfe híe fuhton wið.

Hér wurdon Turgon Fingolfines sunu ⁊ Inglor Felagund Finrodes sunu his fréond ⁊ mǽg yfelum swefnum geswencte, ⁊ híe fæsten ⁊ friþstówa gesóhton ǽr þon þe Morgoþ ætburste swá hira swefn him manodon. Þá funde Felagund þá déopan scrafu be Naroge stréame, ⁊ he þǽr ongann burg gestaðelian and wæpenhord samnian, æfter þǽre wísan þe Þingol búde Menegroþ, ⁊ he þæt heald Nargoþrond nemnde. Ac Turgon ána férde ⁊ be Ulmoes láre funde Gondoelin þá díeglan dene, ne sægde nánum menn þá gíet.

Hér ongann Morgoþ eft his mægen styrian; ⁊ wearþ oft unfriðu aweht on Beleriandes gemǽrum. Micle eorðdynas wurdon on norðdǽlum, ⁊ þá orcas hergodon floccmǽlum on Beleriand, ac þá elfe fuhton híe wið ⁊ híe geflíemdon.

LI Hér gegaderode Morgoð medmicelne here, and fýr ábærst of þám norðernum beorgum; ac Fingolfin ⁊ Maidros fierda gesamnodon and manige þára deorcelfa mid, ⁊ híe fordydon þone orchere to nahte, and áslógon ealle þe híe útan Angbande geméttón, and híe éhton þæs heriges geond þone feld Bladorion, þæt nán eft to Angbandes durum cómon. Þis gefeoht hátte siððan Dagor Aglareb, þæt is Hréþgúþ on Englisc. Siþþan gesetton híe ‘Angbandes Ymbsetl’, and þæt geléston híe tú hund géara oððe má, ⁊ Fingolfin béotode þæt Morgoþ néfre from þám ymbhagan ætberstan mihte. He ne mihte self swáþéah Angband ábrecan ne þá Silmarillan áhreddan. Unfriðu wearð néfre eallunga áswefed on þisse langan tíde, for þém þe Morgoþ d…lice hine gewæpnode ⁊ éfre ymbe stunde wolde fandian þére strengu and þére wæcene his gefána.

Turgon cyning swáþéah

NOTAS

1–17 Outro relato mais antigo desses eventos em inglês antigo encontra-se no final da versão I dos *Anais de Valinor*, p. 332.

2 *eorclanstánas:* ver p. 333. Como na versão I em inglês antigo dos AV, o nome *Silmaril* também é tratado como um substantivo inglês antigo, com o plural *Silmarillan* (linha 84) (na versão dos AV, *Silmarillas*).

8 *Ierfeloran*: com vogais variantes, *Erfeloran*, *Yrfeloran* na versão II em inglês antigo dos AV (linha 135) e na lista de nomes em inglês antigo, p. 247.

14 *Tungolgúþ* também ocorre na versão I em inglês antigo dos AV, linha 55.

32 *sunne*: *sunnan* ms.

48 *Wiligwangas* é uma correção a lápis de *Wiligléagas*.

51 þám: þá ms.

53–71 O texto desse anal é confuso. O primeiro parágrafo segue o início do primeiro anal número 50 no AB I; o segundo parágrafo corresponde de perto ao anal 50 do AB II; e o terceiro repete o primeiro.

65 *Gondoelin* foi escrito claramente dessa forma.

86 A palavra ilegível não é *dirnlice* “secretamente”.

Novos nomes em inglês antigo nesse texto:

Sweartbeorgas (linha 5) “Montanhas Negras” (ing.ant. *sweart* “negro, escuro”);

Scúgebeorg (linha 22) = *Eredwethion* (ing.ant. *scúa* “sombra”);

Ísgegrind (linha 30) = *Helcaraksë* (ing.ant. *gegrind* “atrito conjunto, choque”);

Hǽwengebeorg (linha 44) = *Eredlindon* (ing.ant. *hǽwen* “azul”);

Wiligwangas (linha 48) = *Nan Tathrin* (ing.ant. *wilig* “salgueiro”; *wang* “campina, lugar plano” (cf. *Wetwang* [Campo Alagado] em *O Senhor dos Anéis*); o nome rejeitado *Wiligléagas* contém *léah,* inglês moderno *lea* [campina]).

Westhýþum (linha 51, plural dativo) = Portos do Oeste (cf. *Elfethýð* = Porto-cisne, p. 333; inglês moderno *hithe* [porto, ancoradouro]).

Hréþgúþ (linha 79) = *Dagor Aglareb* (ing.ant. *hréþ* “glória”).

O nome mais notável aqui é *Inglor Felagund* (linha 57). Essa é a primeira ocorrência de *Inglor*, que permaneceu o seu nome “verdadeiro” por muitos anos, embora sua existência seja indicada pelo equivalente *Ingláf Felahrór* em inglês antigo (p. 249).

NOTA

[a] Meu pai sem dúvida teve tanto o Q como os AB na frente dele como textos em andamento por um tempo considerável, e algumas emendas do Q são posteriores a algumas emendas dos AB.

Índice Remissivo

Este Índice Remissivo, como aqueles dos volumes anteriores, tenta ao mesmo tempo fornecer um registro quase completo e apresentar alguns indícios das inter-relações de nomes para os mesmos lugares, pessoas e eventos; mas, pela natureza deste livro, a abrangência de tais variações é aqui particularmente grande, e alguns nomes aparecem em relações complicadas (e em vários idiomas), de modo que foi difícil evitar inconsistências na organização do material.

No geral, nomes em português não recebem verbetes separados quando ocorrem apenas em associação com um nome élfico, sendo então incluídos no verbete deste último.

Referências de páginas incluem as ocorrências de nomes nas obras de Ælfwine em inglês antigo ("ing.ant."), mas estes não são distinguidos como tais, a não ser que o nome possua uma forma distintiva em inglês antigo; e, em tais casos, o nome em inglês antigo não recebe um verbete separado, sendo então incluído no verbete do nome original (como *Elfethýð* em *Alqualondë*).

Nomes que ocorrem no primeiro mapa do "Silmarillion" e em suas Expansões a Leste e Oeste não possuem referências às reproduções em si, ao contrário daqueles nos mapas e diagramas do *Ambarkanta* (incluindo os nomes emendados que são mencionados nas páginas opostas às reproduções, como *Silma* > *Ilma* > *Ilmen*): todas essas referências são precedidas por um asterisco.

Não estão incluídas referências ao *Silmarillion* publicado, e aquelas aos contos individuais de *O Livro dos Contos Perdidos* estão reunidas no verbete *Contos Perdidos*.

Há tantos arranjos diferentes do uso de maiúsculas e hifenização em nomes compostos nos textos (como *Sarn-athrad*, *Sarn-Athrad*, *Sarn Athrad*) que, para os propósitos do Índice Remissivo, adotei uma única forma.

Abismo de Ilmen Ver *Ilmen*.
Adormecido na Torre de Pérola
Adurant, Rio
Ælfhâm (inglês antigo) "Lardelfos". Ver *Eldaros*.
Ælfwine (inglês antigo) "Amigo-dos-Elfos". o conto de Ælfwine da Inglaterra. Quanto à relação entre Ælfwine e *Eriol*.
Aerandir Companheiro de Eärendel.
África
Aglon, Garganta de Entre Taur-na-Fuin e Himling. *Passo do Aglon*
Água(s) do Despertar. Ver *Cuiviénen*.
Águas do Sirion Ver *Sirion.*
Águias (não incluindo referências a Thorndor, Rei das Águias); *Fenda das Águias*, ver *Cristhorn*, *Kirith-thoronath.*
Aiglir Angrin As Montanhas de Ferro. Ver *Angeryd*, *Angorodin*, *Angrin Aiglir*, *Eiglir Engrin*, *Ered Engrin*.
Ainulindalë
Ainur. Ver *Música dos Ainur*.
Airin Esposa de Brodda.
Aiwenórë "Terra-das-aves", região inferior de Vista. forma anterior *Aiwenor*
Ala-de-cisne Ver *Alqarámë*.
Alagados do Crepúsculo. Ver *Umboth-muilin*.
Aldaron Nome de Oromë. ing.ant. *Wealdafréa*, *Béaming*. Ver *Tauros*.
Alflon Forma gnômica de *Alqualondë*.
Almaren A primeira habitação dos Valar em Arda.
Alqaluntë Ver *Kópas Alqaluntë*.
Alqarámë "Ala-de-cisne", navio de Tuor. Ver *Eärámë*.

Alqualondë; *Alqalondë*; ing.ant. *Elfethýð*, *Ielfethýð*. Ver *Porto-cisne*.
Altos-elfos A Primeira Gente dos Elfos. ing.ant. *héahelfe*
Aman
Ambar "Terra".
Ambar-endya "Terra-média". Ver *Endor*, *Pelmar*.
Amigos-dos-Elfos (no texto do *Quenta*)
Amon Dengin Antigo nome do Monte dos Mortos em Dor-na-Fauglith. Ver *Cûm-na-Dengin*, *Monte dos Mortos*.
Amon Ereb "O Monte Solitário" em Beleriand Leste.
Amon Gwareth O monte de Gondolin. *Monte de Vigia*, *Monte da Defesa*; outras referências
Amon-Uilas Nome gnômico de Taniquetil (ver *Ialassë*). forma posterior *Amon Uilos*; ing.ant. *Sinsnáw*, *Sinsnǽwen*
Amras Filho de Fëanor. (Substituiu *Díriel*).
Amrod Filho de Fëanor. (Substituiu *Damrod*).
Anais Cinzento
Anais de Beleriand Referências nos *Anais de Valinor*: ing.ant. *Beleriandes géargetæl*, ~ *géargesægen*
Anais de Valinor Ver *Valinórelúmien*.
Anãos. e ver *Nauglar*, *Nauglafring*, *Colar dos Anãos*; *Mîm*.
Anãos-Miúdos
Ancalagon, o Negro Maior dos dragões alados de Morgoth. ing.ant. *Anddraca*
Ando Lómen A Porta da Noite.
Anduin O Grande Rio.
Andvari
Anfauglin "Bocarra Sedenta", nome de Carcharoth. forma posterior *Anfauglir*
Anfauglith. Ver *Dor-na-Fauglith*.
Angainor A grande corrente em que Morgoth foi aprisionado.
Angamandi Nome de Angband nos *Contos Perdidos*.
Angband; *Inferno-de-Ferro*; ing.ant. *Irenhell*, *Engbend*. Ver *Salões de Ferro*, *Cerco de Angband*; e em relação a Utumno
Angelcynn (inglês antigo) O povo inglês; *Ongulcynn*
Angeryd As Montanhas de Ferro.Ver *Aiglir Angrin*.
Angoloð

Angorodin Nome mais antigo das Montanhas de Ferro. Ver *Aiglir Angrin*.
Angrin Aiglir As Montanhas de Ferro. Ver *Aiglir Angrin*.
Angrod Filho de Finrod (1) = Finarfin. forma anterior *Anrod*; ing.ant. *Angel*
Annon-in-Gelydh O Portão dos Noldor.
Ano da Lamentação
Anos de Escuridão O Obscurecer de Valinor.
Anos do Sol Ver *Sol*; *Anos das Árvores*, ver *Duas Árvores*.
Anrod Ver Angrod.
Araman. (Substituiu *Eruman*).
Aratar
Arda
Aredhel Nome posterior de Isfin, irmã de Turgon.
Árien A Donzela-do-Sol. (Substituiu Úrien).
Aros, Rio
Artanor Nome de Doriath nos *Contos Perdidos*.
Arvalin Região entre as montanhas e o mar ao sul de Taniquetil. (Substituído por *Avathar*.)
Árvore Branca. Ver *Silpion*, *Telperion*.
Árvore Dourada. Ver *Laurelin*.
Árvores de Gondolin
Aryador Hithlum.
Ascar, Rio; forma variante *Asgar*; ing.ant. *Bæning*. Ver *Rathlorion*.
Asgon Nome anterior de (Lago) Mithrim.
Assariad Nome anterior de Ossiriand.
Athrasarn O Vau Pedregoso. Ver *Sarn Athra(d)*.
Aulë; ing.ant. *Cræftfréa*
Auredhir Filho de Dior.
Avakúma A Escuridão de Fora. Ver *Kúma*, *Escuridão de Fora*, *Vazio*.
Avari
Avathar "As Sombras", ao sul de Taniquetil. (Substituiu *Arvalin*).
Azaghâl Senhor de Belegost.

Bacia de Prata Quedas no Taiglin. Ver *Celebrindon*, *Celebros*.
Baía de Balar Ver *Balar*.

Baía de Casadelfos (em substituição à *Baía de Feéria*). Ver *Casadelfos*.
Baía de Feéria (Feéria); *costas de Feéria*; (poema)
Baía de Terradelfos. Ver *Terradelfos*.
Balada da Queda de Gondolin
Balada de Eärendel Ver *Eärendel*.
Balada de Leithian; referências no *Quenta* (*Balada de Lúthien*), (*Balada de Leithian*).
Balada dos Filhos de Húrin; mencionada no "Esboço", no *Quenta*; *Túrin e o Dragão*
Balar Baía de; *Cabo de*; *Ilha de*
Balrog(s); número de; ing.ant. *Bealuwearg*, *Bealubróga* (mas *Balrogas* nos textos).
Ban Pai de Blodrin, o traidor. ing.ant. *Bana*
Banho do Sol Poente
Bansil Nome gnômico da Árvore Branca de Valinor. ing.ant. *Béansil, Béansigel*. Ver *Belthil*.
Barad Nimras A torre erguida por Felagund no cabo a oeste de Eglarest. Ver *Tindobel*.
Baragund Pai de Morwen. esposa de Baragund; ing.ant. *Beadohun*
Barahir Pai de Beren. ing.ant. *Beadomær*
Barbas-longas Ver *Indrafangs*.
Batalha da Chama Repentina; *Batalha do Fogo Repentino*. Ver *Dagor Bragollach*, *Dagor Hurbreged*, *Segunda*, *Terceira* e *Quarta Batalha*.
Batalha da Ira e do Trovão; *Guerra da Ira*. Ver Última Batalha (1).
Batalha das Lagoas Silentes
*Batalha das Lágrimas Inumeráveis*4. Ver *Nirnaith Arnediad*, *Terceira Batalha*.
Batalha de Eldorest (posteriormente > *Eglarest* > *Eglorest*). Ver *Eldorest*.
Batalha dos Deuses (1) A primeira batalha, quando Morgoth foi acorrentado. *Batalha dos Poderes*; *Guerra dos Deuses*. (2) A segunda batalha, segunda guerra, no final dos Dias Antigos. ver Última Batalha (1).
Batalha Gloriosa Ver *Dagor Aglareb*.
Batalha Terrível, *Terrível Batalha*. Ver Última Batalha (1).

Batalha-sob-as-Estrelas. Ver *Dagor-os-Giliath*, *Primeira Batalha de Beleriand*.

Bauglir (em *Morgoth Bauglir*); traduzido *Terrível Deus Sombrio*, *Terrível e Sombrio Poder*; ing.ant. *Bróga*, *Sweart-ós*

Belaurin Forma gnômica de *Palúrien*. *Ifan Belaurin*; *o Pinheiro de Belaurin*

Belcha Forma gnômica de Melko. (Substituído por *Moeleg*.)

Beleg; chamado de *o Gnomo* (28) e *o Arqueiro*; ing.ang. *Finboga*; sua espada; elegia de Túrin *A Amizade do Arqueiro*

Belegar O Grande Mar. forma posterior *Belegaer*; ing.ant. *Garsecg Ingársecg*, *Wídsǽ*. Ver *Grande(s) Mar(es)*, *Mar(es) do Oeste*.

Belegost; ing.ant. *Micelburg*

Belegund Pai de Rían. esposa de Belegund

Beleriand; um nome gnômico, mas atribuído ao "idioma de Doriath"; outros nomes. Ver *Broseliand*; *Beleriand Leste*, *Beleriand Oeste*; *Cronologia de Beleriand*.

Beleriand Leste

Beleriand Oeste

Belerion Porto no oeste da Bretanha (no conto de Ælfwine da Inglaterra).

Belos-elfos Um nome da Primeira Gente dos Elfos.

Belthil Forma posterior de *Bansil*.

Bëor, o Velho (incluindo referências à casa, raça, filhos, etc. de Bëor); *Bëorianos*; o povo descrito

Beowulf

Beren; *a gesta de Beren e Lúthien*; Beren como Homem ou Elfo.

Bethos Chefe dos Homens-da-floresta no *Conto de Turambar*.

Bladorion A grande planície relvada do Norte (posteriormente *Ard-galen*) antes de sua desolação.

Bladorwen "The Wide Earth", um nome de Yavanna.

Blodrin O Noldo que traiu o bando de Túrin. ing.ant. *Blodwine*

Bodruith Senhor de Belegost no *Conto do Nauglafring*.

Boldog Um capitão Orque.

Bor (1) Nome passageiro de Ban, pai de Blodrin, o traidor. (2) Lestense que lutou com seus filhos na Batalha das Lágrimas Inumeráveis.

Borosaith "Sempre-faminto", nome de Carcharoth.

Brandir, o Coxo. (Substituiu *Tamar*).
Bregolas Irmão de Barahir.
Bretanha; *Ilhas Britânicas*. Ver *Leithien*, Lúthien (3).
Brethil, Floresta de; *Homens de Brethil, Senhores de Brethil*
Bridhil Nome gnômico de Varda. (*Briðil*); *Bredhil*. Ver *Tim-Bridhil*.
Brilho-élfico Nome de Morwen. Ver *Eledwen*.
Brilthor, Rio
Brithombar O mais setentrional Porto da Falas.
Brithon, Rio
Brodda
Bronweg Forma gnômica de *Voronwë*. substituído por *Bronwë*
Broseliand; *Broceliand*; os limites de Broseliand. Ver *Broseliand Leste*.
Broseliand Leste
Brósings, Colar dos ; *Brósingas* (ing.ant.), os filhos de Fëanor
Bruithwir Pai de Fëanor nos *Contos Perdidos*. Ver *Felegron*.

Cabed Naeramarth Ravina no Teiglin onde Túrin e Nienor morreram.
Calacirya O passo nas Montanhas de Valinor.
Caminho Reto
Camlost "O de Mão-vazia", nome de Beren. (Substituiu *Mablosgen*).
Campo Alagado
Campos de Lis, *Rio de Lis*. Ver *Gelion*.
Cântico do Mar de Dias Antigos (poema)
Caranthir Filho de Fëanor. (Substituiu *Cranthir*).
Carcharoth; formas anteriores *Carcaras* ("o Lobo-guardião"), *Carcharas* ("Presa-de-Punhal"). *A Caçada ao Lobo*
Carpenter, Humphrey Biografia.
Casa das Cem Chaminés A casa de Gilfanon em Tavrobel.
Casadelfos. Ver *Baía de Casadelfos*, *Eldaros*, *Terradelfos*.
Cataclismo, O (A Terra Tornada Redonda)
Celebrindal "Pé-de-Prata". Ver *ldril*.
Celebrindon Bacia de Prata. (Substituído por *Celebros*.)
Celebros "Prata-de-espuma", "Espuma de Prata", quedas no Taiglin (ver *Bacia de Prata*). posteriormente, *quedas de Celebros* = quedas no afluente Celebros

Celegorm (1) = Thingol. (2) Filho de Fëanor; chamado de "o Alvo". *Celegorn*; ing.ant. *Cynegrim Fægerfeax*

Celon, Rio

Cerco de Angband, Sítio de Angband; ing.ant. *Angbandes Ymbsetl*

Chalé do Brincar Perdido. (Para referências ao Conto, ver *Contos Perdidos*.)

Charneca Alta

Cinturão da Terra

Círculo do Julgamento O local de concílio dos Valar.

Círdan, o Armador

Cirith Ninniach "Fenda do Arco-íris". Ver *Kirith Helvin*.

Cisne, Casa do

Colar dos Anãos. Ver *Glingna Nauglir*, *Nauglafring*, *Nauglamír*.

Contos Perdidos. Ver *Livro dos Contos Perdidos*. *O Chalé do Brincar Perdido* 189; *Música dos Ainur*; *Vinda dos Valar*; *Acorrentamento de Melko*; *Vinda dos Elfos*; *Roubo de Melko*; *Fuga dos Noldoli*; *Conto do Sol e da Lua*; *Ocultação de Valinor*; *Conto de Gilfanon*; *Conto de Tinúviel*; *Conto de Turambar*; *A Queda de Gondolin* (mencionado no *Quenta* 165); *O Nauglafring*; *Epílogo*

Côr O monte no qual a cidade de Tûn foi construída (a cidade em si). *o Passo de Côr*; ing.ant. *on munte Córe*, etc. *Côr* > Kôr em todo o *Quenta*; outras ocorrências de *Kôr*; *o Passo de Kôr*

Coração Escarlate, O Emblema de Turgon.

Coração-Pequeno Filho de Bronweg. Ver *Ilfiniol*.

Cornualha

Coroa de Ferro de Morgoth; ing.ant. *irenhelm*, *isern helm*

Cortirion Cidade dos Elfos em Tol Eressëa. *Kortirion*

Costas de Feéria Ver *Baía de Feéria*.

Cranthir Filho de Fëanor, chamado de "o Moreno". ing.ant. *Colþegn Nihthelm*. (Substituído por *Caranthir*).

Cris Ilbranteloth "Garganta do Teto de Arco-Íris", antigo nome de Cirith Ninniach.

Cris-Ilfing "Fenda do Arco-íris". (Substituído por *Kirith Helvin*.)

Cristhorn "Fenda das Águias" ("Fenda da Águia"). (Substituído por *Kirith-thoronath*.)

Cronologia de Beleriand

Cú nan Eilch Lugar desconhecido.

Cuilwarthien A Terra dos Mortos que Vivem. (substituído por *Gwerth-i-cuina*). *Land of the Cuilwarthin . i•Guilwarthon, i•Cuilwarthon* (nos *Contos Perdidos*) Os Mortos que Vivem de Novo

Cuiviénen; *Kuiviénen*; forma original *Koivië-néni*. Ver Água(s) do Despertar.

Cûm an-Idrisaith O Morro da Avareza (no *Conto do Nauglafring*). Ver *Cûm-nan-Arasaith.*

Cûm-na-Dengin O Monte dos Mortos em Dor-na-Fauglith. Ver *Amon Dengin*.

Cûm-nan-Arasaith O Morro da Avareza (no *Quenta*). Ver *Cûm an-Idrisaith*.

Curufin Filho de Fëanor, chamado de "o Matreiro". ing.ant. *Cyrefinn Fácensearo*; punhal de Curufin (não nomeado)

Dagnir Companheiro de Barahir em Taur-na-Danion. (Substituiu *Dengar*.)

Dagor Aglareb A Batalha Gloriosa. ing.ant. *Hréþgúþ*. Ver *Segunda Batalha de Beleriand*.

Dagor Bragollach A Batalha da Chama Repentina. (Substituiu *Dagor Hurbreged*.)

Dagor Dagorath A batalha final, prevista em profecia. Ver Última Batalha (2).

Dagor Hurbreged A Batalha do Fogo Repentino. (Substituído por *Dagor Bragollach*.)

Dagor-os-Giliath A Batalha-sob-as-Estrelas. ing.ant. *Tungolgúð, gefeoht under steorrum*. Forma posterior *Dagor-nuin-Giliath.* Ver *Primeira Batalha de Beleriand*.

Daidelos, Daideloth Ver *Dor Daideloth*.

Dairon ("o flautista de Doriath").

Damrod Filho de Fëanor. ing.ant. *Déormód*. (Substituído por *Amrod*.)

Dan Líder daqueles Noldoli que abandonaram a Grande Marcha. (Substituído por *Lenwë*.)

Delin Filho de Gelmir.

Demônio do Escuro Morgoth.

Denethor. Ver *Denithor*.

Dengar Companheiro de Barahir em Taur-na-Danion. (Substituído por *Dagnir*.)

Denilos Líder dos Elfos-verdes; filho de Dan. (Substituído por *Denithor*.)

Denithor. (Substituiu *Denilos*; substituído por *Denethor*.)

Descampado dos Caçadores. Ver *Morros dos Caçadores*.

Despossuídos, Os A Casa de Fëanor. ing.ant. *Erfeloran* (*Ierfe-*, *Yrfe-*)

Deuses. *Terra(s) dos Deuses*. Ver *Batalha dos Deuses*; *Poderes*, *Valar*.

Dias Antigos

Dimbar Terra entre o Sirion e o Mindeb.

Dimlint Desconhecido.

Dimrost "A Escada Chuvosa", quedas no afluente Celebros.

Dior Chamado de "Herdeiro de Thingol".

Díriel Filho de Fëanor. ing.ant. *Tirgeld*. (Substituído por *Amras*.)

Dolm, Monte Grande elevação nas Montanhas Azuis.

Dolmed, Monte Nome posterior de Monte Dolm,

Dor Tathrin Ver *Nan Tathrin*.

Dor-Daideloth A Terra do Terror. substituiu (*Dor-) Daidelos*; substituído por *Dor Daedeloth*. (*Daideloth*, *Dor-na-Dhaideloth* em outras aplicações; cf. *Gwath-Fuin-daidelos*.)

Dor-lómin (também *Dor-lómen*); equivalente a *Hithlum*; "Terra das Sombras", "Terra de Ecos"; ing.ant. *Wómanland*. *Elmo-de-dragão de Dor-lómin*

Dor-na-Fauglith 34 ("Planície da Sede"), ("Terra da Sede"), ("Terra da Sede Sufocante"). Ver *Anfauglith*, *Planície Negra*, *Planície Sedenta*.

Doriath; ing.ant. *Ealand*, etc. mas *Doriaþ* nos textos; limites de Doriath. Ver *Artanor*.

Doriath além do Sirion

Dorthonion. (Substituiu *Taur-na-Danion*.)

Dragões (não incluindo referências ao *Dragão* = Glómund) (*dracos*), (*Serpes de Cobiça*); dragões alados

Draugluin

Drengist, Estreito de; ing.ant. *Nearufléot*

Duas Árvores; ing.ant. þá (Twégen) Béamas; *Anos das Árvores*; as Árvores descritas; os períodos das Árvores

Duas Gentes; *duas raças* > *duas gentes*

Duil Rewinion Os Morros dos Caçadores.
Duilwen, Rio
Dungorthin Ver *Nan Dungorthin*.

Eä O Mundo. Ver *Ilu*.
Eär O Mar. os Mares do Oeste e do Leste chamados de *Eär* no diagrama I do *Ambarkanta*
Eärambar As Muralhas do Mundo. (Substituiu *Ilurambar*.)
Eärámë "Ala de Águia", navio de Tuor. (Substituiu *Alqarámë*; substituído por *Eärrámë*.)
Eärendel; forma posterior *Eärendil*. *A Balada de Eärendel* (mencionada no *Quenta*); fragmento aliterante. Ver *Estrela Vespertina*, *Estrela Matutina*.
Eärrámë "Ala-do-mar", navio de Tuor. (Substituiu *Eärámë*.)
Easterness [Ouriente] Ver *Terra do Leste*.
Ecthelion da Fonte Um senhor de Gondolin.
Edain
Eglahir, Rio = *Eglor*.
Eglamar = *Eldamar*.
Eglarest. Ver *Eglorest*.
Eglor, Rio. (Substituiu *Eldor*; substituído por *Nenning*.) Ver *Eglahir*.
Eglorest O mais meridional Porto da Falas. (Substituiu *Eldorest* e *Eglarest*, embora *Eglarest* tenha se tornado a forma final.)
Egnor (1) Pai de Beren nos *Contos Perdidos*. (2) Filho de Finrod (1) = Finarfin. ing.ant. *Eangrim*
Eiglir Engrin As Montanhas de Ferro. Ver *Aiglir Angrin*.
Eithel Ivrin. Ver *Ivrineithil*.
Eithel Sirion; *Eithyl Sirion*. Ver *Nascente do Sirion*.
Elbereth e *Elboron* Filhos de Dior, Herdeiro de Thingol. (Substituídos por *Eldûn* e *Elrûn*.)
Eldalië (*o povo dos Elfos*)
Eldamar. Ver *Eglamar*.
Eldar; *os Eldar ou Elfos*, *Eldar, a quem chamamos de Elfos*. Quanto ao nome *Eldar*; e ver *Elfos*.
Eldaros "Casadelfos".
Eldor, Rio. (Substituído por *Eglor*, *Eglahir*; *Nenning*.)

Eldorest O mais meridional Porto da Falas. (Substituído por *Eglarest*, *Eglorest*.) Ver *Batalha de Eldorest*.

Eldûn e *Elrûn* Filhos de Dior. (Substituíram *Elbereth* e *Elboron*; substituídos por *Eluréd* e *Elurín*.)

Eledwen Nome de Morwen. Ver *Brilho-élfico*.

Elenarda "Reino Estelar", nome de Ilmen.

Elerrína "Coroada de Estrelas", nome de Taniquetil. 190. Ver *Tinwenairin*.

Élfico Como nome do idioma (por oposição a "gnômico").

Elfinesse

Elfos Referências selecionadas (ver também *Eldar*). Elfos "propriamente ditos" (a Primeira Gente), distintos dos Gnomos; Elfos que não partiram de Cuiviénen; os "embaixadores" élficos; relações com os Homens, ver verbete *Homens*; união com Homens; estatura de Elfos e Homens; retorno para o Oeste; e a Inglaterra; desvanecer; imortalidade e fado; renascimento; destino derradeiro; língua élfica em Valinor; ing.ant. *Elfe (Ælfe, Ielfe)*, etc., *Wine*. Ver *Filhos de Ilúvatar*, *Filhos das Estrelas*, *Primogênitos*, *Meio-Elfo(s)*.

Elfos pardos e verdes da floresta

Elfos-cinzentos

Elfos-da-floresta; de Doriath

Elfos-da-luz A Primeira Gente dos Elfos. ing.ant. *Léohtelfe*

Elfos-do-mar; ing.ant. *sæelfe*. Ver *Ginetes d'Ondas*, *Solosimpi*, *Teleri*.

Elfos-escuros; com referência a Eöl; élfico-escuro; ing.ant. *deorcelfe*. Ver *Ilkorins*.

Elfos-profundos Os Noldoli. ing.ant. *déopelfe*

Elfos-verdes. Ver *Laiqi*.

Ellu Ver *Tinwelint*.

Elmo-de-dragão; Elmo de *Gumlin*

Elrond. Ver *Meio-Elfo(s)*.

Elros; *Elros Tar-Minyatur*. Ver *Meio-Elfo(s)*.

Elrûn Ver *Eldûn*.

Elu Forma gnômica de *Elwë*.

Eluréd e *Elurín* Filhos de Dior. (Substituíram *Eldûn* e *Elrûn*.)

Elwë Líder da Terceira Gente dos Elfos (posteriormente *Olwë*). irmão de Thingol; ing.ant. *Elwingas* "povo de Elwë". Ver *Elu*, *Olwë*.

Elwing; chamada de “a Branca”

Endon Ponto central da Terra. Ver *Endor*.

Endor Ponto central da Terra (em variação com *Endon*). Terra-média (quenya *Endórë*, sindarin *Ennor*).

Ennor Ver *Endor*.

Eöl; ing.ant. Éor

Era Valiana, Ano Valiano

Erchamion “Uma-Mão”, nome de Beren. (Substituiu *Ermabuin*).

Ered Engrin As Montanhas de Ferro (forma final). Ver *Aiglir Angrin*.

Ered Mithrin As Montanhas Cinzentas (distintas das Montanhas Cinzentas do *Ambarkanta*).

Eredlindon As Montanhas Azuis. ing.ant. *Háwengebeorg*. Ver *Eredluin*.

Eredlómin, *Erydlómin* (Também *Ered-lómen*). (1) As Montanhas Sombrias (substituído por *Eredwethion*, posteriormente *Eredwethrin*). (2) As Montanhas Ressoantes. ing.ant. *Wómanbeorgas*. Quanto aos diferentes significados e aplicações de *Ered Lómin*.

Eredluin, *Erydluin* As Montanhas Azuis. Ver *Eredlindon*.

Eredwethion, *Erydwethion* As Montanhas Sombrias (em substituição a *Eredlómin* (1)). ing.ant. *Scúgebeorg*. (Substituído por *Eredwethrin*.)

Eredwethrin As Montanhas Sombrias. . (Substituiu *Eredwethion*).

Erellont Companheiro de Eärendel.

Eressëa Ver *Tol Eressëa*.

Eriol . Ver Ælfwine, *Leithien*, Lúthien (2).

Ermabuin Ver *Ermabwed*.

Ermabwed “Uma-Mão”, nome de Beren. forma posterior *Ermabuin* (substituído por *Erchamion*).

Eru Ilúvatar.

Eruman (1) Região ao sul de Taniquetil. (*Erumáni*). (2) Região onde os Homens despertaram. (Substituído por *Hildórien*.) (3) Região entre as montanhas e o mar ao norte de Taniquetil. (Substituído por *Araman*.)

Erydlómin, Erydluin Ver *Eredlómin*, *Eredluin*.

Escuridão de Fora; *Escuridão Antiga* 98, *Escuridão Sempiterna*. Ver *Ava-kúma*, Kúma.

Esgalduin, Rio

Espada Negra Nome de Túrin em Nargothrond. a espada em si. Ver *Gurtholfin*, *Mormakil*.
Estë Esposa de Lórien.
Estrada-anânica
Estreitos de Gelo. Ver *Ponte(s) de Gelo*, *Gelo Pungente*, *Helkaraksë*.
Estreitos do Mundo
Estrela Matutina Eärendel portando a Silmaril.
Estrela Vespertina Eärendel portando a Silmaril.
Estrelas Referências selecionadas. A Feitura das Estrelas; perseguição das estrelas por Tilion; cursos das estrelas (ver *Elenarda*, *Tinwë-mallë*).
Ethlon Desconhecido.
Exeter College, Oxford

Fadas. *Terra-das-fadas*
Failivrin Nome dado a Finduilas.; ing.ant. *Fealuléome*
Falas; *Costa do Oeste*; Portos da Falas. Ver *Brithombar*, *Eglorest*, *Eldorest*, *Portos do Oeste*.
Falasquil Morada de Tuor em uma cava do litoral.
Falathar Companheiro de Eärendel.
Fangros Lugar desconhecido. forma anterior *Fangair*
Fanturi Mandos (*Nefantur*) e Lórien (*Olofantur*). forma posterior *Fëanturi*
Fanyamar "Morada-das-nuvens", região superior de Vista.
Fëanor Chamado de "o Artífice". (*Filhos de Fëanor* possui um verbete separado.); ing.ant. *Finbrós Gimwyrhta*, mas nos textos chamado *Féanor* (*se smiþ*); *Casa de Fëanor* (ver *Despossuídos*).
Fëanorianos; letra fëanoriana. Ver *Juramento dos Fëanorianos*, *Filhos de Fëanor*.
Fëanturi Ver *Fanturi*.
Feéria Ver *Baía de Feéria*.
Felagoth Nome anterior de Felagund.
Felagund; *Rei de Narog*. Ver *Felagoth*, *Finrod* (2), *Ingoldo*, *Inglor*.
Felegron Um nome para Bruithwir; também *Felëor*.
Fenda do Arco-íris. Ver *Glorfalc*, *Cris Ilbranteloth*, *Cris-Ilfing*, *Kirith Helvin*, *Cirith Ninniach*.

Fengel (1) Bisavô de Tuor em um texto antigo. (2) Pai de Tuor. (3) Tuor. Ver *Fingolfin*.

Festa da Reunião; *Festa do Encontro*. Ver *Mereth Aderthad*.

Filhos das Estrelas Os Elfos.

Filhos de Fëanor. Ver *Brósingas*. *Despossuídos*, Fëanorianos.

Filhos de Ilúvatar; *Mais Velhos* (ing.ant. þá yldran Ealfæderes bearn), *Mais Novos*. *Filhos da Terra*; *Mais Novos*. *Filhos do Mundo*; *Mais Velhos*, *Mais Novos*

Filhos dos Valar; *Filhos dos Deuses*; ing.ant. *Valabearn*

Fin-golma Nome de Finwë Nólemë.

Finarfin Nome posterior de Finrod (1), filho de Finwë.

Findor Nome em substituição a *Flinding*; substituído por *Gwindor*.

Finduilas Filha de Orodreth. ing.ant. *Friþuswíþ*. Ver *Failivrin*.

Fingolfin (incluindo referências a seus filhos, casa, povo); *Rei de Hithlum*, *Senhor da Falas*; o marco de Fingolfin, *Monte de Fingolfin*; ing.ant. *Fingold Fengel* (mas *Fingolfin* nos textos). Ver *Golfin*.

Fingon; ing.ant. *Finbrand* (mas *Fingon*), seu filho *Fingár*. (Substituiu *Finweg*.)

Finn Forma gnômica de *Finwë*. ing.ant. *Finningas* "povo de Finn"

Finrod (1) Terceiro filho de Finwë; posteriormente *Finarfin*. Filho(s) de, casa de, povo de Finrod; ing.ant. *Finred Felanóþ* (mas *Finrod* nos textos). (2) Finrod Felagund, filho de Finarfin: nome posterior de Inglor Felagund.

Finwë; *Finwë Nólemë*. Um quarto filho de Finwë, ing.ant. *Finrún Felageómor*. Ver *Fingolma*, *Finn*.

Finweg Nome anterior de Fingon (também *Finnweg*).

Fionwë; *Fionwë* Úrion

Fiorde da Sereia

Flautistas das Terras Costeiras Ver *Solosimpi*.

Flend, Rio Nome anterior de Gelion.

Flinding Nome anterior de Gwindor de Nargothrond. Ver *Findor*.

Flor Dourada de Gondolin Ver *Glorfindel*.

Floresta da Noite Taur-na-Fuin.

Floresta Velha

Foice dos Deuses A constelação da Grande Ursa. ing.ant. *Godasicol*

Forasteiros, Homens de Fora

Formen Norte. (Substituiu *Tormen*.)
Formenos
Fôs'Almir O Banho de Chamas.
Fratricídio, O, e ver *Porto-cisne*.
Fruto do Meio-Dia
Fuga dos Noldoli (poema aliterante); *a canção da Fuga dos Gnomos*, mencionada no *Quenta*
Fui 79; *Fui Nienna*
Fuilin (Mencionado apenas como o pai de Flinding). (Substituído por *Guilin*.)

Galadriel
Galdor Pai de Húrin e Huor. (Substituiu *Gumlin* (2).)
Gandalf
Garsecg (inglês antigo) Ver *Belegar*. *Garsecges fréa*, Ulmo
Geleidhian Beleriand (Broseliand), "o reino dos Gnomos". grafia anterior *Geleithian*
Gelion, Rio; *Grande Gelion*; ing.ant. *Glæden*. (Substituiu *Flend*.)
Gelmir (1) Rei dos Gnomos. (2) Irmão de Gwindor de Nargothrond.
Gelo Pungente (Também *o Gelo*). Ver *Ponte(s) de Gelo*, *Estreitos de Gelo*, *Helkaraksë*.
Gilfanon (1) Elfo de Alqualondë. (2) Gilfanon de Tavrobel. Para referências ao *Conto de Gilfanon*, ver *Contos Perdidos*.
Ginetes d'Ondas. Ver *Elfos-do-mar*, *Solosimpi*, *Teleri*.
Ginglith, Rio
Glamhoth "Povo do Ódio", Orques.
Glaurung Nome final do grande Dragão. *a serpe dourada de Angband*. Ver *Glómund*.
Glingna Nauglir O Colar dos Anãos.
Glingol Nome gnômico da Árvore Dourada de Valinor. ing.ant. *Glengold*; forma posterior *Glingal*
Glómund Nome do grande Dragão no *Quenta* e nos *Anais de Beleriand*; chamado de "o Dourado", "Pai de Dragões", "o Primeiro dos Dragões". imagem no Elmo de Gumlin . Ver *Glórund*, *Glórung*, *Glaurung*.
Glorfalc "Fenda Dourada", antigo nome de Cirith Ninniach.

Glorfindel Senhor da Casa da Flor Dourada de Gondolin.

Glórund Nome do grande Dragão nos *Contos Perdidos*.

Glórung Nome do grande Dragão no "Esboço".

Gnomos Referências selecionadas (ver também *Noldoli*). O nome *Gnomo*; descritos; seus cavalos em Bladorion; relações com os Anãos ; alguns permaneceram em Valinor; retorno ao Oeste, e a Valinor; Gnomos-servos; aqueles que permaneceram livres no fim; *Reino dos Gnomos* (*Geleidhian*), (*Ingolondë*). Referências (nos textos) à fala gnômica: ing.ant. *noldelfisc (gereord)*, *noldisc*. Ver *Noldorin*.

Gobelins Orques.

Golfin Nome mais antigo de Fingolfin.

Golodh Equivalente sindarin do quenya *Noldo*. *Golodhinand*, nome rejeitado de Beleriand.

Gondolin; ing.ant. *Stángaldorburg*, etc. mas *Gondolin(d)*, *Gondoelin* nos textos. Descoberta de Gondolin; história posterior de sua fundação; *cidade de sete nomes*; a grande praça de Gondolin

Gondolindrim O povo de Gondolin.

Gondothlim O povo de Gondolin.

Gorlim Companheiro e traidor de Barahir.

Gothmog Senhor ou capitão de Balrogs.

gótico

Grande Batalha No fim da Primeira Era. Ver Última Batalha (1).

Grande Fim; *o Fim*; *Grande Vindita*

Grande Golfo

Grande Marcha A grande jornada dos Elfos a partir de Kuiviénen. Ver *Marcha dos Elfos*.

Grande Ursa. Ver *Urze Ardente*, *Sete Estrelas*, *Foice dos Deuses*.

Grande(s) Mar(es). Ver *Belegar*, *Mar(es) do Oeste*.

Grandes Terras; *a grande terra*; *Grandes Terras do Leste*

Grond A grande maça Morgoth.

Guerra dos Deuses Ver *Batalha dos Deuses; Guerra da Ira*, ver *Batalha da Ira e do Trovão*.

Guilin (Mencionado apenas como o pai de Gwindor). (Substituiu *Fuilin*.)

Gumlin (1) O mais velho dos guardiões de Túrin na jornada até Doriath. (Substituído por *Mailgond*.) (2) Filho de Hador e pai de Húrin e Huor. *Elmo de Gumlin* 144. (Substituído por *Galdor*.)

Gundor Filho de Hador e irmão de Gumlin (2).

Gurtholfin "Vara da Morte", espada de Túrin. *Gurtholfir*

Gwath-Fuin-daidelos "Sombra Mortal da Noite", Taur-na-Fuin. (Substituiu *Math-Fuin-delos*.)

Gwedheling Nome de Melian no *Conto de Turambar*.

Gwendelin Nome de Melian no *Conto do Nauglafring*.

Gwerth-i-cuina (Também *Gwairth-*, *Gweirth-* 277.) Os Mortos que Vivem de Novo, e sua terra.

Gwindor de Nargothrond. (Substituiu *Flinding*.)

Hador Chamado de "o Alto" e "o de Cabelos Dourados". (Também *Hádor*.) Referências incluem aquelas à casa, filho(s), povo, etc. de Hador. o povo descrito

Haladin Nome posterior para o Povo de Haleth.

Haleth (1) Originalmente o filho de Hador, posteriormente um dos Pais de Homens; chamado de "o Caçador". Referências incluem aquelas ao povo de Haleth. o povo descrito. Ver *Homens-da-floresta*. (2) A Senhora Haleth.

Halmir (1) Filho de Orodreth, enforcado por Orques. (2) (posteriormente) Senhor do Povo de Haleth na época da União de Maidros.

Halog O mais novo dos guardiões de Túrin na jornada até Doriath.

Handir Pai de Brandir, o Coxo; no *Quenta*, filho de Haleth (149), mas nos *Anais de Beleriand*, filho de Hundor, filho de Haleth.

Harmen Sul. (Substituído por *Hyarmen*.)

Helkar Originalmente o pilar da Lamparina Meridional; no *Ambarkanta*, a Lamparina Setentrional, que se tornou o Mar Interior; grafia posterior *Helcar*, o Mar Interior. Ver *Illuin*.

Helkaraksë Originalmente a Presa-de-Gelo, subsequentemente o Estreito do Gelo Pungente. grafia posterior *Helcaraxë*; ing.ant. Ísgegrind. Ver *Ponte(s) de Gelo*, *Gelo Pungente*, *Estreitos de Gelo*.

Heorrenda Filho de Eriol.

Hildor Os Que Vêm Depois, Homens.

Hildórien A terra onde os primeiros Homens despertaram. Ver *Eruman* (2).

Himlad Terra entre os rios Aros e Celon.

Himling, Colina de; os passos a leste; ilha de Himling; forma posterior *Himring*

Hisilómë; traduzido "Bruma do Crepúsculo", "Terra da Bruma". Ver *Aryador*, *Dor-lómin*, *Hithlum*.

Histórias, As

Hithaeglir As Montanhas Nevoentas.

Hithlum; ing.ant. *Hasuglóm*, *Hasuland*; *Hithlum* equivalente a Dor-lómin. Ver *Aryador*, *Dor-lómin*, *Hisilómë*.

Homens Referências selecionadas. Despertar; Homens corrompidos por Morgoth, por Thû/Sauron; dispersão na Terra-média; Homens infiéis em Hithlum, arrependimento dos; relações com Elfos; união com Elfos, ver verbete *Elfos*; estatura; profecias de Ulmo acerca dos; Amigos-dos-Elfos com permissão para partir para o Oeste; destino dos Homens; ing.ant. *Fíras*, *Elde (Ælde)*. Ver *Lestenses*, *Homens Tisnados*, *Hildor*.

Homens Tisnados (descritos). Ver *Lestenses*, *Forasteiros*.

Homens-da-floresta, Povo-da-floresta Povo de Túrin nas matas em redor do Taiglin. *Homens dos Bosques*

Hora Inicial, Hora de Início (quando Silpion brilhou sozinha)

Huan; *senhor dos cães*; sua fala

Hundor Filho de Haleth e pai de Handir.

Huor

Húrin (incluindo referências aos Filhos de Húrin); forma original Úrin

Hyarmen Sul. (Substituiu *Harmen*.)

Hyarmentir A montanha mais elevada ao sul de Taniquetil. não nomeada

i•Cuilwarthon, i•Guilwarthon Ver *Cuilwarthien*.

Ialassë "Brancura Sempiterna", Taniquetil. forma posterior *Oiolossë*. Ver *Amon Uilas*.

Idril Esposa de Tuor, mãe de Eärendel; chamada de "a que enxerga longe" e *Celebrindal* "Pé-de-Prata". ing.ant. *Ideshild Silfrenfót*

Ifan Belaurin Ver *Belaurin.*

Ilfiniol Coração-Pequeno, filho de Bronweg.
Ilha das Aves Marinhas; a torre na ilha
Ilha de Balar Ver *Balar*.
Ilha do Mago. Ver *Ilha dos Lobisomens*, *Tol-na-Gaurhoth*, *Tol Sirion*.
Ilha dos Lobisomens. Ver *Tol-na-Gaurhoth.*
Ilha Solitária. Ver *Tol Eressëa*.
Ilhas do Crepúsculo
Ilhas Encantadas, (em substituição a *Ilhas Mágicas*); ("*Ilhas Encantadas ou Mágicas*")
Ilhas Mágicas. Ver *Ilhas Encantadas*.
Ilhas Ocidentais
Ilhas sem Angras
Ilhas Sombrias
Ilinsor Timoneiro da Lua. Ver *Tilion*.
Ilkorin(s), Ilkorindi Elfos que "não eram de Kôr". Ver *Elfos-escuros*.
Illuin Nome final da Lamparina Setentrional. Ver *Helkar*.
Ilma Forma anterior de *Ilmen*, sendo este em substituição a *Silma*.
Ilmen "Lugar de Luz", o ar do meio (em substituição a *Ilma*). *Abismo de Ilmen (Ilma)*. Ver *Elenarda*, *Tinwë-mallë*; *Ilwë*.
Ilmen-assa O Abismo de Ilmen.
Ilu O Mundo.
Ilurambar As Muralhas do Mundo. (Substituído por *Eärambar*.)
Ilúvatar. Ver *Pai-de-Tudo*, *Eru*, *Filhos de Ilúvatar*.
Ilwë Na cosmologia original, o ar do meio que sopra entre as estrelas. Ver *Ilmen*.
Indor Pai de Peleg, pai de Tuor.
Indrafangs Os Anãos Barbas-longas de Nogrod.
Ing (1) Rei de Luthany. (2) Forma gnômica de *Ingwë*. a torre de Ing; ing.ant. *Ingwine*, a Primeira Gente,
Ingársecg Ver *Belegar*.
Ingil Filho de Inwë nos *Contos Perdidos*. torre de Ingil. Ver *Ingwiel*.
Inglaterra. Ver *Leithien*, Lúthien (3).
inglês (idioma); ing.ant. *Englisc*. Ver *inglês antigo*.
inglês antigo (incluindo todos os nomes em ing.ant. e passagens relacionadas)

Inglor Nome “verdadeiro” posterior de Felagund (substituído por *Finrod* (2)). ing.ant. *Ingláf Felahrór*. Ver *lngoldo*.
Ingoldo Nome materno de Finrod Felagund.
Ingolondë Beleriand, “o reino dos Gnomos”.
Ingwaiwar
Ingwë (1) Rei de Luthany. (2) Senhor da Primeira Gente dos Elfos (*Inwë* dos *Contos Perdidos*). a torre de Ing ; a torre de Ingwë
Ingwiel Filho de Ingwë, líder da Primeira Gente na Batalha de Eldorest (> Eglorest). Ver *lngil*, *Ingwil* (2).
Ingwil (1) Rio que conflui com o Narog em Nargothrond. (2) Forma anterior de *Ingwiel*.
Inimigo, O Morgoth.
Inwë Rei dos Eldar de Kôr nos *Contos Perdidos*. Ver *Ingwë* (2).
Ior (1) Ilúvatar?. (2) Nome gnômico de Ivárë.
Ireland
Irtinsa, Lago
Isfin Irmã Turgon, mãe de Meglin; chamada de “a Branca” (106) e “a de mãos brancas”; ing.ant. *Finhwít*. Ver *Aredhel*.
Ivárë Menestrel dos Elfos. Ver *Ior* (2).
Ivrin, Lago; *Lagoas de Ivrin*; *Nascente do Ivrin*, ver *Ivrineithil*.
Ivrineithil; *Nascente do Ivrin*. Ver *Eithel Ivrin*.

Juramento dos Fëanorianos

Kalormë Grande montanha no extremo Leste.
Kirith Helvin “Fenda do Arco-íris”. (Substituiu *Cris-Ilfing*, substituído por *Cirith Ninniach*.)
Kirith-thoronath “Fenda das Águias”. (Substituiu *Cristhorn*.)
Koivië-néni Ver *Cuiviénen*.
Kópas Alqaluntë “Porto das Naus-cisne”. Ver *Alqualondë*.
Kôr Ver *Côr*.
Koreldar Elfos de Kôr.
Kortirion Ver *Cortirion*.
Kuiviénen Ver *Cuiviénen*.
Kúma O Vazio, a Escuridão de Fora. Ver *Avakúma*.

Ladwen-na-Dhaideloth
Laiqi, Laiqeldar Os Elfos-verdes. forma posterior *Laiquendi*
Lamparinas, As; ing.ant. *Blácern*, Léohtfatu. Ver *Helkar*, *Illuin*, *Ringil*.
Laurelin; ing.ant. *Goldléoþ*. Ver *Glingol*.
Leeds, Universidade de
Legolin, Rio. (Substituiu *Loeglin*.)
Leithien "Bretanha ou Inglaterra" (48). *Eriol de Leithien*; *Leithian* 88. Ver *Lúthien* (3).
Lenda volsunga
Lenwë Líder daqueles Teleri que abandonaram a Grande Marcha. (Substituiu *Dan*.)
Lestenses. Ver *Forasteiros*, *Homens Tisnados*.
Lindar A Primeira Gente dos Elfos. (Substituiu *Quendi* (2), substituído por *Vanyar*.)
Lindon
Linwë Ver *Tinwelint*.
Livro dos Contos Perdidos Escrito por Eriol (fonte do *Quenta*).
Livro Dourado. Ver *Parma Kuluina*.
Loeglin, Rio. (Substituído por *Legolin*.)
Lórien; ing.ant. *Swefnfréa*, mas *Lórien* (gen. *Lóriendes*) nos textos; *Deus dos Sonhos*. Ver *Olofantur*.
Lua, A Referências selecionadas. Feitura da; nau da, ilha da; curso da; primeiro Nascer da Lua; profecias acerca da; "Lua mágica"; a Lua e Eärendel; *Canção do Sol e da Lua*. Ver Rána.
Luthany
Lúthien (1) Filho de Gelmir (em substituição a *Oleg*). (2) Eriol. 14. (3) "Bretanha ou Inglaterra". Ver *Leithien*. (4) Filha de Thingol. *a gesta de Beren e Lúthien*; o destino de Lúthien. Ver *Balada de Leithian*, *Tinúviel*.

Mablon, o Ilkorin
Mablosgen "O de Mão-vazia", nome de Beren. (Substituído por *Camlost*.)
Mablung Chamado de "Mão-Pesada" (133). ("com mão pesada").
Maedhros Ver *Maidros*.
Maeglin Ver *Meglin*.

Maglor (1) = Beren. 11. (2) Filho de Fëanor. ing.ant. *Dægmund Swinsere*; *Brecha de Maglor*

Maidros Filho mais velho de Fëanor; chamado de "o Alto" e "o Canhoto" (298). nos textos *Maegdros*, etc.; *Marcas de Maidros*. Forma posterior *Maedhros*. Ver *Russandol*, *União de Maidros*.

Mailgond O mais velho dos guardiões de Túrin na jornada até Doriath. forma posterior *Mailrond*. (Substituiu *Gumlin* (1).)

Makar Vala guerreiro.

Mandos (tanto o Vala como a sua morada); ing.ant. *Néfréa*, mas *Mandos* (gen. *Mandosses*) nos textos, também chamado de *neoærna hláford* e *wælcyriga*. Ver *Nefantur*, *Vefántur*; *Profecia, Sentença, de Mandos*.

Manwë ; ing.ant. *Wolcenfréa*, mas *Manwë* nos textos.

Mar de Fora Vaiya.

Mar do Leste; *Mar do Leste* = Mar de Ringil

Mar Mediterrâneo

Mar Negro

Mar(es) do Oeste; ing.ant. *Westsæ*. Ver *Belegar*, *Grande Mar*.

Mar(es) Interior(es)

Marach Líder da terceira hoste de Homens a entrar em Beleriand.

Marcas de Maidros Ver *Maidros*.

Marcha dos Elfos (1) A Grande Jornada a partir de Kuiviénen. ver *Grande Marcha*. (2) A expedição a Valinor.

Mares de Dentro Os Grandes Mares do Leste e do Oeste.

Mares Divisores

Mares Sombrios

Marés, As (poema)

Martalmar As raízes da Terra. Ver *Raízes-da-Terra*, *Talmar Ambaren*.

Math-Fuin-delos "Sombra Mortal da Noite", Taur-na-Fuin. (Substituído por *Gwath-Fuin-daidelos*.)

Mavwin. (Substituído por *Morwen*.)

Meglin; ing.ant. *Mánfrið*; forma posterior *Maeglin*

Meio da Terra; *Meio-da-Terra*. Ver *Endon*, *Endor*.

Meio-Elfo(s). e ver *Elrond*, *Elros*.

Melian; seu poder de proteção sobre Doriath (ing.ant.). Ver *Gwedheling*, *Gwendelin*, *Wendelin*.

Melko; ing.ant. *Mánfréa*, etc., *Orgel*. Forma posterior *Melkor*; ing.ant. *Melkor (Melcor)*

Menegroth. Ver *Mil Cavernas*.

Mércia

Mereth Aderthad; ing.ant. *Sibbegemótes fréols*. Ver *Festa da Reunião*.

Meril-i-Turinqi A Senhora de Tol Eressëa.

Metade Oculta (da Terra)

Mid-land [Terra-do-meio], *terra do meio*

Mil Cavernas; ing.ant. þúsend þéostru. Ver *Menegroth*.

Mîm, o Anão

Mindeb, Rio

Míriel Mãe de Fëanor.

Mithrim Lago Mithrim; a terra de Mithrim; ing.ant. *Mistrand*, *Mistóra*, mas *Miþrim*; *Montanhas de Mithrim*, *colinas de Mithrim*

Moeleg Forma gnômica de *Melko*. (Substituiu *Belcha*.)

Montanha Solitária

Montanhas Amarelas

Montanhas Azuis; não mencionadas por nome. Ver *Eredlindon*, *Eredluin*.

Montanhas Cinzentas (1) No *Ambarkanta*. (2) *Ered Mithrin*.

Montanhas Circundantes Em redor da planície de Gondolin. *Montanhas de Turgon*

Montanhas de Ferro; *Montanhas de Morgoth*. Ver *Aiglir Angrin*; *Morros Amargos*, *Montanhas Negras*, *Torres do Norte*.

Montanhas de Mithrim Ver *Mithrim*; *Montanhas de Morgoth*, ver *Montanhas de Ferro*; *Montanhas de Sombra*, ver *Montanhas Sombrias*.

Montanhas de Terror (mencionadas como *as Montanhas Sombrias*, as *Montanhas de Sombra*).

Montanhas de Turgon Ver *Turgon*.

Montanhas de Valinor, (ing.ant. *micle beorgas*); *Montanhas dos Deuses*; *Montanhas do Oeste*; *montes de Valinor*

*Montanhas do Leste** (Muralhas do Sol); (Montanhas Vermelhas).

Montanhas do Sol Ver *Muralhas do Sol*.

Montanhas do Vento

Montanhas Negras As Montanhas de Ferro. ing.ant. *Sweartbeorgas*. *A Montanha Negra*, Thangorodrim

Montanhas Nevoentas Ver *Hithaeglir*.

Montanhas Órquicas

Montanhas Ressoantes Ver *Eredlómin*.

Montanhas Sombrias, *Montanhas de Sombra* (1) = Montanhas de Terror. (2) "As montanhas que faziam curva para o Norte nas fronteiras de Hithlum". Ver *Eredlómin* (1), *Eredwethion*, *Eredwethrin*.

Montanhas Vermelhas. Ver *Orocarni*.

Monte dos Espiões Próximo a Nargothrond.

Monte dos Mortos; outras referências. Ver *Amon Dengin*, Cûm-na-Dengin.

Morgoth Passim. Ver *Melko(r)*; *Belcha*, *Bauglir*, *Moeleg*; *Demônio do Escuro*, *o Inimigo*.

Mormakil "Espada Negra", Túrin em Nargothrond. *Mormakil* tornou-se a forma em quenya; além disso, sucessivas formas gnômicas foram *Mormagli*; *Mormaglir*; *Mormegil*; *Mormael*. Ver *Espada Negra*.

Morro da Avareza. Ver Cûm an-Idrisaith e *Cûm-nan-Arasaith*.

Morros dos Caçadores Os planaltos a oeste do Narog. Ver *Duil Rewinion*, *Descampado dos Caçadores*.

Mortos que Vivem de Novo Ver *Cuilwarthien*.

Morwen. (Substituiu *Mavwin*.) Ver *Eledwen*, *Brilho-élfico*.

Mundo, O Como usado explicitamente = terras a leste do Grande Mar, cf. e nota, e ver *Terra*. *Borda do Mundo*

Muralha(s) do Mundo (ver *Eärambar*, *Ilurambar*); *a Muralha final* 19; *Muralha das Coisas* (*Muralha do Leste*); *Muralhas da Noite*

Muralhas do Sol Cadeia de montanhas no extremo Leste. *Montanhas do Sol*

Murmenalda O vale no qual os Homens despertaram pela primeira vez.

Música dos Ainur 51. (Para referências ao Conto, ver *Contos Perdidos*.)

Nan Dungorthin; *Dungorthin*; forma posterior *Nan Dungortheb*

Nan Tathrin; ing.ant. *Wiligwangas (Wiligléagas)*. Ver *Terra dos Salgueiros*.

Nargothrond; ing.ant. *Hlýdingaburg*, *Stángaldorburg*, *a cidade oculta*; caracteres (escritos) de Nargothrond. História posterior de sua fundação

Narn i Hîn Húrin

Narog, Rio; ing.ant. *Hlýda*, mas *be Naroge stréame*; Narog como reino, *Rei de Narog* (Felagund); a ponte sobre o Narog em Nargothrond

Narsilion A Canção do Sol e da Lua.

Nascente do Sirion. Ver *Eithel Sirion*.

Nascente Sombria Nascente do Aros e do Esgalduin.

Naugladur Senhor dos Anãos de Nogrod.

Nauglafring O Colar dos Anãos; ing.ant. *Dweorgmene*, *Sigelmǽrels*. Ver *Glingna Nauglir*, *Nauglamír*.

Nauglamír Forma posterior de *Nauglafring*.

Nauglar Os Anãos. Formas anteriores *Nauglath*, *Nauglir*; forma final *Naugrim*

Nefantur Mandos. Ver *Vefántur*.

Neldoreth A floresta que forma a parte setentrional de Doriath.

Nen Girith "Água do Estremecer", nome dado às quedas da Bacia de Prata (Dimrost).

Nenning, Rio Nome posterior do Eldor (Eglor, Eglahir).

Nerdanel Esposa de Fëanor.

Nessa

Nevrast

Nienna. Ver *Fui*.

Nienor. Ver *Níniel*.

Niniach, Vale de Local da Batalha das Lágrimas Inumeráveis.

Níniel; "a Lacrimosa", "Donzela-das-lágrimas"

Nirnaith Arnediad Batalha das Lágrimas Inumeráveis. Nomes anteriores: (*Nirnaith) Únoth*; *Ornoth*; *Irnoth*; *Dirnoth*

Nogrod

Noldolantë "A Queda dos Noldor", lamento composto por Maglor.

Noldoli; ing.ant. *Noldelfe (Noldielfe)* (também *Noldena* pl. gen.), *Noldelfaracu* "História dos Noldoli"; *Noldelfisc* (ver *Gnomos*). Ver *Elfos-profundos*, *Gnomos*, *Noldor*.

Noldor; sing. *Noldo*; *maldição dos Noldor*

Noldórien Beleriand.

Noldorin (1) Nome de Salmar. (2) Adjetivo de *Noldor*; idioma dos Noldor
Noldórinan Beleriand. Ver *Noldórien*.
Nóm "Sabedoria", nome dado a Felagund no idioma do povo de Bëor.
nórdico antigo
Númen Oeste.
Númenor
Númenóreanos

Oceano Envolvedor, *Oceano Circundante* Ver *Vaiya*.
Óin Forma gnômica de *Uinen*.
Oiolossë Ver *Ialassë*.
Oleg Ver *Lúthien* (1).
Olofantur Lórien.
Olwë Senhor dos Teleri.. Ver *Elwë*.
Orfalch Echor A grande fenda nas Montanhas Circundantes.
Orgof Elfo de Doriath, morto por Túrin.
Órion. Ver *Telimektar*.
Orocarni As Montanhas Vermelhas.
Orodreth Segundo rei de Nargothrond, filho de Finrod (1) = Finarfin; ing.ant. *Ordred* 248, seus filhos *Ordhelm* e *Ordláf*
Oromë; ing.ant. *Wáðfréa*, *Huntena fréa* (*Oromë* nos textos); cavalo de Oromë. Ver especialmente, e ver *Aldaron*, *Tauros*.
Orques Referências selecionadas. Origem dos Orques; "Gobelins"; língua dos; números dos; rindo de Morgoth; estrada-órquica de presteza, ver *Taur-na-Fuin*; ing.ant. *Orcas*, etc. Ver *Glamhoth*, *Gobelins*.
Ossë; ing.ant. *Sæfréa*
Ossiriand; *Ossiriand(e)* nome rejeitado de Beleriand; forma anterior *Ossiriath*. Ver *Assariad*, *Terra dos Sete Rios.*

Pai-de-Tudo Ilúvatar, ing.ant. *Ealfæder*, *Allfeder*
Pai(s) de Homens; *as três Casas dos Pais de Homens*
Palisor Região das Grandes Terras onde os Homens despertaram pela primeira vez.
Palúrien; "Seio da Terra"; ing.ant. *eorþan scéat*. Ver *Belaurin*, *Yavanna*.

Parma Kuluina O Livro Dourado; *Parma Kuluinen*

Partida Afora

Passo Oeste Ver *Sirion (Passo do Sirion)*.

Pedra Arken

Peleg Pai de Tuor nas lendas mais antigas.

Pelmar "A Morada Cercada", Terra-média. Ver *Ambar-endya*.

Pengolod de Gondolin Chamado de "o Sábio"; ing.ant. *Pengolod*, *Pengoloð*, chamado de *se Úþwita*

Pennas; *Pennas-na-Ngoelaidh*, *Pennas nan Goelið*, *Pennas na Ngoeloeð*. Ver especialmente e ver *Quenta Noldorinwa*, *Noldoli*.

Planície da Sede Ver *Dor-na-Fauglith*, *Planície Sedenta*.

Planície Negra Dor-na-Fauglith.

Planície Protegida (1) De Gondolin (= *Tumladen*). (2) Ao norte de Nargothrond.

Planície Sedenta Dor-na-Fauglith.

Poderes, Os Os Valar. *Batalha dos Poderes*; ing.ant. þá Mægen, þá Mihta, þá Mihtigan

Poldórëa "O Forte" > "o Valente", nome de Tulkas.

Ponte(s) de Gelo. Ver *Gelo Pungente*.

Porta da Noite; *Porta da Noite Atemporal*. Ver *Ando Lómen*.

Portão dos Noldor. Ver *Annon-in-Gelydh.*

Porto dos Cisnes Ver Porto-cisne; *Portos do Sirion*, ver *Sirion*; *Portos da Falas*, ver *Falas*.

Porto-cisne, Porto dos Cisnes; a maldição de Porto-cisne. Ver *Alqualondë*, *Fratricídio*.

Portões da Manhã

Portões do Verão Grande festival em Gondolin.

Portos do Oeste; ing.ant. *of þám Westhýþum*. Ver *Falas*.

Portos do Sol e da Lua

Primeira Batalha de Beleriand A Batalha-sob-as-Estrelas (*Dagor-os-Giliath*). posteriormente, a batalha na qual Denethor foi morto, antes do retorno dos Noldor

Primeira Gente (dos Elfos); nomes em ing.ant. Ver *Belos-elfos*, *Altos-elfos*, *Elfos-da-luz*, *Lindar*, *Quendi*, *Vanyar*.

Primeira(s) Era(s) do Mundo

Primeiro Feitio, O

Primogênitos, Os Os Elfos.

Profecia de Mandos (*Segunda) Profecia de Mandos*. Ver *Sentença de Mandos*.

qenya

Qerkaringa O Golfo do Frio, entre a Presa-de-Gelo e as Grandes Terras.

Quarta Batalha de Beleriand A Batalha da Chama Repentina; ver *Terceira Batalha de Beleriand*.

Quendi (No "Esboço", também escrito *Qendi*) (1) Nos *Contos Perdidos*, o nome original de todos os Elfos, tornando-se distinto de *Eldar*. (2) A Primeira Gente (substituído por *Lindar*) ; ing.ant. *Cwendi*. (3) (Sentido final) O nome original de todos os Elfos. Ver *Primeira Gente*.

Quenta Noldorinwa (Também *Qenta*). Ver especialmente, e ver *Pennas*, *Noldoli*.

quenya

Radhruin Companheiro de Barahir em Taur-na-Danion. (Substituiu *Radros*.)

Radros Nome anterior de Radhruin.

Ragnarök

Raízes-da-Terra. Ver *Martalmar*, *Talmar Ambaren*.

Rána Nome da Lua dado pelos Deuses

Rathlorion, Rio "Leito-D'Ouro", nome dado ao Ascar após o tesouro de Doriath ter sido submerso nele; forma posterior *Rathloriel*

Region A floresta que forma a parte meridional de Doriath.

Reino Abençoado; *Terra Abençoada*; *Reino Ditoso*; *Zênite do Reino Abençoado*, ing.ant. *Godéðles (Valaríces) Middæg oþþe Héahþrymm*

Reino Guardado Valinor.

Reynolds, R.W.

Rían Mãe de Tuor.

Ringil (1) Originalmente o pilar da Lamparina Setentrional; no *Ambarkanta*, a Lamparina Meridional, que se tornou o Mar de Ringil. Ver *Mar do Leste*. (2) Espada de Fingolfin.

Rio Seco

Rodothlim Precursores dos Gnomos de Nargothrond.

Rog Senhor do povo do Martelo da Ira em Gondolin.
Rómen Leste.
Roos
Rúmil; chamado de *o Sábio-élfico de Valinor*
Russandol Nome de Maedhros.

Sabedoria "Gnomo", nome de Felagund entre os Homens.
Salmar Companheiro de Ulmo, também chamado Noldorin.
Salões da Espera
Sári Nome do Sol dado pelos Deuses.
Sarn Athra(d) O Vau Pedregoso, Vau das Pedras. Forma original *Sarnathrod*, substituído por *Athrasarn* e *Sarn Athra*; forma final *Sarn Athrad*. Quanto ao local.
Sauron. Ver *Thû*.
Segunda Batalha de Beleriand A Batalha da Chama Repentina. Posteriormente *Dagor Aglareb*, a Batalha Gloriosa, tornou-se a Segunda Batalha
Segunda Batalha dos Deuses Ver *Batalha dos Deuses*.
Segunda Era
Segunda Gente (dos Elfos) Nomes em ing.ant. Ver *Elfos-profundos*, *Gnomos*, *Noldoli*, *Noldor*.
Senhor das Águas Ulmo; ing.ant. *Agendfréa ealra wætera*, *Ealwæter-fréa*
Senhor dos Lobos Ver *Thû*.
Sentença de Mandos. Ver *Profecia de Mandos*.
Sete Estrelas A Grande Ursa. (*a coroa de Sete Estrelas magnas*).
Sete Rios Ver *Terra dos Sete Rios*.
Silma Nome anterior de *Ilma*, *Ilmen*.
Silmaril(s); ing.ant. *Sigel*, *Sigelmærels*, *Eorclanstánas*, *Silmarillas*, *Silmarillan*
Silmarillion, O (exceto referências à obra publicada); ing.ant. *Eorclanstána gewyrd*
Silmo Guardião de Silpion.
Silpion A Árvore Branca de Valinor; *Rosa de Silpion*; ing.ant. *Glisglóm*. Ver *Telperion*.
Sindar; *sindarin*

Sindingul Thingol. (Substituído por *Tindingol*.)
Sírio
Sirion, Rio; ing.ant. *Fléot, Scírwendel*; ilha no rio (ver *Tol Sirion*, *Tol-na-Gaurhoth*).
Passo do Sirion (*Passo Oeste*); *Garganta do Sirion*; Vale do Sirion, ing.ant. *Sirigeones dene*; queda e passagem subterrânea do Sirion; *Brejos, Pântanos do Sirion*; *terras, planície do Sirion*
Foz(es), delta do Sirion (frequentemente com referência aos Portos), ing.ant. *Sirigeones múþas*; Águas do Sirion (terra na foz); *Porto(s) do Sirion*, ing.ant. *Siriones Hýþ*; *Sirion* usado para *Portos do Sirion*; povo do Sirion; porto de Gondolin na foz
Sol, O Referências selecionadas. Feitura do; nau do; Donzela-do-Sol; curso do; primeiro Nascer do Sol; *Anos do Sol* etc.; profecias acerca do; "Sol mágico"; o Sol e Eärendel; *Canção do Sol e da Lua*. Ver *Terra do Sol*, *Muralhas do Sol*; *Sári*, *Ûr*.
Soloneldi Os Elfos-do-mar.. (Substituiu *Solosimpi*.)
Solosimpi Os Elfos-do-mar; *Flautistas das Terras Costeiras*, *flautistas das costas*. (Substituído por *Soloneldi*.)
Sombra Mortal da Noite Taur-na-Fuin. Ver *Gwath-Fuin-daidelos*.
Sorontur Rei das Águias. Ver *Thorndor*.
Súruli Espíritos dos ventos.

Taiglin, Rio
Taingwethil Nome gnômico de Taniquetil; *Tengwethil*
Talmar Ambaren As raízes da Terra. Ver *Raízes-da-Terra*, *Martalmar*.
Tamar, o Coxo. (Substituído por *Brandir*.)
Taniquetil; ing.ant. *Tindbrenting* (ver esse verbete); *a sacra montanha*, *o Sacro Monte*. Ver *Amon Uilas*, *Elerrína*, *Ialassë*, *Taingwethil*, *Tinwenairin*.
Tar-Minyatur Ver *Elros*.
Taur Danin Ver *Taur-na-Danion*; *Taur Fuin*, ver *Taur-na-Fuin*.
Taur-na-Danion "Floresta de Pinheiros"; *Senhores de Taur-na-Danion*, os irmãos de Felagund, ing.ant. *Furhweald*. Forma anterior *Taur Danin*; forma posterior *Taur-na-Donion*. (Substituído por *Dorthonion*.)

Taur-na-Fuin “Floresta da Noite”); ing.ant. *Nihtsceadwesweald*, etc.; estrada-órquica através de, *estrada-órquica de presteza*. Forma anterior *Taur Fuin*. Ver *Sombra Mortal da Noite*.

Tauros “Senhor das Florestas”, nome de Oromë; forma anterior *Tavros*. Ver *Aldaron*.

Tavrobel (nos textos em ing.ant. também *Taþrobel*); *Livro Dourado de Tavrobel*

Tavros Ver *Tauros*.

Tecelã-de-Treva. Ver *Ungoliant*, *Wirilómë*.

Telchar Artífice Anão de Belegost; ou de Nogrod

Teleri (1) Nos *Contos Perdidos*, a Primeira Gente dos Elfos. (2) A Terceira Gente; ing.ant. *Telere* e *Teleri*, sing. *Teler,* adjetivo *Telerisc,* separação do idioma dos Teleri. Ver *Terceira Gente*.

Telimektar Filho de Tulkas, Órion.

Telperion. Ver *Silpion*.

Tempo Ver especialmente

Tengwethil Ver *Taingwethil*.

Terceira Batalha de Beleriand A Batalha das Lágrimas Inumeráveis. Posteriormente a Batalha da Chama Repentina tornou-se a Terceira Batalha

Terceira Era

Terceira Gente (dos Elfos); *Terceira Hoste*; nomes em ing.ant. Ver *Ginetes d’Ondas*, *Elfos-do-mar*, *Soloneldi*, *Solosimpi*, *Teleri*.

Terra Como usado explicitamente = terras a leste do Grande Mar; ver *Mundo*. *Borda da Terra*

Terra da Bruma Ver *Hisilómë*.

Terra da Sede Ver *Dor-na-Fauglith*.

Terra das Sombras Ver *Dor-lómin*.

Terra de Ecos Ver *Dor-lómin*.

Terra do Leste; *Eastland or Easterness* [Terra-do-Leste ou Ouriente]; ing.ant. *Eastland*. Ver *Terra(s) do Sol*.

Terra do Terror. Ver *Dor Daideloth*.

Terra dos Mortos que Vivem. Ver *Cuilwarthien*, *Gwerth-i-cuina*.

Terra dos Salgueiros; *Vale dos Salgueiros*. Ver *Nan Tathrin*.

Terra dos Sete Rios Ossiriand.

Terra Sombria Ver *Terra-do-Sul.*

Terra-do-Norte; *terra setentrional*

Terra-do-Sul, *terra meridional*; chamada de *Terra Sombria*

Terra-média; ing.ant. *middangeard*. Ver especialmente, e ver *Ambar-endya*, *Endor*, *Pelmar*, *Grandes Terras*, *Terras de Cá*, *Terras de Fora* (1).

Terra(s) do Oeste (1) Valinor, com Eruman e Arvalin. *Westland or Westerness* [Terra-do-Oeste ou Ociente]. (2) O Oeste da Terra-média.

Terra(s) do Sol A Terra do Leste. *Terra Queimada do Sol*

Terradelfos. Ver *Baía de Terradelfos*, *Casadelfos*.

Terras Antigas (após o Cataclismo)

Terras de Cá Terra-média. (No *Quenta*, em substituição a *Terras de Fora* e *Grandes Terras*); *mundo de cá*; ing.ant. *Hiderland*

Terras de Fora (1) Terra-média (no *Quenta* substituído por *Terras de Cá*); *Terra de*, *Mundo Exterior*. (2) A Terra do Oeste, Valinor.

Terras Novas (após o Cataclismo)

Terras-élficas (em substituição à *Terra-das-fadas*).

Thalos, Rio

Thangorodrim; ver especialmente e ver *Montanhas Negras*.

Thargelion Terra de Caranthir, a leste do Gelion e ao norte do Ascar.

The Bidding of the Minstrel (poema)

Thimbalt Fortaleza de Morgoth (?).

Thingol; *Herdeiro de Thingol* (Dior). Ver *Sindingul*, *Tindingol*, *Tinwelint*.

Thorndor Rei das Águias; forma posterior *Thorondor*. Ver *Sorontur*.

Thû 32 (“o caçador”); *Senhor dos Lobos*

Thuringwethil Nome dado por Lúthien a si mesma diante de Morgoth.

Tilion Timoneiro da Lua. Ver *Ilinsor*.

Tim-Bridhil Nome gnômico de Varda. Ver *Bridhil*, *Tinwetári*.

Timbrenting Ver *Tindbrenting*.

Tindbrenting Nome de Taniquetil em inglês antigo. (*Tinbrenting*); forma variante *Timbrenting*

Tindingol Thingol. (Substituiu *Sindingul*.)

Tindobel, Torre de No cabo a oeste de Eldorest (> Eglorest). Ver *Barad Nimras*.

Tinfang Gelion Nome gnômico de Timpinen, o flautista; anteriormente *Tinfang Trinado*

Tinto Ellu Ver *Tinwelint*.

Tinúviel

Tinwë-mallë "Rua-de-estrelas", nome de Ilmen. Ver *Elenarda*.

Tinwelint Nome de Thingol nos *Contos Perdidos*; outras formas anteriores *Tinto Ellu*, *Ellu, Linwë*

Tinwenairin "Coroada de Estrelas", Taniquetil. Ver *Elerrína*.

Tinwetári "Rainha das Estrelas", nome de Varda; ing.ant. *Steorrena Hlæfdíge*, *Tungolcwén*

Tirion Nome posterior da cidade dos Elfos (Tûn) em Valinor.

Tol Eressëa; *Eressëa*; ing.ant. Ánetíg (Ánetég). Ver *Ilha Solitária*.

Tol Fuin Ilha no Grande Mar.

Tol Morwen Ilha no Grande Mar.

Tol Sirion

Tol-na-Gaurhoth. Ver *Ilha dos Lobisomens*, *Ilha do Mago*, *Tol Sirion*.

Tolkien, J.R.R. Obras: *Sigelwara land*; *O Hobbit*; *O Senhor dos Anéis*, *Guide to the Names in The Lord of the Rings*; *Pictures by J.R.R. Tolkien*; *Contos Inacabados*; ver também *Contos Perdidos*, *Narn i Hín Húrin*.

Tormen Norte. (Substituído por *Formen*.)

Torre das Aves Marinhas Ver *Ilha das Aves Marinhas*.

Torres do Norte As Montanhas de Ferro.

Três Casas dos Homens, dos Amigos-dos-Elfos; tabela genealógica

Trevamata

Trompas de Ylmir (poema)

Tulkas; ing.ant. *Afoðfréa* (*Tulkas*, *Tulcas* nos textos).

Tumladin A planície de Gondolin; forma posterior *Tumladen*. Ver *Planície Protegida* (1).

Tûn Cidade dos Elfos em Valinor; ing.ant. *séo hwíta Elfaburg*; *o monte de Tûn*. Ver *Côr*, *Tirion*.

Tunglin Povo da Harpa.

Tuor; contado entre os Noldoli; canção de Tuor a Eärendel (ver *Trompas de Ylmir*). Ver *Fengel*, *Tûr*, *Turgon* (1)*, Turlin*.

Tûr Tuor.

Turambar "Conquistador do Destino", Túrin. Ver *Turumarth*.

Turgon (1) Temporariamente usado = Tuor. (2) Rei de Gondolin; *o rei oculto*; *Montanhas de Turgon*; ing.ant. *Finstán*, mas *Turgon* no texto

Túrin; datas de sua vida; seu destino

Turlin Nome passageiro de Tuor.

Turumarth Forma gnômica de *Turambar*. *Turumart*; forma anterior *Turmarth*, forma posterior *Turamarth*

Ufedhin O Noldo renegado no *Conto do Nauglafring*.

Uinen Senhora do Mar; ing.ant. *merehlǽfdige*, *merecwén*. Ver Óin.

Ulband Ver *Ulfand*.

Uldor, o Maldito

Ulfand Lestense. (Casa de, filhos de); forma anterior *Ulband*; forma posterior *Ulfang*

Ulfang Ver *Ulfand*.

Ulfast Filho de Ulfand (Ulfang).

Ulmo. Ver *Garsecg*, *Senhor das Águas*, *Ylmir*; *Homens*.

Última Batalha (1) No final dos Dias Antigos; ver *Batalha dos Deuses*, *Batalha da Ira e do Trovão*, *Grande Batalha*, *Terrível Batalha*. (2) A batalha derradeira do mundo, declarada em profecia; ver *Dagor Dagorath*.

Ulwar Filho de Ulfand (Ulfang); forma posterior *Ulwarth*

Ulwarth Ver *Ulwar*.

Umboth-muilin. Ver *Alagados do Crepúsculo*.

Ungoliant; *Ungoliantë*; *Ungweliantë*. Ver *Tecelã-de-Treva*, *Wirilómë*.

União de Maidros.

Ûr Nome do Sol dado pelos Deuses.

Úrien A Donzela-do-Sol. (Substituiu *Urwen*, *Urwendi*; substituído por Árien.)

Úrin Ver *Húrin*.

Urwen, Urwendi Nomes originais da Donzela-do-Sol. (Substituído por Úrien).

Urze Ardente A constelação da Grande Ursa; ing.ant. *Brynebrér*

Útgársecg (inglês antigo) Vaiya, o Mar de Fora.

Utumna A primeira fortaleza de Melko na Terra-média; forma posterior *Utumno*. Em relação a Angband.

Úvanimor Criaturas procriadas por Morgoth.

Vai Na cosmologia original, o Mar de Fora.
Vairë Esposa de Mandos.
Vaitya Na cosmologia original, o mais exterior dos três ares.
Vaiya O Mar de Fora. *Oceano Circundante*, *Mar*; *Oceano Envolvedor*. Ver *Mar(es) de Fora*, *Útgársecg*.
Valaquenta
Valar; ing.ant. *Brega*, mas nos textos sempre *Valar (Ualar*, *Falar*), *os Nove Valar*. Quanto às interrelações dos Valar, e ver *Filhos dos Valar*, *Deuses*, *Poderes*.
Valarindi Espíritos menores da raça valarin. Ver *Vanimor*.
Vale das Águas do Pranto
Valinor Passim; nos mapas do *Ambarkanta*. *Obscurecer de Valinor*; *Ocultação de Valinor*; língua de Valinor; efeito de Ilmen, e não Vista, em Valinor; chamada de o *Reino Guardado*; ing.ant. *Breguland*, *Godéðel* (e frequentemente nos textos, usado de modo intercambiável com *Valinor*), Ésa-eard, *Valaríce*. Ver *Terras de Fora* (2), *Terra(s) do Oeste* (1); *Montanhas de Valinor*; *Deuses*.
Valinórelúmien Anais de Valinor; ing.ant. *Godéðles géargetæl*
Valmar Cidade dos Deuses, chamada de "a Abençoada", ing.ant. *Bregubold* 246, *Godaburg*
Valquíria; ing.ant. *wælcyriga (Nefantur Mandos)*
Vana (Vána); *Rainha das Flores*
Vanimor "Os Belos", espíritos menores da raça valarin. Ver *Valarindi*.
Vanyar Nome final da Primeira Gente dos Elfos. (Substituiu *Lindar*.)
Varda; ing.ant. *uprodera cwén*, *tunglawyrhte*. Ver *Bridhil*, *Tim-Bridhil*, *Tinwetári*.
Vau Pedregoso; *Vau das Pedras*. Ver *Sarn Athra(d)*.
Vazio, O. Ver *Ava-kúma*, Kúma, *Escuridão de Fora*.
Vê Nome de Vefantur Mandos dado ao seu salão.
Vefántur Mandos. (Substituído por *Nefantur*.)
Veias do Mundo
Via de Escape O túnel sob as Montanhas Circundantes de Gondolin; outras referências; *a porta oculta*
Vilna Na cosmologia original, o mais interior dos três ares.
Vingelot Ver *Wingelot*.
Vinyamar Morada de Turgon em Nevrast.

Vista O ar interior, no qual ficam Fanyamar e Aiwenórë. Ver *Wilwa*.
Voltavime
Voronwë. Ver *Bronweg.*

Wargs
Wendelin Antigo nome de Melian.
Westerness [Ociente] Ver *Terra(s) do Oeste.*
Wilwa Forma anterior de *Vista*.
Wingelot Navio de Eärendel. "Flor-de-espuma"
Wirilómë "Tecelã-de-Treva", Ungoliant.

Yavanna; nos textos em ing.ant. escrito de várias maneiras, *Iauanna*, *Geauanna*, etc. Ver *Belaurin*, *Bladorwen*, *Palúrien*.
Ylmir Forma gnômica de *Ulmo*. *Caminho de Ylmir*. Ver *Trompas de Ylmir*.

Poemas Originais

3. O Quenta

[A] pp. 251–53*:*

The Horns of Ylmir
from
'The Fall of Gondolin'

> *'Tuor recalleth in a song sung to his son Earendel the visions that Ylmir's conches once called before him in the twilight in the Land of Willows.'*

'Twas in the Land of Willows where the grass is long and greenI
fingering my harp-strings, for a wind had crept unseen
And was speaking in the tree-tops, while the voices of the reeds
Were whispering reedy whispers as the sunset touched the meads,
Inland musics subtly magic that those reeds alone could weave'
Twas in the Land of Willows that once Ylmir came at eve.

In the twilight by the river on a hollow thing of shell
He made immortal music, till my heart beneath his spell
Was broken in the twilight, and the meadows faded dim
To great grey waters heaving round the rocks where sea-birds swim.

I heard them wailing round me where the black cliffs towered high
And the old primeval starlight flickered palely in the, sky.
In that dim and perilous region in whose great tempestuous ways
I heard no sound of men's voices, in those eldest of the days,
I sat on the ruined margin of the deep-voiced echoing sea
Whose roaring foaming music crashed in endless cadency
On the land besieged for ever in an aeon of assaults
And torn in towers and pinnacles and caverned in great vaults;
And its arches shook with thunder and its feet were piled with shapes
Riven in old sea-warfare from those crags and sable capes.

Lo! I heard the embattled tempest roaring up behind the tide
When the trumpet of the first winds sounded, and the grey sea sang and cried
As a new white wrath woke in him, and his armies rose to war
Andsweptin billowed cavalrytowardthewalledand moveless shore.
There the windy-bannered fortress of those high and virgin coasts
Flung back the first thin feelers of the elder tidal hosts;
Flung back the restless streamers that like arms of a tentacled thing
Coiling and creeping onward did rustle and suck and cling.
Then a sigh arose and a murmuring in that stealthy-whispering van,

While, behind, the torrents gathered and the leaping billows ran,
Till the foam-haired water-horses in green rolling volumes came
A mad tide trampling landward- and their war-song burst to flame.

Huge heads were tossed in anger and their crests were towers of froth
And the song the great seas were singing was a song of unplumbed wrath,
For through that giant welter Osse's trumpets fiercely blew,
That the voices of the flood yet deeper and the High Wind louder grew;
Deep hollows hummed and fluted as they sucked the sea-winds in;
Spumes and great white spoutings yelled shrilly o'er the din;
Gales blew the bitter tresses of the sea in the land's dark face
And wild airs thick with spindrift fled on a whirling race
From battle unto battle, till the power of all the seas
Gathered like one mountain about Ossc's awful knees,
And a dome of shouting water smote those dripping black facades
And its catastrophic fountains smashed in deafening cascades.

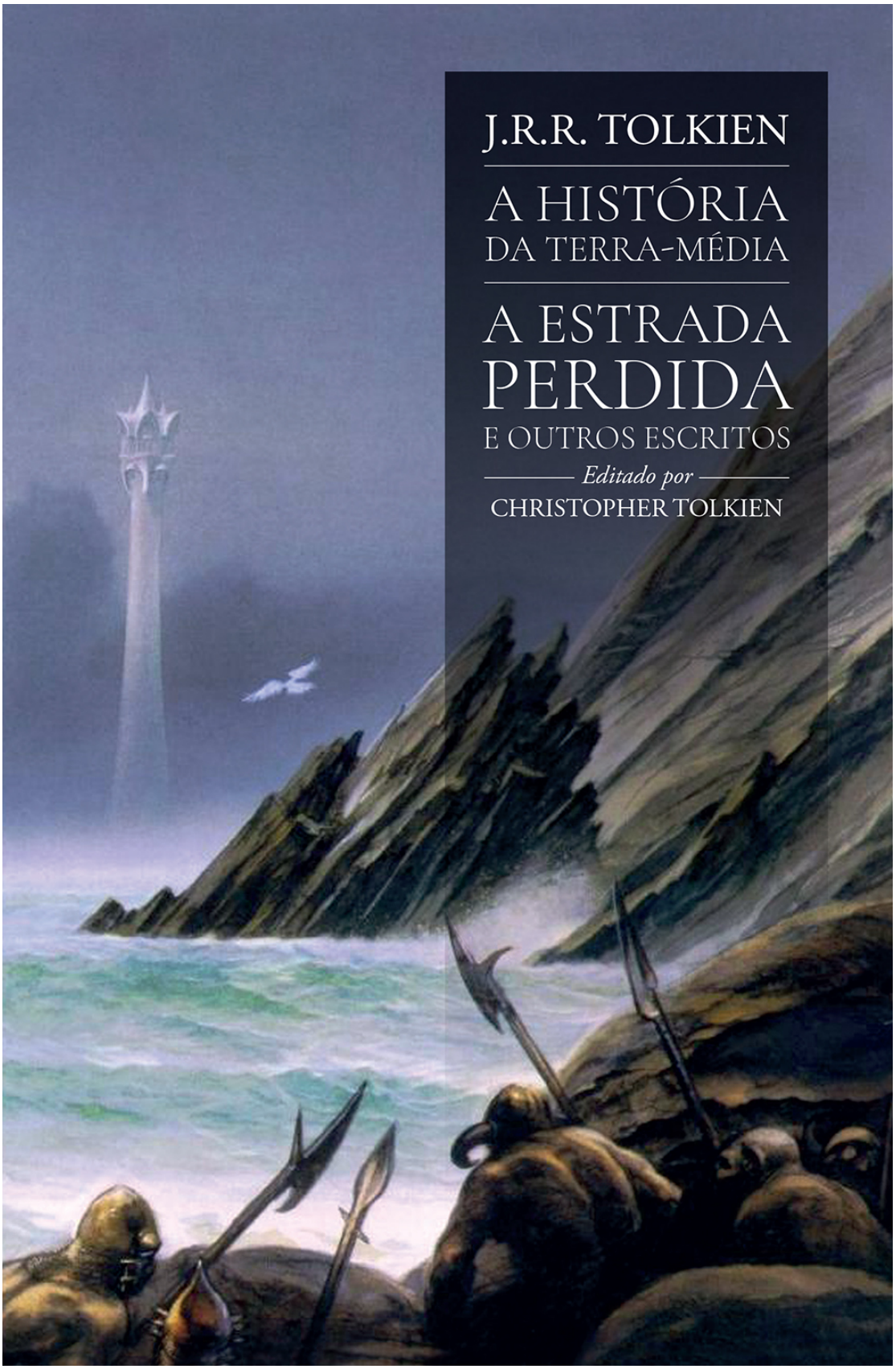
* * *

Then the immeasurable hymn of Ocean I heard as it rose and fell
To its organ whose stops were the piping of gulls and the thunderous swell;
Heard the burden of the waters and the singing of the waves
Whose voices came on for ever and went rolling to the caves,
Where an endless fugue of echoes splashed against wet stone
And arose and mingled in unison into a murmuring drone'
Twas a music of uttermost deepness that stirred in the profound,
And all the voices of all oceans were gathered to that sound;
'Twas Ylmir, Lord of Waters, with all-stilling hand that made
Unconquerable harmonies, that the roaring sea obeyed,
That its waters poured off and Earth heaved her glistening shoulders again
Naked up into the airs and the cloud rifts and sea-going rain,
Till the suck and suck of green eddies and the slap of ripples was all
That reached to mine isled stone, save the old unearthly call
Of sea-birds long-forgotten and the grating of ancient wings.

Thus murmurous slumber took me mid those far-off eldest things
(In a lonely twilit region down whose old chaotic ways
I heard no sound of men's voices, in those eldest of the days
When the world reeled in the tumult as the Great Gods tore the Earth
In the darkness, in the tempest of the cycles ere our birth),
Till the tides went out, and the Wind died, and did all sea musics cease

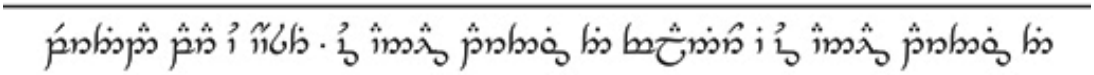
And I woke to silent caverns and empty sands and peace.

Then the magic drifted from me and that music loosed its bands Far,
far-off, conches calling – lo! I stood in the sweet lands,
And the meadows were about me where the weepiug willows grew,
Wherc the long grass stirred beside me, and my feet were drenched with dew.
Only the reeds were rustling, but a mist lay on the streams
Like a sca-roke drawn far inland, like a shred of salt sea-dreams.
'Twas in the Land of Willows that I heard th'unfathomed breath
Of the llorns of Ylmir calling – and shall hear them till my death.


J.R.R. TOLKIEN
A HISTÓRIA
DA TERRA-MÉDIA
A ESTRADA
PERDIDA
E OUTROS ESCRITOS
Editado por
CHRISTOPHER TOLKIEN

ᚔᚌ ᚐᚋᚆᚒ ᚴᚑᚈᚑᚋᚆᚒᚃ ᚐ ᚲᚓᚆᚒ ᚍᚍᚒ ᚏᚐᚉᚓᚃ ᚆᚑ ᚇᚓᚆᚒ ᚔᚌ ᚐᚋᚆᚒᚈᚑᚍᚍᚔ· ᚐ ᚐᚋᚔᚍᚒᚍ ᚆᚑ ᚐᚋᚆᚒᚍᚑᚍᚒ

ᚠᚔᚌ ᚐᚋᚆᚒᚃ ᚴᚑᚈᚑᚋᚆᚒᚃ ᚐ ᚲᚓᚆᚒ ᚍᚍᚒ ᚏᚐᚉᚓᚃ ᚆᚑ ᚇᚓᚆᚒ ᚔᚌ ᚐᚋᚆᚒᚈᚑᚍᚍᚔ· ᚐ ᚐᚋᚔᚍᚒᚍ ᚆᚑ ᚐᚋᚆᚒᚍᚑᚍᚒ



J.R.R. TOLKIEN

A HISTÓRIA DA TERRA-MÉDIA

V

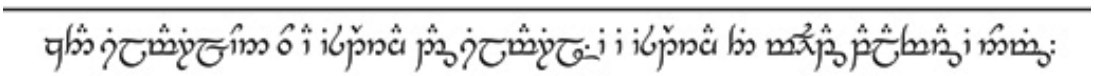
A ESTRADA PERDIDA

E OUTROS ESCRITOS

Editado por CHRISTOPHER TOLKIEN

Tradução de
GABRIEL OLIVA BRUM

Harper Collins
Rio de Janeiro, 2023



Prefácio

Este quinto volume de *A História da Terra-média* conclui a apresentação e a análise dos escritos de meu pai acerca do tema da Primeira Era que vão até o final de 1937 e o início de 1938, quando os deixou de lado por um longo tempo. O livro fornece todas as evidências de que tenho conhecimento para a compreensão de seus conceitos sobre muitas questões essenciais à época em que *O Senhor dos Anéis* foi iniciado; e, a partir dos *Anais de Valinor*, dos *Anais de Beleriand*, do *Ainulindalë* e do *Quenta Silmarillion* aqui apresentados, é possível determinar com bastante precisão quais elementos no *Silmarillion* publicado remontam à essa época e quais foram inseridos posteriormente. A fim de tornar esta uma obra de referência satisfatória para esses propósitos, pensei ser essencial fornecer os textos do final da década de 1930 na íntegra, ainda que em partes dos *Anais* o desenvolvimento a partir das versões antecedentes não tenha sido grande; pois as relações curiosas entre os *Anais* e o *Quenta Silmarillion* são uma característica fundamental da história e já aparecem aqui, e é claramente melhor ter todos os textos relacionados entre as mesmas capas. Somente no caso da forma em prosa do conto de Beren e Lúthien eu não agi dessa maneira, uma vez que a história foi preservada com pouquíssimas alterações no *Silmarillion* publicado; aqui me limitei a notas acerca das mudanças de que foram feitas editorialmente.

Não posso, ou pelo menos ainda não, tentar editar os escritos estrita ou praticamente linguísticos de meu pai em vista de sua complexidade e dificuldade extraordinárias; mas incluo neste livro o ensaio geral chamado *O Lhammas*, ou Relato de Línguas, e também as *Etimologias*, ambos pertencentes a esse período. Este último, uma espécie de dicionário etimológico, fornece explicações histórias para um número muito grande de palavras e nomes, e aumenta enormemente os vocabulários conhecidos das línguas élficas — tal

como existiam naquela época, pois, como tudo mais, os idiomas continuaram a evoluir com o passar dos anos. Também até agora desconhecida, exceto por alusões, é a história abandonada de meu pai de "viagem no tempo", *A Estrada Perdida*, que leva primeiro a Númenor, mas também à história e às lendas do norte e do oeste da Europa, com os poemas associados *A Canção de Ælfwine* (na métrica do poema *Pérola*) e *Rei Feixe* (em verso aliterante). Em relação estreita com *A Estrada Perdida* havia as formas iniciais da lenda da Submersão de Númenor, que também estão incluídas no livro, e os primeiros vislumbres da história da Última Aliança de Elfos e Homens.

No inevitável *Apêndice*, coloquei três obras que não são apresentadas na íntegra: as *Genealogias*, a *Lista de Nomes* e o segundo Mapa do "Silmarillion", todas as quais pertencem, em suas formas originais, ao início da década de 1930. As *Genealogias* só vieram à luz recentemente, mas na verdade pouco acrescentam ao que se sabe dos textos narrativos. A *Lista de Nomes* poderia ter sido incluída de maneira mais satisfatória no Vol. IV, mas esta é mais uma vez uma obra que de referência que fornece muito pouco material novo, e foi mais conveniente postergá-la e então apresentar somente aqueles poucos verbetes que oferecem novos detalhes. O segundo Mapa é um caso diferente. Esse foi o único mapa de meu pai do "Silmarillion" por cerca de quarenta anos, e o redesenhei aqui para mostrá-lo como era quando foi criado, omitindo todas as camadas sobre camadas de acréscimos e alterações posteriores. O *Conto dos Anos* e o *Conto das Batalhas*, listados em folhas de rosto de *O Silmarillion* como elementos naquela obra (ver p. 239), não foram incluídos, uma vez que eram contemporâneos aos *Anais* tardios e nada acrescentam ao material encontrado neles; subsequentes alterações de nomes e datas também foram realizadas de maneira muito similar.

A discussão detalhada da datação pode parecer excessiva em determinados momentos, mas visto que a cronologia das obras de meu pai, tanto "interna" como "externa", é extremamente difícil de ser determinada e as evidências estão repletas de armadilhas, e visto que a história pode dessa forma ser muito facilmente e muito

seriamente falsificada por deduções errôneas, almejei tornar o mais claras possível as razões para as minhas afirmações.

Introduzi numeração de parágrafos em alguns dos textos. Isso foi feito na crença de tal medida fornecerá um método de referência mais preciso e, portanto, mais rápido em um livro onde a discussão de sua natureza move-se constantemente de um lado ao outro do texto.

Tal como em volumes anteriores, padronizei em certa medida o uso de certos nomes: assim, por exemplo, grafo *Deuses*, *Elfos*, *Orques*, *Terra-média* etc. com iniciais maiúsculas, e *Kôr*, *Tûn*, *Eärendel*, *númenóreano* etc. para os frequentes *Kór*, *Tún*, *Earendel*, *numen*óreano dos manuscritos.

Os volumes anteriores da série são referidos como I (*O Livro dos Contos Perdidos 1*), II (*O Livro dos Contos Perdidos 2*), III (*As Baladas de Beleriand*) e IV (*A Formação da Terra-média*). O sexto volume, agora em preparação, tratará da evolução de *O Senhor dos Anéis*.

As tabelas que ilustram *O Lhammas* são reproduzidas com a permissão da Biblioteca Bodleiana, Oxford, que gentilmente forneceu fotografias.

Listo aqui por conveniência as abreviaturas usadas no livro em referência a várias obras (para um relato mais amplo, ver pp. 131–32).

Textos no Vol. IV:

Esb O *Esboço da Mitologia* ou "a primeira versão do Silmarillion".

Q O *Quenta* ("*Quenta Noldorinwa*"), a segunda versão de "O Silmarillion".

AV 1 A primeira versão dos *Anais de Valinor*.

AB 1 A primeira versão dos *Anais de Beleriand* (em duas versões, a segunda abandonada pouco depois de ser iniciada).

Textos no Vol. V:

QdN *A Queda de Númenor* (**QdN I** e **QdN II** referem-se ao primeiro e segundo textos).

AV 2 A segunda versão dos *Anais de Valinor.*

AB 2 A segunda versão (ou, mais exatamente, a terceira) dos *Anais de Beleriand.*

QS O *Quenta Silmarillion*, a terceira versão de "O Silmarillion", próximo de ser concluído ao final de 1937.

Outras obras (*Ambarkanta*, *Ainulindalë*, *Lhammas*, *A Estrada Perdida*) não são mencionadas por abreviaturas.

Por fim, aproveito esta oportunidade para mencionar e explicar a representação errônea da Expansão a Oeste do primeiro Mapa do "Silmarillion" no volume anterior (*A Formação da Terra-média*, p. 271). É possível ver que esse mapa apresenta uma aparência notavelmente diferente daquela da Expansão a Leste na p. 275. Esses dois mapas, por serem extremamente tênues, mostraram-se impossíveis de serem reproduzidos a partir de fotografias fornecidas pela Biblioteca Bodleiana, e foi tentado um "reforço" experimental (em vez de serem redesenhados) de uma cópia da Expansão a Oeste. Rejeitei esse reforço, e então se percebeu que minhas fotocópias dos originais apresentavam um resultado suficientemente nítido para o que era pretendido. Infelizmente, a fotocópia acabou sendo substituída pela versão "reforçada" rejeitada do mapa da Extensão a Oeste. (Também foram usadas fotocópias para o diagrama III na p. 291 e para o mapa V na p. 295, onde os originais a lápis estão tênues.)

PARTE UM

A QUEDA DE NÚMENOR
E
A ESTRADA PERDIDA

1

A História Inicial da Lenda

Em fevereiro de 1967, meu pai endereçou um comentário aos autores de um artigo sobre ele (*As Cartas de J.R.R. Tolkien*, n. 294). No decorrer da carta, ele registrou que "um dia" C.S. Lewis lhe disse que, uma vez que "há muito pouco do que realmente gostamos nas histórias", eles mesmos teriam de tentar escrever algumas. Ele prosseguiu:

> Concordamos que ele deveria tentar uma "viagem espacial" e eu deveria tentar uma "viagem no tempo". O resultado dele é bem conhecido. Minha tentativa, após alguns capítulos promissores, esgotou-se: era um desvio demasiado grande para o que eu realmente queria fazer, uma nova versão da lenda de Atlântida. A cena final sobrevive como *A Queda de Númenor*.[a]

Alguns anos antes, em uma carta de julho de 1964 (*Cartas*, n. 257), ele relatou um pouco de seu livro, *A Estrada Perdida*:

> Quando C.S. Lewis e eu jogamos cara ou coroa, e ele ficou de escrever sobre uma viagem espacial e eu sobre uma viagem no tempo, comecei um livro abortivo de viagem no tempo cujo final seria a presença de meu herói na submersão de Atlântida. Esta seria chamada *Númenor*, a Terra no Oeste. O fio da história seria a ocorrência repetidas vezes em famílias humanas (como Durin entre os Anãos) de um pai e um filho chamados por nomes que poderiam ser interpretados como Amigo-da-Bem-aventurança e Amigo-dos-Elfos. Descobre-se no final que esses nomes não mais compreendidos referem-se à situação atlante-númenóreana e significam "aquele leal aos Valar, satisfeito com a bem-aventurança e a prosperidade dentro dos limites estabelecidos" e

> “aquele leal à amizade com os Altos-elfos”. Começava com uma afinidade de pai e filho entre Edwin e Elwin do presente e deveria retornar à época lendária através de um Eädwine e Ælfwine por volta de 918 d.C., e Audoin e Alboin das lendas lombardas, e assim para as tradições do Mar do Norte a respeito da chegada do trigo e heróis da cultura, ancestrais de linhagens de reis, em barcos (e sua partida em navios funerários). Um certo Sheaf [Feixe], ou Shield Sheafing [Escudo, filho de Feixe], pode de fato ser considerado como um dos ancestrais distantes da nossa atual Rainha. Em minha história chegaríamos por fim a Amandil e Elendil, líderes do partido leal em Númenor, quando esta caiu sob o domínio de Sauron. Elendil “Amigo-dos-Elfos” foi o fundador dos reinos eLivross em Arnor e Gondor. Mas vi que meu verdadeiro interesse estava apenas no final, o *Akallabêth* ou *Atalantie*[b] (“Queda” em númenóreano e quenya), de modo que relacionei todo o material que havia escrito sobre as originalmente não relacionadas lendas de Númenor com a mitologia principal.

Não sei se existem evidências que poderiam datar a conversa que levou à composição de *Além do Planeta Silencioso* e *A Estrada Perdida*, mas o primeiro foi concluído no outono de 1937, e o segundo foi enviado, até o ponto em que se encontrava, para a Allen & Unwin em novembro daquele ano (ver III. 423).

O significado da última frase na passagem recém-citada não está inteiramente claro. Quando meu pai disse “Mas vi que meu verdadeiro interesse estava apenas no final, o *Akallabêth* ou *Atalantie*”, ele sem dúvida quis dizer que não se inspirara a escrever as partes “intermediárias”, nas quais o pai e o filho apareceriam e reapareceriam em fases cada vez mais antigas das lendas germânicas; e, de fato, *A Estrada Perdida* é interrompida após os capítulos introdutórios e só é retomada com a história númenóreana que viria ao final. Muito pouco daquilo que esteja planejado para se situar no meio da história foi escrito. Mas qual é o significado de “*de modo que* relacionei todo o material que havia escrito sobre *as originalmente não relacionadas lendas de Númenor* com a mitologia principal”? Meu pai parece estar dizendo que, tendo visto que só

queria escrever acerca de Númenor, ele consequentemente, e só então (abandonando *A Estrada Perdida*), anexou o material númenóreano à "mitologia principal", inaugurando assim a Segunda Era do Mundo. Mas o que era esse material? Ele não podia estar se referindo às porções númenóreanas contidas na própria *A Estrada Perdida*, uma vez que elas já se relacionavam plenamente à "mitologia principal". Portanto, devia ser outra coisa, que já existia quando *A Estrada Perdida* foi iniciada, como supõe Humphrey Carpenter em sua *Biografia* (p. 233): "A lenda de Tolkien sobre Númenor… provavelmente foi composta algum tempo antes de 'A Estrada Perdida', no fim dos anos 20 ou no início dos anos 30." Mas, na verdade, parece-me inescapável a conclusão de que meu pai se enganou quando disse isso.

Os rascunhos originais de *A Estrada Perdida* foram preservados, mas são muito rudimentares e não formam um texto contínuo. Há um manuscrito completo, ele próprio muito rudimentar e bastante emendado em diferentes estágios; e um texto datilografado profissional que foi feito quando praticamente todas as alterações haviam sido feitas no manuscrito.[c] O texto datilografado foi interrompido muito antes do ponto em que o manuscrito termina, e as emendas de meu pai ao texto foram em grande parte correções de erros do datilógrafo, que compreensivelmente foram muitos; dessa forma, o texto datilografado possui apenas um pequeno valor textual, e o manuscrito é essencialmente o texto primário.

A Estrada Perdida é interrompida por fim em meio a uma conversa durante os últimos dias de Númenor entre Elendil e seu filho Herendil; e nessa conversa Elendil fala detalhadamente da história antiga: das guerras contra Morgoth, de Eärendel, da fundação de Númenor e da chegada de Sauron à ilha. Portanto, como eu disse, *A Estrada Perdida* está inteiramente integrada à "mitologia principal" — e isso se vê já nos rascunhos preliminares.

Tal como os papéis foram encontrados, após a última página de *A Estrada Perdida* segue-se imediatamente um outro manuscrito com uma nova paginação, mas sem título. Mesmo sem levar em consideração a sua localização, esse texto dá uma forte impressão física de pertencer à mesma época de *A Estrada Perdida*; e é de

estreita associação em conteúdo com a última parte de *A Estrada Perdida*, pois conta a história de Númenor e sua queda — embora esse segundo texto tenha sido escrito com um propósito diferente, o de ser uma história completa, ainda que muito breve: é de fato o primeiro rascunho plenamente redigido da narrativa que veio a se tornar o *Akallabêth*. Mas ele é anterior à *Estrada Perdida*; pois onde este texto possui *Sauron* e *Tarkalion*, aquele possui *Sûr* e *Angor*.

Um segundo manuscrito mais completo dessa história de Númenor vem a seguir, com o título (inserido posteriormente) *O Último Conto: A Queda de Númenor*. Esse manuscrito possui várias passagens que pouco diferem de passagens em *A Estrada Perdida*, mas parece ser dificilmente possível demonstrar com certeza qual veio antes e qual veio depois, a não ser que a evidência citada na p. 91, nota 25, seja decisiva para que a segunda versão de *A Queda de Númenor* seja a segunda das duas; de qualquer modo, uma passagem reescrita muito próximo da época da composição original dessa versão certamente é posterior à *Estrada Perdida*, pois apresenta uma forma tardia da história da chegada de Sauron a Númenor (ver pp. 37–8).

Portanto, está claro que as duas obras estão intimamente relacionadas; elas surgiram na mesma época e a partir do mesmo impulso, e meu pai trabalhou em ambas ao mesmo tempo. Mas ainda mais notável é a existência de uma página individual que só pode ser o "esquema" original para *A Queda de Númenor*, o primeiro registro por escrito de fato da ideia. O próprio nome *Númenor* encontra-se aqui apenas em processo de surgimento. Ainda assim, nessa forma primitiva da história o termo *Terra-média* é usado, como nunca o foi no *Quenta*: ele não apareceu antes dos *Anais de Valinor* e do *Ambarkanta*. Além disso, a forma *Ilmen* ocorre, o que sugere que esse "esquema" foi posterior à própria composição do *Ambarkanta*, onde *Ilmen* era uma emenda de *Ilma* (anteriormente *Silma*): IV. 284, nota 3.

Concluo, portanto, que "Númenor" (como um conceito distinto e formalizado, qualquer que fosse a "assombração de Atlântida", como meu pai a chamou, que houvesse por trás) surgiu no próprio contexto de suas discussões com C.S. Lewis em (como parece provável) 1936.

Pode-se considerar que uma passagem na carta de 1964 diz precisamente isso: “comecei um livro abortivo de viagem no tempo cujo final seria a presença de meu herói na submersão de Atlântida. Esta seria chamada *Númenor*, a Terra no Oeste”. Além disso, “Númenor” foi desde o início concebida em plena associação com “O Silmarillion”; nunca houve uma época em que as lendas de Númenor eram “não relacionadas com a mitologia principal”. Meu pai enganou-se ao se recordar (ou expressou-se de maneira obscura, querendo dizer outra coisa); a carta citada acima de fato foi escrita quase trinta anos mais tarde.

NOTAS

[a] Esse é o *Akallabêth*, *A Queda de Númenor*, publicado postumamente em *O Silmarillion*, pp. 339–69.

[b] É um acaso curioso que o radical *talat*, usado em q[uenya] para "escorregar, deslizar, cair", do qual *atalantie* é uma formação substantiva normal (em quen.), pareça-se tanto com Atlântida. [Nota de rodapé da carta.] — Ver as *Etimologias*, radical TALÁT. O dicionário élfico mais antigo descrito em I. 297 possui um verbo *talte* "inclinar (transitivo), declinar, sacudir as fundações, fazer cambalear etc." e um adjetivo *talta* "trêmulo, oscilante, cambaleante – inclinado, enviesado".

[c] Esse texto datilografado foi feito na Allen & Unwin, como parece de acordo com uma carta de Stanley Unwin datada de 30 de novembro de 1937: "*A Estrada Perdida*: Datilografamos o texto e estamos devolvendo o original por meio desta. A cópia datilografada será enviada assim que tivermos tido uma oportunidade de lê-la". Ver mais na pp. 89–90, nota 14.

2

A Queda de Númenor

(i)

O resumo original

O texto do "esquema" original da lenda, mencionado no capítulo anterior, foi escrito com tal velocidade que em um ponto ou outro não é possível interpretar palavras com certeza. Próximo ao início ele é interrompido por um esboço muito rudimentar e apressado, que mostra um globo central, marcado como *Ambar*, com dois círculos ao seu redor; a área interna assim descrita está marcada como *Ilmen* e a externa como *Vaiya*. Há uma linha reta que percorre o alto de *Ambar* e atravessa as zonas de *Ilmen* e *Vaiya*, estendendo-se até o círculo exterior em ambas as direções. Esse deve ser o precursor do diagrama do Mundo Tornado Redondo que acompanha o *Ambarkanta*, IV. 291. A primeira frase do texto, acerca de Agaldor (a respeito do qual ver pp. 96–7), foi escrita separadamente do resto, como se fosse um começo abortado, ou o início de um resumo distinto.

Agaldor, chefe de um povo que vive na margem N.O. do Mar do Oeste.

A última batalha dos Deuses. Os Homens em sua maioria ficam do lado de Morgoth. Após a vitória os Deuses entram em concílio. Os Elfos são convocados a Valinor. [*Riscado*: Homens fiéis habitam nas Terras.]

Muitos homens não haviam entrado nas antigas Histórias. Eles ainda andam livremente pela terra. Os Pais de Homens recebem uma terra para habitar, erguida por Ossë e Aulë no

grande Mar do Oeste. O Reino do Oeste cresce. *Atalantë*. [*Acrescentado* à *margem*: As lendas assim o nomearam mais tarde (o antigo nome era *Númar* ou *Númenos*) *Atalantë* = A Cadente.] Seu povo grandes marinheiros, e homens de grande engenho e sabedoria. Navegam entre Tol-eressëa e as costas da Terra-média. Sua aparição ocasional entre os Homens Selvagens, onde Homens Infiéis também [?vagavam corrompendo-os]. Alguns tornam-se senhores no Leste. Mas os Deuses não permitirão que desembarquem em Valinor, e embora se tornem longevos por muitos terem se banhado na radiância de Valinor a partir de Tol-eressëa, eles são mortais e suas vidas breves. Murmuram contra esse decreto. Thû chega a Atalantë, anunciado [*ler* anunciando] a aproximação de Morgoth, Mas Morgoth não pode vir exceto como um espírito, por estar condenado a *habitar* fora das Muralhas da Noite. Os Atalanteanos caem e se rebelam. Erigem um templo a Thû-Morgoth. Constroem um armamento e atacam as costas dos Deuses com trovões.

Os Deuses, portanto, separaram Valinor da terra, e uma fenda terrível apareceu, pela qual a água verteu e o armamento de Atalantë foi submerso. Eles deram forma de globo à toda terra, de modo que por mais longe que um homem navegasse, ele jamais tornaria a alcançar o Oeste, voltando então ao ponto de partida. Assim novas terras surgiram sob o Velho Mundo; e o Leste e o Oeste foram curvados e [?a água fluía por toda a redonda] superfície da terra e houve uma época de dilúvio. Mas Atalantë, por estar próxima da fenda, foi derrubada por completo e submergiu. O remanescente dos [*riscado* à *época da composição*: Númen, os Lie-númen] Númenóreanos em seus navios foge para o Leste e desembarca na Terra-média [*Riscado*: Morgoth induz muitos a acreditarem que esse é um cataclismo natural.]

O [?anseio] dos Númenóreanos. Seu anseio pela vida na terra. Seus sepultamentos navais e suas grandes tumbas. Alguns maus e alguns bons. Muitos dos bons se assentam na costa ocidental. Esses também vão em busca dos Elfos Minguantes. Como [*riscado* à *época da composição*: Agaldor] Amroth lutou com Thû e o empurrou para o centro a Terra e a Floresta-de-ferro.

O antigo alinho das terras perdurou como uma planície de ar sobre a qual apenas os Deuses podiam caminhar, e os Eldar, que feneciam à medida que os Homens usurpavam o sol. Mas muitos dos Númenórië podiam vê-la ou tenuamente discerni-la; e tentaram inventar navios para navegar nela. Porém, o que obtiveram foram apenas navios que navegavam em Wilwa, ou ar inferior. Ao passo que a Planície dos Deuses cortava e atravessava Ilmen [no] qual mesmo aves não podem voar, salvo pelas águia e falcões de Manwë. No entanto, as frotas dos Númenórië navegavam ao redor do mundo; e os Homens os tomavam por deuses. Alguns ficaram contentes que assim se desse.

> Como eu disse, esse texto notável documenta o início da lenda de Númenor, e a ampliação de "O Silmarillion" a uma Segunda Era do Mundo. Aqui a ideia do Mundo Tornado Redondo e do Caminho Reto foi pela primeira vez posta no papel, e aqui aparece o germe da história da Última Aliança, nas palavras "Esses também vão em busca dos Elfos Minguantes. Como [> Agaldor] Amroth lutou com Thû e o empurrou para o centro a Terra" (no início do texto Agaldor é mencionado como o chefe de um povo que vivia nas costas noroestes da Terra-média). A longevidade dos Númenóreanos já está presente, mas (mesmo levando em consideração a concisão e distorção inerentes em tais "resumos" de meu pai, nos quais ele tentava colocar às pressas no papel novas ideias efervescentes) parece possuir muito menos importância do

que viria a obter; e é atribuída, estranhamente, à "radiância de Valinor", na qual os marinheiros de Númenor eram "banhados" durante suas visitas a Tol-eressëa, para onde tinham permissão de navegar. Cf. o *Quenta*, IV. 116: "Ainda, portanto, é a luz de Valinor maior e mais bela do que a de outras terras, porque lá o Sol e a Lua juntos descansam por um tempo antes de seguirem em sua jornada sombria sob o mundo"; mas essa não parece ser uma explicação suficiente ou satisfatória para a ideia (ver mais na p. 29). A cultura mortuária dos Númenóreanos de fato aparece, mas ela surgiu entre os sobreviventes de Númenor na Terra-média, após a Queda; e ela permaneceu nas formas mais desenvolvidas da lenda, assim como a ideia dos navios voadores que os eLivross construíram, visando navegar no Caminho Reto através de *Ilmen*, mas conseguindo apenas voar pelo ar inferior, *Wilwa*.[a]

A frase "Thû chega a Atalantë, anuncia[n]do a aproximação de Morgoth" certamente significa que Thû *profetizou* o retorno de Morgoth, como em textos subsequentes. O significado de "Mas Morgoth não pode vir exceto como um espírito" é tornado um pouco mais claro na versão seguinte, §5.

(ii)
A primeira versão de A Queda de Númenor

O resumo preliminar foi um precursor imediato de uma primeira narrativa completa — o manuscrito descrito acima (p. 16), colocado junto com *A Estrada Perdida*. Seguiram-se versões adicionais, e irei me referir à obra como um todo (distinta do *Akallabêth*, no qual se transformou posteriormente) como *A Queda de Númenor*, abreviada "QdN"; o primeiro texto não possui título, mas irei chamá-lo "QdN I".

O QdN I é rudimentar e apressado, e repleto de correções feitas à época da composição; também há muitas outras, em sua maioria menores, feitas posteriormente e indo na direção do QdN II. Apresento-o como foi escrito, sem a segunda camada de emendas (exceto na medida em essas se tornam pequenas correções necessárias para o esclarecimento de sentido). Como explicado no

Prefácio, aqui, como em outros lugares, introduzi números de parágrafos no texto para facilitar referências e comparações subsequentes. Ao final há um comentário, que segue a paragrafação do texto.

§1 Na Grande Batalha, quando Fionwë, filho de Manwë, sobrepujou Morgoth e resgatou os Gnomos e os Pais de Homens, muitos Homens mortais tomaram o partido de Morgoth. Destes, os que não foram destruídos fugiram para o Leste e para o Sul do Mundo, e os serviçais de Morgoth que escaparam foram até eles e os guiaram; e eles se tornaram malignos, e levaram o mal a muitos lugares onde Homens selvagens habitavam livremente nas terras vazias. Mas após a vitória deles, quando Morgoth e muitos de seus capitães foram aprisionados, e Morgoth foi mais uma vez lançado na Escuridão de Fora, os Deuses reuniram-se em conselho. Os Elfos foram convocados a Valinor, como foi contado, e muitos obedeceram, mas não todos. Mas os Pais de Homens, que haviam servido os Eldar, e lutado contra Morgoth, foram grandemente recompensados. Pois Fionwë, filho de Manwë, veio no meio deles e os ensinou, e lhes deu sabedoria, poder e vida mais resistente que os que quaisquer outros da Segunda Gente.

§2 E uma grande terra foi feita para eles para que nela habitassem, nem parte da Terra-média, nem por completo separada dela. Foi erguida por Ossë das profundezas de Belegar, o Grande Mar, e estabelecida por Aulë, e enriquecida por Yavanna. Ela foi chamada de Númenor, que é Ociente, e de Andúnië, ou a Terra do Sol Poente, e a sua principal cidade no centro de suas costas ocidentais era naqueles dias de seu poderio chamada Númar ou Númenos;

mas, após a sua queda, ela foi chamada nas lendas de Atalantë, a Ruína.

§3 Pois em Númenórë um grande povo surgiu, em todas as coisas mais semelhante à Primeira Gente do que todas as outras raças de Homens que já existiram, porém menos belo e sábio que os Elfos, ainda que maior de corpo. E, acima de todas as suas artes, o povo de Númenor cultivava a construção de navios e a navegação, e se tornaram marinheiros cuja semelhança nunca mais há de existir desde que o mundo diminuiu. Navegavam entre Tol-eressëa, onde por muitas eras ainda mantiveram colóquio e trato com os Gnomos, e as costas da Terra-média, e velejavam ao Norte e ao Sul, e vislumbravam de suas proas elevadas os Portões da Manhã no Leste. E apareciam entre os Homens selvagens, e os enchiam de assombro e também de medo. Pois muitos os tomavam por Deuses ou filhos de Deuses vindos do Oeste, e homens malignos haviam lhes contado mentiras acerca dos Senhores do Oeste. Mas os Númenóreanos ainda não se demoravam na Terra-média, pois seus corações ansiavam sempre em direção ao Oeste pela ventura de Valinor. E eram inquietos e importunados pelo desejo mesmo no auge de sua glória.

§4 Mas os Deuses os proibiram de velejar para além da Ilha Solitária, e não permitiam que ninguém, exceto seus reis (uma vez na vida de cada um, antes de ser coroado), desembarcasse em Valinor. Pois eles eram Homens mortais, e não fazia parte do poder e do direito de Manwë alterar a sina deles. Assim, embora o povo possuísse vida longa, uma vez que sua terra era mais próxima do que qualquer outra terra de Valinor, e muitos tivessem contemplado por muito tempo a radiância dos Deuses que chegava tênue a Tol-eressëa, eles permaneciam mortais, mesmo os seus reis, e o

tempo de suas vidas, breve, aos olhos dos Eldar. E murmuravam contra esse decreto. E um grande descontentamento cresceu entre eles; e seus mestres de saber buscavam incessantemente pelos segredos que deveriam prolongar suas vidas, e enviaram espiões para procurá-los em Valinor. E os Deuses se enraiveceram.

§5 E, naquele tempo, veio a se dar que Sûr (a quem os Gnomos chamavam de Thû) chegou na semelhança de uma grande ave a Númenor e pregou uma mensagem de libertação, e profetizou a segunda vinda de Morgoth. Mas Morgoth não vinha em pessoa, e sim somente em espírito e como uma sombra sobre a mente e o coração, pois os Deuses o encerraram além das Muralhas do Mundo. Mas Sûr falou a Angor, o rei, e a Istar, sua rainha, e prometeu-lhes vida imortal e o senhorio da Terra. E eles acreditaram nele e caíram sob a sombra, e a maior parte do povo de Númenor os seguiu. Angor erigiu um grande templo a Morgoth na região central da terra, e Sûr habitava lá.

§6 Mas com a passagem dos anos Angor sentiu a velhice se avizinhar, e ficou perturbado; e Sûr disse que as dádivas de Morgoth eram vedadas pelos Deuses, e que para obter a plenitude do poder e a vida imortal ele devia ser mestre do Oeste. Donde os Númenóreanos construíram um grande armamento; e o seu poderio e engenho tinham naqueles dias se tornado sobremaneira grandes, e, ademais, tiveram o auxílio de Sûr. As frotas dos Númenóreanos eram como uma grande terra de muitas ilhas, e seus mastros como uma floresta de árvores montanhosas, e suas bandeiras como os raios de uma tempestade, e suas velas eram negras. E avançaram lentamente para o Oeste, pois todos os ventos haviam cessado e o mundo estava em silêncio no medo daquela hora. E passaram por Tol-eressëa, e é dito que os

Elfos estavam em luto e ficaram enfermos, pois a luz de Valinor foi tapada pela nuvem dos Númenóreanos. Mas Angor atacou as costas dos Deuses, e lançou raios e trovões, e caiu fogo sobre as encostas de Taniquetil.

§7 Mas os Deuses estavam em silêncio. Pesar e agonia havia no coração de Manwë, e ele falou a Ilúvatar, e recebeu poder e conselho do Senhor de Tudo; e o destino e feitio do mundo foi mudado. Pois o silêncio dos Deuses foi quebrado de súbito, e Valinor foi separada da terra, e uma fenda apareceu no meio de Belegar a leste de Tol-eressëa, e nesse abismo os grandes mares se derramaram, e o barulho das águas em queda ressoou por toda a terra e o vapor das cataratas subiu acima dos topos das montanhas sempiternas. Mas todos os navios de Númenor que estavam a oeste de Tol-eressëa foram puxados para o grande abismo e eles se afogaram, e Angor, o magno, e Istar, sua rainha, caíram como estrelas na escuridão, e desapareceram de todo o conhecimento. E os guerreiros mortais que tinham posto pé na terra dos Deuses foram enterrados sob colinas desabadas, onde diz a lenda que jazem aprisionados nas Cavernas Esquecidas até o dia do Juízo e a Última Batalha. E os Elfos de Tol-eressëa atravessaram os portões da morte, e se reuniram com sua gente na terra dos Deuses, e se tornaram como eles; e a Ilha Solitária permaneceu apenas como uma imagem do passado.

§8 Mas Ilúvatar deu poder aos Deuses, e eles curvaram as bordas da Terra-média, e a tornaram um globo, de maneira que, por mais longe que um homem velejasse, jamais tornaria a chegar ao verdadeiro Oeste, e retornava, cansado, enfim, ao lugar de onde tinha começado. Assim, Novas Terras surgiram sob o Velho Mundo, e todas eram equidistantes do centro da terra redonda; e houve dilúvio e grande confusão de águas, e mares cobriram o que outrora havia sido seco, e terras

apareceram onde haviam existido mares profundos. Assim também o ar pesado soprou ao redor da terra naquele tempo, acima das águas; e as nascentes de todas as águas ficaram separadas das estrelas.

§9 Mas Númenor, estando perto do Leste da grande fenda, foi derrubada por completo e submergida no mar, e sua glória pereceu. Mas um remanescente dos Númenóreanos escapou da ruína desta maneira. Em parte pelo engenho de Angor, e em parte por suas próprias vontades (pois reverenciavam ainda os Senhores do Oeste e desconfiavam de Sûr), muitos haviam habitado em navios na costa leste de sua terra, para o caso de o resultado da guerra ser ruinoso. Donde, protegidos por algum tempo pela terra, evitaram o arrasto do mar, e um grande vento se levantou da fenda, e partiram velozes para o Leste e chegaram, por fim, às costas da Terra-média nos dias de ruína.

§10 Lá se tornaram senhores e reis de Homens, e alguns eram malignos e alguns eram de boa vontade. Mas todos estavam de igual maneira tomados pelo desejo de vida longa sobre a terra, e o pensamento da Morte pesava sobre eles; e seus pés se voltaram para o leste, mas seus corações, para o oeste. E construíam casas mais magnas para os seus mortos do que para os seus vivos, e dotavam seus reis sepultos com tesouros inúteis. Pois seus sábios esperaram sempre descobrir o segredo do prolongamento da vida e, quiçá, de sua revogação. Mas se diz que o tempo de suas vidas, que outrora fora maior do que o das raças menores, minguava lentamente, e alcançaram somente a arte de preservar incorrupta por muitas eras a carne morta dos homens. Donde os reinos nas costas ocidentais do Velho Mundo tornaram-se um lugar de tumbas, e repleto de fantasmas. E, na fantasia de seus corações, e na confusão de lendas parcialmente

esquecidas acerca do que fora, criaram em seus pensamentos uma terra de sombras, repleta dos espectros das coisas da terra mortal. E muitos julgavam que essa terra ficava no Oeste, e era governada pelos Deuses, e em sombras os mortos, portando as sombras de suas posses, haveriam de ir até lá, que não mais podiam encontrar o verdadeiro Oeste em seus corpos. Por tal razão, em dias que vieram depois muitos de seus descendentes, ou homens ensinados por eles, sepultavam seus mortos em navios e os lançavam com pompa ao mar das costas ocidentais do Velho Mundo.

§11 Pois o sangue dos Númenóreanos estava mormente entre os homens daquelas terras e costas, e a memória do mundo primevo permanecia mais fortemente ali, de onde os antigos caminhos para o Oeste outrora partiam da Terra-média. E o feitiço que jazia lá não era de todo em vão. Pois o antigo alinho do mundo permanecia na mente dos Deuses e na memória do mundo como uma forma e um plano que foi mudado, mas que perdura. E foi comparado a uma planície de ar, ou a uma visão reta que não se curva à curvatura oculta da terra, ou a uma ponte plana que se eleva de modo imperceptível, mas constante, acima do ar pesado da terra. E outrora muitos dos Númenóreanos podiam ver, ou entrever, os caminhos para o Verdadeiro Oeste, e acreditavam que por vezes, de um lugar elevado, podiam divisar os picos de Taniquetil no final da rota reta, muito acima do mundo.

§12 Mas a maioria, que não conseguia ver essa estrada, escarnecia deles, e confiava em navios sobre a água. Mas eles chegavam somente às terras do Novo Mundo, e viam que eram como aquelas do Velho; e relatavam que o mundo era redondo. Mas na rota reta apenas os Deuses e os Elfos desaparecidos podiam caminhar, ou aqueles que os Deuses convocavam dos Elfos minguantes da terra redonda, que se

tornavam diminuídos conforme os Homens usurpavam o sol. Pois a Planície dos Deuses, sendo reta, enquanto a superfície do mundo era curva, e os mares que jaziam sobre ela, e os ares pesados situados acima, cortava o ar de alento e voo, e atravessava Ilmen, que carne alguma pode suportar. E se diz que mesmo aqueles dentre os Númenóreanos de outrora que possuíam a visão reta não a compreendiam de todo, e tentaram inventar navios que se ergueriam acima das águas do mundo e singrariam os mares imaginados. Mas obtiveram apenas navios que navegavam no ar de alento. E esses navios, ao voarem, chegaram também às terras do Novo Mundo e ao Leste do Velho Mundo; e relataram que o mundo era redondo. E muitos abandonaram os Deuses, e os afastaram de suas lendas, e mesmo de seus sonhos. Mas os Homens da Terra-média os contemplavam com assombro e grande medo, e os tomavam por deuses; e muitos ficaram contentes que assim se desse.

§13 Mas nem todos os corações dos Númenóreanos eram deturpados; e o saber dos dias antigos que vinha dos Pais de Homens, e dos Amigos-dos-Elfos, e daqueles instruídos por Fionwë, foi preservado entre alguns. E eles sabiam que o fado dos Homens não estava contido pelo caminho redondo do mundo, nem destinado ao caminho reto. Pois o redondo é curvo e não tem fim, mas nenhuma saída; e o reto é verdadeiro, mas possui um fim dentro do mundo, e esse é o fado dos Elfos. Mas o fado dos Homens, diziam, não é redondo nem encerrado, e não se encontra dentro do mundo. E eles se lembravam de onde a ruína veio, e da retirada dos Homens de sua justa parte do caminho reto; e evitavam a sombra de Morgoth de acordo com o poder que tinham, e odiavam Thû. E eles atacaram os seus templos e seus

serviçais, e houve guerras de aliança entre os poderosos deste mundo, das quais apenas ecos restam.

§14 Mas persiste ainda uma lenda de Beleriand: pois aquela terra no Oeste do Velho Mundo, apesar de mudada e partida, mantinha ainda nos dias antigos o nome que tinha nos dias dos Gnomos. E se diz que Amroth era Rei de Beleriand; e ele se aconselhava com Elrond, filho de Eärendel, e com aqueles dos Elfos que permaneciam no Oeste; e eles atravessaram as montanhas e entraram nas terras internas longe do mar, e atacaram a fortaleza de Thû. E Amroth lutou com Thû e foi morto; mas Thû foi subjugado, e seus serviçais foram dispersados; e os povos de Beleriand destruíram as habitações dele, e o expulsaram, e ele fugiu para uma floresta sombria, e escondeu-se. E se diz que a guerra com Thû acelerou o desvanecer dos Eldar, pois ele tinha um poder além da medida deles, como Felagund, Rei de Nargothrond, descobrira nos dias mais antigos; e os Eldar despenderam sua força e substância no ataque a ele. E esse foi o último dos serviços da raça mais velha aos Homens, e é tido como o último dos feitos de aliança antes do desvanecer dos Elfos e desavença das Duas Gentes. E aqui a história do mundo antigo, tal como os Elfos a preservam, chega ao fim.

Comentário à primeira versão de A Queda de Númenor

§1 Tal como Q §18 foi escrito inicialmente (IV. 179), Fionwë decretou que "com os Elfos apenas àqueles da raça de Hador e Bëor seria permitido partir, se quisessem. Mas desses apenas Elrond agora restava…". A respeito dessa passagem extremamente intrigante, ver o comentário, IV. 231, onde sugeri que, por mais obscura que seja, ela representa "o primeiro germe da história da partida dos Amigos-dos-Elfos para Númenor". Ela foi removida na reescrita, Q II §18, onde aparece uma referência

a Homens de Hithlum que “arrependidos de sua servidão maligna, operaram feitos de valor, além de muitos Homens recém-saídos do Leste”, mas agora não há menção dos Amigos-dos-Elfos. Uma revisão final apressada da passagem (IV. 184–85, notas 2 e 3) afirmava o seguinte:

> E se diz que *todos os que restavam das três Casas dos Pais de Homens* lutaram por Fionwë, e a eles se uniram alguns dos Homens de Hithlum que, arrependidos de sua servidão maligna, operaram feitos de valor… Mas a maioria dos Homens, e especialmente aqueles que tinham acabado de sair do Leste, ficou do lado do Inimigo.
>
> Esse trecho segue de muito perto e sem dúvida pertence de fato à mesma época que a passagem correspondente na versão seguinte de “O Silmarillion” (QS,[b] p. 394, §16), que, no entanto, omite a referência aos Homens de Hithlum. Tenho poucas dúvidas de que esse desenvolvimento ocorreu com o surgimento de Númenor.

§2 Aqui aparecem pela primeira vez os nomes *Andúnië* (mas como um nome da ilha, traduzido com “a Terra do Sol Poente”) e o próprio *Númenor* (que não ocorre no resumo preliminar, embora o povo seja chamado lá de *Númenórië* e *Númenóreanos*). A principal cidade é chamada *Númar* ou *Númenos*, que no resumo eram os nomes da terra. O nome *Belegar* foi emendado posteriormente, aqui em §7, para *Belegaer*.

Após as palavras *enriquecida por Yavanna*, a passagem acerca dos nomes foi substituída logo de início pela seguinte:

> Ela foi chamada pelos deuses de Andor, a Terra da Dádiva, mas por seu próprio povo de Vinya, a Jovem; mas quando os homens daquela terra falaram dela aos homens da Terra-média, chamaram-na Númenor, que é Ociente, pois ficava a oeste de todas as terras habitadas por mortais. No entanto, não era o verdadeiro Oeste, pois lá ficava a terra dos Deuses. A principal cidade de Númenor ficava no centro de suas costas ocidentais, e nos dias de seu poderio era chamada

> Andúnië, pois era voltada para o poente; mas, após a sua queda, ela foi chamada nas lendas daqueles que escaparam dela de Atalantë, a Queda.

Aqui aparecem pela primeira vez *Andor*, Terra da Dádiva, e também o nome dado à terra pelos Númenóreanos, *Vinya*, a Jovem, que não foi preservado na lenda tardia (cf. *Vinyamar*, *Vinyalondë*, Índice Remissivo de *Contos Inacabados*); *Andúnië* agora se torna o nome da principal cidade. No texto como escrito originalmente, o nome *Atalantë* podia se referir tanto à terra como à cidade, mas na reescrita só pode se referir à cidade. Parece improvável que essa tenha sido a intenção de meu pai; ver a passagem correspondente no QdN II e no comentário.

§3 A permissão dada aos Númenóreanos de velejar para o oeste até Tol-eressëa, já encontrada no resumo original, contrasta com o *Akallabêth* (p. 345), onde é contado que eles foram proibidos "de velejar no rumo oeste a uma distância em que as costas de Númenor não mais pudessem ser vistas", e somente os de olhos mais aguçados entre eles podiam divisar ao longe a torre de Avallónë na Ilha Solitária.

Os *Portões da Manhã* reaparecem, notavelmente, dos *Contos Perdidos* (I. 260). No mito astronômico original, o Sol passava para a Escuridão de Fora pela Porta da Noite e tornava a entrar pelos Portões da Manhã; mas com a transformação radical do mito que foi inserida com o *Esboço da Mitologia* (ver IV. 60), e que é encontrada no *Quenta* e no *Ambarkanta*, na qual o Sol é puxado por serviçais de Ulmo por baixo das raízes da Terra, a Porta da Noite adquiriu uma importância diferente e os Portões da Manhã não mais aparecem (ver IV. 296, 300). Não sei dizer como a referência a eles aqui (que foi preservada no *Akallabêth*, p. 346) deve ser compreendia.

Nesse parágrafo há a primeira ocorrência da expressão *Os Senhores do Oeste*.

§4 As palavras *exceto seus reis (uma vez na vida de cada um, antes de ser coroado)* foram colocadas logo de início entre colchetes. Na conclusão do QS (pp. 391–92, §§8–9), a proibição parece ser

absoluta, não se podendo fazer exceção a qualquer mortal; lá Mandos diz sobre Eärendel "Agora ele decerto há de morrer, pois pisou nas *costas proibidas*", e Manwë diz "Sobre Eärendel anulo *a interdição*, e o perigo que ele tomou sobre si". Posteriormente (como mencionado em §3 acima), a Interdição se estendeu também, e inevitavelmente, a Tol-eressëa ("a mais oriental das Terras Imortais", o *Akallabêth*, p. 346).

A atribuição da longevidade dos Númenóreanos à luz de Valinor já havia aparecido no resumo original, e citei (p. 20) a passagem do Quenta onde se diz que a luz de Valinor era maior e mais bela do que nas outras terras "porque lá o Sol e a Lua juntos descansam por um tempo". Porém, o fraseado aqui, "a radiância dos Deuses que chegava tênue a Tol-eressëa", certamente sugere uma luz de uma natureza diferente daquela do Sol e da Lua (que iluminam o mundo inteiro). A ideia posterior que aparece na passagem correspondente no QS (§79) está concebivelmente presente aqui: "ademais os Valar guardam a radiância do Sol em muitas vasilhas, e em tonéis e lagos para seu conforto em tempos de escuridão". A passagem foi mais tarde colocada entre colchetes e não aparece no QdN II; mas em um ponto subsequente da narrativa (§6), os Elfos de Tol-eressëa estavam em luto "pois a luz de Valinor foi tapada pela nuvem dos Númenóreanos", e esse trecho não foi rejeitado. Cf. o *Akallabêth* (p. 365): "os Eldar estavam em luto, pois *a luz do sol poente* tinha sido tapada pela nuvem dos Númenóreanos".

§5 Com o que é dito aqui sobre Morgoth não retornar "em pessoa", pois fora encerrado além das Muralhas do Mundo, "e sim somente em espírito e como uma sombra sobre a mente e o coração", cf. o *Quenta* (IV. 186): Alguns dizem também que Morgoth, por vezes, secretamente como uma nuvem que não pode ser vista nem sentida… insinua-se, escalando as Muralhas e visita o mundo" (uma passagem que foi preservada no QS, p. 399, §30).

§7 A frase final acerca dos Elfos de Tol-eressëa foi um acréscimo, mas um que parece como se pertencesse à composição do texto. É muito difícil interpretá-la. A fenda no Grande Mar apareceu a

leste de Tol-eressëa, mas os navios que estavam a *oeste* da ilha foram puxados para o abismo; e, partir disso, é possível concluir que Tol-eressëa também foi engolida e desapareceu: de modo que os Elfos que habitavam lá "atravessaram os portões da morte, e se reuniram com sua gente na terra dos Deuses", e "a Ilha Solitária permaneceu apenas como uma imagem do passado". Mas isso seria muito estranho, pois sugeriria o abandono da história inteira da viagem de Ælfwine a Tol-eressëa eras mais tarde; no entanto, Ælfwine como registrador e pupilo ainda estava presente nos escritos de meu pai após a conclusão de *O Senhor dos Anéis*. No diagrama do Mundo Tornado Redondo que acompanha o *Ambarkanta* (IV. 291), Tol-eressëa está marcada como um ponto no Caminho Reto. Além disso, muito mais tarde, no *Akallabêth* (pp. 365–66), o mesmo é dito acerca do grande abismo: ele se abriu "entre Númenor e as Terra Sem-Morte", e todas as frotas dos Númenóreanos (que haviam seguido para Aman e, dessa forma, estavam a oeste de Tol-eressëa) foram puxadas para dentro dele; mas "Valinor e Eressëa foram tiradas [do mundo] e levadas ao reino das coisas ocultas".

§8 A frase final ("Assim também o ar pesado…") é um acréscimo marginal que parece certamente pertencer ao texto original. Ela não possui qualquer marca de inserção, mas sem dúvida seu lugar é aqui.

§10 O desejo de prolongar a vida já era uma marca dos Númenóreanos (§4), mas o retrato sombrio no *Akallabêth* (p. 350) de uma terra de tumbas e embalsamamento, de um povo obcecado pela morte, não estava presente. Neste estágio da evolução da lenda, assim como já no resumo preliminar, a cultura tumular surgiu entre os Númenóreanos que escaparam da Queda e fundaram reinos no "Velho Mundo": quer de boa, quer de má índole, "todos estavam de igual maneira tomados pelo desejo de vida longa sobre a terra, e o pensamento da Morte pesava sobre eles"; e foi o tempo de vida dos eLivross, ao que parece, que mingou lentamente. Há ecos da presente passagem no relato do *Akallabêth* de Númenor após a Sombra cair sobre a ilha nos dias de Tar-Atanamir (cf. *Contos Inacabados*, p. 301); mas no

contexto muito diferente da história original, quando essa cultura surgiu entre os sobreviventes do Cataclismo e seus descendentes, outros elementos estavam presentes: pois os Deuses agora haviam sido removidos para o reino do desconhecido e do invisível, e se tornaram a "explicação" para o mistério da morte, e seu lugar de habitação no extremo Oeste, a região para a qual os mortos passavam com suas posses.

Em "O Silmarillion" os Deuses estão "fisicamente" presentes, pois (qualquer que seja o modo de sua própria existência) eles habitam o mesmo mundo físico, o reino do "visível"; se, após a Ocultação de Valinor, eles não puderam ser alcançados pelas viagens enviadas em vão por Turgon de Gondolin, ainda assim foram alcançados por Eärendel, que viajou da Terra-média em seu navio Wingelot, e a intervenção física de armas deles mudou o mundo para sempre através da destruição física do poder de Morgoth. Assim, é possível dizer que em "O Silmarillion" não há nenhuma "religião", pois o Divino está presente e não foi "destituído"; mas, com a remoção física do Divino do Mundo Tornado Redondo, surgiu uma religião (como surgira em Númenor com os ensinamentos de Thû acerca de Morgoth, o deus banido e ausente), e os mortos eram despachados, por razões religiosas, em navios funerários nas costas do Grande Mar.

§12 "Mas na rota reta apenas os Deuses e os Elfos desaparecidos podiam caminhar, ou aqueles que os Deuses convocavam dos Elfos minguantes da terra redonda, que se tornavam diminuídos conforme os Homens usurpavam o sol." Cf. o *Quenta*, IV. 119, conforme emendado (uma passagem que remonta ao *Esboço da Mitologia*, IV. 29):

> Nos dias que vieram depois, quando, por causa dos triunfos de Morgoth, Elfos e Homens alhearam-se uns dos outros, como ele tanto desejara, aqueles dos Eldalië que viviam ainda no mundo feneceram, e os Homens usurparam a luz do Sol. Então os Eldar vagaram nos lugares mais solitários das Terras de Fora, e preferiam a luz da Lua e das estrelas, e as matas e

> as cavernas, e se tornavam como sombras, espectros e lembranças, de modo que não zarpavam para o Oeste e desapareciam do mundo.

Essa passagem foi preservada com poucas alterações no QS (§87).

Creio que a história dos navios voadores construídos pelos Númenóreanos eLivross, já encontrada no resumo preliminar (p. 19), é a única introdução de veículos aéreos em todas as obras de meu pai. Não é dada nenhuma indicação acerca dos meios pelos quais se elevavam e eram impulsionados; e a passagem não foi preservada na lenda tardia.

§13 É uma característica curiosa da história original de Númenor que não há menção ao que aconteceu com Thû na Queda (cf. o *Akallabêth*, pp. 367–68); mas ele reaparece aqui como um mestre de templos (cf. a *Balada de Leithian*, versos 2064–067), habitando em uma fortaleza (§14), um objeto de ódio àqueles dos sobreviventes de Númenor que preservavam algo do antigo conhecimento.

§14 No *Quenta* (IV. 182) é contado que na Grande Batalha

> as regiões do Norte do Mundo Ocidental foram rasgadas e quebradas, e o mar rugiu para dentro de muitos abismos, e houve confusão e grande barulho; e os rios pereceram ou acharam novos leitos, e os vales foram elevados, e os montes, derrubados; e Sirion não existia mais. Então os Homens fugiram… e muito tardou antes que voltassem pelas montanhas onde Beleriand existira antes.

As últimas palavras da primeira versão dos *Anais de Beleriand* (IV. 362) são “Assim terminou a Primeira Era do Mundo e Beleriand não mais existia”. Também é dito no *Quenta* (IV. 184) que, após o término da Guerra, “houve uma grande armação de navios nas costas do Mar do Oeste, e especialmente nas grandes ilhas, as quais, na ruptura do mundo do Norte, foram formadas a partir da antiga Beleriand”.

No QdN, é sugerida uma concepção bem diferente. Embora Beleriand tenha sido "mudada e partida", ela é mencionada como "aquela terra", ainda era chamada de *Beleriand* e era povoada por Homens e Elfos, capazes de formar uma aliança contra Thû. Eu sugeriria (ainda que de forma hesitante) que com o surgimento, vislumbrado aqui pela primeira vez, de uma Segunda Era da Terra-média resultante da lenda de Númenor, a completa devastação de Beleriand, adequada à finalidade da conclusão da concepção mais antiga, havia sido diminuída.[c] Além disso, parece que nessa época meu pai não concebeu nenhuma destruição adicional de Beleriand na época da Queda de Númenor, como viria a fazer mais tarde (ver pp. 44–5).

Neste estágio não há menção de um primeiro rei fundador de Númenor. Elrond ainda era o único filho de Eärendel e Elwing; seu irmão Elros aparecera somente em acréscimos tardios ao texto do Q (IV. 177), que foram inseridos após a lenda númenóreana ter começado a se desenvolver. Na concepção mais antiga no *Esboço da Mitologia* (IV. 46), Elrond "preso à sua metade mortal, escolhe ficar na terra" (isto é, nas Grandes Terras), e no Q (IV. 179) ele "escolheu permanecer, estando unido por seu sangue mortal em amor àqueles da raça mais jovem; ver os meus comentários acerca da Escolha dos Meio-Elfos, IV. 86. Elrond é aqui, ao que parece, um líder dos Elfos de Beleriand, aliado a Amroth, predecessor de Elendil. A Última Aliança que leva à derrota de Thû é vista como a última intervenção dos Elfos nos assuntos do Mundo dos Homens, por si só acelerando o seu desvanecer inevitável. A "floresta sombria" para onde Thû fugiu (cf. a "Floresta-de-ferro" no resumo original) sem dúvida é Trevamata. Em *O Hobbit*, tudo o que se disse acerca do Necromante era que ele habitava em uma torre sombria no sul de Trevamata.[d]

(iii)
A segunda versão de A Queda de Númenor

O QdN II é um manuscrito claro, feito por meu pai com o QdN I diante de si e provavelmente logo após terminá-lo. O documento possui muitas emendas feitas durante a composição, e nenhuma que pareça ter sido feita após qualquer intervalo significativo, afora o título, que foi inserido posteriormente a lápis, e a rejeição de uma frase em §7. Em contraste com a tendência costumeira de meu pai de começar um novo texto seguindo de perto o antecedente, mas então divergindo cada vez mais conforme prosseguia, neste caso a parte mais antiga foi muito mudada e expandida, enquanto a posterior praticamente não foi alterada, exceto por aprimoramentos muito pequenos na fluidez de frases, até chegar ao final. Portanto, não é necessário apresentar o QdN II na íntegra. Mantendo a numeração dos parágrafos do QdN I, apresento §§1–5 e 14 na íntegra, e do restante somente as passagens curtas que sofreram alterações significativas.

O ÚLTIMO CONTO: A QUEDA DE NÚMENOR

§1 Na Grande Batalha, quando Fionwë, filho de Manwë, sobrepujou Morgoth e resgatou os eLivross, as três casas dos Homens de Beleriand lutaram contra Morgoth. Mas a maioria dos Homens era aliada do Inimigo; e, após a vitória dos Senhores do Oeste, aqueles que não foram destruídos fugiram rumo ao leste para a Terra-média; e os serviçais de Morgoth que escaparam foram até eles, e os escravizaram. Pois os Deuses abandonaram por um tempo os Homens da Terra-média, pois estes haviam desobedecido suas convocações e dado ouvidos ao Inimigo. E os Homens foram atormentados por muitas coisas malignas que Morgoth fizera nos dias de seu domínio: demônios e dragões e monstros, e Orques, que são arremedos das criaturas de Ilúvatar; e era infeliz a sorte deles. Mas Manwë lançou fora a Morgoth e o encerrou além do mundo, no Vazio fora dele; e ele não pode retornar de novo ao mundo, presente e visível, enquanto os

Senhores estiverem em seus tronos. Contudo, sua Vontade perdura, e guia seus serviçais; e os induz sempre a buscar a derrota dos Deuses e o mal àqueles que os obedecem.

Mas quando Morgoth foi lançado para fora, os Deuses se reuniram em concílio. Os Elfos foram convocados a retornar ao Oeste, e os que obedeceram habitaram novamente em Eressëa, a Ilha Solitária, que foi renomeada Avallon: pois fica perto de Valinor. Mas os Homens das três casas fiéis e aqueles que se uniram a eles foram ricamente recompensados. Pois Fionwë, filho de Manwë, veio no meio deles e os ensinou, e lhes deu sabedoria, poder e vida mais resistente do que quaisquer outros têm da raça mortal.

§2 E uma grande terra foi feita para eles para que nela habitassem, nem parte da Terra-média, nem por completo separada dela. Foi erguida por Ossë das profundezas do Grande Mar, e estabelecida por Aulë e enriquecida por Yavanna; e os Eldar trouxeram para lá flores e fontes de Avallon e fizeram jardins lá de grande beleza, nos quais os próprios Deuses por vezes caminhavam. Essa terra foi chamada pelos Valar de Andor, a Terra da Dádiva, e por seu próprio povo de Vinya, a Jovem; mas, nos dias do orgulho da ilha, chamaram-na Númenor, que é Ociente, pois ficava a oeste de todas as terras habitadas por mortais; no entanto, ficava distante do verdadeiro Oeste, pois este é Valinor, a terra dos Deuses. Mas sua glória cessou e o seu nome pereceu; pois após sua ruína ela foi chamada nas lendas daqueles que dela fugiram de Atalantë, a Decaída. Desde o começo, sua principal cidade e porto ficava no meio de suas costas ocidentais, e era chamada de Andúnië, porque estava voltada para o poente. Mas o lugar elevado de seu rei ficava em Númenos, no coração da terra. Ele foi construído por Elrond, filho de Eärendel, a quem os Deuses e os Elfos

escolheram para ser o senhor daquela terra; pois nele o sangue das casas de Hador e Bëor estava misturado, e com ele alguma parte daquele dos Eldar e Valar, que tinha através de Idril e de Lúthien. Mas Elrond e todo o seu povo eram mortais; pois os Valar não podem retirar a dádiva da morte, que vem aos Homens da parte de Ilúvatar. Contudo, eles adotaram a fala dos Elfos do Reino Abençoado, como era e é em Eressëa, e mantinham colóquio com os Elfos, e olhavam ao longe para Valinor; pois seus navios tinham permissão para navegar até Avallon e seu marinheiros habitavam lá por um tempo.

§3 E, no desgastar do tempo, o povo de Númenor tornou-se grande e glorioso, em todas as coisas mais semelhante aos Primogênitos do que todas as outras raças de Homens que já existiram; porém menos belo e sábio que os Elfos, ainda que maior em estatura. Pois os Númenóreanos eram mais altos até mesmo do que os mais altos filhos de Homens da Terra-média. Acima de todas as suas artes cultivavam a construção de navios e a navegação, e se tornaram marinheiros cuja semelhança nunca mais há de existir desde que o mundo foi diminuído. Navegavam entre Eressëa no Oeste e as costas da Terra-média, e chegaram até mesmo aos mares de dentro; e velejavam ao Norte e ao Sul, e vislumbravam de suas proas elevadas os Portões da Manhã no Leste. E apareceram entre os Homens selvagens e os encheram de assombro e temor, e alguns os tomavam por Deuses ou os filhos de Deuses vindos do Oeste; e os Homens da Terra-média os temiam, pois estavam sob a sombra de Morgoth, e acreditavam que os Deuses eram terríveis e cruéis. Os Númenóreanos lhes ensinaram o que podiam entender da verdade, mas esta se tornou apenas um rumor distante pouco compreendido; pois até então os Númenóreanos raramente iam à Terra-média e

não se demoravam lá. Seus corações estavam voltados para o Oeste, e começaram a ansiar pela ventura imortal de Valinor; e eram inquietos e importunados pelo desejo à medida que seu poder e glória cresciam.

§4 Pois os Deuses os proibiram de velejar além da Ilha Solitária, e não permitiam que ninguém desembarcasse em Valinor, pois os Númenóreanos eram mortais; e embora os Senhores os tivessem recompensado com vida longa, não podiam tirar deles o cansaço do mundo que chega afinal; e eles morriam, até mesmo seus reis da semente de Eärendel, e seu tempo era breve aos olhos dos Elfos. E eles começaram a murmurar contra esse decreto; e um grande descontentamento cresceu entre eles. Seus mestres de conhecimento buscavam incessantemente pelos segredos que deveriam prolongar suas vidas; e enviaram espiões para procurar o saber proibido em Avallon. Mas os Deuses se enraiveceram.

§5 E veio a se dar que Sauron, serviçal de Morgoth, cresceu em poder na Terra-média; e os marinheiros de Númenor traziam rumores acerca dele. Alguns diziam que ele era um rei maior do que o Rei de Númenor; alguns diziam que era um dos Deuses ou de seus filhos, enviado para governar a Terra-média. Alguns relatavam que ele era um espírito maligno, quiçá o próprio Morgoth retornado. Mas isso era considerado apenas como uma fábula tola dos Homens selvagens. Tar-kalion era Rei de Númenor naqueles dias, e era soberbo; e, crendo que os Deuses haviam entregado o domínio da terra aos Númenóreanos, não toleraria um rei mais magno do que ele próprio em qualquer terra. Portanto, pretendia enviar seus serviçais a fim de convocar Sauron a Númenor, para que este lhe prestasse reverência. Os Senhores enviaram mensageiros ao rei e falaram através das bocas de sábios e o aconselharam, opondo-se a essa missão; pois disseram que

Sauron obraria o mal caso viesse; porém, ele não podia vir a Númenor a não ser convocado e guiado pelos mensageiros do rei. Mas Tar-kalion em sua soberba não deu ouvidos ao conselho, e enviou muitos navios.

Ora, rumores do poder de Númenor e de sua lealdade aos Deuses chegaram também a Sauron, e ele temia que os Homens do Oeste resgatassem os da Terra-média da Sombra; e, sendo astuto e cheio de malícia, tramou em seu coração destruir Númenor, e (se pudesse) levar pesar aos Deuses. Portanto, humilhou-se diante dos mensageiros, e chegou de navio a Númenor. Mas, conforme os navios da embaixada aproximavam-se da terra, uma agitação tomou conta do mar, e ele se ergueu como uma montanha e lançou os navios terra adentro; e o navio no qual Sauron se encontrava foi colocado sobre uma colina. E Sauron se postou na colina e pregou uma mensagem de libertação da morte aos Númenóreanos; e ele os iludiu com sinais e portentos. E, pouco a pouco, voltou os corações deles a Morgoth, seu mestre; e profetizou que em breve ele retornaria ao mundo. E Sauron falou a Tar-kalion, o rei, e a Tar-ilien, sua rainha, e prometeu-lhes vida eterna e o domínio da terra, caso se voltassem para Morgoth. E eles acreditaram nele e caíram sob a Sombra, e a maior parte de seu povo os seguiu. E Tar-kalion erigiu um grande templo a Morgoth sobre a Montanha de Ilúvatar na região central da terra; e Sauron habitava lá e toda Númenor estava sob sua vigilância.

[A maior parte de §5 foi substituída pela seguinte versão mais curta:]

E veio a se dar que Sauron, serviçal de Morgoth, cresceu em poderio na Terra-média; e soube do poder e glória dos Númenóreanos, e de sua lealdade aos Deuses, e temia que,

ao chegarem, arrancariam dele o domínio do Leste e resgatariam os Homens da Terra-média da Sombra. E o rei ouviu rumores acerca de Sauron; e dizia-se que ele era um rei maior do que o Rei de Númenor. Donde, contrário ao conselho dos Deuses, o rei enviou os seus serviçais a Sauron, e mandou que este viesse e lhe prestasse reverência. E Sauron, estando cheio de astúcia e malícia, humilhou-se e veio; e ele iludiu os Númenóreanos com sinais e portentos. Mas, pouco a pouco, Sauron voltou os corações deles a Morgoth; e profetizou que em breve ele retornaria ao mundo. E Sauron falou a Tar-kalion, Rei de Númenor, e a Tar-ilien, sua rainha…

Quanto ao restante do QdN II, até o último parágrafo, ressalto aqui somente as poucas diferenças para o QdN I que possuem alguma significância. As alterações de *Sûr*, *Angor* e *Istar* para *Sauron*, *Tar-kalion* e *Tar-ilien* não foram destacadas.

§6 “E passaram por Tol-eressëa” > “E cercaram Avallon”; “caiu fogo sobre as encostas de Taniquetil” > “caiu fogo sobre Kôr e fumaças se ergueram ao redor de Taniquetil”.

§7 No QdN II, o parágrafo começa: “Mas os Deuses não responderam. Então muitos dos Númenóreanos pisaram nas costas proibidas, e acamparam em poderio nas divisas de Valinor”.

“Angor, o magno, e Istar, sua rainha” > “Tar-kalion, o dourado, e a luzente Ilien, sua rainha”; “as Cavernas Esquecidas” > “as Cavernas dos Esquecidos”.

A misteriosa frase final acerca dos Elfos de Eressëa (ver o comentário ao QdN I) foi mantida, mas riscada posteriormente a lápis.

§8 A frase final não aparece; ver o comentário ao QdN I.

§9 “Em parte pelo [desejo >] comando de Tar-kalion, e em parte por suas próprias vontades (pois alguns ainda reverenciavam os Deuses e iriam com guerra ao Oeste), muitos ficaram para trás, e permaneceram sentados em seus navios…”

Agora não há menção do grande vento que se levantou.

§10 O parágrafo agora começa: “Lá, embora desprovidos de seu antigo poderio, e fossem poucos em número e dispersos, posteriormente se tornaram senhores e reis de Homens. Alguns eram malignos e não renunciaram a Sauron em seus corações; e alguns eram de boa vontade e preservavam os Deuses na memória. Mas todos estavam…”

Em “o tempo de suas vidas, que outrora fora maior do que o das raças menores”, as palavras “maior do que” > “três vezes”.

A frase final diz o seguinte: “Por tal razão, em dias que vieram depois eles sepultavam seus mortos em navios, ou os lançavam com pompa…”

§11 “E o feitiço que jazia lá não era de todo em vão” > “E isso não de todo fantasia”, mas isso foi riscado.

“Pois o antigo alinho do mundo permanecia na mente de Ilúvatar e no pensamento dos Deuses, e na memória do mundo…”

Ao final do parágrafo foi acrescentado: “Portanto, eles construíram torres altíssimas naqueles dias”.

§12 O parágrafo agora começa: “Mas a maioria, que não conseguia ver essa estrada, escarnecia dos construtores de torres, e confiava em navios que velejavam na água. Mas eles chegaram somente às terras do Novo Mundo, e viam que eram como aquelas do Velho, e sujeitas à morte; e relataram que o mundo era redondo. Mas na Rota Reta apenas os Deuses podiam caminhar, e somente os navios dos Elfos de Avallon podiam viajar. Pois a Rota, sendo reta, enquanto a superfície da terra era curva…”

O parágrafo termina da seguinte forma: “Portanto, muitos abandonaram os Deuses, e os afastaram de suas lendas. Mas os Homens da Terra-média os contemplavam com assombro e grande medo, pois eles desciam do ar; e tomavam os

Númenóreanos por Deuses, e alguns ficaram contentes que assim se desse".

§13 O parágrafo começa: "Mas nem todos os corações dos Númenóreanos eram deturpados; e o conhecimento dos dias antes da ruína, que vinha de seus antepassados e dos Amigos-dos-Elfos, e daqueles que mantinham colóquio com os Deuses, foi por muito tempo preservado entre os sábios. E diziam que o fado dos Homens…"

"Mas o fado dos Homens… não é completo dentro do mundo".

"houve guerras de fé entre os poderosos da Terra-média"

§14 Mas persiste ainda uma lenda de Beleriand: pois aquela terra no Oeste do Norte do Velho Mundo, onde Morgoth foi subjugado, era ainda em certa medida abençoada e livre de sua sombra; e muitos dos eLivross de Númenor haviam ido para lá. Embora mudada e partida, preservava ainda nos dias antigos o nome que tinha nos dias dos Gnomos. E se diz que em Beleriand surgiu um rei, que era da raça númenóreana, e era chamado Elendil, que é Amigo-dos-Elfos. E ele se aconselhava com os Elfos que permaneciam na Terra-média (e estes habitavam mormente em Beleriand); e ele fez uma aliança com Gil-galad, o Rei-élfico que descendia de Fëanor. E seus exércitos se uniram, e atravessaram as montanhas e entraram nas terras interiores longe do Mar. E chegaram por fim a Mordor, o País Negro, onde Sauron, que é na língua gnômica chamado Thû, reconstruíra suas fortalezas. E eles cercaram a praça-forte, até que Thû veio em pessoa, e Elendil e Gil-galad lutaram com ele; e ambos foram mortos. Mas Thû foi derrubado, e sua forma corpórea, destruída, e seu serviçais foram dispersados, e a hoste de Beleriand destruiu sua habitação; mas o espírito de Thû fugiu para longe, e ficou escondido em lugares desolados, e não tornou a assumir uma forma por muitas eras. Mas é cantado tristemente pelos Elfos que a guerra com Thû acelerou o desvanecer dos Eldar, decretado pelos Deuses; pois Thû tinha um poder além da medida deles, como Felagund, Rei de Nargothrond, descobrira outrora; e os Elfos despenderam sua força e substância no ataque a ele. E esse foi o último dos

serviços dos Primogênitos aos Homens, e é tido como o último dos feitos de aliança antes do desvanecer dos Elfos e da desavença das Duas Gentes. E aqui termina a história do mundo antigo, tal como é conhecida pelos Elfos.

Comentário à segunda versão de A Queda de Númenor

§1 Quanto a "Orques, que são arremedos das criaturas de Ilúvatar", ver QS §18 e o comentário. — Foi dito em QdN I §5 que Morgoth "não vinha em pessoa, e sim somente em espírito e como uma sombra sobre a mente e o coração". Agora a ideia de seu "retorno" em qualquer sentido parece ser negada; mas aparece o conceito de sua Vontade malevolente e guiadora, que sempre permanece no mundo.

"os que obedeceram habitaram novamente em Eressëa": no QdN I, "os Elfos foram convocados a Valinor, como foi contado, e muitos obedeceram, mas não todos". No *Quenta* (IV. 184), "os Gnomos e Elfos-escuros habitaram de novo, em sua maior parte, na Ilha Solitária… Mas alguns retornaram até mesmo a Valinor, como todos eram livres para fazer se desejassem" (mantido no QS, pp. 397–98, §27). O nome Avallon ("pois fica perto de Valinor") aparece, mas como um novo nome para Tol Eressëa; posteriormente, na forma *Avallónë* ("pois é de todas as cidades a mais próxima a Valinor"), ele se tornou o nome de um porto na ilha: *Akallabêth*, p. 342.

§2 De início meu pai preservou exatamente a reescrita do QdN I apresentada no comentário a QdN I §2, na qual *Atalantë* é o nome da cidade *Andúnië* após a Queda. Sugeri que essa na verdade não era a sua intenção; seja como for, ele o corrigiu aqui, de modo que *Atalantë* mais uma vez se torna o nome de Númenor submergida. *Númenos* agora reaparece de QdN I §2 como escrito originalmente, onde era o nome da cidade ocidental, mas se torna o nome do lugar elevado do rei no centro da terra (posteriormente *Armenelos*).

Elrond (ver o comentário a QdN I §14) agora se torna o primeiro Rei de Númenor e o construtor de Númenos; seu irmão

Elros ainda não havia aparecido.

A afirmação aqui de que os Númenóreanos "adotaram a fala dos Elfos do Reino Abençoado, como era e é em Eressëa" sugere que eles abandonaram a sua própria língua dos homens; e o fato de que é esse o significado é demonstrado em *A Estrada Perdida* (p. 85). No *Lhammas* é dito (p. 210) que "já mesmo nos dias [do pai de Húrin] os Homens de Beleriand abandonaram o uso diário de sua própria língua e falavam e davam até mesmo nomes para seus filhos no idioma dos Gnomos". As palavras "como era e é em Eressëa" contradiriam qualquer ideia de que a Ilha Solitária tivesse sido destruída na Queda (ver o comentário a QdN I §7). Mas a passagem difícil que sugere tal ocorrência foi preservada no presente texto, §7 (embora tenha sido subsequentemente riscada).

§4 A associação da longevidade dos Númenóreanos com a radiância de Valinor (ver o comentário a QdN I §4) foi abandonada, e a vida longa é atribuída unicamente à dádiva dos Valar.

§5 É muito provável que o nome *Sauron* (em substituição a *Sûr* do QdN I) ocorre pela primeira vez aqui ou na passagem de estreita relação em *A Estrada Perdida* (p. 83). Sua primeira ocorrência na tradição do "Silmarillion" é em QS §143. A história da chegada de Sauron a Númenor foi alterada a partir daquela no QdN I, e está explícito que ele não poderia ter ido se não tivesse sido convocado. A história tal como contada na primeira versão, na qual os navios, ao retornarem da Terra-média, foram lançados Númenor adentro por uma grande onda, e Sauron se postou em uma colina e "pregou uma mensagem de libertação", é contada com mais detalhes em *A Estrada Perdida*; mas a segunda versão no QdN II, que omite o elemento da grande onda, parece ter substituído a primeira quase que de imediato (quanto ao significado de tal alteração, ver p. 16).

O templo a Morgoth é agora erigido sobre a Montanha de Ilúvatar na região central da terra, e esta (ou em *A Estrada Perdida*) é a primeira aparição do Meneltarma. A história foi rejeitada mais tarde: no *Akallabêth*, "nem mesmo Sauron ousasse

profanar o lugar alto", e o templo foi construído em Armenelos (pp. 358–59).

§11 O acréscimo no QdN II, "Portanto, eles construíram torres altíssimas naqueles dias", deve ser a primeira referência às Torres Brancas em Emyn Beraid, as Colinas das Torres. Cf. *O Senhor dos Anéis*, Apêndice A (I. iii), onde é contado acerca da palantír das *Emyn Beraid* que "Elendil a colocou ali para poder olhar de volta, com 'visão reta', e ver Eressëa no Oeste desaparecido; mas os mares curvos abaixo cobriram Númenor para sempre". Cf. também *Dos Anéis de Poder* em *O Silmarillion*, p. 382. Mas, quando o presente texto foi escrito, as *palantíri* ainda não haviam sido concebidas (até onde se sabe).

§14 A reescrita da passagem acerca de Beleriand reforça a sugestão no QdN I de que ela permaneceu uma região menos destruída após a Grande Batalha do que é descrita nos outros textos: ela era "ainda em certa medida abençoada" — e, além disso, os Elfos que permaneciam na Terra-média "habitavam mormente em Beleriand". Aqui Elendil "Amigo-dos-Elfos" aparece, tomando o lugar de Amroth do QdN I. Seria possível de se pensar pelas palavras "em Beleriand surgiu um rei, que era da raça númenóreana" que ele não era um sobrevivente da Queda; mas esse claramente não é o caso. Em *A Estrada Perdida*, de estreita relação com o QdN II, Elendil (o pai na encarnação númenóreana de "Elwin-Edwin") é um inimigo resoluto de Sauron e de seu domínio em Númenor; e embora *A Estrada Perdida* seja interrompido antes de a frota de Tar-kalion zarpar, Elendil devia estar entre aqueles que "permaneceram sentados em seus navios na costa leste da terra" (QdN §9) e, dessa forma, escapou da Queda.

Aqui há certamente a primeira aparição de Gil-galad, o Rei-élfico em Beleriand, descendente de Fëanor (seria interessante saber o seu parentesco), e a história da Última Aliança avança um estágio; e parece não haver dúvidas de que foi neste manuscrito que o nome *Mordor*, o País Negro, surgiu pela primeira vez na narrativa.

(iv)

O desenvolvimento adicional de A Queda de Númenor

O QdN II foi seguido por um texto datilografado na máquina de escrever de meu pai nesse período, mas que não foi datilografado por ele. Isso se vê pelo fato de ser uma cópia exata do QdN II após todas as correções ao texto terem sido feitas, e por duas ou três leituras errôneas do manuscrito. Não tenho dúvida de que o texto datilografado foi feito pouco tempo depois. Por si só ele não possui valor textual, mas meu pai o usou como a base para certas alterações adicionais.

Existe uma página manuscrita solta associada a ele que possui passagens que se relacionam de perto com alterações feitas no texto datilografado. Há aqui um desenvolvimento textual que possui uma relevância importante na datação em geral.

Duas passagens estão em questão: a primeira diz respeito a §8 (que permaneceu inalterado do QdN I, afora a omissão no QdN II da frase final). A página solta possui aqui duas formas de uma nova versão do parágrafo, cuja primeira, que foi riscada, diz o seguinte:

> Então Ilúvatar lançou para trás o Grande Mar a oeste da Terra-média e a Terra Estéril a leste da Terra-média, e fez novas terras e novos mares onde outrora nada existira além dos caminhos do Sol e da Lua. E o mundo ficou diminuído; pois Valinor e Eressëa foram levadas ao Reino das Coisas Ocultas, e por mais longe que um homem velejasse, jamais tornaria a chegar ao Verdadeiro Oeste. Pois todas as terras, antigas e novas, eram equidistantes do centro da terra. Houve [dilúvio e grande confusão de águas, e mares cobriram o que outrora fora seco, e terras apareceram onde haviam existido mares profundos,] e Beleriand caiu no mar naquela época, salvo a terra onde Beren e Lúthien haviam habitado por um tempo, a terra de Lindon sob os sopés das [*riscado*: Ered] Lunoronti.

(A seção entre colchetes está representada no manuscrito por uma marca de omissão, obviamente com o significado de que o texto

existente seria seguido.) Aqui as palavras "[os Deuses] curvaram as bordas da Terra-média" desapareceram; é o Grande Mar no Oeste e "a Terra Estéril" no Leste que são "lançados para trás" por Ilúvatar. Agora é dito que as novas terras e os novos mares surgiram "onde outrora nada existira além dos caminhos do Sol e da Lua" (isto é, as raízes do mundo, ver os diagramas do *Ambarkanta*, IV. 287, 289). Esse trecho, por sua vez, se perdeu na reescrita adicional (abaixo), onde se chega à afirmação final e muito breve encontrada no *Akallabêth* (p. 366).

Essa passagem é muito notável, visto que a submersão de toda Beleriand a oeste de Lindon é aqui atribuída ao cataclismo da Queda de Númenor; ver os comentários a QdN I e II, §14. O nome *Lunoronti* para as Montanhas Azuis não ocorrera anteriormente (mas ver as *Etimologias*, radical LUG[2]); e essa é talvez a primeira ocorrência do nome *Lindon* para a antiga Ossiriand, ou para aquela parte dela que permaneceu acima do mar (ver o comentário a QS §108).

A segunda forma dessa versão revisada de §8 segue imediatamente no manuscrito:

> Então Ilúvatar lançou para trás o Grande Mar a oeste da Terra-média, e a Terra Vazia a leste dela, e novas terras e novos mares foram feitos; e o mundo ficou diminuído, pois Valinor e Eressëa foram tiradas dele e levadas ao reino das coisas ocultas. E, dali em diante, por mais que um homem velejasse, jamais tornaria a chegar ao verdadeiro Oeste, e retornaria, cansado, enfim, ao lugar de onde tinha começado; pois todas as terras e mares eram equidistantes do centro da terra, e todas as rotas estavam curvadas. Houve dilúvio e grande confusão de águas naquele tempo, e o mar cobriu muito do que nos Dias Antigos havia sido seco, tanto no Oeste como no Leste da Terra-média.

Assim, a passagem acerca da submersão de Beleriand na época do cataclismo númenóreano e da preservação de Lindon foi mais uma vez removida. Meu pai então copiou o trecho nessa forma para o texto datilografado, com a alteração de *Terra Vazia* para *Terras*

Vazias. (Se essa região, chamada na primeira versão de *a Terra Estéril*, está relacionada com o mapa V do *Ambarkanta* (IV. 295), ela deve ser o que lá é chamado de *the Burnt Land of the Sun* [a Terra Queimada do Sol]; talvez também *the Dark Land* [a Terra Sombria], que lá é mostrada como um novo continente, formada pela parte meridional de *Pelmar*, ou Terra-média (mapa IV), após a vasta expansão do antigo mar interior de Ringil na época da destruição de Utumno). — A expressão *Dias Antigos* não é encontrada em nenhum escrito de meu pai antes deste.

A segunda passagem é o parágrafo final no QdN II §14, acerca de Beleriand e da Última Aliança. Aqui algumas alterações a lápis foram feitas no texto datilografado: *Thû* foi alterado para *Sauron*, exceto na frase "que é na língua gnômica chamado Thû", onde *Thû* > *Gorthû* (ver p. 406); "em Beleriand surgiu um rei" > "em Lindon…"; e Gil-galad descende de Finrod, não de Fëanor. A passagem no texto datilografado foi então riscada, com uma indicação para que uma substituta fosse introduzida. Essa passagem substituta é encontrada no verso da página solta que fornece as duas formas da reescrita de §8, e foi obviamente escrita na mesma época que elas. A passagem diz o seguinte:

> Mas persiste uma lenda de Beleriand. Ora, aquela terra foi partida na Grande Batalha com Morgoth; e com a queda de Númenor e a mudança do feitio do mundo ela pereceu; pois o mar cobriu tudo o que restou, salvo algumas das montanhas que permaneceram como ilhas, chegando até os sopés das Eredlindon. Mas aquela terra onde Lúthien habitara perdurou, e foi chamada Lindon. Um golfo do mar a adentrava, e uma fenda foi feita nas Montanhas, através da qual o Rio Lhûn corria. Mas na terra que restou ao norte e ao sul do golfo os Elfos permaneceram, e Gil-galad, filho de Felagund, filho de Finrod, era seu rei. E eles construíram Portos no Golfo de Lhûn, de onde qualquer um de seu povo, ou qualquer um dos Elfos que fugiam da escuridão e pesar da Terra-média, podia zarpar para o Verdadeiro Oeste e não mais retornar. Em Lindon Sauron ainda não detinha domínio. E se diz que os irmãos de

> Elendil e Valandil, escapando da queda de Númenor, chegaram por fim às fozes dos rios que corriam até o Mar do Oeste. E Elendil (que é Amigo-dos-Elfos), que outrora amara o povo de Eressëa, chegou a Lindon e habitou lá por um tempo, e entrou na Terra-média e estabeleceu um reino no Norte. Mas Valandil subiu o Grande Rio Anduin e estabeleceu outro reino ao longe no Sul. Mas Sauron habitava em Mordor, o País Negro, e essa terra não ficava muito distante de Ondor, o reino de Valandil; e Sauron fez guerra contra todos os Elfos e todos os Homens de Ociente ou outros que os auxiliavam, e Valandil se viu em grande aperto. Portanto, Elendil e Gil-galad, vendo que a não ser que alguma resistência fosse feita Sauron se tornaria senhor de [?toda a] Terra-média, reuniram-se em conselho, e fizeram uma grande liga. E Gil-galad e Elendil marcharam Terra-média adentro [?e congregaram uma força de Homens e Elfos, e eles se reuniram em Imladrist].

Perto do fim o texto passa ser escrito com uma letra menos nítida e as palavras finais são um pouco duvidosas. Caso o nome *Imladrist* tenha sido interpretado de forma correta, há certamente mais uma letra após o *s*, que deve ser um *t*. Cf. *O Conto dos Anos* em *O Senhor dos Anéis* (Apêndice B): 3431 da Segunda Era, “Gil-galad e Elendil marcham para o leste, rumo a Imladris”.

Por sua vez, toda essa passagem foi riscada e não foi copiada para o texto datilografado. É possível ver que isso insere o novo material acerca de Beleriand e Lindon que apareceu na primeira forma da revisão de §8, mas que depois foi removido (pp. 43–4); e, além disso, muitos elementos novos importantes foram introduzidos. Gil-galad é o filho de Felagund; agora está explícito que Elendil era um dos sobreviventes de Númenor, e ele tem um irmão chamado Valandil (o nome de seu pai em *A Estrada Perdida*); o rio Lhûn aparece, e o seu golfo, e a fenda nas Montanhas Azuis através da qual ele corria; os Elfos de Lindon construíram portos no Golfo de Lhûn; Elendil estabeleceu um reino no Norte, a leste das montanhas, e Valandil, subindo o Anduin, fundou o seu reino de Ondor não muito longe de Mordor.

Não há dúvidas agora de que o todo o conceito de Gondor surgiu no decorrer da composição de *O Senhor dos Anéis*. Além disso, meu pai fez as seguintes anotações (também riscadas) a lápis no final do texto datilografado:

> Mais a respeito disso é contado em *O Senhor dos Anéis*
> A única alteração que precisa ser feita é esta:
> 1. Muitos Elfos ficaram para trás
> 2. Beleriand afundou por completo, com exceção de algumas ilhas = montanhas, e parte de Ossiriand (chamada Lindon), onde Gil-galad habitava.
> 3. Elrond permaneceu Gil-galad. Ou então velejou de volta à Terra-média. O Meio-Elfo.

A segunda dessas anotações é decisiva, uma vez que a passagem apresentada por último claramente contém uma elaboração dessa anotação; e está claro que todas as reescritas da segunda versão de *A Queda de Númenor* consideradas aqui têm sua origem vários anos mais tarde. O QdN II representa a forma da obra à época em que *O Senhor dos Anéis* foi iniciado. Por outro lado, essas revisões são de uma época em que o livro estava longe de ser concluído, como se vê pela forma *Ondor* e pelos irmãos Elendil e Valandil, fundadores dos reinos númenóreanos na Terra-média.

Afora essas passagens significativas de revisão, algumas outras alterações foram feitas na cópia datilografada do QdN II, e foram muito pequenas, salvo pela substituição de *Elrond* por *Elros* em ambas as ocorrências em §2. Essa substituição pertence ao período pré-*Senhor dos Anéis*, como se vê pela aparição de Elros na conclusão do QS (ver pp. 404–05, comentário a §28).[e]

Meu pai escreveu a seguir um belo novo manuscrito incorporando as alterações feitas no texto datilografado do QdN II — mas agora omitindo por completo a passagem final (§14) acerca de Beleriand e da Última Aliança, e encerrando com as palavras “houve guerras entre os poderosos da Terra-média”, das quais permanecem agora apenas os ecos. Essa versão, aprimorada e alterada em detalhes, exibe, no entanto, pouquíssimos avanços

adicionais em substância narrativa, e claramente pertence ao mesmo período das revisões examinadas nessa seção

NOTAS

[a] Embora esse texto possua a forma *Ilmen*, além de *Silma* > *Ilma* > *Ilmen* no *Ambarkanta*, *Wilwa* foi substituído no *Ambarkanta* por *Vista*.

[b] No decorrer deste livro, a abreviatura "QS" (*Quenta Silmarillion*) é usada para a versão interrompida por volta do final de 1937; ver pp. 131–32.

[c] As passagens citadas aqui do Q foram mantidas de modo um tanto surpreendente quase que inalteradas no QS: ver p. 404.

[d] Cf. *Cartas*, nº 257, com referência a *O Hobbit*: a "referência (originalmente) deveras casual ao Necromante, cuja função dificilmente era mais do que fornecer uma razão para Gandalf ir embora e deixar Bilbo e os Anãos para se defenderem sozinhos, o que foi necessário para a história".

[e] A terceira "alteração" necessária (nas anotações do texto datilografado do QdN II), de que "Elrond permaneceu Gil-galad, ou então velejou de volta à Terra-média", presumivelmente leva em consideração essa mudança, e significa que meu pai ainda não havia determinado se Elrond originalmente tinha ido ou não para Númenor com seu irmão Elros.

3

A Estrada Perdida

(i)
Os capítulos iniciais

Quanto aos textos de *A Estrada Perdida* e sua relação com *A Queda de Númenor*, ver pp. 15–6. Apresento aqui os dois capítulos completos no início da obra, seguidos por um breve comentário.

Capítulo I
Um avanço. O jovem Alboin[a]

"Alboin! Alboin!"

Não houve resposta. Não havia ninguém na sala de jogos.

"Alboin!" Oswin Errol parou na porta e gritou na direção do pequeno jardim elevado nos fundos de sua casa. Por fim uma voz jovem respondeu, soando distante e como a resposta de alguém adormecido ou que acabara de acordar.

"Sim?"

"Onde você está?"

"Aqui!"

"Onde é 'aqui'?"

"Aqui: em cima do muro, pai."

Oswin desceu depressa os degraus da porta até o jardim e seguiu ao longo do caminho ladeado por flores. Após uma curva, o caminho levava a um muro baixo de pedra, escondido da casa por uma sebe. Do outro lado do muro de pedra havia um pequeno espaço gramado, e depois a beira de um penhasco, além do qual se estendia, e agora reluzia num calmo entardecer,

o mar ocidental. Sobre o muro Oswin encontrou o filho, um garoto de seus doze anos, deitado olhando para o mar com o queixo apoiado nas mãos.

"Então aí está você!", disse ele. "É preciso chamá-lo um bom número de vezes. Não me ouviu?"

"Não antes do momento em que respondi", disse Alboin.

"Bem, você deve estar surdo ou sonhando", disse seu pai. "Sonhando, ao que parece. Está quase na hora de dormir; então, se quiser ouvir alguma história hoje, teremos de começar de imediato."

"Desculpe, pai, mas eu estava pensando."

"Sobre o quê?"

"Ah, várias coisas misturadas: o mar, e o mundo, e Alboin."

"Alboin?"

"Sim. Estava me perguntando por que Alboin. Por que me chamo Alboin? Costumam me perguntar 'Por que Alboin?' na escola, e me chamam de Albino. Mas não sou, sou?"

"Você às vezes fica um pouco pálido, garoto; mas você não é albino, felizmente. Receio que eu tenha chamado você de Alboin, e é por isso que você é chamado assim. Desculpe-me: nunca foi minha intenção que isso lhe incomodasse."

"Mas é um nome real, não é?", perguntou Alboin com avidez. "Quero dizer, ele significa alguma coisa, e *homens* foram chamados por esse nome? Não foi só inventado?"

"É claro que não. É tão real e tão bom quanto Oswin; e pertence à mesma família, se poderia dizer. Mas nunca me incomodaram por causa de Oswin. Embora eu costumasse ser chamado de Oswald por engano. Eu me lembro de como isso costumava me irritar, apesar de não conseguir imaginar por quê. Eu era bastante criterioso no que dizia respeito ao meu nome."

Eles permaneceram conversando no muro que dava para o mar; e não voltaram para o jardim, ou para a casa, até a hora de

dormir. A conversa deles, como acontecia com frequência, voltou-se para a contação de histórias; e Oswin contou ao filho a história de Alboíno, também conhecido como Alboin, filho de Audoíno, o rei lombardo; e da grande batalha dos lombardos e dos gépidas, lembrados como terríveis mesmo no cruel século VI; e dos reis Turisindo e Cunimundo, e de Rosamunda. "Não é uma boa história perto da hora de dormir", disse ele, terminando de súbito com Alboíno bebendo do crânio enfeitado com joias de Cunimundo.

"Não gosto muito daquele Alboíno", disse o garoto. "Gosto mais dos gépidas, e do Rei Turisindo. Queria que eles tivessem ganhado. Por que você não me chamou de Turisindo ou Turismodo?"

"Bem, sua mãe na verdade queria chamá-lo de Rosamund, mas você acabou saindo um menino. E você sabe que ela não viveu para me ajudar a escolher outro nome. Então peguei um daquela história, porque ele parecia apropriado. Quero dizer, o nome não pertence somente àquela história, ele é muito mais antigo. Preferiria ter sido chamado de Amigo-dos-Elfos? Pois é isso o que o nome significa."

"N-não", disse Alboin, incerto. "Gosto que nomes signifiquem algo, mas não que digam algo."

"Bem, eu poderia tê-lo chamado de Ælfwine, é claro; essa é a forma em inglês antigo do nome. Eu poderia tê-lo chamado assim, não só em homenagem ao Ælfwine da Itália, mas a todos os Amigos-dos-Elfos de antigamente; em homenagem a Elfwine, neto do Rei Alfredo, que tombou na grande vitória em 937, e Elfwine, que tombou na famosa derrota em Maldon, e muitos outros ingleses e nortistas na longa linhagem dos Amigos-dos-Elfos. Mas eu lhe dei uma forma latinizada. Acho que essa é a melhor. Os dias antigos do Norte já estão além da memória, exceto na medida em que foram moldados na forma

de coisas que conhecemos, na cristandade. Então escolhi Alboin; pois não é latim e não é setentrional, e esse é o jeito da maioria dos nomes no Ocidente, e também dos homens que os levam. Eu poderia ter escolhido Albinus, pois é nisso que às vezes transformavam o nome; mas isso teria feito os seus amigos se lembrarem de albino. Porém, essa forma é latina demais, e significa algo em latim. E você não é branco ou claro, garoto, mas moreno. Então é Alboin. E não há mais nada a se fazer, a não ser ir para a cama." E eles entraram.

Contudo, Alboin olhou pela janela antes de se deitar; e podia ver o mar além da beira do penhasco. Era um pôr do sol tardio, pois era verão. O sol baixou lentamente no mar e mergulhou vermelho além do horizonte. A luz e a cor desapareceram depressa da água; um vento gelado soprou do Oeste, e sobre a borda do pôr do sol grandes nuvens escuras avançavam, estendendo asas imensas ao sul e ao norte, ameaçando a terra.

"Elas parecem as águias do Senhor do Oeste chegando sobre Númenor", disse Alboin em voz alta, e se perguntou por quê. Embora não lhe parecesse muito estranho. Naqueles dias ele com frequência inventava nomes. Olhando para uma colina familiar, ele de repente a via situada em alguma outra época e história: "as faldas verdes de *Amon-ereb*", dizia. "As ondas são ruidosas nas costas de *Beleriand*", disse ele certo dia, quando uma tempestade despejava água no sopé do penhasco abaixo da casa.

Alguns desses nomes eram de fato inventados, para deleitar-se com o seu som (ou assim pensava); mas outros pareciam "reais", como se não tivessem sido ditos pela primeira vez por ele. E assim se deu com *Númenor*. "Gosto desse nome", disse a si mesmo. "Eu poderia pensar numa longa história sobre a terra de *Númenor*."

Mas, deitado na cama, ele percebeu que a história não seria pensada. E ele logo esqueceu o nome; e outros pensamentos se insinuaram, em parte devido às palavras de seu pai, e em parte aos seus próprios devaneios de antes.

"Alboin, o Moreno", pensou ele. "Imagino se existe algo de latino em mim. Não muito, acho. Amo as costas ocidentais e o *verdadeiro* mar — é muito diferente do Mediterrâneo, mesmo em histórias. Gostaria que ele não tivesse outro lado. Havia povos de cabelos escuros que não eram latinos. Os portugueses são latinos? O que é latino? Pergunto-me que tipo de povo vivia em Portugal e na Espanha e na Irlanda e na Grã-Bretanha antigamente, muito antigamente, antes dos romanos, ou dos cartagineses. Antes de todos os outros. Pergunto-me que pensou o primeiro homem a ver o mar ocidental."

Então ele adormeceu, e sonhou. Porém, quando despertou, o sonho desapareceu para além da lembrança, e não deixou história ou imagem para trás, somente a sensação que essas coisas haviam causado: um tipo de sensação que Alboin relacionava a longos nomes estranhos. E ele se levantou. E o verão passou, e ele foi para a escola e continuou a aprender latim.

Também aprendeu grego. E mais tarde, quando tinha seus quinze anos, começou a aprender outros idiomas, especialmente aqueles do Norte: inglês antigo, nórdico, galês, irlandês. Isso não era muito encorajado — nem mesmo por seu pai, que era historiador. Pareciam pensar que latim e grego eram o suficiente para qualquer pessoa; e bastante antiquados, sendo que havia tantos idiomas modernos bem-sucedidos (falados por milhões de pessoas); sem mencionar a matemática e todas as outras ciências.

Mas Alboin gostava do sabor dos idiomas setentrionais mais antigos, tanto quanto gostava de algumas das coisas escritas

neles. Ele veio a saber um pouco sobre história linguística, é claro; descobriu que isso, de qualquer forma, era-lhe empurrado pelos escritores de gramáticas de idiomas "não clássicos". Não que ele fizesse alguma objeção: mudanças sonoras eram um passatempo seu, numa idade em que outros garotos estavam aprendendo sobre as entranhas de automóveis. No entanto, embora Alboin tivesse alguma ideia de quais deveriam ser as relações de idiomas europeus, isso não lhe parecia ser a história completa. Os idiomas de que ele gostava possuíam um sabor definido — e, de certa forma, tinham um sabor similar. Esse sabor também parecia estar de algum modo relacionado à atmosfera das lendas e mitos contados nos idiomas.

Certo dia, quando tinha quase dezoito anos, Alboin se encontrava sentado no estúdio com seu pai. Era outono, e o fim de férias de verão passadas em sua maior parte ao ar livre. As lareiras estavam voltando a ser acesas. De todo o ano, era a época em que o saber livresco era mais atraente (àqueles que de fato realmente gostavam dele). Eles estavam conversando sobre "idiomas". Pois Errol encorajava o filho a falar sobre qualquer coisa em que estivesse interessado; embora secretamente viesse se perguntando há algum tempo se línguas e lendas nórdicas não estavam tomando mais tempo e energia do que o seu valor prático num mundo árduo justificava. "Mas é melhor eu saber o que está se passando, tanto quanto um pai pode saber", pensava ele. "Ele vai seguir em frente, de qualquer forma, se tiver mesmo uma inclinação — e é melhor que não seja inclinada para dentro."

Alboin estava tentando explicar o que sentia a respeito de uma "atmosfera linguística". "Há ecos que chegam, entende", disse ele, "em palavras estranhas aqui e ali — em geral palavras muito comuns em seus próprios idiomas, mas sem qualquer explicação dos etimologistas; e na forma e som gerais de todas

as palavras, de alguma maneira; como se algo estivesse espiando bem abaixo da superfície."

"Não sou filólogo, é claro", disse seu pai; "mas é do meu entendimento que nunca houve muita evidência em favor de se atribuir mudanças linguísticas a um *substrato*. Embora eu suponha que ingredientes subjacentes exerçam uma influência, ainda que não seja fácil de defini-la, na mistura final no caso de povos como um todo, diferentes talentos e temperamentos nacionais, e esse tipo de coisa. Mas raças, e culturas, são diferentes de idiomas."

"Sim", disse Alboin; "mas muito misturados, todos os três uns com os outros. E, afinal, idiomas remontam ao passado através de uma tradição contínua, tanto quanto os outros dois elementos. Com frequência penso que se conhecêssemos os rostos vivos dos ancestrais de qualquer homem, ao longo de um vasto período de tempo, poderíamos descobrir coisas peculiares. Poderíamos descobrir que ele muito claramente tem o nariz, digamos, do bisavô de sua mãe; e, ainda assim, algo sobre o seu nariz, sua expressão ou formato ou como quiser chamá-lo, na verdade vem de muito antes, do, digamos, tataravô de seu pai, ou de alguém ainda mais anterior. Enfim, gosto de voltar ao passado — e não só com raça, ou cultura, ou idioma; mas com todos os três. Gostaria de poder voltar com os três que estão misturados em nós, pai; apenas os simples Errols, com uma casinha na Cornualha no verão. Fico pensando o que se poderia ver."

"Depende do quão longe você voltasse no tempo", disse o Errol mais velho. "Se voltasse ainda antes das Eras Glaciais, imagino que você não encontraria nada por estas bandas; ou, em qualquer caso, uma raça bastante bestial e desgraciosa, e uma cultura de unhas e dentes, e um idioma repulsivo que não lhe ofereceria eco algum, exceto aqueles de barulhos ao se comer."

“Não encontraria?”, indagou Alboin. “É o que me pergunto.”

“Seja como for, você não pode voltar”, disse seu pai; “salvo dentro dos limites prescritos a nós mortais. Você pode voltar de certa forma através do estudo genuíno, do trabalho longo e paciente. É melhor você seguir para a arqueologia assim como para a filologia: devem combinar o suficiente, embora não se unam com muita frequência.”

“Boa ideia”, disse Alboin. “Mas se lembra que, há muito tempo, você disse que eu não era *albino*. Bem, também quero um pouco de mitologia. Quero mitos, não só ossos brancos e pedras.”

“Bem, você pode tê-los! Encare o que vier pela frente!”, disse seu pai, rindo. “Mas, enquanto isso, você tem um trabalho menor com que lidar. O seu latim precisa melhorar (ou foi o que me disseram) para os propósitos escolares. E bolsas de estudo são úteis de diversas maneiras, especialmente para gente como você e eu, que se dedica a assuntos antiquados. Lembre-se que a sua primeira tentativa é neste inverno.”

“Queria que a prosa latina não fosse tão importante”, disse Alboin. “Sou muito melhor com versos.”

“Não vá colocar trechos do seu *eressëano*, ou *latim-élfico*, ou seja lá como o chame, nos seus versos em Oxford. Podem passar pela escansão, mas não passariam na seleção.”

“É claro que não!”, disse o garoto, corando. O assunto era particular demais, mesmo para piadas privadas. “E não vá dar com a língua nos dentes sobre o *eressëano* fora da parceria”, implorou ele; “ou vou desejar nunca ter tocado no assunto.”

“Bem, você se saiu muito bem. Acho que eu jamais teria ficado sabendo do idioma se você não tivesse deixado os seus cadernos no meu estúdio. Ainda assim, não sei muito sobre ele. Mas, meu caro rapaz, eu não sonharia em dar com a língua nos dentes, mesmo que soubesse. Apenas não desperdice tempo

demais com ele. Receio que eu esteja ansioso por causa daquela bol[sa], e não apenas pelos motivos mais elevados. O dinheiro não está muito abundante."

"Ah, faz muito tempo que não faço nada do tipo, ou praticamente nada", disse Alboin.

"Não está indo muito bem, então?"

"Não recentemente. Muitas outras coisas para fazer, acho. Mas recebi várias palavras novas agradáveis há alguns dias: tenho certeza de que *lōmelindë* significa *rouxinol*, por exemplo, e certamente *lōmë* é *noite* (embora não *escuridão*). O verbo ainda não possui muitos detalhes. Mas—". Ele hesitou. A reticência (e uma consciência desassossegada) estavam em pé de guerra com o seu hábito daquilo que chamava de "parceria com o pai", e o seu desejo de revelar o segredo de qualquer forma. "Porém, a dificuldade real é que outro idioma também está chegando. Parece estar relacionado, apesar de ser bastante diferente, muito mais — mais setentrional. *Alda* era uma árvore (uma palavra que recebi há muito tempo); no novo idioma é *galadh*, e *orn*. O Sol e a Lua parecem ter nomes similares em ambos: *Anar* e *Isil* ao lado de *Anor* e *Ithil*. Gosto primeiro de um, depois do outro, com ânimos diferentes. O *beleriândico* é muito atraente; mas complica as coisas."

"Meu Deus!", disse seu pai, "Isso é sério! Respeitarei segredos não solicitados. Mas tenha uma consciência além de um coração, e — ânimos. Ou arranje um ânimo para latim e grego!"

"Eu arranjo. Tive um por uma semana, e estou com um agora; felizmente um para o latim, e para Virgílio em particular. Então aqui nos separamos." Ele se levantou. "Vou ler um pouco. Venho fazer uma visita quando achar que você deve ir dormir." Ele fechou a porta com uma bufada do pai.

Na verdade, Errol não gostou da despedida. A afeição contida nela o enternecia e entristecia. Um casamento tardio o deixara agora à beira da aposentadoria de um pequeno salário como professor rumo a uma pensão menor, justamente quando Alboin estava chegando à idade de ir para a universidade. E ele também era (começara a sentir, e este ano a admitir em seu coração) um homem cansado. Nunca fora um homem forte. Teria gostado de acompanhar Alboin por muito mais tempo naquele caminho, como um pai mais jovem provavelmente teria feito; mas de certo modo achava que não iria muito mais longe. "Maldição", disse a si mesmo, "um garoto dessa idade não deveria pensar nessas coisas, preocupado se o seu pai está descansando o suficiente ou não. Onde está o meu livro?"

Alboin, na antiga sala de jogos, transformada em estúdio secundário, olhava para o escuro lá fora. Não se voltou para os livros por um longo tempo. "Queria que a vida não fosse tão curta", pensou. "Idiomas demandam muito tempo, assim como todas as coisas que queremos saber. E o pater, ele está parecendo cansado. Eu o quero por aqui por muitos anos. Se ele vivesse até os cem anos, eu teria praticamente a idade que ele tem agora, e eu ainda iria querê-lo. Mas ele não viverá até lá. Queria que pudéssemos parar de envelhecer. O pater poderia continuar trabalhando e escrevendo aquele livro sobre o qual costumava falar, a respeito da Cornualha; e poderíamos continuar conversando. Sempre se dispõe, mesmo que não concorde ou compreenda. Raio de *eressëano*. Queria que ele não o tivesse mencionado. Tenho certeza de que sonharei esta noite; e é tão emocionante. O ânimo para o latim vai desaparecer. Ele é muito gentil ao falar do assunto, embora ache que eu esteja inventando tudo isso. Se estivesse, eu pararia para agradá-lo. Mas as

palavras me veem, e simplesmente não posso deixá-las escapulir quando isso acontece. Agora há o beleriândico."

Ao longe, no oeste, a lua montava em nuvens esfarrapadas. O mar brilhava pálido em meio à escuridão, vasto, plano, seguindo até a borda do mundo. "Malditos sejam, sonhos!", disse Alboin. "Deixem-me em paz e me deixem fazer um pouco de trabalho paciente pelo menos até dezembro. Uma bolsa serviria de arrimo ao pater."

Ele encontrou o pai adormecido em sua cadeira às dez e meia. Subiram juntos para irem dormir. Alboin deitou-se e dormiu sem a menor sombra de um sonho. O ânimo para o latim estava a pleno vapor após o café da manhã; e o tempo se aliou à virtude e enviou uma chuva torrencial.

Capítulo II
Alboin e Audoin

Por muito tempo Alboin lembrou-se daquela noite, que marcara a estranha e súbita cessação dos Sonhos. Havia conseguido uma bolsa de estudos (no ano seguinte) e "arrimara o pater". Comportara-se moderadamente bem na universidade — sem muitos assuntos paralelos (pelo menos não o que ele chamava de muitos); embora nem o ânimo para o latim nem o para o grego tenha permanecido constante para sustentá-lo ao longo das "Honour Mods". Os ânimos voltaram, é claro, assim que os exames acabaram. Como era esperado. Ainda assim, ele havia mudado para história, e mais uma vez "arrimara o pater" com uma "primeira classe". E o pater precisara de arrimo. A aposentadoria acabou se mostrando bem diferente de umas férias: ele simplesmente pareceu minguar aos poucos. Ele aguentou apenas o suficiente para ver Alboin em seu primeiro emprego: como professor assistente em uma universidade.

De maneira um tanto desconcertante, os Sonhos recomeçaram pouco antes das "Schools", e foram extraordinariamente intensos nas férias seguintes — as últimas que ele e seu pai passaram juntos na Cornualha. Mas naquela época os Sonhos tomaram um novo rumo durante algum tempo.

Alboin se lembrava de uma das últimas conversas do velho tipo agradável que fora capaz de ter com o pai. Ela lhe vinha claramente à mente agora.

"Como vai o latim-élfico eressëano, garoto?", perguntou seu pai, sorrindo, nitidamente como uma piada, como alguém que se refere de forma jocosa a tolices juvenis há muito expiadas.

"É estranho, mas não tem chegado muito dele ultimamente", respondeu. "Recebi várias coisas diferentes. Algumas ainda não compreendo. Algumas podem ser celtas, de certa forma. Algumas parecem uma forma muito antiga de germânico; pré-rúnico, ou não me chamo Alboin."

O velho sorriu e quase deu uma risada. "Terreno mais seguro, garoto, terreno mais seguro para um historiador. Mas você vai se meter em apuros se revelar os seus segredos entre os filólogos — a não ser, é claro, que corroborem as autoridades já consagradas."

"Na verdade, acho que corroboram", disse ele.

"Conte-me a respeito, se puder fazê-lo sem os seus cadernos", disse seu pai, em tom de provocação.

"Westra lage wegas rehtas, nu isti sa wraithas." Ele mencionou essa frase porque não lhe saíra da cabeça, embora não a compreendesse. É claro, o sentido simples era bastante evidente: *uma rota reta há a oeste, agora está curvada*. Alboin lembrava-se de despertar e ter a sensação de que ela de alguma maneira era muito significativa. "Na verdade, recebi um pouco de anglo-saxão simples na noite passada", prosseguiu. Achou que o anglo-saxão agradaria o pai; era um idioma histórico real,

do qual o velho antigamente sabia bastante. Além disso, o trecho estava muito claro em sua mente, e era o mais longo e mais interligado que recebera até então. Naquela mesma manhã ele acordara tarde, após uma noite repleta de sonhos, e viu-se dizendo os versos. Ele os anotou de pronto, ou teriam desaparecido (como de costume) na hora do café da manhã, mesmo estando em um idioma que ele conhecia. Agora a memória desperta os tinha a salvo.

> "Thus cwæth Ælfwine Wídlást:
> Fela bith on Westwegum werum uncúthra
> wundra and wihta, wlitescéne land,
> eardgeard elfa, and ésa bliss.
> Lýt ænig wát hwylc his longath síe
> thám the eftsíthes eldo getwæfeth."

Seu pai ergueu os olhos e sorriu ao ouvir o nome Ælfwine. Alboin lhe traduziu as linhas; provavelmente não era necessário, mas o velho havia esquecido muitas outras coisas sobre as quais soubera muito mais do que anglo-saxão.

"Assim disse Ælfwine, o mui viajado: 'Há muitas coisas nas regiões do Oeste desconhecidas dos homens, maravilhas e seres estranhos, uma terra bela e agradável, a pátria dos Elfos, e a ventura dos Deuses. Pouco qualquer homem sabe o que é a saudade daquele cuja velhice lhe impede o retorno'."

Arrependeu-se de súbito de ter traduzido os dois últimos versos. Seu pai olhou para cima com uma expressão estranha. "Os velhos sabem", disse ele. "Mas a idade não no impede de partir, de… de *forthsith*. Não há *eftsith*: não podemos voltar. Não precisa me dizer isso. Mas que bom para Ælfwine-Alboin. Você sempre soube compor versos."

Maldição — como se ele pudesse inventar algo daquele tipo, e para acabar contando ao pai, praticamente em seu leito de

morte. De fato, seu pai havia morrido durante o inverno seguinte.

De modo geral, ele fora mais afortunado do que o pai; de muitas maneiras, com exceção de uma. Conseguira uma cátedra de história razoavelmente cedo; mas perdera a esposa, como seu pai havia perdido, e fora deixado com um único filho quando tinha apenas vinte e oito anos.

Comparado a outros, talvez fosse um professor muito bom. Apenas em uma pequena universidade do sul, é claro, e ele não achava que seria transferido. Seja como for, ele não estava cansado de ser um; e história, e até mesmo ensiná-la, ainda parecia interessante (e razoavelmente importante). Ele cumpria o seu dever, pelo menos, ou esperava que sim. Os limites eram um pouco vagos. Pois, é claro, ele continuara com as outras coisas, lendas e idiomas — um tanto estranhas para um professor de história. Porém, era essa a situação: ele era razoavelmente versado nesses saberes livrescos, embora boa parte deles se encontrasse além das fronteiras profissionais.

E os Sonhos. Eles iam e vinham. Contudo, ultimamente vinham ficando mais frequentes, e mais — absorventes. Mas ainda eram provocantemente linguísticos. Nenhuma história, nenhuma imagem recordada; somente a sensação de que vira e ouvira coisas que queria ver, muitíssimo, e de que daria tudo para ver e ouvir de novo — e esses fragmentos de palavras, frases e versos. O eressëano, como ele chamava o idioma quando era garoto — embora não conseguisse lembrar por que tinha certeza de que aquele era o nome apropriado —, estava se tornando bastante completo. Também recebera muito beleriândico, e estava começando a compreendê-lo e a sua relação com o eressëano. E recebera diversos fragmentos inclassificáveis, cujo significado em muitos casos ele

desconhecia, por se esquecer de anotá-lo enquanto sabia. E trechos em idiomas reconhecíveis. Estes podiam ser interpretados, é claro. Mas, mesmo assim, nada podia ser feito a respeito deles: nenhuma publicação ou algo do tipo. Ele tinha uma estranha sensação de que não eram essenciais: apenas lapsos de esquecimento ocasionais que assumiam uma forma linguística devido a alguma peculiaridade de seu feitio mental. O ponto era a sensação que os Sonhos traziam com insistência cada vez maior, e que se fortalecia com uma aliança com as ocupações profissionais ordinárias de sua mente. Ao examinar os últimos trinta anos, ele sentia que podia dizer que o seu ânimo mais permanente, ainda que com frequência encoberto ou suprimido, fora desde a infância o desejo de *voltar*. De caminhar pelo Tempo, talvez, como homens caminham por longas estradas; ou de examiná-lo, como homens podem ver o mundo de uma montanha, ou a terra como um mapa vivo abaixo de uma aeronave. Mas, em todo caso, de ver com olhos e ouvir com ouvidos: de ver a disposição de terras antigas e até mesmo esquecidas, de contemplar homens antigos caminhando, e de ouvir seus idiomas ao serem falados, nos dias antes dos dias, quando línguas de linhagens esquecidas eram ouvidas em reinos há muito caídos às margens do Atlântico.

No entanto, tampouco algo podia ser feito a acerca desse desejo. Muitos anos antes, ele costumava ser capaz de falar a respeito, um pouco e sem muita seriedade, com seu pai. Mas por um longo tempo ele não teve com quem conversar a respeito desse tipo de coisa. Porém, agora havia Audoin. Ele estava crescendo. Tinha dezesseis anos.

Ele havia dado ao filho o nome de Audoin, revertendo a ordem lombarda. Parecia apropriado. Seja como for, o nome pertencia à mesma família, e combinava com o seu próprio nome. E era um tributo à memória de seu pai — outra razão

para abrir mão do anglo-saxão Eadwine, ou mesmo do comum Edwin. Audoin tornara-se notavelmente similar a Alboin, até onde podia se lembrar do jovem Alboin, ou penetrar o exterior do jovem Audoin. Seja como for, ele parecia interessado nas mesmas coisas, e fazia as mesmas perguntas; embora com muito menos inclinação para palavras e nomes, e mais para coisas e descrições. Ao contrário do pai, ele sabia desenhar, mas não era bom com "versos". Ainda assim, é claro, ele enfim acabou perguntando por que fora chamado de Audoin. Parecia feliz por ter escapado de Edwin. Mas a questão do significado não fora tão fácil de ser respondida. Amigo da fortuna, não? Ou do destino, da sorte, da riqueza, da ventura? Qual?

"Gosto de *Aud*", dissera o jovem Audoin — tinha então treze anos —, "se significa tudo isso. Um bom início para um nome. Fico pensando como eram os lombardos. Todos tinham longas barbas?"

Alboin espalhara histórias e lendas por toda a infância de Audoin, como que demarcando uma trilha, embora não tivesse certeza de que trilha ou para onde levava. Audoin era um ouvinte voraz, assim como (recentemente) um leitor. Alboin ficava muito tentado a compartilhar seus próprios segredos linguísticos com o garoto. Eles podiam ao menos ter alguma diversão particular. Porém, ele conseguia se solidarizar com o próprio pai agora — havia um limite para o tempo. Garotos tinham muito a fazer.

Enfim, pensando em coisas felizes, Audoin voltaria de escola no dia seguinte. As provas já haviam quase terminado naquele ano para ambos. O lado dos que tinham que fazer as correções sem dúvida era o mais complicado (pensava o professor), mas ele finalmente estava quase se vendo livre. Pai e filho partiriam para o litoral em alguns dias, juntos.

Certa noite, Alboin estava mais uma vez deitado em um quadro numa casa à beira-mar: não a casinha de sua juventude, mas era o mesmo mar. Era uma noite tranquila, e a água jazia como uma vasta planície de pedras lascadas e polidas, petrificada sob a luz fria da Lua. O caminho do luar ia da praia até o limite da visão.

Ele não conseguia dormir, embora ansiasse pelo sono. Não para descansar — não estava cansado; mas por causa do Sonho da noite passada. Alboin esperava completar um fragmento que chegara vividamente aquela madrugada. Ele o tinha à mão em um caderno ao lado da cama; não que fosse provável que esquecesse o fragmento depois de tê-lo anotado.

arsaurontūlenahamna…	*lantierturkildi*
e ? veio ? …	caíram ?

unuhuine …	*tarkalionohtakārevalannar …*
sob-Sombra … ?	guerra-fez aos-Poderes …

herunūmenilu terhante …	*ilūvatāren …*	*ëari*
Senhor-do-Oestemundo partiu …	de-Ilúvatar …	mares

ullier	*kilyanna …*	*nūmenōreataltane …*
verteram	em-Abismo …	Númenor caiu …

Então parecera haver uma longa lacuna.

… malle	tēra	lendenūmenna	ilya	sī maller
… rota	reta	ia para Oeste	todas	agora rotas

raikar	*turkildi rōmenna …*	*nuruhuine mel-lumna*
curvadas . . . . . ?	para leste …	sombra-da-Morte nos-é-pesada

… vahāya sin atalante.
… distante agora?

Havia uma ou duas palavras aqui, das quais queria descobrir o significado: escapara-lhe antes que pudesse anotá-lo naquela manhã. Provavelmente eram nomes: *tarkalion* era quase certamente o nome de um rei, pois *tār* era comum em nomes régios. Era curiosa a frequência com que os trechos lembrados repisavam o tema de uma "rota reta". O que era *atalante*? Parecia significar *ruína* ou *queda*, mas também parecia ser um nome.

Alboin sentia-se inquieto. Saiu da cama e foi até a janela. Lá permaneceu por muito tempo, olhando para o mar; e, de pé ali, sentiu um vento gelado soprar do Oeste. Lentamente, por sobre a borda sombria onde o céu encontrava-se com o mar, nuvens ergueram suas imensas cabeças, e assomavam-se estendendo vastas asas, ao sul e ao norte.

"Elas parecem as águias do Senhor do Oeste chegando sobre Númenor", disse em voz alta, e sobressaltou-se. Não tivera a intenção de dizer palavra alguma. Por um momento ele sentira a aproximação de um grande desastre há muito previsto. Agora a lembrança se agitava, mas não podia ser apreendida. Alboin estremeceu. Voltou para a cama e deitou-se, pensativo. Foi tomado de repente pelo velho desejo. Vinha crescendo de novo

por um longo tempo, mas não o sentira daquela forma, uma sensação tão vívida quanto a fome ou a sede, há anos, não desde que tinha por volta da idade de Audoin.

"Queria que existisse uma 'Máquina-do-tempo'", disse em voz alta. "Mas o Tempo não será conquistado por máquinas. E eu deveria voltar, não ir adiante; e creio que para trás seria mais possível."

As nuvens tomaram o céu, e o vento soprou mais forte; e em seus ouvidos, ao enfim adormecer, havia um rugido nas folhas de muitas árvores, e um rugido de longas ondas sobre a costa. "A tempestade está chegando a Númenor!", disse ele, e partiu do mundo desperto.

Num amplo lugar sombrio, ele ouviu uma voz.

"Elendil!", disse a voz. "Alboin, aonde vagas?"

"Quem é você?", respondeu ele. "E onde está?"

Uma figura sombria apareceu, como que descendo uma escada invisível em sua direção. Por um momento, ocorreu a Alboin que aquele rosto, que mal podia ver, lembrava-lhe o de seu pai.

"Estou contigo. Eu era de Númenor, o pai de muitos pais antes de ti. Sou Elendil, que é em eressëano "Amigo-dos-Elfos", e muitos foram assim chamados desde então. Podes realizar o teu desejo."

"Que desejo?"

"Aquele há muito oculto e sussurrado: o de voltar."

"Mas não é possível, mesmo que eu assim o queira. É contra a lei."

"É contra a *regra*. Leis são ordens sobre a vontade e são obrigatórias. Regras são condições; elas podem possuir exceções."

"Mas há mesmo uma exceção que seja?"

“Regras podem ser rígidas, porém são os meios, e não fins, da governança. Há exceções; pois há aquilo que governa e está acima das regras. Vê, é pelas fendas na muralha que a luz atravessa, donde os homens tomam ciência da luz e nela percebem a muralha e como ela se ergue. O véu é urdido, e cada fio segue um curso designado, delineando um padrão; contudo, o tecido não é impenetrável, ou o padrão não poderia ser adivinhado; e se o padrão não fosse adivinhado, o véu não seria percebido, e tudo jazeria nas trevas. Mas essas são antigas parábolas, e não vim para falar de tais coisas. O mundo não é uma máquina que faz outras máquinas à maneira de Sauron. A cada um sob a regra algum destino único é concedido, e ele é eximido daquilo que é uma regra para outros. Pergunto se gostarias de realizar teu desejo.”

“Eu gostaria.”

“Não perguntas como ou sob quais condições.”

“Não creio que eu compreendesse como, e não me parece necessário. Em regra, seguimos adiante, mas não sabemos como. Mas quais são as condições?”

“De que a rota e as paradas são prescritas. De que não podes retornar por tua própria vontade, mas somente (caso ocorra) conforme possa ser determinado. Pois não serás como alguém ao ler um livro ou ao se olhar num espelho, mas como alguém ao caminhar em meio a um perigo real. Ademais, não hás de te aventurar sozinho.”

“Então não me aconselha a aceitar? Quer que eu recuse por medo?”

“Não aconselho, nem sim, nem não. Não sou um conselheiro. Sou um mensageiro, uma voz permitida. O desejo e a escolha cabem a ti.”

“Mas não compreendo as condições, pelo menos não a última. Preciso compreender todas com clareza.”

“Deves, se escolheres voltar, levar contigo Herendil, que é em outra língua Audoin, teu filho; pois és os ouvidos e ele é os olhos. Mas não podes pedir que ele seja protegido das consequências da tua escolha, salvo como tua própria vontade e coragem possam obrar.”

“Mas posso pedir a ele, se ele estiver disposto?”

“Ele diria sim, pois te ama e é destemido; mas isso não determinaria a tua escolha.”

“E quando eu, ou nós, podemos voltar?”

“Quando tiveres feito a tua escolha.”

A figura ascendeu e recuou. Ouviu-se um rugido como o de mares caindo de uma grande altura. Alboin ainda podia ouvir o tumulto ao longe, mesmo após os seus olhos despertos terem percorrido o quarto na luz cinzenta da manhã. Soprava uma ventania vinda do oeste. As cortinas da janela aberta estavam encharcadas, e o quarto estava repleto de vento.

Ele se sentou em silêncio à mesa do café da manhã. Seus olhos iam seguidamente para o rosto do filho, observando as suas expressões. Perguntou-se de Audoin já tivera quaisquer Sonhos. Nada que deixasse alguma lembrança, aparentemente. Audoin parecia estar animado, e sua própria conversa lhe foi suficiente, durante algum tempo. Porém, ele acabou notando o silêncio do pai, incomum mesmo no café da manhã.

“Você parece abatido, pai”, disse ele. “Há algum problema complicado lhe incomodando?”

“Sim — bem, não, não de verdade”, respondeu Alboin. “Acho que eu estava pensando, entre outras coisas, que era um dia sombrio, e um fim não muito bom para as férias. O que você vai fazer?”

“Ora essa!”, exclamou Audoin. “Pensei que você adorava o vento. Eu adoro. Especialmente um bom e velho vento do Oeste.

Vou caminhar na praia."

"Algum motivo?"

"Não, nada especial — apenas o vento."

"Bem, e o que tem esse vento maldito?", disse Alboin, inexplicavelmente irritado.

O garoto ficou acabrunhado. "Não sei", disse ele. "Mas gosto de ficar nele, especialmente à beira-mar; e achei que você gostava." Fez-se silêncio.

Passado algum tempo, Audoin voltou a falar, um tanto hesitante. "Você se lembra daquele dia nos rochedos perto de Predannack, quando aquelas nuvens estranhas surgiram ao entardecer e o vento começou a soprar?"

"Sim", respondeu Alboin, num tom desencorajador.

"Bem, você disse quando chegamos em casa que pareciam lhe lembrar de algo, e que o vento parecia soprar através de você, como, como, uma lenda que não consegue agarrar. E você sentiu, de volta à quietude, como se tivesse escutado uma longa história, que o deixou empolgado, apesar de tê-lo deixado absolutamente sem *qualquer* imagem dela."

"Senti?", perguntou Alboin. "Consigo me lembrar de sentir muito frio, e de ficar feliz de voltar para uma lareira." Ele se arrependeu de imediato do que disse, e sentiu-se envergonhado. Pois Audoin nada mais disse, embora tivesse certeza de que o garoto estivera criando uma abertura para dizer algo mais, algo em que vinha pensando. Mas não pôde evitar. Ele não conseguiria falar a respeito de tais coisas naquele dia. Alboin estava com frio. Queria paz, não vento.

Logo após o café da manhã Audoin saiu, anunciando que faria uma caminhada longa, e que não estaria de volta antes da hora do chá. Alboin não foi junto. Durante todo o dia a visão da noite passada permaneceu com ele, algo diferente da classe usual de sonhos. Além disso, era (para ele) curiosamente não

linguística — embora estivesse claramente relacionada, pelo nome Númenor, aos seus sonhos de idiomas. Não sabia dizer se conversara com Elendil em eressëano ou em inglês.

Andava inquieto pela casa. Livros não eram lidos, e cachimbos não eram fumados. O dia escapuliu de suas mãos, sendo desperdiçado sem nenhum propósito. Não viu o filho, que sequer apareceu para o chá, como prometera em parte. Parecia que estava escurecendo cedo demais.

Ao final da tarde, Alboin sentou-se em sua poltrona junto à lareira. "Temo essa escolha", disse a si mesmo. Não tenho dúvidas de que havia de fato uma escolha a ser feita. Ele teria de escolher, de um jeito ou de outro, não importando como representasse o fato a si mesmo. Mesmo que repudiasse o Sonho como o que é chamado de "um mero sonho", seria uma escolha — uma escolha equivalente a *não*.

"Não consigo me decidir pelo *não*", pensou ele. "Acho, tenho quase certeza, de que Audoin diria *sim*. E ele saberá de minha escolha mais cedo ou mais tarde. Está ficando cada vez mais difícil esconder dele meus pensamentos: somos parecidos demais, de muitas maneiras além do sangue, para segredos. O segredo se tornaria insuportável, caso eu tentasse mantê-lo. Meu desejo seria intensificado pela sensação de *eu poderia ter feito*, e se tornaria intolerável. E Audoin provavelmente sentiria que eu teria lhe privado por medo.

"Mas é perigoso, temerário ao extremo — ou assim fui advertido. Não me preocupo comigo. Mas com Audoin. Porém, o perigo é maior do que a paternidade deixa antever? É temerário vir ao mundo em qualquer ponto do Tempo. No entanto, sinto a sombra desse perigo pesar ainda mais. Por quê? Porque é uma exceção às regras? Ou estou experimentando uma escolha já feita: o perigo da paternidade repetida? Ser pai duas vezes da mesma pessoa daria o que pensar. Talvez eu já esteja

voltando. Não sei. É o que me pergunto. A paternidade é uma escolha e, no entanto, não é de todo pela vontade de um homem. Talvez esse perigo seja minha escolha, e talvez também esteja além da minha vontade. Não sei. Está escurecendo. Como o vento está fazendo barulho. Há uma tempestade sobre Númenor." Alboin adormeceu na poltrona.

Ele estava subindo degraus, cada vez mais alto numa montanha elevada. Sentia, e achava que podia ouvir, Audoin seguindo-o, subindo atrás dele. Deteve-se, pois de alguma forma parecia que ele estava mais uma vez no mesmo lugar da noite anterior, embora não conseguisse enxergar figura alguma.

"Escolhi", disse ele. "Voltarei com Herendil."

Então ele se deitou, como que para descansar. "Boa noite!", murmurou, virando-se um pouco. "Durma bem, Herendil! Partiremos quando a convocação chegar."

"Escolheste", disse uma voz acima dele. "A convocação está próxima."

Então Alboin pareceu cair numa treva e num silêncio, profundos e absolutos. Era como se tivesse deixado o mundo por completo, onde todo silêncio encontra-se às margens do som, e é repleto de ecos, e onde todo descanso é somente o repouso de algum movimento maior. Ele havia deixado o mundo e ido para fora. Estava calado e inerte: um ponto.

Ele estava suspenso; mas lhe estava claro que bastaria desejar e ele se moveria.

"Para onde?" Ele teve ciência da pergunta, mas não como uma voz vinda de fora, nem como uma dentro de si mesmo.

"Para qualquer lugar que seja designado. Onde está Herendil?"

"Esperando. O movimento é teu."

"Vamos em frente!"

Audoin caminhava, mantendo o mar à vista tanto quanto possível. Almoçou em uma estalagem, e então seguiu caminhando, para mais longe do que pretendera. Desfrutava o vento e a chuva, mas ainda assim estava tomado por uma curiosa inquietação. Havia algo de estranho com seu pai naquela manhã.

"Que decepcionante", disse a si mesmo. "Eu particularmente queria fazer uma longa caminhada com ele hoje. Conversamos melhor caminhando, e realmente preciso ter uma chance de lhe contar sobre os Sonhos. Consigo falar sobre esse tipo de coisa com meu pai, se os dois ficarem dispostos juntos. Não que em geral ele seja difícil — mas é raro ficar como hoje. Ele costuma tratar a pessoa da maneira como ela age: com gracejos ou a sério; não mistura as duas coisas, nem ri nos momentos inapropriados. Nunca o vi tão indiferente."

Ele seguiu caminhando. "Sonhos", pensou ele. "Mas não do tipo comum, e sim bem diferentes: muito vívidos; e embora nunca se repitam de fato, todos se encaixam gradualmente em uma história. Porém, num tipo de história-fantasma sem explicação. Apenas imagens, mas sem nenhum som, nenhuma palavra. Navios chegando à terra. Torres no litoral. Batalhas, com espadas cintilantes, mas silenciosas. E há aquela imagem ominosa: o grande templo na montanha, fumegando como um vulcão. E aquela visão terrível do abismo nos mares, uma terra inteira deslizando de lado, montanhas rolando; navios escuros escapando para dentro das trevas. Quero contar a alguém sobre essas imagens, e dar algum tipo de sentido a elas. O pai ajudaria: poderíamos criar uma boa história juntos baseada nisso. Se eu soubesse ao menos o nome do lugar, o pesadelo se transformaria em uma história."

A escuridão começou a descer muito antes de ele voltar para casa. "Espero que o pai tenha tido tempo suficiente consigo mesmo e esteja conversador esta noite", pensou ele. "Fora uma

caminhada, o melhor lugar para discutir sonhos é junto à lareira.” Já era noite quando ele subiu o caminho e avistou a luz na sala de estar.

Encontrou o pai sentado junto ao fogo. A sala parecia muito parada e silenciosa — e quente demais após um dia ao ar livre. Alboin estava sentado, com a cabeça apoiada num braço. Seus olhos estavam fechados. Ele parecia adormecido. Não fez qualquer sinal.

Audoin estava saindo em silêncio da sala, tomado de desapontamento. Não havia nada a ser feito além de ir mais cedo para a cama, e talvez ter mais sorte do dia seguinte. Ao chegar na porta, pensou ter ouvido a poltrona ranger, e então a voz do pai (muito distante e num tom um tanto estranho) murmurar algo: soava como *herendil*.

Ele estava acostumado a palavras e nomes estranhos escapulirem de seu pai em murmúrios. Por vezes seu pai contava uma longa história em torno deles. Ele se voltou, esperançoso.

“Boa noite!”, disse Alboin. “Durma bem, Herendil! Partiremos quando a convocação chegar.” Então encostou a cabeça na poltrona.

“Sonhando”, pensou Audoin. “Boa noite!”

E ele saiu, adentrando uma escuridão súbita.

Comentário aos Capítulos I e II

A biografia de Alboin esboçada nesses capítulos é em muitos aspectos baseada na própria vida de meu pai — embora Alboin não fosse um órfão, e meu pai não fosse viúvo. Datas escritas a lápis na folha de rosto do manuscrito reforçam o elemento altamente biográfico: Alboin nasceu em 4 de fevereiro de (1891 >) 1890, dois anos antes de meu pai. Audoin nasceu em setembro de 1918.

“Honour Mods.” (isto é, As “Honour Moderations”), mencionada no início do Capítulo II, é o primeiro dos dois exames aplicados em Letras Clássicas em Oxford, após dois anos (ver Humphrey

Carpenter, *Biografia*, p. 90); “Schools”, na mesma passagem, é um nome do exame final de Oxford em todas as matérias.

O nome do pai de Alboin, *Oswin*, é “significativo”: ós “deus” e *wine* “amigo” (ver IV. 241, 247); o pai de Elendil era *Valandil* (p. 76). Deve-se permitir que haja uma possibilidade de que *Errol* esteja associado de alguma maneira a *Eriol* (o nome dos Elfos para Ælfwine, o marinheiro, IV. 206).[b]

A lenda lombarda

Os lombardos (“longas-barbas”: latim *Langobardi*, inglês antigo *Long-beardan*) eram um povo germânico renomado por sua ferocidade. De seus lares ancestrais na Escandinávia eles rumaram para o sul, mas se sabe muito pouco acerca de sua história antes de meados do século VI. Naquela época, o seu rei era *Audoin* [Audoíno], a forma de seu nome na *Historia Langobardorum*, escrita pelo erudito Paulo, o Diácono, que morreu por volta de 790. *Audoin* e o nome em inglês antigo Éadwine (posteriormente *Edwin*) apresentam uma correspondência exata, são historicamente o mesmo nome (o inglês antigo ē*a* derivou do ditongo original *au*). Quanto ao significado de ē*ad*, ver p. 59, e cf. Éadwine como um nome para os Noldor em inglês antigo, IV. 246–47.

O filho de Audoin era *Alboin* [Alboíno], que mais uma vez corresponde exatamente ao inglês antigo *Ælfwine* (*Elwin*). A história que Oswin Errol contou ao filho (p. 49) é conhecida pela obra de Paulo, o Diácono. Na grande batalha entre os lombardos e outro povo germânico, os gépidas, Alboíno, filho de Audoíno, matou Turismodo, filho do rei gépida Turisindo, em combate singular; e quando os lombardos retornaram para casa após a vitória, pediram a Audoíno que desse ao filho a distinção de um companheiro de sua mesa, visto que fora pelo valor dele que saíram vitoriosos. Mas isso Audoíno não quis fazer, pois, disse ele, “não é o costume entre nós que o filho do rei se sente com o pai antes de primeiro ter recebido armas do rei de algum outro povo”. Quando Alboíno ouviu isso, partiu com quarenta jovens dos lombardos e foi até o rei Turisindo para lhe pedir esta honraria. Turisindo o recebeu, convidou-o para o

banquete e o sentou à sua direita, onde seu finado filho Turismodo costumava sentar-se.

Porém, no decorrer do banquete, Turisindo começou a pensar na morte do filho e, vendo Alboíno, seu assassino, no mesmo lugar, seu pesar veio à tona em palavras: "Muito me é agradável o assento", disse ele, "mas difícil é olhar para aquele que se senta nele". Instigado por essas palavras, o segundo filho do rei, Cunimundo, começou a injuriar os convidados lombardos; insultos foram trocados de ambos os lados, e espadas foram agarradas. No entanto, quando estavam quase chegando às vias de fato, Turisindo saltou da mesa, colocou-se entre os gépidas e os lombardos e ameaçou punir o primeiro homem que começasse a luta. Assim, ele acalmou a querela; e, tomando as armas de seu finado filho, entregou-as a Alboíno, e o enviou de volta em segurança ao reino de seu pai.

Há um consenso de que por trás dessa história em prosa latina de Paulo, o Diácono, assim como também por trás de sua história da morte de Alboíno, há uma balada heroica: o vestígio mais antigo desse tipo de poesia germânica que possuímos.

Audoíno morreu cerca de dez anos após a batalha, e Alboíno tornou-se rei dos lombardos em 565. Uma segunda batalha foi travada contra os gépidas, na qual Alboíno matou o rei deles, Cunimundo, e fez da filha deste, Rosamunda, prisioneira. Na Páscoa de 568, Alboíno partiu visando conquistar a Itália; e em 572 foi assassinado. Na história contada por Paulo, o Diácono, em um banquete em Verona Alboíno deu à sua rainha Rosamunda vinho para beber em uma taça feita do crânio do rei Cunimundo, e a convidou para beber alegremente com o seu pai ("e se isso parecer a alguém impossível", escreveu Paulo, "afirmo que falo a verdade em Cristo: vi o príncipe [Radgisl] com essa mesma taça na mão em um dia de festividade e a mostrando àqueles sentados à mesa com ele").

Aqui Oswin Errol encerrou a história, e não contou ao filho como Rosamunda se vingou. O resultado de suas maquinações foi que Alboíno foi assassinado em sua cama, e seu corpo foi enterrado "na subida da escadaria que fica próxima ao palácio", em meio a grande lamentação por parte dos lombardos. Seu túmulo foi aberto na época de Paulo, o Diácono, por Gilberto *dux Veronensium*, que tomou a

espada de Alboíno e outros petrechos que foram enterrados com ele; “donde costumava gabar-se ao ignorante com sua vanidade de que vira Alboíno face a face”.

A fama desse rei formidável era tamanha que, nas palavras de Paulo, “mesmo em nossos dias, entre os bávaros e os saxões e outros povos de fala afim, sua generosidade e renome, seu sucesso e coragem na guerra são celebrados nas canções deles”. Uma evidência extraordinária desse fato encontra-se no antigo poema inglês *Widsith*, onde ocorrem os seguintes versos:

> Swylce ic wæs on Eatule mid Ælfwine:
> se hæfde moncynnes mine gefræge
> leohteste hond lofes to wyrcenne,
> heortan unhneaweste hringa gedales,
> beorhta beaga, beam Eadwines.

(Eu estava na Itália com Alboíno: de todos os homens de quem já ouvi falar ele tinha a mão mais prestes para feitos de louvor, o coração menos avaro ao presentear anéis, braceletes reluzentes, o filho de Audoíno.)[c]

Na carta de meu pai de 1964 (citada nas pp. 13–4), ele escreveu como se tivesse sido sua intenção encontrar uma das primeiras encarnações do pai e do filho na história lombarda: “Começava com uma afinidade de pai e filho entre Edwin e Elwin do presente e deveria retornar à época lendária através de um Eädwine e Ælfwine por volta de 918 d.C., *e Audoin e Alboin das lendas lombardas…*”. Mas não há indicação de que na época essa era mais do que uma ideia passageira; ver abaixo, pp. 94–5.

Os dois ingleses chamados Ælfwine (p. 50). O filho mais novo do Rei Alfredo era chamado Etelverdo [Æthelweard], e foi registrado no século XII pelo historiador Guilherme de Malmesbury que os filhos de Etelverdo, Elfwine [Ælfwine] e Etelwine [Æthelwine], tombaram na batalha de Brunanburh em 937.

Anos mais tarde, meu pai celebrou o Ælfwine que morreu em Maldon em *O Regresso de Beorhtnoth*, onde Torhthelm e Tídwald

encontram o seu corpo entre os mortos: “E Ælfwine está aqui: barba que mal brota e não se bate mais”.

A referência de Oswin Errol a um “substrato” (p. 52). Colocado de maneira muito simples, a teoria do substrato atribui grande importância, como uma explicação para as mudanças linguísticas, à influência exercida em uma língua quando um povo abandona a sua própria fala e adota outra; pois tal povo mantém os seus modos habituais de articulação e os transfere para a nova língua, criando assim um substrato subjacente. Logo, diferentes substratos que atuam sobre uma língua muito difundida em diferentes áreas são considerados uma causa fundamental de mudanças fonéticas divergentes.

Os versos em inglês antigo de Ælfwine Wídlást (p. 57). Esses versos, em forma idêntica, a não ser por certas características da grafia, foram usados nas folhas de rosto do *Quenta Silmarillion* (p. 240); ver também p. 127.

Nomes e palavras em idiomas élficos. No decorrer de todo o texto, o termo *eressëano* foi uma substituição de *númenóreano*. Compare-se talvez QdN II, §2: “Contudo, eles [os Númenóreanos] adotaram a fala dos Elfos do Reino Abençoado, como era e é em Eressëa”. O termo “latim-élfico”, aplicado por Alboin ao “eressëano” (pp. 54, 56), é encontrado no *Lhammas* (p. 203). Lá ele se refere à fala arcaica da Primeira Gente dos Elfos (os Lindar), que “se tornou fixa cedo… como um idioma de alta fala e de escrita, e como uma fala comum entre todos os Elfos; e todo o povo de Valinor aprendia e sabia esse idioma”. Era chamada de *qenya*, a língua élfica, *tarquesta*, alta-fala, e *parmalambë*, a língua dos livros. Mas não é explicado em *A Estrada Perdida* por que Alboin deveria ter chamado o idioma que lhe “chegara” por esse termo.

Amon-ereb (p. 51): o rascunho dessa passagem possuía *Amon Gwareth*, alterado mais de uma vez e terminando com *Amon Thoros*. *Amon Ereb* (o Monte Solitário) é encontrado nos *Anais de Beleriand* (p. 171, anal 340) e em QS §113.

"Nas costas de *Beleriand*" (p. 51): o rascunho possui aqui "nas rochas da *Falassë*". A forma *Falassë* ocorre no mapa IV do *Ambarkanta* (IV. 293).

"*Alda* era uma árvore (uma palavra que recebi há muito tempo)" (p. 54). *Alda* "árvore" é encontrada no "dicionário" mais antigo (I. 301), onde também ocorre a palavra *lómë*, que Alboin também menciona aqui, com os significados de "ocaso, treva, escuridão" (I. 308).

Anar, Isil e *Anor*, *Ithil* (p. 54): em QS §75, os nomes do Sol e da Lua dados pelos Deuses são Úrin e *Isil* e, pelos Elfos, *Anar* e *Rana* (ver o comentário àquela passagem).

O fragmento eressëano acerca da Queda de Númenor e da Rota Reta (pp. 60–1) é um pouco diferente no texto do rascunho:

> *Ar Sauron lende nūmenorenna… lantie nu huine… ohtakárie valannar… manwe ilu terhante. eari lantier kilyanna nūmenor atalante… malle tēra lende nūmenna, ilya si maller raikar. Turkildi rómenna… nuruhuine me lumna.*
> *E Sauron chegou a-Númenor… caiu sob Sombra… guerra-fez aos-Poderes... ? ? partiu. mares caíram no-Abismo. Númenor tombou. rota reta ia para oeste, todas agora rotas curvadas. ? para leste. Sombra-da-morte nos é-pesada.*

O nome *Tar-kalion* não está presente aqui, mas *Sauron* sim (ver p. 9), e é interpretado como sendo um nome. De forma mais notável, essa versão possui *manwe* (que Alboin não conseguiu interpretar) no lugar de *herunūmen* "Senhor-do-Oeste" da posterior; ver a respeito na p. 92.

Quanto ao nome *Herendil* (= Audoin, Eadwine), ver as *Etimologias*, radical KHER.

(ii)
Os capítulos númenóreanos

Meu pai disse em sua carta de 1964 sobre o assunto que "em minha *história chegaríamos por fim* a Amandil e Elendil, líderes do partido

leal em Númenor, quando esta caiu sob o domínio de Sauron". No entanto, está claro que ele só chegou a esse conceito *após* a narrativa existente em sua maior parte estar escrita, ou mesmo levada até o ponto em que foi abandonada. No final do Capítulo II, a história númenóreana obviamente está prestes a começar, e os capítulos númenóreanos foram originalmente numerados de forma contínua com os de abertura. Por outro lado, a decisão de adiar Númenor e torná-la a conclusão e o clímax do livro já havia sido tomada quando *A Estrada Perdida* foi para a Allen & Unwin em novembro de 1937.

Como o episódio númenóreano foi deixado inacabado, este é um ponto conveniente para mencionar uma anotação que meu pai presumivelmente fez enquanto a história estava em andamento. A anotação diz que, quando a primeira "aventura" (isto é, Númenor) acaba, "Alboin ainda se encontra precisamente em sua poltrona, e Audoin está acabando de fechar a porta".

Com o adiamento de Númenor, os números dos capítulos foram alterados, mas isso não tem importância e, portanto, numero estes como "III" e "IV"; eles não possuem títulos. Neste caso achei mais conveniente anotar o texto com notas numeradas.

Capítulo III

Elendil estava caminhando em seu jardim, mas não para admirar a beleza deste à luz do entardecer. Ele estava preocupado e sua mente estava voltada para dentro. Sua casa, com sua torre branca e telhado dourado, brilhava às suas costas ao pôr do sol, mas seus olhos estavam no caminho diante de seus pés. Ele estava descendo até a praia, para banhar-se nas lagoas azuis da angra além de onde terminava o jardim, como era o seu costume naquela hora. E também esperava encontrar seu filho Herendil lá. Era chegada a hora em que deveria falar com ele.

Chegou por fim à grande sebe de *lavaralda*[1] que cercava o jardim em sua extremidade inferior, a oeste. Era uma visão familiar, mas os anos não podiam lhe diminuir a beleza. Fazia sete dozenas de anos[2] ou mais desde que a plantara

pessoalmente ao planejar o seu jardim antes do casamento; e ele agradecera a sua boa sorte. Pois as sementes tinham vindo de Eressëa no Oeste distante, de onde navios chegavam raras vezes já naqueles dias, e agora não vinham mais. Mas o espírito daquela terra abençoada e de seu belo povo ainda permanecia nas árvores que haviam crescido daquelas sementes: suas longas folhas verdes eram douradas na parte de baixo, e quando uma brisa vinda da água as agitava, elas sussurravam com um som de muitas vozes baixas, e reluziam como raios de sol nas ondas encrespadas. As flores eram claras com um resplendor amarelo, densamente agrupadas nos galhos como neve iluminada pelo sol; e seu odor tomava conta de todo o jardim inferior, tênue, mas distinto. Marinheiros antigamente diziam que o perfume da *lavaralda* podia ser sentido no ar muito antes de a terra de Eressëa ser avistada, e que ele causava um desejo de descanso e grande contentamento. Elendil vira as árvores em flor dia após dia, pois elas deixavam de florir apenas muito raramente. Mas agora, de repente, ao passar, o perfume o atingiu com uma fragrância potente, ao mesmo tempo conhecida e totalmente estranha. Pareceu por um momento jamais tê-la sentido: penetrou as preocupações de sua mente, desconcertante, trazendo não um contentamento familiar, mas uma nova inquietação.

"Eressëa, Eressëa!", disse ele. "Queria estar lá; e não ter sido destinado a habitar em Númenor[3] a meio caminho entre os mundos. E menos ainda nestes dias de perplexidade!"

Ele passou por baixo de um arco de folhas brilhantes, e desceu depressa os degraus talhados nas rochas até a praia branca. Elendil olhou à sua volta, mas não conseguia ver o filho. Uma imagem surgiu em sua mente do corpo branco de Herendil, forte e belo no início da idade adulta, cortando a água, ou

deitado na areia reluzindo ao sol. Mas Herendil não estava ali, e a praia parecia estranhamente vazia.

Elendil lá ficou e divisou a angra e suas paredes rochosas mais uma vez; e, enquanto olhava, seus olhos se ergueram por acaso até a própria casa entre árvores e flores nas encostas acima da praia, branca e dourada, brilhando ao pôr do sol. Deteve-se e contemplou: pois, de repente, lá se encontrava uma casa, como algo ao mesmo tempo real e visionário, como algo em algum outro tempo e história, belo, amado, porém estranho, despertando um desejo como se fosse parte de um mistério que ainda estava oculto. Elendil não conseguia interpretar a sensação.

Ele suspirou. “Creio que seja a ameaça de guerra que me faz olhar para coisas belas com tamanha inquietação”, pensou. “A sombra do medo está entre nós e o sol, e todas as coisas se parecem como se já estivessem perdidas. Contudo, são estranhamente belas vistas assim. Não sei. Fico me questionando. A Númenórë! Espero que as árvores floresçam em teus montes nos anos por vir como florescem agora; e suas torres hão de se erguer brancas à Lua e fulvas ao Sol. Quisera não fosse esperança, mas certeza — aquela certeza que costumávamos ter antes da Sombra. Mas onde está Herendil? Preciso vê-lo e lhe falar, mais claramente do que falei até então. Antes que seja tarde demais. O tempo urge.”

“Herendil!”, chamou ele, e sua voz ecoou ao longo da costa baixa acima do som suave do cair das ondas. “Herendil!”

E mesmo ao chamá-lo, parecia ouvir a própria voz, e notar que ela era forte e curiosamente melodiosa. “Herendil!”, tornou a chamar.

Por fim houve uma resposta: uma voz jovem muito nítida vinda de certa distância dali — como um sino do fundo de uma caverna.

“*Man-ie, atto, man-ie?*”

Por um breve momento, a Elendil as palavras pareceram estranhas. “*Man-ie*, *atto?* O que é, pai?” Então a sensação passou.

“Onde estás?”

“Aqui!”

“Não consigo te ver.”

“Estou no alto da muralha, olhando para ti.”

Elendil olhou para cima; e então subiu depressa outra escadaria de degraus de pedra na extremidade norte da angra. Chegou a um ponto aplanado e nivelado no topo da escarpa saliente de rocha. Ali havia espaço para deitar-se ao sol, ou para sentar-se em um amplo assento de pedra encostado no penhasco, de cuja face descia uma cascata de talos rastejantes repletos de grinaldas de flores azuis e prateadas. Deitado na pedra com as mãos no queixo havia um jovem. Ele olhava para o mar, e não virou a cabeça quando seu pai se aproximou e sentou-se no assento.

“Com o que sonhas, Herendil, que teus ouvidos não ouvem?”

“Estou pensando, não sonhando. Não sou mais uma criança.”

“Sei que não és”, disse Elendil; “e por essa razão eu queria te encontrar e falar contigo. Amiúde estás fora e ao largo, e é tão raro ter-te em casa nestes dias.”

Ele olhou para o corpo branco diante de si. Era-lhe caro, e belo. Herendil estava nu, pois estivera mergulhando do ponto elevado, mergulhador destemido que era e orgulhoso de sua habilidade. Pareceu de súbito a Elendil que o rapaz crescera da noite para o dia, quase sem ser percebido.

“Como cresceste”, disse ele. “Tens o feitio de um homem poderoso, e quase terminou a feitura.”

“Por que zombas de mim?”, perguntou o garoto. “Sabes que sou moreno, e menor do que a maioria dos outros de minha

idade. E isso é um incômodo para mim. Mal chego aos ombros de Almáriel, cujos cabelos são de ouro brilhante, e ela é uma donzela, e da minha idade. Afirmamos que somos do sangue de reis, mas te digo que os filhos dos teus amigos zombam de mim e me chamam de Terendul[4] — delgado e moreno; e dizem que tenho sangue eressëano, ou que sou meio-Noldo. E isso não é dito com amor nestes dias. É só um passo de ser chamado de meio-Gnomo para ser chamado de temente a Deuses; e isso é perigoso.”[5]

Elendil suspirou. “Então deve ter se tornado perigoso ser o filho daquele que é chamado *elendil*; pois isso leva a *Valandil*, Amigo-dos-Deuses, que foi o pai de teu pai.”[6]

Fez-se silêncio. Por fim Herendil tornou a falar: “De quem dizes que nosso rei, Tarkalion, descende?”

“De Eärendel, o marinheiro, filho de Tuor, o magno, que se perdeu nestes mares.”[7]

“Por que então não pode o rei fazer como Eärendel, de quem veio? Dizem que ele deveria segui-lo e terminar o trabalho dele.”

“O que achas que querem dizer com isso? Para onde ele haveria de ir, e completar qual obra?”

“Tu sabes. Eärendel não viajou ao extremo Oeste e pisou naquela terra que nos é proibida? Ele não morre, ou assim dizem as canções.”

“O que chamas de Morte? Ele não retornou. Ele abandonou todos a quem amava, antes de pisar naquela costa.[8] Ele salvou sua gente ao perdê-los.”

“Os Deuses se iraram com ele?”

“Quem há de saber? Pois ele não voltou. Mas ele não ousou aquele feito para servir Melko, e sim para derrotá-lo; para libertar os homens de Melko, não dos Senhores; para nos conquistar a terra, não a plaga dos Senhores. E os Senhores

ouviram o seu rogo e levantaram-se contra Melko. E a terra é nossa."

"Dizem agora que a história foi alterada pelos Eressëanos, que são escravos dos Senhores: que, em verdade, Eärendel era um aventureiro, e nos mostrou o caminho, e que os Senhores o tomaram como prisioneiro por essa razão; e que a obra dele encontra-se forçosamente inacabada. Portanto, o filho de Eärendel, nosso rei, deveria terminá-la. Eles desejam levar a cabo o que há muito foi deixado incompleto."

"E o que é?"

"Tu sabes: pisar no extremo Oeste, e não recuar. Conquistar novos reinos para a nossa raça, e aliviar a pressão desta ilha povoada, onde cada estrada é por demais trilhada, e cada árvore e folha de grama, contadas. Serem livres, e mestres do mundo. Escapar da sombra da uniformidade, e do término. Faríamos de nosso rei o Senhor do Oeste: *Nuaran Númenóren*.[9] A morte aqui chega lenta e raramente; porém, chega. A terra é apenas uma gaiola adornada para se parecer com o Paraíso."

"Sim, assim ouvi outros dizerem", disse Elendil. "Mas o que sabes tu do Paraíso? Vê, nossas palavras errantes chegaram sem guia ao ponto do meu propósito. Mas me aflige descobrir que teu ânimo é dessa sorte, embora eu temesse que assim pudesse ser. Tu és meu único filho varão, e meu filho mais querido, e gostaria que estivéssemos de acordo em todas as nossas escolhas. Mas escolher devemos, tu assim como eu — pois no teu último aniversário te tornaste sujeito a armas e ao serviço do rei. Devemos escolher entre Sauron e os Senhores (ou Aquele Mais Elevado). Tu sabes, suponho, que nem todos os corações em Númenor se voltam para Sauron?"

"Sim. Há tolos mesmo em Númenor", disse Herendil, em voz baixa. "Mas por que falas de tais coisas neste lugar aberto? Desejas me causar mal?"

“Não causo mal algum”, disse Elendil. “Isto nos é imposto: a escolha entre dois males — os primeiros frutos da guerra. Mas vê, Herendil! A nossa é uma casa de sabedoria e cauto saber; e por muito tempo foi venerada por isso. Segui meu pai, como pude. Tu me segues? Que sabes da história do mundo ou de Númenor? Tens apenas quatro dozenas,[10] e eras apenas um menino quando Sauron chegou. Não compreendes como eram os dias antes disso. Não podes escolher em ignorância.”

“Mas outros de mais idade e conhecimento do que os meus — ou os teus — escolheram”, replicou Herendil. “E eles dizem que a história os confirma, e que Sauron lançou uma nova luz sobre a história. Sauron conhece a história, toda a história.”

“Sauron conhece, de fato; mas ele distorce o conhecimento. Sauron é um mentiroso!” A raiva crescente fez com que Elendil erguesse a voz à medida que falava. As palavras ressoaram como um desafio.

“Estás louco”, disse seu filho, virando-se por fim de lado e encarando Elendil, com horror e medo nos olhos. “Não me diga tais coisas! Eles podem, podem…”

“Quem são *eles*, e o que poderiam fazer?”, perguntou Elendil, mas um medo gélido passou dos olhos do filho ao seu próprio coração.

“Não perguntes! E não fales — tão alto!” Herendil virou-se, e ficou deitado com o rosto enfiado nas mãos. “Sabes que é perigoso — para todos nós. O que quer que seja, Sauron é poderoso, e tem ouvidos. Temo as masmorras. E te amo, eu te amo. *Atarinya tye-meláne*.”

Atarinya tye-meláne, meu pai, eu te amo: as palavras soaram estranhas, mas doces — atingiram o coração de Elendil. “*A yonya inye tye-méla*: e eu também, meu filho, te amo”, disse ele, sentindo cada sílaba estranha, mas vívida, ao dizê-las. “Mas entremos! É tarde demais para banhar-se. O sol quase se pôs.

Brilha lá para o Oeste nos jardins dos Deuses. Mas o crepúsculo e a escuridão estão chegando aqui, e a escuridão não mais é salubre nesta terra. Vamos para casa. Preciso contar-te e pedir-te muito esta noite — detrás de portas fechadas, onde talvez te sintas mais seguro." Ele olhou para o mar, que amava, ansiando por banhar o corpo nele, como que para lavar o cansaço e a preocupação. Mas a noite estava chegando.

O sol baixara, e mergulhava depressa no mar. Fez-se fogo nas ondas distantes, mas esvanecia quase que de pronto ao acender-se. Um vento gélido soprou de súbito do Oeste agitando a água amarela longe da costa. Acima da borda iluminada pelo fogo nuvens escuras se ergueram; estenderam grandes asas, ao norte e ao sul, e pareciam ameaçar a terra.

Elendil estremeceu. "Vê, as águias do Senhor do Oeste estão vindo com uma ameaça a Númenor", murmurou ele.

"O que dizes?", perguntou Herendil. "Não foi decretado que o rei de Númenor há de ser chamado Senhor do Oeste?"

"Foi decretado pelo rei; mas isso não faz que assim seja de fato", respondeu Elendil. "Mas eu não pretendia dar voz ao agouro de meu coração. Vamos!"

A luz desaparecia depressa enquanto subiam os caminhos do jardim entre flores pálidas e luminosas no crepúsculo. As árvores exalavam doces perfumes noturnos. Um *lómelindë* começou a gorjear à beira de uma lagoa.

Acima deles erguia-se a casa. As paredes brancas cintilavam como se o luar estivesse aprisionado em sua substância; mas ainda não havia lua, somente uma luz fria, difusa e sem sombra. Através do céu límpido como vidro frágil pequenas estrelas fincavam suas chamas brancas. Uma voz vinda de uma janela alta desceu como prata até a lagoa de crepúsculo onde caminhavam. Elendil conhecia a voz: ela a voz de Fíriel, uma donzela de sua casa, filha de Orontor. Seu coração pesou, pois

Fíriel estava habitando em sua casa porque Orontor havia partido. Os homens diziam que ele estava numa longa viagem. Outros diziam que fugira do desprazer do rei. Elendil sabia que ele se encontrava em uma missão da qual poderia jamais retornar, ou retornar tarde demais.[11] E ele amava Orontor e Fíriel era bela.

Agora voz dela cantava uma canção de anoitecer na língua eressëana, mas composta por homens, há muito tempo. O rouxinol se calou. Elendil parou para escutar; e as palavras lhe chegaram, distantes e estranhas, como alguma melodia numa fala arcaica cantada com pesar num crepúsculo esquecido nos primórdios da jornada do homem pelo mundo.

> *Ilu Ilúvatar* EN *káre eldain a fírimoin*
> *ar antaróta mannar Valion: númessier. . . . .*
>
> O Pai fez o Mundo para elfos e mortais, e o entregou nas mãos dos Senhores, que estão no Oeste.

Assim cantou Fíriel no alto, até sua voz baixar com tristeza à pergunta com a qual a canção terminava: "*man táre antáva nin Ilúvatar, Ilúvatar, enyáre tar i tyel íre Anarinya qeluva?* O que há Ilúvatar, ó Ilúvatar, de me dar naquele dia além do fim, quando meu Sol findar?"[12]

"*E man antaváro*? O que ele há de dar realmente?", disse Elendil; e ficou a remoer pensamentos sombrios.

"Ela não deveria cantar aquela canção de uma janela", disse Herendil, rompendo o silêncio. "Cantam de outro modo agora. Melko retorna, dizem, e o rei há de nos dar o Sol para sempre."

"Sei o que dizem", disse Elendil. "Não o digas ao teu pai, nem na casa dele." Ele entrou por uma porta escura, e Herendil, encolhendo os ombros, seguiu-o.

Capítulo IV

Herendil estava deitado no chão, estendido aos pés do pai sobre um tapete tecido com um padrão de aves douradas e plantas entrelaçadas com flores azuis. Tinha a cabeça apoiada nas mãos. Seu pai estava sentado em sua cadeira de pedra com as mãos inertes sobre os braços, os olhos voltados para o fogo que ardia na lareira. Não estava frio, mas o fogo que era chamado de "o coração da casa" (*hon-maren*)[13] queimava sempre naquele recinto. Era ademais uma proteção contra a noite, que homens já começavam a temer.

Mas entrava um ar fresco pela janela, doce e com o perfume de flores. Através dela podia ser visto, para além das espiras de árvores inertes, o oceano ocidental, prateado sob a Lua, que agora ligeiro seguia o Sol até os jardins dos Deuses. No silêncio da noite, as palavras de Elendil soavam baixas. Enquanto falava, ele ouvia, como se outro contasse uma história há muito esquecida.[14]

"Há[15] Ilúvatar, o Uno; e há os Poderes, dos quais o mais velho no pensamento de Ilúvatar era Alkar, o Radiante;[16] e há os Primogênitos da Terra, os Eldar, que não perecem enquanto o Mundo dura; e há também os Nascidos-depois, Homens mortais, que são os filhos de Ilúvatar, e, no entanto, encontram-se sob a governança dos Senhores. Ilúvatar concebeu o Mundo, e revelou o seu desígnio aos Poderes; e, destes, alguns ele apontou para serem Valar, Senhores do Mundo e governantes das coisas que lá existem. Mas Alkar, que viajara sozinho pelo Vazio antes do Mundo, buscando ser livre, desejava que o Mundo fosse um reino seu. Portanto, ele desceu ao mundo como um fogo cadente; e fez guerra aos Senhores, seus irmãos. Mas eles estabeleceram suas mansões no Oeste, em Valinor, e o

encerraram para fora; e o enfrentaram em batalha no Norte, e o prenderam, e o Mundo teve paz e tornou-se por demais belo.

"Após uma grande era, veio a se dar que Alkar suplicou perdão; e submeteu-se a Manwë, senhor dos Poderes, e foi libertado. Mas ele tramou contra seus irmãos, e enganou os Primogênitos que habitavam em Valinor, de maneira que muitos se rebelaram e foram eLivross do Reino Abençoado. E Alkar destruiu as luzes de Valinor e fugiu para a noite; e ele se tornou um espírito sombrio e terrível, e foi chamado de Morgoth, e estabeleceu o seu domínio na Terra-média. Mas os Valar fizeram a Lua para os Primogênitos e o Sol para os Homens para pôr em confusão a Escuridão do Inimigo. E naquele tempo, ao surgir do Sol, os Nascidos-depois, que são os Homens, surgiram no Leste do mundo; mas eles caíram sob a sombra do Inimigo. Naqueles dias, os eLivross dos Primogênitos fizeram guerra a Morgoth; e três casas dos Pais de Homens juntaram-se aos Primogênitos: a casa de Bëor, e a casa de Haleth, e a casa de Hador. Pois essas casas não eram sujeitas a Morgoth. Porém Morgoth teve a vitória, e tudo arruinou.

"Eärendel era o filho de Tuor, filho de Huor, filho de Gumlin, filho de Hador; e sua mãe era dos Primogênitos, filha de Turgon, último rei dos eLivross. Ele partiu por sobre o Grande Mar, e chegou por fim ao reino dos Senhores, e às montanhas do Oeste. E ele renunciou a todos que amava, sua esposa e seu filho, e toda a sua gente, quer dos Primogênitos, quer dos Homens; e desnudou-se.[17] E entregou-se a Manwë, Senhor do Oeste; e submeteu-se a ele e lhe suplicou. E ele foi levado e nunca mais veio ter entre os Homens. Mas os Senhores se apiedaram, e enviaram o seu poder, e a guerra foi retomada no Norte, e a terra foi partida; mas Morgoth foi sobrepujado. E os Senhores o mandaram para o Vazio exterior.

“E eles chamaram os eLivross dos Primogênitos e os perdoaram; e aqueles que retornaram habitam desde então em ventura em Eressëa, a Ilha Solitária, que é Avallon, pois está à vista de Valinor e da luz do Reino Abençoado. E para os homens das Três Casas eles fizeram Vinya, a Nova Terra, a oeste da Terra-média no meio do Grande Mar, e a chamaram de Andor, a Terra da Dádiva; e dotaram a terra e todos que lá viveram depois de um bem maior do que de outras terras dos mortais. Mas na Terra-média habitavam homens menores, que não conheciam os Senhores nem os Primogênitos, exceto por rumores; e entre eles havia alguns que serviram Morgoth outrora, e eram amaldiçoados. E havia seres malignos sobre a terra, feitos por Morgoth nos dias de seu domínio, demônios e dragões e arremedos das criaturas de Ilúvatar.[18] E lá também se esconderam muitos de seus serviçais, espíritos de mal, que sua vontade ainda governava embora sua presença não mais estivesse entre eles. E desses Sauron era o principal, e seu poder cresceu. Donde a sorte dos homens na Terra-média era má, pois os Primogênitos que permaneceram entre eles minguaram ou partiram para o Oeste, e sua gente, os homens de Númenor, estavam distantes e iam apenas às costas em navios que atravessavam o Grande Mar. Mas Sauron tomou conhecimento dos navios de Andor, e os temia, com receio de que homens livres se tornassem senhores da Terra-média e libertassem sua gente; e, movido pela vontade de Morgoth, ele tramou destruir Andor, e arruinar (se pudesse) Avallon e Valinor.[19]

“Mas por que haveríamos de ser enganados, e nos tornar os instrumentos de sua vontade? Não foi ele, mas sim Manwë, o belo, Senhor do Oeste, que nos dotou com nossas riquezas. Nossa sabedoria vem dos Senhores, e dos Primogênitos que os veem face a face; e nos tornamos altivos e maiores do que outros de nossa raça — aqueles que serviram Morgoth outrora. Temos

conhecimento, poder e vida mais resistente do que eles. Ainda não caímos. Donde o domínio do mundo é nosso, e haverá de ser, desde Eressëa até o Leste. Mais que isso nenhum mortal pode ter."

"Exceto escapar da Morte", disse Herendil, erguendo o rosto para o do pai. "E da uniformidade. Dizem que Valinor, onde os Senhores habitam, não possui limites."

"Não dizem a verdade. Pois todas as coisas no mundo possuem um fim, uma vez que o próprio mundo é contido, para que não possa ser Vazio. Mas a Morte não é decretada pelos Senhores: ela é a dádiva do Uno, e uma dádiva que no desgastar do tempo mesmo os Senhores do Oeste hão de invejar.[20] Assim os sábios de outrora disseram. E embora talvez não possamos mais compreender aquela palavra, ao menos possuímos sabedoria suficiente para saber que não podemos escapar, a não ser para um destino pior."

"Mas o decreto de que nós de Númenor não podemos pisar nas praias dos Imortais, ou andar por sua terra — é apenas um decreto de Manwë e seus irmãos. Por que não haveríamos de fazer isso? O ar lá dá vida duradoura, dizem."

"Talvez dê", disse Elendil; "e talvez seja apenas o ar que precisem aqueles já que possuem vida duradoura. Para nós talvez seja a morte, ou a loucura."

"Mas por que não haveríamos de experimentá-lo? Os Eressëanos vão para lá, e ainda assim nossos marinheiros de outrora costumavam se demorar em Eressëa sem prejuízo."

"Os Eressëanos não são como nós. Eles não possuem a dádiva da morte. Mas de que serve discutir a governança do mundo? Toda certeza está perdida. Não é cantado que a terra foi feita para nós, mas que não podemos desfazê-la? E quer gostemos ou não, podemos nos lembrar que haveremos de deixá-la. Os Primogênitos não nos chamam de Hóspedes? Vê o

que esse espírito de desassossego já causou. Aqui, quando eu era jovem, não havia males da mente. A Morte chegava tarde e sem outra dor além do cansaço. Dos Eressëanos obtivemos tantas coisas de beleza que nossa terra tornou-se quase tão bela quanto a deles; e talvez mais bela a corações mortais. Diz-se que outrora os próprios Senhores por vezes caminhavam nos jardins que nomeamos em homenagem a eles. Lá pusemos suas efígies, feitas pelos Eressëanos que os contemplaram, como os retratos de amigos amados.

"Não havia templos nesta terra. Mas na Montanha falávamos ao Uno, que não possui efígie. Era um local sacro, intocado por artes mortais. Então Sauron veio. Por muito tempo ouvimos rumores sobre ele dos marinheiros que retornavam do Leste. As histórias diferiam: alguns diziam que ele era um rei maior do que o rei de Númenor; alguns diziam que era um dos Poderes, ou de sua prole, enviado para governar a Terra-média. Alguns relatavam que ele era um espírito maligno, quiçá o próprio Morgoth retornado; mas ríamos desses.[21]

"Parece que rumores também lhe chegaram sobre nós. Não faz muitos anos — três dozenas e oito[22] —, mas parecem muitos desde que ele aqui chegou. Tu eras apenas um menino, e não sabia então o que acontecia no leste desta terra, longe de nosso lar no oeste. Tarkalion, o rei, foi persuadido por rumores sobre Sauron, e enviou uma missão para descobrir que verdade havia nos contos dos marinheiros. Muitos conselheiros o dissuadiram. Meu pai me contou, e ele era um deles, que aqueles que eram mais sábios e tinha maior conhecimento do Oeste receberam mensagens dos Senhores advertindo-os a terem cuidado. Pois os Senhores disseram que Sauron obraria o mal; mas ele não poderia vir para cá a não ser que fosse convocado.[23] Tarkalion tornou-se soberbo, e não aceitava poder algum na Terra-média

maior do que o seu próprio. Portanto, os navios foram enviados, e Sauron foi convocado a lhe render homenagens.

"Vigias foram colocados no porto de Moriondë no leste da terra,[24] onde as rochas são escuras, aguardando por ordem do rei sem cessar o retorno dos navios. Era noite, mas havia uma Lua brilhante. Avistaram navios ao longe, e pareciam rumar para oeste a uma velocidade maior do que a tempestade, embora houvesse pouco vento. De repente, o mar ficou agitado; ergueu-se até se tornar como uma montanha, e rolou por sobre a terra. Os navios foram erguidos, e lançados terra adentro, e pousaram nos campos. Naquele navio que foi lançado mais alto e desceu seco sobre uma colina havia um homem, ou alguém na forma de um homem, mas maior do que qualquer um mesmo da raça de Númenor em estatura.

"Pôs-se de pé na rocha[25] e disse: 'Isso foi feito como um sinal de poder. Pois sou Sauron, o magno, serviçal do Forte' (e assim falou sombriamente). 'Aqui cheguei. Alegrai-vos, homens de Númenor, pois tomarei vosso rei para ser meu rei, e o mundo há de ser entregue na mão dele.'

"E pareceu aos homens que Sauron era grande; embora temessem a luz em seus olhos. A muitos ele pareceu belo, a outros, terrível; porém, a alguns, maligno. Mas o levaram ao rei, e ele se humilhou diante de Tarkalion.

"E vê o que aconteceu desde então, passo a passo. A princípio ele revelou apenas segredos de ofícios, e ensinou a feitura de muitas coisas poderosas e maravilhosas; e elas pareceram boas. Nossos navios agora navegam sem o vento, e muitos são feitos de metal que percorre rochas ocultas, e não afundam na calmaria ou na tempestade; mas não são mais belos de aparência. Nossas torres ficam cada vez mais resistentes e mais elevadas, mas a beleza elas deixam para trás no solo. Nós que não temos inimigos estamos preparados para o combate

com fortalezas inexpugnáveis — e a maioria no Oeste. Nossas armas se multiplicam como que para uma guerra perene, e os homens estão deixando de dar amor ou atenção à feitura de outras coisas para serem usadas ou desfrutadas. Mas nossos escudos são impenetráveis, nossas espadas não podem ser resistidas, nossos dardos são como trovão e atravessam milhas certeiros. Onde estão nossos inimigos? Começamos a matar uns aos outros. Pois Númenor agora parece exígua, ela que antes era tão grande. Os homens cobiçam, portanto, as terras que outras famílias possuem há muito tempo. Eles se afligem como homens a ferros.

"Donde Sauron tem pregado libertação; diz ao nosso rei para que estenda a sua mão em direção ao Império. Ontem era sobre o Leste. Amanhã — será sobre o Oeste.

"Não tínhamos templos. Mas agora a Montanha foi despojada. Suas árvores foram derrubadas, e encontra-se desnuda; e em seu cume há um Templo. É feito de mármore, e de ouro, e de vidro e aço, e é notável, porém terrível. Homem algum ora lá. O Templo aguarda. Por muito tempo Sauron não nomeou seu mestre pelo nome que desde antigamente é maldito aqui. Falava a princípio do Forte, do Poder Mais Antigo, do Mestre. Mas agora ele fala abertamente de Alkar,[26] de Morgoth. Profetizou o seu retorno. O Templo há se ser sua morada. Númenor há de ser o centro do domínio do mundo. Enquanto isso, Sauron lá habita. Ele divisa a nossa terra da Montanha, e está acima do rei, o próprio orgulhoso Tarkalion, da linhagem escolhida pelos Senhores, a semente de Eärendel.

"Ainda assim, Morgoth não vem. Mas sua sombra veio; ela jaz sobre os corações e mentes dos homens. Está entre eles e o Sol, e tudo o que se encontra abaixo dele."

"Há uma sombra?", perguntou Herendil. "Não a vi. Mas ouvi outros falarem dela; e dizem que é a sombra da Morte. Porém,

Sauron não a trouxe; ele promete que há de nos salvar dela."

"Há uma sombra, mas é a sombra do medo da Morte, e a sombra da cobiça. Mas há também uma sombra de mal mais sombrio. Não mais vemos o nosso rei. Seu desprazer recai sobre homens, e eles partem; estão lá à noite, e pela manhã já não se encontram. O ar livre não é seguro; paredes são perigosas. Mesmo junto ao coração da casa espiões podem se sentar. E há prisões, e câmaras subterrâneas. Há tormentos; e há ritos malignos. As matas à noite, que outrora eram belas — homens vagavam e dormiam lá por prazer, quando tu eras criança —, estão repletas agora de horror. Mesmo os nossos jardins não ficam completamente imaculados, após o sol se pôr. E agora mesmo durante o dia fumaça sobe do templo: flores e relva murcham onde ela baixa. As canções antigas estão esquecidas ou alteradas; distorcidas em outros significados."

"Sim: as que se aprende dia a dia", disse Herendil. "Mas algumas das novas canções são vigorosas e encorajadoras. Contudo, sei agora que alguns nos aconselham a abandonar a língua antiga. Dizem que devemos deixar o eressëano e reviver a fala ancestral dos Homens. Sauron a ensina. Com isso, ao menos, creio que ele não faz bem."

"Sauron nos engana duplamente. Pois os homens aprenderam línguas com os Primogênitos, e, portanto, se de fato voltássemos aos primórdios, encontraríamos não os dialetos maljeitosos dos homens selvagens, nem a fala simples de nossos pais, mas sim a língua dos Primogênitos. Mas o eressëano é de todas as línguas dos Primogênitos a mais bela, e eles a usam em colóquio com os Senhores, e ela une suas variadas gentes umas às outras, e eles a nós. Se abandonarmos a língua, ficaremos separados deles, e empobrecidos.[27] Sem dúvida é isso o que ele pretende. Mas a malícia dele não tem fim. Escuta agora, Herendil, e atenta. Aproxima-se a hora em que todo esse mal dará um fruto

amargo, caso não seja podado. Havemos de esperar que o fruto esteja maduro, ou de cortar a árvore e lançá-la ao fogo?"

Herendil levantou-se de súbito, e foi até a janela. "Está frio, pai", disse ele; "e a Lua se foi. Acredito que o jardim esteja vazio. As árvores crescem perto demais da casa." Ele puxou um pesado pano bordado de um lado ao outro da janela e então retornou, agachando-se ao lado do fogo, como que acometido por um calafrio repentino.

Elendil inclinou-se para frente na cadeira, e continuou em voz baixa. "O rei e a rainha estão envelhecendo, embora nem todos saibam, pois são vistos raras vezes. Perguntam onde está a vida eterna que Sauron lhes prometeu caso construíssem o Templo para Morgoth. O Templo está construído, mas eles estão envelhecidos. Porém, Sauron previu isso, e ouvi dizer (já se espalhou o sussurro) que ele afirma que a mercê de Morgoth é retida pelos Senhores, e não pode ser cumprida enquanto eles barrarem o caminho. Para conquistar a vida, Tarkalion deve conquistar o Oeste.[28] Vemos agora o propósito das torres e das armas. Já se fala da guerra — apesar de não darem nome ao inimigo. Mas te digo: é sabido por muitos a guerra irá para oeste até Eressëa — e além. Percebes a extremidade de nosso perigo, e da loucura do rei? Contudo, essa sina aproxima-se ligeira. Nossos navios são chamados de volta dos [?cantos] da terra. Não notaste e te espantaste por tantos estarem ausentes, especialmente os da gente mais jovem, e por no Sul e no Oeste de nossa terra tanto obras como passatempos definham? Num porto secreto no Norte há construções e forjaduras que me foram relatadas por mensageiros de confiança."

"Relatadas a ti? Que queres dizer, pai?", perguntou Herendil, como que temeroso.

"Exatamente o que disse. Por que me olhas com tamanha estranheza? Pensavas que o filho de Valandil, principal dos

sábios de Númenor, seria enganado pelas mentiras de um serviçal de Morgoth? Eu não faltaria com fidelidade ao rei, nem proponho algo que lhe cause mal. A casa de Eärendel tem a minha lealdade enquanto eu viver. Mas se devo escolher entre Sauron e Manwë, então tudo mais deve vir depois. Não me curvarei a Sauron, nem ao seu mestre."

"Mas falas como se tu fosses um líder nessa questão — ai de mim, pois te amo; e embora tenhas jurado lealdade, ela não te salvará do perigo de traição. Até mesmo desaprovar Sauron é considerado rebeldia."

"Sou um líder, meu filho. E tenho em conta o perigo tanto para mim como para ti e para todos a quem amo. Faço o que é certo e meu direito de fazer, mas não posso mais ocultar de ti. Deves escolher entre teu pai e Sauron. Mas te dou liberdade de escolha e não imponho sobre ti qualquer obediência para com um pai, caso eu não tenha convencido tua mente e teu coração. Hás de ser livre para ficar ou ir, sim, mesmo relatar como te parecer bom tudo o que eu disse. Mas se ficares e aprenderes mais, o que envolverá conselhos mais secretos e outros [?nomes] além do meu, então ficarás obrigado por honra a manter-te quedo, aconteça o que acontecer. Ficarás?"

"*Atarinya tye-meláne*", disse Herendil de súbito, e, agarrando os joelhos do pai, deitou a [?cabeça ali] e chorou. "É uma hora maligna que [?impôs] tal escolha sobre ti", disse seu pai, colocando uma mão na cabeça do filho. "Mas o destino logo chama alguns a serem homens. Que dizes?"

"Eu fico, pai."

A narrativa termina aqui. Não há razão para pensar que algo mais tenha sido escrito. O manuscrito, que se torna cada vez mais rápido perto do fim, termina em rabiscos.

Notas sobre os capítulos Númenóreanos de A Estrada Perdida

[1] *Lavaralda* (em substituição a *lavarin*) não é mencionada em *Uma Descrição da Ilha de Númenor* (*Contos Inacabados*, p. 232) entre as árvores trazidas pelos Eldar de Tol-eressëa.

[2] *sete dozenas de anos* é uma emenda de *quatro vintenas de anos* (escrito inicialmente *três vintenas de anos*); ver nota 10.

[3] *Vinya* foi escrita acima de *Númenor* no manuscrito; ela ocorre novamente em uma parte do texto que foi reescrita (p. 81), traduzida como "a Nova Terra". O nome apareceu pela primeira vez em uma emenda de QdN I (p. 28, §2).

[4] Quanto a *Terendul*, ver as *Etimologias*, radical TER, TERES.

[5] Tal como o texto foi originalmente escrito, a seguir vinha o seguinte trecho:

> Poldor me chamou de *Eärendel* ontem."
>
> Elendil suspirou. "Mas esse é um belo nome. Amo essa história acima de todas; de fato escolhi teu nome porque lembrava o dele. Mas não tive a presunção de dar o nome dele mesmo a ti, nem de me comparar a Tuor, o magno, que dos Homens foi o primeiro a navegar estes mares. Ao menos podes responder teus amigos tolos que Eärendel foi o principal dos marinheiros, e por certo isso ainda é considerado digno de honra em Númenor, não?"
>
> "Mas eles não se importam com Eärendel. E nem eu. Desejamos levar a cabo o que foi deixado incompleto."
>
> "Que querer dizer?"
>
> "Tu sabes: pisar no extremo Oeste…" (etc. como na p. 77).

[6] Essa é a primeira aparição de um Númenóreano chamado *Valandil*. Numa reescrita posterior de QdN II, Valandil é irmão de Elendil, e eles são os fundadores dos reinos númenóreanos na Terra-média (pp. 46–7). O nome mais tarde foi dado tanto a um Númenóreano mais antigo (o primeiro Senhor de Andúnië) como a um posterior (o filho mais novo de Isildur e terceiro Rei de Arnor): Índice Remissivo de *Contos Inacabados*, verbetes *Valandil* e referências.

[7] No *Quenta* (IV. 173) não é contado que Tuor se "perdeu". Quando sentiu a velhice insinuar-se nele, ele "construiu um grande navio, Eärámë, Ala de Águia, e com Idril içou vela na direção do pôr do sol e do Oeste, e não constou mais de qualquer história ou canção". Posteriormente o seguinte trecho foi acrescentado (IV. 177): "Mas Tuor apenas, entre os homens Mortais, foi contado entre a raça mais antiga e unido aos Noldoli, a quem amava, e depois disso habitava ainda, ou assim se diz, em seu navio, viajando pelos mares das Terras-élficas, ou descansando por um tempo nos portos dos Gnomos de Tol Eressëa; e seu destino foi separado do destino dos Homens".

[8] Essa é a forma final no *Quenta* do desembarque de Eärendel em Valinor, onde em emendas feitas no segundo texto Q II (IV. 177) Eärendel "disse adeus a todos que amava na última costa, e foi apartado deles para sempre", e "Elwing pranteou Eärendel; contudo, nunca mais o achou, e eles estão separados até que o mundo finde". Posteriormente, Elendil retoma de forma mais completa o assunto (p. 80). No QS a história é mais uma vez alterada, fazendo com que Elwing entrasse em Valinor (ver pp. 389–90, §§1–2, e comentário).

[9] *Nuaran Númenóren*: as letras ór foram riscadas (somente) no texto datilografado.

[10] *Tens apenas quatro dozenas* substituiu *Mal tens duas vintenas e dez*. Como na alteração registrada na nota 2, uma contagem duodecimal substitui uma decimal; mas em ambos os casos o número de anos é muito estranho. Pois Herendil foi chamado de "garoto", "rapaz" e "jovem", e ele se encontra "no início da idade adulta" (p. 74); como, então, ele pode ter quarenta e oito anos? Mas a sua idade é dada de forma inequívoca, e, além disso, Elendil diz depois (p. 83) que faz 44 anos desde que Sauron chegou e que Herendil na época era um menino; portanto, podemos apenas concluir que nessa época a longevidade dos Númenóreanos implicava que eles cresciam e envelheciam numa velocidade diferente daquela de outros homens, e não se tornavam completamente adultos antes de por volta dos cinquenta anos. Cf. *Contos Inacabados*, pp. 305–06.

[11] A missão de Orontor, da qual ele pode jamais retornar, parece uma premonição da viagem de Amandil ao Oeste, da qual ele jamais retornou (*Akallabêth*, pp. 361–62).

[12] O manuscrito (seguido do texto datilografado) é confuso aqui, uma vez que, além do texto como impresso, a canção inteira que Fíriel cantou também é apresentada, com uma tradução; assim, os dois versos iniciais e os dois finais e suas traduções são repetidos. No entanto, está claro por marcações a lápis no manuscrito que meu pai passou de imediato a uma segunda versão (omitindo a maior parte da canção) sem riscar a primeira.

O texto da canção foi emendado em três estágios. Alterações feitas muito próximo à época da composição foram *Valion númenyaron* (traduzido "dos Senhores do Oeste") > *Valion: númessier* no verso 2, e *hondo-ninya* > *indo-ninya* no verso 9; *Vinya* foi escrita acima de *Númenor* como uma alternativa no verso 8 (cf. nota 3). Antes das emendas tardias, o texto era o seguinte:

> Ilu Ilúvatar EN kárẹ eldain a fírimoin
> ar antaróta mannar Valion: númessier.
> Toi aina, mána, meldielto – enga morion:
> talantie. Mardello Melko lende: márie.
> Eldain EN kárier Isil, NAN hildin Úr-anar.
> Toi írimar. Ilqainen antar annar lestanen
> Ilúvatáren. Ilu vanya, fanya, eari,
> i-mar, ar ilqa ímen. Írima ye Númenor.
> Nan úye sére indo-ninya símen, ullume;
> ten sí ye tyelma, yéva tyel ar i-narqelion,
> írẹ ilqa yéva nótina, hostainiéva, yallume:
> ananta úva táre fárea, ufárea!
> Man táre antáva nin Ilúvatar, Ilúvatar
> enyárẹ tar i tyel, írẹ Anarinya qeluva?

O Pai fez o Mundo para Elfos e Mortais, e o entregou nas mãos dos Senhores. Eles estão no Oeste. São sacros, abençoados, e amados: salvo pelo sombrio. Ele é caído. Melko partiu da Terra: isso é bom. Para os Elfos eles fizeram a Lua, mas, para os Homens, o Sol vermelho; que são belos. A todos eles deram em medida as dádivas de Ilúvatar. O Mundo é belo, o céu, os mares, a terra, e tudo o que há neles. Encantadora é Númenor. Mas meu coração não descansa aqui para sempre; pois aqui há término, e haverá um fim e o Desvanecer, quando tudo estiver contado, e tudo estiver enumerado enfim, mas ainda assim não será suficiente, não o bastante. O que há o Pai, ó Pai, de me dar naquele dia além do fim, quando meu Sol findar?

Subsequentemente, *Mardello Melko* no verso 4 foi alterado para *Melko Mardello*, e os versos 5–6 tornaram-se

En kárielto eldain Isil, hildin Ur-anar.
Toi írimar. Ilyain antalto annar lestanen

Então, após o texto datilografado ter sido feito, *Melko* foi alterado para *Alkar* no texto e na tradução; ver nota 15.

A ideia dos versos 5–6 da canção reaparece nas palavras de Elendil a Herendil posteriormente (p. 80): “Mas os Valar fizeram a Lua para os Primogênitos e o Sol para os Homens para pôr em confusão a Escuridão do Inimigo”. Cf. QS §75 (*O Silmarillion*, p. 145): “Pois o Sol foi disposto como um sinal do despertar dos Homens e do esvanecer dos Elfos, mas a Lua acalenta a memória deles”.

13 Quanto a *hon-maren* “coração da casa”, ver as *Etimologias*, radical KHO-N.

14 Aqui o texto datilografado feito na Allen & Unwin (p. 14, nota de rodapé) termina. O leitor da editora (ver p. 120) disse que “somente os dois capítulos preliminares… e um dos últimos capítulos… foram escritos”. Pode-se supor que o texto datilografado terminava naquele ponto porque nada mais havia sido escrito naquela época, mas não acho que foi essa a razão. No ponto em que o texto datilografado é interrompido (no meio de uma página manuscrita) não há nenhum indício de qualquer interrupção na composição, e parece muito mais provável que o datilógrafo simplesmente desistiu, pois o manuscrito aqui se torna confuso e difícil pelas reescritas e substituições.

Nas partes anteriores de *A Estrada Perdida*, apliquei todas as correções no manuscrito, por mais ligeiras e leves que tenham sido feitas, visto que todas aparecem no texto datilografado. A partir desse ponto não há evidências externas para indicar quando as emendas a lápis foram feitas; contudo, continuo a aplicá-las no texto como antes.

15 A longa narrativa contada por Elendil a Herendil sobre a história antiga, desde “Há Ilúvatar, o Uno” até “e arruinar (se pudesse) Avallon e Valinor” na p. 81, é uma substituição da passagem original muito mais breve. O texto substituto deve ser posterior ao envio de *A Estrada Perdida* à Allen & Unwin, pois Morgoth é chamado aqui de *Alkar* conforme o texto foi escrito inicialmente, não de *Melko*, enquanto na canção cantada por Fíriel no capítulo anterior *Melko* só foi alterado a lápis para *Alkar*, e essa mudança não foi aplicada ao texto datilografado. A passagem original diz o seguinte:

> Ele falou da rebelião de Melko [*posteriormente* > Alkar *e subsequentemente*], mais magno dos Poderes, que teve início na feitura do Mundo; e de sua rejeição pelos Senhores do Oeste após ter obrado o mal no Reino Abençoado e causado o exílio dos Eldar, os primogênitos da terra, que habitavam agora em Eressëa. Contou da tirania de Melko na Terra-média, e como ele escravizara os Homens; das guerras que os Eldar travaram com ele, e foram derrotados, e dos Pais de Homens que os auxiliaram; como Eärendel levou a súplica deles aos Senhores, e Melko foi sobrepujado e empurrado para além dos confins do Mundo.
>
> Elendil fez uma pausa e olhou para Herendil. Ele não se mexeu, nem fez qualquer sinal. Portanto, Elendil prosseguiu. “Não percebes então, Herendil, que Morgoth é um causador de males, e que levou o pesar aos nossos pais? Não lhe devemos lealdade, exceto pelo medo. Pois de seu quinhão da governança do Mundo ele foi despojado há muito tempo. Tampouco necessitamos de ter esperança nele: os pais de nossa raça eram seus inimigos; donde não podemos esperar amor dele ou de quaisquer de seus serviçais. Morgoth não perdoa. Mas ele não pode retornar ao Mundo em presentes poder e forma enquanto os Senhores estiverem em seus tronos. Ele está no Vazio, embora sua Vontade permaneça e guie seus serviçais. E

sua vontade é sobrepujar os Senhores, e retornar, e reter domínio, e vingar-se daqueles que obedecem aos Senhores.

"Mas por que haveríamos de ser enganados…" (etc. como na p. 81).

As últimas frases ("Mas ele não pode retornar ao Mundo…") ecoam de perto, ou talvez sejam ecoadas de perto, por (ver nota 25) uma passagem em QdN II (§1).

16 Em QS §10, é dito que Melko era "coevo de Manwë". Creio que o nome *Alkar*, "o Radiante", para Melko não ocorra em nenhum outro lugar fora desse texto.

17 Ver nota 8. A referência ao *filho* de Eärendel indica que Elros ainda não havia surgido, tal como não havia surgido em QdN II (p. 47).

18 "arremedos das criaturas de Ilúvatar": cf. QdN II §1 e comentário.

19 Aqui a longa passagem substituta termina (ver nota 15), embora tal como escrita ela continuasse com basicamente as mesmas palavras da forma anterior ("Pois Morgoth não pode retornar ao Mundo enquanto os Senhores estiverem em seus tronos…"); essa passagem foi posteriormente riscada.

20 As palavras "uma dádiva que no desgastar do tempo mesmo os Senhores do Oeste hão de invejar" foram um acréscimo a lápis ao texto, e são a primeira aparição dessa ideia: uma expressão bastante similar encontra-se em um texto do *Ainulindalë* escrito anos depois (cf. *O Silmarillion*, p. 72: "A morte é sua sina, o dom de Ilúvatar, o qual, conforme se desgasta o Tempo, até os Poderes hão de invejar").

21 Cf. QdN II, §5: "Alguns diziam que ele era um rei maior do que o Rei de Númenor; alguns diziam que era um dos Deuses ou de seus filhos, enviado para governar a Terra-média. Alguns relatavam que ele era um espírito maligno, quiçá o próprio Morgoth retornado. Mas isso era considerado apenas como uma fábula tola dos Homens selvagens".

22 Esse cálculo duodecimal encontra-se no texto conforme escrito; ver nota 10.

23 Cf. QdN II §5: "pois [os Senhores] disseram que Sauron obraria o mal caso viesse; porém, ele não podia vir a Númenor a não ser convocado e guiado pelos mensageiros do rei".

24 Creio que o nome *Moriondë* não ocorre em nenhum outro lugar. O porto no leste sem dúvida é o precursor de Rómenna.

25 Essa é a história da chegada de Sauron a Númenor encontrada em QdN II §5, que foi substituída logo após por uma versão na qual o içamento dos navios por uma grande onda e seu lançamento terra adentro foram removidos; ver pp. 16, 37–8. Na primeira versão de QdN II, o mar ergueu-se como uma *montanha*, o navio que levava Sauron foi colocado sobre uma *colina*, e Sauron postou-se na colina para pregar a sua mensagem aos Númenóreanos. Em *A Estrada Perdida*, o mar ergueu-se como uma *colina*, alterada a lápis para *montanha*, o navio de Sauron foi lançado sobre uma *rocha elevada*, alterada a lápis para *colina*, e Sauron falou de pé na rocha (que permaneceu inalterada). Vejo essas como as melhores evidências de que, dessas duas obras associadas (ver notas 15, 21 e 23), *A Estrada Perdida* foi escrita primeiro.

26 *Alkar*: alteração a lápis de *Melko*: ver nota 15.

27 Quanto ao eressëano ("latim-élfico", qenya), a fala comum de todos os Elfos, ver p. 71. A presente passagem é a primeira aparição da ideia de um componente linguístico no ataque do "governo" númenóreano à cultura e influência eressëanas; cf. *A Linhagem de Elros* em *Contos Inacabados* (pp. 302–03), a respeito de Ar-Adûnakhôr, o vigésimo governante de Númenor: "Foi

o primeiro Rei a assumir o cetro com um título na língua adûnaica… Nesse reinado, as línguas-élficas não foram mais usadas, nem se permitiu que fossem ensinadas, mas foram mantidas em segredo pelos Fiéis"; e a respeito de Ar-Gimilzôr, o vigésimo terceiro governante: "Proibiu totalmente o uso das línguas eldarin" (de maneira muito similar no *Akallabêth*, p. 352). Mas, é claro, na época de *A Estrada Perdida* a ideia do adûnaico como um dos idiomas de Númenor não havia surgido, e a proposta é apenas de que "a fala ancestral dos Homens" devia ser "revivida".

[28] Isso remonta a QdN I §6: "Sûr disse que as dádivas de Morgoth eram vedadas pelos Deuses, e que para obter a plenitude do poder e a vida imortal ele [o rei Angor] devia ser mestre do Oeste".

Existem várias páginas de anotações que dão alguma ideia dos pensamentos de meu pai — em determinado estágio — para a continuação da história além do ponto em que ele a abandonou. Essas em alguns pontos são bastante ilegíveis e, em todo caso, eram concomitantes a ideias que mudavam rapidamente: são os vestígios de pensamentos, não afirmações de conceitos formulados. E, ainda mais importante, pelo menos algumas dessas anotações claramente precederam a narrativa que foi de fato escrita e foram empregadas nela, ou substituídas por algo diferente, e é bem possível que isso se aplique a todas elas, mesmo aquelas que se referem à parte posterior da história que nunca foi escrita. Mas elas deixam bem claro que meu pai estava preocupado acima de tudo com a relação entre o pai e o filho, que era fundamental. Em Númenor, ele engendrara uma situação em que havia o potencial de conflito angustiante entre eles, totalmente incompatível com a harmonia pacífica com que os Errols começavam — ou terminavam. O relacionamento de Elendil e Herendil foi sujeitado a uma profunda ameaça. Esse conflito poderia ter muitos problemas narrativos dentro da estrutura do evento conhecido, o ataque a Valinor e a Queda de Númenor, e nessas anotações meu pai estava simplesmente esboçando algumas soluções, nenhuma das quais ele desenvolveu ou a elas retornou.

Uma questão aparentemente secundária era as palavras "as Águias do Senhor do Oeste": o que significavam, e como se encaixavam na história? Parece que ele estava tão intrigado por elas quanto Alboin Errol ao usá-las (pp. 50, 61). Ele indaga se "Senhor do Oeste" significa o Rei de Númenor, ou Manwë, ou se é o título propriamente de Manwë, mas tomado à sua revelia pelo Rei; e conclui: "provavelmente este último". Segue-se um "cenário" no

qual Sorontur, Rei das Águias, é enviado por Manwë, e Sorontur, voando conta o sol, lança uma grande sombra sobre o solo. Foi então que Elendil pronunciou a frase, mas as palavras foram escutadas, relatadas, e ele foi levado diante de Tarkalion, que declarou que o título era seu. Na história tal como escrita de fato, Elendil fala as palavras a Herendil (p. 78) quando vê as nuvens erguendo-se do Oeste no céu do entardecer e estendendo "grandes asas" — o mesmo espetáculo que fez Alboin Errol dizê-las, e os homens de Númenor no *Akallabêth* (p. 363); e Herendil responde que se decretou que o título pertence ao Rei. O resultado da prisão de Elendil não está claro nas anotações, mas é dito que Herendil recebeu o comando de um dos navios, que o próprio Elendil juntou-se à grande expedição porque seguiu Herendil, que quando chegaram à Valinor Tarkalion manteve Elendil como refém no navio de seu filho, e que quando desembarcaram nas praias Herendil foi derrubado. Elendil o resgatou e o levou a bordo, e, "perseguidos pelos raios de Tarkalion", velejaram de volta para o leste. "Ao se aproximarem de Númenor, o mundo se curva; e veem a terra deslizar na direção deles"; e Elendil cai nas profundezas e se afoga.[d] Esse conjunto de anotações termina com referências à chegada dos Númenóreanos à Terra-média, e às "histórias posteriores"; "os navios voadores", "as cavernas pintadas", "como Amigo-dos-Elfos andou pela Rota Reta".

Outras anotações referem-se a planos elaborados pelos "antissaurianos" para um ataque ao Templo, planos revelados por Herendil "com a condição de que Elendil seja poupado"; o ataque é frustrado e Elendil, capturado. Associado a esse tópico ou distinto dele está uma sugestão de que Herendil é detido e aprisionado nas masmorras de Sauron, e de que Elendil renuncia aos Deuses para salvar o filho.

Meu palpite é de que tudo isso foi rejeitado quando a narrativa em si foi escrita, e que as palavras de Herendil que a concluem demonstram que meu pai na ocasião tinha em mente uma solução bastante distinta, na qual Elendil e seu filho permaneciam unidos diante de quaisquer eventos que se abatessem sobre eles.[e]

Nas narrativas mais antigas não há indícios da duração do reino de Númenor desde sua fundação até a sua ruína; e apenas um rei é nomeado. Em sua conversa com Herendil, Elendil atribui todos os males que ocorreram à chegada de Sauron: eles surgiram, portanto, dentro de pouco tempo (quarenta e quatro anos, p. 83); enquanto no *Akallabêth*, quando uma grande extensão da história númenóreana já havia transcorrido, esses males começaram muito antes, e são na verdade traçados até o décimo segundo governante, Tar-Ciryatan, o Construtor de Navios, que tomou o cetro quase um milênio e meio antes da Queda (*Akallabêth*, p. 349, *Contos Inacabados*, p. 300).

Das palavras de Elendil no final de *A Estrada Perdida* um cenário sinistro vem à tona: o afastamento do rei transtornado e envelhecido da vista do público, o desaparecimento inexplicado de pessoas impopulares com o "governo", informantes, prisões, torturas, segredos, medo da noite; propaganda na forma da "reescrita da história" (como exemplificada pelas palavras de Herendil acerca do que agora era dito a respeito de Eärendel, p. 76); a multiplicação de armas de guerra, cujo propósito é ocultado, porém é adivinhado; e, por trás de tudo, a terrível figura de Sauron, o verdadeiro poder, divisando toda a terra do alto da Montanha de Númenor. Os ensinamentos de Sauron levaram à invenção de navios de metal que cruzam os mares sem velas, mas que são hediondos aos olhos daqueles que não abandonaram ou não se esqueceram de Tol-eressëa; à construção de fortalezas sombrias e torres desgraciosas; e a mísseis que passam com um barulho como o de trovões e atingem seus alvos a muitas milhas de distância. Além disso, Númenor é vista pelos jovens como superpopulosa, entediante, "conhecida demais": "cada árvore e folha de grama contadas", nas palavras de Herendil; e aparentemente essa causa de descontentamento é usada por Sauron para promover a política de expansão e ambição "imperiais" que ele força sobre o rei. Nessa época, quando meu pai voltou ao mundo do primeiro homem a carregar o nome "Amigo-dos-Elfos", ele encontrou lá uma imagem daquilo que mais condenava e temia no seu próprio mundo.

(iii)
Os capítulos não escritos

Não há como demonstrar se meu pai decidiu alterar a estrutura do livro ao transferir a história númenóreana para o final antes de abandonar o quarto capítulo nas palavras "Eu fico, pai" de Herendil; mas parece perfeitamente possível que a decisão de fato tenha levado ao abandono. Seja como for, em uma folha separada ele escreveu: "*Seguir para trás* até Númenor e torná-la a última", acrescentando uma proposta de que em cada história um homem deveria dizer as palavras sobre as Águias do Senhor do Oeste, mas somente no fim se descobriria o que elas significavam (ver pp. 92–3). Essa frase é seguida por uma rápida anotação de ideias para as histórias que se situariam entre Alboin e Audoin do século XX e Elendil e Herendil em Númenor, mas essas são espantosamente concisas: "História lombarda?"; "uma história nórdica de barco funerário (Vinlândia)"; "uma história inglesa — do homem que entrou na Rota Reta?"; "uma história dos Tuatha-de-Danaan, ou de Tir-NAN-Og" (sobre os quais ver pp. 99–102); uma história a respeito de "cavernas pintadas"; "a Era do Gelo — grandes figuras em gelo", e "Antes da Era do Gelo: a história de Galdor"; "pós-Beleriand e a história do ataque de Elendil e Gil-galad a Thû"; e, por fim, "a história de Númenor". A uma dessas, a "história inglesa do homem que entrou na Rota Reta", foi anexada uma anotação mais extensa, escrita muito rapidamente:

> Mas ela serviria melhor como introdução aos Contos Perdidos: Como Ælfwine navegou pela Rota Reta. Eles seguiram navegando por sobre o mar; e ficou muito claro e muito calmo — sem nuvens, sem vento. A água parecia tênue e branca abaixo deles. Olhando para baixo, Ælfwine de repente avistou terras e mt (*isto é*, montanhas *ou* uma montanha] na água brilhando ao sol. Suas dificuldades de respirar. Seus companheiros pulam no mar um por um. Ælfwine cai desacordado quando sente uma maravilhosa fragrância como de uma terra e de flores. Ao despertar, depara-se com o navio sendo puxado por pessoas que caminham na água.

> Contam-lhe que pouquíssimos homens em mil anos conseguem respirar o ar de Eressëa (que é Avallon), mas *nenhum* o de mais além. Assim, ele chega à Eressëa e lhe são contados os Contos Perdidos.

As palavras "História de Sceaf e Scyld" foram escritas a lápis junto a essa anotação; e creio que foi apenas aqui que surgiu a ideia do episódio anglo-saxão (e essa foi a única de todas essas projeções que chegou perto de ser levada adiante).

Essa anotação é de particular interesse por mostrar meu pai combinando a antiga história da viagem de Ælfwine a Tol-eressëa e a contação dos *Contos Perdidos* com a ideia do Mundo Tornado Redondo e o Caminho Reto, que foi inserida nessa época. Com as palavras acerca da dificuldade de respirar, cf. QdN §12, onde é dito que o Caminho Reto "cortava o ar de alento e voo [Wilwa, Vista], e atravessava Ilmen, que carne alguma pode suportar".

Meu pai então (como creio) esboçou um resumo para a estrutura do livro como agora o antevia. O Capítulo III se chamaria *Um passo para trás: Ælfwine e Eadwine*[f] — a encarnação anglo-saxã do pai e do filho, e com a incorporação da lenda do Rei Feixe; o Capítulo IV, "a lenda irlandesa dos Tuatha-de-Danaan — e o homem mais velho do mundo"; o Capítulo V, "O Norte Pré-histórico: antigos reis encontrados enterrados no gelo"; o Capítulo VI, "Beleriand"; o Capítulo VIII (presumivelmente um deslize para VII), "Elendil e Herendil em Númenor". É interessante ver que agora não há qualquer referência à lenda lombarda como um componente: ver p. 70.

Essa estrutura do resumo foi enviada à Allen & Unwin com o manuscrito e foi incorporada ao texto datilografado feito lá.

Fora o episódio anglo-saxão, o único resquício de material relacionado para alguma das histórias sugeridas é um fragmento extremamente obscuro e rabiscado que parece ser uma parte da "história de Galdor" (p. 95). Nesse fragmento, um certo Agaldor encontra-se numa costa rochosa ao entardecer e vê grandes nuvens aproximando-se, "como as próprias águias do Senhor do Oeste". Ele

é tomado por um presságio indefinível ao avistar essas nuvens; e ele se vira e sobe a praia, passando por trás da muralha de terra e indo até as casas, onde luzes já estão acesas. Ele é olhado com desconfiança por homens sentados a uma porta, e, depois que Agaldor se vai, eles falam dele.

> "Lá vai Agaldor de novo, vindo de sua conversa com o mar: mais cedo do que de costume", disse um. "Ele tem ido às praias mais do que nunca nos últimos tempos." "Logo há de falar, e profetizar coisas estranhas", disse outro; "e que os Senhores do Oeste ponham palavras mais consoladoras em sua boca do que antes." "Os Senhores do Oeste nada hão de lhe dizer", disse um terceiro. "Se alguma vez estiveram na terra ou no mar, eles já partiram desta terra, e o homem é o seu próprio mestre daqui até o nascente. Por que haveríamos de ser incomodados pelos sonhos de um caminhante do crepúsculo? Sua cabeça está cheia deles, e que lá fiquem. Seria de se pensar ao ouvi-lo falar que o mundo terminou na última era, e não que um novo começou, e que estamos vivendo nas ruínas."
>
> "Ele é um da gente antiga, e praticamente o último dos de vida longa nestas regiões", disse outro. "Aqueles que conheceram os Eldar e viram até mesmo os Filhos dos Deuses possuíam uma sabedoria que esquecemos." "Sabedoria eu não sei", disse o outro, "mas pesares certamente em abundância, se alguma das histórias for verdadeira. Não sei (embora duvide). Mas dá-me o Sol. Isso é glória… Gostaria que a vida longa de Agaldor pudesse ser encurtada. É ele que se mantém [??próximo] dessa beira-mar — perto demais da água pesarosa. Gostaria que tivéssemos um líder que nos levasse para o Leste ou para o Sul. Dizem que a terra é dourada nos [??domínios] do Sol."

Aqui o fragmento termina. Agaldor apareceu no resumo original de *A Queda de Númenor*: "Agaldor, chefe de um povo que vive na margem N.O. do Mar do Oeste" (p. 18), e posteriormente naquele texto foi Agaldor que lutou com Thû, embora o nome lá tenha sido alterado à época da composição para Amroth (p. 19). Um trecho

parcialmente ilegível rabiscado a lápis no alto da página, onde *Galdor* aparece, parece demonstrar que esse é um fragmento da "história de Galdor"; mas a história aqui é muito diferente.

> Galdor é um bom homem [?entre] os eLivross (não é um Númenóreano) — não é dos de vida longa, mas sim um profeta. Ele profetiza [??a chegada] dos Númenóreanos e [??a salvação] dos homens. Por isso mantém seus homens à beira-mar. Essa passagem pressagiadora anuncia a Ruína e o Dilúvio. Como ele escapa no dilúvio . . . . . da terra. Os Númenóreanos chegam — mas não aparecem mais como bons, e sim como em rebeldia aos Deuses. Matam Galdor e assumem a chefia.

Há muito pouco sobre o que elucubrar aqui, e não farei quaisquer especulações. A história foi abandonada sem revelar como o elemento Ælfwine-Eadwine seria inserido.

Seguindo agora para "a história de Ælfwine", há várias páginas de anotações muito descuidadas e começos abandonados. Uma dessas páginas consiste em anotações abreviadas feitas com rapidez crescente, como a seguinte:

> Ælfwine e Eadwine vivem na época de Eduardo, o Velho, em North Somerset. Ælfwine é arruinado pelas incursões dos dinamarqueses. A cena começa com o ataque (c. 915) a *Portloca* (Portlock) e *Wæced*. Ælfwine aguarda o retorno de Eadwine à noite. (O ataque na verdade historicamente ocorreu no outono, œ*t hærfest*).
>
> Conversa de Ælfwine e Eadwine. Eadwine está cansado de tudo aquilo. Ele diz que os dinamarqueses têm mais juízo; sempre seguindo em frente. Eles vão para o *oeste*. Seguem para a Irlanda; enquanto os ingleses ficam sentados como *Wealas* aguardando para serem escravizados.
>
> Eadwine diz que ouviu histórias estranhas acerca da Irlanda. Uma terra no Noroeste repleta de gelo, mas na qual homens podem habitar — eremitas santos foram expulsos por nórdicos. Ælfwine

tem objeções cristãs. Eadwine diz que Brandão, o santo, assim o fez séculos antes — e muitos outros, [como] Maelduin. E eles retornaram — não que ele próprio queira retornar. *Insula Deliciarum* — até mesmo o Paraíso.

Ælfwine contesta ao dizer que não se pode chegar ao Paraíso de navio — há águas mais profundas entre nós do que o Garsecg. *As rotas são curvadas*: no fim, volta-se ao lugar de partida. Não há como escapar de navio.

Eadwine diz que não acha que seja verdade — e espera que não seja. Seja como for, os ancestrais deles conquistaram novas terras de navio. Cita a história de *Sceaf*.

Acabam partindo com dez vizinhos. Perseguidos por vikings ao largo de Lundy. O vento os leva para alto-mar, e persiste. Eadwine adoece e diz coisas estranhas. Ælfwine também sonha. Mares revoltosos.

A Rota Reta . . . . . água (ilha dos Açores?) . . . . . ao longe. Ælfwine [?cura ?contém] Eadwine. Crê ser uma visão do delírio. A visão de Eressëa e o som de vozes. Resigna-se a morrer, mas ora por Eadwine. Sensação de estar caindo. Baixam para o mar [?real] e o vento oeste os sopra de volta. Acabam na Irlanda (a implicação é de que eles se *estabelecem* lá, e isso leva a Finntan).

Acrescento algumas anotações a esse resumo abrangente. Eduardo, o Velho, filho mais velho do Rei Alfredo, reinou de 900 a 924. No ano 914, uma grande frota viking, vinda da Bretanha, apareceu no Canal de Bristol, e começou a saquear as terras além do Severn. De acordo com a *Crônica Anglo-Saxã*, os líderes eram dois *jarls* (“duques”), chamados Ohtor e Hroald. Os dinamarqueses foram derrotados em Archenfield (inglês antigo *Ircingafeld*) em Herefordshire e forçados a entregar reféns como garantia de sua partida. O Rei Eduardo pegou em armas com as forças de Wessex no lado sul do estuário do Severn, “de maneira que”, nas palavras da *Crônica*, “eles não ousaram atacar a terra em nenhum ponto daquele lado. Ainda assim, por duas vezes avançaram furtivamente por terra à noite, numa ocasião a leste de Watchet, e noutra em Porlock (*æt oþrum cierre be eastan Wæced, and æt oþrum cierre æt Portlocan*). Foram atacados

ambas as vezes, e só escaparam aqueles que nadaram até os navios; e depois disso permaneceram na ilha de Steepholme, até quase não terem o que comer, e muitos morreram de fome. De lá foram para Dyfed [sul de Gales], e de lá para a Irlanda; e isso se deu no outono (*and þis wæs on hærfest*)".

Porlock e Watchet ficam na costa norte de Somerset; a ilha de Steepholme situa-se a nordeste, na foz do Severn. Meu pai manteve esse cenário histórico no rascunho de uma breve narrativa de "Ælfwine" apresentada abaixo, pp. 102–03, e anos mais tarde em *Os Documentos do Club Notion* (1945).

Wealas: os britãos (como distintos dos ingleses ou anglo-saxões); em inglês moderno, *Wales* [Gales], o nome do povo tendo se tornado o nome da terra.

"Uma terra no Noroeste repleta de gelo, mas na qual homens podem habitar — eremitas santos foram expulsos por nórdicos." É certo que, ao final do século VIII (e o quão antes não é possível dizer), viajantes irlandeses haviam chegado à Islândia, em viagens espantosas realizadas em seus barcos chamados *curachs*, feitos de couro sobre uma estrutura de madeira. Esse fato é conhecido pela obra de um monge irlandês chamado Dicuil, que em seu livro *Liber de Mensura Orbis Terrae* (escrito em 825) registrou que

> Faz agora trinta anos desde que certos sacerdotes que viviam naquela ilha do primeiro dia de fevereiro ao primeiro dia de agosto me contaram que não apenas no solstício de verão, como também nos dias antes e depois, o sol poente ao entardecer oculta-se como que detrás de uma pequena colina, de maneira que não escurece mesmo pelo mais curto período de tempo, e qualquer tarefa que um homem deseje realizar, mesmo catar piolhos de sua camisa, ele a pode fazer como se estivesse à luz do dia.

Quando os primeiros nórdicos chegaram à Islândia (por volta de 860), havia eremitas irlandeses vivendo lá. Isso foi registrado pelo historiador islandês Ari, o Sábio (1067–1148), que escreveu:

> Naquela época, homens cristãos que os nórdicos chamam de *papar* habitavam aqui; mas posteriormente se foram, pois não queriam viver aqui junto com pagãos, e deixaram para trás livros, sinos e crossas irlandeses; donde se podia ver que eram irlandeses.

Muitos locais no sul da Islândia, como Papafjörðr e a ilha de Papey, ainda possuem nomes derivados do irlandês *papar*. Mas nada se sabe acerca de seu destino: eles fugiram, e deixaram para trás seus bens preciosos.

Brendan; Maelduin; Insula Deliciarum. O conceito de uma "terra abençoada" ou de "ilhas venturosas" no Oceano do Oeste é uma característica proeminente das antigas lendas irlandesas: *Tir-nan-Og*, a terra da juventude; *Hy Bresail*, a ilha venturosa; *Insula Deliciosa*; etc. *Tir-nan-Og* é mencionada como uma possível história para *A Estrada Perdida*, p. 95.

Brandão, o santo é São Brandão, chamado de o Navegador, fundador da Abadia de Clonfert em Galway, e tema da mais famosa das histórias de viagens marinhas (*imrama*) contadas sobre os primeiros santos irlandeses. Outra é a *Imram Maelduin*, na qual Maelduin e seus companheiros partem da Irlanda em um *curach* e chegam em sua viagem a muitas ilhas em sequência, onde encontram maravilha após maravilha, assim como São Brandão.

O poema *Imram* de meu pai, no qual São Brandão ao final de sua vida recorda as três coisas de que se lembra de sua viagem, foi publicado em 1955, mas originalmente formava uma parte de *Os Documentos do Club Notion*. Muitos antes anos, ele havia escrito um poema (*A Terra Sem Nome*) cujo tema era uma terra paradisíaca "além do Mar Sombrio", no qual Brandão é mencionado. Esse poema e suas formas posteriores são apresentados em uma nota ao final deste capítulo, pp. 121 ss.; à versão final foi anexada uma anotação em prosa acerca da viagem de Ælfwine que possui estreita relação com o final do presente resumo.

Garsecg: o Oceano. Ver II. 377 e nota 19; também o Índice Remissivo do Vol. IV, verbete *Belegar*.

Sceaf: ver pp. 14, 95, 104–05 ss.

Lundy: uma ilha ao largo da costa oeste de Devon.

É lamentável que a última parte desse resumo seja tão ilegível. As palavras após "A Rota Reta" poderiam ser interpretadas como "um mundo como água". Após a misteriosa referência a Açores, a primeira palavra é um substantivo ou nome no plural, e talvez seja seguida por "impelidos".

Finntan: Uma anotação isolada em outro lugar entre esses papéis diz o seguinte: "Ver Lit. Celt. p. 137. Homem mais velho do mundo *Finntann* (*Narkil* Fogo Branco)". A referência vem a ser a uma obra intitulada *The Literature of the Celts* [A Literatura dos Celtas], de Magnus Maclean (1906). Na passagem à qual meu pai se refere, o autor escreveu sobre a história da Irlanda de acordo com cronistas irlandeses medievais:

> Quarenta dias antes do Dilúvio, a Senhora Cæsair, sobrinha ou neta de Noé — é irrelevante qual — com cinquenta moças e três homens chegaram à Irlanda. Essa, somos levados a crer, foi a primeira invasão ou conquista daquela terra. Todos esses se afogaram no Dilúvio, exceto Finntan, o marido da senhora, que escapou ao ser lançado num sono profundo, no qual continuou por um ano, e quando despertou encontrou-se em sua própria casa em Dun Tulcha. . . . Em Dun Tulcha ele viveu por muitas dinastias até o século VI de nossa era, quando ele aparece pela última vez com dezoito companhias de seus descendentes engajado na resolução de uma disputa de fronteiras. Por ser o homem mais velho do mundo, ele era, *ipso facto*, o mais bem informado acerca de antigos marcos.
>
> Após o Dilúvio, uma sucessão de vários povos subiu ao palco da história irlandesa. Primeiro os Partólamos, depois os Nemedianos, Firbolgs, Tuatha Dé Danaan e, por último, os Milesianos, levando assim a cronologia até a época de Cristo. Desde a chegada dos primeiros desses colonizadores, os Fomorianos ou "Piratas" são representados enfrentando e atormentando o povo. Por vezes ao lado da peste, em outras ao lado dos Firbolgs e Gaileoin e Fir-Domnann, eles arrasavam a

> terra. Os Partólamos e os Nemedianos não tardaram a serem liquidados. E então surgiram do norte da Europa, ou do céu, como diz um autor, os Tuatha Dé Danann, que na grande batalha de Moytura Sul sobrepujaram os Firbolgs, dispersando-os às ilhas de Aran, Islay, Rathlin e Hébridas, e posteriormente derrotaram os Fomorianos em Moytura Norte, obtendo assim a posse plena da terra.
>
> Os Tuatha Dé Danann são mencionados duas vezes (pp. 95–6) como um possível elemento narrativo em *A Estrada Perdida*.
>
> A única narrativa propriamente dita acerca de Ælfwine dessa época (fora alguns começos abandonados após algumas linhas) é breve e escrita de forma quase ilegível; mas a intenção era usá-la mais tarde, e em alguns pontos foi seguida de perto, em *Os Documentos do Club Notion*.

Ælfwine despertou sobressaltado — estivera dormitando num banco encostado em uma coluna. As vozes o engolfaram como uma torrente. Sentiu que estivera sonhando; e por um momento a fala inglesa ao seu redor soou estranha, embora em sua maior parte fosse a fala suave do oeste de Wessex. Aqui e ali havia homens das Marcas, e alguns falavam de modo singular, usando palavras estranhas à maneira daqueles entre os quais os dinamarqueses habitavam nas terras do leste. Ele olhou para o salão, procurando por seu filho Eadwine. Estava para ter licença da frota, mas ele ainda não havia chegado.

Havia uma grande multidão no salão, pois o Rei Eduardo estava ali. A frota estava no mar de Severn, e a costa sul estava em armas. Os jarls haviam sido derrotados muito ao norte em Irchenfield, mas os navios dinamarqueses ainda se encontravam livres na costa galesa; e os homens de Somerset e Devon estavam alertas.

Ælfwine olhou para o salão. Os rostos dos homens, alguns velhos e cansados, outros jovens e ávidos, estavam obscurecidos, não somente porque a luz das tochas bruxuleava e as velas na mesa elevada derretiam. Ele olhou para além deles. Um vento soprava ao redor da casa; vigas rangiam. O som lhe trouxe de volta antigos anseios que pensava há muito estarem enterrados. Ele nascera no ano em que os dinamarqueses invernaram em Sheppey, e navegara por muitos mares e ouvira muitos ventos desde então. O som do vento oeste e da quebra de mares nas praias sempre lhe foram uma música provocadora. Especialmente na primavera. Mas agora era outono, e, além disso, ele estava envelhecendo. E os mares eram vastos, estando além do poder do homem atravessá-los — a costas desconhecidas: vastos e perigosos. Os rostos dos homens ao seu redor desapareceram e o clamor das vozes mudou. Ele ouviu ondas quebrando nos penhascos negros e as aves marinhas mergulhando e gritando; e neve e granizo caíam. Então os mares se abriram pálidos e vastos; o sol brilhava sobre a terra e o som e cheiro dela ficaram para trás. Ele estava sozinho, seguindo para oeste em direção ao sol poente, com medo e anseio no coração, atraído contra a sua vontade.

Seu sonho foi interrompido por chamados pelo menestrel. “Que Ælfwine cante!”, homens gritavam. O rei ordenara que cantasse algo. Ele ergueu a voz e entoou alto, mas como alguém falando apenas consigo próprio:

> Monað modes lust mid mereflode
> forð to feran, þæt ic feor heonan
> ofer hean holmas, ofer hwæles eðel
> elþeodigra eard gesece.
> Nis me to hearpan hyge ne to hringþege
> ne to wife wyn ne to worulde hyht
> ne ymb owiht elles nefne ymb yða gewealc.

“O desejo do meu espírito me urge a sair em jornada por sobre o mar undante, para que longe daqui, através dos morros d’água e do país da baleia, eu possa buscar a terra de estranhos. Não tenho interesse pela harpa, nem por prenda de anel, nem deleite por mulheres, nem alegria no mundo, nem ânsia por nada mais que não o rolar das ondas.”

Então se deteve de súbito. Houve algum riso, e alguns escárnios, embora muitos estivessem em silêncio, como que sentindo que as palavras não foram faladas para os seus ouvidos — antigas e familiares como eram, palavras dos antigos poetas que a maioria dos homens ouvira com frequência. “Se ele não tem interesse pela harpa, não precisa esperar [?paga]”, disse um. “Há algum mortal aqui que tenha interesse?” “Estamos fartos do mar”, disse outro. “Uma temporada de caça de dinamarqueses remediaria o amor da maioria dos homens por ele.” “Deixai-o rolar sobre as ondas”, disse outro. “Não é preciso muito vela até a… terra galesa, onde o povo é estranho o bastante — e aos dinamarqueses com os quais conversar.”

“Paz!”, disse um velho sentado perto da soleira da porta. “Ælfwine navegou por mais mares do que vós ouvistes falar; e a língua galesa não lhe é estranha . . . . . Sua esposa era da Cornualha. Ele esteve na Irlanda e no Norte, e, dizem alguns, no mais distante oeste de todas as terras viventes. Deixai-o dizer o que seu ânimo pede.” Fez-se um breve silêncio.

O texto termina aqui. A situação histórica é levemente preenchida, com a menção aos *jarls* vikings e sua derrota em *Irchenfield* (Archenfield), sobre a qual ver p. 99. Ælfwine “nascera no ano em que os dinamarqueses invernaram em Sheppey” (a ilha de Sheppey ao largo da costa norte de Kent). A *Crônica Anglo-Saxã* registra no ano 855: *Her hæþne men ærest on Sceapige ofer winter sætun* (Neste ano os pagãos pela primeira vez permaneceram em Sheppey [“Ilha-das-ovelhas”] durante o inverno); mas uma invernada anterior em

Thanet foi registrada no ano de 851. Essas invernadas vikings eram um presságio do que estava por vir, um sinal da transição de incursões isoladas seguidas por uma rápida partida para as grandes invasões na época de Etelredo e Alfredo. — Ælfwine, portanto, estava com quase sessenta anos nessa época.

Os versos que Ælfwine entoou foram derivados do poema em inglês antigo conhecido como *The Seafarer* [O Navegante], com a omissão de cinco versos do original após o verso 4, e algumas alterações de fraseado. O terceiro verso é um acréscimo (e tanto em inglês antigo como na tradução está entre colchetes no manuscrito).

Com a referência à esposa de Ælfwine que veio da Cornualha, cf. o antigo conto de *Ælfwine da Inglaterra*, onde sua mãe vinha "do Oeste, de Lionesse" (II. 378).

Parece-me certo que o que viria imediatamente a seguir após o fim dessa breve narrativa seria a lenda do *Rei Feixe*, que em um dos três textos é colocada na boca de Ælfwine (e que se segue aqui em *Os Documentos do Clube Notion*, embora lá não seja atribuída a Ælfwine). Há tanto uma versão em prosa como uma em verso de *Rei Feixe*; e é bem possível que a versão em prosa, que apresento primeiro, esteja intimamente relacionada com a narrativa de Ælfwine; não há uma ligação real entre elas, mas os dois manuscritos são muito similares.

À praia o navio chegou e avançou pela areia, rangendo sobre o cascalho partido. No crepúsculo, enquanto o sol se punha, homens desceram até ele, e olharam dentro. Um menino jazia ali, adormecido. Era belo de rosto e membros, de cabelos escuros e pele branca, mas trajado em ouro. As partes internas do barco eram adornadas de ouro, uma vasilha de ouro cheia de água límpida estava ao seu lado, [*acrescentado*: à sua direita havia uma harpa,] abaixo de sua cabeça havia um feixe de trigo, cujas hastes e espigas reluziam como ouro no crepúsculo. Os homens não sabiam o que era aquilo. Espantados, puxaram o

barco para o alto da praia, e ergueram o menino e o carregaram, e o deitaram adormecido em uma casa de madeira em seu burgo. Eles colocaram guardas ao redor da porta.

Pela manhã, o quarto estava vazio. Mas numa rocha elevada os homens viram o menino de pé. Tinha o feixe nos braços. Quando o sol nascido brilhou, ele começou a cantar numa língua estranha, e ficaram cheios de assombro. Pois eles ainda não haviam ouvido canto, nem visto tamanha beleza. E não tinham rei entre eles, pois seus reis haviam morrido, e não tinham senhor e nem guia. Portanto, tomaram o menino como rei, e o chamaram *Feixe*; e assim é o seu nome lembrado em canção. Pois o seu verdadeiro nome estava oculto e foi esquecido. Contudo, ele ensinou aos homens muitas palavras, e a fala deles foi enriquecida. O ofício das canções e dos versos ele lhes ensinou, e o das runas, e a lavrar a terra e a criar animais, e a feitura de muitas coisas; e em seu tempo as florestas sombrias recuaram e houve abundância, e o trigo cresceu na terra; e as casas entalhadas dos homens ficaram repletas de ouro e tapeçarias ornamentadas. A glória do Rei Feixe espalhou-se por toda parte nas ilhas do Norte. Seus filhos foram muitos e belos, e é cantado que deles vieram os reis de homens dos dinamarqueses do norte e dos dinamarqueses do oeste, dos anglos do sul e dos godos do leste. E no tempo dos Senhores-de-Feixe houve paz nas ilhas, e navios iam desarmados de terra em terra levando tesouros e ricas mercadorias. E um homem podia lançar um anel de ouro na estrada e lá a joia permaneceria até que ele a recolhesse.

Aqueles dias as canções chamam de anos dourados, enquanto o grande moinho de Feixe ainda era guardado na ilha-santuário do Norte; e do moinho vinham grãos dourados, e não havia necessidade em todos os reinos.

Mas veio acontecer, após longos anos, que Feixe convocou seus amigos e conselheiros, e lhes disse que iria partir. Pois a sombra da velhice havia caído sobre ele (vinda do Leste) e ele retornaria para o lugar de onde viera. Então houve grande lamentação. Mas Feixe deitou-se em seu leito dourado, e ficou como alguém em sono profundo; e seus senhores, obedecendo-lhe as ordens enquanto ele ainda governava e tinha comando da fala, colocaram-no em um navio. Foi deitado ao lado do mastro, que era alto, e as velas eram douradas. Tesouros de ouro e de gemas e finas vestimentas e bens valiosos foram dispostos ao lado dele. Sua bandeira dourada esvoaçava-lhe sobre a cabeça. Dessa maneira ele foi vestido mais ricamente do que quando veio ter entre eles; e o empurraram para o mar, e o mar o recebeu, e o navio o levou sem guia para longe até o extremo Oeste, fora da vista ou do pensamento dos homens. Tampouco se sabe quem o recebeu em que porto ao final de sua jornada. Alguns dizem que aquele navio encontrou a Rota Reta. Mas nenhum dos filhos de Feixe seguiu aquele caminho, e muitos no início viveram até uma grande idade, mas, sob a sombra do Leste, foram enterrados em grandes tumbas de pedra ou em montes como colinas verdes; e a maioria desses ficava às margens do mar ocidental, altos e amplos nos ombros terra, de onde os homens podem divisá-los ao conduzir seus navios em meio às sombras do mar.

> Esse é um primeiro rascunho, escrito com rapidez e em linhas gerais; mas a forma em verso aliterante é bem-acabada, até onde ela se estende (não vai além da partida de Feixe, e não foi continuada para sua inclusão em *Os Documentos do Club Notion*). Há dois textos da forma em verso: (i) um manuscrito claro no qual o poema foi escrito como prosa, e (ii) um texto mais apressado no qual foi escrito em versos. É difícil concluir qual dos dois foi feito primeiro, mas, seja como for, o poema é quase idêntico nas duas versões, que são

obviamente de estreita contemporaneidade. Publico-o aqui em versos,[g] com as quebras introduzidas a partir dos parágrafos da versão em "prosa". A versão (i) possui um título formal, *Rei Feixe*; a (ii) possui uma narrativa curta de abertura, que poderia muito bem vir após as palavras "Fez-se um breve silêncio" na p. 104.

De repente, Ælfwine fez soar uma nota em sua harpa. "Vede!", gritou, em alto e bom som, e os homens empertigaram-se atentos. "Vede!", gritou ele, e começou a entoar uma histórica antiga, porém tinha certa ciência de que a estava contando mais uma vez, acrescentando e alterando palavras, não tanto por improvisação como por após uma longa ponderação oculta de si mesmo, agarrando-se aos fragmentos de sonhos e visões.

Em dias de outrora deu o Oceano
aos Longobardos, na bela terra
que em antanho tinham nas nortistas ilhas,
um barco que passava, com brilho no madeiro,
sem remo ou mastro, no rumo do leste.
O sol detrás dele, descendo a oeste,
com fogo inflamou as faldas da água.
Subia o vento. Nas bordas do mundo,
nuvens grisalhas em anéis se alçavam,
asas abertas, bastas ondejando,
qual águias magnas que se movem rumo
à Terra no leste e trazem agouro.
Espantaram-se os homens, postados na bruma
das escuras ilhas nas cavas do tempo:
riso não tinham, nem arrimo nem luz;
cobria-lhes a sombra, e abismos e montanhas
cercavam-nos então, atrozes e sem vida,
de maligna face. O Leste era sombrio.

Veio o navio, levado à costa,
e aportou na praia, até que a proa

descansou na areia. O sol se pôs.
As nuvens cobriram a noite que chegava.
Em temor e assombro, à margem d'água
tristes homens trotando vieram
às praias quebradas, buscando o barco
de claro madeiro no ocaso cinzento.
Olharam dentro dele, e ali, dormindo,
um garoto viram a respirar suave:
de faces belas, de forma amável,
membros de alabastro, cabelos negros,
tranças com ouro. Entalhes banhados
com engenho incrível cercavam-no todo.
Em vasilha d'ouro luzente água
ao seu lado havia; lira dourada
com cordas de prata posta em sua mão;
cabeça dormente no abrigo gentil
dum feixe de trigo, fogo pálido
como o ouro fulvo de um país distante
a oeste de Angol. O êxtase os tomou.

O barco puxaram, e à beira da praia
firmaram-no bem, suas mãos erguendo
da nau seu fardo. O menino dormia.
No leito o levaram a seus lares tristes,
de escuras cercas, nas sombras da terra
entre o ermo e o mar. No alto havia,
em desleixo, vazio, um salão de madeira,
acima das casas. Ficara tanto assim,
sem sinal de ruído, à noite ou de manhã,
sem ver a luz. Ali o deitaram,
com tranca à porta, em repouso sozinho
na vazia treva. Postaram-se às portas.
A noite se foi, veio novo dia,
a manhã de sempre que assoma na terra;
aos poucos vinha a aurora. As portas se abriram.
Entraram os homens, mas os deteve o assombro;

com medo, admirados, pararam os vigias.
Vazia estava a casa, deserto o salão;
pessoa não se via no solo deitada,
mas luzente, à cama, a vasilha deixada,
seca, sem água, a sós na poeira.

O estranho não estava. A tristeza os tomou.
Em pesar o buscaram, e no zênite o sol,
no alto firmamento, aos humanos lares
a luz foi trazendo. Olharam para cima
e, no alto de um monte, alvo e desnudo,
o estranho divisaram; reluzia o ouro
em sua cabeleira, a lira em suas mãos;
a seus pés posta a planta dourada,
o feixe de trigo. Fez-se ouvir sua voz,
começou a canção, de doçura celeste,
trovas com música de estranho tecido
em uma língua ignota. Silentes as árvores,
os homens, imóveis, o murmúrio ouviram.

A Terra-média, por muitas eras,
canções não conhecera; nem feição tão bela
os mortais viam desde que a terra surgira,
quando estavam despertos no triste país
em que deixados foram. Chefes não tinham,
nem rei, nem conselho, mas o horror frio
que habita o deserto, as bastas sombras
que os montes rondam e as matas grises.
O temor era mestre. Mudos e escuros,
longos anos ao léu cobriam
o salão dos reis, em desleixo a casa
sem fogo ou refeição.

Enfim vêm os homens
das escuras casas. Franqueiam-se as portas,
sem trancas os portões. A tristeza finda.

Ao monte se encaminham e, assomando as cabeças,
observam o estranho. Os com cinza nas barbas
curvam-se e bençãos proferem então,
veem cura a seus anos; pequenos e moças,
moços e mulheres acolhida lhe dão.
A canção termina. Está mudo, de pé,
fitando-os a todos. Torna-se seu senhor;
é de rei que o chamam, os raios d'ouro
da trigueira coroa, as gaias vestes,
a lira por cetro. Acende em sua casa
o fogo pros famintos; é sem medo e sábio.
Fez-se homem, com força e saber.

De Feixe o chamam, que o forte mar trouxe,
um nome renomado no Norte antigo
em glória e canção; mas segredos há
que escondem seu nome na obscura língua
de remoto país, onde os mares cadentes
banham costas d'oeste, ocultas dos homens
no declínio do mundo. Está muda a palavra
e não vale o nome.

Salvou-lhes a vida,
renovando leis e votos esquecidos.
Palavras ensinou, lestas e amáveis —
maduraram-se as línguas ao alento de Feixe
com graça e canção. Segredos mostrou,
runas revelando. Ricos os fez,
com labutas bem-pagas, bastos confortos
da terra tirados, arando alqueires,
sempre a plantar na estação certa,
em celeiro juntando loura colheita
para arrimo dos homens. A rija floresta
em seus dias volveu às vastas montanhas;
cedia a sombra e, resplandecendo, o grão,
as espigas de trigo, suspiros soltavam

onde ermidas houvera. As matas tremiam.

Moradias e paços de madeira feitos,
torres de pedra estreitas e altas,
parapeitos dourados, pôs na cidade,
de tetos os cobriu. Seu trono cercou
de belos entalhes, trabalho de artista;
tão várias as cores, lavrados com prata,
com ouro e escarlate, qual lumes pendurados,
histórias contando de estranhos países,
que os sábios de engenho, conhecendo as lendas,
podiam seguir. Sua grei a seus pés
tinha bom conselho e são conforto,
julgamentos justos. De mão aberta
vinham seus dons. Elevou-se sua glória.
Sua fama se fez pelas fulvas águas,
pelo Norte imenso o renome ecoou
do fulgurante rei, poderoso Feixe.

Ao final de (ii) ocorrem oito versos que parecem ter sido acrescentados ao texto; eles também foram inseridos a lápis no texto (i) em “prosa”, aqui escritos em linhas de versos, seguidos por outros oito versos (a passagem inteira de dezesseis versos foi riscada, mas foi usada posteriormente em *Os Documentos do Club Notion*, na forma de um acréscimo ao poema propriamente dito).

Sete filhos gerou, fortes príncipes,
homens de ânimo, de alto espírito
e poderoso braço. De sua raça vem
a semente dos reis, começo das canções,
pais de todo pai, que em priscas eras
nos Antigos Anos a terra governaram,
aos reinos do Norte seu nome deram,
de sua gente escudo; gera-os Feixe:
daneses e godos, nórdicos e suecos,
francos e frísios, confrades das ilhas,

anglos e suabos, ávidos saxões,
e os Longobardos, que em brava luta,
além de Myrcwudu, magno reino e rico
tomaram para si nas marcas galesas,
onde Ælfwine, de Eadwine filho,
da Itália foi rei. Isso tudo passou.[A]

Notas sobre Rei Feixe

Referências nas notas abaixo são feitas aos versos do poema.

1–3 Quanto à associação de Feixe com os Longobardos (lombardos), ver p. 114.

7 A palavra *fallow* ("dourado, fulvo") é usada várias vezes nesse poema para a água e uma para o ouro (38); o feixe de trigo é dourado (68). Ver III. 430.

8–12 As nuvens semelhantes a "águias magnas" que precedem a chegada de Feixe no poema não aparecem na versão em prosa.

39 *Angol*: o antigo lar dos ingleses antes de sua migração cruzar o mar do Norte. Ver I. 36, 305 (verbete *Eriol*).

142–43 Não sei dizer ao que esses versos se referem, onde os "pais de todo pai" que fundaram reinos no Norte, os descendentes de Feixe, "que em priscas eras / nos Antigos Anos a terra governaram".[h]

148 No original, a passagem traz o nome *Swordmen*, "Espadachins". Fica evidente que esse deveria ser o nome de um povo, mas para mim não está claro que povo seria esse. É concebível que meu pai tivesse em mente os *Brondingas*, governados por Breca, oponente de Beowulf no desafio de nado, pois uma das interpretações desse nome é que ele contém a palavra *brond* (*brand*), "espada".

Suabos: parece não haver dúvida quanto a essa palavra (*suábios* em *Os Documentos do Clube Notion*). A forma em inglês antigo era *Swæfe*: assim, no poema *Widsith*, aparecem as expressões *Engle ond Swæfe* e *Mid Englum ic wæs ond mid Swæfum*. São os *Suevi* dos historiadores romanos, um termo usado de forma ampla que abrangia muitas tribos germânicas, mas que aqui é evidentemente usado, como em *Widsith*, para se referir de forma específica aos suábios que habitavam o Norte e eram vizinhos dos anglos.

150 *Myrcwudu* (inglês antigo): "Trevamata". Trata-se de um antigo nome lendário germânico que designava uma grande floresta escura nas fronteiras, que pode ser encontrado com várias aplicações bastante diferentes entre si. A referência aqui é aos Alpes Orientais (ver nota ao verso 151).

151 *galesas*: "estrangeiras" (romanas). Meu pai usou a palavra em seu sentido antigo aqui. A antiga palavra germânica *walhoz* significava "estrangeiro celta ou romano". É daí que vem o plural *Walas* em inglês antigo (em inglês moderno *Wales*, o País de Gales), usado para designar os celtas da Grã-Bretanha. Assim, em *Widsith*, os romanos são chamados de *Rūm-walas*, e diz-se que César era senhor das cidades e riquezas do *Wala rice*, o reino dos *Walas*. Um verso de *Rei Feixe* rejeitado em favor de 150-1 diz *Conquistaram reinos além das Montanhas Galesas*, o que é uma referência aos Alpes. O sentido antigo sobrevive na palavra inglesa *walnut*, a noz-persa,

“noz das terras romanas”; e também no sobrenome *Wallace* e na palavra *Walloon* (“valão”, em português).[i]

152–53 Ver pp. 69–70.

As raízes de *Rei Feixe* encontram-se no passado distante das lendas germânicas setentrionais. Há três fontes primárias: *Beowulf*, e as declarações de dois cronistas posteriores que escreveram em latim, Etelvardo (que morreu por volta do ano 1000), e Guilherme de Malmesbury (que morreu em 1143). Apresento primeiro as dos historiadores.

Na Crônica de Etelvardo, a genealogia dos reis ingleses termina com os nomes *Beo – Scyld – Scef* (que significam Cevada, Escudo e Feixe; inglês antigo *sc* = “sh”); e acerca de *Scef* ele diz:

> Esse Scef chegou num barco veloz, cercado por armas, a uma ilha do oceano chamada Scani, e ele era um menino muito novo, e desconhecido do povo daquele país; mas foi acolhido por eles, e zelaram por ele como alguém de sua própria gente, e mais tarde o escolheram como rei.

Guilherme de Malmesbury (um escritor notável pelo seu uso de histórias e canções populares) da mesma forma tem em sua genealogia as três figuras *Beowius – Sceldius – Sceaf*, e diz o seguinte acerca de *Sceaf*:

> Ele, como dizem, foi levado em criança num barco sem remadores até Scandza, uma certa ilha da Germânia. . . . Ele estava adormecido, e ao lado de sua cabeça havia sido colocado um punhado de trigo, razão pela qual foi chamado “Feixe”. Era considerado um prodígio pelo povo daquele país, e criado com todo obséquio; quando adulto, governou naquela vila que na época era chamada Slaswic, mas que agora se chama Haithebi. Aquela região é chamada Antiga Ânglia, de onde os Anglos vieram à Bretanha.

Apresento abaixo o prólogo, ou, como meu pai o chamava, o *exórdio* de *Beowulf*, tirado de sua tradução do poema.

Eis aí! Da glória dos reis da gente dos Daneses de Lança nos dias de antanho ouvimos contar como esses príncipes fizeram feitos valorosos. Muitas vezes Scyld Scefing roubou às hostes dos inimigos, muitas gentes, os assentos onde bebiam seu hidromel, lançou o medo nos homens, ele que outrora foi encontrado abandonado; viveu para disso conhecer o consolo, tornou-se poderoso sob o céu, prosperou em honra, até todos os que perto habitavam, por sobre o mar onde anda a baleia, lhe deverem obediência e lhe entregarem tributo – um bom rei foi ele!

Depois nasceu-lhe um herdeiro, uma criancinha em seus domínios, que Deus mandou para o consolo da gente ao perceber a grave privação que muito tempo sofreram antes por não terem príncipe. A ele, portanto, o Senhor da Vida, que reina em glória, concedeu honra entre os homens: Beowulf era renomado – em toda parte brotava sua glória –, o herdeiro de Scyld em Scedeland. Assim um jovem faz acontecer com bons feitos e nobres dádivas, enquanto mora nos domínios do pai, e ao qual, mais tarde, quando é mais velho, se unem cavaleiros leais de sua mesa, e a gente o apoia quando a guerra vem. Os feitos valorosos enobrecem o homem em todos os povos.

Então, em sua hora azada, o valente Scyld passou à guarda do Senhor; e ao mar fluente seus caros camaradas o levaram, como ele próprio lhes pedira enquanto ainda, como seu príncipe, governava os Scyldings com suas palavras: amado senhor da terra, por muito tempo foi mestre. Ali no porto demorava-se, com proa anelada e gelo pendente, ávida por partir, a barca do príncipe; então deitaram seu amado rei, doador de anéis, no seio do navio, em glória junto ao mastro. Para ali muitas coisas preciosas e tesouros foram trazidos de regiões muito distantes; nem ouvi dizer que jamais os homens tenham arranjado um barco mais lindamente com armas de guerra e arneses de batalha; em seu colo jaziam tesouros amontoados, que agora deviam acompanhá-lo ao longe, no domínio do mar. Não o adornaram com presentes nem um pouco menos valiosos, com tesouros daquela gente, do que aqueles que no começo o haviam enviado sozinho por sobre as ondas, ainda criancinha. Ademais, puseram no alto, sobre sua

> cabeça, um estandarte dourado e o deram ao Oceano, deixando que o mar o carregasse. Tristes estavam seus corações e havia luto em suas almas. Ninguém pode relatar, nem os senhores em seus salões, nem homens poderosos sob o céu, quem realmente recebeu aquela carga.

Também há uma referência a um rei chamado Sheaf [Feixe] (*Sceafa*) em *Widsith*, onde em uma lista de governantes e povos por eles governados ocorre *Sceafa* [*weold*] *Longbeardum*, "Feixe governou os lombardos"; no início do poema *Rei Feixe*, é aos lombardos que chega o barco levando a criança.

Este obviamente não é o lugar para começar uma discussão elaborada de um assunto tão complexo quanto o de *Scyld Scefing*: "um emaranhado dos mais espantosos", meu pai o chamou. Suas aulas em Oxford durante esses anos dedicam muitas páginas à análise refinada das evidências, e das teorias concorrentes acerca delas. O argumento há muito debatido acerca do significado de "Shield Shefing" em *Beowulf* — "Shefing" significa "com um feixe" ou "filho de Feixe", e é "Escudo" ou "Feixe" o ancestral original? — podia na opinião de meu pai ser resolvido com alguma certeza. Em uma declaração resumida de suas opiniões em outra aula (aqui com mínima edição), ele disse:

> *Scyld* é o ancestral epônimo dos *Scyldingas*, a casa real danesa à qual pertence Hrothgar, rei dos daneses desse poema. Seu nome é simplesmente "Escudo", e trata-se de uma "ficção", isto é, um nome deduzido do nome familiar "heráldico" *Scyldingas* depois que estes se tornaram famosos. Esse processo foi auxiliado pelo fato de que a desinência do inglês antigo (e germânico) *-ing*, que podia significar "conectado com, associado a, provido de" etc., também era a desinência patronímica usual. A invenção desse "Escudo" epônimo foi provavelmente danesa, isto é, de fato obra dos historiadores dinásticos daneses (þ*ylas*) e de poetas aliterantes (*scopas*) durante a vida dos reis dos quais ouvimos falar em *Beowulf*, certamente os históricos Healfdene e Hrothgar.

> Quanto a *Scēfing*, pode, como vemos, significar "provido de um feixe", "conectado de algum modo com um feixe de trigo", ou filho de um vulto chamado Sheaf. A favor desta última hipótese está o fato de que existem tradições inglesas sobre um ancestral *mítico* (o que não é o mesmo que epônimo ou fictício) chamado *Sceaf* ou *Sceafa*, pertencente a antigos mitos culturais do norte, e sobre suas associações especiais com os daneses. A favor da primeira hipótese está o fato de que Scyld provém do desconhecido, como bebê, e o nome de seu pai, se é que tinha um, não podia ser conhecido por ele nem pelos daneses que o receberam. Mas tais assuntos poéticos não são estritamente lógicos. Apenas em *Beowulf* se fundem desse modo as duas tradições divergentes sobre os daneses, a heráldica e a mítica. Penso que o poeta queria dizer (Shield) Sheafing como patronímico. Estava mesclando a glória belicosa, vaga e fictícia do ancestral epônimo da casa conquistadora com o mito mais misterioso, muito mais antigo e mais poético da misteriosa chegada do bebê, do deus do trigo ou do herói cultural, seu descendente, no começo da história de um povo, e acrescentando-lhe uma misteriosa partida arthuriana, *de volta ao desconhecido*, enriquecida por tradições de sepultamentos navais no passado pagão, não muito remoto — para fazer um magnífico e sugestivo *exórdio* e um pano de fundo de seu relato.

Beowulf, filho de Scyld Scefing, que aparece no exórdio (para a confusão de todos os leitores, visto que ele não possui qualquer ligação com o herói do poema), meu pai considerava ser uma corruptela de *Beow* ("Cevada") — que é o nome encontrado nas genealogias (p. 112).

> Na minha opinião, é muitíssimo mais provável [ele escreveu] que o nome *Beowulf* propriamente dito pertença *apenas* à história do menino-urso (que é a de Beowulf, o Geata); e esse é um nome de conto de fadas, na verdade um "kenning" para *urso*: "Bee-wolf" [Lobelho], isto é, "caçador-de-mel". Seria muito improvável que tal nome ser transferido à linhagem Scylding pelo poeta, ou em

> qualquer época em que as histórias e lendas que são a estrutura principal do poema possuíam alguma existência independente dele. Creio que *Beow* foi transformado em *Beowulf* após a época do poeta, no processo de tradição escrita, quer de maneira deliberada (e infeliz), quer de maneira meramente casual e errônea.

Em outro lugar ele escreveu:

> Uma explicação completa e totalmente satisfatória das peculiaridades do exórdio naturalmente nunca foi dada. Eis aqui o que me parece ser a ideia mais provável.
>
> O exórdio é poesia, não história (em propósito). Foi composto para o seu presente lugar, e o seu principal propósito era glorificar Scyld e sua família, e, assim, realçar o pano de fundo sobre o qual o conflito entre Grendel e Beowulf ocorre. Portanto, a escolha de uma lenda maravilhosa em vez de uma mera invenção dinástica foi natural. A retenção do patronímico *Scefing* demonstra que o nosso autor estava trabalhando principalmente na forma combinada: *Beow* < *Scyld* < *Sceaf* [encontrada nas genealogias, ver p. 112]. Esse título de fato tem pouco sentido em sua versão, e certamente não teria aparecido se o autor realmente tivesse se baseado em uma história na qual *Scyld* era quem chegava num barco; enquanto certos pontos em seu relato (a criancinha desamparada) claramente pertencem às lendas de Feixe-Cevada.
>
> Por que, então, ele tornou *Scyld* a criança no barco? — nitidamente sua própria criação: esse elemento não ocorre em nenhum outro lugar. Eis aqui algumas prováveis razões:
>
> a. Ele estava concentrando toda a fascinação em *Scyld* e no nome *Scylding*.
>
> b. Uma partida por sobre o mar — um sepultamento naval — já era associada a chefes nortistas em poemas e saberes antigos, possivelmente já com o nome de Scyld. Há um ganho considerável de poder e caráter sugestivo, se o mesmo herói chega e parte em um barco. A grande estatura alcançada por

Scyld também é enfatizada (explicitamente) pelo contraste assim feito com a sua chegada desamparada.

c. Tradições mais antigas e ainda mais misteriosas podiam muito bem ainda serem correntes acerca das origens dinamarquesas: a lenda de Ing, que chegou e voltou por sobre as ondas [ver II. 368]. O *Scyld* de nosso poeta substituiu (por assim dizer) *Ing*.

Afinal, Feixe e Cevada originalmente eram apenas lendas rústicas sem grande esplendor. Mas a lenda deles aqui possui ecos de tradições heroicas do Norte que remontam a um passado remoto, ao que filólogos chamariam de tempos germânicos primitivos, e, ao mesmo tempo, são marcados pelas glórias marciais da Casa do Escudo. Dessa forma, o poeta consegue prover os senhores do salão dourado de Hart com uma glória e mistérios, mais arcaicos e simples, mas dificilmente menos magníficos do que aqueles que adornam o rei de Camelot, Arthur, filho de Uther. Esse é o método do nosso poeta no decorrer da obra, visto especialmente na exaltação entre os grandes heróis que ele obteve para o Menino-urso do antigo conto de fadas, que se torna em seu poema Beowulf, último rei dos geatas.

Apresento abaixo uma citação final das aulas de meu pai sobre esse assunto, onde ao discutir os versos de encerramento do exórdio ele escreveu sobre

sugestão – é pouco mais do que isso. O poeta não é explícito, e é provável que a ideia de que Scyld retornou a alguma terra misteriosa de onde viera não estivesse plenamente formada em sua mente. Ele veio do Desconhecido além do Grande Mar, e voltou para lá. Uma intrusão milagrosa na história, que mesmo assim produziu efeitos históricos reais: uma nova Dinamarca e os herdeiros de Scyld em Scedeland. Essa deve ter sido a sua ideia.

Nos últimos versos: “Os homens não podem fazer relato seguro dos portos onde aquele navio foi descarregado”, percebemos um eco do “humor” dos tempos pagãos, quando o sepultamento naval

> era praticado. Um humor no qual o *simbolismo* (que chamaríamos de *ritual*) de partida por um mar cuja margem oposta era desconhecida e a crença real em uma terra mágica ou outro mundo localizado "além do mar" mal podem ser distinguidos, e para nenhum desses elementos ou motivos o simbolismo consciente ou a crença efetiva são verdadeiros. Era um *murnende mōd* repleto de dúvida e trevas.

Resta mencionar um elemento da lenda de Feixe de meu pai que não derivou das tradições inglesas. Encontra-se somente na versão em prosa (p. 106), onde no relato da grande paz nas ilhas do Norte na época dos "Senhores-de-feixe" (uma paz tão profunda que um anel de ouro caído na estrada permaneceria intocado) ele escreveu sobre "o grande moinho de Feixe", que "ainda era guardado na ilha-santuário do Norte". Nisso ele estava se inspirando (e transformando) nas tradições escandinavas acerca de Freyr, o deus da fertilidade, e do Rei Fróthi, o Dinamarquês.

Cito aqui a história contada pelo islandês Snorri Sturluson (c. 1179–1241) em sua obra conhecida como a *Edda em Prosa*, que é apresentada para explicar o significado do "kenning" *mjöl Fróða* ("refeição de Fróthi") para "ouro". De acordo com Snorri, Fróthi era o neto de *Skjöldr* (correspondente ao inglês antigo *Scyld*).

> Fróthi sucedeu ao reino após seu pai, na época em que Augusto César impôs paz ao mundo inteiro; naquela época Cristo nasceu. Mas porque Fróthi era o mais poderoso de todos os reis nas Terras do Norte, a paz recebeu o seu nome onde quer que a língua danesa fosse falada, e os homens a chamam de Paz de Fróthi. Homem algum feria outro, mesmo que se encontrasse face a face com o assassino de seu pai ou de seu irmão, livre ou em servidão; e não havia ladrão ou salteador naqueles dias, de maneira que um anel de ouro jazia por longo tempo em *Ialangrsheiði* [na Jutlândia]. O Rei Fróthi compareceu a um banquete na Suécia na corte de um rei chamado Fjölnir. Lá ele comprou duas servas chamadas Fenia e Menia; elas eram grandes e fortes. Naquela época havia na Dinamarca duas mós tão imensas que homem algum era forte o

bastante para girá-las; e a natureza dessas pedras era tal que o que quer que aquele que as girasse pedisse era moído pelo moinho. Esse moinho era chamado Grótti. O Rei Fróthi fez com que as servas fossem levadas até o moinho e lhes ordenou que moessem ouro; e elas assim fizeram, e a princípio elas moeram ouro e paz e felicidade para Fróthi. Então ele não lhes deu descanso ou sono mais longo do que o silêncio do cuco ou do que uma canção pudesse ser cantada. Diz-se que elas cantaram a canção que é chamada de a Balada de Grótti, e este é o seu começo:

> Ora, chegam à casa do rei
> As duas previdentes, Fenia e Menia;
> São por Fróthi, filho de Frithleif,
> As magnas donzelas, como servas mantidas.

E antes de terminarem a canção elas moeram uma hoste contra Fróthi, de modo que naquela mesma noite o rei-marinho chamado Mýsing chegou, e matou Fróthi, e tomou muito butim; e então a Paz de Fróthi chegou ao fim.

Em outro lugar é dito que, enquanto os dinamarqueses atribuíam a paz a Fróthi, os suecos a atribuíam a Freyr; e há estreitos paralelos entre eles. Freyr (que por si só significa "o Senhor") era chamado *inn Fróði*, que quase certamente significa "o Fecundo". A lenda da grande paz, que na obra de meu pai é atribuída à época de Feixe e seus filhos, remonta a origens muito antigas na adoração de uma divindade de fertilidade nos grandes santuários do Norte: a de Freyr, o Senhor Fecundo, no grande templo de Uppsala, e (de acordo com uma teoria extremamente plausível) naquele da ilha da Zelândia (Sjælland). Uma discussão desse tópico iria muito longe e levaria a evidências muito complexas para o propósito deste livro, mas ao menos é possível dizer que parece não haver dúvidas de que Heorot, salão dos reis dinamarqueses em *Beowulf*, ficava onde agora se situa a vila de Lejre, cerca de cinco quilômetros do mar na costa norte da Zelândia. Em Lejre há por toda parte imensos montes tumulares; e de acordo com um cronista do século XI, Thietmar de Merseburg, a cada nove anos era realizado em Lejre (assim como em Uppsala) um grande encontro, no qual muitos homens e animais eram

sacrificados. Há boas razões para se supor que o famoso santuário descrito por Tácito em sua *Germânia* (escrita perto do final do século I d.C.), onde a deusa Nerto, ou *Mater Terra*, era adorada "em uma ilha no oceano", ficava de fato na Zelândia. Quando Nerto estava presente em seu santuário, era uma época de júbilo e paz, quando "todas as armas eram postas de lado".[j]

Na lenda de Feixe de meu pai, esses ecos antigos são usados de novas maneiras e com novos significados; e quando Feixe partiu em sua última viagem, seu navio (como alguns haviam dito) encontrou a Rota Reta para o Oeste desaparecido.

Um relatório breve, porém perceptivo, sobre *A Estrada Perdida*, datado de 17 de dezembro de 1937, foi apresentado por uma pessoa desconhecida convidada pela Allen & Unwin para ler o texto. É preciso lembrar que o texto datilografado que foi feito estendia-se apenas ao início do quarto capítulo (pp. 89–90, nota 14) — e, é claro, também que nessa época nada acerca da história da Terra-média, dos Valar e de Valinor havia sido publicado. O leitor descreveu a história como "imensamente interessante como uma revelação dos entusiasmos pessoais de uma mente muito incomum", com "passagens de bela prosa descritiva"; mas achou "difícil imaginar que esse romance quando concluído receberá qualquer tipo de reconhecimento, exceto em círculos acadêmicos". Stanley Unwin, ao escrever para meu pai em 20 de dezembro de 1937, disse com gentileza não ter dúvida de que a obra era um *succès d'estime*, mas embora fosse "sem dúvida querer publicá-la" quando estivesse terminada, ele não podia "ter qualquer esperança de sucesso comercial como motivo de persuasão para que o senhor dê à conclusão dela a prioridade de seu tempo". Ele escreveu isso no dia seguinte a meu pai ter escrito que havia terminado o primeiro capítulo de "uma nova história sobre Hobbits" (ver III. 426).

Com a inserção nessa época das ideias fundamentais da Queda de Númenor, do Mundo Tornado Redondo e da Rota Reta na concepção da "Terra-média", e com a ideia de uma história de "viagem no tempo" onde a figura muito importante do Ælfwine anglo-saxão seria tanto "estendida" ao futuro, ao século XX, como "estendida" também a uma passado de muitas camadas, meu pai

estava vislumbrando um elo explícito e amplo de suas próprias lendas com aquelas de muitos outros lugares e épocas: todas lidando com as histórias e os sonhos de povos que habitavam as costas do grande Mar do Oeste. Tudo isso foi deixado de lado durante o período da composição de *O Senhor dos Anéis*, mas não abandonado: pois em 1945, antes mesmo de *O Senhor dos Anéis* ser terminado, ele retornou a esses temas no inacabado *Documentos do Club Notion*. O que ele esboçou para essas partes de *A Estrada Perdida* encontra-se, na minha opinião, entre as mais interessantes e instrutivas de suas obras inacabadas.

Nota sobre o poema "A Terra Sem Nome" e sua forma tardia

A Terra Sem Nome[k] foi escrito na forma do poema medieval *Pérola*, tanto com rima e aliteração como com repetição parcial do último verso de uma estrofe no início da seguinte. Apresento o poema aqui na forma em que foi publicado; no lugar de *Tir-nan-Og*, os textos datilografados possuem *Tír na nÓg*.

A TERRA SEM NOME[l]
É lá que as luzes douradas jazem
    Em verde relvado não visto aqui,
Em árvores altas que o céu invadem,
    Folhas de prata farfalham ali:
Por mágica orvalhadas, não morrem
    No infindo ano que não foge de si,
Onde as tardes eternas transcorrem
    Sobre monte e mata e margem silente.
    Não se sente a sombra perto da tarde
        Quando as vozes vêm em coral velado
    Ou agudas gritam como nunca vi.
        E a mata enxameia com fogo espalhado.
O fogo espalhado inflama a floresta,
    Na folhagem sempre-verde vai rebrilhar,
Em cavernas há orvalho em cada fresta,
    Veem-se as mais finas flores a vicejar.
Lá há melodias de doce seresta

E fontes frescas em fluxo a cantar,
E as águas claras que correm na encosta
Em busca do mar, da brisa a soprar.
Suas vozes enchem os vales a soar,
Onde passam ferozes no pasto vergado
Os ventos d'além do mundo a vagar
e ferem com chama, com fogo espalhado.

Tal fogo espalhado fala na chama
De cores inquietas que requebra a luzir
Sobre a terra sem nome, e a tudo inflama,
Onde a força humana jamais há de vir.
A agonia do escuro luz alguma proclama,
Na noite sem lua nada há a discernir,
Águas ávidas com força insana,
Um mar que imensos muros vão cingir.
Mil léguas, tão longe dista daqui,
E a espuma plana por cima do mar
Sob encostas de cristal, escarpas claras,
Nas praias luzentes livre a flutuar.

Livres lá a flutuar, cabeleiras sem trança
Misturam-se à luz da lua e do sol,
E na trama de beleza que leve balança
Brilham ouro e prata em um único rol.
Lá alvos pés, no compasso da dança,
Descalços acorrem a bailes de escol;
Portar vestes de ar, de vento é a usança —
Beleza tão lépida jamais contemplou
Nem Bran nem Brendan, nunca observou
A espuma que paira muito além do mar
Longínquo, que se ajunta atrás do sol
Em ventos celestes livre a velejar.

Mais que Tir-NAN-Og és livre e linda,
Mais que o Paraíso estás distante,

Oh! meta que no Mar de Sombras finda,
    Oh! terra que trazes o perdido adiante,
Oh! montes que humano algum viu ainda!
    Marés solenes, com lesta corrente,
Além do mundo comandam minha vinda;
    Em sonho pressinto estrela hesitante,
    Mais bela que faróis e mais brilhante
        Que, tênues contra o céu, torres de Gondobar
    Em colinas que ao longe estão silentes,
        Onde as luzes da saudade vão cessar.B

Meu pai retornou mais tarde a *A Terra Sem Nome*, e alterou o título primeiro para *A Canção de Ælfwine em rogo a Eärendel*, e depois para *A Canção de Ælfwine (ao ver o alçamento de Eärendel)*. Há muitos textos, tanto manuscritos como datilografados, de *A Canção de Ælfwine*, que formam um desenvolvimento contínuo. Tenho certeza de que esse desenvolvimento não fez parte de todo à mesma época, mas parece impossível relacionar os diferentes estágios a qualquer coisa externa ao poema. No terceiro texto, meu pai escreveu mais tarde "Versão Intermediária", e o apresento aqui; meu palpite — mas não é mais do que um palpite — é de que pertença por volta da época de *A Estrada Perdida*. Depois dele há dois outros textos que mudam alguns versos cada, e então uma versão final com mudanças mais substanciais (inclusive a perda de uma estrofe inteira) e uma nota em prosa extremamente interessante sobre a viagem de Ælfwine. Essa com certeza é relativamente tardia: provavelmente dos anos após *O Senhor dos Anéis*, embora possa estar associada a *Os Documentos do Club Notion* de 1945 — com o quinto verso da última estrofe (um verso que foi inserido somente nessa última versão) "Voam as aves; a Árvore a florar com brio!", compare-se os versos no poema *Imram* (ver pp. 100–01), da Árvore repleta de pássaros que São Brandão viu:

Tremeu a árvore da raiz ao céu;
    as folhas dos ramos voaram
feito alvas aves deixando o leito,

e nus os galhos ficaram.[c]

Seja como for, as *imrama* de Brandão e Ælfwine obviamente são de estreita associação. — Seguem-se abaixo os textos das versões "intermediária" e final.

A CANÇÃO DE ÆLFWINE[m]
(ao ver o alçamento de Eärendel)

É lá que inda as luzes douradas jazem
em verde relvado não visto aqui,
Em árvores altas que o céu invadem,
com folhas de prata que farfalham ali.
Enquanto o mundo dura, não morrem
em seu infindo ano que não foge de si,
Onde as manhãs sem medida transcorrem
sobre monte e mata e margem silente.
Quando a tarde sem fim se achega ali,
sobre harpa e canto um coro ocultado
de voz repentina ouve-se a surgir
e na mata enxameia o Fogo Espalhado.

O Fogo Espalhado inflama a floresta,
na folhagem sempre-verde vai rebrilhar,
Em cavernas há orvalho em cada fresta
e a Flor em segredo, forte a vicejar.
Lá murmura a música em seresta
de fonte fresca em fluxo a cantar,
E as águas claras que saltam na encosta
em busca do Mar, da brisa a soprar.
Seu canto os vales luzentes encontra
onde passa feroz no pasto vergado
O vento d'além do mundo a vagar,
a avivar a flama do Fogo Espalhado.

O Fogo Espalhado que fala na chama

tão claro acorre, põe-se a luzir
Na terra sem nome e as folhas inflama:
ali a gente humana jamais há de vir;
Ali estrela alguma a trilha proclama,
pois a ínfera Noite não pode discernir,
Nem enfrenta as águas de força insana
e as costas cercadas de escuro porvir.
São léguas sem conta, tão longe daqui,
onde a espuma floresce por cima do Mar
Nas encostas de cristal, escarpas claras,
por praias luzentes livre a flutuar.

Livres lá a flutuar, cabeleiras sem trança
luzem com os raios da Lua e do Sol,
E na rede tão linda que leve balança
brilham ouro e prata em um único rol.
Alvos e lépidos, no auge da dança,
veem-se pés descalços em bailes de escol,
Braços chamejam na brisa qual faiança:
beleza tão lépida nunca contemplou
O homem mortal, jamais a ganhou
ao passar pela espuma além do mar
distante, ou a buscou detrás do Sol
por ventos celestes livre a viajar.

Oh! meta além do Mar Sombrio!
Oh! terra onde os Edhil vão morar!
Oh! porto pelo qual sempre porfio!
as ondas que ouço contra ti quebrar
Ecoam para sempre em cicio
quando o anseio leva longe o meu pensar,
E a oeste do Oeste, em desafio,
vejo a Estrela viandante a se alçar,
mais forte que os faróis em Gondobar
em brilho e alvor, mais bela e altiva:
Oh! Estrela que a sombra não há de empanar,

e que, malgrado a treva, inda estás viva![D]

Na versão final do poema que se segue agora baixo, a nota em prosa acerca da viagem de Ælfwine está ligada por um asterisco ao nome *Ælfwine* no título.

A CANÇÃO DE ÆLFWINE[n]
ao ver o alçamento de Eärendil

Eressëa! Eressëa!

É lá que inda as luzes-élficas jazem
Em verde relvado não visto aqui,
Em árvores altas que o céu invadem,
Com folhas de prata que farfalham ali.
Enquanto o mundo dura, não morrem
Em seu infindo ano que não foge de si,
Onde as manhãs sem medida transcorrem
Sobre monte e mata e margem silente.
Quando a tarde sem fim se achega ali,
Sobre harpa e canto um coro ocultado
De voz repentina ouve-se a surgir
E na mata enxameia o fogo espalhado.

Com fogo espalhado se inflama a floresta,
Na folhagem sempre-verde vai rebrilhar;
Numa cava sonha a niphredil quieta
Até que vem subindo o brilho estelar,
E há murmúrio de música em cada fresta,
Pois ali há fontes de imortal jorrar:
Suas águas alvas descem a encosta,
Por escadas de prata põem-se a deslizar
Rumo à rosa que se abre sem cessar,
Onde passa soprando no prado iluminado
O vento d'além do mundo a vagar,
A avivar a flama do fogo espalhado.

O fogo espalhado, de chama escorreita,
Sua luz vivente lança adiante
Na terra que mortal algum espreita,
Além da sombra que assoma imponente
E da água que nau jamais aceita.
Ali homem nenhum ancora rente,
Ninguém perto do porto nunca deita
o leme em noite de breu desnorteante.
Léguas incontáveis jaz distante:
No vento da praia livre a soprar
Sob encosta de cristal de entalhe imponente
A espuma se espraia e floresce no Mar.

Oh! meta além do Mar Sombrio!
Oh! terra onde os Edhil vão morar!
Oh! porto pelo qual sempre porfio!
As ondas ouço contra ti quebrar,
Voam as aves; a Árvore a florar com brio!
Diviso-os todos longe a cintilar
E a oeste do Oeste, em desafio,
Vejo a Estrela viandante a se alçar,
Mais forte que os faróis em Gondobar
Em alvor e brilho, mais bela e altiva.
Oh! Estrela que a sombra não há de empanar,
E que, malgrado a treva, inda estás viva![E]

Ælfwine (Amigo-dos-Elfos) era um marinheiro da Inglaterra de outrora que, ao ser impelido ao mar da costa de Erin [*antigo nome da Irlanda*], adentrou as águas profundas do Oeste e, de acordo com as lendas, por algum acaso ou graça estranhos, encontrou a "rota reta" da Gente-élfica e chegou por fim à Ilha de Eressëa em Casadelfos. Ou talvez, como dizem alguns, sozinho nas águas, faminto e sedento, ele tenha caído num transe e lhe foi concedida uma visão daquela ilha como havia sido outrora, antes que um vento do Oeste soprasse e o empurrasse de volta à Terra-média. Sobre nenhum outro homem relata-se que alguma vez tenha contemplado

Eressëa, a bela. Ælfwine nunca mais foi capaz de descansar por muito tempo em terra, e navegou pelos mares ocidentais até sua morte. Alguns dizem que seu navio naufragou nas cotas ocidentais de Erin e que lá seu corpo jaz; outros dizem que no final da vida ele partiu sozinho para as águas profundas mais uma vez e jamais retornou.

Relata-se que antes de partir em sua última viagem ele falou estes versos:

> Fela bið on Westwegum werum uncúðra
> wundra and wihta, wlitescýne lond,
> eardgeard Ylfa and Ésa bliss.
> Lýt ænig wát hwylc his longað sý
> þám þe eftsíðes yldu getwǽfeð.

> "Muitas coisas há nas regiões do Oeste desconhecidas dos Homens, muitas maravilhas e muitas criaturas: uma terra agradável de se ver, a pátria dos Elfos, e a ventura dos Valar. Pouco qualquer homem compreende o que a saudade pode ser daquele cuja velhice lhe impede de retornar para lá."

Aqui reaparece a ideia vista no final do resumo para a história de Ælfwine em *A Estrada Perdida* (p. 98), de que ao ter uma visão de Eressëa ele foi soprado de volta por um vento vindo do Oeste. Na época em que o resumo foi escrito, a história de que Ælfwine de fato chegou a Tol-eressëa e lá lhe contaram "os Contos Perdidos" também estava presente (p. 95), e, da mesma forma, parece pela presente passagem que havia as duas histórias. A ideia de que Ælfwine jamais chegou de fato à Ilha Solitária encontra-se em uma versão do antigo conto de *Ælfwine da Inglaterra*, onde ele não pulou no mar e retornou para o leste com seus companheiros (II. 399–400).

Os versos que ele falou antes de sua viagem são aqueles que Alboin Errol falou e traduziu para seu pai em *A Estrada Perdida* (p. 57), e que também foram usados nas folhas de rosto do *Quenta Silmarillion* (p. 203).

A retenção do nome Gondobar diretamente de *A Terra Sem Nome* é notável. Ele se encontra na versão tardia do poema *Os Felizes Marinheiros*, que meu pai posteriormente datou “1940?” (II. 330–31): “Ó felizes marinheiros a navegar / Por cinzentas ilhas, por Gondobar”. Fora isso, *Gondobar* “Cidade de Pedra”, é um dos Sete Nomes de Gondolin (II. 193, 210; III. 177–78).

NOTAS

[a] O título foi colocado posteriormente, assim como o do Capítulo II; ver p. 96.

[b] Cabe mencionar que não há intenção de sugerir um tom professoral de distância no modo frequente de Oswin Errol dirigir-se a Alboin como "garoto". Meu pai frequentemente usava a palavra com os filhos como um termo de amizade e afeto.

[c] O coração generoso de Alboíno, a mão prestes para feitos de louvor, causaram uma impressão diferente na população afetada da Itália no século VI. Das muralhas de Roma, o Papa Gregório, o Grande, observou homens sendo levados pelos "inefáveis lombardos", amarrados juntos pelo pescoço para serem vendidos como escravos; e em uma de suas cartas ele recebeu de bom grado o advento da peste bubônica, pois "quando levamos em consideração o modo como outros homens morreram, encontramos consolo ao refletirmos sobre a forma de morte que nos ameaça. Que mutilações, que crueldades vimos infligidas sobre homens, para as quais a morte é a única cura, e em meio às quais a vida é uma tortura!"

[d] Seria interessante saber se uma anotação provocantemente obscura, escrita de forma isolada, refere-se a essa história vagamente vislumbrada: "Se um falhar com o outro, eles perecem e não retornam. Assim, no último momento Elendil deve prevalecer sobre Herendil para detê-lo, senão teriam perecido. Naquele instante ele se vê como Alboin: e percebe que Elendil e Herendil pereceram".

[e] Sugeri (pp. 42–3) que, uma vez que Elendil de Númenor aparece em QdN II (§14) como rei em Beleriand, ele devia estar entre aqueles que não participaram da expedição de Tar-kalion e que "permaneceram sentados em seus navios na costa leste da terra" (QdN §9).

[f] Acredito ser quase certo que os títulos dos Capítulos I e II foram inseridos nessa época: quando o manuscrito foi escrito, eles não possuíam títulos.

[g] A tradução dos 153 versos de *Rei Feixe* neste volume é de Reinaldo José Lopes [N.E.]

[h] No original, a referência é ao trecho "*before the change* in the Elder Years" [antes da mudança nos Anos Antigos]; Christopher Tolkien não sabe dizer o que foi essa "mudança nos Anos Antigos" mencionada no verso em inglês. [N.T.]

[i] Referente aos valões, população de língua francesa na Bélgica. [N.T.]

[j] Na mitologia nórdica, o nome da deusa Nerto foi preservado no do deus Njörth, pai de Freyr. Njörth era especialmente associado a navios e ao mar; e nos primeiros escritos de meu pai, *Neorth* aparece brevemente no lugar de Ulmo (II. 441, verbete *Neorth*).

[k] *A Terra Sem Nome* foi publicado em *Realities: an Anthology of Verse*, editado por G.S. Tancred (Leeds, Swan Press; Londres, Gay and Hancock Ltd.; 1927). Uma anotação em um dos textos datilografados afirma que o poema foi escrito em maio de 1924 na casa em Darnley Road, Leeds (Carpenter, *Biografia*, p. 151), e que foi "inspirado pela leitura de *Pérola* para propósitos relacionados a exames".

[l] Tradução de Reinaldo José Lopes. [N.E.]

[m] Tradução de Reinaldo José Lopes. [N.E.]

[n] Tradução de Reinaldo José Lopes. [N.E.]

PARTE DOIS

VALINOR E A TERRA-MÉDIA
ANTES DE
O SENHOR DOS ANÉIS

1

Os Textos e Suas Relações

No quarto volume desta História, foram apresentados o *Quenta Noldorinwa* (**Q**), ou História dos Gnomos, que pode ser atribuído ao ano de 1930 (IV. 201–03); a primeira versão dos *Anais de Beleriand* (**AB**), que veio após o Q, mas que por si só não se pode datar a um ano específico, e o início de uma nova versão (AB II); a primeira versão dos Anais de Valinor (**AV**), que veio após a primeira versão dos AB, mas que antecedeu a segunda (IV. 384); e o *Ambarkanta*, ou Forma do Mundo. *A Balada de Leithian*, apresentada no Vol. III, foi abandonada quando já ia bem avançada em 1931.

Descrevi em III. 423 ss. como em novembro de 1937 uma nova, porém inacabada versão de "O Silmarillion" foi entregue a Allen & Unwin; enquanto o primeiro rascunho do primeiro capítulo de *O Senhor dos Anéis* foi escrito entre 16 e 19 de dezembro de 1937. Entre 1930 e o final de 1937 devem ser colocados os textos que se seguem ao Q no Vol. IV, e, ademais, estes outros que são apresentados neste livro (assim como *A Queda de Númenor* e *A Estrada Perdida*):

1. *Ainulindalë*, uma nova versão do "Conto Perdido" original de *A Música dos Ainur*. Esse texto é certamente posterior aos AV, visto que nele a Primeira Gente dos Elfos é chamada *Lindar*, e não *Quendi*, e o antigo nome *Noldoli* deu lugar a *Noldor*.
2. Uma nova versão dos *Anais de Valinor*, mais uma vez com as formas *Lindar* e *Noldor*. Essa versão chamarei de os *Anais Tardios de Valinor*, referindo-me a ele pela abreviatura **AV 2**, enquanto a primeira versão apresentada no Vol. IV será **AV 1**.
3. Uma nova versão dos *Anais de Beleriand*, que parece ser um texto de estreita associação com o AV 2. De modo similar, irei me referir a ele como AB 2, os *Anais Tardios de Beleriand*. Neste caso, há duas versões antecedentes, mencionadas acima, e

chamadas no Vol. IV de AB I e AB II. Estas, para manter o paralelo com os *Anais de Valinor*, podem ser referidas coletivamente como **AB 1** (uma vez que ao escrever o AB 2 meu pai seguiu o AB II até o ponto em que terminava e depois seguiu o AB I).

4. O *Lhammas*, ou Relato de Línguas. Esse texto, existente em três versões, parece possuir estreita associação com a composição do *Quenta Silmarillion*.
5. A nova versão de "O Silmarillion" propriamente dito, um manuscrito outrora muito belo cuja feitura foi interrompida quando o material foi enviado à editora. Para distinguir essa versão de sua predecessora, o *Quenta Noldorinwa* ou simplesmente o *Quenta*, uso do início ao fim a abreviatura **QS**, isto é, *Quenta Silmarillion*, ou a História das Silmarils.

Essas cinco obras formam um grupo tardio (embora não seja minha intenção sugerir que houvesse alguma lacuna de tempo significativa entre elas e as anteriores); uma marca de definição conveniente para tal é o fato desses textos possuírem *Noldor*, enquanto os anteriores possuíam *Noldoli*.

Embora eu tenha dito (IV. 310) que parece não haver um modo de demonstrar se o *Ambarkanta* era anterior ou posterior à primeira versão dos *Anais de Valinor*, agora me parece claro que o *Ambarkanta* tem seu lugar no grupo tardio de textos. Creio que isso é evidenciado pelo fato de que sua folha de rosto é muito similar em forma às do *Ainulindalë* e do *Lhammas* (todos os três possuem o nome élfico da obra em *tengwar*); ademais, o reaparecimento no *Ambarkanta* de *Utumna* como o nome da fortaleza original de Melko (ver IV. 306) parece situar o texto após o AB 2, que ainda a nomeia *Angband* (mas o AV 2 possui *Utumna*).

No geral, eu estaria inclinado a situar esses textos na sequência AB 2, AV 2, *Lhammas*, QS; o *Ambarkanta*, de qualquer forma, após o AB 2, e o *Ainulindalë* demonstradamente antes do QS. *A Queda de Númenor* foi posterior ao *Ambarkanta* (ver p. 16 e IV. 308). Porém, uma sequência definitiva e demonstrável parece ser inalcançável com base nas evidências; e, seja como for, é possível que tentativa seja insustentável, pois meu pai não necessariamente

terminava um texto antes de começar outro. Certamente ele tinha todas essas obras diante de si, e, conforme progredia, ele alterava o que já havia escrito para ajustar o conteúdo aos novos desenvolvimentos nas histórias e nos nomes.

2

Os Anais Tardios de Valinor

A segunda versão dos *Anais de Valinor* (AV 2) é um manuscrito fluido e legível na letra normal daquela época de meu pai, com mínimas alterações no decorrer da composição e pouquíssimas mudanças subsequentes no período inicial — ao contrário das reescritas substanciais dos primeiros anais na época após *O Senhor dos Anéis*: estas sendo o rascunho inicial da obra tardia maior, os *Anais de Aman*, e em quase todos os pontos claramente distintas das emendas feitas muitos anos antes.

O AV 2 não apresenta uma grande evolução narrativa a partir do AV 1 (IV. 309 ss.), tal como aquele texto foi emendado; por outro lado, há alguns desenvolvimentos notáveis em nomes e conceitos. Uma característica curiosa é a retenção das datas originais entre a destruição das Árvores e o nascer do Sol e da Lua, que no AV 1 foram grandemente acelerados por alterações tardias feitas a lápis: ver IV. 320 e o comentário ao anal 2992 abaixo. Assim, por exemplo, no AV 1 como escrito originalmente, e no AV 2, cerca de dez anos do Sol (um Ano Valiano) se passou entre a Batalha de Alqualondë e a declaração da Profecia do Norte, enquanto no AV 1 conforme emendado apenas um ano do Sol se passou entre os dois eventos.

No breve comentário trato do AV 1 levando em consideração as emendas que lhe foram feitas, registradas na íntegra em IV. 318–21, e discutidas no comentário àquele texto. Alterações tardias do período inicial estão registradas nas notas; essas são poucas, em sua maioria aspectos do movimento progressivo dos nomes, e meramente fazem referência ao local onde aparecem na composição original. Perto do final, o AV 2 torna-se pouco mais do que uma cópia passada a limpo do AV 1, mas apresento o texto na íntegra a fim de fornecer no mesmo livro textos completos das “tradições” dos

Anais e do *Quenta* tal como existiam quando *O Senhor dos Anéis* foi iniciado.

O AV 2 não possui um preâmbulo tratando da autoria, mas há uma folha de rosto onde consta esse texto e a versão tardia bastante similar dos *Anais de Beleriand* (AB 2):

O Silmarillion
2 Anais de Valinor
3 Anais de Beleriand

Compare-se com esta as folhas de rosto apresentadas na p. 239, onde "O Silmarillion" é o título abrangente da obra tripartida (ou maior).

SILMARILLION
II
ANAIS DE VALINOR

Aqui têm início os Anais de Valinor, que tratam do alicerce do Mundo.

No princípio Ilúvatar, que é Pai-de-Tudo, fez todas as coisas. Posteriormente os Valar, ou Poderes, entraram no mundo. Esses são nove: Manwë, Ulmo, Aulë, Oromë, Tulkas, Ossë, Mandos, Lórien e Melko. Desses, Manwë e Melko eram os mais pujantes e eram irmãos, e Manwë é senhor dos Valar, e sacro. Mas Melko voltou-se para cobiça e orgulho e para violência e mal, e seu nome é amaldiçoado, e não é pronunciado, mas ele é chamado Morgoth. Oromë, Tulkas, Ossë e Lórien eram mais jovens no pensamento de Ilúvatar, antes da feitura do mundo, do que os outros cinco; e Oromë nasceu de Yavanna, que é mencionada a seguir, mas ele não é filho de Aulë.

As rainhas dos Valar eram Varda, esposa de Manwë, e Yavanna, a quem Aulë desposou posteriormente no mundo, em Valinor; Vana, a bela, era a esposa de Oromë; e Nessa, a irmã de Oromë, era esposa de Tulkas; e Uinen, a senhora dos mares, era

esposa de Ossë; Vairë, a tecelã, habitava com Mandos, e Estë, a pálida, com Lórien. Não tinham esposas Ulmo ou Melko. Não tinha senhor Nienna, a pesarosa, rainha das sombras, irmã de Manwë e de Melko.

Com esses grandes vieram muitos espíritos menores, seres de sua própria gente, mas de menor poder; esses eram os Vanimor, os Belos. E com eles também foram contados mais tarde seus filhos, gerados no mundo, mas de raça divina, que eram muitos e belos; esses são os Valarindi.

Do início da contagem do Tempo e do estabelecimento de Valinor.

O tempo não foi medido pelos Valar até a construção de Valinor ser concluída; mas desde então contaram o tempo pelas eras de Valinor, as quais tinham 100 anos dos Valar cada, e cada ano valiano é como dez anos do Sol agora são.

Ano Valiano 500 Diz-se que os Valar entraram no mundo 30.000 Anos-do-Sol antes do primeiro nascer da Lua, que é trinta eras antes do início do nosso tempo; e que Valinor foi construída cinco eras após a chegada deles. No longo tempo antes da fortificação do Oeste, Aulë fez grandes lamparinas para iluminar o mundo e as colocou sobre pilares engendrados por Morgoth. Mas Morgoth já agia com ódio e inveja e seus pilares foram feitos com engodo. Donde as Lamparinas tombaram e o crescimento que havia começado com a reunião da luz foi detido; mas os Deuses, atacados por muitas águas, retiraram-se para o Oeste. Lá deram início à construção de sua terra e de suas mansões, entre o Mar Circundante e o Grande Mar do Oeste, em cuja costa ergueram altas montanhas. Mas Morgoth partiu para o Norte

do mundo. A simetria de terra e água foi quebrada pela primeira vez naqueles dias.

A.V. 1000 Neste Ano Valiano, após Valinor ser feita, e Valmar construída, a cidade dos Deuses, os Valar trouxeram à existência as Duas Árvores, Laurelin e Silpion, de ouro e prata, cujo florescer dava luz a Valinor. Durante todo esse tempo Morgoth habitou na Terra-média, e fez sua fortaleza em Utumna no Norte; mas ele manteve o domínio com violência e as terras foram ainda mais destroçadas naquela época.

A.V. 1000–2000 Mil Anos Valianos de ventura e esplendor seguiram-se ao acendimento das Árvores em Valinor, mas a Terra-média estava nas trevas. Para lá ia Yavanna por vezes, e o lento crescimento das florestas foi iniciado. Dos Valar apenas Oromë lá ia, e ele caçava nas matas escuras da antiga terra, quando se cansava das terras brilhantes. Morgoth recuava diante de sua trompa.

A.V. 1900 Yavanna amiúde repreendia os Valar por negligenciarem seus cuidados; donde, certa vez, Varda deu início ao feitio das estrelas, e as colocou no alto. Depois disso a noite do mundo foi bela, e alguns dos Vanimor vagavam pela Terra-média. Entre esses estava Melian, cuja voz era renomada em Valmar. Ela era da casa de Lórien, mas não retornou para lá por muitos anos, e os rouxinóis cantavam sobre ela nas matas sombrias das terras ocidentais.

A.V. 1950 A mais magna das obras de Varda, senhora das estrelas, foi aquela constelação que é chamada pelos Elfos de a Foice dos Deuses, mas pelos Homens do antigo Norte foi nomeada Urze Ardente, e de Homens posteriores recebeu muitos outros nomes. Esse símbolo da foice Varda suspendeu sobre o Norte como ameaça a Morgoth e presságio de sua queda. Ao seu primeiro luzir, os Filhos Mais Velhos de

Ilúvatar despertaram no centro da Terra-média. Eles são os Elfos.[1] Donde são chamados também de os filhos das estrelas.[2]

A.V. 1980–1990 Oromë encontrou os Elfos e fez amizade com eles; e a maior parte daquela gente marchou com a guia dele para o oeste e o norte até as costas de Beleriand, sendo chamados pelos Deuses a Valinor.

Mas primeiro Morgoth foi sobrepujado com guerra e acorrentado e levado como cativo e aprisionado em Mandos. Naquela guerra dos Deuses as terras foram rasgadas de novo.

A.V. 2000 Desse tempo em diante foi contado o aprisionamento de Morgoth. Pela sentença de Manwë ele deveria ficar confinado como punição por sete eras, 700 Anos Valianos, e após esse tempo lhe ser concedida a graça do arrependimento e da expiação.

O Ano Valiano 2000 desde a entrada dos Deuses no mundo, e 1000 desde o acendimento das Árvores, é considerado o Zênite do Reino Abençoado, e o tempo da plenitude do júbilo de Valinor. Naquele tempo toda a terra teve paz.

Naquele ano as primeiras gentes dos Elfos chegaram à Costa do Oeste e adentraram a luz dos Deuses. Os Eldar são todos aqueles Elfos chamados que obedeceram a convocação de Oromë. Desses há três gentes, os Lindar, os Noldor e os Teleri. Os Lindar e os Noldor chegaram primeiro a Valinor, e ergueram o monte de Kôr em um passo das montanhas próximo à costa, e sobre ele erigiram a cidade de Tûn[3] e a torre de Ingwë, seu rei.

A.V. 2000–2010 Mas os Teleri, que vieram depois deles, esperaram enquanto isso por dez Anos Valianos nas costas de Beleriand, e alguns jamais partiram de lá. Donde foram chamados Ilkorindi, pois jamais chegaram a Kôr. Desses o

mais renomado era Tindingol ou Thingol,[4] irmão de Elwë, senhor dos Teleri. Melian o encantou nas matas de Beleriand; e ele depois a desposou e habitou como um rei no crepúsculo do oeste. Mas enquanto ele dormia sob os encantamentos de Melian, seu povo o buscou em vão, e antes que despertasse a maioria dos Teleri havia partido. Pois eles foram puxados numa ilha por Ulmo e assim travessaram o mar como os Lindar e os Noldor haviam feito antes.

[Conta-se que uma companhia dos Noldor, cujo líder era Dan, abandonou a hoste de Finwë, senhor dos Noldor, no início da marcha para o oeste, e voltou-se para o sul. Mas acharam as terras estéreis e sombrias, e voltaram-se mais uma vez para o norte, e tornaram a marchar para o oeste com muita andança e pesar. Desses alguns, sob a liderança de Denithor,[5] filho de Dan, passaram enfim, por volta do ano dos Valar de **2700**, por sobre as Eredlindon, e habitaram em Ossiriand, e eram aliados de Thingol.[6] Isto eu, Pengolod, acrescentei aqui, pois não era conhecido por Rúmil.

A.V. 2010–2110 Pelos feitos de Ossë, como em outro lugar é recontado, os Teleri não chegaram de pronto a Valinor, mas durante essa época habitaram em Tol-eressëa, a Ilha Solitária, no Grande Mar, à vista de Valinor.

A.V. 2111 Neste ano os Teleri chegaram em seus navios a Valinor, e habitaram nas praias orientais; e lá fizeram a cidade e porto de Alqualondë, que é Porto-cisne, assim nomeado por atracarem lá os seus cisnes, e os seus barcos em forma de cisne.[7]

A.V. 2500 Os Noldor nessa época haviam inventado gemas e lhes deram feitio em muitas miríades. Por fim, cerca de cinco eras após a chegada dos Noldor a Valinor, Fëanor, o Ferreiro, filho mais velho de Finwë, chefe dos Noldor, criou as três vezes renomadas Silmarils, à volta de cuja sina estas histórias

estão tecidas. Brilhavam por sua própria luz, estando cheias da radiância das Duas Árvores, a luz sacra de Valinor, que era misturada nelas com um fogo maravilhoso.

A.V. 2700 Nessa época Morgoth suplicou perdão, e pelos rogos de Nienna, sua irmã, e pela clemência de Manwë, seu irmão, mas contrário ao desejo de Tulkas e Aulë e Oromë, ele foi libertado, e fingiu humildade e arrependimento, reverência aos Valar, e amor e amizade para com os Elfos, e habitou em Valinor em sempre crescente liberdade. Ele mentia e dissimulava, e mormente enganava os Noldor, pois tinha muito a ensinar, e eles tinham um desejo profundo de aprender; mas cobiçava as gemas deles e ansiava pelas Silmarils.[8]

A.V. 2900 Durante mais duas eras a ventura de Valinor perdurou, porém uma sombra começou a se formar em muitos corações; pois Morgoth trabalhava com sussurros secretos e conselhos torpes. Mormente persuadiu os Noldor, e semeou as sementes da discórdia entre os filhos de Finwë, senhor dos Gnomos, Fëanor, Fingolfin e Finrod, e a desconfiança nasceu entre Noldor e Valar.

Por volta dessa época, devido às contendas que começavam a surgir, os Deuses convocaram um concílio, e pela sentença deles Fëanor, filho mais velho de Finwë, e sua casa e seguidores foram privados da liderança dos Gnomos. Donde a casa de Fëanor foi depois chamada a dos Despossuídos, por isso e porque Morgoth veio a lhes roubar o seu tesouro. Finwë e Fëanor partiram da cidade de Tûn e habitaram no norte de Valinor; mas Morgoth escondeu-se, e apareceu somente a Fëanor em segredo, fingindo amizade.

A.V. 2950 Os Deuses ouviram novas acerca de Morgoth e mandaram detê-lo, mas ele fugiu por sobre as montanhas e entrou nas sombras de Arvalin, e habitou lá por muito tempo,

tramando o mal, e reunindo em si mesmo a força da escuridão.

A.V. 2990 Morgoth agora concluíra seus desígnios e, com o auxílio de Ungoliantë, de Arvalin voltou às ocultas a Valinor, e destruiu as Árvores. De lá escapou na escuridão que se ajuntava rumo ao norte, e saqueou as moradas de Finwë e Fëanor, e levou embora uma miríade de joias, entre elas as Silmarils. Lá ele matou Finwë diante de suas portas, e muitos Elfos, e profanou assim Valinor e deu início à matança no mundo. Essa recompensa receberam Finwë e Fëanor por sua amizade.

Morgoth foi perseguido pelos Valar, mas escapou para o Norte da Terra-média, e restabeleceu lá suas praças-fortes, e procriou e reuniu mais uma vez seus serviçais malignos, Orques e Balrogs.

[Então o medo entrou em Beleriand, que por muitas eras permanecera em paz iluminada pelas estrelas. Mas Thingol, com o seu aliado Denithor de Ossiriand, por um longo tempo manteve afastados os Orques do Sul. Porém, por fim, Denithor, filho de Dan, foi morto, e Thingol fez suas mansões profundas em Menegroth, as Mil Cavernas, e Melian teceu magias dos Valar em torno da terra de Doriath, e a maioria dos Elfos de Beleriand recuou para os confins de sua proteção, salvo alguns que permaneceram perto dos portos ocidentais, Brithombar e Eglorest, às margens do Grande Mar, e os Elfos-verdes de Ossiriand, que habitavam ainda atrás dos rios do Leste, onde o poder de Ulmo fluía. Isto eu, Pengolod, acrescentei às palavras de Rúmil de Valinor.]

A.V. 2990–3000 Dos últimos anos antes da Ocultação de Valinor.

A.V. 2991 Valinor jazia agora em grande treva, e uma escuridão, salvo apenas pelas estrelas, caiu por sobre todo o mundo ocidental. Então Fëanor, contra a vontade dos Valar, retornou a Tûn, e reivindicou o reinado dos Noldor após Finwë, e convocou toda aquela gente a Kôr. Lá Fëanor lhes falou. Fëanor era o mais poderoso Gnomo de todos que já existiram, hábil com as palavras e as mãos, belo e forte e alto, inflamável de ânimo e pensamento, de temperamento difícil, audaz, mestre das vontades de outros.

Canções foram feitas de seus feitos naquele dia. Sua fala era como uma chama. Contudo, seu coração ardia com o ódio pelo matador de seu pai e ladrão de suas gemas, e ele falou muito de vingança, e, no entanto, repetia Morgoth sem ter consciência, e suas palavras eram fortes com as mentiras de Morgoth, e com rebelião contra Manwë. A maior parte dos Noldor ele persuadiu naquele dia a segui-lo para fora de Valinor e recuperar os seus reinos na terra, antes que fossem furtados pelos Filhos Mais Novos de Ilúvatar, os Homens (nisso repetia Morgoth sem ter consciência); e guerrear para sempre contra Morgoth buscando recuperar o seu tesouro. Naquela assembleia Fëanor e seus sete filhos fizeram o seu juramento terrível de matar ou perseguir com ódio qualquer um que mantivesse uma Silmaril contra a vontade deles.

A.V. 2992A grande marcha dos Gnomos longamente preparada. Os Deuses a proibiram, mas não a impediram, pois Fëanor os acusara de manter os Elfos cativos contra suas vontades. Por fim a hoste partiu, mas sob uma liderança dividida, pois a casa de Fingolfin o considerava rei.

A hoste não havia ido longe quando entrou no coração de Fëanor que todas aquelas magnas companhias, tanto de guerreiros e outros, e grande quantidade de bens, jamais atravessaria as vastas léguas até o Norte, salvo com o auxílio

de navios. Ora, eles seguiram para norte tanto por tencionarem atacar Morgoth como por ao norte os Mares Divisores se estreitarem; pois Tûn sob Taniquetil fica no cinturão da terra, onde o Grande Mar é desmesuravelmente largo. Mas apenas os Teleri possuíam navios, e não abririam mão deles nem os emprestariam contra a vontade dos Valar.

Assim ocorreu nesse ano de temor a dolorosa batalha em Alqualondë, e o fratricídio miseravelmente renomado em canção, onde os Noldor, assoberbados, fomentaram a obra de Morgoth. E os Noldor sobrepujaram os Teleri e lhes tomaram os navios, e seguiram lentamente dali ao longo das costas rochosas em grande perigo e em meio a desavenças. Muitos marcharam a pé, e outros manejaram as embarcações.

A.V. 2993 Por volta dessa época os Noldor chegaram a um lugar, próximo aos confins setentrionais de Valinor, onde uma rocha elevada fica acima da costa, e lá estava Mandos ou seu mensageiro, e ele pronunciou a Sentença de Mandos. Pelo fratricídio ele amaldiçoou a casa de Fëanor e, em menor grau, todos aqueles que a seguissem ou tivessem parte em sua empresa, a menos que retornassem para receber a sentença dos Valar. Mas, se não o fizessem, então má fortuna e desastre cairiam sobre eles, e sempre isso viria se dar mormente por traição de parente contra parente; e seu juramento voltar-se-ia contra eles, impedindo em vez em de auxiliar a recuperação das joias. Uma medida da mortalidade iria visitar os Noldor, e seriam mortos com armas, e com tormentos, e com tristezas, e no longo fim desvaneceriam na Terra-média e feneceriam diante da raça mais jovem. Muito mais ele previu obscuramente e depois se cumpriu, e os advertiu de que os Valar cercariam Valinor para evitar seu retorno.

Mas Fëanor endureceu seu coração e seguiu em frente, e com ele foi ainda, embora com relutância, o povo de Fingolfin, sentindo-se forçado por seu parentesco e pela vontade de Fëanor; temiam também a condenação dos Deuses, pois nem todos do povo de Fingolfin eram livres de culpa pelo fratricídio. Inglor (que foi mais tarde cognominado Felagund, Senhor de Cavernas) e os outros filhos de Finrod também seguiram adiante; pois outrora tiveram grande amizade, Inglor com os filhos de Fingolfin, e seus irmãos Orodreth, Angrod e Egnor com Celegorm e Curufin, filhos de Fëanor.[9] Mas os senhores da casa de Finrod eram menos soturnos e mais gentis de disposição que os outros, e não tomaram parte no fratricídio; contudo, não escaparam da maldição, pois agora se recusavam a retornar. O próprio Finrod retornou e muitos de seu povo com ele, e chegaram enfim mais uma vez a Valinor e receberam o perdão dos Deuses. Mas Aulë, seu antigo amigo, não mais lhes sorriu, e os Teleri apartaram-se deles.

Aqui termina o que Rúmil escreveu.

Aqui se segue a continuação de Pengolod.

A.V. 2994 Os Noldor chegaram enfim ao Norte amargo, e em frente ao longo da terra eles não podiam ir de navio; pois há um estreito entre o Mundo-do-Oeste, no qual foi erguido Valinor, que se curva a leste e a costa da Terra-média, que se volta a oeste, e através desses estreitos as águas frígidas do Mar Circundante e as ondas do Grande Mar correm juntas, e há vastas brumas de frio mortal, e as correntes marítimas estão cheias de colinas de gelo que se chocam, e do roçar do gelo submerso. Esse estreito era chamado de Helkaraksë.

Os navios que restaram, muitos tendo sido perdidos, eram muito poucos para transportar a todos, salvo com muitas travessias e retornos. Mas ninguém estava disposto a permanecer na costa enquanto outros velejavam para longe, pois a confiança ainda não era plena entre os líderes, e querelas surgiram entre Fëanor e Fingolfin.

Fëanor e sua gente tomaram todos os navios e cruzaram o mar para o leste, e não levaram nenhuma das outras companhias, exceto por Orodreth,[10] Angrod e Egnor, a quem Celegorm e Curufin amavam. E Fëanor disse: "Que os murmuradores se lastimem no caminho de volta às sombras de Valmar." E ele pôs fogo nos navios na costa oriental, e tão grande foi o incêndio que os Noldor[11] deixados para trás avistaram a vermelhidão ao longe.

A.V. 2995 Neste ano dos Valar, Fëanor chegou a Beleriand e às costas sob as Eredlómin, as Montanhas Ressoantes; e desembarcou na estreita enseada de Drengist, que corta Dorlómen. Os Gnomos de lá passaram a Dorlómen e ao norte das Montanhas de Mithrim, e acamparam na terra de Hithlum, naquela parte que é chamada Mithrim, e ao norte do grande lago que leva o mesmo nome.

Na terra de Mithrim lutaram primeira das batalhas da longa guerra dos Gnomos e Morgoth. Pois um exército de Orques surgiu provocado pelo incêndio dos navios e pelos rumores de seu avanço; mas os Gnomos foram vitoriosos e repeliram os Orques com mortandade, e os perseguiram para além de Eredwethion até a planície de Bladorion. Aquela batalha é a Primeira Batalha de Beleriand, e é chamada Dagor-os-Giliath,[12] a Batalha sob as Estrelas; pois tudo ainda se encontrava na treva.

Mas a vitória foi maculada pela morte de Fëanor. Ele com imprudência adentrou Bladorion, ávido demais na

perseguição, e foi cercado quando os Balrogs pararam de fugir na retaguarda de Morgoth. Mui grande era o valor de Fëanor, e ele foi envolto em fogo; mas, ao final, tombou mortalmente ferido pela mão de Gothmog, Senhor de Balrogs. Mas seus filhos o carregaram de volta a Mithrim, e ele morreu lá, lembrando-os de seu juramento. A este agora acrescentaram um juramento de vingança pelo pai.

A.V. 2996 Maidros, filho mais velho de Fëanor, caiu nos ardis de Morgoth. Pois Morgoth fingiu tratar com ele, e Maidros fingiu estar disposto, e um pretendia o mal ao outro; e cada um foi em força ao debate; mas a de Morgoth era maior, e Maidros foi feito prisioneiro.

Morgoth manteve Maidros como refém, e jurou somente libertá-lo se os Noldor marchassem de volta para Valinor, se pudessem, ou então de Beleriand para o Sul do mundo. Mas, caso não o fizessem, ele submeteria Maidros a tormentos. Mas os filhos de Fëanor não criam que ele liberaria seu irmão se partissem, tampouco estavam dispostos a partir, não importando o que Morgoth fizesse.

A.V. 2997 Morgoth pendurou Maidros pelo pulso direito em uma tira de aço forjado infernal acima de um precipício nas Thangorodrim, onde ninguém podia alcançá-lo.

A.V. 2998–3000 Ora, Fingolfin e Inglor, filho de Finrod, avançaram por fim com dolorosas perdas e poderio diminuído ao Norte da Terra-média. Este é contado entre os mais valorosos e desesperados dos feitos dos Gnomos; pois forçados atravessaram o Helkaraksë, não estando dispostos a tomar o caminho de volta a Valinor, e por não terem navios. Mas sua agonia naquela travessia foi mui grande, e seu corações estavam cheios de amargura.

No momento em que Fingolfin pôs os pés na Terra-média, as Primeiras Eras do Mundo chegaram ao fim, pois eles

muito se demoraram desesperados nas costas do Oeste, e longa havia sido sua amarga jornada.

As Primeiras Eras são contadas como 30.000 anos ou 3.000 anos dos Valar; dos quais os primeiros Mil foram antes das Árvores, e Dois mil salvo nove foram os Anos das Árvores ou da Luz Sacra, que viveu depois e vive ainda apenas nas Silmarils; e os nove são os Anos de Escuridão, ou o Obscurecer de Valinor.

Perto do fim desses nove anos, como se conta em outro lugar, os Deuses fizeram a Lua e o Sol e os enviaram por sobre o mundo, e a luz chegou às Terras de Cá. A Lua foi a primeira a surgir.

Os Homens, os Filhos Mais Novos de Ilúvatar, despertaram no Leste do Mundo ao primeiro Nascer do Sol;[13] donde também são chamados de os Filhos do Sol. Pois o Sol foi disposto como um sinal do esvanecer dos Elfos, mas a Lua acalenta a memória deles.

Com o primeiro Nascer da Lua Fingolfin pôs os pés no Norte, pois o Nascer da Lua veio antes da Aurora, tal como Silpion outrora florescia antes de Laurelin e era a mais velha das Árvores.

Ano do Sol 1 E a primeira Aurora reluziu sobre a marcha de Fingolfin, e suas bandeiras azuis e prateadas foram desfraldadas, e flores brotaram sob seus pés em marcha; pois um tempo de abertura e crescimento, súbito, ligeiro e belo, chegara ao mundo, e de bem que surge devido ao mal, como sempre acontece.

Então Fingolfin marchou pelos recônditos da terra de Morgoth, que é Dor-Daideloth,[14] a Terra do Terror, e os Orques fugiram diante da nova luz assombrados, e esconderam-se sob a terra; e os Elfos golpearam os portões

de Angband e suas trombetas ecoaram nas torres das Thangorodrim.

Ora, preocupado com os ardis de Morgoth, Fingolfin retirou-se das portas do inferno e entrou em Mithrim, para que as Montanhas Sombrias, Eredwethion, pudessem ser sua proteção, enquanto sua gente descansava. Mas havia pouco amor havia entre os seguidores de Fingolfin e a casa de Fëanor; e os filhos de Fëanor se retiraram e acamparam na margem sul, e o lago ficou entre as gentes.

Desse tempo em diante foram contados os Anos do Sol, e essas coisas ocorreram no primeiro ano. Ora, o tempo medido chegou ao mundo, e o crescimento, a mudança e o envelhecimento de todas as coisas foi desde então mais rápido, até mesmo em Valinor, mas mormente mais rápido nas Terras de Cá da Terra-média, as regiões mortais entre os mares do Leste e do Oeste. E todos os seres vivos se espalharam e se multiplicaram naqueles dias, e os Elfos aumentaram em número, e Beleriand ficou verdejante e repleta de música. Lá muitas coisas mais tarde vieram a se passar, como está registrado nos *Anais de Beleriand*, e no *Quenta*, e em outras canções e contos.

NOTAS

Todas as mudanças no texto original registradas aqui certamente pertencem ao "período inicial", distintas das alterações feitas após o término de *O Senhor dos Anéis*.

[1] *Eles são os Elfos* > *Eles são os Quendi ou Elfos*. Ver *Lhammas* §1 e comentário.

[2] *os filhos das estrelas* > *Eldar*, *os filhos das estrelas*. Ver *Lhammas* §2 e comentário.

[3] *Tûn* > *Túna* (e nos anais 2900 e 2992). Ver *Lhammas* §5, QS §39 e comentários.

[4] *Tindingol ou Thingol* > *Sindo, o Cinzento, mais tarde chamado Thingol*. Ver *Lhammas* §6 e comentário.

[5] *Denithor* > *Denethor* (e no anal 2990). Ver *Lhammas* §7 e comentário.

[6] Acrescentado aqui: *Esses eram os Elfos-verdes*.

[7] As palavras *cisnes, e os seus* são um acréscimo cuidadoso, provavelmente feito à época da composição; mas parece estranho, uma vez que a intenção de meu pai dificilmente era dizer que os Teleri "atracaram" os seus cisnes em Alqualondë.

[8] Acrescentado aqui, talvez à época da composição dos *Anais*: [*Aqui os Danianos vieram por sobre as Eredlindon e habitaram em Ossiriand*.] Quanto ao termo *Danianos*, ver o comentário a *Lhammas* §7.

[9] Essa frase foi alterada para: *pois outrora tiveram grande amizade, Inglor e Orodreth com os filhos de Fingolfin, e seus irmãos Angrod e Egnor com Celegorn e Curufin, filhos de Fëanor*. Ver QS §42 e comentário. — *Celegorm* > *Celegorn* mais uma vez no anal 2994; ver comentário a QS §41.

[10] *Orodreth* foi riscado; ver nota 9, e QS §73 e comentário.

[11] *Noldor* foi alterado a partir de *Noldoli*: ver comentário ao anal 2000.

[12] *Dagor-os-Giliath* > *Dagor-nuin-Giliath.* Ver QS §88 e comentário.

[13] *Os Homens… despertaram no Leste do Mundo ao primeiro Nascer do Sol* > *Ao Nascer do Sol, os Homens… despertaram em Hildórien, nas regiões centrais do mundo*. Ver QS §82 e comentário.

[14] *Dor-Daideloth* > *Dor-Daedeloth*. Ver QS §91 e comentário.

Comentário aos Anais Tardios de Valinor

Seção de abertura A mistura de tempos verbais, já presente no AV 1, torna-se agora um pouco mais acentuada com *Manwë é* em vez de *Manwë era* senhor dos Valar; ver p. 246.

A frase acerca de Oromë, Tulkas, Ossë e Lórien, que eram "mais jovens no pensamento de Ilúvatar, antes da feitura do mundo" do que os outros cinco Valar, não está presente no AV 1, tampouco algo

similar é dito em qualquer textos da tradição do *Quenta* (embora apareça em QS §6 a afirmação de que Mandos era o *mais velho* e Lórien o *mais novo* dos Fanturi; cf. também *A Estrada Perdida*, p. 80, onde Alkar (Melko) é chamado de "o mais velho no pensamento de Ilúvatar"). As afirmações no AV 2 de que "Aulë desposou Yavanna posteriormente no mundo, em Valinor", e de Oromë é o filho de Yavanna, mas não de Aulë, da mesma forma estão ausentes do AV 1 e de toda a tradição do *Quenta*.

Dois dos fragmentos das traduções em inglês antigo dos *Anais* feitas por Ælfwine apresentadas no Vol. IV possuem ligação com esse trecho. Na curta versão III (IV. 342), aparece a afirmação a respeito da relativa "juventude" de certos Valar, mas é limitada a Tulkas e Oromë; e lá também é dito, como aqui, que Aulë e Yavanna tornaram-se marido e mulher (*wurdon to sinhíwan*) após os Valar entrarem no mundo. A forma *Melkor*, e não *Melko*, sugere, mas não prova, que esse texto é derivado do período pós-*Senhor dos Anéis* (quanto a essa questão, ver p. 405–06, comentário a §30). A outra passagem em inglês antigo em questão, um fragmento escrito às pressas (IV. 343–44), possui a afirmação encontrada no AV 2 de que Oromë não era filho de Aulë, mas não aquela acerca da união posterior de Yavanna e Aulë.[a]

A abertura do AV 2 foi extensivamente mudada e reescrita muito tempo depois; mas uma alteração na presente passagem parece ter sido feita durante o período inicial. A frase "e Oromë nasceu de Yavanna, que é mencionada a seguir, mas ele não é filho de Aulë" foi alterada para esta afirmação notável:

> e Oromë era o rebento de Yavanna, que é mencionada a seguir, mas não como os Filhos dos Deuses nascido neste mundo, pois ele veio do pensamento dela antes de o mundo ser feito.

Isso está associado ao desenvolvimento da ideia dos seres menores que entraram no mundo com os Valar, que passou por várias alterações (culminando no conceito dos Maiar). No Q (IV. 95–6) esses espíritos são mencionados, mas não recebem nome algum, e esse continua sendo o caso no QS (§2). No AV 1 (IV. 310) é feita

uma distinção entre os filhos dos Valar, de um lado, e "seres de sua própria gente, mas de menor poder", de outro; mas todos entraram no mundo com os Valar, e todos são chamados *Valarindi*. No AV 2 a distinção é ampliada: os espíritos menores, "seres de sua própria gente, mas de menor poder", que chegaram com os Valar, são os *Vanimor*, "os Belos", e os Filhos dos Valar, que não entraram no mundo com eles, mas que foram *gerados no mundo*, são os *Valarindi*; estes foram "contados mais tarde" com os *Vanimor*. No fragmento em inglês antigo mencionado acima é dito o mesmo, embora o nome *Valarindi não seja dado lá aos Filhos dos Valar* (IV. 344).

Anal 500 A história (que remonta aos *Contos Perdidos*) de que Morgoth engendrou os pilares das Lamparinas a partir do gelo é contada no *Ambarkanta* (IV. 282–83) e indicada no AV 1 (IV. 311: "Morgoth destruiu *por ardis* as Lamparinas que Aulë fez"). Na outra tradição, o QS (§11) preserva o fraseado do Q (IV. 97), onde é dito apenas que Morgoth derrubou as Lamparinas, e não há indicação da história de seu engodo.

Anal 1000 Quanto à aparição aqui de *Utumna*, uma reversão aos *Contos Perdidos*, como o nome da fortaleza original de Melko, ver p. 132. Esse é indício de que o AV 2 seguiu-se ao AB 2, onde (na passagem de abertura em ambos os textos) *Angband* foi mantido.

Anal 1000–2000 A frase "e o lento crescimento das florestas foi iniciado" é surpreendente. No Esb e no Q (IV. 20, 100), as florestas primevas já cresciam na Terra-média na época da queda das Lamparinas, e isso é repetido no QS (§18). A presente passagem parece contradizer a do A.V. 500 ("as Lamparinas tombaram e o crescimento que havia começado com a reunião da luz foi detido") e reverter à história mais antiga dos *Contos Perdidos*: cf. o comentário ao conto *O Acorrentamento de Melko* (I. 139): "Na narrativa mais antiga, por outro lado, não há menção ao início do crescimento durante o tempo em que as Lamparinas brilharam, e as primeiras árvores e plantas baixas

apareceram sob os feitiços de Yavanna no crepúsculo após sua derrubada.”

Anal 1900 Essa é a primeira aparição da ideia de que os Valar, recolhidos para trás de sua muralha montanhosa, “negligenciavam seus cuidados” da Terra-média, e de que foram as repreensões de Yavanna que levaram Varda a fazer as estrelas. A ideia das duas feituras estrelas ainda não estava presente.

No lugar de *Vanimor*, o AV 1 possui *Valarindi*: ver o comentário à seção de abertura.

Anal 2000 A forma *Noldor* no lugar de *Noldoli* ocorre pela primeira vez nesses Anais e no AB 2 (no do A.V 2994 meu pai inadvertidamente ainda escreveu *Noldoli* antes de alterar para *Noldor*); e na presente passagem está a primeira aparição do nome *Lindar* para a Primeira Gente, em substituição ao *Quendi* mais antigo do Esb, do Q e do AV 1 (*Lindar* ocorre nos textos mais antigos por meio de emendas nessa época tardia). Essa alteração implica também que o emprego de *Quendi* havia mudado, para o seu significado final de “todos os Elfos” (essa na verdade é uma reversão a uma nomenclatura que aparecera brevemente muito tempo antes, I. 282); e, de fato, por meio de uma alteração inicial no manuscrito (nota 1 acima) “Eles são os Elfos” tornou-se “Eles são os Quendi ou Elfos”. Com essa mudança, ocorreu a limitação de significado, encontrado pela primeira vez aqui, do termo *Eldar* para àqueles Elfos que obedeceram a convocação de Oromë (embora na alteração inicial apresentada na nota 2 *Eldar* pareça ser usado como um simples equivalente de *Quendi*); ver o comentário a *Lhammas* §2.

Anal 2000–2010 Essa é a primeira indicação de um novo significado dado a *Ilkorindi*, limitando-o do sentido antigo de “Elfos-escuros” em geral (IV. 103) àqueles dos Teleri que permaneceram em Beleriand; ver o comentário a *Lhammas* §2.

A conclusão do anal está entre colchetes no manuscrito, e ela sem dúvida é original. O texto seguiu de perto o acréscimo a lápis ao AV 1 (IV. 318), onde, no entanto, não é dito que esse acréscimo foi feito por Pengolod à obra de Rúmil; pois o preâmbulo do AV I afirma que os *Anais de Valinor* foram

escritos na íntegra por Pengolod. Isso agora havia sido alterado, com Pengolod tornando-se o continuador dos anais de Rúmil. Ver o comentário aos anais 2990 e 2993. — A chegada dos "Danianos" por sobre as Eredlindon no A.V. 2700 é mencionada mais uma vez em um acréscimo ao anal daquele ano (nota 8).

Anal 2700 Oromë não é mencionado por nome nos outros textos como sendo contrário à libertação de Melko. No Q (IV. 107–08) e no QS (§48) foram Ulmo e Tulkas que duvidaram sensatez do ato; no AV 1, Aulë e Tulkas são mencionados por nome como opositores.

Anal 2900 Quanto à evolução da história dos movimentos de Morgoth nessa época, ver IV. 326.

Anal 2990 Quanto ao provável significado da frase "Essa recompensa receberam Finwë e Fëanor por sua amizade", ver IV. 326.

O trecho "procriou e reuniu mais uma vez seus serviçais malignos, Orques e Balrogs", mantido do AV 1, mostra o conceito ainda presente de que os Orques foram trazidos à existência pela primeira vez muito antes de Morgoth retornar à Terra-média, em contraste com a abertura do AB 2.

A conclusão desse anal, como a do anal 2000–2010, está entre colchetes no manuscrito, e, como a passagem anterior, é baseada de perto nas (embora reordenada a partir das) interpolações feitas no AV 1 (IV. 318–19), mas com o acréscimo atribuindo-a a Pengolod.

Anal 2992 A acusação de Fëanor contra os Valar não consta no AV 1. — Como escrito inicialmente, o AV 1 possui "Assim, por volta de 2992 dos Anos Valianos ocorreu…", que foi alterada para "Assim, no terrível Ano dos Valar 2999 (29991 Ano do Sol)" (IV. 321). O fato de que meu pai adotou em parte o fraseado revisado ("no terrível Ano", "nesse ano de temor") talvez sugira que ele tinha diante de si a datação revisada no AV 1, que em muito acelera a sequência de eventos, e a rejeitou.

Não é contado no AV 1 que alguns prosseguiram a pé ao longo da costa enquanto outros manejaram os navios, mas isso remonta aos *Contos Perdidos* (ver IV. 59).

Anal 2993 No trecho “seriam mortos com armas” da Sentença de Mandos, meu pai usou primeiro “seriam facilmente mortos”, como no AV 1, mas riscou a palavra *facilmente* enquanto escrevia; ver IV. 328.

Após “os advertiu de que os Valar cercariam Valinor para evitar seu retorno” ele colocou “Aqui termina o que Rúmil escreveu” (palavras acrescentadas a lápis nesse ponto no AV 1, IV. 319, nota 20), mas as riscou as palavras de imediato e as pôs no final do anal, como impressas no texto. Embora o preâmbulo do AV 1 afirme que os Anais eram obra apenas de Pengolod, uma segunda versão do preâmbulo (IV. 342) diz que eles “foram escritos primeiramente por Rúmil, o Sábio-élfico de Valinor, e posteriormente por [isto é, continuados por] Pengolod, o Sábio de Gondolin”; e sugeri (IV. 342–43) que Rúmil foi um dos Noldor que retornou a Valinor com Finrod, e isso explicaria por que o final de sua parte nos Anais foi transferido para um ponto mais adiante no AV 2 — “sua parte termina com o registro propriamente dito do retorno de Finrod e da recepção que ele e aqueles que o acompanharam tiveram”. Cf. as passagens nos anais 2000–2010 e 2990, onde inserções são feitas por Pengolod no texto de Rúmil.

Nesse anal (e no anal 50 do AB 2) *Felagund* é pela primeira vez traduzido como “Senhor de Cavernas”. Ele foi chamado *Inglor Felagund* na versão em inglês antigo do AB (IV. 398, 400).

Anal 2998–3000 Com as palavras “Pois o Sol foi disposto como um sinal do esvanecer dos Elfos, mas a Lua acalenta a memória deles” (repetidas em QS §75), cf. *A Estrada Perdida*, pp. 88–9 (nota 12).

NOTA

[a] A marca impossível de ser interpretada após o nome Oromë nessa passagem, que expliquei que significava “e Tulkas”, na verdade pode ser uma abreviação de “Oromë, Tulkas, Ossë e Lórien”, como no AV 2, com o qual esse fragmento em inglês antigo evidentemente está relacionado.

3

Os Anais Tardios de Beleriand

O manuscrito desta versão, **AB 2**, dos *Anais de Beleriand* é bastante similar ao do AV 2, e obviamente pertence basicamente à mesma época. Assim como com o AV 2, o manuscrito em sua parte inicial foi bastante emendado e sobrescrito anos mais tarde — o primeiro estágio no desenvolvimento da versão final dessas crônicas, os *Anais Cinzentos*. Contudo, neste caso houve muito mais revisões no período inicial do que com o AV 2, e em alguns pontos é difícil separar o "inicial" do "tardio"; referências ao QS geralmente decidirão a questão, mas permanecem dúvidas em casos em que *o próprio QS foi alterado em uma época indeterminada.*

Apresento o texto como foi originalmente escrito (acomodando alguns acréscimos ou correções que claramente foram feitos à ou logo após a época da composição), mas abro uma exceção no caso das datas. Aqui é menos confuso e mais fácil para referências subsequentes apresentar as datas emendadas entre colchetes após as originais. Essas alterações maiores na cronologia ocorreram durante a composição do QS, e são discutidas nas pp. 306–07. Alterações além das feitas nas datas, onde tenho certeza suficiente de pertencerem ao período pré-*Senhor dos Anéis*, estão registradas nas notas; a grande maioria delas reflete o movimento de nomes e da narrativa que surgiram quando o QS foi escrito (ou que, em alguns casos, foram inseridos no decorrer da composição do QS), e não as discuto no comentário ao AB 2.

Como já mencionado (pp. 131–32), referências às duas versões iniciais desses Anais, apresentadas no Vol. IV (AB I e AB II), são feitas aqui como **AB 1**; até o anal 220 a comparação é com o AB II, e depois desse ponto com o AB I. Assim como com o AV 2, no comentário trato o AB I no contexto da inclusão das emendas feitas

naqueles manuscritos (registradas na íntegra em IV. 362–66, 390), e não retomo questões discutidas nos comentários do Vol. IV.

No tocante ao conteúdo, o AB 2 em geral permanece similar ao AB I, mas não só é mais copioso em matéria como também é mais aperfeiçoado em estilo; os *Anais de Beleriand* estavam se tornando uma obra independente e menos (como descrevi o AB I em IV. 345) uma "consolidação da estrutura histórica em suas relações e cronologia internas" como apoio ao *Quenta* — mas ainda é analística, mantendo o *Aqui* introdutório no início dos anais individuais (derivado da *Crônica Anglo-Saxã*), e carecendo de ligação de motivos entre eventos. E uma vez que, por uma grande infelicidade, meu pai abandonou os *Anais Cinzentos* no final da história de Túrin, a conclusão do AB 2 possui o último relato na tradição dos *Anais* do quarto (tornando-se o sexto) século do Sol e da Grande Batalha. Tanto o AV 2 como o AB 2 só vieram à luz muito recentemente (eu não estava ciente da existência deles quando *O Silmarillion* foi preparado para publicação).

SILMARILLION
III
ANAIS DE BELERIAND

Antes do surgimento do Sol Morgoth fugiu da terra dos Valar e carregou as Silmarils, as gemas sacras de Fëanor. Ele retornou para as regiões do norte do Oeste da Terra-média, e reconstruiu sua fortaleza de Angband, sob as negras Montanhas de Ferro, onde o seu pico mais elevado, Thangorodrim, eleva-se. Ele engendrou os Orques e os Balrogs; e engastou as Silmarils na sua coroa de ferro. Thingol e Denithor[1] resistiram às invasões dos Orques, mas Denithor foi morto, e Thingol retirou-se para Menegroth, e Doriath foi fechada.

Aqui os Despossuídos chegaram ao Norte, e Fëanor os liderava, e com ele vieram seus sete filhos, Maidros, Maglor, Celegorm,[2] Curufin, Cranthir, Damrod e Díriel, e com eles seus

amigos, os filhos mais novos de Finrod. Eles queimaram os navios telerianos na costa, no lugar que desde então é chamado de Losgar, próximo à saída de Drengist. Logo após eles lutaram aquela batalha com a hoste de Morgoth que é chamada de Dagor-os-Giliath;[3] e a Fëanor coube a vitória, mas ele foi mortalmente ferido por Gothmog, e morreu em Mithrim.

Maidros, filho de Fëanor, foi emboscado e capturado por Morgoth, e pendurado em Thangorodrim; mas seus irmãos estavam acampados em volta do Lago Mithrim atrás das Eredwethion, as Montanhas Sombrias.

Anos do Sol

1 Aqui a Lua e o Sol, feitos pelos Valar após a morte das Duas Árvores, apareceram pela primeira vez. Nessa época os Pais de Homens despertaram pela primeira vez no Leste do mundo. Aqui Fingolfin, e com ele Inglor, filho de Finrod, conduziu a segunda hoste dos Gnomos por sobre o Helkaraksë, o Gelo Pungente, até as Terras de Cá. Com o primeiro Nascer da Lua puseram os pés na Terra-média, e o primeiro Nascer do Sol reluziu sobre a marcha deles.

Com a chegada do Dia Morgoth recuou, assombrado, para as suas masmorras mais profundas; e lá trabalhou em segredo, e expeliu fumaça negra. Fingolfin soprou as suas trombetas em desafio diante dos portões e Angband, e foi de lá para Mithrim; mas os filhos de Fëanor se retiraram para a margem meridional, e houve uma rixa entre as casas, por causa da queima dos navios, e o lago ficou entre eles.

2 [5] Aqui Fingon, filho de Fingolfin, sanou a rixa; pois procurou Maidros, e o resgatou com o auxílio de Thorndor,[4] Rei das Águias.

1–50 Ora, os Gnomos vagaram por toda parte de Beleriand, explorando a terra, e se assentando nela em muitos lugares,

do grande mar Belegar às Eredlindon, que é as Montanhas Azuis; e tomaram todo o vale do Sirion para nele habitar, salvo por Doriath no meio da terra, que Thingol e Melian detinham, tanto a floresta de Region como a floresta de Neldoreth em ambas as margens do Esgalduin.

20 Aqui foi realizada a Festa da Reunião, que é Mereth-Aderthad na fala gnômica. Em Nan-Tathrin,[5] o Vale dos Salgueiros, próximo às fozes do Sirion, foram reunidos os Elfos de Valinor, das três casas dos Gnomos, e muitos dos Elfos-escuros, tanto os das matas e dos portos do Oeste, como alguns dos Elfos-verdes de Ossiriand; e Thingol enviou embaixadores de Doriath. Mas Thingol não compareceu pessoalmente, nem queria abrir seu reino, nem retirar o encantamento que o cercava, pois não acreditava que o recuo de Morgoth durasse por muito tempo. Ainda assim, seguiu-se um tempo de paz, de crescimento e desabrochar, e de júbilo próspero.

50 Aqui sonhos inquietos e de perturbação afligiram Turgon, filho de Fingolfin, e Inglor, seu amigo, filho de Finrod, e eles buscaram na terra lugares de força e refúgio, caso Morgoth avançasse de Angband como seus sonhos pressagiavam. Inglor encontrou as cavernas de Narog e começou lá a estabelecer uma praça-forte e arsenais, à moda da morada de Thingol em Menegroth; e ele chamou seus salões profundos de Nargothrond. Donde os Gnomos passaram a chamá-lo de Felagund, senhor de cavernas, e esse nome ele portou até a morte.

Mas Turgon viajou sozinho, e pela graça de Ulmo descobriu o vale oculto de Gondolin, e a respeito dele por ora não contou a ninguém.

51 [60] Aqui Morgoth pôs à prova a força e a vigilância dos Noldor. Seu poderio entrou em ação mais uma vez de súbito;

e houve terremotos no Norte, e fogo saiu das montanhas, e os Orques fizeram incursões em Beleriand, e bandos de salteadores circulavam por toda parte na terra. Mas Fingolfin e Maidros congregaram uma grande força de sua própria gente, e dos Elfos-escuros, e destruíram todos os Orques que vagavam; e perseguiram a hoste principal até Bladorion, e lá a cercaram, e a destruíram por completo à vista de Angband. Essa foi a Segunda Batalha, Dagor Aglareb, a Batalha Gloriosa.

Ora, foi estabelecido o Cerco de Angband,[6] e ele durou mais de duzentos [> quatrocentos] anos; e Fingolfin gabava-se que Morgoth jamais poderia tornar a sair e romper o sítio de seus inimigos. Porém, tampouco podiam os Gnomos tomar Angband ou recuperar as Silmarils. Mas a guerra jamais cessou por completo nessa época, pois Morgoth forjava novas armas em segredo, e de quando em vez punha à prova seus inimigos; ademais, ele não estava cercado no extremo Norte.

52 Aqui[7] Turgon tornou a ficar inquietado, e de modo ainda mais doloroso em seu sono; e ele tomou uma terça parte dos Gnomos do povo de Fingolfin, e seus bens e suas mulheres, e partiu para o sul, e desapareceu, e ninguém soube aonde tinha ido; mas ele chegou a Gondolin e construiu lá uma cidade e fortificou os montes em volta.

Desta maneira os outros chefes sitiaram Angband. No Oeste ficavam Fingolfin e Fingon, e eles habitavam em Hithlum, e a sua principal fortaleza ficava na Nascente do Sirion, Eithel Sirion, de onde provinha o rio nas encostas orientais das Eredwethion. E todas as Eredwethion eles guarneciam e vigiavam Bladorion de lá, e sua cavalaria cavalgava na planície mesmo até os pés das montanhas de Morgoth; e seus cavalos se multiplicavam, pois a relva era

boa. Daqueles cavalos, muitos dos antepassados tinham vindo de Valinor, e foram devolvidos a Fingolfin pelos filhos de Fëanor com a resolução da rixa.[8]

Os filhos de Finrod mantinham a terra das Eredwethion ao limite oriental de Taur-na-Danion,[9] a Floresta de Pinheiros, de cujas encostas setentrionais eles também mantinham vigia sobre Bladorion. Aqui ficavam Angrod e Egnor, e Orodreth era o mais próximo dos filhos de Fëanor no Leste.[10] Desses, Celegorm e Curufin mantinham a terra entre os rios Aros e Celon, das fronteiras de Doriath ao passo do Aglon, que fica entre Taur-na-Danion e a Colina de Himling;[11] e esse passo e a planície além eles guardavam. Maidros tinha sua praça-forte sobre Himling, e aquelas colinas inferiores que vão da Floresta de Pinheiros até os sopés das Eredlindon eram chamadas de as Marcas de Maidros. De lá ele cavalgava amiúde até Bladorion Leste, as planícies ao norte, mas mantinha também as matas ao sul entre o Celon e o Gelion. Maglor ficava ainda mais para o leste, perto das águas a montante do Gelion, onde os montes são baixos ou inexistentes; e Cranthir andava sob as sombras das Montanhas Azuis. E toda a gente de Fëanor mantinha vigia por batedores e escoltas na direção do Nordeste.

Ao sul a bela terra de Beleriand, a oeste e leste do Sirion, foi dividida desta maneira. Fingolfin era Rei de Hithlum, e era Senhor da Falas ou Costa do Oeste, e soberano dos Elfos-escuros até Eglorest no sul e a oeste do rio Eglor. Felagund, senhor de cavernas, era Rei de Narog, e seus irmãos eram os senhores de Taur-na-Danion e seus vassalos;[12] e ele possuía as terras tanto a leste como a oeste do rio Narog, até as fozes do Sirion no sul, das margens do Eglor no Oeste até as margens do Sirion a leste, salvo apenas por parte de Doriath que ficava a oeste do Sirion, entre o rio Taiglin e Umboth-

Muilin.[13] Mas entre o Sirion e o rio Mindeb ninguém habitava; e em Gondolin, ao sudoeste de Taur-na-Danion, estava Turgon, mas isso ainda não era sabido.

Ora, o Rei Felagund tinha seu lugar de governança em Nargothrond no distante sul, mas seu forte e lugar de batalha era no norte, no vasto passo entre as Eredwethion e Taur-na-Danion, através do qual o Sirion corre para o sul. Havia uma ilha em meio às águas do Sirion, e ela era chamada Tolsirion, e lá Felagund construiu uma poderosa torre de vigia.[14]

Ao sul de Taur-na-Danion ficava um espaço amplo inabitado, entre os precipícios para onde aquelas terras altas caíam e as cercas de Melian, e para cá muitas coisas malignas fugiram que haviam sido alimentadas na escuridão de outrora, e buscavam refúgio agora nos abismos e ravinas. Ao sul de Doriath e a leste, entre o Sirion e o Aros e o Gelion, ficava uma ampla terra de matas e planícies; essa era Beleriand Leste, e era agreste e vasta. Aqui poucos vinham e raramente, exceto os Elfos-escuros que vagavam, mas se considerava que essa terra se encontrava sob o senhorio dos filhos de Fëanor, e Damrod e Díriel caçavam em suas fronteiras e pouco iam aos tumultos do cerco setentrional. Ossiriand, a Terra dos Sete Rios, que fica entre Eredlindon e o rio Gelion, e é banhada pelos rios Ascar, Thalos, Legolin, Brilthor, Duilwen e Adurant, não estava sob o domínio de Maidros. Aqui habitavam os Elfos-verdes, mas não tiveram outro rei após a morte de Denithor, até Beren vir no meio deles. A Beleriand Leste os Senhores-élficos, mesmo de muito longe, cavalgavam por vezes para caçar nas matas selváticas; mas nenhum passava ao leste por sobre as Eredlindon, salvo apenas os Elfos-verdes, pois tinham parentes que ainda se encontravam nas terras mais além.

52–255 [60–455] O tempo do Cerco de Angband foi um tempo de ventura, e o mundo teve paz sob a nova luz. Beleriand tornou-se por demais bela, e ficou repleta de feras e aves e flores. Nessa época os Homens cresceram e se multiplicaram, e se espalharam; e mantinham colóquio com os Elfos-escuros do Leste, e aprenderam muito com eles. Deles receberam os primórdios das muitas línguas dos Homens. Assim ouviram rumores dos Reinos Abençoados do Oeste e dos Poderes que habitavam lá, e muitos dos Pais de Homens em suas andanças seguiam sempre para oeste.

65 Aqui Brithombar e Eglorest foram construídos como belas vilas, e a Torre de Tindobel foi erguida sobre o cabo a oeste de Eglorest, para vigiar o Mar do Oeste. Aqui alguns do povo de Nargothrond construíram novos navios com o auxílio do povo dos portos, e partiram e habitaram na grande ilha de Balar, que ficava na Baía de Balar, para onde o Sirion corre.

102 Por volta dessa época a construção de Nargothrond e de Gondolin foi terminada.

104 [154] Por volta dessa época os Gnomos subiram as Eredlindon e olharam para o leste, mas não entraram nas terras além. Naquelas montanhas a gente de Cranthir deparou-se pela primeira vez com os Anãos, e ainda não havia inimizade entre eles e, no entanto, pouco amor havia. Não era sabido naqueles dias de onde os Anãos haviam se originado, salvo que não eram da Gente-élfica ou da raça mortal, nem ainda procriados por Morgoth. Mas é dito por alguns dos sábios de Valinor, como tomei conhecimento desde então,[15] que Aulë fez os Anãos muito tempo atrás, por desejar a chegada dos Elfos e dos Homens, pois ele queria ter aprendizes aos quais pudesse ensinar seus ofícios de mão, e não conseguiu aguardar os desígnios de Ilúvatar. Mas os Anãos não possuem um espírito que lhes habita, como o

possuem os Filhos do Criador, e eles possuem engenho, mas não arte; e eles retornam à pedra das montanhas da qual foram feitos.[16]

Naqueles dias e regiões os Anãos possuíam grandes minas e cidades no leste das Eredlindon, muito ao sul de Beleriand, e as principais dentre essas cidades eram Nogrod e Belegost. Mas os Elfos não iam lá, e os Anãos comerciavam em Beleriand; e construíram uma grande estrada, que ia para o norte, a leste das montanhas, e de lá passava sob as encostas do Monte Dolm,[17] e seguia de lá o curso do Ascar, e cruzava o Gelion no vau Sarn-Athrad, e assim chegava ao Aros. Mas os Anãos raramente usaram aquele caminho após a chegada dos Gnomos, até que o poder de Maidros esmoreceu na Terceira Batalha.

105 [155] Aqui Morgoth tentou pegar Fingolfin desprevenido, e ele enviou um exército para o Norte branco, e esse exército virou para o oeste e, depois, para o sul, e chegou pela costa a oeste das Eredlómin. Mas ele foi destruído e não adentrou Hithlum, e a maior parte dele foi lançada ao mar em Drengist. Essa não foi contada entre as grandes batalhas. Depois disso houve paz por muitos anos, e nenhum Orque saiu para a guerra. Mas Morgoth buscou novo conselho em seu coração, e pensou em Dragões.

155 [260] Aqui Glómund, o primeiro dos Dragões, saiu pelo portão de Angband à noite; e ele ainda era jovem e crescido à metade. Mas os Elfos fugiram diante dele para as Eredwethion e Taur-na-Danion em desespero, e ele conspurcou Bladorion. Então Fingon, príncipe dos Gnomos, cavalgou contra ele com seus arqueiros a cavalo, e Glómund por ora não conseguia suportar seus dardos, ainda não tendo chegado à sua armadura plena; e fugiu de volta ao inferno, e não saiu de novo por um longo tempo.

170 [370] Aqui Bëor, Pai de Homens, nasce no Leste.

188 [388] Aqui nasce Haleth, o Caçador.

190 [390] Aqui nasce Hádor,[18] o de Cabelos Dourados.

200 [400] Aqui Felagund, caçando no Leste com os filhos de Fëanor, topou com Bëor e seus homens, recém-chegados a Beleriand. Bëor tornou-se vassalo de Felagund, e voltou com ele para o Oeste.[19] Em Beleriand Leste nasce Bregolas, filho de Bëor.

202 [402] Aqui houve guerra nas Marcas do Leste, e Bëor estava lá com Felagund. Nasce Barahir, filho de Bëor.

213 [413] Nasce Hundor, filho de Haleth.

217 [417] Nasce Gundor, filho de Hádor.

219 [419] Nasce Gumlin, filho de Hádor, sob as sombras das Eredlindon.[20]

220 [420] Aqui Haleth, o Caçador, entrou em Beleriand. No mesmo ano entrou também Hádor, o de Cabelos Dourados, com suas grandes companhias de homens. Haleth permaneceu no vale do Sirion, e sua gente vagou muito, sem dever obediência a ninguém, mas se mantinham mormente nas matas[21] entre o Taiglin e o Sirion. Hádor tornou-se vassalo de Fingolfin, e muito fortaleceu os exércitos do rei, e recebeu terras em Hithlum. Havia grande amor entre os Elfos e os Homens da casa de Hádor, e a gente de Hádor abandonou sua própria língua e falava com a fala dos Gnomos.

222 [422] Nessa época, com a força dos Homens acrescentada a dos Gnomos, a esperança cresceu, e Morgoth foi enclausurado de perto. Fingolfin ponderou um ataque a Angband, pois sabia que viviam em perigo enquanto Morgoth fosse livre para labutar nas trevas; mas porque a terra era tão bela a maioria dos Gnomos estava contente com

as coisas como eram, e os desígnios dele não chegaram a nada.

Os Homens das três casas cresceram então e se multiplicaram, e aprenderam sabedoria e ofícios com os Gnomos, e se submeteram de bom-grado aos Senhores-élficos. Os Homens de Bëor tinham cabelos morenos ou castanhos, mas eram claros de rosto, com olhos cinzentos; formosos, de coragem e resistência, contudo eram pouco maiores em estatura do que os Elfos daquele tempo. O povo de Hádor era louro e de olhos azuis, em sua maioria (Túrin não era assim, mas sua mãe era da casa de Bëor), e de maior força e estatura. Parecidos com eles eram os homens-da-floresta de Haleth, mas um tanto menores e de ombros mais largos.

224 [424] Nasce Baragund, filho de Bregolas, filho de Bëor, em Taur-na-Danion.

228 [428] Nasce Belegund, seu irmão.

232 [432] Nasce Beren, mais tarde cognominado Ermabuin, o Uma-Mão, ou Mablosgen, O de Mão-vazia, filho de Barahir, filho de Bëor.[22]

241 [441] Nasce Húrin, o Destemido, filho de Gumlin, filho de Hádor, em Hithlum. No mesmo ano nasce Handir, filho de Hundor, filho de Haleth.

244 [444] Nasce Huor, irmão de Húrin.

245 [445] Nasce Morwen Eledwen[23] (Brilho-élfico), filha de Baragund. Ela era a mais bela de todas as donzelas mortais.

250 [450] Nasce Rian, filha de Belegund, mãe de Tuor. Nesse ano Bëor, o Velho, Pai de Homens, morreu de velhice. Os Elfos viram então pela primeira vez a morte de cansaço, e lamentaram pelo tempo curto designado aos Homens. Bregolas dali em diante governou o povo de Bëor.

***255**[455] Aqui chegaram ao fim a paz e o júbilo. No inverno desse ano, Morgoth soltou suas forças há muito preparadas, e buscou adentrar Beleriand e destruir a riqueza dos Gnomos. A batalha teve início de súbito numa noite do meio do inverno, e a princípio pesou sobremaneira nos filhos de Finrod. Essa é a Dagor Húr-Breged,[24] a Batalha do Fogo Repentino. Rios de fogo correram de Thangorodrim. Aqui Glómund, o Dourado, pai de Dragões, apareceu em seu poderio pleno. As planícies verdejantes de Bladorion foram transformadas num grande deserto sem nada que crescesse; e foram chamadas posteriormente de Dor-na-Fauglith, Terra da Sede Sufocante. Nessa guerra Bregolas foi morto e uma grande parte dos guerreiros da gente de Bëor. Angrod e Egnor, filhos de Finrod, tombaram. Mas Barahir, filho de Bëor, com seus companheiros escolhidos salvaram o Rei Felagund e Orodreth, e Felagund fez um juramento de auxílio e amizade em toda a necessidade a Barahir e sua família e descendência. Barahir governou o remanescente da casa de Bëor.

256 [456] Fingolfin e Fingon marcharam em auxílio de Felagund e sua gente, mas foram rechaçados com dolorosas perdas. Hádor, então idoso, tombou defendendo seu senhor Fingolfin, e com ele tombou Gundor, seu filho. Gumlin assumiu o senhorio da casa de Hádor.

Os filhos de Fëanor não foram mortos, mas Celegorm e Curufin foram derrotados, e fugiram até Orodreth no oeste de Taur-na-Danion.[25] Maidros realizou feitos de grande valor, e Morgoth ainda não pôde capturar as elevações de Himling, mas irrompeu pelos passos[26] a leste e assolou Beleriand Leste, e os Gnomos da casa de Fëanor, em sua maioria, fugiram diante dele. Maglor juntou-se a Maidros, mas Cranthir, Damrod e Díriel fugiram para o Sul.

Turgon não estava naquela batalha, nem Haleth, nem ninguém do povo de Haleth, salvo uns poucos. Diz-se que por volta dessa época[27] Húrin, filho de Gumlin, estava sendo criado por Haleth, e que Haleth e Húrin, ao caçarem no vale do Sirion, toparam com alguns da gente de Turgon, e descobriram a entrada secreta deles para o vale de Gondolin. Mas eles foram capturados e levados diante de Turgon, e contemplaram a cidade oculta, acerca da qual ninguém do mundo exterior ainda tinha conhecimento, salvo Thorndor, Rei das Águias. Turgon os recebeu, pois mensagens e sonhos enviados por Ulmo, Senhor das Águas, torrentes do Sirion acima, avisaram-no de que o auxílio dos Homens mortais lhe era necessário. Mas Haleth e Húrin fizeram juramentos de segredo, e jamais revelaram Gondolin; porém, nesse tempo, eles compreenderam algo dos conselhos de Turgon, embora os tenham mantido ocultos em seus corações. Diz-se que Turgon tinha grande apreço pelo menino Húrin, e queria mantê-lo em Gondolin, mas as graves novas da grande batalha foram recebidas, e eles partiram para socorrer a sua gente.

Quando Turgon soube do rompimento do sítio, ele enviou mensageiros secretos às fozes do Sirion e à Ilha de Balar, e deu-se a construção de navios velozes. Muitos mensageiros zarparam de lá em busca de Valinor, para pedir auxílio e perdão, mas nenhum chegou ao Oeste, ou nenhum retornou.[28]

Fingolfin viu então a ruína dos Gnomos e a derrota de todas as suas casas, e ficou cheio de ira e desespero; e cavalgou sozinho aos portões de Angband, e em sua loucura desafiou Morgoth para combate singular. Morgoth matou Fingolfin, mas Thorndor recuperou o seu corpo, e o depôs sob um teso de pedras nas montanhas ao norte de Gondolin. Houve pesar em Gondolin quando essas novas foram trazidas

por Thorndor, pois o povo da cidade oculta era da gente de Fingolfin. Fingon agora governava a casa real dos Gnomos.

257 [457] Morgoth atacou então os passos do oeste, e os atravessou, e entrou no Vale do Sirion; e ele tomou Tolsirion e a transformou em sua própria torre de vigia, e pôs lá Thû, o Mago, seu mais maligno serviçal, e a ilha tornou-se um lugar de pavor, e foi chamada Tol-na-Gaurhoth, Ilha dos Lobisomens. Mas Felagund e Orodreth recuaram, e foram para Nargothrond, e a fortaleceram e habitaram ocultos. Com eles estavam Celegorm e Curufin.[29]

Barahir não queria recuar, e ainda defendia o remanescente de suas terras em Taur-na-Danion. Mas Morgoth perseguiu seu povo, e transformou toda aquela floresta em uma região de grande pavor e encantamento sombrio, de modo que foi mais tarde chamada de Taur-na-Fuin, que é Floresta da Noite, ou Gwathfuin-Daidelos,[30] que é Sombra Mortal da Noite. Por fim, somente Barahir e seu filho Beren, e seus sobrinhos Baragund e Belegund, filhos de Bregolas, restaram, com alguns homens ainda fiéis. Destes, Gorlim, Radros,[31] Dagnir e Gildor são nomeados. Eram um bando desesperado de proscritos, pois suas moradas foram destruídas, e suas esposas e filhos foram capturados ou mortos, salvo Morwen Eledwen, filha de Baragund, e Rian, filha de Belegund. Pois as esposas dos filhos de Bregolas estavam em Hithlum, e estavam residindo lá quando a guerra teve início, e Hithlum ainda não havia sido sobrepujada. Mas nenhum auxílio veio de lá, e Barahir e seus homens foram caçados como feras selvagens.

258 [458] Haleth e seu povo habitavam então nas marcas ocidentais de Doriath, e enfrentaram os Orques que desceram o Sirion. Aqui com o auxílio de Beleg de Doriath eles pegaram uma legião-órquica desprevenida, e foram

vitoriosos, e os Orques depois disso não chegaram por um longo tempo à terra entre o Taiglin e o Sirion: essa é a floresta de Brethil.[32]

261 [460] Havia um lago elevado no meio de Taur-na-Fuin, e aqui havia muitas charnecas, e havia muitas lagoas; mas o terreno era repleto de engodos, e havia muitos charcos e brejos. Nessa região Barahir fez seu esconderijo; mas Gorlim o traiu, e ele foi surpreendido e morto com toda a sua companhia, salvo apenas por Beren. Beren perseguiu os Orques, e matou o assassino de seu pai, e recuperou o anel de Felagund. Beren tornara-se então um proscrito solitário, e realizou muitos feitos de ousadia desacompanhada, e Morgoth pôs a sua cabeça a prêmio com um grande preço.

262 [462] Aqui Morgoth renovou seus ataques; e a invasão dos Orques cercou Doriath, tanto pelo oeste Sirion abaixo como pelo leste através dos passos além de Himling. E Morgoth atacou Hithlum, mas foi rechaçado por ora; porém, Gumlin foi morto no cerco à fortaleza de Fingon em Eithel Sirion. Húrin, seu filho, acabara de chegar à idade adulta, mas era magno em força, e governava então a casa de Hádor, e servia a Fingon. Nessa época Beren foi rechaçado para o sul e adentrou Doriath com labor.

263 [463] Aqui os Homens Tisnados entraram pela primeira vez em Beleriand pelo Leste. Eram baixos e de ombros largos, de braços compridos e fortes, tinham muitos pelos no rosto e no peito, e suas mechas eram escuras como seus olhos; suas peles eram morenas, porém seus semblantes não eram de menos beleza em sua maioria, embora alguns fossem de aparência sombria e desgraciada. Suas casas eram muitas, e alguns tinham mais gosto pelos Anãos das montanhas, de Nogrod e Belegost, do que pelos Elfos. Mas Maidros, vendo a fraqueza dos Noldor, e o poderio crescente dos exércitos de

Morgoth, fez aliança com esses Homens, e com seus chefes Bor e Ulfand.[33] Os filhos de Bor eram Borlas e Boromir e Borthandos, e eles seguiram Maidros e Maglor e foram fiéis. Os filhos de Ulfand, o Tisnado, eram Uldor, o Maldito, e Ulfast e Ulwar,[34] e seguiram a Cranthir, o Moreno, e lhe juraram lealdade, e se mostraram infiéis.

263–4 [463–4] Aqui tiveram início os feitos renomados de Beren e Lúthien Tinúviel, filha de Thingol, de Doriath.

264 [464] Aqui o Rei Felagund e Beren, filho de Barahir, foram aprisionados em Tol-na-Gaurhoth por Thû, e o Rei Felagund foi morto em combate com Draugluin, o Lobisomem; mas Lúthien e Huan, o mastim de Valinor, mataram Draugluin e sobrepujaram Thû, que fugiu para Taur-na-Fuin. Orodreth assumira então o reinado de Nargothrond e rompeu amizade com Celegorm e Curufin, que fugiram para o meio de sua gente no Leste; mas Nargothrond estava oculta de todo.

Húrin, filho de Gumlin, desposou Morwen Brilho-élfico da casa de Bëor em Hithlum.

265 [465] Beren e Lúthien foram a Angband e tiraram uma Silmaril da coroa de Morgoth. Esse é o feito mais renomado dessas guerras. Carcharoth, o guardião-lobo do portão, arrancou a mão de Beren com uma mordida, e com a Silmaril no ventre adentra Doriath enlouquecido. Então lá foi realizada a Caça-do-lobo, e Huan matou Carcharoth e a Silmaril foi recuperada, mas Carcharoth matou Huan e Beren.

Beren foi chamado dos Mortos por Lúthien, e eles desapareceram do conhecimento de Homens e Gnomos, e habitaram por um tempo às margens das águas verdes de Ossiriand, Terra dos Sete Rios. Mas Mandos predisse que Lúthien ficaria sujeita dali em diante à morte, junto com Beren, a quem ela resgatou por um tempo.

No inverno desse ano Túrin, filho de Húrin, nasce com presságios de pesar.

265–70 [465–70] Nessa época teve início a União de Maidros; pois Maidros, encorajado pelos feitos de Beren e Lúthien, planejou a reunião das forças élficas e a liberação de Beleriand. Mas por causa dos feitos de Celegorm e Curufin, Thingol não o auxiliaria, e pouca ajuda veio de Nargothrond. Lá os Gnomos buscaram proteger sua morada por meios furtivos e sigilo. Mas Maidros teve o auxílio dos Anãos na forja de muitas armas, e houve muito comércio entre Beleriand e as montanhas no Leste; e ele tornou a reunir todos os Gnomos da casa de Fëanor, e os armou; e muitos Elfos-escuros juntaram-se a ele; e os homens de Bor e Ulfand foram congregados para guerra, e convocaram ainda mais de sua gente vinda do Leste.

Fingon preparou-se para a guerra em Hithlum; e novas chegaram também a Turgon, o rei oculto, e ele se preparou para a guerra em segredo. A gente de Haleth reuniu-se também nas matas de Brethil, e preparou-se para a batalha.

267 [467] Nasce Dior, o Belo, filho de Beren e Lúthien, em Ossiriand.

268 [468] Ora, os Orques foram rechaçados mais uma vez para fora de Beleriand, a leste e a oeste, e a esperança foi renovada; mas Morgoth precaveu-se contra o levante dos Elfos, e ele enviou espiões e emissários secretos por toda parte em meio a Elfos e Homens. Aqui Haleth, último dos Pais de Homens, morreu nas matas; e Hundor, seu filho, governou sua gente.

271 [471] Aqui Isfin, irmã de Turgon, vagou para além de Gondolin, e se perdeu; mas Eöl, o Elfo-escuro, tomou-a como esposa.

***272** [472] Este é o Ano da Lamentação. Maidros planejou então um ataque a Angband, pelo Oeste e pelo Leste. Com a hoste principal ele marcharia do Leste através de Dor-na-Fauglith, e, assim que desse o sinal, Fingon viria de Eredwethion; pois pensavam em atrair a hoste de Morgoth para longe das muralhas e colocá-la entre seus dois exércitos.

Huor, filho de Hádor, desposou Rian, filha de Belegund, na véspera da batalha, e marchou com Húrin, seu irmão, no exército de Fingon.

Aqui foi travada a Quarta Batalha, Nirnaith Dirnoth,[35] Lágrimas Inumeráveis, nas planícies de Dor-na-Fauglith, diante do passo do Sirion. O lugar por muito tempo ficou marcado por um grande monte sobre no qual os mortos foram empilhados, Elfos e Homens. Somente ali cresceu a relva em Dor-na-Fauglith. Ali Elfos e Homens foram completamente derrotados, e veio a cabo a ruína dos Gnomos. Pois Maidros foi atrasado na estrada pelos logros de Uldor, o Maldito, a quem os espiões de Morgoth haviam comprado. Fingon atacou sem esperar, e atravessou a investida simulada de Morgoth, e chegou mesmo a Angband. As companhias de Nargothrond, as que Orodreth permitiu que partissem em auxílio de Fingon, foram conduzidas por Gwindor, filho de Guilin, um príncipe muito valente, e estavam na vanguarda da batalha; e Gwindor e seus homens irromperam mesmo pelos portões de Angband, e suas espadas mataram nos salões de Morgoth. Mas eles foram separados, e todos foram feitos cativos; pois Morgoth soltara então uma hoste incontável que retivera, e rechaçou os Gnomos com terrível matança.

Hundor, filho de Haleth, e a maioria dos Homens dos bosques foram mortos na retaguarda na retirada através das

areias de Dor-na-Fauglith.[36] Mas os Orques se puseram entre Fingon e os passos de Eredwethion que levavam a Hithlum, e eles recuaram em direção a Tolsirion.

Então Turgon e o exército de Gondolin soaram suas trompas e emergiram de Taur-na-Fuin. Foram atrasados pelos engodos e males da floresta, mas chegaram agora como um auxílio inesperado. O encontro entre Húrin e Turgon foi muito alegre, e eles rechaçaram os Orques.

Ora, as trombetas de Maidros foram ouvidas no Leste, e a esperança foi renovada. Diz-se que os Elfos ainda teriam conseguido a vitória, não fosse pelos feitos de Uldor; mas muito magno era Glómund. Pois Morgoth enviara então todos os habitantes de Angband, e o inferno se esvaziara. Chegaram cem mil Orques, e mil Balrogs, e na vanguarda estava Glómund, o Dragão; e Elfos e Homens definharam diante dele. Assim Morgoth impediu a união das forças de Maidros e Fingon. E Uldor passou para o lado de Morgoth com a maioria dos Homens de Ulfand, e eles caíram sobre o flanco direito dos filhos de Fëanor.

Cranthir matou Uldor, mas Ulfast e Ulwar mataram Bor e seus filhos, e muitos Homens fiéis; e a hoste de Maidros foi dispersada aos ventos, e o remanescente fugiu para esconder-se em Beleriand Leste e no Sul, e lá vagou em pesar.

Fingon tombou no Oeste, cercado por uma hoste de inimigos, e uma chama saltou de seu elmo ao ser abatido pelos Balrogs. Mas Húrin, e Huor, seu irmão, e os Homens da casa de Hádor, ficaram firmes, e os Orques não puderam ainda tomar o passo do Sirion. A defesa de Húrin é o feito mais renomado dos Homens entre os Elfos; pois Húrin ficou na retaguarda, enquanto Turgon, com parte de sua batalha, e alguns dos remanescentes da hoste de Fingon, escapavam Sirion abaixo para os vales e as montanhas. Eles

despareceram de novo, e não foram mais encontrados por Elfo ou Homem ou por espião de Morgoth, até os dias de Tuor. Assim foi a vitória de Morgoth maculada, e sua ira foi muito grande.

Huor tombou atingido por uma flecha envenenada, mas Húrin lutou até restar apenas ele. Jogou fora o escudo, e empunhou um machado, e matou quase cem Orques; mas foi capturado vivo por ordem de Morgoth, e arrastado até Angband. Mas Húrin não revelou para onde Turgon havia ido, e Morgoth o amaldiçoou, e ele foi acorrentado sobre Thangorodrim; e Morgoth lhe deu a visão de ver o mal que sobreveio sua família no mundo. Morwen, sua esposa, carregava uma criança, mas seu filho Túrin tinha então quase sete anos.

Os Orques então empilharam os mortos, e despejaram-se em Beleriand. Nenhuma nova chegou a Hithlum da batalha, donde Rian partiu, e seu filho Tuor nasceu no ermo. Ele foi entregue para ser criado pelos Elfos-escuros; mas Rian foi ao Monte dos Mortos[37] e deitou-se ali e morreu.

273 [473] Morgoth era agora senhor de Beleriand, salvo por Doriath, e ele a encheu de bandos vagantes de Orques e lobos. Mas ele ainda não atacara os portões de Nargothrond no Sul distante, e de Gondolin nada conseguia descobrir. Mas o reino do norte não mais existia. Pois Morgoth quebrou suas promessas para com os filhos de Ulfand, e negou-lhes a recompensa de sua traição; e empurrou esses Homens malignos para Hithlum, e proibiu que saíssem daquela terra. Mas eles oprimiram o remanescente do povo de Hádor, e tomavam suas terras e seus bens e suas mulheres, e escravizavam seus filhos. O que restava dos Elfos de Hithlum Morgoth levou para as minas de Angband, e eles se tornaram

seus servos, salvo por alguns que viviam perigosamente nas matas.

No início desse ano, Nienor, a Pesarosa, nasceu em Hithlum, filha de Húrin e Morwen; mas Morwen enviou Túrin a Doriath, implorando para que Thingol o adotasse e auxiliasse, pois ela era da gente de Beren. Dois idosos ela tinha, Gethron and Grithron, e eles realizaram a jornada, como guias de Túrin. Passaram por atrozes provações e perigos, e foram resgatados nas bordas de Doriath por Beleg. Gethron morreu em Doriath, mas Grithron retornou para Morwen.

281 [481] O poder de Morgoth tornara-se então muito grande, e Doriath ficou isolada, e nenhuma nova das terras de fora lá chegava. Túrin estava então apenas em seu décimo sexto ano; mas passou a guerrear, e lutou contra os Orques nas marcas de Doriath na companhia de Beleg.

284 [484] Aqui Túrin matou Orgof, parente de Thingol, na mesa do rei, e fugiu de Menegroth. Ele tornou-se um proscrito nas matas, e congregou um grupo desesperado, e saqueou nas marcas de Doriath.

287 [487] Aqui os companheiros de Túrin capturaram Beleg, mas Túrin o libertou, e renovou sua irmandade com ele, e aventuraram-se juntos para além de Doriath, fazendo guerra aos Orques.

Tuor, filho de Huor, chegou a Hithlum em busca de sua família, mas eles não mais viviam, e ele viveu como um proscrito nas matas ao redor de Mithrim.

288 [488] Aqui Halmir,[38] filho de Orodreth de Nargothrond, foi capturado e enforcado numa árvore por Orques.

289 [489] Aqui Gwindor, filho de Guilin, escapou das minas de Angband. Blodrin, filho de Ban, traiu o acampamento de Túrin e Beleg, e Túrin foi capturado vivo, mas Beleg foi

deixado como morto. Beleg foi curado de suas feridas por Melian, e seguiu o rastro dos captores de Túrin. Ele se deparou com Gwindor desconcertado em Taur-na-fuin, e juntos eles resgataram Túrin; mas Túrin matou Beleg por um infortúnio.

290 [490] Túrin foi curado de sua loucura em Ivrineithel, e foi levado enfim por Gwindor a Nargothrond. Foram acolhidos nos salões secretos pela súplica de Finduilas, filha de Orodreth, que outrora amara Gwindor.

290–5 [490–5] Durante esse tempo Túrin habitou em Nargothrond. A espada de Beleg, com a qual ele foi morto, foi reforjada por Túrin; e Túrin rejeitou seu antigo nome, e chamou a si mesmo de Mormael, Espada-negra, mas sua espada ele chamou de Gurtholfin,[39] Vara da Morte. Finduilas esqueceu seu amor por Gwindor e amou Túrin, e ele a amava, mas não o exprimia, pois era leal a Gwindor. Túrin tornou-se capitão da hoste de Nargothrond, e persuadiu os Gnomos a abandonarem as ações furtivas e emboscadas, e a fazerem guerra aberta. Ele varreu os Orques de todas as terras entre o Narog e o Sirion e Doriath a leste, e a oeste até Eglor e o mar, e ao norte até as Eredwethion; e fez com que fosse construída uma ponte sobre o Narog. Os Gnomos de Nargothrond aliaram-se a Handir de Brethil e seus homens. Assim Nargothrond foi revelada à ira de Morgoth.

292 [492] Meglin, filho de Eöl, foi enviado por Isfin a Gondolin, e foi recebido como filho de sua irmã por Turgon.

294 [494] Nessa época, quando o poderio de Morgoth foi detido no Oeste, Morwen e Nienor partiram de Hithlum e chegaram a Doriath, em busca de novas acerca de Túrin. Lá muitos falaram da proeza de Mormael, mas de Túrin ninguém ouvira, desde que os Orques o haviam capturado.

***295** [495] Aqui Glómund passou para Hithlum e fez grandes males, e ele atravessou as Eredwethion com uma hoste de Orques, e entrou no reino de Narog. E Orodreth e Túrin e Handir enfrentaram-no, e foram derrotados no campo de Tum-halad entre Narog e o Taiglin; e Orodreth foi morto, e Handir; e Gwindor morreu, e recusou o socorro de Túrin. Túrin reuniu o remanescente dos Gnomos e apressou-se a Nargothrond, mas este foi saqueado antes de sua chegada; e Túrin foi enganado e enfeitiçado por Glómund. Finduilas e as mulheres de Nargothrond foram levadas como servas, mas Túrin as abandonou, e, enganado pelas mentiras de Glómund, foi para Hithlum à procura de Morwen.

Novas da queda de Nargothrond chegaram a Doriath, e Mormael foi revelado como Túrin.

Tuor, filho de Huor, partiu de Hithlum por um caminho secreto pela condução de Ulmo, e viajando costa abaixo passou pelos portos arruinados de Brithombar e Eglorest, e chegou às fozes do Sirion.

295–6 [495–6] Túrin descobriu que Morwen havia partido de Hithlum. Ele matou Brodda em seu salão e escapou de Hithlum. Assumiu então o nome de Turambar, Conquistador do Destino,[40] e juntou-se ao remanescente dos Homens-da-floresta em Brethil; e tornou-se senhor deles, uma vez que Brandir, filho de Handir, era coxo desde criança.

296 [496] Aqui Tuor encontrou o Gnomo Bronweg nas fozes do Sirion. O próprio Ulmo apareceu a Tuor em Nantathrin, e Tuor de lá subiu o Sirion, e guiado por Ulmo encontrou a entrada de Gondolin. Lá Tuor deu a conhecer a embaixada de Ulmo; mas Turgon não quis dar ouvidos a ela, e Meglin o instigou a isso contra Tuor. Mas Tuor foi estimado com honra em Gondolin por causa de sua família.

Glómund retornou a Nargothrond, e deitou-se sobre o tesouro de Felagund nas cavernas.

Morwen Eledwen foi a Nargothrond em busca de novas acerca de Túrin, e Nienor, desobedecendo as ordens dela, cavalgou disfarçada na escolta de Elfos da mãe. Mas Glómund lançou um feitiço sobre a companhia e a dispersou, e Morwen perdeu-se nas matas; e uma grande treva da mente se abateu sobre Nienor.

Turambar encontrou Nienor perseguida por Orques. Ele a chamou de Níniel, a lacrimosa, uma vez que ela não sabia o próprio nome.

297–8 [497–8] Níniel habitou com os Homens-da-floresta, e era amada tanto por Turambar como por Brandir, o Coxo.

298 [498] Turambar desposou Níniel.

299 [499] Glómund procurou a morada de Túrin Turambar; mas Túrin o golpeou com pujança com Gurtholfin, e caiu desacordado ao lado dele. Lá Níniel o encontrou, mas Glómund antes de morrer a libertou do feitiço e lhe revelou o seu parentesco. Nienor se lançou na catarata daquele lugar que então se chamava Celebros, Chuva de Prata, mas que depois foi chamado de Nen-girith, Água do Estremecer.

Brandir levou as novas a Túrin, e foi morto por ele, mas Túrin pediu a Gurtholfin que o matasse; e ele morreu ali.

Húrin foi libertado de Angband, e estava curvado pela grande idade; mas partiu e saiu em busca de Morwen.

Tuor desposou Idril Celebrindal, filha de Turgon, de Gondolin; e Meglin o odiava.

300 [500] Aqui nasceu Eärendel, o Luzente, estrela das Duas Gentes, filho de Tuor e Idril, em Gondolin. Nesse ano também nasceu Elwing, a Branca, mais bela de todas as mulheres depois de Lúthien, filha de Dior, filho de Beren, em Ossiriand.

Húrin reuniu homens à sua volta, e eles chegaram a Nargothrond, e mataram o anão Mîm, que tomara o tesouro para si próprio. Mas Mîm amaldiçoou o tesouro. Húrin levou o ouro a Thingol em Doriath, mas partiu de lá novamente com palavras amargas, e de seu destino e do destino de Morwen depois disso novas seguras jamais foram ouvidas.

301 [501] Thingol empregou artífices anânicos para trabalhar o seu ouro e prata e o tesouro de Nargothrond; e eles fizeram o renomado Nauglamír, o Colar-anânico, do qual pendia a Silmaril. A inimizade despertou entre Anãos e Elfos, e os Anãos foram rechaçados sem recompensa.

302 [502] Aqui os Anãos[41] chegaram em grande número de Nogrod e de Belegost e invadiram Doriath; e eles entraram pela traição, pois muitos Elfos foram tomados pelo desejo maldito do ouro. Thingol foi morto e as Mil Cavernas foram saqueadas; e houve guerra entre Elfo e Anão desde aquele dia. Mas Melian, a Rainha, não podia ser morta ou capturada, e ela partiu para Ossiriand.

Beren e os Elfos-verdes sobrepujaram os Anãos em Sarn-Athrad enquanto retornavam para o leste, e o ouro foi lançado no rio Ascar, que mais tarde foi chamado de Rathloriel, o Leito de Ouro. Mas Beren tomou o Nauglamír e a Silmaril. Lúthien envergou a Silmaril no peito. Dior, seu filho, governou os remanescentes dos Elfos de Doriath.

303 [503] Aqui Beren e Lúthien deixaram o conhecimento de Elfos e Homens, e o dia de suas mortes não é conhecido; mas numa noite um mensageiro trouxe o colar para Dior em Doriath, e os Elfos disseram: “Lúthien e Beren estão mortos, como Mandos sentenciou”.

304 [504] Dior, filho de Beren, herdeiro de Thingol, era então rei em Doriath, e a reestabeleceu por um tempo. Mas Melian

voltou para Valinor e Doriath não mais tinha a proteção dela. Dior envergou o Nauglamír e a Silmaril sobre o peito.

305 [505] Os filhos de Fëanor receberam novas da Silmaril no Leste, e voltaram de suas andanças, e se reuniram em conselho. Maidros mandou mensagem a Dior e o convocou a entregar a joia.

306 [506] Aqui Dior, herdeiro de Thingol, enfrentou os filhos de Fëanor nas marcas orientais de Doriath, mas foi morto. Esse foi o segundo fratricídio, e o fruto do juramento. Celegorm tombou naquela batalha, e Curufin, e Cranthir. Os jovens filhos de Dior, Elboron e Elbereth,[42] foram capturados pelos homens malignos do séquito de Maidros, e foram deixados para morrer de fome nas matas; mas Maidros lamentou o ato cruel, e os procurou em vão.

A donzela Elwing foi salva por Elfos fiéis, e fugiram com ela para as fozes do Sirion, e levaram consigo a joia e o colar, e Maidros não os encontrou.

Meglin foi capturado nas colinas, e traiu Gondolin a Morgoth.

307 [507] Aqui Morgoth soltou uma hoste de dragões sobre as montanhas pelo Norte e assolaram o vale de Tumladin, e sitiaram Gondolin. Os Orques saquearam Gondolin, e destruíram o Rei Turgon e a maioria de seu povo; mas Ecthelion da Fonte matou lá Gothmog, Senhor de Balrogs, antes de tombar.

Tuor matou Meglin. Tuor escapou com Idril e Eärendel por uma via secreta planejada antes por Idril, e chegaram com uma companhia de fugitivos à Fenda das Águias, Cristhorn, que é um passo alto sob o marco de Fingolfin no norte das montanhas circundantes. Caíram lá em uma emboscada, e Glorfindel da casa da Flor Dourada de

Gondolin foi morto, mas eles foram salvos por Thorndor, e escaparam por fim para o vale do Sirion.

308 [508] Aqui os errantes de Gondolin chegaram às fozes do Sirion e juntaram-se lá à minguada companhia de Elwing. A Silmaril lhes trouxe uma bênção, e eles foram curados, e se multiplicaram, e construíram um porto e navios, e habitaram no delta entre as águas. Muitos fugitivos reuniram-se à sua volta.

310 [510] Maidros tomou conhecimento do crescimento do Porto do Sirion, e de que a Silmaril lá se encontrava, mas ele abjurou o seu juramento.

324 [524] Aqui a inquietação de Ulmo se abateu sobre Tuor, e ele construiu o navio Eärámë, Asa de Águia, e partiu com Idril para o Oeste, e dele não se ouviu mais nada. Eärendel desposou Elwing, a Branca, e foi senhor do povo do Sirion.

325 [525] Tormento abateu-se sobre Maidros e seus irmãos, por causa do juramento não cumprido. Damrod e Díriel resolveram tomar a Silmaril, caso Eärendel não a entregasse de bom grado. Mas a inquietação também se abatera sobre Eärendel, e ele zarpou em seu navio Wingelot, Flor da Espuma, e viajou nos mares distantes à procura de Tuor, e à procura de Valinor. Mas ele não encontrou nenhum dos dois; no entanto, as maravilhas que realizou foram muitas e renomadas.[43] Elrond, o Meio-Elfo,[44] filho de Eärendel, nasceu quando Eärendel se encontrava longe no mar.

Mas a gente do Sirion recusou-se a ceder a Silmaril, tanto por Eärendel não se encontrar lá como por pensar que sua ventura e prosperidade vinha da posse da gema.

329 [529] Aqui Damrod e Díriel assolaram o Sirion, e foram mortos. Maidros e Maglor estavam lá, mas ficaram enfermos de coração. Esse foi o terceiro fratricídio. A gente do Sirion foi recebida no povo de Maidros, os que ainda restavam; e

Elrond foi levado para ser criado por Maglor. Mas Elwing lançou-se com a Silmaril ao mar, e Ulmo não a deixou afundar, e na forma de uma ave ela voou à procura de Eärendel, e o encontrou enquanto ele retornava.

330 [530] Eärendel atou a Silmaril à sua fronte e com Elwing navegou em busca de Valinor.

333 [533] Eärendel entrou em Valinor, e falou em nome das duas raças, Elfos e Homens.

340 [540] Maidros e Maglor, filhos de Fëanor, habitavam escondidos no sul de Beleriand Oriental, ao redor de Amon Ereb, o Monte Solitário, que se ergue solitário em meio à vasta planície. Mas Morgoth os atacou, e eles fugiram para a Ilha de Balar. Ora, o triunfo de Morgoth era completo, e toda aquela terra estava sob seu domínio, e não restava ninguém lá, Elfos ou Homens, salvo os que eram seus servos.

333–343 [533–543] Aqui os filhos dos Deuses se prepararam para a guerra, e Fionwë, filho de Manwë, era seu líder. Os Elfos-da-luz marcharam sob suas bandeiras, mas os Teleri não partiram de Valinor; mas eles construíram uma quantidade incontável de navios.

347 [547] Aqui a hoste de Fionwë foi vista reluzindo ao longe no mar, e o som de suas trombetas ressoaram sobre as ondas e ecoaram nos bosques do oeste. Depois disso foi travada a batalha de Eglorest, onde Ingwiel, filho de Ingwë, príncipe de todos os Elfos, desembarcou, e rechaçou os Orques da costa.

Uma grande guerra chegou então a Beleriand, e Fionwë repeliu os Orques e Balrogs à sua frente; e ele acampou às margens do Sirion, e suas tendas eram como a neve no campo. Ele convocou todos os Elfos, Homens, Anãos, feras e aves ao seu estandarte que não escolheram lutar por Morgoth. Mas o poder e terror de Morgoth era muito grande, e muitos não obedeceram a convocação.

***350**[550] Aqui Fionwë travou a última batalha do mundo antigo, a Grande Batalha ou Batalha Terrível. O próprio Morgoth veio de Angband, e passou sobre Taur-na-fuin, e o estrondo de sua vinda ribombou nas montanhas. As águas do Sirion jaziam entre as hostes; e longa e amargamente disputaram a passagem. Mas Fionwë atravessou o Sirion e as hostes de Morgoth foram repelidas como folhas, e os Balrogs foram destruídos por completo; e Morgoth fugiu de volta à Angband perseguido por Fionwë.

De Angband Morgoth soltou os dragões alados, que não haviam sido vistos antes; e Fionwë foi rechaçado em Dor-na-Fauglith. Mas Eärendel chegou pelo céu e derrubou Ancalagon, o Dragão Negro, e em sua queda Thangorodrim foi destroçada.

Os filhos dos Deuses lutaram com Morgoth em suas masmorras, e a terra tremeu, e abriu-se, e Beleriand foi despedaçada e mudada, e muitos pereceram na ruína da terra. Mas Morgoth foi aprisionado.

Essa guerra durou cinquenta anos desde o desembarque de Fionwë.

397 [597] Neste ano Fionwë partiu e voltou para Valinor com toda a sua gente, e com eles foi a maioria dos Gnomos que ainda viviam e os outros Elfos da Terra-média. Mas Elrond Meio-Elfo permaneceu e governou no Oeste do mundo.

Ora, as Silmarils foram recuperadas, pois uma era carregada nos ares por Eärendel, e as outras duas Fionwë tirou da coroa de Melko; e ele deu forma de grilhões à coroa para os seus pés. Maidros e Maglor, impelidos por seu juramento, tomaram as duas Silmarils e fugiram; mas Maidros pereceu, e a Silmaril que ele tomou foi para o seio da terra, e Maglor lançou a sua no mar, e vagou para sempre pelas costas do mundo em pesar.

Assim terminaram as guerras dos Gnomos, e Beleriand não mais existia.

NOTAS

A partir do final do anal 257 (457) o manuscrito foi muito pouco alterado, antes ou depois de *O Senhor dos Anéis*, e enquanto o acréscimo de 200 anos a cada data foi feito até o fim, a alteração de nomes tornou-se mais superficial, e ocorrências foram ignoradas ou passaram despercebidas. Obviamente isso não é significativo, mas nas notas a seguir faço referência apenas à primeira ocorrência da alteração.

[1] *Denithor* > *Denethor* (como em AV 2, nota 5).

[2] *Celegorm* > *Celegorn* (como em AV 2, nota 9).

[3] *Dagor-os-Giliath* > *Dagor-nuin-Giliath* (como em AV 2, nota 12).

[4] *Thorndor* > *Thorondor*. Ver comentário a QS §§96–7.

[5] *Nan-Tathrin* > *Nan-Tathren*. Ver comentário a QS §109.

[6] *Ora, foi estabelecido o Cerco de Angband* > *Mas depois disso os chefes dos Gnomos se preveniram, e apertaram o sítio, e fortaleceram sua vigilância; e estabeleceram o Cerco de Angband*

[7] Esse primeiro parágrafo do anal 52 foi riscado; ver nota 8.

[8] Material novo foi acrescentado aqui, retomando aquele do primeiro parágrafo cancelado do anal 52 (nota 7). A data da Dagor Aglareb nessa época foi alterada de 51 para 60.

> Mas Turgon mantinha a terra de Nivros > [Nivrost], entre as Eredwethion e o mar, ao sul de Drengist; e sua gente era numerosa. Mas a inquietação de Ulmo se abatera sobre ele, e alguns anos após a Dagor Aglareb ele reuniu a sua gente, que chegava a um terço dos Gnomos da casa de Fingolfin, e seus bens e esposas, e partiu para o leste em segredo, e desapareceu da vista de seus parentes. E ninguém soube aonde tinha ido; mas ele chegou a Gondolin e construiu lá uma cidade oculta.

Junto a esse trecho foi escrita a data 64. Quanto a *Nivros(t)*, ver QS §100 e comentário; e quanto à cronologia alterada, conforme aparece no decorrer do texto, ver pp. 306–07.

[9] *Taur-na-Danion* > *Taur-na-Thanion* > *Dorthanion* > *Dorthonion*. *Taur-na-Danion* foi emendado em cada ocorrência, mas raramente da mesma maneira; além disso, encontra-se *Taur-na-Donion* e *Taur-na-Thonion* (ver IV. 245). Os detalhes precisos são de pouca importância, e não torno a mencionar essas formas concorrentes.

[10] A frase que começa com *Aqui ficavam Angrod e Egnor* foi alterada para:

> Inglor e Orodreth mantinham o passo do Sirion, mas Angrod e Egnor mantinham as encostas do norte de Dorthanion, que iam até o Aglon, onde ficavam os filhos de Fëanor.

Ver nota 14 e comentário a QS §117.

[11] *Himling* > *Himring*. Essa alteração também se encontra em emendas tardias do Q.

[12] A passagem que começa com *Fingolfin era Rei de Hithlum* foi alterada para:

> Fingolfin era Rei de Hithlum e Nivrost, e senhor supremo de todos os Gnomos. Felagund, senhor de cavernas, era Rei de Nargothrond, e seus irmãos Angrod e Egnor eram os senhores de Dorthanion e seus vassalos;

Com essa alteração, Fingolfin deixa de ser Senhor dos Portos Ocidentais; ver nota 13.

[13] Acrescentado aqui (ver comentário a QS §109):

> E ele era considerado também senhor supremo da Falas, e dos Elfos-escuros dos portos de Brithombar e Eglorest.

[14] Acrescentado após *uma poderosa torre de vigia*:

> Inglormindon; mas após a fundação de Nargothrond ela ficou aos cuidados de Orodreth.

Subsequentemente, *Inglormindon* > *Minnastirith*, e esta por sua vez em *Minastirith*. Ver QS §117 e comentário.

[15] *como tomei conhecimento desde então* > *como tomamos conhecimento desde então*. Ver comentário a QS §123.

[16] A passagem que começa com *Mas os Anãos* foi alterada para:

> E os Noldor acreditavam que os Anãos não possuem um espírito que lhes habita, como o possuem os Filhos do Criador, e eles possuem engenho, mas não arte; e que eles retornam à pedra das montanhas da qual foram feitos. Contudo, outros dizem que Aulë os têm em consideração, e que Ilúvatar aceitará dele a obra de seu desejo, de maneira que os Anãos não hão de perecer.
>
> Ver o *Lhammas* §9 e QS §123, e comentários.

[17] *uma grande estrada, que ia para o norte, a leste das montanhas, e de lá passava sob as encostas do Monte Dolm* > *uma grande estrada, que passava sob as encostas do Monte Dolmed*. Na mesma época, sem dúvida, as palavras *muito ao sul de Beleriand* que ocorrem antes no parágrafo foram riscadas; ver comentário a QS §122.

[18] *Hádor* > *Hador* ou *Hădor* esporadicamente, onde observado; ver IV. 370.

[19] O anal 200 até esse ponto foi alterado para:

> 400 Aqui Felagund, caçando no Leste com os filhos de Fëanor, entrou em Ossiriand, e topou com Bëor e seus homens, recém-chegados por sobre as montanhas. Bëor tornou-se vassalo de Felagund, e voltou com ele para o Oeste, e habitou com ele até a morte. Mas Barahir, seu filho, habitou em Dorthanion.

[20] Os três anais que registram os nascimentos de Hundor, Gundor e Gumlin foram colocados no lugar errado após o anal 220, como no AB 1, mas uma indicação os transfere para o seu lugar apropriado, como fiz no texto impresso.

> *Gundor* > *Gumlin, o Alto; Gumlin* > *Gundor*. Ver QS §140 e comentário.

[21] *nas matas* > *nas matas de Brethil*. *Brethil* ocorre no ano 258 no texto conforme escrito (e subsequentemente); ver o comentário àquele anal.

[22] *Ermabuin* > *Erchamion* (mas primeiro para *Erchamui*), e *Mablosgen* > *Camlost*. Ver pp. 493–94. Após esse anal foi acrescentado um novo:

> 436 Hundor, filho de Haleth, desposou Glorwendel, filha de Hador. Quanto a isso, ver p. 372 (§13) e nota 36 abaixo.

[23] *Eledwen* > *Eledhwen*.

[24] *Dagor Húr-breged* > *Dagor Vregedúr*. O segundo nome em QS §134.

[25] *Celegorm e Curufin foram derrotados, e fugiram até Orodreth no oeste de Taur-na-Danion* > *Celegorn e Curufin foram derrotados, e fugiram para o sul e para o oeste, e refugiaram-se por fim com Orodreth em Nargothrond*. Ver comentário a QS §§117, 141.

[26] *pelos passos* > *pelos passos de Maglor*.

[27] *por volta dessa época* > *no outono antes do Fogo Repentino*. Cf. QS §153.

[28] *ou nenhum retornou* > *e poucos retornaram*. Cf. QS §154.

[29] A passagem a partir de *Mas Felagund e Orodreth recuaram* foi alterada para:

> Orodreth, irmão de Felagund, que comandava Minnastirith, escapou por pouco e fugiu para o sul. Lá Felagund se refugiara na praça-forte que havia preparado para o dia maligno; e ele a fortificou, e habitou em segredo. Para lá foram Celegorn e Curufin.

Ver comentário a QS §§117, 141.

[30] *Gwathfuin-Daidelos* > *Deldúwath*. Ver QS §138.

[31] *Radros* > *Radruin*. Em QS §139, o nome é escrito *Radhruin*.

[32] Acrescentado aqui:

> Húrin de Hithlum estava com Haleth; mas ele partiu mais tarde, uma vez que a vitória tornara a viagem possível, e retornou à sua própria gente.

Ver QS §§153 e 156 (nota de rodapé ao texto). Subsequentemente, *mais tarde* > *logo depois*, e as palavras *uma vez que a vitória tornara a viagem possível* foram removidas.

[33] *Bor* > Bór, e *Ulfand* > *Ulfang*. Ver QS §151 e comentário.

[34] *Ulwar* > *Ulwarth*. Ver QS §151 e comentário.

[35] *Nirnaith Dirnoth* > *Nirnaith Arnediad*. Ver IV. 364, nota 38.

[36] Acrescentado aqui: *Glorwendel, sua esposa, morreu naquele ano de pesar*. Ver nota 22.

[37] *o Monte dos Mortos* > *Cûm-na-Dengin, o Monte dos Mortos*. Ver IV. 364, nota 42.

[38] *Halmir* > *Haldir* (o nome do filho de Orodreth nas *Etimologias*, radical SKAL1).

[39] *Gurtholfin* > *Gurtholf*. Ver p. 496.

[40] *Conquistador do Destino* > *Mestre do Destino*.

[41] *Anãos* > *Anões*[a] (a única ocorrência da alteração no texto). Ver comentário a QS §122.

[42] *Elboron e Elbereth* > *Elrûn e Eldûn* (uma alteração apressada a lápis). Ver IV. 382 e as *Etimologias,* radical BARATH.

[43] Acrescentado aqui: *A principal dessas foi a morte de Ungoliantë*. Ver o comentário ao anal 325.

[44] *Elrond, o Meio-Elfo* > *Elrond Beringol, o Meio-Elfo*.[b] Ver o comentário ao anal 325.

Comentário aos Anais Tardios de Beleriand

Antes do surgimento do Sol Considero que as palavras “reconstruiu sua fortaleza de Angband” significam que esse era o nome da praça-

forte original de Melko; ver o comentário ao AV 2, anal 1000.

A afirmação de que Melko "engendrou os Orques e os Balrogs" após o seu retorno à Terra-média é mantida do AB 1 (onde a palavra *planejou* foi usada), em contraste com o AV 1 e o 2, onde ele "procriou e reuniu *mais uma vez* seus serviçais malignos, Orques e Balrogs"; ver minha discussão sobre esse trecho, IV. 366.

A frase acerca de Thingol e Denithor é inserida a partir da tradição dos AV (anal 2990).

O nome *Losgar* para o lugar onde os navios telerianos foram queimados ocorre aqui pela primeira vez (e a única vez nos textos desse período). O nome fora usado muito antes no antigo conto de *O Chalé do Brincar Perdido*, onde significava "Sítio das Flores", o nome gnômico de *Alalminórë* "Terra dos Olmos" em Tol-eressëa, e onde foi substituído por *Gar Lossion* (I. 26, 33).

Anal 1–50 Aqui se encontram as primeiras ocorrências dos nomes *Region* e *Neldoreth* (que também foram marcados no desenho inicial do Segundo Mapa, p. 499).

Anal 20 A presença dos Elfos-verdes na Mereth Aderthad não é mencioanda no AB 1.

Anal 52 No AB 1 (IV. 386) a partida de Turgon para Gondolin encontra-se no anal 51 (assim como toda a informação que se segue acerca das regiões que os príncipes noldorin governavam durante o Cerco).

A devolução dos cavalos a Fingolfin na resolução da rixa é um novo elemento na história.

No terceiro parágrafo desse anal há uma referência clara à "Brecha de Maglor" (não mencionada por nome). A região onde "os montes são baixos ou inexistentes", mostrada claramente no Segundo Mapa (embora o nome nunca tenha sido escrito), é inferida pelas linhas na Expansão a Leste do Primeiro Mapa (IV. 275).

Na passagem no final do anal acerca dos Elfos-verdes, aparecem novos elementos na história deles: que não tiveram rei após a morte de Denithor, e que tinham parentes que permaneceram a leste das Montanhas Azuis. A fala dos dois

ramos desse povo terá um lugar importante na história linguística explanada no *Lhammas*.

Anal 52–255 As referências mais antigas nos escritos de meu pai à origem da fala entre os Homens encontram-se em esboços para o *Conto de Gilfanon*, I. 284–85, onde se conta que o Elfo Escuro Nuin "Pai da Fala", que despertou os primeiros Homens, ensinou-lhes "muito do idioma ilkorin". No Esb (IV. 28) e no Q (IV. 118) é contado, como aqui, que os primeiros Homens aprenderam línguas com os Elfos-escuros.

A referência a "muitos dos Pais de Homens" em andanças para o oeste sugere uma aplicação diferente do termo, que em outros lugares parece ser sempre usado especificamente para Bëor, Hador e Haleth; assim, no anal 268, que registra a morte de Haleth, ele é o "último dos Pais de Homens".

Anal 65 O assunto desse anal não está especificado em um ano separado no AB 1 (IV. 388), mas se encontra no anal 51–255, sobre o Cerco de Angband. Lá é dito apenas que "alguns partiram e habitaram a grande ilha de Balar".

Anal 104 Nesse anal (que combina assuntos acerca dos Anãos dos antigos anais 51–255 e 104) há a primeira aparição da lenda da feitura dos Anãos por Aulë, antecipando o plano de Ilúvatar, no desejo de ter aqueles a quem pudesse ensinar; mas a antiga visão hostil sobre eles (ver IV. 199) encontra expressão na afirmação notável de que eles "não possuem um espírito que lhes habita, como o possuem os Filhos do Criador, e eles possuem engenho, mas não arte". Com as palavras "eles retornam à pedra das montanhas da qual foram feitos", cf. a referência no Apêndice A (III) de *O Senhor dos Anéis* à "tola opinião entre os Homens… de que os Anãos 'crescem da pedra'".

Anal 105 A frase "enviou um exército para o Norte branco, e esse exército virou para o oeste", que não está presente na forma anterior do anal, torna mais clara a rota desse exército; ver QS §103, e nota sobre a geografia setentrional nas pp. 321–23.

Anal 220 A segunda versão do AB 1 chega ao fim com o início desse anal — uma nota apressada acerca da desamizade dos filhos de Fëanor para com os Homens, que não foi retomada no

AB 2. Aqui voltamos à versão inicial do AB 1 (IV. 348), com as datas no AB 2 sendo naturalmente cem anos depois.

Há aqui a primeira menção ao abandono de sua própria língua pelos Homens da casa de Hador; cf. o *Lhammas*, §10. Posteriormente se tornou importante a ideia de que eles mantiveram o próprio idioma; em *O Silmarillion* (p. 207), enquanto na casa de Hador "apenas a língua-élfica era falada", "a fala deles próprios não foi esquecida, e dela veio a língua comum de Númenor" (ver mais em *Contos Inacabados*, pp. 294–95, nota 20). Mas nessa época a extensa concepção linguística não incluía o desenvolvimento subsequente do adûnaico. Na segunda versão de *A Queda de Númenor* (§2), os Númenóreanos "adotaram a fala dos Elfos do Reino Abençoado, como era e é em Eressëa", e em *A Estrada Perdida* (p. 85) fala-se em Númenor a respeito de "reviver a fala ancestral dos Homens".

Anal 222 Com essa alusão aos cabelos escuros de Túrin, ausente do AB 1, cf. a *Balada dos Filhos de Húrin* (III. 28): "todo menino moreno / da raça conquistada".

Anal 255 Quanto à história repetida a partir do AB 1, de que Barahir resgatou Orodreth assim como Felagund na Batalha do Fogo Repentino, ver o Anal 256.

Anal 256 No AB 1, a data 155 é repetida aqui (ver IV. 373). A data 256 no AB 2 presumivelmente se deve ao fato de que a Batalha do Fogo Repentino começou no meio do inverno do ano 255.

A confusão na história de Orodreth nesse ponto não é menor do que aquela na primeira versão dos *Anais*. No AB 1, Orodreth, com seus irmãos Angrod e Egnor, habitava em Taur-na-Danion (na segunda versão, IV. 387, Orodreth situa-se especificamente o mais ao leste e mais próximo dos filhos de Fëanor); assim, quando Celegorm e Curufin foram derrotados na Batalha do Fogo Repentino, eles "fugiram com Orodreth" (anal 155), o que deve significar que eles se refugiaram com Felagund em Tol Sirion, pois dois anos mais tarde, quando Morgoth capturou Tol Sirion, todos os quatro foram para o sul para Nargothrond (anal 157). No entanto, obviamente em contradição a essa história há a afirmação anteriormente em 155 de que Barahir e seus homens

resgataram Felagund *e Orodreth* na Batalha do Fogo Repentino; ver minha discussão, IV. 372–73.

No AB 2 (anal 255) é mais uma vez dito que Barahir resgatou Orodreth assim como Felagund, aparentemente contradizendo a afirmação no anal 52 de que Orodreth habitava o mais a leste em Taur-na-Danion. Mas onde o AB 1 diz que Celegorm e Curufin, derrotados, "fugiram com Orodreth", no AB 2 (anal 256) eles "fugiram *até* Orodreth no *oeste* de Taur-na-Danion" (a palavra *oeste* estando perfeitamente clara). No anal 257 o AB 2 está de acordo com o AB 1 no tocante aos quatro terem recuado juntos até Nargothrond. Não parece ser possível deduzir uma narrativa coerente a partir do AB 2. As alterações no manuscrito apresentadas nas notas 10, 14, 25 e 29 mostram a história tardia.

A história da estada de Haleth e Húrin em Gondolin pouco difere daquela no AB 1, exceto no ponto em que na versão mais antiga os homens "toparam com alguns do povo de Turgon, e foram levados ao vale secreto de Gondolin", enquanto aqui eles "descobriram a entrada secreta deles".

Não é dito no AB 1 que os mensageiros de Turgon também foram para a Ilha de Balar (onde, de acordo com o anal 65 no AB 2, habitavam Elfos de Nargothrond), nem que os mensageiros iriam pedir "auxílio e perdão".

Anal 257 A afirmação intrigante no AB 1, de que "Felagund e Orodreth, junto com Celegorm e Curufin, retiraram-se para Nargothrond, e fizeram lá um grande palácio oculto", é agora esclarecida, ou, de qualquer forma, deixada consistente com a primeira versão dos anais. Sugeri (IV. 373) que o significado podia ser de que "embora Nargothrond existisse por mais de cem anos como uma praça-forte gnômica, foi só na ocasião da Batalha do Fogo Repentino que ela foi transformada em uma grande habitação ou 'palácio' subterrâneo, e o centro do poderio de Felagund"; e as palavras do AB 2 aqui ("foram para Nargothrond, e a fortaleceram") sustentam isso.

Os membros nomeados do bando de Barahir são agora acrescidos de *Gildor*, que não foi incluído no acréscimo ao AB 1 (IV. 363, nota 23).

As últimas frases desse anal introduzem a história de que Morwen e Rian só escaparam porque estavam residindo em Hithlum na época, com o povo de suas mães; pois as esposas de Baragund e Belegund eram da casa de Hador. No AB 1 elas foram enviadas para Hithlum quando Morgoth tomou Taur-na-Danion.

Anal 258 Essa é a primeira aparição da história (*O Silmarillion*, pp. 218–19) da derrota dos Orques em Brethil pelas mãos do povo de Haleth e de Beleg de Doriath; e essa é a primeira ocorrência de *Brethil* em um texto tal como escrito.

Anal 261 A esse corresponde no AB 1 o anal 160, não o 161; mas quando (durante a composição do QS) meu pai estendeu o Cerco de Angband por mais 200 anos, e então inseriu as datas revisadas no manuscrito do AB 2, ele alterou 261 para 460, não para 461.

Anal 263 O AB 1 não nomeia os filhos de Bor, nem afirma que eles seguiram Maidros e Maglor. O filho de Bor, Boromir, é o primeiro portador desse nome. Posteriormente, o Boromir dos Dias Antigos foi o pai de Bregor, pai de Bregolas e Barahir.

Anal 263–4 O assunto do anal muito mais longo 163–4 no AB 1 no AB 2 encontra-se distribuído nos anais 264 e 265.

Anal 264 É estranho que meu pai tenha escrito aqui que Felagund foi morto por Draugluin (que sobreviveu para ser morto por Huan). Não há indicações desse fato em outros lugares — é contado na *Balada de Leithian* que Felagund matou o lobo que o matou na masmorra (III. 295, verso 2625), e de maneira ainda mais enfática na história em prosa: “lutou com o lobisomem e o matou com suas mãos e seus dentes” (*O Silmarillion*, p. 238).

Anal 273 *Gethron* e *Grithron*: os dois idosos não são mencionados por nome no Q ou no AB 1; no Esb (IV. 35) eles são Halog e Mailgond, seus nomes na segunda versão da *Balada dos Filhos de Húrin*. Posteriormente, seus nomes foram *Gethron* e *Grithnir*, e foi Grithnir que morreu em Doriath, e Gethron que voltou (*Contos Inacabados*, pp. 108–09).

Anal 287 Pode parecer pela afirmação aqui (não encontrada no AB 1), de que Tuor “*chegou a Hithlum* em busca de sua família”, que ele nasceu após Rian ter atravessado as montanhas, vagando na

direção do campo de batalha, e que quinze anos depois ele voltou; mas não há qualquer indicação disso em nenhum outro lugar. No AB 1, anal 173, é dito que "Tuor cresceu selvagem nas matas entre Elfos fugitivos próximo às margens de Mithrim", e, embora isso seja omitido no AB 2, a ideia sem dúvida estava presente; a explicação para as palavras "chegou a Hithlum" é então de que Mithrim e Hithlum eram terras distintas, ainda que uma esteja encerrada na outra (cf. QS §§88, 106).

Anal 290–5 Conforme o AB 1 foi escrito inicialmente aqui, foi como um resultado da perda do "antigo sigilo" de Nargothrond na época de Túrin que Morgoth "toma conhecimento da praça-forte"; mas isso foi alterado logo cedo (IV. 365, nota 53) para "toma conhecimento da força crescente da praça-forte", que parece como se meu pai estivesse se afastando da ideia de que Nargothrond havia até então permanecido completamente oculta de Morgoth. O AB 2 é explícito ao dizer que Nargothrond lhe foi "revelada" pela política de guerra aberta de Túrin. Ver IV. 379.

Anal 292 No Q (IV. 161), Isfin e Meglin foram juntos para Gondolin. O AB 1 não é explícito: "Meglin chega a Gondolin". O AB 2 reverte à antiga história no Esb (IV. 43) de que Meglin foi enviado a Gondolin por sua mãe.

Anal 295 É dito agora expressamente, que é inferido no AB 1, que Glómund aproximou-se de Nargothrond através de Hithlum, com o acréscimo de que ele "fez grandes males" lá; ver IV. 380. Aqui aparece pela primeira vez o nome Tum-halad, mas o local da batalha, ao qual se refere o nome, ainda ficava a leste de Narog, e não entre o Narog e o Ginglith.

Para uma explicação de por que os portos de Brithombar e Eglorest estavam em ruínas, ver IV. 380.

Anal 296 Também foi dito no AB 1 que Glómund retornou a Nargothrond no ano seguinte ao saque, embora eu não tenha comentado lá o fato. Não sei como explicar isso. Não há qualquer indicação em nenhum lugar de que após Túrin ter partido em sua viagem para Hithlum Glómund fez outra coisa que não rastejar de volta para os salões de Nargothrond e deitar-se sobre o tesouro.

Anal 299 *Celebros*, aqui interpretado como “Chuva de Prata”, anteriormente havia sido traduzido como “Prata-de-espuma”, “Espuma de Prata”; ver as *Etimologias*, radical ROS[1].

Anal 325 O acréscimo inicial feito a esse anal (nota 43), “A principal dessas foi a morte de Ungoliantë”, é notável. Essa história remonta através do Esb e do Q (§17) ao próprio princípio (II. 304. etc.), mas não torna a aparecer. É contado no Esb e no Q (§4) que, quando Morgoth retornou com Ungoliantë para a Terra-média, ela foi repelida pelos Balrogs “para o extremo Sul”, com o acréscimo no Q (e QS §62) “onde por longo tempo habitou”; mas na remodelagem e expansão dessa passagem feitas muito tempo depois, é relatado como uma lenda que “ela pereceu há muito, quando, em sua fome extrema, devorou a si mesma afinal” (*O Silmarillion*, p. 121).

O cognome dado a Elrond em outro acréscimo (nota 44), *Beringol*, não é encontrado de novo, mas a forma *Peringol* aparece nas *Etimologias*, radical PER, da qual *Beringol* é uma variante (ver pp. 356–57, nota sobre *Gorgoroth*). É conveniente mencionar aqui uma mudança tardia e apressada a lápis, que alterou a passagem para o seguinte:

> Os *Peringiul*, os Meio-Elfos, eram filhos de Elwing, esposa de Eärendel, nascidos enquanto Eärendel estava no mar, os gêmeos Elrond e Elros.

A ordem foi então invertida para “Elros e Elrond”. Sem dúvida na mesma época, no anal 329, “Elrond foi levado” foi alterado para “Elros e Elrond foram levados”. Elros aparecera em acréscimos tardios ao texto do Q (IV. 177), que foram inseridos após o surgimento da lenda de Númenor, e por emenda na segunda versão de *A Queda de Númenor* (p. 34), onde ele substitui Elrond como o primeiro governante.

Anal 340 Não é contado no AB 1 que Maidros e Maglor e seu povo fugiram no fim de Amon Ereb para a Ilha de Balar. No Q nada é dito sobre onde habitavam de fato Maidros e Maglor durante os últimos anos.

Anal 350 Alguns elementos novos (e singulares) aparecem no relato no AB 2 da invasão feita pelo Oeste. O acampamento de Fionwë às margens do Sirion (anal 347) não aparece no AB 1 (nem no Q ou no QS, onde nada é dito acerca do desembarque de Fionwë ou da Batalha de Eglorest), nem é dito lá que Morgoth atravessou Taur-na-Fuin e que houve uma longa batalha nas margens do Sirion onde a hoste de Valinor tentou cruzar; na segunda versão da história em Q §18 (repetida no QS, p. 395) há de fato uma forte indicação de que Morgoth jamais saiu de Angband até ser arrastado de lá acorrentado.

Após as palavras "muitos pereceram na ruína da terra", meu pai escreveu a lápis a seguinte frase:

> e o mar entrou rugindo e cobriu tudo, salvo pelos cumes das montanhas, e apenas parte de Ossiriand restou.

Esse acréscimo é de datação completamente incerta, mas possui ligação com assuntos discutidos anteriormente neste livro e pode ser convenientemente analisado aqui.

O pouco que já foi contado acerca da Submersão de Beleriand é muito difícil de interpretar; a ideia foi alterada e mudada, mas meu pai jamais em qualquer estágio a explanou claramente. No *Quenta* (citado na p. 32) e nos *Anais* há uma imagem da destruição cataclísmica causada pela "fúria dos adversários" na Grande Batalha entre a hoste de Valinor e o poderio de Morgoth. As últimas palavras dos *Anais*, mantidas no AB 2, são "Beleriand não mais existia" (que, no entanto, poderiam ser interpretadas com o significado de que Beleriand como a terra dos Gnomos e o cenário de suas guerras heroicas não teve outras histórias depois disso); no Q permaneceram "grandes ilhas", onde foram construídas as frotas nas quais os Elfos da Terra-média partiram para o Oeste — e essas podem bem ser as Ilhas Britânicas (ver IV. 231). Na passagem final (§14) de *A Queda de Númenor* a imagem é modificada (ver p. 33), pois lá é dito (de modo mais completo na segunda versão, p. 40) que o nome *Beleriand* foi preservado, e que ela permaneceu uma terra "em certa medida abençoada"; foi a

Beleriand que muitos dos eLivross númenóreanos chegaram, e lá que Elendil governou e fez a Última Aliança com os Elfos que permaneciam na Terra-média ("e estes habitavam mormente em Beleriand"). Não há indicação aqui da extensão de Beleriand que permaneceu acima do mar — e nenhuma menção a ilhas; tudo o que é dito é que a terra havia sido "mudada e partida" na guerra contra Morgoth. Posteriormente (em algum momento durante a composição de *O Senhor dos Anéis*), meu pai reescreveu essa passagem (ver pp. 45–6), e agora havia sido inserida a ideia de que a Submersão de Beleriand ocorreu na queda de Númenor e com o Mundo Tornado Redondo — sem dúvida um cataclismo muito mais devastador do que até mesmo a batalha dos adversários divinos:

> Ora, aquela terra foi partida na Grande Batalha com Morgoth; e *com a queda de Númenor e a mudança do feitio do mundo ela pereceu*; pois o mar cobriu *tudo o que restou*, salvo algumas das montanhas que permaneceram como ilhas, chegando até os sopés das Eredlindon. Mas aquela terra onde Lúthien habitara perdurou, e foi chamada Lindon.

Nessas fases sucessivas da ideia é extremamente difícil encontrar um lugar para a frase acrescentada a esse anal no AB 2. Por um lado, ela descreve a Submersão do mesmo modo que a passagem posterior recém-citada — apenas uma parte de Ossiriand e algumas montanhas altas permaneceram acima da superfície do mar; por outro, ela se refere não à época da queda de Númenor e do Mundo Tornado Redondo, mas à Grande Batalha contra Morgoth. Várias explicações são possíveis, mas sem saber quando a frase foi escrita elas só podem ser extremamente especulativas e inconsistentes, e não irei aventá-las. Seja como for, é concebível que esse acréscimo seja um exemplo das emendas casuais desconectadas que meu pai às vezes fazia ao examinar um manuscrito antigo — emendas que não eram parte de uma preparação aprofundada para uma nova versão, mas antes indicadores isolados da necessidade de revisão. Pode ser que ele

tenha escrito essa frase muito tempo depois — talvez enquanto considerava escrever os *Anais Cinzentos* depois que *O Senhor dos Anéis* foi terminado, e que a sua referência real não seja à Grande Batalha, mas à época após a queda de Númenor.

Anal 397 Não é dito no AB 1 que deram forma de grilhões à Coroa de Ferro. No Q (§18) ela foi transformada em uma coleira para o pescoço de Morgoth.

NOTAS

[a] No original, “*Dwarves* [Anãos] > *Dwarfs*” [Anões]. [N.T.]

[b] No original, “*Elrond the Half-elfin* > *Elrond Beringol, the Half-elven*”; tanto *elfin* como *elven* são traduzidas em português como “élfico” e, no contexto da terminologia, o cognome de Elrond também possui uma única tradução em português, “Meio-Elfo”. [N.T.]

4

O Ainulindalë

Em todas as obras apresentadas nesta história até agora, só houve um relato da Criação do Mundo, e esse se encontra no antigo conto de *A Música dos Ainur*, escrito enquanto meu pai estava em Oxford na equipe do Dicionário em 1918–20 (I. 62). O "Esboço da Mitologia" (Esb) não faz referência ao evento (IV. 18); o Q e o AV 1 mencionam apenas em suas frases iniciais "a feitura do Mundo", a feitura de "todas as coisas" por Ilúvatar (IV. 95, 310); e o AV 2 nada mais acrescenta. Mas agora, entre os escritos tardios da década de 1930 (ver pp. 131–32), ele se voltou mais uma vez para a história contada por Rúmil a Eriol no jardim de Mar Vanwa Tyaliéva em Kortirion, e escreveu uma nova versão; e é notável que nesse caso ele retornou ao texto em si da *Música dos Ainur* original. A nova versão foi composta com o "Conto Perdido" na frente dele, e ele de fato o seguiu muito de perto, embora o refraseando em todos os pontos — um grande contraste com o aparente salto entre o resto da narrativa "valinóreana" nos *Contos Perdidos* e o "Esboço", embora pareça possível que ele tenha escrito a sinopse condensada sem ter relido os textos (cf. IV. 51–2).

O "mito cosmogônico", como ele o chamou muito tempo depois (I. 62), já era assim, como viria a permanecer, uma obra separada, independente de "O Silmarillion" propriamente dito; e creio que sua separação possa ser atribuída ao fato de que não havia menção da Criação no Esb, onde começou a tradição do *Quenta*, e nenhum relato dela no Q. Mas o QS possui um novo início, uma passagem breve acerca da Grande Música e da Criação do Mundo, e isso mostraria que o *Ainulindalë* já existia, mesmo que isso não pudesse ser demonstrado por outras razões (ver nota 20).

Mas o *Ainulindalë* na verdade consiste em dois manuscritos separados. O primeiro, que simplesmente para os propósitos deste

capítulo chamarei de “A”, é extremamente rascunhado, e repleto de alterações feitas à época da composição — sendo essas em sua maior parte leituras da antiga versão do *Contos Perdidos* que foram anotadas, mas riscadas de imediato e substituídas. Não há folha de rosto nem título, mas no início meu pai escreveu posteriormente *A Música dos Ainur*. O segundo texto, que aqui chamarei de “B”, é uma cópia passada a limpo do primeiro, e na sua forma original um belo manuscrito, sem hesitações ou mudanças enquanto era escrito; e embora haja muitas diferenças entre os dois, a grande maioria delas são alterações estilísticas menores, aprimoramentos de fraseado e diminuição de frases. Não vejo razão para crer que tenha havido algum intervalo entre eles; e creio, portanto, que A pode em grande parte ser ignorado aqui, e a comparação do conteúdo feita diretamente entre o segundo texto B bem-acabado e o *Conto da Música dos Ainur* original; observando, contudo, que em muitos detalhes de expressão o A era mais próximo do antigo *Conto*. Diferenças mais substanciais entre A e B são apresentadas nas notas.

B possui uma folha de rosto de estreita associação em forma com as do *Ambarkanta* e do *Lhammas*, obras também atribuídas a Rúmil; ver p. 132.

Ainulindalë
A Música dos Ainur
Isto foi escrito por Rúmil de Tûn

Apresento agora o texto dessa versão como foi originalmente escrito (o manuscrito tornou-se o meio de amplas reescritas muitos anos mais tarde, quando grandes mudanças na concepção cosmológica haviam sido inseridas).

A Música dos Ainur e a Vinda dos Valar

Estas são as palavras que Rúmil falou a Ælfwine acerca do princípio do Mundo.[1]

Havia Ilúvatar, o Pai-de-Tudo, e ele fez primeiro os Ainur, os sacros, que eram os rebentos de seu pensamento, e estavam com

ele antes do Tempo. E falou com eles, propondo-lhes temas de música, e cantaram diante dele, e ele estava contente. Mas, por muito tempo, cantaram cada um a sós, ou apenas alguns juntos, enquanto os demais escutavam; pois cada um compreendia apenas aquela parte da mente de Ilúvatar da qual viera, e na compreensão de seus irmãos cresciam devagar. Contudo, enquanto ouviam, chegavam sempre a um entendimento mais profundo, e cresciam em uníssono e harmonia.

E veio a acontecer que Ilúvatar convocou todos os Ainur, e declarou a eles um tema poderoso, revelando-lhes coisas maiores e mais maravilhosas do que as que revelara até então; e a glória de seu começo e o esplendor de seu fim deslumbraram os Ainur, de modo que eles se curvaram diante de Ilúvatar e ficaram em silêncio.

Então disse Ilúvatar: “Do tema que declarei a vós, porém incompleto e desadornado, desejo agora que façais, em harmonia e juntos, uma grande música. E, já que vos inflamei com o Fogo, exercereis vossos poderes ao adornar esse tema, cada um com seus próprios pensamentos e desígnios. Mas sentar-me-ei e escutarei e ficarei contente que através de vós grande beleza despertou em canção.”

Então as vozes dos Ainur, tal como harpas e alaúdes, e flautas e trombetas, e violas e órgãos, e tal como incontáveis corais cantando com palavras, começaram a moldar o tema de Ilúvatar em uma grande música; e um som se levantou de intermináveis melodias cambiantes tecidas em harmonias, que passou além da audição tanto nas profundezas como nas alturas, e os lugares da habitação de Ilúvatar se encheram até transbordar, e a música e o eco da música saíram para o Vazio, e ele não era mais vazio. Nunca houve antes, nem desde então, uma música tão imensurável, embora se diga que outra maior ainda há de ser feita diante de Ilúvatar pelos corais dos Ainur e

dos Filhos de Ilúvatar depois do fim dos dias.[2] Então os temas de Ilúvatar hão de ser tocados com acerto, adquirindo ser no momento de seu tocar, pois todos então hão de entender o propósito dele em sua parte da música, e cada um há de conhecer a compreensão de cada um, e Ilúvatar há de dar a seus pensamentos o Fogo secreto, comprazendo-se neles.

Mas, então, o Pai-de-Tudo se sentou e escutou, e durante muito tempo lhe pareceu bom, pois as falhas na música eram poucas. Mas, conforme o tema progredia, entrou no coração de Melko[3] o entretecer de matérias de seu próprio imaginar que não estavam acordes com o tema de Ilúvatar; pois ele buscava com isso aumentar o poder e a glória da parte designada a si próprio. A Melko, entre os Ainur, tinham sido dados os maiores dons de poder e conhecimento, e ele tinha um quinhão de todos os dons de seus irmãos;[4] e fora amiúde sozinho aos lugares vazios buscando o Fogo secreto que dá vida. Pois crescia o desejo ardente, dentro dele, de trazer ao ser coisas só suas, e lhe parecia que Ilúvatar não tinha em mente o Vazio, e ele estava impaciente por esse vácuo.[5] Contudo, não achou o Fogo, pois esse está com Ilúvatar, e ele não o sabia. Mas, ficando só, ele começara a conceber pensamentos só seus, diferentes dos de seus irmãos.

Alguns desses ele, então, entreteceu em sua música, e de imediato surgiu o desacordo à volta dele, e muitos dos que cantavam a seu lado perderam ânimo, e seu pensamento foi perturbado, e sua música hesitou; mas alguns começaram a afinar sua música com a dele em vez de com o pensamento que tinham no início. E o desacordo de Melkor se espalhou cada vez mais, e a música escureceu, pois o pensamento de Melko vinha da escuridão de fora, para onde Ilúvatar ainda não havia voltado a luz de sua face. Mas Ilúvatar se sentou e escutou, até que tudo que podia ser ouvido parecesse uma tempestade, e uma fúria sem informe que fazia guerra a si mesma numa noite sem fim.

Então Ilúvatar se entristeceu, mas ele sorria, e ergueu a sua mão esquerda, e um novo tema começou em meio à tempestade, semelhante e, contudo, dessemelhante ao tema anterior, e reuniu poder e tinha nova brandura. Mas o desacordo de Melkor se ergueu em alarido contra o tema, e, de novo, havia uma guerra de som na qual a música se perdeu. Então Ilúvatar não mais sorria, e sim chorava, e ele ergueu sua mão direita; e eis que um terceiro tema cresceu em meio à confusão, e esse era diferente dos outros, e mais poderoso do que todos. E parecia, enfim, que havia duas músicas progredindo de uma vez só diante do assento de Ilúvatar, e elas estavam em completa oposição. Uma era profunda, e ampla, e bela, mas lenta e infundida de uma tristeza inextinguível, da qual sua beleza principalmente vinha. A outra tinha crescido então a uma unidade e um sistema, contudo era imperfeita, salvo na medida em que derivava ainda do tema mais antigo de Ilúvatar; mas era alta, e vã, e infinitamente repetida, e tinha pouca harmonia, mas era antes um uníssono clamoroso como o de muitas trombetas zurrando uma nota. E buscava afogar a outra música pela violência de sua voz, mas parecia sempre que suas notas mais triunfantes eram tomadas pela outra e entretecidas em seu próprio padrão solene.[6]

Em meio a essa contenda, na qual os salões de Ilúvatar vibravam e um tremor corria pelos lugares escuros, Ilúvatar ergueu ambas as suas mãos, e num só acorde, mais profundo que o abismo, mais alto que o firmamento, mais glorioso do que o sol, penetrante como a luz do olho de Ilúvatar, a música cessou.

Então disse Ilúvatar: “Poderosos são os Ainur, e o mais poderoso entre eles é Melko; mas para que ele saiba, como todos os Ainur, que eu sou Ilúvatar, essas coisas que cantastes e tocastes, vede! Eu as levei a existir. Não nas músicas que fazeis

nas regiões celestiais, como júbilo para mim e entretimento para vós, mas antes para ter forma e realidade, assim como tendes vós Ainur. E eis que hei de amar essas coisas que vieram de minha canção como amo os Ainur, que são do meu pensamento. E tu, Melko, hás de ver que nenhum tema pode ser tocado que não tenha sua fonte última em mim, nem pode alguém alterar a música à minha revelia. Pois aquele que tentar apenas há de me auxiliar na criação de coisas ainda mais maravilhosas, que ele próprio não imaginou. Através de Melko o terror como fogo, e o pesar como águas sombrias, a fúria como trovão, e o mal tão distante de minha luz como as últimas profundezas dos lugares sombrios entraram no desígnio. Na confusão de sons foram feitas dor e crueldade, chamas devoradoras e frio inclemente, e morte sem esperança. Contudo, ele há de ver que no fim isso contribui somente à glória do mundo, e este mundo há se ser chamado de todos os feitos de Ilúvatar o mais magno e mais adorável".

Então os Ainur ficaram com medo, e não compreenderam totalmente o que fora dito; e Melko ficou cheio de vergonha e da raiva da vergonha. Mas Ilúvatar se levantou em esplendor e partiu das belas regiões que fizera para os Ainur e entrou nos lugares escuros; e os Ainur o seguiram.[7]

Mas, quando chegaram ao meio do Vazio, contemplaram uma visão de incomparável beleza, onde antes tinha havido vácuo. E Ilúvatar disse: "Eis vossa música! Pois por minha vontade ela tomou forma, e agora mesmo a história do mundo está principiando. Cada um de vós há de achar contidos dentro do desígnio que é meu os adornos que ele próprio planejou; e Melko descobrirá lá aquelas coisas que pensou trazer novas de seu próprio coração, e verá que elas são apenas uma parte do todo, e tributárias de sua glória. Mas eu dei ser a tudo".[8] E eis que o Fogo secreto ardeu no coração do Mundo.

Então os Ainur se maravilharam ao ver o mundo englobado em meio ao Vazio, e sustentado lá dentro, mas não era parte dele. E olhando para a luz eles ficaram jubilosos, e vendo muitas cores seus olhos ficaram cheios de deleite; mas, por causa do rugir do mar, sentiram uma grande inquietação. E observaram o ar e os ventos, e as matérias das quais a terra-média era feita,[9] de ferro e pedra e prata e ouro e muitas substâncias; mas, entre todas essas, a água é que eles mais grandemente louvaram. E diz-se que na água vive ainda o eco da Música dos Ainur, mais do que em qualquer outra substância que há no mundo, e muitos dos Filhos de Ilúvatar escutam ainda insaciados as vozes do mar e, contudo, não sabem o que ouvem.

Ora, na água é que aquele Ainu a quem chamamos de Ulmo mormente pensara, e, de todos, ele foi o que Ilúvatar instruíra mais profundamente em música. Mas sobre os ares e ventos Manwë foi o que mais ponderara, ele que era o mais nobre dos Ainur. No arcabouço da terra Aulë pensara, a quem Ilúvatar dera engenho e conhecimento pouco menos do que a Melko; mas o deleite e o orgulho de Aulë estava no processo de fazer, e na coisa feita, e não na posse, nem em si mesmo; donde ele era um fazedor e professor e não um mestre, e ninguém o chamava de senhor.[10]

Ora, Ilúvatar falou a Ulmo, e disse: “Não vês como Melko fez guerra ao teu reino? De seu pensar veio o agudo frio sem moderação, e ele não destruiu a beleza de tuas fontes, nem a de tuas claras lagoas. Contempla a neve e a obra sagaz da geada! Contempla as torres e mansões de gelo! Melko planejou calores e fogo sem controle, e não secou teu desejo, nem de todo abateu a música do mar. Contempla antes a altura e a glória das nuvens, e as brumas e vapores sempre cambiantes, e ouve o cair da chuva sobre a terra. E nessas nuvens tu te chegas ainda mais perto de teu irmão Manwë, a quem amas”.[11]

Então Ulmo respondeu: “Sim, em verdade, a água agora se tornou mais bela do que o meu coração imaginara, nem meu pensamento secreto concebera o floco de neve, nem em toda a minha música estava contido o cair da chuva. Eis! Buscarei Manwë, para que ele e eu possamos fazer melodias para sempre para teu deleite!” E Manwë e Ulmo têm sido desde o princípio aliados e em todas as coisas servido mui fielmente aos propósitos de Ilúvatar.

E, enquanto Ilúvatar falava a Ulmo, os Ainur contemplaram o desenrolar do mundo, e o princípio daquela história que Ilúvatar lhes propusera como tema de canção. Por causa da memória de sua conversa com Ilúvatar, e do conhecimento que cada um tem da música que tocou, os Ainur conhecem muito do que há de vir, e poucas coisas são imprevistas para eles. Contudo, algumas coisas há que eles não conseguem ver, nem sozinhos e nem se aconselhando juntos. Mas enquanto observavam, muitos ficaram enamorados da beleza do mundo, e enlevados com a história que lá acontecia, e houve inquietação entre eles. Assim veio a acontecer que alguns tinham ainda sua morada com Ilúvatar, para além do mundo, e esses eram os que estavam contentes com sua parte no pensamento dos desígnios do Pai-de-Tudo, e preocupavam-se apenas de demonstrá-lo tal como o haviam recebido. Mas outros, e entre eles estavam muitos dos mais sábios e belos dos Ainur, suplicaram a licença de Ilúvatar para entrar no mundo e habitar lá, e puseram sobre si a forma e a vestimenta do Tempo.[12] Pois eles disseram: “Desejamos ter a guia das coisas belas de nossos sonhos, que teu poderio fez com que tivessem uma vida à parte, e gostaríamos de instruir os Elfos e os Homens nas maravilhas e usos delas, quando chegarem as horas de teus Filhos aparecerem sobre a terra”. E Melko fingiu que desejava controlar a violência e as perturbações, de calor e

de frio, que havia causado dentro do mundo, mas ele pretendia de fato usurpar os reinos de todos os Ainur e submeter à sua vontade tanto os Elfos como os Homens; pois tinha inveja das dádivas com as quais Ilúvatar pretendia dotá-los.

Pois Elfos e Homens foram concebidos apenas por Ilúvatar, nem, visto que não compreenderam completamente aquela parte do tema quando lhes fora proposta, algum dos Ainur ousou em sua música acrescentar qualquer coisa à feição deles; e por essa razão essas raças são chamadas de os Filhos de Ilúvatar, e os Ainur são mais como seus anciãos e chefes do que seus mestres. Donde no seu trato com Elfos e Homens os Ainur procuraram por vezes forçá-los, quando não queriam ser guiados, mas raramente com bons resultados, fossem boas ou más as intenções. Os Ainur têm tratado principalmente com os Elfos, pois Ilúvatar fez os Elfos mais semelhantes em natureza aos Ainur, embora menores em poder e estatura; mas aos Homens ele deu estranhos dons.

Ciente dessas coisas e vendo seus corações, Ilúvatar concedeu o desejo dos Ainur, e não é dito que ele se entristeceu. Então aqueles que o desejaram desceram e entraram no mundo. Mas esta condição Ilúvatar impôs, ou é a necessidade do próprio amor deles (não sei qual das duas coisas), que o poder deles deveria, dali por diante, estar contido no mundo e a ele atado e fraquejar com ele, e seu propósito quanto a eles depois disso Ilúvatar não revelou.

Assim os Ainur vieram ao mundo, eles a quem chamamos os Valar, ou os Poderes, e habitaram em muitos lugares: no firmamento, ou nas profundezas do mar, ou sobre a terra, ou em Valinor, nas fronteiras da terra. E os quatro maiores eram Melko e Manwë e Ulmo e Aulë.

Melko por muito tempo andou sozinho, e usava fogo e geada, das Muralhas do Mundo às fornalhas mais profundas que existem debaixo delas, e tudo o que é violento ou imoderado, súbito ou cruel, é atribuído a ele, e na maioria dos casos merecidamente. Poucos da raça divina foram com ele, e dos Filhos de Ilúvatar nenhum o seguiu desde então, exceto como escravos, e seus companheiros eram de sua própria feitura: os Orques e demônios que por muito tempo perturbaram a terra, atormentando Homens e Elfos.[13]

Ulmo habitou sempre no Oceano de Fora, e governou o fluir de todas as águas, e os cursos de todos os rios, o provimento das fontes e o destilar da chuva e do orvalho por todo o mundo. Nos lugares profundos, ele se põe a pensar em música grandiosa e terrível; e o eco disso corre por todas as veias do mundo e seu júbilo é como o júbilo de uma fonte ao sol cujas nascentes são as nascentes de tristeza desmesurada nas fundações do mundo.[14] Os Teleri aprenderam muito com ele, e por essa razão a música deles tem tanto tristeza quanto encantamento. Salmar veio com ele a Arda, ele que fez as conchas de Ulmo;[15] e Ossë e Uinen, a quem ele deu o controle das ondas e dos mares de dentro; e muitos outros espíritos.

Aulë habitava em Valinor, na feitura da qual ele teve a maior parte, e fez muitas coisas tanto abertamente como em segredo. Dele vem o amor e o conhecimento das substâncias da terra, tanto o cultivo da terra como a criação de animais, e os ofícios de tecelagem e de bater metais e de moldar madeira. Dele vem a ciência da terra e do arcabouço dela e o saber de seus elementos, sua mistura e mutação.[16] Com ele os Noldor aprenderam muito nos dias que vieram depois, e eram os mais sábios e mais engenhosos dos Elfos. Mas acrescentaram muito ao ensinamento de Aulë, e se deleitavam em línguas e alfabetos e nas figuras do bordado, do desenho e da escultura. Pois a arte era o dom

especial dos Filhos de Ilúvatar.[17] E os Noldor chegaram a inventar gemas preciosas, que não existiam no mundo antes deles; e as mais belas de todas as gemas eram as Silmarils, e elas estão perdidas.

Mas o mais elevado e sacro dos Valar era Manwë Súlimo, e ele habitava em Valinor, sentado em majestade em seu trono; e seu trono ficava sobre o pináculo de Taniquetil, que é a mais alta das montanhas do mundo, e situa-se nas fronteiras de Valinor. Espíritos na forma de falcões e águias voavam sempre de lá para cá em sua casa, cujos olhos viam até as profundezas do mar e penetravam as cavernas ocultas debaixo do mundo, cujas asas os levavam através das três regiões do firmamento além das luzes do céu até a beira da escuridão;[18] e traziam-lhe novas de quase tudo o que se passava: porém, algumas coisas estavam escondidas até mesmo dos olhos de Manwë.

Com ele estava Varda, a mais bela. Ora, os Ainur que entraram no mundo tomaram forma e aspecto, como os têm os Filhos de Ilúvatar que nasceram do mundo; mas suas formas e aspectos são maiores e mais agradáveis, e vêm do conhecimento e do desejo da substância do mundo e não da própria substância, e não podem sempre ser percebidos, embora estejam presentes. E alguns deles, portanto, tomaram forma e temperamento de fêmea, e alguns de macho.[19] Mas Varda era a Rainha dos Valar, e era a esposa de Manwë; e ela fez as estrelas, e sua beleza era elevada e tremenda, e ela é mencionada com reverência. Os filhos de Manwë e Varda são Fionwë Úrion, seu filho, e Ilmar, sua filha; e esses são os mais velhos dos Filhos dos Deuses.[20] Eles habitam com Manwë, e com eles está uma grande hoste de espíritos belos em grande felicidade. Elfos e Homens amam a Manwë mais do que todos os Valar,[21] pois não se compraz da própria honra, nem é cioso de seu próprio poder, mas rege a todos para a paz. Aos Lindar[22] ele mais amava de todos os Elfos,

e dele receberam canção e poesia; pois a poesia é o deleite de Manwë, e a canção das palavras é sua música. Eis que a vestimenta de Manwë é azul, e azul é o fogo de seus olhos, e seu cetro é de safira; e ele é o rei neste mundo de Deuses e Elfos e Homens, e a defesa principal contra Melko.

Depois da partida dos Valar houve silêncio por toda uma era, e Ilúvatar se sentou só, em pensamento. Então Ilúvatar falou, e ele disse: “Eis que amo o mundo, e ele é uma mansão para Elfos e Homens. Mas os Elfos hão de ser as mais belas de todas as criaturas terrenas, e hão de ter e conceber e gerar mais beleza do que todos os meus filhos, e hão de ter a maior ventura neste mundo. Mas para os Homens darei um novo dom”.

Portanto, desejou ele que os corações dos Homens buscassem para além do mundo e não achassem repouso dentro dele; mas eles deveriam ter a virtude de moldar sua vida, em meio aos poderes e acasos do mundo, além da Música dos Ainur, que é como sina para todas as coisas outras. E da operação deles tudo deveria ser, em forma e fato, completado, e o mundo, cumprido até a última e menor das coisas. Eis que mesmo nós, Elfos, descobrimos para nosso pesar que os Homens possuem um estranho poder para o bem ou para o mal, e para desviar coisas do propósito dos Valar ou dos Elfos; de modo que é dito entre nós que o Destino não é mestre dos filhos dos Homens; contudo são cegos, e seu júbilo é pequeno, que deveria ser grande.

Mas Ilúvatar sabia que os Homens, estando postos em meio aos tumultos dos poderes do mundo, desviar-se-iam amiúde e não usariam seu dom em harmonia; e disse ele: “Esses também, a seu tempo, hão de descobrir que tudo o que fazem redunda, no fim, apenas para a glória de minha obra”. Contudo, os Elfos dizem que os Homens são, muitas vezes, um pesar para Manwë,

que conhece mais a mente de Ilúvatar.[23] Pois os Homens se assemelham a Melko mais do que a todos os Ainur, embora eles o tenham sempre temido e odiado.[24] É parte desse dom de liberdade que os filhos dos Homens habitem vivos apenas por um intervalo curto no mundo, e, no entanto, não estejam presos a ele, nem que hão de perecer completamente para sempre. Enquanto os Eldar permanecem até o fim dos dias, e seu amor pelo mundo é mais profundo, portanto, e mais cheio de pesar. Mas eles não morrem até que o mundo morra, a menos que sejam assassinados ou feneçam de pesar — pois a essas duas mortes aparentes eles estão sujeitos —, nem a idade subjuga a força deles, a menos que fiquem exaustos após dez mil séculos; e, morrendo, são recolhidos nos salões de Mandos em Valinor, dos quais amiúde retornam e renascem em seus filhos. Mas os filhos dos Homens morrem de fato. Contudo, diz-se que eles hão de se unir à Segunda Música dos Ainur,[25] ao passo que Ilúvatar não revelou seu propósito para os Elfos e os Valar depois do fim do mundo, e Melko não o descobriu.

NOTAS

[1] Não há nada que corresponda a essa frase introdutória no texto esboçado A. É notável que Ælfwine ainda ouviu a história da Música dos Ainur dos próprios lábios de Rúmil em Tol-eressëa, como o fez nos *Contos Perdidos*.

[2] O Conto possui aqui: "pelos corais tanto de Ainur *quanto dos filhos dos Homens* após o Grande Fim". Ambos os textos da nova versão possuem: "pelos corais dos Ainur *e dos Filhos de Ilúvatar* depois do fim dos dias". Quanto a isso, ver I. 83, onde sugeri que a alteração na presente versão pode não ter sido intencional, em vista da última frase do texto.

[3] A possui aqui: "sentado à esquerda de Ilúvatar".

[4] O *Conto* possui aqui: "*alguns dos maiores* dons de poder e sabedoria e conhecimento"; A possui "*muitos dos maiores* dons de poder e conhecimento". A afirmação em B de que Melko possuía "*os maiores* dons de poder e conhecimento" é a primeira afirmação inequívoca da ideia de que Melko era o mais poderoso de todos os Ainur; embora no *Conto* (I. 54) Ilúvatar diga que "entre eles [os Ainur] é Melko o mais poderoso em conhecimento" (onde a nova versão possui "mais poderoso entre eles é Melko" (p. 189)). No Q é dito (IV. 97) que "Mui poderoso fora feito por Ilúvatar, e alguns dos poderes de todos os Valar ele possuía" (cf. QS §10). Em *A Estrada Perdida* (p. 80) ele era "o mais velho no pensamento de Ilúvatar", enquanto em QS §10 ele era "coevo de Manwë".

[5] Essa frase, desde "e lhe parecia", não se encontra em A.

[6] A partir desse ponto há uma página perdida do manuscrito A. Ver nota 7.

[7] Aqui A é retomado após a página faltante. Pode-se ver que nessa passagem B segue de muito perto o *Conto* (I. 74–5), e é possível supor que A seguisse ainda mais de perto.

[8] O *Conto* possui aqui: "Uma coisa apenas acrescentei, o fogo que dá Vida e Realidade"; A possui: "Mas isto acrescentei: vida".

[9] A possui "uma terra-média" (no *Conto*, "a Terra"). O uso de "terra-média" (que provavelmente aparece pela primeira vez no AV 1, IV. 311) aqui é curioso e não sei explicá-lo; parece não haver razão para se especificar as terras médias, entre os mares, e excluir as terras do Oeste e do Leste. Mas a expressão foi preservada nas versões pós-*Senhor dos Anéis* do *Ainulindalë*; a alteração em *O Silmarillion* (p. 44) para "as matérias das quais Arda era feita" foi editorial.

[10] Essa frase, desde "mas o deleite e o orgulho de Aulë", não se encontra em A.

[11] Tanto em A como em B Ilúvatar fala a Ulmo de "teu irmão Manwë".

[12] As palavras "e puseram sobre si a forma e a vestimenta do Tempo" não se encontram em A.

[13] Essa frase notável ("Poucos da raça divina…") não se encontra em A.

[14] A ainda ecoou de perto a passagem no *Conto*: "Nas profundas, ele se põe a pensar em música grande e estranha, e, ainda assim, cheia de pesar (e nisso ele tem o auxílio de Manwë)". — Quanto a "as veias do mundo", ver IV. 300.

[15] Salmar aparece aqui na *Música dos Ainur* original e em outros pontos dos *Contos Perdidos*, mas em nenhum texto subsequente até agora. Essa é a primeira menção de ele ter feito as conchas de Ulmo.

[16] Essa frase não se encontra em A.

[17] A possui aqui: “Pois a arte era o dom especial dos Eldar”. O termo *Eldar* é presumivelmente usado aqui no sentido antigo, isto é, “Elfos”, como também mais uma vez no último parágrafo do texto; cf. AV 2, anal 2000 e comentário.

[18] Essa frase, desde “cujas asas os levavam”, não se encontra em A. Para as três regiões do firmamento (*Vista*, *Ilmen*, *Vaiya*), ver os diagramas que acompanham o *Ambarkanta*, IV. 287, 289.

[19] Essa passagem substitui o seguinte fraseado mais breve de A: “Ora, os Ainur que entraram no mundo tomaram forma e aspecto, como os têm os Filhos de Ilúvatar que nasceram no mundo; mas maiores e mais belos, e alguns eram em forma e mente como mulheres e alguns como homens”. Essa é a primeira afirmação nos escritos de meu pai acerca da forma “física” (ou, melhor dizendo, “perceptível”) dos Valar, e do significado de gênero quando aplicado a eles.

[20] Fionwë Úrion reaparece dos *Contos Perdidos*; nos textos anteriores da década de 1930 ele é simplesmente Fionwë, assim como no QS (§4). Quanto ao seu “parentesco”, ver IV. 83–4. — Onde B possui *Ilmar*, A possui *Ild Merildë Ildumë Ind Estë*, riscados um após o outro, e então *Ilmar* (*Ild* e *lnd* talvez sejam nomes incompletos). Foi obviamente aqui que o nome *Ilmar(ë)* surgiu (em substituição a *Erinti* dos *Contos Perdidos*), e é assim demonstrado que o *Ainulindalë* precedeu o QS, que possui *Ilmarë* como escrito inicialmente (§4). Um *-e* final foi acrescentado, provavelmente de início, a *Ilmar* em B. A ocorrência de *Estë* entre os nomes rejeitados em A é curiosa, uma vez que *Estë já aparece no AV 1 certamente mais antigo como a esposa de Lórien; presumivelmente meu pai esteve inclinado por um momento a dar outra aplicação ao nome.*

As afirmações de que Fionwë e Ilmar(ë) são os mais velhos dos Filhos dos Deuses, e que habitam com Manwë, não se encontra em A.

[21] A possui: “e os Homens amam Manwë mais do que todos os Valar” (e não “Elfos e Homens”).

[22] A possui: “Os Lindar, a quem Ingwë governava”; cf. o *Conto*: “Os Teleri, a quem Inwë governava”.

[23] A possui: “Contudo, os Eldar dizem que o pensamento dos Homens é muitas vezes um pesar para Manwë, e mesmo para Ilúvatar”.

[24] Após “temido e odiado”, A (derivado de perto do *Conto*) possui: “E se a dádiva da liberdade era a inveja e o assombro dos Ainur, a paciência de Ilúvatar encontra-se além da compreensão deles”.

[25] Essa passagem é um pouco diferente em A: “enquanto os Eldar permanecem até o fim dos dias, a menos que sejam assassinados ou feneçam de pesar — pois a essas duas mortes eles estão sujeitos —, nem a idade subjuga a força deles, a menos que fiquem exaustos em mil séculos; e, morrendo, são recolhidos nos salões de Mandos em Valinor, e alguns renascem em seus filhos. Mas os filhos dos Homens, diz-se, hão de se unir à Segunda Música dos Ainur”, etc. Ao mudar “mil séculos” para “dez mil séculos”, meu pai estava retornando ao *Conto* (I. 79).

Quanto à menção especificamente dos Homens na Secunda Música dos Ainur, que remonta ao *Conto*, ver nota 2.

É possível se ver que, embora cada frase do *Conto da Música dos Ainur* original tenha sido reescrita, e muitos elementos novos tenham

sido inseridos, a diferença central entre a versão mais antiga e aquela no *Silmarillion* publicado ainda estava preservada nessa época: “a primeira visão que os Ainur tiveram do Mundo foi na sua concretude, e não como uma Visão que lhes foi retirada e que ganhou existência apenas às palavras de Ilúvatar: *Eä!* Que essas coisas Sejam!” (I. 82).

5

O Lhammas

Há três versões dessa obra, todas manuscritos claros e inteligíveis, e creio que todas as três eram de estreita associação temporal. Chamarei a primeira de *Lhammas A*, e a segunda, desenvolvida diretamente a partir dela, de *Lhammas B*; a terceira é distinta e muito mais curta, e possui o título *Lammasethen*. O *Lhammas A não possui agora uma folha de rosto, mas parece provável que uma folha de rosto rejeitada no verso da do B* na verdade pertencia a ele. Nela está escrito:

O *Lammas*

Ou "Relato de Línguas", que Pengolod de Gondolin escreveu posteriormente em Tol-eressëa, usando em parte a obra de Rúmil, o sábio de Kôr

Na folha de rosto do *Lhammas B* está escrito:

O "*Lhammas*"

Este é o "Relato de Línguas", que Pengoloð de Gondolin escreveu em dias que vieram depois em Tol-eressëa, usando a obra de Rúmil, o sábio de Tûn. Esse relato Ælfwine viu quando chegou ao Oeste

No alto da página está escrito: "3. *Silmarillion*". Nesse estágio, a ideia era de que o *Lhammas*, junto com os *Anais*, fosse uma parte de "O Silmarillion" em um sentido mais amplo (ver p. 239).

A segunda versão relaciona-se com a primeira de uma maneira característica; baseada de perto na primeira, mas com muitas mudanças menores de fraseado e alguns rearranjos, e várias alterações de substância mais ou menos importantes. Na verdade,

boa parte do *Lhammas B* é parecida demais com o *A* para justificar o espaço necessário para apresentar ambos os textos, e, seja como for, os princípios básicos da história linguística foram pouco modificados na segunda versão; portanto, apresento apenas o *Lhammas B*, mas pontos interessantes de divergências são mencionados no comentário. A versão *Lammasethen* separada também é apresentada na íntegra.

Para tornar as referências ao texto bastante denso mais fáceis, eu o dividi, sem autoridade manuscrita, em seções numeradas (assim como com o *Quenta* no Vol. IV), e o comentário segue essas divisões.

Existem duas tabelas "genealógicas", *A Árvore das Línguas*, associadas ao texto do *Lhammas A* e do *B*, ambas reproduzidas aqui (pp. 200–01). Ver-se-á que a forma tardia da Árvore está de acordo em quase todos os detalhes com o texto impresso; características diferentes na forma mais antiga são discutidas no comentário.

São feitas várias referências no texto ao "Quenta". Em §5, a referência (feita somente no *Lhammas A*, ver o comentário) está associada ao nome *Kalakilya* (o Passo da Luz), e esse nome ocorre no QS, mas não no Q. De modo similar em §6, "É dito em outro lugar como Sindo, irmão de Elwë, senhor dos Teleri, desgarrou-se de sua gente": a história do desaparecimento de Thingol e de como foi encantado por Melian obviamente já foi contada em outro lugar, mas no Q ele não se chama Sindo, mas o é no QS. Portanto, parece que essas referências ao *Quenta* são ao QS em vez do Q, embora não demonstrem que meu pai tivesse chegado nessas passagens na composição em si do QS quando estava escrevendo o *Lhammas*; mas essa questão não é importante, visto que os novos nomes já haviam surgido, e, por conseguinte, associam o *Lhammas* à nova versão de "O Silmarillion".

Segue-se agora o texto do *Lhammas B*. De modo notável, o manuscrito foi pouco emendado subsequentemente. As poucas alterações que foram feitas foram introduzidas no corpo do texto, mas são mostradas como tais.

Da língua valiana e suas descendentes

1

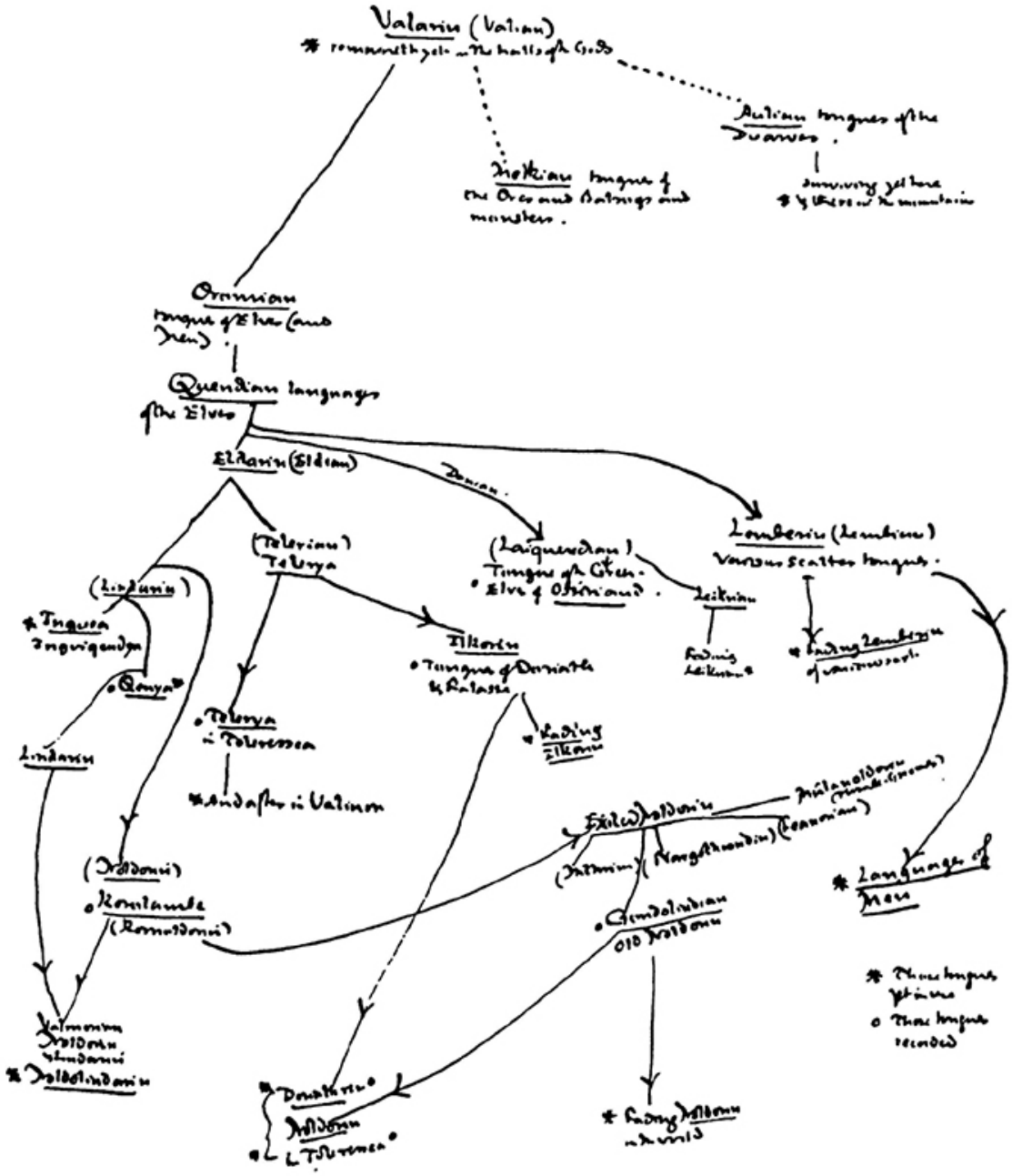
Desde o princípio os Valar possuíam fala, e depois de entrarem no mundo eles moldaram sua língua para nomear e glorificar todas as coisas que se encontravam nele. Nas eras que vieram depois, ao seu tempo determinado os *Qendi* (que são os Elfos) despertaram às margens de Kuiviénen, as Águas do Despertar, sob as estrelas na região central da Terra-média.

Lá eles foram encontrados por Oromë, Senhor das Florestas, e dele aprenderam segundo sua capacidade a fala dos Valar; e todas as línguas que foram derivadas dali podem ser chamadas de oromianas ou quendianas. A fala dos Valar muda pouco, pois os Valar não morrem; e antes do Sol e da Lua ela não se alterou de era em era em Valinor. Mas quando os Elfos a aprenderam, eles a mudaram desde o começo de seu aprendizado, e lhe suavizaram os sons, e acrescentaram muitas palavras a ela que lhes apraziam e artifícios desde o início. Pois os Elfos amam a feitura das palavras, e essa sempre foi a principal causa da mudança e da variedade de suas línguas.

2

Ora, já em suas primeiras habitações os Elfos estavam divididos em três gentes, cujos nomes estão agora na forma valinoriana: os *Lindar* (os formosos), os *Noldor* (os sábios) e os *Teleri* (os últimos, pois estes foram os últimos a despertar). Os Lindar habitavam mormente no oeste; e os Noldor eram os mais numerosos; e os Teleri, que habitavam mormente no leste, estavam espalhados pelas matas, pois mesmo desde o seu despertar eles eram errantes e amantes da liberdade. Quando Oromë conduziu as hostes dos Elfos em sua marcha para o oeste, alguns permaneceram para trás e não desejaram partir, ou

não ouviram o chamado a Valinor. Esses são chamados os *Lembi*, aqueles que se demoraram, e a maioria era da raça teleriana. / Mas aqueles que seguiram Oromë são chamados de os *Eldar*, aqueles que partiram. [*Essa frase foi riscada e emendada com cuidado para:* Mas Oromë nomeou os Elfos Eldar, ou "povo-das-estrelas", e esse nome foi posteriormente usado por todos que o seguiram, tanto os *Avari* (ou "os que partem") que abandonaram a Terra-média, como os que no fim ficaram para trás (*alterado a partir de* que no fim permaneceram em Beleriand, os Ilkorindi de Doriath e da Falas.] Mas nem todos dos Eldar chegaram a Valinor ou à cidade dos Elfos na terra dos Deuses sobre o monte de Kôr. Pois além dos Lembi, que só chegaram ao Oeste das Terras de Cá depois de eras, havia o povo dos Teleri que permaneceu em Beleriand, como é contado a seguir, e o povo dos Noldor que se desgarrou da marcha e também chegou mais tarde ao leste de Beleriand. Esses são os *Ilkorindi* que são contados entre os Eldar, mas que não vieram para além dos Grandes Mares a Kôr enquanto as Duas Árvores ainda floriam. Assim se deu a primeira separação das línguas dos Elfos, em *eldarin* e *lemberin*; pois os Eldar e os Lembi não tornaram a se encontrar por muitas eras, não até seus idiomas estarem completamente apartados.

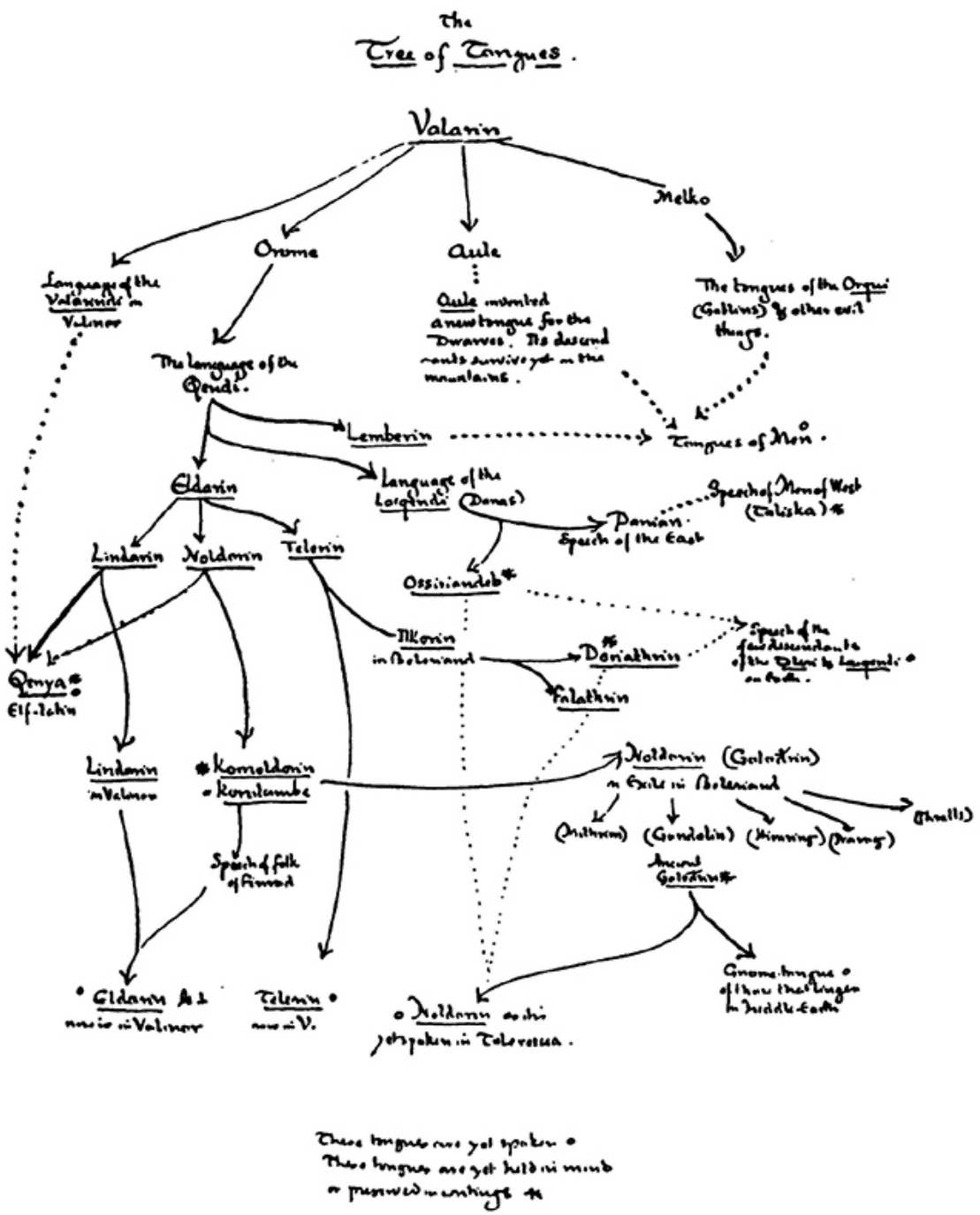


A Árvore das Línguas (forma inicial)

3

Na marcha para o Oeste, os Lindar foram primeiro, e a principal casa entre eles era a casa de Ingwë, alto-rei dos Eldalië, e o mais velho de todos os Elfos, pois ele despertou primeiro. Sua casa e

seu povo são chamados de os *Ingwelindar* ou *Ingwi*. A marcha começou quando os Elfos haviam habitado por cerca de trinta anos valianos nas Terras de Cá, e mais dez anos valianos se passaram antes de as primeiras companhias dos Lindar chegarem à Falassë, que é as costas ocidentais das Terras de Cá, onde Beleriand ficava outrora. Ora, cada ano valiano nos dias das Árvores era como dez anos agora são, mas antes da feitura do Sol e da Lua a mudança e o crescimento de todos os seres vivos eram lentos, mesmo nas Terras de Cá. Portanto, encontravam-se ainda poucas diferenças nas falas das três gentes dos Eldalië. No ano 1950 dos Valar os Qendi despertaram, e no ano 1980 eles deram início à sua marcha, e no ano 1990 os Lindar atravessaram as montanhas e entraram em Beleriand; e no ano 2000 dos Deuses os Lindar e os Noldor atravessaram os mares e chegaram a Valinor no oeste do mundo e habitaram na luz das Árvores. Mas os Teleri se demoraram na marcha, e chegaram depois, e foram deixados para trás em Beleriand por dez anos valianos, e viveram na Falassë e passaram a amar o mar acima de todas as outras coisas. E depois disso, como é contado no *Quenta*, eles habitaram, devido aos feitos de Ossë, por uma era, que é 100 anos dos Valar, em Tol-eressëa, a Ilha Solitária, na Baía de Feéria, antes de por fim navegarem em seus navios-cisnes até as costas de Valinor. Assim, a língua dos Teleri tornou-se um tanto apartada daquela dos Noldor e os Lindar, e veio a permanecer para sempre separada, porém aparentada.



A Árvore das Línguas (forma tardia)

Das línguas dos Elfos em Valinor

Por nove eras, que são novecentos anos valianos, os Lindar e os Noldor habitaram em Valinor, antes do obscurecer desta; e por oito dessas eras os Teleri habitaram próximo a eles, porém separados, nas costas e pelos portos da terra dos Deuses, enquanto Morgoth encontrava-se em cativeiro e vassalagem. Portanto, suas línguas mudaram no lento rolar dos anos, mesmo em Valinor, pois os Elfos não são como os Deuses, sendo antes filhos da Terra. Contudo, elas mudaram menos do que se poderia pensar em um espaço de tempo tão grande; pois os Elfos em Valinor não morriam, e naqueles dias as Árvores ainda floriam, e a Lua cambiante ainda não havia sido feita, e havia paz e ventura.

Não obstante, os Elfos em muito alteraram a língua dos Valar, e cada uma das gentes à sua própria maneira. A mais bela e menos cambiante dessas falas era aquela dos Lindar, e especialmente a língua da casa e do povo de Ingwë.[a]

Portanto, passou a ser um costume em Valinor, no princípio dos dias da habitação lá dos Elfos, para os Deuses usarem essa fala no colóquio com os Elfos, e os Elfos de diferentes gentes uns com os outros; e por muito tempo esse idioma foi usado principalmente em inscrições ou em obras de sabedoria ou poesia. Assim, uma forma antiga da fala lindarin se tornou fixa cedo, salvo por algumas adoções tardias de palavras e nomes de outros dialetos, como um idioma de alta fala e de escrita, e como uma fala comum entre todos os Elfos; e todo o povo de Valinor aprendia e sabia esse idioma. Ele foi chamado pelos Deuses e os Elfos de "a língua élfica", que é *qenya*, e assim costuma ser nomeado, embora os Elfos também o chamem de *ingwiqenya*, especialmente em sua forma mais pura e mais elevada, e também *tarquesta*, alta-fala, e *parmalambë*, a língua dos livros. Esse é o latim-élfico, e ele sobrevive, e todos os Elfos o sabem, mesmo aqueles que ainda permanecem nas Terras de

Cá. Mas a fala do colóquio diário entre os Lindar não permaneceu como qenya, mas mudou a partir dele, embora muito menos do que mudaram o noldorin ou mesmo o telerin a partir de suas próprias línguas nos dias antigos das Árvores.

Os Noldor nos dias de seu exílio levaram o conhecimento do latim-élfico a Beleriand, e, embora não o ensinassem aos Homens, passou a ser usado entre todos os Ilkorindi. Os nomes dos Deuses eram por todos os Eldar preservados e principalmente usados somente nas formas em qenya; embora a maioria dos Valar possuísse títulos e alcunhas, diferentes em diferentes línguas, pelos quais no uso diário seus nomes elevados costumavam ser suplantados, e raramente eram ouvidos, exceto em juramentos e hinos solenes. Foram os Noldor que nos primeiros dias de sua estada em Valinor desenvolveram letras, e as artes de gravá-las em pedra ou madeira, e de escrevê-las com pincel ou pena; pois por mais abundantes que sejam as mentes dos Elfos em memória, eles não são como os Valar, que não escreviam e não esquecem. Mas um longo tempo se passou até que os próprios Noldor escrevessem em livros com sua própria língua, e embora talhassem e escrevessem naqueles dias muitas coisas em monumentos e documentos, o idioma que usavam era o qenya, até os dias da soberba de Fëanor.

5

Ora, desta maneira as falas diárias dos Lindar e dos Noldor se apartaram. A princípio, embora tivessem visto e se maravilhado com a luz e a ventura de Valinor, os Elfos não se esqueceram da Terra-média e da luz das estrelas de onde vieram, e ansiavam por vezes por vislumbrar as estrelas e caminhar por um tempo na sombra. Donde os Deuses fizeram aquela fenda na muralha montanhosa que é chamada de Kalakilya, o Passo da Luz.

Naquele lugar os Elfos ergueram o monte verdejante de Kôr, e construíram sobre ele a cidade de Tûn [> Túna],[b] e mais alta em meio à cidade de Tûn [> Túna] era a torre branca de Ingwë. E o pensamento sobre as regiões da terra era mais profundo nos corações dos Noldor, que mais tarde retornaram para lá, e eles habitaram naquele lugar de onde as sombras exteriores podiam ser vistas, e entre os vales e as montanhas ao redor de Kalakilya era seu lar. Mas os Lindar logo passaram a amar mais os jardins iluminados pelas Árvores dos Deuses, e as planícies vastas e férteis, e deixaram Tûn [> Túna], e habitaram longe dali e raramente retornavam; e embora Ingwë sempre fosse considerado o alto-rei de todos os Eldar, e ninguém usasse sua torre branca, exceto os que mantinham acesa a chama eterna que ardia ali, os Noldor eram governados por Finwë, e tornaram-se um povo à parte, ocupados com a feitura de muitas coisas, e encontrando-se com seus parentes somente nas ocasiões em que viajavam a Valinor para festas ou concílios. Seu colóquio se dava antes com os Teleri das costas vizinhas do que com os Lindar, e as línguas dos Teleri e dos Noldor tornaram a se aproximar em certa medida naqueles dias.

Ora, conforme as eras decorriam e os Noldor tornavam-se mais numerosos e habilidosos e soberbos, eles também passaram a escrever e a usar em livros sua própria fala além do qenya; e a forma em que ela primeiro foi escrita e preservada é no antigo noldorin ou *kornoldorin*, que remonta aos dias da feitura das gemas de Fëanor, filho de Finwë. Mas esse noldorin nunca se tornou fixo, como era o qenya, e era usado somente pelos Noldor, e sua escrita mudou no decorrer dos anos com a mudança da fala e com os variados artifícios de escrita entre os Gnomos. Pois esse noldorin antigo, a *korolambë* (língua de Kôr) ou *kornoldorin*, além de sua mudança em razão da passagem do tempo, foi muito alterado por novas palavras e artifícios de

linguagem que não eram de origem valiana, nem comuns a todos os Eldar, inventados pelos Noldor. O mesmo pode ser dito de todas as línguas dos Qendi, mas na invenção de linguagem os Noldor eram os principais, e eram incansáveis de espírito, mesmo antes de Morgoth andar entre eles, embora muito mais posteriormente, e cambiantes nas invenções. E o fruto de seu espírito foi muitas obras de extrema beleza, e também de muito pesar e grande tristeza.

Assim, em Valinor, antes do fim dos dias de Ventura, havia o latim-élfico, o qenya escrito e falado, que os Lindar haviam feito primeiro, embora não seja o mesmo que a sua fala diária; e havia o lindarin, o idioma dos Lindar; e o noldorin, o idioma, tanto escrito como falado, dos Noldor (que em sua forma antiga é chamado de *korolambë* ou *kornoldorin*); e a língua dos Teleri. E acima de todos havia o *valya* ou *valarin*, a fala ancestral dos Deuses, que não mudava de era para era. Mas essa língua eles usavam pouco, salvo entre si mesmos em seus altos concílios, e não a escreviam nem a talhavam, e não é conhecida dos Homens mortais.

Das línguas dos Elfos na Terra-média, e do noldorin que retornou para lá

6

É contado em outro lugar como Sindo, irmão de Elwë, senhor dos Teleri, desgarrou-se de sua gente e foi encantando em Beleriand por Melian e jamais chegou a Valinor, e ele foi mais tarde chamado de Thingol e era rei em Beleriand dos muitos Teleri que não velejaram com Ulmo para Valinor e permaneceram na Falassë, e de outros que não partiram porque se demoraram à procura de Thingol nas matas. E esses se

multiplicaram e, no entanto, a princípio encontravam-se espalhados por toda parte entre Eredlindon e o mar; pois a terra de Beleriand é muito grande, e o mundo ainda era escuro. No decorrer das eras, as línguas e dialetos de Beleriand tornaram-se completamente apartadas daquelas dos outros Eldar em Valinor, embora os versados em tais saberes possam observar que essas línguas e dialetos antigamente vieram do teleriano. Essas eram as falas ilkorin de Beleriand, e também eram diferentes das línguas dos Lembi, que lá jamais chegaram.

Em dias que vieram depois, o principal dos idiomas de Beleriand era a língua de Doriath e do povo de Thingol. De estreito parentesco com essa era a fala dos portos ocidentais de Brithombar e Eglorest, que é o *falassiano*, e de outras companhias dispersas dos Ilkorindi que vagavam pela terra, mas todas essas pereceram; pois nos dias de Morgoth somente sobreviveram aqueles Ilkorindi que foram congregados sob a proteção de Melian em Doriath. A fala de Doriath foi muito usada em dias que vieram depois tanto por Noldor como por Ilkorindi, / pois Thingol era um grande rei, e sua rainha Melian, divina [*emendado para:* entre os sobreviventes na foz do Sirion, pois Elwing, sua rainha, e muitos de seu povo vinham de Doriath.]

7

Por volta do ano dos Valar 2700, e quase 300 anos dos Valar antes do retorno do Gnomos, enquanto o mundo ainda era escuro, os Elfos-verdes, que eram chamados / em sua própria língua *Danas* [*escrito por cima e riscado com força: Danyar* (… qenya Nanyar)], os seguidores de Dan, também entraram no leste de Beleriand, e habitaram naquela região que é chamada Ossiriand, a Terra dos Sete Rios, sob as encostas ocidentais das Eredlindon. Esse povo era a princípio da raça noldorin, mas não

é contado entre os Eldar, nem ainda entre os Lembi. Pois eles seguiram Oromë primeiro, porém abandonaram a hoste de Finwë antes de a grande marcha ter ido muito longe, e voltaram-se para o sul. Mas, ao acharem as terras sombrias e estéreis, pois nos dias antigos o Sul jamais fora visitado por nenhum dos Valar, e seu céu possuía escassas estrelas, esse povo voltou-se mais uma vez para o norte. Seu primeiro líder foi Dan, cujo filho era Denethor; e Denethor conduziu muitos deles por fim por sobre as Montanhas Azuis nos dias de Thingol. Pois embora tenham voltado, os Elfos-verdes tinham ouvido o chamado ao Oeste, e ainda eram atraídos para lá por vezes em inquietação e desassossego; e por essa razão eles não estão entre os Lembi. Tampouco era a língua deles como as línguas dos Lembi, sendo do seu próprio tipo, diferente das línguas de Valinor e de Doriath e dos Lembi [*emendado para:* diferente das línguas de Valinor e dos Lembi, e mais parecida com aquela de Doriath, embora não a mesma.]

Mas a fala dos Elfos-verdes em Ossiriand tornou-se um tanto apartada daquela de sua própria gente que permaneceu a leste das Eredlindon, sendo muito afetada pela língua do povo de Thingol. No entanto, eles permaneceram separados dos Ilkorins telerianos e lembravam-se de seus parentes além das montanhas, com os quais ainda mantinham alguma comunicação, e chamavam a si mesmos em comum com esses de *Danas*. Mas eram chamados por outros de Elfos-verdes, Laiqendi, pois amavam as matas verdejantes, e as terras verdejantes de belas águas; e a casa de Denethor amava o verde acima de todas as cores, e a faia acima de todas as árvores. Eram aliados de Thingol, mas não sujeitos a ele, até o retorno de Morgoth ao Norte, quando após Denethor ser morto muitos buscaram a proteção de Thingol. Mas muitos habitaram ainda em Ossiriand, até o final da ruína, e mantiveram sua própria fala; e eles não

tinham um rei, até Beren vir no meio deles e eles o tomarem por senhor. Porém, a fala deles agora desapareceu da terra, assim como Beren e Lúthien.[c] De seus parentes que habitavam ainda a leste das montanhas poucos entraram na história de Beleriand, e eles permaneceram nas Terras de Cá após a ruína do Oeste na grande guerra, e desvaneceram desde então ou se misturaram aos Lembi. No entanto, na derrubada de Morgoth não deixaram de ter sua parte, pois enviaram muitos de seus guerreiros em resposta ao chamado de Fionwë.

Das línguas dos Lembi nada se sabe dos primeiros dias, visto que esses Elfos-escuros não escreviam e preservavam pouco; e agora eles desvaneceram e minguaram. E as línguas daqueles que permanecem ainda nas Terras de Cá apresentam agora pouco parentesco uma com a outra, exceto no fato de que todas diferem das línguas eldarin, quer de Valinor e Kôr, quer da perdida Beleriand. Mas das línguas lembianas vieram de modos diversos, como será dito mais tarde, as numerosas línguas dos Homens, salvo apenas dos mais antigos Homens do Oeste.

8

Ora, tornamos a falar dos Noldor; pois eles retornaram de Valinor e habitaram em Beleriand por quatrocentos anos do Sol. Ao tudo, cerca de 500 anos de nosso tempo se passaram desde o obscurecer de Valinor e o roubo das Silmarils até o socorro do remanescente dos Gnomos eLivross, e a derrubada de Morgoth pelos filhos dos Deuses. Pois quase 10 anos valianos (que são 100 de nosso tempo) se passaram durante a fuga dos Noldor, cinco antes da queima dos navios e do desembarque de Fëanor, e mais cinco até a reunião de Fingolfin e os filhos de Fëanor; e, depois disso, quase 400 anos de guerra com Morgoth se seguiram. E após o nascer do Sol e da Lua e da chegada às

Terras de Cá do tempo medido, que antes haviam jazido sob as estrelas imóveis sem noite ou dia, crescimento e mudança foram ligeiros para todos os seres vivos, mais ligeiros fora de Valinor, e mais ligeiros de todo nos primeiros anos do Sol. Portanto, a língua diária dos Noldor mudou muito em Beleriand, pois havia morte e destruição, pesar e confusão e mistura de povos; e a fala dos Gnomos foi muito influenciada também pela dos Ilkorins de Beleriand, e um tanto pelas línguas dos mais antigos dos Homens, e mesmo um pouco pela fala de Angband e dos Orques.

Embora nunca estivessem muito apartados, também surgiram diferenças em fala entre os próprios Noldor, e os tipos são considerados como cinco: a fala de Mithrim e do povo de Fingolfin; e a fala de Gondolin e do povo de Turgon; a fala de Nargothrond e da casa e do povo de Felagund e seus irmãos; e a fala de Himring e dos filhos de Fëanor; e a fala corrompida dos Gnomos-servos, falada pelos Noldor que eram mantidos cativos em Angband, ou compelidos ao serviço de Morgoth e dos Orques. A maioria dessas pereceu nas guerras do Norte, e antes do fim restavam apenas o *múlanoldorin* [> *mólanoldorin*], ou o idioma dos servos, e o idioma de Gondolin, onde a língua antiga era mantida a mais pura. Mas o povo de Maidros, filho de Fëanor, permaneceu, ainda que apenas como um remanescente, quase até o fim; e a fala deles era misturada com aquela de todos os outros, e com a de Ossiriand, e com a dos Homens.

O noldorin que ainda vive vem em sua maior parte da fala de Gondolin. Lá a língua antiga foi preservada, pois houve um espaço de 250 anos desde a fundação daquela fortaleza até a sua queda no ano do Sol 307, e durante a maior parte desse tempo o seu povo manteve pouco colóquio com Homens ou Elfos, e habitou em paz. Mesmo após a ruína de Gondolin, algo de seus livros e tradições foi preservado, e sobreviveu até este dia, e em

sua forma mais antiga é chamado de *gondólico* (*gondolindeb* [> *gondolindren*]) ou noldorin antigo [> médio]. Mas essa língua era a fala dos sobreviventes de Gondolin na foz do Sirion, e tornou-se a fala de todos os remanescentes dos Elfos livres em Beleriand, e daqueles se juntaram às hostes vingadoras de Fionwë. Porém, ela assim ficou sujeita, após a queda de Gondolin, à mistura com o falassiano, e com o doriathrin (pois Elwing estava lá com os fugitivos de Menegroth), e em certa medida com Ossiriand, pois Dior, pai de Elwing, foi o último senhor dos Danas de Ossiriand.

O noldorin, portanto, é agora a fala dos sobreviventes das guerras de Beleriand que retornaram mais uma vez para o Oeste com Fionwë, e aos quais foi concedida Tol-eressëa para nela habitar. Mas ainda nas Terras de Cá do Oeste permanecem os remanescentes minguantes dos Noldor e dos Teleri, e eles preservam em segredo suas próprias línguas; pois havia alguns dessa gente que não quiseram deixar a Terra-média ou a companhia dos Homens, e aceitaram a sentença de Mandos de que viriam a minguar conforme os mais novos Filhos de Ilúvatar crescessem, e permaneceram no mundo, e são agora, como todos aqueles da raça quendiana, esvaecidos e poucos.

9

De outras línguas que não as falas oromianas, com as quais ainda possuam alguma relação, pouco será dito aqui. O *orquino*, ou *orquiano*, o idioma dos Orques, os soldados e criaturas de Morgoth, era ele próprio em parte de origem valiana, pois se derivou do Vala Morgoth. Mas a fala que ensinou ele perverteu com intenção para o mal, como fazia com todas as coisas, e o idioma dos Orques era hediondo e abominável e totalmente diferente dos idiomas dos Qendi. Mas o próprio Morgoth falava todas as línguas com poder e beleza, quando assim desejava.

Do idioma dos Anãos pouco sabemos, salvo que sua origem é misteriosa quanto a origem da própria raça anânica; e suas línguas não são aparentadas com outras línguas, sendo-lhes completamente estranhas, e são ásperas e intrincadas, e poucos tentaram aprendê-las. (Assim diz Rúmil em seus escritos acerca das falas da terra de outrora, mas eu, Pengolod, ouvi dizer por outros que Aulë primeiro fez os Anãos, na ânsia pela chegada dos Elfos e dos Homens, e pelo desejo de ter a quem pudesse ensinar seus ofícios e sua sabedoria. E ele pensou em seu coração que poderia antecipar-se a Ilúvatar. Mas os Anãos não possuem um espírito que lhes habita, como o possuem Elfos e Homens, os Filhos de Ilúvatar, e isso os Valar não podem conceder. Portanto, os Anãos possuem engenho e ofício, mas não arte, e não fazem poesia.[d] Aulë engendrou para eles uma nova fala, pois seu deleite [está] na invenção, e, logo, ela não possui parentesco com outras; e a tornaram áspera no uso. Portanto, suas línguas são aulianas; e sobrevivem ainda em alguns lugares com os Anãos na Terra-média, e, além disso, os idiomas dos Homens são derivados em parte delas.)

Mas os Anãos no Oeste e em Beleriand usavam, até onde conseguiam aprendê-la, uma língua-élfica em seus tratos com os Elfos, especialmente aquela de Ossiriand, que era mais próxima de seus lares nas montanhas; pois os Elfos não se dispunham a aprender a fala anânica.

10

Os idiomas dos Homens eram desde o princípio diversos e vários; contudo, em sua maioria eram derivados remotamente do idioma dos Valar. Pois os Elfos-escuros, povo vário dos Lembi, fizeram amizade com Homens errantes em diversas épocas e lugares nos dias mais antigos, e lhes ensinaram o que sabiam. Mas outros Homens aprenderam também por completo

ou em parte com os Orques e os Anãos; enquanto no Oeste, antes de entrarem em Beleriand, as belas casas dos mais antigos dos Homens aprenderam com os Danas, ou Elfos-verdes. Mas nada está preservado das falas mais antigas dos Homens, exceto da língua do povo de Bëor e Haleth e Hádor. Ora, o idioma desse povo foi em muito influenciado pelos Elfos-verdes, e antigamente era chamado *taliska*, e essa língua ainda era conhecida por Tuor, filho de Huor, filho de Gumlin, filho de Hádor, e foi em parte registrada pelos sábios de Gondolin, onde Tuor por um tempo habitou. No entanto, o próprio Tuor não usava mais essa língua, pois já mesmo nos dias de Gumlin os Homens de Beleriand abandonaram o uso diário de sua própria língua e falavam e davam até mesmo nomes para seus filhos no idioma dos Gnomos. Contudo, outros Homens havia, ao que parece, que permaneceram a leste das Eredlindon, que mantiveram sua língua, e desta, de estreito parentesco com o taliska, vieram após muitas eras de mudanças idiomas que ainda vivem no Norte da terra. Mas o povo tisnado de Bor, e de Uldor, o maldito, não era dessa raça, e era diferente em fala, mas essa fala se perdeu sem registro além dos nomes desses homens.

11

Desde a grande guerra e a derrubada de Morgoth por Fionwë e a ruína de Beleriand, que se calcula ter ocorrido por volta do ano 397 do Sol, muitíssimas eras agora se passaram; e as línguas dos Elfos minguantes em diferentes terras mudaram a ponto de ser irreconhecível o seu parentesco mútuo, ou com os idiomas de Valinor, salvo na medida em que os sábios entre eles ainda usam o qenya, o latim-élfico, que permanece conhecido entre eles, e através do qual ainda por vezes mantêm colóquio com emissários do Oeste. Pois muitos milhares de anos se passaram desde a queda de Gondolin. No entanto, em Tol-eressëa, pelo

poder dos Valar e sua mercê, o antigo é preservado do desvanecer, e lá o noldorin ainda é falado, e o idioma de Doriath e de Ossiriand é tido em mente; e em Valinor florescem ainda as belas línguas dos Lindar e dos Teleri; mas os Noldor que retornaram e não saíram à guerra e ao sofrimento no mundo não mais são separados e falam como os Lindar. E em Kôr e em Tol-eressëa ainda podem ser ouvidos e lidos os relatos e história de coisas que sucederam nos dias das Árvores, e das Silmarils, antes de serem perdidas.

[A seguinte passagem foi acrescentada ao manuscrito:]

Os nomes dos Gnomos no *Quenta* são dados na forma noldorin tal como essa língua se tornou em Beleriand, para todos aqueles após *Finwë*, pai dos Noldor, cujo nome permanece na forma antiga. Da mesma maneira, todos os nomes de Beleriand e de regiões adjacentes (muitos dos quais foram criados pelos Gnomos) tratadas nas histórias são dados na forma noldorin. Embora muitos não sejam noldorin em origem e estejam apenas ajustados à língua deles, vindo do beleriândico, ou do ossiriândico, ou das línguas dos Homens. Assim, do beleriândico é o nome *Balar*, e *Beleriand*, e os nomes *Brithombar*, *Eglorest*, *Doriath*, e a maioria dos nomes de lagos e rios.

Comentário ao Lhammas

1

O uso de *Quendi* com o significado de "todos os Elfos" apareceu em uma correção do AV 2, e, seja como for, é inferido pelo nome *Lindar*, que é usado no AV 2 para a Primeira Gente, anteriormente chamada de *Quendi*; ver o comentário ao anal 2000.

Para referências muito mais antigas ao idioma dos Valar, ver I. 283. Na pequena parte do *Conto de Gilfanon* que foi escrita, é dito expressamente (I. 278) que "os Eldar, ou Qendi, receberam o dom da fala diretamente de Ilúvatar". Agora, no *Lhammas*, a origem de todas as falas élficas é a fala dos Valar (nas duas formas da Árvore das Línguas chamada *valarin*, e em §5 também *valya*), comunicada aos Elfos pela instrução de Oromë.

2

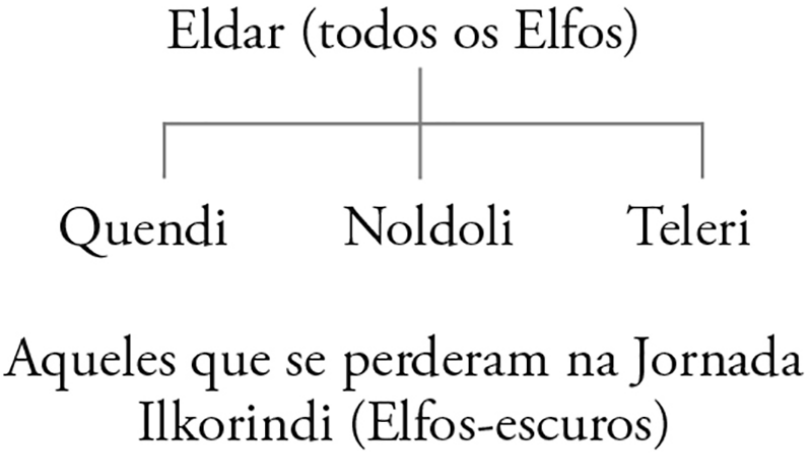
Não há menção no Q de Elfos que não partiram das Águas do Despertar: os Ilkorindi ou Elfos-escuros são lá (§2) definidos como aqueles que se perderam na Grande Marcha. Mas no AV (ambas as versões) foi apenas "a maior parte" da Gente-élfica que seguiu Oromë, e há referências muito antigas àqueles que não queriam partir ou não partiram de Palisor (ver I. 282, II. 84). Esses Elfos recebem aqui pela primeira vez um nome: os *Lembi*, aqueles que se demoraram, por oposição aos *Eldar*, aqueles que partiram — e nesse estágio o antigo termo *Eldar* viria a possuir não apenas essa referência, mas esse significado de fato: "aqueles que partiram" (ver p. 413).

A segunda parte dessa seção difere no *Lhammas A*:

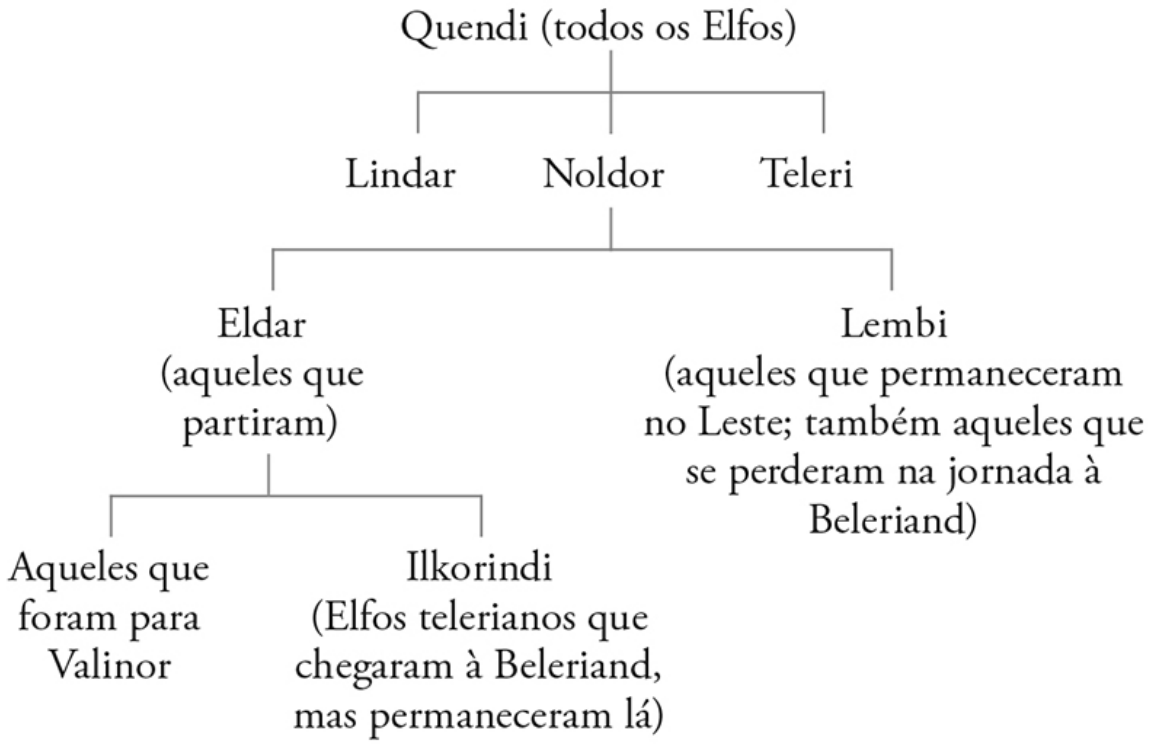
> Esses são chamados os *Lembi*, ou aqueles que restaram. Mas os outros eram chamados os *Eldar*, aqueles que partiram. Assim se deu a primeira separação de línguas, pois os Eldar e os Lembi não tornaram a se encontrar por muitas eras. Com os Lembi se misturaram e são contados aqueles das três gentes dos Eldar que se desviaram pelo caminho, ou desertaram a hoste, ou se perderam na escuridão do mundo antigo; salvo apenas os remanescentes dos Teleri e o povo de Thingol que permaneceram em Beleriand. Esses também são chamados de Eldar, mas cognominados *Ilkorindi*, pois jamais chegaram a Valinor ou à cidade dos Elfos na terra dos Deuses sobre o monte de Kôr. A língua dos Ilkorindi de Beleriand demonstrava ainda depois de eras o seu parentesco com o teleriano, e, assim, o quendiano foi dividido em três: eldarin,

ilkorin e lemberin; mas o último era disperso e diverso, e jamais foi um único idioma.

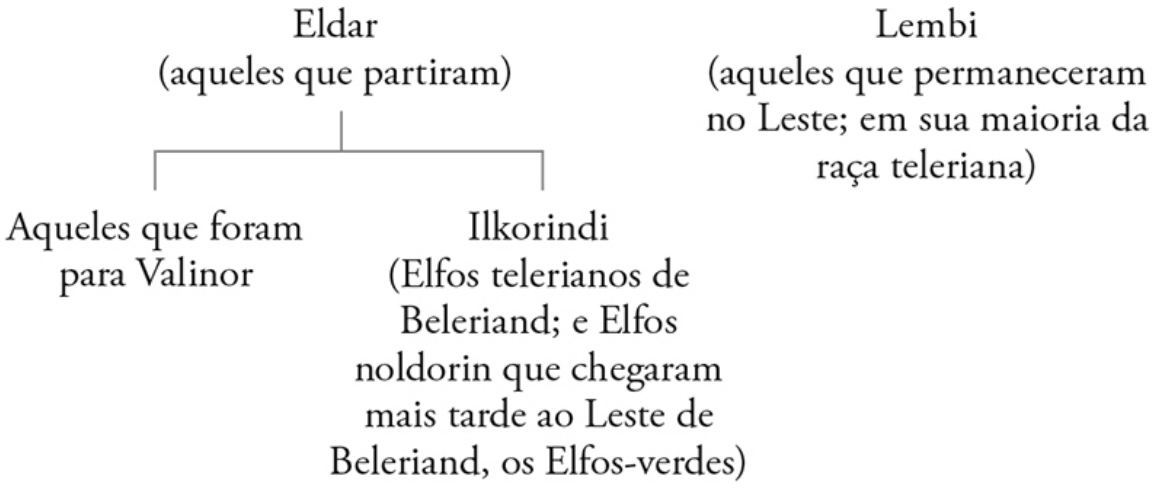
Isto está muito claro. O termo *Eldar* adquiriu o seu sentido tardio relacionado (apenas) aos Elfos da Grande Jornada, e não é restrito àqueles que no fim foram para Valinor, sendo que inclui os Elfos de Beleriand: os *Eldar* são aqueles que completaram a jornada desde Kuiviénen até a região entre as Eredlindon e o Mar. Por outro lado, todos os Elfos que partiram de Kuiviénen, mas que não completaram aquela jornada, são contados entre os *Lembi*. O termo *Ilkorindi* é agora usado em um sentido muito mais restrito do que antes: especificamente os Eldar de Beleriand — os *Sindar* posteriores, ou Elfos-cinzentos. (Esses novos significados na verdade apareceram, sem elaboração, no AV 2 (anais 2000 e 2000–2010), onde "Os Eldar são todos aqueles Elfos chamados que obedeceram a convocação de Oromë", e onde os Teleri que permaneceram em Beleriand são chamados de *Ilkorindi*.) Assim, enquanto no Q há o esquema simples:



no *Lhammas A* temos:

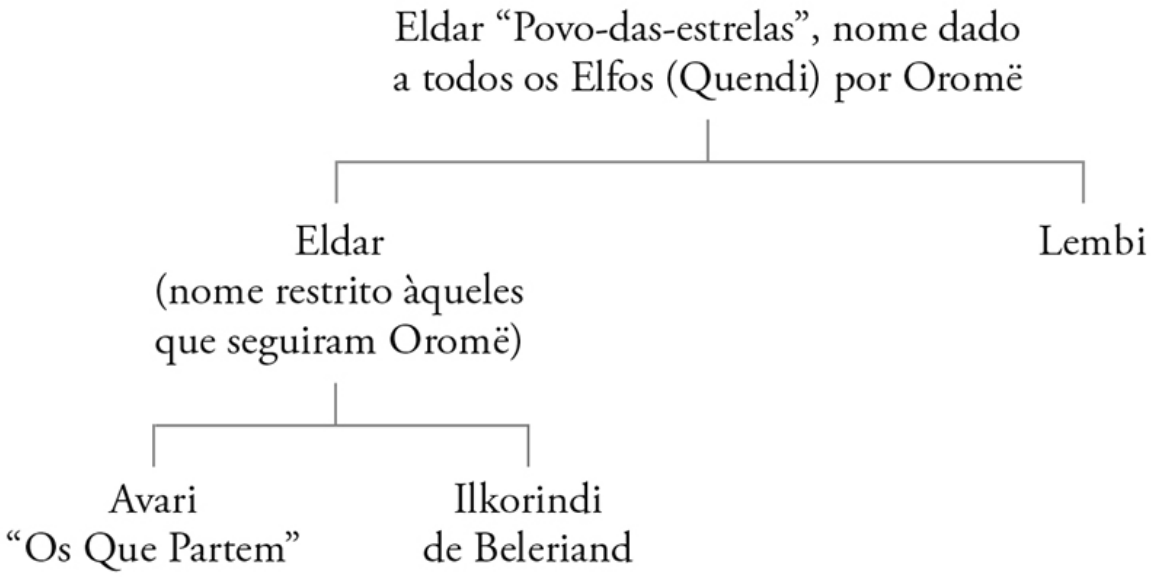


No *Lhammas B* (deixando de lado por um momento a emenda importante feita ao texto) agora não há menção de Elfos que, embora tenham partido de Kuiviénen, tenham se perdido na estrada, e se misturaram com os Lembi; por outro lado, além dos Elfos telerianos de Beleriand, outro povo é incluído entre os Ilkorindi — "o povo dos Noldor que se desgarrou da marcha e também chegou mais tarde ao leste de Beleriand": os Elfos-verdes de Ossiriand. Também é acrescentado no *Lhammas B* que a maioria dos Lembi era da raça teleriana (uma afirmação na verdade não consoante com o foi dito em um dos esboços para o *Conto de Gilfanon* (I. 282), que os Elfos que permaneceram em Palisor eram do povo dos Teleri, pois os Teleri nos *Contos Perdidos* eram a Primeira Gente, não a Terceira). Portanto, a tabela apresentada acima para o *Lhammas* A muda nesse ponto:



Ver mais nos comentários a §§6, 7.

Com a emenda feita no *Lhammas B* nos deparamos enfim com as ideias de que foi Oromë que deu aos Elfos o nome de *Eldar*, de que *Eldar* significava "Povo-das-estrelas", e de que o nome de Oromë foi dado aos Elfos como um todo quando primeiro os encontrou, embora só tenha sido aplicado mais tarde àqueles que partiram na Grande Jornada seguindo-o. (É dito no AV 2, anal 1950, que os Elfos eram chamados "os filhos das estrelas" por terem despertado com a feitura das estrelas, e isso foi alterado posteriormente para "Eldar, os filhos das estrelas".) Aqui também aparece pela primeira vez o nome *Avari*, assumindo de *Eldar* o significado "Os Que Partem" (mais tarde, com o significado alterado para "Indesejosos", *Avari* viria a substituir *Lembi*). Essas movimentações estão refletidas nas *Etimologias* (ver pp. 413–14). Logo, a tabela precisa ser modificada mais uma vez:



A alteração adicional feita na passagem emendada, de "permaneceram em Beleriand, os Ilkorindi de Doriath e da Falas" para "ficaram para trás", talvez tenha sido introduzida porque meu pai queria levar em conta os Elfos-verdes, que eram Ilkorindi (e, portanto, Eldar), não Lembi.

Encontramos aqui a primeira explicação do nome *Teleri* que apareceu ("os últimos, pois estes foram os últimos a despertar"); ver I. 322, verbetes *Telelli*, *Teleri*. Outro elemento novo nessa seção é a ideia de que as Três Gentes eram geograficamente separadas em seus primeiros lares às margens de Kuiviénen — e de que os Noldor eram os mais numerosos das três.

Creio que o fato de no *Lhammas B* a divisão fundamental da fala élfica ser dupla, *eldarin* e *lemberin*, enquanto no *A* ela é tripla, *eldarin*, *ilkorin* e *lemberin*, não representa qualquer diferença real na concepção linguística. A divisão primária era dupla, foi as falas eldarin e lemberin começaram a se distanciar por caminhos separados a partir da época em que os Eldar partiram de Kuiviénen; mas a divisão tornou-se tripla quando os Ilkorindi foram deixados para trás em Beleriand.

Os termos *Ingwi* e *Ingwelindar*, usados aqui para a principal casa dos Lindar, não haviam ocorrido antes; mas nos *Contos Perdidos* (ver especialmente I. 145), os *Inwir* são o clã real, a casa de Inwë, entre a Primeira Gente. É agora contado que Ingwë não só era o alto-rei dos Eldalië como também era "o mais velho de todos os Elfos, pois ele despertou primeiro".

As datas dessa seção estão precisamente de acordo com as datas no AV 2 (que são aquelas do AV 1 após ser emendado, IV. 319–21).

A forma *Falassë* é encontrada no mapa IV do *Ambarkanta* (IV. 293).

Com o que é dito aqui acerca da lentidão das mudanças ("mesmo nas Terras de Cá") antes da feitura do Sol e da Lua, cf. a conclusão do AV 2:[e]

> Ora, o tempo medido chegou ao mundo, e o crescimento, a mudança e o envelhecimento de todas as coisas foi desde então mais rápido, até mesmo em Valinor, mas mormente mais rápido nas Terras de Cá da Terra-média, as regiões mortais entre os mares do Leste e do Oeste.

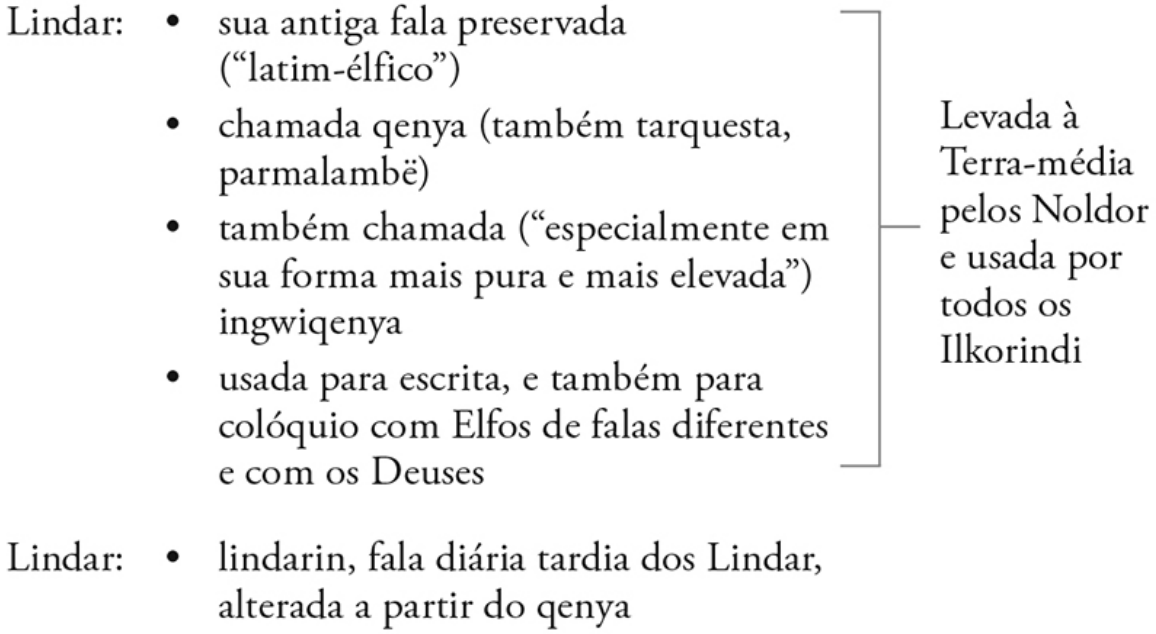
A referência ao *Quenta* no final dessa seção, caso seja ao Q, é a IV. 105; caso seja ao QS, a §37. Quanto a essa questão, ver p. 198.

Os dois textos não possuem diferenças significativas nessa seção, exceto o fato de que o *Lhammas A* termina do seguinte modo:

> Assim, a língua dos Teleri de Tol-eressëa tornou-se um tanto apartada da fala dos Lindar e dos Noldor, e eles seguiram a sua própria língua daí em diante; embora, por habitarem por muitas eras em amizade próximo dos Lindar e dos Noldor, a língua dos Teleri desenvolveu-se, com as mudanças que ocorriam em Valinor, de maneira semelhante às suas parentes, e tornou-se muito apartada da fala teleriana de Beleriand (onde, ademais, por estar fora de Valinor, as mudanças eram mais velozes).

Ao escrever “nove eras” e “oito eras” (encontradas em ambas as versões) no início dessa seção, meu pai por alguma razão parecia estar contanto somente até o A.V. 2900; pois os Lindar e os Noldor habitaram em Valinor por 990 anos (2000–2990), ou quase dez eras, e os Teleri habitaram nas costas por 880 anos (2111–2990), ou quase nove eras, antes do Obscurecer.

O complexo desenvolvimento linguístico descrito nessa seção pode ser resumido da seguinte forma:



A seção no *Lhammas B* foi alterada em estrutura e substancialmente reescrita a partir daquela no *A*, mas há muito pouco que muda materialmente a história linguística como delineada na versão mais antiga. Entretanto, no final do segundo parágrafo o *Lhammas A* diz o seguinte acerca da fala dos Lindar:

> Menos mudado era o idioma dos Lindar, pois eram os mais próximos dos Valar e ficavam mormente na companhia deles; e a mais parecida com o valiano era a fala de Ingwë e sua casa.

No parágrafo seguinte, o *A* não faz menção do *ingwiqenya* (ver o comentário a §5); e afirma que foram os Deuses que chamavam o

"latim-élfico" pelo nome *qendya* (assim escrito), "língua-élfica", enquanto os Elfos o chamavam de *eldarin*. Essa é uma aplicação do termo *eldarin* diferente de seu uso anterior no *A* (ver o comentário a §2) e de seu uso no B e em ambas as versões da Árvore das Línguas.

Alboin Errol usou o termo "latim-élfico" (ou *eressëano*, em contraste com *beleriândico*); ver p. 71. "Latim-élfico" também é usado para se referir ao quenya no Apêndice A de *O Senhor dos Anéis*.

5

O *Lhammas A* possui uma referência ao *Quenta* que foi omitida no *B*: "donde, como é dito no *Quenta*, os Deuses fizeram aquela fenda na muralha montanhosa que é Kalakilya, o Passo da Luz"; ver p. 198.

A remoção dos Lindar de Tûn é contada em termos muitos similares em um acréscimo ao Q (IV. 107, nota 7), onde também aparece a história de que a Torre de Ingwë não foi usada posteriormente, exceto por aqueles que cuidavam da lamparina — uma história que não foi contada em textos tardios de "O Silmarillion".

O *Lhammas B* segue de perto a versão mais antiga nessa seção, mas há uma ou duas diferenças a serem mencionadas. Ao parágrafo final, que resume todas as línguas de Valinor, o *Lhammas A* acrescenta uma referência ao "dialeto nobre" da fala dos Lindar, chamado *ingwelindarin*, *ingwëa* ou *ingwiqendya* (ver o comentário a §4); em *B* §4, por outro lado, *ingwiqenya* é a "forma mais pura e mais elevada" do "latim-élfico", *qenya*. A forma mais antiga da Árvore das Línguas ilustra o relato da questão no *Lhammas A*; a forma tardia não possui qualquer representação desse relato, nem menciona o nome *ingwiqenya*.

No *Lhammas A*, essa seção termina da seguinte maneira:

> E acima de todos havia o *valya* ou *valarin*, o idioma valiano, a fala pura dos Deuses, e essa mudava pouco de era para era (e, ainda assim, mudava, e mais depressa após a morte das Árvores, pois os

> Valar não são da terra, porém estão no mundo). Mas essa língua eles usavam pouco, salvo entre si mesmos, pois com os Elfos, e com aqueles Homens que o conheciam, eles falavam o qenya, e não escreviam nem talhavam em quaisquer letras as coisas que falavam.

Por emendas ao *B* (como também no AV 2, nota 3), *Tûn* torna-se *Túna* — mas é ainda o nome da cidade, sobre o monte de Kôr; posteriormente *Túna* veio a ser o monte, e *Tirion* a cidade. Na nota marginal acrescentada, "que os Deuses chamavam de *Eldamar*", há a primeira ocorrência de *Eldamar* desde os *Contos Perdidos* (mas a forma *Eglamar* é encontrada duas vezes em rascunhos da *Balada de Leithian*, no verso "desde a Inglaterra até Eglamar", III. 192, 217). Esse foi um dos nomes originais de estabelecimento da mitologia, que ocorre no poema *As Costas de Feéria* (1915) e no seu prefácio em prosa (II. 315, 327). Nos *Contos Perdidos*, o nome ocorre com muita frequência, quase sempre com referência às costas, ou aos rochedos, ou à baía de Eldamar. Agora ele se torna um nome da própria cidade élfica em vez do nome das regiões em que os Elfos habitavam e onde ficava situada a sua cidade sobre o monte. Ver QS §39 e comentário.

Este é um lugar conveniente para mencionar um elemento na segunda Árvore das Línguas que não é explicado por nada no texto do *Lhammas*. Uma linha ininterrupta foi traçada de *Valarin* até *Language of the Valarindi in Valinor* [Idioma dos Valarindi em Valinor], e dali uma linha pontilhada até *Qenya*. Os *Valarindi são os Filhos dos Valar; ver* pp. 134–35, 146. O significado das linhas pontilhadas e ininterruptas é definido em uma nota sobre a *Árvore das Línguas* feita posteriormente: as linhas pontilhadas "indicam linhas de forte influência de um idioma sobre outro" [como, por exemplo, a do francês sobre o inglês], enquanto as linhas ininterruptas "denotam herança e descendência direta" [como, por exemplo, do latim ao francês].

Uma linha pontilhada (originalmente traçada como ininterrupta) também vai do *noldorin* ao *qenya*. Isso presumivelmente ilustra a afirmação no texto (§4) de que "uma forma antiga da fala lindarin se

tornou fixa cedo [isto é, como qenya], salvo por algumas adoções tardias de palavras e nomes de outros dialetos".

6

Nos *Contos Perdidos* (I. 150), o povo de Tinwë Linto (Thingol) o procurou por muito tempo quando ele foi encantado por Wendelin (Melian), mas

> foi em vão, e ele jamais voltou ao seu meio. Quando, portanto, ouviram a trompa de Oromë soando na floresta, grande foi seu júbilo e, reunindo-se ao seu som, logo são levados para as falésias e ouvem o murmúrio do mar sem sol.

No Q (IV. 104) aparece pela primeira vez a história de que alguns dos Teleri foram persuadidos por Ossë "a ficar nas praias do mundo"; sobre o povo de Thingol, tudo o que é dito no Q (IV. 103) é que ele "o buscou em vão", e nada mais é acrescentado no QS (§32).

Com a referência aqui aos Ilkorindi dispersos de Beleriand (isto é, aqueles que não faziam parte do povo dos Portos e do povo de Thingol) serem congregados em Doriath na época do retorno de Morgoth, cf. AV 2 (anal 2990, que reconta a retirada após a queda de Denithor):

> Melian teceu magias dos Valar em torno da terra de Doriath, e a maioria dos Elfos de Beleriand recuou para os confins de sua proteção, salvo alguns que permaneceram perto dos portos ocidentais, Brithombar e Eglorest, às margens do Grande Mar, e os Elfos-verdes de Ossiriand, que habitavam ainda atrás dos rios do Leste.

A referência a "Sindo, irmão de Elwë, senhor dos Teleri", não se encontra no *Lhammas A*, que introduz o tema do idioma de Beleriand de maneira diferente:

> Ora, nas cortes de Thingol, o valarin era conhecido, pois Melian era dos Valar; mas era usado somente pelo rei e pela rainha e

alguns poucos de sua casa. Pois a língua de Beleriand era a fala eldarin dos Ilkorins telerianos, sendo o idioma daqueles que no fim não velejaram com Ulmo, etc.

Sindo, o Cinzento, aparece no AV 2, mas como uma correção de *Tindingol* (nota 4); em QS §30 (novamente como *Sindo, o Cinzento*) o nome está presente no texto desde o início, como aqui no *Lhammas B*. Com esse nome cf. *Singoldo* no *Conto de Tinúviel* (II. 56), e *Sindingul* (> *Tindingol*) no AV 1 (IV. 312).

Onde o *Lhammas B* possui "Essas eram as falas ilkorin de Beleriand, e também eram diferentes das línguas dos Lembi, que lá jamais chegaram", o *Lhammas A* possui: "Essas eram as falas ilkorin de Beleriand, e elas preservavam indícios de seu parentesco com o teleriano, e eram diferentes dos idiomas dos Lembi, pois não viram nenhum desses, até os Elfos-verdes chegarem do Leste, como é contado mais tarde". A informação de que os Elfos-verdes são contados como Lembi foi explicitamente contradita em *Lhammas B* §2, onde eles são Ilkorindi e contados entre os Eldar; ver os comentários a §§2 e 7.

A emenda do *Lhammas B* no final da seção modifica a história linguística, mas as implicações da alteração não me são claras. Como resultado da emenda, não é mais dito que os Noldor e os Ilkorindi em Beleriand usavam a fala de Doriath "pois Thingol era um grande rei", mas, pelo contrário, que a fala de Doriath era muito usada no Porto do Sirion. Em §8 era a fala noldorin de Gondolin que era a fala do Porto, influenciada pela de Doriath por causa da presença lá de Elwing e dos fugitivos das Mil Cavernas.

7

Embora a passagem acerca dos Elfos-verdes siga em grande parte o que já havia sido contado nos AV, há alguns detalhes interessantes. Foi dito nos AV que os Elfos-verdes sob a liderança de Dan acharam as terras meridionais estéreis e sombrias; mas a esterilidade e a escuridão agora são explicadas: os Valar haviam negligenciado o Sul, e os céus não haviam sido apinhados de estrelas com a mesma

abundância. O Sul era uma região sombria nos mitos originais: no *Conto do Sol e da Lua* (I. 220) Manwë designou o curso do Sol entre o Leste e o Oeste "pois Melko detinha o Norte e Ungweliant, o Sul" — o que, conforme observei (I. 200) "parece dar a Ungweliant grande importância, e também uma vasta área sujeita ao seu poder de absorver a luz.".

Não fora dito antes que muitos dos Elfos-verdes entraram em Doriath após o retorno de Morgoth; entre esses, muito mais tarde, o inimigo de Túrin, Saeros, viria a ser notório (*Contos Inacabados*, p. 113).

Outros elementos no relato no *Lhammas* já haviam aparecido no AB 2 (anal 52): que após a queda de Denethor os Elfos-verdes não tiveram rei "até Beren vir no meio deles", e também que tinham parentes que permaneceram a leste das Eredlindon, os quais por vezes eles visitavam. Em um acréscimo inicial ao anal 2700 no AV 2 (nota 8) "os Danianos vieram por sobre as Eredlindon", e esses Elfos, dos dois lados da cadeira de montanhas, também são chamados de *Danianos* no *Lhammas A* (onde o *B* possui *Danas*), com a informação adicional de que aqueles que permaneceram no Leste eram chamados *Leikvir*. Na Árvore das Línguas mais antiga aparece *Leikvian* [leikviano] onde a posterior possui *Danian speech of the East* [Fala daniana do Leste].

No AV 1, o nome dos Elfos-verdes é *Laiqi* ou *Laiqeldar* (IV. 318); no AV 2 nenhum nome élfico é dado; no *Lhammas A* eles são *Laiqi* ou *Laiqendi*, *Laiqendi* no *B*.

No *Lhammas A* o nome *Denethor* foi escrito sobre outro nome, muito provavelmente *Denilos*; no AV 1 *Denilos* > *Denithor* (IV. 318), no AV 2 *Denithor* > *Denethor* (nota 5). Com relação a isso, há algumas alterações e acréscimos interessantes a lápis no *Lhammas A* que não foram incorporados ao *Lhammas B* (ou feitos nele: não está claro quando essas anotações foram feitas):

> *ndan-* para trás, atrás. Os que voltam para trás. Daí o povo *ndănl̄*. *ndani-thārō* salvador dos Dani. Q[uenya] *Nanisáro*. T[elerin] *Daintáro*. N[oldorin] *Dainthor*. D[oriathrin] *Denibor*.

(Com isso, cf. as *Etimologias*, radicais DAN, NDAN.) Ao mesmo tempo, em "Esse povo era a princípio da raça noldorin", *noldorin* foi alterado para *lindarin*, e "a hoste de Finwë" para "a hoste de Ingwë"; cf. a conclusão do *Lammasethen*.

Surge mais uma vez a questão de se os *Danas* eram considerados Eldar ou não. O *Lhammas A* é explícito ao dizer que eles não eram Eldar, mas sim Lembi (comentário a §6); e mais uma vez na presente seção é dito em *A* que "Esse povo era a princípio da raça noldorin, mas não é contado entre os Eldar" — porque eles abandonaram a Grande Marcha. No *Lhammas B*, por outro lado, eles são Ilkorindi e são contados entre os Eldar (§2); porém, na presente seção a passagem em *A* que afirma que eles não eram Eldar reaparece — com o acréscimo de que eles também não eram Lembi porque, embora tenham abandonado a Marcha, eles ainda assim foram atraídos em direção ao Oeste. Presumo que meu pai tenha mudado de ideia sobre essa questão um tanto refinada enquanto escrevia, e não alterou o que havia escrito antes. Seja como for, os Danas são suficientemente caracterizados como Elfos da Grande Marcha que a abandonaram logo cedo, mas que ainda sentiram um desejo pelo Oeste, e a indicação em *B* é claramente de que isso no fim fez com que parte do povo atravessasse as montanhas. A posição deles é anômala, e bem poderiam ser igualmente classificados como eldarin ou como não eldarin.

Como resultado, eles introduzem a possibilidade de um tipo linguístico muito distinto entre as línguas quendianas (pode-se ver que em ambas as formas da Árvore das Línguas o idioma deles é mostrado ramificando-se da linha de descendência quendiana entre o lemberin e o eldarin). Esse tipo é caracterizado em uma emenda do *B* como similar à fala ilkorin de Doriath (enquanto no texto como escrito inicialmente foi dito que ele era distinto do eldarin de Valinor, do lemberin e da fala de Doriath). Essa emenda é bastante intrigante. Por que os Danas deveriam apresentar qualquer afinidade linguística com os Elfos de Doriath, que haviam completado a jornada até Beleriand há tanto tempo (cerca de 700 Anos Valianos antes)? É claro, é dito imediatamente depois que a fala dos Danas *em Ossiriand* fora "muito afetada pela língua do povo de Thingol", mas

a emenda “e mais parecida com aquela de Doriath, embora não a mesma” presumivelmente se refere a essa língua “daniana” em sua natureza original. Ver mais no *Lammasethen* e comentário.

A nítida distinção feita no final dessa seção entre, de um lado, todas as línguas lemberin e, de outro, todas as línguas eldarin (incluindo aquelas dos Ilkorindi de Beleriand) é notável. Está implícito que longos anos da Grande Jornada, seguidos pela separação completa dos Elfos de Beleriand daqueles que permaneceram no Leste, tornaram a fala ilkorin ao mesmo tempo bastante isolada em desenvolvimento de qualquer língua lemberin e também de maneira reconhecível semelhante ao telerin de Valinor (pelo menos àqueles “versados em tais saberes”, §6).

8

Nesta seção, o *Lhammas B* seguiu o *A* muito de perto, mas uma passagem divergente na versão mais antiga pode ser citada. Após a referência ao *múlanoldorin* e ao idioma de Gondolin como sendo as únicas formas da fala noldorin na Terra-média que sobreviveram “antes do fim”, o *A* possui:

> Primeiro pereceu o povo de Fingolfin, cuja língua era pura, salvo por alguma influência pequena dos Homens da casa de Hádor; e posteriormente Nargothrond. Mas o povo de Maidros, filho de Fëanor, permaneceu quase até o fim, assim como também os Noldor-servos cuja língua era ouvida não apenas em Angband, mas posteriormente em Mithrim e muitos outros lugares. A língua dos filhos de Fëanor foi influenciada em grande parte pelos Homens e por Ossiriand, mas ela não sobreviveu. O noldorin que ainda vive, etc.

Com o relato no primeiro parágrafo sobre a rapidez das mudanças após o nascer do Sol e da Lua, cf. o comentário a §3. A referência aqui às “estrelas imóveis” é reminiscente do antigo *Conto do Sol e da Lua*, onde é dito que algumas das estrelas “permaneciam no lugar e não se moviam”: ver I. 220, 240. — No segundo parágrafo, a forma Himring (para *Himling* no *Lhammas A*) aparece pela primeira vez

sem ser por emendas tardias. — No final do terceiro parágrafo, “em certa medida com Ossiriand” no *B* provavelmente deveria ser “em certa medida com ossiriandeb”, tal como o é aqui no *A* e na forma tardia da Árvore das Línguas. — No último parágrafo, os idiomas daqueles Elfos eldarin que permaneceram na Terra-média no *A* eram chamados *noldorin minguante* e *ilkorin minguante*, termos que aparecem na Árvore das Línguas mais antiga (junto com *Fading Leikvian* [leikviano minguante]: ver o comentário a §7).

A datação tardia a lápis no AV 1 manuscrito (pela qual os eventos desde a Batalha de Alqualondë até a chegada de Fingolfin na Terra-média foram contraídos em um único Ano Valiano, IV. 321), não adotada no AV 2, também não foi adotada no *Lhammas*. As datas dos Anos-do-Sol são aquelas do AB 2 (antes de serem alteradas), com a queda de Gondolin em 307 e a Grande Batalha no final do quarto século do Sol.

A característica mais notável dessa seção do *Lhammas* em relação à concepção tardia é a ausência da história de que um banimento foi instituído por Thingol sobre a fala dos Noldor por todo o seu reino. Em *O Silmarillion*, é dito (p. 163) que já na Festa da Reunião no ano 20 “a língua dos Elfos-cinzentos foi muito falada até mesmo pelos Noldor, pois eles aprendiam rapidamente a fala de Beleriand, enquanto os Sindar eram lentos para dominar a língua de Valinor”; e (p. 185) que após o banimento de Thingol “os eLivross adotaram a língua sindarin em todos os seus usos diários, e a alta fala do Oeste era usada apenas pelos senhores dos Noldor entre eles mesmos”. No *Lhammas* de fato é dito (no final de §6, antes de ser emendado) que “A fala de Doriath foi muito usada em dias que vieram depois tanto por Noldor como por Ilkorindi”, e na presente seção que “a fala dos Gnomos foi muito influenciada também pela dos Ilkorins de Beleriand”; mas era o noldorin (de Gondolin) que era o idioma (influenciado por outras línguas) do Porto do Sirion e, mais tarde, de Tol-eressëa. Portanto, em seu plano essencial, embora agora muito mais complexo, a evolução linguística ainda deriva daquela nos *Contos Perdidos*; como comentei em I. 70,

> Em *O Silmarillion*, os Noldor trouxeram o idioma valinóreano para a Terra-média, mas o abandonaram (exceto entre si mesmos), adotando, no lugar, a língua de Beleriand, o sindarin dos Elfos-cinzentos, os quais jamais estiveram em Valinor… Nos *Contos Perdidos*, por outro lado, os Noldor ainda trouxeram a fala élfica de Valinor para as Grandes Terras, mas eles a mantiveram, e foi lá que ela mudou e se tornou completamente distinta [“gnômico”].

Não há referência no final dessa seção a quaisquer Gnomos retornando a Valinor (por oposição a Tol-eressëa), como há no Q (IV. 181, 184: “Mas alguns retornaram até mesmo a Valinor, como todos eram livres para fazer se desejassem”; isso foi mantido no QS, p. 398, §27). Quanto aqueles que não partiram para o Oeste — os falantes de “noldorin minguante” e “ilkorin minguante” no *Lhammas A* —, ver as mesmas passagens no Q, mais uma vez repetidas no QS.

9

Aqui aparece o primeiro relato da origem da fala-órquica: uma perversão intencional de Morgoth da fala valiana. A afirmação notável de que Morgoth “falava todas as línguas com poder e beleza, quando assim desejava” não se encontra no *Lhammas A*.

A lenda da criação dos Anãos por Aulë apareceu no AB 2 (anal 104), em uma passagem notavelmente similar à presente, e contendo a mesma frase “os Anãos não possuem um espírito que lhes habita”. A passagem no AB 2 foi posteriormente modificada (nota 16) para torná-la não uma afirmação do escrito, mas sim uma concepção acerca dos Anãos nutrida pelos Noldor, e não a única opinião sobre o assunto; no *Lhammas* a passagem também foi alterada, com muita pressa e para algo bem diferente, da seguinte forma:

> Mas os Anãos derivam seu pensamento etc. (ver o *Quenta*). Portanto, as obras dos Anãos possuem grande engenho e ofício, porém pouca beleza.

Essa referência ao *Quenta* não é ao Q, que não possui nada correspondente, mas ao QS, onde há um capítulo acerca dos Anãos.

Aqui ocorre o seguinte (§123):

> Contudo, eles *derivam seu pensamento* e ser segundo sua medida de apenas um dos Poderes, enquanto os Elfos e os Homens, seja a quem for que eles principalmente se voltem entre os Valar, possuem afinidade com todos em certa medida. Portanto, as obras dos Anões *possuem grande engenho e ofício, porém pouca beleza*, exceto quando imitam as artes dos Eldar…

Onde o *Lhammas B* possui "Do idioma dos Anãos pouco sabemos", o *A* possui "pouco sei" (isto é, Rúmil).

10

No *Lhammas A*, a origem e a história inicial das línguas dos Homens são descritas de maneira um tanto diferente:

> Pois os Elfos-escuros… fizeram amizade com Homens errantes… e lhes ensinaram o que sabiam; e, com o passar dos anos, as numerosas línguas dos Homens desenvolveram-se desses primórdios, alteradas pelo tempo, e pela invenção dos Homens, e graças também à influência tanto de Anãos como de Orques. Mas nada foi preservado da fala mais antiga dos Homens, exceto [*riscado:* algumas palavras das] as línguas dos Homens do Oeste, que chegaram primeiro a Beleriand e falaram com os Elfos, como está registrado em anais e relatos daqueles pelos Gnomos. Ora, o idioma das três casas de Bëor, de Haleth e de Hador era o *taliska*, e essa língua ainda era lembrada por Tuor, e foi registrada pelos sábios de Gondolin. No entanto, o próprio Tuor não mais a usava, pois já antes [> nos] dos dias de seu pai, Huor, os Homens de Beleriand abandonaram o uso diário de sua própria língua, e falavam noldorin, mantendo algumas poucas palavras e nomes.

No final da seção no *Lhammas A*, meu pai acrescentou rapidamente a lápis: "Mas o taliska parece ter se derivado em grande parte do daniano"; ver o comentário ao *Lammasethen*.

Na Árvore das Línguas mais antiga, os idiomas dos Homens derivam apenas do lemberin, estando de acordo com o *Lhammas A* (“as numerosas línguas dos Homens desenvolveram-se desses primórdios”), enquanto a Árvore das Línguas tardia apresenta “influências” (linhas pontilhadas) da fala-anânica, da fala-órquica, e do lemberin (mas nenhuma “descendência” direta), e “influência” da “fala daniana do Leste” no taliska.

É contado no AB 2 (anal 220) que o povo de Hador abandonou o próprio idioma e adotou o dos Gnomos. O relato em *O Silmarillion* sobre a sobrevivência da língua original dos Edain, aqui chamada *taliska*,[f] é bem diferente: ver o comentário ao AB 2 *ibid*.

A afirmação no final dessa seção de que a fala dos Homens Tisnados “se perdeu sem registro além dos nomes desses homens” não está de acordo com as *Etimologias* (radicais BOR, ÚLUG), onde os nomes de Bór e Ulfang e seus filhos são élficos, dados a eles pelos Noldor.

11

Nas palavras de Rúmil aqui de que “muitos milhares de anos se passaram desde a queda de Gondolin”, há uma glosa apagada abaixo de “muitos milhares de”; essa muito provavelmente era “10.000”, que é o número no *Lhammas A*.

A afirmação nessa seção de que “os Noldor que retornaram [isto é, após ouvirem a Profecia do Norte] e não saíram à guerra e ao sofrimento no mundo não mais são separados e falam como os Lindar” não se encontra no *Lhammas A*, mas a Árvore das Línguas mais antiga apresenta o *noldolindarin* como uma coalescência dos “noldorin e lindarin valinorianos”; a Árvore tardia de modo similar apresenta a “fala do povo de Finrod” (que retornou a Valinor) coalescendo com o lindarin, e tornando-se “eldarin como agora o é em Valinor”.

As palavras “*em* Kôr” não são um simples deslize, apesar de “os Elfos ergueram o monte verdejante de Kôr, e construíram sobre ele a cidade de Tûn” em §5; ver QS §29.

Com relação à passagem acrescentada no final do *Lhammas B*, pode-se observar que no Q (IV. 105) é dito que os nomes dos príncipes dos Noldoli são dados "na forma da língua gnômica conforme por muito tempo foi falada sobre a terra", e que lá *Finn* (a forma no Esb) foi emendado para *Finwë*. Dos topônimos citados aqui como nomes beleriândicos acomodados ao noldorin, *Balar*, *Beleriand*, *Brithombar* e *Eglorest* aparecem nas *Etimologias* (radicais BAL, BIRÍT, ELED) como nomes ilkorin, mas *Doriath* é noldorin (radical GAT(H)).

LAMMASETHEN

Apresento agora o terceiro e mais curto texto do *Lhammas*, que, creio, certamente é o mais tardio dos três. No alto dele meu pai escreveu a lápis *Esboço de uma versão corrigida*, mas depois apagou as palavras. A história breve desse texto está em grande parte de acordo com a do *Lhammas B*, mas introduz um relato completamente alterado da origem do quenya (assim grafado).

O relato mais curto de Pengolod: ou *Lammasethen* Das Línguas Élficas

Os idiomas élficos ou quendianos originais tiveram sua origem em Oromë, e, assim, no valarin. Mas os Elfos não apenas, já no breve período comum a todos, mas especialmente no eldarin, modificaram e suavizaram os sons, especialmente as consoantes, do valarin, como também começaram rapidamente a inventar novas palavras e formas de palavras, e desenvolveram um idioma próprio.

Afora novas invenções, o idioma deles mudava lentamente. Isso se dava particularmente em Valinor, mas ocorria em todas as línguas, pois os Elfos não morrem. Desse modo, pode-se ver que o telerin, o último a partir da Terra-média, e isolado por uma era e dez anos dos Valar, primeiro em Beleriand e depois em Tol Eressëa, mudou mais do que o koreldarin, porém, ao se

reunir mais tarde com seus parentes em Valinor, permaneceu muito similar ao noldorin e ao lindarin. Mas o seu ramo, falado pelos Teleri deixados em Beleriand por quase 1.000 Anos Valianos, mudou mais do que as línguas de Valinor, e tornou-se muito diferente delas. Em certos aspectos, ele se tornou como o ramo daniano em Ossiriand.

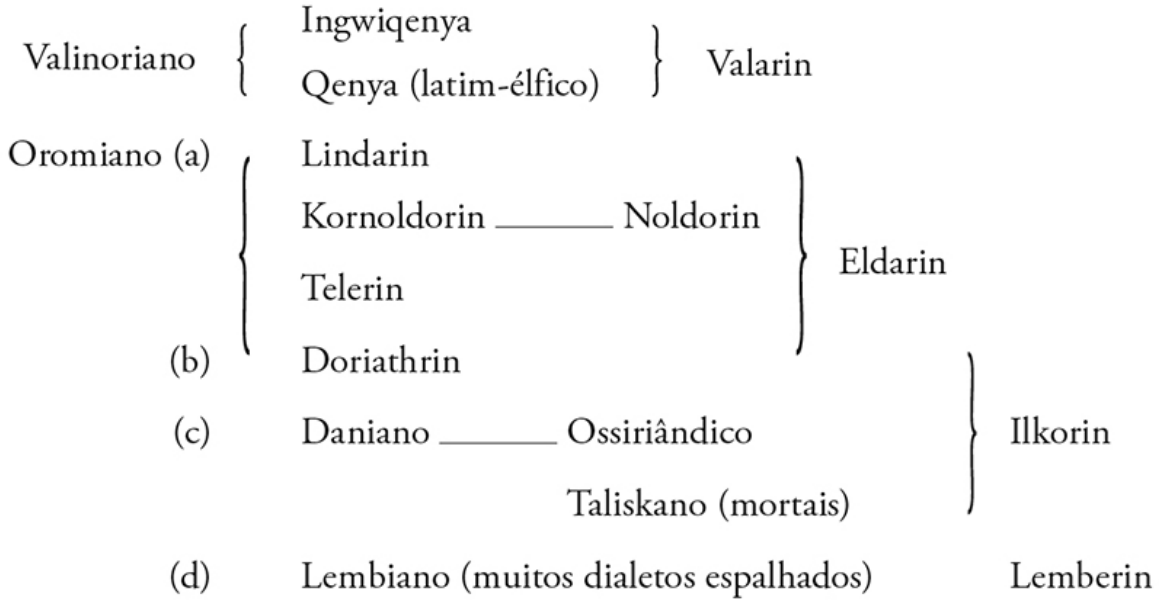
Ora, a língua dos Noldor e dos Lindar era a princípio mui semelhante. Mas os Lindar deixaram após um tempo de habitar em Tûn, ou em proximidade com os Noldor, e havia associação mais próxima entre Noldor e Teleri. Ademais, os Lindar usavam uma forma de idioma que receberam *mais uma vez* dos próprios Valar em Valmar; e embora o tenham suavizado e alterado mais uma vez, de muitas maneiras ele era muito diferente do élfico ou quendiano antigo que teve origem em Oromë. O lindarin, que era uma forma de quendiano ou oromiano, eles usavam somente entre si mesmos, e jamais o escreviam. Mas a sua nova língua (valinoriano) passou a ser usada pelos Lindar em colóquio com os Deuses, e em todos os seus livros de poesia, história e sabedoria. Ademais, foi a primeira língua-élfica a ser escrita, e permaneceu sempre a língua mais usada na escrita por Lindar, Teleri e Noldor. Era também muito usada por todos os Elfos em colóquio, especialmente entre aqueles de gentes e dialetos diferentes. Os Deuses também usavam essa língua, não o puro valarin, em suas falas com todos os Elfos. Essa língua eles chamavam de *quenya* (que é élfico). O quenya é o latim-élfico, e esse nome é dado à sua forma comum conforme usada e escrita por todos os Elfos. Nele estão misturadas algumas formas e palavras derivadas de outras línguas élficas (oromianas). Mas uma forma mais pura e mais arcaica é usada por Ingwë, Alto-rei dos Elfos, e sua corte e casa, que jamais usam o lindarin oromiano comum: este é o *ingwiqenya*.

Ora, o noldorin antigo, como inicialmente usado, e escrito nos dias de Fëanor em Tûn, permaneceu falado pelos Noldor que não partiram de Valinor em seu obscurecer, e ainda reside lá, não muito mudado, e não muito diferente do lindarin. Ele é chamado *kornoldorin*, ou *finrodiano*, pois Finrod e muitos de seu povo retornaram a Valinor e não foram a Beleriand. Mas a maioria dos Noldor foi a Beleriand, e nos 400 anos de suas guerras com Morgoth sua língua muito mudou. Por três razões: porque não se encontrava em Valinor; porque havia guerra e confusão, e muitas mortes entre os Noldor, de modo que sua língua ficou sujeita a tribulações similares àqueles dos Homens mortais; e porque em todo o mundo, mas especialmente na Terra-média, a mudança e o crescimento foram muito grandes nos primeiros anos do Sol. Também em Beleriand a língua e os dialetos dos Ilkorins telerianos eram correntes, e seu rei Thingol era muito poderoso; e o noldorin em Beleriand tomou muito do beleriândico, especialmente de Doriath. A maioria dos nomes e lugares naquela terra eram dados na forma doriathrin. O noldorin retornou, após a derrubada de Morgoth, para o Oeste, e vive ainda em Tol-eressëa, onde agora muda pouco; e essa língua deriva-se mormente da língua de Gondolin, de onde veio Eärendel; mas possui muito do beleriândico, pois Elwing, sua esposa, era filha de Dior, herdeiro de Thingol; e possui um tanto de Ossiriand, pois Dior era filho de Beren, que viveu por muito tempo em Ossiriand.

Em Tol-eressëa são mantidos registros da antiga língua de Ossiriand, que não mais existe; e também da língua dos Homens do Oeste, os Amigos-dos-Elfos, de onde veio a gente mortal de Eärendel. Mas essa língua não mais existe, e já nos dias antigos os Amigos-dos-Elfos falavam mormente o noldorin, ou o beleriândico; sua própria língua era de origem quendiana, tendo sido aprendida a leste das Montanhas de um ramo dos Danianos,

parentes daqueles Elfos de Ossiriand que eram chamados de Elfos-verdes.

Estas são as línguas élficas que ainda são faladas, ou das quais escritos foram preservados.



Os Danianos eram dos Lindar [> Noldor] e começaram a marcha, mas se voltaram para o sul e se desgarraram, muito antes de Beleriand ser alcançada. Eles não entraram em Beleriand, e, quando o fizeram foi apenas em parte, por muitas eras. Alguns os consideram eldarin, outros lembianos. Em verdade não são uma coisa nem outra, e possuem um lugar intermédio.

Comentário ao Lammasethen

Uma Árvore das Línguas adicional ilustra o *Lammasethen*, e está reproduzida na p. 232. Os idiomas com asteriscos estão "ainda em uso".

O significado da passagem acerca do quenya nesse texto é claramente de que o quenya só surgiu após a separação dos Lindar dos Noldor, quando os Noldor permaneceram em Tûn, mas os

Lindar retiraram-se para Valinor. Lá os Lindar mantiveram a sua própria língua eldarin falada, não muito diferente do noldorin "finrodiano" de Tûn (*kornoldorin*); mas eles também adotaram e adaptaram uma forma do idioma valarin, e essa língua "valinoriana" tornou-se o *quenya*. Muito do que é dito sobre o quenya nas outras versões é repetido no *Lammasethen* — ele era usado pelos Deuses em colóquio com os Elfos, pelos Elfos em colóquio com Elfos de diferentes falas, e como o principal idioma *escrito*. O efeito dessa nova concepção é remover o quenya das várias formas de fala élfica (quendiano, oromiano) em Valinor e torná-lo um idioma à parte. O *ingwiqenya* permanece como se tornara no *Lhammas B*, uma forma especialmente pura e arcaica do quenya usado na casa de Ingwë; mas agora é uma forma pura e arcaica de "valinoriano". As diferenças entre as concepções são as seguintes:

Lhammas A (comentário a §5):

- Antiga fala lindarin preservada, e fixada como uma alta fala, uma fala comum, e uma língua escrita: *quenya*
- Fala tardia dos Lindar: *lindarin*
  "o dialeto nobre" dessa: *ingwiqendya* (*ingwëa*, *ingwelindarin*)

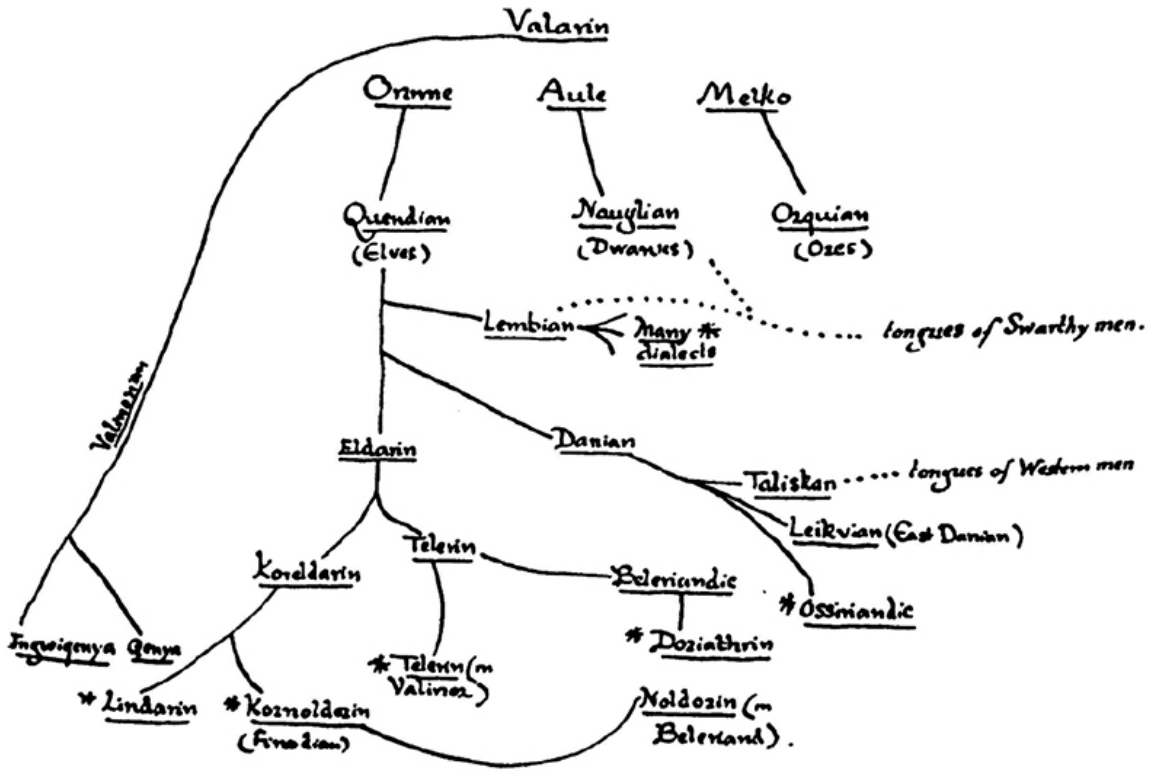
Lhammas B (§4):

- Antiga fala lindarin preservada, e fixada como uma alta fala, uma fala comum, e uma língua escrita: *quenya*
  Também chamada ("especialmente em sua forma mais pura e mais elevada") *ingwiqenya*
- Fala tardia dos Lindar: *lindarin*

Lammasethen:

- Os Lindar, após se retirarem de Tûn, adotaram de novo a língua valarin; esse "valinoriano", uma alta fala, uma fala comum, e uma língua escrita, é o *quenya*
  Uma forma pura e arcaica do "valinoriano": *ingwiqenya*
- Fala orginal ("quendiana") dos Lindar, mantida entre eles próprios: *lindarin*

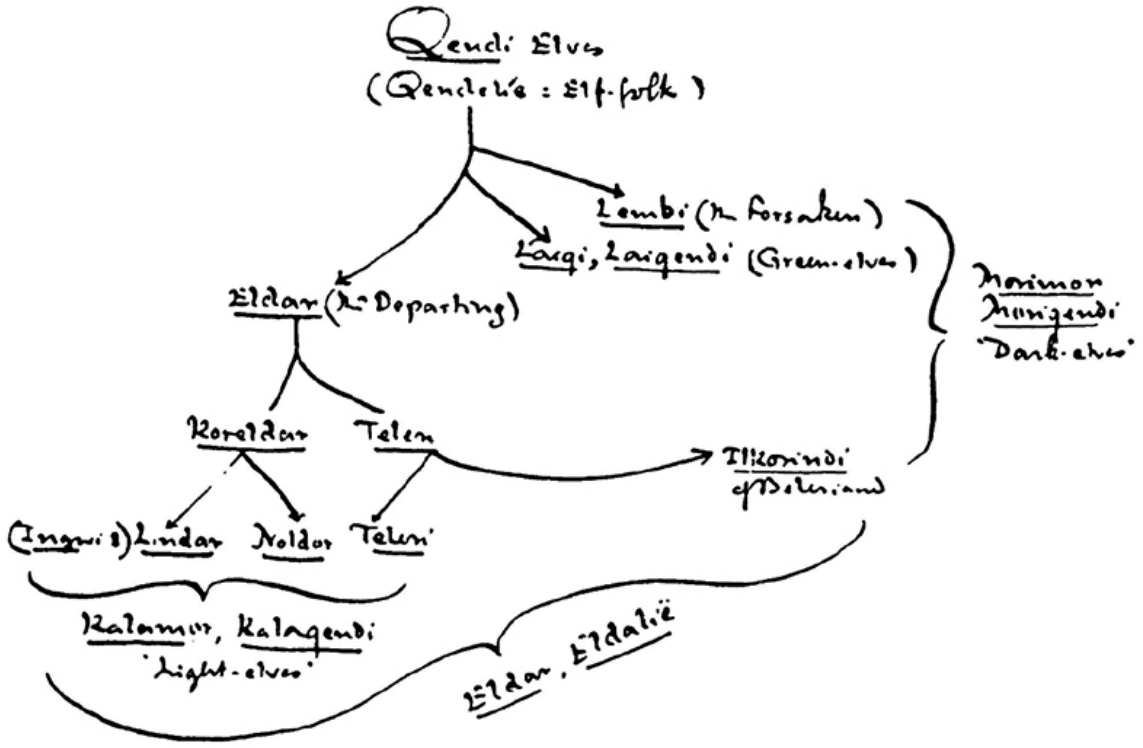
Há alguns outros pontos a serem considerados no *Lammasethen*. O estágio do *koreldarin*, antes da partida dos Lindar de Tûn sobre Kôr, está marcado na terceira Árvore das Línguas. — É dito que a fala telerin de Beleriand (a fala dos Elfos de Doriath e dos Portos da Falas) "se tornou como" (em certos aspectos) a língua daniana em Ossiriand; cf. a emenda no *Lhammas B* (§7) (a língua dos Danianos era "mais parecida com aquela de Doriath, embora não a mesma"), e minhas observações acerca disso no comentário. — É dito, como em *Lhammas B* §7, que os Danianos não eram Eldar nem Lembi: eles "possuem um lugar intermédio"; embora alguns digam que são uma coisa ou outra. — A emenda tardia no *Lhammas A* (comentário a §7), que torna os Danianos um povo originalmente lindarin, foi adotada no *Lammasethen*, mas depois foi rejeitada e substituída mais uma vez por noldorin.



A Árvore das Línguas (ilustrando o *Lammasethen*)

É dito no *Lammasethen* que o taliskano é “de origem quendiana”, aprendido pelos antepassados dos Homens do Oeste com os Elfos danianos a leste das Eredlindon; e na lista de línguas no final do texto ele é classificado como uma fala ilkorin. No *B* (§10) as afirmações a respeito do taliska não são perfeitamente claras: os Homens do Oeste “aprenderam com os Danas, ou Elfos-verdes”, e seu idioma “foi em muito influenciado pelos Elfos-verdes”. Na terceira Árvore das Línguas o taliskano é mostrado derivando-se diretamente do daniano; cf. o acréscimo ao *Lhammas A* (comentário a §10): “Mas o taliska parece ter se derivado em grande parte do daniano”. Não me está claro por que uma linha pontilhada (representando “influência”) vai do taliskano até as “línguas dos Homens do Oeste”.

Na terceira Árvore, o nome *leikviano* reaparece da primeira, para a língua dos Danianos que permaneceram a leste das Eredlindon (os *Leikvir* no *Lhammas A* (comentário a §7). O nome *nauglianas* para as línguas dos Anãos, usado na terceira Árvore, não aparece nos textos do *Lhammas*; em §9 elas são chamadas *aulianas*, como na primeira Árvore.



Os Povos dos Elfos

Por fim, há uma tabela interessante dos *povos élficos* associada aos papéis do *Lhammas*, reproduzida acima. Quando meu pai fez essa tabela, os *Eldar* eram "Os Que Partem", como também em *Lhammas B* §2 antes da emenda. Os Elfos-verdes, que aqui *não* são Eldar, são mostrados como um ramo dos Quendi entre Lembi e Eldar, assim como em todas as três versões da Árvore das Línguas o idioma dos Elfos-verdes (daniano) é mostrado com um ramo do quendiano entre lemberin (lembiano) e eldarin. Os Lindar, Noldor e Teleri são aqui colocados como subdivisões dos Eldar em vez de subdivisões dos Quendi antes da Grande Jornada: em contraste com a minha tabela na p. 213, que é baseada na afirmação expressa nos *Lhammas A* e *B* (§2) de que "já em suas primeiras habitações os Elfos estavam divididos em três gentes, os Lindar, os Noldor e os Teleri".

Uma importante nova distinção aparece nessa tabela: *Morimor*, *Moriqendi* "Elfos-escuros", e *Kalamor*, *Kalaqendi* "Elfos-da-luz".

Os Elfos-da-luz (um termo antes aplicado à Primeira Gente) são agora todos aqueles Elfos que foram para Valinor e viram a Luz das Árvores; e é introduzida a importante sobreposição de nomenclatura na qual os Ilkorindi de Beleriand são Eldar, mas também Elfos-escuros. Os termos *Moriquendi* e *Calaquendi* de *O Silmarillion* aqui aparecem pela primeira vez. Se essa tabela for comparada com a que fiz para *O Silmarillion* ("A Separação dos Elfos"), é possível ver que muito do que viria a permanecer havia surgido agora, se substituirmos *Lembi* por *Avari* e *Ilkorindi* por *Sindar* (e *Lindar* por *Vanyar*). A principal diferença é que nas formulações tardias os *Laiquendi são Eldar; enquanto como um corolário os Úmanyar* (equivalente em significado a *Ilkorindi*, pois o primeiro termo se refere aos Eldar que não eram de Aman, e o segundo aos Eldar que não eram de Kôr) necessariamente no esquema tardio incluem os Laiquendi, visto que eram Eldar.

Lembi é aqui traduzido "os Abandonados"; no *Lhammas A* "aqueles que restaram", no *Lhammas B* "aqueles que se demoraram" (§2 e comentário). Nas *Etimologias* (radical LEB, LEM), a palavra *lemba* significa "deixado para trás".

NOTAS

[a] (*Nota de rodapé, acrescentada após a composição do texto principal:*) Mas os Lindar eram de fala suave, e a princípio alteraram a fala élfica mais do que os outros povos ao suavizar e polir seus sons, especialmente as consoantes; no entanto, em palavras [*riscado:* e formas] eles eram, como se diz, menos cambiantes, e sua gramática e vocabulário permaneceram mais antigos do que os de qualquer outro povo élfico.

[b] (*Nota marginal acrescentada na mesma época da alteração de Tûn para Túna:*) Que os Deuses chamavam de *Eldamar*.

[c] (*Nota de rodapé ao texto:*) Contudo, essa língua foi registrada em Gondolin, e não está esquecida de todo, pois era conhecida por Elwing e Eärendel.

[d] Essas duas frases foram reescritas depois, mas em linhas muito gerais; ver o comentário a §9.

[e] Referências aos *Anais* são feitas com relação ao AV 2 e ao AB 2, os textos neste livro, por ser mais conveniente, seja o assunto citado encontrado nas versões mais antigas apresentadas no Vol. IV ou não.

[f] Há uma gramática histórica do *taliska*.

6

O Quenta Silmarillion

Como originalmente escrito, o *Quenta Silmarillion* (QS) era um manuscrito belo e elegante; e quando as primeiras alterações foram feitas nele elas foram feitas com grande cuidado, geralmente com palavras escritas sobre apagadas. Parece altamente improvável que meu pai pudesse ter alcançado essa forma sem quaisquer textos intermediários que a desenvolvessem a partir do *Quenta Noldorinwa* (Q), e, seja como for, em um ponto ou outro no QS parece que ele estava copiando, pois palavras necessárias para o sentido acabavam omitidas e eram inseridas depois acima da linha. Porém, agora notavelmente não há traços de algum desses materiais, até que se chega ao conto de Beren e Lúthien: a partir desse ponto existem rascunhos preliminares.

O manuscrito posteriormente se tornou o meio de amplas revisões, e foi transformado em um palimpsesto caótico, com camadas sobre camadas de correções e reescritas completas, de adendos e apagamentos. O grosso dessas alterações e revisões seguramente data do período após a conclusão de *O Senhor dos Anéis*; mas também há uma fase anterior de emendas a lápis nos capítulos iniciais, que em alguns trechos são substanciais. A partir do manuscrito assim emendado meu pai preparou um texto datilografado cuja maior parte era quase uma cópia exata, mas deu à obra um novo título além de *Silmarillion*: *I·Eldanyárë*, "A História dos Elfos". No entanto, essa nova versão não foi muito longe — na verdade, não foi além do final do capítulo aqui numerado 3 (c). Para compreender o estado de "O Silmarillion" durante os anos em que *O Senhor dos Anéis* estava sendo escrito, é necessário tentar determinar quando ela foi composta. De qualquer modo, fica claro de imediato que essa versão precedeu em muito a principal revisão de *O Senhor dos Anéis* — o texto datilografado, até o ponto em que se encontrava,

foi de fato usado para aquela revisão, e ficou reduzido a frangalhos no decorrer dela.

Na carta de meu pai a Stanley Unwin de 16 de dezembro de 1937 — o dia em que lhe foram devolvidos o manuscrito do QS e outras obras que ele havia enviado — ele ainda estava apenas "prometendo dar atenção" à questão de "uma continuação ou sucessor para *O Hobbit*" (*Cartas*, n. 19); mas apenas três dias depois, em 19 de dezembro, ele informou que havia escrito "o primeiro capítulo de uma nova história sobre Hobbits — 'Uma festa muito esperada'" (*Cartas*, n. 20). Logo, é certo que ele começou a trabalhar na "nova história" na mesma época em que o manuscrito do QS lhe foi devolvido; e tenho certeza de quando isso aconteceu ele abandonou (definitivamente, como veio a ocorrer) a nova narrativa do "Silmarillion" no ponto em chegara (pois ele a continuara em uma forma mais rascunhada enquanto estava sem o manuscrito, ver pp. 350–51). Mas também está claro que ele ainda não havia abandonado completamente a obra. Isso é evidenciado por algumas anotações num pedaço de papel ao qual meu pai felizmente e de maneira não característica acrescentou uma data:

> 20 de nov. 1937
> *Atentar* quando o material retornar
> *Avari* devem ser não eldarin = os antigos *Lembi*
> *Lembi* devem ser Teleri ilkorin
> *Danianos Pereldar*
> *Ilkorin* : *Alkorin* [riscado]
> *hyarmen* em vez de *harmen* sul

O fato de que as três primeiras dessas alterações estão entre as primeiras revisões feitas no manuscrito do QS (para o significado delas, ver pp. 259–60[a]) demonstra que ele trabalhou no texto com certo detalhamento "quando o material retornou", isto é, depois de ter começado *O Senhor dos Anéis*. Naturalmente isso não demonstra com mais precisão quando esse trabalho foi feito ou quando o texto datilografado "*Eldanyárë*" foi composto, mas aqui uma segunda anotação com uma data anexada fornece evidências:

3 de fev. 1938

Tintallë Inflamadora pode permanecer — mas *tinwë* em q[uenya] somente = centelha (*tinta-* inflamar, acender)

Portanto, *Tinwerína* > *Elerína*

Tinwerontar > *Elentári* (ou *Tar-Ellion*)

As alterações de *Tinwerína* para *Elerína* e *Tinwerontar* para *Elentári* não foram feitas no manuscrito do QS e não aparecem no texto datilografado (apenas foram inseridas subsequentemente neste último). Esse demonstra que o texto datilografado foi composto antes de 3 de fevereiro de 1938 — ou para ser mais exato, que o texto chegara pelo menos ao ponto em que o nome *Tinwerontar* ocorre (capítulo 3 (a), §19).

Concluo, portanto, que foi precisamente nesse período crucial (dezembro de 1937 – janeiro de 1938) que meu pai — de modo inteiramente característico — voltou ao início do *Quenta Silmarillion*, revisando os capítulos iniciais e começando um novo texto datilografado ("*Eldanyárë*"). Isso não continuou por muito tempo; e desde aquela época a narrativa do "Silmarillion" permaneceu inalterada por cerca de trinta anos.

Essa conclusão determina o modo no qual o texto da primeira parte do *Quenta Silmarillion* é apresentado neste livro. A fim de tornar o contraste entre "O Silmarillion" do período inicial e "O Silmarillion" após a grande revisão pós-*Senhor dos Anéis* o mais nítido nesta história como era de fato, apresento o texto dos primeiros cinco capítulos (1 a 3 (c)) como se encontrava *após* a primeira revisão — que é a forma do texto datilografado como composto originalmente;[b] mas desenvolvimentos importantes da forma original são apresentados nos comentários que se seguem a cada capítulo. Boa parte dessa primeira reescrita na verdade foi mais uma questão de aprimoramento de expressão do que de substância narrativa.

Embora existam dois textos para a primeira parte da obra, uso a abreviação única QS, distinguindo o manuscrito do texto datilografado quando necessário.

Esta é a folha de rosto do manuscrito do QS:

O
Quenta Silmarillion
Aqui contido
é o *Qenta Noldorinwa ou Pennas inGeleidh*
ou
História dos Gnomos

> Esta é uma história resumida baseada em muitos contos mais antigos; pois todos os assuntos que ela contém foram outrora, e ainda são entre os Eldar do Oeste, recontados de maneira mais detalhada em outras histórias e canções. Mas muitas dessas obras não foram lembradas por Eriol, ou os homens tornaram a perdê-las desde os dias dele. Este Relato foi composto primeiro por Pengolod de Gondolin, e Ælfwine o passou para a nossa fala como esta era em sua época, nada acrescentando, disse ele, salvo explicações acerca de alguns nomes.

Nesse título, *inGeleidh* é uma emenda feita com cuidado sobre uma palavra apagada: a forma apagada provavelmente era *na-Ngoelaidh* como no Q (IV. 95). A palavra *Silmarillion* foi um acréscimo; a princípio havia apenas *O Quenta*, como no Q.

No preâmbulo do Q, apena Eriol é nomeado, e não há menção de Pengolod; mas no preâmbulo do AV 1 (IV. 310) é dito que os dos conjuntos de *Anais*

> foram escritos por Pengolod, o Sábio de Gondolin, antes da queda desta, e posteriormente no Porto do Sirion, e em Tavrobel em Toleressëa após o seu retorno para o Oeste, e lá vistos e traduzidos por Eriol de Leithien, que é Ælfwine dos Angelcynn.

O preâmbulo do manuscrito do QS é terminantemente diferente em sua representação da história literária daquela do Q; pois no Q o resumo que aquela obra é declarada ser foi *extraído do Livro dos Contos Perdidos que Eriol escreveu* depois de ler o Livro Dourado em Kortirion, enquanto no QS ele foi *escrito por Pengolod e traduzido por Eriol* (como os *Anais*) — a obra é concebida por

Pengolod como um epítome em pequena escala sobre um pano de fundo de "histórias e canções" nas quais os assuntos eram recontados em maiores detalhes (mas muitas delas foram perdidas).

Associadas ao texto datilografado do QS há nada menos do que cinco folhas de título e preâmbulo. A primeira dessas está manuscrita e diz o seguinte:

O Silmarillion

A história das Três Joias, as
Silmarils de Fëanor, na qual é contada
em resumo a história Elfos desde
sua chegada até a Mudança do
Mundo

1. *Qenta Silmarillion*, ou *Pennas Hilevril*
   Ao qual está anexado
   As casas dos príncipes dos Homens e dos Elfos
      O conto dos anos
      O conto das batalhas
2. *Os Anais de Valinor* *Nyarna Valinóren*
3. *Os Anais de Beleriand* *Nyarna Valarianden*
4. O *Lhammas* ou Relato de Línguas

Essa página manuscrita foi então copiada à máquina, com estas diferenças: acima de *O Silmarillion* no topo há *Eldanyárë*, e o *Lhammas* não está incluído. Tanto no manuscrito como no texto datilografado *Nyarna Valinóren* foi alterado para *Yénië Valinóren ou Inias Valannor*; e *Nyarna Valarianden* para *Inias Veleriand*. (Nas versões em inglês antigo dos *Anais de Valinor*, o nome élfico é *Valinórelúmien*, IV. 334, 341). Subsequentemente, apenas no texto datilografado, *Pennas Hilevril* > *Pennas Silevril*; *Inias Valannor* > *Inias Balannor*; *Inias Veleriand* > *Inias Beleriand*.

O item seguinte é uma página elaborada e elegante em tinta vermelha, azul e preta, cujo conteúdo é praticamente o mesmo da

página datilografada recém-descrita; mas aqui o nome *I•Eldanyárë*, traduzido como "A História dos Elfos", é explicitamente uma alternativa: "*I•Eldanyárë ou Silmarillion*". Os nomes élficos dos *Anais são as formas emendadas das duas* páginas anteriores: *Yénië Valinóren ou Inias Valannor*, e *Inias Veleriand*, com as mesmas alterações posteriores de *Hilevril*, *Valannor* e *Veleriand* para *Silevril*, *Balannor* e *Beleriand* encontradas no texto datilografado. Em todas as três folhas de rosto *Silmarillion* é um título inclusivo que abrange dentro de si não só o *Quenta Silmarillion* como também os dois conjuntos de *Anais*; cf. p. 131. O nome *Qenta Noldorinwa não é usado.*

Após essas folhas de rosto há um preâmbulo composto de uma nota de Ælfwine e uma nota do Tradutor. Cinco versos em inglês antigo de autoria de Ælfwine são os mesmos versos que Alboin Errol "sonhou" e traduziu para seu pai, em *A Estrada Perdida* (p. 57); eles tornariam a aparecer mais uma vez associados ao poema *A Canção de Ælfwine* (p. 127). Esse preâmbulo encontra-se tanto no manuscrito como no texto datilografado. A forma manuscrita diz o seguinte:

Silmarillion

Nota de Ælfwine

> Essas histórias foram escritas por Pengolod, o Sábio de Gondolin, tanto naquela cidade antes de sua queda como posteriormente em Tathrobel na Ilha Solitária, Toleressëa, após o retorno para o Oeste. Na composição delas ele usou muito dos escritos de Rúmil, o Sábio-élfico de Valinor, mormente nos anais de Valinor e no relato de línguas, e ele usou também os relatos que estão preservados no Livro Dourado. A obra de Pengolod muito aprendi de cor, e a passei para a minha língua, parte dela durante minha estada no Oeste, mas a maior parte após meu retorno para a Bretanha.
>
> þus cwæþ Ælfwine Wídlást:

Fela bið on Westwegum werum uncúðra,
wundra ond wihta, wlitescyne lond,
eardgeard ylfa ond ésa bliss.
Lýt ænig wát hwylc his longað síe
þám þe eftsíðes yldu getwǽfeð.

Nota do tradutor

As histórias são aqui apresentadas em inglês corrente, traduzidas da versão de Eriol de Leithien, como os Gnomos o chamavam, que era Ælfwine dos Angelcynn. Outros assuntos que Ælfwine coletou diretamente do Livro Dourado, junto com o seu relato de sua viagem, e sua estada em Toleressëa, são apresentados alhures.

Eriol foi alterado para *Ereol* (cf. IV. 188, 332); e há uma anotação a lápis junto à *Nota do tradutor*:

Há exemplares existentes (não presentes aqui)
a. da forma e escrita eressëanas originais
b. dos anais como escritos por Ælfwine em inglês antigo

A *Nota de Ælfwine* aqui é um desenvolvimento do preâmbulo do AV 1 (citado acima, p. 238); cf. também a segunda versão daquele preâmbulo e minhas observações sobre a parte de Rúmil nos *Anais* (p. 149). Agora não há menção de Pengolod ter continuado sua obra no Porto do Sirion após a queda de Gondolin. A forma *Tathrobel* no lugar de *Tavrobel* ocorre nas versões em inglês antigo do AV 1 (IV. 332, 340). Quanto ao Livro Dourado, ver IV. 95, 322.

A versão datilografada do preâmbulo possui algumas diferenças. A página possui *Eldanyárë* como cabeçalho, não *Silmarillion*, e a *Nota de Ælfwine* foi alterada: a passagem que começa com “após o retorno para o Oeste” aqui diz o seguinte:

após os Elfos terem retornado para o Oeste. Na composição delas ele usou muito dos escritos de Rúmil, o Sábio-élfico de Valinor, acerca de outros assuntos que não as guerras de Beleriand; e ele

usou também os relatos que foram preservados pelos Elfos de Eressëa no Livro Dourado. A obra de Pengolod aprendi de cor…

Na *Nota do tradutor* a grafia é *Ereol* e as palavras *que é agora a Inglaterra* foram acrescentadas após *Angolcynn* (assim grafada).

Apresento agora o texto do *Quenta Silmarillion* como creio se encontrava quando foi deixado de lado por um longo tempo. Tal como com *A Queda de Númenor*, numerei os parágrafos, e os números seguem de forma contínua ao longo do texto; a paragrafação do original é em grande parte mantida. Um comentário, relacionado aos parágrafos, segue-se a cada capítulo.

QUENTA SILMARILLION[c]

Aqui começa o Silmarillion ou história das Silmarils.

1. DOS VALAR

§1 No princípio o Pai-de-Tudo, que na língua élfica tem o nome de Ilúvatar, fez os Ainur de seu pensamento; e eles fizeram música diante dele. Dessa música o Mundo foi feito; pois Ilúvatar deu a ela o ser, e a pôs em meio ao Vazio; e ele pôs o fogo secreto para arder no coração do Mundo; e ele mostrou o Mundo aos Ainur. E muitos dos mais poderosos entre eles ficaram enamorados de sua beleza, e desejaram entrar nele; e eles puseram a vestimenta do Mundo, e desceram a ele, e estão nele.

§2 A esses espíritos os Elfos dão o nome de Valar, que significa Poderes, e os Homens amiúde os chamaram de Deuses. Muitos espíritos menores de sua própria gente trouxeram eles em seu séquito, tanto grandes como pequenos; e alguns desses os Homens confundiram com os Elfos, mas em erro, pois eles foram feitos antes do Mundo, enquanto os Elfos e

os Homens despertaram primeiro no Mundo, após a vinda dos Valar. Contudo, na feitura dos Elfos e dos Homens, e na entrega a cada de suas dádivas especiais, nenhum dos Valar tomou parte. Apenas Ilúvatar era o autor deles; donde eles são chamados os Filhos de Ilúvatar.

§3 Os principais dentre os Valar eram nove. Estes eram os nomes dos Nove Deuses na língua élfica como era falada em Valinor; embora eles tenham outros ou alterados nomes na fala dos Gnomos, e seus nomes entre os Homens sejam multíplices. Manwë e Melko, Ulmo, Aulë, Mandos, Lórien, Tulkas, Ossë e Oromë.

§4 Manwë e Melko eram irmãos no pensamento de Ilúvatar e os mais poderosos daqueles Ainur que entraram no Mundo. Mas Manwë é o senhor dos Deuses, e príncipe dos ares e ventos, e governante do céu. Com ele habita como esposa Varda, a feitora das estrelas, senhora das alturas, cujo nome é sacro. Fionwë e Ilmarë[d] são seu filho e sua filha. Sucedendo-o em poder e o mais próximo em amizade de Manwë é Ulmo, senhor das águas, que habita sozinho nos Mares de Fora, mas tem o governo de todas as águas, mares e rios, fontes e nascentes, por toda a terra. Seu vassalo, embora amiúde tenha se rebelado, é Ossë, o mestre dos mares em torno das terras dos Homens; e sua esposa é Uinen, a senhora do mar. Seu cabelo jaz espalhado por todas as águas sob os céus.

§5 Aulë tem poder pouco menor que o de Ulmo. Ele é o senhor da terra. Ele é um ferreiro e um mestre de ofícios; e sua esposa é Yavanna, a provedora dos frutos e amante de todas as coisas que crescem. Em majestade ela sucede a Varda entre as rainhas dos Valar. Ela é bela e alta; e amiúde os Elfos a chamam Palúrien, a Senhora da Vasta Terra.

§6 Os Fanturi eram irmãos, e são chamados Mandos e Lórien. Nefantur o mais velho também era chamado, o mestre das casas dos mortos e o coletor dos espíritos dos que foram assassinados. Não esquece nada e conhece todas as coisas que hão de ser, salvo apenas o que Ilúvatar ocultou, mas ele fala somente ao comando de Manwë. Ele é o sentenciador dos Valar. Vairë, a tecelã, é sua esposa, ela que tece todas as coisas que já existiram no tempo em suas tapeçarias de histórias, e os salões de Mandos, que sempre se alargam conforme as eras passam, estão revestidos delas. Olofantur o mais novo desses irmãos era também chamado, o fazedor de visões e sonhos. Seus jardins na terra dos Deuses são os mais belos de todos os lugares do mundo, e são repletos de muitos espíritos. Estë, a pálida, é sua esposa, que não caminha de dia, mas dorme em uma ilha no lago sombrio de Lórien. De lá suas fontes lavam refrigério ao povo de Valinor.

§7 O mais forte de membros, e o maior em feitos de bravura, é Tulkas, que é cognominado Poldórëa, o Valente. Ele fica desnudado em seu desporto, que é mormente a luta corpo a corpo; e não cavalga montaria alguma, pois consegue correr mais do que todas as coisas que têm pés, e é incansável. Seu cabelo e barba são dourados, e suas carnes, coradas; suas armas são suas mãos. Importa-se pouco com o passado ou o futuro, e não é de pouca valia como conselheiro, mas é um amigo firme. Ele tem grande amor por Fionwë, filho de Manwë. Sua esposa é Nessa, irmã de Oromë, que é ágil de membros e ligeira de pés, e dança em Valinor sobre gramados de um verde que nunca se esvai.

§8 Oromë era um senhor poderoso, e pouco abaixo de Tulkas em força, embora mais lento para a ira. Ele amava as regiões da terra, enquanto ainda eram sombrias, e deixou-as de mau grado e veio por último a Valinor; e ainda vai por vezes para

o leste através das montanhas. Outrora era visto amiúde sobre os montes e nas planícies. Ele é um caçador, e ama todas as árvores; razão pela qual é chamado de Aldaron e, pelos Gnomos, de Tauros, o senhor das florestas. Cavalos e mastins são seu deleite, e suas trompas são altas nos estuários e bosques que Yavanna plantou em Valinor; mas não as sopra na Terra-média desde o desvanecer dos Elfos, a quem amava. Vana é sua esposa, a rainha das flores, que possui a beleza do céu e da terra em seu rosto e em todas suas obras; ela é a irmã mais nova de Varda e Palúrien.

§9 Mas mais poderosa do que ela é Nienna, irmã de Manwë Melko. Ela habita sozinha. A piedade está em seu coração, e a lamentação e o pranto lhe chegam; a sombra é seu reino e seu trono, oculto. Pois seus salões estão a oeste do Oeste, perto das fronteiras do Mundo e da Escuridão, e ela raramente vem a Valmar, a cidade dos Deuses, onde tudo é alegre. Vai antes aos salões de Mandos, que são mais perto e, no entanto, mais ao norte; e todos aqueles que vão para Mandos gritam a ela. Pois ela é cura feridas, e faz da dor remédio e da tristeza sabedoria. As janelas de sua casa dão para fora das Muralhas do Mundo.

§10 Por último todos nomeiam Melko. Mas os Gnomos, que mais sofreram pelos seus malefícios, não falam o seu nome, e o chamam de Morgoth, o Deus Sombrio, e Bauglir, o Opressor. Grande poder lhe foi dado por Ilúvatar, e ele era coevo de Manwë, e parte ele tinha de todos os poderes dos outros Valar; mas os voltava para usos malignos. Ele cobiçava o mundo e tudo o que havia nele, e desejava o senhorio de Manwë e os reinos de todos os Deuses; e orgulho e inveja e avidez cresciam sempre em seu coração, até que se tornou diferente de seus irmãos. A ira o consumia, e gerava violência e destruição e excessos. No gelo e no fogo

estava o seu deleite. Mas a escuridão ele mais usou em todas suas obras malignas, e a tornou temerosa e um nome de pavor entre Elfos e Homens.

Comentário ao Capítulo 1

§1 Não há nada no Q acerca da Música dos Ainur; mas a nova versão daquela obra agora existia (ver nota 20 do *Ainulindalë*).

§4 Embora inserida posteriormente no texto datilografado, a nota marginal claramente está de acordo com a composição original do manuscrito ou com as alterações mais antigas. No *Lhammas* (§1), *quendiano* é o termo para todos os idiomas élficos, que tiveram origem em Oromë, como um grupo. No *Ambarkanta* (e nos diagramas associados a ele) o "ar médio" era *Ilma*, substituído do início ao fim por *Ilmen* (a forma nos escritos númenóreanos mais antigos, pp. 16–7, 20); nas *Etimologias* tanto *Ilma* como *Ilmen* aparecem, no verbete do radical GIL: "*Ilma* luz das estrelas (cf. *Ilmare*)", "*Ilmen* região acima do ar onde se encontram as estrelas".

Os filhos de Manwë e Varda não são mencionados aqui no Q: ver nota 20 do *Ainulindalë*.

§5 *Senhora da Vasta Terra* foi uma alteração feita com cuidado sobre um trecho apagado, que originalmente se lia *Seio da Terra*, como no Q.

§6 *Nurufantur* foi outra alteração inicial como aquela em §5; aqui a forma apagada era *Nefantur*, como no Q. Essa é a primeira aparição desses elementos no personagem de Mandos: o seu conhecimento do passado e do futuro, e o fato de falar somente quando ordenado por Manwë (cf. I. 115, 140). Aqui também há as primeiras caracterizações de Vairë e de Estë, que nos AV são apenas nomes.

§7 Essa descrição de Tulkas, que aparece agora pela primeira vez, foi em grande parte mantida na forma definitiva desse capítulo, o *Valaquenta*, que como o *Ainulindalë* tornou-se um elemento separado e distinto na obra como um todo (ver *O Silmarillion*, pp. 55–6); mas seu grande amor por Fionwë não é mencionado

lá. — O fraseado original no manuscrito era *Ele tinha grande amor por Fionwë*; ver as observações sobre tempos verbais no final deste comentário.

§9 Nos AV, Nienna havia se tornado a irmã de Manwë e Melko, como ainda é aqui; no *Valaquenta* (p. 55) ela é "irmã dos Fëanturi".

A passagem que começa com "Pois seus salões estão a oeste do Oeste" até o fim do parágrafo, que não está presente no Q, foi mantida no *Valaquenta*. Nos *Contos Perdidos*, o salão de Vefántur e Fui Nienna ficava "sob as raízes das mais frias e setentrionais Montanhas de Valinor" (I. 98). Não compreendo com exatidão a afirmação de que as janelas da casa de Nienna "dão para fora das Muralhas do Mundo"; pois se a casa dela fica no extremo Oeste de Valinor, suas janelas sem dúvida devem dar para o Abismo de Ilmen e através de Vaiya *até* as Muralhas do Mundo (ver o diagrama e o mapa IV do *Ambarkanta*, 287, 293, e cf. QS §12). Porém, uma interpretação, admito que um tanto forçada, poderia ser de que das janelas da casa dela a vista passa desimpedida por Ilmen e Vaiya, e as invisíveis Muralhas do Mundo, e nesse sentido "dão para fora das Muralhas".

§10 No Q Bauglir é traduzido como "Terrível". No *Silmarillion* publicado, o nome não é interpretado no texto; no Índice Remissivo o traduzi como "Opressor", tal como aqui. Nas *Etimologias*, radical MBAW, é traduzido como "tirano, opressor".

Presente e Pretérito no Capítulo 1

No Q o pretérito é usado no decorrer do relato dos Valar, mas com exceções nos casos de Ossë, Uinen e Nienna. Esses tempos presentes provavelmente não teriam ocorrido se meu pai não estivesse impondo o pretérito sobre conceitos que na verdade não eram tão definidos. Na seção de abertura do AV 1 há uma mistura de presente e pretérito que foi levemente aumentada na do AV 2. No QS é usado o presente, com pouquíssimas exceções, e dessas "Manwë e Melko *eram* irmãos" e "Os Fanturi *eram* irmãos" provavelmente foram escritas de modo proposital (isto é, eles eram irmãos "no

pensamento de Ilúvatar"). Tulkas "*tinha* grande amor por Fionwë" foi corrigida de início (§7); e apenas "Oromë *era* um senhor poderoso" permanece — uma repetição da oração no Q. — Em §2, o manuscrito possui "os Elfos *davam* o nome de Valar"; o texto datilografado possui *dão*.

2. DE VALINOR E AS DUAS ÁRVORES

§11 No princípio da soberania dos Valar, eles viram que o Mundo era escuro, e que a luz foi espalhada pelos ares e terras e mares. Fizeram, portanto, duas poderosas lamparinas para iluminar o Mundo, e as puseram sobre pilares elevados no Sul e no Norte da Terra-média. Mas a maioria dos Valar habitou numa ilha nos mares enquanto labutavam em suas primeiras tarefas no ordenamento do Mundo. E Morgoth os desafiou, e fez guerra. Ele derrubou as lamparinas, e na confusão de escuridão agitou os mares contra a ilha deles.

§12 Então os Deuses se retiraram para o Oeste, onde desde então seus assentos têm estado; mas Morgoth escapou da ira deles, e no Norte ele construiu para si próprio uma fortaleza, e escavou grandes cavernas sob a terra.[e] Naquele tempo os Valar não podiam sobrepujá-lo ou capturá-lo. Portanto, eles fizeram seu lar no extremo Oeste, e o fortificaram, e construíram muitas mansões naquela terra nas fronteiras do Mundo que é chamada Valinor. Ela faz divisa no lado de cá com o Grande Mar, e no lado de lá com o Mar de Fora, que os Elfos chamam de Vaiya; e além dele as Muralhas do Mundo a separam do Vazio e da Escuridão Antiga. A leste das costas do mar de dentro os Valar ergueram as montanhas de Valinor, que são as mais altas sobre a terra.

§13 Naquela terra eles reuniram toda luz e todas as coisas belas, e lá ficam suas casas, seus jardins e suas torres. Em meio à planície além das montanhas ficava a cidade dos Deuses,

Valmar, a bela, de muitos sinos. Mas Manwë e Varda tinham salões sobre a mais elevada das montanhas de Valinor, de onde podiam ver a terra, mesmo até o Leste longínquo. Taniquetil é o nome dado pelos Elfos àquela montanha sacra; e Oiolossë, Brancura Sempiterna, Elerína, Coroada de Estrelas; e muitos nomes outros. E os Gnomos falavam dela em sua língua tardia como Amon Uilos; e no idioma desta ilha de outrora Tindbrenting era o seu nome, entre aqueles poucos que já a avistaram ao longe.

§14 Em Valinor, Yavanna consagrou o teso com magna canção, e Nienna o aguou com lágrimas. Naquela hora, os Deuses estavam reunidos, e se sentaram em silêncio em seus tronos de conselho no Círculo do Julgamento perto dos portões dourados de Valmar, a Abençoada; e Yavanna Palúrien cantou diante deles, e eles observaram.

§15 De terra ergueram-se duas mudas esguias; e havia silêncio sobre todo o mundo naquela hora, nem havia qualquer outro som, salvo pelo lento cântico de Palúrien. Sob sua canção, duas belas árvores ergueram-se e cresceram. De todas as coisas que os Deuses fizeram elas tinham maior renome, e à volta da sina delas todas as histórias dos Eldar estão tecidas. Uma tinha folhas de um verde-escuro, que debaixo era como prata brilhante; e ela portava flores brancas como a cerejeira, de onde um orvalho de luz prateada estava sempre caindo, de maneira que a terra sob a árvore estava salpicada com as escuras sombras dançantes de suas folhas e a bruxuleante radiância branca de suas flores. A outra portava folhas de um verde jovem, como a da faia cuja folhagem acabara de se abrir; suas bordas eram de um dourado cintilante. Flores amarelas pendiam de seus galhos como os botões suspensos daquelas árvores que os Homens agora chamam de Chuva-d'ouro; e daquelas flores provinham calor e uma grande luz.

§16 Silpion a primeira era chamada em Valinor, e Telperion e Ninquelótë e muitos outros nomes, em canção; mas os Gnomos a chamam de Galathilion. Laurelin a outra era chamada, e Kulúrien e Malinalda, e muitos outros nomes; mas os Gnomos a chamam de Galadlóriel.[f]

§17 Durante sete horas a glória de cada árvore crescia ao máximo e decrescia de novo a nada; e cada uma despertava de novo para a vida uma hora antes que a outra cessasse de brilhar. Assim, em Valinor, duas vezes a cada dia vinha uma hora gentil de luz mais suave, quando ambas as Árvores tinham luz tênue, e seus raios dourados e prateados se mesclavam. Silpion era a mais velha das Árvores e chegou primeiro à estatura máxima e a florescer; e aquela primeira hora em que ela brilhou sozinha, o branco faiscar de uma aurora prateada, os Deuses não incluíram no conto das horas, mas a chamaram de Hora Inicial, e contaram, a partir dela, as eras de seu reinado em Valinor. Portanto, na hora sexta do Primeiro Dia, e de todos os dias jubilosos desde então, até o Obscurecer, Silpion concluiu seu tempo de florescer; e, na décima segunda hora, Laurelin, o seu desabrochar. E cada dia dos Deuses em Valinor continha, portanto, doze horas e terminava com o segundo mesclar das luzes, no qual Laurelin estava decrescente, mas Silpion estava crescente.

Comentário ao Capítulo 2

§12 A nota marginal, com Utumno (e não Angband) como o nome da fortaleza original de Melko como no *Ambarkanta* e no AV 2, é um acréscimo inicial, visto que em §§62, 105 *Utumno* é uma alteração inicial a partir de *Utumna*, enquanto esse não é o caso na nota.

§13 O manuscrito possui “era o nome dado… àquela montanha sacra”, mas o texto datilografado, “é o nome dado”; cf. a nota

acerca dos tempos verbais no comentário ao Capítulo 1. Em §16, os dois textos possuem "os Gnomos a chamam".

Eleŕina é uma alteração feita no texto datilografado, que possuía *Tinweŕina*, mas pertence ao período inicial (1938): ver p. 237. Os nomes *Oiolossë*, *Tinweŕina* e *Amon Uilos* são substituições inseridas sobre palavras apagadas, sendo que os nomes apagados eram aqueles encontrados no Q (IV. 99), *Ialassë* (ou talvez antes *Iolossë*, ver as *Etimologias*, radical EY), *Tinwenairin* e *Amon-Uilas*.

§16 *Nomes das Árvores.* Essa é a primeira ocorrência nos textos de *Telperion*, assim como de *Ninquelótë*, *Kulúrien* e *Malinalda*. Os nomes *Galathilion* e *Galadlóriel* são substituições inseridas sobre nomes apagados — isto é, de *Bansil* e *Glingol*, como no Q, ou de *Belthil* e *Glingal*, como na nota de rodapé.

A nota de rodapé foi quase certamente acrescentada na mesma época que essas alterações. Nessa nota, *Silmerossë* é chamada de a forma "élfica", como que distinta da gnômica *Silivros*; posteriormente no QS (§25), a frase "Os Lindar… que por vezes são os únicos chamados de Elfos" foi preservada do Q (IV. 102), embora tenha sido riscada e não apareça no texto datilografado; por outro lado, na presente nota essa antiga distinção entre "élfico" e "gnômico" foi mantida no texto datilografado.

Nimloth, que agora aparece pela primeira vez, posteriormente se tornou o nome da Árvore Branca de Númenor, uma muda da Árvore Branca de Tol-eressëa. *Celeborn*, também aparecendo agora pela primeira vez, foi posteriormente a Árvore de Tol-eressëa, derivada da Árvore de Tirion. Com *Lhasgalen* "verde de folha" cf. *Eryn Lasgalen* "Floresta das Verdefolhas", nome de Trevamata após a Guerra do Anel (*O Senhor dos Anéis*, Apêndice B, III. 1556).

Belthil e *Glingal* aparecem como emendas tardias de *Bansil* e *Glingol* em ambas as "Baladas de Beleriand" (III. 99–100, 233), onde são os nomes das Árvores de Valinor. A associação específica desses nomes (em suas formas mais antigas) com as Árvores de Gondolin remonta ao antigo conto de *A Queda de*

Gondolin, onde, no entanto, essas Árvores não eram imagens, mas sim mudas das Árvores de Valinor; mas no Q (e no QS antes das alterações de *Galathilion* e *Galadlóriel*) eram os nomes gnômicos de Silpion e Laurelin. A presente nota é a primeira indicação de que as Árvores de Gondolin eram *imagens* feitas por Turgon.

§17 No final do capítulo no manuscrito há uma forma simplificada da tabela dos períodos das Árvores apresentada no Q (IV. 101).

3. (a)DA VINDA DOS ELFOS

[No manuscrito do QS, o terceiro capítulo (“Da Vinda dos Elfos”) estende-se pelos Capítulos 3, 4 (“De Thingol e Melian”) e 5 (“De Eldamar e dos Príncipes dos Eldalië”) da obra publicada, embora haja um subtítulo “Thingol”. No texto datilografado há dois intervalos enfáticos e subtítulos, “De Thingol” e “De Kôr e Alqualondë” (que se tornou “De Eldamar e dos Príncipes dos Eldalië”), mas eles não possuem números de capítulos; e após “De Kôr e Alqualondë” o texto datilografado termina. É conveniente tratar a três partes aqui como capítulos separados, numerando-as 3 (a), 3 (b) e 3 (c).]

§18 Durante todo esse tempo, desde que Morgoth derrubara as lamparinas, a Terra-média a leste das Montanhas de Valinor permanecia sem luz. Enquanto as lamparinas estavam brilhando, começara lá um crescimento que então tinha se detido, porque tudo estava de novo escuro. Mas as coisas vivas mais antigas já tinham surgido: no mar as grandes algas, e na terra a sombra de árvores escuras. E sob as árvores pequenos seres tímidos e silenciosos andavam, e nos vales dos montes trajados de noite havia criaturas escuras, antigas e fortes. Em tais terras e florestas Oromë amiúde caçava; e para lá também por vezes ia Yavanna, cantando pesarosa; pois se afligia com a escuridão da Terra-média e se descontentava por ela ter sido abandonada. Mas os outros Valar pouco iam para lá; e no Norte Morgoth se fortaleceu, e

congregou seus demônios à sua volta. Essas foram as primeiras de suas criaturas a serem feitas: seus corações eram de fogo, e tinham açoites de chama. Os Gnomos em dias que vieram depois os chamaram de Balrogs. Mas naquele tempo Morgoth fez muitos monstros de tipos e formas várias que por muito atormentaram o mundo; contudo, os Orques só foram feitos depois de ele ter contemplado os Elfos, e ele os fez em zombaria dos Filhos de Ilúvatar. Seu reino se espalhava então cada vez mais para o sul pela Terra-média.

§19 Varda olhou para a escuridão, e se comoveu. Portanto, ela tomou os orvalhos prateados que pingavam de Silpion e eram acumulados em Valinor, e com eles fez as estrelas. E por essa razão ela é chamada de Tintallë, a Inflamadora-das-estrelas, e Elentári, Rainha das Estrelas. Ela salpicou os céus às escuras com esses vasos brilhantes, cheios de chama prateada; mas alto no Norte, como um desafio a Morgoth, ela dispôs a coroa de sete estrelas magnas a girar, o emblema dos Deuses, e o sinal da sina. Por muitos nomes elas foram chamadas; mas, nos dias de antanho do Norte, tanto Elfos como Homens as chamavam de Urze Ardente, e alguns de Foice dos Deuses.

§20 Conta-se que, com a abertura das primeiras estrelas, os filhos da terra despertaram, os Filhos Mais Velhos de Ilúvatar. A si próprios chamavam de Quendi, a quem chamamos de Elfos; mas Oromë os chamou de Eldar, Povo-das-estrelas, e esse nome desde então foi usado por todos aqueles que o seguiram na estrada para o oeste. No princípio, eles eram maiores e mais fortes do que se tornaram desde então; mas não mais belos, pois, embora a beleza dos Eldar nos dias de sua juventude estivesse além de toda outra beleza à qual Ilúvatar deu ser, ela não pereceu, mas vive no Oeste, e

pesar e sabedoria a enriqueceram. E Oromë, contemplando os Elfos, encheu-se de amor e assombro; pois a vinda deles não estava na Música dos Ainur, e ficou oculta no pensamento secreto de Ilúvatar. Mas Oromë os encontrou por acaso ao vagar, enquanto eles habitavam ainda em silêncio às margens da lagoa iluminada pelas estrelas, Kuiviénen, Água do Despertar, no Leste da Terra-média. Por um tempo habitou entre eles, e ensinou-lhes o idioma dos Deuses, a partir do qual mais tarde eles fizeram a bela fala élfica, que era agradável nos ouvidos dos Valar. Então, velozmente Oromë cavalgou de volta através de terra e mar para Valinor, tomado pelo pensamento da beleza dos Elfos, e trouxe as novas a Valmar. E os Deuses ficaram assombrados, todos, exceto Manwë, a quem o pensamento secreto de Ilúvatar fora revelado em todas as matérias que dizem respeito a este mundo. Manwë se sentou longamente em pensamento, e por fim falou aos Valar, revelando-lhes a mente do Pai; e ordenou que retornassem então ao seu dever, que era o de governar o mundo para os Filhos de Ilúvatar, quando viessem a aparecer, cada gente em sua hora designada.

§21 Assim veio a se dar que, após longamente deliberarem, os Deuses resolveram atacar a fortaleza de Morgoth no Norte.[g] Morgoth não se esqueceu que os Elfos foram a causa de sua queda. Contudo, eles não tomaram parte nela; e pouco sabem do avanço do poder do Oeste contra o Norte no princípio de seus dias, e da guerra e do tumulto da primeira Batalha dos Deuses. Naqueles dias, a forma da Terra-média foi alterada, e partida, e os mares foram movidos. Foi Tulkas quem por fim lutou com Morgoth e o sobrepujou, e o prendeu com a corrente Angainor, e o levou como cativo; e o mundo teve paz por uma longa era. Mas a fortaleza de Morgoth possuía muitas câmaras e cavernas escondidas com ardis no mais

fundo da terra, e essas os Deuses não destruíram de todo, e muitas coisas malévolas ainda tinham ficado lá; e outras se dispersaram e fugiram para o escuro e vagaram pelos lugares ermos do mundo.

§22 Os Deuses arrastaram Morgoth de volta a Valinor de mãos e pés atados e vendado, e ele foi lançado na prisão nos grandes salões de Mandos, de onde ninguém já escapou, exceto pela vontade de Mandos e Manwë, nem Vala, nem Elfo, nem Homem. Vastos são aqueles salões e fortes, e construídos no Norte da terra de Valinor.

§23 Então os Quendi, o povo dos Elfos, foram convocados pelos Deuses a Valinor, pois os Valar estavam cheios de amor pela beleza deles, e temiam por eles no mundo perigoso em meio aos enganos da penumbra estrelada; mas os Deuses ainda mantinham a luz viva em Valinor. Nisso muitos viram a causa de tristezas que depois se deram, julgando que os Valar erraram, e se desviaram do propósito de Ilúvatar, ainda que com boas intenções. No entanto, tal era o destino do Mundo, que no fim não pode ser contrário ao desígnio de Ilúvatar. Ainda assim, os Elfos estavam, a princípio, avessos a dar ouvidos à convocação; donde Oromë foi enviado a eles, e escolheu de seu meio três embaixadores, e os levou a Valmar. Esses eram Ingwë e Finwë e Elwë, que depois foram reis das Três Gentes dos Eldar; e, chegando, ficaram cheios de assombro com a glória e majestade dos Valar, e desejaram a luz e o esplendor de Valinor. Então eles retornaram e aconselharam os Elfos a partir para o Oeste, e a maior parte do povo obedeceu o conselho. Isso eles fizeram de sua própria livre vontade, e, ainda assim, foram influenciados pelo poder dos Deuses, antes de sua sabedoria ter amadurecido. Os Elfos que obedeceram a convocação e seguiram os três príncipes são chamados Eldar, pelo nome

que Oromë lhes deu; pois ele foi seu guia, e os conduziu por fim (salvo alguns que se desgarraram da marcha) até Valinor. Contudo, havia muitos que preferiam a luz das estrelas e os amplos espaços da terra ao rumor da glória das Árvores, e ficaram para trás; e esses são chamados Avari, os Indesejosos.

§24 Os Eldar prepararam então uma grande marcha a partir de seus primeiros lares no Leste. Quando tudo estava pronto, Oromë cavalgou à frente deles em seu cavalo branco com ferraduras de ouro; e atrás dele os Eldalië se arranjaram em três hostes.

§25 Os primeiros a tomar a estrada eram liderados por Ingwë, o mais alto senhor de toda a raça élfica. Ele adentrou Valinor, e se sentou aos pés dos Poderes, e todos os Elfos reverenciaram seu nome; mas nunca mais retornou, nem viu de novo a Terra-média. Os Lindar eram o seu povo, os mais belos dos Quendi; eles são os Altos Elfos, e os bem-amados de Manwë e Varda, e poucos entre os Homens já falaram com eles.

§26 Depois vieram os Noldor. Gnomos podemos chamá-los, um nome de sabedoria; eles são os Elfos Profundos, e os amigos de Aulë. Seu senhor era Finwë, mais sábio de todos os filhos do mundo. Sua gente tem renome nas canções, e sobre ela estes contos têm muito a contar, pois lutaram e labutaram muito e sofridamente nas terras do norte de antanho.

§27 Em terceiro vieram os Teleri, pois se demoraram, e não tinham todos a intenção de abandonar a penumbra; eles são os Elfos do Mar, e os Soloneldi foram depois chamados em Valinor, pois faziam música à beira das ondas que se quebravam. Elwë era seu senhor, e seu cabelo era longo e branco.

§28 Os últimos dos Noldor abandonaram a hoste de Finwë, arrependendo-se da marcha, e voltaram-se para o sul, e vagaram por muito tempo, e se tornaram um povo à parte, diferente de seus irmãos. Eles não são contados entre os Eldar, nem ainda entre os Avari. Pereldar eles são chamados na língua dos Elfos de Valinor, que significa Meio-eldar. Mas em sua própria língua eles eram chamados Danas, pois seu primeiro líder chamava-se Dân. Seu filho era Denethor, que os liderou Beleriand adentro antes do surgir da Lua.

§29 E muitos outros dos Eldar que partiram na marcha se perderam na longa estrada, e eles vagaram nas florestas e nas montanhas do mundo e jamais chegaram a Valinor, nem viram a luz das Duas Árvores. Portanto são chamados de Lembi, que significa Os Que Se Demoram. E os Lembi e os Pereldar são chamados também de Ilkorindi, pois embora tenham iniciado a jornada, eles jamais habitaram em Kôr, a cidade que os Elfos depois construíram na terra dos Deuses; mas seus corações se voltavam para o Oeste. Mas os Ilkorindi e os Avari são chamados de Elfos Escuros, pois jamais contemplaram a luz das Duas Árvores antes que fosse obscurecida; enquanto os Lindar e os Noldor e os Teleri são chamados de Elfos da Luz, e lembram-se da luz que não mais existe.[h]

§30 Os Lembi eram, na maior parte, da raça dos Teleri, e os principais dentre esses eram os Elfos de Beleriand, no Oeste da Terra-média. Mais renomado entre eles era aquele Elfo que primeiro era chamado Sindo, o Cinzento, irmão de Elwë, mas agora é chamado Thingol no idioma de Doriath.

Comentário ao Capítulo 3 (a)

[Os nomes das divisões dos Elfos passaram por alterações extremamente complicadas no manuscrito do QS até alcançarem a

forma no texto datilografado aqui impresso, uma vez que os mesmos nomes foram movidos para referências diferentes e receberam diferentes significados. Não faço referência aos nomes originais nas notas abaixo, visto que as alterações individuais seriam extremamente difíceis de serem acompanhadas mesmo que apresentadas aos poucos, mas avento uma explicação na nota geral no final deste comentário.]

§18 O texto original da passagem acerca dos demônios de Morgoth dizia o seguinte:

> … no Norte Morgoth se fortaleceu, e congregou suas raças demoníacas à sua volta, as quais os Gnomos mais tarde conheceram como Balrogs: eles tinham açoites de chama. Os Úvanimor ele fez, monstros de tipos e formas várias; mas os Orques só foram feitos depois de ele ter contemplado os Elfos.

O termo Úvanimor ocorre nos *Contos Perdidos* (I. 96 (“monstros, gigantes e ogros”), etc.; cf. *Vanimor* “os Belos”, pp. 134–35. — Quanto à questão de quando os Orques passaram a existir, ver p. 176 e comentário a QS §62. É dito em *A Queda de Númenor* II (§1) que os Orques são “arremedos das criaturas de Ilúvatar” (cf. também *A Estrada Perdida*, p. 81). Em QS §62, a ideia de que os Orques eram arremedos dos Elfos encontra-se no texto como escrito originalmente.

§19 *Elentári* foi alterada no texto datilografado a partir de *Tinwerontar*, mas a mudança pertence ao período inicial, como *Elerína* > *Tinwerína* em §13; ver p. 237. — *Tintallë* “a Inflamadora” encontra-se em *O Silmarillion* (p. 79) — e em *O Senhor dos Anéis* —, mas lá é o nome de Varda “desde as profundezas do tempo”: o nome “Rainha das Estrelas” (*Elentári*) foi dado em referência à segunda feitura das estrelas, na época do despertar dos Elfos. Essa segunda feitura das estrelas de *O Silmarillion* ainda era no QS, como no AV 2 (anal 1900), a primeira.

§20 A frase que começa com “mas Oromë os chamou de Eldar, Povo-das-estrelas…” é uma nota de rodapé no manuscrito, um acréscimo muito inicial; na versão datilografada ela foi inserida no texto em si. Ver a nota sobre os nomes no final deste comentário.

O parágrafo inteiro, desde as palavras “mas não mais belos”, foi estendido e alterado demais na primeira reescrita para que seja possível apresentar o texto impresso. Como originalmente escrito, ele era quase uma repetição exata do Q (IV. 102):

> … porém não mais belos. Oromë foi quem os encontrou, habitando à beira do lago iluminado pelas estrelas, Kuiviénen, Água do Despertar, no Leste da Terra-média. Velozmente cavalgou de volta à Valinor, tomado pelo pensamento da beleza deles. Quando os Valar ouviram as novas, eles ponderaram longamente e recordam seu dever. Pois eles entraram no mundo sabendo que sua função era governá-lo para os Filhos de Ilúvatar, que deveriam vir depois, cada qual no tempo designado.

Além da afirmação na reescrita de que Oromë ensinou aos Elfos “o idioma dos Deuses” (ver o *Lhammas*, §1), a nova passagem introduz um desenvolvimento extraordinário no conceito do *Ainulindalë*: a vinda dos Filhos de Ilúvatar *não estava na Música dos Ainur*, os Valar ficaram assombrados com as novas trazidas por Oromë, e Manwë então lhes revelou a mente de Ilúvatar. O que no texto original era seu dever conhecido (“Pois eles entraram no mundo sabendo que sua função era governá-lo para os Filhos de Ilúvatar”) é agora (aparentemente) apresentado a eles como um dever de fato, mas um que até então desconheciam. Na versão do *Ainulindalë* desse período (p. 191) é dito:

> Pois Elfos e Homens foram concebidos apenas por Ilúvatar, nem, visto que não compreenderam completamente aquela parte do tema quando lhes fora proposta, algum dos Ainur

ousou em sua música acrescentar qualquer coisa à feição deles.

Nas versões tardias pós-*Senhor dos Anéis*, embora o conceito seja mudado e seja introduzida a ideia da Visão vista pelos Ainur antes do ato da Criação, está explícito que os Filhos de Ilúvatar "vieram com o Terceiro Tema" da Música, e que os Ainur viram na Visão o surgimento dos Elfos e dos Homens.

§21 Como escrito originalmente, o QS possuía "simetria" no lugar de "forma", evidenciando que meu pai tinha em mente a passagem no *Ambarkanta*: "Mas a simetria da antiga Terra foi mudada e despedaçada na primeira Batalha dos Deuses" (IV. 284 e o mapa, IV. 295).

§23 A passagem desde "Nisso muitos viram a causa de tristezas que depois se deram" é um acréscimo ao texto original, que possuía simplesmente "Oromë levou os embaixadores até Valmar". Aqui a história dos três embaixadores, curiosamente ausente do Esb e do Q (IV. 190–91), ressurge dos *Contos Perdidos* (I. 145–47); e a indicação, que aparece pela primeira vez na reescrita do QS, de que os Valar erraram ao convocar os Elfos também é insinuada no antigo conto: "Talvez, de fato, se os Deuses tivessem decidido diferente, o mundo seria agora um lugar mais bonito, e os Eldar, um povo mais feliz" (I. 147).

Elwë aqui, de maneira confusa, *não é* Thingol, cujo nome em quenya é *Elwë* em *O Silmarillion*. Nos *Contos Perdidos*, Tinwelint (Thingol) era um dos três embaixadores; mas o líder da Terceira Gente na Grande Marcha (após a perda de Tinwelint) era "um certo Ellu" (I. 150). No QS, Thingol *não era* um dos embaixadores, e jamais foi a Valinor; o embaixador e líder da Terceira Hoste era Elwë (que, no entanto, era o irmão de Thingol). Em *O Silmarillion*, Thingol (Elwë Singollo) era mais uma vez um dos embaixadores, enquanto o líder da Terceira Hoste (após a perda de Thingol) era seu irmão Olwë — um retorno, portanto, aos *Contos Perdidos*, com o acréscimo de que os dois eram irmãos.

O texto original da passagem após “Esses eram Ingwë e Finwë e Elwë, que depois foram reis das Três Gentes dos Eldar” dizia o seguinte:

> E ao retornarem eles aconselharam que os Elfos deviam partir para o Oeste. Isso eles fizeram de sua própria livre vontade, e, ainda assim, em reverência ao poder e majestade dos Deuses. A maioria dos Elfos obedeceu a convocação, e esses são os que mais tarde chegaram a Valinor (salvo alguns que se desgarraram), e são chamados Eldar, Os Que Partem.

Essa explicação do nome *Eldar* é a mesma que se encontra no *Lhammas* (§2 e comentário), e nas duas obras ela foi superada pela tradução “Povo-das-estrelas”, o nome dado por Oromë: ver §20 acima e a nota sobre nomes no final deste comentário.

§25 Após “Os Lindar eram o seu povo, os mais belos dos Quendi”, o texto original acrescentava: “que por vezes são os únicos chamados de Elfos”; ver o comentário a §16.

Altos Elfos: O Q possui aqui “Elfos-da-luz”; subsequentemente (IV. 107, nota 6) “Elfos-da-luz” foi emendado para “Altos-elfos”, e esse por sua vez para “Belos-elfos”. O termo “Elfos da Luz” foi agora empregado de maneira diferente: ver §29, e p. 233.

§27 Essa é a primeira aparição da ideia de que os Teleri foram os últimos das Três Gentes porque “se demoraram, e não tinham todos a intenção de abandonar a penumbra”. No *Lhammas* (§2) eles foram os últimos porque foram “os últimos a despertar”.

§28 No lugar de “Pereldar eles são chamados na língua dos Elfos de Valinor, que significa Meio-eldar”, a frase original era a seguinte: “Nenhum nome tinham na língua de Valinor”. Ver a nota sobre os nomes abaixo.

§29 As palavras “eles jamais habitaram em Kôr, a cidade que os Elfos depois construíram” são uma reversão ao significado original do nome, o que é ainda miais intrigante tendo em vista §39: “No topo do monte de Kôr a cidade dos Elfos foi construída, as muralhas e terraços alvos de Tûn [> Túna]”. De

modo similar, em *Lhammas* §11 as palavras “em Kôr” contradizem a referência em §5 a Kôr como o monte sobre o qual Tûn [> Túna] foi construída.

§30 Também é dito no *Lhammas* (§2) que os Lembi eram na maior parte da raça teleriana, mas o significado lá não é precisamente o mesmo, uma vez que no *Lhammas* o nome *Lembi* ainda significava os Elfos que jamais partiram das terras onde despertaram. — Quanto a *Sindo, o Cinzento*, ver o comentário a *Lhammas* §6.

Nota sobre os nomes das divisões dos Elfos

Várias das mudanças mencionadas abaixo são encontradas na lista de alterações propostas datada de 20 de novembro de 1937 (p. 236).

Tal como este capítulo foi originalmente escrito, a classificação era a seguinte:

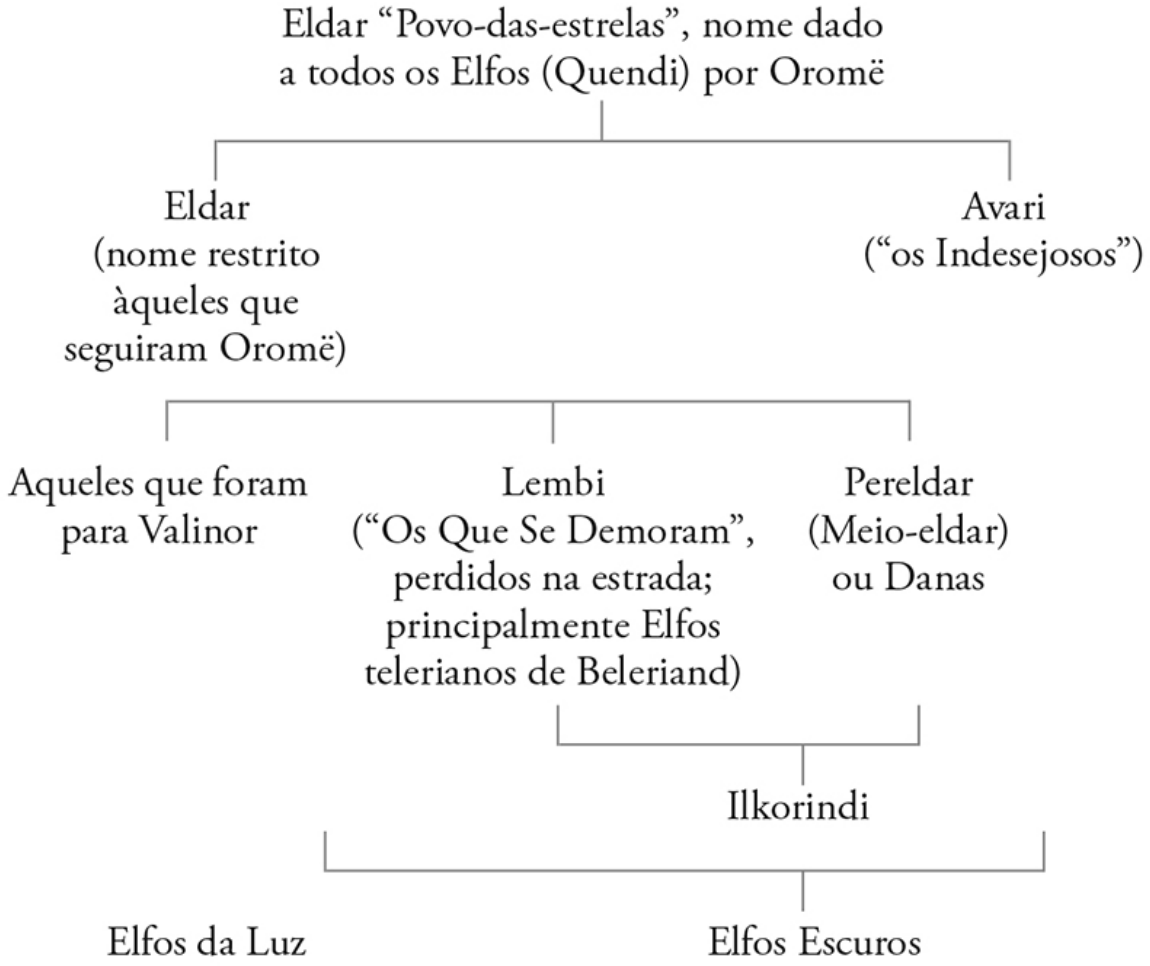
(§23)*Eldar* “Os Que Partem”, em oposição a *Lembi* “Os Que Se Demoram”, aqueles que ficaram para trás. (Essa é a mesma formulação como a em *Lhammas* §2, antes da emenda.)

(§28)Aqueles dos Noldor que se arrependeram da jornada e se voltaram para o sul, os *Danas*, não são contados como *Eldar* nem *Lembi*. (Isso está de acordo com a afirmação em *Lhammas* §7 (mas não com aquela em §2: quanto aos pontos de vista contraditórios, ver p. 222 e o *Lammasethen*, pp. 229–31).

(§29)Aqueles dos Eldar que partiram, mas “se perderam na longa estrada” e jamais chegaram a Kôr são chamados *Ilkorindi*. (Isso está de acordo com *Lhammas* §2, exceto pelo fato de que lá os Danas são incluídos entre os Ilkorindi.)

As alterações iniciais no manuscrito do QS então inseriram as ideias de que *Eldar* significava “Povo-das-estrelas” e era um nome dado a todos os Elfos por Oromë, mas também que esse nome era “usado por todos aqueles que o seguiram na estrada para o oeste”. Também foi introduzida a distinção de que aqueles que de fato cruzaram o Mar eram chamados de *Avari*, “Os Que Partem”. Essa nova formulação também foi inserida em *Lhammas* §2 (ver o comentário), sem dúvida na mesma época.

A terceira camada de alterações iniciais nessa passagem no manuscrito do QS, que fornecem o texto impresso, não está representada no *Lhammas*. Essas são as alterações mencionadas nas notas datadas de 20 de novembro de 1937. *Avari* foi alterado para significar "os Indesejosos", e substituiu *Lembi* como o nome para aqueles que ficaram para trás no Leste (§23); os Danas receberam o nome "na língua de Valinor" de *Pereldar* "Meio-eldar" (§28);[i] *Lembi* foi agora dado aos Eldar que se perderam na estrada e jamais chegaram a Kôr (§29); e embora o nome *Ilkorindi* tenha sido mantido (uma alternativa a *Lembi*), ele agora incluía também os Danas (*Pereldar*) (§29) — nesse ponto estando de acordo com *Lhammas* §2. Assim (em contraste com a tabela na p. 215):



§31 Por estar razão Thingol habitou em Beleriand e não foi a Valinor. Melian era uma fata, da raça dos Valar. Habitava os jardins de Lórien e, entre todo o belo povo dele, não havia ninguém mais bela do que ela, nem mais sábia, nem mais hábil em canções de magia e encantamento. Diz-se que os Deuses abandonavam seus afazeres, e as aves de Valinor, seu júbilo, que os sinos de Valmar silenciavam e as fontes paravam de fluir quando, ao mesclar da luz, Melian cantava nos jardins do Deus dos sonhos. Rouxinóis a acompanhavam sempre, e ela lhes ensinou o seu cantar. Ela amava a sombra profunda, mas era aparentada, antes que o Mundo fosse feito, à própria Yavanna, e vagou de Valinor em longas jornadas às Terras de Cá, e ali encheu o silêncio da terra que raiava com sua voz e com as vozes de suas aves.

§32 Thingol ouviu a canção dos rouxinóis de Melian e um feitiço foi lançado sobre ele, e ele abandonou o seu povo, e se perdeu, seguindo as vozes dos pássaros em meio as sombras das árvores. Mas chegou por fim a uma clareira aberta às estrelas; e lá Melian estava, e a luz de Valinor estava em seu rosto. Nada ela disse, mas, estando cheio de amor, Thingol veio até ela e tomou sua mão, e ele foi lançado em um grande sonho e longo torpor, e seu povo o buscou em vão.

§33 Nos dias que vieram depois, Melian e Thingol se tornaram Rainha e Rei dos Elfos de Doriath, e seus salões ocultos ficavam em Menegroth, as Mil Cavernas. Assim Thingol nunca atravessou o mar rumo a Valinor, e Melian não retornou para lá enquanto o reino dos dois durou; e dela uma linhagem da raça imortal dos Deuses veio tanto a Elfos como a Homens, como depois há de ser contado.

3. (c)DE KÔR E ALQUALONDË

[A relação entre o texto manuscrito e o datilografado aqui se torna bastante diferente, pois o manuscrito (no qual este não é um capítulo separado, nem de algum modo destacado do que vem antes, ver p. 250) praticamente não foi emendado, enquanto o texto datilografado, já como escrito, possui uma grande quantidade de alterações a partir daquele. A explicação presumivelmente é de que nesse caso meu pai fez as alterações a partir do manuscrito conforme datilografava sem escrevê-las a lápis primeiro no manuscrito. Na verdade, não há muita coisa no segundo texto que altere seriamente a narrativa ou a nomenclatura do primeiro, embora certos novos elementos sejam inseridos. Como feito até agora, sigo o texto datilografado e registro diferenças significativas do manuscrito no comentário. Com *De Kôr e Alqualondë*, o texto datilografado chega ao fim.

§34 Afinal as hostes dos Eldar chegaram às últimas costas do oeste das Terras de Cá. No Norte, essas costas, nos dias antigos depois da Batalha dos Deuses, inclinavam-se sempre no rumo oeste, até que, nas partes do extremo norte da terra, só um mar estreito dividia a Terra de Fora, sobre a qual Valinor estava construída, das Terras de Cá; mas esse mar estreito estava repleto de gelo pungente, por causa da violência das geadas de Melko. Portanto, Oromë não levou as hostes dos Eldar para o Norte distante, mas as trouxe para as belas terras em volta do Rio Sirion, que mais tarde receberam o nome de Beleriand; e dessas costas, de onde pela primeira vez as hostes dos Eldar olharam em medo e assombro para o mar, estendia-se um oceano, largo e escuro e profundo, entre eles e as Montanhas de Valinor.

§35 Ali aguardaram e contemplaras as ondas escuras. Mas Ulmo veio dos Valar; e desenraizou a ilha parcialmente submersa, na qual os Deuses haviam habitado nos primórdios, mas que então por muito tempo estivera sozinha em meio ao mar, distante de ambas as costas; e, com a ajuda

de seus serviçais, fê-la se mover, como se fosse um navio magno, e a ancorou na baía na qual o Sirion derramava suas águas.[j] Nela ele embarcou os Lindar e os Noldor, pois eles já haviam se reunido. Mas os Teleri ficaram para trás, por serem mais lentos e menos ávidos na marcha, e foram atrasados também pela perda de Thingol; e só chegaram depois que Ulmo havia partido.

§36 Portanto, Ulmo arrastou os Lindar e os Noldor através do mar até as longas costas sob as Montanhas de Valinor, e eles adentraram a terra dos Deuses, e foram admitidos à sua ventura. Mas os Teleri habitaram por muito tempo junto às costas do mar do oeste, à espera do retorno de Ulmo; e passaram a amar o som das ondas, e faziam canções repletas da música da água. Ossë os ouviu e foi até lá; e os amou, deleitando-se na música de suas vozes. Sentado numa rocha perto da margem do mar, falou a eles e os instruiu. Grande, portanto, foi a tristeza dele quando Ulmo retornou enfim para levá-los a Valinor. Alguns ele persuadiu a ficar nas praias da Terra-média, e esses eram os Elfos da Falas que, nos dias que vieram depois, tinham sua morada nos portos de Brithombar e Eglorest em Beleriand; mas a maioria dos Teleri embarcou na ilha e foi levada para longe.

§37 Ossë os seguiu e, quando tinham chegado perto do final de sua jornada, chamou por eles; e imploraram a Ulmo que se detivesse por um tempo, para que pudessem se despedir de seu amigo e olhar pela última vez para o céu estrelado. Pois a luz das Árvores, que era filtrada pelos passos dos montes, enchia-os de assombro. E Ulmo ficou irado com eles, porém atendeu o seu pedido, e os deixou por algum tempo. Então Ossë tomou a ilha e a acorrentou ao fundo do mar na parte mais distante da Baía de Casadelfos, de onde as Montanhas de Valinor podiam ser vistas apenas vagamente. E quanto

Ulmo retornou a ilha não podia ser movida ou desenraizada sem perigo para os Teleri; e ela não foi movida, e permaneceu sozinha por muitas eras. Nenhuma outra terra ficava próxima a ela, que foi chamada de Tol Eressëa, ou a Ilha Solitária. Lá os Teleri habitaram por um longo tempo, e com Ossë aprenderam estranhas músicas e saber-do-mar; e ele fez as aves do mar para o deleite deles. Por essa longa estada dos Teleri apartados na Ilha Solitária foi causada a separação de sua fala do idioma dos Lindar e dos Noldor.

§38 A esses os Valar tinham dado um lar e uma morada. Mesmo entre as flores radiantes dos jardins dos Deuses iluminados pelas Árvores, eles ainda ansiavam por ver as estrelas às vezes. Portanto, uma brecha foi feita nas montanhas circundantes e lá, em um vale profundo que descia para o mar, o monte verdejante de Kôr foi erigido. Do Oeste, a luz das Árvores caía sobre ele, e sua sombra jazia sempre do lado leste; e, no Leste, ele dava para a Baía de Casadelfos, para a Ilha Solitária e para os Mares Sombrios. A luz do Reino Abençoado manou, acendendo as ondas com raios de ouro e prata, e tocou a Ilha Solitária, e sua costa oeste se tornou verdejante e bela. Lá desabrocharam as primeiras flores que jamais existiram a leste das Montanhas dos Deuses.

§39 No topo do monte de Kôr a cidade dos Elfos foi construída, as muralhas e terraços alvos de Túna, e a mais alta das torres daquela cidade era a Torre de Ingwë, a Ingwemindon, cuja luz prateada iluminava ao longe as brumas do mar. Poucos são os navios de Homens mortais que viram seu lume esguio. Em Túna[k] habitavam os Lindar e os Noldor.

§40 Manwë e Varda amavam mormente os Lindar, os Altos Elfos, e sacros e imortais eram todos seus feitos e canções. Os Noldor, os Gnomos, eram os bem-amados de Aulë, e de

Mandos, o sábio; e grandes se tornaram seu conhecimento e seu engenho. Porém ainda maior era a sede deles por mais conhecimento, e o desejo de fazer coisas maravilhosas e novas. Eram mudadiços em sua fala, pois tinham grande amor pelas palavras, e buscavam sempre achar nomes mais adequados para todas as coisas que conheciam ou imaginavam. Em Valinor, primeiro elaboraram a feitura de gemas, e as fizeram de muitos tipos e matizes em miríades incontáveis; e encheram toda Túna com elas, e os salões dos Deuses foram enriquecidos.

§41 Os Noldor, mais tarde, voltaram à Terra-média, e esta história conta principalmente os seus feitos; portanto, os nomes e a parentela de seus príncipes podem aqui ser contados naquela forma que esses nomes depois tiveram na língua dos Gnomos como era em Beleriand na Terra-média. Finwë era o Rei dos Noldor. Seus filhos eram Fëanor, Fingolfin e Finrod. Desses, Fëanor era o mais poderoso na habilidade com palavras e com as mãos, mais versado em saber que seus irmãos; em seu coração seu espírito ardia como uma chama. Fingolfin era o mais forte, o mais resoluto, e o mais valente. Finrod era o mais belo, e o mais sábio de coração. Os sete filhos de Fëanor eram Maidros, o alto; Maglor, um músico e grande cantor, cuja voz era ouvida ao longe na terra e no mar; Celegorn, o alvo, e Cranthir, o moreno; e Curufin, o matreiro, o que mais herdou a habilidade de mãos de seu pai; e os mais novos, Damrod e Díriel, que eram gêmeos semelhantes em ânimo e rosto. Mais tarde foram grandes caçadores nas matas da Terra-média. Um caçador era também Celegorn, o qual, em Valinor, foi amigo de Oromë e amiúde seguia a trompa desse grande deus.

§42 Os filhos de Fingolfin eram Fingon, que mais tarde foi o Rei dos Gnomos no Norte do mundo; e Turgon de Gondolin; e a irmã deles era Isfin, a Branca. Os filhos de Finrod eram Inglor, o fiel (que mais tarde foi chamado Felagund, Senhor de Cavernas), e Orodreth, e Angrod, e Egnor. Inglor e Orodreth eram próximos em amor, e eram amigos dos filhos de Fingolfin; mas Angrod e Egnor eram amigos dos filhos de Fëanor.

§43 Aqui há que se contar de como os Teleri vieram enfim à Valinor. Pois quase cem dos anos de Valinor, que eram cada como dez dos anos do Sol que mais tarde foram feitos, eles habitaram em Tol Eressëa. Mas lentamente seus corações se comoveram, e foram atraídos em direção à luz que manava por sobre o mar até sua ilha; e estavam divididos entre o amor pela música das ondas sobre suas praias e seu desejo de ver de novo sua gente e contemplar o esplendor dos Deuses. Porém, no fim, o desejo pela luz foi o mais forte. Portanto, Ulmo ensinou-lhes a arte da construção de navios; e Ossë, submetendo-se Ulmo, trouxe-lhes, como presente de despedida, os cisnes de asas fortes. Esses eles amarraram à frota de navios brancos, e assim foram puxados sem o auxílio dos ventos até Valinor.

§44 Lá habitaram nas longas costas de Casadelfos, e se quisessem podiam ver a luz das Árvores, e visitar as ruas doiradas de Valmar e as escadarias de cristal de Túna sobre Kôr. Mas, mais do que tudo, velejavam pelas águas da Baía de Casadelfos, ou dançavam nas ondas com seus cabelos chamejando na luz que vinha d'além da colina. Muitas joias os Noldor lhes deram, opalas e diamantes e cristais pálidos, que eles lançavam pela costa e espalhavam nas poças. Maravilhosas eram as praias de Elendë naqueles dias. E muitas pérolas ganharam para si próprios no mar, e seus

salões eram de pérola, e de pérola eram as mansões de Elwë no Porto dos Cisnes, iluminado com muitas lamparinas. Pois Alqualondë, o Porto dos Cisnes, era a sua principal cidade, e o porto de seus navios; e esses eram feitos à semelhança de cisnes, brancos, e seus bicos eram de ouro com olhos de ouro e azeviche. O portão daquele ancoradouro era um arco de rocha viva escavado pelo mar; e ficava nos confins Terradelfos, ao norte do Kalakilya, que é o Passo da Luz, onde ficava o monte de Kôr.

§45 Conforme as eras decorriam, os Lindar passaram a amar a terra dos Deuses e a luz plena das Árvores, e abandonaram a cidade de Túna, e habitaram sobre a montanha de Manwë, ou à volta das planícies e matas de Valinor, e ficaram separados dos Gnomos. Mas a memória da terra sob as estrelas permanecia nos corações dos Noldor, e eles moraram no Kalakilya, e nos montes e vales onde se ouvia o som do mar do oeste; e, embora muitos deles amiúde viajassem pela terra dos Deuses, empreendendo longas jornadas em busca dos segredos de terra e água e de todas as coisas vivas, ainda assim suas relações davam-se mais com os Teleri do que com os Lindar; e as línguas de Túna e de Alqualondë se aproximaram naqueles dias. Finwë era Rei de Túna e Elwë de Alqualondë; mas Ingwë foi sempre considerado o alto-rei de todos os Elfos. Ele habitava aos pés de Manwë, em Taniquetil. Fëanor e seus filhos raro ficavam num só lugar por muito tempo. Viajavam para longe, dentro dos confins de Valinor, chegando até às fronteiras do Escuro e às costas frias do Mar de Fora, buscando o desconhecido. Com frequência eram hóspedes nos salões de Aulë; mas Celegorn ia antes à casa de Oromë, e lá obteve grande conhecimento sobre todas as aves e feras, e todas as línguas delas ele entendia. Pois todas as cousas vivas que existem ou existiram nesta terra,

salvo apenas as criaturas cruéis e malignas de Melko, viviam então em Valinor; e havia muitas outras criaturas belas e estranhas que ainda não tinham sido vistas na Terra-média, e talvez agora nunca o sejam, já que a feição do Mundo foi mudada.

Comentário ao Capítulo 3 (c)

§34 Não é dito na versão manuscrita onde Oromë chegou à costa do Grande Mar; mas cf. o mapa do *Ambarkanta* (IV. 293) no qual é mostrada a rota da Marcha dos Elfos (e ver IV. 302–03).

§35 O manuscrito não possui a frase "e, com a ajuda de ser serviçais…", nem a nota de rodapé. A história da origem da Ilha de Balar não havia sido contada antes.

Na última frase do parágrafo, o manuscrito possui apenas "mas os Teleri ficaram para trás e só chegaram depois que ele havia partido". Na versão datilografada entra a história de que a perda de Thingol foi uma das causas da chegada tardia dos Teleri às costas (embora essa ideia possivelmente já estivesse presente no conto original de *A Vinda dos Elfos*, I. 150); que eles, de qualquer forma, eram menos ávidos já havia sido dito antes no QS (§27).

§36 Não havia sido dito expressamente antes que os Elfos que foram persuadidos a permanecer por Ossë eram os Elfos de Brithombar e Eglorest.

§37 A história contada aqui apresenta um estágio interessante entre o Q e *O Silmarillion* (p. 93). No QS, como no Esb e no Q, a história mais antiga da ancoragem de Tol Eressëa por rebeldia de Ossë ainda existe (ver I. 150, 166; IV. 54–5); mas há agora o elemento, encontrado em *O Silmarillion*, que os Teleri, ao ouvirem Ossë chamá-los, imploraram a Ulmo para adiar a viagem, e ele assim o fez, embora no QS tenha ficado "irado com eles". Contudo, na forma final da história, não só Ulmo o fez de boa vontade como foi ele próprio que ordenou Ossë a enraizar a ilha no fundo do mar, pois ele se opunha à convocação dos Quendi a Valinor.

§39 O nome *Ingwemindon* não foi usado antes. — O nome *Tûn* no corpo do texto foi cuidadosamente alterado para *Túna* no manuscrito em ambas as ocorrências em §39 e novamente em §§40, 44 (mas não em §45: ver o comentário), e a nota de rodapé claramente pertence à mesma época. O nome *Eldamar* é agora usado para a própria cidade, enquanto os novos nomes *Elendë* e *Eldanor* são dados à região. Esse é outro caso em que meu pai alterou o *Lhammas* da mesma maneira e sem dúvida na mesma época em que alterou o QS: em §5 *Tûn* foi mudado para *Túna*, com uma nota marginal "que os Deuses chamavam de Eldamar" (quanto à história do nome, ver o comentário àquela seção).

§40 A frase acerca da mudança constante de fala entre os Noldor não está presente no manuscrito. Cf. a passagem sobre esse assunto em *Lhammas* §5.

§41 Com a frase inicial acerca da forma na qual são dados os nomes os príncipes noldorin, cf. a passagem acrescentada ao final do *Lhammas* (§11): "Os nomes dos Gnomos no *Quenta* são dados na forma noldorin tal como essa língua se tornou em Beleriand, para todos aqueles após *Finwë*, pai dos Noldor, cujo nome permanece na forma antiga". O manuscrito possui "usando-se os nomes na forma da língua gnômica conforme por muito tempo foi falada sobre a terra", como no Q (IV. 105).

No lugar de "em seu coração seu espírito ardia como uma chama", o manuscrito possui "ele tinha um coração de fogo". Cf. a interpretação tardia de *Fëanáro* como "Espírito de Fogo", *O Silmarillion*, p. 98 (nas *Etimologias*, radical PHAY, o nome é traduzido como "sol radiante"). — *Celegorn* aqui e no decorrer do QS até §141 foi uma alteração inicial no manuscrito a partir de *Celegorm*, como também no AV 2 e no AB 2. — A afirmação (não encontrada na versão manuscrita) de que Damrod e Díriel eram gêmeos agora é feita, embora seja possível que eles sempre tenham sido concebidos como tais (IV. 56).

§42 No AV 2 (anal 2993), a ideia mais antiga das alianças entre os príncipes noldorin ainda existe, com Inglor Felagund como amigo de Fingon e Turgon, filhos de Fingolfin, e seus irmãos Orodreth, Angrod e Egnor como amigos especialmente de

Celegorm e Curufin. Isso foi alterado no AV 2 para a história no QS, com Orodreth ficando associado a Inglor em amizade com os filhos de Fingolfin.

§44 O manuscrito possui "muitas pérolas eles fizeram", como no Q (IV. 106). — A descrição dos navios dos Teleri não está presente no manuscrito; no texto datilografado ela ressurge dos *Contos Perdidos*, I. 155.

§45 *Tûn* não foi emendado aqui para *Túna* no manuscrito, onde há uma nota de rodapé ao texto, acrescentada sem dúvida na mesma época que aquela em §39: "Que, portanto, é chamada daqui em diante pelo seu nome na fala dos Gnomos" (isto é, porque os Lindar haviam partido).

A conclusão desse capítulo foi muito desenvolvida a partir da forma no manuscrito, que não faz menção da aproximação das línguas de Túna e Alqualondë após a partida dos Lindar (cf. o *Lhammas*, §5), nem do conhecimento de Celegorn das línguas das aves e feras, e não possui a passagem final muito curiosa acerca da existência em Valinor de todas as coisas vivas que já existiram na terra, salvo apenas as criaturas de Melko.

4. DAS SILMARILS E DO OBSCURECER DE VALINOR

[A partir deste ponto, onde a versão datilografada chega ao fim, parece quase não ter havido qualquer emenda no manuscrito até a realização da grande revisão muitos anos mais tarde. No entanto, algumas correções certamente pertencem ao período inicial, enquanto alguns pontos são duvidosos nesse aspecto.]

§46 Desse tempo em diante, quando as três gentes dos Eldar estavam reunidas enfim em Valinor, teve início o Zênite do Reino Abençoado e sua plenitude de ventura e glória, que durou muitas eras. Naquele tempo, cinco eras após a chegada dos Noldor, quando haviam se tornado plenos em conhecimento e engenho, Fëanor, filho de Finwë, começou uma labuta longa e maravilhosa; e convocou todo o seu

saber, e poder, e sutil engenho; pois pretendia fazer coisas mais belas do que qualquer um dos Eldar jamais fizera, que haveria de durar além do fim de tudo. Três joias fez ele, e as chamou Silmarils. Um fogo vivente ardia dentro delas que era mesclado da luz das Duas Árvores. Por sua própria radiância elas luziam até mesmo no escuro; contudo, todas as luzes que caíam sobre elas, por mais tênues que fossem, elas apanhavam e refletiam em matizes maravilhosos, aos quais o seu próprio fogo interior conferia um encantamento insuperável. Nenhuma carne mortal, nem carne impura, podia tocá-las sem que se queimasse e mirrasse. Essas joias eram apreciadas pelos Elfos além de todas as suas obras, e Manwë as consagrou; mas Varda predisse que o destino do Mundo estava contido dentro delas. E o coração de Fëanor prendera-se estreitamente a essas coisas que ele mesmo fizera.

§47 Por duas eras mais o zênite da glória de Valinor perdurou. Por sete eras então, como os Deuses haviam decretado, Melko habitara nos salões de Mandos, a cada era em dor abrandada. Quando essas eras haviam se passado, como haviam prometido, ele foi trazido diante do conclave deles. Contemplou a glória dos Valar, e a cobiça e a malícia estavam em seu coração; contemplou os belos Filhos de Ilúvatar que se sentavam aos pés dos Deuses, e o ódio o preencheu; contemplou a riqueza de gemas e as cobiçou; mas ocultou seus pensamentos e postergou sua vingança.

§48 Diante dos portões de Valmar, Melko se humilhou aos pés de Manwë e suplicou perdão, e Nienna, sua irmã, auxiliou o seu rogo. Mas os Deuses ainda não permitiriam que saísse de sua vista e sua vigilância. Foi-lhe dada uma morada humilde do lado de dentro dos portões da cidade; e tão belos pareciam todos os seus atos e palavras que depois de algum

tempo lhe foi permitido andar livremente por toda a terra, e tanto Deuses como Elfos tiveram muito auxílio e proveito dele. Contudo, o coração de Ulmo lhe dava aviso, e Tulkas cerrava os punhos sempre que via Morgoth, seu inimigo, passar. Pois Tulkas é ligeiro para a ira e lento para o perdão.

§49 Mais belos de todos era Morgoth aos Elfos, e ele os auxiliava em muitas obras, caso deixassem. Os Lindar, o povo de Ingwë, tinha-o por suspeito; pois Ulmo os advertira, e eles deram ouvidos às suas palavras. Mas os Gnomos tinham deleite nas muitas coisas de conhecimento oculto que era capaz de lhes revelar, e alguns deram ouvido a palavras que teria sido melhor eles jamais terem escutado.[1] E, quando via uma oportunidade, ele semeava uma semente de mentiras e sugestões de mal entre esses. Amargamente o povo dos Noldor pagou por sua tolice nos dias que vieram depois.

§50 Amiúde Morgoth sussurrava que os Deuses haviam trazido os Eldar para Valinor por causa da inveja deles, temendo que seu engenho e beleza maravilhosos e sua magia tornassem-se fortes demais para os Valar controlarem, conforme os Elfos crescessem e se espalhassem pelas amplas terras do mundo. Visões conjurava em seus corações dos reinos magnos que poderiam ter governado em poder e liberdade no Leste. Naqueles dias, ademais, embora os Valar soubessem da vinda dos Homens que havia de acontecer, os Elfos ainda nada sabiam disso; pois os Deuses não o haviam revelado, e a hora ainda não estava próxima. Mas Morgoth falou aos Elfos em segredo sobre os Homens mortais, embora soubesse pouco da verdade. Somente Manwë sabia algo com clareza da mente de Ilúvatar acerca dos Homens, e sempre fora amigo deles. Contudo, Morgoth sussurrava que os Deuses mantinham os Eldar cativos, de modo que, com a chegada dos Homens, estes pudessem os despojar dos reinos da Terra-

média, pois a raça mais fraca e de vida mais curta os Valar viam que haveria de ser mais facilmente dominada por eles. Pouca verdade havia nisso, e pouco os Valar jamais prevaleceram ao tentar dobrar as vontades ou os fados dos Homens, e menos ainda para bem. Mas muitos dos Elfos acreditavam, de todo ou em parte, nessas palavras malignas. A maioria desses eram Gnomos.

§51 Assim, antes que os Deuses percebessem, a paz de Valinor foi envenenada. Os Gnomos começaram a murmurar contra os Valar e sua gente; e muitos se tornaram cheios de vaidade, esquecendo-se de tudo o que os Deuses haviam lhes dado e ensinado. Acima de tudo Morgoth atiçava as chamas do feroz e ávido coração de Fëanor, embora o tempo todo cobiçasse as Silmarils. Estas Fëanor em grandes festas usava sobre a fronte e o peito, mas em outras horas eram guardadas de perto, trancadas nos tesouros profundos de Tûn, pois embora não houvesse ladrões em Valinor, por ora, Fëanor amava as Silmarils com um amor avaro, e passou a recusar-se a mostrá-las a todos, salvo a si mesmo e a seus filhos.

§52 Os filhos de Finwë eram soberbos, mas o mais soberbo de todos era Fëanor. Mentindo Morgoth lhe disse que Fingolfin e seus filhos estavam tramando usurpar a liderança de Fëanor e de sua casa mais antiga, e suplantá-lo nas graças de seu pai e dos Deuses. Dessas mentiras querelas nasceram entre os filhos de Finwë, e dessas querelas deles veio o fim dos grandes dias de Valinor e o anoitecer de sua antiga glória; pois Fëanor pronunciou palavras de rebelião contra os Valar, e planejou partir de Valinor, de volta para o mundo de fora, e libertar, como disse, os Gnomos da servidão.

§53 Fëanor foi convocado diante dos Valar no Círculo do Julgamento, e lá as mentiras de Morgoth foram desnudadas para que vissem todos aqueles que tivessem vontade. Pelo

julgamento dos Deuses, Fëanor foi banido por um tempo de Tûn, uma vez que perturbara a paz desta. Mas com ele foram Finwë, seu pai, que o amava mais do que seus outros filhos, e muitos outros Gnomos. Ao norte de Valinor, nos montes perto dos salões de Mandos, eles construíram uma praça-forte e uma casa do tesouro; e reuniram lá uma multidão de gemas. Mas Fingolfin governou os Noldor em Tûn; e, assim, em parte as palavras de Morgoth pareceram justificadas (embora Fëanor tenha causado o cumprimento delas por seus próprios feitos), e a amargura que ele semeou perdurou, e por longo tempo depois disso viveu entre os filhos de Fëanor e Fingolfin.

§54 Do meio do concílio os Valar de pronto enviaram Tulkas para deitar mãos sobre Morgoth e trazê-lo de novo a julgamento, mas Morgoth se escondeu, e ninguém conseguiu descobrir aonde tinha ido; e as sombras de todas as coisas de pé pareceram ficar mais longas e escuras naquele tempo. Diz-se que por muito tempo ninguém viu Morgoth, até que ele apareceu secretamente a Fëanor, fingindo amizade com alvitre matreiro, e incitando-o a retomar sua ideia anterior de fuga. Mas Fëanor fechou então as suas portas, se não seu coração; e Finwë enviou mensagens a Valmar, mas Morgoth partiu enfurecido.

§55 Ora, os Deuses estavam assentados em concílio diante de seus portões, temendo o crescimento das sombras, quando o mensageiro de Finwë chegou, mas antes que Tulkas pudesse partir outros chegaram trazendo novas de Tûn. Pois Morgoth havia fugido por sobre os passos das montanhas, e de Kôr os Elfos o viram passar em ira feito uma nuvem trovejante. De lá ele entrou naquela região que é chamada Arvalin, que fica ao sul da Baía de Terradelfos, e é uma terra estreita debaixo dos próprios sopés orientais das Montanhas de Valinor. Lá as

sombras são as mais profundas e espessas do mundo. Naquela terra, em segredo e desconhecida, habitava Ungoliantë, Tecelã-de-Treva, em forma de aranha. Não se conta de onde ela veio, da Escuridão de Fora, talvez, que jaz além das Muralhas do Mundo. Em uma ravina ela vivia, e tecia suas teias em uma fenda nas montanhas; pois sugava luz e coisas luzentes para tecê-las em redes negras de treva sufocante e bruma pegajosa. Ela tinha sempre fome de alimento.

§56 Morgoth encontrou-se com Ungoliantë em Arvalin, e com ela tramou a sua vingança; mas ela exigiu uma recompensa grande e terrível para enfrentar os perigos de Valinor e o poder dos Deuses. Ela teceu uma grande treva em volta de si mesmo para se protegerem, e negras cordas-de-aranha ela fiou, e lançou de pico a pico rochoso; e dessa maneira ela escalou por fim o mais alto pináculo das montanhas ao sul de Taniquetil. Nessa região a vigilância dos Valar era menor, pois as matas selvagens de Oromë jaziam ao sul de Valinor, e as muralhas das montanhas davam para o leste para uma terra ignota e mares vazios; e os Deuses mantinham guarda antes contra o Norte, onde outrora Morgoth erguera seu trono e sua fortaleza.

§57 Ora, Ungoliantë fez uma escada de cordas tecidas, e nesta Morgoth subiu, e sentou-se ao lado dela; e olhou lá embaixo para a planície luzente, vendo ao longe os domos de Valmar cintilando ao mesclar da luz. Então Morgoth riu; e depressa desceu as longas encostas ocidentais com Ungoliantë ao seu lado, e a escuridão dela estava em volta deles.

§58 Era um dia de festival, e a maioria do povo de Valinor estava na montanha de Manwë, cantando diante dele em seus salões, ou tocando nos recantos elevados nas encostas verdejantes de Taniquetil. Os Lindar lá estavam e muitos dos

Noldor. As ruas de Valmar estavam em silêncio, e poucos pés passavam pelas escadarias de Tûn; só nas costas de Casadelfos os Teleri ainda cantavam e tocavam, pouco cuidando de tempos ou estações ou do destino que haveria de sobrevir. Silpion estava minguando depressa e Laurelin recém começara a reluzir quando, protegidos pelo fado, Morgoth e Ungoliantë esgueiraram-se até a planície. Com sua lança negra Morgoth trespassou cada árvore até o âmago, e, quando seus sumos jorraram para fora, Ungoliantë os sugou; e o veneno de seus lábios imundos entrou nos tecidos das Árvores e as fez murchar, folha e galho e raiz. Ungoliantë arrotava nuvens e vapores negros conforme bebia a radiância das Árvores; e ela inchou até chegar a uma forma monstruosa.

§59 Então assombro e temor caíram sobre Valinor, quando um crepúsculo súbito e uma treva crescente vieram por sobre a terra. Nuvens negras flutuavam ao redor das torres de Valmar, e a escuridão descia por suas ruas. Varda olhou do alto de Taniquetil e viu as árvores mergulhadas e ocultas numa bruma. Tarde demais correram de monte e portão. As Duas Árvores morreram e não mais brilharam, enquanto multidões que gemiam as cercavam e clamavam a Manwë para que descesse. Na planície os cavalos de Oromë ribombaram com mil cascos, e faíscas saíam na treva em torno de suas patas. Mais veloz que eles Tulkas correu à frente antes, e a luz da fúria de seus olhos era como um farol. Mas não encontraram o que buscavam. Onde quer que Morgoth fosse, uma escuridão e confusão o circundava, tecida por Ungoliantë, de modo que os pés deles eram desnorteados e seus olhos, cegados, e Morgoth escapou da perseguição.

Comentário ao Capítulo 4

§46 O perigo das Silmarils aos Homens foi aumentado: pois as palavras do Q (IV. 106) "nenhuma impura carne mortal podia tocá-las" foram alteradas para "nenhuma carne mortal, nem carne impura, podia tocá-las".

§49 A longa nota de rodapé sobre as armas gnômicas (cujo conteúdo é inteiramente novo), se não escrita na mesma época que o texto principal, certamente foi um acréscimo inicial. "Assim escreveu Pengolod" parece ter sido escrito na mesma época que o resto da nota, o que é difícil de explicar, se Pengolod era mesmo o autor do *Quenta Silmarillion*; quanto a essa questão, ver o comentário a §123.

§50 As palavras "embora os Valar soubessem da vinda dos Homens que havia de acontecer" não contradizem o texto reescrito de §20; pois embora seja dito lá que a vinda dos Elfos não estava na Música dos Ainur e era desconhecida dos Valar, com exceção de Manwë, também é dito que no despertar dos Elfos Manwë "falou aos Valar, revelando-lhes a mente do Pai; e ordenou que retornassem então ao seu dever, que era o de governar o mundo para os Filhos de Ilúvatar, quando viessem a aparecer, cada gente em sua hora designada".

§54 "Mas Fëanor fechou então as suas portas…": a história da ida de Morgoth à praça-forte de Finwë e Fëanor a essa altura ruma ainda mais à forma final (ver AV 2, anal 2900).

§55 "Baía de Terradelfos": em §§37–8, 44, o manuscrito possui "Baía de Terradelfos" onde o texto datilografado possui "Baía de Casadelfos".

§58 "Com sua lança negra": "Com sua espada negra", Q (§4); cf. a história nos *Contos Perdidos*, I. 188.

5. DA FUGA DOS NOLDOR

§60 Esse foi o tempo do Obscurecer de Valinor. Naquele dia se puseram diante dos portões de Valmar Gnomos que gritavam em alta voz, trazendo más novas. Pois eles contaram que

Morgoth fugira para o Norte e com ele foi algo que até então não tinha sido visto, que na noite que se ajuntava parecera ser uma aranha de aspecto monstruoso. Súbito caíram sobre a casa do tesouro de Finwë. Lá Morgoth matara o rei dos Noldor diante de suas portas, e derramou o primeiro sangue élfico que maculou a terra. Muitos outros ele matou também, mas Fëanor e seus filhos não estavam lá. As Silmarils Morgoth levara, e toda a riqueza das joias dos Noldor que estavam entesouradas naquele lugar. Grande foi o pesar de Fëanor, por seu pai e não menos pelas Silmarils, e amargamente maldisse o acaso que o levara naquele dia maligno a Taniquetil, crendo em sua insensatez que com suas mãos e seus filhos ele poderia ter resistido à violência de Morgoth.

§61 Pouco se sabe dos caminhos de Morgoth após os seus atos terríveis em Valinor. Mas se conta que, ao escapar da caçada, ele passou por fim com Ungoliantë por sobre o Gelo Pungente e, assim, mais uma vez para as regiões do norte da Terra-média. Então Ungoliantë o chamou para que lhe entregasse a recompensa prometida. A primeira metade de sua paga fora a seiva das Árvores. A outra metade era uma porção igual das joias saqueadas. Morgoth as cedeu, e ela as devorou, e a luz delas pereceu da terra, mas Ungoliantë ficou ainda mais escura e imensa e hedionda em forma. Mas Morgoth não lhe cederia nenhuma porção das Silmarils. Essa foi a primeira querela de ladrões.

§62 Tão grande se tornara Ungoliantë que ela enredou Morgoth em suas teias sufocantes, e um grito medonho ecoou pelo mundo a estremecer. Em seu auxílio vieram os Balrogs que viviam ainda nos lugares mais profundos de sua antiga fortaleza, Utumno no Norte. Com seus açoutes de chama os Balrogs rasgaram as teias, e rechaçaram Ungoliantë para o

extremo Sul, onde por longo tempo permaneceu. Assim Morgoth retornou à sua antiga habitação, e ele reconstruiu seus porões e masmorras e grandes torres, naquele lugar que os Gnomos vieram a conhecer como Angband. Lá incontáveis se tornaram as hostes de suas feras e demônios; e ele trouxe à existência a raça dos Orques, e eles cresceram e se multiplicaram nas entranhas da terra. Esses Orques Morgoth fez em inveja e zombaria dos Elfos, e eles eram feitos de pedra, mas seus corações, de ódio. Glamhoth, as hostes do ódio, os Gnomos os chamaram. De gobelins podem ser chamados, mas em dias antigos eles eram fortes e temíveis.

§63 E em Angband, Morgoth forjou para si uma grande coroa de ferro, e chamou a si próprio de Rei do Mundo. Em sinal disso, colocou as três Silmarils em sua coroa. Diz-se que suas mãos malignas foram queimadas e ficaram enegrecidas pelo toque daquelas joias sacras; e negras elas ficaram desde então; nem jamais posteriormente ficou ele livre da dor das queimaduras, nem da raiva dessa dor. Aquela coroa jamais tirou da cabeça, embora o peso fosse um cansaço mortal; e jamais foi seu hábito deixar os lugares profundos de sua fortaleza, mas governava seus vastos exércitos de seu trono no norte.

§64 Quando por fim ficou claro que Morgoth tinha escapado, os Deuses se reuniram em volta das Árvores mortas, e se sentaram na escuridão por muito tempo em silêncio, e estavam cheios de tristeza. Como o povo do Reino Abençoado havia sido congregado para o festival, todos os Valar e seus filhos estavam lá, salvo Ossë, que raramente ia a Valinor, e Tulkas, que não queria abandonar a vã caçada; e com eles os Lindar, o povo de Ingwë, ficou e chorou. Mas a maioria dos Noldor retornou para Tûn e pranteou o

escurecimento de sua bela cidade. Brumas e sombras então flutuaram do mar através do passo de Kôr, e todas as formas ficaram confusas, enquanto a luz das Árvores perecia. Um murmúrio foi ouvido em Terradelfos, e os Teleri gemiam à beira do mar.

§65 Então Fëanor apareceu subitamente entre os Noldor e convocou todos a vir à praça elevada sobre o topo da colina de Kôr sob a torre de Ingwë; mas a sentença de banimento de Tûn que os Deuses haviam lhe imposto ainda não tinha sido retirada, e ele se rebelou contra os Valar. Uma vasta congregação ocorreu rapidamente, portanto, para ouvir o que ele tinha a dizer, e a colina e todas as escadarias e ruas que a subiam estavam acesas com a luz de muitas tochas que cada um que comparecera carregava nas mãos.

§66 Fëanor era um grande orador com um poder de palavras que calavam fundo. Naquele dia em fez diante dos Gnomos um magno discurso que para sempre foi lembrado. Ferozes e tremendas foram suas palavras e cheias de ira e soberba, e elas levaram o povo à loucura como as emanações de um vinho potente. Sua raiva estava voltada sobretudo contra Morgoth e, contudo, a maior parte do que disse fora tirada das mesmas mentiras do próprio Morgoth; mas ele estava assoberbado de pesar pelo assassinato de seu pai e angustiado com o roubo das Silmarils. Agora reivindicava o reinado sobre todos os Noldor, já que Finwë estava morto, e escarneceu do decreto dos Valar. “Por que deveríamos ainda obedecer aos invejosos Deuses”, perguntou ele, “que não conseguem nos manter, nem a seu próprio reino, a salvo de seu inimigo? E não é Melko, o maldito, um dos Valar?”

§67 Incitou os Gnomos a se prepararem para fugir na escuridão, enquanto os Valar ainda estavam envoltos em luto ocioso; a buscar liberdade no mundo e, por sua própria bravura,

conquistar lá um novo reino, já que Valinor não era mais brilhante e ditosa do que as terras lá fora; a procurar Morgoth e guerrear com ele para sempre até serem vingados. “E quando tivermos recuperado as Silmarils”, disse ele, “haveremos de ser mestres da luz encantada, e senhores da ventura e da beleza do mundo.” Então ele fez um juramento terrível. Seus sete filhos saltaram de pronto para o seu lado e fizeram o mesmo voto junto com ele, cada qual com espada desembainhada. Fizeram um juramento que ninguém há de quebrar, e ninguém devia fazer, pelo nome do Pai-de-Tudo, invocando a Escuridão Sempiterna sobre si próprios, se não o cumprissem; e a Manwë chamaram como testemunha, e a Varda, e ao Monte Sacro, jurando perseguir com vingança e ódio, até os confins do mundo, Vala, Demônio, Elfo ou Homem ainda não nascido, ou qualquer criatura, grande ou pequena, boa ou má, que o tempo houvesse de gerar até o fim dos dias, a qual tivesse, ou tomasse, ou guardasse uma Silmaril, privando-os da posse dela.

§68 Fingolfin e seu filho Fingon falaram contra Fëanor, e houve ira e palavras furiosas que chegaram perto das vias de fato. Mas Finrod falou com suavidade e persuasão, e buscou acalmá-los, insistindo para que parassem e ponderassem, antes que fossem tomadas ações que não poderiam ser desfeitas. Mas, de seus próprios filhos, Inglor apenas falou com ele; Angrod e Egnor tomaram o partido de Fëanor, e Orodreth ficou de lado. No fim, a questão foi levada à votação pelo povo reunido e, estando tocados pelas palavras potentes de Fëanor, e repletos de desejo pelas Silmarils, decidiram partir de Valinor. Porém, os Noldor de Tûn não renunciariam ao reinado de Fingolfin; e como duas hostes divididas, portanto, eles se puseram em marcha em sua estrada amarga. A maior parte marchava atrás de Fingolfin,

que com seus filhos cedera à voz geral contra sua sabedoria, pois não abandonariam o seu povo; e com Fingolfin estavam Finrod e Inglor, embora estivessem desgostosos por partir. Na vanguarda marchava Fëanor e seus filhos com uma hoste menor, mas estavam cheios de uma ânsia temerária. Alguns ficaram para trás: tanto alguns que estiveram em Taniquetil no dia do fado, e sentavam-se agora com os Lindar aos pés dos Deuses, tomando parte no pesar e na vigília deles; como alguns que não queriam abandonar a bela cidade de Tûn e sua riqueza de coisas feitas por mãos hábeis, embora a escuridão tivesse caído sobre eles. E os Valar, ao ficarem sabendo o propósito dos Noldor, mandaram dizer que proibiam a marcha, pois a hora era maligna e levaria a pesar, mas não a impediriam, pois Fëanor os acusara, dizendo que mantinham os Eldar cativos contra a vontade destes. Mas Fëanor riu, endurecendo seu coração, e disse que a estada em Valinor levara através da ventura à tristeza; agora tentariam o contrário, encontrar júbilo enfim através do pesar.

§69 Portanto, continuaram sua marcha, e a casa de Fëanor apressou-se adiante ao longo da costa de Valinor, e não voltaram seus olhos para contemplar Tûn. As hostes de Fingolfin seguiam com menos ânsia, e na retaguarda vinham pesarosos Finrod e Inglor e muitos dos mais nobres e mais belos dos Noldor; e olhavam amiúde para trás, até que a lâmpada de Ingwë se perdeu em meio à treva cerrada; e mais do que os outros carregavam dali memórias da glória de seu antigo lar, e mesmo algumas das coisas belas que haviam feito com as próprias mãos traziam consigo. Assim, a gente de Finrod não tomou parte no ato horrendo que então foi cometido; contudo, todos os Gnomos que partiram de Valinor caíram sob a sombra da maldição que se seguiu daquilo. Pois logo entrou no coração de Fëanor que deveriam

persuadir os Teleri, seus amigos, a se unirem a eles; pois assim, em sua rebelião, pensava que a ventura de Valinor poderia diminuir ainda mais, e seu poder para guerrear contra Morgoth ser aumentado; ademais, ele desejava navios. Quando sua mente esfriou e tomou conselho, ele viu que os Noldor dificilmente escapariam sem muitas embarcações; mas seria necessário muito tempo para construir tão grande frota, mesmo se houvesse alguém entre os Noldor que fosse hábil naquela arte. Mas não havia ninguém, e ele não toleraria qualquer atraso, por temer que muitos pudessem abandoná-lo. No entanto, precisavam em algum momento cruzar os mares, ainda que longe, ao Norte, onde eram mais estreitos; pois ainda mais adiante, àqueles lugares onde a terra ocidental e a Terra-média mais se aproximavam, ele temia se aventurar. Lá, ele sabia, ficava Helkaraksë, o Estreito de Gelo Pungente, onde os montes congelados sempre se quebravam e se moviam, se partiam e tornavam a se chocar.

§70 Mas os Teleri não se juntariam aos Noldor na fuga, e mandaram de volta seus mensageiros. Nunca deram ouvidos a Morgoth, nem o receberam entre eles. Não desejavam agora nenhum outro rochedo nem praias além das costas de Casadelfos, nem outro senhor além de Elwë, príncipe de Alqualondë; e ele confiava que Ulmo e os grandes Valar ainda sanariam o pesar de Valinor. E seus navios brancos de velas brancas não dariam nem venderiam, pois lhes eram muito caros, tampouco tinham esperança de fazer de novo outros tão belos e ligeiros. Mas quando a hoste de Fëanor chegou ao Porto dos Cisnes, eles tentaram tomar à força as frotas brancas que estavam ancoradas lá, e os Teleri lhes resistiram. Armas foram desembainhadas e uma luta amarga foi travada no grande arco do portão do Porto, e nos

ancoradouros e molhes iluminados por lamparinas, como é tristemente contado na canção da Fuga dos Gnomos. Três vezes a gente de Fëanor foi rechaçada, e muitos foram mortos de ambos os lados; mas a vanguarda dos Noldor foi socorrida pelos primeiros do povo de Fingolfin, e os Teleri foram sobrepujados, e a maioria daqueles que habitavam em Alqualondë foi morta ou lançada ao mar. Pois os Noldor haviam se tornado ferozes e desesperados, e os Teleri tinham menos força e estavam armados, em sua maior parte, apenas com arcos leves. Então os Gnomos tomaram os navios brancos dos Teleri, e manejaram os remos da melhor maneira que puderam, e os levaram para o norte ao longo da costa. E os Teleri clamaram a Ossë, e ele não veio, pois ele havia sido convocado a Valmar para a vigília e o concílio dos Deuses, e não estava decretado pelo destino, nem permitido pelos Valar, que a fuga dos Noldor fosse impedida. Mas Uinen chorou pelos mortos dos Teleri; e o mar urrou contra os Gnomos, de modo que muitos dos navios naufragaram, e aqueles que neles estavam se afogaram.

§71 Mas a maioria deles escapou e continuou sua jornada, alguns de navio e outros a pé; mas o caminho era longo e ficava cada vez mais duro conforme prosseguiam. Depois de muito terem marchado, e de chegarem enfim aos confins setentrionais do Reino Abençoado — e estes são montanhosos e frios e dão para o ermo vazio de Eruman —, eles contemplaram uma figura sombria postada no alto de uma rocha voltada para a costa. Alguns dizem que era o arauto dos Deuses, outros que era o próprio Mandos. Lá anunciou em uma voz alta, solene e terrível, a maldição e profecia que é chamada de Profecia do Norte, advertindo-os para que retornassem e buscassem perdão, ou no fim retornar então somente depois do pesar e inefável sofrimento. Muito

ele previu em palavras obscuras, que apenas os mais sábios dentre eles compreenderam, acerca de coisas que depois lhes sobrevieram. Mas todos ouviram a maldição que ele pronunciou sobre aqueles que não ficassem ou buscassem a sentença e o perdão dos Valar, pelo derramamento do sangue de sua gente em Alqualondë e por travarem a primeira batalha entre os filhos da terra iniquamente. Por isso os Noldor provariam a morte com mais frequência e mais amargamente do que sua gente, por arma, e por tormento, e por tristeza; e má fortuna perseguiria a casa de Fëanor, e seu juramento voltar-se-ia contra eles, e todos os que agora os seguissem compartilhariam de sua sina. E o mal se abateria sobre eles mormente por traição de parente contra parente, de modo que em todas as suas guerras e conselhos sofreriam pela traição e pelo medo da traição entre eles próprios. Mas Fëanor disse: "Não disse ele que havemos de sofrer de covardia, por poltrões ou por medo de poltrões", e isso também se provou verdadeiro.

§72 Então Finrod e alguns de sua casa retornaram, e por fim chegaram mais uma vez a Valinor, e receberam o perdão dos Valar; e Finrod foi posto a governar os remanescentes dos Noldor no Reino Abençoado. Mas seus filhos não foram com ele, pois Inglor e Orodreth não queriam abandonar os filhos de Fingolfin, nem Angrod e Egnor seus amigos Celegorn e Curufin; e todo o povo de Fingolfin ainda seguiu adiante, sendo obrigado pela vontade de Fëanor e temendo também enfrentar o julgamento dos Deuses, já que nem todos eles tinham sido inocentes do fratricídio em Alqualondë. Então, com muita celeridade, o mal que tinha sido previsto começou a operar.

§73 Os Gnomos chegaram afinal ao Norte, e viram os primeiros dentes do gelo que flutuava no mar. Eles começaram a sofrer

tormentos com o frio. Então muitos deles murmuraram, especialmente aqueles que seguiam Fingolfin, e alguns começaram a amaldiçoar Fëanor e a chamá-lo da causa de todas as dores dos Eldar. Mas os navios eram muito poucos, muitos tendo sido perdidos no caminho, para levar a todos juntos, porém ninguém estava disposto a esperar na costa enquanto outros eram transportados; já o medo de traição estava desperto. Portanto, entrou no coração de Fëanor e de seus filhos zarpar de repente com todos os navios, dos quais tinham mantido o comando desde a batalha do Porto; e levaram consigo somente aqueles que eram fiéis à sua casa, entre os quais se encontravam Angrod e Egnor. Quanto aos outros, "deixaremos os que resmungam a resmungar", disse Fëanor, "ou a lastimar no caminho de volta às gaiolas dos Valar". Assim teve início a maldição do fratricídio. Quando Fëanor e sua gente desembarcou nas costas do oeste das regiões setentrionais da Terra-média, puseram fogo nos navios e fizeram um grande incêndio, terrível e luzente; e Fingolfin e seu povo viram a luz do fogo ao longe, vermelha sob as nuvens. Viram então que tinham sido traídos, e deixado para perecer em Eruman ou retornar; e vagaram longamente em sofrimento. Mas seu valor e sua firmeza cresceram com a dificuldade; pois eram um povo poderoso, recém-chegados do Reino Abençoado e ainda não cansados com o cansaço da terra, e o fogo de suas mentes e seus corações era jovem. Portanto, liderados por Fingolfin, e Fingon, Turgon e Inglor, ousaram entrar no Norte mais terrível; e, ao não achar outro caminho, desafiaram afinal os terrores do Gelo Pungente. Poucos dos feitos dos Gnomos depois disso superaram a perigosa travessia em firmeza ou em sofrimento. Muitos ali pereceram miseravelmente, e foi com uma hoste diminuída que Fingolfin pôs os pés, enfim,

nas terras setentrionais. Pouco amor por Fëanor ou por seus filhos tinham aqueles que marcharam finalmente a segui-lo e chegaram a Beleriand ao nascer do sol.

Comentário ao Capítulo 5

§60 Aqui aparece pela primeira vez a história de que Fëanor foi ao festival, da qual não há indício no Q (IV. 110).

§62 O Q possui "Em seu auxílio vieram os Orques e Balrogs que viviam ainda nos lugares mais profundos de Angband", mas os Orques não estão presentes aqui no QS. Aqui e mais uma vez em §105 *Utumno* é uma alteração inicial a partir de *Utumna*; ver o comentário a §12. Vê-se por §105 que a frase levemente ambígua "e ele reconstruiu…" significa que ele construiu Angband sobre as ruínas de Utumno: "Melko, ao voltar para a Terra-média, fez as masmorras infindáveis de Angband, os infernos de ferro, onde outrora Utumno estivera". Ver IV. 306.

No Q a passagem sobre a feitura dos Orques por Morgoth, precursora desta no QS, está localizada num ponto anterior (IV. 100), antes da feitura das estrelas e do despertar dos Elfos; no local correspondente no QS (§18) é dito que "os Orques só foram feitos depois de ele ter contemplado os Elfos". No Q, no local (IV. 111) que corresponde à presente passagem no QS, é dito que "incontável se tornou o número das hostes de seus Orques e demônios" — isto é, os Orques já existiam antes do retorno de Morgoth (e, assim, puderam ir em seu auxílio quando ouviram o seu grito); mas há uma indicação no Q neste ponto (IV. 112, nota 8) para inserir a feitura dos Orques aqui e não antes (sendo a razão para isso a ideia de que os Orques foram feitos "em zombaria dos Filhos de Ilúvatar").

§68 Que Orodreth "ficou de lado", sem tomar o partido nem de Finrod e Inglor, nem de Angrod e Egnor e dos Fëanorianos, é um elemento novo na história; ver §73 abaixo.

§70 O relato no QS da Batalha de Alqualondë, e das maquinações de Fëanor antes dela, recebe uma melhor progressão e é expandido substancialmente a partir daquele no Q (IV. 113–14),

enquanto a passagem final de §70, que reconta o chamado de Ossë pelos Teleri e a tempestade provocada por Uinen, encontra-se completamente ausente nas versões anteriores.

§71 *Eruman* não é usado para essa região no Q (onde o nome é aplicado à terra onde os Homens despertaram pela primeira vez no Leste, IV. 117–18, 194), mas é encontrado com esse sentido no *Ambarkanta* (IV. 283; também nos mapas, IV. 293, 295).

Alguns elementos nessa versão da Profecia do Norte não presentes no Q (IV. 114) são encontrados no anal 2993 dos AV (praticamente os mesmos em ambas as versões), como "seu juramento voltar-se-ia contra eles" e "seriam mortos com armas, e com tormentos, e com tristezas". Por outro lado, a versão dos AV possui um elemento que não está presente no QS, a profecia de que os Noldor "no longo fim desvaneceriam na Terra-média e feneceriam diante da raça mais jovem" (ver IV. 195).

§73 No AV 2, anal 2994, a história ainda era a de que Orodreth, assim como Angrod e Egnor, foram levados pelos Fëanorianos nos navios; mas com a separação de Orodreth de Angrod e Egnor no QS, tornando-o por sua vez alguém próximo de seu irmão Inglor Felagund (§42), seu nome foi riscado do anal (AV 2, nota 10). É notável aqui que Orodreth não é nomeado entre os líderes na passagem da segunda hoste pelo Gelo Pungente. Creio que isso está associado com sua atitude de "ficar de lado" durante as desavenças antes da Fuga dos Noldor (ver §68); indicações da diminuição de sua importância, que descrevi em III. 112–13, 291.

Em QS §91, é dito que o primeiro sol surgiu quando Fingolfin marchou para Mithrim; assim, "Beleriand" é usado aqui num sentido muito amplo (como também nos AV, anal 2995: "Fëanor chegou a Beleriand e às costas sob as Eredlómin", repetido em QS §88). De modo similar, a Batalha-sob-as-Estrelas, travada em Mithrim, foi a Primeira Batalha de Beleriand. Mas em QS §108, Beleriand "tinha como limites ao Norte Nivrost e Hithlum e Dorthonion".

6. DO SOL E DA LUA E DA OCULTAÇÃO DE VALINOR

§74 Quando os Deuses souberam que os Noldor tinham fugido, e chegado enfim à Terra-média, eles foram tirados de seu pesar, e aconselharam-se para a reparação das feridas do mundo. E Manwë pediu que Yavanna usassem todo o seu poder de crescimento e cura; e ela usou todo o seu poder nas Árvores, mas de nada serviu para curar seus ferimentos mortais. Mas, na hora em os Valar ouviram na penumbra a canção dela, Silpion produziu enfim, num galho sem folhas, uma grande flor de prata, e Laurelin, um único fruto d'ouro. Esses Yavanna tomou consigo, e as Árvores então morreram, e seus troncos sem vida estão ainda em Valinor, um memorial da alegria desaparecida. Mas o fruto e a flor Yavanna deu a Aulë, e Manwë os consagrou, e Aulë e seu povo fizeram vasos para abrigá-los e preservar sua radiância: como se diz na canção do Sol e da Lua. Esses vasos os Deuses deram a Varda para que se tornassem luzes do céu, superando em brilho as antigas estrelas; e ela lhes deu poder para atravessar a região das estrelas, e os pôs a navegar em cursos determinados acima da terra. Essas coisas os Valar fizeram, recordando, em seu crepúsculo, a escuridão das terras de fora; e resolveram então iluminar a Terra-média e, com luz, atrapalhar os feitos de Melko; pois se lembravam dos Elfos-escuros, e não tinham abandonado completamente os Gnomos eLivross; e Manwë sabia que a hora dos Homens estava próxima.

§75 Isil, a Brilhante, é o nome que os Deuses outrora deram à Lua em Valinor, e de Úrin, o Flamante, eles chamaram o Sol; mas os Eldar deram-lhes os nomes de Răna, a inconstante, a provedora de visões, e de Anar, o coração de chama, que desperta e consome. Pois o Sol foi disposto como um sinal

do despertar dos Homens e do esvanecer dos Elfos; mas a Lua acalenta a memória deles. A donzela escolhida entre a sua própria gente pelos Valar para guiar o navio do Sol tinha o nome de Arien, e o jovem que estava no leme da ilha flutuante da Lua era Tilion.[m] Nos dias das Árvores, Arien cuidara das flores douradas nos jardins de Vana e as regava com os orvalhos radiantes de Laurelin. Tilion era um jovem caçador da companhia de Oromë, e tinha um arco prateado. Ele amava Arien, mas ela era um espírito mais sacro de maior poder, e deseja ser para sempre virgem e só; e Tilion a perseguia em vão. Tilion abandonou então as matas de Oromë, e habitou nos jardins de Lórien, sentado a sonhar à beira das lagoas iluminadas pela luz bruxuleante de Silpion.

§76 Răna foi feita e ficou pronta primeiro, e se elevou por primeiro à região das estrelas, e se tornou a primogênita das novas luzes, assim como Silpion fora a das Árvores. Então, por algum tempo, o mundo teve luar, e muitas criaturas que haviam aguardado longamente na escuridão se agitaram e despertaram; mas muitas das estrelas fugiam atemorizadas, e Tilion, o arqueiro, desviava-se de seu curso para persegui-las; e algumas mergulhavam no abismo e buscavam refúgio nas raízes da terra. Os serviçais de Melko ficaram cheios de assombro; e conta-se que Fingolfin pôs os pés nas terras setentrionais com o primeiro nascer da lua, e as sombras de sua hoste eram longas e negras. Tilion tinha atravessado o céu sete vezes e, assim, estava no extremo Leste quando a nau de Arien ficou pronta. Então Anar se ergueu em glória e a neve sobre as montanhas brilhou com fogo, e ouviu-se o som de muitas quedas d'água; mas os serviçais de Melko fugiram para Angband e se encolheram de medo, e Fingolfin desfraldou suas bandeiras.

§77 Ora, Varda pretendia que os dois vasos navegassem pelo céu e ficassem sempre no alto, mas não juntos: cada um havia de viajar de Valinor para o Leste e retornar, um saindo do Oeste enquanto o outro voltava do Leste. Assim, o primeiro dos dias foi contado à maneira das Árvores, da mescla das luzes quando Arien e Tilion se cruzaram acima do meio da terra. Mas Tilion era inconstante e incerto de velocidade, e não seguia seu curso designado; e por vezes buscava tardar Arien, a quem amava, embora a chama de Anar mirrasse o brilho da flor de Silpion, caso chegasse muito perto, e seu vaso ficava escorchado e escurecido. Por causa de Tilion, portanto, e ainda mais por causa dos rogos de Lórien e Nienna, que diziam que toda a noite e o sono e a paz tinham sido banidos da terra, Varda mudou de desígnio, e permitiu que houvesse um tempo no qual o mundo ainda havia de ter sombra e meia-luz. O Sol descansava, portanto, algum tempo em Valinor, deitando-se sobre o seio fresco do Mar de Fora. De modo que o Anoitecer, que é o momento da descida e do repouso do Sol, é a hora de maior luz e regozijo em Valinor. Mas logo o Sol é puxado para baixo para Vaiya pelos serviçais de Ulmo, e levado apressado até o Leste, e lá sobe ao céu de novo, para que a noite não seja longa demais e o mal fortalecido. Mas as águas de Vaiya se tornam quentes e brilham com fogos coloridos, e Valinor tem luz por um tempo após a passagem de Arien; contudo, conforme ela segue sob a terra e se aproxima do Leste, o brilho desbota e Valinor fica às escuras, e os Deuses, então, pranteiam muitíssimo a morte de Laurelin. Na aurora, as sombras de suas montanhas de defesa jazem pesadas sobre a terra dos Valar.

§78 Varda ordenou que a Lua se erguesse somente depois que o Sol tivesse deixado o céu, mas ela viaja com passo incerto, e

ainda o persegue, de modo que por vezes ambos estão no céu juntos, e ainda por vezes ela se aproxima dele, e há uma escuridão em meio ao dia. Mas Tilion se demora raramente em Valinor, amando antes das grandes terras; e mormente passa rápido pela terra do oeste, por Arvalin, ou Eruman ou Valinor, e mergulha no abismo entre as costas da terra e do Mar de Fora, e segue seu caminho a só em meio às grotas nas raízes da terra. Lá por vezes vaga longamente, e estrelas que se esconderam lá fogem diante dele para o ar superior. Contudo, ocorre por vezes que ele chega acima de Valinor enquanto o Sol ainda lá está, e então desce e encontra sua amada, pois deixam seus vasos por algum tempo; então há grande júbilo, e Valinor fica repleta de prata e ouro, e os Deuses riem lembrando-se do mesclar da luz há muito tempo atrás, quando Laurelin florescia e Silpion estava em botão.

§79 Ainda, portanto, a luz de Valinor é maior e mais bela do que sobre a Terra-média, porque o Sol descansa lá, e as luzes do céu ficam mais perto da terra naquela região; ademais os Valar guardam a radiância do Sol em muitas vasilhas, e em tonéis e lagos para seu conforto em tempos de escuridão. Mas a luz não é a luz que vinha das Árvores antes que os lábios envenenados de Ungoliantë as tocassem. Aquela luz vive agora apenas nas Silmarils. Deuses e Elfos, portanto, aguardam ainda um tempo no qual o Sol e a Lua Mais Antigos, que são as Árvores, possam ser reacendidos e o júbilo e a glória antigos retornar. Ulmo lhes predisse que isso só viria a acontecer com o auxílio, por mais débil que parecesse, da segunda raça da terra, os Filhos Mais Novos de Ilúvatar. Mas apenas Manwë deu ouvido às suas palavras naquele tempo; pois os Valar estavam ainda irados em razão da ingratidão dos Noldor, e da cruel matança no Porto dos Cisnes. Além disso, todos, exceto Tulkas, por um tempo

ficaram em dúvida, temendo o poderio e a astúcia de Morgoth. Portanto, nesse tempo, fortificaram toda Valinor de novo, e postaram uma guarda que nunca dormia nos muros montanhosos, que então ergueram, a leste, norte e sul, a alturas de vertigem e terror. As encostas externas eram escuras e lisas, sem borda ou apoio para nada além de pássaros, e caíam rumo a precipícios com faces duras como vidro; seus topos eram coroados de gelo. Nenhum passo as atravessava, salvo apenas no Kalakilya, onde se erguia o monte de Kôr. Esse passo eles não podiam fechar por causa dos Eldar que eram fiéis; pois todos aqueles da raça élfica precisam respirar por vezes o ar de fora da Terra-média, e tampouco podiam separar totalmente os Teleri de seus parentes. Mas os Eldar foram postos a guardar aquele passo sem cessar: a frota dos Teleri ficava na costa, os remanescentes dos Gnomos habitavam sempre na fenda profunda das montanhas, e sobre a planície de Valmar, onde o passo sai para Valinor, os Lindar acampavam como sentinelas, de modo que nem ave, nem fera, nem Elfo, nem Homem, nem criatura alguma que viesse da Terra-média pudessem passar daquela barreira.

§80 Naquele tempo, ao qual as canções chamam de a Ocultação de Valinor, as Ilhas Encantadas foram dispostas, e enchidas de sombras e desconcerto, e todos os mares à volta ficaram cheios de sombras; e essas ilhas foram dispostas pelos Mares Sombrios de norte a sul antes que Tol Eressëa, a Ilha Solitária, seja alcançada por quem navegue para o oeste; e dificilmente podia alguma nau passar entre elas na penumbra ou avançar até a Baía de Casadelfos. Pois um grande cansaço vem sobre os marinheiros naquela região, e uma aversão ao mar; mas todos os que pisam naquelas ilhas ficam ali apanhados e envoltos num sono eterno. Assim foi que os

muitos emissários dos Gnomos em dias que vieram depois jamais alcançaram Valinor — salvo um, o mais poderoso manheiro das canções ou histórias.

Comentário ao Capítulo 6

§74 No relato extremamente breve no Q (IV. 116) não há menção de Aulë ter tomado alguma parte na feitura do Sol e da Lua, e o QS reverte nesse ponto à história original nos *Contos Perdidos* (I. 224–25, 231–32).

Da passagem que começa com "Esses vasos os Deuses deram a Varda" há apenas um traço no Q. Varda aparece como a criadora dos movimentos do Sol e da Lua no *Ambarkanta* (IV. 280).

§75 No Q a Lua é chamada de *Rána* (sem tradução), e é dito que esse nome foi dado pelos Deuses (da mesma forma nos *Contos Perdidos*, I. 232). No QS, o nome dos Deuses é *Isil*, "a Brilhante" (cf. o nome dos Elfos, *Sil*, "a Rosa", nos *Contos Perdidos*, *ibid.*), e *Răna*, "a inconstante", o dos Eldar. — No Q, o nome do Sol, dado pelos Deuses, é Ûr (nos *Contos Perdidos*, I. 225, esse era o nome élfico, com o significado de "fogo"; os Deuses chamaram o Sol de *Sári*). No QS, o nome dos Deuses é *Úrin*, "o Flamante", e o nome eldarin, *Anar*. — Em *A Estrada Perdida* (p. 54) os nomes dos Sol e da Lua que "chegaram" a Alboin Errol eram *Anar* e *Isil* (e também *Anor* e *Ithil* em "beleriândico" — que presumivelmente aqui significa noldorin exílico: ver as *Etimologias,* radicais ANÁR e SIL).

Quase que as mesmas palavras para o Sol e a Lua em relação aos Homens e aos Elfos são usadas no AV 2 (anal 2998–3000 e comentário).

No Q, a Donzela-do-Sol era chamada Úrien, emendada do início ao fim para Árien. Tal como o QS foi escrito inicialmente, o nome ainda era grafado *Árien*, mas foi alterado em todo o texto para *Ărien*, *Arien*. Essa parece ter sido uma alteração muito inicial e, portanto, usei *Arien* no texto.

Quanto à "ilha flutuante da Lua", ver IV. 194. A glosa marginal feita por *Æ*lfwine (ver o preâmbulo do QS na p. 238) certamente é contemporâneo à composição do manuscrito. Inglês antigo *hyrned* "cornudo"; cf. as *Etimologias*, radical TIL.

Não há nada correspondente no Q de "Ele amava Arien, mas ela era um espírito mais sacro de maior poder" até o final de §76, exceto a referência (IV. 116) a Tilion ir ao encalço das estrelas. No Q Tilion na verdade é o rival de Arien, como o era Ilinsor nos *Contos Perdidos* (I. 235); mas cf. o *Ambarkanta* (onde Arien e Tilion não são mencionados): "ocorre por vezes que ele [a Lua] chega acima de Valinor antes de o Sol ter partido, e então desce e encontra sua amada" (IV. 282) — uma passagem ecoada de perto em QS §78.

§76 "mergulhavam no abismo": o Abismo de Ilmen (ver o *Ambarkanta*, IV. 281). — Essa é a primeira aparição da imagem das longas sombras lançadas pela hoste de Fingolfin conforme a Lua se erguia no Oeste atrás deles. — Nessa frase, a palavra *amazed* [espantados] é usada num sentido arcaico e muito mais forte: dominados pelo assombro e medo.

§77 "seu vaso ficava escorchado e escurecido": nenhuma explicação é dada no Q para as marcas na Lua (quanto à história antiga acerca disso, ver I. 231, 234). É dito no Ambarkanta que a Lua "sempre persegue o Sol, e raramente a alcança, e então é consumido e obscurecido em sua chama".

§§77–8 Embora boa parte da descrição dos movimentos do Sol e da Lua nesses parágrafos não esteja presente no Q, uma passagem no *Ambarkanta* (IV. 281), apesar de mais breve e sem qualquer referência à mudança no plano divino, corresponde muito de perto ao QS em muitas características. O relato do QS introduz uma explicação para os eclipses solares ("ainda por vezes ele se aproxima dela, e há uma escuridão em meio ao dia"), e para os meteoros ("estrelas que se esconderam lá fogem diante dele para o ar superior") — cf. a antiga concepção nos *Contos Perdidos*, I. 260–61.

§79 O armazenamento da luz do Sol em tonéis e lagos em Valinor reflete uma ideia encontrada muito antes em Kulullin, o grande

caldeirão de luz dourada em Valinor: os Deuses coletavam aquela luz "no grande tonel Kulullin de modo que muito encheram-se suas fontes, ou em outras bacias brilhantes e amplos lagos junto aos seus pátios, pois a salubridade e glória de sua radiância era grandíssima" (I. 219). Posteriormente, a ideia ressurgiu em relação às Duas Árvores: "os orvalhos de Telperion e a chuva que caía de Laurelin Varda guardava em grandes tonéis feito lagos brilhantes, que eram, para toda a terra dos Valar, como poços de água e de luz" (*O Silmarillion*, p. 68).

A passagem que começa com "Deuses e Elfos, portanto, aguardam ainda…" sobreviveu através do Esb e do Q desde as concepções mais antigas. Na expressão "o Sol e a Lua Mais Antigos" as palavras "Mais Antigos" foram escritas sobre um trecho apagado, e a palavra apagada era certamente "Mágicos" — a última ocorrência do antigo "Sol Mágico". Quanto à misteriosa predição de Ulmo, ver IV. 60.

O relato do levantamento dos muros montanhosos e da razão para não fechar o Passo de Kôr foi bastante aumentado a partir da passagem correspondente no Q.

É possível ver que na época em que meu pai começou *O Senhor dos Anéis* os conceitos do *Ambarkanta* ainda se encontraram completamente presentes, e que a história da feitura do Sol e da Lua a partir do último fruto e da última flor das Árvores moribundas ainda se encontrava bastante desanuviado pela dúvida de sua adequação na estrutura inteira da mitologia.

7. DOS HOMENS

§81 Os Valar sentaram-se, então, detrás das montanhas e festejaram, e todos, salvo Manwë e Ulmo, tiraram os Noldor eLivross de seus pensamentos; e, tendo levado luz à Terra-média, deixaram-na por muito tempo sem seus cuidados, e o senhorio de Morgoth não era desafiado, salvo pelo valor dos Gnomos. Quem mais os tinha em mente era Ulmo, que reunia novas da terra através de todas as águas.

§82 Ao primeiro nascer do Sol acima da terra, os filhos mais novos do mundo despertaram na terra de Hildórien no extremo Leste da Terra-média, que se situa às margens do mar oriental; pois o tempo medido chegara à terra, e o primeiro dos dias, e a longa espera estava no fim. Depois disso o vigor dos Quendi que permaneceram nas terras interiores foi diminuído, e seu ocaso começou; e o ar da Terra-média fez-se pesado com o fôlego do crescimento e da mortalidade. Pois houve grande crescimento naquele tempo sob o novo Sol, e as terras centrais da Terra-média foram cobertas por uma profusão súbita de florestas e estas tinham folhas em abundância, e a vida pululava sobre o solo e nas águas. Mas o primeiro sol se ergueu no Oeste, e os olhos dos Homens, ao se abrir, voltaram-se para lá, e seus pés, conforme vagavam pela terra, em sua maior parte desgarraram-se naquela direção.

§83 Dos Homens[n] pouco se conta nestas histórias, que são concernentes aos dias antigos, antes do zênite dos mortais e do ocaso dos Elfos, salvo no que diz respeito àqueles Pais de Homens, que, nos primeiros anos de Lua e de Luz do Sol, vagaram pelo Norte do mundo. A Hildórien não veio Deus algum para guiar os Homens ou para convocá-los a habitar em Valinor; e os Homens têm temido os Valar, em vez de amá-los, e não entendem os propósitos dos Poderes, estando em conflito com eles e em contenda com o mundo. Ulmo, mesmo assim, não deixava de pensar neles, auxiliando os planos e a vontade de Manwë; e suas mensagens lhes chegavam amiúde por correnteza e torrente. Mas os Homens não eram hábeis em tais matérias, e menos ainda naqueles dias, antes que se juntassem aos Elfos. Portanto, amavam as águas, e seus corações se comoviam, mas não entendiam as mensagens. Conta-se, porém, que logo encontraram Elfos-

escuros em muitos lugares, e com eles fizeram amizade E os Elfos-escuros lhes ensinaram a fala, e muitas outras coisas; e os Homens se tornaram os companheiros e discípulos, em sua infância, desses povos antigos, andarilhos da raça-élfica que nunca encontraram os caminhos até Valinor, e conheciam os Valar apenas como um rumor e um nome distante.

§84 Não havia muito Morgoth então voltara à Terra-média, e seu poder não avançara tanto e, além do mais, fora detido pela chegada repentina das grandes luzes. Havia pouco perigo, portanto, nas terras e colinas; e lá coisas novas, belas e viçosas, planejadas muitas eras antes no pensamento de Yavanna, e semeadas como sementes no escuro, vieram por fim a brotar e desabrochar. Para o oeste, o norte e o sul os filhos dos Homens se espalharam e vagaram, e seu júbilo era como o júbilo da manhã antes que o orvalho secasse, quando toda folha é verde.

§85 Mas a aurora é breve, e o dia pleno amiúde desmente sua promessa; e então veio a hora das grandes guerras dos poderes do Norte, quando Gnomos e Elfos-escuros e Homens combateram contra as hostes de Morgoth Bauglir, e caíram em ruína. Para esse fim, as mentiras astutas de Morgoth, que ele semeara outrora e semeava sempre mais entre seus inimigos, e a maldição que veio da matança em Alqualondë e o juramento de Fëanor estavam sempre trabalhando: os maiores agravos causaram a Elfos e Homens. Só uma parte aqui se conta dos feitos daqueles dias e fala-se mormente dos Gnomos, e das Silmarils, e dos mortais que se enredaram no destino deles. Naqueles dias, Elfos e Homens eram de estatura e força de corpo semelhantes; mas os Elfos eram abençoados com maior sagacidade, e engenho, e beleza; e aqueles que tinham habitado em Valinor e contemplado os

Deuses superavam tanto os Elfos-escuros nessas coisas quanto eles, por sua vez, superavam o povo de raça mortal. Só no reino de Doriath, cuja rainha Melian era de raça divina, os Ilkorins chegavam perto de se igualar aos Elfos de Kôr. Imortais eram os Elfos, e sua sabedoria crescia de era a era, e nenhuma doença nem pestilência traziam-lhes a morte. Contudo, seus corpos eram da matéria da terra e podiam ser destruídos, e, naqueles dias, eram mais semelhantes aos corpos dos Homens, e à terra, já que não eram habitados, havia tanto, pelo fogo do espírito, que os consome de dentro com o correr do tempo. Portanto, podiam perecer nos tumultos do mundo, e pedra e água tinham poder sobre eles, e podiam ser mortos com armas naqueles dias, mesmo por Homens mortais. E fora de Valinor provavam de amarga tristeza, e alguns desvaneciam e eram consumidos pelo pesar até desaparecerem da terra. Tal era a medida de sua mortalidade prevista na Sentença de Mandos pronunciada em Eruman. Mas se eram mortos ou se desvaneciam pelo pesar, eles não morriam da terra, e seus espíritos voltavam aos salões de Mandos, e lá aguardavam, dias ou anos, mesmo mil, de acordo com a vontade de Mandos e seus merecimentos. De lá eram finalmente chamados de volta à liberdade, ou como espíritos, assumindo formas de acordo com seus próprios pensamentos, como a gente menor da raça divina; ou então, diz-se, por vezes renascem em seus próprios filhos, e a sabedoria antiga de sua raça não perece nem é diminuída.

§86 Mais frágeis eram os Homens, mais facilmente mortos por armas ou infortúnio, e menos facilmente se curavam; estavam sujeitos a doença e a muitos males; e envelheciam e morriam. O que acontecia a seus espíritos depois da morte, os Elfos não sabem. Alguns dizem que eles também vão para

os salões de Mandos; mas seu lugar de espera ali não é aquele dos Elfos; e somente Mandos, sob Ilúvatar, salvo Manwë, sabe para onde vão depois do tempo de recolhimento naqueles salões silenciosos à beira do Mar do Oeste. Não renascem na terra, e ninguém jamais voltou das mansões dos mortos, salvo apenas Beren, filho de Barahir, cuja mão tocara uma Silmaril; mas ele nunca mais falou depois disso a Homens mortais. O fado dos Homens depois da morte, quiçá, não está nas mãos dos Valar, nem foi de todo previsto na Música dos Ainur.

§87 Nos dias que vieram depois, quando, por causa do triunfo de Morgoth, Elfos e Homens alhearam-se uns dos outros, como ele tanto desejara, aqueles da raça-élfica que viviam ainda na Terra-média desvaneceram e feneceram, e os Homens usurparam a luz do Sol. Então os Quendi vagaram pelos lugares mais solitários das grandes terras e das ilhas, preferindo a luz da Lua e das estrelas, e as matas e cavernas, tornando-se como que sombras e memórias, diferentes daqueles que, de quando em vez, zarpavam para o Oeste e desapareciam da terra, como é aqui contado mais tarde. Mas, na aurora dos anos, Elfos e Homens eram aliados e se consideravam parentes, e havia alguns entre os Homens que aprendiam a sabedoria dos Eldar, tornando-se grandes e valentes e renomados entre os capitães dos Gnomos. E, na glória e na beleza dos Elfos e em sua sina, grande parte tomaram os belos rebentos de Elfa e Mortal, Eärendel e Elwing, e o filho deles, Elrond.

Comentário ao Capítulo 7

§82 *Hildórien* como o nome da terra onde os Homens despertaram (em substituição a *Eruman* do Q) apareceu no *Ambarkanta*: entre as Montanhas do Vento e o Mar do Leste (IV. 284). O nome

inserido no AV 2 (nota 13): “Hildórien, nas regiões centrais do mundo” — enquanto no QS ela se situava “no extremo Leste da Terra-média”. Acredito que aqui haja apenas a aparência de uma contradição. Hildórien ficava no leste mais distante da *Terra-média*, mas estava nas regiões centrais do mundo; ver o mapa IV do *Ambarkanta*, no qual Hildórien está marcada (IV. 293). — Minha nota em IV. 303 de que o nome *Hildórien* tem implícito *Hildor* precisa ser corrigida: a nota de rodapé do texto em §83 mostra que a forma nessa época era *Hildi* (cf também as *Etimologias*, radical KHIL).

§83 A nota de rodapé sobre os nomes élficos para os Homens é da mesma época que a composição original do manuscrito.

§85 Há algumas diferenças importantes na passagem acerca do destino dos Elfos com relação àquela no Q (IV. 118–19), na qual foi baseada. O Q não possui nada correspondente à afirmação de que os corpos élficos eram então mais semelhantes aos corpos mortais, mais terrestres, menos “consumidos” pelo “fogo de seu espírito” do que se tornaram mais tarde. Tampouco há no Q a referência à Sentença de Mandos — a qual, de qualquer modo, não se refere no Q à questão da mortalidade élfica. Isso aparece pela primeira vez no relato da Sentença nos AV (anal 2993), onde a frase “uma medida da mortalidade iria visitá-los” é usada, ecoada aqui no QS: “Tal era a medida de sua mortalidade prevista na Sentença de Mandos”; ver IV. 327–28. Um outro desenvolvimento, por si só notável, está na ideia de os Elfos, ao finalmente retornarem de Mandos, “assumindo formas de acordo com seus próprios pensamentos, como a gente menor da raça divina” (isto é, não mais como seres corpóreos, mas como espíritos que podiam se “vestir” com uma forma perceptível).

§86 O “Mar do Oeste” aqui é o Mar de Fora, Vaiya. Isso parece ser não mais do que um deslize, pois o Q possui “seus vastos salões *além* do mar do oeste”; meu pai corrigiu esse trecho algum tempo depois para “Mar de Fora”.

§87 Com “das grandes terras e das ilhas”, cf. o Q (IV. 184): “nas grandes ilhas, as quais, na ruptura do mundo do Norte, foram

formadas a partir da antiga Beleriand" (mantido no QS, p. 397, §26).

Está claro pela última frase do capítulo que nessa época Elros ainda não havia surgido, como não havia em *A Queda de Númenor* e *A Estrada Perdida* (pp. 41, 90); por outro lado, ele está presente na parte final do QS, p. 398, §28.

8. DO CERCO DE ANGBAND

§88 Antes do nascer do Sol e da Lua, Fëanor e seus filhos marcharam para o Norte; eles desembarcaram nas costas setentrionais de Beleriand sob os pés das Ered-lómin, as Montanhas Ressoantes, no local que é chamado de Drengist. De lá passaram à terra de Dor-lómen e ao norte das Montanhas de Mithrim, e acamparam em Hithlum, o reino da bruma, naquela região que é chamada Mithrim, e ao norte do grande lago que leva o mesmo nome. Lá uma hoste de Orques, provocada pela luz do incêndio dos navios, e pelos rumores de marcha, caiu sobre eles, e ali foi travada a primeira batalha na Terra-média; e ela é renomada em canção, pois os Gnomos foram vitoriosos, e repeliram os Orques com grande mortandade, e os perseguiram para além de Eredwethion até a planície de Bladorion. Essa foi a primeira batalha de Beleriand, e é chamada de Batalha-sob-as-Estrelas.º Grande era o valor de Fëanor e de seus filhos, e os Orques sempre os temeram e odiaram desde então; contudo, a dor logo se seguiu ao triunfo. Pois Fëanor com imprudência adentrou Bladorion, perseguindo os Orques em direção ao norte, e ele foi cercado, quando sua própria gente se encontrava muito para trás, e os Balrogs na retaguarda de Morgoth pararam de fugir. Fëanor lutou sem se abalar, mas foi envolto em fogo e tombou ao final mortalmente ferido pela mão de Gothmog, Senhor de Balrogs, a quem Ecthelion

depois matou em Gondolin. Mas seus filhos ao chegarem o resgataram e o carregaram de volta a Mithrim. Lá ele morreu, mas não foi enterrado; pois tal fogo havia em seu espírito que seu corpo se fez cinza quando seu espírito partiu; e nunca mais apareceu sobre a terra, nem deixou o reino de Mandos. E Fëanor, com sua última visão, avistou ao longe os picos das Thangorodrim, os maiores montes da Terra-média, que se erguiam acima da fortaleza de Morgoth; e ele amaldiçoou o nome de Morgoth três vezes, e ordenou que seus filhos jamais tratassem ou debatessem com o seu inimigo.

§89 Porém, na hora exata de sua morte, uma embaixada chegou a eles da parte de Morgoth, reconhecendo a derrota e oferecendo concessões, até mesmo a entrega de uma Silmaril. Então Maidros, o alto, o filho mais velho, persuadiu os Gnomos a fingir que negociariam com Morgoth, e a encontrar seus emissários no lugar designado; mas os Gnomos tinham tão pouca intenção de boa-fé quanto Morgoth. Donde cada embaixada veio em maior número do que o acordado; mas a Morgoth enviou a maior e eram Balrogs. Maidros foi pego em uma emboscada, e todos os seus companheiros foram mortos, mas ele próprio foi capturado vivo por ordem de Morgoth, e levado a Angband e torturado.

§90 Então os seis irmãos de Maidros recuaram e fortificaram um grande acampamento em Hithlum; mas Morgoth mantinha Maidros como refém, e mandou dizer a Maglor que somente haveria de soltar seu irmão se os Noldor abandonassem sua guerra, retornando para Valinor, ou então partindo de Beleriand e marchando para o Sul do mundo. Mas os Gnomos não podiam retornar para Valinor, tendo queimado os navios, e não acreditavam que Morgoth liberaria Maidros se partissem; e não estavam dispostos a

partir, não importando o que ele fizesse. Portanto, Morgoth pendurou Maidros do alto de um precipício sobre as Thangorodrim, e ele estava preso, com uma tira de aço, à rocha pelo pulso de sua mão direita.

§91 Ora, chegaram rumores ao acampamento, em Hithlum, sobre a marcha de Fingolfin e seus filhos, e Inglor, o filho de Finrod, os quais tinham cruzado o Gelo Pungente. E todo o mundo estava então maravilhado com a chegada da Lua; e na hora em que a Lua se ergueu pela primeira vez, Fingolfin pôs os pés na Terra-média, e os Orques ficaram cheios de assombro. Mas, enquanto a hoste de Fingolfin marchava para Mithrim, o Sol nasceu flamejante no Oeste; e Fingolfin desfraldou suas bandeiras azuis e prateadas, e fez soar suas trompas, e as flores brotaram sob seus pés em marcha. Pois um tempo de abertura e crescimento, súbito, ligeiro e belo, chegara ao mundo, e de bem que é feito do mal, como ainda acontece. Então os Orques, atemorizados pelo alevantar da grande luz, fugiram para Angband, e Morgoth teve medo, ponderando por muito tempo em pensamentos irados. Mas Fingolfin marchou pelos recônditos do reino de Morgoth, que é Dor-Daedeloth, a Terra do Terror, e seus inimigos esconderam-se sob a terra; mas os Elfos golpearam os portões de Angband, e o desafio de suas trombetas abalou as torres das Thangorodrim.

§92 Mas Fingolfin desconfiava dos ardis de Morgoth, e retirou-se das portas do inferno, e voltou para Mithrim, para que as Eredwethion, as Montanhas de Sombra, pudessem proteger a sua gente enquanto descansava. Mas havia pouco amor entre aqueles que seguiam Fingolfin e a casa de Fëanor; pois a agonia daqueles que haviam suportado a travessia do gelo fora grande, e seus corações estavam cheios de amargura. O tamanho da hoste de Tûn fora diminuído naquela estrada

penosa, mas ainda o exército de Fingolfin era maior do que o dos filhos de Fëanor. Estes, portanto, retiraram-se e acamparam na margem sul de Mithrim, e o lago ficou entre as gentes. Nisso a obra da maldição era vista, pois a demora desencadeada pela rixa causou grande mal às sortes de todos os Noldor. Eles nada conseguiram, enquanto Morgoth hesitava, e o terror da luz era novo e forte sobre os Orques.

§93 Então Morgoth emergiu de seus pensamentos e, vendo a divisão de seus inimigos, riu. E fez vastos vapores e grandes fumaças nas câmaras de Angband, e eles foram enviados dos cimos fétidos das Montanhas de Ferro e, ao longe, podiam ser vistos em Hithlum, manchando os ares claros daquelas primeiras manhãs. O Norte estremeceu com o trovão das forjas de Morgoth sob o solo. Veio um vento, e os vapores foram levados a toda parte, e desceram e se enrolaram à volta de campos e vales, escuros e venenosos.

§94 Então Fingon, o valente, resolveu sanar a rixa. De todos os filhos de Finwë ele é merecidamente o mais renomado: pois seu valor era como um fogo e, no entanto, tão inabalável quanto os montes de pedra; sábio ele era e hábil com a voz e as mãos; fidelidade e justiça ele amava e com todos tinha boa vontade, tanto Elfos como Homens, odiando apenas a Morgoth; não buscava o que lhe cabia, nem poder, nem glória, e a morte foi a sua recompensa. Sozinho agora, sem o conselho de ninguém, ele partiu em busca de Maidros, pois a ideia dos tormentos deste lhe inquietava o coração. Ajudado pelas próprias brumas que Morgoth expelira, aventurou-se sem ser visto no domínio de seus inimigos. Ao alto das encostas das Thangorodrim, subiu e olhou em desespero para a desolação da terra. Mas nenhuma passagem nem fenda achou pela qual pudesse chegar ao interior da praça-forte de Morgoth. Portanto, em desafio aos Orques, que ainda se

encolhiam nas câmaras escuras sob a terra, tomou sua harpa e tocou uma bela canção de Valinor que os Gnomos tinham composto outrora, antes que a contenda nascesse entre os filhos de Finwë; e sua voz, potente e graciosa, soou nas cavas lúgubres, que nunca antes tinham ouvido coisa alguma, salvo gritos de medo e dor.

§95 Assim ele achou o que buscava. Pois, de repente, acima dele, longe e fraca, sua canção foi retomada, e uma voz, respondendo, chamou-o. Maidros era quem cantava em meio a seu tormento. Mas Fingon subiu até os pés do precipício de onde seu parente pendia e, então, não conseguiu ir adiante; e chorou quando viu o artifício cruel de Morgoth. Maidros, portanto, estando em angústia e sem esperança, implorou que Fingon o ferisse com seu arco; e Fingon pôs na corda uma flecha e curvou seu arco. E, não vendo nenhuma outra esperança, gritou a Manwë, dizendo: "Ó Rei a quem todas as aves são caras, dai força agora às penas desta flecha e achai alguma misericórdia para os Gnomos banidos!"

§96 Ora, sua prece foi respondida rapidamente. Pois Manwë, a quem todas as aves são caras e a quem elas trazem notícias, sobre Taniquetil, da Terra-média, enviara a raça das Águias. Thorondor era seu rei. E Manwë lhes ordenou que habitassem nas encostas do Norte e vigiassem Morgoth; pois Manwë ainda tinha piedade dos Elfos eLivross. E as Águias traziam notícias de muito do que se passava nesses dias aos ouvidos tristes de Manwë; e elas atrapalhavam os feitos de Morgoth. Então, na hora em que Fingon curvou seu arco, desceu voando dos altos ares Thorondor, Rei das Águias, e deteve a mão de Fingon.

§97 Thorondor era a mais poderosa de todas as aves que já existiram. Suas asas esticadas mediam trinta braças. Seu bico era de ouro. Ele tomou Fingon e o carregou até a face da

rocha de onde Maidros pendia. Mas Fingon não conseguia soltar o grilhão de forja infernal do pulso dele, nem cortá-lo, nem arrancá-lo da pedra. De novo, portanto, em sua dor, Maidros implorou para que ele o matasse; mas Fingon cortou a mão dele abaixo do pulso, e Thorondor os carregou a ambos de volta a Mithrim.

§98 Lá, Maidros, com o tempo, curou-se; pois o fogo da vida ardia forte dentro dele, e sua força era a do mundo antigo, tal como a possuíam aqueles que foram nutridos em Valinor. Seu corpo se recuperou do tormento e se fez são, mas a sombra da dor estava em seu coração; e ele viveu para empunhar sua espada com a mão esquerda de modo mais mortal que com a direita. Por sua façanha, Fingon ganhou grande renome, e todos os Noldor o louvaram; e a rixa foi sanada entre Fingolfin e os filhos de Fëanor. Mas Maidros implorou perdão pelo abandono em Eruman, e devolveu os bens de Fingolfin que haviam sido levados embora nos navios; e abdicou de sua reivindicação à realeza sobre todos os Gnomos. Com isso nem todos os seus irmãos concordavam em seus corações. Portanto, a casa de Fëanor passou a ser chamada a dos Despossuídos, devido à sentença dos Deuses que entregou o reino de Tûn a Fingolfin, e devido à perda das Silmarils. Mas havia agora uma paz e uma trégua da inveja; contudo, ainda lá pesava o juramento.

§99 Ora, os Gnomos, uma vez reunidos, marcharam da terra de Hithlum e rechaçaram os serviçais de Morgoth diante deles, e sitiaram Angband pelo oeste, pelo sul e pelo leste. E seguiram-se longos anos de paz e felicidade; pois essa foi a época que canções chamam de o Cerco de Angband, e durou mais de quatrocentos anos do Sol, enquanto as espadas dos Gnomos muravam então a terra da ruína de Morgoth, e seu poder estava encerrado por trás de seus portões. Naqueles

dias, havia júbilo sob o novo Sol e a nova Lua, e houve nascimento e florescimento de muitas coisas; e as terras do Oeste da Terra-média onde agora os Noldor habitavam tornaram-se por demais belas. E aquela região foi chamada outrora no idioma de Doriath Beleriand, mas após a chegada dos Noldor foi chamada também na língua de Valinor Ingolondë, a bela e pesarosa, o Reino dos Gnomos. E detrás da guarda de seus exércitos no Norte os Gnomos começaram então a vagar por toda a parte sobre a terra, e construíram lá muitas habitações belas, e estabeleceram reinos; pois salvo em Doriath e em Ossiriand (sobre os quais mais é dito depois) havia pouca gente lá antes deles. Esses eram Elfos-escuros da raça teleriana, e os Noldor os encontraram em alegria, e houve um encontro jubiloso entre parentes há muito separados. E Fingolfin fez uma grande festa, e ela foi realizada no Sul, longe da ameaça de Morgoth, na Terra dos Salgueiros à beira das águas do Sirion. O regozijo daquela festa foi lembrado por muito tempo nos dias de tristeza que vieram depois; e ela foi chamada de Mereth Aderthad, a Festa da Reunião, e foi realizada na primavera. Para lá foram todos das três casas dos Gnomos que podiam ser dispensados da guarda setentrional; e um grande número dos Elfos-escuros, tanto os vagantes das matas como a gente dos portos da terra da Falas; e muitos também vieram dos Elfos-verdes de Ossiriand, a Terra dos Sete Rios, distante dali sob as muralhas das Montanhas Azuis. E de Doriath vieram embaixadores, embora Thingol não tenha ido pessoalmente, e não queria abrir seu reino, nem retirar seu cinturão de encantamento; pois, sábio com a sabedoria de Melian, não confiava que o recuo de Morgoth fosse durar para sempre. Mas os corações dos Gnomos estavam altivos e cheios de esperança, e parecia a muitos entre eles que as palavras de

Fëanor tinham sido justificadas, impelindo-os a buscar liberdade e belos reinos na Terra-média.

§100 Mas, certa vez, Turgon deixou Nivrost, onde habitava, e foi visitar Inglor, seu amigo, e eles viajaram para o sul ao longo do Sirion, estando cansados, por algum tempo, das montanhas do norte; e, conforme viajavam, a noite caiu sobre eles para além dos Alagados do Crepúsculo, ao lado das águas do Sirion, e dormiram ao lado de suas barrancas sob as estrelas do verão. Mas Ulmo, subindo o rio, lançou sobre eles sono profundo e sonhos pesados; e a perturbação daqueles sonhos permaneceu depois que despertaram, mas nenhum disse nada ao outro, pois a lembrança não era clara e cada um julgava que Ulmo mandara uma mensagem apenas para si próprio. Mas a inquietação estava sobre eles sempre depois disso e dúvidas sobre o que ocorreria e vagavam amiúde sozinhos em regiões inexploradas, buscando por toda parte lugares de fortaleza oculta; pois a cada um deles parecia que lhes tinha sido ordenado se preparar para um dia maligno, e estabelecer um refúgio, caso Morgoth avançasse de Angband e sobrepujasse os exércitos do Norte.

§101 Assim veio a acontecer que Inglor achou a ravina profunda do Narog e as cavernas em sua margem oeste, e construiu lá uma fortaleza e arsenais à moda das mansões profundas de Menegroth. E ele chamou a esse lugar Nargothrond e lá fez seu lar com muitos de seu povo; e os Gnomos do Norte, de início em chiste, chamaram-no, por isso, de Felagund, ou Senhor de Cavernas, e esse nome ele portou dali por diante até seu fim. Mas Turgon foi sozinho para lugares ocultos e, pela guia de Ulmo, achou o vale secreto de Gondolin; e disso não disse nada por um tempo, mas voltou a Nivrost e a seu povo.

§102 E, mesmo enquanto Turgon e Felagund estavam vagando nos ermos, Morgoth, vendo que muitos Gnomos estavam dispersados sobre a terra, pôs à prova a força e a vigilância deles. Ele estremeceu o Norte com terremotos repentinos, e fogo saiu das Montanhas de Ferro; e os Orques despejaram-se pela planície de Bladorion, e invadiram Beleriand através do passo do Sirion no Oeste, e atiraram-se pela terra de Maglor no Leste; pois há uma brecha naquela região entre os montes de Maidros e as franjas das Montanhas Azuis. Mas Fingolfin e Maidros congregaram uma grande força, e enquanto outros perseguiam e destruíam todos os Orques que se desgarravam por Beleriand e lá faziam grande mal, eles caíram sobre a hoste principal pelo outro lado, no momento em que ela atacava Dorthonion, e derrotaram os serviçais de Morgoth, e perseguiram os remanescentes por Bladorion, e destruíram-nos completamente à vista dos portões de Angband. Essa foi a segunda grande batalha dessas guerras e foi chamada de Dagor Aglareb, a Batalha Gloriosa; e por muito tempo depois dela nenhum dos serviçais de Morgoth se aventurou portões afora; pois temiam os reis dos Gnomos. E muitos contaram a partir daquele dia a paz do Cerco de Angband. Pois os chefes dos Gnomos se preveniram com aquele ataque e apertaram o sítio, e fortaleceram sua vigilância; e estabeleceram tal guarda sobre Angband que Fingolfin se vangloriava de que Morgoth nunca mais poderia escapar, nem cair sobre eles de modo imprevisto.

§103 Contudo, os Gnomos não conseguiam capturar Angband, nem podiam retomar as Silmarils; e a praça-forte de Morgoth jamais foi cercada por completo. Pois as Montanhas de Ferro, da extremidade meridional de cuja grande muralha encurvada as torres das Thangorodrim se projetavam, defendiam Angband de ambos os lados e não podiam ser

atravessadas pelos Gnomos, por causa de sua neve e seu gelo. Assim, em sua retaguarda e ao Norte, Morgoth não tinha inimigos, e por aquele caminho seus espiões, por vezes, saíam e chegavam por rotas tortuosas a Beleriand. E os Orques se multiplicaram de novo nas entranhas da terra, e Morgoth começou após um tempo a forjar em segredo novas armas para a destruição de seus inimigos. Mas somente duas vezes em todos os anos do Cerco ele deu sinal de seu propósito. Quando quase cem anos tinham passado desde a Segunda Batalha, ele enviou um exército para os caminhos setentrionais; e eles atravessaram para o Norte branco. Muitos lá pereceram, mas os outros, virando-se para o oeste nos limites externos das Montanhas de Ferro, chegaram às praias do mar, e desceram para o sul ao longo da costa pela rota que Fingolfin seguira depois do Gelo Pungente. Assim eles conseguiram invadir Hithlum por trás. Mas Fingon caiu sobre eles no estreito de Drengist, e os lançou ao mar, e nenhum retornou a Morgoth. Essa não foi contada entre as grandes batalhas, pois os Orques não eram em grande número, e só uma parte da gente de Hithlum lutou nela.

§104 Mais uma vez, após cem anos, Glómund, o primeiro dos Dragões, saiu à noite dos portões de Angband, por ordem de Morgoth; pois estava relutante, por ainda ser jovem e crescido à metade. Mas os Elfos fugiram diante dele em desespero, e abandonaram os campos de Bladorion, e Glómund os conspurcou. Mas Fingon, príncipe dos Gnomos, cavalgou contra ele com seus arqueiros a cavalo; e Glómund não conseguia suportar seus dardos, ainda não tendo chegado à sua armadura plena, e fugiu de volta ao inferno. E Fingon granjeou grande louvor, e os Gnomos se regozijaram; pois poucos previam o significado pleno e a ameaça dessa nova coisa. Mas não tinham visto Glómund pela última vez.

Comentário ao Capítulo 8

§88 Na passagem de abertura meu pai estava seguindo de perto o anal 2995 dos AV (praticamente idêntico nas duas versões). O relato da Batalha-sob-as-Estrelas, que a situa em Mithrim, seguido pela perseguição dos Orques pela planície de Bladorion adentro, da mesma forma deriva dos AV; no Q a batalha foi travada na própria planície (ainda não mencionada por nome). Ao se comparar os textos, vê-se que na história da perseguição dos Orques e do ferimento mortal de Fëanor ele tinha tanto o Q como o AV na frente dele quando a escreveu. Não tornarei a mencionar o modo como ele usou o Q e o AV, e depois o AB, neste capítulo (ao mesmo tempo em que introduzia novos elementos narrativos), pois essas interrelações são facilmente traçadas.

A nota marginal *Dagor-nui-Ngiliath* é contemporânea à composição do manuscrito. A forma anterior *Dagor-os-Giliath* foi corrigida para *Dagor-nuin-Giliath* no AV 2 (nota 12) e no AB 2 (nota 3).

A morte e o destino de Fëanor como descritos aqui podem ser comparados com o que é dito em §85; o significado sem dúvida é de que Fëanor jamais renasceu, tampouco jamais saiu de Mandos da maneira descrita na passagem anterior. — A maldição ao nome de Morgoth feita por ele ao morrer foi transferida, ou estendida, de Túrin (IV. 196), que fez o mesmo após a morte de Beleg na *Balada dos Filhos de Húrin*; mas na Balada Túrin amaldiçoou Morgoth três vezes, como não é dito acerca de Fëanor no Q, e a expressão "três vezes" agora reaparece.

§89 As palavras "e eram Balrogs", derivadas do Q, demonstram que nessa época a concepção dos Balrogs era de que ainda existiam em grandes números (ver IV. 196); da mesma forma "uma hoste de Balrogs" em §143, e "mil Balrogs" na Batalha das Lágrimas Inumeráveis (pp. 372–73, §15).

§91 *Dor-Daedeloth* foi alterado para *Dor-Daideloth*; essa parece ser uma alteração inicial (a mesma no AV 2, nota 14).

§92 Não é dito nas fontes mais antigas que a hoste de Fingolfin permaneceu como a maior.

§93 "O Norte estremeceu com o trovão das forjas de Morgoth sob o solo" reaparece do Esb (IV. 30): "O Norte estremece com o trovão sob a terra"; a frase não se encontra no Q, nem no AB.

§§96–7 *Thorondor* foi uma alteração inicial a partir de *Thorndor*; mas *Thorondor* aparece posteriormente no QS (§147) como o manuscrito foi originalmente escrito.

§98 O pedido de perdão de Maidros pelo abandono em Eruman, sua devolução dos bens de Fingolfin, a abdicação de sua reivindicação à realeza e a desaprovação secreta desses atos entre seus irmãos são todos elementos novos na narrativa (ver IV. 197).

§99 A passagem inteira que no Q (§9) vem após "sitiaram Angband pelo oeste, pelo sul e pelo leste", acerca da distribuição dos senhores noldorin na Terra-média e suas relações com os Anãos, foi omitida aqui no QS, onde o texto agora salta para IV. 123, "Esse foi o tempo que as canções chamam de Cerco de Angband"; de modo similar, nenhum uso é feito aqui da longa passagem nos AB sobre esse assunto (anal 52). A razão para tal é a introdução do novo capítulo (9) no QS, *De Beleriand e seus Reinos*.

Em "durou mais de quatrocentos anos do Sol", a palavra "quatrocentos" foi uma emenda inicial sobre uma palavra apagada, obviamente "duzentos"; ver a nota sobre a cronologia no final deste comentário.

Com a afirmação de que Beleriand era um nome doriathrin, cf. a passagem acrescentada ao final do *Lhammas* (§11): "do beleriândico é o nome *Balar*, e *Beleriand*". Em um acréscimo ao Q (IV. 127, nota 2), foi dito que *Beleriand* era gnômico; e no mesmo local ocorre *Ingolondë, a bela e pesarosa*: ver IV. 198 e as *Etimologias*, radical ÑGOLOD.

Com "Elfos-escuros da raça teleriana", cf. a passagem anterior em QS (§30): "Os Lembi eram, na maior parte, da raça dos Teleri, e os principais dentre esses eram os Elfos de Beleriand".

§100 Essa é a primeira ocorrência (sem contar correções do AB 2) do nome *Nivrost* (posteriormente *Nevrast*). Na verdade, ele foi escrito *Nivros*, aqui e subsequentemente, mas o *t* final foi acrescentado com cuidado em cada caso, claramente logo após a composição do manuscrito (assim também no anal do ano 64 acrescentado ao AB 2, nota 8; Nivrost nas *Etimologias*, radicais NIB e ROS[2]).

A história da descoberta de Nargothrond por Inglor e de Gondolin por Turgon deriva do AB (anal 50), mas não é dito lá que eles viajaram juntos e que dormiram às margens do Sirion, que os sonhos pressagiadores foram postos neles por Ulmo ou que nenhum falou ao outro sobre o seu sonho.

§101 Embora *Felagund* tenha sido várias vezes traduzido "Senhor de Cavernas", não havia sido dito que a princípio era um apelido jocoso dado a ele pelos Noldor.

Quanto à data da partida efetiva de Turgon para Gondolin, ver a nota sobre a cronologia no final deste comentário.

§102 O QS acrescenta o relato da Dagor Aglareb no AB 2, anal 51: as hostes-órquicas atravessaram o Passo do Sirion e a Brecha de Maglor (ver o comentário ao AB 2, anal 52) e Fingolfin e Maidros derrotaram a hoste principal enquanto ela atacava Dorthonion. Aqui e subsequentemente a forma escrita primeiro foi *Dorthanion*, mas a alteração para *Dorthonion* foi feita no início. Para as muitas formas que precederam *Dorthonion*, ver a nota 9 do AB 2.

§103 Quanto à relação de Angband com Thangorodrim e as Montanhas de Ferro, ver o comentário ao *Ambarkanta*, IV. 306–07, onde ressaltei que "As Thangorodrim são mostradas no mapa V como um ponto, colocado não muito longe das Montanhas de Ferro". Ver também o início do Capítulo 9 no QS (§105).

Em "Quando quase cem anos tinham passado desde a Segunda Batalha", "cem" foi uma emenda inicial de "cinquenta"; ver a nota sobre a cronologia abaixo.

Quanto à rota do exército-órquico que deixou Angband pela saída setentrional não vigiada (descrita também no AB 2, anal 105), ver a nota sobre a geografia setentrional, pp. 321–24.

§104 Aqui mais uma vez (como em §103) “cem” foi uma alteração inicial a partir de “cinquenta”; ver a nota sobre a cronologia a seguir.

Não é dito no AB 2 (anal 155) que a primeira saída de Glómund de Angband foi por ordem de Morgoth, nem que ele relutava em arriscar-se.

Nota sobre a cronologia

Este é um lugar conveniente para discutir a cronologia dos anos do Cerco de Angband nos capítulos 8 a 10.

Na cronologia do AB 2 como originalmente escrita, o Cerco de Angband durou pouco mais de duzentos anos; e datas importantes para a presente discussão são as seguintes:

50 Turgon descobre Gondolin
51 Dagor Aglareb e o início do Cerco de Angband
52 Turgon parte para Gondolin
105 Incursão de Orques na costa ocidental
155 Primeira saída de Glómund
255 Batalha do Fogo Repentino e fim do Cerco

Por meio de correções no manuscrito do AB 2 (apresentadas entre parênteses naquele texto), essas datas foram alteradas do seguinte modo:

(50 Turgon descobre Gondolin; inalterada)
60 Dagor Aglareb e o início do Cerco de Angband
64 Turgon parte para Gondolin (anal adicional, apresentado na nota 8 do AB 2)
155 Incursão de Orques na costa ocidental
260 Primeira saída de Glómund
455 Batalha do Fogo Repentino e fim do Cerco

Assim, o Cerco durou quase quatrocentos anos; quanto a essa extensão final da cronologia dos primeiros séculos do Sol, que alcança aquela no *Silmarillion* publicado, ver IV. 373–74.

As datas no QS antes das emendas eram as seguintes:

- O Cerco de Angband “durou mais de duzentos anos” (§99);
- A incursão de Orques no oeste ocorreu “quase cinquenta anos” após a Dagor Aglareb (§103) — o que não está perfeitamente de acordo com a cronologia anterior dos *Anais*, onde 54 anos se passaram entre os dois eventos);
- A primeira saída de Glómund de Angband foi “mais uma vez, após cinquenta anos” (§104).

Essas datas foram todas emendadas em um estágio inicial, para dar “mais de quatrocentos anos” para o Cerco, “quase cem anos” desde a Dagor Aglareb até a incursão dos Orques, e mais cem anos para a saída de Glómund. Isso está de acordo, ainda que não precisamente, com a cronologia revisada no AB 2 (isto é, 60 para 455; 60 para 155; e 155 para 260).

No capítulo 10 do QS, a nova cronologia já existia como o manuscrito foi escrito; assim, em §125 é dito que a incursão de Orques que terminou em Drengist ocorreu em 155, e isso foi 105 anos antes da aparição de Glómund; e depois disso, isto é, a partir do ano 260, houve “quase duzentos anos” de paz, ou seja, até a Batalha do Fogo Repentino em 455. Aqui também é dito que o encontro dos Noldor com os Anãos nas Montanhas Azuis ocorreu por volta da época da incursão de Orques, em concordância com a datação alterada no AB 2, onde o encontro com os Anãos, apresentado primeiro no ano 104, foi alterado para 154.

Portanto, no QS, apesar de a data da partida de Turgon para Gondolin não estar precisamente indicada, ele partiu de Nivrost em 64, “alguns anos” (§116) depois da Segunda Batalha, como no AB 2 revisado.

9. DE BELERIAND E SEUS REINOS

§105 Esta é a feição das terras às quais os Gnomos vieram, no Norte das regiões ocidentais da Terra-média, nos dias antigos. No Norte do mundo, Melko erguera as Ered-engrin,

as Montanhas de Ferro; e elas ficavam nas regiões de frio sempiterno, em uma grande curva que ia de Leste a Oeste, mas não chegando a alcançar o mar de ambos os lados. Essas Melko erigiu nos dias antigos como uma cerca para sua cidadela, Utumno, e ela ficava na extremidade oeste de seu reino setentrional. Na guerra dos Deuses as montanhas de Melko foram partidas e distorcidas no Oeste, e de seus fragmentos foram feitas as Eredwethion e as Eredlómin; mas as Montanhas de Ferro se curvavam para trás no rumo norte, e havia cem léguas entre elas e os estreitos congelados no Helkaraksë. Detrás das muralhas delas, Melko, ao voltar para a Terra-média, fez as masmorras infindáveis de Angband, os infernos de ferro, onde outrora Utumno estivera. Mas ele fez um grande túnel debaixo delas, que saía ao sul das montanhas; e lá fez um portão magno. Mas, acima desse portão, e atrás dele, chegando até as montanhas, amontoou as torres trovejantes das Thangorodrim; e essas eram feitas da cinza e da borra de suas fornalhas subterrâneas e das vastas sobras de suas escavações. Eram negras, e desoladas, e sobremaneira altas; e saía fumaça de seu topo, escura e imunda sobre o céu do norte. Diante dos portões de Angband, sujeira e desolação se espalhavam, no rumo sul, por muitas milhas. Lá se situava a vasta planície de Bladorion. Mas, depois da vinda do Sol, relva rica cresceu ali e, enquanto Angband estava cercada, e seus portões, trancados, havia coisas verdes até mesmo entre as covas e as rochas despedaçadas diante dos portões do inferno.

§106 A oeste das Thangorodrim estava Hithlum, a terra da bruma, pois assim foi chamada pelos Gnomos por causa das nuvens que Morgoth enviara para lá durante seu primeiro acampamento; e tornou-se uma terra bela enquanto o Cerco de Angband durou, embora seu ar fosse fresco e o inverno ali

fosse frio. Fazia divisa no Oeste com Eredlómin, as Montanhas Ressoantes, que chegam perto do mar; e, no Leste e no Sul, com a grande curva das Eredwethion, as Montanhas Sombrias, que davam para Bladorion e o vale do Sirion. No Leste, aquele canto situado entre as Eredwethion e as Montanhas de Mithrim era chamado de a terra de Mithrim, e a maior parte do povo de Fingolfin habitava ali, em volta das margens do grande lago. A oeste de Mithrim ficava Dor-lómen, e estava designada a Fingon, filho de Fingolfin. A oeste mais uma vez ficava Nivrost[p] além das Montanhas Ressoantes, as quais, abaixo do Estreito de Drengist, seguiam terra adentro. Aqui a princípio foi o reino de Turgon, fazendo fronteira com o mar, e com as Eredlómin, e com os montes que continuam as muralhas das Eredwethion a oeste até o mar, de Ivrin ao Monte Taras, que fica sobre um promontório. E Nivrost era uma terra aprazível regada pelos ventos úmidos do mar, e abrigada do Norte, enquanto o resto de Hithlum era aberto aos ventos frios. A Leste de Hithlum ficava Bladorion, como foi dito; e abaixo dela o grande planalto que os Gnomos chamaram pela primeira vez de Dorthonion.[q] Este se estendia por cem léguas de Oeste a Leste e abrigava grandes florestas de pinheiros, especialmente de seus lados norte e oeste. Pois se erguia de encostas suaves vindas de Bladorion até se tornar uma terra desolada e altaneira, onde havia muitas alagoas aos pés de morros nus, cujos topos eram mais altos que os picos das Eredwethion. Mas, ao sul, onde a região dava para Doriath, descia-se, de repente, para precipícios terríveis. Entre Dorthonion e as Montanhas Sombrias havia um vale estreito com muralhas íngremes cobertas de pinheiros; mas o vale, em si, era verdejante, pois o rio Sirion corria por ele, apressando-se rumo a Beleriand.

§107 Ora, o grande e belo país de Beleriand ficava em ambas as margens deste poderoso rio Sirion, renomado em canção, que nascia em Eithel Sirion no leste das Eredwethion, e contornava a beirada de Bladorion antes que mergulhasse através do passo, tornando-se cada vez mais cheio com as torrentes das montanhas. De lá ele corria para o sul, por cento e vinte e uma léguas, recebendo as águas de muitos tributários, até que, com uma corrente poderosa, alcançava suas muitas fozes e delta arenoso na Baía de Balar. E os principais tributários do Sirion ficavam no Oeste: Taiglin, e o Narog, o mais poderoso; e no Leste: Mindeb, e o Esgalduin, o rio encantado que fluía pelo meio de Doriath; e o Aros, com o seu tributário Celon, que fluía para o Sirion nos Alagados do Crepúsculo nos confins de Doriath.

§108 Assim, Beleriand tinha como limites ao Norte Nivrost e Hithlum e Dorthonion; e para além de Dorthonion os morros de Maidros, filho de Fëanor; e no Oeste fazia divisa com o Grande Mar; e no Leste com as torres das Eredlindon, as Montanhas Azuis, uma das principais cadeias do mundo antigo; e tinha como limite Ossiriand entre essas montanhas e o rio Gelion. E no Sul alguns acreditavam que tinha como limite o Gelion, que ao virar para o oeste buscava o mar muito além das fozes do Sirion. Além do rio Gelion a terra se estreitava de súbito, pois o Grande Mar entrava por um magno golfo que chegava quase aos sopés das Eredlindon, e havia um estreito de terra montanhosa entre o golfo e o mar interior de Helkar, através do qual se podia chegar às vastas regiões do Sul da Terra-média. Mas a terra entre as fozes do Sirion e do Gelion era pouco visitada pelos Gnomos, uma floresta enredada à qual não ia gente alguma, salvo, aqui e ali, alguns Elfos-escuros andarilhos; e além do Gelion os

Gnomos raramente iam, nem jamais a leste das Eredlindon enquanto aquela terra perdurou.

§109 Seguindo o Sirion de Norte a Sul, havia do lado direito Beleriand Oeste, a qual, em sua maior extensão, tinha setenta léguas do rio ao mar: primeiro a Floresta de Brethil, entre o Sirion e o Taiglin, e depois o reino de Nargothrond, entre o Sirion e o Narog. E o rio Narog nascia nas quedas de Ivrin, na face sul de Dorlómen, e corria umas oitenta léguas antes que se juntasse ao Sirion em Nan-tathren, a terra dos salgueiros, ao sul de Nargothrond. Mas o reino de Nargothrond estendia-se também a oeste do Narog até mesmo ao mar, salvo apenas na região da Falas (ou Costa), ao sul de Nivrost. Lá habitavam os Elfos-escuros dos portos, Brithombar e Eglorest, e eles eram da antiga raça teleriana; mas tomaram Felagund, senhor de Nargothrond, como rei. E ao sul de Nan-tathren havia uma região de belos prados cheia de muitas flores onde pouca gente habitava; e, além, havia os charcos e as ilhas de juncos à volta das fozes do Sirion, e as areias de seu delta, vazias de todas as coisas vivas, salvo as aves do mar.

§110 Mas no lado esquerdo do Sirion estava Beleriand Leste, a qual, em sua maior extensão, tinha cem léguas do Sirion ao Gelion e às fronteiras de Ossiriand: primeiro as terras vazias sob as faces dos precipícios meridionais de Dorthonion, Dimbar entre o Sirion e o Mindeb, e Nan-dungorthin entre o Mindeb e as águas a montante do Esgalduin; e essas regiões eram repletas de medo pelos encantamentos de Melian, como uma defesa de Doriath contra o Norte, e após a queda dos Gnomos elas se tornaram locais de terror e mal. Além delas no Leste ficavam as marcas do norte de Beleriand, onde os filhos de Fëanor habitavam. A seguir ao sul ficava o reino de Doriath; primeiro a sua parte setentrional e menor, a Floresta

de Neldoreth, tinha como fronteira leste e sul o escuro rio Esgalduin, o qual dobrava para o oeste no meio de Doriath; e, então, as matas mais densas e maiores de Region, entre o Esgalduin e o Aros. E Menegroth, os salões de Thingol, foram construídos na margem sul do Esgalduin, onde ele se voltava para o oeste; e toda Doriath ficava a leste do Sirion, salvo por uma região estreita de bosque entre o encontro do Taiglin e do Sirion e os Alagados do Crepúsculo. E esse bosque que a gente de Doriath chamava de Nivrim, a Marca-oeste, era muito belo, e carvalhos de grande beleza cresciam ali; e o bosque era incluído no cinturão de Melian, para que alguma porção do Sirion, que ela amava em reverência a Ulmo, estivesse totalmente sob o poder de Thingol.

§111 Para além de Doriath ao Leste ficavam as matas entre o Celon e o Gelion; aqui pouca gente habitava, mas Damrod e Díriel as tomaram como seu reino e campo de caça; e além, entre o Gelion e as Montanhas Azuis, ficava a ampla terra de Thargelion,[r] onde Cranthir habitara outrora. Mas no canto sul de Doriath, onde o Aros desaguava no Sirion, havia uma região de grandes lagoas e charcos em ambos os lados do rio, que ali detinha seu curso e se espalhava por muitos canais. Essa região os Elfos de Doriath chamavam de Umboth Muilin,[s] os Alagados do Crepúsculo, pois havia muitas brumas, e o encantamento de Doriath jazia sobre eles.

§112 Pois toda a metade norte de Beleriand inclinava-se para o sul até esse ponto e, então, em certo intervalo, ficava plana, e a corrente do Sirion se detinha. Mas ao sul de Umboth Muilin a terra decaía de modo repentino e íngreme, embora de modo algum com uma queda tão grande como no Norte. Contudo, toda a planície inferior do Sirion era dividida da planície superior por essa queda súbita, a qual, olhando para o Norte, aparecia como uma cadeia interminável de montes

que iam de Eglorest, além do Narog, no Oeste, até Amon Ereb, no Leste, à vista distante do Gelion. O Narog atravessava para o sul um desfiladeiro profundo, e passava por corredeiras, mas não chegava a uma queda, e, na sua encosta oeste, a terra se elevava em grandes terras altas florestadas, Taur-na-Faroth, que se estendia em direção ao sul. No lado oeste dessa garganta sob Taur-na-Faroth, onde o riacho curto e espumejante chamado Ingwil se lança de cabeça das terras elevadas no Narog, Inglor estabeleceu Nargothrond.

§113 Mas, umas setenta milhas a leste da garganta de Nargothrond, o Sirion descia do Norte em uma grande queda d'água, abaixo dos alagados, e então mergulhava, de repente, debaixo da terra, em grandes túneis que o peso de suas águas que caíam tinha aberto; e saía de novo três léguas ao sul, com grande barulho e vapor, através de arcos rochosos nos sopés dos montes que eram chamados de Portões do Sirion. Mas essa queda que servia de divisa tinha o nome de Andram, ou a Longa Muralha, de Nargothrond até Ramdal, ou Fim da Muralha, em Beleriand Leste. E no Leste ela a muralha se tornava cada vez menos íngreme, pois o vale do Gelion se inclinava para o sul de modo constante, e o Gelion não tinha nem quedas d'água e nem corredeiras através de seu curso, mas era sempre mais rápido do que o Sirion. Mas entre Ramdal e o Gelion havia um único monte de grande extensão de encostas suaves, mas que parecia mais elevado do que era, pois estava isolado; e esse monte era chamado de Amon Ereb, e Maidros habitou lá depois da grande derrota. Mas até aquele tempo todas as vastas florestas de Beleriand Leste ao sul de Andram e entre o Sirion e o Gelion eram pouco habitadas, e os Gnomos lá iam raramente.

§114 E a leste dessa terra selvática ficava o país de Ossiriand, entre o Gelion e as Eredlindon. O Gelion era um grande rio, e ele nascia de duas fontes, e tinha, no começo, dois braços: O Pequeno Gelion, que vinha do monte de Himring, e o Grande Gelion, que vinha do Monte Rerir, um contraforte das Eredlindon; e entre esses braços estava a terra de Maglor, filho de Fëanor. Então, unindo seus dois braços, o Gelion corria para o sul, um rio ligeiro, mas de pequeno volume, até encontrar seus tributários cerca de quarenta léguas ao sul do encontro de seus braços. Antes que achasse o mar, o Gelion era duas vezes mais longo que o Sirion, mas ainda menos amplo e cheio; pois caía mais chuva em Hithlum e em Dorthonion, de onde o Sirion tirava suas águas, do que no Leste. Das Eredlindon saíam os tributários do Gelion. Esses eram seis: Ascar (que depois foi renomeado Rathlóriel), Thalos, Legolin, Brilthor, Duilwen e Adurant; eram velozes e turbulentos, descendo abruptamente das montanhas, mas rumo ao sul cada um era mais longo do que o anterior, uma vez que o Gelion afastava-se cada vez mais das Eredlindon. Entre o Ascar no Norte e o Adurant no Sul, e entre o Gelion e as montanhas, ficava Ossiriand, a Terra dos Sete Rios, repleta de matas verdes amplas e belas.

§115 Lá habitavam os Elfos danianos, que no princípio eram da raça gnômica, mas abandonaram a marcha desde Kuiviénen, e jamais chegaram a Valinor, e somente depois de muito vagarem atravessaram as montanhas nas eras sombrias; e alguns de sua gente habitam ainda a leste das Eredlindon. Outrora o senhor de Ossiriand havia sido Denethor, amigo de Thingol; mas ele foi morto em batalha ao marchar em auxílio de Thingol contra Melko, nos dias em que os Orques pela primeira vez foram feitos e romperam a paz estrelada de Beleriand. Desde então Doriath foi cercada com

encantamentos, e muitos da gente de Denethor partiram para Doriath e se juntaram aos Elfos de Thingol; mas aqueles que permaneceram em Ossiriand não tinham rei, e viviam sob a proteção de seus rios. Pois, depois do Sirion, Ulmo amava o Gelion acima de todas as águas do mundo ocidental. Mas a arte mateira dos Elfos de Ossiriand era tal que um estranho podia atravessar sua terra de ponta a ponta e não ver nenhum deles. Trajavam-se mormente de verde na primavera e no verão, e por isso eram chamados de os Elfos-verdes; e se deleitavam em canções, e o som de seu canto podia ser ouvido do outro lado das águas do Gelion, como se toda a sua terra fosse tomada por coros de pássaros cujas belas vozes tivessem assumido pensamento e significado.

§116 Deste modo os chefes dos Gnomos mantinham suas terras e o sítio contra Morgoth após a derrota dele na Segunda Batalha. Fingolfin e Fingon, seu filho, mantinham Hithlum, e sua principal fortaleza era em Eithel Sirion, a leste das Eredwethion, donde montavam guarda sobre Bladorion; e sua cavalaria passava por aquela planície, chegando mesmo à sombra das Thangorodrim, e seus cavalos se multiplicavam, pois a relva era boa. Daqueles cavalos, muitos dos antepassados tinham vindo de Valinor. Mas Turgon, o sábio, segundo filho de Fingolfin, manteve Nivrost até a Segunda Batalha, e retornou para lá depois, e sua gente era numerosa. Mas a inquietação de Ulmo que estava sobre ele aumentou, e após alguns anos ele se levantou e tomou consigo uma grande hoste dos Gnomos, que chegava a um terço do povo de Fingolfin, e seus bens e esposas e filhos, e partiu para o leste. Sua viagem foi à noite e sua marcha, veloz e silenciosa, e dele sua gente não soube mais nada. Mas chegou a Gondolin e construiu lá uma cidade à semelhança de Tûn de

Valinor, e fortificou os montes em volta; e Gondolin jazeu oculta por muitos anos.

§117 Os filhos de Finrod mantinham a marca do norte desde o passo do Sirion entre Hithlum e Dorthonion até a extremidade leste de Dorthonion, onde fica a ravina profunda de Aglon. E Inglor guardava o passo do Sirion, e construiu uma grande torre de vigia, Minnastirith, sobre uma ilha no meio do rio; mas, depois da fundação de Nargothrond, essa fortaleza ele entregou mormente aos cuidados de seu irmão, Orodreth. Mas Angrod e Egnor vigiavam Bladorion das encostas do norte de Dorthonion; e sua gente não era numerosa, pois a terra era estéril, e as grandes terras altas atrás deles eram consideradas um baluarte que Morgoth não buscaria cruzar levianamente.

§118 Mas a leste de Dorthonion as marcas de Beleriand eram mais abertas a ataques, e apenas colinas de não grande altura guardavam o vale do Gelion do Norte. Portanto, os filhos de Fëanor, com muita gente, quase metade do povo dos Gnomos, habitavam naquela região, nas Marcas de Maidros e nas terras detrás dela; e os cavaleiros da gente de Fëanor cavalgavam amiúde na grande planície do norte, Lothland, a vasta e vazia, a leste de Bladorion, caso Morgoth tentasse qualquer surtida em direção a Beleriand Leste. E a principal cidadela de Maidros ficava sobre o monte de Himring, o Sempre-frio; e esse era de encostas largas, desnudo de árvores, e plano no cimo, cercado por muitos montes menores. Esse nome tinha porque havia um passo, muitíssimo íngreme no oeste, entre ele e Dorthonion, e esse era o passo do Aglon, uma entrada para Doriath; e um vento cortante soprava sempre atrás dele vindo do Norte. Mas Celegorn e Curufin fortificaram Aglon, e o guarneceram com grande exército, e mantinham toda a terra ao sul, entre o rio

Aros, que nascia em Dorthonion, e seu tributário, o Celon, que vinha de Himring. E entre o Celon e o Pequeno Gelion ficava o posto de Damrod e Díriel. E entre os braços do Gelion ficava o posto de Maglor, e lá, em certo lugar, os montes cessavam de todo; e foi ali que os Orques entraram em Beleriand Leste antes da Segunda Batalha. Portanto, os Gnomos mantinham muita cavalaria nas planícies daquele lugar; e o povo de Cranthir fortificou as montanhas a leste da Brecha de Maglor. Pois o Monte Rerir e, à volta dele, muitas elevações menores, destacava-se da cadeia principal das Eredlindon no rumo oeste; e, no ângulo entre Rerir e Eredlindon, havia um lago, sombreado por montanhas em todos os lados, salvo o sul. Esse era o Lago Helevorn, profundo e escuro, e ao lado dele Cranthir tinha sua morada; mas toda a grande região entre o Gelion e as Eredlindon, e entre Rerir e o rio Ascar, era chamada pelos Gnomos de Thargelion (isto é, a terra além do Gelion), ou Dor Granthir, a terra de Cranthir; e foi aqui que os Gnomos primeiro encontraram os Anãos.[t]

§119 Assim, os filhos de Fëanor, sob a liderança de Maidros, eram senhores de Beleriand Leste, mas sua gente vivia, naquele tempo, mormente no norte da terra; e no sul eles cavalgavam apenas para caçar, e para buscar solidão por um tempo. E para lá por motivos similares os outros senhores-élficos por vezes iam, pois a terra era selvagem, mas muito bela; e, daqueles, Inglor era o que vinha mais amiúde, pois tinha grande amor por andanças, e entrou até mesmo em Ossiriand, e granjeou a amizade dos Elfos-verdes. Mas Inglor era Rei de Nargothrond e suserano dos Elfos-escuros dos portos ocidentais; e com seu auxílio Brithombar e Eglorest foram reconstruídos e tornaram-se belas cidades, lembrando

em certa medida os portos do Elfos-escuros nas costas de Valinor.

§120 E Inglor mandou construir a torre de Tindobel num cabo a oeste de Eglorest para vigiar o Mar do Oeste; e alguns do povo de Nargothrond, com o auxílio dos Teleri dos portos, construíram novos navios, e partiram para explorar a grande ilha de Balar, pensando em aqui preparar um refúgio último, se viesse o mal. Mas não era a sina deles jamais habitar ali. E o reino de Inglor ia até o norte em Tolsirion, a ilha no rio anteriormente mencionado, e seus irmãos mantinham Dorthonion e eram seus vassalos. Assim, seu reino era de longe o maior, embora ele fosse o mais jovem dos grandes senhores dos Gnomos: Fingolfin, Fingon, e Maidros, e Inglor Felagund. Mas Fingolfin era considerado suserano de todos os Gnomos, e Fingon depois dele, embora o reino deles não fosse mais que as terras setentrionais de Nivrost e Hithlum. Contudo, era seu povo o mais pertinaz e valente, e o mais temido pelos Orques e o mais odiado por Morgoth.

§121 E em Doriath habitava Thingol, o rei oculto, e em seu reino ninguém entrava, salvo por sua vontade, e quando convocado; e por mais magnos que fossem os Reis do Noldor naqueles dias, e cheios do fogo e da glória de Valinor, o nome de Thingol era tido em reverência entre eles.

Comentário ao Capítulo 9

§105 Essa é a primeira ocorrência da forma final *Ered-engrin* (no lugar de *Eiglir Engrin*, IV. 256). A descrição das Montanhas de Ferro aqui está de acordo com o mapa IV do *Ambarkanta* (IV. 293), onde são representadas como uma grande muralha cortando o Norte, levemente curvada para o sul, e onde, como afirmado no QS, não se estendem até as praias dos Mares do Oeste ou do Leste. Discuti em IV. 304–07 a relação do mapa V do *Ambarkanta* com a descrição aqui das mudanças nas montanhas setentrionais e de Angband e Thangorodrim.

§106 Hithlum é chamada de "Terra(s) da Bruma" na *Balada dos Filhos de Húrin*, no Q e no AB 1, "reino da bruma" em QS §88, mas essa explicação do nome não havia sido dada antes. É interessante relembrar a ideia original (I. 141): "*Dor Lómin* ou 'Terra de Sombra' era a região chamada pelos Eldar *Hisilómë* (e isto significa 'Crepúsculos Sombreados') […] e chama-se assim em virtude do escasso sol que espia sobre as Montanhas de Ferro [isto é, as Montanhas de Sombra] a leste e ao sul".

Nivrost, sempre alterado desde o início a partir de *Nivros*, agora se situa geograficamente na região anteriormente não nomeada que já aparece no primeiro Mapa (IV. 271), e é aqui explicitamente considerada uma parte de Hithlum (mas em §120 há uma referência às "terras setentrionais de Nivrost e Hithlum"). A nota marginal que traduz o nome como "Vale do Oeste" ("Vales-do-Oeste" nas *Etimologias*, radical NIB) é contemporânea à composição do manuscrito (em *O Silmarillion*, a forma tardia *Nevrast* é traduzida "Costa de Cá", p. 170). Quanto à exposição de Hithlum ao Norte, ver a nota sobre a geografia do extremo Norte, pp. 321–24.

Essa é a primeira ocorrência de *Taras*, mas a grande montanha foi claramente marcada no segundo Mapa como desenhado originalmente, e antes de o nome ser inserido (p. 498, quadrado D2).

A nota marginal que define *Dorthonion* como um nome ilkorin (estando de acordo com as *Etimologias*, radical THŌN) parece como se pertencesse à composição original do manuscrito, embora contradiga a afirmação no texto: "o grande planalto que os Gnomos chamaram pela primeira vez de Dorthonion".

§108 Na primeira ocorrência de *Eredlindon* nesse parágrafo há uma nota de rodapé ao texto acrescentada após a composição do manuscrito:

> Que significa as Montanhas de Ossiriand; pois os Gnomos chamaram aquela terra de Lindon, a região da música, e viram pela primeira vez essas montanhas a partir de Ossiriand. Mas o nome correto era Eredluin, as Montanhas Azuis, ou Luindirien, as Torres Azuis.

Não incluí esse trecho no texto impresso, por não ter certeza de sua data. Nas passagens da revisão da segunda versão de *A Queda de Númenor* aparece o nome *Lindon*. Mostrei que essas revisões são de um período durante a composição de *O Senhor dos Anéis* (ver pp. 43–7) — embora isso não signifique necessariamente que *Lindon* não tenha surgido antes. Originalmente, *Eredlindon* com certeza significava "Montanhas Azuis": ver IV. 385, 399; e na *Lista de Nomes* (p. 495) uma palavra *lind* "azul" é apresentada (cf. as *Etimologias*, radical GLINDI).

Com o relato da extensão de Beleriand, cf. a legenda no primeiro Mapa (IV. 269). — A presente passagem é a primeira afirmação acerca do curso inferior do Gelion; no mapa V do *Ambarkanta* (IV. 295), o rio (sem nome) é mostrado voltando-se para o oeste e correndo para o mar em outra grande baía ao sul de Balar. No mapa V também está representado o "Grande Golfo", e o "estreito de terra montanhosa" (lá chamado de "Estreitos do Mundo") "entre o golfo e o mar interior de Helkar" (ver IV. 305).

§109 *Nan-tathren* foi alterado a partir de *Nan-tathrin*, como no AB 2 (nota 5). — no AB 2 (anal 52), Fingolfin era "Senhor da Falas ou Costa do Oeste, e soberano dos Elfos-escuros até Eglorest no sul e a oeste do rio Eglor", enquanto Felagund possuía as terras a leste do Eglor (entre o Eglor e o Sirion). Mudanças feitas naquele manuscrito (notas 12 e 13) alteraram o texto para dizer que era Felagund que era "considerado senhor supremo da Falas, e dos Elfos-escuros dos portos de Brithombar e Eglorest"; e aqui no QS os Elfos do Portos "tomaram Felagund como rei".

§110 Aqui é a primeira ocorrência do nome *Dimbar*. Cf. AB 2, anal 52: "entre o Sirion e o rio Mindeb ninguém habitava". Quanto a *Nan-dungorthin*, ver IV. 262–63. Aqui também é a primeira ocorrência de *Nivrim*, "a Marca-oeste". No segundo Mapa. como no primeiro, a região é marcada como "Doriath além do Sirion"; ver IV. 266, 387.

§111 *Thargelion*, que aparece aqui pela primeira vez, foi uma alteração inicial a partir de Targelion (mas em §122 *Thargelion* é original no manuscrito). A nota marginal "ou Radhrost" provavelmente foi um acréscimo subsequente, mas certamente pertence ao período inicial; ver §118 abaixo. A segunda nota de rodapé certamente é original. Embora *Umboth Muilin* remonte aos *Contos Perdidos* (Ver II. 271, 418), nem *Hithliniath*, nem *Aelin-uial*, haviam ocorrido anteriormente.

§112 Aqui aparece pela primeira vez o nome *Taur-na-Faroth* para os planaltos chamados anteriormente em *As Baladas de Beleriand* "os Morros dos Caçadores", "o Descampado dos Caçadores" e, no primeiro Mapa, *Duil Rewinion* (IV. 266), onde esses morros são representados estendendo-se muito ao sul de Nargothrond.

§113 Esse relato da Inclinação de Beleriand e da grande queda divisora é inteiramente novo, como o são os nomes *Andram*, "a Longa Muralha", e *Ramdal*, "Fim da Muralha" (ambos escritos nas duas ocorrências sobre outros nomes que foram completamente apagados). Características antigas dos rios de Beleriand — o torrencial Narog, as Lagoas do Crepúsculo, o mergulho subterrâneo do Sirion — são agora relatadas em uma concepção geográfica abrangente. Os "Portões do Sirion" são

novos como nome e concepção (embora estejam marcados e nomeados no segundo Mapa como desenhado originalmente, p. 500): nada havia sido dito até agora acerca da saída do rio de sua passagem subterrânea.

§114 Os dois braços tributários do Gelion estão representados no segundo Mapa, mas aqui pela primeira vez recebem nomes; e agora ocorre pela primeira vez *Monte Rerir*, onde o Grande Gelion nascia. A forma *Himring* já havia aparecido no *Lhammas B*, p. 223 (mas ainda era *Himling* no segundo Mapa como desenhado originalmente).

No nome *Adurant* há uma nota de rodapé ao texto acrescentada após a composição do manuscrito:

> E em um ponto quase no meio de seu curso a corrente do Adurant se dividia e depois se juntava de novo, encerrando uma bela ilha; e esta era chamada de Tolgalen, a Ilhota Verde. Ali Beren e Lúthien habitaram depois de seu retorno.

Como a nota de rodapé em §108, não incluí esse trecho no texto por não ter certeza de quando o acréscimo foi feito. O segundo Mapa não mostra a ilha formada pelo curso dividido do Adurant; por outro lado, um acréscimo ao radical AT(AT) nas *Etimologias* explica o significado real de *Adurant* precisamente a partir do curso dividido (ilkorin *adu*, *ado* "duplo"). Essa é a primeira ocorrência do nome Tolgalen, e dessa localização precisa da morada de Beren e Lúthien após o retorno deles. No primeiro Mapa, "a Terra dos Mortos que Vivem" foi movida várias vezes, sendo que o posicionamento final foi em Ossiriand (IV. 266, 274), como no Q (IV. 154).

§115 Com "em que os Orques pela primeira vez foram feitos", cf. QS §62: "ele trouxe à existência a raça dos Orques" (isto é, quando Morgoth voltou à Terra-média).

Ver-se-á que esse relato dos Elfos-verdes ("Elfos danianos") está muito de acordo com *Lhammas* §7. Não é dito lá que eles eram chamados de Elfos-verdes porque se trajavam de verde na primavera e no verão (mas "a casa de Denethor amava o verde

acima de todas as cores"); e há agora a primeira menção ao canto deles, o que levou a sua terra ser chamada de *Lindon* (ver o comentário a §108, mas também as *Etimologias*, radical LIN[2]).

§116 Do início desse parágrafo o texto é derivado, com muitas alterações e expansões, do AB 2, anal 52.

Quanto ao lapso de tempo entre a descoberta de Turgon do vale oculto de Gondolin e a sua última partida de Nivrost, ver pp. 306–07. No AB 2 ele "partiu para o sul", isto é, de Hithlum, posteriormente alterado (nota 8) para ficar de acordo com o QS, onde ele "partiu para o leste", isto é, de Nivrost. Essa é a primeira menção da semelhança de Gondolin com a cidade dos Elfos em Valinor, embora, como sugeri (II. 250–51), talvez fosse uma antiga ideia subjacente.

§§117 O nome *Minnastirith* está escrito sobre uma palavra apagada por completo, mas o nome apagado é claramente *Inglormindon*, que aparece como um acréscimo ao AB 2 (nota 14), lá também alterado para *Minnastirith* (e depois para *Minastirith*).

Outro elemento na história alterada de Orodreth é inserido agora, um aspecto de sua associação com Inglor Felagund em vez de com Angrod e Egnor (ver o comentário a §73): ele não mais possui uma terra no leste de Dorthonion, próximo aos seus amigos Celegorn e Curufin, mas é o guardião da torre de Inglor em Tol Sirion. Essa nova história foi introduzia no AB 2 através de correções tardias (notas 10, 25 e 29).

§118 O relato das defesas de Beleriand no Nordeste e as terras dos príncipes fëanorianos não difere em essência daquele no AB 2, mas é mais completo e mais preciso nos detalhes. O nome *Lothland* aparece aqui pela primeira vez, e essa é a primeira vez que Himring (Himling) é descrito, ou que uma interpretação é dada para alguma das formas. O território de Damrod e Díriel torna-se mais definido, e aparentemente mais para o norte (anteriormente nesse capítulo, em §111, seus limites são "entre o Celon e o Gelion"). O Lago Helevorn, às margens do qual Cranthir habitava, é agora mencionado pela primeira vez (o nome estando escrito sobre uma palavra apagada, talvez *Elivorn*, ver p.

495); ele não está representado no segundo Mapa como desenhado orginalmente.

As palavras “pelos Gnomos de Thargelion (isto é, a terra além do Gelion), ou Dor Granthir” foram um acréscimo, junto com a nota marginal sobre o nome élfico-escuro *Radhrost*, mas feito com muito cuidado em um período anterior. Quanto a *Granthir* junto a *Cranthir*, ver a nota sobre *Gorgoroth*, pp. 356–57. O encontro do povo de Cranthir com os Anãos nas Eredlindon é apresentado no AB 2 no ano 104 (> 154), mas o relato dos Anãos nesse ponto nos *Anais* é reservado no QS ao novo capítulo que se segue.

§§119–20 Não é dito no AB 2 (anal 65) que Felagund auxiliou os Elfos da Falas a reconstruir os seus Portos, nem que foi ele que ergueu a Torre de Tindobel: pois Fingolfin ainda era o Senhor da Falas (ver §109 acima). O nome aqui foi primeiramente escrito *Tindabel*, como também no segundo Mapa: empreguei a grafia *Tindobel* partindo do pressuposto de que essa foi uma alteração inicial, uma reversão à forma no primeiro Mapa e nos AB 1 e 2.

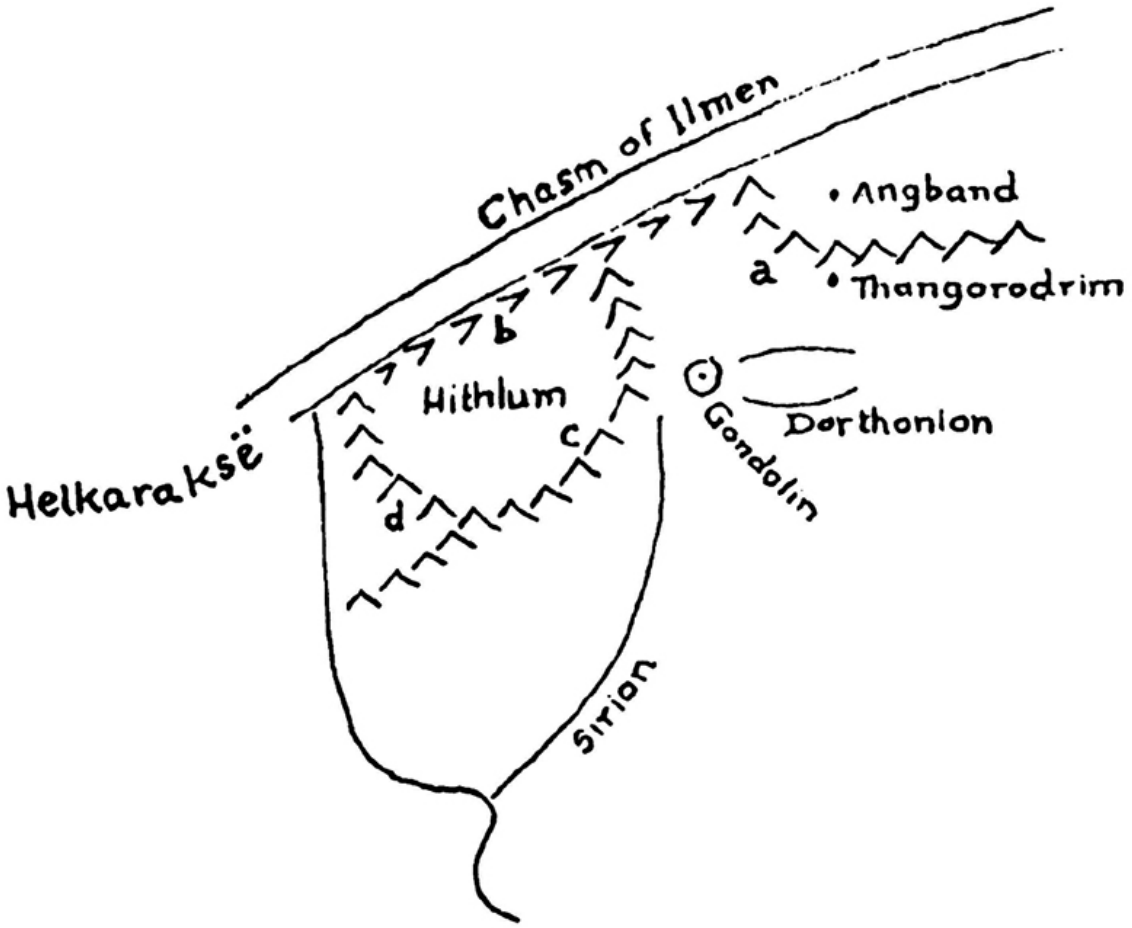
Nota sobre a geografia do extremo Norte

Comentei (IV. 306) ao discutir os mapas do *Ambarkanta* que é interessante ver o quão próximo Hithlum é colocado no Mapa V da borda do mundo, o Abismo de Ilmen; e este é um lugar conveniente para levar em consideração um outro aspecto da questão. Em QS §105 é dito:

> Na guerra dos Deuses as montanhas de Melko foram partidas e distorcidas no Oeste, e de seus fragmentos foram feitas as Eredwethion e as Eredlómin; mas as Montanhas de Ferro se curvavam para trás no rumo norte, e havia cem léguas entre elas e os estreitos congelados no Helkaraksë.

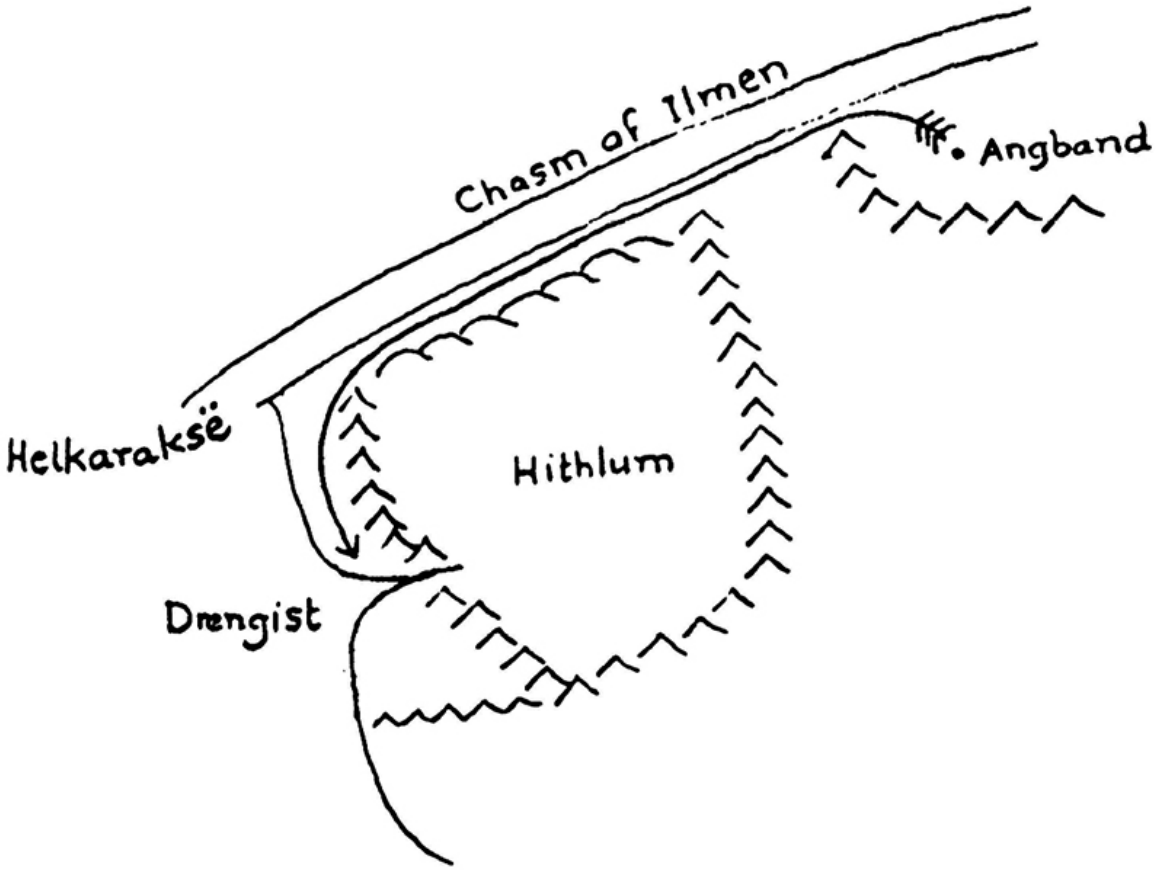
Apesar de bastante amontoado e de ter sido esboçado às pressas, o Mapa V parece estar de acordo com esse trecho. Tento aqui

aumentar e esclarecer a representação dessas regiões no mapa, acrescentando letras para tornar mais claras as referências a ele.



A extremidade oeste das Montanhas de Ferro (marcada com um *a* no esboço) agora se volta de maneira abrupta para o norte até o Abismo de Ilmen; Eredwethion (*c*) e Eredlómin (*d*) são claramente identificáveis. A linha de aspas angulares (b) que segue ao longo da borda do Abismo está a lápis, enquanto as outras cadeias são à tinta sobre lápis, mas não está claro se isso possui alguma importância. A afirmação no QS recém-citada de que havia cem léguas entre a extremidade das Montanhas de Ferro e o Helkaraksë sugere que não havia grandes elevações entre Hithlum e o Abismo — e cf QS §106: "Nivrost era… abrigada do Norte" (pelas Eredlómin), enquanto "Hithlum era aberto aos ventos frios".

Por outro lado, anteriormente no QS (§103) o exército enviado por Morgoth para testar as defesas dos Noldor “virando-se para o oeste nos limites externos das Montanhas de Ferro, [chegou] às praias do mar”, conseguindo “invadir Hithlum por trás”. Esse exército foi para o sul ao longo da costa e foi destruído por Fingon no Estreito de Drengist. Isso significa que a hoste-órquica não podia invadir Hithlum pelo Norte devido às elevações defensáveis entre Hithlum e o Abismo de Ilmen? Nesse caso, é possível supor uma certa configuração da seguinte maneira:



Porém, as evidências parecem não permitir uma resposta exata; e o segundo Mapa não é de ajuda — na verdade, ele apresenta um problema adicional na representação das Thangorodrim (p. 499). Aqui os três picos colossais das Thangorodrim são cercados por um círculo fechado de elevações menores, e não há indicação da “grande muralha encurvada” das Montanhas de Ferro a partir da qual “as

torres das Thangorodrim se projetavam" (QS §103). Não sei como explicar isso; mas durante todos os anos em que meu pai usou este mapa ele nunca fez qualquer marca nele que sugerisse que o desenho deveria ser modificado.

Nessa época, as Thangorodrim eram concebidas com uma localização bastante próxima: o segundo Mapa está bastante de acordo com o mapa V do *Ambarkanta* nesse ponto. No material pós-*Senhor dos Anéis*, é dito que "os portões de Morgoth estavam a não mais que cento e cinquenta léguas de distância da ponte de Menegroth" (*O Silmarillion*, p. 140); enquanto de acordo com a escala do segundo Mapa (ver abaixo), a distância era pouco mais de setenta léguas.

Nota sobre distâncias

Listo aqui as definições de distância que são apresentadas no Capítulo 9:

- 100 léguas entre a extremidade das Montanhas de Ferro no Oeste e o Helkaraksë (§105).
- Dorthonion se estendia por 100 léguas (§106).
- A extensão do Sirion desde o Passo até o Delta era de 121 léguas (§107).
- Beleriand Oeste, em sua maior extensão, possuía 70 léguas, do Sirion ao mar (§109).
- A extensão do Narog desde Ivrin até sua confluência com o Sirion era de cerca de 80 léguas (§109).
- Beleriand Leste, em sua maior extensão, possuía 100 léguas, do Sirion ao Gelion (§110).
- As grandes quedas do Sirion ficavam cerca de 70 *milhas* a leste da garganta de Nargothrond (§113).
- O Sirion fluía debaixo da terra por 3 léguas (§113).
- A confluência do Ascar e do Gelion ficava cerca de 40 léguas ao sul da confluência do Grande e do Pequeno Gelion (§114).

Uma nota no verso do Mapa fornece uma escala de 50 milhas para 3,2 cm. (o comprimento dos lados dos quadrados). Nessa escala, a maioria das distâncias apresentadas no QS está bem ou muito de acordo com as medidas no Mapa (como seria de esperar). Os rios foram medidos numa linha reta, no caso do Sirion desde a abertura setentrional do Passo. Mas há duas afirmações no QS que não se encontram em harmonia de forma alguma com o Mapa. Essas são a extensão de Dorthonion (100 léguas) e Beleriand Oeste em sua maior extensão (70 léguas do Sirion ao mar). Com um olhar rápido vê-se que Dorthonion era muito menor que Beleriand Leste em sua maior extensão, embora ambas as distâncias sejam dadas no QS como 100 léguas, e que Beleriand Oeste em sua maior extensão era praticamente tão grande quanto Beleriand Leste. Creio que essas afirmações sejam simplesmente erros, sem maiores significados; e eles na verdade foram corrigidos (muito tempo depois), e a extensão de Dorthonion tornou-se 60 léguas e Beleriand Oeste em sua maior extensão passou a ter 99 léguas, ficando em harmonia com o Mapa.

10. DOS HOMENS E DOS ANÕES

§122 Ora, com o tempo a construção de Nargothrond foi terminada, e Gondolin havia sido erigida em segredo. Mas nos dias do Cerco de Angband os Gnomos tinham ainda pouca necessidade de esconderijos, e vagavam por toda a parte entre o Mar do Oeste e as Montanhas Azuis no Leste. É dito que eles subiram as Eredlindon e olharam para o leste com assombro, pois as terras da Terra-média pareciam selvagens e vastas; mas não atravessaram as montanhas, enquanto Angband durou. Naqueles dias a gente de Cranthir topou com os Anões, a quem os Elfos-escuros chamam Naug-rim; pois as principais moradas daquela raça ficavam nas montanhas a leste de Thargelion, a terra de Cranthir, e eram escavadas fundo nas encostas orientais das Eredlindon. De lá viajavam amiúde para Beleriand, e eram recebidos por

vezes até mesmo em Doriath. Naquela época não havia inimizade entre Elfos e Anões, mas, no entanto, pouco amor havia. Pois embora os Anões não servissem Morgoth, ainda assim em algumas coisas eram mais parecidos com o povo dele do que com os Elfos.

§123 Os Naugrim não eram da raça-élfica nem da gente mortal, tampouco crias de Morgoth; e naqueles dias os Gnomos não sabiam de onde eles vinham. [Mas[u] é dito pelos sábios em Valinor, como tomamos conhecimento desde então, que Aulë fez os Anões enquanto o mundo ainda estava escuro, por desejar a chegada dos Filhos de Ilúvatar, para que pudesse ter aprendizes aos quais pudesse ensinar seu saber e ofício, e por não querer aguardar o cumprimento dos desígnios de Ilúvatar. Donde os Anões são como os Orques nisso, por terem vindo da obstinação de um dos Valar; mas não foram feitos por malícia e zombaria, e não foram gerados por um propósito maligno. Contudo, eles derivam seu pensamento e ser segundo sua medida de apenas um dos Poderes, enquanto os Elfos e os Homens, seja a quem for que eles principalmente se voltem entre os Valar, possuem afinidade com todos em certa medida. Portanto, as obras dos Anões possuem grande engenho e ofício, porém pouca beleza, exceto quando imitam as artes dos Eldar; e os Anões retornam para a terra e pedra dos montes de onde foram feitos.][v]

§124 Ferro trabalhavam em vez de ouro e prata, e a feitura de armas e de malhas era o seu principal ofício. Ajudaram os Gnomos grandemente na guerra destes com os Orques de Morgoth; mas não se pensava que teriam recusado também a forja a Morgoth, caso tivesse tido necessidade do trabalho deles, ou estivesse aberto ao seu comércio. Pois comprar e vender e permutar eram o deleite deles, e o acúmulo de

riquezas. Mas essas eles juntavam antes para acumular do que para usar, ou para gastar, exceto em comércio. Sua estatura era baixa e atarracada; tinham braços fortes e pernas robustas, e suas barbas eram longas. A si mesmo davam o nome de Khuzûd, mas os Gnomos os chamavam de Neweg, os mirrados, e aqueles que habitavam em Nogrod eles chamavam de Enfeng, os Barbas-longas, pois suas barbas roçavam o chão diante de seus pés. Suas principais cidades naqueles dias eram Khazaddûm e Gabilgathol, que os Elfos de Beleriand chamavam, de acordo com o significado que tinham no idioma de Doriath, de Nogrod, a Mina-anânica, e Belegost, a Grande Fortaleza. Mas poucos dos Elfos, salvo Meglin de Gondolin, iam lá, e os Anões comerciavam em Beleriand, e construíram uma grande estrada, que passava sob as encostas do Monte Dolmed, e que seguia de lá o curso do Ascar, e cruzava o Gelion em Sarn-athrad. Ali mais tarde uma batalha foi travada, mas por ora os Anões pouco preocupavam os Elfos, enquanto o poder dos Gnomos durava.

§125 É considerado que o primeiro encontro de Gnomos e Anões ocorreu na terra de Cranthir por volta da época em que Fingolfin destruiu os Orques em Drengist, cento e cinquenta e cinco anos após a travessia do Gelo, e cento e cinco antes da primeira aparição de Glómund, o Dragão. Após a derrota dele houve uma longa praz, e ela durou por quase duzentos anos do Sol. Durante esse tempo, os pais das casas dos Homens de Beleriand, isto é, dos Amigos-dos-Elfos de outrora, nasceram nas terras da Terra-média, a leste das montanhas; Bëor, o Vassalo, Haleth, o Caçador, e Hador, o de Cabelos Dourados.

§126 Ora, veio a se dar que, quando cerca de quatrocentos anos haviam se passado desde que os Gnomos haviam chegado a

Beleriand, Felagund viajou a leste do Sirion e foi caçar com os filhos de Fëanor. Mas apartou-se de seus companheiros, e entrou em Ossiriand, e lá vagou sozinho. Certa altura da noite, topou com um vale nos contrafortes ocidentais das Eredlindon, e avistou luzes no vale e ouviu de longe o som de uma canção agreste; e grandemente se admirou, pois os Elfos-verdes daquela terra não acendiam fogueiras e não cantavam à noite. E o idioma da canção, que ele ouviu ao se aproximar, não era aquele dos Eldar ou dos Elfos-escuros, nem dos Gnomos, nem era aquele dos Anões. Portanto, temeu que uma incursão dos Orques tivesse escapado do sítio do Norte, mas descobriu que não era isso. Pois observou o acampamento sob os montes, e lá contemplou um povo estranho. Altos eles eram, e fortes, e belos de rosto, porém rudes e pouco vestidos.

§127 Ora, esses eram o povo de Bëor, um poderoso guerreiro entre os Homens, cujo filho era Barahir, o audaz, que mais tarde nasceu na terra dos Gnomos. Eram eles os primeiros Homens que ao vagarem para o oeste desde a distante Hildórien passaram por sobre as Eredlindon e chegaram a Beleriand. Depois de Bëor veio Haleth, pai de Hundor, e mais uma vez, um pouco mais tarde, veio Hador, o de Cabelos Dourados, cujos filhos têm renome nas canções. Pois os filhos de Hador eram Gumlin e Gundor; e os filhos de Gumlin eram Húrin e Huor, e o filho de Húrin era Túrin, a ruína de Glómund, e o filho de Huor era Tuor, pai de Eärendel, o abençoado. Todos esses foram apanhados na rede do fado dos Gnomos e realizaram grandes feitos que os Elfos lembram ainda entre os feitos de seus senhores e reis de outrora. Mas Haleth e Hador naquele tempo ainda se encontravam nas terras agrestes a leste das montanhas.

§128 Felagund por entre as árvores aproximou-se do acampamento de Bëor e permaneceu escondido, até que todos estivessem adormecidos. Então foi ao meio dos homens que dormiam, e se sentou ao lado de sua fogueira, que se apagava porque ninguém montava guarda; e tomou uma harpa rude, que Bëor pusera de lado, e fez música com ela tal como ouvido mortal algum jamais tinha ouvido. Pois os Homens ainda não tinham mestres nessas artes, salvo apenas os Elfos-escuros nas terras agrestes. Ora, os homens despertaram e escutaram Felagund tocar a harpa de cantar; e se maravilharam, pois havia grande sabedoria naquela canção e também beleza, de modo que se tornava mais sábio o coração que a escutava. Assim foi que os Homens chamaram ao Rei Felagund, a quem encontraram primeiro entre todos os Noldor, de Gnomo ou Sabedoria;[w] e por causa dele chamaram sua raça de Sábios, a quem chamamos Gnomos. No começo acreditaram que Felagund fosse um dos Deuses, a respeito dos quais tinham ouvido rumores de que habitavam longe no Oeste. Mas Felagund lhes ensinou saber verdadeiro, e eles o amaram, e se tornaram seus seguidores; e, assim, Bëor, o Vassalo, recebeu seu nome entre os Gnomos.

§129 Bëor viveu a serviço de Felagund enquanto sua vida durou; e Barahir, seu filho, também serviu os filhos de Finrod, mas ele habitava mormente nas marcas do norte com Angrod e Egnor. Os filhos de Hador eram aliados à casa de Fingolfin, e o senhorio de Gumlin era em Hithlum; e lá mais tarde seu filho Húrin habitou, cuja esposa era Morwen da casa de Bëor. Ela era cognominada Eledhwen, o Brilho-élfico, pois sua beleza era como a beleza das filhas dos Eldalië. Mas Haleth e sua gente não ficaram a serviço de

ninguém e habitaram nas matas nos confins de Doriath, naquela floresta que era chamada Brethil.

§130 Nessa época, a força dos Homens foi acrescentada a dos Gnomos, e a gente das três casas cresceu e se multiplicou. A maior era a casa de Hador, e a mais amada pelos Elfos. Sua gente era loura e de olhos azuis, em sua maioria; embora Túrin tivesse cabelos escuros, pois sua mãe Morwen era do povo de Bëor. Eram de maior força e estatura em corpo do que os Elfos; rápidos para a ira e o riso, ferozes em batalha, generosos com os amigos, ligeiros na determinação, firmes na lealdade, jovens de coração, os Filhos de Ilúvatar na juventude da gente dos Homens. Semelhantes a eles era o povo das florestas de Haleth, mas não eram tão altos; suas costas eram mais largas e suas pernas mais curtas e menos velozes. Menos inflamados eram seus espíritos; mais lento, porém mais profundo, era o movimento de seus pensamentos; suas palavras eram poucas, pois tinham regozijo no silêncio, vagando livres nas matas verdes enquanto as maravilhas do mundo lhes eram novas. Mas o povo de Bëor tinha cabelos morenos ou castanhos; seus olhos eram cinzentos e, seus rostos, belos de contemplar; formosos eram, porém fortes e resistentes. Sua altura não era maior do que a dos Elfos naquele tempo, e eram os mais semelhantes aos Gnomos; pois eram de mente ávida, de mãos hábeis, rápidos no entendimento, de longa memória. Mas eram de vida curta, e seus fados eram infelizes, e seu júbilo mesclado com pesar.

§131 Bëor morreu depois de viver apenas oitenta anos, cinquenta dos quais a serviço de Felagund; e diz-se que quando jazeu morto, por nenhuma arma ou enfermidade, mas afetado pela idade, os Elfos viram então pela primeira vez a morte de cansaço, e lamentaram pelo tempo curto

designado à gente dos Homens. Mesmo assim, esses Homens de outrora, sendo de raças jovens e ávidas, aprenderam rapidamente dos Elfos toda arte e conhecimento que pudessem lhes ser ensinados; e em seu engenho e sabedoria superaram muito todos os outros de sua gente, que habitavam ainda a leste das montanhas, e não sabiam dos Eldar do Oeste, antes da ruína se abater sobre Beleriand.

Comentário ao Capítulo 10

§122 O uso passageiro nesse capítulo e subsequentemente da forma plural *Dwarfs* [Anões] é curioso (*Dwarves* [Anãos], que remonta ao início, e era a forma em *O Hobbit*, é usada no capítulo anterior, §118). No AB 2, *Dwarves* [Anãos] em apenas uma ocorrência (nota 41) foi alterado para *Dwarfs* [Anões]. A forma *Naugrim* ocorre aqui pela primeira vez; os Anãos eram *Nauglath* nos *Contos Perdidos*, *Nauglir* no Q. Na terceira Árvore das Línguas (p. 232), seu idioma é *naugliano*.

No AB 2 (anal 104), "os Anãos possuíam grandes minas e cidades no leste das Eredlindon, *muito ao sul de Beleriand*, e as principais dentre essas cidades eram Nogrod e Belegost", como na indicação no primeiro Mapa (Expansão a Leste), IV. 275–76; mas as cidades-anânicas estão agora situadas no QS como viriam a permanecer, nas montanhas a leste de Thargelion, e o AB 2 foi corrigido de maneira correspondente (nota 17). Não havia sido dito antes que os Anãos "eram recebidos por vezes até mesmo em Doriath", mas a ideia de que eles já eram bem conhecidos pelos Elfos-escuros de Beleriand quando os Gnomos os encontraram pela primeira vez nas Montanhas Azuis apareceu na segunda versão do AB 1 (ver IV. 389, 394, e é dito lá que sua antiga estrada se estendia até o rio Aros, isto é, até os confins de Doriath.

É notável que nessa época a afirmação de que os Anãos "em algumas coisas eram mais parecidos com o povo de Morgoth do que com os Elfos" ainda estava preservada do Q (IV. 123); mas

isso agora é mitigado pelo que é dito em §123, onde a semelhança dos Anãos com os Orques é representada somente como uma limitação análoga de poderes naturais resultantes de suas origens.

§123 Esse é o terceiro relato da lenda da origem dos Anãos, após os presentes no AB 2 (anal 104) e em *Lhammas* §9, ambos os quais possuem a afirmação notável de que os Anãos "não possuem um espírito que lhes habita"; ver os comentários àquelas passagens. As duas versões foram modificadas nesse ponto; foi rabiscada uma emenda ao texto do *Lhammas* com uma indicação específica de seguir a passagem aqui no QS que começa com "Contudo, eles derivam seu pensamento e ser segundo sua medida de apenas um dos Poderes…" Mas essa própria passagem no QS foi escrita sobre outro trecho completamente apagado. É muito provável, então, que o QS também tivesse aqui uma frase acerca da ausência de um "espírito que habita" os Anãos, e meu pai corrigiu tanto o QS como o *Lhammas* na mesma época, como o fez em outros lugares. Ademais, o relato do destino dos Anãos apresentado aqui, o seu retorno "para a terra e pedra dos montes de onde foram feitos", foi tirado da mesma passagem no AB 2 (encontra-se ausente na do *Lhammas*), e isso sem dúvida é concomitante com o conceito de que "os Anãos não possuem um espírito que lhes habita".

É possível ver que os colchetes em volta dessa passagem pertençam à composição do manuscrito; eles evidentemente demonstram a que parte do texto a expressão "disse Pengolod" se refere. É levantada mais uma vez a questão (ver §49) de por que Pengolod aparece como anotador se ele era o autor, como ele certamente parece ser no preâmbulo do *Quenta Silmarillion* apresentado na p. 238: "Este Relato foi composto primeiro por Pengolod de Gondolin". Uma possível explicação encontra-se nas outras formas de preâmbulo nas pp. 240–41 Pode-se concluir a partir da primeira dessas que a referência é a "O Silmarillion" num sentido mais amplo (isto é, como incluindo os *Anais* e o *Lhammas*), visto que é dito que Pengolod "usou muito dos escritos de Rúmil… *mormente nos anais de Valinor e no relato*

de línguas". A segunda forma (datilografada) desse preâmbulo torna o fraseado menos preciso: "ele usou muito dos escritos de Rúmil… acerca de outros assuntos que não as guerras de Beleriand". As duas versões dizem que ele usou os relatos preservados no Livro Dourado, embora não haja indicação do conteúdo do Livro Dourado. Em ambos os casos não há qualquer tipo de afirmação especificamente sobre o *Quenta Silmarillion*. Portanto, é possível que meu pai agora considerasse Pengolod como redator ou compilador e não como autor, pelo menos em certas partes do livro, e nessas Pengolod marcou suas próprias contribuições e se designou como a autoridade para as mesmas — assim como o fez nos *Anais de Valinor* e no *Lhammas*. Assim, aqui, como em *Lhammas* §9, a passagem acerca da origem dos Anãos é um acréscimo de Pengolod ao material mais antigo (nesse caso, composto por Rúmil).

A nota de rodapé sobre o idioma anânico, que faz referência específica ao *Lhammas*, certamente é da mesma época que a composição original do manuscrito.

§124 *Khuzûd:* a primeira aparição desse nome, ou de qualquer nome anânico para os Anãos. Cf. *O Senhor dos Anéis*, Apêndice F: "*Khazad-dûm*, a Mansão dos Khazad; pois esse é seu próprio nome para sua própria raça, e tem sido desde que Aulë lho deu quando foram feitos nas profundas do tempo".

Enfeng: cf. Q (IV. 123): "aqueles que habitavam em Nogrod eles chamavam de Indrafangs, os Barbas-longas, pois suas barbas roçavam o chão diante de seus pés". O nome *Enfeng* aparece aqui pela primeira vez. Originalmente, os Barbas-longas eram os Anãos de Belegost (II. 296).

Khazaddûm é a primeira ocorrência do famoso nome. É interessante notar que ele já existia — mas como o nome anânico de Nogrod — nessa época. Posteriormente, o nome anânico de Nogrod veio a ser *Tumunzahar* (*O Silmarillion*, p. 135); *Gabilgathol*, que aparece agora pela primeira vez, permaneceu o nome anânico de Belegost.

Nesse parágrafo há a primeira referência à associação de Meglin com os Anãos. — *Dolmed* agora substitui *Dolm* (e o AB

2 foi corrigido de maneira correspondente, nota 17).

§125 Em QS §103 é dito que foi Fingon que destruiu os Orques em Drengist. — Quanto à nova datação, presente agora desde a primeira composição do manuscrito, ver a nota sobre a cronologia, pp. 306–07.

§126 Paralelo com a extensão do Cerco de Angband em duzentos anos, o encontro de Felagund e Bëor, originalmente datado no ano 200 no AB 2, sofreu um adiamento correspondente.

§128 A nota de rodapé ao texto é original. Enquanto em *O Silmarillion* a palavra no idioma do povo de Bëor para "Sabedoria" era *Nóm* (ver IV. 199), aqui ela é *Widris*, e é difícil duvidar que seja relacionada ao radical indo-europeu visto, por exemplo, no sânscrito *veda* "eu sei"; grego *idein* (de **widein*) "ver" e *oida* (de **woida*) "(eu tenho visto/eu vi >) eu sei"; latim *vidēre* "ver"; inglês antigo *witan* "saber" e *wāt* "eu sei" [*I know*] (> arcaico *I wot*), e nas palavras que ainda sobrevivem, *wit* [engenho], *wise* [sábio], *wisdom* [sabedoria]. Cf. *Lhammas* §10: "Contudo, outros Homens havia, ao que parece, que permaneceram a leste das Eredlindon, que mantiveram sua língua, e desta, de estreito parentesco com o taliska, vieram após muitas eras de mudanças idiomas que ainda vivem no Norte da terra". — Quanto ao abandono dos Homens de sua própria língua em Beleriand, ver *Lhammas* §10 e comentário; e quanto à atribuição da nota de rodapé a Pengolod, ver o comentário a §123 acima.

"Assim, Bëor, o Vassalo, recebeu seu nome entre os Gnomos": nas *Etimologias*, o nome Bëor "seguidor, vassalo" é um nome noldorin (radical BEW), enquanto em *O Silmarillion* (p. 200) é dito que "Bëor significa 'Vassalo' na língua de seu povo".

§131 De acordo com a datação original do AB 2, Bëor nasceu no ano 170 e morreu em 250; com a cronologia alterada, ele nasceu em 370 e morreu em 450.

11. DA RUÍNA DE BELERIAND E DA QUEDA DE FINGOLFIN

§132 Ora, Fingolfin, Rei do Norte, e Alto-rei dos Noldor, vendo que sua gente se tornara numerosa e forte e que os Homens aliados a eles eram muitos e valentes, ponderou, mais uma vez, um ataque a Angband. Pois sabia que viviam em perigo enquanto o círculo do cerco estivesse incompleto, e Morgoth fosse livre para labutar nas trevas sob a terra. Esse plano era sábio de acordo com a medida de seu conhecimento; pois os Gnomos ainda não compreendiam a plenitude do poder de Morgoth, nem entendiam que sua guerra sem auxílio contra ele era sem esperança derradeira, e tanto fazia se apressarem quanto tardarem. Mas, porque a terra era bela e seus reinos, vastos, a maioria dos Noldor estava contente com as coisas como estavam, confiando que durassem. Portanto, estavam pouco dispostos a escutar Fingolfin, e os filhos de Fëanor, naquele tempo, menos que os demais. Entre os chefes dos Gnomos, apenas Angrod e Egnor eram de opinião semelhante à do Rei; pois habitavam em regiões donde as Thangorodrim se podiam descortinar, e a ameaça de Morgoth estava presente em seus pensamentos. De modo que os desígnios de Fingolfin não chegaram a nada, e a terra teve ainda paz por algum tempo.

§133 Mas, quando os filhos dos filhos dos Pais de Homens haviam recém chegado à vida adulta, fazendo então quatrocentos anos e cinco e cinquenta desde a chegada de Fingolfin, sobreveio o mal que havia muito ele temia, e ainda mais tremendo e repentino do que seu medo mais sombrio. Pois Morgoth preparara, havia muito, sua força em segredo, enquanto a malícia de seu coração ficava sempre maior e seu ódio dos Gnomos, mais amargo; e ele desejava não apenas eliminar seus inimigos, mas destruir também, e profanar as terras que tinham tomado e tornado belas. E conta-se que seu ódio sobrepujou seus planos, de modo que, se tivesse

suportado esperar um pouco mais, até que seus desígnios estivessem completos, então os Gnomos teriam perecido de todo. Mas, de sua parte, ele julgava mui levianamente o valor dos Elfos e aos Homens ainda não levava em conta.

§134 Veio um tempo de inverno, quando a noite era escura e sem lua; e a vasta planície de Bladorion se estendia sombria sob as estrelas gélidas dos fortes monteses dos Gnomos até os pés das Thangorodrim. As fogueiras dos vigias ardiam fracas, e os guardas eram poucos; e na planície poucos despertavam nos acampamentos dos cavaleiros de Hithlum. Então, de repente, Morgoth lançou grandes rios de chama que se derramaram, mais velozes que a cavalaria dos Balrogs, por toda a planície; e as Montanhas de Ferro arrotavam fogos de muitas cores, e o fumo empesteava o ar e era mortal. Assim, Bladorion pereceu, e o fogo devorou sua relva; e ela se tornou um deserto abrasado e desolado, cheio de uma poeira asfixiante, estéril e sem vida; e seu nome foi mudado, e para sempre depois disso foi chamada de a Terra da Sede, Dor-na-Fauglith na língua gnômica. Muitos ossos calcinados tiveram lá sua tumba a descoberto. Pois muitos dos Gnomos pereceram naquele incêndio, pegos pelos rios de chama, e não conseguiram fugir para os montes. As alturas de Dorthonion e das Eredwethion detiveram as torrentes de fogo, mas suas matas, nas encostas que davam para Angband, foram todas incendiadas, e a fumaça fez grande confusão entre os defensores. Essa foi a Terceira das grandes Batalhas, Dagor Vreged-úr, a Batalha do Fogo Repentino.

§135 À frente daquele fogo vinha Glómund, o dourado, o pai de dragões, e depois dele estavam Balrogs, e detrás vinham os exércitos sombrios dos Orques em multidões tais como os Gnomos nunca tinham visto ou imaginado. E eles atacaram as fortalezas dos Gnomos, e romperam o sítio à volta de

Angband, e mataram, onde quer que os achassem, tanto os Gnomos como os seus aliados, Elfos-escuros e Homens. Muitos dos mais robustos inimigos de Morgoth foram destruídos nos primeiros dias daquela guerra, desconcertados, e dispersos, e incapazes de reunir suas forças. A guerra nunca mais cessou de todo em Beleriand; mas se considera que a Batalha do Fogo Repentino terminou com a chegada da primavera, quando o assédio de Morgoth amainou. Pois ele viu então que não congregara forças suficientes, nem medira corretamente o valor dos Gnomos. Ademais, seus capitães e espiões lhe trouxeram notícias dos Amigos-dos-Elfos, os Homens de Beleriand, e de sua força guerreira; e uma nova fúria tomou conta de seu coração, e voltou-se para pensamentos de mais males.

§136 Assim terminou o Cerco de Angband; e os inimigos de Morgoth foram espalhados e separados uns dos outros. Os Elfos-escuros fugiram para o sul e abandonaram a guerra no norte. Muitos foram recebidos em Doriath, e o reino e a força de Thingol aumentaram naquele tempo; pois o poder da rainha Melian estava tecido à volta de suas fronteiras, e o mal ainda não conseguia entrar naquele domínio oculto. Outros tiveram refúgio nas fortalezas à beira do mar, ou em Nargothrond; mas a maioria fugiu daquela terra e se escondeu em Ossiriand ou, atravessando as montanhas, vagou sem lar nos ermos. E rumores sobre a guerra e o rompimento do cerco alcançaram os ouvidos dos Homens na Terra-média.

§137 Os filhos de Finrod sofreram mais pesadamente o golpe do ataque, e Angrod e Egnor foram mortos; e Bregolas, filho de Bëor, que era senhor daquela casa de Homens após a morte de seu pai, foi morto ao lado deles. Naquela batalha o Rei Inglor Felagund foi separado de sua gente e cercado pelos

Orques, e teria sido morto ou capturado, mas Barahir, filho de Bëor, chegou com os seus homens, o resgatou e fez uma muralha de lanças à volta dele; e abriram caminho para fora da batalha com grandes perdas. Assim Felagund escapou e foi para o sul até Nargothrond, sua funda fortaleza preparada para o dia maligno; mas fez um juramento de constante amizade e auxílio em toda necessidade a Barahir e a toda a sua gente e descendência e, em sinal de seu voto, deu a Barahir seu anel.

§138 Barahir era então por direito senhor dos remanescentes da gente de Bëor; mas a maioria desses fugira agora de Dorthonion e buscou abrigo entre o povo de Hador nos recônditos de Hithlum. Mas Barahir não fugia de Dorthonion e continuava a disputar a terra pedaço a pedaço com os serviçais de Morgoth. Mas Morgoth perseguiu seu povo até a morte, até que poucos restaram; e ele tomou toda a floresta e o planalto de Dorthonion, salvo a região mais elevada e interna, e a transformou, pouco a pouco, em um lugar de tamanho terror e mal espreitante que até os Orques não entravam ali, a não ser por necessidade premente. Portanto, ela depois foi chamada pelos Gnomos de Taur-na-Fuin, que é Trevamata, e Deldúwath, Sombra Mortal da Noite; pois as árvores que cresciam lá depois do incêndio eram pretas e sombrias, e suas raízes eram trançadas, tateando no escuro feito garras; e aqueles que vagueavam em meio a elas se perdiam, e ficavam cegos, e eram estrangulados ou perseguidos até a loucura por espectros de terror.

§139 Por fim, apenas doze homens restavam a Barahir: Beren, seu filho, e Baragund e Belegund, filhos de Bregolas, seus sobrinhos, e nove serviçais fiéis de sua casa, cujos nomes ainda são lembrados pelos Gnomos: eram Radhruin e Dairuin, Dagnir e Ragnor, Gildor e Gorlim, o infeliz, Arthod

e Urthel, e Hathaldir, o jovem. Proscritos se tornaram, um bando desatinado que não podia escapar e não queria ceder; pois suas habitações estavam destruídas, e suas mulheres e filhos, capturados, ou mortos, exceto apenas por Morwen Eledhwen, filha de Baragund, e Rian, filha de Belegund. Pois as esposas dos filhos de Bregolas estavam em Hithlum, e estavam residindo lá entre seus parentes quando a chama da guerra foi acesa. Mas de Hithlum agora não vinham nem novas nem ajuda, e Barahir e seus homens foram caçados feito feras selvagens, e Morgoth enviou muitos lobos contra eles; e recuaram para a estéril terra alta acima da floresta, e vagaram em meio aos alagados e charnecas rochosas daquela região, o mais longe possível dos espiões e dos feitiços de Morgoth. Sua cama era a urze, e seu teto, o céu nublado.

§140 Tão grande foi a violência de Morgoth que Fingolfin e Fingon não puderam vir ao socorro de Felagund e seus irmãos; e as hostes de Hithlum foram rechaçadas com grandes perdas para as fortalezas das Eredwithion, e essas eles mal conseguiram defender dos Orques. Hador, o de cabelos dourados, príncipe de Homens, tombou em batalha diante das muralhas defendendo a retaguarda de seu senhor Fingolfin, tendo então sessenta e seis anos de idade, e com ele tombou Gundor, seu filho mais novo; e foram chorados pelos Elfos. Mas Gumlin assumiu o senhorio de seu pai. E, por causa da força e da altura das Montanhas Sombrias, que resistiram à torrente de fogo, e pelo valor dos Elfos e dos Homens do Norte, os quais nem Orque nem Balrog ainda podiam sobrepujar, Hithlum permaneceu por ora inconquistada, uma ameaça ao flanco do ataque de Morgoth. Mas Fingolfin foi separado por um mar de inimigos de seus parentes.

§141 Pois a guerra andara mal para os filhos de Fëanor, e quase todas as marcas do leste foram tomadas de assalto. O passo do Aglon foi capturado, embora com grande custo para as hostes de Morgoth; e Celegorn e Curufin, tendo sido derrotados, fugiram para o sul e para o oeste, pelas marcas de Doriath, e chegaram enfim a Nargothrond, e buscaram asilo com seu amigo Orodreth. Assim veio a se passar que o povo de Celegorn aumentou a força de Felagund, mas teria sido melhor, como depois se viu, se eles tivessem permanecido no Leste, no meio de sua própria gente. Maidros, o principal dos filhos de Fëanor, operou façanhas de valor insuperável, e os Orques não podiam suportar a luz de seu rosto; pois, desde seu tormento sobre as Thangorodrim, seu espírito ardia como um fogo branco dentro dele, e ele era como quem retorna dos mortos, aferrado e terrível; e eles fugiram diante dele. Assim, a sua cidadela sobre o monte de Himring não pôde naquela época ser tomada, e muitos dos mais valentes que restavam, tanto da gente de Dorthonion como das marcas do leste, juntaram-se lá a Maidros; e, por algum tempo, ele fechou mais uma vez o passo do Aglon, de modo que os Orques não conseguiam entrar em Beleriand por aquela estrada.

§142 Mas eles sobrepujaram os cavaleiros da gente de Fëanor em Lothland, pois Glómund foi até lá, e atravessaram a Brecha de Maglor, e destruíram toda a terra entre os braços do Gelion. E os Orques tomaram a fortaleza sobre as encostas ocidentais do Monte Rerir, e devastaram toda Thargelion, a terra de Cranthir; e conspurcaram o Lago Helevorn. De lá, atravessaram o Gelion com fogo e terror e chegaram longe, em Beleriand Leste. Maglor se uniu a Maidros sobre o Himring; mas Cranthir fugiu e uniu o remanescente de seu povo à gente dispersa dos caçadores, Damrod e Díriel, e eles recuaram e passaram por Rhamdal no

Sul. Sobre o Amon Ereb mantinham uma guarda e alguma força de guerra, e tinham auxílio dos Elfos-verdes; e os Orques não entraram por ora em Ossiriand, nem nos ermos de Beleriand Sul.

§143 Por quase dois anos os Gnomos ainda defenderam o passo oeste em volta das nascentes do Sirion, pois o poder de Ulmo estava naquela água, e Glómund ainda não se aventuraria naquela direção, pois o tempo de sua força plena ainda não havia chegado; e Minnastirith resistia aos Orques. Mas afinal, depois da queda de Fingolfin, que se conta a seguir, Sauron veio contra Orodreth, o guardião da torre, com uma hoste de Balrogs. Sauron era o principal serviçal do maligno Vala, a quem corrompera ao seu serviço em Valinor dentre o povo dos Deuses. Ele se tornara um mago de poder horrendo, mestre de necromancia, de saber imundo, de força cruel, desfigurando o que tocava, distorcendo o que regia, senhor de lobisomens: seu domínio era tormento. Tomou Minnastirith de assalto, a torre de Inglor na ilha de Sirion, pois uma nuvem escura de medo caiu sobre aqueles que a defendiam; e a transformou em uma praça-forte do mal, e uma ameaça;[x] pois nenhuma criatura viva podia atravessar aquele vale sem que ele a espiasse da torre onde se assentava. E Morgoth agora era também senhor do passo oeste, e seu terror enchia os campos e matas de Beleriand.

§144 *A morte de Fingolfin.* Veio a se dar que chegaram notícias a Hithlum de que Dorthonion estava perdida, e os filhos de Finrod, derrotados, e que os filhos de Fëanor tinham sido varridos de suas terras. Então Fingolfin viu que a ruína dos Gnomos estava próxima, e ficou cheio de ira e desespero, e uma loucura abateu-se sobre ele. E cavalgou sozinho até os portões de Angband, e soou sua trompa e golpeou portões brônzeos e desafiou Morgoth a vir para fora para combate

singular. E Morgoth veio. Foi a última vez nestas guerras em que ele atravessou as portas de sua fortaleza, e conta-se que não aceitou o desafio de bom grado; pois, embora seu poder seja o maior de todas as coisas neste mundo, é o único dos Valar a conhecer o medo. Mas não podia agora se negar ao desafio diante do rosto de seus capitães; pois as rochas ecoavam com a música estridente da trompa prateada de Fingolfin, e sua voz chegava penetrante e clara até as profundezas de Angband; e Fingolfin chamava Morgoth de poltrão, e senhor de escravos. Portanto, Morgoth veio, subindo devagar de seu trono subterrâneo, e o rumor de seus pés era como trovão sob a terra. E saiu trajado em armadura negra; e se pôs diante do Rei como uma torre, coroado de ferro, e seu vasto escudo, ébano sem brasão, lançava uma sombra sobre ele que era como nuvem de tempestade. Mas Fingolfin luzia debaixo dela feito uma estrela; pois sua cota de malha fora banhada em prata, e seu escudo azul, incrustado com cristais; e desembainhou sua espada, Ringil, e ela brilhava como gelo, gélida e cinzenta e mortal.

§145 Então Morgoth ergueu alto como uma maça Grond, o martelo do Mundo Ínfero, e o abaixou como se fosse raio e trovão. Mas Fingolfin saltou de lado, e Grond abriu uma enorme cova na terra, donde fumaça e fogo brotaram. Muitas vezes Morgoth tentou golpeá-lo, e, a cada vez, Fingolfin pulava para longe, como um relâmpago dispara debaixo de uma nuvem escura; e feriu Morgoth com sete feridas, e sete vezes Morgoth deu um urro de angústia, com o que as rochas estremeceram, e as hostes de Angband caíam sobre suas faces em desespero.

§146 Mas, por fim, o rei se cansou, e Morgoth empurrou seu escudo sobre ele. Três vezes foi esmagado até se ajoelhar, e três vezes se levantou de novo e ergueu seu escudo quebrado

e seu elmo golpeado. Mas a terra estava toda rachada e cavada à sua volta, e ele tropeçou e caiu para trás diante dos pés de Morgoth; e Morgoth pôs seu pé esquerdo sobre o pescoço dele, e o peso era como um monte tombado. Porém, com seu último e desesperado ataque, Fingolfin lhe talhou o pé com Ringil, e o sangue brotou, negro e cheio de fumaça, e encheu as covas feitas por Grond.

§147 Assim morreu Fingolfin, Alto-rei dos Gnomos, mais orgulhoso e valente dos reis-élficos de outrora. Os Orques não fazem bravata daquele duelo no portão; nem os Elfos cantam sobre ele, pela tristeza. Mas a história é recordada, pois Thorondor, rei das águias, trouxe notícias a Gondolin, e a Hithlum. Pois Morgoth tomou o corpo do Rei-élfico e o destroçou, e estava a ponto de fazê-lo em pedaços e lançá-lo a seus lobos; mas Thorondor veio com toda pressa de seu ninho, em meio aos picos das Gochressiel, e pousou sobre Morgoth e lhe golpeou o rosto com seu bico dourado. A força de suas asas era como o ruído dos ventos de Manwë, e ele agarrou o corpo com suas garras poderosas e, erguendo-se de repente acima dos dardos dos Orques, levou o rei-élfico para longe. E o depôs no topo de uma montanha que dava, do Norte, para o vale oculto de Gondolin; e Turgon, chegando, construiu um alto teso de pedras sobre ele. Nenhum Orque ou Balrog jamais ousou passar por sobre o monte de Fingolfin ou se aproximar de sua tumba, até que a sina de Gondolin chegou, e a traição nasceu em meio à sua gente. Morgoth ficou para sempre manco de um pé desde daquele dia, e a dor de suas feridas não pode ser curada; e em seu rosto está a cicatriz feita por Thorondor.

§148 Houve lamentação em Hithlum quando a queda de Fingolfin tornou-se conhecida; mas Fingon assumiu o reinado dos Noldor, e mantinha ainda o seu reino atrás da

Montanhas Sombrias no Norte. Mas fora de Hithlum Morgoth perseguia seus inimigos sem descanso, e vasculhava seus locais de refúgio, e tomava suas fortalezas uma a uma. E os Orques, cada vez mais ousados, vagavam à vontade por toda parte, descendo o Sirion no Oeste e o Celon no Leste, e cercaram Doriath; e assombravam as terras, de modo que feras e aves fugiam diante deles, e silêncio e desolação se espalhavam sem cessar desde o Norte. Um grande número dos Gnomos e dos Elfos-escuros eles tomaram como prisioneiros e levaram a Angband, e fizeram deles escravos, forçando-os a usar seu engenho e conhecimento a serviço de Morgoth. Labutavam sem descanso em suas minas e forjas, e o tormento era a sua paga.

§149 Contudo, Morgoth enviou também seus espiões e emissários em meio aos Elfos-escuros e os Gnomos-servos, e entre os livres; e eles estavam trajados em formas falsas e o engodo estava em sua fala, e faziam promessas mentirosas de recompensa e, com palavras matreiras, buscavam atiçar medo e ciúme entre os povos, acusando seus reis e chefes de cobiça e de traição um contra o outro. E, por causa da maldição do fratricídio em Alqualondë, tais mentiras amiúde pareciam críveis; e, de fato, conforme os tempos se tornavam sombrios, tinham uma medida de verdade, pois os corações e mentes dos Elfos de Beleriand nublaram-se de desespero e medo. E a maioria dos Gnomos temia mormente a traição daqueles de sua própria gente que tinham sido servos em Angband; pois Morgoth usava alguns desses para seus propósitos malignos e, fingindo dar-lhes liberdade, mandava-os para longe, mas suas vontades estavam acorrentadas à dele, e saíam apenas para retornar a ele de novo. Portanto, se qualquer dos cativos escapava de verdade, e retornava a seu

próprio povo, tinha pouca acolhida e vagava sozinho, proscrito e desesperado.

§150 *Dos Homens Tisnados.* Dos Homens Morgoth fingia ter piedade, se algum deles escutasse suas mensagens, dizendo que seus males vinham apenas de servirem aos Gnomos rebeldes, mas que, nas mãos do correto senhor da terra, obteriam honra e uma justa recompensa por seu valor, se deixassem a rebelião. Mas das Três Casas poucos homens lhe davam ouvidos, nem mesmo se fossem levados aos tormentos de Angband. Portanto, ele os perseguiu com ódio, mas enviou seus mensageiros ao leste através das montanhas. E diz-se que nesse tempo os Homens Tisnados chegaram pela primeira vez a Beleriand; e alguns já estavam secretamente sob o domínio de Morgoth e vieram ao seu chamado; mas não todos, pois os rumores sobre Beleriand, sobre suas terras e águas, suas guerras e riquezas, espalhavam-se por toda parte, e os pés vagantes dos Homens se voltavam sempre para o oeste naqueles dias. E Morgoth alegrou-se com a chegada deles, pois pensou que se mostrariam mais suscetíveis ao seu serviço, e que por meio deles poderia ainda causar grande agravo aos Elfos.

§151 Ora, os Lestenses, ou Rómenildi, como os Elfos chamaram esses recém-chegados, eram baixos e de ombros largos, de braços compridos e fortes; seus cabelos eram negros, e cresciam também muitos pelos em seus rostos e peitos; suas peles eram morenas ou acobreadas, e seus olhos castanhos; porém seus semblantes em sua maioria não eram de menos beleza, embora alguns fossem sombrios e ferozes. Suas casas e tribos eram muitas, e alguns tinham mais gosto pelos Anões das montanhas do que pelos Elfos. Mas os filhos de Fëanor, vendo a fraqueza dos Noldor, e o poderio crescente dos exércitos de Morgoth, fizeram alianças com esses

homens, e deram sua amizade aos maiores de seus chefes, Bór e Ulfang. E Morgoth estava mui contente; pois isso seguia seus desígnios. Os filhos de Bór eram Borlas, Boromir e Borthandos; e eles seguiram a Maidros e Maglor, e não corresponderam à esperança de Morgoth, e foram fiéis. Os filhos de Ulfang, o Negro, eram Ulfast e Ulwarth, e Uldor, o Maldito; e seguiram a Cranthir, e lhe juraram lealdade, e se mostraram infiéis.

§152 Havia pouco amor entre as Três Casas e os Homens Tisnados; e raro se encontravam. Pois os recém-chegados moraram longamente em Beleriand Leste; mas o povo de Hador estava encerrado em Hithlum, e a casa de Bëor, quase destruída. Contudo, Haleth e seus homens ainda permaneciam livres; pois não haviam sido tocados pela guerra no norte, visto que habitavam mais ao sul nas matas às margens do Sirion. Lá agora havia guerra entre eles e os Orques invasores; pois eram homens de coração valoroso e não abandonariam tão fácil as matas que amavam. E, em meio às histórias de derrota desse tempo, seus feitos são lembrados com honra: pois, depois da captura de Minnastirith, os Orques atravessaram o passo oeste, e talvez tivessem devastado até mesmo as fozes do Sirion; mas Haleth mandou rápido uma mensagem a Thingol, pois tinha amizade com muitos dos Elfos que guardavam as fronteiras de Doriath. E Thingol enviou Beleg, o arqueiro, chefe dos guardiões das marcas, em seu auxílio com muitos arqueiros; e Haleth e Beleg pegaram de surpresa uma legião de Orques e a destruíram; e o avanço do poder de Morgoth para o sul, descendo o curso do Sirion, foi detido. Assim, a gente de Haleth viveu ainda por muitos anos em paz vigilante na floresta de Brethil; e, detrás de sua proteção, o reino de Nargothrond pôde respirar e preservou sua força.

§153 Diz-se que Húrin, filho de Gumlin, filho de Hador, de Hithlum, estava com Haleth naquela batalha, e tinha dezessete anos de idade; e esse foi o seu primeiro feito de guerreiro, mas não o último. Pois Húrin, filho de Gumlin, foi criado durante um período na infância por Haleth, de acordo com o costume dos Homens e dos Elfos naquele tempo. E está registrado que, no outono do ano do Fogo Repentino, Haleth pegou Húrin, então recém-chegado da casa de seu pai, e foram caçar ao norte no vale do Sirion; e por acaso, ou pela vontade de Ulmo, toparam com a entrada secreta para o vale oculto de Tumladin, onde Gondolin foi construída. Mas eles foram capturados pelos guardas e levados diante de Turgon; e contemplaram a cidade proibida, acerca da qual ninguém do mundo exterior ainda tinha qualquer conhecimento, salvo Thorondor, rei das águias. Turgon os recebeu; pois mensagens e sonhos lhe tinham chegado subindo o Sirion, vindos do mar, de Ulmo, Senhor das Águas, advertindo-o sobre males que viriam e prevendo que o auxílio dos homens mortais seria necessário, caso quisesse salvar os Gnomos de sua sina. Mas Turgon julgava que Gondolin era forte, e o tempo, ainda não propício para que se revelasse; e não permitiria que os homens partissem. Diz-se que ele tinha grande apreço pelo menino Húrin, e o amor uniu-se à política; pois desejava manter Húrin ao seu lado em Gondolin. Mas notícias chegaram da grande batalha, e do apuro dos Gnomos e dos Homens; e Haleth e Húrin pediram a Turgon permissão para partir em auxílio de sua própria gente. Turgon então lhes atendeu a súplica, mas eles lhe fizeram juramentos profundos, e jamais revelaram o segredo do rei; e os conselhos de Turgon que Húrin compreendera ele manteve ocultos em seu coração.

§154 Turgon por ora não permitiu que ninguém de sua própria gente saísse para a guerra, e Haleth e Húrin partiram de Gondolin sozinhos. Mas Turgon, julgando com razão que o rompimento do Cerco de Angband era o princípio da queda dos Noldor, a menos que viesse auxílio, enviou em segredo mensageiros para as fozes do Sirion, e para a Ilha de Balar. Ali construíram navios, e muitos içaram vela dali, buscando a Valinor para pedir auxílio e perdão. E imploraram às aves do mar que os guiassem. Mas os mares eram selvagens e vastos, e sombra e encantamento jaziam sobre eles, e Valinor estava oculta. Portanto, nenhum dos mensageiros de Gondolin chegou alguma vez ao Oeste naquele tempo; e muitos se perderam, e poucos retornaram; mas a sina de Gondolin se aproximava.

§155 Rumores chegaram a Morgoth dessas coisas, e ele se inquietou em meio a suas vitórias; e desejava grandemente ter notícias de Felagund e Turgon. Pois tinham sumido sem deixar rastro e, contudo, não estavam mortos; e ele temia o que ainda podiam realizar contra ele. De Nargothrond ele conhecia, de fato, o nome, mas nem onde ficava nem sua força; mas de Gondolin nada sabia, e pensar em Turgon o atormentava ainda mais. Portanto, enviou ainda mais espiões a Beleriand; mas convocou as hostes principais dos Orques e reuniu mais uma vez suas forças. E diz-se que ele ficou aturdido ao descobrir quão grande havia sido sua perda, percebendo que ainda não conseguiria travar uma batalha definitiva e vitoriosa, até que reunisse mais forças. Assim, Beleriand, ao Sul, teve uma semelhança de paz por alguns poucos anos; mas as forjas de Angband enchiam-se de labor.

§156 *Cerco de Eithel Sirion e Queda de Gumlin.* Tampouco o ataque às praças-fortes do norte cessou. Himring Morgoth sitiou de tal maneira que auxílio algum podia vir de Maidros,

e ele lançou de súbito uma grande força contra Hithlum. Os Orques conquistaram muitos dos passos, e alguns até mesmo entraram em Mithrim; mas Fingon os repeliu no fim da terra com pesada mortandade, e os perseguiu a fundo pelas areias de Fauglith. Contudo, o pesar maculou a sua vitória, pois Gumlin, filho de Hador, foi morto por uma flecha no cerco à fortaleza de Fingon em Eithel Sirion. Húrin, seu filho, era então recém-chegado à idade adulta, mas era de grande força, tanto de mente como de corpo; e governava então a casa de Hador, e servia a Fingon.[y] E nesse tempo também os proscritos de Dorthonion foram destruídos, e Beren, filho de Barahir, escapando sozinho, mal conseguiu chegar a Doriath.

Comentário ao Capítulo 11

§132 Esse parágrafo foi desenvolvido a partir da primeira parte do anal 222 no AB 2 (não há nada dele nas fontes mais antigas).

§133 "Os filhos dos filhos dos Pais de Homens" são a segunda geração depois de Bëor, Hador e Haleth (Baragund, Belegund, Beren; Húrin, Huor; Handir), cujas datas de nascimento, de acordo com a cronologia revisada no AB 2, caem entre 424 (Baragund) e 444 (Huor).

§138 A aplicação de Trevamata a Taur-na-Fuin é interessante. Cf. o caso oposto em *Contos Inacabados*, p. 377, onde (muito depois) em uma nota em *O Desastre dos Campos de Lis* meu pai escreveu: "a sombra de Sauron se espalhou por toda Verdemata, a Grande, e mudou seu nome de Eryn Galen para Taur-nu-Fuin (traduzido como Trevamata)".

§139 Os únicos nomes dos homens do bando de Barahir apresentados no AB 2 (anal 257), além dos de seu filho e sobrinhos, são Gorlim, Radros (> Radruin), Dagnir e Gildor. — Quanto à história de que Morwen e Rian se encontravam em Hithlum, e estavam vivendo lá na época da Batalha do Fogo Repentino, ver o AB 2, anal 257 e comentário.

§140 De acordo com a datação revisada, Hador nasceu em 390 e morreu com Gundor em 456. Tal como o AB 2 foi originalmente escrito, Gundor era o filho mais velho, mas se tornou o mais novo (nota 20), nascido em 419 “sob as sombras das Eredlindon” (isto é, antes de Hador atravessar as montanhas e entrar em Beleriand).

§141 *Celegorn*, e não *Celegorm*, foi a forma escrita primeiro aqui (ver o comentário a §41). — É dito em QS §117 que após a fundação de Nargothrond Inglor Felagund entregou a torre de Minnastirith a Orodreth; e depois no presente capítulo (§143) é recontado como Sauron veio contra Orodreth e tomou a torre de assalto (o destino dos defensores não é mencionado lá). A afirmação aqui de que Celegorn e Curufin “buscaram asilo com seu amigo Orodreth” — em vez de “buscaram asilo com Felagund” — também se encontra em uma emenda do AB 2 (nota 25); a implicação é de que Orodreth chegou a Nargothrond antes deles, e que sua amizade com ele foi o motivo de irem a Nargothrond. Essa amizade sobreviveu à mudança do senhorio de Orodreth do leste de Dorthonion (“o mais próximo dos filhos de Fëanor”, AB 2, anal 52, como originalmente escrito) para a guarda da torre em Tol Sirion. A frase “o povo de Celegorn aumentou a força de Felagund, mas teria sido melhor… se eles tivessem permanecido no Leste, no meio de sua própria gente” remonta ao Q (IV. 125), apesar de no Q Celegorm e Curufin chegarem a Nargothrond junto com Orodreth.

§142 A fortaleza sobre as encostas ocidentais do Monte Rerir é aqui mencionada pela primeira vez.

§143 Quanto à representação cambiante do crescimento do grande Dragão até seu poder e terror plenos, ver IV. 208, 371. A afirmação no AB 2, anal 255, de que Glómund estava “em seu poderio pleno” na Batalha do Fogo Repentino não foi retomada em QS §135, e na presente passagem “o tempo de sua força plena ainda não havia chegado”. Em *O Silmarillion* (p. 210) Glaurung estava mais uma vez “em seu poderio pleno” na época da batalha: esse trecho foi tirado da versão final dos *Anais* (os *Anais Cinzentos*).

Essa é a primeira ocorrência do nome *Sauron* na tradição do "Silmarillion"; mas a sua primeira ocorrência de fato (em um texto como escrito inicialmente) se dá em *A Estrada Perdida* ou na segunda versão de *A Queda de Númenor* (ver o comentário a QdN II, §5). A afirmação de que Morgoth corrompeu Sauron "*em Valinor* dentre o povo dos Deuses" é notável. A implicação deve ser de que nesse período meu pai concebia Sauron como tendo seguido Morgoth quando este fugiu para a Terra-média acompanhado por Ungoliantë.

Quanto às palavras "uma hoste de Balrogs", cf. o comentário a §89.

§§144–7 O relato da morte de Fingolfin no QS foi baseado em grande parte no Canto XII de *A Balada de Leithian* (ver III. 342–43) — que, por sua vez, havia seguido a versão em prosa no Q (IV. 201–03).

§147 Em Q §9 (IV. 126), "Os Orques cantam sobre aquele duelo nos portões", e em *A Balada de Leithian* (versos 3584–585) "Foi dentre os Orques escárnio eterno / combate no portal do inferno".

O nome *Thorondor* (no lugar de *Thorndor*) aparece agora nessa forma como escrito inicialmente (ver o comentário a §§96–7).

Gochressiel: esse nome (a respeito do qual ver as *Etimologias*, radical KHARÁS) foi posteriormente alterado para *Crisaegrim*. Em Q §15, Thorndor habitou sobre as Thangorodrim até a Batalha das Lágrimas Inumeráveis, quando removeu seus ninhos "para as elevações ao norte das Montanhas Circundantes", e lá manteve vigia, "sentando-se sobre o marco do Rei Fingolfin". Isso remonta ao Esb (§15; ver IV. 81). Posteriormente, é dito expressamente as *Crissaegrim* "morada de águias" são os picos ao sul de Gondolin, e o nome foi marcado dessa forma no segundo Mapa; mas *Gochressiel* no QS não precisa ter tido esse significado mais específico.

Em Q §9 foi Thorndor que "ergueu" o teso de Fingolfin no topo da montanha, assim como em *A Balada de Leithian* (versos 3626–627) "pilha de pedras faz montar / pro rei no pico

sepultar"; mas no QS, com a história alterada da fundação de Gondolin, é Turgon que sobe da cidade no vale abaixo e constrói o túmulo de seu pai.

§150 As fontes mais antigas não possuem nada do conteúdo desse parágrafo, no qual aparece pela primeira vez o desenvolvimento importante de que alguns dos Homens Tisnados já se encontravam sob o domínio de Morgoth antes de entrarem em Beleriand (ver IV. 205).

§151 Na descrição dos Homens Tisnados, ou *Rómenildi* ("Homens do Leste", Lestenses), como são chamados aqui, meu pai estava seguindo o AB 2, anal 263 (463), o ano da primeira chegada deles a Beleriand Leste. A forma *Bór* foi alterada a partir de *Bor* após a composição do manuscrito, como no AB 2 (nota 33); mas *Ulfang* e *Ulwarth* (que aparecem somente por meio de uma emenda no AB 2) são originais.

§152 Há aqui a afirmação explícita de que a casa de Bëor estava "quase destruída"; anteriormente nesse capítulo (§138) foi dito que após a Batalha do Fogo Repentino "Barahir era então por direito senhor dos remanescentes da gente de Bëor; mas a maioria desses fugira agora de Dorthonion e buscou abrigo entre o povo de Hador nos recônditos de Hithlum".

A passagem acerca do povo de Haleth e da destruição dos Orques em Brethil por Haleth e Beleg com arqueiros vindos de Doriath deriva do anal 258 no AB 2, e foi muito expandida.

§153 A história da estada de Húrin em Gondolin encontra-se no AB 2 (anal 256) basicamente na mesma forma em que é contada aqui. A afirmação na frase inicial do parágrafo de que Haleth e Húrin (então com dezessete anos) estavam "naquela batalha" refere-se à destruição dos Orques em Brethil no ano 458; Húrin nasceu em 441. Ver nota 32 do AB 2.

§154 O relato da tentativa vã de Turgon de enviar mensageiros pelo oceano até Valinor foi desenvolvido a partir daquele no anal 256 do AB 2.

§156 O ataque a Hithlum ocorreu no ano 462, o ano em que Beren fugiu de Dorthonion. — O nome *Fauglith* foi escrito *Dor-na-Fauglith*, mas foi alterado na época da composição.

Quanto à nota de rodapé (contemporânea à composição do manuscrito), cf. o acréscimo ao AB 2, anal 258 (nota 32): “Húrin de Hithlum estava com Haleth; mas ele partiu mais tarde, uma vez que a vitória [em Brethil] tornara a viagem possível, e retornou à sua própria gente”.

12–15. DE BEREN E TINÚVIEL

O *Quenta Silmarillion* chegou ao fim não de forma abrupta, mas de maneira irregular. A história textual torna-se agora muito complexa, mas, visto que ela possui forte ligação com a questão da situação do material quando *O Senhor dos Anéis* foi iniciado, forneço aqui um relato dela. Uma vez que, como acredito, a história do que aconteceu, e quando, pode ser organizada com um alto grau de probabilidade, apresento-a com base na minha reconstrução e na ordem de eventos que deduzo, visto que tal abordagem será mais breve e mais clara do que fornecer todas as evidências primeiros e só então chegar a conclusões.

Observei anteriormente (p. 235) que agora não há traço de quaisquer rascunhos subjacentes ao belo e refinado manuscrito do QS (embora devam ter existido) até se chegar ao conto de Beren e Lúthien; mas nesse ponto eles aparecem de forma abundante. O primeiro deles é um manuscrito muito descuidado que chamarei de “QS(A)”, ou simplesmente “A”; estou certo de que ele representa o primeiro ensaio de uma versão em prosa do conto desde o *Conto de Tinúviel* original, uma “saga” em prosa a ser contada em uma escala muito mais ampla do que o breve relato no Q (§10). A traição de Gorlim, a tomada de surpresa do esconderijo de Barahir em Dorthonion e a retomada do anel por Beren, tirado dos Orques, são contadas na íntegra; e em cerca de duas mil e quinhentas palavras esse texto vai apenas até as palavras do povo de Thingol quando as matas de Doriath ficam em silêncio (*A Balada de Leithian*, versos 861–62).

Com base no A (ou talvez em uma outra versão rascunhada agora perdida), meu pai então continuou o QS com uma letra cuidadosa do capítulo 12 ao 13, fornecendo o título *Beren e Tinúviel* aos dois, mas

intitulando os capítulos individuais como *Do Encontro de Beren e Lúthien* e *A Demanda da Silmaril*. Aqui também a história foi contada de modo bastante integral, mas menos do que no rascunho A; pois a história de Gorlim e a traição de Barahir são tratadas em menos de uma página, e Dairon foi completamente excluído da narrativa. O texto termina no ponto em que Inglor Felagund entregou a coroa de Nargothrond a Orodreth. Apenas para os propósitos dessa discussão, *é conveniente chamá-lo de "QS I"*.

O QS I termina aqui porque meu pai percebeu que ele seria longo demais, desequilibrando a obra inteira. Ele levara mais de 4.000 palavras para chegar à partida de Beren e Felagund de Nargothrond — e isso não incluía a história do aprisionamento de Lúthien na casa da árvore e a fuga dela de lá, que na Balada antecede o relato de Beren em Nargothrond. (É óbvio que o QS I originalmente era simplesmente a continuação do QS pelo fato de que no decorrer dele há o novo título de capítulo numerado como 13.) Portanto, ele deixou o texto de lado e recomeçou com uma versão menos ampla, embora ainda de modo algum severamente condensada (essa versão vai até a partida de Beren e Felagund de Nargothrond em cerca de 1.800 palavras); mas ele manteve a primeira página do QS I, que considerava ser suficientemente "condensada". Essa página leva a história até as palavras [*Beren*] *fez por ele um juramento de vingança* (*O Silmarillion*, p. 225). Por essa razão, o QS I, tal como se encontra agora, não possui início, mas retoma a narrativa no alto da segunda página com as palavras *Primeiro, portanto, perseguiu os Orques que tinham matado seu pai*.

Como base para a versão "curta" planejada da história, meu pai fez escreveu então uma versão rascunhada do todo. Esse manuscrito, "QS(B)", ou "B", começa de forma bastante legível, mas não tarda a ser rabiscado de maneira quase ilegível. Ele começa, na página 1, com as palavras *Primeiro, portanto, perseguiu os Orques que tinham matado seu pai* — pois a primeira página do QS I, que se estende precisamente até esse ponto, foi mantida para a nova versão.

Do texto B foi derivada a forma "curta" da história ("QS II") no manuscrito do QS, escrita com a mesma letra cuidadosa. Essa forma mantém a divisão 12/13 dos capítulos no mesmo ponto que foi feita

no QS I, onde Beren partiu de Doriath; o capítulo 13 termina com o enterro de Felagund em Tol Sirion; e o capítulo 14 é intitulado *A Demanda da Silmaril 2*. Perto do final desse capítulo, a caligrafia muda levemente, mas de maneira notável, de uma página para a outra. A primeira letra, extremamente uniforme no decorrer do manuscrito desde o início, acaba no pé da página 91 com as palavras *mas a joia aceitou seu toque* (*O Silmarillion*, p. 247), e a nova começa no alto da página 92 com *e não o feriu*, continuando até o final do capítulo 14, passadas algumas linhas na página 93, em *pois o poder da Silmaril se ocultava dentro dele*. Tenho certeza de que foi no pé da página 91 que meu pai parou quando o manuscrito do QS foi enviado para a Allen & Unwin em 15 de novembro de 1937.

Porém, ele estava relutante em colocar a sua obra (o desenvolvimento do rascunho B na narrativa acabada QS II) subitamente de lado. Portanto, ele começou de imediato um manuscrito intermediário, "QS(C)", ou "C", numa forma com uma letra menos cuidadosa e menos demorada (com a intenção de copiar esse texto no manuscrito do QS quando o recebesse de volta). Deduzo isso do fato de a primeira página do texto C estar numerada 92 e começar com as palavras *e não o feriu*, assim como a faz a parte do QS II na letra diferente.

Quando o QS voltou da editora em 16 de dezembro de 1937, meu pai começou imediatamente (ver III. 426) "uma nova história sobre Hobbits", e não creio que depois dessa época ele tenha estendido a narrativa do *Quenta Silmarillion*. Contudo, enquanto o manuscrito do QS esteve ausente, ele estendeu o texto C de forma considerável, completando a história de Beren e Lúthien por meio de um capítulo final (15) intitulado *A Demanda da Silmaril 3: A Caça ao Lobo de Carcharoth*, escrevendo um capítulo adicional (16) *Da Quarta Batalha: Nírnaith Arnediad*, e começando o 17, *De Túrin, o Infeliz*. Nesse estágio o manuscrito, como de costume, passara a ser escrito numa letra quase ilegível, e ele o abandonou com Túrin colocando o Elmo-de-dragão e tornando-se o companheiro de Beleg nas marcas do norte de Doriath.

Entretanto, ainda antes (caso eu esteja certo) do retorno do manuscrito do QS ele deu seguimento ao texto C dessa maneira

intermitente com um outro manuscrito mais nítido, “QS(D)”, ou “D”, que retomava o C no meio do capítulo 16 (*Da Quarta Batalha*) no ponto onde se conta que Maidros foi atrasado pelos engodos de Uldor, o Maldito (*O Silmarillion*, p. 259), e continuou até certa altura do capítulo 17 (aqui chamado *De Túrin Turamarth, ou Túrin, o Infeliz*), até as palavras (referindo-se ao bando de proscritos de Túrin) *e suas mãos se voltavam contra todos os que cruzavam o seu caminho, Elfos, Homens e Orques* (*O Silmarillion*, p. 270). Aqui o *Quenta Silmarillion* é interrompido; e é possível que essas últimas palavras tenham sido escritas em 16 de dezembro de 1937, e *Quando Bilbo, filho de Bungo, da família dos Bolseiros, preparava-se para celebrar o seu septuagésimo aniversário* no dia seguinte.[z]

Não é possível determinar quando a passagem curta na letra diferente no final do capítulo 14 no manuscrito do QS (ver pp. 349–50) foi copiada do texto C; meu pai pode tê-la inserido quando recebeu de volta o manuscrito. Mas com o início do capítulo 15 (*A Caça ao Lobo de Carcharoth*) a composição do manuscrito muda mais uma vez e de maneira notável, para uma forma mais pesada, mais adornada, com um bico de pena mais grosso; essa terceira letra termina o capítulo e a história de Beren e Lúthien, e essa é efetivamente a conclusão do manuscrito (uma pequena parte foi acrescentada posteriormente em uma quarta letra).

Na verdade, o capítulo 15 foi acrescentado ao manuscrito do QS muito tempo depois, na época que se seguiu ao término de *O Senhor dos Anéis*. Baseio essa afirmação em várias evidências; em primeiro lugar, na própria letra, que possui estreita afinidade com aquela de manuscritos que sem dúvida pertencem à época posterior. Além disso, o rascunho C, iniciado quando o manuscrito do QS foi enviado para a editora, recebeu acréscimos e alterações importantes que podem ser datados, pois no final do capítulo 15 no C meu pai anotou: “revisado até aqui, 10 de maio de 1951”. Entre essas revisões de 1951 está a frase (*O Silmarillion*, p. 254) “das Duas Gentes que foram criadas por Ilúvatar para habitar *em Arda, o Reino da Terra em meio às estrelas inumeráveis*”. Essa frase também se encontra no *Ainulindalë* tardio, onde uma cosmologia decididamente diferente daquela do *Ambarkanta* havia sido inserida; ademais, uma

nota de meu pai fornece uma breve lista de "Alterações na última revisão 1951", que inclui *Arda* ("nome élfico da Terra = nosso mundo"). Quanto a essa lista, ver pp. 405–06. Foi o texto de C *com essas revisões* que foi copiado no manuscrito do QS; e, assim, ele por fim realizou (ainda que só até este ponto) a sua intenção de catorze anos antes.

A história pode ser resumida da seguinte forma:

1. Um rascunho "A", no qual a contação do conto de Beren e Lúthien foi concebida de maneira muito ampla, foi logo abandonado.
2. A versão do manuscrito do QS do conto foi iniciada, mais uma vez numa forma bastante integral, mas menos do que em A, e por sua vez foi abandonada sem avançar muito no conto ("QS I").
3. Um rascunho "B" para a história inteira de Beren e Lúthien foi terminado, e esse foi a base para:
4. Uma segunda versão mais condensada para substituir o manuscrito do QS ("QS II"); essa versão foi interrompida perto do final do conto quando o manuscrito foi enviado para a editora.
5. Um texto "C" intermediário, retomando a partir desse ponto, foi continuado como um substituto enquanto o manuscrito do QS estava com a editora, e esse texto terminava a história de Beren e Lúthien, estendia-se pelo capítulo acerca da Batalha das Lágrimas Inumeráveis e seguia até certo ponto da história de Túrin.
6. Quando o C se tornou quase ilegível, ele foi substituído por um texto "D" que, começando no decorrer do capítulo acerca da Batalha das Lágrimas Inumeráveis, estendeu-se de forma considerável pela história de Túrin; esse texto foi abandonado quando o manuscrito do QS retornou em dezembro de 1937.
7. Em 1951, a conclusão do conto de Beren e Lúthien (capítulo 15) foi enfim acrescentada ao manuscrito do QS.

Em uma página que servia de capa à versão QS I "mais completa" meu pai escreveu: *Fragmento de uma forma mais completa da Gesta de Beren e Lúthien, contada como um conto separado*; e em uma carta de novembro de 1949 ele disse:

> A intenção original era contar alguns dos Contos incluídos em maiores detalhes, fosse dentro da Crônica [isto é, o *Quenta Silmarillion*], fosse como acréscimos. Uma amostra do que era pretendido será vista no Conto de Lúthien…

Porém, como mostrei, o "fragmento de uma forma mais completa" apenas passou a sê-lo quando foi rejeitado como inadequado em sua escala para ser a versão da história no QS. Contudo, isso não quer dizer que meu pai jamais pretendeu de fato contar a história como uma "saga" em prosa longa; pelo contrário, ele queria muito fazê-lo. O rascunho A abandonado e o QS I abandonado são evidências da relutância dele em fazer a condensação: a história continuava a ultrapassar os limites. No final de 1937, quando enfim terminara uma versão em prosa, ele ainda deve ter tido a impressão de que, mesmo se um dia conseguisse publicar "O Silmarillion", a história ainda não seria contada da maneira que ele gostaria de contá-la. Assim, na época em que ele retornou à *Balada de Leithian* (ver III. 387), com *O Senhor dos Anéis* terminado, mas com sua publicação muito duvidosa, ele também embarcou mais uma vez em uma "saga" em prosa de Beren e Lúthien. Esse é um texto substancial, embora a história não vá além da traição da presença de Beren em Doriath a Thingol por Dairon, e é baseado tão de perto na forma reescrita da Balada a ponto de em determinados trechos ser quase uma paráfrase em prosa dos versos. Ele foi escrito no verso das páginas do texto AB 2 dos *Anais de Beleriand*, e eu não tinha conhecimento dele quando *O Silmarillion* foi preparado para publicação.

Para apresentar esses textos seriam necessárias muitas páginas, e isso envolveria uma grande quantidade de pura repetição em relação à versão publicada, e, portanto, limito-me aqui a apontar características específicas e a indicar a gênese do capítulo 19 de *O Silmarillion*. O texto publicado foi essencialmente baseado na forma "mais completa", QS I, até onde ele se estende, e então segue a forma completa "mais curta", QS II. A história também foi contada de modo breve na versão final dos *Anais de Beleriand*, os *Anais*

Cinzentos, e algumas passagens na versão publicada são derivadas daquela fonte.

Mencionei acima que a página inicial do QS I, o início do capítulo 12, foi mantida como o começo do QS II, e apresento aqui o texto daquela página, pois ele foi muito modificado e expandido na obra publicada (p. 193).

Dentre os relatos de tristeza e de ruína que nos chegam da escuridão daqueles dias, ainda há alguns que são belos na memória, nos quais, em meio ao pranto, há um som de música, e, entre as lágrimas, regozijo e, sob a sombra da morte, uma luz que perdura. E, dessas histórias, a que ainda é a mais bela aos ouvidos dos Elfos é o conto de Beren e Lúthien; pois é triste e jubiloso, e menciona mistérios, e não está terminado.[aa]

Sobre suas vidas foi feita a *Balada de Leithian*, Libertação do Cativeiro, que é a segunda mais longa das canções dos Noldor acerca do mundo de outrora; mas aqui o conto precisa ser contado em menos palavras e sem canção. Quando [Bëor >] Bregolas foi morto, como foi recontado, Barahir, seu [filho >] irmão, salvou o Rei Felagund, e recebeu o anel deste em sinal de amizade infalível. Mas Barahir não queria abandonar Dorthonion, e lá Morgoth o perseguiu sem trégua. Por fim, lhe restaram apenas doze companheiros, Beren, seu filho, e os filhos de Bregolas, e nove outros homens. Desses era um Gorlim, filho de Angrim, um homem de valor. Mas Gorlim foi capturado pelos engodos de Sauron, o mago, como conta a balada, e Morgoth arrancou dele conhecimento acerca do esconderijo de Barahir; mas Gorlim ele recompensou com a morte. Assim Morgoth lançou sua rede à volta de Barahir, e ele foi pego de surpresa e morto com todos os seus companheiros, salvo um. Pois, por sorte, Beren não estava com eles naquele momento, mas estava caçando sozinho nas matas, como era amiúde seu

costume, pois assim obtinha notícias da movimentação de seus inimigos. Mas Beren foi avisado por uma visão de Gorlim, o infeliz, que lhe aparecera enquanto dormia, e ele retornou às pressas, e, ainda assim, tarde demais. Pois seu pai já estava morto, e as aves carniceiras levantaram voo quando Beren se aproximou, e se sentaram nos amieiros, e grasnaram em zombaria. Pois havia um alagado elevado em meio às charnecas, e à margem dele Barahir fizera seu esconderijo.

Ali Beren enterrou os ossos de seu pai, e ergueu um teso de pedras sobre Barahir, e fez por ele um juramento de vingança.

O pai de Gorlim, Angrim, agora aparece. As palavras primeiro escritas "Quando Bëor foi morto… Barahir, seu filho, salvou o Rei Felagund" são intrigantes. O rascunho manuscrito A original da mesma forma possuía aqui "Quando Bëor e Bregolas foram mortos…" Foi dito em Q §9 que "Bëor morou com Felagund até morrer", mas em §10 que Bëor foi morto na Batalha do Fogo Repentino; isso considerei como uma (surpreendente) inconsistência dentro do Q (IV. 204). Em QS §131 (e no AB 2, anal 250) Bëor morreu de velhice, cinco anos antes da Batalha do Fogo Repentino, e em sua morte "os Elfos viram então pela primeira vez a morte de cansaço, e lamentaram pelo tempo curto designado à gente dos Homens"; assim, a inconsistência aparece mais uma vez e de maneira ainda mais surpreendente nesta versão. Mas as correções ao QS aqui foram feitas, quase que certamente, à época da composição.

É dito aqui que "Gorlim foi capturado pelos engodos de Sauron, o mago, como conta a balada, e Morgoth arrancou dele conhecimento acerca do esconderijo de Barahir". No rascunho A muito mais completo, a história ainda era quase que exatamente como na *Balada de Leithian* (III. 197–300): Gorlim quase foi capturado ao olhar pela janela da casa para a figura de sua esposa Eilinel, ele retornou aos seus companheiros, mas nada disse, e, por fim, com uma traição muito mais deliberada do que na história posterior, entregou-se aos serviçais de Morgoth, que o levaram a

Angband. Um desenvolvimento menor é que, enquanto na Balada a casa em que ele pensou ter visto Eilinel não era sua, agora é contado que ele ia com frequência à sua própria casa abandonada, e os espiões de Morgoth sabiam disso (cf. a *Balada de Leithian Recomeçada*, III. 393). E, ainda mais importante, em A Morgoth "revelou a Gorlim que ele tinha visto apenas um espectro criado pela feitiçaria de Sauron para servir de armadilha", que mais uma vez avança a história até aquela da Balada reescrita, onde o espectro foi expressamente criado por Sauron (III. 394, e ver III. 406). Não vejo razão para crer que a frase breve que é tudo o que é dito acerca de Gorlim na versão do QS reflita uma história de algum modo diferente daquela em A. Anos mais tarde, quando, como mencionado acima (p. 353), meu pai mais uma vez tentou uma versão em prosa mais completa da história, ele voltou para A e o emendou em preparação para essa nova obra. A história agora afirmava que Gorlim fora capturado na primeira vez em que viu a imagem de Eilinel pela janela; mas ele ainda foi levado a Angband, e o próprio Morgoth falou com ele. Esse estágio está representado na primeira versão da Balada reescrita nesse ponto (ver III. 406). Por fim, alterações a lápis em A mudaram Angband para o acampamento de Sauron, e Morgoth para Sauron, e, assim, chegaram à história final, como na segunda versão da Balada reescrita.

Quando compus o texto do início do Capítulo 19 em *O Silmarillion*, eu não previa de modo algum a possibilidade da publicação da *Balada de Leithian*, e eu queria incluir a história de Gorlim, que se encontra praticamente excluída do QS. O segundo parágrafo do capítulo, desde "Ora, a floresta de Dorthonion se erguia no rumo sul até virar uma charneca montanhosa", foi tirado dos *Anais Cinzentos*; e para a história de Gorlim que se segue usei o texto de A — em sua forma final, como recém-descrito.

Na história da vida solitária de Beren em Dorthonion, sua fuga para o sul pelas Montanhas de Terror e seu encontro com Lúthien — até "embora o tempo fosse breve", *O Silmarillion*, p. 228 —, as duas versões do QS na verdade não são muito diferentes em extensão, e aqui entrelacei alguns elementos da versão "mais curta", QS II; mas desde o ponto em que Thingol fica sabendo da presença de Beren na

floresta, o QS I foi seguido até seu final nas palavras “e Celegorm e Curufin nada disseram, mas sorriram e deixaram aqueles salões” (*O Silmarillion*, p. 234), pois toda essa narrativa foi condensada em dois parágrafos no QS II. Depois disso, o QS II foi seguido até o final da história.

Assim, as versões do QS de “Beren e Lúthien” encontram-se no capítulo 19 da obra publicada, e não são apresentadas aqui; mas é preciso mencionar pontos significativos nos quais os textos do QS foram alterados editorialmente. Listo esses pontos na ordem de sua ocorrência, com referências às páginas de *O Silmarillion* (edição em capa dura).

Tarn Aeluin (pp. 223–25): introduzido de fontes tardias (*Anais Cinzentos*, Balada reescrita, etc.).

Poço do Rivil e o *Pântano de Serech* (p. 225): introduzidos de fontes tardias.

Noldor no lugar de *Gnomos* (p. 226 e do início ao fim, onde quer que *Gnomos* apareça no QS).

Gorgoroth, *Ered Gorgoroth* (p. 226). No QS I, o segundo é *Ered-orgoroth*, e em A e no QS II *Ered-’orgoroth* (além de *Gorgoroth* sozinho). Pelo que compreendo da questão, essa variação deve-se ao fenômeno em “noldorin exílico” (isto é, o idioma dos Noldor na Terra-média, em exílio de Valinor) chamado “Variação Inicial de Consoantes”, onde uma consoante no início do segundo elemento de uma palavra composta (ou da segunda palavra em duas palavras que se encontram em uma relação sintática muito estreita, como substantivo e artigo) passou pela mesma mudança que passaria ao se encontrar em uma posição mediana usual. Por exemplo, as oclusivas surdas originais *p*, *t* e *k* permaneciam inalteradas em noldorin exílico antes de vogais, mas eram sonorizadas para *b*, *d* e *g* medialmente; assim, *tâl* “pé”, mas *i·dâl* “o pé”, ou *Thorondor* (*thoron* + *taur* “rei”). Medialmente, a oclusiva sonora *-g-* original tornava-se “aberta” para *-ȝ-*, que então enfraquecia e desaparecia; nesse caso, portanto, a “variação inicial” é entre *g* e nada, com a consoante perdida sendo representada por um sinal chamado *gasdil* (“tapa-buraco”,

ver as *Etimologias*, radical DIL), transcrito como ’. Assim, *galað* “árvore”, *i·alað* “a árvore”; *Gorgoroth*, *Ered-’orgoroth*. (Esse era um antigo conceito linguístico, como se por formas presentes no “dicionário gnômico” original, como *Balrog*, mas *i’Malrog*, a partir de uma combinação consonantal inicial *mb-* (I. 302).) Em textos pós-*Senhor dos Anéis*, a forma é *Ered Orgoroth* (*-ath*), junto a *Gorgoroth* (*-ath*), mas em dois casos a forma após *Ered* aparentemente foi emendada para *Gorgoroth*.

surgir da Lua [no original, *rising of the Moon*] (p. 226) é um erro; todos os textos possuem *raising*.

Dungortheb (p. 226): forma tardia para *Dungorthin* do QS; mais uma vez na p. 241.

Ungoliant (p. 226): introduzido para ficar de acordo com a ocorrência do nome em *O Senhor dos Anéis*; *Ungoliantë* no QS.

E atravessou os labirintos que Melian tecera à volta do reino de Thingol, tal como ela mesma previra; pois uma grande sina estava sobre ele (p. 226). Aqui a frase no QS I é a seguinte: “ele não poderia ter encontrado o caminho se o seu destino assim não tivesse decretado. Tampouco poderia ter atravessado os labirintos que Melian tecera à volta de Doriath, a não ser que ela assim o quisesse; mas ela previra muitas coisas que estavam ocultas dos Elfos”. O QS II é similar. A razão para a mudança em *O Silmarillion* é a predição anterior de Melian a Galadriel de que “um dos Homens da própria casa de Bëor há de vir, de fato, e o Cinturão de Melian não há de impedi-lo, pois uma sina maior que o meu poder há de enviá-lo” (*ibid.*, p. 202), uma passagem introduzida dos *Anais Cinzentos*; a frase citada acima foi retirada da mesma fonte.

na língua dos Elfos-cinzentos (p. 227). O QS I possui “na fala de Beleriand”, com uma nota marginal “disse Ælfwine”.

Mas Daeron, o menestrel, também amava Lúthien, e espiou seus encontros com Beren, e os denunciou a Thingol (p. 228). Como observado anteriormente, Dairon foi omitido do QS I (ele aparece no QS II, mas muito mais tarde na história. Contudo, em vista de uma nota a lápis no QS I (*Dairon*, com uma marca de inserção), introduzi essa frase (derivada dos *Anais Cinzentos*). O

QS I aqui possui simplesmente: “Mas veio a acontecer que a vinda de Beren chegou ao conhecimento de Thingol, e ele ficou irado”; de modo similar no QS II.

“Quem és tu?”, disse o Rei (p. 228). Aqui e subsequentemente no decorrer de todo o texto, “thou”, “thy” (e “ye” plural) do QS foram substituídos por “you”, “your”, exceto nas palavras de Lúthien a Sauron, p. 240.[ab]

o emblema de Finarfin (p. 230): *o emblema de Finrod* no QS.

o fado de Arda (p. 230): *o fado do mundo* no QS.

Talath Dirnen (p. 231): forma tardia para *Dalath Dirnen* do QS — a primeira ocorrência do nome élfico da Planície Protegida.

Taur-en-Faroth (p. 231): forma tardia para *Taur-na-Faroth* do QS.

Finrod Felagund (p. 232): *Felagund* no QS; mais uma vez na p. 238.

e soube que a jura que fizera estava vindo sobre ele para causar a sua morte, como, muito antes, predissera a Galadriel (p. 232). Acrescentado dos Anais Cinzentos; a referência é a *O Silmarillion*, p. 185, onde Felagund disse a Galadriel: “Um juramento também hei de fazer, e devo estar livre para cumpri-lo e adentrar a escuridão” (também derivado dos *Anais Cinzentos*).

Celegorm (p. 232): *Celegorn* no QS, e subsequentemente.

filho de Finarfin (p. 232): *filho de Finrod* no QS; mais uma vez na p. 233.

Então Celegorm se levantou em meio à multidão (p. 233). No QS, esse trecho é seguido por “dourado eram seus longos cabelos”. Neste ponto na Balada (verso 1844), Celegorm tem “brilhantes cabelos”; seu nome em inglês antigo era *Cynegrim Fægerfeax* (“Louro”), IV. 248. A frase foi removida no texto de *O Silmarillion* devido aos cabelos escuros dos príncipes noldorin, exceto na “casa dourada de Finarfin” (ver I. 60); mas ele permanece “Celegorm, o alvo” em *O Silmarillion*, p. 95.

Edrahil (p. 234). Esse nome foi tirado dos *Anais Cinzentos*; no QS, o líder dos fiéis a Felagund é *Enedrion*.

Taur-nu-Fuin (p. 234): forma tardia para *Taur-na-Fuin* do QS (e subsequentemente).

Citação da *Balada de Leithian* (pp. 234–35). O QS (onde a narrativa agora é somente aquela da versão “mais curta”, QS II) possui:

"Sauron prevaleceu, e arrancou-lhes seu disfarce". A introdução de uma passagem da Balada era justificada, ou assim eu pensava, pela passagem citada posteriormente no QS (pp. 243–44).

Tol-in-Gaurhoth (p. 236): forma tardia para *Tol-na-Gaurhoth* do QS.

mas buscou o auxílio de Daeron, e ele denunciou sua intenção ao Rei (p. 236). Um acréscimo, derivado como aquele na p. 228 dos *Anais Cinzentos*; o QS possui apenas "Thingol, ao tomar conhecimento do que ela pensava, se encheu de temor e assombro".

as Montanhas de Aman (p. 238): *as Montanhas dos Deuses* no QS.

as sinas de nossas gentes são separadas (p. 238). No QS, esse trecho é seguido por: "Mas, quiçá, mesmo esse pesar há de no fim ser curado".

em Tol-in-Gaurhoth, cuja grande torre ele mesmo construíra (p. 238) foi um acréscimo editorial.

o mais belo e o mais amado da casa de Finwë (p. 238) foi acrescentado dos Anais Cinzentos.

Ered Wethrin (p. 239): forma tardia para *Eredwethion* do QS.

a menos que me entregues o comando de tua torre (p. 240). No QS, esse trecho é seguido por: "e reveles o feitiço que junta pedra a pedra". Um pouco adiante, as palavras *e soltou-se o feitiço que juntava pedra a pedra* foram um acréscimo ao texto do QS. Esse rearranjo foi um equívoco. (O rascunho B possui aqui: "Então antes que fosse forçado para fora do corpo contra a vontade, que é uma dor atroz a tais espíritos, ele se entregou. E Lúthien e Huan arrancaram dele as chaves da torre, e o feitiço que juntava pedra a pedra".)

que estava pura de novo (p. 240). A passagem após essa em *O Silmarillion* foi uma reescrita editorial do QS, que possui:

> que estava pura de novo, e para sempre depois disso permaneceu inviolada; pois Sauron jamais voltou para lá. Lá faz ainda o túmulo verdejante de Inglor, filho de Finrod, o mais belo de todos os príncipes dos Elfos, até que a terra seja transformada e destroçada, ou naufrague sob os mares da destruição. Mas Inglor caminha com Finrod, seu pai, entre

sua gente na luz do Reino Abençoado, e não está escrito que tenha voltado à Terra-média.

Cf. a *Balada de Leithian*, versos 2871–877; e para "as árvores de Eldamar" no trecho reescrito, ver a Balada reescrita, III. 416, versos 20–1.

Naquele tempo, Celebrimbor, filho de Curufin, repudiou os feitos de seu pai e permaneceu em Nargothrond (p. 241). Esse foi um acréscimo editorial derivado de uma nota tardia.

Maedhros (p. 241): forma tardia para *Maidros* do QS. Após "onde Maidros, seu irmão, vivia", o QS possui: "Nos dias do Cerco, a estrada elevada seguira aquele caminho, e ainda podia ser atravessada com rapidez, já que ficava perto", etc. Não me recordo agora por que essa alteração foi feita. Essa é a primeira referência a uma estrada elevada que ia de Leste a Oeste.

Anfauglith (p. 243): *Fauglith* no QS.

Ali Beren se enfiou, em forma de lobo, sob o trono dele (p. 246): um acréscimo, tirado dos *Anais Cinzentos*; cf. a Balada, versos 3939–943.

Os olhos dele não a intimidaram (p. 246). O QS possui: "somente ela dentre todas as coisas da Terra-média não podia ser intimidada pelos olhos dele".

com asas mais velozes que o vento (p. 248). O rascunho B (ver p. 293) possui nesse ponto: "Thorondor os conduziu, e os outros eram Lhandroval (Asa-larga) e Gwaewar, seu vassalo". No texto C seguinte, também de 1937, esse trecho se tornou: "Thorondor era seu líder; e com ele estavam seus mais poderosos vassalos, Lhandroval de asas largas e Gwaewar, senhor do vento". Esse trecho foi emendado (em 1951, ver p. 352) para "Gwaihir, o senhor da tempestade", e a passagem encontra-se nessa forma no manuscrito do QS. Ela foi omitida em *O Silmarillion* devido à passagem em *O Retorno do Rei* (VI. 4): "Vieram Gwaihir, Senhor-dos-Ventos, e seu irmão Landroval… *mais poderoso dos descendentes do velho Thorondor*, que construiu seus ninhos nos picos inacessíveis das Montanhas Circundantes quando a Terra-média era jovem". Na época, eu não compreendia a natureza e a

datação do final do QS. Agora parece que não havia razão para suprimir os nomes; na verdade, parece que *Gwaewar* foi alterado para *Gwaihir* a fim de deixá-lo de acordo com *O Senhor dos Anéis* — seja como for que isso deva ser interpretado.

Gondolin, a bela, onde Turgon habitava (p. 249). No QS, esse trecho é seguido por: "Mas é dito em canção que as lágrimas dela, ao descerem das alturas quando ela passou, caíram como gotas de chuva prateada sobre a planície, e lá uma nascente brotou: a Fonte de Tinúviel, Eithel Nínui, água mui curadora, até secar na chama". Essa passagem, que já se encontrava no rascunho C, não devia ter sido omitida.

Crissaegrim (p. 249). Os rascunhos B e C, e também o manuscrito do QS como foi escrito, possuem aqui *Gochressiel* (ver QS §147 e comentário); no QS, esse nome foi emendado (como também em QS §147) para *Crisaegrim*.

Daeron (p. 250). *Dairon* (assim escrito) aparece aqui pela primeira vez na versão do QS.

e estava entre os grandes em Arda (p. 252). Um acréscimo, tirado dos *Anais Cinzentos*.

Beren Erchamion (p. 252): *Beren Gamlost* no QS*; Beren Camlost* (p. 253): *Beren Gamlost* no QS; mas na ocorrência na p. 251, onde o nome encontra-se sozinho, o QS também possui *Camlost*. A variação C/G também é encontrada nos rascunhos B e C, e é outro exemplo da "variação inicial de consoantes" mencionada na nota sobre *Gorgoroth* acima (oclusiva surda original *k* > *g* medialmente). Mas aqui também, como no caso de *Ered Orgoroth*, mudanças tardias alteraram *Beren Gamlost* para *Beren Camlost*. — *Erchamion* é original (e já aparece no rascunho B) em sua ocorrência na p. 249, e é a primeira aparição do nome sem ser por emenda tardia.

Carregaram Beren Camlost (p. 253). Nesse ponto, meu pai inseriu (posteriormente) um novo título de capítulo no manuscrito do QS: 16 *A Canção de Lúthien em Mandos*. Em C, o capítulo 16 é *Da Quarta Batalha*.

das Duas Gentes que foram criadas por Ilúvatar para habitar em Arda, o Reino da Terra em meio às estrelas inumeráveis (p. 254).

Esse trecho é original, derivado do QS conforme revisado em 1951 (ver p. 352).

Por causa de seus trabalhos e de seu pesar (p. 255). “porque ela era a filha de Melian, e por causa de seus trabalhos e de seu pesar” no QS; ver p. 365.

Essa não é uma lista completa de todas as alterações feitas na versão (ou versões) do QS no texto publicado, mas ela inclui todas as mudanças em nomes, e todas as omissões e acréscimos de alguma relevância. Não abordarei aqui a questão da justificabilidade de se construir um texto a partir de fontes diferentes. Espero que seja possível mais tarde apresentar os principais textos do período pós-*Senhor dos Anéis*, e com base neles, e na sua relação com o que foi publicado até agora, quase todos os detalhes do texto “construído” serão determináveis. O conto de Beren e Lúthien é apenas um elemento pequeno e relativamente muito simples nessa construção, e está longe de fornecer evidências suficientes pelas quais julgá-la ou a sua justificativa. No entanto, posso dizer agora que me arrependo de certas mudanças feitas nessa história.

É apropriado mencionar que aqui, assim como em outros lugares, quase que cada uma das alterações substanciais foi discutida com Guy Kay, que trabalhou comigo em 1974–5 na preparação de *O Silmarillion*. Ele de fato fez muitas sugestões para a construção do texto (tais como, no conto de Beren e Lúthien, a introdução de uma passagem da *Balada de Leithian*), e propôs soluções a problemas que surgiram na criação de uma narrativa compósita — em alguns casos, de maior importância à estrutura, como espero venha a ser mostrado em um livro posterior. Naturalmente, a responsabilidade pela forma final publicada é unicamente minha.

As diferenças mais importantes entre as narrativas de a *Balada de Leithian* e *O Silmarillion* foram suficientemente discutidas no Vol. III, e não farei outras análises gerais aqui. Muitas outras pequenas divergências serão vistas com uma comparação atenta das duas obras. Entretanto, há certos pontos específicos na versão do QS e nos rascunhos preparatórios que ainda precisam ser mencionados.

No QS I, a canção de Lúthien no início da primavera (*O Silmarillion*, p. 227) é comparada ao canto da cotovia que "se ergue dos portões da noite e derrama sua voz em meio às estrelas moribundas, *vendo o sol detrás das muralhas do mundo*". Isso obviamente contradiz o *Ambarkanta*; mas uma explicação possível é que meu pai na verdade estava pensando não nas *Ilurambar*, além das quais está o Vazio, mas nas Muralhas do Sol, a cadeia de montanhas no extremo Leste em oposição às Montanhas de Valinor no Oeste: ver o *Ambarkanta*, IV. 280–81, 283 e o mapa o mundo, IV. 293. A cotovia voando alto no início da aurora vê o sol que ainda não se ergueu para além das montanhas orientais. Por outro lado, esse não é o único lugar onde a expressão "as Muralhas do Mundo" é usada de uma maneira que parece anômala em relação ao *Ambarkanta*: ver IV. 297, e o comentário a QS §9.

No Q (IV. 132), quando o punhal (sem nome) que Beren tomou de Curufin se quebra na sua tentativa de arrancar uma segunda Silmaril da Coroa de Ferro, ele é chamado de "o punhal dos Anãos traiçoeiros"; ver a Balada, versos 4160–161: "A faca de artesãos matreiros / feita em Nogrod por ferreiros". A ausência desse elemento no QS pode ser significante, mas é mais provável que se deva meramente à concisão. No rascunho B, "o punhal dos Anões se quebrou", que faz alusão a essa ideia; o C possui simplesmente "o punhal se quebrou". — O nome *Angrist* do punhal está presente em B, mas lá não é atribuído a Telchar; essa ideia é encontrada primeiro no QS (*O Silmarillion*, p. 242), onde também Telchar se torna um Anão de Nogrod, não de Belegost como no Q (mencionado como o criador do Elmo-de-dragão, IV. 138).

O desenvolvimento da conclusão da história (*O Silmarillion*, p. 254, a partir de "Assim terminou a Demanda da Silmaril; mas a 'Balada de Leithian, Libertação do Cativeiro', não termina aí") é muito interessante. O rascunho B original, escrito rapidamente de maneira quase ilegível, já se encontrava próximo à forma final até "Manwë buscou conselho em seu pensamento mais íntimo, no qual a vontade de Ilúvatar foi revelada". O texto C, quase uma cópia exata do B até esse ponto, foi emendado muito mais tarde (1951) para produzir a forma no manuscrito do QS, mas uma nota de rodapé na

frase que começa com “Mas o espírito de Lúthien caiu em escuridão” pertence à época anterior (que não foi retomada no texto final):

Embora alguns tenham dito que Melian convocou Thorondor e lhe pediu que carregasse Lúthien viva até Valinor, afirmando que ela tinha uma parte na raça divina dos Deuses.

Com isso, cf. Esb §10 (IV. 33): “Algumas canções dizem que Lúthien chegou a atravessar o Gelo Pungente, auxiliada pelo poder de sua mãe divina Melian, até os salões de Mandos, e o resgatou”, e Q §10 (IV. 134): “apesar de algumas canções dizerem que Melian convocou Thorndor, e ele carregou [Lúthien] viva até Valinor”. — O texto de B continua:

E esta foi a escolha que decretou para Beren e Lúthien. Haveriam agora de habitar em Valinor, até o fim do mundo, em felicidade, mas no fim Beren e Lúthien deveriam ir cada um ao fado que fora determinado para sua gente, quando todas as coisas forem mudadas: e sobre o pensamento de Ilúvatar acerca dos Homens Manwë nada sabe. Ou poderiam retornar à Terra-média sem certeza de felicidade nem de vida; então Lúthien dever-se-ia tornar mortal como Beren e sujeita a uma segunda morte e no fim deveria deixar a terra para sempre, e sua beleza se tornaria apenas uma lembrança nas canções. E escolheram esse destino, de que assim, qualquer que pudesse ser o pesar em seu futuro, seus destinos haveriam de se unir e suas trilhas prosseguirem juntas para além dos confins do mundo. Assim foi que Lúthien, só ela entre os Eldalië, morreu e deixou o mundo muito tempo atrás, porém foi por ela que as Duas Gentes se uniram, e ela é antepassada de muitos. Pois sua linhagem ainda não se extinguiu, embora o mundo esteja mudado, e os Eldalië honram ainda os filhos dos Homens. E apesar de se tornarem soberbos e fortes, e amiúde cegos, os Elfos estão diminuídos:

frequentam ainda os caminhos dos Homens, ou buscam colóquio com aqueles se apartam, pois porventura esses descendem de Lúthien, a quem perderam.

Encontramos aqui o conceito da "escolha de destino" de Beren e Lúthien diante de Mandos. Nos relatos mais antigos não havia tal escolha. No antigo *Conto de Tinúviel* — onde Beren era um Elfo —, o destino de Beren e Lúthien foi o simples decreto de Mandos (II. 54); e no Q (IV. 135) ocorre a mesma coisa, apesar de o decreto ser diferente, uma vez que Beren agora era um Homem. Discuti minuciosamente o significado dessas passagens (II. 78–9; IV. 77–8, 119–20). No presente texto, caso a primeira escolha fosse aceita, Beren e Lúthien deveriam por fim se separar, apesar dessa separação ser projetada em um futuro indefinidamente remoto — o fim do mundo; e essa separação se daria pelos princípios diferentes de seus seres, o que levaria inevitavelmente a um destino ou sina final diferente. Beren não poderia *por fim* escapar da necessidade imposta sobre ele devido à sua "gente", a necessidade de deixar os Círculos do Mundo, a Dádiva de Ilúvatar que não pode ser recusada, embora ele possa habitar — por um privilégio sem precedente, como uma recompensa sem precedente — em Valinor até o Fim. A união de Beren e Lúthien "além do mundo" só poderia ocorrer com a aceitação da segunda escolha, pela qual a própria Lúthien teria permissão para mudar sua "gente", e "morrer de fato".

No texto C seguinte, essa passagem foi remodelada por completo, praticamente para a forma na qual foi posteriormente escrita no manuscrito do QS. Aqui as escolhas são impostas apenas sobre Lúthien (na margem do QS, está escrito *As Escolhas de Lúthien*), e elas foram mudadas; pois a possibilidade de Beren acompanhar Lúthien ao Reino Abençoado não está disponível. Portanto, a escolha torna-se de certo modo mais simples: Lúthien pode partir com Beren *agora*, e seus destinos serão separados para sempre, *agora*; ou ela pode permanecer com ele "para sempre", ao se tornar mortal, mudando sua natureza e seu destino.

A forma da primeira escolha começa em C: “Ela, por ser a filha de Melian, e por causa de seu pesar, seria libertada de Mandos”, tornando-se no QS: “Ela, porque era a filha de Melian, e por causa de seus trabalhos e de seu pesar, seria libertada de Mandos”. Esse trecho retoma a ideia da nota de rodapé em C citada acima (pp. 363–64): Melian afirmou que Lúthien “tinha uma parte na raça divina dos Deuses”. As palavras “porque era a filha de Melian” lamentavelmente foram omitidas do texto de *O Silmarillion*.

É possível notar um outro ponto na passagem citada do texto B (p. 364). É dito lá que “sobre o pensamento de Ilúvatar acerca dos Homens Manwë nada sabe”. Com isso, cf. QS §86: “... somente Mandos, sob Ilúvatar, *salvo Manwë*, sabe para onde vão [os Homens] depois do tempo de recolhimento naqueles salões silenciosos à beira do Mar do Oeste”. Na passagem do Q da qual deriva esse trecho (IV. 119) é dito que “somente Mandos, sob Ilúvatar, sabia para onde iam”.

O texto B continua a partir de “Lúthien, a quem perderam” da seguinte forma:

Mas Beren e Lúthien habitaram juntos por algum tempo, como homem e mulher viventes; e Mandos lhes concedeu uma longa duração de vida. Porém, não habitaram em Doriath, e, retomando suas formas mortais, partiram e saíram a vagar, sem terem sede nem fome, e, atravessando o rio, entraram em Ossiriand, Terra dos Sete Rios. Lá habitaram, e Gwerth-i-cuina os Gnomos chamaram sua morada, a Terra dos Mortos que Vivem, e depois disso nenhum homem mortal falou com Beren, filho de Barahir.

Em C essa passagem se torna o parágrafo inicial do capítulo 16, *Da Quarta Batalha* (e assim é tratado em *O Silmarillion*, onde ele começa o capítulo 20, *Da Quinta Batalha*), mas não foi alterado a partir de B de nenhuma maneira significativa. No manuscrito do QS essa passagem foi inserida em uma página final, numa quarta letra, cuidadosa, mas muito menos adornada, e aqui é mais uma

vez a conclusão do capítulo anterior e o fim do conto de Beren e Lúthien. No QS, ela assumiu a seguinte forma:

Conta-se que Beren e Lúthien retornaram às terras do norte da Terra-média e habitaram juntos por algum tempo como homem e mulher viventes; pois, retomando sua forma mortal em Doriath, partiram sozinhos, sem temer sede nem fome, e passaram além dos rios e entraram em Ossiriand, e habitaram ali na ilha verde, Tol-galen, em meio ao Adurant, até que todas as notícias sobre eles cessaram. Portanto, os Noldor mais tarde chamaram aquela terra de Gyrth-i-Guinar, o país dos Mortos que Vivem, e nenhum homem mortal jamais falou de novo com Beren, filho de Barahir; e se a segunda duração de sua vida foi breve ou longa, isso não é conhecido dos Elfos ou dos Homens, pois ninguém viu Beren e Lúthien deixar o mundo ou relatou onde, enfim, seus corpos jazeram.

A forma mais longa que aparece em *O Silmarillion* foi "integrada" com o texto dos *Anais Cinzentos*. No QS, começa então o capítulo 16, com o título *Da União de Maedros* (apesar da inserção 16 *A Canção de Lúthien em Mandos*, p. 362, como um título de capítulo); mas depois das palavras "Naqueles dias, Maedros, filho de Fëanor, levantou seu coração", meu pai parou de escrever, e o manuscrito termina ali.

Em B e C é dito, como fora no Q (IV. 135), que a duração da segunda vida de Beren e Lúthien foi longa.[ac] Nos *Anais de Beleriand*, a primeira morte de Beren, de acordo com a cronologia mais tardia, ocorreu em 465, e a partida final de Beren e Lúthien está registrada no ano 503. Essa data aparece novamente em versões pós-*Senhor dos Anéis* do *Conto dos Anos*; e, por esse motivo, as palavras "se a segunda duração de sua vida foi breve ou longa, isso não é conhecido dos Elfos ou dos homens" foram omitidas de *O Silmarillion*. Mas não isso não deveria ter sido feito. Também é dito

no anal 503 que *o dia de suas mortes não é conhecido*: o anal registra como fato a chegada do mensageiro a Dior em Doriath à noite, trazendo a Silmaril no Colar dos Anãos, mas como conjectura o que é dito pelos Elfos, que Beren e Lúthien deviam ter morrido, pois, do contrário, a Silmaril não teria sido enviada até o filho deles. Acredito agora que é assim que as palavras do QS devem ser interpretadas; a crença de que o recebimento da Silmaril por Dior era um sinal de suas mortes simplesmente não é mencionada.

O nome *Gwerth-i-Cuina* apareceu em emendas tardias do Q, e em uma emenda da Expansão a Leste do primeiro Mapa (IV. 277–78). A localização da morada de Beren e Lúthien após seu retorno na ilha de Tol-galen no rio Adurant aparece em um acréscimo a QS §114 (ver o comentário).

16. DA QUARTA BATALHA: NÍRNAITH ARNEDIAD

Os dois manuscritos desse capítulo foram descritos nas pp. 350–51: o primeiro, QS(C), era o texto intermediário começado enquanto o QS esteve ausente em novembro-dezembro de 1937, e ele fornece na íntegra do capítulo 16, enquanto o segundo, QS(D), do mesmo período, começa em meio ao texto do capítulo. Portanto, até o ponto em que D começa, C (rascunhado, mas legível) é o único texto. Como observado acima, no C o capítulo começa com o parágrafo acerca das segundas vidas de Beren e Lúthien, enquanto o manuscrito do QS o inclui no final do capítulo 15 e começa o 16 com a União de Maidros, sendo interrompido após as primeiras palavras. Recomeço aqui a numeração dos parágrafos a partir de §1.

A União de Maidros

§1 Diz-se que Beren e Lúthien retornaram para as terras do Norte, e habitaram juntos por algum tempo, como homem e mulher viventes; e a duração de sua segunda vida foi longa. Mas não habitaram em Doriath; pois, retomando sua forma mortal, partiram de lá e saíram a vagar sozinhos, sem temer sede nem fome. E passaram além dos rios e entraram em

Ossiriand, a Terra dos Sete Rios, e habitaram entre os Elfos-verdes em segredo. Portanto, os Gnomos chamaram aquela terra de Gwerth-i-Cuina, a Terra dos Mortos que Vivem; e depois disso nenhum homem mortal falou com Beren, filho de Barahir.

§2 Mas, naqueles dias, Maidros, filho de Fëanor, levantou seu coração, percebendo que Morgoth não era inexpugnável; pois os feitos de Beren e Lúthien e a destruição das torres de Sauron passaram a ser cantados em muitas canções por toda Beleriand. Contudo, Morgoth havia de destruí-los a todos, um a um, se não pudessem de novo se unir e fazer uma nova liga e concílio comum. Portanto, ele fez os planos para a União de Maidros, e planejou sabiamente.

§3 Pois ele renovou a amizade com Fingon no Oeste, e agiram depois disso de comum acordo. Maidros convocou mais uma vez ao seu auxílio os Elfos-escuros do Sul, e os Homens Tisnados foram congregados, e ele saiu de Himring em grande número. Ao mesmo tempo, Fingon saiu de Hithlum. Por um tempo os Gnomos tiveram mais uma vez a vitória, e os Orques foram varridos das regiões ao norte de Beleriand, e a esperança foi renovada. Morgoth recuou diante deles e chamou de volta seus serviçais; pois estava ciente de tudo que era feito, e precaveu-se contra o levante dos Gnomos. Ele enviou muitos espiões e emissários, em segredo ou disfarçados, para o meio de Elfos e Homens, e iam especialmente até os Lestenses, os Homens Tisnados e os filhos de Ulfang. As forjas de Nogrod e Belegost muito se ocupavam naqueles dias fazendo cotas de malha e espadas e lanças para muitos exércitos; e os Anões naquela época vieram a possuir muito da riqueza e das joias de Elfos e Homens, apesar de não irem para a guerra eles próprios.

"Pois não sabemos as causas justas dessa querela", diziam, "e não favorecemos lado algum — até que algum prevaleça."

§4 Grande e bem armada era a hoste de Maidros no Leste. No Oeste, toda a força de Hithlum, Gnomos e Homens, estava pronta ao seu chamado: Fingon e Huor e Húrin eram seus chefes. Então Turgon, crendo que por acaso a hora da libertação estava próxima, veio sem ser esperado de Gondolin; e trouxe um grande exército e acampou na planície diante da abertura do passo oeste à vista das muralhas de Hithlum. Houve júbilo entre o povo de Fingon, seu irmão, ao ver seus parentes que há muito estiveram escondidos.

§5 O juramento de Fëanor, porém, e os atos malignos que tinha gerado feriram os desígnios de Maidros, e ele obteve menos auxílio do que deveria. Orodreth não marcharia de Nargothrond seguindo as palavras de qualquer filho de Fëanor por causa dos atos de Celegorn e Curufin. De lá veio apenas uma pequena companhia, que Orodreth permitiu que partisse, visto que não podiam suportar ficar ociosos enquanto seus parentes se reuniam para a guerra. Gwindor era seu líder, filho de Guilin, um príncipe muito valente; mas eles tomaram para si o emblema da casa de Fingolfin, e marcharam sob as bandeiras de Fingon, e nunca mais voltaram, exceto um.

§6 De Doriath veio pouca ajuda. Pois Maidros e seus irmãos, sendo forçados por seu juramento, tinham antes mandado mensagens a Thingol e o lembraram, com palavras soberbas, da reivindicação deles, convocando-o a lhes ceder a Silmaril ou se tornar seu inimigo. Melian o aconselhou a entregar a joia, e, quiçá, ele assim teria feito, mas as palavras deles foram orgulhosas e ameaçadoras, e ele ficou irado, pensando na angústia de Lúthien e no sangue de Beren pelos quais a

joia fora conquistada, apesar da malícia de Celegorn e Curufin. E, a cada dia que contemplava a joia, mais o seu coração desejava retê-la para sempre. Tal era o seu poder. Portanto, despediu os mensageiros de Maidros com palavras cheias de escárnio. Maidros nada respondeu, pois então começara a preparar a liga e a união dos Elfos; mas Celegorn e Curufin juraram abertamente matar Thingol e destruir a sua gente se voltassem vitoriosos da guerra e se a joia não fosse entregue de livre vontade. Por essa razão, Thingol fortificou as marcas de seu reino e não foi à guerra, nem foi nenhum outro de Doriath, salvo Mablung e Beleg, que não podiam ser contidos.

§7 A seta traiçoeira de Curufin que feriu Beren era lembrada entre os Homens. Portanto, da gente de Haleth, que habitava em Brethil, somente metade veio, e não foram para se juntar a Maidros, mas antes a Fingon e Turgon no Oeste.

§8 Tendo reunido por fim toda a força que podia, Maidros designou um dia, e mandou mensagens a Fingon e Turgon. No Leste, foi erguido o estandarte de Maidros, e a ele foi toda a gente de Fëanor, e eram muitos; e os Elfos-escuros do Sul; e, dos Elfos-verdes de Ossiriand, muitas companhias; e as tribos e os batalhões dos Lestenses com os filhos de Bór e Ulfang. No Oeste estava o estandarte de Fingon, e em volta dele foram reunidos os exércitos de Hithlum, tanto Gnomos como Homens; e Turgon, com a hoste de Gondolin; a ela foram acrescentados aqueles que vieram da Falas, e de Brethil, e de Nargothrond; e aguardaram nas divisas de Dorna-Fauglith, à espera do sinal das bandeiras que avançavam do Leste.

[Nesse ponto o manuscrito D começa, e é seguido aqui. Ele é uma reelaboração muito próxima do C, incorpora as emendas

preparatórias feitas no texto anterior, mas pouco o desenvolve, exceto em pequenos detalhes estilísticos.]

§9 Mas Maidros foi atrasado na estrada pelos ardis de Uldor, o Maldito, filho de Ulfang; e continuamente os emissários de Morgoth iam ter entre os acampamentos: e havia Gnomos-servos ou seres em forma élfica, e espalharam presságios de males e a suspeita de traição entre todos os que lhes davam ouvidos.

§10 Longamente os exércitos esperaram no Oeste, e o medo da traição cresceu em seus pensamentos quando Maidros se demorou. Os corações ardentes de Fingon e Turgon ficaram impacientes. Portanto, enviaram seus arautos à planície de Fauglith, e suas trombetas prateadas foram soadas, e convocaram as hostes de Morgoth a virem para fora.

§11 Então Morgoth enviou uma força, grande e, ainda assim, não grande demais. Fingon tinha em mente atacá-la das matas aos pés de Erydwethion, onde a maior parte de suas forças estava escondida. Mas Húrin falou contra isso. Portanto, Morgoth, vendo que hesitavam, trouxe o arauto de Fingon que ele iniquamente fizera prisioneiro, e o matou na planície, e mandou os outros de volta com a sua cabeça. Depois disso, a ira de Fingon foi inflamada, e seu exército saltou adiante numa investida repentina; e, antes que Turgon pudesse detê-los, uma grande parte de sua hoste juntou-se à batalha. A luz do desembainhar das espadas dos Noldor era como fogo repentino aceso num campo de palha.

§12 Isso estava de fato de acordo com os desígnios de Morgoth; mas diz-se que ele não havia contado com o verdadeiro número das forças de seus inimigos, nem medira corretamente a bravura deles, e quase seu plano foi frustrado. Antes que o exército que havia enviado pudesse ser

fortalecido, ele foi sobrepujado; pois foi atacado de súbito pelo Oeste e pelo Sul; e naquele dia houve uma matança maior dos serviçais de Morgoth do que tinha havido até então. Alto ressoaram as trombetas. As bandeiras de Fingon foram erguidas diante das próprias muralhas de Angband. Conta-se que Gwindor, filho de Guilin, e a gente de Nargothrond, estavam na vanguarda da batalha, e atravessaram os portões, e mataram os Orques nas escadarias de Angband, e o medo chegou a Morgoth em seu trono profundo. Mas por fim Gwindor e seus homens foram capturados ou mortos, pois nenhum auxílio veio até eles. Por outras portas secretas nas montanhas das Thangorodrim Morgoth fizera sair sua hoste principal, que deixara a esperar; e Fingon e o exército de Hithlum foram rechaçados das muralhas.

§13 Então, na planície, teve início aquela Batalha que é chamada de Nírnaith Arnediad, Lágrimas Inumeráveis, pois nenhuma canção ou história pode conter toda a tristeza daquele dia, e as vozes daqueles que a cantam voltam-se para o lamento. A hoste de Fingon recuou com grande perda pelas areias de Dor-na-Fauglith, e Hundor, filho de Haleth, foi morto na retaguarda, e com ele tombou a maioria dos Homens de Brethil, e eles nunca voltaram para os bosques. E Glorwendil, filha de Hador e esposa de Hundor, morreu de tristeza naquele ano infeliz. Mas os Orques se puseram entre Fingon e os passos de Erydwethion que levavam a Hithlum; portanto, ele recuou em direção ao vale do Sirion. Diante da entrada daquele vale, nas fronteiras de Taur-na-Fuin, ainda permanecia oculta uma grande parte da hoste de Turgon; e Turgon então soou suas trombetas, e veio em poderio com auxílio inesperado, e muitos dos Orques, pegos entre os dois exércitos, foram destruídos.

§14 Então a esperança se renovou nos corações dos Elfos. E, naquela hora, as trombetas de Maidros se ouviram vindas do Leste, e as bandeiras dos Filhos de Fëanor e de seus aliados caíram sobre o flanco do Inimigo. E alguns dizem que os Elfos, então, ainda poderiam ter sido vitoriosos, se todos tivessem se mostrado fiéis; pois os Orques hesitaram, e seu ataque foi detido, e já alguns estavam se voltando à fuga.

§15 Mas, na hora em que a vanguarda de Maidros enfrentava os Orques, Morgoth despejou sua última força, e o inferno foi esvaziado. Vieram lobos e serpentes, e vieram mil Balrogs, e veio Glómund, o Pai de Dragões. E a força e o terror da Serpe haviam agora crescido em muito; e Elfos e Homens feneceram diante dela. Assim Morgoth impediu a união das hostes dos Elfos; porém, ele não teria conseguido isso, nem com Balrog, nem com Dragão, se os capitães dos Lestenses tivessem permanecido fiéis. Muitos desses homens, então, viraram-se e fugiram; mas os filhos de Ulfang passaram para o lado de Morgoth, e caíram sobre a retaguarda de Maidros e causaram confusão. Desde aqueles dias os corações dos Elfos se distanciaram dos Homens, salvo apenas daqueles das Três Casas, os povos de Hador, e Bëor, e Haleth; pois os filhos de Bór, Boromir, Borlas e Borthandos, que dentre os Lestenses foram os únicos a se mostrarem fiéis na hora da necessidade, pereceram todos naquela batalha, e não deixaram herdeiros. Mas os filhos de Ulfang não ganharam a recompensa que Morgoth lhes prometera; pois Cranthir matou Uldor, o Maldito, o líder na traição, e Ulfast e Ulwarth foram mortos pelos filhos de Bór, antes que eles mesmos tombassem.

§16 Assim, os desígnios de Morgoth se cumpriram de uma maneira conforme seu próprio coração; pois Homens tiraram a vida de Homens, e traíram os Elfos, e o medo e o ódio surgiram entre aqueles que deveriam ter ficado unidos contra

ele. E a hoste de Maidros, atacada pela vanguarda e pela retaguarda, foi dispersada e varrida da batalha em direção ao leste; e a Garganta de Aglon ficou tomada de Orques, e o Monte de Himring foi guarnecido pelos soldados de Angband, e os portões da terra ficaram em poder de Morgoth. Mas o destino salvou os Filhos de Fëanor, e, embora todos estivessem feridos, nenhum foi morto. Contudo, suas forças estavam dispersas, e seu povo, diminuído, e sua liga, despedaçada; e passaram a levar uma vida selvática nas matas, sob os pés das Eredlindon, misturando-se aos Elfos-escuros, desprovidos do poder e da glória de outrora.

§17 No oeste da batalha, Fingon tombou, e uma chama saltou de seu elmo quando foi rachado. Ele foi sobrepujado pelos Balrogs e abatido na terra, e suas bandeiras brancas foram pisoteadas. Mas Húrin, e Huor, seu irmão, e os homens da Casa de Hador, ficaram firmes, e os Orques não puderam ainda tomar o passo do Sirion. Assim foi a traição de Uldor compensada. A defesa derradeira de Húrin é o mais renomado dos feitos dos Homens entre os Elfos; pois ele ficou na retaguarda, enquanto o remanescente das hostes do Oeste recuava da batalha. Poucos conseguiram atravessar as Eredwethion de volta a Hithlum; mas Turgon reuniu todos os que restavam da gente de Gondolin, e tantos da gente de Fingon que podia congregar; e ele escapou Sirion abaixo até os vales e as montanhas, e ficou oculto dos olhos de Morgoth. Nem Elfo nem Homem nem espião de Angband sabia aonde ele tinha ido, tampouco descobriu a praça-forte oculta, até os dias de Tuor, filho de Huor. Assim a vitória de Morgoth foi maculada, e ele ficou irado.

§18 Mas os Orques então cercaram os valentes Homens de Hithlum como uma grande onda em torno de um rochedo

isolado. Huor tombou atingido por uma flecha envenenada, e todos os filhos de Hador foram mortos à sua volta, até restar apenas Húrin. Então lançou de lado seu escudo e empunhou seu machado com as duas mãos; e diz-se que, resistindo sozinho, ele matou uma centena de Orques. Por fim foi capturado vivo por ordem de Morgoth, pois dessa maneira Morgoth pensava em lhe causar mais mal do que pela morte. Portanto, seus serviçais agarravam Húrin com as mãos, e embora ele os matasse, sempre seus números se renovavam, até que, afinal, ele tombou, enterrado debaixo deles, e agarravam-se a ele como sanguessugas. Então, atado, arrastaram-no com zombaria para Angband.

§19 Grande foi o triunfo de Morgoth. Os corpos de seus inimigos que foram mortos mandou que empilhassem em um grande teso no meio à planície; e foi chamado Hauð-na-Dengin, o Monte dos Mortos. Mas a relva surgiu ali e cresceu de novo, alta e verdejante sobre aquele monte, o único lugar onde isso se deu em todo o deserto que Morgoth criara; e nenhum Orque dali por diante pisou sobre a terra debaixo da qual as espadas dos Gnomos se desfaziam em ferrugem. O reinado de Fingon não mais existia; e os Filhos de Fëanor vagavam como folhas ao vento. Para Hithlum nenhum dos homens da casa de Hador retornou, nem quaisquer notícias da batalha e do destino de seus senhores. Mas Morgoth enviou para lá Homens que estavam sob seu domínio, Lestenses tisnados; e os fechou naquela terra e proibiu que saíssem, e tal foi toda a recompensa que lhes deu: pilhar e maltratar os idosos e as crianças e as mulheres do povo de Hador. O remanescente dos Elfos de Hithlum ele levou para as minas de Angband, e eles se tornaram seus servos, salvo por alguns que o enganaram e vagavam selvagens nas matas.

§20 Mas os Orques andavam livremente por todo o Norte e chegavam cada vez mais longe, ao sul, em Beleriand. Doriath, porém, resistia, e Nargothrond estava oculto; mas Morgoth lhes dava pouca atenção, ou porque pouco sabia deles, ou porque sua hora ainda não havia chegado nos propósitos profundos de sua malícia. Mas pensar em Turgon o atormentava sobremaneira; pois Turgon vinha da casa magna de Fingolfin e era agora por direito senhor de todos os Gnomos. E Morgoth temia e odiava muitíssimo a casa de Fingolfin, porque tinham escarnecido dele em Valinor, e por causa dos ferimentos que Fingolfin lhe dera em combate.

§21 Húrin foi então trazido diante de Morgoth e o desafiou; e ele foi agrilhoado em tormento. Mas Morgoth lembrou-se que apenas traição, e o medo de traição, obrariam a ruína final dos Gnomos, e pensou em fazer uso de Húrin. Portanto, foi a Húrin onde este jazia em dor, e lhe ofereceu honra e liberdade e poder e riqueza, caso aceitasse servir em seus exércitos e liderasse uma hoste contra Turgon, ou mesmo se revelasse onde aquele rei tinha sua praça-forte oculta. Pois ficara sabendo que Húrin tinha conhecimento do segredo de Turgon, mas o mantinha em silêncio por juramento. Mas Húrin, o Destemido, zombou dele.

§22 Então Morgoth planejou um castigo cruel; e, tirando Húrin de sua prisão, colocou-o numa cadeira de pedra sobre um lugar alto das Thangorodrim. Ali foi atado pelo poder de Morgoth, e Morgoth, postando-se a seu lado, amaldiçoou-o com uma maldição de visão de vigília como a dos Deuses, mas sobre família e semente pôs uma sina de pesar e infortúnio sombrio.

§23 “Senta-te agora aqui”, disse Morgoth, “e contempla o curso da sina que designei. Pois hás de ver com meus olhos, e de saber com meu pensamento, todas as coisas que hão de

sobrevir àqueles a quem amas. Mas nunca hás tu de sair deste lugar antes que tudo esteja consumado até seu amargo fim". Assim aconteceu; pois Morgoth manteve a vida em Húrin. Mas ninguém diz que Húrin suplicou jamais pela morte ou por misericórdia para si mesmo ou seus filhos.

Comentário ao Capítulo 16

Ao se comparar Q §11 e AB 2, anal (272 >) 472, vê-se que o presente texto foi derivado em grande parte dessas duas fontes, que são interligadas. No tratamento do papel desempenhado por Turgon e pelo povo de Gondolin na Batalha das Lágrimas Inumeráveis, o resultado dessa combinação (surpreendentemente) não é de todo coerente, e isso é discutido em uma nota ao final do Comentário.

§1 Quanto ao desenvolvimento desse parágrafo, ver pp. 366–67. Na frase *habitaram entre os Elfos-verdes em segredo*, as palavras *em segredo* foram riscadas e substituídas por *em Tol-galen, a Ilhota Verde*; e *Gwerth-i-Cuina* foi alterado para *Gwerth-i-Guinar.* Essas podem ter sido alterações muito posteriores como preparação para a inclusão do parágrafo como a última parte do manuscrito do QS (que, no entanto, possui *Gyrth-i-Guinar*).

§3 Não é dito em nenhum outro lugar que "Fingon saiu de Hithlum" durante o período inicial das hostilidades durante a União de Maidros, no qual os Noldor foram vitoriosos.

A passagem acerca dos cínicos e maquinadores Anãos deriva em muito do Q (IV. 136). Ao lado dela, meu pai escreveu "Não é essa a atitude anânica"; tenho certeza de que essa anotação foi feita muito tempo depois. A forma plural *Anões* associa o texto com os capítulos 10 e 11 do QS (ver o comentário a §122). Ela também foi usada no manuscrito QS(B) do conto de Beren e Lúthien (p. 363).

§7 O ferimento de Beren por Curufin, não mencionado nos *Anais* com relação à resposta dos Homens de Brethil à União de Maidros, reaparece (ver IV. 206), e "somente metade" do povo

de Haleth foi à guerra, embora em §13 (como no AB 2) “a maioria dos Homens de Brethil” tenha sido morta.

§8 Nem no Q, nem nos *Anais*, os Elfos-verdes de Ossiriand são mencionados entre as forças de Maidros.

§11 Os arautos serem mandados de volta carregando a cabeça daquele que foi executado é um detalhe novo.

§13 A retirada da hoste ocidental em direção ao Passo do Sirion, e a destruição dos Homens de Brethil na retaguarda, deriva dos *Anais*, não do Q.

Um acréscimo ao AB 2 (nota 22) fornece um novo anal: “436. Hundor, filho de Haleth, desposou Glorwendel, filha de Hador”, e um acréscimo ao anal que descreve a Batalha das Lágrimas Inumeráveis afirma: “Glorwendel, sua esposa, morreu naquele ano de pesar”. Essas são as primeiras alusões a essa união entre a Casa de Hador e o Povo de Haleth. Em *O Silmarillion*, a filha de Hador é *Glóredhel*.

§15 O número de mil Balrogs (encontrado em ambas as versões dos *Anais*) ainda estava presente (ver o comentário a §89). — Após “pereceram todos naquela batalha”, o texto anterior (C) possui o acréscimo “defendendo Maglor contra o ataque de Uldor”, mas isso não foi retomado no D. Não é dito nos *Anais* que Ulfast e Ulwar(th) foram mortos pelos filhos de Bór (“antes que eles mesmos tombassem”), mas sim o oposto.

§17 O texto D possui *Erydwethion* em §§11 e 13, mas *Eredwethion* aqui; o C possui *Eredwethion* em todo o texto.

§18 No Q, o Elmo-de-dragão, que reaparece da *Balada dos Filhos de Húrin*, é descrito pela primeira vez nesse ponto da narrativa (pois Húrin não o estava usando na batalha); mas uma anotação no Q o posterga para o conto de Túrin, como foi feito nessa versão.

§19 *Hauð-na-Dengin*: o C possuía *Cûm-na-Dengin* (ver nota 37 do AB 2), alterado para *Amon Dengin* (ver IV. 167), com *Hauð na* escrito acima de *Amon*. Essa é a primeira ocorrência de *Hauð-na-Dengin* (a forma no texto D); cf. *Hauð i Ndengin* nas *Etimologias*, radicais KHAG, NDAK.

O papel de Turgon na Batalha das Lágrimas Inumeráveis

Como ressaltado acima, a combinação do Q com os *Anais* produziu aqui uma incoerência bastante atípica. Turgon saiu de Gondolin sem ser esperado e acampou na planície diante do passo oeste à vista das muralhas de Hithlum (§4); quando o dia foi designado, "Maidros mandou mensagens a Fingon e Turgon", e a hoste de Gondolin entrou em formação sob o estandarte de Fingon (§8); Turgon e Fingon ficaram impacientes e enviaram seus arautos à planície de Fauglith (§10). Em tudo isso meu pai estava seguindo de perto o Q já emendado (IV. 140–41, notas 7 e 14), onde, como sugeri (IV. 207), parece haver um estágio intermediário entre a história original (na qual Turgon era um dos líderes dos Elfos do Oeste desde o início dos preparativos para a guerra) e aquela em *O Silmarillion*: "Turgon surge agora vindo de Gondolin, que há muito já existia, mas não marcha no último momento, no próprio dia, como na história posterior; ele chega, sem dúvida de forma inesperada, mas a tempo de tomar parte nos preparativos estratégicos finais".

Então, no presente relato, "uma grande parte" da hoste de Turgon juntou-se ao ataque prematuro, apesar de que ele os teria detido se pudesse (§11). Essa informação não se encontra no Q, cuja única outra menção a Turgon é a de sua escapada descendo o Sirion. Mas, *então*, Turgon "soou suas trombetas", e "uma grande parte" de sua hoste que havia permanecido oculta diante do Passo do Sirion e nas fronteiras de Taur-na-Fuin surgiu sem ser esperada, de modo que muitos Orques foram destruídos, pegos entre o exército de Turgon e o de Fingon, que recuava para o sul (§13). Parece que nesse ponto meu pai passou para os *Anais*; mas eles (tanto o AB 1 como o AB 2) contam uma história diferente daquela no Q. Nos *Anais*, "novas chegaram a Turgon" muito antes da batalha, e "ele se preparou para guerra em segredo" (anais 465–70, de acordo com a datação final); não há indicação de que ele tenha desempenhado qualquer papel até que Fingon, impedido de chegar aos passos das Eredwethion, recuou na direção do Sirion — e então "Turgon e o exército de Gondolin soaram suas trompas e emergiram de Taur-na-Fuin": eles haviam sido "atrasados pelos engodos e males da floresta, mas chegaram

agora como um auxílio inesperado". Lá então ocorreu, nos *Anais*, o alegre encontro de Turgon e Húrin (a história da estada de Húrin em Gondolin não havia surgido quando o Q foi escrito). Esse encontro não ocorre no presente relato; pois eles teriam se encontrado muito antes (quando "houve júbilo entre o povo de Fingon, ao ver seus parentes que há muito estiveram escondidos", §4).

Este capítulo aparece em cópias datilografadas subsequentes, mas meu pai nunca as alterou ou corrigiu de qualquer maneira.

17. DE TÚRIN TURAMARTH, OU TÚRIN, O INFELIZ

Os dois manuscritos, QS (C) e QS (D), continuam em mais um capítulo, e o D estende-se um tanto além nele do que o C (ver pp. 350–51). O C aqui é extremamente irregular, e o texto apresentado é o do D, visto que este seguiu muito de perto o C e pouco divergiu dele, salvo em pequenos pontos de expressões. O D foi substancialmente corrigido e aumentado, e as páginas finais foram riscadas por completo, mas creio que tudo isso pertença a uma fase muito mais tardia da obra acerca da "Saga de Túrin", e apresento aqui o texto como originalmente escrito.

Essa versão da história, até onde ela se estende, apresenta uma imensa expansão do relato muito breve em Q §12 — e teria tido o mesmo problema de tamanho que teve a versão do QS do conto de Beren e Lúthien. Na verdade, a fonte primária para este capítulo foi a *Balada dos Filhos de Húrin* na seção *A Criação de Túrin* (III. 18 ss., e na forma revisada do poema, III. 128 ss.), que, por sua vez, derivou de perto da história original, o *Conto de Turambar*. A evolução posterior da "Saga de Túrin" é tão confusa quanto Taur-na-Fuin, e não precisa ser levada em consideração aqui de modo algum; mas é possível notar que o presente capítulo (com exceção de algumas expressões) não é o antecedente do início do capítulo 21 de *O Silmarillion*. Por outro lado, ver-se-á que boa parte do capítulo na verdade está preservado inserido no *Narn i Hîn Húrin* em *Contos Inacabados* (desde "Túrin então foi preparado para a viagem", p. 107), apesar da introdução de diversos elementos novos importantes

(a história do Elmo-de-dragão, Nellas, a amiga da infância de Túrin, e história alterada de Orgof/Saeros, etc.).

A dependência da Balada da nova versão é estreita em alguns trechos, e se estende até mesmo a fraseados em um ponto ou outro; por outro lado, algumas características da Balada foram alteradas (como, por exemplo, a provocação de Orgof), reduzidas (como o relato de Orgof e seu caráter), ou omitidas (como a fúria vingativa dos parentes de Orgof e os presentes de apaziguamento de Thingol). Porém, a comparação entre as duas agora é fácil de ser realizada, e restringi o comentário a alguns pontos específicos. Seja como for, a relação entre a Balada e o *Narn* foi estudada no comentário à Balada (III. 34–39).

§24 Rían, filha de Belegund, era a esposa de Huor. Quando nenhuma nova chegou de seu senhor, ela partiu, e seu filho Tuor nasceu no ermo. Ele foi entregue para ser criado pelos Elfos-escuros; mas Rían foi ao Hauð-na-Dengin e deitou-se ali e morreu. Mas Morwen, filha de Baragund, era a esposa de Húrin, e ela habitava em Hithlum, pois seu filho Túrin tinha então sete anos de idade, e ela carregava outra vez uma criança. Com ela permaneceram apenas idosos velhos demais para a guerra, e donzelas e meninos. Aqueles dias eram malignos; pois os Lestenses tratavam com crueldade o povo de Hador e roubavam tudo o que possuíam e os escravizavam. Mas tão grandes eram a beleza e a majestade da Senhora Morwen que eles lhe tinham medo e sussurravam entre si, dizendo que era perigosa e uma bruxa hábil em magia e em liga com os Elfos. Contudo, agora ela estava pobre e não tinha auxílio, salvo pelo fato de ser socorrida por sua parenta Airin, a quem Brodda tomara como esposa. Brodda era poderoso entre os Homens de fora, e rico (tal como riqueza era considerada naquele tempo de ruína); pois tomara para si próprio muitas das terras e gado de Húrin.

§25 Morwen não via esperança de que Túrin, filho de Húrin, se tornasse algo que não grosseiro ou servo dos Lestenses. Portanto, veio-lhe ao coração enviá-lo para longe, em segredo, e implorar que o Rei Thingol o abrigasse. Pois Beren, filho de Barahir, era primo do pai dela e, além do mais, ele tinha sido amigo de Húrin antes que viesse o mal. Mas ela própria naquela época não se aventurou para fora de Hithlum, pois a estrada era longa e perigosa, e ela carregava uma criança. Além disso, seu coração ainda a enganava com esperança, e por ora não queria deixar a casa na qual habitara com Húrin; e esperava ouvir o som de seus passos retornando nas vigílias da noite, pois seu mais íntimo pensamento pressagiava que ele não estava morto. E apesar de se dispor a deixar o filho ser criado nos salões de outro, segundo o costume da época, caso meninos fossem deixados sem pais, ela não rebaixaria seu orgulho a ponto de pedir esmola, nem mesmo ao Rei de Doriath. E assim foi a sina de Túrin tecida, ela que é contada inteira naquela balada que leva o nome de *iChúrinien*, os Filhos de Húrin, e é a maior de todas as baladas que falam daqueles dias. Aqui aquele conto é contado de modo breve, pois está tecido junto à sina das Silmarils e dos Elfos; e é chamado de Conto do Pesar, pois é cheio de tristeza, e nele são reveladas as piores obras de Morgoth Bauglir.

§26 Aconteceu que, certo dia, Túrin foi preparado para a viagem, e ele não compreendia os propósitos de sua mãe, Morwen, nem o pesar que via que no rosto dela. Mas, quando seus companheiros lhe disseram que se voltasse e olhasse a casa de seu pai, a angústia da partida o atingiu como uma espada, e ele exclamou: “Morwen, Morwen, quando hei de te ver outra vez?”, e deixou-se cair na grama. Mas Morwen, de pé na soleira, ouviu o eco desse grito nos morros cobertos de

árvores e agarrou-se ao batente da porta até ferir os dedos. Esse foi o primeiro dos desgostos de Túrin.

§27 Após a partida de Túrin, Morwen deu à luz sua criança, e era uma menina, e pôs nela o nome de Nienor, que significa Pranto. Mas Túrin não viu a irmã, pois ele estava em Doriath quando ela nasceu. Longo e maligno foi o caminho até lá, pois o poder de Morgoth se estendia largamente; mas Túrin tinha por guias Gethron e Grithron, que haviam sido jovens nos dias de Gumlin; e, apesar de velhos, eram valorosos, e conheciam bem todas as terras, pois muitas vezes tinham viajado por Beleriand nos tempos de outrora. Assim, por destino e coragem, atravessaram as Montanhas Sombrias e desceram ao Vale do Sirion e penetraram na Floresta de Brethil; e por fim, exaustos e esfarrapados, alcançaram os confins de Doriath. No entanto, ficaram desorientados, enredando-se nos labirintos da Rainha, e vagando perdidos entre as árvores sem trilha, até que suas provisões estivessem todas esgotadas. Ali chegaram próximo da morte, mas não era esse o destino de Túrin. Enquanto jaziam em desespero, ouviram o som de uma trompa. Beleg, o Arqueiro, caçava naquela região, pois habitava sempre nos limites de Doriath. Ouviu os gritos dos viajantes e foi até eles, e depois de lhes dar carne e bebida ficou sabendo seus nomes e de onde vinham, enchendo-se de admiração e pena. E olhou com grande apreço para Túrin, pois este tinha a beleza da mãe, Morwen Brilho-élfico, e os olhos do pai, e era robusto e forte de membros e demonstrava ter um coração valoroso.

§28 “Que obséquio desejas do Rei Thingol?”, perguntou Beleg ao menino. “Desejo ser um capitão de seus cavaleiros, e liderá-los contra Morgoth e vingar meu pai”, disse Túrin. “Isso bem pode acontecer quando os anos te fortalecerem”, disse Beleg. “Pois tu, apesar de ainda pequeno, tens a

substância de um homem valoroso, digno de ser filho de Húrin, o Resoluto, caso isso fosse possível." Pois o nome de Húrin era honrado em todas as terras dos Elfos. Portanto, Beleg tornou-se de bom grado o guia dos andarilhos, e conduziu-os através das marcas do Reino Oculto, pelas quais nenhum homem mortal antes passara, com exceção de Beren.

§29 Assim Túrin chegou por fim diante de Thingol e Melian; e Gethron pronunciou a mensagem de Morwen. Thingol os recebeu amavelmente, pondo Túrin em seu joelho em honra de Húrin, o mais poderoso dos Homens, e de seu parente Beren. E os que viram isso admiraram-se, pois era sinal de que Thingol tomava Túrin por filho de criação, e na época isso não era feito pelos reis. "Aqui, ó filho de Húrin, há de ser teu lar", disse ele; "e serás considerado meu filho, ainda que sejas Homem. Será concedida a ti sabedoria além do entendimento dos mortais, e as armas dos Elfos serão postas em tuas mãos. Quiçá chegue o dia em que recuperes as terras de teu pai em Hithlum; mas agora habita aqui com amor."

§30 Assim começou a estada de Túrin em Doriath. Com ele por algum tempo permaneceram Gethron e Grithron, seus guardiões, apesar de ansiarem por retornar a sua senhora, Morwen. Então a idade e a doença acometeram Grithron, e ele ficou ao lado de Túrin até morrer; mas Gethron partiu, e Thingol enviou com ele uma escolta para guiá-lo e guardá-lo, e eles levaram notícias de Thingol a Morwen. Chegaram por fim à casa de Morwen e, quando ela soube que Túrin fora recebido com honra nos salões de Thingol, seu pesar aliviou-se. E os Elfos levaram também ricos presentes de Melian e uma mensagem pedindo que ela voltasse a Doriath com a gente de Thingol. Porque Melian era sábia e previdente, e esperava assim prevenir o mal que estava preparado no pensamento de Morgoth. No entanto, Morwen não quis partir

de sua casa, pois seu coração permanecia inalterado e seu orgulho era grande; ademais, Nienor era um bebê de colo. Assim, despediu os Elfos com agradecimentos e lhes deu como presente as últimas miudezas de ouro que lhe restavam, ocultando sua pobreza; e mandou que levassem de volta para Thingol o Elmo de Gumlin. E eis que Túrin esperava o tempo todo pelo retorno dos mensageiros de Thingol; e quando voltaram sozinhos, ele fugiu para a floresta e chorou, pois sabia do convite de Melian e esperava que Morwen viesse. Esse foi o segundo desgosto de Túrin.

§31 Quando os mensageiros trouxeram a resposta de Morwen, Melian foi tomada de compaixão, pois percebeu sua intenção e viu que o destino que pressagiava não podia ser facilmente abandonado. O Elmo de Gumlin foi entregue nas mãos de Thingol. Era feito em aço cinzento adornado de ouro, e nele estavam gravadas runas de vitória. Possuía um poder que protegia de ferimento ou morte quem o usasse, pois a espada que o golpeasse se partia e o dardo que o atingisse desviava-se para longe. Sobre esse elmo havia, como zombaria, uma imagem da cabeça do dragão Glómund, e muitas vezes Gumlin o usara à vitória, pois o medo acometia aqueles que o vissem erguido bem alto acima das cabeças dos Homens em batalha. Mas os Homens de Hithlum diziam: “Temos um dragão de mais valor que o de Angband.” Esse elmo fora fabricado por Telchar, o ferreiro-anânico de Belegost, cujas obras eram renomadas. Mas Húrin não o usava, em reverência ao pai, a fim de que não fosse danificado ou perdido, tamanha era a estima que tinha pela herança de Gumlin.

§32 Ora, Thingol tinha em Menegroth profundos arsenais repletos de fartura de armas: metal trabalhado como escamas de peixe e reluzente como água ao luar; espadas e machados,

escudos e elmos, fabricados pelo próprio Telchar ou por seu mestre Zirak, o velho, ou por artesãos-élficos ainda mais habilidosos. Pois recebera como presentes muitas coisas que vinham de Valinor e foram feitas com maestria por Fëanor, aquele que nenhum artífice superaria em todos os dias do mundo. Porém ele tomou nas mãos o Elmo de Gumlin como se não fosse detentor de um grande tesouro, e disse palavras corteses: "Altiva será a cabeça que usar este elmo, que foi usado por Gumlin, pai de Húrin."

§33 Então veio-lhe um pensamento ao coração, mandou vir Túrin e contou-lhe que Morwen enviara ao filho um objeto poderoso, herança de seu avô. "Toma agora a Cabeça-de-Dragão do Norte", declarou, "e usa-a bem quando chegar a hora!" Mas Túrin ainda era demasiado jovem para erguer o elmo e não lhe deu valor por causa do sofrimento que levava no coração.

§34 Por nove anos viveu Túrin nos salões de Thingol; e nesse tempo seu pesar foi diminuído; pois Thingol recebia novas de Hithlum conforme podia, e mensageiros iam por vezes entre Morwen e seu filho. Assim Túrin ficou sabendo que as dificuldades de Morwen haviam sido aliviadas e que sua irmã Nienor crescia bela, uma flor entre donzelas no Norte cinzento. Grandemente ele desejava vê-la.

§35 Entrementes, Túrin cresceu, até que, embora ainda menino, sua estatura veio a ser grande entre os Homens e ultrapassar a dos Elfos de Doriath; e sua força e coragem eram renomadas no reino de Thingol. Muito saber aprendeu, e era sábio nas palavras e hábil de mãos; contudo, a sorte pouco lhe favorecia, e amiúde o que fazia dava errado, e não conseguia obter o que desejava. Não fazia amigos facilmente, pois o pesar pairava sobre ele, e sua juventude foi maculada. Ora, quando estava com dezessete anos e se encontrava no

início da idade adulta, ele tinha braços fortes e era habilidoso com todas as armas, e no tecer de palavras em canções ou contos tinha grande engenho, fosse na língua dos Noldor ou de Doriath; mas não havia alegria em suas palavras ou obras, e ele remoía a queda dos Homens de Hithlum.

§36 Contudo, mais profundo tornou-se o seu desgosto quando, depois de nove anos, não mais chegaram novas de seu lar; pois o poder de Morgoth estava por sobre toda a terra de Hithlum, e sem dúvida ele sabia muito a respeito do povo de Húrin, e não os molestara mais para que seu desígnio pudesse se realizar. Mas agora, visando esse propósito, fez vigiar atentamente todas as passagens das montanhas a fim de que ninguém pudesse sair nem entrar de Hithlum; e havia enxames de Orques em torno das nascentes do Narog, do Taiglin e na cabeceira do Sirion. Assim chegou um tempo em que os mensageiros de Thingol não retornavam, e ele não enviou outros mais. Sempre fora avesso a deixar alguém vagar além das fronteiras vigiadas, e enviar sua gente por muitos perigos até Morwen fora a maior demonstração de boa vontade que pudera dar para Túrin.

§37 Então o coração de Túrin ficou sombrio e pesado, pois ele não sabia que mal se avizinhava, ou que grave destino tivesse acometido Morwen e Nienor. Portanto, ele envergou o elmo de Gumlin, e, pegando cota de malha e espada e escudo, foi ter com Thingol, e pediu que lhe concedesse guerreiros-élficos como companheiros; e partiu para as marcas da terra e travou combate contra os Orques. Assim, embora em idade fosse ainda um menino, ele provou seu valor; pois realizou muitos feitos audaciosos. Foram muitos os seus ferimentos de lança, ou de flecha, ou das lâminas tortas de Angband; porém, seu destino o livrou da morte. E corria o rumor pelas florestas de que o Elmo-de-dragão fora visto novamente em

batalha; e os Homens diziam: “Quem despertou da morte o espírito de Gumlin? Ou Húrin de Hithlum verdadeiramente retornou das profundezas do inferno?”

§38 Apenas um era mais poderoso na guerra naquela época do que o menino Túrin, e este era Beleg, o Arqueiro; e eles se tornaram amigos e companheiros de armas, e caminhavam juntos por toda parte nas florestas selvagens. Túrin pouco ia aos salões de Thingol, e já não se preocupava mais com a aparência ou os trajes, e seus cabelos eram desgrenhados, e sua cota de malha estava coberta com um manto cinzento manchado pelas intempéries. Mas, certa vez, ocorreu que Thingol o convocou a um banquete, para honrá-lo por suas proezas; e Túrin foi e sentou-se à mesa do rei. E, à mesma mesa, estava sentado um dos Elfos-escuros, Orgof de nome, e ele era soberbo e não tinha apreço pelos Homens, e pensou que Túrin o menosprezara; pois Túrin amiúde não dava resposta às palavras que lhe dirigiam, se estivesse tomado pelo pesar ou pela reflexão. E então, enquanto bebiam, Orgof falou do outro lado da mesa a Túrin, e Túrin não lhe deu atenção, pois seu pensamento estava em Beleg, a quem deixara na floresta. Então Orgof tirou um pente de ouro e o lançou na direção de Túrin, e exclamou: “Sem dúvida, Homem de Hithlum, vieste com grande pressa a este banquete e podes ser desculpado por tua capa esfarrapada; mas não há por que deixar tua cabeça maltratada como uma moita de espinhos. E quem sabe, se tuas orelhas estivessem descobertas, ouvirias um pouco melhor.”

§39 Então Túrin nada respondeu, mas voltou-se para Orgof, e este, por estar irado, não tomou como aviso a luz que havia nos olhos do outro. E disse a alguém sentado ao seu lado: “Se os Homens de Hithlum são tão selvagens e feros, de que

sorte são as mulheres daquela terra? Será que correm como cervos, vestidas apenas com seus cabelos?”

§40 Então Túrin, não tomando conhecimento de sua força crescente, apanhou uma taça de bebida e a atirou no rosto de Orgof, que caiu para trás e morreu, pois a taça era pesada e seu rosto foi destroçado. Mas Túrin, com o ânimo esfriado de súbito, olhou perturbado para o sangue na mesa, e, sabendo que cometera uma grave ofensa, levantou-se de pronto e deixou o salão sem mais palavra; e ninguém o deteve, pois o rei estava em silêncio e não fez sinal algum. Mas Túrin saiu para a escuridão, e foi tomado por um ânimo sombrio, e, acreditando-se agora um proscrito que seria perseguido pelo rei, fugiu para longe de Menegroth, e, atravessando as fronteiras do reino, juntou-se a uma companhia de tal gente sem lar e desesperada como as que podiam ser achadas naqueles dias malignos escondidas nos ermos; e suas mãos se voltavam contra todos os que cruzavam o seu caminho, Elfos e Homens e Orques.

Comentário ao Capítulo 17

No título do capítulo (que, na verdade, não possui um número tanto em C como em D), *Turamarth* foi emendado a partir de *Turumarth*; a mesma alteração no Q (IV. 151, nota 12).

§24 *Hauð-na-Dengin*: O C possui aqui *Amon Dengin*; cf. o comentário ao capítulo 16, §19.

§25 No Q, é dito que a sina de Túrin é contada em “Filhos de Húrin”, o que certamente é uma referência à Balada aliterante, embora esta tivesse sido abandonada muitos anos antes; agora a Balada é expressamente mencionada, e com o nome élfico *iChúrinien*. Essa forma é mais um exemplo do fenômeno da “Variação Inicial de Consoantes” no noldorin exílico (ver pp. 356–57, 361). As oclusivas aspiradas originais *ph*, *th* e *kh* eram

"abertas" e o *kh* se tornava a fricativa [x] (como no escocês *loch*), representada como *ch*; esse som permanecia medialmente, mas em posições iniciais era reduzido a [h]. Assim, *aran Chithlum* "Rei de Hithlum" (*Etimologias*, radical TĀ-), *iChúrinien*. Pode-se notar aqui que, posteriormente, *iChúrinien* foi substituído por *Narn i Chîn Húrin*, que é grafado dessa forma em todas as ocorrências, mas que foi impropriamente alterado por mim para *Narn i Hîn Húrin* em *Contos Inacabados* (porque eu não queria que *Chîn* fosse pronunciado como a palavra *chin* do inglês moderno).

§27 *Gethron* e *Grithron* como os nomes dos guias de Túrin aparecem no AB 2, anal (273 >) 473. Ver §30 abaixo.

§28 Não há indício das palavras trocadas por Beleg e Túrin (preservadas no *Narn*, p. 108) na Balada.

§30 No AB 2, foi Gethron que morreu em Doriath, e Grithron que retornou (ver o comentário ao anal 273). — Os presentes de Melian para Morwen não são mencionados nas versões antigas.

§31 É curioso que, enquanto no conto de Beren e Lúthien no QS Telchar é de Nogrod (p. 363), ele agora se torna um ferreiro de Belegost, como havia sido no Q. (IV. 138). — Um novo elemento nessa passagem é a afirmação de que Húrin jamais usou o Elmo-de-dragão, assim como as razões para tal; no Q, ele não o usou "naquele dia" (isto é, na Batalha das Lágrimas Inumeráveis), e na Balada ele o usava com frequência nas batalhas (verso 314). No relato muito ampliado do Elmo encontrado no *Narn*, as razões de Húrin para não o usar são bem diferentes (*Contos Inacabados*, p. 111).

§32 Aqui aparece pela primeira vez o mestre de Telchar, Zirak, e a história de que Thingol possuía muitos tesouros que tinham vindo de Valinor (ambos preservados no *Narn*).

§34 Quanto ao "alívio" das dificuldades de Morwen, ver II. 156.

§35 *Datas na juventude de Túrin*. De acordo com a datação (tardia) do AB 2, Túrin nasceu no inverno de 465 e partiu de Doriath em 473, quando tinha sete anos (como é dito aqui em §24); em 481, cessaram todas as novas vindas de Hithlum, e, estando "em seu décimo sexto ano", foi para a guerra nas marcas (seu aniversário

de dezesseis anos caiu no inverno daquele ano). Contudo, no presente texto, as datas parecem ter um ano de diferença. A referência em §35 a Túrin ter dezessete anos presumivelmente foi feita por ter sido então que ele partiu para lutar; e em §§36–7 a interrupção das novas vindas de Hithlum e sua partida para as marcas ocorreram "depois de nove anos" (isto é, desde sua chegada a Doriath).

Deve-se supor que Túrin tivesse adquirido um conhecimento da língua noldorin com os Noldor em Hithlum — ou, talvez, antes com o pai e a mãe — quando era criança.

§38 No Conto e na Balada, o peculiar acabrunhamento de Túrin naquela noite foi causado por fato de que aquele era o décimo segundo aniversário de sua partida de Hithlum.

A CONCLUSÃO DO *QUENTA SILMARILLION*

Resta mais um texto a ser considerado dentro da estrutura do *Quenta Silmarillion*. É um manuscrito claro, muito similar em estilo ao QS(D), que foi seguido até sua conclusão no último capítulo, e pode ser convenientemente chamado "QS(E)" ou "E". A primeira página está numerada como "55", e começa no meio de uma frase: "e viram a Ilha Solitária e não se demoraram", que se encontra na segunda versão do Q (Q II), §17, IV. 175. A passagem descreve a viagem de Eärendel e Elwing até Valinor:

> chegaram até as Ilhas Encantadas e escaparam de seu encantamento; e chegaram aos Mares Sombrios e passaram por suas sombras; [aqui a página 54 do Q II datilografado termina e a página 55 começa] e viram a Ilha Solitária e não se demoraram lá…

Esse manuscrito E, na verdade, é uma outra versão da conclusão do Q, e faz-se mister perguntar: quando foi escrito? Uma anotação numa página encontrada com o Q fornece o que julgo ser uma resposta clara. Ela diz o seguinte: "36–54 ainda estão incluídas na

versão principal, e não estão revisadas". Ora, na p. 36 do texto datilografado do Q ocorre a frase (IV. 142):

> Ele fugiu da corte e, pensando ser um proscrito, passou a guerrear contra todos, Elfos, Homens ou Orques, que cruzassem o caminho do bando desesperado que reuniu à sua volta nas divisas do reino, Homens e Ilkorins e Gnomos perseguidos.

Essa é a antecedente da frase que encerra a versão QS(D) do conto de Túrin (p. 385); e uma linha foi traçada nesse ponto no texto datilografado do Q, separando o que vinha antes do que vinha depois.

Com "versão principal", meu pai provavelmente estava se referindo ao *Quenta Noldorinwa*, e a implicação é de que a narrativa de Túrin como proscrito até a viagem de Eärendel para Valinor (isto é, páginas 36–54 no texto datilografado do Q) não haviam sido reescritas e, assim, estavam ausentes do *Quenta Silmarillion* (QS) e ainda se encontravam apenas no *Quenta Noldorinwa* (Q). Portanto, creio ser certo que o texto QS(E) que agora será apresentado pertence ao mesmo período (ou seja, imediatamente anterior ao início de *O Senhor dos Anéis*) dos outros capítulos (o final de "Beren e Tinúviel", a Batalha das Lágrimas Inumeráveis, o início de "Túrin") que têm seu lugar no manuscrito do QS, mas que não foram acrescentados a ele (ou, no caso da última parte de "Beren e Tinúviel", só muito tempo depois).[ad] Não consigo explicar de modo algum por que meu pai teria pulado para o final dessa maneira.

Vê-se então que, no período de que trata este livro, as partes faltantes da narrativa do QS eram a maior parte do conto de Túrin, a destruição de Doriath, a queda de Gondolin e a parte inicial do conto de Eärendel. Porém, meu pai jamais retornou a esses contos (na estrita tradição do "Silmarillion": a história de Túrin, é claro, foi grandemente desenvolvida mais tarde, e encontram-se algumas leves elaborações para as outras partes em outros lugares. Os *Anais Cinzentos* foram abandonados no final do conto de Túrin, e o conto tardio de Tuor (apresentado em *Contos Inacabados*) antes de Tuor chegar a Gondolin).

O manuscrito E foi emendado, com frequência, mas não radicalmente, em diferentes momentos: algumas alterações foram feitas à época da composição original, ou muito próximo dela (e essas foram adotadas sem comentários no texto); outras, feitas de maneira muito descuidada a lápis, são claramente de um período muito posterior (e não são mencionadas aqui).

O texto tem estreita relação com Q II, §§17–19, e por extensões substanciais, especialmente perto do fim, a obra mais antiga foi seguida com incomum exatidão: assim, por exemplo, a Segunda Profecia de Mandos, com seus elementos misteriosos, foi repetida praticamente sem alterações. Naturalmente, as emendas posteriores feitas no Q II e apresentadas nas notas daquele texto foram, de acordo com a prática usual de meu pai, preparatórias para a presente versão, e muito provavelmente pertencem a essa época: portanto, a quantidade de alterações parece menor entre o material apresentado no Vol. IV e o presente capítulo. Teria sido possível restringir o texto impresso aqui àquelas passagens que diferem de maneira significativa do Q II (conforme revisado), mas achei melhor apresentá-lo na íntegra. O simples fato de que o final de "O Silmarillion" ainda tinha essa forma quando *O Senhor dos Anéis* foi iniciado é suficientemente notável, e, com sua inclusão integral, é fornecida uma visão completa da Matéria da Terra-média e de Valinor naquela época.

A numeração dos parágrafos recomeça aqui a partir do §1.

§1 E viram a Ilha Solitária e não se demoraram lá; e, por fim, lançaram âncora na Baía de Casadelfos sobre as fronteiras do mundo; e os Teleri viram a chegada daquele navio e ficaram cheios de assombro, fitando de longe a luz da Silmaril, e ela era muito grande. Mas Eärendel, único entre os Homens viventes, desembarcou nas costas imortais; e falou a Elwing e àqueles que estavam com ele, e esses eram três marinheiros que tinham navegado todos os mares a seu lado, e Falathar, Airandir e Erellont eram os seus nomes: "Aqui ninguém além

de mim há de pôr seus pés, para que a ira dos Deuses e a sina da morte não caia sobre vós; pois é proibido. Mas esse perigo tomarei sobre mim em favor das Duas Gentes."

§2 E Elwing respondeu: "Então nossos caminhos hão de ser separados para sempre. Eis que todos os teus perigos tomarei sobre mim também." E ela saltou na espuma branca e correu na direção dele; mas Eärendel estava pesaroso, pois julgava que agora ambos morreriam antes que se passassem muitos dias. E lá disseram adeus aos seus companheiros e foram apartados deles para sempre.

§3 E Eärendel disse a Elwing: "Espera-me aqui; pois um só pode levar as mensagens que me são confiadas"; e ele subiu sozinho pela terra, e lhe pareceu vazia e silenciosa. Pois tal como Morgoth e Ungoliantë chegaram em eras passadas, assim então Eärendel chegara em um tempo de festival, e quase todas as Gentes-élficas tinham ido para Valinor, ou haviam se reunido nos salões de Manwë, no alto de Taniquetil, e poucos tinham ficado para guardar os muros de Tûn.

§4 Esses vigias partiram, portanto, com grande pressa para Valmar; e todos os sinos em Valmar soaram. Mas Eärendel escalou o grande monte verdejante de Kôr e o encontrou desolado; e entrou nas ruas de Tûn, e elas estavam vazias; e seu coração pesava, pois ele temia que algum mal havia chegado até mesmo ao Reino Abençoado. Andou então pelos caminhos desertos de Tûn, e a poeira em sua vestimenta e seus sapatos era uma poeira de diamantes, e ele brilhava e faiscava enquanto subia as longas escadas brancas. E chamava em voz alta em muitas línguas, tanto de Elfos quanto de Homens, mas não havia ninguém para responder. Portanto, voltou-se enfim em direção às costas pensando em zarpar uma vez mais em Vingelot, seu navio, e abandonar sua

missão, e viver para sempre no mar. Mas, no momento em que tomou a estrada para a costa e virou o rosto para longe das torres de Tûn, alguém de pé no alto do monte chamou por ele numa grande voz, gritando: “Salve, Eärendel, estrela radiante, mensageiro mais belo! Salve, ó tu, portador da luz antes do Sol e da Lua, esperado que vem repentino, ansiado que vem para além da esperança! Salve, esplendor dos filhos do mundo, destruidor da escuridão! Estrela do pôr do sol, salve! Salve, arauto d’alvor!”

§5 E essa era a voz de Fionwë, filho de Manwë; e ele vinha de Valmar e convocou Eärendel a ficar diante dos Deuses. E Eärendel foi a Valinor e aos salões de Valmar, e nunca mais pôs o pé sobre as terras dos Homens. Ali, diante das faces dos Deuses imortais, esteve ele, e entregou a mensagem das Duas Gentes. Perdão pediu pelos Noldor, e piedade por suas grandes tristezas, e misericórdia para os infelizes Homens e socorro para sua necessidade. E suas preces foram atendidas.

§6 Então os filhos dos Valar prepararam-se para a batalha, e o capitão de sua hoste era Fionwë, filho de Manwë. Sob sua bandeira branca marcharam também os Lindar, os Elfos-da-luz, o povo de Ingwë; e entre eles estavam também aqueles dos Noldor de outrora que nunca tinham partido de Valinor, e Ingwiel, filho de Ingwë, era seu chefe. Mas, recordando-se da matança em Porto-cisne e do roubo de seus navios, poucos dos Teleri estavam dispostos a sair para a guerra; mas Elwing foi em meio a eles, e por ela ser bela e gentil, e por também pelo lado do pai vir de Thingol, que era de sua própria gente, deram-lhe ouvidos; e mandaram marinheiros suficientes para guarnecer e guiar os navios nos quais a maior parte daquele exército foi levada para leste através do mar; mas ficaram a bordo de seus navios e nenhum jamais pôs pé nas costas das Terras de Cá.

§7 E foi assim que Elwing foi ter com os Teleri. Eärendel tinha partido havia muito e ela sentiu-se solitária e temerosa; e vagou ao longo das margens do mar, cantando tristemente para si mesma; e assim chegou a Alqualondë, o Porto-cisne, onde ficavam as frotas telerianas; e ali os Teleri se fizeram seus amigos. Portanto, quando Eärendel enfim retornou, à procura dela, encontrou-a entre eles, e escutaram os contos de Elwing acerca de Thingol e Melian e do Reino Oculto, e de Lúthien, a bela, e ficaram cheios de piedade e espanto.

§8 Ora, os Deuses reuniram-se em conselho para tratar de Eärendel, e convocaram Ulmo das profundezas; e, quando estavam congregados, Mandos falou, dizendo: "Agora ele decerto há de morrer, pois pisou nas costas proibidas." Mas Ulmo disse: "Para isso ele nasceu e veio ao mundo. Dize-me pois: é ele Eärendel, filho de Tuor, da linhagem de Hador, ou filho de Idril, filha de Turgon, da Casa-élfica de Finwë? Ou, sendo metade de cada gente, que metade há de morrer?" E Mandos respondeu: "Igualmente aos Noldor, que por sua vontade foram para o exílio, foi proibido retornar para cá."

§9 Então Manwë deu sua sentença e disse: "Sobre Eärendel anulo a interdição, e o perigo que ele tomou sobre si por amor às Duas Gentes não há de cair sobre ele; nem há de cair sobre Elwing, que, nesse perigo, entrou por amor a Eärendel, salvo apenas nisto: eles não hão de caminhar nunca mais de novo entre Elfos ou Homens nas Terras de Fora. Ora, todos aqueles que têm o sangue dos Homens mortais, em qualquer medida, grande ou pequena, são mortais, a menos que outra sina lhes seja concedida; mas nessa matéria o poder de julgamento me é dado. Este é meu decreto: a Eärendel e a Elwing e a seus filhos há de ser dada permissão a cada um para que escolham livremente sob qual gente hão de ser julgados."

§10 Então Eärendel e Elwing foram convocados, e esse decreto lhes foi declarado. Mas Eärendel disse a Elwing: “Escolhe tu, pois ora estou cansado do mundo.” E ela escolheu ser julgada entre os Primogênitos, por causa de Lúthien, e por Elwing Eärendel escolheu o mesmo, embora seu coração estivesse mais com a gente dos Homens e com o povo de seu pai.

§11 Os Deuses então enviaram Fionwë, e ele foi à costa, onde os companheiros de Eärendel ainda permaneciam, aguardando notícias. E Fionwë tomou um barco e colocou nele os três marinheiros, e os Deuses os lançaram para o Leste com um grande vento. Mas eles tomaram Vingelot, e o abençoaram, e o carregaram através de Valinor até a borda última do mundo, e ali o navio [*acrescentado:* passou pela Porta da Noite e] foi erguido até os oceanos do céu. Ora, bela e maravilhosa se fez aquela nau, e estava cheia de uma chama ondeante, pura e fulgurosa; e Eärendel, o marinheiro, sentava-se ao leme, faiscando com a poeira de gemas-élficas; e a Silmaril ia atada sobre sua fronte. Em distantes jornadas partiu com aquele navio, até mesmo pelos vazios sem estrelas; mas amiúde era ele visto pela manhã ou ao anoitecer, iluminando a aurora ou o ocaso, conforme voltava a Valinor de viagens além dos confins do mundo.

§12 Naquelas jornadas Elwing não ia, pois não tinha a força para aguentar o frio e os vazios sem caminhos e amava outrossim a terra e os ventos doces que sopram sobre mar e monte. Portanto, fez que lhe fosse construída uma torre branca nas fronteiras do mundo exterior, na região do norte dos Mares Divisores; e para lá todas as aves marinhas da terra por vezes se dirigiam. E diz-se que Elwing aprendeu as línguas e o saber das aves, ela que certa vez também usara a forma delas; e fez asas para si, brancas e cinza-prateadas, e elas lhe ensinaram a arte do voo. E, por vezes, quando

Eärendel, retornando, aproximava-se de novo da terra, ela voava para encontrá-lo, tal como ela voara muito antes, quando foi resgatada do mar. Então os de vista aguçada entre os Elfos que habitavam mais a oeste na Ilha Solitária viam-na como uma ave alva, brilhando, manchada de rosa no ocaso, conforme se alçava em júbilo para saudar a chegada de Vingelot ao porto.

§13 Ora, quando pela primeira vez Vingelot foi colocado a navegar os mares do céu, ele ergueu-se imprevisto, faiscando e brilhante; e a gente da terra o contemplou de longe e se admirou, e o tomaram por um sinal de esperança. E quando essa nova estrela ergueu-se no Oeste, Maidros disse a Maglor: "Certamente é uma Silmaril que brilha no céu?" E Maglor disse: "Se for em verdade a Silmaril que vimos ser lançada no mar a que se ergue de novo pelo poder dos Deuses, então fiquemos contentes; pois sua glória é vista agora por muitos e está, contudo, segura de todo mal." Então os Elfos ganharam ânimo e não mais se desesperaram; mas Morgoth ficou cheio de dúvida.

§14 Contudo, diz-se que Morgoth não esperava o ataque que lhe sobreveio do Oeste. Tão grande sua soberba se tornara que julgava que ninguém jamais viria de novo com guerra aberta contra ele. Além do mais, pensava que tinha para sempre apartado os Gnomos dos Deuses e de seus parentes; e que, contentes em seu Reino ditoso, os Valar não mais dariam ouvido a seus domínios no mundo de fora. Pois para aquele que é impiedoso os atos de piedade são sempre estranhos e além do entendimento.

§15 Da marcha da hoste de Fionwë para o Norte pouco se diz em qualquer conto; pois, em seus exércitos, não ia nenhum daqueles Elfos que tinham habitado e sofrido nas Terras de

Cá, e que fizeram as histórias daqueles dias que ainda são conhecidas; e notícias dessas coisas eles ouviram muito mais tarde de seus parentes, os Elfos-da-luz de Valinor. Mas, por fim, Fionwë chegou do Oeste, e o desafio de suas trombetas encheu o céu; e ele convocou todos os Elfos e Homens, de Hithlum até o Leste; e Beleriand inflamou-se com a glória de suas armas, pois os filhos dos Deuses eram jovens e belos e terríveis, e as montanhas ressoavam debaixo de seus pés.

§16 O encontro das hostes do Oeste e do Norte recebe o nome de Grande Batalha, a Terrível Batalha, e a Guerra da Ira. Estava congregado o inteiro poder do Trono de Morgoth, e esse se tornara grande além da conta, de modo que Dor-na-Fauglith não podia contê-lo; e todo o Norte inflamara-se com guerra. Mas de nada valeu. Os Balrogs foram destruídos, exceto uns poucos que fugiram e se esconderam em cavernas inacessíveis nas raízes da terra. As legiões incontáveis dos Orques pereceram feito palha num grande fogo, ou foram varridas feito folhas despedaçadas diante de um vento ardente. Poucos restaram para atormentar o mundo por muitos anos depois. E diz-se que todos que ainda sobravam das três Casas dos Amigos-dos-Elfos, Pais de Homens, lutaram por Fionwë; e foram vingados contra os Orques naqueles dias por Baragund e Barahir, Gumlin e Gundor, Huor e Húrin, e muitos outros de seus senhores; e assim foram cumpridas, em parte, as palavras de Ulmo, pois por Eärendel, filho de Tuor, o auxílio foi dado aos Elfos, e pelas espadas dos Homens eles foram fortalecidos nos campos de guerra. Mas a maior parte dos filhos dos Homens, seja do povo de Uldor ou de outros recém-chegados do Leste, marchou com o Inimigo; e isso os Elfos não esquecem.

§17 Então, vendo que suas hostes tinham sido sobrepujadas e que seu poder fora disperso, Morgoth acovardou-se, e não

ousou ele próprio vir para fora. Mas soltou sobre seus inimigos o último ataque desesperado que preparara, e das fossas de Angband saíram os dragões alados, que não tinham sido vistos antes; pois até aquele dia nenhuma criatura de seu pensamento cruel tinha assolado o ar. Tão repentina e ruinosa foi a investida daquela terrível frota que Fionwë foi rechaçado; pois a vinda dos dragões foi como um grande ribombar de trovão, e uma tempestade de fogo, e suas asas eram de aço.

§18 Então Eärendel veio, luzindo com chama branca, e à volta de Vingelot estavam reunidas todas as grandes aves do céu, e Thorondor era o capitão delas, e houve batalha nos ares todo o dia e durante uma noite escura de dúvida. E antes do nascer do sol Eärendel matou Ancalagon, o Negro, o mais poderoso da hoste dos dragões, e o lançou do céu, e em sua queda as torres das Thangorodrim foram derrubadas. Então nasceu o sol, e os Filhos dos Valar prevaleceram, e todos os dragões foram destruídos, salvo dois apenas; e fugiram para o Leste. Então todas as covas de Morgoth foram destroçadas e destelhadas, e o poderio de Fionwë desceu até as profundezas da terra. E ali Morgoth estava enfim acuado e, contudo, não valente. Fugiu para a mais funda de suas minas e suplicou paz e perdão; mas seus pés lhe foram cortados debaixo dele, e o lançaram sobre o seu rosto. Então foi atado com a corrente Angainor, que há muito estava preparada; e à sua coroa de ferro deram forma de coleira para seu pescoço, e curvaram-lhe a cabeça até os joelhos. Mas Fionwë tomou as duas Silmarils que restavam e guardou-as.

§19 Assim fez-se o fim do poder de Angband no Norte, e o reino maligno agora era nada; e das covas e fundas prisões uma multidão de servos saiu, para além de toda a esperança, à luz do dia, e contemplaram um mundo mudado por

completo. Pois tão grande foi a fúria daqueles adversários que as regiões do norte do mundo ocidental foram rasgadas em pedaços, e o mar entrou rugindo por muitos abismos, e houve confusão e grande ruído; e rios pereceram ou acharam novos leitos, e os vales foram soerguidos, e os montes desabaram; e o Sirion não mais existia. Então os Homens, aqueles que não pereceram na ruína daqueles dias, fugiram para longe, e muito tardou antes que voltassem pelas Eredlindon para os lugares onde Beleriand existira antes.

§20 Mas Fionwë marchou pelas terras do oeste convocando o remanescente dos Noldor, e os Elfos-escuros que ainda não tinham visto Valinor, a se unir aos servos libertados e partir da Terra-média. Mas Maidros não quis ouvir, e preparou-se, ainda que então com cansaço e desgosto, para tentar em desespero o cumprimento de seu juramento. Pois Maidros teria batalhado pelas Silmarils, se lhe fossem negadas, mesmo contra a hoste vitoriosa de Valinor e o poderio e esplendor dos filhos dos Deuses: ainda que estivesse sozinho contra o mundo todo. E enviou uma mensagem a Fionwë, pedindo que cedesse então aquelas joias que outrora Fëanor fizera e que Morgoth roubara dele.

§21 Mas Fionwë disse que o direito à obra de suas mãos, que Fëanor e seus filhos anteriormente possuíam, tinha agora perecido por causa de seus muitos e impiedosos atos, estando cegados por seu voto e, acima de tudo, por causa do assassinato de Dior e do assalto a Elwing. A luz das Silmarils deveria agora ir para os Deuses, donde viera no princípio; e a Valinor deviam Maidros e Maglor retornar e lá aguardar o julgamento dos Valar, por cujo decreto, apenas, Fionwë cederia as joias sob seus cuidados.

§22 Então Maglor desejou de fato se submeter, pois seu coração estava cheio de pesar, e disse: “O juramento não diz que não podemos aguardar nossa hora, e pode ser que em Valinor tudo seja perdoado e esquecido, e que tenhamos nossa herança em paz.” Mas Maidros disse que, se retornassem e o favor dos Deuses lhes fosse negado, então o voto deles ainda permaneceria, mas seu cumprimento estaria além de toda esperança. “E quem pode imaginar que destino horrendo havemos de ter, se desobedecermos aos Poderes em sua própria terra, ou se pretendermos algum dia levar guerra de novo a seu sacro reino?” E Maglor disse: “Contudo, se os próprios Manwë e Varda negarem o cumprimento de um voto no qual os citamos como testemunhas, não se torna nula nossa jura?” E Maidros respondeu: “Mas como nossas vozes hão de alcançar a Ilúvatar além dos círculos do Mundo? E por Ele juramos em nossa loucura e chamamos a Escuridão Sempiterna sobre nós se não mantivéssemos nossa palavra. Quem há de nos liberar?” “Se ninguém puder nos liberar”, disse Maglor, “então de fato a Escuridão Sempiterna há de nos caber, tanto se mantivermos nosso juramento como se o quebrarmos; mas menos mal havemos de fazer quebrando-o.” Contudo, ele cedeu à vontade de Maidros, e debateram entre si sobre como deitariam mãos sobre as Silmarils.

§23 E assim se deu que chegaram disfarçados aos acampamentos de Fionwë, e à noite se esgueiraram até os lugares onde as Silmarils estavam guardadas, e mataram os guardas, e deitaram mãos sobre as joias; e então, como todo o acampamento se levantou contra eles, prepararam-se para morrer, defendendo-se até o fim. Mas Fionwë conteve sua gente; e os irmãos partiram desimpedidos, e fugiram para longe. Cada um tomou uma Silmaril, pois disseram: “Já que uma está perdida para nós, e só duas restam, e dois irmãos,

então está claro que o destino quer que partilhemos as heranças de nosso pai."

§24 Mas a joia queimou a mão de Maidros com dor insuportável (e ele tinha apenas uma mão, como se contou antes); e ele percebeu que era como Fionwë dissera, e que seu direito se tornara nulo, e que o juramento era vão. E, estando cheio de angústia e desespero, lançou-se em um grande abismo cheio de fogo, e assim morreu; e a Silmaril que trazia consigo foi levada para o seio da Terra.

§25 E conta-se de Maglor que não podia aguentar a dor com a qual a Silmaril o atormentava; e lançou-a, enfim, ao mar e depois disso vagou sempre pelas costas, cantando em dor e arrependimento à beira das ondas. Pois Maglor era o mais poderoso dos cantores de outrora, mas nunca mais voltou ao meio do povo dos Elfos. E assim veio a acontecer que as Silmarils acharam seus últimos lares: uma nos ares do céu, uma nos fogos do coração do mundo, e uma nas águas profundas.

§26 Naqueles dias houve uma grande armação de navios nas costas do Mar do Oeste, e especialmente nas grandes ilhas, as quais, na ruptura do mundo do norte, foram formadas a partir da antiga Beleriand. De lá, em muitas frotas, os sobreviventes dos Gnomos e das companhias ocidentais dos Elfos-escuros de Doriath e Ossiriand içaram vela para o Oeste e nunca mais voltaram às regiões de pranto e de guerra. Mas os Lindar, os Elfos-da-luz, marcharam para casa sob as bandeiras de seu rei, e foram levados em triunfo a Valinor. Porém, seu regozijo na vitória foi diminuído, pois retornavam sem as Silmarils e a luz anterior ao Sol e à Lua, e sabiam que aquelas joias não podiam ser achadas ou reunidas de novo até que o mundo fosse quebrado e refeito.

§27 E, quando chegaram ao Oeste, a maioria dos Gnomos habitou na Ilha Solitária, que se volta tanto para o Oeste quanto para o Leste; e aquela terra tornou-se mui bela, e assim permanece. Mas alguns retornaram até mesmo a Valinor, como todos eram livres para fazer se desejassem; e lá os Gnomos foram de novo admitidos ao amor de Manwë e ao perdão dos Valar; e os Teleri perdoaram sua antiga mágoa, e a maldição foi posta de lado.

§28 Porém, nem todos os Eldalië estavam dispostos a abandonar as Terras de Cá, onde longamente sofreram e habitaram; e alguns se demoraram por muitas eras no Oeste e no Norte, e especialmente nas ilhas ocidentais e na Terra de Leithien. E entre esses estava Maglor, como foi contado; e com ele por um tempo estava Elrond Meio-Elfo, que escolheu, como lhe foi permitido, ser contado entre a gente-élfica; mas Elros, seu irmão, escolheu viver com os Homens. E somente desses irmãos o sangue dos Primogênitos e a semente divina de Valinor veio à Gente dos Homens; pois eram os filhos de Elwing, filha de Dior, filho de Lúthien, filha de Thingol e Melian; e Eärendel, seu pai, era o filho de Idril Celebrindal, a bela donzela de Gondolin. Mas sempre, conforme as eras passavam e o Povo-dos-Elfos se esvanecia na terra, ainda içavam vela ao anoitecer das costas do oeste desde mundo, como ainda fazem, quando agora se demoram poucas em qualquer lugar de suas companhias solitárias.

§29 Esta foi a sentença dos Deuses, quando Fionwë e os filhos dos Valar retornaram a Valmar e contaram sobre todas as coisas que haviam sido feitas. Dali por diante as Terras de Cá da Terra-média seriam da Gente dos Homens, os filhos mais novos do mundo; mas apenas para os Elfos, os Primogênitos, os portões do Oeste ficariam sempre abertos. E, se os Elfos não fossem para lá e tardassem nas terras dos Homens, então

deveriam desvanecer e fraquejar lentamente. Este é o mais doloroso dos frutos das mentiras e das obras de Morgoth, que os Eldalië fossem apartados e alheados dos Homens. Por um tempo, outros males que ele concebera ou nutrira persistiram, embora ele próprio tenha sido levado embora; e Orques e Dragões, procriando de novo em lugares escuros, tornaram-se nomes de terror, e cometiam atos malignos, como em regiões distantes ainda o fazem; mas, antes do Fim, todos hão de perecer. Mas o próprio Morgoth os Deuses lançaram através da Porta da Noite que dá para o Vazio Atemporal, para além das Muralhas do Mundo; e uma guarda está a postos sempre naquela porta, e Eärendel mantém vigia sobre os baluartes do céu.

§30 Contudo, as mentiras que Melkor, poderoso e maldito, Morgoth Bauglir, o Poder do Terror e do Ódio, semeou nos corações de Elfos e Homens são uma semente que não morre e não pode pelos Deuses ser destruída; e de quando em vez brota de novo, e dá fruto sombrio até mesmo nestes últimos dias. Alguns dizem também que o próprio Morgoth, por vezes, insinua-se, secretamente como uma nuvem que não pode ser vista, mas ainda assim é venenosa, escalando as Muralhas e visita o mundo a fim de encorajar seus serviçais e provocar o mal quando tudo parece belo. Mas outros dizem que essa é a sombra negra de Sauron, a quem os Gnomos davam o nome de Gorthû, que servia a Morgoth ainda em Valinor e veio com ele, e era o maior e mais maligno de seus lacaios; e Sauron fugiu da Grande Batalha e escapou, e habitou em lugares escuros e perverteu os Homens para seu domínio horrendo e seu culto imundo.

§31 Assim falou Mandos em profecia, quando os Deuses se sentaram em julgamento em Valinor, e o rumor de suas

palavras foi sussurrado entre todos os Elfos do Oeste. Quando o mundo for velho e os Poderes estiverem cansados, então Morgoth, vendo a guarda adormecida, há de voltar pela Porta da Noite, vindo do Vazio Atemporal; e ele há de destruir o Sol e a Lua. Mas Eärendel há de vir sobre ele como uma chama branca ardente e tirá-lo dos ares. Então a Última Batalha há de se ajuntar nos campos de Valinor. Naquele dia, Tulkas há de combater com Morgoth, e à sua mão direita há de estar Fionwë, e à sua esquerda, Túrin Turambar, filho de Húrin, vindo dos salões de Mandos; e a espada negra de Túrin há de dar a Morgoth sua morte e fim definitivo; e assim os filhos de Húrin e todos os Homens hão de ser vingados.

§32 Depois disso, a Terra há de ser partida e refeita, e as Silmarils hão de ser recuperadas do Ar e da Terra e do Mar; pois Eärendel há de descer e entregar aquela chama que está sob sua guarda. Então Fëanor há de tomar as Três Joias e levá-las a Yavanna Palúrien; e ela as quebrará e, com seu fogo, reacenderá as Duas Árvores, e uma grande luz virá. E as Montanhas de Valinor hão de ser aplainadas, de modo que a Luz há de chegar a todo o mundo. Naquela luz os Deuses ficarão jovens de novo, e os Elfos despertarão, e todos os seus mortos levantar-se-ão, e o propósito de Ilúvatar acerca deles será cumprido. Mas dos Homens naquele dia a profecia de Mandos não fala, e Homem algum ela nomeia, salvo apenas Túrin, e a ele um lugar é dado entre os filhos dos Valar.

§33 Aqui termina *O Silmarillion*: que foi retirado com brevidade daquelas canções e histórias que ainda são cantadas e contadas pelos Elfos minguantes, e (com mais clareza e completude) pelos Elfos desaparecidos que habitam agora a Ilha Solitária, Tol Eressëa, aonde poucos marinheiros

dos Homens algum dia chegaram, salvo uma ou duas vezes numa longa era, quando algum homem da raça de Eärendel passou para além das terras da visão mortal e avistou o bruxulear das lamparinas nos ancoradouros de Avallon, e sentiu ao longe o cheiro das flores imortais nos prados de Dorwinion. Dos quais Eriol é um, que os homens chamavam Ælfwine, e apenas ele retornou e trouxe novas de Cortirion às Terras de Cá.

Comentário à conclusão do Quenta Silmarillion

[Todas as referências ao Q são à segunda versão, Q II.]

§1 Após "desembarcou nas costas imortais", meu pai escreveu (seguindo o Q, IV. 175) "e nem Elwing nem ninguém de sua pequena companhia quis ele que o seguissem, para que não caíssem sob a ira dos Deuses", mas riscou esse trecho no momento da composição e o substituiu pela passagem apresentada. Os três marinheiros não são mencionados por nome no Q, onde é dito apenas que Eärendel tinha uma "pequena companhia". Cf. *A Estrada Perdida*, p. 76 e nota 8.

§2 A história aqui do salto de Elwing na água na Baía de Casadelfos, e (em §3) da ordem de Eärendel para que ela ficasse na costa e aguardasse o seu retorno, foi alterada a partir daquela encontrada nas revisões do texto do Q (IV. 178), onde Elwing foi separada para sempre de Eärendel (ver IV. 228–29).

§6 É notável que os Lindar são chamados aqui (e mais uma vez em §§15, 26) de os "Elfos-da-luz", sendo essa uma reversão à antiga aplicação do termo. No início do QS (§§25, 40), os Lindar são os "Altos Elfos", e "os Lindar e os Noldor e os Teleri são chamados de Elfos da Luz" (§29), distinguidos assim dos "Elfos Escuros", que nunca atravessaram o mar rumo a Valinor.

As palavras "e Ingwiel, filho de Ingwë, era seu chefe" apareceram pela primeira em um acréscimo ao Q (IV. 178, nota 19). Sugeri (IV. 227) que o que meu pai quis dizer era que

Ingwiel era o chefe dos Lindar, entre os quais marcharam os Noldor de Valinor, e não que Ingwiel era o líder dos próprios Noldor — este era Finrod (posteriormente Finarfin).

§§6–7 Um novo elemento na história é estada de Elwing entre os Teleri; a implicação é claramente que os Teleri foram influenciados por ela a fim de fornecerem seus navios e marinheiros. Elwing era a sobrinha-bisneta de Elwë, Senhor de Alqualondë. No AB 2 (anal 333–43), seguindo o AB 1, nenhum dos Teleri partiu de Valinor, embora seja dito que "eles construíram uma quantidade incontável de navios".

§§8–11 Inteiramente nova é a matéria do concílio dos Deuses, o decreto de Manwë declarado a Eärendel e Elwing, suas escolhas de fado e o envio dos três marinheiros para o leste com um grande vento. — Quanto às "costas proibidas" e a Interdição dos Valar, ver o comentário a QdN I, §4.

§9 Deve-se ressaltar que, de acordo com o julgamento de Manwë, Dior, o Herdeiro de Thingol e filho de Beren, era mortal independentemente da escolha de sua mãe.

§11 Como o Q II foi originalmente escrito, Elwing fez asas para o navio de Eärendel, com o qual ele velejou para o céu portando a Silmaril (§17), mas *após* a Grande Batalha e a expulsão de Morgoth pela Porta da Noite, pois Eärendel foi chamuscado pelo Sol e caçado pela Lua, os Deuses tomaram seu navio Wingelot e o abençoaram, e lançaram-no através da Porta da Noite (§19). Em vista da afirmação no Q aqui de que Eärendel "içou velas na *vastidão sem estrelas*… viajando *pelas Trevas detrás do mundo*", e também em vista do relato bastante explícito da Porta no *Ambarkanta* (IV. 282) — ela "vaza as Muralhas e se abre para o Vazio" —, supus (IV. 236) que "esse ato dos Valar foi para proteger Eärendel, colocando-o para navegar no Vazio, acima dos trajetos do Sol e da Lua e das estrelas, onde ele também poderia guardar a Porta contra o retorno de Morgoth". Na mesma passagem do *Ambarkanta* é dito que os Valar fizeram a Porta da Noite "quando Melko foi sobrepujado e lançado na Escuridão de Fora", e que ela é "guardada por Eärendel".

Entretanto, a passagem em Q §17 foi revisada (IV. 178, nota 20), e o lançamento de Wingelot pelos Deuses foi introduzido em um ponto anterior da narrativa, antes da Grande Batalha, e, assim, antes da feitura da Porta da Noite (de acordo com o *Ambarkanta*). Não é dito nessa passagem revisada que Eärendel atravessou a Porta, nem é explicitado para quais regiões elevadas ele passou: seu navio "foi elevado até mesmo aos oceanos do ar". Essa revisão é retomada aqui no presente texto, e mais uma vez (como originalmente escrito) a Porta da Noite não é mencionada: o navio "foi erguido até os oceanos do céu" — e Eärendel partiu em jornadas distantes nele, "até mesmo pelos vazios sem estrelas". Portanto, possivelmente haveria como ajustar a história revisada do lançamento de Eärendel em Vingelot ao *Ambarkanta* ao se presumir que não era mais a intenção de pai fazer com que ele passasse pela Porta da Noite (que ainda não existia): ele não passou para Ava-kúma, a Escuridão de Fora, mas permaneceu dentro dos "vazios sem estrelas" de Vaiya. Mas essa teoria foi desfeita quando meu pai acrescentou as próprias palavras em questão, "passou pela Porta da Noite", ao relato. (Esse acréscimo não foi um daqueles feitos à época da composição do manuscrito, mas foi feito de maneira cuidadosa à tinta e não tem lugar junto às alterações descuidadas feitas muito tempo depois.) Seja como for, as palavras "conforme voltava a Valinor de viagens *além dos confins do mundo*" sugerem que ele navegava para o Vazio. Logo, parece só ser possível explicar isso partindo do pressuposto que a concepção presente no *Ambarkanta* a essa altura havia sido abandonada, e que a Porta da Noite já existia antes da grande derrota de Morgoth.

§12 Quanto à história da torre branca para onde todas as aves marinhas do mundo por vezes se dirigiam, ver IV. 227. No Q II como escrito originalmente, foi Eärendel que construiu a torre; pela revisão (IV. 178, nota 20), ela foi construída por Elwing, que fez asas para si mesma para tentar voar até ele, mas em vão: "e eles estão separados até o fim do mundo". Agora a história muda mais vez. Elwing ainda constrói a torre, mas é acrescentado que ela aprende as línguas das aves e, com elas, a arte do voo; e agora

ela não está separada para sempre de Eärendel após a transformação deste na Estrela: ela voa da torre para encontrá-lo quando ele retorna de suas viagens além dos confins do mundo.

§15 No texto, após §14, foi deixado um espaço substancial, e §15 começa com uma letra capitular ornamentada, sugerindo que meu pai previu o início de um novo capítulo aqui. De fato, o seguinte título foi inserido à época das emendas tardias a lápis: *Da Grande Batalha e da Guerra da Ira*.

§§15–16 No relato da Grande Batalha, meu pai simplesmente seguiu o início de Q II §18, embora o resumo de um conto muito mais completo tivesse aparecido ao final do AB 2: o desembarque de Ingwiel em Eglorest, a Batalha de Eglorest, o acampamento de Fionwë às margens do Sirion, a vinda atroante de Morgoth sobre Taur-na-fuin (a qual, se de fato não foi excluída, no mínimo feita com que parecesse muito improvável no Q e no QS), e a passagem de longa disputa do Sirion.

§16 Na minha opinião, não há dúvida de que as palavras (ausentes no Q) "exceto uns poucos [Balrogs] que fugiram e se esconderam em cavernas inacessíveis nas raízes da terra" precederam por um período de tempo razoável o Balrog de Moria (em todo o caso, há evidências de que um Balrog não foi a concepção original de meu pai para o adversário de Gandalf na Ponte de Khazad-dûm). Creio ter sido a ideia — que aparece pela primeira vez aqui — de que alguns Balrogs haviam sobrevivido desde o mundo antigo nos lugares profundos da Terra-média o que levou ao Balrog de Moria. Com relação a isso, é interessante uma carta de meu pai, escrita em abril de 1954 (*Cartas*, n. 144):

> Supunha-se que todos [os Balrogs] haviam sido destruídos na queda das Thangorodrim… Mas aqui é descoberto… que um escapara e se refugiara sob as montanhas de Hithaeglin [*sic*].

Quanto às palavras "todos que ainda sobravam das três Casas dos Amigos-dos-Elfos, Pais de Homens", ver o comentário a QdN I, §1.

§18 Quanto à retenção do motivo das aves que acompanharam Eärendel (que surgiu de uma forma mais antiga da lenda), ver IV. 236. Thorondor como o capitão das "grandes aves do céu" não é mencionado por nome no Q, que possui aqui "uma miríade de aves estava à volta dele".

§20 Um outro título foi escrito a lápis junto ao início desse parágrafo (ver §15 acima): *Do Fim Último do Juramento de Fëanor e seus Filhos*.

§22 O debate entre Maglor e Maidros foi articulado ainda mais do que no Q, com Maglor tendo a última e mais sábia palavra, embora o resultado seja o mesmo: pois Maidros prevaleceu sobre ele.

§26 Um último título foi escrito a lápis no início desse parágrafo: *Da Passagem dos Elfos*.

§28 Quanto ao relatos anteriores acerca da escolha de Elrond, ver p. 33. Aparecem agora tanto a sua decisão alterada, "ser contado entre a gente-élfica", como a escolha de seu irmão Elros, "viver com os Homens". Elros foi mencionado por nome em emendas ao Q (IV. 177) e em alterações tardias ao AB 2 (comentário ao anal 325), e embora esses acréscimos nada digam acerca dele, ele foi obviamente introduzido nesses textos após a lenda de Númenor ter começado a se desenvolver. Isso é evidenciado pelo fato de que, ainda no segundo texto de *A Queda de Númenor*, foi Elrond o mortal que se tornou o primeiro Rei de Númenor e o construtor de Númenos (§2), e Elros só aparece em seu lugar por meio de uma emenda.

Em vista da presença aqui de Elros ao lado de Elrond — enquanto Elros ainda está ausente em QS §87 — e das respectivas escolhas dos Meio-Elfos, talvez seja surpreendente que em §16 meu pai não tenha feito menção à terra de Númenor para os Homens das Três Casas (ver §§1–2 em QdN I e QdN II); ainda mais por ele ter seguido o Q tão de perto no tocante a elementos onde a "intrusão" de Númenor já havia introduzido novas concepções. Assim, ele ainda escreveu aqui em §19 que, após a Grande Batalha, "os Homens… fugiram para longe, e muito tardou antes que voltassem pelas Eredlindon para os

lugares *onde Beleriand existira antes*", e, em §26, sobre a "grande armação de navios nas costas do Mar do Oeste, e especialmente nas grandes ilhas, as quais, na ruptura do mundo do norte, foram formadas a partir da antiga Beleriand".

Não é fácil traçar a evolução da concepção de meu pai da sobrevivência de Beleriand (especialmente em relação à destruição causada pela Queda de Númenor, ver pp. 182–84); mas, nos textos da QdN, já há claramente uma visão um tanto diferente daquela do Q. No QdN II (onde, como mencionado acima, Elros ainda não havia surgido e que, portanto, deve ter precedido o presente texto) a história da Última Aliança já estava desenvolvida (§14): Elendil, o Númenóreano, um rei em Beleriand,

> se aconselhava com os Elfos que permaneciam na Terra-média (e estes habitavam mormente em Beleriand); e ele fez uma aliança com Gil-galad… e seus exércitos se uniram, e atravessaram as montanhas e entraram nas terras interiores longe do Mar.

Apesar de as passagens citadas acima do presente texto não contradizerem isso necessária ou explicitamente, elas dificilmente são congruentes com essa informação. O fato de que meu pai mais tarde escreveu a lápis ao lado de §28 os nomes *Gilgalad* e *Lindon* pode realmente à primeira vista demonstrar que a concepção da terra não submersa a oeste das Montanhas Azuis, e da aliança entre os Homens e os Elfos que habitavam lá, surgiu após essa seção ser escrita; mas há evidências conclusivas de que esse não é o caso.

Não posso oferecer qualquer explicação convincente para essa situação. É possível sugerir que meu pai tivesse a intenção consciente de representar "tradições" diferentes e, em certa medida, divergentes acerca dos eventos após a derrocada de Morgoth e a grande partida dos Elfos para o Oeste; mas isso me parece improvável. (Quanto ao nome *Lindon* para a terra não submersa, ver pp. 43–7 e o comentário a QS §108.)

§30 É notável, e desconcertante para o editor, a forma *Melkor* (em vez de *Melko*), que com certeza é original aqui. Em IV. 332, eu disse que "*Melkor* para *Melko não [foi] introduzido antes de 1951". A evidência para isso se encontra na nota mencionada na* p. 352, que fornece uma lista de "Alterações na última revisão [isto é, de "O Silmarillion"] 1951": essas incluem *Aman*, *Arda*, *Atani / Edain*, *Eä*, *Eru*, *Melkor* e alguns nomes menos significativos. Esse importante pedaço de papel apresenta uma data externa — boa sorte rara neste estudo — pela qual textos pré- e pós-*Senhor dos Anéis* podem com frequência ser distinguidos; e as confirmações que ele fornece estão em completa harmonia com o que pode ser cautelosamente deduzido por outros motivos. Em nenhum lugar encontrei qualquer razão para suspeitar que *Aman*, *Arda*, etc. tenham sido usados no período pré-*Senhor dos Anéis*; e, portanto, presumi muito prontamente que o mesmo se aplicava a *Melkor* (que difere dos outros por não ser um nome inteiramente novo, mas apenas uma nova forma), sem notar que ele ocorria na presente passagem como uma forma original. Note-se que *Melko* foi alterado para *Melkor* no texto do Q no mesmo ponto (IV. 188, nota 1).

Sem dúvida a explicação para meu pai ter incluído *Melkor* como uma alteração feita em 1951 quando já havia usado o nome muito tempo antes na verdade é bem simples: ele se decidiu por *Melkor* nessa época e, quando retornou a "O Silmarillion" após *O Senhor dos Anéis* ser concluído, ele usou o nome em suas revisões e reescritas do QS, e, portanto, foi uma alteração de 1951. Esse é um bom exemplo das armadilhas que ele armava sem perceber, e das quais não posso esperar ter me esquivado em questões mais significativas que essa.

A difícil passagem acerca de Morgoth "escalando" as Muralhas do Mundo sobrevive do Q (IV. 186): ver IV. 297.

Gorthû: dessa maneira o nome *Thû*, na forma composta *Gorthû*, reaparece como o nome de Sauron na língua noldorin (ver as *Etimologias*, radical THUS). *Gorthû* ocorreu em emendas à *Balada de Leithian* (III. 275), e em uma alteração ao texto datilografado do QdN II (p. 45). — Com a afirmação de que

Sauron serviu Morgoth em Valinor, cf. QS §143 e comentário ("Sauron era o principal serviçal do maligno Vala, a quem corrompera ao seu serviço em Valinor dentre o povo dos Deuses"). No Q aqui, "outros dizem que essa é a sombra negra de Thû, *que foi feito por Morgoth*" foi alterado (IV. 188, nota 3) para um fraseado similar àquele do presente texto.

§33 *Nos ancoradouros de Avallon.* Nessa época, Avallon era um nome de Tol Eressëa: "a Ilha Solitária, que foi renomeada Avallon", QdN II, §1. Os *prados de Dorwinion* devem ficar em Tol Eressëa. O nome ocorreu anteriormente como uma terra de videiras nos "fogos do sul" na *Balada dos Filhos de Húrin*, no vinho de Dorwinion em *O Hobbit*, e foi marcado no mapa feito por Pauline Baynes; ver III. 37–8, que precisa ser corrigida com o acréscimo de uma referência a essa passagem.

NOTAS

[a] Para *Alkorin* ao lado de *Ilkorin*, ver as *Etimologias*, radicais AR2, LA; para *Harmen* > *Hyarmen*, ver p. 414.

[b] Em alguns pontos meu pai fez outras alterações muito pequenas de fraseado conforme datilografava (isto é, além das mudanças marcadas no manuscrito), e essas naturalmente estão incluídas no texto apresentado aqui. A relação entre manuscrito e texto datilografado muda no capítulo 3 (c); ver p. 361.

[c] No manuscrito (apenas) a palavra *Silmarillion* foi um acréscimo, como na folha de rosto (p. 238); mas a frase "Aqui começa o *Silmarillion*…" é original.

[d] *Nota marginal ao texto:* Ilma é na língua quendiana luz das estrelas.

[e] *Nota marginal ao texto:* Melko constrói Utumno.

[f] *Nota de rodapé ao texto:* Outros nomes de Silpion entre os Gnomos são Silivros, chuva reluzente (que em forma élfica é Silmerossë), Nimloth, flor pálida, Celeborn, árvore de prata; e a imagem que Turgon fez dela em Gondolin era chamada Belthil, radiância divina. Outros nomes de Laurelin entre os Gnomos são Glewellin (que é o mesmo que Laurelin, canção de ouro), Lhasgalen, verde de folha, Melthinorn, árvore de ouro; e sua imagem em Gondolin era chamada Glingal, chama balouçante.

[g] *Nota marginal ao texto:* Utumno.

[h] *Nota de rodapé ao texto:* Outros nomes em canção e conto são dados a esses povos. Os Lindar são os Elfos Abençoados, e os Elfos-da-lança, e os Elfos do Ar, os Amigos dos Deuses, os Elfos Sacros, e os Imortais, e os Filhos de Ingwë; eles são o Belo Povo e os Brancos. Os Noldor são os Sábios e os Dourados, os Valentes, os Elfos-da-espada, os Elfos da Terra, os Inimigos de Melko, Os de Mãos Hábeis, os Amantes das Joias, os Companheiros dos Homens, os Seguidores de Finwë. Os Teleri são os Ginetes-d'Ondas, Músicos da Costa, os Livres, os Errantes, e os Elfos do Mar, os Marinheiros, os Elfos-da-flecha, Amigos-dos-navios, os Senhores das Gaivotas, os Elfos Azuis, os Coletores-de-pérolas, e o Povo de Elwë. Os Danas são os Elfos das Florestas, os Elfos Ocultos, os Elfos Verdes, os Elfos dos Sete Rios, os Amantes de Lúthien, o Povo Perdido de Ossiriand, pois eles não mais existem.

[i] Em *O Senhor dos Anéis*, a forma sindarin *Peredhil* possui uma aplicação completamente diferente: "Os filhos de Eärendil eram Elros e Elrond, os *Peredhil* ou Meio-Elfos", Apêndice A I (i). Um nome mais antigo era *Peringol*, *Peringiul*: ver o comentário ao AB 2, anal 325.

[j] *Nota de rodapé ao texto:* E alguns dizem que a grande ilha de Balar, que em antanho jazia naquela baía, era o cabo leste da Ilha Solitária, que se quebrou em dois e parte dele ficou para trás, quando Ulmo tornou a levar aquela terra para o Oeste.

[k] *Nota de rodapé ao texto:* Essa é a Cidade-do-monte. Essa cidade os Deuses chamavam de Eldamar (que é Casadelfos), e os Gnomos em sua fala tardia de Tûn ou Eledûn. Mas as regiões onde os Elfos habitavam, e de onde as estrelas podiam ser vistas, eram chamadas de Elendë ou Eldanor, que é Terradelfos. O passo através das montanhas que levava a Elendë era chamado de Kalakilya, Passo da Luz.

[l] *Nota de rodapé ao texto:* Diz-se que, entre outros assuntos, Melko falou de armas e armaduras aos Gnomos, e do poder que conferiam àquele se arma para defender o que é seu (como ele disse). Os Elfos antes haviam possuído somente armas de caça, lanças e arcos e flechas, e desde o acorrentamento de Melko os arsenais dos Deuses haviam sido fechados. Mas os Gnomos então

aprenderam o feitio de espadas de aço temperado, e a feitura de malhas; e eles fizeram escudos naqueles dias e os blazonaram com prata, ouro e gemas. E Fëanor tornou-se grandemente engenhoso nesse ofício, e fez uma provisão de armas em segredo, conforme o ciúme crescia entre ele e Fingolfin. Assim foi que os Noldor estavam armados nos dias de sua Fuga. Assim, também, o mal de Melko virou-se contra ele, pois as espadas dos Gnomos lhe causaram mais dano do que qualquer outra coisa sob o domínio dos Deuses sobre esta terra. No entanto, pouco júbilo tiveram com os ensinamentos de Morgoth; pois todos os pesares dos Gnomos vieram de suas espadas, tanto da batalha injusta em Alqualondë como dos muitos feitos nefandos posteriores. Assim escreveu Pengolod.

[m] *Nota marginal ao texto:* hyrned Æ.

[n] *Nota de rodapé ao texto:* Os Eldar os chamavam de Hildi, os seguidores; daí Hildórien, o local de nascimento dos Hildi, recebeu o seu nome. E muitos outros nomes eles lhes deram: Engwar, os enfermiços, e Fírimor, os mortais; e deram-lhes nomes como os Usurpadores, os Forasteiros, e os Inescrutáveis, os Que se Amaldiçoaram, os de Mãos-pesadas, os Tementes-à-noite, os Filhos do Sol.

[o] *Nota marginal ao texto:* Dagor-nui-Ngiliath.

[p] *Nota marginal ao texto:* Que é Vale do Oeste na língua de Doriath.

[q] *Nota marginal ao texto:* Nome ilkorin.

[r] *Nota marginal ao texto:* ou Radhrost.

[s] *Nota de rodapé ao texto:* Mas os nomes gnômicos eram Hithliniath, as lagoas de bruma, ou Aelin-uial, Lagos do Crepúsculo.

[t] *Nota marginal ao texto:* Mas Dor Granthir era antes chamada pelos Elfos-escuros de Radhrost, o Vale Leste.

[u] *Nota marginal ao texto junto à passagem entre colchetes:* disse Pengolod.

[v] *Nota de rodapé ao texto:* Aulë, por seu amor pela invenção, engendrou uma nova fala para os Anões, e suas línguas não são aparentadas com outras; no uso as tornaram ásperas e intrincadas, e poucos tentaram aprendê-las. Em seu colóquio com os Elfos de outrora eles usavam, de acordo com suas habilidades, o idioma dos Elfos-escuros de Doriath. Mas as suas próprias línguas eles mantinham em segredo, e sobrevivem ainda na Terra-média e, em parte, certos idiomas dos Homens são derivados delas. *Junto a esse trecho está escrito na margem:* Assim, o *Lhammas*.

[w] *Nota de rodapé ao texto:* Está registrado que a palavra na antiga fala desses Homens, que eles mais tarde abandonaram em Beleriand pela língua dos Gnomos, de maneira que agora em sua maior parte está esquecida, era *Widris*. *Junto a esse trecho está escrito na margem:* disse Pengolod. *Acrescentado a isso:* e Ælfwine.

[x] *Nota de rodapé ao texto:* E passou a ser chamada de Tol-na-Gaurhoth, a Ilha dos Lobisomens.

[y] *Nota de rodapé ao texto:* Pois ele retornou à sua própria gente após a vitória das matas de Brethil, enquanto os caminhos ao norte de Hithlum podiam ser transpostos devido à derrota dos Orques naquele tempo.

[z] Como se verá subsequentemente (pp. 387–89), uma reescrita do final da narrativa do "Silmarillion" no Q também pertence à essa época, e é possível, embora eu creia que seja menos provável, que essa tenha sido a última obra composta por meu pai antes de dar início à "nova história sobre Hobbits".

[aa] Quanto ao significado das palavras "e não está terminado" (que não deveriam ter sido omitidas em *O Silmarillion*), ver pp. 364–65: a ideia subjacente à última frase do conto é muito mais

explícita no rascunho B.

[ab] Na tradução de *O Silmarillion* (2019), assim como em outros textos do legendário, optou-se pelo uso em português da 2ª pessoa do singular (“tu”) e do plural (“vós”) para representar a fala dos personagens, que seriam traduções mais diretas de *thou* (“tu”) e *ye* (“vós”), o que também se aplica a pronomes demonstrativos como *thine* (“teu”). Contudo, os pronomes de 2ª pessoa portugueses “tu” e “vós” também são traduções viáveis das formas inglesas *you*, assim como o pronome demonstrativo “vosso” é de *your*, principalmente ao se levar em consideração o contexto e a formalidade do texto. [N.T.]

[ac] Em outra passagem do Q (IV. 154), a terra onde eles habitaram após retornarem teve apenas uma “breve hora de graça”, assim como no *Conto do Nauglafring* (II. 288) “sobre Beren e Tinúviel abateu-se depressa a sina de mortalidade que Mandos proferira”.

[ad] A existência da conclusão reescrita deveria ter sido mencionada na nota de rodapé em III. 426.

PARTE TRÊS

As Etimologias

O modo de construção linguística de meu pai, que, como bem se sabe, continuou no decorrer de sua vida e em relação estreita com a evolução das narrativas, apresenta o mesmo movimento incessante que elas: uma qualidade fundamental à arte, na qual (como acredito) finalidade e um sistema fixo a todo momento não eram o seu objetivo subjacente. Contudo, embora suas "línguas" e sua "literatura" estivessem tão interligadas, traçar a história do processo literário através de muitos textos (ainda que a trilha pudesse se encontrar muito obscurecida) é por sua natureza consideravelmente mais fácil do que traçar a espantosa complexidade da evolução fonológica e gramatical das línguas élficas.

Naturalmente, essas línguas foram concebidas desde o início de uma maneira profundamente "histórica": elas foram personificadas em uma história, a história dos Elfos que as falavam, na qual, conforme evoluía, viria a ser encontrado um terreno rico para separações e interações linguísticas: "um idioma necessita de uma habitação adequada e uma história na qual possa desenvolver-se" (*Cartas*, n. 294). Cada elemento nas línguas, cada elemento em cada palavra, é em princípio historicamente "explicável" — como o são os elementos em línguas que não são "inventadas" —, e as sucessivas fases da evolução intricada deles eram o deleite de seu criador. Assim, a "invenção" era completamente distinta da "artificialidade". Em seu ensaio "Um Vício Secreto" (*The Monsters and the Critics and Other Essays* [Os Monstros e os Críticos e Outros Ensaios], 1983, p. 198), meu pai escreveu sobre seu apreço pelo esperanto, um apreço que, ele disse, surgiu "até pelo fato de que é basicamente a criação de um só homem, que não era um filólogo, e é, portanto, algo como uma 'língua humana desprovida das inconveniências causadas por um excesso de sucessivos cozinheiros' — que é a melhor descrição que posso fazer da língua artificial ideal

(em um sentido particular)". Nesse sentido, as línguas élficas são de fato muito inconvenientes, e elas refletem as atividades de incontáveis cozinheiros (incônscios, é claro, do que estavam fazendo com os ingredientes que obtiveram): em outras palavras, refletem a língua não como uma "estrutura pura", sem "antes" e "depois", mas como crescimento, no decorrer do tempo.

Por outro lado, as histórias linguísticas ainda assim eram "imagens", inventadas por um inventor, que tinha liberdade de alterar aquelas histórias assim como tinha liberdade de alterar a história do mundo em que ocorriam; e ele assim o fez, copiosamente. As dificuldades inerentes ao estudo da história de qualquer língua ou grupo de línguas são, portanto, aumentadas aqui: pois essa história não é um compilado de fatos históricos a serem descobertos, mas uma visão instável e cambiante do que a história era. Ademais, as alterações na história não se restringiram a características do desenvolvimento linguístico "interno": a concepção "externa" das línguas e suas relações passou por mudanças, mesmo profundas; e não se deve pensar que a representação das línguas em letras, em *tengwar*, não passou pelo mesmo processo.

É preciso acrescentar que o método de trabalho característico de meu pai — inícios elaborados que se tornavam algo quase ilegível; manuscritos cobertos por camadas sucessivas de emendas — encontra aqui a sua expressão mais extrema; e também que os documentos filológicos foram deixados em absoluta desordem. Sem datações externas, a única maneira de determinar sequenciamento (à exceção do guia bastante geral e incerto da mudança de caligrafia) encontra-se nas evidências internas da própria filologia cambiante; e isso, por sua natureza, não fornece o tipo de pistas que conduzem através do labirinto dos textos literários. As pistas que esse processo fornece são muito mais elusivas. Infelizmente, também é verdade que aqui a caligrafia apressada e letras malformadas são muito mais destrutivas; e creio que boa parte dos escritos filológicos tardios de meu pai seja estritamente inutilizável.

Ver-se-á então que o componente filológico na evolução da Terra-média mal pode ser analisado, e certamente não pode ser apresentado, como o podem os textos literários. Seja como for, meu

pai talvez estivesse mais interessado nos processos de mudança do que em mostrar a estrutura e o uso das línguas em algum período específico — embora isso sem dúvida deva-se em certa medida ao fato de que ele com frequência recomeçava desde o início com os sons primordiais dos idiomas quendianos, embarcando em um projeto grandioso que não podia ser mantido (de fato, parece que a própria tentativa de escrever um relato definitivo acarretava numa insatisfação imediata e no desejo por novas construções: assim, os manuscritos mais belos eram logo tratados com desdém).

Talvez mais surpreendente seja o fato de que ele pouco se preocupava em criar vocabulários abrangentes para as línguas élficas. Ele jamais tornou a fazer algo similar ao copioso pequeno "dicionário" da língua gnômica original que usei para os apêndices de *O Livro dos Contos Perdidos*. É possível que tal empreitada fosse sempre postergada até o dia, que jamais chegaria, em que uma finalidade suficiente tivesse sido alcançada; entrementes, para ele essa não era uma necessidade primordial. Afinal, ele não "inventava" novos nomes e palavras arbitrariamente: em princípio, ele os elaborava a partir do interior da estrutura histórica, prosseguindo desde as "bases" ou radicais primitivos, acrescentando sufixos ou prefixos ou formando palavras compostas, decidindo (ou, como ele teria dito, "descobrindo") quando a palavra entrou na língua, aplicando as mudanças regulares de forma pelas quais ela teria passado, e observando as possibilidades de influências formais ou semânticas de outras palavras no curso de sua história. Tal palavra passava então a existir para ele, e ele a conhecia. Conforme todo o sistema evoluía e se expandia, as possibilidades para palavras e nomes tornavam-se cada vez maiores.

O mais próximo que ele chegou de um relato prolongado de vocabulário élfico não se encontra na forma de um dicionário no sentido comum (nem fora pretendido para servir como um), mas na de um dicionário etimológico de relações entre palavras: uma lista em ordem alfabética de radicais primários, ou "bases", com seus derivados (seguindo-se assim diretamente em forma ao "Léxico Qenya" original, que descrevi em I. 297). É essa obra que está incluída aqui. Meu pai escreveu extensamente acerca da teoria de

sundokarme ou “estrutura de base” (ver SUD e KAR nas *Etimologias*), mas, como tudo o mais, essa teoria com frequência passou por elaborações e alterações, e não tentarei apresentá-la aqui. Meu objetivo ao fornecer as *Etimologias*[a] neste livro é antes como uma indicação do desenvolvimento, e o modo de desenvolvimento, dos vocabulários das línguas élficas nesse período, do que como um primeiro passo na elucidação da história linguística; e também porque esse material forma um acompanhamento instrutivo às obras narrativas desse período.

É um documento notável, que deve ser considerado entre os mais difíceis de todos os papéis que contêm materiais singulares deixados por meu pai. As dificuldades inerentes do texto são aumentadas pela péssima condição do manuscrito, que na maior parte de sua extensão encontra-se gasto, rasgado, amassado nos cantos e descolorido (boa parte do que foi escrito levemente a lápis agora mal está visível e é extremamente difícil de se decifrar). Em algumas seções, o labirinto de formas e cancelamentos é tão denso, e na maior parte escrito tão rapidamente, que não é possível se ter certeza de qual era a intenção final de meu pai: nessas partes ele estava elaborando ligações e derivações potenciais na hora, e de modo algum registrando histórias já determinadas. Há muitos caminhos pelos quais um nome pode ter evoluído, e o sistema etimológico inteiro era uma como um caleidoscópio, pois era provável que uma decisão num lugar desencadeasse efeitos inquietantes em relações etimológicas entre grupos de palavras bastante distintos. Ademais, a complexidade estava embutida (por assim dizer), pois a própria natureza das “bases” colocava palavras em rotas de colisão fonética desde as suas origens.

Entretanto, a obra varia bastante entre as suas seções (que são os grupos de radicais-base que começam pela mesma letra). As piores partes, tanto em condição física como na desorganização do conteúdo, são as letras centrais do alfabeto, começando com E. À medida que o texto prossegue, a quantidade de alterações e acréscimos subsequentes, e a confusão resultante, diminui, e, ao se chegar em P e R, as etimologias, embora descuidadas e apressadas, estão mais em ordem. Com esses grupos, meu pai começou a usar

folhas de papel menores, que se encontram mais bem preservadas, e, partir de S até o fim, o material não apresenta sérias dificuldades, e a seção final (W) foi escrita de maneira bastante legível à tinta (neste livro, a última seção é Y, mas não era assim no original: ver p. 416). Esses verbetes relativamente claros e organizados encontram-se também nos radicais-A, enquanto os radicais-B são distintos de todo o resto por terem sido escritos como um manuscrito muito acabado e realmente belo. Os verbetes em D são de duas formas: material muito descuidado que foi parcialmente escrito por cima à tinta de maneira mais legível, e então uma segunda versão mais clara e organizada nas folhas menores.

Não fui capaz de chegar a qualquer interpretação segura para tudo isso, ou de encontrar uma explicação que satisfaça todas as condições detalhadamente. De modo geral, estou inclinado a pensar que a explicação mais simples muito provavelmente esteja correta em essência. Tenho poucas dúvidas de que o dicionário foi composto progressivamente, através das letras do alfabeto de forma sucessiva; e é possível que a própria criação de um dicionário assim tenha levado a uma maior exatidão em todo o sistema etimológico, e a uma maior clareza e certeza em seu estabelecimento, à medida que a obra prosseguia — mas isso também ocasionou muitas mudanças nas partes mais antigas. Ao chegar ao final do alfabeto, meu pai então voltou ao início, com a intenção de organizar melhor as seções que haviam sido criadas primeiro e que haviam sofrido as maiores alterações; mas esse impulso esgotou-se após os primeiros verbetes em D. Se isso de fato ocorreu, os verbetes A e B originais foram subsequentemente destruídos ou perdidos, enquanto no caso de D ambos sobrevivem (e é notável que a segunda versão dos verbetes D difere da anterior principalmente na organização e não em desenvolvimentos etimológicos adicionais).

Passando agora para a questão da datação, apresento alguns exemplos característicos das evidências nas quais creio que conclusões firmes podem ser baseadas.

O verbete original ELED fornecia o significado do radical como "partir, ir embora", com um derivado *Elda* "aquele que partiu". Uma vez que essa era a interpretação de *Eldar* em *Lhammas* §2 e em QS

§23 conforme essas obras foram originalmente escritas, e aparece pela primeira vez nelas, os verbetes originais em E claramente pertencem a essa época. Essa interpretação foi substituída no *Lhammas* e no QS por emendas feitas com cuidado que mudaram o significado para "Povo-das-estrelas", e introduziram o termo *Avari*, com o significado de "Os Que Partem". Agora o significado "Povo-das-estrelas" aparece em um segundo verbete ELED, em substituição ao primeiro (e tudo indica que foi escrito pouco tempo depois); enquanto o radical AB, ABAR possuía, como escrito inicialmente, o significado "partir, ir embora", e o derivado *Avari* foi definido como "Elfos que deixaram a Terra-média". Assim, os verbetes A originais e pelo menos algumas das alterações em E pertencem à fase das alterações mais antigas do QS.

No QS, o significado de *Avari* foi então alterado para "os Indesejosos" (ver p. 260), e, na mesma época, o significado-raiz de AB, ABAR nas *Etimologias* foi alterado para "recusar, negar", e a interpretação de *Avari* para "Elfos que jamais deixaram a Terra-média ou iniciaram a marcha". Essa mudança pode ser datada da nota de 20 de novembro de 1937 (apresentada na p. 236), na qual meu pai disse que *Avari* deveria substituir *Lembi* como o nome dos Elfos que permaneceram no Leste, enquanto *Lembi* viriam a ser "Teleri ilkorin", isto é, os Eldar que permaneceram em Beleriand (ver QS §§29–30 e p. 260). Essas mudanças foram incorporadas ao texto datilografado do QS, que parecia já existir no início de fevereiro de 1938 (p. 237). (O verbete adicional LEB, LEM mostra esse desenvolvimento, visto que *Lembi* é traduzido lá como "Elfos que ficaram para trás = Ilkorins telerin".)

Na nota datada de 3 de fevereiro de 1938 (p. 237), meu pai disse que, enquanto *Tintallë* "Inflamadora" podia permanecer como um nome de Varda, *Tinwerontar* "Rainha das Estrelas" devia ser alterado para *Elentári*, porque "*tinwë* apenas em qenya = centelha (*tinta-* inflamar, acender)". No verbete TIN, os nomes *Tinwetar* e *Tinwerontar* de Varda foram riscados do material original, e na margem foi escrito: "*Tintanië*, *Tintallë* Inflamadora = Varda; qen. *tinta-* inflamar, acender, faiscar". Portanto, os verbetes T originais podem ser datados de antes de fevereiro de 1938.

No verbete do radical MEN aparece a forma *harmen* “sul”, que não foi subsequentemente alterada, e mais uma vez no verbete (adicional) KHAR, mas nesse caso o radical-base foi posteriormente alterado para KHYAR e *harmen* para *hyarmen.* A inserção de *y* nessa palavra foi uma das alterações necessárias na nota de 20 de novembro de 1937.

Ao reunir essas e diversas outras evidências similares, parece-me claro que, apesar de sua aparência muito variegada, as *Etimologias* não se estenderam por um período longo, sendo antes contemporâneas ao QS; e que alguns dos acréscimos e correções podem ser datados com segurança ao final de 1937 e ao início de 1938, a época do abandono do QS e do início de *O Senhor dos Anéis*. Por quanto tempo mais meu pai manteve a obra em existência com acréscimos e melhorias adicionais é uma outra questão, mas aqui também creio que é possível dar uma resposta que seja suficiente para o propósito da discussão. Ela se encontra nas observações de que há relativamente poucos nomes que pertencem especificamente a *O Senhor dos Anéis*; que todos eles são claramente acréscimos a verbetes existentes ou que introduzem radicais-base adicionais; que quase todos foram inseridos muito rapidamente, meros memorandos, e não foram de fato acomodados ou explicados em relação aos radicais-base; e que a grande maioria é originária da parte inicial de *O Senhor dos Anéis* — antes do rompimento da sociedade. Assim, encontramos, por exemplo, *Baranduin* (BARÁN); o imperativo *daro!* “parem!” (DAR; essa foi a ordem da sentinela à Comitiva do Anel nas fronteiras de Lothlórien); *Azevim* acrescentado a ERÉK; o acréscimo rabiscado de uma base ETER com o imperativo *edro!* “abra!” (a palavra gritada por Gandalf diante das Portas de Moria); *Celebrimbor* (KWAR); *Caradras* (RAS; em substituição no rascunho original do capítulo *O Anel Vai para Sul* ao nome *Taragaer*, ele próprio encontrado nas *Etimologias* na base acrescentada TARÁK); *Celebrant* (RAT); *Imladris* (RIS). As palavras *caras* (KAR) e *naith* (SNAS), ambas acréscimos, provavelmente sustentam a existência de *Caras Galadon* e do *Naith* de Lothlórien, e a palavra acrescentada *rhandir* “peregrino” em RAN, unida à palavra acrescentada *mith* “cinza, cinzento” em mith, produz *Mithrandir*.

Casos claros de nomes de partes posteriores de *O Senhor dos Anéis* de fato ocorrem (como *Palantir* em PAL e TIR, *Dolbaran* em BARÁN), mas são muito poucos.

Concluo, portanto, que, embora meu pai por mais dois ou três anos tenha inserido verbetes inconstantes nas *Etimologias* à medida que novos nomes surgiam em *O Senhor dos Anéis*, ele acabou deixando essa prática de lado conforme a nova obra avançava; e que as *Etimologias*, como apresentadas aqui, ilustram o desenvolvimento dos léxicos quenya e noldorin (posteriormente > sindarin) no período decisivo alcançado neste livro, e de fato fornecem um ponto de vista notável.

As *Etimologias*, então, refletem a situação linguística em Beleriand concebida no *Lhammas* (ver especialmente a terceira versão, *Lammasethen*, pp. 229–30), com o noldorin inteiramente preservado como a língua dos eLivross, apesar de profundamente modificado em relação à sua forma valinoriana e de possuir relações complexas com o "beleriândico" (ilkorin) no que diz respeito a nomes, especialmente na fala de Doriath. Posteriormente, meu pai desenvolveu o conceito de uma espécie de amalgamação entre o noldorin e a fala nativa de Beleriand, embora no fim tenha surgido a situação descrita em *O Silmarillion* (p. 185): os Noldor abandonaram a sua própria fala e adotaram a dos Elfos de Beleriand (o sindarin). Essa reforma foi tão extensa que as próprias estruturas linguísticas pré-existentes foram movidas para novas relações históricas e receberam novos nomes; mas não há necessidade de se entrar aqui nesse território por demais desconcertante.

A apresentação de um texto como este obviamente não pode ser exata: nas partes mais caóticas, uma medida de interpretação pessoal do que foi pretendido é de todo inevitável. Seja como for, há uma muitas inconsistências de detalhes entre as diferentes partes do manuscrito — por exemplo, no uso de sinais para indicar o comprimento de vogais, que varia de forma incessante entre acento agudo, mácron (marca longa) e circunflexo. Apenas "padronizei" os verbetes de uma maneira bastante limitada, e somente onde me senti seguro de que corria pouco risco de interpretar mal a intenção

original. Em particular, nada fiz para harmonizar formas divergentes, como entre uma parte das *Etimologias* e outra, por compreender que a evolução das "bases" e das palavras derivadas é uma parte essencial da história; e, de fato, nas partes mais complexas do manuscrito (iniciais E, G, K) tentei distinguir as diferentes "camadas" de acumulações e alterações, embora em outras lugares eu tenha sido bastante seletivo ao indicar acréscimos à lista original. "Padronizei" os verbetes ao apresentar as "bases" sempre em maiúsculas, e ao usar o acento agudo para indicar vogais longas em todas as formas "registradas" (em vez de formas antecedentes "hipotéticas"), com o circunflexo para vogais longas em sílabas finais enfatizadas no noldorin exílico e no ilkorin, como foi feito em grande medida no original. Uso *y* no lugar *j* do original por todo o texto (por ex., KUY, DYEL em vez de KUJ, DJEL), uma vez que é menos confuso e essa foi a prática de meu pai em outros lugares (vista aqui e ali nas *Etimologias*); os radicais com J inicial, ao se tornarem Y, foram deslocados de seu lugar original antes de K para o final da lista. Grafei a nasal velar (como na palavra inglesa *king*) com um *til (ñ), mais uma vez seguindo a prática frequente de meu pai, embora* nas *Etimologias* ele tenha usado formas especiais da letra *n*. Suas abreviações gramaticais foram mantidas, da seguinte maneira:

adj. adjetivo
adv. advérbio
comp. palavra composta
f. feminino
gen. sing. genitivo singular
inf. infinitivo
intr. intransitivo
m. masculino
pret. pretérito
pl. plural
part. pass. particípio passado
prep. preposição
q.v. quod vide, "o qual se veja"
sing. singular

tr. transitivo

O símbolo † significa "poético ou arcaico". As abreviações usadas para as diferentes línguas são as seguintes (o manuscrito não é acompanhado por uma lista explanatória delas):

dan. daniano
dori. doriathrin
eld. eldarin
nold. exíl. noldorin exílico (também mencionado como "exílico", mas com maior frequência simplesmente como nold.)
ilk. ilkorin
lind. lindarin
nold. noldorin
nold. ant. noldorin antigo (isto é, a *korolambë* ou *kornoldorin*, ver *Lhammas* §5)
oss. ossiriandeb (o nome no *Lhammas*, onde, entretanto, encontra-se também a forma *ossiriândico*)
quend. prim. quendiano primitivo
tele. telerin

Um asterisco prefixado a uma forma significa que ela é "hipotética", cuja existência é inferida de formas tardias registradas.

Minhas próprias contribuições estão sempre entre colchetes. Um ponto de interrogação dentro desses colchetes indica dúvida quanto à precisão de minha leitura, mas em outros casos é original. Onde considerei palavras totalmente ilegíveis ou sobre as quais não posso fazer mais do que aventar uma suposição (uma proporção muito pequena do todo, na verdade), em geral as omiti sem comentários, e fiz o mesmo com anotações dispersas onde nenhum significado está ligado a formas, ou onde nenhuma ligação pode ser fornecida. Mantive as minhas próprias notas ao mínimo e, em particular, em grande parte evitei a tentação de discutir as etimologias com relação a formas élficas mais antigas e tardias publicadas em outros lugares. Por outro lado, embora meu pai tenha inserido muitas referências internas a outros radicais, aumentei substancialmente a quantidade

dessas (as de minha autoria estão entre colchetes), uma vez que com frequência é difícil encontrar um elemento após este ter sido muito alterado desde a sua "base" essencial. O Índice Remissivo neste livro foi elaborado de modo a auxiliar na procura de elementos de nomes que aparecem nas *Etimologias*.

A

AB-, ABAR- recusar, negar, **ábār* recusador, alguém que não parte: qen. *Avar* (ou *Avaro*), pl. *Avari* = Elfos que nunca jamais deixaram a Terra-média iniciaram a marcha; nold. *Afor,* pl. *Efuir*, *Efyr* (nold. ant. *abóro.*) Cf. AWA.

[Esse verbete, como escrito inicialmente, dava o significado-raiz como "ir embora, partir", traduzia **ábār* como "partidor, alguém que parte" e definia *Avari* como "Elfos que deixaram a Terra-média" (ver p. 414). Um verbete adicional parece levar em conta ambos os desenvolvimentos a partir do significado-raiz: "AB- retirar-se, recuar, recusar".]

AD- entrada, portão, **adnō*: qen. *ando* portão; nold. *annon*, pl. *ennyn* grande portão, quen. *andon* (pl. *andondi*).

AIWĒ- (pequeno) pássaro, (pequena) ave. Qen. *aiwe,* nold. *aew.* Cf. *Aiwenor* "Terra-das-aves" = ar inferior. [Quanto a *Aiwenor(ë)*, ver o *Ambarkanta* e diagramas, IV. 280 etc.]

AK- estreito, confinado. **akr***ā*: qen. *arka* estreito; nold. *agr, agor*. Cf. nold. *Aglond*, *Aglon* desfiladeiro, passar entre muralhas altas, também como nome próprio; cf. *lond*, *lonn* caminho [LOD]. Qen. *aksa* caminho estreito, ravina.

AKLA-**R**- Ver KAL. Qen. *alka* raio de luz; *alkar* ou *alkare* radiância, brilho; *alkarinqa* radiante, glorioso. Nold. *aglar* glória, *aglareb* glorioso.

ÁLAK- mover-se rápido. **ál**ā*k*ō movimento rápido, voo apressado, vento violento: nold. *alag* precipitado, impetuoso; *alagos* vendaval. Cf. *Anc-alagon* nome de dragão [NAK]. Relacionado a LAK[2.]

**alk-w*ā cisne: qen. *alqa*; tele. *alpa*; nold. ant. *alpha*; nold. *alf*; ilk. *alch*; dan. *ealc*. Cf. *Alqalonde* Estrada-dos-cisnes ou

Porto-cisne, cidade dos Teleri [LOD].

ÁLAM- olmo. Qen. *alalme*, também *lalme*; nold. *lalf (lelf)* ou *lalven,* pl. *lelvin*; ilk. *lalm,* pl. *lelmin*; dan. *alm*. O radical talvez seja LÁLAM, q.v., mas alguns afirmam que seja relacionado a ALA, uma vez que o olmo era considerado abençoado e era amado pelos Eldar. [O final desse verbete, desde "mas alguns afirmam", foi um acréscimo. Provavelmente na mesma época um radical AL- foi acrescentado, com os derivados *alma* "boa sorte", *alya* "rico", etc.; mas esse verbete foi riscado. As mesmas palavras derivadas encontram-se em GALA.]

ÁLAT- grande (em tamanho). Qen. *alta […] alat-* como em *Alataire* = *Belegoer* [AY].

AM[1]- mãe. Qen. *amil* ou *amme* **mãe; ilk.** *aman*, pl. *emuin*. (O nold. usa uma palavra diferente, *naneth*, hipocorístico [forma carinhosa] *nana* [NAN]).

AM[2]- acima, em cima: geralmente na forma *amba-*. Qen. prefixo *am-* acima; *amba* adv. acima, para cima; *amban* inclinação ascendente, ladeira, encosta; *ambapenda*, *ampenda* ascendente, íngreme (adj.); ver PEN. Nold. *am* acima; *am-bend*, *amben* ascendente, íngreme; *amon* colina, pl. *emuin*, *emyn; am-rûn* subida, nascer do sol, Oriente = qen. *ambaron* (gen. sing. *ambarónen*) ou *Ambaróne.*

ANA[1]- Cf. NA[1]. Para, em direção a. **anta-* presentear, dar: qen. *anta-* dar; *anna* presente, dádiva; *ante* (f.), *anto* (m.) doador, provedor. Cf. *Yav-anna* [YAB]; *Aryante* [AR[1]]. Nold. *anno* dar; *ant* presente, dádiva. [Acrescentado:] qen. *anta* rosto, face.

ANA[2]- Cf. NA[2]. ser, existir. [Acrescentado:] *anwa* real, efetivo, verdadeiro.

ANAD-, ANDA- **andā* longo: qen. *anda*; nold. *and*, *ann*. Cf. os nomes *Andram* muralha-longa [RAMBĀ], *Andfang*, *Anfang* Barba-longa, uma das tribos dos Anãos (pl. *Enfeng*) [SPÁNAG].

ÁNAK- Cf. NAK morder. Qen. *anca* mandíbula; nold. *anc*; cf. *Ancalagon* [ÁLAK].

ANÁR- sol; derivado de NAR[1]. **anār-*: qen. *Anar* sol; EN *Anor.*

ANGĀ- ferro. Qen. *anga*; nold. *ang*. Qen. *angaina* de ferro; nold. *angren*, pl. *engrin*.

ANGWA- ou **ANGU**- cobra. Qen. *ango*, pl. *angwi*; nold. *am*- em *amlug* dragão: ver LOK.

AP- *apsa* comida cozida, carne. Nold. *aes*; ilk. *ass*.

AR[1]- dia. **ari*: qen. *are*, pl. *ari*; nold. *ar*- apenas em nomes de dias da semana, como *Arvanwe* [ver LEP]. Cf. o nome *Aryante* O Que Traz o Dia [ANA[1]], nold. *Eriant*. Qen. *arin* manhã, *arinya* matutino, cedo; *arie* (período do) dia; ára aurora, amanhecer; *Arien* a Donzela-do-Sol. Nold. *aur* dia, manhã; *arad* (período do) dia, um dia (= qen. *arya* doze horas, dia).

AR[2]- qen. *ara* do lado de fora, ao lado; também o prefixo *ar*- como em *Arvalin* (= fora de Valinor). Em qen. o sentido é puramente local. Da mesma forma em ilkorin, cf. *Argad* local "fora da cerca", ou *Argador* (no dialeto falathrin, *Ariad*, *Ariador*) terras fora de Doriath (em ilkorin, *Eglador*), especialmente aplicado a Beleriand Oeste, onde vivia uma quantidade considerável de Elfos-escuros. Em nold., *ar*- desenvolveu um sentido de privação (como *sem*), provavelmente ao ser combinado com **al*, que se encontra preservado apenas em *Alchoron* = qen. *Ilkorin* [LA]. Assim, *arnediad* sem conta = incontável [NOT]. Nesse sentido o qen. usa *ava*-, como *avanóte* (ver AWA). Daí o qen. *ar* e.

ÁS-**AT**- qen. *asto* poeira, pó; nold. *ast*.

ATA- pai. Quend. prim. **atū*, **atar*: qen. *atar*, pl. *atari*; hipocorístico *atto*. Nold. *adar*, pl. *edeir*, *eder*; *ada*. Cf. *Ilúv-atar*. Ilk. *adar*, pl. *edrin*; *adda*.

AT(AT)- de novo, de volta. Qen. *ata* de novo, *ata*-, *at*- de volta, de novo, re-; nold. *ad*. Cf. TAT, ATTA = dois; qen. *atta* dois, nold. *tad*. O prefixo nold. *ath*- em ambos os lados, através de, provavelmente é relacionado; *athrad* vau, travessia (ver RAT). Ilk. *adu*, *ado* duplo; cf. *Adurant*, um rio em Ossiriand que é em parte de seu curso possui correntes divididas. [Ilk. *adu*, *ado* "duplo" e a explicação de *Adurant* foram um acréscimo; aqui se vê a concepção da ilha de Tol-galen (ver o comentário a QS §114). Outros acréscimos feitos em épocas diferentes a esse verbete foram o qen. *atwa* duplo e o nold. *eden* novo, recomeçado.]

AWA- ausente, (para) fora. Qen. *ava* fora; *Avakúma* [KUM] Vazio Exterior além do Mundo; *au*-, *ava*- prefixo de privação = nold. *ar*

(ver AR[2]), como *avanóte* sem número, incontável [NOT]. [Acrescentado:] *Avalóna*, cf. *lóna* [LONO].

AY- **ai-lin-* lagoa, lago: qen. *ailin* (gen. sing. *ailinen*); nold. *oel*, pl. *oelin*; cf. *Oelinuial* Lagoas do Crepúsculo [LIN[1]; YŪ, KAL].

AYAR-, **AIR**- mar, usado somente para os mares internos da Terra-média. Qen. *ear* (*earen*) e *aire* (*airen*); nold. *oear*, *oer*. Cf. *Earráme*, um nome qen. = Asas do Mar, nome do navio de Tuor. *Belegoer* "grande mar", nome do Oceano do Oeste entre Beleriand e Valinor, qen. *Alataire* (ver ÁLAT).

AYAK- afiado, aguçado, pontudo. Qen. *aika* afiado, *aikale* um pico; nold. *oeg* afiado, pontudo, agudo, *oegas* (= qen. *aikasse*) pico de montanha. Cf. nold. *Oeges engrin* Picos de Ferro, *oeglir* cadeira de picos de montanhas. ?Relacionado ao qen. *aiqa* íngreme, cf. ilk. *taig* fundo (combinado com *tára*, ver TĀ).

AYAN- Ver YAN. **ayan-* sagrado, sacro: qen. *Ainu*, f. *Aini*, sacro, espírito angélico; *aina* sagrado, sacro; *Ainulindale* Música dos Ainur, Canção da Criação.

B

[Quanto ao manuscrito distintivo dos verbetes B, ver p. 412. Os seguintes verbetes foram acrescentados a lápis: BAD, BARÁN, BARAT, BARATH, BEN, e na mesma época certas mudanças foram feitas em verbetes existentes. Nessa seção apresento os verbetes originais como foram escritos, e menciono as alterações.]

BAD- **bad-* julgar. Cf. MBAD. Não está presente em qen. Nold. *bauð* (*bād-*) julgamento; *badhor*, *baðron* juiz. [Acréscimo a lápis.]

BAL- **bálā*: Q *Vala* Poder, Deus (pl. *Valar* ou *Vali* = quend. prim. **bal-ī*, formado diretamente do radical, cf. *Valinor*); não há uma forma f. especial, onde necessário, o comp. *Valatári* "Rainha-Vala" é usado, f. de *Valatar* (gen. sing. *Valatáren*) "Rei-Vala", aplicado somente aos nove Valar principais: Manwe, Ulmo, Aule, Mandos, Lorien, Tulkas, Osse, Orome e Melko. As *Valatári* eram Varda, Yavanna, Nienna, Vana, Vaire, Este, Nessa e Uinen. Tele. *Bala*. Nold. ant. *Bala*, e *Balano* m., *Balane* f.; nold. exíl. *Balan*

m. e f., pl. *Belein*, *Belen*. Em ilk., *tórin* “reis” era usado, ou o comp. *Balthor*, *Balthorin* (**bal’tar-*).

Qen. *valya* possuidor de autoridade ou poder (divino); *valaina* dos ou pertencente aos Valar, divino; *valasse* divindade. Qen. *Valinor*, para **bálī-nd* *re,* reformado segundo a palavra simples *nóre* “terra”, também na forma *Valinóre*, terra dos Deuses no Oeste; nold. ant. *Balandor* (**bala-ndore*), nold. exíl. *Balannor*. Cf. também o nold. ant. *Balthil*, um dos nomes da Árvore Branca de Valinor, geralmente chamada em qen. *Silpion*; nold. exíl. *Belthil*, mas esse nome em geral era aplicado à imagem da árvore divina feita em Gondolin, e a árvore em si era chamada *Galathilion*. De provável relação é o nome *Balar* da grande ilha na foz do Sirion, onde os Ilkorins que se recusaram a ir para o Oeste com Ulmo longamente habitaram; com base nessa palavra deram a *Beleriand* seu nome, região esta que colonizaram a partir da ilha na era sombria. *Balar* provavelmente vem de **bálāre*, e assim era chamada porque ali Ossë visitava os Teleri que aguardavam. [A explicação de *Balar*, *Beleriand* apresentada aqui não está necessariamente em desacordo com história contada em QS §35 de que a Ilha de Balar era “o cabo leste da Ilha Solitária, que se quebrou em dois e parte dele ficou para trás, quando Ulmo tornou a levar aquela terra para o Oeste”; mas mal pode ser deixada de acordo com a história (QS §36) de que “os Teleri habitaram por muito tempo junto às costas do mar do oeste, à espera do retorno de Ulmo” e de que Ossë instruiu os Teleri que aguardavam “sentado numa rocha perto da margem do mar”. Ademais, a “colonização” de Beleriand a partir de Balar parece não levar em consideração Thingol e aqueles de seu povo “que não partiram porque se demoraram à procura de Thingol nas matas”: “e esses se multiplicaram e, no entanto, a princípio encontravam-se espalhados por toda parte entre Eredlindon e o mar” (*Lhammas* §6). Deve ter havido um significado maior do que simplesmente que os Elfos de Balar se mudaram para o continente, pois essa “colonização” a partir de Balar torna-se aqui a própria base do nome *Beleriand*.]

BAN- **bánā*: qen. *Vana* nome da Vala, esposa de Orome, e irmã de Varda e Yavanna; nold. ant. e tele. *Bana*; em nold. ant. também chamada *Bana-wende*, daí o nold. exíl. *Banwend*, *Banwen* (ver WEN). **bányā*: qen. *vanya* belo, lindo; nold. exíl. *bein*. Cf. qen. *vanima* belo; *Vanimo*, pl. *Vanimor* "os belos", filhos dos Valar; Úvanimo monstro (criatura de Melko); nold. exíl. úan (* *ú̇banō*) monstro; *uanui* monstruoso, hediondo.

BAR- Significado original provavelmente "erguer"; cf. BARÁD, MBAR. Daí levantar, salvar, resgatar(?). **barn ȧ* : qen. *varna* salvo, protegido, seguro; [riscado: *varne* proteção;] *varnasse* segurança. **bary ȧ* -: qen. *varya*- proteger; nold. exíl. *berio* proteger. [A remoção de *varne* "proteção" deveu-se ao surgimento de BARAN "marrom, castanho" com o derivado qen. *varne* "marrom, castanho".]

BARÁD- [Acrescentado: é combinado com BARATH, q.v.] **barádā* elevado, sublime: [acrescentado: nold. ant. *barada*, nold. exíl. *baradh*, acentuado;] qen. *Varda*, principal das Valatári, esposa de Manwe; tele. *Barada* [> *Baradis*]. [Riscado: nold. ant. *Bradil*, nold. exíl. *Breðil* (**b'radil*-).] **b'randā* elevado, nobre, eminente: tele. *branda*; nold. ant. *branda*, nold. exíl. *brand*, *brann* (daí *brannon* senhor, *brennil* senhora); cf. nome *Brandir* (*brand-dīr*: ver DER).

BARÁN- qen. *varne* (*varni*-) castanho, marrom, moreno, castanho-escuro. Nold. ant. *barane*, nold. exíl. *baran*. Cf. nome de rio *Baranduin*, *Branduin*. *Dolbaran*. [Acréscimo a lápis. Quanto a *Dolbaran* (provavelmente um outro acréscimo), ver p. 415]

BARÁS- Radical encontrado apenas em noldorin: **baras ȧ* quente, ardente: nold. ant. *barasa*, *baraha*; nold. exíl. *bara* inflamado, chamejante, também ávido; frequente em nomes masculinos como *Baragund*, *Barahir* [KHER], etc. **b'rás-sē* calor: nold. ant. *brasse*, incandescência, nold. exíl. *brass:* daí *brassen* incandescente.

BARAT- nold. *barad* torre, fortaleza. [Acréscimo a lápis.]

BARATH- Provavelmente relacionado a BAR e BARÁD. **Barathī* esposa de Manwe, Rainha das Estrelas: nold. ant. *Barathi(l)*;

nold. exíl. *Berethil* e *El-bereth*. Qen. *Varda*, tele. *Baradis* mostram influência de *barádā* elevado. [Acréscimo a lápis. A aplicação do nome *Elbereth* a Varda parece ter surgido no hino dos Elfos à Deusa no segundo capítulo original (*Três não é Demais*) de *O Senhor dos Anéis*, escrito no início de 1938 (onde em rascunhos da canção o nome aparece como *Elberil*). Concomitante a isso, os nomes ilkorin *Elbereth* (de significado diferente) e *Elboron* foram removidos dos verbetes originais BER e BOR. Esses eram os nomes dos filhos de Dior no AB 1 e 2 (anal 206/306), substituídos no AB 2 (nota 42) por *Eldûn* e *Elrûn* (que também foram acrescentados a Q §14); *Elrûn* aparece nas *Etimologias* em um acréscimo ao radical RŌ.]

BAT- andar, caminhar. **bát* *a*̌ : nold. ant. *bata* caminho trilhado, vereda, senda; nold. exíl. *bâd*. **batt* *a*́ - (com a consoante média alongada em uma formação frequentativa): nold. ant. *batth*ő- pisar (com força), nold. exíl. *batho*. Nold. ant. *tre-batie* atraversar, percorrer, nold. exíl. *trevedi* (pret. *trevant)* [ver TER]. Cf. qen. *vanta*- caminhar, *vanta* uma caminhada.

BEL- forte. Cf. BAL(?). Radical não encontrado em qen. Tele. *belle* força (física); *belda* forte. Ilk. *bel* (**bel*ē) força; *Beleg* o Forte, nome do arqueiro ilkorin de Doriath. **bélek*: **bélekā*: nold. ant. *beleka* poderoso, imenso, grande; nold. exíl. *beleg* grande (n.b. essa palavra é distinta em forma, embora seja relacionada, ao nome ilk. *Beleg*); cf. nold. exíl. *Beleg-ol* [GAWA] = qen. Aule; *Belegoer* Grande Mar [AY], nome do mar entre a Terra-média e o Oeste; *Belegost* Grande Cidade [OS], nome de uma das principais localidades dos Anãos. Tele. *belka* "excessivo" possivelmente vem do nold. ant.; nold. ant. *belda* forte, *belle* força (nold. exíl. *belt* forte de corpo, *bellas* força corporal) possivelmente vêm do tele. Cf. nom*e Belthronding* do arco de teixo de Beleg: ver STAR, DING.

BEN- canto (de dentro), ângulo. Nold. *bennas* ângulo [NAS]. [Acréscimo a lápis.]

BER- valente. **bérya*-: qen. *verya*- ousar; *verya* ousado, destemido; *verie* ousadia, audácia. Nold. ant. *berina* ousado, corajoso;

bértha- ousar, ser ousado; nold. exíl. *beren* ousado, *bertho* ousar; cf. o nome próprio *Beren*. Ilk. *ber* homene valente, guerreiro (**berō*); *bereth* valor, bravura; [riscado: cf. nome ilk. *El-bereth*.] daniano *beorn* homem; provavelmente combinado com **besnō*: ver bes. [Quanto à remoção de *El-bereth*, ver BARATH.]

BERÉK- **berékā*: qen. *verka* indômito, selvagem; nold. exíl. *bregol* violento, repentino, cf. o nome próprio *Bregolas* ferocidade, impetuosidade; *breged* violência, subitaneidade, brusquidão; *breitho* (**b'rekta-*) irromper subitamente. Cf. *Dagor Vregedúr* [UR] Batalha do Fogo Repentino (nold. exíl. *bregedur* fogo incontrolável). [Ver MERÉK.]

BERÉTH- tele. *bredele* faia; ilk. *breth* (**b'rethā*) noz de faia, mas a faia era chamada *galbreth* [GALAD] na Falasse, e *neldor* em Doriath (ver NEL). A faia provavelmente em origem era chamada **phéren*, qen. *feren* ou *feme* (pl. *ferni*), nold. ant. *pheren*; mas em nold. exíl. *fêr* pl. *ferin* geralmente era substituído pelo ilk. *breth* bolota, noz, daí o nold. exíl. *brethil* faia; cf. *Brethiliand*, *-ian* "Floresta de Brethil" [ver PHER].

BES- casar. **besnō* esposo: qen. *verno*; nold. ant. *benno*, nold. exíl. *benn* homem, substituindo em uso comum a antiga palavra *dîr* (ver DER); *hervenn*, *herven* esposo (ver KHER). Ilk. *benn* esposo; daniano *beorn* homem, combinado com **ber(n)*ō: ver BER.

**bessē* esposa: qen. *vesse*; nold. ant. *besse*, nold. exíl. *bess* mulher, em substituição às antigas palavras *dî*, *dîs* (ver NĪ[1], NDIS); *herves* esposa (ver KHER). No f. a mudança de sentido em nold. ant. foi auxiliada provavelmente pela combinação com **dess* mulher jovem, moça, nold. ant. *dissa*.

**besū* dual, esposo e esposa, casal (de esposos): qen. *veru*. Cf. qen. *Arveruen* terceiro dia (da semana valinoriana de 5 dias) dedicada a Aule e Yavanna [LEP].

**bestā*: qen. *vesta* matrimônio; *vesta-* casar; *vestale* casamento.

BEW- seguir, servir. **beurō* seguidor, vassalo: nold. ant. *biuro*, *bioro*, nold. exíl *bior*, *beor*; cf. o nome próprio *Bëor*. **beuyā-* seguir, servir: nold. ant. *buióbe* servir, seguir, nold. exíl. *buio*

servir, ser fiel a. Tele. *búro* vassalo, *búa-* servir. [Quanto ao nome *Bëor*, ver o comentário a QS §128.]

BIRÍT- Radical encontrado apenas em ilkorin. **b'rittē*: ilk. *brith* pedras quebradas, cascalho. Cf. o nome de rio *Brithon* (donde *Brithombar* recebe seu nome) "seixoso". O exílico tardio *brith* cascalho vem do ilkorin.

BOR- (per)durar, suportar. Qen. *voro* sempre, continuamente; prefixo *vor*, *voro-* como em *voro-gandele* "harpejar numa mesma melodia", repetição contínua; *vorima* contínuo, repetido. **bóron-*: nold. ant. *boron* (pl. *boroni*) resoluto, homem de confiança, vassalo fiel; nold. exíl. *bór* e pl. *býr* para os mais antigos *berein*, *beren*; ilk. *boron*, pl. *burnin*. Cf. nomes nold. dados aos "Homens Fiéis": *Bór*, *Borthandos*, *Borlas*, *Boromir*. *Borthandos* = *Borth* (ver abaixo) [mas esse elemento não é mais mencionado] + *handos* (ver KHAN). *Borlas* = *Bór* + *glass* júbilo, alegria (ver GALÁS). *Boromir* é um antigo nome nold. de origem ancestral também usado por Gnomos: nold. ant. *Boronmíro*, *Boromíro*: ver MIR. [Riscado: "Cf. também o ilk. *boron* no nome dori. *El-boron*". Quanto à remoção de *El-boron*, ver BARATH.]

BORÓN- extensão do radical acima (originalmente uma forma verbal do radical visto em **bóron-* acima). Qen. *voronwa* duradouro; *voronwie* permanência, persistência, qualidade duradoura; cf. o nome *Voronwe* = nold. ant. *Bronwega*, nold. exíl. *Bronwe* [WEG]. Nold. ant. *bronie* durar, perdurar, permanecer, sobreviver; nold. exíl. *bronio* perdurar, *brono* durar, permanecer, sobreviver; *bronadui* duradouro. **b'rōnā*: nold. ant. *brūna* que perdurou por muito tempo, antigo (usado apenas para coisas, e a implicação é de que são antigas, mas não alteradas ou desgastadas); nold. exíl. *brûn* velho, antigo, que perdurou, ou foi estabelecido, ou tem estado em uso por muito tempo.

Brodda Nome de um homem em Hithlum. Ele não era de uma das raças de Amigos-dos-Elfos e seu nome, portanto, provavelmente não é nold. exíl. ou ilkorin.

BUD- projetar-se. Cf. MBUD.

D

[Uma lista muito descuidada a lápis foi na maior parte escrita por cima à tinta, e quase todos estes verbetes aparecem em uma segunda lista a lápis, e as diferenças entre as duas são principalmente uma questão de organização; ver p. 413.]

DAB- dar passagem, abrir espaço, permitir. Qen. *lav*- ceder, permitir, conceder. Nold. *dâf* permissão.

DAL- plano, chato (variante ou alteração de LAD). Qen. *lára* "plano, chato" pode derivar de **dāla* ou de **lāda*. Nold. exíl. *dalw* plano, chato; *dalath* superfície plana, plano, planície [ver TIR]. Nold. ant. *dalma* (provavelmente = *dal* + *m*ā mão) palma da mão; nold. exíl. *dalf*. Ilk. *dôl* plano, vale baixo.

DAN- Elemento encontrado em nomes dos Elfos-verdes, que chamavam a si mesmos de *Danas* (qen. *Nanar*, nold. *Danath*). Cf. *Dan*, *Denethor* e outros nomes. Ver NDAN?

DAR- ficar, esperar, parar, permanecer. Nold. *deri*, imperativo *daro!* pare; *dartha* esperar, ficar, durar.

DARÁK- **d'rāk*: qen. *ráka* lobo; nold. exíl. *draug*; dori. *drôg*.

DARÁM- bater, cortar. Nold. exíl. *dramb*, *dram(m)* uma pancada pesada, um golpe (por exemplo, de machado); *dravo* cortar (pret. *drammen*, †*dramp*); *drafn* tora cortada; *drambor* punho cerrado, daí golpe com punho (ver KWAR); *gondrafn*, *gondram* pedra talhada. [Cf. o nome do machado de Tuor nos *Contos Perdidos*: *Drambor*, *Dramborleg*; ver II. 406.]

DAT-, DANT- cair. Nold. exíl. *dad* para baixo, abaixo, cf. *dadben* descendente (ver PEN); *dath* (**dattā*) buraco, cova, qen. *latta*. Qen. *lanta* uma queda, *lanta*- cair; nold. *dant*- cair, *dannen* caído. Cf. *Atalante* "a Decaída", e *lasselanta* "queda-das-folhas", outono [ver TALÁT].

DAY- sombra. Qen. *leo* (**daio*) sombra lançada por qualquer objeto; *laime* sombra; *laira* sombreado. Nold. exíl. *dae* sombra; cf. *Daeðelos* = Sombra de Medo. Dori., ilk. *dair* sombra de árvores; cf. os nomes *Dairon* e *Nan-dairon*.

DEM- triste, melancólico. Ilk. *dimb* triste (cf. *Dimbar*); *dim* melancolia, tristeza (**dimbē*); *dem* triste, melancólico (**dimbā*).

DEN- buraco; fenda, brecha, passagem. Nold. *dîn* abertura, brecha, passo em montanhas, como em *Din-Caradras*, *Din-Dûhir*, etc. [Na primeira lista, DEN recebeu o significado "encosta, ladeira", daí o qen. *nende* ladeira, *nenda* inclinado; nold. *dend*, *denn*, inclinado, *dadðenn* descendente, *amdenn* ascendente, íngreme. Esse verbete foi riscado e o material, transformado e transferido para PEN (daí *dadbenn*, *ambenn*). Cf. AM^2; os verbetes A pertencem à segunda fase, posterior à primeira forma dos verbetes D (ver pp. 412–13)]

DER- adulto, homem (elfo, mortal ou de outra raça falante). Qen. *nér*, pl. *neri*, com o *n* em parte devido a NĪ, NIS mulher, em parte ao radical reforçado *ndere* noivo, nold. ant. *daer* [ver NDER]. Nold. ant. *dîr*, nold. exíl. † *dîr* preservado principalmente em nomes próprios (como *Diriel*, do mais antigo *Dirghel* [gyel], *Haldir*, *Brandir*) e como uma desinência agentiva (como *ceredir* fazedor, feitor). Devido à influência de *dîr* (e do reforçado *ndisi* noiva), o nold. segue o caminho oposto do qen. e possui *dî* mulher (ver NDIS). Em uso comum, o nold. exíl. possui *benn* (propriamente = esposo) [ver BES].

DIL- preencher, encher um buraco, etc. Nold. exí. *dîl* rolha, tampa, fechamento, enchimento, cf. *gasdil* tampão [GAS]; *dilio* tampar. [A palavra um tanto improvável *gasdil* é mencionada porque era o nome de um sinal usado para indicar que *g* havia desaparecido; ver pp. 356–57, nota sobre *Gorgoroth*.]

DING- Onomatopeico, var. de TING, TANG, q.v. Ilk. *ding*, *dang*, som; cf. o nome *Bel-thron(d)-ding* [BEL, STAR].

DOȝ, DÔ- qen. *ló* noite, uma noite; *lóme* Noite, (período da) noite, sombras da noite. Nold. ant. *dogme*, *dougme*, *doume*; nold. exíl. *daw* (período da) noite, treva; *dû* (associada com NDŪ) anoitecer, tarde da noite — em nold. exíl. noite, horas mortas é *fuin*; *Dú(w)ath* sombra-da-noite; *dûr* escuro, sombrio; cf. qen. *lóna* escuro. Ilk. *daum* = nold. *daw*. Cf. nold. *durion* um Elfo-escuro = *dureðel*. Qen. *lómelinde* rouxinol; nold. *dúlind*, *dúlin(n)*. Cf. *Del-du-thling* [DYEL, SLIG.]

DOMO- Possivelmente relacionado ao anterior (e certamente em alguns derivados combinado com ele); tênue, obscuro. **dōmi-* crepúsculo em qen. uniu-se a *doȝmē* de DOȝ em *lóme* noite. Ilk. *dûm* crepúsculo; qen. *tindóme* crepúsculo estrelado = ilk. *tindum* = nold. *tinnu* (ver TIN).

DÓRON- carvalho. Qen. *norno*; nold. *doron* (pl. *deren*); dori., ilk. *dorn*. Cf. qen. *lindornea* adj. com muitos carvalhos [LI].

DRING- Radical noldorin = bater, golpear. Nold. exíl. *dringo* bater. Cf. o nome de espada *Glamdring*. [Em *O Hobbit*, *Glamdring* é traduzida "Martelo-do-inimigo", chamada pelos Orques de "Batedora".]

DUB- jazer, oprimir, assomar, pairar de forma opressiva (usado para nuvens). Qen. *lumna* que oprime, penoso, opressivo, ominoso; *lumna-* oprimir. Nold. *dofn* soturno.

DUI- ilk. *duin* água, rio; cf. *Esgalduin*, cf. *duil* rio em *Duilwen*.

DUL- esconder, ocultar. Nold. *doelio*, *delio* e *doltha* ocultar, pret. †*daul,* part. pass. *dolen* ocultado, oculto, secreto. Cf. *Gondolind*, *-inn*, *-in* "coração de rocha oculta" [ver ID]. Há relação com **ndulna* secreto: qen. *nulla*, *nulda*; nold. *doll* (*dolt*) obscuro. Cf. o nome *Terendul*. [Ver NDUL, e quanto a *Terendul*, ver TER.]

DUN- escuro (de cor). Dori. *dunn* preto; dan. *dunna*; nold. *donn* moreno, tisnado. Cf. o topônimo *(Nan) Dungorthin* = nold. *Nan Don-goroth*, ou *Nann Orothvor* Vale do Horror Negro [ver ÑGOROTH], usado em Doriath.

DYEL- sentir medo e aversão; abominar. Nold. exíl. *delos*, *deloth* (provavelmente < *del* + *gos*, *goth*) aversão, repugnância, abominação, cf. *Dor-deloth* Terra Repugnante; *deleb* horrível, abominável, repugnante; *delw* odiodo, mortal, cruel; cf. *Daedhelos* Sombra de Abominação, *Deldú(w)ath* Sombra Mortal da Noite, um nome de Taur-na-Fuin, *Delduthling*, nome nold. de Ungoliantë [DAY, DOȝ]. Qen. *yelma* repugnante, *yelwa* repulsivo, *yelta-* repugnar.

E

[Os verbetes em E são particularmente confusos e difíceis. Um pequeno número de verbetes originais e claros foi em sua maioria riscado e as páginas cobertas por anotações leves a lápis que com frequência são difíceis de serem interpretadas.]

EK-, EKTE- lança. Qen. *ehte* lança, *ehtar* lanceiro. Nold. *aith* ponta-de-lança, *êg* espinho, cf. *Egthelion*, *Ecthelion* [STELEG]. [Esse verbete original foi mantido, com a alteração de EKTE para EKTI, qen. *ehtar* para *ehtyar*, e com os seguintes acréscimos:] [nold.] *ech* lança, qen. *ekko*. Cf. *Eg-nor*.

EL- estrela. qen. poético *él* estrela (*elen*). Dori. *el*; nold. apenas em nomes, como *Elwing*. [Esse verbete original passou por muitas alterações:] **EL**- estrela, céu estrelado. Qen. poético *elen* (*ellen* ou *elena*) estrela. Dori. *el*; nold. apenas em nomes, como *Elwing*, *Elbereth*. Cf. *Eled*- Povo-das-estrelas, isto é, Elfos. *Elrond* = domo-estrelado, céu [ROD]. [Acrescentado à margem:] qen. *Elerína* coroada-de-estrelas = Taniquetil; *Elentári* Rainha das Estrelas = Varda; nold. *Elbereth* = Varda. [Quanto a *Elbereth*, ver a nota a BARATH; quanto a *Elerína* e *Elentári*, ver p. 237.]

ELED- ir, partir, ir embora, sair. Qen. *Elda* Elfo "que partiu"; nold. *eledh*. Qen. *lesta*- sair, pret. *lende*. [Esse verbete original foi substituído pelo seguinte, escrito com o mesmo cuidado e clareza que o primeiro:] ***ÉLED***- "Povo-das-estrelas", Elfo. Qen. *Elda* (*Eldamar* ou *Elende* = Casadelfos, *Eldalie*, *eldarin*); nold. *Eledh*, pl. *Elidh*, cf. *Eledhrim*, *Eledhwen* [Bela-élfica >] Donzela-élfica, *Elennor* (*Eledandore* > *Eleðndor*). Dori. *Eld*, pl. *Eldin*. Dan. *Elda*. [As formas dori. e dan. foram subsequentemente riscadas e o seguinte trecho foi acrescentado:] Em dori. e dan. transposto > *edel*-, daí o dori. *Egla*, *Eglath* (cf. *Eglamar*, *Eglorest*); dan. *Edel*. *Eglador* = Doriath em doriathrin; *Ariador* = terras além de Eglador. Cf. *Eglor* (Rio-élfico), nome ilkorin de um rio em Beleriand O. [Quanto aos verbetes ELED antigos e tardios, ver pp. 413–14. Outros trechos escritos levemente a lápis demonstram que meu pai estava em dúvida acerca da derivação de *Eldar* a partir de uma base com o significado de "estrela", e sugerem que, embora o nome fosse interpretado dessa maneira, era provável

que na verdade tivesse sido alterado a partir de *edela* "o mais velho" — e *eðel*, *eðil* também são encontrados em noldorin. Foi proposta uma base EDE-, EDEL- "preceder, adiantar-se", com o derivado *edela* (= *eleda*) "primogênito", mas isso foi riscado.]

EN- elemento ou prefixo = lá, além, acolá. Qen. *EN lá, veja lá. Adj. enta* aquele lá. *Entar*, *Entarda* (*Enta* + *harda* [ȝAR]) Terras de Lá, Terra-média, Terras de Fora, Leste.

ÉNED- centro. Qen. *endya*, *enya* meio; *ende* meio, centro. Nold. *enedh*. [A esse verbete original foi acrescentado:] *Endamar* Terra-média. *Endor* centro do mundo. [Ver NÉD.]

ÉNEK- seis. Qen. *enqe*; nold. *eneg*.

ERE- estar sozinho, privado. Qen. *er* um, sozinho; *erya* único; *eresse* solidão; *eressea* solitário, só. Nold. *ereb* isolado (**ereqa*); *eriol* sozinho, único. Cf. *Tol-eressea*, *Amon Ereb*. Qen. *erume* deserto, cf. *Eruman* deserto a nordeste de Valinor; nold. *eru* ermo, deserto.

ERÉD- **eredē* semente: qen. *erde* semente, germe; nold. *eredh*; ilk. *erdh*. [Ver RED.]

ERÉK- espinho. Qen. *erka* espinho, ponta; *erka-* espetar, furar; *erkasse* azevinho. Nold. *ercho* espetar, furar; *erch* um espinho; *ereg* (e *eregdos* [TUS]) azevinho, pl. *erig*. Cf. *Taur-nan-Erig* ou *Eregion* = dori. Floresta de Region: dor. *regorn* azevinho (pl. *regin*, gen. pl. *region*) [ver OR-NÍ]. [Outro acréscimo:] *Regornion* = Azevim.

ES- indicar, nomear. Qen. *esta* nomear, *esse* um nome.

ESE-, ESET- preceder. Qen. *esta* primeiro; *esse* início, princípio; *essea* [?primário]; *Estanesse* os Primogênitos. [Nenhum desses dois verbetes foi rejeitado, embora com certeza sejam mutuamente exclusivos, mas o segundo por marcado com uma interrogação.]

ESEK- ilk. *esg* junça, *esgar* juncal. Cf. *Esgaroth* Juncágua, devido aos juncais a oeste.

ET- (para) fora. Prefixo qen. *et-*, nold. *ed-*. Cf. *ehtele* em KEL. [A esse verbete original foi acrescentado:] *etsiri*: qen. *etsir* foz de um rio, nold. *ethir* [SIR]. *ette* exterior, lado de fora; *ettele* terras de fora; *ettelen* [?estrangeiro].

ETER- Cf. ET fora. abrir, descerrar, romper (surgir, para flores, o sol, etc.). *edro!* abra!

EY- eterno, perpétuo, sempiterno. Qen. *aira* eterno; *aire* eternidade; *ia* (**eyā*) sempre. Cf. *Iolosse* sempre-neve, nold. *Uiloss* (**Eigolosse*). Nold. *uir* eternidade, *uireb* eterno. [Esse verbete original foi riscado, e o material reaparece em GEY. *Iolosse* provavelmente era a forma subjacente à emenda inicial que resultou em *Oiolosse* em QS §13. *Oiolosse* surgiu com a transformação adicional dessa base em OY, q.v.]

EZDĒ- "descanso", nome da esposa de Lórien. Qen. *Este*; nold. ant. *Ezde*, *Eide*, *Ide*; nold. *Idh*. Ver SED.

EZGE- farfalhar, barulho de folhas. Qen. *eske*; ilk. *esg*; cf. *Esgalduin*. [Esse verbete, que pode ser um dos originais, foi riscado. Cf. ESEK e, quanto a *Esgalduin*, ver SKAL[1].]

G

[Os verbetes em G possuem basicamente a mesma aparência daqueles em E: uma camada inicial de alguns poucos verbetes claros à tinta, e uma grande quantidade de alterações e acréscimos inseridos posteriormente de forma bastante descuidada.]

GAL- brilhar; variante de KAL.

GALA- medrar (prosperar, ser saudável — ser feliz). Qen. *'al* nas seguintes formas, que não devem ser confundidas com *ALA*- "não": *alya* próspero, rico, abundante, abençoado; *alma* boa sorte, prosperidade, riqueza; *almie*, *almare* ventura, bem-aventurança, "bênçãos", boa sorte; *almárea* abençoado. Cf. o nome *Almáriel*. Nold. *galw*; cf. os nomes *Galadhor*, *Galdor* (posteriormente *Gallor*) — embora esses possam conter GÁLAD. Nold. *galas* crescimento, planta; *galo*- crescer. Os radicais GÁLAD, GALÁS possivelmente são relacionados. [*Almáriel* é o nome de uma garota em Númenor em *A Estrada Perdida*, p. 76.]

GALAD- árvore. Qen. *alda*; nold. *galadh*. Cf. *Galadloriel* (*Galagloriel*), *Galathilvion*. [*Galadlóriel* e *Galathilion* (não como *Galathilvion* aqui) aparecem em emendas iniciais a QS

§16. A forma *Galagloriel* encontra-se em um rascunho inicial do capítulo *Um Punhal no Escuro* em *A Sociedade do Anel*. — Esse verbete, um dos originais, não foi riscado ou alterado (exceto por *Galathilvion* > *Galathilion*), mas um novo verbete para o radical foi criado:] **GÁLAD**- árvore. Qen. *alda*; nold. *galadh*. Cf. os nomes *Galadhor*, *Galdor*, etc. Qen. *Aldaron* nome de Oromë. *Aldalemnar*, ver LEP. Dori. *gald*, cf. *galbreth* faia [BERÉTH].

GALÁS- júbilo, alegre, ser feliz. Nold. *glas* júbilo, alegria; cf. nomes como *Borlas*. Qen. *alasse* júbilo, alegria, regozijo.

GAP- nold. *gamp* gancho, garra; qen. *ampa* gancho.

GAR- TER, possuir. Nold. *gar*-. [Um verbete original, riscado; ver ʒAR.]

GAS- voragem, abertura. **gassā*: Nold. *gas* buraco, abertura larga; *gasdil* tampão [dil]; qen. *assa* buraco, perfuração, abertura, boca. [Cf. *Ilmen-assa*, o Abismo de Ilmen, IV. 284. — Esse verbete original foi mantido, mas o seguinte acréscimo foi feito:] **gāsa*: nold. ant. *gása* = qen. *kúma*; nold. exíl. *gaw*, *Belego* o Vazio.

GAT- qen. *atsa* fecho, gancho, garra; nold. *gad*-, *gedi* fecho.

GAT(H)- nold. *gath* (**gattā*) caverna; *Doriath* "Terra da Caverna" é um nome noldorin para o dori. *Eglador* = Terra dos Elfos. Os Ilkorins chamavam [?a si mesmos] de *Eglath* = Eldar. O resto de Beleriand era chamado de *Ariador* "terra além/de fora". Nold. *gadr*, *gador* prisão, masmorra; *gathrod* caverna. Outro nome é *Garthurian* = Reino Cercado = nold. *Ardholen* (que também se aplicava a Gondolin). [Acrescentado posteriormente:] Dori. *gad* cerca; *argad* "fora da cerca", o exterior, o lado de fora. Cf. *Argador*, falathrin *Ariador.* [Ver AR^2, ÉLED, ʒAR, LED.]

GAWA- ou **GOWO**- idealizar, delinear, planejar. Qen. *auta* inventar, originar, elaborar; *aule* invenção, também como nome próprio do deus *Aule*, também chamado *Martan*: nold. *Gaul* geralmente chamado *Belegol* (= grande Aule) ou *Barthan*: ver TAN, MBAR. Nold. *gaud* artifício, aparelho, máquina.

GAY- qen. *aira* vermelho, cúpreo, rubro; nold. *gaer*, *goer*.

GÁYAS- medo. **gais*-: qen. *aista* temer; nold. ant. *gaia* temor, pavor; nold. *gae*. **gaisrā*: nold. ant. *gǣsra*, *gērrha*; nold. *gaer* terrível, pavoroso.

GENG-W*Ā*- qen. *engwa* enfermiço, doente. Nold. *gemb*, *gem*; cf. *ingem* "doente-de-anos" [YEN], sofrendo de velhice (palavra nova cunhada após o encontro com os Homens). Nold. *iaur* antigo [YA], *ifant* "cheio-de-anos" [YEN, KWAT] não possuía conotação de fraqueza. [*Engwar* "os Enfermiços" encontra-se na lista de nomes élficos para os Homens em QS §83.]

GEY- eterno, perpétuo, sempiterno. Qen. *ia* sempre (**geiā*); *iale* sempiterno; *íra* eterno; *íre* eterno [?leia-se "eternidade"]; *Iolosse* Neve Sempterna (**Geigolosse*) = Taniquetil. Nold. *Guilos*, *Amon Uilos* (*guir* eternidade, *guireb* eternidade [leia-se "eterno"]). Nold. *Guir* é confundido com *Gui* = qen. *Vaiya* (**wāyā*) [WAY]. [Essa nota, que substitui o verbete rejeitado EY, foi por sua vez riscada e substituída por OY.]

GIL- (cf. GAL, KAL; SIL, THIL; GUL, KUL) brilhar (com cor branca ou palidamente). **gilya*: Nold. *gîl* estrela (pl. *giliath*). [Esse verbete original foi mantido, com o acréscimo a *gîl*: "pl. *geil*, pl. coletivo *giliath*", e o seguinte trecho também foi acrescentado:] *gael pálido, reluzente; gilgalad* luz das estrelas; *Gilbrennil*, *Gilthoniel* = Varda. Qen. *Ilma* luz das estrelas (cf. *Ilmare*), nold. [?*Gilwen*] ou *Gilith*; *Ilmen* região acima do ar onde se encontram as estrelas. [Quanto a *Ilma* e *Ilmen*, ver o comentário a QS §4.]

GIR- tremer, estremecer. Nold. *giri* estremecer; *girith* estremecimento, horror.

GLAM- Forma nold. de LAM, também influenciada por ÑGAL(AM). Nold. *glamb*, *glamm* gritaria, barulho confuso; *Glamhoth* = "a hoste bárbara", Orques [KHOTH]. *glambr*, *glamor* eco; *glamren* ecoante, ressoante; cf. *Eredlemrin* = dori. *Lóminorthin*. *glavro* balbuciar, *glavrol* balbuciante.

GLAW(-R)- qen. *laure* ouro (propriamente a luz da Árvore *Laurelin*); nold. *glaur* ouro. O elemento *glaur*, reduzido em polissílabos a*glor*, *lor*, aparece em muitos nomes, como *Glorfindel*, *Glaurfindel*, *Galadloriel*. [Esse verbete original foi riscado e substituído por:] **GLAWAR**- alteração nold. LAWAR, q.v.

GLIN- cantar. Qen. *lin-*; nold. *glin-*. Qen. *linde* canção, toada, melodia; nold. *glinn*. Cf. *Laurelin*. [Verbete original, riscado. Ver LIN^2.]

GLINDI- azul-claro. Nold. *glind*, *glinn*; qen. *ilin*. [Verbete original, riscado. Cf. o significado original de *Eredlindon*, Montanhas Azuis, comentário a QS §108, e ver LIN[2].]

GLING- pender, suspender. Qen. *linga*; nold. *gling*. Cf. *Glingal*. [Verbete original, riscado e substituído por:] **GLING**- alteração nold. de LING "pender, suspender", q.v.

GLIR- forma nold. de LIR[1] cantar. Nold. *glîr* canção, poema, balada; *glin* cantar, recitar poema; *glær* balada longa, poema narrativo. Qen. *laire* poema, *lirin* eu canto.

GÓLOB- **golbā* ramo, galho: Qen. *olwa*; nold. *golf*. Cf. *Gurtholf* [> *Gurutholf*] [ÑGUR]. [Quanto à forma *Gurtholf* (antiga *Gurtholfin*), ver p. 496.]

GOLÓS- qen. *olosse* neve, neve caída; nold. *gloss* neve. Cf. *Uilos*. Nold. *gloss* também é o adj. branco-como-a-neve. [Um verbete original, que foi mantido com a alteração do qen. *olosse* para †*olos*, †*olosse* e com a nota: "apenas poético: confundido com *losse* flor, ver LOS, que talvez possuísse ligação originalmente". O radical em questão na verdade aparece como LOT(H).]

GOND- pedra. Qen. *ondo* pedra (como um material); nold. *gonn* uma grande pedra ou rocha. [Esse verbete original foi mantido, mas a base foi alterada para GONOD-, GONDO-, e o seguinte trecho foi acrescentado:] Cf. *Gondolin* (ver DUL); *Gondobar* (antiga *Gondambar*), *Gonnobar* = Pedra do Mundo = Gondolin. Outro nome de Gondolin *Gondost* [OS], daí *Gondothrim*, *Gondothrimbar*. [Cf. *Gondothlim*, *Gondothlimbar* nos *Contos Perdidos* (II. 411).]

GOR- violência, ímpeto, precipitação. Qen. *orme* precipitação, violência, ira; *orna* precipitado. Nold. *gormh*, *gorf* ímpeto, vigor; *gorn* impetuoso. [Fora a remoção da forma *gormh*, esse verbete original foi mantido, com estes acréscimos:] Cf. *Celegorn* [KYELEK]; e cf. *Huor*, *Tuor*: *Khōgore* [KHŌ-N], *Tūgore* [TUG].

GOS-, GOTH- pavor. Qen. *osse* terror, como nome *Osse*. Cf. *Mandos* (ver MBAD). O nold. possui *Oeros* para *Osse* (**Goss*). Cf. *Taur-os* [TÁWAR]. Nold. *gost* pavor, terror; *gosta-* temer excessivamente; cf. *Gothrog* = Demônio de Pavor [RUK]; *Gothmog* [MBAW]. *Gostir* "olhar de pavor", nome de dragão [THĒ].

GŪ- Prefixo *gū-* não, como em qen. *ū-* não (com conotação maligna); *Uvanimor* [BAN].

GUL- luzir, brilha com luz dourada ou rubra (cf. GIL); também *yul-* arder lentamente [YUL]. Nold. *goll* vermelho, rubro (**guldā*). [Esse verbete original foi riscado. Ver KUL.]

GWEN- (distinguir de WEN(ED)). Qen. *wenya* verde, verde-amarelado, viçoso, verdejante; *wēn* verdor, juventude, frescor (combinado com *wende* donzela). Nold. *bein* belo, combinado com BAN. Ilk. *gwên* verdor*; gwene* verde; cf. *Duilwen* [DUI].

GYEL- [< **GEL**-] qen. *yello* [= *ello*] brado, grito de triunfo. Nold. *gell* alegria, triunfo; *gellui* triunfante; *gellam* júbilo. Cf. *Diriel* [DER]. *Gelion* canto jovial, cognome de Tinfang. [*Tinfang Gelion* ocorre na *Balada de Leithian*: III. 210, 217.] *Gelion* nome mais curto de um grande rio em Beleriand L.; uma interpretação gnômica (esse nome teria sido **Dilion* em ilkorin); cf. ilk. *gelion* = brilhante, raiz GAL. [A interpretação dessa nota um tanto desconcertante parece estar certa.]

GYER- **gyernā* velho, antigo, gasto, decrépito (para coisas): Qen. *yerna* velho, antigo, gasto; *yerya* gastar-se, desgastar-se, envelhecer. Nold. *gern* gasto, velho (para coisas).

ȝ

[Os poucos verbetes sob a fricativa posterior inicial ȝ foram riscados e substituídos de modo mais legível.]

ȝAN- macho, varão. Qen. *hanu* um varão (dos Homens ou dos Elfos), animal macho; nold. ant. *anu*, nold. *anw*; dori. *ganu*. (O feminino é INI.)

ȝAR- Os radicais ȝAR, TER, possuir e os relacionados GAR, GARAT, GARAD eram muitos combinados em eldarin. De ȝAR vêm: qen. *harya-* possuir; *harma* tesouro, algo entesourado; *harwe* tesouro; *haryon* (herdeiro), príncipe; *haran* (pl. *harni*) rei, chefe (ver TĀ). Nold. *ardh* reino (mas qen. *arda* = GAR); *aran* rei (pl. *erain*). Dori. *garth* reino, *Gar-thurian* (Reino Cercado = Doriath), *garon* senhor, pode vir de ȝAR ou GAR.

De GAR: qen. *arda* reino — frequente em nomes como *Elenarda* “Reino-das-estrelas”, céu superior; *armar* pl. bens; *aryon* herdeiro; *arwa* adj. (com genitivo) em controle de, possuidor, etc., e como semissufixo *-arwa*, como *aldarwa*, arbóreo, arborizado. Nold. *garo-* (*gerin*) possuo, tenho; *garn* “posse”, propriedade.

GARAT- qen. *arta* forte, fortaleza. Nold. *garth*: cf. *Garth(th)oren* “Forte Cercado” = Gondolin — distinguir de *Ardh-thoren* = Garthurian. [Essa nota é a forma final de duas versões anteriores, nas quais as palavras em qenya são todas derivadas de ȝAR. Em uma dessas versões, é dito que o nold. *Arthurien* é uma forma noldorinizada de *Garthurian*, *Arthoren*, uma tradução; na outra, que o nold. *Arthurien* é “uma tradução parcial = nold. *Arthoren*”; ver THUR.]

ȝARAM- dori. *garm* lobo; nold. *araf*. [Riscado. Outra versão também fornecia o qen. *harma*, dan. *garma*.]

ȝEL- céu. Qen. *helle*, nold. ant. *elle*, céu. Em noldorin e telerin, essa palavra é confundida com EL estrela. Outros derivados: qen. *helwa*, nold. ant. *elwa* azul (claro), nold. *elw*; cf. o nome de *Elwe* Rei dos Teleri [WEG]; e nomes como *Elulind*, *Elwing*, *Elrond*. Qen. *helyanwe* “ponte-do-céu”, arco-íris, nold. ant. *elyadme*, nold. *eilian(w)* [YAT]. Dori. *gell* céu, *gelu* azul-celeste. [Uma nota tardia indica que *Elwe* seja transferido para el estrela. *Elrond*, *Elwing* também são apresentados em EL.]

ȝ Ŏ - de, desde, dentre. Esse elemento é encontrado no antigo partitivo em qen. *-on* (*ȝō* + plural *m*). Qen. *ho* de, desde; ilk. *go*; nold. *o* de, desde. Em ilk. *go* era usado para patronímicos, como *go-Thingol*.

I

[A página única de verbetes em I é composta apenas de notas muito descuidadas.]

I- esse, aquele (partícula díctica) em qen. equivale a um artigo indeclinável “o(s), a(s)”. Nold. *i-* “o, a”, plural *in* ou *i-*.

I- prefixo intensificador onde *i* é a vogal básica. ITHIL- Lua (THIL, SIL): qen. *Isil*; nold. *Ithil*; dori. *Istil*. INDIS- = *ndis* noiva; *Indis* nome da deusa Nessa (ver NDIS, NĪ). [*Ithil* ocorre em *A Estrada Perdida* (p. 54) como o nome "beleriândico" da Lua — isto é, o nome na língua (noldorin) que Alboin Errol percebeu que era falada em Beleriand.]

ID- **īdī*: coração, desejo, vontade. Qen. *íre* desejo; *írima* adorável, desejável. Qen. *indo* coração, ânimo; cf. *Indlour*, *Inglor* (*Indo-klār* ou *Indo-glaurē*). Nold. *inn*, *ind* pensamento íntimo, significado, âmago, coração; *idhren* contemplativo, sábio, pensativo; *idher* (**idrē*) consideração, ponderação. Cf. *Idhril*; *Túrin(n)* [TUR], *Húrin(n)* [KHOR]. [A palavra qen. írima ocorre na canção em *A Estrada Perdida* (p. 89): *Toi írimar*; *Írima ye Númenor*; cf. também Írimor "Formosos", nome dos Lindar nas Genealogias, p. 492. — Quanto à etimologia original de *Idril*, *Idhril*, ver II. 412.]

IL- tudo, todo. Qen. *ilya* tudo, o todo. **ILU**- universo: Qen. *ilu*, *ilúve*: cf. *Ilúvatar*, *Ilurambar* Muralhas do Mundo. *Ilumíre* = Silmaril. *ilqa* tudo.

ING- primeiro, primordial, *inga* primeiro. Elemento em nomes élficos[b] e especialmente lindarin. Cf. *Ingwe* príncipe dos Elfos. A forma qen.-lind. [isto é, qenya-lindarin] é sempre usada (*Ingwe*): não *ngw* > *mb* [isto é, em noldorin] porque a forma lind. persistiu e também porque se tinha a impressão de que a composição era *ing* + *wege* [WEG]. Cf. *Ingil*. [*Elfin* nesse período é uma reversão estranha ao uso antigo.]

INI- fêmea, mulher. Ver nī: qenya *ní* fêmea, mulher. Qen. *hanwa* macho, *inya* fêmea; *hanuvoite*, *inimeite*. Nold. *inw* à maneira de *anw* [ver ȝAN].

INK-, INIK-? qen. *intya*- conjecturar, supor; *intya* conjectura, suposição, ideia; *intyale* imaginação. Nold. *inc* conjectura, ideia, noção.

IS- qen. *ista*- saber, conhecer (pret. *sinte*); *ista* conhecimento; *istima* conhecedor, sábio, instruído, erudito, *Istimor* = Gnomos [cf. p. 492]. Qen. *istya* conhecimento; *istyar* estudioso, erudito. Nold.

ist saber, conhecimento; *istui* instruído; *isto* TER conhecimento. Cf. *Isfin* (= *Istfin)* [PHIN].

K

[Os numerosos verbetes em K são talvez os mais difíceis da obra. Uma primeira camada de etimologias escrita com cuidado e clareza à tinta foi coberta por uma grande quantidade de anotações rápidas a lápis que agora estão quase invisíveis em alguns lugares.]

KAB- concavidade. Qen. *kambe* concha (de mão); nold. *camb*, *cam* mão, cf. *Camlost* "Mão-vazia" [LUS] (= dori. *Mablost*). *Erchamui* "Uma-Mão". [Uma versão mais antiga desse verbete também traz *Cambant* "mão cheia"; ver KWAT.]

KAL- brilhar (palavra geral). Formas variantes AKLA-, KALAR-, AKLAR-. Qen. *kala* luz; *kalma* uma luz, lamparina; *kalya* iluminar; *kalina* claro, luminoso. Em nold., a variante GAL aparece: *gail* (**galyā*) luz brilhante, *glaw* radiância (**g'lā*, cf. qen. *kala* = **k'lā*). Mas em formas mais longas, KAL também ocorre em nold., como *aglar*, *aglareb*, ver AKLA-R. Também *celeir* brilhante (**kalaryā*); qen. *kallo* nobre, herói (**kalrō*), nold. *callon* (**kalrondō*) herói; nold. poética *claur* esplendor, glória — com frequência em nomes na forma *-glor*. *gôl* luz (**gālæ-*) em *Thingol*. [Partes desse verbete original foram rejeitadas: a etimologia de *Thingol* (ver THIN) e a ideia de que GAL era uma variante noldorin de KAL. Não está claro nesse estágio como essas bases eram relacionadas. O verbete foi coberto por um labirinto de novas formas, frequentemente rejeitadas assim que eram escritas. Os seguintes termos podem ser discernidos:] nold. *calad* luz (cf. *Gilgalad*); *calen* de cor brilhante = verde. Qen. *kalta-* brilhar; *Kalakilya*; *Kalaqendi*, nold. *Kalamor*; *Kalamando* = Manwe [ver MBAD]. *Ankale* "radiante", Sol. *yúkale*, *yuale* crepúsculo, nold. *uial* [YŪ].

KALPA- vasilha. Qen. *kalpa*; nold. *calf*. Qen. *kalpa-* tirar água. [Verbete acrescentado.]

KAN- ousar. Qen. *káne* bravura, coragem; nold. *caun*, *-gon* (cf. *Turgon*, *Fingon*). Qen. *kanya* ousado, destemido. Nold. *cann* (**kandā*). *Eldakan* (nome) = *Ælfnoþ*. [Verbete acrescentado.]

KÁNAT- quatro. Qen. *kanta-*, *kan-*; nold. *canad*. [Verbete acrescentado.]

KAP- saltar, pular. [Acrescentado:] nold. *cabr*, *cabor* rã.

KAR- fazer. Qen. *KAR* (*kard-*) feito; nold. *carð*, *carth* ação, feito, façanha. Cf. KYAR causa. Qen. *karo* fazedor, feito, agente; *ohtakaro* guerreiro. [Esse radical foi reescrito de forma bastante descuidada:] **KAR**- fazer, erigir, construir. Qen. *KAR* (*kard-*) construção, casa; nold. *car* casa, também *carð*. Qen. *karin*, *karne*, faço, construo. Cf. **KYAR**- causar, fazer. Qen. *tyaro* fazedor, feitor, agente; *ohtatyaro* guerreiro. Nold. *caras* uma cidade (construída sobre o solo).

KARAK- presa afiada, espigão, esporão, dente. Qen. *karakse* divisa de esporões serrilhados; cf. *Helkarakse*, nold. *elcharaes* [KHEL]. [Esse verbete foi mantido, com KARAK > KÁRAK e *elcharaes* > *helcharaes*, e os seguintes acréscimos quase invisíveis foram feitos:] qen. *karka* dente, *karkane* fileira de dentes. Nold. *carag* esporão, dente de rocha; *carch* dente, presa (*Carcharoth*).

KARÁN- vermelho. Qen. *karne* (**karani*) vermelho; nold. *caran*. **k'rannā*: nold. *crann* corado (de rosto), cf. *Cranthir* [THĒ], [? como substantivo] como o inglês antigo *rudu*, face, rosto, rubor, as maçãs do rosto. [Verbete adicionado.]

KARKA- corvo. Qen. *karko*; nold. *carach*. [Esse radical foi alterado da seguinte forma:] KORKA- corvo. Qen. *korko*; nold. *corch*.

KAS- cabeça. Qen. *kár* (*kas-*); nold. *caw* topo. [Acrescentado:] **kas-sa*, **kas-ma*: Qen. *cassa* elmo.

KAT- formar. Qen. *kanta* formado, e como semissufixo, como em *lassekanta* em forma de folha; *kanta-* formar; nold. *cant*. [O significado "contorno" foi atribuído a *cant*, e os seguintes termos foram acrescentados:] **katwā*: nold. ant. *katwe* formado, modelado, nold. *cadw*, *-gadu*. **katwārā* bem-formado, formoso: nold. *cadwor*, *cadwar*. Nold. *echedi*, pret. *echant* (**et-kat*) formar, moldar, dar feitio. [Cf. *Im Narvi hain echant* acima das Portas de Moria.]

KAY- deitar. Qen. *kaima* leito, cama. Nold. *caew* covil, local de descanso; *cael* (qen. *kaila*) acamamento, doença, enfermidade; *caeleb* acamado, doente, enfermo: cf. qen. *kaimasse*, *kaimassea*.

KAYAN-, KAYAR- dez. Qen. *kainen*; nold. *caer*. [Verbete acrescentado.]

KEL- ir, correr (especialmente água). **et-kelē* nascente, fonte, saída de água: qen. *ehtele*, nold. *eithel* (a partir da forma metatética [isto é, com consoantes invertidas] **ektele*). Qen. *kelume* rio, córrego, corrente, torrente; nold. *celon* rio; qen. *kelma* canal. Cf. KYEL esgotar, chegar ao fim; KWEL desvanecer, desaparecer. [Estas alterações foram feitas: "nold. *celon* rio" > "ilk. *celon* rio, e como nome próprio, *kelu* + *n*"; "nold. *celw* fonte, nascente" acrescentado.]

KEM- solo, terra. Qen. *kén* (*kemen*). Nold. *coe* terra (indeclinável), *cef* sol, pl. *ceif*. Qen. *kemina* da terra, térreo, terroso; [nold.] *cevn*. Qen. *kemnaro* oleiro. [Verbete acrescentado.]

KEPER- saliência, protuberância, cabeça, topo [alterado para "espinhaço, cume, crista". Esse verbete consiste em anotações desconexas, todas riscadas, mas que dizem respeito ao nold. *ceber* pl. *cebir* e *Sern Gebir*, cujo significado parece ser "pedras solitárias".]

KHAG- **khagda* pilha, monte; qen. *hahta*; nold. *hauð* monte, teso, túmulo, tumba (cf. *Hauð iNdengin*). [Verbete acrescentado.]

KHAL[1]- (pequeno) peixe. Qen. *hala*; cf. qen. *halatir* "vigia-dos-peixes", martim-pescador, nold. *heledir*. [Verbete acrescentado. A mesma origem de *halatir* encontra-se em TIR; mas aqui KHAL foi alterado para KHOL e o *-a-* das formas qen. para *-o-*, antes de o verbete ser riscado com uma referência à base SKAL — a qual (um acréscimo tardio aos radicais S) é claramente a formulação mais recente.]

KHAL[2]- elevar, exaltar. Nold. ant. *khalla* nobre, excelso (**khaln*); *orkhalla* superior. Nold. *hall* excelso, elevado, sublime; *orchel* [o *e* é incerto] superior, elevado, eminente. [Verbete acrescentado.]

KHAM- sentar. Qen. *ham*- sentar. [Os outros derivados são caóticos e incertos demais para serem apresentados.]

KHAN- entender, compreender. Qen. *hanya* compreender, saber sobre, ser hábil em lidar com; *hande* conhecimento, compreensão; *handa* sabedor, inteligente; *handele* intelecto; *handasse* inteligência. Nold. exíl. *henio* entender, compreender; *hann*, *hand* inteligente; *hannas* compreensão, inteligência. Cf. *Handir*, *Borthandos*. [Verbete acrescentado.]

KHAP- envolver. Nold. *hab*- vestir; *hamþ* vestimenta; *hamnia*- vestir; *hammad* roupa.

KHARÁS- (cf. KARAK). **khrassē*: precipício: nold. *rhass* (*i-rass,* mais antigo *i-chrass*); dan. *hrassa*. Cf. *Gochressiel* [= *Gochrass*] uma muralha montanhosa escarpada. [Verbete acrescentado. Quanto a *Gochressiel*, ver QS §147 e comentário.]

KHAT- lançar, arremessar. Nold. *hedi*, pret. *hennin*, *hant*; *hador* ou *hadron* arremessador (de lanças ou dardos), cf. *Hador*; *hadlath, haglath* uma funda (ver LATH). [Verbete acrescentado.]

KHAW- (= KAY, q.v.) Nold. *haust* leito, cama. [Esse verbete original foi expandido da seguinte maneira:] **KHAW**- descansar, deitar à vontade (= KAY, q.v.) Nold. *haust* leito, cama (**khau-stā*, literalmente "rest-ing" [descanso]). Em nold. associado com *hauð* monte, teso (ver KHAG). Cf. qen. *hauta*- cessar, descansar, parar.

KHAYA- longe, distante. Qen. *haira* adj. remoto, longe, [?também] *ekkaira*, *avahaira*. *hāya* adv. ao longe, distante. [Verbete acrescentado.]

KHEL- congelar. Qen. *helle* geada; nold. *hell*. **KHELEK**- gelo. Nold. *heleg* gelo, *helch* frio enregelante; qen. *helke* gelo, *helk* gélido. [A base KHEL e derivados foram riscados, mas KHELEK e derivados foram mantidos.]

KHEN-**D**-**E**- olho. Qen. hen (*hendi*); nold. *hent*, pl. *hinn* > *hent*, *hint*, ou *henn*, *hinn*. [As formas nold. foram alteradas para *hên*, *hîn*.]

KHER- reger, governar, possuir. Qen. *heru* mestre, *heri* senhora; *héra* principal. Nold. ant. *khéro* mestre, *khíril* senhora; nold. *hîr*, *hiril*. Nold. *herth* casa, tropa sob o comando de um *hîr*; cf. *Bara-*

chir [BARÁS]. Cf. nold. *hervenn* esposa, *hervess* esposa [BES]. Qen. *heren* fortuna, sorte (= governança), e, assim, o que está guardado para alguém é aquilo que alguém tem guardado; *herenya* afortunado, abastado, abençoado, rico; cf. *Herendil* = Eadwine. [Verbete adicionado. *"Herendil* = Eadwine" deriva de *A Estrada Perdida*: Herendil é Audoin/Eadwine/Edwin em Númenor, filho de Elendil. Quanto ao significado do inglês antigo *éad*, ver *ibid.*, p. 59, e cf. IV. 247.]

KHIL- seguir. Qen. *hilya-* seguir; *hildi* seguidores = homens mortais (cf. *Hildórien*), também *-hildi* como sufixo. Em nold., *fîr* era usado [PHIR]. Cf. *Tarkil* (**tāra-khil*). [Verbete acrescentado. Cf. *Rómenildi* em QS §151.]

KHIM- prender, aderir. Qen. *himya-* aderir a, cumprir; *himba* aderente. Nold. *him* firme, duradouro, e, como adv., continuamente. Cf. nold. *hîw* pegajoso, viscoso (**khīmā*); *hæw* costume, hábito (**khaimē*) = qen. *haime* hábito. [Verbete adicionado.]

KHIS-, KHITH- névoa, neblina, bruma. **khīthi*: qen. *híse*; nold. *hith*, cf. *Hithlum* [LUM]. **khithme*: qen. *hiswe*; nold. *hithw* neblina. **khithwa*: qen. *hiswa* cinza, cinzento; nold. *hethw* nebuloso, obscuro, vago; dori. *heðu*. Cf. *Hithliniath* ou *Eilinuial* = dori. *Umboth Muilin*. [Verbete adicionado. Quanto a *Hithliniath* "lagoas de bruma" (LIN[1]), ver QS §111.]

KHŌ-**N**- coração (físico). Qen. *hōn*; nold. *hûn*. Cf. *Hundor*. *Khō-gorē*, qen. *Huore*, nold. *Huor* "vigor do coração", coragem [GOR]. [Verbete acrescentado.]

KHOP- qen. *hópa* porto, ancoradouro, pequena baía cercada por terra; *hopasse* refúgio. Nold. *hûb*; *hobas*, cf. *Alfobas* ou *hobas in Elf* = *Alqalonde* capital dos Teleri. [Verbete acrescentado; ver KOP.]

KHOR- iniciar, pôr em movimento/marcha, incitar, etc. Qen. *horta-* despachar, apressar, instar, urgir *hortale* apressamento, incitação; *horme* urgência (confundido com *orme* arremetida [GOR]); *hóre* impulso, *hórea* impulsão. Nold. *hûr* prontidão para ação, presteza, vigor, espírito ardente; *hortha-* incitar, apressar; *horn*

coagido, impelido; *hoeno*, *heno* começar súbita e vigorosamente. Cf. *Húr-ind*, *Húrin* [ID]. [Verbete acrescentado.]

KHOTH- reunir, congregar. **khotsē* assembleia, reunião: nold. *hoth* hoste, multidão, frequente em etnônimos, como *Glamhoth*. Cf. *host* grosa (144). Qen. *hosta* grande número, *hosta*- reunir, coligir. Nold. *hûd* assembleia.

KHUGAN- qen. *huan* (*húnen*) mastim; nold. *huan*. [Esse verbete foi alterado para:] KHUG- latir, ladrar. **khugan*: qen. *huan* (*húnen*) mastim; nold. *Huan* (nome de cão); qen. *huo cão; nold. hû*.

KHYAR- mão esquerda. Qen. *hyarmen* sul, *hyarmenya* meridional; *hyarya* esquerdo, *hyarmaite* canhoto [MA3]. Nold. *heir* (mão) esquerda, *hargam* canhoto [KAB]; *harad* sul, *haradren*, *harn* meridional. [Verbete acrescentado. O *-y-* no radical-base foi um outro acréscimo, e na mesma época as formas qen. foram alteradas de *har*- para *hyar*-; ver p. 414.]

KHYEL(ES)- vidro. Qen. *hyelle* (**khyelesē*); nold. ant. *khelesa*, *khelelia*; nold. *hele*, cf. *Helevorn* "vidro-negro" [MOR], nome de lago. Cf. KHELEK. [Verbete acrescentado. *Helevorn* foi escrito sobre uma palavra apagada em QS §118.]

KIL- dividir (também SKIL). Qen. *kilya* fenda, passo entre colinas, desfiladeiro, garganta. [A base SKIL não se encontra nas *Etimologias*. A esse verbete foi acrescentado:] nold. *cîl* Cf. *Kalakilya* "Passo da Luz", no qual Kôr foi construída. Nold. *Cilgalad*; *Cilthoron* ou *Cilthorondor*.

KIR- qen. *kirya* navio; nold. *ceir*. [Acrescentado:] *cirdan* armador [TAN].

KIRIK- qen. *kirka* foice; nold. *cerch*. Qen. *Valakirka*, nold. *Cerch iMbelain* [BAL], Foice dos Deuses = Ursa Maior. Nold. *critho* ceifar, colher (**k'riktā*).

KIRIS- cortar. Qen. *kirisse* corte, talho; nold. *criss* fenda, corte. [Acrescentado:] *Cristhoron* – gen. sing. de *thôr* águia. Nold. *crist* um cortador, espada. Cf. RIS.

KOP- qen. *kópa* porto, baía. [Esse verbete foi riscado; ver KHOP.]

KOR- redondo. **kornā*: qen. *korna* redondo, esférico; *koron* (*kornen*) esfera, bola; *koromindo* cúpula, domo, abóbada. *Kôr* colina arredondada sobre a qual Túna (Tûn) foi construída. Nold.

corn, *coron*, *Côr* (*koro*). [*Côr* > *Caur*, e o seguinte foi acrescentado:] [qen.] *korin* local circular cercado [cf. I. 311]; nold. *cerin*. Nold. *rhin-gorn* círculo [RIN]. Cf. ilk. *basgorn* [isto é, *bast-gorn* "pão redondo": MBAS].

KOT- lutar, disputar. **okta* disputa, contenda: qen. *ohta* guerra. Nold. *auth* guerra, batalha; *cost* rixa, querela (*kot-t-*), qen. *kosta-* disputar. [A base foi alterada para **KOTH**, e o seguinte foi acrescentado:] qen. *kotumo* inimigo, *kotya* hostil. [nold.] *coth* inimizade, inimigo; cf. *Morgoth* — mas esse nome também pode conter GOTH. [Ver OKTĀ.]

KRAB- comprimir, pressionar. Nold. *cramb*, *cram* biscoito de farinha comprimida ou refeição (contendo geralmente mel e leite), usado em longas jornadas. [Verbete acrescentado.]

KŪ- **kukūwā* pomba; qen. *ku*, *kua*, nold. ant. *ku*, *kua*, (= *kūua*); nold. *cugu*. [Verbete acrescentado. O radical-base não foi fornecido, mas foi tirado de uma nota etimológica tardia.]

KUB- qen. *kumbe* monte, pilha; nold. *cumb*, *cum*. [Verbete acrescentado.]

KUȝ- arco. > *kuw*: qen. *kú* arco; nold. *cû* arco, crescente; *cúran* a lua crescente, ver RAN. [Acrescentado:] **kuȝnā*: nold. *cûn* curvado, dobrado; mas ilk. **kogna* > *coun*, *caun*, dan. *cogn*.

KUL- ouro (metal). Qen. *kulu*, nold. *côl*; qen. *kuluinn* de ouro. **KULU**- ouro (substância). Qen. *kulo*. [Esse verbete foi riscado e substituído de maneira descuidada pelo seguinte:] **KUL**- vermelho-dourado. Qen. †*kullo* ouro vermelho; *kulda*, *kulina* de cor de chama, vermelho-dourado; *kuluina* laranja; *kuluma* uma laranja; nold. *coll* vermelho (**kuldā*).

KUM- vazio. Qen. *kúma* o Vazio; *kumna* vazio; nold. *cûn* vazio. [As formas qen. foram mantidas, mas as noldorin foram alteradas para:] nold. ant. *kúma*, nold. *cofn*, *caun* vazio, mas em nold. exíl. [o Vazio era] chamado *Gast*, *Belegast* [cf. GAS].

KUNDŪ- príncipe. Qen. *kundu*; nold. *cunn*, especialmente em nomes como *Felagund*, *Baragund*. [Verbete acrescentado.]

KUR- ofício, arte. Qen. *kurwe* ofício. Nold. *curw*, curu; *curunir* mago; cf. *Curufin* [PHIN]. Cf. nold. *crum* ardil, manha; *corw*

matreiro, ardiloso. [Verbete acrescentado. Nold. *crum* foi rejeitado; ver KURÚM.]

KURÚM- nold. *crum* a mão esquerda; *crom* esquerda; *crumui* canhoto (**krumbē, -ā*). [Verbete acrescentado. Cf. KHYAR.]

KUY- ganhar vida, acordar, reanimar. Qen. *kuile* vida, estar vivo; *kuina* vivo; *kuive* (substantivo) despertar; *kuivea* (adj.) desperto; *kuivie* = *kuive*, cf. *Kuiviénen*. Nold. *cuil* vida; *cuin* vivo; *echui(w)* despertar (**et-kuiwē*), daí *Nen-Echui* = qen. *Kuiviénen*. [Os seguintes acréscimos foram feitos:] nold. *cuino* estar vivo; *Dor Firn i guinar* Terra dos Mortos que Vivem.

KWAL- morrer com dor, agonizar. Qen. *qalme* agonia, morte; *qalin* morto; *unqale* agonia, morte. [Verbete acrescentado. Ver WAN.]

KWAM- qen. *qáme* doença, enfermidade; nold. *paw*; ilk. *côm*. [Verbete acrescentado.]

KWAR- mão cerrada, punho. Qen. *qár* mão (*qari*); nold. *paur* punho. [Esse radical não foi riscado, mas uma segunda forma dele foi inserida em outro lugar na lista:] **KWAR**- qen. *qáre* punho; nold. ant. *póre*; nold. *paur*, *-bor*, cf. *Celebrimbor* Punho-de-prata.

KWAT- qen. *qanta* repleto, cheio; nold. ant. *panta*; nold. *pant* repleto, cheio, cf. *Cambant* [KAB]; *pathred* plenitude; *pannod* ou *pathro* encher. [Verbete acrescentado.]

KWEL- desvanecer, definhar, mirrar. Cf. *Narqelion* esvanecer-do-fogo, outono, nold. *lhasbelin* [LAS[1]]. **kwelett*- cadáver: qen. *qelet*, *qeletsi*.

KWEN(ED)- Elfo. **kwenedē*: qen. *qende* Elfo; nold. *penedh*, pl. *penidh*; dan. *cwenda*. Qen. *Qendelie*, nold. *Penedhrim*. A palavra *Eledh* geralmente é empregada. [Verbete acrescentado.]

KWES- **kwessē*: qen. *qesse* pena; ilk. *cwess* penugem; nold. *pesseg* travesseiro, almofada (qen. *qesset*). [Verbete acrescentado.]

KWET- (e **PET**-) dizer. **kwetta*: nold. *peth* palavra. **kwentā* conto, história: nold. *pent*, qen. *qenta*; nold. *pennas* história. **kwentro* narrador: qen. *qentaro;* nold. *pethron*; dori. *cwindor*. [Acrescentado:] qen. *qetil* língua, idioma; *qentale* relato, história; *lúmeqentale* história [LU]. Nold. *gobennas* história, *gobennathren*

histórico. Qen. *avaqet-* recusar, proibir [AWA]. [Quanto ao prefixo *go-*, ver WO.]

KWIG- Cf. KU3. **kwingā*: qen. *qinga* arco (para disparar); nold. *peng*. [Verbete adicionado.]

KYAB- provar, experimentar. Qen. *tyavin* eu provo.

KYAR- causar (cf. KAR). Qen. *tyar-* causar.

KYEL- chegar ao fim. Qen. *tyel-* terminar, cessar; *tyel* (*tyelde*) fim; *tyelima* final. Cf. TELES. [Verbete acrescentado.]

KYELEK- rápido, ligeiro, ágil. Qen. *tyelka*; nold. *celeg*, cf. *Celegorn* [GOR].

KYELEP- e **TELEP**- prata. Nold. *celeb* prata; qen. *telpe* e *tyelpe* prata; *telepsa* de prata, prateado = *telpina,* nold. *celebren*. Cf. *Irilde Taltelepsa = Idhril Gelebrendal*. [*celebren*, *Gelebrendal* foram alterados logo cedo a partir de *celebrin*, *Celebrindal*. O verbete foi reescrito assim:] **KYELEP**- (e **TELEP**?) prata. Nold. ant. *kelepe*, nold. *celeb*, prata; qen. *telpe* e *tyelpe* prata; *telemna*, nold. *celefn*, *celevon* = *telpina*, nold. *celebren*. Cf. *Irilde Taltelemna = Idhril Gelebrendal*. Tele. *telpe*; ilk. *telf*. O qen. *telpe* pode ser uma forma telerin (os Teleri apreciavam especialmente a prata, assim como os Lindar o ouro), e nesse caso todas as formas podem se referir a KYELEP. [Quanto a *Idril* (*Idhril*), ver ID, e cf. *Irilde Taltelepta* nos *Contos Perdidos*, II. 261.]

L

[Os radicais L consistem em verbetes escritos levemente a lápis, por si só difíceis de serem lidos, mas que não foram muito alterados subsequentemente.]

LA- não. Qen. *lá* e *lala*, também *lau*, *laume* (= *lá ume* [UGU]), não, não, realmente não, pelo contrário; também usado para se fazer perguntas incrédulas. Como prefixo, *la-* > *l* [vocálico] > qen. *il*, nold. *al*, como em *Ilkorin*, nold. *Alchoron*, pl. *Elcheryn*. Qen. *lala-* negar. [Ver AR^2.]

LAB- lamber. Qen. *lamba* língua, nold. *lham(b)*. Qen. *lavin* eu lambo, também *lapsa* lamber (frequentativo). Nold. *lhefi* (*lhâf*).

LAD- Cf. DAL, LAT. Qen. *landa* vasto, amplo, largo, nold. *lhand*, *lhann*. Nold. *camland* palma da mão. Cf. *Lhothland*, *Lhothlann* (vazia e vasta), nome de uma região [LUS].

LAG- qen. *lango* espada larga; também a proa de um navio. Nold. *lhang* cutelo, espada.

LAIK- aguçado, afiado, agudo. Qen. *laike*, nold. *lhaeg*. Qen. *laike* agudeza, sutileza de percepção. Ilk. *laig* aguçado, afiado, fresco, vivaz (combinado com *laikwa* [ver LÁYAK]).

LAK[1]- engolir; cf. LANK. Qen. *lanko* garganta.

LAK[2]- veloz, ligeiro (cf. ÁLAK). **lakra*: qen. *larka* veloz, ligeiro, rápido, também *alarka*; nold. *lhagr*, *lhegin*.

LÁLAM- olmo. Qen. *alalme*; nold. *lhalwen* (*lelwin*), *lhalorn*; dori. *lalm*. [Ver ÁLAM.]

LAM- qen. *lamya* soar; *láma* som ressoante, eco; *lamma* um som; *lámina* ecoante, ressoante; *nall* *ma* eco. Dori. *lóm* eco, *lómen* ecoante, ressoante. Assim, em dori. *Lómendor*, *Lóminorthin*, noldorinizados > *Dorlómen*, *Ered Lómin*; nold. puro *Eredlemrin*, *Dorlamren*. Ver GLAM.

LAN- tecer. Qen. *lanya* tecer; *lanwa* tear; *lanat* trama; *lanne* tecido, pano.

LANK- qen. *lanko* garganta; nold. *lhanc*. [Esse radical foi escrito inicialmente LANG, com os derivados qen. *lango* (**langwi*), nold. *lhang*. Ver LAK[1].]

LAP- qen. *lapse* bebê; nold. *lhaes*.

LAS[1]- **lassē* folha: qen. *lasse*, nold. *lhass*; qen. *lasselanta* queda-das-folhas, outono, nold. *lhasbelin* (**lassekwelēne*), cf. qen. *Narqelion* [KWEL]. *Lhasgalen* Verdefolha, nome gnômico de Laurelin. (Alguns acreditam que esse radical é relacionado ao seguinte e a **lass*ē "orelha". As orelhas quendianas eram mais pontudas e com forma de folha do que [?as humanas].)

LAS[2]- escutar, ouvir. Nold. *lhaw* orelhas (de uma pessoa, antigo dual **lasū* -, daí o singular *lhewig*. Qen. *lár*, *lasta*- escutar, ouvir; *lasta* ouvinte — *Lastalaika* "ouvidos-aguçados", um nome, cf.

nold. *Lhathleg*. Nold. *lhathron* ouvinte, bisbilhoteiro (= **la(n)sro-ndo*); *lhathro* ou *lhathrado* ouvir/escutar às escondidas.

LAT- abrir. Qen. *latin(a)* aberto, livre, limpo (com relação a terreno); cf. *Tumbo-latsin*. Cf. *Tumladen* planície de Gondolin. Nold. *lhaden*, pl. *lhedin* aberto, desimpedido; *lhand* espaço aberto, superfície plana; *lhant* clareira em floresta. [Cf. LAD.]

LATH- fio, tira. Qen. *latta* correia; nold. *lhath* tira de [?couro]; cf. *hadlath*, *haglath* funda (KHAT).

LAW- quente, morno. **lauka* quente, morno: qen. *lauka*, nold. *lhaug*.

LÁWAR-, nold. **GLÁWAR**- **laurē* (luz da Árvore dourada *Laurelin*) ouro — o metal era propriamente *smalta*, ver SMAL; qen. *laure*, nold. *glaur*, oss. dori. *laur*. Daí nold. *glor-*, *lor-* em nomes, como *Glorfindel* [SPIN], *Inglor* [ID]. Cf. *Laurelin*, nold. *Galad-loriel*; *Rathloriel* [RAT]. Nold. *glawar* luz do sol, radiância de Laurelin; †*Glewellin*. [Ver GLAW(-R). Cf. QS §16: "Glewellin (que é o mesmo que Laurelin, canção de ouro)".]

LAYAK- **laik-wā*: qen. *laiqa* verde; nold. *lhoeb* visçoso, verdejante — "verde" somente no qen. *Laiqendi* Elfos-verdes, nold. *Lhoebenidh* ou *Lhoebelidh*. O ilk. *laig* é combinado com *laika* [LAIK].

LEB-, LEM- ficar, prender, aderir, permanecer, demorar. Qen. *lemba* (**lebnā*) deixado para trás, pl. *Lembi* Elfos que permanecem para trás = Ilkorins telerin; nold. *lhevon*, *Ihifnir*. [Ver p. 414.]

LED- ir, passar, viajar. Cf. qen. *lende* foi, partiu (*linna* ir). Nold. ant. *lende* foi, passou; *etledie* ir para o exterior, ir para o exílio; nold. *egledhi* ou *eglehio* ir para o exílio, *egledhron* eLivros (nold. ant. *etledro*), *eglenn* eLivros (nold. ant. *etlenna*). Em nold. *egledhron* com frequência era usado com o significado do ilk. *Eglath* = Eldar = Ilkorins [ver ÉLED, GAT(H)].

LEK- soltar, libertar. Nold. *lhein*, *lhain* livre, liberto; *lheitho* libertar, soltar; *lheithian* libertação, soltura. Qen. *leuka*, *lehta* soltar, afrouxar. Ilk. *legol* ágil, ativo, que corre livremente; cf. *Legolin*, o nome de um rio. [Uma anotação num pedaço de papel que acompanha essas etimologias diz o seguinte: "*Leth-* soltar,

libertar (cf. LED); nold. exíl. *leithia* libertar, *leithian* libertação; cf. *Balada de Leithian*". Mencionei essa nota em III. 188, e na época o presente verbete me passou despercebido.]

LEP-, LEPET dedo. Qen. *lepse*; nold. *lhebed*.

Cf. **LEP- (LEPEN, LEPEK)** cinco. Qen. *lempe*; nold. *lheben*. Qen. *lemnar* semana. A semana valiana tinha cinco dias, dedicados (1) a Manwe: *(Ar) Manwen*; (2) a Ulmo: *(Ar) Ulmo*; (3) a Aule e Yavanna: *(Ar) Veruen*, isto é, dos Cônjuges [BES]; (4) a Mandos e Lorien: *(Ar) Fanturion* [SPAN]; (5) aos três Deuses mais jovens, Osse, Orome e Tulkas, chamados *Nessaron* ou *Neldion* [NETH, NEL]. As 73 semanas eram divididas em 12 meses de 6 semanas. No meio do Ano havia uma semana separada, a seman do Meio-do-ano ou semana das Árvores, *Endien* [YEN] ou *Aldalemnar*, nold. *Enedhim*, *Galadlevnar*.

Nomes nold.: *Ar Vanwe*; *Ar Uiar* (Ulmo) [WAY]; *Ar Vedhwen* (*Bedū* + *ina*), ou *Ar Velegol* (Aule [ver GAWA]); *Ar Fennuir*; *Ar Nethwelein* = dos jovens Deuses, ou *Ar Neleduir* dos três reis.

[A forma dual "esposo e esposa" é dada como *besū* no verbete BES "casar", não como *bed*ū aqui; de modo similar, em KHER, NDIS e NĪ são feitas referências no original a BED, não a BES. No então, não há indicação de qualquer alteração no próprio verbete BES. — Quanto ao elemento *Ar*, ver AR[1]. Nos nomes quenya dos dias, *Ae* foi escrito acima de *Ar*, mas *Ar* não foi riscado. — Quanto a "jovens Deuses", ver p. 145.]

LI- muitos. Qen. *lie* povo; *-li* sufixo pl., *lin-* prefixo = muitos, como *lintyulussea* que possui muitos choupos [TYUL], *lindornea* que possui muitos carvalhos [DÓRON]. Em nold., a desinência *-lin* "muitos" foi combinada com *rhim* > *lim*, *rim*.

LIB[1]- pingar, gotejar. Qen. *limba* uma gota; cf. *helkelimbe* [KHELEK].

LIB[2]- *****laibā*: qen. *laive* unguento. O nold. apresenta GLIB-: *glaew* bálsamo. *****libda*: qen. *lipsa*; nold. [*lhúð* >] *glúð* sabão.

LILT- dançar. Qen. *lilta-* dançar.

LIN[1]- lagoa. Qen. *linya* lagoa; nold. *lhîn*; ilk. *line*. Cf. *Ailin* [AY], *Taiglin*.

LIN[2]- (originalmente GLIN) cantar. Qen. *linde* toada, melodia; nold. *lhind*, *lhinn*. Qen. *lindo* cantor, pássaro canoro: cf. *tuilindo*

andorinha, nold. *tuilinn* [tuy], qen. *lómelinde* rouxinol, nold. *dúlinn*. Qen. *lindele música*. *Cf. Laurelin* (gen. sing. *Laurelinden*), mas esse nome também é compreendido como "ouro-pendente" (gen. sing. *Laure-lingen*): ver LING. *Lindon*, *Lhinnon* nome ilk. de Ossiriand: "terra musical" (**Lindān-d*), devido a água e pássaros; daí *Eredlindon*, = Montanhas de Lindon.

[*tuilindo* ("cantor-da-primavera"): cf. I. 324. Quanto à origem de *Lindon*, *Eredlindon* ver comentário a QS §108. — Ver GLIN.]

LIND- belo (especialmente com relação à voz); em qen. combinado com *slindā* (ver SLIN). Qen. *linda* belo, bonito, cf. *Lindar*; nold. *lhend* melodioso, doce; ilk. *lind*.

LING-, nold. **GLING-** pender. Qen. *linga*- pender, suspender; nold. *gling*. Cf. *Glingal* [e ver LIN[2]].

LINKWI- qen. *linqe* molhado, úmido. Nold. *lhimp*; *lhimmid* umedecer (pret. *lhimmint*).

LIP- qen. *limpe* (vinho), bebida dos Valar. [a primeira aparição de *limpe* desde os *Contos Perdidos*, onde era a bebida dos Elfos; quanto à antiga etimologia, ver I. 312.]

LIR[1]- cantar, gorjear; em nold. *g-lir*- [ver GLIR]. Qen. *lirin* eu entoo.

LIR[2]- nold. ant. *líre* fileira, cadeia, nold. *lhîr* fileira. Cf. *oeglir* cadeia de picos de montanhas.

LIS- mel. Qen. *lis* (*lissen*); nold. *glî*, *g-lisi*. Cf. *megli* (*meglin* adj.) urso (**mad-lī̆* comedor-de-mel [MAT], kenning para *brôg*, ver MORÓK). Cf. *Meglivorn* = Urso-negro.

LIT- qen. *litse* areia; nold. ant. *litse* > *litthe*, nold. *lith*; cf. *Fauglith* [PHAU].

LIW- **liñwi* peixe: qen. *lingwe*; nold. *lhimb*, *lhim*; dori. *líw*.

LOD- **londē* caminho estreito, estreito, passo: nold. *lhonn* (cf. *Aglon*); cf. nold. *othlond*, *othlon* caminho pavimentado (*ost* cidade + *lond*). Qen. *londe* rota (no mar), entrada de enseada, cf. *Alqalonde*.

LOK- grande serpente, dragão. Qen. *lóke* (-ī̆) dragão; *angulóke* dragão [ANGWA], *rámalóke* dragão alado [RAM], *urulóke* dragão-de-fogo [UR], *fealóke* dragão-de-fagulha [PHAY], *lingwilóke*

dragão-peixe, serpente-marinha [LIW]. Cf. nold. *lhûg*, *amlug*, *lhimlug*.

LOKH- qen. *lokse* cabelo; nold. *lhaws*, *lhoch* (**lokko*) cacho.

LONO- *lóna* ilha, terra remota difícil de ser alcançada. Cf. *Avalóna* [AWA] = Tol Eressea = a ilha exterior. [*A-val-lon* foi acrescentado aqui. *Avallon* aparece pela primeira vez na segunda versão de *A Queda de Númenor (§1) como um nome de Tol Eressea com a explicação "pois fica perto de Valinor".]*

LOS- sono. Qen. *olor* sonho, cf. *Lórien* = nold. *Lhuien*. Qen. *lóre* sono, *lorna* adormecido. Nold. *ôl* sonho, *oltha* [sonhar]. [Ver ÓLOS.]

LOT(H) flor. Qen. *lóte* (uma única) flor (grande); *losse* flor (geralmente, devido à associação com *olosse* neve, usado apenas para uma flor branca [ver GOLÓS]). Nold. *lhoth* flor; *gwaloth* flor, agrupamento de flores [WO]. Cf. *Wingelot*, *Wingelóte* Flor-de-Espuma, nold. *Gwingeloth* [WIG]; *Nimloth* [NIK-W] = Galathilion.

LU- qen. *lúme* tempo (cf. *lúmeqenta* história, relato cronológico, *lúmeqentale* história, *lúmeqentalea* histórico); *lú* uma época, ocasião. Nold. *lhû*. [Ver KWET.]

LUG[1]- **lungā* pesado: qen. *lunga*; nold. *lhong*; dori. *lung*; cf. dori. *Mablung* [MAP].

LUG[2]- **lugni* azul: qen. *lúne*; nold. *lhûn* (dori. *luin* claro, pálido, fraco, dan. *lygn*). Cf. *Lúnoronti* Montanhas Azuis, nold. *Eredluin* (também *Lhúnorodrim*, *Lhúndirien* Torres Azuis) = *Eredlindon* Montanhas de Lindon (= Ossiriand). [Para uma ocorrência de *Lunoronti*, ver p. 44. *Luindirien* Torres azuis ocorre em uma nota de rodapé acrescentada a QS §108 (comentário).]

LUK- magia, encantamento. Nold. *lhûth* feitiço, encantamento; *lhútha* encantar; *Lhúthien* feiticeira (dori. *Luithien*). Qen. *lúke* encantamento; *luhta* encantar. [A etimologia de *Lúthien* foi alterada para o seguinte:] dori. *luth*, daí *Luthien* (noldorizado como *Lhūthien*): **luktiēnē*.

LUM- qen. *lumbe* treva, sombra; *Hísilumbe*, nold. *Hithlum* [KHIS]. Em qen. a forma geralmente é *Hísilóme* por atração de *lóme* noite [DO3]. Nold. *lhum* sombra, *lhumren* sombreado.

LUS- nold. *lhost* vazio, cf. [*Mablothren* >] *Camlost* [KAB], *Lothlann* [LAD]. Qen. *lusta* vazio.

LUT- boiar, nadar. Qen. *lunte* barco; nold. *lhunt*. Nold. *lhoda* boiar.

M

[Os verbetes M estão meio apagados e são difíceis de interpretar, e alguns são muito confusos. Meu pai começou uma nova lista, escrevendo as etimologias de novo e claramente, mas a abandonou depois de lidar com os radicais em MA- e alguns outros (MBAD, MBER, MEL).]

MAD- qen. *marya* pálido, claro, fulvo, castanho-amarelado. Nold. *meið, maið*, daí *Maidhros* (anglicizado *Maidros*) = "brilho-claro" [RUS].

MAȝ- mão. Quen. prim. **māȝ* (*maȝ*-) mão: qen. *mā*; nold. ant. *mō* (pl. *mai*) geralmente substituído por *kamba* (nold. *camm*): ver KAB. Daí **maȝiti* hábil, habilidoso, qen. *maite* (pl. *maisi*); nold. ant. *maite*, nold. *moed*. **maȝ-tā* lidar: eld. **mahtā*-: qen. *mahta*-, nold. ant. *matthō-be*, nold. *matho* passar a mão, sentir, lidar, manusear; empunhar, brandir (confundido com **maktā*, ver MAK).

Relacionado a **MAG**- usar, manusear, em **magrā* útil, próprio, bom (com relação a coisas): qen. *mára*, nold. *maer*; **magnā* habilidoso: nold. ant. *magnā*, nold. *maen* habilidoso, engenhoso, *maenas* ofício, habilidade manual, arte. [Na forma original desse verbete, o nome *Maidros* (ver MAD) foi colocado em MAG: *Maedhros* = *Maenros*.]

MAK- espada, ou como radical verbal: lutar (com espada), fender. **makla*: qen. *makil* espada; nold. *magl*, *magol*. **maktā*: qen. *mahta*- empunhar uma arma (combinado com *maȝ-tā*, ver MAȝ), lutar: daí *mahtar* guerreiro = nold. *maethor*. Nold. *maeth* batalha, luta (não de uma hoste em geral, mas de dois ou alguns combatentes), *maetha* lutar. Cf. *Maglaðûr* [cf. DOȝ?] ou *Maglaðhonn* = Espada-negra (como nome). Qen. *Makalaure* = Cortador-de-ouro, nome do quinto filho de Feanor, nold. *Maglor*.

[Na forma original desse verbete, as formas nold. do substantivo "espada" eram *megil*, *magol*, e o nome "Espada-negra" era *Megildur* (> *Magladhûr*, *Maglavorn*). Mesmo que essas formas fossem substituir *Mormakil*, *Mormegil* etc. como o nome de Túrin em Nargothrond, elas jamais apareceram nos textos.]

MAN- espírito sacro (um que não nasceu ou que passou pela morte). Qen. *manu* espírito que partiu; nold. *mān*. Cf. qen. *Manwe* (também emprestado e usado em nold. [ver WEG]).

MANAD- sina, fim último, fado, sorte (geralmente = ventura final). Qen. *manar*, *mande*. Nold. *manað*. Cf. nold. *manathon*. Em qen., esse radical é em parte combinado com MBAD, q.v. e cf. *Mandos*, *Kalamando*.

MAP- pegar com a mão, agarrar. Qen. *mapa*- segurar, agarrar. Nold. ant. *map*- agarrar, tomar à força. Ilk. (dor.) *mab* mão (******mapā*), cf. *Mablung* [LUG[1]]. Ilk. *Ermab(r)in* uma-mão (de Beren: cf. *Mablosgen* mão-vazia = nold. *Erchamron*, *Camlost*). [As formas *Ermab(r)in* e *Erchamron* são certas.]

MASAG- sovar, tornar macio esfregando, sovando, etc. **mazgā*: qen. *maksa* maleável, macio; nold. ant. *mazga* > *maiga*, nold. *moe*, macio. **mazgē*: qen. *makse* massa (de farinha), nold. *moeas* massa. Ilk. *maig* massa.

MAT- comer. Qen. *mat*-; nold. *medi*. Quanto a *megli* urso, ver LIS.

MBAD- coação, constrangimento, prisão, sentença, inferno. **mbanda*: nold. *band*, *bann* coação, constrangimento, prisão; *Angband* Inferno (Prisão-de-ferro) (qen. *Angamanda*). Qen. *Mando* o Aprisionador ou Ator, geralmente alongado como *Mand-os* (*Mandosse* = Aprisionador Temível, nold. *Bannos* [GOS]. Combinado em qen. com MAN — daí *Kalamando* Mando da Luz = Manwe, *Morimando* Mando da Treva = Mandos. MBAD por sua vez é relacionado a BAD, q.v.

MBAKH- trocar. Qen. *manka*- comerciar; *makar* comerciante; *mankale* comércio. Nold. *banc*, *banga*; *bachor* mascate; *bach* artigo (para troca), mercadoria, coisa (**mbakhā*).

MBAL- qen. *malle* rua; *ambal* pedra modelada, laje.

MBAR- morar, habitar. Qen. *a-mbar* (*ambaron*) “oikoumenē”, Terra; *Endamar*, *Ambarenya* Terra-média. Nold. *ambar*, *amar* Terra; *Emmerein*, *Emerin* (*Ambarenya*) Terra-média. *Martan(ō)* Construtor-da-Terra = Aule (nold. *Barthan*) [TAN]. *Gondobar*, *Findobar* [PHIN]. [Com o uso da palavra grega *oikoumenē* aqui, cf. *Cartas*, n. 154. — *Ambarendya* ocorre no *Ambarkanta*, IV. 285–87. — Com *Martan*, cf. I. 321, verbete *Talka Marda*. — *Findobar* era o filho de Fingon (p. 491).]

MBARAT- qen. *umbar* (*umbarten*) fado, sina, destino; nold. *ammarth*. Qen. *marta* predestinado, fadado; *maranwe* destino; *martya-* destinar. Nold. *barad* fadado; *bartho* fadar. Cf. *Turamarth*, qen. *Turambar* [aparentemente escrito assim sobre *Turumbar*].

MBAS- sovar. Qen. *masta-* assar, *masta* pão. Nold. *bast* pão; *basgorn* pão (redondo) **[**KOR].

MBAW- compelir, forçar, sujeitar, oprimir. Qen. *mauya-* compelir; *mausta* compulsão; *maure* necessidade. Nold. *baug* tirânico, cruel, opressivo; *bauglo* oprimir; *bauglir* tirano, opressor; *bui* (**mauy-*) (impessoal); *baur* necessidade. Cf. *Gothmog* (**Gothombauk-*) [GOS].

MBER- qen. *meren* (*merend-*) ou *merende* festa, festival; nold. *bereth*. Qen. *merya* festivo; *meryale* feriado. Nold. *beren* festivo, alegre, jubiloso. [Esse radical foi primeiro MER, e as palavras nold., *mereth*, *meren*; mas um novo radical MER foi então introduzido e o antigo MER foi alterado para MBER, com as palavras nold. se tornando *bereth*, *beren*. O nome *Mereth Aderthad* nunca foi alterado nos textos.]

MBIRIL- (composto de MIR e RIL, q.v.) Qen. *miril* (*mirilli*) joia brilhante; *mirilya-* cintilar. Ilk. *bril* vidro, cristal; cf. *Brilthor* torrente cintilante.

MBOTH- dori. *moth* lagoa, *umboth* grande lagoa. Cf. qen. *motto nódoa, nold. both* poça, pequeno charco. Cf. *Umboth Muilin* [MUY] = nold. *Elinuial* ou *Hithliniath*.

MBUD- projetar. **mbundu*: qen. *mundo* focinho, nariz, cabo, promontório; nold. *bund*, *bunn*. Cf. **andambundā* de focinho longo, qen. *andamunda* elefante, nold. *andabon*, *annabon* [ÁNAD].

MEL- amar (como amigo). Qen. *mel-*; *melin* caro, querido, *melda* amado, caro, querido; *melme* amor; *melisse* (f.), *melindo* (m.) amante; *melima* amável, belo, *Melimar* = Lindar. Vocalismo irregular: **mālō* amigo, qen. *málo*. Nold. *meleth* amor; *mell* caro, querido; *mellon* amigo; *meldir* amigo, f. *meldis*; *melethron*, *melethril* amante, *mîl* amor, afeição; *milui* amigável, afetuoso, gentil.

MEN- qen. *men* lugar, local; *ména* região. Cf. *Númen*, *Rómen*, *Harmen* [ver KHYAR], *Tormen* [que é a forma no *Ambarkanta*, IV. 288–89, 292–93, alterado posteriormente para *Formen* (PHOR).]

MER- desejar, querer. Qen. *mere*, pret. *merne*. [Ver MBER.]

MERÉK- [Esse verbete foi riscado, e o radical MBERÉK foi escrito ao lado dele. Era o mesmo verbete BERÉK, q.v., exceto que a forma qen. aqui era *merka* "selvagem, indômito" em vez de *verka*, uma forma nold. *brerg* "selvagem, feroz" foi dada, e *bregol* foi traduzida "feroz".]

MET- fim, término. Qen. *mente* ponta, extremidade, fim; nold. *ment* ponta; *meth* fim (**metta*); *methen* fim. Qen. *metya*- pôr fim em.

MI- interior. Qen. *mi* em, dentro; *mir* e *minna* para dentro; *mitya* adj. interior.

MIL-IK- qen. *milme* desejo, ganância; *maile* luxúria; *mailea* luxurioso; *milya*- ansiar; *milka* ganancioso; *Melko* (**Mailikō*), nold. *Maeleg* (**-kā*). Nold. *melch* ganancioso; *mael* luxúria; *maelui* luxurioso. [A vogal temática *ae* nas palavras nold. foi alterada para *oe*: *Moeleg*, etc. O nome gnômico *Moeleg* de Melko ocorre no Q (IV. 97, 186).]

MINI- estar sozinho, destacar-se. Qen. *mine* um; *minya* primeiro; *minda* proeminente, conspícuo; *mindo* torre isolada. Nold. *min*

um, *minei* (**miniia*) único, distinto, singular; *minnas* torre, também *mindon* (**minitaun*, cf. *tunn* [ver TUN]).

MINIK-W- qen. *minqe* onze.

MIR- qen., nold. ant. *míre*, nold. *mîr* joia, coisa preciosa, tesouro. Cf. *Nauglamîr* (forma doriathrin). *Mirion* nome nold. usual da *Silevril* (*Silmarilli*), pl. *Miruin*; = nold. *Golo(ð)vir* ou *Mîr in Geleið*, dori. *Goldamir*. [O nome *Boromm*$\bar{\text{u}}$*ro* foi inserido: ver BOR.]

MIS- ir em liberdade, desviar-se, vagar, errar. Qen. *mirima* livre; cf. *Mirimor* = os Teleri. *mista-* perambular, vagar. Nold. *mist* error, vagueação; *misto* desviar-se; *mistrad* vagueação, error. [Na longa nota a QS §29 que fornece nomes "em canção e conto" das Gentes dos Elfos, um nome dos Teleri é "os Livres" (e outro, "os Errantes").]

MISK- qen. *miksa* molhado, úmido; nold. *mesg*, *mesc*.

MITH- nold. *mith* neblina branca, bruma úmida; cf. *Mithrim* [RINGI]. [Acréscimo posterior: *mith* = cinza, cinzento.]

MIW- lamuriar. Qen. *maiwe* gaivota, nold. *maew*. Qen. *miule* lamúria, piado.

MIZD- **mizdē*: qen. *miste* chuva fina, chuvisco, garoa; nold. *mídh* orvalho; dori. *míd* umidade (adj. *méd* molhado, úmido, **mizdā*); dan. *meord* chuva vida, chuvisco, garoa. Cf. nome dori. *Dolmed* 'Wet-head' [NDOL]. [Os radicais MISK-, MITH-, MIZD- evidentemente são relacionados, mas é quase impossível depreender pelas alterações no manuscrito qual era a intenção final de meu pai.]

MŌ- **mōl-*: qen. *mól* escravo, servo; nold. *mûl*. Qen. *móta-* labutar, trabalhar; nold. *mudo* (pret. *mudas*). [Cf. *Lhammas* §8: *múlanoldorin* > mólanoldorin, idioma dos Noldor escravizados por Morgoth.]

MOR- **mori* preto, negro: qen. *more* preto, negro (nold. † *môr*); *mordo* sombra, obscuridade, mancha; *móre* negrume, escuridão, noite; *morna* escuro, sombrio; *morilinde* rouxinol (ilk. *murulind*, *myrilind*). Nold. *maur* treva; *moru* preto, negro. Ilk. *môr* noite. *Meglivorn*: ver LIS, MAT. *Morgoth* Sombrio Inimigo [KOT] = Melko. *Morimando* = Mandos [ver MBAD]. *Moriqendi* Elfos

Escuros = *Morimor*, nold. *Duveledh* ou *Dúrion* [DO3]. [Esse verbete é extremamente confuso pelas alterações e acréscimos posteriores, e tentei organizar o material de uma forma mais sequencial. No entanto, não está claro que a intenção era de que todas as formas apresentadas permanecessem.]

MORÓK- **morókō* urso: qen. *morko*; nold. *brôg*; ilk. *broga*. [Ver LIS.]

MOY- qen. *moina* familiar, caro, prezado; nold. ant. *muina*, nold. *muin* caro, prezado. [Ver TOR.]

MŪ- não. [Ver UGU, UMU.]

MUY- qen. *muina* oculto, secreto; *muile* segredo, sigilo. Dori. *muilin* secreto, velado; *Umboth Muilin* lagoa velada = nold. *Lhîn Uial* ou *Eilinuial*. Dori. *muil* crepúsculo, sombra, imprecisão. (Não em nold., pois se tornou idêntico a *moina* [MOY].)

N

[Os verbetes N não foram refeitos, e permanecem em suas formas originais extremamente difíceis. Os radicais com uma consoante nasal posterior inicial (seguida pela oclusiva *g*), representados no manuscrito por uma forma especial da letra *n*, foram impressos ÑG- aqui.]

NĀ[1]- [Cf. ANA[1]] qem. *an*, *ana*, *na* para, a, em direção a, prefixo *ana*-. Nold. *na* com, por, prefixo *an*-. Também usado como sinal genitivo.

NĀ[2]- [Cf. ANA[2]] ser, estar. Radical do verbo "ser, estar" no qen. Cf. *nat* coisa, nold. *nad*.

NAD- qen. *nanda* prado-d'água, planície irrigada. Nold. *nand*, *nann* vasta pastagem; *naðor, naðras* pasto. Dori. *nand* campo, vale. Cf. *Nandungorthin*, *Nan Tathren*.

NAK- [Cf. ÁNAK] morder. Qen. *NAK*- morder; nold. *nag*-. Qen. *nahta* uma mordida; nold. *naeth* mordida, ranger de dentes [ver NAY]. Nold. *naew* (**nakma*), qen. *nangwa* mandíbula. Cf. **an-kā* mandíbula, fileira de dentes: qen. *anka*, nold. *anc*; *Anc-alagon* "Tormenta-Mordedora", nome de dragão [ÁLAK].

NAN- nold. *nana* (hipocorístico) mãe; *naneth*. [Ver AM[1].]

NAR[1]- chama, fogo. Qen. *nár* e *náre* chama, cf. *Anar* Sol; *narwā* vermelho ardente. Nold. *naur* chama; *Anar* Sol; *narw*, *naru* vermelho. Cf. *Egnor* [EK], etc.; quanto a *Feanor*, ver PHAY. Qen. *narqelion* "esvanecer-do-fogo", outono [KWEL]. [A forma nold. *Anar* está clara. Ver ANÁR.]

NAR[2]- (qen. *nyar*-) contar, relatar. Qen. *nyáre* conto, saga, história, *lumenyáre* [LU]; *nyarin* eu conto. Nold. ant. *naróbe* ele conta uma história (pret. *narne*), *trenare* ele reconta, conta até o final (inf. *trenarie*). Nold. † *naro* contar; *treneri* (*nennar*), pret. *trenor*, *trener*; *trenarn* relato, conto (nold. ant. *trenárna*); *narn* conto, saga (qen. *nyarna*). [Quanto ao prefixo *tre*-, ver TER.]

NÁRAK- despedaçar, rasgar (tr. e intr.). **narāka* precipitado, rápido, violento: qen. *naraka* duro, severo, despedaçador, violento; nold. *narcha*- despedaçar, qen. *narki*. Nold. *Narog* nome de rio; *Nar(o)gothrond* [os] = fortaleza de Narog; *Narogardh* = reino de Narog.

NAS- ponta, extremidade afiada. Qen. *nasse* espinho, cravo; *nasta*- espetar, picar. Nold. *nass* ponta, extremidade afiada; ângulo ou canto (cf. BEN); *nasta* espetar, apontar, fincar, enfiar. Cf. SNAS, SNAT.

NAT- (cf. NUT) amarrar, tecer, atar. Qen. *natse* teia, rede; nold. *nath* teia; dori. *nass*. Nold. *nathron* tecelão, tecedor; *gonathra*- enredar, emaranhar, *gonathras* emaranhamento. [Quanto ao prefixo *go*-, ver w .]

NAUK- qen. *nauko* anão. Nold. *naug*. Cf. *Nogrod* cidade-anânica [cf. ROD?]. Também na forma diminutiva *naugol* (*naugl*-). O nome *Nauglamîr* é estritamente doriathrin, onde o genitivo em -*a(n)* vinha primeiro. A expressão em noldorin verdadeiro é *mîr na Nauglin* ou *Nauglvir* > *Nauglavir*.

[O nold. *naug* foi riscado e substituído por: "nold. *nawag* (pl. *neweig*, *neweg*); dori. *naugol*, donde o nold. exíl. *naugl*"; mas o resto do verbete permaneceu como tal. O radical NÁWAK foi escrito ao lado de NAUK.]

NAY- lamentar, *naeth* (*nakt*-) “mordida” é associado em nold. com esse radical, e possui sentidos de ranger os dentes de pesar: cf. *Nírnaeth Arnediad* (ou *Aronoded*) [NOT]. Qen. *naire* lamento, *naina*- lamentar. Nold. *noer* adj. triste, lamentável; *nae* ai (de mim), qen. *nai*. Qen, nold. ant. *noi*, *nui* lamento (**naye*); *Nuinoer*, *Nuinor*, nome da irmã de Túrin.

NÁYAK- (ou talvez NAYKA-, elaboração de NAK, q.v.) dor. Qen. *naike* dor aguda; *naikele*; *naikelea* doloroso. Nold. *naeg* dor; *negro* doer.

NDAK- matar. Nold. ant. *ndakie* matar, pret. *ndanke*; *ndagno* morto (como substantivo), cadáver; *ndakro* matança, batalha. Nold. *degi* matar; *daen* cadáver; *dangen* morto, cf. *Hauð i Ndengin*; *dagr*, *dagor* batalha; *dagro* lutar, batalhar, guerrear. **ndākō* guerreiro, soldado: nold. ant. *ndóko*, nold. *daug* usado principalmente com relação aos Orques, também chamados *Boldog*. [*Boldog* é um capitão-orque na *Balada de Leithian* e em Q §10. O significado aqui é de, além de *daug*, *Boldog* também era usado; ver ÑGWAL.]

NDAM- martelar, bater. Qen. *namba* um martelo, *namba*- martelar. *Nambarauto* martelador de cobre, sexto filho de Fëanor, nold. *Damrod* [RAUTĀ]. Nold. *dam* um martelo, *damna*- martelar (pret. *dammint*).

NDAN- atrás, para trás. (Cf. *Danas*; nold. *Dân*, pl. *Dein*, *Daðrin*). Qen. *NAN*- (prefixo) para trás. Dori. *dôn* parte de trás (substantivo). Cf. qen. *nā*, *nān* mas, pelo contrário, por outro lado, *a-nanta* e ainda assim, mas ainda. [Ver DAN, e comentário a *Lhammas* §7.]

NDER- forma reforçada de *der* homem (ver DER). **ndēro* noivo > eldarin *ndǣr*, qen. *nér* homem (combinado com *dér*); nold. ant. *ndair*, nold. *doer* noivo. Cf. *Ender* cognome de Tulkas (*Endero*), assim como *Indis* (ver NDIS) o de sua esposa.

NDEW- seguir, vir atrás. Qen. *neuna* (**ndeuna*) segundo; **ndeuro* seguidor, sucessor: qen. *neuro*, cf. dori. *Dior* sucessor (isto é, de Thingol). O radical é confundido com NDŪ “afundar” em nold.

NDIS- Fortalecimento (análogo a NDER de DER) de NIS “mulher”, por sua vez elaborado a partir de INI.

– –

NDIS-SĒ/SĀ qen. *nisse* além de *nis* (ver NIS, NĪ) mulher. Nold. ant. *ndissa* mulher jovem, moça (em nold., *dess* foi combinado com *bess*, que é propriamente "esposa"); **ndīse* noiva > nold. ant. *ndîs*, nold. *dîs*. Forma intensificadora **i-ndise* = qen. *Indis* "noiva", nome da deusa Nessa.

NDOL- qen. *nóla* topo redondo, outeiro; nold. *dôl* (nold. ant. *ndolo*) cabeça. Cf. qen. *Andolat* nome de colina, nold. *Dolad*. Nold. *dolt* (pl. *dylt*) saliência arredondada, protuberância. Cf. dori. *Ndolmed*, *Dolmed* = Cabeça Úmida, nome de uma montanha nas Eredlindon.

NDOR- habitar, ficar, repousar, morar. Qen. *nóre* terra, habitação, região onde certo povo vive, como *Vali-nóre* (*Valinor*). A vogal longa em qen. deve-se à confusão com *nóre* clã (NŌ; ONO). Nold. *dor* (**ndorē*); *dortho*- habitar, ficar. Cf. *Endor* = *Endamar* Terra-média. *Doriath*: ver GATH. [Em ÉNED, *Endor* é definida como "centro do mundo". Ver IV. 299–300.]

NDŪ- (ver também N Ŭ) baixar, afundar, pôr-se (com relação ao Sol, etc). Associado em nold. com DO3 noite, também com NDEW. Qen. *númen* oeste (ver MEN), *númenya* ocidental; *núta* pôr-se, baixar (o Sol ou a Lua); *andūne* (**ndūnē*) ocaso, poente. Nold. *dûn* oeste, além de *annûn* usado como oposto de *amrûn* (ver AM); também *dúven* [?meridional].

[Notas rabiscadas nas margens fornecem: "*Númenóre* e *Andúnie*= = Terra de Grandes Homens (após a Última Batalha), NDUR, NUR curvar-se, obedecer, servir; *núro* ocaso, poente; cf. -*dûr* no nome *Isildur*". No QdN I (§2), *Andúnie* também era o nome da terra de Númenor, não (como no QdN II) de sua principal cidade.]

NDUL- Ver DUL. **ndulla*: qen. *nulla* sombrio, escuro, obscuro; nold. *doll*, cf. *Terendul*.

NÉD- Ver ÉNED. meio, centro. Nold. *enedh* âmago, centro; qen. *ende*. Mas o nold. *nedh*- como prefixo = meio-.

NEI- lágrima. Qen. *níre*, *nie* lágrima; cf. *nieninqe* galanto (lit. "lágrima-branca") [NIK-W], *Nienna*. Nold. *nîr lágrima, choro; nírnaeth* lamentação [NAY]; *nîn* (**neinē*) lágrima, *nínim* galanto

(*nifredil*). Qen. *níte* (**neiti-*) úmido, orvalhoso; nold. *nîd* úmido, molhado; lacrimoso. **neiniel-*: nold. *niniel* lacrimosa.

NEL- três. **NÉL-ED**- três: qen. *nelde*; nold. *neledh*, posteriormente *neled* (à maneira de *canad* quatro). Prefixo *nel-* tri-. *nelthil* triângulo (*neltildi*) [TIL]. Doriathrin *neldor* faia. Cf. *Neldoreth* nome de uma floresta em Doriath, propriamente o nome de *Hirilorn* a grande faia de Thingol com três troncos = *neld-orn*? [ver ÓR-NI]. O nome nold. é *brethel*, pl. *brethil* (cf. Floresta de Brethil); ver BERÉTH [onde *brethil* é fornecido como o singular]. o nome dori. próprio era *galdbreth* > *galbreth* [GALAD].

NÉL-EK- dente. Qen. *nelet*, *nelki*. Nold. amt. *nele*, *neleki*; nold. *nêl*, *neleg*.

NEN- qen. *nén* (*nen-*) água; nold. *nen* (pl. *nîn*). Qen. *nelle* (**nen-le*) córrego; *nende* lagoa; *nenda* aquoso, molhado. Nold. *nend*, *nenn* aquoso. Cf. *Ui-nend*, qen. *Uinen* [UY].

NEÑ-WI- nariz. Qen. *nengwe*, *nengwi*; *nengwea* nasal. Nold. *nemb*, *nem*; dori. *nîw*.

NĒR- radical qen. para o quend. prim. *der-* homem, derivado da influência de *ndere* e *nī*, *nis*: ver NĪ, DER, NDER.

NÉTER- nove. Qen. *nerte*; nold. *neder*.

NETH- jovem. Qen. *Nessa* deusa, também chamada *Indis* (noiva): ver NĪ, NDIS. *nessa* jovem (**neth-rā*); *nése* ou *nesse* juventude; *nessima* juvenil, jovem. Nold. *nîth* juventude (**nēthē*); *neth* jovem (*nethra*); *Neth* ou *Dineth* = Indis Nessa.

ÑGAL- / ÑGALAM- falar alto ou incoerentemente. Qen. *ñalme* clamor; nold. *glamb*, *glamm* (**ngalámbe*, influenciado por *lambe* [LAB]) fala bárbara; *Glamhoth* = Orques. Ver LAM, GLAM. [O radical foi alterado subsequentemente para ÑGYAL- e o qen. *ñalme* para *yalme*.]

ÑGAN-, ÑGÁNAD- tocar (em instrumento de corda). Qen. *ñande* uma harpa, *ñandelle* pequena harpa; *ñandele* harpejar [substantivo]; *ñanda-* harpejar; *ñandaro* harpista. Nold. *gandel*, *gannel* uma harpa; *gannado* ou *ganno* tocar uma harpa; *talagant* [> *talagand*] harpista (**tyalañgando*), cf. *Talagant* [> *Talagand*] de Gondolin [TYAL]. Ilk. *gangel*, *genglin*. [*Talagant* não aparece em nenhuma fonte literária, mas cf. *Salgant* no conto *A Queda de*

Gondolin, o covarde, mas não completamente desinteressante, senhor do Povo da Harpa: II. 211, 230, etc.]

ÑGAR(A)M- dori. *garm* lobo; nold. *garaf*; qen. *ñarmo*, *narmo*.

ÑGAW- uivar. Nold. *gaur* lobisomem; qen. *ñauro*. Nold. *gaul*, qen. *naule* uivo de lobo. Nold. *gaw*- uivar; *gawad* uivo.

ÑGOL- sábio, sabedoria, ser sábio. Qen. *ñolwe* sabedoria, saber secreto; *ñóle* sabedoria; *ñóla* sábio, erudito; † *ingole* saber profundo, magia (nold. † *angol*). Nold. † *golw* saber, *golwen* (**ngolwina*) sábio, versado em artes profundas; *goll* (**ngolda*) sábio; *gollor* mago; *gûl* magia. Dori. *ngol*, *gôl* sábio, mágico; *(n)golo* magia, saber; *durgul*, *mor(n)gul* feitiçaria.

ÑGOLOD- alguém da gente sábia, Gnomo. Qen. *ñoldo*; nold. ant. *ngolodo*, nold. *golodh*, pl. *goeloeidh*, *geleidh* e *golodhrim*; tele. *golodo*, dori. *(n)gold*; dan. *golda*. Qen. *Ingolonde* Terra dos Gnomos (Beleriand, mas antes aplicado a partes de Valinor); nold. *Angolonn* ou *Geleidhien*. *Golovir* (*Mîr in Geleidh*) = Silmaril; dor. *Goldamir*; qen. *Noldomíre* [MIR].

ÑGOROTH- horror (cf. GOR; GOS, GOTH). Nold. *Gorgoroth* medo mortal (**gor-ngoroth*), cf. (*Fuin*) *Gorgoroth*, nome posterior de Dorthanion, também chamada *Taur-na-Fuin* ou *Taur-na-Delduath*. Cf. o nome dori. *Nan Dungorthin* (dori. *ngorthin* horrível, *dunn* preto, negro); dori. *ngorth* horror = nold. *goroth*, *Nan Dongoroth* ou *Nann Orothvor* [ver DUN].

ÑGUR- nold. ant. *nguru*, *ngurtu*; nold. *gûr* Morte, também *guruth* [ver WAN]. Qen. *nuru*, *Nuru* (personificada) = Mandos; *Nurufantur* = *Mandos Gurfannor* [SPAN]. Cf. *Gurtholv* [> *Gurutholf*] "Vara da Morte", nome de espada [GÓLOB].

ÑGWAL- atormentar. Qen. *ungwale* tortura; *nwalya*- doer, atormentar; *nwalka* cruel. Nold. *balch* cruel; *baul* tormento, cf. *Bal*- em *Balrog* ou *Bolrog* [RUK], e o nome-órquico *Boldog* = guerreiro-órquico "Matador Atormentador" (cf. NDAK).

ÑGYŌ-, ÑGYON- neto(a), descendente. Qen. *indyo*; tele. *endo*; nold. ant. *ango* (não se encontra em nold.). Cf. YŌ, YON.

NĪ[1]- mulher — relacionado a īni fêmea, mulher, contraparte de ȝAN macho, varão. Em qen., *ní* era arcaica e poética, e geralmente

substituída por *nis*, pl. *nissi*, ou por *nisse*, pl. *nissi*. Ver NIS, NDIS. Em qen., o quend. prim. *dēr* “homem” tornou-se *nér* (e não *lér*) devido à combinação com *ndǣr* “noivo” e à influência de *nī*, *nis* (ver DER, NDER).

Em nold. ant., *nî* “mulher”, posteriormente > *dî* através da influência de *dîr* [ver DER]; mas *dî* era apenas rara e poética (“noiva, senhora”): era substituída no sentido de “mulher” por *bess* [ver BES], e no sentido de “noiva” pelo comp. *di-neth* (ver NETH). *Dineth* também é o nome nold. da deusa *Neth* = qen. *Nessa*, e *Indis*.

NI[2]- = eu.

NIB- face, fronte, rosto. Nold. *nîf* (**nībe*) fronte, face, rosto. Dori. *nef* face; *nivra*- encarar, enfrentar, ir em frente; *nivon* oeste, *Nivrim* Marca-oeste, *Nivrost* Vales-do-oeste [ROS[2]]. [*Nivrim* “Marca-oeste” ocorre em QS §110, e *Nivrost* “Vale do Oeste” em QS §106.]

NID- recostar-se. **nidwō* apoiar, escorar, amortecer: qen. *nirwa*; nold. ant. *nidwa*, nold. *nedhw*.

NIK-**W**- qen. *niqe* neve; *ninqe* branco (**ninkwi*); *nieninqe* “lágrima branca” = galanto [NEI]; *ninqita*- brilhar (com cor branca); *ninqitá*- branquear; *ninqisse* brancura, alvura. *Taniqetil(de)* = Alto Chifre Branco = nold. *Nimdil-dor* (**Ninkwitil(de) Tára*). Nold. *nimp* (*nim*) pálido; *nifred* palidez, medo; *nimmid* branquear (pret. *nimmint*); *nifredil* galanto; *nimred* (*nimpred*) palidez.

NIL-, NDIL- amigo. Qen. *nilda* amigável, amável; *nildo* (e *nilmo*), f. *nilde*, amigo; *nilme* amizade. Em nomes *-nil*, *-dil* = inglês antigo *wine*, como *Elendil* (**Eled-nil*) = Ælfwine; *Herendil* = Eadwine [ver KHER].

NIN-**DI**- frágil, fino. Qen. *ninde* delgado, esbelto; nold. *ninn*.

NIS- Provavelmente uma elaboração de INI, NĪ; contraparte feminina de DER “homem”. Qen. *nis*, *nissi* (ver NĪ).

NŌ- (cf. ONO) gerar, originar. Qen. *nóre* país, terra, raça (ver NDOR). Nold. *nûr* raça; *noss* (= qen. *nosse*) clã, família, “casa”, como

Nos Finrod Casa de Finrod. Qen. *onóro* irmão, *onóne* irmã. Nold. ant. *wanúro*, nold. *gwanur* [w ŏ̆].

ÑOL- cheirar (intr.). Qen., lind. *holme* odor. Nold. *ûl* odor (**ñōle*); *angol* fedor.

NOROTH- qen. *norsa* um gigante.

NOT- contar, computar. Qen. *NOT*- contar, computar, *onot*- contar, somar; *nóte* número. Nold. *noedia* contar; *gonod*- contar, computar, somar; cf. *arnoediad*, *arnediad*, além de *aronoded*, inumerável, incontável, infindável; *gwanod* narração, enumeração [ver w ŏ̆].

NOWO- pensar, forma uma ideia, imaginar. Qen. *noa* e *nó*, pl. *nówi*, concepção; *nause* imaginação (**nauþe*). Nold. *naw*, pl. *nui*, ideia; *nauth*- pensamento; *nautha*- conceber, imaginar.

N ŭ̆ - Cf. NDŪ. Qen. *nún* adv. embaixo, debaixo, abaixo; *no* prep, sob. Nold. *no* sob, com artigo *nui* (*Dagor nuin Giliath*). **nūrā*, ou o radical separado NUR; qen. *núra* fundo, profundo; nold. *nûr*. Cf. *Nurqendi* = Gnomos; *Núron*, nome nold. de Ulmo.

NUT- amarrar, atar. Qen. *nutin* eu ato; *núte* laço, nó; *nauta* compelido, obrigado. Nold. *nud*-; *nûd* laço; *naud* compelido.

NYAD- roer. *******nyadrō*: qen. *nyano* rato; nold. *nâr* (= *naðr*).

NYEL- soar, cantar, emitir um som gracioso. Qen. *nyello* cantor; *nyelle* sino; tele. *Fallinel* (*Fallinelli*) = Teleri [PHAL]. Nold. *nell* sino; *nella*- tocar sinos; *nelladel* repicar de sinos. Qen. *Solonyeldi* = Teleri (ver SOL); na forma telerin, *Soloneldi*.

O

OKTĀ- Ver KOT. Qen. *ohta* guerra. Nold. *auth*. Ilk. *oth*.

ÓLOS- sonhar. Qen. *olor* sonho, *Olofantur* (*s-f* > *f*) = *Lórien*. Nold. [*olt* >] *ôl* (pl. *elei*); *oltha*- sonhar (**olsa*-); *Olfannor* (= *Olo(s)-fantur*) [SPAN] = Lórien. [Ver LOS.]

OM- qen. óma voz; óman, *amandi* vogal.

ONO- gerar, procriar (ver NŌ). Qen. *onta*- gerar, criar (pret. óne, *ontane*); *onna* criatura; *ontaro* (*ont* $\dot{a}$ *ro*) progenitor, pai (f. *ontare*); *ontani* pais, progenitores. Nold. *odhron* pai (ou mãe) (*odhril*); (**onrō*) *ed-onna* gerar; *ûn* criatura.

ORO- para cima, em cima, acima; levantar, erguer; alto; etc. (cf. RŌ). Qen. *óre* subida, elevação, *anaróre* nascer do sol; *orta-* levantar, erguer, elevar. Nold. *or* prep. acima; prefixo *or-* como em *orchall*, *orchel* superior, eminente (ver KHAL[2]); nold. ant. *ortie*, *orie* levantar(-se), erguer(-se), *ortóbe* levantar, erguer; nold. *ortho* levantar, erguer (*orthant*); *erio* erguer(-se), levantar(-se) (†*oronte* levantou(-se), ergueu(-se)).

ÓROT- elevação, montanha. Qen. *oron* (pl. *oronti*) montanha; *orto* topo de montanha. Nold. ant. *oro*, pl. *oroti*, além de *oroto*; nold. *orod* (pl. *ereid*, *ered*) montanha; *orodrim* cadeia de montanhas (ver RIM). Dori. *orth*, pl. *orthin*. Cf. *Orodreth*; *Eredwethion*, *Eredlindon*, *Eredlemrin*, *Eredengrin*.

ÓR-NI- árvore alta. Qen. *orne* árvore, árvore alta isolada. Nold., dori. *orn*. Em Doriath usado especialmente para a faia, mas como sufixo em *regorn* etc., usado para qualquer árvore de qualquer tamanho. Em nold. usado para qualquer árvore grande — azevinho, espinheiro etc. eram classificados como *toss* (*tussa*) arbusto [TUS]: assim, *eregdos* = azevinho [ERÉK]. O nold. *orn* possui o pl *yrn*.

ÓROK- *órku gobelim: qen. *orko*, pl. *orqi*. Nold. ant. *orko*, pl. *orkui*; nold. *orch*, pl. *yrch*. Dori. *urch*, pl. *urchin*. Dan. *urc*, pl. *yrc*.

ORÓM- **Orōmē*: qen. *Orome*; nold. ant. *Oroume*, *Araume* > exílico *Araw*, também chamado *Tauros*. Ver ROM.

OS- em volta, ao redor, acerca. Nold. *o* sobre, acerca, *h* antes de vogal como *o Hedhil* acerca dos Elfos; *os-* prefixo "ao redor", como *esgeri* secionar, amputar (3ª sing. *osgar*). Qen. *osto* cidade, cidade com uma muralha ao redor. Nod. *ost*; *othrond* fortaleza, cidade em cavernas subterrâneas = *ost-rond* (ver ROD). Cf. *Belegost*, *Nargothrond*.

OT- **(OTOS, OTOK)** sete. Qen. *otso*; nold. *odog*. Qen. *Otselen* Sete Estrelas, nold. *Edegil*, = Ursa Maior ou *Valakirka* Foice dos Deuses.

OY- sempre, eterno. Qen. *oi* sempre; *oia* (**oiyā*) sempiterno; *oiale*, *oire* [?era] sempiterna, perpétua; *oira* eterno. *Oiolosse* "Neve sempiterna" = Taniqetil = nold. ant. *Uigolosse*, nold. *Uilos*,

Amon Uilos; *uir* eternidade; *uireb* eterno. Qen. *Oiakúmi* = *Avakúma*. [Esse verbete substituiu o em GEY, que por sua vez substituiu EY.]

P

PAD- qen. *panda* local cercado. Nold. em *cirban* porto; *pann* pátio.

PAL- vasto, amplo, escancarado. Qen. *palla* amplo, vasto, extenso; *palu-*, *palya-* escancarar, espalhar, expandir, extender; nold. *pelio* espalhar. Qen. *palme* superfície; nold. *palath* superfície. Qen. *palúre* supefície, âmago, seio da Terra (= inglês antigo *folde*), daí *Palúrien* cognome de Yavanna. [Acréscimo posterior:] *palan-* remoto, distante, vasto, em grande medida; *palantir* uma pedra de visão longínqua.

PALAP- qen. *palpa-* bater. Nold. *blebi* para **plebe*; *blâb* agito, bater (de asas, etc.)

PAN- colocar, pôr, fixar no lugar (especialmente madeira). Qen. *panya-* fixar, pôr; nold. *penio*. Qen. *pano* pedaço de madeira moldada. **panō*: prancha, tábua fixada, especialmente num assoalho: nold. ant. *pano*, *panui*, nold. *pân*, *pein*; *panas* chão, assoalho. Qen. *ampano* construção (especialmente de madeira), salão de madeira.

PAR- compor, reunir, juntar. **parmā*: qen. *parma* livro, nold. ant. *parma*, nold. *parf* (*perf*). Qen. *parmalambe* língua dos livros = qenya. Nold. ant. *parthóbi* arranjar, compor.

PÁRAK- qen. *parka* seco; nold. ant. *parkha*, nold. *parch*.

PAT- (cf. PATH) **pantā* abrir: qen. *panta*, obsoleto em nold. ant. devido à coalescência com *qanta* repleto, cheio. Qen. *panta-* desfraldar, espalhar, abrir. Nold. *panno* abrir, estender; *pann* (**patnā*) amplo, largo, vasto.

PATH- **pathnā*: nold. ant. *pattha*, nold. *path*; qen. *pasta* liso. **pathmā*: nold. ant. *pathway,* nold. *pathw* espaço plano, gramado.

PEG- boca. Qen. *pē*.

PEL- revolver sobre um ponto fixo. Qen. *pel-* girar, revolver, returnar. **peltakse*: qen. *peltas*, pl. *peltaksi* eixo; nold. ant.

pelthaksa, nold. *pelthaes* eixo (ver TAK).

PEL(ES)- nold. ant. *pele* (pl. *pelesi*, *peleki*) [inglês antigo] "*tūn*", campo cercado. Nold. *pel*, pl. *peli*. Qen. *peler*; *opele* casa ou aldeia murada, "vila, povoado"; nold. *gobel*, cf. *Tavrobel* (aldeia de Túrin na floresta de Brethil, e o nome da aldeia em Tol Eressea) [TAM]; *Tindobel* = aldeia iluminada por estrelas [TIN]. [Quanto a essa referência notável a Tavrobel, ver pp. 502–03.]

PEN-, PÉNED- qen. *pende* encosta, declive, ladeira; *ampende* aclive, *penda* inclinado (para baixo). Nold. *pend*, *penn* declive, ladeira; *ambenn* para cima; *dadbenn* para baixo, inclinado, debruçado [ver AM^2, DAT]. Nold. *pendrad* ou *pendrath* passagem ladeira acima ou abaixo, escadaria. [Ver nota a DEN.]

PER- dividir no meio, cortar pela metade. Qen. *perya*, *perina*; nold. *perin*, cf. *Peringol* = meio-Elfo, ou Gnomo. [Cf. *Beringol* e *Peringiul* "Meio-Elfo" e "Meio-Elfos", respectivamente, comentário ao anal 325 do AB 2; também *Pereldar* "Meio-eldar", Danas, em QS §28. As palavras intrigantes "ou Gnomo" talvez devam ser interpretadas como "meio-Elfo, ou antes meio-Gnomo (*perin* + *ñgol*)".]

PERES- afetar, perturbar, alterar. Nold. *presto* afetar, incomodar, perturbar; *prestannen* "afetado", com relação a uma vogal [isto é, "modificada", "que sofreu mutação"]; *prestanneth* "afeição" de vogais. Nold. ant. *persōs* afeta, concerne. [Esse verbete encontra-se em um pedaço de papel separado.]

PHAL-, PHÁLAS- espuma. Qen. *falle* espuma; *falma* onda (cristada); *falmar* ou *falmarin* (*falmarindi*) espírito-do-mar, ninfa; *falasse* praia; *Falanyel*, pl. *Falanyeldi* = *Solonel*, nome dos Teleri, também na forma telerin *Fallinel* (ver NYEL). Nold. *falf* espuma, onda que se quebra; *faltho* (nold. ant. *phalsóbe*) espumar*; falas* (pl. *feles*) praia, costa, como nome próprio *i Falas* costa oeste (de Beleriand), daí o adj. *falathren*. A variante SPÁLAS é vista em *espalass* [?queda] espumante; tele. *spalasta*- espumar. [Com *falmarin* "espírito-do-mar", cf. *Falmaríni*, espíritos da espuma, nos *Contos Perdidos*, I. 87. *Falmarindi* é usado para os Teleri: p. 492.]

PHAR- atingir, alcançar, ir até o fim, bastar. Qen. *farya*- bastar (pret. *farne*); *fáre* suficiência, plenitude, tudo o que se quer; *farea* bastante, suficiente. Nold. exíl. *farn* bastante; *far* adv. suficientemente, bastante.

PHAS- qen. *fasse* cabelo emaranhado, madeixa desgrenhada; *fasta*- emaranhar. Nold. ant. *phasta* cabelo desgrenhado, nold. exíl. *fast* (cf. *Ulfast* [ÚLUG]).

PHAU- escancarar. Qen. *fauka* de boca aberta, sedento; nold. ant. *phauka* sedento, nold. *faug* sedento; *Dor na Fauglith* (areia sedenta, ver LIT).

PHAY- irradiar, emitir raios de luz. Qen. *faina*- emitir luz; *faire* radiância; nold. ant. *phaire*. Cf. **Phay-anāro* "sol radiante" > qen. *Feanáro*, nold. ant. *Phayanō̋r*, nold. *Feanoúr*, *Féanor*. Cf. nold. *foen* radiante, branco. [Ver SPAN.]

PHÉLEG- caverna. Tele. *felga* caverna; qen. *felya*; nold. ant. *phelga*, nold. *fela*, pl. *fili*; cf. *Felagund* [KUNDŪ].

PHEN- qen. *fenda* limiar; nold. ant. *phenda*, nold. *fend*, *fenn*.

PHER-, PHÉREN- faia. Qen. *feren* ou *ferne* (pl. *ferni*) faia; *ferna* bolota, noz de faia; *ferinya* de faia. Tele. *ferne*. Nold. ant. *pheren* faia; *pherna* bolota; exílico *fêr* geralmente era substituído por *brethil* (ver BERÉTH).

PHEW- sentir aversão a, abominar. Qen. *feuya*; nold. ant. *phuióbe*, nold. *fuio*.

PHI- qen. *fion* (*fioni*, *fiondi)* [. . . .] Cf. *Fionwe* filho de Manwe [ver WEG]. [Infelizmente não é possível se ler com certeza o significado do qen. *fion*; a interpretação mais provável seria "haste" [pressa], mas "hawk" [gavião] é uma possibilidade.]

PHILIK- pequeno pássaro, passarinho. Qen. *filit*, pl. *filiki*; nold. *filig* pl., singular análogo *fileg* ou *filigod*.

PHIN- agilidade, habilidade. Nold. ant. *phinde* habilidade, *phinya* habilidoso; **Phinde-rauto*, nold. *Finrod* [RAUTĀ]. Cf. qen. *Finwe*, nold. ant. *Phinwe*, nome do principal Gnomo (exílico **Finw* [ver WEG]). *Find*- também ocorre em nomes: *Findabar* (**Phind-ambar*), *Fingon* (**Findekāno*) [KAN]; *phinya* ou *-phini* ocorre em *Fingolfin* (= *ngolfine* "habilidade mágica"), *Isfin* [IS], *Curufin* [KUR]; distinguir de SPIN em *Glorfindel*. [Quanto à ausência de

Finw em noldorin exílico, ver também a passagem ao final de *Lhammas* §11. — O nome *Findabar* aparece no verbete MBAR na forma *Findobar*, como também nas *Genealogias*, p. 491.]

PHIR- qen. *firin* morto (de causa natural), *fírima* mortal; *fire* homem mortal (*firi*); *firya* humano; *Firyanor* = *Hildórien*; *ilfirin* (para **ilpirin*) imortal; *faire* morte natural (como ato). Nold. *feir*, pl. *fîr* mortais; *firen* humano; *fern*, pl. *firn* morto (com relação a mortais). *Dor firn i guinar* Terra dos Mortos que Vivem [KUY]. *Firiel* = "donzela mortal", nome posterior de Lúthien.

PHOR- do lado direito, da mão direita. Qen. *forya* direito; *formaite* destro, ágil [MAȝ]. *formen* norte, *formenya* setentrional [MEN]. Nold. *foeir*, *feir* (mão) direita; *forgam* destro [KAB]; *forven* norte, também *forod*; *forodren* setentrional. Cf. *Forodwaith* Homens-do-Norte, Terra-do-Norte [WEG]; *Forodrim*. **phoroti*: Qen. *forte*. Nold. *forn* lado direito ou norte. (Cf. KHYAR.)

PHUY- qen. *fuine*, *huine* sombra profunda; *Fui*, *Hui* Noite. Nold. ant. *phuine* noite, nold. *fuin*; cf. *Taur na Fuin* = *Taure Huinéva*.

PIK- nold. ant. *pika* pinta, ponto; nold. *peg*. Nold. ant. *pikina* minúsculo, nold. *pigen*.

PÍLIM- qen. *pilin* (*pilindi*) flecha.

PIS- qen. *pirya* suco, sumo, xarope. Nold. *peich*; *pichen* sumarento, suculento.

PIW- cuspir. Qen. *piuta*; nold. ant. *puióbe*, nold. *puio*.

POL-, POLOD- fisicamente forte. Qen. *polda* forte, robusto. Cf. *poldore*, adj. *Poldórea*.

POR- **pori*: qen. *pore* farinha.

POT*Ō*- pata de animal. Nold. ant. *poto*, *poti*, nold. *pôd*, *pŷd*.

POY- **poikā* limpo, puro: qen. *poika*; nold. *puig* limpo, asseado, arrumado.

PUS- parar, deter, pausar. Qen. *pusta*- parar, pôr fim a, e intr. cessar, parar; *pusta* (substantivo) parada, ponto final em pontuação. Nold. *post* pausa, parada, descanso, cessação, repouso. [Um verbete acrescentado fornece PUT-, com qen. *putta* ponto (em pontuação), *pusta*- parar, *punta* uma consoante interrompida; mas o verbete PUS- não foi cancelado ou alterado.]

R

RAB- **rāba* selvagem, indômito: qen. *ráva*, nold. *rhaw* ermo. [qen. *ráva* e nold. *rhaw* com significados completamente diferentes também são derivados do radical RAMBĀ, e o nold. *rhaw* aparece em um terceiro sentido em RAW.]

RAD- voltar, retornar. Dori. *radhon* leste (cf. *nivon* para frente = oeste [NIB]); *Radhrim* Marca-leste (parte de Doriath); *Radhrost* Vale-leste, terra de Cranthir sob as Montanhas Azuis [ROS^2]. **randā* ciclo, era (100 Anos Valianos): qen., nold. ant. *randa*; nold. *anrand*.

RAG- **ragnā*: nold. ant. *ragna* torto, nold. *rhaen*.

RAK- estender, estirar. **ranku*: qen. *ranko* braço, pl. *ranqi*; nold. ant. *ranko*, pl. *rankui*; nold. *rhanc*, pl. (arcaico) *rhengy*, geralmente *rhenc*, braço. **rakmē* braça: qen. *rangwe*; nold. *ragme*, nold. *rhaew*.

RAM- **rāmā*: qen. *ráma* asa, ALA, cf. *Earráme* "Ala-do-mar" [AY], nome do navio de Tuor. Nold. *rhenio* (**ramya-*) voar, navegar; vagar, errar (cf. RAN); *rhofal* ALA, grande asa (de águia), pl. *rhofel* (**rāmalē*); *rhafn* asa (chifre), extremidade estendida para um lado, etc. (**ramna*). [Com *rhofal* cf. "Lhandroval de asas largas" no QS (p. 361); quanto ao primeiro elemento, ver LAD.]

RAMBĀ- qen. *ramba* muralha, muro, cf. *Ilurambar*; nold. *rhamb*, *rham*, cf. *Andram* "Muralhas Longas" [ÁNAD] em Beleriand. Qen. *ráva* margem, especialmente de um rio; nold. *rhaw* [ver RAB, RAW].

RAN- vagar, errar, desviar-se. **Ranā*: qen. *Rana* Lua, nold. *Rhân*. Qen. *ranya-* desviar-se, nold. *rhenio* (cf. RAM); qen. *ráne* desvio, vagueação, *ránen* errante; nold. *rhaun*, [acrescentado posteriormente:] nold. *rhandir* errante, vagante, peregrino.

RAS- sobressair, salientar-se (intr.). Qen. *rasse* chifre (especialmente em um animal vivo, mas também aplicado a montanhas); nold. *rhaes*, *rhasg*; cf. *Caradras* = Chifre-vermelho [KARÁN]. [Esse verbete foi um acréscimo ao final da lista. As palavras nold. e a referência a *Caradras* foram inseridas num período ainda mais posterior.]

RÁSAT- doze. [Nenhuma outra forma foi fornecida.]

RAT- caminhar. **ratā*: nold. *râd* caminho, trilha; *rado* abrir caminho, encontrar um caminho; *ath-rado* atravessar, percorrer [AT(AT)]; *athrad* travessa, vau, cf. *Sarn Athrad*. **ratt* $\check{a}$: nold. ant. *rattha* curso, leito fluvial, nold. *rath* (cf. *Rathloriel*) [LÁWAR]. *ostrad* uma rua. [Acrescentado:] *rant* filão, veio; *Celebrant* nome de rio. Ilk. *rant* corrente, curso de rio.

RAUTĀ- metal. Qen., nold. ant. *rauta*; nold. *rhaud*, cf. *-rod* em nomes *Finrod*, *Angrod*, *Damrod* (ver PHIN, ANGĀ, NDAM). [O significado original de RAUTĀ foi dado como "cobre", alterado para "metal"; cf. *Nambarauto* (*Damrod*) "martelador de cobre" em NDAM.]

RAW- **rāu*: qen. *rá* (pl. *rávi*) leão; nold. ant. *ró* (pl. *rówi*), nold. *rhaw* (pl. *rhui*). [Cf. I. 313, verbete *Meássë*. — Palavras nold. *rhaw* distintas aparecem em RAB e RAMBĀ.]

RÁYAK- qen. *raika* torto, dobrado, errado; nold. *rhoeg* errado.

RED- (Cf. ERÉD) espalhar, semear. Qen. *rerin* eu semeio, pret. *rende*; nold. *rheði* semear. ?*reddā* "semeado", campo semeado, acre.

REG- borda, fronteira, margem. Qen. *réna*. Nold. *rhein*, *rhain* fronteira; *edrein*.

REP- curva, volta, *rempa* torto, curvo.

RĪ- qen. *ríma* borda, orla, margem, beira. Dori. *rim* (como em *Nivrim* [NIB], *Radhrim* [RAD]); nold. *rhîf*.

RIG- qen. *rie* coroa (**rīgē*); *rína* coroado (cf. *Tinwerína*); nold. ant. *ríge*, nold. *rhî* coroa. Cf. *Rhian* nome de uma mulher, = "dádiva-coroada", *rīg-anna* [ANA[1]]; nold. *rhîn* coroado; *rhîs* rainha. [*Elerína*, que substituiu *Tinwerína* em uma nota datada de fevereiro de 1938 (p. 237), aparece em um acréscimo marginal ao verbete EL.]

RIK(H)- solavanco, sacudida, movimento súbito, meneio. Qen. *rihta-* sacudir, fazer um movimento ou giro rápido, contrair-se. **rinki*: qen. *rinke* floreio, agitação rápida. Nold. *rhitho* sacudir, contrair-se, apanhar; *rhinc* contração, solavanco, truque, movimento súbito.

RIL- cintilar (cf. SIL, THIL, GIL). Qen. *rilma* luz cintilante; *rilya* cintilação, brilho. Cf. *Silmarille*, *Silmaril* (pl. *Silmarilli*), nold. *Silevril* (**silimarille*).

RIM- **rimbā*: qen. *rimba* frequente, numeroso; nold. ant. *rimba*, nold. *rhemb*, *rhem*. **rimbē* multidão, hoste; qen., nold. ant. *rimbe*, nold. *rhimb*, *rhim* — com frequência como pl. *-rim* [ver LI].

RIN- qen. *rinde* círculo, *rinda* circular. Nold. *rhind*, *rhinn* círculo; *iðrind, iðrin* ano [YEN]; *rhinn* circular; *rhingorn* círculo [KOR].

RINGI- frio. Qen. *ringe*; nold. ant. *ringe*, nold. *rhing*; cf. *Ringil* nome de uma das grandes Lamparinas (sobre pilares de gelo), também da espada de Fingolfin. Qen. *ringe* lagoa ou lago gelado (nas montanhas); dori. *ring*, nold. *rhimb*, *rhim*, como em *Mith-rim*.

RIP- correr com ímpeto, passar com velocidade, precipitar-se. Qen. *rimpa* corredio, veloz; nold. *rhib-*, *rhimp*, *rhimmo* fluir como uma [?torrente]; nome de rio *Rhibdath*, *Rhimdath* "Rio Corredio" [Esse verbete foi um acréscimo escrito apressadamente ao final dos radicais R.]

RIS- cortar, rasgar. Nold. ant. *rista-* despedaçar, rasgar; nold. *risto*. Cf. *Orchrist* nome de espada. [Esse verbete permaneceu inalterado, mas uma segunda forma dele foi acrescentada posteriormente sem referência à primeira:]

RIS- Cf. KIRÍS; cortar, fender. **rista-*: qen. *rista-* cortar; *rista* um corte; nold. *rhisto*, *rhest*; ilk. *rest*, cf. *Eglorest*, grota ou ravina criada pelo rio *Eglor* [ver ELED] em sua foz, nome da uma cidade lá. **risse-*: nold. *rhis*, *rhess* uma ravina, como em *Imladris*.

RŌ- (forma de oro, q.v.) erguer(-se). Qen. *rómen* (ver MEN) leste, *rómenya* oriental; *róna* do leste; compare com NDŪ "para baixo". Nold. ant. *róna* leste, nold. *rhûn*, *amrûn* (cf. *dun*, *annûn*); †*rhufen* leste. Cf. o nome *El-rûn*. [*El-rûn* foi um acréscimo. Ver a nota a BARATH.]

ROD- caverna. Qen. *rondo* caverna; nold. *rhond*, *rhonn*, cf. *Nargothrond*, *othrond* (ver OS). Dori. *roth*, pl. *rodhin*, como em *Meneg-roth*, provavelmente vem de *rōda* > *rōdh* > *rōth*. Cf. nold. ant. *rauda* oco, cavernoso, nold. *rhauð*. Nold. ant. *rostóbe* tornar

oco, escavar, nold. *rosto.* Em ilkorin, *rond* = teto abóbado, daí *Elrond* (abóbada do céu) [EL], nome do filho de Eärendel.

ROK- qen. *rokko* cavalo; nold. *roch* cavalo.

ROM- (Cf. ORÓM e *Orome*, *Araw*) barulho alto, sopro de trompa, etc. Qen. *romba* trompa, trombeta; nold. ant. *romba*, nold. *rhom*. Qen. *róma* som alto, som de trombeta; nold. ant. *rúma*, nold. †*rhû* em *rhomru* som de trompas.

ROS[1]- destilar, gotejar. Qen. *rosse* chuva fina, orvalho. Nold. *rhoss* chuva, cf. o nome *Celebros*, Chuva-de-prata, para uma queda d'água. *Silivros* = qen. *Silmerosse*, nome de Silpion. [Tanto *Silivros* como *Silmerosse* encontram-se na lista dos nomes das Árvores em QS §16. *Celebros* é traduzido como "Chuva de Prata" no anal 299 do AB 2 (anteriormente "Prata-de-espuma", "Espuma de Prata").]

ROS[2]- dori. *rost* planície, terra vasta entre montanhas; cf. *Nivrost* [NIB], *Radhrost* [RAD].

ROY[1]- perseguir. **ronyō* "perseguidor", mastim de caça: qen. *ronyo*, nold. *rhŷn*. Qen. *roita-* perseguir; *raime* caça, caçada; nold. *rhui(w)*.

ROY[2]- (nold. GROJ-) rubro, vermelho, corado. Qen. *roina* rubro, corado; nold. *gruin*. [Esse segundo radical roy foi inserido muito rapidamente ao final dos radicais R e sem qualquer referência ao anterior.]

RUD- **rundā*: qen. *runda* pedaço tosco de madeira; nold. ant. *runda*, nold. *grond* clava; cf. *Grond* nome da maça de Melko, e o nome *Celebrond* "Maça-prateada".

RUK- demônio. Qen. *rauko* demônio, *malarauko* (**ñgwalaraukō*, cf. ÑGWAL); nold. *rhaug*, *Balrog*.

RUN- palma da mão ou sola do pé. Qen. *runya* rastro, pegada; *tallune* (**talrunya*) sola do pé, nold. *telloein*, *tellen* [TAL]. Nold. *rhoein*, *rhein* rastro, vestígio, pegada.

RUS- lampejo, brilho de metal. Qen. *russe* fulgor, † lâmina de espada; nold. ant. *russe* metal polido (nold. † *rhoss* encontrado principalmente em nomes como *Maedhros* [MAD], *Findros*, *Celebros* etc., devido à coalescência com ROS[1]).

RUSKĀ- nold. ant. *ruska*, nold. *rhosc* marrom, castanho.

S

S- radical demonstrativo, *s* *ŭ* , *s* *ŏ* ele (cf. a flexão verbal -*so*); *s* *ĭ* , *s* *ĕ* ela (cf. a flexão verbal -*se*). Cf. nold. *ho*, *hon*, *hono* ele; *he*, *hen*, *hene* ela; *ha*, *hana* ele, ela [ing. *it*]; plurais *huin*, *hîn*, *hein*.

SAB- qen. *sáva* suco, sumo; nold. ant. *sóba*, nol. *saw* (pl. *sui*).

SAG- **sagrā*: qen. *sára* amargo; nold. *saer*. **sagmā*: qen. *sangwa* veneno; nold. *saew*.

SALÁK-**(WĒ)** qen. *salqe* grama, relva; ilk. *salch*. Nold. ant. *salape* erva, planta comestível verde, nold. *salab* (pl. *seleb*) erva.

SÁLAP- lamber. Qen. *salpa*- lamber, sorver, bebericar; nold. ant. *salpha* comida líquida, sopa, caldo; nold. *salf* caldo.

SAM- unir, juntar. *samnar* ditongos. [Acréscimo posterior apressado; ver SUD e SUS.]

SAR- qen. *sar*, pl. *sardi* pedra (pequena); *sarna* de pedra; *sarne* lugar forte. Nold. *sarn* pedra como um material, ou como adj.; cf. *Sarnathrad*.

SAY- saber, compreender, *saira*- sábio; *sairon* mago.

SED- descansar (cf. EZDĒ "descanso", qen. *Este*, nold. ant. *Ezda*, esposa de Lórien). Qen. *sére* descanso, repouso, paz; *senda* de repouso, em paz; *serin* eu descanso. Nold. *sîdh* paz.

SEL-**D**- filha [ver YEL]. Qen. *selde*. Em nold., *iell* (poética *sell* moça, donzela) com *i* de *iondo* filho [YŌ]; uma mudança auxiliada pela perda do *s* em compostos e patronímicos: cf. *Tinnúviel* (**tindōmiselde*, qen. *Tindómerel*), ver TIN. [O significado "filha" posteriormente foi alterado para "criança", com as formas qen. *seldo*, *selda* acrescentadas.]

SER- amar, TER afeição por (com relação a gosto, amizade). Sufixo qen. -*ser* amigo; *sermo* amigo (f. *serme*), também *seron*. Cf. o nome *Elesser* (*Eleðser*) = Ælfwine.

SI- isto, aqui, agora. Qen. *sí*, *sin* agora; *sinya* novo. Nold. *sein* (pl. *sin*) novo; *siniath* notícias, novas; *sinnarn* conto recente [NAR^2].

SIK- qen. *sikil* adaga, faca; nold. *sigil*.

SIL- variante de THIL; "brilhar com luz prateada". Não é possível distinguir normalmente esses radicais em qen., mas o qen. *Isil* Lua e o nold. †*Ithil* possuem *th*. *s*- aparece em **silimē* "luz de

Silpion", †prata, qen. *silme* (cf. *Silmerosse*, nold. *Silivros*), nold. **silif*. **silimā* prateado, de brilho branco (adj.): qen. *silma*, nold. **silef*, cf. *Silevril*, qen. *Silmaril* (ver RIL). No nold. *Belthil* (ver BAL), *s* ou *th* podem estar presentes. O nome qen. da Árvore Mais Velha é *Silpion* (ver abaixo).

Cf. dori. *istel*, *istil* luz prateada, aplicado pelos Ilkorins à luz das estrelas, provavelmente uma forma qen. aprendida com Melian. Para **silif*, o nold. possui *silith*, por assimilação ou por influência de †*Ithil*.

SÍLIP está relacionado, daí o qen. *Silpion* (nold. **Silfion*, que não é usado).

SIR- flur, correr. Qen. *sir*-, nold. ant. *sirya*-, nold. *sirio* fluir, correr. Qen., nold. ant. *síre*, nold. *sîr* rio (cf. *Sirion*); qen. *siril* arroio, regato.

SIW- incitar, instigar, urgir. Qen. *siule* incitação; nold. ant. *hyúle*, nold. *hûl* grito de encorajamento em batalha.

SKAL[1]- proteger, ocultar (da luz). Qen. *halya*- encobrir, esconder, proteger da luz; *halda* (**skalnā*) escondido, velado, oculto, sombreado, sombrio (em oposição a *helda* despido, desnudo, ver SKEL). Nold. ant. *skhalia*-, *skhalla*; nold. *hall*; *haltha*- proteger. Ilk. *esgal* proteção, escondedouro, teto de folhas. Dan. *sc(i)ella* anteparo, proteção. Nome derivado *Haldir* "herói oculto" [DER] (filho de Orodreth); também o ilk. *Esgalduin* "Rio sob Véu" (de [?folhas]). [Parece haver um ponto de interrogação antes das palavras entre colchetes ao final do verbete.]

SKAL[2]- pequeno peixe. Qen. *hala*; *halatir(no)* "vigia-dos-peixes", martim-pescador; nold. *heledir*. [Esse radical foi um acréscimo posterior; ver KHAL[1], TIR.]

SKAR- **skarwē*: qen. *harwe* ferida, ferimento; nold. *harw*. Cf. ilk. *esgar*. **skarnā*: qen. *harna* ferido; nold. *harn*; *harno* ferir (qen. *harna*-). Sentido básico: despedaçar, rasgar; cf. **askarā* rasgamento, apressamento: nold. *asgar*, *ascar* violento, precipitado, impetuoso. Ilk. *ascar* (cf. o nome de rio *Askar*).

SKAT- partir em pedaços. Qen. *hat*-, pret. *hante*; *terhat*- romper, despedaçar.

SKEL- **skelmā*: qen. *helma* pele, couro. Nold. *helf* pelo, *heleth* pelo, pelame. **skelnā* nu, desnudo: qen. *helda*; nold. ant. *skhella*, nold. *hell*. *helta* (*skelta-*) desnudar.

SKWAR- torto. Qen. *hwarin* torto; *hwarma* trave. Dan. *swarn* perverso, obstrutivo, difícil de lidar.

SKYAP- **skyapat-* praia, costa: qen. *hyapat*; nold. ant. *skhapa*, pl. *skhapati*; nold. *habad* praia (pl. *hebeid*).

SLIG- **slignē*, **slingē*: nold. *thling* aranha, teia de aranha. Qen. *líne* teia de aranha; nold. *thlingril* [*r* incerto] aranha. Qen. *lia* fio fino, filamento de aranha (**ligā*); nold. *thlê*; qen. *liante* aranha. Cf. *Ungoliante* [UÑG], nold. *Deldu-thling* [DO3, DYEL].

SLIN- **slindi* fino, delicado. Qen. *linda* "belo" é combinado com **lindā* de som gracioso [ver LIND]. Nold. *thlinn*, *thlind* fino, esguio; *thlein* (pl. *thlîn*) = **slinyā* esbelto, fino, magro.

SLIW- doente, enfermiço. **slīwē* doença, enfermidade: qen. *líve*, nold. ant. *slíwe*, *thlíwe*, nold. *thliw* posteriormente *fliw*. **slaiwā* doente, enfermiço; qen. *laiwa*, nold. ant. *slaiwa*, *thlaiwa*, nold. *thlaew* [> *thloew*] posteriormente *flaew*.

SLUK- engolir. [Nenhuma forma fornecida.]

SLUS-, SRUS- sussurrar. Nold. *thloss* (*floss*) ou *thross* um sussurro ou som farfalhante; qen. *lusse* um som sussurrante, *lussa-* sussurrar.

SMAG- sujar, manchar. Nold. *maw* (**māgā*) sujeita, mancha, *mael* (**magla)* mancha e adj. manchado. [nold. *maw* e *mael* alterados para *hmas* e *hmael*; ver nota a SMAL.]

SMAL- amarelo. **smalinā*: qen., nold. ant. *malina* amarelo, nold. *malen* (pl. *melin*). **smaldā*: qen. *malda* ouro (como metal), nold. ant. *malda*, nold. *malt*; nold. *malthen* (análogo de *mallen*) de ouro. Cf. *Melthinorn*, forma mais antiga *Mellinorn*. **smalu* pólen, pó amarelo: qen. *malo*, nold. ant. *malo* (pl. *malui*), nold. *mâl*, pl. *meil* ou *mely*. **smalwā* fulvo, pálido, claro: qen. *malwa*, nold. *malw*.

**asmal*ē, **asmalind*ē pássaro amarelo, "escrevedeira-amarela": qen. *ammale*, *ambale*; nold. ant. *ammale*, *ammalinde*, nold. *em(m)elin*, *emlin*.

[Apresento esse verbete como se encontrava antes de se tornar confuso devido a alterações na fonologia de *sm-* inicial (o nold. ant. manteve *sm-*, e as palavras nold. possuem *(h)m-*); essas alterações não foram feitas de maneira consistente. — *Melthinorn* "árvore de ouro" encontra-se na lista de nomes das Árvores em QS §16.]

SNAR- amarrar, atar. Qen. *narda* nó; nold. *narð*.

SNAS-, SNAT- ? Qen. *nasta* ponta de lança, ponta, gomo, triângulo (cf. NAS); dan. *sn* . Nold. *naith* (*natsai* pl.?) gomo. [Cf. o Naith de Lothlórien. O ponto de interrogação é seguido pelo desenho de uma ponta de flecha.]

SNEW- enredar. Qen. *neuma* armadilha; nold. ant. *núma*, nold. *nû* armadilha, ardil. [As formas nold. foram alteradas para *sniuma* e *snýma*; *hniof* (pl. *hnyf*) e *hnuif*. Ver nota a SMAL.]

SNUR- torcer. Nold. *norn* torcido, nodoso, enrolado, contorcido; *norð* corda, cabo.

SOL- qen. *solor* (**solos*) arrebentação, cf. *Solonel*, pl. *Soloneldi* = Teleri. Essa é uma forma telerin, cf. *Fallinel*, e cf. o qen. puro *Solonyeldi* [ver NYEL].

SPAL-, SPALAS- variantes de PHAL, PHALAS, q.v.

SPAN- branco. Qen. *fanya*, *fána* nuvem. Nold. *fein* branco, *faun* nuvem (**spāna*); tele. *spania*; dan. *spenna*. Cf. *Fanyamar* ar superior; *Spanturo* "senhor de nuvem", qen. *Fantur* cognome de Mandos (*Nurufantur*, nold. *Gurfannor* "senhor da nuvem-da-Morte") e de seu irmão Lórien (*Olofantur*, nold. *Olfannor* "senhor da nuvem-do-Sonho"); pl. nold. *i-Fennyr* ou *Fennir* = Lórien e Mandos [ver ÑGUR, OLOS]. (Confundido em nold. com PHAY, q.v.) [O começo desse verbete foi escrito inicialmente "*fanya* nuvem"; "nuvem" foi riscada e *fána* acrescentada, com os significados "branco" e "nuvem", mas não está claro como devem ser aplicados. — Quanto a *Fanyamar*, ver o *Ambarkanta*, IV. 280 etc. — Não creio que essa associação dos Fanturi com "nuvem" se encontre em algum outro lugar.]

SPÁNAG- **spangā*: qen. *fanga*; tele. *spanga*; nold. ant. *sphanga* barba; nold. *fang*, cf. *An(d)fang* [ÁNAD] Barba-longa, uma das

tribos dos Anãos (pl. *Enfeng*). Cf. *Tinfang* “Barba-de-estrela”, nome de um flautista élfico; *Ulfang* [ÚLUG].

SPAR- caçar, perseguir. Nold. ant. *(s)pharóbe* caça, *(s)pharasse* caçada; nold. exíl. *faras* caçada (cf. *Taur-na-Faras*); *feredir* caçador (pl. *faradrim*); *faro* caçar. *Elfaron* “caçador-de-estrelas”, Lua. [Com *Taur-na-Faras* (os Morros dos Caçadores ou Descampado dos Caçadores), cf. *Taur-na-Faroth* em QS §112, e com o nome “Caçador-de-estrelas” para a Lua, cf. QS §76.]

SPAY- desprezar, desdenhar. Qen. *faika* desprezível, vil. Nold. *foeg* medíocre, pobre, ruim.

SPIN- **spindē* cacho, trança de cabelo: qen. *finde*, nold. ant. *sphinde* mecha de cabelo; *sphíndele* cabelo (trançado); nold. *findel*, *finnel*, cf. *Glorfindel*. Cf. *spinē* lariço, qen. *fine*.

SRIP- arranhar. Nold. *thribi* arranhar.

STAB- **stabnē*, **stambē*: qen. *sambe* sala, câmara; *samna* poste de madeira. Nold. ant. *stabne*, *sthamne*; nold. *thafn* poste, pilar de madeira; *tham*, *thamb* salão. Qen. *kaimasan*, pl. *kaimasambi* quarto de dormir [KAY]. Nold. *thambas*, *thamas* grande salão. **stabnō*, **stabrō* carpinteiro, obreiro, construtor: qen. *samno*; nold. ant. *sthabro(ndo)*, nold. *thavron*; ilk. *thavon*.

STAG- pressionar, comprimir. **stangā*: qen. *sanga* multidão, turba, tropel; nold. *thang* compulsão, coação, constrangimento, necessidade, opressão; cf. *Thangorodrim* (as montanhas de coação). Cf. *sangahyando* “fendedora-de-tropel” (nome de espada), nold. **haðathang*, dissimilado em *havathang*, *haðafang* [ver SYAD].

STAK- dividir, fender, inserir. **stankā*, **staknā*: qen. *sanka* fendido, dividido; nold. ant. *sthanka*, nold. *thanc*, cf. *Lhamthanc* “língua bifurcada”, nome de serpente [LAB]. Nold. ant. *nestak*- inserir, enfiar, nold. exíl. *nestegi*, pret. *nestanc*.

STAL- íngreme. Ilk. *thall* (**stalrē*) íngreme, de queda acentuada (com relação a rios); *thalos* torrente (também um nome próprio) [o rio *Thalos* em Ossiriand].

STÁLAG- **stalga* determinado, resoluto, firme: tele. *stalga*; nold. ant. *sthalga*, nold. *thala*, cf. *thalion* (**stalgondō*) herói, homem

destemido (pl. *thelyn*), especialmente como cognome de Húrin *Thalion*.

STAN- fixar, decidir. Cf. qen. *sanda* firme, fiel, duradouro; nold. *thenid*, *thenin*. qen. *sanye* regra, lei; *sanya* regular, obediente à lei, normal.

STAR- rígido, duro. Qen. *sara* grama seca e rígida, descampado; nold. *thâr* grama rígida; *tharas* tamborete, escabelo; *gwa-star* montículo, outeiro [w]. Nold. ant. *stharna* solapado, teso, rígido, mirrado; nold. *tharn*; não se encontra em qen., visto que coalesceria com **sarnā* de pedra, pétreo [SAR].

STARAN- Cf. ilk. *thrôn* teso, duro (**starāna*); cf. *thron-ding* em *Balthronding* nome do arco de Beleg. [Nos verbetes BEL e DING, o nome foi escrito *Bel-*.]

STELEG- nold. *thela* ponta (de lança); *egthel*, *ecthel*, cf. *Ecthelion* (ver EK). [Uma palavra ilegível após *ecthel* pode ser "mesmo", isto é, o mesmo significado de *thela*.]

STINTĀ- curto. Qen. *sinta*; nold. ant. *sthinta*, nold. *thent*. Nold. *thinnas* "brevidade", nome do acento que indica a qualidade curta de uma vogal.

SUD- base, solo, *sundo* base, raiz, palavra-raiz. [Um acréscimo posterior apressado.]

SÚLUK- qen. *sulka*; nold. ant. *sulkha*, nold. *solch* raiz (especialmente comestível).

SUK- beber. Qen. *sukin* eu bebo. Nold. *sogo*, 3ª sing. *sôg*, pret. *sunc*, *asogant* (*sogennen*); nold. *sûth* gole, trago, qen. *suhto*; nold. *sautha-* drenar, esvaziar. **sukmā* taça de bebida; qen. *sungwa*; ilk. *saum*.

Variante **SUG**- em **suglu*: qen. *súlo* cálice, nold. *sûl*.

SUS- sibilar, *surya* consoante fricativa. [Acréscimo posterior com SUD e SAM.]

SWAD- **swanda*: qen. *hwan* (*hwandi*) esponja, fungo; nold. *chwand*, *chwann*, *hwand*.

SWES- barulho de sopro ou respiração. **swesta-*; qen. *hwesta-* bufar, soprar; *hwesta* sopro, brisa, baforada; nold. ant. *hwesta*, nold. *chwest* sopro, baforada, brisa.

SWIN- rodopiar, girar, redemoinhar. Qen. *hwinya*- rodopiar, redemoinhar, girar; *hwinde* turbilhão, redemoinho. Nold. *chwinio* giro, redemoinho, turbilhão; *chwind*, *chwinn* adj.; *chwîn* tontura, fraqueza; *chwiniol* rodopiante, vertiginoso, fantástico.

SYAD- abrir caminho, fender. Qen. *hyarin* eu fendo. **syadnō*, **syandō* "cortador", espada; cf. **stangasyandō* = qen. *sangahyando* "fendedora-de-tropel" (nome de espada) (ver STAG). Em nold. perdido devido à coalescência com KHAD [um radical não fornecido nas *Etimologias*], exceto em †*hâð* [. . . .] (**syadā*), cf. *haðafang* (para *haðathang*) = qen. *sangahyando*; *hasto* abrir caminho, de *hast* machadada (**syad-ta*). Cf. qen. *hyatse* fenda, talho (**syadsē* > *syatsē*), e nold. *hathel* (**syats* *ë* *la*) lâmina de espada larga, ou lâmina de machado. [A palavra ilegível seria mais naturalmente interpretada "tropel", mas esse obviamente não pode ser o caso (ou não pode ter sido essa a intenção.).]

SYAL- **syalmā*: qen. *hyalma* casca, concha, trompa de Ulmo. Nold. *half* concha.

T

TA- radical demonstrativo "esse/essa, isso, aquele/aquela, aquilo". Qen. *ta* esse/essa, isso, aquele/aquela, ele/ela [ing. *it*]; *tana* esse, aquele (anafórico); *tar* para lá (**tad*), nold. ant. *tó*.

TĀ-, TAȝ- sublime, elevado; nobre. **tārā* elevado: qen. *tára*, nold. ant. *tára* absorvido em nold. por *taur*, do quend. prim. **taurā* (ver TÁWAR, TUR). Em nold. apenas poético ou em títulos antigos *taur*; com frequência encontrado em nomes, como *Tor*-, *-dor*. Este último foi combinado com *tāro* rei e *turo* mestre: cf. *Fannor* [SPAN].

**tāro* rei: usado somente para os reis legítimos de tribos inteiras, como Ingwe dos Lindar, Finwe dos Noldor (e posteriormente Fingolfin e Fingon de todos os Gnomos eLivross). A palavra usada para um senhor ou rei de uma região específica era *aran* (*âr*), qen. *haran* [ver ȝAR]. Assim, *Fingolfin taur egledhriur* "Rei dos eLivross" [ver LED], mas *Fingolfin aran*

Chithlum “Rei de Hithlum”. Qen. *tár* (pl. *tári*). Nold. †*taur*, ilk. *tôr*, usado somente para Thingol: *Tor Thingol* = Rei Thingol.

**tārī* rainha, esposa de um **tāro*: qen. *tári*, mas em qen. usado especialmente para Varda (*Tinwetári* Rainha das Estrelas) — mas em compostos e títulos, a forma comp. assexuada *-tar* era usada: *Tinwetar*, *Tinwerontar* Rainha das Estrelas = Varda; *Sorontar* Rei das Águias (nome de uma grande águia). A palavra sobreviveu em ilk. somente na forma *tóril* = Melian. Em nold., *rhien*, *rhîn* era usado — “senhora coroada”: ver RIG.

O radical-base TĀ aparece no qen. *Taniqetil* (ver NIK-W, TIL), que o nold. desloca após o adj.: *Nimdil-dor*. Mas a forma qen. é possivelmente uma redução de *tān-nig* com o adjetival *tāna* = **ta3na*. Este último é sugerido pelo nold. *taen* elevação, pico de uma montanha alta, especialmente em *Taen-Nimdil*, o salão de Manwe. Cf. também *tarqendi* = Lindar, “Altos-elfos”; *tarqesta* = lindarin, ou qenya “alta-fala”. [Quanto a *Tinwetar*, *Tinwe-rontar*, ver TIN e nota.]

TAK- fixar, prender. Qen. *take* ele prende, pret. *tanke*; *tanka* firme, fixo, seguro. Nold. *taetho* prender, atar; *tanc* firme; *tangado* firmar, confirmar, estabelecer. Ilk. *taga* ele fixa, constrói, faz; *tâch* firme, rígido, sólido.

**tankla* alfinete, broche: qen. *tankil*; ilk. *tangol*; nold. *tachl*, *tachol*. **taksē* prego: qen. *takse*; nold. *taes*; ilk. *tass* alfinete. Cf. qen. *peltas* (*peltaksi*) eixo, nold. *pelthaes* [PEL]. **takmā* “objeto para fixar”: qen. *tangwa* fecho, colchete; nold. *taew* suporte, cavidade, fecho, colchete, grampo; ilk. *taum*. **atakwē* construção, estrutura: qen. *ataqe*; nold. *adab* construção, casa (pl. *edeb*).

TAL- pé. Qen. *tál* (gen. sing. *talen*); nold. *tâl*, pl. *teil*; ilk. *tal*, pl. *tel*. Relacionado a **TALAM** assoalho, base, chão: qen. *talan* (*talami*) assoalho, chão; *talma* base, fundação, raiz (cf. *Martalmar*). Nold. *talaf* chão, assoalho, pl. *teleif*; ilk. *talum*, pl. *telmin*. *tal-* com frequência é usado para “extremidade, extremidade inferior”: assim, *Rhamdal* “Fim-da-Muralha”, nome de um local em Beleriand Leste [RAMBĀ]. — qen. *tallune* (**talrunya*) sola do pé;

nold. *tellein*, *tellen* (ver RUN). [Quanto a *Martalmar* (também *Talmar Ambaren*), ver o *Ambarkanta*, IV. 286–89.]

TALÁT- inclinar, pender. Qen. *talta*- inclinar; *talta* adj. inclinado, oblíquo; *talta* uma inclinação. Nold. *talad* uma inclinação, declive, *atland* inclinado, oblíquo; *atlant* inclinado, oblíquo; *atlanno* inclinar.

[O verbete foi escrito assim inicialmente. Um primeiro acréscimo a ele foi "Cf. *Atalante* (ver LANT)". Subsequentemente, a referência a LANT foi alterada para DAT (em cujo radical (DAT, DANT) são fornecidas as palavras qen. *lanta* uma queda, *lanta*- cair e *Atalante* a Caída); mas no mesmo período ou posteriormente, o seguinte acréscimo foi feito: "*Atalante* (prefixo *a* = completo) queda, derrocada, especialmente como nome da terra de Númenor". Cf. a afirmação acerca desse assunto na carta de meu pai de julho de 1964, citada na p. 14 (nota de rodapé). — Outros acréscimos a esse verbete ampliaram o significado do qen. *talta*- ("inclinar, deslizar, escorregar para baixo") e inseriram o qen. *atalta* "ruir, desabar" e o nold. *talt* "escorregadio, cadente, inseguro".]

TAM- (cf. NDAM) bater, dar pancada. **tamrō* "pica-pau" (= batedor): qen. *tambaro*; nold. *tafr* (= *tavr*), *tavor*, cf. *Tavr-obel* [PEL(ES)]. Nold. *tamno* bater, dar pancada (**tambā*); qen. *tamin* eu bato (de leve), pret. *tamne*; *tamba*- bater, continuar batendo.

TAN- fazer, moldar, dar feitio. **tanō*: qen. *tano* artífice, artesão; *Martano* ou *Martan*, cognome de Aule (Artesão-da-Terra), nold. *Barthan* [MBAR]. Qen. *tanwe* ofício, objeto feito, artifício, construção. Qen. *kentano* oleiro; nold. *cennan*. [*Certhan* >] *C(e)irdan* armador, construtor de navios. *Tintánie* feitora-das-estrelas = Varda (Elbereth); nold. *Gilthonieth* ou *Gilthoniel*. [A segunda parte desse verbete, a partir do qen. *kentano*, foi um acréscimo. Em KEM foi apresentada uma palavra qen. *kemnaro* "oleiro". A forma *Gilthonieth* aparece no primeiro rascunho do hino a Elbereth no segundo capítulo original (*Três não é Demais*) de *O Senhor dos Anéis*.]

TAP- parar. Qen. *tápe* ele para, bloqueia (pret. *tampe*); *tampa* rolha.

TÁRAG- **targā* árduo, rígido; qen. *tarya*; nold. ant. *targa*, nold. *tara*, *tar*-; ilk. *targ*. Nold. *tarlanc* teimoso, obstinado; *tarias* [*s* incerto] rigidez, dureza, dificuldade. [Deve haver uma ligação entre *tarlanc* "teimoso" (LANK) e *Garganta de Tarlang* (*O Retorno do Rei*, V.2), acerca do qual meu pai comentou (*Nomenclature of The Lord of the Rings* [Nomenclatura de *O Senhor dos Anéis*], publicado em Lobdell, *A Tolkien Compass*, p. 193) que era originalmente o nome de uma longa cadeia de rochas, mas que posteriormente foi usado como um nome pessoal.]

TARÁK- chifre (de animais). Qen. *tarka* chifre; nold. *tarag* chifre, também usado para um caminho íngreme de montanha, cf. *Tarag(g)aer* = Ruddihorn [GAY]. [Esse verbete foi adicional à lista principal. Quanto a *Taragaer*, ver p. 415.]

TARAS- nold. ant. *tarsa* incômodo, problema, nold. *tars*, *tass* labor, tarefa, *trasta*- vexar, incomodar.

TATA- (cf. ATA, ATTA). Nold. *tâd* dois, *tadol* dobro. Qen. *tatya*- dobrar, repetir; *tanta* dobro. [Um verbete mais antigo, riscado, dizia o seguinte: "**TAT-** forma mais antiga AT(AT)? dois. Qen. *atta* de novo, novamente *atta*- de volta, re-". Ver AT(AT).]

TATHAR- **tathar*, **tatharē*, **tathrē* salgueiro: qen. *tasar*, *tasare*; nold. *tathor* (= **tathrē*), adj. *tathren* de salgueiro; cf. *Nan-tathren*.

TÁWAR- mata, floresta. **taurē* grande mata, floresta: qen. *taure*; nold. *taur*; ilk. *taur*. Nold. *Tauros* "Pavor-da-Floresta" [GOS], alcunha nold. usual de Orome (nold. Araw). **tawar* madeira (material): qen. *tavar* madeira, *taurina* de madeira; nold. *tawar* com frequência usado = *taur*; *tawaren* de madeira (pl. *tewerin*). Ilk. *taur* mata/madeira (lugar e material). **tawar* $\breve{o}$ / $\breve{e}$ dríade, espírito das matas: qen. *tavaro* ou *tavaron*, f. *tavaril* [cf. o antigo nome *Tavari*, I. 86, 322.]

Nota: adj. nold. *taur* magno, vasto, opressivo, imenso, tremendo, é uma mistura de **tārā* (= qen. *tára* elevado), **taurā* imperioso, poderoso (TUR). Isso afetou o sentido de *taur* floresta (usado para florestas imensas).

TAY- estender, alongar. Qen. *taina* alongado, estendido; *taita* prolongar; *taile* alongamento, extensão. Nold. *taen* longo (e fino).

TEȝ- linha, direção. Qen. *tie* caminho, curso, linha, direção, rumo (**teȝē*), nold. *tê* linha, rumo. Qen. *téra*, nold. *tîr* reto, direito. [Esse radical foi alterado para TEÑ, e a forma posterior do qen. *téra*, nold. *tîr* dada como **teñrā*. Há também um verbete adicional TEÑ escrito de forma muito descuidada (ver abaixo).]

TEK- fazer uma marca, escrever ou desenhar (sinais ou letras). Qen. *teke* escreve; *tehta* uma marca (em escrita), sinal, diacrítico — como *andatehta* "marca logna". **tekla*: qen. *tekil* pena. **tekmē* letra, símbolo: qen. *tengwa* letra, *tengwanda* alfabeto; *tengwe* escrita, *tengwesta* gramática. Nold. *teitho* escrever; *teith* marca (como *andeith*, nold. ant. *andatektha*); *tîw* letra (**tekmē*); *tegl*, *tegol* pena. Qen. *tenkele* sistema de escrita, grafia; *tekko* traço de pena ou pincel (′) quando não usado como sinal longo.

TEL-, TELU- **telm* $\breve{a}$, - $\breve{e}$ capuz, cobertura. Qen. *telme* (cf. *telmello telmanna* do capuz à base [*sic*], do topo ao pé, cima a baixo); *telta-* cobrir com dossel, toldar, proteger; *telume* domo, abóbada, (especialmente) abóbada celeste. Cf. *Telumehtar* "guerreiro do céu", nome de Órion. Nold. *telu* domo, abóbada, telhado elevado; *daedelu* dossel (ver DAY); *ortheli* telhar, cobrir acima, *orthelian* dossel. [*Telumehtar* reaparece dos *Contos Perdidos* (*Telimektar*, *Telumehtar*).]

TÉLEK- haste, talo, perna. Qen. *telko* perna, pl. análogo *telqi*; nold. *telch* (pl. *tilch*) talo.

TELEP- prata; ver KYELEP.

TELES- elfo, elfo-do-mar, terceira tribo dos Eldar. Qen. *Teler*, pl. *Teleri*; *telerin* teleriano; pl. geral *Telelli*, *Telellie* "Gente-Teler". Originalmente o sentido era "último, que se demora"; cf. o qen. *tella* último, *telle* retaguarda (**télesā*); nold. *tele* extremidade, retaguarda, última parte (pl. *telei*); *adel* atrás, na retaguada (de). Algumas formas apresentam combinação com KYEL, q.v. [Quanto ao significado de *Teleri*, ver *Lhammas* §2 e QS §27.]

TEÑ- nold. *tî* linha, fila, fileira (= **tēñe*); *tær* (**tenrā*) reto. Qen. *téma* fileira, série, fila, linha; *tea* linha reta, estrada. [Ver o

radical TE3 (alterado para TEÑ), onde as palavras derivadas são formações diferentes.]

TER-, TERES- perfurar, penetrar. **terēwā* penetrante, aguçado: qen. *tereva* fino, agudo; nold. *trîw* fino, esguio; ilk. *trêw*. Cf. qen. *tere*, *ter* através; nold. *trî* através, e como prefixo *tre-*, *tri*; nold. ant. *tre* prefixo não enfatizado, ver BAT, NAR; prep. *trí*. **terēn(ē)*: qen. *teren* (*terene*) esguio; *Terendul*, nome ("sombrio-delgado") [DUL, NDUL] . [O nome *Terendul* ocorre em *A Estrada Perdida* (p. 76)]

THAR- do outro lado, além. *Thar-gelion*; *Thar-bad* [? Encruzilhada]. [Verbete adicional rabiscado.]

THĒ- ver, parecer. Nold. *thîr* (**thērē*) olhar, face, expressão, semblante; cf. *Cranthir* Face-corada [KARÁN], *Gostir* mais antigo *Gorsthir* "olhar-de-pavor", nome de dragão [GOS]. Nold. *thio* parecer, *thia* parece.

THEL-, THELES- irmã (cf. *tor*, *toron-* irmão [TOR]). Nold. ant. *wathel* irmã, associada, nold. *gwathel*, pl. *gwethil*. Nold. *thêl*, *thelei* irmã, também *muinthel*, pl. *muinthil* [ver MOY]. Qen. *seler*, pl. *selli* irmã; nold. ant. *thele*, *thelehi* (*thelesi*); qen. *oselle* [ver W ŏ̈] irmã, associada. Geralmente usado para parentes consanguíneos em qen., como *onóne*, ver NŌ, ONO; cf. o nold. ant. *wanúre* parenta, nold. *gwanur* parente ou parenta [W ŏ̈].

THIL- (variante de **SIL**, q.v.) nold. *Ithil* nome poético da Lua (*Rhân*) = qen. *Isil* "a Brilhante"; *thilio* reluzir. Cf. *Belthil*, *Galathilion*, nomes da Mais Velha das Duas Árvores — mas esses podem conter a variante SIL.

THIN- (cf. TIN). ******thindi* pálido, cinzento, descorado: Qen. *sinde* cinza. *Sindo* nome do irmão de Elwe, na forma teleriana *Findo*, ilk. *Thind*, posteriormente em Doriath chamado *Thingol* (isto é, *Thind* + *gôl* sábio, ver ÑGOL) ou *Torthingol* [TĀ] Rei Thingol, também com o título *Tor Tinduma* "Rei do Crepúsculo" [TIN], nold. *Aran Dinnu*. Nold. *thind*, *thinn* cinzento, pálido; ilk. *thind*. Qen. *sinye* anoitecer (nold. † *thin*); nold. *thinna*. Qen. *sinta-* desvanecer (*sintane*), nold. ant. *thintha*.

THŌN- ilk. *thôn* pinheiro. O nold. *thaun* pl. *thuin* provavelmente é um empréstimo antigo, com o ilk. *ō* tratado como o nold. ant. *ō* = *ā*. Ilk. *Dor-thonion* "Terra dos Pinheiros", nome da floresta montanhosa ao norte de Doriath e que mais tarde se torna *Taur-na-Fuin*, uma alteração com trocadilho de *Dor-na-Thuin* (tradução noldorin do ilk. *Dor-thonion*).

THOR-, THORON- qen. *soron* (e *sorne*), pl. *sorni* águia; nold. *thôr* e *thoron*, pl. *therein* — *thoron* é propriamente o antigo gen. sing. = nold. ant. *thoronen*, qen. *sornen*, que aparece em nomes como *Cil-thoron*, ou *Cil-thorondor* [KIL]. Ilk. *thorn*, pl. *thurin*. Qen. *Sorontar* (nome do) Rei das Águias, nold. *Thorondor*, ilk. *Thorntor* = *Torthurnion*. [Acrescentado:] Cf. o nome *Elthor(o)n* = águia do céu.

[O seguinte texto foi acrescentado apressadamente acima do verbete THOR, THORON: "**THOR-** = mergulhar das alturas, precipitar-se; cf. *Brilthor*. Adj. *thôr* precipitante, mergulhador; *thórod* torrente". Entendo que essa seja uma indicação do sentido básico de THOR águia.]

THŪ- bufar, soprar. Qen. *súya*- respirar; *súle* respiração, sopro. Cf. *Súlimo* cognome de Manwe (deus-do-vento). Nold. *thuio* respirar; *thûl* respiração, sopro.

THUR- cercar, rodear, guardar, proteger, ocultar. Ilk. *thúren* guardado, oculto. Cf. ilk. *Garthurian* Reino Oculto (= Doriath), isto é, *garð-thurian*; noldorinizado como *Arthurien*, de modo mais completo como *Ar(ð)-thoren*: *thoren* (**tháurēnā*) part. pass. de *thoro*- cercar [ver ȝAR]. *Thurin-gwethil* (mulher de) sombra secreta, nome doriathrin (nold. *Dolwethil*) assumido por Tinúviel como uma fata em forma de morcego [WATH]. [Cf. a *Balada de Leithian*, verso 3954, onde uma nota marginal explica *Thuringwethil* como "a da sombra oculta" (III. 348, 356). O presente verbete mantém a história da Balada: foi Lúthien quem chamou a si mesma por esse nome diante de Morgoth (ver III. 358).]

THUS- (relacionado a THŪ?) **thausā*: qen. *saura* imundo, malcheiroso, pútrido. Nold. *thaw* deteriorado, podre; *thû* fedor, como nome próprio *Thû* principal serviçal de Morgoth, também

chamado *Mor-thu*, qen. *Sauro* ou *Sauron* ou *Súro* = *Thû*. [No rascunho original para o capítulo "Um Punhal no Escuro" em *O Senhor dos Anéis*, Frodo (mas que lá não se chama Frodo) grita *Elbereth! Gilthoniel! Gurth i Morthu!*]

TIK- (cf. PIK) qen. *tikse* pinta, marca minúscula, ponto; *amatikse*, *nuntikse* [indicado no manuscrito que significa pontos colocados acima (*amatikse*) ou abaixo (*nuntikse*) da linha de escrita. Verbete acrescentado.]

TIL- ponta, chifre. Qen. *tilde* ponta, chifre; cf. *Ta-niqe-til* (gen. sing. *tilden*); nodl. *tild*, *till* chifre. Qen. *Tilion* "o Cornudo", nome do homem da Lua; nold. *Tilion*. Qen. *neltil* (*neltildi*), nold. *nelthil* triângulo (ver NEL). [Cf. QS §75: nota marginal de Ælfwine ao nome *Tilion*: "*hyrned*" (inglês antigo, "cornudo"). É estranho que Tilion seja aqui "o homem da Lua": no QS (como no Q, IV. 116) ele era "um jovem caçador da companhia de Oromë". A implicação é de que em eras posteriores o mito de Tilion tornou-se a história do Homem da Lua? (ver I. 243–44).]

TIN- (variante de (?) e, de qualquer forma, afetado por THIN, q.v.) cintilar, emitir feixes finos (prateados, claros). Qen. *tine* lampeja, *tintina* cintila; **tinmē* centelha, lampejo: qen. *tinwe* centelha (estrela), [riscado: cf. *Tinwetar*, *Tinwerontar* rainha-das-estrelas, título de Varda;] *TIN-dóme* crepúsculo estrelado (ver DOMO); *tingilya*, *tingilinde* uma estrela cintilante (ver GIL).

Nold. *tinno* lampejar; *tinw* centelha, pequena estrela; *tint* centelha; *gildin* centelha prateada (ver GIL); **tindumh*, *tindu*, *tinnu* crepúsculo, lusco-fusco, início da noite (sem lua). Cf. *Aran Dinnu* Rei do Crepúsculo, nome dados pelos Gnomos a Thingol, chamado pelos Ilkorins de *Tor Tinduma*. Ilk. *tim* centelha, estrela; *tingla*- cintilar; *tindum* luz das estrelas, crepúsculo. Qen. *tinda* lampejante, prateado; *tinde* um lampejo.

Nold. *Tindúmhiell*, *Tinnúviel*, *Tinúviel* = "filha do crepúsculo", um kenning para o rouxinol, qen. *Tindómerel* (ver SEL-D: **Tin-dōmiselde*), nome dado por Beren a Lúthien, filha de Thingol. O nome nold. comum do rouxinol é *dúlind*, *dúlin* [DO3, LIN^{2}]; qen. *lómelinde*; ilk. *mur(i)lind*, *myr(i)lind* (ver MOR). O

nold. *moerilind*, *merilin* foi noldorinizado do ilk. *murilind*, uma vez que *mori* não = "noite" em nold.

O sentido de "crepúsculo" devia-se em grande parte a THIN, q.v.

[Junto a esse verbete está escrito na margem: "*Tintanie*, *Tintalle* Inflamadora = Varda; qen. *tinta-* inflamar, acender, faiscar": ver p. 414. Outras notas marginais são: "cf. *Timbreðil*", que, assim, reaparece do Q, IV. 100 (ver BARATH); "*Tindubel* cidade do crepúsculo" (ver PEL(ES)).]

TING-, TANG- onomatopeico (cf. DING). Qen. *tinge*, *tango,* vibração alta; *tinga-*; nold. *tang* corda de arco.

TINKŌ- metal. Qen. *tinko*; nold. *tinc*.

TIR- vigiar, guardar. Qen. *tirin* eu vigio, pret. *tirne*; nold. *tiri* ou *tirio*, pret. *tiriant*. Qen. *tirion* torre de vigia, torre. Nold. *tirith* vigia, guarda; cf. *Minnas-tirith* [MINI]. Cf. Qen. *halatir* (*tirnen*), prim. quend. **khalatirn* $\check{o}^{\times}$ "vigia-dos-peixes", nold. *heledirn* = martim-pescador; *Dalath Dirnen* "Planície Protegida"; *Palantir* "O que vê ao longe". [Quanto à etimologia de "martim-pescador", ver KHAL[1], SKAL[2]. — *Palantir* foi um acréscimo posterior, como também em PAL.]

TIT- qen. *titta* pequeno, minúsculo; nold. *tithen* (pl. *tithin*).

TIW- gordo, grosso. **tiukā*: qen. *tiuka* grosso, gordo; nold. ant. *túka*, nold. *tûg*; ilk. *tiog*. **tiukō* coxa: qen. *tiuko*. Qen. *tiuya-* inchar, engordar; nold. ant. *tuio-*, nold. *tuio* inchar (associado com TUY).

TOL[1]-OTH/OT oito. Qen. *tolto*; nold. *toloth*.

TOL[2]- *tollo* ilha: qen. *tol*, pl. *tolle*; nold. *toll*, pl. *tyll*; cf. *Tol-eressea*, nold. *Toll-ereb*.

TOP- cobrir, telhar. **tōp-*: qen. *tópa* telhado; *tópa-* telhar; *tope* cobre (pret. *tompe*). Nold. *tobo* cobrir, telhar; *tobas* cobertura.

TOR- irmão (cf. THEL- irmã). Nold. ant. *wator* irmão (*wa* = junto), usado especialmente para aqueles que não são irmãos de sangue, mas sim irmãos jurados ou companheiros; nold. *gwador* (*gwedeir*). Nold. ant. *toron* irmão, pl. *toroni*. Nold. †*tôr*, *terein*; o comp. *muindor* com o pl. análogo *muindyr* (ver MOY, *moina*) era

geralmente usado. Qen. *toron*, *torni* irmão; *otorno* irmão jurado, companheiro [w $\breve{\bar{o}}$]; *otornasse* irmandade; mas para o parentesco de sangue era geralmente usado *onóro* (**wa-nōrō* = da mesma família, ver w $\breve{\bar{o}}$, NŌ) = nold. ant. *wanúro*, nold. *gwanur* parente.

TOW- qen. *tō* lã; *toa* de lã, lanoso; nold. *taw*.

TUB- **tumbu* vale profundo, abaixo de ou entre colinas: qen. *tumbo*, nold. *tum*. Cf. *Tumladen* "o vale plano" [LAT], o vale de Gondolin. **tubnā* fundo, profundo: qen. *tumna* fundo, baixo; nold. *tofn*; ilk. *tovon*. **Utubnu* nome das câmaras de Melko no Norte: qen. *Utumno*; nold. *Udun*; ilk. *Uduvon*; dan. *Utum*.

TUG- **tūgu*: qen. *tuo*; nold. ant. *túgo*, nold. *tû*; ilk. *tûgh*, *tû*; músculo, tendão; vigor, força física. Cf. o nome *Tuor* (mais antigo *tūghor* = *tū-gor* "vigor de força", ver GOR). **tungā*: qen. *tunga* teso, esticado (com relação a cordas, ressonante); nold. *tong*; ilk. *tung*.

TUK- atrair, trazer. Qen. *tukin* eu atraio; nold. *tegi* (3ª sing. *tôg*) conduzir, trazir; ilk. *toga* ele traz.

TUL- vir, chegar, aproximar-se, mover-se em direção a (ponto do falante). Qen. *tulin* eu chego, venho; nold. *teli* chegar, vir, *tôl* ele chega, vem. **tultā* fazer chegar: qen. *tulta-* mandar buscar, chamar, mandar vir, convocar; nold. *toltho* mandar vir; ilk. *tolda* ele manda vir.

TULUK- qen. *tulka* firme, forte, imóvel, resoluto; cf. *Tulkas* (*Tulkatho*, *Tulkassen*). *tulko* (**tulku*) suporte, amparo. Nold. exíl. *tolog* determinado, leal, *tulu* (**tulukmē*, nold. ant. *tulugme*) suporte, amparo. Tulkas também era chamado *Ender* (ver NDER), nold. exíl. *Enner*.

TUMPU- corcunda. Qen. *tumpo*; nold. *tump*.

TUN- **tundu*: qen. *tundo*; nold. *tund*, *tunn* colina, monte. **tundā*: qen. *tunda* alto; nold. *tond*, *ton;* ilk. *tund*. **Tūn* $\breve{a}$: qen. *Tún*, *Túna* cidade-élfica em Valinor; nold. ant. *Túna*, nold. *Tûn*. Cf. nold. *mindon* colina isolada (**minitunda*), especialmente uma colina com uma torre de vigia. [Em MINI, o nold. *mindon* deriva de **minitaun*. — Não sei como explicar por que *Tûn* aparece

aqui como uma forma qen.: ver QS §39 e comentário a §§39, 45.]

TUP- **tupsē*: qen. *tupse* colmo; nold. *taus*; ilk. *tuss*.

TUR- poder, controle, domínio, vitória. **tūrē* domínio, vitória: qen. *túre*; nold. *tûr*. Cf. o nome *Turambar*, nold. *Túramarth* "Mestre do Destino", nome assumido em soberba por *Túrin* (qen. *Turindo*) — que contém o mesmo elemento *tūr* vitória, + *indo* ânimo (ver ID).

tūrō* e em palavras comp. *turo*, *tur*, mestre, vencedor, senhor: cf. qen. *Fantur*, nold. *Fannor*. Qen. *turin* eu detenho, controlo, governo, pret. *turne*; nold. *ortheri*, 3ª sing. *orthor* (ortur-*) dominar, conquistar; *tortho* deter, controlar. **taurā*: qen. *taura* poderoso, magno; nold. *taur* vasto, magno, esmagador, terrível — também elevado, sublime (ver TÁWAR). [Acrescentado:] *Turkil*, cf. *Tarkil* = Númenóreano [KHIL].

TURÚM- **turumā*: qen. *turma* escudo; **turúmbē*: tele. *trumbe* escudo; ilk. *trumb*, *trum*.

TUS- **tussā*: qen. *tussa* arbusto, nold. *toss* árvore baixa (como bordo, espinheiro, abrunheiro, azevinho, etc.): ex., *eregdos* = azevinho. Ver ERÉK, ÓR-NI.

TUY- germinar, brotar (cf. TIW engordar, inchar?). Qen. *tuia* brota, germina; nold. *tuio*. **tuilē*: qen. *tuile* primavera; também usado = rair do dia, início da manhã = *artuile* [AR[1]]. Cf. *tuilindo* (de **tuilelindō* "cantor-da-primavera") andorinha, nold. *tuilind*, *tuilin* [LIN[2]]. **tuimā*: Qen. *tuima* um broto, botão (de flor); nold. *tuiw*, *tui*.

TYAL- jogar. Qen. *tyalie* esporte, brincadeira, jogo; *tyalin* eu jogo. Nold. *telio*, *teilio* (**tyaliā-*) jogar. Cf. *tyalañgandō* = harpista (qen. *tyalangan*): nold. *Talagand*, um dos chefes de Gondolin (ver ÑGAN). Nold. *te(i)lien* esporte, jogo.

TYUL- levantar-se, ficar de pé. **tyulmā* mast: qen. *tyulma*. **tyulussē* álamo: qen. *tyulusse*, nold. *tulus* (pl. *tylys*) [ver LI].

U

UB- abundar. Qen. *úvea* abundante, em quantidade muito grande, muito grande; *úve* abundância, grande quantidade. Nold. *ofr* (*ovr*), *ovor* abundante (**ubrā*); *ovras* multidão, pilha, etc.; *ovro* abundar.

UGU- e **UMU**- radicais de negação: qen. *uin* e *umin* eu não, não sou/estou; pret. *úme*. Qen. prefix *ú* (= *ugu*, ou *gū*) não, in-, des- (geralmente com sentido ruim), como *vanimor* belo povo = (homens e) elfos, *úvanimor* monstros. Cf. GŪ, MŪ. [Em BAN, os *Vanimor* são os Filhos dos Valar; ver p. 492. — Esse verbete foi escrito primeiramente a lápis, como todos os outros nesta parte do manuscrito, mas depois foi escrito por cima à tinta; ele foi riscado, a lápis, mas isso pode ter sido feito antes de ser escrito por cima. Aparentemente, acréscimos posteriores a lápis são: [qen.] úmea maligno, mau, [nold.] *um* ruim, maligno, mau.]

ULU- verter, fluir, correr. Qen. *ulya*- verter (pret. intr. *ulle*, tr. *ulyane*); *ulunde* inundação; *úlea* vertente, inundante, corrente. **Ulumō* nome do Vala de todas as águas: qen. *Ulmo*; nold. *Ulu*, geralmente chamado *Guiar* (ver WAY). Nold. *oeil*, *eil* está chovendo (**ulyā*); **ulda* torrente, riacho de montanha, nold. exíl. *old*, *oll*.

ÚLUG- Tele. *ulga*, ilk. *olg* hediondo, horrível; **ulgundō* monstro, criatura deformada e hedionda: qen. *ulundo*; tele. *ulgundo*, ilk. *ulgund*, *ulgon*, *ulion*; nold. *ulund*, *ulun*. Também ***ÚLGU***: cf. *Ul-* em *Ulfang*, *Uldor*, *Ulfast*, *Ulwarth*, nomes dos Lestenses. [Esses nomes dos Lestenses obviamente lhes foram dados pelos Elfos (como é especificamente afirmado acerca daqueles com o elemento BOR); mas cf. *Lhammas* §10, onde não se dá dessa maneira.]

UÑG- **uñgwē*: qen. *ungwe* treva; *ungo* nuvem, sombra escura. Cf. *Ungweliante*, *Ungoliante* a Aranha, aliada de Morgoth (cf. SLIG). Ilk. *ungol* escuridão, *ungor* negro, escuro, sombrio. Não é usado em nold., exceto no nome *Ungoliant*, que na verdade vem do qen. O nome da Aranha em nold. é *Delduthling* (ver DYEL, DO3).

UNU- (cf. N , NDŪ). *undu* uma forma paralela em qen. feita para equiparar-se a *ama, amba* acima [AM^2]: para baixo, sob, debaixo.

UNUK- qen. *unqe* concavidade; *unka*- tornar oco; *unqa* adj. oco.

UR- ser/estar quente. Qen. *úr* fogo, nold. *ûr.* Qen. *Úrin* nome f. (gen. sing. *Úrinden*) do Sol. Qen. *uruite*, *úruva* flamejante. Cf. *Dagor Vreged-úr* Batalha do Fogo Repentino [BERÉK]. Qen. *urya*- inflamar. [Esse verbete foi riscado, e ao lado dele o seguinte escrito de forma bastante descuidada:] **UR**- vasto, amplo, grande. Úrion. Qen. *úra* largo, grande; nold. *ûr* vasto, amplo.

USUK- **us(u)k-wē*: qen. *usqe* fedor; nold. *osp*; ilk. *usc* fumaça.

UY- qen. *uile* planta longa e trepadeira, especialmente alga marinha; *earuile* alga marinha [AY]; *Uinen* (*Uinenden*) esposa de Osse, nold. ant. *Uinenda*, nold. exíl. *Uinend, Uinen* (cf. NEN); [nold.] *uil* alga marinha, *oeruil*.

W

[Os radicais em W- formam os verbetes que encerram o manuscrito e, ao contrário daqueles que os precedem, foram escritos cuidadosamente à tinta, com algumas alterações e acréscimos a lápis.]

WĀ-, WAWA-, WAIWA- soprar. Qen. *vaiwa*, *waiwa* vento; nold. *gwaew*; ilk. *gwau*.

WAȝ- manchar, sujar. **waȝrā*: qen. *vára* manchado, sujo; nold. *gwaur* (nold. ant. *wóra*); ilk. *gôr*. **wahtā*- sujar, manchar: qen. *vahta*; nold. *gwatho* (nold. ant. *wattóbe*); ilk. *góda*-. **wahtē* uma mancha: nold. ant. *watte*, nold. *gwath* coalescendo com **wath*, q.v. [WATH]; ilk. *gôd* sujeira, imundície. **wahsē*: qen. *vakse* mancha; nold. ant. *wasse*, nold. *gwass*. Cf. *Iarwath* "Mancha-de-sangue" [YAR], cognome de Túrin.

WAN- partir, ir embora, desaparecer. Qen. *vanya*- ir, partir, desaparecer, pret. *vane*; *vanwa* ido, que partiu, desparecido, perdido, passado; *vanwie* o passado, tempo passado. Esse radical em nold. substituiu KWAL na aplicação à morte (dos elfos por desvanecimento, ou cansaço): assim, *gwanw* (**wanwē*) morte; *gwanath* morte; *gwann* (**wannā*) falecido, morto. Nota: *gwanw*, *gwanath são o "ato de morrer", não "morte, Morte" como um*

estado ou algo abstrato: isso é guru (ver ÑGUR). Nold. *gwanno* (*wanta-*) falecer, morrer. [O radical WAN foi alterado a lápis para VAN.]

WA-N- ganso: qen. *vān, wān* (pl. *vāni*) ganso; nold. *gwaun*, pl. *guin*.

WAR- recuar, ceder, não suportar, desapontar, trair. Nold. ant. *warie* trair, enganar; *awarta* renunciar, abandonar. Nold. exíl. *gwerio* trair; *gwarth* traidor; *awartha* abandonar; *awarth* abandono. Cf. *Ulwarth*. [Esse verbete foi um acréscimo a lápis. Quanto a *Ulwarth*, ver ÚLUG e nota.]

WATH- sombra. Nold. ant. *watha*, nold. *gwath*; ilk. *gwath*. Cf. ilk. *Urthin* (> nold. *Eredwethion*). [Esse verbete foi um acréscimo a lápis. Acima de *Urthin* foi escrito *Gwethion*.]

WAY- envolver. **wāyā* envoltório, especialmente com relação ao Ar ou Mar de Fora que envolve o mundo dentro das Ilurambar ou muralhas-do-mundo: qen. *w- vaia*, *w- vaiya*; nold. ant. **wōia*, *uia*, nold. *ui*. **Vāyārō* nome de Ulmo, senhor de Vaiya: qen. *Vaiaro*, nold. *Uiar* o nome nold. usual de Ulmo. [O radical WAY foi alterado a lápis para VAY. Em ULU é dito que Ulmo geralmente era chamado de *Guiar* em nold.]

WED- atar, ligar. **wedā*: nold. ant. *weda* elo, laço, nold. *gweð*; ilk. *gweð*. Nold. *gwedi*, pret. *gwend*, *gwenn* posteriormente *gweðant*, atar. Nold. *angweð* "elo-de-ferro", corrente. **wǣdē* elo, promessa, pacto, juramento: qen. *vēre*; nold. ant. *waide*, nold. *gwaeð*. **wed-tā*: qen. *vesta-* jurar (fazer algo), contratar, fazer um pacto; *vesta* contrato; *vestale* juramento. Nold. *gwest* juramento; *gwesto* jurar; *gowest* contrato, pacto, tratado, qen. *ovesta* [w]. [As palavras qen. derivadas de **wed-tā* foram riscadas a lápis, com a nota de que "todas eram classificadas com os derivados de BES". Essas mesmas palavras, com significado diferente, encontram-se em BES: *vesta* matrimônio, *vesta-* casar; *vestale* casamento. A referência no original aqui é a BES (e não, como antes, a BED: ver nota a LEP).]

WEG- vigor (masculino). Qen. *vie* virilidade, vigor (**weʒē*); *vea* adulto, viril, vigoroso; *veaner* homem (adulto) [NĒR]; *veasse* vigor, *veo* (**wegō*) homem. Esse último na forma composta *-

wego é frequente em nomes masculinos, onde assume a forma qen. *-we* (= *weg*). Pode ser distinguido de *-we* (*-wē* sufixo abstrato) ao permanecer *-we* em nold., do nold. ant. *-wega*. O sufixo abstrato ocorre nos nomes *Manwe*, *Fionwe*, *Elwe*, *Ingwe*, *Finwe*. Esses nomes não ocorrem nas formas exílicas **Manw*, **Fionw*, **Elw*, **Finw* — visto que Finwe, por exemplo, permaneceu em Valinor [ver PHIN]. Esses nomes eram usados até mesmo pelos Gnomos nas formas em qenya, auxiliados pela semelhança com *-we* em outros nomes, como *Bronwe*, nold. ant. *Bronwega* (ver BORÓN). Em outras instâncias, em nold. esse radical sobrevive apenas em *gweth* virilidade, também usado = efetivo, tropa de homens fisicamente capazes, hoste, regimento (cf. *Forodweith* Homens-do-Norte). **weg-tē* [Esse verbete, o último em W como o manuscrito foi originalmente escrito, permaneceu inacabado. — Em PHOR, a forma também é claramente *Forodwaith*.]

WEN-, WENED- donzela. Qen. *wende*, *vende*; nold. *gwend*, *gwenn*. Encontrado com frequência em nomes femininos, como *Morwen*, *Eleðwen*: visto que este último não apresenta *-d* mesmo na escrita arcaica, eles provavelmente possuem uma forma *wen-*: cf. ilk. *gwen* menina; qen. *wéne*, *véne* e *venesse* virgindade; nold. *gweneth* virgindade. [Acrescentado:] Alguns nomes, especialmente os de homens, podem conter *gwend* elo, amizade: ver WED. [O substantivo nold. *gwend* não é dado em WED. — Junto a esse verbete foi escrito: "Transferir para GWEN". — Nos textos narrativos (QS §129, AB 2, anal 245), o nome *Eledhwen* foi interpretado como "Brilho-élfico", e essa interpretação sobreviveu muito tempo depois nos *Anais Cinzentos*; por outro lado, em ELED a tradução foi alterada de "Bela-élfica" para "Donzela-élfica".]

WEY- enrolar, tecer. O qen., devido à mudança *wei* > *wai*, confundia esse radical com WAY; mas cf. *Vaire* (**weirē*) "Tecelã", nome da deusa dos fados, esposa de Mandos: nold. *Gwîr*. Nold. *gwî* rede, teia. [O radical WEY foi alterado a lápis para VEY.]

WIG- **wingē*: qen. *winge* espuma, crista de onda, crista. Cf. *wingil* ninfa; *Wingelot*, *Wingelóte* "flor-de-espuma", barco de Earendel

(nold. *Gwingloth*) [LOT(H)]. Nold., ilk. *gwing* respingo, borrifo lançado. [Esse verbete foi um acréscimo a lápis. — Com *wingil*, cf. o nome antigo *Wingildi*, I. 87, 329.]

WIL- voar, flutuar no ar. **wilwā* ar, ar inferior, distinto do "superior" das estrelas, ou do "exterior" (ver WAY): qen. *wilwa* > *vilwa*; nold. *gwelw* ar (como substância); *gwelwen* = qen. *vilwa*; ilk. *gwelu*, *gwelo*. Qen. *vilin* eu voo, pret. *ville*. Nold. *gwilith* "ar" como uma região = qen. *vilwa*; cf. *gilith* = qen. *ilmen* (ver GIL). Qen. *wilwarin* (pl. *wilwarindi*) borboleta; tele. *vilverin*; nold. *gwilwileth*; ilk. *gwilwering*. [O nome *Wilwa* para o ar inferior também se encontra no resumo preparatório de *A Queda de Númenor* (p. 19), enquanto *Wilwa* no *Ambarkanta* foi alterado em todo o texto para *Vista*, assim como nos diagramas do mundo que o acompanham (IV. 285–91). Por meio de alterações subsequentes a lápis, as formas **wilwā*, qen. *wilwa* foram alteradas para **wilmā*, qen. *wilma*; qen. *wilwa* > *vilwa* foi riscada; e a palavra qen. *vilin* foi alterada para *wilin*. Um novo radical WIS com o derivado qen. *vista* (ver abaixo) foi introduzido, na mesma época ou depois, mas o radical WIL permaneceu como tal.]

WIN-, WIND- **windi* cinza-azulado, azul-claro ou cinza-claro: qen. *vinde*, nold. *gwind*, *gwinn*. **winyā*: qen. *winya*, *vinya* anoitecer, noite; nold. *gwein*, pl. *gwîn*; ilk. *gwini*, *gwine*. **winta*- esvanecer: qen. *vinta*-, pret. *vinte*, *vintane*; nold. ant. *wintha* esvanece, advesperascit ["anoitece"], nold. *gwinna*. [Esse verbete foi riscado, e "ver THIN" foi escrito junto a ele. O seguinte acréscimo a lápis pode ter sido feito antes ou depois de o verbete original ser rejeitado, uma vez que ele em si não foi riscado:] **windiā* azul-claro: qen. *win(d)ya*, *vinya*; nold. *gwind*.

WIS- qen. *vista* ar como substância. [Ver nota a WIL.]

W $\breve{\mathbf{O}}$ - junto. A forma *wŏ*, caso enfatizada, seria > *wa* em eldarin. Em qen., a forma *wō* e a não enfatizada *wŏ* foram combinadas para produzir o prefixo $\breve{o}$ - "junto": como em *o-torno* (ver TOR), *o-selle* (ver THEL), e muitas outras palavras, por ex., *ovesta* (ver WED). Em nold. temos *gwa*- quando enfatizado, como em *gwanur*

(= qen. *onóro*) [TOR], *gwastar* (ver STAR), e frequentemente, mas apenas em palavras comp. antigas. A forma em uso era *go-*, que evoluiu de *gwa-* em posições não enfatizadas — em origem principalmente em verbos, mas então se espalhou para derivados verbais como *gowest* (ver WED). Em muitas palavras esse se tornara um elemento fixado. Assim, *NOT-* contar, *nut-* atar coalesceram no exílico **nod-*; mas "contar" era sempre expressado por *gonod-*, a não ser que algum outro prefixo fosse acrescentado, como em *arnediad* [AR^2]. Em ilk., devido à coalescência de *gwo*, *ȝo* (em *go*), esse prefixo se perdeu [ver ȝ ŏ].

Y

[Como já mencionado (p. 416), mudei a representação da "semivogal" *j* para *y*, e, portanto, apresento esses radicais aqui, ao final do alfabeto. No entanto, a seção pertence às partes inteiramente "não reconstruídas" da obra, e consiste, como os radicais I, apenas em notas muito descuidadas e difíceis.]

YA- lá (adiante); atrás (com relação a tempo), enquanto *EN* lá, além [EN] (com relação a tempo) aponta para o futuro. Qen. *yana* aquele (o precedente, anterior, primeiro); *yá* antigamente, outrora, anteriormente: *yenya* ano passado [YEN]; *yára* antigo, pertecente ou vindo de tempos passados; *yáre* dias passados; *yalúme* épocas/tempos passados [LU]; *yasse*, *yalúmesse*, *yáresse* era uma vez; *yárea*, *yalúmea* antigo, velho. Nold. *iaur* antigo, (mais) velho; *io (ia*?) atrás. "Velho" (no sentido mortal, decrépito) é *ingem* para pessoas, "doente-de-anos"; "velho" (decrépito, gasto) para coisas é *gem* [GENGWĀ]. Ver GYER.

YAB- fruta, fruto. Qen. *yáve* fruto; nold. *iau* cereal. *Yavanna* Provedora-de-frutos (cf. ANA[1]), nold. *Ivann*.

YAG- voragem, abertura. **yagu-* abismo: nold. *ia*, principalmente em topônimos como *Moria* = Abismo Negro. **yagwē*: qen. *yáwe* ravina, fenda, abismo; nold. *iau*. Qen. *yanga-* bocejar, abrir-se.

YAK- **yakta*-: qen. *yat* (*yaht*-) pescoço; nold. *iaeth*. Qen. *yatta* estreito, istmo.

YAN- Cf. AYAN. Qen. *yána* local sagrado, fano, santuário; nold. *iaun*.

YAR- sangue. Qen. *yár* (*yaren*); nold. *iâr*; *Iarwath* Manchado-de-sangue (ver WA3), cognome de Túrin. Ilk. ôr sangue; *arn* vermelho; cf. *Aros* (= nold. *iaros*) nome de um rio com águas avermelhadas.

YAT- unir, juntar. **yantā* jugo, além de **yatmā*: qen. *yanta* jugo; *yanwe* ponte, bridge, junção, istmo. Nold. *iant* jugo; *ianw* ponte (*eilianw* "ponte-do-céu", arco-íris, ver 3EL).

YAY- zombar, escarnecer. Qen. *yaiwe*, nold. ant. *yaiwe*, zombaria, escárnio, desdém; nold. *iaew*.

YEL- filha. Qen. *yelde*; nold. *iell*, *-iel*. [Esse verbete foi removido com a alteração da etimologia do nold. *iell*: ver SEL-D e YŌ, YON. Uma nova formulação do radical YEL foi introduzida, mas foi, por sua vez, rejeitada. O texto dizia:] **YEL**- amigo: qen. *yelda* amigável, querido como amigo; *yelme*; *-iel* em nomes = [inglês antigo] *-wine* (distinguir do nold. *-iel* derivado de *selda*).

YEN- ano. Qen. *yén* (*yen*-); *linyenwa* velho, com muito anos [LI]. Último dia do ano = *qantien*, nold. *penninar* [KWAT]; primeiro ano, primeiro dia *minyen* [MINI]. *Endien* Meio-do-ano [ÉNED] era uma semana fora dos meses, entre o sexto e o sétimo mês, [? dedicada] às Árvores: [também chamada] *Aldalemnar*, ver LEP. Nold. în ano; ínias anais; *iðrin* ano (= *ien-rinde*, ver RIN); *edinar* (*at-yēn-ar*) dia de aniversário; *ennin* = Ano Valiano; *ingem* "doente-de-anos" = velho (mortalmente) [GENG-WĀ]; *ifant* idoso, longevo (= *yen-panta* > *impanta* > *in-fant*) [KWAT]. [A palavra *Inias* "Anais" ocorre nas folhas de rosto apresentadas na p. 239.]

YES- desejar. Qen. *yesta* desejar; nold. *iest* desejo.

YŌ, YON- filho. Qen. *yondo*, *-ion*; nold. *ionn*, *-ion*. [O seguinte trecho foi acrescentado quando o verbete YEL havia sido removido:] feminino *yēn*, *yend* = filha; qen. *yende*, *yen*.

YŪ- dois, ambos. Nold. *ui*- twi-, como *uial* crepúsculo [KAL]. Qen. *yūyo* ambos.

YUK- empregar, usar. Nold. *iuith* iso, *iuitho* [?desfrutar].

YUL- arder (lentamente). Qen. *yúla* brasa, madeira ardente; *yulme* [?calor] vermelho, calor abrasador; *yulma* tição. Nold. ant. *iolf* tição; *iûl* brasas.

YUR- correr. Nold. ant. *yurine* eu corro, *yura* curso, percurso; nold. *iôr* curso, percurso.

NOTAS

[a] Em uma folha de rosto do manuscrito está escrito *Etimologias*, e também *Nomes e palavras beleriândicos e noldorin: Etimologias*.

[b] No original, *Elfin*; daí a relevância do comentário entre colchetes no final desse verbete. [N.T.]

APÊNDICE

I. AS GENEALOGIAS

Esse material tem seu lugar na primeira versão dos *Anais de Beleriand*, mas, embora eu soubesse de sua existência (visto que é mencionado na *Lista de Nomes*), dei-o como perdido, e somente recentemente descobri este pequeno manuscrito, após TER terminado o trabalho no Vol. IV. Ele é composto por tabelas genealógicas dos príncipes élficos, das três casas dos Pais de Homens e das casas dos Homens do Leste. Não há necessidade de reproduzir essas tabelas, mas sim se apenas mencionar certos detalhes que não se encontram em nenhum outro lugar. Na primeira delas há algumas pessoas adicionais:

Elwë, Senhor dos Teleri (que é chamado de "Senhor dos Navios"), tem um filho, *Elulindo*;

Fingon tem um filho, *Findobar* (esse nome, simplesmente como um nome, ocorre nas *Etimologias* nos radicais PHIN (escrito *Findabar*) e MBAR);

Orodreth, além de seu filho Halmir, tem um filho mais novo, *Orodlin*.

As genealogias dos Homens possuem datas de nascimento e falecimento. Essas datas foram extensamente emendadas, alteradas em um ou dois anos, mas no fim são quase exatamente como as presentes na primeira versão do AB 1. Contudo, as datas a seguir não se encontram em nenhuma versão dos *Anais* (caso se encontrassem, naturalmente teriam sido estendidas em dois passos, primeiro por cem anos e então por duzentos anos).

Elboron, filho de Dior, nascido em 192; *Elbereth*, seu irmão, nascido em 195 (assim, tinham catorze e onze anos ao morrerem, AB 2, anal 306);

Húrin, morreu em "?200" (no anal 200 no AB 1, repetido no AB 2, "seu destino não é sabido por ninguém com certeza");

Ulfand, o Tisnado, nascido em 100, morreu em 170; *Uldor, o Maldito*, nascido em 125, *Ulfast*, nascido em 128, *Ulwar*, nascido em 130;

Bor, o Fiel, nascido em 120; *Borlas*, nascido em 143; *Boromir*, nascido em 145; *Borthandos*, nascido em 147.

Além das tabelas genealógicas há também uma tabela das divisões dos Qendi que é quase a mesma que aquela apresentada com o *Lhammas* na p. 233, e junto com essa tabela há uma lista dos muitos nomes pelos quais os Lindar, Noldor e Teleri eram conhecidos. Essa lista é a primeira forma daquela em QS §29 (nota ao texto), e todos os nomes que se encontram aqui também se encontram na lista mais longa no QS; mas há aqui também muitos nomes élficos que (à exceção de *Soloneldi*) não se encontram no QS:

Os Lindar também são chamados *Tarqendi* "Altos-elfos", *Vanimor* "os Belos" [> Írimor "os Formosos"] e *Ninqendi* "Elfos-brancos";

Os Noldor também são chamados *Nurqendi* "Elfos-profundos", *Ainimor* [escrito acima: *Istimor*] "os Sábios" e *Kuluqendi* "Elfos-dourados";

Os Teleri também são chamados *Falmarindi* "Ginetes-d'Ondas", *Soloneldi* "Músicos da costa" e *Veaneldar* "Elfos-do-mar".

O nome *Vanimor* é usado no AV 2 para os espíritos menores da raça valarin, entre os quais foram "contados mais tarde" também os *Valarindi*, os Filhos dos Valar (pp. 134–35, 146); estes são os *Vanimor* nas *Etimologias*, radical BAN, mas nos radicais de negação UGU e UMU o nome é traduzido "belo povo = (homens e) elfos". Alguns desses outros nomes também aparecem nas *Etimologias*: *Tarqendi* (TĀ), *Nurqendi* (nū), *Istimor* (is), *Falmarindi* (phal) e *Soloneldi* (sol). Com *Irimor*, cf. *Irima ye Númenor* em *A Estrada Perdida* (p. 89), e ver o radical ID.

II. A LISTA DE NOMES

Durante a década de 1930, meu pai deu início à tarefa de fazer uma lista alfabética, com definições, de todos os nomes em suas obras acerca das lendas dos Dias Antigos. Uma lista de fontes foi anexada

a essa lista, e os verbetes são acompanhados por referências completas a fontes (por números de páginas ou data de anais), mas essas referências se restringem quase que inteiramente aos *Anais de Beleriand* e às *Genealogias*: as únicas outras são umas poucas às primeiras páginas do *Qenta Noldorinwa* (Q) e duas ao *Mapa*. Na lista de fontes, "Anais de Beleriand" e "Genealogias" estão marcados com um sinal de visto; está claro que meu pai havia indexado esses textos e começado com o Q quando parou de trabalhar na lista.

Tal como a Lista de Nomes foi originalmente escrita, as referências são apenas à primeira versão do AB 1 (mas incluem acréscimos feitos àquele texto subsequentemente e apresentados nas notas em IV. 362–66). Porém, após a lista ser abandonada como uma obra de referência metódica, meu pai fez acréscimos a ela de maneira mais casual, sem referências, e esses acréscimos posteriores mostram o uso da segunda versão do AB 1, assim como alguns nomes que não aparecem em nenhum dos textos; verbetes também foram modificados e ampliados de forma substancial.

A maioria desses verbetes na verdade não acrescenta nada em suas definições ao que está disponível nas fontes, e não há qualquer necessidade de apresentar a obra na íntegra. Segue-se aqui uma pequena seleção do material, restrito aos verbetes ou partes de verbetes que possuem alguma característica específica de interesse (principalmente acerca de nomes ou formas nominais).

Aldaron O equivalente noldorin é dado como *Galaðon*, que não aparece em outro lugar.

Balrogé dita ser uma palavra-órquica sem um equivalente qenya puro: "empréstimo *Malaroko-*"; compare com as *Etimologias*, radicais ÑGWAL e RUK.

Beleriand "Originalmente a terra ao redor do Sirion meridional, nome dado pelos Elfos dos Portos devido ao Cabo *Balar* e à Baía de *Balar*, onde o Sirion desaguava; estendido a todas as terras ao sul de Hithlum e Taur-na-Danion, e a oeste das Eredlindon. Suas fronteiras meridionais não são definidas. Por vezes inclui Doriath e Ossiriand." Com essa afirmação acerca da extensão de Beleriand, cf. QS §108; e com a derivação do nome *Beleriand* de

Cabo *Balar*, Baía de *Balar*, cf. as *Etimologias*, radical BAL. Essa é a primeira ocorrência de Cabo Balar, que, no entanto, foi marcado no segundo Mapa como desenhado e rotulado originalmente.

Beren Os cognomes de Beren primeiramente foram dados como *Mablosgen* "O de Mão-vazia" e *Ermabuin* "Uma-Mão" (como no anal 232 do AB 2). O primeiro foi alterado para *Mablothren* e depois para *Camlost* (e, em um verbete separado, *Mablosgen* > *Mablost*); o segundo, para *Erchamui* e depois para *Erchamion* (mais uma vez como no AB 2, nota 22). Pelas *Etimologias* (radicais KAB e MAP), parece que os nomes que contêm o elemento *mab* são nomes ilkorin (doriathrin), enquanto os que contêm *cam*, *cham* são noldorin.

Cinderion "Nome gnômico = Terras de Cá". Esse nome não possui referência a uma fonte; não se encontra em nenhum outro lugar, nem qualquer forma semelhante a ele.

Cristhorn foi emendado primeiro para *Cil-thorn* e depois para *Cil-thor(o)ndor*, com a definição "Fenda-das-Águias de Thorondor, Rei das Águias". As formas *Cilthoron* e *Cilthorondor* encontram-se nas *Etimologias* (radical KIL), assim como *Cristhoron* (kiris).

Dagor Delothrin "A Última Batalha, 'a Batalha Terrível', na qual Fionwë sobrepujou Morgoth." A referência dada é ao anal 250 do AB 1, onde, porém, não há qualquer nome élfico. Em uma referência cruzada na lista à Última Batalha, ela também é chamada de "a Longa Batalha" (pois durou cinquenta anos).

Dagor Nirnaithé dado como um nome da Batalha das Lágrimas Inumeráveis.

Elfos-escuros "Tradução de *Moreldar* (também chamados *Ilkorindi*, aqueles que não chegaram a Kôr), o nome de todos os Elfos que permaneceram vagando pelas Terras de Cá…" O termo *Moreldar* não se encontra em nenhum outro lugar. A nomenclatura aqui obviamente é aquela do Q (§2), onde *Eldar* = "todos os Elfos" e os *Ilkorindi* ou Elfos-escuros são aqueles que se perderam na Grande Marcha.

Dor-deloth, ou *Dor-na-Daideloth* "'Terra do Terror' ou 'Terra da Sombra do Terror', aquelas regiões a leste das Eredwethion e ao norte de Taur-na-Danion governadas por Morgoth; mas suas fronteiras sempre se ampliavam para o sul, e antigamente incluíam Taur-na-Fuin."

Dorthanion afirma-se ser um nome doriathrin: *thanion* = "de pinheiros" (*than*). Ver as *Etimologias*, radical THŌN.

Anãos "Chamados pelos Elfos-escuros (e, assim, pelos Gnomos) de *Nauglar* (singular *Naugla*)." *Nauglar* aparece em um acréscimo ao AB 1 (IV. 364); a forma no QS é *Naugrim*.

Elivorn "Negro-Lago em Dor Granthir." Esse foi um acréscimo posterior à lista e não possui referência a fontes. *Elivorn* pode bem ter sido a forma apagada e substituída por *Helevorn* em QS §118. *Dor Granthir* encontra-se na mesma passagem no QS.

Eredlindon "'Montanhas Azuis' (*lind* azul), limites orientais de Beleriand." Ver o comentário a QS §108.

Eredlúmin "'Montanhas Tenebrosas', montanhas a leste [*leia-se* oeste] de Hithlum, que dão para os Mares." Tal como a lista foi originalmente composta, *Eredlómin* em ambas as ocorrências foi escrito *Ered-lúmin*. Comentei (IV. 222) que tanto o significado do nome como a sua aplicação foram alterados, de modo que *Ered-lómin* "Montanhas Sombrias", a leste e ao sul de Hithlum, como no Q, tornou-se *Ered-lómin* "Montanhas Ressoantes", a cadeia costeira a oeste de Hithlum; e, na mesma época, o significado de *Dor-lómin* mudou de "Terra das Sombras" para "Terra de Ecos". Na Lista de Nomes como originalmente composta, o novo nome para as montanhas a leste e ao sul de Hithlum, *Eredwethion* "Montanhas Sombrias", já aparece (com a etimologia *gwath* "sombra"), e, portanto, há aqui um estágio intermediário, quando *Ered-lómin* (*-lúmin*) havia se tornado o nome da cadeira costeira, mas ainda não possuía o significado "Ressoantes". Sem dúvida há também um estágio etimológico intermediário, que entendo se a explicação da forma *lúmin* (encontrada também em *Dor-lúmin* no segundo Mapa): a fonte agora era o radical LUM, dado nas *Etimologias* como a fonte de *Hith-lum* (e do qen. *Hísilumbe*, alterado para *Hísilóme* pela

influência de *lóme* “noite”: qen. *lumbe* “treva, sombra”). Daí a tradução aqui “Montanhas Tenebrosas”, que não se encontra em nenhum outro lugar. Por fim, surgiu a interpretação “Ressoantes”, com a derivação de *-lómin* a partir do radical LAM.

Fingolfin O marco de Fingolfin é chamado *Samas Fingolfin*.

Fuin Daidelos “Noite da Sombra do Terror” ou “Sombra Mortal da Noite” é dado como um nome de Taur-na-Fuin.

Gothmog “= Voz de *Goth* (Morgoth), um nome-órquico.” Morgoth é explicado no seu lugar na lista como “formado a partir de seu nome-órquico *Goth* ‘Senhor ou Mestre’, com *mor* ‘sombrio ou negro’ prefixado”. Esses verbetes na Lista de Nomes foram discutidos em II. 87–8. Nas *Etimologias*, o elemento *goth* é explicado de modo diferente em *Gothmog* (gos, goth) e em *Morgoth* (kot, mas com uma sugestão de que o nome “também pode conter goth”).

Gurtholfin foi subsequentemente alterado para *Gurtholvin* e depois para *Gurtholf*. *Gurtholfin* > *Gurtholf* também no AB 2, nota 39; ver as Etimologias, radicais GÓLOB e NGUR.

Hithlum é traduzido “Bruma-e-Crepúsculo”; ver as *Etimologias*, radicais KHIS e LUM.

Kuiviénen O nome noldorin *Nen Echui* é dado; ele se encontra nas *Etimologias*, radical KUY.

Morgoth Ver *Gothmog*.

Orques“Gnômico *orch*, pl. *eirch*, *erch*; qenya *ork*, *orqui* empréstimo do gnômico. Um povo arquitetado e trazido à existência por Morgoth para fazer guerra a Elfos e Homens; às vezes traduzido como ‘Gobelins’, mas eles eram de estatura quase humana.” Ver o verbete órok nas *Etimologias*.

Sarn Athrad é traduzido “Pedra de Travessia”.

Sirion A extensão do Sirion é dada como “cerca de 900 milhas” [*c.* 1.448 km] de Eithil Sirion ao Delta. Em QS §107, a extensão do rio do Passo do Sirion ao Delta é de 121 léguas [*c.* 584 km], que se medida em uma linha reta da abertura setentrional do Passo está de acordo com a escala no segundo Mapa de 3,2 cm. = 50 milhas [*c.* 80 km] (ver p. 324). Mas a Lista de Nomes e o desenho original do segundo Mapa estavam associados, e duas

das referências apresentadas na lista são feitas ao Mapa, de modo que é difícil justificar a extensão de 900 milhas (300 léguas).

Porto do Sirion:"(*Siriombar*), o assentamento de Tuor e dos remanescentes de Doriath em *Eges-sirion*; também chamado *Sirion*." O nome *Siriombar* ocorre apenas aqui; cf. *Brithombar*.

Fozes do Sirion:"(*Eges-sirion*), os vários braços do Sirion em seu delta, também a região do delta." Acima do segundo *s* de *Eges-sirion* (um nome que não se encontra em nenhum outro lugar) foi escrito um *h*, mostrando a alteração do *s* original para *h* em posição mediana.

Nascente do Sirion:"(*Eithil* ou *Eithil Sirion*), as nascentes do Sirion, e a fortaleza de Fingolfin e Fingon próximo à fonte."

Tol Thû é outro nome para *Tol-na-Gaurhoth.*

Tulkas "O mais jovem e mais forte dos nove Valar." A referência é a Q, IV. 96, mas não é dito lá que Tulkas era o mais jovem dos Valar.

III. O SEGUNDO MAPA DO "SILMARILLION"

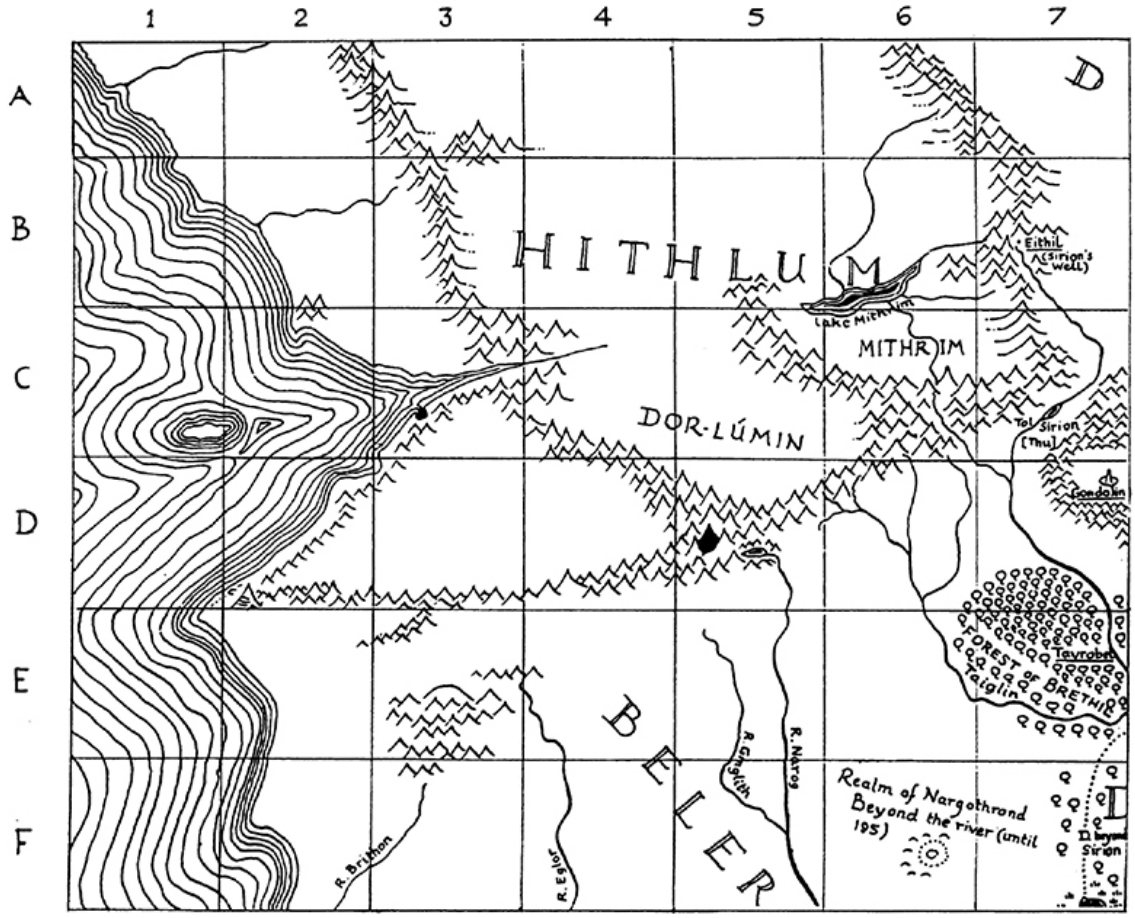
O segundo mapa da Terra-média a oeste das Montanhas Azuis nos Dias Antigos também foi o último. Meu pai jamais fez outro; e no decorrer de muitos anos esse mapa acabou completamente coberto por alterações e acréscimos de nomes e elementos, e destes não são poucos os feitos a lápis de maneira tão apressada ou que se encontram quase apagados a ponto de se tornarem mais ou menos obscuros. Esse foi a base para o meu mapa no "Silmarillion" publicado.

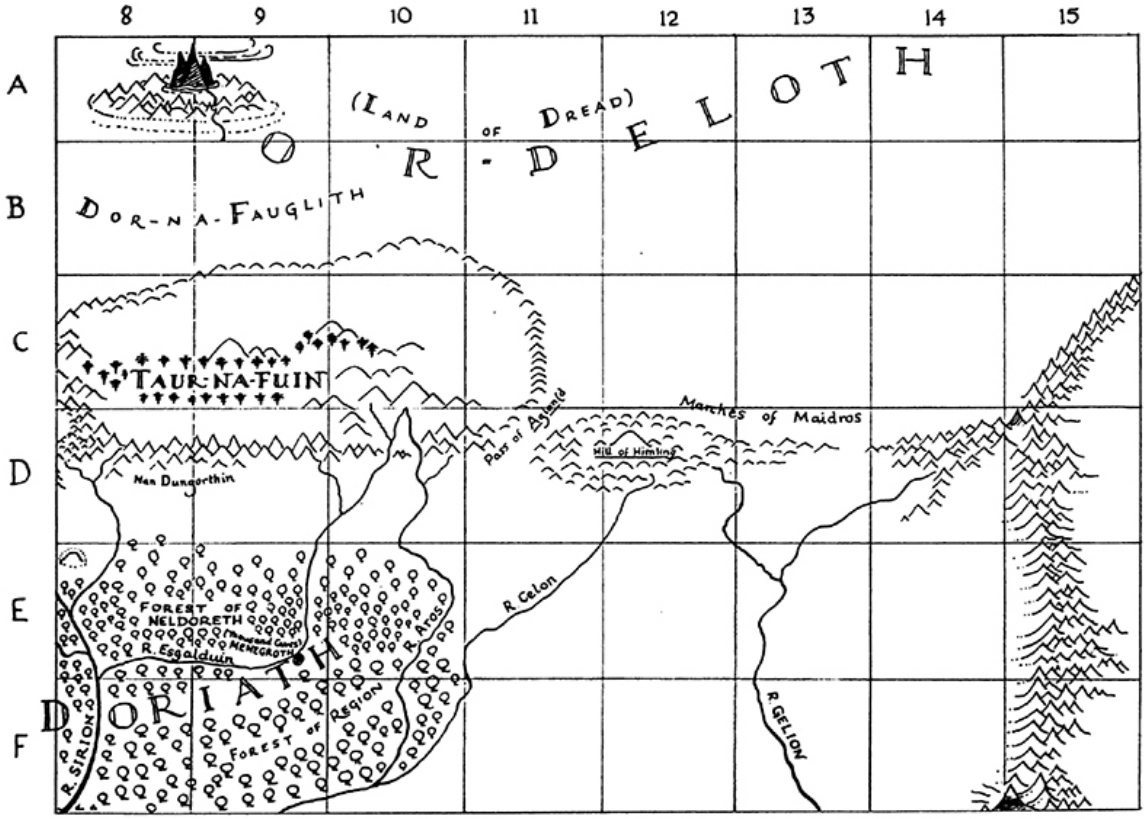
Entretanto, é possível perceber facilmente o elemento original no mapa pela pena elegante e cuidadosa (todas as alterações subsequentes foram feias de forma descuidada); e apresento aqui em quatro páginas consecutivas uma reprodução do mapa *como foi originalmente desenhado e rotulado*. Esforcei-me para fazer desta cópia a mais próxima possível do original, embora eu não garanta a correspondência exata de cada árvore.

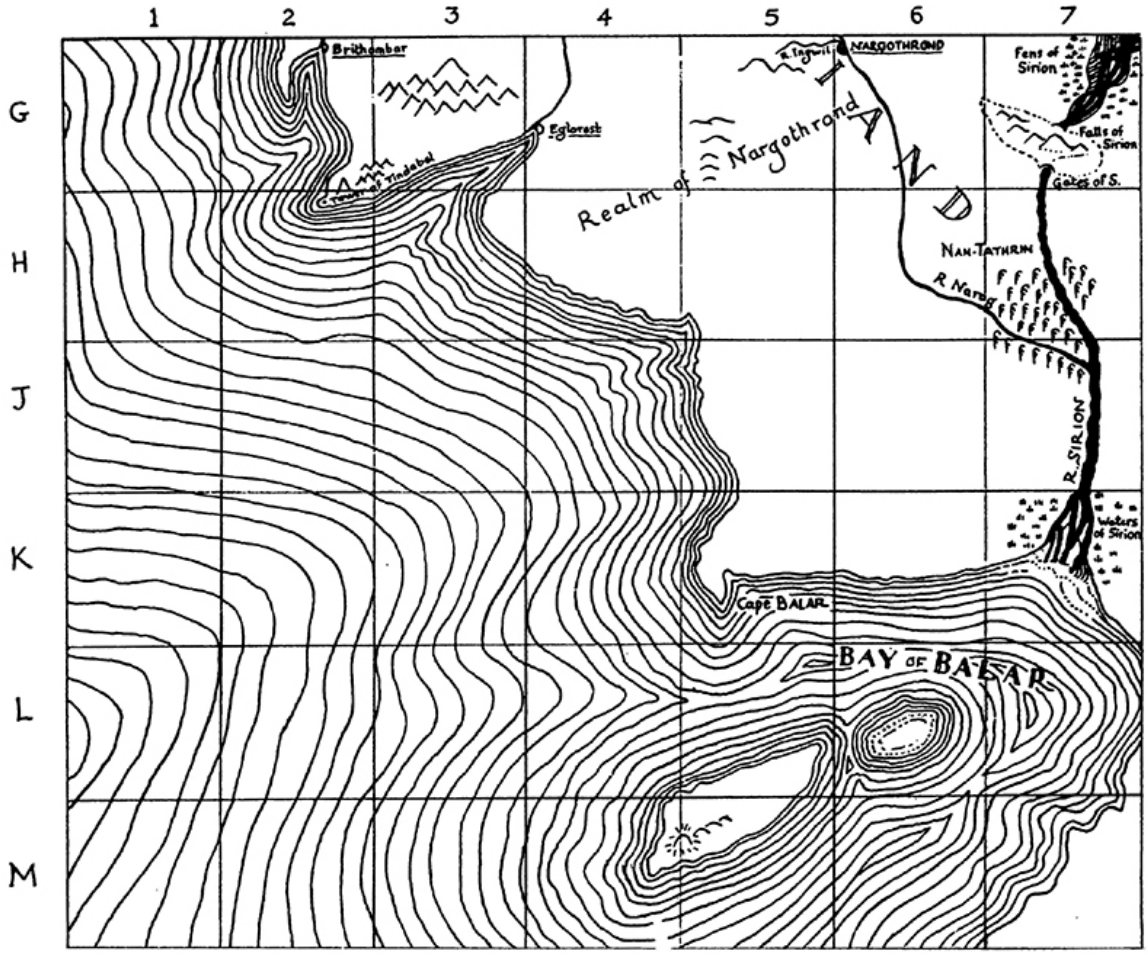
Está claro que esse segundo mapa, desenvolvido a partir daquele apresentado no Vol. IV, em sua forma original tinha seu lugar nos

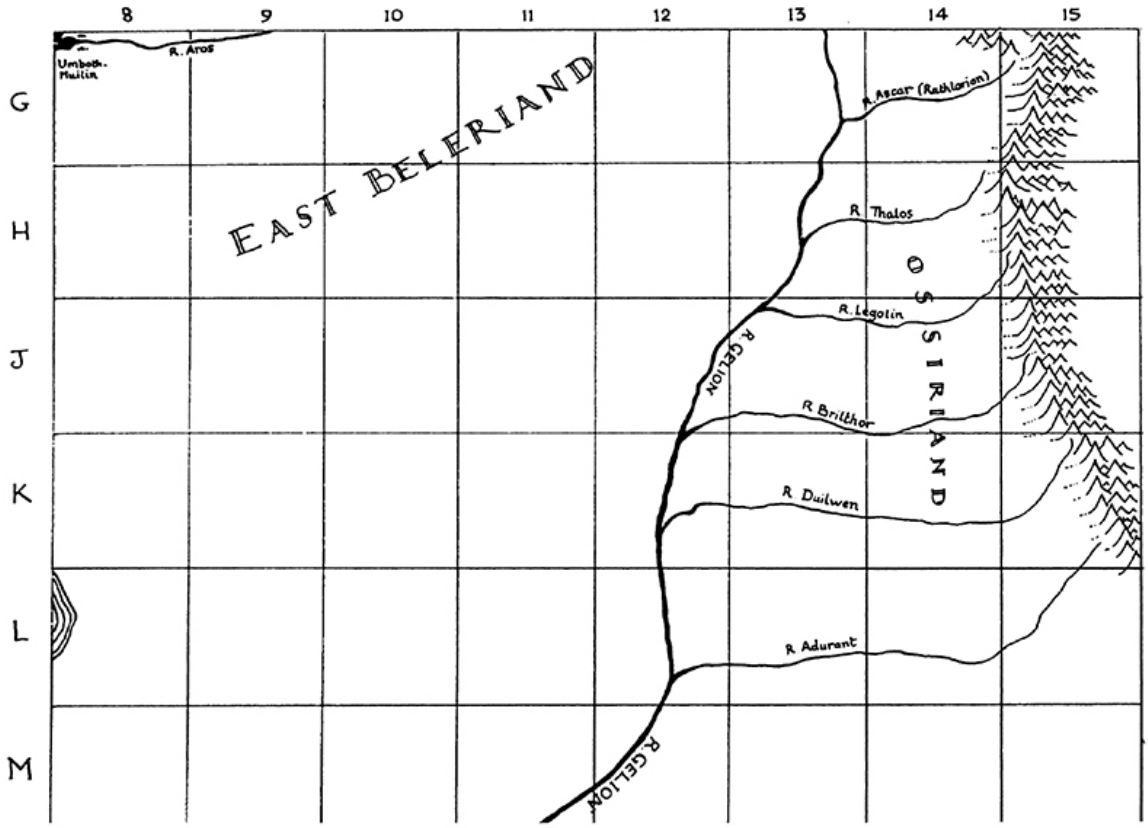
trabalhos mais antigos da década de 1930: na verdade, tinha estreita associação com a Lista de Nomes — que em dois casos (*Eglor* e *Eredlúmin*, embora *Eredlúmin* não esteja marcado no mapa) cita "Mapa" como a referência-fonte —, como se vê por certas formas nominais comuns a ambos: por exemplo, *Dor-deloth*, *Dor-lúmin*, *Eithil Sirion* e pela ocorrência em ambos de *Cabo Balar* (ver o verbete *Beleriand* na Lista de Nomes). Ademais, a data em "Reino de Nargothrond Além do rio (até 195)" no mapa o associa com os *Anais de Beleriand* originais, onde a queda do reduto ocorreu naquele ano (IV. 357), como também o faz o nome do rio *Rathlorion* (posteriormente *Rathloriel*).

O mapa se encontra em quatro folhas, originalmente coladas umas nas outras, mas que agora estão separadas, nas quais os quadrados do mapa não coincidem inteiramente com elas. Nas minhas reproduções, segui os quadrados em vez das folhas originais. Numerei os quadrados horizontalmente de um lado ao outro do mapa de 1 a 15, e os rotulei verticalmente de A a M, de maneira que cada quadrado possui uma combinação diferente de letra e número para referências subsequentes. Espero mais tarde fornecer um relato de todas as alterações feitas posteriormente no mapa, usando esses desenhos refeitos como base. A escala é de 50 milhas para 3,2 cm (o comprimento dos lados dos quadrados); ver p. 324.


1
2
3
4
5
6
7
A
B
C
D
E
F
HITHLUM
MITHRIM
DOR-LÚMIN
BELER
Eithil
(Sirion's well)
Lake Mithrim
Tol Sirion
(Thu)
Condolin
Tavrobel
FOREST of BRETHIL
Taiglin
R. Brithon
R. Eglor
R. Gingilth
R. Narog
Realm of Nargothrond
Beyond the river (until
195)
Sirion


8
9
10
11
12
13
14
15
A
B
C
D
E
F
(Land of Dread)
O R - D E L O T H
Dor-na-Faughlith
Taur-na-Fuin
Pass of Aglarond
Marches of Maidros
Hill of Himling
Nan Dungorthin
R Celon
Forest of Neldoreth
Thranduil's Guard
Nenegroth
R. Esgalduin
R. Aros
Region
Forest of
D O R I A T H
R. Sirion
R Gelion


1
2
3
4
5
6
7
G
H
J
K
L
M
Brithombar
Eglorest
Tower of Tindabel
Realm of Nargothrond
LAND
NARGOTHROND
Fens of Sirion
Falls of Sirion
Gates of S.
NAN-TATHRIN
R. Narog
R. SIRION
Waters of Sirion
Cape BALAR
BAY OF BALAR


8
9
10
11
12
13
14
15
G
H
J
K
L
M
EAST BELERIAND
R. Aros
Umboth-Muilin
R. Ascar (Rathlorien)
R. Thalos
R. Legolin
R. Celon
R. Brilthor
R. Duilwen
R. Adurant
R. Celon
OSSIRIAND

Há vários desenvolvimentos nas características físicas das terras desde o primeiro Mapa (como a grade ilha ao largo da costa oeste de Drengist; as Montanhas de Mithrim; o braço tributário oriental do Gelion; a ilha de Balar), mas não farei aqui uma comparação detalhadas dos dois. Ver-se-á que nesse estágio meu pai inseriu pouquíssimos nomes no novo mapa — muito menos do que existia, em claro contraste ao antigo, que menciona por nome Ivrin, Thangorodrim, Angband, Monte Dolm, o Monte dos Espiões, as grandes cadeias de montanhas, etc. Ainda assim, no segundo mapa são mostrados elementos como o Lago Ivrin e o Monte Dolm, e naturalmente alguns nomes acrescentados de forma descuidada num momento posterior bem podem remontar ao período inicial; mas como é impossível se TER certeza, omiti tudo nos desenhos refeitos que não é original. Não sei como explicar a montanha pintada de preto a oeste de Ivrin (quadrado D5), nem o grande morro, se for isso mesmo, entre o Sirion e o Mindeb (E8), tampouco a curiosa baía circular na costa abaixo de Drengist (C3). Quanto à representação muito estranha das Thangorodrim, isoladas em um círculo de picos menores, ver p. 323.

De especial interesse é o surgimento de Tavrobel na Floresta de Brethil. Nos textos literários desse período, Tavrobel é mencionada por nome apenas no preâmbulo ao AV 1 (citado na p. 238), como lar de Pengolod em Tol Eressëa "após o seu retorno para o Oeste", onde Ælfwine (Eriol) viu e traduziu os Anais; a partir desse preâmbulo foi desenvolvido aquele ao QS (p. 240), onde, no entanto, o nome é escrito *Tathrobel*. Por outro lado, nas *Etimologias* (radical PEL(ES)), *Tavrobel* é mencionada como a "aldeia de Túrin na floresta de Brethil, e o nome da aldeia em Tol Eressëa"; o primeiro elemento é o noldorin *tafr*, *tavor*, "pica-pau" (tam), e o segundo significa "aldeia (cercada)" (qenya *opele*, noldorin *gobel*). Assim, surgem as seguintes evidências:

(1) Nas lendas mais antigas, *Tavrobel* (originalmente traduzido "lar da floresta", I. 322) também possuía um duplo significado: era Great Haywood em Staffordshire, na Inglaterra, e possuía, de acordo com concepções complexas e cambiantes à essa altura

perdidas há muito tempo, uma relação particular com o lar de mesmo nome de Gilfanon em Tol Eressëa (ver II. 352–54, 374–75).

(2) *Haywood* em inglês antigo era *hæg-wudu* “mata cercada” (II. 396).

(3) Posteriormente (no período pós-*Senhor dos Anéis*), as moradas dos Homens de Brethil que Túrin encontrou foram chamadas *Ephel Brandir* “a barreira circundante de Brandir” (*ephel* foi derivado de *et-pel* “cerca externa”), e essa aldeia ficava em uma elevação na floresta chamada *Amon Obel*.

(4) Nas *Etimologias*, *Tavrobel* ainda é o nome dos dois lugares, a aldeia dos Homens-da-floresta em Brethil e uma aldeia em Tol Eressëa, onde (nos preâmbulos a AV 1 e QS) Pengolod (sucessor, como argumentei em IV. 322, de Gilfanon) habitava.

Mas não há qualquer indicação do porquê Tavrobel ainda deveria ser usada duas vezes dessa maneira. É possível se pensar que meu pai não queria abandonar de vez essa antiga e profunda associação com sua juventude; e, portanto, é tentador ver a sua concessão nessa época ao nome *Tavrobel* dessa forma e nesse lugar como um eco de Great Haywood, e talvez não seja exagerado demais nos perguntarmos se ele foi influenciado pela confluência dos dois rios, Taiglin e Sirion, não muito diferente, em seus relativos cursos aqui, daquela do Sow e do Trent em Great Haywood (I. 236).[a]

NOTA

[a] A casa de Gilfanon, a Casa das Cem Chaminés, ficava próximo à ponte de Tavrobel (I. 212), onde dois rios, Gruir e Afros, confluíam (II. 341, 345–46). Ressaltei (I. 236, nota 5) a possibilidade de que existia, ou exista, uma casa que deu à de Gilfanon; e o Sr. G.L. Elkin, Diretor Interino Shugborough Estate, que gentilmente me forneceu fotografias e um mapa detalhado, chamou a minha atenção para o fato de que Shugborough Hall, o lar dos Condes de Lichfield e agora propriedade do Fundo Nacional, fica próximo ao final da antiga ponte dos animais de carga (chamada Ponte Essex), que atravessa os rios em sua confluência, e de que as chaminés da mansão são uma característica proeminente. Parece ser muito provável que a visão de meu pai da grande casa através das árvores e de suas chaminés fumegantes ao pisar na ponte esteja, em algum sentido, por trás da Casa das Cem Chaminés na antiga lenda. O Sr. Elkin sugeriu ainda que a Charneca Alta, ou Charneca do Teto-do-Céu, onde a grande batalha foi travada, de modo que se tornou a Charneca Seca (II. 341, 345–46), pode ser Hopton Heath (onde uma batalha da Guerra Civil foi travada em 1643), que fica a algumas milhas ao noroeste.

Índice Remissivo

A vasta gama de formas presentes na Parte III deste livro constitui um problema com relação ao Índice Remissivo. Em primeiro lugar, uma grande quantidade nomes encontrados nas *Etimologias* não ocorrem em outras partes do livro e, em muitos casos, nomes são registrados em formas bastante variadas de acordo com o desenvolvimento fonético diVejagente nas diferentes línguas. Em segundo lugar, a discussão da história dos nomes e do isolamento de seus elementos torna a distinção entre "nome" e "palavra comum" irreal; para os propósitos desde "dicionário etimológico", *Alqualondë* ilustra *alqua* "cisne" e *londë* "entrada de enseada, rotas". Mas seria absurdo listar em ordem alfabética mesmo uma porção dessas "palavras comuns" élficas na Parte III, uma vez que (independentemente das considerações práticas de tamanho) isso significaria reescreVeja o "dicionário" de maneira a ocultar a relação histórica entre palavras, que é o objetivo da obra demonstrar.

De fato, excluí todo o conteúdo das *Etimologias* da representação normal no Índice Remissivo, mas tentei auxiliar as referências a elas dos seguintes modos: (1) Nas referências de páginas a nomes que ocorrem em outras partes do livro, incluí também páginas das *Etimologias* onde esses nomes são explicados — todas essas referências estão impressas em *itálico*. Como regra geral, restrinjo essas referências a ocorrências reais nas *Etimologias* do nome em questão, mas deixei essa regra de lado onde pareceu ser útil fornecer uma referência a um elemento em um nome que apenas aparece nas *Etimologias*

como uma “palavra comum” (por exemplo, *nyárë* “conto, saga, história” em *Eldanyárë*). (2) Onde as *Etimologias* fornecem nomes de pessoas, povos ou lugares que são diferentes daqueles encontrados em outras partes do livro, esses nomes são mencionados no Índice Remissivo, mas não recebem Vejabetes separados; por exemplo, os nomes noldorin *Mirion* e *Núron são apresentados em Silmarils* e *Ulmo*. Dessa forma, a grande maioria dos nomes nas *Etimologias* está pelo menos indicada no Índice Remissivo. Mas fora isso, as muitas curiosidades da obra — como a estrutura do ano valinoriano e os nomes dos dias na “semana” valinoriana, ou a etimologia de *cram* — surgem somente através do estudo da mesma.

Devido ao grande número de nomes que ocorrem em *A Estrada Perdida* ou associados ao texto, excluí alguns dos mais casuais e insignificantes. Não são feitas referências aos nomes nas tabelas que acompanham o *Lhammas* ou nas reproduções do segundo Mapa.

Assim como antes, adotei uma única forma do uso de maiúsculas e de hifenização para os propósitos do Índice Remissivo.

Abismo de Ilmen Veja *Ilmen*.
Açores
adûnaico
Adurant, Rio
Ælfwine Ælfwine, o Marinheiro. chamado *Wídlást* “o Mui Viajado”; sua esposa; o conto de *Ælfwine da Inglaterra*; *Canção de Ælfwine* (poema). Outros ingleses chamados *Ælfwine*; = Alboin Erro; = Alboíno, o Lombardo
Aelin-uial “Lagos do Crepúsculo”. (também *Lhîn Uial*). Veja *Hithliniath*, *Alagados do Crepúsculo*, *Umboth Muilin*.
Afros, *Rio* Em Tol-eressëa, que confluía com o Gruir em Tavrobel.
Agaldor Chefe de um povo no Noroeste da Terra-média.

Aglon, *Passo do*; *Garganta de Aglon*
Águas do Despertar Veja *Kuiviénen*.
Águias. Veja *Gwaewar*, *Landroval*, *Sorontur*, *Thorondor*; *Senhores do Oeste*.
Ainimor "Os Sábios" (cf. 199), um nome dos Noldor.
Ainur; singular *Ainu*. Veja *Música dos Ainur*.
Airandir ("Errante-do-mar"), um dos companheiros de Eärendel em suas viagens.
Airin Esposa de Brodda.
Akallabêth
Alagados do Crepúsculo Veja *Aelin-uial*, *Hithliniath*, *Umboth Muilin*.
Alalminóre "Terra dos Olmos" em Tol-eressëa.
Alboin Errol
Alboíno, o Lombardo; chamado *Ælfwine*
Aldaron Nome de Oromë. Veja *Galaðon*.
Alfredo, *Rei*; seu filho *EtelVeja do* [*Æthelweard*]; seus netos *Elfwine* [*Ælfwine*], e *Etelwine* [*Æthelwine*]
Alkar "O Radiante", nome de Melko.
Alkorin = *Ilkorin*.
Allen & Unwin; *Stanley Unwin*
Almáriel Uma garota em Númenor.
Alpes (as "Montanhas Galesas").
Alqualondë (incluindo referências à Batalha de Alqualondë e ao Fratricídio) (noldorin *Alfobas*, *Hobas in Elf*). Veja *Portos*.
alta fala do Oeste
Altos-elfos Um nome dos Lindar. (veja *Tarqendi*); em sentido tardio, os Elfos do Oeste
Aman; *Montanhas de Aman*
Amandil Último senhor de Andúnië, pai de Elendil.
Amantes das Joias Um nome dos Noldor.
Ambar "Terra".
Ambarkanta
Amigo-dos-Elfos (= *Ælfwine*, *Alboin*, *Elendil*). *Amigos-dos-Elfos*
Amigos-dos-navios Um nome dos Teleri.
Amon Dengin "O Monte dos Mortos". Veja *Cûm-na-Dengin*, *Hauð-na-Dengin*.

Amon Ereb “O Monte Solitário” em Beleriand Leste. descrito

Amon Gwareth O monte de Gondolin.

Amon Obel Monte na Floresta de Brethil.

Amon Uilos Nome noldorin de Taniquetil (veja *Oiolossë*). (também *Guilos*); forma mais antiga *Amon Uilas*

Amroth Rei de Beleriand após a Queda de Númenor. (Substituído por *Elendil*.)

Anais Cinzentos A última Vejasão dos *Anais de Beleriand*.

Anais de Aman

Anãos (também *Anões*). *anânico*. Quanto à origem e natureza dos Anãos, Veja *Aulë*; quanto às suas línguas (*aulianas*, *nauglianas*). Veja *Nauglar*, *Naugrim*.

Anar O Sol (quenya). (Úr-anar) (outros nomes *Aryante*, *Eriant* “O Que Traz o Dia”, *Ankalë*). *Anor* (noldorin) (*Anar*).

Ancalagon O Dragão Negro.

Andor “Terra da Dádiva”, Númenor.

Andram “A Longa Muralha” que atravessava Beleriand.

Anduin O Grande Rio.

Andúnië (I) “Terra do Sol Poente”, Númenor. (2) A principal cidade de Númenor; *Senhor de Andúnië*

Anfauglith = *Dor-na-Fauglith*.

Angainor A corrente em que Morgoth foi aprisionado.

Angband “Os Infernos de Ferro”. (também *Angamanda* em quenya). Veja *Cerco de Angband*.

Angelcynn, *Angolcynn* (Inglês antigo) O povo inglês.

Anglos; *Anglos do Sul*; (inglês antigo) *Engle*

Anglo-Saxão(ões); idioma; *Crônica Anglo-Saxã*

Angol O antigo lar dos ingleses. Cf. *Antiga Ânglia*

Angor Rei de Númenor. (Substituído por *Tar-Kalion*.)

Angrim Pai de Gorlim, o Infeliz.

Angrist Punhal de Curufin.

Angrod Filho de Finrod (1) = Finarfin.

Ano da Lamentação. *Anos de Escuridão*. Quanto a *Anos do Sol*, *Anos dos Valar*, Veja *Sol*, *valiano*.

Anor O Sol. Veja *Anar*.

Ar-Adûnakhôr, *Ar-Gimilzôr* GoVejanantes de Númenor.

Archenfield Em Herefordshire.*Irchenfield*; inglês antigo *Ircingafeld*
Arda
Ari, o Sábio Historiador islandês.
Arien, Árien A Donzela-do-Sol. (Substituiu *Úrien*.)
Armenelos Cidade dos Reis em Númenor.
Arnor Reino setentrional dos Númenóreanos na Terra-média.
Aros, Rio
Arthod Companheiro de Barahir.
Arthur, Rei
Arvalin Região ao sul de Taniquetil.
Árvore Branca de Númenor (*Nimloth*); de Tol-eressëa (*Celeborn*)
Ascar, Rio
Atalantë Númenor. (“A Cadente”), (“A Ruína”), (“A Decaída”); aparentemente se referindo à principal cidade de Númenor; *Atalanteanos*. *Atalantië* “Queda” (= *Akallabêth*)
Atani = *Edain*.
Atlântico (Oceano)
Atlântida
Audoin Errol
Audoíno, o Lombardo; chamado *Eadwine*
Aulë (outros nomes: *Gaul*, *Belegol*, *Martan(o)*, *Barthan*). Veja quanto a Aulë e os Anãos.
aulianas Línguas dos Anãos. Veja *nauglianas*.
Ava-kúma A Escuridão de Fora, o Vazio. (outros nomes: noldorin *Gaw*, *Belego*, *Gast*, *Belegast*, quenya *Oiakúmi*). Veja *Escuridão de Fora*, *Vazio*.
Avallon Tol-eressëa. *Avallónë*, porto em Tol-eressëa
Avari “Os Que Partem”; no sentido tardio “Os Indesejosos” (também o noldorin *Efuir*, *Efyr*).
Azevim, (*Regornion*)

Baía de Balar Veja *Balar*.
Baía de Casadelfos
Baía de Feéria
Baía de Terradelfos
Balada de Leithian

Balada dos Filhos de Húrin. Veja*i·Chúrinien*, *Narn i Hîn Húrin*.
Balar Baía de; *Ilha de*; o nome *Balar*
Balrog(s) (também o quenya *Malarauko*).
Ban Pai de Blodrin.
Bansil Nome gnômico da Árvore Branca de Valinor. (Substituído por *Belthil*.)
Baragund Pai de Morwen e primo de Beren.
Barahir Chamado "o Audaz"
Baranduin, Rio O Brandevin.
Barbas-longas Veja *Enfeng*, *Indrafangs*; *Lombardos*.
Batalha das Lágrimas Inumeráveis; *Lágrimas Inumeráveis*. Veja *Dagor Nirnaith*, *Nirnaith Arnediad*, *Nirnaith Dirnoth*, *Quarta Batalha*.
Batalha de Eglorest
Batalha do Fogo Repentino; *o Fogo Repentino*. Veja *Dagor Húr-breged*, *Dagor Vregedúr*, *Terceira Batalha*.
Batalha dos Deuses (1) *A Primeira Batalha dos Deuses*, quando Melko foi acorrentado. *Guerra dos Deuses A Última Batalha dos Deuses*, ao final dos Dias Antigos. Veja *Grande Batalha*, Última Batalha.
Batalha Gloriosa. Veja *Dagor Aglareb*, *Segunda Batalha*.
Batalha-sob-as-Estrelas. Veja *Dagor-os-Giliath*, *Primeira Batalha*.
Batalha Terrível Veja *Grande Batalha*.
Bauglir Nome de Morgoth. ("o Opressor")
Baynes, *Pauline* Mapa da Terra-média.
Beleg Chamado "o Arqueiro".
Belegar "O Grande Mar". *Belegaer* (quenya *Alatairë*)
Belegost "Grande Fortaleza". Veja *Gabilgathol*.
Belegund Pai de Rian, e primo de Beren.
Beleriand Leste, Oriental
Beleriand Oeste.
Beleriand Sul
Beleriand. Veja *Beleriand Oeste*, *Leste*, *Sul*, *Ingolondë*.
beleriândico (idioma)
Belos-elfos A Primeira Gente dos Elfos. *o Belo Povo*, um nome dos Lindar. Veja *lrimor*, *Vanimor*.
Belthil Nome gnômico da Árvore Branca de Valinor (que substituiu *Bansil*); a Árvore Branca de Gondolin.

Bëor, o Velho; chamado “Pai de Homens” e “o Vassalo” os filhos, casa, povo de Bëor
Beow “Cevada”, alterado para *Beowulf*
Beowulf (o herói); (o poema)
Beren o destino de Beren
Beringol Veja *Peringol*.
Bilbo Bolseiro; *Bungo Bolseiro*, seu pai
Bladorion A grande planície setentrional. *Bladorion Leste*
Blodrin O traidor no bando de Túrin.
Bor (posteriormente *Bór*). Lestense, chamado “o Fiel”.
Borlas Filho mais velho de Bor.
Boromir (1) Segundo filho de Bor. (2) Pai de Bregor, pai de Barahir.
Borthandos Filho mais novo de Bor.
Brandão, *São* “O Navegador”.
Brandir, o Coxo
Breca dos Brondingas Em *Beowulf*.
Bregolas Irmão de Barahir.
Bregor Pai de Bregolas e Barahir.
Bretanha (continental)
(Grã-)Bretanha
Brethil, Floresta de (*Brethiliand*), *Homens de Brethil*
Brilho-élfico Veja *Eledwen*.
Brilthor, Rio
Britãos, *Os* (celtas); *Ilhas Britânicas*
Brithombar O porto setentrional da Falas. (e o rio *Brithon*)
Brodda
Bronweg Companheiro de Tuor na jornada até Gondolin (quenya *Voronwë*).
Brunanburh, *Batalha de*
Burnt Land of the Sun [Terra Queimada do Sol]

Cabeça-de-Dragão do Norte
Cabo Balar Veja *Balar*.
Calaquendi Veja *Kalaquendi*.
Camelot

Camlost “O de Mão-vazia”, nome de Beren. *Gamlost*. *Veja Mablosgen*, *Mablost*.
Canal de Bristol
Canção de Ælfwine, A (poema)
Caradras “Chifre-Vejamelho”, uma das Montanhas de Moria. Veja *Taragaer*.
Caras Galadon Em Lothlórien.
Carcharoth O Lobo de Angband.
Carpenter, Humphrey Biografia.
Casa das Cem Chaminés A casa de Gilfanon emTavrobel.
Casadelfos. Veja *Baía de Casadelfos*; *Eldamar*, *Eldanor*, *Elendë*; *Terradelfos*.
Cavernas dos Esquecidos; *Cavernas Esquecidas*
Celeborn “Árvore de Prata”, um nome da Árvore Branca de Valinor; posteriormente a Árvore de Tol-eressëa.
Celebrant, Rio Em Lothlórien.
Celebrimbor Filho de Curufin.
Celebrindal “Pé-de-Prata”. Veja *Idril*.
Celebros “Chuva de Prata”, quedas no Taiglin.
Celegorm (e posteriormente *Celegorn*). Filho de Fëanor, chamado “o Alvo”; inglês antigo *Cynegrim Fægerfeax*
Celon, Rio
Celta(s)
Cerco de Angband; datas do Cerco
César; *Augusto César*
Charneca Alta Próximo a Tavrobel.
Charneca do Teto-do-Céu Próximo a Tavrobel.
Charneca Seca
Cilthorn, Cilthoron “Fenda das Águias”.*Cilthorondor*. Veja *Cristhorn*.
Cinderion Terras de Cá.
Círculo do Julgamento O local de concílio dos Valar.
Círculos do Mundo
Clonfert, Abadia de Em Galway.
Colar dos Anãos; *Colar-anânico*. Veja *Nauglamír*.
Coletores-de-pérolas Um nome dos Teleri.
Comitiva do Anel

Companheiros dos Homens Um nome dos Noldor.
Contos Perdidos.
Cornualha
Coroa de Ferro
Cortirion Veja *Kortirion*.
Costa do Oeste. Veja *Falas*.
Costas de Feéria, As (poema)
Cranthir Filho de Fëanor, chamado "o Moreno".
Cris(s)aegrim Montanhas ao sul de Gondolin.
Cristhorn "Fenda das Águias". (*Cristhoron*). Veja *Cilthorn*.
Cristo
Cronologia de Beleriand Veja especialmente
Cûm-na-Dengin. Veja *Amon Dengin*, *Hauð-na-Dengin*, *Monte dos Mortos*.
Cunimund Rei dos Gépidas.
Curufin Filho de Fëanor, chamado "o Matreiro".

Dagnir Companheiro de Barahir.
Dagor Aglareb. Veja *Batalha Gloriosa*, *Segunda Batalha*.
Dagor Delothrin "A Batalha Terrível". Veja *Grande Batalha*.
Dagor Húr-breged. Veja *Batalha do Fogo Repentino*, *Dagor Vregedúr*, *Terceira Batalha*.
Dagor Nirnaith A Batalha das Lágrimas Inumeráveis.
Dagor Vregedúr. Veja *Batalha do Fogo Repentino*, *Dagor Húr-breged*, *Terceira Batalha*.
Dagor-os-Giliath; forma tardia *Dagor-nuin-Giliath* (*-nui-Ngiliath*). Veja *Batalha-sob-as-Estrelas*, *Primeira Batalha*.
Dairon (e posteriormente *Daeron*) Menestrel de Doriath.
Dairuin Companheiro de Barahir.
Dalath Dirnen A Planície Protegida de Nargothrond. forma tardia *Talath Dirnen*
Damrod Filho de Fëanor, irmão gêmeo de Díriel
Dan Líder dos *Danas*. (*Dân*)
Danas Os Elfos noldorin (lindarin) que abandonaram a Grande Marcha. (e *Nanyar*, *Danyar*), (também *Nanar*, *Danath*), *Dani*. Outros nomes dos Danas. Veja *Danianos*, *Elfos-verdes*, *Leikvir*, *Pereldar*.

daneses, dinamarqueses; *dinamarqueses do norte*, *dinamarques do oeste*; *Daneses de Lança*

Danianos = Danas, e o adjetivo *daniano*; também *daniano* como nome de seu idioma.

de Mãos Hábeis, Os Um nome dos Noldor.

de Mãos-pesadas, Os Um nome élfico para os Homens.

Deldúwath "Sombra Mortal da Noite", Taur-na-Fuin. (também *Taur-na-Delduath*). Veja *Fuin Daidelos*, *Gwathfuin-Daidelos*.

Denilos Forma mais antiga de *Denithor*, *Denethor*.

Denithor (e posteriormente *Denethor*). Filho de Dan; líder dos Elfos-verdes. Outras formas *Nanisáro*, *Daintáro*, *Dainthor*

Descampado dos Caçadores. Veja *Morros dos Caçadores*.

Despossuídos, Os A Casa de Fëanor.

Deuses; inglês antigo *Ese*, cf. também *Oswin*. *Terra dos Deuses*; *Montanhas dos Deuses*; *Planície dos Deuses*, *Deus dos Sonhos o Deus Sombrio*; *Amigos dos Deuses*, um nome dos Lindar. Veja *Batalha dos Deuses; Senhores do Oeste*, *Poderes*, *Valar*; *Filhos dos Valar*.

Devon

Dias Antigos; *Antigos Anos*

Dicuil Monge irlandês do século IX.

Dimbar Terra entre o Sirion e o Mindeb.

Dinamarca

Dior Chamado "o Belo" e "Herdeiro de Thingol"

Díriel Filho de Fëanor, irmão gêmeo de Damrod

Dolbaran A mais meridional elevação das Montanhas Nevoentas.

Dolm, Monte Grande elevação nas Montanhas Azuis. forma tardia *Dolmed*

Dor Granthir "Terra de Cranthir". Veja *Radhrost*, *Thargelion*.

Dor-Daideloth (e posteriormente *Dor-Daedeloth*). "Terra da Sombra do Terror", reino de Morgoth. (*Daedhelos*); *Dor-na-Daideloth*

Dor-deloth "Terra do Terror", reino de Morgoth.

Doriath ("Terra da Caverna"), (outros nomes *Eglador*, *Ardholen*, *Arthoren*, *Arthurian*, *Garthurian*). *Doriath além do Sirion* (Veja *Nivrim*). Veja *Reino Oculto*.

doriathrin O idioma de Doriath. Muitas referências ao idioma de Doriath estão incluídas no Vejabete *Doriath*.

Dor-lómen, Dor-lómin (também *Lómendor*, *Dorlamren*), *Dor-lúmin*. Quanto ao significado cambiante do nome.

Dor-na-Fauglith (“Terra da Sede Sufocante”), (“Terra da Sede”), (“areia sedenta”); *Fauglith*; *Anfauglith*

Dorthonion (e anteriormente *Dorthanion*). “Terra dos Pinheiros”. (sua extensão), (também *Dor-na-Thuin*). Veja *Taur-na-Danion*.

Dorwinion

Dragões (não incluindo referências a Glómund) *(lóke*, *lhûg*); *dragões alados* (*rámalóke*); *Dragão Negro*, Veja *Ancalagon*.

Draugluin 161 (“o Lobisomem”)

Drengist, Estreito de

Duas Árvores (incluindo referências a Árvores); nomes das Árvores; *Anos das Árvores*

Duas Gentes Elfos e Homens. *estrela das Duas Gentes*, Eärendel

Duil Rewinion Antigo nome dos Morros dos Caçadores. Veja *Taur-na-Faroth*.

Duilwen, Rio

Dungorthin, Dungortheb Veja *Nan-dungorthin*.

Durin

Dyfed Sul de Gales

Eä O Mundo. 405. Veja *Ilu*.

Eädwine (1) Filho de Ælfwine. (2) Rei dos Lombardos, = *Audoíno*.

Eärámë “Asa de Águia”, navio de Tuor. “Ala-do-mar”.

Eärendel; forma tardia *Eärendil*.

Ecthelion da Fonte Um senhor de Gondolin.

Edain. Veja *Atani*.

Edda (nórdico antigo)

Edhil Eldar.

Edrahil Chefe dos Elfos de Nargothrond leal a Felagund. (Substituiu *Enedrion*.)

Eduardo, o Velho Rei da Inglaterra.

Edwin = *Eädwine*, *Audoin.* “Amigo-da-Bem-aventurança”

Eges-sirion Fozes do Sirion.

Eglamar “Casadelfos”. Veja *Eldamar*.
Eglor, Rio
Eglorest O Porto meridional da Falas. Veja *Batalha de Eglorest*.
Egnor Filho de Finrod (1) = Finarfin.
Eiglir Engrin As Montanhas de Ferro. (*Oeges engrin*). (Substituído por *Ered-engrin*.)
Eilinel Esposa de Gorlim, o Infeliz
Eithel Nínui A Fonte de Tinúviel na planície de Gondolin. (*eithel*).
Eithel Sirion Nascente do Sirion. (*eithel*); *Eithil Sirion*, *Eithil*. Veja *Sirion*.
Elbereth (1) Filho mais novo de Dior. (Substituído por *Eldûn*.) (2) (Significado tardio) Varda.
Elboron Filho mais velho de Dior. (Substituído por *Elrûn*.)
Eldalië O povo dos Elfos.
Eldamar “Casadelfos”. nome da cidade de Tûn (Túna). Veja *Eledûn*.
Eldanor “Terradelfos”. Veja *Elendë*.
Eldanyárë “História dos Elfos”.
Eldar; *Eldain*
eldarin (relacionado ao idioma); como um nome do quenya
Eldûn Filho de Dior. (Substituiu *Elbereth*.)
Eledûn Um nome de Tûn (Túna).
Eledwen (e posteriormente *Eledhwen*). Nome de Morwen. “Brilho-élfico”
Elendë “Terradelfos”.
Elendil
Elentári “Rainha das Estrelas”, Varda. (Substituiu *Tinwerontar*.) Veja *Tar-Ellion*.
Elerína “Coroada de Estrelas”, Taniquetil. (Substituiu *Tinwerína*.)
élfico (relacionado ao idioma; também referências a *língua-élfica*); (com outras referências)
Elfos Abençoados Um nome dos Lindar.
Elfos Azuis Um nome dos Teleri.
Elfos do Ar Lindar. *Elfos da Terra* Noldor. *Elfos dos Sete Reios*, *das Florestas* Danas.
Elfos Ocultos Um nome dos Danas.
Elfos Sacros Um nome dos Lindar.

Elfos (e *Povo-dos-Elfos*, *Gente-élfica*). Referências ao "(d)esvanecer" dos Elfos (Eldar) e à sua mortalidade, renascimento e destino. No sentido antigo = a Primeira Gente dos Elfos

Elfos-brancos Um nome dos Lindar. Veja *Ninqendi*.

Elfos-cinzentos; *língua dos Elfos-cinzentos*. Veja *Sindar*, s*indarin*.

Elfos-da-espada Um nome dos Noldor.

Elfos-da-flecha Um nome dos Teleri.

Elfos-da-lança Um nome dos Lindar.

Elfos-da-luz (1) A Primeira Gente dos Elfos (Lindar). (2) Os Elfos que foram para Valinor. veja *Kalamor*, *Kalaqendi*.

Elfos-do-mar Os Teleri. *Elfos do Mar*. Veja *Veaneldar*.

Elfos-dourados Um nome dos Noldor. Veja *Kuluqendi*.

Elfos-escuros élfico-escuro. Veja *Ilkorindi*, *Moreldar*, *Morimor*, *Moriqendi*.

Elfos-profundos Um nome dos Noldor. Veja *Nurqendi*.

Elfos-verdes. Veja *Danas*, *Laiqendi*; outros nomes

Elivorn "Negro-Lago", forma mais antiga de *Helevorn*.

Elmo-de-dragão; *o elmo de Gumlin*

Elrond Chamado "Meio-Elfo". *Elrond Beringol*; Rei de Númenor

Elros Irmão gêmeo de Elrond e, com ele, chamado *Peringiul* "Meio-Elfo".

Elrûn Filho de Dior. (Substituiu *Elboron*.)

Elulindo Filho de Elwë de Alqualondë.

Elwë (1) Senhor da Terceira Gente dos Elfos, irmão de Thingol; chamado "Senhor dos Navios" (*Rei de Alqualondë*), Ellu nos *Contos Perdidos*. O Povo de Elwë, um nome dos Teleri. (Substituído por *Olwë*.) (2) *Elwë Singollo* = Thingol

Elwin = *Ælfwine*, *Alboin*.

Elwing Chamada "a Branca"

Emyn Beraid As Colinas das Torres.

Enedrion Chefe dos Elfos de Nargothrond leal a Felagund. (Substituído por *Edrahil*).

Enfeng "Barbas-longas", os Anãos de Nogrod. Veja *Indrafangs*.

Engwar "Os Enfermiços", um nome élfico para os Homens.

Eöl ("O Elfo-escuro")

Ephel Brandir Moradas dos Homens-da-floresta em Amon Obel.

Erchamion “Uma-Mão”, nome de Beren. (*Erchamron*), *Erchamui*. Veja *Ermabuin*.

Ered Orgoroth As Montanhas de Terror. *Ered Orgorath*; *Ered Gorgoroth*. Veja *Gorgoroth*.

Ered-engrin As Montanhas de Ferro. (Substituiu *Eiglir Engrin*.)

Eredlindon As Montanhas Azuis. Quanto ao significado do nome, e Veja *Montanhas Azuis*, *Eredluin*, *Luindirien*, *Lunoronti*.

Eredlómin As Montanhas Ressoantes. *Eredlúmin* “Montanhas Tenebrosas” também *Eredlemrin*, *Lóminorthin*. Quanto ao significado cambiante do nome.

Eredluin As Montanhas Azuis. Veja *Eredlindon*.

Eredwethion As Montanhas Sombrias. *Erydwethion*; forma tardia *Ered Wethrin*. Veja *Montanhas Sombrias*.

Erellont Um dos companheiros de Eärendel em suas viagens.

Eressëa e *Tol-eressëa* (também *Toll-ereb*). A Árvore de Tol-eressëa. Veja *Avallon*, *Ilha Solitária*.

eressëano (idioma); (com outras referências); *Eressëanos*

Erin Irlanda.

Erinti Filha de Manwë e Varda nos *Contos Perdidos*. (Substituído por *Ilmarë*).

Eriol; *Eriol de Leithien*; *Ereol*

Ermabuin “Uma-Mão”, nome de Beren. (*Ermab(r)in*). Veja *Erchamion*.

Errantes, *Os* Um nome dos Teleri.

Eru Ilúvatar.

Eruman Região ao norte de Taniquetil.

Eryn Galen Vejademata, a Grande (Trevamata).

Eryn Lasgalen Nome de Trevamata após a Guerra do Anel.

Escandinávia, escandinavas; inglês antigo *Scedeland*

Escuridão de Fora; *as Trevas*, *a Escuridão*; *Escuridão Sempiterna*; *Escuridão Antiga*. Veja *Ava-kúma*, *Vazio*.

Esgalduin, *Rio*

esperanto

Estë Esposa de Lórien; chamada “a Pálida”, (também o noldorin *Idh*),

Estreitos do Mundo

Estrelas Referências selecionadas. A Feitura das Estrelas, estrelas imóveis; poucas estrelas nos céus do Sul; meteoros

Etelvardo [*Æthelweard*]*, o Cronista*

eLivross (Noldor eLivross na Terra-média); *noldorin exílico*, Veja *noldorin*.

Falas As costas de Beleriand. *Falassë* traduzido "Costa do Oeste" "Costa"

falassiano (idioma)

Falathar Um dos companheiros de Eärendel em suas viagens.

Falmanndi "Ginetes-d'Ondas", um nome dos Teleri. Veja *Ginetes-d'Ondas*.

Fanturi Mandos (*Nurufantur*) e Lórien (*Olofantur*). (também o noldorin *Fannor*, plural *Fennir*); forma tardia *Fëanturi*

Fauglith Veja *Dor-na-Fauglith*.

Fëanor Chamado "o Ferreiro". *Casa de Fëanor*; *gente de Fëanor*; *Fëanáro*. Veja *Despossuídos*; *Filhos de Fëanor*.

Fëanoriano(s). Veja *Juramento dos Fëanorianos*.

Felagund "Senhor de Cavernas", etc., cognome de Inglor, Rei de Nargothrond; usado sozinho ou com *Inglor*. *Finrod* (2) *Felagund*; fala de seu povo. Veja *lnglor*.

Felizes Marinheiros, Os (poema)

Festa da Reunião. Veja *Mereth Aderthad*.

Fiéis, Os Númenóreanos que não se apartaram dos Valar e dos Eldar.

Filho(s) de Fëanor

Filhos das Estrelas

Filhos de Ilúvatar; *Mais Novos*; *Filhos do Criador*. *Filhos da Terra*. *Filhos do Mundo*

Filhos do Sol Homens.

Filhos dos Valar; *Filhos dos Deuses*. Veja *Filhos dos Valar*, *Valarindi*.

Filhos dos Valar; *Filhos dos Deuses*

Finarfin Nome posterior de Finrod (1), filho de Finwë.

Findobar Filho de Fingon. (*Findabar*)

Finduilas Filha de Orodreth.

Fingolfin (incluindo referências aos seus filhos, casa, povo) (seus títulos *Taur Egledhriur* "Rei dos eLivross", *Aran Chithlum* "Rei de Hithlum"), *Alto-rei dos Noldor*, *Rei de Hithlum e Nivrost*, *Senhor da*

Falas, etc. O marco de Fingolfin (*Sarnas Fingolfin*), *monte de Fingolfin*

Fingon; *Suserano de todos os Gnomos*

Finn = *Finwë*.

Finntan

Finrod (1) Terceiro filho de Finwë; posteriormente *Finarfin*. filho(s), casa, povo de Finrod. (2) *Finrod Felagund*, filho de Finarfin (nome posterior de *Inglor Felagund*)

finrodiano (fala) = *kornoldorin*.

Finwë; *Pai dos Noldor*, *Rei de Túna*. *Seguidores de Finwë*, um nome dos Noldor

Fionwë; *Fionwë Úrion*

Fíriel Filha de Orontor de Númenor.

Fírimor "Os Mortais", um nome élfico para os Homens. (*fîrimoin*)

Floresta da Noite Veja *Taur-na-Fuin*; *Floresta de Pinheiros*, Veja *Taur-na-Danion*.

Floresta-de-ferro

Foice dos Deuses A constelação da Grande Ursa (veja *Valakirka*, e também *Otselen*, *Edegil* "Sete Estrelas")

Forasteiros, Os Um nome élfico para os Homens.

Foz(es), delta do Sirion (veja *Eges-Sirion*); *Porto do Sirion* (veja *Siriombar*); *Sirion* usado para *Porto do Sirion*

Francos

Fratricídio O Primeiro Fratricídio, veja *Alqualondë*. O Segundo Fratricídio (o ataque a Dior). O Terceiro Fratricídio (o ataque aos Portos do Sirion)

Freyr Deus da fertilidade na antiga Escandinávia.

Frísios

Fróði Rei lendário da Dinamarca.

Fuin Daidelos "Noite da Sombra do Terror", Taur-na-Fuin. Veja *Gwathfuin-Daidelos*.

Gabilgathol Nome anânico de Belegost.

Galadlóriel Nome gnômico de Laurelin. (também *Galagloriel*)

Galaðon Nome de Oromë. Veja *Aldaron*.

Galadriel

Galathilion Nome gnômico de Silpion. (*Galathilvion*)
Galdor
Gales; *sul de Gales*. Veja *Wealas*, *Galês, galesa*.
Galês, galesa; = romano; *Montanhas Galesas*, os Alpes
Gamlost Veja *Camlost*.
Gandalf. Veja *Mithrandir*.
Gar Lossion Nome gnômico de Alalminórë em Tol Eressëa.
Garsecg (inglês antigo) o Oceano.
Geatas Povo do sul da Suécia do qual Beowulf se tornou rei; nórdico antigo *Gautar*.
Gelion, Rio; fozes do; vale do; os braços do Gelion: *Grande Gelion*, *Pequeno Gelion*
Gelo Pungente; *o Gelo* 302. Veja *Helkaraksë*.
Gépidas Povo germânico oriental.
Germânico(s), germânica(s); *Germânia*; a *Germânia* de Tácito
Gethron Guardião (com Grithron) de Túrin na jornada para Doriath.
Gildor Companheiro de Barahir.
Gilfanon de Tavrobel
Gil-galad Rei-élfico em Beleriand após a Queda de Númenor. descendente de Fëanor; filho de Felagund
Ginetes-d'Ondas Um nome dos Teleri. Veja *Falmarindi*.
Ginglith, Rio
Glamhoth "Hostes do ódio", Orques.
Glaurung. Veja *Glómund*.
Glewellin "Canção de ouro", um nome gnômico de Laurelin.
Glingal Nome gnômico de Laurelin; a Árvore Dourada de Gondolin. forma mais antiga *Glingol*
Glómund
Glóredhel Filha de Hador. (Substituiu *Glorwendel*.)
Glorfindel Senhor da casa da Flor Dourada de Gondolin. (também *Glaurfindel*)
Glorwendel Filha de Hador. *Glorwendil*. (Substituído por *Glóredhel*.)
gnômico (relacionado ao idioma); (com outras referências)
Gnomos "Os Sábios" (cf. *Ainimor*, *Istimor*). *Gnomos-servos*; *Canção da Fuga dos Gnomos*; *Reino dos Gnomos* (*Ingolondë*)
Gobelins Uma tradução de *Orques*.

Gochressiel As Montanhas Circundantes ao redor de Gondolin.
Godos; *godos do leste*
Gondobar (também *Gonnobar*)
Gondolin (também *Gondost*; e *Ardholen*; *a cidade proibida*; idioma de Gondolin as Árvores de Gondolin
Gondolindeb, gondolindren, gondólico Nomes do idioma de Gondolin.
Gondor. Veja *Ondor*.
Gorgoroth As Montanhas de Terror. (*Fuin Gorgoroth* = Taur-na-Fuin); *Gorgorath*. Veja *Ered Orgoroth*.
Gorlim, o Infeliz Companheiro e traidor de Barahir.
Gorthû Nome gnômico de Sauron.
Goth Morgoth.
Gothmog Senhor de Balrogs.
Grande Batalha Ao final dos Dias Antigos. Veja *Dagor Delothrin*, Última Batalha, *Longa Batalha*, *Guerra da Ira*.
Grande Fim; *o Fim*; *o fim de tudo*
Grande Golfo
Grande Jornada Veja *Grande Marcha*.
Grande Marcha A grande jornada dos Elfos desde Kuiviénen.
Grande(s) Mar(es). Veja *Belegar*, *Garsecg*, *Mar do Oeste*.
Grandes Ilhas
Grandes Terras
Great Haywood Em Staffordshire.
grego
Gregório, o Grande
Grendel Em *Beowulf*.
Grithnir Nome posterior de *Grithron*.
Grithron Guardião (com Gethron) de Túrin na jornada para Doriath. (Substituído por *Grithnir*.)
Grond A grande maça de Morgoth, "Martelo do Mundo Ínfero".
Gruir, Rio Em Tol-eressëa, que confluía com o Afros em Tavrobel.
Guerra da Ira. Veja *Grande Batalha*.
Guerra do Anel
Guerra dos Deuses Veja *Batalha dos Deuses*.
Guilherme de Malmesbury Historiador medieval inglês.
Guilin Pai de Gwindor de Nargothrond.

Gumlin Chamado “o Alto”; filho de Hador e pai de Húrin e Huor. *o elmo de Gumlin* (Veja *Elmo-de-dragão*).
Gundor Filho de Hador e irmão de Gumlin.
Gurtholfin “Vara da Morte”, espada de Túrin. *Gurtholvin*; *Gurtholf* (também *Gurtholv*, *Gurutholf*)
Gwaewar Vassalo de Thorondor.
Gwaihir Forma tardia de *Gwaewar*
Gwathfuin-Daidelos “Sombra Mortal da Noite”, Taur-na-Fuin. Veja *Deldúwath*, *Fuin Daidelos*.
Gwerth-i-Cuina A Terra dos Mortos que Vivem. *Gwerth-i-Guinar*; *Gyrth-i-Guinar*; cf. (*Dor Firn i guinar*).
Gwindor de Nargothrond

Hador Chamado “o de Cabelos Dourados”. (Também *Hádor*, os filhos, filha, casa, povo de Hador, o povo descrito, sua língua (veja *taliska*).
Haldir Filho de Orodreth; veja *Halmir*.
Haleth Chamado “o Caçador”. (“último dos Pais de Homens”), filho, casa, povo de Haleth; o povo descrito, sua língua (veja *taliska*).
Halmir Filho de Orodreth. subsequentemente *Haldir*
Halog Nome anterior do mais jovem dos guardiões de Túrin na jornada para Doriath.
Handir Neto de Haleth e pai de Brandir, o Coxo.
Harmen Sul. forma tardia *hyarmen*
Hathaldir Chamado “o Jovem”; companheiro de Barahir.
Hauð-na-Dengin(*Hauð i Ndengin*). Veja *Amon Dengin*, *Cûm-na-Dengin*, *Monte dos Mortos*.
Healfdene Pai de Hrothgar, rei dos daneses.
Helevorn Lago em Thargelion às margens do qual Cranthir habitava. Veja *Elivorn*.
Helkar O Mar Interior.
Helkaraksë (também o noldorin *Helcharaes*). Veja *Gelo Pungente*.
Heorot O salão dos reis daneses em *Beowulf*. *Hart*
Herefordshire
Herendil Filho de Elendil.
Hildi Os Seguidores, Homens. *Hildor*

Hildórien A terra na qual os Homens despertaram pela primeira vez. (outro nome *Firyanor*)

Himring, *Monte de* "Sempre-frio". (descrito), forma mais antiga *Himling* a fala de Himring

Hísilómë Hithlum. *Hísilumbë*

Hithaeglir As Montanhas Nevoentas.

Hithliniath "Lagoas de Bruma". Veja *Aelin-uial*, *Umboth Muilin*.

Hithlum; *Homens de Hithlum*; *Rei de Hithlum* (Fingolfin), *Aran Chithlum*; limites setentrionais de Hithlum; origem do nome "Terra da Bruma"

Hobbits

Homens do Oeste

Homens dos Bosques O povo de Haleth. Veja *Brethil*, *Homens-da-floresta*.

Homens Fiéis, Homens Infiéis Na Terra-média na Segunda Era.

Homens Selvagens

Homens Tisnados (descritos), (fala). Veja *Lestenses*, Rómenildi.

Homens Referências selecionadas. Despertar; natureza, mortalidade e destino; idioma; em relação aos Elfos; aos Deuses, e a Morgoth; nomes dos Homens entre os Elfos. Ver *Amigos-dos-Elfos*, *Pais de Homens*; *Lestenses*, *Rómenildi*; *Homens Selvagens*; *Brethil*, *Hithlum*.

Homens-da-floresta (de Brethil). Veja *Brethil*.

Hopton Heath Em Staffordshire.

Hóspedes, Os Um nome élfico para os Homens.

Hroald Líder viking.

Hrothgar Rei dos daneses em *Beowulf*.

Huan O Mastim de Valinor.

Hundor Filho de Haleth.

Huor

Húrin Chamado "o Resoluto', isto é, *Thalion*).

Hy Bresail

I·Chúrinien A Balada dos Filhos de Húrin (q.v.). Veja *Narn i Hîn Húrin*.

Ialassë, Iolossë Formas mais antigas de *Oiolossë*.

Idril Esposa de Tuor, mãe de Eärendel. (*Idhril*, também *Irildë*); *Idril Celebrindal* "Pé-de-Prata" (também *Gelebrendal*; *Taltelepsa*,

Taltelemna).

Ilha de Balar Veja *Balar*; *Ilha dos Lobisomens*, veja *Tol-na-Gaurhoth.*

Ilha Solitária Veja *Eressëa*.

Ilhas Encantadas

Ilhas Ocidentais

Ilien Veja *Tar-Ilien*.

Ilinsor Timoneiro da Lua.

ilkorin minguante. *leikviano minguante*. *noldorin minguante*

ilkorin (relacionado ao idioma); *ilkorin minguante*

Ilkorindi ou *Ilkorins* Elfos que "não eram de Kôr": originalmente "Elfos-escuros" em geral, mas o sentido foi especificado para os Elfos telerianos de Beleriand e os Danas (também *Alchoron*, plural *Elcheryn*), adj. *ilkorin*. Veja *Alkorin* e o verbete seguinte.

Ilma (1) No *Ambarkanta*, forma mais antiga de *Ilmen*.

Ilmarë Filha de Manwë e Varda. forma mais antiga *Ilmar*

Ilmen A região das estrelas. *Abismo de Ilmen* (= *Ilmen-assa*)

Ilu O Mundo.

Ilurambar. As *Muralhas do Mundo*.

Ilúvatar; *Senhor de Tudo*; *o Uno*. Veja *Pai-de-Tudo*, *Filhos de Ilúvatar*, *Montanha de Ilúvatar*.

Imladris(t) Valfenda.

Imortais, Os Um nome dos Lindar.

Imram (poema); *imrama*

indo-europeu

Indrafangs Os Anãos Barbas-longas de Nogrod. Veja *Enfeng*.

Inescrutáveis, Os Um nome élfico para os Homens.

Ing Nas antigas lendas inglesas.

Inglaterra

inglês antigo; veja também *Anglo-Saxão(ões).*

inglês; *ingleses*. Veja *Anglo-Saxão(ões)*, *inglês antigo*.

Inglor Filho de Finrod = Finarfin; Rei de Nargothrond; chamado "o Fiel". Used sozinho ou com *Felagund*. Veja *Felagund*.

Inglormindon A torre em Tol Sirion. (Substituído por *Minnastirith*.)

Ingolondë Beleriand, "o Reino dos Gnomos". (também o noldorin *Angolonn*, *Geleidhien*).

Ingwë Rei da Primeira Gente dos Elfos e Alto-rei dos Eldalië (*Inwë* dos *Contos Perdidos*). casa de, povo de Ingwë (veja *Ingwelindar*, *Ingwi*); *os Filhos de Ingwë*, um nome dos Lindar, a torre e a lamparina de Ingwë (veja *Ingwemindon*).

ingwëa O "dialeto nobre" da fala dos Lindar (= *ingwelindarin*, *ingwiqen(d)ya*).

Ingwelindar A casa e o povo de Ingwë. (veja *Ingwi*); *ingwelindarin* = *ingwëa*

Ingwemindon A torre de Ingwë. Veja *Ingwë*.

Ingwi = *Ingwelindar*.

Ingwiel Filho de Ingwë.

Ingwil Rio que confluía com o Narog em Nargothrond.

Ingwiqen(d)ya Uma língua cujas relações são descritas diferentemente

Inias Valannor ou *Inias Balannor* Os Anais de Valinor. *Inias Veleriand* ou *Inias Beleriand*, os Anais de Beleriand

Inimigo, *O* Morgoth.

Insula Deliciarum

Interdição dos Valar

Inwë Veja *Ingwë*.

Inwir A casa de Inwë nos *Contos Perdidos*.

Írimor "Os Formosos", um nome dos Lindar. Veja *Belos-elfos*.

Irlanda; veja *Erin*. *Irlandês*, *irlandeses*

Isfin Irmã de Turgon, mãe de Meglin; chamada "a Branca"

Isil "A Brilhante", nome da Lua. Veja *lthil*, *Rana*.

Isildur

Islândia, islandês

Istar Rainha de Númenor. (Substituído por *Tar-ilien*.)

Istimor "Os Sábios" um nome dos Noldor.

Itália; inglês antigo *on Eatule*

Ithil Nome da Lua em noldorin. (outro nome *Elfaron* "Caçador-de-estrelas"). Veja *Isil*, *Rana*.

Ivrin; *Quedas de Ivrin*

Ivrineithel Nascente de Ivrin.

Juramento dos Fëanorianos

Kalakilya O Passo da Luz. (também *Cilgalad*). Veja *Kôr*.
Kalamor Elfos-da-luz.
Kalaqendi Elfos-da-luz. *Calaquendi*
Kay, Guy G.
Khazaddûm Nome anânico de Nogrod. (Substituído nesse sentido por *Tumunzahar*.) Em aplicação tardia, Moria
Khuzûd Os Anãos. *Khazad*
Kôr; *Passo de Kôr*, (veja *Kalakilya*).
koreldarin A língua dos Lindar e Noldor antes da partida dos Lindar de Kôr.
kornoldorin "Noldorin de Kôr", *korolambë*. *noldorin antigo*
korolambë "Língua de Kôr", = *kornoldorin*.
Kortirion; *Cortirion*
Kuiviénen As Águas do Despertar. Veja *Nen-Echui*.
Kulullin O caldeirão de luz dourada em Valinor.
Kuluqendi "Elfos-dourados", um nome dos Noldor.
Kulúrien Nome de Laurelin.

Lagoas do Crepúsculo. Veja *Aelin-uial*.
Laiqendi Os Elfos-verdes. (também o noldorin *Lhoebenidh*, *Lhoebelidh*); *Laiqi*; *Laiqeldar*
Lamparinas, As
Landroval, Lhandroval "Asa-larga", vassalo de Thorondor.
latim
latim-élfico
Laurelin
Lavaralda Uma árvore de Tol-eressëa. forma mais antiga *lavarin*
Leeds
Legolin, Rio
leikviano Língua dos Leikvir. *leikviano minguante*
Leikvir Elfos danianos que permaneceram a leste das Montanhas Azuis.
Leire Na ilha de Zelândia.
Leithien Terra de Leithien; *Eriol de Leithien*
Lembi Elfos-escuros. Traduzido "aqueles que restaram" "os Abandonados", "aqueles que se demoraram", "Os Que Se Demoram". Quanto à mudança de aplicação do nome.

lembiano e *lemberin* Idiomas dos Lembi.

Lestenses (descritos); *Homens do Leste*. Veja *Rómenildi*, *Homens Tisnados*.

Lewis, C.S.; *Além do Planeta Silencioso*

Lhandroval Veja *Landroval*.

Lhasgalen "Verde de Folha", nome gnômico de Laurelin.

Lhûn, Rio; *Golfo de Lhûn*

Lindar A Primeira Gente dos Elfos. (também *Melimar*), idioma dos Lindar. Veja *Belos-elfos*, *Altos-elfos*, *Elfos-da-luz*; outros nomes

lindarin (relacionado à fala e à raça)

Lindon A terra não submersa a oeste das Montanhas Azuis. ("região da música"), (também *Lhinnon*).

Lionesse

Livres, Os Um nome dos Teleri (cf. e *Mirimor*).

Livro Dourado

Lombardos; *Longas-barbas*; inglês antigo *Longbearden Longobardos*; *Langobardi*

Longa Batalha A Grande Batalha.

Lórien, (também o noldorin *Lhuien*); *Deus dos Sonhos*. Veja *Olofantur*.

Losgar (1) Nome gnômico de Alalminórë em Tol-eressëa. (2) O lugar onde os navios telerianos foram queimados por Fëanor.

Lothland A grande planície ao norte das Marcas de Maidros. (*Lhothland*, *-lann*), (*Lothlann*).

Lothlórien

Lua, A; a Lua e os Elfos; *Lua Mais Antiga* (a Árvore Branca); *Canção do Sol e da Lua*. Veja *Isil*, *Ithil*, *Rana*.

Luindirien "Torres Azuis", as Montanhas Azuis. (*Lhúndirien*, também *Lhúnorodrim*).

Lundy Ilha ao largo da costa de Devon.

Lunoronti As Montanhas Azuis.

Lúthien Filha de Thingol. (também *Lhúthien*, *Luithien*; outro nome *Firiel*); as Escolhas de Lúthien; *Amantes de Lúthien*, um nome dos Danas. Veja *Tinúviel*.

O Chalé do Brincar Perdido; *A Música dos Ainur*; *O Acorrentamento de Melko*; *A Vinda dos Elfos*; *Conto do Sol e da Lua*; *Conto de*

Gilfanon; *Conto de Tinúviel*; *Conto de Turambar*; *A Queda de Gondolin*; *O Nauglafring*

Mablosgen "O de Mão-vazia", nome de Beren. Veja *Camlost*.
Mablost = Mablosgen. *Mablothren = Mablosgen*.
Mablung
Maedros, Maedhros Veja *Maidros*.
Maelduin Viajante irlandês.
Maglor Filho de Fëanor. (também o quenya *Makalaurë*). *Brecha de Maglor*; *passos de Maglor*
Maiar
Maidros Filho mais velho de Fëanor, chamado "o Alto". (fala de seu povo), outras grafias *Maedros*, *Maedhros*, *Maidhros*. *Marcas de Maidros*; *morros de Maidros*. Veja *União de Maidros*.
Mailgond Nome anterior do mais velho dos guardiões de Túrin na jornada para Doriath.
Malaroko Balrog. (*Malarauko*),
Maldon, Batalha de
Malinalda Nome de Laurelin.
Mandos (tanto o Vala como sua morada) (também *Mando*, *Mandossë*; *Morimando*; *Bannos*). Veja *Sentença de Mandos*, *Nefantur*, *Nurufantur*.
Manwë (chamado *Kalamando*). *Montanha de Manwë* (Taniquetil) seu salão *Taen-Nimdil* . Veja *Súlimo*.
Mar Circundante Vaiya. Veja *Mar(es) de Fora*.
Mar de Dentro O Grande Mar do Oeste. *Mares de Dentro* (da Terra-média)
Mar do Leste
Mar do Norte
Mar do Oeste (1) O Grande Mar do Oeste. *Oceano do Oeste*. Veja *Belegar*, *Garsecg*, *Grande Mar*. (2) O Mar de Fora, Vaiya.
Mar Mediterrâneo
Mar Vanwa Tyaliéva O Chalé do Brincar Perdido.
Mar(es) de Fora Vaiya. *Oceano de Fora*. Veja *Mar Circundante*.
Mar(es) Sombrio(s)
Marcas de Maidros Veja Maidros.

Mares Divisores

Marinheiros, Os Um nome dos Teleri.

Meglin

Meio-Elfo(s). Veja *Peredhil*, *Pereldar*, *Peringol*.

Melian, (outro nome *Tóril*); *cercas*, *cinturão*, *labirintos de Melian*

Melko (também *Maeleg*, *Moeleg*). *Montanhas de Melko*; *Inimigos de Melko*, um nome dos *Noldor*. Veja *Alkar*, *Melkor*, *Morgoth*.

Melkor Forma tardia de *Melko*.

Melthinorn "Árvore de Ouro", um nome gnômico de Laurelin. (também *Mellinorn*).

Menegroth Veja *Mil Cavernas*.

Meneltarma A montanha no meio de Númenor. Veja *Montanha de Ilúvatar*.

Mereth Aderthad. Veja *Festa da Reunião*.

Mil Cavernas. Veja *Menegroth*.

Mîm, o Anão

Mindeb, Rio

Minnastirith A torre em Tol Sirion. forma tardia *Minastirith*. (Substituiu *Inglormindon*.)

Mithrandir "O Peregrino Cinzento", Gandalf.

Mithrim Lago Mithrim; a terra de Mithrim; *Montanhas de Mithrim*; fala de Mithrim

Montanha de Ilúvatar A montanha no meio de Númenor. *a Montanha*; *Montanha de Númenor*. Veja *Meneltarma*.

Montanha de Manwë Veja *Manwë*.

Montanhas Azuis, Veja especialmente, e Veja *Eredlindon*, *Eredluin*, *Luindirien*, *Lunoronti*.

Montanhas Circundantes (ao redor da planície de Gondolin). Veja *Gochressiel*; *Montanhas de Valinor*.

Montanhas de Aman Veja *Aman*; *Montanhas de Melko*, *de Morgoth, veja Montanhas de Ferro*; *Montanhas de Mithrim*, veja *Mithrim*; *Montanhas de Ossiriand*, veja *Ossiriand*; *Montanhas de Sombra*, veja *Montanhas Sombrias*.

Montanhas de Ferro; *Montanhas de Morgoth*, *de Melko*. Veja *Eiglir Engrin*, *Ered-engrin*.

Montanhas de Terror Ered Orgoroth.

Montanhas de Valinor; (não mencionadas por nome); *Montanhas dos Deuses*, *Montanhas do Oeste*; *montanhas circundantes*; *montanhas de defesa*

Montanhas do Vento

Montanhas dos Deuses, Montanhas do Oeste Veja *Montanhas de Valinor*.

Montanhas Ressoantes Veja *Eredlómin*.

Montanhas Sombrias; *Montanhas de Sombra*. Veja *Eredwethion*.

Monte dos Espiões A leste de Nargothrond.

Monte dos Mortos. Veja *Amon Dengin*, *Cûm-na-Dengin*, *Hauð-na-Dengin*.

Monte Sacro Taniquetil.

Mordor. Veja *País Negro*.

Moreldar Elfos-escuros.

Morgoth passim, *passim*, *passim*, o nome *Morgoth*; *Montanhas de Morgoth*. Chamado *o Forte*, *o Poder Mais Antigo*, *o Mestre*, *o Deus Sombrio*, *Rei do Mundo*; e veja *Alkar*, *Bauglir*, *o Inimigo*, *Melko(r)*, *a Sombra*.

Moria. Veja *Khazaddûm*.

Morimor Elfos-escuros. (cf. também *Dúrion*, *Dureðel*, *Duveledh* "Elfo-escuro")

Moriondë Porto no leste de Númenor.

Moriqendi Elfos-escuros.

Mormael "Espada-negra", nome de Túrin em Nargothrond.

Morros dos Caçadores. Veja *Taur-na-Faroth*.

Morwen Mãe de Túrin e Nienor. Veja *Eledwen*.

Mudança do Mundo

múlanoldorin Idioma dos Noldor escravizados.

Mundo Tornado Redondo

Muralhas da Noite As Muralhas do Mundo.

Muralhas do Mundo. Veja *Ilurambar*.

Muralhas do Sol Cadeira de montanhas no extremo Leste.

Música dos Ainur, *Segunda Música dos Ainur*

Músicos da Costa Um nome dos Teleri. Veja *Soloneldi*.

Naith de Lothlórien

Nan-dungorthin (também *Nan Dongoroth*, *Nann Orothvor*); *Dungorthin*; forma tardia *Dungortheb*

Nan-tathren forma mais antiga *Nan-tathrin*. Veja *Terra dos Salgueiros*.

Nargothrond fala de Nargothrond

Narn i Hîn Húrin; e *i•Chúrinien*, *Balada dos Filhos de Húrin*.

Narog, Rio; *reino de Narog*, (*Narogardh*); *Rei de Narog* (Felagund)

Nascentes do Sirion; *Nascente do Sirion*, veja *Eithel Sirion*. *Passo do Sirion*; *Passo Oeste*, *passos do oeste*. *Vale do Sirion*. *Ilha do Sirion*. *Quedas do Sirion*; *Portões do Sirion*,

Nascidos-depois, *Os* Homens.

Nauglamír (também *Mîr na Nauglin*, *Nauglavir*).

Nauglar, Nauglath, Nauglir Formas mais antigas do nome élfico dos Anãos. Veja *Naugrim*.

nauglianas Línguas dos Anãos. Veja *aulianas*.

Navios voadores (dos Númenóreanos após a Queda)

Necromante, O

Nefantur Mandos. (Substituído por *Nurufantur*.)

Neldoreth A floresta que forma a parte setentrional de Doriath.

Nellas Elfa de Doriath, amiga de Turin na infância deste.

Nen-Echui Águas do Despertar, *Kuiviénen*.

Nen-girith "Água do Estremecer".

Neorth Antigo nome de Ulmo.

Nerto "Mãe Terra", deusa venerada na antiguidade nas ilhas do Báltico.

Nessa Esposa de Tulkas. (também *Neth*, *Dineth*; Nessa também era chamada *Indis* ("noiva")

Nevrast Forma tardia de *Nivrost*.

Neweg "Mirrados", nome gnômico dos Anãos.

Nienna; *Fui Nienna*

Nienor ("a Pesarosa") ("Pranto"), (cf. *Nuinoer*, *Nuinor* como o nome da irmã de Túrin).

Nimloth "Flor pálida", um nome gnômico da Árvore Branca de Valinor; posteriormente a Árvore de Númenor. Veja *Ninquelótë*.

Níniel Nome de Nienor. ("a Lacrimosa")

Ninqendi "Elfos-brancos", um nome dos Lindar.

Ninquelótë Um nome quenya da Árvore Branca de Valinor (noldorin *Nimloth*).

Niphredil Uma flor branca. (*nifredil* “galanto”).

Nirnaith Arnediad A Batalha das Lágrimas Inumeráveis. Veja *Quarta Batalha*.

Nirnaith Dirnoth A Batalha das Lágrimas Inumeráveis. (Substituído por *Nirnaith Arnediad*.)

Nivrim “Marca-oeste”, Doriath além do Sirion. (cf. *Radhrim* “Marca-leste” de Doriath). Veja *Doriath*.

Nivrost “Vale do Oeste”, a terra a oeste de Dor-lómen e ao sul de Drengist. (“Vales-do-oeste”), forma mais antiga *Nivros*. Veja *Nevrast*.

Njörth (Njörðr) Deus nórdico, pai de Freyr. 120

Nogrod “Mina-anânica”. Veja *Khazaddûm*.

Noldoli. (Substituído por *Noldor*.)

noldolindarin

Noldor passim, *passim*, *Noldor-servos*. Etimologia

noldorin (relacionado ao idioma); *noldorin antigo*, veja *kornoldorin*, *korolambë*; *noldorin exílico*; *noldorin minguante*.

Nóm “Sabedoria”, nome dado a Felagund no idioma do povo de Bëor. Veja *Widris*.

Nórdico(s), nórdica(s)

Novas Terras No Mundo Tornado Redondo. *Novo Mundo*

Nuaran Númen(ór)en “Senhor do Oeste”, “Senhor de Ociente (Númenor)”.

Nuin Elfo-escuro, chamado “Pai da Fala”.

Númar (1) Númenor. (2) A principal cidade de Númenor. Veja *Númenos*.

Númenor passim; *Númenórë*. *Queda de Númenor*; Árvore Branca de Númenor. Veja *Andor*, *Andúnië*, *Atalantë*, *Vinya*, *Ociente*.

Númenóreano(a) (idioma). *Númenóreanos passim*; *Lie-númen*, *Númenórië*; idioma; estatura; envelhecimento

Númenos (1) Númenor. (2) A principal cidade de Númenor. (3) O lugar elevado do rei. Veja *Númar*.

Nurqendi “Elfos-profundos”, um nome dos Noldor. Veja *Elfos-profundos*.

Nurufantur Mandos. (também o noldorin *Gurfannor*). (Substituiu *Nefantur*.)

Nyarna Valinóren Os Anais de Valinor. (veja *Yénië Valinóren*); *Nyarna Valarianden*, os Anais de Beleriand

Ociente Númenor.
Ohtor Líder viking.
Oiolossë "Brancura Sempiterna", Taniquetil. Veja *Amon Uilos*, *Ialassë*.
Olofantur Lórien. (também o noldorin *Olfannor*).
Olwë Nome posterior de Elwë (1), irmão de Thingol.
Ondor Nome anterior de Gondor.
Orgof Elfo de Doriath, morto por Túrin. (Substituído por *Saeros*.)
Orodlin Filho de Orodreth.
Orodreth Filho de Finrod (1) = Finarfin.
Oromë (também o noldorin *Araw*); *Senhor das Florestas*. Veja *Aldaron*, *Galaðon*, *Tauros*.
oromianas Línguas derivadas dos ensinamentos de Oromë aos Elfos (= *quendianas*).
Orontor Númenóreano.
Orques. Origem dos Orques; números; idioma; etimologia. Veja *Glamhoth*, *Gobelins*.
orquino, orquiano Idioma dos Orques.
Ossë (também o noldorin *Oeros*).
Ossiriand; *Terra dos Sete Rios*; *Elfos dos Sete Rios* e *Povo Perdido de Ossiriand*, os Danas, *Montanhas de Ossiriand*, Eredlindon
ossiriandeb Idioma de Ossiriand. *ossiriândico*
Oswin Errol
Oxford

Pai(s) de Homens
Pai-de-Tudo; *o Pai*. Veja *llúvatar*.
País Negro, *O* Mordor.
Palantír (i)
Palisor Terra onde os primeiros Homens despertaram (posteriormente chamada *Hildórien*).
Palúrien Nome de Yavanna. *Seio da Terra*, *Senhora da Vasta Terra*
Papar Eremitas irlandeses na Islândia. *Papey*, *Papafjörðr*
parmalambë "Língua dos livros", quenya.

Passo da Luz Veja *Kalakilya*.
Passo Oeste Veja *Sirion*.
Paulo, o Diácono Historiador dos Lombardos.
Pelmar "A Morada Cercada", Terra-média.
Pengolod de Gondolin Chamado "o Sábio". *Pengoloð*. Veja especialmente
Pennas (1) *Pennas in Geleidh*, *Pennas na-Ngoelaidh = Qenta Noldorinwa*. (2) *Pennas Hilevril*, *Pennas Silevril = Qenta Silmarillion*.
Peredhil Os Meio-Elfos (Elros e Elrond). Veja *Pereldar*, *Peringol*.
Pereldar "Meio-eldar", Danas.
Peringol, *Peringiul* Os Meio-Elfos (Elros e Elrond). *Elrond Beringol*
Pérola Poema medieval inglês.
Poço do Rivil
Poderes, Os Os Valar. *prole dos Poderes*
Poldor Númenóreano.
Poldórëa "O Valente", nome de Tulkas.
Porlock Em Somerset. inglês antigo *Portloca*
Porta da Noite
Porto-cisne Veja *Alqualondë*, *Portos*.
Portões da Manhã
Portos Ocidentais Veja *Portos*.
Portos Portos Ocidentais e outras referências aos Portos da Falas (Brithombar e Eglorest). *Porto dos Cisnes, Porto-cisne o Porto* (veja *Alqualondë*). *Portos no Golfo de Lhûn* (os Portos Cinzentos). Veja *Sirion*.
Primeira Batalha de Beleriand A Batalha-sob-as-Estrelas. Veja *Dagor-os-Giliath.*
Primeira Gente (1) Os Elfos. (2) A Primeira Gente dos Elfos (Veja *Lindar*, *Qendi*, *Vanyar*)
Primeira(s) Era(s) do Mundo
Primogênitos, Os Os Elfos. cf. *Estanessë* "os Primogênitos"
Profecia do Norte. Veja *Sentença de Mandos*.

Qendi, Quendi (1) A Primeira Gente dos Elfos (substituído por *Lindar*). Todos os Elfos. (também *Qendië*, noldorin *Penedhrim*)

Qenta, Quenta (Referências nos próprios textos). Veja *Pennas*.

qenya, quenya "A língua élfica". Veja *latim-élfico*, *parmalambë*, *tarquesta*.

Quarta Batalha de Beleriand A Batalha das Lágrimas Inumeráveis (posteriormente a Quinta Batalha. Veja *Nirnaith Arnediad*, *Nirnaith Dirnoth*.

Que se Amaldiçoaram, Os Um nome élfico para os Homens.

quendianas Línguas derivadas de Oromë (= *oromianas*). *raça quendiana*

Radhrost "Vale Leste", nome élfico-escuro de Thargelion.

Radhruin Companheiro de Barahir. *Radruin*. (Substituiu *Radros*.)

Radros Companheiro de Barahir. (Substituído por *Rad(h)ruin*.)

Ragnor Companheiro de Barahir.

Ramdal "Fim da Muralha" em Beleriand Leste. *Rhamdal*

Rana "A Inconstante", a Lua. (também o noldorin *Rhân*). Veja *Isil*, *Ithil*.

Rathloriel, Rio "Leito de Ouro". forma mais antiga *Rathlorion*

Region A floresta que forma a parte meridional de Doriath. (também *Eregion*, *Taur-nan-Erig*)

Rei Oculto (1) Turgon. (2) Thingol.

Reino Oculto Doriath.

Reino(s) Abençoado(s); *Reino Ditoso*; *Zênite do*

Rerir, Monte Contraforte das Eredlindon, sobre o qual ficava uma fortaleza dos Noldor.

[*Rhibdath, Rhimdath* Rio Corredio. Esse nome só aparece nas *Etimologias*, mas devia ter sido mencionado lá que o Corredio é o rio que fluía das Montanhas Nevoentas para se juntar ao Anduin ao norte da Carrocha.]

Rian Mãe de Tuor. (*Rhian*); *Rían*

Ringil (1) O Mar de Ringil, formaddo pela queda da Lamparina Ringil. (2) Espada de Fingolfin.

Roma; *romano(s)* ; inglês antigo English *Walas*, *Rūm-walas*

Rómenildi Lestenses.

Rómenna Porto no leste de Númenor.

Rosamunda Esposa de Alboíno, o Lombardo.

Rota Reta, A; *Caminho Reto*

Rúmil, chamado *o sábio de Kôr*, *de Tûn*, *o Sábio-élfico de Valinor*

Sábios, Os Os Noldor.
Saeros Elfo de Doriath, morto por Túrin. (Substituiu *Orgof*.)
Salmar Companheiro de Ulmo.
Sári Nome do Sol nos *Contos Perdidos*.
Sarn Athrad O Vau Pedregoso sobre o Gelion. ("Pedra de Travessia")
Sarnas Fingolfin O marco de Fingolfin.
Sauron (também *Sauro*, Súro); chamado *o mago*. Veja *Sûr*, *Thû*, *Gorthû*.
Saxões
Scyldingas (Inglês antigo) casa real dinamarquesa ("Shieldings"). *Casa do Escudo*. Veja *Shield*.
Seafarer, The [O Navegante] Poema em inglês antigo.
Segunda Batalha de Beleriand A Batalha Gloriosa. Veja *Dagor Aglareb*.
Segunda Era
Segunda Gente Homens.
Segunda Profecia de Mandos
Senhor dos Anéis, O
Senhores do Oeste OS Valar; também *os Senhores*. *Senhores do Mundo*. *Senhor do Oeste* (*herun*ū*men*), veja *Nuaran Númen(ór)en*. Águias do Senhor do Oeste.
Sentença de Mandos. Veja *Profecia do Norte*.
Sepultamento naval
Serech, Pântano de
Severn, Rio; *mar de Severn*
Sheaf, Sheave [Feixe] (e inglês antigo *Sceaf*, *Scef Sceafa*), *Sheafing*, *Scefing*; *o moinho de Feixe*; *Senhores-de-feixe*; *Rei Feixe* (poema)
Sheppey, Ilha de; inglês antigo *Sceapig*
Shield [Escudo] (e inglês antigo *Scyld*, latinizado *Sceldius*, nórdico *Skjöldr*) Ancestral lendário da casa real dinamarquesa (inglês antigo *Scyldingas*). Veja *Scyldingas*.
Shugborough Hall Em Staffordshire.
Sil Nome da Lua nos *Contos Perdidos*.
Silivros "Chuva Reluzente", um nome gnômico da Árvore Branca de Valinor. Veja *Silmerossë*.
Silma Nome anterior de *Ilma*, *Ilmen*.

Silmaril(s) (também o noldorin *Silevril*, veja *Pennas*); (outros nomes *Ilumírë*, *Noldomírë*, *Mirion*, *Mîr in Geleidh*, *Goldamir*, *Golo(ð)vir*,)
Silmerossë Um nome quenya da Árvore Branca de Valinor (gnômico *Silivros*).
Silpion A Árvore Branca de Valinor.
Sindar; *sindarin*. Veja *Elfos-cinzentos*.
Sindingul Thingol. (Substituído por *Tindingol*.)
Sindo "O Cinzento", Thingol. (também o teleriano *Findo*, ilkorin *Thind*)
Singoldo Nome "élfico" de Thingol nos *Contos Perdidos*.
Singollo "Manto-gris"; *Elwë Singollo*, Thingol
Siriombar Porto do Sirion. Veja *Sirion*.
Sirion
Snorri Sturluson Historiador islandês, autor da *Edda em Prosa*.
Sol.
Soloneldi Um nome dos Teleri. (quenya *Solonyeldi*), "Músicos da Costa"
Sombra, A (de Morgoth) *a sombra do Leste* (em *Rei Feixe*)
Somerset
Sorontur Rei das Águias. (*Sorontar*). Veja *Thorondor*.
Sow, Rio Em Staffordshire.
Steepholme Ilha na foz do rio Severn.
Suábios, suabos Tribo germânica. inglês antigo *Swæfe*, latim *Suevi*,
Suecos; *Suécia*
Súlimo Nome de Manwë.
Sûr Sauron.

Tácito
Taiglin, *Rio*
Talath Dirnen Veja *Dalath Dirnen*.
taliska Idioma original dos Pais de Homens. *taliskano*
Taniquetil (também o noldorin *Nimdildor*). Veja *Amon Uilos*, *Elerína*, *Ialassë*, *Oiolossë*, *Tinwerína*; *Monte Sacro*, *Manwë*.
Taragaer Nome anterior de Caradras.
Taras, Monte
Tar-Atanamir, Tar-Ciryatan GoVejanantes de Númenor.
Tar-Ellion "Rainha das Estrelas", Varda (= *Elentári*).

Tar-Ilien Esposa de Tar-Kalion. *Ilien*. (Substituiu *Istar*.)

Tar-Kalion GoVejanante de Númenor; chamado "o Dourado". (Substituiu *Angor*.)

Tarn Aeluin Lago em Dorthonion onde Barahir fez seu esconderijo.

Tarqendi "Altos-elfos", um nome dos Lindar. Veja *Altos-elfos*.

tarquesta "Alta-fala", quenya.

Tathrobel Veja *Tavrobel*.

Taur-na-Danion "Floresta de Pinheiros". *Taur-na-Thanion*, *-Thonion*, *-Donion*. Veja *Dorthonion*.

Taur-na-Faroth Os Morros dos Caçadores. (*Taur-na-Faras*); forma tardia *Taur-en-Faroth*

Taur-na-Fuin "Floresta da Noite". (traduzida "Trevamata"), (também o quenya *Taurë Huinéva*), com referência a Verdemata, a Grande forma tardia *Taur-nu-Fuin*. Veja *Deldúwath*, *Fuin Daidelos*, *Gwathfuin-Daidelos*.

Tauros Nome de Oromë.

Tavrobel; *Tathrobel*

Tecelã-de-Treva. Veja *Ungoliantë*.

Telchar Ferreiro Anão de Belegost, ou de Nogrod. [A afirmação no Índice Remissivo do Vol. IV de que Telchar era "originalmente de Nogrod" é um erro; Veja IV.]

Teleri (também *Mirimor*, *Fallinelli*, *Falanyeldi*), idioma dos Teleri; significado do nome; no sentido antigo, a Primeira Gente,

teleriano (relacionado ao idioma); (com outras referências)

telerin Idioma dos Teleri. adjetivo de *Teleri*

Telperion Um nome da Árvore Branca de Valinor.

Tementes-à-noite, Os Um nome élfico para os Homens.

Tempo

Terceira Batalha de Beleriand A Batalha do Fogo Repentino. Veja *Dagor Húrbreged*, *Dagor Vregedúr*.

Terceira Gente (dos Elfos); *Terceira Hoste*. Veja *Teleri*.

Terendul "Delgado e moreno", nome escarnecedor dado a Herendil, filho de Elendil.

Terra do Oeste Valinor (com Eruman e Arvalin). *Mundo-do-Oeste*

Terra do Terror Veja *Dor-Daideloth*, *Dor-deloth*.

Terra dos Mortos que Vivem. Veja *Gwerth-i-Cuina.*

Terra dos Salgueiros; *Vale dos Salgueiros*. Veja *Nan-tathren*.
Terra dos Sete Rios Veja *Ossiriand*.
Terra Estéril, A
Terra Sem Nome, A (poema)
Terra Sem-Morte. Cf. *Terras Imortais*.
Terra Sombria
Terra(s) Vazia(s)
Terradelfos. Veja *Baía de Terradelfos*, *Casadelfos*.
Terra-média (no QS até §61 e ocasionalmente depois, e em outros lugares, *a Terra-média*). *passim*, (nomes élficos *Entar*, *Entarda*, *Endamar , Ambarenya*, *Emmerein*, *Emerin*, *Endor*). Veja *Terras de Cá*, *Terras Interiores*, *Terras de Fora*.
Terras de Cá Terra-média. Veja *Cinderion*.
Terras de Fora (1) Terra-média. também *Mundo Exterior*. (2) *Terra de Fora*, a terra ocidental, além do Grande Mar
Terras Imortais. Cf. *Terra Sem-Morte*.
Terras Interiores Terra-média
Thalos, Rio
Thangorodrim
Thargelion A terra de Cranthir, "Além do Gelion". forma mais antiga *Targelion*. Veja *Dor Granthir*, *Radhrost*.
Thingol (também *Tor Thingol*; *Tor Tinduma* "Rei do Crepúsculo", noldorin *Aran Dinnu*); *o rei oculto*; *Herdeiro de Thingol*, Veja *Dior*.
Thorondor Rei das Águias. (também *Thorntor*, *Torthurnion*), forma mais antiga *Thorndor*. Veja *Sorontur*.
Thû (também *Morthu*); chamado *o Mago*; *Tol Thû*. Veja *Gorthû*, *Sauron*, *Sûr*.
Tídwald Em *O Regresso de Beorhtnoth*.
Tilion Timoneiro da Lua.
Tindbrenting Nome de Taniquetil em inglês antigo.
Tindingol Thingol. (Substituiu *Sindingul*, substituído por *Sindo*.)
Tindobel, Torre de No cabo a oeste de Eglorest. *Tindabel*
Tintallë "Inflamadora-das-estrelas", Varda.
Tintanië "Feitora-das-estrelas", Varda.
Tinúviel (também *Tindúmhiell*, *Tindómerel*); *a Fonte de Tinúviel*, Veja *Eithel Nínui*.

Tinwelint Nome de Thingol nos *Contos Perdidos*. *Tinwë Linto*

Tinwenairin "Coroada de Estrelas", Taniquetil. (Substituído por *Tinwerína*.)

Tinwerína "Coroada de Estrelas", Taniquetil. (Substituído por *Elerína*.)

Tinwerontar "Rainha das Estrelas", Varda. (Substituído por *Elentári*.)

Tinwetar "Rainha das Estrelas", Varda. (também *Tinwetári*)

Tirion Cidade dos Elfos em Valinor a Árvore de Tirion

Tir-nan-Og "Terra da Juventude" nas lendas irlandesas.

Tol Sirion; *Ilha do Sirion*

Tol Thû = Tol-na-Gaurhoth.

Tol-eressëa Veja *Eressëa*.

Tol-galen "A Ilhota Verde" no rio Adurant.

Tolkien, *J.R.R. O Hobbit*; *O Regresso de Beorhtnoth*; *As Baladas de Beleriand*; *Cartas de J.R.R. Tolkien*; *The Monsters and the Critics and Other Essays* [Os Monstros e os Críticos e Outros Ensaios]; *Os Documentos do Clube Notion* 1; *Contos Inacabados*. *O Senhor dos Anéis* e *O Livro dos Contos Perdidos* possuem verbetes separados, e não há referências a *O Silmarillion*.

Tol-na-Gaurhoth "Ilha dos Lobisomens". forma tardia *Tol-in-Gaurhoth*

Torhthelm Em *O Regresso de Beorhtnoth*.

Torre Branca (de Elwing). *Torres Brancas* (nas Emyn Beraid)

Trent, Rio

Três Casas (dos Pais de Homens ou dos Amigos-dos-Elfos).

Três Gentes (dos Elfos)

Trevamata; com referência a Taur-na-Fuin; inglês antigo *Myrcwudu* (com referência aos Alpes Orientais).

Tuatha-de-Danaan Um povo nas lendas irlandesas.

Tulkas (chamado *Ender*, *Enner* ("noivo"). Veja *Poldórëa*.

Tum-halad Local da batalha (entre o Narog e o Taiglin) antes do saque de Nargothrond.

Tumladin O vale de Gondolin.

Tumunzahar Nome anânico de Nogrod. (Substituiu *Khazaddûm* nesse sentido.)

Tûn. Veja *Eldamar*, *Eledûn*.

Túna; "a Cidade-do-monte". Quanto a *Tûn* além de *Túna*, Veja.

Tuor

Turamarth Forma noldorin = quenya *Turambar*. forma mais antiga *Turumarth*
Turambar “Mestre do Destino”.
Turgon; *o Rei oculto*
Túrin (também o quenya *Turindo*), na Segunda Profecia de Mandos
Turisindo Rei dos Lombardos.
Turismodo Filho de Turisindo.

Uinen Senhora do Mar.
Uldor, o Maldito Filho mais velho de Ulfang.
Ulfang Lestense; chamado “o Negro”. Forma mais antiga *Ulfand* (“o Tisnado”)
Ulfast Segundo filho de Ulfang.
Ulmo Senhor das Águas. (noldorin *Ulu*; também *Núron*, *Guiar*, *Uiar*, quenya *Vaiaro*); as conchas de Ulmo (*hyalma*)
Última Aliança
Última Batalha (1) A Grande Batalha (q.v.). (2) A batalha derradeira do mundo, declarada em profecia.
Ulwarth Terceiro filho de Ulfang. Forma mais antiga *Ulwar*
Úmanyar Elfos que “não eram de Aman”.
Umboth Muilin. Veja *Aelin-uial*, *Hithliniath*, *Alagados do Crepúsculo*.
Ungoliantë (também *Ungweliantë*); *Ungoliant* 138; *Ungweliant*; “Tecelã-de-Treva”. (O nome noldorin era *Delduthling*,)
União de Maidros
Uppsala
Ûr Nome do Sol. Úr-anar. Veja Úrin.
Úrien Nome da Donzela-do-Sol. (Substituído por *Arien*.)
Úrin “O Flamante”, nome do Sol.
Úrion Veja *Fionwë*.
Urthel Companheiro de Barahir.
Urze Ardente A constelação da Ursa Maior.
Usurpadores, Os Um nome élfico para os Homens.
Utumno (também *Udun*, *Uduvon*, *Utum*). Forma mais antiga *Utumna*
Úvanimor Criaturas de Morgoth.

Vairë “A Tecelã”, esposa de Mandos. (também o noldorin *Gwîr*).

Vaiya (também o noldorin *Gui*, *Ui*). Veja *Mar Circundante*, *Mar(es) de Fora*.

Valandil (1) Pai de Elendil. “Amigo-dos-Deuses”. (2) Irmão de Elendil.

Valaquenta

Valar (também o noldorin *Balan*, plural *Belein*, *Belen*). *Terra dos Valar*. Veja *Interdição dos Valar*; *Deuses*, *Senhores do Oeste*, *Poderes*; *Filhos dos Valar*.

valarin. Veja *valiano*, *valya*.

Valarindi (idioma dos), Veja especialmente, e Veja *Filhos dos Valar*.

Vale dos Salgueiros Veja *Terra dos Salgueiros*.

Valentes, Os Um nome dos Noldor.

valiano (1) Língua valiana. (2) *Anos Valianos, Ano(s) dos Valar*. (*anos de Valinor*); (*ennin*, um Ano Valiano, *randa*, *anrand*, cem Anos Valianos

Valinor (também o noldorin *Balannor*); *Terra dos Deuses*, *dos Valar* nos verbetes *Deuses*, *Valar*. *Obscurecer de Valinor*; *Ocultação de Valinor*. Veja *Montanhas de Valinor*.

Valinórelúmien Os Anais de Valinor.

valinoriano (idioma)

Valmar Cidade dos Deuses, chamada “a Abençoada”.

valya A fala dos Valar. Veja *valarin*, *valiano*.

Vana (também o noldorin *Banwen*).

Vanimor “Os Belos”. Também como um nome dos Lindar, (Veja *Irimor*).

Vanyar A Primeira Gente dos Elfos. (Substituiu *Lindar*.)

Varda (também *Breðil*, *Berethil*, *Elbereth*). Veja *Elbereth*, *Elentári*, *Tar-Ellion*, *Tintallë*, *Tintanië*, *Tinwerontar*, *Tinwetar*.

Vazio, O; *os vazios*, *o Vazio Atemporal*. Veja *Ava-kúma*, *Escuridão de Fora*.

Veaneldar “Elfos-do-mar”, um nome dos Teleri. Veja *Elfos-do-mar*.

Vefántur Nome de Mandos nos *Contos Perdidos*. (Posteriormente *Nefantur*, *Nurufantur*.)

Velho Mundo (após o Cataclismo)

Verdadeiro Oeste, O

Verdemata, a Grande. Veja *Eryn Galen*, *Eryn Lasgalen*.

Verona

Vikings
Vingelot Navio de Eärendel. (também o noldorin *Gwing(e)loth*); “Flor da Espuma”
Vinlândia Nome nórdico antigo [*Vinland*] da América.
Vinya “A Jovem”, “a Nova Terra”, Númenor.
Vista O ar interior ou inferior. Veja *Wilwa*.

Watchet Em Somerset. inglês antigo *Wæced* 98
Wealas, Walas (Inglês antigo) Os celtas da Grã-Bretanha. os romanos
Wendelin Nome de Melian nos *Contos Perdidos*.
Wessex
Wídlást “O Mui Viajado”; Veja *Ælfwine*.
Widris Palavra que significa “Sabedoria” (Gnomo) na fala do Povo de Bëor.
Widsith Poema em inglês antigo.
Wilwa O ar interior ou inferior. “o(s) ar(es) pesado(s)”. Veja *Vista*.
Wingelot Veja *Vingelot*.

Yavanna (também o noldorin *Ivann*). Veja *Palúrien*.
Yénië Valinóren Os Anais de Valinor. Veja *Nyarna Valinóren*.

Zelândia
Zirak, o Velho O mestre de Telchar, o Ferreiro.

Poemas Originais

3. A Estrada Perdida

[A]:

In days of yore out of deep Ocean
to the Longobards, in the land dwelling
that of old they held amid the isles of the North,
a ship came sailing, shining-timbered
without oar and mast, eastward floating.
The sun behind it sinking westward
with flame kindled the fallow water.
Wind was wakened. Over the world's margin
clouds grey helmed climbed slowly up
wings unfolding wide and looming,
as mighty eagles moving onward
to eastern Earth omen bearing.
Men there marvelled, in the mist standing
of the dark islands in the deeps of time:
laughter they knew NOT, light nor wisdom;
shadow was upon them, and sheer mountains
stalked behind them stern and lifeless,
evilhaunted. The East was dark.

The ship came shining to the shore driven
and strode upon the strand, till its stem rested
on sand and shingle. The sun went down.
The clouds overcame the cold heavens.

In fear and wonder to the fallow water
sadhearted men swiftly hastened
to the broken beaches the boat seeking,
gleaming-timbered in the grey twilight.
They looked within, and there laid sleeping
a boy they saw breathing softly:
his face was fair, his form lovely,
his limbs were white, his locks raven
golden-braided. Gilt and carven
with wondrous work was the wood about him.
In golden vessel gleaming water
stood beside him; strung with silver
a harp of gold neath his hand rested;
his sleeping head was soft pillowed
on a sheaf of corn shimmering palely
as the fallow gold doth from far countries
west of Angol. Wonder filled them.

The boat they hauled and on the beach moored it
high above the breakers; then with hands lifted
from the bosom its burden. The boy slumbered.
On his bed they bore him to their bleak dwellings
darkwalled and drear in a dim region
between waste and sea. There of wood builded
high above the houses was a hall standing
forlorn and empty. Long had it stood so,
no noise knowing, night nor morning,
no light seeing. They laid him there,
under lock left him lonely sleeping so
in the hollow darkness. They held the doors.
Night wore away. New awakened
as ever on earth early morning;

day came dimly. Doors were opened.
Men strode within, then amazed halted;
fear and wonder filled the watchmen.
The house was bare, hall deserted;
no form found they on the floor lying,
but by bed forsaken the bright vessel
dry and empty in the dust standing.

The guest was gone. Grief o'ercame them.
In sorrow they sought him, till the sun rising
over the hills of heaven to the homes of men
light came bearing. They looked upward
and high upon a hill hoar and treeless
the guest beheld they: gold was shining
in his hair, in hand the harp he bore;
at his feet they saw the fallow-golden
cornsheaf lying. Then clear his voice
a song began, sweet, unearthly,
words in music woven strangely,
in tongue unknown. Trees stood silent
and men unmoving marvelling hearkened.

Middle-earth had known for many ages
neither song nor singer; no sight so fair
had eyes of mortal, since the earth was young,
seen when waking in that sad country
long forsaken. No lord they had,
no king nor counsel, but the cold terror
that dwelt in the desert, the dark shadow
that haunted the hills and the hoar forest.
Dread was their master. Dark and silent,
long years forlorn, lonely waited

the hall of kings, house forsaken
without fire or food.

Forth men hastened
from their dim houses. Doors were opened
and gates unbarred. Gladness wakened.
To the hill they thronged, and their heads lifting
on the guest they gazed. Greybearded men
bowed before him and blessed his coming
their years to heal; youths and maidens,
wives and children welcome gave him.
His song was ended. Silent standing
he looked upon them. Lord they called him;
king they made him, crowned with golden
wheaten garland, white his raiment,
his harp his sceptre. In his house was fire,
food and wisdom; there fear came NOT.
To manhood he grew, might and wisdom.

Sheave they called him, whom the ship brought them,
a name renowned in the North countries
ever since in song. For a secret hidden
his true name was, in tongue unknown
of far countries where the falling seas
wash western shores beyond the ways of men
since the world worsened. The word is forgotten
and the name perished.

Their need he healed,
and laws renewed long forsaken.
Words he taught them wise and lovely –
their tongue ripened in the time of Sheave

to song and music. Secrets he opened
runes revealing. Riches he gave them,
reward of labour, wealth and comfort
from the earth calling, acres ploughing,
sowing in season seed of plenty,
hoarding in garner golden harvest
for the help of men. The hoar forests
in his days drew back to the dark mountains;
the shadow receded, and shining corn,
white ears of wheat, whispered in the breezes
where waste had been. The woods trembled.

Halls and houses hewn of timber,
strong towers of stone steep and lofty,
golden-gabled, in his guarded city
they raised and roofed. In his royal dwelling
of wood well-carven the walls were wrought;
fair-hued figures filled with silver,
gold and scarlet, gleaming hung there,
stories boding of strange countries,
were one wise in wit the woven legends
to thread with thought. At his throne men found
counsel and comfort and care's healing,
justice in judgement. Generous-handed
his gifts he gave. Glory was uplifted.
Far sprang his fame over fallow water,
through Northern lands the renown echoed
of the shining king, Sheave the mighty.

Seven sons he begat, sires of princes,
men great in mind, mighty-handed
and high-hearted. From his house cometh

the seeds of kings, as songs tell us,
fathers of the fathers, who before the change
in the Elder Years the earth governed,
Northern kingdoms named and founded,
shields of their peoples: Sheave begat them:
Sea-danes and Goths, Swedes and Northmen,
Franks and Frisians, folk of the islands,
Swordmen and Saxons, Swabes and English,
and the Langobards who long ago
beyond Myrcwudu a mighty realm
and wealth won them in the Welsh countries
where Ælfwine Eadwine's heir
in Italy was king. All that has passed.

[B]: THE NAMELESS LAND

There lingering lights do golden lie
On grass more green than in gardens here,
On trees more tall that touch the sky
With silver leaves a-swinging clear:
By magic clewed they may NOT *die*
Where fades nor falls the endless year,
Where ageless afternoon goes by
O'er mead and mound and silent mere.
There draws no dusk of evening near,
Where voices move in veiled choir,
Or shrill in sudden singing sheer.
And the woods are filled with wandering fire.

The wandering fires the woodland fill,
In glades for ever green they glow,
In dells that immortal dews distill

And fragrance of all flowers that grow.
There melodies of music spill,
And falling fountains plash and flow,
And a water white leaps down the hill
To seek the sea no sail doth know.
Its voices fill the valleys low,
Where breathing keen on bent and briar
The winds beyond the world's edge blow
And wake to flame a wandering fire.

That wandering fire hath tongues of flame
Whose quenchless colours quiver clear
On leaf and land without a name
No heart may hope to anchor near.
A dreamless dark no stars proclaim,
A moonless night its marches drear,
A water wide no feet may tame,
A sea with shores encircled sheer.
A thousand leagues it lies from here,
And the foam doth flower upon the sea
' Neath cliffs of crystal carven clear
On shining beaches blowing free.

There blowing free unbraided hair
Is meshed with light of moon and sun,
And tangled with those tresses fair
A gold and silver sheen is spun.
There feet do beat and white and bare
Do lissom limbs in dances run,
Their robes the wind, their raiment air –
Such loveliness to look upon
Nor Bran nor Brendan ever won,

Who foam beyond the furthest sea
Did dare, and dipped behind the sun
On winds unearthly wafted free.

Than Tir-NAN-Og more fair and free,
Than Paradise more faint and far,
O! shore beyond the Shadowy Sea,
O! land forlorn where lost things are,
O! mountains where no man may be!
The solemn surges on the bar
Beyond the world's edge waft to me;
I dream I see a wayward star,
Than beacon towers in Gondobar
More fair, where faint upon the sky
On hills imagineless and far
The lights of longing flare and die.

[C]:

The Tree then shook, and flying free
from its limbs the leaves in air
as white birds rose in wheeling flight,
and the lifting boughs were bare.

[D]
THE SONG OF IELFWINE
(on seeing the uprising of Eiirendel)

There lingering lights still golden lie
on grass more green than in gardens here,
On trees more tall that touch the sky
with swinging leaves of silver clear.

While world endures they will NOT die,
nor fade nor fall their timeless year,
As morn unmeasured passes by
O'er mead and mound and shining mere.
When endless eve undimmed is near,
O'er harp and chant in hidden choir
A sudden voice upsoaring sheer
in the wood awakes the Wandering Fire.

The Wandering Fire the woodland fills:
in glades for ever green it glows,
In dells where immortal dew distils
the Flower that in secret fragrance grows.
There murmuring the music spills,
as falling fountain plashing flows,
And water white leaps down the hills
to seek the Sea that no sail knows.
Through gleaming vales it singing goes,
where breathing keen on bent and briar
The wind beyond the world's end blows
to living flame the Wandering Fire.

The Wandering Fire with tongues of flame
with light there kindles quick and clear
The land of long-forgotten name:
no man may ever anchor near;
No steering star his hope may aim,
for nether Night its marches drear,
And waters wide no sail may tame,
with shores encircled dark and sheer.
Uncounted leagues it lies from here,
and foam there flowers upon the Sea

By cliffs of crystal carven clear
on shining beaches blowing free.

There blowing free unbraided hair
is meshed with beams of Moon and Sun,
And twined within those tresses fair
a gold and silver sheen is spun,
As fleet and white the feet go bare,
and lissom limbs in dances run,
Shimmering in the shining air:
such loveliness to look upon
No mortal man hath ever won,
though foam upon the furthest sea
He dared, or sought behind the Sun
for winds unearthly flowing free.

O! Shore beyond the Shadowy Sea!
O! Land where still the Edhil are!
O! Haven where my heart would be!
the waves that beat upon thy bar
For ever echo endlessly,
when longing leads my thought afar,
And rising west of West I see
beyond the world the wayward Star,
Than beacons bright in Gondobar
more clear and keen, more fair and high:
O! Star that shadow may NOT *mar,*
nor ever darkness doom to die!

[E]:
THE SONG OF IELFWINE
on seeing the uprising of Earendil

Eressëa! Eressëa!

There elven-lights still gleaming lie
On grass more green than in gardens here,
On trees more tall that touch the sky
With swinging leaves of silver clear.
While world endures they will NOT *die,*
Nor fade nor fall their timeless year,
As morn unmeasured passes by
O'er mead and mount and shining mere.
When endless eve undimmed is near,
O'er harp and chant in hidden choir
A sudden voice up-soaring sheer
In the wood awakes the wandering fire.

With wandering fire the woodlands fill:
In glades for ever green it glows;
In a dell there dreaming niphredil
As star awakened gleaming grows,
And ever-murmuring musics spill,
For there the fount immortal flows:
Its water white leaps down the hill,
By silver stairs it singing goes
To the field of the unfading rose,
Where breathing on the glowing briar
The wind beyond the world's end blows
To living flame the wandering fire.

The wandering fire with quickening flame
Of living light illumines clear
That land unknown by mortal name
Beyond the shadow dark and drear

And waters wild no ship may tame.
No man may ever anchor near,
To haven none his hope may aim
Through starless night his way to steer.
Uncounted leagues it lies from here:
In wind on beaches blowing free
Neath cliffs of carven crystal sheer
The foam there flowers upon the Sea.

O Shore beyond the Shadowy Sea!
O Land where still the Edhil are!
O Haven where my heart would be!
The waves still beat upon thy bar,
The white birds wheel; there flowers the Tree!
Again I glimpse them long afar
When rising west of West I see
Beyond the world the wayward Star,
Than beacons bright in Gondobar
More fair and keen, more clear and high.
O Star that shadow may NOT *mar,*
Nor ever darkness doom to die.